

SÉRIE DEVIL'S NIGHT

PENELOPE DOUGLAS



CORRUPT

MICHAEL CRIST



HIDEAWAY

KAI MORI



KILL SWITCH

DAMON TORRANCE



NIGHTFALL

WILL GRAYSON

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SÉRIE DEVIL'S NIGHT

PENELOPEDOUGLAS



CORRUPT

MICHAEL CRIST



HIDEAWAY

KAI MCRI



KILLSWITCH

DAMON TORRANCE



NIGHTFALL

WILL GRAYSON

The
GiftDARK

Sumário

[Início](#)

[Corrupt](#)

[Linha do tempo dos flashbacks](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Epílogo](#)

[Playlist](#)

[Agradecimentos](#)

[Cena do Dia dos Namorados](#)

[Hideaway](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Epílogo
Agradecimentos
Cenas deletadas
Cena I
Cena II
Cena III
Cena IV
Kill Switch
Nota do Autor
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8

Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Epílogo
Agradecimentos
Conclave
Nota da autora
Parte I
Parte II
Cena bônus
Nightfall
Nota da Autora
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Epílogo

Datas de Aniversários

Agradecimentos

Playlist

Fire Night

Nota inicial

Kai

Damon

Will

Michael

Epílogo

Agradecimentos
Sobre Penelope
Sobre a The Gift Box

SÉRIE DEVIL'S NIGHT

EDIÇÃO LIMITADA

BÔNUS
CENA EXTRA



CORRUPT

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPEDOUGLAS



PENELOPE DOUGLAS

CORRUPT

Traduzido por Marta Fagundes

2ª Edição



2024

Copyright © Penelope Douglas, 2015

Copyright © The Gift Box, 2020

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastacia Cabo

Arte de Capa:

Bianca Santana e glancellotti.art

Tradução:

Marta Fagundes

Diagramação e revisão:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Linha do tempo dos flashbacks

Esta é uma linha do tempo de todos os capítulos em flashbacks ao longo da série. Algumas coisas acontecem simultaneamente entre livros diferentes, e esse guia pode te ajudar a organizar os acontecimentos. As referências fazem sentido se você estiver lendo ou tiver acabado de ler, porém fique ciente que há spoilers de todos os livros.

Cada caixa de texto representa um único dia, sempre em ordem, e cada tópico alinhado está na sequência do acontecimento.

Para informação, os Cavaleiros têm a mesma idade. Banks e Emory estudam na série anterior no colégio. Erika, Winter e Alex estão três anos atrás. No ensino médio americano, isso corresponderia à seguinte ordem:

Cavaleiros – 4° e último ano do ensino médio

Banks e Emory – 3° ano

Erika, Winter e Alex – 1° ano

Damon e Winter – crianças de 8 anos, na fonte

Cerca de sete anos depois... (Os cavaleiros estão no 4° ano; Banks e Emory no 3°; Winter e Rika no 1°)

Will e Emory – Discussão sobre o livro Lolita na sala de aula

Will e Emory – A festa do pijama na escola

Damon e Winter – ele vê Winter na secretaria da escola

Damon e Winter – ela é empurrada para dentro do vestiário masculino

Damon e Winter – a conversa com Winter no refeitório

Will e Emory – o nado noturno na piscina/Trevor no gazebo

Will e Emory – o jogo fora de casa/a volta para casa no ônibus/cena no The Cove

Will e Emory – cinema

Damon e Winter – na festa de Arion, Damon entra de penetra na casa e assusta Winter

Will e Emory – refeitório e cena do confronto no vestiário
Will e Emory – no quarto dela/ cena das velas

Will e Emory – a descoberta do quarto Carfax, e a cena de Martin no cemitério

Will e Emory – Baile na escola, cena no The Cove e no ônibus

Will e Emory – descoberta dos hematomas

Kai e Banks – encontro no confessionário

Will e Emory – escola e sala do diretor

Kai e Banks – a saída dos caras para a Noite do Diabo, cena da Banks na bicicleta

Kai e Banks – Damon os encontra no campanário

Kai e Banks – no cemitério

Damon e Winter – ensina Winter a dirigir, passeio na motocicleta

Kai e Banks – no salão de festas, eles deparam com Natalya

Kai e Banks – no The Pope

Will e Emory – cemitério na noite da Noite do Diabo, escola e ginásio de luta

Will e Emory – o dia seguinte à Noite do Diabo, o alarme de incêndio dispara

Damon e Winter – aciona o alarme de incêndio, Winter dentro do armário

Menos de dois anos depois... (Os cavaleiros acabaram o primeiro ano de faculdade; Emory terminou o ensino médio)

Will e Emory – cena em que o irmão de Emory leva uma surra

Poucos meses depois... (Os Cavaleiros estão no segundo ano da faculdade; Rika e Winter estão no terceiro e penúltimo ano do ensino médio, enquanto Emmy cursa o primeiro ano de faculdade)

Damon e Winter – cena do carro de Miles/pegadinha no cinema

Damon e Winter – cena do chuveiro

Rika e Michael – Rika se esconde no carro de Michael na noite de Noite do Diabo

Rika e Michael – nas catacumbas pela primeira vez

Rika e Michael – Michael e os amigos aprontam na Noite do Diabo

Rika e Michael – cena do incêndio na casa abandonada

Rika e Michael – Damon dá uma passada na casa de Winter

Damon e Winter – ele observa Winter dançar

Rika e Michael – Rika enfrenta Miles e Astrid no Sticks

Rika e Michael – incêndio do gazebo/Rika vandaliza a vitrine da joalheria *Fane*

Rika e Michael – cena do Armazém

Rika e Michael – Damon ataca Rika

Damon e Winter – Damon leva Will para casa

Damon e Winter – Damon vai até a casa de Winter

Will e Emory – Emmy está na faculdade, vê a série de vídeos na internet e pega o primeiro voo de volta

Damon e Winter – são acordados por conta dos vídeos vazados

Rika e Michael – com os vídeos online, Michael repara no moleto que Rika está usando

Will e Emory – Emmy confronta o irmão na delegacia

Damon e Winter – invade a casa de Winter de noite e a abraça pela última vez

Então... três anos se passam, eles saem da cadeia e o livro *Corrupt* começa!

“VOCÊ É MEU CRIADOR, MAS EU SOU SEU MESTRE.”
MARY SHELLEY, FRANKENSTEIN

Capítulo 1

Erika

ELE NÃO ESTARÁ AQUI.

Não haveria razão para ele aparecer na festa de despedida do irmão, já que os dois não se suportam, então...

Não, ele não estará aqui.

Arregaçando as mangas do meu suéter, acelerei os passos assim que cruzei a porta da casa dos Crist, atravessando o hall de entrada em direção às escadas.

Pelo canto do olho, vi o mordomo virando o corredor, mas não parei.

— Senhorita Fane! — gritou atrás de mim. — Você está muito atrasada.

— Sim, eu sei.

— A senhora Crist estava te procurando — informou.

Franzindo as sobrancelhas e estacando em meus passos, virei-me para ele.

— É mesmo? — Dei um olhar zombeteiro.

Os lábios dele ficaram rígidos, mostrando sua irritação.

— Bom, na verdade, ela pediu que *eu* a procurasse.

Um sorriso escapou enquanto me inclinava no corrimão, depositando um beijo em sua testa.

— Bem, estou aqui — assegurei. — Você pode voltar para suas tarefas importantes agora.

Virei em direção às escadas outra vez, ouvindo a música suave da festa que acontecia no terraço.

É claro que eu duvidava que Delia Crist, a melhor amiga da minha mãe e matriarca de Thunder Bay, nossa pequena comunidade na Costa Leste, tivesse gastado seu precioso tempo à minha procura por conta própria.

— Seu vestido encontra-se sobre a cama! — gritou assim que cheguei ao corredor que dava acesso aos quartos.

Suspirei audivelmente ao acender as luzes.

— Obrigada, Edward.

Eu não precisava de um vestido novo; já tinha uma porção que só cheguei a usar uma vez, e, aos dezenove anos, eu mesma poderia escolher as minhas roupas. Não que ele fosse aparecer aqui para ver, de qualquer forma, mas, se viesse, eu sabia que nunca olharia para mim.

Não. Eu deveria ser grata. A Sra. Crist pensou em mim, afinal, e foi legal da parte dela se assegurar de que eu tivesse um vestido para

usar.

Uma camada fina de areia cobria meus pés e pernas, e inspecionei a barra do meu short jeans para ter noção de quão molhada fiquei na minha ida à praia. Será que eu precisava de um banho?

Não. Já estava atrasada pra caramba. Dane-se.

Ao entrar no meu quarto – o que os Crists designavam a mim quando eu acabava dormindo aqui –, vi o sexy vestido branco de festa, e imediatamente comecei a me despir.

As alças finas não serviam para nada, muito menos para sustentar meus seios, mas o vestido ajustava-se muito bem ao meu corpo, e o tom fazia com que minha pele parecesse mais bronzeada do que já estava. A senhora Crist tinha muito bom gosto, e pareceu um gesto bacana ela ter me dado o vestido. Estive muito ocupada ajeitando as coisas para o início das aulas amanhã, e nem mesmo me atentei em procurar o que deveria usar esta noite.

Entrando intempestivamente no banheiro, enxaguei os tornozelos e pés para retirar a areia da praia que grudou durante minha caminhada. Depois, penteei meu longo cabelo loiro e apliquei uma camada de *gloss* nos lábios. Corri de volta para o quarto, peguei os sapatos de tiras marrons que ela deixou ao lado do vestido e me dirigi para o corredor e escadas.

Faltam doze horas para eu ir embora.

Meu coração bateu acelerado à medida que atravessei o hall às pressas rumo à parte dos fundos da casa. A esta hora, amanhã, eu estaria completamente por conta própria – sem mãe, sem Crists, sem lembranças...

E, mais importante de tudo, não teria que ficar imaginando, esperando ou temendo que fosse vê-lo. Nem ficaria andando em corda bamba, dividida entre a euforia e o desespero quando o via. *Não*. Poderia abrir meus braços e girar em um amplo círculo sem correr o risco de esbarrar em alguém conhecido. Calor dominou meu peito, e não sabia dizer se era por emoção ou medo, mas eu estava pronta.

Pronta para deixar tudo para trás. Ao menos por um tempo.

Virando à direita, passei pelas duas cozinhas – uma para uso diário e outra adjacente para o serviço de *Buffet* –, e fui em direção ao solário ao lado da mansão. Abri as portas duplas e entrei no imenso jardim com piso de cerâmica, paredes e teto feitos de vidro, e senti imediatamente a mudança de temperatura. Calor e umidade encharcaram o tecido do meu vestido, fazendo com que ele aderisse mais ainda ao meu corpo.

As árvores ao redor se erguiam na quietude da sala escura, iluminada apenas pela luz da lua que atravessava os vitrais do teto. Inspirei o doce perfume das palmeiras, orquídeas, lírios, violetas e

hibiscos, lembrando-me do *closet* de mamãe e de todos aqueles perfumes que exalavam de seus casacos e cachecóis amontoados em um único espaço.

Virei à esquerda e parei em frente às portas que levavam ao terraço. Coloquei os saltos enquanto observava a multidão.

Doze horas.

Ergui meu corpo e agarrei um punhado de cabelo para colocar sobre meu ombro, de forma que cobrisse a cicatriz do lado esquerdo do pescoço. Ao contrário do irmão, Trevor com certeza estaria por aqui, e ele não gostava de ver a marca em minha pele.

— Senhorita? — um garçom ofereceu-me o que servia em sua bandeja.

Sorri, pegando um copo de cristal que eu sabia ser um Tom Collins.

— Obrigada.

A bebida amarelo-limão era uma das favoritas do casal Crist, logo era a que mais circulava entre os convidados.

O garçom desapareceu por entre a multidão, mas permaneci parada no mesmo lugar, observando o jardim com os olhos.

As folhas das árvores se agitavam, a brisa suave ainda soprava os vestígios do dia quente; observei todos ao redor em seus elegantes vestidos de festa e ternos.

Tão perfeitos. Tão arrumados.

As luzes nas árvores e os empregados vestidos em seus trajes brancos. A piscina cristalina decorada com velas flutuantes. As joias brilhantes refletindo nos dedos e pescoços das mulheres.

Tudo ali era tão refinado, mas quando eu olhava para aqueles adultos e a família com quem cresci ao redor, cheios de dinheiro e vestidos em roupas de grife, era como ver uma camada de tinta que você usa para tentar encobrir madeira apodrecida. Havia atitudes sombrias e sementes ruins, mas quem se importa se a casa estiver caindo aos pedaços sendo bela por fora, não é mesmo?

O cheiro da comida permeava o ar acompanhado da música suave tocada pelo quarteto de cordas, e eu estava na dúvida se devia procurar a Sra. Crist e informar que cheguei, ou ir atrás de Trevor, já que a festa era em sua homenagem.

Ao invés disso, pressionei o copo de cristal com mais força, sentindo o pulso acelerar enquanto resistia à urgência de fazer aquilo que mais queria. O que eu sempre fazia.

Procurar por *ele*.

Mas era óbvio que não, ele não estaria aqui. Provavelmente.

Talvez ele estivesse.

Meu coração começou a martelar no peito, e senti o calor esquentando meu pescoço. E, contra minha vontade, meus olhos

começaram a percorrer o lugar. Ao redor da festa e por entre os rostos, procurando por...

Michael.

Eu não o tinha visto por meses, mas ele estava em todo lugar, especialmente em Thunder Bay. Nas fotos que sua mãe mantinha pela casa, no cheiro que circulava pelo corredor, vindo de seu quarto...

Talvez ele esteja aqui.

— Rika.

Pisquei, inclinando a cabeça para o lado ao ouvir Trevor chamar meu nome.

Ele andou por entre os convidados, o cabelo loiro recém-cortado rente à cabeça, os impacientes olhos azuis profundos, e os passos determinados.

— Oi, amor. Estava começando a pensar que não viria.

Hesitei, sentindo meu estômago embrulhar. No entanto, forcei um sorriso assim que ele me alcançou na porta do solário.

Doze horas.

Ele deslizou a mão pelo lado direito do meu pescoço – nunca pelo esquerdo –, e esfregou o polegar pela minha bochecha, o corpo agora colado ao meu.

Olhei para os lados, sentindo-me desconfortável.

— Trevor...

— Eu não sei do que seria capaz se você não aparecesse hoje à noite — disparou. — Talvez jogar pedras na sua janela, uma serenata, levar flores, doces, um carro novo...

— Eu já tenho um carro novo.

— Estou falando de um carro *de verdade*. — Ele finalmente deu um sorriso.

Revirei os olhos e me afastei de seu agarre. Pelo menos ele estava brincando comigo outra vez, mesmo que fosse para desdenhar do meu novo Tesla. Aparentemente, carros elétricos não são considerados *de verdade*, mas ei, eu poderia relevar a zoação se aquilo significasse que ele cansou de me fazer sentir como merda a respeito de tudo.

Trevor Crist e eu éramos amigos desde o momento em que nascemos; fomos para escola juntos desde sempre, e nossos pais teimavam em nos jogar um para o outro como se um relacionamento fosse inevitável. E, ano passado, finalmente acabei cedendo.

Namoramos durante quase o primeiro ano inteiro da faculdade, estudando na Brown juntos – ou, mais precisamente, eu me inscrevi na Brown e ele me seguiu até lá –, mas tudo acabou em maio.

Ou *eu* terminei tudo em maio.

Era culpa minha ser incapaz de amá-lo. Era culpa minha não querer mais tentar. E era culpa minha ter transferido minha faculdade

para outra cidade onde ele não pudesse me seguir.

E foi culpa minha que ele finalmente cedeu à pressão do pai para transferir seu curso para a Academia Militar em Annapolis; e eu era a culpada por estar rompendo a relação entre nossas famílias.

Era minha culpa e eu precisava de espaço.

Exalei um suspiro e forcei meus músculos a relaxar. *Doze horas.*

Trevor sorriu para mim, seus olhos se aquecendo ao pegar minha mão e me levar de volta para o solário. Ele me puxou por trás das portas de vidro, e pressionou seus quadris aos meus, sussurrando em meu ouvido:

— Você está maravilhosa.

No entanto, eu me afastei outra vez, ganhando alguns centímetros de espaço entre nós.

— Você também.

Ele se parecia muito com o pai, com aquele cabelo loiro-areia, maxilares fortes, e aquele sorriso capaz de fazer qualquer pessoa virar pudim em suas mãos. Ele também se vestia tal qual o Sr. Crist, parecendo elegante em seu terno azul-escuro, camisa branca e uma gravata prateada. Tão refinado. Tão perfeito. Trevor seguia sempre na linha.

— Não quero que você vá para Meridian — ele disse, estreitando os olhos. — Você não tem ninguém lá, Rika. Pelo menos na Brown, eu estava na área, e o Noah estava a menos de uma hora de distância de Boston. Você tinha amigos por perto.

Sim. Perto.

Exatamente a razão para que quisesse fazer tudo diferente. Nunca estive longe da vigilância das pessoas ao meu redor. Sempre havia alguém – meus pais, Trevor, meu amigo Noah – para me segurar quando eu caía. Até mesmo quando fui para a universidade, abrindo mão de ter minha mãe e os Crist por perto, Trevor me seguiu. E então, lá estava eu, com as mesmas amizades do ensino médio que acabaram matriculados em universidades próximas. Era como se nada tivesse mudado.

Eu queria arranjar alguns problemas. Queria me molhar na chuva, encontrar alguma coisa que fizesse meu coração bater mais rápido outra vez e saber qual era a sensação de não ter ninguém ao redor para me proteger.

Tentei explicar isso a ele, mas, toda vez que abria a minha boca, era incapaz de encontrar as palavras corretas. Dito em voz alta pareceria egoísmo e ingratidão, mas, por dentro...

Eu precisava saber quem eu era. Precisava saber se seria capaz de me sustentar sem a influência do meu sobrenome de família, do apoio de outras pessoas, ou de Trevor o tempo inteiro pairando ao meu redor. Se eu fosse para uma nova cidade, com gente que não

conhecia minha família, será que eles me dariam atenção? Será que gostariam de mim?

Eu não estava satisfeita na Brown nem com Trevor, e, por mais que tenha desapontado aqueles que me cercam, era isto o que eu queria.

Conheça a si mesma.

Meu coração trepidou com a lembrança das palavras do irmão de Trevor. Eu mal podia esperar. Só mais doze horas...

— Mas acho que isso nem é inteiramente verdade, não é? — ele perguntou com um tom de voz acusatório. — Michael joga pelo Storm, então ele vai estar perto de você agora.

Franzi o cenho, respirando profundamente antes de colocar minha bebida em qualquer lugar por ali.

— Com uma população de mais de dois milhões de pessoas, duvido que vou esbarrar nele com frequência.

— A não ser que você o procure.

Cruzei os braços à frente do meu peito, com o olhar focado em Trevor e me recusando a entrar nessa discussão outra vez.

Michael Crist era o irmão de Trevor. Um pouco mais velho, mais alto e muito mais intimidante. Eles não tinham quase nada em comum, e se odiavam profundamente. O ciúme do irmão mais velho sempre existiu, desde que conheço Trevor.

Michael estava formado pela Universidade de Westgate, e fora convocado para um time da NBA quase que imediatamente. Ele jogava pelo Storm, de Meridian, um dos melhores times da liga de basquete, então, sim, eu poderia dizer que conhecia uma pessoa naquela cidade.

Isso não me servia de muita coisa, no entanto. Michael quase nunca olhava para mim, e, quando falava comigo, seu tom era o mesmo que usaria para conversar com um cachorro. Eu não planejava cruzar meu caminho com o dele.

Não. Apreendi minha lição há muito tempo.

Estar na cidade de Meridian não tinha nada a ver com Michael. Era perto da minha casa, então eu poderia visitar minha mãe com mais frequência, mas também era um lugar para onde Trevor nunca iria. Ele odiava cidades grandes, e detestava seu irmão ainda mais.

— Sinto muito — Trevor desculpou-se com gentileza. Pegou minha mão e puxou-me contra seu corpo outra vez, deslizando uma mão em minha nuca. — É só que eu te amo, e odeio tudo isso. Nós pertencemos um ao outro, Rika. Sempre fomos nós.

Nós? Não.

Trevor não fazia meu coração disparar e bater forte como se eu estivesse em uma maldita montanha-russa. Ele não estava em meus sonhos, e não era a primeira pessoa em quem eu pensava quando acordava de manhã.

Ele não me assombrava.

Coloquei uma mecha atrás da orelha, percebendo que seu olhar desviou para a lateral do meu pescoço. Ele afastou o olhar rapidamente, como se não tivesse visto nada. Acho que a cicatriz me tornava menos do que perfeita aos seus olhos.

— Vamos lá... — insistiu e recostou a testa à minha, segurando meus quadris. — Sou bom para você, não sou? Sou legal, e sempre estou aqui para você.

— Trevor — argumentei, tentando sair de seu agarre.

Mas então sua boca aterrissou contra a minha, o cheiro de seu perfume atingiu minhas narinas à medida que seus braços circundaram meu corpo.

Empurrei seu peito com meus punhos, tentando afastar minha boca da dele.

— Trevor — resmunguei, baixinho. — Pare com isso.

— Eu dou tudo aquilo de que você precisa — retrucou, em uma voz zangada, mergulhando a cabeça no vão do meu pescoço. — Você sabe que seremos nós.

— Trevor! — Tensionei todos os músculos do meu corpo, finalmente conseguindo empurrá-lo para longe de mim.

Baixando as mãos, ele deu um passo para trás. Eu também me afastei um passo, sentindo o tremor em minhas mãos.

— Rika. — Tentou me alcançar outra vez, mas estiquei o corpo, afastando-me mais ainda até que ele abaixou a mão. — Tudo bem — balançou a cabeça e zombou: — Vá para suas aulas, então. Faça novos amigos e deixe tudo para trás, se quiser, mas seus demônios ainda vão persegui-la onde você estiver. Não há como escapar deles.

Ele passou os dedos pelo cabelo, encarando-me enquanto ajustava sua gravata e dava a volta por mim para sair pela porta.

Olhei para as janelas atrás dele, sentindo a raiva crescer em meu peito. O que ele quis dizer com aquela merda? Não havia nada me segurando e nada do qual eu estava tentando escapar. Eu só queria ser livre.

Afastei-me da porta, incapaz de dar o fora dali. Eu não queria desapontar a Sra. Crist, saindo furtivamente da festa de seu filho, mas também não queria mais passar minhas últimas horas na cidade, aqui. Eu queria estar com a minha mãe.

Dei a volta, pronta para sair, mas meu olhar foi atraído para cima e, na mesma hora, parei.

Meu estômago deu um nó, e não pude respirar.

Merda.

Michael estava sentado em uma das cadeiras acolchoadas que ficavam na parte de trás do solário; seus olhos estavam fixos aos meus, parecendo extremamente calmos.

Michael. Aquele que não era nem um pouco gentil. Aquele que nunca foi bondoso comigo.

Senti o aperto na garganta, e tentei engolir, mas não conseguia me mover. Eu simplesmente o encarei, paralisada. Ele esteve ali o tempo todo, desde o momento em que entrei?

Ele se recostou à poltrona, praticamente envolto pela escuridão e as sombras das árvores acima. Uma mão descansava em cima de uma bola de basquete, sobre sua coxa, e a outra, repousava no encosto lateral; uma garrafa de cerveja pendurada entre seus dedos.

Meu coração começou a bater tão descompassado que chegava a doer. O que ele estava fazendo?

Ele ergueu a garrafa até seus lábios, ainda me observando, e desviei o olhar por um segundo, sentindo o embaraço tomar conta do meu rosto.

Ele presenciou todo o episódio com Trevor. *Porcaria.*

Olhei para cima outra vez, admirando o cabelo castanho claro num estilo que o deixava digno de uma capa de revista, e os olhos cor de mel, que mais se pareciam cidra com manchas de especiarias. Na escuridão, eles pareciam mais escuros do que realmente eram, mas eles me trespassavam por baixo das sobrancelhas estreitas e castanhas que se inclinavam no centro, fazendo-o parecer mais formidável do que já era. Os lábios cheios não mostravam um pinga de sorriso, e a sua estrutura física praticamente dominava a cadeira.

Estava usando calça social com um blazer preto combinando, e a camisa social branca estava aberta no colarinho. Sem gravata, porque, como sempre, ele fazia apenas o que queria.

E isso era tudo o que qualquer pessoa poderia usar para descrevê-lo. Como ele *surgia*. Como ele se parecia. Acho que nem mesmo os pais dele sabiam o que se passava por trás daqueles olhos.

Observei o momento em que ele se levantou da cadeira e deixou cair a bola de basquete no assento, mantendo os olhos focados em mim enquanto caminhava.

Quanto mais perto chegava, mais alto se parecia em seus 1,93m. Michael era magro, mas musculoso, e me fazia sentir pequena. De várias formas. Era como se estivesse caminhando diretamente para mim, e meu coração começou a martelar no peito enquanto eu estreitava os olhos, abraçando meu próprio corpo.

No entanto, ele não parou.

O leve toque de seu sabonete líquido me atingiu quando passou por mim, e virei a cabeça, meu peito doendo enquanto ele deixava o solário sem dizer uma palavra sequer.

Mordi os lábios, lutando contra as lágrimas.

Uma noite, ele me notou. Uma noite, três anos atrás, Michael viu algo em mim e gostou. E, da mesma forma que o fogo começou a

acender, prestes a explodir em meio às chamas, se extinguiu. Escondeu-se ante a raiva e o calor, e foi contido.

Saí em disparada dali, em direção à casa, através do saguão e pela porta da frente. Raiva e frustração castigando cada nervo do meu corpo enquanto andava até o meu carro.

Sem contar com aquela noite, ele me ignorou pela maior parte da minha vida, e sempre que dirigiu a palavra a mim, era como um corte afiado.

Engoli o nó na garganta e entrei no carro. Esperava que nunca o encontrasse em Meridian. Esperava que nossos caminhos nunca se cruzassem e que nunca tivesse que saber notícias dele.

Eu me perguntava se ele ao menos sabia que estava me mudando para lá. Não importava, de qualquer forma. Mesmo que morássemos na mesma casa, eu bem poderia estar em outro planeta que não o dele.

Assim que dei partida no carro, *37 Stitches*, do Drowning Pool, começou a tocar pelos alto-falantes, e acelerei pela longa entrada da mansão, apertando o controle para abrir os portões. Pisei mais fundo ainda na estrada. Minha casa ficava a poucos minutos de distância dali e era um percurso tranquilo que fiz muitas vezes na minha vida.

Inspirei profundamente, tentando me acalmar. *Doze horas*. Amanhã eu deixaria tudo isto para trás.

Os imensos muros de pedra da propriedade dos Crist já não estavam à vista, dando lugar às árvores que flanqueavam a estrada. E, em menos de um minuto, as lâmpadas dos postes da minha casa apareceram, iluminando a noite. Desviando à esquerda, acionei outro botão no painel e atravessei os portões com meu Tesla, vendo que as lâmpadas externas lançavam um brilho suave ao redor da entrada de veículos circular, com uma imensa fonte no centro.

Estacionando o carro em frente à propriedade, corri até a porta, apenas querendo rastejar para debaixo das cobertas até que a manhã chegasse.

No entanto, ao olhar para cima, fiquei surpresa ao ver uma vela acesa na janela do meu quarto.

O quê?

Não estive em casa desde o fim da manhã. E, certamente, não deixei uma vela acesa. De cor marfim, estava situada dentro de um castiçal de vidro cilíndrico.

Fui até a porta, destranquei e entrei.

— Mãe? — chamei.

Ela havia me enviado uma mensagem de texto mais cedo, dizendo que ia dormir, mas não era incomum que tivesse problemas para isso. Ela ainda devia estar acordada.

O perfume familiar de lírios penetrou pelas minhas narinas, por

conta das inúmeras flores que ela mantinha pela casa, e olhei ao redor do imenso hall de entrada; o piso em mármore branco parecendo cinza na escuridão.

Inclinei-me contra as escadas, observando os três andares em um silêncio sinistro.

— Mãe? — gritei seu nome outra vez.

Circulando o corrimão branco, subi os degraus às pressas até o segundo andar e virei à esquerda; meus passos soando silenciosos contra o carpete marfim e azul que recobria o chão de madeira.

Abri a porta do quarto da minha mãe, de leve, e entrei, vendo o lugar em total penumbra, exceto pela luz do banheiro acesa, que ela sempre deixava. Andando até a cama dela, estiquei o pescoço, tentando vislumbrar seu rosto virado para as janelas.

O cabelo loiro estava esparramado sobre o travesseiro, e estendi a mão para afastar uma mecha de seu rosto.

O movimento de seu peito, subindo e descendo, mostrava claramente que ela estava adormecida. Um olhar para sua mesinha e vi meia-dúzia de frascos de comprimidos, me perguntando qual deles e quantos ela havia ingerido.

Olhei de volta para ela, com o cenho franzido.

Médicos, reabilitação domiciliar, terapia... Por anos, desde a morte do meu pai, nada funcionou. Minha mãe queria se autodestruir em um processo de luto e depressão.

Ainda bem que tivemos a ajuda dos Crist, e era por isso que eu tinha meu próprio quarto na casa deles. Não somente o Sr. Crist, sendo o administrador do fundo fiduciário de todos os bens do meu pai, até que eu me formasse na universidade, mas também a Sra. Crist, que agiu como uma espécie de segunda mãe para mim.

Eu era muito grata por todo o cuidado e ajuda deles por anos... mas agora... estava pronta para assumir tudo. Estava pronta para cuidar da minha própria vida, sem a ajuda dos outros.

Saí do quarto da minha mãe em completo silêncio e fechei a porta, seguindo direto para o meu próprio, duas portas abaixo.

Quando dei um passo para dentro, deparei com a vela que ainda queimava próximo à minha janela.

Com o coração acelerado, olhei rapidamente ao redor, não vendo ninguém. Ainda bem.

Teria sido minha mãe quem acendeu a vela? Pode ter sido. Nossa governanta estava de folga hoje, então mais ninguém esteve em casa.

Comprimi os olhos e me aproximei devagar da janela, até que meu olhar aterrissou em uma caixa de madeira estreita sobre a pequena mesa redonda perto da vela.

Senti-me inquieta. Será que Trevor havia deixado aquilo de

presente para mim?

Mas poderia ter sido minha mãe, ou até mesmo a Sra. Crist. Talvez.

Removi a tampa e a coloquei de lado, retirando o papel de seda, e tive o vislumbre de um metal cinza-chumbo com detalhes entalhados.

Arregalei os olhos, e imediatamente enfiei a mão na caixa, sabendo exatamente o que eu encontraria. Curvei os dedos ao redor do cabo e sorri, retirando uma pesada lâmina de aço Damasco.

— Uau...

Balancei a cabeça, incapaz de acreditar. A adaga tinha o cabo preto, e a empunhadura bronzeada em forma de cruz. Apertei o agarre sobre ela, erguendo a lâmina para observar os entalhes alinhados.

De onde diabos isso veio?

Eu amava punhais e espadas desde que comecei a praticar esgrima aos oito anos de idade. Meu pai dizia que as artes de ser um cavalheiro não eram apenas atemporais, mas necessárias. O xadrez me ensinaria estratégias; com a esgrima eu aprenderia sobre a natureza humana e autopreservação; e a dança instruiria o meu corpo. Tudo o que é necessário para a formação de uma pessoa.

Segurei o cabo, lembrando-me da primeira vez que ele colocou um Florete de esgrima na minha mão. Era a coisa mais linda que já tinha visto, e ergui a mão, deslizando um dedo pela cicatriz no meu pescoço, de repente, me sentindo próxima a ele outra vez.

Quem havia deixado isso aqui?

Espiando dentro da caixa, peguei um pequeno pedaço de papel escrito com caneta preta. Lambendo os lábios, li as palavras em silêncio. *Cuidado com a fúria de um homem paciente.*

— O quê? — murmurei para mim mesma, franzindo as sobrancelhas em confusão.

O que isso significava?

Então ergui o olhar e deixei a lâmina e o pedaço de papel caírem no chão.

Parei de respirar, sentindo o coração querendo arrebentar meu peito.

Três homens estavam parados do lado de fora da minha casa, lado a lado, me encarando através do vidro da janela.

Aquilo era uma brincadeira?

Eles permaneciam imóveis, e senti um arrepio correr pela minha pele ao ver a forma como me encaravam.

O que estavam fazendo?

Os três usavam jeans e coturnos pretos, mas quando olhei para o vazio negro de seus olhos, cerrei os dentes tentando evitar que meu corpo inteiro tremesse.

As máscaras. Os moletons pretos e as máscaras.

Balancei a cabeça. *Não*. Não poderia ser eles. Aquilo só podia ser uma brincadeira.

O mais alto estava de pé, à esquerda, usando uma máscara cinza metalizada com marcas de garras deformando o lado direito de seu rosto.

O do meio era o mais baixo, e olhava para mim através de sua máscara preta e branca com uma listra vermelha ao longo de sua face esquerda, que também parecia cortada e rasgada.

E o que se mantinha à direita, com a máscara totalmente negra e oculta por baixo do capuz, o que impossibilitava que seus olhos ficassem à vista, era o que, finalmente, me fez estremecer.

Dei um passo para trás, para longe da janela, e tentei resgatar o fôlego enquanto pegava o telefone. Pressionando a tecla 1 na linha fixa, esperei que alguém atendesse na sala de segurança, situada a alguns minutos dali.

— Sra. Fane? — um homem atendeu.

— Sr. Ferguson? — Respirei fundo, espiando pela janela. — Aqui é a Rika. Será que você poderia enviar um carro até...

Interrompi o que ia dizer ao perceber que a entrada da propriedade agora estava deserta. Eles tinham ido embora.

O quê?

Desviei o olhar para a esquerda e direita, inclinando-me sobre a mesa para ver se eles tinham se aproximado da casa. Onde diabos tinham se enfiado?

Fiquei calada, atenta a qualquer ruído ao redor da casa, mas tudo estava tranquilo e quieto.

— Senhorita Fane? — o Sr. Ferguson me chamou. — Ainda está na linha?

Abri a boca e gaguejei:

— Eu... e-eu pensei ter visto alguma coisa... do lado de fora da minha janela.

— Vou mandar um carro da segurança agora mesmo.

Assenti.

— Obrigada. — Desliguei o telefone, ainda encarando a janela.

Não poderia ser eles.

Mas aquelas máscaras... Eles eram os únicos que usavam aquelas máscaras.

Por que eles vieram aqui? Depois de três anos, por que vieram até aqui?

Capítulo 2

Erika

Três anos atrás...

— NOAH? — RECLINEI-ME CONTRA A PAREDE AO LADO DO ARMÁRIO DO MEU melhor amigo enquanto ele pegava o livro da próxima aula.

— Você já tem um par para o Baile do Inverno?

Ele fez uma careta.

— Isso é daqui a dois meses, Rika.

— Eu sei. Estou aproveitando enquanto dá.

Ele sorriu, fechando a porta com um baque e abriu o caminho no corredor.

— Então você está me convidando para um encontro? — ele me provocou com seu jeito arrogante. — Eu sabia que você estava a fim de mim.

Revirei os olhos, andando atrás dele, já que minha sala de aula era na mesma direção.

— Será que dá para você facilitar, por favor?

Porém tudo o que ouvi foi um bufo.

O Baile de Inverno era um festival ao estilo Sadie Hawkins[1]. As meninas convidam os garotos, e eu queria escolher a rota mais segura ao escolher um amigo para ir comigo.

Os estudantes corriam à nossa volta, em direção às suas salas de aula, e segurei a alça da minha mochila sobre o ombro quando agarrei o braço de Noah, fazendo-o parar.

— Por favor? — implorei.

No entanto, ele desviou o olhar, parecendo preocupado.

— Tem certeza de que Trevor não vai chutar a minha bunda? A julgar pela maneira como ele sempre está ao seu redor, é até de se estranhar que ele não tenha instalado um GPS em você.

Aquela era uma boa pergunta. Trevor ficaria bravo porque não ia convidá-lo, mas eu só queria amizade, e ele queria mais do que isso. Eu não queria lhe dar esperanças.

Acho que poderia atribuir meu total desinteresse por conhecê-lo desde a infância – ele era praticamente da família –, mas eu também conhecia seu irmão mais velho por toda a minha vida, e meus sentimentos por ele não tinham nada de familiar.

— Vamos lá... Seja meu parceiro — insisti, esbarrando em seu ombro. — Eu preciso de você.

— Não, você não precisa.

Ele parou na frente da minha sala de aula, que ficava antes da dele, e se virou para me encarar com um olhar aguçado.

— Rika, se você não está a fim de chamar o Trevor, então chame outra pessoa.

Exalei um suspiro profundo e desviei o olhar, cansada daquela conversa.

— Você só está me convidando porque sabe que isso é seguro — ele argumentou. — Você é linda e qualquer cara ficaria extasiado em poder sair contigo.

— É claro que eles estariam. — Sorri com sarcasmo. — Então diga sim.

Ele revirou os olhos, balançando a cabeça.

Noah gostava de tirar conclusões ao meu respeito. Sobre a razão de eu nunca namorar ninguém ou porque eu me esquivava disso ou daquilo, mas, por mais que ele fosse um bom amigo, queria que parasse de fazer isso. Eu não me sentia confortável.

Ergui a mão trêmula e acariciei a cicatriz fina e pálida em meu pescoço; aquela que ganhei aos treze anos.

No acidente de carro que matou meu pai.

Percebi que ele me observava e abaixei a mão, já sabendo o que estava pensando.

A cicatriz de cerca de 5 cm percorria a pele do meu pescoço no sentido diagonal, no lado esquerdo, e, por mais que já estivesse esmaecida com o tempo, eu ainda achava que era a primeira coisa que as pessoas notavam em mim.

Era sempre seguido de perguntas e olhares piedosos, seja da família ou amigos, isso sem mencionar os comentários e risos maldosos que eu recebia das meninas na época do fundamental. Depois de um tempo, passei a senti-la apenas como um apêndice, do qual estava sempre consciente.

— Rika — ele abaixou o tom de voz e disse, com um olhar gentil: — Querida, você é linda. Com esse longo cabelo loiro, pernas que nenhum garoto dessa escola pode ignorar e os olhos azuis mais bonitos da cidade. Você é espetacular.

O primeiro sino soou e mudei a posição dos pés, agarrando com força a alça da minha mochila.

— E você é meu amigo preferido — retruquei. — Quero ir com você. Tudo bem?

Ele suspirou, resignado. Eu sabia que tinha vencido aquela discussão, e abafei um sorriso.

— Tá bom — murmurou. — Temos um encontro. — Virando-se, ele se afastou em direção à sua aula de Inglês.

Sorrindo, senti meus nervos relaxarem. Eu sabia que estava impedindo que Noah tivesse um encontro promissor com outra garota, então precisava fazer alguma coisa para compensá-lo.

Entrei para a aula de Cálculo e coloquei a mochila na parte de

trás da minha cadeira, na fileira da frente; peguei o livro e o coloquei sobre a mesa. Minha amiga Claudia se sentou ao meu lado, com um sorriso, e logo me sentei para escrever meu nome na folha em branco que o Sr. Fitzpatrick deixou em cima de todas as carteiras. As aulas de sexta-feira sempre começavam com um teste surpresa, então todo mundo já sabia o que fazer.

Vários alunos entraram apressados; as garotas agitando suas saias xadrez verde e azuis e os garotos com os nós das gravatas quase desfeitos. Estávamos praticamente no fim do dia.

— Vocês souberam da novidade? — alguém disse atrás de nós, e virei a cabeça, vendo Gabrielle Owens inclinada sobre sua mesa.

— Que novidade? — Claudia perguntou.

Ela abaixou o tom de voz quase em um sussurro, emoção cruzando suas feições.

— Eles estão aqui — ela disse.

Dei uma olhada para Claudia e de volta para Gabrielle, em confusão.

— Eles quem?

Porém, o Sr. Fitzpatrick chegou, alardeando em sua voz grave:

— Todos sentados!

Claudia, eu e Gabrielle nos ajeitamos e olhamos diretamente para a frente da sala, encerrando a conversa.

— Por favor, sente-se, Sr. Dawson — o professor ordenou a um aluno nos fundos, assim que tomou seu assento à mesa.

Eles estão aqui? Reclinei-me na minha cadeira, tentando entender o que ela quis dizer com aquilo. Olhei para cima e vi uma garota entrar correndo na sala para entregar um bilhete ao Sr. Fitzpatrick.

— Obrigado — ele respondeu e abriu o pedaço de papel.

Observei sua reação passar de relaxamento para agitação; seus lábios franziram, assim como suas sobrancelhas.

O que estava acontecendo?

Eles estão aqui. O que aquilo...?

Arregalei os olhos e me senti enjoada.

ELES ESTÃO AQUI. Abri a boca, em busca de ar, e senti a pele arrepiar como se estivesse com febre. Uma excitação me agitou e cerrei os dentes, tentando conter o sorriso que queria escapar.

Ele está aqui.

Ergui os olhos, de leve, observando o relógio que marcava quase duas da tarde.

E era dia 30 de outubro, véspera do Halloween.

A Noite do Diabo [2].

Eles estavam de volta. *Mas por quê?* Já haviam se formado – mais de um ano atrás, então, por que agora?

— Por favor, assegurem-se de colocar os nomes em suas folhas — o Sr. Fitzpatrick instruiu, com a voz afiada —, e resolvam os três problemas que estão no quadro. — Ele ligou o projetor, sem perder tempo, e as operações matemáticas apareceram de uma vez. — Virem as folhas para baixo quando terminarem — avisou. — Vocês têm dez minutos.

Peguei o lápis, sentindo meu corpo inteiro agitar-se em antecipação, e tentei me concentrar na solução das equações ao quadrado.

Mas estava sendo difícil. Eu olhava o tempo inteiro para o relógio. *A qualquer minuto...*

Abaixei a cabeça e me obriguei a prestar atenção na tarefa; meu lápis cravando-se na superfície de madeira abaixo da folha, enquanto eu piscava, tentando focar nos exercícios.

— Encontre o vértice da parábola — sussurrei para mim mesma.

Resolvi rapidamente o problema, seguindo para a próxima, sabendo que se parasse um segundo, perderia o foco.

Se o vértice da parábola tiver coordenadas... continuei.

O gráfico de uma função é uma parábola, que se abre...

Continuei fazendo os exercícios, terminando o primeiro, depois o segundo, e por fim, o último.

Até que ouvi a música suave e congelei, de imediato.

Meu lápis pairou sobre meus cálculos quando o som do leve solo de guitarra ressoou pelos alto-falantes. Ficando cada vez mais alto, encarei a folha do papel, sentindo o calor agitar meu peito.

Sussurros ecoaram na sala de aula, seguidos de alguns risinhos animados, até que a suave melodia que tocava deu lugar aos violentos toques da bateria, guitarra e as insanas e rápidas batidas do coração. Segurei o lápis com mais força.

A música *The Devil In I*, do Slipknot, soou pela sala – e, pela escola inteira também.

— Eu falei pra vocês! — Gabrielle disse, exaltada.

Ergui a cabeça, vendo vários alunos saindo de seus lugares para correr até a porta.

— Eles estão aqui mesmo? — alguém praticamente gritou.

Todo mundo se amontoou na porta da sala, espiando pelo pequeno vidro acima, tentando ter um vislumbre deles pelo corredor. No entanto, permaneci em minha cadeira, sentindo a adrenalina correr pelo meu corpo.

O Sr. Fitzpatrick respirou profundamente e cruzou os braços, de costas, certamente esperando que o tumulto logo acabasse.

A música ressoou e as conversas animadas dos outros alunos preencheram o ambiente.

— Onde? Ah, lá estão eles! — uma garota gritou, e ouvi as batidas vindas do corredor, como se estivessem socando os armários. Cada vez mais perto.

— Deixe-me ver! — outro aluno reclamou, empurrando quem estava na frente.

Uma garota se ergueu na ponta dos pés e gritou:

— Saiam da frente!

Então, todos eles se afastaram para trás. A porta se abriu e os alunos se espalharam, como as ondulações na água de um lago.

— Eita, merda. — Ouvi um garoto sussurrar.

Devagar, todo mundo se dispersou, alguns voltando a se sentar em suas cadeiras, outros permanecendo de pé. Agarrei meu lápis com as duas mãos, sentindo o estômago revirar como se estivesse em uma montanha-russa, assim que os vi entrando na sala, estranhamente calmos e sem pressa alguma.

Eles estavam aqui. Os Quatro Cavaleiros.

Eles eram os filhos amados de Thunder Bay, e cursaram o ensino médio aqui. Havia se formado quando eu ainda era caloura. Os quatro foram para diferentes universidades depois disso. Eram alguns anos mais velhos, e embora nenhum deles soubesse da minha existência, eu sabia quase tudo sobre eles. Os quatro adentraram lentamente na sala, preenchendo o espaço onde os raios de sol lançavam sua sombra no chão.

Damon Torrance, Kai Mori, Will Grayson III e – fixei o olhar na máscara ensanguentada daquele que parecia sempre ser o líder mais que os outros –, Michael Crist, o irmão mais velho de Trevor.

Ele inclinou a cabeça para a esquerda e apontou com o queixo para algo no fundo da sala. Os alunos se viraram, observando um dos caras dar um passo adiante, com um sorriso no rosto, ainda que tentasse disfarçar.

— Kian — um cara disse, animadamente, dando um tapa no ombro do garoto quando passou por ele em direção aos Cavaleiros. — Divirta-se. Use camisinha.

Alguns alunos riram, enquanto algumas garotas se mexiam nervosamente em seus assentos, sussurrando e rindo umas com as outras.

Kian Mathers, do terceiro ano, como eu, era um dos melhores jogadores de basquete da escola. Ele deu um passo em direção aos Cavaleiros, e um deles – o que usava a máscara branca com uma listra vermelha – enganchou um braço em seu pescoço e o levou para fora da sala.

Eles pegaram outro estudante, Malik Cramer, e o que usava a máscara totalmente preta o puxou para o corredor, atrás dos outros dois, e provavelmente já pronto para recolher mais alguns jogadores

de outras salas de aula.

Observei Michael e a forma como sua estrutura física não tinha nada a ver com o modo como ele preenchia o ambiente, e pisquei com força, sentindo o calor aquecer minha pele.

Tudo a respeito dos Cavaleiros me fazia sentir como se eu estivesse andando em corda-bamba. Balance o cabelo de forma errada ou pise com um pouco mais de força – ou com suavidade –, e você sumiria para tão longe da mira deles, e nunca mais apareceria.

O poder deles veio de duas coisas: eles tinham seguidores e não estavam nem aí. Todos os idolatravam, inclusive eu.

Mas ao contrário dos outros estudantes que os admiravam, os seguiam e fantasiavam com eles, eu simplesmente ficava imaginando como seria ser como eles. Eles eram intocáveis, fascinantes e nada do que fizessem era errado. Eu queria aquilo.

Eu queria estar por cima.

— Sr. Fitzpatrick? — Gabrielle Owens foi até o professor, com uma amiga logo atrás. Ambas levando seus materiais. — Nós temos que ir até a enfermaria. Vemos o senhor na segunda! — Então se espremeram por entre os Cavaleiros e desapareceram pela porta.

Olhei para o professor, sem saber por que ele simplesmente as deixou sair. Era óbvio que elas não estavam indo para a enfermaria, e sim, indo atrás dos caras.

Mas ninguém – nem mesmo o próprio Sr. Fitzpatrick – ousou contestá-las.

Os Quatro Cavaleiros não apenas mandavam na cidade ou na escola quando estudaram aqui, mas também mandavam nas quadras, quase nunca perdendo uma partida nos quatro anos em que jogaram pelo time.

No entanto, desde a saída deles, o time do colégio não foi mais o mesmo, e o ano passado praticamente foi um desastre humilhante para Thunder Bay. Doze derrotas dos vinte jogos, e acho que todo mundo já não aguentava mais. Alguma coisa estava faltando.

Deduzi que talvez seja por essa razão que os Cavaleiros estavam aqui agora. Talvez tenham sido chamados de volta pela escola, para que durante o final de semana trouxessem alguma inspiração para o time ou seja lá o que fizessem para dar uma animada nos meninos para colocá-los de volta aos trilhos, antes que a temporada começasse.

E, por mais que os professores, como o Sr. Fitzpatrick, fechassem a cara para os trotes que eles pregavam, certamente foi isso o que ajudou o time a se tornar uma unidade naquela época. Por que não ver se isso poderia funcionar outra vez?

— Todo mundo sentado! Garotos, podem sair — ele disse para os Cavaleiros.

Abaixei a cabeça e senti a euforia percorrer meu corpo,

flutuando desde a barriga até o peito. Fechei os olhos, sentindo a cabeça enevoada.

Sim, talvez fosse disso que eles precisassem...

Quando abri os olhos outra vez, deparei-me com um par de longas pernas em um jeans preto lavado passando pela minha mesa, perto da janela, até que ele parou.

Mantive o olhar para baixo, com medo de que minha expressão pudesse revelar o que estava sentindo por dentro. Talvez ele apenas estivesse verificando a sala outra vez, em busca de mais jogadores.

— Alguém mais? — um dos outros caras perguntou.

Mas ele não respondeu ao amigo. Ele apenas permaneceu ali parado, ao meu lado. O que ele estava fazendo?

Mantendo a cabeça ainda para baixo, olhei de esguelha e vi as mãos dele levemente curvadas ao lado de seu corpo. Vislumbrei a veia na parte de cima de sua mão, e a sala inteira pareceu tão silenciosa, que pavor tomou conta de mim e prendi a respiração.

O que ele estava fazendo parado aqui?

Devagar, ergui o olhar e senti meu corpo ficar tenso na hora, vendo os olhos castanho-dourados apontando diretamente para mim.

Desviei o olhar, imaginando se eu tinha perdido alguma coisa. Por que ele estava olhando para mim?

Michael olhou para baixo, em sua máscara vermelha aterradora – uma réplica de uma das máscaras desfiguradas do jogo de videogame *Army of Two* –, fazendo meus joelhos tremerem.

Sempre tive medo dele. O tipo emocionante de medo que sempre me deixava excitada.

Contraí os músculos das coxas, sentindo a palpitação entre as pernas, naquele lugar que sempre parecia vazio quando ele estava perto, mas não o suficiente.

Eu gostava daquilo. Gostava de me sentir apavorada.

Todo mundo permaneceu em silêncio atrás de mim, e o vi inclinar a cabeça como se estivesse considerando alguma coisa. O que estava passando em sua cabeça?

— Ela só tem dezesseis — o Sr. Fitzpatrick informou.

Michael olhou para mim por mais um instante antes de se virar para o professor.

Eu tinha somente dezesseis – até o próximo mês, de qualquer forma –, o que significava que não poderiam me levar com eles. A idade dos jogadores de basquete não influenciava em nada, mas qualquer garota que se juntasse a eles deveria ter dezoito anos, deixando as dependências da escola por escolha própria.

Não que eles fossem me levar, de qualquer jeito. O Sr. Fitzpatrick estava enganado.

O professor o encarou e, por mais que eu não conseguisse ver o

olhar de Michael, de onde estava, acho que irritou bastante o professor, já que o dele vacilou. Ele abaixou o olhar, piscou e recuou.

Michael voltou a olhar para mim, e senti uma gota de suor escorrer pelas costas.

Então, ele deixou a sala, com Kai logo atrás. E eu sabia que era ele, porque a máscara que usava era a prateada. A porta se fechou em seguida.

Mas que porcaria tinha sido aquela?

Sussurros se espalharam pela sala, e pude ver, pelo canto do olho, a cabeça de Claudia inclinada na minha direção. Olhei para ela, vendo suas sobranceiras arquearem em uma pergunta silenciosa, mas a ignorei, voltando a focar a atenção no meu teste. Eu não o tinha visto desde que ele havia aparecido em sua casa, rapidamente, no verão. E, como de costume, fui totalmente ignorada.

— Tudo bem, pessoal! — Sr. Fitzpatrick gritou. — De volta aos exercícios. Agora!

As conversas animadas se transformaram em sussurros, e todos, aos poucos, voltaram a seus afazeres. A música, que havia desvanecido a um zumbido, parou, e pela primeira vez, desde que entrei na sala, deixei que um sorriso deslizasse pelo meu rosto.

Esta noite seria o caos. A *Noite do Diabo* não era apenas um trote. Era algo especial. Não somente porque eles haviam escolhido novos jogadores de todas as turmas, os levariam para um lugar desconhecido, zoariam com eles e os deixariam bêbados, mas pelo que fariam depois... Os Cavaleiros tocariam o terror na cidade como se aqui fosse o playground deles.

No ano passado, com a ausência deles, tudo havia sido tedioso, mas todo mundo sabia o que aconteceria esta noite. A começar de agora, no estacionamento, onde os caras e algumas garotas se enfiariam em seus carros, sem sombra de dúvidas.

Peguei o lápis de volta e respirei rapidamente enquanto balançava meu joelho direito para cima e para baixo.

Eu queria ir.

O calor em meu peito estava começando a se dissipar, e minha cabeça, que parecia mais aérea que tudo há um minuto, estava aos poucos se assentando no lugar.

Em mais um instante eu me sentiria do mesmo jeito de sempre antes que ele entrasse na sala: comum, fria e insignificante.

Depois da aula, eu iria para casa, veria como minha mãe está, mudaria de roupas, e iria passar um tempo na casa dos Crist; uma rotina que começou logo depois da morte do meu pai. Algumas vezes eu ficava para jantar, e em outras voltava para casa para comer com a minha mãe se ela estivesse disposta.

Então iria para a cama, tentando não me preocupar com o fato

de um irmão tentar me colocar para baixo mais um pouco, enquanto me recusava a aceitar o que havia sido despertado dentro de mim, sempre que o outro estava perto.

Risadas e uivos se fizeram ouvir do lado de fora das janelas, e eu hesitei, fazendo meu joelho parar de balançar.

Foda-se.

Peguei meu livro de Cálculo na parte inferior da minha cadeira, assim como minha mochila, e estendi para Claudia, sussurrando:

— Leve isso pra casa com você. Eu pego no fim de semana.

Ela franziu o cenho, antes de tentar dizer:

— O qu...?

Mas não a deixei terminar, levantando-me da cadeira e indo em direção à mesa do professor.

— Sr. Fitzpatrick? — Aproximei-me, com as mãos cruzadas atrás das costas. — Será que eu poderia ir ao banheiro, por favor? Já terminei minha tarefa — menti em uma voz suave.

Ele mal olhou para cima, apenas acenando com a mão para que eu saísse. Sim, eu era esse tipo de aluna. *Hã, Erika Fane? A garota recatada que sempre estava de acordo com o código de vestimenta e conduta, e sempre se voluntariava para trabalhar nos eventos esportivos de graça? Boa menina.*

Fui em direção à porta sem nem ao menos hesitar antes de deixar a sala.

Quando ele percebesse que eu não voltaria, já teria sumido dali. Talvez eu entrasse em apuros, mas seria tarde demais para me impedir. Estava consumado. Sofra as consequências na segunda-feira.

Disparando para fora da escola, avistei um monte de carros, caminhonetes e SUVs, à esquerda, enfileiradas na esquina do prédio. Eu não estava planejando perguntar se eu poderia me juntar a eles, ou me fazer ser notada por qualquer um. Eles ririam de mim ou dariam tapinhas na minha cabeça, me mandando de volta para a sala.

Não. Eu nem mesmo seria vista.

Correndo em direção aos carros, avistei a Mercedes Classe G preta de Michael, e me escondi atrás dela enquanto espiava pelo canto.

— Entrem em seus carros! — alguém gritou.

Avistei Damon Torrance mais à frente. A máscara preta que ele usava estava posicionada no topo de sua cabeça, e ao passar pelo amontoado de carros, ele jogou uma cerveja para um cara que estava na carroceria de uma caminhonete. O cabelo escuro estava escondido por baixo da máscara. Damon era muito atraente, com aquelas maçãs do rosto salientes e os impressionantes olhos pretos.

Mas eu não gostava nem um pouco dele. Desde quando eu era caloura, e eles todos já estavam no último ano, não tive tanto

conhecimento de causa de seus comportamentos na escola, mas o vi inúmeras vezes na casa dos Crist para saber que havia algo errado com ele. Michael lhe deu muita trela, mas ainda assim o mantinha no cabresto, e por um bom motivo. Ele me dava medo.

E não o tipo de medo que eu sentia de Michael, e que gostava de sentir.

Devia haver em torno de umas vinte e cinco pessoas, mais ou menos, contando com o time de basquete e algumas garotas, mas as aulas acabariam em menos de uma hora, o que significava carros lotados em busca deles para se juntarem à farra.

— Para onde estamos indo? — um dos caras perguntou, olhando para Damon.

No entanto, foi Will Grayson que deu um passo à frente, depois de dar uma batidinha no ombro do amigo depois de passar por ele, e respondeu:

— Para um lugar onde ninguém escute os seus gritos.

Sorrindo, ele abriu a porta de seu Ford Raptor preto, subiu e ficou de pé entre a porta e a carroceria, olhando por cima do capô.

Will segurou sua máscara branca com uma listra vermelha, o cabelo castanho em estilo moicano e os sedutores olhos verdes sorridentes.

— Ei, você viu Kylie Halpern? — perguntou, olhando para alguém por cima da cabeça de Damon.

Espiei pela lateral do carro, vendo Kai com sua máscara prateada no topo da cabeça, e Michael, com o rosto ainda oculto por trás da sua.

— Puta merda, aquelas pernas! — Will alardeou. — Um ano fez bem pra caralho a ela.

— Sim, sinto falta das garotas do ensino médio — Damon disse, abrindo a porta do passageiro do Raptor de Will. — Elas não dão nenhuma chateação.

Observei Michael, a menos de um metro e meio à frente, abrir a porta traseira do lado do motorista de seu carro e jogar uma sacola para dentro, fechando-a em seguida.

Apertei meus punhos, sentindo uma fraqueza súbita nos braços. *Que merda eu estava fazendo?* Eu não deveria estar fazendo isso. Eu certamente entraria em apuros ou passaria vergonha.

— Michael? — Ouvi a voz de Will. — Esta será uma longa noite. Você viu alguém do seu interesse?

— Talvez. — Eu o ouvi responder em sua voz profunda.

Então ouvi uma risada suave de alguém. Acho que de Kai.

— Mano, eu te desafio — ele provocou como se soubesse de algo. — Ela é linda, mas eu esperaria até que seja maior de idade.

— Vou tentar. — Ouvi Michael dizer. — Um ano também fez

muito bem a ela. Está ficando cada vez mais difícil não notá-la.

— De quem vocês estão falando? — Damon interrompeu.

— De ninguém — Michael cortou, parecendo meio brusco.

Sacudi a cabeça, afastando suas palavras. Eu tinha que sair das vistas, antes que alguém percebesse minha presença.

— Coloquem todo mundo nos carros — Michael ordenou.

Minha respiração acelerou, e inspirei profundamente quando segurei a maçaneta da caminhonete, ouvindo o clique quando puxei para abrir.

Com um rápido olhar para o lugar onde os caras estavam, e com os ouvidos em alerta, abri a porta e rapidamente mergulhei para dentro, fechando a porta e esperando que ninguém tivesse me notado na loucura de todos entrando em seus veículos.

Eu não deveria estar fazendo isso.

Claro, prestei atenção neles ao longo dos anos. Absorvi seus jeitos de conversar e os maneirismos, percebendo coisas que outros não notavam, mas nunca os tinha seguido.

Será que aquele era o estágio um ou o dois para virar uma perseguidora? *Ai, meu Deus.* Revirei os olhos sem querer pensar no assunto.

— Vamos embora! — Kai gritou, e o som de outras portas batendo foi ouvido.

— Vejo vocês lá! — Will gritou de volta.

O carro abaixo de mim balançou e eu arregalei os olhos enquanto as pessoas entravam na Mercedes de Michael.

E então, uma a uma, as quatro portas foram fechadas, e o silêncio da cabine foi preenchido com as risadas e brincadeiras de diversas vozes masculinas.

O SUV rugiu para a vida, vibrando abaixo de mim, e acabei me deitando de costas, repousando a cabeça no assoalho, sem saber se devia me sentir bem por não ter sido pega em flagrante, ou enjoada por não fazer a menor ideia de onde eu tinha me enfiado.

[1] Sadie Hawkins foi uma personagem feminina de uma HQ que deu origem a uma espécie de folclore onde as meninas convidam um garoto para dançar durante o baile. É bem tradicional nas festinhas de Middle e High School dos Estados Unidos e Canadá. [2] No inglês, Devil's Night. Apesar de a série não ter seu nome traduzido, optamos pela tradução para garantir a fluidez do texto.

Capítulo 3

Erika

Dias atuais...

— POR AQUI, SRTA. FANE. — O HOMEM SORRIU E PEGOU UM MOLHO DE CHAVES, guiando-me até os elevadores. — Meu nome é Ford Patterson, um dos gerentes.

Ele estendeu a mão e eu o cumprimentei.

— É um prazer conhecê-lo — respondi.

Olhei ao redor do saguão do meu novo edifício de apartamentos, Delcour, enquanto andávamos. Era um arranha-céu de vinte e dois andares, na cidade de Meridian, construído para abrigar apartamentos e coberturas, e, mesmo não sendo tão alto quanto os edifícios que o cercavam, ainda assim, se destacava. Todo preto e com acessórios dourados do lado externo, era uma obra de arte, e o interior era igualmente luxuoso. Eu não podia acreditar que moraria aqui.

— O seu apartamento fica no vigésimo primeiro andar — ele explicou, parando quando chegamos ao elevador e apertando um botão. — E tem uma vista maravilhosa. Você ficará satisfeita.

Agarrei a alça da bolsa, que cruzava sobre meu peito, mal podendo esperar. Nada parecia tão bom quanto poder acordar pela manhã e contemplar a cidade enorme, o horizonte de prédios que podiam alcançar o céu e milhões de pessoas trabalhando e vivendo por ali.

Enquanto uns se sentiam perdidos em cidades grandes – as luzes, os ruídos e a agitação –, eu mal conseguia conter a onda de excitação por fazer parte de algo tão grandioso. A energia me deixava empolgada.

Conferi meu telefone outra vez, me assegurando de não ter perdido nenhuma ligação da minha mãe. Ainda estava preocupada com ela. E meio que preocupada comigo também, mesmo que não tenha deixado que isso me impedisse de sair de Thunder Bay esta manhã.

Depois de o Sr. Ferguson deixar minha casa na noite passada, sem encontrar nada dentro ou fora do local, rastejei para a cama da minha mãe e encarei o bilhete que havia sido deixado na caixa com o punhal.

Cuidado com a fúria de um homem paciente.

Pesquisei no Google e descobri que aquela era uma citação de John Dryden, e eu sabia o que significava. Aqueles que são pacientes, planejam. E tenha cuidado com um homem que planeja.

Mas um plano para o quê? E quem eram aqueles do lado de

fora da minha casa, usando aquelas máscaras ontem à noite? Poderia ser os Cavaleiros? Será que foram eles que me enviaram a adaga?

Acordei esta manhã, ignorei a mensagem de Trevor, que estava bravo por eu ter deixado a festa mais cedo, e perguntei à minha mãe e Irina, nossa governanta, se elas sabiam algo a respeito do presente misterioso. Nenhuma das duas sabia de nada.

O bilhete não estava assinado, e ninguém soube explicar como a caixa foi parar lá.

Captei o flash momentâneo de preocupação que atravessou o rosto da minha mãe, então decidi esconder a nota e classifiquei o punhal como algo que Trevor talvez tivesse deixado para mim como uma surpresa. Não queria que ela ficasse com medo por mim.

Mas, definitivamente, eu estava assustada.

Alguém esteve na minha casa, bem debaixo do nariz da minha mãe.

Na pressa para pegar a estrada esta manhã, enfiei a caixa fina, com o punhal, dentro do carro e sem saber por que acabei trazendo-a comigo. Eu deveria ter deixado em casa.

Um suave *ding* soou, e eu segui o Sr. Patterson para dentro do elevador, vendo-o pressionar o botão vinte e um. No entanto, franzi o rosto, ao perceber que não havia mais um andar acima deste.

— Pensei que o prédio tivesse vinte e dois andares — averiguei, parada ao lado dele.

— E tem. — Ele assentiu. — Mas o último andar é composto apenas por um apartamento, e conta com um elevador privativo do outro lado do saguão.

Virei a cabeça para a frente outra vez, ao compreender.

— Entendi.

— Há somente dois apartamentos no seu andar — explicou. — Já que são bem espaçosos. No entanto, o outro apartamento está vago, então você desfrutará de bastante privacidade.

Ele disse que os apartamentos eram bem espaçosos no meu andar? Não me lembro de ninguém falando sobre isso quando enviei o e-mail para a gerência para estabelecer o contrato de locação.

— E aqui estamos nós — ele cantarolou, dando um passo à frente assim que as portas se abriram. Estendendo o braço no ar, sinalizou para que eu tomasse a dianteira.

Ao sair do elevador, olhei para a esquerda e direita, vendo o corredor estreito e bem-iluminado, com o chão em mármore preto e as paredes pintadas com a cor de um entardecer. Ele virou à esquerda, guiando-me até a porta do apartamento, mas olhei para trás e vi a imensa porta preta com o número 2014 em dourado.

Aquele devia ser o vazio.

Chegamos à porta – minha, aparentemente –, e o gerente

imediatamente deslizou a chave e a abriu, entrando em seguida.

Eu o observei caminhar pelo lugar, enquanto permaneci congelada à porta.

— Hum... — Okay.

Isto não fazia o menor sentido. Este apartamento era enorme.

Lentamente dei um passo para dentro, meus braços flácidos ao lado do corpo, enquanto eu observava o teto alto, a espaçosa sala de estar e uma parede de janelas de cima a baixo, que dava acesso ao belo terraço adornado com uma fonte e grama de verdade do lado externo. O mesmo mármore negro do corredor fazia conjunto, dessa vez, com paredes de coloração creme.

— Como você pode ver — Sr. Patterson começou a dizer assim que chegou à fachada de vidro e destrancou as portas —, você tem uma cozinha gourmet com os utensílios top de linha, e vai amar o espaço aberto que preserva a vista da cidade.

Olhei ao redor da cozinha, a ilha de granito brilhando com a luz do sol que incidia através das janelas. Os utensílios cromados eram tão impressionantes quanto os da minha própria casa, e o lustre central, de ferro forjado – simples, sofisticado e lindo –, combinava com o que estava pendurado acima da minha cabeça, na sala de estar.

Ele continuou falando sobre os três quartos, pisos aquecidos e duchas de alta pressão, e eu apenas balancei a cabeça, ainda impressionada.

— Espera...

— Há uma academia de uso comum — ele me interrompeu — no segundo andar, assim como uma piscina coberta. Ambas ficam abertas 24 horas, e como você mora em uma das coberturas, também pode desfrutar de um terraço privativo.

Minhas sobrancelhas se arquearam em confusão. *Eu estava na cobertura? O quê?*

— Espera um pouco... — Eu ri, começando a pirar.

Mas ele apenas continuou explanando sobre o lugar.

— Existem duas portas de acesso para o seu apartamento — ele disse em um tom de voz sério. — Uma delas é a que dá acesso à escada de incêndio, mas assegure-se de mantê-la trancada o tempo todo. — Ele apontou para o final do corredor, e inclinei a cabeça para conferir a porta de metal quase escondida na escuridão. — Somos muito rígidos com a segurança aqui, mas preciso que você esteja atenta à entrada alternativa.

Coloquei uma mão na testa, limpando a camada fina de suor. O que diabos estava acontecendo ali? O apartamento já estava praticamente mobiliado com sofás de aparência caríssima, mesas e eletrônicos, e vi quando ele pegou um tablet e acionou uma porta privativa da imensa parede de vidros que dava para a vista da cidade.

— Agora, deixe-me te mostrar o...

— Espera... — disparei, interrompendo-o. — Me desculpe, mas acho que está havendo um engano. Eu sou Erika Fane. Aluguei um apartamento de um quarto e banheiro, não uma cobertura. Não faço a menor ideia de quem seja o dono desse apartamento, mas estou pagando um aluguel por um lugar muito, muito menor.

Ele pareceu confuso, mas pegou sua pasta de arquivos, muito provavelmente checando a informação.

Não é como se não tivesse amado a cobertura, mas não pagaria milhares de dólares, todo mês, por algo que eu não precisava.

Ele soltou uma risada, analisando os documentos.

— Ah, sim. Esqueci... — Olhou para mim. — Aquele apartamento foi alugado, infelizmente.

Meus ombros cederam em uma postura derrotista, sentindo a decepção me abater.

— O quê?

— Houve um pequeno mal-entendido, e lamentamos muito por isso. Fui orientado pelos proprietários do edifício para que honrasse seu contrato de aluguel, como um pedido de desculpas. Havia duas coberturas, ambas desocupadas, então não vimos nenhuma razão para que não a oferecêssemos a você. Seu contrato ainda estará vigente por um ano, e o valor do aluguel permanecerá o mesmo durante este período. — Ele estendeu as chaves para mim. — Ninguém te ligou para informar?

Eu o encarei e retirei as chaves de sua mão.

— Não — respondi. — E ainda estou um pouco confusa. Por que você me ofereceria este apartamento duas vezes maior, pelo mesmo valor?

Com um sorriso, o gerente aprumou sua postura. Era a mesma atitude que minha mãe tinha, quando eu era criança e ela havia se cansado de responder às minhas perguntas.

— Como eu disse antes — ele emendou —, sentimos muito pelo mal-entendido. Por favor, aceite nossas mais sinceras desculpas, e espero que esta cobertura atenda às suas expectativas durante seus estudos este ano. — Abaixou a cabeça. — Por favor, avise-me se precisar de alguma coisa, Srta. Fane. Estou ao seu dispor.

Então ele passou por mim e saiu do apartamento, fechando a porta atrás de si.

Fiquei ali parada, sentindo a vertigem se formar, como se o ar tivesse sido retirado dos meus pulmões. Eu não podia acreditar naquilo. Como isso foi acontecer?

Girei lentamente ao meu redor, avaliando a sala, a situação e, acima de tudo, o silêncio. Eu estava completamente sozinha aqui.

Por mais que fosse lindo, estava empolgada em poder dormir

em um colchão de ar esta noite antes de sair para comprar meus próprios móveis amanhã. Estava animada em ter um apartamento pequeno e aconchegante, com vizinhos ao lado.

No entanto, as aulas começariam em dois dias. Não havia mais tempo hábil para encontrar outro lugar.

— Merda — suspirei audivelmente.

Andei devagar pela entrada do apartamento, percorri todos os quartos, deparando-me com um banheiro espaçoso com duas pias e um chuveiro de ladrilhos em ardósia. Abrindo porta por porta dos armários abaixo das pias, reparei no estoque de toalhas de banho e de rosto, assim como esponjas.

Então, segui até o quarto principal, e percebi que a cama king-size, combinando com os móveis brancos e cortinas, já estava arrumada com lençóis e colcha da mesma cor. Até mesmo o maldito relógio, na mesa de cabeceira, estava com a hora certa.

Inacreditável. Tudo havia sido preparado para mim. Do mesmo jeito que faziam em casa.

A decoração podia até ser um pouquinho diferente, e o ambiente certamente havia mudado, mas minha vida, não. Já estava tudo organizado. Eu apostava que, se abrisse a geladeira, a encontraria abastecida também.

Precisava dar o braço a torcer àquelas mães de Thunder Bay, que fizeram questão de garantir que eu estivesse bem aconchegada. De forma alguma isso poderia ser alguma espécie de comitê de boas-vindas, que fazia questão de deixar uma cesta de frutas para o convidado.

Balancei a cabeça, sentindo as paredes se fechando ao meu redor.

As mulheres de Thunder Bays eram damas ocupadas. Elas eram poderosas, influentes e meticulosas, e como seus filhos, nós nos sentávamos confortavelmente sob suas redomas. Eu, mais ainda, pela ausência do meu pai, e por minha mãe ser tão... frágil.

Quando era criança, amava aquela sensação de segurança e abrigo, mas queria fazer as coisas por minha própria conta e risco agora. Espaço, distância, e talvez, um pouco de dificuldade. Era isso o que eu estava buscando.

Suspirei e coloquei as chaves dentro do bolso do meu short jeans branco. Agarrando as bordas do meu suéter, retirei-o, ficando apenas com a camiseta de manga curta cinza.

Voltei à sala de estar e passei pela soleira do espaço aberto ao terraço; de chinelos pretos, senti a grama tocar a ponta dos meus dedos. Contemplando ao redor, reparei no design retangular do espaço, sendo que um dos lados oferecia a completa vista da cidade.

À esquerda, vi mais janelas, provavelmente as do apartamento

desocupado que dividia o mesmo andar. E então, olhando à direita, meu olhar foi atraído para a parte mais alta do prédio. Tão alta, que tive que inclinar o pescoço para trás para poder enxergar o andar acima do meu, cujo apartamento tomava o lado inteiro do edifício, deixando as janelas parcialmente visíveis de onde eu estava.

Parecia que havia mais de uma sacada, e uma perfeita vista do terraço. Fiquei pensando se alguma família morava ali, para que precisassem de tanto espaço, mas então me lembrei que o Sr. Patterson mencionou um “ele”.

Meu olhar percorreu as janelas daquele apartamento, tomando ciência de que eu não estava sozinha aqui em cima, afinal.



Despertei sob a névoa do sono, enquanto me deitava de barriga para baixo e agarrava o travesseiro.

Meus ouvidos se aguçaram para tentar identificar o ruído que parecia vir de algum lugar distante.

Tap, tap... tap... tap... tap...

Ergui-me sobre os cotovelos, tentando focar meu olhar.

Alguém estava batendo? Mas quem poderia ser? Eu não conhecia ninguém aqui – pelo menos, ainda não. Havia chegado hoje, e não tinha vizinhos ao lado...

Além do mais – olhei para o relógio sobre a mesinha –, já passava de uma da manhã.

Virei e me sentei na cama, esfregando meus olhos sonolentos. Lentamente o torpor foi se dissipando.

Tenho certeza de que ouvi uma batida. Um retumbar ritmado.

Olhei à minha volta, vendo a luz da lua incidindo através das janelas sobre os lençóis brancos; tentei detectar algum som no silêncio do quieto e escuro apartamento.

Até que um enorme baque se fez ouvir, e dei um pulo, assustada. Afastei as cobertas e peguei o celular sobre a mesa de cabeceira.

Aquilo não era uma batida.

Segurando o telefone em minha mão, andei na ponta dos pés pelo chão do quarto, tentando ouvir qualquer outro som, além de vasculhar meu cérebro para me lembrar se havia trancado todas as portas. A da frente, a do terraço de vidro e a...

Será que eu havia trancado a porta dos fundos? *Sim*. Sim, claro que tranquei.

Então outra pancada soou e eu estaquei. *Mas que porra?*

Era um baque surdo e pesado, como se um peso-morto estivesse

caindo no chão, mas eu não fazia a menor ideia se era acima de mim, abaixo, ou ao lado.

Arrastei-me pelo corredor, pela sala de estar e passei pelas latas de tinta que comprei mais cedo. Eu até poderia não ter ficado com o pequeno apartamento que queria, ou ter sido capaz de comprar minhas próprias vasilhas e panelas, mas faria com que aquele lugar tivesse a minha cara, a começar pelas paredes mais coloridas.

Passei correndo pela cozinha, em silêncio, peguei uma faca do suporte e a empunhei, com a lâmina às minhas costas à medida que me aproximava da porta da frente. Ainda não fazia ideia de onde o som provinha, mas o senso comum indicava que eu deveria checar primeiro as portas de acesso.

Espiei pelo olho-mágico, sentindo os pelos dos braços arrepiando. Por mais que quisesse ser independente, nesse momento, estava um pouco assustada por estar só. Fiquei na ponta dos pés, espiando pelo buraco da porta outra vez; observei o elevador à distância, no corredor, e a oscilação das luminárias.

Mas não havia nada e nem ninguém. O corredor, aparentemente, estava deserto.

Virei a cabeça para trás ao ouvir as pancadas soarem outra vez.

Resolvi andar pelo apartamento, enquanto ouvia as batidas que agora pareciam mais aceleradas e constantes. Tentei seguir a direção do som, me aproximando cada vez mais, até que pressionei o ouvido contra a parede que dava para o corredor; meu coração pulsava à medida que as vibrações tocavam minha pele.

Recostando o rosto contra a superfície fria, engoli o nó que se formou na garganta quando as batidas se tornaram cada vez mais rápidas.

Havia alguém ali. No apartamento vago.

Pegando o telefone, disquei para a portaria, mas ninguém atendeu. Sabia que havia um gerente noturno chamado Simon Alguma Coisa, só que muita gente não ficava de plantão *durante* a noite toda. Talvez ele estivesse longe do telefone.

Com o ouvido ainda grudado à parede, me perguntei se deveria ignorar aquilo e esperar amanhecer para perguntar ao gerente sobre o assunto, mas quanto mais longe ia acompanhando o som através da vibração da parede, mais alto o ruído se tornava, e quando dei por mim, estava praticamente grudada na porta dos fundos.

Abrindo-a devagar, enfiei a cabeça e espiei pelo corredor, segurando a pesada porta de metal aberta apenas o suficiente para que eu pudesse olhar.

Olhando à direita, vi uma porta exatamente igual à minha. E então escutei o grito estridente de uma mulher, e comecei a respirar com mais dificuldade.

Até que mais um grito se fez ouvir. E mais outro, e outro, e...

Ela estava transando? Fechei a boca para evitar que uma risada escapulisse.

Ai, meu Deus.

Mas pensei que o lugar estivesse vazio.

Dei um passo para fora, com a faca em punho – só para o caso de precisar –, e caminhei silenciosamente até a outra porta, olhando ao redor para ver as pequenas câmeras de segurança acima da parede, provavelmente instaladas quando os apartamentos foram construídos.

Pressionando o ouvido na porta, eu ouvi, juntamente do *bump, bump, bump* de alguma coisa se chocando contra a parede, os gritos ofegantes da garota cada vez mais altos.

Apertei os dentes contra meus lábios, escondendo meu sorriso com a mão livre.

Mas então a mulher começou a gritar:

— Não! Ah... oh, meu Deus! Por favor!

Minha expressão mudou ao detectar o medo na voz feminina. Os gritos agudos e breves eram diferentes agora. Aterrorizados e em pânico, como se ela estivesse sendo esganada. Minha boca secou, de repente, enquanto permaneci ali em pé, ouvindo.

— Aaah! — gritou outra vez. — Não, por favor!

Afastei-me da porta, não achando mais graça nenhuma naquilo.

Mas então algo se chocou contra a porta, do lado de dentro, soando como um baque surdo. Recuei, assustada.

— Eita, merda! — Travei os dentes.

Olhei para as câmeras, pensando se elas registravam as imagens para o escritório de segurança, no saguão, ou se serviam apenas para quem estivesse dentro do apartamento. Será que eles sabiam que eu estava aqui fora?

Disparei em direção à minha porta e girei a maçaneta, que não abriu.

Estava trancada.

— Caralho! — sussurrei. A porra da porta trancava automaticamente.

Outro baque atingiu a porta, a poucos passos de onde eu estava – muito perto –, e desviei o olhar, sentindo dificuldade para respirar.

Girei a maçaneta outra vez, torcendo e puxando, mas sequer se movia.

Outra batida ressoou contra a porta, e estiquei o corpo, deixando a faca cair.

— Merda!

Quando me abaixei para pegar a lâmina, a outra porta se abriu, e disparei pela escadaria abaixo, me escondendo atrás da parede. Esqueci da faca por completo.

Porra!

Foda-se. Seja lá quem fosse a pessoa que estava vindo do apartamento ao lado, não era alguém que eu quisesse conhecer. Desci os lances de escadas sentindo o grito preso na minha garganta, enquanto o medo se alojava em meu peito.

Um baque soou acima de mim e olhei para trás, vendo uma mão se apoiar no corrimão enquanto quem quer fosse, pulava um lance de escadas.

Ai, meu Deus! Corri desesperada, degrau a degrau, gotas de suor descendo pelo meu pescoço. As passadas estavam ficando cada vez mais perto, e minhas pernas pareciam a ponto de fraquejar à medida que esforçava meus músculos em uma fuga alucinada. Ofeguei ao ver a porta que dava direto para o saguão do prédio. Corri contra ela e abri de uma vez, olhando mais uma vez para trás para ver se ele – ou ela –, ainda estava em meu encalço.

No entanto, me choquei contra uma parede, e dei um grito quando mãos agarraram a parte superior dos meus braços.

Olhei para cima e perdi o fôlego, vendo Michael Crist elevando-se sobre mim, com um olhar tenso.

— Michael? — ofeguei, confusa.

— Que merda você está fazendo aqui? — Ele arqueou uma sobrancelha, e me afastou de seu corpo, largando meus braços. — Está de madrugada.

Abri a boca, mas nada saiu. Por que ele estava aqui?

Ele estava parado na frente de um elevador, um diferente do que usei esta manhã. Usando um terno preto, ele parecia ter acabado de sair de um *nightclub* ou algo do tipo. Uma morena bem jovem estava ao lado dele, belíssima em um vestido de festa apertado e que mal chegava aos joelhos.

De repente, senti-me exposta, vestida apenas em meu short de seda e regata branca, com o cabelo provavelmente todo emaranhado.

— Eu... — Olhei por cima do ombro outra vez, percebendo que seja lá quem estivesse me seguindo pelas escadas, ainda não havia passado pela porta.

Girei a cabeça de volta, olhando para Michael.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui — ele disse, ríspido, com o mesmo tom intolerante com o qual me tratava.

— Mora aqui? — repeti. — Achei que morasse no prédio da sua família.

Ele enfiou uma mão dentro do bolso e inclinou a cabeça, de lado, com um olhar à queima-roupa, como se eu fosse estúpida.

— Claro. — Fechei os olhos, suspirando, compreendendo tudo. — É claro... Você é o cara que mora no vigésimo segundo andar.

Comecei a ligar todas as peças: o elevador privativo em que ele e a garota estavam de frente, o homem solitário que vivia no andar acima, a Sra. Crist enviando para mim o link do Delcour como uma sugestão, sem me dizer que pertencia à família...

E o luxuoso apartamento todo para mim, preparado e à minha espera.

A Sra. Crist – assim como o marido dela –, fizeram questão de que eu acabasse aqui. Mantendo-me perto e debaixo de suas asas.

— E quem é esta?

Dei uma olhadela na jovem de cabelo castanho escuro e olhos penetrantes, elegante como uma estrela de cinema em alguma estreia.

Michael olhou para ela e respondeu:

— A namorada do meu irmão mais novo.

— Aw... — ela disse.

Desviei o olhar, irritada.

A namorada do seu irmão mais novo. Ele não podia nem mencionar o meu nome.

E eu não era mais a namorada de Trevor. Não tinha certeza se ele sabia disso, mas há meses não estávamos mais juntos. O assunto deve ter vindo à tona em alguma conversa na casa deles.

— O que você ouviu? — exigiu saber, e olhei para ele, que me encarava.

Hesitei, sem saber se deveria contar sobre os barulhos ou os gritos femininos. Não me sentia segura lá em cima agora, e o que eu queria era chamar o gerente. Michael quase nunca prestava atenção em mim, logo, ele não daria a mínima para o que eu falasse.

— Nada — eu disse, soltando um suspiro. — Deixa pra lá.

Ele me analisou por um instante e, logo depois, pegou um cartão branco e o deslizou na frente de um painel na parede, fazendo com que as portas do elevador privativo se abrissem de imediato. Voltando-se para a garota, ele disse:

— Não fique à vontade. Estarei lá em cima em um minuto.

Ela assentiu e um sorriso sutil surgiu em seus lábios enquanto seguia em direção ao elevador. As portas se fecharam logo depois que pressionou o botão.

Michael me ignorou e seguiu em direção à mesa da recepção, conversando com alguém da segurança. O homem assentiu e entregou um molho de chaves. Quando voltou até onde eu estava, senti a boca seca ao ver quão alto e atlético ele era.

Meu Deus, ele era lindo.

Depois de todos esses anos, acompanhando-o com os olhos durante toda a minha vida, meu corpo ainda se aquecia sempre que ele estava perto.

Cruzei os braços à frente dos meus seios, tentando controlar as

batidas do meu coração. Não deveria querer estar tão próxima a ele. Não depois de vê-lo me tratar tão mal por tanto tempo, sempre me afastando.

Ergui a mão até meu pescoço, passando um dedo, sem perceber, pela fina cicatriz irregular.

— Simon vai dar uma conferida na escada de emergência e no seu andar — ele disse. — Vamos. Vou te levar até lá.

— Eu disse que pode deixar — insisti, sem arredar o pé. — Não preciso de ajuda.

No entanto, ele caminhou em direção ao outro elevador, e vi o segurança desaparecendo por trás da porta da escada de emergência.

Com relutância, segui Michael, entrando no elevador, ainda descalça, e vendo-o apertar o botão do meu andar.

— Você sabe onde moro? — perguntei.

Ele não respondeu nada.

O elevador começou a subir e fiquei lá, perto dele, tentando permanecer imóvel. Eu não queria respirar com força ou remexer meus pés. Sempre estive muito consciente da presença dele, e temia que notasse. Talvez se achasse que ele me via como uma pessoa normal, não me preocupasse tanto com o que pensava de mim.

No entanto, abaixei os braços e encarei as portas à frente; o fluxo suave da saída de ar fez com que o cabelo dançasse sobre a pele do topo dos meus seios. Lambi os lábios, sentindo a atração por ele bem ali, a centímetros de distância. Meu peito subia e descia, calor rastejava pelo meu pescoço, e senti meus mamilos enrijecerem à medida que o fogo que percorria minha pele se movia em direção à minha barriga, seguindo em direção ao centro das minhas coxas.

Meu short de pijama parecia apertado, de repente, e senti um vazio no estômago como se estivesse há dias sem comer.

Jesus.

Ergui a mão e coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha, sentindo seu olhar sobre mim.

Porém não ousei desviar o olhar. Depois de ver a modelo de revista que ele trouxe para sua casa, para passar a noite, tudo o que eu podia fazer era manter a postura ereta, erguer os ombros e lidar com isso.

Como tenho feito por anos.

Quando o elevador parou e as portas se abriram, Michael saiu primeiro, sem demonstrar o cavalheirismo do Sr. Patterson. Caminhou diretamente para o meu apartamento, e eu o segui, falando às suas costas:

— Quando o Sr. Patterson me mostrou o lugar hoje, ele disse que o outro apartamento estava desocupado. — Olhei para a porta que ficava atrás de mim, onde supostamente ninguém estava morando. —

Mas ouvi uns barulhos alguns minutos atrás.

Ele se virou e olhou para a porta do outro apartamento.

— Que tipo de barulhos?

Cabeceiras batendo contra as paredes, gritos, gemidos, ofegos, pessoas mandando ver...

Dei de ombros, decidindo ser vaga.

— Apenas... ruídos.

Ele exalou um suspiro irritado. Passando por mim, Michael caminhou até o outro apartamento e testou a maçaneta, batendo várias vezes na porta quando percebeu que estava trancada.

Quando a porta se abriu, arregalei os olhos em surpresa, mas o mesmo segurança que havia subido as escadas saiu de lá de dentro.

— Não há nada aqui, senhor. Chequei as escadas e também não há nenhum indício de desordem.

— Obrigado — Michael disse. — Certifique-se de que o apartamento esteja trancado e volte lá para baixo.

— Sim, senhor.

O segurança trancou a porta do apartamento e seguiu em direção ao elevador. Michael voltou para onde eu estava, segurando as chaves e parecendo cada vez mais impaciente.

Ele esbarrou em mim e depois destrancou minha porta da frente.

— Como você sabia que me tranquei do lado de fora? — Entrei logo atrás dele no apartamento.

— Eu não sabia. — Guardou as chaves no bolso da calça. — Mas imaginei que só poderia ter sido isto o que aconteceu. Você não estava com chave nenhuma, e a porta dos fundos que dá direto para a escada de emergência tem bloqueio automático. Nunca se esqueça disso.

Revirei os olhos, observando-o avançar pela sala. Três anos atrás – porra, cinco dias atrás –, adoraria que ele estivesse no mesmo lugar que eu. Conversando, prestando atenção em mim...

Mas não era isto o que ele estava fazendo agora. Eu continuava tão invisível quanto o ar que ele respirava. Só que muito menos importante.

Uma noite. Ainda tão presente em minha memória, tão vívida e selvagem, e tudo o que eu mais queria era que ele se lembrasse também. No entanto, tudo havia se transformado em uma porcaria, de qualquer forma, exatamente do mesmo jeito que ele sempre me tratava.

Cruzando os braços à frente do corpo, decidida, olhei para outro canto, apenas esperando que ele saísse dali.

Ele conferiu todos os quartos, a porta dos fundos; voltou para a sala e checkou até mesmo se as portas de vidro estavam trancadas, por

segurança.

— Não é incomum que a equipe de funcionários às vezes, durante os intervalos, faça uso dos apartamentos desocupados — ele comentou, olhando ao redor. — Você deve ter trabalhado duro para conseguir pagar por isto. Assim como os cartões de crédito na sua carteira, além do carro novo e estiloso.

Carrei os dentes, sentindo a torrente de emoções descontroladas me atingir. Detestei ouvir o que suas palavras implicavam. Não era nada daquele jeito simples, e também não era justo.

Ele deu um passo na minha direção, travando o olhar no meu.

— Você fugiu do meu irmão, da minha família, da sua mãe, até mesmo dos seus amigos — acusou —, mas o que aconteceria se, um dia, tudo aquilo que mais valoriza — sua casa, seu dinheiro, e as pessoas que você ama —, simplesmente não existissem mais? Você precisaria de ajuda? Será que finalmente perceberia quão frágil você é sem todo o conforto que acredita não precisar?

Eu o encarei, com todos os meus músculos retesados, sem querer me entregar.

Sim, claro. Eu desfrutava do dinheiro. E talvez, se estivesse falando sério mesmo sobre ser independente, jogaria tudo para o alto. Os cartões de crédito, o carro, até mesmo a grana que eu recebia mensalmente.

Então era comigo que ele estava implicando? Uma covarde boa de papo, mas que nunca realmente soube o que é sofrimento ou teve o esforço de lutar por qualquer coisa?

— Não... Acho que você ficaria bem — ele disse em um tom rouco e sensual quando segurou uma mecha do meu cabelo, deslizando por entre os dedos. — Garotas bonitas sempre podem dar algo em troca, não é mesmo?

Ergui o rosto, com o olhar agora fixo ao dele, enquanto afastava sua mão. Mas qual era o problema dele, porra?

Ele deu um sorriso enviesado, quando seguiu em direção à porta.

— Boa noite, Monstrinha.

E me virei, de supetão, vendo-o sair pela porta, fechando-a logo atrás de si.

Monstrinha. Por que ele me chamou assim? Eu não tinha ouvido este apelido em mais de três anos.

Não desde aquela noite.

Capítulo 4

Michael

Dias atuais...

Não fique sozinho com ela.

Era minha única regra. A única que fiz a mim mesmo e prometi seguir à risca, mas que havia acabado de quebrar.

Respirei profundamente, meus braços cruzados sobre o peito, enquanto observava o painel do elevador. *Ninguém mais a conhecia.*

Não como eu. Eu sim, conhecia. Sabia o tanto que ela era boa.

Erika Fane desempenhava seu papel muito bem. A filha obediente e altruísta; a amável e simpática namorada do meu irmão; e a bela e brilhante aluna da nossa crescente comunidade à beira-mar. Todos a amavam.

Ela achava que não significava nada para mim, que era invisível e sem valor. Ela queria tanto que eu abrisse meus olhos e prestasse atenção nela outra vez, mas não tinha percebido que já estava fazendo isso. Eu conhecia a puta enganadora que havia por baixo daquela brilhante perfeição, e disso eu não podia me esquecer.

Por que caralho tive que levá-la até seu apartamento? Por que fiz questão de me assegurar de que ela estava bem? Estar tão perto dela me fez vacilar. Fez-me esquecer.

Ela irrompeu pela porta da escada de emergência, assustada e corada, parecendo tão pequena e frágil, e meu instinto protetor imediatamente saltou fora.

Sim, ela atuava muito bem.

Não fique sozinho com ela. Nunca fique sozinho com ela.

As portas do elevador se abriram e entrei diretamente no corredor, virando-me em direção à minha sala de estar às escuras. Desacelerei os passos, notando a presença da garota que enviei aqui para cima e de quem havia praticamente me esquecido. Ela estava sentada no meio da sala, montada em uma cadeira de madeira.

Completamente nua.

Contive um sorriso, surpreso com sua engenhosidade. A maioria das mulheres esperaria uma instrução.

Forcei os olhos, aproximando-me da cadeira enquanto seus lábios se curvavam com um sorriso. Os antebraços apoiavam-se no encosto da cadeira, enquanto suas pernas arreganhadas e os pés calçados em um salto agulha plantavam-se no chão.

Parei a um passo de distância e permiti que meus olhos percorressem seu corpo: flexível, aberto e pronto para mim. Os seios eram cheios e perfeitos, e meu olhar desceu pela barriga bronzeada,

aterrissando na boceta depilada. Estaria ela já molhada?

Estendi o braço e passei as costas da minha mão sobre sua bochecha; ela se inclinou contra a carícia, me olhando com diversão, enquanto o cabelo escuro e sedoso se derramava sobre seus seios. Até que abriu a boca e capturou meu polegar entre seus dentes, mordendo-o com gentileza.

Olhei para ela, abaixo, esperando para ver o que faria a seguir. Ela o sugaria? Lamberia? Talvez desse uma mordida mais agressiva? Eu gostava de mulheres confiantes. Gostava quando mostravam o fogo ardente dentro delas, ao invés de permanecerem sentadas sem fazer nada.

Mas então ela desistiu e me deu um sorriso tímido, deixando-me assumir. Eu deveria atacá-la, enquanto estivesse disposta a ser apenas um pedaço de carne, acho. Meu Deus, eu estava entediado pra caralho.

Levantei seu queixo com a ponta do dedo, comandando em uma voz gentil:

— Fique aqui.

Eu precisava de uma pausa para entrar no clima para algo que já queria.

Deixei-a na sala e segui rumo ao meu quarto, retirando o terno enquanto subia as escadas. Entrei no aposento espaçoso, preenchido pela cama king-size, e segui em direção ao chuveiro, que se situava entre o quarto e a suíte. Ficava exposto e totalmente visível da cama. Às vezes vinha bem a calhar quando eu tinha uma garota ou duas, e queria vê-las brincar.

Retirei minhas roupas, jogando-as de qualquer jeito no chão, e entrei debaixo do chuveiro, sem pressa alguma de voltar à sala, lá embaixo.

O jato forte imediatamente encharcou meu cabelo, espalhando o calor pelos meus ombros e costas. Quisera eu poder dizer que as longas horas na academia, o treino intenso para me preparar para a temporada, ou os exercícios exaustivos eram os causadores da tensão que podia sentir na cabeça e no corpo, mas sabia que não eram. Eu tinha vinte e três anos, estava na melhor fase da minha vida, e confrontava as exigências contra as quais sempre tive que lidar.

Não era o basquete. Era ela.

Depois de três longos anos, ela estava aqui, eles estavam aqui, e eu dificilmente conseguia pensar em outra coisa.

Fiquei imaginando se ela ainda iria me querer depois que tudo estivesse acabado. Depois de anos me observando, provavelmente ansiando meu toque, não seria irônico pra caralho que quando eu finalmente a tivesse em minhas mãos, e pressionasse meu corpo contra o dela, ela me desprezasse?

Sim, você vai estar na minha cama, boneca, mas não até que me odeie.

Soltei um suspiro e curvei a cabeça, fechando os olhos.

Porra. Envolvi meu pau com a mão, sentindo-o pulsar e latejar à medida que se tornava cada vez mais rígido somente por pensar nela.

Percorri meu dedo pela glândula, limpando a gota de sêmen que era apenas uma pequena porção do que estava prestes a ejacular.

Caralho.

Bastou apenas pensar nela, e em como quase perdi o controle no elevador, mais cedo.

Havia sido divertido. A maneira como ela se esforçou tanto para não demonstrar que estava quase pirando por minha causa. Como a respiração superficial fez seus seios se agitarem para cima e para baixo, e como os mamilos despontaram pelo tecido da regata curta que usava, fazendo-me querer pegar um deles entre meus dentes e ensiná-la a gritar meu nome da mesma forma que fazia em seus sonhos.

Aquela pele dourada, bronzeada do sol de Thunder Bay, parecia um banquete; aquele cabelo loiro e liso que roçava seu rosto e pescoço, e se derramava pelas costas. Parecia tão suave que não pude me conter em tocar os fios brilhosos.

Eu me saí muito bem em ignorar a presença dela por quase toda a minha vida; primeiro, porque ela era muito nova para mim, e depois, porque eu precisava ser paciente.

Agora, o momento era perfeito, pois ela estava aqui, e eu também.

Só que não estava sozinho.

E a melhor parte? Ela não fazia a menor ideia de que sabíamos de tudo. Ela não fazia a menor ideia de que estávamos atrás dela.

Desligando a água, respirei fundo, sentindo meu pau latejar em agonia, precisando de alívio. Enrolei uma toalha ao redor dos quadris e pentei o cabelo com meus dedos, saindo do quarto rumo às escadas.

Alex, a jovem mulher que eu havia escolhido para festejar com o time hoje à noite, ainda estava sentada, obedientemente, na cadeira; a bunda em formato de coração parecendo agora muito mais atraente por conta do meu pau duro.

Mas ainda não estava disposto. Servi um copo de bebida para mim e fui até as janelas com vista para a cidade. As luzes dos postes iluminavam a noite, fazendo com que de longe tudo se parecesse a um mar de estrelas flutuantes, e essa foi uma das primeiras coisas que aprendi quando estive em Meridian, ainda criança. A cidade era, certamente, muito mais inspiradora à distância. Como a maioria das coisas.

Quanto mais perto você chegava de algo belo, menos bonito isto se tornava. O fascínio se encontrava no mistério, não na aparência.

Abaixando meu olhar, avistei Rika através dos vidros de suas janelas. O apartamento dela ficava no andar inferior, mas não exatamente logo abaixo do meu, o que me permitia uma excelente visão de seu terraço, assim como do restante do lugar. Fixei os olhos, observando-a circular por lá, imaginando o que deveria estar fazendo.

Uma parede tinha um forro logo abaixo, e latas de tintas se espalhavam pelo chão da sala. Ela subiu em uma escada e ficou na ponta dos pés, tentando alcançar a quina entre a parede e o teto; suas mãos alisavam alguma coisa no local.

Ela devia estar colocando fita adesiva para o acabamento da pintura. Era quase duas da manhã. Por que ela estava pintando naquele horário?

O belo traseiro estava empinado, e a renda preta da parte inferior de sua regata se levantou, revelando a pele de sua barriga.

Calor percorreu meu peito, direto até minha virilha; meu coração acelerou. Rika tinha um corpo lindo pra caralho, ainda que não fizesse a menor ideia de como usar isto a seu favor.

Mãos frias e suaves deslizaram pelos meus ombros, e a garota nua se postou ao meu lado. O modo de privacidade do vidro não estava acionado, mas as luzes também não, o que significava que Rika não poderia ver nada do meu apartamento, mesmo se olhasse para cima.

Alex olhou pela janela, provavelmente conferindo o que havia atraído minha atenção, e se virou para mim, deslizando a mão por baixo da toalha.

— Hummm... — gemeu ao sentir o tamanho da minha ereção.
— Você gosta dela.

Fiquei quieto, ainda observando Rika enquanto a garota acariciava o meu pau.

— Não.

Uma vez pensei que talvez gostasse dela. Por algumas horas, muito tempo atrás, ansiávamos pela mesma coisa, e pensei que poderia confiar nela.

Foi um erro que custou a liberdade dos meus amigos.

— Mas você a quer — insistiu, esfregando-me cada vez mais rápido, sabendo exatamente por quem meu pau estava duro.

Deixei que ela me tocasse, mas, infelizmente, não sentia desejo algum em retribuir suas carícias. Mantive o olhar para baixo, onde Rika agora descia da escada e se postava de quatro no chão, posicionando a fita adesiva nos rodapés. Seu corpo estava arqueado, me provocando.

Gemi um grunhido, à medida que a garota me masturbava com mais força.

— Sim — ela provocou —, ela é tão meiga e inocente, não é?

Senti a garganta seca e forcei-me a engolir, enquanto meu olhar permanecia fixo em Rika.

— Ela não é nenhum dos dois — respondi entredentes.

— Talvez não — a garota caçoou. — As tímidas costumam ser as piores, no fim das contas.

Então ela se inclinou e plantou os lábios no meu pescoço, sussurrando:

— Aposto que seu irmão pode dizer direitinho o quão má essa garota é...

Jesus.

Apoiei a mão na janela, me inclinando, enquanto Rika se sentava sobre os próprios joelhos e olhava para a parede acima, que aparentemente estava pronta para receber a pintura.

Eu esperava que aquilo não fosse verdade. Eu só queria duas coisas: que meu irmão não a tivesse quebrado, como ele gostava de se gabar, e que Rika tivesse tanta garra em si mesma, como sempre achei que tivesse.

— Sim — a garota ofegou, depositando uma trilha de beijos pela minha mandíbula. — Aposto como ele sabe exatamente do que ela gosta.

Endireitei o corpo de imediato, virando cabeça e colocando a mão em sua garganta, segurando com força.

— Meu irmão é a última pessoa a saber algo sobre ela — cuspi, encarando-a. — Agora vá para casa. Não estou no clima.

Empurrei-a para longe de mim, enquanto ela suspirava chocada, com o cenho franzido em total confusão.

— Mas você está... — protestou, apontando para a barraca armada na toalha preta ao redor dos meus quadris.

— Isto não é por você, e sabe muito bem disso.

Virando-me outra vez para as janelas, apertei a toalha ao meu redor, vendo Rika prender o cabelo em um rabo de cavalo, e depois se inclinar para pegar uma lata de tinta.

No entanto, o som da campainha indicou que alguém havia chamado o elevador atrás de mim, e olhei por cima do ombro, para a garota ainda nua.

— É melhor você correr — avisei. — Vou ter companhia em breve, e eles vão adorar te encontrar desse jeito. — Deixei meu olhar varrer seu corpo nu.

Os olhos dela se desviaram de um lado ao outro, hesitantes e desgostosos. Não sabia se ela estava realmente desapontada ou ofendida.

E pouco me importava. Já havia entregado seu pagamento, afinal de contas.

Ela finalmente se virou, correndo em direção ao lugar onde largou suas roupas, e ouvi o farfalhar dos tecidos enquanto se vestia.

Olhando para baixo, vi Rika despejar tinta em uma bandeja, e depois mergulhar o rolo de pintura, encharcando-o em vermelho.

Minha cor favorita.

Era desafiante e firme, mas também agressiva e violenta. Não tinha muita certeza de porque a havia escolhido como favorita, mas desde sempre era a cor que eu mais gostava.

O elevador apitou outra vez e endireitei o corpo, ouvindo as vozes profundas adentrando o apartamento.

Dei a volta e vi a garota, Alex, calçar o último pé do sapato e pegar sua bolsa de mão antes de se apressar em direção ao elevador.

Mas independente de estar vestida ou não, ela não passaria despercebida.

Damon, Will e Kai saíram do canto, vestidos em ternos pretos idênticos, se divertindo e rindo de alguma piada interna.

Alex tentou passar rapidamente por eles, mas Damon a agarrou, enlaçando os braços ao redor de sua cintura.

— Opa, aonde você pensa que vai? — debochou, apertando o abraço ante o esforço fingido em sair de seu agarre. — Michael já aproveitou sua uma hora?

Will riu, sacudindo a cabeça enquanto ele e Kai continuaram andando pelo apartamento.

Damon a levou de volta para a sala de estar, uma de suas mãos esfregando a bunda empinada.

Inclinei-me sobre a cadeira para pegar a calça do pijama que havia largado por ali, de manhã. Vesti, só então me livrando da toalha que ainda mantinha ao meu redor, jogando-a no chão.

— Deixe-a em paz — eu disse a ele.

No entanto, os olhos escuros, quase negros, desviaram para mim, em um desafio silencioso que já estava me cansando de ver.

Os lábios se curvaram em um sorriso enquanto ele enfiava a mão no bolso e sacava um bolo de dinheiro.

— Eu serei gentil — ele sussurrou contra a bochecha dela, mostrando o dinheiro à frente.

Ela virou a cabeça, me olhando, provavelmente refletindo no que deveria fazer. Será que deveria aproveitar aquela oportunidade enquanto a outra ainda estava na mesma sala?

Pouco me importava se ela aproveitasse. Ela estava disponível, e nesse ponto, era apenas um negócio para ela, não prazer. Apenas precisei de alguém para me acompanhar a uma festa particular esta noite, e Will a conhecia bem o suficiente para saber que ela seria

discreta e descomplicada.

No entanto, já estava cansado das palhaçadas de Damon.

Porém, ela se virou para ele e pegou o dinheiro.

E ele sequer hesitou. Descendo a parte de cima de seu vestido até a cintura, ele a pegou no colo, fazendo com que o enlaçasse com suas pernas.

— Eu menti — ele disse, arrastando os dentes em sua orelha —, eu nunca sou gentil.

Ele se inclinou e cobriu a sua boca com a dele, enquanto a carregava pelo corredor, desaparecendo em um quarto de hóspedes.

Suspirei profundamente pelo nariz, irritado com o constante duelo de vontades contra ele. Não costumava ser assim.

Meus amigos e eu sempre nos desentendemos ao longo da nossa amizade. Óbvio. Cada um tinha um temperamento diferente, manias e noção do certo e errado.

No entanto, tais diferenças nos fortaleceram até então. Como pessoas, tínhamos nossas fraquezas, mas como Cavaleiros, éramos invencíveis. Cada um de nós acrescentou alguma coisa diferente, e quando um faltava, os outros intervinham. Éramos uma unidade, dentro e fora das quadras.

Não estava mais certo de que aquilo ainda fosse uma verdade. As coisas haviam mudado.

Kai se sentou no sofá enquanto Will seguiu até a geladeira e pegou um sanduíche que havia sobrado e uma garrafa d'água.

Girei o corpo e peguei a bola com a qual havia conquistado um campeonato no ensino médio, e arremessei para Will, acertando a parte de cima de seu braço.

Ele deu um pulo, deixando cair a garrafa de água, enquanto me encarava com a boca cheia do sanduíche.

— Ei! — resmungou, erguendo as mãos. — Qual é o seu problema?

— Você estava no apartamento 2014? — gritei, já sabendo a resposta.

Havia uma razão para que Rika tivesse sido encaminhada para o vigésimo primeiro andar. Ela havia ficado isolada, longe de vizinhos. Mas também estava ligado de que meus amigos não deixariam passar a oportunidade de usar o apartamento desocupado, ao lado – inclusive, para poder foder com a mente dela.

Eles não moravam no prédio, mas de alguma forma conseguiram uma chave para o 2014.

Will desviou o olhar, porém percebi o sorriso em seu rosto. Ele engoliu o alimento e me encarou, dando de ombros.

— Talvez tenhamos trazido uma dupla de garotas da festa — admitiu. — Você conhece o Damon... ele pode ser bem barulhento.

Lancei um olhar para Kai, sabendo que ele não estava envolvido, mas puto por também não ter impedido.

Passei as mãos pelos fios do meu cabelo úmido e fixei o olhar em Will.

— Erika Fane pode até ser jovem e inexperiente, mas não estúpida — salientei, olhando de um para o outro. — Você vai ter a oportunidade de se divertir com ela. Eu prometo. Mas não se acabar fazendo com que ela fuja daqui antes de a termos no lugar em que a queremos.

Will se abaixou para pegar a bola de basquete. Com 1,80m de altura, ele era o menor dos quatro, mas era tão forte quanto nós.

— Kai e eu já saímos há meses — ele acusou, pressionando a bola entre as mãos em frente ao seu tórax, e olhando para mim enquanto se aproximava. — Concordamos em esperar para que Damon também pudesse fazer parte disso, mas estou cansado de esperar essa porra, Michael.

A paciência dele estava começando a se esgotar, e já sabia disso há algum tempo. Ele e Kai haviam recebido sentenças menores com base nas acusações, mas, para serem justos com Damon, decidimos não fazer nada até que ele saísse em liberdade.

— Como aquela proeza de ontem à noite? — rebati. — Dando as caras na casa dela, usando suas máscaras?

Ele riu de si mesmo, todo satisfeito.

— Foi pelos velhos tempos. Dá um tempo.

— Nós temos sido pacientes por todo esse tempo. — Assenti com a cabeça.

— Não — retrucou. — Nós temos sido pacientes. Você esteve na universidade.

Dei um passo em sua direção, uns dez centímetros mais alto, e retirei a bola de suas mãos. Mantive o olhar focado ao dele quando a afastei para o lado e deixei rolar dos meus dedos, vendo Kai pegar com um movimento fluido.

— Nós a queríamos em Meridian — eu disse —, e ela está aqui. Sem amigos ou colegas de quarto. Nós a queríamos nesse prédio com todos presentes, e ela está aqui. — Inclinei a cabeça para apontar a janela atrás de mim. — Tudo o que a separa de nós é uma porta. Ela é um alvo fácil, e não faz a menor ideia disso.

Os olhos verdes de Will se estreitaram, ainda ouvindo o que eu dizia.

— Sabemos exatamente o que devemos tirar dela antes de pegá-la — eu o lembrei. — Então, não estrague tudo. As coisas vão seguir de acordo com o que foi planejado, mas podem não acontecer se ela se sentir em perigo antes da hora certa.

Ele abaixou o olhar, desviando-o em seguida, ainda puto, mas

desistindo. Inspirando profundamente, retirou seu paletó preto, jogou no sofá, e saiu da sala; descendo as escadas, imaginei que estivesse indo para a quadra de basquete particular.

Em poucos segundos, ouvi o eco que reverberava as batidas da bola contra o assoalho de madeira da quadra.

Kai se levantou do sofá e foi até as janelas. Cruzando os braços à frente do peito, seu olhar deslizou até o andar de baixo.

Parei ao seu lado. Colocando uma mão sobre o vidro, olhei na mesma direção, observando Rika passar o rolo de cima a baixo, transformando a então parede branca em vermelho-sangue.

— Ela está sozinha — falei baixinho. — Completamente sozinha agora. E, em breve, não lhe sobrá nada, além da nossa boa-vontade.

Olhei para Kai, vendo-o estreitar os olhos enquanto a analisava. Sua mandíbula flexionou, e de vez em quando, ele poderia ser mais temível do que Damon. Pelo menos este último era como um livro aberto.

Porém com Kai... e aqueles severos olhos escuros e expressão fechada, era sempre difícil adivinhar o que se passava pela sua cabeça. Ele raramente falava sobre si mesmo.

— Você está mudando de ideia? — perguntei.

— Você está?

Continuei encarando a janela, ignorando sua pergunta. Independente de eu querer ou gostar disso, ou não, nunca foi uma questão.

Três anos atrás, a pequena e curiosa Erika Fane quis brincar com os garotos, e nós permitimos, mas ela nos traiu. De forma alguma esqueceríamos aquilo. Uma vez que meus amigos recebessem sua recompensa, eles teriam paz.

Kai manteve o olhar fixo nela enquanto falava:

— Damon e Will sempre agiram às cegas, Michael. Esses três últimos anos não foram diferentes. Eles agem e reagem por instinto, mas para dois homens que uma vez pensaram que dinheiro e poder poderiam lhes dar tudo o que queriam, eles agora sabem que isso não é verdade. — Ele virou a cabeça, olhando diretamente para mim. — Não era brincadeira lá dentro. Não havia nenhum amigo de verdade. Não dava para vacilar. Era agir e pronto. Foi isso o que eles aprenderam.

Voltei a olhar pelas janelas. *Lá dentro*. Era daquela forma que Kai se referia à prisão desde que saiu em liberdade.

Nunca perguntei nada, também. Talvez porque soubesse que ele falaria sobre o assunto quando estivesse pronto, ou talvez porque sentisse culpa, sabendo que foi tudo por minha causa. Eu a levei conosco naquela noite, afinal de contas. Eu confiei nela. Eu causei

aquilo.

Ou talvez, apenas talvez, porque nunca quis realmente saber o que aqueles três anos foram para os meus amigos. O que perderam. Como tiveram que esperar.

Como haviam mudado.

Balancei a cabeça, tentando ignorar seu alerta.

— Eles sempre foram assim — argumentei.

— Mas eles sempre foram mais fáceis de controlar — ele desafiou. — Eles eram mais pacíficos. Agora não têm limites, e a única coisa que verdadeiramente entendem é que só podem confiar em si mesmos e acabou.

Então o que ele estava querendo dizer? Que os dois talvez tivessem seus próprios planos?

Meu olhar se desviou até ela, outra vez, trabalhando com tanto afinho enquanto encharcava o rolo na tinta vermelha.

Então algo se agitou por dentro de mim, torcendo e comprimindo meu peito até o ponto de se tornar desconfortável.

O que eu faria se eles pulassem fora? Se resolvessem agir por conta própria? Eu não gostava daquela ideia. Mas, por três anos, fui forçado a aguentar sua presença na minha casa, ouvir coisas ao seu respeito, e aguardar pela hora certa, enquanto tudo o que mais queria era me tornar seu pesadelo. Ela estava aqui, e nós estávamos prontos.

— Não podemos esperar — quase sussurrei. Nós poderíamos controlar Will e Damon. Sempre o tínhamos feito.

— Eu não quero parar — retrucou. O olhar escuro fixo nela. — Ela merece tudo o que está por vir. Mas estou dizendo que as coisas, às vezes, nunca seguem de acordo com o plano. Lembre-se disso.

Peguei o copo de uísque que havia deixado por ali e tomei o restante de um gole só. A bebida desceu queimando por trás da minha língua, e minha garganta contraiu enquanto eu abaixava o copo.

Eu me lembraria, mas não me preocuparia com isto. Já estava mais do que na hora de ter alguma diversão.

— Por que ela está pintando a parede às duas da manhã? — perguntou como se só agora estivesse se dando conta do que ela estava fazendo.

Apenas balancei a cabeça, olhando para ela, também sem fazer a menor ideia da razão. Talvez ela não tivesse conseguido dormir depois da aventura de Will e Damon, na porta ao lado.

Kai suspirou, olhando para Rika com um sorriso nos lábios.

— Ela envelheceu bem, não é? — A voz suave, porém com um leve toque ameaçador. — Pele linda, olhos e boca hipnotizantes, e aquele corpo firme...

Sim.

A mãe dela, metade holandesa e sul-africana, pode ter se

casado para entrar em um mundo de dinheiro e poder, usando o rosto lindo e o corpo espetacular que conservavam apenas metade da beleza da filha. Rika podia até ter herdado o cabelo loiro e olhos azuis de sua mãe, os lábios cheios e o sorriso fascinante, mas o resto era todo dela mesma.

A pele bronzeada e brilhante, como se tivesse sido beijada pelo sol; as pernas fortes e tonificadas pelos anos de prática de esgrima; e o jeito tão sedutor e doce, mas com um leve toque de malícia, que ela tinha no olhar.

Como uma espécie de jovem vampira.

— Yo! — Will berrou do piso inferior. — Que porra vocês estão fazendo aí em cima? Vamos jogar!

Kai sorriu, abaixando os braços e seguindo em direção à quadra.

No entanto, hesitei, ainda pensando a respeito do que ele havia alertado.

Ele estava certo. Damon e Will estavam mal-intencionados, prontos para cair para a matança. Mas e Kai? Até onde ele iria com ela?

Nós tínhamos regras, uma maneira de como isso deveria funcionar. Nós não a machucariamos. Estávamos preparados para arruiná-la. Eu sabia que Damon e Will tentariam burlar aquelas regras, mas e Kai? Ele tomaria alguma providência e os controlaria, como sempre havia feito?

Ou ele os seguiria dessa vez?

— E quanto a você? — finalmente resolvi perguntar, fazendo-o parar. — A prisão mudou você?

Ele se virou, olhando diretamente para mim com uma tranquilidade assustadora.

— Acho que veremos...

Capítulo 5

Erika

Três anos atrás...

O carro fez a curva e fui jogada para frente e para trás no assoalho da SUV Classe G; o percurso migrando de suave a acidentado. O chão abaixo dos pneus, de repente, parecia triturado, e eu sabia que andávamos agora sobre cascalho.

O som dos carros explodia do lado de fora, e ouvi buzinas, alertando que o comboio estava logo atrás. Nós paramos, e antes que me desse conta do que estava acontecendo, as portas se abriram, o motor foi desligado, e os uivos encheram o ar à medida que os passageiros se juntaram aos outros do lado de fora.

Fiquei quieta, resistindo à urgência de espiar pela janela, e esperando que Michael não tivesse que abrir a porta do bagageiro para pegar nada. Em poucos minutos, o som das conversas e risos começou a se distanciar, até que desaparecessem por completo.

Devagar, ergui meu corpo, mantendo a cabeça ainda baixa enquanto olhava pela janela.

Vasculhando a área, vi as árvores altas da clareira onde todos tinham estacionado. Carros, caminhonetes e SUVs disputavam espaço, e, olhando com atenção, percebi que estávamos na floresta.

Por que diabos estávamos aqui?

No entanto, ao virar a cabeça, avistei a imensa estrutura de pedra à frente. Inclinei a cabeça para trás, observando as lanças envelhecidas da velha igreja apontando para cima por dentre os galhos desfolhados das árvores outonais; o prédio parecia destruído, inerte e silencioso naquele bosque.

A Catedral de St. Killian. Nunca estive aqui, mas a conhecia das fotos que saíam nos jornais ao longo dos anos. Era um ponto turístico antigo, datado de antes de 1700, quando Thunder Bay havia sido construída.

Em 1938, contudo, havia sofrido um dano estrutural por conta de um furacão, e foi fechada, sem nunca mais reabrir.

Todo mundo já devia estar lá dentro.

Arrisquei mais um olhar em volta, me assegurando de que não havia ninguém por ali, e rapidamente desci do banco na parte traseira, abrindo a porta e pulando para fora.

O ar fresco de outubro atingiu minhas pernas, e senti as folhas das árvores, caídas e quebradiças, roçando meus tornozelos. Estava usando minha saia da escola e sapatilhas, as pernas totalmente nuas, e arrepios percorreram todo o meu corpo.

Corri através da clareira, vendo as imensas portas de madeira da catedral, abertas, e dei a volta pelo canto, em direção à lateral. A grama estava tomada por ervas daninhas, e as pedras usadas na fundação do prédio estavam deslocadas ou quebradas, caídas ao longo das paredes da construção.

Música se derramava através das janelas com vidros quebrados; alcancei e agarrei a borda do parapeito de uma delas, e pisei em cima de um dos arcos de quase um metro de altura esculpidos na parede inferior da igreja. Arrastei-me até em cima para poder espiar dentro do prédio, e deixei escapar um sorrisinho.

Cacete.

Alto-falantes estavam posicionados ao redor da sala, com uma música altíssima, enquanto dois caras – um deles, Kai, sem camisa e sem a máscara – trocavam socos no meio de um espaço aberto, cercados por estudantes de ambos os sexos, que torciam pela briga dos dois.

A julgar pela tranquilidade da multidão, e pelo sorriso no rosto de Kai, enquanto ele socava seu oponente, acho que não era bem uma briga.

Era mais como um esporte.

Enquanto a música soava e os pequenos grupos de estudantes perambulavam por ali, conversando, rindo e bebendo de suas garrafas de cervejas, vi um grupo de pessoas desaparecendo por trás da sacristia e indo em direção às escadas que levavam ao piso inferior.

Prédios antigos como este possuíam porões? Ou – *não, pensei comigo mesma* –, a St. Killian possuía catacumbas. Eu já tinha ouvido a respeito.

Olhando de um lado ao outro, reparei no imenso espaço que havia acima, uma área cercada de balcões que contornavam o formato em semicírculo e davam de frente para o local onde uma vez deve ter sido o altar. A maioria dos bancos de madeira tinha sido afastada e empilhada ao redor do ambiente, enquanto o antigo candelabro de ferro fundido, com seus castiçais ornamentados, remanescente da época medieval, ainda permanecia pendurado acima da libertinagem profana de lutas e bebidas que acontecia ali.

Avistei Miles Anderson se agarrando com sua namorada em um dos bancos, e imediatamente abaixei a cabeça. Eu não gostava de nenhum dos dois, e não queria que me vissem.

— Você não deveria estar aqui.

Arregalei os olhos, sentindo medo na mesma hora, ao virar a cabeça para a direita.

Michael estava parado a alguns passos de distância, o queixo erguido, encarando-me através de sua máscara.

Agarrando o peitoril, senti o coração ratear.

— Eu... eu... — comecei a falar, mas me senti idiota demais para dizer qualquer coisa. Sabia que não deveria ter vindo. — Só... queria ver.

Ele inclinou a cabeça, mas mesmo assim eu não fazia a menor ideia do que poderia estar pensando. Eu queria que ele tirasse aquela maldita máscara.

Contive o fôlego, vendo-o subir por trás de mim, agarrando os parapeitos ao meu lado, e colocando seus pés calçados em botas pretas nos dois arcos à minha esquerda e direita.

O que ele estava fazendo?

O calor do seu corpo cobriu minhas costas, e corajosamente ergui o olhar, vendo-o observar o mesmo que eu, através da janela quebrada.

Engolindo o nó na garganta, finalmente disse:

— Se você quiser que eu vá embora...

— Eu disse isso?

Fechei a boca, observando seus dedos apertarem com mais firmeza ao redor do gargalo da cerveja japonesa em sua mão. Michael possuía mãos grandes, como a maioria dos jogadores de basquete, mas elas não eram nada, comparadas à sua altura. Ele era pelo menos uns trinta centímetros mais alto que eu, e estava torcendo para que tivesse parado de crescer. Eu já tinha que olhar muito para cima para poder vê-lo.

Por um instante, fechei os olhos, sentindo o desejo desesperado de me recostar e descansar contra ele, mas me contive. Ao invés disso, cravei as unhas na pedra, obrigando-me a olhar para frente, e vendo Kai jogar o outro cara no chão; ambos agora lutando em uma espécie de combate MMA no piso de concreto.

Michael ergueu a cerveja até seus lábios, e deve ter levantado a máscara para cima, porque o ouvi engolir um pouco da bebida. Até que minhas sobrancelhas se arquearam, quando o vi colocar a garrafa à frente do meu peito.

Confusa, hesitei por um momento antes de pegar a bebida, mantendo um sorriso escondido enquanto levava a garrafa à boca e tomava um gole. Segurei contra os meus lábios, sentindo o gosto amargo em minha língua até engolir.

Quando tentei lhe devolver a garrafa, ele acenou, em rejeição. Relaxei, bebendo mais um pouquinho, satisfeita por ele não ter me chutado dali para fora. Ainda.

— Aquelas portas dão nas catacumbas, não é? — perguntei, mostrando os alunos que entravam por trás da sacristia escura.

Segurei a garrafa contra meu peito, virando a cabeça para olhar para cima, para Michael.

Ele assentiu.

Virei o rosto de volta, vendo dois caras e duas garotas desaparecerem por lá.

— O que eles estão indo fazer lá?

— Estão indo atrás de outros tipos de diversão.

Carrei a mandíbula, frustrada com a resposta breve e enigmática. Eu queria ir lá dentro.

Mas então o ouvi expirar uma pequena e silenciosa risada, e senti a máscara roçar minha orelha, quando ele sussurrou em um tom de voz rouco:

— Ninguém conhece você, não é mesmo?

Franzi o cenho, tentando entender o que ele queria dizer com aquilo. Ele retirou a garrafa da minha mão e a colocou no peitoril da janela.

— Você é uma boa garota, não é, Rika? Boa garota para a mamãe, boa garota para os professores... — Ele fez uma pausa, antes de continuar: — Uma boa garota do lado de fora, mas ninguém sabe quem você é de verdade do lado de dentro, não é?

Carrei os dentes, olhando para o vazio à frente.

O lábio quente aterrissou no meu pescoço, quando ele disse:

— Eu sei o que você quer, Rika — murmurou. — Sei que gosta de me observar. Garotinhas de escola não deveriam ser tão safadas.

Meus olhos se arregalaram, e inspirei, saindo de dentro do casulo de seus braços, pulando para o chão.

Embaraço aqueceu meu rosto enquanto eu disparava pelo estacionamento, mas uma mão, de repente, agarrou a minha, e fui puxada de volta em direção oposta.

— Michael — engasguei, sentindo o medo fechar minha garganta. — Me solta.

Ele deu um passo para mais perto.

— Como você sabe que eu sou o Michael?

Pisquei, baixando a cabeça, incapaz de olhar para ele. Meus olhos focaram em nossas mãos juntas. Minha pele queimava, e eu não tinha certeza se estava pegando fogo ou congelando.

Engoli em seco, antes de dizer:

— Sinto como se fosse você.

Mas ele se inclinou, fazendo com que o ritmo violento do meu coração batesse ainda mais acelerado, e sussurrou:

— Você não tem como saber isso.

Então esticou o braço e segurou a gravata do meu uniforme, puxando meu corpo contra o dele, enquanto afrouxava rudemente e retirava a peça por cima da minha cabeça.

— O que você está fazendo? — ofeguei.

No entanto, ele não me respondeu.

Estreitei os olhos quando o vi afastar a gravata e dar a volta

pelo meu corpo, me vendando.

Abaixei o tecido e me virei para olhar para ele.

— Por quê?

Por que eu precisava de uma venda?

— Porque verá mais com os olhos fechados — respondeu.

E permaneci quieta, enquanto ele ajeitava a gravata sobre meus olhos, seus dedos tocando meu cabelo.

Ele largou o tecido, mas ainda podia senti-lo às minhas costas, e me balancei um pouquinho, sentindo meu equilíbrio se alterar. Quase sorri ante a sensação de excitação.

— Michael? — chamei-o, suavemente.

No entanto, ele se manteve calado.

Minha respiração acelerou, e me senti sobrecarregada com as sensações. O cheiro de abetos e bordos vermelhos se misturou à maresia e às folhas secas que flutuavam com a brisa suave que esfriava minhas bochechas.

Meus mamilos endureceram, e cada pelo da minha nuca se eriçou. O que ele estava fazendo?

— Michael? — eu disse, baixinho. Já estava começando a me sentir uma idiota.

Mas ele ainda nada dizia.

Meu coração começou a trovejar, e apertei a bainha da minha saia, lutando contra o calor entre as coxas.

Engoli em seco, virando-me devagar, estendi as mãos e deparei ainda com seu corpo. Plantando as palmas em seu peito forte, eu o empurrei.

— Você não consegue me assustar! — declarei.

Ele agarrou minhas mãos e as afastou de seu peito.

— Eu já estou fazendo isso.

Dando a volta pelo meu corpo, começou a me puxar atrás dele. Corri, e em alguns passos postei-me ao seu lado; agarrei seu braço, tentando não tropeçar enquanto passávamos pelas ervas daninhas, pedras e o terreno acidentado.

Apertei os dedos ao redor de sua mão, a pele áspera da palma parecendo tão gostosa. Como seria sentir aquelas mãos pelo resto do meu corpo?

— Aqui tem degraus — ele avisou, interrompendo meus pensamentos. Diminuí o passo, pisando devagar, testando o solo. — Venha logo — rosnou, guiando o caminho.

Eu o segui, andando devagar ao perceber que o chão estava cheio de escombros.

Vozes masculinas e gritos chegaram até mim do lado esquerdo, e os ouvi rindo e aplaudindo. Grunhidos e gemidos vieram a seguir, e deduzi que a luta ainda devia estar em andamento.

Segui Michael, ainda agarrada a ele, mas ergui a mão livre para tocar a venda sobre meus olhos. Não gostava de ter sido privada da minha visão, sem saber ou não se alguém estava vindo na minha direção. Eu podia sentir como se estivessem me encarando.

— Por que não me deixa ver? — perguntei, ao parar de repente ao lado dele.

— Isso seria mais excitante para você?

Girei a cabeça em direção ao som de sua voz, mesmo que não pudesse vê-lo.

— Me levar vendada está sendo mais excitante para você?

Mas então olhei para frente, de novo, espantada com minha própria petulância. Sempre fiquei nervosa perto de Michael, e eu estava chocada – talvez um pouco orgulhosa –, de como aquilo tinha saído da minha boca com tanta facilidade.

Ouvi um par de inspirações rápidas vindas dele, e achei que talvez ele estivesse rindo, embora não pudesse ter certeza.

— Quero que faça uma coisa para mim. — Ele soltou minha mão e senti quando roçou meu ombro ao se posicionar logo atrás do meu corpo. — Quero que mantenha a venda e não a retire. Eu volto já.

— Volta já? O quê? — Franzi as sobrancelhas, sentindo calafrios subindo pelas minhas pernas e a ansiedade se formando.

Estremeci quando senti sua mão tocar o meio das minhas costas, e o hálito aquecer minha têmpora.

— Mostre-me do que você é capaz...

E então ele me empurrou.

Ofeguei, tropeçando para frente, minhas sapatilhas triturando o chão de pedras sujo e empoeirado; estendi os braços à frente, tentando me equilibrar para não me esborrachar.

— O qu... — engasguei. — Michael? — chamei, virando a cabeça de um lado ao outro.

Onde diabos ele estava? Levantei a mão e toquei a venda. Foda-se.

No entanto, fiquei imóvel, suas palavras ecoando na minha cabeça. *Mostre-me do que você é capaz...*

Ele estava me testando. Ou brincando comigo. Inspirei profundamente, enrijecendo as costas.

Eu poderia esperar um pouco mais. *Você está bem. Você pode fazer isso.* Não desistiria ainda.

Os rosnados e grunhidos da briga estavam a apenas alguns metros de distância, e eu podia ouvir as pessoas rindo e conversando. Não tinha certeza se o foco da atenção era eu ou a luta, mas senti o rosto esquentar, tamanho meu embaraço. Queria me esconder. Era como se milhares de olhos estivessem voltados para mim, observando

cada movimento meu.

Meu lábio inferior começou a tremer, e estendi os braços, sentindo a respiração acelerar a mil por hora, enquanto tentava descobrir se havia alguém por perto. Eu me sentia exposta, e não gostava nem um pouco disso.

Dei alguns passos, tocando nada mais além do ar pelo caminho.

— Michael? — chamei-o outra vez. Eu queria gritar, mas reprimi essa vontade.

— Ah, porra! — alguém gritou, e percebi que provinha da luta que acontecia.

Ouvi o som da briga e de socos lançados, até que a gritaria daqueles que torciam ecoou pelo amplo espaço acima.

— Wooo! — um cara bradou, seguido das risadas de outras pessoas.

Duas garotas riram não muito longe de onde eu estava, e preendi o fôlego, ao perceber que alguém se aproximava.

— Não faço ideia do que estão planejando fazer com você, querida — uma voz feminina provocou —, mas estou com inveja.

Outra garota riu, e fechei a cara, por baixo da venda, sentindo a raiva aquecer minha pele.

Ajeitei a postura e toquei o tecido que cobria meus olhos, outra vez, querendo apenas me livrar daquilo.

Porém apenas segurei a venda, ainda resistindo. Se eu a retirasse, ele venceria. Michael a teria mantido, porque ele não se importava. Quem está olhando para mim? Estão cochichando a meu respeito? Estão rindo de mim? Michael não teria se importado.

Eu podia fazer isso.

Abaixei as mãos e endireitei os ombros, sentindo a pulsação acelerar no meu pescoço.

Não havia nada de errado. Estava com vergonha, insegura e desconfortável, mas tudo isso se encontrava na minha mente.

Até que alguém esbarrou no meu ombro, e fiquei tensa, sentindo uma mão apertar minha bunda.

— Humm, eu te conheço — a voz masculina disse. — Rika Fane, a namorada do Trevor, certo?

Não. Errado. Pensei de imediato.

Então congelei ao reconhecer o tom ameaçador que sempre vinha carregado de duplo sentido, não importava o que ele dissesse.

Damon.

— O que está fazendo aqui sem o seu homem? — provocou. — E ainda toda amarradinha desse jeito?

Um arrepio percorreu a pele dos meus braços, e tudo o que eu mais queria era arrancar aquela venda. Não gostava de Damon olhando para mim, ainda mais quando eu não podia ver nada.

Não me sentia segura ao lado dele.

Engoli o nó na garganta, contendo um gemido de irritação.

— Trevor não é meu namorado.

— Que pena. Gosto de brincar com porcarias que não são minhas.

Ele arrastou um dedo pelo meu lábio inferior, mas afastei a cabeça na mesma hora.

— Pare com isso — exigi.

Mas então ele enlaçou minha nuca com a mão, e me puxou contra ele.

— Você dorme na casa dos Crist de vez em quando, não é? — gemeu baixo, o hálito diretamente sobre meus lábios. — Você tem seu próprio quarto lá?

Apoiei as mãos contra seu peito e tentei empurrá-lo para longe de mim, mas o aperto firme em meu quadril, com a outra mão, me manteve no lugar.

— Damon! — Ouvi um grito por trás dele. — Dá o fora e deixe ela em paz!

Não era voz de Michael.

Damon suspirou e o desafiou em um tom de voz entediado:

— Eu pego aquilo que quero, na hora que estou a fim, Kai. Não estamos no ensino médio mais.

Rangi os dentes, lutando para sair de seu agarre, mas seus braços me enlaçaram como uma barra de ferro. Ele sussurrou acima do meu ouvido:

— O que acha de eu visitar seu quarto esta noite, hein? — Suas mãos desceram até agarrar minha bunda, e me debati, inquieta, tentando me livrar, mas ele era muito forte. — Você vai abrir a porta para mim? — sussurrou contra meus lábios. — Vai abrir outras coisas para mim?

Então colocou a mão entre nós, deslizando por entre as minhas pernas, me acariciando por cima da saia. Deixei um grito escapar, mas ele me impediu, ao cobrir minha boca com a dele. Não conseguia respirar enquanto me remexia e tentava gritar, o som abafado pelos seus lábios.

Michael, onde você está, droga?

Esmurrei seu peito e agarrei seu lábio inferior entre meus dentes, mordendo com toda a força até que ele me soltou e deu um pulo para trás.

— Porra! — gritou. Respirei asperamente, com as mãos estendidas à frente, sem saber onde ele estava e se voltaria a me atacar.

Senti o ar se agitar levemente, como se mais alguém tivesse acabado de chegar por ali.

— Eu disse para você sair fora! — Kai gritou, e parecia que ele estava à minha frente.

— Ela me mordeu! — Damon disse, enfurecido.

— Então você recebeu menos do que mereceu! — Kai gritou de volta. — Vá lá para baixo e esfrie a cabeça. Esta vai ser uma noite longa pra caralho.

Estendi a mão, agarrando a venda e querendo ver alguma coisa, mas, ao invés disso, desisti. Curvei as mãos em punhos, irritada.

— Você está bem, Rika? — Kai perguntou.

Eu tentava respirar com mais calma, meu corpo oscilando da mesma forma que minha mente enevoada.

Eu o mordi. De repente, eu queria rir. Minhas mãos formigaram e me endireitei, sentindo-me fortalecida.

— Eu queria poder dizer que ele só ladra, mas não morde, no entanto... — Kai disse, deixando que eu deduzisse o resto.

Sim. Nós dois sabíamos que aquilo não era verdade.

Inspirei profundamente, sentindo o cheiro de sabonete e suor do seu corpo me atingir.

— Estou bem — respondi. — Obrigada.

Afastei-me e me virei para a direita, cansada de ficar parada ali como um alvo.

— Aonde você vai?

— Para as catacumbas — respondi.

— Você não pode ir lá.

Franzi os lábios, virando a cabeça na direção de sua voz.

— Não sou criança. Você entendeu?

— Sim, entendi. — A voz profunda parecia divertida. — Mas está indo na direção errada.

Respirei fundo quando ele segurou meus ombros e me virou mais à direita.

— Ah... — murmurei, sentindo meu rosto ficar vermelho. — Okay. Obrigada.

— De nada, criança — ele disse em uma voz rouca, como se estivesse contendo uma risada.

Estendi as mãos um pouco, ainda me recusando a deixar Michael ganhar aquela disputa, ao retirar a venda, enquanto dava passos hesitantes à frente. Mas parei e virei a cabeça outra vez.

— Você sabe meu nome — afirmei, lembrando-me de tê-lo ouvido dizer claramente. Na verdade, Damon também havia se dirigido a mim como Rika.

— Sim. — Kai chegou mais próximo às minhas costas. — Por que não saberia?

Por que ele não saberia?

Por que ele *saberia*? Nunca conversei com esses caras. Fazia até

sentido que Michael soubesse um pouco de mim, já que eu passava bastante tempo em sua casa, mas tinha certeza de que os outros nunca sequer notaram minha presença.

— Você pratica esgrima — Kai disse —, é a herdeira de uma fortuna em diamantes, e esteve presente na lista de honra desde o nascimento.

Sorri para mim mesma, achando o sarcasmo em sua voz muito mais fácil de lidar do que as mãos de Damon.

— E — ele continuou, atrás de mim, em um tom baixo de voz: — Você usou um biquíni preto fantástico no churrasco de Quatro de Julho do verão passado. Olhei para você mais do que deveria.

Meu rosto esquentou na mesma hora. O que ele havia acabado de dizer?

Kai Mori era tão lindo quanto Michael, e igualmente requisitado pelas mulheres. Ele poderia ter qualquer uma. Por que teria me dado um segundo olhar?

Não que tenha desejado que fizesse isso. Afinal de contas, ele não era o Michael.

— Michael não deveria tê-la deixado entrar aqui — Kai avisou. — E acho que você não deveria ir lá embaixo.

Senti um sorriso repuxar meus lábios.

— Eu sei. Isso é exatamente o que todo mundo me diria. — Eu me virei, acrescentando em um tom de voz baixo: — Menos o Michael.

Estendi as mãos à frente do corpo, esticando os dedos e pisando devagar, passo a passo, para seguir em direção ao zumbido maçante da música e dos grunhidos que vinham do piso inferior.

Eu não deveria descer lá embaixo sozinha.

Kai havia mandado Damon exatamente para lá, e mesmo que soubesse que ele não tentaria nada outra vez, ainda me sentia insegura perto dele.

Michael disse para eu esperar – ele me levaria lá embaixo –, mas...

Alguma coisa dentro de mim odiava estar à mercê de alguém. Não queria ir atrás dele, nem esperar por ninguém, e não queria ficar apenas imaginando coisas. Tudo aquilo me fazia sentir desconfortável, como se alguém estivesse tentando me conduzir pelo cabresto, e eu não gostava de ser manipulada.

Era aquilo que eu admirava nos Quatro Cavaleiros. Eles estavam sempre no controle e sempre à vista de tudo e de todos.

Por que esperar por Michael quando eu podia fazer isso por conta própria?

Um vento frio atingiu minhas pernas desnudas, e inspirei o cheiro de terra, umidade e madeira velha flutuando no ar, através das portas das catacumbas. Eu estava perto.

Mas então alguém agarrou uma das minhas mãos estendidas e perdi o fôlego, dando de encontro a um peito duro; meus dedos seguraram com força o moletom de algodão.

— Michael? — Movimentei as mãos, percebendo que seus ombros estavam ao alcance do topo da minha cabeça. — Você esteve aí o tempo todo?

No entanto, ele permaneceu em silêncio.

Respirei com dificuldade, em um ritmo acelerado, tentando acalmar meus batimentos. O comprimento das coxas e tronco dele estavam em contato direto com cada centímetro do meu. Senti minha pele esquentar.

Dei um passo para trás.

— Por que você fez isso? — perguntei. — Se esteve aqui o tempo todo, por que deixou Damon me tratar daquela maneira?

— Por que simplesmente não retirou a venda e fugiu?

Enrijei a postura na mesma hora. Era aquilo o que ele estava esperando? Que eu desistisse e fugisse? Por que ele estava me testando?

Não importava. Como ele pôde ficar ali – ver o que estava acontecendo – e não intervir? Foi Kai quem fez isso, e pensei que Michael...

Abaixei a cabeça, com medo de que ele pudesse ver meu rosto queimando de embaraço. Acho que o superestimei mais do que deveria.

Ergui o queixo outra vez, tentando não demonstrar emoção alguma na minha voz.

— Você não deveria ter concordado com aquilo.

— Por quê? — retrucou. — Quem é você para mim?

Cerrei os punhos aos lados.

— Seja forte — cuspiu em um sussurro, seu hálito tocando minhas bochechas. — Você não é uma vítima, e não sou seu salvador. Você lidou bem com a situação. Fim de papo.

Qual era a porra do problema dele? O que ele queria de mim? Achei que ele demonstraria alguma preocupação. *Jesus*.

Todos os homens da minha vida – meu pai, Noah, o Sr. Crist, e até mesmo Trevor – pairavam sobre mim como se eu fosse um bebê aprendendo a andar. Nunca liguei muito para esse tipo de cuidado, e cheguei até mesmo a achar sufocante, às vezes, mas com Michael... eu não me importaria. Talvez até gostasse. Ao menos uma vez.

Ele colocou um dedo abaixo do meu queixo, erguendo minha cabeça à medida que sua voz suavizava.

— Você foi muito bem. Como se sentiu ao revidar?

Notei o tom divertido em sua voz e me agitei.

Michael estava certo. Eu não era uma vítima, e mesmo que o

mais remoto pensamento de ele aparecer para me salvar pudesse indicar o que sentia por mim – se é que sentia algo –, o fato é que nunca quis ser alguém que não pudesse lutar suas próprias batalhas.

Porra, sim, eu me senti muito bem.

Percebi que ele se afastava, mas seus dedos deslizaram por entre os meus.

— Então você quer ir lá embaixo? — perguntou em um tom de voz baixo.

Um sorriso quis se formar em meus lábios, apesar do meu nervosismo.

Deixei que guiasse o caminho ao seguirmos na mesma direção que Kai indicou. Uivos ecoavam das profundezas, e meu peito se apertou em antecipação.

Qualquer fagulha de luz ou claridade que eu podia enxergar pelos cantos da venda desapareceram e tudo ficou às escuras, assim como o ar se tornou mais gélido, espesso, tomado pelo cheiro de terra e água, como uma caverna.

— Cuidado com os degraus — alertou.

Diminuí meus passos no mesmo instante.

— Será que posso retirar a venda?

— Não.

Tentei abafar a raiva que começou a ferver por dentro e estiquei a outra mão, sentindo a aspereza da parede esburacada de pedras à direita. Michael diminuiu o passo, permitindo que eu descesse lentamente a escada em espiral.

As partículas de sujeira rangiam sob minhas sapatilhas, e um arrepio subiu pelas minhas coxas, um lembrete de que estava me enfiando cada vez mais no frio e escuro...

E de que não fazia ideia do que havia ao redor.

Não sabia quem estava aqui embaixo, o que estavam fazendo, e dependendo da profundidade aonde estava indo naquele labirinto, temia não ser capaz de encontrar meu caminho de volta.

Michael deixou bem claro que, por mais que estivesse segurando minha mão neste instante, ele não me daria cobertura. Então por que nada daquilo me fazia querer parar?

Dei mais passos cautelosos a cada degrau, descendo mais fundo e mais fundo, sentindo as paredes se afunilando ao meu redor. Inspirei profundamente, o ar rarefeito abaixo da superfície cobrindo sobre minha pele como um cobertor pesado.

Michael deu mais um passo e seguiu logo atrás, postando-me ao lado dele assim que parou.

A música *Love the Way You Hate Me*, do Like a Storm, preenchia o ambiente, e deduzi que alto-falantes deviam estar espalhados por todos os túneis.

Então um grito ecoou, e virei a cabeça à direita, ouvindo o gemido agudo chegar até onde eu estava.

Sussurros pareciam se espalhar pelas paredes, grunhidos e ofegos fluindo ao meu redor; virei a cabeça para o outro lado, ouvindo gritos e assovios à esquerda.

Deslizei um pé à frente, sentindo terra ao invés de pedras sob meus pés. Tentei focar em qualquer som que pudesse compreender.

O gemido de uma mulher ecoou pelo túnel, reverberando pelas paredes, e lambi meus lábios, sentindo a respiração acelerar.

Outros tipos de diversão.

Michael agarrou minha mão outra vez, fazendo minha pele formigar.

— Até onde você quer ir? — Sua voz estava rouca e grossa.

A garota gritou de novo, parecendo estar delirando de euforia, e risadas e gemidos seguiram na sequência.

Esfreguei a palma da mão contra a coxa, para cima e para baixo, tentando me distrair do calor que crescia entre minhas pernas. Meu Deus, o que estava acontecendo com ela?

Soltei a mão de Michael. *Até onde você quer ir?*

Ergui os braços e tentei seguir em direção aos ruídos, balançando a cabeça sem saber se deveria ir em frente ou não.

Eu sabia, através de fotos e registros, que as catacumbas eram compostas por um pequeno aglomerado de túneis e sepulcros, ou aposentos, logo abaixo da igreja, e não esperaria por um convite dele ou sua permissão.

Ele me trouxe aqui embaixo, queria brincar com a minha mente, mas eu não estava mais brincando. Eu faria por mim mesma.

E finalmente ele pareceu perceber isso. Michael enganchou uma mão no meu cotovelo e me puxou contra ele. Ofeguei quando perdi o equilíbrio.

— Você fica comigo aqui embaixo, entendeu?

Fiquei quieta e em silêncio enquanto engolia o nó na garganta. De repente, ele parecia mais protetor do que esteve no piso superior. Por quê?

Pegando minha mão, puxou-me com gentileza pelo túnel. Um arrepio subiu pelas minhas pernas, mas meu pescoço e rosto estavam em chamas à medida que os gemidos e vozes masculinas se tornavam mais altos e mais próximos.

Michael fez uma volta, levando-me com ele por um canto – ou uma porta, eu não tinha certeza –, e diminuiu os passos, quando o ar, subitamente, mudou para o cheiro de suor, fome e homens. Meu coração pulou no meu peito com tanta força que chegou a incomodar, e não consegui acalmar a respiração.

Os gemidos de uma garota jovem, bem como os ofegos de

prazer permeavam o ar, e, no mesmo instante, toquei a venda que recobria meus olhos; a urgência em afastá-la se tornando mais forte.

No entanto, me contive. Não queria dar uma desculpa a ele para me enviar de volta lá para cima.

Abaixei a mão e deixei que Michael me guiasse cada vez para mais longe no quarto. Pelo menos eu achava que se tratava de um quarto. Ele parou, ambos como se estivéssemos em frente à fonte dos ruídos, e meu rosto aqueceu tamanho o embaraço. Virei a cabeça, e senti a manga de seu moletom tocar a ponta do meu nariz.

— Ah, meu Deus... — um cara gemeu. — Porra, como ela é gostosa. Você gosta disso, não é, querida?

Ouvi a risada sexy e lasciva enquanto ela ofegava, e senti o frio na barriga, ciente dos sons de aprovação e risadas ao redor do quarto.

De todos os homens. *Oh, meu Deus.*

Abri a boca em choque, falando baixinho com Michael:

— Eles a estão machucando? — perguntei, sabendo que ele podia ver tudo.

— Não.

Lambi os lábios, escutando gemidos e beijos, ofegos e grunhidos. Ela era a única garota aqui?

Encarei o barulho outra vez.

— Eles estão...? — prossegui, sem saber como perguntar o que eu queria.

— Eles estão o quê? — A voz baixa e rouca de Michael debochou.

Abri e fechei a boca, odiando o divertimento que pude perceber em seu tom. Ele estava rindo de mim.

Pigarreei.

— Eles estão... — tentei mais uma vez. — Estão fodendo?

Eu raramente usava essa palavra, mas pareceu bastante apropriada.

O som de pele batendo contra pele, forte e rápido, preencheu o ambiente, com os gemidos da garota sincronizando com o ritmo, e cerrei os dentes para conter o gemido em minha própria garganta, sentindo o calor aumentar entre minhas pernas.

— Michael? — chamei quando ele não me respondeu.

Ainda assim ele não disse nada. Um calor incandescente caiu sobre o lado esquerdo da minha bochecha, e virei o rosto de frente para ele.

— Você está me encarando? — sussurrei.

— Sim.

Minha respiração se tornou superficial, e ajeitei a mão contra a dele, sem saber se o suor que podia sentir era meu ou dele.

— Por quê? — perguntei.

Ele hesitou por um momento antes de responder:

— Você me surpreendeu — disse, baixinho. — Você usa a palavra “foder” com frequência?

Meus ombros cederam. Será que havia sido muito rude?

— Não — admiti, olhando para longe. — Eu...

— Ela cai bem em você, Rika — interrompeu-me, deixando-me à vontade. — Use-a mais vezes.

Emoção correu pela minha pele, e não sabia se atenderia ao seu pedido, mas sorri de todo jeito. E não estava nem aí se ele podia ver meu sorriso.

Os homens na sala começaram a rugir, e eu não tinha certeza do que estava acontecendo, mas eles pareciam cada vez mais excitados.

— Eles estão, não é? — perguntei outra vez, mas realmente não havia necessidade de Michael confirmar.

Se os gemidos e palavras sacanas não fossem o suficiente para indicar, não dava para se enganar com o prazer escaldante em cada sussurro e nos gemidos que podiam ser ouvidos na voz dela, sincronizados ao ritmo, cada vez mais rápido e alto à medida que o calor vibrava entre os espectadores ao redor. Eu só podia imaginar o que devia estar acontecendo a ela.

— Por que as pessoas os estão assistindo? — quis saber.

— Pela mesma razão que você quer — retrucou. — Isso nos deixa excitados.

Parei por um instante, pensando no que ele havia dito. Será que eu queria assistir?

Não.

Não, eu não queria ver a garota exposta para todos que quisessem olhar. Não queria ver todos aqueles caras – e algumas meninas, pelas vozes ouvidas –, observando algo que deveria ser privado. E não, eu não queria saber quem era ela ou o cara com quem estava fodendo, para que não tivesse que me lembrar de tudo o que vi quando esbarrasse com um dos dois pelos corredores da escola.

Mas...

— Porra — ela sussurrou, parecendo estar desesperada e chapada. — Oh, Deus... mais duro!

Mas talvez Michael tivesse um pouco de razão. Talvez eu quisesse ver a expressão do rosto dela e o que devia estar sentindo durante o ato. Talvez quisesse ver os homens a observando, porque queria saber o que os deixava excitados; ver a luxúria em seus olhos, e perceber essa intensidade ao olhar para eles.

E talvez quisesse ver Michael a observando. Para descobrir se havia necessidade e fome em seu olhar, e quão intenso seria se fosse eu aquela mulher, e tivesse seus olhos em mim daquela forma.

Eu queria ser fodida na frente de uma sala cheia de gente? Não. Nem agora nem nunca.

Mas queria tirar a venda e ver um pouco daquilo para experimentar. Para viver através dela e imaginar o que ela devia estar sentindo.

E imaginar que eram as mãos de Michael sobre o meu corpo.

A pulsação no meu clitóris começou a latejar, e mordi meu lábio inferior, tentando resistir à urgência de me recostar contra ele.

— Sexo é uma necessidade inútil, Rika — Michael disse bem baixinho ao meu lado. — Você sabe o que isso significa?

Balancei a cabeça, em negativa, muito cansada para fazer outra coisa.

— Nós não precisamos de sexo para sobreviver, mas precisamos dele para viver — explicou. — É uma experiência... e uma das poucas coisas na vida onde os cinco sentidos se encontram em auge absoluto.

Senti quando ele roçou meu braço e soube que se moveu para se postar atrás de mim, o calor de seu peito cobrindo minhas costas.

— Eles a veem — sussurrou no meu ouvido, ainda sem me tocar. — Aquele corpo bonito, se movendo, gemendo abaixo dele enquanto ele a fode.

Respirei com dificuldade, fechando meus punhos ao redor da barra da minha saia.

— Eles escutam os gemidos dela — continuou —, e é como música, porque mostra que ela está adorando cada coisa que está acontecendo neste exato momento. Ele pode sentir o cheiro de sua pele, sentir o suor de seu corpo, o gosto de sua boca...

Inclinando-se contra minhas costas, ele pressionou o peito contra mim, mas ainda não era capaz de sentir suas mãos. Fechei os olhos com força por trás da venda. *Toque-me.*

— É um banquete para o corpo dele — a voz sensual de Michael soprou contra meu ouvido —, e é por esta razão que o sexo, assim como o dinheiro, rege o mundo, Rika. É por isso que eles estão assistindo. É por isso que você quer assistir. Nada se compara a ter alguém possuindo você dessa forma, mesmo que seja apenas por uma hora.

Devagar virei a cabeça, falando diretamente com ele:

— E o que você diz sobre o amor? — desafiei. — Não é melhor do que sexo?

— Você já fez sexo alguma vez?

— Você já se apaixonou alguma vez? — retruquei de volta.

Ele permaneceu em silêncio, e fiquei pensando se estava brincando com a minha mente de novo, ou não queria me dizer que sim. Preferi ignorar a última alternativa, escolhendo acreditar na primeira. Por favor, me diga que nunca se apaixonou por ninguém

antes. Ou pior, esteja apaixonado por alguém agora.

Pude senti-lo se mover para ficar ao meu lado, e arrepios percorreram minha pele com a perda do calor de seu corpo.

— Ela não está preocupada que alguém descubra? — perguntei baixinho. — Tipo, na escola?

— Você acha que ela deveria?

Bem, eu estaria preocupada. Posso ser inexperiente, mas não significava que era inocente. Coisas feitas tarde da noite, atrás de portas fechadas, ou no calor do momento pareciam bem diferentes pela manhã, à exposição, e com a mente clara. Sim, há coisas que queremos, impulsos que sentimos, mas agir baseado nestes desejos pode trazer consequências que muitas vezes não queremos encarar. E talvez sejam consequências que não deveríamos ter que aceitar, mas elas existiam de qualquer maneira.

A garota, seja lá quem fosse, estava agindo de acordo com suas próprias regras, mas ela sofreria como todos os outros.

O que era um saco.

Talvez fosse isso o que Michael quisesse que eu visse. Aqui embaixo, no escuro, em uma tumba subterrânea, tive um gostinho de uma realidade diferente. Uma onde as únicas coisas tabus eram as regras, e ver tudo que as pessoas ousavam fazer em um ambiente onde tivessem liberdade.

Ergui a mão e deslizei os dedos por baixo da gravata que cobria meus olhos, pronta para arrancar fora, mas ele segurou minha mão, afastando-a do meu rosto.

Virei a cabeça para o lado, falando diretamente para ele:

— Eu quero ver.

— Não.

Suspirei com raiva e virei o rosto para frente de novo, ouvindo os gemidos e ofegos da garota ficarem cada vez mais rápidos e altos.

— Você acha que sou nova demais — afirmei, inclinando a cabeça para o lado onde ele estava. — Mas não sou.

— Eu disse isso? — ele cortou, em um tom subitamente áspero. — Você fica colocando palavras na minha boca.

— Então por que me deixou vir aqui embaixo?

Ele fez uma pausa, e depois respondeu em um tom de voz neutro:

— Quem sou eu para impedi-la de alguma coisa?

Puxei o ar, irritada, sentindo a raiva penetrar cada músculo do meu corpo.

— Estou cansada das suas respostas vagas — resmunguei. — Por que você me deixou descer aqui?

O que ele queria comigo? Por que esfregar na minha cara que eu poderia fazer o que quisesse e lidar com qualquer problema, por

conta própria, e ainda assim me manter cativa, ainda restrita em uma coleira?

Ele ao menos sabia o que estava fazendo?

Foda-se. Eu não precisava da permissão dele.

Arranquei a venda que cobria meus olhos. Mas ao invés de conferir o que se passava ao redor da sala e estava exposto a todos, como era minha intenção inicial, eu me virei e fiquei de frente a ele, olhando para cima.

Seus olhos da cor de mel, a única coisa visível através de sua máscara vermelha que sempre fazia meu coração bater acelerado de medo, estavam fixos aos meus, sem piscar ou demonstrar qualquer reação.

— Por que me trouxe aqui embaixo? — insisti, buscando qualquer sinal de emoção em seu olhar. — Você achou que seria engraçado? Se diverti ao ver quão longe poderia me pressionar antes que eu fugisse?

Mas ele apenas permaneceu lá, imóvel. Não falava nada, não se movia, e nem ao menos parecia estar respirando. Ele era uma máquina.

Balancei a cabeça, sentindo uma pontada de dor logo atrás dos meus olhos. Depois de anos esperando que ele olhasse para mim – e finalmente me enxergasse –, ele me deu um pouquinho de atenção, e agora agia como se eu fosse um vazio parado à sua frente. Eu era transparente e irrelevante. Não sabia o que estava se passando na cabeça dele, e finalmente percebi que nunca saberia.

— Eu mesma vou encontrar a saída — eu disse, virando-me para sair em direção à porta, antes que ele pudesse ver meus lábios tremendo.

Mas então ele agarrou meu cotovelo e me puxou de volta, fazendo-me ofegar quando minhas costas se chocaram contra seu peito forte.

— Não vá. — A voz dele parecia vacilante.

Lágrimas saltaram dos meus olhos, e ele enlaçou um braço ao redor da minha cintura, mantendo-me colada ao seu corpo à medida que caminhava para trás, arrastando-me junto, para a direita, em direção a outro quarto escuro, dessa vez, vazio.

Meus olhos desviaram para todos os lados, mas eu não conseguia enxergar quase nada; a única luz provinha dos candelabros do outro quarto.

— Michael, pare — ofeguei. Tudo estava acontecendo muito rápido. Que diabos ele estava fazendo?

Ele caminhou pelo aposento, e tentei fincar os pés no chão para impedi-lo de continuar me empurrando, mas era tarde demais. Fui imprensada contra a parede, meu peito dando de encontro à pedra, e

imediatamente senti algo bater contra meu tornozelo. Olhei para baixo e vi a máscara vermelha caída no chão, enquanto ele cobria minhas costas com seu corpo.

Abri a boca para protestar, mas congelei, sentindo o braço forte apertar ao redor da minha cintura, e o hálito quente tocar minha nuca, bem acima da minha cicatriz. Parei de respirar, fechando os olhos à medida que minha pele queimava e minha cabeça se afogava com o prazer. O rosto dele e seus lábios se aninharam contra minha pele enquanto ele me mantinha enjaulada entre seu corpo e a parede, mas ele não se moveu adiante. Nada de beijos, nada de carícias, apenas um aperto firme enquanto ele inspirava e expirava sobre minha pele.

— Você quer saber por que está aqui? — perguntou, tenso, no meu ouvido. — Você está aqui, porque é exatamente igual a mim, Rika. Você está aqui, porque existe uma infinidade de pessoas que tentam dizer o que temos que fazer e tentam nos manter presos em uma caixa. — Ele roçou os lábios no meu pescoço quando disse: — Eles nos dizem que o que queremos é errado e que a liberdade é uma merda. Eles veem o caos, a loucura, assim como a porra da feiura, e quanto mais velho você fica, mais apertada a caixa se torna. Você já está sentindo-a se fechar, não é verdade?

Meus pulmões contraíram, e finalmente consegui puxar o fôlego, forçando-me a respirar. A mão dele que estava apoiada contra a parede veio diretamente sobre o meu pescoço, forçando minha cabeça a inclinar para ele.

— Estou com fome, Rika — ele disse, pressionando o corpo forte contra minhas costas, os lábios pairando acima dos meus. — Eu quero tudo aquilo que eles dizem que não posso ter, e vejo esta mesma fome em você.

Pisquei, tentando pegar um vislumbre de seu rosto na escuridão. Tudo o que conseguia ver, no entanto, era a linha estreita de seu nariz e o ângulo definido de sua mandíbula forte.

— Há muitas pessoas que tentam nos mudar — ele continuou —, e poucas que querem que sejamos quem realmente somos. Alguém me fez ver isto, e quero poder fazer o mesmo por você.

Eu o encarei, sentindo meu coração bater com tanta euforia que seria capaz de chorar. Ele sabia. Entendia aquilo que eu queria mais do que qualquer coisa.

Liberdade.

— Seja dona de si — ele ordenou. — E não se desculpe. Você me entendeu? Seja dona de si mesma, ou alguém acabará sendo seu dono.

Alívio me inundou. Pela primeira vez na vida, alguém me disse que estava tudo bem querer o que sempre quis. Envolver-me em

problemas e mergulhar de cabeça.

Ter um pouco de diversão e aventura antes de morrer.

Abaixei as mãos da parede e lentamente me virei, sentindo o aperto de seu braço ao meu redor afrouxar, para que eu pudesse me mover.

— Isto é tudo o que você quer me dar? — perguntei baixinho.

Ele inclinou a cabeça, seu calor e cheiro a apenas centímetros de distância.

— Não tenho certeza se você está preparada para mais — ele disse em uma voz grave.

E minha respiração vacilou, ao sentir as pontas de seus dedos percorrerem minha coxa, arrastando minha saia para cima. Os dedos dele roçaram intimamente a curva entre minha perna e quadril, e gemi baixinho, agarrando seu moletom.

Dê-me tudo o que quiser.

— Rika!

Prendi a respiração e senti o corpo retesar ao ouvir meu nome.

Quem... tentei espiar por cima de Michael, mas ele era muito alto, e ainda me mantinha presa.

E também não fez o menor esforço para se mover, permanecendo na minha frente, ainda deslizando os dedos pelo osso do meu quadril.

Porém, depois de um instante, ele abaixou a mão e se virou, dando-me espaço suficiente para ver quem estava logo atrás dele.

Trevor estava parado na claridade entre os dois quartos, tendo, talvez, presenciado todo o showzinho que estava acontecendo lá, antes de vir até aqui.

Ele ainda vestia o uniforme do colégio, a calça cáqui com a camisa social azul-clara, e a gravata azul-escuro e verde.

— Rika, que porra você estava pensando? — ele irrompeu e puxou minha mão, fazendo-me tropeçar enquanto me arrastava para o seu lado. — Sua mãe está doente de preocupação. Vou te levar para casa.

Mas antes que eu tivesse a chance de dizer qualquer coisa, ele deu um passo em direção a Michael.

— E você, fique longe dela, porra! — bradou. — Tem uma dúzia de outras garotas por aqui. Ela não é seu brinquedinho.

E sem esperar por uma resposta do irmão, Trevor espremeu minha mão e me puxou em direção à porta. Olhei para trás, pegando o último vislumbre dos olhos de Michael enquanto ele me observava sair dali.

Capítulo 6

Erika

Dias atuais...

MEU TELEFONE VIBROU AO LADO, E GEMI BAIXINHO AO ABRIR OS OLHOS E TENTAR alcançá-lo por cima da cabeça, tateando pela mesa.

Agarrando o aparelho, arranquei-o do cabo do carregador. Minha boca se esticou em um bocejo imenso enquanto deslizava a tela e via que tinha perdido a ligação.

Três ligações perdidas, na verdade. Trevor, Noah e a Sra. Crist.

Jesus. Por que tão cedo? Mas então pisquei outra vez, arregalando os olhos quando vi as horas no canto superior direito.

Dez da manhã!

— Merda! — xinguei, levantando a cabeça do sofá. — Caralho!

Levantei-me de um pulo, já sabendo que não teria tempo para tomar banho. Deveria estar me encontrando com minha orientadora neste exato momento.

Puta que pariu! Eu odiava me atrasar.

Disparei pelo corredor, e quando dei por mim, parei no mesmo lugar ao ver a imensa mancha vermelha à minha frente. Só então me lembrei o que estava fazendo noite passada.

Então foi isso que me deixou acordada até tão tarde. Eu me endireitei e observei a parede pintada e decorada.

Depois de Michael ter passado por aqui, tive uma crise de raiva. Mas, ao contrário das crianças que choram, gritam e fazem birra, eu pinteí, martelei e desgastei meu corpo até cansar. Não sabia se podia mudar a cor das paredes, mas não estava nem aí.

A prepotência de Michael em acreditar que eu estava vivendo da piedade de todas as pessoas na minha vida – e o quão frágil eu era –, havia se entranhado pelas minhas veias, e precisei mudar alguma coisa. Talvez ele pensasse que eu ainda era uma garota do ensino médio, ingênua e inexperiente, mas estava completamente enganado sobre mim.

Eu estava torcendo para não encontrar com ele hoje. Ou nos outros dias.

Contemplei a cor que me lembrava tanto do Natal quanto de maçãs, rosas e figueiras com folhas secas que via quando era criança. Pensei na lareira e nos laços de fitas e nos vestidos de noite da minha mãe.

Também pendurei alguns porta-retratos que trouxe comigo, assim como a lâmina de Damasco, na parede. Não conseguia afastar a suspeita de que havia sido deixada por um dos Cavaleiros. Ou todos

eles. O presente misterioso e o súbito aparecimento deles, em Thunder Bay, eram muita coincidência.

Mas por que teriam deixado aquilo para mim? E será que Michael teve alguma coisa a ver com isto?

Meu telefone sinalizou o recebimento de uma mensagem de voz, e pisquei, voltando ao presente, lembrando-me da hora.

Merda.

Entrei às pressas no meu quarto e vesti qualquer coisa, fazendo rapidamente um rabo de cavalo. Pegando a bolsa de couro, carteira e celular, disparei para fora do apartamento em direção ao elevador. Antes, dei uma olhada de esguelha para a porta do outro lado do corredor.

Não ouvi mais vozes ou barulhos depois que Michael saiu dali ontem à noite, mas alguém esteve naquele apartamento. Eu precisava encontrar o gerente hoje. Não me sentia segura, principalmente por ter sido perseguida por alguém nas escadas de emergência.

— Bom dia, senhorita Fane — o Sr. Patterson me cumprimentou assim que saí do elevador.

— Bom dia — respondi de volta, dando-lhe um sorriso espontâneo enquanto passava apressada pela recepção.

Quando pisei na calçada assim que saí das portas giratórias, fui imediatamente tomada pela agitação e ruídos da cidade. As pessoas iam e vinham de seus trabalhos, encarregadas de seus afazeres diários. Andavam rapidamente ao redor de outros pedestres mais lentos, desviando o caminho pelas ruas ao som das buzinas dos táxis e gritos.

As nuvens estavam baixas, parecendo como se fossem fumaça com um toque de violeta escuro, e a brisa soprava gélida, apesar de estarmos em meados de agosto. Aspirei o cheiro de terra, ainda que tudo ao meu redor fosse feito de tijolos e concreto. Virei à direita, correndo em direção à Faculdade Trinity.

Depois de me desculpar desesperadamente, consegui que a orientadora me encaixasse entre duas reuniões, e finalizei minha grade horária, assim como meu planejamento a longo prazo. As aulas começariam em poucos dias, então foi um alívio ter conseguido falar com ela e começar o ano letivo com o pé direito.

Mais tarde fui até uma livraria em busca de alguns livros que constam na minha lista de leitura, peguei um café e resolvi dar uma volta pela área, desfrutando das lojinhas, do incomum dia frio, e da beleza da cidade sombria.

Eu amava tudo isto.

Esta metrópole fervilhante era incomparável em relação à cultura artística, livrarias e museus. A variedade de comidas oferecidas nos restaurantes mantinha até mesmo os frequentadores mais exigentes entretidos, e você não poderia deixar de admirar as

figueiras que ladeavam as calçadas e as plantas e arbustos por entre os canteiros do lado de fora dos prédios. Era deslumbrante e singular.

Mas havia também certo encanto sombrio sobre a cidade. Em como os arranha-céus bloqueavam por completo a claridade. Como as copas das árvores do parque cercavam você como se estivesse em uma caverna, tornando a grama verde quase preta. Como os becos silenciosos se viam imersos na neblina ao alvorecer, levando-o a pensar o que haveria ali, porque você sabia que não teria coragem de ver por conta própria. Acho que o lado sombrio de Meridian era o que eu mais gostava quando vinha visitar a cidade na minha infância.

Meu telefone vibrou, e o pesquei na bolsa enquanto seguia devagar pela calçada.

Vendo o número desconhecido, suspirei profundamente, sem fazer a menor ideia de quem pudesse ser.

Na Academia Militar onde Trevor se encontrava, não era permitido o uso de celular, então deduzi que talvez fosse um número de cartão telefônico. Ele havia feito muito isso durante seu treinamento como recruta no verão.

— É você, Aspirante a marinheiro? — atendi, tentando brincar. Eu encontraria Trevor uma hora ou outra, pelo resto da vida – sendo nossas famílias tão próximas –, e queria que tivéssemos um bom convívio.

— Como foi seu primeiro dia na cidade grande? — perguntou, parecendo estar mais tranquilo do que na festa.

— Foi ótimo. — Joguei meu café na lata de lixo e continuei a caminhada. — Eu estava agorinha mesmo na livraria, pegando o restante dos meus materiais.

— Que bom. E seu apartamento?

Bufei uma risada silenciosa, sacudindo a cabeça.

— É enorme. Como tenho certeza de que você já sabe. Eu amo sua mãe, Trevor, mas ela deveria ter deixado esse assunto para lá, entende?

— Do que você está falando?

— Do apartamento no edifício da sua família... — insinuei.

Ele devia estar sabendo disso, já que pensou que eu encontraria Michael.

— O que você quer dizer com “edifício da minha família”? — A voz dele se tornou cortante.

— Delcour — eu disse. — Eu não sabia que pertencia aos Crist.

— Porra! — ele rosnou. — Você está morando no Delcour? Por que não me disse isso?

Não respondi, confusa e sem saber por que aquele assunto era tão importante assim para ele, em primeiro lugar. Durante o verão, apenas mencionei que havia encontrado um apartamento, mas não dei

detalhes. E ele também não perguntou.

Havia alguma coisa errada com o Delcour? Algo mais errado do que ter sido manipulada para ir morar lá?

— Rika — Trevor começou, a voz inflexível. — Encontre outro lugar.

— Por quê?

— Porque não quero você lá.

— Por quê? — insisti.

Os pais dele haviam me enganado para que eu alugasse aquele apartamento, sem me dizer que o prédio era deles, e agora Trevor estava me mandando sair de lá. Já chega de gente me dizendo o que fazer.

— Você realmente ainda precisa perguntar? — ele cortou. — Pegue suas coisas e vá para um hotel até que encontre outro lugar. Estou falando sério. Você não vai morar no Delcour.

Fiquei ali parada, com a boca levemente aberta, sem entender qual era o problema com ele. Delcour pertencia à sua família. Então, por que diabos ele não queria que eu ficasse lá? E quem ele achava que era para mandar em mim daquele jeito? Ele tinha mais juízo que aquilo.

— Olha — comecei, tentando manter a voz calma —, não faço a menor ideia do que está acontecendo, mas lá é bem seguro, e mesmo que não seja o que estava planejando, as aulas começam em dois dias. Não quero me mudar enquanto estou no meio dos estudos.

E não queria ter que fazer isso, de qualquer forma.

— Eu não quero você lá — ele reiterou, vociferando sua ordem. — Você entendeu?

— Não — disse, rangendo os dentes. — Eu não entendi, porque você não está me explicando a razão. E pelo que sei, você não é meu pai.

Ouvi sua risada amarga do outro lado.

— Você provavelmente planejou isto, não é? Você sabia exatamente para onde estava indo.

Balancei a cabeça, fechando os olhos. Eu não fazia a menor ideia do que ele estava falando, mas também pouco me importava.

— Não vou me mudar. Eu não quero.

— Não. Eu imaginei que não ia querer mesmo.

— O que você está insinuando com isto? — cuspi, irritada.

Meu celular apitou outra vez e afastei da orelha para ver o que tinha acontecido. *Ligação encerrada.* Inclinei a cabeça para trás, exasperada. Mas que porra?

Por que Trevor não me queria no Delcour? Ele odiava Meridian, mas o que o prédio dos seus pais tinha a ver com aquilo?

No entanto, ergui a cabeça, fechando os olhos quando a

compreensão me atingiu.

Michael. Trevor odiava Michael. E ele estava no Delcour. Ele não queria o irmão perto de mim.

Mas se Michael não dava a mínima para mim, em casa, nada seria diferente aqui. Caralho, talvez nunca descobrisse que ele morava ali se não tivesse esbarrado nele, noite passada. Eu não tinha o menor motivo para achar que o veria com frequência.

Suspirei e passei os dedos pela minha testa, enxugando uma fina camada de suor. A discussão me deixou irritada.

E com energia de sobra.

Peguei o celular, praticamente conseguindo sentir o punho de uma lâmina em minha mão e o fogo percorrer minhas pernas em busca de movimento.

Abri a tela e comecei a pesquisar “clubes de esgrima”.



— Olá. — Aproximei-me do balcão do Hunter-Bailey, fazendo com que o atendente erguesse a cabeça. — Vi pela internet que vocês possuem um clube de esgrima, e estava pensando se vocês têm combates abertos à noite.

Ele franziu as sobrancelhas, parecendo confuso.

— Perdão?

Eu me mexi, desconfortável. Hunter-Bailey tinha a fama de ser um dos clubes mais ativos de esgrima no estado, com aulas particulares e um amplo espaço para os treinamentos em grupo. Também era o único lugar na cidade que oferecia a prática esportiva.

As instalações também eram um pouco maiores do que as do Centro Recreativo de Thunder Bay, onde eu costumava treinar. Imensas áreas acarpetadas estavam espalhadas pelo piso de tacos, enquanto os móveis e as escadarias eram decorados e feitos com madeira escura. Os estofados variavam entre os tons escuros de verde-floresta, preto e azul-escuro, e o lugar era antigo, sombrio e bem masculino. Também notei o mármore elegante do teto em abóboda, bem como os vitrais, assim que entrei.

— Esgrima — esclareci, olhando para o cara jovem vestido em um terno. — Estou procurando por um clube. Posso pagar para me tornar membro, se precisar.

Eu realmente não precisava de aulas. Estive praticando a vida inteira. Mas adoraria ter a oportunidade de me relacionar com outros esgrimistas, encontrar um parceiro para a prática dos assaltos da modalidade, além de fazer alguns amigos.

Mas o cara estava olhando para mim como se eu estivesse

falando em japonês.

— Rika — uma voz profunda me chamou, e virei a cabeça, vendo Michael atravessar o saguão pelas portas de entrada.

O que ele estava fazendo aqui?

Ele se aproximou, vestido em jeans largos e uma camiseta azul-marinho. Tudo o que ele usava sempre acentuava o peito forte, os braços e a altura avantajada. Uma bolsa de ginástica estava de um lado, e um suéter preto jogado sobre os ombros.

— O que você quer? — Sua voz em um tom cortante.

— Eu... humm... — Abri a boca, mas não consegui falar muito mais que isso.

— Você conhece esta jovem, Sr. Crist? — o recepcionista perguntou, se metendo na história.

Michael me encarou, nem um pouco satisfeito por ter me encontrado ali também.

— Sim.

O atendente pigarreou antes de dizer:

— Bem, ela está interessada em se associar ao nosso clube de esgrima, senhor.

A boca de Michael entortou em um sorriso irônico e ele apenas assentiu para o homem.

— Pode deixar que eu cuido disso.

Observei o jovem sumir pelos fundos, deixando-nos a sós na área sossegada; vozes ao longe, por trás das portas fechadas, chegaram até nós.

Agarrei a alça da minha bolsa cruzada sobre meu peito.

— Não sabia que você praticava esgrima.

— O que a faz pensar que eu pratico?

Olhei ao redor, indicando o lugar onde estávamos.

— Bem, você está em um clube de esgrima.

— Não — ele disse, arrastando as palavras —, estou em um clube de cavalheiros.

Clube de cavalheiros? Como um clube de *strip tease*?

Mas olhando à volta, não vi nada que indicasse que ali havia dançarinas de *pole dance*, quartos privados ou a prática de *lap dance*.

Hunter-Bailey era um lugar impecável, elegante e antigo, como um museu onde lhe diziam para ficar calado e não tocar em nada.

Balancei a cabeça, confusa.

— Não entendi. O que você quer dizer?

Ele exalou um suspiro, inclinando o queixo para baixo e olhou para mim como se sua paciência estivesse por um triz.

— Este aqui é um Hunter-Bailey, Rika, um clube de cavalheiros exclusivo — explicou. — Um lugar onde os caras vão para malhar, nadar, frequentar a sauna, beber, ouvir merdas a respeito de todas as

pessoas que os irritam.

Pessoas que os irritam?

— Como mulheres? — chutei.

Ele apenas me encarou, segurando a alça de sua bolsa, com a cabeça levemente inclinada.

— Então... — Olhei ao redor e de volta para ele. — As mulheres realmente não são permitidas aqui?

— Não.

Revirei os olhos.

— Isso é muito ridículo.

Não é de se admirar que o atendente tenha me olhado daquele jeito engraçado. Por que não colocaram uma placa do lado de fora dizendo: *Mulheres não são permitidas?*

Mas é capaz de que isso fizesse com que as mulheres quisessem vir de todo jeito.

Michael deu um passo em minha direção.

— Quando uma mulher quer curtir uma noite das mulheres ou malhar em uma área separada na academia, está tudo bem, mas quando um cara quer seu próprio espaço, é considerado arcaico?

Mantive o olhar focado ao dele, aqueles olhos castanhos com partículas douradas, que brincavam e me provocavam como um gato fazia com um rato. Ele tinha razão, e eu sabia disso. Estava tudo bem se os homens quisessem seu próprio espaço. Nada de errado. Nenhum crime.

Mas o que me irritava era que eles ofereciam uma modalidade esportiva, só que eu havia sido proibida.

Dei de ombros.

— Eu só queria praticar esgrima, e esta cidade é bastante limitada quanto a isso, então...

— Então, sinto muito que outras mulheres não apresentem o mesmo interesse que o seu e não tenham feito um clube somente para vocês — ele replicou categoricamente, nem um pouco arrependido. — Agora, está chovendo lá fora. Você precisa de uma carona de volta para o Delcour?

Abaixei o olhar, percebendo as pequenas e escuras manchas em seus ombros. A chuva deve ter começado logo depois que entrei aqui.

Balancei a cabeça, bem ciente de que ele estava tentando se livrar de mim.

— Tudo bem. — Espiou por cima de mim, direto para as portas de madeira, e eu dei um passo, prestes a ir embora dali. Mas então avistei uma boina de lã largada em cima de uma porção de livros antigos em cima de uma vitrine.

Eu sorri, mordendo o lábio inferior, porque fui incapaz de me controlar. Sem hesitar, joguei minha bolsa no chão e corri em direção

à porta, pegando a boina no caminho, e me lancei nas escadas, subindo dois degraus de cada vez enquanto enfiava o chapéu na cabeça. Escondi meu rabo de cavalo por dentro.

— Erika! — A voz de Michael explodiu atrás de mim.

Mas não parei. Meu coração batia acelerado, e fechei meus punhos, a adrenalina os fazendo formigar. Chegando ao segundo andar, disparei por um canto, rapidamente enfiando qualquer fio de cabelo por baixo da boina e atravessei um imenso corredor.

Ouvi os degraus da escada rangendo atrás de mim, e olhei por cima do ombro, sem ver Michael, mas escutando suas passadas enquanto me perseguiu.

Merda. Eu quase gargalhei, lembrando-me de anos atrás, quando ele me encontrou nas catacumbas. Acho que ele gostava do fato de eu ser curiosa, naquela época, e até mesmo se divertiu ao responder minhas perguntas. E então, imediatamente depois daquela noite, ele se afastou como se nada tivesse acontecido.

Talvez ele acabasse se lembrando.

Acelerei os passos pelo corredor, ouvindo conversas e risos à volta assim que passei por várias portas abertas. Porém não parei para olhar.

Dois homens vestindo ternos, um deles com um cigarro na mão, vieram em minha direção pelo corredor, rindo de algo que um dizia ao outro. Abaixei a cabeça, ciente de que minha figura delgada não deixaria margens para dúvidas de que eu era uma mulher.

Passando por eles, vi que um deles me deu uma segunda olhada assim que virou o corredor, mas não me impediu de seguir em frente.

Quando cheguei ao final, abri a porta e entrei, rapidamente fechando-a atrás de mim. Suspirei, sem fôlego, sem saber se Michael havia me visto entrar aqui, mas não me importava se ele me encontrasse, de toda forma. A intenção era aquela, afinal de contas.

Olhando ao redor, percebi que havia um ringue de boxe no centro da sala. Estava cercado de uma infinidade de equipamentos e sacos de pancada, assim como cerca de quinze ou mais homens malhando, treinando e conversando. Eu me escondi atrás de uma das inúmeras colunas espalhadas pela sala, olhando pelo canto para garantir que ninguém me visse.

A porta atrás de mim se abriu, e inclinei a cabeça, vendo Michael dar um passo para dentro. Em seu rosto era nítido o ódio que sentia.

Ele fechou a porta, se endireitou, e me prendeu com um olhar que me dizia quão ferrada eu estava.

Curvando o dedo indicador, ele murmurou um “venha aqui” enquanto se aproximava devagar, provavelmente tentando manter minhas travessuras às escondidas, de forma que não o deixasse

constrangido.

Tentei conter meu sorriso, mas sabia que ele havia percebido.

Ao invés disso, resolvi brincar. Dei a volta e comecei a andar pela área, tendo o cuidado de ficar por trás das colunas. Então me esgueirei por outra porta, vendo-o caminhar atrás de mim, seus lábios contraídos, antes de fechar na cara dele.

Mas assim que olhei para baixo e vi o piso de ardósia e ouvi a água corrente, soube que estava fodida.

— Merda — gemi em um sussurro.

Hesitei, pensando em sair dali, mas sabia que Michael estava vindo pelo mesmo caminho.

Abaixando a cabeça, segui pelo túnel curto, passando por uma sauna, e duas jacuzzis enormes, sentindo-me observada. Eu praticamente não respirei quando passei por alguns caras descansando em sofás ao redor do spa. Enfiando-me pelo vestiário que ficava ao lado, olhei para cima e vi um cara loiro e jovem vindo em minha direção, então desviei para a esquerda, em um corredor vazio, ouvindo mais vozes. Parei e me escondi no final das longas fileiras de armários.

Portas se fecharam com um baque à minha esquerda, dois homens conversavam à direita, e Michael estaria às minhas costas a qualquer segundo.

Recostei-me contra o metal frio, olhei ao redor tentando descobrir onde estava a saída. Se é que havia uma. Mas dei um pulo quando uma porta do vestiário se fechou com força e a vibração atingiu minhas costas.

— Sr. Torrance — um homem disse —, nada de fumar aqui.

— Vá se foder.

Arrepios imediatamente se espalharam pelos meus braços, fazendo meu coração pular uma batida. Fiquei quieta, com medo de me mexer.

Eu conhecia aquela voz. *Sr. Torrance.*

Virando a cabeça devagar, inclinei o corpo em direção ao final dos armários do vestiário. Espiei ao redor pelo lado, esperando não ver o que sabia que veria.

Um nó se formou na minha garganta.

— Ai, merda... — sussurrei.

Damon Torrance.

Ele estava sentado em uma cadeira acolchoada, descansando a cabeça para trás e com os olhos fechados; gotículas de água brilhavam na pele de seu pescoço, braços e tórax – desnudos, já que ele só usava uma toalha amarrada no quadril.

Um cigarro estava preso entre seus dedos, e ele o levou até os lábios; a ponta ficou incandescente e laranja enquanto ele aspirava.

Então, exatamente como eu me lembrava, ele soltou a fumaça devagar, deixando-a flutuar ao invés de exalar com força, fazendo com que parecesse mais uma névoa do que fumaça enquanto se dissipava pelo ar.

Meu estômago se agitou com o fedor, trazendo memórias daquela noite. Precisei tomar dois banhos para afastar aquele cheiro de mim.

Talvez tenha me sentido mal ao longo dos anos pelo que aconteceu aos amigos de Michael, mas a ele... nem tanto.

De repente, uma mão cobriu minha boca, e inspirei um fôlego rápido, empinando o corpo contra o peito duro.

— Eu não tenho tempo para isto — Michael avisou em meu ouvido.

Ele me liberou, e me virei para encará-lo. Seus olhos estavam aquecidos com raiva, e acho que meu plano não funcionou. Ele não estava achando graça nenhuma.

— Como não fiquei sabendo que seus amigos tinham sido soltos? — perguntei, baixinho.

— E o que isso te interessa?

O que me interessa? Muito, na verdade. Estive com todos eles naquela noite antes que fossem presos. E muito mais aconteceu depois na mesma noite que talvez nem mesmo Michael estivesse ciente.

— Só achei que seria um alvoroço — disse, mantendo o tom de voz baixo. — Pelo menos em Thunder Bay. Não ouvi nada sobre eles saírem da cadeia, o que pareceu estranho.

— O que é estranho é que ainda estou aqui parado, perdendo meu tempo com você. — Ele abaixou mais ainda a cabeça, pairando muito perto. — Já acabou?

Encarei seu peito à frente, no nível dos meus olhos, e franzi o cenho, tentando isolar a mágoa por trás dos meus olhos.

Abri a boca, falando suavemente:

— Você não precisa... — continuei, incapaz de olhar para ele.

— Não preciso o quê...?

Travei o maxilar para impedir meu queixo de tremer quando olhei para ele.

— Falar comigo desse jeito. Não precisa ser tão cruel.

Ele continuou a me encarar, sua expressão endurecida e fria.

— Houve um tempo — prossegui, suavizando meu olhar —, que você chegou a gostar de conversar comigo. Você se lembra? Quando notou minha existência e olhou para mim, e...

Mas parei, vendo seu rosto chegar cada vez mais perto quando apoiou as mãos na coluna atrás da minha cabeça.

— Há lugares que não são feitos para você — ele disse, devagar, enfatizando cada palavra como se estivesse falando com uma

criança. — Quando sua presença é desejada, você é convidada. Mas, se não for convidada, significa que não é desejada. Isso faz algum sentido para você?

Ele olhou para mim como se estivesse explicando por que eu precisava comer legumes antes da sobremesa.

É um conceito bem simples, afinal de contas, Rika. Por que você não consegue entender isto? Ele estava me dizendo que eu estava sendo um incômodo. Que não me queria por perto.

— Você não pertence a este lugar, e não é bem-vinda. Entendeu? — perguntou outra vez.

Travei os dentes, deixando o ar sair pelo nariz enquanto tencionava cada músculo do meu corpo, tentando não me desfazer ali na frente dele. Meus olhos arderam imediatamente, revelando a mágoa, e não me lembro de alguma vez já ter me sentido daquela forma antes. Ele me ignorava, era condescendente e me insultava em uma ocasião ou outra, mas a crueldade me feria além de suas palavras.

— Eu falei no seu idioma, Rika — vociferou, fazendo-me pular de susto. — Um cão parece entender melhor do que você.

Lágrimas saltaram de imediato, e meu queixo tremeu. Engoli o nó na garganta, e tudo o que eu mais queria era que um buraco se abrisse ali agora para me engolir e me fazer desaparecer... e esquecer.

Antes que ele pudesse se satisfazer vendo-me desmoronar, disparei dali empurrando o braço dele para cima e me desfazendo em lágrimas enquanto corria de volta pelo caminho de onde vim. Minha vista estava turva à medida que atravessava o spa e abria a porta do vestiário, apressando meus passos enquanto lutava contra os soluços incontroláveis.

A boina acabou caindo da minha cabeça, liberando meu rabo de cavalo. Passei correndo pelo ringue de boxe, pouco me fodendo se alguém podia me ver, e abri a porta, afastando as lágrimas ao disparar pelo corredor.

Mas então... choquei-me contra alguém na metade do caminho, e parei, levantando a cabeça. Senti meu corpo inteiro congelar.

— Kai? — mal consegui sussurrar, abismada em vê-lo ali.

E confusa.

Damon estava aqui. Assim como Kai. Será que Will também estaria? Todos eles estavam em Meridian? Eu não tinha certeza se Michael ainda mantinha contato com eles enquanto os três estavam na cadeia, mas era óbvio que sempre teve.

Kai inclinou a cabeça e tirou a mão de dentro do bolso de sua calça preta, apoiando-a em meu braço, para me estabilizar. Mas afastei-me de seu toque.

Ele me encarou, a camisa branca e o paletó preto perfeitamente

ajustado, fazendo-o parecer tão bonito como sempre foi, embora estivesse muito mais musculoso do que a última vez em que o vi.

Ouvi passos soarem atrás de mim e ergui a cabeça para olhar por cima do ombro, vendo Michael virar o corredor.

Todos estavam juntos outra vez?

Passei por Kai e continuei descendo as escadas, agarrando minha bolsa caída no chão, antes de sair pela porta. Michael era uma coisa, mas eu não queria estar ao redor de seus amigos.

— Rika! — Ouvi o grito logo atrás de mim.

No entanto, a porta se fechou, abafando o som de sua voz, e desci correndo os degraus, sentindo a chuva fria atingir meu cabelo, rosto e braços.

Coloquei a bolsa acima da cabeça e ignorei o manobrista segurando um guarda-chuvas para mim.

— Precisa de um táxi, senhorita?

Balancei a cabeça em negativa e virei à direita, seguindo em frente pela calçada enquanto as gotas suaves cobriam meus braços.

— Pegue o carro! — Escutei um berro atrás de mim e me virei para ver Michael gritando com o manobrista.

Ele se virou e nossos olhares se cruzaram, mas continuei meu caminho.

— Pare! — ordenou.

Girei ao redor do meu corpo e comecei a andar de costas, gritando:

— Eu já estou fora! Tá bom? O que mais você quer de mim?

Virei outra vez e comecei a me afastar pela calçada.

Porém Michael agarrou a alça da minha bolsa e arrancou-a da minha cabeça, fazendo com que meu pescoço torcesse no processo.

Eu o encarei.

— Que porra você está fazendo?

Ele apenas se afastou de mim, no entanto, levando a bolsa enquanto andava em direção ao seu carro, e pegou a chave da mão do manobrista.

Abrindo uma das portas traseiras, jogou minha bolsa dentro, com tudo meu ali – celular e chaves do apartamento –, e deu a volta até abrir a porta do passageiro.

— Entre! — mandou, a raiva escrita em seu rosto.

Respirei com dificuldade, balançando a cabeça. Mas que porra? Estava quase tentada a solicitar ao gerente uma cópia das minhas chaves. Depois eu poderia sair e comprar o caralho de um novo celular, só para mostrar para ele.

Mas meus livros estavam todos ali, o calendário das minhas aulas, para não dizer minha certidão de nascimento e cartão de vacinas, que precisei fazer cópias na secretaria depois de ter passado

pela sala da minha supervisora mais cedo.

Fiz uma careta, as lágrimas substituídas pela raiva.

Dando um passo em direção ao carro, subi no lado do passageiro e puxei a porta do agarre de Michael, sem esperar que ele fechasse. No momento em que ele se afastou para dar a volta pela frente, para entrar do seu lado, eu me virei e agarrei a bolsa do banco de trás; abri minha porta outra vez e disparei para fora dali.

Não cheguei muito longe.

Antes que minha bunda estivesse fora do banco, por completo, a mão de Michael aterrissou no meu ombro, e agarrou a gola da minha blusa, puxando-me de volta.

Gritei, assustada, mas ele arrancou a bolsa da minha mão outra vez e a jogou no banco de trás.

— Sr. Crist, será que posso ajudar? — O recepcionista apareceu do lado da minha porta parecendo preocupado.

A mão de Michael estava firmemente agarrada à minha gola, mantendo-me sentada no banco, e meu rosto se contorceu outra vez em lágrimas.

— Senhor... — O homem estendeu a mão em minha direção, preocupado. — A jovem senhorita...

— Não encoste nela — Michael vociferou. — Feche a porta.

A boca do atendente ficou aberta em choque, por um momento, como se quisesse discutir, mas ele me deu uma olhada e acabou se afastando, fechando a porta em seguida.

— Eu falei que não preciso de carona para casa — resmunguei. — Você queria que eu desaparecesse, então me deixe sair daqui!

Ele deu a partida no carro, os músculos de seu pescoço tensos e o cabelo brilhando por conta da chuva.

— A última coisa de que preciso é minha mãe enchendo o meu saco porque você estava chorando — cuspiu, irritado.

Meu peito subia e descia, a ira borbulhando por baixo da minha pele, quando me virei e puxei os joelhos para cima, inclinando-me contra o seu lado.

— Eu tenho mais coragem do que você pensa! — gritei. — Então, vá se foder!

Ele se lançou na minha direção e agarrou minha nuca, me puxando contra ele. Choraminguei ao sentir a dor no meu couro cabeludo, onde ele mantinha um punhado do meu cabelo em um agarre firme.

— O que você quer de mim? Hein? — perguntou, respirando com dificuldade enquanto me encarava. — O que você vê em mim que é tão fascinante?

Comecei a tremer, mas sem afastar meu olhar. O que eu via nele? A resposta era tão simples que nem sequer precisava pensar

muito. Era a mesma coisa que ele havia visto em mim tantos anos atrás naquelas catacumbas.

A fome.

A necessidade de fugir, o desejo de encontrar alguém neste planeta que pudesse me entender, a tentação de ir atrás de todas as coisas que nos diziam que não podíamos ter...

Eu me vi, e em todos os momentos quando estava crescendo e me sentia sozinha ou como se estivesse procurando por algo que não sabia identificar, não me sentia tão perdida quando ele estava ao redor.

Era o único momento em que não me sentia perdida.

Balancei a cabeça, abaixando o olhar enquanto uma lágrima silenciosa deslizava.

— Nada — mal consegui sussurrar, sentindo o desespero contrair minha garganta. — Sou apenas uma criança estúpida.

Afastei-me alguns centímetros, sentindo-o lentamente soltar o agarre no meu cabelo. Abaixei os pés outra vez, e me ajeitei no assento, tentando engolir o nó na garganta. Puxei a gola da minha camisa xadrez com força, cobrindo meu lado esquerdo.

Ele não queria saber quem eu era. Ele não gostava de mim.

E eu queria que este fato parasse de me fazer sofrer. Estava cansada de sonhar. Cansada por ter forçado um relacionamento com Trevor, por ter acreditado que ele me colocaria nos trilhos, e cansada de desejar o pesadelo que me tratava como um cão.

Estava cansada dos dois.

Endireitei a coluna e foquei o olhar no meu colo, tentando afastar a fadiga da minha voz.

— Quero ir andando para casa — disse, agarrando a alça da bolsa, do banco de trás, e segurando a maçaneta da porta. Então hesitei, ainda sem olhar para ele. — Sinto muito por ter me esgueirado dentro do clube. Isso não vai mais se repetir.

Abri a porta e saí do carro, imediatamente, direto para o temporal e as trovoadas que soavam, pegando o longo caminho de volta para casa.

Capítulo 7

Michael

Dias atuais...

MEU DEUS, O QUE ELA ESTAVA FAZENDO COMIGO?

Ela realmente pensava que era apenas uma criança estúpida? Realmente não conseguia ver como cada maldita pessoa em Thunder Bay a adorava?

Respirei com dificuldade, puxando o colarinho da minha camisa para tentar aliviar o calor que sentia no pescoço. Inferno, eu já havia flagrado até mesmo meu pai olhando para ela uma ou duas vezes ao longo dos anos. Todo mundo pensava o melhor de Rika, então por que ela fazia parecer que só a minha opinião importava para ela?

Fui para a *Realm*, um clube noturno secreto na cidade, e olhei para cima, vendo meus companheiros de equipe espalhados pela área VIP. Era um evento da imprensa, esta noite, mas era a última coisa em que conseguia focar, embora devesse fazer isso. Eu precisava da minha mente em outra coisa.

Seguindo em direção ao bar, apoiei as mãos no balcão de mármore, inclinando a cabeça para o bartender. Ele assentiu, já sabendo exatamente o que eu queria. Damon, Will e Kai já estavam aqui, a boate favorita de nós quatro.

Abaixei a cabeça, fechando os olhos e tentando me acalmar.

Eu estava perdendo o controle. Quando ela estava por perto, eu me sentia insignificante, e tudo o que conseguia ver era ela... Todos os anos de miséria que ela causou aos meus amigos, de repente, já não me importavam.

Meu foco ficava turvo, e me esquecia do que ela havia feito e do sofrimento que causou a eles.

E de como ela precisava pagar por isso.

Eu a odiava.

Precisava odiá-la.

Não queria tê-la forçado a entrar no meu carro hoje. Pouco me importava com as lágrimas em seus olhos ou o jeito que olhou para mim antes de descer.

Eu não queria afastar a mágoa, não queria tocá-la, e não queria que ela gritasse comigo outra vez, porque aquilo me deixou excitado pra caralho.

Ela saiu do carro, deixando-me para trás, e de acordo com o porteiro, não havia saído do Delcour desde o momento em que chegou em casa, à tarde.

Bom. Era bom que se acostumasse àquela jaula.

O bartender parou à minha frente e colocou a garrafa de Johnny Walker Blue Label e um copo com gelo sobre o balcão. Despejei uma dose dupla e peguei o copo, tomando a maldita bebida de uma vez só.

— Onde diabos você esteve?

Senti a tensão me dominar ao ouvir a voz de Kai ao meu lado.

Mas apenas me servi de mais uma dose dupla, sem lhe dar uma resposta.

Eu sou apenas uma criança estúpida. Meu peito subia e descia com rapidez, e engoli a bebida, de um gole só outra vez.

Coloquei o copo sobre o mármore, piscando para me concentrar.

— Jesus. Você está bem? — ele perguntou, parecendo mais preocupado do que irritado, agora.

Tomei uma terceira dose, começando a sentir a queimação cobrir minhas veias com o calor embriagante. Tudo já estava começando a ficar turvo, e as pontas dos meus dedos estavam dormentes.

Balancei a cabeça, colocando o copo de volta. De todas as pessoas na minha vida – meu pai, irmão, meus amigos –, acabou sendo ela que me levou a beber. Aqueles malditos olhos, que iam da provocação ao atrevimento, da mágoa à ira, e, finalmente, à desolação.

Não fique sozinho com ela.

— Michael? — Kai insistiu.

Suspirei audivelmente, passando os dedos pela cabeça.

— Será que você poderia... — falei, entredentes — calar a porra da boca por cinco minutos e me deixar colocar a cabeça no lugar?

— E por que sua cabeça já não está no lugar? — declarou. — Porque, você sabe... nós temos um plano. Tirar tudo dela e depois pegá-la, mas tudo o que estou vendo é você dando para trás.

Endireitei o corpo e estiquei a mão, segurando-o pelo colarinho.

Ele afastou meu braço para o lado, balançou a cabeça e disse em um sibilo irritado:

— Não vá por aí. Eu quero nossa Monstrinha, com aqueles enormes olhos azuis, ajoelhada aos meus pés, e não vou mais esperar. Eu queria que você estivesse junto nessa, mas não preciso de você.

Não vou esperar mais. Ela mal chegou à cidade. Ela estava em Meridian por minha causa. No Delcour, por minha causa. Isolada... por minha causa.

E só havia mais duas coisas para tirar dela. Eles não tiveram que esperar tanto tempo assim. Mas então afastei o olhar. *Sim, eles tiveram.* Eles esperaram por tempo demais.

Empurrei a garrafa e o copo para longe de mim.

— Onde eles estão? — perguntei.

Kai permaneceu em silêncio, ainda parecendo puto, mas virou-se e liderou o caminho.

Eu o segui, o som grave da música vibrando sob meus pés enquanto seguíamos pelo clube em direção à área privativa nos fundos.

Kai e eu nunca havíamos brigado antes. Eu não deveria ter explodido daquela forma com ele. Mas, por alguma razão, ele continuava me desafiando, e eu me sentia mais distante dele agora do que quando estive na prisão. Que merda estava acontecendo? Eu esperava Damon e Will enchendo o saco, não Kai.

De muitas formas ele ainda continuava sendo o mesmo de sempre. O pensador, o razoável, o irmão que sempre cuidava de todos nós... mas, de outras formas, ele havia mudado e se tornado irreconhecível. Ele não sorria mais, agia de um jeito que não teria feito no ensino médio, mesmo sabendo das consequências, e nem uma vez o vi fazendo algo por prazer, desde que foi solto. Damon e Will saíam para as baladas, bebiam, fumavam e se enfiavam em bocetas já nas primeiras duas semanas em que estavam livres.

Kai, por outro lado, não havia bebido uma única vez ou levado uma mulher para a cama. Não que eu soubesse. Merda, acho que ele nem ouvia música mais.

Ele precisava perder o controle, porque eu já estava começando a me preocupar com o que estava reprimindo.

Seguindo-o até uma área semiprivativa com um sofá em formato de L, e uma mesa, avistei a parte de trás da cabeça de Will, esparramado nas almofadas, e Damon descansando em frente à mesa de centro, com a mão enfiada por dentro das coxas de uma garota.

Damon era exatamente o oposto de Kai. Ele dificilmente pensava nas coisas que fazia, e se alguém colocasse um muro em seu caminho – por razão justa ou não –, ele vinha e arrebatava sem hesitação ou arrependimento. Aquela havia sido uma qualidade bastante apreciada no nosso time do ensino médio. Sua reputação se espalhou, e bastava que o time adversário o visse em quadra para que mijassem nas calças.

Ele também mais do que compensou todos os vícios que Kai não estava praticando.

Parei perto do sofá, balançando a cabeça para que Damon se livrasse da garota. Ele se moveu e retirou a mão de dentro das pernas da menina, acariciando sua coxa, despedindo-se em seguida.

Kai sentou-se em um lugar enquanto Will se endireitou no sofá, todos eles com os olhares focados em mim. Impaciência e agitação eram claras nas expressões de seus rostos, e cruzei meus braços à

frente, sentindo, de repente, que havia um muro entre mim e eles.

Porque depois de três anos, eles agora tinham um vínculo que não me incluía. E estava tudo fodido por causa dela.

Olhei fixamente na direção de Kai.

— Você está bem para dirigir?

— Por que não estaria?

Assenti, enfiando a mão no bolso para pegar as chaves do carro.

— Vamos fazer logo isso — eu disse a eles. — Vocês estão prontos?

Will se animou, olhando para mim, surpreso.

— A mãe?

Assenti outra vez.

Ele lançou um olhar para Damon e sorriu.

— Até onde devemos ir com ela? — Kai perguntou, levantando-se, de repente, de volta à ativa.

— Escondam — respondi. — Não quero nenhum Fane para onde Rika possa correr. Vamos a Thunder Bay esta noite.

— Vocês podem ir — Damon provocou, recostando-se no sofá e colocando um braço atrás da cabeça. — Eu vou ficar para manter um olho em Rika. Ela é muito mais agradável para se olhar.

— Você já chegou a ver a mãe dela? — Ergui uma sobrancelha, sorrindo com divertimento. Christiane Fane ainda era jovem e bem gostosa. Ela não era Rika, mas ainda assim, era linda. — Você vem com a gente.

De forma alguma eu confiaria nele a sós com Rika.

Coloquei a mão dentro do bolso do meu paletó preto e retirei um saco pequeno, jogando-o para Damon. Ele estendeu a mão livre e pegou a embalagem, olhando ao redor para conferir se alguém mais tinha visto.

Ao erguer à frente de seus olhos, ele conferiu o conteúdo, atraindo a atenção de Kai e Will.

De repente, os lábios de Damon se abriram em um imenso sorriso, e ele me encarou como se eu tivesse acabado de fazer sua noite.

Sim. Eu suspeitava que Damon soubesse exatamente do que se tratava. Demente.

Rohypnol era conhecido como a droga do estupro, usado para tornar as vítimas mais maleáveis e impotentes em menos de quinze minutos. Curiosamente, não tive muita dificuldade de conseguir a droga. Alguns dos meus colegas de equipe faziam uso de uma coisa ou outra ilegal, seja por uso próprio ou para melhorar a performance corporal, e tudo o que precisei foi entrar em contato com os fornecedores deles para conseguir as pílulas.

Se não encontrássemos a mãe de Rika bêbada como de

costume, uma daquelas pílulas nos ajudariam a deixá-la mais complacente.

— Me dê isto aqui. — Kai olhou com firmeza para Damon, mantendo a mão estendida em sua direção.

Ele ergueu uma sobrelanceira em desafio, sem fazer o que foi pedido.

— Agora — Kai insistiu, ainda com a mão esticada.

Damon sorriu e abriu a embalagem, retirando uma pílula para colocar na mão de Kai.

— Você só precisa de uma para a mãe. Estas coisinhas aqui são bem eficazes.

Will bufou uma risada, balançando a cabeça, mas sem achar a menor graça na piada. Até mesmo ele tinha limites.

Não que Damon não tivesse. Nós apenas não tínhamos certeza. Se qualquer um de nós o tivéssemos visto usando algo parecido àquilo, o teríamos matado, mas ele também nunca nos deu a impressão de não ser fodido das ideias àquele ponto.

Por agora, nós havíamos adotado a filosofia do “se não estamos vendo, não é problema nosso”.

Kai sentou-se com a pílula em sua mão, encarando Damon, e então estendeu o braço de supetão para arrancar a embalagem dele.

Damon riu, levantando-se e alisando o paletó de seu terno.

— Era só uma brincadeirinha — resmungou. — Você realmente acha que preciso estuprar as mulheres?

Kai se levantou, guardando o saquinho dentro do bolso.

— Bem, você esteve na cadeia...

— Ai, Jesus — suspirei, passando a mão pelo cabelo. — Qual é o seu problema, caralho? — Olhei para Kai, enquanto Damon, irritado, parecia estar prestes a partir para cima dele.

No entanto, Kai não retrocedeu. Eles ficaram se encarando, frente a frente; ambos da mesma altura.

— Eu não a estuprei — Damon disse, entredentes.

Balancei a cabeça. Por que caralhos Kai teria se lançado em cima de Damon daquele jeito?

— Nós sabemos disso — respondi por Kai, empurrando Damon para longe.

A garota era menor de idade, e Damon já estava com dezenove anos. Ele não deveria ter feito aquilo, mas também não a forçou a transar.

Infelizmente, a lei é bem diferente. Menores de idade não são capazes de consentir com nada, e Damon fodeu com tudo. Mas não houve estupro.

Kai o encarou por mais tempo, até que hesitou, abaixando a cabeça enquanto respirava devagar.

— Me desculpe — ele disse em voz baixa. — Só estou no meu limite.

Fiquei feliz por ele ter percebido esse detalhe.

— Muito bom. Use isso em seu favor esta noite — eu disse, enganchando um braço em seu pescoço e puxando para um abraço. — Seu pesadelo acabou. O dela está apenas começando.



A ducha quente do chuveiro caía sobre meus ombros e costas, e fechei os olhos, tentando abafar o som dos outros jogadores na sala do vestiário.

Os últimos dias tinham sido uma merda. Fiz tudo o que podia para me manter longe do Delcour, indo apenas para dormir, mas foi difícil. Eu não queria estar em nenhum outro lugar, a não ser ali.

Demos um jeito na mãe de Rika, e não levaria muito tempo até que ela percebesse, mas a ida dela aquele dia em Hunter-Bailey havia estragado tudo. Eu sabia que precisava manter distância dela.

A única coisa que aprendi sobre o que nos fazia mais fortes era reconhecer onde residiam suas fraquezas, para então se adaptar. Eu não podia ficar perto dela.

Ainda não.

Quando saí da cidade para fazer a faculdade, não tinha sido tão difícil. Longe dos olhos, longe do coração. Ou, pelo menos, longe dos meus pensamentos.

Mas saber que poderia esbarrar com ela a qualquer instante, olhar para baixo para ver o apartamento onde morava, cruzar o olhar quando passávamos um pelo outro no saguão... Não imaginei como me sentiria ao vê-la todos os dias. Tê-la ali, tão perto, era tentador demais.

Ela não tinha mais dezesseis anos, e todo o esforço que sempre tive que fazer para me manter longe já não era necessário. Ela era uma mulher, não importa se ainda tivesse aquele olhar ansioso, lábios trêmulos e aquela pose de durona. Eu mal podia esperar.

Ela estava a apenas um andar de distância, e eu tinha a chave de seu apartamento queimando dentro do meu bolso. Eu precisava dela de joelhos, de quatro, enquanto tomava tudo o que queria, quando e quão áspero eu quisesse. Eu estava ficando louco.

— Merda.

Podia sentir meu pau endurecendo, e baixei o olhar, vendo-o já ereto e pronto para a ação.

Put a que pariu. Suspirei audivelmente e fechei a torneira do chuveiro, grato por estar sozinho ali.

Ainda havia uma porção de jogadores espalhados pelo vestiário, sendo que um dos técnicos-assistentes agendou uma série de exercícios extras com alguns de nós, hoje, mas resolvi tomar um banho demorado, sem pressa alguma de ir para casa.

Enrolei uma toalha em meu quadril e peguei uma segunda para enxugar meu peito e braços enquanto me dirigia até meu armário. Vendo alguns jogadores ao redor, e ainda sentindo meu pau duro, coloquei a outra toalha à frente da virilha, para evitar olhares de esguelha.

Vasculhei as prateleiras e peguei meu celular, conferindo se havia algumas mensagens dos caras. Com o problema da mãe resolvido, eles agora queriam avançar para a próxima etapa.

Joguei a toalha no chão e vesti a cueca boxer e o jeans, e em seguida, afivelei o relógio no meu pulso.

Meu telefone começou a tocar. Quando o peguei, vi o nome que aparecia na tela.

Senti meu maxilar ficar rígido, em irritação. Conversar com meu irmão sempre me emputecia. No entanto, raramente ele ligava, o que acabou despertando minha curiosidade. Deslizei o dedo na tela, atendendo a chamada.

— Trevor — eu disse, colocando o aparelho rente ao ouvido.

— Sabe, Michael... — ele começou, sem nem ao menos dizer um “alô”. — Sempre pensei que algum dia a camaradagem fraternal fosse surgir entre nós dois.

Estreitei os olhos, encarando o nada enquanto o ouvia.

— Achei que, talvez quando crescesse, teríamos mais coisas em comum ou que trocaríamos mais do que apenas duas palavras — prosseguiu. — Acabei me acostumando a jogar a culpa em você. Em sua frieza e distanciamento, e em você por nunca ter dado uma chance de sermos irmãos.

Agarrei o telefone com mais força, ainda imóvel. As vozes ao redor desvanecendo.

— Mas sabe de uma coisa? — ele disse, com um tom de voz cortante. — Quando estava com dezesseis anos, percebi uma coisa. Não era sua culpa. Eu te odiava, de verdade, da mesma forma que você sempre me odiou. Pela... mesma... razão.

Travei os dentes, erguendo o queixo.

— Ela.

— Ela? — joguei a isca.

— Você sabe de quem estou falando — afirmou. — Ela sempre esteve de olho em você, sempre o quis.

Respondi em um sibilo, sacudindo a cabeça:

— Trevor, sua namorada é problema seu.

Não que ela ainda fosse a namorada dele – fiquei sabendo sobre

o término –, mas eu gostava de pensar nela como dele. Tornaria as coisas muito mais doces.

— Mas esta não é a verdade, não é mesmo? — ele retrucou. — Porque quando eu era adolescente, percebi que isso não partia somente dela. Partia de você, também.

Olhei fixamente em frente.

— Você a queria — ele insistiu —, e detestava que eu sempre estivesse por perto. Odiava mais ainda por ela ter sido feita para mim. Você não podia ser meu irmão, porque eu tinha a única coisa que você queria — ele fez uma pausa antes de continuar: — e eu o odiava, porque a única coisa que eu tinha, queria você em contrapartida.

Meu coração começou a bater mais forte.

— Então... quando isso começou? — ele perguntou em um tom de voz casual. A raiva me consumindo. — Quando éramos crianças? Quando o corpo dela tomou forma e você viu o tanto que ela era gostosa? Ou talvez... tenha sido quando eu te disse, no ano passado, o quanto a boceta dela era a coisa mais apertada que já senti na vida?

Espremi o celular na minha mão.

— Independente de tudo... — ele zombou — Eu sempre vou ter isso para jogar na sua cara.

Meu punho apertou com tanta força que eu podia sentir cada osso da minha mão doer.

— Então... agora que você a tem no Delcour — continuou —, finalmente ao seu dispor, e depois que fizer com ela seja lá o que estiver planejando, lembre-se de que ela vai voltar para mim, e serei eu que colocarei um anel no dedo dela, para fazê-la minha para sempre.

— Você acha que isso me magoa? — cuspi.

— Não é a você que tentarei magoar — ele replicou. — Se aquela puta abrir as pernas dela para você, vou me assegurar de que, ao se casar comigo, eu me torne o seu pior pesadelo.

Capítulo 8

Erika

Três anos atrás...

TREVOR NÃO CONVERSOU MAIS COMIGO DESDE QUE ME LEVOU DE VOLTA PARA casa. Ele havia sido um idiota no carro, também, e a única razão pela qual fui embora com ele era porque estava com medo de que dissesse alguma coisa à minha mãe.

Ou pior. Que dissesse algo à Sra. Crist e colocasse Michael em problemas.

Michael. Ainda podia sentir o calor na palma da minha mão, que ele havia segurado entre a dele hoje. Estava parada na cozinha dos Crist, colocando as colheres de servir em um prato, lembrando os eventos da tarde na minha mente. Ele quis dizer tudo aquilo, de verdade? O que teria acontecido se Trevor não tivesse chegado?

Exalei um longo suspiro, calor se espalhando pelo meu ventre. O que aconteceria agora? Ele terminaria o que começou?

A música *The Vengeful One*, do Disturbed, começou a soar pela casa, provavelmente vindo da quadra interna onde eu sabia que Will, Damon, Kai e Michael estavam vadiando, jogando bola. Já estava escuro, e logo mais eles sairiam para a noite.

Ouvi meu celular vibrar, e olhei de relance para o lugar onde o havia deixado, vendo o nome da minha mãe na tela.

— Ei — respondi, envolvendo um prato de comida com papel-filme. A Sra. Crist insistia para que eu levasse para mamãe, sempre que eu comia aqui.

— Oi, querida — cantarolou, tentando parecer mais animada. Eu sabia que era tudo menos isso, entretanto, ela tentava parecer bem por minha causa. Entre os calmantes que a mantinham anestesiada e o fato de nunca sair de casa, sabia que a culpa que a consumia estava começando a ultrapassar sua depressão.

— Estarei em casa logo, logo — eu disse, assentindo para a Sra. Haynes, a cozinheira dos Crist. Coloquei o prato que havia embalado em cima do balcão e saí da cozinha. — Está disposta a assistir a um filme hoje à noite? Podemos ver Thor, outra vez. Eu sei que você gosta do martelo dele.

— Rika!

Funguei, andando em direção à sala de jantar e vendo a mesa já posta para a refeição.

— Então tá... escolha aí um filme — sugeri. — Nós ainda não comemos, mas assim que o jantar acabar, vou trocar de roupa e ir direto para casa. Vou levar um prato de comida para você.

Apesar de saber que ela mal conseguia comer o que eu levava. Seu apetite era praticamente inexistente.

Trevor tinha me deixado em casa mais cedo, e depois de conferir como minha mãe estava, caminhei de lá até aqui para o jantar. Minha mãe era sempre convidada, claro, mas somente eu me juntava a eles. Ninguém queria que eu fizesse minhas refeições sozinha, então minha mãe, consumida pela culpa, permitiu que eu sempre viesse para cá, para que pudesse ter com quem conversar e rir. Os Crist podiam me dar o que ela não podia.

Ou o que se recusava a me dar.

Ao longo do tempo, minha necessidade de sempre estar aqui só aumentou. Mais do que para apenas jantar ou jogar videogames com Trevor enquanto crescíamos.

Era por conta do som longínquo da bola de basquete quicando no chão em algum lugar da casa; ou talvez porque meu corpo se agitava e cada fio de cabelo se arrepiava quando ele entrava em uma sala. Eu simplesmente gostava de ficar aqui, se ele estivesse, apesar da possessividade de Trevor aumentar cada vez mais.

Ouvi o suspiro da minha mãe, do outro lado da linha, enquanto andava até o espelho que ficava pendurado na parede.

— Eu estou bem — ela insistiu. — Você não precisa trazer nada para mim esta noite. Vá sair e se divertir com os amigos. Por favor...

Abri a boca para responder, mas a batida surda da música de repente sumiu, e virei a cabeça para olhar a porta de entrada da sala de jantar, ouvindo as vozes e risos vindos de algum lugar, ficando cada vez mais próximos.

Olhei para o espelho, ajeitando o colarinho na camisa do meu uniforme, me assegurando de que a cicatriz estivesse coberta.

— Eu não quero sair — eu disse e segui em direção à mesa, sentando-me no lugar.

— Mas *eu* quero que você saia.

Inclinando-me sobre a mesa, peguei um pãozinho e coloquei em meu prato, antes que os garotos acabassem com tudo.

— Mãe... — tentei argumentar, no entanto ela me cortou logo.

— Não — disse, soando estranhamente severa. — É uma sexta-feira à noite. Vá se divertir. Eu vou ficar bem.

— Mas... — pausei, sacudindo a cabeça. Aquela era uma forma de compensar alguma coisa? Ela sabia muito bem que eu saía por aí, talvez não tanto quanto ela gostaria.

— Tudo bem — eu disse, arrastado. — Vou ligar para o Noah e ver se... — interrompi o que ia dizer ao ouvir o som trovejante ressoando pelo corredor.

Meu coração acelerou, e virei a cabeça na direção do barulho. Vozes, risadas, e uma série de gritos chegaram até mim, e meus pés

captaram a vibração que vinha do chão.

Segurei o telefone com mais força, falando rápido:

— Okay. Vou ver se Noah pode sair esta noite, mas se eu precisar de dinheiro para fiança ou voltar para casa grávida, saiba que a culpa será sua.

— Confio em você — ela disse, de bom-humor. — E eu te amo.

— Também amo você. — Desliguei, colocando o telefone na mesa.

Trevor entrou na sala de jantar primeiro, e eu sabia que ele estava na sala de TV. Provavelmente ficou esperando que eu lhe fizesse companhia, como sempre. Ele achava que tinha o direito de estar com raiva, mas seja lá o que pensasse que havia entre nós, éramos apenas amigos. Ele não tinha direito algum de ter me tirado de St. Patrick hoje, e eu estava cansada do showzinho que sempre fazia para mostrar aos outros que eu pertencia a ele.

Sentou-se ao meu lado, como sempre, arrastando a cadeira. Imediatamente, começou a encher seu prato de comida.

A Sra. Crist entrou em seguida, vestindo uma saia de tênis e uma camisa polo branca, provavelmente tendo acabado de chegar do clube. Ela sorriu para mim e tocou meu ombro ao passar para sentar-se em seu lugar.

— Como está a Christiane? — perguntou.

Balancei a cabeça, colocando o guardanapo no meu colo antes de responder:

— Está bem. Estamos fazendo uma maratona pelos filmes do Chris Hemsworth.

Ela riu e começou a se servir à medida que as vozes altas dominaram o lugar.

— Já está escuro lá fora — Will disse, parecendo sem fôlego.

Olhei para cima e vi Michael e todos os seus amigos entrando na sala. Meu coração estremeceu, e meu corpo tensionou; a sala imensa, de repente, pareceu dez vezes menor com suas formas avantajadas preenchendo o espaço.

Eles estavam suados e resfolegantes, tendo acabado de sair da quadra de basquete interna. Aquele cômodo foi acrescentado à mansão no aniversário de quatorze anos de Michael, quando sua mãe percebeu que ele não estava brincando a respeito do esporte, e seu pai teve que ceder. Ele amava jogar, para total desgosto do Sr. Crist.

— Deixe de ser apressadinho. — Damon empurrou a cabeça de Will ao passar por trás dele. — Eu quero curtir essa noite.

Eles chegaram até a mesa, pairando sobre nós ao pegarem seus pratos — Michael deixou a bola de basquete cair e rolar no chão até que ela parou perto da parede próxima à lareira —, e encheram de comida como se fossem lobos famintos, alheios aos outros que

estavam apenas esperando para ver o que restaria.

— Rika, pegue seu leite — a Sra. Crist sussurrou, e olhei para ela, trocando um sorriso ao compartilharmos a piada. Ela sempre pedia à cozinheira para fazer achocolatado para mim, mas sempre desaparecia antes que eu pudesse me servir de um copo.

Alcancei a jarra, rapidamente me servindo antes de colocá-la sobre a mesa de novo.

— Onde está meu pai? — Trevor perguntou.

— Ainda na cidade, infelizmente — sua mãe respondeu.

— Sim, certo.

Olhei para cima, identificando quem havia sussurrado aquilo. Michael pairava acima da minha cabeça enquanto se esticava para pegar o achocolatado à minha frente.

Não era segredo que seu pai tinha várias amantes. Bem, na verdade, era um segredo. Um que todo mundo sabia, mas que ninguém falava a respeito. Incluindo Michael. A mãe dele era a única pessoa que eu tinha certeza de que ele nunca magoaria, o que explica a razão de somente eu ter ouvido seu comentário sarcástico.

— É isso aí! — Will exclamou quando viu o prato de batatas-doces que a Sra. Haynes colocou na mesa. Ele empilhou a mistura mole em seu próprio prato.

— Me passa dois aí. — Damon estendeu o dele para que Kai pudesse servi-lo com ovos cozidos.

Eles não tomaram assentos à mesa, o que significava que iriam para a sala de TV, comer em paz e com mais privacidade. Eles tinham planos para esta noite, e precisavam traçá-los, sem sombra de dúvidas.

Porém não foram longe.

— Michael? Todos vocês, sentem-se. Agora — a Sra. Crist ordenou, apontando um dedo em direção a eles.

Os caras pararam e sorriram entre si, satisfazendo a vontade dela ao voltarem à mesa e se sentarem.

Michael assumiu o lugar do pai, na cabeceira da mesa, com seus amigos à direita e Trevor e eu, à esquerda.

Todos se enterraram em suas comidas.

— Quero crer que não tenho que me preocupar a respeito desta noite — a Sra. Crist alertou, pegando seu garfo e olhando para os garotos à mesa.

Michael deu de ombros, destampando minha jarra de achocolatado e bebendo direto do gargalo sem se dignar a responder.

— Não temos escolha, a não ser manter a discrição — Kai se intrometeu, divertido. — Michael poderia perder sua vaga no time se forms parar nos jornais.

— De novo — Will completou, orgulho brilhando em seus olhos verdes, antes de enfiar uma garfada de batatas na boca.

Enquanto outros adolescentes passariam a *Noite do Diabo* jogando papéis higiênicos nas casas, rasgando pneus, e destruindo as abóboras pelo caminho, os Cavaleiros tinham uma reputação de levar seus trotes um pouco além.

Incêndios, arrombamentos, vandalismo e destruição de patrimônio estavam creditados a eles, ainda que não houvesse nenhuma evidência ou prova, já que seus rostos estavam sempre cobertos pelas máscaras que usavam.

No entanto, sempre soubemos de quem se tratava. E, mesmo que os policiais também soubessem, quando você nascia debaixo da benção de um nome poderoso, conexões e dinheiro, você podia aproveitar.

Damon Torrance, filho de um magnata dos meios de comunicação.

Kai Mori, filho de uma socialite influente e um banqueiro.

Will Grayson III, neto do Senador Grayson.

E Michael Crist, filho de um empreendedor do ramo imobiliário.

Os garotos podiam até desprezar o rigor e expectativas de seus pais, mas, certamente, apreciavam a superproteção de seus nomes.

— É bom estarem juntos? — a Sra. Crist perguntou enquanto cortava uma folha da salada. — Eu sei que deve ser difícil ficarem separados por conta da faculdade.

— É muito difícil — Will respondeu com pesar —, mas basta apenas ligar para um dos caras quando meu coraçãozinho precisa de um afago.

Contraí meus lábios, tentando esconder o sorriso quando Damon bufou uma risada de seu lugar em frente.

— Na verdade — Kai começou, inclinando-se em sua cadeira —, estou pensando em transferir meu curso para Westgate. Estou entediado na Braeburn, e a Westgate tem um excelente time de natação, então...

— Ótimo — Trevor disse, cortante. — Você e o Michael podem continuar o *bromance* de vocês, agora.

— Awn... — Will zombou, olhando para ele por cima da mesa. — Você está se sentindo abandonado? Vem aqui, bonito. Vou te dar um pouco de atenção. — Então ele se recostou na cadeira e bateu a mão em sua coxa, como um convite para Trevor sentar-se em seu colo.

Eu ri baixinho, abaixando a cabeça e sentindo-me observada. Provavelmente por Trevor.

Peguei o garfo e comecei a comer, ignorando-o. Trevor não suportava os amigos de Michael, da mesma forma que não suportava o irmão.

Olhei para cima e vi a Sra. Haynes cruzar a porta da cozinha,

com o telefone fixo em mãos, murmurando algo para a Sra. Crist.

— Me deem licença por um instante. — Ela se levantou, afastando a cadeira, e passou pela mesa, sumindo pela porta.

Assim que deixou a sala, Trevor se levantou da cadeira, e quando ergui o olhar para ele, o vi encarar o irmão com uma careta.

— Fique longe dela — ordenou.

Fechei os olhos e abaixei a cabeça. Eu podia sentir meu rosto queimar de vergonha, assim como os olhares de todos sobre mim.

Jesus, Trevor.

Ninguém disse nada por um momento, mas a julgar pelo silêncio e ausência total de movimentos, enquanto eu encarava meu prato, todos estavam esperando por uma resposta de Michael.

— Quem? — finalmente ele disse.

Engoli em seco, ouvindo algumas risadas ao redor da mesa.

— Rika — Trevor rosnou. — Ela é minha.

Michael exalou uma risada de escárnio, e pelo canto do meu olho o vi empurrar a cadeira para trás e se levantar. Ele jogou o guardanapo em cima de seu prato e pegou a jarra de leite.

— Quem? — perguntou de novo.

Will curvou a cabeça, rindo alto desta vez, enquanto seu corpo se sacudia. Olhei para cima e vi Damon com um sorriso largo e um olhar presunçoso.

Eu queria me curvar em uma bola e sumir. Aquilo doeu.

Devo ter sido uma diversão hoje. Uma distração momentânea para Michael, e agora estava de volta ao lugar de onde eu era: nada, a não ser uma pessoa de quem ele tinha que desviar quando nos cruzávamos pela casa.

A raiva de Trevor irradiava, e olhei à frente quando todos se levantaram de suas cadeiras rindo e vangloriando-se enquanto seguiam Michael para fora da sala de jantar.

Não sabia de quem sentia mais raiva no momento: de Trevor ou deles. Pelo menos eu sabia o que Trevor queria de mim. Ele não queria foder com a minha cabeça.

Ele se sentou de novo, respirando com dificuldade, fazendo seu peito subir e descer com rapidez.

Afastei meu prato, agora sem apetite.

— Trevor... — comecei, sentindo-me culpada, mas já não sabia mais o que fazer com ele. — Eu não sou sua. Não sou de ninguém.

— Você transaria com ele num piscar de olhos se te olhasse duas vezes.

Fiz uma careta, travando a mandíbula. Estava cansada de ser pressionada. Arrastei a cadeira para trás e saí em disparada da sala.

Meus olhos estavam queimando com raiva, e passei pelo hall, notando que a porta da garagem estava aberta. Vi Michael jogando

uma sacola preta para Kai, que a guardou no carro.

Ele virou a cabeça e me encarou por um momento, com os olhos espremidos, mas depois abaixou a cabeça, voltando a guardar coisas em seu carro, como se eu não existisse.

Subi a escada às pressas e desacelerei quando estava no corredor até o meu quarto. Batendo a porta com força, respirei fundo, sentindo os dedos trêmulos ao passá-los pelo meu cabelo, tentando não chorar.

Eu precisava dar o fora daqui.

A casa dos Crist estava começando a se tornar uma jaula. Constantemente eu tinha que afugentar um irmão, enquanto mostrava uma fachada de indiferença com o outro, e eu precisava de algo para me divertir.

Noah. Sem sombra de dúvida ele iria ao Galpão hoje à noite. Eu podia ligar para ele e ver que horas pretendia sair.

Tirei as sapatilhas e arranquei meu uniforme, abrindo o armário para encontrar alguma peça de roupa que sempre deixava aqui. Soltei meu sutiã e o descartei no chão.

Minha pele estava arrepiada, e vesti uma regata e a calça jeans, não querendo nada mais do que poder gritar até explodir meus pulmões.

Imbecis. Todos eles.

Calcei meu tênis e peguei o casaco preto com capuz do cabide, no *closet*; corri de volta pelas escadas, ouvindo o barulho do chuveiro ao passar pelo banheiro. Os caras estavam provavelmente se arrumando para sair.

Peguei meu celular e as chaves de casa na mesinha que ficava ao lado da porta de entrada, e saí da mansão. Puxando o capuz sobre a cabeça, enfiei as mãos no bolso frontal do meu moletom.

Estávamos no final de outubro, dia 30, e o ar gélido fazia a pele doer. Praticamente todas as árvores estavam desfolhadas, e todo aquele marrom, laranja, amarelo e vermelho das folhas caídas agora agraciavam o gramado. A Sra. Crist nunca permitia que os jardineiros as removessem, sabendo que seria o último vislumbre de cores que apreciaríamos antes que a neve comesse a cair em poucas semanas.

O frio percorreu meu corpo, e devagar comecei a sentir-me mais calma enquanto caminhava pela entrada e acesso à casa.

Os galhos erguidos acima, como se fossem veias cruzando o céu, pareciam estar fundidos, formando uma abóboda nua e morta acima da entrada, digna de um filme de Tim Burton. Eu meio que esperava que uma névoa sinistra de repente flutuasse do chão em minha direção.

As lanternas feitas de abóbora iluminavam toda a entrada, brilhando com as chamas que ardiam por dentro. Inspirei o aroma de

madeira queimada vindo de algum lugar. Inúmeras fogueiras seriam acesas hoje, todo mundo se divertindo com as travessuras ou participando delas.

Também haveria festas, e esperava que Noah estivesse disposto a comparecer a alguma, porque eu precisava me divertir esta noite. Precisava de algo para me distrair.

Quando cheguei ao imenso portão, peguei a chave que abria a porta adjacente para pedestres. Quando não queríamos perturbar Edward, o mordomo, para que abrisse o portão principal, nós entrávamos ou saímos por ali. Eu usava a minha chave com frequência, já que minha casa era perto o bastante para ir e vir a pé, e Michael também fazia uso dela, pois costumava correr fora da propriedade.

Fechando o pequeno portão – que trancava automaticamente –, virei à esquerda para seguir pela lateral da estrada, como sempre fazia.

Meu cabelo se espalhou para fora do capuz, acima dos meus seios, à medida em que acelerava meus passos pelo asfalto. Já estava escuro, mas as estradas não estavam ainda tomadas pela escuridão. Havia lanternas por toda a propriedade dos Crist, ao longo do muro de pedras, e logo mais à frente, as luzes que provinham do terreno da minha família ofereceriam uma espécie de conforto sobre o medo de estar sozinha aqui. Principalmente pela aflição de saber que, do outro lado, à minha direita, só havia uma floresta que margeava a estrada.

Quando você sente medo, seus sentidos ficam mais aguçados. Vagalumes na noite poderiam se parecer a pares de olhos, ou o vento que soprava por entre as árvores simulava sussurros. Andei mais rápido, sentindo o frio penetrar pelo meu jeans.

Mas, ao olhar para a frente, avistei luzes que se derramavam sobre a pista escura. Girei o corpo e vi um carro se aproximar até parar logo atrás de mim.

Franzi as sobranceiras, meu coração batendo acelerado no peito, e continuei recuando em meus passos.

O que estavam fazendo? Eles estavam na contramão da pista.

Mastiguei o lábio inferior, posicionando minha mão acima dos olhos para protegê-los da claridade dos faróis. Continuei andando para trás, preparada para correr, se preciso, mas parei ao ver a porta do motorista abrir e um par de botas pretas pisar no chão.

Michael deu um passo à frente dos faróis, usando jeans e o mesmo agasalho preto com capuz, de hoje à tarde.

O que ele estava fazendo?

— Entre no carro — mandou.

A ira me atingiu com sua ordem. *Entre no carro?*

Desviei o olhar para as janelas do veículo, avistando as três

formas sombrias de Kai, Will e Damon.

No entanto, endireitei a coluna, já tendo aguentado mais do que o suficiente das chicotadas de Michael hoje. Ele finalmente havia dito mais do que duas palavras para mim, e depois, se vira e passa a agir como se nem ao menos soubesse meu nome na mesa de jantar?

— Não precisa se incomodar — eu disse, sem nem disfarçar meu tom de desprezo. — Sou capaz de ir para casa por conta própria.

Então me virei, pronta para seguir para casa.

— Não estamos levando você para lá — ele disse, com uma voz sombria.

Parei e virei a cabeça, meu coração retumbando no peito. O cabelo castanho-claro estava úmido ainda do banho, brilhando contra a luz, e vi o desafio escrito em seus olhos.

Ele se virou e caminhou para a porta do passageiro, logo atrás do banco do motorista, e a abriu.

Finalmente me virei por completo, encarando-o.

Sua voz estava suave e rouca quando disse:

— Entre.



Prendi meus dedos entre as coxas, tentando evitar me remexer ante a presença dos quatro homens, todos com mais de um e oitenta de altura, que tomavam conta do espaço escuro como um breu dentro do SUV de Michael.

Ele estava sentado à minha frente, dirigindo, enquanto Kai estava no banco do passageiro. Will estava ao meu lado direito, e eu podia sentir seu olhar em mim.

Mas era Damon, às minhas costas, que fazia com que os pelos da minha nuca se arrepiassem. Tentei ignorar a tensão, mas era impossível. Ergui o queixo e olhei por cima do ombro, vendo-o sentado no banco inteiriço logo atrás.

Imediatamente quis me esconder.

Seus olhos vazios estavam aterrissados em mim enquanto uma fumaça deslizava por entre seus lábios, flutuando logo acima dele, e o que me assustava pra caralho era vê-lo tão calmo. Seus braços estavam apoiados sobre o encosto do banco, e ele apenas abaixou o queixo, mantendo o olhar focado ao meu.

Virei-me rapidamente para frente, avistando Will ao meu lado, mascando um pedaço de chiclete e me encarando com um sorrisinho arrogante de merda, como se soubesse que eu estava prestes a mijar nas calças.

Estava pensando se eles sabiam o porquê Michael havia parado

para me pegar.

Let Sparks Fly, do Thousand Foot Krutch, explodiu nos altofalantes, quase arrebrandando meus tímpanos, e tentei me acalmar, respirando fundo diversas vezes.

Nós dirigimos pela cidade, passando pelos restaurantes e os pontos de encontro lotados de adolescentes, e seguimos em direção ao campo. Depois de vinte minutos de nada, além da música ensurdecedora, Michael abaixou o volume do rádio e pegou um desvio para uma estrada de terra escura. Seu SUV subiu lentamente a encosta por entre as árvores.

Onde diabos estávamos?

Não estávamos mais em Thunder Bay, mas também não tínhamos ido tão longe da cidade. Nunca estive aqui ou saí para me divertir pelas comunidades que ficavam nos arredores da nossa.

Will se abaixou no seu lugar e vasculhou uma sacola preta aos seus pés, tirando as máscaras lá de dentro.

Vi quando jogou a máscara preta de Damon, para ele; bateu no ombro de Kai e estendeu a sua prateada, e colocou a vermelha de Michael no console central do carro.

Jesus, o que iríamos fazer?

Rezei baixinho para que não tivesse que vê-los espancando algum pobre imbecil que os tenha ofendido, ou testemunhar um roubo a alguma joalheria. Não que já tivesse ouvido a respeito de eles terem feito isso, mas não fazia a menor ideia do que ia acontecer.

Tudo o que sabia era que não iríamos simplesmente arremessar rolos de papéis higiênicos em algum carro ou pichar alguma placa de sinalização das ruas.

Ou talvez não fosse um “nós”. Talvez eles não quisessem que eu fizesse alguma coisa na companhia deles, afinal de contas. Quem sabia por que eu estava aqui? Talvez fosse a motorista da fuga. Talvez a vigia.

Ou talvez a isca.

— Ei, Michael... — Ouvi a voz de Will abafada. — Ela não tem uma máscara.

Olhei para o retrovisor e seu olhar encontrou o meu, a sombra de um sorriso em seu rosto.

— Oh-oh... — zombou, e Kai riu ao seu lado. Cruzei os braços à frente do peito, tentando não demonstrar meu nervosismo.

Paramos em uma rua que parecia estar abandonada. Espreitei pela janela e deparei com casas minúsculas e velhas – destruídas e decadentes, sombrias –, com janelas quebradas e telhados desmoronando.

— Que lugar é este? — perguntei quando Michael desligou a ignição.

O corpo grande de Damon saltou para fora do carro, seguindo Will, e antes que me desse conta, estava sozinha.

Girando a cabeça, eu os vi se aproximarem de um gramado detonado na frente de uma casa; Michael já usava sua máscara como os outros.

Será que havia pessoas ali dentro? A comunidade pequena parecia deserta, então por que usar as máscaras?

Hesitei por um instante antes de suspirar e abrir a porta. Ajeitei o capuz sobre a cabeça, puxando-o mais para baixo sobre os olhos, só por precaução.

A brisa suave soprou sobre meu cabelo enquanto eu dava a volta no carro, e olhei para cima, vendo Will carregar a sacola para dentro da casa, seguido por Damon e Kai.

Não havia porta.

Enfiei as mãos no bolso frontal do moletom e parei ao lado de Michael, que simplesmente encarava a estrutura em ruínas. Seu capuz estava no lugar, cobrindo seu cabelo, e apenas uma pequena parcela da claridade da luz incidia sobre o perfil vermelho de sua máscara. Dentro da casa, vi alguns feixes de luz. Os garotos deviam estar usando lanternas.

Segurei a caixinha dentro do bolso, ouvindo os palitos de fósforos chacoalhando. Esqueci que os havia enfiado ali na última vez que vesti esse moletom.

Michael virou a cabeça e olhou diretamente para mim, seus olhos praticamente como buracos negros que eu mal podia divisar. Meu coração quase pulou pela garganta, e senti como se estivesse de pernas para o ar.

Aquela maldita máscara.

Ele enfiou a mão dentro do meu bolso e retirei as minhas, sem saber o que ele estava fazendo. Ergueu logo depois a caixinha de fósforos em sua palma.

— Por que você guarda isso? — perguntou. Ele deve ter escutado quando as agitei dentro do bolso.

Dei de ombros, retirando o objeto de suas mãos.

— Meu pai colecionava caixinhas de fósforos dos restaurantes e hotéis onde ia em suas viagens a trabalho — respondi, abrindo a caixa e trazendo ao meu nariz. — Passei a gostar do cheiro. É como se fosse...

Sem pensar no que estava fazendo, fechei os olhos e inspirei profundamente pelo nariz, o cheiro de enxofre e fósforo me fazendo sorrir de imediato.

— Como se fosse...?

Fechei a caixinha e ergui o olhar, sentindo-me mais leve por alguma razão.

— Como se fosse manhã de Natal e fogos de artifício em um só. Passei a guardar a coleção dele depois que...

Depois que ele morreu.

Guardei todas as pequenas caixinhas em uma antiga caixa de charutos, mas passei a sempre levar uma delas comigo depois da morte do meu pai.

Enfie os fósforos no bolso outra vez, percebendo que nunca havia contado aquilo a ninguém antes.

Olhei de relance para ele, estreitando meus olhos.

— Por que você me trouxe aqui esta noite?

Ele manteve o olhar firme à frente, encarando a casa outra vez.

— Porque estava falando sério nas catacumbas hoje.

— Não foi isso o que pareceu na mesa do jantar — argumentei.

— Eu te conheço por toda a minha vida, e você age como se mal soubesse meu nome. O que há entre você e Trevor, e por que tenho a impressão de que...

Manteve o olhar fixo à frente, sem se mover.

— Impressão de quê?

Baixei o olhar, pensando.

— De que tem algo a ver comigo.

Michael finalmente havia reparado em mim hoje. Ele me disse coisas que somente sonhei em ouvir, e coloquei em palavras tudo aquilo que eu sentia.

E na mesa de jantar, com Trevor, ele me ignorou outra vez. Assim como antigamente. Era como se eu nem estivesse na mesma sala. Será que eu tinha algo a ver com a razão de ele e o irmão nunca terem se entendido?

Mas então balancei a cabeça. *Não*. Isso seria ridículo. Eu não era tão importante assim para Michael. Os problemas dele e de Trevor provinham de outra coisa.

Ele permaneceu em silêncio, sem responder, e minhas bochechas começaram a queimar com a vergonha. Não devia ter falado nada. Meu Deus, como eu era uma garota estúpida.

Não esperei que me respondesse ou continuasse a me ignorar. Subindo a pequena elevação do quintal, dei um passo em direção ao alpendre, ouvindo a madeira estalar e gemer como se fosse um animal ferido por conta do nosso peso, já que Michael veio em meu encalço. Entrando apressada na casa, avistei os garotos iluminando o local com suas lanternas, enquanto entravam de cômodo em cômodo.

Um cheiro pungente e amadeirado chegou até meu nariz, e recuei ao olhar ao redor da casa antiga.

O lugar era inabitável.

Móveis velhos, manchados e rasgados, estavam espalhados, enquanto pilhas de destroços de madeira – que pareciam pertencer a

cadeiras ou outras mobílias – se apinhavam nos cantos. Talvez à espera de serem usados como lenha.

Todas as janelas do lugar estavam quebradas, e baixei o olhar, vendo lixos e poças no chão no meio de pequenos frascos de vidro, cachimbos e agulhas.

Torci os lábios, já detestando este lugar.

Por que Michael quis vir até aqui? Eu não podia negar que tudo o que era sombrio e perigoso tinha certo fascínio, mas colchões imundos no chão, manchados com “seja lá que porra era aquilo” e agulhas usadas e descartadas ao redor?

Este lugar era horrível. Eu não queria estar aqui.

Inclinei a cabeça, espiando à frente e vendo uma porta aberta mais adiante. Quando o feixe de luz de uma das lanternas dos garotos dançou através do quarto, tive um vislumbre de tinta spray na parede branca do lado de dentro. Parecia a entrada do porão.

Definitivamente, eu também não gostaria de ir lá embaixo.

Mas então tropecei para a frente, um corpo passando pelo meu e esbarrando no meu ombro.

— Você não deveria estar aqui — Will advertiu, me olhando por cima do ombro. — Esta casa não é segura. Uma garota foi violentada aqui alguns meses atrás.

— Estuprada — Damon provocou, girando ao redor até parar na minha frente e segurar meu rosto. Imediatamente recuei para longe dele. — Ela foi drogada e levada lá pra baixo. — Inclinou a cabeça para indicar o lugar atrás dele, com excitação ardendo em seus olhos.

Minha respiração vacilou enquanto tentava engolir o nó na garganta.

Uma garota havia sido atacada aqui? Franzi o cenho, sentindo a respiração acelerar com o medo.

— Sim... — Ouvi a voz de Kai às minhas costas. — Ela foi amarrada, despida... Não dá para dizer quantos caras fizeram fila para cair em cima dela.

Dei a volta e retrocedi em outra direção, tentando me afastar enquanto Kai se aproximava um passo de cada vez, com um olhar estranho.

Mas então dei de encontro com outro corpo às minhas costas e parei. Dessa vez era Will, os olhos verdes incendiados; inclinando a cabeça para baixo, ele me olhava com desafio no olhar.

Que merda eles estavam fazendo?

Girei o pescoço e vi Damon se aproximar, também, seus olhos negros parecendo buracos na escuridão de sua máscara.

Kai olhou para cima, perguntando a Will com uma voz suave:

— Acho que não prenderam todos eles, não é?

— Não — Will respondeu, divertido —, acho que alguns ainda

estão soltos por aí.

— Como quatro deles.

Ouvi o tom ameaçador na voz de Michael, e balancei a cabeça, arregalando os olhos quando ele fechou o espaço ao meu lado, completando uma jaula humana.

Merda. Perdi o fôlego, meu coração martelou no peito e olhei de relance para o colchão imundo no chão.

Bile subiu à minha garganta.

Mas, de repente, eles explodiram em risos, e voltei a encará-los, vendo seus corpos sacudindo em divertimento à medida que se afastavam de mim.

— Isto aqui é só uma boca de fumo, Rika — Michael garantiu. — Não um ponto de estupros. Relaxa.

Eles estavam brincando? Cruzei os braços à frente do corpo, com uma careta.

Idiotas.

Meus nervos estavam agitados, e inspirei profundamente para tentar me controlar.

Vi quando os quatro jogaram querosene nas paredes, assoalho, e sobre os detritos, e mesmo não sendo preciso ser gênio para adivinhar o que iriam fazer, mantive meus receios para mim mesma. Não tinha certeza se poderia dizer que estava me divertindo, mas não queria discutir ou tentar impedi-los e perder a oportunidade que de alguma forma ganhei.

Não ainda, pelo menos.

— Queimem tudo! — Michael gritou. — Está na hora de limpar esse lixo.

Os quatro pararam ao meu lado, todos nós encarando o interior da casa, e vi quando acenderam fósforos, o brilho das pequenas chamas iluminando suas máscaras.

Os olhos castanhos de Michael tremeluziram, e meu coração perdeu o ritmo.

Enfie a mão no bolso e peguei minha caixinha de fósforos, riscando um deles e vendo a chama consumir a ponta.

Sorri, olhando ao redor, para toda aquela merda espalhada pelo chão, e pensei em todas as coisas ruins que devem ter acontecido nesta casa. Pela quantidade de restos de drogas espalhados no lugar, só pude supor que violência também esteve presente. Provavelmente muitas pessoas foram abusadas aqui.

Talvez até mesmo crianças.

Virei a cabeça para a direita, deparando com o olhar fixo de Michael. Olhei à esquerda e vi que Kai e Damon também me encaravam. Will segurava o celular, pronto para filmar o que estava prestes a acontecer.

Olhei à frente, sabendo o que estavam esperando.

Arremessei o fósforo, a pequena brasa explodindo em uma chama de quase um metro e meio contra a parede, e soltei o ar que estava prendendo, sentindo o calor atingir meu corpo.

Os caras também jogaram seus fósforos, e a casa minúscula se tornou um inferno amarelo e vermelho. Calor inundava minhas veias, o que me fez sorrir.

— Uhuuu! — Will exclamou em um uivo rouco, filmando cada centímetro da sala de estar agora em chamas.

Devagar, um a um, saímos da casa; Damon levava a sacola que Will havia trazido, já que este estava com as mãos ocupadas fazendo o registro do espetáculo.

Ele deveria estar fazendo aquilo? Você não gostaria de ter prova alguma correndo o risco de vazar quando se estava infringindo a lei, afinal de contas.

— Faça a ligação.

Olhei para cima e vi Michael jogando um celular para Kai enquanto descíamos as escadas do alpendre.

Kai pegou o aparelho e se afastou, enquanto lancei um rápido olhar ao redor, mantendo a cabeça baixa, para me assegurar de que não havia testemunhas.

A vizinhança ainda parecia completamente morta.

Observei Kai caminhando cerca de seis metros de distância, erguendo a máscara e falando ao telefone.

— Você já pensou no que quer fazer? — Michael perguntou a Will.

Ele desligou a câmera do celular, enfiando-o no bolso.

— Ainda não — respondeu enquanto Damon passava por ele e jogava a sacola na parte de trás do SUV.

— Tudo bem, vamos fazer o de Kai, e depois o de Damon — Michael lhe disse. — Decida isso até lá.

Decida isso?

Então caí em mim. Kai, Damon, depois Will. O que significava que o de Michael estava feito.

Dei a volta e olhei para a casa, as chamas já visíveis pelas janelas do segundo andar.

— Então cada um de vocês faz um trote na *Noite do Diabo*, e este foi o seu — afirmei, finalmente chegando à conclusão sobre o que ele estava falando. — Por quê?

Seus olhos se fixaram aos meus através de sua máscara, e fiquei me perguntando por que ele nunca a tirava do rosto. Os outros já haviam erguido as deles, acima da cabeça, agora que a proeza estava feita.

— Não gosto de drogas ou bocas de fumo — admitiu. — Drogas

são como uma muleta para pessoas ignorantes demais para se autodestruírem por conta própria.

Franzi o cenho ante suas palavras.

— O que quer dizer? Por que alguém iria querer se autodestruir, para início de conversa?

Ele manteve o olhar preso ao meu, e achei que fosse me responder, mas simplesmente passou por mim, seguindo para o carro.

Balancei a cabeça, decepcionada por parecer não entender o que ele estava tentando dizer.

— Vamos embora! — ele berrou, e todo mundo se amontoou no carro. Dei um último olhar para a casa, vendo que ela agora iluminava a noite escura, e sorri, torcendo para que Kai tivesse chamado o corpo de bombeiros ao telefone.

Kai sentou-se no banco do motorista, e abri a porta do passageiro que ficava atrás dele, pronta para tomar meu lugar, mas fui arrancada dali e a porta se fechou na minha cara.

Meu fôlego ficou preso na garganta, e quando dei por mim, estava sendo arremessada contra a lateral do carro.

— Por que ele trouxe você junto, hein?

Damon me encarava com uma careta, e observei sua expressão, sentindo a cabeça desorientada.

— O quê? — engasguei.

— E por que ele a levou às catacumbas hoje?

Qual era o problema dele?

— Por que não pergunta para ele? — retruquei. — Talvez ele esteja entediado.

Suas pálpebras semicerraram, enquanto ele me encarava.

— Sobre o que vocês dois conversaram hoje?

Mas que porra?

— Você interroga todas as pessoas com quem Michael conversa? — acusei.

Ele se atirou sobre meu rosto, rosnando ao sussurrar:

— Nunca o vi andar de mãos dadas em um tour de uma orgia antes. Ou trazer alguém na *Noite do Diabo*. Isto é coisa nossa, então por que você está aqui?

Permaneci em silêncio, mantendo os dentes grudados. Não sabia o que dizer ou até mesmo pensar. Tive a impressão de que Damon, Will e Kai estavam de acordo com tudo quando Michael me pegou mais cedo.

Será que os outros dois também estavam sentindo a mesma raiva?

— Não ache que você é especial — escarneceu. — Um monte de mulher o procura. Nenhuma o mantém.

Meu olhar não se afastou do dele, pois queria ter certeza de que

ele não me visse vacilar.

— Rika — Michael chamou. — Venha aqui agora.

Damon manteve o olhar preso ao meu por mais um instante e depois se afastou, deixando-me sair. Respirei profundamente, percebendo que meu coração estava batendo como um tambor. Dei a volta no carro e vi Michael ao lado da porta do passageiro.

Ele a abriu e se sentou, jogando a máscara para Will, e depois olhou para mim.

Ele não ia dirigir?

— Venha aqui. — Estendeu a mão.

Dei um passo para mais perto e me engasguei quando ele me puxou para dentro do carro, sentada em seu colo, passando minhas pernas por cima dele.

O quê? Enganchei um braço em seu pescoço para me apoiar, minha bunda plantada sobre suas coxas.

— O que você está fazendo? — perguntei, chocada.

— Precisamos de espaço lá atrás — ele disse, fechando a porta.

— Por quê?

Ele deu um suspiro irritado.

— A porra da sua boca nunca fica calada, não é?

Ouvi a risada de Kai e olhei para cima, vendo-o sorrir enquanto dava a partida no carro.

Por que eles trocaram de lugar? Eu poderia facilmente ter me sentado no colo de Kai.

Não que eu estivesse reclamando.

Permiti que Michael me puxasse contra seu corpo, minhas costas pressionando seu peito, e pisquei devagar, absorvendo seja lá o que estivesse correndo por baixo da minha pele.

Uma de suas mãos descansava sobre minha coxa, enquanto a outra digitava alguma mensagem no celular; seu polegar deslizando a mil por hora.

— Vamos embora — ele disse a Kai. — Rápido.

Minha mandíbula chegou a doer com um sorriso enquanto Kai dava o fora. Não sabia o que viria a seguir, mas de repente, estava me divertindo pra caralho.

Capítulo 9

Erika

Dias atuais...

ANTROPOLOGIA DA CULTURA JOVEM.

Caminhei rumo à minha primeira aula do curso, já exausta por ter me enfiado em um fiasco. Ou me daria muito bem com a matéria, ou muito mal.

Claro, eu tinha visto um punhado de cultura jovem no meu pouco tempo de vida. Os Cavaleiros no colégio e a hierarquia que eles ditavam. O consciente coletivo dos trotes praticados pelo time de basquete e seja lá o que acontecia naquelas catacumbas.

A maneira como os caras tramavam, assim como as garotas, e a forma como todos éramos espelhos de nossos pais de algum jeito. Os poucos líderes e muitos seguidores, e o único modo de se tornar mais forte se você não estiver sozinho.

E havia a *Noite do Diabo*. A maneira como nossa cidade fazia vistas grossas e permitia que sua juventude usasse aquela noite para suas travessuras.

Cultura jovem em Thunder Bay era como um ninho de serpentes. Vá com cuidado e sem fazer movimentos bruscos, ou alguém poderia dar o bote. A não ser que você fosse um dos Cavaleiros, claro.

Mas isso não significava que eu não soubesse alguma coisa sobre cultura jovem, também. A população da minha cidade natal era, em grande parte, rica e influente. Essa não era a média. Quão ameaçador você seria sem dinheiro, conexões e o papaizinho? Será que o campo de batalha estaria mais nivelado sem estas regalias?

Era isso o que eu estava tentando descobrir. Sem o sobrenome da minha família e seu dinheiro, sem meus contatos e sua proteção, do que eu era capaz?

Foi por isso que deixei a Brown e Trevor, e a cultura na qual cresci acostumada. Para descobrir se era uma seguidora ou uma líder. E eu duvidava que pararia até provar que era a última opção.

Desci as escadas acarpetadas do auditório, buscando por um lugar para me sentar. O que estava sendo difícil. Aquela sala foi feita para o mínimo de cem alunos em assentos nivelados por altura, como numa sala de cinema, e estava lotada. Quando me matriculei nesta matéria, me disseram que era oferecida somente uma vez a cada dois anos, então parecia que um monte de gente também se inscreveu enquanto deu.

Meus olhos aterrissaram em uns assentos vazios em uma das

fileiras, e então parei, vendo a morena, com aquele longo cabelo sedoso, vestida em um cardigã bege e fino. Descendo os degraus, olhei para o perfil da garota e a reconheci.

Hesitei por um instante, apertando a alça da minha bolsa. Não queria me sentar com ela, mas olhei ao redor e vi todos os espaços lotados, e havia alguns lugares vagos na fileira dela, então acho que era ali que acabaria tendo que me sentar.

Passei pela fileira, desviando das pernas dos outros alunos, e me sentei na cadeira, mantendo um espaço entre mim e o cara da direita, assim como entre mim e a morena, à esquerda.

Ela me deu um olhar e sorriu com simpatia.

Eu sorri de volta.

— Oi, você estava com o Michael naquela outra noite, não é? — abordei o assunto. — No elevador. Não tivemos a chance de nos conhecer.

Estendi a mão e ela estreitou os olhos, parecendo confusa.

Mas então relaxou, assentiu e aceitou meu cumprimento.

— Ah, isso mesmo. A namorada do irmão mais novo.

Bufei uma risada, não me incomodando em corrigi-la. Ela não precisava saber da minha história de vida.

— Rika — informei. — Na verdade, é Erika, mas todos me chamam de Rika.

— Ree-ka? — repetiu, sacudindo minha mão. — Oi, sou Alex Palmer.

Assenti, liberando-a e olhei para a frente de novo.

O professor Cain entrou na sala, com seu cabelo grisalho, terno marrom e óculos, e imediatamente começou a esvaziar sua bolsa, tirando papéis e ajustando o projetor. Coloquei minha bolsa no chão, procurando meu iPad e depois ajustando-o no suporte, para que pudesse conectar o teclado para fazer minhas anotações.

Tentei manter o olhar para baixo, mas era impossível não olhar de relance para Alex. Ela era muito bonita. Os olhos verdes eram exóticos e penetrantes, e ela usava um jeans *skinny* e uma regata por baixo do cardigã. O corpo dela não tinha defeitos, era sexy e a pele bronzeada brilhava.

Coloquei uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, dando uma olhada nas minhas roupas. Calça *legging* preta, uma bota marrom até o joelho e um blusão branco com um cachecol cor vinho amarrado frouxamente no meu pescoço.

Suspirei. Não importa. Mesmo se estivesse usando roupas sexy, ainda não seria nem um pouco parecida com ela.

— Sai fora — uma voz grave soou.

Levantei a cabeça e meu peito apertou ao ver Damon Torrance me encarando.

Mas que porra?

Ele lançou um olhar firme para Alex; usava o cabelo preto estilizado com gel e uma camisa tão escura quanto seus olhos.

Ela se agitou, confusa, e virei a cabeça, vendo-a recolher suas coisas e se mudar para algumas cadeiras abaixo.

Abri a boca e estreitei o olhar.

— O que acha que está fazendo? — exigi saber.

No entanto, ele me ignorou e roçou minhas pernas ao passar por mim e se sentar à minha esquerda, no lugar onde Alex estava.

— Oi, Rika — outra voz soou, e olhei para a direita, vendo Will Grayson se sentar no espaço vazio ao lado. — Como você está?

Ambos se ajustaram em seus assentos e a impressão que tive era de que eram como muros ao meu redor. Eu não havia conversado com eles em três anos, e mantive meu olhar focado à frente, sem fazer ideia do que estava acontecendo.

Déjà vu. Eles estavam aqui. E sabiam que eu estava aqui. Os pelos dos meus braços se eriçaram, e era como se o tempo não tivesse passado. Era como se estivesse de volta três anos atrás.

Apertei os punhos, vendo o professor assumir seu lugar diante da turma.

— Olá a todos — ele saudou, deslizando os dedos pela gravata. — Bem-vindos à aula de Antropologia da Cultura Jovem. Eu sou o professor Cain, e...

Desviei o olhar, a voz do professor sumindo quando senti o braço de Damon logo atrás do encosto da minha cadeira.

Cain continuou a falar, mas o pavor tomou conta de mim, me deixando com a sensação de estar sendo espremida.

— O que vocês estão fazendo? — perguntei aos dois, mantendo o tom de voz baixo. — Por que estão aqui?

— Estamos frequentando as aulas — Will cantarolou.

— Vocês estão estudando aqui? — questionei, olhando para ele com descrença, antes de me virar para Damon.

Os olhos dele, tão frios e quentes ao mesmo tempo, estavam focados em mim, como se o professor e o restante da classe não estivessem aqui.

— Bom, nós meio que perdemos um tempo — Will refletiu e sussurrou: — Devo dizer que fiquei de coração partido por não ter recebido nem uma carta sequer em todo o período em que estivemos afastados. Naquela noite em que estávamos livres, nos divertimos bastante, não é?

Não. Nós não nos divertimos tanto assim. Respirei fundo, inspirando pelo nariz, e rapidamente fechei meu iPad e estendi a mão para pegar minha bolsa, querendo sair dali.

Porém Will agarrou meu pulso, fazendo-me sentar outra vez.

— Fique — sugeri em uma voz calma, mas podia jurar que era uma ordem. — É bom termos uma amiga nessa aula.

Soltei-me de seu agarre, a pele queimando no exato lugar onde ele tocou. Empurrei a mesa para o lado, agarrei minhas coisas e me levantei às pressas.

No entanto, Damon segurou a parte de trás da minha blusa, e meu coração quase parou quando ele me obrigou a sentar de volta na cadeira, sussurrando:

— Levante-se outra vez e vou matar sua mãe.

Arregalei os olhos, respirando com dificuldade à medida que o medo rastejava pela minha pele. *O quê?*

Um cara na fileira da frente virou a cabeça, provavelmente tendo presenciado nossa interação, e franziu o cenho com preocupação.

— Que porra você está olhando? — Damon rosnou.

O rosto do rapaz assumiu uma expressão de medo e ele se virou para frente de novo.

Ai, meu Deus. Deixei a bolsa cair no chão e apenas me sentei lá, tentando descobrir o que fazer. Aquilo era uma brincadeira? Por que ele diria algo assim?

Mas então me endireitei, lembrando-me que minha mãe não estava em casa. Ela estava viajando. Tentei falar com ela diversas vezes na semana passada, até que, finalmente, recebi uma mensagem de texto dela, dois dias atrás, dizendo que iria velejar com a Sra. Crist, em um cruzeiro, no iate deles, pelo próximo mês. Ela estava a caminho da Europa neste exato momento, e nossa governanta aproveitou a oportunidade para visitar a família que morava fora da cidade. A casa estava completamente vazia.

Suspirei de alívio, me acalmando. Ele não tinha como colocar as mãos nela, mesmo se quisesse. Não agora, pelo menos. Damon estava apenas mexendo comigo.

O braço dele se enroscou no meu pescoço outra vez e eu me recostei na cadeira. Fiquei tensa quando me puxou para perto de seu corpo.

— Você nunca fez parte do nosso grupo. — O sussurro irritado soprou no meu ouvido. — Você era só uma boceta sendo preparada.

Então sua mão livre deslizou pelo interior da minha coxa, apertando-a.

Gemi em choque, e agarrei sua mão, afastando-a de mim. Ele tentou me tocar outra vez, mas cerrei meus dentes e dei um tapa para que não chegasse mais perto.

— Mas o que está acontecendo aí atrás?

Parei ao ouvir a voz do professor. Virei-me para frente e olhei adiante, sentindo-me observada, mas me recusei a responder.

— Sinto muito, senhor. — Vi de relance quando Damon alisou sua camiseta enquanto se curvava na cadeira. — Eu a peguei gostoso essa manhã, mas parece que ela não consegue manter as mãos longe de mim.

Risadas explodiram pelo auditório, e ouvi o risinho silencioso, porém satisfeito, de Will, ao meu lado.

Meu rosto queimou tamanho o embaraço, mas não se comparava à raiva que estava sentindo crescer por dentro.

Que merda eles queriam? Não fazia o menor sentido. *Isto* aqui me pertencia. Esta faculdade, esta aula, a nova chance de ser feliz... Prefiro morrer do que deixá-los me afugentar.

O professor nos lançou um olhar de desgosto e voltou à sua aula sobre tecnologia e o impacto que isso tinha sobre a juventude. Will e Damon se recostaram em seus assentos, ficando calados.

Mas eu não conseguia me concentrar.

Só precisava terminar essa aula. Só precisava dar o fora daqui e voltar para o meu apartamento e...

E o quê?

Com quem eu me queixaria? Michael?

Michael. Ele morava no Delcour, um andar acima do meu. Os caras deviam frequentar seu apartamento. Com frequência, talvez.

Merda.

Depois de anos na cadeia, pensei que estivessem longe daqui depois de tanto tempo sem curtir a liberdade. Mas cá estavam eles. Será que isso era mais divertido?

Baixei o olhar, vendo as inúmeras tatuagens que desciam pelo braço esquerdo de Will. Ele não as possuía, da última vez em que o vi. Olhando de esguelha para Damon, vi que seus braços ainda estavam livres de tinta. Não sei por que razão pensei se os caras mudariam ou não, mas de uma coisa eu tinha certeza: eles ainda eram os mesmos.

Minutos se passaram, e, mais uma vez, Damon posicionou seu braço no encosto da minha cadeira. Permaneci congelada no lugar, tentando focar minha atenção na aula que estava se tornando cada vez mais como um discurso.

— O problema com essa geração — o professor anunciou, enfiando as mãos nos bolsos da calça — é o imenso senso de merecimento. Você sente-se dono de tudo, e quer tudo para agora. Por que sofrer a doce agonia de assistir séries de TV, apenas para descobrir o final esperado por anos, quando pode aguardar que todos os quinze episódios sejam liberados no Netflix, permitindo que você os assista em uma maratona de três dias, não é mesmo?

— Exatamente! — um aluno do outro lado da sala gritou. — Seja esperto, sem esforço.

Todo mundo riu com a tirada do garoto.

Imenso senso de merecimento? O quê?

— Estive sonhando com esses lábios — Damon disse, baixinho, no meu ouvido, me trazendo de volta. — Você sabe como chupar um pau, Rika?

Eu me esquivei, sentindo nojo. Mas ele me puxou contra ele outra vez.

Está só mexendo com você. Ignore.

— Mas trabalhar com esforço constrói o caráter — o professor deu continuidade à discussão com o aluno. — Você não nasceu com respeito e reverência. Você aprende a perseverar e valorizar as coisas quando se esforça por aquilo.

Obriguei-me a prestar atenção ao que ele dizia, mas perdi o fôlego quando a mão de Damon agarrou com força um punhado do meu cabelo, mantendo-me imóvel.

— Porque quando eu me enfiar até a sua garganta — sussurrou contra minha bochecha —, é melhor você aguentar tudo e mostrar todo o seu amor.

Afastei a cabeça para longe dele, rosnando baixinho. *Perverso.*

— Nada que vale a pena vem fácil — uma garota disse, apoiando o argumento do professor.

— Exatamente — ele concordou, apontando o dedo com empolgação.

Jesus. Esfreguei o rosto com as mãos, incapaz de continuar. Havia algo que eu queria dizer, mas não conseguia me lembrar o que era.

Putá que pariu, sobre o quê mesmo o professor estava falando?

Suspirei e balancei a cabeça.

— Sim? — ouvi o professor chamar.

Quando ninguém disse nada, e Will e Damon se mantiveram quietos, ergui meu olhar, devagar, vendo que Cain olhava diretamente para mim.

— Eu? — perguntei. Eu não tinha falado nada.

— Você parece frustrada. Gostaria de contribuir com a discussão além de distrair a turma com seus namorados?

Meu coração parou. Will riu baixinho ao meu lado, mas Damon permaneceu calado.

Posso até imaginar o que todo mundo estava pensando.

Desviei o olhar da esquerda para a direita, tentando me recordar do que diabos o professor estava falando, e então me lembrei do primeiro tópico que surgiu na minha mente antes de Damon sussurrar no meu ouvido.

— Você... — respirei fundo e encontrei o olhar do professor. — Você falou a respeito de uma geração ingrata cujas vidas giram em torno das tecnologias que a sua geração nos deu. Eu não acho —

pausei — que esse seja um ponto de vista útil.

— Esclareça.

Endireitei-me na cadeira, inclinando o corpo para a frente, longe do alcance de Damon.

— Bem, é o mesmo que pegar seu filho pela mão e levá-lo até uma concessionária para comprar um carro, e ficar com raiva quando ele escolhe algum deles — expliquei. — Não acho que seja certo ficar irritado com a opinião pública por utilizarem as conveniências que são disponibilizadas.

Ele falou sobre a minha geração ser cheia de um “imenso senso de merecimento”, mas era algo mais profundo do que aquilo.

— Mas eles não são gratos, de verdade, pelas comodidades em suas vidas — o professor argumentou.

— Porque não é uma questão de comodidade para eles — contra-argumentei, reforçando minhas palavras. — É uma coisa normal, porque a referência deles é diferente da sua quando a sua geração estava crescendo. E nós dizemos que é uma conveniência quando nossas crianças têm coisas que não tivemos. No entanto, mais uma vez, isso não é uma questão de comodidade para eles, também. É apenas algo ao qual *estão* habituados.

Damon e Will permaneciam imóveis em suas cadeiras.

— Além disso — prossegui —, esta discussão não tem a menor utilidade, porque não vai mudar nada. Você está com raiva, porque sua geração tem dado à minha os avanços da tecnologia, e então nos culpa por esta nova realidade? De quem é a responsabilidade?

Will bufou uma risada ao meu lado, enquanto o resto da turma, assim como Damon, permaneceu em silêncio, à espera do que viria a seguir.

O professor Cain examinou-me com o olhar, forçando os olhos à medida que o pesado silêncio envolveu a sala inteira como uma tira de elástico, tornando o ambiente cada vez menor, e menor... e menor.

Senti todos os olhares em mim.

Mas enquanto esperava que minha pele aquecesse com a vergonha, nada aconteceu. Ao invés disso, minha pele zumbia com a adrenalina, e tive que conter um sorriso enquanto encarava o professor.

Aquela sensação era ótima.

Talvez tenha sido por conta da conversa-fiada de Damon e Will, ou das inúmeras vezes em que esbarrei com Michael, mas o final da corda estava na minha mão, e eu ainda me mantinha agarrada a ela. No entanto, simplesmente decidi soltar.

Não abaixei o olhar. Não corei de embaraço. Não me desculpei. Dominei este momento.

Cruzei os braços à frente do corpo e me recostei no assento.

— Ela te fez uma pergunta — Damon falou, fazendo a carranca do professor ceder.

Pisquei, surpresa. O que ele estava fazendo?

Mas Cain não respondeu, apenas endireitando sua postura e voltando para sua mesa.

— Vamos pensar sobre este assunto uma outra hora, turma — ele disse, engessando um sorriso no rosto enquanto encerrava a discussão com uma evasiva. — E não se esqueçam do exercício de leitura que postei no meu site. Leiam até a próxima quarta-feira.

A classe se levantou e não hesitei. Peguei meu iPad, me apressando para fugir dali, mas Damon parou à minha frente, com o rosto colado ao meu quando se levantou também.

— Ninguém tira sarro de você, a não ser nós — ameaçou com um sorriso sinistro.

Travei a mandíbula, e continuei enfiando minhas coisas na bolsa, disparando para fora da cadeira.

Todo aquele tempo, tudo o que perderam, e era isso que eles desfrutavam assim que voltaram? Eu?

Passei a alça da bolsa por cima do ombro e o encarei.

— Seu senso de humor é uma droga — disse, entredentes, em um sussurro irado. — Está um pouco cedo para os trotes da *Noite do Diabo*. Se você ameaçar a minha mãe mais uma vez, mesmo se estiver brincando, eu vou chamar a polícia.

Estava me virando para sair, quando ele enganchou um braço no meu pescoço, e acabei me chocando contra seu peito. Ofeguei, sentindo-me trêmula enquanto os outros alunos continuavam a sair do auditório, alheios ao que estava acontecendo.

— Quem disse que estou brincando? — sussurrou contra minha bochecha.

Senti um corpo pressionar às minhas costas, sabendo que era Will que estava me enjaulando.

Olhei para cima, endurecendo o olhar.

— O que vocês querem? — desafiei. — Hein?

Ele lambeu os lábios, e senti o hálito de Will deslizar pelo meu pescoço.

— Seja lá o que for — ele provocou —, estou dentro.

Sacudi a cabeça, fingindo-me entediada.

— Cão que ladra não morde — sibilei. — O que mais você tem? Os olhos dele se estreitaram ao me observar.

— Nós vamos nos divertir muito com você, Rika.

Ele me soltou e imediatamente o empurrei para longe, passando por Will quando me virei para sair. Acelerei os passos pela escada, esbarrando nos outros alunos para conseguir sair do auditório e chegar ao corredor.

Que merda era aquela que estava acontecendo?



Kai, Will e Damon estavam fora da prisão, todos em Meridian, e os dois últimos, aparentemente, estavam me perseguindo. Por quê?

Será que já não tinham feito estragos suficientes três anos atrás? Será que não haviam aprendido a lição? Eles receberam o que mereceram, e eu não podia dizer que sentia muito. Eles ferraram tudo e me deixaram puta, então qualquer simpatia que pudesse ter sentido por eles ao longo dos anos, desapareceu.

Eu só queria que tivessem parado enquanto tinham tempo. Eles pensaram que eu era um alvo fácil, e confundiram minha quietude com fraqueza, mas não sou mais o brinquedinho deles.

Eles precisavam partir para outra.

Eu não tinha mais aulas neste dia, então saí correndo do *campus* e apressei meus passos pelo pátio para chegar ao meu apartamento, cerca de duas quadras de distância naquela cidade movimentada.

Entrei no Delcour e avistei Alex, a garota da outra noite e que estava na minha aula, esperando pelo elevador.

— Oi — ela me cumprimentou assim que me viu e ergueu os óculos de sol para o topo da cabeça. — Você está bem?

Ela devia estar perguntando por conta de Damon e Will.

Sorri sem vontade, baixando o olhar.

— Acho que sim. Frequentei a mesma escola que eles e sempre quis saber quem eram. Agora tudo o que eu queria era me tornar invisível para eles outra vez.

Vi quando as luzes azuis do elevador sinalizaram que ele estava descendo.

— Bom, não os conheço tão bem — afirmou —, mas posso te garantir que você nunca foi invisível para eles.

Olhei para ela, percebendo que me avaliava de cima a baixo.

Ela os conhecia?

Bem, acho que faz sentido. Se ela estava na companhia de Michael, deve ter conhecido seus amigos, claro.

O que me lembrava...

— Você não tinha que pegar o outro elevador para a cobertura? — perguntei, apontando o polegar por cima do meu ombro, indicando a entrada privativa para o vigésimo segundo andar.

— A cobertura de quem? — indagou.

— Do Michael.

O elevador apitou e as portas se abriram. Ela entrou e a segui, distraidamente.

— Sim, mas não estou indo para lá — respondeu. — Eu moro no décimo sexto.

E vi quando pressionou o botão que a levaria para o seu andar. Ela morava no prédio.

— Ah... — eu disse. — Bem, então acho que isso torna tudo mais fácil para encontrá-lo.

— Eu me encontro com um monte de homens.

Ergui as sobrancelhas, surpresa. *Ooooookay*. Seja lá o que isso signifique.

Estendi a mão e apertei o botão do vigésimo primeiro, segurando a alça da bolsa à medida que o elevador subia.

— Mulheres também — acrescentou de um jeito atrevido.

Retesei o corpo, sentindo o calor de seu olhar no meu pescoço.

— Você gosta de mulheres? — ela perguntou, com naturalidade.

Meus olhos arregalaram, e uma risada nervosa se alojou na minha garganta.

— Humm... — respondi, em uma voz esganiçada. — Nunca me passou pela cabeça.

Droga. Eu tinha que dar o crédito a ela. A garota soube direitinho como tirar os meninos da minha cabeça.

Ela inclinou a cabeça, olhando para a porta do elevador e sorriu.

— Me avise se algum dia estiver a fim. — As portas se abriram e ela saiu, dizendo por cima do ombro, em uma voz provocante: — Espero vê-la por aí, Rika.

Assim que sumiu pelo corredor, o elevador se fechou outra vez.

Balancei a cabeça, tentando clarear a mente. Que diabos foi isso?

Quando as portas se abriram de novo, saí e fui direto para o meu apartamento. Assim que estava dentro, tranquei a fechadura e tirei o celular da bolsa antes de arremessá-la no sofá.

Nenhuma ligação perdida.

Falei com minha mãe um dia desses, mas se ela não tinha nenhum sinal, então o iate devia ter um telefone por satélite. Por que não me ligava de volta? A ameaça de Damon agora me deixou preocupada, e queria ter certeza de que ela estava bem.

Pithom, o iate da família Crist, normalmente ficava ancorado em Thunder Bay. Muitas festas já haviam sido feitas ali, enquanto eu crescia, mas era uma embarcação que podia perfeitamente navegar por longas excursões, oceanos afora. Durante os meses de outono e inverno, o pai e a mãe de Michael costumavam ir para o sul da Europa para seu cruzeiro anual, ao invés de viajarem de avião. Acho que a Sra. Crist convenceu o marido a saírem antes do tempo e acabou

levando minha mãe junto.

Liguei para o número dela; a ligação caiu direto na caixa de mensagens.

— Tudo bem, mãe — resmunguei, irritada. — Já se passaram dias. Deixei mensagens, e você está me deixando preocupada agora. Se você ia sair para uma viagem, por que não me ligou para avisar?

Não queria ter gritado, mas já estava esgotada. Afastei o celular e encerrei a ligação.

Minha mãe era volúvel e nem um pouco autossuficiente, mas sempre esteve disponível para mim. Sempre manteve contato.

Caminhei até a geladeira, liguei para o escritório do Sr. Crist e segurei o celular entre o ombro e ouvido, enquanto destampava uma garrafa de Gatorade.

— Escritório do Sr. Crist — uma mulher atendeu.

— Oi, Stella — tomei um gole e recoloquei a tampa —, aqui é a Erika Fane. O Sr. Crist está?

— Não. Sinto muito, Rika — ela respondeu. — Ele já deixou o escritório. Você gostaria de anotar o número de celular dele?

Suspirei, colocando a garrafa no balcão. Stella trabalhava para os Crist e era a assistente pessoal dele desde quando me entendo por gente. Eu costumava tratar alguns assuntos com ela, já que era ela que cuidava da maior parte das finanças da minha família, a mando do Sr. Crist. Até que eu me formasse na faculdade, de qualquer forma.

— Não. Eu tenho o número dele — eu disse. — Só não queria incomodá-lo em seu tempo livre. Você poderia pedir que ele me ligue, quando puder, assim que falar com ele? Não é nenhuma emergência, mas é meio que importante.

— É claro, querida — ela respondeu.

— Obrigada.

Desliguei e peguei a garrafa do energético outra vez, seguindo até a janela do terraço para observar a cidade ao longe.

O sol estava começando a se pôr, as pequenas frestas de luz espreitando pelos arranha-céus; à distância, eu podia contemplar o céu claro com matizes púrpuras. As lâmpadas do lado de fora do jardim, detectando o súbito desaparecimento da luz do sol, se acenderam, e ao erguer meu olhar, avistei as janelas da cobertura de Michael.

Estava tudo escuro. Não o tinha visto há vários dias, não desde o episódio em Hunter-Bailey, e me perguntei se ele estava treinando ou fora da cidade. A temporada de basquete teria início nos próximos dois meses, mas não era incomum que jogos de exibição e de pré-temporada acontecessem antes da programação normal. Ele estaria bem ocupado e a maior parte do tempo longe entre novembro e março.

Sintonizei uma música – *Silence*, do Delirium –, e retirei meu

cachecol, chutando as botas e meias, me estendendo sobre a ilha central da cozinha com meu laptop; decidi fazer as tarefas que acabei acumulando hoje.

Além da aula de Antropologia, também comecei a matéria de Estatística, assim como Psicologia Cognitiva, no mesmo dia. Ainda não fazia a menor ideia de que carreira seguir, mas já que tinha cursado, entre a Brown e a Trinity, várias matérias voltadas para Psicologia e Sociologia, era quase certo que definiria minha especialização em breve.

A única coisa da qual tinha certeza era de que amava aprender tudo sobre as pessoas. A maneira como seus cérebros funcionavam, o que era químico e o que era comum, e eu queria entender por que agíamos ao nosso próprio modo. Por que tomávamos determinadas decisões.

Depois de finalizar minha leitura, fazendo marcações excessivas no texto, resolvi todos os exercícios de estatística, e depois preparei uma salada Caesar para comer. Finalizei uma lição de História enquanto terminava a refeição.

No momento em que acabei tudo, o sol já tinha se posto, e empacotei todas as minhas coisas na bolsa para o dia seguinte, colocando meu iPad, em seguida, para carregar. Andei até as janelas e liguei mais uma vez para minha mãe, observando o horizonte e o brilho das luzes da cidade.

A chamada caiu na caixa de mensagens, de novo, e finalizei a ligação para telefonar para a Sra. Crist na sequência. Nenhuma resposta também. Deixei uma mensagem de voz, pedindo que ela retornasse a ligação e joguei o celular em uma cadeira qualquer. Por que não estava conseguindo contato com a minha mãe? Ela me ligava praticamente todos os dias quando eu estava estudando na Brown, ano passado.

Olhei para cima, surpresa, quando vi as luzes do apartamento se acederem. Ele estava em casa.

Torci meus lábios, pensativa. Não estava conseguindo falar com a Sra. Crist, e o marido dela era um homem muito ocupado. Eu odiava incomodá-lo e ter que tratar qualquer assunto com ele, mesmo se fosse necessário. Michael era um pouco menos frustrante, e ele provavelmente tinha o número do telefone por satélite do *Pithom*.

Dando a volta, marchei em direção à minha porta da frente, de pés descalços, e peguei o elevador até o térreo.

Não ligaria para ele, já que tinha certeza de que seria dispensada. Então decidi que perguntaria pessoalmente.

Ao pisar o pé no saguão, avistei Richard, o porteiro, do lado de fora, e rapidamente olhei ao redor, para o balcão da recepção. Já estava um pouco tarde e, raramente, havia um atendente por ali, mas

eu tinha quase certeza de que precisaria de um cartão de acesso para usar o elevador privativo de Michael.

Corri até as portas de entrada do prédio, pronta para adular Richard para que me deixasse subir, mas o elevador apitou e as portas se abriram, e quando me virei para olhar, vi dois caras enormes saindo dali. Eles superavam a altura de Michael em cerca de dez centímetros, e olha que ele era bem alto. Estavam rindo entre si e meio que brincando com seus celulares quando atravessaram o saguão. Um deles chegou a me dar um sorriso quando passou por mim.

Eles deviam ser jogadores de basquete. Talvez colegas de time do Michael.

Lançando um olhar curioso para o elevador, vi que as portas ainda permaneciam abertas, e decidi não esperar mais. Corri até ele, me enfiei para dentro e pressionei o botão para que subisse até o último andar. Nem sequer me dei ao trabalho de conferir se Richard havia me visto, com medo de *dar na cara que* estava fazendo algo errado.

As portas se fecharam e o elevador começou a subir; entrelacei os dedos às costas e sorri para mim mesma por conta da aventura.

Pareceu levar uma eternidade, e eu podia sentir o enjoo e o coração bater acelerado, mas quando cheguei ao andar, não perdi mais tempo. Eu estava aqui.

As portas se abriram e enrijei meu corpo ao olhar adiante.

Estava tudo escuro. Como se fosse uma caverna.

Havia uma parede cinza à frente, e apesar de sentir as batidas aceleradas no meu peito, dei um passo no piso de madeira escura; virei à esquerda, devagar, pelo único caminho.

Tudo cheirava como ele. Madeira, especiarias e couro, e algo mais que não conseguia definir. Algo que era somente dele.

Andando devagar pelo corredor estreito, ouvi a música *Inside Yourself*, do Godsmack, ecoando pela cobertura, e quando alcancei a imensa sala de estar, me vi em meio à beleza e penumbra ao meu redor.

Apenas algumas luzes fracas estavam acesas, e uma luz neon azul brilhava por trás de imensas placas de madeira escura dispostas nas paredes. A sala de estar era imensa, e ele tinha uma parede inteira das mesmas janelas que havia no andar inferior, mas as dele eram duas vezes mais compridas que toda a extensão do meu apartamento. As milhares de luzes da cidade se espalhavam ante meus olhos, e por ser a cobertura, eu podia ver muito além na distância. Era como se fossem intermináveis.

Tudo ali dentro era cinza ou preto, e tudo reluzia.

Andei pela sala de estar, deslizando meus dedos pela mesa de vidro escuro que ficava contra uma parede, e senti meu corpo

formigando.

Mas parei, ouvindo as batidas de uma bola de basquete. O som aqueceu meu sangue, trazendo à tona muitas memórias. Enquanto estava crescendo, Michael sempre manteve uma bola em suas mãos. Éramos capazes de ouvir o som reverberar pela casa.

Segui a direção do ruído até chegar a um corrimão do outro lado da sala de estar.

É claro.

Uma quadra interna e particular de basquete estava situada em um pavimento um pouco mais abaixo, e embora não fosse tão grande quanto à que ele tinha na casa de seus pais, era mais do que claro que servia aos seus propósitos, de qualquer forma. Havia dois aros e um piso de madeira impecável e brilhante, e várias bolas dispostas em suportes.

Era de última geração, como tudo o que havia no apartamento, e não sei por que não pensei antes que Michael deveria ter uma quadra interna aqui também. Quando não estava jogando basquete, quase sempre estava segurando uma bola. Jogar era a única coisa que o fazia sorrir.

Meu olhar aterrisou nele enquanto corria e driblava até arremessar a bola para encestar com perfeição. Ele estava usando um short preto, largo, e não usava camisa; suor brilhava em seu peito largo e musculoso, deslizando pelo abdômen trincado, e observei quando se virou e pegou outra bola do carrinho ao lado, continuando seu treino.

Os músculos de suas costas se flexionaram, e cada fibra definida de seus braços tensionou quando ele os ergueu para lançar outra bola, enviando-a pelo ar.

O *ding* do elevador soou às minhas costas, e afastei o olhar de Michael, lançando um olhar nervoso por cima do ombro, ao me lembrar de que não deveria estar aqui.

Merda.

Preparei-me para correr... mas era tarde demais. Kai, Will e Damon entraram, diminuindo seus passos assim que me viram. Os olhos dos três estavam fixos em mim, e senti meu coração afundar.

— Você está bem, Rika? — Kai perguntou, o olhar gentil de três anos agora frio e duro.

Engoli em seco.

— Estou bem.

No entanto, seus lábios se inclinaram em um sorriso perspicaz.

— Você não parece estar bem...

Ele continuou a andar até se aproximar de mim, e observei quando Damon e Will se sentaram no sofá, em uma atitude relaxada, apoiando os braços no encosto. Damon soprou uma nuvem de fumaça,

e recuei até o corrimão, de repente, me sentindo enjaulada.

Já fazia muito tempo desde a última vez que os vi juntos. Eu queria sair dali.

Por alguma razão, achei que haviam se separado ao longo dos anos, mas aqui estavam eles, juntos, como se nada tivesse mudado.

Os três estavam usando ternos pretos, como se estivessem prontos para uma noite; coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha, tentando falar alguma coisa.

— Eu fiquei apenas surpresa, só isso — falei, endurecendo a coluna contra o corrimão. — Já faz um bom tempo.

Ele assentiu, devagar.

— Sim, já faz bastante tempo desde aquela noite.

Pisquei, tentando desviar o olhar, mas não fazia sentido esconder meu nervosismo. Ele já havia percebido meu desconforto.

— Vim aqui só para falar com o Michael — eu disse, rapidamente.

Ele se inclinou contra mim, apoiando as mãos no corrimão, ladeando meu corpo, e gritou por cima da minha cabeça:

— Michael! Você tem visita.

A voz grave enviou arrepios pela minha pele. Eu não precisava olhar por trás de mim para saber que Michael já havia me visto. Ouvi o som da bola de basquete quicando no chão, cada vez mais rápido, até que, por fim, parou e cessou o barulho.

Kai voltou a olhar para mim, seu rosto a apenas um centímetro do meu, enquanto ele me olhava de cima a baixo.

— Eu não sabia que todos vocês estavam aqui em Meridian — falei, tentando aliviar o clima tenso.

— Bem, como você pode ver — disse, afastando-se do corrimão e indo se sentar no sofá ao lado dos amigos —, não queríamos chamar atenção ou fazer alarde. Precisávamos de um pouco de privacidade para voltar com calma aos negócios.

Parecia razoável. A cidade inteira havia lamentado quando foram detidos e presos, e apesar das evidências encontradas, ninguém realmente os odiava por aquilo. Não precisou de muito tempo depois do que aconteceu para que seus atos fossem esquecidos e que a ausência deles fosse sentida. Por quase todo mundo.

— Venha aqui... Sente-se — Will insistiu. — Nós não vamos machucar você.

Damon inclinou a cabeça para trás e soprou a fumaça, enquanto uma risada sombria e silenciosa deixava seus lábios; ele provavelmente estava se lembrando das ameaças que me fizera hoje na aula, mais cedo.

— Estou bem aqui — garanti, cruzando os braços sobre meu peito.

— Tem certeza? — Uma expressão divertida tomou conta do rosto de Will. — Porque parece que você está tentando se afastar de nós.

Minha expressão mudou, e estaquei em meus passos, percebendo que, realmente, estava andando para trás, para longe deles. Estava a centímetros do final do corrimão contra a parede.

Merda.

Michael subiu as escadas da sua quadra de basquete, enxugando o rosto e o tórax com uma toalha. O cabelo brilhava de suor, e seus músculos abdominais flexionaram com o movimento. Cruzei os braços com mais força.

— O que você quer? — perguntou, aborrecido.

Acho que seu humor não melhorou desde a nossa discussão no Hunter-Bailey, no outro dia.

Respirei profundamente.

— Não tenho notícias da minha mãe, e estava pensando se você poderia me dar o número do telefone por satélite do *Pithom*.

Michael ainda resfolegava por conta dos exercícios; ele jogou a toalha em uma cadeira enquanto se dirigia à cozinha.

— Eles estão em alto-mar, Rika. Dê um tempo para sua mãe.

Ele pegou uma garrafa de água da geladeira e a destampou, bebendo a coisa toda de um gole só.

— Eu não teria incomodado você se não estivesse preocupada. — Dei uma olhadela para Damon, que havia plantado aquela semente na minha cabeça. — Não conseguir falar com ela é uma coisa. Mas ela não retornar minhas ligações? Isso é estranho.

Michael terminou de beber sua água e colocou a garrafa sobre a ilha central, apoiando as mãos na bancada atrás dele. Erguendo a cabeça, ele me encarou, estreitando o olhar como se estivesse pensando em alguma coisa.

— Venha para uma festa com a gente — ele disse, autoritário.

Uma risada rouca soou atrás de mim, e franzi as sobrancelhas, em total confusão.

Ele estava brincando comigo?

— Não — respondi. — Eu gostaria que você me desse o número do telefone por satélite.

Ouvi tecidos farfalhando, e um a um, cada um deles chegou até a bancada da cozinha, postando-se ao meu redor enquanto me observavam.

Michael estava à minha frente, enquanto Kai e Will se inclinaram e apoiaram seus antebraços no balcão à minha esquerda e à direita. Olhei de relance, vendo Damon com os braços cruzados e recostado contra a parede entre a sala de estar e a cozinha, apenas me encarando.

Eles estão mexendo com você. Era isso o que faziam. Eles pressionavam, intimidavam, mas aprenderam a lição. Eles não cruzariam a linha.

— Venha para a festa — Kai se intrometeu —, e você terá o número.

Balancei a cabeça, deixando uma risada amarga escapar.

— Venha para a festa e terei o número? — repeti. — Hum-hum, nós não estamos em Thunder Bay, e não sou tão fácil de manipular como antes, okay? — Voltei a olhar para Michael. — Vá se ferrar. Vou conseguir esse número com o seu pai.

Virei-me para sair dali, seguindo à esquerda do corredor em direção ao elevador. As portas se abriram assim que apertei o botão, e dei um passo para dentro, tentando acalmar o ritmo acelerado do meu coração.

Eles ainda me intimidavam.

E me excitavam. Desafiavam. E me amarravam em nós.

Até queria ir para alguma festa, mas não com eles.

As portas começaram a se fechar, mas uma mão se introduziu no elevador, e dei um pulo para trás, vendo-as se abrirem de novo. Respirei fundo, encarando com o olhar arregalado, quando a mão de Michael me alcançou e agarrou minha camiseta pela gola, puxando-me para fora.

— Michael! — gritei.

Meu corpo se chocou contra o dele, e antes que soubesse o que estava acontecendo, ele segurou meus pulsos juntos por trás das minhas costas, recuando em seus passos e me forçando a segui-lo de volta pelo corredor em direção à cozinha.

— Me solta! — exigi. Meus lábios tocaram a ponta do seu queixo.

— Não sei, gente — provocou por cima da minha cabeça —, ela ainda parece fácil pra caralho de se manipular. O que vocês acham?

As risadas encheram o ambiente à medida que ele me obrigava a voltar para a sala de estar.

Cada músculo do meu corpo estava em chamas, e as pontas dos meus dedos acabaram ficando presas debaixo do tênis dele.

Girei o corpo, tentando me soltar de seu agarre.

— Que merda você está fazendo?

Empurrei o peito de Michael e torci o corpo para a esquerda, arrancando-me de seu aperto, usando toda a força que consegui reunir em meus músculos.

Tropecei, perdendo o equilíbrio, e caí para trás, aterrissando no chão. A dor reverberou pela minha bunda, descendo até as pernas, enquanto eu tentava resgatar o fôlego perdido com a queda.

Bosta!

Com as mãos por trás das costas, tentei me levantar e dobrei os joelhos, vendo-o avançar em minha direção.

Ele me seguiu e parou, elevando-se sobre mim. Imediatamente comecei a rastejar para trás, para longe dele.

No entanto, senti algo às minhas costas e parei. Torci o pescoço e vi a perna de uma calça preta, sem saber se era de Damon, Will ou Kai, mas isso pouco importava. Eu estava cercada.

Ah, não. Ergui o olhar, devagar, deparando com os lábios de Michael torcidos em um sorriso ardiloso. Parei de respirar, vendo-o abaixar seu corpo até o chão. Ajoelhou-se entre as minhas pernas dobradas, enquanto suas mãos me ladearam.

Meu pescoço inclinou para trás quando seu rosto pairou logo acima do meu, mas tentei manter-me firme o tanto quanto possível, não importa quão perto seu corpo se aproximasse do meu.

— Pensei que você fosse uma de nós — ele sussurrou, o hálito acariciando meus lábios. — Pensei que poderia jogar.

Fiquei quieta, apenas encarando seus olhos.

Você é uma de nós agora. Will disse aquilo naquela noite longínqua.

Os olhos ambarinos de Michael buscaram os meus e depois desceram até minha boca, sua respiração mais pesada à medida que me encarava como se quisesse me morder.

Eu queria chorar. Que merda ele estava fazendo?

Três anos atrás tive praticamente a noite mais feliz da minha vida, mas tudo desandou para pior. E, desde então, Michael não somente agiu como se eu não existisse, mas como se ele *desejasse* isso.

Agora os caras estavam livres, e estavam todos juntos outra vez. O que eu tinha a ver com aquilo? O que ele queria de mim?

— Não conheço esse jogo — respondi, quase inaudível.

Ele me encarou, estreitando seus olhos como se estivesse me analisando.

— Tudo o que você precisa saber — finalmente respondeu —, é que não pode desistir.

Então ele deslizou seu corpo contra o meu, capturando meus lábios e esfregando o quadril contra o meu ao mesmo tempo.

Gemi, mas perdida em sua boca. *Ai, meu Deus.*

Cada nervo por baixo da minha pele formigava com a eletricidade, e seu pau friccionou com força por dentro minhas coxas. Eu podia sentir o quão grosso era, e não consegui impedir meu corpo de responder ao dele.

Fechei os olhos com força, sentindo a pequena pulsação em meu clitóris latejar enquanto ele moía contra mim, me provocando. Seus lábios exigiram mais, me comendo, e seus dentes mordiscavam, mordiam e tomavam.

Ofeguei, sem fôlego, entre os beijos, me deliciando com a sensação do toque de sua língua contra a minha. Gemendo, estiquei os braços atrás de mim e ergui meu corpo, correspondendo ao beijo, segurando seu lábio inferior entre meus dentes e ansiando por mais.

Michael agarrou meu cabelo, puxando meu pescoço para trás antes de deixar uma trilha de beijos pela minha garganta.

Abri os olhos lentamente e parei. Kai me encarava, de cima, com um ar arrogante no rosto.

Pavor se instalou por dentro. Como posso ter me esquecido que eles estavam aqui?

No entanto, antes que pudesse empurrar Michael para longe, ele afastou a boca do meu pescoço e pairou acima do meu rosto, bloqueando o olhar de Kai e dos outros.

— Nós vamos para uma festa na piscina — ele disse, a voz que antes estava rouca pela luxúria, agora fria. — Vamos te pegar lá embaixo em dez minutos, então, coloque uma roupa de banho.

Senti a garganta secar, e mal pude engolir.

— Se você não estiver pronta, nós vamos garantir que esteja, mesmo se nós quatro tivermos que fazer isso — ameaçou. — E, aí, talvez, depois que a noite acabar, posso ver se te darei o número.

Ele saiu de cima de mim e ficou de pé, e senti mãos agarrando meus braços e me levantando do chão.

Então estremeci quando uma mão rodeou meu pescoço e me puxou contra um peito duro, enquanto um sussurro soprava em meu ouvido:

— Você é uma putinha com tesão — Damon espumou. — Você quase o fodeu bem aqui, na frente de todos nós.

Rangi os dentes e mantive o olhar à frente.

— Mas a briguinha que você demonstrou foi até fofa — ele disse, a voz enrouquecida pelo sarcasmo. — O que mais você tem?

Logo depois apoiou a mão nas minhas costas e me empurrou para frente, meus pés vacilando para evitar a queda.

Respirei fundo, tentando retomar o fôlego, sentindo o estômago agitar e os nervos em frangalhos.

O que mais você tem? Ele atirou na minha cara as mesmas palavras que usei mais cedo. *Filho da pu...*

Endireitei os ombros e marchei diretamente para o elevador, sem olhar para trás.

O jogo deles havia mudado. Eu não sabia o porquê, e não tinha a menor ideia do que fazer, mas precisava pensar rápido.

Bem mais rápido.

Capítulo 10

Erika

Três anos atrás...

— COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO AÍ, IRMÃO? — DAMON GRITOU DE TRÁS. — Ela pode vir se sentar comigo, se quiser.

Ouvi a risada rouca de Will e senti a mão de Michael apertar com mais força a minha cintura, ainda sentada em seu colo.

Mas ele não respondeu. Ele não o faria. Pelo que podia ver, raramente cedia ante as criancices de Damon.

Kai acelerou pelo caminho, mantendo a cabeça baixa, dando-me olhadas de esguelha.

— Eu não sei... Ela parece bem confortável onde está — disse para Damon.

Apenas encarei o para-brisa, meio que revirando os olhos para ambos. Eu não gostava de ser alvo de piadas. Não pedi para me sentar aqui, afinal de contas.

Mas não podia dizer que estava louca para voltar para o banco de trás. Podia sentir o frio na barriga, calor aquecendo meu pescoço, e não tinha vontade alguma de estar em outro lugar. Meu coração batia com tanta força que chegava a doer.

Cada centímetro da minha pele implorava pelo toque dele, e tudo o que queria era me sentar escarranchada em seu colo para saber como era a sensação de tê-lo entre as pernas.

Agarrando o suporte que ficava ao lado da janela, descansei meu corpo contra seu peito, sentindo o movimento de sua respiração atrás de mim. Ele continuava a enviar mensagens pelo celular com a mão esquerda, como se eu não estivesse ali, mas a tensão no braço que estava ao redor da minha cintura indicava o contrário.

Flagrei as olhadas de relance que Kai me dava, algo ilegível em seus olhos.

— Já decidiu o vai querer fazer?

Virei a cabeça para trás, olhando para Michael.

— Eu? Como assim?

Ele terminou de digitar a mensagem, os olhos em mim, e o hálito quente soprando em meu rosto.

— Você tem que pregar uma peça também.

Will veio por trás, espiando por cima do assento de Michael.

— Pense naquele filme “O Corvo” — indicou. — Podemos assaltar algumas lojas, botar fogo na cidade, assassinar algum casazinho jovem...

Franzi o cenho, sem achar a menor graça.

Damon disse do fundo:

— Ela é uma fracote. Não fiz todo o caminho de volta à cidade, neste fim de semana, só para atirar ovos nos carros.

Will semicerrou os olhos, sorrindo para mim.

— Isso é tão 2010. Tenho certeza de que ela pode pensar em algo melhor que isso.

— Tenho certeza de que não vai ser tão difícil — zombei. — Vocês não estabeleceram um padrão assim tão alto. — Então olhei para todos eles, com um sorriso divertido. — É só isso o que os Cavaleiros fazem na *Noite do Diabo*? Porque, tenho que confessar, vocês não fazem jus à fama.

— Ooohhh, ela não disse isso! — Will uivou, rindo.

O sorriso sexy de Michael ampliou ante o desafio.

— Ora, ora, ora... parece que Erika Fane não ficou tão impressionada, cavalheiros.

Damon permaneceu quieto, no entanto, vi um reflexo de trás quando ele acendeu um cigarro; Kai sorriu, focado na estrada, mas ainda atento à conversa.

— Você não gostou do incêndio? — Michael cutucou, com um olhar travesso.

— Foi legal. — Dei de ombros. — Mas qualquer um poderia ter feito isso. Qual era o objetivo?

Continuei indiferente, gostando de participar de uma discussão com eles, mesmo que fosse apenas para provocar. Era óbvio que eu não tinha intenção de insultá-lo.

O olhar de Michael caiu sobre mim.

— Qual o objetivo? — perguntou, mas eu tinha certeza de que era apenas retórico. — Ei! — Michael gritou. — Ela quer saber qual era o meu objetivo.

Ouvi a risada e me virei para Kai, que mantinha um braço esticado sobre o volante enquanto acelerávamos pela estrada.

Ele me deu uma olhada, sacudindo as sobrancelhas, até que girou o volante para a direita, e eu gritei como todos os outros, quando fomos jogados em nossos assentos. Ergui as mãos para o suporte, segurando-o com força enquanto sacudíamos de um lado ao outro, o carro derrapando em uma estreita estrada de cascalho.

Abri a boca para falar algo, mas não sabia o que dizer. Que merda ele estava fazendo?

Quando dei por mim, ele parou o carro, desligou a ignição e os faróis. Ficamos em completo silêncio ali dentro.

— Mas que porra? — explodi. — O que você está fazendo?

— O que *nós* estamos fazendo? — Michael corrigiu.

Kai virou a cabeça para mim e pressionou um dedo sobre os lábios.

Eu tinha medo até de respirar.

Ficamos ali sentados por vários segundos, e eu estava confusa, mas não queria aborrecê-los com mais perguntas. O que estávamos fazendo aqui, no escuro, escondidos em uma estrada de chão? E ainda não entendia por que estava sentada no colo de Michael.

Então aguicei os ouvidos.

Sirenes.

Todo mundo virou a cabeça para olhar pela janela traseira, e segundos depois, as luzes azuis, vermelhas e brancas piscaram quando passaram voando por um pequeno trecho que ainda podíamos ver da rodovia. Dois caminhões de bombeiro e cinco viaturas da polícia.

Will começou a rir, o grito rouco e ruidoso como se fosse manhã de Natal.

Os veículos prosseguiram pela rodovia, e a floresta ao redor ficou escura e quieta outra vez.

Olhei para Kai, perguntando:

— Você ligou para eles? Era isso o que estava fazendo ao telefone.

Ele sorriu, assentindo.

— Tudo bem que eles estão pensando que há cinco incêndios, ao invés de apenas um.

Cinco? Por que ele mentiu quando ligou para eles?

Michael deve ter percebido a confusão em meu rosto.

— Precisamos do maior número possível de policiais fora da cidade.

— Por quê?

Mas então ele apenas revirou os olhos para mim, virando-se para Kai.

— Mostre a ela.

Kai deu a partida no carro, e agarrei o suporte outra vez quando ele deu marcha ré do desvio estreito, em alta velocidade. Eu me remexi no colo de Michael até que ele enlaçou minha cintura, segurando-me quieta no lugar.

Kai colocou o carro na primeira marcha e pisou no acelerador, disparando pela estrada escura enquanto *Bullet with a name*, do Nonpoint, enchia o silêncio do carro.

Ele passou a terceira, a quarta, e então a quinta marcha, e em segundos, avistei quatro enormes faróis à frente. Cheguei mais perto do para-brisa e vi que eram caminhões.

Dois caminhões basculantes.

Os ruídos de empolgação de Will vinham do banco de trás, enquanto Michael e Kai abaixavam os vidros. Lancei um olhar nervoso para Michael, e não pude explicar o que vi em seu olhar. Calor. Adrenalina. Expectativa.

O olhar dele aterrissou nos meus lábios, e o aperto ao redor da minha cintura intensificou.

— Segure-se — ele disse, suavemente.

Afastei o olhar, agarrada ao suporte lateral, enquanto via a parte da frente do carro à deriva no meio da estrada.

O que Kai estava fazendo?

Comecei a hiperventilar, e olhei para cima, vendo os dois caminhões se separarem, uma parte no acostamento, outra na estrada.

Os faróis brilharam mais e mais, e perdi o fôlego ao vê-los cada vez mais perto.

Então, de súbito, arregalei os olhos, sentindo um dedo de Michael roçar minha barriga, de um lado ao outro, devagarinho.

Ai, meu Deus.

Não pude evitar. Arqueei as costas, pressionando minha bunda contra ele, e olhei à frente, para os caminhões que vinham em nossa direção.

Ouvi seu gemido, e então seu celular acertou meu tornozelo quando ele o deixou cair. Sua mão esquerda abandonou a carícia suave no meu abdômen e se enrolou ao redor da minha garganta, me puxando de volta para ele, enquanto a outra mão apertava minha cintura.

— Pare com isso — sussurrou no meu ouvido, como se estivesse sem fôlego. — Você está me deixando louco.

A mão apertou minha garganta, e puxei meu lábio inferior entre os dentes, sentindo o pulsar latejante no pescoço, sentindo-o nos ouvidos.

Porra. Eu me contorci, apesar de seu aviso.

Os caminhões começaram a buzinar e piscar os faróis para nós, e gemi baixinho, sentindo o medo rastejar pela minha pele e me deixar enjoada.

— Jesus — Michael sussurrou no meu ouvido, deslizando sua mão por baixo do meu moletom até minha barriga outra vez. — Você está prestes a gozar, não está?

Ele respirou fundo contra minha orelha, e fechei os olhos com força, as luzes piscando, até que meu fôlego ficou preso na garganta quando os caminhões passaram por nós, buzinando e explodindo o ar pela janela aberta, agitando meu cabelo.

— É isso aí, porra! — Will gritou, segurando o mesmo celular de antes para filmar tudo.

Damon deu uma risada, e Kai diminuiu a velocidade do carro. Michael liberou o aperto em meu pescoço, todos virando as cabeças para olhar pelo vidro traseiro.

Kai parou o carro no meio da estrada, e respirei fundo, confusa, observando quando os dois caminhões desviaram na pista e pararam

um de frente ao outro, para-choque contra para-choque.

Os faróis foram desligados, e logo depois, dois caras pularam para fora de cada cabine, correndo em nossa direção.

Os caminhões foram largados bloqueando a pista e os acostamentos, sem deixar espaço para qualquer pessoa atravessar. Havia valas ao lado dos acostamentos, então passar por fora da estrada era impossível, a não ser que você tivesse um veículo apropriado.

As portas de trás se abriram, e dois jovens entraram, rindo e sem fôlego.

— Filho da puta, isso foi demais! — O cara de cabelo castanho-claro riu, sentando-se atrás com Damon.

Will deu um tapa em suas costas, e então um loiro subiu na SUV, sentando-se no meu lugar. Ele afastou o cabelo para fora de sua testa e bateu no ombro de Kai, entregando-o dois jogos de chaves.

— Ajustei o alarme, então seu tio não vai perceber que os dois caminhões estão faltando até amanhecer — ele disse, sem fôlego.

Reconheci os dois caras. Simon Ulrich e Brace Salinger, ambos jogadores do time de basquete da escola.

Então foi por isso que Michael disse que precisariam de espaço no carro, e me fez sentar em seu colo. Estávamos pegando mais gente.

Abaixei o olhar, estreitando-os ao pensar no que Brace disse. Os caminhões pertenciam à família de Kai. O tio dele era dono de uma construtora, e eles pegaram os basculantes e os deixaram no meio da estrada. Aquele era o trote de Kai esta noite.

Mas...

Olhei para Michael, vendo suas sobranceiras arqueando em desafio.

— Você bloqueou a estrada — afirmei, finalmente compreendendo. — Então os bombeiros e policiais não conseguirão voltar.

Os cantos de sua boca se inclinaram.

— Agora você ficou impressionada?



Depois de deixarmos Brace e Simon em uma lanchonete local, voltei para o banco de trás, não vendo motivo algum para permanecer no colo de Michael. Ainda que a última coisa que quisesse fazer fosse sair de lá. Infelizmente, eu estava com mais medo de ele me mandar descer, e acabar mais constrangida ainda por ele ter sido obrigado a me pedir.

Michael assumiu o volante outra vez, e dirigimos de volta até

nossa vizinhança, estacionando ao longo da escura e silenciosa estrada que ficava a cerca de um quilômetro e meio da minha casa. Ficamos sentados do lado de fora de um enorme portão de ferro e, ao olhar para o imenso muro de pedras, percebi que estávamos do outro lado da casa do prefeito.

Thunder Bay era uma comunidade pequena, talvez com cerca de vinte mil moradores, sem contar com os estudantes que se deslocavam dos arredores para frequentar o Centro Preparatório da cidade. Nosso prefeito mantinha seu cargo já há muito tempo, e como as coisas raramente mudavam em nossa comunidade, era fácil entender o porquê.

Damon havia saído meia hora atrás, e todos estávamos sentados aqui, com o carro e aquecedor ligados, e eu tentava a todo custo não fazer perguntas. Tipo, por que estávamos esperando aqui? O que ele estava fazendo lá? E, se fosse algo ruim, nós deveríamos estar aqui, como alvos fáceis, sabendo que a polícia já podia estar de volta?

É claro que inúmeros policiais ficaram retidos no local onde o incêndio começou, para distraí-los, do outro lado da cidade, mas ainda devia restar alguns na área.

— Lá vem ele.

Kai espiou pela janela de Michael e acompanhei seu olhar, vendo Damon pular de uma árvore do outro lado do muro de pedras, caindo de pé no chão.

Ele puxou o capuz sobre a cabeça e correu para o carro, abrindo a porta do lado onde Will estava; ele ria enquanto se arrastava por cima das pernas do amigo, aterrissando em seu banco na parte de trás.

Seu moletom frio roçou minha bochecha, mas ao invés de sentir o cheiro de cigarro característico dele, senti a sutil fragrância de um perfume.

— Como ela estava? — Will perguntou por cima do ombro.

— Mais gostosa do que um picolé.

Torci meus lábios. *Sério?* Estivemos esperando esse tempo todo para que ele pudesse transar?

Ao longo dos anos, percebi como os garotos eram mulherengos e não faziam questão de esconder isso. Sendo quem eram e exercendo o poder que tinham, não era difícil encontrar garotas para passarem o tempo, e embora odiasse ouvir, sem querer, os comentários e conversas, bem como a maneira vulgar como falavam de suas conquistas, ainda assim, eu invejava a liberdade que eles tinham para fazer o que quisessem, sem serem julgados.

Eles esperariam por mim se eu quisesse transar com alguém? Eles me dariam tapinhas nas costas e perguntariam como foi?

Não, eles não fariam.

Eles – pelo menos Will e Damon – esperavam que eu fosse uma virgem, e que abrisse minhas pernas apenas para eles, e sem chorar ou reclamar quando nunca mais falassem comigo de novo.

E, infelizmente, Michael era muito parecido com Damon.

Nenhuma namorada, nenhum compromisso e nenhuma expectativa. A única diferença é que Michael não falava a respeito de suas putarias. Damon já fazia questão que todos soubessem.

— Vocês podiam ter ido junto — Damon sugeriu. — Você gosta de boceta, Rika?

Raiva esquentou minha pele. Puxei o cinto de segurança, sem olhar para ele quando respondi:

— Eu levaria uma para cama ao invés do seu pau.

Will bufou uma risada, curvando o corpo à frente, e ouvi a risada rouca de Kai no banco do passageiro. Michael não fez nada.

Mas um arrepio percorreu o lado direito do meu rosto, e sabia que Damon estava me encarando.

— Então quem foi? — perguntei, ignorando seu mau-humor.

— A mulher do prefeito — Will respondeu. — Puta esposa-troféu, mas tão agradável.

Jesus. Uma mulher mais velha e casada? Damon não tinha limites.

— Na verdade, ela não estava em casa — Damon interrompeu.

Will e eu viramos nossas cabeças para trás, confusos.

— Então com que você estava lá? — Will perguntou de pronto.

Damon sorriu e levantou dois dedos até o nariz, cheirando.

— Eu gosto de virgens. São tão doces...

Kai virou a cabeça, com uma carranca.

— Você não fez isso — vociferou, pelo jeito, sabendo algo que eu desconhecia.

— Vá se foder — Damon cuspiu.

Franzi meu cenho, olhando de um para o outro.

— De quem você está falando?

Damon levantou o mesmo celular que Will usava para filmar tudo e jogou no colo dele.

— Eu filmei — provocou —, você quer assistir?

Endireitei as costas, virando-me de volta. *Perverso.*

— Você é realmente um idiota do caralho — Kai gritou e se virou para frente.

Olhei para ele, no banco do passageiro, tentando entender por que ele estava tão zangado. Damon me deixava puta com seus comentários estúpidos, mas por que Kai estava tão aborrecido com ele? O que podia ser pior do que a esposa do prefeito?

Então meus olhos arregalaram, quando finalmente percebi de quem estavam falando. Da única pessoa que morava ali, com exceção

dos empregados.

Winter Ashby, a filha do prefeito.

Porra. Aquele era o trote dele? Foder a filha do prefeito?

Não me admira que Kai estivesse puto.

Mas antes que pudesse confirmar de quem estavam falando, Damon pegou um de seus cigarros e disse para os caras:

— Vamos comer — sugeriu. — Estou com uma fome do caralho.

E Michael, que se manteve em silêncio o tempo todo, hesitou por apenas alguns instantes, antes de dar partida no SUV e pegar a estrada de volta.

Acionando o rádio até que *Jeckyll and Hyde*, do Five Finger Death, tocasse, Michael nos levou de volta à cidade e estacionou em frente ao Sticks, o bar favorito da galera, com mesas de sinuca espalhadas, frequentado por quase todo mundo com a idade acima de vinte e um. Eles serviam bebidas alcoólicas, mas, a não ser que você fosse maior de idade – ou uma estrela do basquete –, eles não permitiam o consumo.

Não importava, de qualquer maneira. A música era ótima, a atmosfera sombria, e era grande o suficiente para acomodar muita gente. Era um bom lugar para estar, se você estiver a fim de algum agito numa sexta-feira ou sábado à noite. Toda vez que tentei vir com alguns amigos, entretanto, Trevor dava um jeito de aparecer e ficar na minha cola, então eu quase nunca vinha aqui.

Desci do carro e passei os dedos por entre os fios do meu cabelo enquanto dava a volta e ia para a parte de trás do SUV para encontrar todo mundo na calçada. Damon acendeu seu cigarro, na rua, e cruzei os braços sobre o peito, tentando me aquecer.

— Aquele fodido Anderson — Kai sussurrou. — Não suporto esse cara.

Acompanhei seu olhar através das janelas, imediatamente desviando os olhos assim que percebi de quem ele estava falando.

Miles Anderson.

Encarei o chão, deixando o cabelo cobrir a lateral do meu rosto. Eu também não o suportava. O desconforto dominou meus músculos até que estavam tão rígidos e tensos que temia que pudessem arrebentar.

— Aquele cuzão tem falado merda desde quando nos formamos — Damon acrescentou.

Era óbvio que nenhum deles gostava do novo capitão do time de basquete. Miles assumiu o posto logo após Michael se formar, e adorava não ficar mais à sombra. Invejava o poder dos Cavaleiros, o carisma e o alcance. Depois que eles saíram para cursar suas faculdades, não perdeu tempo para reivindicar o que uma vez foi

deles.

O único problema é que ele era uma bosta como capitão. O time teve uma péssima atuação no ano anterior, e quanto mais fracassava, mais ele pressionava para provar que era homem.

Estremeci, tentando afastar da cabeça os pensamentos do que aconteceu na primavera passada. Era bem capaz que ele fosse a única pessoa pior que Damon.

Olhei para Michael, tentando disfarçar minha preocupação.

— Nós não vamos entrar lá, não é?

— Por que não?

Dei de ombros, olhando para outro lugar como se aquilo não fosse nada demais.

— Eu só não quero ir até lá.

— Bem, estou com fome — Will opinou. — E tem um monte de rabos lá dentro, então vamos lá.

Encarei a calçada, piscando com força, em parte por conta do comentário grosseiro, e em parte porque me recusava a ceder, e não queria ter que explicar o motivo.

Eu tinha que aguentar a presença de Miles na escola, mas não precisava fazer isso no meu tempo livre.

Senti quando Michael se aproximou de mim.

— Qual é o seu problema?

O tom áspero soou impaciente. Por que ele estaria agindo daquele jeito? Ele nunca me protegeu.

Olhei para ele, em desafio, balançando a cabeça.

— Eu só não quero ir. Fico esperando vocês aqui.

Damon sacudiu a cabeça, olhando para Michael.

— Eu te disse — reclamou —, ela é complicada pra caralho.

Suspirei, exasperada, congelando no lugar. Não estava nem aí para o que Damon dizia a meu respeito. Eu me importava mais em não ter que olhar para a cara de Miles “Fodido” Anderson, e ver sua cara satisfeita por saber que saiu ileso, sem nenhum arranhão.

Ele sempre teria aquele trunfo contra mim agora.

No entanto, perdi o fôlego quando Michael agarrou a parte de cima do meu braço e me forçou a andar para perto da parte traseira do carro. Ele me soltou, e recuei quando avançou no meu espaço.

— Qual — rosnou — é o seu problema?

Um nó se formou na minha garganta, e mastiguei meu lábio inferior, sem querer que os outros soubessem.

Pouco provável. Eles nos seguiram e se postaram ao redor de Michael, me encarando e esperando.

Ótimo.

Suspirei, endireitando os ombros e colocando para fora:

— Miles Anderson me deu uma bebida batizada numa festa na

última primavera.

Olhei para o chão ao vê-los ainda ali parados, sem dizer nada.

Em março passado, fui a uma festa do dia de São Patrício, na casa de um veterano da escola, e é óbvio, não fui sozinha. Noah e Claudia foram comigo.

Estávamos de boa, dançando; eu tomei uma bebida, e quando dei por mim, estava levando uns tapinhas no rosto, do Noah, enquanto ele enfiava um dedo na minha goela.

Talvez os caras não achassem que isso era grande coisa. Quem se importa com uma garota idiota que tomou um Boa-noite, Cinderela?

Michael se agitou, chegando mais perto.

— Que porra você acabou de dizer?

Olhei para cima, sentindo meu sangue aquecer com a visão daqueles olhos da cor de canela me encarando como se quisesse me rasgar membro a membro.

No entanto, fiquei firme.

— Na verdade, Astrid Colby, a namorada dele, foi quem me deu — expliquei. — Ela me entregou a bebida, mas ele estava envolvido.

Isso aí, qualquer confiança que Michael pudesse sentir por mim, agora já era. Eu era fraca, estúpida e uma perda de tempo.

— O que aconteceu? — ele exigiu saber.

Engoli o nó na garganta, minha voz trêmula:

— Eu apaguei rápido — eu disse. — Mal consigo me lembrar de alguma coisa. Tudo o que sei é o que Noah me contou. Ele arrebentou a porta de um quarto na casa onde a festa estava acontecendo. Eles estava me segurando na cama e... — parei, sentindo ansiedade ao me lembrar. Meus olhos ardiam. — E minha camisa estava aberta.

Michael hesitou por um instante e então insistiu:

— E?

— E eles não foram muito além — assegurei, percebendo o que ele queria saber.

Não, eu não havia sido estuprada.

— Noah viu quando eles estavam me levando pelas escadas — expliquei —, praticamente sem conseguir andar direito, e, por sorte, ele chegou a tempo, antes que algo mais acontecesse.

— Por que não disse para ninguém? — ele retrucou, acusador.

Meu peito apertou, e pisquei para afastar as lágrimas. Mas foi inútil. Elas vieram de todo jeito, e fui incapaz de olhá-los quando elas começaram a deslizar pelo meu rosto.

— Qual é a porra do seu problema? — ele gritou à minha frente, e estremeci. — Por que você não contou para ninguém?

— Eu contei! — eu disse aos prantos, encarando-o com os olhos embaçados. — Conte pra todo mundo! Minha mãe ligou para a

escola, e...

Hesitei, cerrando os punhos por baixo dos braços.

— Eu juro por Deus que... — ele alertou quando não finalizei o que ia dizer.

Enchi o peito de ar e me forcei a prosseguir:

— E o seu pai é sócio em três empreendimentos imobiliários dos Anderson, então...

— Puta que pariu! — Michael se afastou de supetão, virando-se para o outro lado enquanto xingava.

Kai balançou a cabeça, calor transformando seus olhos escuros em fúria.

— Inacreditável — disse, entredentes.

Eu não precisava explicar mais.

Sim, tentei reagir, disse para minha mãe, para os Crist, escola, até mesmo para Trevor... mas, no fim, apesar dos protestos da minha mãe e da de Michael, as relações comerciais entre o pai dele e os pais de Miles foram mais preciosas do que minha honra.

Mandaram Miles se manter longe de mim, e fui impedida de ir até o hospital para fazer um exame de drogas, como prova. O incidente nunca chegou até a polícia ou saiu de nossas respectivas residências. Tive que olhar para ele, todos os dias, na escola, sabendo o que quase fez comigo, e me perguntando se ele e a namorada tivessem me estuprado, se conseguiria que a justiça fosse feita.

Curvei a cabeça, tentando conter os soluços silenciosos. Meu Deus, eu queria matá-lo.

— Pare de chorar — Damon ordenou, me encarando de cima.

Então olhou para Michael, com os olhos entrecerrados.

— O que vamos fazer?

O que vamos fazer? O que podíamos fazer? Mesmo que os Cavaleiros tivessem poder nessa cidade, eles não possuíam sobre seus pais. Evans Crist convenceu minha mãe a não divulgar o assunto, e o que estava feito... estava feito. Astrid e Miles não foram investigados, e mesmo se tivessem sido, não haveria nenhuma evidência do crime.

A não ser que...

A não ser que aquele não fosse o troco sobre o qual Damon estava falando.

Michael respirou fundo, andando de um lado para o outro, até que seus olhos pousaram em mim.

E vi seu queixo erguido e o olhar resoluto.

— Pergunte a ela.

Fiquei em silêncio. *O quê?*

Ele inclinou a cabeça, me desafiando, enquanto todos os outros se voltaram devagar para mim e aguardaram.

Mas que porra? O que eu deveria fazer?

Então me toquei no que Damon havia perguntado. O que nós vamos fazer? A decisão era minha.

Eles todos davam cobertura uns aos outros esta noite, e agora eles dariam a mim. Mas não fariam a merda por mim.

Não. Michael nunca faria. Ele nunca me tratou com suavidade, e faria com que eu lidasse com isso. E se não fizesse, poderia muito bem pedir que me deixassem em casa agora.

Mordi os lábios, olhando através das janelas do Sticks outra vez. Miles estava encostado em sua namorada, sentada em uma banqueta e com as pernas rodeando a cintura dele. Ele a beijava enquanto apalpava seus seios. Ela dava risadinhas quando se afastou, com um sorriso presunçoso no rosto, sem nenhuma preocupação, e foi até o balcão do bar, recebendo um tapinha no ombro de um colega de equipe.

Olhei para Astrid outra vez, vendo-a rir com as amigas e afofar o longo cabelo ruivo.

Eles achavam que tinham vencido. Eles não me temiam.

E cerrei meus dentes com tanta força que chegou a doer.

Não sabia o que estava fazendo, mas foda-se.

Esfregando os nódulos dos meus dedos no canto dos meus olhos, enxuguei as lágrimas remanescentes, me assegurando de que o rímel não estava borrado.

Agarrei a parte de trás do meu moletom e o retirei por cima da cabeça, liberando meus braços e jogando-o para Kai. Puxei a bainha da regata cinza e apertada que eu usava, levantando-a até deixar a pele da minha barriga exposta, e afofei meu cabelo em uma tentativa de deixá-lo mais volumoso e numa bagunça sexy ou sei lá.

— Depois que vocês me virem levar Miles para o banheiro — eu disse a eles, conferindo o resto das minhas roupas —, esperem um minuto e então vão atrás.

Quando olhei para cima, à espera da confirmação de que ouviram, congelei.

— O quê? — perguntei em um tom de voz baixo.

Quatro pares de olhos me encaravam, os olhares intensos percorrendo todo o meu corpo como se nunca tivessem visto uma garota antes.

Kai tentou desviar o olhar, mas continuou me dando olhadas de soslaio, com os olhos tensos, como se estivesse com raiva; Damon olhou para mim como se eu estivesse pelada. As sobrancelhas de Will estavam erguidas, e quando ele olhou para Michael, formou um “O” com a boca, soprando um longo suspiro.

No entanto, ao olhar para Michael, vi sua mandíbula tensionar e seus punhos cerrarem. Ninguém poderia saber o que se passava na sua cabeça, mas ele parecia furioso. Como sempre.

Revirei os olhos para todos eles.

Até me senti bem. Para dizer a verdade, não havia pensado em minha cicatriz nem uma única vez desde o momento em que saí com eles esta noite. Nunca me achei sexy, mas o que mais gostei é que não precisei fazer muita coisa para atrair a atenção deles. Nada de minissaias, praticamente nenhuma maquiagem, e nada de joguinhos. Eu só tirei meu moletom e, de repente, não era mais uma garotinha.

Tudo bem que aquele fato não era difícil de esquecer, já que a regata não deixava muito para a imaginação com aquele decote. E dada a temperatura do lado de fora, eu não queria nem pensar no que eles podiam ver através do tecido.

Forçando um imenso sorriso para me dar ânimo, peguei o cantil da mão de Will e girei em direção à porta.

— Ei! — o ouvi gritar logo atrás.

Mas entrei antes que pudesse continuar reclamando, a porta se fechando e deixando-os de fora.

O calor do salão de bilhar, além do cheiro de madeira e hambúrgueres, me saudaram assim que dei um passo para dentro, e apesar do clima aconchegante, a mudança de temperatura fez minha pele arrepiar. Senti meus mamilos endurecerem, e as mãos tremerem.

Talvez fosse apenas meus nervos.

Escaneei o ambiente e fingi não fazer ideia de que a pessoa à qual estava procurando se encontrava no bar, à minha direita. Tentei agir naturalmente. Várias pessoas olharam para mim de seus lugares nas mesas de sinuca e outros grupos, para tentar descobrir quem havia acabado de entrar. Alguns sorriram e outros inclinaram seus queixos em cumprimento, antes que eu virasse as costas para a fonte de conversas.

Corrupt, do Depeche Mode, tocava nos alto-falantes, e joguei meu cabelo para o lado, erguendo o cantil e dando uma pequena golada, tentando não estremecer com a queimadura que tomou conta da minha garganta. Pelo canto do olho, percebi que Miles havia virado a cabeça na minha direção.

Segurando o frasco em uma mão, e enfiando a outra no bolso de trás da calça jeans, andei pelo corredor entre o bar e as mesas de sinuca, obrigando-me a sorrir e balançar os quadris. Tentei parecer atrevida, apesar de sentir meu coração na garganta e suor esfriar minha nuca.

Virando a cabeça, fingi interesse no que acontecia em uma das mesas, sem olhar para onde estava indo.

Até que me choquei contra ele, olhando para trás e sentindo a vodca do cantil esparramar pelo meu braço e respingar na camiseta de Miles.

— Ai, meu Deus! — ofeguei, exagerando na hora de limpar o

líquido derramado. — Eu sinto muito. Eu...

— Está tudo bem — ele interrompeu, passando uma mão pela frente de sua camiseta, e depois pelo cabelo loiro, ajeitando a si mesmo. — O que você está bebendo, Garota Bonita?

Ele aproveitou a oportunidade e me segurou pela cintura com uma mão, roubando o cantil com a outra e tomando um gole.

Suas sobrancelhas se ergueram, provavelmente em surpresa ao descobrir que era álcool e não um refresco ali dentro. A vantagem de ser uma garota pacata era que poucas pessoas a conheciam de verdade, o que te deixava com um trunfo para surpreendê-los quando decidia mudar a abordagem em situações como esta.

Franzi o cenho, tentando parecer preocupada ou vulnerável.

— Por favor, não diga nada a ninguém — implorei. — Trevor e eu tivemos uma briga e eu só precisava espairecer.

Não que ele fosse contar a alguém que eu estava bebendo. Todo mundo bebia, mas queria que ele me visse como uma presa fácil. Miles e Astrid estavam cientes de que eu sabia dos fatos do que realmente acontecera no dia de São Patrício, ainda que não pudesse me lembrar, mas esperava que ele acreditasse que estava bêbada o suficiente para não dar a mínima.

Seus lábios se torceram e ele me devolveu o cantil.

— Vocês brigaram por quê?

Inclinei a cabeça para trás, como se o álcool estivesse fazendo efeito ao dar um gemido.

— Ele acha que sou dele, mas eu discordo — brinquei, arrastando meu olhar de volta ao dele com aquele ar de “foda-me”.

Vi o calor aquecer seus olhos e senti suas mãos rodeando meus quadris, possessivamente.

— Está se guardando para outra pessoa? — ele sussurrou, chegando mais perto da minha boca.

Lambi os lábios e enganchei um braço ao redor de seu ombro, minha mão pendurada atrás dele.

— Talvez... — provoqueei, me obrigando a balançar em seus braços.

— Não posso culpá-lo, Rika — ele disse em um tom baixo, puxando meu corpo contra o seu. — Quer dizer, olhe só para você.

Eu sorri, forçando a bile a descer de volta pela garganta.

Tropeçando para trás, gemi, fingindo estar zonz.

— A sala está girando — choraminguei. — Acho que preciso jogar uma água no meu rosto. Onde fica o banheiro?

Ele segurou minha mão, inclinando-se para sussurrar:

— Venha comigo.

Nem me dignei a olhar para trás para ver se sua namorada ou amigos nos viram. Eu sabia que sim, e esperava que Astrid seguisse

instantes depois.

Deixando-o guiar o caminho, atravessamos o bar e viramos em um canto para o local onde os banheiros se localizavam. Ele me puxou para o banheiro masculino, e imediatamente me dirigi até a pia, abrindo a torneira. Por sorte, não havia mais ninguém.

Apoiando uma mão ao lado do lavatório, usei a outra para refrescar com a água, meu peito e pescoço, fazendo um showzinho ao arquear as costas e jogar meu cabelo longo para o lado.

Vamos lá, meninos. Entrem aqui.

— Nossa, muito melhor — gemi, continuando a deslizar a mão molhada pela nuca e deixando a água escorrer pelo meu peito.

Miles não perdeu tempo. Chegando por trás de mim, agarrou meus quadris e pressionou o dele contra minha bunda.

— Meu Deus, aposto que você é boa de cama — ele suspirou, subindo uma das mãos para alisar meu ombro e pescoço, enquanto a outra alcançou e rodeou meu seio.

Perdi o fôlego e senti a boca secar.

Michael.

Mantive a performance, de qualquer jeito, forçando um sorriso e uma risadinha ao empurrar suas mãos para longe de mim.

— O que você está fazendo? — Ele agarrou meus seios outra vez, gemendo profundamente no meu ouvido. — Você sabe que é isso o que quer. — Desceu a mão, brincando com o botão da minha calça.

Meu pulso trovejou em meus ouvidos, e dei uma olhada na porta.

Você não é uma vítima, e não sou seu salvador. Meus olhos ardiam, e cada pedacinho da minha pele arrepiou com medo.

Onde eles estavam? Mas que porra?

Rangi os dentes e inspirei profundamente. Tentei respirar devagar, para me acalmar.

— Você acha que é isso o que quero? — eu disse, tentando parecer menos nervosa do que estava.

Meu celular estava no carro, e minhas chaves, no moletom. Eu estava despida aqui. Sem armas, e minha única esperança era conseguir dar o fora desse banheiro.

Girei meu corpo, descansando as mãos ao meu lado, na pia. E então minha mão paralisou ao tocar algo pequeno e afiado.

Segurei aquilo quando Miles mergulhou a cabeça, beijando meu pescoço e apalpando minha bunda.

— Eu sei exatamente o que você está implorando para eu te dar — respondeu.

Agarrei o metal, dando-me conta de era o dispensador do sabão que ficava fixo no granito da pia. Havia um longo bico de metal que era fino e afiado. Tencionei meu braço, devagar e com calma,

sacudindo a coisa para conseguir arrancá-la do buraco até que finalmente se soltou, e rapidamente a escondi atrás das costas.

— Saia de cima de mim — exigi, acabando com a brincadeira.

Mas ele agarrou um punhado do meu cabelo, e dei um grito quando puxou minha cabeça para trás.

— Não me provoque.

Ele deslizou a outra mão na parte de cima da minha regata e amassou meus seios enquanto mordiscava meu pescoço.

— Você pode até chorar, se quiser. Só tire essa calça.

Eu me encolhi, agarrando o suporte do sabão e levantando o braço para enfiar na cara dele, mas a porta se abriu de supetão, e nós dois giramos as cabeças, alívio inundando meu corpo.

Mas por muito pouco tempo.

Astrid.

Meu peito desabou e meus olhos flamejaram, e escondi rapidamente a arma improvisada às costas, outra vez. Ela passou pela porta e a fechou logo atrás, dando a impressão de querer criar problemas.

— Então você acha que pode foder com meu namorado, sua putinha? — Ela manteve o olhar fixo ao meu, pavor se espalhando por baixo da pele do meu pescoço e peito.

Jesus, eu estava aterrorizada. *Michael.*

Ela andou até onde estávamos, enganchando um braço ao redor do pescoço de Miles e colocou a língua para fora, sacudindo-a sobre os lábios. Ele mergulhou em busca de um beijo, apertando seu agarre à minha volta, e tentei recuar, empurrando-o para longe de mim, tentando me jogar no chão.

Mas ele me pegou, arremessando-me de volta à pia. Senti o medo rastejando pela minha pele, e comecei a respirar com dificuldade. *Não.*

Eu queria dar o fora dali. Queria ir para casa. Queria minha mãe.

Astrid se inclinou para trás, falando com ele:

— Você a quer?

Ele puxou o lábio inferior por entre os dentes, puxando-me contra ele como se eu fosse seu jantar.

— Porra, quero sim — rosnou, e deixei sair um pequeno grito quando senti a ponta de seu pau se esfregando contra mim.

— Curve ela sobre a pia e a coma por trás — Astrid ordenou. — E seja rude. Eu não gosto dela.

Ele me girou ao redor, e me engasguei quando o cômodo pareceu rodar e ele forçou minha cabeça contra o balcão.

Astrid deu um pulo e se sentou na pia, perto de mim, sussurrando no meu ouvido:

— Eu gosto de assistir quando ele enfia o pau em outras garotas.

Não conseguia respirar. Tentei puxar um fôlego, mas meu peito se apertava cada vez mais.

Miles abriu o zíper da minha calça, e eu gritei, minha garganta ardendo quando uma explosão de fúria encheu meus músculos. Então ataquei. Consegui voltar a ficar de pé, soltei meus braços e os arremessei direto contra o rosto de Astrid, esmagando-a contra o espelho à minha direita.

O lado esquerdo de sua cabeça bateu contra o vidro, que se partiu em dezenas de lascas e estilhaços.

Dei a volta, atingindo a lateral do rosto de Miles, cavando sua pele com o dispensador de sabão e fazendo uma linha descendente em sua bochecha.

— Caralho! — ele berrou, levando uma mão ao rosto e tropeçando para trás.

— Sua puta! — Astrid gritou. — Você cortou meu rosto!

Eu me ajeitei, segurando a arma à frente, recuando até a parede enquanto suor deslizava pelo meu corpo.

— É isso aí, seus pervertidos! — descarreguei o ódio que sentia, meu rosto pegando fogo.

— Venha aqui! — Miles esbravejou, e chorei de dor quando ele agarrou meu braço e quase o deslocou da articulação ao me arremessar no chão.

— Não! — gritei.

Ele veio para cima de mim, e me debati quando agarrou minhas mãos e me conteve.

— Ora, ora, pequena — uma voz cantarolou logo acima de mim, e eu choraminguei, vendo Miles parar e olhar para cima.

Eu estava ofegando, meu coração trovejando em meu peito à medida que acompanhei o olhar atento para a porta que havia acabado de se abrir.

Will nos encarava através de sua máscara branca, Michael, Kai e Damon o flanqueando.

— Parece que você deu cabo deles sem a nossa ajuda — atestou, olhando para Astrid, cujo sangue descia pela lateral de seu rosto.

Lentamente os quatro entraram no banheiro, preenchendo o espaço ao redor e fechando a porta logo atrás de si. Meu olhar se cruzou com o de Michael, e vi quando estreitou os olhos ao perceber que minha calça estava desabotoada.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Miles cuspiu, ficando de pé. — Deem o fora. Isso é assunto particular.

Nenhum deles hesitou.

Michael arremessou seu punho fechado sobre o rosto de Miles, nocauteando-o e fazendo seu corpo desabar para o lado. Damon e Will pularam em cima dele, segurando seus braços e arrastando-o até a parede, onde o prenderam.

Kai me pegou e me fez ficar de pé, e eu disparei para agarrar Astrid quando ela tentou correr para a porta. Segurando o cabelo ruivo em um punho, eu a joguei contra a parede, ao lado de seu namorado e lutei para manter as lágrimas de alívio para mim mesma.

— Nunca mais encoste um dedo em mim! — gritei e depois dei um passo mais perto, cuspidno no rosto de Miles. — Nunca mais!

Ele recuou, sangue escorrendo da ferida que fiz em sua bochecha.

Meu corpo inteiro sacudia quando retrocedi em meus passos, a adrenalina por conta do medo devastando meu rosto e fazendo meu peito doer. Abaixei o olhar e vi o sangue de Miles na minha camiseta.

— Vá para o carro — Michael ordenou; Miles ainda preso contra a parede à sua frente. — Daqui a pouco estaremos lá.

Funguei, ainda segurando o suporte do sabão enquanto pegava meu moletom da mão de Kai e o vestia de novo, cobrindo todo aquele sangue.

— O que vocês vão fazer?

Michael se virou para Miles, encarando-o.

— Vamos nos assegurar de que eles tenham entendido o recado — respondeu.

Capítulo 11

Erika

Dias atuais...

ENTRAMOS EM UMA CASA BRANCA ENORME NOS ARREDORES DA CIDADE. OS quatro à frente e eu seguindo logo atrás. Eles não estavam nem um pouco preocupados se eu fugiria ou não.

Eu entrei no carro deles, afinal de contas.

Quando retornei ao meu apartamento depois daquele confronto, refleti por cerca de dois minutos, um milhão de temores passando pela minha mente. Eles gostavam de brincar ao redor e fazer jogos, e hoje à noite, por alguma razão, eu era o camundongo pendurado pelo rabo. Por quê?

À medida que os minutos se passavam no relógio, no meu apartamento, eu não conseguia me acalmar. Eles estavam vindo por mim, e quem sabia quando parariam? Nunca quis vê-los outra vez. Nunca.

Mas era óbvio que estavam atrás de alguma coisa. Eles pressionavam as pessoas. Era isso o que faziam. E eles tinham me pressionado até que firmei meus pés no chão e desisti, me afastando deles.

O que mais você tem?

O que mais eu tinha? Fui ensinada pelo meu pai a ser corajosa. Mergulhe o dedo do pé em cada oceano, e experimente tudo e qualquer coisa. Aprender, explorar, conquistar o mundo...

E da minha mãe, aprendi a ser autossuficiente. Tudo bem que ela me ensinou por omissão, mas ao observá-la, ela me mostrou exatamente quem eu não queria ser.

E de Michael – assim como de Damon, Will e Kai –, aprendi a esbravejar. Aprendi a andar como se o caminho fosse entalhado para mim e só para mim, além de tratar o mundo como se ele devesse saber que eu estava chegando.

Pratiquei qualquer uma dessas coisas? Claro que não. Eu era um camundongo, e foi por isso que vesti meu biquíni e entrei no maldito carro. Queria ser diferente. E não desistiria dessa vez.

A viagem foi tranquila, e passei a maior parte do tempo focada em olhar pela janela, satisfeita por eles terem ligado o rádio e acabado com qualquer possibilidade de diálogo.

Depois que o manobrista levou o carro, eles guiaram o caminho para o interior da casa, e os segui, arrastando minhas sandálias de couro preto, subitamente relaxando ao ver um monte de gente.

Não me sentiria insegura aqui.

A arquitetura da mansão era moderna – uma porção de janelas e vidraças, assim como bordas afiadas e brancas em todo lugar. Havia inúmeros andares com varandas, cada uma dividida pela casa em diferentes comprimentos e larguras, e ao passear por dentre os convidados, pude imediatamente deduzir que se tratava de uma festa do Storm, o time de basquete de Michael.

Havia um monte de parafernália esportivas ao redor, e inúmeros convidados, incluindo os quatro com quem cheguei, que ultrapassavam em altura a quaisquer outros.

Um instante de preocupação surgiu assim que vi alguns caras usando ternos sem gravatas, mas então me tranquilizei logo depois ao ver as mulheres, algumas vestidas para a balada e outras em trajes de banho, exatamente como eu.

— Jake — Michael trocou um aperto de mãos com um cara um pouco mais alto que ele, e se virou para mim. — Erika, este é Jake Owen. Um colega da equipe. Esta é a casa dele.

Ofereci um meio-sorriso, apertando sua mão.

— É um prazer te conhecer — ele disse, com os olhos gentis. — Você é muito bonita. — Então olhou para Michael outra vez. — Tem certeza de que quer o time inteiro dando uma olhada nela antes de você colocar uma aliança no seu dedo?

Michael encobriu seu olhar, sacudindo a cabeça enquanto ignorava a piada do amigo.

— Eu namorei com o irmão dele, na verdade — eu disse. — Nós crescemos juntos.

— Sério? — Ele se endireitou, olhando para mim com mais interesse. — Bem, eu adoraria ouvir algumas histórias a respeito dos jogos de basquete dele na juventude. Como sabe, Michael não é muito de compartilhar as coisas.

Eu sorri, sabendo exatamente do que ele estava falando. Mas então algo atraiu meu olhar, e vi Alex ao longe. Will a estava levando pelas escadas, um sorriso estampado no rosto dele.

Alex estava aqui? E por que ela estava saindo com Will?

Então vi Kai e Damon pegando suas bebidas e indo a caminho do pátio.

Virei-me para Jake, e pisquei, tentando me lembrar do que falávamos.

— Eu... — gaguejei — Acho que não tenho muito o que contar. Eu não assistia aos jogos dele na escola. Sinto muito.

Os olhos de Michael se estreitaram em uma fenda.

Sim, estive em todos os jogos dele no ensino médio. Não, eu não poderia dizer nada sobre qualquer jogo ou time que venceram. Eu não prestava atenção àquilo.

Retrocedendo alguns passos, dei um sorriso de leve e pedi

licença, deixando-os a sós. Eu tinha certeza de que Michael não queria que ficasse grudada nele a noite inteira, e eu precisava de espaço.

E talvez de um drinque, também.



Passei a próxima meia hora ou mais apenas perambulando pelo piso inferior, fingindo admirar as obras de arte e esculturas, antes de, finalmente, chegar até o bar em busca de uma bebida.

Por sorte os garotos me deixaram sozinha e não os tinha visto desde nossa chegada. Levando minha Coca-Cola com rum para o lado de fora, e sentindo o álcool aquecer meu sangue devagar, percebi que todo mundo estava na piscina gigante. Ninguém estava nadando, mas havia muito espaço para relaxar e apreciar o restinho do agradável ar do verão.

Na extremidade da piscina havia um rochedo e uma cascata, e inclinei a cabeça, espreitando por cima, ao perceber o que se parecia a uma pequena gruta por trás da cascata.

Olhando ao redor, vi que os meninos estavam desaparecidos pela festa, então rapidamente retirei minha camisa e o short. Deixei as roupas e a sandália em uma espreguiçadeira e peguei meu drinque para entrar na piscina.

A água chegava até meu peito, então ajeitei o cabelo sobre meu ombro esquerdo. Recostei-me à borda da piscina, bebendo meu drinque aos poucos.

Fechando os olhos, inclinei a cabeça para trás e finalmente senti a tensão aliviar em minha expressão.

Até que enfim.

— Oi — uma voz me saudou.

Abri os olhos de supetão e olhei para cima, deparando com Alex, uma garrafa de tequila e dois copos em suas mãos. Ela usava um biquíni vermelho com vários colares dourados e compridos ao redor do pescoço, além de argolas imensas nas orelhas.

— Você parece um pouco mais feliz do que na última vez em que a vi — ela observou.

Assenti, tocando meu copo contra o dela.

— Isso aqui ajuda.

— Puft! — zombou, colocando suas coisas ao lado e pulando na piscina. — Isto não é uma bebida.

Então ela serviu duas doses dos copinhos de tequila, ficando com um e me entregando o outro.

Contive a vontade de torcer o nariz, porque bebidas fortes – sem estarem diluídas com alguma coisa – eram um martírio para mim.

Entretanto, eu queria relaxar – ao menos uma vez – e não queria sentir medo dos caras e de qualquer avanço que pudessem tomar se eu estivesse bêbada. Entre os quatro, eles não precisariam de bebida alcoólica para me subjugar, então se era isso o que queriam fazer, tanto faz se estivesse bêbada como um gambá ou sóbria.

Tomei o *shot* de tequila, o líquido queimando minha garganta, e fechei os olhos, engolindo uma vez e outra enquanto tentava me livrar do gosto na minha boca. Acho que ela não havia trazido limões, infelizmente.

Meu Deus, eu era uma garotinha...

Soltando o fôlego de uma vez para me livrar do gosto agonizante, coloquei o copo na beira da piscina, vendo-a enchê-lo de novo.

— Então... preciso perguntar — comecei, ainda incomodada com o sabor da bebida na boca. — Que história é essa de “encontro muitos homens”?

O canto da boca dela se inclinou em um sorriso, e ela se virou para me entregar outra dose.

— E eu sei que Will levou você lá para cima, e naquela outra noite... era o Michael? — continuei, de um jeito brincalhão.

Ela deu de ombros, parecendo culpada.

— Eu conheço uma porção de homens. Ou seja, eu sou *paga* para conhecê-los.

Paga? Ela recebia dinheiro para conhecer os caras e passar um tempo com eles?

Daí arregalei os olhos, quando cheguei a uma conclusão.

— Ahh, entendi.

Ela sorriu, o rosto corado, e tomou seu *shot*.

Ela era uma acompanhante. Uma prostituta. Uau.

Peguei a deixa e tomei outra dose, tentando de tudo para entender aquilo. Michael esteve com ela aquela noite. Ele a contratou?

— Você não pode dizer isso a ninguém. — Ela apontou para mim, a voz rouca por conta da bebida. — Meus clientes, em sua maioria, são muito ricos ou famosos.

Depositei o copo na beirada e me afastei um pouquinho, deslizando as mãos pela superfície da água.

Ela transava com homens – e mulheres, de acordo com o que disse no elevador –, e era paga por isso. E ela morava no meu prédio.

Não sei dizer o que era melhor... quando achei que ela fosse a namorada do Michael, ou isso.

Sempre fui um pouco ciumenta ao ver Michael rodeado de garotas enquanto estávamos crescendo. Mesmo quando eu era pequena. Eu o queria para mim. Mas, ao longo dos anos, os hábitos dele nunca mudaram. Ele pegava, se divertia, e, às vezes, namorava.

Mas nenhuma delas por muito tempo.

No entanto, saber que ela foi apenas uma transa meio que me emputeceu também. Ela estava a apenas alguns andares de distância, e a qualquer momento ele poderia ligar, se sentisse necessidade.

— Não se preocupe. Eu não dormi com Michael — ela disse, como se tivesse lido minha mente.

Pressionei meus lábios e dei de ombros.

— Por que eu me importaria?

Alex bufou.

— Eu deduzi pelo jeito que você ficou sem fala com ele naquela noite, em seu pijama.

Baixei o olhar, sentindo a água deslizar por entre meus dedos.

Eu poderia perguntar por que ela não ficou com ele, já que a vi subindo para sua cobertura, mas não queria me importar com isso. Senti-me estranha com ela morando no prédio e tão próximo, mas Michael não era meu, e isso não era da minha conta.

— E também não dormi com Kai — acrescentou, mandando outra dose para dentro.

— E com Will e Damon, sim? — cogitei. — Sem querer ofender, mas nunca achei que eles precisassem pagar para transar.

— Homens que contratam acompanhantes não estão pagando por sexo — ela corrigiu. — Eles estão nos pagando para que os deixemos quando tudo acabar.

Ótimo. Afastei o olhar, sentindo-me mal por ela.

— Algumas pessoas não se interessam em manter relacionamentos ou compromissos, Rika — ela esclareceu. — Eu sou apenas uma profissional que pode oferecer um pouco de diversão e não esperar alguma coisa depois.

Assenti, sem realmente acreditar em suas palavras. Você pode ser a diversão deles, mas também é o segredinho sujo que escondem.

Ela deve ter visto a crítica em meu olhar, porque imediatamente se apressou em explicar:

— É isso que paga minha faculdade e meu apartamento, e, não, eu não quero fazer isso por muito mais tempo, mas fiz minhas escolhas. Quisera eu nunca ter precisado de algo assim, mas também não me arrependo. E, às vezes — ela deu um sorriso brincalhão —, é bem divertido.

Eu entendia o que estava dizendo, e não queria parecer estar julgando-a. Ela fez suas escolhas, e era dona de si. De certa forma, eu invejava toda aquela confiança. Mas percebi, de repente, quão feliz eu era por ter nascido uma Fane, com todas as garantias que isso implicava.

Nos vinte minutos seguintes, ela tomou mais uma dose de tequila enquanto eu finalizava meu drink, e notei como todos ao

redor pareciam relaxados por conta do efeito do álcool. Paletós foram retirados, mais gente entrou na piscina, e Alex e eu nos distraímos com a música e a bebida.

A tequila correu pelo meu corpo, aquecendo meu estômago e peito, e foi ótimo poder sorrir e perder um pouco de controle. Minha pele zumbia à medida que minha cabeça ficava cada vez mais leve, e eu e ela agitamos nossos quadris para a música *Pray to God*, mal percebendo os casais que se pegavam à nossa volta.

— Eu vou ao banheiro — ela gritou para se fazer ouvir acima da música, e colocou a garrafa de tequila na minha mão. — Beba mais um pouco. Estarei de volta em um minuto.

Acenei, morrendo de rir.

Observei quando ela saiu da água e desapareceu pela casa, mas então avistei Michael, Will e Kai, do outro lado da piscina, me vigiando, e meu sorriso se desfez.

Há quanto tempo estavam ali?

Formavam um semicírculo, cada um com uma bebida, e fiquei me perguntando se observaram minha interação com Alex o tempo todo.

Levantando uma sobancelha, lancei a todos um olhar desafiador e me virei, colocando a garrafa na borda da piscina, abrindo caminho até a extremidade.

Entrei na gruta por trás da cascata, em parte para escapar dos olhares bisbilhoteiros e em parte por estar curiosa. A água cascadeava pelas pedras, espirrando em meus braços e peito à medida que eu avançava pela piscina pelo lado extremo direito. Avistei uma réstia de escuridão por trás da cascata e dei a volta na água corrente, escapando sem ficar encharcada.

Assim que passei pela cascata, senti o frio na barriga e abri um sorriso.

Era enorme.

Havia uma piscina secreta por trás, e a água brilhava com uma luz neon azul, muito parecida a que vi na cobertura de Michael. Um pouco mais à direita havia uma espécie de banco, onde você poderia se deitar, sentar, ou, as pessoas que não estivessem nadando, poderiam caminhar por ali, apenas para contemplar a beleza que havia ali dentro, sem se molhar.

O lugar todo era como uma caverna. A parede de pedras e o teto brilhavam com pequenas luzes brancas, provavelmente para que se assemelhassem a estrelas, e mal pude conter o gemido que escapou da minha garganta quando friccionei minhas coxas. Eu estava com tesão. Não tinha certeza se era por conta do lugar, das bebidas, ou Michael. Meus sentidos estavam muito sobrecarregados hoje.

Atravessei mais adiante, desfrutando do consolo da escuridão,

mas então vi quando Damon entrou na gruta e congelei.

Ele atravessou pela cascata, vindo do outro lado, completamente encharcado. Afastou as mechas do cabelo escuro e molhado para o topo de sua cabeça; seu peito firme, ombros e braços brilhavam com as gotas d'água. Ele deve ter trazido roupa de banho ou então arranjou alguma emprestada, mas imediatamente recuei em meus passos, pois ele vinha na minha direção.

— Bem que queria dizer que não estou acostumado a essa reação por parte das mulheres — debochou ao notar minha fuga.

Minhas mãos se fecharam em punhos, e lambi os lábios ressecados.

— Não, você não queria — argumentei. — Acho que você adora quando elas fazem isso.

Os lábios dele se curvaram, e tentei não recuar mais uma vez. Ele queria me deixar com medo. Estava contando com isso.

— Não tenho medo de você. — Inclinei a cabeça, meu coração batendo acelerado apesar da minha determinação.

A música soava do lado de fora, e entre isso e a cascata, duvidava que alguém pudesse ouvir caso eu gritasse.

Ele parou à minha frente, a poucos centímetros.

— Sim, você tem.

E então envolveu seus braços ao redor da minha cintura, como uma barra de aço, e me levantou do chão.

Resmunguei, colocando as mãos em seus ombros e tentando afastá-lo de mim.

— Damon.

— Eu poderia arrancar seus membros, um a um — ameaçou, seu hálito sobre meu rosto. — E sem derramar uma gota de suor.

Pressionei as mãos contra ele e o empurrei com força, torcendo meu corpo de um lado ao outro.

— Pare com isso. Me solta.

— Você sabe em quem eu pensava quando estava na prisão? — Agarrou um punhado do meu cabelo, e perdi o fôlego quando puxou o meu pescoço para trás, a boca a centímetros da minha. Seu aperto ainda firme ao meu redor. — Em você... e na nossa última noite juntos — completou.

Ele me beijou, suave, porém possessivo, arrastando meu lábio inferior por entre seus dentes. Empurrei-me para longe e cravei as unhas na parte superior de seus braços, enquanto meu coração martelava no peito.

— Damon, sai fora — atirei.

Mas ele apertou mais ainda o puxão no meu cabelo, roçando os lábios nos meus.

— Toda vez que estava sozinho, eu acariciava meu pau,

pensando em você tomando tudo, como uma boa garota.

Estendi a mão e segurei seu pescoço com meus dedos, apertando o mais forte que podia e tentando empurrá-lo para longe da minha boca.

Ele gargalhou como se nem ao menos tivesse percebido.

— Você nunca disse para o Michael o que aconteceu naquela noite, não é?

— Como pode ter certeza de que não falei nada? — rosnei, mostrando os dentes.

Ele chegou o rosto mais perto.

— Porque ele já teria me matado.

Apertei mais ainda o pescoço dele, cravando as unhas.

— Então talvez eu conte para ele — ameacei. — Agora, tire as mãos de cima de mim, imbecil.

— Já chega.

Michael.

Ofeguei, e Damon olhou por cima da minha cabeça ante a ordem áspera.

Eu mal podia respirar, observando a careta que ele fazia ao, provavelmente, debater se devia ou não desafiar o amigo.

Era difícil entendê-los. Há duas horas, eles pareciam estar na mesma página, e agora Michael o estava contrariando.

Damon finalmente me deixou sair, me empurrando para longe, e vislumbrei as pequenas marcas em formato de meia-lua que deixei em seu pescoço. Estava sangrando, e não consegui evitar a sensação de satisfação que atravessou meu peito.

Ótimo. Talvez aquilo não o impedisse, e talvez até mesmo o deixasse com mais tesão, mas pelo menos agora ele sabia que eu revidaria. Aquilo valeu o risco de provocá-lo.

Ele saiu da gruta, e me virei, sem nem mesmo ter que me obrigar a relaxar. Eu me sentia mais forte, na verdade.

— Você gosta de toda essa atenção, não gosta? — Michael me prendeu com o olhar. — Até que ponto você está implorando por isso, Rika? Será que importa quem estiver te dando?

Eu ri para mim mesma, escalando os pequenos degraus naquele amplo banco de pedras.

— Pergunte ao Trevor — provoqueei, ajeitando meu cabelo em um rabo de cavalo e muito consciente de como Michael olhou para o meu corpo úmido, de cima a baixo. — Nem mesmo ele conseguia dar conta das minhas necessidades. O tempo todo. Meu Deus, eu gosto muito de foder.

Ele abaixou o queixo, um sorriso perverso atravessando seu rosto. Andando até mim, apoiou meu corpo contra a parede, o olhar nunca abandonando o meu.

— Abra sua boca — exigiu, levantando seu copo de bebida.

Hesitei por um instante. Não o deixaria me ver fraquejando. A pequena e assustada Rika, que não dava um passo sem permissão? Ela não existia mais.

Inclinei a cabeça para trás, abrindo a boca.

Michael despejou uma porção de sua bebida marrom, e engoli, tendo o cuidado de camuflar a queimação que o líquido fez em minha garganta.

— Me conte mais — incitou, me desafiando com o olhar.

Sustentei seu olhar, mergulhando profundamente ao me recostar contra a parede, de olho nele.

— Eu o chupava toda manhã — revelei, mantendo a voz baixa e firme. — E o tomava bem fundo na minha garganta e o deixava muito duro, para que pudesse cavalgar seu pau antes de ir para a escola.

— É mesmo? — Michael me encorajou a prosseguir, fogo começando a queimar em seus olhos quando ergueu o copo outra vez. — Continue.

Recostei a cabeça de volta à parede, abrindo a boca para beber o gole.

Depois de engolir, continuei a dizer, suavizando minha voz:

— Ele me dava tão gostoso — sussurrei. — As mãos dele passeavam por todo o meu corpo, esfregavam meus seios quando ele me curvava sobre o sofá enquanto sua mãe ainda estava no quarto ao lado. — Encarei-o com atenção, vendo quando seus olhos pousaram na minha boca quando lambi meus lábios. — Ele tinha que cobrir minha boca com a mão na hora que eu gozava, porque era tão gostoso que não conseguia segurar meu grito de prazer.

— Hummm... — respondeu, erguendo o copo para me dar mais um gole, e depois o colocando em algum lugar.

— E o pau dele foi feito para a minha bunda — continuei, dando um sorriso enviesado e o provocando mais ainda. — Quando ele me penetrava, ele me possuía.

— É mesmo? — Michael perguntou devagar, estreitando as pálpebras e enlaçando meu corpo pela cintura, enquanto uma mão segurava meu rosto. — Me conte mais... — Seu hálito soprou em meus lábios. — Quero saber tudo o que meu irmão nunca fez com você, sua pequena mentirosa.

Meu peito apertou ao tê-lo tão perto de mim. Eu praticamente podia sentir o gosto de sua boca. Separei meus lábios, sentindo-o pairar acima, sentindo-o prestes a dar uma mordida, e era isso o que eu ansiava.

Michael.

— Depois que ele gozava — ele sussurrou —, e depois que ele

saía, te deixando querendo mais, querendo tudo aquilo que você sabia que só eu posso te dar — ele puxou meu lábio inferior por entre os dentes —, era no meu pau que você pensava quando enfiava os dedos na sua boceta?

Gemi, uma onda de calor atingindo o meio das minhas coxas, e meu clitóris pulsando com força, já me sentindo molhada.

— Às vezes — confessei em um sussurro, obrigando-me a não desviar o olhar.

Ele inclinou a cabeça.

— Às vezes?

Assenti.

Seu olhar endureceu, e eu sabia que ele tinha se sentido desafiado.

Meu coração acelerou, batendo cada vez mais forte, e já não sabia se meu blefe havia sido um grande erro.

Sempre pensei somente nele. Cada fantasia, cada orgasmo... Todas as vezes em que estava sozinha e me tocava, eu só conseguia imaginá-lo, aqueles olhos deslumbrantes e seu grande corpo me prendendo na cama.

Ou no sofá, na mesa, ou no chão. Sempre foi Michael.

Mas ele já tinha conseguido minha atenção por muito tempo, e era hora de parar de me sacanear. Ele queria brincar? Eu poderia brincar.

— Por que você mentiu para o Jake? — perguntou, de repente, mudando de assunto. — Você assistia aos jogos na escola. Você esteve em cada um dos meus jogos.

Retesei meu corpo.

— Você sabia?

Eu não podia acreditar que sabia que fui a todas as partidas. Mesmo quando ele estava no ensino médio, e eu apenas no ensino fundamental, sempre fazia questão de ir com a Sra. Crist, nunca tendo perdido um jogo até que ele foi para a universidade.

— Por que você mentiu?

Abri a boca à procura das palavras.

— Não menti — admiti, por fim. — Eu disse que nunca assistia aos jogos, e era verdade. Eu só... — Engoli o nó na garganta e olhei de volta para ele, sussurrando: — Eu só assistia *você*.

Ele segurou meu olhar, a expressão endurecendo. Seu ritmo respiratório acelerou, e o perfume rico que exalava de seu corpo invadiu minha mente quando fechei meus olhos.

— Rika — ele sussurrou, parecendo desesperado ao tocar meu lábio inferior com a ponta de sua língua.

Um formigamento se espalhou pelo meu rosto, e me senti mais chapada do que nunca.

— Quando você pensa em mim... às vezes — emendou com um tom divertido na voz. Ele sabia que eu estava mentindo —, me mostre o que você faz consigo mesma.

Abri os olhos de supetão, vendo o calor aquecendo sua íris. Meu coração palpitava de ansiedade, mas tentei conter a empolgação.

Nunca havia feito isso na frente de ninguém, então hesitei, preocupada por conta de todas as mulheres que ele já teve. O quão experientes elas eram, e se ele riria ou cairia na gargalhada ao ver o que eu faria...

Então ouvi a voz de Michael na minha mente – tão distante como se tivesse sido há séculos –, em um quarto escuro, na primeira vez em que chegou perto de mim...

Seja dona de si. Não se desculpe por ser quem é. *Seja dona de si.* Não se pode vencer, se não for assim, não é mesmo?

Mantive o olhar focado ao dele, intenso e concentrado, e deslizei minha mão por dentro do biquíni, e por entre minhas coxas.

Michael passou a mão pelo lado esquerdo do meu pescoço, e eu vacilei, já que não estava acostumada a ter alguém me tocando ali. No entanto, ele pareceu não notar. Prosseguiu com a carícia, enfiando a mão por entre os fios do meu cabelo, e baixando o olhar para me ver movendo os dedos por dentro do meu biquíni preto.

Ele parecia respirar com dificuldade, e seu olhar permaneceu fixo na minha mão à medida que eu fazia círculos ao redor do meu clitóris. Minha boceta começou a pulsar com mais intensidade, e gemi baixinho, sentindo o calor me aquecer por dentro por saber que eu era o centro das atenções dele.

— Tire isso — ofegou, os olhos nunca se desviando da minha mão.

Neguei com um aceno.

— Anda logo. — Ele me balançou e eu suspirei.

Jesus. Adrenalina correu pelo meu ventre, e a pulsação na porra do meu clitóris latejou com mais força.

Gemi sem controle.

— Por favor, Rika — ele implorou, beijando meus lábios e os atraindo entre os seus, quando se afastou. — Eu preciso ver.

Lambi meus lábios e enfiei os dedos por baixo das alças presas em meu quadril. Desci a calcinha do biquíni até os tornozelos e depois me desfiz dela.

Percebi quando ele pareceu ficar sem fôlego, e sem hesitação, deslizei a mão por entre as coxas outra vez. Movi os dedos, dentro e fora, espalhando a umidade para cima do meu clitóris, ao inclinar a cabeça contra a parede e fechar os olhos.

Arqueei as costas e ergui uma perna, deixando Michael a sustentar por trás do joelho, contra sua cintura.

Bem melhor agora.

Rebolei o quadril em pequenos movimentos, sentindo seu pau ficar cada vez mais duro quando rocei contra o interior de sua calça. Continuei com a brincadeira de me dedilhar, ouvindo sua respiração ficar cada vez mais difícil. Ele devia estar gostando do que via.

— Era isso o que você queria? — sussurrei, deslizando dois dedos em meu interior.

— Sim — disse em uma voz estrangulada.

Eu sorri. Independente de pensar ou não se era sexy, ou apenas uma garota estúpida, isso era irrelevante. Michael estava perdendo o controle.

— Às vezes faço outras coisas — provoqueei.

Ele olhou para mim, me indagando com o olhar.

— Que outras coisas?

— Não posso te dizer. — Lambi meu lábio. — Talvez te mostre algum dia. Ou talvez faça isso hoje à noite, quando tirar minhas roupas e me enfiar na minha cama, sozinha — inclinei-me para sussurrar contra seus lábios —, nua, quente, molhada e sozinha.

Ele expirou com força.

— Porra.

Quando dei por mim, ele estava de joelhos, com uma perna acima de seu ombro, e tomando minha boceta depilada em sua boca, me atacando com rapidez e intensidade, com sua língua e dentes.

Gemi alto.

— Michael! — *Ai, meu Deus.*

Ele chupou meu clitóris e depois o liberou, esfregando a língua através da pele sensível uma e outra vez. Fechei os olhos com força.

— Ah, merda — engasguei. — Porra...

Ele mergulhou por entre minhas pernas, me comendo como se estivesse faminto.

Segurei um punhado de seu cabelo, arqueando meu pescoço enquanto ele mordiscava, chupava e lambia, girando em círculos e mais círculos para depois se afundar outra vez e me reivindicar com força.

— Caralho, você tem uma boceta maravilhosa — sussurrou contra minha pele, olhando para cima enquanto sacudia meu clitóris com a língua. — Você é linda, Rika. Tão suave e apertada.

Ofeguei por entre os dentes e me pressionei em sua boca, observando-o lambe cada centímetro enquanto mantinha o olhar fixo ao meu. Até que se afundou e enfiou a língua por dentro da minha boceta, e acabei gemendo alto.

— Ah, meu Deus! — gemi. — Michael, eu preciso de mais.

— Você quer o meu pau? — ele perguntou, arrastando meu clitóris por entre os dentes, fazendo a dor por dentro crescer cada

mais vez.

Assenti loucamente.

— Meu pau ou o de outra pessoa?

— O seu! — choraminguei.

— Você diz, do único em quem você pensa quando está se fodendo com os dedos, não é mesmo? — argumentou, deslizando dois dedos por dentro enquanto continuava a circundar meu clitóris com a língua.

— Sim — gemi, sentindo o orgasmo se intensificar e agitar meu ventre.

— Então você é uma mentirosa do caralho, não é mesmo? — rosnou, esfregando meu feixe cada vez mais forte e intenso com a língua, os dedos entrando e saindo.

— Sim! — Apertei o agarre em seu cabelo.

Meus músculos estavam formigando e sem força, e respirei com mais dificuldade, sentindo que estava prestes a gozar.

Abri os olhos, encarando o teto enquanto ele me comia, mas virei a cabeça para o lado esquerdo e me deparei com Kai.

Meus olhos arregalaram e meu coração saltou no meu peito.

— Mas que...! — engasguei, o orgasmo cada vez mais perto, me deixando zozna.

Kai estava com o ombro recostado à parede de pedras, com os braços cruzados à frente do peito, observando-nos com os olhos impassíveis. Ele poderia muito bem estar assistindo a um noticiário na TV.

Balancei a cabeça, querendo pedir que ele saísse dali, mas então gemi alto, tencionando cada músculo do meu corpo assim que o orgasmo explodiu por dentro de mim.

— Ah, Deus! — gemi, meu corpo assumindo o comando enquanto eu cavalgava a língua de Michael. — Caralho!

Meu clitóris trovejava como uma bateria, e podia sentir o calor do meu gozo escorrendo pelas pernas.

Eu me contorci, tentando resgatar o fôlego à medida que as descargas de prazer por dentro da minha barriga e por entre minhas coxas pulsavam e se espalhavam para lentamente se dissipar.

Meu peito sacudiu com tremores, e a boca de Michael foi desacelerando, lambendo-me devagar e com suavidade.

Então ele depositou um beijo gostoso e delicado no meu clitóris, e olhou para mim com um sorriso exultante nos lábios.

— Ela tem o gosto tão bom quanto aparenta? — Ouvi Kai perguntar, e girei a cabeça de supetão, lembrando-me de que ele estava ali.

— Muito melhor — Michael respondeu calmamente, me encarando como se soubesse que o amigo esteve ali o tempo todo.

Olhei para Michael e o afastei, abaixando a perna. Peguei a parte de baixo do biquíni e vesti rapidamente, para logo depois ir em direção à saída.

Para lá e para cá, para lá e para cá... Michael me provocava e eu ia de encontro a ele, resistindo o tempo todo. Mas, no calor do momento, ele conseguiu. Ele sabia que era o único nas minhas fantasias, o único que eu queria.

E, pior do que isso, Kai também estava me desafiando. O jogo deles havia mudado, e eu estava sacando isso depressa, mas não rápido o suficiente.

Esbarrei em Kai ao passar por ele, que virou a cabeça por cima do ombro, seguindo-me com o olhar.

— Fuja o tanto que quiser, Monstrinha — ele disse em um tom ameaçador. — Nós somos bem mais rápidos.

Capítulo 12

Michael

Dias atuais...

ARRASTEI MEU LÁBIO INFERIOR POR ENTRE OS DENTES, SENTINDO CADA FIBRA da minha boca ansiando por mais dela. *Porra, ela tinha um gosto tão bom.*

Fiquei ali observando-a desaparecer pelo outro lado da cascata, e Kai girou a cabeça para me encarar.

— Você estava comendo o prato comunitário, irmão — acusou —, e pegando mais do que a sua porção.

Um sorriso enviesado surgiu na minha boca enquanto andava em sua direção.

— Sabe — comecei, com um tom de voz áspero —, essa coleira que você está tentando colocar está ficando apertada demais. O dia que eu começar a sentir que lhe devo explicações, estarei morto. Entendeu?

— Vou me lembrar de que disse isso. — Ele se afastou da parede, com os braços ainda cruzados à frente do corpo. — O mesmo vale para o Will, Damon e para mim.

— O que isso quer dizer?

No entanto, ele apenas me encarou com um ar sinistro no olhar. E pela primeira vez, não confiei em Kai. Sim, eu a toquei mesmo tendo dito a todos para a deixarem em paz. Eu sabia que ele estava puto, e tinha razão em estar. Mas ela me surpreendeu. Vim aqui para afastar Damon dela, e me vi perdendo o controle assim que ela abriu aquela boca. Ela ficou mais esperta, e não recuou em nenhum momento.

Eu vi a Monstrinha outra vez. Aquela que esbravejou e fez com que as pessoas a vissem de verdade. Tive que tocá-la. E não pude pensar em mais nada além disso.

Porém, por mais que Kai merecesse a sua vingança, não havia a menor possibilidade no inferno de eu pedir desculpas a ele. Embora estivesse começando a temê-lo. Não por mim, mas por Rika. Não pude evitar o pensamento de que a sensação que ele teve naquela noite, no primeiro dia dela em Meridian, pudesse estar certa, não somente por conta de Will e Damon, mas também por ele.

As coisas nunca saem conforme o planejado.

Será que cada um deles tinha uma intenção que eu desconhecia?

— E a casa dela? — Kai falou. — Em que situação se encontra? Eu o enfrentei, em tom de desafio.

— Ela está em Meridian por minha causa — disse, entredentes.

— Está no Delcour por minha causa, e está isolada por minha causa. Estamos na reta final.

Então me afastei, provando apenas uma coisa. Ele, Damon e Will podem ter mudado, mas eu não.

Eu nunca dava satisfações a ninguém.



No tempo que levei para sair da gruta, as roupas de Rika haviam desaparecido da espreguiçadeira. Depois de procurá-la pela festa, e notar a ausência de Alex, cheguei à conclusão de que ela deve ter pedido uma carona e saído sem nós.

Will e Damon tinham ficado, e depois do confronto na caverna, não consegui encontrar Kai.

Nós precisávamos acabar com esta porcaria, para que pudéssemos seguir com nossas vidas.

Eu estava me tornando cada vez mais distraído no basquete, Kai estava ainda mais introspectivo, Damon era como uma bomba-relógio, e eu tinha quase certeza de que Will não conseguia mais passar um dia sequer sem beber.

Pensei que eles, aos poucos, se readaptariam às suas vidas e perspectivas que o futuro lhes traria, mas as coisas estavam piorando, não melhorando. Esta porra precisava acabar e eu precisava que eles voltassem aos trilhos. Em breve, aqueles três anos longe seriam apenas uma memória ruim.

Todos eles receberam ofertas de emprego, lugares dentro do círculo familiar para viverem suas vidas, mas nenhum quis sequer falar a respeito. Nada existia além de Rika e do agora. Não quiseram nem mesmo ver suas famílias ou passar um tempo em Thunder Bay.

Meus amigos – meus irmãos – estavam mortos por dentro, e quanto mais pensava no que ela havia feito para eles – para nós –, mais eu queria rasgá-la ao meio. No entanto, eu só esperava que o que estávamos prestes a fazer os trouxesse de volta.

— Sr. Crist — Stella me cumprimentou assim que marchei em direção ao escritório do meu pai, no último andar de seu prédio.

Assenti, dando-lhe um meio-sorriso ao passar por ela. Ela nunca tentou impedir minha entrada, independente se ele estivesse em uma reunião ou ligação. Meu irmão e eu raramente vínhamos aqui, mas a verdade é que achava que ela tinha medo de nós, tanto quanto do meu pai. Ela não interferia com os negócios da família.

Mesmo o nosso pai não gostando da nossa presença aqui.

Minha mãe, Trevor e eu aprendemos desde cedo que ele queria viver uma vida aqui na cidade, distante de nós, escondidos em

Thunder Bay. A família rondando seu trabalho era um incômodo. Ele mantinha suas duas vidas separadas, e isso não nos envolvia.

E por mais que adorasse minha mãe pra caralho, eu a respeitava cada vez menos por permanecer casada com esse babaca. Para eles, entretanto, o que tinham era um bom acordo, creio eu. Ele lhe dava o dinheiro para comprar qualquer coisa, a casa de seus sonhos, e assegurou seu lugar na sociedade que tanto amava. Em troca, ela se mantinha respeitável, além de ter lhe dado dois filhos homens.

Ambos eram mentirosos e covardes. Minha mãe não era corajosa o suficiente para exigir a vida que merecia, e meu pai nunca se abria para ninguém. Nem para esposa nem para os filhos. Ele nem sequer tinha amigos. Não de verdade, de qualquer forma.

Nas teias e tramas de Thunder Bay, em meio às mentiras e segredos sem fim, sorrisos falsos e tretas, pensei ter encontrado a única pessoa diferente. Que via tudo o que eu queria e ansiava por aquilo ao meu lado.

Meu irmão estava certo. Vi aquela expressão nos olhos dela muito antes de até mesmo notar seu rosto e corpo. Aquele olhar contido, como se algo precisasse se libertar.

Rika e eu sempre estivemos às voltas um do outro, mesmo antes de estarmos cientes disso. E sua traição doeu quase como se eu tivesse sido estripado.

Andei direto até a porta e a abri sem bater. Meu pai estava sentado atrás de sua mesa, o cheiro do verniz das mesas de mogno e estantes de livros atingindo meu nariz e me fazendo pensar em um museu.

O advogado dele, Monroe Wynn, estava sentado à sua frente, de costas para mim.

— Michael. — Meu pai olhou para cima, tamborilando o dedo na mesa e com um sorriso que não chegava aos olhos. — Que rara surpresa.

Fechei a porta, sentindo o ar filtrar-se pelos meus pulmões como se fosse óleo. Ele não estava feliz em me ver, e eu detestava estar em sua presença. Nosso relacionamento acabou muito tempo atrás, quando comecei a me impor, logo, seu prazer dissimulado ao me ver era apenas uma encenação ante seu advogado.

— Monroe, você conhece meu filho — disse, gesticulando entre nós.

O homem se levantou da cadeira e estendeu a mão para mim.

— Olá, Michael.

— Senhor. — Aceitei o cumprimento.

Soltei a mão dele e cruzei os braços à frente do corpo.

— Estamos depositando nossas esperanças em você esse ano —

Monroe disse. — Minha esposa ficou irritadíssima por eu ter comprado ingressos no camarote para esta temporada, então é melhor que valha a pena. Não nos decepcione.

— Não, senhor.

— Ele vai cumprir o seu dever — meu pai assegurou. Como se tivesse a porra de um pingo de controle sobre isso. Ele odiava a carreira que escolhi e nunca me apoiou.

Monroe assentiu e voltei o olhar para meu pai.

Percebendo o silêncio desconfortável, o advogado finalmente pegou seus arquivos e pasta, os braços abarrotados quando se virou para sair.

— Nos falamos em breve — disse ao meu pai.

Ele deixou o escritório e meu pai se reclinou contra a cadeira, me encarando com irritação em seus olhos azuis. Ele e meu irmão eram muito parecidos, com o cabelo loiro escuro, pele pálida e mandíbulas estreitas. Ambos eram cerca de oito centímetros mais baixos do que eu. Herdei minha altura dos familiares do lado da minha mãe.

— Estou surpreso em ver que até mesmo sabe o endereço deste prédio — escarneceu.

— Sejam os justos — retruquei, recostando meu ombro contra a estante. — Venho aqui com a mesma frequência com que você vai em casa.

Ele nivelou o olhar em mim, nem um pouco contente.

— Falou com sua mãe?

Assenti.

— Ontem. Ela está passando alguns dias fazendo compras em Paris, antes de ir para a Espanha. Você vai encontrar com ela esta semana, correto?

— Como sempre — respondeu. — Por que pergunta?

Dei de ombros, balançando a cabeça.

— Por nada.

Na verdade, havia, sim, uma razão. Eu queria confirmar que ele sairia da cidade. E logo. Rika achava que a mãe dela estava com a minha, a bordo do *Pithom*, na costa do sul da Europa.

Não. O *Pithom* ainda estava ancorado em Thunder Bay, e minha mãe não tinha visto a Sra. Fane desde antes de ela viajar para a Europa, de avião, mais de uma semana atrás.

Rika não sabia onde sua mãe estava. Eu, sim.

E quando meu pai fosse ao encontro da minha mãe, Rika não teria nenhum apoio à volta.

Meus pais sempre viajavam no outono por várias semanas, seja para visitar amigos ou parceiros de negócios, fora do país. E, por mais que meu pai viajasse a trabalho diversas vezes ao ano, aquela viagem

anual eles sempre faziam juntos. Minha mãe era útil com seu charme, sagacidade e beleza, então ele insistia para que ela o acompanhasse em seu tour pela Europa a cada outono. Era a única coisa com a qual eu sabia que podia contar.

A casa em Thunder Bay estava, neste momento, vazia, já que minha mãe viajou há dias e meu pai sempre ficava na cidade, no abatedouro que ele mantinha do outro lado da comunidade.

Pelo menos ele tinha a decência de não manter um apartamento no Delcour e ostentar as vagabundas no prédio que lhe pertencia.

— Você tem falado com Trevor? — perguntou.

No entanto, apenas o encarei.

Ele bufou uma risada, já sabendo que aquela havia sido uma pergunta idiota.

Uma mulher jovem entrou no escritório com os braços cheios de arquivos. Ela sorriu para mim, parecendo sexy com um vestido azul-claro e cabelo loiro perfeito.

Andando até a parte de trás da mesa, ela colocou as pastas em cima e se esticou para pegar um post-it e escrever um recado para ele. Ele nem mesmo tentou disfarçar o olhar lascivo quando se reclinou na cadeira e deu uma bela conferida na bunda dela, quando se inclinou perto dele.

— Então, por que você está aqui? — abordou, e não deixei passar despercebido quando sua mão desapareceu por baixo do vestido dela.

Ela mordeu o lábio inferior para reprimir o sorriso.

Cerrei os punhos por baixo dos braços cruzados. Meu Deus, eu o odiava pra cacete.

— Para falar sobre meu futuro — respondi.

Ele inclinou a cabeça e me avaliou com o olhar.

Eu odiava isso. Não queria lidar com ele por mais nenhum segundo, razão pela qual levei tanto tempo para tratar o assunto que deveria ter sido acertado há muito tempo. Eu não queria vir aqui.

Seus lábios se curvaram. Tirando a mão de dentro do vestido da mulher, ele deu um tapa em seu traseiro antes de dizer:

— Feche a porta quando sair.

Ela deu a volta na mesa, relanceando-me um olhar antes de deixar o escritório.

Exalando um suspiro profundo, ele me encarou com os olhos quase fechados.

— Recordo-me de ter tentado conversar a respeito disso com você, muitas vezes. Você não quis entrar em Annapolis, preferindo se graduar em Westgate.

— Eles têm um excelente Centro Esportivo — eu o lembrei.

— Você não quis um futuro nesta empresa — prosseguiu. — Você quis jogar basquete.

— Sou um atleta profissional — retruquei. — Já estive em mais matérias de revistas do que você.

Ele deu um sorriso de escárnio.

— Isto não se trata de você fazer boas escolhas, Michael. Isso se trata de você constantemente me contrariar. Aquilo que eu quiser, você faz o oposto.

Ele se levantou e pegou um copo que deduzi ser de seu uísque habitual, e parou ao lado das janelas do teto ao chão que davam vista para a cidade.

— Quando você cresceu e se tornou um homem, achei que seria mais agradável, mas você não parou. A cada oportunidade que eu...

— Voltando ao assunto — cortei, endireitando a coluna. — Meu futuro.

Tivemos essa conversa – ou briga – inúmeras vezes. Eu não precisava de uma repetição.

— Tudo bem — reconsiderou. — O que você quer?

— Você estava certo — admiti, engolindo o gosto amargo na boca. — Em dez, quinze anos, estarei procurando por vagas para treinador em algumas faculdades, e olhando para a frente, minha carreira perderá o brilho. Não há um futuro.

Ele inspirou profundamente, como se estivesse gostando do rumo da conversa.

— Estou ouvindo.

— Vamos testar alguma coisa — sugeri. — Vamos ver o que posso fazer com alguns de seus interesses.

— Como o quê?

Dei de ombros, fingindo não ter pensado muito no assunto, como se não tivesse vindo aqui já com algo em mente.

— O que me diz sobre o Delcour e cinquenta mil ações da Ferro?

Ele riu ante minha audácia, que era exatamente o que eu queria. Sabia que ele não toparia aquilo.

— Cinquenta mil ações o tornariam um sócio — indicou, colocando seu copo na mesa e sentando-se novamente. — Sendo filho ou não, você não tem essas regalias entregues de mão beijada. — Ele ajeitou o paletó de seu terno e se recostou à cadeira, prendendo-me com olhar. — Muito menos aqui em Meridian — garantiu. — Se você me envergonhar, gostaria que fosse em algo menos visível.

— Tudo bem. — Assenti. — Que tal... FANE?

A família de Rika havia colocado o sobrenome deles em sua rede de joalherias quando inauguraram anos antes de ela nascer.

Ele franziu o cenho, em suspeita.

— FANE?

Merda. Fui muito precipitado. Ele me negaria.

Dei de ombros, tentando minimizar o assunto.

— Está tudo bem distante em Thunder Bay, não é? Fora de vista? Vamos ver o que posso fazer com a loja, a casa, e as empresas dos Fane.

— De jeito nenhum — respondeu. — Tudo aquilo será do seu irmão algum dia.

Fiquei quieto. *Do Trevor?* Não de Rika?

Em seu testamento, Schrader Fane nomeou sua filha como sua única herdeira. Rika herdaria absolutamente tudo, logo após se formar na faculdade, ou em seu vigésimo primeiro aniversário, o que viesse primeiro. O Sr. Fane nomeou meu pai, padrinho de Rika, como seu fiduciário até que chegasse o momento certo, o que pareceu ótimo para a mãe dela. Ela não tinha interesse nenhum nos negócios, não sendo nem mesmo capaz de cuidar da própria casa, que dirá de um patrimônio multimilionário.

Se tudo aquilo ia para o Trevor, no entanto, significava que...

— Você já deve ter chegado à conclusão de que uma hora ou outra eles vão se casar — meu pai declarou quando eu não disse nada.

Casados.

Meus músculos começaram a doer, cada um deles retesados pra caralho, enquanto encarava meu pai e lutava para não perder a cabeça. E por que eu me importava, de qualquer maneira? Ela e Trevor se mereciam, e eu tinha certeza de que acabaríamos com ela até isso acontecer.

— Faz sentido — concordei, tentando desfazer a sensação ruim.

— Será pouco tempo depois da formatura dos dois — ele informou. — Não podemos deixar que ela bata as asinhas para muito longe e suma de vista. Ele vai se casar com ela, colocar um bebê Crist na sua barriga, e tudo dos Fane será nosso, incluindo a pequena Rika. Este é o plano.

E podia apostar tudo o que tinha de que ela não estava ciente de nada daquilo. É óbvio que todo mundo sabia que a família estava pressionando Rika para ficar com Trevor, mesmo ela tendo terminado a relação. Mas existia um limite que as pessoas poderiam aguentar. Se eles continuassem pressionando, inclusive Trevor, eventualmente ela acabaria cedendo.

— Ela não o ama — assinalei, querendo explodir sua bolha de felicidade.

Ele ergueu o olhar, deparando-se com meu desafio.

— Ela vai aceitá-lo de volta e se casará com ele.

— E se ele não for capaz de gerar um bebê nela? — argumentei.

Rika não queria Trevor. Eles podiam até levá-la ao altar, mas não havia garantia alguma de que ela fosse mais dócil no quarto.

— Se ele não conseguir — ele disse, apontando na minha direção —, então talvez você consiga. Contanto que seja um Crist, estou pouco me importando.

Ele inclinou seu copo, tomando mais um gole.

— Inferno — prosseguiu, a sombra de um sorriso em sua expressão —, eu mesmo farei isso, se precisar.

Filho da puta. A vida dela já estava praticamente acabada.

Eu o encarei com um sorriso sarcástico.

— Então você precisa de mim.

— Sim, mas não confio em você — declarou.

— Mas sou seu filho — retruquei. — E sei que tem medo porque não consegue me controlar, mas sabe por quê? Porque somos exatamente iguais. — Inclinei o queixo para baixo, em um claro desafio enquanto mantinha minha posição. — As mesmas qualidades que você odeia em mim são aquelas que enaltece em si mesmo. E, independente de querer admitir ou não, você me respeita muito mais do que ao Trevor.

Afastando-me da parede, mantive os braços cruzados enquanto me aproximava de sua mesa.

— Já está na hora de eu me unir aos negócios da família — afirmei. — Não vou ficar com nada. A FANE pertence a Rika, bem como suas finanças e propriedades, quando ela se formar na faculdade. Isto está no testamento do pai dela e não pode ser alterado. Deixe-me administrar tudo até que ela e Trevor estejam prontos.

Ele franziu o rosto, virando a cabeça.

O que ele tinha a perder? Eu não podia ficar com nada. A lei protegia Rika. E até onde meu pai sabia, eu não tinha o menor motivo para gerir mal seu patrimônio. Por que iria querer tomar a casa dela, encerrar os negócios, congelar seus bens...?

— FANE — ele disse, finalmente chegando a um consenso com a ideia.

— E a casa e todos os outros empreendimentos — relembrei. — E se eu fizer tudo direito, fico com Delcour e os cinquenta mil de ações.

Estava pouco me lixando para o Delcour ou as ações, mas queria manter a fachada de que o patrimônio dos Fane não era o verdadeiro prêmio.

Ele fez uma pausa, mas finalmente acenou, aceitando o acordo.

— Vou mandar Monroe alterar a procuração e enviarei os documentos para você, hoje ainda, por fax.

Então, olhando para mim com um ar severo, apontou o dedo e disse:

— Você está recebendo uma chance, porque é sangue do meu sangue, Michael. E somente por causa disso. Se fosse você, provaria ser digno disso ao não ferrar com tudo. Você pode não ter uma segunda chance.

Contive meu sorriso. Eu não precisava de uma segunda chance.

Eu me virei e caminhei até a porta, prestes a sair dali, mas então parei.

— Por que não eu? — Girei o corpo para encará-lo. — Por que não me considerou para me casar com ela?

— Eu fiz isso — respondeu. — Você é muito volátil, e preciso dela feliz e dócil. Você a faria infeliz.

Arqueei uma sobrancelha, desviando o olhar. Bem, ele estava certo, não é? Eu tinha toda a intenção de fazê-la sofrer irremediavelmente. Mas ele não sabia disso. Estava preocupado com outra coisa. Sem saber nada a respeito do ódio entre mim e Rika, meu pai achava que eu não era bom para ela.

Saí do escritório, fechando a porta com um baque. Ira fervilhava por dentro, fazendo-me cerrar a mandíbula com força. Não importava. *Nada disso importava*, lembrei a mim mesmo.

Ele pensou que garantiria o dinheiro e contatos dos Fane, e que controlaria tudo através de Trevor. Não fazia a menor ideia de que eu acabaria com tudo. E também não sabia que meus planos haviam acabado de mudar. Ele e Trevor nunca colocariam as mãos nela. Eu preferia vê-la morta antes de isso acontecer.

Entrei no elevador, pressionando o botão para o térreo e senti o celular vibrar dentro do bolso do paletó. Assim que o peguei, cliquei na mensagem de texto de Will.

A casa já era.

Meus olhos arregalaram ao ver a foto do hall de entrada da mansão dos Fane, em chamas.

Mas que porra! Meu coração subiu até a garganta, e quase parei de respirar. Eles agiram sem mim.

Háviamos planejado tomar a casa dela, não incendiá-la.

Agi com presteza ao ligar para o escritório da segurança da casa delas.

O guarda noturno atendeu na mesma hora.

— Ferguson! — rosnei. — A casa dos Fane!

— Sim, senhor — respondeu apressado. — Já liguei para a polícia. Os caminhões do bombeiro já estão a caminho.

Desliguei e me agitei para o outro lado, dando um soco na parede do elevador.

— Puta que pariu!

Capítulo 13

Erika

Três anos atrás...

EU DEVIA TER ESPANCADO AQUELES DOIS. MILES E ASTRID ERAM OBSCENOS e desprezíveis, e não podia acreditar no que aqueles dois tentaram fazer comigo lá.

Cerrei meus punhos quando me sentei no carro de Michael, esperando que os garotos saíssem do Sticks.

Astrid e Miles mereciam mais do que receberam. Lágrimas brotavam enquanto eu mastigava a unha do meu polegar e encarava a janela, contendo o choro.

Eles teriam me estuprado naquele banheiro. E teriam se safado disso.

Ira disparava por baixo da minha pele, e tudo o que queria era voltar lá dentro e bater neles até que entendessem. Até que soubessem que eu não era uma vítima.

Comecei a abrir a porta, mas olhei para cima e parei, vendo que os meninos atravessavam o salão de bilhar.

Eles ainda usavam suas máscaras, e avistei um monte de gente lá dentro os seguindo com o olhar.

Todo mundo sabia quem os Cavaleiros eram e sem dúvida sabiam das travessuras que eles fariam esta noite. Mesmo que estivessem interessados, os curiosos não interfeririam.

Michael e Kai tomaram seus lugares nos assentos da frente, enquanto Damon passou por cima de Will para tomar seu lugar na parte de trás, como sempre. Will foi o próximo, sentando-se ao meu lado e batendo a porta; percebi que a manga de seu moletom estava rasgada. Deve ter rolado uma briga. Cheguei até mesmo a me preocupar se estava machucado, mas ele ria descontroladamente.

— O que vocês fizeram? — perguntei.

Todos eles tiraram suas máscaras, deixando-as de lado, e vi quando Will piscou para mim e me deu um sorriso deslumbrante.

— Estique sua mão — ele instruiu.

Senti um frio na barriga. *Merda*. E agora?

Relutante, estendi a mão esquerda e vi quando ele colocou algo macio e vermelho em minha palma, as mechas de cabelo se espalharam pelos lados, como se fosse um lenço.

Ele tirou a mão dele de cima, e meus olhos arregalaram.

— Ai, meu Deus — engasguei, horrorizada. — Isto é... — ofeguei, tentando entender aquilo. — Isto é deles?

Na minha mão estavam um dente ensanguentado e uma mecha

grossa de cabelo vermelho.

Eu me encolhi, sentindo um gosto ácido queimar a garganta quando o peso daquilo que estava em minha mão pareceu pesar uma tonelada.

— Pegamos uma lembrancinha de cada — Will esclareceu.

Kai falou por cima do ombro, do banco da frente.

— Eles nunca mais encostarão um dedo em você.

— Eles nunca mais olharão na sua direção outra vez — Damon acrescentou.

— Mas e se eles contarem para alguém? — Eu sabia que minha preocupação estava evidente, mas minha mão tremia, desesperada para me livrar daquilo.

— Contar para quem? — Michael deu partida no carro e me lançou um olhar através do espelho retrovisor, sorrindo. — Meu pai está em três empreendimentos imobiliários com os Anderson.

Congelei quando caí na real. *Putá merda*. Ele estava certo. A lei pode ter falhado em me proteger, mas agora atuava para o lado contrário, também. A quem Miles e Astrid diriam o que aconteceu para obter justiça agora?

Um sorriso se formou no meu rosto. *A ninguém*.

— Um “obrigado” seria legal — Damon disse atrás de mim.

— Eu... — Encarei o dente outra vez, vendo o sangue da raiz coagular na minha mão. — Eu só estou um pouco passada. — Dei uma risada nervosa.

— Você teria ficado mais passada ainda se tivesse acordado pelada, com a porra de dez caras espalhada em você naquela festa — ele replicou. — Isso sem falar no que iam fazer com você naquele banheiro ali.

Abaixei o olhar, sentindo o pavor se espalhar pelo corpo ante o que ele havia acabado de dizer.

— Sim... — sussurrei, em total acordo.

Na última primavera, apagada naquela cama, o que teria acontecido comigo depois que eles terminassem? Eles teriam convidado mais pessoas para me machucarem, um atrás do outro? Fotos? Filmagens? Quantas pessoas teriam me estuprado?

Carrei os dentes, de repente querendo que eles sofressem mais. Eu queria matá-los. Ninguém deveria ter o poder de transformar sua vida para sempre.

Fechei o punho ao redor dos objetos e o encarei com firmeza.

— Obrigada.

Ouvi o estalo do isqueiro de Damon, e depois senti o cheiro da fumaça que ele exalou.

— No entanto, a sua tentativa de intimidá-los foi bem fofa.

Revirei os olhos, abrindo a porta e rapidamente me desfazendo

daquele dente e mecha de cabelo no fluxo de água que corria até o bueiro. Os vestígios da agressão que sofreram desapareceram no vazio.

Não havia nada de errado com a minha tentativa. Talvez não tenha sido capaz de arrancar membros, mas eu me defendi. O que mais eles queriam?

Batendo a porta, limpei a mão no meu agasalho preto, pensando que definitivamente teria que queimar minhas roupas depois desta noite.

Talvez pressentindo minhas dúvidas, Kai deu uma olhada por cima do ombro, dizendo para mim:

— Quando você quiser impressionar alguém, e pensar que já fez o suficiente, vá mais além. Sempre os deixe pensando que você é meio louca, e as pessoas nunca mais tentarão te sacanear outra vez.

Assenti, de acordo. Eu não tinha certeza se seria capaz de fazer o que fizeram, mas entendi o que quis dizer. Quando os seus inimigos não sabiam quais eram seus limites, eles não os pressionavam.

Michael se afastou do meio-fio e virou a esquina para a rua Baylor.

— Por que vocês demoraram tanto? — finalmente perguntei, lembrando-me de que eles esperaram mais do que eu havia orientado.

— Ficamos esperando a namorada dele seguir vocês até o banheiro — Will respondeu.

— Não se preocupe — Kai garantiu. — Não esperaríamos muito mais tempo. Você se saiu muito bem.

Fiquei olhando pela janela, vendo adolescentes rindo e brincando na calçada do lado de fora do cinema, assim que passamos por ele. A decoração de Halloween – fantasmas com tecidos brancos flutuantes – balançava com a brisa, nos postes de iluminação onde estavam pendurados. Folhas laranja caíam das árvores, e eu podia sentir o cheiro de chuva prestes a desabar.

— Vamos tentar arranjar comida longe da cena do nosso último crime — Will brincou, esticando a mão à frente para sintonizar *Bodies*, do Drowning Pool.

Ele começou a tocar uma guitarra imaginária enquanto Michael virava à direita na Breckinridge, dando a volta na praça da cidade. Olhei de relance, apreciando a vista do parque no centro da cidade. O pequeno lago brilhava com o reflexo das luzes brancas penduradas nas árvores à volta, e lâmpadas alaranjadas tomaram o lugar das brancas que costumavam figurar nas luminárias, trazendo um ar festivo à praça. Bandeirinhas de Halloween se agitavam nos postes do lado de fora das lojas, ao lado das abóboras típicas da época e outras decorações.

— Ei, pare! — Will gritou. — Pare!

— O que foi? — Michael resmungou, pisando no freio e

fazendo todo mundo se chocar contra os cintos.

Will abaixou o vidro de sua janela, e Michael abaixou a música, à espera.

— Ela terminou — Will disse, olhando para o parque.

Inclinei a cabeça, tentando ver para onde ele estava olhando, sem ter certeza do que era. Olhei à minha direita, vendo a FANE, a loja da minha família do outro lado da rua. A vitrine estava toda acesa, e mesmo à distância, eu podia ver o brilho das joias.

Eu me virei, vendo que Will ainda encarava algo através da janela, em silêncio. Ele girou a cabeça e estendeu a mão por cima do ombro, para Damon.

— Me dê a garrafa — exigiu.

— Por quê?

— Você sabe o porquê — ele rebateu, e pisquei em surpresa ao ver o tom cortante. — Me dê isso aqui.

— Não em público — Kai argumentou.

— Foda-se. — Will balançou a mão para Damon, exigindo. — Agora!

Mas que merda estava acontecendo? Vi Damon dar um olhar de relance para Michael, pelo retrovisor, ainda sem saber o que fazer.

— Dê a garrafa para ele — Michael disse com calma.

Meu coração pulou uma batida, pensando no que ele estava prestes a fazer. Se Kai estava tenso, seja lá o que fosse, não era uma coisa boa. E se Damon estava nervoso, definitivamente não era uma boa ideia.

Will reposicionou a máscara em seu rosto e puxou o capuz preto para cobrir seu cabelo antes de se esticar e enfiar a mão dentro do bolso da frente no meu moletom e pegar meus fósforos. Então, pegou uma garrafa de uísque e um tecido com Damon, e abriu a porta, saltando do carro.

— Jesus — Damon resmungou, parecendo preocupado enquanto gritava atrás dele. — Foda-se aquela vadia. Não sei nem porque você se importa tanto!

Mas Will pareceu não lhe dar ouvidos. Ele continuou andando, brincando com os materiais que levava.

De quem eles estavam falando?

— Vamos — Michael disse, abrindo a porta de seu lado e descendo do carro.

Observei quando todos eles colocaram suas máscaras e puxaram os capuzes sobre as cabeças, fechando suas portas.

Segurei a maçaneta, sem saber se queria seguir atrás deles. Era como se nem todos estivessem de acordo com o que Will faria, e eu não tinha uma máscara para me encobrir.

— Venha logo — Michael espreitou pelo vidro aberto da janela

de Will. — Todos temos que ir. São as regras.

Oookay. Um por todos e todos por um? Mas isso não era tão verdadeiro assim, já que Damon deu seu trote em particular. Embora tenha certeza de que não curtiria nem um pouco acompanhar sua travessura.

Hesitei, suspirando audivelmente e puxando meu capuz para cobrir o cabelo.

Desci pelo lado de Will e andei apressadamente ao lado de Michael, enfiando as mãos dentro do meu moletom.

Olhando ao redor, vi diversas pessoas nas proximidades, adolescentes e casais, e todos eles estavam de olho nos homens mascarados. Mantive a cabeça baixa, tentando me tornar invisível.

Avistei Will com um pedaço de pano encharcado na bebida alcoólica, enquanto ele, Damon e Kai se dirigiam para o gazebo da loja *Witch's Hat*, no parque.

O quê?

— Por que eles estão indo para o gazebo? — perguntei a Michael.

— Porque ele é apaixonado pela garota que o construiu — respondeu —, e ela não o suporta.

Franzi o cenho, confusa, e já pouco me importando se alguém visse meu rosto.

— Emmy Scott? — retruquei, com vontade de rir.

— O quê? — Michael olhou para mim, sem compartilhar a piada.

— Bem, ela não... — continuei, pensando na pequena e mal-humorada Emory Scott em seus óculos de aros escuros, que nunca usou uma gota de maquiagem. — Ela não é bem o tipo dele, né?

Eu não podia acreditar. Tinha que ser um engano. Will sempre foi visto com garotas vestidas em minissaias e com cabelos perfeitos. Garotas que sabiam como paquerar. Emmy Scott era... bem, uma nerd, na opinião de todo mundo, incluindo dela própria.

Paramos bem próximos ao gazebo e virei a cabeça, vendo o olhar penetrante de Michael em mim.

E meu coração começou a bater mais acelerado.

Olhei para os caras, vendo Damon segurar a garrafa enquanto Will incendiava o pedaço de pano, e balancei a cabeça.

— Não acho isso legal — sussurrei, mantendo-me cabisbaixa. — A Emmy é uma boa pessoa, e deu duro para fazer esse gazebo. Foi o projeto do seu último ano na escola e o que a fez entrar em Berkeley.

Ela construiu o gazebo no verão do ano passado, e ainda que estivesse radiante por deixar a cidade e ir para a faculdade, ela certamente colocou tudo o que tinha para finalizar esta obra, além das inúmeras outras que construiu ao redor da cidade.

Michael ergueu seu queixo.

— Ele vai acertar as coisas — assegurou. — Deixe-o mergulhar nas loucuras dele.

E então, antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, vi o clarão de luz voando pelos ares. Prendi o fôlego quando a garrafa se chocou contra o gazebo, e as chamas explodiram, fogo lambendo cada centímetro da estrutura de madeira.

— Ai, Jesus. — Coloquei a mão sobre a testa, me corroendo de culpa. — Eu não vou ver isso. É de uma babaquice sem tamanho!

Girei para sair, mas Michael segurou meu braço.

— Ou você fica conosco ou pode voltar para casa — avisou.

Arranquei meu braço de seu agarre, fazendo uma careta.

Eu não queria ir para casa. Mas isto aqui também não era nem um pouco engraçado. Eles estavam sendo uns babacas, porém se eu não me mantivesse firme, ele sempre me veria como uma fracote.

Voltei para o carro parado ainda na rua.

Eles que se danem. Eu encontraria um estabelecimento aberto e pediria a Noah para me buscar.

Abri a porta do carro e enfiei a mão por dentro do bolso na parte de trás do assento de Kai, onde havia enfiado meu telefone, e a fechei com um baque.

O incêndio ardia a uma distância curta, e inúmeras vezes irromperam ao redor, apavoradas.

— Eita, merda! — alguém gritou, vendo as chamas.

Mais ofegos e risadas excitadas explodiram à minha volta. As pessoas já deviam saber o que esperar na *Noite do Diabo*, e provavelmente já esperavam por isso.

Eu os ignorei e deslizei a tela do meu celular, discando para a emergência. Talvez os caminhões dos Bombeiros já estivessem de volta a esta altura.

Hesitei por um instante, sem querer colocar os meninos em apuros, mas então me lembrei de que isso nunca acontecia com eles.

Foda-se. Apertei o botão de discagem.

— Parados!

Ergui a cabeça e vi o policial Baker correr pela rua em direção ao parque. Meu estômago afundou.

Ah, não.

Ele estava indo direto para os caras. Com a mão em sua arma, aproximou-se devagar no local onde eles estavam juntos agora.

— Mãos para cima! Agora!

Finalizei a chamada, sabendo que ele já devia ter ligado.

— Merda! — Ouvi Will resmungar. — Caralho!

— Mãos para cima! Agora! — Baker berrou outra vez. — Seus merdinhas, essa noite acabou para vocês! Vou levar todo mundo

preso!

— Filho da puta — suspirei, enfiando meu celular no bolso do moletom.

Michael foi o primeiro a levantar as mãos para o alto, devagar, sendo seguido pelos outros.

— Isso realmente estraga a nossa noite, Baker — Will zombou, e ouvi os caras explodirem em gargalhadas.

— Pro chão! — o policial gritou, ignorando a zombaria. — Devagar!

— Meu pai vai arrancar a minha cabeça — Kai murmurou.

Meu pulso acelerou, e vi quando todos eles se deitaram no chão e a multidão os cercou.

Não era a primeira vez que eles iam presos. Baker provavelmente os manteria na delegacia por uma noite para que não pudessem mais causar nenhum dano, e os liberaria pela manhã.

Mas então percebi um monte de pessoas com seus celulares em mãos, filmando a coisa toda.

— Tirem as máscaras — o policial mandou.

Abri a boca em choque, respirando com dificuldade. Não!

Não com todo mundo ali filmando! Michael seria descoberto e perderia sua posição no time. Não que eu me importasse...

Ah, tudo bem. Eu me importava, porra.

Olhei ao redor, de um lado ao outro, procurando por algo – qualquer coisa – que pudesse fazer. Algo que distraísse o tira.

Então congelei, vendo as vitrines da FANE.

Senti o coração na garganta e não parei para pensar.

Apenas faça.

Lançando-me para a parte traseira do carro, abri a porta e peguei um pé-de-cabra. Fechei a porta outra vez e puxei o capuz para cobrir meus olhos, e corri para as vitrines que ostentavam um conjunto cintilante de colar, brincos e anel de rubis, com um valor estimado de duzentos e cinquenta mil dólares.

Sim, minha família não brincava quando se tratava de joias. Nós valíamos tanto quanto, ou mais até, que os Crist.

Ergui o braço, tremendo de pavor com o que estava prestes a fazer.

— Merda — sussurrei.

E apenas balancei os braços.

O pé-de-cabra se chocou contra a vidraça, luzes e alarmes imediatamente disparando, enchendo a praça da cidade com as vozes ultrajadas.

Estava prestes a fugir, sabendo que o policial viria até aqui em vez de focar nos meninos, mas percebi, rapidamente, que deixaria as joias desprotegidas. Agarrei o conjunto inteiro, segurei-os em um

punho – as pedras cortando minha pele –, e corri.

— Eita, porra! Sério? — Ouvi a voz empolgada de Will, e então as risadas barulhentas.

— Vamos! Entrem no carro! — algum deles gritou, mas estava muito longe para distinguir de quem era a voz.

Disparei em direção à esquina, descendo a rua, e depois tomei a esquerda, correndo para um dos menores e mais tranquilos bairros da região, enquanto tentava despistar o policial. Não sabia se ele estava atrás de mim, mas tinha esperanças de que pensasse que eu ainda estava descendo pela Breckinridge.

Corri o mais rápido que podia, forçando cada músculo das minhas pernas, com o pé-de-cabra em uma mão, e as joias na outra.

Noah não morava tão longe dali, então eu poderia ir até a casa dele.

Merda! O que eu tinha feito?

Mesmo que tivesse tentado cobrir meu rosto, ainda assim alguém poderia me reconhecer, isso sem falar nas câmeras de segurança da loja. E depois, teria que devolver essa merda, e minha mãe acabaria sabendo de tudo.

Acelerei a corrida, o ar se arrastando pelos meus pulmões enquanto o suor encharcava meu pescoço.

— Rika! Entre aqui! — uma voz gritou atrás de mim.

Dei a volta, vendo Kai com a cabeça do lado de fora da janela, enquanto Michael acelerava seu Classe G até a rua escura. Ele diminuiu até parar perto de mim, e estiquei a mão para puxar a maçaneta do carro. Pulei para dentro e fechei a porta. Michael pisou no acelerador e disparou pela rua.

— Uhuuuu! — Kai enfiou a parte superior de seu corpo para fora da janela, gritando para o ar noturno.

— Você assaltou a porra da sua própria loja, Rika! — Will riu e agarrou meu moletom, me puxando para cima dele. — Você reinou absoluto, gata!

Ele me liberou, ainda dando risadas e sorrisos histéricos.

Inclinando a cabeça para trás, ele uivou para o teto do carro, sobrecarregado pela adrenalina e excitação.

Respirei fundo, calor dominando meu corpo inteiro, e senti como se estivesse prestes a vomitar.

Olhei de relance para o retrovisor, passando a mão pelo meu cabelo, preocupada, e deparei com o olhar de Michael na estrada à frente, e um sorriso discreto no rosto. Ele ergueu o olhar, como se pressentisse que eu o observava, e pude ver algo diferente ali.

Talvez respeito, ou talvez admiração.

Ou talvez ele finalmente pensasse que eu valia alguma coisa.

Baixei os olhos, obrigando-me a relaxar, deixando escapar um

pequeno sorriso.

— Obrigado — uma voz baixa disse atrás de mim.

Virei a cabeça e vi Damon com os braços apoiados no encosto do banco traseiro, me encarando.

Acenei, sabendo que aquela não era uma palavra que dizia com frequência.

— Ei, sintoniza aí! — Will gritou. — Essa é sua. Monstro.

Ele me lançou um sorriso quando *Monster*, do Skillet, soou no carro, correndo pelas minhas veias.

Will começou a cantar, e deslizou pelo assento, e acabei me sacudindo de tanto rir quando ele se sentou escarranchado no meu colo, me dando uma *lap dance* ao som da música.

— Para o armazém — ele ordenou com o punho erguido. — Vamos encher a cara!

Capítulo 14

Erika

Dias atuais...

AGARREI O VOLANTE, ACELERANDO PELA RODOVIA ESCURA ENQUANTO SEGURAVA o celular no ouvido.

— Mãe, onde diabos você está? — explodi, meu coração trovejando no peito.

A ligação chamava e chamava, e mesmo tendo ligado para ela diversas vezes desde o momento em que recebi o telefonema a respeito da casa, ela ainda não havia retornado.

Tentei até mesmo nossa governanta, mas não consegui contato também.

Puta que pariu, por que não peguei a porcaria do número do telefone por satélite aquela outra noite, com Michael? Eu simplesmente encontrei com Alex e implorei que ela me levasse para casa, mesmo eu tendo que dirigir, pois ela estava muito bêbada para isso.

Girando o volante à direita, fiz a curva, encerrando a ligação e jogando o celular no banco do passageiro.

— Por favor... — ofeguei, sentindo meu rosto se contorcer enquanto eu segurava as lágrimas.

Por favor, esteja bem.

Os caminhões de bombeiro chegaram lá a tempo. Tinham que ter chegado.

Ferguson havia me ligado cerca de uma hora atrás, dizendo que a casa dos meus pais estava pegando fogo e que ele já havia chamado o corpo de bombeiros. Eles já estavam lá, mas ele não conseguiu contato com a minha mãe ou a governanta, ambas provavelmente fora da cidade.

Não hesitei. Pulei no meu carro e saí de Meridian, acelerando pela rodovia. Finalmente, depois de uma hora dirigindo, peguei as pacatas e escuras estradas de Thunder Bay.

Já passava das dez da noite, no fim das contas.

Virando à esquerda, avistei a entrada do condomínio e pressionei a buzina, uma e outra vez. Ferguson abriu o portão, e passei acelerando, sem nem mesmo parar para conversar. Os faróis do meu carro iluminaram o asfalto enquanto atravessava pela pequena floresta, avistando portões e casa, postes e calçadas em um borrão.

Passei pela casa dos Crist, e nem mesmo dei uma olhada. Passei batida para logo mais apertar o botão do controle remoto do meu próprio portão cerca de um quilômetro à frente.

Girando o volante para a esquerda, cheguei até a entrada da minha casa e pisei no freio. Desliguei o carro e saltei para fora, sufocando enquanto meu peito se sacudia.

— Não, não, não... — Meus olhos estavam embaçados enquanto eu olhava para a casa.

Fuligem preta se alastrava pelas esquadrias das janelas, e toda a vegetação ao redor da casa estava queimada. A casa permaneceu sombria e açotada, enquanto o cheiro do incêndio preenchia o ar; fumaça negra flutuava das poucas brasas remanescentes.

Não conseguia ver nada por dentro, mas parecia tudo destruído.

Levando as mãos até o cabelo, lágrimas se derramavam pelo meu rosto devastado. Solucei, lutando para conseguir respirar à medida que corria em direção à casa.

— Mãe!

No entanto, o braço de alguém me envolveu, me segurando.

— Me solta! — Eu me debati, tentando girar meu corpo para sair de seu agarre.

— Você não pode ir até lá! — ele gritou.

Michael.

Mas eu não me importava. Consegui me livrar de suas mãos e corri para casa.

— Rika!

Entrei correndo, deparando-me com os pisos, carpetes e paredes enegrecidas. Passei pelo corrimão, sentindo as fagulhas de fuligem na minha palma quando me apoiei para subir.

— Senhorita! — um homem gritou, e reparei nos bombeiros que ainda estavam ali conversando.

Ignorei todos eles e subi as escadas, os degraus por baixo do tapete encharcado rangendo sob meu peso, alertando-me de que poderiam quebrar a qualquer instante, mas não estava nem aí.

A porcaria da casa poderia desabar inteira sobre a minha cabeça.

— Mãe!

Mas espera... ela não está aqui. Ela está viajando, lembra? Alívio me inundou assim que cheguei ao segundo andar. Ela não estava aqui.

Entrei no meu quarto, o fedor pungente da fumaça enchendo meus pulmões; fui direto para o meu *closet*. Caí de joelhos, tossindo, enquanto vasculhava no canto, em busca de uma caixa.

Água pingava nas minhas costas, das dezenas de roupas ensofadas acima de mim. O incêndio atingiu aqui também. *Por favor, não.*

Abri a tampa de uma caixa e minha mão envolveu uma muito menor, de madeira. Retirei-a dali.

Água extravasou pelos cantos da caixa.

Meu coração se partiu. *Não.*

Enlaçando os braços ao redor da caixa, eu a pressionei contra o meu peito e me debrucei sobre ela, soluçando. Estava tudo destruído.

— Levante-se.

Ouvi a voz de Michael atrás de mim, mas não queria me mover dali.

— Rika — exigiu outra vez.

Levantei a cabeça, tentando puxar o ar profundamente, mas uma vertigem súbita tomou conta de mim, e não pude respirar. O ar estava muito espesso.

Eu deveria ter levado a caixa comigo. Foi uma estupidez tê-la deixado aqui. Achei que estava tentando ser forte ao deixar o passado para trás, seguindo em frente. Não deveria ter ido embora sem ela.

Abri os olhos, não vendo quase nada através do borrão.

Por que Michael estava aqui? Ele já estava aqui quando cheguei, o que significa que soube do incêndio antes de mim.

De repente, todo o controle que lutei para assumir sobre a minha vida parecia estar sendo tirado de mim. Sendo enganada para ir morar no Delcour, encontrar Damon e Will na sala de aula, as constantes ameaças de seus amigos perturbando minha cabeça, e então havia o Michael. Eu não tinha nenhum controle quando estava ao redor dele.

E agora minha casa?

Um peso pareceu assentar em meu peito, e tentei respirar com dificuldade quando olhei para ele.

— Onde a minha mãe está? Por que não consigo falar com ela?

Mantendo o olhar firme ao dele, comecei a tossir outra vez, o ar tóxico entrando em meus pulmões cada vez que tentava respirar.

— Nós precisamos sair daqui. — Ele se esticou e me ajudou a ficar de pé, sabendo que a fumaça já estava me afetando. — A gente volta aqui amanhã, depois que o corpo de bombeiros avaliar os danos e nos assegurar de que é seguro. Vamos ficar na casa dos meus pais esta noite.

Um nó apertou minha garganta, mas não tive forças para engoli-lo. Esfreguei a caixa contra o meu peito, querendo sumir dali.

Não discuti quando deixamos o quarto. Não discuti quando ele me colocou dentro de seu carro ou quando o vi passar pela casa de seus pais, em direção à cidade.

Eu não conseguia discutir com ele essa noite.



— São estas as caixinhas de fósforos das quais você falou? —

perguntou, acenando em direção à caixa em cima da mesa. — Aquelas que seu pai colecionava das viagens que ele fazia?

Abaixei o olhar, observando a tampa da caixa de madeira e assenti. Ainda estava me sentindo completamente vazia para falar alguma coisa.

Depois de deixarmos os bombeiros trabalhando na casa, ele não dirigiu até a casa de seus pais. Ele foi em direção à cidade e parou no Sticks, e ainda que não quisesse ver ninguém, uma bebida era bem-vinda.

Eu o segui, e, por sorte, ele nos escondeu atrás de uma das cabines e pediu duas cervejas. A garçonete me olhou de esguelha, vendo que eu não tinha vinte e um, mas não discutiu com ele.

Ninguém nunca o fazia.

O bar estava praticamente vazio, provavelmente porque era dia de semana, além de os universitários terem saído da cidade para voltar às suas universidades por agora. Algumas pessoas mais velhas estavam sentadas no balcão do bar, outras jogavam bilhar, e outras vagueavam por ali, bebendo, conversando e comendo.

Reclinando devagar contra a cadeira, toquei a caixa com as mãos trêmulas e abri o fecho frontal, erguendo a tampa.

Lágrimas se derramaram, e desviei o olhar.

Destruído. Estava tudo destruído.

A maioria das caixinhas era feita de papel, e por mais que os fósforos estivessem secos, as embalagens estavam rachadas, rasgadas e enrugadas. O papelão úmido gotejava água, descolorido e destruído.

Estendi a mão e peguei um frasquinho de vidro. Os palitos de fósforo dentro tinham a cabeça verde, e ainda me lembrava do meu pai quando voltou de uma viagem ao País de Gales, dizendo que os encontrou em uma lojinha à beira-mar, em Cardiff.

Sorri com tristeza, segurando o frasco.

— Estes são os meus favoritos — eu disse, inclinando sobre a mesa. — Escute o barulho.

Sacudi o frasquinho perto do ouvido dele, mas então minha expressão mudou ao ouvir o som pesado ao invés do leve ruído que me era tão familiar quando os palitos de madeira se chocavam dentro do vidro.

Voltei a me recostar.

— Eles não fazem mais o mesmo barulho, agora.

Michael olhou para mim, seu porte atlético enorme praticamente tomando conta de todo a cabine no lado em que estava sentado.

— São apenas fósforos, Rika.

Inclinei a cabeça, meus olhos se estreitando com ódio.

— São apenas fósforos? — sibilei. — O que você mais valoriza?

Existe algo que seja precioso para você?

A expressão dele se tornou impassível, enquanto permanecia em silêncio.

— Sim, são apenas fósforos — continuei, minha voz ficando rouca por conta das lágrimas. — E memórias, cheiros, sons e o frio na barriga toda vez que eu ouvia a porta de um carro se fechar do lado de fora, me alertando de que ele estava em casa. Milhares de sonhos que tive com os lugares onde me aventuraria algum dia. — Suspirei, colocando a mão sobre a tampa da caixa. — Eles eram esperança, desejos e lembretes, e todas as vezes em que sorri, sabendo que ele havia se lembrado de mim quando estava fora. — Então olhei para ele incisivamente. — Você pode ter dinheiro e garotas, carros e roupas, mas ainda tenho mais do que você nesta pequena caixa.

Desviei o olhar para as mesas de sinuca, vendo-o me observar com o canto do meu olho. Eu sabia que ele pensava que estava sendo boba. Provavelmente devia estar pensando o que ainda estava fazendo sentado ao meu lado aqui. Eu tinha o meu carro. Ele podia ter me deixado na casa dos pais dele para passar a noite e voltado para Meridian para comparecer a algum encontro ou evento para o qual estava todo arrumado.

Mas a verdade era que não estava sendo boba. Sim, eram apenas fósforos, mas também eram algo insubstituível. E as coisas que são insubstituíveis na vida são as únicas às quais devíamos dar valor.

Quando pensei sobre isso, vi que realmente não havia muitas coisas ou pessoas que eu amava. Por que os tinha deixado aqui?

— Eles acham que o incêndio teve início próximo às escadas — Michael disse, tomando um gole de sua cerveja. — Foi por isso que se alastrou para o segundo andar com tanta rapidez. Nós vamos saber mais sobre isso amanhã.

Permaneci em silêncio, observando a garçonete servir mais duas doses.

— Você não se importa? — Michael abordou o assunto quando eu não disse nada.

Dei de ombros, sentindo a raiva entorpecer a tristeza.

— A casa não significa nada para mim — eu disse, baixinho. — Nunca fui feliz ali sem o meu pai.

— Você era feliz na minha casa?

Levantei os olhos, trancando meu olhar ao dele. Por que ele estava perguntando isso? Desde quando ele se importava? Ou talvez já soubesse a resposta.

Não. Eu não era feliz na casa dele. Não sem ele ali.

Quando estava no fundamental e ensino médio, sim. Eu amava. Ouvir a bola de basquete quicar no chão através da casa quando ele andava ao redor, sentir a presença dele em um cômodo e não ser mais

capaz de me concentrar em nada, esbarrar com ele no corredor...

Amava a expectativa de simplesmente estar perto dele.

Mas depois que ele saiu para cursar a faculdade, e quase nunca estava em casa, a casa dos Crist se tornou uma gaiola. Trevor estava o tempo todo à minha volta, e eu sentia muita falta de Michael.

Estar na casa dele, quando ele não estava ali, era mais solitário do que nunca.

Joguei o frasquinho dentro da caixa e fechei a tampa de supetão, virando a cabeça para a *jukebox* próxima às janelas da frente.

— Você pode me emprestar uma grana? — perguntei, olhando para ele.

Eu havia deixado a bolsa no meu carro.

Ele enfiou a mão no bolso e retirou algumas notas de um clipe. Estendi a mão, sem hesitar, e peguei as cinco primeiras que avistei, deixando a cabine e levando a cerveja comigo.

Arrepios percorreram meus braços, e me lembrei de que ainda estava usando o jeans e a regata branca que havia colocado quando cheguei mais cedo das aulas hoje. Ao pular no carro com tanta pressa, acabei esquecendo de pegar um casaco.

Michael usava um terno preto e camisa branca, aberta no colarinho, e fiquei imaginando se ele veio ou estava indo para algum lugar.

Não importava. Ele podia ir embora. Eu era capaz de tomar conta de mim mesma.

Dei algumas goladas na minha cerveja enquanto inseria os cinco dólares na máquina e esperava para escolher uma música.

Uma risada feminina soou logo atrás de mim, e virei a cabeça, reconhecendo Diana Forester. Ela estava reclinada contra nossa cabine, com uma mão no quadril e um sorriso sonso enquanto conversava com Michael.

Jesus.

Eles namoraram no colégio, embora não pudesse chamar aquilo de namoro. Kai e Michael a compartilharam. E eu só sabia disso porque vi os dois a beijando na sala de TV, uma noite. Sumi dali antes que alguém pudesse me ver, mas eu podia muito bem adivinhar o que aconteceu a seguir.

A vida depois do ensino médio não foi muito legal com ela. A última notícia que soube era que ela estava ajudando os pais a administrar a pousada que tinham na cidade.

Ele assentiu para algo que ela dizia, um leve esgar de sorriso em seus lábios, mas a impressão que dava era que estava apenas sendo condescendente com ela. Até que ela se inclinou e achei ter visto os olhos dele focados em mim por um instante ínfimo. Ele então sorriu amplamente e estendeu a mão, tocando o cabelo loiro dela.

Senti a pele do meu pescoço e rosto queimando, e girei ao redor.

Babaca.

Mesmo sem querer, eu tinha expectativas quanto ao homem que pensei que ele fosse, e precisava me livrar disso.

Será que eu seria a vela na casa dele esta noite quando ele a levasse para lá? Seria eu a que ficaria sentada em um silêncio desconfortável, alguns quartos logo depois do corredor?

Estava farta de agir como se aquela merda não me incomodasse. Estava com raiva. *Seja dona de si mesma.*

Pressionando alguns botões, baixei apenas uma música, embora tenha pagado por vinte. Bebendo o resto da minha cerveja, voltei para a cabine onde estávamos sentados. Deslizando a garrafa vazia de cerveja em cima da mesa, vi Diana dar um pulo de susto como se não soubesse que eu estava ali.

— Ah, oi, Rika — ela cantarolou. — Como está o Trevor? Tem sentido muito a falta dele?

Trevor e eu não estávamos namorando. Acho que ela ainda não tinha se ligado naquele fato.

Sentei-me, cruzei as pernas e entrelacei meus dedos em cima da mesa. Ignorando a pergunta dela, encarei Michael. Ele estava me sacaneando, e inclinei a cabeça, encarando seu olhar divertido.

Não pedi para ser trazida ao Sticks, mas ele me trouxe de todo jeito. Ele não precisava ficar preso com sua amante por uma noite, comigo a reboque. Não esta noite.

O silêncio desconfortável aumentou, mas quanto mais eu me mantinha firme, desafiando-o a se livrar dela, mais me sentia forte.

Dirty Diana, do Shaman Harvest, começou a tocar, e apenas dei um sorrisinho.

— Bem... — Diana disse, tocando o ombro de Michael. — Estou feliz em te encontrar aqui. Você quase nunca vem para casa...

Mas Michael a ignorou, ainda mantendo o olhar fixo ao meu.

Ele pigarreou, direcionando os olhos para mim.

— Música interessante.

Contive uma risada.

— É mesmo. Achei que Diana fosse gostar — respondi, animada, e olhei para ela. — Fala sobre uma mulher que se joga na cama com homens que não a pertencem.

Michael abaixou o olhar, bufando uma risada.

Diana fez uma careta, levantando uma sobrancelha e se mexeu, incomodada.

— Vaca.

Então ela se virou e saiu.

Meu olhar se prendeu ao de Michael outra vez, irritação

correndo pelo meu corpo. Eu me senti ótima ao bater de frente com ele e suas palhaçadas.

— Por que você está sempre me sacaneando? — exige saber.

— Porque é divertido — admitiu —, e você está ficando tão boa nisso.

Estreitei o olhar para ele.

— Por que seus amigos também estão mexendo comigo?

Ele permaneceu em silêncio, entretanto. Podia ver o desafio em seu olhar. Ele sabia que eles estavam me sacaneando, e o instinto me alertou a temer, mas por alguma razão...

Eu não os temia.

O jogo de puxa e empurra, os jogos mentais e sacanas... tudo aquilo me torcia por dentro e me deixava muito mal, mas quando finalmente cansei de tropeçar, cair e me levantar de volta, percebi que era até divertido brincar.

Michael se recostou na cabine, apoiou um braço no canto e olhou para o bar.

— Se a música da Diana é *Dirty Diana*, qual seria a do Sam? — Ele apontou o queixo. — O bartender. Qual seria a música dele?

Desviei o olhar para olhar para Sam Watkins por trás do balcão, trabalhando sozinho. Ele estava pegando algumas garrafas de uísque, limpando-as e as substituindo por outras.

— *Closing Time* — chutei. — Do Semisonic.

Michael riu baixinho, olhando para mim como se eu não tivesse nem ao menos me dado ao trabalho de pensar melhor.

— Essa foi muito fácil. — Ele tomou mais um gole de sua cerveja e acenou para outra pessoa. — Drew, no bar.

Inspirei profundamente, tentando relaxar. Olhei para Drew Hale, um juiz de meia-idade que era bastante conhecido, mas não tão rico. As mangas de sua camisa estavam enroladas para cima, e a calça social estava toda amassada. Ele vinha aqui à beça.

— Hinder. *Lips of an Angel* — respondi, me virando para Michael. — Ele era apaixonado por uma mulher, terminaram o relacionamento, e ele se casou com a irmã dela por capricho. — Olhei para baixo, sentindo o coração amolecer por ele um pouco. — E sempre que o vejo, ele parece cada vez pior.

Eu não conseguia imaginar o quão difícil era ver a mulher que ele amava, o tempo todo, e não poder tê-la, por ser casado com a mulher errada.

Piscando, olhei para cima, para Michael. E, de repente, já não era tão difícil assim imaginar.

— Ele — prosseguiu, indicando um homem de negócios bem-constituído sentado à mesa com uma mulher jovem. Ela usava o cabelo todo platinado, além de maquiagem forte. Ele usava uma

aliança de casamento, e ela, não.

Revirei os olhos antes de responder:

— *She's only seventeen*, do Winger.

Michael começou a rir, e seus dentes brancos brilharam na penumbra da cabine.

Ele continuou, levantando o queixo para indicar um par de estudantes do ensino médio jogando sinuca.

— E eles?

Eu os analisei, conferindo o cabelo escuro caindo sobre os olhos, as calças jeans *skinny* e camisetas pretas, e as botas medonhas com o solado de doze centímetros.

— Fãs de Taylor Swift enrustidos. Certeza. — Eu sorri.

O peito dele sacudiu com as risadas.

— E ela? — Acenou.

Girei a cabeça para olhar por cima do ombro, vendo uma mulher bonita e jovem inclinada sobre o balcão. Eu podia ver uma boa parte de sua coxa quando sua saia subiu, e ao se inclinar de novo, ao afastar a boca de uma bebida e segurar o canudo, mergulhando-o de volta em seu milkshake.

Não consegui conter a risada quando me virei para ele e comecei a cantar:

— *My milkshake brings all the boys to the yard...* [3]

Michael se engasgou com a cerveja, uma gota espirrando de sua boca quando tentou segurar o riso.

Peguei meu copo de uísque que a garçonete havia deixado ali antes, agitando o líquido ambarino. Não senti nada quando bebi a cerveja, mas, por alguma razão, eu nem mesmo precisava daquilo. Meu corpo estava aquecido agora. Estava relaxada, apesar do que havia acontecido com a minha casa, e podia sentir algo crescendo em meu interior. Algo quente que fazia com que me sentisse com três metros de altura.

Michael se inclinou e perguntou, a voz mais baixa e rouca:

— E eu?

Engoli em seco, ainda observando minha bebida. Que música o descreveria? Que banda?

Era como tentar escolher uma única comida pelo resto da sua vida.

— Disturbed — respondi, dizendo o nome da banda e ainda olhando para o meu copo.

Ele não disse nada. Apenas ficou ali, antes de se recostar e levar sua bebida até seus lábios outra vez.

O frio tomou conta da minha barriga e tentei respirar.

— Drowning Pool, Three Days Grace, Five Finger Death Punch — prossegui —, Thousand Foot Krutch, 10 Years, Nothing More,

Breaking Benjamin, Papa Roach, Bush... — fiz uma pausa, suspirando com calma apesar do meu coração acelerado. — Chevelle, Skillet, Garbage, Korn, Trivium, In This Moment... — eu disse, sonhadora, sentindo a paz tomar conta do meu corpo quando olhei para ele. — Você está em tudo.

Os olhos dele me mantinham cativa, e quando se estreitaram, esconderam o leve toque de mágoa que sempre senti enquanto ansiei por ele ao longo dos anos. Não sabia o que se passava na cabeça dele, ou se ele não sabia o que pensar, mas agora ele sabia.

Escondi aquele tempo todo, abafei e agi como se nunca estivesse ali, mas agora eu era dona de mim mesma, e não estava nem aí para o que ele poderia pensar. Não tinha vergonha do que sentia por dentro.

Agora ele sabia.

Pisquei, levantando o copo até meus lábios e bebendo minha dose. Inclinei sobre a mesa e peguei a dose dele, bebendo-a de uma vez.

Quase não senti a queimação na garganta. A adrenalina sobrepunha tudo.

— Estou cansada — eu disse, séria.

Então me levantei e deixei a cabine, sabendo que ele viria logo atrás.

[3] Trecho da música, Milkshake da cantora Kelis. Em tradução livre, meu milkshake traz todos os garotos até o quintal.

Capítulo 15

Erika

Dias atuais...

SEMPRE TIVE MEDO DAQUELA CASA À NOITE. SEMPRE.

Uma brisa suave soprava do lado de fora e os galhos desfolhados das árvores raspavam contra as janelas dos vários quartos, enquanto eu descia as escadas, passando pelo imenso relógio de pêndulo que ficava no corredor.

O som de seus ponteiros ecoava pela casa enorme e sempre me fazia lembrar que a vida continuava quando estávamos dormindo.

Tick-tock... Tick-tock... Tick-tock...

Era um pensamento assustador, de toda forma. Criaturas se agitavam do lado de fora, as árvores se mantinham pacientemente na floresta, e o perigo poderia estar à espreita por trás da porta, a poucos passos de nossos lugares vulneráveis em nossas camas.

E a casa dos Crist possuía aquela aura de mistério. Havia muitos cantos mergulhados na penumbra. Muitos cantos escusos e armários sombrios escondidos em aposentos inabitados por trás de portas fechadas.

A casa era carregada de segredos e surpresas, e me aterrorizava, o que provavelmente era a razão por eu sempre ficar divagando durante a noite.

Eu desfrutava do medo da escuridão silenciosa, mas havia algo mais, também. Você fica mais atento às coisas debaixo do véu noturno do que à luz do dia. As coisas que as pessoas escondiam e quão permissivos eles ficavam com seus segredos quando achavam que todos estavam dormindo.

Na casa dos Crist, o horário mais interessante costumava ser quando se passava da meia-noite. Passei a amar os ruídos das luzes da casa sendo desligadas e as portas trancadas. Era como se um novo mundo estivesse por vir.

Meus pés descalços não fizeram som algum quando caminhei pela cozinha escura em direção à despensa.

Aquele foi o lugar onde descobri, pela primeira vez, que o Sr. Crist sentia medo de Michael. Era o meio da noite e Michael devia estar por volta dos dezesseis anos. Ele foi até a cozinha para pegar algo para beber e não percebeu que eu estava no terraço do lado de fora. Eu tinha acordado para observar a chuva, debaixo de um toldo, com um estoque de frutas que a Sra. Crist havia comprado para me dar. Lembro-me claramente, porque foi na mesma noite em que dormi no quarto que ela havia decorado para mim, para os momentos em

que resolvesse passar a noite ali.

O pai dele entrou na cozinha e não dava para saber sobre o que os dois conversaram, mas tornou-se uma discussão acalorada, e então o Sr. Crist deu um tapa no rosto de seu filho.

Detestei aquilo, é claro, mas não era nada que já não tivesse visto antes, infelizmente. O Sr. Crist e Michael não se davam bem, e não havia sido a primeira vez que ele sofreu uma agressão.

Mas daquela vez foi diferente. Ele não levou numa boa. Ele imediatamente estendeu a mão e agarrou o pai pela garganta. Observei, horrorizada, enquanto o Sr. Crist se debatia. Algo havia acontecido a Michael, porque nunca o tinha visto daquele jeito.

Segundo após segundo, ficou bem claro que Michael era velho demais para que seu pai continuasse a pressionar, e naquele momento o Sr. Crist soube daquilo.

Observei quando seu pai começou a sufocar e tossir.

Por fim, Michael o soltou, e o pai saiu apavorado da cozinha. O incidente custou a ele o seu carro e sua mesada, mas acho que depois daquilo, o Sr. Crist nunca mais encostou a mão nele.

Abrindo a porta da despensa, acendi a luz e fui direto para a terceira fileira de prateleiras, pegando a manteiga de amendoim. Segurando-a contra o meu peito, olhei ao redor, avistando o saco quase cheio de pequenos marshmallows na prateleira superior do canto.

Sorri, fui até lá e me levantei na ponta dos pés, tentando fisgar o saco entre os dedos. Porém um braço se esticou acima do meu, roubando a embalagem, e abaixei a mão de súbito, suspirando com o susto.

— Achei que estivesse cansada — Michael disse, segurando o saco longe do meu alcance.

Engoli em seco e lambi os lábios ressequidos, olhando direto para ele. Vestia uma calça preta folgada, não usava camisa e seu cabelo estava úmido, provavelmente do banho.

Quase gemi quando uma dor atingiu o meio das minhas pernas. *Meu Deus, ele me deixa louca.*

Com tudo que havia acontecido esta noite, não tive tempo de parar o suficiente para perceber um detalhe... A última vez que tinha visto Michael havia sido na gruta da piscina.

Tencionei as coxas, e uma pulsação suave começou a latejar no meu clitóris, e, subitamente, se intensificou com a lembrança e o anseio por muito mais daquilo que fez comigo ali. Graças a Deus, ele não mencionou nada do que aconteceu.

Depois que chegamos do Sticks, cada um seguiu seu caminho. Fui para o meu quarto e imediatamente disquei o número do telefone por satélite que ele havia finalmente me dado, na volta para casa.

Infelizmente, ninguém atendeu.

Depois de ligar várias vezes, sem resposta, decidi que tentaria outra vez pela manhã. Ela estava bem. Damon queria apenas me assustar com aquela ameaça, o que provavelmente era a intenção dele, para início de conversa.

Então me afundei em uma banheira quente e depois vesti um *baby-doll*. Mas já não estava cansada. Como não tinha comido nada desde o café da manhã no meu apartamento, desci as escadas em busca de comida.

Esbarrando em Michael ao passar por ele, saí da despensa e deixei os itens que peguei em cima da ilha central, tentando me afastar.

Não tive essa sorte.

Ele veio para o meu lado e parou bem perto, pegando o pacote de pão de forma e retirando duas fatias para mim e para ele. Acho que ele também estava com fome.

Deixei um suspiro frustrado sair e virei ao redor, pegando dois pratos do armário, enquanto abria a geladeira e fuçava uma das gavetas atrás de alguma coisa.

Não trocamos nenhuma palavra enquanto estávamos ocupados fazendo os sanduíches. Enfiei a mão no pacote de marshmallows e peguei um punhado, despejando-os em cima da manteiga de amendoim que já havia espalhado pelo pão; ele destampou uma jarra de pickles. Parei o que estava fazendo, retorcendo a boca quando ele colocou as rodela no pão.

Que nojo.

— Isso faz com que você não seja tão atraente assim — eu disse, estremecendo.

Ele riu, e vi quando colocou a outra fatia do pão em cima e levou o sanduíche à boca.

— Não fale mal sem experimentar. — Deu então uma mordida gigante, pegou o prato e deu a volta por trás de mim.

Balancei a cabeça, achando graça.

— Vamos assistir um filme — disse e saiu da cozinha.

Levantei a cabeça de supetão. *Um filme?*

— E traga duas garrafas de água quando vier — gritou já no corredor.

Arqueei uma sobancelha. Os únicos momentos quando eu e Michael assistimos filmes juntos, foram quando Trevor também estava, na sala. Caso contrário, eu sentia muito medo de invadir o território dele.

Suspirei e girei ao redor, pegando duas garrafas d'água na geladeira. Saí da cozinha com os braços cheios, levando também meu prato de comida.

A sala de TV estava escura, iluminada apenas pela tela plana da televisão de 72 polegadas pendurada na parede de pedras à frente. Tão bela quanto a casa, esta era a sala que eu mais gostava. Não havia janelas, e era encravada no meio da mansão, e todas as paredes eram feitas de pedras sobrepostas. Dava ao aposento a aparência de uma caverna, e era geralmente onde Michael e seus amigos passavam o tempo quando ele morava aqui. No meio da sala havia um sofá marrom de camurça de três peças. Gigante e confortável, era decorado com um monte de almofadas e fazia jogo com um pufe que ficava no espaço vazio no meio.

Michael levou seu prato para o sofá e jogou o controle remoto para baixo, sentando-se de costas para mim.

Meu sangue começou a esquentar, e senti o tremor na mão que segurava o prato. Parecia simples. Quase como ficar à vontade para assistir TV em uma noite qualquer.

Supersimples. Eu não conseguiria relaxar ao lado dele. Eu sabia disso.

Andei pela sala e dei a volta no sofá, jogando a garrafa de água dele em cima do assento ao lado; escolhi o outro lado, que ficava perpendicular ao dele.

Sentei-me de pernas cruzadas, encarando a televisão e comendo enquanto ele navegava pela TV.

— Esse parece bom — falei, vendo *Alien vs. Predador*.

— Esse parece bom? — debochou, me remedando. Olhei para ele na hora.

Ele estava recostado contra o sofá, com o braço esquerdo dobrado atrás da cabeça, o tórax imenso e definido parecendo tão lindo e macio. Uma vez vi uma garota sentada escarranchada no seu colo, nesta mesma posição em que ele estava, então desviei o olhar, querendo que aquele desejo eterno de fazer a mesma coisa sumisse.

— Você já viu esse filme, Rika — argumentou. — Vi você aqui assistindo depois da aula. Pelo menos duas vezes.

Vinte e uma vezes, para dizer a verdade.

Eu gostava de filmes de terror, mas também amava os de ficção científica, logo, as franquias de *Alien* e *Predador* foram um sucesso total para mim. Daí, quando eles resolveram juntar os dois e fizeram *Alien vs. Predador*?

Putá merda.

— Por mim tudo bem — Michael cedeu, clicando no canal. O filme começou já na parte em que o grupo de arqueólogos tinha acabado de chegar na Antártida.

Os pelos dos meus braços arrepiaram, e os dedos dos pés dobraram. Segurei o sanduíche com ambas as mãos, dando pequenas mordidas enquanto observava a tela. Eu podia ouvir Michael também

mastigando o dele, assim como abrindo a garrafa d'água, e no momento em que a Rainha Alienígena começou a pôr seus ovos, eu já tinha me deitado de bruços, apoiada em meus cotovelos enquanto comia meu pão.

Me senti enjoada, ouvindo a respiração ofegante da rainha. Seu sibilo ecoou pelo sistema de som, e quando os cientistas entraram na câmara de sacrifícios, alheios a todos aqueles ovos alienígenas prestes a eclodir, coloquei o sanduíche no prato e o afastei de mim. Peguei uma almofada, e a agarrei, escondendo meu rosto e espreitando por cima.

Com meus tornozelos cruzados no ar, estremeci quando os ovos começaram a se abrir. As pernas compridas rastejaram para fora do invólucro, a música ficou cada vez mais rápida, e a criatura balançou, voando pelos ares em direção ao rosto da mulher.

Enterrei o rosto na almofada enquanto a cena passava para outra.

Virei a cabeça para o lado, rindo quando dei uma olhada em Michael.

— Essa parte sempre me dá arrepios.

Mas ele não estava prestando atenção à tela. Seus olhos estavam focados nas minhas pernas.

Imediatamente comecei a me sentir quente. Ele prestou atenção no filme em algum momento?

Sua postura ainda era a mesma, recostado e relaxado contra o encosto, mas seus olhos estavam fixos no meu corpo, e não fazia ideia do que devia estar passando na cabeça dele.

Então, como se só naquele momento tivesse percebido que eu havia falado com ele, Michael finalmente ergueu o olhar de encontro ao meu, até que o desviou e focou na TV, me ignorando.

Virei para a frente outra vez, e mesmo achando que talvez ele pudesse ainda estar olhando para mim, não fiz questão de me sentar ou pegar um cobertor para me cobrir.

Pela próxima hora, continuei agarrada à almofada enquanto os Predadores caçavam os Aliens, e aos poucos os arqueólogos se transformaram em efeitos colaterais. Por diversos momentos senti o olhar de Michael sobre mim, mas não sabia dizer se era de verdade ou apenas fruto da minha imaginação.

No entanto, toda vez que um Predador saltava no escuro ou um Alien rastejava por um canto, eu podia sentir a força de seu olhar, e acabava apertando a almofada cada vez mais forte; quando o filme chegou ao final, meus dedos estavam doendo.

— Você gosta de sentir medo, não é? — Ouvi a voz dele atrás de mim. — Esse é o seu fetiche.

Girei a cabeça para o encarar, estreitando os olhos; os créditos

do filme já haviam começado a subir pela tela.

Gostava de sentir medo? Eu gostava de filme de terror, mas não por ser um fetiche.

Ele apoiou as mãos em suas coxas, recostando a cabeça enquanto me encarava.

— Os dedos de seus pés se curvavam todas as vezes que os Aliens e Predadores apareciam na tela.

Afastei o olhar, abaixando as pernas e voltando a me sentar.

Todos os filmes de que eu mais gostava voltaram à minha memória – filmes de terror como *Halloween* e *Sexta-feira 13* –, e percebi a agitação se formando. Respirei profundamente, tentando me acalmar.

Tá, tudo bem. Eu gostava da forma como meu coração batia acelerado, e amava como meus nervos ficavam à flor da pele quando eu sentia medo. A maneira como cada simples tique-taque do relógio se tornava parecido a passos misteriosos, ou como eu ficava superconsciente de cada lugar vazio atrás de mim enquanto eu permanecia sentada no sofá, sentindo como se alguém estivesse me espiando.

Gostava da sensação de medo por não saber o que estava vindo e de onde.

— Sempre que usávamos as máscaras — Michael disse, abaixando o tom de voz a um sussurro —, você gostava, não é? Isso a deixava com medo, mas te excitava.

Ergui com relutância meu olhar e tentei não deixar escapar uma risada. O que deveria dizer? Que o fato de eles se assemelharem a monstros me deixava com tesão?

Balancei a cabeça lentamente e me levantei, dizendo com calma:

— Vou para a cama.

Peguei meu celular e dei um passo para sair dali, mas a voz de Michael me impediu.

— Venha aqui — ele disse, suavemente.

Virei a cabeça, estreitando os olhos. *Venha aqui?*

Ele se sentou, repousando os antebraços sobre os joelhos e ficou esperando, enquanto eu trocava de um pé para o outro.

Ele sempre estava fazendo joguinhos. Eu não confiava nele.

No entanto, a tentação de me envolver era maior. Ele estava certo. Eu estava ficando boa naquilo, e meio que gostava também.

Dei dois passos, lentamente, com o queixo erguido para mostrar minha postura firme. Quando cheguei até onde estava, ele colocou uma mão em meu quadril e me puxou para o meio das suas pernas. Ofeguei quando ele caiu de volta no encosto do sofá, me puxando sobre seu corpo. Estiquei as mãos e as apoiei nos dois lados de sua

cabeça, no encosto, tentando manter a postura ereta, meio debruçada sobre ele.

— Confesse — sussurrou, mantendo o agarre em meu quadril, agora com ambas as mãos. — Isso te excita.

Fechei a boca e neguei com a cabeça, desafiando-o.

— Eu sei que te excita — insistiu. Fogo ardia em seus olhos. — Você acha que não podia ver como você ficava tensa ou como seus mamilos ficavam duros através da sua camiseta quando me via usando minha máscara? Você é um pouco pervertida. Admita.

Mordi os lábios e virei a cabeça para o outro lado.

Ele ergueu o queixo e pegou um dos meus mamilos entre os dentes, por cima da regata, e acabei fechando os olhos e deixando escapar um gemido.

Ai, meu Deus!

O calor de seus lábios mergulhou em mim à medida que ele largava um mamilo e agarrava o outro, arrastando-o para o interior de sua boca.

— Minha máscara está lá em cima — provocou, beijando e mordiscando através da minha camiseta. — Eu posso pegar, se você quiser...

Não. Eu não era assim.

Empurrei meu corpo para longe do dele, mas ele manteve o aperto firme.

— Michael, me solta.

Entretanto, senti meu celular vibrar em minha mão, e prestei atenção à tela, não vendo nome algum. Porém ao ver o número, percebi que era a mãe dele. *Que estranho.* Achei que tivesse o número dela salvo nos meus contatos. Deixei de lado o assunto, lembrando de que minha mãe estava com ela. Eu precisava atender aquela chamada.

Apoiando meus punhos fechados no peito de Michael, o empurrei.

— Me larga. Sua mãe está ligando.

Tudo o que ele fez foi rir, deixando-me atordoada.

Ele agarrou meu braço e me jogou de bruços no sofá, prendendo-me quando se apoiou sobre minhas costas.

Respirei com dificuldade, sentindo o seu pau pressionar minha bunda enquanto ele roubava o telefone da minha mão. Arregalei os olhos quando ele o estendeu à frente do meu rosto e colocou o dedo na tela, prestes a deslizar o botão para atender à chamada.

— Michael, não — disse com pressa, sentindo meus pulmões arderem de pavor.

Ele deslizou o botão de todo jeito. O toque cessou, e ouvi o silêncio enquanto ela esperava que eu atendesse.

— Diga alô... — sussurrou no meu ouvido.

Neguei com a cabeça, apavorada que ela ouvisse minha voz.

Então ele colocou uma mão sobre a minha boca, empurrou a outra entre meu corpo e o sofá, e a enfiou por dentro do short do meu pijama, deslizando dois dedos na minha boceta. Um grito abafado saiu pelos meus lábios.

Caralho!

Eu me contorci, tentando esticar os braços para alcançar o celular e encerrar a chamada, mas ele desabou o peso todo sobre meu corpo, quase me impedindo de respirar.

— Sssshhhh... — cantarolou.

Ele retirou os dedos e começou a esfregá-los sobre meu clitóris, tão devagar e suave que tudo o que podia fazer era tremer.

Ouvi a mãe dele dizer um “Alô” hesitante do outro lado, mas não conseguia recuperar meu fôlego.

— Diga oi... — sussurrou outra vez, mas dessa vez a voz dele estava rouca e ofegante, como se estivesse me fodendo.

Ele retirou a mão que cobria minha boca, e lambi meus lábios, engolindo em seco enquanto tentava falar alguma coisa. Meu coração trovejava em meus ouvidos, e estremeci, contendo o gemido que queria escapar por conta do que seus dedos estavam fazendo comigo.

— Al... Alô, Sra. Crist — gaguejei.

Ai, Deus... O prazer ao sentir seus dedos me esfregando em círculos lentamente rastejou pela minha barriga, se reunindo e se transformando em algo que sabia que não poderia conter por mais tempo.

— Rika! — ela disse, animada. — Sinto muito por ligar tão tarde, mas temos uma diferença de fuso horário aqui. Eu queria saber notícias antes de zarpamos outra vez. Como estão as coisas por aí?

Abri a boca para responder, mas Michael segurou meu cabelo em um punho e girou minha cabeça para o lado, afundando os dentes na curva do meu pescoço.

Minha cicatriz! Retesei o corpo, esperando pelo momento em que ele a sentiria ou veria e trocasse de lado, mas ele não o fez. Ele mordiscou e mordeu, deslizando a ponta da língua do pescoço à nuca, sem deixar nenhum centímetro de pele sem o toque de sua boca.

— Rika? — ela me chamou outra vez.

Ah, é mesmo. Ela me fez uma pergunta. Qual era mesmo? Não, espera. Eu que tinha que perguntar algo. Estive tentando falar com ela. O q...?

— Ah, é... humm... — Perdi a linha do raciocínio quando Michael enfiou dois dedos dentro de mim outra vez, bombeando com impulsos duros e firmes.

— Você está com medo? — Michael rosnou baixinho no meu ouvido. — Aposto que sim, e aposto que está gostando. Posso até

mesmo apostar de que essa foi a melhor transa que já teve, e meu pau ainda nem está dentro de você.

— Rika? — a Sra. Crist chamou de novo, dessa vez com mais urgência.

Mas apenas ofeguei, calor aquecendo minha pele enquanto ele devorava meu pescoço outra vez, enviando ondas de prazer pelo meu corpo.

— Sua boceta está encharcada, porra. — Retirou os dedos e esfregou minha umidade pelo meu clitóris, em círculos rápidos. — Tão macia e apertada.

Gemi, começando a me esfregar contra a mão dele.

— Sim... — gemi. — Sim, Sra. Crist. Obrigada por ligar para ver como estou. Até agora, está tudo bem aqui.

Michael riu próximo ao meu ouvido, provavelmente me achando patética.

— Ah, tudo bem, querida — respondeu. — Você encontrou com Michael no Delcour? Eu disse para ele ficar de olho em você, caso precisasse de alguma coisa.

— Você precisa de alguma coisa? — ele me provocou em uma voz suave, esfregando o pau grosso e duro contra a minha bunda. — É isso aqui que a sua boceta apertadinha está implorando?

— Sim... — suspirei, meu clitóris latejando cada vez mais e o calor lascivo se espalhando em meu ventre.

Então arregalei os olhos ao perceber que ela deve ter ouvido isso.

— Ahn, sim! — disse, subitamente, tentando disfarçar. — Eu topei com ele umas duas vezes.

— Que bom — ela respondeu. — Não deixe ele te pressionar. Eu sei que ele parece desagradável, mas ele pode ser gentil.

Os beijos e mordidas que ele espalhava pelo meu pescoço e rosto estavam me fazendo arrepiar.

— Estou sendo gentil com você, não é? — ele sussurrou, arrastando os dentes pela linha da minha mandíbula. — Sim, ela cortaria a porra da minha mão se soubesse o tanto que estou sendo gentil com você nesse exato momento...

E com aquilo, ele enfiou os dedos para dentro, de novo, e os estocou, rebolando o quadril contra a minha bunda, moendo seu pau contra mim à medida que soltava o peso mais ainda sobre minhas costas.

Porra! Minhas coxas estavam em chamas, e agarrei o estofado do sofá, precisando gozar.

— Não se preocupe, Sra. Crist — respondi, entredentes, fechando os olhos com força. — Posso lidar com ele.

— Pode mesmo? — zombou no meu ouvido.

Mas a Sra. Crist continuou:

— Que bom ouvir isto. Agora, estude com afinco, e voltarei o quanto antes com um monte de presentes antes do Dia de Ação de Graças.

Não dava mais para aguentar. Rebolei os quadris uma e outra vez, cavalcando o sofá.

— Você está quase gozando, não é, sua malcriada? — Michael debochou. — Diz para mim que está adorando isto aqui. Diga que minha máscara deixa você molhadinha.

Virei a boca na direção dele, sussurrando desesperadamente:

— Por favor, desligue o telefone.

Ele sorriu, abaixando os lábios carnudos para que tocassem os meus.

— Não se preocupe — sussurrou em minha boca. — Ela nunca repara em nada. Meu pai é fiel, Trevor é bonzinho, e eu posso ser confiável. Posso ficar de olho na namorada do meu irmãozinho e mantê-la bem e segura à luz do dia, sem fodê-la até dizer chega quando a noite chega.

Devia ter ficado brava quando ele disse “namorada do irmão”, mas não estava dando a mínima nesse exato momento.

Então ele fechou os olhos, gemendo com a nossa transa à seco.

— Minha mãe nunca abre as cortinas, Rika.

Recostei a testa no sofá, sentindo o orgasmo prestes a acontecer.

Cada pelo do meu corpo estava arrepiado, e meu coração martelava no peito à medida que eu respirava cada vez mais rápido.

— Confesse — exigiu.

Neguei outra vez, travando os dentes para não gritar. Ai, meu Deus. *Vou gozar.*

— Sinto muito, Sra. Crist — gemi —, tem alguém batendo na minha porta. Tenho que ir, tá?

Então ergui meu braço o mais alto que pude, movida pela raiva e energia do momento e rapidamente deslizei a tela para encerrar a chamada.

Inclinei a cabeça para trás, gemendo.

— Ai, meu Deus... — Moendo contra a mão dele com mais força, cavalei seus dedos, precisando gozar.

No entanto, ele retirou os dedos de dentro da minha calcinha, e levantei a cabeça, confusa.

Mas que porra?

Ele me girou no lugar e caiu sobre mim outra vez, prendendo meus pulsos acima da minha cabeça.

O pulsar entre minhas pernas chegava a doer, meu orgasmo já quase ali. Merda!

— Michael, não! — choraminguei, me contorcendo abaixo dele.
— Ah, meu Deus, por que você parou?

O peso de seu corpo entre minhas pernas abertas parecia tão bom. Rebolei os quadris, tentando alcançar meu orgasmo.

— Não ouse ficar se esfregando em mim — rosnou. — Você não vai gozar até me dizer a verdade.

— Que verdade? — explodi. — Quer dizer, aquela que você quer ouvir?

Jesus! Será que algum dia ele deixaria aquele assunto de lado?

— Ter medo te excita, não é mesmo? — pressionou.

Não. Dane-se. Ele precisava saber que não podia me intimidar e fazer isso outra vez.

Travei os dentes e fiz uma careta, balançando a cabeça.

Não, Michael. Sua máscara não me assusta. Não me deixa com tesão, e odeio quando você a coloca.

Os olhos penetrantes brilharam com raiva, e vi quando ele tencionou a mandíbula. Ele se afastou de mim, se pôs de pé e olhou de cima com desdém.

— Vá para a cama — ordenou.

Custei a esconder meu sorriso enquanto me levantava do sofá. Meu corpo estava todo retesado e tão necessitado que chegava a doer. Mas eu venci. Ele não tinha conseguido o que queria.

Saí em disparada da sala de TV e segui pelo corredor, subindo as escadas até o segundo andar, correndo. Não estava tentando fugir dele, mas estava puta pra caralho, satisfeita, e excitada, e agora tinha que queimar algumas energias.

Fechei a porta com um baque, e desabei na minha cama, afundando o rosto em um travesseiro. No entanto, o tecido fresco dos lençóis limpos não ajudou a aliviar a queimação da minha pele.

Eu era um desastre.

Precisava dele dentro de mim, para senti-lo e provar seu gosto, vendo-o perder o controle, pelo menos uma vez. Queria que ele me usasse e me fodesse, e viesse até mim com um desespero que nunca demonstrou por nada e por ninguém.

Como ele fazia para conseguir parar da forma que fez? Ele não era uma máquina. Não me enganei com o que vi em seus olhos, e com o calor que senti de sua boca. Ele me queria, não é?

Suspirei audivelmente, tentando acalmar o ritmo da minha respiração.

Dando voltas, dando voltas, dando voltas... Ele puxou, eu puxei. Ele empurrou, eu empurrei. Brigamos e brincamos, nos divertimos e nos desafiámos, mas ele nunca cedeu. Nunca nos unimos, nos juntamos para usufruir do que existia entre nós.

E eu estava tão cansada. Havia alguma coisa que o segurava.

Olhei para relógio, pensando se deveria ajustar o alarme. Eu tinha aulas amanhã, mas não iria. E sabia disso. Já passava das duas da manhã e ainda estava acordada.

Observei os números do visor, imaginando o que poderia fazer. Será que amanhã ele fingiria que nada disso aconteceu? Então pisquei, ficando em alerta. Os números desapareceram e o relógio desligou, e levantei a cabeça, com o cenho franzido.

Mas que p...?

Olhei ao redor e vi que as luzes que ficavam no rodapé do banheiro – e sempre se mantinham acesas como uma espécie de luz noturna – estavam apagadas.

Sentei-me na cama, girando o botão da luz da cabeceira, mas também não funcionou.

— Merda.

Girei a cabeça e olhei pela janela, vendo uma brisa suave soprar. Não era nada muito intenso, mas achava que a eletricidade podia ter caído.

Descendo da cama, fui até a porta e abri só uma fresta. O corredor praticamente às escuras. Não conseguia ver nem um metro e meio à minha frente.

Meu coração acelerou, e abri a porta por completo, espiando do lado de fora.

— Michael?

Mas o único som que ouvia era o uivo sussurrante do vento lá fora. Meus dedos dos pés se curvaram contra o carpete.

Saí do quarto e andei devagarinho, olhando ao redor e com os ouvidos atentos enquanto seguia pelo corredor.

— Michael? — chamei outra vez. — Onde você está?

Cerrei meus punhos, a escuridão sinistra da casa vibrando por cada centímetro da minha pele. Senti como se alguém estivesse atrás de mim, me observando.

O relógio de pêndulo soou quinze minutos depois das duas, ainda funcionando já que não precisava de energia, e desci devagar as escadas em direção ao hall de entrada, girando a cabeça de um lado ao outro, ofegante.

Até que alguém agarrou o meu braço, e parei de respirar. Uma forma enorme e sombria me pegou no colo, fazendo com que eu enlaçasse sua cintura com minhas pernas, me segurando com força.

— Não! — gritei, assustada.

Ele me imprensou contra a parede próxima a uma pequena mesa, o espelho acima oscilou quando agarrei seus ombros e ele cravou os dedos nas minhas coxas.

Arregalei os olhos, ficando cara a cara com a máscara vermelha assustadora.

Michael.

Os entalhes brutais e sombrios da máscara enviaram arrepios pela minha coluna, e seus olhos me encararam por trás dos buracos como se fosse um monstro acorrentado. Parei de respirar.

Medo se agitou por dentro de mim, aquecendo meu interior e fazendo cada músculo retesar. Apertei as coxas ao redor dele, sentindo a umidade por dentro das minhas pernas e meus mamilos entraram em atrito contra minha regata.

Ai, meu Deus. Ele estava certo.

Meus olhos começaram a arder, e tudo o que mais queria era chorar. *Putá que pariu, ele estava certo.*

Cruzei os tornozelos atrás de suas costas e me segurei em seus ombros enquanto os olhos cor de mel me encaravam. Ele estava usando jeans e um moletom com capuz preto, exatamente como usava no passado.

Olhei bem dentro de seus olhos e, devagar, enlacei seu pescoço com meus braços, sentindo a batida no meu peito recarregar cada músculo no meu corpo, me fortalecendo.

— Sim — ofeguei, levando meus lábios para bem perto de sua máscara, provocando. — Sim, isso me excita.

Então me afundei em seu pescoço, distribuindo beijos pela sua pele, devorando cada centímetro.

Ele suspirou audivelmente, afundando os dedos nas minhas coxas da mesma forma que eu me afundava contra ele, mordiscando e mordendo. Segurei sua pele entre os dentes, chupando, beijando, antes de me levantar um pouquinho e sacudir o lóbulo de sua orelha com a ponta da minha língua.

Movendo-me mais para baixo, depositei beijos ora suaves, ora ardentes, e rocei meu nariz em sua pele, sentindo o cheiro de seu sabonete. Cheiro de especiarias e homem. Cutuquei-o com a cabeça, fazendo com que ele inclinasse a dele para trás enquanto beijava sua garganta, trilhando sua mandíbula com a ponta da língua.

— Rika — advertiu com a voz grossa.

Mas eu não estava nem aí.

Eu podia ouvir o som de sua respiração pesada através de sua máscara, e por um instante, achei que ele fosse me fazer parar, mas ofeguei, surpresa, quando ele içou meu corpo e me imprensou de novo contra a parede em um aperto firme.

— Porra — rosnou, entredentes.

A mão dele deslizou entre nossos corpos, e deixei escapar um gemido, endireitando as costas contra a parede para que ele pudesse manobrar o cinto e zíper de seu jeans.

Era isso aí.

Estiquei uma mão e retirei minha regata por cima da cabeça,

jogando-a no chão. Agarrei-me em seu pescoço com mais força, pressionando meus seios contra seu agasalho preto.

Ele agiu depressa, a mão gananciosa deslizando por dentro da renda da minha calcinha rosa; ele a puxou e rasgou o tecido.

Então segurou seu pau, tirando-o para fora do jeans e posicionou o quadril contra o meu.

— Então você gosta da máscara. Você é bem pervertida, hein? — provocou.

Assenti, dando um sorriso enviesado.

— Sim.

Ele acariciou minha boceta depilada com a cabeça de seu pau, arrastando-o para cima e para baixo contra meu clitóris.

— Exatamente como eu — sussurrou.

Então ele empurrou o quadril no meio das minhas pernas, e gemi alto quando ele deslizou seu pau grosso, centímetro a centímetro, dentro de mim, enterrando-se profundamente na minha boceta encharcada.

— Ai, meu Deus — ofeguei, arqueando as costas. — Você está tão duro.

Minha pele estava esticada, e doeu um pouquinho, mas também era tão bom. A ponta mergulhou tão fundo em mim que quase podia senti-lo na minha barriga.

Cravei meus calcanhares em suas costas e pressionei meu corpo contra o dele, segurando-o perto de mim quando comecei a cavalgar seu pau, chocando-me contra seus impulsos uma vez atrás da outra.

— É isso aí, querida — ele gemeu baixo.

Ele arremeteu com mais força, me fodendo contra a parede de novo, e de novo. E eu me agarrei a ele como se minha vida dependesse disso.

Gemi baixinho, segurando o tecido de seu moletom em meus punhos.

— Michael...

Ele me puxou contra ele, indo cada vez mais rápido e intenso, e a sensação de tê-lo deslizando para dentro e para fora de mim, finalmente me tomando, não aliviava em nada a necessidade que eu sentia. Eu estava mais faminta ainda.

Afundi meu rosto na curva de seu pescoço, respirando contra sua pele enquanto roçava meus lábios de um lado ao outro, sussurrando:

— Todos acham que sou uma boa garota, Michael — puxei o lóbulo de sua orelha entre meus dentes —, mas existem tantas coisas más que quero fazer. Faça coisas obscenas comigo...

— Jesus... — ele se engasgou, enganchando um braço por baixo do meu joelho, puxando minha bunda contra ele, me fodendo cada

vez mais duro quando deixou a cabeça pender para trás.

— Assim! — gritei, seu pau me penetrando profundamente. Minhas coxas doíam no local onde ele mantinha o agarre firme.

Fogo se acendeu no meu ventre e meu orgasmo emergiu.

— Michael! — gemi, rebolando meus quadris, cavalcando seu pau enquanto grunhia e ofegava. O silêncio da casa era preenchido com o som de nossos ofegos e gemidos, de nossas peles se chocando uma contra a outra.

Prazer se acumulou no meio das minhas pernas, meus músculos queimando, então fechei meus olhos, deixando-o me foder enquanto meu orgasmo se espalhava, explodindo dentro do meu ventre, inundando meu corpo e mente com calor e euforia.

— Caralho! — gemi em desespero. — Michael!

Meus gemidos altos ecoavam no espaçoso hall de entrada; meu clitóris latejou e minha boceta se apertou ao redor dele, tentando mantê-lo lá. Ele estocou dentro, e apertei meus braços em seu pescoço outra vez, cavalcando com força.

Minha mente parecia estar flutuando em uma nuvem, e fiquei mole, deixando a cabeça cair contra seu ombro, enquanto o orgasmo atravessava meu corpo.

— Que monstrixinha linda... — ele sussurrou, ofegante.

Estendeu a mão e puxou a máscara para fora de seu rosto, jogando-a no chão. Suas estocadas diminuíram e seus braços se apertaram ao redor do meu corpo agora lânguido. Tentei manter os olhos abertos, olhando para ele e deparando com a fome que ainda ardia ali. Ele abaixou meu corpo lentamente, me colocando de pé enquanto arrancava seu moleton e o jogava no chão.

Seu cabelo estava emplastrado de suor, e ele passou os dedos pelos fios, deixando-os arrepiados de um jeito sexy. Seu peito largo brilhava com uma fina camada de suor, e olhei para baixo vendo o seu pau ainda duro e apontado diretamente para mim.

— Você não gozou — eu disse, baixinho.

O canto de seus lábios se curvou em um sorriso ameaçador.

— Estamos longe de terminar.

Capítulo 16

Michael

Dias atuais...

EU FODI COM TUDO.

Eu a queria, e a queria só para mim esta noite. O que estava feito não podia se desfazer, então... foda-se. Eu ia aproveitar.

Deslizei as mãos em sua bunda e apertei, trazendo seu corpo de encontro ao meu.

Os seios macios pressionavam meu peito, e senti o roçar suave de seus mamilos contra a minha a pele.

Caralho, ela tinha um corpo lindo.

Suave, bem formado, ainda bronzeado do tempo em que passou na praia este verão. Seus seios eram cheios e arredondados, e apontavam diretamente para mim, como se implorassem meu toque.

Inclinei a cabeça e percorri a extensão de sua cicatriz no pescoço com a ponta da língua, sentindo a pele irregular; continuei minha exploração pelo traço levemente curvado até chegar à pele macia atrás de sua orelha.

Nunca me passou despercebido como ela fazia questão de esconder esta marca quando estava perto do meu irmão, como se isso a tornasse menos bonita.

Não. Nossos arranhões e feridas, tatuagens, cicatrizes, sorrisos e rugas contavam nossas histórias, e eu não queria uma pintura imaculada. Eu a queria com tudo o que ela era. Pelo menos por esta noite.

Ela finalmente inclinou a cabeça para trás, relaxando e deixando que eu fizesse tudo o que eu quisesse. Um arrepio percorreu minha coluna. Foi tão difícil não gozar naquele momento. Ela me fez esperar por muito tempo, e quase perdi o controle. Afinal de contas, não havia planejado isto. Pelo menos, nada além de assustar e confrontá-la com a minha máscara.

Mas então a segurei, ela apertou as coxas ao meu redor, o medo em seus olhos se transformou em luxúria, e eu perdi a batalha. Ela estava aceitando e eu não podia acreditar. Nunca conheci ninguém como ela. Ela aceitava qualquer desafio.

Afastando-se um pouco, olhou-me desconfiada.

— Você não vai me jogar para fora agora, vai?

Quase ri da cara dela.

— Você não confia em mim?

— Você alguma vez me deu uma razão para isso? — ela me contestou em um tom repentinamente sério. — Sei que sempre tem

alguma carta na manga.

Estreitei os olhos, admirado. Era óbvio que eu tinha algumas cartas na manga. Ideias.

Posso ter tentado ignorá-la ao longo dos anos, mas uma fantasia ou duas se insinuaram em minha mente. Infelizmente, o fato de fantasiar com ela tornou as coisas mais difíceis quando estava ao redor, mas, ao mesmo tempo, me deixou com tesão. Além de me deixar com raiva e pronto.

Levantei a cabeça, olhando de cima para ela.

— Você ainda tem aqueles uniformes do colégio aqui?

Ela inclinou um pouco a cabeça para o lado, parecendo desconfiada antes de assentir.

— Vá vesti-lo. — Passei as mãos de cima a baixo em seus braços. — Tudo. A gravata, o colete, a saia... tudo.

— Por quê?

Sorri para mim mesmo, dando um passo para o lado para deixá-la subir as escadas.

— Porque você não pode ganhar se não jogar.

Ela me olhou, irritada, e dei um tapinha na sua bunda, apressando-a para subir.

Se ficássemos conversando muito tempo, eu poderia voltar atrás. Ou o corpo seminu dela poderia me fazer possuí-la aqui mesmo, no chão.

E eu tinha algo melhor em mente.



— O que estamos fazendo? — perguntou, olhando através do para-brisa do carro. — Por que estamos aqui?

Chegando em frente à St. Killian, os faróis iluminaram a escuridão, pousando nos vitrais quebrados e na penumbra no interior da igreja. As pedras em ruínas da estrutura estavam rodeadas pelas folhas caídas no outono, e o único som que se ouvia era o do vento uivando por entre as árvores acima.

Eu me agitei e uma gota de suor deslizou pelas minhas costas.

Este era meu lugar preferido. Era um lugar que tinha o peso da história, e estava cheio de milhares de cantos e espaços fechados. Quando criança, eu escalava para entrar lá dentro, explorando tudo ao redor e esquecendo da vida.

Desliguei o carro e os faróis. Desci, sentindo imediatamente o cheiro de terra entrar pelas narinas. Eu me sentia mais em casa aqui, do que em qualquer outro lugar.

Fechando a porta com um baque, segurei minha máscara em

uma mão e observei Rika sair do carro. Seu olhar nervoso derivava por toda a estrutura da catedral, enquanto arfava.

Ela estava com medo. *Ótimo.*

Meu olhar deslizou pelo seu corpo de cima a baixo, admirando suas roupas outra vez, já que o havia feito antes de sairmos de casa. Ela usava a saia xadrez azul-marinho e verde-musgo, e a blusa branca justa com uma gravata com estampa combinando por baixo do colete. Sapatilhas pretas nos pés. Até mesmo seu cabelo estava penteado, e ela havia retocado um pouco a maquiagem.

Acho que ela tinha uma ideia do que a aguardava quando a mandei vestir o uniforme, mas ficou surpresa quando disse para entrar no carro.

E agora... estava um pouco amedrontada.

Dei uma olhada em suas pernas, meu pau inchando com a lembrança de como eram macias e cálidas quando estive entre elas.

Meu coração começou a acelerar.

— Vamos descer até as catacumbas. — Indiquei com a cabeça para a entrada da catedral. — Sem a venda nos olhos desta vez.

Um sorriso cínico endureceu minha expressão. Eu não queria que ela se sentisse segura.

Ela olhou para baixo, procurando por uma rota de fuga. Ela diria não? Faria alguma outra pergunta que eu não responderia?

Ou entraria no jogo?

Rika ergueu os olhos e engoliu em seco, um olhar de desafio atravessando seu rosto. Então contive um sorriso, vendo-a girar e começar a andar em direção à entrada.

Levantei minha máscara e a posicionei sobre o rosto, andando devagar atrás dela. Perseguindo, não a seguindo.

Fixei o olhar em suas costas, dando um passo atrás do outro, devagar e firme enquanto ela andava apressada, tropeçando nas pedras e no solo irregular. Ela olhou por cima do ombro e ficou boquiaberta quando percebeu a máscara. No entanto, se virou e continuou andando em frente, deixando rolar.

Respirei por dentro da máscara, sentindo uma fina camada de suor na testa.

A parte de trás de suas coxas, o pouco que aparecia, me fez cerrar os punhos. Eu queria deslizar meus dedos por baixo da sua saia e tocar a pele macia.

Seu cabelo brilhava com a luz suave da lua, e cada vez que lançava seus olhares nervosos por cima do ombro, para mim, eu sentia meu coração bater mais rápido.

Eu vou fazer você gritar.

Ela entrou devagarinho pela porta da catedral, que agora estava pendurada pelas dobradiças, e parou, olhando ao redor. Porém, não

estávamos em um passeio turístico. Coloquei a mão na parte inferior de suas costas e lhe dei um empurrão.

— Micha... — engasgou, perdendo a voz. Ela olhou rapidamente para trás, tremendo enquanto respirava fundo. — Não acho que deveríamos...

Mas, no mesmo instante, agarrei seu pescoço, interrompendo o que ela ia dizer ao empurrá-la outra vez.

— Michael!

Ela hiperventilou e se afastou de mim, rapidamente. Os olhos arregalados com terror. Engoliu em seco, me encarando, e eu podia garantir que agora ela estava assustada pra caralho.

Então estreitei os olhos, vendo-a colocar a mão, distraidamente, no meio de suas pernas.

Jesus. Ela estava com um puta tesão, prestes a se masturbar aqui mesmo. Ela afastou a mão, rapidamente, como se tivesse percebido o que havia feito.

Permanecendo em silêncio, gesticulei com a cabeça para que se dirigisse à entrada das catacumbas. Ela hesitou, olhando de um lado para o outro, mas se virou e continuou a andar.

Ela não confiava em mim. Mas queria.

Chegamos à entrada, o ar gélido penetrando através do meu jeans e agasalho.

Ela parou.

— Não tem... — Girou a cabeça para o lado, falando comigo: — Não tem luz.

Parei atrás dela, olhando para o topo de sua cabeça e esperei. Não estava nem aí para o fato de não haver nenhuma luz.

Ela pareceu se tocar disso quando eu não disse nada. Respirando fundo, começou a descer, tateando os degraus e se apoiando na parede à nossa direita para se estabilizar.

A cada passo que ela dava, meu pau endurecia mais ainda.

Quando chegou ao patamar da escada, ela virou a cabeça outra vez, olhando para mim com uma pergunta silenciosa. Estava escuro como um breu ali embaixo, a luz da lua se infiltrando muito pouco através das rachaduras do teto.

O ar frio e silencioso dos túneis em ambos os nossos lados nos enclausurava como uma prisão, e fiquei imaginando se havia mais alguém aqui.

Andando até ela, forcei-a a seguir em direção à cripta logo mais à frente. A mesma onde a levei três anos atrás.

Seus passos diminuíram assim que entrou na câmara, e a única coisa que eu conseguia ver na escuridão era seu cabelo claro.

— Michael? — chamou. — Onde você está?

Pegando um isqueiro, acendi uma pequena vela no candeeiro

perto da porta. O brilho suave mal iluminou a sala, mas foi o suficiente para que pudesse vê-la.

Saí em seu encalço, percebendo que o colchão que havia aqui agora fora substituído por uma mesa de madeira.

— Será que tem gente aqui embaixo? — ela exalou. — Acho que ouvi alguma coisa.

Continuei me aproximando dela, segurando a corda que saía do meu capuz e arrancando-a do lugar.

O vento soprou por entre as rachaduras e fendas, dando a impressão de que sussurros fluíam pelos túneis, mas ela não havia percebido que era apenas aquilo. Seus sentidos estavam apurados por causa do medo.

— Michael?

Agarrei seus pulsos, ouvindo o gritinho assustado quando os envolvi com a corda preta e dei um laço forte.

— Michael, o que você está fazendo? — exigiu saber. — Diga alguma coisa!

Peguei seus braços presos e os levantei acima da cabeça, prendendo-os no gancho de um outro candeeiro acima, na parede. Ela teve que ficar na ponta dos pés, o corpo agora alongado, tenso e estendido.

— Michael! — Ela se contorceu.

Postei-me de frente a ela e olhei dentro de seus olhos quando agarrei a parte de baixo de seu pequeno colete e a camisa branca que espreitava por baixo. Erguendo ambos, os puxei para cima, incluindo seu sutiã, e os deixei amontoados em cima de seus seios.

— Michael, não! — protestou. — Eu ouvi alguma coisa, e estou com frio!

Olhei para baixo, vendo aqueles seios perfeitos, grandes o suficiente para encher minha mão. Os mamilos estavam intumescidos.

— Dá para ver.

Eu mergulhei contra seu corpo e, erguendo a máscara, caí de boca em um de seus seios, segurando-os em minhas mãos em conchas, sugando o mamilo por entre meus lábios.

Enlacei seu corpo com um braço, segurando-a firme quando ela começou a se contorcer contra mim. Lambendo a ponta endurecida com a minha língua, brinquei, mordiscando a pele macia ao redor do mamilo, consumindo-a enquanto desfrutava de total liberdade para tocar e acariciar.

Gemi alto.

Trocando de lado, apanhei o outro seio e espalhei beijos profundos e famintos por todo lugar, tomando-o na minha boca e arrastando a pele suave por entre os dentes.

O corpo dela se agitou, e sua cabeça pendeu para trás, com um

gemido.

Endireitei meu corpo e segurei um punhado de seu cabelo em uma mão, enquanto a outra deslizava para baixo. Meus dedos penetraram sua calcinha.

Sacudindo a língua em sua boca, encarei seus olhos azuis.

— Agora não está com tanto frio — provoqueei, meus dedos envoltos em seu calor. — Você está bem quentinha aqui embaixo.

Ela estava jorrando, encharcada.

Tirando as mãos de cima dela, dei um passo para trás e contemplei seu corpo lindo.

Um de seus sapatos tinha caído, o outro estava quase saindo do pé. A barriga, chapada e macia, e os seios estavam à mostra enquanto ela permanecia de pé e completamente indefesa só para mim.

Caindo de joelhos na frente dela, olhei para cima, conectando nossos olhares, e deslizei as mãos por baixo de sua saia. Meu pau se contraiu quando senti o tecido da renda rosa de sua calcinha. Rosa claro.

Tão meiga.

Levantando sua saia, lambi o clitóris por cima da calcinha, sentindo o pequeno broto duro através do tecido.

— Ai, meu Deus! — ela gemeu alto.

Empurrei a renda para o lado, hesitando por apenas um instante para admirar a pele perfeita e depilada. Então a cobri com minha boca, chupando seu clitóris e arrastando a língua por toda a sua extensão.

Ergui suas coxas, levantando-a do chão, e mergulhei de cabeça, afundando minha língua em sua boceta.

— Por favor! — implorou, gemendo e tentando se afastar do meu agarre. — Michael, não.

Dei mais uma lambida em seu clitóris e me afastei, segurando sua calcinha e a arrastando devagar pelas suas pernas.

— Você me disse não? — desafiei. — Você não gosta de um pouco de língua na sua boceta?

Seu corpo sacudiu, enquanto ela tentava respirar devagar.

Eu me levantei, atirando a calcinha dela para o lado, então estiquei o braço para agarrar seus pulsos e retirá-los do candeieiro.

— Ah, eu sei que você gosta — falei. — E é isso que você vai ter.

Segurei meu pau através do jeans, sentindo-o ansiar pelo orgasmo que eu tanto necessitava; meu pulso latejava no pescoço. Peguei-a pelos braços e a balancei no ar, empurrando-a para o chão.

— Michael! — gritou, aterrissando em seu traseiro, já que seus pulsos ainda estavam amarrados à frente.

Eu me ajoelhei acima dela, retirando meu agasalho e camiseta.

Depois peguei uma camisinha de dentro do bolso e abri a embalagem.

— Você pode achar que estou fodendo com a sua mente — eu disse, olhando direto para ela enquanto desatava o cinto e desabotoava o jeans —, mas você não tem ideia do que fez comigo ao longo desses anos.

Abaixei meu corpo sobre o dela, forçando-a a abrir as pernas enquanto eu erguia seus braços acima de sua cabeça e os continha com apenas uma mão.

Depois de colocar a camisinha, arrastei meu pau para cima e para baixo em sua fenda molhada, em sua entrada gostosa.

Respirei fundo, sussurrando sobre seus lábios:

— Você não sabe.

Então arremeti meu quadril, deslizando meu pau dentro de sua boceta apertada.

— Ai, meu Deus — ela gemeu.

Curvei-me sobre ela, nivelando meu corpo ao dela enquanto entrava e saía, de novo e de novo, pegando o ritmo.

— Você é tão quente por dentro — rosnei um gemido, tomando seus lábios e beijando-a fundo e com força. Sua língua roçou contra a minha, enviando uma descarga diretamente para o meu pau.

Apertada pra caralho. Escorreguei a mão por baixo de sua bunda, segurando-a no lugar enquanto a fodia contra o chão sujo.

— Puta merda — suspirei, empurrando meus quadris uma e outra vez, e de novo, estocando em seu interior cada vez mais duro e mais rápido.

Seus peitos balançavam para cima e para baixo enquanto eu me afundava nela, enterrando meu pau até o talo todas as vezes.

Ela choramingou, gemeu alto e em desespero, e senti quando sua boceta apertou como um punho de aço ao redor do meu pau.

Meus músculos abdominais se contraíram, e meu sangue correu até minha virilha fazendo calor se acumular no meu membro.

— Rika, porra — gemi. Estava prestes a gozar.

Apoiando a cabeça em seu pescoço, continuei arremetendo dentro dela enquanto dizia em seu ouvido:

— Vamos lá, sua putinha — rosnei baixinho. — Você é uma boa trepada. Abra bem essas pernas para mim.

Ela fechou os olhos com força, sem fôlego, e curvou a cabeça para trás; minhas palavras sujas a levando ao limite.

— Ah, Michael. Ai, meu Deus! — gemeu alto, aguentando firme enquanto eu arremetia contra ela cada vez mais duro.

Apertei sua bunda em minha mão e mordisquei sua mandíbula.

— Puta merda, Rika. Bom pra caralho.

Debrucei-me sobre ela, observando o rosto lindo à medida que me afundava em seu calor úmido cada vez mais. Suas bochechas

estavam coradas, e ela mordia o lábio inferior, desfrutando de cada centímetro meu.

Meu pau inchou e então estoquei mais uma vez antes de tirar para fora de sua boceta, arrancar a camisinha e segurá-lo na minha mão, acariciando para cima e para baixo até que comecei a jorrar.

Minha porra se espalhou pela barriga nua e seus peitos; meu abdômen se contraiu por conta do prazer intenso.

Nunca tinha visto nada tão sexy.

Todos os meus músculos se aqueceram, e a porra do meu orgasmo subiu à cabeça e preencheu cada centímetro do meu corpo.

Tentei recuperar o fôlego e me sentei sobre os calcanhares, enfiando meu pau de volta na calça. No entanto, ao olhar para ela, com as mãos ainda erguidas acima da cabeça, os seios convidativos e a saia levantada, o que mais queria era fazer tudo outra vez.

Ela pestanejou os olhos para mim, um sorrisinho no rosto.

— Podemos fazer isso de novo?

Estiquei a mão e peguei meu agasalho, começando a limpar sua barriga, e não pude conter a risada baixa.

Monstrinha linda.



Sentei-me na poltrona próxima à cama, os cotovelos descansando sobre os joelhos, enquanto a observava dormir. *Deathbeds*, do Bring Me the Horizon, tocava baixinho do meu iPod em cima da mesinha de cabeceira; apoiei um punho fechado dentro de outro, a última noite repassando em minha mente a todo o momento.

No caminho de volta para casa, ela havia apagado no carro. Então a carreguei até o meu quarto, a despi e coloquei na minha cama.

Por que a coloquei na minha cama?

Uma perna espregueitava para fora do lençol cinza que usou para se cobrir. Deitada de bruços, o rosto estava virado para mim. O cabelo loiro estava espalhado pelo travesseiro e sobre seus olhos, enquanto seu corpo nu repousava em total silêncio; apenas o movimento de seu tórax indicava que estava respirando.

Ela estava exausta. E com razão, já que teve uma noite turbulenta.

Virei a cabeça para o outro lado, vendo pelo canto do olho a luz do sol brilhando através das janelas. Rangendo os dentes, olhei para ela outra vez. Não estava pronto para o dia começar. Não estava pronto para encerrar a noite.

A planta de seus pés e tornozelos estavam manchados por conta

da sujeira. O cabelo estava emaranhado, com um pouco de terra escura das catacumbas. E eu sabia que ela estava cheia de hematomas nos quadris por conta da nossa segunda rodada no chão.

Tê-la curvada sobre aquela mesa foi ótimo.

Seus pulsos estavam esfolados por causa da corda que usei para amarrá-los, e podia ver daqui a marca vermelha que deixei em sua mandíbula quando a mordi. Não achei que tivesse mordido com tanta força, mas o sinal estava ali para provar.

E ela nunca pareceu mais sexy. Nunca.

As roupas dela estavam jogadas em uma pilha imunda no chão, inclusive a calcinha rosa que me diverti tanto para retirar. Então abaixei o olhar, desejando que o tempo pudesse parar.

Nunca estive com uma mulher que satisfizesse tanto a minha luxúria quanto ela. Nunca fui de fazer joguinhos sexuais, usar a máscara como uma espécie de fantasia erótica, ou nada daquilo com mais alguém. Foder, comer, lambe, beijar, gemer, bombear, gozar, e repetir tudo de novo. Perdi totalmente o controle.

Mas Rika era...

Recostei-me à poltrona, passando os dedos pelo cabelo e incapaz de afastar o olhar dela. Ela disse que não confiava em mim, mas eu sabia que era mentira. Podia apostar que eu era a única pessoa em quem ela confiava.

Nós éramos iguais, afinal de contas. Lutamos contra a vergonha todos os dias, com a dificuldade de permitir que alguém realmente pudesse ver quem éramos de verdade, e finalmente nos encontramos.

Infelizmente... estávamos fodidos.

Meu telefone vibrou enquanto carregava em cima da mesa de cabeceira, e fechei os olhos, tentando ignorar tudo aquilo.

Eu não estava pronto.

Queria abaixar as persianas, pegá-la no colo e colocá-la numa banheira. Queria vê-la me cavalgando enquanto estivéssemos na piscina, e fazer mais joguinhos com ela. Queria fingir que não estava perdendo um treino neste momento, que meus amigos não estavam esperando por mim.... e que o mundo de Rika não estava prestes a desabar.

Mas meu telefone vibrou outra vez, e me debrucei de novo para frente, enfiando a cabeça entre as mãos.

Rika.

As paredes estavam se fechando.

Não seria capaz de olhar para ela. Eu não devia ter amado tocar seu corpo, e não devia sentir a necessidade de tê-la apertando meu pau a cada segundo, desde o momento em que a tive na noite passada.

Ela não era minha. Nunca seria minha.

Fiquei de pé e caminhei até a cama, me inclinando e analisando

seu lindo rosto.

Foda-se, Rika.

Foda-se. Não posso escolher você. Por que fez isso comigo?

Virei a cabeça e peguei o celular ao lado. Havia inúmeras chamadas perdidas, mas nem me dei ao trabalho de ouvir as mensagens de voz ou ler as de textos.

Simplesmente enviei apenas uma para Kai.

Acabe logo com isso.

Então endireitei o corpo, encarando-a na cama enquanto colocava o telefone no lugar.

Agora estava feito. E não havia como voltar atrás.

Capítulo 17

Michael

Três anos atrás...

ENTREI NO ESTACIONAMENTO DE CASCALHO, A NOITE SENDO ILUMINADA POR todos os faróis da galera que estava chegando para a festa. O armazém estava abandonado há anos, mas já que não estava sendo usado ou demolido até agora, nós o confiscávamos sempre que podíamos para extravasar e nos divertir.

A galera havia trazido barris de bebidas alcoólicas, e os jovens aspirantes a DJ da cidade montaram suas aparelhagens, enchendo a noite com um barulho tão ensurdecedor que não poderíamos nem raciocinar, mesmo se quiséssemos.

Era isso o que eu esperava.

Claro, queria vê-la passar um tempo com meus amigos. Ela conseguiria acompanhar? Consequiria pelo menos fazer diferença em nosso mundo? Mas o que realmente queria era afastá-la da minha família, da mãe dela, de Trevor, e vê-la apenas desconstrair. Queria ver quem ela era quando parava de se preocupar com o que as outras pessoas poderiam pensar ou esperar dela.

Quando finalmente chegasse à conclusão de que a minha opinião era a única que importava.

E, por mais que sempre tenha sido ela que me observava quando estávamos crescendo, isso não significava que eu nem sempre estive atento a ela também.

Ainda me lembrava do dia em que ela tinha nascido. Dezesseis anos, onze meses e dezoito dias atrás. Aquela fresca manhã de novembro, quando minha mãe me deixou segurá-la, e meu pai imediatamente a retirou dos meus braços para colocá-la deitada ao lado de Trevor, ainda um bebê.

Mesmo com três anos de idade, eu entendi. Ela era de Trevor.

E apenas fiquei lá sentado, querendo-a de volta, querendo ver o bebê e ser incluído na diversão, mas não ousei me aproximar do meu pai. Ele teria me afastado dali.

Então não quis mais saber. Fiz questão de nunca me importar.

Foram inúmeras as vezes em que desviei o olhar quando estávamos crescendo. Tive o cuidado de não pensar sobre o assunto quando ela e Trevor passavam o tempo juntos ou frequentavam a mesma aula por terem a mesma idade; tive o cuidado de nunca olhar para ela quando estávamos na mesma sala, ou até mesmo senti-la perto de mim. Certifiquei-me de nunca conversar muito com ela ou ser simpático e nunca deixá-la se aproximar.

Ela era muito nova.

Nós não frequentávamos os mesmos círculos.

Meu pai me forçaria a ficar longe dela. Ele tirava de mim tudo aquilo que me fazia feliz. De que adiantava?

E então quando estas justificativas me consumiram por dentro e transformaram a raiva em ressentimento, e ressentimento em aversão, chegou o dia em que realmente já não me importava mais. Embora aquilo parecesse não intimidá-la. Quanto mais eu a afastava e tratava com impaciência e indiferença, mais ela se aproximava.

Então, ao invés disso, eu me afastei. Fui para a faculdade, e raramente vinha para casa. Eu não a tinha visto há meses antes de entrar naquela sala hoje e vê-la sentada lá, parecendo tão crescida e linda, como a porra de um anjo. Não pude evitar. Fui até ela, querendo puxá-la para mim e levá-la conosco, mas quando ela ergueu o olhar, e encontrou o meu, soube que não poderia.

Eu não pararia se a tivesse levado. Não seria capaz de devolvê-la.

Por que ela? Por que, apesar da minha mãe, que sempre me amou, e dos meus amigos, que sempre me apoiaram, por que era Erika Fane quem colocava ar nos meus pulmões e fazia meu sangue esquentar? Ela sempre teve esse efeito em mim.

E então, quando apareceu na catedral hoje, me cansei de negar a necessidade de estar perto; me cansei de sempre afastá-la de mim. Que se dane. Eu poderia ou não deixá-la se juntar a nós depois de tudo o que foi dito e feito, mas vamos ver onde a noite acabaria.

Eu não estava decepcionado.

Ela tinha muita coragem, e meus amigos gostaram dela, mesmo que eu soubesse que Damon estava lhe dando um gelo. Ela era uma de nós.

— Puta merda, espero que esteja rolando um churrasco aí dentro — Will resmungou assim que entrei em uma vaga. — Ainda estou com fome pra caralho.

Disfarcei o sorriso. Todas as vezes que ele tentou comer alguma coisa hoje à noite, tínhamos nos distraído, e agora estávamos doidos e querendo encher a cara.

Desliguei o carro e todo mundo desceu. Damon e Kai retiraram seus agasalhos e jogaram no banco, enquanto Will recolhia as máscaras e as guardava na sacola no bagageiro.

Olhando de relance, vi Rika enfiar as joias debaixo do seu assento, provavelmente chegando à conclusão de que ali era mais seguro; em seguida ela fechou a porta, andando em direção à traseira do carro.

— Vamos lá, monstrixinha. — Will a puxou ao redor.

Observei-os por cima do meu ombro, vendo Will levantar a mão

até o rosto dela, como se estivesse colocando alguma coisa ali.

Ele arrastou os dedos pela sua pele, então percebi o que estava em sua mão. Graxa de sapato. Nós mantínhamos uma na sacola para o caso de uma das máscaras quebrar em nossas fugas e precisássemos improvisar.

Ele terminou e sorriu para ela, dizendo:

— Pintura de guerra — explicou. — Você é uma de nós agora.

Ela se virou, e um pequeno sorriso brilhava em seu rosto. Uma listra borrada e preta cruzava do lado esquerdo de sua testa, descendo em uma linha diagonal, por cima do nariz, terminando do lado direito de sua mandíbula. Cruzei os braços, ignorando a adrenalina em meu peito. Ela parecia fodona.

Algumas gotas de chuva caíram no meu rosto, e ouvi risadas animadas e gritos ao redor enquanto as pessoas corriam à nossa volta, no estacionamento, tentando entrar no armazém antes que o aguaceiro desabasse.

Rika curvou a cabeça para trás, gotas geladas brilhando em suas bochechas e testa, seus lábios abertos em um sorriso.

— Vamos lá! — Kai gritou.

Virei e segui em direção ao armazém, Kai e Damon ao meu lado, enquanto Will e Rika vinham logo atrás.

Entrar naquele prédio gigantesco era como adentrar um mundo diferente. O armazém havia sido destruído há muitos anos, e as vigas de aço de quinze metros de altura estavam com a pintura descascada e enferrujadas por conta do clima e do tempo. Poucas paredes ainda se mantinham de pé, e o telhado apresentava buracos enormes, fazendo com que a chuva forte, a cada minuto, fluísse por ali.

Andamos lentamente pelo caos que mais se assemelhava a uma pequena cidade subterrânea pós-apocalíptica.

No entanto, apesar da escuridão, do aspecto do metal frio e imundo, e da fogueira indomável à esquerda, rodeada de pessoas dançando ao som de *Devil's Night*, do *Motionless in White*, a loucura deste lugar era melhor do que qualquer festa de fraternidade da faculdade.

Ninguém estava se preocupando com a própria aparência. Eles se sujariam de qualquer forma. Todo mundo, incluindo as garotas, usavam jeans e tênis, e ninguém se importava em bater papo também, já que o barulho era muito alto para isso. Sem cerimônias, sem dramas, sem máscaras. Apenas música, furor, e barulho, e eventualmente, quando você estivesse chapado, poderia encontrar uma garota, ou ela o encontraria, e vocês desapareceriam no andar de cima por um tempo.

As pessoas nos cumprimentavam enquanto passávamos, e sem que precisássemos pedir, quatro copos vermelhos, com cerveja,

apareceram à frente, entregues por uma jovem garota sorridente.

— Precisamos de mais um — eu disse a ela, enquanto entregava o meu copo a Rika.

Mas antes que ela pudesse pegar da minha mão, braços enlaçaram sua cintura e ela foi erguida do chão. Ela se engasgou e logo começou a rir para seu amigo, Noah. Eu me lembrava dele sempre ao redor de Rika quando estávamos no ensino médio; ele a balançou em seus braços.

Retesei o corpo, querendo arrancar aquelas mãos de cima dela, mas então me recordei que, não apenas eram amigos, mas por causa dele Rika não havia sofrido nada mais grave nas mãos de Miles e Astrid, naquela festa tanto tempo atrás.

Por enquanto, ele tinha minha confiança.

— Então, mas que porra, Rika? — ele berrou, colocando-a de volta sobre seus pés. — Você disse essa semana que não queria vir hoje à noite. — Então seus olhos pousaram em nós, quase fechados, como se só agora estivesse dando conta. — Você veio com eles? Você está bem?

Quase bufei uma risada. Dando a volta e deixando-os ali para conversar, os caras e eu andamos em direção à nossa mesa. Alguns adolescentes estavam sentados lá, mas assim que nos viram, deram o fora da cabine em meia-lua que ficava exatamente em frente à pista de dança, nos dando uma visão perfeita.

Damon pegou o garoto que ainda restava, que seguia atrás dos amigos, e arrancou-o para fora dali, fazendo-o tropeçar para frente.

Pendurei os braços no encosto da cabine, e mais quatro cervejas apareceram em nossa mesa, bem na hora que Will terminava a dele.

A chuva brilhava dos postes de luz que foram colocados ao redor do ambiente, caindo levemente do telhado, e deixando, aos poucos, a galera que dançava ali no meio com os cabelos molhados.

Dando uma olhada por cima do ombro, vi Rika e Noah agora conversando com outra garota, cujo nome eu não me lembrava. Franzii o cenho quando vi Noah entregar um copo de bebida a Rika.

No entanto, ela acenou a mão, recusando.

Olhei ao redor, fazendo uma careta. *Ótimo*. Se aquela pequena lição com Miles e Astrid não a tivesse ensinado que ela deveria pegar suas próprias bebidas – ou pelo menos receber das minhas mãos –, então eu espancaria o seu traseiro. A última coisa do caralho que queria pensar era no que poderia ter acontecido com ela enquanto eu estava longe, na faculdade.

Bebemos nossas cervejas, nos recostamos por ali, relaxando e olhando tudo o que acontecia à nossa volta. Damon acendeu um cigarro e encarou uma garota que o fodia com os olhos, da pista de dança. Will retirou seu moletom e enfiou pela goela uma cerveja atrás

da outra, enquanto Kai olhava de vez em quando para a porta por onde entramos. Sabia que ele estava de olho em Rika.

Os músculos dos meus braços tensionaram, e mantive o olhar focado à frente, tentando não me importar com aquilo. *Ninguém se mete entre amigos*. Muito menos uma mulher.

Ouvi uma risada suave e olhei para cima, vendo Rika dar a volta na cabine e retirar o moletom por cima da cabeça. Ela ostentava um imenso sorriso no rosto quando jogou o casaco no lugar ao meu lado, e seguiu para a pista de dança com os amigos.

Respirei fundo.

Aquela regata estava acabando comigo.

Eu ainda podia ver algumas gotas do sangue de Miles, mas era praticamente imperceptível na obscuridade do ambiente.

Uma boa parte de sua barriga sarada aparecia, e as alças finas da regata cinza quase não conseguiam sustentar seus seios. Não deixava quase nada para a imaginação, o corpo lindo pra caralho, à mostra. O cabelo loiro fluía pelas costas, e a bunda redonda ficava perfeita naquele jeans. Era quase capaz de senti-la escarranchada sobre meu colo.

Porra.

Uma faísca aqueceu meu corpo, deixando-me duro, e rosnei baixinho, tentando clarear a mente.

A música de Laurel, *Fire Breather*, começou a tocar, e ela e os amigos encontraram um lugar no meio da pista, bem debaixo do buraco no teto que permitia a chuva passar.

A melodia sonora e lenta se envolveu ao redor do meu pau, enchendo-o de sangue enquanto a observava se mover ao ritmo da batida, rebolando os quadris e arqueando as costas, como se ela soubesse exatamente o que me excitava e deixava a ponto de bala.

Damon desviou o olhar da garota que se exibia para ele, soprando uma nuvem de fumaça assim que começou a observar Rika. Ela ria, permitindo que aquele amigo dela se esfregasse contra ela, enquanto ambos se moviam em sintonia, perdidos na música.

Eu até poderia estar com ciúmes, se aquilo não fosse tão sexy. E ele não tinha chance com ela, de todo jeito. Os olhares que ela me lançava quando estava à minha frente, na mesa de café da manhã, tinham mais paixão do que o sorriso que ela dava para ele.

Will descansou os cotovelos sobre a mesa, também focado nela, e nem me dei ao trabalho de olhar para ver se Kai também a observava. Sabia que sim.

Quem não olharia?

A batida intensa tomou conta do lugar, chegando até as vigas, e a observei rebolar os quadris devagarinho, colocando um braço atrás do pescoço do cara atrás, enquanto a amiga se postava à frente; os três

começando a moer os corpos juntos.

Remexi-me no lugar, êxtase atingindo minha virilha.

— Puta merda — Damon suspirou, virando o rosto para nós.

Os olhos arregalados de Will também nos encaravam, da mesma forma, e eu tinha certeza de que ele estava com tanto tesão quanto eu.

— De jeito nenhum Trevor consegue lidar com ela — Kai afirmou.

Quase dei um sorriso, mas não o deixei escapar. *Não*. Meu irmão não tinha a menor ideia do que fazer com uma encrenca dessas. Ele nunca poderia dar o que ela precisava.

Eu a encarei, vendo seus quadris balançando em movimentos lentos e sedutores, então ela riu, se afastando e trocando de lugar com a garota. A chuva fraca caía do telhado fazendo a pele dela brilhar. Ela fechou os olhos e estendeu as mãos para cima, agitando-se ao som da música.

— Michael? — Ouvi a voz de Kai. — Você está olhando para Rika como se ela não tivesse somente dezesseis, cara.

Dei-lhe uma olhada, um pouco divertido, antes de voltar a olhar para ela.

Não foi um aviso, apenas uma provocação. O subúrbio não era nem um pouco excitante, e os adolescentes não tinham mais nada a fazer a não ser foder sempre que pudessem. Todos nós havíamos transado muito antes de termos dezoito anos.

E *todos* nós estávamos olhando para ela como se ela não tivesse apenas dezesseis.

— Bom, é como eu sempre disse — Damon brincou, soltando uma baforada de fumaça. — Desde que elas tenham idade suficiente para engatinhar, já estão na posição certa.

Will fez uma carranca.

— Eca, você é doente! — ele disse, rindo.

Sacudi a cabeça, ignorando o comentário estúpido. Damon era doente da cabeça.

Claro, ele estava fazendo uma piada. Mas sempre havia um fundo de verdade nas coisas que dizia. Para ele, mulheres eram tão inúteis quanto pedras. Só serviam para ser usadas.

Will e Damon terminaram de beber mais algumas cervejas, e algumas pessoas chegaram para dizer oi e conversar um pouco. Desde que estive fora o verão inteiro, treinando e viajando, não tinha visto ninguém há algum tempo. Tomara que os ânimos estejam mais elevados agora com as festividades da *Noite do Diabo*, dando a todo mundo a adrenalina necessária para fazer com que o time se lembre de quem eles costumavam ser.

Larguei a bebida na mesa, ouvindo Will e Kai conversando com

algumas pessoas ao redor, mas quando dei uma olhada para Rika, na pista de dança, fiquei angustiado na mesma hora, vendo que ela não estava mais lá.

Olhei à nossa volta, e vi seus amigos ainda dançando, praticamente se pegando, e virei a cabeça, finalmente a vendo subir as escadas para o piso de cima.

Daí ela se virou, e fixou os olhos aos meus, por cima dos ombros, enquanto continuava a subir. Fiquei de pé no banco e pulei por cima da cabine, aterrissando no chão.

Mantive o olhar focado em suas costas enquanto ela subia para o segundo andar. Passei por algumas pessoas, e virei à direita, subindo mais um lance de escadas. O lugar agora estava completamente vazio e livre de olhos curiosos.

O piso de metal me levou até uma grande janela em um canto esquerdo, e a vi parada na penumbra, admirando a escuridão da noite enquanto a música, dois andares abaixo, soava abafada e distante.

Que merda eu estava fazendo?

— Eu gosto de ver a minha casa daqui — disse, baixinho. — Dá para ver os lampiones. Parece quase mágico.

Cheguei por trás de seu corpo e observei o breu à frente. De fato, dava para ver nossas casas ao longe, já que elas se encontravam em um terreno mais alto. Não estavam totalmente visíveis, encobertas pelas árvores, mas as propriedades estavam bem-iluminadas. Nossas casas se distanciavam uma da outra por cerca de um quilômetro, mas olhando daqui, pareciam apenas centímetros.

— Obrigada por esta noite — admitiu. — Sei que não significa nada, mas me senti bem pela primeira vez em muito tempo. E animada, assustada, feliz... — prosseguiu e depois finalizou em um tom baixo: — poderosa.

Olhei para ela, vendo ainda algumas gotas de chuva em seu cabelo claro, na parte de cima da cabeça.

Rika era muito parecida comigo, alguns anos atrás. Estava confusa, enjaulada e corruptível. A lição mais valiosa que alguém poderia aprender na vida deveria ser aprendida o quanto antes. A que diz que você não deveria ter que viver na realidade que outra pessoa criou. Você não tem que fazer nada que não queira. Nunca.

Redefinir a noção de normal. Nenhum de nós conhece a plenitude de nosso poder até que comece a forçar os limites, abusando da sorte; e quanto mais fazemos isso, menos nos importamos com o que os outros pensam. A liberdade era boa demais.

Aspirei o vestígio do perfume que ainda se desprendia de seu corpo, sentindo-me chapado pela necessidade. Deus, eu queria tanto tocá-la. Aquele desejo aumentou por toda a noite.

— Às vezes fico pensando como seria estar no seu lugar —

confessou. — Andar por qualquer sala e impor respeito. Ser tão adorado por todos. — Ela olhou para o lado, para cima, com aqueles imensos olhos azuis suplicantes. — Querer algo e pegar.

Jesus.

— Você esteve me observado na pista de dança — ela sussurrou. — Você nunca olha para mim, mas esta noite esteve me observando.

Dor se agitou por dentro, na urgência de resistir, mas foi em vão. Deslizei a mão e coloquei ao redor de seu pescoço, e a puxei contra o meu peito, segurando-a o mais apertado que podia.

— Como poderia não olhar? — suspirei em seu ouvido, fechando os olhos. — Está ficando cada vez mais difícil não reparar em você.

Ela choramingou, arqueando seu corpo e esfregando a bunda contra o meu pau. Abri os olhos, vendo seus seios sobressaírem no decote, e não aguentei mais.

Enfiando a mão por entre os fios de seu cabelo, segurei um punhado perto de seu couro cabeludo e puxei sua cabeça para trás. Os lábios carnudos se abriram, implorando pelos meus.

Ela gemeu, enviando todo o sangue do meu corpo para o meu pau.

Eu devia afastá-la. Ela tinha apenas dezesseis anos.

Porra.

Pairei minha boca sobre a dela, deslizando a outra mão por cima de seu peito e vendo-a se agitar quando segurei um seio em concha na minha mão.

— Michael — gemeu, respirando com dificuldade e fechando os olhos.

— Tão suave — sussurrei sobre seus lábios, sentindo a calidez de seu hálito enquanto a acariciava. — Meu irmão acha que você é dele... e tudo o que fiz foi negar que sempre a quis para mim mesmo.

Ela lambeu os lábios, tentando se lançar para cima para capturar os meus, mas afastei a cabeça, escondendo meu sorriso enquanto brincava com ela.

— Michael — choramingou, parecendo desesperada.

— É verdade? — pressionei. — Você é dele?

Ela mordeu seu lábio inferior, negando com a cabeça.

— Não.

Eu me inclinei e capturei o lábio entre meus dentes, chupando-o para dentro da minha boca. Suspirei com força, meu pau ficando cada vez mais duro dentro do jeans, e quase enlouqueci, depositando uma trilha de beijos desde sua bochecha à sua orelha, me perdendo em seu perfume e calidez.

Mas assim que afundei o rosto em seu pescoço, ela se afastou,

atacando minha boca e me beijando profundamente. Deus, ela tinha um gosto maravilhoso.

— Que garota boazinha — rosnei em um sussurro, passando a língua sobre seus lábios. — Diga, Rika.

— Eu sou uma garota boazinha — ela ofegou, com a voz trêmula.

— E eu vou te foder — terminei, retirando a mão de seu seio e agarrando seu quadril.

Abaixei a cabeça e cobri os lábios dela com os meus, comendo sua boca e degustando seu sabor; sua língua encontrou a minha com mais desejo e luxúria do que já havia sentido antes.

Meu corpo estava em chamas, e eu estava perdido. Completamente perdido em sua boca e no arrepio que atravessou toda a minha pele, aquecendo meu peito.

Tantas vezes necessitado de estar perto dela, de conversar com ela, vê-la sorrir para mim, e agora a tinha em meus braços, e não queria deixá-la sair.

Nada – nada – foi tão bom.

Ela roçou contra mim, pegando meu lábio inferior entre os dentes e caprichando no beijo.

— Agora sei quão bom é o seu sabor — provocou, pairando um centímetro abaixo dos meus lábios e lembrando do que disse hoje na catedral.

Sorri, puxando sua bunda contra mim e ouvindo seu gemido com todas as sensações que a varriam.

— Você ainda não provou nada.

Girando o corpo dela em meus braços, levantei-a pela parte de trás de suas coxas; ela se apoiou nos meus ombros, quando a fiz enlaçar minha cintura com as pernas.

Andando até um canto, coloquei-a sentada em cima de um corrimão, perto de uma parede. Ela envolveu meu corpo com seus braços quando me enfiei entre suas pernas.

Esfregando o corpo contra o meu, ela passou a língua pelo meu lábio superior, e depois abandonou minha boca, deixando uma trilha de beijos e mordidelas abaixo do meu maxilar e pescoço.

— Jesus — ofeguei, levando a mão até o seu seio outra vez, meu coração batendo como uma maldita bateria.

Deslizando as mãos dela por baixo do meu agasalho e camiseta, ela percorreu meu abdômen travado com os dedos, fazendo com que um arrepio se espalhasse.

— O carro — ela engasgou, tentando desatar meu cinto para abrir a calça. — Por favor?

Segurei seus quadris com mais força, piscando depressa.

— Rika — contorcei meu corpo, tentando afastar as mãos dela

do meu jeans.

Merda.

— Eu quero sentir você contra mim — ela suplicou, segurando meu rosto entre as mãos e me beijando outra vez.

Mas neguei com a cabeça.

— Não em um carro.

Ela pressionou os seios contra o meu peito, sussurrando em meus lábios.

— Não consigo mais esperar. Não quero perder esse momento. O lugar não me importa.

Não, não importava. Mas era aqui que as coisas se complicavam.

Eu estava de volta em casa apenas pelo fim de semana, e depois retornaria à faculdade. Se transássemos agora, seria mais desgastante para ela quando chegasse o momento de nos separarmos.

E por mais que não tivesse a menor intenção de afastar minhas mãos de seu corpo, ir tão longe não parecia certo. Não ainda. Ela era muito jovem.

— Vamos... — provocou. Um pequeno sorriso se formou em seus lábios enquanto continuava a morder os meus.

Neguei mais uma vez.

— O que vou fazer com você? — perguntei.

— Mal posso esperar para descobrir... — Ela deu um sorrisinho.

Eu ri baixinho, pegando sua bunda em minhas mãos e deixando um rastro de beijos por todo o seu rosto até os lábios.

— Nós precisamos ir devagar — eu disse.

— Quão devagar?

Afastei-me um pouco para que ela pudesse ver a seriedade em meus olhos.

— Não vou tocar em você até que tenha dezoito anos.

Os olhos dela arregalaram.

— Você não pode estar falando sério! Vai levar mais de um ano! — declarou. — E você está me tocando agora.

Inclinei a cabeça para o lado, meus dedos apertando sua bunda.

— Você sabe o que quero dizer.

No entanto, ela me puxou contra ela, descansando a testa contra meus lábios. Ela parecia tão desesperada quanto eu.

— Você já fez sexo com garotas de dezesseis anos antes, Michael.

— Quando eu tinha dezesseis — esclareci. — E não se compare a elas. — Segurei seu rosto entre minhas mãos. — Você é diferente.

Nossos lábios se encontraram outra vez e as mãos dela e o corpo se tornaram cada vez mais possessivos, esfregando-se contra mim, sentindo meus contornos, me agarrando. Ela segurou meus

quadris e os pressionou contra a calidez de suas pernas, e perdi o fôlego, sabendo quão bom seria poder estar dentro dela.

— Jesus Cristo — suspirei, afastando minha boca. — Pare.

Não havia a menor condição de eu me manter afastado dela por um ano. Ela tinha quase dezessete. Talvez aquilo fosse o suficiente?

— Você não vai ser capaz de resistir — ela sussurrou contra minha mandíbula, olhando para mim com um ar pensativo. — Fomos feitos um para o outro, Michael. Você e eu.

Ela depositou beijos suaves pelo meu rosto e pescoço; senti os arrepios deslizando pelos meus braços. Enlacei seu corpo com os meus, segurando-a apertado e olhando bem dentro de seus olhos.

— Nós temos que manter isso em sigilo, combinado? — eu disse. — Pelo menos por enquanto. Não quero que minha família saiba.

Ela olhou para mim, confusa.

— Por quê?

— Você ainda está em casa, e eles a vigiam o tempo todo, Rika — expliquei. — Meu pai me odeia. Estarei longe, na faculdade, e ele poderia se valer da minha ausência para tirar proveito e manipular você, se souber que a quero para mim. — Então enfiei meus dedos entre seu cabelo, ficando tão perto que nossos narizes se tocavam. — E eu quero você pra caralho. — Brinquei com sua boca, mordiscando seus lábios. — Mas ele quer que você fique com Trevor ou algo assim — continuei. — Se não souberem do nosso envolvimento, não vão interferir. Precisamos esperar até que você se forme e saia de debaixo da asa deles.

Ela se afastou, magoada, ao retirar minhas mãos de cima de seu corpo.

— Ainda vai levar um ano e meio para isso — argumentou. — Não estou exigindo um relacionamento, mas eu... — hesitou, em busca das palavras certas. — Não quero esconder o que sinto.

— Eu sei.

Odiava aquilo também. Se ela estivesse na faculdade, livre para ir e vir como bem quisesse, e sem ser influenciada ou manipulada pelo meu pai e Trevor, não seria um problema.

Claro, eles até podiam saber. Não dava a mínima para o que diriam a respeito disso. Mas depois de amanhã, estarei a quilômetros de distância outra vez, e com a chegada da temporada de basquete, não viria para casa até as férias de inverno, e em seguida, até provavelmente próximo ao verão. Isso a colocaria sob muita pressão, e não confiava no meu pai ou no Trevor. Especialmente em Trevor.

— Acredite ou não, é o melhor — assegurei. — Meu pai ficaria em cima de você, e não quero que tenha que lidar com ele sem eu estar aqui.

Ela parecia desapontada, mas também havia certa raiva em seu olhar. Ela precisava entender que não estava tentando deixá-la puta. A idade dela era um problema, e deixava tudo mais complicado. E aquilo também me assustava, porque não fazia a mínima ideia do que eu e ela tínhamos.

Tudo o que que sabia era que éramos iguais. Aquilo significava que eu me apaixonaria por ela, me casaria e seria fiel, e viveria um dia de cada vez nesse maldito subúrbio?

Não. Eu e ela fomos feitos para algo diferente.

Eu a deixaria com raiva, seria difícil para lidar, e acabaria me tornando um pesadelo tanto quanto um sonho para ela, mas depois de quase dezessete anos dessa atração, eu só sabia de uma coisa:

Sempre estaria ao redor dela.

Aquilo nunca deixou de acontecer. Mesmo quando éramos crianças, se ela se movia, eu queria fazer o mesmo. Se ela deixava a sala, eu queria segui-la. Meu corpo sempre esteve consciente de onde ela estava.

E o mesmo valia para ela.

Eu me abaixei, roçando a alça de sua regata em seu ombro e depositando beijos em sua pele.

— E quero que pare de dormir na minha casa quando eu não estiver lá, também — exige. — Não quero que Trevor tente nada com você.

Agarrei o lóbulo de sua orelha com meus dentes, puxando com força, mas interrompi meus movimentos quando ela não respondeu nada. Senti que havia esfriado, sem se mexer ou fazer qualquer som.

Liberando sua orelha, levantei a cabeça e olhei para ela, vendo-a cerrar a mandíbula com um descontentamento evidente em sua expressão.

— Algo mais? — explodiu. — Tenho que ficar de boca fechada e quietinha quando você entrar em uma sala e fingir que não existo, porque ninguém pode saber. Agora você quer impor quando faremos sexo e onde eu posso dormir?

Endireitei a coluna, contraindo meus músculos. Ela tinha razão, mas era como as coisas tinham que ser. Eu não queria que minha família soubesse de nada para que não a sacaneassem, e era impossível confiar que meu irmão não tentaria rastejar em sua cama à noite. De jeito nenhum.

Ela abaixou o queixo, me dando um olhar desafiador.

— Tenho que esperar e ansiar pelos raros finais de semana onde você não tenha jogo e talvez resolva passar em casa — continuou —, enquanto você coloca os seus robôs na Escola Preparatória de Thunder Bay para ficarem de olho em mim quando você não estiver, de forma que possa receber os relatórios de cada movimento que eu

der.

Meu maxilar repuxou com um sorriso que não pude conter. Ela me surpreendeu diversas vezes esta noite. Era muito mais esperta do que pensei. Tudo bem, talvez tivesse planejado colocar Brace e Simon de olho. Só para ter certeza de que ninguém foderia com ela.

Ou foderia com algo que me pertencia.

— E quanto a você? — continuou. — Sua cama vai ficar tão vazia quanto a minha o tempo em que estiver fora – festas da faculdade, jogos fora de casa, férias de primavera com seus amigos em Miami Beach...?

Forcei meu olhar, buscando o dela.

— Você acha que alguém seria tão importante quanto você?

Ela balançou a cabeça, com um sorriso sarcástico.

— Isto não é uma resposta.

Então pulou do corrimão, esbarrando em mim ao passar. Mas a alcancei, agarrando a parte de cima de seu braço.

— O que você quer? — perguntei, ríspido. — Hein?

A expressão dela, de repente, se tornou triste quando ficou cabisbaixa.

— Eu quero você — engasgou. — Sempre quis você, e agora me sinto...

Ela olhou para cima, com os olhos marejados.

— O quê? — respondi com grosseria.

— Suja — ela disse, afinal. — Achei que fosse sua amiga esta noite. Você me viu, gostou de mim, me respeitou... E agora me sinto como uma garota idiota, o segredinho sujo que precisa ficar sentada num cantinho e esperando sua permissão para me mexer. Não me sinto mais como uma igual.

Eu a soltei, dando uma risada amarga quando me virei.

— Você é só uma criança. Uma criança estúpida.

Malditas sejam suas inseguranças e pirraças. *Era apenas um ano.* Ela não poderia esperar a porra de um ano?

— Eu não sou uma criança — afirmou. — Você é apenas um covarde. Pelo menos Trevor me quer mais do que qualquer coisa.

Suspirei fundo, todos os músculos da minha barriga se contraíram e arderam enquanto a encarava.

Nem pensei. Eu a agarrei pelos ombros e a empurrei contra o corrimão de frente à janela, pairando meu rosto sobre o dela, quase nariz com nariz.

Respirei fundo, querendo-a com tanta intensidade, mas puto pra caralho agora. Ela tinha coragem de jogar isso na minha cara?

Ela fez uma careta e choramingou.

— Você está me machucando.

Então me dei conta de que meus dedos estavam cravados em

sua pele. Relaxei as mãos, tentando me acalmar, mas não consegui. Ela estava certa. Eu era um covarde, e queria tudo sem dar nada em troca.

Queria que esperasse por mim, e só por mim. Não queria lidar com o estresse que minha família colocaria sobre nós. Não queria dar nenhuma oportunidade para que meu irmão a conquistasse enquanto eu estava ausente.

Mas o que ela ganharia comigo? Eu era o suficiente?

Ou meu pai estava certo? Eu não valia nada? Ainda que admitisse isso para mim mesmo, eu a magoaria.

Ela era muito nova, eu ficava ausente por muito tempo, e pela primeira vez em muito tempo, não gostei de mim mesmo. Não gostei de me ver refletido em seus olhos.

Ela tinha muito poder sobre mim.

Eu me afastei, recuando.

— Isso foi um erro — disse, com raiva, fazendo uma careta para ela. — Você é bonita. Tem uma boceta, mas além disso, não é nada especial. Você é apenas um rabo de saia.

Ela franziu a sobrancelha e seus olhos se encheram de lágrimas, como se estivesse devastada.

Ninguém fazia com que me sentisse um merda por ser quem sou, e partir seu coração não seria o suficiente. Precisava ser esmagado, para que que ela nunca mais falasse esse tipo de porcaria outra vez.

Agarrei seus ombros, sacudindo-a e ouvindo seu gemido.

— Você me ouviu? — vociferei. — Você não é especial. Você não é ninguém!

Então a soltei, dando a volta e marchando rumo às escadas enquanto sentia meu estômago embrulhar. Era como se estivesse com um buraco no peito, e inspirei, sentindo dificuldade para respirar.

Não podia olhar para ela. Não conseguiria ver a mágoa que causei.

Então fugi. Voltando para a cabine, peguei as chaves do bolso e joguei sobre a mesa.

— Faça com que Rika chegue em casa — disse para os caras, sem conseguir disfarçar minha raiva. — Vou andando.

— Que diabos aconteceu? — Damon exigiu saber ao ver meu estado.

Mas apenas sacudi a cabeça.

— Tenho que sair daqui. Leve-a para casa.

E deixei os três ali sentados à mesa enquanto puxava o capuz do casaco sobre a cabeça e saía na chuva.

Capítulo 18

Erika

Dias atuais...

Tive que voltar para a cidade. Seu carro está lá fora.

Olhei para a mensagem de texto que Michael havia me enviado quatro dias atrás, quando acordei sozinha na cama dele.

Imunda, ferida, dolorida... e sozinha.

Desde lá eu não sabia mais notícias, nem o tinha visto. Depois de nosso pequeno passeio pelas catacumbas, ele deve ter ido até a minha casa para pegar o carro para mim, antes de sair e enviar a mensagem da estrada.

Como pôde me largar daquele jeito?

Ouvi nos noticiários que seu time havia viajado para Chicago para um jogo amistoso antes que a temporada regular começasse, mas vi as luzes de sua cobertura acesas esta manhã, então sabia que ele estava em casa agora.

Apesar do fato de já saber disso, estava magoada. Finalmente o tive para mim, o senti dentro de mim, e isso não era algo que poderia simplesmente esquecer nestes últimos dias. Foi melhor do que sempre imaginei.

Ele deveria ter me acordado para dizer adeus. Ou ligado para saber como eu estava, pelo menos. Eu tinha acabado de perder minha casa, e ainda não havia conseguido contatar minha mãe, mesmo ligando todos os dias. Também não tive sorte de conseguir falar com o Sr. ou a Sra. Crist, em seus celulares. Se não tivesse notícia de nenhum deles até amanhã, iria à polícia. Minha mãe nunca ficou aquele tempo todo sem me ligar.

Enfie o celular dentro da bolsa e retirei uma carteira de fósforos que coloquei ali quando trouxe a caixa de volta comigo, de Thunder Bay. Abri a tampa e aspirei o aroma, um breve momento de alívio me atingindo antes de desaparecer. Colocando na bolsa, segui o caminho até o sebo, folheando livros antigos de ficção científica, tentando me distrair.

Preferia morrer a ser a primeira a ligar.

— Ei! — Ouvi alguém me chamar.

Eu me virei e vi Alex se aproximando com uma mão no bolso e um sorriso no rosto.

— Vi você pela janela e resolvi te dar um oi. Como você está?

— Estou bem. E você? — Acenei.

Ela ergueu as mãos e deu de ombros.

— Cada dia é uma aventura.

Eu ri baixinho, voltando a olhar para os livros. Com a profissão que ela exercia, podia imaginar que as coisas não ficavam entediantes. Virei a cabeça de novo, olhando para ela.

— Ah, obrigada pela carona na outra noite. Eu sei que mal nos conhecemos, mas...

— Ah, sem problemas — ela me interrompeu. — Obrigada por dirigir. Não sou muito de beber.

Ela abaixou o olhar, distraída enquanto olhava os livros, segurando uma das alças de sua bolsa. Assim como eu, ela deve ter acabado de sair da aula.

— Você está bem? — perguntei.

Assentiu.

— Só o de sempre. Sou gostosa para uma pessoa, mas ele não vai me tocar porque durmo com outros caras como ganha-pão. — Revirou os olhos. — Bebezão.

Dei um sorriso para ela, mas foi meio que triste, para dizer a verdade.

— Então ele sabe o que você faz?

— Sim — respondeu. — Ele estava na festa, o que foi o motivo por que bebi tanto. Ele nem mesmo olhou para mim.

— Bem, você deve conhecer pessoas — chutei. — Deve ter alguns contatos na sua linha de trabalho, não é? Amigos? Talvez alguém possa te arranjar outro trabalho.

— Não há nada de errado com o que faço — retrucou, a voz se tornando gélida.

Parei e me virei para ela, culpa rastejando pelo meu peito. Não quis dizer aquilo, mas possivelmente soou como uma crítica. Estava apenas tentando encontrar uma solução para o problema dela.

Ela inclinou a cabeça de lado, encarando-me em um desafio.

— Algum dia vou ter um prédio como o Delcour e dirigir um carrão como o seu — ela disse —, e vou ter tudo isso por mim mesma. Vou fazer isso mostrando o dedo do meio para todo mundo — incluindo ele — que me olhou de cima.

A voz dela se tornou áspera, e mesmo não entendendo porque ela fazia o que fazia, também sabia que nunca teria que fazer. Não sabia o que era precisar fazer escolhas difíceis.

Os lábios dela se curvaram quando prosseguiu:

— Eu vou trepar do jeito que quiser enquanto estou na faculdade, e qualquer pessoa que não gostar disso, pode ir para o inferno.

Apertei meus lábios, deixando uma risadinha escapar.

— Tudo bem — eu disse e peguei a deixa de que o assunto estava encerrado. — Mas antes de ter um carrão, minha vida também não foi exatamente uma festa.

Seu olhar suavizou, e ela se inclinou, passando um dedo pela cicatriz em meu pescoço.

— Foi isso que pensei — disse.

Eu a encarei, sentindo como se ela soubesse de tudo sem que eu precisasse dizer. Foi estranho. Quando a vi ao lado de Michael a primeira vez, a julguei. Depreciei. Ela era uma vagabunda – sem cérebro e em busca de dinheiro e fama.

Mas fui uma idiota. Não éramos tão diferentes assim.

É estranho ver como ninguém é realmente um ser humano para nós, até que conversássemos com eles e percebêssemos que não havia muito que separava quem éramos de quem eles são. Ela podia até desejar as coisas que eu tinha, e posso ter desejado muito menos, mas ambas estávamos lutando, não importa o lugar que ocupávamos.

— Bom — ela suspirou e sorriu. — Tenho que correr. Tenha um bom fim de semana, se eu não te vir até lá, okay?

Acenei.

— Você também.

Ela deu a volta e saiu pelo corredor, desaparecendo logo depois da esquina.

Acho que fiz minha primeira amiga em Meridian, e pela primeira vez em cinco minutos, não pensei em Michael.

Vitória.

Peguei o celular na bolsa e conferi o horário. O comandante do corpo de bombeiros estava evitando minhas ligações a semana toda, a respeito do incêndio na minha casa. Eu precisava voltar para lá e tentar descobrir o que estava acontecendo.

Com três livros em mãos que já havia escolhido, fui até o caixa da livraria. A atendente colocou os livros em uma sacola.

— Tudo bem, são trinta e sete dólares e cinquenta e oito centavos, por favor.

Passei meu cartão de crédito na máquina e o entreguei, junto com minha identidade, para ela conferir.

Mas ela não o pegou.

— Ahn, sinto muito — ela olhou para a tela, estreitando os olhos, confusa. — Seu cartão não está funcionando. Você teria outro?

Olhei para baixo e vi “cartão recusado” escrito na tela.

Meu coração acelerou e senti o rosto esquentar de embaraço. Isso nunca aconteceu antes.

— Ahn, humm... — gaguejei, pegando a carteira na bolsa e entregando outro cartão. — Aqui. Talvez seja melhor você tentar passar na máquina — eu sorri —, devo estar fazendo alguma coisa

errada.

O que era uma ideia ridícula. Eu era uma compradora experiente, e formada com orgulho na matéria “Como gastar dinheiro”, da Universidade Christiane Fane e Delia Crist. Sabia como usar um maldito cartão.

Ela o deslizou na máquina e esperou por um instante antes de me devolver e balançar a cabeça.

— Sinto muito, querida.

Meu coração despencou.

— O quê? Tem certeza de que essa máquina está funcionando?

Ela me olhou com condescendência, como se houvesse escutado aquela desculpa antes.

— Sinto muito — eu disse, desconcertada. — Isso é muito estranho.

— Acontece. — Ela deu de ombros. — Estudante universitária lutando com as contas e tudo isso. Temos um caixa eletrônico ali fora se quiser que eu reserve os livros.

Ela indicou a janela atrás de mim, e vi a máquina perto da cafeteria da livraria.

— Obrigada — eu disse e deixei a sacola com ela, caminhando apressadamente até o caixa.

Como assim, meus cartões não estavam funcionando? Desde quando tirei a carteira de motorista aos dezesseis anos, eu possuía um. Quando saí para a faculdade, minha mãe fez um de crédito no meu nome. Eu também tinha um de débito, mas nosso contador preferia que usasse apenas para alimentação e gasolina, de forma que pudesse calcular minhas despesas.

Nunca tive problema com nenhum dos dois. Nunca.

Engoli em seco e enfiei o cartão no caixa eletrônico, digitando a senha. Fui direto para o saque, mas mudei de ideia. Apertei o botão de conferência do saldo e meu coração imediatamente começou a martelar dentro do peito.

Zero.

— O quê? — explodi, sentindo o ardor das lágrimas ao olhar para a tela. — Isso não está certo. Não pode ser.

Comecei a pressionar todos os botões, minhas mãos trêmulas quando fui checar o saldo da minha poupança.

Também estava zerada.

Balancei a cabeça, meus olhos marejados.

— Não. Que porra é essa que está acontecendo?

Retirando o cartão do caixa, saí da livraria e deixei os livros para trás, quase correndo pela calçada. Fui para casa, me sentindo desesperada.

Um cartão sem funcionar? Beleza. Nenhum deles funcionando e

minha conta zerada? Minha mente estava em polvorosa.

Será que a joalheria estava com problemas financeiros? Será que nosso contador havia esquecido de pagar os impostos e nossas contas tinham sido bloqueadas? Será que estávamos com dívidas?

Até onde sei, tudo estava normal, como sempre. O Sr. Crist lidava com os negócios e patrimônio, e todas as vezes que conversei com o contador, nossas finanças estavam indo de vento em popa.

Peguei meu celular na bolsa e liguei para nosso contador, que era o mesmo dos Crist, mas tudo o que consegui foi uma mensagem de voz dizendo que ele estava fora o fim de semana.

Continuei seguindo pela rua, suor encharcando minhas costas, enquanto ligava mais uma vez para minha mãe, a Sra. Crist, até mesmo Trevor. Eu precisava saber como entrar em contato com alguém que pudesse ajudar.

Mas ninguém atendia. Que porra estava acontecendo? Por que não conseguia contatar ninguém?

Richard, o porteiro, me viu chegar e imediatamente segurou a porta de entrada do Delcour para mim. Entrei sem nem mesmo retribuir seu cumprimento, e marchei direto para o elevador.

Assim que cheguei no meu apartamento, joguei a bolsa de lado e liguei meu laptop para fazer login nas minhas contas bancárias. Não dava para esperar até segunda-feira, quando haveria alguém no escritório. Eu precisava descobrir que porra era aquela que estava acontecendo.

Enquanto conectava à Internet, liguei para o escritório do Sr. Crist, sabendo que ele trabalhava até tarde, e que sua assistente estaria lá também. Passava apenas um pouco das seis.

— Alô? — disse apressada, cortando o cumprimento da mulher.
— Stella, aqui é a Rika. O Sr. Crist está aí? É urgente.

— Não, sinto muito, Rika — ela respondeu. — Ele viajou para a Europa alguns dias atrás para se juntar à esposa. Quer deixar algum recado para ele?

Tombei a cabeça na minha mão, agarrando um punhado de cabelo, em frustração.

— Não, eu... — As lágrimas começaram a descer. — Eu só preciso saber o que está acontecendo. Tive um problema com minha conta bancária. Estou sem dinheiro, e nenhum dos meus cartões funciona!

— Ah, querida — ela disse, rapidamente, parecendo um pouco mais preocupada agora. — Você já conversou com Michael?

— Por que eualaria com ele?

— Porque o Sr. Crist transferiu uma procuração para ele semana passada — ela informou como se eu soubesse. — Michael agora é responsável por todos os seus bens até sua formatura.

Parei naquele instante, arregalando os olhos.

Michael? Ele controlava tudo agora?

Balancei a cabeça. *Não.*

— Rika? — Stella chamou quando eu não disse mais nada.

Mas afastei o telefone do meu ouvido e encerrei a chamada.

Apertando os dedos ao redor do celular, endureci meu olhar e travei a mandíbula com tanta força que meus dentes chegaram a doer. Todo o dinheiro que meu pai havia deixado para nós. Todo o dinheiro que conquistamos com nossos patrimônios e a loja. Ele controlava todas as ações!

Estiquei a mão à frente e fechei o laptop sobre a ilha da cozinha, empurrando-o para o chão da cozinha.

— Não! — gritei.

Meu estômago embrulhou e achei que fosse passar mal. Que merda ele estava fazendo? Sabia que tinha sido ele, mas por quê?

Limpei as lágrimas, o ódio dominando minhas veias agora. Eu não estava nem aí. Seja lá o que ele pretendia e por qual razão, meu Deus, eu não estava nem aí.

Desci da banqueta e peguei o celular no meu bolso, agarrando as chaves que haviam caído no chão assim que cheguei no apartamento. Saí dali, sem nem me importar de levar minha bolsa antes de trancar a porta e pegar o elevador para o térreo.

Assim que as portas se abriram, fui em direção à recepção.

— O Sr. Crist já chegou em casa?

O Sr. Patterson olhou para mim por cima do computador.

— Sinto muito, senhorita Fane. Não posso te dizer isso — ele disse. — Você gostaria de deixar algum recado para ele?

— Não. — Acenei. — Eu só preciso saber onde ele está neste instante.

No entanto, ele apenas franziu o cenho, parecendo arrependido.

— Sinto muito. Não posso te dar essa informação.

Dei um suspiro irritado e peguei meu celular, abrindo a galeria de fotos. Cliquei em uma minha ao lado de Trevor e do Sr. Crist, tirada em maio. Enfieei a tela do celular no seu rosto.

— Reconhece este homem do meio, com os braços ao meu redor? — perguntei. — Evans Crist, o pai de Michael. — Minha voz em um tom afiado. — *Seu chefe. Meu padrinho.*

Sua expressão mudou, e vi quando seu pomo-de-adão subiu e desceu. Nunca usei a cartada “Vou-fazer-com-que-seja-demitido” antes, mas era tudo o que eu tinha. Agora ele sabia que eu conhecia os Crist, então por que não poderia saber onde o Michael estava?

— Onde ele está? — exigi, enfiando meu celular de volta no bolso.

Ele endireitou a coluna, abaixando a cabeça, sem olhar para

mim.

— Ele saiu uma hora atrás — admitiu. — Ele e os amigos pegaram um táxi para um jantar em Hunter-Bailey.

Eu me afastei do balcão e corri para as portas do prédio.

Virando à esquerda, corri pelas calçadas da cidade, desviando de outros pedestres e apressando meus passos pelas ruas enquanto me dirigia até o clube de cavalheiros várias ruas abaixo.

Eu ofegava, uma fina camada de suor cobria minha barriga e costas até que finalmente subi as escadas do edifício de pedras, minhas pernas queimando por conta do esforço que fiz para chegar aqui.

Parei de pensar. Parei de imaginar e refletir. Ele havia roubado a mim e minha família, e meu sangue estava fervendo.

Ele que se foda.

Entrei no prédio e parei na frente do balcão da recepção.

— Onde está Michael Crist? — exigi saber.

O recepcionista, vestido em seu terno preto e gravata azul-escura, alinhou seus ombros e me deu um olhar questionador.

— Bem, ele está jantando neste momento, madame — ele disse, então percebi quando ele olhou de relance para as portas duplas de madeira, à minha direita. — Será que posso aju...

Mas eu já havia saído. Marchei em direção às portas, sem esperar que alguém me impedisse ou dissesse o que fazer.

Segurei as duas alças das maçanetas e girei, abrindo as portas de supetão.

— Senhorita! — o recepcionista gritou. — Senhorita! Você não pode entrar aí!

Mas nem mesmo hesitei. Foda-se aquela babaquice de “proibido mulheres”.

Entrei porta adentro, meu corpo vibrando por baixo da superfície e meu coração batendo acelerado como se estivesse chapada. Virei a cabeça de um lado ao outro, vagamente tomando nota da sala cheia de homens em seus ternos chiques, brindando com suas taças e a fumaça dos cigarros flutuando acima de suas cabeças.

Até que finalmente os vi. Michael, Kai, Damon e Will, sentados em uma mesa redonda na parte dos fundos. Cruzei a sala, irritada, passando pelas mesas cheias de espectadores e garçons com suas bandejas.

— Com licença, madame! — um deles gritou quando me viu passar.

No entanto, não parei.

Andei até a mesa deles, vendo quando Michael cruzou o olhar ao meu, finalmente ciente da minha presença, mas antes que ele pudesse dizer alguma coisa, abaixei as mãos, peguei a ponta da toalha

de mesa e a puxei, arrastando todas as taças, porcelana e prataria.

— Merda! — Will gritou.

Tudo se chocou contra o chão de madeira, e Kai, Will e Damon se recostaram em suas cadeiras, tentando evitar a bagunça de comida e bebida que espirrou para todo lugar. Joguei a toalha no chão e cerrei a mandíbula, encarando o olhar divertido de Michael, enquanto permanecia ali de pé e exigindo a porra da atenção deles.

As conversas em volta da mesa cessaram, e eu sabia que todo mundo estava me olhando.

— Senhorita? — um homem disse assim que chegou ao meu lado. — Você precisa sair.

Mas não me movi um milímetro. Continuei encarando Michael, em um desafio silencioso.

Ele finalmente olhou para o homem e acenou para que saísse dali. Assim que ele se foi, dei um passo mais perto da mesa, sem me importar se alguém poderia ouvir ou me observar.

— Onde está o meu dinheiro? — rosnei.

— Na minha conta.

Mas não havia sido Michael quem respondera. Olhei para Kai, detectando o sorriso irônico em seus lábios.

— E na minha.

Girei a cabeça, vendo o sorriso presunçoso de Will.

— E na minha — Damon completou.

Acenei a cabeça, tentando evitar que meu corpo tremesse.

— Vocês foram longe demais — ofeguei, chocada.

— Não há nada disso — Kai respondeu. — O que somos capazes de fazer, nós fazemos.

— Por quê? — explodi. — O que eu fiz pra vocês?

— Se eu fosse você — Damon emendou —, ficaria mais preocupada com o que vamos fazer com você.

O quê? Por que eles estavam fazendo isso?

Michael se inclinou para frente e recostou os antebraços na mesa.

— Sua casa já era — afirmou. — Seu dinheiro e patrimônio? Liquidados. E onde está sua mãe?

Meus olhos arregalaram, assim que me toquei aos poucos do que o brilho no seu olhar implicava.

Minha mãe não estava no iate. Eu havia sido enganada.

— Ai, meu Deus — murmurei para mim mesma.

— Você nos pertence agora — Michael declarou. — Você vai ter algum dinheiro quando acharmos que merece.

Sustentei seu olhar, engolindo o nó na garganta.

— De jeito nenhum vocês vão se safar dessa!

— Quem vai nos impedir? — Damon argumentou.

Porém mantive meu olhar em Michael, tratando do assunto apenas com ele.

— Eu vou ligar para o seu pai — ameacei.

Ele começou a rir, balançando a cabeça quando se levantou e ficou parado em frente à sua cadeira.

— Faça isso — replicou. — Vou adorar ver a cara dele quando perceber que a fortuna dos Fane sumiu, e quando Trevor receber você — o olhar sarcástico percorrendo meu corpo da cabeça aos pés — em um estado um pouco menos... intoxicado.

Ouvi a risada silenciosa de Will quando todos se colocaram de pé, evitando a bagunça no chão. Michael deu a volta na mesa, parando à minha frente.

— Agora nós temos uma plateia, e não gosto disso. — Ele relanceou o olhar ao redor da sala cheia de cavalheiros que ainda nos observavam. — Nós vamos voltar para a casa dos meus pais, em Thunder Bay, para passar o final de semana, e esperamos você lá dentro de uma hora.

Então me prendeu com a força de seu olhar de advertência, fazendo questão de que eu soubesse que aquilo não era um pedido.

Parei de respirar e o observei indo embora, seguindo pela sala de jantar e com os amigos em seu encalço. Nenhum deles sequer olhou para trás.

Thunder Bay? Sozinha com eles?

Acenei a cabeça em negação. *Não*. Eu não podia. Eu precisava arranjar ajuda. Precisava falar com alguém.

No entanto, fechei os olhos com força, lutando contra as lágrimas quando passei a mão pelo meu cabelo.

Não havia ninguém. Eu não tinha ninguém a quem recorrer.

Quem os impediria?

Capítulo 19

Erika

Dias atuais...

DESCENDO DO CARRO, AGARREI O BASTÃO DE BEISEBOL QUE ESTAVA NO BANCO do passageiro e fechei a porta. Meu pulso bombeava com violência, meu corpo inteiro fervia e suor escorria da minha testa. Eu mal podia respirar.

Estarei a salvo. Michael e Kai poderiam até ir longe, mas não me machucariam. *Estarei a salvo.*

Minha mãe estava em algum lugar, só Deus sabe onde, e ela era única razão para eu estar aqui.

Andei até a casa, notando que nenhuma das luzes estavam acesas, nem de fora nem de dentro. As janelas estavam às escuras, e cheguei até a porta, sendo coberta pelas sombras das árvores acima, que bloqueavam a luz da lua.

Minhas mãos tremiam. Tudo estava muito escuro.

Minha mãe. *Não desista e não vá embora até conseguir respostas.*

Se eu ligasse para a polícia, levaria semanas para que investigassem aquela bagunça até que a encontrassem. Ela estava no iate. Ela não estava no iate. Ela estava no exterior, então era óbvio que havia certa dificuldade para falar com ela. *Dê um tempo, volte às suas aulas e deixe isso para quem entende do assunto.*

Não.

Girando a maçaneta da porta, retesei todos os meus músculos, ouvindo o estalo da fita adesiva na parte interna do meu antebraço.

O bastão de beisebol era apenas para despistar. Se eles achassem que tinham retirado minha arma, não suspeitariam que havia outra. Portanto, a lâmina de Damasco estava presa com a fita por dentro do meu braço, por baixo da manga. Eu a peguei quando voltei ao apartamento mais cedo, para buscar meu carro.

Respirei profundamente e abri a porta apenas um pouquinho, colocando um pé para dentro da casa às escuras.

Uma mão fria enlaçou meu pulso e me puxou para dentro. Gritei, a porta se fechando atrás de mim à medida que o bastão de beisebol foi arrancado da minha mão.

— Você veio.

Will. Ofeguei quando seu braço se esticou à minha frente e se enrolou ao redor do meu pescoço, em um mata-leão.

— Isto foi realmente estúpido pra caralho — sussurrou no meu ouvido.

Ele me soltou e me empurrou para frente, e quase perdi o

equilíbrio, tentando respirar.

Ai, meu Deus. Imediatamente tentei me afastar dele.

Ele usava o agasalho preto com capuz, assim como a máscara. Mas esta não era como as outras que eles geralmente usavam. Esta era toda branca, e nunca a tinha visto antes.

Eu me inclinei apenas um pouco e mantive as mãos estendidas à frente do meu corpo, me preparando para contra-atacar.

Segurando o bastão, ele deu dois passos na minha direção.

— O que você faria com isso, hein? — Ele o segurou à frente de sua virilha e começou a acariciá-lo como se fosse seu pau. — É isso aí, é disso que você gosta, não é?

Então jogou o bastão para outro lado do corredor, a madeira se chocando contra o chão de mármore.

Olhando para mim por trás de sua máscara, ele veio em minha direção em passos lentos.

Recuei.

— Não.

Mas então outra pessoa chegou por trás de mim, e gritei quando os braços se enrolaram ao meu redor.

— Ele pode não ser tão grande quanto este bastão, mas eu sou — uma voz ameaçadora e sinistra soou no meu ouvido.

Damon.

Estiquei todos os meus músculos, me contorcendo e me debatendo contra ele enquanto tentava manter meu antebraço rente ao meu corpo. Não queria que eles encontrassem a adaga, mas não queria usá-la até que fosse realmente necessário.

A não ser que tivesse a oportunidade de fugir, porque sabia que não era capaz de derrubar todos eles de uma vez.

— Ei, vá se foder — Will gritou. — Rika vai me amar muito mais do que a vocês.

Ofeguei, quase sem ar, sentindo meus músculos abdominais queimando enquanto lutava para me soltar de seu agarre.

— Vão à merda! Me solta!

Damon agarrou a parte de trás da minha camiseta e me empurrou para longe, mas direto nos braços de Will. Ele me pegou, apertando minha bunda com as mãos e me segurando contra seu corpo.

— Você vai me amar gostoso, não vai, Rika? — provocou. — Ou quer experimentar o Damon primeiro?

Ele levantou a cabeça, gesticulando para Damon antes de me empurrar outra vez, de volta aos braços do amigo.

A sala estava girando.

— Parem com isso! — gritei. — Fiquem longe de mim!

Onde diabos estava Michael?

Damon me puxou pela gola, colando o rosto ao meu, e eu podia perceber que ele também respirava com dificuldade por trás da máscara branca exatamente igual à de Will.

— Fiquei preso por mais tempo. Ela deveria me provar em primeiro lugar — ele disse a Will, então olhou para direita, falando com mais alguém: — O que você acha?

— Quem...?

Mas antes que tivesse a chance de olhar para ver com quem ele estava falando, fui arremessada para os braços de outro homem usando a máscara branca; engasguei, tentando me afastar dele ao empurrar seu peito, quando meu pé descalço ficou preso embaixo de sua bota. Eu nem havia percebido que havia perdido uma sandália.

— Pare com isso — ofeguei, balançando a cabeça.

Mas o terceiro homem simplesmente passou um braço ao meu redor e segurou um punhado do meu cabelo em sua outra mão. Gritei ao sentir a dor no meu couro cabeludo.

— Meninos — ele chamou —, ela não será capaz de nos distinguir depois de um tempo.

E então me empurrou de novo para outro, meus pés tropeçando no piso enquanto eu tentava evitar uma queda.

Kai. Como ele pôde fazer isso?

— Segure ela — ordenou quando Will agarrou a parte superior dos meus braços e me segurou de costas contra ele.

Meus braços e pernas estavam pesados, e minha cabeça estava rodando. Não conseguia respirar direito.

— Pare com isso — supliquei, lutando contra o agarre de Will.

Kai se ajoelhou à minha frente e olhou para cima quando suas mãos começaram a percorrer minhas pernas, lentamente, ao redor das minhas panturrilhas, e acima, pelas coxas.

— Não! — gritei, desesperada, esperneando com a pouca energia que me restava.

Mas ele chegou até os calcanhares, e os esfregou com tanta força que quase gritei de dor.

— Tenho que ter certeza de que está limpa — ele explicou em um tom de voz calmo.

— Saia de perto de mim! — berrei. — Onde está o Michael?

Girei a cabeça de um lado ao outro, olhando para as escadas e para todo lugar, mas não pude vê-lo.

Ele estava aqui. Ele tinha que estar.

Damon ficou parado atrás de Kai, observando-me, com a cabeça curvada para um lado, como se eu fosse um animal sendo dissecado à sua frente. Will me manteve de pé com seu corpo atrás, roçando a máscara contra o meu pescoço.

— Colocou alguma coisa escondida aqui? — Kai perguntou,

correndo a mão para cima e por dentro da minha coxa.

Mas pulei para frente, rosnando:

— Vá se foder!

Will riu, apertando os dedos ao redor dos meus braços e me puxando de volta para ele.

— Por que não tira as roupas dela? — Damon sugeriu. — Desse jeito vamos ter certeza.

— É isso aí — Will disse atrás de mim.

Tentei me esquivar na mesma hora, vendo Kai se colocar de pé. Os olhos escuros se pareciam a um abismo negro por trás da máscara.

— Vamos criar um clima primeiro. — Então ele tirou um controle remoto de dentro de seu moletom e o esticou, apertando um botão.

Pulei quando ouvi uma espécie de ruído motorizado, e então virei a cabeça, sentindo-me sacudir com meus soluços silenciosos quando vi as persianas de aço baixando sobre as janelas.

Agitei a cabeça, sem saber como fazer isso parar. Qualquer fresta de luz da lua que entrava pela janela se tornou cada vez menor e menor, o piso ficando cada vez mais escuro e escuro. A casa ficou num breu total, e vi quando Kai e Damon desapareceram à minha frente. O interior mergulhado em trevas. Minhas pernas começaram a tremer.

— Por que vocês estão fazendo isso? — exigi saber. — O que vocês querem?

— Por que vocês estão fazendo isso? — Will remedou a minha voz.

Então todos eles se juntaram ao coro.

— Por que vocês estão fazendo isso?

— Por que vocês estão fazendo isso?

— Eu não sei. Por que *estamos* fazendo isso? — Damon começou a rir.

Então gritei quando Will me enviou direto para os braços dele. Pelo menos, achava que era ele. Damon me pegou e pressionou o corpo contra o meu, espalmando minha bunda. Coloquei as mãos sobre seu peito e tentei esticar meus braços, grunhindo e sufocando com minha própria respiração, quando tentei me afastar dele.

— Tire as mãos de mim! — gritei, meu rosto queimando de tanto ódio.

Mas ele me girou ao redor e me empurrou contra outro par de braços. Tropecei no escuro, zozza e perdendo o equilíbrio.

O novo cara enlaçou os braços ao meu redor, e segurei um punhado de seu agasalho para me manter de pé. Bile chegou até minha garganta.

— O quê?! — Sufoquei, tentando não me derramar em

lágrimas. — O que vocês querem de mim?

— O que vocês querem de mim? — Kai debochou, sendo seguido pelos outros.

— O que vocês querem de mim?

— O que vocês querem de mim?

Então fui empurrada de novo, e mais um conjunto de braços me segurou.

— Parem! — gritei, levantando o braço e agarrando a lateral de sua máscara.

— Uhh, ela é fogosa! — Will zombou e me empurrou para mais alguém.

Minhas pernas ficaram moles e entreguei os pontos. Soluçando, enfiei as mãos por entre meu cabelo e curvei meus dedos, minhas unhas arranhando meu couro cabeludo com tanta força que senti arder a pele.

Curvei a cabeça para trás e gritei:

— Michael!

— Michael? — alguém gritou logo depois.

Então outra pessoa cantarolou:

— Michael, onde está voooooocê?

— Miii-chael! — um terceiro ressoou, a voz ecoando pelas escadas e pelo hall.

— Não acho que ele vá aparecer!

— Ou talvez ele já esteja aqui! — Will debochou.

— Parem com isso! — vociferei. — Por que vocês estão fazendo isso?

Uma cabeça cutucou minha orelha, fazendo-me pular.

— Acerto de contas — ele disse em um sussurro áspero.

— Uma pequena vingança — Will emendou.

— E restituição pelo tempo atrás das grades — Kai terminou.

Lágrimas desciam pelo meu rosto. *Do que eles estavam falando?*

Onde Michael estava?

Mas então alguém agarrou meus quadris por trás e me puxou contra seu corpo, os braços enlaçando minha cintura.

— Você nos pertence, Rika — ele suspirou contra meu ouvido. — É isto que está acontecendo.

Meus olhos arregalaram, e fogo se espalhou pela minha barriga quando o desespero tomou conta.

Era a voz de Michael. *Não.*

— Você é propriedade dos Cavaleiros agora — ouvi Kai dizer —, e se quiser dinheiro para poder comer, terá que ser tão boazinha para nós, como foi para o Michael no final de semana passado.

— Ele disse que até que você foi uma trepada decente — Damon zombou —, mas vamos ter que tomar você para equiparar.

— Com algum treinamento! — Will se gabou, divertimento doentio em sua voz.

— Só que você não vai gostar — Kai rosou ao meu lado. — Isso eu posso te prometer.

— E se você quiser dinheiro para a faculdade, ou para o aluguel — Damon ameaçou —, bom, então é melhor ser bastante satisfatória.

Encurvei-me para frente, sentindo mal. Eu queria morrer.

Mas que porra?

— Ei, o que vamos fazer quando a gente se cansar dela? — Will perguntou para alguém à minha direita. — Não podemos pagá-la por nada, não é?

— É claro que não.

— Acho que podemos passá-la adiante — Will sugeriu. — Nós temos vários amigos.

— É mesmo, porra — Damon interveio. — Meu pai gosta das novinhas.

— Ele costumava te dar os restos — Kai brincou. — Agora você pode retribuir o favor.

Os braços de Michael se apertaram ao meu redor, e me contorci, tentando segurar o vômito.

Levantei meu antebraço, segurando o punho da adaga.

— Vamos lá, Rika — alguém gemeu, segurando meus braços.

E dei um grito de dor quando fui arremessada pelo chão, meu ombro atingindo o mármore com tanta força que perdi o fôlego.

— Damon! — Ouvi uma voz grossa rosar.

Meu rosto estava molhado, meus dois sapatos haviam desaparecido, e comecei a tossir e me engasgar enquanto tentava me virar para ver o que estava acontecendo.

Mas então um corpo enorme desabou sobre o meu, e me atrapalhei, tentando afastá-lo de mim para rastejar para trás. No entanto, estava presa. A boca dele estava em meu pescoço, e sua mão debaixo da minha bunda à medida que se esfregava contra mim.

— Você sabia que uma hora ou outra isso aconteceria entre nós dois — Damon ofegou, mordendo minha orelha e tentando abrir minhas pernas com sua outra mão. — Abra as pernas, gata.

Gritei, minha garganta em carne-viva quando berrei com tudo o que tinha.

Levantei os braços entre nós, alcancei o punhal e o retirei do meu braço. Colocando um pouco abaixo, ao meu lado, dei um solavanco e o afundei na lateral de seu torso.

— Ai, merda! — ele uivou, afastando as mãos de mim e se jogando para trás. — Porra! Caralho! Ela me esfaqueou!

Consegui me arrastar usando as pernas e mãos o mais rápido que podia, para me afastar para longe deles. A lâmina se soltou dos

meus dedos, e minha camiseta estava pendurada nos braços, deixando-me apenas em minha regata. Girei e consegui me levantar.

E corri.

Não olhei para trás, e não hesitei nem por um instante. Fugi pela casa, entrei no solário e abri as portas, mergulhando na escuridão da noite. Meu coração martelava contra o peito e chegava a doer, e senti-me observada quando cheguei à grama e disparei pelo imenso jardim em direção às árvores.

Algo úmido revestia minha camiseta, mas não precisava olhar para baixo para saber que se tratava de sangue.

Gotas de chuva acertavam minha pele, meus pés deslizando pela grama molhada, e cheguei a cair de joelhos algumas vezes enquanto fugia. Não fazia a menor ideia para onde estava indo.

Minha mãe estava em perigo e eu não tinha dinheiro. A quem deveria recorrer?

O barracão de ferramentas do jardim estava logo à frente, e desacelerei meus passos, de repente sentindo o peso do desespero tomar tudo o que me havia restado.

Minha mãe.

Eles tinham uma imensa quantidade de dinheiro e poder para encobrir tudo isso. Não havia vídeos de seus feitos, dessa vez, para que fossem presos.

Eu nunca encontraria minha mãe, e nunca recuperaria o que meu pai me deixou. Michael não estava nem aí para o pai dele ou Trevor. Ele não daria ouvidos a eles quando eles voltassem, em algum momento, e até lá, talvez fosse tarde demais para a minha mãe.

Não havia para onde ir. Não havia ninguém que pudesse me ajudar.

Passando as mãos para cima e para baixo em meu rosto, limpei as lágrimas, querendo gritar de raiva.

O que eu deveria fazer? Achar um telefone e ligar para Noah? A única pessoa que provavelmente conseguiria fazer contato?

E aí, o quê? Para onde eu iria? Como conseguiria encontrar minha mãe?

Não havia ninguém para me ajudar.

Não havia ninguém além de mim mesma. *Você não é uma vítima.* As palavras dele vieram até mim, *e não sou seu salvador.*

Dei a volta e olhei para a casa, vendo as luzes de dentro agora acesas. Eles estavam lá.

E uma vez... eu fui um deles. Uma vez, fugi ao lado deles, passei um tempo com eles e fiquei ao lado deles. Eu não era uma vítima, e agora tinha a atenção deles. Aprendi a lutar.

Agora era comigo, e não facilitaria para o lado deles e também não fugiria.

Jamais fugiria.
Eu fui feita para isto.

Capítulo 20

Michael

Dias atuais...

— PORRA! — DAMON ROSNOU. — ACHEI QUE VOCÊ A TIVESSE VERIFICADO, CARA!

— Entre logo nessa cozinha! — Kai ladrou. — Puta que pariu.

Fiquei parado no patamar das escadas, meus braços cruzados sobre o peito e a máscara branca em cima da mesinha ao meu lado. Observando, pela janela, o imenso gramado e a pequena cabana praticamente escondida no meio das árvores.

Ela estava lá.

Eu sabia que ela não iria longe. Rika era uma garota esperta. Estava assustada e no modo de sobrevivência, mas não era estúpida.

Depois que saiu correndo, pegamos Damon caído no chão e o colocamos sentado em uma cadeira. Subi as persianas para que a luz da lua invadissem a casa outra vez, e então subi para observá-la correr.

Ela fugiu pelo gramado, desaparecendo por entre as árvores, mas não iria embora. Só havia penhascos lá atrás, e nada além de uma imensa queda para o maldito Oceano Atlântico. Ela estava descalça, com frio, sozinha e sem um celular.

O que ela ia fazer?

E naquele exato instante, devia estar chegando à mesma conclusão.

— Eu vou buscá-la — Kai parou ao meu lado, ofegante.

Mas apenas acenei uma negativa.

— Vamos deixá-la. Ela não tem para onde ir.

— Só se ela for louca para voltar aqui! — ele explodiu. — Depois de todo o terror que a fizemos passar?

— Acalme-se — falei, irritado. — Eu a conheço melhor do que você.

Pelo canto do olho vi que estava sacudindo a cabeça. Ele abaixou o tom de voz, mas eu podia perceber que ainda soava áspero.

— Michael, ela pode dar um jeito de arranjar um telefone — salientou —, ligar para um amigo, e uma hora ou outra, conseguir fazer contato com seus pais. O dinheiro não é incentivo suficiente para deixá-la mansa. Nós a subestimamos.

Suspirei, irritado, e estiquei o braço por cima do meu agasalho para retirá-lo, juntamente com a camiseta, largando tudo no chão. Uma camada de suor cobria minhas costas.

— Se ela não voltar — eu disse —, então ter o dinheiro terá que ser o suficiente para que você e os caras aceitem que perdemos. Nós

combinamos que ela precisava concordar com tudo isso.

Continuei olhando pela janela, meu coração quase saindo pela garganta e meu corpo fervendo.

Não volte, Rika. Eu sabia que ela não tinha para onde correr, mas queria que fugisse dali. Eu estraguei tudo. Não era para isso ter acontecido.

Nós faríamos com que ela fosse nossa. Era esse o plano. Faríamos ela sentir o mesmo que os caras sentiram quando ela destruiu a vida deles e nos separou. Ela estaria sozinha e descontrolada. Nós a faríamos sofrer.

Mas assim que Damon pulou em cima dela, cheguei até suas costas para arrancá-lo dali.

Eu não podia fazer isso. Não poderia deixar que eles a tivessem.

E então, quando ela o esfaqueou e fugiu, eu a deixei ir mesmo sabendo que ela não teria lugar nenhum para ficar. Sabia que ela se daria conta de que não havia outra saída, e que aquele fora apenas o fim do primeiro *round*.

Mas ainda tinha uma pequena esperança de que ela conseguisse escapar de nós. Que conseguiria dar um jeito de sair da propriedade ou se esconder em algum lugar até que eu desse um jeito nas coisas. Era impossível que eu continuasse esse jogo. Ela era minha.

— Ela vai voltar — eu disse a Kai.

— Como você pode ter tanta certeza?

Relanceei um olhar para ele e disse:

— Porque ela não consegue dizer não a um desafio. — E me virei outra vez, olhando pela janela. — Vá apenas checar qual é a gravidade do ferimento de Damon.

Ele hesitou por um momento, como se estivesse indeciso do que fazer, mas desceu as escadas.

— Filha da puta! — Damon vociferou no andar de baixo, e ouvi o som de pratos se quebrando.

Nem me incomodei em disfarçar meu sorriso. Eu não podia acreditar que ela havia escondido uma arma. Fiquei satisfeito por ter dado o punhal para ela, no fim das contas.

Fechei os olhos e passei a mão pela cabeça. O que diabos ia fazer?

Como conseguiria impedi-los?

Dando a volta, desci as escadas, avistando as gotas do sangue de Damon pelo chão, no caminho para a cozinha.

— Vocês não vão tirar as minhas coisas assim tão fácil! — Um grito agudo soou pela casa, e parei ao reconhecer a voz de Rika.

O som era estático e distante.

— Eu não vou aí fora para pegar você. — Ouvi Will rosnar assim que parei do lado de fora da cozinha.

Cerrei os punhos. *O interfone*. Ele a havia descoberto.

Cada sala na mansão, inclusive o barracão, tinha um interfone. Ele deve ter chegado à mesma conclusão que eu. Ela não tinha mais nenhum lugar para correr.

— Ah, sim, você vai! — ela rosnou de volta, o provocando. — Você é o cachorro do bando. Venha me pegar, cachorrinho!

Não pude evitar meu sorriso. *Boa garota*.

— Sua vagabunda idiota do caralho! — Will ladrou. Era óbvio que ele estava frustrado. Ele nunca chegou a ser cruel.

Até que foi.

Mas então outra voz soou, calma e ameaçadora:

— Eu vou te pegar, Rika — Damon zombou. — E quero meu sangue de volta!

Rangi os dentes.

Ao entrar na cozinha, vi Kai abrindo e fechando as portas dos armários, provavelmente procurando o kit de primeiros-socorros; Damon segurava uma toalha na parte inferior esquerda de seu torso, inclinando-se contra a parede do interfone.

— Vou te fazer sangrar antes de deixarmos o barracão, Rika — avisou. — Não fuja.

Então ele se afastou e jogou a toalha no chão quando Will começou a colocar uma gaze enorme sobre seu ferimento.

Não era nada tão terrível – o sangue enchando a gaze aos poucos –, mas era uma ferida grande.

As mãos ensanguentadas de Will cuidavam de Damon, que estremeceu de dor. Ao mesmo tempo, ele acendeu um cigarro e deu uma longa tragada.

— Você não vai a lugar algum — eu disse a ele, andando até um armário e me abaixando para pegar o frasco de água oxigenada.

— Foda-se — Damon retrucou.

Ele empurrou Will, e arremessou o cigarro na pia, se virando para sair da cozinha, em direção ao solário.

Pulei o balcão e agarrei seu braço, jogando-o contra a parede. Ele se debateu, e imediatamente agarrei seu pescoço, imprensando seu corpo mais uma vez. Minha outra mão pressionava a gaze que cobria seu ferimento.

— Porra! — ele gritou, tentando afastar minhas mãos, mas impedi. — Saia de cima de mim!

— Nós fizemos um acordo.

— Você fez! — argumentou. — Eu vou rasgá-la ao meio.

Retorci meus lábios, cansado daquela merda. Ninguém encostaria um dedo nela a não ser que ela concordasse com nossos termos. Aquele foi o acordo que fizemos, mas agora foi tudo cancelado. Eu não concordava com mais nada.

— Nem sei por que você está aqui — zombou, tirando a minha mão de sobre o ferimento, mas sem se afastar. Ele virou a cabeça, falando com os outros: — Ele saiu impune, não ficou preso nem um dia sequer, então por que o envolvemos nisso?

Eu o analisei com meu olhar.

— Você acha que esses últimos três anos foram fáceis para mim? — acusei. — Fui eu que a deixei com raiva. Ela estava brava comigo naquela noite, e vocês todos pagaram o preço. Tive que olhar para a cara dela todos os dias... aquela puta mentirosa, manipuladora e vingativa, sentada a poucos centímetros na minha frente na mesa do jantar, e sabendo que era tudo minha culpa. — Virei a cabeça, olhando de um para o outro, e de volta para Damon: — Vocês são meus irmãos, mais do que família. Vocês ficaram presos, e tive que conviver com a culpa. Nós todos pagamos.

Eu o soltei e dei um passo para trás, vendo-o fazer uma careta.

Era como se eu tivesse uma dívida com eles. Eu a magoei naquela noite, afastando-a e sendo cruel, e por minha causa ela surtou. Ela estava com o celular, e postou os vídeos.

— Will, vá buscá-la — ordenei.

De jeito nenhum confiaria em Damon a sós com ela, naquele barracão.

Will foi até a porta e parou, olhando pelo vidro do solário.

— Ela já está vindo — ele disse, parecendo surpreso.

O quê? Dei um passo para o lado, olhando na mesma direção.

Porra.

A figura solitária vinha caminhando devagar pela grama, a cabeça erguida e os ombros para trás.

— Você estava certo — Kai disse ao meu lado, satisfeito.

Voltei para a cozinha enquanto os três continuavam com os olhos focados nela.

Agarrando a beirada do balcão, ouvi a porta abrir, e os três permanecerem plantados no chão, enquanto ela entrava calmamente, passando por eles. Ela desviou à direita, parando na entrada da cozinha, me encarando. O olhar firme quase conseguindo disfarçar a pitada de mágoa que pude ver neles.

Suas roupas estavam molhadas, deixando à vista o sutiã branco por baixo da regata.

— Onde está minha mãe? — perguntou.

Damon, Will e Kai se espalharam pela cozinha, ao redor dela.

— Foi por isso que você voltou? — questionei.

É claro que ela teria coragem de nos enfrentar por causa da mãe. Estávamos contando com isso.

— Não tenho medo de vocês — afirmou.

Assenti, cruzando os braços sobre o peito.

— Acho que você acredita nisso.

Olhando para ela, naquele momento, o cabelo úmido com gotas de chuva, o sangue de Damon em suas mãos e na parte inferior da regata, o olhar decidido, nunca tive mais certeza disso.

Não, ela não estava com medo. Ela havia entrado de cabeça. Era a dona da situação.

Corra ou jogue. Que se foda.

— Onde ela está? — insistiu.

— Você só terá respostas quando confessar.

— E se submeter — Will acrescentou.

— A quem? — disse, entredentes, encarando-o com um olhar feroz.

— A nós. — Ele se aproximou dela, olhos nos olhos. — A todos nós.

— Sua birra nos custou três anos, Rika — Kai acusou, mostrando os dentes. — E não foi um período fácil. Passamos fome, fomos ameaçados e vivemos uma vida miserável.

— E agora você vai sentir exatamente as mesmas coisas — Damon emendou, recostando-se na parede com uma mão sobre sua ferida, olhando-a com ódio.

Kai pairou sobre ela.

— Você vai aprender a se calar e olhar para baixo quando eu entrar em uma sala.

— E vai aprender a lutar e resistir, porque é assim que eu gosto — Damon continuou.

— Mas comigo — Will chegou bem perto, fazendo-a pular —, você vai querer.

Ela sacudiu a cabeça.

— Birra? Que birra? Não sei do que vocês estão falando.

— Você vem quando a chamarmos. — Damon recostou uma mão sobre o balcão, sentindo dor. — Você vai embora, quando mandarmos. E se nos obedecer, sua dívida conosco será paga. Sua mãe ficará a salvo, e você terá dinheiro para viver. Entendeu?

— Você nos pertence — Kai disse a ela. — Você nos deve, e já nos fez esperar por muito tempo.

— Estou devendo o quê? — gritou.

— Nós levamos você com a gente aquela noite — Will acusou. — Nós confiamos em você!

— Nunca confie em uma maldita mulher — Damon murmurou, recitando as palavras do pai, com certeza.

— E eu também devia confiar em vocês! — ela retrucou. — E o que vocês fizeram comigo?

Ela olhou para Damon, Will e Kai, e fiquei sem saber o que estava acontecendo.

— Do que ela está falando? — exige saber.

Mas Rika me ignorou, seguindo em frente:

— Vocês ficaram presos três anos? Bem, não lamento por isso — ela rosnou. — Vocês foderam tudo, mas pasmem, na verdade, tiveram que arcar com as consequências, até que enfim. Nunca estavam nem aí para as coisas. Não podem culpar ninguém, a não ser a si mesmos.

— Você não sabe de nada! — Kai berrou, bem na frente do seu rosto.

Ela balançou a cabeça, um sorriso vingativo em seus olhos.

— É mesmo? — Então olhou para Damon. — Você foi mandado para a cadeia por ter estuprado uma menor de idade. Winter Ashby, a filha do prefeito. O vídeo foi a prova disso. Não precisa explicar mais nada.

Fechei os olhos por um instante, lembrando-me da manhã em que os vídeos vieram à tona.

Acordei no Halloween, um dia depois da *Noite do Diabo*, e descobri que alguns dos nossos vídeos foram postados na internet para que a porra do mundo inteiro pudesse assistir.

O que, obviamente, levou meus amigos à prisão.

Em primeiro lugar, havia sido uma idiotice filmar tudo aquilo, mas sempre havíamos sido cuidadosos. Nós tínhamos um celular específico para usar naquelas noites, quando tocávamos o terror na cidade, e queríamos manter uma lembrancinha. E, naquele tempo, acreditávamos ser intocáveis.

Winter Ashby havia sido uma das conquistas de Damon. Foi ela quem o levou para a cama, na noite anterior, mas ela era menor de idade, e o pai dela, tão poderoso quanto nossos pais.

E ele odiava a família do Damon.

O que deve tê-lo motivado, para início de conversa, na perseguição à garota.

De jeito nenhum o pai dela retiraria a queixa. Ele viu uma oportunidade de derrubar um Torrance e aproveitou.

Olhei para ele, vendo-o sustentar uma expressão indiferente enquanto a encarava.

— Não tenho nada para explicar — ele disse, calmamente. — Você já sabe como eu sou. Eu me aproveitei de uma garota jovem, e nem sequer me lembro do rosto dela.

Rika entrecerrou os olhos, provavelmente esperando mais uma discussão, mas aquele não era o estilo de Damon. Ele não falava. Ele agia.

Então ela olhou para Will e Kai, prosseguindo:

— E vocês desceram a porrada em um policial. Quase o mataram. Eles o encontraram na beira da estrada.

Outro vídeo que havia surgido.

— Aquele policial — Will disse, invadindo seu espaço — era o irmão da Emory Scott. Um irmão mais velho e abusivo, e você está certíssima: eu espanquei aquele merda!

— Emory Scott? — Ela franziu o cenho.

— Sim — Kai acrescentou. — Nós ficamos sabendo disso um pouco antes, então o atacamos, e não estou nem aí para o que pensa. Fariamos tudo outra vez.

Rika conhecia Emory Scott – estudou com ela –, e ela devia se lembrar de Will incendiando o gazebo dela naquela noite. Ele a quis por muito tempo, então resolveu sacanear com ela para chamar sua atenção, mas quando descobriu que ela estava sendo abusada pelo irmão mais velho, ele, Damon e Kai deram uma surra nele.

E Damon havia filmado tudo no celular.

Infelizmente, os rostos dos três apareceram em algumas partes nos vídeos. Eu não estive lá, pois fiquei a maior parte do verão no acampamento da equipe do basquete.

Aquela manhã, depois da *Noite do Diabo*, acordei em um pesadelo. Minhas redes sociais estavam cheias de mensagens, posts, e novas matérias que já haviam saído online. De algum jeito, os vídeos de nossos celulares foram parar na internet durante a noite, e todo mundo num raio de milhares de quilômetros ficou sabendo sobre nós. Ou sobre meus amigos.

Não demorou muito e a polícia bateu às portas deles, algemando todos, e por mais que tenhamos nos livrado de uma porção de coisas, rapidamente percebemos que eles não voltariam tão cedo. Damon se fodeu por ter mexido com uma garota influente, e Kai e Will estavam ferrados, da mesma forma. Não se deve fazer mal a um tira, não importa o que aconteça.

Damon recebeu uma sentença de trinta e três meses por estupro, e Will e Kai pegaram vinte e oito meses por agressão.

E então... depois de tudo isso.... depois de ter feito parte de tudo, eu escapei sem nenhum arranhão.

Nenhum vídeo com a minha participação foi postado, e se tivesse sido, meu rosto não ficou visível em momento algum. Eu sempre mantinha minha máscara no lugar.

Não demorou muito para chegarmos à conclusão de quem havia feito o upload dos vídeos.

— Você nos traiu, porque o Michael te magoou aquela noite — Kai acusou —, mas realmente achou que não viríamos atrás de você?

Suas sobranceiras estavam franzidas, em confusão.

— Ser um traidor é uma coisa — Will emendou —, mas trair as pessoas que confiavam em você, foi imperdoável.

— Trair? — ela ofegou, e então olhou para mim, com uma

pergunta no olhar. — O quê...?

No entanto, Will continuou a dizer:

— Você vai ter que consertar as coisas — disse, imperativo. — E se não fizer isso, então talvez a gente tire sua mãe do buraco onde a enfiamos para que ela tome o seu lugar. Tenho certeza de que ela é uma boa trepada. Ela fsgou seu pai, afinal de contas.

Os olhos de Rika flamejaram e ela perdeu o controle.

Com um rugido, ela se jogou para frente, se chocando contra Will, esmurrando seu peito e fazendo com que ambos caíssem no chão.

Merda.

Quando ele caiu de bunda, dei a volta pelo balcão e a vi sentada em sua cintura, os punhos cerrados voando em direção ao rosto dele. Will ergueu as mãos, tentando se proteger de seu ataque.

— Porra! — ele gritou e balançou um braço e a jogou para o lado.

Antes que qualquer um dos dois tivesse a chance de atacar um ao outro outra vez, parei na frente dela, bloqueando ambos, e a levantei do chão.

Ela mostrou os dentes, fervendo de ódio, e tentou dar a volta por mim, mas a impedi, acenando com a cabeça.

Fixei meu olhar ao dela, percebendo a forma como ela recuou para longe de mim. Abaixei os olhos, cerrando os punhos. *Não posso machucá-la.* Não poderia fazer isso. Eu já não estava nem aí para o que ela tinha feito anos atrás ou porque ela o fez. Eu não confiava nela, mas eu...

Não podia machucá-la.

Virei e encarei meus amigos, mantendo-a atrás de mim.

— Puta que pariu! — Will vociferou quando Kai lhe estendeu a mão para ajudá-lo a se levantar.

Ele passou um dedo por baixo do nariz, depois de novo, e olhou para os dedos. Ele estava sangrando e seus olhos estavam marejados.

Damon ainda se mantinha no lugar ao lado do balcão, segurando um cigarro entre os dedos e soprando uma nuvem de fumaça.

Will fungou, um pouco de sangue manchando seu nariz, e se aproximou de mim.

— Sai da frente.

Mas apenas aprumei os ombros e continuei o encarando, sem me mover.

Ele me observou, sacudindo a cabeça em advertência.

— Michael, não faça isso.

Quando não saí do lugar, ele tentou alcançá-la por trás de mim, mas apoiei minhas mãos em seu peito e o empurrei para trás.

Eles só chegariam até ela por cima do meu cadáver.

— Você está escolhendo ela? — Kai acusou. — Depois de tudo? Ela vai te ferrar do mesmo jeito que fez com a gente. Nós também confiamos nela.

— Você confiou em mim? — ela explodiu, dando a volta e mantendo-se firme ao encará-los. — Eu era sua amiga? Você tem o costume de sequestrar seus amigos contra a vontade deles e levá-los para o meio do nada para se divertir?

Franzi meu rosto, sentindo o coração acelerar.

Então me virei para os meus amigos, perguntando:

— De que porra é essa que ela está falando?

Capítulo 21

Erika

Três anos atrás...

SAÍ CORRENDO DO ARMAZÉM.

Eu estava arrasada e lágrimas fluíam pelo meu rosto, provavelmente borrando a listra negra, mas não estava nem aí.

Como uma coisa podia ser tão maravilhosa em um minuto e tão horrível no outro?

Desci correndo as escadas, cruzando os braços para tentar me aquecer. Dei uma olhada na cabine onde os caras estavam sentados, mas não havia ninguém. Eles tinham ido embora?

Foram embora sem mim?

Tentei não parecer tão magoada com o fato de Kai, Will, e até mesmo Damon, terem me abandonado. Exatamente como Michael.

Andei até lá, vendo que meu agasalho ainda estava no mesmo lugar. Cerrei os dentes e o peguei, saindo fora da cabine em direção à porta de entrada.

— Babacas — rosnei em um sussurro.

Vesti o moletom, puxei o capuz sobre a cabeça e enfiei as mãos no bolso frontal. E parei. Minha mão tocou um objeto retangular e rígido. Quando o retirei do bolso, vi o celular que estive na mão de Will a noite toda. Aquele que ele usou para filmar os trotes que deram.

Dei uma olhada para trás, tentando descobrir como fazer para devolver. Mas então me toquei de como as mangas eram imensas, e que a barra do casaco batia no meio das minhas coxas.

Estava com o agasalho errado.

Arqueei uma sobancelha, enfiando o celular no bolso, e segui em direção ao estacionamento. Will deve ter pegado o meu por engano.

Ele teria sorte se eu não pegasse aquela porra de celular – e todas as recordações ali dentro – para jogar no lixo.

A chuva havia diminuído para uma garoa, mas o frio rastejou pelos meus ossos, e cheguei a pensar em ligar para a minha mãe para me buscar. No entanto, mudei de ideia na mesma hora. Não queria que ela se preocupasse comigo por estar fora de casa até tão tarde, já que ela pensava que eu dormiria nos Crist. E mais... não conseguia encarar ninguém agora. Eu precisava andar e ficar sozinha.

Ele quase foi meu.

Quando ele me seguiu para o andar de cima, do jeito que esperei que fizesse, senti a antecipação de seu toque por todo o tempo. Supliquei por isso em minha mente.

Apenas um toque, e saberia que ele me queria tanto quanto eu o queria, e então poderia ser feliz. E então sua mão envolveu meu pescoço, e ele me puxou contra seu peito, e eu era dele. Estava feito. Agora eu sabia, e não havia volta. Não havia como parar.

Por que ele tinha que arruinar tudo?

Ele me disse nas catacumbas que queria algo que não poderia ter. Queria viver sem regras e desafiar as expectativas de qualquer pessoa, e o que ele fez? Exatamente o oposto. Ele amarrou minhas mãos e as dele.

Permitiu que o medo de seu pai e a ameaça de seu irmão nos segurasse, e o que era pior, ele queria me colocar dentro das mesmas restrições das quais estava tentando se livrar.

Eu não queria tudo planejado. Michael não era assim, e eu também não. Queria a emoção e os jogos, o drama e as brigas, a paixão e anseio.

Queria deixá-lo frustrado pra caralho e depois levá-lo à loucura, mas não poderia fazer isso se ele resolvesse controlar tudo.

Queria que tudo ficasse fora de controle, porque não tínhamos nenhuma escolha a não ser entrar de cabeça.

Mas aquilo teve uma curta duração. Ele se afastou, se conteve, e ditou as regras...

Regras, porra? Como ele podia fazer aquilo? Não éramos assim. Nós não deveríamos nos importar com o que os outros pensassem, e não pediríamos permissão.

E no período de sessenta segundos, deixei de ser a garota que fazia seu coração bater e me senti como nada mais que seu brinquedinho, influenciável e sem importância. Eu sabia que alguém como Michael Crist não seria celibatário por um ano, esperando que eu fizesse dezoito. Sabia que ele me queria. Senti o quanto assim que ele começou a se esfregar entre minhas pernas.

Mas só porque ele não se permitiu me possuir, não significava que se privaria disso. Eu não era tão ingênua.

Amanhã ele fingiria que não me conhecia, e seria como se esta noite nunca tivesse acontecido. Eu desejaria ser invisível para ele, e mesmo que não fosse, me sentiria constrangida ao seu redor.

Abaixei a cabeça, mechas do meu cabelo se derramaram para fora do capuz à medida que caminhava pela estrada deserta, o asfalto brilhando com a luz da lua.

Eu já sentia a falta dele. E o odiava.

Alguém buzinou atrás de mim, e pulei de susto para fora da pista, meu coração saltando no peito da mesma maneira.

Parei ao ver a Mercedes Class G de Michael, e esperei quando o carro encostou perto de mim.

Damon estava ao volante.

— Vamos — ele disse. — Entra aí. Vamos te levar em casa.

Dei um passo para trás, vendo Kai no banco do passageiro, usando a máscara. Will estava sentado atrás, esparramado e a dois segundos de apagar. Não vi Michael.

Neguei com a cabeça.

— Não é assim tão longe. Estou bem.

Virei-me para continuar a andar, mas Damon me chamou:

— Michael mandou a gente te deixar em casa. Não estou nem aí para o que está acontecendo entre vocês dois, mas não vamos deixar você voltar a pé. Entra aí.

Parando na pista, olhei à frente para a noite escura como um breu. Sabia que ainda teria que andar cerca de dez quilômetros. Então eles não haviam me abandonado, afinal de contas?

Minha raiva diminuiu. Meu orgulho podia estar ferido, mas isso não era desculpa para ser burra. Desviei o olhar para que ele não visse como eu estava grata, e abri a porta de trás, sentando-me no lugar de sempre. Damon pisou o pé no acelerador, acelerando pela estrada enquanto *Feed the Fire*, do Combichrist, tocava no rádio.

Olhei de lado para Kai, tentando descobrir por que ele estava usando a máscara e com o capuz abaixado, tão quieto. Dando uma olhada de relance em Will, notei que suas pálpebras estavam semicerradas enquanto ele se recostava contra o apoio de cabeça do banco. Ao olhar para frente, outra vez, deparei-me com Damon me encarando pelo espelho retrovisor.

— Por que você está de máscara? — perguntei a Kai.

Mas foi Damon quem respondeu:

— A noite ainda não acabou. — Seu tom era provocante.

Na mesma hora uma inquietação tomou conta do meu peito.

Continuamos pela estrada deserta, chegando cada vez mais perto da minha casa, então afastei minha apreensão. Eles deviam estar indo para algum outro lugar, atrás de diversão, mas me deixariam em casa. Damon sempre foi meio bizarro. Eu só estava nervosa.

— Você o quer, não é? — Damon manteve os olhos na pista. — Estou falando do Michael.

Fiquei em silêncio, cerrando minha mandíbula e focando meu olhar para fora da janela. Damon não tinha interesse em saber coisa alguma, a não ser me sacanear, e mesmo que estivesse apenas batendo papo, eu não tinha intenção nenhuma de confessar para os amigos de Michael o papel de idiota que havia feito.

— Merda — Will gemeu, o corpo exausto oscilando dentro do carro. — Ela está pronta para montar em uma cerca com o tamanho do tesão que sente por ele.

Os dois começaram a rir, e estreitei meu olhar, tentando ficar quieta. Eles estavam rindo de mim.

— Não seja um babaca, cara — Damon debochou. — Talvez ela só esteja com tesão, ponto final. As vadias também têm necessidades, afinal.

Will riu baixinho, e me sentei congelada no lugar, esperando ver minha casa em breve. Que diabos estava acontecendo? Eles não agiam dessa forma quando Michael estava perto, e por que Kai não estava intervindo da mesma forma que fez em todas as vezes que Damon saiu da linha hoje?

— Só estamos te zoando — Will arrastou as palavras. — A gente faz isso um com o outro também.

Eu me virei para ele e o vi com um sorriso preguiçoso nos lábios, antes de fechar os olhos.

— Sabe, o problema do Michael... — Damon continuou, recostando a cabeça no banco. — É que ele quer você também. Ele te observa. Você sabia disso? — Ele me olhou outra vez pelo espelho central. — Cara, a expressão no rosto dele quando te viu dançar hoje à noite...

No entanto, já não prestava atenção mais em suas palavras. Olhei duas vezes para trás, endireitando-me no lugar e arregalando os olhos.

Mas que porra? Os postes de iluminação da minha casa e do meu portão passaram como um borrão pela janela, e balancei a cabeça, aterrorizada e sentindo me contorcer de nervosismo. Eles passaram pela minha casa.

— Isso mesmo... — Damon prosseguiu. — Ele nunca olhou para uma garota daquele jeito. Tenho certeza de que estava bem perto de te levar para casa e tirar sua virgindade.

Comecei a hiperventilar.

— Kai? — chamei. — Nós passamos da minha casa. O que está acontecendo?

— Você quer saber por que ele não te levou para casa? — Damon me interrompeu, mantendo o seu monólogo.

Então a trava das portas acionou, e ofeguei quando tentei mexer na maçaneta. Dei uma olhada para Will, que estava com a cabeça tombada para frente. Ele tinha apagado.

— Ele não gosta de virgens — Damon concluiu. — Nunca quis ter esse tipo de importância na vida de uma pessoa, e é muito menos complicado foder pessoas que sabem diferenciar sexo de amor.

— Para onde estamos indo? — exigi saber.

Mas ele ignorou a minha pergunta.

— Você viu aquela garota lá na catedral hoje — provocou. — Você gostou de assistir, não é?

Respirei fundo, sentindo a boca seca quando pegou uma estrada de cascalho.

— Você queria estar no lugar dela — ele afirmou. — Queria ter sido empurrada naquele chão e ser fodida...

Meus olhos ardiam, e eu quase não conseguia respirar. Meu coração trovejava no peito.

— E sabe por quê? — continuou. — Porque é muito gostoso. E nós vamos fazer você curtir se quiser.

Desviei o olhar para Kai, incapaz de controlar meus tremores. Por que ele estava tão quieto?

Ele não permitiria aquilo. *Por favor.*

— Você sabia — Damon insistiu — que quando caras deixam uma garota fazer parte da gangue, há duas maneiras de ela ser iniciada?

Ele encostou o carro até parar, e olhei pelo para-brisa, vendo os faróis iluminando as árvores à frente. Não havia nada ali e nenhuma outra fonte de iluminação. Estava completamente escuro e isolado.

— Ou ela entra depois de uma surra. — Ele desligou a ignição, apagou os faróis e me encarou com seus olhos escuros através do retrovisor. — Ou depois de ser fodida.

Balancei a cabeça em desespero, cerrando os punhos.

— Eu quero ir para casa.

Ele inspirou profundamente pelos dentes cerrados.

— Esta não é uma opção, monstinha.

Então ele e Kai, ao mesmo tempo, se viraram para trás e me prenderam com a força de seus olhares.

Não.

Na mesma hora puxei a maçaneta e comecei a sacudir uma e outra vez enquanto me tremia toda.

O que eles iam fazer?

— Podemos tomar o que queremos de você — Damon advertiu, abrindo sua porta. — Um após o outro, e ninguém vai acreditar em você, Rika.

E então desceu, e o observei através da minha janela quando parou do lado de fora da minha porta. Ele a abriu, e eu me desequilibrei, gritando quando me arrancou do carro.

Fechando a porta com um baque, ele me jogou contra a lataria e pressionou o corpo ao meu. Levantei as mãos tentando acertá-lo, mas ele segurou meus pulsos e prendeu meus braços ao lado do meu corpo.

— Nós somos intocáveis — atestou em uma voz baixa. — Podemos fazer o que quisermos.

Eu ofegava, apavorada, sentindo a queimação. Ele estava me imprensando contra o carro com muita força, e quase não conseguia enviar ar para os meus pulmões.

Kai chegou por trás de Damon, só agora tendo descido do

veículo. Ele me observava por trás de sua máscara prateada.

— Kai, por favor? — implorei pela sua ajuda.

Mas ele permaneceu lá parado, em silêncio.

— Ele não vai te ajudar — Damon ameaçou.

E então ele forçou minhas mãos acima da cabeça, prendendo-as na parte de cima do carro, me fazendo gritar de dor.

Ele chegou mais perto, sussurrando contra minha têmpora:

— Eu vou adorar cada segundo. — Deslizou a outra mão e apertou minha bunda, puxando-a contra seu pau. — Você sabe que quer cavalgar isso aqui...

— Damon — eu disse, afastando minha cabeça —, me leve para casa. Eu sei que você não vai me machucar.

— É mesmo? — Ficou cara a cara comigo, a boca roçando minha bochecha. — Então por que você sempre teve medo de mim?

Fiquei em silêncio, pois ele estava certo. Todas as vezes que via Damon vindo pelo corredor na escola, eu desviava o caminho para o outro lado. A única vez em que me vi sozinha com ele, na cozinha, quando tinha quatorze anos, saí na mesma hora.

Nunca havia trocado uma palavra com ele antes do dia de hoje, e estava certa em manter distância. Levou menos de um minuto para ele me intimidar na catedral esta tarde.

Mas tive esperanças.

Por um breve instante esta noite, quando estilhacei a vitrine da joalheria, e Damon me ofereceu um simples “obrigado”, pensei que ele fosse me ver de outra forma. Talvez até mesmo me respeitasse um pouquinho.

Ele segurou meus pulsos e continuou apalpando minha bunda enquanto deixava uma trilha de beijos desde o meu rosto até a minha orelha.

— Damon, não! — Balancei a cabeça, sentindo o medo me inundar quando tentei me soltar de seu agarre. — Me solta!

Mas então seus lábios tomaram os meus, pressionando contra os meus dentes, e a porra do corpo dele estava em todo lugar. Eu não conseguia me soltar, e mal podia respirar.

Torci a cabeça para me afastar, chorando:

— Socorro!

— Ele não te quer — Damon sussurrou, ignorando meus protestos ao espalmar a mão no meu seio, esfregando com brutalidade. — Mas nós, sim, Rika. Nós queremos você pra caralho. Ficar com a gente é como ter um cheque em branco, gata. Você pode ter o que quiser. — Então mordeu meu lábio. — Vamos lá...

Afastei a cabeça para o lado, para longe de seu toque.

— Eu nunca vou te querer! — rosnei.

Mas perdi o fôlego quando ele me puxou pelo casaco e me

arremessou direto nos braços de Kai.

— Kai — suspirei, meu coração acelerado quando me agarrei em seu moletom, encarando-o pelos buracos negros da máscara.

O que ele estava fazendo? Por que não estava me ajudando?

— Então talvez você o queira. — Ouvi Damon dizer.

Os braços de Kai se enrolaram ao meu redor e eu levantei as mãos, tentando afastá-lo de mim.

— Pare! — gritei e ergui a mão, batendo-a contra a máscara.

Mas tudo o que ouvi foram as risadas quando ele me girou e me empurrou para frente, me fazendo cair no chão.

Aterrissei em minhas mãos, sentindo a dor subir pelos meus braços, e dei uma olhada rápida avistando o celular que estava no bolso de Will – meu bolso –, alguns metros à frente. Deve ter caído quando fui jogada no chão.

As folhas úmidas e geladas cutucaram meus dedos quando os cravei na terra molhada. Meus joelhos estavam frios por conta do solo. Virei rapidamente, tentando manter um olho onde cada um deles estava, enquanto rastejei de costas para tentar pegar o telefone.

Kai e Damon estavam de pé a alguns metros, me observando, mas vi quando Kai se lançou na minha direção. Gritei quando me estiquei para tentar alcançar o aparelho.

No entanto, ele se jogou contra mim, fazendo-me perder o fôlego por completo quando desabou o peso todo no meu corpo.

— Você acha que pode me machucar, sua piranha? — sussurrou, asperamente, no meu ouvido.

— Saia de cima de mim! — gritei, apavorada.

Ele segurou um punhado do meu cabelo e gritou para Damon:

— Segure os braços dela!

— Não! — gritei, sentindo náuseas quando quase caí aos prantos. Desespero se espalhou pelo meu corpo, e comecei a empurrar e me debater contra ele. — Me larga!

Kai segurou meus pulsos e os levantou acima da minha cabeça.

Ai, meu Deus. Como ele podia fazer isso?

Com a outra mão, ele agarrou meu pescoço, mantendo-me quieta. Lágrimas desciam por todo o meu rosto.

Mas então uma voz grossa trespassou o ar:

— Chega.

Kai parou e virou a cabeça.

Continuei a me debater sob o peso de seu corpo, mas olhei por baixo da curva de seu braço para ver quem o tinha impedido de continuar.

Damon estava de pé logo atrás, os punhos cerrados ao lado e os olhos focados. Ele partiu para cima, arrancou Kai de cima de mim e jogou para o outro lado.

Então se debruçou e me puxou pelo moletom para eu ficar de pé.

— Pare de chorar — ordenou. — Nós não íamos te machucar, mas agora você sabe que podemos fazer isso.

Ele agarrou um punhado de cabelo na minha nuca, e engasguei quando ele me puxou para ele; o hálito cálido tocando meu rosto.

— Michael não te quer, e nem nós queremos. Você entendeu? Quero que você pare de nos observar e nos seguir como um cachorrinho patético implorando por atenção. — Ele me empurrou outra vez, desdém escrito em todo o seu rosto. — Arranje uma vida para você, porra, e fique longe de nós. Ninguém quer você.

Recuei alguns passos, olhando para os dois e pensando por que estavam fazendo isso.

Um cachorrinho patético. Era daquele jeito que Michael me via?

Meus olhos se encheram de lágrimas, mas antes que tivessem o prazer de me ver desabar, dei a volta e saí correndo. Fugi floresta adentro, em direção à minha casa o mais rápido que podia para me afastar deles.

Permiti que a dor das duas últimas horas se soltasse e quase não enxerguei por onde ia enquanto chorava por todo o caminho de volta.

Sozinha, onde ninguém mais pudesse ver.

Capítulo 22

Erika

Dias atuais...

— ELA ESTÁ MENTINDO.

Olhei para Kai, o olhar examinador sobre mim.

Michael se manteve parado, com os braços cruzados à frente, com um ar de indiferença.

— Kai estava comigo — ele afirmou. — Ele chegou à minha casa quase na mesma hora que eu. Ficamos bêbados enquanto assistíamos várias filmagens de jogos pelo resto da noite. Ele não teria tido tempo de te levar até o meio da porra da floresta.

Balancei a cabeça.

— Não. Não é verdade. Ele estava lá!

— Ela está inventando isso para salvar a própria pele — Damon zombou, dando um passo para perto dos amigos.

— Não me lembro de nada disso — Will acrescentou. — Estávamos no armazém e depois... nada. Eu estava bêbado pra cacete.

Michael desviou o olhar, balançando a cabeça com pesar.

— Apenas admita. Você vazou os vídeos e nós sabemos.

Meu coração afundou no peito.

— O quê? Vazei os vídeos? Você acha que... — Fiz uma pausa, olhando ao redor.

Nós confiamos em você...

Sua birra nos custou três anos...

Você nos deve, e já nos fez esperar por muito tempo.

Fechei os olhos, suspirando com força. Todo esse tempo eles pensaram que...

Olhei para os quatro outra vez.

— Vocês acham que *eu* postei os vídeos que os levaram à prisão? É por isso que estão fazendo isso?

Ai, meu Deus.

Michael se inclinou e agarrou o cabelo da minha nuca. Choringuei, suor se formando na minha testa.

— Você estava com o celular do Will — ele acusou.

No entanto, neguei com cabeça.

— Não fui eu! Eu nunca teria feito aquilo!

— O celular estava com você, porque você estava usando o moletom dele — ele argumentou. — Damon a viu com ele. Confesse!

— Sim! — gritei. — Sim, o telefone estava comigo, mas caiu do bolso do casaco na hora da briga com eles!

— Você não estava brigando com eles — ele rosnou, sua voz

agressiva. — Pare de mentir!

— Eu juro!

Ele me empurrou para longe e cravei as unhas nas palmas das minhas mãos. Nada daquilo fazia sentido.

— Você foi pega no flagra — Will disse. — Michael disse que Kai estava com ele. Isso prova que você está inventando tudo isso. Ele não estava lá.

Bati os punhos ao lado.

— Ele estava! Todos vocês, com exceção do Michael! Você estava desmaiado no carro, Damon estava me ameaçando e o Kai me agarrou. Quando eu o acertei, ele simplesmente riu e disse: *“você não pode me machucar. O diabo sempre me protege!”*. Vocês todos estavam lá, e o celular caiu quando fui jogada no chão!

— “O diabo sempre me protege”? — Kai repetiu, parecendo confuso. — Eu nunca disse isso antes. Nunca nem sequer ouvi isso antes.

Balancei a cabeça, fechando os olhos em desespero.

— Eu já.

Todo mundo parou e olhou para Michael.

— Meu pai — sussurrou, parecendo inquieto. — Ele diz isso.

Calor se espalhou pelo meu corpo exausto, e me obriguei a respirar fundo enquanto via Michael e Kai se entreolhando.

— Trevor — ele disse, baixinho.

O olhar de Kai endureceu e Will se esticou para tentar descobrir o que estava acontecendo.

Trevor?

Lembrei-me daquela noite. Trevor usando a máscara de Kai. Ele faria aquilo?

Michael olhou ao redor, encarando Damon.

— O quê? — disse, irritado.

— Will estava bêbado pra caralho — Michael o desafiou. — Mas você, não. Você a levou para o meio do nada ao invés de levá-la para casa, e sabia que era Trevor por baixo da máscara.

Damon soltou uma baforada de fumaça e apagou seu cigarro no balcão.

— Você está do lado dela?

— Você é o único que está mentindo para mim — Michael retrucou.

Ele balançou a cabeça quando todos se viraram para ele.

— Isto não muda nada.

Eles esperaram enquanto ele se mantinha ali parado, e olhei para ele, completamente entorpecida. Damon nunca fingiu ser meu amigo.

Eu não sentia nada.

Mas Trevor...?

Ele me fez de boba. Foi por isso que só sussurrou aquela noite, para que não reconhecesse sua voz.

Você acha que pode me machucar, sua piranha?

Todos estes anos estive alheia. Como ele deve ter gostado disso.

Damon forçou as pálpebras, parecendo entediado.

— Kai saiu logo depois de você naquela noite — ele disse para Michael. — Foi quando o Trevor apareceu. Estava procurando pela Rika, e não estava nem um pouco feliz. Alguém disse que ela estava com a gente, então ele foi lá para buscá-la.

Dei a volta e parei ao lado de Kai.

— Nós trocamos algumas palavras — Damon continuou —, mas então percebi que ambos podíamos nos ajudar. Ele queria Rika longe de nós, assim como eu. Nós decidimos sacanear com ela.

— Qual era o seu problema comigo? — exige saber.

— Você não tinha nada a ver com a gente. — Olhou para mim com uma careta. — As mulheres sempre complicam as merdas todas. Michael não conseguia tirar os olhos de cima de você, e Kai estava começando a fazer o mesmo.

O corpo de Kai retesou ao meu lado, e ele se remexeu, desconfortável.

— Era só uma questão de tempo até que você nos separasse — Damon disse com raiva. — A porra da sua boceta e nada mais.

Michael se atirou contra ele. Ele avançou e esmurrou o rosto dele, enviando-o de encontro ao fogão.

Apesar disso, ele não ergueu os punhos para revidar. Apenas ficou lá, piscando, confuso, com a respiração acelerada. Ou ele ainda estava sentindo muita dor por conta da ferida ou sabia que estava em desvantagem.

Ele engoliu em seco e se colocou de pé outra vez, como se nada tivesse acontecido.

— Nós fomos até o seu carro e pegamos as máscaras. Se ela pensasse que era o Kai, Will e eu, juntos, então ficaria tão aterrorizada que nunca mais ficaria à nossa volta de novo. Will estava bêbado como um gambá, então nós o colocamos no carro e fomos atrás dela, mas ela já tinha ido embora. Nós a pegamos na estrada.

— E você deixou meu moletom na cabine — Will ironizou —, junto com o celular.

— Que encontrei e vesti quando estava indo para casa — acrescentei.

Cristo.

— E o Trevor achou o telefone no chão quando ela o perdeu por conta da briga — Kai concluiu.

— Ela está dizendo isso — Damon disse, irritado. — Não

podemos confiar nela.

— Confio muito mais nela do que em você! — Michael berrou.

— Bem, foda-se — Damon rosnou. — Ela é uma boceta inútil e vou te mostrar exatamente para o quê ela serve!

Damon deu a volta na ilha central. Na mesma hora eu recuei, cerrando a mandíbula quando ele veio na minha direção, mas Michael deu um gancho de direita no rosto dele, enviando-o para o chão. Quando caiu, Michael pulou em cima dele, e agarrou um punhado do seu cabelo escuro, preparando-se para dar outro soco.

— Você está escolhendo ela? — Damon sufocou, tentando se esticar para segurar Michael pelo pescoço. — Hein? Você está escolhendo ela acima de seus amigos?

O punho de Michael foi direto em sua mandíbula, mas então Kai e Will foram para cima dele, tentando apartar a briga e tendo dificuldade em contê-lo.

O rosto de Damon ficou vermelho de raiva quando vociferou:

— Você não é melhor que ninguém! Por que a trouxemos aqui, hein? Ela não é ninguém! E está fazendo de você um homem fraco!

Michael avançou na direção dele outra vez, conseguindo se livrar de Will e Kai, mas não fiquei por ali para ver o que aconteceria a seguir.

Saí correndo da cozinha e pelo corredor. Chocando-me contra a parede ao lado da porta, abri o teclado numérico e comecei a digitar o código de segurança, destravando o portão de entrada. Peguei minhas chaves do meu bolso e fui em direção à porta, segurando a maçaneta para abrir. Mas então algo acertou a porta, e ofeguei de susto quando ela se fechou com um baque.

Virei a cabeça para trás e vi a bola de basquete quicando e rolando pelo chão. Ela havia sido usada para se chocar contra a porta.

— Você não vai embora. — A voz de Michael veio por trás de mim.

Estiquei a mão para abrir a porta outra vez, mas ele segurou meu braço, me girando para encará-lo.

— Me solta. — Tentei me soltar de seu agarre. — Eu não vou ficar aqui!

— Nós não vamos te machucar — ele disse, entredentes. Olhei para a mão que segurava meu braço e vi os nódulos de seus dedos ensanguentados. — Ninguém vai machucar você. Eu prometo.

— Me deixe sair!

Mas então endireitei o corpo, recuando quando olhei por cima de seu ombro e vi quem estava vindo por trás dele. Michael se virou, encarando Damon. Ele limpou o sangue que escorria de um lado de sua boca e veio em nossa direção.

— Dá o fora — Michael ordenou.

Damon fez uma careta para ele e depois fixou o olhar ao meu, agarrando a maçaneta da porta quando Michael me afastou para longe dele.

Ele me encarou e o que vi ali já não era o mesmo olhar vazio. Seu olhar me atravessou e quase me senti sufocar. Abrindo a porta com força, deixou a casa, batendo-a atrás de si.

Soltei o fôlego, desanimada.

Mas então senti uma carícia no meu rosto e ouvi a voz de Michael:

— Você está bem?

Eu me afastei e dei um tapa em sua mão.

— Vá se foder.

Ele abaixou a mão e endireitou o corpo, mantendo distância. Ele sabia que tinha ferrado com tudo. O que fizeram esta noite era imperdoável.

— Trevor do caralho — Will murmurou, chegando até nós. — Não consigo acreditar.

— Ele sempre odiou a gente — Kai emendou, vindo por trás dele.

Michael exalou um suspiro e se virou. Andando até as escadas, se sentou em um degrau e enterrou a cabeça entre as mãos, parecendo completamente derrotado.

Sim, devia ser uma merda perceber que passou três anos odiando a pessoa errada.

Arrepios percorreram minha pele, e o calor que ferveu meu sangue antes, agora já não existia. As roupas molhadas estavam grudadas, e comecei a tremer.

Todo esse tempo, achei que fosse insignificante para ele. Uma criança estúpida, que não era digna de sua atenção. Um erro que ele cometeu há tanto tempo que mal se lembrava. Mas agora sabia que, não somente isso não era verdade, como também havia passado três anos planejando me fazer sofrer?

E ele ia permitir que seus amigos fizessem o mesmo.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e cerrei os dentes, travando a mandíbula, para mantê-las sob controle. Ele não as merecia.

Dando um passo devagar até ele, exigi saber:

— Onde está a minha mãe?

Ele penteou o cabelo com os dedos e olhou para cima, com um ar cansado.

— Califórnia — ele disse. — Ela está em uma clínica de reabilitação em Malibu.

— O quê? — deixei escapar.

Reabilitação? Minha mãe nunca aceitaria isso. Ela não deixaria

o conforto e segurança de sua casa ou amigos. Ela não abandonaria o que lhe era familiar.

— Consegui que um juiz expedisse uma liminar, forçando-a a ficar — esclareceu, como se tivesse lido minha mente.

Aproximei-me um pouco mais, indagando-o com o olhar.

— Você a obrigou?

— O que todo mundo deveria ter feito há muito tempo — argumentou, a voz firme. — Ela está bem. Perfeitamente segura e bem-cuidada.

Virei a cabeça para o outro lado, fechando os olhos e passando uma mão pelo cabelo.

Reabilitação. Então eles não iam machucá-la.

Mas...

Mas se Michael queria me fazer sofrer — se pensou que eu o traí —, por que ele faria alguma coisa que no fundo ajudaria minha mãe? Por que não simplesmente trancá-la em um porão qualquer como cheguei a pensar?

Cruzei os braços à frente do corpo.

— Por que não consegui fazer contato com ninguém?

Agora eu sabia a razão de minha mãe estar incomunicável. Provavelmente eles não permitiam o uso de celular na clínica em que se encontrava. Mas a mãe de Michael, o celular do pai dele, Trevor, nossa governanta que estava fora da cidade...

— Porque, na verdade, você não estava ligando para ninguém — Michael admitiu, olhando para mim com uma expressão indiferente. — Durante a festa de Trevor, Will foi até o seu carro e pegou seu telefone, substituindo os números de todos os seus contatos. Você esteve ligando para números de telefones falsos que criamos.

Cerrei os punhos por baixo dos braços, e baixei o olhar, fervendo de ódio. Eu mal podia olhar para ele.

Como tudo isso aconteceu? Por que não me confrontaram muito antes?

— Tínhamos tanta certeza de que havia sido você — Will opinou. — Eu acordei, vi os vídeos online, e entrei em pânico quando percebi que tinha deixado o celular no moletom que esqueci no armazém.

Ele também mal podia olhar para mim.

— Aí Michael viu o agasalho pendurado na cadeira da cozinha na manhã seguinte, e nós finalmente descobrimos através do Damon que você o estava usando quando foi para casa. Você estava puta com o Michael, se sentindo rejeitada, então nós... nós só...

Ele parou, e nada mais precisava ser dito.

Olhei para Michael. *Todo esse tempo.* Todos esses anos ele não pôde me confrontar...

Mas ele era assim, acho. Ele seguia em frente, não importava a quem magoasse, sempre acreditando que estava certo e nunca pedindo desculpas. Pelo menos eu podia ver o arrependimento nos olhos de Kai e Will.

Com Michael, nada. Quanto mais erros ele cometia, mais alto tentava ficar, para que ninguém pudesse ver por cima dele. Para que ninguém pudesse ver nada além dele.

Balancei a cabeça, meus olhos ardendo enquanto o encarava.
Diga alguma coisa!

Como ele podia apenas ficar ali sentado depois de tudo que...?

Eu confiei nele – compartilhei coisas sobre mim mesma que nunca disse a ninguém –, e era isso o que se passava na cabeça dele todas as vezes que sussurrou no meu ouvido, me tocou, me beijou e me...?

Apertei os punhos com tanta força que minhas unhas se cravaram na pele.

— Eu quero ir embora — eu disse, sentindo o choro ainda preso na garganta.

— Não.

— Eu quero ir embora — repeti, endurecendo meu tom de voz.

— Você não pode. — Ele acenou. — Não faço a menor ideia para onde Damon foi. Todos nós vamos atrás dele na cidade, amanhã.

Rangi os dentes. *Malditos.*

Passei apressadamente por ele, subindo as escadas em direção ao meu quarto. Não suportava olhar para nenhum deles.

— Então, o que vamos fazer agora? — Ouvi Kai perguntar.

— Vamos encher a cara — Will suspirou.

Corri para o meu quarto, tranquei a porta e encaixei uma cadeira por baixo da maçaneta.

Capítulo 23

Erika

Dias atuais...

EU NÃO TINHA INTENÇÃO NENHUMA DE FICAR AQUI. NÃO ESTAVA NEM AÍ PARA suas desculpas. Queria minha vida de volta. E se achasse que corria perigo no meu apartamento, Alex morava do décimo sexto andar, então eu poderia ficar alguns dias lá, dormindo no sofá. Eu não estava segura *aqui*. E sabia disso.

Mas ao me debruçar sobre a pia do banheiro, sentindo meu corpo tremer pelas lágrimas não derramadas, levantei a cabeça e encarei meu reflexo no espelho. A regata molhada e manchada com o sangue de Damon se agarrava à minha pele, e meu cabelo pegajoso escorria pelas costas. O jeans úmido estava colado às coxas, enviando arrepios pelos meus ossos. Quando curvei os dedos na borda da pia, pude ver o sangue por baixo das unhas, tão entranhado que não consegui prestar atenção em mais nada.

Fechei os olhos, sentindo o ritmo do meu coração acelerar outra vez.

Eu reagi. Eu o feri.

E não havia fugido. Não como fiz três anos atrás, na floresta.

Não era fraca por estar sentindo medo. Mas ficar cabisbaixa e não falar nada, sim. O medo não era meu inimigo. Era meu professor.

Eu odiava Michael, e amanhã, depois de pegar de volta tudo o que me pertencia, sairia daqui. Delcour nunca mais, Meridian nunca mais, assim como Thunder Bay. Mal podia esperar para me livrar de tudo aquilo que só me trouxe sofrimento.

Trêmula e com frio, meus músculos exaustos por conta de tudo o que aconteceu essa noite, nem parei para pensar. Com calma, retirei a regata por cima da cabeça, arranquei todas as minhas roupas e as joguei no chão, antes de ligar o chuveiro.

Só alguns minutos.

Entreí no boxe e me sentei no piso de cor arenosa, logo abaixo do jato quente. Vapor preencheu o espaço confinado, e meu cabelo ficou encharcado na mesma hora, caindo pelas costas quando ergui a cabeça e deixei que a água se derramasse pelo meu rosto. Arrepios se espalhavam pelo meu corpo, e meu coração começou a se acalmar quando dobrei as pernas e abracei os joelhos, sentindo-me aquecer outra vez.

Michael.

Ele fez tudo isso. Ele estava no comando. Ele me mandou vir aqui, e por amor à minha mãe, eu vim.

Ele me encurralou, chantageou e me colocou nas mãos de seus amigos.

Eu o odeio.

Esfreguei meu corpo com força, lavando o cabelo e usando uma lixa para limpar o sangue debaixo das unhas. Saí do chuveiro, me vesti e conferi a porta do quarto novamente, só para ter certeza de que estava trancada antes de voltar ao banheiro para secar o cabelo.

Assim que desliguei o secador, percebi a vibração abaixo dos meus pés.

Agucei os ouvidos, escutando uma batida indistinta que vinha do andar inferior.

Aquilo era música?

Larguei o secador e fui em direção à minha porta. Recostei a orelha ali, ouvindo as batidas curtas e rápidas junto com alguns assovios.

Mas que porra?

Jogando a escova em cima da penteadeira, afastei a cadeira que usei para travar a porta e abri uma fresta.

A música alta me atingiu e pude ouvir o som de vozes e risadas. Muitas vozes e risadas.

Deixando a porta aberta, fui até a janela do quarto e dei uma olhada na entrada dos carros.

Estava abarrotada.

— Não dá para acreditar nisso — murmurei para mim mesma.

Dando a volta, saí em disparada pelo quarto e desci as escadas, dando de cara com um monte de gente.

Cerrei a mandíbula. *Mas que porra era essa?*

Algumas pessoas cheguei a reconhecer de duas turmas abaixo da minha, então ainda deviam estar no ensino médio, outras eram universitários que estavam passando o final de semana em casa, e outras eu não fazia a menor ideia. Talvez gente da cidade vizinha? Gente daqui?

Eles andavam ao redor com copos vermelhos, conversando e rindo, e alguns até chamaram meu nome para me cumprimentar, mas simplesmente os ignorei.

Andei por toda a casa, de sala em sala à procura de Michael. O porão e a sala de TV estavam entulhados de gente que eu sequer reconhecia, e não conseguia encontrar nenhum dos caras tanto na cozinha, quanto no terraço.

Avistei Alex conversando com dois rapazes na beira da piscina, mas não tive tempo de pensar em como ela conseguiu chegar aqui tão rápido.

Onde diabos Michael estava?

Na quadra.

Fui até a outra extremidade da mansão, já ouvindo os quiques da bola que vinham da enorme quadra interna de basquete.

Abrindo as portas duplas de supetão, ouvi os ruídos dos tênis contra o chão de madeira polida, assim como o eco que flutuava até o teto, com a batida da bola. Um monte de rapazes corria na quadra, sem camisa, e reconheci alguns deles. Estavam no último ano do colégio.

Olhei para o lado esquerdo, vendo a área acarpetada tomada de pufes e uma geladeira. Michael e Will estavam sentados em um sofá imenso, rodeados de garrafas e copos de bebidas na mesa à frente, enquanto Kai encontrava-se em uma poltrona estofada, longe de parecer descontraído. Seus cotovelos estavam apoiados nos joelhos, e ele segurava um copo vermelho entre os dedos.

Dirigi-me até lá, em total descrença com o que estava diante dos meus olhos.

Uma festa? Eles estavam se embebedando?

— É sério que isso está acontecendo? — eu disse, revoltada, parando na frente da mesa e com o olhar fixo em Michael.

Ele, por fim, levantou os olhos para mim, mas se manteve em silêncio.

— Vocês sequestraram a minha mãe — comecei —, incendiaram a minha casa, roubaram o meu dinheiro, me atraíram até aqui e depois me agrediram.

— Nós realmente sentimos muito — Will disse, parecendo sincero.

O quê?

Abri a boca para retrucar, mas estava chocada demais. Eu queria rir. Eles sentiam muito? Isso adiantaria alguma coisa para consertar as coisas?

Will se inclinou para frente e serviu uma dose de uma bebida alcoólica em um copo e o estendeu para mim.

— Você quer gelo na sua tequila? — perguntou em um tom gentil.

No entanto, bati a mão no copo fazendo-o voar pelos ares. A tequila se esparramou pelo carpete, fazendo duas garotas que estavam ali correrem para longe.

Olhei para Michael, sentindo-me ofegante.

— Amanhã você vai dar um jeito de colocar a minha mãe ao telefone para conversar comigo — exige. — Você vai me devolver cada centavo do meu dinheiro e contratar um empreiteiro para restaurar a minha casa, e será você que vai pagar pela obra! Você entendeu?

— Nós já íamos fazer isso — ele respondeu e me olhou atentamente. — Mas estou curioso. O que vai acontecer se não fizermos isso?

Enrijeci a coluna, cruzando os braços e curvando meus lábios, com ironia.

— Você já encontrou o celular? — perguntei. — Ainda deve haver um monte de vídeos lá, não é?

A expressão de Michael mudou ante a minha insinuação, e ele se sentou à frente no sofá, descansando os antebraços nos joelhos.

— Você está mentindo.

Levantei a mão, fingindo analisar minhas unhas.

— Talvez. — Dei de ombros. — Ou talvez eu saiba onde Trevor esconde as coisas que considera mais importantes. E talvez saiba o código para acessar isso, e talvez, posso apostar, se é que ele não destruiu o telefone, ele esteja em seu esconderijo especial. — Olhei para ele, sem esconder meu ar de divertimento. — E talvez, se não fizerem o que quero, eu não seja tão boazinha para abrir o cofre para vocês.

Raiva atravessou seu olhar, e tinha certeza de que ele estava perturbado. Eles achavam que o celular não existia mais. Acharam que estavam a salvo.

Mas pelo medo que vi em seus olhos, devia haver mais coisa ali dentro que poderia prejudicá-los.

Kai e Will pareciam congelados, o ar antes seguro, agora distante.

— Você está nos ameaçando? — Michael perguntou em um tom ameaçador.

— Não — respondi. — Isso foi o que vocês fizeram comigo. Estou apenas dando o troco.

Ele inspirou profundamente e se recostou outra vez.

— Beleza — disse a contragosto. — Mãe, casa, dinheiro. Fácil.

Então estalou os dedos para um grupo de garotas que estavam à sua esquerda, chamando uma delas. A loira usava um vestido azul apertado, tão curto que praticamente só cobria sua bunda, e saltitou ao redor, mordendo o lábio, tentando disfarçar o sorriso de satisfação quando Michael a puxou para o seu colo.

Meu coração apertou.

A mão dele se enrolou na cintura dela, puxando-a para perto, enquanto me olhava do mesmo jeito que fazia quando estávamos crescendo. Como se eu estivesse em seu caminho.

— Agora vá para cama — ordenou. — Já está tarde.

Fiquei tensa, como se esperasse por uma risada zombeteira de Will por conta do comentário, mas tanto ele quanto Kai ficaram calados, olhando para o chão.

Recusando-me a deixar que ele me visse vacilar, levantei a cabeça e me virei, saindo da quadra à medida que a mágoa e a raiva se afundavam em mim como se fossem uma âncora. Parecia um tijolo,

e o peso era demais para suportar. Eu não conseguia sentir mais.

Era muito.

Eu havia sido aterrorizada aquela noite sem ter culpa alguma, e além de nem mesmo ter se desculpado, ele estava fazendo de tudo para me magoar mais ainda.

Ele não sentia nada?

Passsei por todas aquelas pessoas farreando e subi as escadas às pressas em direção à solidão do meu quarto.

Eu queria ir embora.

Não estava nem aí para o dinheiro ou a casa. Eles deviam ter vindo atrás de mim, implorando para corrigir as coisas.

Uma batida soou à porta.

— Rika?

Levantei a cabeça, ouvindo a voz de Kai e a sombra de seu corpo na fresta inferior da porta.

— Rika — chamou, batendo novamente. — Abra a porta.

O pulso no meu pescoço latejava. Fiquei de pé e fui até a porta, girando a maçaneta para ter certeza de que estava trancada.

— Fique longe de mim, Kai.

— Rika, por favor — implorou. — Não vou te machucar. Eu prometo.

Balancei a cabeça. *Não ia me machucar. Você quer dizer mais do que já fez?*

Girando a chave, abri a porta e vi Kai ali parado, sombrio e alto, vestido em jeans e uma camiseta cinza. As sobrelanceiras estavam franzidas, e seu olhar aflito.

— Você está bem? — perguntou, parecendo tímido.

— Não.

— Eu não vou te tocar — prometeu. — Eu queria te fazer sofrer, porque pensei que tivesse me prejudicado, e agora sei que isso não é verdade...

— E isso melhora a situação? — Eu o encarei, com raiva. — O estresse e o medo que me fizeram passar?

— Não — apressou-se em dizer. — Eu só...

Ele abaixou a cabeça, como se não conseguisse encontrar as palavras. Parecia exausto.

— Eu só não sei mais quem sou — praticamente sussurrou.

Soltei a maçaneta, surpresa com o que ele disse. Era a primeira vez que um deles era honesto comigo, sem joguinhos.

Eu me virei e caminhei até a cama, sentando-me na beirada do colchão. Kai entrou no meu quarto, preenchendo todo o espaço da moldura da porta, encobrindo a luz do corredor.

— Aquela noite, três anos atrás... — falei, suavemente — Eu me senti tão viva. Eu precisava da desordem e da fúria, e vocês pareciam

desejar o mesmo. Foi maravilhoso não me sentir tão sozinha mais.

Meus olhos marejaram, ao me lembrar de como, por pelo menos um pouquinho, me senti pertencer a algum lugar.

— Sinto muito, Rika. Nós devíamos ter feito o Michael tirar a história a limpo com você anos atrás. — Suspirou com força e passou a mão pelo cabelo. — A sua casa... meu Deus — disse, como se só agora se desse conta da dimensão do que fizeram.

Segurei o cobertor com força, ao meu lado, e encarei o carpete. Bom, recebi pelo menos um pedido de desculpas. Dei de ombros, tentando transmitir algum consolo.

— Com você na cadeia e sem ter como confirmar que não estava usando aquela máscara ao invés de Trevor, nós nunca teríamos como saber o que realmente havia acontecido.

Não sabia por que estava tentando fazê-lo se sentir melhor. No entanto, se Michael tivesse vindo tirar satisfações comigo, seria a minha palavra contra a de Damon, e já que eu estava com o moletom, fazia sentido que ele acreditasse no amigo.

Mas ainda assim ele não me confrontou. O que esperavam ganhar com aquela vingança, além da satisfação de torturar alguém? Eles ganhariam alguma coisa, mudariam o que aconteceu ou seguiriam em frente? Será que a vida deles havia se tornado tão insignificante na cadeia?

Kai puxou a cadeira da minha escrivaninha e se sentou, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Eu estava com raiva de você — confessou. — No início, estava com muita raiva quando pensei que você tinha nos dedurado. Mas eu não era vingativo. Nunca faria algo desse tipo.

Ele parou e encarou o vazio, e por um instante, era como se estivesse em outro lugar.

— As coisas mudaram — ele disse em um tom de voz baixo e sombrio.

Fui imediatamente atraída pelo olhar ausente, e entrecerrei as pálpebras.

O que havia mudado quando ele estava longe?

— Nunca imaginei que as pessoas pudessem ser tão horríveis — ele disse. — Prefiro morrer a voltar para aquele lugar.

Congelei, querendo saber sobre o que ele estava falando, mas eu sabia que não devia me importar. Ele estava se referindo à prisão, tinha certeza, e sabia que deve ter sido difícil. Difícil o suficiente para transformar sua raiva em vingança.

Encarei aqueles olhos cansados, uma vez tão cheios de vida, e desejei que não parasse de falar. Michael nunca me disse nada – nunca se abriu –, e eu estava curiosa.

— Você está bem? — perguntei.

No entanto, ele não respondeu, e o vi se distanciar para cada vez mais longe.

Ficando de pé, fui em sua direção e me ajoelhei diante dele.

— Kai? — chamei, tentando encontrar seu olhar. — Você está bem?

Ele piscou, e odiei ver a devastação em seu rosto.

— Não — sussurrou.

Ele nem sequer conseguia olhar para mim. Que diabos havia acontecido com ele?

Ele hesitou por um instante, como se estivesse pensando, e então continuou:

— Damon perdeu o pouco coração que tinha — explicou. — As pessoas, os problemas... quase não arranham mais a sua superfície. Ele não se importa com nada mais. — Passou uma mão pelo cabelo preto, segurando uma mecha em seu punho. — Will deu um jeito de superar através do álcool e outras coisas, e eu... eu não quero estar perto de ninguém, a não ser dos caras. Nem mesmo minha família. Eles não entenderiam.

— Entenderiam o quê?

Seu peito sacudiu com uma risada amarga.

— Quisera eu saber, Rika. Eu só não consigo deixar mais ninguém se aproximar. Não toco em uma mulher há três anos.

Três anos? Mas ele estava solto há meses. Ninguém naquele tempo todo?

— Michael pagou os guardas para nos manterem seguros lá dentro, mas ele não tinha como nos proteger de tudo — continuou. — Ele viu Will piorar a cada dia, e eu me retrair mais ainda. Ele estava impotente para fazer qualquer coisa, e se sentiu culpado. Culpado porque achou que por causa dele você ficou puta. Culpado porque ele estava livre. — Respirou profundamente e disse: — Ele elaborou o plano. Algo que nos deixasse de cabeça-quente e furiosos. Algo para nos manter lutando. E quando nos demos conta, isso passou a consumir cada momento enquanto estávamos lá.

Então ele levantou a cabeça e nossos olhares se encontraram.

— Eu sinto muito.

Suspirei audivelmente, enxergando a verdade ali. *Eu sei.*

Estendendo a mão, ele passou os dedos pela minha bochecha, afastando algumas mechas de cabelo.

— Não fui capaz de falar sobre isso com ninguém — admitiu. — Por que tinha que ser com a pessoa que eu mais odiava até esta manhã?

Não consegui evitar. Acabei dando um sorriso tímido e segurei a mão que estava em meu rosto, entre as minhas. Kai era fora do comum. Exatamente como Michael, ele era brilhante. Ele era um dos

mocinhos. Mas agora havia certa escuridão, também. A rixa dele comigo pode ter até acabado, mas ainda havia algo fermentando ali dentro.

A luz que vinha do corredor, de repente, desapareceu, e quando Kai e eu viramos a cabeça, vimos a sombra de alguém cobrir a entrada.

— Eu mandei você dormir.

Michael.

Soltei a mão de Kai e me levantei, os cantos dos meus lábios se curvando levemente.

— Não, você me mandou vir para cama. E talvez era o que estava prestes a fazer.

Dei um olhar irônico, esperando que captasse minha insinuação.

— Vocês dois nunca param? — Kai riu e se levantou.

Michael continuou calado enquanto Kai me dava um último olhar antes de se virar e seguir em direção à porta. Ele esperou que seu amigo se movesse, e depois saiu do quarto, desaparecendo pelo corredor.

Michael se virou para mim, ainda dominando o batente da porta e fazendo tudo se cobrir em penumbra. Não havia percebido, mas estava à vontade com Kai aqui. Agora não estava mais.

Michael ainda vestia as mesmas roupas de antes. Usava jeans e estava sem camisa, e me perguntei onde estava a garota cheia de dedos para cima dele lá embaixo.

— Venha aqui — disse.

E eu fui.

Andei — até ele, como ele mesmo mandou —, e então dei um sorriso sarcástico quando segurei a maçaneta da porta e comecei a fechá-la.

Ele esticou a mão, impedindo, como imaginei que faria.

— Eu não deixaria que nada acontecesse a você — afirmou. — Soube disso no instante em que você passou por aquela porta. Eu juro.

— Não estou nem aí — respondi em um tom indiferente. — Não quero você aqui dentro.

Então tentei fechar a porta do meu quarto outra vez, mas ele firmou a mão na madeira, impedindo. Ele a abriu, entrou e a fechou com força, antes de me empurrar e girar nossos corpos, de forma que agora eu me encontrava imprensada contra a porta.

— Eu os impedi. — Seu hálito soprou sobre meu rosto. — Escolhi você ao invés dos meus amigos.

— É, pareceu mesmo lá embaixo — eu disse com sarcasmo, me referindo à garota sentada no colo dele. — Estou cansada dos seus joguinhos, Michael, e estou cansada de você. Dá o fora.

— O que ele disse para você? — exigiu saber, ignorando o que havia acabado de dizer.

Kai? Ele estava transtornado porque Kai me procurou?

— Mais do que disse a você, pelo jeito — respondi.

Ele bufou uma risada amargurada, e pela primeira na vida, parecia estar sem palavras.

— Cansada de joguinhos, hein? Você aprendeu direitinho a jogar.

— Não estou jogando os seus jogos. Você se enganou. — Cruzei os braços sobre o peito. — Quer saber o que aprendi? Não ganho quando jogo os *seus* jogos. Ganho quando faço você jogar os *meus*.

Seu olhar me perfurou, escurecendo à medida que sua respiração acelerou.

Ele estava puto.

Comecei a rir, sentindo-me empoderada.

— Olhe só para você — caçoei, euforia correndo pelas veias —, tendo que suar a camisa para lidar comigo, não é?

Ele mostrou os dentes e agarrou a parte de trás das minhas coxas, erguendo meu corpo e me jogando contra a porta outra vez. Meu coração pulou no peito – a adrenalina do medo enchendo meu corpo – quando perdi o fôlego.

E não pude evitar. Travei os tornozelos às suas costas, segurando-o entre as coxas.

— Puta que pariu — sussurrou contra os meus lábios. — Eu quero você.

— Você não é o único.

— Kai? — averiguou. — Não olhe para ele, Rika.

— Por que não?

Ele se lançou para frente, capturando meu lábio inferior entre os dentes, o calor de sua boca enviando arrepios pela minha coluna.

— Porque você tem tudo o que precisa comigo — argumentou, a língua lambendo meu lábio superior. — E você estaria fazendo isso apenas para me esquecer, de alguma forma, e isso nunca vai acontecer.

Ele mergulhou, tomando a minha boca, e eu gemi, ficando zozza. Juntei minha boca àqueles lábios exigentes, inclinando a cabeça para aprofundar mais ainda o contato. Nossas línguas se roçavam, e sentia o calor aquecer meu ventre.

Interrompi o beijo e curvei a cabeça para trás, para que ele pudesse depositar uma trilha de beijos pelo meu pescoço.

— Na verdade, parece uma boa ideia — afirmei, gemendo ao sentir seus lábios sobre minha cicatriz. — Outro homem. Outra boca.

Seu punho se fechou em meu cabelo, e os dentes raspavam minha pele, em advertência.

— Se algum dia você fizer isso, vou fazer com que se arrependa.

E então ele caiu sobre mim outra vez, chupando e mordiscando minha pele enquanto eu sufocava e cravava minhas unhas em seus ombros.

— Ah, meu Deus — gemi, me esfregando contra ele. — Ah, Kai. Siiim...

Ele exalou o ar com raiva, e sua mão apertou minha bunda dolorosamente por cima do short do meu pijama. Suas mordiscadas se tornaram mordidas, e seus beijos ficaram mais violentos.

Puxei seu cabelo, forçando-o a afastar a cabeça e passei a língua sobre seu lábio inferior.

— Trevor — sussurrei. — Me toque, Trevor.

Ele rosnou e se afastou de mim, dando um passo para trás. Fiquei de pé, arfando, olhando para ele com raiva.

— Foda-se — vociferou, então esticou a mão me tirando do caminho e abrindo a porta. Observei-o correr para fora do quarto, sem poder conter o sorriso.

Saí logo atrás.

— Isso significa que você está pulando fora? — questionei, fingindo estar apreensiva.

— Não — ele disse, irritado, saindo intempestivamente pelo corredor. Os músculos de suas costas tensos. — O jogo mudou. Novos jogadores. Tem um monte de outras garotas aqui, Rika.

— E tem um monte de garotos também — retruquei, seguindo-o pelas escadas.

Ele parou no hall e se virou para me olhar, desafiante.

— É mesmo? — Então sorriu e virou a cabeça, olhando ao redor e falando com a multidão. — Escutem aqui! — gritou para todos os convidados presentes. — Rika Fane é propriedade dos Cavaleiros. Qualquer cara que encostar a mão nela vai se ver com a gente! — Então olhou de novo para mim, e disse baixinho, com um sorriso torto: — Boa sorte.

Rangi os dentes. *Cacete.*

O jogo dele? Ou o meu? Não importa se ele tiver mais jogadores no time dele.

Porra.

Ele olhou ao redor, sabendo que ganhou, e foi para a cozinha, deixando-me ali parada no meio do corredor, cercada de pessoas me olhando e pensando sei lá o quê ao meu respeito.

Propriedade dos Cavaleiros? Cristo.

No entanto, quando suas palavras fizeram sentido, eu parei. *Qualquer cara que encostar a mão nela...*

Tentei esconder o sorriso sacana.

Entrando na sala de estar, olhei ao redor e segui para a cozinha, finalmente avistando Alex servindo um drinque para si mesma. Ela usava um vestido preto apertado, preso por uma alça em apenas um ombro.

Quando me aproximei, ela imediatamente olhou para mim.

— Ei, você acredita que o Will enviou o helicóptero do pai dele para me buscar? — ela disse, colocando uma garrafa no balcão e pegando outra. — Como se eu fosse encontrar algum trabalho no meio desse tanto de alunos do ensino médio. Quer dizer, posso até ser polêmica, mas não sou pedófila.

Bufei uma risada.

Nem todo mundo aqui estava no colégio, e a Alex certamente não era assim tão mais velha que eles. Mas, tudo bem, acho que ela era acostumada a homens mais sofisticados.

Respirei profundamente antes de perder a coragem.

— Quanto você cobra? — perguntei.

Ela colocou o copo de vodca na mesa e franziu o cenho.

— Para quê, exatamente?

— Mulheres.

Capítulo 24

Michael

Dias atuais...

UM MONTE DE OUTRAS GAROTAS AQUI. É ISSO MESMO, ISSO FOI A PORRA DE UM blefe. Eu não conseguia afastar meu olhar dela, e, ou precisava engolir meu orgulho e ser legal para entrar na cama dela esta noite, ou...

 Ou precisava causar outra discussão.

De qualquer modo, ela sabe onde me encontrar. Ela sabia que não conseguiria me manter longe e que ela era a única garota que eu queria. Como essa porra foi acontecer?

Fiquei no terraço com alguns amigos das antigas – moradores que trabalhavam na cidade e alguns amigos dos tempos da escola que nunca saíram de Thunder Bay –, mas era incapaz de ouvir qualquer coisa que estavam dizendo. Era como se estivesse enraizado no chão, com os braços cruzados, apenas observando enquanto ela conversava com Alex na cozinha.

Não dava para acreditar que ela havia me chamado de Kai. E Trevor, caralho? Ela fez de propósito, mas por que estava me provocando?

 Ela me queria. Por que não simplesmente cair de cabeça?

Mas não, quanto mais eu tentava fazê-la mais maleável para esquecer a porra toda que havia acontecido esta noite, mais ela abria a boca atrevida para vomitar o seu desdém. Eu não conseguia dobrá-la mais. Ela estava rindo de mim.

E se a tiver corrompido totalmente? E se ela tiver começado a gostar de jogar, e o poder que isso trazia – junto com a vitória –, tivesse sobrepujado a necessidade que ela tinha por mim?

E se o coração dela tivesse endurecido de tal forma que preferiu se fechar para se proteger?

 E se fosse eu aquele que deveria se dobrar?

A inquietação pesou sobre meus ombros, e suspirei resignado.
Eu preciso dela.

Eu a quero.

Pelo menos esta noite, eu podia ficar tranquilo. Ganhei aquele round. Nenhum cara se aproximaria dela, então em algum momento ela aceitaria a derrota e iria para a cama.

 Ela não tinha mais nenhuma carta em seu baralho.

Observei quando ela e Alex deram a volta na ilha central da cozinha; *Goodbye Agony* estava soando pela casa, no entanto, Rika parou, ergueu a cabeça e nossos olhares se encontraram através do

vidro. Deixando Alex por lá, ela abriu a porta e veio na minha direção, inclinando-se contra mim.

— Você disse nenhum *cara*, certo? — perguntou, maliciosa. — Só para ter certeza.

Um canto de seus lábios estava curvado em um sorriso sacana, e então ela se virou e voltou para a cozinha.

Mas que por...?

Dei um passo para o lado, seguindo-a com o olhar enquanto ela atravessava o vestíbulo. Rika olhou para trás uma vez antes de desaparecer pelas escadas.

Nenhum cara. Ou seja...?

Correndo até a porta, a abri de supetão e disparei pela cozinha.

— Ei, aonde você está indo? — Kai me segurou pelo braço. — Temos que falar sobre o Damon.

— Amanhã. — Eu me afastei, dispensando-o, e subi as escadas correndo.

Não podia pensar em Damon agora. Ele estava ferido, e não faria nada por hoje.

Andei pelo corredor mergulhado na penumbra, até chegar ao quarto de Rika, vendo que a porta estava aberta. O andar superior estava calmo, a música ecoando no piso inferior como se fosse uma batida distante.

No entanto, quando parei no batente de sua porta, encontrei o quarto vazio. As luzes estavam desligadas, do mesmo jeito que estavam antes, e a cama continuava arrumada.

Olhei de volta para o corredor, estreitando o olhar. Onde diabos ela estava?

Abri todas as portas, do quarto dos meus pais, de Trevor, de hóspedes... Mas quando cheguei ao meu quarto, percebi a fresta de luz no inferior da porta fechada.

Segurei a maçaneta e abri de uma vez.

E meu coração quase parou de bater.

— Merda — sussurrei sob um ofego.

Alex estava sentada na beirada da cama, e Rika se encontrava entre as pernas dela. As mãos das duas passeavam pelo corpo uma da outra. Alex segurava os quadris de Rika, encarando-a com total interesse.

E Rika...

Praticamente senti meu batimentos na garganta, quando entrei no quarto e fechei a porta.

Rika colocou um joelho na cama, ao lado de Alex, e inclinou seus quadris contra os seios dela. Seus dedos passeavam pelo cabelo, pescoço e ombros da garota.

Alex levantou um pouco a regata cinza que Rika estava usando,

distribuindo beijos pela barriga plana e subindo cada vez mais com a ponta da língua, para provar o gosto da pele sedosa.

Sangue correu até o meu pau, fazendo-o inchar dolorosamente.

Ela estava prestes a ganhar esta rodada.

— O que você está fazendo? — Eu já estava suando. Jesus.

Rika piscou lentamente para mim, meiga e serena.

— O jogo mudou. Novos jogadores — repetiu minhas palavras.

— Não precisamos de você. Desculpa.

E então deu um gemido lento, arqueando o corpo contra a boca de Alex, curvando a cabeça para trás.

Grunhi, lutando contra a urgência de ajustar meu pau dentro da calça. Maldita. Que porra era aquela que achava que estava fazendo?

Ela iria assim tão longe só para me provocar?

— Vocês estão na minha cama — indiquei, tentando não demonstrar o quanto estava afetado.

Rika sorriu para Alex, que continuava beijando sua barriga; as duas praticamente ignoravam minha presença aqui.

— A sua cama é maior — ela respondeu. — Você não se importa, né?

Cerrei a mandíbula, vendo suas mãos deslizarem pelo peito de Alex, em uma tentativa de retirar o vestido.

Mas nem me liguei nisso, porque não conseguia afastar meu olhar de Rika. Ela ainda estava usando o short rosa do pijama de seda, parecendo tão sexy e inocente com aquele cabelo e pele reluzente. Engoli em seco, sem saber ao certo se era apenas um blefe, uma tentativa de me fazer reagir, ou se ela realmente queria aquilo. Seja qual fosse a resposta, era claro que ela estava por cima. Ela sabia que era mais esperta e forte.

As mãos de Alex percorreram as pernas de Rika, começando a descer seu short, enquanto mordiscava o osso de sua pelve.

— Aaah... — Rika gemeu com os olhos fechados. — Michael...

Fiquei sem fôlego, sacudindo a cabeça e sentindo o coração apertado em mil nós. Ela estava ganhando. Eu estava jogando o jogo dela, e estava perdendo. Meu Deus, eu a queria tanto.

Mas isso não havia acabado.

Dei a volta na cama e agarrei Alex pelo braço, levantando-a dali.

— Saia — ordenei.

— O quê? — ela explodiu, meio desesperada. — Você está me zoando?

Acho que ela estava com um baita tesão e provavelmente pensou que eu deixaria que elas continuassem o showzinho.

No entanto, a empurrei, pouco me importando com o olhar desapontado. Will, Kai e uma dúzia de outros caras – e garotas –

estavam lá fora. Ela podia escolher.

Alex ajeitou o vestido, irritada, e saiu bufando do quarto, fechando a porta com força. Quando me virei para trás, Rika estava perto da cama, com um sorriso irônico nos lábios.

— Sua vez de jogar.

Bufei uma risada, me elevando sobre ela, enquanto dizia com brusquidão:

— Você gostou disso? — perguntei. — Até onde você iria com ela?

Ela lambeu os lábios.

— Talvez um pouco mais além — admitiu. — Ou talvez soubesse que não precisaria ir tão longe. Talvez conheça você melhor do que pensa.

Chegando para frente, deslizei um dedo pela linha de sua mandíbula.

— Você conhece?

Ela manteve o olhar fixo ao meu, arfando, e sabia que ela queria se inclinar contra a minha mão. Ela queria que eu dissesse coisas bonitas, que me entregasse a ela, e queria meu coração. Era por isso que estava me pressionando.

Mas eu queria jogar.

— Só que... — indiquei, olhando-a com atenção. — Nós temos um problema. Você não foi convidada para a minha cama, e veio aqui sem a minha permissão.

Pegando sua mão, eu a puxei pelo quarto. Ela tropeçou quando a levei até a porta.

— Michael! — gritou. — O que você está fazendo?

Eu a arrastei pelo corredor vazio para o lado oposto, duas portas depois da minha, e a empurrei para outro quarto, fechando a porta assim que passei.

— Agora, aqui está uma cama que você já está acostumada. — Gesticulei para indicar a cama de Trevor. — Suba.

Ela me encarou, cerrando os punhos ao lado do corpo e ofegando, perdendo a compostura. Os olhos brilhavam com lágrimas enquanto ela sacudia a cabeça, incrédula.

Por que estava fazendo isso? Eu poderia ter dito a ela o quanto a queria, o quanto precisava dela, e como, mesmo depois de quase uma semana, ainda podia sentir o gosto dela. Ela poderia estar abaixo de mim, agora, na minha cama, e eu poderia estar dentro dela, ouvindo seus gemidos e ofegos, perdido na confusão dos lençóis e sensações pelo resto da noite.

— Michael — implorou, a voz soando frágil —, por que está fazendo isso? Depois de tudo o que me fez passar? Por que está tentando me magoar ainda mais?

— Isso significa que você está pulando fora?

Seu rosto estava devastado quando abaixou a cabeça, o corpo sacudindo com seus soluços.

— Você é doente, Michael. Doente.

Rangi os dentes, me aproximando dela.

— Quando descobri ano passado, que você estava namorando o Trevor, eu odiei. Odiei você, mas odiei a situação mais ainda. Eu queria vir aqui só para te ver na cama dele, para ver como você se parecia...

— Por quê? — interrompeu.

Olhei bem dentro de seus olhos, sabendo que nem eu mesmo entendia o porquê. Desde pequeno, lembro-me de sempre sentir raiva. Raiva do meu pai por ele tentar me moldar para ser uma pessoa que eu não era. Raiva por ele tê-la tirado dos meus braços. Raiva porque tive que ir para a faculdade, deixando-a sozinha com a minha família.

E então, estava com raiva por ela ter me traído. Ou assim pensei.

Mas por alguma razão, a raiva não me destruiu. Ela fez de mim quem sou, um rebelde que conhecia sua própria cabeça. Eu me levantei contra o meu pai, tomei minhas próprias decisões e me tornei invencível. E me tornei muito bom em encontrar minha diversão de outros jeitos.

Quando estávamos crescendo, toda vez que ela entrava em uma sala e olhava para mim, ansiando que a olhasse de volta, eu me sentia poderoso ao me recusar em satisfazer sua vontade. Quando me levantava e saía da sala, fingindo que ela não estava lá.

Eu amava saber que dominava sua mente muito mais do que meu irmão jamais poderia.

E ao me entregar àquela pequena tortura autoimposta – como o fato de imaginá-la aqui na cama, com ele –, me mantive em constante excitação. Eu gostava daquilo, porque gostava de quem eu era. Fazia de mim alguém mais forte. Se cedesse a ela, eu mudaria?

— Eu gosto de sofrer — eu disse. — Preciso disso. Agora, tire as roupas e suba na cama dele.

— Michael — suspirou, tentando argumentar.

Porém fiquei ali parado como uma parede, inflexível.

Ela respirava cada vez mais rápido, mas suas feições se acalmaram. Ela aprumou os ombros e olhou para mim. A boca estava retorcida de raiva, mas seus olhos mostravam audácia enquanto retirava peça por peça, abaixando a calcinha por último, e dando um passo para fora do amontoado aos seus pés. Em seguida ela caminhou até a cama.

Meu coração começou a acelerar, e cruzei os braços à frente do peito, tentando me manter firme. Ela afastou as cobertas, o cabelo

longo e loiro fluindo pelas costas, e subiu no colchão. Deitou-se de costas, puxou o lençol verde-musgo sobre seu corpo, deixando os seios descobertos.

Com uma mão atrás da cabeça, ela olhou para mim, os olhos enormes me provocando enquanto a outra mão repousava em sua barriga. Porra, ela parecia tão macia, quente e perfeita.

Ele a viu daquele jeito. Ele se deitou ao lado dela desse jeito, e arrependimento me bateu, não por causa da imagem que tinha à minha frente, mas porque não deveria ter sido ele. Nunca. Ela poderia ter sido minha – sua primeira vez, tudo –, e a deixei três anos atrás.

Por minha culpa ela se entregou a ele.

Mas o que havia de errado comigo, porra? Todo o poder que sentia fingindo que ela não existia era *maior* do que o prazer que senti quando a tive entre meus braços?

Não. Nem um pouco.

Ela inclinou a cabeça, os olhos marejados.

— Estou na cama dele — declarou. — Você não vai fazer nada dessa vez? Eu posso gemer o nome dele ou... talvez falar sobre as quatro vezes que o deixei possuir meu corpo, nos meses em que namoramos, e como tentei com muito esforço não fingir que era você.

Seus olhos azuis reluziam com as lágrimas que começaram a escorrer de sua têmpora até se perder por entre os fios do cabelo.

— Talvez você prefira uma coisa mais visual? — perguntou.

Ela se sentou na cama, pegou um travesseiro e passou uma perna por cima dele, como se o estivesse cavalgando.

Rebolando os quadris e inclinando a cabeça para trás, começou a se mover como se fosse Trevor abaixo dela.

A bunda redonda e linda se esfregava contra o tecido, as costas arqueadas à medida que acelerava o ritmo, gemendo. O cabelo balançando até a cintura.

Dor atravessou meu peito, e meus punhos cerraram com força.

— Rika — murmurei, sentindo como se a tivesse perdido.

Mas então ela gemeu e suspirou:

— Michael.

Avaliei-a com o olhar, aproximando-me da cama.

Os olhos dela estavam fechados, e ela suspirou profundamente, um leve sorriso no rosto enquanto cavalgava o travesseiro.

— Michael.

Ela aumentou o ritmo, se esfregando com mais força, a barriga sarada ondulando, e os seios cheios sacudindo com os movimentos. Ela grunhiu enquanto transava a seco cada vez mais forte, e o rosto se contorceu de dor à medida que forçava o ritmo mais e mais.

— Ah, meu Deus. Cacete...

E então Trevor já não existia mais. Ele não estava mais no

quarto.

Ela era minha.

Desafivelei o cinto e joguei meu jeans no chão, me ajoelhando por trás dela na cama.

Perdi a conta do placar, quem moveu que peça, ou que jogo estávamos jogando.

Era aquilo que queríamos.

Envolvi sua garganta com minha mão e a puxei contra mim. Sua cabeça descansou sobre meu ombro, e meu pau estava rígido e ereto, roçando contra a bunda dela.

— O que você está fazendo comigo? — perguntei, sem realmente esperar por uma resposta.

Ela estava acabando comigo, e nem tinha mais certeza se me importava com isso. Eu só queria ser consumido.

Levei uma mão à boceta dela, deslizando dois dedos para dentro, entrando e saindo, arrastando sua umidade para esfregar em seu clitóris.

Ela gemeu, virando a cabeça para mim, erguendo uma mão para me segurar pela nuca.

— Não sou complicada, Michael — ela sussurrou. — Não de verdade. Posso jogar, deixar você me foder na cama do seu irmão, ou na mesa do escritório do seu pai, posso deixar você me usar como se eu fosse um objeto para que possa se vingar deles, mas no final — fez uma pausa e continuou: —, no final, ainda estou aqui, Michael. Ainda estou aqui. Somos só você e eu.

Ela ofegou contra a minha pele, e abaixei a cabeça, cedendo. Envolvei meus braços apertados ao redor de seu corpo quente, e enfiei meu rosto em seu pescoço. Eu nunca a deixaria ir.

— Só você e eu — repetiu.

— Me prometa — exigi, suspirando contra a pele sedosa de seu pescoço.

Mas *prometer* o quê? O que eu queria dela?

Prometa que nunca vai me deixar? Prometa que me pertence? Prometa que é minha?

Levantei a cabeça, pegando seus lábios com os meus em um beijo intenso e profundo, seu gosto enviando uma onda de prazer até o meu pau.

Eu me afastei, respirando contra sua boca:

— Prometa que nunca vai se negar para mim. Prometa que nunca vai se fechar para mim.

Ela mordiscou meu lábio inferior, chupando e beijando ao mesmo tempo.

— Nunca vou me negar — respondeu, mas imprimiu um tom zombeteiro à voz: —, desde que você continue me fazendo gritar de

prazer.

Gemi, empurrando-a para ficar de quatro, e agarrei seus quadris, puxando-a para trás e fazendo com que abrisse mais ainda as pernas.

— Só enquanto você estiver precisando de mim, hein? — brinquei, segurando meu pau e roçando contra sua boceta quente. — Só enquanto você precisar disso?

Empurrei a ponta para dentro de seu calor úmido e apertado, mas retirei logo em seguida, vendo-a estremecer.

— Michael — gemeu, olhando por cima do ombro.

Deslizei a ponta outra vez, a boceta envolvendo meu pau de um jeito tão gostoso que tudo o que mais queria era mergulhar dentro dela.

— Você nunca vai me dizer não. Você sabe disso.

Então me retirei, ouvindo-a choramingar, frustrada.

— Michael! — Ela socou o cobertor e então se afastou, girando ao redor, me empurrando de costas na cama.

Minha coluna bateu no estribo, fazendo com que eu ficasse metade para fora, e meu coração trovejou no peito ao vê-la rastejar acima de mim como se fosse um animalzinho, totalmente fora de controle.

Ela se sentou escarranchada na minha cintura, e agarrei seus quadris, sorrindo exultante enquanto ela cravava as unhas no meu ombro com uma mão, enquanto a outra posicionava meu pau abaixo dela.

Ela afundou seu corpo contra o meu, e deslizei para dentro dela, apertando sua bunda em minhas mãos enquanto a inclinava para frente para agarrar um dos mamilos com meus dentes. Com a língua, lambi o bico intumescido, querendo arrancá-lo com uma mordida. O gosto dela era bom pra caralho.

Ela rebolou contra mim, segurando o estribo da cama com uma mão; a outra ainda se mantinha firme em meu ombro. Sua cabeça tombou para trás, enquanto ela gemia, esfregava e me fodia.

— É isso aí. — Agarrei sua bunda, puxando-a contra mim de novo e de novo. — É isso aí, querida. Você foi feita para isso. Para mim.

Grunhi, meu pau duro pra caralho por ela. Segurando um seio em uma mão, levei-o para o calor da minha boca, brincando com o mamilo outra vez, lambendo e mordendo; ela moía o corpo contra o meu cada vez mais forte e mais rápido, me fodendo gostoso.

— Aaaah... Ahhh — choramingou em um gemido.

E então se abaixou, pressionando o corpo contra o meu, me beijando; seu hálito suave contra a minha boca quase me fazendo entrar em combustão.

Meu Deus, eu estava viciado.

— Não procure por mais ninguém para te dar isso aqui —
rosnei em um sussurro, beijando-a outra vez.

— Michael — ela gemeu baixinho. — Eu nunca quis outra
pessoa. Você não percebeu?

Ela se afastou para trás, sentando-se ereta, e a vi fechar os
olhos. Seu corpo reluzente se movia, os seios subindo e descendo. O
cabelo claro caía pelos ombros e pelas costas, revelando sua cicatriz;
estendi a mão e passei o polegar por todo o comprimento.

— Tão linda — sussurrei.

Ela ofegou, movendo-se mais rápido.

— Ai, meu Deus — gemeu.

Senti o calor percorrendo meu pau, e tensionei meus músculos,
fechando os olhos.

— Querida, é melhor você desacelerar ou se preparar para
gozar.

— Vou gozar — ofegou. — Vou gozar.

Ela bombeou meu corpo, duro e rápido, uma fina camada de
suor escorrendo pelo pescoço, e então se contraiu, cravando as unhas
com mais força nos meus ombros.

— Ah, meu Deus! — gemeu alto, cavalcando com mais
intensidade.

Eu gemi, arremetendo os quadris de encontro aos dela, e me
derramei em seu interior; meu abdômen se contraiu e cada músculo
do meu corpo estirou e aqueceu.

Ela desabou em cima de mim, afundando os lábios no meu
pescoço, e por vários segundos ficamos ali apenas respirando. O som
de nossas respirações arfantes, e ali estava um lugar de onde nunca
queria sair.

Rika. Monstrinha.

— Não te perdoei pelo que fez comigo — sussurrou, sua voz
ainda trêmula por causa do orgasmo —, mas você está certo. Acho que
não consigo dizer não para você.

Fechei os olhos, enredando uma mão em seu cabelo e
segurando-a mais apertado contra mim.

Acho que também não consigo dizer não a você.



*Esfreguei as mãos para cima e para baixo no meu rosto, gemendo e
sentindo as pálpebras pesadas e a dor de cabeça.*

— Droga — resmunguei, virando o pescoço devagar, percebendo
que estava na sala de TV.

— A gente tomou aquela garrafa toda? — Ouvi Kai perguntar.

Levantei a cabeça e o vi sentado no outro sofá, com o rosto enfiado entre as mãos. Olhei para a mesinha à frente dele, avistando a garrafa de Johnnie Walker vazia.

Sentei-me e senti o estômago embrulhar; havia um gosto amargo na boca.

— Puta merda — ele disse, pegando o celular. — Ela deve ter um gosto bom pra caralho para ter feito você beber desse jeito.

— Vá se foder — resmunguei com um suspiro.

Ouvi a risada abafada enquanto tentava me levantar. A sala estava girando, e senti em meu hálito a bile que subiu à garganta ao lembrar os eventos da noite passada.

O armazém. Rika.

Eu a tive em meus braços. Até que enfim. Por que tive que estragar tudo?

Mas então ouvi a respiração entrecortada de Kai, e ao olhar para ele, percebi que encarava o celular com os olhos arregalados.

— Michael — disse, assustado. — Pega o seu celular, cara.

Alcansei o moletom que tinha conseguido retirar em algum momento durante a noite, e enfiei a mão no bolso para pegar o aparelho. Deslizando o dedo pela tela, vi a extensa lista de notificações, mensagens e tweets.

Mas que porra? Meu coração bateu acelerado, e ao clicar nos ícones, vi uma profusão de palavras como “policial”, “estupro de vulnerável” e “Cavaleiros”.

O quê?

Senti a boca seca ao ver as fotos de Kai, Will e Damon, e fiquei sem saber que porra era aquela que estava acontecendo. Por que essas fotografias estavam online?

— O celular — Kai ofegou, olhando para mim como se não conseguisse respirar.

Cliquei nos vídeos e o pavor assumiu proporções épicas quando vi Will espancando o policial uma e outra vez. No vídeo de Damon aparecia claramente o rosto de uma garota, e quando rolei para ler os comentários, vi as palavras “estuprador”, “cadeia”, além de outras garotas alegando que ele havia feito o mesmo com elas.

Estava em todo lugar. Facebook, YouTube, Twitter... havia até mesmo posts que se referiam a nós como uma gangue. O caralho de uma gangue?

— Que porra é essa? — gritei. — Como esta merda foi parar nas redes sociais?

— Eu não sei! — Kai explodiu, respirando entrecortadamente. — Will...

Pensamos na mesma coisa. Ele tinha o celular, mas não seria capaz

de fazer isso! Com a gente, com ele mesmo.

Ignorei as notificações e disquei para o número do celular para ver onde estava. Ele não atendia, mas quando olhei de volta na minha tela, vi que havia um monte de mensagens de Damon.

Estamos muito fodidos!

A primeira dizia.

E logo mais, havia outra:

Rika estava com o telefone! Ela estava usando o agasalho do Will ontem à noite!

Balancei a cabeça, encontrando o olhar de Kai. Ele deve ter recebido as mesmas mensagens. Ela não faria isso. Ela nunca me prejudicaria.

Largando o telefone de qualquer maneira, saí correndo da sala, ouvindo as batidas fortes à porta enquanto atravessava o vestibulo.

Vozes agitadas vinham das escadas, e eu sentia as paredes se fechando ao meu redor, cada vez mais apertadas, incapaz de me mover.

Do lado de fora da cozinha, estaquei em meus passos, ouvindo a voz de Trevor:

— Então é com esse tipo de gente que você quer passar o tempo? — ele grunhiu. — Com estupradores e criminosos?

Eu sabia que ele estava falando com Rika, mas não a ouvi responder nada. A veia no meu pescoço latejava, e ouvi o som de passos intempestivos pela casa. Eu não precisava olhar para saber que eram policiais. Eles deviam estar à minha procura, bem como estavam atrás de Kai.

— Michael não é ninguém, e se você quer ficar perto dele tanto assim, vai acabar como os amigos dele — Trevor continuou.

— Não tenho interesse nenhum em ficar ao redor deles — Rika respondeu em um tom ácido. — E os amigos dele receberam o que mereciam.

Perdi o fôlego, e cheguei até o umbral da porta, vendo-a sentada de costas. Trevor olhou para mim e Rika virou-se para trás, mágoa e tristeza em seus olhos vermelhos. Ela mal conseguia olhar para mim.

Então meu olhar pousou em sua mão, e avistei o moletom preto de Will, com a manga rasgada por conta da briga com Miles, na noite passada.

Carrei os dentes com tanta força que senti minha mandíbula doer. Recuei em meus passos, afastando-me dela, nossos olhares ainda fixos um ao outro. Kai estava gritando próximo ao hall de entrada, os policiais já o levando em custódia, sem dúvida, e eu apenas a encarei com ódio. A raiva irradiando por todo o meu corpo.

*Era culpa minha.
Eu nunca poderia corrigir aquilo.
Eles sofreriam as consequências porque confiei nela.*



Abri os olhos, afastando os lençóis, sentindo meu corpo coberto de suor.

A lembrança daquele dia era como um mal-estar do qual não conseguia me livrar. Ver Kai algemado, meus amigos expostos em todos os jornais da cidade, sabendo que nada daquilo teria acontecido se não a tivesse levado conosco.

Naquele domingo, era para eles terem voltado para a faculdade e seguido em frente, construindo suas vidas e à espera da próxima vez em que poderíamos tocar o terror na cidade, juntos. Não era para ter acabado.

Se ao menos não a tivesse levado com a gente.

Virei a cabeça, vendo-a adormecida ao meu lado, e meus braços formigaram com a necessidade de segurá-la entre eles. Seus cílios eram escuros contra a pele de alabastro, e seus lábios estavam só um pouquinho entreabertos. Ela respirava placidamente.

Deitando-me de lado, dobrei o cotovelo e apoiei a cabeça na mão, deslizando com delicadeza a minha mão em seu rosto, traçando a linha da cicatriz em seu pescoço, e percorrendo seu corpo. Eu me debrucei sobre ela e deposei um beijo em sua cabeça, aspirando o perfume de seu cabelo.

Nada daquilo havia sido culpa dela.

Ela era uma de nós – ela era nossa –, e eu não somente tinha uma porrada de coisas para consertar, como temia não ser suficiente. Não tinha certeza do que queria dela, mas sabia que não queria perdê-la.

E ela aprendeu direitinho a ter vontade própria.

Decidi deixá-la dormir e fui tomar uma ducha. Vesti uma calça folgada e uma camiseta branca, sabendo que precisava cuidar de alguns negócios hoje.

A casa estava uma zona, e como meus pais estavam de férias, nossos empregados, bem como a cozinheira, estavam de folga. Liguei para uma companhia de limpeza, e quando consegui expulsar todo mundo da festa, os funcionários chegaram e deram um jeito primeiro nas salas, para só depois prepararem o café da manhã.

Telefonei para o Centro onde a mãe de Rika estava internada e os informei que a filha de Christiane Fane entraria em contato; depois acionei um advogado – sem ser o da família, e sim um que não era

pago pelo meu pai –, para conversar sobre os termos do patrimônio de Rika. Sabia que ela não confiava em mim para cuidar disso – por que deveria confiar? –, mas também não queria que o controle de tudo voltasse às mãos dele. Nós teríamos que contestar o testamento.

Transferi todo o seu dinheiro de volta para suas contas bancárias, o que foi bastante fácil, já que meus amigos haviam apenas blefado quando disseram, em Hunter-Bailey, que estavam com suas partes. Como ainda não tínhamos discutido as quotas de cada um, todo o valor ainda estava em meu poder. Reativei todos os cartões de crédito também, sem problema nenhum.

Cerca de duas horas depois, sentei-me na sala de jantar com a mesa de café da manhã posta. Kai mantinha-se taciturno enquanto Will curtia sua ressaca. Ele estava uma bagunça, mas ainda assim exigiu saber o que faríamos a seguir.

Se dependesse dele, iríamos atrás de Trevor imediatamente.

— Não consigo arrumar uma confusão e pular em outra em seguida — falei, entredentes. Eu já tinha preocupações demais.

— Tá, isso tudo foi culpa sua — Will retorquiu. — E de Damon, por ter dado informações truncadas pra você. Nós te seguimos, como sempre fizemos. — Olhou para Kai em busca de apoio. — Mas agora vou fazer do meu jeito. Gostaria de tê-lo ao meu lado, mas se não quiser, vou sobreviver.

Ele enfiou uma aspirina na boca, mandando uma garrafa d'água inteira para dentro.

Sim, havia sido minha culpa. Nós prejudicamos Rika, quando deveria ter sido Trevor o nosso alvo, mas eu precisava recuperar o fôlego. Empurrei meu prato para longe, recostando-me na cadeira quando a vi parada no batente da sala.

Meus olhos se fixaram aos seus, meu coração rateou. Ela estava linda demais. Como se não tivesse passado por toda aquela merda ontem à noite. De banho tomado, um pouco de maquiagem e o cabelo liso, Rika usava um jeans apertado, camiseta branca, uma jaqueta vermelha e sapatos pretos.

Ela estava indo embora?

— Rika. — Kai se levantou, parecendo arrependido. — Você quer comer alguma coisa?

Eu o encarei com os olhos semicerrados.

No entanto, ela ignorou sua oferta e voltou a olhar para mim.

— Minha mãe — exigiu saber.

Assenti, pegando o cartão da mesa e o estendendo para ela.

— Aqui está o telefone da terapeuta dela. Você está na lista de contatos agora. Pode ligar a hora que quiser.

Ela chegou mais perto e retirou o cartão da minha mão, olhando para os dados anotados.

E tudo o que sabia, por enquanto, é que o que aconteceu entre nós no quarto de Trevor, noite passada, estava acabado. Ela estava totalmente lúcida e de volta ao que interessava. Antes que tivesse a chance de dizer qualquer outra coisa, Will colocou um prato em suas mãos.

— Toma. — Ele pegou uma colherada de ovos mexidos e a serviu.

Ela o encarava, perplexa, e tive que virar a cabeça para o outro lado para disfarçar a vontade de rir.

— Agora eu tô cansado de papo — Will continuou enfiando frutas e batatas no prato dela. — Chega de planos. Chega de espera. Chega de tentar organizar tudo no lugar e ainda ficar com a cabeça a prêmio. Vamos fazer o seguinte. — Então parou com um espeto na mão. — Quer salsicha?

Sem esperar por uma resposta, Will apenas deu de ombros e colocou duas no prato dela.

Ela o encarou como se tivesse nascido um par de chifres nele.

— Nós sabemos onde ele está, e não quero matá-lo — Will disse, entredentes, sentando-se em seu lugar —, mas tenho certeza de que quero mudar a vidinha dele para todo o sempre. Exatamente como ele fez com a gente. Vocês estão dentro ou não?

Dei um suspiro cansado, semicerrando as pálpebras. Rika permanecia quieta no mesmo lugar, mas depois se aproximou da mesa e colocou o prato intocado ali.

— Ele é meu irmão, okay? — argumentei, ao encará-lo.

Não sabia o que sentir a respeito de Trevor, mas ele era filho da minha mãe – e do meu pai, óbvio –, e fazê-lo sofrer faria o mesmo com meus pais. Eu não estava em condições de decidir isso hoje.

No entanto, Will insistiu em seus argumentos:

— Não me venha com essa! Vocês não se suportam. Você só está dando para trás por causa dela! — Ele apontou com o queixo na direção de Rika.

Ela segurou o espaldar da cadeira, ainda de pé.

— Não tenho nada a ver com isso — respondeu com calma. — Estou voltando para Meridian hoje, e não quero me envolver com os problemas de vocês.

— Mas você já está envolvida — Will retorquiu. — Você é o motivo de toda essa confusão. Se não tivesse saído com a gente naquela noite, Trevor nunca teria dado as caras. Agora, não me leve a mal, não estou colocando a culpa em você. E já que está no time dos mocinhos de novo, vou confessar que gosto pra caramba de você. Mas você é a razão da raiva de Trevor, e a obsessão do Michael. E ele precisa se concentrar, e por sua causa, ele não está conseguindo fazer isso de jeito nenhum.

— Eu estou concentrado — respondi, mal-humorado.

— Maravilha! — disse, sorrindo. — Então, quando vamos para Annapolis?

Esfreguei o rosto com as mãos, querendo esmurrar a cara de Will.

Rika se afastou da mesa, ignorando o assunto.

— Vou ligar para minha mãe.

Quando ela saiu da sala, sinalizei com a cabeça para que Kai a seguisse.

Estava prestes a me levantar também, mas Will me segurou pelo braço.

— A sua temporada de jogos começa em breve — lembrou. — Isto precisa ser resolvido agora.

Recostei-me contra a cadeira e o encarei.

— Quero que você me escute, e me escute com atenção — adverti. — Trevor não faz a menor ideia de que sabemos de tudo. Ele não vai a lugar nenhum. A verdadeira ameaça, neste instante, é o Damon. Não temos nem ideia de onde ele está, e pode ter certeza de que ele está puto. Não estou dando para trás. Estou apenas me reorganizando.

Empurrei a cadeira para trás, saindo com pressa da sala em direção às escadas.

Porém antes de sequer fazer o caminho para o quarto de Rika, vi Kai parado em frente à janela do segundo andar, olhando para o lado de fora.

— O que está fazendo? — indaguei.

Quando cheguei ao lado dele, acompanhei seu olhar e avistei Rika ao celular. Ela havia acabado de jogar a bolsa no banco de trás de seu carro. Alex estava no assento do passageiro; eu havia até mesmo me esquecido da presença da garota.

— Puta que pariu!

Damon estava em algum lugar à solta, e eu não confiava nele. Ela não podia simplesmente ir embora.

— Você não vai impedi-la? — Kai me provocou, divertido.

— Eu não... — Balancei a cabeça, me recostando no umbral da janela. — Não tenho certeza se consigo.

— Você encontrou seu par, não é? — Ele riu baixinho.

Ela estava do lado de fora do carro, ainda ao telefone, provavelmente conversando com a mãe. O sorriso em seu rosto me fez recordar de quando ela era mais nova. Mais meigo, mais contente.

O sorriso que ela dava antes que me apossasse dela.

— Não sei o que fazer com ela — confessei.

Ela estava impregnada no meu corpo, na minha mente, e...

Olhei para baixo, sentindo meu coração apertar somente em vê-

la colocando o cabelo atrás da orelha.

E em outros lugares também...

— Você acha realmente que precisa provar alguma coisa para ela? — Kai perguntou. — Você acha que ela não é apaixonada por você desde que se entende por gente, do mesmo jeito que você também é?

Mantive o olhar focado na janela, sem querer falar sobre o assunto com ele.

— É isto que te assusta, não é? — Kai provocou.

— Isto não me assusta.

— Espero que não — Kai disse, também a encarando. — Porque você a corrompeu direitinho. Ela é uma força da natureza agora, e não vai demorar muito para que se sinta destemida o suficiente para exigir o que quiser. Se você não der isso para ela, pode ter certeza de que ela vai encontrar outra pessoa que o faça.

Virei a cabeça, sondando-o.

— Não preciso dos seus conselhos. Eu nunca perco.

— Este não foi um conselho — retrucou, sem afastar os olhos dela —, foi uma ameaça. — Então ele olhou para mim, antes de sair. — Fique atento, irmão.

Capítulo 25

Erika

Dias atuais...

CURVEI A CABEÇA PARA TRÁS, ABAIXANDO A PONTA DO MEU FLORETE ENQUANTO tentava recuperar o fôlego.

Eu odiava treinar esgrima sozinha.

Odiava ficar presa aqui, sozinha.

Já haviam se passado cinco dias desde que voltei de Thunder Bay. Michael e os amigos vieram logo atrás, e se não estivesse na faculdade, estava no meu apartamento.

A mando de Michael.

Se me desviasse do caminho – para uma livraria ou o mercadinho –, ele me ligava ou enviava mensagens querendo saber onde eu estava. Acho que mandou o Sr. Patterson e Richard, o porteiro, o avisarem caso eu não passasse pela porta de entrada na hora exata, todos os dias. Já estava farta daquilo.

Alex havia me convidado para tomar um café com as amigas amanhã, e era isso o que ia fazer.

Agora que sabia que minha mãe estava bem e em segurança, e parecia muito mais esperançosa e cheia de energia, a julgar pelo tom de sua voz, eu queria apenas seguir em frente. Minhas contas bancárias estavam regulares agora, e vários empreiteiros estavam a serviço para reconstruir nossa casa em Thunder Bay, apresentando seus processos de licitação para darem início às obras.

Seja lá o que Michael e os amigos estivessem planejando fazer com Trevor e Damon, não estava nem aí. Não tinha a menor intenção de fazer parte disso.

You're Going Down, do Sick Puppies tocava no meu laptop em cima da bancada da cozinha. Fiquei parada ali, tomando uma garrafa d'água, sentindo a camada fina de suor resfriar minha pele.

Passei vinte minutos à frente de um espelho de corpo inteiro, conferindo meus passes e ataque com uma bolinha de tênis, antes de finalizar com trinta minutos de sequências.

Eu não era uma esgrimista de competição, mas era um esporte que me esforcei em aperfeiçoar. Era o desejo do meu pai que eu estudasse a arte, e mesmo que tenha tido chance de interromper a prática a qualquer momento, me recusei. Não queria encerrar aquele único elo que ainda tinha com ele. No entanto, só queria ter alguém com quem pudesse treinar – em um clube ou uma academia qualquer. Era maçante praticar por conta própria, e por conta disso, quase nunca me exercitava, desde que vim morar em Meridian.

Meu telefone começou a tocar, e ao colocar a garrafa sobre o balcão, vi o nome de Michael surgir na tela do celular. Resolvi ignorar a chamada, empurrando o aparelho para longe de mim. Exigências, ordens... era sempre isso, toda vez que ele me ligava ou enviava mensagens. Ou para checar onde eu estava, o que fazia, e com quem havia conversado naquele dia. Ele nunca perguntava como eu estava ou dizia algo gentil.

Até que aparecia, tarde da noite, depois de seus treinos de basquete, querendo se enfiar na minha cama.

Ele entrava no apartamento, trancava as portas e começava a arrancar minhas roupas, e tudo aquilo que havia dito para mim mesma, para fortalecer minha decisão, simplesmente saía voando pela janela. Eu o enlaçava com as pernas e o deixava me levar para o quarto. Ele sempre saía ganhando, e aqui estava eu, participando de seu jogo.

Fui até a geladeira para buscar outra garrafa d'água, mas três batidas rápidas na porta da frente acabaram me assustando, fazendo-me congelar no lugar. Um arrepio percorreu meus poros.

Está tudo bem. Se fosse Damon – ou Trevor –, a porta estava trancada, e ninguém podia passar.

Indo até lá em passos lentos, segurei a maçaneta com força e me inclinei contra o olho-mágico. Nada além de preto. As lapelas de seu terno, a camisa, e então... um pedacinho do pescoço macio e bronzeado. Não podia ver seu rosto, já que ele passava de 1,95m, mas reconhecia Michael em qualquer lugar.

— Quem é? — perguntei de brincadeira.

— Quem você acha? — respondeu, irritado. — Abra a porra da porta.

Sacudi a cabeça, rindo sozinha. Todas as vezes que conseguia irritá-lo, eu considerava como uma pequena vitória.

Abrindo apenas uma fresta da porta, fiquei ali parada, desafiando-o com o olhar.

— Chegou um pouco mais cedo, você não acha? — provoqueei. — Você sempre dá as caras por aqui por volta das dez.

Ele semicerrou os olhos, não achando a menor graça.

— Me deixe entrar.

Mas neguei com a cabeça, mantendo-o à distância.

— Hum, acho que não. Não estou muito a fim esta noite.

— Não está a fim? — Fez uma careta. — Que caralho isso quer dizer?

— Quer dizer que você não pode me manter trancada aqui, ao seu dispor sempre que estiver no clima.

Michael me olhou com atenção.

— É isso o que acha que estou fazendo? — Ele empurrou a

porta e entrou, obrigando-me a andar para trás. — Acha que estou escondendo você?

Deu mais um passo na minha direção, mas imediatamente levantei meu florete ridículo entre nós, o impedindo de se aproximar mais. A ponta achatada pressionava seu tórax, enquanto o cabo praticamente se enfiava no meu estômago, mantendo-nos a uma distância de um metro.

Ele deu uma risada amarga, olhando para minha arma.

— Meus jogos são bem mais divertidos.

Mas eu não estava jogando.

— Você levou a Alex para sair — eu o relembrei. — Na minha primeira noite no Delcour, ela estava usando um vestido, você estava de terno, e os dois voltavam de algum lugar, seja lá qual fosse. Você nunca me levou a lugar nenhum.

Dando um tapa no florete, aproximou-se de mim, me imprensando contra a parede. Colocando uma mão acima da minha cabeça, ele se inclinou, com o olhar fixo ao meu.

— Então, o que você quer? — escarneceu. — Flores? Um jantar bacana e agradável e um vestido bonito, e uma bela e gentil transa em algum hotel? Daí eu a deixo na sua porta, quando a noite acabar? Qual é, Rika. Assim você me decepciona. Nós não somos desse jeito.

— Nós? — argumentei. — Não existe um “nós”. Você não faz a menor ideia do que me faz feliz, e nem ao menos se importa.

— É mesmo? — Ele assentiu, erguendo uma sobrançelha de um jeito sarcástico. — Então, se esgueirar pelo Hunter-Bailey, no evento de abertura das competições, hoje à noite, não te faria feliz? Porque foi para isso que vim aqui te buscar.

Meus olhos se arregalaram, assim como minha boca.

— Mas, ei... se você prefere jantar ou assistir algum filme. — Deu de ombros. — Posso comprar umas flores sem-graça também.

Meus lábios se abriram em um sorriso de orelha a orelha, e gritei, histérica, quando pulei em cima dele e o enlacei com meus braços. Ele ainda tentou se manter rígido e chateado, mas eu podia ver o sorriso se formar no canto de sua boca.

— Você não presta — zombei.

— Você também não — retrucou, me envolvendo em seus braços. — Não me diga como devo tratar você, tá bom? Eu sei exatamente do que você gosta.

Então se afastou, me dando um tapinha no traseiro.

— Agora vá tomar banho e trocar de roupa. Você está fedendo.

Quando lhe dei as costas e corri para o banheiro, pude sentir o sorriso que parecia plantado no meu rosto.



— Arrume essa postura — Michael repreendeu, jogando as chaves do carro para o manobrista.

Eu o segui pela escadaria de entrada do Hunter-Bailey, aprumando os ombros na mesma hora e segurando a bolsa verde-musgo de um lado.

— Você tem certeza de que isso vai dar certo? — perguntei, de frente para ele.

Ele esticou o braço por trás da minha cabeça e cobriu meu cabelo ao puxar o capuz preto do moletom enorme que me fez vestir.

— Quem vai nos impedir? — retrucou.

Sorri de lado, enquanto ele enfiava meu cabelo comprido para dentro do agasalho.

Quem vai nos impedir? Será que algum dia eu seria capaz de responder com aquelas mesmas palavras quando tivesse dúvidas? Não, porque sempre fui muito apreensiva.

— E se descobrirem que sou uma mulher? — insisti, minha pele formigando quando sua mão acariciou meu rosto.

— Então apenas sorria e seja dona de si mesma — replicou. — O único jeito de saber do que somos capazes, é quando nos metemos em problemas.

Arqueei uma sobrancelha.

— Às vezes, se meter em problemas pode acabar te enfiando em um maior ainda. Exatamente como aconteceu com Kai e Will.

Ele olhou para mim como se eu fosse idiota.

— Você está planejando espancar algum policial ou dormir com alguém menor de idade?

Revirei os olhos.

— Vamos embora. — Pegou minha mão, me puxando pelas escadas.

Michael abriu a porta, entrou e me fez segui-lo. Eu me mantive cabisbaixa o tempo inteiro, ouvindo o som do tilintar das taças e das risadas ruidosas que vinham da sala de jantar. O cheiro forte de cigarro permeava o ar, irritando minhas narinas, fazendo-me inspirar entrecortadamente. Com uma mão apoiada na parte inferior das minhas costas, ele me guiou para outro lance de escadas.

— Sr. Crist? — uma voz masculina ressoou, nos fazendo estacar em nossos passos.

Meu coração saltou no peito, mas não me virei para trás.

— É política do clube que todos façam o *check-in*, *Sir* — o homem disse. Devia ser um dos recepcionistas.

— Este aqui é William Grayson III — Michael respondeu com a

voz tranquila e confiante.

Eu podia sentir os olhos do homem queimando minhas costas.

Depois de alguns instantes, ele pigarreou e respondeu:

— É claro, *Sir*.

Senti alívio imediato, mas tinha certeza de que o cara sabia que era mentira. Como não poderia saber? Se ele conhecesse Will, de verdade, teria percebido que eu era muitos centímetros mais baixa e com 35 quilos de músculos a menos.

— Vamos. — Michael me cutucou, me empurrando para frente.

Segurei a alça da bolsa com mais força e subi correndo os degraus, ouvindo passos acima e conversas aleatórias vindas de outras salas à medida que passávamos pelo corredor.

— Fique perto — ele disse por cima de seu ombro. — E não levante a cabeça.

Mantive o olhar para baixo, bem como a cabeça curvada, apenas observando a parte de trás de seus sapatos; eu o seguia como uma sombra. Entramos por uma porta, cruzando um aposento.

Era o ginásio. Sabia disso por causa do piso de madeira brilhante, o som de sacos de areia sendo espancados, e os guinchos dos solados dos tênis. Fiz exatamente como me foi ordenado: não olhei para cima e andei o mais rápido possível até o vestiário.

Ele me fez passar pela sauna e pelos spas. O vapor fluía das piscinas como se fosse um caldeirão fervente que as bruxas usavam para fazer suas poções. Passei pelo vestiário, ouvindo o som de vozes espreitando pela imensa sala. Virando à direita, passamos por um monte de portas de vidro foscas. Michael abriu uma delas e me empurrou para dentro, fechando a porta atrás de si.

Ao olhar para cima, reparei onde estávamos: em um chuveiro. A ducha ficava logo acima da minha cabeça, e um vão encrustado na parede contava com três potes de xampu, condicionador e sabonete líquido.

Michael agarrou minha bolsa e a abriu, pegando minha calça, jaqueta, luvas, meias e sapatos. Jogando a bolsa no chão, ele se ajoelhou e começou a desabotoar minha calça.

Comecei a rir baixinho, segurando suas mãos.

— Não posso fazer isso — protestei.

— Mas eu quero — ele disse, brincalhão. Meu coração palpitou.

Dei um suspiro audível e endireitei a coluna, deixando-o me livrar dos sapatos e meias antes de retirar meu jeans, embolando-o nos tornozelos. Retirei o moletom e a camiseta ao mesmo tempo, largando tudo no chão. Cruzei os braços sobre o peito, esperando que ele pegasse minha calça branca de esgrima e me ajudasse a vestir, mas ao invés disso, seus olhos se fixaram aos meus quando deslizou as pontas dos dedos pelas minhas pernas.

Seus lábios se torceram em um sorriso safado, e os olhos cor de mel se aqueceram. Curvando os dedos pela borda da minha calcinha, ele a retirou. Simplesmente o observei o tempo todo, tentando ficar calma apesar do frio na barriga.

Eu amava quando ele me olhava daquele jeito.

Seu comportamento grosseiro e áspero fazia com que as poucas vezes em que era delicado fossem tão cativantes que tudo o que mais queria era me estapear. Ele era um sádico, e meu pobre coração tamborilava no peito nos instantes em que seus puxões, agarres e empurrões se transformavam em carícias suaves, e quando seus rosnados, grunhidos e carrancas se tornavam sussurros.

Eu estava rendida, e nunca nem sequer pensei em lutar contra aquilo.

Luxúria e razão sentavam-se sobre meus ombros, como um pequeno anjo e um demônio que duelavam. Um me dizendo para confiar meu coração a ele, e outro dizendo que nunca seria capaz de fazer isso.

Michael deslizou as mãos pelas minhas coxas, e fiquei ali parada, totalmente nua à sua frente enquanto seus olhos queimavam e me absorviam. Seus dedos amassando minha carne.

— Nem sequer pense nisso — impliquei. — Eu quero esgrimir.

Ele deu um sorriso largo, ao perceber que havia sido pego em flagrante.

— Você é tão linda — disse, arrastando as mãos até minha bunda e segurando meus quadris enquanto me olhava.

Não conseguia acreditar. Michael Crist estava de joelhos à minha frente, me dizendo que eu era linda.

Afastei suas mãos, suspirando audivelmente.

— Só me ajude a colocar minhas roupas.

Eu não sabia por que ele me queria completamente nua – sem sutiã ou calcinha –, mas discutir só mostraria a ele o tanto que estava nervosa, então... que se dane. Se ele queria que eu ficasse pelada por baixo do meu traje, não era algo que não podia lidar.

Ele me ajudou a colocar as meias e depois a calça. Vesti a jaqueta e subi o zíper na parte da frente e torci meu cabelo em um coque no alto da cabeça, amarrando um elástico para mantê-lo firme. Calcei as luvas a seguir. Por fim, ele me ajudou a calçar os sapatos e colocar a máscara sobre meu rosto, garantindo que nenhuma mecha do meu cabelo ficasse visível.

— Vamos. — Michael ficou de pé e abriu a porta, segurando minha mão.

No entanto, soltei-me de seu agarre, sorrindo, mesmo que ele não pudesse ver por baixo da minha máscara.

— Você costuma andar de mãos dadas com o Will?

Ele parou por um instante, dando-se conta do que estava fazendo.

— Bem lembrado.

Ao abrir a porta do boxe, saiu e o seguiu, deixando os vestiários para trás, bem como os spas e a sauna outra vez. No instante em que estávamos chegando à porta que daria acesso ao ginásio, Kai cruzou nosso caminho, entrando no vestiário com uma mochila pendurada no ombro.

— Ei, o que você está fazendo? — perguntou, parando diante de Michael.

Ele apenas sacudiu a cabeça, o dispensando, mas os olhos de Kai aterrissaram em mim e se estreitaram no mesmo instante. Sem hesitar, ele esticou a mão e ergueu a grade de proteção da máscara, deparando com o meu sorriso mal disfarçado.

— Legal. — Riu, reposicionando a grade. — Bom, isto vai ser divertido.

Sacudindo a cabeça em divertimento, passou por nós e entrou no vestiário, enquanto eu e Michael abríamos a porta para o ginásio.

Guiando-me pela confusão de esteiras, aparelhos de ginástica, inúmeros sacos de areia e o enorme ringue de boxe, ele entrou em uma outra sala, mais escura, com um amplo piso de madeira e alguns esgrimistas já praticando entre si. Poltronas acolchoadas de couro marrom se espalhavam pela sala, e alguns homens apenas apreciavam os duelos enquanto bebiam e conversavam.

Michael me levou até uma parede onde havia uma infinidade de espadas, floretes e sabres dispostos, e gesticulou para que eu escolhesse qualquer um deles. Olhando para trás, percebi que a maioria dos homens que estava praticando usava floretes.

Meu coração acelerou ao ouvir o tilintar das lâminas ao fundo; escolhi um florete com o punho em formato de pistola.

— Ei, você está a fim de praticar? — um homem disse logo atrás de mim, fazendo-me girar a cabeça, assustada.

— Ahn... — Olhei para Michael.

Ele apenas deu um sorriso zombeteiro e se inclinou para sussurrar no meu ouvido:

— Divirta-se. — E se afastou.

O quê? Endireitei a coluna, nervosa e sentindo-me sozinha.

— Collins — o cara disse, estendendo a mão para um cumprimento.

Ele era um pouco careca, com cabelo avermelhado ao redor, e seu rosto era pálido e reluzente, adornado por um sorriso cortês. A máscara de luta estava debaixo do braço, enquanto o florete estava na outra mão.

— Hum — gaguejei e o cumprimentei. — Meu nome é Erik. —

Depois repeti, um pouco mais baixo: — Erik.

Quando trocamos um aperto, ele sacudiu meu braço com tanta força que achei que poderia ser deslocado da articulação.

— Então vamos lá, garoto — incitou e se afastou colocando a máscara.

Garoto? Não sei se deduziu aquilo pela minha baixa estatura ou a voz, mas pelo menos não desconfiou que era uma *garota*.

Nós nos posicionamos na pista de treino, e olhei ao redor, vendo Michael sentado em uma poltrona, sendo servido por um garçom. Nossos olhares se cruzaram quando ele tomou um gole de sua bebida.

As costuras ásperas do meu traje de esgrima roçavam contra minha pele, e quando a emenda da calça raspou meu clitóris, cheguei a ofegar. Contive um gemido, e uma gota de suor deslizou pelas minhas costas.

— Acho que não te conheço, não é? — o cara, Collins, perguntou.

Virei a cabeça de uma vez, assumindo a posição *en garde*.

— Nós vamos esgrimir ou não? — disse, ríspida, segurando meu florete com firmeza.

Ele deu uma risada e também se postou em guarda.

— Tudo bem.

Na mesma hora avancei, fazendo todo o trabalho de pés que aprendi e pratiquei ao longo de anos; eu o desafiei, partindo para o ataque. Eu me desviava, movendo o florete em círculos e o forçando a se defender enquanto o pressionava cada vez mais. Os braços dele eram mais compridos que os meus, assim como as pernas, então eu me movimentava com agilidade e ousadia.

Agindo como um cachorro miúdo com um latido infernal.

Circulei e joguei, e quando percebi que ele havia baixado um pouco a guarda, avancei e estiquei a espada, alfinetando-o no peito.

— Eita! — ele exclamou. — Isso foi bom.

Abaixei a lâmina estreita e recuei, ofegante.

— Valeu.

Dei um passo mais atrás e entrei novamente em posição, avançando ou recuando de acordo com nosso embate; ele se mostrava cada vez mais à vontade e agressivo nas investidas.

O desafio prosseguia, e quando ele avançou em outro ataque, fazendo-me recuar, contra-ataquei e o espetei no estômago, pegando-o de surpresa.

— Puta merda! — rosnou.

Fiquei ali parada, tensa, com medo de tê-lo deixado puto.

Ele levantou sua máscara, o cabelo empapado de suor. Quando riui, senti meu corpo relaxar.

— Bom trabalho, garoto — cumprimentou, arfando. — Agora preciso de uma bebida.

Assenti, sorrindo satisfeita, e me afastei para que ele saísse da pista. Minha boca também estava seca, mas ainda não estava pronta para retirar minha máscara a fim de beber alguma coisa.

Olhei para a direita, percebendo que havia me esquecido de Michael. Ele girava o copo com o líquido ambarino enquanto me observava com os olhos escaldantes, e mal fui capaz de respirar direito para me acalmar. Naquele instante, cada pedacinho do meu corpo estava consciente da presença dele. Estava molhada de suor, e as roupas se grudavam à minha pele. Cada poro estava sensibilizado, e tudo o que mais desejava era a boca dele em todo lugar.

— Topa um combate? — um homem perguntou.

Olhei para o cara de cabelo e olhos escuros.

Assenti, sem responder nada.

Ajeitei a posição dos pés, atenta aos outros esgrimistas à nossa volta, e dei início ao duelo, mas minha mente estava longe dali.

Michael. Michael. Michael. Era sempre ele na minha cabeça. Sempre dentro de mim.

Eu podia sentir seus olhos me queimando agora, e o que mais queria era arrancar as roupas e sentir sua pele contra a minha.

Para sempre.

O que eu ia fazer?

— Ei, ei, ei... calma aí — o cara pediu. — Estou tentando me divertir aqui.

Desacelerei meu ataque, respirando com dificuldade.

— Perdão.

Marquei mais dois pontos, e ele um, mas era praticamente impossível me concentrar no embate. Michael estava me observando, e agora, ao invés de duelar e pontuar, eu queria outra coisa. O tecido irritava minha pele desnuda por conta do suor, e as costuras roçavam meu clitóris, deixando-me encharcada. Podia sentir o pulso entre as pernas latejando, e quando virei a cabeça para o lado, vi Michael com a mandíbula cerrada enquanto respirava rapidamente. O canto de seus lábios se curvou em um sorriso presunçoso, pois ele sabia que estava ficando excitada.

No entanto, resmunguei ao sentir a ponta plana da espada do meu oponente tocar meu estômago.

— Argh... — grunhi, recuando. — Droga!

O cara riu para mim, e apenas olhei de cara feia para Michael, vendo-o achar graça de seu feito.

Minha pele estava queimando, e frustração beliscava cada fibra do meu corpo. O traje e a máscara se assemelhavam a uma montanha de cobertores sobre mim, pesando de tal forma que me sentia sufocar.

Minha vontade era me desfazer de tudo para que pudesse respirar.

Cerrei os punhos, vendo o olhar desafiador de Michael. *Ah, não. Agora é a minha vez.*

— Bom jogo — disse para o cara e saí da pista.

— Ei! — o homem gritou.

Mas nem sequer olhei para trás.

Jogando meu florete para Michael, vi quando ele pegou no ar enquanto eu seguia rumo à saída, sabendo que ele me seguiria logo mais.

Atravessei o ginásio e entrei no vestiário, virando a cabeça para vê-lo me seguindo com o olhar flamejante. A espada já não estava em suas mãos, o que indicava que ele deve ter largado por lá mesmo.

Acelerei os passos em direção aos chuveiros. Provavelmente teríamos privacidade em um dos boxes, mas ele agarrou meus quadris, me impedindo de continuar. Abrindo as portas da sauna logo ao lado, ele me empurrou para dentro. Olhei ao redor para me assegurar de que estava vazia.

O vapor subia pelo ar na imensa sala com azulejos da cor bege; era difícil enxergar toda a extensão do lugar por conta da umidade do ar. A área era estruturada em plataformas lineares, em degraus, como um anfiteatro; os quatros níveis eram usados como bancos ou espaços onde a pessoa podia se deitar.

Porém não havia ninguém. A porta não estava trancada, mas estávamos sozinhos naquele momento.

Fiquei de frente para ele e retirei a máscara do meu rosto, jogando-a no chão.

— Jogos, jogos, jogos... — zombei, abrindo o zíper da jaqueta. — Você está me deixando louca.

Ele me agarrou, puxando as mangas do casaco para me ajudar a tirar, descendo os lábios sobre os meus. Deixando a jaqueta cair no chão, eu me apoiei em seus ombros quando ele me levantou e colocou meu corpo ao dele, cobrindo minha boca com seu gosto e calor. A língua deslizou contra a minha em movimentos intensos e poderosos, em um beijo faminto.

— Eu gosto de você louca — ofegou, afastando-se um pouquinho. — E gosto de você molhada. Como está a sensação aqui embaixo? — Enfiou a mão por dentro da minha calça, sem dificuldade para conferir o quão escorregadia estava. — Humm, estas calças se esfregaram bem gostoso em você, não é? Sabia que isso ia acontecer.

Eu me lancei para frente e o devorei com a minha boca, beijando, mordendo e brincando. Consegui me desfazer do elástico que prendia meu cabelo, liberando os fios para se derramarem contra as minhas costas.

As mãos ansiosas de Michael percorriam todo o meu corpo,

encharcado de suor, e depois deslizaram pela calça; ele segurou minha bunda e me puxou com força contra ele. A espessura de seu pau acariciou meu clitóris, e eu gemi, me deliciando com a sensação.

— Alguém pode acabar entrando aqui — sussurrei contra seu pescoço, mesmo assim tentando fazê-lo se livrar do terno. — A gente devia ir para o chuveiro.

Dei uma olhada na porta de vidro fosco, nervosa, com medo de alguém entrar a qualquer momento, mas minha boceta latejava; meus mamilos estavam tão duros por causa do atrito das roupas, que deixei a preocupação de lado, focada apenas em tê-lo dentro de mim.

Em segundos, minha calça, sapatos e meias haviam sumido, e Michael se desfez de sua camisa antes de me pegar no colo. Imediatamente enlacei sua cintura com as pernas.

Ele ficou ali de pé, no meio da sala, mantendo um agarre firme na minha bunda enquanto beijava meu pescoço, mandíbula, meus lábios. Eu podia sentir os arrepios percorrendo minha nuca, e o ar ao redor ficou mais espesso; curvei a cabeça para trás, sentindo cada centímetro da minha pele ganhar vida.

— Rika — sussurrou contra meu pescoço. — Eu preciso de você. Preciso de você todo dia, toda hora, a todo o tempo...

Olhei para ele, abraçando-o com mais força, desejando que o tempo pudesse parar ali.

Ele era meu tudo.

Durante toda a minha vida, eu só me sentia viva quando ele estava por perto, e por mais que soubesse que as coisas sempre seriam complicadas com ele, também sabia que nada seria tão bom sem ele.

Afundando a cabeça na curva de seu pescoço, fechei os olhos e sussurrei:

— Eu te amo, Michael.

Ele ficou quieto, sem alterar em nada o aperto que mantinha ao redor do meu corpo, mas era como se tivesse parado de respirar.

Sem dizer nada, eu o segurei apertado contra mim, sentindo as lágrimas brotarem em meus olhos. *Por favor, não me afaste.*

Não estava arrependida por ter confessado meu amor. Aquele sentimento me possuía, e não havia nada o que fazer. Mas também não conseguia suportar seu silêncio. Ou a verdade de que ele não sentia o mesmo por mim.

Mas não me arrependia.

— Rika — ele disse, como se estivesse procurando pelas palavras.

Apenas sacudi a cabeça, abaixando as pernas, tentando me desvencilhar de seu agarre.

— Não diga nada — falei baixinho, sem conseguir encará-lo. — Não estou esperando que você diga alguma coisa.

As mãos dele continuaram firmes em meus quadris, e sabia que ele estava olhando para mim.

— Diz logo que você a ama — uma voz profunda ecoou. — Pelo amor de Deus.

Levantei a cabeça, assustada. Michael fez o mesmo enquanto vasculhávamos a sala mergulhada em vapor, até que finalmente avistamos um par de pernas penduradas no nível mais alto das plataformas de bancos.

— É tão difícil assim, porra? — Kai pousou os pés no piso ladrilhado inferior e descansou os cotovelos contra os joelhos. Seu olhar estava focado em Michael. — Você está atormentado. Isso te pegou de jeito, não foi, Michael?

Ofeguei e me abaixei rapidamente, pegando a camisa social preta no chão, para me cobrir com ela.

Ai, meu Deus. Ele estava ali o tempo todo? Mas que merda...?

— Uma garota linda te olha como se você fosse um deus, desde quando ela se conhece por gente — Kai continuou, trocando de mão em mão um pequeno objeto vermelho —, e pode ter certeza de que nunca vai encontrar nada melhor, porque ela é única, e ainda assim você não consegue dizer nada? Você tem noção de como é sortudo?

Michael permaneceu em silêncio, lançando um olhar avaliador para o amigo. Ele não ia discutir com Kai. Nunca faria isso. Se desse atenção à crítica dele, seria o mesmo que atestar a veracidade de suas palavras.

Kai abaixou os olhos, ainda brincando com alguma coisa vermelha em sua mão, em uma atitude solene.

Você tem noção de como é sortudo? Isso te pegou de jeito, não foi?

— O que são estas coisas? — perguntei, segurando a camisa contra o peito com mais força.

— Cartuchos — ele respondeu.

Cartuchos? Olhei com mais atenção, avistando as pontas douradas esfaceladas, como se tivessem sido explodidas.

Cartuchos. De espingarda.

E haviam sido disparadas. Meu coração retumbou no peito.

— Por que você está com isso? — Michael exigiu saber.

Porém Kai apenas deu de ombros, antes de responder:

— Não interessa.

— Por que você está com isso? — dessa vez eu perguntei, dando um passo em sua direção.

Sabia que Kai estava com problemas, mas por que diabos ele tinha cartuchos de espingarda?

— São os projéteis usados na última vez em que meu avô me levou para uma sessão de tiro ao alvo — explicou, a voz inexpressiva. — Eu tinha treze anos. Foi a última vez em que me lembro de ter sido

uma criança.

Ele ficou de pé e desceu os degraus, uma toalha branca amarrada na cintura. O cabelo escuro penteado para trás.

— Desculpem-me por não ter alertado minha presença mais cedo — ele disse ao se aproximar. — Pensei que...

Ele fez uma pausa, como se estivesse refletindo sobre o que estava prestes a falar.

— Pensou o quê? — perguntei.

Ele olhou de relance para Michael antes de desviar o olhar.

— Acho que queria ver se eu ficaria excitado — admitiu.

Meu rosto esquentou, e me lembrei que ele disse não ter tocado uma mulher em três anos.

Será que ele havia mesmo ficado tanto tempo assim?

Ele deu um passo para nos contornar, mas na mesma hora deu um passo à sua frente, impedindo sua saída e sem saber o porquê.

Ele parecia tão perdido e cauteloso, e se precisava desabafar, eu queria que ele continuasse até que...

Até que se sentisse bem outra vez.

— E isso aconteceu? — perguntei baixinho. — Você ficou excitado?

Ele afastou o olhar, e vi quando engoliu em seco como se não soubesse o que dizer. Talvez estivesse com medo de Michael. Talvez estivesse com medo de mim.

Não sei por que razão deixei a camisa de Michael cair no chão, revelando meu corpo nu. Michael ficou tenso na mesma hora. Kai manteve a cabeça ainda erguida, mas os olhos estavam focados na camisa caída no chão.

Arrepios percorreram minha nuca, e por mais que me preocupasse que minha atitude pudesse fazer com que Michael me odiasse, algo simplesmente me impulsionou para frente. Cheguei bem perto de Kai, o vapor grudando à minha pele como se fosse um tecido, mas ainda assim ele se recusou a olhar para cima.

— Por que você não olha para mim? — perguntei com suavidade.

Ele deu uma risada abafada, parecendo nervoso.

— Porque você foi a primeira mulher com quem conversei desde que saí da cadeia, e tenho medo de... — ele respirava cada vez mais rápido. — Tenho medo de querer tocar em você.

Virei a cabeça devagar, olhando para Michael. Seu peito estava coberto de gotas d'água, e seu olhar penetrante me observava como se estivesse à espera do meu próximo passo.

Fiquei frente a frente com Kai, tentando atrair seu olhar.

— Olhe para mim.

No entanto, ele apenas balançou a cabeça e tentou passar por

mim.

— Acho melhor sair daqui.

Coloquei uma mão em seu peito, impedindo-o de sair.

— Não quero que vá embora.

Eu podia sentir o ritmo respiratório intenso sob a minha palma, assim como o corpo inteiro retesado, na tentativa de continuar evitando meu olhar. Não sabia o que faria, ou até onde poderia ir, mas tinha certeza de que Michael não me impediria.

E eu também não sabia dizer se queria ser impedida.

— Por que você está fazendo isso? — Kai finalmente levantou os olhos, focando-os em mim.

— Porque parece tão natural — respondi. — Você se sente à vontade comigo?

Ele olhou de esguelha para Michael, que se aproximou mais um pouco de nós, e de volta para mim.

— Sim.

Mas não disse nada mais além disso, e fiquei me perguntando por que ele preferia se calar. Onde estava o antigo Kai?

Ele parecia sempre tão solitário...

Senti o choro preso na garganta, porque todos nós havíamos mudado para sempre. Michael ficou amargurado porque odiava se sentir impotente. Pelo que percebi, Kai sofreu, porque seus limites foram testados. E eu estive lutando para descobrir quem sou e a qual lugar pertencço, por muito tempo.

Todos estivemos perdidos e sozinhos, vagando sem rumo certo, porque nenhum de nós era capaz de admitir que tanto não estávamos sozinhos, quanto não seríamos felizes dessa forma. Eu precisava de Michael, Kai precisava de seus amigos, e Michael precisava de...

Não sabia do que ele precisava. Mas sabia que ele tinha sentimentos. E já os tinha há um bom tempo, e eu os queria para mim, assim como queria que Kai se libertasse das amarras que o estavam prendendo. Queria que nós três déssemos vazão à dor e frustração, porque aquilo estava reprimido por tempo demais.

Ergui os braços e enlacei o pescoço de Kai. Afundei o rosto na curva suave e contive as lágrimas que haviam se formado em meus olhos, pressionando meu corpo ao dele, segurando-o como se fosse eu que precisasse daquilo.

— Me toque — sussurrei. — Por favor.

Ouvi o suspiro audível, e o pulso em seu pescoço latejou sob meus lábios. A pele macia tinha o cheiro característico dos spas, e o calor úmido de seu corpo se derreteu contra o meu quando o senti relaxar.

Ele engoliu em seco ao colocar as mãos em meus quadris. Permaneceu imóvel por um instante, tentando respirar com calma, até

que senti os dedos se espalharem pelas minhas costas; as pontas se afundando em minha carne, com força e desespero.

Seu toque foi descendo, as mãos agarrando minha bunda, e só então resolvi seguir em frente. Acaricieei seus ombros, deslizando pelo peito forte, sentindo a suavidade da pele de sua clavícula, os contornos de seu abdômen sarado, a cintura delgada...

— Dói ver isso? — Kai perguntou.

Levantei a cabeça para olhar para ele, mas percebi que não era comigo que falava. Ele olhava fixamente para Michael.

Virei a cabeça para o lado, vendo-o abrir a boca, ofegando.

— Sim — disse em um tom de voz baixo, os olhos encontrando os meus.

— Mas você gosta — afirmei, sentindo o toque trilhando um caminho pelo meu ventre. — Você gosta da ferroada da dor. Isso te excita.

Enganchei um braço no pescoço de Kai, recostei minha testa à dele e peguei sua mão, colocando-a diretamente sobre meu seio. Arfando, ele começou a acariciar minha pele, meu mamilo enrijecendo e formigando sob seu toque. Fechei os olhos, deliciada com o prazer que se espalhava pelos meus músculos lânguidos.

— Isso é tão gostoso — eu disse.

Então abri os olhos, sentindo um peito pressionar contra minhas costas.

Michael segurou meu cabelo, e minha cabeça levantou quando ele enrolou as mechas ao redor de seu punho. Ele puxou com força, curvando meu pescoço para trás de forma que meus olhos se focassem nele.

— Você é perfeita pra caralho — disse e enfiou um braço entre meu corpo e o de Kai, deslizando sua mão entre minhas pernas.

A boca aterrissou sobre a minha, enquanto Kai afundava o rosto no meu pescoço. Gemi, surpresa com a reação, e som do meu prazer se perdeu no beijo ardente de Michael.

Ai, meu Deus. Meus joelhos fraquejaram, então arqueei as costas para manter minha boca firme à de Michael, beijando-o e me deliciando com a sensação de sua língua contra a minha; meus seios roçavam o tórax desnudo de Kai. Uma espiral de prazer intenso varreu meu corpo, percorrendo meu ventre até o meio das minhas pernas, enquanto ele devorava meu pescoço.

Aquilo era demais. Os lábios de ambos chupando, me provando, cada vez mais gananciosos e em busca de mais e mais, as mãos me apalpando e tomando. Levantei um braço e segurei a nuca de Michael, atrás de mim, enquanto firmei o aperto no pescoço de Kai, à frente.

Os dedos de Michael se enfiaram na minha boceta e pude senti-

los molhados a cada vez que os retirava. Minha mente podia estar enevoada e agindo por instinto neste exato momento, mas meu corpo definitivamente sabia do que eu gostava.

A língua de Michael mergulhou na minha boca, fazendo-me gemer à medida que a pulsação entre minhas pernas se tornava mais intensa. Kai segurou um dos meus seios e abaixou a cabeça, cobrindo meu mamilo com sua boca.

— Ai, meu Deus — gemi alto. Michael me atormentava, lambendo meus lábios.

Com o calor da boca de Kai, e a provocação da língua de Michael, eu estava prestes a explodir. Cada músculo da minha boceta se contraiu, e olhei para ele, implorando:

— Eu preciso gozar...

Ele apalpou minha bunda, beijando e mordiscando meus lábios com suavidade.

— Você ouviu isso, Kai? — perguntou para ele, mas com o olhar fixo no meu. — Ela quer gozar.

Ouvi a risada abafada de Kai contra minha pele quando deu atenção ao outro seio. Ele deslizou a língua pelo bico enrijecido antes de chupá-lo todo em sua boca, arrastando os dentes pela carne. Então se levantou, pressionando o corpo à frente, enquanto Michael me imprensava por trás.

— Você precisa gozar? — debochou, mordiscando minha mandíbula e queixo.

Ele se inclinou para sussurrar em um gemido rouco:

— Eu posso cuidar disso, gata. Vou te lamber todinha.

Um frio na barriga se apossou de mim, e gemi sem sentido. Observei quando se ajoelhou à minha frente e arregalei os olhos quando o vi se desfazer da toalha na cintura.

Minha nossa. Seu pau ereto era grande e grosso, e somente em ver quão duro estava quase incendiou meu corpo.

— Abra as pernas dela para mim — ele pediu para Michael.

Ele assim o fez, erguendo minha perna por baixo do joelho, me abrindo por completo para Kai. Tudo o que pude fazer foi cravar minhas unhas em sua nuca, atrás de mim, e fechar os olhos quando seu amigo cobriu meu clitóris com a boca, chupando com força e fazendo minhas pernas tremerem.

Ele me comia como se estivesse faminto, arrastando a língua por toda a extensão, circulando o clitóris, e me fazendo queimar de necessidade.

— Você gosta que o meu amigo te chupe? — Michael me provocou, sussurrando no meu ouvido. Suas mãos abarcaram meus seios. — Sim, acho que gosta pra caralho da boca dele na sua boceta.

Deixei escapar um gemido, arqueando as costas e projetando

meus seios para frente enquanto a língua de Kai deslizava para dentro, agitando-se e lambendo. Pressionei a boceta contra a boca dele, tentando fazê-lo permanecer naquele exato lugar.

Calor se arrastou pelo meu ventre, o pulso na minha entrada latejou e comecei a gemer, arfando, à medida que rebolava meus quadris, perseguindo o orgasmo que estava prestes a acontecer.

— Sim, sim — gemi, desesperada.

Senti a mão de Michael deslizar pela fenda da minha bunda, esfregando um dos dedos para cima e para baixo.

Ele parou na entrada apertada, a que Kai não estava comendo com ânsia, e pisquei, assustada. Minha boca secou quando ele fez pressão ali, e quase perdi o fôlego no instante em que enfiou a ponta do dedo e ficou esperando, sem forçar mais adiante.

— Vamos lá — Michael insistiu, depositando beijos suaves na minha bochecha. — Me mostre o tanto que você gosta de ter meu amigo comendo sua boceta.

— Sim — choraminguei, sentindo meu clitóris formigar em necessidade. — Kai, porra, você me chupa tão gostoso.

Rebolei os quadris, rangendo os dentes ante o orgasmo iminente.

Por favor. Por favor. Por favor.

— Aaah... Aaaah.... — gemi alto, segurando o cabelo de Kai em um punho. Espasmos dominavam meu corpo enquanto o orgasmo me inundava com prazer que torturou cada fibra do meu ser.

O dedo de Michael começou a bombear no meu ânus, mas não senti dor. De forma alguma. Empurrei minha bunda contra sua mão, sentindo a necessidade crescente nas minhas duas entradas. Fui tomada por ânsia, luxúria e, por fim, prazer.

Meu coração palpitava loucamente, e acabei relaxando meu corpo contra o peito de Michael, sentindo-me saciada.

— Kai — ele disse, ofegante, atrás de mim.

Olhei para baixo e vi quando o amigo se afastou, os olhos se fechando por uma fração de segundos como se ele tivesse sentido o mesmo prazer que eu.

Ele estendeu a mão e pegou no ar a camisinha que Michael havia jogado em sua direção.

— Eu preciso de você — Michael arfou contra o meu cabelo, parecendo estar desesperado.

Percebi que havia retirado a calça e jogado tudo no chão, enquanto Kai ficava de pé e abria a embalagem do preservativo com os dentes, revestindo todo o comprimento de seu pau. Ele segurou meu pulso e me puxou contra si, pegando-me pela parte de trás das coxas e me levantando para que o enlaçasse pela cintura. Foquei o olhar naqueles olhos escuros enquanto apoiava minhas mãos em seus

ombros fortes.

— Obrigada, Rika — ele disse com sinceridade.

Então beijou meus lábios assim que se ajustou em minha entrada, penetrando-me devagar.

Gemi ao sentir-me preenchida por ele. As mãos agarravam minha bunda para me puxar contra seu corpo forte.

— Você me quer, Rika? — perguntou. Nossos corpos pareciam ter sido moldados juntos.

— Sim — assenti, sabendo que era o que ele precisava ouvir.

Eu o queria?

Eu queria *isto*. Queria ele, Michael e eu, fazendo algo que fosse bom para apagar os últimos três anos, e queria que ele soubesse que não estava só.

Ele era amado e tinha pessoas com quem poderia contar.

Mas não estava apaixonada por ele. Meu coração sempre pertenceu ao Michael. No entanto, eu era sua amiga e queria isto.

Michael veio por trás e senti seu pau cutucar minhas costas.

— Gostosa pra caralho — ele disse, segurando meus quadris e beijando meu ombro. — Solte apenas uma perna, Rika, mas continue se segurando no Kai.

Meu coração perdeu o ritmo, mas o obedeci, sabendo que ele precisava que eu ficasse em um determinado ângulo para que a coisa funcionasse.

Mantendo uma perna ao redor da cintura de Kai, com ele enfiado profundamente em mim, baixei a direita, só um pouquinho. Kai me segurou com firmeza, os músculos poderosos de seus braços contraídos a todo o tempo.

Michael roçou seu pau contra minha entrada apertada, meu corpo agora encharcado por conta do vapor e de Kai. Eu estava relaxada por causa do orgasmo, e muito exausta para me preocupar.

Nunca tinha feito isso antes. Dois caras – ou isto –, mas sabia que estava prestes a acontecer.

— Rápido — Kai disse ao amigo. — Eu preciso me mexer. Isto está gostoso demais.

Michael pressionou a ponta em meu buraco e perdi o fôlego por um instante.

— Relaxe, querida — disse, apalpando meu traseiro. — Eu juro que você vai adorar isso.

Suspirei audivelmente, obrigando meus músculos a relaxarem e ficando quieta quando ele se empurrou com mais força. Estremeci quando senti a ardência no instante em que a cabeça de seu pau enfiou dentro e preendi o fôlego.

— Acho que não...

— Sshhh... — Michael tentou me acalmar, sussurrando no meu

ouvido e esticando a mão para acariciar meu clitóris. — Sua bundinha é tão apertada... Você acha que vou permitir que caia fora agora que provei isso aqui?

Então segurou meu cabelo em um punho, puxando minha cabeça para trás.

— Hein? — Mordeu minha bochecha, me provocando. — Ninguém vai ouvir se você gritar, Rika. Nós dois vamos te foder, e você vai amar cada segundo disso. Ninguém vai vir em seu socorro.

Meu coração saltou no peito, e sufoquei, sentindo meu clitóris latejar dolorosamente por conta do medo.

— Sim...

Filho da mãe.

O medo. O pavor do caralho me deixou com tesão, e ele soube exatamente o que dizer para fazer com que meu corpo ardesse de desejo outra vez.

Devagar – bem devagar –, ele se afundou mais e mais, e fiquei mais excitada ainda quando Kai enfiou a boca no meu pescoço, chupando, mordendo, beijando minha pele. Ele retirou o pau um pouquinho e estocou contra mim, e acabei me mexendo no ritmo, me jogando contra o pau de Michael. O rosnado em seu peito reverberou pelas minhas costas quando ele tomou minha boca.

Eles conduziram lentamente, encontrando uma sincronia para entrar e sair do meu corpo ao mesmo tempo, e segurei a nuca de Michael com uma mão, enquanto a outra puxou Kai para mais perto.

Eu estava completamente estirada e cheia, e meu corpo inteiro formigava com a fricção de nossas peles e suores. Meu cabelo grudava no pescoço e nas costas.

— Mais forte — gemi, arfando por entre os dentes à medida que inclinava a coluna para Michael e cravava as unhas na nuca de Kai.

Eles se moveram mais rápido, e doía pra cacete onde Michael me preenchia, mas era delicioso ao mesmo tempo. Era como se meu orgasmo estivesse vindo de dez lugares diferentes, todos com o mesmo objetivo de explodir simultaneamente no meu corpo.

— Porra — Michael ofegou, as mãos apertando meus quadris para que eu acompanhasse suas estocadas, tomando tudo aquilo que ele me dava.

— Caralho — Kai rosnou, uma mão segurando minha coxa com firmeza e a outra apertando meu seio.

Ele abaixou outra vez, me devorando com a boca e me apertei contra ele, suplicando.

Inclinando a cabeça para trás, pairei meus lábios contra os de Michael.

— Você vai me culpar por causa disso amanhã?

— E se eu fizer?

Respirei fundo, o ritmo das arremetidas de Michael e Kai ficando mais intenso.

— Então eu vou embora — eu disse —, e não vou voltar até que você me encontre.

Os lábios dele se torceram em um sorriso cínico, e ele enrolou um braço ao redor do meu pescoço, sussurrando no meu ouvido:

— Eu quero isto tanto quanto você. Quero ver o tanto que isso aqui pode me causar dor.

— E isso te incomoda de alguma forma?

Ele parou de respirar, como se estivesse agonizando de dor.

— Eu quero matá-lo.

Eu sorri, satisfeita.

— Que bom.

Ele abaixou e capturou minha boca, e tive que me obrigar a ficar firme, porque seu beijo era tão devastador que era capaz de senti-lo até a ponta dos dedos dos pés.

Logo ele se afastou, curvou a cabeça para trás e estocou dentro de mim com mais força, dominado pelo prazer. Virei para frente e capturei os lábios de Kai nos meus, gemendo contra sua boca ao sentir a língua acariciar a minha. Minha boceta se contraiu com a sensação do prazer crescente.

Kai segurou meu cabelo rente à nuca, testa contra testa, nossos fôlegos se misturando.

— Rika — arfou. — Meu Deus, você é tão gostosa. Não acredito que fiquei sem isso por tanto tempo.

Suor fazia meu corpo inteiro brilhar, e chupei seu lábio inferior entre meus dentes.

— Estou te sentindo tão fundo. Me faça gozar de novo, Kai.

Ele apertou o punho no meu cabelo.

— Você não precisa pedir duas vezes, gata.

Seus impulsos se tornaram mais ásperos, e tive que me segurar no pescoço de Michael outra vez, sentindo-me preenchida por ambos, tão intensamente.

Mordi o lábio inferior, fechando os olhos com força ao sentir a adrenalina tomar conta dos meus sentidos e a boceta pulsar e latejar ao redor de seu pau. Mas foi Michael quem fez o prazer se espalhar pelo meu corpo. O pau dele se chocava contra a minha bunda, a pele friccionando contra a minha, e meu ventre e coxas começaram a queimar até que encontrei um ritmo sincronizado ao deles.

— Ai, nossa... — gemi. — Mais duro, mais duro!

— Vamos lá, querida — Michael incitou.

— Que merda é essa que está acontecendo aqui? — Ouvi uma voz atrás de nós, percebendo por um instante que alguém havia

entrado ali.

— Dá o fora daqui! — Michael esbravejou.

— Puta que pariu! — Kai tombou a cabeça para trás, me fodendo com força, e era nítido que ele estava perto de gozar.

Nenhum de nós deu atenção ao intruso, mas ouvi quando a porta se fechou, indicando que havia saído dali.

— Sim — suspirei. — Sim!

O orgasmo se instalou e então explodiu pelas minhas coxas, costas e todo o meu interior. Fiquei parada, deixando-o se alastrar, à medida que os dois continuavam arremetendo contra mim de novo e de novo, a sensação fazendo com que eu revirasse os olhos.

Michael.

Put merda. Nunca mais brigaria com ele quando quisesse me comer desse jeito. Foi o melhor orgasmo da minha vida.

Michael ainda estocou seu pau por mais algumas vezes, então curvou os dedos contra os meus quadris, quase dolorosamente, quando gozou.

— Porra — rosou, ofegante e desabando o peso de sua cabeça contra meu ombro. — Caralho.

Porém Kai me puxou para longe de Michael, e estremeci quando senti a queimação na minha bunda. Ele me colocou deitada no banco de ladrilhos, levantou um dos meus joelhos e abriu minhas pernas, me penetrando de novo.

Arqueei o corpo inteiro, gemendo.

Ele se deitou acima de mim, colando o corpo ao meu e apoiando um braço acima da minha cabeça enquanto cobria minha boca com a sua. Ele me fodeu com força como se estivesse possuído, e eu nem tinha como ver onde Michael estava, porque Kai havia assumido o comando.

Senti o gemido dele em minha boca, enquanto arremetia mais e mais até que seu corpo contraiu, e sua pele incendiou com a força de seu orgasmo. Um suspiro rouco e profundo ressoou pela sala.

Eu o segurei, continuando a beijar sua boca agora tensa em busca de ar.

— Puta merda — ofegou. — Isso foi melhor do que eu me lembrava.

Depois de alguns instantes, ele se moveu e se retirou do meu corpo, sentando-se no banco.

— Você está bem? — Olhou para mim, preocupado.

Fechei as pernas e virei a cabeça para o lado, vendo Michael sentado em outro banco, à direita, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos, nos observando.

Acenei com a cabeça.

Dobrando as pernas, foquei o olhar no teto esfumaçado,

sentindo-me quente, exausta e satisfeita. Kai se levantou e se livrou da camisinha, jogando-a no lixo perto da porta. Pegou sua toalha do chão, enrolou em sua cintura e veio se sentar ao meu lado.

Nós ficamos em silêncio por alguns minutos, tentando acalmar as batidas de nossos corações. Meu corpo estava flutuando como um balão, e senti minhas bochechas aquecendo outra vez ao pensar em tudo o que havia acontecido. Meu coração pulou no peito, e o frio na barriga ainda se fazia presente.

O que as pessoas pensariam se tivessem nos visto?

Alex estaria orgulhosa. Ela iria até mesmo querer participar.

Trevor me chamaria de vagabunda.

Minha mãe tomaria um trago de sua bebida, e a Sra. Crist nos dispensaria como se tivesse sido apenas uma briga de travesseiros.

No entanto, uma calma lavou meu corpo quando percebi que a única opinião que me importava era a da mesma pessoa que nunca me fez sentir envergonhada. O único que sempre me incentivou a pegar o que eu quisesse, e o único que só pediu que nunca renunciasse a ele.

Que nunca desistisse.

Se fosse com qualquer outra pessoa – em outro momento –, talvez ficasse com medo de que nosso relacionamento pudesse estar em risco, ou que ele se sentisse ameaçado por Kai, mas Michael sabia onde meu coração estava. Ele não duvidava do meu sentimento.

Duvidava do dele.

Kai finalmente ficou de pé, virando-se para ficar acima de mim. Seus olhos estavam ardentes e um sorriso dançava em seus lábios. Ele parecia jovem outra vez.

— Você não está preocupado? — ele perguntou, olhando para Michael com atenção. — Eu poderia tentar tirá-la de você.

— Você poderia tentar — Michael retrucou.

Kai sorriu, se inclinou e depositou um beijo suave nos meus lábios.

— Seu pau está funcionando de novo — Michael advertiu atrás dele. — Agora vá encontrar outra pessoa.

Ouvi a risada bufada de Kai e sua boca se contraiu sobre a minha. Afastando os lábios dos meus, olhou para mim com tranquilidade e uma nova confiança adquirida.

— Não tenho palavras — disse. — Apenas “obrigado”.

Ele se virou e saiu pela porta jateada, em direção ao vestiário.

Michael e eu ficamos sentados ali por mais alguns minutos, em silêncio, e ouvi o som de vozes do lado de fora, subitamente me recordando de que havíamos sido pegos em flagrante pouco antes. Alguém deve ter chamado a segurança.

Eu me sentei e fiquei de pé, sentindo as pernas trêmulas e o corpo dolorido pelo que havíamos feito. Podia sentir o olhar de

Michael em mim quando peguei as roupas no chão.

— Sabe — comecei, vestindo a calça —, não consigo me lembrar de um tempo onde não tenha te amado.

Não olhei para ele, vestindo a jaqueta e pegando as meias e os sapatos. Sentei-me no banco e continuei:

— Quando você me olha, quando me toca, quando está dentro de mim — eu disse —, sinto um amor louco pela vida, Michael. Nunca quis estar em nenhum outro lugar.

Depois de calçar as meias e sapatos, me inclinei para amarrar os cadarços.

Assim que terminei, endireitei o corpo e olhei diretamente para ele.

— Será que algum dia você sentirá o mesmo por mim? — perguntei. — Será que algum dia precisará de mim ou terá medo de me perder?

Kai fez com que eu me sentisse maravilhosa. Ele precisou de mim. Ficou grato.

Michael manteve o olhar fixo ao meu. Nada além de calma naqueles olhos profundos, impedindo-me de ver o que se passava em seu interior.

— Será que algum dia você vai se sentir vulnerável? — insisti.

E ao vê-lo apenas sentado, sem nada dizer, finalmente me levantei e fui em direção à porta.

— Encontro você do lado de fora.

Capítulo 26

Erika

Dias atuais...

— A gente devia estudar hoje à noite — Alex disse enquanto andávamos pelas calçadas. Havíamos acabado de sair da aula. — Desenvolvi um método fantástico onde como um *Skittle* toda vez que acerto uma resposta.

Deixei escapar uma risada sutil, balançando a cabeça.

— Mas são questões discursivas.

— Merda — resmungou. — Isso vale pelo menos um pacote de salgadinhos gigante por cada pergunta.

Ela desviou à esquerda e a segui para nos sentarmos na área externa de uma pequena cafeteria. Alex jogou sua bolsa no chão, ao lado de uma mesa cheia de mulheres.

— Ei, Alex — uma ruiva cumprimentou assim que nos viu. As outras ainda riam de alguma coisa compartilhada entre elas.

— Oi, gente — Alex retrucou, puxando uma cadeira. — Esta é a Rika. — Ela se virou para mim. — Rika, estas são a Angel, Becks e Danielle. Nós morávamos juntas no dormitório, ano passado. — Ela se inclinou e cochichou no meu ouvido: — Elas acham que tenho um amante rico e casado que me sustenta, então apenas vá na onda e sinta-se especial por eu ter confiado em você com a verdade, tá bom?

Com isso, ela me lançou um olhar de advertência, mas apenas ri antes de me sentar.

— Olá — cumprimentei e olhei para todas.

Elas sorriram e o bate-papo teve início outra vez, abordando temas sobre namorados, notas do semestre e outros. Fiquei quieta, tentando descontraí e absorver a energia do fim de tarde.

O som de pessoas assoviando para os táxis, buzinas dos carros e as conversas nas mesas ao lado me rodeavam...

No entanto, lentamente, todos os ruídos pareceram sumir. As conversas das garotas se transformaram em um eco distante, e calor se espalhou pelo meu pescoço e rosto, como aconteceu toda vez que me sentei quieta hoje, e era como se pudesse senti-los de novo.

Os corpos. O vapor da sala. O suor.

Fechei os olhos, sentindo a dorzinha que se espalhava pelo que havíamos feito. Meus membros estavam doloridos, e eu ainda era capaz de sentir o gosto deles na minha boca.

Não conseguia acreditar que fiz aquilo.

Michael.

Na noite passada, engoli a vergonha e extrapolei meus limites,

e não sabia dizer se foi uma forma de testar a confiança dele, seu amor, ou apenas para ver as emoções que a experiência poderia desencadear entre nós, mas saí dali ciente de uma coisa: nada poderia nos separar ou impedir de fazer qualquer coisa.

Se ele me amasse, seríamos invencíveis.

Não aconteceu nada entre mim e Kai, na verdade. Aquilo foi entre mim e Michael, e Kai apenas ajudou.

Ele me ajudou a ver que Michael não estava pronto. Ainda não. Ele ainda precisava muito das idas e voltas – dos jogos – para se entregar a mim.

O celular vibrou dentro do meu bolso do meu casaco, e quando vi o nome de Michael na tela, decidi ignorar, guardando-o dessa vez na bolsa. Já era a sexta ligação do dia, contabilizando seis mensagens de voz e algumas de texto.

Eu sabia o que ele queria, mas se não estava disposto a me entregar seu coração, então eu também não acataria suas ordens.

— Era o Michael? — Alex perguntou, me entregando uma das águas que o garçom havia acabado de servir.

Apenas assenti e me recostei na cadeira, descansando os antebraços nos apoios de ferro.

— Está tudo bem?

Balancei a cabeça, semicerrando as pálpebras. Não fazia a menor ideia de como conversar a respeito dele.

— Não, nada está bem — uma voz grave disse, fazendo-me congelar.

As outras garotas à mesa pararam de conversar e olharam por cima do meu ombro. Kai e Will estavam parados atrás de mim, o jaguar preto encostado no meio-fio.

— Michael esteve tentando falar com você — Kai informou, se postando entre a minha cadeira e a de Alex. — Como não conseguiu contato, nos mandou à sua procura.

— Eu teria atendido ao telefone se fosse minha vontade falar com ele — retruquei.

— Ele acha que seria melhor você ir para casa e o esperar lá — Kai sugeriu, mas sabia que era uma ordem. — Ele está preocupado de que aqui não seja seguro.

— Registrado — respondi. — Obrigada.

E então peguei meu copo d'água, dispensando-o. Ele o retirou da minha mão e acabei chiando quando o líquido gelado espirrou nos meus dedos. Jogando o conteúdo no pequeno vaso de plantas atrás de si, ele colocou o copo sobre a mesa com brusquidão.

Inclinando-se para mim, Kai observou as garotas que permaneciam quietas e chocadas.

— Vocês vão nos perdoar, senhoritas — ele disse em um tom

irônico, e depois rosnou no meu ouvido; seu perfume trazendo as memórias vívidas da noite anterior. — Ele está preocupado com você, Rika.

— Então ele que me diga isso — respondi com malcriação. — Ao invés de enviar seus cães para me buscar.

Ele se levantou e quase gritei quando ele arrastou minha cadeira para trás e agarrou a parte de cima do meu braço, me puxando. Em seguida me empurrou para Will, se abaixou e pegou minha bolsa, jogando-a na minha direção.

Eu a peguei, mas ergui as mãos no ar e acertei seu rosto.

— Entre no carro — ordenou, segurando a bolsa com uma mão —, ou vou te levar no meu ombro.

— Rika, você está bem? — Alex ficou de pé.

Kai, no entanto, se virou e se impôs sobre ela.

— Sente-se e não se intrometa.

Ela voltou a se sentar, e pela primeira vez desde que a conheci, vi o medo estampado em seu olhar.

— Vamos embora — Will puxou meu braço, mas me soltei de seu agarre, seguindo sozinha para o carro.

Kai veio logo atrás e todos nos acomodamos no veículo, batendo as portas assim que Will disparou para longe do meio-fio.

Rangi meus dentes, a figura imponente de Kai se avolumando ao meu lado, no banco de trás, e tomando conta do espaço. Podia sentir seu olhar queimando o lado esquerdo do meu rosto.

Ele se lançou para frente e me agarrou, e tentei empurrar-me para longe de seu peito quando ele me colocou sentada em seu colo.

Que diabos ele estava fazendo? Será que achava que só por causa de ontem à noite, ele poderia me manusear do jeito que quisesse?

— Enquanto você está ocupada fazendo birrinha — disse, o hálito tocando meu rosto quando segurou minha nuca com uma mão e apertou meu queixo com a outra —, deixe eu te explicar uma coisa que aparentemente ainda não está clara o suficiente.

Eu me remexi, tentando girar a cabeça para me livrar de seu agarre, mas o aperto de suas mãos era muito forte.

— Pense na última vez em que você deixou o Trevor te comer — disse em um tom de voz áspero, enfatizando cada palavra com irritação. — Pense no cheiro dele, em como se sentiu ao ter o suor dele espalhado pelo seu corpo, os lábios em todo lugar; pense na forma rude como ele fodeu essa sua bundinha bonita, e no quanto ele devia estar adorando fazer isso...

Rosnei e me debati para me soltar.

— Você quer saber o que estava se passando na cabeça dele? — Kai zombou. — Hein?

Respirei fundo, sentindo a raiva lambear minha pele como se fosse lava incandescente.

— Puta. Burra. Do caralho — ele mesmo respondeu, como se fosse Trevor. — Ela é ingênua pra cacete, a idiota desmiolada não faz a menor ideia de que era eu por trás daquela máscara. Agora estou aqui em cima dela, tocando todo o seu corpo, desfrutando da mercadoria. Cabeça-oca estúpida.

Ele me soltou, e me refugiei no outro lado do carro outra vez, respirando com dificuldade enquanto o ódio aquecia meu sangue.

Trevor maldito.

A última vez em que dormimos juntos, ele deve realmente ter se divertido ao me ver curvada ao seu bel-prazer. Deve ter me tomado como burra enquanto me dominava.

Passei uma mão pelo cabelo, frustrada, sentindo minhas costas inundadas de suor.

— Espero que agora você esteja furiosa — Kai prosseguiu —, porque é exatamente assim que Michael está se sentindo. Trevor enganou a todos nós, e você já deveria saber que só podemos lutar contra os perigos que podemos ver chegando. E neste instante, estamos de olhos vendados. — A voz poderosa ressoou pelo carro. Eu me recusava a olhar para ele. — Trevor é imprevisível e indecifrável, e Damon só tem uma emoção o movendo agora: ódio.

Olhei para fora do vidro, assim que viramos na rua do Delcour. Ele estava certo. Havia um perigo à espreita e eu estava sendo imatura. Mas eles também estavam me tratando como uma criança.

— É tão difícil entender que Michael quer a garota dele em segurança? — Kai perguntou em um tom mais gentil.

— Talvez — admiti, virando a cabeça para olhar para ele. — Mas será que vocês podem falar comigo como uma pessoa adulta ao invés de me manipular? Será possível isso?

O olhar de Kai suavizou e permaneceu focado em mim. Retive o fôlego, por apenas um instante, quando a noite passada se infiltrou em nossas mentes.

O carro, de repente, pareceu pequeno demais.

Will encostou na frente do Delcour e eu abri a porta, pegando minha bolsa.

— Vou dar uma olhada no apartamento dela. — Ouvi Kai dizer a Will. — Vá estacionar.

Bati a porta com força, dando um sorriso sutil ao porteiro assim que ele abriu a porta de entrada. Kai veio logo atrás quando andei até o elevador e pressionei o botão.

— Você não tem que me acompanhar — insisti. — Sou capaz de me trancar lá dentro por conta própria.

Ele exalou uma risada silenciosa.

— Não vou me demorar. Michael deve passar por lá mais tarde para te fazer companhia, tenho certeza.

Entrei no elevador assim que as portas se abriram e apertei o botão do vigésimo primeiro andar. Sabia que Michael estava no treino, razão pela qual enviou os rapazes atrás de mim, mas eu não tinha certeza se o deixaria entrar mais tarde.

O que era pior do que me paparicar, era enviar os amigos para fazer isso.

Assim que entrei no meu apartamento, Kai passou à minha frente, percorrendo todos os quartos e conferindo a porta dos fundos e o terraço.

— Parece que está tudo em ordem — ele disse, vindo da sala de estar e checando as trancas da porta de entrada.

— É claro que está — repliquei. — Trevor está em Annapolis, e Damon provavelmente está bêbado e enterrado debaixo de uma fonte inesgotável de piranhas adolescentes em Nova York.

Ele riu, abrindo a porta e parando no batente por um instante.

Mas então seus olhos pousaram sobre mim, como se estivesse pensativo, antes de varrer meu corpo de cima a baixo. Seu olhar intenso permaneceu fixo por um tempo, e eu congelei, sentindo um calor súbito entre as coxas, deslizando pelas pernas.

— Eu poderia ficar aqui, se você quiser — ofereceu, a voz profunda e rouca.

Meus lábios se curvaram em um meio-sorriso, ao me aproximar dele.

— E o que faríamos?

Um sorriso sexy enfeitou o rosto lindo.

— Talvez pedir algo para comer — ele deu a entender e depois deixou o olhar percorrer meu corpo outra vez —, ou talvez algo para beber?

Cheguei perto dele e segurei a porta aberta.

— Ou talvez... você esteja apenas me testando. Só para ver se eu o convidaria pelas costas de Michael.

— Por que eu testaria você?

— Porque você ama o Michael mais do que a mim — eu disse de uma vez.

Seus olhos baixaram, risonhos.

— Talvez — respondeu, acariciando meu rosto com o polegar. — Ou talvez eu goste disso. Talvez queira ver como seria ficar com você só para mim desta vez.

Arqueei uma sobrancelha, dando-lhe um olhar sagaz.

Ele abaixou a mão e deu uma risada tranquila.

— Desculpa. Eu só precisava ter certeza.

Eu o encarei pacientemente, sabendo o que ele estava fazendo.

Kai não tinha nada com o que se preocupar. Eu amava Michael, e o deixaria antes de sequer pensar em traí-lo. Sabia que ele estava testando minha lealdade ao amigo, mas aquilo nunca seria necessário. Por mais que não me arrependesse do que fizemos na noite anterior, eu sabia que aquilo nunca se repetiria. Nós éramos amigos.

Ele se afastou do umbral da porta e saiu, mas se virou antes que eu pudesse fechar.

— Não é só o Michael, sabia? — Lançou um olhar examinador. — Will e eu nos preocupamos com você também. Você é uma de nós. Seria difícil se... — Então baixou a cabeça, como se estivesse procurando as palavras certas. — Nós gostamos de você — admitiu, olhando para cima outra vez. — Não queremos que se machuque.

Ouvir aquilo aqueceu meu coração, mas foi mais forte do que eu retrucar:

— Se sou uma de vocês, por que então sou a única que está sendo mantida fora dos planos e sendo protegida?

— Porque ele ama você mais do que a nós — Kai respondeu, atirando para mim quase as mesmas palavras que usei antes.

Eu queria acreditar naquilo. Esperei por muito tempo para ouvir isto.

Fechando a porta, tranquei e me impregnei com a paz e quietude. Meu telefone vibrou outra vez, e quando conferi a tela vi que se tratava de Alex, provavelmente querendo saber se eu estava bem. Mas a não ser que fosse minha mãe me ligando, eu não tinha interesse de falar com mais ninguém.

Fiquei parada perto da bancada central da cozinha, pensando nos trabalhos que eu tinha que começar a fazer, na leitura que precisava concluir em poucos dias, e no fato de que não havia checado minhas redes sociais em nenhum momento por mais de uma semana.

No entanto, subitamente me senti exausta.

Chutando os sapatos e tirando as meias, fui até o meu quarto, deixei o celular em cima da mesinha de cabeceira e despenquei na cama. Meu corpo foi envolto pelo cobertor macio e fresco, e meus olhos se fecharam de imediato.



— Michael?

Levantei a cabeça do travesseiro e virei de lado, lutando para abrir os olhos.

Pensei ter ouvido alguma coisa.

O quarto estava escuro e silencioso. Olhei para a porta e para o corredor, vendo que também estavam em total escuridão. Percebi a

tela do celular iluminada, e me virei, deitando-me de costas outra vez. Provavelmente foi a luminosidade que me acordou.

Virei a cabeça e suspirei, frustrada. Seis horas. Já passava das onze da noite.

Não podia acreditar que tinha dormido tanto tempo assim. Peguei o celular, checando as inúmeras mensagens de texto de Michael, sendo que a última dizia:

É melhor abrir a porra da porta quando eu chegar aí.

Não havia lido nenhuma de suas mensagens ao longo do dia, mas acho que o tom irritado a cada uma era justificado, já que não respondi a nenhuma delas.

Largando o celular na cama, sentei-me no colchão. Fui descalça pelo chão frio do corredor até a cozinha, disposta a fazer alguma coisa para comer.

Havia perdido o horário do jantar, então agora estava morrendo de fome.

Mas então percebi algo com o canto do meu olho, e girei ao redor, meu coração quase saindo pela boca na hora exata em que vi a porta dos fundos totalmente aberta. A luz da escada de emergência penetrava no ambiente.

Uma forma escura, usando moletom preto, com o capuz abaixado, estava parada no batente, me encarando através de sua máscara. A mesma que os caras usaram quando me atraíram à casa dos Crist.

Perdi o fôlego, minhas mãos tremendo com a descarga da sensação de perigo que se arrastou pela minha pele. No entanto, cerrei os dentes e senti a raiva tensionar meus músculos.

Michael.

— O que foi? — ralhei. — Você precisa do seu lanchinho da meia-noite?

Ele e seus malditos jogos. Aquele não era o momento, e eu não estava no clima para nenhum fetiche esta noite.

— Só dê o fora daqui, Michael.

Porém ele ergueu a mão e enfiou a ponta de um facão na parede do meu corredor. Meu coração acelerou outra vez enquanto eu o via, de olhos arregalados, vindo em minha direção. A lâmina de aço raspando a pintura enquanto se arrastava pela parede.

Exalei todo o ar dos meus pulmões quando recuei.

— Damon — sussurrei, sufocada.

E, naquele instante, ele abaixou a mão e correu em disparada na minha direção. Gritei e girei ao redor, tentando alcançar a porta da

frente.

Eu me joguei contra a superfície de madeira, e imediatamente tentei destravar as fechaduras, mas não adiantava nada. O corpo de Damon se chocou contra minhas costas, e sua mão se enrolou na minha garganta enquanto a ponta da lâmina se encaixou por baixo do meu queixo.

A pontada fez com que eu gemesse de dor.

— Damon! — Cravei as unhas na porta. — Não faça isso!

Ele apertou minha garganta, e a mão que ainda segurava a faca cobriu minha boca com um tecido, me fazendo sufocar.

— Quem vai me impedir? — sussurrou no meu ouvido.

E então tudo escureceu.

Capítulo 27

Erika

Dias atuais...

FLUTUANDO.

Minha mente estava turva, e por um momento era como se estivesse flutuando acima do meu corpo, subindo pelos ares. Uma semente de dor se alojou na lateral da minha cabeça, e rapidamente floresceu, espalhando suas raízes lancinantes pelo meu crânio quando grunhi.

— Mas que porra? — Pisquei e coloquei a mão sobre a região dolorida logo acima da têmpora, chiando: — Merda.

Conferi meus dedos e não detectei sangue, mas o local estava definitivamente sensível.

Damon. Parei, lembrando-me que ele esteve no meu apartamento.

— Ai, meu Deus — suspirei, desesperada, tentando me sentar com dificuldade. O quarto onde me encontrava entrou em foco.

Onde eu estava?

Apoiando as mãos no tecido macio abaixo de mim, olhei ao redor, deparando-me com os móveis de madeira clara, bem como os acessórios do lugar, as portas de vidro que levavam ao deck, as pinturas e arandelas douradas nas paredes, os carpetes e a familiaridade impessoal daquele quarto.

Então senti a vibração abaixo de mim. A vibração dos motores.

Pithom. Estávamos no iate dos Crist.

Estive aqui apenas algumas vezes enquanto crescia – festas e passeios pela costa –, mas eu o conseguiria identificar.

— Fico feliz que esteja bem. — Ouvi a voz atrás de mim e me virei com pressa.

Damon estava de pé do outro lado do leito onde eu estava deitada, com um ombro encostado na parede e os braços cruzados sobre o peito. Os olhos escuros estavam fixos em mim.

— Eu já estava começando a me preocupar — ele disse em um tom sinistro e calmo.

Ele usava uma calça preta e camisa social branca, meio solta na cintura e aberta no colarinho. O cabelo escuro despenteado como se ele tivesse acabado de acordar, mas os olhos diziam o contrário. Estavam totalmente focados em mim, em alerta. De forma alguma ele se parecia ao cara esfaqueado e ensanguentado de uma semana atrás.

— Nunca tinha me dado conta antes, mas observando você dormir aqui, bem como no seu apartamento... — abaixou o olhar por

um momento, parecendo sério. — Você é muito bonita. Esse cabelo comprido e loiro, lábios carnudos... Você tem essa aura inocente e tranquila ao seu redor.

Eu o encarei, meu coração acelerado, sentindo-me nauseada. Ele me observou dormir no meu quarto? Meu Deus, por quanto tempo estive lá antes de eu acordar?

Lancei olhares furtivos pelo lugar outra vez. Precisava encontrar algo para me defender. Quisera eu ter a adaga com a lâmina de Damasco.

— É isso aí, tão pura e perfeita — refletiu, afastando-se da parede e vindo em direção ao leito. — Exatamente como ele a quer.

Estreitei o olhar, levantando o corpo devagar e recuando à medida que ele se aproximava.

— Ele quem? — perguntei com a voz trêmula.

Quem me queria pura e perfeita?

Minha cabeça latejou, e me senti zozza, mas estendi as mãos à frente, tentando empurrá-lo para longe de mim.

— Só que agora você já não é tão pura, não é mesmo? — ele se gabou, ignorando minha pergunta. — Michael te deu um trato e agora você só serve para uma coisa...

— Do que você está falando? — Eu me arrastei para trás, meus punhos cerrando à medida que o medo se enrolava por dentro.

— Não se preocupe, ele vai se divertir com você. — Damon chegou mais perto, um sorriso doentio no olhar. — Mas ele nunca vai se casar com a prostituta do irmão mais velho.

Casar... o quê?

Então os olhos de Damon dispararam para algo atrás de mim, e quando girei para conferir, vi Trevor parado exatamente ali.

Alto e imponente, ele vestia um jeans e camisa polo azul-marinho. O cabelo loiro ainda se mantinha no corte militar, e os olhos azuis presunçosos me perfuravam.

Balancei a cabeça, em descrença.

— Trevor?

Só tive um segundo antes de sua mão estapear meu rosto. Dei um passo atrás, tentando não perder o equilíbrio quando minha cabeça girou com força para o lado. Meu rosto queimava como se milhares de agulhas estivessem me espetando por baixo da pele. Meus olhos se encheram de lágrimas, e coloquei uma mão sobre a bochecha quando a dor de cabeça explodiu e tudo ficou borrado.

Damon me agarrou e me virou de frente para ele, jogando-me sobre seu ombro.

— Não! — chorei, desesperada, esmurrando suas costas e me remexendo.

Comecei a tossir e senti a bile subir à garganta enquanto ele me

levava pelo corredor escuro.

— Damon! — Senti-me sufocar, sentindo a náusea. — Damon, por favor.

Ele me carregou por uma porta e me agarrei ao umbral, tentando impedi-lo de continuar. Eu chutava e me contorcia contra ele.

— Me solta, seu imbecil de merda! — gritei, porque já estava cansada de me sentir com medo. — Você não vale nada! Ouviu? Você é só um monte de lixo! Tomara que você morra!

Ele me puxou com força, e acabei soltando meu agarre. Meus braços latejavam de dor por conta da agressividade de seu movimento.

Voei pelos ares e perdi o fôlego quando aterrissei em uma cama. Rapidamente me levantei para ficar sentada, mas ele veio para cima de mim outra vez. Agarrando meus pulsos, ele me empurrou no colchão, apoiando um joelho sobre o meu peito para me manter no lugar.

— Damon! — esbravejei, mas meus pulmões não conseguiam se encher de ar por conta do peso que estava sendo colocando sobre mim.

— Chega de conversa — rosnou.

Eu me debati e tentei empurrá-lo para longe de mim, sufocando e tossindo para respirar.

— Vá se foder! — gritei, mas saiu esganiçado.

Ele tirou algo marrom do bolso e amarrou o tecido áspero ao redor dos meus pulsos.

— Não! — Tentei afastar as mãos, me jogando contra ele para que perdesse o equilíbrio ou algo assim, mas isso só fez com que apertasse mais ainda.

Tentei respirar, apesar do peso sobre meu peito, mas era quase impossível. Ele amarrou minhas mãos contra a cabeceira da cama.

Olhando à minha volta rapidamente, percebi a imensa janela por trás de Damon, mostrando a vastidão sombria do lado de fora iluminada apenas pelas estrelas. Não havia nada nos móveis que pudesse usar como uma arma, mas se conseguisse me soltar, com certeza encontraria algo nas gavetas ou no banheiro.

— Onde estamos? — exigi saber. A pele dos meus pulsos queimava sob os nós que ele havia dado.

— A três quilômetros da costa de Thunder Bay.

Abrandei e o encarei. Estávamos em alto-mar? Por quê?

Achei que ainda estávamos ancorados no porto, onde o iate costumava ficar, mas só havia um motivo para que tivéssemos zarpado.

Não haveria a menor possibilidade de eu ser socorrida.

— Michael... — eu disse baixinho, sem me dar conta do que

queria saber.

— Ele vai chegar em breve — Damon revelou, soando como se estivesse dizendo: *“Tudo vai acabar em breve.”*

Um arrepio percorreu minha coluna, e respirei profundamente quando ele retirou o joelho do meu peito. No entanto, a liberdade do peso de seu corpo não durou muito. Ele se abaixou outra vez, me obrigando a abrir as coxas e se aninhou contra minhas pernas cobertas pelo jeans. Cada músculo do meu corpo tencionou quando ele se ajoitou acima de mim, me encarando.

— Agora que tenho você só para mim... — provocou, o olhar ardente.

Eu me remexi, lutando contra as amarras e rosnando em resposta. Lágrimas deslizavam pelo meu rosto, e eu arfava desesperada tentando libertar meus braços.

— Uma guerreira... — elogiou. — Eu sabia que ia me divertir muito com você.

Apoiei meus pés descalços sobre o colchão, me contorcendo e tentando arquear meu corpo para fora da cama, mas isso apenas fez com que ele risse, pressionando o pau duro entre minhas pernas.

Eu me retraí, virando a cabeça para o outro lado e tentando esconder meu rosto contra o travesseiro para me livrar dele.

— Continue fazendo isso — implorou. — É gostoso pra caralho, Rika.

Então encostou a boca na minha bochecha.

— Vamos lá — suspirou, arrastando a língua pela minha mandíbula. — Você sabe que isso vai acontecer. Acho que você está com medo é de gostar.

Balancei a cabeça e virei o rosto para encontrar seus olhos.

— Você não vai fazer isso. Eu te conheço.

— Não conhece, não. — Sua voz se tornou ameaçadora.

Mas continuei insistindo:

— Você é maldoso e desprezível, mas não é perverso — disse, entredentes. — Achei que você e Kai... Trevor, na verdade, fossem me machucar aquela noite, pelo menos um pouco. Não sei dizer se era uma brincadeira da sua parte, ou se estava levando a sério, mas não me sentia segura. Estava com medo pra caralho.

Ele me observou, pairando a boca sobre a minha.

— Mas aí você não deixou que ele continuasse — eu disse, rápido. — Você não deixou que ele me machucasse. Era uma brincadeira sua, mas no momento que você percebeu que Trevor estava indo mais longe do que planejaram, você o impediu de continuar. Você não é mau.

A língua dele se agitou sobre meu queixo, e fechei os olhos com força, meu peito estremecendo com os soluços enquanto ele trilhava

um caminho pelo meu pescoço e meus seios, por cima da blusa.

— Você não é mau — repeti, puxando as amarras e sentindo a língua circundar meu mamilo por cima do tecido. — Você não é mau.

— Não, eu não sou — ele disse, acima do meu peito. — Eu não sou ninguém. Sou um merda. Sou um monte de lixo.

Então ele se impulsionou para cima e saiu da cama, fixando os olhos frios em mim.

— E serei seu pior pesadelo, Erika Fane.

Ele se afastou e se sentou em uma das poltronas à minha esquerda, parecendo calmo de uma maneira perturbadora.

Havia um escudo sobre seus olhos agora, e engoli o nó que se formou na garganta, receando que ele não falaria mais comigo.

Ele ficou ali sentado. E esperou.

— E, então? — argumentei. — Trevor agora é seu chefe? Você aprendeu a ser a cadela de alguém na cadeia?

Ele sorriu, irônico, reclinando-se na poltrona e descansando o antebraço na mesa à sua direita.

— Se fizer isso — eu disse, ríspida —, você vai perdê-los para sempre.

— Perder quem?

— Os caras — esclareci. — Eles são sua família, e nunca perdoarão você por isso.

Ele balançou a cabeça, desviando o olhar.

— É tarde demais de qualquer forma. As coisas nunca mais serão as mesmas agora.

Ele olhou ao longe, um ar solene cruzando seu semblante, como se nada estivesse acabando.

Já estava tudo acabado, e Damon já estava perdido.

— Você sabe por que te pegamos para ir com a gente aquela noite? — Damon perguntou. — Normalmente, não me importava com quem Michael fodia, a não ser que a garota fosse gostosa e eu tivesse minha vez, mas com você era diferente. Eu soube naquela noite. Ele queria mais de você do que apenas a sua boceta.

Meus braços retesaram e os puxei contra as amarras outra vez, as linhas ásperas dilacerando minha pele.

— Por que você se incomodou tanto com isso?

— Porque quando se trata de mulheres, não existe nada mais do que bocetas — ele disse, ríspido. — Você ia se colocar entre nós. Mudar e destruir o que tínhamos.

As rugas em sua testa se aprofundaram, e ele me encarou com raiva. Não entendia sobre o que ele estava falando. Como eu me interporia entre eles?

— Quando esbarrei em Trevor — continuou —, pensamos apenas em te sacanear. Te dar um susto. Eu teria o que queria, você

longe do Michael e de nós, e o pequeno e ridículo Trevor, que sempre morreu de ciúmes do irmão mais velho, te colocaria de novo na coleira.

Ele lambeu os lábios e prosseguiu:

— Will foi fácil demais. Ele estava mais alto do que uma pipa, e mesmo sóbrio, o filho da puta mal sabia somar dois e dois, então, quando Trevor se apossou da máscara de Kai, as coisas entraram nos eixos.

— Mas quando chegamos à clareira — eu o interrompi —, você percebeu que Trevor planejou algo que você não estava a par. Você queria me assustar, me aterrorizar, talvez até mesmo me foder se eu tivesse vacilado em qualquer momento, daí eu ficaria com vergonha de encarar Michael outra vez, mas você não queria me machucar. — Respirei fundo, finalizando: — E você não quer me machucar agora.

Distraidamente, ele pegou algo em cima da mesa, balançando cabeça.

— É aí que você se engana — ele disse, encontrando meu olhar. — Eu quero machucar você. Quero muito te matar, e depois vou fazer o mesmo com Trevor.

— Trevor?

Ele assentiu.

— Ah, sim, ele vai receber o que merece. Agora que sei que ele roubou o celular? Sim. Agora, você... vou matar só porque estou puto pra caralho, e não tenho mais nada a perder. Já perdi tudo mesmo, porque como toda mulher faz, você fodeu com tudo. Você se colocou entre irmãos.

Não fiquei entre eles. Nunca fiz Michael escolher, e nunca quis destruir o que eles tinham. Eu queria fazer parte daquilo. Estava curiosa, e queria me divertir, mas nunca quis mudar quem eles eram ou impedi-los, ou...

Então parei quando me lembrei do episódio do gazebo. A forma como protestei por não ter concordado com o que Will estava fazendo. A maneira como me afastei dali quando Michael me mandou ficar. A forma como os julguei pelo que estavam fazendo.

Talvez Damon estivesse certo.

Eu não me arrependia por ter recuado diante daquele trote. Era horrível, estúpido e errado, mas da mesma forma que Michael ficou ao lado dos amigos naquela noite, talvez houvesse outra ocasião em que ele não ficasse mais.

Talvez, eventualmente, depois de mais trotes e mais noites cheias de decisões imprudentes das quais eu não aceitasse participar... talvez chegasse o dia em que Michael escolheria o meu lado ao invés do deles.

Eu não havia feito nada errado, é claro. Não era minha culpa e

eu sabia disso.

Mas agora, olhando sob o ponto de vista de Damon – ele tendo ciência de que em algum momento eu acabaria fazendo a cabeça de Michael –, e sabendo que nada disso – nada disso mesmo – teria acontecido se não os tivesse acompanhado naquela noite... talvez precisasse reconhecer que fui, sim, parte de tudo isto. Como Will dissera... que eu já estava envolvida.

— Todos nós fomos prejudicados pelo o que aconteceu — eu disse, encarando-o sem medo. — Não sou a única que deveria ser punida.

Ele permaneceu em silêncio por um instante.

— Talvez — finalmente disse. — Talvez você seja apenas uma vítima como todos nós.

Algo cruzou seu olhar, um cansaço borbulhando por baixo de toda a raiva e o ódio que ele tentava ostentar como se fossem uma máscara. Havia algo por trás de seus olhos, um episódio ou uma lembrança, mas não pude descobrir.

— De todo jeito, isso não importa mais — ele disse, calmamente.

Mas antes que tivesse a chance de perguntar o que ele queria dizer com aquilo, uma sombra recaiu sobre o piso, e girei a cabeça para a direita, vendo Trevor ali parado.

— Os dois estão se entendendo?

A voz dele soava leve e divertida, como se não tivesse acabado de me bater.

Estreitei o olhar, vendo que ele parecia mais magro.

Annapolis.

Espera, ele não deveria estar aqui. Ele não podia deixar as instalações da Academia Naval quando bem entendesse. Será que Damon o procurou lá depois da briga com Michael na casa dos pais dele? Deve ter sido isso.

Trevor tinha assuntos para acertar, e deve ter sentido medo de que o irmão fosse atrás dele. Michael daria uma baita surra nele.

Damon se levantou da poltrona e deixou o quarto, e senti-me tensa na mesma hora, percebendo que ele estava me deixando sozinha com Trevor. Por alguma razão, eu me sentia mais em risco agora.

— Ele nunca vai ajudar você — Trevor afirmou, entrando no quarto. — Ele odeia as mulheres.

Ele se aproximou, e segurei um pedaço da corda ao redor dos meus pulsos, erguendo meu corpo um pouco mais para cima, para longe dele. Minha mão atingiu o espelho da cabeceira, e parei, dedilhando-o devagar.

Vidro.

— Você sabia que ele só tinha doze anos quando a mãe

começou a transar com ele?

Meu coração quase parou de bater, e me virei para olhar para Trevor, sentindo o horror da informação me estilhaçar por dentro.

O quê?

— E então, quando estava com quinze — Trevor prosseguiu —, ele deu uma surra nela e ameaçou matá-la se ela voltasse a encostar a mão nele. Ouvi meu pai conversando com o dele alguns anos atrás.

Senti meu lábio inferior tremer, sem saber se estava me dizendo a verdade, mas por que ele mentiria?

Bom, acho que isso explicava o porquê Damon sentia tanto ódio das mulheres.

— O pai dele varreu tudo para debaixo do tapete e nunca mais falou no assunto outra vez. Os caras eram tudo o que ele tinha, e você tirou isso dele.

— *Você* tirou isso dele — vociferei. Todos os meus músculos retesaram quando ele se sentou na cama.

A mão de Trevor percorreu minha perna, e esperneeiei para que se afastasse, mas ele apenas sorriu e apertou minha coxa com mais força ainda, arrancando de mim um gemido de dor. Não podia acreditar que já havia deixado que ele me tocasse.

No ano passado, acabei cedendo depois de anos sendo pressionada para comparecer junto a ele a bailes de escola, festas, fotografias... Também parei de refutar as afirmações constantes das outras pessoas, de que éramos um casal, até que finalmente deixei acontecer. Trevor me trouxe estabilidade, me queria, e eu era burra demais para acreditar que merecia algo melhor. Mas, acima de tudo, ele era uma distração para que não pensasse em Michael. Achei que, com ele, seria capaz de esquecer e seguir em frente.

Não demorou muito até que percebi que Trevor nunca me deu nada. Em apenas uma noite, Michael me provou que eu não era fraca. Que era bonita, desejada e forte, e ainda que aquela noite tenha tido uma curta duração, concluí que o que sentia por Trevor nunca se compararia ao que o irmão dele significaria para mim.

Trevor apenas me reivindicou como um prêmio. Ele não me via de verdade.

— Como pôde fazer isso? — exigi saber. — O que você quer?

— Eu quero ver vocês dois perdendo — retrucou. — Cansei de viver à sombra de Michael, e cansei de ver você ofegando atrás dele. — Ergueu os olhos, me encarando. — Quero ver os dois sofrendo.

Rangi os dentes, puxando a corda uma e outra vez.

— Me solte.

A mão dele deslizou por baixo da minha camiseta, e tentei me afastar de seu toque que me trazia calafrios.

— E quanto a Damon... Ele quer apenas que todos vocês sofram

— indicou. — Eu e ele fazemos uma boa dupla.

— Por que ele está te ajudando? — perguntei, ríspida. — Ele sabia que era você usando a máscara aquela noite. Por que ele me fez acreditar que era o Kai?

Trevor deu de ombros, observando a própria mão percorrer minha barriga.

— Você já tinha sido jogada no lixo pelo Michael. Servia ao nosso propósito fazer você acreditar que nenhum deles era seu amigo. Além disso — disse com um sorriso —, ele não dava a mínima para você. Depois de todos pensarem que você os denunciou, acho que ele apagou da cabeça que a única ameaça real para você estava bem debaixo do seu nariz.

Ou seja, Trevor. Sempre ali. A apenas um quarto de distância. À espreita, esperando...

— Mas você sabia que eles estavam pensando que eu tinha pegado o celular e postado os vídeos. Devia saber que viriam atrás de mim.

— O que não teria sido um problema, se você não tivesse resolvido sair da Brown — argumentou. — Eu teria mantido Damon sob controle, e ele teria feito os outros esperarem. — Suspirou e então continuou: — Mas você saiu debaixo da minha proteção, e pode ser que eu tenha resolvido ver o que ia acontecer. Se eles te fizessem sofrer — se Michael a prejudicasse —, antes de perceberem que estavam se vingando da pessoa errada, talvez você finalmente desistisse dele de uma vez por todas.

Ele subiu na cama, e ficou de quatro, engatinhando sobre o meu corpo, o rosto pairando logo acima do meu.

— Talvez você finalmente o tirasse do pedestal onde o colocou, e o visse pelo que é realmente.

— Que seria? — ironizei.

— Inferior a mim.

Então ergueu a cabeça, prestando atenção como se tivesse ouvido alguma coisa. Saiu da cama e andou até uma das janelas.

— O único erro que cometi — ele disse, ainda olhando para o lado de fora — foi quando citei a frase do meu pai naquela noite, na floresta. Caso contrário, talvez você nunca tivesse descoberto.

Meu corpo estremeceu por conta do medo, e curvei a cabeça para trás, lutando contra as amarras.

— E o que planeja fazer agora? — exige saber. — O que você espera ganhar com tudo isso? Michael está de posse de todos os meus bens — a casa, as ações, tudo —, e eu nunca voltaria para você. Prefiro morrer a deixar você me tocar outra vez.

— Você acha que te quero de volta? — Ele se virou, de braços cruzados. — A vagabunda do meu irmão?

Riu com sarcasmo e veio até a cama outra vez.

— Ah, não... — replicou de um jeito arrogante. — Posso arranjar alguém muito melhor que você. E quanto ao Michael estar com tudo o que te pertence, isso é fácil. Os mortos não são donos de nada.

Mortos? Será que ele...?

Se Michael morresse, tudo reverteria para o Sr. Crist. E se Trevor já não me queria para que pudesse se apossar dos meus bens, então, para que conseguisse o controle de tudo, eu *também* teria que estar mo...

Michael.

Puxei as cordas, tentando libertar meus pulsos.

— Vá se foder! — gritei, sentindo a ardência das lágrimas quando deslizaram no ponto exato em que fui atingida por ele. A pele dos meus pulsos já estava em carne-viva, mas continuei grunhindo e me debatendo para afrouxar as amarras.

— Ei... — Trevor chiou. — Está ouvindo isso?

Não parei de me debater, mas eu tinha ouvido. Era o som agudo de um motor, e estava ficando cada vez mais alto.

Mais perto.

Uma lancha.

Parei na mesma hora. *Não.*

— Ele está vindo — Trevor alardeou com um brilho sinistro no olhar.

Então ergueu seu pulso e conferiu o relógio.

— São onze horas e oito minutos, amor — anunciou e se abaixou, ficando face a face comigo. — Até onze e meia vocês dois estarão a caminho do fundo do mar.

Capítulo 28

Michael

Dias atuais...

— MAIS RÁPIDO! — GRITEL. A LANCHASALTOU SOBRE AS ONDAS ASSIM QUE avistei o iate logo à frente.

As luzes do casco cintilavam em um tom roxo contra a água escura, fazendo com que a imensa embarcação branca se assemelhasse a uma estrela no céu.

— Já está na velocidade máxima — Will retrucou, com o semblante preocupado. — Calma. Ele deixou o bilhete por um motivo. Ele queria que nós a encontrássemos.

— Isso não significa que não a esteja machucando — disse, entredentes. — Rápido!

Rajadas de vento acertavam nossos rostos à medida que acelerávamos a pequena lancha preta sobre as águas. Kai e eu tínhamos que nos segurar no painel do para-brisa para permanecermos de pé enquanto nos dirigíamos até o *Pithom*.

Maldito Trevor.

Quando cheguei ao apartamento de Rika, ela não atendeu à porta, então usei minha chave reserva e entrei de qualquer forma, deparando-me com o lugar escuro e vazio e apenas um bilhete jogado no chão.

Uma palavra apenas. *Pithom*.

Saí voando dali e liguei para o capitão do porto enquanto acelerava pelas ruas da cidade. Ele confirmou que o iate dos meus pais estava no porto, em Thunder Bay, mais cedo, mas uma pequena tripulação o levou para a área de embarque à tarde. Liguei para Will e Kai, mandando-os me encontrar nas docas, onde a família de Kai mantinha uma lancha. A da minha família provavelmente estava com Trevor – e Damon, que com certeza estava envolvido naquilo.

Eu te amo, Michael.

Meu peito apertou, e passei uma mão pelo cabelo, desesperado.

— Rika — murmurei para mim mesmo. — Por favor, esteja bem.

O iate ficava cada vez maior à medida que nos aproximávamos, e Will desacelerou os motores, circulando a embarcação até quase parar em frente à popa. Pulei na mesma hora, enquanto Kai segurava a corda.

Avistei a lancha vermelha da minha família a bombordo e me virei para Will.

— Você fica aqui — comandeí. — Fique de olho nas lanchas e

ressoe essa buzina de nevoeiro se vir alguma coisa.

Não correr o risco de Trevor ou Damon tentarem fugir com ela.

Ele assentiu, esticando-se para pegar a buzina no compartimento que ficava ao lado do manche.

Olhei para Kai e gesticulei.

— Convés superior — indiquei. — E mantenha os olhos abertos. Eles sabem que viríamos atrás deles.

Kai subiu as escadas ao meu lado direito enquanto caminhei pelo convés, passei pela piscina e entrei no salão. Eu nem sequer piscava, obrigando-me a ir devagar, ainda que cada fibra do meu corpo estivesse agoniada para correr à procura dela.

Uma Glock estava enfiada no cós da minha calça preta, totalmente carregada, mas fiz questão de mantê-la escondida por baixo da camiseta. As chances eram de que eles me vissem antes que eu o fizesse, então era sempre bom ter o elemento surpresa.

Olhei para o dispositivo branco da câmera de segurança, no canto do teto. A pequena bola girando e dando zoom.

Ele sabia que eu estava aqui e o exato lugar onde me encontrava.

Tomando cuidado e prestando atenção a tudo, entrei sorrateiramente pela sala, indo direto para o corredor estreito e mal iluminado. Havia duas cabines à esquerda e uma à direita. Ela podia estar em qualquer lugar, e eu esperava que Kai, no convés acima, já a tivesse encontrado.

Dei um passo para a esquerda e segurei a maçaneta, mas um gemido suave me fez parar. Um grunhido se fez ouvir em seguida, e fui em direção à cabine dos meus pais, abrindo a porta de supetão.

Rika estava deitada na cama, se debatendo contra as cordas que a mantinham amarrada pelos pulsos. Ela ergueu a cabeça para olhar a porta, e quando me viu, ofegou assustada. Sua fisionomia imediatamente mostrou seu desespero.

— Michael — chorou baixinho. — Não, você não devia ter vindo aqui.

Lancei-me em sua direção e agarrei a corda, notando o espelho todo quebrado.

— Puta que pariu, o que eles fizeram com você?

As mãos dela estavam amarradas acima da cabeça, ensanguentadas, e o cabelo estava empapado de suor. Pequenas poças de sangue se formavam nas dobras de suas palmas, e em uma delas ela segurava um fragmento de vidro.

— Eu tinha que cortar a corda. — A voz dela estava trêmula, e só então percebi que o vidro da cabeceira estava todo rachado. Ela o havia quebrado para tentar escapar.

Tirei a lasca de sua mão e serrei o restante do tecido.

— Vou tirar você daqui. Eu sinto muito, querida.

Uma buzina ressoou do lado de fora, e levantei a cabeça, sentindo meu sangue ferver.

— Filho da puta.

Alguma coisa estava errada.

Cortei a corda, jogando o fragmento de vidro no colchão, e a puxei da cama; a corda ainda se mantinha firme ao redor de seus pulsos.

— Vem cá. — Peguei suas mãos e virei as palmas para cima.

No entanto, ela as afastou.

— Estou bem — insistiu. — A gente tem que sair daqui. Eles queriam que você me encontrasse. Podem estar em qualquer lugar.

Meus braços ansiavam para segurá-la entre eles, mas me contive. Não tínhamos tempo a perder. Will precisava de nós, e ela estava bem.

Dei a volta, mas segurei seu pulso, mantendo-a perto de mim enquanto seguia em frente, olhando à esquerda e à direita me certificando de que era seguro.

— Damon está com o Trevor — ela sussurrou.

— Imaginei.

— Foi ele quem me levou do meu apartamento.

Balancei a cabeça, tentando manter a raiva sob controle. As mãos de Rika estavam retalhadas, por conta de sua tentativa de tentar salvar a si mesma. Sem esperar por mim.

Sempre quis aquilo para ela, não é mesmo? Que ela fosse capaz de lutar por si mesma?

Mas tudo o que eu sentia agora era ódio. Eles a levaram de mim, e podiam ter feito isso para sempre.

Talvez nunca mais a encontrasse.

— Vamos — apressei, puxando-a pelo imenso salão em direção às portas de vidro que nos levariam até a popa.

No entanto, assim que pisei no convés, avistei Kai caído no chão, e meu corpo ficou rígido, já preparado para o que viesse. Ele estava respirando com dificuldade e sangue fluía de seu nariz e boca. Damon se mantinha parado acima dele, me encarando. Olhei por cima de seu ombro, vendo a lancha em que havíamos chegado.

Vazia. Onde diabos estava Will?

Dei mais um passo para fora, empurrando Rika para ficar atrás de mim. *Merda.*

Kai e Rika estavam feridos, Will desaparecido, e eu não sabia o que fazer para nos livrar dessa situação.

Então vi Trevor. Ele estava de pé próximo à lateral do iate, me encarando com um ar de zombaria no olhar.

Ele entortou o dedo indicador, nos chamando para ir em sua

direção.

Rika tentou se afastar, mas segurei seu braço com mais força obrigando-a a permanecer ali. Olhando-o de igual para igual, dei um passo para o lado e espreitei o que havia abaixo.

— Will. — Perdi o fôlego.

Ele estava na água, mal conseguindo manter a cabeça à superfície. Avistei um pedaço de corda que saía de perto dele e segui o trajeto, vendo que ela subia pela lateral do iate, acima da borda e seguia até o convés. O fim da corda estava amarrado a dois blocos de cimento aos pés de Trevor. Havia mais dois conjuntos de blocos exatamente iguais logo ao lado.

Jesus.

— Ele amarrou minhas mãos nas costas, cara! — Will gritou.

O que significava que não conseguiria desfazer o nó da corda, que provavelmente devia estar preso ao redor de um tornozelo ou de ambos.

Will se agitava na água, tentando boiar com o movimento das pernas, lutando para se manter à superfície.

Cambaleei na direção de Trevor.

No entanto, ele ergueu a outra mão, empunhando uma pistola, e estaquei em meus passos, o encarando.

— Que porra é essa? — gritei.

— Você sabia que a profundidade média do Oceano Atlântico é de aproximadamente três mil metros? — disse, calmamente, ignorando a raiva que fluía de mim. — É escuro. Frio. E quando algo afunda, dificilmente volta à tona.

Então ele olhou para Will na água antes de se virar para mim outra vez.

— Você nunca vai encontrá-lo.

Desviei o olhar para Kai. Ele estava tentando se erguer nas mãos e joelhos, e sangue descia de um lado de seu rosto.

— Você está bem? — perguntei.

— Estou — respondeu de pronto, mas era óbvio que estava meio instável.

— Eu devia ter me livrado dela antes de você chegar aqui — Trevor continuou, indicando Rika atrás de mim. — Mas, sério... que graça teria se você não pudesse assistir?

— Que porra você está fazendo, Trevor? — questionei, e bem devagar alcancei a parte de trás das costas, sinalizando para Rika.

Ela enfiou a mão por baixo da minha camiseta e pegou a arma, colocando-a na minha mão escondida atrás da coxa.

— Não sei — respondeu, fingindo-se de desentendido. — Mas com certeza estou adorando.

O que havia de errado com ele? Ele me odiava. Eu já sabia

disso. Mas Will? Kai? Rika? Ele não conseguiria fugir dessa. Será que estava louco?

— Vá em frente — ele me desafiou, apontando a pistola para mim. — Me apresse. Você leva um tiro, mas ainda vai ter que me derrubar.

Balancei a cabeça e me virei para Damon.

— Não faça isso — supliquei. — Will e Kai nunca te fizeram nada. Rika nunca fez nada pra você.

— Mas se eu fizer alguma coisa com eles, você vai sofrer — Damon retrucou, apoiando um pé nas costas de Kai e o jogando de volta no chão.

Com um gemido de dor, Kai fechou os olhos, em agonia. Pela forma como pressionou a mão na lateral de seu corpo, era nítido que algumas costelas deviam estar quebradas.

— Você nunca sofreu nada — Damon rosnou. — Nunca perdeu nada, e isto aqui vai mudar sua vida para sempre. Você não devia ter escolhido ela ao invés de nós.

— Você é um maldito covarde! — Kai gritou para ele.

Damon apenas fez uma careta e olhou para mim outra vez, um abismo entre nós. Nem sequer conseguia reconhecê-lo.

— Diga que vai abrir mão dela — ele exigiu. — Diga que tudo vai voltar a ser como era nos tempos da escola.

Endireitei a coluna, apertando o braço de Rika atrás de mim.

— Ela não pertence ao nosso grupo, e você deixou que ela te dominasse — prosseguiu. — Diga que ela não é ninguém. Que você prefere escolher seus amigos a ela. Ou melhor ainda... — Fez uma pausa, com um brilho estranho no olhar. — Diga que vai trocá-la por Will e Kai.

Um nó se apertou na minha garganta, e meu coração martelou no peito.

— Escolha — Trevor pressionou. — Rika pode ficar no lugar de Will, e os quatro podem voltar a ser o que eram, como se nada disso tivesse acontecido.

Ouvi o som de sua respiração arfante atrás de mim, e tinha certeza de que ela estava assustada.

Eu podia senti-la em todo lugar. Na minha pele, no meu peito, nas minhas mãos...

A doçura de seus lábios quando ofegou contra a minha boca na sauna...

Eu te amo, Michael.

— Will e Kai ficarão bem — Damon garantiu. — Mas você vai ter que sacrificá-la.

Sacrificá-la. Eu não posso...

Engoli o nó na garganta.

Ela estava em toda parte. Sempre, em todo lugar. Anos e anos, e não consegui afastá-la. Toda vez que fechava meus olhos, ela estava lá.

Sinto como se fosse você.

Dezesseis anos e olhando para mim como se eu fosse um deus.

Você está em tudo.

O momento em que soube que seu coração me pertencia, e mal consegui esperar para estar dentro dela.

Sim, isso me excita.

Vê-la romper seus limites e me acompanhar enquanto a sentia tão intimamente por dentro, pela primeira vez, desmoronando em meus braços. Deus...

Olhei para Kai, meu amigo, e ouvi os gritos de Will, da água, implorando... Que porra eu devia fazer?

Porém Trevor não esperou por uma resposta.

Ele se abaixou e empurrou os blocos de cimento para a beirada do iate.

— Não! — gritei, afastando-me de Rika e estendendo a mão, desesperado. — Pare! Só... só espere um pouco!

Ele inclinou os blocos para frente e para trás, me provocando.

— Pare! — vociferei. — Só... — Cerrei os dentes, minha cabeça rodando. — Foda-se!

Se atirasse em qualquer um deles, ele ainda teria tempo suficiente para empurrar os blocos, e Damon ainda poderia se livrar de Kai antes que eu tivesse qualquer chance. Talvez até conseguisse sair daqui com Rika, mas não seria capaz de salvá-los.

— Por que você está fazendo isso? — Mostrei os dentes, fervendo de ódio. — Por quê?

— Por causa disso! — Trevor grunhiu, finalmente demonstrando sua raiva. — Por isso aqui! Para vê-lo desse jeitinho. Ver você desesperado pra caralho não tem preço.

Ele retirou as mãos dos blocos, mas os deixou na beirada, oscilando e ameaçando cair a qualquer movimento do barco.

— Acho que por causa de toda a atenção que você conquistou com sua carreira no basquete — explicou —, a forma como sempre foi capaz de alcançar resultados que nem sequer tive a chance de buscar, o jeito como a Rika sempre te amou, nunca olhando para mim da mesma forma que olhava para você.

Ele manteve o braço com a pistola para baixo, na lateral de seu corpo, e olhou para Rika, atrás de mim, que havia se afastado um pouco para ficar ao meu lado.

— Mas, de verdade? — Ele a encarou. — Acho que só porque o grande Michael Crist está tão impotente agora, e quero ver a expressão no rosto dela quando souber que tudo está prestes a acabar e que você

não tem como ajudá-la.

Respirei com dificuldade, em inspirações curtas e agonizantes.

— Não se preocupe — Trevor apaziguou. — Você vai se juntar a ela em breve.

Então Trevor empurrou os blocos de cimento da borda do iate. Rosnei e corri para a frente, erguendo o braço e disparando três tiros, atingindo-o.

Só que não vi exatamente onde acertei.

Joguei a arma no chão e saltei no mar, mergulhando no momento exato em que a cabeça de Will desaparecia sob a água.

Nadei em desespero, meu corpo submergindo na mesma hora e ficando congelado com a temperatura do mar sombrio no mês de outubro.

Abri os olhos, vendo Will logo à frente, afundando rápido e lutando contra as cordas. Com braçadas vigorosas cheguei até ele e o agarrei pela camiseta. Mas quando tentei nos levar à superfície, movendo as pernas e lutando contra nosso peso na água, notei as luzes roxas acima sumindo.

Estávamos afundando.

Mergulhei mais fundo, ainda mantendo um agarre firme em suas roupas, e tentei alcançar seu tornozelo. Meus pulmões queimavam com a necessidade do oxigênio. Tentei desfazer o nó da corda, mas os malditos blocos tornavam a tarefa difícil.

Will girava e se debatia, tentando manter os olhos na superfície, e puxei e sacudi a corda, tentando libertá-lo.

Porém as águas ficavam cada vez mais escuras. As luzes do iate já tinham desaparecido, e Kai e Rika estavam lá sozinhos.

Grunhi, o som abafado pela água enquanto lutava contra as amarras.

Porra!

Eu não podia abandoná-lo. *Por favor.*

De novo não.

Apertando a corda com meus dedos congelados, puxei e repuxei, arrebentando minha pele até que... O nó se desfez. A corda folgou e rapidamente me desfiz dela, deixando os blocos afundarem nas profundezas escuras. Mantive o agarre firme em Will, impulsionando-nos para a superfície.

Quando emergimos, inspirando pelo ar necessário, olhei de relance e vi Kai com as mãos ao redor do pescoço de Damon. Ele o impunha contra a borda do iate, socando seu rosto diversas vezes.

Rika.

— Vá para lá! — gritei para que Will nadasse até a lancha.

— Mas e as minhas mãos? — Seu corpo tremia por conta do frio.

— Eu tenho que ir até Rika. — Então nadei até o iate outra vez.

Mas algo se chocou contra a água, à minha direita, e quando olhei para cima, vi uma corda pendurada na lateral do barco.

Mas que...?

Dois blocos deslizaram pela borda, afundando no oceano, e, inclinando a cabeça, vi Trevor debruçado, arquejando. No entanto, havia um sorriso sinistro em seu rosto.

— Porra! — gritei.

Mergulhei outra vez, movendo os braços à minha frente, empurrando a água escura ao meu redor. Eu me debatia contra o mar gélido.

Rika.

Meus olhos se desviaram para todos os lados, em busca de suas mãos, a camiseta branca, o cabelo, mas...

Nadei cada vez mais para o fundo, mais fundo, o mais rápido que podia, de um lado ao outro, sem perder um segundo.

Porém quando se passaram alguns instantes, e não a vi em parte alguma, o medo retumbou em meu peito. Estava prestes a enlouquecer.

Onde diabos ela estava?

Meus pulmões pareciam querer explodir, e senti as vistas borradas. Eu me lancei para cima, precisando de ar, gritando ainda submerso, e nadei até a superfície para buscar mais oxigênio.

— Rika! — vociferei, nadando em círculos para ver se ela aparecia em algum lugar. — Rika!

Nada.

Olhei para cima, vendo Kai pendurado contra a borda, arfando e parecendo exausto.

— Kai, venha aqui! — gritei. — Não consigo encontrá-la!

Ele olhou para baixo, estreitando os olhos em preocupação. Eu não conseguia ver nem Damon ou Trevor, mas estava pouco me fodendo agora. Will ainda estava com as mãos amarradas, e Rika estava...

Mergulhei outra vez, ouvindo à distância o som que indicava que Kai havia se jogado na água, e nós continuamos a descer cada vez mais fundo, em meio à escuridão.

Profundo.

Cada vez mais profundo.

Ela já estava ali embaixo, ficando cada vez mais distante de mim, e eu nunca mais a encontraria.

Nunca mais.

Por favor, amor. Onde você está?

Então meu coração quase parou quando avistei uma mancha branca.

Rika estava subindo rápido, os braços impulsionando-a para cima, as pernas se movendo com pressa, até que veio à vista, chegando cada vez mais perto.

Kai e eu agarramos seus braços e a puxamos para cima. Subimos à superfície, e ela tossiu e se engasgou, tentando respirar. Eu a ajudei a flutuar, tocando seu rosto.

— Rika. — Resfoleguei, sentindo uma dor tão grande no peito que era como se uma faca estivesse enfiada ali. — Você está bem? Como você...? — disparei, sentindo o pavor com o pensamento de quão perto estive de perdê-la.

Ela assentiu, se tremendo toda, desabando em um choro convulsivo.

— Ele me bateu logo depois que você atirou nele — disse, ofegante. — Me derrubou tempo suficiente para que conseguisse me amarrar. Quando recobrei os sentidos, ele já estava me empurrando da beirada.

Eu a arrastei pela água, nadando até o iate. Conseguimos subir ao convés, Kai a segurando quando a empurrei para cima.

— Como você conseguiu se soltar? — perguntei.

— A lasca de vidro. — Abriu o punho, tremendo. — Eu peguei de volta quando você jogou em cima da cama.

Eu a puxei contra mim, envolvendo-a com meus braços e apertando-a com tanta força que cheguei a sentir meu corpo estremecer.

— Onde está Damon? — perguntei a Kai, vendo-o puxar Will para cima para soltar seus pulsos.

No entanto, quem respondeu foi Will:

— Ele fugiu com a lancha do *Pithom* quando vocês estavam debaixo d'água.

Simplesmente fechei os olhos e mantive Rika firmemente apertada entre meus braços.

Kai e Will subiram os degraus até o piso principal, e a levei comigo. Ela precisava de um banho quente, uma cama aconchegante, e de mim.

Atravessamos o convés, e avistei Trevor largado na beira da piscina, ensanguentado e tentando se levantar.

Ele mal conseguia erguer a cabeça.

Não sabia quantos tiros o haviam atingido, dos três que disparei, mas havia uma poça de sangue no piso do convés e ele parecia respirar com dificuldade.

— Michael — ele disse, arfando enquanto mantinha uma mão sobre seu peito. — Leve o iate até o porto. Estou sangrando.

Kai e Will pararam ao meu lado, observando-o, enquanto eu mantinha Rika entre meus braços. Raiva e ódio fervilhavam por

dentro de mim.

Nenhum de nós se moveu.

Ele quase a matou. Tentou matar Will, Kai, e ameaçou me matar.

— Michael — rogou. — Eu sou seu irmão.

Fiquei ali parado, não vendo um irmão. Só conseguia enxergar blocos de cimento sendo empurrados pela borda. Só conseguia ver Rika largada como se fosse lixo, e Will sendo enviado para o fundo do mar como se não fosse ninguém.

Eu poderia tê-los perdido. Poderia ter perdido *ela*.

Para sempre.

Onde estava meu irmão naquele momento?

Era como se algo tivesse sido revelado ante meus olhos. Posso não ter sido capaz de escolher entre as vidas de Rika e meus amigos, mas não tinha problema algum em escolher entre eles e meu irmão.

Levantei meu pé e apoiei o sapato em seu ombro, empurrando-o.

Ele grunhiu e se debateu para tentar segurar minha perna, o medo dominando seus olhos antes de rolar e cair dentro da piscina, os braços se abanando enquanto afundava cada vez mais. Ele tentou subir à superfície. Tentou se segurar à água como se ela fosse uma parede que ele pudesse escalar.

Mas só os seus olhos ficavam visíveis da superfície à medida que ele chegava ao fundo. Trevor via suas esperanças a apenas meio metro de distância, sabendo que ninguém o ajudaria.

— Michael. — Rika olhou para mim, ofegante. — Você... por favor. Você vai ter que conviver com isso para sempre.

Eu apenas voltei a olhar para ele, permanecendo no mesmo lugar.

Sabia que ela não queria que tivesse feito isso. Ela se preocupava que eu pudesse me arrepender, e que poderia sofrer com as consequências. Eu sabia, sem sombra de dúvidas, que Trevor era meu irmão, e tinha feito parte de nossas vidas.

Observei enquanto ele se debatia e tentava respirar, seu corpo muito debilitado pela perda de sangue, para que conseguisse salvar a si mesmo e nadar até a borda.

E quando seus movimentos cessaram, e seu corpo ficou flácido dentro da água, fechei os olhos e lentamente abri meus punhos cerrados.

— Você nunca estaria em segurança — eu disse a ela.

Ela enterrou o rosto contra o meu peito, e a segurei contra mim enquanto seu corpo se sacudia com soluços silenciosos.

Olhei para Kai e disse:

— Leve o barco para a marina, tudo bem?

Ele assentiu, pressionando a lateral de seu corpo com a mão.

— Vá cuidar dela e deixe isso com a gente.

Segurei a mão de Rika e a puxei pelo salão e de volta pelo passadiço até a cabine que era reservada para mim quando estava no iate.

Passei a mão pelo meu cabelo molhado, afastando as mechas úmidas e sentindo meu coração quase saltar do peito.

Eu quase a perdi.

Apertando sua mão, entrei direto no banheiro, abri o chuveiro, e comecei a abrir os armários, sem saber ao certo o que estava procurando.

— Vem cá. — Fui até ela e comecei a esfregar seus braços. — Você está congelando. Tire essas roupas. — Chequei a temperatura da água. — Vou colocar bem quente, tudo bem?

— Michael — ela disse, gentilmente, tentando me fazer parar.

Mas segui em frente, me sentindo cada vez mais enjoado.

— Aqui tem umas toalhas. — Apontei para umas prateleiras. — Você prefere ficar um pouco na banheira? Eu posso encher... Talvez se ficar um pouco de molho seja melhor...

— Michael.

— Eu só... — Passei uma mão pelo meu rosto, tentando encontrar as palavras. — Vou tentar te arranjar umas roupas. Acho que minha mãe tem algumas peças aqui que servirão em você...

— Michael — ela disse mais alto, segurando meu rosto entre as mãos.

No entanto, me afastei dela e me recostei na pia atrás de mim, curvando a cabeça para tentar lidar com a dor que tomava conta do meu corpo.

Era isso o que ela queria? Que me sentisse vulnerável diante do medo que senti esta noite?

Era isso o que ela sentia por mim?

— Pensei ter perdido você — eu disse em um tom quase inaudível. — A água estava tão escura, e não conseguia te encontrar. Achei que nunca conseguiria te alcançar.

Ela se postou à minha frente, segurando meu rosto entre suas mãos outra vez.

E então deparei com aqueles imensos olhos azuis, tendo a certeza de que aquilo sempre me assombraria. E se ela não tivesse voltado à superfície? O que eu faria?

Deslizei uma mão pela nuca delicada enquanto a outra a enlaçou pela cintura, e grudei meus lábios aos dela em um beijo tão profundo que o calor de sua boca aqueceu todo o meu corpo.

Eu poderia beijá-la para sempre.

Recostando minha testa à dela, arrastei meu polegar pelo seu

rosto, em uma carícia.

— Eu te amo, Rika.

Eu sempre te amei.

Um sorriso surgiu em seus lábios e lágrimas encheram seus olhos quando enlaçou meu pescoço e me puxou para mais perto. Eu a abracei com força, enfiando meu rosto entre seu cabelo, sem querer deixá-la se afastar.

Depois de todos estes anos e das vezes em que deveria ter percebido, foi preciso que ela quase tenha morrido para que me desse conta de quão importante ela era para mim. Para notar que ela esteve enraizada em todos os momentos da minha vida, e sempre esteve ali à minha frente.

Ela, andando de bicicleta na calçada em frente à minha casa. Ela, aprendendo a nadar na minha piscina. Ela, correndo e dando estrelinhas pelo meu quintal.

Ela, mordiscando as unhas quando eu entrava na sala.

Ela, sentada ao lado da minha mãe em cada um dos meus jogos de basquete no ensino médio.

Ela, se recusando a até mesmo olhar na minha direção quando eu saía com uma garota.

E eu, mal conseguindo esconder o sorriso ao perceber os olhares furtivos e a forma como ela ficava nervosa sempre que eu estava por perto.

Ela sempre esteve lá, e éramos sempre nós.

Trevor fez com que eu me ressentisse disso, mas foi vê-la com Kai, noite passada, que me fez realmente perceber. Nada poderia nos abalar. Ela era minha, eu era dela, e o que tínhamos era indestrutível.

Inspirei profundamente, sentindo, por fim, o nó em meu estômago se desfazer.

— Eles te machucaram de alguma outra forma? — perguntei.

Ela se afastou um pouco e balançou a cabeça.

— Não.

— Damon ainda está à solta por aí.

— Damon se foi — assegurou.

Ela pegou a barra da minha camiseta molhada e me ajudou a retirar a roupa.

— Como vamos dizer aos seus pais sobre o que aconteceu? — perguntou, preocupada. — Sobre Trevor?

— Eu vou cuidar disso — respondi, tirando sua camiseta também. — Não quero que se preocupe com nada.

Então a ergui em meu colo, fazendo com que enlaçasse meus quadris com as pernas, e me sentei na borda da banheira, abraçando-a apertado.

Seus lábios pairaram sobre os meus e ela se aninhou contra

mim, como se estivesse se desmanchando.

— Você me ama de verdade?

Fechei os olhos e aspirei o cheiro que exalava dela.

— Eu te amo muito — sussurrei, apertando-a mais firmemente.

— Você é meu lar.

Capítulo 29

Erika

Dias atuais...

Ao entrar na casa dos Crist, dei a Edward um sorriso sutil e entreguei meu casaco antes de ajudar minha mãe a retirar o dela.

Ela estava tão linda.

Já fazia mais de três semanas de seu retorno da clínica de reabilitação na Califórnia, e embora todos os dias fossem como uma bomba-relógio, passei cada vez mais a acreditar que ela não teria uma recaída.

Seu vestido preto com a ampla saia rodada se ajustava ao corpo agora não tão frágil, e o rubor em suas bochechas lhe dava uma aparência dez anos mais nova. Ela estava voltando, cada vez mais, a se parecer à mãe da minha infância.

Meu vestido era da cor marfim, que chegava aos joelhos, e pode ser que minha mãe tenha, educadamente, mencionado que era justo demais para um jantar de Ação de Graças. Não hesitei em responder o quanto Michael gostava de olhar para o meu corpo, e o quanto eu amava quando ele o fazia.

Ela ficou corada de vergonha, e apenas riu.

— Rika. — Ouvi a Sra. Crist me chamar.

Ergui o olhar para ver a mãe de Michael atravessando o corredor de entrada, elegante e adornada em suas joias, como sempre.

— Querida, você está maravilhosa. — Deu-me um abraço e um beijinho na bochecha.

Então se virou para minha mãe.

— Christiane — disse, abraçando-a. — Por favor, venha e fique aqui comigo. Já que sua casa não ficará pronta até o verão, não vejo motivo nenhum para que não se hospede aqui.

Mamãe se afastou um pouco e sorriu, antes de responder:

— Eu adoraria, mas por agora, estou desfrutando um pouco da cidade grande.

Ninguém além de mim, Michael, Kai e Will sabia a verdade sobre o incêndio, e como a restauração da nossa casa havia desacelerado por conta das baixas temperaturas, levei mamãe comigo para Meridian. Ofereci o quarto de hóspedes no meu apartamento, mas ela não queria tirar minha privacidade e de Michael, e preferiu ficar em um hotel.

Hospedei-me com ela por duas semanas – para me assegurar de que estava bem –, porém aos poucos me tranquilizei ao vê-la passando um tempo na academia, em busca da recuperação da sua saúde. Ela

também se voluntariou em um abrigo para se manter ocupada e poder conhecer gente nova. Mamãe estava se alimentando bem, dormindo melhor ainda, e surpreendentemente, sem pressa de voltar a Thunder Bay.

Por fim, dei a ela um pouco mais de espaço e voltei a morar no Delcour. Para alívio de Michael.

Não que ele não me quisesse ao redor dela, mas porque ainda ficava inquieto a respeito da minha segurança. Ele disse que tinha a ver com o paradeiro desconhecido de Damon, mas eu sabia que havia algo mais.

Desde aquela noite no iate, há mais de um mês, ele acordava no meio da madrugada, suando e respirando com dificuldade. Ele tinha pesadelos com o mar. Sonhava comigo descendo cada vez mais fundo no oceano e com sua mão agarrada à minha, exatamente como fez na fatídica noite.

O problema é que em seus pesadelos, ele não conseguia me encontrar. Eu simplesmente desaparecia.

— Sra. Crist, a senhora se manteve ocupada, hein? — eu disse, olhando ao redor e contemplando a nova decoração da sala de estar, bem como toda a ornamentação por conta do feriado.

Flores e guirlandas estavam penduradas pelas paredes e escadaria, e ao olhar para cima, deparei-me com Michael descendo os degraus. Ele estava vestido em seu terno preto e mantinha um sorriso discreto curvando seus lábios. Seus olhos aterrissaram em mim, e respirei profundamente, sentindo o frio usual na barriga.

— Bem — a mãe dele disse, parecendo um pouco triste —, eu precisava me manter ocupada.

Desviei o olhar do de Michael e vi os de sua mãe marejados, brilhando com as lágrimas.

Culpa varreu meu corpo.

— Eu sinto muito.

Trevor era perigoso, mais até do que Damon, pois escondeu muito bem essa faceta. No entanto, não podia imaginar a dor de se perder um filho. Mesmo um como ele.

Esperava que nunca tivesse que passar por isso.

Porém ela apenas sacudiu a cabeça, fungando.

— Por favor, não diga isso. O que meu filho fez não foi culpa sua, e graças a Deus vocês estão a salvo agora — afirmou, olhando para Michael. — Eu não trocaria isso por nada.

Michael a encarou, de cima, uma expressão de culpa cruzando seu semblante.

Além de mim, tenho quase certeza de que sua mãe era a única mulher a quem ele amava. E embora seu primeiro impulso tenha sido me proteger, o segundo havia sido protegê-la. Depois do afogamento

de Trevor, Will tentou convencê-lo a jogar o corpo no mar, no caminho de volta à costa, para que Michael não tivesse que dar explicações aos pais sobre o fato de ter sido ele quem matou o irmão.

Michael nem sequer deu ouvidos. Ele não poderia ter deixado o filho de sua mãe lá. No mínimo, teria que levar o corpo para que ela pudesse enterrar, e sabia que não conseguiria olhar para a mãe, dia após dia, com o peso de uma mentira desse calibre.

Então, depois que ancoramos o iate no cais, ligamos para a polícia e contamos toda a história. Como Trevor me sequestrou, atraíu Michael e os amigos até lá e quase matou Will e a mim.

Foi algo devastador, mas embora a Sra. Crist estivesse grata por estarmos bem, ela ainda viveria o luto por um longo tempo.

O Sr. Crist, por outro lado, pareceu ficar mais desapontado do que pesaroso. Ele só tinha um filho agora, e em vez do desprezo com que sempre tratou Michael, começou a se envolver mais na vida dele, sem perder tempo ao depositar as esperanças que colocou sobre Trevor, agora no filho mais velho.

A boa coisa é que Michael tinha anos de experiência em enfrentar seu pai.

Minha mãe e a Sra. Crist se dirigiram à cozinha, e o pai de Michael se aproximou de nós, com um copo de bebida na mão e um cigarro entre os dedos.

— Vamos nos sentar hoje para discutir algumas coisas.

Ele se dirigiu a Michael, mas seu olhar estava pousado em mim, em uma clara indicação. Como não me casaria com Trevor, seus planos agora haviam mudado para Michael.

— Discutir algumas coisas? — Michael ponderou, pegando minha mão. — Você quer dizer sobre meu futuro e o dinheiro de Rika? Porque é tarde demais. Tudo agora está no nome dela.

— Você fez o quê? — o pai rosnou.

Dei um sorriso, permitindo que Michael me levasse embora.

— Eu adoraria me sentar para discutir sobre meu futuro na próxima vez em que estiver na cidade — falei ao Sr. Crist, fazendo questão que soubesse que agora era eu quem comandava os negócios da família.

Havia inúmeros imóveis onde ele e meu pai eram coproprietários, então eu não tinha escolha a não ser trabalhar em conjunto, mas também não era um peão para ser manipulada pelos homens através de um casamento. Agora eles sabiam disso.

Michael e eu entramos na sala de jantar, vendo Will e Kai próximos à mesa, conversando entre si, cada qual com uma bebida em mãos, enquanto seus pais e diversos convidados se espalhavam em pequenos grupos pelo local.

Garçons transitavam de lá para cá, carregando bandejas de

aperitivos, e completando as taças de champanhe.

Kai nos encontrou no meio do caminho, seguido de perto por Will.

— Achei Damon — ele disse a Michael na mesma hora.

— Onde ele está? — perguntei.

— São Petersburgo.

— Rússia? — Michael questionou, assombrado. — Mas que porra?

Kai continuou:

— O supervisor da condicional veio atrás dele. Pois Damon não se encontrou com ele, e ao ter o passaporte rastreado, o encontraram — explicou. — Faz até sentido. O pessoal do pai dele é de lá, então ele está em território amistoso. Eles não vão atrás dele, claro, mas nós podemos ir.

Balancei a cabeça em negativa.

— Só o deixem em paz.

Michael desviou o olhar para mim.

— Não vou simplesmente ficar sentado esperando que ele apareça por aqui, Rika. Ele é perigoso.

— Ele não vai voltar — afirmei. — Não vai querer fracassar uma terceira vez. Apenas o deixem em paz, e vamos seguir com nossas vidas.

Kai e Michael me encararam por mais alguns segundos, e esperava que eles entendessem o que eu queria dizer.

Muitas mágoas já haviam sido causadas. Muitos anos e perda de tempo. Todos nós precisávamos recomeçar nossas vidas outra vez.

Damon não tentaria me prejudicar de novo. Outra tentativa, depois de duas falhas, o faria parecer patético. Ele se foi.

E já que havíamos encontrado o celular usado na *Noite do Diabo*, no exato lugar onde imaginei estar – na cabine de Trevor, no *Pithom* –, e o destruímos, não havia nada mais nos impedindo de seguir em frente. Já era hora de nos divertirmos.

— Então o que fazemos agora? — Will perguntou.

A boca de Michael se curvou em um sorriso torto.

— O que sabemos fazer de melhor, acho. Causar um pouco de caos do caralho.

Ele ergueu o queixo e apontou na direção de duas garçonetes atrás de Kai e Will.

Os caras se viraram, deparando com as duas garotas universitárias usando saias pretas e camisas brancas, além de coletes pretos. Elas tentaram disfarçar seus sorrisos, lançando olhadelas enquanto acendiam as velas e ajeitavam os utensílios sobre as mesas.

— Atrasem o jantar para nós? — Michael pediu.

Kai se virou outra vez, o corpo sacudindo em uma risada

silenciosa.

— De quanto tempo você precisa? — perguntou, afastando-se com um olhar atrevido.

— Uma hora.

Os dois deram a volta com sorrisos safados em seus rostos enquanto iam em direção às garotas, desaparecendo na cozinha.

Estreitei o olhar para Michael, confusa.

— Venha comigo. — Pegou minha mão. — Quero te mostrar uma coisa.

E então ele me puxou pelo caminho para que deixássemos a sala de jantar.



Desci do carro e senti as folhas farfalhando sob meus saltos; apertei um pouco mais o casaco marfim ao redor do meu corpo e fechei a porta com um baque.

O dia ainda estava claro, sem uma única nuvem no céu e, ao respirar, vapor deixou meus lábios. Olhei para cima e vi andaimes, lonas e pequenas escavadeiras amarelas próximos à antiga catedral.

— O que está acontecendo? — indaguei.

Será que estava sendo demolida?

— Estou restaurando o lugar — ele respondeu, segurando minha mão e me levando para dentro pelas portas da frente.

Entrei no lugar e meu olhar imediatamente percorreu por tudo aquilo que a equipe de trabalhadores já havia feito.

Os bancos quebrados e destruídos da marquise já haviam sido demolidos e todo o lixo e pilha de destroços que antes havia ali, agora não existia mais. O santuário e antigo altar foram removidos, e agora uma porta estava adequadamente instalada na entrada das catacumbas. Lonas pairavam acima das áreas expostas do telhado e paredes, e uma nova base de cimento fora assentada, limpa e firme.

De um lado a outro, andaimes estavam espalhados até o teto, e notei também as estruturas de madeira, como se um segundo andar estivesse sendo construído.

Não havia nenhum trabalhador por aqui, provavelmente por conta do feriado de Ação de Graças.

— Restaurada? — repliquei, ainda confusa. — Em quê? Uma igreja, um monumento histórico...?

Ele abriu a boca, respirando fundo como se estivesse apreensivo.

— Como... uma casa — finalmente respondeu.

— Casa? Não estou entendendo.

Bufando uma risada, aproximou-se de mim.

— Eu deveria ter conversado com você a respeito disso antes, mas eu... — olhou ao redor — realmente queria fazer isso, e estava esperando que você quisesse morar aqui.

Congelei.

— Comigo — acrescentou.

Morar aqui? Com ele?

Quero dizer, sim, eu praticamente estava morando com ele em sua cobertura, em Meridian, nesse exato momento, mas ainda possuía meu apartamento, e isto aqui era uma casa. Um nível totalmente diferente.

Amei a ideia de transformar este lugar em um lar. Por mais estranho que isso possa parecer para as outras pessoas, aqui era o lugar onde as minhas lembranças favoritas com Michael residiam. O lugar onde muita coisa aconteceu. E eu o amava.

Mas... seria apenas a casa dele e eu moraria aqui? Ou seria nossa? Ele mandaria embalar minhas coisas e me mandaria embora quando quisesse?

Ou esta casa significava algo mais?

— Então... o que exatamente isso quer dizer? — arrisquei, meu coração batendo acelerado.

Ele manteve o olhar fixo ao meu e veio na minha direção, lentamente, fazendo com que eu recuasse cada vez mais para trás. Engasguei-me ao sentir uma coluna de pedra.

Com divertimento no olhar, ele se inclinou e sussurrou:

— Dê a volta.

Hesitei, temendo o que ele estava aprontando, mas...

Eu nunca recuava de um desafio.

Virei-me devagar, deixando-o segurar minhas mãos e apoiá-las na coluna à minha frente. Ele então serpenteou uma mão pela minha cintura, cobrindo minhas costas com seu peito forte, acariciando meu pescoço com seus lábios. Eu já não sentia mais frio.

— Isso significa que quero continuar brincando — ele disse, a voz profunda preenchida com calor. — Significa que até que a casa esteja pronta e possamos ficar aqui, meu apartamento é seu, minha cama é sua, e meus olhos estão apenas em você.

Beijou meu pescoço, os lábios quentes enviando arrepios pelo meu corpo.

— Significa que farei o meu melhor para deixar você puta sempre que eu puder, porque não existe nada mais sexy do que quando você está brava. — Eu podia detectar o sorriso em sua voz.

Ele mergulhou as mãos mais para baixo, por dentro das minhas coxas.

— Daí farei de tudo para que você veja o quão legal eu sou,

para que nunca pare de pensar em mim quando não estivermos juntos.

Inspirei profundamente, sentindo seus dedos subindo cada vez mais pelas minhas coxas, já me fazendo latejar.

— Significa que você vai terminar a faculdade, mas, vou solicitar, com todo respeito, que quando voltar para casa, me dê atenção antes de fazer seu dever de casa — prosseguiu, arrastando lentamente o polegar pelo meu clitóris, por cima da calcinha. — E também significa que você terá que se manter atenta, sempre olhando por cima do ombro à espera do que posso estar guardando por baixo da manga, porque sempre irei atrás de você.

Então sua outra mão apareceu e arregalei os olhos ao ver o brilho cintilante à frente, assim que abriu os dedos. Parei de respirar quando ele deslizou uma aliança na minha mão esquerda e sussurrou em meu ouvido:

— E você vai desejar cada segundo disso, porque sei do que gosta, Rika, e não posso mais viver sem você.

Assenti, meus olhos se enchendo de lágrimas quando ele me enlaçou em seus braços e me segurou apertado como se sua vida dependesse disso.

— Eu te amo — suspirou contra minha nuca.

Ai, meu Deus. Abaixei a mão e a segurei com a direita, observando minha aliança.

Meu peito foi inundado por uma onda de calor, e retive o fôlego. *Eu conheço esta aliança.*

Uma seleção de diamantes, com uma aparência similar a um floco de neve, se assentava em uma aliança de platina. Uma pedra situava-se no meio, cercada por outras dez, com mais outro círculo com cerca de vinte diamantes ao redor.

— Este é um dos anéis que peguei na *Noite do Diabo* — eu disse, minha voz trêmula enquanto olhava para ele. — Achei que você tivesse devolvido todas as joias.

— E devolvi — ele assentiu. — Mas esta eu comprei.

— Por quê?

Por que ele compraria uma aliança para alguém que odiava? Deve ter sido logo depois de os vídeos terem vazado na internet, então não fazia o menor sentido.

Ele me abraçou com mais força.

— Não sei. Talvez não tenha podido deixar que uma parte daquela noite se fosse. — Então se inclinou e sussurrou no meu ouvido: — Ou talvez, lá no fundo, sempre soube que esse dia chegaria.

Dei um sorriso, permitindo que as lágrimas descessem pelo meu rosto. Era perfeito. A aliança, a casa, até mesmo a proposta. Ele prometeu me deixar puta, mas também prometeu ser bom e sempre voltar para mim.

No entanto, fiquei pensando... será que seríamos capazes de fazer isso? Manter nossos joguinhos? A excitação? A paixão?

— As pessoas não vivem como nós, Michael. — Virei a cabeça para encará-lo outra vez. — Eles vão ao cinema. Eles se aconchegam diante de lareiras...

— Eu vou te foder diante de uma lareira — retrucou, me girando em seus braços, com um sorriso nos lábios enquanto eu ria.

Mas então ele se achegou e recostou os lábios na minha testa, dizendo, baixinho:

— As outras pessoas não nos importam, Rika. Não deixamos as regras delas nos deterem. O que podemos ou não fazer é irrelevante. Quem irá nos impedir?

Enlacei seu pescoço com meus braços, euforia se espalhando pelo meu corpo, e inclinei a cabeça para trás, encarando o teto alto.

— O que foi? — perguntou.

Respirei profundamente, minhas veias preenchidas com excitação.

— Nossa casa — refleti. — Não consigo acreditar que isso é nosso. — Então encontrei seu olhar. — Eu te amo.

Ele segurou meu rosto entre suas mãos e me beijou, seu calor se espalhando por todo o meu corpo.

— Eu também te amo — disse. — Então isso é um sim?

Assenti.

— Sim. — Mas então arregalei os olhos e me afastei. — As catacumbas! — quase gritei. — Eles não vão cobri-las, não é?

Michael começou a rir.

— Não. Elas ainda serão acessíveis.

Baixei os braços e comecei a caminhar até a porta, retirando o casaco e deixando-o pendurado em um andaime.

— Ei, o que está fazendo? — indagou.

Dei uma volta, inclinando a cabeça timidamente.

— Você se esqueceu de se colocar em um joelho.

Ele bufou uma risada.

— Bem, agora é um pouco tarde para isso, Rika. Já fiz a proposta.

— Você ainda pode ficar de joelhos. — Então curvei um dedo, dando a volta.

— Bom, o construtor disse que poderia dar uma passada por aqui hoje para fazer mais alguns orçamentos — alertou.

No entanto, eu apenas ri e devolvi um olhar desafiador por cima do meu ombro, enquanto abria a porta.

— Você está pulando fora?

Ele balançou a cabeça, os olhos atrevidos me dizendo tudo o que eu precisava saber à medida que vinha em minha direção.

Ele sempre estava pronto para o jogo.
E, graças à sua tutoria, agora eu também estava.
Ele me corrompeu.

Epílogo

Michael

O CHEIRO DE LÍRIOS E CHUVA FLUTUOU ATÉ O MEU NARIZ, FAZENDO-ME ANSIAR por mais. Afundei o rosto no travesseiro.

Rika.

As pálpebras estavam pesadas com o sono, e estendi a mão, alisando os lençóis em busca de sua presença ao meu lado.

Mas ela não estava ali.

Pisquei, obrigando-me a abrir os olhos. O despertador tocou e me ergui sobre um cotovelo, olhando ao redor para descobrir onde ela poderia estar.

Encontrei-a quase que imediatamente.

Relaxei o corpo na mesma hora, um sorriso enviesado tomando forma em meus lábios enquanto a observava tomar banho no chuveiro, o mesmo que ornamentava o meio do meu quarto no Delcour.

Nosso apartamento.

Um mês depois de tudo o que aconteceu no iate, trouxe as coisas de Erika para cá. Ela dormia aqui mesmo, de qualquer forma, e já que Will queria ficar mais próximo, demos o apartamento dela para ele.

Kai, por outro lado, optou pelo distanciamento. Ele comprou uma antiga casa em estilo vitoriano do outro lado da cidade, e eu não fazia ideia do porquê. Ele poderia ter qualquer apartamento que quisesse por aqui, e eu não conseguia ver utilidade no prédio monstruoso de tijolos escuros que deveria ser condenado. Mas por alguma razão, ele queria ficar sozinho.

Rika passou uma esponja pelos braços, ensaboando o corpo, e me virei de lado, apoiando a cabeça na mão enquanto a observava. Ela deve ter sentido meu olhar, porque virou a cabeça para trás, sorrindo por cima de seu ombro.

Apoiando o pé sobre a banheira, inclinou-se, deslizando a esponja de maneira sedutora e lúdica pela perna, ciente do que estava fazendo comigo com seus sorrisinhos de falsa inocência.

A ducha do chuveiro enxaguava seu corpo, mas seu cabelo não estava molhado, preso acima da cabeça em um coque frouxo. E apesar da minha ereção crescente abaixo dos lençóis, bem como o cheiro de seu sabonete líquido permeando o ar, fiquei imóvel, apenas a observando.

O prêmio para minha paciência viria em breve.

Às vezes, bastava apenas que a observasse. Eu sempre estava de

olho nela, porque ainda era difícil de acreditar que ela era de verdade. Que estava aqui e era minha.

Milhares de vezes me perguntei como viemos parar aqui. Como encontramos um ao outro e fizemos tudo acontecer.

Ela diria que foi por causa da *Noite do Diabo*.

Se os episódios daquela noite não tivessem acontecido, eu não a teria desafiado. Ela não teria aprendido a ser forte e revidar ou aceitar-se do jeito que era, sendo dona de si mesma.

Não teríamos ficado frente a frente, um tentando empurrar o outro, e não teríamos feito de nós quem somos hoje. *Tudo acontece por uma razão*, ela diria.

Ela diria que eu a construí. Que criei um monstro, e que em algum momento durante o sangue, lágrimas, brigas, e sofrimento, percebemos que tudo isso era amor. Que todas as faíscas levaram às chamas.

Mas o que ela não se recordava era que... nossa história começou muito antes daquela noite.



Estou parado em frente ao meu Mercedes Classe G, recostado contra a lataria, com os braços cruzados. Tenho lugares para ir e coisas a fazer, e não tenho tempo para isso.

Levantei o celular e li novamente a mensagem que minha mãe havia enviado.

Estou num engarrafamento na cidade e Edward está ocupado. Pegue a Rika no treino de futebol, por favor. Às oito da noite.

Revirei os olhos e conferi as horas no telefone. 20:14. Onde diabos ela estava?

Kai, Will e Damon já se encontravam na festa, e eu estou atrasado, por quê? Ah, sim. Acho que fazer dezesseis e tirar a carteira acaba te transformando automaticamente em motorista particular de garotas de treze anos cujas mães embriagadas não podem se manter de pé para buscar as filhas na escola.

Rika deixa o ginásio de futebol, ainda vestida em seu uniforme vermelho e branco, bem como as tornozeleiras, e estaca em seus passos assim que me vê.

Seus olhos estão vermelhos como se tivesse chorado, e posso dizer pela forma como ela fica tensa que não está se sentindo confortável.

Ela tem medo de mim.

Contenho meu sorriso. Eu meio que gosto da forma como ela está sempre atenta a mim, mesmo que eu nunca admita isso em voz alta.

— Por que você veio me buscar? — ela pergunta, suavemente. O cabelo está preso em um rabo de cavalo com algumas mechas que flutuam ao redor de seu rosto.

— Pode acreditar — digo com sarcasmo —, tenho coisas muito melhores a fazer. Entre no carro.

Então dou a volta e abro minha porta, sentando-me atrás do volante.

Dou a partida, colocando a marcha como se não fosse esperá-la, e vejo quando acelera os passos diante do carro e entra no lado do passageiro.

Ela afivela o cinto e fixa o olhar em seu colo, permanecendo em silêncio.

Rika parece estar chateada, mas não acho que tenha alguma coisa a ver comigo.

— Por que você está chorando? — exijo saber, tentando agir como se não me importasse se ela fosse responder ou não.

Seu queixo está tremendo, e ela coloca a mão sobre a cicatriz recente no pescoço, resultado do acidente que matou seu pai cerca de dois meses atrás.

— Algumas garotas estavam zombando da minha cicatriz — diz, baixinho.

Então ela se vira para mim, parecendo magoada.

— É mesmo tão feia assim?

Olho para o seu pescoço, sentindo raiva me corroer. Eu poderia fazer aquelas garotas calarem a boca.

Mas sufoco minhas emoções e dou de ombros, atuando como se não desse a mínima para seus sentimentos.

— É grande — respondo, deixando o estacionamento.

Ela se vira, cabisbaixa, e os ombros cedem em pura tristeza.

Devastada pra caralho.

Digo, tudo bem, ela perdeu o pai recentemente, e sua mãe está perdida em sua própria miséria e egoísmo, mas toda vez que vejo Rika, ela se parece com uma folha que pode ser levada ante a brisa mais suave.

Supere logo isso. Chorar não vai ajudar em nada.

Ela permanece em silêncio, tão pequena ao meu lado, já que tenho quase 1,80m de altura. E ainda que não seja tão baixinha, se assemelha a algo que está prestes a se desfazer, desaparecendo em seguida.

Sacudo a cabeça, conferindo o telefone outra vez. Cacete, estou atrasado.

Mas então ouço o som de uma buzina e ergo o olhar, vendo as luzes traseiras de um carro bem à minha frente.

— Merda! — berro, pisando nos freios e puxando o volante para o

lado.

Rika prende a respiração e se agarra à porta assim que vejo o carro parar no meio da estrada de terra, e outro veículo desviando adiante e passando batido. Meu carro derrapa pela lateral, e nossos corpos colidem contra o cinto de segurança com a súbita parada.

— Jesus — ladro, vendo uma mulher ajoelhada na rua. — Mas que porra?

Os faróis traseiros do outro carro somem à distância, e olho por cima do meu ombro, vendo que não há mais ninguém vindo atrás.

Abrindo a porta, saio do carro e ouço Rika fazer o mesmo que eu.

Caminho até o meio da pista, e ao chegar perto da mulher, vejo-a pairando sobre algo.

— Não dá para acreditar que aquele babaca simplesmente fugiu — ela esbraveja, se virando para me encarar.

Um cachorro, quase morto, está deitado na estrada, choramingando enquanto tenta respirar com dificuldade. Sangue se esvai de sua barriga, e consigo até mesmo ver as tripas para fora.

É apenas um cachorrinho, uma espécie de Cocker Spaniel, e me sinto arrasado ao vê-lo lutar para respirar.

Ele está sufocando.

O otário que saiu acelerando deve ter acertado o animal.

— Não seria melhor a criança ficar no carro? — a mulher pergunta, olhando para Rika ao meu lado.

Mas nem me preocupo em olhar para Rika. Por que todo mundo tenta mimá-la? Minha mãe, meu pai, Trevor... isso só a torna mais fraca.

Os filhos da mulher estão sentados dentro do carro, chamando por ela, e dou uma olhada no cachorro, ouvindo seus gemidos agonizantes enquanto luta pela própria vida.

— Você pode ir embora — digo à mulher, apontando para as crianças no veículo. — Vou ver se consigo encontrar uma clínica veterinária aberta.

Ela olha para cima, parecendo meio incerta do que fazer e meio agradecida.

— Você tem certeza? — indaga, olhando para os filhos de relance. Assinto.

— Sim, tire seus filhos daqui.

Ela se levanta, dá ao cachorrinho um olhar arrasado, com os olhos cheios de lágrimas, e então volta para seu carro.

— Obrigada — diz ao longe.

Espero que seu carro suma de vista e me viro para Rika.

— Vá se sentar no carro.

— Não quero ir.

Estreito o olhar para ela e digo com rispidez:

— Agora.

Seus olhos marejados se voltam para mim em desespero, mas, por fim, ela se afasta dali em direção ao carro.

Eu me ajoelho perto do cachorrinho e coloco a mão em sua cabeça, sentindo o pelo suave entre meus dedos. Faço uma carícia sutil.

Suas patas estão trêmulas enquanto ele luta para respirar, e o som gorgolejante em sua garganta faz meus olhos desfocarem e meu coração bater dolorosamente.

— Está tudo bem — digo, baixinho, uma lágrima deslizando pelo meu rosto.

Indefeso. Odeio me sentir indefeso.

Fechando os olhos, afago sua cabeça e vou descendo minha mão.

Desço até chegar em sua nuca, até o pescoço...

E então enrolo os dedos ao redor da garganta e aperto o mais forte que posso.

Ele se agita, seu corpinho estremece com a mínima energia que ainda lhe resta.

Mas não havia quase nenhuma mais.

Meu corpo está queimando, cada músculo contraído, e enrijeço minha mandíbula, tentando segurar o aperto por mais um segundo.

Apenas mais um segundo.

Fecho os olhos com força, sentindo o choro preso na garganta.

Espasmos sacodem o corpo do cachorrinho, e então... finalmente... ele fica flácido, sem vida.

Minha respiração está instável quando afasto a mão.

Porra.

Bile sobe à garganta, e uma náusea agonizante sobe à boca. Sinto ânsia de vômitos, mas controlo a respiração para conter o impulso.

Deslizo as mãos por baixo do corpo do cachorro e o levanto, pronto para carregá-lo até o carro, mas assim que dou a volta, estaco. Rika está parada alguns metros dali, e tenho certeza de que viu tudo.

Ela olha para mim como se eu a tivesse traído.

Desvio o olhar, endurecendo a postura, e passo por ela, colocando o cachorro na traseira do meu SUV.

Quem caralho era ela para me julgar? Eu fiz o que tinha que fazer.

Pego uma toalha da minha bolsa de ginástica, a mesma que usei assim que saí do treino de basquete antes de buscá-la na escola. Alcançando mais uma toalha, limpo a quantidade restante de sangue das minhas mãos e depois cubro o animal, fechando a porta traseira.

Entro no carro e dou partida, enquanto Rika abre a porta do passageiro e se acomoda no banco, sem dizer uma palavra.

Acelero, mantendo um agarre mortal no volante, e seu silêncio é quase tão ensurdecedor quanto os gritos e insultos do meu pai.

Fiz o que era certo. Vá se ferrar. Não ligo a mínima para o que você pensa, porra.

Respiro profundamente, ficando puto a cada segundo.

— Você acha que o veterinário que colocou seu gato pra dormir há um ano é melhor? — acuso, dando-lhe olhares de esguelha enquanto presto atenção na estrada. — Hein?

Seus lábios estão contraídos, e posso ver as lágrimas se amontoando em seus olhos outra vez.

— Você fez isso com suas próprias mãos — choraminga, virando-se para mim para gritar: — Você mesmo o matou, e eu nunca seria capaz de fazer isso!

— E é por isso que você sempre será fraca — retruco. — Você sabe por que a maioria das pessoas é infeliz, Rika? Porque eles não têm a coragem de fazer a única coisa que poderá mudar suas vidas. Aquele animal estava sofrendo, e você estava sofrendo da mesma forma ao vê-lo daquele jeito. Agora ele não está sofrendo mais.

— Eu não sou fraca — ela argumenta, mas seu queixo está trêmulo. — E o que você fez não me deixou feliz. Não fez com que eu me sentisse melhor.

Dou um sorriso perverso.

— Você acha que sou mau? Pensa menos de mim agora? Bem, adivinhe só... Não dou a mínima para o que você pensa! Você é uma mala sem-alça de treze anos que minha família pegou para tomar conta, e que não vai ser nada além do que uma cópia da mãe bêbada quando chegar aos dezoito!

Seus olhos transbordam, e ela parece prestes a se partir.

— E nem mesmo vai conseguir um marido rico por causa dessa cicatriz — rosno.

Ela perde o fôlego, atordoada. Seu rosto está devastado, e o corpo se sacode com soluços. Ela segura a maçaneta da porta e começa a puxá-la para abrir, tentando dar o fora do carro.

— Rika! — grito.

Estou a noventa quilômetros por hora!

Consigo alcançá-la com minha outra mão, agarrando seu pulso e desviando o carro para o acostamento, freando bruscamente.

Ela se atrapalha, destranca a porta e salta para fora, correndo por entre as árvores.

Coloco o carro em ponto-morto e aciono o câmbio para estacionar ali mesmo, descendo do carro às pressas.

— Volte para o carro! — berro, fechando a porta com força.

Ela se vira e grita:

— Não!

Corro atrás dela.

— Onde diabos você pensa que está indo? Tenho mais o que fazer! Não tenho tempo pra isso!

— Vou ver o meu pai — ela diz por cima do ombro. — Vou

andando para casa.

— Até parece! Entra na porra do carro e pare de me aborrecer.

— Me deixe em paz!

Eu paro, furioso. O cemitério se localiza logo atrás da colina, mas está um breu total. Balanço a cabeça e começo a me afastar.

— Tudo bem! — vocifero. — Vá visitar seu pai, então!

Dou a volta e sigo puto em direção ao carro, deixando-a para trás.

Dou a partida e hesito por um instante. Está escuro. E ela está sozinha.

Porra. Se ela quer ser uma pirralha, então a culpa não é minha.

Passo a marcha e acelero pela estrada, indo direto para casa. Deixando o carro ligado, vou até o depósito do jardim e procuro entre as ferramentas uma pá, seguindo de volta para o SUV.

Minhas orelhas estão congelando por conta do vento frio outonal, mas o resto do meu corpo está pegando fogo por causa da discussão.

Ela olhou para mim da mesma forma que meu pai faz. Como se tudo o que eu fizesse fosse errado.

Reprimo o que há em meu interior – a raiva e a necessidade que não consigo explicar. Algo dentro de mim quer apenas se autodestruir, quer criar conflitos, e quer fazer coisas que os outros não fazem.

Não quero machucar pessoas, mas quanto mais o tempo passa, mais parece que estou perdendo a razão lentamente.

Eu quero o caos.

E estou cansado de ser impotente. Estou cansado de ver meu pai me diminuindo.

Tentei fazer a coisa certa hoje. Algo que ninguém mais faria, mas que precisava ser feito.

E ela olhou para mim da mesma forma que meu pai fazia. Como se tivesse algo de errado comigo.

Jogando a pá dentro do porta-malas, acelero pela entrada de carros e sigo para o único lugar onde consigo pensar.

St. Killian.

Ao me aproximar da velha catedral, mantenho os faróis ligados e ando pela lateral, começando a cavar a cova. O cachorro não tinha uma coleira, e não pode ficar exposto muito tempo até que eu consiga encontrar o dono, então decido enterrá-lo. E este é o único lugar onde gosto de estar, então faz sentido fazer isso aqui.

Depois de cavar o buraco de cerca de sessenta centímetros de profundidade, volto para o carro e abro a porta traseira, ouvindo os alertas de notificação do meu celular no console à frente.

Os caras devem estar se perguntando onde diabos estou.

Eu deveria ter ido para casa e pegar um estoque de papel-higiênico, tinta spray e alguns pregos para os trotes da Noite do Diabo. As mesmas coisas chatas que sempre fazemos antes de encher a cara no Armazém.

Aninho o cachorro em meus braços, levando-o enrolado nas toalhas, e me ajoelho para depositar seu corpo com gentileza ali dentro.

O sangue encharcou o tecido da toalha, e minhas mãos agora estão vermelhas. Tento limpá-las no meu jeans e depois uso a pá novamente para cobrir o buraco.

Quando termino, fico ali de pé, recostado contra o longo cabo de madeira da pá enquanto encaro o monte de terra fresca.

Você é fraca.

Nada.

Pare de me aborrecer.

Eu disse as mesmas coisas para ela que meu pai diz para mim. Como pude fazer isso?

Ela não é fraca. Ela é uma criança.

Estou com raiva do meu pai, e estou com raiva por ela me atrair de tal forma, como sempre fez. Desde quando éramos pequenos.

E estou com mais raiva ainda porque cresci sentindo ódio de tudo. Não há muitas coisas que me agradem.

Mas eu não devia tê-la magoado. Como tive coragem de dizer aquelas coisas? Eu não sou ele.

Exalo um suspiro, vendo o vapor gélido se esvaír da minha boca. Está congelando aqui fora, e a friagem finalmente se instala nos meus ossos, fazendo-me lembrar que a deixei lá. Sozinha. No escuro. No frio.

Volto correndo para o carro, jogando a pá de qualquer jeito na parte de trás e pego o celular, conferindo o relógio.

Uma hora.

Eu a deixei há uma hora.

Dou partida e marcha à ré, saindo dali apressadamente. Coloco a primeira marcha e acelero pela clareira, pela antiga estrada de chão, vendo a catedral desaparecer no meu espelho retrovisor.

Acelero pela rodovia e atravesso os portões da nossa comunidade, virando para a Grove Park Lane e em direção ao fim da pista, onde se situa o cemitério de St. Peter.

Rika havia se enfiado por entre as árvores, chegando ao cemitério pela parte de trás, mas eu apenas dirijo por ali sabendo exatamente onde devo ir.

O túmulo do pai dela não fica muito longe da sepultura da minha família. Ele poderia ter bancado algo tão grandioso quanto os do Crist, mas Schrader Fane não era um filho da puta arrogante como os homens da minha família. Uma lápide simples era o suficiente e tudo o que ele considerou em seu testamento.

Sigo pela rua escura e estreita, vendo nada além de árvores e um mar de pedras cinza, pretas e brancas em ambos os lados.

Parando no alto de uma pequena colina, estaciono e desligo o motor, avistando o que imagino ser um par de pernas deitadas sobre a

grama um pouco mais abaixo.

Jesus.

Correndo por entre as lápides, vejo Rika deitada em posição fetal sobre o túmulo de seu pai, as mãos firmemente coladas ao peito. Paro e a observo em seu sono, por um instante vendo aquele bebê de tanto tempo atrás.

Coloco-me sobre um joelho e deslizo as mãos por baixo de seu corpo, erguendo-a contra mim, tão pequena e leve.

Ela se mexe em meus braços.

— Michael? — murmura.

— Sssshh... — eu a tranquilizo. — Estou aqui com você.

— Não quero ir para casa — ela protesta, colocando a mão sobre o meu ombro, ainda sem abrir os olhos.

— Nem eu.

Avisto um banco de pedra a alguns metros dali e a carrego em meus braços, sendo corroído pela culpa ao sentir sua pele tão fria contra a minha.

Eu não deveria tê-la deixado.

Sento-me no banco e a mantenho em meu colo enquanto ela repousa a cabeça contra o meu peito. Eu a abraço apertado, tentando transmitir calor ou fazer qualquer coisa que a faça se sentir melhor.

— Eu não devia ter falado aquelas coisas pra você — admito com a voz rouca. — Sua cicatriz não é feia.

Ela enrola os braços pela minha cintura e pressiona o corpo para mais perto, tremendo de frio.

— Você nunca pede desculpas — atesta. — A ninguém.

— Não estou me desculando — retruco, meio que brincando.

Na verdade, estou, sim, me desculando. Estou me sentindo mal, mas tenho dificuldade em admitir que fiz algo errado. Provavelmente porque meu pai nunca se cansa de me dizer, de qualquer forma.

Mas ela está certa. Nunca peço desculpas. As pessoas aceitam as merdas que distribuo a torto e a direito, mas ela não. Ela foge de mim. No escuro. Para dentro de um cemitério.

— Você tem muita coragem — digo a ela. — Eu não. Sou apenas um covarde que intimida crianças.

— Isso não é verdade — replica, e posso ver um sorriso em seu semblante.

Mas ela não vê o que vejo. Ela não está na minha cabeça. Sou um covarde, e sou mau, e sinto-me irritado o tempo todo.

Aperto um pouco mais meu abraço, tentando mantê-la aquecida.

— Posso te dizer uma coisa, garotinha? — indago, um nó se formando na garganta. — Estou o tempo todo com medo. Faço o que ele me diz para fazer. Fico de pé e falo, ou permaneço em silêncio, e nunca digo não a nada do que ele exige. Nunca me imponho.

Eu a acusei de ser fraca, mas a verdade é que sou eu quem sou. Fraco. Odeio quem sou. Tudo fica alojado na minha mente e não consigo controlar isso.

— As pessoas não me veem, Rika — confidencia. — Existo somente como um reflexo dele.

Ela inclina a cabeça para trás um pouco, os olhos ainda fechados.

— Isto não é verdade — murmura, sonolenta. — Você é sempre a primeira pessoa que vejo em uma sala.

Minhas sobrancelhas se franzem em tristeza, e afasto a cabeça, receoso de que ela possa notar minha respiração ofegante.

— Você se lembra quando sua mãe te obrigou, e aos seus amigos, a levar eu e Trevor para escalar com vocês no último verão? — ela questiona. — Você deixou a gente fazer de tudo. Permitiu que nos aproximássemos do precipício. Subir nas rochas. Você deixou o Trevor falar palavrão... — Os dedos dela se curvam e agarram a parte de trás da minha camiseta. — Mas você não nos deixava ir muito longe. Dizia que devíamos guardar energia para voltar o caminho todo. Esse é você.

— O que quer dizer?

Ela inspira profundamente e depois exala.

— Bem, é como se você estivesse armazenando sua energia para alguma coisa. Se segurando — ela diz e se aninha a mim, em busca de conforto. — Mas não faz o menor sentido. A vida é uma via de sentido único, e não há viagem de volta. O que você está esperando?

Meu peito se agita por um instante, e a encaro com atenção, suas palavras me atingindo como um trem descarrilhado.

O que estou esperando?

As regras, restrições, expectativas, e tudo o que é considerado aceitável são coisas que me seguram, mas são conceitos de outras pessoas. Restrições de outras pessoas. Regras e expectativas de outras pessoas.

E elas são meramente uma ilusão. Elas só existem quando eu permito.

Ela tem toda a razão.

O que meu pai vai fazer comigo, e eu me importo com isso?

Eu quero isto.

“Você não pode ter.”

Bem, o que acontece se eu pegar de todo jeito?

Quero fazer isso.

“Você não pode.”

Quem vai me impedir?

Jesus, ela está certa. Que porra estou esperando? O que mais ele pode fazer?

Quero um pouco de devastação, um pouco de problemas, um pouco de diversão, a chance de ir onde meu coração me levar... Quem vai me impedir, porra?

Cada músculo tensionado no meu corpo começa a relaxar, e os nós se desfazem. Minha pele está formigando, e sinto meu interior se agitar por dentro, e me obrigo a conter um sorriso.

Inalo profundamente, um fôlego gélido que preenche meus pulmões com o ar que se assemelha à água em um deserto.

Sim.

Ainda com ela nos meus braços, fico de pé, segurando-a com firmeza enquanto volto para o carro. Não a levo para a casa dela. Não quero que fique sozinha.

Eu a levo para a minha casa; o hall escuro já que são quase dez da noite. Meu pai com certeza está na cidade e deve passar a noite lá, e minha mãe deve estar na cama. No entanto, subo os degraus e cruzo com ela no corredor, com Rika apagada nos meus braços.

— Ela está bem? — Minha mãe vem correndo até nós, já vestida em uma camisola e com um livro em mãos.

— Ela está bem — respondo, levando-a para o meu quarto.

Ando até a cama e a deposito por cima da colcha, e a cubro com o cobertor que sempre fica na beirada do colchão.

— Por que você não a coloca no quarto de hóspedes? — minha mãe sugere.

Apenas nego com a cabeça.

— Vou dormir lá esta noite. Deixe-a ficar no meu quarto. Ela precisa se sentir segura. — Então olho para minha mãe e acrescento: — Ela deveria ter um quarto só para ela aqui.

Ela já passa a noite diversas vezes desde a morte do pai, e por conta do comportamento da mãe, não vejo mudança nesse hábito tão cedo.

— Deixe que ela tenha um lugar aqui que a faça sentir como se tivesse um lar.

Minha mãe assente.

— É uma ótima ideia.

Afasto-me em direção ao closet e pego um par de calça jeans limpa e uma camiseta.

— Coitadinha — Minha mãe acaricia a cabeça dela. — Tão frágil.

— Não, ela não é — corrijo. — Pare de mimá-la.

Pego o moletom preto da cadeira perto da porta e entro no banheiro para me trocar, pois o sangue do cachorro ainda está manchando meus jeans.

Depois de já estar vestido com roupas limpas, ligo para Kai, ouvindo a música alta e o falatório ao fundo.

— Você ainda tem aquelas máscaras que usamos no paintball final de semana passado? — pergunto, enfiando a carteira na calça e passando os dedos pelo cabelo.

— Sim, estão no porta-malas da minha caminhonete — responde.

— Ótimo. Chame os caras e me encontre no Sticks.

— O que vamos fazer?

— O que quisermos — replico.

E então encerro a ligação, entro de novo no meu quarto e dou um último olhar em Rika, enquanto ela dorme na minha cama.

Os cantos da minha boca se inclinam em um sorriso, e mal posso esperar por esta noite.

Ela me corrompeu.

Fim

Playlist

Bodies – Drowning Pool
Breath of Life – Florence & The Machine
Bullet with a Name – Nonpoint
Corrupt – Depeche Mode
Deathbeds – Bring Me the Horizon
The Devil In I – Slipknot
Devil's Night – Motionless in White
Dirty Diana – Shaman's Harvest
Feed the Fire – Combichrist
Fire Breather – Laurel
Getting Away with Murder – Papa Roach
Goodbye Agony – Black Veil Brides
Inside Yourself – Godsmack
Jekyll and Hyde – Five Finger Death Punch
Let the Sparks Fly – Thousand Foot Krutch
Love the Way You Hate Me – Like a Storm
Monster – Skillet
Pray to God (feat. HAIM) – Calvin Harris
Silence – Delirium
The Vengeful One – Disturbed
You're Going Down – Sick Puppies
37 Stitches – Drowning Pool

Agradecimentos

Primeiro, aos meus leitores – muitos de vocês sempre estão aí, compartilhando sua empolgação e demonstrando apoio, dia após dia, e sou muito grata pela confiança de sempre. Obrigada. Sei que minhas aventuras nem sempre são fáceis, mas eu as amo, e sou grata por tantas pessoas amarem também.

À minha família – meu marido e filha que lidam com minha agenda maluca, minhas embalagens de doces e mente viajante sempre que penso em um diálogo, um plot de história, ou cena que salta na minha cabeça no meio da mesa do jantar. Vocês dois realmente lidam com muita coisa, mas agradeço por me amarem de toda forma.

À Jane Dystel, minha agente na Agência Literária Dystel e Goderich – de forma alguma eu poderia desistir de vocês, então... vocês estão presas a mim.

À House of PenDragon – vocês são meu lugar feliz. Bem, vocês e o Pinterest. Obrigada por serem o sistema de apoio que necessito para me manter sempre otimista.

À Vibeke Courtney – minha revisora *indie* que vai por cima de cada pequeno movimento que faço como se fosse um pente-fino. Obrigada por me ensinar a escrever direto ao ponto.

À Ing Cruz da As the Pages Turn Books Blog – seu apoio vem de toda a bondade de seu coração, e não tenho como retribuir o suficiente. Obrigada pelas *blitz* de lançamento, os blog tours, e por estarem ao meu lado desde o início.

À Milasy Mugnolo – que lê, sempre me dando o voto de confiança necessário, e faz questão de que eu tenha pelo menos uma pessoa com quem conversar em algum *Book Signing*.

À Lee Tenaglia – que fez artes maravilhosas para cada livro meu e cujos painéis do Pinterest se tornaram meu vício! Obrigada. É sério, você precisa entrar no ramo. Vamos conversar sobre o assunto.

A todos os blogueiros – são muitos para citar por nomes, mas sei quem vocês são. Vejo os posts e as marcações, e todo o trabalho árduo que fazem. Vocês gastam o tempo livre para ler, resenhar e divulgar, e tudo isso de graça. Vocês são o sangue que dá vida ao mundo literário, e quem sabe o que faríamos sem vocês. Obrigada por todo o esforço incansável. Sei que fazem isso por paixão, o que torna tudo ainda mais incrível.

À Samantha Young, que me chocou quando postou um tweet a respeito de *Falling Away* quando eu nem podia imaginar que ela sabia quem eu era.

À Jay Crownover que veio até a minha mesa em um evento, se

apresentou para mim, e disse amar meus livros (eu apenas a encarei em choque).

À Abbi Glines, que deu aos seus leitores uma lista de livros que ela leu e amou, e um deles era meu.

À Tabatha Vargo e Komal Petersen, que foram os primeiros autores a enviar mensagens para mim depois do meu primeiro lançamento, só para dizer o quanto amaram Bully.

À Tijan, Vi Keeland e Helena Hunting por sempre estarem aí quando preciso de vocês.

À Eden Butler e N. Michaels, que estão sempre prontos a lerem meus livros num piscar de olhos.

À Natasha Preston, que sempre me apoia.

À Amy Harmon, pelo encorajamento e suporte.

E à B.B. Reid, por ler, compartilhar suas leitoras comigo e me dar um tutorial de como usar o Calibre à meia noite e meia.

É maravilhoso receber esse apoio de seus colegas. A positividade é contagiante, então muito obrigada a todos os meus companheiros autores por espalharem o amor.

A cada autor aspirante – obrigada pelas histórias compartilhadas, muitas tendo me tornado uma leitora feliz em busca de uma válvula de escape maravilhosa e uma escritora melhor, tentando corresponder às suas expectativas. Escrevam e criem, e nunca parem. Sua voz é importante, e contanto que venha do coração, é boa e justa.

Cena do Dia dos Namorados

Esta cena acontece poucos meses após o fim de *Corrupt*. As três primeiras partes são no ponto de vista de Rika, e a quarta no POV de Kai, sendo que este último já é um teaser para *Hideaway*. Se você não leu *Corrupt*, saiba que esse bônus inteiro é um spoiler.



Rika

PISCINAS ME DAVAM PAVOR.

Não costumava acontecer isso antes – e se não estivesse sozinha, provavelmente nem seria assim tão assustador, mas agora eu odiava ficar sozinha em uma piscina. Ou em qualquer meio aquático.

E era exatamente por esse motivo que eu me obrigava a usar a piscina interna do Delcour, pelo menos duas vezes na semana. Desde o lance que aconteceu no Pithom, com Trevor e o bloco de cimento amarrado ao meu tornozelo, eu...

Rangi os dentes, exalando com força conforme batia as mãos na superfície da água, enviando uma marola contra a lateral da piscina.

Damon que se fodesse.

E seja lá onde estivesse, eu estava torcendo para que ele estivesse sofrendo pra cacete.

Eu estava andando a todo momento olhando por cima do ombro, e toda a felicidade que senti nos últimos meses era sempre ofuscada por uma nuvem sombria que surgia aqui e acolá só para me lembrar de que eu não estava segura. Não por inteiro.

Ele ainda estava lá fora, e eu odiava isso.

E... não odiava.

Embora eu tentasse negar o fato de que ele alugou uma parte dos meus pensamentos, havia uma parte dentro que mim que entendia cada vez mais que a ameaça a respeito de sua presença poderia ser uma coisa boa. Ele me mantinha em alerta, e eu era grata por isso.

Com ou sem Damon, eu não deveria me acomodar. Não deveria ficar relaxada. Eu tinha que manter a mente focada de que meu tapete poderia ser puxado a qualquer momento, e por mais que pudesse contar com Michael, Kai e Will... minha sobrevivência, meu sucesso, e minha vida estavam, no fim das contas, em minhas próprias mãos. Eu tinha que saber como tomar conta de mim mesma.

Eu não tinha percebido isso, no último mês de outubro, quando

Michael e o menino foram atrás de mim, e não estava preparada, mas agora eu entendia.

Não fique preguiçosa. Não se acomode. Estou no comando. Eu estabeleço o ritmo.

Obrigada, Damon.

Caminhei dentro da piscina e subi a escadinha, torcendo o cabelo em um punho conforme seguia pingando até a minha toalha.

Peguei o celular e conferi o horário, notando que passava um pouco das seis. Michael estaria aqui em breve.

Eu me sequei às pressas e vesti o short antes de posicionar a toalha úmida sobre o meu ombro. Depois de recolher meu telefone e garrafa d'água, saí da área da piscina, descalça, e segui em direção ao elevador, com o cartão de acesso já em mãos para selecionar o andar da cobertura.

À medida que o elevador subia, o frio no estômago se alastrou de leve, e foi impossível conter o sorriso que se formou em meus lábios. Michael havia saído da cidade por conta de um jogo, e a última vez que o vi foi há três dias. Eu não estava nem aí para o fato de hoje ser Dia dos Namorados, nem que ele havia comprado ingressos para que assistíssemos a uma ópera à noite; não queria nem mesmo sair. Tudo o que queria era ele.

Eu detestava quando ele viajava, mas amava quando voltava para casa. Era um dilema.

As portas se abriram, e assim que coloquei os pés no apartamento, ouvi a música quase estourando os tímpanos. O som ecoava pelos corredores, e estaquei em meus passos, sentindo os pelos dos braços se arrepiarem diante da sensação perturbadora.

Música? Eu não havia deixado o som ligado.

Só então reparei na música em si. *Bodies*, do grupo *Drowning Pool*.

Exalei um suspiro e revirei os olhos. Tinha que ser.

Will.

Michael nunca pegou de volta a chave que deu a ele, logo, ele aparecia a qualquer momento para vasculhar a geladeira, ou, às vezes, o encontrávamos jogando na quadra interna no meio da noite.

Assim que entrei no apartamento, o avistei largado no sofá, vestido com seu terno preto impecável e com um sanduíche em uma mão, enquanto girava uma bola de basquete na ponta do dedo da outra.

A música berrava: *“Deixe os corpos caírem no chão! Deixe os corpos caírem no chão! Deixe os corpos caírem no chão!”*

Sim, sim.

Largando minhas coisas em cima do balcão, peguei o controle remoto e desliguei o som. Como ele conseguia ouvir aquela música o

tempo todo?

Ele soltou a bola de basquete, finalmente se dando conta da minha presença.

— Ah, oi — ele me cumprimentou, e deu uma mordida no sanduíche.

Seus olhos verdes eram sempre estatelados e fofos como os de um filhotinho, e acabei amolecendo um pouco. Apesar de seu comportamento. Uma coisa que sempre me irritava era a mania que ele tinha de aparecer do nada – afinal de contas, eu poderia muito bem estar saindo do chuveiro –, mas ele passava a impressão eterna de que era uma criança que fez um desenho horrível, porém com todo o coração.

Viu, mamãe? Fiz bonitinho?

Dei um meio-sorriso e fui até ele, empurrando seus pés para longe da mesinha de centro.

— Michael não está aqui.

— Sim, eu sei.

— Então, por que veio pra cá?

Ele mordeu mais um bocado do sanduíche e colocou o restante no prato, sobre o sofá, antes de se sentar e pegar a toalha do meu pescoço para limpar a boca.

Fiz uma careta, prestes a repreendê-lo se ele não tirasse sua comida dos nossos móveis.

Mas ele se levantou, engoliu o que estava comendo e sorriu para mim, a poucos centímetros do meu rosto.

— Eu vim te buscar — anunciou. — Sob ordens restritas de te levar até o Michael e Kai, então, vá se arrumar.

Confusa, fiquei ali plantada, o encarando. Ele veio me buscar? Michael e Kai? O quê?

Era Dia dos Namorados. Michael e eu tínhamos feito planos.

— Não estou entendendo — argumentei.

Mas ele simplesmente deu uma risadinha e enrolou a toalha ao redor do meu pescoço, me puxando contra ele, de brincadeira.

— O Michael não te avisou? — caçoou, com sua voz suave. — Você é a namorada de todo mundo hoje à noite, gata.

Arqueei uma sobrancelha e dei um tapa em suas mãos para que se afastasse.

Ele saiu andando da sala, rindo.

— Vá tomar um banho, Monstrinha.



— Então... eu deveria estar com medo? — perguntei, sentada

no banco traseiro da Mercedes G-Class de Michael, calçando minha meia-calça, enquanto Will dirigia o veículo.

Banho, cabelo, maquiagem e a luta para me enfiar no meu vestido de festa levaram quase uma hora, logo, Will e eu tivemos que sair correndo porta afora antes que eu estivesse completamente vestida.

— Você nunca fica com medo — ele rebateu. — Você fica com tesão.

Eu sorri internamente.

— *Touché*.

Ele não queria me dizer para onde estávamos indo, mas pelo que eu podia ver da janela, estávamos do outro lado da cidade. Na área em que Kai morava.

Talvez fôssemos, finalmente, ver o lado de dentro da casa dele? Provavelmente não, mas a perspectiva me deixou intrigada.

Calcei meus saltos e ajeitei a longa saia do meu vestido preto para cobrir as pernas; em seguida, me estiquei toda para conferir meu cabelo e maquiagem pelo espelho retrovisor.

Deixei uns cachos soltos e preendi uma parte do cabelo no alto, com meus ombros à mostra por conta do corselete. A ópera era um lance muito mais sofisticado do que os lugares habituais para onde íamos, e realmente adorei sair para comprar esse vestido, com seu bordado, joias e o *design* sedutor, bem como a fluidez do tecido quando eu caminhava.

O olhar de Will se focou ao meu pelo retrovisor.

— A propósito, você está ótima.

— Obrigada. Você também.

Ele desviou o olhar, bufando uma risada sarcástica como se isso estivesse completamente longe da verdade.

E eu sabia. Por mais que ele parecesse saudável e feliz, eu sabia que sua aparência exterior não chegava nem perto da forma como ele se sentia por dentro.

— Como você está?

Olhei para baixo, tentando evitar seu olhar e não ser tão invasiva, e conferindo se havia colocado tudo do que precisava na minha bolsinha de mão.

Ele pegou um cigarro e enfiou entre os lábios, acendendo enquanto respondia:

— Estou ótimo pra caralho. Você viu minhas fotos no *Mardi Gras*, no Facebook? Eu bem que podia ficar bebaço daquele jeito todo dia.

Ele deu uma tragada e bafou uma nuvem de fumaça. Eu me inclinei para frente e arranquei o cigarro de seus dedos, jogando a porcaria pela janela.

— Todo dia você está bebaço daquele jeito — rebati.

Ele me encarou pelo retrovisor, lançando um sorriso vitorioso como se tudo não passasse de diversão e joguinhos.

Mas as pessoas mais sorridentes também eram as que mais escondiam as coisas. E eu sabia...

Todas as vezes que ele se esgueirava para passar um tempo no meu apartamento e de Michael, todas as baladas, as noites com garotas que ele nem conhecia, tentando evitar ficar sozinho, Will não estava nem um pouco bem.

Eu me inclinei novamente para frente e apoiei os braços no encosto do banco dele, repousando o queixo contra o couro macio enquanto o observava pelo retrovisor.

Ele suspirou, ainda dirigindo pela rua.

— Pare de olhar pra mim desse jeito — repreendeu, baixinho. — Eu tenho 23 anos. Estou bem, e vou arranjar alguma coisa para fazer com a minha vida. Não se preocupe.

Dei um sorriso sarcástico, enlaçando seu pescoço por trás e travando as mãos diante de seu peito.

Ele me lançou uma olhadela pelo espelho e franziu as sobrancelhas, com um ar confuso.

— O que foi?

— Bem... eu tenho uma ideia — caçoei.

— Ah, é mesmo? — ele me desafiou. — Muito bem, pessoal, afastem-se. O cérebro da loira está funcionando.

Fiz uma cara feia de brincadeira.

— Babaca.

Seu tórax vibrou sob minhas mãos, e o observei acionar os limpadores do para-brisa, as gotas de chuva agora muito mais intensas do que quando entramos no carro.

— Então, qual é o lance? — instigou. — Você quer que eu vá para a faculdade? Ou que talvez eu me coloque sob as rédeas do meu pai e avô, para ver em qual escritório eles poderão me esconder pelos próximos dez anos? Ou talvez... — Ele pegou outro cigarro e o enfiou entre os lábios. — Eu poderia colocar um mochilão nas costas e dar o fora para explorar o mundo. Eu sempre quis ser o Indiana Jones.

Arranquei o cigarro de sua boca mais uma vez, quebrando ao meio, e joguei no suporte de copos.

— É, eu consigo ver isso — eu o agraciei. — Você arrasaria nessa empreitada.

Ele balançou a cabeça, morrendo de rir.

Enlaçando seu pescoço novamente, eu o abracei mais apertado, olhando para ele pelo retrovisor.

— Mas, sério, eu estava pensando em uma coisa diferente. — Baixei o tom de voz, ainda o observando, enquanto ele encarava a

estrada. — Eu estava pensando... que você poderia reconstruir o gazebo.

Eu o observei com bastante atenção, e vi o momento em que seu semblante tensionou e o sorriso desapareceu. Ele não disse uma palavra sequer conforme continuava a encarar a estrada à frente.

Tudo bem, talvez eu tenha ido longe demais ao trazer de volta o passado.

Talvez eu, finalmente, tenha encontrado o gatilho de Will, e acabei apertando o botão errado.

Mas, não.

Não.

Contraí a mandíbula, entrecerrando os olhos enquanto o encarava.

Ele precisava ser pressionado. Michael e Kai sempre o acobertavam, nunca o fazendo enfrentar ou lidar com as situações, imaginando que ele resolveria seus problemas quando estivesse pronto, mas eu me recusava a facilitar para ele. Fiz isso muito tempo pela minha mãe, e não estava disposta a repetir o erro.

— Bem... o que você acha? — pressionei.

No entanto, ele permaneceu em silêncio.

Tudo o que eu podia ouvir era o barulho da chuva chapinhando sob as rodas do lado de fora, conforme a agitação da cidade se dissipava à medida que entrávamos no lugar que eu costumava me referir como “a zona sombria”. Era o Distrito Leste, uma região no subúrbio de Meridian City que já foi vibrante e movimentada, mas agora era apenas... bem, sombria.

E abandonada. Kai comprou uma mansão imensa do início do século aqui, e por mais que eu soubesse que ele tinha cortado um dobrado na reforma depois de anos de a propriedade ter sido negligenciada, eu estava desconfiada do porquê esse fato era motivo suficiente para nos manter afastados. Nós estávamos indo para lá agora?

— Ela nem ia ver de qualquer jeito, Rika — disse Will, por fim. — Fiquei sabendo que ela nunca mais pisou o pé em casa desde o fim do ensino médio.

Ergui a cabeça, olhando para ele através do espelho.

O gazebo. Ela. Emery Scott.

— Então só vale a pena fazer algo bom se a pessoa estiver por perto para ver? — incitei.

Observei seu rosto, aquele ar perdido e desamparado que ele sempre parecia ostentar quando pensava que ninguém estava olhando, e soltei um suspiro, deixando um pequeno rastro de migalhas de pão para ele.

— E ela não precisa ver nada — provoqueei, me inclinando para

sussurrar em seu ouvido: — Ela só precisa ficar sabendo disso.

Um sorriso imenso se espalhou pelo seu rosto, assim que ele virou em um beco escuro e a chuva fez com que a rua brilhasse sob os postes de iluminação.

— Você é quase tão boa de lábia quanto eu.

Eu me recostei e espiei o lado de fora pela minha janela quando ele desligou o motor.

— Quase — murmurei, me esquecendo, por completo, da conversa.

Arrepios se espalharam pelos meus braços à medida que eu olhava para o prédio todo preto. Não havia uma luz acesa, nenhum carro à volta, nenhum sinal de vida... Onde diabos estávamos? Onde estavam Michael e Kai?

Will abriu a porta, o barulho da chuva se infiltrando para dentro do carro e me fazendo esfregar os braços para me aquecer.

— Espera um pouquinho aí; eu tenho um guarda-chuva aqui — disse ele, se esticando para o banco do passageiro.

Ele o abriu e se enfiou sob a chuva, as gotas castigando o guarda-chuva quando ele fechou sua porta rapidamente e abriu a minha. Dei um passo para fora, me curvando quando ele fechou minha porta e ambos nos apressamos para a pequena marquise acima de uma estreita porta preta na lateral do prédio.

— Que lugar é esse? — perguntei, quando Will abriu a porta.

Entreí primeiro, e ele fechou e sacudiu o guarda-chuvas.

— Antigamente, eram apartamentos — disse alto, largando a sombrinha no chão e fechando a porta —, na virada do século, acho. Então alguém o comprou, derrubou todas as paredes e transformou em uma galeria de arte nos anos 60. — Lançou um olhar demorado ao redor do imenso espaço às escuras. — Agora está completamente abandonado.

Não dava para ver muita coisa com as luzes apagadas, mas havia uma quantidade suficiente de claridade que vinha das janelas; avistei um fogão, uma ilha central e alguns armários. Acho que quando renovaram o lugar, desmanchando os apartamentos, decidiram manter uma das cozinhas.

— Você vai me dizer agora o que é isso tudo? Onde está o Michael?

Eu estava começando a ficar irritada com o fato de que a primeira parada de Michael na cidade não foi para me ver.

No entanto, Will simplesmente se virou para mim, estendeu o braço e gesticulou que eu fosse à frente. Olhei para o lugar para onde ele me direcionava, encarando um imenso e longo corredor escuro. Retesei o corpo, hesitando por um momento.

Eu não tinha como saber onde o abismo escuro acabava, mas

apruisei a postura apesar do frio na barriga.

Michael, Michael, Michael.

E aqui estava eu, pensando que os joguinhos acabariam ficando cansativos depois de um tempo.

Sacudindo a cabeça, levemente divertida, fui adiante, andando devagar pelo longo corredor e passando por algumas portas de cada lado com uma estreita escada à direita. O ar estava frio, e desejei ter trazido um casaco ou algo mais quente para me proteger.

Ao chegar ao final, passei por um limiar e entrei em uma grande sala. Girei ao redor na mesma hora, reparando nas vigas entrelaçadas acima e nas janelas enfileiradas à parede do chão ao teto, comprovando que, sim, esse lugar costumava ser um complexo de apartamentos.

Tudo era escuro e velho. O piso de madeira rangia a cada passo, e as vigas de aço ao redor do ambiente eram as únicas coisas que interferiam no espaço gigantesco.

Este lugar seria perfeito para um estúdio de dança.

Nos cantos da sala havia mais portas, e também avistei alguns corredores com outras escadas.

— Adoro lugares como este — comentei com Will. — Com um monte de cantinhos para explorar.

Eu me virei para trás, para olhar para ele, mas meu sorriso desapareceu.

Ele não estava ali.

Mas que porra...?

— Will? — Dei mais um giro, tentando conferir a sala imersa em breu.

Minha respiração acelerou. Puta que pariu...

A chuva açoitava as janelas, o som me cercando como se eu estivesse em um túnel. Levantei a cabeça e ouvi o vento uivar pelas vigas acima.

Engoli o nó na garganta.

— Will? — gritei.

— Então... você gosta daqui? — uma voz suave perguntou.

Virei de supetão, procurando em todo o lugar vazio às minhas costas. Não havia ninguém ali.

Mas vislumbrei um movimento pelo canto do meu olho, e quando olhei para cima, deparei com uma figura às escuras, imóvel, no segundo andar e recostado a uma viga.

— Kai?

— É importante que você goste — ele continuou. — Porque você vai estar por aqui um bocado.

A mão dele – a única parte visível sob a claridade – se moveu ao redor da viga, indicando que ele estava andando.

— Acenda as luzes — exigi.

— Não dá — rebateu. — Acabou a energia. O que você acha?

Semicerrei os olhos, tentando enxergá-lo na escuridão e entender o que diabos estava acontecendo.

— O que acho desse lugar? — perguntei. — Bem, acho que depende de para o que será usado.

— Um monte de coisas boas pode ser feito em um lugar como esse — uma voz rouca ressoou em meu ouvido, e eu me sobressaltei quando braços compridos me enlaçaram, me puxando para trás.

— Michael? — ofeguei, sorrindo aliviada quando seu perfume e calor me cercaram. — O que vocês estão aprontando? Alguém podia pelo menos acender uma lanterna. Isso não é engraçado.

— Está sentindo como se fosse um *déjà vu*? — brincou, contra o meu pescoço. — Eu sei que você gosta disso.

Virei o rosto em sua direção, roçando meus lábios aos dele.

— Acenda as luzes e me diga do que se trata tudo isso — sussurrei —, ou vou buscar Alex para que ela seja minha namorada hoje à noite. Agora, o que vocês estão aprontando?

— Estamos dizendo que amamos você — ele respondeu, me girando em seus braços e me segurando com força. — E temos uma coisa pra você.

— Ah, é?

— Você me prometeu o para sempre — ele me lembrou. — Ainda tem certeza sobre isso? Está nisso a longo-prazo?

Entrecerrei os olhos, tentando imaginar o que aquilo significava.

— Você não precisa perguntar isso mais do que preciso responder — afirmei. — Não há escolha. Agora, o que está acontecendo? Que lugar é esse?

— É nosso — Will respondeu, se aproximando e me entregando uma lanterna.

Peguei de sua mão e olhei para Michael, confusa. *Nosso?*

Mas a voz de Kai ressoou em seguida:

— Você estava procurando por um clube de esgrima quando veio pela primeira vez à cidade — explicou ele, descendo as escadas e se aproximando de nós. — Então pensamos: por que não abrir o nosso próprio?

Senti o peso da lanterna em minha mão, enquanto Kai, Will e Michael me cercavam.

— Um clube de esgrima?

— Você não gostou? — Michael perguntou.

— Não, gostei sim... — Olhei para cima, agora enxergando um pouco mais do imenso espaço vazio. — Mas...

— Mas...? — Michael pressionou.

— Mas ainda tenho aula — continuei. — E tenho a Fane e a casa da minha mãe para cuidar, e estamos supervisionando a reconstrução de St. Killian, e não tenho experiência nenhuma em dar aulas de esgrima...

— Você já ouviu falar de Kendô? — Kai sondou, dando um passo para mais perto.

Finalmente o avistei sob a claridade da lanterna e notei o terno preto que usava, a forma como a camisa branca impecável e a gravata combinavam com o tom de pele bronzeado de seu pescoço. Seu cabelo estava perfeitamente alinhado, não como se sempre não estivesse. Kai raramente ostentava um amarrotado sequer em suas roupas ou um fio de cabelo fora do lugar.

Eu o chamei de “metodoso” na cara dele. Alex o chamou de “*serial killer*” pelas costas.

— Kendô — repeti. — Um tipo de esgrima japonesa?

Ele assentiu.

— Meu pai me ensinou. Assim como ensinou Jiu-jitsu e Aikidô. Eu poderia te ensinar.

Hmm... me ensinar? Mas o que isso tinha a ver com...

Então me dei conta e congelei.

Por que todos eles estavam aqui? Por que Kai se ofereceria para me dar aulas de artes marciais, e por que agora?

Estendi a mão para Michael.

— Me deixe ver a escritura.

— Por quê?

Estalei os dedos, perdendo a paciência.

Ele pegou um documento dobrado de seu bolso interno do paletó, colocando em minha mão.

Abri rapidamente e iluminei com a lanterna, examinando o documento. Avistei os nomes de todos eles... e então avistei o meu.

Este não era um presente só para mim.

Olhei para os três.

— Todos nós somos proprietários desse prédio.

Michael semicerrou os olhos sedutores.

— É claro. Estamos todos juntos nisso. Essas são as regras.

Então ele deu um sorrisinho, ciente de que eu me lembrava das palavras que ele disse na Noite do Diabo mais de três anos atrás.

— Então não sou só eu abrindo uma empresa, somos nós quatro.

Eles me observaram, e eu girei em um círculo, compreendendo o plano.

— Um dojo... com esgrima — comentei comigo mesma, tentando ver como tudo isso poderia dar certo.

Michael não se interessava por esgrima. Ou por artes marciais.

Ele já se exercitava mais do que o bastante com o basquete.

Mas Kai poderia ficar por aqui o bastante, demonstrando um interesse significativo pelos negócios, e Will também poderia ficar aqui; os caras, provavelmente, estavam tentando mantê-lo ocupado.

No entanto, eu ainda não entendia. Michael e Kai já estavam atolados de projetos, então, por que assumiriam mais esse?

E me dei conta de outra coisa.

Eu me virei novamente, inclinando a cabeça de leve para o lado enquanto devolvia os documentos para Michael.

— Então — comecei —... este lugar, o prédio de escritórios detonado que você comprou algumas semanas atrás... — Listei tudo e olhei para Kai. — Seu pequeno refúgio que você está reformando alguns quarteirões adiante, e aqueles terrenos na Rua Darcy que Will estava investigando ontem... — Olhei ao redor, encontrando o olhar dos três. — Por que vocês estão comprando o Distrito Leste?

Isto não se tratava apenas de me dar um lugar para praticar esgrima. Significava algo mais.

Michael deu um sorriso de lado, enquanto Kai se postava ao lado dele com os braços cruzados.

— Os Cavaleiros estão construindo um império, Rika — respondeu ele. — Você quer se juntar a nós?

— Temos uma vaga — Will caçoou, ao passar por mim e me dar um esbarrão no ombro.

Entrecerrei os olhos, tentando segurar o riso. Ah, pelo amor de Deus.

— Vou deixar isso para amanhã, quando tivermos mais tempo para discutir sobre o assunto — Michael disse, pegando mais uma leva de documentos —, mas você bem poderia dar uma olhada nisso agora.

Peguei os documentos e desdobrei, avaliando o texto. Mais uma vez, todos os nossos nomes constavam ali, e mesmo que o jargão empresarial fosse difícil de entender, meu coração começou a martelar com força.

— Graymor Cristane? — questionei, olhando para cima.

Michael apenas me encarou, esperando.

Esses documentos estabeleciam uma sociedade entre Kai, Will, Michael... e eu. Estava tudo aqui. Quem administraria o quê. A divisão dos lucros. Que decisões seriam tomadas, e até mesmo os detalhes das contas bancárias que já haviam sido abertas para manter tudo separado das nossas contas pessoais.

Caramba. Eles realmente estavam fazendo isso? Graymor Cristane nos representava. Pedacos dos nossos sobrenomes que intitulavam a parceria.

Respirei fundo, sem nem ter me dado conta de que havia parado de respirar enquanto examinava os documentos.

— Os pais de vocês não vão gostar nem um pouco disso — adverti.

Especialmente o pai de Michael. Eles construíram seus próprios legados e esperavam que os filhos dessem continuidade.

— Estamos contando com isso — Michael rebateu. — Então, o que você acha, Monstrinha? Você quer se divertir um pouco?

Ouvi a risada de Will e olhei para cima, avistando os três com seus olhares divertidos como se mal pudessem esperar para pular de um incêndio ao outro.



A limosine acelerou pelas ruas da cidade, a vista do lado de fora se tornando mais brilhante e agitada conforme nós quatro seguíamos para o teatro de ópera. Fiquei ali sentada, encarando a chuva, com Michael ao meu lado e Kai e Will à frente, mexendo em seus celulares.

Mas, quando dei por mim, os braços de Michael me enlaçaram e acabei ofegando quando ele me puxou para o seu colo.

— Michael! — sussurrei, meio que gritei.

— Vem cá — ele sussurrou de volta, me puxando para perto.

Mas tentei me esgueirar para longe de seu agarre.

— Pare com isso.

— Não posso.

Ignorei Will e Kai atrás de mim, sem me importar em olhar para ver seus sorrisos arrogantes enquanto eu falava baixo e bem diante de Michael:

— Se você quer uma sociedade comigo, você não pode me apalpar na frente deles. Não quero ser vista como uma garotinha maleável que se curva sempre que é tocada.

— Eles não te veem desse jeito — me apaziguou, encarando meus lábios. — Eles veem a *mim* dessa forma.

Seus dedos às minhas costas se esgueiraram pela lateral do meu vestido enquanto a outra mão deslizava acima pela minha coxa e desaparecia sob o tecido.

— O que você está fazendo? — disparei, tentando ignorar a forma como minha pele arrepiou.

— Você não gostou do seu presente — disse ele.

Os dedos ásperos roçavam por trás do meu joelho, e ignorei o calafrio que subiu pela coluna. Eu estava pelo menos grata por esse vestido ser longo e com inúmeras camadas para esconder o que ele estava fazendo.

— Sim, eu gostei — repliquei.

— Bem... talvez você vá gostar mais desse. — Enfiou a mão em um compartimento secreto na porta e tirou uma caixinha, entregando para mim.

Eu me obriguei a não sorrir, mas achava que um pequeno sorriso escapou. Eu estava brava com ele. Não somente por ter jogado a história do dojo e da sociedade no meu colo, me colocando contra a parede diante dos meninos, mas eu estava preocupada com seus motivos para fazer isso também.

Peguei a caixinha e a abri, deparando com uma bela caixa de prata com desenhos entalhados na estrutura. Abri a tampa e avistei um monte de fósforos. Surpresa, comecei a rir.

Era um recipiente antigo para fósforos. A versão de meados de 1800 para se juntar à minha coleção. Somente Michael me conhecia bem o suficiente para saber o quanto eu gostaria de algo assim.

Erguendo o rosto, inspirei e senti o cheiro de fósforo e enxofre.

— Natal e fogos de artifício — Michael brincou enquanto me observava.

— É lindo. — Fechei a tampa e segurei a caixinha com força em minha mão. — Obrigada.

— Você está nervosa com o lance da sociedade, não é? — Ele manteve a voz baixa, em uma conversa mais privada.

— Na verdade, não.

— Então, o que há de errado?

Encarei minhas mãos e inspirei fundo, focando meu olhar ao dele.

— Estou preocupada que você tenha comprado o dojo... e organizado essa sociedade... para me manter por perto.

— E por que eu não iria querer você por perto?

— Você entendeu o que eu quis dizer — retruquei, olhando para cima e vendo Will ocupado em seu celular, enquanto Kai encarava o dele. Eu tinha a impressão de que ele estava ouvindo a conversa, em todo caso. Virando-me de volta para Michael, sussurrei:

— Eu mencionei que ia procurar um emprego de meio-período, e... olha, que surpresa! De repente, você me aparece com uma coisa para fazer quando eu não estiver na faculdade. Você sempre sabe onde estou agora, e se você não está por perto, seus amigos aparecem para ficar de olho em mim.

Ele se sentou mais ereto, se afastando um pouco de mim.

— Acha que não confio em você?

Fiquei em silêncio, incerta sobre o que dizer. Algumas semanas atrás, comentei com ele que estava pensando em arranjar um emprego de meio-período só pela experiência mesmo, e ele pareceu ficar nervoso. Não sabia se ele estava bolado porque minha programação não giraria mais ao redor dele ou se estava com medo de que minha

escolha de ter uma vida não o envolvesse, mas eu suspeitava que era a última opção.

Ele deu um longo suspiro, me olhando com atenção.

— Se eu não confiasse em você, eu a colocaria no mesmo ambiente que Kai, dia após dia, e toleraria que ele oferecesse te dar aulas particulares de Kendô?

Franzi o cenho, ciente de que ele tinha razão. Nós raramente falávamos sobre o que havia acontecido entre nós três, mas Michael sabia a quem meu coração pertencia, e eu estava grata por ele não duvidar disso.

— Não há ninguém em quem eu confie mais do que você — ele sussurrou.

Então seu olhar cintilou para além do meu ombro, focando em Will e Kai antes de se voltar para mim.

— Ninguém — repetiu.

Meu peito foi inundando com calor, e me senti aliviada. Eu sabia que ele se importava com os amigos, mas era importante saber que eu vinha em primeiro lugar.

— Porém, você está certa — ele continuou, seus olhos cor de mel travados com os meus. — Eu quero você por perto. Estou sempre viajando, você sempre está sozinha, e se eu não estiver aqui, vou me sentir bem melhor sabendo que eles estão. Damon ainda está à solta, afinal de contas.

Soltei um suspiro e assenti.

— Eu sei disso, e entendo, mas você não administra a segurança deles. — Ergui o queixo, gesticulando em direção aos meninos atrás de mim. — E se você quer que a Graymor Cristane funcione, eu não posso ser mimada.

— Tudo bem — ele consentiu. — Vou parar com isso. — Então se inclinou para me beijar, sussurrando contra os meus lábios: — Assim que Kai te ensinar alguns golpes de Jiu-jitsu.

Bufei uma risada, me afastando, mas ele apertou ainda mais os braços ao meu redor, sua respiração quente se tornando mais intensa.

— Pare — eu o repreendi, baixinho.

Sua outra mão trilhou um caminho pelo interior da minha perna outra vez, desaparecendo abaixo do vestido enquanto mordiscava meu lábio inferior.

— Só um gostinho — arfou. — Por favor?

A mão se esgueirou mais acima na minha coxa e sua boca e língua dominaram a minha.

— Michael, não — sussurrei, entredentes, tentando afastar sua mão sob o vestido.

No entanto, os dedos subitamente encontraram a pele úmida e uma expressão surpresa cintilou em seu semblante. Ele continuou a

subir a mão, mais e mais, cada vez mais perto da umidade quente entre minhas pernas, e acabei gemendo, seus dedos acariciando a pele nua.

Seus olhos se tornaram ardentes ao me encarar.

— Meia-calça de renda e nada mais? — comentou. — Isso não é muito legal, Rika.

Merda. Senti sua protuberância abaixo de mim se tornar mais grossa e dura, e ele me puxou para perto, nossos lábios roçando um ao outro conforme seus dedos se curvavam na parte interna da minha coxa, tão perto de onde eles não deveriam estar nesse instante.

Pensei que seria sexy provocá-lo um pouco esta noite ao não usar nada com exceção das meias sob o vestido, e ainda que eu tenha ficado surpresa por sairmos com Will e Kai, eu não imaginava que ele tentaria me foder com os dedos a poucos metros dos amigos.

— Puta merda — ele arfou, rilhando os dentes enquanto eu sentia o calor de seu hálito. — Isso é um problema.

Fechou os olhos, arrastando a ponta do nariz pelo meu rosto e pescoço, inspirando fundo. Em seguida, depositou uma trilha de beijos suaves sobre a minha pele, e um calor intenso inundou minha barriga à medida que minha respiração acelerava.

Rapidamente, lancei um olhar por sobre meu ombro, reparando que Will ainda estava alheio ao que acontecia enquanto servia a si mesmo mais uma dose de bebida e Kai ainda encarava o celular. No entanto, o franzido em seus lábios deixava claro que ele sabia o que estava acontecendo, embora tenha, respeitosamente, desviado o olhar.

Mas quando os dedos de Michael roçaram minha boceta, arfei e me virei para encará-lo.

— Pare — murmurei, meu coração acelerando.

— Olhe para mim, amor — ele sussurrou, tomando meus lábios com beijos rápidos e breves. — Meu Deus, eu te amo.

— Michael, por favor — implorei, fechando os olhos e rosnando quando seus dedos, ocultos pelas camadas de tecido do meu vestido, começaram a esfregar meu clitóris em círculos tentadores.

— Por favor, o quê? — debochou, mordiscando meus lábios de novo. — Sua boca diz “não”, mas seu corpo está dizendo outra coisa. Estou confuso.

Babaca.

A pulsação entre minhas coxas se tornou mais intensa, e tudo o que eu queria era abrir as pernas com vontade.

— Nós. Não. Estamos. Sozinhos — rosnei.

— Eu sei. — Ele sorriu, adorando me ver nervosa. — E posso sentir o quanto isso está te deixando com tesão agora mesmo. Seja mais compreensiva. Faz dias desde que minha língua e meu pau estiveram enterrados dentro de você.

Vacilei, tentando a todo custo conter o gemido que queria escapular. A lembrança de ser acordada, quatro dias atrás, com minhas pernas arreganhadas e sua língua me devorando como se ele estivesse morrendo de fome era ainda muito vívida.

— Continue gemendo desse jeitinho — provocou. — É sexy pra caralho.

Seus dedos circularam de um lado ao outro, e eu ficava cada vez mais molhada e frustrada.

Lambi meus lábios secos e agarrei as lapelas de seu terno. Então, gritei:

— Encoste o carro, por favor!

O peito de Michael vibrou com o riso, e eu encarei o motorista por cima do meu ombro.

— Agora!

— Sim, senhora.

Os olhares de Kai e Will agora estavam fixos em nós dois, sendo que Will estava confuso. Michael mordiscou logo abaixo do lóbulo da minha orelha quando o motorista parou no acostamento, então olhei para os meninos.

— O teatro de ópera fica a poucos quarteirões de distância. Vão andando.

Michael arfou em minha orelha e Kai riu baixinho antes de balançar a cabeça e concordar.

— Aprem-se — ele urgiu e abriu a porta, ambos descendo do carro. Em seguida, fecharam a porta com força e Michael acionou o botão do vidro de privacidade entre nós e o motorista.

— Dirija em voltas até que o mande parar — ordenou, antes de o vidro se fechar por completo.

— Sim, senhor.

Assim que ficamos a sós, os lábios de Michael tomaram os meus, e suas mãos se afastaram de sob o vestido e aceleraram para abrir o zíper às costas.

— Porra, senti sua falta — grunhiu, baixando o zíper e abrindo o tecido.

Eu me afastei e fiquei de pé, me inclinando contra ele enquanto tentava me desfazer do vestido. Ele caiu farfalhando no piso da limosine, e Michael me puxou contra ele, beijando e mordiscando minha barriga antes de abocanhar meus seios.

Gemi em um grunhido, sem me importar em manter a voz baixa dessa vez.

— Também senti sua falta.

Ele me comeu gostoso, mordendo meus mamilos e tornando-os picos duros ao puxar por entre os dentes. Eu me arrepiei, sentindo um ciclone girar em meu ventre quando as mãos firmes se arrastaram para

cima e para baixo pelas minhas coxas.

— Essas meias estão me matando, porra — disse ele, apertando minha bunda e me levantando de leve. — Deite-se.

— Não, eu quero te montar — afirmei, me sentando escarranchada em seu colo.

— Tem certeza? — perguntou, desafiando o cinto e abrindo a braguilha da calça social.

Assenti rapidamente. Os vidros eram escuros, mas ele sabia que eu ainda me sentiria exposta. Eu estava excitada demais para me importar com isso.

Ele puxou o pau para fora, e eu inspirei fundo quando ele agarrou seu membro e esfregou a cabeça contra o meu clitóris, me provocando.

— Romântico pra caralho, né? — criticou a si mesmo. — Sinto muito, amor.

— Não se desculpe. — Fiquei imóvel por um segundo, baixando aos poucos contra seu membro e amando cada segundo ao senti-lo deslizar dentro de mim. — Não foi por esse cara que me apaixonei. Não preciso de meiguice. Só preciso disso aqui. — Rebolei os quadris e ergui o corpo de novo, sentindo seu gemido vibrar contra minha palma em seu peito.

E, então, beijei seus lábios, sentindo o gosto da primeira vez que ele me tocou nas catacumbas e da primeira vez que me beijou no armazém. A primeira vez que me abraçou no cemitério, quando eu tinha 13 anos, e a primeira vez que estive dentro de mim.

— Não pare de jeito nenhum.

Acelerei o ritmo, rebolando os quadris contra ele e ambos gememos e grunhimos, até que começamos a trepar como loucos em um frenesi tão intenso a ponto de eu sentir uma gota de suor deslizar pelas minhas costas.

— Goze, amor — rosnou, agarrando minha bunda com tanta força que deixaria hematomas.

Sua boca capturou um dos meus seios, e eu o cavalguei com mais vontade, sentindo-o atingir aquele ponto tão profundo que tudo o que eu queria era continuar daquele jeito para sempre. Nada era melhor do ele.

— Não pare nunca — arfei, sentindo a pressão, o calor e a necessidade se avolumarem dentro de mim; eu não conseguiria me conter nem se quisesse.

— Nunca — disse ele, entredentes, puxando meus quadris para baixo com mais força. — Quero essa sua boceta mais do que quero respirar, porra.

Dei um sorriso, incapaz de segurar o riso.

— Agora, isso, sim, foi bem romântico.

Ele riu também, seu corpo inteiro sacudindo e interrompendo nosso ritmo.

— Vá se ferrar, Monstrinha. Eu tentei.

Balancei a cabeça, enlaçando seu pescoço e olhando para ele.

— Não — instruí. — Você sabe do que eu gosto. Apenas dê um tapa na minha bunda e agarre meu pescoço no meu banho matinal.

Ele sorriu, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos enquanto eu acelerava o ritmo.

— Essa é a minha garota.



KAI

Onde diabos eles estavam? O espetáculo estava prestes a começar.

Levei o copo aos lábios e meu olhar percorreu lentamente ao redor do ambiente, menos interessado em quem estava aqui e muito mais em detectar as pessoas que eu queria evitar.

Mulheres andavam de braços dados com seus maridos, enquanto as risadas masculinas e vozes graves ressoavam pelo saguão do teatro de ópera – que era uma pobre imitação dos antigos teatros de Paris. Muito menor, mais barato e um punhado mais brega.

Beberiquei o refrigerante com vodka, mas meus lábios tocaram algo suave, então parei, afastando o copo. Olhei para baixo e avistei uma fatia de limão no fundo da bebida, e enfiei os dedos para retirar, jogando no lixo ao lado do bar.

Isto não era inesperado.

Suspirei, averiguando meu relógio de pulso outra vez e imaginando se eles decidiram nos dar um bolo. Will estava de papo com uma garota universitária no canto, e, embora eu não me importasse em ficar sozinho, preferia estar em casa.

Quanto mais tempo eu tentava me reintegrar ao restante do mundo, mais tempo passava imaginando o porquê. Eu estava ficando cada vez mais impaciente com os olhares e questionamentos. Estava cansado de bancar o simpático com pessoas que realmente não tinham nada a ver comigo, porém me toleravam por causa do meu pai.

No entanto, não... Michael queria que estivéssemos aqui esta noite, então viemos.

— Cadê o Will?

Virei a cabeça e olhei para baixo, deparando com Rika ao meu lado, corada e com os olhos cintilando ao sorrir para mim.

Meu coração saltou uma batida, mas ignorei por completo,

gesticulando com o queixo na direção mais distante do saguão.

Ela seguiu o meu olhar, avistando Will trocando o número de telefone com a garota.

— Você está com o rosto vermelho — brinquei, tomando mais um gole.

Ela apenas riu, aparentando nervosismo.

— Eu sou uma desavergonhada.

Olhei com mais atenção para ela, notando algumas mechas do cabelo fora do lugar quando ela inclinou a cabeça e sorriu como se não pudesse se conter.

— Não mude.

Ela segurou meu braço, com ambas as mãos, e soltou um suspiro exasperado com o rosto corado de vergonha.

— Não vou mudar. Estou feliz demais — disse ela, com meiguice.

Sim.

Se alguma vez considerasse a possibilidade de tentar roubá-la para mim, não seria capaz. Ela estava perdidamente apaixonada por Michael.

— Estávamos lá esperando vocês se aproximarem — uma voz feminina disse, muito familiar —, mas o espetáculo vai começar em breve, então...

Olhei para o lado e avistei minha mãe se aproximando de braços dados com meu pai. Ela se inclinou um pouco e eu dei um beijo em sua bochecha.

— Estava me preparando para isso — murmurei.

Ela se afastou, me dando um sorriso gentil, e eu rapidamente lancei um olhar para o meu pai, vendo-o me observar como de costume. Em silêncio e com total atenção, como estivesse tentando decifrar um quebra-cabeças.

— Boa noite. — Minha mãe estendeu a mão para Rika quando não me prontifiquei a fazer as apresentações.

— Oi — Rika cumprimentou e também estendeu a mão para o meu pai.

— Rika, este é meu pai, Katsu Mori — informei conforme se cumprimentavam —, e minha mãe, Vittoria.

— Ah — ela respondeu, parecendo surpresa. — É um prazer finalmente conhecer vocês.

— Você é a filha de Schraeder Fane.

Os olhos astutos do meu pai a observavam com seriedade.

— Sim. Você conheceu meu pai?

Ele assentiu.

— Conheci muito bem. Ele era um bom homem.

— Obrigada. — A mão de Rika voltou a segurar meu braço, e vi

que meu pai notou o gesto.

Mas então ela espiou para além de onde meus pais estavam, avistando Michael conversando com Will, e se desculpou com educação, fazendo um último carinho no meu braço antes de se afastar.

Meu pai se inclinou e deu um beijo na testa da minha mãe.

— Você poderia nos dar um minuto, por favor?

O olhar dela intercalou de um ao outro, seus olhos castanho-escuros meio hesitantes enquanto eu me preparava para o que estava por vir. Meu relacionamento com meu pai nem sequer chegou perto de voltar ao que era três anos atrás, e eu sabia que ela estava preocupada. Toda vez que conversávamos, as coisas desandavam.

No entanto, ela confiava no meu pai, porque quase sempre ele estava certo. Logo, ela assentiu e me deu um breve sorriso antes de subir a escadaria, provavelmente para seu camarote privativo.

Assim que ela se foi, ele se postou ao meu lado.

— Então... Erika Fane?

— Não. — Balancei a cabeça, entrecerrando os olhos e ciente de onde ele queria chegar. — Ela não é minha. Está comprometida.

Ele cruzou os braços, dando de ombros.

— Sua mãe também estava quando a conheci. E isso não me impediu de conseguir o que eu queria.

Sim, ouvi essa história inúmeras vezes. De como ele não tinha nada, nem mesmo uma aliança para colocar no dedo dela, e como ele roubou a garota italiana do noivo ricoço que a família havia escolhido para ela. E como os dois, juntos, construíram tudo o que possuíam do nada.

É, meu pai era um homem fantástico, e eu não era nada. Eu o desonrei quando fui preso.

Desonrei minha família inteira, e eles nem sabiam a metade das coisas. Nem mesmo Michael sabia metade das coisas.

Eu era o pior de nós quatro. Não o Damon. Eu era o pior, e escondia melhor sobre tudo.

— Ela é do Michael — esclareci, bebericando meu drinque.

— Sim, claro que ela é.

— O que isso deveria significar?

Eu o ouvi dar um longo suspiro antes de virar a cabeça para mim.

— Significa que Michael sempre fica com a melhor fatia da carne, não é mesmo?

Cerrei o punho ao redor do copo, sentindo os músculos da mão doerem enquanto meu pai se afastava, seguindo minha mãe escadaria acima.

Ele sempre ficava tempo o suficiente para me lembrar do

quanto eu não estava à altura, e então, ia embora.

Sim, Michael sempre ficava com as melhores fatias. Isso foi o que meu pai disse, mas não o que ele realmente quis dizer. Não, o que ele quis dizer com a expressão de que ele “ficava” com as melhores fatias era porque ele não perdia tempo ou hesitava, Kai. Ele conhecia a forma dele pensar.

E isso, acima de qualquer coisa, foi o que meu pai tentou me ensinar desde sempre. A única coisa que eu parecia nunca compreender.

— Onde há certeza, não há escolha, e onde há escolha, há sofrimento.

Estava escrito na parede do dojo na casa dos meus pais. Fazer escolhas significava sempre estar levemente decepcionado por desistir de uma coisa em prol de outra, mas se você se conhece bem o suficiente, nunca há uma escolha a ser feita. Você já sabe o que deve fazer.

Michael escolheu Rika acima de nós naquela cozinha, naquela noite, e quando a escolha foi imposta a ele, não foi difícil. Ele sabia exatamente o que queria.

Tudo para mim era mais difícil.

As luzes diminuíram, e avistei Will, Michael e Rika subindo a escadaria; Michael olhou para baixo, à minha procura, e gesticulou para que eu subisse também.

Com relutância, coloquei meu copo sobre o balcão e atravessei o saguão, subindo as escadas e ignorando os olhares que nos acompanhavam a cada passo.

Meus pais tinham um camarote do outro lado, mas Michael reservou um mais abaixo para permitir uma vista mais privilegiada do espetáculo. Ela nunca esteve em uma ópera.

Andamos apressadamente pelo corredor, e eu os segui até a pequena sacada iluminada pela suave luz proveniente das arandelas nas paredes. Todos nós nos aproximamos da sacada, olhando para a multidão abaixo e apreciando a vista.

Não levou muito tempo para que os olhares curiosos nos descobrissem ali em cima e comesçassem os bochichos que se espalharam de um lugar ao outro. A maioria dessas pessoas provavelmente conhecia Michael, a contar pelo seu status social, mas eles apenas ouviram falar sobre mim e Will, e aquilo que eles sabiam havia sido sussurrado em seus ouvidos.

E, então, a atenção de todos, em pouco tempo, recaiu sobre Rika. Eles olharam para ela, cochicharam sobre ela...

Quem era aquela bela mulher com três homens a reboque? Dei um sorriso, olhando para ela e notando a expressão divertida em seu rosto enquanto observava a todos abaixo, sem medo.

Eu me sentei, acomodando Rika entre mim e Michael, enquanto Will se acomodava do meu outro lado. Depois de vários minutos, a iluminação diminuiu, encobrindo o teatro em escuridão, e o espetáculo teve início.

Na verdade, eu não curtia muito óperas, não da mesma forma que gostava de sinfonias e concertos, observando o talento de dezenas de instrumentos trabalhando em sincronia para criar algo belo, mas era impossível não ficar fascinado pela expressão de admiração no rosto de Rika, visível pelo canto do meu olho. O jeito como os lábios entreabertos ofegavam de leve sempre que a música a tocava, e a forma como ela assistia com tamanha atenção através dos binóculos do teatro.

Ela estava hipnotizada, e eu tinha que admitir que gostava de viver através dela. Era melhor do que nada.

Mas então algo atingiu o meu pé, e quando olhei para baixo, percebi que ela havia deixado cair os binóculos. Ela ofegou, e quando Michael se virou para conferir do que se tratava, os olhos de Rika já não se encontravam mais no espetáculo.

— Tem alguém nos observando — disse ela.

Segui a direção de seu olhar, olhando para os camarotes adiante, repletos de pessoas, mas não fazia a menor ideia do que ela estava vendo.

— Quem? — perguntei, pegando os binóculos do chão.

— Não sei — respondeu, se levantando. — Eles estavam naquele camarote vazio ali.

Ergui os binóculos e detectei o camarote do qual ela falava. No entanto, estava vazio.

— Não tem ninguém ali. — Entreguei os binóculos para Michael, que rapidamente os pegou da minha mão.

— Acho que era uma mulher — Rika informou. — E ela estava usando uma máscara.

Ela se virou e saiu do camarote, e todos nós a seguimos na mesma hora.

— Rika, aonde você vai? — Michael exigiu saber, à medida que corríamos atrás dela.

Ela ergueu a barra do vestido e disparou pelo corredor, gritando por cima do ombro em uma voz séria:

— Ela era magra. Estava toda vestida de preto e com um gorro cobrindo o cabelo. Will, vasculhe o mezanino. Kai, dê uma olhada no saguão.

Will deu uma risada sardônica.

— Sim, senhora. — Então virou à direita e correu escada acima.

— Rika, você tem certeza? — insisti. Será que isso era realmente necessário?

— Eles estavam usando máscaras — salientou novamente, como se isso significasse alguma coisa. Ela seguiu pelo corredor com Michael em direção aos elevadores, enquanto eu parei diante de mais um lance de escadas.

Máscaras? Metade do elenco da ópera estava usando máscara. Poderia ser qualquer pessoa.

De todo jeito, desci as escadas e fui em direção ao saguão conforme ela e Michael sumiam dentro do elevador, provavelmente a caminho do camarote vazio onde ela avistou a pessoa misteriosa.

Mas após vasculhar o saguão inteiro, de olho nas portas da frente, esperando ver alguém saindo dos banheiros, eventualmente balancei a cabeça e subi a escadaria para ir atrás deles.

Rika estava fora de si. Era só isso, e a culpa era toda nossa por termos ferrado com a cabeça dela por tanto tempo. Ela era cuidadosa em não deixar nada a impedir de fazer as coisas, mas estava paranoica, vendo coisas onde não havia.

A caminho do andar superior, notei um nível inteirinho fechado para reforma. Todos os camarotes estavam vagos, e, por fim, encontrei Rika, Michael e Will em uma ampla sala que ficava nos fundos da sacada onde Rika viu a pessoa mascarada. A sala estava repleta de caixas e engradados, e uma janela circular imensa cobria a parede distante, com apenas a luz da lua se infiltrando pelo vidro.

— Vocês descobriram alguma coisa? — perguntei para eles.

Mas ninguém me respondeu.

Olhei ao redor, confuso, até que reparei em Michael com uma máscara em mãos. Rika e Will encaravam a coisa como se fosse uma bomba prestes a explodir a qualquer momento.

— Onde vocês acharam isso? — sondei.

— Na cadeira. — Michael inclinou a cabeça na direção da varanda onde se encontravam duas cadeiras.

— Bem, isso não é de nenhum de nós.

— É minha — Rika disse, de supetão.

Michael entrecerrou os olhos.

— O quê?

Seu rosto adquiriu um ar pensativo, e ela estendeu a mão e pegou de Michael.

— Eu fiz minha mãe comprar isso na loja esportiva, em Thunder Bay, quando tinha 14 anos. — Deu um sorriso sucinto, olhando para Michael. — Eu queria ser igual a você.

Ela virou a máscara em sua mão, refletindo.

— Mas ninguém sabia sobre isso, e sempre a mantive escondida no meu guarda-roupas de casa. Eu nunca a usei.

— Eles devem fabricar essa coisa em grande quantidade — expliquei. — Talvez não seja a sua.

Mas ela ergueu a cabeça e mostrou a parte interna da máscara, onde seu nome estava escrito.

O nome que ela mesma deve ter escrito ali.

— Quando foi a última vez que você viu isso? — Will perguntou, se aproximando.

Ela balançou a cabeça de um lado ao outro.

— Não desde... antes do incêndio, acho.

Rika olhou para cima, e todos nós chegamos à mesma conclusão.

O incêndio. Meu corpo tensionou, cada músculo como se estivesse em chamas.

— Tem certeza de que não foi o Damon que você viu? — perguntei, entredentes.

Damon, Will e eu estivemos na casa dela aquela noite. Será que ele encontrou a máscara?

— Certeza — disse ela, ainda parecendo preocupada. — Ela era baixinha. E era uma garota.

Peguei a máscara de sua mão, analisando cada pedaço.

— Bem, quem diabos era ela? — disse eu, mais para mim mesmo. — E por que ela estava na sua casa?

No entanto, ela não respondeu; simplesmente se virou para a porta.

— Preciso ligar para a minha mãe.

Will e Michael hesitaram por um segundo antes de a seguirem para fora da sala.

— Vamos — Michael comandou.

Encarei a máscara, quase idêntica à nossa, só que branca e com um pequeno coração vermelho na testa. Um milhão de ideias se passou pela minha cabeça conforme meu cérebro buscava uma explicação.

Havia um punhado de pessoas a quem irritamos ao longo dos anos, mas eu não conseguia pensar em uma mulher que tivesse um problema com a gente.

Ou, talvez... ela estivesse trabalhando junto com outra pessoa. Alguém que queria nos ferrar.

Damon brotou na mesma hora na minha mente, porém rapidamente descartei a ideia. Não, ele não trabalharia em conluio com uma mulher ou contrataria uma.

Mas talvez o pai dele, sim.

Gabriel Torrance era implacável, mas inteligente. Eu mesmo tive um embate com ele, onde ele deixou claro, sem a menor sombra de dúvidas, de que queria seu filho de volta.

E eu disse a ele que o filho estava tão seguro quanto possível.

A não ser que ele tenha pisado o pé em Meridian City ou em

Thunder Bay.

E eu quase desejei que ele tivesse feito isso. A vida estava ficando um pouco monótona demais para o meu gosto.

Fui até a porta, com a máscara em mãos, porém ouvi um suave farfalhar às minhas costas, me fazendo estacar em meus passos.

O piso rangeu, e os cantos dos meus lábios se curvaram em um sorriso.

Ela ainda estava aqui.

Inspirei fundo, sentindo uma pitada de seu perfume. A adrenalina aqueceu meu sangue, e debati se deveria ir atrás dela, mas, por alguma razão... permaneci imóvel.

Talvez eu quisesse atraí-la para fora. Ver quem estava por trás de suas ações.

Ou talvez eu quisesse algo pelo qual buscar.

Mas sabia que não deveria me mover. Ainda não.

— Tem certeza de que sabe o que está fazendo, Pequena? — perguntei, sem me virar. — Seja lá quem te contratou deveria ter avisado antes. Uma vez que isso começar, nós não vamos parar até que esteja acabado.

A música da ópera ressoava ao longe, porém a sala estava imersa no mais absoluto silêncio, embora eu a sentisse me observando.

— Bem, se você tem certeza... — caçoei, adorando a sensação poderosa que se alastrava pelo meu peito.

Se ela estava metida nisso, então nós também estávamos. Mas eu não ia agir. Agora não. A aparição na ópera, a máscara... ela estava brincando com a gente. E eu ia deixá-la me surpreender.

Ninguém sabia quão mau eu podia ser, mas ela descobriria por si só.

Dei um passo adiante, seguindo até a porta.

— Se eu fosse você, pararia de usar esse perfume — aconselhei —, pois serei capaz de sentir seu cheiro da próxima vez que se aproximar.

FIM

SÉRIE DEVIL'S NIGHT

EDIÇÃO LIMITADA

BÔNUS
CENA EXTRA

HIDEAWAY

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPEDOUGLAS



PENELOPE DOUGLAS

HIDEAWAY

Traduzido por Marta Fagundes

2ª Edição



2024

Copyright © Penelope Douglas, 2017

Copyright © The Gift Box, 2020

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastacia Cabo

Arte de Capa:

Bianca Santana e glancellotti.art

Tradução:

Marta Fagundes

Diagramação e revisão:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Por mais que o romance HIDEAWAY seja independente, o enredo é uma continuação dos eventos que tiveram início em CORRUPT (Devil's Night #1). Realmente recomendo que você leia o primeiro livro antes de ler este.

Boa Leitura!

“UM HOMEM NÃO PODE DESTRUIR O SELVAGEM NELE, NEGANDO SEUS
IMPULSOS. A ÚNICA MANEIRA DE SE LIVRAR DE UMA TENTAÇÃO É
CEDER A ELA”.

ROBERT LOUIS STEVENSON,
O ESTRANHO CASO DO DR. JEKYLL E SR. HYDE

Capítulo 1

Kai

A chuva era como a noite. Você pode se tornar uma pessoa diferente no escuro e sob as nuvens.

Não tenho certeza da razão. Talvez pela falta de luz do sol e como nossos outros sentidos aumentam, ou porque o manto sutil esconde as coisas de nossa vista, mas nem tudo é aceitável na hora que se bem entende.

Pense em tirar a jaqueta e arregaçar as mangas. Depois, sirva uma bebida e se recline para desfrutá-la. Em seguida, ria com seus amigos e grite por causa do jogo de basquete na TV. Siga uma garota que você tem paquerado há uma hora até o banheiro do pub e peça aos seus amigos que façam um sinal de aprovação quando voltarem.

Agora, tente fazer isso durante o dia com a estagiária no escritório.

Não que eu quisesse a liberdade de me entregar a qualquer coisa a qualquer momento. As coisas eram mais especiais quando eram raras. Mas todas as manhãs, quando o sol nascia, eu podia sentir a ansiedade retorcer meu estômago.

O anoitecer estaria logo de volta.

Deixando a máscara balançar ao lado do meu corpo, fiquei no topo do patamar do segundo andar e observei Rika sentada em seu carro. Ela mantinha a cabeça baixa, o rosto visível pelo brilho do celular, apesar da chuva que atingia o para-brisa enquanto digitava alguma coisa.

Balancei a cabeça, flexionando a mandíbula. *Ela nunca me dava ouvidos.*

Observei quando a noiva do meu melhor amigo terminou de digitar, a luz do telefone desvaneceu, para só então abrir a porta do carro e sair correndo, enfrentando a chuva intensa. Lancei o olhar por todo o seu corpo, fazendo um inventário geral. *Cabeça e olhos baixos. Chaves enroladas em seu punho fechado. Braços protegendo a cabeça da chuva e dificultando sua linha de visão.*

Completamente inconsciente de seu entorno. A vítima perfeita.

Agarrando o equipamento de segurança da parte de trás da máscara prateada, deslizei-a sobre a cabeça, cada curva do meu rosto sendo abraçada em um ajuste apertado. O mundo ao meu redor se encolheu ao tamanho da fresta que me permitia ver apenas o que havia à frente.

O calor se espalhou pelo meu pescoço, infiltrando-se no meu peito, e respirei fundo, sentindo o coração batendo forte, ansioso.

De repente, o barulho da chuva que caía como uma cachoeira, no beco do lado de fora, ressoou pelo *dojo* [4] e a pesada porta de metal no andar de baixo se fechou.

— Olá? — ela gritou.

Senti o frio intenso na barriga e fechei os olhos, saboreando a sensação. O som de sua voz ecoou através do prédio vazio, mas me mantive imóvel no patamar escuro, esperando que ela, por fim, me encontrasse.

— Kai? — Eu a ouvi gritar pelo amplo saguão.

Estendi a mão e puxei o capuz do moletom preto, cobrindo a cabeça. Então me virei para observá-la por cima do corrimão.

— Olá? — ela chamou novamente. — Kai, você está aqui?

A primeira coisa que vi foi seu cabelo loiro. Era o que se destacava de imediato em Rika. Na penumbra de sua cobertura, neste *dojo* escuro, na escuridão do beco do lado de fora, em quartos escuros e nas ruas sombrias... Ela sempre se destacava.

Descansei as mãos no corrimão de aço enferrujado, mantendo os pés plantados sobre as grades, e observei-a entrar lentamente no salão principal abaixo, apertando os interruptores na parede. Mas nada aconteceu. As luzes não se acenderam.

Ela girou a cabeça para a esquerda e para a direita, parecendo repentinamente alerta e, em seguida, pressionou os botões com mais ênfase.

Nada.

Seu ritmo respiratório mudou, acelerando; sua consciência vindo à tona enquanto segurava a alça da bolsa com mais força.

Lutei para conter o sorriso e inclinei a cabeça, observando-a. Eu deveria ficar à vista. Deveria jogar limpo, para que soubesse que eu estava aqui e que ela estava segura.

Mas quanto mais eu esperava, e quanto mais me mantinha quieto e às escondidas, mais nervosa ela ficava. E ao cruzar a sala abaixo, não pude conter a necessidade de sentir este momento. Ela estava confusa. Assustada. Acanhada. Não fazia a menor ideia de que eu estava aqui. Logo acima dela. Não sabia que meus olhos estavam focados nela neste exato instante. Não sabia que eu poderia correr em sua direção, segurá-la do nada e jogá-la no chão antes mesmo de se dar conta do que havia acontecido.

Eu não queria assustá-la, mas fiz do mesmo jeito. Poder e domínio eram viciantes. Não queria gostar disso, porque me deixava doente.

Isso me igualava a Damon.

Comecei a respirar com mais dificuldade e segurei a grade com força, temendo a mim mesmo. Isso não era normal.

— Eu sei que você está aqui — disse ela, olhando em volta com as sobranceiras franzidas.

Mas a teimosia que brilhava em seu olhar era puro fingimento, e isso fez com que um canto da minha boca se curvasse em um sorriso sutil por trás da máscara.

A camiseta larga e comprida pendia por um ombro, deixando-o exposto. Gotas de chuva cintilaram acima do decote e no pescoço. A chuva golpeava a cidade e, a esta hora da noite, as ruas se encontravam vazias. Ninguém a ouviria. Provavelmente ninguém a viu entrar no prédio.

E pela forma como retrocedeu em seus passos para sair da sala escura, demonstrava que havia percebido exatamente isso.

Dei um passo.

A grade do corrimão rangeu, fazendo com que olhasse à esquerda e em direção ao som.

Seus olhos se fixaram em mim. Retribuindo seu olhar, andei em direção às escadas.

— Kai? — perguntou.

Por que ele não está me respondendo?, provavelmente devia estar se perguntando. *Por que está usando sua máscara? Por que as luzes estão apagadas? Por causa da tempestade? O que está acontecendo?*

No entanto, eu não disse nada enquanto seguia, lentamente, em sua direção. Sua forma pequena e linda se tornou cada vez mais definida à medida que me aproximava. Os fios de cabelo molhado, que não havia reparado antes, agora se grudavam ao colo de seus seios, e os brincos de diamantes que Michael lhe deu no último Natal cintilavam em suas orelhas. Os bicos de seus seios despontavam pela camiseta.

Seus olhos azuis me encararam com cautela.

— Eu sei que é você.

Sorri por trás da máscara, vendo seu corpo tenso traindo suas palavras confiantes. *Sabe mesmo?*

Eu a circulei lentamente, enjaulando-a enquanto permanecia obstinadamente imóvel. *Você tem tanta certeza de que sou eu? Posso não ser Kai, certo? Poderia estar usando a máscara dele. Ou ter comprado uma igual.*

Parando atrás dela, tentei manter meu ritmo respiratório controlado, apesar das batidas ensandecidas do meu coração. Podia sentir a energia pulsante entre meu tórax e suas costas.

Ela deveria ter se virado. Deveria estar se preparando para o perigo, como a havia ensinado. Ela achava que isso era apenas um jogo?

— Pare com isso — disse, irritada, virando a cabeça apenas o suficiente para que pudesse ver o movimento de seus lábios. — Isso

não é nem um pouco engraçado.

Não, não era engraçado. Michael estava ausente – fora da cidade durante a noite –, e Will provavelmente estava se embriagando em algum lugar. Éramos apenas nós.

E pela forma como meu maldito estômago estava se revirando agora, não era engraçado, bom ou certo, o quanto eu precisava me esforçar constantemente para me sentir no controle. Não era nem um pouco bom o quanto eu não queria parar.

Agarrei seu corpo, envolvendo meus braços ao seu redor e enterrando meu nariz logo abaixo de sua orelha. Seu perfume fez minhas pálpebras pesarem, e a ouvi ofegar enquanto a apertava com mais força, mantendo-a pressionada a mim.

— Somos apenas nós, Monstrinha — rosnei. — Exatamente como quero que seja, e temos a noite toda.

— Kai! — ela gritou, debatendo-se entre meus braços.

— Quem é Kai?

Ela se contorceu, lutando contra o meu aperto com dificuldade.

— Eu te conheço agora. Sua altura, sua forma, seu cheiro...

— Você conhece? — perguntei. — Você sabe como eu me sinto, hein?

Enterrei meu rosto mascarado em seu pescoço e apertei meus braços em volta dela. Possessivo. Ameaçador. Então exalei em um sussurro:

— Sinto sua falta como uma menininha do ensino médio, Rika. — Gemi, agindo como se amasse a sensação de tê-la se contorcendo contra mim. — Você não dava nenhuma chateação.

Ela parou, cada parte do corpo congelando, exceto a respiração. Seu peito cedeu e depois começou a tremer sob meus braços.

Chamei sua atenção.

Alguém muito próximo de nós disse essas mesmas palavras uma vez, alguém que a assustava, e agora ela estava duvidando se eu poderia ou não ser ele. *Damon havia desaparecido no ano passado, e ele poderia estar em qualquer lugar, certo, Rika?*

— Esperei muito tempo por isso — eu disse, ouvindo o trovão estalar do lado de fora. — Tire essa merda. — Puxei sua camiseta para baixo, expondo a regata que usava, e ela gritou. — Eu quero te ver, porra.

Ela ofegou, afastando-se, e estendeu os braços para mim. Ela imediatamente deu um passo para trás – o primeiro contra-ataque que mostrei quando alguém a agarrava por trás –, mas afastei o meu pé, refazendo a base e sabendo o que ela pretendia fazer.

Vamos, Rika!

E então, de repente, ela caiu, todo o peso de seu corpo deslizando por entre meus braços direto para o chão.

Quase comecei a rir. Ela estava pensando rapidamente. *Ótimo.*

Mas dei prosseguimento ao meu ataque. Ela ficou de joelhos, preparando-se para sair correndo, e eu me joguei, agarrando-a pelo tornozelo.

— Onde você pensa que está indo? — provoqueei.

Ela se virou e chutou minha máscara, e eu recuei, rindo.

— Ai, meu Deus, você vai me divertir pra caralho. Mal posso esperar, porra.

Um gemido escapou de seus lábios quando ela se arrastou para trás e se levantou novamente. Ela se virou – o medo estampado em seu rosto – e correu em direção aos vestiários. Provavelmente tentando alcançar a saída dos fundos do prédio.

Corri atrás dela, agarrando sua camiseta, meu corpo inteiro incendiando.

Porra. Senti uma gota de suor deslizar pela nuca.

É apenas um jogo. Eu não vou machucá-la. Era como brincar de pega-pega ou esconde-esconde quando crianças. Sabíamos que nada de ruim aconteceria quando fôssemos apanhados e não faríamos dano algum quando

estávamos perseguindo alguém, mas o medo irracional nos excitava de todo jeito. Era disso que eu mais gostava. Isso era tudo. Não era de verdade.

Puxando-a de volta, envolvi um braço ao seu redor, levantando seu joelho com a outra mão para erguer o corpo do chão. Ela levantou o outro, mas girei meus quadris antes que seu golpe acertasse o meio das minhas pernas. Torci meu corpo para que caísse de costas e nos joguei no chão, mas inverti a posição na mesma hora, agora ficando por cima.

— Não! — ela gritou, apavorada. Seu corpo se debateu debaixo de mim, e eu me forcei entre suas pernas, colocando seus pulsos acima da cabeça e prendendo-os ali.

Ela lutou contra o meu aperto, mas a força em seus braços começou a ceder por conta dos tremores intensos.

Parei e olhei para baixo. Damon e eu tínhamos cabelos e olhos escuros, embora os dele fossem quase pretos. Ela não seria capaz de diferenciar um ao outro em meio à penumbra ao nosso redor. Mas ela podia me sentir. Segurando-a, forçando-a, ameaçando-a... exatamente como ele.

Eu lentamente abaixei a cabeça sobre seu peito, pairando centímetros acima de sua pele, e ela parou de se debater. Ela respirava com tanta dificuldade, que mais parecia como se estivesse sofrendo um ataque de asma.

Olhando para ela, com seu corpo totalmente moldado ao meu e suas mãos contidas acima, sem poder fazer nada, vi quando seus olhos

marejaram. Ela sabia que era isso. Ninguém para me impedir, ninguém para ouvi-la gritar, um louco com uma máscara que poderia machucá-la, matá-la e levar a noite toda fazendo isso.

De repente, seu rosto se desfez em lágrimas abundantes, chorando angustiada ao perceber que sua luta havia sido engolfada pelo horror do que estava acontecendo.

Droga. Puxei meu capuz e joguei a máscara longe, furioso.

— Você é um bebê chorão, porra! — berrei, batendo a mão no chão ao lado de sua cabeça. — Livre-se de mim! — gritei, diante de seu rosto. — Agora! Vamos!

Ela rosnou, seu rosto ficando vermelho, até que se lançou para frente e passou um braço por trás do meu pescoço. Apertando-me em uma gravata, estendeu a outra mão e enfiou o polegar e indicador em meus olhos.

Não foi muito, mas me fez afrouxar o aperto por tempo suficiente para que conseguisse bater em um lado do meu rosto e, quando recuei, ela se endireitou e pegou a bolsa, acertando a minha cabeça.

— Argh! — grunhi, arrancando-a de suas mãos.

No entanto, rapidamente, ela se levantou e correu para a parede, pegando uma das espadas do Kendô e, assumindo sua posição, ergueu o bambu *shinai* acima da cabeça.

Sentei-me nos calcanhares e afastei a mão do meu rosto, checando se havia sangue. Nada. Soltei um suspiro e levantei o olhar, meu corpo resfriando quando o medo desvaneceu de seus olhos, sendo substituído pela raiva.

A adrenalina ainda corria pelo meu corpo e, mesmo respirando fundo, eu o senti dez vezes mais pesado no instante em que me coloquei de pé.

— Não gosto de ser emboscada desse jeito! — resmungou entredentes. — Este deveria ser um lugar seguro.

Pisquei, repreendendo-a com meu olhar.

— Nenhum lugar é seguro.

Fui em direção à escada, retirando minha camiseta enquanto subia.

— Você não está atenta. — Peguei a garrafa de água que havia deixado na janela mais cedo. — Estava te observando. Seu rosto estava para baixo, focado no celular em sua mão enquanto se mantinha na rua. E mal foi capaz de se livrar do meu agarre. Você perde muito tempo entrando em pânico.

Engoli a água, sedento por algo mais além daquele pequeno esforço. Muito tempo pensando, me preocupando, planejando. Eu precisava disso.

Sentia falta de todas aquelas noites, anos atrás, quando podia

me libertar. Quando tinha amigos com quem podia me distrair.

Seus passos soaram nas escadas, e olhei pela janela, as luzes brilhantes da cidade de Meridian, do outro lado do rio, cintilando, um forte contraste com a escuridão deste lado.

— Absorvi tudo o que você me ensinou — disse ela. — Por confiar em você, não estava levando isso a sério. No entanto, se acontecer novamente, lidarei com isso.

— Você deveria ter lidado com isso desta vez. E se não fosse eu? O que teria acontecido com você?

Olhei para ela, vendo seus olhos aflitos contemplando a janela; senti o remorso remoer minhas entranhas. Odiava ver aquele olhar. Rika já havia passado por muita coisa, e eu a deixei mais abalada ainda.

— Acho que você gostou — ela respondeu, calmamente, ainda olhando pela janela. — Acho que desfrutou de tudo isso.

Meu coração saltou uma batida, e me afastei dela, seguindo a direção de seu olhar.

— Se tivesse desfrutado, não teria parado.

Ela olhou para mim e ouvi um carro passando lá embaixo, os pneus chapinhando na chuva.

— Sabe, também observo você — informou. — Anda muito quieto, ninguém sabe onde tem dormido ou comido...

Girei a tampa da garrafa de água, o recipiente plástico estalando no meu punho. Eu sabia do que ela estava falando. Sabia que estava distante.

Mas precisava manter tudo para mim, ou arriscar que as coisas erradas escapassem. Era melhor assim.

E estava pior ultimamente. Tudo estava muito fodido. Ela e Michael estavam tão consumidos um com o outro, e Will só ficava sóbrio algumas horas por dia. Eu estava mais sozinho do que nunca.

— Você é como um robô. — Ela respirou fundo. — Não é como Damon. Você é ilegível. — Fez uma pausa. — Exceto agora, quando está usando sua máscara. Você gostou, não é? São os únicos momentos onde o vejo sentir alguma coisa.

Virei a cabeça, suavizando meu olhar.

— Você não está comigo o tempo todo — brinquei.

Mantive o olhar focado ao dela por um tempo, ambos sabendo exatamente sobre o que eu estava falando. Ela não me via com mulheres, e um leve rubor dominou suas bochechas. Deu-me um meio-sorriso, desistindo das perguntas em sua mente.

Pigarreei, seguindo em frente:

— Você precisa trabalhar em seus contra-ataques — atestei. — E na sua velocidade. Se parar, dá ao atacante a chance de se apossar de você.

— Eu sabia que estava segura com você.

— Você não está — respondi severamente. — Sempre presuma o perigo. Se alguém que não seja Michael te agarrar, acabará conseguindo o que acha que merecem.

Cruzou os braços e era nítida a sua irritação. Além de compreensível. Ela não queria viver sua vida sempre em guarda. No entanto, não estava se precavendo no mais básico no quesito segurança, e acabaria se lamentando pelo resto da vida se continuasse se arriscando daquela forma.

Michael nem sempre estava por perto. Mas quando estava, pelo menos sempre se mantinha ao lado dela. Há mais de semanas que realmente não conversávamos.

— Como ele está? — perguntei.

Ela revirou os olhos e percebi que o clima estava mudando para algo mais leve.

— Ele quer voar para o Rio ou para algum outro lugar para se casar.

— Achei que vocês haviam decidido esperar até depois do término da faculdade.

Assentiu, suspirando.

— Sim, eu também achei.

Estreitei o olhar. Então, o que estava acontecendo?

Os pais de Michael e Rika esperavam um casamento em Thunder Bay, e até onde eu sabia, os dois estavam bem com isso. Na verdade, Michael tinha sido muito inflexível em fazer um grande alarde sobre o assunto. Queria vê-la em um vestido, andando até o altar em sua direção. Ele cresceu pensando que ela se casaria com seu irmão, afinal. Então, pretendia mostrar a todos que ela era dele.

E foi aí que me dei conta.

Damon.

— Ele tem medo de que um casamento cheio de pompa acabe atraindo Damon de volta — deduzi.

Rika assentiu novamente, séria, ainda olhando pela janela.

— Ele acha que, se nos casarmos, nada de ruim vai acontecer comigo. Quanto antes melhor.

— Ele está certo — eu disse a ela. — Um casamento com centenas de convidados, Will e eu ao lado dele... Isso pode ser um baque ao ego de Damon. Ele não aguentaria ficar à distância.

— Ninguém viu ou ouviu falar dele em um ano.

Flexionei a mandíbula, sentindo a ansiedade remoar minhas entranhas.

— Sim, é isso que me assusta.

Um ano atrás, Damon queria que Rika sofresse de maneira inimaginável. Na verdade, esse era um desejo de todos nós, mas ele foi

um pouco mais longe e, quando não nos mantivemos ao seu lado, acabamos nos tornando seus inimigos. Ele nos atacou, a machucou e ajudou o irmão de Michael, Trevor, a tentar matá-la. Michael estava sendo esperto ao supor que sua raiva provavelmente não havia se dissipado. Se soubéssemos seu paradeiro, já seria alguma coisa, mas os detetives que contratamos para encontrá-lo e mantê-lo sob vigilância não foram capazes de localizá-lo.

O que explicava por que Michael queria tomar providências para manter Rika fora dos holofotes. E evitar um casamento grandioso em nossa abastada cidade natal à beira-mar seria o ideal.

— Você não se importa com uma festa de casamento — recordei este fato a ela. — Você só quer Michael. Por que não sair e fazer como ele quer?

Ela ficou em silêncio por um momento e depois, olhando ao longe, disse, baixinho:

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Bem atrás de St. Killian's, onde a floresta termina e os penhascos dão lugar ao mar. Sob o céu da meia-noite... — Assentiu, um sorriso bonito e melancólico tocando seus lábios. — É onde vou me casar com Michael.

Observei sua expressão, pensando sobre aquele olhar distante e sonhador em seus olhos. Era como se ela sempre soubesse que se casaria com Michael Crist e estivera vendo isso em sua cabeça a vida toda.

— O que é aquele prédio? — Rika perguntou, gesticulando com a cabeça e apontando para o lugar com o queixo.

Segui seu olhar, mas nem ao menos precisava disso para saber a que prédio ela se referia. Escolhi esse local para o nosso *dojo* por um motivo.

Olhando pela janela, contemplei o edifício do outro lado da rua, cerca de trinta andares mais alto que o nosso; os tijolos acinzentados escurecidos pela chuva e as luzes quebradas dos postes da rua.

— *The Pope* — respondi. — Era um hotel e tanto na época. Ainda é, na verdade.

The Pope havia sido abandonado por vários anos e foi construído quando se falou de um estádio de futebol surgindo aqui como uma maneira de trazer mais turismo a Meridian. E uma forma de revitalizar Whitehall, o distrito urbano e degradado em que estávamos agora.

Infelizmente, a construção do estádio nunca foi para frente, e o hotel faliu depois de muitas dificuldades para continuar funcionando.

Examinei as janelas escuras, as sombras das cortinas pouco visíveis no interior dos cem quartos agora silenciosos e vazios. Era difícil pensar em um lugar tão grande que não tivesse mais um grama

de vida nele. Impossível, de fato. Meus olhos desconfiados observavam cada vazio escuro, minha visão alcançando apenas um pouco por dentro antes que a escuridão consumisse o restante.

— Parece que alguém está nos observando.

— Eu sei — concordei, examinando cada janela, uma após a outra.

Eu a vi tremer pelo canto do meu olho, peguei meu moletom e entreguei a ela.

Ela o pegou, dando-me um sorriso enquanto se virava para descer as escadas.

— Está esfriando cada vez mais. Não dá nem para acreditar que já estamos em outubro. A Noite do Diabo chegará em breve — gracejou, parecendo animada.

Eu assenti, seguindo-a.

Mas quando lancei mais um olhar por cima do ombro, meu corpo foi tomado por calafrios ao pensar nos cem quartos vazios no hotel assombrado do outro lado da rua.

E pensei em uma Noite do Diabo, há muito tempo, quando um garoto que costumava ser eu caçava uma garota que poderia ser como Rika em um lugar que, por acaso, era exatamente o mesmo hotel escuro do lado de fora da janela agora.

Mas, ao contrário desta noite, ele não parou.

Ele fez algo que não deveria ter feito.

Desci as escadas, centímetros atrás de Rika, combinando seus passos em sincronia enquanto encarava seu cabelo.

Ela não fazia ideia de quão próximo o perigo a cercava.

[4] Dojo é o nome do local para treinamento de artes marciais japonesas.

Capítulo 2

Kai

Noite do Diabo - Seis anos atrás...

Era agora...

Nossa última Noite do Diabo.

Nós quatro acabaríamos o ensino médio logo mais, em maio, e, quando partíssemos para a faculdade, não estaríamos em casa, a menos que fosse no inverno ou no verão. E então, seríamos velhos demais para isso. Não teríamos a desculpa da juventude para explicar por que escolhemos celebrar a noite anterior ao Dia das Bruxas com brincadeiras e outras travessuras infantis, por nenhuma outra razão senão infernizar um pouco. Seríamos homens. Esse tempo nunca mais voltaria, não é?

Então, hoje seria a noite. A última.

Bati a porta do carro e atravessei o estacionamento, passando pela BMW de Damon, e segui para a entrada dos fundos da catedral. Abrindo a porta, entrei na sala de estar, composta por algumas mesas, uma cozinha, alguns sofás e uma mesa de café cheia de panfletos sobre como rezar o rosário e *jejuar de maneira saudável*.

Inspirei profundamente, o sempre presente odor de incenso tomando conta dos corredores silenciosos. Eu era católico de nascimento, assim como meu amigo Damon, mas, na prática, éramos católicos da mesma maneira que Taco Bell era um restaurante mexicano. Fingia todo o tempo pela minha mãe, enquanto Damon fazia isso apenas por diversão.

Segui pelo corredor até o local onde realmente funcionava a igreja, mas um baque surdo atravessou o silêncio, fazendo com que eu parasse; olhei ao redor tentando detectar a origem do ruído. Parecia como se um livro tivesse caído em cima de uma mesa.

Era uma manhã de sexta-feira. Poucas pessoas estariam aqui, embora houvesse, provavelmente, alguns fiéis ajoelhados nos bancos cumprindo sua penitência, já que a confissão acabara de terminar.

— O que discutimos ontem? — Ouvi a voz grossa do padre Beir de algum lugar à minha esquerda.

— Eu não me lembro, padre.

Sorri para mim mesmo. *Damon*.

Virando à esquerda, caminhei silenciosamente por outro corredor de mármore, arrastando as pontas dos dedos sobre o forro brilhante de madeira nas paredes e tentando segurar o riso.

Parando um pouco antes da porta aberta para o escritório do padre, recuei e ouvi. O tom suave e calmo de Damon respondeu a Beir

como se estivesse seguindo um roteiro.

— Você não está arrependido e é irresponsável.

— Sim, padre.

Meu peito tremia. As palavras de Damon estavam sempre em completa contradição com a forma como saltavam de sua boca. *Sim, padre*, como se estivesse totalmente de acordo com a afirmação de que se comportava muito mal, enquanto ao mesmo tempo, parecia significar: *sim, padre, você não está orgulhoso de mim?*

A maioria de nós usava os confessionários da nave da igreja, mas Damon – depois de anos e anos de “redirecionamentos” fracassados, tanto por parte de seu pai quanto do padre – foi forçado a ser educado cara a cara para sessões semanais de aconselhamento.

Ele gostou disso pra cacete, já que sentia prazer em infernizar a vida de alguém.

Girando a cabeça, espiei para dentro da sala, vendo o padre andando em volta da mesa enquanto Damon mantinha-se ajoelhado em um único banco, diante da imensa Bíblia do sacerdote.

— Você quer ser julgado? — o padre perguntou.

— Todos nós seremos julgados.

— Não foi isso que eu te ensinei.

A cabeça de Damon estava inclinada o suficiente para que o cabelo escuro cobrisse seus olhos, mas pude ver a sombra de um sorriso que o padre Beir provavelmente não podia. Ele estava vestindo nosso uniforme escolar, calça cáqui amarrotada do jeito que sempre usava, sapatos Oxfords brancos, abotoaduras das mangas soltas e o nó da gravata azul e verde desfeito no pescoço. Nós ainda estávamos indo para a escola, mas parecia que ele havia passado a noite inteira naquele uniforme.

De repente, virou a cabeça na minha direção e observei enquanto projetava a língua, movendo-a de um lado para o outro sugestivamente e sorrindo como um idiota.

Comecei a rir, mesmo que silenciosamente, retribuindo o sorriso e balançando a cabeça.

Babaca.

Afastando-me, voltei pelo corredor, em direção à igreja, e deixei Damon para terminar sua “lição”. Havia muitas coisas que eu adorava naquele lugar, mas receber um sermão como aquele não era uma delas. As missas me entediavam, a escola dominical era monótona, muitos dos padres eram distantes e frios; além da presença de inúmeros paroquianos que difamavam uns aos outros de segunda a sábado, mas que, de repente, mudavam o tom aos domingos, entre as dez e onze da manhã. Era tudo uma mentira.

Mas eu gostava da igreja. Era um local silencioso. E você poderia ficar quieto aqui sem a expectativa de interações forçadas.

Seguindo pelo corredor, na parte de trás, examinei os quatro confessionários, certificando-me de que não havia luzes acesas que sinalizassem um padre lá dentro. Como estavam todos vazios, desci para a extrema direita, escolhendo o último cubículo, parcialmente escondido atrás de uma coluna e bem próximo aos vitrais.

Afastei a cortina e entrei, fechando-me na escuridão súbita. O cheiro de madeira velha me cercou, mas havia algo mais que notei fracamente. Um leve toque do que havia do lado de fora. Brisa marítima.

Sentado na banquetta de madeira, olhei para a tela de vime escura à minha frente, sabendo que o outro lado estava vazio. Todos os padres já haviam voltado para seus outros deveres diários. Exatamente como eu gostava. Eu sempre fazia aquilo sozinho.

Inclinei-me, cotovelos nos joelhos, e apertei as mãos. Os músculos dos meus braços tensionaram.

— Perdoe-me, padre, porque pequei — eu disse em voz baixa. — Faz um mês desde a minha última confissão.

Engoli em seco, sempre mais consciente de que quando um padre *não estava me* ouvindo, *eu* estava. E, acredite ou não, isso às vezes era mais difícil. Ninguém para me oferecer perdão, a não ser eu mesmo.

— Eu sei que você não está aí — disse ao lugar vazio do outro lado. — Sei que estou fazendo isso há muito tempo para continuar dando desculpas, mas... — Fiz uma pausa, procurando por palavras. — Mas, às vezes, só consigo falar quando ninguém está ouvindo.

Respirei fundo, deixando cair meus escudos.

— Acho que só preciso dizer as coisas em voz alta. — Mesmo que não recebesse a penitência barata que sequer era capaz de absolver a culpa.

Inspirei profundamente o cheiro de brisa do mar, sem saber de onde vinha, mas isso me fez sentir como se estivesse em uma caverna. A salvo dos olhos e ouvidos.

— Eu não preciso de você. Só preciso deste lugar — admiti. — O que há de errado comigo, por gostar de me esconder? Por gostar dos meus segredos?

Damon, pelo que eu poderia imaginar, não devia ter nenhum segredo. Ele não se gabava de suas más ações, mas também nunca as escondia. Will, o outro membro de nossa matilha, não fazia nada sem companhia, então alguém sempre estava ciente do que andava fazendo.

E Michael – o capitão do nosso time de basquete e de quem eu era mais chegado – escondia apenas daqueles que o cercavam o que ele escondia de si mesmo.

Mas eu... eu sabia quem era. E fazia um esforço real para não

permitir que alguém conseguisse realmente ver.

— Eu gosto de mentir para meus pais — quase sussurrei. — Gosto do fato de que eles não sabem o que fiz ontem à noite ou na semana passada ou o que farei hoje à noite. Gosto de saber que todos desconhecem o quanto adoro ficar sozinho. Como gosto de brigar, e de como gosto das salas privativas nos clubes... — Parei, perdido em pensamentos, lembrando-me do mês passado desde a minha última confissão e de todas as noites em que perdi o controle. — Gosto que meus amigos sejam péssimas influências para mim — disse, continuando. — E gosto de observar.

Coloquei um punho dentro do outro, obrigando-me a dizer as palavras:

— Gosto de observar as pessoas. Algo novo que acabei de descobrir sobre mim. — Passei a mão pelo cabelo, sentindo as pontas ásperas com o gel. — Querer participar, sentir o que estão sentindo, é quase mais atraente do que realmente fazer parte. — Encarei a tela escura, vendo apenas um pedaço dela aberta. — E gosto de esconder. Não quero que meus amigos me conheçam tão bem quanto acreditam conhecer. Não sei por quê. — Balancei a cabeça, pensando. — Há algumas coisas que são muito mais emocionantes quando são segredos.

Baixando os olhos, suspirei.

— Mas, apesar de não ser visto, também é solitário. Não há conexão.

O que não era inteiramente verdade se você olhasse por outro lado. Michael, Will, Damon... todos nós éramos farinhas do mesmo saco de certa forma. Todos nós amamos aventuras e ansiamos pela sensação do barato que só surgia depois que fazíamos algo proibido.

Mas eu? Eu gostava da minha privacidade. Mais do que eles gostavam.

E gostava de coisas sórdidas. Tanto quanto eles.

Deixei a vergonha de lado, voltando a falar:

— Então, de qualquer maneira, eu minto. O tempo todo. Tantas vezes que se torna impossível contar nos dedos das mãos. — *Para todo mundo.* — Também me ressinto do meu pai na maior parte do tempo. Usei o nome do Senhor em vão cerca de quinhentas vezes no mês passado e fiz sexo antes do casamento para acabar com a monotonia por ser consumido por pensamentos impuros o tempo todo. — Balancei a cabeça, rindo de mim mesmo. — A penitência não me faz parar, e não tenho intenção de mudar, então...

É por isso que confessar a um padre não é nem um pouco agradável. Mais uma vez, eu gostava de fazer tudo o que fazia de errado.

Mas era bom admitir. Pelo menos eu confessei, certo? Pelo

menos sabia que estava fazendo coisas que não deveria, e isso já era alguma coisa.

Fechando os olhos, recostei-me à parede e respirei no silêncio.

Foda-se, eu mal podia esperar por esta noite. Pensar nas catacumbas ou no cemitério, ou onde quer que acabássemos, me encheu de necessidade. Minha máscara, o medo, a perseguição... Engoli o nó na garganta, sentindo o calor do meu corpo subir.

A calmaria da fonte na parte de trás da igreja ressoou ao longe, e ouvi o eco de uma tosse à distância. Eu não sabia o que faríamos primeiro, se vandalizaria alguma coisa, transaria com alguém ou lutaria, mas queria o que quer que fosse agora quando ainda nem havia escurecido. Esta noite era a minha preferida do ano.

— Existe uma história... — uma voz disse, de repente, me assustando.

Abri os olhos e meu coração quase saiu pela boca. *Mas que porr...?*

— Que diabos? — explodi, me sentando ereto. — Quem está aí?

A voz – de uma mulher – veio de algum lugar próximo.

Como do outro lado da porra do confessionário.

Dei um pulo na banqueta e o ruído da madeira soou contra o piso de mármore.

— Não, por favor, não — ela implorou, provavelmente sabendo que eu estava prestes a abrir a porta da câmara do outro lado. — Eu não ouvi de propósito, mas já estava aqui e você começou a falar. Não vou dizer nada.

Ela parecia jovem, talvez da minha idade, e estava nervosa. Encarei a tela, sua voz a centímetros de distância.

— Você esteve aí o tempo todo? — rosnei, minha cabeça revirando a enxurrada de merda que eu tinha acabado de dizer. — Que diabos? Quem é você?

Abri a cortina, mas então ouvi quando ela abriu as persianas de onde estava sentada, e suplicou:

— Por favor — ela sussurrou. — Quero falar com você e não vou conseguir se estiver me olhando. Apenas me dê um minuto. Só um minuto.

Eu parei, travando a mandíbula. Que porra ela estava fazendo ali? Ela sabia quem eu era?

— Você poderá me ver — disse ela. — Apenas me dê um minuto.

Algo na voz dela era frágil. Como se fosse um vaso balançando na beirada de uma mesa de café. Fiquei paralisado por um minuto, debatendo se deixava minha curiosidade arrastá-la para fora daquela sala ou ceder à sua vontade.

Okay. Só um minuto então.

— Existe uma história — ela começou novamente quando não me afastei — sobre o hotel *The Pope*, em Meridian. Você conhece o lugar?

Encarei a tela, mal enxergando sua silhueta na penumbra.

The Pope? Aquele desperdício de vários milhões de dólares no outro lado do rio?

Fechei a cortina, sentando-me novamente.

— Quem é você?

— Há um boato sobre o décimo segundo andar — continuou, ignorando minha pergunta. — O andar existe, mas ninguém consegue chegar nele. Você já ouviu essa história?

Recostei-me um pouco, meu corpo ainda rígido e em guarda.

— Não.

— O rumor diz que a família que é dona do *The Pope* construiu um décimo segundo andar em todos os seus hotéis. Para uso pessoal mesmo — ela me disse. — O andar inteiro é a residência deles quando estão em uma cidade específica com uma de suas propriedades. No entanto, é inacessível para os hóspedes. O elevador não para naquele andar e, quando foi investigado, não havia nem a possibilidade de o elevador parar por lá. O andar havia sido obstruído. — Sua voz se igualou e notei um toque de excitação em suas palavras. — O mesmo acontece na escadaria de acesso.

— Então, como a família chega ao seu andar secreto quando eles querem entrar?

— Bem, essa é a questão, não é? — perguntou. — Esse é o segredo. Durante muito tempo, as pessoas imaginaram que era apenas um mistério promovido pelos proprietários e funcionários para aumentar o fascínio pelo hotel. — Ela fez uma pausa e a ouvi respirar. — Mas então os convidados começaram a perceber a presença dela.

— Dela?

— Uma mulher dançando — ela respondeu.

— Dançando — repeti, de repente, um pouco mais interessado.

Um andar secreto? Uma entrada secreta? Uma garota fantasma?

Eu senti que ela acenou, mas não tinha certeza.

— Depois da meia-noite, quando quase todos os hóspedes estão escondidos em seus quartos e o hotel está calmo e escuro, eles dizem que você pode vê-la... — ela quase sussurrou, e pude detectar o sorriso em sua voz. — Dançando sozinha, como uma bailarina, no salão escuro e iluminado pela lua. Dançando ao som de uma canção de ninar assombrada.

Observei seus lábios se movendo, escondidos na penumbra, mas pude ver o contorno.

— Outra história conta sobre uma bailarina dançando na

varanda do décimo segundo andar também — continuou ela. — Eles podiam vê-la das janelas mais acima. A chuva leve, refletindo as luzes da cidade, dançando em parceria enquanto ela dava piruetas no ar. Mais histórias foram contadas ao longo dos anos, suposições e questionamentos... Uma garota que nunca se registrou para entrar ou sair, se escondendo de dia e dançando à noite. — Então sua voz caiu para um sussurro, fazendo os pelos dos meus braços se arrepiarem. — Sempre sozinha, sempre escondida.

Não podia ser verdade, mas eu meio que queria acreditar que sim. Era como uma caça ao tesouro, certo? Uma garota oculta, escondida. Bem debaixo do nariz de todo mundo.

— Por que você está me contando essa história?

— Porque ela ainda está lá — respondeu. — Encoberta pelo andar secreto. Sozinha. Pelo menos é nisso que eu gosto de acreditar. Segredos e mistérios tornam a vida divertida, não é?

Eu sorri para mim mesmo, inclinando-me para frente e apoiando os cotovelos nos joelhos novamente.

— Sim.

Os dedos dela subiram para a tela e finalmente vislumbrei um pedaço de seu corpo. A mão esbelta, as pontas dos dedos e as unhas curtas.

— Eu gosto dos seus segredos. — Ela parecia sem fôlego. — E a quem você está realmente magoando por mantê-los? Não é?

O cheiro da brisa do mar me cercou, e percebi que era dali que vinha o perfume que senti assim que entrei no confessionário. Ela já estava aqui.

— Você ouve as confissões de outras pessoas com frequência? — perguntei, um pouco divertido.

— Às vezes.

Sua resposta foi tão rápida que não pude deixar de admirá-la. Gostei de vê-la tão à vontade para ser honesta, e meio que esperava que fosse por minha causa.

— Eu também minto — ela revelou.

— Para quem?

— Para minha família — disse ela. — Eu minto para eles o tempo todo.

— Do que se tratam as suas mentiras?

— A respeito de qualquer coisa que os deixem felizes. Eu digo a eles que estou bem quando não estou. Vejo minha mãe, quando não deveria. Minto sobre minha dificuldade em ser leal.

— É tão importante assim esconder a verdade deles?

— Tão necessário quanto o desejo deles de saber de cada um dos meus passos, sim. — Seus dedos se arrastaram pela tela, as unhas arranhando-a. — Eles ainda me veem como criança. Incapaz.

— Você parece ser — caçoei. — Jovem, quero dizer.

Um sorriso de escárnio escapou de seus lábios, desafiando-me.

— Eu já era uma alma velha aos seis anos. Você consegue compreender o que é isso?

Estreitei o olhar, tentando entendê-la. Sua voz, tudo o que ela disse, quem era... *Alma velha aos seis anos*. Ela teve que amadurecer muito cedo. Isso é o que ela quis dizer.

Recostando-me novamente, vi sua sombra mover-se do outro lado da tela. Eu queria vê-la, mas não queria interromper nossa conversa. Ainda não.

Ela disse que não poderia falar comigo se eu a visse. Será então que eu a conhecia?

— Temos que ser bons sempre; do contrário, há consequências — eu disse a ela. — Se não houvesse, todo mundo mostraria seu verdadeiro eu. É como tirar uma máscara.

— Ou colocar uma — respondeu ela. — Afinal, há liberdade em se esconder, não é?

Sim, eu acho...

— Você gosta da sensação de uma máscara? — provocou, mudando de assunto.

Foi meio que do nada, e meu coração pulou uma batida.

— Por que você está me perguntando isso?

Ela sabia quem eu era, não é mesmo? Ela sabia que era Noite do Diabo.

— Eu gosto da sensação de uma — disse ela. — Como esta tela e a escuridão. São como máscaras, não são?

Mais ou menos.

— Eu poderia ser qualquer pessoa. — Sua voz frágil suavizou, assumindo um tom brincalhão. — Eu poderia ser uma garota com quem você cresceu. Uma colega de classe. Irmãzinha de alguém. A garota de quem você tomava conta quando tinha dezesseis anos...

O canto dos meus lábios se curvou em um sorriso enquanto contemplava a ideia. Embora não reconhecesse a voz dela, isso não significava que não soubesse quem era. Ela poderia ser uma garota em quem eu esbarrava todos os dias nos corredores. Alguém a quem nunca dei uma segunda olhada. Ou poderia ser a namorada de um amigo ou uma das filhas do jardineiro. Quem poderia saber?

— E você também pode ser qualquer um — ela ponderou. — O namorado de uma amiga, um professor por quem tenho uma paixonite, ou um dos amigos do meu pai. Você poderia dizer qualquer coisa para mim. Eu poderia dizer qualquer coisa para você. Sem nenhuma vergonha, porque nunca precisaremos nos encarar. Não se não quisermos.

Inclinei-me mais perto novamente, tentando aspirar mais do

seu perfume.

Queria vê-la. Definitivamente tinha que vê-la.

— Vou guardar seus segredos — eu disse a ela. — Não importa quem você seja.

— Você é um dos meus segredos — ela retrucou. — Estou tentando roubar você, mas gostaria de não querer.

— O que isso significa? — *Me roubar?*

— Então, o que você gosta de observar? — perguntou.

— Hã?

Ela mudou de assunto novamente. Estava se movendo rápido demais e eu estava tendo dificuldade para acompanhar.

— Na sua confissão, você disse que gosta de observar. Observar o quê?

Mordisquei o canto da boca, hesitante.

— Acho que você sabe — respondi, debochando. — Adivinhe, mocinha.

Ela riu pela primeira vez. E era um som perfeito e inocente, que fez com que minhas mãos formigassem com o desejo súbito de tocá-la.

— E se eu gostar de observar também? — ela brincou. — Mostre-me com suas palavras.

— Eu não posso. — Olhei para baixo, envergonhado, apesar da minha eterna autoconfiança.

— Por favor — ela pediu novamente, sua voz transformando-se em um sussurro, e eu jurava que pude sentir o calor de seu hálito no meu rosto. — Fale comigo. Diga-me o que você não conta para mais ninguém.

Balancei a cabeça, pensando. O jeito que ela falou... Às vezes ela parecia ser como uma mulher, sentada no meu colo e com os lábios a centímetros dos meus.

Mas agora, parecia uma garotinha, desesperada por uma travessura.

— Quando foi sua última confissão, pequena? — provoqueei, sendo um pouco mais invasivo.

— Nunca me confessei.

— Você não é católica?

— Não.

Então por que ela estava aqui?

Mas, novamente, por que também estava nos confessionários?

— Você é um pouco misteriosa, não é? — perguntei, sem esperar uma resposta.

— Vamos. O que você gosta de observar? — insistiu.

Abri a boca, mas acabei deixando escapar um suspiro.

Jesus. *O que eu gosto de observar?* Não posso contar isso a ela.
Foda-se.

Fechei os olhos. Eu precisava ir embora. E se ela me conhecesse? E se eu estudasse com ela? E se ela fosse alguém por quem já me interessasse? Ela não gostaria de saber dessa merda.

Mas como se tivesse pressentido meu medo, ela disse:

— Não tenha medo. Já estou pensando o pior, mas ainda estou aqui, não é?

Balancei a cabeça, sentindo-me idiota, mas ri de qualquer maneira.

— Eu gosto... — Esfreguei a mão no meu rosto. — Um dos meus amigos estava com uma garota na sala de TV neste verão — eu disse, começando de novo. — Era tarde, estávamos realmente excitados e o clima estava esquentando. Ele começou a beijá-la e apalpá-la, nada que eu não tenha visto antes, mas ela olhava para mim, provavelmente esperando que eu me juntasse a eles, mas...

Respirei fundo. Eu não sentia mais tanta segurança agora. Não achava que estava me escondendo nesse confessionário escuro com uma tela entre mim e essa garota que eu podia ou não conhecer. Eu deveria calar a boca.

Mas parte de mim não queria. Cada palavra me levou mais próximo ainda da beira do precipício. Mais perto de cair. E eu queria cair.

Então continuei:

— Algo me manteve enraizado no meu lugar naquele momento. Não consegui desviar o olhar, mas também não consegui me mexer.

A garota do outro lado permaneceu quieta, mas eu sabia que ela ainda estava lá.

— Eu não queria me mover — confessei. — E ela também não conseguia tirar os olhos de mim. Ela estava montada sobre ele, transando com ele, mas seus olhos estavam em mim o tempo todo.

Fechei os meus por um momento, lembrando-me da cena dela moendo contra ele. Mas foi tudo para mim. Tudo o que ela fez, foi para me manter observando-a. Eu a possuí naquele instante.

— Eu podia ver os seios dela se movendo mais rápido com a respiração, o suor no pescoço, os olhos inquietos... Ela não sabia o que eu ia fazer. Não sabia se estava gostando do que via ou se me juntaria a eles a qualquer momento. Ela estava assustada. E excitada.

Ela não fazia a menor ideia do que eu estava pensando. De como gostei do que fazia por mim sem nem ao menos encostar a mão. Eu não estava me comunicando com minhas mãos ou minha boca, apenas com os meus olhos por todo o seu corpo, e a incerteza a deixou louca. Deus, ela adorou.

— Ele a fodeu — eu disse —, mas fui eu quem a fez gozar.

Percebi que minha calça estava mais apertada, e me ajustei ali embaixo, grunhindo baixinho com a dor latejante.

— Sórdido, não é? — eu disse. — Nojento, desprezível, vil...

— Sim. — Mas percebi que havia um sorriso em sua voz. —
Então, o que você fez sobre isso?

— O que você quer dizer?

As pontas dos dedos pressionaram contra a tela novamente.

— Você deve ter ficado com tesão depois disso. O que você fez?

Contive uma risada nervosa. Ela não deixava escapar uma, não
é?

— Você está me esfolando vivo agora, garota.

Uma risada ofegante escapou dela, e quase consegui distinguir
seus lábios perto da tela.

— Quantos anos você tem? — perguntei.

— Velha o suficiente para ter visto e ouvido coisas piores —
respondeu. — Não se preocupe. Agora, o que você fez depois disso?

— Não posso... — Eu respirei. — Eu não... Eu não fiz nada.

Mas ela esperou. Ela sabia que eu estava mentindo.

Umedeci meus lábios secos, baixando tanto minha voz que não
sabia se ela podia me ouvir.

— Não esperei que meus amigos saíssem dali atrás de alguma
coisa para comer — eu disse a ela. — E não esperei que a garota
seguisse pelo corredor até o banheiro ou que entrasse no chuveiro.
Não a segui e nem apaguei as luzes, assustando-a...

A lembrança de seu suspiro ecoou nos meus ouvidos, e
entramos em uma nova dimensão. O banheiro escuro, a cortina do
chuveiro, o vapor que eu já podia aspirar...

— Está tudo bem — disse a Garota Misteriosa quando fiquei
quieto.

— Eu não gostei de assustá-la ou fazê-la gritar. — Entrecebrei
os dentes, repousando a cabeça em minhas mãos. — Ou de entrar
naquele chuveiro e a agarrar, sentindo-a desfazer-se em minhas
mãos...

Meus dedos deslizaram pelo meu cabelo, vergonha queimando
meu rosto, mas também um peso saindo dos meus ombros. Se essa
garota não saiu correndo daqui, então eu não era assim tão ruim, não
é?

Certo?

— E não amei cada segundo dentro de seu corpo firme...

— Não, para — ela implorou, impedindo-me de continuar. —
Não diga mais nada. Por favor.

Levantei a cabeça, sentindo-me estremecer.

— Estou assustando você.

— Não.

— Mentirosa.

— Sim — ela finalmente disse. — Sim, você me assusta. Mas eu

gosto. Eu estou só com...

— Com o quê?

— Estou apenas... — Ela fez uma pausa, respirando irregularmente. — Apenas com ciúmes.

— Por quê?

— Porque você a perseguiu. — Sua testa pálida se inclinou contra a tela, e vislumbrei alguns fios do abundante cabelo escuro. — Talvez eu não devesse deixá-lo me ver ainda. Talvez devesse deixá-lo me perseguir também. Parece que você é bom nisso.

Recostei-me, um sorriso curvando meus lábios. Eu não estava mais envergonhado. Mantendo o olhar focado nela, puxei as chaves do bolso e enfiei a do meu carro em um dos orifícios da tela de vime. Antes que ela tivesse tempo de recuar, rasguei um pedaço da tela e enfiei minha mão, agarrando sua blusa quando ela tentou escapar. Puxei-a para frente e me inclinei, sentindo o cheiro do ar livre em sua pele e como ela era pequena e leve. Eu mal flexionei um músculo, segurando-a.

— O que faz você pensar que eu não estive fazendo isso o tempo inteiro? — provoquei. — Você acha que essa historinha é uma das mais safadas que tenho para contar? Devo falar sobre o verão passado quando encontrei minha ex-babá certa noite, num fim de semana em que estava de folga da faculdade de Medicina? Ela gostou bastante de como estou crescendo agora.

Ela respirou fundo, rapidamente, e suas mãos se seguraram às minhas.

— Sim.

Entrecerrei meus olhos, soltando sua blusa de moletom e, em vez disso, coloquei minha mão em seu rosto. Ao meu toque, ela estremeceu, mas não se afastou.

Sua pele macia parecia tão suave enquanto eu deslizava as pontas dos dedos sobre sua mandíbula afiada e bochecha. Passei por seu delicado lóbulo da orelha e pelo cabelo, decifrando a suavidade e o comprimento que ela escondia. Um tecido roçou nas costas da minha mão e percebi que ela estava usando um capuz.

Seu cabelo estava escondido para trás, e tudo estava gelado. O rosto, as mãos, o cabelo... até a orelha parecia um gelo.

— Você está com tanto frio — eu disse.

Mas ela virou o rosto na minha mão, seu hálito quente aquecendo a minha palma.

— Eu não sinto frio.

Seus lábios mal tocaram minha mão, e eu queria avançar um pouco mais – chegar mais perto e tocá-los, mas não o fiz. Eu não a deixaria se afastar de mim porque queria prolongar o momento. Agarrei sua nuca e deslizei meu polegar em sua garganta, sentindo-a

engolir.

Ela estava muito quieta, como se estivesse realmente com medo. Um som ressoou em algum lugar da igreja, e registrei rapidamente uma bola de basquete quicando. Depois de anos na quadra, eu conhecia aquele som como se fosse a voz da minha mãe.

— É Noite do Diabo, e a noite ainda é uma criança — ela finalmente falou. — Talvez você encontre outra pessoa para assustar hoje.

Apertei sua garganta com mais força.

— E se eu quiser te assustar?

Senti seu corpo tremer com uma risada.

— Então talvez eu esteja por perto — disse ela, brincando e se afastando. — Boa caçada.

Ouvi um barulho e vi a luz se derramar no cubículo antes que a porta se fechasse outra vez, tornando-o escuro novamente.

— Ei. — Puxei minha mão de volta. — Ei!

Levantei-me e abri a cortina, saindo e olhando em volta antes de abrir a porta. O confessionário estava vazio. Eu me virei e olhei para a nave da igreja, notando apenas algumas pessoas nos bancos, sendo que nenhuma delas se parecia a uma adolescente. Andando até a fileira de colunas perto das janelas, olhei ao redor, não vendo ninguém por ali também.

— Que diabos? — *Onde ela foi?*

O som da bola quicando chegou aos meus ouvidos outra vez e, quando ergui a cabeça, avistei Damon contornando a última fileira de bancos e caminhando em minha direção. Ele deveria ter acabado a sessão com Beir.

— O que está acontecendo? — perguntou com um cigarro apagado preso entre os lábios.

Eu me endireitei e fechei a boca, tentando acalmar o ritmo respiratório.

— Nada.

Eu não tinha ideia de como começar a explicar o que aconteceu. Além disso, não era sensato atrair a atenção dele para alguma garota, se você planejasse mantê-la para si. Pelo menos a princípio.

Segurando a bola ao seu lado, ele se inclinou e acendeu o cigarro usando uma das velas de oração.

— Vamos lá, pare com isso — eu repreendi, ainda tentando não procurar a garota. Eu ainda a sentia por ali.

Damon se aprumou, a ponta de seu cigarro incandescente quando uma nuvem de fumaça flutuou no ar.

— Como se a gente se importasse com essa porra. — Ele tirou o cigarro da boca e soprou uma baforada.

— Mas é um insulto às pessoas que se importam. Não é à toa que você tem que se confessar toda maldita semana. — Dei a volta por ele, ficando impaciente e sem saber o porquê.

Damon fazia tudo o que podia para ser um idiota, mas ele era assim. Sempre foi desse jeito.

E, de repente, eu não queria a mesma merda hoje à noite por algum motivo. Eu não queria que ele fosse ele ou eu fosse eu. Não queria esconder nada hoje.

É Noite do Diabo, ela disse. Ela sabia o que fazíamos. Ela me conhecia. Se ela não me encontrasse, eu a encontraria.

Capítulo 3

Kai

Dias atuais...

Peguei algumas garrafas de água do balde de gelo ao lado das toalhas e caminhei em direção à sauna, o calor úmido serpenteando pelas minhas narinas quando abri a porta de vidro fosco e entrei.

O Clube de Cavalheiros Hunter-Bailey estava quieto a essa hora do dia. E não importava quão ocupados meus amigos e eu estivéssemos – ou de ressaca –, geralmente nos encontrávamos aqui quase toda manhã.

Levantei a cabeça, vendo instantaneamente Michael sentado dois degraus acima nos assentos de mármore espalhados ao redor da sala, enquanto Will estava sentado curvado à minha direita, um degrau abaixo. Ele ergueu a cabeça e pude ver as indiscrições da noite anterior escritas em seu rosto pálido e cansado. Seus olhos estavam tomados por olheiras; ele abaixou a cabeça novamente, resmungando:

— Filho da puta.

Balancei a cabeça, segurando uma garrafa de água.

— Você precisa de um novo vício.

O imbecil estava bêbado todos os dias. E, para acrescentar mais um insulto à injúria, gastava cada centavo que seus pais estúpidos e indulgentes lhe davam, pagando por cada uma das quatro coisas às quais dedicou sua vida: bebida, mulheres e, como eu estava começando a suspeitar, pílulas e pó.

Ele arrancou a água da minha mão e segurou a garrafa gelada contra a testa, o ritmo respiratório desregulado.

Pegando minha garrafa, subi a escada e me sentei ao lado de Michael. Ele estava recostado contra a parede e seus olhos se encontravam fechados enquanto o vapor circulava pelo ar à nossa volta. A iluminação fraca lançava um brilho suave e azulado pela sala, e senti uma gota de suor escorrendo pelo meu peito em direção à minha toalha.

— Como estão as reformas no St. Killian's? — perguntei.

Mas ele acenou em negativa com a cabeça.

— Não. Não me pergunte sobre malditas reformas do caralho agora.

Estreitei o olhar, vendo-o cerrar a mandíbula e encarar à frente. Ele estava bravo? Comigo?

E então suspeitei do motivo. A noite de anteontem e o que aconteceu no *dojo* com Rika.

Ótimo. Não que eu tivesse algum direito, de qualquer maneira,

mas confiei nela para não contar tudo ao Michael.

Soltei um suspiro.

— Cara, me desculpe. Eu não a machucaria. Eu...

— Você sabe em quem eu tenho pensado ultimamente? — ele me interrompeu com uma pergunta, mas sem esperar realmente por uma resposta. — Sua mãe, Vittoria.

Mantive o olhar focado nele.

— Ela era uma obra de arte naquela época, hein? — meditou, um leve sorriso no rosto. — Ainda é, se quer saber. Bela bunda. Pernas longas.

Parei, cerrando a mandíbula. Eu sabia o que ele estava fazendo, mas a raiva surgiu de qualquer maneira.

Ele continuou:

— Acho que nunca te contei o quanto ela sempre me excitou, contei? Na época do ensino médio, indo até sua casa e vendo-a com suas roupas de ginástica apertadinhas. Essa mulher ainda não parece ter mais de trinta anos. — Ele sorriu, saboreando os insultos de merda que esfregava na minha cara. — Você sabe o que acho que vou fazer? — provocou. — Acho que vou à casa dos seus pais hoje à noite. Esperar até que seu pai esteja dormindo e ver se ela quer partir para cima de mim. Sim. — Assentiu. — Ela vai adorar sentir o meu corpo contra o dela e, se não gostar, quem se importa? Quem se importa se ela se debater e chorar? Vou amedrontá-la, para que toda vez que estiver perto, ela saiba que posso tomar o que quiser dela, independente de qualquer coisa.

Carrei os punhos ao lado e olhei para frente, a fúria queimando por dentro do meu intestino. *Ele foi longe demais.*

Levantei-me e desci os degraus, virando-me para Michael, que ainda estava sentado relaxado contra a parede. Mas seus olhos estavam fixos nos meus, prontos para esse confronto.

— Eu nunca a machucaria — repeti.

— Machucar quem...

Michael interrompeu a pergunta de Will e olhou para mim, inclinando-se para frente.

— Quando acordo no meio da noite, espero encontrar Rika lá — ele disse. — Não chorando enquanto esmurra a porra de um saco de pancadas no andar inferior, às três horas da manhã, porque você a fez sentir vergonha de si mesma.

Ele me seguiu escada abaixo, parando muito perto de mim e tentando me intimidar.

— E quando pergunto a ela o que há de errado — ele continuou —, não estou contando com ela mentindo para mim para protegê-lo. Que diabos há com você? Por que ir tão longe?

— Ela precisa ser capaz de se proteger — eu disse a ele. —

Precisa estar pronta. Ela não é sua boneca.

— Não me diga o que ela é!

— Você disse que ela era uma de nós! — retruquei. — Ela não é diferente, certo? Você não mima Will ou a mim. “Ela é igual”. Foi o que você disse. Também somos amigos dela, e temos interesse em vê-la ser capaz de se proteger. Não vou segurar a mão dela como se tivesse cinco anos, porra.

Michael avançou, o rosto colado ao meu.

— Você não toma decisões sobre a minha mulher.

— E você tem tomado? — atirei de volta.

O vinco entre suas sobrancelhas se aprofundou. Ele ainda estava chateado.

Mas eu estava certo.

Michael moldou Rika por anos. Desde que eram crianças, ele brincava com ela e a manipulava. Nunca a tratava com gentileza e sempre esperava que ela lidasse com seus próprios assuntos.

Mas agora que estavam juntos, ele havia mudado. Todos nós travávamos nossas próprias batalhas, incluindo as de Rika. Que porra ele estava pensando? Ele não estava fazendo nenhum bem a ela.

Ouvi alguns ossos estalando quando seu corpo inteiro se retesou. Se eu fosse qualquer outra pessoa, ele já teria me batido.

Se eu fosse outra pessoa, ele não teria medo de me bater.

— Apenas tente — eu o provoquei. — Eu te desafio.

Ele deu um passo mais perto, e eu também, pescoço a pescoço e olho no olho, enquanto nós dois mantínhamos nossa posição. Nunca me meti nos assuntos de Michael, e nem ele nos meus. Ele sabia que não seria capaz de me vencer, então, para proteger seu orgulho, eu sempre era o primeiro a desistir. Em pouquíssimas ocasiões ficamos com raiva um do outro, de qualquer maneira.

Mas não estava disposto a ceder dessa vez. Não era minha intenção fazer Rika se sentir mal, mas ela também não deveria se acomodar. Não com Damon solto por aí. Eu tinha razão.

O suor escorreu pelas minhas costas e nos encaramos, nenhum de nós piscando.

— Vocês vão se pegar agora? — Will perguntou.

Entrecerrei meus olhos. *Pelo amor de Deus.*

Deixe que Will faça uma piada nesse exato momento.

Soltando um suspiro, passei por Michael e olhei para os dois.

— Nós temos inimigos. E a lista cresce todos os dias. Rika deve estar tão alerta quanto nós.

Nós quatro formamos uma empresa – Graymor Cristane, uma combinação de nossos sobrenomes – e Rika insistia em ser uma parceira igual nos negócios. E no grupo. Ela precisava saber como lidar com qualquer ameaça.

Mas Michael virou-se para mim, balançando a cabeça.

— Damon se foi.

— Não, Damon está se escondendo — eu o corrigi. — Você parou para se perguntar por quê? — Olhei para Will antes de me voltar para Michael. — Por que não há fotos dele online? Por que os detetives não conseguem encontrá-lo para acompanhá-lo como pedimos? Eles não estão detectando nenhuma movimentação em seus cartões de crédito e o passaporte dele não mostrou nenhuma atividade no ano passado.

Quero dizer, supondo que ele não esteja morto, por que não foi visto por ninguém ainda?

— Damon nunca foi de se esconder — eu disse a eles. — Por que está fazendo isso agora? Ele sabe que não vamos atrás dele. Por que não está frequentando clubes em Moscou, comprando besteiras em Tóquio ou sendo visto no Havaí, Fiji ou Los Angeles? — Meu tom se tornou mais alto, mais exigente. — Por que ele está invisível?

Michael e Will ficaram em silêncio por um momento, suas expressões pensativas antes de Will finalmente responder:

— Porque não quer que as pessoas saibam onde ele está?

— Exatamente. — Então meu olhar se focou no de Michael outra vez. — E por que ele não quer que as pessoas saibam onde está?

Michael desviou o olhar e sua resposta foi quase inaudível:

— Porque está em algum lugar onde não deveria estar.

Eu assenti. O ego de Damon tinha cem vezes o tamanho de um navio. Ele não se esconderia de nós. A menos que tivesse um bom motivo para não ser encontrado.

— E se o passaporte que rastreamos para a Rússia no ano passado foi um disfarce? — perguntei a eles, sem esperar uma resposta. — E se ele estiver mais perto do que pensamos? — E então me aproximei de Michael, baixando minha voz para um sussurro: — E se ele nunca deixou a cidade?

Os olhos castanhos de Michael se estreitaram novamente, e sua mandíbula flexionou quando as rodas em sua cabeça começaram a girar. Depois de todo esse tempo e de todos os esforços fracassados para localizar Damon, finalmente percebi. Ele estava deliberadamente se escondendo? E não por culpa ou vergonha pelo que fez. Ele estava escondido, porque estava bem debaixo dos nossos narizes. Eu apostaria minha vida nisso.

— Uou, uou, uou — Will entrou na conversa, e pelo canto do meu olho, o vi se levantar. — De jeito nenhum, porra! Ele não poderia ter estado aqui o ano inteiro e não termos ficado sabendo disso. E se ele estiver, por que raios está esperando?

Virei a cabeça em direção a ele.

— Noite do Diabo. — Olhei de volta para Michael. — Nós

precisamos ir. Agora.



Levou menos de uma hora para chegar a Thunder Bay, nossa cidade costeira onde todos tínhamos crescido. Rika ainda estava na aula, sendo caloura da Universidade Trinity, em Meridian, então Michael lhe enviou uma mensagem de texto, informando que voltaríamos em algumas horas. Eu tinha certeza de que ela teria gostado de ir para casa ver sua mãe, mas Michael nem deu a opção. Provavelmente porque não tinha a menor intenção de levá-la a qualquer lugar perto da casa de Damon ou de seu pai.

E por mais que tenhamos tido aquele papo esclarecedor mais cedo na sauna, não posso dizer que o culpo. Gabriel Torrance era um filho da puta.

Sentamo-nos em um estacionamento ao lado da entrada da casa dos Torrance, parados no novo SUV de Michael.

— Deixe-me ir — eu disse, sentado no banco do passageiro, olhando para a mansão toda feita de pedras. — Quero falar com ele a sós.

— Todos nós vamos — Will falou, do banco de trás.

— Não. — Virei a cabeça para ele, estreitando o olhar. — Você fica aqui.

Virei-me novamente, encontrando brevemente os olhos de Michael. Will estava se comportando mal como se tivesse sido culpa dele o sumiço de Damon, e eu não sabia se havia sido uma boa ideia trazê-lo aqui, muito menos sujeitá-lo a esta casa. Até onde eu sabia, Damon poderia estar escondido em algum lugar lá dentro.

Pigarreando, abri a porta e desci do carro, olhando para trás pelas janelas abertas quando a fechei.

— Diga à minha mãe que tive uma morte tranquila — eu disse sarcasticamente para os dois e depois dei uma olhada para Will. — Não, na verdade, é melhor você dizer a ela. Michael está proibido de ficar perto da minha mãe de novo.

Eu me afastei, ouvindo a risada de Michael atrás de mim. Tomara que nenhum deles realmente precise fazer isso.

Dirigindo-me para a porta de entrada, olhei de relance para a torre construída à frente da casa. A propriedade dos Torrance tinha uma estrutura de castelo de pedras claras, com três torres de vigia que lhe davam essa aparência. Uma delas ficava ao lado do quarto de Damon, onde uma escada em espiral em frente à sua cama levava a uma pequena alcova no topo, com uma única e estreita janela. Eu só havia estado em seu quarto uma vez, e ele não me deixou ficar por

muito tempo. Aquele era o único lugar onde ele desejava sua privacidade.

Quando estava prestes a estender a mão para tocar a campainha, a porta se abriu de repente.

— Senhor Mori — Hanson, um homem loiro e vestido em um terno preto, me cumprimentou. — Por favor, entre.

Hesitei apenas um momento antes de avançar. Como tivemos que nos anunciar no portão, eles sabiam da minha chegada, mas senti meu estômago retorcer, de qualquer forma, com a resposta rápida. Alguns minutos a mais antes de ter que enfrentar Gabriel teria sido bacana.

Ele fechou a porta e, sem dizer uma palavra, eu o segui pela casa. O pai de Damon quase sempre podia ser encontrado ali. Era onde estava mais seguro.

Embora tenha investido na mídia, bem como em emissoras de notícias e entretenimento, eu sabia que era apenas uma gota no oceano de como ele realmente ganhava seu dinheiro. Homens honestos não mudavam seus sobrenomes russos para ingleses com o intuito de esconder seu passado. E apenas homens suspeitos empregavam uma equipe de brutamontes para protegê-los o tempo todo.

O empregado me levou pela imensa mansão e saiu para o terraço, onde toda a área era pavimentada em um mosaico de pedra cinza com algumas fileiras esporádicas de ciprestes italianos. Várias pessoas perambulavam por ali, muitas jovens vestidas com elegância e segurando taças de champanhe. Elas não pareciam se importar que mal era meio-dia.

Uma mesa de *buffet* se encontrava à minha direita, enquanto outra estava repleta de homens bem-vestidos que conversavam e riam nas proximidades. Gabriel, vestido com calça e camisa preta, estava de pé perto de um rottweiler, contendo-o pela coleira.

Parei, observando-o. Ele girou o punho na parte de trás da cabeça do cachorro, o anel de ouro no dedo médio com a figura da cabeça de um leão se afundando no crânio do animal. O cachorro gemia, tentando se afastar, mas ainda assim o obedecendo. Contudo, a agressão prosseguia.

Travei a mandíbula e lancei um olhar severo para Gabriel. *Filho da puta*. Um sorriso doentio curvava seus lábios finos à medida que empurrava mais para baixo e torcia a corrente em volta do pescoço do cachorro, sufocando-o.

Dei um passo, mas parei, vendo os dois huskies, o beagle com cortes sangrentos na lateral e o pit bull cujas costelas eram visíveis.

Considerando todo o meu ressentimento por Damon Torrance – a forma como tentou me matar no ano passado, como traiu Will e

Michael e como tentou ferir Rika – nunca me esqueci de como um *verdadeiro* monstro deveria ser.

O cachorro finalmente cedeu e caiu de bruços, tremendo ao se deitar.

Gabriel pegou um pequeno pedaço de carne do prato na mesa do jardim e jogou em direção ao animal. Ele então se levantou e pegou um pouco mais de carne, jogando os pedaços maiores para o pastor e os huskies treinados atrás dele, enquanto os outros cães olhavam avidamente.

— Então, eles me enviaram o japa, hein? — debochou, sem olhar para mim, enquanto acariciava o pelo do husky. — Michael não é mais o macho alfa da matilha?

Levantei o queixo, mantendo o tom neutro, apesar de seu insulto.

— Regras de Moscou, Sr. Torrance — eu o lembrei. — Número oito. “Nunca irrite a oposição”.

— Número nove — respondeu, piscando os olhos escuros sob as sobrancelhas grisalhas. — Escolha a hora e o local para agir.

Ele estendeu as mãos, gesticulando para seus homens e suas armas – que nunca estavam longe – e sua casa, o que significava que eu estava em seu território. Ele tinha a vantagem.

— Então, do que isso se trata? — Limpou as mãos em um guardanapo de linho, cavando entre os dedos e debaixo do anel. — Estamos chegando a um acordo? Você vai deixar meu filho em paz se ele voltar para casa?

— Depende. Você está aberto a negócios?

De repente, o pastor alemão disparou, ele e o pit bull latindo um para o outro, enquanto este tentava arrebatar a carne. Gabriel deu um passo, gritando:

— Não. No chão! — Chicoteou o pano, batendo no rosto do pit bull.

Um de seus homens correu para agarrar o cachorro enquanto Gabriel fazia uma careta para a briga dos animais.

— Esse maldito cão está me irritando — ele disse ao homem e depois berrou com o cachorro novamente. — No chão!

O pobre animal foi arrastado para longe e Gabriel voltou para a mesa, largando o guardanapo. Ele olhou para mim, retornando à nossa conversa.

— Não brinque comigo, garoto — resmungou. — Você ainda está vivo porque Damon vai querer fazer as honras ele mesmo.

— Não — respondi, meu tom completamente calmo. — Seu filho já fez uma bagunça suficiente, e você não precisa de outra agora. Se pudermos fazer isso de forma amigável, sei que ambos preferimos, então não tente me intimidar.

Ele riu baixinho, tomando um gole do copo cheio de cubos de gelo. Michael, Will e Rika concordaram que seguiriam em frente com suas vidas e *deixariam* Damon seguir em frente com a dele se este ficasse fora da cidade e longe de nós.

Mas eu não. Eu precisava encontrá-lo, e não podia dizer aos meus amigos o motivo. E precisava encontrá-lo agora, antes que ele voltasse para casa e para debaixo da proteção de sua família.

— Seu hotel na cidade — continuei. — *The Pope*. Está do meu lado do rio e estou interessado nele. *Quid pro quo*. Você me dá algo. Eu te dou outra coisa em troca. Está à venda?

— Tudo está à venda. — Largou o copo e sentou-se, gesticulando para eu fazer o mesmo. — Mas vou querer meu filho de volta.

Claro que você quer. Sentei-me na cadeira preta de ferro forjado, tentando parecer relaxado, apesar da dor no estômago. Eu odiava este homem e esta casa.

— E mesmo que isso esteja em pauta — continuou —, ainda não será o suficiente para fazer um acordo. Eu não gosto de você.

— Eu gosto. — Uma jovem loira se aproximou, atraindo minha atenção. Ela usava uma robe de seda branca comprido o bastante para cobrir sua bunda, enquanto se inclinava para colocar outra bebida na frente de Gabriel. — E estou à venda — brincou.

Lancei o olhar de volta para Gabriel, tentando ignorar a interrupção. Não era incomum ver mulheres vestidas assim naquela casa, nem o flerte descarado. O entretenimento estava sempre ao nosso alcance neste lugar. Mesmo quando a mãe de Damon morava aqui.

Baixei o olhar, sentindo a adrenalina inundar minhas veias ante a lembrança dela. Eu não gostava daquela mulher tanto quanto do marido.

A jovem tentou se afastar, mas Gabriel a puxou de volta para seu colo.

— Você sabe qual é o seu problema? — ele me perguntou, enquanto a enlaçava e acariciava seu seio por cima do roupão. — Por que, dentre os três, era você que eu mais odiava que ficasse perto do meu filho na escola?

Fiquei calado.

— Sua lealdade tem um limite — disse Gabriel, respondendo sua própria pergunta. — Sempre pude ver isso. Grayson e Crist, eles te protegeriam mesmo que encontrassem uma prostituta morta na sua cama e sangue em suas mãos. Sem perguntas. Sem hesitação. Assim como Damon. — Assentiu para mim. — Mas acho que você não faria o mesmo por eles.

Seu olhar arrogante se fixou ao meu quando enfiou a mão por

dentro do robe, acariciando a mulher distraidamente.

Cerrei os punhos. Mas então relaxei, não querendo dar a ele aquela satisfação. O homem nunca saberia o quanto fiz pelo filho dele.

— Mesmo o seu amor por seus amigos — continuou ele —, nunca poderia ofuscar seu senso de certo e errado, não é verdade?

— Fui preso por agredir um policial. Por um amigo — eu lembrei.

— Não. Por agredir um homem que você acreditava merecer por abusar da irmã — argumentou. — Mesmo como criminoso, você é nobre.

Então voltou os olhos para a garota.

— Veja, querida — disse, retirando a mão de dentro da veste e colocando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. — Kai Mori é um filho da puta hipócrita, e quero que você vá até ele e lhe faça um boquete de revirar os olhos agora.

A raiva instantaneamente aqueceu meu corpo. A garota fixou os olhos em mim, inclinando a cabeça, achando graça, e então deu a volta na mesa em minha direção.

Aquele filho da puta. Ele sabia como manipular as pessoas, não é? Se eu fosse embora agora, a conversa terminaria. Sem acordo. O que era provavelmente sua intenção. Ele podia até querer Damon de volta, mas não queria lidar comigo. Esperava que eu fugisse correndo.

Agora, se eu deixasse a garota me chupar, isso o surpreenderia, não é?

Ela parou na minha frente, e manteve o olhar conectado ao dela enquanto se ajoelhava, as unhas cor de vinho subindo lentamente pelas minhas coxas. Ela agarrou meu cinto e segurei suas mãos, empurrando-a para longe.

Não.

Gabriel não me levaria para a sarjeta com ele.

Levantei-me, ajeitando o cinto e alisando meu terno.

— Sempre previsível. — Gabriel riu.

A garota olhou para ele, provavelmente temendo ter feito algo errado, e ele apenas gesticulou com o queixo, falando em russo. Ela imediatamente se levantou e voltou para a casa.

— Você deveria experimentá-la, no entanto — disse, pegando sua bebida. — Uma garganta bem profunda essa ali tem.

— Está tudo bem aqui?

Balancei a cabeça, vendo Michael e Will em pé na entrada do jardim, nos observando. Soltei um suspiro, sem perceber que estava retendo o fôlego. Não tinha certeza se viram o que acabara de acontecer, mas eu não estava nem aí.

— Hanson — Gabriel chamou um de seus homens, colocando a bebida de volta na mesa e enlaçando a cintura de uma morena que

havia acabado de aparecer —, leve esses cavalheiros para a sala de jantar. — Olhou para nós três. — Meu assistente o encontrará lá para discutir o acordo e o *The Pope*. Entrarei em contato.

Então saiu, levando a jovem em sua companhia para dentro de casa. A expressão impassível em meu rosto vacilou e encarei suas costas enquanto ele se afastava.

O pai de Damon era quase idêntico ao de Michael em personalidade. Eu odiava os dois. Entendia completamente por que meu pai raramente falava com eles em festas ou eventos esportivos quando eu era criança. Era uma das únicas coisas em que Katsu Mori e eu concordávamos.

— Cavalheiros. — Hanson deu um passo à frente, estendendo o braço e gesticulando para que o seguíssemos.

Michael franziu o cenho, questionando-me com os olhos, mas balancei a cabeça, seguindo o empregado.

Os cachorros. A garota. A multidão de pessoas que ele não se importava que vissem seu negócio sujo. Ele queria que eu soubesse que era mais forte.

Mas eu seria mais esperto.

Hanson nos levou de volta pela casa, com suas mãos às costas até chegarmos a um conjunto de portas duplas; ele as abriu, convidando-nos a entrar em uma sala de jantar.

— Por favor, sentem-se onde quiserem — instruiu. — As bebidas serão servidas em breve.

Ele saiu da sala, fechando as portas e, assim que ouvi as maçanetas de ouro se fecharem, soltei um suspiro e fechei os olhos.

— O que aconteceu? — Michael perguntou, parecendo preocupado.

Apenas acenei com a cabeça, virando-me e contemplando o terraço de onde havíamos acabado de sair, através das janelas.

— Eu quase esqueci — murmurei para mim mesmo — que havia uma razão para Damon ser tão fodido das ideias.

Chutei a perna de uma cadeira, fervendo de raiva. *Maldito seja*. Ele me chamou de criminoso. *Mesmo como criminoso, você é nobre*, dissera Gabriel. Ele poderia ir à merda. Sua crueldade, sua natureza diabólica, seu prazer pelo sofrimento dos outros... cada centímetro daquele cara era imundo. Eu não era o criminoso. Não era nada como ele.

Michael se aproximou.

— O que está acontecendo?

Apoiei as mãos no encosto de uma cadeira, vendo Will em pé do outro lado da mesa.

— Ainda não sei — respondi, entredentes.

— Por que ele mencionou o *The Pope*?

— Porqu... — Mas parei quando Hanson abriu a porta novamente.

Uma jovem, vestida dos pés à cabeça e com o cabelo enfiado em um gorro, entrou com um carrinho servido de copos de água e uma bandeja de algum tipo de torta.

Puxei uma cadeira e Michael e Will fizeram o mesmo, enquanto ela começava a preparar as bebidas. Hanson disse algo em russo para ela e saiu da sala, fechando as portas novamente.

— É do outro lado do *dojo* — eu disse a Michael. — Pensei em dar uma olhada para a Graymor Cristane.

— Nós não conversamos sobre isso — queixou-se. — De onde veio essa ideia? Pensei que tínhamos vindo aqui para checar se Gabriel sabia onde Damon estava.

Lancei um olhar imparcial sobre a mesa, tentando comunicar silenciosamente que este não era o melhor lugar para conversarmos. Michael já me conhecia o suficiente para saber que nunca fui de tomar decisões impulsivas. Eu tinha um plano.

— Não acredito que ele saiba onde o filho está — comentei, enquanto me recostava na cadeira. — Por que não esquecer o passado e fazer um acordo? O hotel ainda está em ótimas condições. Nós poderíamos fazer algo com isso.

— O quê? — Michael olhou para mim como se eu tivesse três cabeças.

Eu quase ri.

Olhei de relance à direita, onde a garota ainda estava ajeitando algo no carrinho, e depois declarei:

— Você sabia que o *The Pope* é uma propriedade de Torrance? — Arregalei os olhos para Michael, esperando que o cabeçudo entendesse a dica. — Está completamente abandonado por *todo* este tempo. Mas deve ser bem interessante por dentro, porque todas as entradas são reforçadas com um sistema de alarme, câmeras que cobrem todas as portas e cantos ao redor do hotel, e há até um segurança que transita pela área a cada hora, checando perímetro por perímetro de quatro em quatro horas. Notei isso do *dojo*.

Michael me observou com atenção, as rodas em sua cabeça girando, enquanto Will ainda parecia confuso.

Vamos lá, Michael. Entenda logo.

E, finalmente, vi a luz acender em seus olhos, quando se deu conta do que eu estava implicando.

— Oh, sim. — Ele assentiu. — É mesmo.

Sorri para mim mesmo, satisfeito por ele ter finalmente entendido.

Por que toda a segurança em um local que não está sendo usado? Por que não simplesmente trancar e isolar as portas? Ou

derrubá-lo e vendê-lo? Por que foi selado e guardado como uma prisão?

Damon estava lá.

Eu não tinha intenção de comprar o hotel, mas queria entrar lá dentro. E se o rumor sobre um misterioso décimo segundo andar fosse verdadeiro, eu precisava de acesso *total* ao local e privacidade para explorar.

Damon tentou nos matar. Ele não poderia nunca mais voltar para casa. Mas havia uma razão pela qual eu precisava encontrá-lo. Nós tínhamos uma ponta solta para resolver.

Um guardanapo de pano e copos de água foram colocados à nossa frente, e ouvi o tilintar dos pratos logo atrás. Onde estava esse assistente que deveríamos encontrar?

— Apenas confie em mim — murmurei para Michael, ainda falando em código. — Será um ótimo hotel. E se não estiver limpo, daremos um jeito nisso rapidamente.

Ele riu baixinho e depois abriu a boca para falar, mas a empregada se aproximou e colocou um prato diante dele.

— Eu não estou com fome — disse ele, gesticulando com as mãos para a garota. — *Ny-et*.

Ela silenciosamente pegou o prato de volta e colocou o que ainda estava em sua outra mão à frente de Will, antes de circular a mesa para vir até mim.

— Eu conheço você? — Will perguntou, olhando em nossa direção, para a jovem que agora me servia um copo de água.

Mas antes que a garota tivesse chance de responder, Michael se virou para ele:

— Qual é, seu idiota... — ele resmungou. — Você não precisa transar toda vez que paramos o carro. Que merda.

O olhar de Will demonstrou sua irritação, todos os músculos do seu corpo agora tensionados. *Jesus*. Ele empurrou a cadeira para trás e se levantou, saindo por uma das portas de vidro que dava para o pátio.

Aprumei a postura e soltei um suspiro. Sabia que Michael quis fazer uma piada com um fundo de verdade. E Will também. Ele tinha consciência de que suas atividades extracurriculares estavam se tornando um problema, mas não queria que seus amigos o julgassem.

Michael olhou para a mesa, com os olhos castanhos entrecerrados e um pouco arrependido. Observei Will através das portas enquanto ele acendia um cigarro, um hábito que adquiriu no ano passado.

— Então, de qualquer forma — continuou Michael —, entramos no hotel, fazemos uma ‘avaliação’ e vemos se tudo está... em ordem antes de tentar comprá-lo, certo?

Assenti, tomando um gole da minha água.

— E se não estiver?

Ou seja, “E se Damon estiver lá?”.

Então nós lidaremos com isso. Mas antes que eu tivesse chance de responder, vi Michael recuar quando água e cubos de gelo se derramaram sobre a manga de seu terno.

— Jesus Cristo...

A garota levantou a jarra rapidamente, inclinando a cabeça em um pedido de desculpas.

— *Iz-vee-nee-tye*[5] — ela se engasgou com a voz débil, assustada.

Eu a encarei, incapaz de vislumbrar seu rosto escondido sob o gorro. Ela colocou a jarra e pegou um guardanapo, tentando limpar a manga dele.

— Apenas... — Michael puxou o tecido de sua mão. — Pode deixar. E leve isso embora. — Entregou-lhe o copo e o guardanapo úmido, imediatamente se afastando e a dispensando.

Ela inclinou a cabeça novamente, apressando-se para se esconder em algum lugar atrás de mim, onde estavam a mesa e o carrinho.

Levantei-me, caminhando em direção às portas do pátio e olhando para fora.

— Se tudo não estiver como deveria estar — eu disse —, então cuidarei do assunto.

— Só você? — Michael ficou de pé e veio até mim.

— Você cuida de Rika — eu disse a ele —, e de Will.

Os negócios que tive com Damon eram privados.

Michael se inclinou, falando baixo:

— Todos nós precisamos enfrentá-lo, especialmente Will. Ele está definhando sem Damon.

— Damon tentou matá-lo — disparei. — Ele amarrou um bloco de concreto no tornozelo dele e o jogou na porra do oceano.

— Sim. — Michael assentiu, encontrando meu olhar. — O *melhor amigo* dele tentou matá-lo.

— Nós somos os melhores amigos dele.

— Damon e Will sempre foram mais próximos — disse ele. — Assim como nós dois somos um do outro. Will precisa de Damon. Você sabe que ele está em uma espiral de autodestruição. Ele precisa enfrentá-lo. Então, vamos todos encontrar o filho da puta e dar-lhe um aviso do qual nunca se esquecerá.

— Você o quer no mesmo ambiente em que Rika estiver também?

Michael passou a mão pelo cabelo e exalou. Isso foi um não.

— Você cuida de todos os outros, e eu cuidarei do *The Pope* —

instruí. — Ele não é uma ameaça mínima para Rika do que foi Trevor.

E nós dois sabíamos como Michael havia lidado com seu irmão. A ideia de fazer o mesmo com Damon — alguém que era amigo — fez meu estômago revirar, mas eu faria o que fosse preciso para manter meus amigos em segurança.

E para manter a maldita boca de Damon fechada.

Eu me virei e voltei para a mesa, permanecendo de pé. Vi Will do lado de fora das portas, caminhando em nossa direção novamente, esperançosamente tendo se acalmado.

— Chega dessa espera, porra — eu disse a Michael, pegando meu copo e tomando outro gole. — Vamos cuidar das pontas soltas.

— Sim, por falar em esperar — Will se intrometeu na conversa, entrando pela porta. — Onde está esse cara? Esse assistente que devemos conhecer?

Vi quando ele abriu as portas do corredor e chamou alguém:

— Ei? — Retrocedeu um passo, deixando o tal Hanson entrar na sala.

— Sim, senhor. — Ele olhou para Will em questão.

— Onde está esse assistente que deveríamos encontrar? — Will perguntou. — Não temos o dia todo.

Will provavelmente só queria acabar com isso para que pudesse se afastar de Michael.

O homem olhou para ele, hesitante, e de repente senti que uma bomba estava prestes a estourar. Estreitei meu olhar em sua direção. *O que estava acontecendo?*

Hanson então virou a cabeça, falando com a jovem:

— Banks? — ele perguntou. — Você precisava de mais alguma coisa dos cavalheiros?

Banks? O quê? Meu coração bateu forte no peito.

Lentamente desviei o olhar para a empregada com quem ele estava falando, aquela que havia ficado tão recatada ao lado da parede, quieta o tempo todo.

Vi quando ela levantou a cabeça e o comportamento tímido e submisso desapareceu. Seu olhar encontrou o meu, sobrancelhas escuras emoldurando olhos verdes com uma borda azulada ao redor da íris. O queixo dela se levantou, em um gesto sutil de desafio.

Ah, meu Deus. *Ela?*

— Não, acho que tenho tudo o que preciso — respondeu.

Então desamarrou o avental branco em volta da cintura e jogou-o no carrinho de comida.

Engoli em seco. *Porra.*

Aquele cabelo escuro escondido sob o gorro, os ombros esbeltos e a mandíbula estreita, as roupas masculinas que ainda usava... Só que, em vez dos jeans sujos, tênis desgastados e moletom enorme,

lembrei-me, agora ela usava calça e camisa pretas e uma gravata listrada.

Baixei o olhar. As unhas ainda continuavam sujas, visíveis nas luvas sem dedos de couro.

Ela deu a volta e saiu da sala, pegando uma jaqueta da cadeira no corredor e vestindo-a quando desapareceu de vista. Eu a segui com o olhar, respirando com dificuldade.

— Senhores — disse Hanson. — A assistente do Sr. Torrance o atualizará e um deles entrará em contato. Se vocês já tiverem terminado, vou levá-los até a porta.

— Calma aí — Michael rosnou. — *Essa* era a assistente dele?

Soltei um suspiro, e o encarei.

— *Essa* era a Banks.

Franziu o cenho, confuso, mas então se recordou e ele olhou de volta para o corredor por onde ela havia desaparecido. Quando olhou para mim outra vez, estava boquiaberto.

— Qual parte da conversa será reportada a ele? — Will falou, parecendo preocupado. — Dissemos alguma coisa incriminatória?

Ri sozinho, meu sangue subitamente esquentando quando as lembranças daquela noite vieram à tona.

— Você acha que ela se lembra de nós? — Michael perguntou.

Todos nós seguimos Hanson para fora da sala de jantar e em direção à porta da frente, quando murmurei baixinho:

— Será que ela percebeu que ele não está por perto para me atrapalhar desta vez?

[5] Desculpe, em russo, porém, a autora usou a forma de pronúncia da palavra, e não como verdadeiramente se escreve no alfabeto cirílico.

Capítulo 4

Kai

Noite do Diabo – Seis anos atrás...

Eu estava no meu limite desde a confissão de mais cedo. Olhando por cima do ombro, dando uma segunda olhada para todos enquanto caminhava pelos corredores e me sentava nas salas de aula.

A garota no confessionário, possivelmente eu a conhecia, não é? Ela certamente sabia quem eu era.

E me *roubar*? O que diabos isso significa? Olhei de relance para as meninas sentadas e conversando nas arquibancadas, prontas e à espera para demonstrar aos rapazes na quadra alguma atenção após o treino. Qualquer uma delas poderia ser aquela garota. Qualquer menina nesta escola poderia ser ela. Por mais que eu gostasse de um pouco de mistério, preferia estar no comando. Gostava de ser aquele que se divertia com alguém, não o contrário.

Arremessando a bola de basquete para Will, corri até o final da quadra com todo o time, vinte pares de tênis derrapando no chão enquanto a bola mudava de mãos mais duas vezes até voltar para mim. Eu a peguei, ofegando e sentindo o suor escorrer pelas costas enquanto armava a jogada, driblava, girava e arremessava em seguida. A bola voou e bateu no aro. Fiquei puto quando não caiu pela cesta e o rebote foi parar nas mãos de Damon.

Ele sorriu, correndo de volta para o outro lado, satisfeito com o meu fracasso.

Eu estava irritado, mas fiquei quieto. Não deveria ter errado esse arremesso. Estava pensando na garota, e continuaria desse jeito até descobrir sua identidade. Deveria ter invadido o cubículo onde se encontrava e a confrontado quando tive a chance.

Damon jogou a bola para Michael, e ele a pegou, a camiseta pendurada no cós da bermuda enquanto corria pela quadra. Percebi um movimento à esquerda e virei a cabeça a tempo de ver os galhos e as folhas do plátano de dez metros do lado de fora do ginásio soprando contra as janelas acima das arquibancadas.

— Essa ventania está ficando louca — Will disse, correndo ao meu lado. Ele se moveu com agilidade, mantendo a atenção na bola enquanto me relanceava um olhar, sorrindo. — Vai ser uma noite selvagem.

Sim, selvagem. Comparada com o quê?

Meus amigos não precisavam da Noite do Diabo como desculpa para enlouquecer. Mas eu, sim. Era a única noite em que me permitia fazer péssimas escolhas. Tomar decisões baseadas em desejo, egoísmo

e a necessidade de não pensar metodicamente sobre todos os detalhes de cada um dos meus movimentos. Não fui criado para ser perfeito, mas, sim, para fazer tudo buscando a perfeição. Com calma, cuidado e foco... Com a mesma dedicação em servir uma xícara de café e executar um teste de matemática. Ou trabalhar no meu carro.

Ou transar com uma garota.

E eu estava mais do que pronto para deixar tudo isso de lado. Perder totalmente o controle. Mas agora, em vez de fantasiar sobre todas as maneiras de fazer merda hoje à noite, estava obcecado por ela e com o fato de se a veria ou não. Como eu a reconheceria?

A melhor parte de nossa conversa de hoje de manhã era pela certeza que eu tinha de que ela não teve a intenção de agir misteriosamente ou me fascinar do jeito que fez. Ela não estava tentando atrair minha atenção como outras garotas faziam. Suas palavras não ditas foram tão interessantes quanto as proferidas. Seus ofegos, os sussurros, o flerte que se esgueirou em suas palavras cuidadosas, como se ela desejasse alguma coisa, mas não tivesse ideia de como ser ousada para pedir. Gostei da inocência que exalava dela, mas pude sentir sua ânsia em se livrar disso. Tão perfeita.

— E aí, cara. — Michael cutucou meu braço. Olhei para ele, tentando disfarçar que não estava viajando, quando inclinou o queixo e gesticulou para a minha direita. — Seu pai.

Virei a cabeça, ainda carrancudo, mas endireitando a postura, no entanto. Meu pai estava na beira da quadra, olhando para mim com os braços cruzados, seu terno preto e bem-ajustado contrastando com as paredes de cor creme e a madeira clara do piso da quadra. O que ele estava fazendo aqui? Ele sabia que eu ia dar uma saída depois da escola.

Seu cabelo preto, da mesma cor que o meu, parecia tão perfeito quanto naquela manhã, e sua expressão facial revelava que ele tanto poderia estar satisfeito com o clima, ou com seu desempenho ao treinar na noite anterior ou totalmente irritado com a realidade dos negócios na Ucrânia. Ele era ilegível.

Sem pedir permissão para sair do treino, caminhei em direção a ele, puxando minha camiseta do cós da bermuda e vestindo-a novamente.

— Pai — cumprimentei, pegando a toalha da arquibancada inferior para limpar meu rosto.

Ele não disse nada, esperando ter toda a minha atenção antes de falar. E era aqui que eu tinha sorte e azar ao mesmo tempo. Enquanto os pais dos meus amigos já tinham mais de cinquenta anos, meu pai estava apenas com quarenta e três. E ele se cuidava. Não tinha problemas para acompanhar meu ritmo, além de ter a paciência de um santo.

Enfiando a toalha na mochila, peguei uma garrafa d'água.

— Não estarei em casa para jantar. Mamãe te avisou, não é?

— Sim — disse ele, a expressão estoica novamente. — Mas eu gostaria muito que você mudasse de ideia. Você pode passar mais tempo com seus amigos outra noite.

— Outra noite não será a Noite do Diabo. — Abri a tampa da garrafa, incapaz de encará-lo. — É uma vez por ano só, e é a última antes de eu ir para a faculdade. Não vou me meter em problemas.

Ele permaneceu imóvel, sem discutir ou se mexer enquanto eu bebia a água e continuava a arrumar o resto do meu equipamento. O riso e o burburinho aumentaram quando todos pegaram suas mochilas, e ouvi a porta do vestiário se abrir e fechar diversas vezes.

Nenhuma dessas coisas me livrou do peso de seu olhar.

— Você está decepcionado comigo — afirmei. — Eu sei.

Fechei a mochila e a pendurei no ombro. Meu pai nunca me proibiu de fazer nada, mas ele não era estúpido. Sabia exatamente o que fazíamos na Noite do Diabo.

— Eu gostaria que você fizesse melhores escolhas — esclareceu. — Só isso.

Finalmente olhei para ele.

— Suas escolhas, você quer dizer.

— As escolhas certas. — Os olhos dele se tornaram severos. — É por isso que respeitar os mais velhos é importante. Temos muito mais experiência em cometer erros, Kai.

Não consegui conter o sorriso.

— Eu nunca cometo erros — respondi. — Ou estou certo ou estou aprendendo. *Jaku niku kyo shoku*.

Recitei um dos muitos provérbios japoneses que ele fez questão de dizer ao longo da minha vida.

Os fracos são a carne que os mais fortes comem. Ou seja, os fortes sobrepujam os fracos.

E por mais que eu soubesse que ele tinha algo mais a acrescentar, meu pai apenas assentiu, com um sorriso sutil, deixando o assunto de lado. Finalmente.

— Não se esqueça do domingo — disse ele.

— Eu nunca esqueço.

Eu me afastei, virando-me em direção ao vestiário. Todo domingo de manhã, eu me juntava a ele no *dojo* em nossa casa para um treino. Era a única coisa que fazíamos juntos, e ele nunca deixou de comparecer. E, claro, eu também não.

— Sem querer ofender — Will correu ao meu lado, suor encharcando sua camiseta e descendo pelo pescoço —, mas seu pai me assusta. Até eu quero a aprovação dele e sei que me odeia.

— Ele não te odeia — assegurei, sorrindo para mim mesmo. —

Ele está esperando o melhor de você. Isso é tudo.

Ele simplesmente grunhiu, e eu o segui assim que abriu a porta do vestiário.

Honestamente, eu não dava a mínima se meu pai gostava ou não dos meus amigos. O pai de Damon não gostava de ninguém, e eu ficaria surpreso se o pai de Michael soubesse sequer o meu nome, mesmo depois de todos esses anos. Meus amigos eram simplesmente meus. Desse jeito. Eles ficavam à parte do que acontecia em casa, na aula ou até na minha cabeça, às vezes. Era isso que eu gostava neles. Quando estávamos juntos, era como se tivéssemos nosso próprio mundo.

Depois de me despir e tomar uma ducha, percorri a fileira de armários, e o ambiente, de repente, se tornou tão barulhento que eu mal conseguia pensar. Todo mundo estava pronto, assim como eu. Eu queria vê-la esta noite. Ela tinha que vir ao meu encontro.

Abri meu armário para pegar as roupas secas.

— Tudo bem — Will gritou, arrumando o cabelo diante de um espelho —, as garotas já prepararam tudo e o equipamento de paintball também está nos carros — informou. — Vamos sair, tocar o terror, matar um tempo no cemitério e depois seguir para aterrorizar a cidade.

— Espera. A cidade? — Damon perguntou. — Nós não estamos indo para o Armazém?

Sorri.

— Você foi absolvido, não é? — perguntei a ele, lembrando-o de sua confissão esta manhã. — Você precisa de novos pecados para a próxima semana. Não se preocupe. Você vai gostar.

— É bom mesmo — disse, apertando a toalha em volta da cintura. — Porque, puta merda, eu preciso de um boquete.

As portas dos armários se fecharam imediatamente e olhei para cima, de repente, vendo três de nossos colegas de equipe deixando o vestiário às pressas. Will começou a gargalhar a ponto de se dobrar, seu corpo inteiro tremendo incontrolavelmente.

Damon virou-se e gritou:

— Ei, para onde vocês estão indo? Uma boca quente e molhada é tão boa quanto a outra, até onde eu sei!

Sorrindo, Will balançou a cabeça e fez um *high five* com ele. Damon começou a rir e enfiou um cigarro apagado entre os lábios, mas então um grito ecoou pelo vestiário.

— Torrance! — o treinador gritou. E meu amigo teve que cuspir o cigarro na mesma hora.

— Droga — ele rosnou em voz baixa.

Como Lerner sempre sabia quando Damon estava prestes a fumar, era um mistério. Sua irritação, no entanto, não impediu Will de

começar a cantar a música *Smoking in the boys room*, do Mötley Crüe, provocando-o.

— Tudo bem, vamos começar — Michael gritou, calando-os. — Está na hora.

Vesti meu jeans, olhando para o relógio atrás de mim e vendo que eram quase duas da tarde. Hora de dar início à festa.

Rapidamente terminamos de nos ajeitar, vestimos nossos moletons pretos e pegamos telefones, carteiras e chaves, deixando todo o resto para trás. O sino tocou, informando o início da última aula do dia, e nós quatro saímos para o corredor vazio, ouvindo as tênues vozes dos professores ministrando suas aulas finais nesta sexta-feira à tarde.

Eu gostaria que você fizesse melhores escolhas. Só isso.

Olhei da esquerda para a direita, vislumbrando a luz desvanecendo enquanto mal iluminava os armários azuis e verdes do corredor. Os cantos escuros espreitavam à frente, e todos nos mantivemos em silêncio por um raro momento, apreciando a calmaria antes da tempestade.

— Vamos fazer isso — eu disse, ainda olhando para o corredor, contemplando os galhos com suas folhas vermelhas e alaranjadas agitadas pela ventania do lado de fora.

Ouvi o farfalhar da mochila, e sabia que Will estava tirando nossas máscaras uma por uma. Damon colocou a sua de caveira, os dentes parecendo garras. Will entregou a Michael a vermelha que ele usava, com arranhões escuros e profundos que lhe davam uma aparência tão cruel quanto os lábios roídos. Will me jogou a minha máscara de prata metalizada, com fendas pequenas e escuras no lugar dos olhos, cheia de linhas paralelas na parte inferior. Então, colocou a sua própria, branca com uma listra vermelha de um lado só. Todos nós parecíamos um esquadrão da morte pós-apocalíptico, que se adequava aos egos de um bando de garotos ricos e mimados que nunca enfrentaram realmente o perigo.

Will correu até o vestiário para guardar a mochila, enquanto eu colocava minha máscara acima da cabeça como um capacete. Fechei os olhos, saboreando o momento. Aqui, eu era invisível. Poderia ser quem eu quisesse.

Aqui, eu não estava me escondendo.

Peguei meu telefone e enviei uma mensagem para Kylie Halpern na secretaria, sinalizando que poderia tocar a música. Em dez segundos, *Sister Machine Gun* começou a tocar nos alto-falantes pelos corredores e por toda parte. Respirei fundo enquanto guardava o celular no bolso traseiro.

Michael deu um passo à frente, olhando de um lado para o outro.

— Agora — ele disse.



— Vai! Vai! Vai! — Max Cason gritou ao vento, com a cabeça do lado de fora da janela no banco do carona.

Meia hora depois, catorze carros, caminhonetes e motos estavam a caminho, abarrotados com todos os jogadores do nosso time, algumas de suas namoradas e uns poucos buscando apenas diversão. A escola não nos impediu de sair de suas dependências para o que rapidamente se tornou uma tradição. A Noite do Diabo servia para elevar a moral do time e enaltecer o companheirismo em equipe.

Perambular pelos corredores da escola, às duas horas da tarde, para começar tudo, se transformou em uma das minhas partes favoritas do dia. Invadir as salas de aula e retirar nossos colegas jogadores da equipe de basquete – e quem mais quiséssemos – e arrastar todo mundo para fora da escola era como uma anfetamina injetada na veia. Tínhamos a atenção de todos, seu fascínio e, às vezes, seu medo. Era energia pura e, por uma noite no ano, desfrutávamos de um suprimento ilimitado. Os professores não nos detinham, os policiais não interferiam e, por um tempo, eu realmente amava ser apenas eu.

Todo mundo queria ser como nós.

O Ford Raptor preto de Will seguia à minha frente, e todos os caras na carroceria da caminhonete festejavam com cervejas nas mãos. Alguns deles tinham garrafas de água cheias de um licor claro, o que era uma tática interessante para beber durante as aulas. Contanto que se parecesse com água, os professores nunca saberiam a diferença.

Com minha máscara sobre o console ao lado, acelerei em frente, seguindo Will. Damon liderava a carreata, e quando olhei à esquerda, vi Gavin Ellison passar rapidamente em sua moto com a namorada na garupa.

Damon deve tê-lo visto pelo espelho retrovisor, porque assim que Gavin acelerou para ultrapassar seu BMW, Damon desviou para a esquerda, bloqueando a passagem. Eu ri sozinho, até que vi uma criança em uma bicicleta, caindo no acostamento da estrada por conta do movimento brusco do carro.

— Que diabos? — gritei, pisando de leve no freio para diminuir a velocidade.

O garoto caiu no chão, esparramado em uma vala, e sua bicicleta tombou na grama.

E Damon e a porra da moto simplesmente seguiram em frente.

Filho da mãe.

Pisei no freio com mais força, diminuindo a velocidade do jipe e vi que Will fez o mesmo. Coloquei o carro em ponto-morto e desci. Olhei para a estrada à frente, avistando Damon e a moto se distanciando. Será que ele pelo menos chegou a pensar em parar?

— Damon é um idiota. — Will olhou para mim, enquanto descia de sua caminhonete mastigando uma tira de carne seca.

Alguns dos caras também desceram da carroceria, e Will foi até onde o garoto caiu, agachando-se para ajudá-lo a levantar.

— Você está bem?

O garoto apoiou-se nas mãos e nos joelhos, e eu me aproximei, pegando vislumbres através das pernas dos rapazes enquanto ele se movia, recolhendo os livros que haviam se espalhado na beira da estrada. Não o ouvi responder e não pude ver seu rosto.

Will pegou dois livros que caíram e vi uma cestinha na frente da bicicleta.

— Eu disse que estou bem — o garoto disse, ríspido, e parei, vendo um boné de beisebol caído no chão.

De repente, o cabelo longo e escuro se soltou, agitando-se por conta do vento forte, e vi um rosto esbelto e lábios carnudos.

Era uma garota.

No entanto, vestia-se como nós, com jeans e um moletom com capuz azul marinho. Ela estendeu a mão, mantendo a cabeça baixa e os olhos protegidos pelo cabelo enquanto retirava os livros das mãos de Will.

Ela parecia bem. Nós poderíamos ir.

— Eu já te vi por aí antes, não vi? — Will perguntou, curvando-se para pegar sua bicicleta. — Você mora por aqui? Nós podemos te levar para casa. Entra aí.

— Não. — Ela colocou as mãos à frente, impedindo-o de tocar em sua bicicleta. — Eu disse que estou bem. Pode ir. Por favor.

Estreitei o olhar, aproximando-me.

Alguns dos caras pegaram uns de seus livros e os mostraram ao redor, rindo. Ela manteve-se imóvel, encarando o chão. Sua calça jeans estava imunda. Manchas escuras cobriam os joelhos, mas não havia sinal de sangue. Eu achava que ela não estava machucada.

— Devemos apenas trazê-la conosco, cara — alguém brincou.

— Sim, podemos dar um banho nela primeiro?

— Chega — rosnei, cortando sua zoação. — Voltem para a caminhonete. Suas cervejas estão esquentando.

Eles se dispersaram, e Will voltou para o carro, lançando mais um olhar para a garota silenciosa, que rapidamente recolhia seus livros, ignorando-nos.

Ela devia ter mais ou menos a nossa idade, mas certamente não gostava de atenção, a julgar pelas roupas esfarrapadas que vestia e

pelo velho tênis Vans caído no chão. Deve ter saído do pé durante a queda. Por que não estava usando meias? Estava frio.

Agachei-me, pegando um pedal quebrado da bicicleta.

— Você não pode andar de bicicleta, garota — eu disse a ela.
— O pedal está quebrado.

Estendi o objeto à frente de seu rosto.

— Eu me viro. — Ela se levantou, com os braços firmemente em volta de todos os seus livros, evitando o meu olhar.

Ela era uma coisinha meio grossa, né?

Eu não sabia se estava com medo de nós ou chateada com o que aconteceu, mas definitivamente não queria se envolver.

— Will disse que você mora perto? — perguntei. — Eu posso colocar a bicicleta na traseira do meu jipe e te levar.

— Eu disse que dou um jeito — disse, irritada, ainda cabisbaixa. — Apenas vá embora.

Não consegui evitar meu sorriso. Ela parecia tão desesperada para se livrar de nós, como se tivesse medo de que algo ruim fosse acontecer. O que achava que íamos fazer com ela?

Eu me virei para sair, mas vi um livro fino no chão, quase pisando em cima. Eu me abaixei e o peguei, checando a ruiva em um vestido esmeralda na capa. Seus seios quase pulavam para fora enquanto um homem musculoso com blusa aberta a segurava contra si dramaticamente, mechas de seu cabelo voando contra o vento, exatamente como o longo vestido.

Bufei uma risada quando me virei e entreguei a ela.

— Cale a boca — murmurou, vendo o sorriso no meu rosto e arrebatando o livro de volta.

Agachei-me mais uma vez, pegando o tênis no chão e depois puxei o seu pé.

Sua pele estava gelada, e estremeci, surpreso. Seu jeans tinha buracos por toda parte e ela ainda estava sem meias. Por que não estava vestida adequadamente?

Ela afastou o pé, agarrando o tênis.

— Eu posso fazer isso.

Mas segurei com firmeza, dando-lhe um olhar desafiador.

— Deus, será que não dá para entender? — resmungou, ríspida.

— Você está congelando — comentei, calçando seu tênis. — Talvez você deva...

— Tire as mãos dela — alguém ordenou atrás de mim.

Virei a cabeça e vi que vários homens haviam chegado, suas motos esportivas paradas no meio da estrada. Por conta do ruído do motor da caminhonete de Will, não os ouvi se aproximarem.

Levantei-me quando chegaram perto e vi como se postaram bem à frente da garota.

Que merda era essa?

— Com licença? — Olhei em volta deles, tentando vê-la.

— Ela está bem — disse o cara com a cabeça raspada, usando uma camiseta branca sem mangas. — Vamos assumir daqui.

Dei uma pequena risada, sentindo Will chegar ao meu lado enquanto Michael se aproximava.

— Quem diabos é você? — perguntei.

Mas ele apenas me ignorou, virando a cabeça para ela e sussurrando:

— Recoloque o capuz.

Ela seguiu as instruções, rapidamente se cobrindo e mantendo a cabeça baixa. Dois caras flanqueavam o Cabeça Raspada, da mesma forma que Michael e Will agora faziam comigo, todos nós imóveis.

— Vá embora — o do meio ordenou.

— Claro, de jeito nenhum. — Inclinei a cabeça, tentando fazer contato visual com a garota atrás deles. — Você está bem? Quem são esses caras?

Eles poderiam ser seus irmãos, mas de forma alguma se pareciam com ela.

Ela olhou para mim de relance até que notei o pequeno sorriso curvando o canto de seus lábios. Um olhar divertido cruzou suas feições e a timidez desapareceu repentinamente.

— Eles são muito mais do que vocês, *cavaleiros*.

Seus companheiros começaram a rir, presunçosos.

Ergui meu queixo.

— Vamos embora — disse o Cabeça Raspada.

Todos eles nos olharam enquanto se afastavam, e a jovem os seguiu, roçando meu braço quando passou por mim. Inalei seu leve perfume. A energia do ar ficou subitamente tão espessa que eu seria capaz de segurá-la. Havia algo familiar nela.

Ela entregou os livros para o mais alto, com cabelo loiro e uma corrente de prata em volta do pescoço, enquanto o outro enganchou a bicicleta no ombro dele ao montar em sua moto.

Ela subiu na garupa do Cabeça Raspada e eu estreitei os olhos, vendo-a enlaçá-lo com os braços.

Dei um passo à frente quando todas as motos rugiram.

Ela olhou por cima do ombro mais uma vez, e eu finalmente vi seus olhos. Um lindo verde com toques dourados.

— Pensei que você tivesse algumas pessoas para assustar essa noite — disse ela.

O quê?

Ela se virou, mas não rápido o suficiente para esconder o sorriso no rosto, e então partiram, as três motos esportivas zunindo pela estrada enquanto se afastavam.

O que diabos ela disse? Como é que...?

Cerrei a mandíbula, dando-me conta.

A noite é uma criança. Talvez você encontre outra pessoa para assustar esta noite.

A garota do confessionário de hoje mais cedo. Caralho, era ela.

Observei enquanto ela e os idiotas desapareciam de vista, e tudo o que eu disse a ela de manhã voltou com força total à minha mente. Como ela sabia quem eu era? E por que eu nunca a tinha visto antes?

Ela estava brincando comigo.

Quão confiante e ousada ela se tornou quando eles chegaram. Ela pensou que aqueles caras – seja lá quem fossem – poderiam nos colocar em nosso lugar. Estávamos brincando de ser maus, mas eles o eram de fato. Era isso o que ela achava?

— Você a conhece? — Michael perguntou ao meu lado.

Eu me concentrei na estrada, sem saber como responder a isso.

— Se você a quer, ela é sua — declarou.

Contive meu sorriso. Michael falava sobre mulheres da mesma forma que falava sobre *cheeseburgers*. Era como se tudo fosse fácil assim.

— Querer ela? — Will interrompeu. — O que diabos ele iria querer com uma garota daquela quando temos minas de primeira qualidade em nossos carros agora? Você não viu como ela estava vestida? Sem maquiagem, roupas masculinas... Ela é *feminista*.

Fechei os olhos, rindo de mim mesmo. *Jesus*.

— Achei que você gostasse das difíceis? — debochei, olhando para ele.

Mas ele apenas retorceu os lábios, o objeto secreto de sua obsessão tão ajeitadinha quanto a garota que acabara de sair.

— Sim, bem... você quer que eu ligue para Damon, ou o quê? — ele perguntou. — Alguém disse que ela trabalhava na casa dele.

Ela trabalhava?

— Não — respondi. — Não quero que ele me diga nada sobre ela. Eu mesmo vou descobrir.

Ele já tinha ido embora de todo jeito e, provavelmente, já estava no cemitério agora.

— E aí, vamos buscá-la, então? — Michael sondou.

Mas apenas olhei para frente, pensando.

Ela me desafiou, né? Fez questão de me informar quem era antes de ir embora com aqueles idiotas. Para me avisar que me passou a perna hoje, mas somente quando sabia que poderia se afastar de nós.

Apenas assenti, todos os músculos do meu corpo agora tensionados como uma corda.

— Eu meio que quero assustá-la primeiro.

Ouvi Michael rir baixinho e então ele se virou, gritando para alguém em um dos carros:

— Ei, Dayton! — Em seguida jogou a chave de seu SUV para ele. — Troque de carro comigo. E tire tudo do seu! Preciso do portamalas.

Will murmurou animadamente e esfregou as mãos, de repente, totalmente a favor desse plano.

Nós nos viramos para entregar as chaves para que outros levassem nossos carros ao cemitério, de forma que pudéssemos continuar juntos. Isso era mais exagerado do que meu gosto habitual em travessuras, mas eu não conseguia me conter.

Não queria mais parar.

Eu queria bloquear todos os pensamentos racionais e simplesmente me deixar levar. Agora, se dependesse de mim, essa noite nunca teria um fim.

Ela me sacaneou hoje.

Agora era a minha vez de dar o troco.

Capítulo 5

Kai

Dias atuais...

Entrei no Sensou, a alça da bolsa atravessada sobre o peito enquanto olhava em volta, fazendo um inventário de tudo o que estava acontecendo. O som dos floretes se chocando à minha direita, vindo da sala onde Rika conduzia sua aula de esgrima três noites por semana; os pesos usados na sala de musculação à esquerda também se juntaram à cacofonia; grunhidos enchiam o *dojo* inteiro, ecoando através das vigas, enquanto os alunos treinavam diversas modalidades no salão principal.

Andei às pressas e em total silêncio por ali, ansioso para gastar um pouco de energia. O colarinho da minha camisa roçava contra o pescoço, enquanto uma fina camada de suor resfriava meu torso. Eu precisava me livrar dessas roupas.

Quando voltava a Thunder Bay todos os domingos para treinar com meu pai e tomar café da manhã com minha família, a pedido de minha mãe, não liberava metade da energia que havia dentro de mim. Meu pai estava em ótima forma, mas ainda assim, já estava perto dos cinquenta anos. Eu não podia descontar nele.

Mas, no *dojo*, eu podia extravasar do jeito que queria e, depois de hoje, era o que precisava.

Após a reunião com a “assistente”, mais cedo, estava determinado a vir direto para cá, mas, em vez de pegar a saída certa depois da ponte, continuei dirigindo sem rumo por quase duas horas.

Banks.

Jesus Cristo. Seis anos atrás, ela mais do que despertou meu interesse. Hoje, ela estava distante, estranhamente calma e compassiva. Lembrei-me dela de maneira muito diferente. Ela tentou tanto ser durona naquela noite, mas aqueles olhos sombrios e como podiam ver através de mim, e aqueles lábios... Sim, eu me lembrei. Ela não conseguiu manter a compostura por muito tempo.

E então, alguns anos depois, quando Rika se juntou a nós naquela noite, e Banks havia se tornado nada mais do que uma lembrança, me vi cativado por nossa Monstrinha, exatamente por ela ter me recordado de Banks. A inocência, a perseverança, o jeito que eu queria cuidar dela...

Mas da mesma forma avassaladora com que entrou no meu mundo, ela também fugiu, e tudo isso em poucas horas, uma noite, seis anos atrás.

Quem era ela? De onde surgiu?

Entreí no meu escritório e fechei a porta com força, largando a bolsa e tirando o paletó. Rapidamente vesti uma calça de ginástica e calcei os tênis, em seguida peguei uma toalha e vesti a camiseta enquanto saía do escritório. Na recepção, passei por Caroline, uma das universitárias de meio período que tínhamos contratado, que me deu um sorriso meigo como sempre. Levantei a mão e ela me jogou uma garrafa de água do freezer às suas costas. A mesma rotina. Ela sabia o que fazer.

— Hum, Sr. Mori? — falou, quando continuei a andar.

Diminuí a velocidade e me virei.

— O que foi?

O cabelo loiro estava preso em um rabo de cavalo alto, e sua camisa polo azul marinho com a logo da Graymor Cristane, no lado esquerdo do peito, estava impecável e sem um vinco, como sempre.

Ela olhou para trás e gesticulou para alguma coisa, e quando virei a cabeça, imediatamente fiquei irritado. A garota agia como se eu fosse comê-la viva caso falasse alguma coisa.

No entanto, ao ver os dois visitantes perambulando no saguão, subitamente me esqueci de Caroline.

Banks se encontrava à minha direita, segurando uma das varas de bambu da prateleira na parede. Ela olhou para mim e depois recuou, examinando distraidamente a arma como se estivesse somente olhando sem nenhum outro propósito por estar aqui.

Do outro lado da sala, à sua direita, havia um homem que me parecia vagamente familiar. Com certeza, um dos capangas de Gabriel, a julgar pela cabeça raspada, corrente de prata, jaqueta de couro brega e hematomas ao redor do olho.

Coloquei a garrafa de água e a toalha no chão. A presença deles era um sinal muito bom ou muito ruim. Eu não queria problemas, não aqui.

Caminhando lentamente em direção à garota, fixei o olhar ao dela quando estendi a mão e gentilmente tirei a espada de suas mãos.

— É uma *shantai* — informei. — Uma espada japonesa.

Ela olhou para mim, o rosto inexpressivo, respirando normalmente. Sob controle. Dei um passo para trás segurando o bambu, tentando não transparecer como sua aparência me deixava embevecido. Ou admirado com sua presença ali.

Um simples gorro preto cobria cada fio do cabelo que eu sabia ser de um profundo tom castanho, e ao invés da roupa social que usava mais cedo, ela agora escondia cada centímetro de seu corpo em jeans surrados com imensos rasgos nos joelhos, além de coturnos e uma jaqueta curta preta abotoada até o pescoço. Na mesma hora, enfiou as mãos nos bolsos.

Entretanto, antes que as escondesse, notei que ainda usava as

mesmas luvas de couro sem dedos. A única pele que poderia ser visível era a de uma parte do pescoço e do rosto.

Eu gostava daquilo. Ela ainda era um mistério.

Afastei o olhar com relutância, virando a cabeça para o outro homem.

— Você veio com uma mensagem? — perguntei. — Gabriel fechará o negócio?

O homem, que julguei ter cerca de trinta anos por conta das rugas ao redor dos olhos, lançou um rápido olhar para a garota e depois inclinou o queixo para mim.

— Por que, exatamente, você quer o hotel?

— Eu sou um homem de negócios — respondi. — Estou adquirindo bens patrimoniais, como os empresários fazem.

Ele a olhou de relance outra vez, e entrecerei os meus olhos, acompanhando a interação dos dois. Quando se entreolharam, pude jurar que vi um leve sorriso no rosto de Banks.

Um diálogo silencioso ocorreu entre eles, levando-me a observá-los com mais atenção. O homem finalmente respirou fundo e assentiu.

— O Sr. Torrance está interessado em estabelecer uma conversa com você.

Dei uma risada de deboche.

— Estabelecer uma conversa... — zombei, baixinho. — Sim, eu conheço bem o tipo de conversa de Gabriel. Eu já concordei que o filho dele poderia voltar, mas precisarei de mais garantias.

Ele lançou um rápido olhar para Banks – de novo – e depois me respondeu, resolutivo:

— A Srta. Fane estará em segurança.

— Você não pode garantir isso — argumentei, dando um passo à frente. — Nós dois sabemos que Damon não deixa ninguém falar por ele mesmo.

— Damon fará o que seu pai mandar.

Fiquei ali, quieto e pensativo. Se Gabriel estava disposto a me deixar comprar o hotel, isso significava que Damon não devia estar lá, afinal. Ou, possivelmente, Gabriel simplesmente não sabia onde estava o filho. A prisão havia constrangido imensamente nossas famílias e o Sr. Torrance não estava interessado em ver seu filho colocar tudo a perder outra vez.

Se soubesse o paradeiro de seu filho, ele o traria para casa. Minha intenção, no entanto, era encontrá-lo antes do pai.

— Quero entrar no hotel primeiro — declarei. — Preciso fazer uma inspeção e avaliar quanto terei que investir na reforma.

Seus olhos dispararam para ela novamente, mas foi tão rápido que perdi a resposta silenciosa.

— Não tem problema — ele finalmente respondeu.

Por que ele continuava olhando para ela? Que diabos estava acontecendo?

Encarei os dois, perplexo, esquecendo que havia acabado de concordar em comprar um hotel que valia milhões de dólares.

Umedecendo os lábios, girei o bastão em minha mão, fazendo um círculo perfeito.

— Sabe, quando eu tinha catorze anos, Gabriel disse a mim e a Damon algo que nunca esquecerei. “Mulheres”, ele disse, “são brinquedos ou instrumentos. Elas são boas para se divertir ou quitar dívidas”. — Girei a espada lentamente e os observei com cuidado. — Em todos os anos em que fui amigo de Damon, notei uma diferença marcante entre a minha casa e a dele. Minha mãe nunca foi uma mulher dócil, mas todas as mulheres que encontrei na casa dos Torrance ou estavam ali para transar ou servir. Brinquedos ou instrumentos.

— E daí? — o homem perguntou.

— E daí, que não sei em qual categoria ela se encaixa — eu disse, apontando o bastão para Banks. — Toda vez que faço uma pergunta, você procura uma resposta nela. É estranho para uma mulher ter esse tipo de poder, pelo que conheço de Gabriel Torrance.

Ele olhou para ela novamente, parecendo buscar alguma orientação.

Ela era a encarregada. Não ele.

É isso aí.

Que interessante.

Segurei a espada ao lado e me aproximei dela, olhando para baixo.

— Vamos acabar logo com isso e negociar diretamente, okay? — eu disse, já sem paciência.

Quando entrei em seu espaço pessoal, o homem se aproximou com rapidez, provavelmente em guarda, e, na mesma hora, impedi sua aproximação ao direcionar a espada *shantai* contra seu peito.

— E se não me falha a memória — eu disse, olhando para ele —, ela sabe muito bem como se defender, então, vá esperar no carro.

Ele cerrou a mandíbula, enrijecendo o corpo, já pronto para uma briga. Mas olhou para ela, esperando o comando. Ela hesitou por um momento, finalmente acenando com a cabeça, em uma dispensa silenciosa. Ele me lançou um olhar antes de se virar e sair do *dojo*.

Banks me encarou, inclinando a cabeça.

— Você está com medo de mim agora, garota? — perguntei. — Não é mais capaz de falar por si mesma?

Eu queria deixá-la desconfortável para me vingar da forma como tirou sarro de mim hoje, mas também não queria que perdesse a

coragem. No entanto, em vez de responder, ela apenas virou a cabeça, aparentemente entediada.

Ri sozinho, seguindo em direção à parede para posicionar a espada no lugar.

— Então, quais foram as informações que você coletou hoje para transmitir ao pai de Damon? — perguntei. Queria saber o que dissemos naquela sala que lhe deu tanta confiança quando pensávamos que era apenas uma empregada à espreita.

— Seja o que for — respondeu ela —, ele gostou do que ouviu, já que tem uma proposta para você. Estou aqui em seu nome.

Minha mão estava trêmula quando me afastei da parede. Aquela voz. Havia dito apenas algumas palavras hoje cedo, mas agora... A mesma provocação suave da qual me lembrava surgiu, me trazendo de volta. Andei até ela, encarando-a, com meus braços cruzados.

Ela era uns quinze centímetros mais baixa do que eu, mas com o brilho arrogante em seus olhos, poderia muito bem ter dez centímetros a mais.

— Kai, está tudo bem? — Rika perguntou atrás de mim.

— Está tudo bem — respondi, sem olhar para ela.

A julgar por todo o burburinho à distância e pelo som das portas do vestiário se abrindo e fechando no corredor, a aula deve ter terminado.

— Rika? — disse, por cima do ombro, detendo-a antes que se afastasse. — Você poderia chamar Will e Michael e nos encontrar no escritório, por favor?

Não era capaz de ver seu rosto, mas sabia que sua resposta havia soado hesitante:

— Claro.

Ela saiu e eu me virei, gesticulando para que Banks seguisse adiante.

— No final do corredor. Primeiro as damas.

Esperava que algum lampejo de irritação cruzasse seu rosto, mas não havia nada. Seu olhar permaneceu neutro enquanto passava por mim, indo em direção ao corredor; eu a segui de perto, sentindo o coração bater muito mais forte ao encarar suas costas.

O cadarço de uma de suas botas se arrastava pelo chão, e, embora não tivesse a menor dúvida de que ela poderia cuidar de si mesma, era divertido ver o quão pouco se importava com sua aparência. Tão diferente das mulheres com as quais cresci, em casa e na escola.

No entanto, minhas mãos já haviam tocado toda aquela beleza. Elas se lembravam de cada toque.

Ela parou ao lado da porta do escritório e esperou que eu

abrisse. Estendi a mão e girei a maçaneta, incitando-a para que entrasse, porém, assim que o fez, dirigiu-se ao canto mais distante da sala e virou-se para mim.

Contive o riso. Ao contrário de Rika, Banks imediatamente entrou no modo de sobrevivência em uma situação adversa. Enquanto estiver em território inimigo, pegue a vantagem ao seu alcance. Ao se posicionar no canto oposto, ela só precisava se conscientizar do que vinha pela frente, sabendo que sua retaguarda estava protegida. Estive tentando fazer com que Rika aprendesse isso instintivamente por meses.

Fechei a porta e andei pela sala, posicionando as cadeiras diante da mesa redonda.

— Imagino que deve ser difícil para uma mulher lidar com alguns dos associados de Torrance — comentei. — É por isso que você se comunica através daquela marionete ambulante lá fora?

Seu olhar se desviou por um instante na minha direção, antes de se concentrar outra vez no desenho a carvão emoldurado na parede; uma obra de arte que Rika admirava e colocara aqui, já que este escritório era usado por todos nós. Ela disse que se parecia comigo. Não sabia como. Era uma figura sem rosto, várias pinceladas saindo das linhas. Meu pai era um amante da arte abstrata; eu, infelizmente, não havia herdado isso dele.

— Esqueceu que foi você quem me contou tudo sobre o *The Pope*? — continuei, mudando de assunto.

— Eu nunca me esqueço de nada.

Parei, inclinando-me sobre o encosto de uma cadeira, analisando-a. Depois de tantos anos, o escudo que a protegia não somente estava ali, como agora se tornara muito mais espesso. Ela havia amadurecido.

— Você ainda acha que há um décimo segundo andar escondido?

— Acho que você está preocupado demais com os segredos que já conhece e sabe que existem e não com aqueles que ainda são desconhecidos.

E então ela voltou sua atenção para as fotos e armas que revestiam as paredes, me dispensando.

O que ela quis dizer com aquilo? Que diabos eu não sabia?

— Ei, o que está acontecendo? — Michael entrou, suado, e jogou a toalha sobre a cadeira. Will e Rika o seguiram e fecharam a porta. Ele estava sem camisa e arfando, provavelmente tendo acabado de levantar peso na sala de musculação.

— A *assistente* de Gabriel — informei — veio com uma proposta.

— Oi. — Rika se aproximou dela com a mão estendida. — Eu

sou Erika Fane.

Banks simplesmente olhou para ela. Encarou-a com uma pitada de desdém no rosto antes de se virar novamente, ignorando-a por completo.

Rika me lançou um olhar interrogativo e depois afastou a mão, sentando-se à mesa. Todos seguimos seu exemplo.

Banks pegou algo de dentro do casaco e colocou sobre a mesa. Era uma fotografia. Ela a empurrou lentamente sobre a mesa de madeira em minha direção. Analisei a imagem de uma jovem que não reconheci. Cabelo loiro escuro, olhos azuis, rosto angelical, bonita o suficiente... Definitivamente o tipo de Michael. Os traços perfeitos de seu rosto mostravam um tom rosado e sua boca vermelha se parecia a uma maçã. Jovem e linda.

— Quem é? — perguntei enquanto todos se aproximavam para ver melhor a foto.

— Vanessa Nikova — respondeu Banks. — Sobrinha do Sr. Torrance.

— E daí? — Recostei-me à cadeira, tentando parecer relaxado.

— E daí que isso é muito mais do que apenas trocar um hotel por um filho pródigo, você não acha? — Ela me olhou, com condescendência. — O Sr. Torrance quer uma garantia indubitável de que você e seus amigos não prejudicarão seu filho ou a família dele. Vai exigir mais investimento do que apenas dinheiro.

Ela olhou para a foto novamente.

— Ela é muito bonita.

Estreitei meu olhar para ela. Bonita? O quê?

Eles acharam que eu queria comprar o hotel, mas o que isso tinha a ver com o acordo?

— Aonde você quer chegar? — pressionei.

Ela inclinou a cabeça, um sorriso tímido.

— Em algo um pouco mais concreto — disse ela. — Um futuro. As alianças ainda são feitas dessa maneira.

Alianças? Eu e meus amigos nos entreolhamos, tentando compreender, mas eles pareciam tão perdidos quanto eu. No entanto, quando encarei a foto outra vez, lentamente me dei conta. Meu coração acelerou, e cerrei as mãos em punhos.

Ela não podia estar falando sério.

— Você está falando sobre um casamento? — Rika deixou escapar, olhando para ela.

Mas Banks falou comigo:

— Atualmente, ela mora em Londres — informou. — Fala inglês com fluência, francês, espanhol e russo. Ela é bem-educada...

— Isso só pode ser brincadeira, porra. — Michael riu com amargura.

— E ela é... intocada — Banks concluiu, como se Michael não estivesse prestes a explodir.

Inclinei-me para frente, olhando para ela. *Intocada. Virgem.*

— Você está de sacanagem — disparei. Em que século Gabriel achava que ainda estava? Um casamento? Isso era ridículo.

De jeito nenhum!

Mas ela apenas inclinou a cabeça para mim.

— A única forma de vermos que você não tentará atingir a família Torrance é se estiver ligado a ela — explicou. — Queremos uma aliança coerciva.

Eu mal podia respirar. Quer dizer, não que ela estivesse de todo errada. Casamentos em certas famílias poderiam ter muito mais a ver com manter a riqueza e as alianças do que com qualquer outra coisa, mas de forma alguma eu seria capaz de fazer algo assim.

— Para isso, você terá total autonomia sobre a herança dela — informou —, incluindo os bens patrimoniais que seus pais lhe deixaram quando faleceram há vários anos... — Ela fez uma pausa, prolongando a última parte: — E você terá o *The Pope* sem custo algum. Como presente de casamento.

Will sentou-se com os braços cruzados, observando a cena, divertido, enquanto Rika me encarava, perplexa. Seu corpo inteiro estava tensionado, e pelo canto do meu olho pude ver que ela lançou um olhar austero para Banks.

— Ele não vai se casar com a prima de Damon, entendeu? — Michael levantou-se, já farto daquela conversa. — Isso é uma besteira do caralho. Nós não precisamos do hotel. Nós vamos... encontrar o que precisamos por conta própria.

Ele me deu um olhar perspicaz, referindo-se à nossa busca por Damon.

Will pegou a foto da mesa e brincou:

— Bem, eu me caso com ela.

No entanto, Michael o ignorou, chamando minha atenção.

— Kai? Mande a garota à merda e a coloque para fora daqui.

Mas mantive o olhar fixo ao dela, muito mais sombrio, e observei seus lábios se curvando levemente, incapaz de disfarçar sua satisfação com tudo isso.

— Kai? — Rika insistiu, quando não respondi nada a Michael.

Respirei fundo e recostei-me à cadeira, pigarreando:

— Gente, deixem-nos a sós por um minuto, pode ser?

— Kai? — Michael repetiu.

Olhei para ele, tentando parecer à vontade.

— Alguns minutos, okay?

Meus amigos hesitaram, olhando entre mim e a garota, nitidamente não querendo me deixar sozinho com ela. Eu tinha que

dar crédito a ela por eles acharem que Banks me oferecia algum perigo.

Eles saíram da sala e fecharam a porta. Na mesma hora, peguei a fotografia da mesa.

— Você acha que pode me mostrar uma foto e isso deve ser o suficiente para que eu escolha esta mulher como a mãe dos meus filhos?

Ela deu de ombros.

— Ela é jovem, saudável... O que mais você precisa saber? Ela vai agradar você.

Eu ri baixinho. Jesus Cristo.

— É preciso muito mais do que isso para me agradar — provoquei. — Lembra?

Seu sorriso presunçoso desvaneceu, e ela se endireitou na cadeira.

Arremessei a foto em sua direção por sobre a mesa.

— Diga a ele para ir se foder. É a coisa mais absurda que já ouvi falar na vida.

E desta vez, ela sorriu ao pegar a foto e guardar no bolso do casaco.

— Qual é a razão desse seu sorriso?

— Eu disse a ele que você não concordaria.

— Você acha que eu deveria? — rebati. — Acha que essa não é apenas uma maneira horrível de Gabriel me colocar sob seu controle? É ridículo. — Umedeci meus lábios secos. — Estou surpreso que ele queira um mestiço japonês poluindo o sangue da família de qualquer maneira. Não é do feitio dele.

Na verdade, era bem o estilo dele. Esfregar esse tipo de vínculo na minha cara para o resto da vida ao unir nossas famílias.

Ela exalou lentamente, como se estivesse calculando suas próximas palavras enquanto cruzava as mãos sobre a mesa.

— Eu sei o que você realmente quer — declarou. — Você quer saber onde Damon está. Não quer ser surpreendido. E agora, você é um rato em um labirinto. Você não sabe para que lado ir e não verá que seguiu pelo caminho errado até ter ido longe demais.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que agora você é a presa — retrucou. — E antes... você era o caçador.

Inclinei-me para frente, descansando meus antebraços sobre a mesa outra vez.

— Você *quer* que eu o encontre?

— Estou pouco me lixando se você destruir esta cidade inteira à procura dele — respondeu. — Estou aqui para dar um recado. Nada mais.

— Mas você devia saber que eu recusaria.

Ela assentiu uma vez.

— Sim.

— Então, por que vir?

Agora era ela que estava hesitando. Ela estendeu a mão e pegou um pedaço de papel e uma caneta do meio da mesa, olhando para baixo enquanto começava a escrever e falar ao mesmo tempo:

— Porque depois que você recusar — ela começou —, eu vou embora. — Ela rabiscou no papel, provocando-me com suas palavras suaves. — Você vai subir e sair para o terraço para treinar ao ar livre. Você está gostando de fazer isso muito mais agora, percebe.

Meus olhos estavam em chamas quando a encarei. O quê?

— O tempo está esfriando, então é mais confortável praticar do lado de fora, não é? — continuou, ainda evitando meu olhar enquanto escrevia. — E, por mais que resista, esta noite, sua mente acabará se desviando para esta conversa. Você pensará no pouco controle que ainda tem sobre as coisas. Você pensará: “O que devo fazer agora?” e como sua vida está em um impasse; como a pequena coceira sob sua pele chamada raiva está ficando mais forte.

Prendi o fôlego, e ela levantou a cabeça, deparando-se com meu olhar; prazer absurdo transbordava de seu semblante.

— E a cada dia, este sentimento só aumenta — disse ela, cortando ainda mais fundo enquanto eu ficava congelado. — Porque sua vida te constrange. Nem chegou perto do que era antes de ser preso.

Ela baixou a cabeça e começou a escrever novamente.

— Todos os seus amigos do ensino médio, bem, quase todos, foram para prestigiosas faculdades, cursando direito, medicina ou outras coisas, trazendo orgulho para suas famílias — prosseguiu —, e à noite, eles vão para clubes e se divertem com garotas colegiais que lhes dão boquetes dentro do carro quando pegam carona para suas coberturas chiques. Eles estão no topo do mundo sem nem fazer esforço.

Os movimentos lentos de sua caneta arranhavam o papel, como se fosse uma lâmina esculpindo a madeira.

— Mas você não — zombou. — Você acha que é motivo de piada para eles. Ao verem a derrocada do garoto de ouro que uma vez foi. Uma desgraça para sua família. A história infame sobre a qual fofocarão no reencontro dos formandos do ensino médio anos depois, que, infelizmente, você não comparecerá, porque no fundo sabe que estão certos.

Ela recolocou a tampa na caneta e a deixou em cima da mesa.

— Depois você entra quando encerra o treino e toma outro banho. Seu terceiro no dia. Isso acaba com o ódio por um tempo, não

é? — Dobrou o papel ao meio, alisando o vinco enquanto seus olhos me seguravam como uma âncora. — Então você dirige e vai a um clube e encontra alguém, qualquer pessoa, para poder aliviar toda a raiva, para que possa dormir pelo menos algumas horas à noite.

Correi meus punhos, pressionando-os contra a mesa enquanto me levantava da cadeira. Tive que me conter ao máximo para não agarrá-la pela porra do pescoço. Andando até ela, inclinei-me, reclinando sua cadeira para trás. Seus olhos orgulhosos me encararam, me desafiando. Como diabos ela sabia de tudo isso? Ela estava me espionando?

Eu não odiava minha vida. E não estava com raiva. Cumpri minha pena. Minhas atitudes não poderiam ser desfeitas, e nem por isso estava me afundando em autopiedade. Eu sabia como me levantar e seguir em frente.

Ou, pelo menos estava tentando.

— E quando acordar — ela disse, baixinho, quase em um sussurro —, você perceberá o quanto tudo ao seu redor é uma droga e como já está na hora de entrar nessa porra de jogo, Kai Mori, e se arriscar.

Filha da mãe.

Ela levantou o pedaço de papel dobrado entre nós.

— A herança dela — disse, entregando-a para mim. — Isso fará de você um homem muito poderoso. Mais poderoso do que seus amigos jamais serão.

Ela se levantou, forçando-me a dar um passo para trás, e meu corpo se encheu de um súbito desconforto. Ela sabia como me afetar e tinha consciência disso. Mas eu não havia causado o mesmo efeito nela.

— Vou esperar até amanhã para responder ao Sr. Torrance — declarou. — Caso não tenha notícias suas hoje à noite.

Estendi a mão e agarrei seu braço, detendo-a.

— Tomei muitas decisões ruins na minha vida — eu disse, bem próximo a ela. — Não tomarei outras.

Ela olhou para mim e se afastou de meu agarre.

— Espero que não. Você já fez muitas.

Quando se moveu para sair, bloqueei-a com meu corpo. Deslizei o papel que havia me entregado, dentro de seu casaco, recuperando a foto. Passei um bom tempo encarando a imagem que tinha diante de mim.

Eu precisava de Damon.

E precisava entrar naquele hotel.

Mas se ele não estivesse lá...

Encarei seus olhos penetrantes, lembrando-me do cheiro de seu cabelo, de seu sorriso e da sensação de seu medo e excitação. Ela era a

única coisa que despertava a possessividade em Damon.

Se ele não estava no hotel, ela bem poderia ser um trunfo para mim.

— Diga a ele que temos um acordo — respondi.

Ela piscou por um momento, e eu sabia que não estava esperando isso. Mas quando segurou a maçaneta para sair, apoiei a mão sobre a porta, mantendo-a fechada.

— Mas vou pagar pelo *The Pope* — esclareci. — Em vez disso, meu presente de casamento... será você.

Ela se virou e finalmente vi alguma emoção em seu semblante quando olhou para mim.

— Não faço parte do acordo sobre a mesa.

Não consegui conter o sorriso, minha mente suja encontrando o duplo sentido em sua afirmação.

— Você trabalha para mim até o casamento. Esse é o acordo. Vá e diga os meus termos. — Afastei-me, subitamente muito confiante. — E você descobrirá que não passa do que eu já havia dito que era. Brinquedo ou instrumento. Nada mais.

Distanciei-me dela e parei atrás da mesa. Apesar de o cargo que exercia ao lado de Gabriel ter me deixado perplexo, eu sabia que o homem venderia sua alma para ganhar dinheiro. De forma alguma aquela menina poderia ter tanto valor a ponto de ele não sacrificá-la só para que eu concordasse com seus termos.

— E, Banks — eu disse, vendo-a abrir a porta, uma pequena brasa incendiando seus olhos como no dia em que a conheci. — Quando ele concordar, pegue as chaves, códigos e plantas do hotel e traga-os para mim. Quero tudo isso amanhã.

Ela não se virou ou demonstrou que atenderia minhas ordens, mas ouvi o breve rosnado antes de sair do escritório, fechando a porta com um baque.

Meu peito tremia quando soltei uma risada baixa. Saindo logo atrás dela, a vi enfiar as mãos nos bolsos do casaco e ignorar meus amigos que se encontravam no saguão. Parei ao lado da recepção, vendo-a desaparecer pelas portas e, momentos depois, um SUV preto disparou para longe dali.

— O que você fez? — Michael se aproximou.

No entanto, mantive o olhar focado por onde ela havia acabado de sair, e resmunguei:

— Ela disse: “destrua a cidade, procurando por ele”.

— O quê?

— Ela disse que não se importava se eu destruísse a cidade inteira, procurando por ele — repeti, mais alto. — Eu nunca disse que achava que ele estava na cidade. — Assenti, agora mais certo do que nunca. — Ele está aqui.

Eu me virei para voltar para o escritório.

— Você não vai se casar — Michael gritou atrás de mim.

Eu olhei para trás.

— É claro que não vou me casar, porra.

Capítulo 6

Banks

Noite do Diabo – Seis anos atrás...

Talvez eu esteja por perto?

Eu disse isso. Por que disse isso a ele no confessionário? E por que o provoquei mais cedo na estrada? De forma alguma eu poderia estar por perto ou ter permissão para ir a qualquer lugar hoje à noite. Não na Noite do Diabo.

Mas quando, finalmente, tive a chance de interagir com ele, não consegui me controlar. Ele era como um quebra-cabeças, e dava a impressão de que queria dizer muito mais, porém sentia dificuldades para expressar suas palavras. E então... de vez em quando, naquele confessionário, ele transparecia. Mostrava o seu verdadeiro eu. O monstro que meu irmão alegou que todos tinham dentro de si.

Pedalei pela longa entrada da propriedade, testando a bicicleta após os reparos feitos. Estendi os dedos no guidão e avaliei minhas unhas sujas.

Ele não gostaria de mim, não é? Eu não era o tipo dele.

Ele estava acostumado com garotas que pareciam modelos, com cabelos de revista, maquiagens de cem dólares e que usavam saltos durante o dia. Olhei para o Vans desgastado do meu irmão nos meus pés – tênis que usou seis anos atrás –, permanentemente manchado de óleo e com o tecido desfiado ao longo da sola de borracha. Eu não parecia uma garota, muito menos uma mulher.

E aos dezessete anos, estava muito atrasada em relação às outras da minha idade. Kai não podia ser visto comigo, mesmo que quisesse. Eu o envergonharia. E nem me iludiria, tentando me encaixar ao padrão dele e de sua turma.

Inspirei o cheiro das sempre-vivas dos dois lados do asfalto enquanto o vento soprava contra o meu capuz escuro e acariciava meu cabelo.

Em todas as vezes que vi Kai em Thunder Bay, perto da minha casa, em um jogo de basquete... ele era despreocupado e calmo, imperturbável.

Mas não hoje. Eu o deixei nervoso.

Sorri, pedalando mais rápido enquanto clicava no pequeno controle remoto preto perto do guidão. *Smells Like Teen Spirit* zumbia em meus ouvidos, e desviei para a esquerda, zunindo por entre as grades de ferro na mesma hora em que se abriram para mim. Segurei-me firme na descida íngreme que levava até a entrada da casa. Mantive o agarre no guidão, fechando os olhos, subitamente, ao sentir

meu coração quase pular na garganta, desfrutando da brisa e do sentimento que me acometia.

Eu o deixei nervoso. Minha pele ainda formigava no exato local onde ele havia segurado minha camiseta. O que ele teria feito sem aquela tela entre nós?

Uma buzina soou e eu abri os olhos, avistando um dos carros de meu pai vindo na minha direção.

Merda. Desviei o caminho, virando à direita, e passei a toda pelo Bentley, evitando contato visual. Alcancei a entrada da garagem, sentindo-me observada enquanto desaparecia nos fundos da casa, fora da vista do carro.

O ar ainda estava fresco por conta da chuva da noite passada, mas o chão se encontrava seco quando desci da bicicleta e passei por entre a grade que separava as duas garagens; uma lotada de carros que nunca foram conduzidos e outra com janelas blindadas e um teclado de segurança que quase ninguém sabia o código.

Escondi a bicicleta e corri até os fundos da casa. Ao entrar na cozinha, imediatamente senti o cheiro da comida e quase gemi deliciada quando fechei os olhos por um instante.

Marina, uma das cozinheiras, estava fazendo pão hoje e, quando fechei a porta, senti o calor do ambiente.

— Onde você esteve? — Ouvi a voz de David e olhei para a longa mesa de madeira ao centro, onde ele estava sentado com outras duas pessoas da equipe de segurança de meu pai, Ilia e Lev.

Desviei o olhar, indo até o fogão.

— Consertando minha bicicleta.

Marina limpou as mãos em uma toalha e piscou para mim, levantando a tampa da panela no fogão. Inclinei-me, respirando e sorrindo para a sopa de cogumelo e castanha.

— Quando seu irmão me liga — David ladrou —, e eu não sei onde você está, tenho a impressão de que ele vai dar um jeito de sair pelo telefone e cortar minha garganta. Você está me metendo em problemas, Nik. E se for até o confessionário, informe-nos e um de nós lhe dará uma carona.

Revirei os olhos disfarçadamente, e peguei a tigela que Marina serviu e me entregou. Sentei-me à mesa, ao lado de David, arrancando um pedaço do pão que já estava à frente.

— Deixe a garota em paz — Marina repreendeu, vindo atrás de mim e puxando meu cabelo para fora do capuz, para deslizar os dedos pelos fios. — Ela precisa de um pouco de liberdade.

Ele lhe endereçou uma careta.

— Tente você explicar isso para ele.

Fiquei em silêncio, sabendo que ele estava certo. Ele tinha o direito de ficar bravo. Ninguém queria lidar com meu irmão.

Levantando-me, fui até a pia para pegar uma colher limpa.

Ouvi Ilia falar:

— Sim, eu nem posso dizer a ele que você roubou algumas das minhas cervejas ontem à noite. — Ele me agarrou em um mata-leão. — Ele só vai me culpar por levá-la à tentação.

Contorci meu corpo, tentando me libertar.

— Pare com isso! — gritei, o cheiro de cigarro e suor invadindo minhas narinas quase me levando a vomitar. — Eu não roubei nenhuma de suas cervejas! — rosnei. — Você provavelmente estava bêbado demais para lembrar que bebeu todas elas!

Finalmente bati minha colher na parte de trás de sua cabeça, e ele me soltou, rindo. Fiquei de pé novamente e desabei na cadeira, fazendo uma careta. *Idiota*.

Mergulhei um pouco do pão na sopa, olhando para baixo, e fiz minha refeição tentando manter a boca fechada. O calor se espalhou pela minha garganta, filtrando através do meu corpo enquanto eu tentava ignorar os olhares de todos.

— Então, quanta penitência você recebeu? Hein? — Ilia cutucou meu ombro, insistindo. — Roubar minha cerveja, não fazer o que te mandam como uma boa garota... — Ele listou meus pecados. — Já teve algum pensamento impuro?

— Pergunte à sua namorada — retruquei, de boca cheia. — Ela olha mais para mim do que pra você.

Lev bufou.

— Sua merdinha — Ilia grunhiu, cutucando minha barriga com os dedos.

Eu me afastei, mas ele passou os braços ao redor do meu corpo e me fez cócegas. Eu me contorci, atingindo-o no peito.

— Me deixe em paz!

Mas ele apenas riu, passando as mãos sob os meus braços e depois de volta à minha barriga.

— Deixe-a em paz — ouvi David dizer.

— Humm... — A mão de Ilia, “acidentalmente”, parou perto da minha bunda. — Está ficando empinadinha aqui atrás, não é? — Ele beliscou por cima da calça jeans. Afastei-me e dei um tapa em seu pescoço.

— Tudo bem, já chega — Marina ralhcou. — Fora da minha cozinha. Vão. Todos vocês. Agora!

Ilia e Lev riram, empurrando as cadeiras quando se levantaram e saíram

dali. Ilia me deu um peteleco na cabeça na hora que passou. David levantou-se, tomando o restante do café e deixando a caneca antes de sair sem outra palavra.

Tomei mais algumas colheradas de sopa e me levantei, tirando

mais um pedacinho do pão para levar comigo.

Fui em direção à escada dos fundos, que levava até o meu quarto. Mas uma voz às minhas costas me deteve.

— Nik.

Parei, endireitando os ombros para me preparar. Achei que conseguiria escapar, mas era tarde demais. Marina não era minha mãe, mas assumiu o posto. Tínhamos um acordo. Eu ia e vinha como quisesse, e ela se reservou ao direito de me dizer se gostava ou não daquilo.

Minha mãe de verdade mal conseguia se cuidar, que dirá a mim.

Virando-me, dei uma mordida rápida no pão, esperando que isso sinalizasse que eu não estava a fim de falar. No entanto, ela se aproximou de qualquer maneira, os olhos azuis focados em mim enquanto me dava um sorriso simpático.

— Por mais que tente — disse —, seu irmão não pode parar o tempo. Não importa o quanto você se esconda por trás de suas roupas largas, você não pode se esconder para sempre. Seu corpo está mudando.

Senti na mesma hora minhas bochechas se aquecendo, e desejei desviar o olhar, mas não o fiz.

— E daí?

— E daí, que os homens já estão começando a notar isso também — ela apontou, com mais firmeza. — Você é uma garota bonita, e não acho que seja uma boa ideia... — Ela fez uma pausa como se estivesse procurando as palavras certas. — Acho que eles não deveriam mais tratar você dessa forma. Eles começarão a ter ideias.

Ela levantou as mãos e as esfregou em meus braços, acrescentando:

— Se já não o fazem. Você é uma mulher agora e seu corpo é seu.

Dessa vez desviei o olhar, inspirando profundamente.

Uma mulher. Eu não estava amadurecendo. Meu corpo poderia mudar do jeito que quisesse, mas eu nunca seria uma mulher. Nunca seria outra coisa senão o que já era agora.

— Está tudo bem crescer — Marina quase sussurrou como se estivesse lendo minha mente. — Não há problema em vestir e usar maquiagem como as outras mulheres, se é isso que você quer.

Contive uma risada amarga.

— Não vejo por que razão fazer isso. Eu não quero que esses caras me notem... — Levantei a cabeça e apontei na direção para onde os três tinham acabado de sair. — Por que chamar mais atenção para mim?

Por que se vestir e até tentar parecer bonita?

— Porque sim. — Marina sorriu gentilmente, tirando algo do bolso do avental. Observei enquanto ela destampava e torcia a base, fazendo o batom vermelho-cereja subir.

Ela ergueu meu rosto e me afastei por reflexo, mas parei quando ela começou a deslizar-lo pelos meus lábios.

Sorrindo depois de seu feito, ela girou meu corpo para ficar diante do espelho pendurado na parede próxima à despensa. Pisquei, surpresa. Eu evitava me olhar nos espelhos, recusando-me a encarar a mudança em minha aparência, mas não consegui desviar o olhar. Esfregando os lábios, senti algo há muito tempo esquecido. Uma descarga de adrenalina.

O vermelho parecia fazer minha pele morena brilhar de uma maneira que nunca havia notado antes, e meus olhos verdes penetrantes me encaravam de volta pelo espelho. Até meu cabelo parecia ter adquirido um tom mais profundo de castanho.

— Porque, em algum momento — continuou Marina —, aparecerá alguém cuja atenção você desejará.

E uma imagem de Kai me veio à mente. O que ele achou de mim hoje?

Marina se virou, voltando ao trabalho, e observei meu reflexo mais uma vez antes de subir a escada dos fundos.

As coisas estavam mudando. Meu irmão sempre me manteve para si mesmo e, apesar de ele ser o meu mundo, eu estava começando a sentir que poderia conquistar algo mais. Poderia desejar mais da vida.

Eu tinha dezessete anos. Não tinha amigos e nem havia frequentado a escola. O que faria no próximo ano quando meu irmão fosse para a faculdade? Eu podia ignorar como meu corpo estava mudando o tanto que queria, mas o tempo estava passando de qualquer maneira, garantindo que nossas vidas evoluíssem. Eu teria que ser uma mulher adulta, em algum momento.

Quando cheguei ao segundo andar, disparei pelo corredor em direção ao quarto do meu irmão, porém o ruído de algo arranhando chamou minha atenção, e estaquei em meus passos. Olhei em direção à janela no final do corredor, vendo a árvore do lado de fora chicoteando como uma bandeira perante a ventania. Eu me aproximei para observar.

O que Kai estava fazendo agora? Algum trote, festejando ou talvez fazendo uma das coisas que ele havia confessado mais cedo? Será que estava a caminho de um quarto privado em um clube particular ou fazendo algo que só em pensar, já me deixava magoada?

Olhando para baixo, notei um Charger vermelho — relativamente novo — com uma listra preta na lateral. Franzi o cenho. De quem era aquele carro? Eu não o reconheci.

Mas então um estalo soou ao longe, e inclinei a cabeça para trás, olhando para o céu enquanto ouvia o zunido que se seguiu. Isso era... fogo de artifício?

De repente, um segundo, terceiro e quarto estouros dispararam, soando como se viessem da floresta próxima, explodindo no céu; ouvi uma algazarra lá embaixo quando mais fogos começaram a disparar próximo da casa. Portas foram fechadas com força, e espiei por cima do corrimão, vendo os empregados correndo para os fundos da casa, provavelmente para conferir.

Que diabos estava acontecendo?

Eu me virei para averiguar, mas naquele momento algo cobriu minha cabeça, me afogando em escuridão. Comecei a ofegar em desespero.

— O quê? — gritei, assustada, meu coração quase saindo pela garganta.

Mãos agarraram meus braços, o pano sobre minha cabeça se apertou em volta do meu pescoço e meus pés foram erguidos do chão enquanto eu era carregada pelas escadas.

— Solte-me! — Eu me debati e esperneeiei. Que porra estava acontecendo? Quem eram eles?

Uma mão por cima do pano cobriu minha boca e, por mais que eu me contorcesse, seus passos duros prosseguiram pelas escadas. Quantos havia?

— Socorro! — gritei, abafado. Senti uma baita dor no estômago enquanto resistia com todas as minhas forças.

Ai, meu Deus. O ar frio atingiu minhas costas, onde a camiseta acabou se levantando na luta, e senti seus passos acelerarem.

— Coloque-a para dentro! — um deles ladrou. — Depressa!

Os fogos de artifício ficaram loucos, zunindo ao longe, e continuei a me debater, girando a cabeça para frente e para trás a fim de libertar minha boca.

— Socorro! — Meu grito abafado estourou.

Foi para isso que serviram os fogos de artifício. Uma distração.

Ouvi fracamente algo estalar e a voz de um homem zombou:

— Espero que você não se importe com espaços apertados, pequena.

Outra pessoa riu e, de repente, eu estava caindo, atingindo uma superfície alta demais para ser o chão. E então, qualquer luz que penetrava por trás do pano que cobria minha cabeça desapareceu, e uma porta se fechou acima de mim, isolando todo e qualquer ruído.

Espaços apertados. Tentei esticar os braços e pernas, sentindo-me confinada, como se estivesse em um caixão. O chão embaixo de mim estremeceu, e ouvi as portas do carro se fechando. Quando coloquei as mãos à frente, senti o estofamento acima. Eu estava

enclausurada. O motor rugiu e me dei conta. Eu estava no porta-malas. Imediatamente voltei a espernear.

— Não! — berrei, descontrolada. — Por favor! Deixe-me sair!

Arrancando o laço ao redor do pescoço, tirei o pano que cobria minha cabeça, enchendo os pulmões.

E então soquei o teto acima de mim. Gritei o mais alto que pude e fiz o máximo de barulho possível na esperança de que alguém me ouvisse.

— Deixe-me sair! — gritei, a garganta queimando enquanto uivava até a última gota de ar sair dos meus pulmões. — Ilia! Lev! David! Socorro!

Porra! O carro embaixo de mim se mexeu e eu rolei um pouco quando acelerou.

— Socorro! — Bati os punhos mais e mais rápido, enlouquecida. Quanto mais longe me levavam, maior a chance de eu nunca ser encontrada.

A música começou a ecoar do lado de dentro do carro, e meu caixão de metal vibrou abaixo de mim, o barulho abafando meus gritos.

— Ai, meu Deus — gemi, meus olhos cheios de lágrimas. — Por favor.

Comecei a choramingar incontrolavelmente, arfando enquanto deslizava as mãos por todo lugar, tentando encontrar qualquer coisa que pudesse usar como arma. Uma ferramenta, uma chave de roda, qualquer coisa.

Mas o porta-malas estava completamente vazio. Balancei a cabeça, resignada. Meu pai nunca viria atrás de mim.

Foda-se. Bati os punhos, socando a lataria acima de mim uma e outra vez, nem mesmo parando quando começaram a doer. Eu faria o que fosse preciso. Não ia ficar aqui deitada sem fazer nada. Poderia haver uma chance, mesmo que mínima, de que algum carro ou uma criança andando de bicicleta pudessem ouvir os meus gritos.

— Socorro! — berrei. — Socooooooooorro!

O carro deu um solavanco e eu fui jogada de um lado ao outro. Achava que havíamos virado em algum lugar, e, de repente, a velocidade diminuiu quando entramos em uma estrada de chão.

Mas continuei a me debater, esperneando e gritando. Virei para o lado e comecei a chutar contra o banco traseiro, esperando que houvesse alguma alternativa de fuga, já que sabia que esses bancos eram dobráveis, e permitiam a saída do porta-malas. Mas apesar de não saber em que tipo de carro fui jogada, tentei de qualquer maneira.

O carro foi desacelerando até que finalmente parou. Respirei fundo, tentando ouvir alguma coisa. Meus olhos inquietos vagavam pela escuridão; a música cessou, deixando o carro em silêncio. Ouvi as

portas se fechando. Quantos deles estavam lá? Pelo menos dois me carregaram para fora de casa.

O medo percorreu meu corpo e um pequeno soluço escapou. Cobri a boca com a mão trêmula quando uma lágrima deslizou pelo meu rosto.

Três batidas atingiram a tampa do porta-malas e meus olhos se arregalaram.

— Vá em frente e grite — disse a voz prepotente de um homem, a mesma de antes. — Não há ninguém por perto para ouvi-la agora.

Escutei as risadas abafadas, sem saber o que fazer. Eu queria sair daqui, mas ao mesmo tempo, não. O que eles fariam?

Mas outra voz soou, esta mais suave e profunda, a poucos passos de distância.

— Você disse que queria ser caçada, não é mesmo?

Minha respiração ficou presa na garganta.

Kai?

Franzi o cenho quando cheguei à conclusão. O medo se transformou em raiva, e meu olhar tentou abrir um buraco na lataria da tampa do porta-malas.

— Está vendo a pequena alavanca verde brilhando aí dentro no escuro? — ele perguntou. — Puxe.

Alavanca? O quê? Olhei em volta, finalmente avistando algo verde e brilhante no canto à direita. Era pequeno, mas facilmente visível, e eu não fazia ideia de como não tinha notado. Estendi a mão e puxei, e o porta-malas

imediatamente se abriu e foi inundado por uma fagulha da luz do dia.

Suspirei, me acalmando.

Abri a tampa e olhei para cima, vendo três deles em pé pairando sobre mim, seus olhos quase invisíveis por trás das máscaras. Uma risada veio do mais baixo à esquerda, da máscara branca e vermelha – Will –, e eu rapidamente enxuguei as lágrimas e saí dali de dentro.

— Idiotas! — rosnei, empurrando o que usava a máscara prateada, que eu sabia ser Kai.

Então avancei em Michael, em sua máscara avermelhada, batendo-lhe no peito. Eles podiam não saber muito sobre mim, mas eu sabia exatamente quem eram e as besteiras que gostavam de fazer simplesmente porque podiam. Não podia acreditar que eles fizeram isso! Garotos ricos brincando de serem maus.

Mas eles eram uma piada. Você não é realmente ruim quando só faz merda sob a segurança de nunca ter que sofrer as consequências.

E onde estava Damon? Olhei ao redor, em busca do quarto

Cavaleiro, mas exceto pelos carros no estacionamento, o local estava vazio.

— Isso não foi engraçado — resmunguei.

O do meio simplesmente olhou para mim, enquanto os outros dois riram baixinho, indo embora e nos deixando a sós. Eu os segui com o olhar, vendo-os desaparecer por entre as árvores. Mais de duas dúzias de carros estavam estacionados ao nosso redor no terreno de cascalho, mas não havia prédios, casas, apenas florestas e veículos.

Onde diabos estávamos? Parecia apenas uma clareira na floresta.

Eu me virei, vendo Kai se aproximar de mim, a máscara ainda sobre o rosto. Ele colocou uma mão na tampa do porta-malas e apontou para a alavanca que me orientou a puxar.

— Todo carro fabricado desde 2002 tem uma dessas — ele me disse. — Se isso acontecer com você novamente, já sabe o que fazer.

Fiz uma careta para ele.

— Se isso acontecer novamente, meu pessoal não será tão educado quanto antes.

David podia até implicar muito comigo, mas ele cortaria a língua deles se soubesse o que fizeram.

Então, de repente, Kai pressionou-se contra mim, me fazendo cair sentada outra vez dentro do porta-malas. Minhas pernas ficaram penduradas, enquanto eu o encarava, vendo o corpo longilíneo bloqueando minha fuga.

— Isso deveria ser uma ameaça?

Ele se inclinou, a máscara cruel a alguns centímetros do meu rosto, fazendo meu estômago revirar.

— Fui criado para ser um cavaleiro — disse ele —, mas se você enviar outros homens atrás de mim, chamar minha atenção será o pior erro que você já cometeu.

Dei um sorriso de escárnio forçado, mas um arrepio percorreu minha pele de qualquer maneira.

Ele se endireitou e retirou a máscara, revelando o rosto que eu conhecia. Seus olhos escuros, sob as sobrancelhas mais escuras ainda, me encaravam, desafiadores, e uma sensação de mau-presságio tomou conta do meu interior. No entanto, não desviei o olhar.

Uma leve camada de suor emaranhava as pontas do seu cabelo, deixando-os desgrehados de um jeito sexy. Era muito raro ele ter algo fora do lugar.

Sem dizer uma palavra, ele se afastou em direção à frente do carro.

Ouvi o barulho do cascalho desvanecendo até sumir. Olhei para trás, confusa.

O quê? Pulei para fora do porta-malas e o fechei com força,

olhando por cima do capô. Onde ele foi?

Para onde todos eles foram?

Um mar de carros se estendia à minha frente, árvores em todas as direções, e quando olhei para cima, vi as primeiras estrelas espreitando no céu de safira. O sol havia se posto há um tempo e logo escureceria.

Calafrios cobriram meus braços. *Merda.*

Torcendo a cabeça, avistei a estradinha não pavimentada por onde viemos. Aquele deserto sombrio na curva mais distante me deixou apavorada. Eu deveria ir por aquele caminho. Talvez assim chegasse à rodovia.

Mas a música animou meus ouvidos, e acabei seguindo pelo caminho por onde Kai se fora. O grito excitado de uma garota ecoou, e avalei a escuridão da densa floresta à frente, enquanto o som dos alto-falantes vibrava em meu corpo.

Todos esses carros, todas essas pessoas... eles estavam na floresta em algum lugar. Isso era uma festa.

Olhei para trás novamente. Eu deveria pegar a estrada. Ir para casa, pegar uma carona... qualquer coisa.

Mas ele me trouxe aqui, não é? Talvez eu estivesse um pouco curiosa, afinal, ele estava me desafiando.

Passando pelo carro, fui direto para a floresta. Alguém nesta festa teria um celular e eu poderia ligar para David. Ele me culparia por isso, mas manteria a boca fechada. Nenhum de nós queria sofrer as consequências por eu estar aqui.

Corri, olhando em volta enquanto as folhas douradas e alaranjadas farfalhavam debaixo do meu tênis. O cheiro de madeira queimada se infiltrou em meu nariz, mas, ainda assim, não tinha visto a fogueira ou qualquer pessoa. Onde eles estavam? Eu podia ouvir a música à distância, então continuei direto em meio à escuridão.

Olhei por cima do ombro para o estacionamento, a luz da clareira se tornando cada vez mais fraca.

Talvez aquela não fosse uma boa ideia, afinal de contas.

— Olá? — gritei.

Onde eu estava exatamente? Eu já havia feito caminhadas pela floresta, mas nunca me distanciei tanto. Tinha certeza de que os penhascos à beira do mar estavam a 800 metros à esquerda, a caverna *Loch Lairn* estava atrás das colinas à direita, então o Campanário deveria estar...

Bem ali. Olhei naquela direção, distinguindo a alta torre de pedra de dois andares e os imensos arbustos verdejantes ao redor.

O lugar estava em ruínas, parte de uma antiga vila que desapareceu há mais de cem anos, quando uma forte tempestade levou todo mundo mais para o interior a alguns quilômetros em busca de

segurança.

— Olá? — gritei de novo. Talvez alguém estivesse ali. — Oi?
Meu coração disparou. Estava ficando escuro.

— Kai! — berrei.

Meu pé ficou preso em um tronco e eu tropecei adiante, ouvindo um galho se partir à direita. Girei a cabeça de um lado ao outro, procurando a origem do som.

Nada.

Então um farfalhar de folhas soou atrás de mim, e me virei, ofegante.

— Quem está aí?

Vi algo preto e desviei o olhar de relance para a esquerda.

Kai estava lá, observando-me com o ombro recostado ao tronco de uma árvore.

Imediatamente recuei.

— O-o q-que você está fazendo?

Há quanto tempo ele estava lá? Se estava atrás de mim, então eu havia passado por ele no trajeto. Um calafrio percorreu minha espinha.

Ele deu um passo, sua máscara pendurada em uma mão.

Olhei ao redor.

— Onde está todo mundo? Por que me trouxe aqui?

Ele não respondeu, seus olhos fixos nos meus quando se aproximou. Que porra era essa?

Retrocedi um passo para cada um que ele dava à frente.

— Foi estupidez da sua parte me espionar hoje — afirmou, calmamente. — E um erro ainda maior se revelar mais cedo. Talvez eu nunca soubesse quem era você.

Engoli o nó na garganta, ainda me afastando. De repente, a música pareceu uma tábua de salvação, e ele provavelmente deduziu o que se passava na minha cabeça.

— Você *deveria* correr — disse ele, seu aviso frio e silencioso.

Deveria? Mas este era Kai. Eu não o conhecia, mas já o havia observado. Ele era o bonzinho da turma. O mais pacífico.

Ele estava brincando comigo.

— V-você... — gaguejei. — Você não fará nada.

— Como não fiz nada com aquela garota no chuveiro? — debochou. — Você acha que eu teria tido todo esse trabalho para trazer aqui só para deixá-la ir embora?

Talvez. Sim. Okay, não, mas...

— Veja bem, eu não gosto de ser provocado — continuou ele, uma das sobrancelhas arqueadas. — Respeito e reverência são importantes para mim, e você não demonstrou nenhum dos dois. Você precisa aprender uma lição.

— Isso não é verdade.

Eu o respeitei, sim. Não sabia que ele estaria naquele confessionário hoje. E ouvir sua confissão não foi intencional.

— Eu não tenho medo de você — declarei, mas meus pés traíram minha bravata, ainda recuando.

— Isso porque você acha que sabe o que está acontecendo agora.

E, de repente, colidi contra uma parede.

— Mas você não sabe — concluiu.

Congelei, sentindo algo atrás de mim. Lentamente, me virei para ver Michael parado ali, elevando-se sobre o meu corpo.

O quê? Olhei de volta para Kai, vendo um canto de sua boca curvado em um sorriso irônico.

Eita, merda.

Minha respiração ficou presa na garganta quando a máscara do esqueleto avermelhado de Michael me encarou, e entendi a sensação de paredes se fechando ao meu redor. Olhei para todos os lados. Nós estávamos aqui sozinhos. Eles e eu.

E o Will? Será que também estava aqui em algum lugar?

Segui outro rumo, movendo-me para a esquerda e me afastando dos dois. Eles andaram lentamente em minha direção; Michael tirando a máscara e depois o capuz e a camiseta, jogando tudo no chão.

Minha boca se abriu e o calor aqueceu minhas bochechas. Baixei os olhos quando seu torso tonificado, bronzeado por jogar bola ao sol, ficou bem à minha frente. Eu já tinha visto David e os caras sem camisa várias vezes, mas eles não eram assim.

— Ela é bonita — disse ele a Kai, os dois caminhando lado a lado em minha direção enquanto eu continuava recuando. — E parece que será fácil para nós lidarmos com ela. Juntos.

Ouvi a risada tranquila de Kai e dei outro passo para trás, chocando-me, de repente, contra uma árvore. Cravei as unhas na casca do tronco atrás de mim.

— Não tenha medo — Michael me disse, e olhei para cima apenas o suficiente para ver sua cueca boxer saindo por cima do cóis da calça jeans. — Somos bonzinhos. Nós somos muito bons.

Nós somos bons? Eles não estavam falando sério, não é?

Fugi. Sem olhar para trás, corri pela floresta e em direção ao lugar onde podia ouvir a música. Precisava arranjar um telefone, conseguir uma carona e voltar para casa. Pela primeira vez, o esconderijo onde sempre tive que ficar parecia muito bom agora. Meu irmão estava certo. Caras eram idiotas.

Ofeguei, forçando-me a correr cada vez mais rápido em minha fuga alucinada. Kai deixaria isso acontecer? Que eu fosse usada como um brinquedinho? Havia um ar sombrio e perigoso nele, mas ele

também era gentil.

De repente, Kai estava na minha frente, impedindo que eu seguisse adiante.

— Espere — disse ele.

Mas não me importei com o que tinha a dizer. Dei-lhe um empurrão e passei por ele, correndo. Acelerei meus passos, sem nem ao menos me dar conta de para onde estava indo.

Braços enlaçaram minha cintura, e fui erguida do chão quando um sussurro rouco soprou em meu ouvido:

— Não é o que você está pensando — ele me disse. — Era uma brincadeira.

Ah, melhor ainda. Algo para eles rirem.

— Por que você me trouxe aqui? — gritei, tentando me libertar.

— Shhh.

Ele tentou me acalmar, mas eu apenas balancei a cabeça. Eu só queria ir para casa. Se não fosse vista aqui, não poderia ser humilhada.

— Saia de cima de mim! — Eu me debati, sentindo-o tropeçar quando nós dois caímos no chão.

Pousei sobre ele e o ouvi gemer, mas quando tentei me sentar e me afastar, ele me puxou de volta e remanejou nossa posição para que ficasse acima de mim. Seu corpo se aninhou entre as minhas pernas, e ele segurou meus pulsos, prendendo-os acima da minha cabeça.

— Deixe-me ir — eu disse com firmeza. — Agora.

Mas ele ergueu um pouco o corpo, olhando para mim. Sua virilha se esfregou à minha, e tentei ignorar a onda de nervosismo.

— Diga — ele sussurrou.

— Diga o quê?

— Que você simplesmente me quer.

— Prefiro lamber uma casquinha de sorvete com lâminas de barbear — respondi, entredentes.

Ele sorriu.

— Você me deixou te tocar no confessionário hoje. Você gostou do meu toque.

Tentei acalmar a respiração, inclusive minha expressão.

— É mesmo? Eu mal consigo me lembrar.

Ele se remexeu entre minhas pernas, em desafio, e não fui capaz de conter um pequeno gemido.

Jesus.

Inclinando-se, roçou meus lábios com os dele.

— Fique aqui — ele pediu, calor enchendo seus olhos. — Eu gostaria que você ficasse.

Deus, ele estava em cima de mim. Nunca havia sentido o peso de alguém acima de mim dessa forma. A menos que eu contasse os

momentos em que lutava com os meninos quando estava crescendo, e mesmo assim, não era desse jeito.

— O que está acontecendo? — alguém perguntou. Levantei o olhar para ver uma garota chegar por trás de Michael, que estava próximo de Kai. Há quanto tempo ele estava ali?

Ela provavelmente veio da festa. Então devíamos estar bem perto.

Kai virou a cabeça, conversando com Michael:

— Vá para o cemitério. Já estou com essa aqui.

Seu amigo não respondeu nada, mas vi de relance quando passou ao nosso lado e, em seguida, jogou um preservativo em cima do meu braço.

Perdi o fôlego. O quê?

Michael saiu, levando a garota com ele, e Kai olhou para mim. Ele soltou meus braços, apoiando as mãos no chão.

— Pegue — ele me ordenou. — Ou corra.

Peguei e arremessei para longe de nós, em algum lugar atrás dele.

— Nós não precisamos disso — eu disse a ele, sem cair em seu blefe. — Você está apenas tentando me assustar.

Mas então ele moveu seu corpo, cutucando minha virilha com a dele, e senti o comprimento duro como aço dentro de seu jeans.

— Ah — gemi e depois cerrei os lábios. Que diabos?

— Nós *podemos* precisar dele — caçoou, um sorriso arrogante no rosto.

Meu clitóris palpitava, e me remexi embaixo dele, querendo mais.

— Quem é você? — ele perguntou.

Mas não podia lhe dizer. O confessionário havia sido um acidente, e eu não tinha nenhuma intenção de encontrá-lo outra vez. Achei que nunca mais teria que encará-lo.

Fixei-me em seus olhos escuros, querendo falar com ele novamente, como fizemos hoje. Querendo que me conhecesse. Mas eu não tinha permissão.

Em vez disso, pronunciei, baixinho:

— Estou com frio.

Foi tudo em que consegui pensar naquela hora.

Kai se levantou e pegou minhas mãos, puxando-me para cima. Mas ele não me soltou. Em vez disso, me levou na direção oposta de onde tínhamos vindo.

Para dentro do Campanário.

Olhei em volta, ainda ouvindo a música à distância, além de gritos eufóricos e risadas. Estávamos perto da festa. O que ele estava fazendo?

Tropecei pelo caminho, porém, sem resistir. Meu interior se revirava em nós da maneira mais emocionante. Era isso que eu queria, certo? Uma chance de estar perto dele.

A estrutura de pedra cinza tinha cerca da metade da altura de um farol, com uma câmara de sino no topo. Eu não tinha certeza se ainda funcionava, no entanto. Há muito tempo que o relógio estava parado; o imenso arco se abria para nós em seus portões fechados.

Entrei, observando tudo ao redor.

Algumas janelas se alinhavam às paredes, e dois bancos de pedra haviam sido construídos no local. Devia ser um ponto de encontro ou reunião anexado à torre, mas há muito já não existia.

Vasos escuros pendiam das paredes com rosas em decomposição da cor de cinzas. Vai saber há quantos anos estavam ali.

Um pouco de luz entrou, fazendo o vermelho, o azul e o dourado dos vitrais dançarem pelas paredes, e as escadas de madeira em espiral contornavam uma delas, desaparecendo de vista.

Kai soltou minha mão e pegou uma caixinha de fósforos, acendendo o pequeno toco de uma vela no parapeito da janela. A sala minúscula adquiriu um tom cálido e brilhante, e, de repente, fiquei muito consciente do quanto estava silenciosa, a música quase inaudível aqui.

A presença dele – a antecipação – era como um peso no meu peito. Deus, ele era lindo. Sua pele era um pouco mais escura que a minha – quente, bronzeada e luminosa. Mordi o canto do meu lábio, olhando para seu pescoço. Pude contemplar a veia saltada por baixo da pele e me perguntei como seria tocá-la.

Eu já havia visto a mãe dele uma vez. Seus lábios, sorriso e cílios eram iguais aos dela.

Mas Kai definitivamente também havia puxado o pai. A mandíbula angular, corpo esbelto, nariz reto, e apesar de seu cabelo ser grosso como o de sua mãe, era tão escuro quanto o do pai. Ele também herdou o olhar afiado do Sr. Mori... Tão afiado e severo que me intimidava.

Kai se virou, a luz das velas piscando em seus olhos, e ouvi o vento uivar nas árvores através do portão aberto.

— Como você me conhece? — ele perguntou, caminhando em minha direção.

— Todo mundo sabe quem você é.

— Você frequenta a nossa escola?

Neguei com a cabeça.

— Eu sou... educada em casa.

O que era, na minha opinião, a melhor maneira de descrever a situação. Eu só havia estudado até o sexto ano, e perdia mais aulas do que frequentava, até que meu irmão me fez mudar para sua casa e me

obrigou a fazer todos os seus deveres de casa, enquanto eu ficava no meu quarto o dia inteiro. E foi assim que aprendi álgebra e espanhol, e entendi como Shakespeare usou a corrupção, a traição e a decepção como temas para retratar culpa, pecado e retribuição. Ele frequentava as aulas, absorvendo apenas o suficiente para passar nos testes, enquanto eu fazia os trabalhos escritos, absorvendo apenas o suficiente para não ser completamente ignorante. Havia lacunas, é claro, mas fiz um bom trabalho de me disciplinar ao fazer suas tarefas e as leituras atribuídas a elas. Sempre fui inferior a todos à minha volta, e isso me fez querer subir na vida. Eu tentaria obter meu diploma, em algum momento.

— Eu sempre te vejo por perto — expliquei. — Meu irm... minha mãe cozinha para os Torrance.

Engoli em seco, a garganta parecendo um deserto. Isso era mentira. Marina não era minha mãe, mas era a explicação que decidimos dar às pessoas, já que meu pai não queria que ninguém fora de casa soubesse quem eu realmente era.

Nem meu irmão.

Finalmente olhei para cima, vendo Kai apenas me observando com, provavelmente, mais mil e uma perguntas em sua mente; perguntas que esperava que ele não fizesse.

— É melhor eu ir embora — disse a ele.

Tentei contorná-lo em direção à porta, mas ele bloqueou minha saída, parando à minha frente.

— Não. — Colocou as mãos na parede atrás de mim, me enjaulando. — O problema é que você ouviu toda a minha merda hoje, e eu gosto da minha privacidade. Como posso ter certeza de que você não vai falar nada? Como saberei se você não tirou uma selfie no confessionário e postou no Instagram, gabando-se de estar me dando algum tipo de penitência?

Ergui o olhar.

— Eu não... eu... — apressei-me em dizer, gaguejando. — Eu nunca faria algo assim.

— Por que eu deveria acreditar nisso?

Porque nem me ocorreu! Eu não era desonesta. Fiquei feliz quando ele começou a falar naquele confessionário.

— Porque eu... — Parei, vasculhando meu cérebro. — Eu nem tenho Instagram.

Ele inclinou a cabeça, seus olhos me repreendendo por uma resposta tão estúpida.

— Eu nem tenho telefone celular! — soltei. Eu nem ao menos tinha a capacidade de gravar sua confissão, caramba.

— Você não tem celular? — Ele parecia não acreditar em mim. — Todo mundo tem um telefone.

Aparentemente não.

Mas, antes que tivesse a chance de responder, ele colocou as mãos nos meus quadris, agachou-se e arrastou-as pelas minhas coxas.

Respirei fundo, tentando me afastar. Suas mãos deslizaram para a minha bunda, por cima dos meus bolsos traseiros e seus dedos apalpando um pouco mais.

— Você está de brincadeira? — reclamei. Ele estava me revistando?

Mas uma corrente elétrica atravessou meu corpo e senti a sala ao redor começar a girar. Ele estava me tocando.

Mantendo nossos olhares conectados, senti quando sua expressão mudou no instante em que suas mãos percorreram minhas costas, seguindo para minha barriga, em uma busca incessante pelo objeto que afirmei não possuir.

Então ele se levantou, inclinando-se para perto e ainda me encarando, enquanto uma de suas mãos passava lentamente pela parte interna da minha coxa, e uma pulsação atingia meu centro. Respirei fundo.

— Pare com isso — ofeguei, afastando suas mãos.

Um sorriso leve e arrogante cruzou seu rosto.

— Seus joelhos estão tremendo — disse ele. — Se soubesse que você era assim tão inocente, não teria deixado Michael, junto comigo, te provocar antes.

Respirei rapidamente, umedecendo meus lábios ressecados.

— Você já foi beijada?

Mantive a boca fechada, mas sabia que era uma resposta mais do que suficiente para ele.

— Vire-se — instruíu.

Eu o encarei com ceticismo.

Ele riu baixinho e me virou, inclinando-se contra as minhas costas. Eu podia senti-lo por cada centímetro do meu corpo: minha coluna, minhas pernas e meus braços. Ele abaixou a cabeça ao lado da minha, recostando nossas bochechas, roçando os meus dedos com os dele.

— Você sente isso? — ele sussurrou.

— O quê?

Seus longos braços cobriram os meus, minhas mãos descansando por dentro das suas.

— Você se encaixa em mim como uma luva. É um molde perfeito.

Sorri internamente, sentindo um rubor aquecer meu rosto.

— Por enquanto — eu disse. — Eu já parei de crescer, mas você provavelmente ainda não.

Os homens normalmente continuavam crescendo um pouco

mais que as mulheres.

Seu hálito soprou no meu ouvido.

— Então temos que aproveitar este tempo, não é mesmo?

Fechei os olhos, arrepios se espalhando pelos meus braços enquanto ele deslizava os lábios pelo lóbulo da minha orelha.

Ai, meu Deus. De repente, senti como se o meu corpo fosse composto por mil palitos de fósforos, que se acenderam para a vida, um após o outro.

Segurando minhas mãos, ele as colocou sobre minhas coxas e as fez subir pelo meu corpo.

— Está tudo bem? — perguntou.

Meu corpo tremia quando assenti. *Sim.*

— Você terá que se confessar novamente amanhã — brinquei.

— Por quê?

— Por ter me sequestrado.

Sua risada soprou em meu pescoço quando ele passou os lábios pela pele.

— Odeio te dizer isso, garota, mas aquele lugar é uma fraude. Não há penitência para mim. A menos que você queira ir comigo — acrescentou. — Para se purificar de alguns de seus próprios pecados, talvez?

— Não sou católica, lembra? Eu nem saberia o que fazer lá.

— Bem... — ele começou, parecendo repentinamente travesso.

Pegando minha mão, me levou até uma parede com um dos bancos recostados. Ele se sentou e me agarrou, puxando-me para si. Gritei de surpresa quando caí em seu colo.

— Primeiro, você entra e senta — instruiu, apertando meus quadris. — Você está sentada?

Virei a cabeça para encará-lo, e ele franziu o cenho, em um semblante sério como um professor.

Revirei os olhos.

— Estou agora, né?

— Então você faz o sinal da cruz. — Ele pegou minha mão direita e tocou as pontas dos meus dedos na minha testa. — E você diz: “Perdoe-me, padre, porque pequei”.

Eu o deixei me guiar, meu próprio toque no meu peito enviando arrepios por todo o meu corpo, enquanto ele me ensinava a fazer o sinal da cruz.

Nossos lábios pairavam a centímetros um do outro, e até tentei falar alguma coisa, mas apenas um sussurro saiu:

— Perdoe-me, padre, porque pequei.

— Esta é minha primeira confissão — instruindo-me no que dizer em seguida.

Cheguei um pouco mais perto, nossos lábios quase se

encontrando enquanto eu encarava sua boca.

— Essa é minha primeira vez.

Ele respirou fundo. Seus olhos pousaram em minha boca, e então ele colocou nossas mãos entrelaçadas sobre as minhas coxas, passando os dedos longos pelos meus.

— Jesus — ele rosnou baixinho.

Um sorriso curvou meus lábios.

— Então ele dirá: “E o que você gostaria de confessar?” — pigarreou, a voz severa de um “sacerdote” enviando uma agitação pelo meu estômago: — O que você gostaria de confessar?

Mordisquei meus lábios.

— Não sei se posso. Eu... — Respirei fundo. — Estou nervosa.

— Relaxe, minha filha. Você está nas mãos de Deus agora.

Ri baixinho. Gostei dessas preliminares. Eu sabia que não deveria me importar, mas não queria dizer algo estúpido para estragar a brincadeira. Eu não queria entediá-lo. Meu irmão sempre perdia o interesse pelas

garotas, em algum momento. Eu odiava pensar que Kai poderia se cansar de mim e querer ir embora.

— Um garoto me pegou, padre — eu disse, encarando os olhos dele.

— Ele fez isso?

Assenti.

— Dentro do Campanário, perto do cemitério. Sei que não deveria ter deixado, mas ele me agarrou e...

— Ele te afastou de todos os outros? — Kai provocou. — Para te pegar sozinha?

— Sim, padre.

Seus dedos cavaram o topo das minhas coxas e seus olhos se arregalaram, me incendiando.

— O que o deixou fazer com você? — repreendeu. — Humm? O que você permitiu que acontecesse?

— Ele me beijou no pescoço primeiro — confessei.

E Kai enfiou a mão no meu cabelo, entendendo a deixa quando, gentilmente, puxou minha cabeça para trás e afundou os lábios em meu pescoço, mordiscando de leve.

Suspirei e fechei os olhos.

— E gostei muito quando ele fez isso.

— Você conhece esses rapazes... — repreendeu, beijando e me mordendo de cima a baixo. — Eles gostam muito das coisinhas doces. Você tem que ser mais forte e resistir.

— Mas e se eu gostar disso também? — gemi, sentindo a pele formigar.

— Ele foi o primeiro homem a tocar em você? — o *padre* Kai

perguntou.

— Sim.

Ele gemeu.

Mordi o lábio inferior, assustada, mas continuei:

— E então ele colocou a mão debaixo da minha camiseta — revelei, suspirando profundamente ante minhas palavras. — Estava com tanto medo, mas sabia que ia acabar gostando do que fizesse. Eu estava tão ansiosa...

Eu queria mais. Queria que ele me tocasse nos lugares proibidos; que talvez acendesse a ira do meu irmão.

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim. Seus dentes estavam levemente à mostra, e notei uma protuberância abaixo de mim.

Envolvendo-me, ele lentamente retirou o moletom velho do meu irmão que eu estava usando, largando-o no chão. Em seguida, enfiou a mão por baixo da minha camiseta, mantendo seu olhar conectado ao meu o tempo inteiro.

— Posso apostar que você estava querendo isso — disse, os dedos roçando minha barriga. — Aposto que se esfregou nele para mostrar o quanto estava gostando do que ele fazia.

Gemi, percebendo a umidade entre as pernas.

— Sim.

Recostei a cabeça em seu ombro e rebolei os quadris, pressionando minha bunda contra ele um pouco mais. O comprimento duro por baixo era tão gostoso, que só ampliou o vazio no meu interior.

Estendi a mão e segurei seu rosto, imaginando se iria me beijar. Ele ainda não havia beijado minha boca. Mas, em vez disso, senti a mão dele subir mais alto por baixo da minha camiseta e isso me fez abrir os olhos, assustada, me lembrando do que havia por baixo. Ai, meu Deus, a faixa. A bandagem elástica que usava ao redor dos meus seios para deixá-los achatados.

Merda! Levantei-me às pressas, puxando a camiseta para baixo para me cobrir. Será que ele tinha visto? Meus olhos marejaram quando o constrangimento aqueceu minha pele.

Outras mulheres usavam sutiãs. Ele ficaria confuso e definitivamente perderia o tesão se visse o que eu usava por baixo. Ele pensaria que eu era esquisita.

— Está tudo bem — disse ele, as mãos afastadas. — Está tudo bem. Você não tem que fazer nada que não queira. Este lugar, esses joguinhos, não são para você de qualquer maneira. Eu não deveria tê-la trazido aqui.

Sim, eu sei. Foi apenas diversão para ele e a realização de uma fantasia para mim. O que eu estava pensando? Não poderia fazer isso com ele, de um jeito ou de outro. Seria algo impossível.

Ele segurou meu queixo e virou meu rosto para que o encarasse.

— Eu não quis te pressionar, okay? Eu sou um idiota — disse.

— Eu não quero te seduzir aqui. Você é diferente.

— Diferente como?

— Eu consigo conversar com você — respondeu. — E eu gosto de conversar contigo. Isso é uma coisa rara para mim.

Meus ombros relaxaram um pouco e ele acariciou minha orelha novamente, fazendo-me tremer.

— E eu quero que seja especial — continuou. — Quero te levar ao cinema, sair e passear de carro e te sentar no meu colo desse jeito, sempre que eu quiser. E quando estivermos prontos, faremos uma longa viagem até a enseada, onde minha família tem uma casa, e então, vou levar meu tempo com você, bem devagar. — Seu sussurro no meu ouvido enviou calafrios pelo meu corpo. — De forma que ninguém possa nos interromper durante a noite inteira.

Deus, eu queria isso. Queria acreditar que isso seria possível.

Mas, olhei para o tênis velho que herdei do meu irmão e para minhas unhas roídas, e percebi que estava me iludindo. Tentando escapar da minha vida e sonhando que talvez pudesse pertencer à dele.

— Ora, ora, estou chocado — uma voz profunda soou em algum lugar atrás de nós. — O santo Kai, prestes a afogar o ganso bem cedo, hein?

Meus olhos se arregalaram e nós dois paramos.

Não.

Uma risada sombria que eu conhecia muito bem veio a seguir, e, rapidamente, ajeitei a camiseta, afastando-me das mãos de Kai.

Não, não, não...

— Eu sabia que você ia dar as caras — disse Damon, sua voz se aproximando. — Quem é essa aí?

Eu me encolhi, desejando que o chão se abrisse.

— Dá o fora — Kai ordenou por cima do ombro. — Esta aqui não é para o seu bico.

Fechei os olhos, rezando silenciosamente e desejando ser invisível. *Por favor, vá embora. Por favor.*

Kai deve ter sentido os meus tremores, porque seu abraço se intensificou ao meu redor, tentando me transmitir segurança.

Mas então senti a presença *dele*.

Ele estava ali.

Seu olhar ardente incendiou meu rosto, e lentamente abri os olhos, vendo de relance, as botas pretas no chão à minha direita. Ao erguer a cabeça, constatei que Damon estava ao lado de Kai. Então seu olhar se conectou ao meu.

Uma onda de náusea me atingiu.

Ele parecia calmo, mas eu o conhecia. Sua boca ligeiramente aberta se fechou e a mandíbula flexionou. Foi um gesto sutil, mas os sinais, para mim, eram óbvios.

Meu irmão nunca foi calmo. Se ele não acertasse as contas comigo agora, em algum momento ele faria, quando eu menos esperasse.

Um sorriso de escárnio escapou dos seus lábios quando fingiu que não me conhecia.

— Até parece que eu ia me dar ao trabalho — disse a Kai, mordaz. — Ela é uma baranga do caralho. Você só pode estar brincando, né?

Seus olhos aterrissaram em mim, demonstrando indiferença. Ele não estava contando com minha aparência. Ele sabia como eu me vestia todos os dias. Afinal, eram suas roupas antigas.

Ele estava mantendo a mentira. Fora de casa, eu deveria fingir não conhecê-lo. Era um fantasma. Ele não queria que eu tivesse amigos e nem que seus amigos me notassem. Se alguém soubesse que era sua irmã, questionariam por que eu não ia à escola com ele, não me vestia tão bem e nem frequentava festas com ele. E se alguém soubesse que Gabriel Torrance era meu pai, questionariam por que eu não era tratada como uma filha. Muitas explicações para pessoas que não precisavam saber de nada.

— Há um monte de garotas bonitas por aí, cara, e você escolhe uma que se parece com um menino? — Ele pegou um cigarro e segurou entre os dedos. — Quem é ela, afinal?

— Não é da sua conta — retrucou Kai. — E não seja um babaca.

— Relaxa. — Colocou o cigarro na boca, acendendo-o enquanto falava. — Eu não tocaria nesse ratinho sujo nem se você me pagasse. Vá se arrumar um pouco, querida. — Soprou uma baforada de fumaça. — As mulheres são boas só para uma coisa, e até nisso você está deixando a desejar.

Eu me encolhi, querendo desaparecer.

Mas Kai deu um pulo na minha frente, o corpo tensionado quando gritou:

— Já chega!

— Ah, vá se foder. Estou saindo de qualquer maneira.

Ouvi os passos de Damon se afastando pelo chão imundo, mas não conferi, e supus que ele tivesse deixado a torre.

Engoli o nó na garganta. Uma coisa era meu irmão me encontrar em algum lugar onde eu não deveria estar, mas me pegar aqui com Kai? Não haveria dúvidas em sua cabeça do que ele havia interrompido.

Fiquei de pé, passando as mãos pelo cabelo e tentando arrumar minhas roupas.

— Ei, ele que se foda — Kai me disse, tentando aliviar o clima.
— Ele é um cuzão.

— Ele é seu amigo.

— E tem um motivo para que seja. — Ele se aproximou de mim. — Ele só tem um lado obscuro dentro dele, e desconta isso nas pessoas. Apenas ignore-o.

Peguei meu agasalho do chão.

— Tenho que ir.

Eu precisava sair daqui. Odiava quando ele ficava com raiva de mim. Pretendia ir para casa e ficar no meu quarto, e quando Damon chegasse mais tarde, ou de manhã, ele me encontraria dormindo exatamente onde eu deveria estar. Esperando por ele.

— Ei... — Kai segurou meu braço.

No entanto, afastei-me dele.

— Não vá embora.

Eu não queria, mas precisava ir. Ignorei o desejo ainda rugindo pelo meu corpo e passei por ele, fugindo dali.

— Ei! — Kai gritou atrás de mim.

Mas eu apenas corri, vestindo o moletom às pressas. As lágrimas caíam enquanto eu disparava pela floresta, mergulhando nas sombras escuras das árvores.

— Eu nem sei o seu nome! — Ouvi o seu grito atrás de mim.

Os músculos das minhas pernas pareciam estar pegando fogo enquanto eu corria em direção ao estacionamento e à estrada por onde chegamos.

Mas então, uma mão agarrou minha camiseta e me puxou de volta, e o cheiro dos cigarros do meu irmão se infiltrou quando meu corpo se chocou ao dele.

Respirei fundo e observei Damon se elevar sobre mim, a tranquilidade cuidadosamente mantida já não existia mais.

— Oh, você não é para o meu bico, tudo bem — rosnou as palavras que Kai usara antes. — Eu deveria arrancar cada peça de roupa do seu corpo agora mesmo. Tudo o que eu te dei. Eu disse que todas as mulheres eram vadias egoístas e mentirosas. Ele não pode ter você, e você não pode tê-lo. — Avançou em minha direção, o cheiro de bebida em seu hálito flutuando até minhas narinas.

— Damon, por favor? — implorei baixinho, colocando a mão em seu peito. — Eu não...

— Não me toque. — Deu um tapa na minha mão. — Eu disse para você não se corromper.

— Não aconteceu nada — assegurei, balançando a cabeça.

Mas ele apenas olhou para mim, fúria em seus olhos e mágoa

que tentou abafar em sua voz.

Ele segurou minha mandíbula com força, fazendo-me choraminger quando pressionou minhas costas contra uma árvore.

— Por que você fez isso? — ele resmungou. — Eu disse para nunca deixar um homem tocar em você.

— Eu não queria deixar isso acontecer — ofeguei. — Mas ele não me tocou em lugar algum, eu juro.

— Ah, sim, ele tocou. — Seus olhos se estreitaram. — E você gostou. Todas vocês, vagabundas, gostam disso. Você vai permitir que ele te afaste de mim. Você vai me ferrar, e se você fizer isso, eu vou te matar. Você me ouviu? Eu vou te matar, porra.

Meu estômago revirou, vendo seus olhos escuros me encarando como se eu fosse um lixo. Como se fosse sua mãe.

Eu havia perdido seu respeito. Ele achava que eu não valia nada. Ele me odiava. A última vez que fiz algo do qual não gostou, eu tinha treze anos, e ele não olhou para a minha cara por uma semana. Desde então, passei a ser muito cuidadosa com minhas atitudes.

Até agora.

— Por favor, Damon. — Eu nunca o tinha visto tão bravo. — Eu te amo. Você é tudo que eu tenho. Por favor. Cometi um erro.

Eu desejava tantas outras coisas, mas não se isso significasse perdê-lo. Eu não poderia perdê-lo.

Afastei a mão dele e me enfiei em seus braços, enlaçando sua cintura e enterrando a cabeça em seu peito. Eu o segurei com firmeza, com todos os músculos que pude reunir.

Por favor, me perdoe.

— Eu sempre fui boa — implorei. — Não farei nada errado de novo. Eu prometo. — Eu o apertei com mais força. — Eu sou sua. Eu te amo.

Ele estendeu a mão e agarrou meus braços, como se estivesse pronto para me empurrar, mas então parou. Mantive os olhos fechados, apenas esperando. *Por favor, não deixe de me amar.*

Ninguém mais no mundo me amava, exceto ele, que me protegeu, me afastou da minha mãe, manteve meu pai longe de mim e, se alguém tentasse me machucar, ele os machucaria mais ainda.

Às vezes, eu me sentia insegura, mas pelo menos nunca mais me senti sozinha.

A respiração de Damon se acalmou, seu peito subindo e descendo, cada vez mais devagar. Seus dedos em volta dos meus braços se afrouxaram.

— Você não pode tirá-lo de mim — disse ele em voz baixa. — E ele também não pode tirar *você* de mim. Entendeu?

Balancei a cabeça rapidamente, um pingo de alívio começando a se instalar.

— Eu sei. Vou me comportar.

Erguendo a cabeça, olhei para ele, as lágrimas secando no meu rosto enquanto mantinha meus braços ao redor de sua cintura.

— Eu não o quero. Só estava entediada — menti. — Quando você não está em casa, eu também não quero estar.

Quando ele estava ausente, eu ficava em nosso quarto o máximo possível, para não ter que esbarrar em nosso pai. Mas quanto mais velha me tornava, mais inquieta ficava.

Seu rosto se suavizou e vi um sorriso sutil aparecer.

— Eu sei. — Ele acariciou meu cabelo. — Um dia teremos nossa própria casa e você poderá ser livre. Ela vai ser gigante pra caralho, e você vai poder fazer tudo que quiser lá dentro. Ninguém nunca mais vai te olhar torto ou te tratar mal.

Forcei um pequeno sorriso diante daquele sonho que compartilhávamos. Aquele em que ele iria para a faculdade e voltaria por mim, e então desapareceríamos em alguma casa, bem longe, no meio de uma floresta ou nos confins do mundo. E dessa forma, eu não precisaria mais me esconder de ninguém.

Mas eu sabia que isso não era real. Nunca seria.

— O que houve?

Baixei o olhar.

— Alguém vai tirar *você* de mim, não é? — perguntei. — Uma hora ou outra, de qualquer maneira. Ela não vai me querer na sua casa.

Isso sem contar com o fato de que, quanto mais velha ficava, mais ansiava por coisas que Damon não queria que eu tivesse, mas, em contrapartida, *ele* também estava envelhecendo. Nós não tínhamos treze e doze anos. Tínhamos dezoito e dezessete, e Marina estava certa. Não podíamos parar o tempo. Em algum momento, será que ele não desejaria constituir família? Eu não poderia ficar ao seu lado e atrapalhar seus planos para sempre.

Mas ele apenas riu de mim.

— Você é uma merdinha muito burra. — Ele beliscou meu queixo, obrigando-me a encará-lo. — O que eu te disse? Existem peões, torres, cavalos e bispos, mas apenas uma rainha. — Ele sorriu de brincadeira. — Somos um par, Nik. Todo mundo vem e vai, mas não dá pra fugir do sangue. O sangue é para sempre.

O canto da minha boca se curvou em um sorriso. Suspirei, aliviada, por ele ter me perdoado.

Ele tirou o telefone do bolso do jeans e apertou as teclas. Provavelmente estava ligando para David, Lev ou Ilia virem me buscar.

— Eu posso ir caminhando para casa — expliquei, tentando detê-lo. — Está tudo bem.

Mas ele apenas levou o telefone ao ouvido, olhando para o nada por cima da minha cabeça quando ouvi o toque do outro lado.

Eles atenderam na mesma hora.

— Damon.

Reconheci a voz de David.

— Você nunca vai adivinhar quem eu encontrei a oito quilômetros de casa, no escuro, sem proteção. Você está demitido.

— Damon, eu não posso vigiá-la a cada segundo! — David ladrou. — Você quer que eu a amarre?

— Vá se foder. — A voz fria do meu irmão era como um corte lento e afiado de uma faca. — Você e os caras venham aqui para o Campanário e a peguem agora.

Não pude evitar a postura resignada. Eu sabia que tinha que ir para casa. Só que não queria ainda.

— E a levem para o cemitério — Damon concluiu.

Levantei a cabeça, sentindo o estômago dar cambalhotas. Sério?

Damon me deu um pequeno sorriso enquanto falava:

— Ela pode ir à fogueira, mas mantenha-a calada e afastem todos os caras de perto dela.

— Beleza. Chegaremos aí em quinze minutos.

— Cinco — meu irmão ordenou e desligou.

Mordi o lábio inferior, mas, mesmo assim, ele viu o sorrisinho que não consegui conter.

Ele levantou meu queixo outra vez, dando-me um olhar de advertência.

— Eles vão te cercar como uma parede, entendeu? Não me irrite e não deixe Kai te ver.

Acenei afirmativamente com a cabeça, tentando disfarçar minha empolgação.

— Desse jeito, você vai conseguir ver o que ele não quer que você veja. — O sorriso dele desapareceu. — Quem ele *realmente* é.

Capítulo 7

Banks

Dias atuais...

— Eu não faço parte do acordo. — Olhei para Gabriel sentado do outro lado da mesa dele. — Você pode enviar Lev ou David ou qualquer outra pessoa para trabalhar para ele.

— Sim... — Meu pai riu baixinho, deixando escapar algumas baforadas de cigarro antes que soprasse o resto. — Porque é exatamente para isso que ele quer você, não é? Limpar banheiros em seu *dojo* e bancar a cicerone dele por aí.

Levantei o queixo perante seu sarcasmo.

— Ele não me quer por... — Respirei fundo, hesitando. — Para isso. E se for essa a intenção, ele não vai conseguir nada de mim.

Kai podia muito bem querer que eu ficasse de quatro, prostrada, mas meu pai pensava diferente. Na cabeça dele, se Kai estava exigindo a minha presença, em particular, então ele me queria para nada mais do que diversão.

E isso ele não ia ter, porra.

Gabriel não sabia que eu havia conhecido Kai há muito tempo. Não fazia ideia de que já fui uma espécie de brinquete na mão dele. Porém, me recusei a ser um objeto em suas mãos. Ou seu brinquedinho.

— Você fará o que for preciso — ele disse.

— Eu não vo...

— Você fará exatamente o que eu mandar!

Cada músculo do meu corpo retesou. Cerrei a mandíbula, obrigando-me a manter a boca fechada. Uma camada fina de suor recobriu minha testa.

Damon.

Tudo isto era por Damon. Ele era a única razão pela qual fiquei nesta casa. Lembre-se do jogo final. *Encontre-o, traga-o para casa e mantenha Kai e o resto daqueles desgraçados longe dele.*

Os olhos inexpressivos do meu pai se apartaram de mim, desviando totalmente a atenção. Kai estava certo a respeito de uma coisa... Eu só era valiosa para Gabriel Torrance se servisse para algo. Soube disso no exato instante em que pisei neste escritório assim que cheguei da reunião com Kai. Sempre soube meu valor aqui.

Uma mulher não era boa para muita coisa nesta casa, então fiz o que estava ao meu alcance para que ele e meu irmão se esquecessem de que eu era uma.

Gabriel levantou-se da cadeira e caminhou lentamente ao

redor, o vento noturno uivando do lado de fora das janelas do escritório. Ao ficar à minha frente, ele se recostou à mesa, um pouco mais relaxado enquanto me oferecia um olhar condescendente.

— Você tem sido muito útil — disse ele, soprando uma bafurada antes de recolocar o charuto no cinzeiro. — Você é inteligente e demorou muito tempo para ganhar minha confiança, mas conseguiu. Sei que posso contar com você. Seu mundo inteiro é Damon.

Por mais que fosse verdade, não era nem um pouco lisonjeiro ouvir. Meu irmão era meu mundo. Mas da mesma forma que o amava mais do que qualquer outra coisa na minha vida, ainda assim, detestava a maneira como meu pai dizia isso.

Como se eu fosse o bichinho de estimação de Damon.

— Mas agora — Gabriel continuou —, você tem uma oportunidade de se provar inestimável. Ser insubstituível.

Importante.

Apesar do meu ódio pelo meu pai, da minha aversão a Kai Mori, Michael Crist, Will Grayson e Erika Fane, não consegui conter a fagulha de orgulho que se infiltrou.

Eu *era* insubstituível. Se meu pai ainda não havia visto isso, ele o faria. *Mesmo que seja a última coisa que verá na vida.*

Gabriel respirou fundo e se levantou, suavizando um pouco a expressão fechada.

— Isso é realmente perfeito — disse ele enquanto voltava ao lugar à mesa, quase demonstrando alegria. — Você poderá ficar de olho nele. Preparará a casa dele para o instante em que Vanessa chegar. Poderá passar um tempo no *dojo*, trabalhando para ele, treinando, seja o que for... Estará onde ele está e, dessa forma, poderá me avisar se houver algo com que deva me preocupar. Com ele ou o resto daqueles filhos da puta. — Pegou seu charuto e deu alguns tragos. — E se seu irmão sair do esconderijo e provocá-los novamente, você o protegerá. Não é mesmo?

Desviei o olhar. Claro que sim. Sempre fiz isso. Mas não queria me prestar àquela tarefa. Não podia estar perto de Kai todos os dias.

A raiva começou a ferver sob a minha pele.

Eu poderia argumentar. Poderia até abandonar tudo. Eu não amava meu pai e provavelmente tinha muito mais valia do que isso. Mas poderia proteger Damon ao permanecer ali, e se fosse embora, não teria mais nada, droga. Ele precisava de mim. Admitindo ou não, meu pai sabia disso.

Quando Damon foi preso na época da faculdade e enviado para a prisão, eu agi rapidamente, lidando com a situação bem antes de Gabriel. Consegui reunir uma gama de brutamontes lá dentro da cadeia para protegerem meu irmão, garantindo que ninguém o

tocasse; e quando ele saiu no ano passado, limpei todas as suas bagunças. E toda vez que nosso pai tentava controlá-lo – e ele não podia ser controlado –, eu fazia o mesmo de sempre. Eu deixava meu irmão mais velho exaurido, e fazia com que ele descarregasse toda a raiva até que já não sobrasse mais nada. Pelo menos por um tempo. Porque ela sempre voltava.

Damon, único filho e herdeiro de Gabriel, só ficava bem quando me fazia cuidar dele. Como uma espécie de guardião.

Gabriel continuou olhando para mim com um interesse súbito.

— Com quantos homens você já esteve? — ele perguntou.

Permaneci em silêncio e firme, mas minha paciência estava se esgotando. Com quantos homens eu já estive... Jesus.

Meu pai chegou perto de mim outra vez, invadindo meu espaço pessoal e me forçando a olhar para ele. Eu o encarei, sem disfarçar o desgosto que sentia.

— Você sabe trepar? — exigiu saber, sem rodeios. — Sabe como agradar a ele?

Ele.

Kai.

Senti um frio no estômago, e tentei me afastar de seu agarre, desviando o olhar.

Mas ele não cedeu. Ele lentamente tirou meu gorro, deixando-o cair no chão e começou a desabotoar meu casaco. O medo, de repente, se infiltrou, mas não o enfrentei e nem me opus. Eu o observei através dos longos fios escuros que agora pairavam sobre o meu rosto.

Meu pai nunca me tocou, mas eu sabia que o motivo provavelmente não tinha nada a ver com o fato de eu ser sua filha, e, sim, porque Damon não queria que *ninguém* me tocasse.

Respirei fundo quando ele deslizou o casaco pelos meus braços e afastou o cabelo dos meus olhos; o cheiro de óleo diesel nos fios, por trabalhar em uma das caminhonetes mais cedo, penetrou meu nariz.

Seus dedos percorreram minha pele, me avaliando. Ao erguer o meu rosto, ele me encarou como se nunca tivesse me visto quase todos os dias dos últimos onze anos.

Ele rodeou meu corpo, a mão deslizando pela minha cintura, e cerrei os dentes quando levantou a camiseta velha de Damon para olhar para minha barriga. Soltando a camiseta, seus olhos pousaram nos meus seios, assentindo em aprovação.

— Você não é virgem ainda, é? — perguntou, meio desconfiado quando não respondi nada. — Quer dizer, Damon cuidou disso há muito tempo, certo?

Bile subiu pela garganta, e empurrei suas mãos para longe de mim.

— Você é nojento — eu disse, sentindo as lágrimas inundando

meus olhos.

Como ele poderia ser tão vil?

Mas ele apenas riu e caminhou de volta à sua mesa.

— Aquele garoto transaria com um tijolo se estivesse molhado o suficiente. Não pense que não sabíamos o que acontecia naquela torre.

Eu podia sentir as lágrimas querendo se derramar, mas apenas rosnei e peguei o casaco do chão, deixando seu escritório.

Meu estômago revirou com a perspectiva do que ele esperava de mim. Eu era capaz de atirar, lutar, convencer todos os homens da cidade a gastarem mil dólares em uma prostituta que não valia mais do que vinte, se quisesse... Mas não seria passada de um homem para outro, como se fosse uma mercadoria de troca. Eu era muito mais do que isso. Eu era inestimável. Esta era a minha casa.

Não queria estar perto de Kai Mori ou de seus amigos.

Virando o corredor, subi correndo as escadas e ouvi a voz de David me chamando do piso inferior.

— Banks, preciso falar com você.

— Mais tarde.

Disparei para o segundo andar, pulando os degraus e avancei em direção ao canto oposto cuja porta de madeira escura ficava à minha direita. Tirei a chave do bolso, abri a trava e entrei.

O brilho suave das arandelas da parede iluminou outro lance de escada quando fechei a porta e tranquei-a. Subi mais um lance de escadas, deparando-me com o quarto em formato circular, o único no terceiro andar.

Perambulei pelo brilhante piso de madeira e abri a janela, empurrando suavemente as duas vidraças. A noite quente e nada usual de outubro estava se tornando um pouco mais fria por conta dos ventos súbitos; fechei os olhos, inalando o cheiro da terra e as folhas secas carregadas pela brisa.

Minha pele começou a formigar quando comecei a me sentir melhor. Este quarto representava outro mundo. O nosso. O de Damon e o meu.

Deixando a janela aberta, atravessei a sala e abri o laptop, clicando em uma *playlist*. Deitei-me na cama, agarrada a um travesseiro, quando *Like a Nightmare* começou a tocar.

Cheirei a franha, inalando a sutil fragrância de amaciante, fazendo minhas narinas formigarem. Eu sabia que não sentiria o cheiro do meu irmão, mas fiquei decepcionada de todo jeito. Já estava sem ele há muito tempo. E não aguentava mais ficar sozinha.

A roupa de cama era nova – eu a substituí há vários meses e limpei o quarto regularmente, apenas para me assegurar de que estivesse impecável, caso ele aparecesse. E por mais que não tenha

dormido aqui há mais de um ano, eu ainda esperava, toda vez que pisava aqui dentro, encontrar alguma evidência de sua presença em casa.

Coloquei o travesseiro de volta no lugar, as cores pretas, brancas e cinzas da fronha nítidas e perfeitas enquanto afofava e alisava as rugas do tecido.

Tudo tinha que estar perfeito.

Olhando ao redor do quarto, observei os pisos imaculados, as paredes escuras e as arandelas de ouro, as fotos em preto e branco que ele pendurou quando estava no colégio... Mulheres, pernas desnudas e pele luminosa, imagens não tão repugnantes, mas que, com certeza, exalavam sexo.

Eu não gostava de olhar para elas.

E então, erguendo a cabeça, avistei o outro pequeno lance de escadas situadas no canto. Envolto em sombras, os degraus levavam à “torre”, como a chamamos – uma pequena alcova com um espaço menor ainda no topo. Era cercada por janelas, quase como um farol, onde você podia vislumbrar as árvores do lado de fora até onde a vista alcançava. Esse foi o meu lar. Quando eu morava aqui.

Ainda abrigava meu colchão, um abajur e algumas roupas, para o caso de eu precisar novamente. Não que já tenha usado muito aquele espaço, mesmo quando morava aqui, pois Damon sempre fazia questão de me manter por perto.

Fui em direção à janela e me recostei contra a parede ao lado, deslizando meu corpo até me sentar no chão. Enrolei meu cabelo em um coque no alto da cabeça, e enfiei o gorro para cobri-lo novamente.

Por fim, relaxei a postura e fechei os olhos, segura de que ninguém poderia me ver agora. Não que eu tenha sido vista, de qualquer maneira. No entanto, gostava de observar as outras pessoas. Mais ou menos da mesma forma que Kai fazia.

Muito tempo atrás, eu o observei à distância, uma parte minha o desejando com ardor. Achei que ele era bom.

Fiel. Bonito.

Mas ele poderia ser mais assustador que Damon.

E meu irmão, Damon Torrance, havia sido um pesadelo desde a primeira vez que o conheci. Um pesadelo requintado.



— Ajeite essa meia para cima — minha mãe ordenou, assim que fechou a porta do lado do passageiro.

Inclinei-me e puxei a meia escura na altura do joelho, nós duas de pé ao lado do carro parado do lado de fora de um grande portão preto.

Estava aberto e os carros estavam entrando constantemente. Mamãe disse que havia uma festa hoje. Era uma boa hora para vê-lo.

— Lembre-se do que eu lhe disse. — Ela abotoou meu cardigã e ajeitou a blusa por baixo. Desviei o olhar, impaciente. Tinha doze anos, e ela me vestia como uma criança de cinco.

— Se ele começar a ser grosso — a voz tremendo tanto quanto suas mãos —, você precisa me ajudar, okay? Diga a ele que precisamos de dinheiro. Se não conseguirmos ajuda, Nik, você terá que deixar o apartamento, seu quarto e todas as suas coisas. Você vai acabar tendo que dormir na casa de estranhos. E eles podem tirar você de mim. — Ela agarrou meus ombros, respirando com dificuldade. — Você quer ir para casa hoje à noite, não é?

Acenei.

— Então dê um sorriso bonito! — Jake, o namorado dela, gritou comigo pela janela aberta do carro.

Sim, dê um sorriso bonito. Seja legal com alguém que nunca foi legal com você. Que nunca quis conhecê-la. Meu estômago estava revirando e não conseguia fechar os dedos. Eu me sentia fraca.

— Aprese-se, Luce — disse ele para minha mãe.

Sabia por que ele queria que nos apressássemos e para quê queria dinheiro. Os dois queriam. Claro, se tivéssemos a sorte de conseguir alguma coisa, eu seria alimentada e teria, talvez, algumas roupas e sapatos usados. Minhas meias eram tão velhas que não se encaixavam mais direito, e eu estava lavando meu cabelo com sabonete em barra há um mês.

Mas eles apenas festejavam com o resto do dinheiro. Toda vez que tínhamos algum, ele ia embora antes mesmo que pudéssemos respirar.

Minha mãe pegou minha mão e a seguiu pelos portões e pela longa entrada. Olhando em volta, meu coração doeu na mesma hora. Era tão bonito ali. Uma imensidão verdejante em ambos os lados do caminho escuro, árvores, arbustos e o cheiro de flores... Deus, como seria a sensação de simplesmente correr por ali? Dar cambalhotas, escalar os carvalhos envelhecidos e fazer piqueniques na chuva?

Olhando à frente, vi a casa, a construção branca e deslumbrante contrastando contra o céu. Carros circulavam pela entrada, e pontos vermelhos salpicados e espalhados ao redor da mansão; achei que deveriam ser roseiras, embora ainda não estivesse perto o suficiente para afirmar.

Mas quanto mais nos aproximávamos, mais nervosa ficou ficava. Queria estacar em meus passos. Queria me virar e dizer:

— Vou roubar comida da lojinha de conveniência no fim da nossa rua, se for preciso. — Eu já fiz isso antes. Precisávamos de leite e cereais, e minha mãe me pediu para consegui-los. Se eu fosse pega furtando lojas, como menor de idade não teria tantos problemas quanto ela.

Seguimos adiante, e ela me deteve um pouco antes de chegarmos à

porta. Ela se agachou, o casaco longo era a única coisa que tinha para encobrir suas roupas baratas.

Segurou meus ombros e olhou para mim, com um olhar entristecido.

— Sinto muito — disse ela. — Criança nenhuma deveria passar por isso. Eu sei. — Ela olhou em volta, chorando e parecendo desesperada. — Saiba que sempre quis que você tivesse tudo. Porque você merece, entendeu?

Eu apenas a encarei, começando a sentir os olhos lacrimejando. Minha mãe era muito confusa, e nem sempre me colocava em primeiro lugar. Odiava as situações em que me colocava, às vezes, mas... sabia que me amava. Não que parecesse o bastante, mas sabia que tentava.

— Gostaria de poder levá-la embora e comprar uma casa dessas pra gente — disse, melancolicamente. — E tudo que pudesse te fazer sorrir. — Ela se levantou, alisando as pregas do casaco. — Acaba comigo que o merdinha do filho dele consegue tudo o que quer, mas você não recebe nada.

Damon. Filho do meu pai. O único filho que ele reivindicou.

Ela só o mencionou algumas vezes, não que já o tivesse conhecido. Ele tinha acabado de nascer quando minha mãe engravidou de mim, mas tínhamos ouvido várias coisas ao seu respeito ao longo do tempo. Ele parecia ser do tipo problemático.

Ela segurou minha mão novamente e me levou até a porta, onde um criado estava postado e cumprimentando os convidados quando entravam.

Uma mulher em um vestido brilhante me encarou, estreitando o olhar ao avaliar o estado das minhas roupas. Virei a cabeça para o outro lado.

As pessoas entraram na casa e nós as seguimos, mas o homem na porta colocou a mão no ombro da minha mãe.

— Com licença. Quem é você?

— Eu preciso ver Gabriel.

O homem vestindo um colete branco pôs-se na frente dela, bloqueando seu caminho.

Olhei ao redor dele, vendo todas as pessoas chiques de ternos e vestidos passando por uma porta para os fundos da casa.

— O Sr. Torrance está entretendo convidados agora — informou.

Minha mãe me abraçou, respondendo categoricamente:

— Essa aqui é a filha dele, e se eu não o vir agora, vou percorrer sua pitoresca vila aqui, em Thunder Bay, e fazer um escarcéu.

O homem franziu os lábios e notei que algumas pessoas ao nosso redor se viraram para olhar. Eu me encolhi por dentro. Gabriel se importaria se ela fizesse isso?

O criado acenou para o homem que estava ao lado da parede e ele se aproximou. Meu coração disparou, vendo-o apalpar minha mãe de cima a baixo.

Quando o guarda corpulento terminou de conferir o corpo dela, ele se aproximou de mim, passando as mãos pelos meus braços. Eu me afastei e o empurrei.

— Mantenha as mãos longe dela — exigiu.

Trêmula, tentei me esconder atrás dela o máximo que consegui.

— Siga-me — disse o empregado, que abriu a porta.

Ele nos levou pela casa, e observei tudo em volta, avistando uma biblioteca, um escritório e algum tipo de sala de estar. Tudo estava mergulhado em penumbras e quase tudo era feito de madeira: as escadas, os móveis, algumas das paredes... Passamos pela escadaria e detectei uma figura parada no topo dos degraus. Olhei para cima.

Um garoto estava imóvel, recostado contra a parede, com os braços cruzados. Ele nos encarou, seguindo-nos com o olhar enquanto passava. Seu cabelo era escuro como o meu, mas seus olhos eram quase pretos, entrecerrados e quietos. Mas algo em seu olhar me fez recuar. Era ele?

— Espere aqui — disse o homem.

Minha mãe e eu paramos do lado de fora de uma porta, enquanto o homem mais velho sumiu em um canto da casa.

Ela segurou minha mão com as suas. Fez a mesma coisa alguns anos atrás, quando a Assistência Social chegou em nossa casa, e nas raras ocasiões em que tive uma professora insistente que se esforçou para convencê-la a participar das reuniões de pais e mestres. Estava nervosa.

Ouvi as passadas pesadas no assoalho. Meu coração quase saltou pela garganta e preendi o fôlego por um momento.

Uma sombra surgiu no chão e, quando olho para cima, vi um homem alto e bem-vestido avançando em nossa direção.

Cabelo preto com fios grisalhos, belo terno e camisa também pretos, sapatos brilhantes... Eu o encarei com os olhos arregalados, a respiração presa na garganta quando inalei seu forte perfume – uma mistura de colônia e tabaco.

Ele se postou muito perto da minha mãe, a voz soando com tanta maldade que minhas mãos começaram a tremer.

— Você sabe o que é mais trágico do que uma pobre prostituta viciada? — ele disse, ríspido. — Uma pobre prostituta viciada morta.

E então olhou para mim.

— Sente-se — ordenou. — Agora.

Respirei com dificuldade – o máximo que consegui – e desabei no banco, mexendo as mãos nervosamente. Ele empurrou minha mãe pela porta, e vi uma mesa e alguns livros antes que ele a fechasse.

Ai, meu Deus. Que droga... Ele era tão mau. Por quê? Sabia que minha mãe era problemática, e ela poderia incomodar até mesmo a mim, às vezes, mas eu não fiz nada.

Pisquei para tentar afastar as lágrimas repentinas. Não queria estar

aqui. Essas pessoas eram horríveis. Minha mãe disse que meu pai é dono de uma empresa de comunicação social e faz parte do conselho administrativo de outras – seja lá o que isso significa –, mas também havia outras coisas que ele fazia. Ela trabalhou para ele, mas não me contou com o que.

Eu só queria ir embora. Não queria ter nada a ver com ele, e não queria saber de mais nada.

Um movimento atraiu minha atenção e, quando olhei para cima, vi o garoto de olhos escuros descendo o corredor. Ele parecia relaxado e se recostou contra a parede mais próxima, segurando uma garrafa verde pelo gargalo enquanto olhava para mim.

Umedeci meus lábios, sentindo um arrepio súbito ericar todos os pelos dos meus braços. Desviei o olhar, envergonhada, mas eles continuavam sendo atraídos para ele.

Sua calça preta e sapatos de couro pareciam ter sido escolhidos por alguém, mas a camisa branca estava parcialmente desabotoada e com as mangas arregaçadas. Seu cabelo estava penteado, no entanto. O olhar firme estava concentrado em mim, adornado pelas impressionantes sobrancelhas escuras. As minhas eram arqueadas como as dele, e minha mãe dizia que isso fazia com que o verde dos meus olhos fosse intenso e penetrante, mas esse efeito também acontecia com o tom escuro dos dele.

Ele tomou um gole da garrafa – acho que algum tipo de cerveja, embora não parecesse muito mais velho que eu.

Ouvi uma discussão acalorada e abafada por trás da porta, e levantei meu olhar para ele outra vez. Meu pai parecia saber quem sou. E esse garoto?

— Você é meu irmão? — perguntei.

Seus lábios se curvaram em um sorriso divertido, e ele não pareceu nem um pouco chocado com a minha pergunta.

Andando até mim, parou quando suas pernas colidiram com as minhas, e bebeu o restante do líquido da garrafa de uma só vez. Observei o movimento de sua garganta antes que ele enfiasse o gargalo na terra de um vaso de plantas em cima da mesa.

Ele se inclinou, uma mão plantada na parede acima da minha cabeça e a outra acariciando meu rosto. Eu recuei, mas não tinha para onde ir.

A cerveja em seu hálito se infiltrou em meu nariz quando ele se aproximou, e senti um suor frio irromper no meu pescoço. Ele ia me beijar?

Sua boca pairou a centímetros da minha enquanto seu olhar se manteve conectado ao meu.

— Você gosta de cobras?

Cobras? O quê?

Balancei a cabeça.

Uma faísca ilumina seus olhos, e ele, de repente, se levantou e

segurou a minha mão.

— Vamos.

Ele me puxou do banco e eu o segui aos tropeços.

— Não, espere — disse. — Acho que devo esperar pela minha mãe. Não quero que ela fique brava.

Mas ele continuou me arrastando pelas escadas, e eu não discuti. Se o fizesse, ele poderia ficar bravo também. E se eu o deixasse bravo, isso poderia deixar meu pai mais bravo ainda.

Ele me puxou atrás dele, segurando meu pulso, irritando um pouco a pele com seu agarre enquanto nos apressava ao redor do corrimão no topo da escada. Quando chegamos ao final, ele abriu uma porta e me puxou para dentro. De repente, estava na escuridão, com apenas um pequeno brilho acima. Meu coração estava batendo tão forte que senti náuseas. Onde estávamos?

O garoto me puxou e eu o segui, mas meu pé enganchou em alguma coisa e eu tropecei. Segurei a parte de trás de sua camisa para não cair e percebi que estava em uma escada. Ele continuou e eu me agarrei à parede, tentando me equilibrar enquanto subia a ladeira íngreme. Existia um terceiro andar na casa?

Chegamos ao topo, e ele abriu outra porta, empurrando-me. Calafrios se espalhavam pela minha pele, e eu choraminguei baixinho, de repente, assustada. E se minha mãe não pudesse me encontrar? E se meu pai a fizesse sair, mesmo sem mim? Por que estava aqui em cima?

Ele iria me deixar sair?

Cobri as mãos com a manga do casaco, agitada, e olhei em volta rapidamente. O quarto bagunçado tinha uma cama grande e desarrumada, pôsteres nas paredes e alguma música de heavy metal que falava sobre alguém querer “ir para o inferno” tocando em alto-falantes que não conseguia ver.

Inspirei pelo nariz e senti o cheiro sutil de cigarros.

Enquanto ele se dirigia para o computador e abaixava o volume da música, não consegui conter o medo, associado a um pouco de admiração. Damon deveria ter treze anos, e estava bebendo e fumando? Ele podia fazer o que quisesse. Como um adulto.

Ele se virou e curvou o dedo para mim, chamando-me e, apesar de estar preocupada, não ousei recusar.

Segurou minha mão e levou-me até uma cômoda comprida de madeira, com dois aquários em cima. Um deles tinha areia com um grande galho e uma espécie de piscina, e, o outro estava revestido com palha, folhas e mais galhos. Na esquerda, vi uma cobra listrada vermelha, preta e amarela.

Meu coração pulou uma batida. Por isso ele me trouxe aqui.

— Este é o Volos — declara. — E este é Kore. — Apontou a cobra branca no outro aquário, escondida dentro de um tronco escavado. Olhei

para as duas, hesitante, vendo as manchas vermelhas em sua pele.

Observei-o pelo canto do olho, preocupada que ele as tirasse dos viveiros.

— Elas... mordem? — perguntei.

Ele olhou para mim.

— Todos os animais mordem quando são provocados.

Eu me inclinei, olhando através do vidro. Esperava que se eu mostrasse interesse, ele não iria querer me assustar tirando-as dali.

Os tanques eram grandes e limpos, com muito espaço para se locomoverem. As cobras permaneceram imóveis.

— Elas não gostariam de ficar juntas?

— Elas não são filhotes — retrucou. — São animais selvagens. Elas não se dão bem e não gostam de companhia. Elas não fazem amigos.

Ele removeu o topo da gaiola à esquerda e eu imediatamente recuei um passo. Não.

— Se uma delas ficar irritada ou estressada — disse ele, estendendo a mão e pegando a vermelha, preta e amarela —, vai comer a outra.

Damon levantou as duas mãos, a cobra enrolada entre os dedos, e ele se virou para mim, com ela a centímetros do meu corpo.

Retrocedi mais um passo e ele avançou em minha direção, rindo.

— Como você pode pensar que eu sou seu irmão? Olha como você está com medo.

Ele enfiou a cobra na minha cara e eu gritei, minhas costas se chocando contra a parede.

— Não, eu não gosto de...

— Cale a boca — ele rosnou, agarrando minhas mãos com a sua livre.

Eu me debati, tentando me afastar dele, mas seu corpo aprisionou o meu e, enquanto ele segurava a cobra com uma das mãos, com a outra ele manteve meus pulsos em um firme agarre. Segurando-os acima da minha cabeça, comecei a chorar, meu peito se enchendo de pavor.

— Não, não, por favor...

— Cale-se.

Girei a cabeça de um lado ao outro, fechando os olhos com força enquanto ele me segurava lá.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou.

Minha respiração estremeceu e me recusei a abrir os olhos. Então, algo tocou minha bochecha, e eu tentei me afastar.

— Fique quieta ou ela vai te morder.

Eu ofeguei, instantaneamente, relaxando todos os meus músculos.

— Por favor — sussurrei, implorando.

Mas eu não me mexi. O toque retornou e era suave, como a água. Ai, meu Deus. Por favor.

— Olhe para mim — disse ele.

Meus pulmões estavam sem ar e, ainda assim, hesitei. Mas, lentamente, abri os olhos.

Vi um borrão vermelho, preto e amarelo à minha frente e estremeci com um grito reprimido. Ele a estava segurando na minha cara. Senti a língua pegajosa esvoaçar sobre minha pele e comecei a respirar rápido, meu peito quase explodindo com as batidas do meu coração.

— Shhh... — Damon disse, suavemente.

Eu me obriguei a encará-lo, e, de repente... minha respiração começou a desacelerar. Seu olhar penetrante estava focado em mim — e agora vi que seus olhos eram mais pretos do que castanhos. E estava aprisionada.

— Olhe para eles lá fora — ele instruiu, virando em direção à janela à minha esquerda.

Segui seu olhar, lentamente virando a cabeça para longe da cobra e vendo homens de preto esgueirando-se no gramado, dois manobristas de colete branco e um homem e uma mulher saindo de um carro preto brilhante.

— Quando eu entro em cena, todos eles desviam o olhar — sussurrou, olhando pela janela. — Quando falo com eles, suas vozes fraquejam. Eles nem deixam suas esposas, namoradas ou filhas frequentarem a festa se souberem que estou em casa.

Franzi as sobrancelhas em confusão. De quem ele estava falando? Dos empregados? Ou dos convidados?

— Eu sei de tudo, todo mundo faz o que eu quero e todo mundo me teme — continuou ele, voltando a olhar para mim —, e o dinheiro não compra isso. Dinheiro e poder não andam de mãos dadas. O poder vem de ter a coragem de fazer o que os outros não farão.

Ele arrastou o corpo da cobra sobre a minha boca e eu suspirei, me afastando novamente.

— Você não é nada como eu — rosnou em voz baixa. — Uma maria-ninguém imunda. Um erro.

Ele me liberou e deu um passo para trás, e eu rapidamente enxuguei as lágrimas que deslizaram pelo meu rosto.

Virou-se e sentou-se em uma cadeira imensa e estofada, acariciando sua cobra.

— Não deixe sua mãe voltar aqui de novo, entendeu? — ordenou, encarando-me. — Ou vou trancá-la em um armário com Volos.

Corri para a porta e agarrei a maçaneta, mas minha mão tremia com tanta força que não consegui girá-la.

— Não é minha culpa — deixei escapar, virando a cabeça em direção a ele. — Que minha mãe engravidou de mim. Por que você quer me machucar?

— Você não é especial. — Ele levantou Volos e olhou para ela, agindo como se eu nem estivesse aqui. — Há muitas pessoas que quero

machucar. E talvez um dia eu o faça... quando descobrir a melhor maneira de me livrar de um corpo.

Ele deu um meio sorriso, agindo como se estivesse brincando, mas não tinha certeza se estava.

— Eu sou especial — disse. — Meu professor diz que sou a mais inteligente da minha turma.

— Não importa. — Ele deu de ombros. — Em cinco anos, você estará trepando no banco traseiro por vinte dólares, assim como sua mãe.

Meu estômago estava doendo e quase me engasguei com a tosse. O quê? Como ele podia dizer algo assim?

— Damon? — Uma voz soou.

Estava vindo do sistema de alto-falantes na parede, ao lado da porta.

— Damon, sua mãe quer você — disse a voz da mulher, sem esperar que ele respondesse. — Ela está no quarto dela.

Virei a cabeça e o encarei, franzindo o cenho quando notei sangue escorrendo pelo dedo. A cobra, de repente, o atacou de novo, e me vi sem fôlego. Ele a estava apertando com muita força. Por que estava fazendo isso?

Mas ele apenas encarou a parede adiante, com os olhos pesados como se estivesse perdido em pensamentos. Ele ouviu a mulher no interfone?

— Damon? — disse. Essa cobra não é perigosa, né? Ele não manteria um animal venenoso aqui.

O que havia de errado com ele?

Ele finalmente levantou os olhos.

— Saia.

Jesus. Que idiota. Abri a porta e dei um passo. Mas então parei e girei mais uma vez.

— Um cemitério — eu disse. — É assim que eu me livraria de um cadáver.

Ele olhou para mim novamente, seus olhos entrecerrados, e levantei meu queixo, encolhendo os ombros.

— Eu encontraria uma cova recém-coberta. Dessa forma, eles não seriam capazes de dizer que foi escavada novamente. Coloque outro corpo lá dentro e cubra-a outra vez. É o que eu faria.

E fechei a porta, deixando-o ali dentro com seu olhar sombrio.

Exalei, respirando com dificuldade, mas de cabeça erguida.

Deus, ele era louco. E horrível e malvado, e por que perdeu toda essa atitude marrenta quando foi chamado no interfone? Por um momento, ele pareceu tão sozinho.

Ele tinha tudo. Por que estava tão bravo? Era eu quem deveria estar com raiva. Era a única que estava sozinha. Tinha um pai que não se importava comigo e uma mãe que me machucava e me obrigava a fazer

coisas que não queria.

Ele não sabia o que era sofrer. Ter algo para se zangar.

Minutos depois, quando minha mãe e eu fomos encaminhadas à porta de saída – de mãos vazias, é claro –, andei pela calçada e olhei para trás uma última vez. Damon estava parado na janela do quarto, observando-nos ir embora.

A ponta laranja de um cigarro queimou intensamente quando ele deu uma tragada, e travei meu olhar ao dele o máximo que pude, incapaz de desviar.

Não até que uma árvore se interpôs na minha linha de visão, e eu o perdi de vista.

Fui para casa com a última imagem dele naquele terceiro andar, solitário, o garoto moreno naquele quarto escuro, e me senti inquieta.

Ele não estava bem.

Sonhei com ele naquela noite.

E oito dias depois, ele apareceu na porta da minha mãe. Entregou-lhe nove mil quatrocentos e sessenta e dois dólares, um Rolex e alguns brincos de esmeralda.

E me levou para casa com ele.”



Descansei os braços sobre os joelhos dobrados, passando os lábios pelos dedos entrelaçados enquanto a memória desvanecia. Eu tinha doze anos na época, e aqui estávamos, onze anos depois, e este foi o lugar onde fiquei desde então. Meu pai permitiu que eu ficasse aqui, porque raramente negava qualquer coisa ao filho, mas minha guardiã perante os olhos da lei era Marina. Só para que meu pai não tivesse a tarefa tediosa de me levar ao médico quando eu estava doente ou de responder à polícia se eu me metesse em encrenca.

Mas eu pertencia a Damon Torrance.

E não sabia por que ele me quis. A princípio, não. E estava com medo de que coisas ruins acontecessem comigo.

E aconteceram.

Mas ele sempre cuidou de mim. Ele vasculhou sua casa a fim de encontrar qualquer coisa que pudesse usar para me comprar de minha mãe, que, em um mundo perfeito, teria desejado não ter feito o que fez, mas o dinheiro e a perspectiva, mesmo que ínfima, de que eu poderia ter uma vida melhor aqui em Thunder Bay a convenceram.

Principalmente, o dinheiro. Que foi gasto com a mesma facilidade com que foi ganho, e em muito pouco tempo. Ela tentou me recuperar várias vezes ao longo dos anos, talvez porque odiasse o que fizera, ou talvez só quisesse barganhar mais dinheiro, no entanto,

Damon tinha o que queria, e nem sequer lhe deu ouvidos. Não quando ele tinha quinze, dezessete ou dezenove.

E, para falar a verdade, nem eu queria isso. Podia ser estranho como as coisas aconteciam. Como as pessoas que você menos espera se tornam sua única tábua de salvação, e você se segura a elas com muita força, exatamente por não ter escolha. Não havia nada mais para te impedir de se entregar. Entregando-se à solidão, ao desespero ou ao medo. Ele me deu sua mão e eu a agarrei.

Poucos dias depois de chegar e me mudar para meu cubículo na torre, e passar horas e horas seguindo-o como uma sombra, fiquei cativada por ele. Eu o idolatrava e queria ser como ele.

Nós dois éramos a família um do outro.

Olhei para os terrários vendo Volos e Kore II se aquecendo sob as lâmpadas de calor. Eu me levantei e me aproximei, retirando a tampa para pegar Volos com cuidado, ajudando-o a se enrolar em minha mão. Já era para ele ter morrido. Kore faleceu anos atrás, mas Volos continuava firme e forte. Talvez à espera do seu mestre.

Ele descansou pacificamente, sem se mexer, enquanto eu percorria sua pele escamosa com meus dedos.

Após o primeiro encontro com Damon, pesquisei suas cobras na Internet na biblioteca e descobri que Volos era uma cobra-leite e Kore era uma cobra-do-milho. Ambas as serpentes não eram venenosas, bem como completamente inofensivas.

Embora o que Damon disse também fosse verdade.

Todo animal morde quando é provocado.

Capítulo 8

Banks

Noite do Diabo – Seis anos atrás...

— Você fica com a gente — David ordenou, abrindo a porta do carro.
— Se você me irritar, eu te levo arrastada para casa, não importa o que Damon diga.

Sim, eu sei. Você já me disse isso duas vezes.

Todos nós deixamos o SUV, Ilia e eu saindo pelas portas traseiras, enquanto David e Lev desciam pela frente. O alarme do carro travou as portas assim que começamos a descer a colina, seguindo em direção à área mais isolada do cemitério, onde a festa iluminava o céu escuro como breu assim como um vaga-lume brilhava à noite.

Depois que David e os caras chegaram ao Campanário mais cedo, eles me colocaram no carro e nos dirigimos pelo cemitério, pela entrada principal.

Puddle of Mudd eclodiu no ar e, quando observei a festa, desacelerei meus passos, admirada com a visão. Um mar de pequenas labaredas diante de nós, centenas de velas em cima de lápides, cercando sepulturas e revestindo os perímetros de vários túmulos. O belo gramado verde parecia quase preto em meio à escuridão, e era como se estivesse vivo com as sombras das chamas dançando sobre a grama.

E mais longe, bem à distância, ardia a fogueira, tão ousada e brilhante que seus estalidos podiam ser ouvidos daqui.

Alguém segurou minha mão.

Deparei-me com Lev parado ao meu lado, apertando meus dedos nos dele.

Tentei me afastar.

— Eu não sou um bebê — eu disse a ele.

Eu precisava que segurassem minha mão? Sério?

— Bem, você está se metendo em encrencas como um — retrucou. — Agora, se você realmente quiser alguma confusão, eu vou com você.

Não pude deixar de rir. Ele realmente era o meu favorito. Provavelmente por não ser tão mais velho que eu. Apenas alguns anos.

Circulando seu corpo, pulei de cavalinho em suas costas, obrigando-o a me soltar enquanto eu envolvia meus braços e pernas em torno dele.

— Ah, até parece... — disse em seu ouvido. — Se eu quiser confusão, só tenho que te seguir.

Ele grunhiu, reajustando sua posição com o meu peso adicional.

— Saia de cima de mim, pirralha.

— Você não quer me fazer chorar, não é?

Ele bufou uma risada, agarrando-me sob os joelhos e firmando seu agarre.

— De jeito nenhum.

— Vamos tomar algumas bebidas — David chamou, levando-nos para a festa.

Ilia acendeu um cigarro.

— Sim, vamos ver o que esses merdinhas cheios da grana acham que são as “bebidas pesadas”.

— Puxe o capuz — Lev me disse.

Segui as instruções, cobrindo-me enquanto descíamos rumo ao tumulto.

A expectativa estava me deixando zonha, mas eu não sabia definir se estava animada por estar em uma festa, ansiosa por ver Kai aqui, ou nervosa por conta das últimas palavras de Damon para mim. O que ele quis dizer? O que poderia me chocar depois de tudo que eu já tinha visto enquanto crescia? Eu não queria que nada arruinasse a imagem de Kai na minha mente.

Sim, definitivamente estava nervosa.

Vários grupinhos nos cercavam, algumas das meninas viraram a cabeça, seguindo os caras com os olhares. Não me surpreendia em nada. Não apenas parecíamos não pertencer a este lugar – com nossas roupas e sapatos sem marca e que custavam menos de cinquenta dólares –, mas os caras tinham realmente a aparência de criminosos.

David tinha um pouco menos de um e oitenta, e era o mais corpulento, mas o que o fazia se destacar mesmo era sua cabeça raspada e os braços fechados com suas tatuagens.

Ilia era o modelo. Ou poderia ter sido, provavelmente. Cabelo loiro, olhar sedutor, nariz afilado, mandíbula estreita – características que o faziam parecer um James Bond russo.

E Lev ainda era uma criança aos 21 anos. Sorriso contagiante, cabelo preto mais longo, raspado nas laterais, mais parecia pertencer a uma banda do que passar despercebido em Thunder Bay, incumbido de tarefas banais que um aluno da terceira série poderia realizar.

No entanto, eles eram bem atraentes. Só não para mim. Cresci ouvindo-os falar sem filtro algum, e fedendo a vômito após noites de libertinagem. Super sexy.

Isso mesmo, nojento. Então, não. Eles eram como Damon. Como irmãos.

Os caras pararam perto de uma caminhonete, cuja carroceria servia como uma espécie de bar improvisado. Pulei das costas de Lev enquanto David e Ilia pegavam copos e os enchiam no barril à frente.

Lev pegou uma garrafa de *Patrón* e serviu uma dose em um copo vermelho.

Pensei em pedir uma, mas, com certeza ele negaria. Não era como se eu nunca tivesse ingerido bebida alcoólica ou algo assim. Damon gostava de companhia quando seus amigos não estavam por perto, então eu já havia bebido cerveja, sangria, coquetéis... Só não em público. Eles provavelmente sabiam que meu irmão não iria gostar.

Olhando para trás, notei David e Ilia ainda rondando o barril, mas outro cara apareceu do nada e puxou conversa. Eles riam abertamente, parecendo relaxados. Pela primeira vez.

— Vem comigo? — perguntei a Lev.

Ele olhou para mim, hesitando por um instante antes de assentir. Lançando um olhar por cima do ombro para David, disse:

— Vamos dar um giro por aí. Daqui a pouco a gente volta.

As sobrelanceiras de David se curvaram em uma advertência.

— Não. Perca. Ela. De. Vista.

Vi quando Lev revirou os olhos e me cutucou, afastando-nos dali.

Demos a volta na caminhonete e seguimos à direita, em direção à fogueira, onde notei uma luta acontecendo nas proximidades. Não parecia ser nada sério, já que as pessoas estavam ao redor assistindo. Relanceei o olhar para a esquerda e direita, procurando pelo meu irmão.

E por Kai.

Mas não os vi em lugar nenhum. Eu sabia que na Noite do Diabo eles faziam seus trotes, então poderiam ainda não ter chegado. Mantive a cabeça baixa, no entanto. A pedido de Damon. Eu deveria apenas observar. Não interagir.

— Você vai fazer dezoito anos no próximo verão — ressaltou Lev. — Vai querer ir embora daqui?

Acenei em negativa, observando um garoto atirar marshmallows com um taco de hóquei, atingindo um grupo de rapazes.

— Eu não saberia para onde ir.

— Mas você sabe que pode, né? — ele me disse. — Você pode fazer o que quiser. Não precisa ficar com ele.

Eu o observei, estreitando o olhar. Ele não era de dizer coisas assim tão audaciosas. Desde quando ele se importava com o que eu fazia?

Não soube como responder.

Não era como se não tivesse pensado nisso. Sabia que as coisas mudariam em breve, mas não achava que seria para sempre. Eu ficaria onde estava até Damon sair da faculdade, e então... como ele disse,

estariamos por nossa conta. A ideia de partir para sempre – de viver sozinha, trabalhar sozinha, fazer amigos, ir e vir sem consequências – parecia exagerada demais para considerar. Mesmo se eu quisesse – o que não queria –, Damon não permitiria.

Desviei o olhar, baixando o tom de voz.

— Ele é tudo que tenho.

— E quem te disse isso? — retrucou. — Ele?

Eu o encarei. *Idiota.*

Então mudei de assunto.

— Vamos ver a luta? — Gesticulei em direção ao grupo de rapazes à distância e ele assentiu.

Passamos por mais lápides, e pude ouvir o burburinho da luta adiante. Eu estava acostumada a ver brigas, os caras lá de casa constantemente se provocavam quando estavam entediados. Até aprendi alguns movimentos.

— Quem é ela? — Ouvi uma mulher perguntar.

Eu e Lev paramos na mesma hora e, quando olhei para cima, deparei-me com uma jovem ruiva, os braços cruzados e olhando para ele como se ela estivesse a dois segundos de cuspir fogo.

Mas sem esperar que ele respondesse, a mulher se virou e começou a se afastar.

— Venha aqui — disse ele, agarrando o braço dela.

Mas ela se soltou de seu agarre.

— Vá se ferrar.

— Até quando? — retrucou, com o rosto colado ao dela. — Até a próxima vez quando seu namorado não puder te aliviar, princesa, e você vier me implorando por isso?

Meus olhos se arregalaram. Ele estava se pegando com uma garota de Thunder Bay? O que ele tinha na cabeça?

Para ela, era como se fosse apenas uma diversão com um bad boy pobretão. Não é possível que ele não soubesse disso.

A garota projetou o queixo para mim, fazendo uma careta.

— Quem é ela?

— Não importa.

Ela se virou e se afastou outra vez, o cabelo ruivo esvoaçando.

Ele olhou para mim.

— Fique aqui. Estou falando sério.

Ele a alcançou e a obrigou a entrar atrás de um túmulo, apenas as silhuetas de seus corpos visíveis.

— Onde ele está? — Lev perguntou, e avistei a coxa da garota se enrolar na cintura dele, ao mesmo tempo em que ouvi o som de tecido rasgando.

Ele? O namorado dela?

Ofegos, os dedos subindo a saia e... sim, isso era tudo o que eu

precisava ver. Eu não sabia o que estava acontecendo ali e não estava nem aí. Eu me virei, deixando-os.

Puxando o capuz para baixo e cobrindo os olhos, fui em direção à luta, ouvindo os aplausos quando um corpo atingiu o chão. Espiei por entre as lacunas da multidão, observando um lutador de cabelo escuro montar sobre o adversário, e bastou que erguesse a cabeça o suficiente para que o reconhecesse.

Meu coração quase saiu pela boca. Kai.

Seu cabelo estava encharcado de suor, e notei uma gota de sangue escorrendo do nariz. Eles prosseguiram a briga, rolando, socando e lutando, e me escondi atrás de uma imensa sepultura, espiando pela lateral.

Kai rolou de costas, segurando o pescoço do garoto acima dele, os braços flexionados e cada músculo definido enquanto mantinha o outro cara em um mata-leão. Abdominais trincados e o jeans, agora mais caído em seus quadris por conta da luta, aqueceram minhas bochechas.

O amigo do meu irmão era gostoso. Por que eu tinha que desejar logo ele?

Damon pode eventualmente se resignar ao me ver apaixonada por alguém algum dia, mas ele não toleraria que fosse seu melhor amigo.

Sorri por dentro, vislumbrando o quanto ele parecia estar feliz agora. Não que o tivesse visto muito, mas não me lembrava de já o ter visto com uma expressão tão descansada antes. Como se estivesse finalmente vivo.

Eu poderia observá-lo a noite toda.

Até que senti o cheiro familiar dos cigarros do meu irmão. Virando a cabeça, o vi soprar uma baforada de fumaça, jogar a bituca no chão e pisotear. Ele se postou atrás de mim, apoiando o braço na lápide.

— Então, era isso que você queria que eu visse? — perguntei a ele, enquanto observávamos Kai esmurrar seu oponente. — É preciso muito mais do que isso para nos chocar, lembra?

— Isso não. — Ele balançou a cabeça. — Apenas espere.

Voltei a olhar, esperando o grande mistério sobre Kai Mori se revelar. Eu não conseguia imaginar o que Damon achava ser tão chocante. Eu não era assim tão fácil de impressionar.

Ele suspirou ao meu lado, olhando em volta.

— Eles te deixaram sozinha de novo. Eu realmente vou matar alguém um dia desses.

Eu sorri, sentindo pena dos caras que deveriam me vigiar. Era um trabalho ridículo, sendo que eles eram preparados para muito mais.

— Você não é tão misericordioso. — Olhei para ele, deparando-me com algo no canto de sua boca. — E você tem mostarda no lábio. E está com bafo.

Ele abriu a boca e bufou na minha cara, o cheiro de cigarro e cachorro-quente – ou o que acabara de comer – agredindo minhas narinas.

Estremeci e me virei.

— A última garota não se importou — debochou. — Claro, eu não estava beijando seus lábios. Não os de cima de qualquer maneira.

Ele enlaçou meu pescoço e lambeu minha bochecha como um cachorro desleixado.

— Que nojo! — rosnei, empurrando-o para longe e limpando meu rosto. — Jesus.

Ele apenas gargalhou.

— Sim, é tudo que eu preciso, o “suco” de uma garota esparramado em cima de mim. Obrigado.

Ele bagunçou meu cabelo por cima do capuz, ainda rindo. Claro, seu prazer na vida era perturbar todas as pessoas ao seu redor, e eu não estava excluída disso. Nunca.

Eu me acalmei e voltei a contemplar a luta, vendo Kai levar um soco na mandíbula. Ele devolveu um gancho de direita e empurrou o oponente para trás. Os fios úmidos do cabelo castanho do garoto cobriram seus olhos, mas ele deve ter visto Kai avançando em sua direção, e esticou as mãos, acenando que precisava recuperar o fôlego.

Kai se virou, de frente para nós, e vi o sorriso em seu rosto. Meu sangue ferveu.

Todos aplaudiram quando o outro cara se rendeu, a luta finalizada tendo Kai como vencedor. Tentei conter meu sorriso, mas não por completo. Ele era bom. Muito mais do que bom. Ele provavelmente poderia ter terminado a luta bem mais cedo.

Eu o observei pegar a camiseta do chão e limpar o rosto e o corpo enquanto resgatava o fôlego.

E então o vi enfiar a camisa no cós da calça, quando uma loira agarrou seu cinto e o puxou para ela. Meu sorriso se desfez.

Ela olhou para ele com um sorriso tímido, e a expressão do rosto dele suavizou ao colocar as mãos ao redor dela, enquanto a encarava.

O que...

— Essa é Chloe — meu irmão informou, em um tom inexpressivo. — A namorada dele.

Minha respiração acelerou, e senti uma ardência súbita em meus olhos. Ele não tinha namorada. Quer dizer, ele *tinha*. Eu o tinha visto com garotas, mas...

Não. Ele não teria me encurralado na torre do Campanário, não

teria confessado todas as coisas que fizera, se tivesse uma namorada. Kai não era assim. Ele não era... Damon.

As mãos dele deslizaram até a bunda da garota, enquanto ela percorria os lábios ao longo de seu queixo. Ela parecia estar sussurrando coisas, porque ele respondeu com uma risada ou um sorriso.

Baixei o olhar, sabendo que não tinha o direito de ficar brava. Ele não era meu.

Apenas pensei que fosse diferente. E, sim, senti um pouco de inveja.

— Ele está sempre no clima depois da adrenalina — explicou Damon. — Uma luta, uma corrida de carros, observando alguém...

Ou perseguindo, concluí o pensamento, lembrando-me de tudo o que aconteceu hoje e como o que meu irmão disse fazia todo sentido. Kai gostava de preliminares.

— E ela está sempre aí para ele — Damon continuou ao meu lado, observando o casal à distância. — Além de nós, ela é uma das melhores amigas dele. Campeã estadual de tênis, capitã da equipe de matemática, trabalha no jornal da escola e compete com o Clube de xadrez... tudo o que o pai de Kai quer para ele. Uma namorada da qual se orgulhar. — Ele colocou a mão no meu braço, apertando suavemente enquanto eu observava os dois ao longe. Meu irmão continuou: — Alguém com oportunidades, ambição e motivação. E do ponto de vista de alguém que os viu em uma mesa de piquenique no verão passado, quando todos acampamos no litoral, ela parece ser boa de cama também.

Fechei os olhos perante a imagem projetada em minha mente. Lágrimas brotaram.

— Sim, ela gosta de foder, de verdade. Especialmente com ele — disse Damon.

Mantive a cabeça baixa, mas observei tudo através das lágrimas nos meus olhos, vendo suas mãos o tocando, seu corpo colado no dele.

Um ajuste perfeito.

— Eu te disse — sussurrou Damon no meu ouvido. — Os caras vão dizer qualquer coisa. E nós nem temos que mentir tão bem. As garotas querem acreditar. — Senti seu braço me circundar quando ele apoiou a bochecha na minha têmpora. — Mas seus olhos lhe dirão a única verdade que você precisa. Você sabe disso. Apenas olhe para ela.

Rapidamente enxuguei uma lágrima no canto do olho.

— É ela quem sai com ele... é esse o tipo de namorada que deveria se sentar no colo dele — continuou meu irmão. — É ela quem usará um lindo vestido de formatura ao lado dele em maio. Quem conhecerá seus pais e jantará com eles. É a garota que manda

mensagem para ele tarde da noite e o deixa de pau duro. Esse é o normal dele, Nik. Você tem um lugar, e não é com ele. Isso nunca daria certo.

Meu queixo tremia quando assenti. Sua minissaia xadrez ou meu jeans de segunda mão? Sua camisa apertada ou meu moletom enorme? Seu dinheiro, educação e todo o futuro à frente dela ou o meu... nada?

Balancei a cabeça. Foda-se ele. Eu não precisava de todas essas coisas, e se era isso que o interessava – aparências –, então eu estava melhor sem ele. Eu seria mais do que todos eles.

Dando a volta, me soltei do agarre do meu irmão e saí em direção oposta. Damon não viria atrás de mim. Ele sabia que eu estava fora de perigo agora, sem dúvida alguma, satisfeito consigo mesmo por ter me afastado de Kai.

Eu podia ficar com raiva do meu irmão por nunca proteger meus sentimentos ou entender algumas das coisas que eu queria, mas ele sempre me dizia a verdade na lata. Iludir meu pobre coração não me ajudaria em nada.

Ele era o meu melhor professor.

Olhei ao redor procurando por David, tirando meu moletom e o amarrando na cintura. De repente, estava me sentindo afogueada, a irritação formigando pela minha pele.

Perambulando pelo cemitério, conferi se eles não estavam perto do barril de bebidas onde os vi pela última vez; depois subi a colina, procurando dentre os pequenos grupos de pessoas em busca dos caras. Senti o ardor em meu estômago, a raiva se solidificando. Eu precisava chegar em casa. Não queria mais olhar para essas pessoas. Ou ouvir a música deles. Ou lidar com todo o drama. Eu queria sair daqui antes que Kai me visse. Ele pensaria que eu o segui.

— O que você acha dessa? — alguém falou.

Levantei a cabeça, voltando ao presente.

Quatro rapazes vagavam em torno de um tumulto aberto, dois deles sentados em lápides próximas. Acabei me afastando para uma área distante da festa, todo o barulho e iluminação agora para trás.

Merda. Será que aquele tumulto estava vazio?

— Parece ser do tipo que se assusta facilmente — disse outro, levantando-se e soltando uma baforada de fumaça. — Para mim, serve.

O quê?

Comecei a me afastar para ir embora, mas um deles parou na minha frente, me assustando.

— Quer participar de uma brincadeirinha? — ele perguntou, malícia iluminando seus olhos castanhos.

— Não.

— Chama-se Sete Minutos no Paraíso. — Ele segurou minha mão e me entregou uma moeda. — Jogue isso pra cima. Aquele de nós que a pegar, te leva até lá.

Lá? Paraíso?

— Não, obrigada. — Dei a volta, procurando por alguém. Pelo *moicano* preto de Lev, a cabeça raspada de David, a fumaça de cigarro de Damon subindo no ar...

— Jogue — outro cara exigiu.

— Vá se ferrar! — Joguei a porra da moeda nele e, de repente, cada um deles se jogou no chão atrás dela.

Merda! Eles se embaralharam uns nos outros, rindo, mas antes que eu pensasse em correr para longe dali, o carinha de olhos castanhos com a jaqueta de couro preta ficou de pé, erguendo o punho em triunfo, sem sombra de dúvida com a moeda em seu poder.

— Peguem ela! — ele gritou.

— O quê? — disparei.

Todos correram na minha direção, e eu recuei quando agarraram meus braços, machucando a pele dos meus pulsos enquanto me puxavam para frente.

— Não, não!

Mas eles não me deram ouvidos. Eles me balançaram por cima do buraco, e eu me contorci e esperneeiei, mas fui jogada daquela distância rasa até o fundo da cova obscura.

Aterrissei em um baque, e tropecei para ficar de pé; choquei-me contra a parede da sepultura, sentindo a dor súbita no meu pulso. Respirei fundo e pausadamente, girando ao redor para me assegurar de que o túmulo estivesse vazio.

Havia terra por toda parte, sob as solas dos meus sapatos... eu não sabia se era uma cova recém-escavada para algum enterro neste fim de semana, ou uma cova antiga apenas não funda o bastante por cima do caixão.

— Ai, meu Deus. — Pulei, tentando me agarrar à terra no topo, mas meus dedos deslizaram por ela. — Me tirem daqui! — berrei.

Tentei o outro lado, pulando desesperadamente, tentando me controlar.

No entanto, uma figura aterrisou à minha direita e deparei com Olhos Castanhos novamente.

— São apenas sete minutos — disse ele em um tom arrogante. — Quanto será de estrago que posso realmente te causar?

— Vamos descobrir! — um de seus amigos gritou de cima.

Olhos Castanhos sorriu e avançou sobre mim.

— Vem cá, querida.

— Pare! — Eu o empurrei, me virei e pulei o mais alto que pude, finalmente agarrando um pouco de grama.

Mas meus dedos resvalaram e eu caí novamente, desabando no outro lado da sepultura. Meu braço desnudo se chocou contra a terra molhada, as raízes proeminentes arranhando minha pele.

E, mais uma vez, o cara me encurralou. Ele me imprensou em um canto, segurando minha cintura.

— Qual o seu nome?

— Qual o *seu* nome? — retruquei, rangendo os dentes.

— Flynn.

— Ótimo. — Empurrei suas mãos para longe de mim, tentando me afastar do canto. — Espero que você goste de cobras, Flynn.

— Hã? — Confusão tomou conta da sua expressão, mas não me dei ao trabalho de explicar o método favorito do meu irmão na hora de torturar qualquer um que mexesse comigo.

Todos os músculos do meu corpo retesaram de tal forma, que eu os podia sentir queimando; ergui meu punho e o acertei na lateral da cabeça. Foi um golpe meio desajeitado, mas ele recuou e estremeceu de dor. Eu o empurrei, derrubando-o de bunda no chão.

— Socorro! — Saltei, batendo a palma da mão contra a parede de terra. — Deixem-me sair daqui!

— Eita, porra! — Ouvi os grunhidos acima, mas não conseguia ver ninguém.

Respirei fundo, nervosa, de olho no imbecil que tentava se levantar ao meu lado e no topo do túmulo, agora vazio. Onde diabos estavam seus amigos?

E então alguém se aproximou da beirada da sepultura, ofegando enquanto olhava para baixo.

Kai? Por que ele não estava com sua rainha loira do baile?

Ele deu um passo, pulando dentro do túmulo e aterrissando de pé. Ignorei a batida acelerada do meu coração quando ele me encarou, preocupado, varrendo minuciosamente o meu corpo em busca de escoriações.

— Kai, mas que porra, cara? — o outro cara resmungou, ainda segurando a lateral da cabeça. — Nós estávamos apenas brincando.

Mas ele se virou para o garoto, invadindo seu espaço pessoal.

— Cinco... quatro... três — ele resmungou, e a expressão do cara tornou-se apavorada. — Dois... — continuou — U...

Então o Jaqueta de Couro disparou antes que ele terminasse de contar, escalando a parede até alcançar o topo.

Desapareceu.

Kai virou-se para mim, estendendo a mão para o meu rosto.

— Você está bem?

No entanto, afastei sua mão com um tapa, dando um passo para trás. Qual era o problema com esses caras? Doente, sádico... Eu deveria ter dado um chute nas bolas do babaca quando o joguei no

chão.

— Ei — disse Kai, estalando os dedos diante do meu rosto. — Eles foram embora. Está tudo bem. Você está machucada?

Pisquei, tentando processar através da nuvem de ódio que sentia, o que ele havia me perguntado.

Não. Não, não me machuquei. Mas meus nervos estavam em frangalhos.

Passei por ele, pulando e grunhindo enquanto tentava agarrar qualquer coisa que me tirasse daqui. Como aquele idiota conseguiu sair com tanta facilidade?

— Isso não vai funcionar — informou Kai.

Parei, cerrando os punhos e borbulhando de raiva.

— Então me tire daqui.

— Tudo bem, apenas espere.

Ele recuou para o menor lado do túmulo, como se estivesse dando distância para começar a correr e escalar a parede.

Mas, então estendeu a mão e agarrou meu braço.

— Espere, o que aconteceu? — perguntou.

Torci meu braço, vendo sangue escorrer do meu cotovelo.

Hein? Nem senti quando isso aconteceu. Deve ter sido durante a luta.

Kai tirou a camisa do cós da calça e limpou o sangue.

— Banks!

Respirei fundo e ergui o olhar ao ouvir meu nome sendo chamado.

— Merda — murmurei, baixinho.

— Banks! Onde você está?

Baixei os olhos e deparei com Kai me encarando, o cenho franzido.

— Esse é o seu nome?

Droga. Eles não me deixariam em paz se me encontrassem ali com ele, mesmo que não tenha sido minha culpa. Eles contariam a Damon e eu nunca mais poderia sair de casa.

Kai soltou meu braço e correu, pulando até a beirada para espiar. Depois de um momento verificando, ele voltou ao meu lado.

— Quem são esses caras? — perguntou. — Eles são os mesmos que pegaram você na estrada hoje cedo.

— Apenas me deixe sair.

— Quem são eles?

— Irmãos — respondi, sarcasticamente. — Eles me compartilham, tá bom? Às vezes, eles fazem isso em festas. Você quer um pedaço?

— Banks! — Ouvi David berrar, já sem paciência. Olhei o topo da sepultura, preocupada, e me encolhi no canto.

Droga.

Mas Kai apenas revirou os olhos, com um ar divertido.

— Ela está aqui! — ele alertou.

Mas que por...? Eu me joguei sobre ele, cobrindo sua boca com a minha mão enquanto segurava sua nuca com a outra.

— Cale a boca! — sussurrei.

Puxei nossos corpos para serem envolvidos na escuridão de um dos cantos.

— Shhh... — implorei em um sussurro. — Se eles me encontrarem com você, serei presa até ficar velha e grisalha.

Senti o sorriso por baixo da minha palma, e ele plantou as mãos contra a parede de terra atrás de mim, o olhar escuro fazendo meu estômago dar cambalhotas.

Ele sacudiu a cabeça, afastando minha mão.

— Você é confusão na certa.

— Então, pare de procurar por isso.

Nós nos encaramos, em desafio. Seu corpo estava pressionado contra o meu, e eu podia senti-lo se mover enquanto respirava.

Inspirando, expirando. Inspirando, expirando.

Meu olhar pousou em seus lábios e umedecei os meus.

Ele se inclinou, seu hálito acariciando meu rosto, ciente de que ele ia me beijar. Mas alguém gritou logo acima, nos detendo.

— Kai! — A voz de uma mulher perfurou o ar noturno.

Vi seus olhos se fechando quando murmurou:

— Porra.

A realidade me atingiu novamente.

— Essa é a Chloe? — provoqueei.

Seus olhos se abriram, me avaliando.

— Você a conhece?

— Eu sei que você é dela.

— Quem te disse isso?

Fiquei em silêncio, notando a confusão estampada em seu rosto.

— Não. — Ele riu, balançando a cabeça. — Tá bom? Nada disso. Ficamos algumas vezes por um longo tempo, mas...

— Mas...?

— Nós terminamos — ele garantiu. — Há muito tempo.

— Mas vocês ainda se pegam, não é?

Ele desviou o olhar, desconfortável, e um sorriso envergonhado surgiu em seu rosto.

— Kai? — insisti.

Então deu de ombros, parecendo se desculpar.

— É melhor ficar com uma garota que eu já conheço, do que com outra que pode se tornar pior do que ela, okay?

Eu pouco me importava. Se ele ainda gostava de dormir com ela, então a garota não poderia ser assim tão ruim. Era apenas mais conveniente confiar em algo certo do que ter que se esforçar para seduzir outra pessoa.

Típico.

— Olha... — Ele segurou meu queixo, me obrigando a encará-lo. — Eu nunca teria tentado nada com você naquela torre se tivesse uma namorada. Ela está saindo com outros caras. Nós não estamos juntos.

— Não estou nem aí.

Passei por ele para tentar subir pela parede, mas agarrando o cós do meu jeans, ele me puxou de volta contra seu corpo, aquecendo meu ouvido com seu hálito quente.

— Eu gosto mais de você.

Minhas pálpebras estavam pesadas de repente, e meu corpo formigou em todos os lugares. No entanto, fiz de tudo para manter a raiva fervente.

— Como se eu me importasse com isso — eu disse. — Se eu não estivesse aqui, você estaria “gostando” muito mais dela no banco de trás do seu carro neste exato momento, não é?

Ele riu no meu ouvido.

— Você é tão cruel — disse, e, em seguida, se aquietou, sinceridade se mostrando através de sua voz suave quando me virou para encará-lo. — Eu realmente gosto de você.

Eu não sabia o que dizer. O que poderia falar diante de suas palavras? Por alguma razão, porém, foi muito bom ouvir isso. Kai era gentil.

— Deixe-me tocar em você — ele sussurrou, os olhos fixos aos meus enquanto me puxava para mais perto.

Eu o vi avançar e, lentamente, inclinei a cabeça para dar acesso ao meu pescoço. Seus lábios tocaram minha pele e minhas pálpebras tremeram. Ele me trazia a melhor sensação do mundo.

— Não quero ir a encontros — falei, indo direto ao ponto. — Eu não gosto de muita gente.

Senti o sorriso contra a minha pele enquanto ele continuava uma trilha de beijos.

— Nem eu. O que você acha de você, eu e a Netflix?

Aí, sim.

— E ninguém pode saber que estou *brincando* com um garoto rico, tá bom? Eu perderia minha reputação.

Ele bufou, tremendo de tanto rir.

— Ei, não é a etiqueta do jeans que importa e, sim, o que há em seu interior. — Ele me levantou, segurando minha bunda e me pressionando contra seu corpo.

Gemi, sentindo o calor entre nós. *Sim, tudo bem, esportinho.*

Inclinando-me, abri os lábios e ele mergulhou, capturando-os. Gemi em sua boca. *Ai, meu Deus.* A calidez, o sabor... Ele me beijava devagar, mas intensa e profundamente, e eu me derreti nele, espelhando seus gestos, sugando e mordiscando.

Meu corpo inteiro estava ligado, uma corrente elétrica se espalhava dos meus lábios através de todas as terminações, fazendo-me ansiar pelos seus beijos em todos os lugares.

— De onde você é, Banks? — sussurrou, mordendo meu lábio.
— Por que mora com os Torrance?

Espalmei uma mão na lateral de seu rosto, segurando-o quando recostei minha testa à dele.

— Não importa. Não quero ser *eu* hoje à noite, tá bom? — Eu me afastei, dando-lhe um pequeno sorriso e desafiando-o. — Estamos no confessionário e ninguém pode nos ver. Vamos fugir e não olhar para trás hoje à noite.

Seus olhos se iluminaram ao acariciar meu rosto.

— Caralho, sim — respondeu. — Com uma condição.

Ele me colocou de pé e pegou algo de dentro do jeans. Olhei para baixo, entre nossos corpos próximos, e avistei uma espécie de cartão.

Quando Kai o levantou à altura dos meus olhos, vi gravado no plástico escuro: *The Pope*, em Meridian.

Um cartão-chave?

Eu o encarei, vendo a emoção que sentia refletida em seus olhos.

Ele tinha reservado um quarto? No *The Pope*?

— Quero encontrar o décimo segundo andar — disse ele. — Quer se aventurar comigo?

Soltei um sorriso e não pude evitar – enlacei seu corpo com meus braços, me enfiando em seu peito. Eu acabaria me apaixonando perdidamente, se ele não se cuidasse.

Isso destruiria *totalmente* minha reputação.

Como ele conseguiu um quarto? Deve ter sido mais cedo hoje, depois da confissão, sei lá.

Inclinei-me para trás e assenti, afastando-me de seu abraço.

— Vamos lá...

Mas então, de repente, um agarre em minha camiseta me levantou do chão. Senti as mãos apertando meus braços, puxando-me para cima da cova.

— Ei! — gritei, meu coração batendo na garganta.

— Que diabos? — Ouvi o berro de Kai logo abaixo.

Aterrissei na grama fria, o vento me atingindo na mesma hora. Quando me virei, avistei vários pares de botas pretas.

Quem...

No entanto, instantaneamente deparei-me com seus rostos. David, Lev, Ilia e... Damon estavam pairando sobre mim, me encarando. Os olhos escuros do meu irmão estavam em chamas.

Ah, não...

Levantei-me bem devagar, olhando para baixo.

Porém mantive a cabeça erguida. Acovardar-me não faria bem desta vez.

Kai pulou para fora da sepultura, levantando-se e postando-se à minha frente.

— Damon? — ele disse, respirando com dificuldade enquanto olhava para meu irmão. — Que diabos, cara?

Abri a boca para dizer algo – sem nem saber o quê –, mas Damon agarrou meu pulso e me puxou para trás de si.

— Fique quieta, porra — rosnou para mim.

Kai avançou sobre ele.

— Que porra você está fazendo?

Meu irmão se virou para ele.

— Você não está mexendo com o que é meu, não é? Achei que fôssemos irmãos e tal.

Fechei os olhos. *Ah, meu Deus.* Eu podia sentir o olhar de Kai sobre mim. A confusão explícita.

— Sua? — ele retrucou. — Eu não sabia que ela era sua. Você agiu como se não a conhecesse no Campanário!

Olhei rapidamente entre ele e meu irmão, sentindo as lágrimas brotando. As pessoas estavam começando a se reunir ao redor, e vi quando Michael e Will entraram em cena também.

O olhar perscrutador de Kai se manteve fixo em mim, o cartão-chave ainda em sua mão.

— E lamento dizer — continuou ele —, mas não parece que ela queira ser sua. — Então, ele se dirigiu a mim: — Você quer que eu te leve para casa?

Não.

Leve-me para qualquer outro lugar.

— Você quer que *ele* te leve para casa? — Meu irmão olhou para mim, me desafiando com sua voz gélida.

Porém, não era uma escolha.

Eu adoraria ser outra pessoa, estar em qualquer outro lugar, mas... era isso. Damon precisava de mim. Kai, não. O que aconteceria com meu irmão se eu partisse seu coração?

Segurei a mão dele com a minha, negando com a cabeça.

Pude sentir o silêncio de Kai me cortando por dentro.

— Bem, isso é divertido pra caralho — Will falou. — Vamos, cara, deixe-a em paz. — Ele cutucou Kai. — Damon tem prioridade

aqui. Qual é o problema?

— Desde quando Damon se preocupa com prioridades? — Kai rosnou para Will. — Se uma garota não estiver disponível, ele parte para a próxima. Mulher nenhuma vale a pena, não é? — ele desafiou meu irmão. — Você nunca escolheu uma garota antes de nós. E se eu a quiser também?

— Bem, você não pode tê-la — Damon respondeu. — É bom ter uma boceta pura e limpinha só pra mim.

Vômito subiu à minha garganta com a implicação de suas palavras e pelos risos ao redor.

Damon se virou para mim.

— A quem você pertence? Quem você ama?

Balancei a cabeça, a raiva destruindo toda a felicidade que eu acabara de sentir naquele túmulo. Filho da mãe.

Mas o sangue era um elo eterno.

— Eu *te* amo — eu disse, olhando para ele.

E vislumbrei o brilho de alívio em seus olhos antes que se tornassem gélidos novamente. Ele realmente tinha alguma dúvida?

Ele beijou minha testa.

— Vá para o meu quarto e me espere lá — instruiu, dando-me um tapa na bunda e olhando para seus amigos. — Eu posso querer um pedaço quando chegar em casa. Seja a hora que for.

Risadas me cercaram novamente, e David colocou a mão nas minhas costas, empurrando-me para longe.

Nós quatro andamos em direção ao SUV, deixando meu irmão e seus amigos, mas ouvi a advertência que deu a Kai enquanto eu puxava meu capuz de volta.

— Ninguém mais a toca — disse ele. — Jamais.

Não. Jamais.

Capítulo 9

Banks

Dias atuais...

Kai Genato Mori, li baixinho. Nascimento: 28 de setembro, Thunder Bay... sem irmãos.

Sua vida estava detalhada página após página, as notas impecáveis e estatísticas de basquete e natação. Além de sua prisão e atividades desde que foi solto mais de um ano atrás.

Com exceção do motivo que o levou a ser preso – agredir um abusador de crianças que por acaso também era policial –, ele sempre foi um garoto exemplar. Sabia como se divertir, mas nunca foi além do limite como Will.

Ele gostava de mulheres, mas elas não pareciam odiá-lo por ser assim, da forma como odiavam Damon.

E ele poderia ser difícil, rude e assustador, mas nunca da maneira cruel como Michael era.

Kai era o melhor dentre todos em seu pequeno grupo.

Até sair da prisão. Agora ele estava diferente.

Nada de mulheres, pelo menos não publicamente. Nunca ingeria mais de uma bebida, a menos que o fizesse em privado. E agora parecia que não era apenas mau, mas, sim, cruel às vezes.

Parei em uma fotografia dele tirada enquanto caminhava para Hunter-Bailey. O detetive o registrou na calçada, o paletó preto chicoteando contra o vento, a gola da camisa branca aberta, uma mochila pendurada no ombro e o cabelo negro destacando o olhar severo. Observei sua camisa, lembrando-me da sensação do homem por baixo quando vestia uma camiseta e um agasalho com capuz.

Cálido. Era disso o que me recordava.

Muito quente.

Fechei a pasta de arquivo, inspirando profundamente e enfiando-a debaixo do assento junto às outras. Eu tinha visto meu irmão brincar com inúmeras meninas, tratando-as como brinquedos insignificantes e depois descartando-as como lixo. Eu sabia quão horríveis os homens podiam agir com as mulheres com quem estavam transando. E as mulheres não somente aceitavam isso, como voltavam pedindo mais. Imploravam por isso, de fato.

Eu nunca seria assim.

— Onde diabos ele está? — David resmungou do banco do motorista, sacudindo as cinzas do cigarro pela fresta da janela.

Olhei pela janela do passageiro, tentando enxergar algum movimento na casa de tijolos pretos através dos filetes de gotas de

chuva que deslizavam pelo vidro. Havíamos chegado há quinze minutos, e enviei uma mensagem informando que estávamos aqui. Mesmo que não tenha respondido, eu sabia que ele estava em casa. Seu Audi RS7 estava na entrada da garagem, embaixo de uma árvore, sendo emporcalhado por todas as folhas que se desprendiam na chuva.

Verificando meu telefone, vi que agora eram oito e quinze. Se ele não saísse de casa em breve, eu iria embora. Tinha outras coisas para fazer além de esperar por ele.

Lev bocejou à esquerda e olhei por cima, vendo seu assento reclinado e os olhos fechados. Ele ainda usava o mesmo jeans preto e camiseta branca sem mangas da noite passada e fedia a um banheiro de bar.

— Quando Vanessa deve chegar? — David me perguntou.

Olhei pela janela, meu coração batendo forte apesar de tudo.

— Em uma semana mais ou menos.

— Como ela reagiu às novidades?

— Isso importa?

Eu podia sentir seu olhar através do espelho retrovisor, mas o ignorei. Gabriel ligou para Londres no final da noite passada e me enviou instruções para lidar com ela quando chegasse. Ela não estava feliz, mas sabia que esse dia chegaria. Uma hora ou outra, ela teria sido vendida para alguém, e desde que esse alguém mantivesse o estilo de vida ao qual estava acostumada, ela obedeceria às ordens que lhe foram dadas.

Gabriel disse que ela ao menos estava feliz por Kai ser pelo menos jovem e bonito.

Fechei os olhos por um momento. *Kai não vai seguir em frente com isso.* Essa era uma coisa da qual estava confiante de que não havia mudado. Sua integridade. A princesa Nikova, que faz beicinho se tiver que espirrar, o irritará sem dar trégua.

Sorri internamente. De forma alguma ele conseguiria suportá-la.

— Sabe... se precisar de mim — disse David, e eu abri os olhos, encontrando os dele no espelho — a qualquer momento... eu estarei lá.

Eu queria acenar para ele. Esforcei-me arduamente para conseguir o reconhecimento e o respeito que agora tinha na casa de Gabriel. Odiava estar sendo expulsa como se fosse dispensável. Mas meus ombros relaxaram um pouco, ao me conscientizar de que realmente não estava sozinha nisso. Eles ainda estavam lá por mim.

Ele soprou fumaça, balançando a cabeça como se estivesse pensando em voz alta:

— Eu não gosto desse cara.

Contive o sorriso.

— Que tipo de caras você gosta?

Lev começou a rir baixinho, com os olhos ainda fechados, e olhei para cima, vendo David, perplexo, me mostrar o dedo médio pelo espelho retrovisor.

Voltei a observar a casa. As persianas das janelas eram tão baratas. Dava para ver daqui. A pintura externa estava desgastada e os tijolos lascados em muitos lugares. Eu esperava que o interior fosse melhor. Seria necessário um monte de caras para conseguir reformar esse lugar em duas semanas.

— Damon era é um fodido das ideias — continuou David —, mas ele nunca escondeu isso de ninguém. Esse cara... — Ele olhou pela janela do lado do passageiro para a casa. — Eu não sei.

David reclinou a cabeça no encosto e, por mais que meu coração tenha se aquecido por ver que ele realmente estava preocupado comigo, na companhia constante de Kai, eu não queria que se preocupasse. Queria manter o controle adquirido e me empoderar mais ainda. Não ajudava em nada que os caras com quem trabalhei tentassem me socorrer para atravessar cada poça maldita, de forma que minhas anáguas não se respingassem de lama. Eu poderia lidar com Kai Mori.

— Ele é muito controlado — disse David. — Pessoas muito feridas podem ser imprevisíveis.

Coloquei o celular dentro do meu colete de inverno e puxei as mangas da minha blusa.

— Não se preocupe com ela — disse Lev, os olhos ainda fechados. — Em duas semanas, ele terá sua linda noivinha para brincar.

Não consegui evitar. Meus lábios se curvaram, e um rosnado irritado se formou até que disfarcei minha reação rapidamente.

Sim, ele a terá, não é? Então uma imagem dos dois juntos surgiu na minha mente: sozinhos naquela casa, olhando um para o outro, esbarrando um no outro, se conectando e essas merdas todas... Sentei-me ereta e soltei o cinto de segurança.

— Se Gabriel quisesse que vocês pensassem, ele o teria colocado no comando — murmurei. — Eu já volto.

Imensas gotas de chuva me atingiram quando subi correndo a escadaria de cimento, os dedos enluvados enfiados no bolso.

Toquei a campainha.

Este lugar era um lixo. O jardim negligenciado e coberto de vegetação tinha uma aparência sombria e uma varanda imunda repleta de jornais, vasos de flores vazios e folhas mortas. Por que ele morava aqui? Eu tinha certeza de que poderia ter se mudado para o Delcour – o edifício alto e luxuoso de Michael Crist, do outro lado do rio – de graça. Erika Fane e Will Grayson moravam lá, então por que

Kai optou em ficar aqui tão longe e sem seus amigos?

Claro, sempre soube onde ele morava desde que comprou este lugar há um ano, mas nunca me importei com isto até então.

Só que, agora que eu precisava ajeitar esse buraco de um jeito decente para uma esposa morar, estava começando a perceber quanto trabalho precisava ser feito.

Toquei a campainha novamente, ficando cada vez mais irritada. Onde diabos ele estava?

Bati na porta de tela, a madeira velha rangendo a cada batida.

— Olá — gritei, em um tom exigente.

Olhando pela janela à direita, avistei um piso empoeirado e uma pequena mesa virada, o restante da sala escondido da vista por conta da velha persiana amarelada pendurada em um canto só.

Suspeita rastejou em minha mente quando aprumei a postura.

Havia alguma coisa errada. Ninguém morava aqui.

Nunca tive a impressão de que Kai Mori precisasse de um palácio para se contentar, mas ele era, definitivamente, o tipo de homem que se orgulhava de si mesmo e de tudo que lhe pertencia. Ele cuidava das suas coisas, e este lugar não parecia nem um pouco bem-cuidado.

Olhei para o alto da colina, à direita, vendo uma grande casa de pedra acinzentada. Um pouco pequena para ser considerada uma mansão, mas grande o suficiente para chegar perto disso. Era cercada por um imenso portão preto, sendo a única casa vizinha de Kai. Eu deveria ter pesquisado quem morava lá. Garantir que não fossem curiosos intrometidos.

Dei um olhar de relance para o carro, sem conseguir ver Lev através das janelas com película, mas pude ver David pelo para-brisa, observando-me.

Foda-se. Resolvi abrir a porta de tela e girei a maçaneta, encontrando-a destrancada. Empurrei-a hesitantemente e dei um passo para dentro da casa de Kai Mori, olhando de um lugar para o outro.

Uma luz turva iluminava o chão, atravessando as janelas imundas, enquanto sombras de gotas de chuva dançavam sobre a madeira suja. Lençóis cobertos de poeira repousavam sobre objetos que pareciam cadeiras, mesas e um sofá.

Deixando a porta aberta, entrei devagar na sala, observando a lareira com seus tijolos manchados de fuligem e uma pilha de carvão antes de ir para a cozinha e avistar a geladeira e o fogão dos anos 50, bem como o piso de linóleo antigo. As bancadas eram de uma cor rosa bem retrô.

Contive uma risada, divertida. Jesus. A quem ele queria enganar? Esta não era a casa dele. De jeito nenhum.

Voltando pelo vestíbulo, subi as escadas, dois degraus de cada

vez, e perambulei por dois quartos e um banheiro, nenhum deles parecendo ter sido habitado. Não havia comida, nem louça usada, escova de dente, roupas, nem TV, ou lâmpadas...

Até que atravesssei o corredor, e entrei no último quarto, olhando em volta. Parei na mesma hora quando vi a cama. Era o único quarto mobiliado.

Os lençóis estavam perfeitamente estendidos sobre o colchão. Eu deveria acreditar que ele dormia aqui?

— Olá! — gritei novamente.

Mas não ouvi nada além do som da chuva do lado de fora.

Saí do quarto e abri algumas portas de um armário no corredor, verificando canto por canto. As prateleiras estavam vazias, sem nem ao menos toalhas de banho.

Qual é a do mistério aqui, Kai?

— Olá! — berrei.

Fechei a última porta e virei-me, vendo-o, de repente, bem na minha frente.

Ofeguei com o susto, quase sentindo o coração sair pela boca.

— Merda! — explodi, arfando, enquanto ele apenas me olhava.
— De onde diabos você veio?

Ele estava vestindo jeans e um pulôver preto de marca, parcialmente aberto e revelando a camiseta branca por baixo.

Ele apontou a cabeça para trás, o cabelo perfeitamente estilizado e no lugar.

— Do quarto.

Estreitei o olhar em sua direção.

— Eu estava ali dentro — eu disse a ele. — E você, não.

Havia uma cama e velas, uma cômoda e nada mais. Onde ele estava então? Escondido no armário?

Percebi que respirava com dificuldade, então fiz de tudo para me acalmar.

— Eu toquei a campainha e o chamei várias vezes. Era como se ninguém estivesse aqui — falei.

Mas ele me ignorou, parecendo entediado quando perguntou:

— Você trouxe as plantas, chaves e códigos, como eu pedi?

Sua expressão severa demonstrava impaciência. Okay, tudo bem. Eu daria um jeito de entrar aqui e futucar as coisas, em algum momento, de qualquer maneira, então era melhor disfarçar minha curiosidade.

— Estão no carro — respondi, grossa.

Ele assentiu e desceu as escadas, sabendo que eu o seguiria.

Sáímos para a varanda e seu olhar encontrou, no mesmo instante, David e Lev sentados no SUV, à minha espera.

Kai me encarou com os olhos escuros.

— Você está comigo agora. Diga a eles para darem o fora.

Semicerrei as pálpebras, irritada. Mas me virei e desci os degraus restantes em direção ao carro, enquanto ele caminhava pela lateral externa da casa em direção ao dele.

David abriu a janela do lado do passageiro.

— Volte para Thunder Bay — falei, pegando os arquivos do *The Pope* e o rolo de plantas arquitetônicas do assento. — Vejo vocês hoje à noite.

Seus olhos se tornaram fendas, parecendo inquieto.

— Está tudo bem — assegurei, começando a me afastar. — Finalize as cobranças, não se esqueça dos estoques de Weisz e Brother e verifique se Ilia ajeitou os canis. — Conferi a hora no painel. — E lembre-se que De Soto está chegando às três. Certifique-se de enviar um carro para buscá-lo.

Eu me virei antes que ele tivesse chance de responder e fui em direção ao Audi de Kai. Ele recuou pela entrada da garagem, a chuva intensa limpando lentamente as folhas por toda parte, mas parou quando me viu chegar.

Contornei o carro e entrei pelo lado do carona, jogando tudo atrás enquanto secava as gotas de chuva do meu rosto. Eu podia sentir a água escorrendo pelo tecido do gorro e queria me livrar dele, mas teria que esperar até ficar sozinha.

Sem falar nada, Kai colocou a ré e seguiu pelo caminho; eu olhava para todos os lugares, menos para ele. Mudando a marcha, quase perdi o fôlego, ao observar seus movimentos ao meu lado enquanto o zumbido suave do motor vibrava sob meus pés.

Ele pisou no acelerador e disparou pela avenida, indo cada vez mais rápido.

— Você não mora naquela casa — atestei em voz baixa e uniforme.

Ele apoiou o antebraço no volante, olhando em frente.

— Você acha que não consigo viver sem luxo? — brincou, ligando o rádio. *Emotionless* começou a tocar na mesma hora.

— Sem luxo? — Disfarcei o sorriso irônico. — Acho que Howard Hughes era menos obsessivo que você. Você nunca viveria naquele lixão.

— Eu vivi em um por dois anos e meio — respondeu, com a voz áspera. — As coisas mudam.

Olhei para ele de esguelha, vendo-o desviar o olhar, impassível. Engoli em seco, calando a boca por um momento.

Era fácil esquecer, a contar com as unhas limpas e as roupas caras. Mas não muito tempo atrás, ele usava uma camiseta barata e estava trancado em uma cela tendo que fazer o que outras pessoas lhe mandavam a cada minuto do dia.

Ainda assim, ele mereceu tudo aquilo por conta do crime que cometeu.

— Você não vai mais ficar na casa do Torrance — ele disse, acelerando o carro. — Você trabalha para mim agora. Quero você em Meridian.

— Eu moro em Meridian. — Afastei o olhar da janela. — E mesmo que não morasse, você não pode ditar onde vou dormir.

Quando eles saíram da prisão no ano passado, mudei-me para a cidade para ficar perto de Damon. Meu pai começou a me pagar um salário mísero – apenas o suficiente para encontrar um muquifo onde pudesse dormir.

— E onde você dorme? — ele perguntou.

— Não muito longe.

Ele ajustou o retrovisor central, lançando um longo olhar através do espelho.

— Com um deles?

Lentamente olhei para ele e depois para trás, vendo o Escalade nos seguindo. Não consegui conter um sorriso.

Eu deveria estar com raiva por terem desobedecido uma ordem, mas... Se Gabriel tivesse dito para eles irem para casa, eles teriam ido. Ele só tinha esse tipo de lealdade deles porque os pagava. Já eu, não lhes pagava nada.

Recostei a cabeça no apoio do banco, a rara sensação de satisfação pacífica atravessando meu corpo.

— É só para isso que eu sirvo, não é?

Seus lábios se curvaram com irritação.

— Damon realmente deve ter te dado um belo trato para manter esse tipo de lealdade — rosnou. — Eu o vi com as mulheres. Você realmente gosta do que ele faz com você?

O que ele faz comigo... Encarei o para-brisa coberto pela chuva, alheia. Eu pertencia a Damon, e se Kai soubesse, ou não, o verdadeiro motivo, não mudava o fato de que sempre escolheria o lado do meu irmão.

— Aquela noite...

— Não — disse, interrompendo-o.

Ele parou, o ofego irritado sendo audível de onde eu estava.

— Adoro o fato de ele nos ter visto naquela noite — ele continuou, a voz quase um rosnado. — Adorei o olhar furioso na porra do rosto dele, quando viu seu corpo grudado ao meu.

Esfreguei minhas pernas, estremecendo com a memória. Agi horivelmente naquela noite. E a sensação de cada centímetro do corpo dele contra o meu ainda era muito vívida.

— Há algo em você, garota — disse ele, ainda observando a estrada à frente. — Eu não sei o que é, mas na maioria das vezes,

quando estou dando aulas, resolvendo pendências com empreiteiros, conversando com meus amigos, porra... — Ele balançou a cabeça. — Eu mal posso suportar. Sinto até mesmo dificuldade em mastigar minha maldita comida a maior parte do tempo. — E então ele olhou para mim. — Mas não perto de você. Quando estou ao seu redor, tudo que sinto é um anseio. Como se estivesse faminto.

Mantive o olhar à frente, o instinto de me encolher e tentar me fazer invisível quase assumindo o controle.

— Você está usando o cinto dele. — Sua voz profunda tinha uma entonação perigosa e fez minha pele inteira se arrepiar.

O cinto de Damon. Eu me mexi no banco, de repente, muito consciente da tira larga de couro ao redor da minha cintura.

Ele apontou para o objeto antes de olhar de novo para a estrada.

— Reconheço as marcas registradas gravadas no couro para cada enterrada que ele deu no ensino médio. Dentro e fora da quadra.

Dentro e *fora* da quadra? *Jesus, Damon.* Contive um suspiro, exasperada.

Peguei o cinto quando ele foi para a prisão, e ele nunca me pediu de volta.

— Use-o todos os dias, Banks — ordenou Kai. — Todo santo dia.

— Ah, eu já faço isso — sussurrei, mas tinha certeza de que ele pôde me ouvir.

Aposto que se perguntou se também havia uma marca para mim no couro. Damon estava certo. Era estrategicamente vantajoso que ninguém soubesse quem eu era e o que significava para ele. Se Kai pensasse que eu era um brinquedinho e instrumento de Torrance, ele não saberia exatamente o que esperar ou quais jogadas poderia fazer.

Deus me ajude se algum dia ele descobrir.

Kai continuou dirigindo, descendo para o distrito de Whitehall, e pude ver um navio de carga e alguns rebocadores flutuando rio abaixo. A cidade pairava ao longe, arranha-céus parcialmente envoltos em nuvens, e avistei o preto e dourado de Delcour, situado entre as melhores lojas e restaurantes da área.

Kai diminuiu a velocidade quando chegamos ao *The Pope*, e notei o novo Rover de Michael Crist estacionado ao longo da calçada. O que ele estava fazendo aqui?

Viramos mais à frente, dirigindo para o pequeno beco ao lado do hotel em direção à parte de trás, e o carro subitamente se infiltrou na escuridão. A saliência do prédio bloqueou qualquer luz, me fazendo passar as mãos pelas coxas, sentindo um zumbido subindo por toda a pele. O carro parecia muito menor agora.

A escuridão.

O confessionário. O porta-malas. O Campanário. O túmulo. Espaços minúsculos com ele. Sempre pequenos espaços escuros.

Sem me dar uma olhada ou uma palavra, Kai estacionou o carro e abriu a porta, saindo na chuva. Rapidamente o segui e o observei pegar as plantas que eu havia trazido, do banco traseiro.

Ele começou a correr, dirigindo-se para uma das portas dos fundos, e notei duas lixeiras, alguns paletes de madeira e um excesso de caixas de papelão encharcadas nas proximidades.

— O que vocês estão fazendo aqui fora? — ouvi Kai perguntar. Olhei para cima e o vi conversando com Michael Crist e Will Grayson, que esperavam sob um toldo.

Will usava apenas um par de jeans e uma camiseta branca, enquanto Michael estava vestido para o clima que esfriava, parecendo estranhamente igual ao que parecia no ensino médio em seu agasalho com capuz. Manchas úmidas cobriam seu jeans.

— Por que vocês não estão esperando no carro? — Kai insistiu.

Michael desviou o olhar entrecerrado para mim, enquanto Will se afastou da parede e cuspiu o chiclete que mascava em uma poça d'água.

— Não queríamos perder o momento da sua chegada — disse ele.

Kai estendeu a mão, solicitando que eu entregasse as chaves do hotel.

— Onde está Rika? — ele perguntou.

Michael se virou quando se aproximou, pronto para segui-lo pela porta.

— Aula. — E então olhou para mim novamente. — Somos apenas nós.

Uma sensação de mau-presságio agitou no meu estômago e fiquei para trás, deixando todos entrarem à frente.

Atravessamos um túnel escuro, e era impossível ver claramente por conta da muralha de caras enormes com mais de um e oitenta de altura à minha frente, mas depois de alguns instantes, consegui ver alguma luz. Paredes brilhantes apareceram e notei vários freezers, geladeiras e fogões. Estávamos entrando pela cozinha mesmo que só a pudéssemos ver através da parca iluminação que entrava pelas janelas.

Cada um deles ligou suas lanternas e Will me entregou uma.

— Então, Kai? — Will disse enquanto seguíamos em direção a uma porta. — Você por acaso não vai precisar que eu tire o lacre da sua noiva virgem para você, vai?

Ele começou a rir e virou a cabeça para mim antes que Kai tivesse a chance de responder.

— Kai não gosta de virgens. Ele gosta de mulheres que sabem o que estão fazendo.

Então, deslizou o olhar lentamente pelo meu corpo.

Arqueei uma sobrancelha. Ah, tá, eu não acreditava nisso. Eu era virgem naquela noite, anos atrás, e isso não o impediu de me querer intensamente.

— Agora, eu? — Will continuou. — Curto as zeradas. Posso ensiná-las exatamente o que fazer do jeito que gosto e o que quero que façam.

— Você quer dizer que gosta que elas não tenham ninguém com quem comparar — caçoei —, porque aí, não poderão dizer se você é péssimo.

Michael bufou uma risada, que não me passou despercebida, e pude ver pelo tremor dos ombros de Kai, que ele também estava morrendo de rir.

Will se virou para frente, deixando-me em paz.

Seguimos atrás de Kai, e esperei do lado de fora da sala de segurança enquanto eles ligavam os disjuntores de eletricidade. Depois de alguns minutos, porém, não obtivemos sucesso.

— Ainda bem que trouxemos lanternas — Michael murmurou, enquanto saía da sala.

Kai o seguiu e parou logo atrás.

— Bem, pelo menos todos os quartos estarão desbloqueados — ele nos disse. — A má notícia é que subiremos de escada.

Doze andares. *Excelente*.

— Vamos nos separar — ele nos disse, indo em direção às portas da cozinha que provavelmente levavam a uma sala de jantar. — Tirem fotos de todos os quartos em que entrarem e foquem naqueles que podem ter qualquer problema em potencial. Roedores, encanamentos, vazamentos, qualquer tipo de dano... Vou solicitar que os empreiteiros façam uma melhor estimativa, mas já quero ter uma ideia dos reparos e dos gastos que serão necessários.

Michael e Will foram embora, saindo da cozinha, e Kai se virou para mim.

— Veja se consegue encontrar o gerador — disse. — Podemos ter pelo menos alguma iluminação funcionando.

Sim, está bem. Mantive o sarcasmo para mim mesma e peguei o acesso da escada, iluminando com a lanterna enquanto descia para o porão. Não havia janelas nessa parte do prédio, e meu pulso começou a acelerar, lembrando dos estúpidos filmes de terror que Damon assistia quando éramos mais jovens. Quando iluminasse uma área, uma garota de vestido branco com as presas ensanguentadas em sua boca saltaria na minha direção.

Abri a porta e entrei no porão, suspirando na mesma hora. Era uma enorme sala de aquecimento aberta, com janelas no alto da parede. Era possível ver os pés de alguns pedestres que passavam por

ali. Um pouco de luz natural entrou, mas mantive a lanterna acesa, já que o lugar ainda estava mergulhado na penumbra.

Caminhei devagar pelo corredor, iluminando canos e reservatórios, fornos e outras máquinas que eu desconhecia. Na verdade, o hotel não estava fechado há tanto tempo. A maioria dessas coisas ainda devia funcionar bem.

Avistei um gerador perto da parede e fui em direção a ele. Eu não tinha ideia de como essas coisas funcionavam, mas nada que uma pesquisa no Google não resolvesse.

Inclinando-me, soprei a poeira dos interruptores, afastando a sujeira. Essa coisa não era grande o suficiente para gerar tanta energia, e, definitivamente, não seria capaz de religar os elevadores, mas talvez ativasse a iluminação do corredor.

Quando acionei o botão de funcionamento, nada aconteceu. Será que ele tinha um cabo para ligar em alguma tomada na parede? Bem, acho que não, né? Se tivéssemos eletricidade, não precisaríamos de um gerador.

Talvez estivesse conectado a algum tipo de bateria. Rapidamente tirei o casaco, largando-o no chão, e me ajoelhei, iluminando por baixo e ao redor, em busca de fios ou extensões.

Algo segurou meus tornozelos, arrancando-me um grito quando fui puxada, sendo arrastada pelo chão.

— Que porra? — gritei, virando-me para ver quem havia me agarrado. Meu coração acelerou. Chutei sem dó Michael e Will, que estavam à minha frente. — Saíam de cima de mim!

Michael estendeu a mão e me puxou para cima pela camiseta.

Babaca. Olhei em volta, mas Kai não estava junto.

Michael agarrou a gola e me largou contra a parede.

Eu o encarei. Esperava por isso em algum momento com eles — sabia o que fizeram com Rika no ano passado, e que esse era o *modus operandi* para aterrorizar alguém —, mas por algum motivo, fiquei quieta. Em breve, eles se veriam em problemas, mas eu faria a minha jogada quando estivesse pronta.

— Não tenho ideia do que Kai está pensando agora — disse ele com um tom mordaz —, mas darei a você apenas um único aviso.

Levantei o queixo, lentamente, preparando-me para sua ameaça.

— Se você mexer com a gente, vamos te dar um sumiço — rosnou. — Basta somente eu sentir a menor preocupação que seja com o fato de você ter algo na manga, e não hesitarei. Entendeu? — Estreitou os olhos. — Você trabalha para ele, cuida dele e faz o que quer que ele queira que faça, e sugiro que faça isso bem feito, querida. Só não me dê um motivo para te afundar no rio, porque é assim que você pode terminar. Você me entendeu?

Oh, sim. Entendi.

Minha respiração acelerou. Coloquei os dedos timidamente sobre meus lábios e fingi um olhar apavorado. *O que eu fiz? Oh, não, por favor, não me machuque. Por favor?* Soltei um gemido e franzi o cenho em confusão.

Então interrompi meus soluços falsos e dei um sorriso irônico.

Essa merda pode ter funcionado com Erika Fane, mas comigo, ele teria uma surpresa.

— Farei o meu trabalho — retruquei —, e você não me assusta.

O olhar furioso se intensificou.

— O que você pode fazer? — perguntei. — Você é um atleta, aos olhos do público, prestes a se casar com a garota que ama desde sempre, com muito a perder. E aquele ali — gesticulei para Will atrás dele — só fica sóbrio durante o tempo em que arrasta a bunda da cama pela manhã e consegue chegar à geladeira para pegar uma cerveja.

Will fez uma careta para mim.

— Os Cavaleiros estão fracos e morrendo aos poucos — continuei, fingindo um olhar preocupado. — Hora perfeita para os inimigos atacarem. — Estendi a mão e peguei meu casaco, vestindo-o em seguida. — O pai de Damon adoraria acabar com você; seu pai está tentando impedir alguns de seus negócios imobiliários, Damon está sabe-se lá onde, Rika anda todos os dias armada apenas com seus pequenos golpes de Kung Fu. — Olhei para Will. — E aquele policial que fez com que fosse preso por atacá-lo, está espreitando ao seu redor ultimamente, ansioso por uma vingança, não é mesmo?

O olhar de Michael se estreitou, mas ele o desviou logo depois, parecendo surpreso. *Sim, você não sabia disso, sabia?*

— Você tem muita coisa nas costas, Michael, sério — eu o provoquei como se ele tivesse cinco anos, colocando as mãos nos bolsos.

Quando as retirei do bolso, Michael captou o brilho prateado em minha mão direita, agarrando meu pulso para me impedir de atacar.

Ri quando segurou a pequena lâmina longe de seu rosto e me encarou com uma careta. No entanto, meu sorriso se desfez quando torci a ponta da lâmina na minha *outra* mão, a que passou despercebido a ele, e cutuquei logo acima de sua virilha.

Ele recuou, rosnando, irritado.

— Enquanto você fica prestando atenção em mim, sua vida está toda descontrolada e você nem está percebendo; assim como a de seus amigos, que andam dando sopa por aí. — Guardei as facas outra vez. — Vocês, rapazes, precisam de alguém em quem se inspirar.

Deslizando para o lado, passei pelos dois e saí do porão,

ouvindo o sussurro zangado de Michael atrás de mim:

— Que porra é essa?

— Eu ia te contar! — Will sussurrou de volta.

Balancei a cabeça. Que perda de tempo.

Depois de todos os anos de trabalho pesado – limpeza, inventário, entrega e retirada –, finalmente ganhei um pouco de respeito. Agora, fui encarregada de ser a sombra de Kai e sua turminha, observando-os tropeçar para dar cinco passos quando poderiam obter o que precisavam com apenas um.

Puxei o gorro mais para baixo, tentando conter um bocejo.

Atendi o celular que tocou enquanto subia as escadas.

— *Encontre-me no treze.*

Kai. Como ele conseguiu meu número? Então lembrei que havia mandado uma mensagem para ele naquela manhã. *Ótimo*. Treze, e eu estava no porão. Coloquei o celular no bolso, agarrei o corrimão e comecei a saltar os degraus, voando pelas escadas a cada passo. A cada patamar alcançado, eu parava e conferia o número do andar, e quando cheguei ao nono, precisei descansar um pouco para recuperar o fôlego. Olhando para cima, vi as partículas flutuantes de poeira por onde a iluminação fraca das luzes de emergência entrava.

Respirando fundo, desacelerei meus passos pelos lances restantes, chegando ao décimo terceiro andar e abrindo a porta de acesso.

Uma dor pontiaguda fisgou abaixo das minhas costelas, e engoli em seco. Caramba, pensei que estava em boa forma.

Entrei por um corredor escuro olhando de um lado ao outro, o carpete cinza com um desenho de filigranas brancos lentamente desaparecendo nos vãos escuros a cada canto.

— Olá? — gritei.

Virei à direita, manuseando a lanterna, mas uma corrente de ar frio atingiu minhas costas me fazendo olhar para trás. Uma brisa tênue refrescou meus lábios.

Segui pelo corredor à esquerda e inspecionei cada porta pelo caminho até encontrar a única aberta. Olhei para dentro, vendo cortinas brancas do outro lado do quarto chicoteando contra o vento.

As portas da varanda deveriam estar abertas.

Entrei no cômodo, averiguando de um lado ao outro até que finalmente avistei a silhueta de Kai na sacada.

— A varanda do décimo segundo andar — disse ele, assim que atravessasse as cortinas. Seu corpo se inclinava sobre o parapeito enquanto me encarava.

Espelhei seu movimento, espiando por cima da grade e olhei para baixo. Cada andar contava com uma varanda, e a que havia logo abaixo de nós não era diferente. Esculturas intrincadas na pedra, um

corrimão grosso, tudo molhado pela chuva...

Endireitei a postura, inclinando a cabeça para ele. *O décimo segundo andar.*

A suspeita começou a tomar forma.

— Você realmente achou que o ajudaria a procurar no *The Pope* se eu pensasse que Damon estava escondido aqui? — perguntei. — Você não está comprando este hotel por causa de uma história que contei aos dezessete anos, não é?

Vi o canto de sua boca se curvar em um sorriso.

— Em primeiro lugar, sim — afirmou. — Acho que você me ajudaria a procurá-lo, nem que fosse para me indicar a direção errada. — Ele se levantou e olhou para mim. — Em segundo lugar, não tenho certeza se Damon realmente te disse onde está se escondendo.

— E por que você acha isso?

— Porque eu me lembro de ele ser especificamente possessivo com você — disse ele. — Acho que você até sabe que ele está na cidade, mas acredito que ele está te observando tanto quanto a nós.

Ri por dentro.

Ouvi falar do décimo segundo andar logo depois que fui morar com Damon e meu pai. Gabriel protegia sua privacidade com fervor, e construíra quatro hotéis naquela época: em Meridian, São Francisco, São

Petersburgo e Bahrein – os lugares pelos quais ele mais viajava. Privacidade, segurança e a necessidade de ser invisível, às vezes eram uma exigência para alguém que faturava pelo menos parte de seu dinheiro de forma ilegal.

Mas meu irmão não estava aqui. Pelo menos não na última vez que verifiquei. Kai estava perdendo tempo.

— Nós já exploramos esse lugar uma vez, lembra? — eu disse.

Ele piscou, divertido, de um jeito arrogante.

— Não chegamos muito longe, *lembra?*

Um rubor instantâneo aqueceu minhas bochechas, e afastei o olhar.

Kai espiou por cima do parapeito novamente, e eu fiz o mesmo, levando em conta a imensa queda de tal altura. Eu o encarei, observando a curiosidade estampada em seu rosto. A maneira como suas sobrancelhas escuras franziram como se estivesse calculando o próximo movimento, e a forma como esticou o pescoço para ter uma melhor visão. Ele parecia tão jovem. Como uma criança tentando encontrar a coragem de seguir os amigos por um penhasco.

O que ele estava fazendo?

Desenrolei o cachecol ao redor do pescoço e o tirei. Kai me observou enquanto eu o segurava por cima do corrimão.

Avaliando a brisa suave, abaixei-o o máximo possível,

finalmente o soltando para flutuar até a varanda do décimo segundo andar. O tecido ondulou contra o vento e foi jogado para o interior por cima do corrimão.

Sem olhar para ele, voltei para o quarto. Ele não teve escolha a não ser me seguir.

Sério, se ele queria passar por cima do parapeito e se matar, não era da minha conta, mas... Ele poderia estar certo. Damon não estava aqui quando procurei por ele, mas isso não significava que não estava mudando de esconderijo também. Ele poderia estar aqui, e eu precisava ganhar algum tempo.

Cruzamos o corredor, em direção à porta de acesso da escada por onde subi. Nós dois descemos rapidamente os degraus, mas quando alcançamos o patamar do andar inferior, deparamos com uma parede branca, ao invés da porta que nos daria acesso ao décimo segundo.

Olhei para ele, e um entendimento tácito se passou entre nós. Descemos mais um lance de escada, e seguramos a maçaneta ao mesmo tempo. Sua mão roçou a minha e, rapidamente, me afastei ao sentir a corrente elétrica subindo pelo meu braço. Ele abriu a porta e nós dois corremos, indo direto para o quarto 1122, que ficava dois lances abaixo do 1322.

Girei a maçaneta e entrei, seguindo até as portas da varanda. Ao abri-las, uma rajada de vento atingiu meu rosto. Kai e eu procuramos ao redor pelo cachecol.

Não foi preciso muito tempo para que percebêssemos que não havia nada ali, como eu já imaginava. Nada, exceto um vaso de plantas mortas, uma mesa enferrujada e uma folha.

O cachecol não estava aqui, é claro, mas...

Fui até o lado direito da varanda, estiquei a cabeça e olhei para cima.

E lá estava ele. O tecido preto chicoteava contra o vento com um pedaço pendurado no corrimão.

— Ali. — Apontei para cima.

Kai franziu o cenho e se aproximou, inclinando-se para o lado, virando a cabeça. Ele estava confuso, ou irritado, mas eu sorri do mesmo jeito.

— Que diabos? — resmungou. — Precisamos subir lá — disse.

E como você planeja fazer isso? Os elevadores não estavam funcionando no momento, e não tínhamos nenhuma corda por ali.

Percebi quando ele começou a subir no parapeito, mas imediatamente o puxei para baixo.

— Está tudo bem — eu disse de pronto. — Não vale a pena. Esqueça.

As sobranceiras dele se arquearam.

— Você está preocupada comigo?

— Sim. Da mesma forma que estou preocupada com o preço do chá na China.

Ele balançou a cabeça, sorrindo satisfeito. Mas, novamente, fez um movimento para subir.

Eu o puxei de volta outra vez.

— Não consigo te segurar, caso você perca o equilíbrio. Você é muito grande. Mas você pode impedir minha queda, então deixa que eu vou.

Contornando-o, pulei no parapeito e ele disparou, agarrando meu braço para me firmar. Recusei-me a olhar para baixo, para evitar computar o tamanho da queda.

Minhas pernas tremiam, mas curvei os dedos, ao redor do corrimão grosso. Droga. Eu não precisava da porra do cachecol de volta, mas não podia correr o risco de ele escalar até o décimo segundo. Ainda não.

Apertando o braço dele com uma mão, agitei o outro para me equilibrar e lentamente me levantei. Senti o frio na barriga na mesma hora.

— Te peguei — Kai assegurou. Olhei para baixo, deparando-me com seus olhos escuros focados nos meus enquanto ele enlaçava minhas pernas com o outro braço. Minhas mãos ficaram flácidas e, por algum motivo, isso não me fez sentir melhor.

Estendi as duas mãos e procurei pelo tecido, o abraço de Kai se firmando mais ainda. Infelizmente, porém, eu deveria ser pelo menos uns dez centímetros mais alta para conseguir alcançá-lo.

Apoiando a mão no ombro de Kai para me firmar, lentamente me pus nas pontas dos pés para me elevar. Estendi o outro braço, esticando músculos e articulações centímetro por centímetro até que cheguei o mais longe que pude. Estremeci, tentando agarrar a ponta que balançava. Deslocando um pouco mais do meu corpo, continuei tentando, mas de nada adiantou.

Soltei um suspiro.

— Não consigo alcançá-lo.

Firmando os pés, olhei para Kai.

E parei de respirar.

Ele estava apenas me encarando. Bem ali, olhando para cima, com os braços em volta das minhas coxas e o rosto quase entre elas. Abri a boca, sem conseguir dizer absolutamente nada.

Um sorriso divertido alcançou seus olhos, e meu coração começou a bater loucamente. Eu não queria saber o que raios estava passando pela cabeça dele agora.

— Você está bem? — ele perguntou. Era nítido que o filho da puta estava contendo um sorrisinho prepotente.

Pulei do corrimão, forçando-o a se afastar, e ajeitei minhas roupas, puxando a camiseta e o casaco para baixo.

— Estou bem.

Ele só vai usar você. Eu tinha que lembrar que o objetivo dele era Damon. Vingança. E ele sabia que Damon se importava comigo, então isso me tornava valiosa.

Ignorei a batida trovejante no meu peito e desviei o olhar.

Não cometa os mesmos erros. Não o deixe te tocar. Eu não o desejo. Você não pode tê-lo.

Esqueci isso seis anos atrás, mas desta vez não o faria.

O silêncio rastejou em minha pele, e o som da chuva leve zumbiu ao nosso redor.

— Por que você usa essas coisas? — A voz de Kai era baixa e suave.

Coisas. As minhas roupas?

Desviei o olhar, sentindo a armadura ao meu redor se espessando. Eu já tinha ouvido zoações mais do que suficientes sobre minha aparência ao longo dos anos.

Você não gosta dos meus coturnos detonados com cadarços rasgados? Eles te ofendem? Havia alguma regra de que meus jeans deviam ser apertados, para que qualquer homem por aí pudesse babar pela minha bunda como se eu fosse um carro em exposição?

— Eu me visto do jeito que quero — respondi com rispidez. — Não para agradar outras pessoas.

— Pelo contrário... — Eu o senti se aproximar e olhei para baixo, vendo seus sapatos quase se encostarem aos meus. — Gostaria de saber se você realmente se veste dessa forma para agradar outra pessoa.

Encontrei seu olhar, sem demonstrar nenhuma emoção devido à longa e exaustiva prática desde criança.

Okay. Ele tinha razão. Talvez eu tenha começado a me vestir assim para agradar Damon. Nunca recebi dinheiro para comprar roupas e, mesmo agora, meu salário era mísero demais para gastar com supérfluos. Mas fiquei feliz com o que meu irmão me deu e teria usado de bom grado qualquer coisa, se isso significasse que eu poderia ficar com ele.

E quando estava crescendo, essas roupas me mantinham a salvo. Havia muitos homens por perto, e eu parecia mais jovem quando usava essas coisas. Escondia minhas formas e ajudava a me manter invisível.

— Essas roupas são masculinas — ressaltou, sua voz mais áspera. — Roupas masculinas usadas. De quem são? São todas de Damon?

— Por que isso te interessa? — retruquei. — Vou fazer o meu

trabalho. Servir de motorista para você, reformar aquele buraco que você chama de casa, limpar seu *dojo*, e não preciso fazer tudo isso usando um vestido de festa.

Ele abriu um sorriso.

— Você é muito misteriosa, e estou curioso ao seu respeito. Só isso. Então, vamos partir do básico. Qual é o seu nome?

— Banks.

— Qual é o seu nome, Banks?

Quase bufei uma risada.

Quase.

Ele foi um pouco mais rápido para sacar as coisas do que seus amigos, não é mesmo?

Banks era meu sobrenome. Eu gostava de usá-lo, porque achava que seria mais respeitada dentre os homens, e meu pai preferiu assim, já que odiava meu nome de batismo.

E nada disso era da conta de Kai Mori.

Porém, ele continuou:

— E de onde você é? Onde estão seus pais? Você realmente estudou em casa? — Ele começou a avançar na minha direção me fazendo tropeçar para trás. — Onde você mora? Você tem algum amigo? Como pode trabalhar para esse merda nojento, hein? Como você dorme?

Meu corpo colidiu com a porta de vidro e ele encurtou a distância entre nós, pairando e baixando a voz em um sussurro:

— Ou que tal uma pergunta ainda mais fácil? — Seu calor filtrou através da minha jaqueta, vibrando por cada fibra do meu ser. — Vou me confessar hoje. Quer vir comigo... *Banks*?

Seus olhos se fixaram nos meus lábios e meu ritmo respiratório acelerou. Ai, meu Deus. O mundo à minha frente começou a girar quando uma brisa fez com que o seu perfume me alcançasse.

Pisquei, virando-me. A lembrança de nosso primeiro encontro – a história que me contou nunca mais foi esquecida naquele dia no confessionário. Deus, como gostei da forma como me senti ao conversar com ele.

Carrei os punhos e o encarei por cima do meu ombro, obrigando-me a dizer com calma.

— Ah, Sr. Mori, você se esqueceu? — respondi, fingindo inocência. — Você sempre se confessa no final do mês.

Lancei um sorriso perspicaz, vendo sua expressão divertida desaparecer e se tornar mais sombria.

Sim. Nunca se esqueça de que sei tudo sobre você.

Seus olhos permaneceram calmos, mas suas palavras debochadas mostraram que meu desafio foi aceito:

— Vejo você no trabalho.

E passando por mim sem dizer mais nada, saiu do quarto e me deixou sozinha.

Fiquei ali por um instante, observando a franja do meu cachecol flutuando na varanda acima.

Eu me orgulhava de sempre estar um passo à frente. Informação era poder. Era algo mais valioso do que dinheiro.

Mas a apreensão se infiltrou lentamente.

Kai não era idiota.

Eventualmente, ele descobriria a verdade.

Capítulo 10

Banks

Dias atuais...

O Delcour se situava do outro lado do rio, no distrito de Whitehall. Lembrei-me de ver o prédio à distância do nosso apartamento no centro da cidade quando era criança e morava com minha mãe. Alto, preto, com detalhes dourados, me lembrava os prédios de um filme antigo. Gângsteres de ternos risca de giz, carros com pneus com uma listra branca, damas em vestidos extravagantes... Um pouco do visual *art déco*, da velha e totalmente ostensiva Hollywood, mas que sempre me enchia de admiração quando eu o vislumbrava. Não sabia como tudo podia ser fascinante e assustador ao mesmo tempo, mas Delcour provou que algo assim existia. Estava no meio da cidade como uma joia ornamentada em meio ao caos.

Eu não me encaixava em lugares como este, e meus nervos estavam em frangalhos.

Provavelmente haveria pessoas da minha idade, mas ao contrário de mim, eles estariam empolgados em suas prioridades totalmente diferentes das que eu vivia: sapatos de grife e suas bebidas *latte* de leite de soja, sem açúcar e chantilly.

O elevador parou e, quando as portas se abriram, meus ouvidos foram atingidos pela música que vibrava sob meus pés.

Com a boca seca, dei um passo à frente e entrei na cobertura de Michael Crist.

— Olá — um homem de calça e camisa pretas me cumprimentou. — Posso pegar seu casaco?

— Não.

Passei pelos cabideiros dos casacos na entrada, ignorando sua expressão chocada, e virei adentrando na residência. A música tocava na maior altura, mas, ainda assim, pude ouvir a conversa dos casais ao redor enquanto passava. Os homens se movimentavam, vestidos casualmente, alguns de terno com os colarinhos abertos, outros de jeans e camiseta, enquanto as mulheres usavam vestidos elegantes. Como sempre.

A iluminação suave refletia sobre o piso de mármore preto e, quando entrei na sala, senti meu corpo arrepiar diante do imenso número de convidados.

Obriguei-me a relaxar. Multidões me deixavam nervosa, mas eu podia lidar com isso. Atraí alguns olhares que me varreram de cima abaixo, conferindo minha aparência, mas apenas me concentrei em procurar ao redor.

Onde diabos ele estava?

Perambulei pela festa em busca do cabelo preto estilizado e seu olhar entediado de sempre, mas parecia impossível encontrá-lo. Muitos convidados deviam ser jogadores do Storm – companheiros de equipe de Michael –, porque até os impressionantes um e oitenta e oito de altura de Kai se perderiam em meio a alguns dos caras com quase ou mais de dois metros.

Cry Little Sister ecoou pelos alto-falantes, e avistei Erika voltando de um dos terraços. Ela veio até mim quando a luz das velas cintilou em sua pele e nossos olhares se encontraram.

— Oi — ela disse, tranquilamente, um sorriso sutil, mas caloroso. Por mais que soubesse que eu não queria me relacionar com ela, não demonstrou incômodo.

— Kai ainda está aqui? — perguntei, apontando para o envelope na minha mão. — Ele queria isso esta noite.

Ela não disse nada por um momento, mas apenas me encarou.

— Por aqui — finalmente respondeu.

Eu a segui pela cozinha e por um corredor, olhando à esquerda e vendo uma quadra de basquete interna em um nível mais abaixo, bem aqui, no apartamento.

Porque era óbvio que ele tinha que ter uma quadra.

Vários caras de terno sem o paletó corriam de um lado ao outro. Procurei por entre os rostos dos jogadores, mas também não vi Kai por lá.

Erika seguiu por um corredor mal iluminado e meu olhar pousou em suas costas, meio que admirando o macacão preto elegante e esvoaçante de alças cruzadas que ela usava. Bonita, simples e o centro das atenções dos Cavaleiros.

Tudo o que eu nunca seria para ninguém.

Ainda assim, não conseguia entender por que Damon estava tão obcecado por ela.

Ela virou à direita e abriu uma porta, vozes e risadas baixas fluindo imediatamente para o corredor. Rika virou-se de costas para a porta aberta, dando-me espaço para passar.

Entrei e olhei em volta. Uma mesa de carteados com meia dúzia de homens, incluindo Michael e Will, se encontrava no meio da sala; Kai ocupava uma cadeira, de costas para mim. Outros homens estavam distribuídos em várias mesas ao redor da sala, e uma mulher recostava-se à parede no canto, com uma bebida na mão.

Alguns, incluindo Michael e Will, me lançaram um olhar, parando por um momento, mas a maioria não me deu atenção.

Fui em direção a Kai, sem olhar para trás para ver se Rika me seguiu ou não.

— Eu poderia ter levado isso para sua casa mais tarde — eu

disse, irritada, enquanto enfiava o envelope em seu peito. — Ou para o *dojo* pela manhã.

Afinal, ele me fez trabalhar e executar tarefas sem parar nos últimos dois dias. Era tarde e eu precisava dormir.

Ignorando minhas reclamações, pegou o envelope e o abriu.

Quando me virei para sair, eu o ouvi dizer:

— Fique.

Parei, retrocedendo.

Kai pegou os papéis que Gabriel me deu, enquanto meu olhar se desviou para Michael, que apenas me observava. Contive o sorriso. Provavelmente, o garoto principiante ainda estava irritado pelo que aconteceu ontem no hotel.

Observei Kai folheando o contrato, e depois retirando uma caneta do bolso interno do terno. Isso era de se esperar. Gabriel sabia que ele relutaria em certas cláusulas.

— Você não vai apresentar sua amiga, Kai? — um homem do outro lado da mesa perguntou.

Mas ele apenas ergueu a caneta, estreitando o olhar enquanto lia.

Até que se virou na cadeira e me encarou.

— Ele está de brincadeira? — Apontou a caneta para uma linha do contrato, algo sobre garantir que Vanessa tenha filhos em tempo hábil.

Uma de suas sobranceiras se arqueou até quase alcançar o couro cabeludo enquanto me encarava como se a culpa fosse minha.

Dei de ombros.

— Se você acha que não consegue, podemos entregá-la a um homem melhor. Basta dizer a palavra.

Ele apenas olhou para mim, e nem mesmo a leve carranca em seu rosto escultural estragava sua beleza. Voltou a concentrar-se no documento, riscando a página inteira, rabiscando a cláusula para avançar e marcar inúmeros X no documento.

— Então, isso é muito fácil em seu mundo, hein? — perguntou, mantendo o tom baixo para que apenas nós ouvíssemos. — Basta dar uma pessoa para outra?

— Você deveria saber disso já — retruquei.

Eu fui dada a *ele* até o casamento, não é?

— Esta é Banks — ele falou novamente, mais alto, para que todos na mesa pudessem ouvir. — Ela trabalha para Gabriel Torrance. Há quanto tempo você trabalha para ele agora? — Olhou para mim, mas não esperou que eu respondesse. — Meio estranho como uma garota tão jovem foi levada para a mansão de um babaca milionário assim, não acha? — Sua caneta se moveu rapidamente pelas páginas, circulando e fazendo anotações. — Ele conhece sua família? Vocês

têm conexões com ele? — Um sorriso tênue suavizou seu rosto severo enquanto olhava o resto do contrato. — Seria interessante descobrir como isso aconteceu. Fico me perguntando que utilidade uma mulher poderia ter em uma casa cheia de homens.

Algumas pessoas ao redor da mesa riram baixinho com a insinuação dele.

— E quanto ele te paga ou... — Ele fez uma pausa, prolongando suas últimas palavras: — O quanto ele pagou *por* você?

Ele olhou para mim, organizando as páginas e as colocando de volta no envelope. Ele pode ter pensado em voz alta, ou pode ter sugerido estar tentando descobrir as respostas por si mesmo. Não seria assim tão difícil. Um detetive particular só teria que conversar com minha mãe.

— Tem que ser menos do que eu pago por uma mulher — ouvi Will caçar, seguido por mais risadas silenciosas ao redor da sala. Ele me lançou um olhar, deixando sua aversão aumentar e desmerecer minha aparência.

— Ah, conta outra — a mulher no canto interrompeu. — Como se eu ainda te cobrasse. Tudo o que você quer fazer é ficar abraçadinho metade do tempo de qualquer maneira.

Um dos homens à mesa escarneceu, mal conseguindo conter o riso, enquanto outros nem se deram ao trabalho de disfarçar.

Will virou-se para ela com uma carranca, resmungando:

— Caralho.

Ela sorriu e piscou para ele.

Essa devia ser a tal Alex. Estudante universitária e acompanhante excessivamente cara e que morava no décimo sexto andar. Amiga de Rika, cujo cliente mais assíduo era Will Grayson.

Damon gostava de seu vigor. Embora não gostasse quando ela se recusava a fazer tudo o que ele queria.

— São tantas perguntas... — Kai levantou o envelope, oferecendo-o para mim. — Quase faz a pessoa querer contratar alguém para descobrir as respostas.

Pisquei lentamente, tentando parecer entediada, mas meu coração acelerou infimamente. Eu já esperava por isso. Kai era muito mais inteligente do que a maioria. Estive investigando a vida dele e de seus amigos. Era óbvio que começaria a fazer o mesmo comigo.

Eu teria que dar um pulo na casa da minha mãe.

Amanhã.

— Faça com que ele concorde com essas alterações e eu assino — disse.

Agarrei o envelope, mas ele não o soltou. Em vez disso, puxou-o para baixo, trazendo-me junto.

— E, por favor — sussurrou, seu hálito tocando minha

bochecha —, continue me subestimando.

Nós dois seguramos o envelope e meu olhar se focou ao dele, ambos paralisados por um instante.

Tão perto. Eu queria me afastar, mas não consegui. Algo cresceu em meu peito, e seus olhos escuros se tornaram quase negros enquanto me mantinha cativa.

Você disse que queria ser caçada. Deus, por que pensei nisso depois de todo esse tempo? Quase fechei os olhos perante a lembrança.

Seu cheiro, sua boca, seu corpo pressionado ao meu... Ele era frio como gelo o tempo todo. Até que ardeu de desejo por mim. Eu sabia o quão ganancioso ele poderia se tornar naquela época.

O pulso entre as minhas pernas começou a latejar, e puxei o envelope das mãos dele de uma vez, endireitando-me.

— Posso fazer mais alguma coisa por você, Sr. Mori?

Ele apoiou a mão no suporte da cadeira e pareceu se concentrar novamente no jogo de cartas.

— Vá reabastecer as toalhas para os convidados na piscina.

Arqueei uma sobrancelha.

— Não estou aqui para servir seus amigos.

— Você está aqui por mim e por qualquer coisa que eu te mandar fazer. — Lançou um olhar de advertência. — A menos que queira voltar para Thunder Bay e dizer a Gabriel que você rompeu o contrato.

Sim, você simplesmente amaria isso, né? Você tem as chaves e os códigos do hotel, ainda não assinou o contrato, e a culpa seria minha por romper o acordo.

Mantendo o olhar firme ao dele, saí da sala, ouvindo a voz de Michael atrás de mim:

— As toalhas estão no armário do corredor no andar de cima!

Cerrei os dentes, fervendo enquanto risadas flutuavam para fora da sala. *Filhos da puta.*

Ao virar a esquina, passei por entre as pessoas e agarrei o corrimão, subindo as escadas rapidamente. Não estava com pressa nenhuma de prestar serviço, mas queria sair daqui, e assim que pegassem suas malditas toalhas, eu sairia com ou sem a permissão dele.

A música no andar de baixo desapareceu e, ao chegar ao topo, deparei-me com uma grande área aberta cheia de TVs, sofás e algumas pessoas que me cumprimentaram.

Continuei pelo corredor, no escuro, abrindo algumas portas de quartos, um banheiro e um escritório, antes de abrir outra e finalmente encontrar prateleiras de roupas de cama e toalhas empilhadas ordenadamente. Comecei a arrancar o máximo de toalhas

que poderia carregar.

— Oi.

Dei um pulo, sobressaltada. A jovem mulher do jogo de pôquer espiou pela porta aberta, a mão no quadril.

— Eu sou Alex — ela me disse.

— Eu sei quem você é.

Peguei mais uma toalha e a coloquei na pilha no meu braço.

— Vou considerar isso como uma coisa boa.

Entenda como quiser.

— Não consigo entender como Rika tolera sua presença — eu disse, fechando a porta do armário. — Quantos de seus convidados você está aceitando como clientes hoje à noite?

Mas, para minha surpresa, ela riu.

— Não estou trabalhando hoje à noite, na verdade.

Um brilho iluminou seus olhos, e tive que dar o braço a torcer. Fui grosseira de propósito, mas ela aceitou o desafio sem vacilar.

— E Rika gosta de me receber em todos os lugares — provocou, inclinando-se. — Ela acha que eu beijo bem.

Sim, tudo bem.

— As mulheres realmente beijam muito melhor, na minha opinião, de qualquer maneira — continuou ela, olhando-me de cima a baixo de um jeito tão intenso que, de repente, tornei-me hiperconsciente. — Quer dizer, os homens não têm ideia do que fazer com a língua. — Ela riu. — Eu cobro taxa extra para beijar.

Minha memória viajou para o momento em que beijei Kai, e os nervos sob minha pele saltaram à vida. Kai definitivamente sabia o que fazer com a língua.

Alex continuou, revirando os olhos.

— Ou é do tipo “*sou uma casquinha de sorvete*” — ela fechou os olhos e lambeu o ar, grunhindo e fazendo movimentos exagerados com a língua — ou é como um maldito tornado revirando aquela coisa dentro da nossa boca. — E novamente, ela fechou os olhos, fazendo círculos no ar com a língua. — Algo como isso: “*desculpa, vou precisar de um babador quando te beijar?*”.

Ela estremeceu, e não consegui conter a risada. Graças a Deus, não passei por esse infortúnio. Eu provavelmente acabaria mordendo qualquer coisa desagradável tentando entrar pela minha boca.

Ela atravessou o corredor, espiando a porta entreaberta.

— Mas o Will? — ela sussurrou, a luz de dentro da sala fazendo seus olhos brilharem. — Ele é muito bom. Ele sabe dosar do jeito certo, e é como se fôssemos capazes de sentir sua língua entre as pernas ao mesmo tempo. Ele sabe como deixar uma mulher louca.

Eu a segui, avistando Will dentro de um quarto, imprensando uma garota contra a parede. Vi quando a boca dele cobriu a dela, as

pálpebras femininas tremulando enquanto a mão dele deslizava pela pele escura de sua coxa antes de levantá-la e pressionar-se mais profundamente entre as dele, as roupas servindo como única barreira entre os dois.

Ouvi o gemido suave ao longe.

— Gentil no começo — Alex continuou, observando-o como se estivesse narrando a cena: — Ele saboreia e brinca, e depois entra mais forte e com mais ímpeto, e você sente que nunca foi tão bem fodida na vida, mesmo que o pau dele ainda nem esteja dentro de você.

Eu podia ver a língua dele se movendo na boca dela, não muito profundo, até que lambeu o lábio superior para morder o inferior em seguida. Então mergulhou em mais um beijo apaixonado outra vez.

Meus dentes rangeram quando os cerrei, fechando os olhos por um momento.

— Ele realmente se empenha, sabia? — Alex disse, e dava para ver que ela estava sem fôlego. — Nenhuma parte do corpo de uma mulher deveria se privar de beijos. Will realmente aproveita ao máximo aquilo que faz de melhor.

A batida da música no andar de baixo vibrou através das minhas pernas, mas não conseguia ouvir nada. Tudo o que podia ouvir era ela. A garota no quarto, seus ofegos e gemidos, e realmente sem nem precisar ou querer ver o que ele fazia, pois a imagem já era nítida em minha mente.

Uma parte minha sabia que tudo o que meu cérebro dizia era verdade. Os homens me machucariam, me usariam e me jogariam fora e blá, blá, blá.

Mas não importava o que minha cabeça dissesse, ainda assim, eu não conseguia evitar o desejo que sempre se infiltrava, cada vez mais, ultimamente.

Eu queria amadurecer.

— Eu realmente gostaria de fazer isso com você agora — disse uma voz no meu ouvido, e quando abri os olhos, percebi que Alex estava às minhas costas. — Eu gostaria de tirar as suas roupas e enterrar minha língua entre suas pernas.

Meus olhos se arregalaram e deixei cair as toalhas. Merda!

— Alex. — Uma voz grossa, de repente, atravessou o silêncio, me fazendo congelar.

Ela parou também e se virou por trás de mim.

— Não essa — disse Kai.

— Você formou o trio que eu queria com Michael e Rika, e agora ela? — Alex resmungou. — Estou começando a pensar que você é meu concorrente, Kai.

Trio. Engoli o nó na garganta. Eu sabia disso, mas não precisava

de lembretes.

Houve um silêncio, e então, finalmente, pelo canto do olho, vi Alex sair pelo corredor. Esfreguei uma coxa à outra, sentindo a umidade entre as pernas quando me virei.

Kai se inclinou contra a parede oposta, olhando para mim com os braços cruzados. Mas não havia nada frio em seus olhos. Eles me enraizaram.

Os sons do quarto onde Will e a garota se encontravam, começaram a se tornar mais altos, e uma imagem espontânea de Kai em cima de mim, seis anos atrás, surgiu na minha cabeça.

Minha respiração vacilou e senti o estômago revirar quando fui tomada por uma tontura.

— Eu vou... vou vomitar.

— Você não vai vomitar. — Ele permaneceu recostado à parede, me olhando de cima a baixo. — Você está excitada.

Calor aqueceu minhas bochechas e balancei a cabeça, tentando controlar a respiração.

— Abra as coxas — ouvi Will pedir pela porta entreaberta. — Abra-as para mim, gata.

Diversão tocou os olhos de Kai quando nós dois ficamos ali congelados, nossos olhares presos.

— Sim — a garota ofegou. — Depressa. Estou prestes a gozar.

— Oh, isso é tão *sexy* — Will disse a ela, acrescentando: — Continue esfregando essa boceta. Deixe-a gostosa e molhadinha.

Meu fôlego ficou preso e imediatamente imaginei o que ela devia estar fazendo por ele naquela cama.

— Mumm-humm — ela gemeu, implorando: — Vamos lá, vamos fazer isso.

— Vire-se.

Um suor frio brotou por todo o meu corpo, e olhei para Kai, deslizando o olhar pelo dele. Mesmo sob as roupas, eu podia atestar sua beleza. Fechei os olhos por uma fração de segundo, tentando afastar a necessidade que crescia entre minhas pernas. Eu queria ser tocada. Queria arrancar minhas roupas. Queria toda a atenção dele em uma cama. Não estava nem aí para o lugar. Ele era tão gostoso e sua memória ainda era bem vívida.

A cabeceira da cama começou a se chocar contra a parede e grunhidos e gritos suaves flutuaram pelo corredor.

Meus olhos continuaram o lento exame pela cintura estreita e pernas longas de Kai, desejando, por um instante, que fosse eu naquele quarto. Entretida pelo momento que eu seria bem capaz de deixar acontecer.

— Continue me olhando assim — disse Kai —, e teremos problemas.

Desviei o olhar. Eu precisava sair daqui.

— Posso ir embora agora? — disse, ríspida.

Mas ele não respondeu. Em vez disso, moveu-se, abaixando os braços e caminhando direto para mim.

— Você sabe no que pensei inúmeras vezes ao longo dos anos? Mais do que gostaria de admitir? — perguntou, apoiando a mão na parede atrás da minha cabeça. — Você e eu naquela torre, minhas mãos em você, apenas sentindo cada pedacinho seu. Lembra-se disso?

Não respondi nada, e ele se inclinou.

— Gostei demais de assumir o controle sobre você — prosseguiu, suas palavras saindo suavemente. Gentis. — Foi completamente diferente de como eu era com outras garotas. Controle é uma ilusão. Geralmente dura apenas alguns minutos. — Ergueu o olhar, encontrando o meu. — Mas contigo, senti como se tivesse controle sobre você para sempre. Parecia que eu poderia segurar toda a sua existência na palma da minha mão. Você fez e disse tão pouco para me fazer te querer.

Recuei, colidindo contra a parede. O que ele queria de mim? Ele começou a *descer o nível* ou algo assim? Não que eu achasse que era nojenta ou feia, mas, pelo amor de Deus. Eu me vestia de propósito com roupas largas e masculinas, a fim de evitar qualquer tipo de atenção, mas Kai agia como se não enxergasse as roupas, o cabelo emaranhado e as unhas sujas.

Ele agia da mesma forma que fez há seis anos. Como se eu fosse apenas uma garota. Mas não uma garota qualquer. Eu era especial. Querida. Desejada.

Ele se inclinou no meu ouvido, enviando uma agitação pelo meu estômago enquanto sussurrava:

— Tire sua jaqueta e abra a camisa para mim.

O desejo de afastá-lo me atingiu, mas fiquei quieta, porque realmente queria fazer o que ele me pedia. Eu queria suas mãos em mim outra vez.

Apenas balancei a cabeça.

Ele estendeu a mão, puxando o gorro da minha cabeça e meu cabelo ficou livre, derramando-se ao meu redor. Com carinho, pegou uma mecha, enrolando-a nos dedos. A tênue sensação fez minhas pálpebras tremularem.

No entanto, ele se endireitou e agarrou um punhado do meu cabelo à nuca, me fazendo ofegar ante a dor repentina.

— Sejamos honestos — ele rosnou baixo, forçando-me a encará-lo. — Você me observou. Você me seguiu. Contou, inclusive, o número de vezes que tomo banho por dia. Você espionou isso também? Hã?

Cerrei os dentes, o calor de seu hálito tocando meus lábios.

— Você me espionou enquanto eu transava? — Seus olhos

pousaram na minha boca. — Abra sua camisa para mim, pequena. Vamos ver se eu gosto daquilo que está me metendo em encrenca.

Seus lábios pairavam sobre os meus, e o desejo no meu corpo se enfureceu.

— Não — sussurrei e plantei as mãos em seu peito. — Você tira a camisa.

Ele fez uma pausa, olhando para mim com curiosidade enquanto segurava minha cabeça a um centímetro da dele. Minha pele estava queimando e minhas roupas irritavam meu corpo. Era quase doloroso. Eu queria arrancá-las. Queria senti-lo contra mim.

Estendendo a mão, toquei seu rosto, passando a mão pela mandíbula e por sua nuca. Quente e suave, no entanto, eu queria mais.

Ele me olhou com cautela, os olhos pousando brevemente na minha boca quando seus próprios lábios se separaram, porém não me impediu. Seu agarre afrouxou.

Arrastei os dedos até sua camisa e mantive o olhar focado ao dele enquanto abria os botões, mas meus dedos estavam tão trêmulos que decidi arrancar logo tudo de vez ao segurar as laterais e puxar com força, fazendo os botões voarem em todas as direções.

Ele ofegou profundamente, quase grunhindo, enquanto firmava o agarre em meu cabelo e recostava a testa à minha. No entanto, eu o empurrei, enviando-o aos tropeços para longe de mim.

— Não me toque. — Avancei sobre ele, empurrando-o novamente até que se chocou contra a parede oposta.

Uma mistura de choque e irritação atravessou sua fisionomia, mas não lhe dei chance de responder. Corri até ele, segurando seus pulsos com minhas mãos e os prendi ao lado de seu corpo, enquanto ficava na ponta dos pés e enterrava meu rosto em seu pescoço.

Então deslizei meus lábios sobre sua pele.

Lentamente, para cima e para baixo, por cima da saliência da veia no pescoço e pela curva deliciosa em direção à clavícula.

Ele estremeceu.

Deus, ele era tão suave e quente, e um formigamento atingiu meus lábios, espalhando-se pelo meu rosto e por todo o meu corpo. Abri a boca, arrastando meus lábios por todos os lugares. Mergulhando sob o queixo para o outro lado, eu o explorei com a boca, tão tentada em beijá-lo. Só uma vez. Afundar meus lábios em sua pele e provar tudo aquilo que cheirava maravilhosamente. Passei o nariz sob a orelha dele, inalando seu perfume e depois expirando meu hálito quente. Ele se derretia contra a parede, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos, convidando-me a ir mais além.

Kai começou a resistir ao meu agarre, tentando soltar as mãos, mas apertei com mais força ainda, enviando uma advertência tácita.

Voltando a me firmar, soltei seus pulsos.

— Mantenha suas mãos aí.

Puxando sua camisa e paletó, movi as mãos e boca pelo tórax forte. Meus dedos escalaram sua pele, formigando com a sensação dos relevos e reentrâncias, e minha boca seguiu o caminho traçado por minhas mãos. Circulei seu mamilo com um dedo e depois o segui com os lábios, minhas coxas friccionando a pele sensível e o feixe cheio de nervos do meu centro.

Fechei os olhos. Eu não queria que isso acabasse. Queria que ele me abraçasse, me encapsulando em seu calor e cheiro intoxicantes. Mas se permitisse aquilo, estaria cometendo meu primeiro erro.

Levantei a cabeça, vendo-o me observar enquanto seu peito subia e descia com as inspirações profundas.

— Eu não sou sua pequena. — Afastei as mãos, recuando. — Mas você está certo sobre o controle. É uma ilusão. Olhe para você. Você nunca teve controle nenhum.

Deixei um sorriso escapar e me abaixei para pegar meu gorro.

Quando dei por mim, Kai me agarrou e me puxou de volta para ele.

— E você também não — ele sussurrou no meu ouvido. — Você só tem tanto controle quanto eu permito que tenha.

— Oh, sim, você venceu. A força contra a mente sempre, estou certa? Mas você esquece uma coisa. — Virei a cabeça, dizendo: — Posso dizer não quando quiser, e tudo se acaba. A menos que você queira ir para a prisão novamente.

Ele parou, sem dizer nada.

Ele sabia que eu estava certa. Claro, ele também poderia dizer não, mas isso era meio improvável.

Seu hálito tocou meu cabelo, e ele soltou meus braços, abaixando a cabeça ao lado da minha.

— Você está certa — ele disse, calmamente. — Você pode dizer não a qualquer momento. — E começou a roçar os lábios em meu pescoço, da mesma forma que eu havia feito com ele. — Quando quiser.

Minhas pálpebras tremeram, e sua mão segurou minha bochecha, virando meu rosto em sua direção. Nossos narizes se roçaram, nossos lábios se afastaram um do outro, tão perto que eu podia prová-lo, e não estávamos nem nos beijando.

Eu podia sentir o latejar intenso entre as pernas, e me lembrei daquela casa de merda onde ele dizia morar e da cama solitária no quarto, e em como não havia outro lugar onde eu mais desejasse estar agora.

Quem realmente controlava quem? Nós dois estávamos muito fodidos.

Sua mão roçou minha barriga, descendo, e a agarrei assim que ele a posicionou entre minhas coxas. Gemi baixinho.

— Oh, meu Deus. — Eu pretendia afastá-lo, mas aquilo era tão gostoso.

Porra. Minha respiração saía em ofegos. Essas malditas ataduras.

Eu não conseguia respirar.

— Pare — choraminguei, afastando suas mãos. — Pare, pare, pare. Eu não consigo respirar. Não consigo respirar.

Inspirei com força, descansando a palma da mão na parede para me apoiar. *Jesus. Que droga era aquela?* Minhas costelas e pulmões doíam, e eu estremeci, desesperada para tirar essa merda.

Eu precisava sair daqui.

— Oi, Kai — ouvi uma mulher dizer.

Virei a cabeça e vi duas garotas andando pelo corredor, sem reconhecer nenhuma delas. Não que eu devesse conhecê-las, claro.

Elas olharam para mim, varrendo-me de cima a baixo, conferindo minha aparência. Desviaram o olhar, mas não me passou despercebido quando se entreolharam, dando risadinhas desdenhosas antes mesmo de entrarem no banheiro. Olhei para o chão.

— Posso ir embora agora?

Kai olhou para mim, o terno e a camisa parcialmente abertos, revelando a pele morena de seu peito.

— Não se preocupe com elas. Estão bêbadas.

Coloquei meu gorro, sem me preocupar em enfiar o cabelo por baixo. Não tinha paciência para isso.

— Como se você desse a mínima — disse, entredentes. — Você queria que eu me sentisse desconfortável. É por isso que me fez vir aqui, em torno dessas pessoas, para que pudesse me lembrar do meu lugar.

— Eu não...

— Eu não ligo para suas mentiras. — Eu o encarei, uma raiva familiar aquecendo meu sangue agora. — Você acha que não estou acostumada com a maneira como pessoas desse tipo olham para mim? Homens

pensando que se me embonecarem, me farão algum tipo de favor, e mulheres que cobrem suas bocas com as mãos para rirem às escondidas. Tem sido assim toda a minha vida. Eu não dou a mínima para o que eles veem quando olham para mim. Seu mundo é vazio e não pode me ensinar nada.

Estava decepcionada. Havia me empolgado com ele, outra vez. Mas, felizmente, não fui longe demais. Culpe o estresse ou a atração que sempre senti por ele, mas o impedi de ir em frente. Eu poderia pelo menos me sentir bem com isso.

Ergui o queixo.

— Eu tenho Damon. Ele é tudo o que eu quero.

Os olhos de Kai se arregalaram e sua respiração se tornou mais profunda e arfante. Sim, ele que pensasse o que quisesse, mas era a verdade. Meu irmão era o único homem que queria que eu fosse forte. O único homem que nunca me machucaria.

Eu me virei e voltei pelo corredor, em direção à escada.

Contornando o corrimão, desci rapidamente os degraus, vendo, de esguelha, que ele me seguia. Como seus passos não eram rápidos, eu sabia que não estava tentando me alcançar e impedir de ir embora.

Em dois minutos eu estaria fora e longe daqui. Apenas vá.

Mas, quando cheguei ao piso inferior, levantei a cabeça e vi uma briga se formando no meio da sala de estar. *O qu...?*

Lev estava com as mãos entrelaçadas à nuca, sorrindo para David e Michael que se encaravam quase nariz com nariz. Ilia recuou com os braços cruzados sobre o peito, enquanto Rika, Will e vários espectadores próximos observavam o que estava prestes a explodir.

— O que está acontecendo? — Kai gritou por trás de mim, ultrapassando-me.

O recepcionista do saguão do prédio se virou e disse:

— Sinto muito, senhor — Ele parecia confuso. — O Sr. Crist disse que qualquer um poderia aparecer, mas eles pareciam fora do comum e, quando interfonei para saber se poderiam subir, eles simplesmente pegaram o elevador. Eu sinto muito.

Ele olhou entre Michael e Kai, com o olhar preocupado. Eu não tinha certeza do porquê estava se desculpando com Kai. Não era o apartamento dele.

— Está tudo bem — Michael assegurou e depois olhou para os meus rapazes. — Quem são vocês?

— Eles trabalham para Gabriel — gritei, empurrando as pessoas. — David, o que vocês estão fazendo aqui?

Eu os vi em Thunder Bay, algumas horas atrás, quando estava pegando o contrato, mas eles deveriam ter ficado por lá. Eu não os esperava na cidade tão tarde.

David virou a cabeça, olhando para mim.

— Você quer ir para casa?

— Eu já estava indo embora.

Mas Kai interferiu, olhando para mim.

— Sente-se — ordenou.

Cerrei a mandíbula com força, olhando para ele. O quê? *De jeito nenhum.* Dane-se ele e seu complexo de superioridade. Já tive o suficiente por uma noite.

— Você não está preparado para começar algo com esses caras — debochei com arrogância.

Realmente era fácil agir assim quando eu tinha uma equipe de apoio. Sim, eu era uma merda.

No entanto, Kai falou com David:

— Gabriel concordou com isso. Ela trabalha para mim agora. Deem o fora.

— Gabriel não nos enviou. — Ele deu um passo à frente, aproximando-se de Kai. — E nós só sairemos sob o comando dela. Não o seu.

Kai virou-se para mim, inclinando a cabeça para me encarar.

— Vá com eles. Eu te desafio.

Meu coração pulou uma batida. Quanto ele me lembrava de Damon agora...

Mas o contrato ainda não havia sido assinado. Uma vez que fosse, eu poderia fugir, e caberia a ele me perseguir ou não. Se rompesse o acordo agora, Gabriel me culparia.

Kai abaixou o tom de voz, todos ao nosso redor silenciaram, mas a música e os festeiros se mantiveram cada vez mais ruidosos.

— A quem você pertence?

— Kai — alguém repreendeu.

— Quieta, Rika — disse, ríspido, ainda olhando para mim. — A quem você pertence?

Eu podia sentir os olhares em mim, e o que mais queria fazer naquele momento era pegar meu canivete e cravá-lo em suas tripas. *Filho da puta*. Anos e anos tentando provar meu valor a idiotas como ele, e quando consigo me impor como fruto do meu esforço, ele vem e me dá uma rasteira. Todo mundo testemunharia a minha impotência.

Mantive o olhar conectado ao dele, sentindo meus olhos incendiando de puro ódio. Cerrei os dentes com tanta força que cheguei a sentir dor.

Dando um passo, fui para o lado dele e me virei, encarando David, Lev e Ilia.

— A você — sussurrei em um tom quase inaudível.

E eu vou te matar por isso. Um nó se formou na minha garganta e senti náuseas.

— Agora, sim... — Kai disse, sentando-se na cadeira de estofado preto atrás de si. — Você pode levá-la para casa.

Não esperei pelos caras. Saí empurrando as pessoas à minha frente, sendo seguida pelos três logo depois. Senti uma mão descansar levemente nas minhas costas.

— Ela sabe andar sozinha — gritou Kai. — Não toque nela.

O toque, provavelmente de David, sumiu na mesma hora.

Viramos na sala e entramos no elevador. Quando Ilia apertou o botão, e as portas se fecharam, perdi o controle. Soquei a parede metalizada repetidas vezes, esticando a perna para chutá-la e

descontar minha raiva.

— Porra! — rosnei, enfurecida.

Eu me virei, golpeando com mais força ainda, sentindo todas as articulações latejarem de dor. Bati na parede de novo e de novo, esmurrando e chutando.

— Urgh! — Dei outro soco.

Ainda bem que os caras sabiam quando calar a boca e ficaram do outro lado do elevador.

Andei de um lado para o outro, respirando com dificuldade. Ele me humilhou. Bati a palma da mão contra a parede novamente, a dor subindo pelo meu braço. *Me humilhou...*

— O que você quer que façamos? — David perguntou.

Entretanto, não olhei ou sequer respondi a eles.

Eu sabia o que deveria vir a seguir. Kai precisava assinar esse maldito contrato. Depois que fizesse isso, então ele seria tudo o que eu teria que enfrentar. Meu irmão poderia voltar e ficar em segurança, e meu pai sairia de cena, tendo conseguido o que queria. Só então eu poderia fazer as coisas do meu jeito.

Mas eu suspeitava que Kai nunca teve a intenção de assiná-lo. Esse era o problema. Ele ia prolongar essa situação e me arrastar com ele.

Eu nunca deveria tê-lo deixado me tocar.

— *Os caras só querem foder* — lembrei-me do meu irmão dizendo isso para mim, uma vez. — *Vamos foder tudo em que pudermos colocar em nossas mãos. Ninguém vai te amar. Não de verdade. Ele só vai te conduzir, conseguir o que quer e, uma hora ou outra, vai te trocar por alguém mais jovem e gostosa. Prometa que nunca permitirá que alguém te use desse jeito. Não seja uma vagabunda. Seja forte.*

Meu irmão me ensinou que os homens só me usariam e me machucariam, e pelo que eu tinha visto até agora nesta vida, ele estava certo.

Kai poderia ficar com tesão como qualquer outra pessoa, mas a luxúria nunca poderia ofuscar o quão cruel eu sabia que ele poderia ser. Quão cruel foi com Erika no ano passado e como havia acabado de se provar.

Ele tinha total controle sobre mim. Ele sabia, e acabou de provar isso a todos.

Eu precisava parar de ser tão responsiva a ele. Seja luxúria, raiva ou medo, eu precisava conter a minha excitação. Precisava deixá-lo entediado.

Se não o fizesse, nós dois nos deixaríamos levar um pelo outro.

E se isso acontecesse... haveria guerra.

Capítulo 11

Kai

Dias atuais...

Fechando a porta do armário com força, enfiei as roupas na minha mochila e fechei-a. Já era tarde, a academia estava vazia e, quando saí do vestiário, não me sentia tão exausto quanto imaginei.

Depois de mais um treino e outro banho, ainda estava acordado às dez e meia da noite.

Segui pelo corredor até o escritório, peguei o telefone na mesa e tranquei a porta. Não havia mais ninguém ali, o lugar agora calmo e escuro.

Meu telefone tocou.

Olhando para baixo, vi o número da minha mãe.

Senti o peso da culpa por um instante. No entanto, eu sabia que ela me ligaria em algum momento, já que havia cancelado minha ida ao jantar hoje à noite.

Eu amava meus pais, mas, às vezes, realmente invejava a atitude e metodologia mais relapsa dos pais de Michael.

— Você está acordada até tarde.

— Estou tentando não dormir — ela brincou. — Parece sempre dar certo com o meu filho.

Ri sozinho, andando pelo saguão e certificando-me de que os computadores estivessem desligados.

— Você está ligando para puxar minhas orelhas? — perguntei a ela.

— Talvez.

— Sinto muito, okay? — Andei em direção à porta da frente. — Eu deveria estar aí hoje à noite.

Eu sempre ia para casa aos domingos para o café da manhã e para treinar com meu pai, então não era como se não os visse direto. Eu só achava difícil me obrigar a ir lá mais vezes, quando a decepção do outro lado da mesa era palpável.

— Papai está com raiva?

— Não — ela respondeu. — Ele está apenas...

Eu assenti.

— Decepcionado. Eu sei.

Minha mãe ficou calada, até mesmo porque ela sabia que era verdade. Andávamos sempre às voltas, e por mais que meu pai raramente gritasse comigo, seu silêncio era mais difícil de aguentar.

— Marinei alguns bifes extras — ela disse. — Eles estarão à sua espera, se quiser voltar para casa amanhã.

— Talvez.

O que significava que eu a veria domingo, como sempre.

— Você está indo bem — ela me disse. — E ele está vendo isso. Ele te ama, Kai.

— Sim, eu sei. — Em tese.

Se eu morresse, ele choraria a minha ausência. Eu sabia. Porém, eu tinha muitas dúvidas se qualquer outra coisa nos tiraria desse impasse em que nos encontramos desde que fui preso todos esses anos atrás.

— Vejo você em breve, tudo bem? — Digitei o código no teclado e abri a porta da frente, saindo e trancando-a em seguida.

— Eu te amo — afirmou, baixinho, mas essas três palavras expressavam tantas coisas mais que ela não estava dizendo. Eu odiava ter feito minha mãe chorar.

— Também te amo — respondi e desliguei o telefone.

Deslizando-o no bolso, virei-me e olhei para o *The Pope*. Se não encontrasse Damon, a merda bateria no ventilador outra vez, e, provavelmente, nunca seria capaz de encarar meu pai.

Andando em direção ao beco logo depois da esquina, vi Banks encostada na parede de tijolos com as mãos nos bolsos.

— O que você está fazendo? — Eu a deixei ir embora uma hora atrás.

— Esperando minha carona.

— Você não tem carro? — perguntei.

— Você já me viu com um carro?

Hesitei por um instante. *Bem, não*. Ela sempre foi conduzida por esses idiotas.

E falando do diabo...

Olhei para cima e avistei o mesmo SUV preto estacionar próximo ao meio-fio. David e aquele garoto – cujo nome havia esquecido – estavam sentados nos bancos da frente, lançando olhares entre mim e Banks.

Sempre que ela ligava, eles com certeza vinham correndo, não? Passei por ela e entrei no beco.

— Vou te levar para casa. Entre.

— Como eu disse, já tenho carona — ela retrucou.

Parei, virando-me e encarei-a.

— Além disso, vou para Thunder Bay — acrescentou. — Preciso cuidar de algumas coisas.

— Impressionante. Estou indo para lá também. — E me virei, destrancando e indo em direção ao carro.

Não pretendia ir a Thunder Bay, mas, pelo jeito, agora iria.

E não estava com ciúmes. Eu simplesmente não gostava de como esses babacas sempre apareciam, agindo como se ela ainda fosse

deles. Ela não era, e todo mundo precisava se lembrar disso.

Abri a porta do carro, olhando para ela por cima do capô.

— Banks.

Ela ficou lá por um momento, lançando um olhar de soslaio para os caras e parecendo envergonhada. Ela provavelmente queria discutir, mas fez o que foi mandado. Veio até o carro, abriu, entrou e bateu a porta com força, não se incomodando em colocar o cinto de segurança.

Encarei os homens no outro carro, vendo suas carrancas. Quase ri.

Afastei-me do estacionamento e passei acelerado por eles na rua tranquila.

Ela não disse nada, e permiti que se mantivesse calada enquanto eu dirigia. Ultimamente, eu a pressionava bastante e não queria que nossa interação fosse sempre assim. Gostava de conversar com ela.

Depois da festa de Michael, há alguns dias, fiquei fora do seu caminho, assim como ela ficou fora do meu, porém, mais por estar confuso do que irritado.

Eu deveria estar procurando por Damon. Deveria estar cuidando da pendência que ele tinha comigo.

Mas na outra noite, naquele corredor escuro no Delcour, tudo voltou à tona. Como foi fácil me envolver e conversar com ela, e o quanto amei aqueles raros momentos de vulnerabilidade quando ela quase precisou de mim. E me quis.

Ela era um mistério, mas agora, a única coisa de verdade que queria era tê-la embaixo de mim, entre os lençóis. Qual seria o olhar em seu rosto? Que palavras sussurraria? Em que parte do meu corpo ela colocaria suas mãos?

No entanto, ela era leal aos Torrance. Como eu poderia fazer o que era preciso e ainda mantê-la ao meu lado?

O carro cortou a noite fria, atravessando a ponte e descendo a estrada obscura em direção a Thunder Bay com os faróis brilhando à frente. Respirei fundo, tudo de repente parecendo denso dentro do carro.

Minha pele zumbiu com a sensação de tê-la ao meu lado.

Olhei de relance, vendo-a encarar a paisagem pela janela, as costas eretas e as mãos no colo. Lentamente, porém, ela começou a passá-las para cima e para baixo sobre as coxas, a respiração um pouco acelerada.

Virou a cabeça para frente novamente e notei o rápido olhar de esguelha que me lançou enquanto mordiscava os lábios cerrados.

Voltei a me concentrar na estrada, contendo um sorriso.

— Você é realmente muito boa em autocontrole, não é, garota?

— Mantive o tom calmo. — Quer me dizer alguma coisa? Posso sentir a tensão no ar. Você pode ficar à vontade.

Mas ela permaneceu quieta, como sabia que faria. Apoiei o cotovelo na porta e passei os dedos pelos lábios. Como brincar com alguém que não se envolvia muito?

Até que tive uma ideia.

— Então, como ela é? — perguntei.

As sobranceiras delicadas franziram.

— Quem?

— Vanessa.

Ela voltou a olhar pela janela do seu lado, suspirando com impaciência.

— Ela se parece a alguém que vai ficar ótima quicando em cima de você na noite de núpcias.

Apertei o volante com força. Que pirralha do caralho.

— Então, você nunca falou com ela, é isso? — insisti.

Eu queria deixá-la com ciúmes.

— Algumas vezes — respondeu. — E uma vez ela pagou um garoto para agarrar meus seios em uma festa quando tínhamos quinze anos. Damon o amarrou a uma árvore e enfiou a cobra Volos dentro da cueca dele. O garoto gritou como uma cadela.

Bufei uma risada.

E então minha expressão se desfez, odiando que, por um momento, tenha sentido falta dele. Não gostei da parte em que Banks foi agarrada, mas me senti mais tranquilo por saber que ele puniu o cara. Esse não era o comportamento típico de Damon.

Por que ele era tão apegado a ela?

Mas, quem era eu para falar, já que também estava rapidamente me apegando? Por razões que não conseguia nem entender agora.

— Conversei com Michael hoje — comentei, mudando de assunto enquanto olhava à frente. — Ele disse que você o ameaçou no *The Pope*. Depois que ele te agarrou e imprensou em uma parede para te ameaçar.

Não consegui evitar e me diverti com a imagem na minha cabeça.

— Você disse a ele que somos vulneráveis e desfocados? — Eu sorri, fazendo uma curva suave. — Ele realmente parecia preocupado, como se você tivesse razão.

Suas sobranceiras franziram mais ainda, claramente tentando ignorar minhas tentativas de puxar assunto.

— Sabe, a última vez que te vi, seis anos atrás, você era tímida e inocente. O tipo de garota que se encolhia perante uma brisa leve. — Soltei um longo suspiro, perguntando-me se aquela garota ainda

estava dentro dela em algum lugar. — Agora, é como se cada passo seu fosse calculado. Assim como os próximos que se seguem.

Pude senti-la enrijecer ao meu lado.

— Alguns anos depois daquela Noite do Diabo, Rika nos acompanhou em uma delas — revelei, mas suspeitava que ela já soubesse de tudo isso. — Ela me lembrou muito de você naquela noite. Apenas tomando consciência das coisas que a excitavam. Começando a dar o primeiro passo além de seus próprios limites, como ela tanto sonhava. Vocês duas são muito parecidas.

Rika me lembrou de Banks naquela noite. Alguém que poderia me atrair. Alguém que desceria na toca do coelho comigo. Eu tinha meus amigos, mas não era a mesma coisa.

— Exceto pelo controle. Rika reage instintivamente — acrescentei, lambendo meus lábios. — O que ela quer, ela vai lá e pega.

Banks voltou a olhar pela janela, agindo como se eu não estivesse aqui.

— Mas quando estava crescendo, ela também era muito diferente. — Dirigi o carro em uma velocidade tranquila. — Quando jovens, somos quem somos por necessidade, somos aquilo que fomos ensinados a ser. Com a liberdade, porém, vem a possibilidade de ampliar nossos horizontes. Quando damos satisfação apenas a nós mesmos — eu disse e olhei para ela novamente. — Você não conseguiu essa liberdade ainda, conseguiu? Por quê? As pessoas te punem se você sair da linha? Gabriel te machuca se você se comportar mal ou falar na hora errada? Damon te machucou? — continuei cutucando, esperando que a vencesse pelo cansaço.

Ela respirou fundo e encarou o para-brisa, pigarreando.

— Você e Michael poderiam começar a restringir os hábitos destrutivos de Will. Tem piorado bastante desde que Damon partiu — ela atestou, ignorando todas as minhas perguntas. — Ele está deprimido. Você precisa dar a ele algo para fazer. Um monte de coisas, na verdade, de forma que ele não tenha tempo para pensar. Dê a ele um propósito.

Arqueei as sobrancelhas. Eu não estava irritado por ela ter mudado de assunto, voltando à sua discussão com Michael. Ela estava conversando comigo, pelo menos.

Refleti em suas palavras. Will quase nunca estava sóbrio e isso o tornava fraco e um alvo fácil. Talvez ela estivesse certa. Afinal, eu estava lidando muito melhor que Will, e talvez fosse apenas pelo fato de me manter bastante ocupado, por isso não ficava pensando no passado.

O silêncio se instalou no carro outra vez, e vi suas mãos subindo e descendo em suas coxas mais uma vez. Estendi a mão e

liguei o aquecedor em um nível mais brando, para o caso de ela estar com frio.

O brilho do painel lançava luz suficiente para distinguir seu perfil: a mandíbula, nariz e uma parte desnuda de seu pescoço. Apertei o volante novamente, meu corpo carregado de nova energia. Muita energia reprimida.

Já fazia um tempo desde que fiquei com alguém.

Talvez eu devesse deixar você me perseguir também.

Pisquei, tentando aliviar o calor que aquecia meu corpo. Ela atraía demais o meu interesse e eu não precisava desse tipo de distração. Havia outras mulheres para brincar. Inferno, Alex já havia me entregado seu cartão de visitas mais de quinze vezes. Ela estava pronta para o jogo se eu decidisse que a queria.

Um ruído leve interrompeu o silêncio, e percebi que provinha de Banks. Seu estômago estava roncando. Olhei para o relógio no painel, vendo que passava das onze.

— Quando foi a última vez que você comeu? — quis saber.

Não obtive nenhuma resposta.

— Eu nunca te vi comer, na verdade. — Continuei focado na estrada, mas a olhava de esguelha vez ou outra.

— Acho que todo mundo poderia dizer o mesmo de você.

Era verdade. Eu tinha hábitos estranhos, então fazia minhas coisas no meu próprio ritmo.

Mas também não pude ignorar a dor súbita em meu estômago. Após as reuniões mais cedo, estive ocupado com a folha de pagamento e diversos telefonemas. Eu tinha me esquecido de comer.

— Você está certa — confessei, desviando para pegar a bifurcação na estrada. — Estou morrendo de fome. O que gosta de comer?

— Eu gostaria de ir para casa.

Sim. Tenho certeza disso.

— Sem problema — respondi.



— Eu quis dizer a *minha* casa — resmungou meia hora depois, irritada.

Eu ri baixinho, passando por ela que ainda se mantinha plantada ao lado de uma parede na sala de jantar dos meus pais.

Em vez de levá-la de volta à casa de Gabriel, eu a trouxe para minha casa. Ou dos meus pais, na verdade. Os dois – no andar de cima dormindo e alheios ao fato de estarmos aqui embaixo – ainda moravam em Thunder Bay, assim como os pais de Michael e Will e, é

claro, o pai de Damon.

Levei os pratos para a mesa comprida de madeira, brilhando com a luz suave do lustre de ferro forjado pendurado acima. Apesar do amor de meu pai pelo estilo tradicional japonês de decoração, minha mãe conseguiu dobrá-lo e decorou nossa casa com muita madeira escura, tapetes, pinturas e cores.

Mas ela também pretendia agradá-lo. Havia uma vista maravilhosa de nossa propriedade e muita luz natural entrando na casa.

Coloquei dois pratos e dois guardanapos enrolados com talheres.

— Este é o melhor restaurante da cidade — brinquei, pegando uma garrafa de água que estava carregando debaixo do braço e jogando para ela. — Sente-se.

No entanto, ela apenas cruzou os braços, a garrafa de água enfiada por baixo deles, e desviou o olhar, ignorando-me.

— Posso ir embora agora?

Puxei uma cadeira para me sentar.

— Eu sei que você está com fome.

Seus olhos se voltaram para o prato, mas rapidamente se desviaram.

Desenrolando meu guardanapo, sentei-me e peguei o garfo e faca, começando a cortar um dos filés que minha mãe avisou que guardaria para mim na geladeira.

Ela permaneceu recostada à parede até que abaixei os cotovelos, perdendo a paciência.

— Sente-se.

Ela esperou cerca de três segundos só para me irritar, provavelmente, mas, por fim, puxou a cadeira e desabou sobre ela.

Depois de pousar a garrafa de água, cruzou os braços outra vez.

— Eu não gosto de bife.

Sim, tudo bem. Tanto faz.

Decidi não discutir com ela por isso. Mesmo sabendo que estava mentindo. Era uma desculpa, para que não tivesse que ser cortês e compartilhar uma refeição ao meu lado.

Quer dizer, quem diabos não gostava de bife? A menos que ela fosse vegetariana e, sem ofensa, tive a impressão de que havia crescido comendo tudo o que lhe era dado. E, na maioria das vezes, provavelmente deviam ser sobras do McDonald's – e de outras pessoas –, em vez de brócolis orgânico e leite de amêndoa.

Baixei os olhos, encarando a comida em meu prato. Batatas cozidas, feijões verdes e um pedaço grosso de bife macio.

De repente, perdi-me em pensamentos. Provavelmente éramos mais parecidos do que ela pensava.

Coloquei a faca e garfo ao lado, meu estômago roncando com o cheiro das bordas bem-passadas que eu tanto amava.

— Quando era pequeno — disse a ela, recostando-me na cadeira —, morávamos em um apartamento de dois quartos na cidade. — Tentei me lembrar de todos os detalhes da época. — Os buracos nas paredes do meu quarto eram tão profundos que era possível sentir o cheiro da maconha que nossos vizinhos fumavam e do tempero que a senhora no andar de cima usava para cozinhar.

Olhei para a toalha de mesa, lembrando-me dos lances de escada que subíamos todos os dias; minha pobre mãe me levando no colo.

— Minha mãe fazia o possível para tornar nosso lar agradável — admiti, lembrando-me dos meus desenhos rabiscados com os quais ela decorava as paredes. — Ela era muito boa em lidar com o dinheiro e fazer muito com o pouco.

Banks permaneceu em silêncio.

— Meu pai estava terminando a faculdade e trabalhava o tempo todo, então quase nunca ficava em casa — expliquei. — Comia tanto macarrão com queijo, que nunca perguntava o que havia para o jantar. Não que me importasse. Eu achava uma delícia. — Dei um meio sorriso. — Mas minha mãe fazia o maior esforço para tornar a refeição como se fosse algo *gourmet*. Ela empilhava um pouco de pão num prato e adicionava um raminho de salsa.

Ao pensar nisso, percebi que nunca mais comi macarrão com queijo desde que saímos daquele apartamento.

— Lembro-me de uma noite... acho que eu tinha uns cinco anos... quando meu pai chegou em casa — continuei, a voz calma como se estivesse falando comigo mesmo. — Eu já tinha comido. Macarrão com queijo, é claro. Estava sentado, assistindo TV, e ela colocou um bife no prato à frente dele na mesa da cozinha. Ainda me lembro de ouvi-lo chiar na frigideira. O cheiro da manteiga em que foi refogado. Ele ficou furioso.

Lembro-me de ele olhar para ela, sentado à mesa, uma mistura de raiva e confusão. Meu pai estava acostumado ao pouco. Ele cresceu pobre. Mas minha mãe, não. Ela era de uma família próspera e abandonou um noivo rico com quem teria que se casar à força, para ficar com meu pai. Ela foi deserdada. Meus avós nem sequer haviam me conhecido.

— “Como você pôde desperdiçar o dinheiro assim?” — repeti as palavras de meu pai em sua voz severa. — “Se minha família não come bife, então eu também não comerei”. Mas minha mãe disse que homens importantes comem bife e não queria que meu pai esquecesse que ele era um homem importante.

Ergui a cabeça, forçando um sorriso quando encarei seus olhos.

— E ao invés disso, ele se tornou um grande homem e agora podemos comer bife quando quisermos. — Abaixei o olhar, murmurando baixinho enquanto afastava distraidamente o prato: — E eu nem preciso ser importante.

Eu não era importante.

Ainda não.

Meu pai trabalhou duro para devolver à minha mãe tudo o que ela havia sacrificado ao escolhê-lo, e como eu o retribuí? Toquei o terror, dirigindo carros comprados por ele e comendo qualquer coisa que quisesse, sem me importar com o custo. Não ganhei nada por conta própria.

Eu não era ninguém à sombra do que ele havia conquistado.

Peguei meu fundo fiduciário depois que fui solto no ano passado, investi muito e tentei fazer algo de mim mesmo, mas a nuvem negra e que me rotulava como um ex-condenado ainda pairava sobre mim. Era visível nos olhos dele. Eu nunca seria capaz de apagar a vergonha.

Meus olhos arderam por um instante e precisei piscar com força, desviando o olhar. Eu não merecia estar nesta mesa, muito menos comer a porra desta carne que fora comprada por ele.

Mas então vi quando ela se moveu. Olhei para cima o suficiente para vê-la desenrolar o guardanapo para pegar os talheres. Lentamente, cortou um pedacinho da carne e colocou em sua boca.

Ela mastigou devagar e, de repente, fechou os olhos, colocando a mão sobre os lábios.

Meu corpo esquentou.

— Está gostoso? — perguntei, baixinho.

Ela abriu os olhos novamente e assentiu, deixando escapar um pequeno gemido.

Meus ombros relaxaram quando a observei dar outra mordida, mais rápida dessa vez. Eu sorri. A marinada caseira da minha mãe era fantástica, mas eu também era um excelente cozinheiro.

Olhei para o meu próprio prato e o puxei para frente novamente, pegando a faca e garfo.

— Bem, estou feliz por ter mudado de ideia sobre o bife — comentei, cortando um pedaço do meu.

Ela engoliu em seco.

— *Na verdade*, nunca comi bife.

Dei uma mordida na carne macia, o molho atijando meu paladar.

— Nunca?

Ela encolheu os ombros, olhando para longe enquanto mastigava outro bocado.

— O que você geralmente gosta de comer?

Ela cortou a carne novamente, sem esforço. Devia estar com fome.

— Ovos, torradas... — disse. — Esse tipo de coisa.

— Não pode ser só isso.

Mas ela apenas desviou o olhar novamente, ignorando minha tentativa de obter mais informações. Meu olhar pousou em suas mãos. As unhas apresentavam uma fina camada de sujeira por baixo, e a jaqueta preta que ela usava estava desgastada nos punhos. Ovos e torradas, não é? Tive a leve suspeita do caralho de que era tudo o que ela podia comprar. O que Gabriel lhe pagava de salário?

Bem, agora aquilo era por minha conta, não é? Eu resolveria o assunto amanhã, então.

— Você nunca usou essas luvas — falei, apontando para a luva sem dedos de couro. — Existe uma razão agora?

— Dessa forma, eu não arrevento meus nódulos quando te bater. — Deu outra mordida na carne.

Meu peito vibrou com uma risada reprimida. Ei, eu poderia até deixá-la me dar um soco. Ela não me venceria, no entanto.

Banks devorou o bife, o feijão verde e a maioria das batatas, finalmente abrindo a garrafa de água e tomando um longo gole. Curiosamente, ela parecia... satisfeita.

Não soube bem o porquê, mas me senti bem em alimentá-la. Ela não era o tipo de pessoa que deixava os outros fazerem as coisas por ela, então esse evento seria uma raridade. Eu bem poderia gostar disso.

Ela tomou outro longo gole e tampou a garrafa, limpando a boca na manga.

Terminei de comer enquanto ela se mantinha calada, brincando com o guardanapo em cima da mesa, até que finalmente rompeu o silêncio:

— Eu não sei onde ele está. — Ergueu o olhar resolutivo, encontrando o meu. — E mesmo se soubesse, não diria a você.

Ela não estava tentando ser marrenta. Apenas direta e honesta comigo, e suas palavras assentaram em minha mente, quando eu, finalmente, acenei em concordância.

Peguei o guardanapo e limpei a boca, colocando-o de volta e concentrado em seu olhar.

— Compreendo. Ainda assim, não a deixarei ir embora.

Capítulo 12

Banks

Dias atuais...

UM TOQUE ESTRIDENTE PERFUROU O AR NA MANHÃ SEGUINTE, E EU ME LEVANTEI sobressaltada, apalpando a cabeceira da cama em busca do meu telefone. Ele quase caiu para o lado, pendurado pelo cabo do carregador, mas agarrei-o a tempo enquanto tentava me livrar do sono. O nome de Gabriel apareceu na tela. Atendi imediatamente.

— Banks — disse, pigarreando, quando me sentei no colchão.

— Um mensageiro levará o contrato ao *dojo* esta manhã — informou. — Certifique-se de que seja assinado.

Esfreguei o rosto, tentando acordar. Porra, eu não deveria ter comido aquela refeição noite passada. Eu tinha mais energia quando comia menos.

— Já disse que acho que ele não tem nenhuma intenção de assinar. Ele queria ter acesso ao *Pope*, porque acha que Damon está lá. Ele está só nos sacaneando.

— Estou pouco me lixando para o plano dele — meu pai disse, ríspido. — Ele plantou, vai ter que colher.

Kai não ia assinar o maldito contrato. Eu não tinha certeza do que ele queria comigo – acho que nem ele mesmo sabia –, mas definitivamente percebi que Kai não gostava de fazer as coisas da maneira errada. Depois do que ouvi ontem à noite, ele nunca se casaria com alguma desconhecida, muito menos gostaria de explicar ao pai que acabara de se vincular a

Gabriel Torrance. Meu pai e o dele não se cruzavam com frequência, e apesar do fato de seus filhos terem sido bons amigos uma vez, Katsu e Gabriel se odiavam.

— Damon não está no *Pope*, não é? — Gabriel averiguou.

Levantei-me e fui até a janela, afastando a cortina esfarrapada e contemplando a chuva.

— Como eu disse, acho que ele esteve lá em algum momento — informei. — Mas parece ter desaparecido agora.

Eu tinha certeza de que meu irmão possuía vários esconderijos na cidade. Se ele estivesse no *Pope*, teria nos visto a tempo de fugir.

— Você me diria se ele te ligasse, não é? Ou se o tivesse visto? — ele pressionou em um tom ameaçador. Dava para ver que ele estava nervoso. Damon era uma bomba-relógio e Gabriel já não sabia como controlá-lo. — Sei que você é leal a ele, mas sou eu quem paga seu salário. Você só está protegida graças a mim, garotinha. Lembre-se disso.

Soltei a cortina, sentindo a raiva rastejar.

— E você só tem poder sobre ele ainda por minha causa. Lembre-se disso.

Fechei imediatamente os olhos, lamentando ter aberto a boca. *Merda.*

Meu pai ficou calado. Eu o desrespeitei dessa forma somente uma vez. E bastou apenas essa vez para que eu aprendesse onde era o meu lugar.

Respirei fundo, acalmando o tom de voz.

— Estamos juntos nessa — assegurei a ele. — Não se preocupe, e confie em mim para saber exatamente o que fazer. Conheço Damon melhor do que ninguém, e vou levá-lo para casa.

Ele não disse nada por um tempo, mas pude ouvir vozes ao fundo. Graças a Deus, eu não estava em frente a ele agora. Caso contrário, suas alternativas para lidar com minha insolência não seriam tão limitadas.

Mas, para minha surpresa, ele apenas deu um longo suspiro e disse:

—Tudo bem. — E então acrescentou: — Você deveria ter nascido homem. Você é o filho que Damon deveria ter sido.

Apenas fiquei lá, sentindo o peso imenso em meus ombros. Uma parte minha gostou de ouvir isso. Que ele desejava que meu irmão fosse mais parecido comigo e não o contrário. Encheu meu coração de orgulho.

Mas, ainda assim, eu não era um garoto. E *nunca* seria. E tudo sempre se resumiria a isso. O que havia entre as minhas pernas. E não importava o quanto eu me esforçasse, essa realidade sempre prevaleceria.

— De toda forma, as mulheres não são completamente inúteis — continuou ele. — Kai gosta de você, então use o que Deus lhe deu e faça com que ele assine o contrato. Não se preocupe em voltar até conseguir isso.

E então desligou.

Joguei o celular em cima dos lençóis emaranhados na cama. Cruzando os braços, cerrei os dentes, tentando encontrar a porra do meu foco novamente.

Eu estava tão cansada.

Deveria ter voltado para casa ontem à noite. Não deveria ter entrado no carro dele ou aceitado sua comida, ou deixado que me contasse histórias idiotas que fizeram meu estômago dar um nó com coisas que eu não deveria sentir.

E daí se ele gostava de macarrão com queijo, pelo amor de Deus?

Passei a mão pela cabeça, afastando os fios que haviam se

soltado das minhas duas tranças francesas.

Droga. Fechei os olhos com força, gemendo enquanto cravava as unhas no couro cabeludo. De repente, o penteado pareceu tão apertado que tudo o que eu queria era arrancar os elásticos para desmanchar. Minha cabeça doía. Minha pele queimava. E meu estômago se corroía de fome, desejando ficar saciado de novo, como esteve na noite passada.

Inspirei e expirei diversas vezes.

Onde você está, Damon? Nós não temos que viver assim. Por que você me abandonou?

Mas eu sabia a resposta. Ele foi embora, porque sabia que eu o esperaria. Como sempre fiz.

Quanto mais tempo eu passava com Kai, mais confusa ficava. Ele foi tão sincero ontem à noite, lembrando seu antigo apartamento de infância, mas sua expressão se entristeceu ao se lembrar de como seu pai conseguiu se tornar um homem tão formidável. Ele deixou muito por dizer. Coisas que nem mesmo precisavam ser ditas.

Ele achava que era uma decepção.

Olhei em volta do meu apartamento minúsculo de um quarto, as tábuas rachadas do piso vibrando sob meus pés toda vez que alguém andava pelo corredor do lado de fora da porta.

A janela suja estava coberta por uma cortina amarelada. A pia se encontrava vazia; meu prato, uma tigela, uma xícara e um conjunto de talheres na prateleira ao lado. Havia um sofá-cama que comprei em um brechó e alguns blocos de concreto com uma placa em cima que servia como mesa de café.

Kai Mori não sabia quão sortudo era. Pelo menos ele tinha pessoas com quem contar, educação e oportunidades.

Eu nem tinha um diploma do ensino médio. Nem dinheiro, além do fato de que nunca poderia deixar a única pessoa que me importava.

Kai poderia alcançar voos mais altos, e eu estava cansada de estar perto dele e ser lembrada de que nunca poderia fazer isso.

Eu sempre viveria assim.



Subindo as escadas estreitas, virei o corrimão e continuei até o segundo andar. Havia inúmeras bitucas de cigarro esmagadas no chão de madeira lascada, e respirei pela boca para impedir que o fedor de tudo o que acontecia neste prédio me fizesse engasgar. Não foi nenhum passeio no parque crescer com Damon e Gabriel, mas sempre seria grata ao meu irmão por ter me levado embora daqui onze anos

atrás.

Bati na porta do apartamento da minha mãe. O número 3 do logradouro acima do olho-mágico – que indicava 232 – havia desaparecido muito tempo atrás. Somente a marca escura da cola permanecia na madeira.

— Mamãe! — gritei, socando a porta com o punho. — Mãe, sou eu!

Nós duas morávamos no mesmo bairro decadente em Meridian, então a caminhada até aqui não levou mais do que dez minutos.

Quando me mudei para a cidade depois que Damon foi preso, eu poderia ter voltado a ficar com ela, acho – para dividir os gastos e tudo mais –, mas não quis, e, ainda bem que ela não pediu que o fizesse. Ela ainda mantinha um estilo de vida que podia ferrar com a vida de uma criança, então...

Porém eu precisava conversar. Precisávamos definir alguma história, caso alguém – tipo Kai, por exemplo – aparecesse para perguntar a meu respeito. O nome de Gabriel não constava na minha certidão de nascimento, e as outras pessoas que sabiam que eu era sua filha trabalhavam para ele, logo, minha mãe era o único elo fraco. Eu precisava me assegurar de que ela ficasse de boca fechada. Kai não precisava descobrir exatamente quanta vantagem ele tinha na ponta dos dedos.

Depois de um minuto sem resposta e sem ouvir som algum no interior, peguei a cópia da chave que roubei para poder destrancar a porta. Ao abri-la, dei um passo e imediatamente olhei ao redor, deparando-me com a bagunça da sala de estar.

— Mas que porra...? — Respirei, estremecendo com o fedor.

Vi um homem desmaiado no sofá, uma perna pendurada para fora, e fechei a porta com força, sem me preocupar em fazer silêncio. Ele obviamente não me ouviu batendo um momento atrás de qualquer maneira.

Coloquei as chaves no bolso e adentrei a sala suja imersa na penumbra. A única iluminação provinha da fresta entre a persiana quebrada e as cortinas bregas de veludo azul. Fui até a mesinha de centro, vasculhando recipientes de comida chinesa do dia anterior, cigarros e garrafas de cerveja tombadas. Peguei um cachimbo, o vidro embaçado com o resíduo do que havia sido queimado dentro dele. Cada músculo se retesou enquanto eu encarava o objeto, decepcionada.

Jogando-o de volta na mesa, olhei para o motociclista esparramado no sofá com a calça jeans aberta e o cinto desafivelado. Então, erguendo a cabeça, avistei a câmera posicionada no braço do sofá. Do tipo caro e de alta tecnologia com um microfone conectado.

Put a que pariu.

Girando, corri para a mesa da cozinha, derrubei uma cadeira e quebrei uma das pernas. Com ela em mão, disparei pelo corredor em direção ao quarto dela e o abri.

A maçaneta se chocou contra a parede, e a encontrei com outro cara – esse mais jovem –, apagado na cama ao lado dela, ambos enroscados entre os lençóis. Uma lâmpada estava caída no chão, e a chuva respingava no peitoril por causa da janela aberta. As roupas se encontravam espalhadas por toda parte e o cheiro de cigarro me atingiu com força, quase me fazendo tossir.

Desviando o olhar, vi o tripé da câmera.

Filha da puta. Girei o pedaço de madeira na minha mão e acertei a penteadeira.

— Pra fora! — gritei. — Se manda daqui!

Bati meu bastão improvisado novamente, enviando os frascos de perfume pelos ares.

— Que diabos? — O homem de repente acordou, esfregando os olhos enquanto tentava se sentar.

— Levante-se, imbecil! — Chutei a cama. — Dá o fora daqui agora!

Minha mãe, com o cabelo escuro cobrindo um olho, puxou o lençol e se sentou.

— O quê? O que está acontecendo?

— Cale a boca — rosnei, levantando o pedaço de pau.

O rapaz, provavelmente apenas alguns anos mais velho do que eu, olhou para mim como se estivesse meio apavorado e confuso.

Okay, eu precisava ser um pouco mais direta, então fiquei cara a cara com ele.

— Vá. Embora! — berrei, o rosto afogueado enquanto acertava a parede acima de sua cabeça uma e outra vez. — Se manda daqui! Vai! Vai! Vai!

— Que porra é essa? — ele resmungou, saindo da cama e correndo para pegar suas roupas. — Qual é o seu problema, porra?

— Nik, o que você está fazendo? — ouvi minha mãe perguntar, mas ignorei-a.

Respirei fundo. A câmera, os homens, drogas... prostituta do caralho. Engoli a bile subindo pela garganta.

O cara se enfiou em seu jeans, pegou os sapatos e a camisa da cadeira, e fez uma careta para mim quando saiu do quarto.

Minha mãe rapidamente vestiu a camisola e o robe, mas eu segui o babaca, certificando-me de que ele levasse o amigo.

Eu o vi pulando em uma perna, tentando colocar os sapatos.

— Cara, levante-se! — disse ao amigo.

O outro começou a se levantar do sofá, mas eu me virei e agarrei a câmera.

— Ei, isso é nosso! — o jovem gritou. — A gente pagou a vadia! O que tem nisso aí é nosso!

Mas apenas fiquei lá, segurando o pedaço de pau com força enquanto os desafiava.

— Gabriel — eu disse, lentamente — Torrance.

Eles rapidamente se entreolharam, e vi quando suas expressões mudaram. Era isso aí. Esse nome era útil quando eu precisava. Eles não sabiam que meu pai não dava a mínima para o que minha mãe fazia.

— Saíam — repeti uma última vez.

Eles se moveram com lentidão, pegaram seus casacos, suas drogas e saíram pela porta, o jovem me lançando mais um olhar desagradável antes de ir embora.

— Ela não era boa de qualquer maneira — debochou, os olhos focados atrás de mim.

Quando se foram, dei um chute na porta para fechá-la.

Ouvindo um barulho às minhas costas, virei-me, jogando a madeira no sofá.

Minha mãe estava na sala de estar, o robe de seda vermelho no meio da coxa, cobrindo parcialmente sua camisola rosa. Ela mordeu a unha do polegar, o queixo trêmulo.

— Para que serve a câmera de vídeo? — perguntei.

— Eu precisava de dinheiro.

— Eu te dou dinheiro!

— Isso nem cobre o aluguel!

Seus olhos se encheram de lágrimas, e marchei até o sofá, jogando no chão as almofadas novas que ela havia comprado.

— E essa merda? — continuei, andando pela sala, exasperada e prestes a perder o controle. Mais do que já havia perdido.

Eu me virei, avistando suas unhas postiças com a manicure francesa e o bronzeado artificial. Gabriel me pagava um salário de merda, uma remuneração “de mulher” comparado ao que David, Lev e Ilia recebiam, e depois que pagava meu aluguel e as poucas coisas que precisava, eu lhe dava o restante. De alguma forma, conseguia sobreviver com muito menos! Por que ela não podia? Senti um soluço subir à garganta, e tudo o que mais queria naquele momento era estrangulá-la.

— Existem milhões de outras pessoas no mundo e elas conseguem dar um jeito de alguma forma! — gritei, enfrentando-a e exigindo uma explicação.

Tudo estava fodido, e as paredes ao meu redor estavam se fechando. Eu odiava a minha vida. Odiava Damon, meu pai, Kai e todos. Eu só queria dormir por um ano. Quando as coisas seriam diferentes?

— Ele estava certo — declarei, olhando para ela, mas vendo apenas a mim mesma. — Você é apenas uma prostituta desleixada e viciada! O que vai fazer quando ninguém quiser pagar mais pela sua boceta surrada e velha? Seus peitos já estão despencando!

A mão dela acertou minha bochecha com força e minha cabeça virou para o lado.

Respirei fundo, meu corpo inteiro imóvel.

A ardência no meu rosto se espalhou como uma picada de cobra cada vez mais profunda, e fechei os olhos.

Cristo. Minha mãe nunca tinha me batido antes.

Devo ter recebido algumas palmadas quando criança – embora não me lembrasse –, mas ela nunca me bateu no rosto.

Lentamente, virei a cabeça para frente, deparando-me com o seu olhar vidrado tomado de mágoa. Ela levou a mão à boca, e eu não sabia se estava chocada com o que havia feito ou triste por termos chegado a esse ponto.

Enfie a mão no bolso, sentindo uma lágrima escorrer enquanto olhava para o chão. Peguei os sessenta e quatro dólares que tinha e me aproximei, jogando-o sobre a mesinha de centro.

— Isso é tudo o que tenho — eu disse.

E, *hoje*, jurei a mim mesma, seria a última vez que lhe daria alguma coisa.

Mas amanhã... eu daria o suficiente para mais alguns dias.

E na próxima semana... eu voltaria com mais.

Eu sempre voltava, não é? O que poderia fazer? Eu não queria minha mãe morando nas ruas. Ainda a amava.

Ignorando seu choro suave e a cabeça enterrada em suas mãos, abri a porta da frente para sair.

— Você tem dinheiro para comer? — ela perguntou.

Mas eu apenas ri baixinho.

— Dê a si mesma algumas doses — ironizei, gesticulando para o cachimbo. — Dessa forma, você não vai precisar se importar com isso.

Batendo a porta, soltei um suspiro, meu peito tremendo enquanto fechava os olhos.

— Eu sou importante — sussurrei para mim mesma.

Lágrimas silenciosas deslizavam quando afastei qualquer dúvida. Afastei as suspeitas de que estava sendo usada. *Não.* Não, meu pai precisava cada dia mais de mim. E Damon também não estava me usando. Ele queria que eu fosse feliz. Eu sabia disso. E eu seria, em algum momento.

E se não cuidasse da minha mãe, quem cuidaria?

Eu era necessária. Era valiosa.

Não seria descartada como se fosse lixo, como ela. Eles não

fariam isso comigo. Quem faria por eles o que eu fazia?

A câmera estalou no meu punho, e todos os meus músculos faciais estremeçeram quando soluçei, porque nem eu conseguia acreditar em minhas próprias palavras.

Ai, meu Deus. Comecei a correr quando o mundo à minha frente se tornou embaçado e todas as lágrimas começaram a transbordar. Eu seria como ela. Meses se transformariam em anos. Pessoas como eu não conseguiam se safar desse destino. Ela ia morrer naquele apartamento. E eu morreria nesta cidade, tão burra, idiota e pobre como era agora.

Desci correndo as escadas, dando a volta no corrimão e saindo em disparada pela porta. A chuva fria atingiu meu rosto como cristais de gelo, um alívio bem-vindo para toda a merda que corria como lava incandescente sob a minha pele.

Inspirei e expirei, arquejando enquanto corria pela calçada, desviando dos pedestres já a caminho do trabalho diário. Eu não sabia para onde estava indo. Só precisava fugir.

Para o mais longe e o mais rápido que conseguisse. Apenas em frente, e em frente. *Vá!*

Então, eu corri. Corri, a chuva martelando a calçada ao meu redor, vendo nada além de pés e pernas enquanto passava pelos outros e corria pelas ruas. Buzinas soaram, mas não conferi se eram por minha causa.

A chuva encharcou meus coturnos desamarrados, e logo meu gorro também se encontrava grudado na cabeça, com o peso da água.

Pisei nas poças, espirrando para todo lado, lentamente sentindo cada peça de roupa começar a grudar na minha pele. Tentei limpar meu rosto, mas a chuva era tão espessa que eu mal conseguia ver seis metros à frente.

Mas não parei. Corri, sem dar a mínima se houvesse um penhasco ou um carro viesse na minha direção através da neblina a qualquer momento.

Isso tudo era culpa deles. O irmão de Michael fez com que Damon fosse preso, e graças a Deus ele estava morto, ou eu o teria matado por conta própria. Se não fosse por isso, Damon teria terminado a faculdade e teríamos ido embora.

E então, os demais... Meu irmão teria levado uma bala por eles, que escolheram Erika Fane sem hesitar. Por anos ele lhes deu cobertura, e eles o jogaram fora como se não valesse nada. Nem sequer lutaram por ele.

Ouvi um som estridente cortar o silêncio, e percebi que estava na calçada que atravessava a ponte. Desviei o olhar exausto para a água, vendo um rebocador empurrando uma barcaça rio abaixo, seu alerta de nevoeiro ecoando através da tempestade.

Olhando para a câmera na minha mão, levantei o braço e a joguei no rio, vendo-a desaparecer nas águas escuras.

Baixei os olhos, sacudindo a cabeça. Isso não era verdade, era? Pude ver o lado de Damon, porque sabia o quanto ele estava sofrendo. Eu sabia o que se passava na cabeça dele.

Ninguém em casa o amava. Nosso pai era um tirano e sua mãe... Ele foi aterrorizado por ela. Gemi ante a náusea que assolou meu estômago, lembrando-me de todas as coisas que ele nunca quis que eu presenciasse naquela torre.

Todas as coisas que vi, sem ela saber que eu estava lá.

Por conta disso, Damon se tornou muito possessivo com as poucas pessoas boas em sua vida.

Eu, os amigos dele...

Tudo o que nos ameaçava se tornava imediatamente um inimigo.

Por isso ele odiava Erika – ou Rika, como todos a chamavam. Ele não estava certo, mas eu conhecia seu passado, então era mais fácil compreender.

No entanto, ele foi preso por sacanear com Winter, uma garota que ele sabia ser proibida. De mais de uma maneira.

E ele havia ido longe demais no ano passado e teve que se esconder.

Se Damon realmente quisesse ter fugido, só nós dois, por conta própria, ele teria me levado com ele. Teria esquecido os amigos dele, Rika. Apenas sumir e dar o fora daqui, e, só então, poderíamos finalmente ser livres.

Mas isso não aconteceu, e agora percebi que nunca aconteceria.

Mordi o lábio inferior, tentando controlar o choro. Nós nunca iríamos embora, não é? Ele também me usou.

Cruzando os braços sobre os seios, comecei a andar novamente, tentando me manter firme, mas não consegui. Eu andei, andei e andei, atravessei a ponte, passei pelo antigo mercado agrícola na *State Street*, e desci as ruas desertas e decadentes de *Whitehall*, e não chorei mais, porém as lágrimas continuavam jorrando assim mesmo enquanto mantinha os dentes cerrados, tremendo.

Minhas roupas estavam ensopadas pela chuva, a cabeça pesada com o gorro encharcado e o frio congelante que cobria minha pele. Eu podia sentir os arrepios percorrendo meu corpo por todo lugar.

Finalmente parei e olhei para cima, cruzando os braços para me aquecer enquanto meus dentes batiam de frio.

Sensou brilhava em vermelho, um emblema com um labirinto dentro do outro ao lado e uma palavra escrita em japonês no centro. Meus pés sabiam onde eu deveria estar. Eu era assim: como um robô.

Com as mãos trêmulas, olhei para o relógio e vi que já eram

oito da manhã. Kai me disse ontem à noite para chegar aqui às nove.

Eu precisava ligar para David e avisar que não precisaria de carona.

Fui até a porta da frente do *dojo* e puxei-a, mas estava trancada. Dei a volta no prédio, entrando no beco escuro; todos os edifícios ao redor eram de tijolos pintados de preto, até mesmo as escadas de incêndios.

Correndo até a porta lateral, encolhi-me embaixo do toldo e tentei abri-la, sem sucesso.

Envolvi meu corpo com meus braços, recostando-me no prédio.

O frio estava rastejando pelos meus ossos, e, cabisbaixa, fechei os olhos.

Minha mãe devia estar fumando o que lhe dei ou comprando uma roupa nova nesse momento. O que fosse preciso para se sentir melhor.

Era bem capaz de que ela adoraria me ver fazendo o que fosse necessário para levar mais dinheiro, não é? Claro, ela se sentiria mal por isso, mas realmente, o que achou que poderia acontecer comigo quando Damon me comprou anos atrás? Ela perguntou o que ele queria de mim, e ele simplesmente respondeu:

— *Isso importa?*

Não importou. Em um mundo perfeito, ela até teria se dado ao luxo de se importar, mas se eu parasse para pensar no assunto, ela não fazia a menor ideia do que ele poderia ter feito comigo, e mesmo isso, não a impediu de me entregar a um desconhecido.

Eu era exatamente o que Kai dissera. Um instrumento. Algo a ser usado pelos outros.

Meus olhos brilharam novamente e limpei a bochecha com a manga da blusa.

— Bom dia.

Conferi de relance, à direita.

As calças pretas de Kai estavam cobertas de gotas de chuva quando ele se aproximou, uma mochila por cima do ombro e um jornal dobrado sobre a cabeça. Virei o rosto, que devia estar vermelho e manchado de lágrimas. Não queria que me visse assim... minha reputação era tudo o que me restava.

— O que... — Parou ao meu lado, sob o toldo. — Você está encharcada. O que aconteceu...

— Não me faça perguntas, por favor — implorei, baixinho. — Eu só fui surpreendida pela chuva e... vou ficar bem.

Cerrei os punhos, tentando aquecer minhas mãos, mas não consegui evitar os arrepios. Ainda não havia olhado para o seu rosto, mas não o ouvi se mover por um momento, então não sabia o que ele estava fazendo.

Finalmente, a porta se abriu.

— Entre aqui. Vamos lá — instruiu.

Ele segurou a porta aberta para mim e eu passei por baixo do seu braço, entrando na cozinha do *dojo*. Poderia ligar para David e pedir que me trouxesse algumas roupas. Ou talvez houvesse alguma camisa polo extra daquelas que os funcionários usavam. Eu poderia vestir e continuar com o jeans molhado, por enquanto.

Mordi o lábio, tremendo e, quando Kai entrou, largou a bolsa e acendeu as luzes. Olhei para cima, vendo que vestia uma camisa branca de botão, seu peito visível por conta do tecido úmido. Apenas o encarei por um momento. Seu cabelo estava molhado e arrepiado, com uma aparência incrível, e isso afastou meus pensamentos do frio por um instante.

Ele chegou perto e me entregou uma toalha, mas depois pegou minha outra mão, tentando me levar a algum lugar.

Eu me afastei dele. Não precisava que ninguém cuidasse de mim.

Mas ele se virou, encarando-me, irritado.

— Você não quer discutir comigo agora — alertou. — Apenas obedeça. Você é boa nisso.

Então segurou minha mão novamente e me puxou atrás dele. Tropecei um passo, seguindo-o pela cozinha, saguão e corredor. Todo o lugar estava vazio e escuro, exceto pelo pequeno brilho das luzes que revestiam os rodapés das paredes.

Ele empurrou a porta do vestiário feminino e me levou por entre os armários em direção aos chuveiros. Em seguida, abriu uma porta do boxe, estendeu a mão e ligou o chuveiro. A água começou a derramar e o vapor subiu instantaneamente.

Deus, isso parecia bom.

— Você está congelando — disse ele, voltando-se para mim. — Tire essas roupas.

Ele tocou os botões da minha jaqueta e eu afastei suas mãos.

— Não. — Cruzei os braços à frente, o constrangimento crescendo dentro de mim. — Não me toque.

— Eu não ia tocar em você — disse, sua voz subitamente mais suave. — Eu só quero tirar sua jaqueta, okay?

Neguei com a cabeça.

— Olha, você não precisa tirar a roupa — explicou, seu tom se tornando mais urgente novamente —, mas precisa se aquecer.

Encarei meus dedos embranquecidos e cerrados em punhos.

— Minhas roupas vão secar.

Ele suspirou uma espécie de rosnado abafado, e antes que me desse conta, passou os braços em volta de mim e me levantou do chão, carregando-me para o chuveiro.

Empurrei seu peito quando ele fechou a porta do boxe e nos colocou sob a ducha quente.

— Não! — argumentei.

Mas, com os dentes entrecerrados, ele resmungou, irritado:

— Shhh... — E me deixou de pé, seus braços envoltos em meu corpo e me segurando contra ele.

Idiota!

Apoiei as mãos em seu peito, grunhindo, mas logo o calor da água começou a se infiltrar pelas minhas roupas, e então a água passou a fluir em minha pele.

Ah...

Deliciosos arrepios percorreram minha pele, fazendo meu sangue reviver quando o formigamento se espalhou com o calor.

Eu queria sorrir ante a sensação maravilhosa.

Minhas pálpebras começaram a pesar, a água quente cobrindo minhas costas, escorrendo pelas pernas e se espalhando pela cabeça e pescoço.

Cálido. Eu estava tão quente. Eu só queria...

Gemi, começando a vacilar.

Meu corpo estava tão cansado. Kai firmou seu domínio, deixando-me relaxar contra ele, e assim o fiz. Não lutei contra isso.

Deitei a cabeça em seu peito e, depois de um momento, senti quando ele retirou meu gorro de tricô com cuidado, a água atingindo meu couro cabeludo e afogando o resto do mundo.

Fechei os olhos e saboreei o sentimento.

Só por um minuto, eu disse a mim mesma.

Encolhendo meus braços, aconcheguei-me em seu peito, cedendo por um instante. Seus braços circulavam ao meu redor, um descansando na minha cintura e o outro ao redor dos ombros, à medida que o calor da água se misturava com o calor de sua pele através da camisa molhada. Ele me embalou em uma sensação pacífica que nunca senti antes. Nem mesmo com Damon.

Não conseguia me lembrar da última vez em que estive tão perto de alguém.

O chuveiro martelava à nossa volta, abafando o som da tempestade lá fora, nossa respiração, até mesmo meus pensamentos... Eu não queria pensar. Por cinco malditos minutos, não quis falar nada, nem me preocupar, nem discutir, nem ter medo, nem raiva, nem odiar tudo. Eu não queria nem ficar de pé.

— Isso não significa nada — murmurei, ainda aconchegada em seu corpo.

Seu peito vibrou sob a minha cabeça.

— Absolutamente nada. Eu prometo.

Algo roçou minha testa e senti seus dedos afastando os fios de

cabelo da minha bochecha. Sua mão passou por cima da minha cabeça, e outra pequena onda de prazer me atingiu até os dedos dos pés. De repente, percebi minhas coxas molhadas moldadas às dele e o resto do meu corpo pressionado ao seu.

Isto era o paraíso.

Sua mão alisou meu cabelo mais algumas vezes, mais lenta e gentil, e então ele passou os braços em volta de mim outra vez, segurando-me apertado.

— Eu gosto de suas tranças. — Sua voz profunda de repente soou rouca. — Seu cabelo tem uma cor bonita. Como mogno. Por que você o esconde?

Abri a boca para responder com grosseria, mas me contive. Eu não queria que isso terminasse ainda, e acho que era normal ele querer saber.

Mas ainda não era da conta dele.

— Você cobre o cabelo, veste roupas de homem — continuou ele. — Quem é você, garota?

Quase soou como uma pergunta retórica, como se ele estivesse pensando em voz alta. E uma parte minha queria muito esclarecer.

Dei um meio sorriso que ele não chegou a ver.

— Eu não sou ninguém.

— Isso não é verdade — argumentou e ouvi sua voz mais perto do meu ouvido. — Nunca vi Damon ser tão possessivo com uma mulher, mas ele agiu assim naquela noite. — Ele levantou meu queixo, forçando-me a encará-lo. — Quem é você para ele?

Abri a boca, mas, novamente, não soube o que dizer, balançando a cabeça.

— Ele te machucou? — Os olhos de ônix de Kai imploraram por mais quando baixou a voz para um sussurro: — Ninguém está aqui, além de nós dois. Ele te machucou? Por que você é leal a eles?

Eu o encarei fixamente, sentindo a ardência em meus olhos enquanto duelava entre o amor que sentia pelo meu irmão e o desejo patético que crescia dentro de mim para me apegar em alguém.

A ducha caía em seu cabelo negro, riachos escorrendo pelo pescoço e pelas veias proeminentes. A água desaparecia sob o colarinho dele, e deixei meus olhos voltarem pela mandíbula angular até sua boca. Lábios cheios, o inferior com um leve abaulamento no centro, como se alguém tivesse

pressionado o dedo ali deixando uma marca. Ao olhar para ele, praticamente pude sentir meus dentes doendo. Eu ainda podia sentir em minha boca a carne do jantar que ele me ofereceu ontem à noite, bem como a sensação deliciosa de morder cada bocado.

Confusão nublou meu cérebro. Ele não era realmente meu inimigo. Não de verdade. Kai queria respostas. Eu queria meu irmão

de volta.

— Como foi para você na prisão? — perguntei a ele. — Nós pagamos algumas pessoas para que mantivessem Damon seguro, mas e você e Will? Foi muito ruim?

De repente, a dor cruzou seu olhar quando me encarou, perdido por um momento.

— Michael fez o mesmo — revelou. — Pagou para que nos mantivessem a salvo, mas...

Ele parou o que estava dizendo, e eu esperei. Como no confessionário, tantos anos atrás, ele parecia precisar reunir coragem para falar.

Engoliu em seco antes de prosseguir:

— Eu disse a Rika uma vez que nunca mais voltaria para aquele lugar. Que nunca soube que as pessoas poderiam ser tão ruins. — Seu olhar encontrou o meu. — Mas estava falando de mim.

Acariciou meu cabelo, parecendo perturbado.

— Não foi tão simples quanto Michael pensou que seria. Ao pagar as pessoas, quero dizer. Éramos ricos, jovens, privilegiados, e estávamos cumprindo metade da sentença que outros, pelos mesmos crimes cometidos. As ameaças, os olhares, as provocações noturnas enchendo as celas em nossa direção — ele disse. — Eu só queria ir para casa.

Um nó se alojou em minha garganta, trazendo-me uma tristeza profunda por ele e meu irmão.

— Meu pai me ensinou a lutar — prosseguiu. — Ele me ensinou a matar, se fosse preciso. Mas também me ensinou a tentar fazer do mundo um lugar melhor — hesitou, pensando, e depois falou de novo: — Um truque de sobrevivência na prisão é: no seu primeiro dia, entre lá dentro com a cabeça erguida, olhe ao redor e encontre alguém para espancar. Estabeleça sua força e garanta que todos tomem ciência disso.

Escutei, lembrando-me de ter ouvido a mesma coisa em algum lugar.

— Esperei até o terceiro dia — disse ele. — Escolhi o maior cara que pude encontrar, alguém que já estava metendo o bedelho, que havia ameaçado Will no nosso primeiro dia, e fui até lá e o espanquei.

Quase podia ver a cena na minha cabeça.

— Para minha surpresa, porém, ele não se rendeu imediatamente — continuou Kai, com um meio sorriso no rosto. — Acabei com o nariz quebrado, três costelas fraturadas e um lábio inchado.

Não consegui segurar um riso. Um *Cavaleiro* nunca se rendia com frequência, então ele conseguiu sua punição, por assim dizer.

Mas sua expressão se tornou mais séria.

— Ele acabou com a coluna fraturada.

Ai, meu Deus...

— Eu tinha treinamento — comentou, como se ainda estivesse com raiva de si mesmo. — Eu deveria saber onde acertar ou não.

— Ele se curou?

Ele assentiu.

— Sim, mas levou alguns meses, e ficou com sequela nos nervos. Ele não sente mais uns três dedos na mão direita.

Bem, poderia ter sido pior. Muito pior.

— No dia seguinte — continuou —, minha mesa de almoço era a mais cheia no pavilhão.

— Então, você ganhou o respeito deles.

— Sim, agindo como um animal — ressaltou. — Isso me assustou, porque não foi a primeira vez que decidi reagir com violência quando não deveria. Seria um hábito? Eu estava perdendo a noção da vida que queria ter e da pessoa que queria ser, porque continuava agindo com estupidez. — Baixou o olhar, respirando com dificuldade e parecendo vulnerável. — Eu não quero arruinar minha vida.

Eu o encarei, incapaz de desviar o olhar. Ele não olhou para mim, e percebi que se sentia tão inútil e inadequado quanto sempre me senti.

Um desejo intenso me impeliu a fazê-lo se sentir bem.

— Ei. — Levantei a mão, cutucando seu queixo.

Ele ergueu os olhos e lhe dei um sorriso sutil.

— Às vezes, quando tudo e todos ao meu redor são difíceis demais para enfrentar, eu olho para cima.

Ele franziu o cenho, sem entender, e eu inclinei a cabeça para trás, olhando para o teto. Lentamente, ele fez o mesmo.

O vapor subia no ar acima de nós, desvanecendo aqui e ali para mostrar o teto de granito branco do chuveiro. Partículas de cristal brilhavam na penumbra e, por um momento, minha mente flutuou entre a névoa. Leve como uma pluma, subindo nas nuvens.

— É uma forma de mudar sua visão... — Parei. — Isso ajuda. Não é?

Ele sorriu, relaxando os ombros.

— Nós vamos ter que tentar isso do lado de fora e à noite em algum momento.

Nós?

De repente, ele pigarreou e se endireitou, soltando-me.

— Vou pegar algumas roupas para você, okay? — informou. — Por que não se senta? Aqueça-se um pouco mais debaixo d'água.

Assenti, relutantemente me afastando quando se afastou. Ele

estava envergonhado? Eu não queria que fosse embora, mas ele parecia estar com pressa de sair daqui. Talvez tenha se arrependido de ter me contado tudo isso, mas fiquei feliz por ter feito.

Ele apontou para o chão do chuveiro.

— Fique aqui, tá?

Foi até a porta e abriu.

— Alex — eu o ouvi chamar, mas antes que pudesse conferir, fechou a porta do chuveiro novamente.

Fiquei ali, todo o frio que senti antes agora desaparecido. Com as pernas flácidas, recostei-me suavemente à parede para sustentar meu peso.

Ele não me tocou. Apenas enlaçou meu corpo e me abraçou, sem cobiçar ou tentar tirar proveito de mim ou algo assim. Nem mesmo Damon já agiu com tamanha paciência e me reconfortou desse jeito.

Nas raras ocasiões em que meu irmão se sentia compelido a demonstrar afeto, nenhum abraço durou mais do que alguns segundos. Minha mãe provavelmente foi a última pessoa a me abraçar assim.

Deslizei pela parede, sentando a bunda nos azulejos e esticando os joelhos. Fechei os olhos, sentindo meu sangue agora aquecido fluir sob a pele, minha respiração lenta e constante.

Minha cabeça inclinou para o lado, e cada membro pareceu pesar dez toneladas. Não soube por quanto tempo fiquei adormecida.

— Banks? — Ouvi uma voz suave dizer.

Poderia ter sido uma hora depois ou um minuto. Eu não tinha certeza.

Eu me mexi, deixando escapar um pequeno gemido.

— Banks? — a voz insistiu, mais perto desta vez, e, lentamente, abri os olhos.

Alex, a garota da festa, estava agachada ao meu lado, vestindo um short rosa curto e um sutiã esportivo branco. Ela estava mais distante da ducha.

— Kai me pediu para te arranjar algumas roupas — explicou. — Estive esperando lá fora. Só vim te avisar que tenho algo para você vestir. Pode ficar aqui o tempo que quiser.

Funguei, abrindo os olhos e me endireitando.

— Estou bem.

Eu me coloquei de pé, Alex se levantando comigo.

— Tudo bem — disse ela, recuando e apontando para o gancho na parede. — As toalhas estão aqui e há uma sacola para colocar suas roupas molhadas também. Eu deixei algumas secas no banco do lado de fora.

Sacudi a cabeça, apreciando – com certa relutância – por ela ter pensando em tudo. Eu não havia ligado para nenhum dos caras, então

estava sem roupas, e precisaria usar alguma coisa enquanto as minhas secassem. Sabia que eles possuíam lavadoras e secadoras disponíveis para o serviço de toalhas de academia.

Ela saiu rapidamente e fechei a ducha. Peguei uma das toalhas do gancho, tentei secar meu cabelo ainda trançado e pendurei-a, tirando apressadamente minhas roupas. Tirei a jaqueta ensopada e joguei-a no chão, seguindo rapidamente com a camisa de flanela, botas, meias, jeans e roupas íntimas. Cada desdobramento das ataduras ao redor do meu peito parecia mais glorioso que o anterior, até que finalmente meus seios ficaram livres, sacudindo ao vento.

Fechei os olhos, deixando escapar um pequeno gemido. Envolvi-me na mesma toalha e rapidamente enfiei as roupas molhadas em uma das sacolas brancas que o *Sensou* vendia na recepção. Desfazendo as tranças no cabelo, agitei as mechas livremente, massageando o couro cabeludo com a outra toalha.

Cheguei do lado de fora da porta e peguei as roupas secas que Alex havia deixado para mim, ouvindo as conversas de várias outras mulheres no vestiário. A academia já devia estar aberta.

Fechando a porta, vasculhei as peças de roupas.

— O quê? — soltei.

Uma calça preta que mais se parecia a uma segunda pele e um sutiã esportivo cinza com um símbolo da Nike no meio. Eu gemi. Onde estava o resto? Não dava para usar essa merda.

— Urgh — rosnei, segurando o sutiã e vestindo a calça. Ela tinha que ter algo mais por aí. Ou pelo menos um moletom.

O tecido macio envolveu minhas coxas e meu traseiro, e gemi com o desconforto. Era estranho ter algo tão agarrado na minha pele assim. Mas quando puxei a toalha e estendi a mão para pendurá-la, hesitei, percebendo como era boa a sensação da calça justa. Uma tonelada mais leve.

Deslizando os braços pelas aberturas do sutiã, passei a cabeça e o puxei para baixo, ajustando rapidamente meus seios para caber dentro.

Pisquei por um longo tempo. *Ai, meu Deus.* Eu me sentia pelada. Puxei o cabelo por cima de um ombro, tentando cobrir meus seios que estavam quase pulando fora e cruzei as mãos sobre minha barriga desnuda.

Abri uma fresta da porta, espreitando. Eu não queria andar por ali desse jeito.

A quem eu estava tentando enganar? Toda mulher aqui estava praticamente vestida assim. Eu não me destacaria. Damon tinha me deixado muito autoconsciente, como se pelo fato de eu deixar o tornozelo à mostra, os homens atacariam como lobos.

Secando os pés, saí, pegando a sacola de roupas e jogando as

toalhas na cesta do lado de fora do chuveiro. Entrei no vestiário, vendo algumas mulheres correndo para começar a treinar.

— Você parece ótima — disse uma voz.

Levantei a cabeça e deparei-me com Alex em pé com as mãos nos quadris e acenando para mim enquanto seus olhos me varriam de cima a baixo.

Fiquei tensa na mesma hora.

— Nós somos do mesmo tamanho — ela refletiu, aproximando-se e pegando minha mão. — Não dava para saber pela maneira como você se afoga em suas roupas habituais.

Ela pegou a bolsa da minha mão e a vi jogar para uma atendente – uma jovem usando uma camisa polo preta do *Sensou* –, que a levou para algum lugar – esperançosamente, para as secadoras.

— Minhas roupas não são tão grandes — murmurei.

Ela me levou até uma penteadeira e me empurrou para sentar, minhas pernas cansadas cedendo e a bunda despencando no assento. Imediatamente começou a escovar meu cabelo.

— Eu posso fazer isso — resmunguei, tentando pegar a escova.

Mas ela se afastou.

— Você não pode — retrucou, pegando uma coisa embrulhada em papel alumínio do balcão e largando no meu colo. — Você tem que comer.

Peguei o pão quente e macio.

— O que é isso?

— Kai comprou alguns burritos de café da manhã.

Coloquei-o de volta no meu colo.

— Estou bem.

— Ele avisou que você diria isso. — Ela segurava um punhado do meu cabelo, trabalhando intensamente em escovar as pontas. — Ele também disse que você é inteligente o suficiente para escolher suas batalhas, e alguém tão prática quanto você não argumentaria com uma coisa tão besta quanto um burrito estúpido.

Um sorriso me escapou. Tudo bem. Entendi.

O aroma da massa da tortilha atingiu meu nariz e meu estômago, de repente, roncou. Eu não tinha comido esta manhã.

Ela terminou de escovar meu cabelo emaranhado quando desembulhei o burrito e o mordi. Ovo cozido, linguiça apimentada, cebola, pimentão e *jalapeños* com um pouco de queijo, e não pude evitar... Mordi novamente, sem esperar para engolir o primeiro bocado primeiro.

— Boa menina. — Alex piscou para mim e ligou o secador de cabelo.

Meu cabelo soprou ao meu redor, o barulho abafando tudo, menos eu e esse burrito. Na maioria das vezes, raramente parava

tempo suficiente para perceber se estava com fome ou não, por isso costumava passar o dia inteiro com um ovo e uma torrada. Marina estava sempre cozinhando também, então eu poderia pegar alguns pedaços de sobras ou uma tigela de sopa da panela que ela mantinha no fogão, mas, geralmente, pegava algo que pudesse comer na rua ou não ingeria nada.

Alex passou a escova pelo meu cabelo enquanto os secava, os longos fios fazendo cócegas na pele nua dos meus braços e costas. Senti calafrios se espalharem pela minha pele e me vi abaixando a cabeça para dar a ela melhor acesso com a escova. Respirei fundo, fechando os olhos enquanto comia. As pontas da escova se arrastaram sobre meu couro cabeludo.

Depois de comer, fiquei quieta, saboreando a sensação de ter meu cabelo penteado, e só então, percebi que o secador já não estava mais ligado. Abri os olhos, vendo Alex me encarando pelo espelho, seu lindo rabo de cavalo preso no alto da cabeça e algumas mechas soltas em volta do rosto.

Meu próprio cabelo, todo o meio metro dele, caía em cascata às minhas costas, e ela colocou uma parte no lado. Há anos eu não o soltava, lavava e escovava.

— Quando foi a última vez que alguém te tocou? — ela perguntou, me estudando. — Tipo, realmente tocou?

Abaixei a cabeça novamente, evitando seu olhar. Acho que devo ter demonstrado gostar um pouco demais de ter meu cabelo penteado...

Ela se sentou ao meu lado, montando no banco e de frente para mim.

— Todos nós precisamos disso, sabia? — disse, baixinho. — Nós precisamos de contato. É apenas humano. Mas se você não está conseguindo isso de outra pessoa, também não há nada errado com um pouco de amor próprio. Só comentando... Você me parece tensa, e isso ajuda. Eu me toco pelo menos duas vezes por dia.

Fiz uma careta para ela. Eu não gostava de pessoas que compartilhavam demais.

Ela riu e notei o sorriso largo e brilhante que lhe dava uma doçura infantil. Muito em contraste com seu corpo não-infantil, que eu sabia que mais da metade dos homens naquela festa na outra noite provavelmente já havia desfrutado na cama. Será que Kai havia dormido com ela?

— Estou falando sério. — Ela me cutucou, trazendo-me de volta. — Ser tocado é uma necessidade. Feche os olhos para mim.

Hã?

— É um experimento — explicou, provavelmente vendo meu olhar confuso. — Eu não vou tocar em qualquer lugar íntimo.

Não. Eu me afastei, mas ela apenas insistiu.

— Feche os olhos e imagine que sou *ele*.

— Ele?

— Sua fantasia.

Minha fantasia? O qu...?

— Me conceda dois minutos — ela se inclinou, sussurrando — e eu te dou minha camiseta.

Deixei escapar uma risada de escárnio.

Mas ainda assim... eu gostaria de um moletom.

Bem. Foda-se. Fechei os olhos.

Sem minha visão me trazendo certo equilíbrio, meu cérebro pareceu começar a flutuar, mas senti quando ela se moveu ao meu lado, e então sua mão tocou minha barriga, me sobressaltando.

— Você o vê em sua cabeça — ela sussurrou, o hálito soprando sobre o meu queixo. — Sua fantasia. Imagine ele, ou *ela*, o que estão vestindo, o quarto, como estão te desejando.

Minhas pálpebras tremeram, as imagens surgindo na minha cabeça por instinto.

— Não — murmurei, a palavra acidentalmente escapando.

As pontas dos dedos roçaram meu abdômen, enviando arrepios deliciosos pelos meus braços.

— Sim — ela respirou no meu ouvido. — Você o vê, não é? Ele está tocando em você agora. Esta é a mão dele na sua barriga. O corpo dele ao seu lado. A voz dele no seu ouvido. Você o vê?

Estremeci, minha respiração acelerando. De repente, eu estava de volta ao tûmulo.

O peito nu de Kai estava à minha frente, e eu queria afundar meus dedos em sua cintura e enterrar meu nariz em seu pescoço. O leve perfume de seu sabonete e a terra molhada sob nossos pés me cercaram, e outro perfume que era apenas Kai. Estava no cabelo, na boca, na pele...

— *Eu quero você* — ele suspirou, seu hálito quente no meu ouvido. — *Eu quero você na minha boca.*

Sua mão deslizou para a minha nuca, passando pelo meu cabelo e segurando-o levemente. Eu choraminguei, sentindo meus mamilos endurecerem.

Ele afundou a boca no meu pescoço e eu respirei fundo por entre os dentes, seus lábios beijando e chupando minha pele. Ai, meu Deus. Inclinei a cabeça para o lado, dando-lhe acesso.

— Eu te comeria com tanto gosto — disse, sua mão possessiva na minha barriga se arrastando por dentro da minha coxa.

Eu podia nos imaginar em uma cama, a cabeça dele enterrada entre as minhas pernas, e mesmo sentindo o calor do meu rosto ruborizado, eu o queria lá.

— Você está sentindo? — perguntou. — Sente o quanto eu quero você? Vou enfiar minha língua dentro de você e te lambar até que esteja gritando para eu deixar você gozar. Você é minha.

Meu peito vibrava e eu gemia, sentindo-o morder minha orelha, suas mãos se tornando mais exigentes, fazendo-me suar.

— Pegue minhas mãos, querida — sussurrou. — Coloque minhas mãos em você.

Umedeci meus lábios secos, nem mesmo hesitando. Agarrei sua mão na minha coxa, mas parei, sentindo uma mão macia e esbelta que não parecia nem um pouco masculina.

Abri os olhos, encontrando Alex ao meu lado.

— Ai, meu Deus. — Cobri a boca com uma mão, sentindo a vergonha se infiltrar. Tudo aquilo fora feito por ela. Puta merda. Soltei sua mão, observando-a relutantemente se afastar e soltar um suspiro.

— Ele é um cara de sorte. Seja lá quem for.

Balancei a cabeça, confusa com o que aconteceu. O frio na minha barriga ainda vibrava com força total.

Ela se inclinou.

— Hoje à noite, você deve se lembrar dessa fantasia e finalizá-la, mesmo que seja apenas você, sozinha, em sua cama.

Não é de admirar que Will a mantenha em sua folha de pagamento.

— Ou se você quiser — provocou, com um sorrisinho —, me ligue, e vou finalizar por você.

O pulso entre as minhas pernas latejou com mais intensidade.

Put a que pariu, que maravilha, pensei comigo mesma. Eu poderia enfrentar um cara de duzentos e cinquenta quilos, mas uma acompanhante de vinte anos me deixou tímida.

Estava prestes a me levantar quando um grito ecoou pelo vestiário.

— Banks já está pronta aí?

Kai.

Alex pulou do banco, pegando sua escova e empurrando meu cabelo atrás dos ombros.

— Sim, ela está seca e vestida!

— Traga-a aqui então.

Rapidamente me levantei e corri até o armário de Alex, pegando o casaco de zíper cinza no banco em frente. Era longo — esperançosamente longo o suficiente — para cobrir as partes curvas.

Fui até a porta, vendo-a parcialmente aberta e a silhueta de Kai por trás do vidro fosco. Coloquei o agasalho.

— Estou aqui — eu disse, abrindo a porta. — O que você precisa?

Ele imediatamente se virou e começou a andar, sem olhar para

mim, claramente esperando que eu o seguisse.

— Preciso que você lide com a recepção por uma hora. Quem fica no primeiro turno está preso no trânsito.

Estava prestes a fechar o zíper do casaco, quando, de repente, ele foi arrancado de mim por trás. Eu me virei, vendo uma Alex sorridente pegando-o de volta e me empurrando para fora do vestiário.

Que porra é essa?

Ela fechou a porta e eu tentei abri-la, sacudindo a maçaneta, mas fui impedida de entrar. Abri a boca para gritar, mas apenas cerrei os punhos, rosnando baixo.

Filha da puta.

— Tudo fica mais lento, como se as pessoas nunca tivessem visto chuva antes — continuou Kai, ainda andando pelo corredor. — Basta digitalizar os cartões, distribuir toalhas, caso solicitem, e atender aos telefones. Não deve demorar muito.

Coloquei uma mecha atrás da orelha e o segui com relutância, mexendo as mãos e tentando cobrir a barriga e meu decote com os braços.

— Vou mostrar como usar o interfone para me chamar, se precisar de mim — ele instruiu.

Parei à mesa quando ele estendeu a mão, pegando um conjunto de chaves e um *walkie-talkie*.

Mas então algo caiu no meio do saguão, atraindo minha atenção e de Kai, e vi Michael parado, congelado, com as sobranceiras do caralho quase tocando o couro cabeludo. Ele estava me encarando.

Desviei o olhar, rangendo os dentes. *Sim, pode rir, imbecil.*

Kai estendeu as mãos, irritado ao olhar para Michael e Rika parados no meio do saguão com um Gatorade derramando no chão.

— Qual é o problema de vocês? — explodiu.

E então seguiu o olhar de seus amigos, finalmente se virando para me encarar.

Suas sobranceiras franziram, suas costas se endireitaram e ele olhou para mim como se eu tivesse acabado de chutar um filhote.

Seu olhar aterrissou nos meus pés descalços, lentamente subindo pela calça *legging* apertada de Alex, minha barriga nua, o sutiã esportivo e meu cabelo longo solto.

Mantive os punhos cerrados ao lado.

Os olhos de Kai finalmente encontraram os meus, e um nó retorceu meu estômago. Eu conhecia aquele olhar. Era o mesmo que me lançara naquela Noite do Diabo, pouco antes de me perseguir.

Ele arqueou uma sobranceira e virou a cabeça na direção dos amigos.

— O que você está olhando? — rosnou para Michael. — O

vestiário é daquele lado.

Michael tentava conter um sorriso quando Rika olhou para ele de cara feia.

— Pare de babar, imbecil — disse ela e então saiu pisando duro pelo corredor.

Ele a seguiu, uma risada sufocada em sua voz.

— Amor, eu só fiquei um pouco chocado. Foi uma mudança muito radical!

— Cale-se.

— Rika, qual é...

E a discussão dos dois desapareceu no corredor.

Eu fiquei lá, a cabeça erguida, porém ainda encarando o chão enquanto mordida o interior da bochecha.

— Eu vou me trocar assim que minhas roupas estiverem secas — eu disse, olhando para cima. — Onde posso conseguir uma daquelas camisas polo que os outros funcionários usam?

Ele não respondeu por um momento, seu olhar hesitante me olhando de cima a baixo novamente.

Semicerrando o olhar, deu a volta por mim e foi em direção ao corredor, dizendo:

— Não temos mais nenhuma.

Capítulo 13

Banks

Noite do Diabo – Seis anos atrás...

Jogando as chaves na mesa, fechei a porta e atravessei a sala, fechando as cortinas. Tirei a blusa de moletom, os sapatos e vasculhei a gaveta de cima da cômoda de Damon, pegando uma boxer e uma camiseta. Bocejando, entrei no banheiro, sentindo o piso de mármore branco fresco e suave sob meus pés.

Meu irmão não estaria em casa até pelo menos o amanhecer. Kai ainda estava planejando ir ao *The Pope* hoje à noite? Ele deve ter conseguido a chave depois da nossa conversa hoje de manhã, antes de saber que havia me encontrado de novo.

Eu odiava a ideia de ele ir sem mim.

Depois de jogar minhas roupas no cesto, vesti-me com as de Damon, lavei o rosto, escovei os dentes e cabelo e saí do banheiro, apagando a luz na saída.

Arrastei-me para a cama, agarrando o travesseiro e o abraçando quando estendi a mão e desliguei o abajur. O quarto ficou escuro, o sutil zumbido do ar-condicionado fluindo pela casa e me tranquilizando. Minha respiração desacelerou e meu batimento cardíaco se acalmou.

Kai provavelmente estava com muita raiva de mim. Ele não tinha motivos para não acreditar em Damon. Talvez esteja se sentindo traído, enganado e ficou chateado.

Irritado o suficiente para pensar que deveria ficar com a garota que já conhecia, em vez daquela que não fazia ideia de quem era. Talvez ele acabasse dividindo o quarto de hotel com Chloe hoje à noite.

E, por alguma razão, apreciei a pontada de dor que aquilo causou no meu peito. A raiva era mais fácil de lidar, e quase desejei que ele corresse para ela. Isso o tornaria exatamente o mesmo tipo de homem ao qual estava acostumada. Egoístas, hipócritas e gananciosos.

Se ele me desapontasse, eu poderia deixar de desejá-lo, certo?

Eu tinha Damon, afinal, e aqui, eu era uma rainha, pelo menos. Ele nunca trouxe meninas para o seu quarto. Nunca me expulsou para que pudesse ter privacidade. Este era o nosso espaço, e nenhuma mulher estava acima de mim em sua vida aqui em casa.

Eu só precisava me satisfazer com tudo o que já tinha.

Bocejei novamente, minhas pálpebras mais pesadas a cada segundo.

Mas então ouvi a porta atrás de mim se abrir e o chão ranger.

Virei a cabeça por cima do ombro, tensa quando vi uma figura alta e sombria se movendo em direção à cama. Dava para vê-lo já tirando a camisa enquanto pairava acima de mim.

— Você já está em casa? — comentei, permanecendo imóvel.

Mas ele apenas respondeu:

— Shhh... — E não pressionei mais quando virei a cabeça, olhando para o escuro.

Ele não acendeu a luz, então acho que era um bom sinal de que não gritaria comigo.

Senti a cama afundar às minhas costas quando ele se deitou, fazendo a madeira ranger com seu peso.

Não entendia por que ele me queria aqui. Quer dizer, dormi ao lado dele inúmeras vezes, mas sabia que ele estava bravo, então era melhor apenas dar-lhe seu espaço hoje à noite. Porém, o senti atrás de mim quando rolou em minha direção e passou um braço ao redor da minha cintura.

Prendi o fôlego e senti a pulsação acelerar. O que ele estava fazendo?

Sua respiração atingiu meu pescoço, e antes que me desse conta, estava beijando minha pele, a mão enfiada por dentro da minha camiseta e segurando meu seio possessivamente.

Um grito ficou preso na garganta.

— O que você est...

Sua mão se moveu entre as minhas pernas, e ele me agarrou, segurando-me com força enquanto empurrava seus quadris contra a minha bunda.

— Damon, não! — resmunguei, lutando para afastar as mãos dele e sair da cama.

No entanto, ele me abraçou com mais força ainda. Empurrando-me de costas, subiu em cima de mim, prendendo minhas mãos acima da cabeça e tomando minha boca com a sua, áspera e possessiva.

Tentei gritar diante de seu ataque enquanto lágrimas escorriam dos meus olhos. *Não, não, não, por favor! Não faça isso.* Fechei os olhos com força, tentando afastar a cabeça. Náusea subiu à garganta como uma avalanche. Não, não, não...

Até que ele forçou sua língua na minha boca, e eu parei, percebendo que algo estava errado. Congelei, inspirando profundamente pelo nariz.

Nada de *Davidoffs*. Nem sequer um indício do cheiro de seu cigarro em sua pele, no hálito, no cabelo...

Eu me debati, gritando em sua boca enquanto me soltava de suas mãos e estapeava seu rosto.

— Você não é Damon! — berrei.

Ele agarrou meus pulsos, prendendo-os acima da cabeça mais

uma vez. Seu hálito quente tocou meu rosto, minha respiração acelerada ao sentir o peso sobre mim.

— E você não está transando com ele como ele disse, não é?

Michael? O que diabos ele estava fazendo aqui?

— Quem é você? — insistiu.

— Saia de cima de mim — rosnei, contorcendo-me. — O que você está fazendo?

Seria uma tremenda sorte a minha, se um dos caras, ou pior, Damon, entrasse agora e colocasse a culpa dessa merda em mim.

Ele soltou um dos meus pulsos, inclinando-se para a esquerda, e, de repente, a luz se acendeu, iluminando Michael Crist à minha frente.

Soltando meu outro braço, ele se apoiou, deslizando o olhar pelo meu corpo. Rapidamente puxei a camiseta para baixo.

Ele sorriu.

— Não é à toa que ele mantém você em segredo.

Ele rolou de cima de mim e se deitou ao meu lado, deslizando um braço debaixo da cabeça.

— Às vezes, também me sinto possessivo com Rika Fane — admitiu, voltando o olhar para mim. — Embora *ela* não seja minha irmã.

Franzi o cenho, de repente, em alerta. Como?

Ele sabia?

Ou talvez apenas suspeitasse, e confirmei quando surtei diante de seu blefe.

Ele curvou os lábios em um meio sorriso, provavelmente divertido com minha expressão confusa.

— Você se parece com ele. Não sei como Kai não vê isso.

— Eu não sou a irmã de...

— Os assuntos de Damon são dele. — Ele se sentou na cama e depois ficou de pé. — Mas você está arruinando a noite de Kai, garota.

Revirei os olhos, sentando-me também.

— Bem, estou fora do caminho agora — apontei. — Você e seu melhor amigo podem se divertir juntos.

Ele riu, mantendo o olhar fixo ao meu.

— Eu tenho uma ideia melhor — declarou, dando um tapa na minha coxa. — Vamos para a cidade.

E então se abaixou e agarrou meus tornozelos, puxando-me para o fim da cama.

— O quê? — Deslizei sobre os lençóis, caindo de costas. — Não!

Mas meu protesto de nada adiantou. Ele me fez levantar da cama, e meu coração quase pulou da garganta quando me jogou por cima do ombro e me deixou de cabeça para baixo a uma distância de

mais de um metro e meio do chão.

— Você não pode fazer isso! — Esperneeí, fazendo-o cambalear. — Eu nem estou vestida!

— Jesus Cristo! — ele resmungou, tropeçando na mesa de cabeceira. Apoiei as mãos na parede para impedir nossa queda.

— Sabe de uma coisa, já estou me cansando de ter que mandar um bando de idiotas me deixarem em paz! — retruqueei.

— Então não diga nada. Você sabe que quer ir.

Algo caiu sobre as minhas costas, e percebi que se tratava do moletom com capuz que ele usava.

Ele voltou a andar, afastando-nos da cama, da mesinha de cabeceira e do quarto.

— Qual é, cara — gemi, seu ombro cavando no meu estômago. — Damon não vai gostar nada disso.

— Ele não vai saber de nada.

Sim, ele vai! Meu irmão estaria no mesmo lugar. Como ele não me veria?

Ele passou os braços firmemente ao redor das minhas coxas, e parei de me debater assim que começou a descer as escadas. Não queria que me deixasse cair.

Quando parou um segundo depois, senti o vento frio atingir minhas pernas assim que abriu a porta.

— Sério — implorei. — Não quero ir. Damon me mataria se me encontrasse com Kai novamente.

Mas ele apenas me ignorou.

— Qual é! — gritei, chutando e socando suas costas. — Não seja um idiota! Eu também não estou a fim de vê-lo. O fracote nem fez nada quando eu saí de lá, não foi homem o suficiente para vir atrás de mim, hein?

Um tapa acertou a minha bunda, fazendo-me gritar. Estremeci quando a ardência se espalhou.

Ele desceu as escadas e vi a porta do quarto de meu pai se abrindo, a luz incidindo sobre o corredor escuro.

— O que diabos está acontecendo? — Saiu, dando de cara comigo quando torci o pescoço para vê-lo.

— Gabriel — ofeguei quando Michael parou. — Ele acabou de entrar no quarto de Damon. Não quero ir com ele.

Meu pai apenas arqueou uma sobrancelha, mas o perdi de vista quando Michael se virou para encará-lo.

Houve um segundo de silêncio e fiquei ali, paralisada, esperando que Michael me colocasse no chão, mas ele não fez nada.

Em vez disso, meu pai disse:

— Os portões são trancados à noite — informou. — Se a levar para fora desta casa, não poderá trazê-la de volta até o amanhecer.

Entrecerrei os olhos, sentindo o sangue ferver de frustração. Eu não me surpreendi. O que esperava que ele dissesse quando um cara seminu entrava em sua casa para sequestrar sua filha?

Absolutamente nada.

Ouvi a porta se fechar novamente, e Michael girou, descendo as escadas enquanto seu corpo tremia de tanto rir.

— Pai exemplar, hein? — Apertou minhas coxas. — Na boa, acho que você estará mais segura comigo.

Pouco tempo depois saímos pela porta da frente.

— Olha só... — eu disse, vendo a entrada da garagem enquanto meu cabelo bloqueava o resto da minha visão. — Não posso ir com você. Ele já está com raiva o suficiente.

— Eu te disse, ele não vai saber que você está lá.

E então eu estava tombando para trás, meus pés encontrando o chão.

Minha cabeça girou com uma tontura súbita, mas o vi abrir a porta traseira de sua Mercedes Classe G e, de repente, música e risadas soaram. Avistei um monte de gente desconhecida.

— Deem espaço — Michael disse a alguém.

Ele se virou e me empurrou para o assento.

— Ty, dê um trato nela — disse e fechou a porta.

Olhei em volta, deparando-me com o povo um em cima do outro, meninas sentadas nos colos disponíveis, enquanto duas pessoas dividiam o banco do passageiro à frente. Michael deu a volta pela frente do carro, indo para o lado do motorista. As pessoas me olharam de relance, mas continuaram suas conversas animadas.

Todos bêbados, eu diria.

Michael entrou no carro, jogando o agasalho para o lado e deu partida. Então uma garota subiu em cima de mim. Respirei fundo, olhando para cima quando montou meu colo. Ela vestia um short curto, mas também usava uma jaqueta de couro marrom, botas e um cachecol. Seu rosto estava maquiado com uma *Cavalaria*, um crânio bem desenhado onde os olhos estavam envoltos por tinta preta e lindas flores em sua têmpora.

O que ela estava fazendo?

Levantando algum tipo de esponja, esfregou-a em uma embalagem com uma espécie de maquiagem branca e estendeu a mão para o meu rosto.

Recuei na mesma hora.

— O que você está fazendo? — gritei, tentando me fazer ouvir por cima da música estridente. *Save Yourself*, reconheci.

— Ela está disfarçando seu rosto — informou Michael enquanto acelerava em direção aos portões. — Colabore.

Ela sorriu, os lábios cor de vinho se abrindo para revelar dentes

brancos perolados. Inclinando-se, começou a passar a base branca em mim.

— É quase meia-noite — sussurrou, animada. — *Dia de Los Muertos*.

Dia dos Mortos? Eu sabia que a data era comemorada desde o Halloween até depois do Dia de Todos os Santos, em primeiro de novembro, mas por que...

Ah, a maquiagem. Então entendi o porquê seu rosto estava pintado e o que pretendia fazer no meu.

E as velas no cemitério também.

Eu não sabia muita coisa sobre esse feriado além de um desfile que assisti em Meridian quando era criança.

— Está com frio? — Michael perguntou, e quando dei por mim, um moletom foi arremessado para trás.

Eu o peguei. *Impressionante*. Tudo o que estava vestindo era a *boxer* e uma camiseta. Em seguida, meu Vans aterrissou no meu colo. Ele pegou meu tênis? Calcei e me vesti com pressa, imediatamente me sentindo mais aquecida.

— Onde estamos indo? — Coloquei o cabelo para trás, facilitando o trabalho de Ty.

Os olhos dela brilhavam.

— Vamos brincar de pique-esconde.



Gritos animados chegaram aos meus ouvidos no instante em que Michael abriu as portas duplas do *The Pope*.

Demorou menos de quarenta e cinco minutos para chegarmos a Meridian, as ruas desde a nossa vila costeira até a movimentada metrópole agora escuras e silenciosas durante a noite.

Pelo menos trinta pessoas perambulavam pelo saguão e, ao olhar ao redor, instintivamente puxei o capuz do moletom – de Michael –, preocupada que a pintura no rosto não fosse suficiente para me disfarçar. Grupos de adolescentes estavam espalhados entre as colunas negras que se estendiam até o teto alto e escuro, decorado com madeiras entalhadas e lustres de cristal. Alguns se sentaram em sofás e cadeiras estofadas, ou se mantinham próximos às grandes janelas, com belas cortinas brancas, altos vasos de plantas e mudas nas proximidades.

Nunca havia entrado aqui antes. Nosso pai raramente encontrava um motivo para nos trazer – ou Damon, de qualquer maneira – para a cidade. No entanto, eu sabia que o hotel estava à beira da falência. O estádio que deveria ter sido construído anos atrás

nunca foi para frente e isso afetou os negócios. Era realmente uma pena que algo tão grandioso estivesse vazio e desvalorizado.

Um braço enganchou no meu pescoço, e vi Michael parado ao meu lado. Ele ainda estava sem camisa.

— Você tem pernas bonitas — disse ele, olhando ao redor do saguão. — E pode estar a salvo de Damon no momento, mas não pense que está a salvo de todos nós.

Então me encarou com um olhar desafiador.

— E não pense que não sei me cuidar — retruquei. — Eu não me importo de bater em uma garota.

Seus lábios se abriram em um amplo sorriso, antes de rir baixinho. Michael não parecia um cara de muitas palavras, mas senti um toque de orgulho por ele me achar divertida, pelo menos.

Todo mundo se espalhou, e a garota que havia me maquiado segurou minha mão e me arrastou em direção aos elevadores. Michael e alguns outros fizeram o mesmo.

— A brincadeira é — afirmou a garota — uma mistura de pique-esconde e Sete Minutos no Paraíso.

Sete minutos no Paraíso? Gemi por dentro. Eu já tinha brincado disso naquele mesmo dia.

— Você se esconde e, se for encontrada — continuou —, você e ele terão alguns minutos a sós.

— E se eu não quiser brincar?

— Por que não? — Michael apertou o botão do décimo terceiro andar e as portas começaram a se fechar. — É divertido.

Sim, divertido. Até parece que meu irmão brincava disso com apenas a expectativa de apalpar algumas garotas em um armário escuro. Eles estavam mentindo ou amenizando muito essa brincadeira por minha causa. Eu não tinha interesse nisso.

— Quantos “caçadores” vão participar? — Olhei de volta para a garota, ignorando Michael.

Ela encolheu os ombros.

— Um para cada uma de nós. Às vezes, mais de um.

Mais de um?

O elevador subiu, mas meu estômago estava afundando. Calafrios se espalharam pelas minhas pernas e minha boca secou.

Então Michael se inclinou no meu ouvido, sussurrando:

— Você não quer que Kai encontre outra pessoa, não é?

Meus lábios tremeram com um pequeno rosnado.

— Não há garantia nenhuma de que ele irá me encontrar.

— Então certifique-se de que ele faça isso.

Umedeci meus lábios, sentindo na mesma hora o gosto do batom escuro de cereja que a garota havia passado. Ela soltou minha mão quando as portas se abriram e vi todos passarem por mim,

disparando para fora do elevador.

Mas dei meus passos devagar.

O corredor estava escuro e barulhento, uma música agressiva da *Fear Factory* sobrepujando o burburinho ao redor; cerrei os punhos, subitamente me sentindo nervosa. Eu não queria me enfiar em uma situação da qual não pudesse me livrar. Na verdade, eu me sentiria um pouco mais confortável se David estivesse aqui.

Ri comigo mesma diante da ironia.

Eu os segui pelo corredor lotado, várias portas dos quartos abertas, como se este fosse um grande espaço comunitário.

As arandelas da parede iluminavam bem pouco, mas os lustres no teto estavam apagados, e isso dava ao andar uma sensação assombrosa, como se fosse uma caverna. Passamos por mais portas abertas, música vibrando de todos os cômodos, e parecia mais um dormitório do que um hotel. Eles devem ter reservado o andar inteiro.

Adolescentes mascarados perambulavam dentro e fora de quartos imersos na penumbra, à luz de velas, e quando olhei para um deles, avistei um grupo dançando lentamente de um jeito erótico. Duas garotas estavam se beijando, mãos em todos os lugares, e outra garota se encontrava escarranchada em cima de um cara sentado em uma poltrona.

Se meu irmão me visse, eu colocaria a culpa em Michael. Foi ele quem me arrastou para cá.

— Okay, galera! — alguém gritou e ergui o olhar. Will estava em cima de um refrigerador do lado de fora de um quarto, olhando de um lado para o outro no corredor.

Mais ou menos uma dúzia de pessoas começou a se reunir, e mantive a cabeça baixa e coberta pelo capuz. Eu ainda não tinha visto Kai, mas Michael continuava perto de mim, então me sentia menos insegura. O cheiro da comida do serviço de quarto, à direita, se infiltrou em meu nariz e uma pontada de fome me atingiu. Eu não tinha comido nada desde... o pão e a sopa esta tarde?

— Para manter isso viável, vamos limitar nossa brincadeira dos quartos 1312 ao 1322 — Will instruiu. — Senhoras, vocês já sabem o que fazer. Encontrem um esconderijo que valha a pena em qualquer um desses cômodos. Vocês podem trocar de lugar, mas se forem pegas no meio do caminho, já era. — Seu rosto estava adornado com um sorriso sagaz enquanto olhava em volta para os caras, avisando-os: — E se elas disserem para recuar, recuem.

Algumas risadas soaram pela área, e imediatamente dei um passo para trás. Onde estava Kai? Se ele não estava brincando, então eu também não queria. E pelo amor de Deus, e se eu for encontrada pelo meu irmão?

Então, o que deveria fazer? Encontrar um lugar seguro para

enrolar até que essa merda acabe ou tentar achar um esconderijo perfeito?

Avistei uma figura sombria sair de um dos quartos atrás de Will e se aproximar lentamente. Quando o brilho da arandela recaiu sobre sua máscara, desejei que fosse toda prateada.

Mas não era. Aquela máscara era toda preta, e na mesma hora, senti a pulsação acelerar no meu pescoço. Era o meu irmão. Abaixei o olhar outra vez.

— Vocês têm um minuto para se esconder — disse Will, encarando os caras —, e então, vocês terão quinze minutos para se trancar em um armário com a namorada do seu amigo, se vocês chegarem nela primeiro. — O riso explodiu, depois de alguns gritos. — Quando todo mundo ouvir essa buzina — ergueu um alarme de neblina —, significa que o tempo acabou e terão que aparecer.

Ele jogou a buzina para um garoto que estava perto, provavelmente um aluno calouro que foi pego para fazer o serviço braçal, enquanto Will pulava do refrigerador e posicionava a máscara sobre o rosto. Eu sabia que ele também brincaria.

Comecei a andar para trás, passo a passo. Não ficaria aqui dando sopa e correndo o risco de Damon me ver, mas também não tinha intenção de ser encontrada. Eu conhecia o esconderijo perfeito.

— Prontos? — Will gritou. — Preparem-se...

Olhei para a direita, vendo o quarto 1332. *Era melhor ir um pouco mais distante.*

— Eeeee... vão!

Não esperei para ver o que os outros estavam fazendo. Dei a volta e disparei pelo corredor escuro, ouvindo risos e gritos atrás de mim à medida que tentava alcançar o quarto 1312. Ao abrir a porta, olhei de um lado ao outro para conferir se havia alguém aqui.

Mas estava vazio. *Sim.*

Sentindo as vibrações dos passos acelerados das outras garotas que corriam pelo corredor, subi na cama e deslizei para trás da fileira de travesseiros macios à cabeceira. Deitei-me na parte superior do colchão, mantendo-os no lugar com uma mão, com as costas pressionadas contra a madeira. Assegurei-me de que todos ficassem ajustados, para não delatar minha posição.

Meu coração disparou quando preendi o fôlego. Eu mal conseguia respirar de tanto medo. Não tinha tanta certeza se estava apavorada, de verdade. Talvez fosse apenas por conta da perseguição. Mas eu sabia que meu esconderijo era excelente e estava à vista de todos.

Certa manhã, quando era mais jovem, acordei com Damon tendo um ataque. De alguma forma, durante a noite, eu havia me enfiado por baixo dos travesseiros. Eu era pequena aos treze anos.

Magra. Ele acordou e não me viu na cama imensa, pensando que eu já havia acordado. No entanto, quando desceu as escadas e não conseguiu me encontrar, revistou a casa e os terrenos, chamando-me aos gritos.

Até que acordei com toda a comoção e me arrastei para fora de onde estivera dormindo o tempo todo, bem debaixo do nariz dele, e vi que ele não estava nem um pouco feliz.

Acho que ele realmente se assustou naquele dia. E foi quando também percebi que ele poderia, de verdade, se importar comigo.

Ouvi a porta se abrir, de repente, e bater contra a parede, seguida de risadas. Fiquei tensa, segurando o fôlego.

— Atrás das cortinas! — uma garota sussurrou. — Vou ver se consigo me esconder no armário.

Outro grito se seguiu, e ouvi barulhos, o ranger de uma dobradiça e um baque. A música ainda flutuava pelas paredes como um eco subterrâneo, e apertei o travesseiro ao meu lado, tentando conter os tremores.

E então ouvi. Uivos de algum lugar distante. Logo depois, trovões vibraram pelo chão. Como os passos pesados de uma dúzia de caras correndo pelo corredor.

Fechi os olhos. *Cinco quartos*. A menos que destruíssem este lugar, não me encontrariam.

Portas se chocaram contra as paredes, soando como se estivessem sendo chutadas, e vozes profundas gritaram, mas eu não conseguia entender suas provocações. Mais portas se abriram, cada uma parecendo mais próxima que a anterior até que finalmente...

A porta do meu quarto foi aberta, a maçaneta colidiu com a parede novamente, me sobressaltando. Meu sangue disparou e eu congelei.

— Saia, saia, onde quer que esteja — brincou uma voz suave.

Ouvi uma risadinha de algum lugar do quarto.

É isso aí. Leve-o até você. Eu só tinha que ficar aqui até que encontrassem os outros e se ocupassem com o que queriam fazer.

Vários sons vieram do corredor, bem como um grito de uma garota em outro quarto. *Alguém foi encontrado.*

— Verifique o armário — outro cara disse.

Havia dois aqui.

Fiquei o mais imóvel possível, mas depois ouvi um barulho e apurei os ouvidos.

— Não! — Uma das garotas riu. As argolas da cortina deslizaram pela haste e eu sabia que um dos caras havia encontrado a garota ali atrás.

— Cai fora — ela retrucou. — Eu não brinco com calouros.

— Bem, para sua sorte — respondeu ele —, eu gosto de

mulheres mais velhas.

Ouvi um bufo irritado dela e uma risada dele.

— Tem uma garota no armário. Vá atrás dela — dedurou.

Nesse momento, um baque soou por trás da madeira, e o suporte de cabides sacudiu.

— Sua vaca! — acho que a outra garota escondida no armário exclamou.

— Ei, obrigado — o outro cara agradeceu.

Ouvi mais ruídos e alguns protestos, uma porta se fechando – o banheiro, talvez? –, e depois, passos.

O silêncio se seguiu, e então a garota que se escondeu atrás das cortinas, disse:

— Não conte a ninguém sobre isso. — O colchão afundou, deixando-me alarmada.

— Não se preocupe — o garoto disse —, você vai querer contar a todos sobre isso.

E senti os dois se movimentando na cama.

Segurei os travesseiros, tentando garantir que continuassem me cobrindo, quando as coisas começaram a esquentar. Ofegos, pegação, beijos e gemidos femininos, e, de repente, a cabeceira se chocou contra a parede.

Jesus! Para uma garota que não brinca com garotos mais novos, ela certamente estava dando tudo de si.

Meu corpo balançou para frente e para trás, sacudindo minha cabeça. Eu não podia ficar aqui enquanto eles transavam.

Virando de bruços, afundei os cotovelos na cama e me arrastei para deslizar para fora do colchão. Agachei-me no tapete, ainda por um momento ouvindo os gemidos e beijos trocados.

Ainda estava rolando, e eles não notaram minha presença.

Rastejando ao redor da cama, fui para a porta para ver se o corredor estava deserto. A esta altura, todo mundo já devia ter sido descoberto.

Mas, naquele instante, a porta de um quarto se abriu novamente e um jovem rapaz, com a máscara erguida no alto da cabeça, imediatamente me viu.

— Ora, ora...

Ai, droga. Não.

Eu me levantei e passei por ele, disparando pelo corredor.

Caindo direto nos braços de outra pessoa.

Gritei, afastei a mão, fechei o punho e dei um soco no cara, por cima da máscara, fazendo-o tropeçar para trás.

— Merda!

Tirando a máscara, ele a deixou cair no chão e segurou o nariz com as mãos.

Will Grayson.

Eu me afastei, mantendo distância, mas segurando o riso. Essas pessoas estavam me agarrando a noite toda. Era apenas uma questão de tempo.

Algumas gargalhadas encheram o salão, e Will afastou as mãos para conferir se estava sangrando.

— Você não conseguiu pegá-la, cara? — alguém gritou.

As pessoas riram, mas mantive o olhar concentrado nele, preparada. Eu não seria apanhada.

— Bem, o que você quer que eu faça? — Estendeu as mãos, discutindo com seus amigos. — Eu não posso descontar o soco!

— Não, você não pode, não é? — instiguei.

E a multidão foi à loucura.

Ele balançou a cabeça para mim.

— Sua merdinha.

E isso me fez sorrir, mesmo que minhas mãos estivessem trêmulas. Eu ficava muito mais à vontade com isso. Estava acostumada a conviver com homens.

Mas ele avançou, ameaçando:

— Vou te colocar em um armário só por causa disso.

— Não se não puder me pegar. — Então respirei fundo e dei um passo à frente, lançando meu punho na direção do rosto dele, mas ele desviou. Rapidamente ergui a palma esquerda sob a mandíbula dele, enviando sua cabeça para trás.

Eita porra, funcionou!

Ele tropeçou e rosnou, agarrando meu moletom e me puxando para perto, em seguida, me jogou por cima do ombro. De novo, não!

— Essa é a única maneira de ganhar, hein? — zombei, me contorcendo enquanto os espectadores se divertiam. — Você carrega os caras com quem briga também? Ou gosta de seus homens curvados, é isso?

Risos encheram o corredor, mas logo depois senti meu corpo sendo arremessado e gritei quando minha bunda se chocou contra o chão. Que diabos?

Perdi o fôlego na mesma hora.

Will se jogou em cima de mim, empurrando-me de costas e agarrando meus pulsos. Eu me debati, sentindo os músculos doloridos pelo esforço para me soltar de seu agarre, até que ele finalmente conseguiu forçar meus braços acima da cabeça. Eu não era forte o suficiente. *Filho da puta.*

Eu me contorci sob o peso de seu corpo, a multidão uivando ao nosso redor enquanto ele me prendia no chão. Will grunhiu, o cheiro de cerveja em seu hálito enquanto sentia dificuldade para me conter.

— É isso que você realmente quer, não é, pirralha?

— Vá à merda!

Eu me debati sob ele, que apenas gargalhava.

Todos estavam rindo. Meu irmão estava certo. As mulheres se resumiam a isso. Eu estava reduzida a ficar de costas, sem dúvida onde esse babaca achava que era meu lugar.

Soltei um grunhido, jogando todo o meu peso sobre o dele e inverti nossas posições. Dei um soco, acertando seu nariz outra vez, antes que ele me empurrasse para longe. Caí no chão e nós dois ficamos de pé, ele segurando o nariz e estremecendo.

Avancei em sua direção novamente, mas alguém agarrou meu moletom por trás, e um braço enlaçou minha cintura, levantando-me do chão.

— Eita, calma, tigresa. — O peito largo às minhas costas tremia quando o homem atrás de mim riu.

Respirei fundo, sacudindo a cabeça para dar uma olhada.

Fiquei cara a cara com uma máscara prateada. O capuz de agasalho preto estava caído, revelando o cabelo escuro, e encontrei seu olhar quando ele me encarou.

Kai.

Ele olhou para frente, gesticulando o queixo.

— Que porra você está fazendo?

Olhei para Will, a cabeça inclinada para trás, o dedo por baixo do nariz enquanto o sangue escorria pelo lábio superior.

— Ela estava me dando uma surra — ele resmungou quando o burburinho do povo ao redor nos cercou. — Ela é briguenta.

— Eu só consegui te dar uns socos porque você deixou — resmunguei com rispidez. — Vamos terminar. Pra valer, desta vez.

Will revirou os olhos e Kai me apertou com mais força, mas ouvi sua risada ofegante atrás de mim.

— Ninguém quer que você se machuque, querida — disse, colocando-me de pé e olhando para mim. — Você está bem?

Coloquei o cabelo atrás da orelha, parando quando percebi que meu capuz havia caído. Olhei de um lado ao outro. *Por favor, não deixe Damon me ver aqui.*

Puxei o capuz, cobrindo-me o máximo possível.

— Você é de outra escola? — Kai perguntou. — Esta é uma festa de Thunder Bay. Você deveria estar aqui?

Ele não me reconheceu.

A maquiagem. Havia esquecido por completo que estava maquiada.

Além disso, eu vestia pijama e moletom, roupas diferentes das do cemitério.

Comecei a retroceder em meus passos.

Quanto mais tempo eu ficasse, maior a chance de ser

descoberta. Era hora de ir embora.

— Espere um minuto — insistiu, vindo em minha direção. — Esta é uma festa particular. Quem é você?

Relanceei um rápido olhar para as pessoas ao redor, vendo-as nos observando.

— Eu posso te arranjar uma carona — Kai ofereceu, avançando lentamente enquanto eu me afastava. — Você está de carro? Quantos anos você tem?

— Kai, deixe-a ir. Vamos! — Will gritou, indo para outro quarto.

Dei mais um passo, mantendo o olhar focado ao dele enquanto meu coração martelava no peito.

— Sou velha o suficiente para ter visto e ouvido coisas piores — declarei.

Então, ele parou no meio do caminho.

Adrenalina correu em minhas veias e a emoção entalou na garganta, o desejo intenso de sair correndo dali.

Ele olhou para mim, a respiração agora acelerada. Ele se lembrou. Estava com medo de que não lembrasse. Talvez eu tenha sonhado com o confessionário esta manhã, e aquilo nunca tenha acontecido, de verdade.

Mas ele inclinou a cabeça, como se estivesse sintonizando a informação.

Merda.

Dei outro passo para trás, por entre a multidão e continuei:

— Michael me trouxe aqui. — Engoli em seco. — Não tem nada a ver com você. Eu nem queria estar aqui.

Tropecei em alguma coisa, desviando o olhar para me equilibrar de novo e o encarei. Mas ele apenas ficou enraizado no lugar, observando-me.

Ele não ia dizer nada?

Continuei me afastando, com medo de dar as costas a ele.

E então ele deu um passo.

Respirei fundo.

— O que você está fazendo?

Ele deu outro passo.

— Dando-lhe uma vantagem.

Meu estômago deu um nó.

— Mas eu não... eu não queria brincar!

— Aah, você esteve brincando comigo o dia todo — disse ele, um grunhido entrelaçando sua voz. — Fuja. Porque eu me transformo em uma pessoa muito diferente quando ninguém está olhando.

Perdi o fôlego e me virei, disparando para longe dali. O saguão. Com certeza, devia ter gente por lá. E os recepcionistas. Corri até o

final do corredor, passei pelo elevador, sem olhar para trás e entrei pela porta de saída de emergência que dava para as escadas.

A luz ofuscante me cegou, e me agarrei ao corrimão enquanto descia voando pelos degraus. Ouvi a porta acima se fechar, mas um ruído surdo, em seguida, indicou que havia sido aberta novamente.

Ofeguei e desci outro lance, saltando os degraus, porém não pude deixar de olhar para trás. Olhando por cima do ombro, tentei ver os sapatos ou qualquer movimento, mas não havia nada. Nem mesmo o som de passadas.

Então, de repente, ele aterrissou com um baque alto ao pousar, voando por cima das grades.

Ele endireitou a postura e seus olhos escuros me perfuraram através da máscara horrível. Meu coração se alojou na garganta e não consegui conter o grito, correndo mais rápido ainda pelas escadas, sentindo-o quase colado às minhas costas.

Os músculos das minhas pernas ardiam e o suor cobria minha testa, mas, meu Deus, eu estava excitada.

Queria que ele me pegasse.

Lançando-me mais e mais para baixo, podia ouvir seus passos se aproximando cada vez mais. Mas não olhei para trás. Não queria vê-lo chegando. Só queria sentir isso. Sentir seus braços ao meu redor enquanto o perigo assumia, forçando-me a encará-lo.

Respirei rapidamente, cada centímetro da minha pele em desespero total para ser agarrada, acariciada, beijada, mordida e chupada. Deus, o que ele estava fazendo comigo?

Chegando ao saguão, abri a porta, avistando a penumbra pelo canto do olho e sorrindo, quase delirante, por estar apavorada de que ele estivesse tão perto de mim.

Passei pelo *lobby*, olhando de um lado ao outro e vendo algumas pessoas ainda sentadas ao redor do hotel mal iluminado. Nenhum funcionário se encontrava atrás do balcão. Eu me virei, reparando que não havia nenhum segurança, zelador ou qualquer outra pessoa. Não que estivesse planejando pedir ajuda, mas achava que Kai não faria qualquer coisa se alguém pudesse presenciar.

Virando-me para trás, tropecei quando vi a silhueta sombria por trás da janela retangular da porta de emergência.

Um calor intenso aqueceu meu ventre, e perdi o fôlego quando ele abriu a porta, o olhar conectado ao meu.

Ele parecia muito maior agora. Ele já era alto, mas eu estava com medo, e o medo me fez comparar seu tamanho com o meu. Seus braços poderiam, provavelmente, dar duas voltas ao redor do meu corpo.

Venha, eu o desafiei com o olhar. O dia havia sido longo pra caralho, e eu estava exausta, mas o fogo correu em minhas veias,

fazendo-me vibrar. Eu queria ver tudo dele. O calmo, ponderado, estoico e reservado Kai Mori. *Vamos. Brinque comigo.*

Umedeci meus lábios, sentindo o suor na minha pele.

E ele disparou, incitando-me a correr.

Ofeguei e disparei pelas primeiras portas que vi. Ignorei a atenção que estávamos atraindo das pessoas sentadas no saguão.

A porta se fechou assim que passei, e me vi correndo em um salão de festas, decidida a me esconder atrás das imensas cortinas pretas. Cobri a boca com a mão, sem fôlego e desesperada para respirar com mais calma quando ouvi a porta outra vez. O som dos meus ofegos alcançava meus ouvidos, bem como o som das batidas intensas do meu coração. Ele estava ali?

Será que havia desistido?

Eu queria que ele me encontrasse, e por mais que a adrenalina da perseguição aquecesse meu sangue, também estava com medo.

— Você sente isso, não é? — ele disse.

Fechei os olhos, tremendo incontrolavelmente.

— Como se eu já estivesse dentro de você.

Meu clitóris latejava, doendo, e abaixei a mão para colocá-la entre minhas pernas. *Ai, meu Deus.*

— Eu sei que você está aqui — continuou ele. — Estou vendo as cortinas em movimento.

Baixei as mãos, apoiando-a no parapeito da janela atrás de mim quando me sentei e encarei o tecido escuro à minha frente.

— Eu quero algo que não me pertence — ele rosnou, e eu sabia que estava ali. — Mas não estamos aqui, certo?

O quê?

— Nós não existimos e isso não está acontecendo — ele declarou.

Mordi meu lábio para não sorrir. Damon nunca saberia, e o que não soubesse, não poderia magoá-lo.

— Nós não estamos aqui — sussurrei de volta, seguindo seu exemplo.

Então as cortinas se abriram, e ele veio até mim, retirou a máscara e agarrou minha nuca, puxando-me para perto de si.

Gemi quando minha boca colidiu com a dele, sentindo-o, de repente, em toda parte. Apertando meu pescoço, uma mão segurou minha bunda, meus braços em volta de seu pescoço. Seus quadris estreitos pressionaram dolorosamente entre minhas coxas, fazendo-me ansiar por mais proximidade. Eu o queria por inteiro. Sua boca cobriu a minha e nos beijamos, com força e rapidez, nos devorando. Ele tinha o sabor de tudo de que eu precisava.

Mordi o lábio, arrastando-o entre os dentes enquanto me atrapalhava com a fivela do cinto.

— Eu só quero você — sussurrei sobre sua boca, nossos lábios macios provocando um ao outro. — Não é assim com ele. Eu só converso com você.

Ele me empurrou para trás, puxou para cima meu moletom e camiseta e começou a chupar meu seio enquanto se aninhava entre minhas pernas, esfregando-se contra mim.

Fechei os olhos, gemendo. O fogo floresceu no meu mamilo e se espalhou pela minha pele. *Oh, Deus.*

— Nós não estamos conversando agora — ele resmungou, passando para o outro seio. Sua língua estava tão quente que chegou a acender uma fomalha entre minhas pernas.

Com o jeans aberto, ele moeu os quadris contra os meus, uma vez e outra. Seu comprimento espesso por baixo da cueca provocou meu clitóris à medida que ele se esfregava de novo e de novo.

Gritei, e ele cobriu minha boca com sua mão, fodendo-me a seco enquanto se aproximava e mordida minha orelha.

— Eu posso sentir isso — sussurrou, a outra mão segurando meu quadril. — Você me quer, não é? Você quer isso?

Balancei a cabeça, grunhindo, suando e esfregando-me com mais força, tentando alcançar meu orgasmo prestes a explodir.

— Vou abrir suas pernas e te foder em todos os cantos em que eu puder entrar.

Gemendo de novo, virei a cabeça e capturei sua boca, faminta. Suas palavras. Deus, suas palavras.

— Me foda — ofeguei. — Me persiga, me roube e me foda. Me esconda, eu não ligo.

Ele agarrou minha nuca, me puxou para seu peito e me fodeu com mais força, ambos ofegando e grunhindo e, finalmente, nos beijando quando gozamos em nossas roupas. Uma corrente elétrica sacudiu e se espalhou pelas minhas pernas, minha boceta cada vez mais quente à medida que ficava encharcada.

— Minha — ele gemeu.

Enfie as mãos sob seu moletom, sentindo suas costas úmidas de suor e enterrei meu rosto em seu peito quando o orgasmo desvaneceu e meu coração pulsou em meus ouvidos.

Ficamos lá, imóveis e acalorados, mas incapazes de nos mover. Enganchei as pernas na parte de trás das dele e apenas respirei quando os segundos se transformaram em um minuto e um minuto se transformou em dois.

Seus dedos acariciaram meu cabelo, e ele forçou minha cabeça para trás e meus olhos para cima quando se inclinou e me beijou suavemente. Profundo, longo e lento, eu poderia beijá-lo para sempre.

— Encontre-me no Campanário amanhã — ele me disse.

Mas neguei em um aceno.

— Não posso tão cedo. Estarei confinada em casa.

— Não vou ficar esperando. — Ele se inclinou para depositar uma trilha de beijos no meu ouvido enquanto me esfregava entre as pernas. — Dê um jeito de sair ou dou um jeito de entrar. Não me importo de fazer isso atrás de outras cortinas, se for necessário. — E então ele deslizou a mão pela frente do meu short e enfiou os dedos dentro de mim.

— Aaahh... — Eu me contorci. Aquilo doía.

Mas também me deixou arrepiada. Ainda havia muito que sentir.

— Gosto de perseguir você — declarou, com um sorriso nos lábios. — Gosto das nossas preliminares.

Assenti.

— Gosto disso também.

— Esconda-se comigo, então?

Esconder-me do meu irmão? De David, Lev e Ilia, e me esgueirar com Kai?

Assenti novamente.

— Okay.

Ele me beijou e, embora soubesse que não estávamos sendo realistas – nos escondermos não duraria –, não pude deixar de me animar com a promessa de mais momentos roubados. Eu só queria estar com ele. Queria senti-lo.

Perdida em seus lábios, não percebi a música no começo. Uma pitada de gotas de chuva por toda parte quase me fez olhar pela janela para conferir se estava chovendo, mas então ouvi a música seguir rapidamente. As notas agudas de um xilofone ou outro instrumento parecido que soavam como uma canção de ninar assombrada pairaram no silêncio do salão de festas.

Nós dois paramos e olhamos para cima e depois ao redor.

E não pude acreditar no que via. De repente, uma bela mulher veio girando do palco para a pista de dança, suas sapatilhas pretas de balé amarradas às suas pernas fantasmagóricas, brancas, porém tonificadas, enquanto o cabelo da cor da meia-noite dançava ao seu redor. Ela deu uma pirueta e girou, etérea, diante da melodia misteriosa, seu traje preto esfarrapado, mas chique, como um cisne, adornado com penas e brilhos. Ela era como um sonho.

— Você está vendo o mesmo que eu? — Kai sussurrou.

— Sim — respondi, incapaz de desviar o olhar. — É a bailarina.

Capítulo 14

Kai

Dias atuais...

— Ei, garota — chamei Banks, quando passou pela porta do escritório.
— Venha aqui por um minuto.

Ela parou, hesitando antes de entrar. Percebi que seu corpo agora estava coberto outra vez pelas roupas já secas, escondendo cada centímetro de pele possível. Ela mal pôde esperar para tirar as coisas da Alex, não é?

Por trás da mesa, peguei um conjunto de chaves e joguei em sua direção, do outro lado da sala.

— O que é isso? — perguntou quando as pegou.

— Chaves do *dojo*. Caso eu precise que você pegue alguma coisa, deixe algo... Há também chuveiros, colchonetes no andar de cima, lavanderia, comida na cozinha dos funcionários... — continuei, enfiando os recibos mensais em uma pasta na gaveta. — Entre e saia a hora que quiser.

— Eu tenho um chuveiro, uma cama e um lugar para lavar a roupa.

Olhei para cima, encontrando seu olhar teimoso, nem um pouco surpreso com o quão inteligente ela era. Sim, tudo bem. Talvez estivesse dando uma sugestão não tão sutil, mas não me rendi.

— Não estou dizendo que não tenha. Você precisa de chaves, isso faz parte do seu trabalho. Não é complicado entender isso.

— Como pode ter certeza de que não vou te enganar?

Fechei a gaveta, um sorriso curvando meus lábios quando me levantei.

— Porque eu sou um grande juiz de caráter e pequenos furtos não parecem muito o seu estilo — comentei.

Ela poderia precisar das chaves, caso quisesse entrar aqui enquanto ainda estivesse fechado, mas suas suspeitas iniciais também estavam certas. Gabriel a deixou viver como um rato – a contar pela aparência de suas roupas –, e eu ainda não tinha certeza de como era sua situação de vida. Ela alegou morar na cidade, mas não acreditava que sua casa fosse segura ou em um bom lugar. Queria me assegurar de que ela tivesse uma alternativa, caso precisasse. O *dojo* era protegido, limpo e ela teria tudo o que necessitasse aqui.

Exceto um carro. Eu teria que arranjar um para que ela pudesse usar e não fosse apanhada de surpresa pela chuva como acontecera esta manhã.

Ela enfiou as chaves no bolso e se virou para sair.

— Já vi que suas roupas estão secas.

Deslizei o olhar na parte de trás de suas pernas, que só cheguei a ver nuas uma única vez.

— Tenho mais algumas alterações contratuais para que leve para Gabriel — informei, pigarreando. — Está na mesa.

Ela se aproximou e pegou o envelope, segurando-o ao seu lado.

— Algo mais?

Não, na verdade, não.

No entanto, também não queria que ela fosse embora.

— Sim. — Enfiei a caneta no suporte e a encarei. — Você pode se cobrir o tanto que quiser, não vai adiantar nada. Você é linda.

Ela franziu a testa e, em seguida, deu meia-volta e saiu do escritório o mais rápido que pôde.

Balancei a cabeça, sorrindo internamente. Ela era a mulher mais teimosa que já conheci na vida.

Alex passou pela porta, seguindo pelo corredor.

— Alex? — chamei, caminhando de volta para minha mesa.

Ela entrou na sala, uma toalha branca sobre o ombro e o suor brilhando no peito.

Peguei minha carteira e retirei o cartão de crédito preto.

— Leve Banks às compras nos próximos dias — eu disse a ela, entregando o cartão. — A festa de Will está chegando, e ela precisará de algo para vestir.

Sua expressão impaciente ficou radiante quando o pegou.

— Eu sou uma consultora de moda? — caçoou. — Uhuuul!

— Pode me mandar a conta pelo seu tempo.

— Bem... — Ela deu de ombros. — Me presenteie com uma roupa nova também e ficaremos quites.

Ela se virou e foi em direção à porta.

— Alex? — chamei. — Compre mais algumas roupas para ela. Para o dia a dia, roupas comuns.

— E se ela recusar?

Apaguei a luminária da mesa e fui em direção à porta.

— Então compre o que você quiser que ela use. Ela terá algumas opções se decidir abandonar a postura emburrada.

Abri a porta mais amplamente, dando passagem a nós dois.

— Quanto posso gastar? — perguntou.

— Eu te ligo quando as mensagens no celular começarem a me assustar.



Enrolei um elástico em volta de todos os envelopes e peguei a

mochila. Passava das seis e, por mais que o *dojo* ainda estivesse cheio, eu já havia encerrado o meu dia.

Will não ajudava em nada, Rika estava ocupada dando aulas ou na faculdade, e Michael quase nunca estava ali. Eu era o único que não tinha absolutamente mais nada para fazer durante o dia.

Não que me importasse. Eu gostava do que havíamos feito aqui e onde mantínhamos nossos interesses imobiliários, mas queria dar uma passada no *The Pope*. Desta vez, sozinho.

Entregando a pilha de cheques de pagamento a Caroline para que pudesse distribuí-los, desejei um boa-noite e saí pela porta da frente.

Nuvens pairavam no céu, cobrindo a cidade de uma forma sombria como se ondas a inundassem e, de uma maneira incomum, a temperatura estava aconchegante. Chegava a estar quente. Eu podia sentir o cheiro do asfalto das ruas.

Peguei o celular do bolso assim que abri a porta do carro.

— Alô?

Joguei a mochila no banco e posicionei o telefone entre o ombro e a orelha.

A linha estava em silêncio.

— Alô? — repeti.

E então a voz disse:

— Você já transou com ela?

Endireitei a coluna, com o queixo erguido. O calor inundou minhas veias.

Damon.

Eu não sabia identificar o que havia em sua voz que sempre me deixava perturbado. Sempre incomodou, de alguma forma, mas não havia percebido até agora depois de tanto tempo sem ouvi-lo.

Glacial. Era isso. O tom se assemelhava à ponta de uma lâmina cavoucando a pele.

— Ela é bonita quando está dormindo — revelou. — Tantas noites a observei ao meu lado, desejando poder dormir daquele jeito.

Minha mão doeu e percebi que meu punho estava apertado em torno da moldura da porta. Abri os dedos.

— É quase Noite do Diabo. Daqui a alguns dias — apontou, como se eu não soubesse. — Alguma programação para este ano?

Minha boca ficou fechada. Ergui o olhar, lentamente virando a cabeça de um lado ao outro, procurando algum sinal dele.

Se já transei com ela? Imaginei que ele estivesse se referindo a Banks. O que significava que ele sabia que ela trabalhava para mim agora.

— Você sabe que não sou burro. — Ele não estava me perguntando, e, sim, dando ênfase. — Você, acima de todo mundo,

sabe disso. Realmente acha que me encontrará no *Pope*? Acha que o lugar inteiro não está monitorado, e que não o veria chegando? Que Banks teria deixado você entrar se pensasse, por um segundo, que eu estava lá? Ela sempre será minha.

Os carros passavam enquanto a brisa cálida soprava pelo beco onde meu carro estava estacionado. Uma parte minha esperava que ele estivesse certo, pois ela poderia acabar me levando a ele.

— Você está entediado pra cacete, não é? — provocou. — Entediado porque, ao me ter por perto, você tinha uma desculpa perfeita para ser o depravado que era. De olhar para si mesmo e dar uma boa olhada no monstro que tem aí dentro. Você não é nobre por trás das portas fechadas, Kai.

— Onde você está? — perguntei.

— Por aí.

Torci os lábios ante sua evasiva.

— Rika está sozinha demais — continuou ele. — Com Michael viajando o tempo todo, você não deveria ter se mudado para tão longe, do outro lado do rio, sabia?

Mal registrei a mudança de assunto, fechando os olhos.

— Noite passada, ela dormiu com uma calcinha de seda branca muito tentadora. — Seu tom de confiança me fez apertar o celular. — Foi quase insuportável ver um corpo daquele ser desperdiçado naquela cama fria, tão sozinha. Deus, eu queria transar com ela. Quarto escuro, meio adormecida... talvez ela nem soubesse a diferença.

Ele estava mentindo, me provocando. Não havia como ele ter acesso àquele apartamento. Michael poderia até viajar, às vezes, mas tomava precauções significativas. Segurança redobrada, alteração de todos os códigos de acesso, contratação de pessoal adicional... Ele até colocou um rastreador no telefone e no carro dela. Eu deveria me sentir culpado por isso, já que ela também era minha amiga, mas sabíamos que ela discutiria, e seria inútil. Michael estava certo. Era necessário.

Sinceramente, fiquei surpreso que ele também não tivesse colocado alguma identificação em suas joias, já que Damon não a sequestraria em seu próprio carro e, com certeza, se livraria do telefone na mesma hora.

— Mas tenho que esperar a hora certa — disse Damon, melancolicamente. — Esperei tanto tempo... Não vou me apressar.

Apressar o quê?

— Você arranhou um monte de problemas só para comprar o *The Pope* — continuou. — E não vai me encontrar.

— Eu não diria que foi tudo em vão. — Fixei o olhar no imenso prédio do outro lado da rua. — Sua pequena encrinqueira é muito

mais agradável do que imaginei.

O que era uma afirmação inteiramente verdadeira. Deixe-o deduzir o que quiser.

— Acho que agora entendo por que você gosta tanto dela. Por quê, sem as roupas desleixadas, ausência de maquiagem e cabelo preso, você a acha tão atraente. — Inspirei, gostando de provocá-lo. Agora dominando o ataque. — Ela é tão reprimida. É cativante vê-la se soltar e perder o controle. Perceber que gosta de ser vista como mulher. — E então, prolonguei-me ao dizer: — E que ela gosta de fazer as coisas que uma mulher faz.

Eu podia sentir seu silêncio como se fossem suas mãos me empurrando. Só que eu não recuaria.

— Tão quieto de repente? — provoquei.

— Nik é minha — afirmou, o tom cortante. — Você nunca será o que eu sou para ela.

Nik? Esse era o primeiro nome dela?

— E eu vou te matar na frente dela — acrescentou.

— Bem, vamos lá, então. Por que esperar até a Noite do Diabo? Vamos acabar logo com isso. — Bati a porta do carro, caminhando em direção à rua e à chuva que fluía no ar. Eu não tinha ideia se ele estava no hotel ou não, mas encarei o prédio como se estivesse falando diretamente com ele. — Ou você pode fugir novamente. Um ou outro.

— Mas não é isso que você quer — atestou, o tom astuto de volta em sua voz. — Eu te disse, Japa, não sou burro. Sei do que está atrás. E não é um confronto, não é vingança, e nem mesmo Banks.

Nivelei o olhar em uma janela acima, desejando que ele aparecesse.

— Vá em frente — desafiou. — Pergunte o que quer. Pergunte-me o que só você e eu sabemos, e que não quer que Will, Michael e Rika descubram.

Meu peito arfava com respirações silenciosas.

— Pergunte-me onde enterrei o corpo quando limpei sua barra há seis anos.

Fechei os olhos, meu coração trovejando.

Ele não tinha esquecido. Nunca esqueceria. Eu realmente pensava que isso aconteceria?

Ir para a prisão por três anos, por ter agredido um policial, não foi a pior coisa que já fiz. Eu nem tinha começado a pagar pelos meus crimes.

— Não me conte — falei, entredentes, perdido em pensamentos, mas tentando manter o tom firme. — Porque se você fizer, vou enterrá-lo junto dela. E sei que você odiaria isso.

Desliguei, imóvel no beco e ainda de frente para o hotel,

enquanto o pesadelo de uma noite se infiltrava em minha mente.

A forma como estávamos nos divertindo e, do nada, tudo acabou. Como estava confuso e com raiva e não consegui me conter, e como permiti que a ira me consumisse. Como queria machucá-la, mesmo que realmente não a conhecesse, mas a odiava.

Como amei Damon uma vez e sabia que Gabriel Torrance estava errado. Eu faria qualquer coisa por seu filho. Eu *fiz* qualquer coisa por seu filho.

Matei por ele, e no ano passado ele se virou e quase me matou.

Olhei para cima, de volta ao hotel, perguntando-me se ele estava certo. Eu havia perdido meu tempo? Talvez devesse ter seguido a sua preciosa namoradinha?

Duas coisas eram certas, no entanto: ele estava aqui, na cidade, e ainda queria Rika. Antecipar suas ações não fora um erro.

Eu ligaria para Gabriel amanhã e renunciaria minha reivindicação no hotel. Não havia nenhum contrato assinado, logo, nada de acordo.

Quando me virei para sair, a chuva agora leve sobre minha cabeça, parei ao avistar Banks, do outro lado da rua, descendo de um SUV. Ela olhou ao redor, sem me ver, e correu para a mesma porta dos fundos que havíamos entrado apenas alguns dias atrás.

O que ela estava fazendo?

O trovão estalou no céu e disparei pela rua, correndo enquanto os faróis de um carro brilhavam na névoa.

Chegando à parte de trás do prédio, peguei as chaves e olhei para baixo, percebendo que havia dado a Banks as do hotel. Mas ainda tinha o código de acesso memorizado. Apertando os sete dígitos do teclado, guardei o molho no bolso e abri a porta, entrando rapidamente.

Não mandei que ela fizesse qualquer coisa no hotel hoje. Ela não estava aqui para mim, eu sabia disso.

Pegando meu telefone, acendi a lanterna, saí da cozinha e atravessei a sala de jantar e o saguão. Entrando no espaço aberto, virei a cabeça para a direita e para a esquerda, procurando por ela. Onde ela estava?

Então ouvi um zumbido abafado, um ruído como se estivesse oculto nas paredes ou no chão. Seguindo o som, olhei de um lado ao outro e vi os números acima de um dos elevadores acendendo.

Subindo cada vez mais.

Eles estavam funcionando?

Estendendo a mão para pressionar o botão para cima, parei e depois me afastei. Em que andar ela desceria?

Observei os números – oito, depois nove e dez... E então, continuaram: onze, doze...

E parou. A luz não acendeu mais.

Décimo segundo andar.

Apertei rapidamente o botão superior, pressionando-o várias vezes quando meu sangue começou a ferver.

Só podia ser sacanagem. O elevador *foi* para o décimo segundo andar.

Esperei que descesse novamente, mantendo o celular à mão, caso precisasse de luz.

Como diabos ela colocou os elevadores em funcionamento?

Assim que as portas se abriram, entrei, apertei o número doze e as portas se fecharam. Ela sabia que ele estava aqui o tempo todo. Ela o estava vendo, nos observando dando voltas e ouvindo nossas conversas. Quer dizer, eu sabia que ela não estava do nosso lado e nunca guardou segredo sobre a pessoa a quem era leal. Então, por que eu queria estrangulá-la mais do que a ele agora?

Cerrei a mandíbula com tanta força que meus dentes doeram. Se o que ela gostava era de homens cruéis, então mostraria quão cruel eu poderia ser.

Bati a mão no 12 novamente, com tanta raiva, que mal notei que não estava acendendo. Ou que o elevador não estava em movimento.

Que porra era essa? Não foi apenas há um minuto? Por que não estava funcionando agora?

Apertei o botão mais algumas vezes, tentando iluminar para ver se o elevador havia registrado o andar, mas nada aconteceu.

A luz fluorescente estava úmida ali dentro, e procurei outros botões para apertar ou qualquer outra coisa que parecesse incomum. Qualquer coisa para indicar como chegar onde queria ir.

O elevador havia seguido para o décimo segundo andar. Um andar que agora realmente tinha certeza da existência.

Apertei o 11 só para ver se funcionaria. E funcionou. O número se iluminou de repente, e senti os cabos se movimentando quando comeci a subir. As portas se abriram no décimo primeiro, e olhei para cima a tempo suficiente para ver o corredor escuro na minha frente antes de chegar ao 13 e rapidamente fechar as portas novamente. Subi mais uma vez, parando no décimo terceiro quando as portas se abriram, permitindo-me descer.

As portas se fecharam outra vez. Como ela conseguiu fazer com que ele parasse no décimo segundo?

Talvez houvesse outro acesso à escada em um desses andares? Eles tinham que ter um que chegasse até ali. E se rolasse um incêndio ou os elevadores quebrassem?

Estendi a mão e tentei a única outra coisa que me ocorreu. Pressionei o 11 e o 13 juntos. Para minha surpresa, os dois se

iluminaram, mas não senti o elevador se mover.

Em vez disso, um pequeno zumbido veio detrás de mim e me virei, vendo um painel prateado se erguer para revelar um teclado escondido na parede do elevador.

Meu coração quase saltou da boca. Então era isso. Foi assim que ela chegou ao décimo segundo andar. E ela já sabia disso, na última vez em que estivemos aqui.

Andando até o teclado, notei os botões claros com números pretos, junto com uma pequena tela iluminada em verde.

Digitei o único código que eu conhecia. Aquele que dava acesso ao prédio.

Nada aconteceu.

Tentei novamente, pressionando o símbolo # depois.

Nada ainda.

Era um código diferente. Um que não recebi.

Mas algo que Banks disse uma vez me fez parar.

— ... e quando foi investigado, não havia nem a possibilidade de o elevador parar por lá. O andar havia sido obstruído.

Mas isso não era verdade. Ela parou neste andar.

Mantendo as costas para as portas do elevador, me inclinei perto da parede dos fundos, recostando a cabeça no aço. Passei a mão pela borda, percebendo uma lacuna onde a parede encontrava o painel.

Um vão.

Isto não era uma parede. Era uma porta e esse elevador se abria pela frente e por trás.

Jesus.

De repente, a porta começou a abrir. Recuei quando a parede metalizada – e a entrada secreta – deu de cara com Banks, o olhar arregalado assim que percebeu minha presença.

Olhei para ela por um instante, reparando no grande espaço imerso na penumbra às suas costas. Não havia portas dos quartos com números, corredor, carpete de merda...

Era um *loft*.

Olhei para ela outra vez.

— Você sabia o tempo todo.

Ela me encarou, seu corpo imóvel e rígido.

Entrei no amplo espaço, forçando-a a dar um passo para trás.

— Leve-me até ele.

— Ele não está aqui.

Mas avancei em sua direção, invadindo seu espaço pessoal com um olhar de advertência.

— Ele não está aqui! — ela rosnou.

— Você é uma mentirosa do caralho!

— Eu suspeitava que ele estivesse, então vim dar uma olhada. Mais uma vez — acrescentou quando passei por ela e dei uma longa olhada ao redor.

Os cômodos estavam escuros, a sala curva dava lugar a uma biblioteca e um salão, com alguns corredores que levavam a vários lugares, provavelmente quartos. Havia sofás e luminárias, mesas e tapetes, o lugar todo montado como uma casa com uma vista privilegiada.

Quando virei próximo ao elevador, notei a varanda por trás das portas francesas duplas — a mesma que tentamos alcançar naquele dia.

Este apartamento parecia ocupar um andar inteiro. O que significava que poderia ter várias varandas ao redor de todo o edifício.

— Como você conseguiu fazer o elevador funcionar sem a eletricidade ligada? — perguntei.

Ela enfiou as mãos nos bolsos.

— Os elevadores têm um disjuntor diferente.

— E você sabia disso quando estivemos aqui da última vez?

Ela desviou o olhar.

Obviamente.

O cheiro persistente de cravo flutuou em minhas narinas, e o reconheci imediatamente.

Damon fumava principalmente *Davidoffs*, mas de vez em quando se satisfazia com *Djarum Blacks*. O odor inconfundível permaneceu no lugar.

— Você tinha que saber que eu nunca o entregaria a você. — A voz de Banks estava séria. — Eu sei do que você e seus amigos são capazes.

Eu me virei, incapaz de disfarçar a careta.

— Do que sou capaz? — perguntei a ela. — Então, ele é a vítima?

Eu me aproximei dela, cansado de sua ideia fixa de que só havia preto no branco. Eu era amigo dele. Sempre fiquei ao lado de Damon, e ele não fez nada além de tentar nos prejudicar. Ele era uma ameaça.

Eu me virei e avancei mais para o interior do *loft*, descendo por um dos corredores. Entrei nos quartos, reparando na poeira, alguns lençóis desordenados e o cheiro de umidade, provavelmente pelo lugar ter sido mantido fechado por algum tempo.

Entrando em um quarto com uma varanda visível através das portas duplas, imediatamente avistei um cinzeiro em uma cômoda e caminhei para inspecioná-lo.

Peguei uma das pontas do cigarro preto de Damon em um mar de outras bitucas brancas, e o trouxe até o nariz. O cheiro de especiarias tinha a mesma doçura sobrepujante da qual me lembrava.

Coloquei-o de volta no cinzeiro, reparando em todos os *Davidoffs* brancos também. Ambas as suas marcas preferidas.

Olhando ao redor, reparei nos lençóis bagunçados com os travesseiros ao pé da cama, as garrafas de Corona no lixo e o chão cheio de embrulhos de papel alumínio dentro de suas caixas de cigarro, cuja obsessão de

Damon era dobrar até que não fosse mais possível reduzir o papelão.

— Ele pode não estar aqui agora, mas estava — atestei, virando-me para encará-la.

Seu olhar permaneceu fixo ao meu enquanto se mantinha em silêncio.

— Onde ele está agora? — indaguei, caminhando em direção a ela.

— Eu não sei.

Levantei a cabeça, repetindo a pergunta:

— Onde ele está?

— Eu não sei.

Outro passo em sua direção.

— *Onde* ele está?

— Eu não sei.

Eu a imprensei à parede, calor enchendo meu olhar.

— Ele é muito possessivo com você, não é?

Ela cerrou os lábios carnudos, e percebi que havia tantas coisas para as quais ainda não tinha respostas: por que Damon era tão apegado a ela, por que ela era tão leal a ele? E eu podia não fazer a menor ideia de quem ela era, mas uma coisa sabia com certeza: eu poderia mexer com Gabriel, poderia usar Rika como uma isca em um anzol, mas essa garota aqui era a única pessoa capaz de enlouquecer Damon.

Ela era sua fraqueza.

— Talvez eu não precise procurá-lo, afinal de contas — disse a ela. — Eu tenho você, e ele virá até mim, não é? Com a motivação certa.

Seus olhos aflitos se voltaram para os meus, e detectei o leve sobressalto antes que ela disfarçasse. Mas bastou esse pequeno vacilo. Era uma rachadura – uma das únicas que vislumbrei em seu exterior comedido e frio.

E, por um momento, esqueci tudo sobre Damon Torrance.

— Peça-me para não machucá-lo — eu disse, minha voz falhando inesperadamente.

No entanto, ela apenas me encarou, seu olhar hesitando um pouco.

Cheguei mais perto, sentindo o calor de seu corpo.

— Já te ocorreu que tudo o que você precisa fazer é pedir?

Eu precisava de Damon para que pudesse localizar o maldito corpo antes que ele decidisse usá-lo contra mim, mas não precisava machucá-lo. Isso dependia dele. E, talvez, dela.

Ela buscou a veracidade de minhas palavras em meus olhos, o infinito abismo dos seus, verdes, começando a brilhar. Seu queixo tremia quando agitou a cabeça lentamente, em guerra consigo mesma.

— Você não consegue, não é? Não vai me pedir nada.

Ela baixou o olhar, ofegando.

— Você o ama? — perguntei.

— Sim.

Sua cabeça ainda estava baixa quando ela sussurrou, mas ouvi a resposta rápida o suficiente.

— Sim — repetiu, assentindo. — Eu o amo muito. Mais do que jamais amarei alguém. — Seus olhos lacrimejantes se levantaram e encontraram os meus novamente. — Eu posso controlá-lo. Se conseguir encontrá-lo. Só me dê uma chance.

Mas mal ouvi a última parte.

Sim.

Eu o amo muito.

Mais do que jamais amarei alguém.

Ela parecia abrir o coração, mas era apenas para ele.

Eu me endireitei, sentindo uma frieza se instalar em meu corpo.

— Você está chorando? — perguntei. — Por ele?

Ela não disse as palavras, não me implorou, mas estava escrito em seu olhar. Ela pertencia a ele tanto agora quanto naquela época.

— Tudo bem — eu disse, inclinando-me e provocando-a. — Chore por ele então e me implore. Me implore para deixá-lo em paz, e eu o farei.

Sua mandíbula flexionou, e o rubor furioso cruzou seu rosto.

— Você tem uma chance de salvar a vida dele, Banks. Tudo o que tem a fazer é me implorar. Vamos. Eu quero ver. Até onde você irá por ele? — rosnei, com ódio. — Implore!

Ela gritou, sua mão enluvada acertando meu rosto.

Minha cabeça girou para o lado, e a ardência do tapa se espalhou pelos meus lábios.

Meu coração deu um pulo.

Novamente.

— Porra, você é patética. — Sorri com arrogância quando me virei para encará-la. — O cachorrinho de estimação dele, não é? Se você for boazinha, ele te dá o privilégio de lamber o pau dele depois que ele trepa com uma mulher de verdade?

— Urgh! — ela grunhiu, me dando um tapa na mesma bochecha novamente.

Meu pescoço doeu com o golpe repentino desta vez, e respirei

fundo, absorvendo a dor. Ela era forte.

Lambi o canto dos meus lábios, saboreando o gosto metálico onde meus dentes haviam rasgado a pele.

— Você nunca será mais do que é agora. — Avancei, batendo minhas mãos na parede atrás dela, ficando nariz a nariz. — Algo para os homens usarem. Isso é tudo o que você é. E em cinquenta anos, vai acabar sozinha, sem saber como é isso.

Passei o polegar sobre a gota de sangue no canto da boca e a esfreguei em sua bochecha.

Ela rosnou, afastando minha mão, mas eu estava fora de mim, e não sabia se estava chateado, excitado ou desesperado por esse confronto, mas mergulhei e perdi o controle. Meu corpo assumiu o comando.

Agarrei sua nuca em uma mão e a bunda dela com a outra e coleí seu corpo ao meu.

— Como é isso — rosnei sobre seus lábios, pressionando meu pau duro e já desesperado por ela em sua virilha.

Ela gemeu baixinho e seu corpo endureceu na mesma hora, como se estivesse assustada, mas segurou-se aos meus ombros de qualquer maneira, os dedos cravando minha pele através da camisa.

— E como é isso — sussurrei, deslizando a mão pelo seu traseiro e apertando com força.

Ela ofegou, fechando os olhos com força, mas não passou despercebida a forma como abriu as pernas para me acomodar melhor, agitando os quadris. Não dava para saber se era sua intenção mesmo, ou se apenas agiu como eu, por instinto, deixando as sensações nos dominarem.

— Não vou te implorar por merda nenhuma — disse ela, uma lágrima escorrendo por sua bochecha.

— Foda-se Damon. — Eu a pressionei de volta na parede, levantando-a e friccionando meu pau entre suas pernas. — Isto é entre mim e você.

Ela ofegou quando enlaçou minha cintura com as pernas. A pequena mancha de sangue em sua bochecha começou a brilhar com o suor, e não parei de tocá-la ou abrandei meus avanços, porque se desse a ela um segundo para pensar, ela impediria de seguirmos em frente.

— Eu gostava de você — sussurrei. — Ainda me lembro de como aqueles momentos roubados foram bons.

Mesmo depois de inúmeras mulheres, minha mente sempre voltava a ela.

E eu mal podia esperar por mais. Capturei seus lábios, silenciando todas as nossas palavras, preocupações, passado e essas merdas, e a beijei, mergulhando minha língua e provando-a como se

ela fosse uma deliciosa refeição.

Garota fria – durona –, por que eu estava tão obcecado? Por que estava com ciúmes de que ela provavelmente tenha dado um pedaço de si a sei lá quantos homens naquela casa, mas reservava para mim apenas frases monossilábicas?

Ela que se foda. Ela me queria. Não me importava com a besteira que saía de sua boca. Não éramos mais adolescentes e eu não era o mocinho. Ela faria por mim o que fez por Damon ou David – ou por quem diabos entrasse e saísse da casa de Torrance –, e, dessa forma, ela saberia que eu era tão cruel quanto ela. Ela me subestimou, mas não se esqueceria disso nunca mais. Que eu possuiria um pedaço dela, assim como eles possuíam.

Arranquei sua jaqueta e a puxei pelos braços.

— Tire sua camisa.

Eu a deixei de pé, o gorro escorregou da cabeça, soltando o cabelo, enquanto eu tirava meu pulôver e a camiseta por cima da cabeça, jogando-os no chão.

Ela fez uma pausa, erguendo os braços e cobrindo o corpo ainda vestido.

— E-eu...

No entanto, eu a agarrei e a beijei novamente, interrompendo suas palavras. Ela gemeu contra a minha boca, e rasguei sua camisa de flanela, enviando botões para todo lado; eu me afastei, parando apenas um momento quando vi as ataduras ao redor de seus seios.

Que diabos?

Eu teria que perguntar sobre isso quando minha cabeça clareasse mais tarde.

Olhei para a mesa, vendo um abridor de cartas, e o agarrei, deslizando a lâmina fria de metal por dentro das amarras; puxei com força, abrindo o material e vendo seus belos seios saltarem livres. Respirei fundo, absorvendo brevemente as marcas em sua pele antes de empurrar sua camisa pelos braços e chegar até ela, colando seu peito ao meu.

— E como é isso — respirei em seu ouvido, tonto com a sensação de seus mamilos endurecidos pressionados no meu peito.

Passei os braços ao redor de seu corpo, enlouquecendo com a maciez de suas costas e com a maneira como seu cabelo acariciava meus braços, causando arrepios.

Ela se agarrou a mim, ofegante e nervosa.

— Eu sou dele. Eu pertenço a ele.

Concordei, empurrando-a em direção à cama.

— Diga isso de novo.

Mergulhei em seu pescoço, mordendo a pele suave.

— Eu pertenço a ele — gemeu, inclinando a cabeça para trás.

— Nunca serei sua. Eu te odeio.

— Mas você me quer.

Fiz com que caísse de costas no colchão.

Com o olhar conectado ao dela, soltei meu cinto, abri a braguilha e me liberei da calça.

Ela respirava cada vez mais rápido, os olhos arregalados e fixos no meu pau duro como aço, pronto, desde quando ela atraiu minha atenção.

Eu precisava disso agora. Paixão. E não importava que fosse com raiva. Contanto que os sentimentos fossem intensos.

Lágrimas encheram seus olhos, e observei seus seios, grandes o suficiente para encherem minha mão, mal podendo esperar para possuir cada centímetro dela.

— Se você quiser que eu pare — eu a desafiei, aproximando-me da cama e olhando para ela. — Aqui está sua chance. Basta me pedir para parar e assim será feito.

Ela ficou em silêncio, mas sua mandíbula travou, os olhos se tornaram tempestuosos enquanto grunhia:

— Sim, eu sabia que isso era só papo-furado. Vá em frente e pare, frangote.

Abri um sorriso.

Abaixei-me, agarrei a parte de cima de sua calça jeans e calcinha e as puxei pelas pernas, as roupas enormes deslizando sem nenhum problema. Ela gritou, fechando os olhos, mas eu sabia que era apenas seu orgulho falando.

Banks esteve com caras mais ásperos que eu, mas iria me assegurar de que ela nunca se esquecesse desse momento. A putinha dos Torrance era toda minha por quanto tempo ela mantivesse as pernas abertas.

Desci sobre seu corpo, gemendo a cada centímetro de sua pele quente contra a minha. Levantei seu joelho e mordisquei seus lábios enquanto me acomodava entre suas coxas. Deus, eu podia sentir o calor úmido no seu centro. Meu corpo começou a tremer.

Cobri sua boca, sentindo seus gemidos e ofegos vibrarem sob meus lábios.

Enfiando minha mão entre nós, eu me posicionei e comecei a empurrar.

Ela ofegou, os músculos subitamente tensos.

— Estou com medo...

— Não fique. Damon não precisa saber que você adorou ser fodida por mim mais do que por ele.

E então rosnei, empurrando forte e profundamente, me afundando em seu corpo tenso, meu cérebro mal registrando uma fina barreira rompendo.

Ela gritou, inclinando a cabeça para trás com o rosto contorcido pela dor.

— Aaah! Ai, meu Deus!

Que porra era essa? Parei na mesma hora.

Seu corpo convulsionava, as unhas cravadas nos meus ombros enquanto arfava, em busca de ar. Era dor, não prazer.

Parei de respirar.

Não, não, não... O quê? Não.

Fiquei ali deitado acima dela, encarando-a enquanto meu pau palpitava em seu interior.

Virgem?

Eu podia sentir a confusão estampada no meu rosto.

Ela era virgem, porra?

Banks ofegou repetidamente, tentando recuperar o fôlego. Então se acalmou, devagar, quando o choque diminuiu, e nós dois apenas nos deitamos lá, sua expressão começando a relaxar.

Ela abriu os olhos, encarando meu rosto aflito.

Ah, Deus. O que eu fiz?

Seus lábios lentamente se curvaram em um meio sorriso.

— Sim, não estava esperando por isso, não é mesmo?

Capítulo 15

Banks

Dias atuais...

— Mas que diabo é isso? — Ele me encarou, agoniado, toda a maldade e arrogância agora desaparecidas.

Eu sabia o porquê estava confuso, mas não respondi nada. Pisquei para afastar as lágrimas.

Doeu. Assim como Damon sempre havia me alertado.

Eu queria me afastar dele, mas então ele saberia que eu não seria capaz de lidar com isso. Não consegui evitar e me contorci abaixo de seu corpo forte, tentando me livrar da dor incômoda. Ardia pra cacete e eu estava desconfortável. Minha garganta sufocou com as lágrimas que estava tentando segurar.

Claro, eu sabia que só doeria a primeira vez, mas só bastou aquela para saber que nunca mais desejaria sofrer outra vez, então... Flexionei a mandíbula para impedir que meu queixo tremesse. Não queria demonstrar a vergonha que sentia. E nunca faria isso de novo. Não foi nada agradável.

— Saia de cima de mim — resmunguei. Estava com frio, dor, e ele parecia um intruso no meu corpo. Como algo que não deveria estar ali dentro.

— Está tudo bem — ele sussurrou, gentilmente afastando meu cabelo dos meus olhos. — Tudo bem.

— Você conseguiu o que queria, então saia de cima de mim agora.

Eu estava perdendo o controle, e as lágrimas se libertaram, deslizando pelas minhas têmporas, se entremeando no meu cabelo. Estava arruinada. Damon me odiaria para sempre.

Mas Kai apenas balançou a cabeça, devagar, ainda olhando para mim, confuso.

— Eu não sabia. E... eu pensei... — Seus dedos acariciaram minha bochecha e depois meu braço. — Que porra é essa?

Sua testa recostou-se à minha, e eu estava prestes a empurrá-lo, mas hesitei. Por que diabos ele se importava? Não era isso o que ele queria? Fosse lá a minha primeira ou a centésima vez, ele me usou como o brinquedinho que sempre fui para ele. Que importância tinha isso?

— Quem é você para ele? — perguntou, levantando a cabeça para olhar para mim.

— Não importa. Eu ainda vou escolhê-lo. Ele nunca me machucou assim. Não como você fez.

Ele estremeceu, e eu sabia que isso o magoaria. Kai temia que fosse mau, e tentou até ser alguém sinistro, mas lá no fundo, ele era bom e era quem era. Ele nunca mudaria.

Ele não gostava de me machucar.

Quando moveu seu corpo, retirando-se para fora, eu me encolhi com a dor aguda entre as pernas enquanto tentava fechá-las. No entanto, ele não se afastou, mantendo-se aninhado entre minhas coxas.

— Olhe para mim — pediu.

Lentamente, ergui o olhar e ele tocou meu rosto.

— Eu teria sido mais gentil na sua primeira vez — declarou.

— Eu não ligo. — Balancei a cabeça. — Não estou nem aí para nada disso.

Pressionando minhas mãos em seu peito, eu o empurrei para que saísse de cima de mim e desci da cama, correndo. No entanto, ele me pegou por trás. Envolveu um braço em volta da minha cintura e puxou-me de volta, fazendo-me ofegar quando nós dois caímos na cama. Caí deitada em cima dele, minhas costas moldadas em seu peito.

Meu grito foi interrompido por sua boca quando ele segurou um punhado do meu cabelo e torceu minha cabeça, em um beijo abrasivo. Eu me debatia e tentei empurrá-lo, acertando-lhe uma cotovelada enquanto tentava me afastar, mas ele não me soltou. Sua boca, forte e exigente, moveu-se para minha mandíbula, bochecha e orelha, chupando e mordendo, e rosnei, acertando um tapa em seu corpo com minha mão esquerda.

— Me machuque. Faça o que quiser comigo — ofegou no meu ouvido. — Eu mereço.

Ele colocou as pernas entre as minhas, dobrando os joelhos e espalhando as minhas. Sua mão deslizou entre as coxas, e eu gritei, de repente, com medo, mas ele parou e apenas a deixou lá, imóvel enquanto me segurava na palma de sua mão.

— Kai! — gritei, debatendo-me contra ele.

Seus lábios pararam na minha bochecha, o hálito cálido e áspero.

— Não essa noite.

O quê?

— Eu não sou Kai — disse ele — e você não é Banks.

Havia uma súplica em sua voz que me fez hesitar.

— Thunder Bay não existe e não estamos no *The Pope* — continuou. — Faz seis anos desde que estive feliz e empolgado, e você estava curiosa a respeito de tudo, e minhas palavras foram o suficiente para tocá-la.

Meu corpo inteiro parou e as lágrimas subitamente embaçaram

minha visão quando ele sussurrou:

— Você é a garota que eu não conhecia e poderíamos ser qualquer pessoa naquele confessionário. Todo o resto desapareceu. Tudo. Poderíamos nos esconder e foder com o mundo naquele quartinho. Éramos apenas nós.

Fechei os olhos, a exaustão me dominando.

Todos esses anos atrás. Aquela não era eu, de verdade, era?

Relaxe contra seu corpo, incapaz de encontrar vontade de lutar.

Quase me lembro de ainda ser aquela garota. Quando ainda esperava que houvesse possibilidades. Quando pensei que havia alguma maneira de tê-lo e fazer as coisas divertidas que as meninas normais faziam. Quando me permiti desejar os beijos roubados e seu olhar concentrado em mim; sonhando que ele quisesse de mim as coisas que um homem desejava de uma mulher.

Respirei fundo, percebendo que estava prendendo o fôlego quando senti os pulmões queimando. Deus, toda aquela ânsia voltou à tona, lavando-me e aquecendo minha pele. Era como se eu tivesse passado fome, e, de repente, senti nada mais do que ossos frágeis que poderiam facilmente se quebrar. Eu estava faminta.

Virei a cabeça, encontrando seu olhar a centímetros do meu. Seus dedos relaxaram no meu cabelo, enquanto encarava as piscinas escuras, meus pensamentos coerentes nublados.

— Concentre-se em meus olhos — ele disse, suavemente. — Continue olhando para mim.

E assim o fiz. Apenas mergulhei, me rendi e caí.

O confessionário.

Nós estávamos de volta ao confessionário. Nós éramos mais jovens, e não havia ninguém além de nós. Escondidos, seguros.

Eu estava em segurança.

Sua mão entre as minhas pernas começou a se mover, esfregando para frente e para trás, suave e lentamente.

— Ninguém está nos vendo — ele suspirou. — Não há ninguém além de mim e você. Somos invisíveis. Nós não existimos.

Assenti, débil, mas minhas pálpebras começaram a pesar com a sensação de suas carícias. *Ah, meu Deus.*

— Mantenha os olhos em mim, querida — instruiu.

Pisquei várias vezes, focando novamente quando a mão dele subiu, acariciando minha barriga. Seu toque enviou arrepios pelos meus braços, e eu gemi, lutando para manter o olhar concentrado no seu quando a mão alcançou meu seio. Ele o segurou, amassando tão suavemente e me provocando.

Eu o flagrei olhando para o meu seio, a boca aberta e o olhar faminto como se quisesse levar à boca aquilo que estava em sua mão.

Umedecendo meus lábios, senti quando deu atenção ao outro lado, acariciando o mamilo até que também ficou intumescido. Um frio se instalou em minha barriga, e comecei a sentir o pulso latejante em meu clitóris, ansiando que sua mão me tocasse ali.

Seus dedos cravaram levemente na minha pele, percorrendo pelo meu abdômen, enviando choques por todos os poros do meu corpo enquanto ele me segurava com um pouco mais de força entre as coxas dessa vez.

Fechei os olhos e arqueei as costas, sentindo sua ereção pulsar debaixo de mim.

— Kai...

Cada toque, cada respiração aumentava a sensação de leveza que tomava conta do meu corpo. Eu estava flutuando, a sala girava e eu só queria me perder naquilo.

Virando a cabeça, abri meus lábios, procurando os dele.

Seus dentes capturaram meu lábio inferior, arrastando-o para provocá-lo.

— Isso é o que deveria ter sido — declarou. — Não doeria tanto se tivesse te preparado primeiro. Me desculpe... Eu deveria ter ido devagar.

Abri os olhos e encarei-o. O instinto me mandava fugir. Enfiar-me de volta em minha concha e afundar-me na escuridão. Mas eu não era Banks hoje à noite. Ele não era Kai e não estávamos aqui. Nada disso estava acontecendo.

— Então, vá devagar comigo agora — sussurrei.

Ele apenas hesitou um momento antes de sair debaixo do meu corpo e me deitar na cama. Na mesma hora, ergui os braços para me cobrir, uma bola entalada na garganta enquanto o coração palpitava com intensidade.

Eu o queria, mas ainda era tímida. Ninguém nunca havia me visto nua.

A vida se tornou muito mais complicada nos últimos dez minutos.

Ele não estava olhando para lugar nenhum, mas apenas nos meus olhos quando pairou sobre mim.

— Eu quero você. — E gentilmente puxou meus braços para baixo.

Seu olhar me atingiu quando passou a mão no centro do meu torso, deslizando entre os meus seios e meu pescoço. Ele mergulhou, cobrindo meu mamilo com a boca, e eu inclinei a cabeça para trás, gemendo.

— Kai... — sussurrei novamente.

Coloquei as mãos em seus braços quando ele se apoiou em um braço e usou a outra mão para tatear o seio que estava beijando. Sua

boca quente chupou a pele rija e esticada, puxando o mamilo para fora em uma carícia provocante antes que começasse a trilhar por toda parte.

Meu corpo estremeceu.

— Isso é tão bom.

Ele rapidamente se moveu para o outro lado, deixando a mão onde estava e me mantendo aquecida. A carícia seguiu pela minha barriga, me causando arrepios, e enfiei meus dedos em seu cabelo.

— Abra suas pernas — disse com a voz rouca.

Levantei a cabeça e meus olhos, instantaneamente, pousaram entre suas pernas, vendo-o duro e grosso.

— Uh — choraminguei. — Não.

Sem olhar para cima, ele desceu e levantou minha perna pela parte de trás do joelho.

— Preciso prepará-la, querida.

Ele mergulhou a cabeça entre minhas coxas, enterrando sua boca em meu centro enquanto eu tentava empurrá-lo.

— Não, não faça isso.

Mas com o movimento sutil de sua língua, minhas pálpebras, de repente, se tornaram pesadas.

Ele girou um pouco acima do clitóris, esfregando-me com a boca enquanto sua mão se enrolava ao redor da minha coxa, segurando-a, e seu corpo se aninhava entre as pernas.

Lambendo e mordiscando, seu ataque foi suave no início, fazendo meu estômago revirar – fogos de artifício disparando pelo meu corpo. A sensação era como se eu estivesse em um balanço nas alturas, inclinando-me para trás enquanto meu cabelo esvoaçava no ar.

Eu queria mais. Mais fundo.

Então ele começou a chupar. Tudo. Dentro, fora e ao redor, beijando a pele lá embaixo e apertando meu seio com uma mão. Ergui a cabeça, observando-o.

— Você é tão apertada — ofegou, me mordendo com gentileza. — Mas você vai se esticar. Eu prometo.

Mordi o lábio quando ele olhou para mim.

— Você gosta disso? — perguntou, lambendo-me de cima a baixo lentamente.

Minhas bochechas aqueceram de embaraço, e um sorriso sutil cruzou seu rosto.

— Ou isto? — Ele me observou enquanto circulava a língua ao redor do meu clitóris uma vez atrás da outra.

Perdi o fôlego, as pálpebras tremulando.

Ele me deu um sorriso provocante.

— Ou talvez isso?

Então cobriu meu feixe com os lábios e chupou com força, puxando e puxando, o calor de sua boca me torturando à medida que eu arqueava a coluna no colchão e gemia.

— Aaah... — arfei.

— Tão linda — ele sussurrou. — Você está pronta, garota?

Senti o frio no estômago, ansiosa, e nem ao menos me irritei por ele me tratar como uma pirralha – novamente. Dessa vez, foi até cativante.

Agitei a cabeça, deslizando os dedos entre os fios de seu cabelo. Pronta para o quê, eu não fazia ideia, mas queria ir mais além. Eu só queria mais.

Pairando sobre mim, ele me beijou, mergulhando a língua entre meus lábios. Gemi, deixando meu corpo assumir o controle enquanto agarrava seus quadris e separava minhas pernas, levantando os joelhos para deixá-lo entrar.

Meus mamilos roçaram seu peito, e eu me esfreguei contra ele, retribuindo seu beijo com força total. Seu cheiro, sua pele, seu gosto... neste momento, tudo era novidade.

Ajoelhado sobre mim, ele se abaixou e se posicionou em minha abertura. A ponta de seu pau me penetrou e a ardência me fez tensionar na mesma hora.

— Isso dói. — Cada músculo se contraiu. Estava com mais medo ainda de me mover.

— Olhe para mim — instruiu.

Ergui o olhar, insegura, olhando para a suave saliência de seu lábio.

— Dobre mais os joelhos — ele me disse.

Fiz conforme me orientou, meus dedos se curvando em seus quadris.

— Agora, relaxe as coxas — indicou. — Deixe-as bem afastadas, tudo bem? Abertas para mim. Basta abrir.

Relaxe a musculatura, dobrei mais os joelhos e me espalhei para ele.

Ele empurrou um pouco mais e eu respirei fundo, mas não tentei impedi-lo. Ele parou e se inclinou, sussurrando sobre os meus lábios:

— Você está me torturando. Tudo o que eu mais quero é me afundar em você.

— Ainda não fez isso?

Seu peito vibrou com uma risada.

— Nem todo o caminho. Ainda dói?

Estava prestes a dizer que sim. Com toda a certeza, era algo desconfortável, mas... agora achava que não doía tanto.

Neguei com um aceno de cabeça.

O tempo inteiro conectado ao meu olhar, ele afundou, devagar, e comecei a me sentir esticada, cheia e um pouco esquisita.

— Que tal agora?

— Eu... e-eu n-ão... — gaguejei, sentindo-me ajustar a ele. — Eu não sei.

Ele me penetrou até o fim, chegando tão fundo que meus olhos reviraram. Ah, merda.

— Kai...

— Banks, minha nossa... — Ele me beijou. — Eu amo o jeito como seu corpo se encaixa ao meu.

Agarrei seus quadris quando ele mordiscou minha boca, pescoço e orelha, e antes que me desse conta, já não havia desconforto algum.

— Coloque uma mão no meu ombro — disse ele, inclinando-se para olhar para mim. — Quero que você me sinta em movimento.

Eu fiz o que pediu e, lentamente, ele se retirou. Registrei brevemente algo molhado, mas ele revirou os quadris, afundando de volta dentro de mim.

— Ai, meu Deus — gemi.

Não doía mais nada.

Segurando-o, vi seu corpo se mover enquanto o quarto se enchia com o ruído de nossos ofegos e gemidos. Ele deslizou dentro e fora, estocando mais rápido enquanto o olhar se desviava dos meus olhos para os meus lábios, e para onde nossos corpos se uniam.

— Qual é a sensação de me ter em seu corpo? — ele perguntou.

Eu o puxei para mais perto enquanto ele arremetia outra vez, ansiando por mais e mais.

— Suave e duro... — arfei. — Eu preciso de mais... profundo. E dessa pressão... Aaahh, bem aí.

Grunhi em seus lábios, fechando os olhos com força. Eu estava prestes a gozar.

Eu já havia alcançado um orgasmo antes, por conta própria, mas desse jeito era muito diferente. Como se um músculo estivesse se contraindo cada vez mais, a sensação semelhante a um ciclone, girando e girando, louco para ser libertado.

Ergui um pouco o meu corpo e agarrei sua nuca, puxando-o para um beijo faminto e voraz. O suor umedeceu seu cabelo quando sussurrei em seu ouvido:

— Me faça gozar, Kai. — Dei um sorriso. — Me faça gozar e vou te deixar ver o que faço durante o banho, pensado em você. Você gosta de observar, não é?

Ele rosnou, agarrando meus pulsos e prendendo-os acima da minha cabeça com uma mão. Eu ri, surpresa, nervosa e louca de tesão.

— E eu aqui, achando que estava sendo legal ao pegar leve com

você. — Ele apertou minha bunda com a outra mão, pressionando-me mais ainda em seu pau.

— Sim — gemi, extasiada.

Ele bombeava com mais rapidez e aspereza, enlouquecendo em cima de mim, até que tudo que eu podia fazer era aguentar seu arroubo. Até que me senti como um brinquedo do qual ele não se fartava nunca, e naquele momento, era tudo o que queria ser.

Eu amava que ele me visse dessa forma. Amava que quisesse tudo isso de mim.

Ele arremeteu de novo e de novo, meus joelhos cada vez mais altos; calor cobria meu corpo, e rajadas de prazer explodiram dentro de mim, percorrendo todos os meus poros. Gritei, convulsionando enquanto o segurava a mim, deleitando-me em meu orgasmo.

Ele grunhiu e bombeou, até que, por fim, estocou fundo e se manteve afundado enquanto inclinava a cabeça para trás.

— Caralho!

Seu corpo desabou em cima do meu, ambos derretendo em suor e euforia. *Jesus amado...*

Eu sabia o que estava perdendo esse tempo todo, mas... nunca pensei que seria incapaz de resistir. Não sabia se seria capaz disso agora.

Lentamente, minha respiração se normalizou, mas não me afastei dele ou da suave carícia de seus lábios no meu pescoço. A realidade se infiltraria em breve, então, tudo o que eu queria era me deleitar nestes últimos instantes.

Apenas nos deitamos lá. Amando sentir seu calor e proximidade.

Eu amei sentir isso.

— Por que você está depilada? — ele perguntou de repente.

Depilada?

Ah... Lá embaixo.

Seu nariz roçou minha bochecha quando se inclinou para trás, o rosto afogueado, e os olhos lânguidos me encarando.

— Não estou reclamando — assegurou com um meio sorriso. — Apenas me surpreendeu. Especialmente para uma... uma virgem que não estava esperando nenhuma ação lá embaixo.

Revirei os olhos, achando graça de sua piadinha. No entanto, minha diversão desvaneceu enquanto pensava em uma resposta plausível. Mesmo que não fosse da conta dele.

Eu me depilava com cera há anos. No início era um saco, mas ao longo dos anos, a dor excruciante da tarefa se tornou mais fácil de suportar e... bom, eu só precisava fazer isso a cada dois meses.

Tentei raspar quando começou a aparecer os pelos pubianos na pré-adolescência, mas voltaram a crescer rápido e começaram a

engrossar. Pouco tempo depois, comecei a fazer as pernas e axilas também. Depois, passei a me vestir como menino, acobertando o cabelo, achatando os seios... tudo o que podia fazer para não me tornar uma mulher.

— Eu não deveria mudar — respondi, calmamente. — Não deveria crescer.

Capítulo 16

Banks

Noite do Diabo – Seis anos atrás...

— Você tinha razão — respondeu Kai.

Sacudi a cabeça, distraidamente, sem acreditar no que via. Nós dois observamos a bailarina flutuar pelo chão, quase como uma borboleta, mas também como uma criança. Tão inocente e etérea. Ela era linda.

Linda e... familiar.

Quem...

O cabelo esvoaçava ao redor de seu corpo, e quando vislumbrei seu rosto, uma sensação aflita instantaneamente cobriu meu coração. Perdi o fôlego na mesma hora.

Ai, meu Deus. Não...

A música. *Night Mist*. Eu já tinha ouvido isso antes.

Encolhi-me atrás das cortinas.

Não poderia ser ela.

— Pensei que fosse apenas uma história — sussurrou Kai, ainda a observando abaixar a cabeça e mover os braços e pés com graça e leveza. Era como se voasse. Ela flutuava e voava em movimentos requintados, como se a gravidade não fizesse parte de sua realidade.

— Você sabe quem é ela? — ele perguntou.

Encontrei seu olhar afiado em mim, o cenho franzido em preocupação.

Assenti uma vez. Meu estômago revirou e fiquei horrorizada demais para pensar em uma mentira.

— É Natalya Torrance. A mãe de Damon.

— A mãe dele? — A confusão se espalhou por seu rosto quando ele se virou para encará-la outra vez. — Mas...

Mas *nada*. Ela havia desaparecido três anos atrás, quando Damon, finalmente, deu um basta ao seu sofrimento. Ele se automutilava, fazia com que eu o machucasse também, e se retraía para o filme de terror que se passava em sua mente, até que uma noite ela veio procurá-lo inúmeras vezes.

Continuei contemplando Natalya, o longo cabelo sedoso e negro flutuando ao seu redor em ondas. Eu não a conhecia bem, mas morávamos na mesma casa há alguns anos – antes que ela escapasse da ira de Damon naquela noite e conseguisse fugir.

Ela estava desaparecida desde então.

A mulher ainda era linda, no entanto. Era claro que continuaria belíssima. Ela devia ter apenas trinta e quatro anos agora. Gabriel a

viu pela primeira vez em um balé em São Petersburgo, quando ela tinha apenas treze anos. Ele imediatamente a cobiçou. Aos dezesseis, Natalya havia se tornado sua esposa e já havia dado à luz Damon. Ela era mais apegada ao filho do que ao marido.

Contudo, nunca fez questão de saber muito a meu respeito. Eu não representava coisa alguma para ela. Embora soubesse dos laços que me uniam a Gabriel, ela parecia não se importar, e eu bem poderia ser comparada à poeira dos móveis, e mesmo assim, ela não notaria minha presença. Ela vivia em seu próprio mundo.

— Sim, você está certa. — Kai a estudou, finalmente a reconhecendo. — Ela não foi embora alguns anos atrás? O que está fazendo aqui?

Balancei a cabeça, pensativa. Deus, eu não fazia a mínima ideia. E não sabia o que aconteceria se Damon a visse aqui. Ela não deveria se aproximar dele.

No entanto, esse hotel pertencia a seu marido – já que ela e Gabriel ainda estavam casados –, mas Damon a mandara embora. Ele disse que a mataria se a visse novamente.

Eu precisava tirá-lo daqui antes que ele fizesse exatamente isso.

— Devemos avisá-lo? — Kai perguntou.

— Não — respondi, apressada e segurando sua mão. — Não, ele não vai querer vê-la.

Ou melhor, não deveria vê-la. Eu só precisava chegar até ele e arranjar algum motivo para tirá-lo do hotel. Meu pai poderia lidar com ela sem que Damon descobrisse.

Puxei Kai para fora das cortinas e me movi ao longo da parede, tentando silenciosamente apressar nossos passos em direção às portas.

— Oooh... — Eu a ouvi dizer.

Parei, fechando os olhos. *Merda.*

— Eu não sabia que havia alguém aqui — disse ela. — O que vocês estão fazendo, crianças?

Soltei a mão de Kai e lentamente a encarei. Ela ficou parada no meio da pista de dança, como se estivesse no meio de uma pirueta com os braços levemente estendidos.

— Você não deveria estar em Thunder Bay ou em Meridian — declarei, dando um passo à frente.

Ela me olhou por um momento, provavelmente tentando me reconhecer por trás de toda a maquiagem, até que seus olhos se acenderam quando disse:

— Você.

Ela se lembrou de mim.

No entanto, antes que eu pudesse avançar sobre ela, Natalya se virou para a porta, o olhar iluminado como o de uma criança.

— Meu filho está aqui? — ela perguntou. — Não o vejo há

tanto tempo.

— Fique longe dele! — Fui até ela. — Estou falando sério.

Seu olhar se desviou para mim novamente, o sorriso tímido enquanto tocava a saia de filô de seu traje.

— Você gostou? — Olhou para o meu rosto, esperançosa, como se eu não tivesse dito nada. — Minhas roupas antigas ainda cabem perfeitamente. Ainda sou bonita, não é mesmo?

Bonita? O quê? Ela estava completamente louca.

— O que está acontecendo? — Kai parou ao meu lado, mas ela mal olhou para ele antes de se concentrar nas portas.

Ela estava procurando Damon.

— Ele é um homem agora — disse ela, melancolicamente. — Jovem e forte.

Acenei com a cabeça, indicando para Kai me seguir.

— Ela é má. Precisamos sair daqui.

Eu me virei, segurando sua mão enquanto girava a maçaneta.

— Diga a ele que a mamãe o ama — ela chamou. — Eu sou a única pessoa que o ama.

Eu me virei, soltando Kai.

— Isso não é amor — rosnei.

Um soluço se alojou na minha garganta, fazendo-me sentir desamparada, apesar da raiva borbulhante. Ela não o machucaria novamente. Não conseguiria mais, pois ele não permitiria.

No entanto, ela me ignorou, parecendo calma e, até mesmo, um pouco animada.

— Ouvi dizer que ele é voraz agora. Um animal selvagem — provocou. — Nenhuma garota naquela cidade está segura. Esse é o homenzinho da mamãe.

— Jesus Cristo — ouvi Kai murmurar ao meu lado. — O que diabos ela fez com ele?

— Ele tocou em você? — ela me perguntou.

Entrecerrei os dentes.

— Ele vai, sabia? — Ela deu um passo mais perto. — Ele é um saqueador. Assim como o pai dele.

Minha cabeça balançou um pouco. Isso nunca aconteceria. Meu irmão nunca me machucaria assim.

— Eu queria que ele te tomasse. — Suas palavras suaves deixaram seus lábios e se infiltraram por dentro de mim enquanto nossos olhares se mantinham conectados. — Você, sempre dormindo no quarto dele, ele não seria capaz de resistir ao perfume de sua preciosa garota. — Ela estendeu a mão, passando os nódulos dos dedos gentilmente pelo meu queixo. — Seu pequeno tesouro.

— Ei, ei. — Kai afastou a mão dela, puxando-me para longe.

Até que, por fim, ela olhou para ele.

— Eu me lembro de você. É amigo do meu filho — ela disse. — Isso significa que ele está aqui, não é?

Perdi o fôlego. *Damon.*

As portas atrás de nós se abriram de repente, e sacudi a cabeça, olhando por cima do ombro. Meu irmão irrompeu pelo salão, o rosto contraído e o olhar furioso sobre mim.

— Eu sabia que era você lá em cima! — exclamou, puto. — Que merda é essa? Como você chegou aqui?

Rapidamente me virei para encará-lo, esperando bloquear sua visão.

Mas não adiantou.

Sua voz soou atrás de mim.

— Damon.

Fechei os olhos, cerrando as mãos em punhos. *Damon.*



— Por favor, Nik — ele implorou, os lábios trêmulos.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto enquanto eu me mantinha de pé, vendo-o sentado na beirada da cama. Ela havia ido embora. Depois de conseguir o que queria dele.

No entanto, seu perfume ainda exalava do corpo do meu irmão. Ele sempre tomava banho logo depois. Por que não tinha feito isso ainda?

— Estou apodrecendo. — Seu sussurro o deixou como um último suspiro quando inclinou a cabeça e encarou o chão.

Olhei para os novos cortes em sua coxa – em um local onde a maioria das pessoas não seria capaz de identificá-los. Ele fez isso alguns dias atrás. Depois da última vez.

Ela vinha ao seu quarto com mais frequência agora. Ele estava crescendo mais rápido, o corpo agora bem maior, mais alto, as maçãs do rosto e a mandíbula já sem a suavidade da infância, tornando-se mais parecidas às de um homem. Seus ombros ficaram mais largos, e o treinamento de basquete durante o verão lhe deu formas aos músculos.

Quando descobri o que estava acontecendo anos atrás, assim que me mudei, meu irmão se recusou a contar a alguém. Ele não me permitiu contar a qualquer outra pessoa. Tive esperança de que, uma hora ou outra, ela perdesse o interesse quando ele atingisse a idade adulta.

Isso não aconteceu. Percebi que ela não era pedófila no sentido mais estrito da palavra. Não se tratava do corpo ou sua juventude. Era sobre ele, e ela era apenas psicótica.

E ciumenta. Ele estava no ensino médio agora. Muitas outras garotas – garotas mais novas – roubavam a atenção de Damon. Ela não gostou disso.

Fui até ele e estendi uma mão trêmula, tocando seu ombro. Ele ainda estava nu, o lençol preto emaranhado no colo, cobrindo sua nudez.

Abaixando-me, tentei nivelar nossos olhares, em um tom de súplica.

— Prefiro me machucar. Por favor. Não me obrigue a fazer isso de novo. Por favor.

Ele abaixou a cabeça, recostando a testa à minha, respirando rápido, como se estivesse tentando conter os soluços.

— Alguma coisa tem que servir — ele sussurrou. — Qualquer coisa. Você quer que seja eu? Hein? — Ele agarrou meu queixo, segurando-o com força. — Sem'ya. Eu preciso que você faça isso.

Sem'ya.

Família.

Eu não falava russo muito bem como Damon, que havia aprendido desde cedo, mas sabia identificar determinadas palavras.

Balancei a cabeça, mesmo com seu agarre firme. Cada vez era pior que a outra. Quando isto acabaria? Ele sempre precisava de mais. Mais forte, mais bruto, mais doloroso...

— Por favor — chorei, baixinho.

Ele rosnou e pegou o cinto da cama, preparando-se para dar em si mesmo uma chicotada.

— Não! — Arranquei o objeto de sua mão. Quando ele fazia isso por conta própria, sempre exagerava na força. Os colegas do time poderiam acabar fazendo perguntas.

Levantei-me, deixei cair o cinto no chão e soluzei enquanto agarrava um punhado de seu cabelo. Ninguém faria perguntas sobre cortes e contusões em seu rosto. Damon sempre se metia em brigas, então era uma desculpa plausível para justificar qualquer ferimento.

Abafando meu medo e aflição, os transformei em raiva e rosnei, batendo o mais forte que pude em sua bochecha.

E continuei... De novo e de novo e de novo. Eu tinha que acabar logo com isso. Apenas fazer o que me pediu. Eu chorava mais alto a cada golpe, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Alguma coisa tem que servir, ele disse.

Ele estava certo. Bebida alcoólica já não era suficiente. Nem os cigarros, as garotas que usava e tratava como lixo na escola, ou, até mesmo, a dor. Com o tempo, ele se acostumou com tudo isso e passou a precisar de mais.

Alguma coisa tem que servir. Quanta dor ele seria capaz de suportar antes de se destruir? Quanto tempo até que mais nada fosse o bastante para acalmá-lo?



Corri até Damon.

— Apenas saia daqui — eu disse, agarrando seu braço. — Vamos embora. Por favor.

Eu o puxei, ignorando o olhar confuso no rosto de Kai, mas meu irmão estava enraizado ao chão como uma árvore.

Ele a encarava com um olhar de aço, duro e cortante.

— Querido — ela murmurou, aproximando-se dele. — Você é tão lindo. Senti tanto sua falta.

Agitei a cabeça, puxando-o para chamar sua atenção. Mas ele estava paralisado.

— Eu sei que você perdeu a paciência, e está tudo bem — ela disse, com doçura, sempre a flor delicada do lado de fora. — Estou bem. Eu te amo, independente de qualquer coisa. Juro que desta vez será melhor. Eu vou cuidar de você.

— Damon — eu disse com rispidez, tentando quebrar o feitiço.

Mas seus olhos estavam vidrados, acompanhando a aproximação dela.

— Senti tanta saudade — ela continuou. — Eu preciso de você. Estou tão sozinha. Estou tão perdida, querido, eu...

Nesse momento, ele avançou e a segurou pelo pescoço, a mão enorme envolvendo a garganta delgada e pálida.

— Damon... — Olhei de um ao outro, sem saber o que fazer.

Ela ofegou, mas permaneceu imóvel quando ele a ergueu até que estava quase suspensa do chão. Seu maxilar estava cerrado, e uma raiva incandescente percorreu meu corpo enquanto os observava, encarando-se.

— Esse é o meu garotão — ela sussurrou. — Você cresceu e está tão forte.

— Damon — supliquei. — Olhe para mim.

Ele simplesmente ficou lá, segurando seu pescoço, em transe.

— Esperei que viesse à minha procura — ela ofegou. — Para assumir o controle. Você é o homem agora. Tudo o que meu filho precisar.

Fechei os olhos.

— Ela é louca — Kai sussurrou ao meu lado.

— Damon! — gritei. — Olhe. Para. Mim!

Ele a segurou, ainda cativo em suas palavras.

— Tome-a para si — ela insistiu. — Purifique-a. Assim como mamãe costumava purificar você.

Surtei, desfazendo-me em lágrimas perante a agonia do passado sendo trazido de volta à vida do meu irmão.

— Você é o homem — ela repetiu. — Tudo é seu. Tudo.

Balancei a cabeça. *Damon.*

— Se você a ama, ela pode te magoar — Natalya disse. — Se

você a machucar, ela nunca fugirá de você. Você sempre a possuirá. Ela é sua. Você não pede e não se importa. Pegue o que é seu. Tome-a. — Sua voz desceu para um tom quase inaudível. — Possua.

E, de repente, ele se virou, me encarando.

Não.

Lágrimas caíram quando silenciosamente implorei a ele. Estávamos sozinhos no mundo. Só estávamos seguros um com o outro. Eu nunca o machucaria. Ele tinha que saber disso!

Ela queria que ele arruinasse o laço que tínhamos. Queria destruir tudo o que havia de bom nele, porque Damon era o futuro da família e, no final das contas, os monstros sempre se tornavam mais fortes.

Damon poderia acabar sendo muito pior do que meu pai já foi.

— Possua-a — Natalya o incentivou, passando a mão pelo seu peito. — Ela vai te surpreender. Tome-a. Mostre a ela quem você realmente é.

Fique comigo. Mantive o olhar fixo ao dele. Eu sei quem você é. Você me protege, me leva às compras no meu aniversário e me deixa escolher o que eu quiser, e você me acorda com meus malditos milkshakes favoritos quando chega em casa no meio da noite. Eu sei quem você é.

— Lamba-a todinha — Natalya suspirou. — Leve-a para casa e reivindique-a.

O toque assustado em seu olhar desapareceu, e, de repente, apenas me encarou como se fosse um robô. Como se já não estivesse mais lá.

Como se já não fosse Damon.

Arfei, chocada.

E então, Kai estava ao meu lado. Ele se aproximou, afastando-me dali e segurou Damon pelo pulso.

— Solte — ele exigiu. — Deixe-a ir, Damon.

— Somos todos seus — ela sussurrou para o filho como se Kai não estivesse lá. — Vou cuidar de você, meu amorzinho. Vou me certificar de que a bocetinha doce seja sua.

— Cale-se! — Kai gritou. — Sua cadela doente! — E então se virou para Damon, que ainda me encarava. — Olhe para mim, cara. Não olhe para ela!

Ele não faria isso. Não. Ele nunca faria isso comigo. Nunca.

— Possua-a — insistiu Natalya novamente.

Gritei, desesperada:

— Damon! — Acorde.

— Não olhe para ela! — Kai berrou, empurrando-o.

— Ela é parte de você — sua mãe sussurrou como a provocação de um fantasma. — Ela vai te deixar mais forte. Tome-a.

— Cale-se! — Kai se virou e estapeou o rosto dela, perdendo o

controle.

Perdi o fôlego enquanto observava seu corpo girar e aterrissar sobre uma mesa redonda no salão. Copos se quebraram e um vaso tombou para o lado; pratos e talheres deslizaram para fora com a queda.

Até que ouvi um suspiro e desviei o olhar dela, voltando a encarar meu irmão. Ele se curvou, apoiando o corpo no encosto de uma cadeira, e começou a arfar com a cabeça baixa enquanto ela cuspiu e tossia.

Corri em sua direção, aos prantos.

— Está tudo bem. — Enlacei seu corpo com meus braços. — Tudo bem. Calma. Estou aqui. Escute minha voz.

Ele fez ânsia de vômito, nada saindo além de saliva enquanto lutava para normalizar a respiração. Eu o abracei com mais força.

Muitas crianças que sofrem abusos não gostam de ser tocadas, mas quando Damon estava em espiral, era como se não conseguisse se aproximar o suficiente de mim. Como se tudo o que quisesse fosse rastejar para dentro da minha cabeça, onde sabia que estaria seguro.

— Ela não tem mais poder sobre você. — Eu o abracei, sussurrando em seu pescoço suado: — Somos livres. Somos apenas nós.

— Ainda está dentro de mim — ele disse, arfando. — Isso dói.

Fechei os olhos com força, chorando mais ainda.

— Segure-se em mim. Apenas me abraça.

Eu sabia o que ele queria. Do que precisava. E não pude negar isso a ele. Não essa noite.

Mordi a curva entre o pescoço e seu ombro. Envolvendo meus braços ao redor dele, senti-o grunhir enquanto afundava os dentes com mais força em sua pele. Seus braços serpentearam à minha volta, e ele segurou firme, mantendo-me perto. Se Kai olhasse, pareceria que estávamos nos abraçando.

Mas ele ainda estava focado em Natalya, a quem eu não conseguia ver pelas costas do meu irmão.

Ainda está dentro de mim. Eu não sabia se ele se referia a ela, ao terror e o medo ou algo mais. Eu apenas sabia que me sentia impotente.

Lágrimas deslizaram pelo meu rosto.

— Mais forte — sussurrou.

Mordi com mais força, sentindo o gosto de sua pele salgada e cercada pelo cheiro familiar de seus cigarros. Ele não me machucaria. Ele precisava de mim.

Ele me amava.

O gosto de cobre atingiu minha língua me indicando que eu havia ferido sua pele. Ele soltou um suspiro e se afastou.

— Obrigado — agradeceu e olhou para mim, a estranha calma habitual se instalando. — Você está bem?

Assenti.

— E você?

Ele deu um aceno cansado, virando-se e ajustando o capuz para garantir que a marca da minha mordida estivesse encoberta.

Só então olhei para Kai.

Ele estava encarando o chão onde Natalya jazia, uma expressão indecifrável no rosto que parecia mudar a cada passo que eu dava em sua direção.

Ele estava com medo? Ele não fez nada de errado. Se não a tivesse feito se calar, ela...

Não conseguia nem pensar nisso agora. Meu irmão pareceu estar em um maldito transe naquele momento, e eu não conseguia entender o que estava acontecendo com ele. Isso aconteceria novamente?

Fiquei feliz por Kai ter batido nela.

Damon parou do lado do amigo, os dois a encarando. Ela estava deitada no chão, caída contra a perna quebrada de uma cadeira, e parecia estar ferida. Seus olhos estavam fechados, mas sua cabeça se mexia de leve enquanto pressionava a lateral do corpo.

— Você está bem? — Kai virou-se para Damon. — Cara, me desculpe. Eu não sabia...

— Cale a boca — Damon respondeu, ríspido. — Ela estava falando merda. Esqueça. Entendeu?

Meu irmão olhou para o amigo, uma ameaça entrelaçada em suas palavras.

Kai não respondeu, apenas fechou a boca e o encarou. Ele sabia que era mentira.

Sangue escorria pelos dedos de Natalya, e quando conferi os escombros, avistei a haste de uma taça de vinho quebrada. Uma das bordas afiadas estava embebida em sangue. Ela havia sido cortada.

— Ela está machucada — continuou Kai. — Precisamos de uma ambulância. Acho que ela bateu a cabeça também.

— Eu cuidarei disso. Você já fez o suficiente. — Ele olhou por cima do ombro para mim. — Você a colocou em perigo. Ela nem deveria estar aqui.

— Não vi você tentando reverter a situação.

— Chega. — Dei um passo à frente.

Tínhamos problemas maiores. A sanidade de Natalya claramente havia se deteriorado mais ainda desde seu desaparecimento três anos atrás. Todas aquelas coisas que disse e bem na frente de Kai... Era óbvio que já estava totalmente fora de controle. Gabriel não gostava de ser envergonhado. O que faríamos com ela?

— Vá embora — disse Damon a Kai. — Vou ligar para o meu pai.

Kai olhou para ele, ainda incerto.

— Não, é minha culpa que ela tenha se machucado. Quero ter certeza de que seja levada ao médico.

— E quando ela disser a alguém no hospital que foi você que bateu nela? — Damon retrucou. — Sim, tenho certeza de que isso será maravilhoso para qualquer oportunidade de entrar em uma faculdade. — Ele acenou com a cabeça. — Apenas saia daqui. Minha família garantirá que ela esteja bem e fique de boca fechada. Não se preocupe. Ninguém quer uma cena.

Kai hesitou, provavelmente preocupado em garantir que ela recebesse cuidados médicos, mas os Torrance obviamente tinham um histórico familiar conturbado, e ele precisava entender que Damon queria que o pai a visse. Sem hospitais. Sem polícia. Todos nós tínhamos interesse em mantê-la calada.

Ele segurou minha mão.

— Vamos.

Mas Damon me agarrou e me puxou para ele.

— Minha — disse ele ao amigo.

— O caralho que é. — Kai fez uma careta. — Eu vi o olhar no seu rosto, cara. Você estava surtado. Você a teria machucado.

Damon apenas agitou a cabeça, sem se preocupar em se defender. Isso era algo que eu admirava em meu irmão e desejava poder controlar em mim mesma. As pessoas podiam pensar o que quisessem, não por acreditarem estar certas, mas porque faz parte da natureza humana sustentar suas opiniões. Ao se defender, você dá corda para a discussão. Quando não faz isso, você encerra a conversa.

Você. Não eles.

Mas não pude evitar quando também me perguntei se Kai poderia estar certo. O que teria acontecido se ele não tivesse interferido?

Damon se virou para mim, acenando.

— Vá com ele, então. Pode ir.

O quê?

— Está tudo bem — ele me disse. — Vá embora se quiser.

— Damon...

— Você quer ir, eu sei que quer. Não preciso de você. Nunca precisei.

Senti um aperto no coração. Por que ele estava fazendo isso? Por que sempre fazia isso?

— Vamos. — Kai segurou minha mão.

Mas eu me afastei.

— Apenas vá. — Abaixei a cabeça, incapaz de encará-lo. —

Volte para a festa.

— Banks.

— Eu nunca vou deixá-lo — respondi, ríspida.

Nunca. Fui até meu irmão e segurei sua mão, querendo que Kai fosse embora.

Por duas vezes, hoje, escolhi Damon. Ele não sabia que éramos uma família, e poderia até entender se soubesse, mas isso não mudaria nada. Damon viria em primeiro lugar. Sempre.

Meu irmão apertou minha mão, um gesto sutil que indicava que havia me perdoado.

— Garotas, mano — disse a Kai, em um tom debochado.

O silêncio se estendeu entre eles, e pude sentir o olhar de Kai sobre mim. Ele era um cara legal, mas não aceitaria ser rejeitado pela terceira vez. Desviei o olhar para Natalya, cada segundo que Kai estava lá, estendendo-se como uma eternidade.

— Sim — ele respondeu. — Noite louca, né? — E então, pelo canto do olho, o vi se afastar. — Vejo você na aula na segunda-feira.

E saiu, meu coração doendo mais a cada instante em que se afastava sem olhar para trás. Mais tarde, quando estivesse sozinha e perdida em meus pensamentos, me perguntaria o que teria acontecido se eu o seguisse. Se tivesse agarrado sua mão e me escondido com ele pelo resto da noite.

Damon me puxou para dentro, beijando minha testa.

— Boa menina. Você nunca me decepcionou.

Natalya gemeu, as pálpebras se abrindo. O sangue encharcava sua mão e, embora parecesse um corte desagradável – ou vários cortes desagradáveis –, o sangramento não era tão ruim. Precisávamos levá-la a um médico. Talvez ela precisasse de pontos ou algo assim.

Damon me entregou seu celular e depois se agachou, olhando para ela.

— Ligue para David — instruiu. — Diga a ele para vir te buscar aqui e vá esperar por ele no saguão.

— Por que você não pode me levar para casa? Vamos simpl...

— Voltarei para casa mais tarde — disse ele, o olhar ainda fixo sobre ela. — Preciso limpar essa bagunça.

Capítulo 17

Banks

Dias atuais...

Andei apressadamente pela rua movimentada, desviando dos pedestres com uma mão no bolso do casaco e a outra segurando um envelope grande com mais um contrato para Kai assinar. Ele deveria estar no *dojo*, mas quando voltei das minhas tarefas hoje de manhã, recebi uma mensagem, dizendo-me para encontrá-lo em seu clube. Ele sabia que eu não tinha carro, cacete.

E eu não estava pronta para enfrentá-lo.

Ontem à noite, naquele hotel, enterrados em um andar secreto e em um quarto sem telefones, televisão e ninguém além de nós, foi inimaginável. Como um sonho do qual fui arrancada, onde continuei fechando os olhos para perseguir o sono outra vez só para que pudesse voltar ao lugar onde estava. Aquilo havia acontecido há apenas algumas horas?

Ele tentou extrair um pouco mais de informações a meu respeito na noite passada, mas não me pressionou muito. Quando percebeu que estava na defensiva outra vez, não quis estragar o que havia acontecido. Ele era bom em me entender, tinha que admitir.

Ele quis me levar para casa, mas fui embora antes que pudesse discutir comigo novamente. Enfiei-me noite chuvosa adentro, sabendo que tudo aquilo que me fizera sentir tão bem desapareceria, e não poderia voltar a acontecer. Culpa e vergonha, a sensação do olhar recriminatório de Damon, me julgando, por que eu não conseguia superar isso?

E daí, transei com um cara. Quem liga? Eu gostei. Foda-se.

Mas já era dia e as consequências poderiam tardar, mas não falhariam. Minhas habilidades não se estendiam o suficiente para fazer malabarismos com meu desejo por um e as exigências de outro.

Subindo os degraus de Hunter-Bailey, abri uma das portas duplas e entrei, o cheiro do lustre-móveis impregnando o ar. A madeira brilhava por toda parte, e o relógio antigo no *lobby* se encontrava à minha esquerda.

Fui até a pequena mesa de recepção.

— Preciso ver Kai Mori, por favor.

O jovem de cabelo preto, vestido em um terno simples e com uma gravata fina, assentiu como se estivesse me esperando.

— Ele ainda está no salão. — Andou até outro conjunto de portas duplas. — Basta virar à direita ao entrar na sala de jantar.

Humm. Mulheres normalmente não eram permitidas no clube.

Fiquei surpresa por ele estar me deixando entrar com tanta facilidade. Provavelmente Kai havia cuidado desse detalhe.

Ele abriu as portas, afastando-se para que eu pudesse entrar, e imediatamente virei à esquerda, avistando os funcionários organizando mesas para o almoço.

Entrando no salão, olhei ao redor por um instante, reparando na decoração. Sofás de couro marrom brilhavam à luz do abajur, enquanto cortinas verde-escuras cobriam as imensas janelas que iam do teto ao chão. Arandelas douradas, bem como cabeças empalhadas de veados, alces e até mesmo um leão estavam penduradas no alto; almofadas de padrão xadrez se encontravam esparramadas em cadeiras e sofás. Havia um balcão de bar atrás, estantes de livros alinhadas nas paredes e uma tapeçaria retratando alguma espécie de guerra que pairava acima da lareira.

Cristo. Esta sala parecia ter sido decorada com o tema “Se os nazistas tivessem vencido...”.

Examinei o ambiente, localizando Kai próximo às janelas. Seu casaco estava aberto, as mangas arregaçadas, o que fez minha boca secar de repente. Era quase doloroso vê-lo ali sentado, curvado sobre uma mesa cheia de papéis.

Aquelas mãos estiveram sobre mim ontem à noite. E aquela expressão bela e severa, como se estivesse com raiva, quase trouxe um sorriso ao meu rosto quando lembrei como estava perdida pelo prazer na última vez em que o vi.

Tão controlado e tão frio, mas poderia ser tão áspero também.

Michael e Will estavam sentados ao seu lado, um ao telefone e o outro, de olhos fechados, largado em uma poltrona com um copo de uísque pressionado à testa. Caminhei até onde estavam, ignorando os olhares da dúzia de outros cavalheiros na sala.

Kai olhou para cima quando me aproximei.

— Você está atrasada.

Seu tom foi cortante, mas a boca se curvou com um sorriso sarcástico, como se soubesse a razão por eu mal ter dormido na noite passada.

— Tive que ir a Thunder Bay hoje de manhã — informei.

— Por quê?

— Gabriel quer saber por que você não assinou o contrato.

Ele parou o que estava fazendo e olhou para mim novamente. Michael se afastou do telefone.

— O que você disse para ele? — Kai perguntou.

Joguei o envelope com um novo contrato em cima da mesa. Alguns de seus papéis se espalharam com o movimento.

— Que você está enrolando — eu disse. — A mesma coisa que tenho dito a ele.

— O que...

Mas ele parou o que ia dizer, pegando o telefone que zumbia em sua mão.

Com um ar aborrecido, atendeu.

— Sim.

Ele ouviu enquanto alguém do outro lado falava, o cenho agora franzido.

— Encanamento A&J? — resmungou, parecendo confuso. — Eu não liguei para nenhum...

Inclinei-me sobre a mesa e estendi a mão.

Ele parou, encarando-me, mas entregou-me o telefone.

— Deixei as chaves em um envelope debaixo da mesa — disse ao garoto do *dojo* na ligação — e desliguei o sistema de alarme da casa. Diga a ele para começar pelos banheiros no andar de cima. Preciso de uma estimativa completa o mais rápido possível.

— *Uh, sim, senhora* — ele gaguejou e eu desliguei.

Eu havia providenciado encanadores, eletricitas e empreiteiros quando estava voltando de Thunder Bay. Achei que ele estaria no *dojo*, então pensei em encontrá-lo lá.

Devolvi o telefone.

— Isso é para a minha casa? — questionou. — O que eu te disse antes?

Endireitei a postura, colocando as mãos nos bolsos.

— Vanessa chega em três dias — informei.

Sua careta lentamente se desfez, e vi, de esguelha, Will abaixar a bebida e levantar a cabeça.

Kai, porém, não falou nada.

— Faz parte das novidades que Gabriel informou esta manhã — expliquei, sentindo o mesmo nó no estômago quando recebi a informação. — Surreal, não é? No que você se meteu?

Todos os três ficaram ali, e eu não sabia se estavam atordoados, bravos ou sei lá mais o quê, mas, definitivamente não estavam satisfeitos.

— Tenho certeza de que você se considera o arquiteto de algum grande esquema — continuei —, mas o acordo que fez prossegue, independente de você ou não. Sua noiva logo estará a caminho daqui. Reservei uma suíte no Mandarin para ela enquanto fazemos a reforma em sua casa.

Kai pegou o envelope, com a mandíbula flexionada quando o rasgou, puxou a papelada e começou a folhear as páginas.

— Ele não fez as alterações — disse ele, examinando-as.

— E nem vai fazer, ousou dizer. É pegar ou largar.

Kai estava encurralado e sabia disso. Mas realmente, qual era o problema? Ele sabia como chegar ao décimo segundo andar agora.

Não precisava do hotel e não queria nenhuma conexão com a família Torrance. Por que não desistir? Por que, em primeiro lugar, havia concordado com aquilo?

— Se eu não assinar, estará aberta a temporada de caça a Damon — alertou. — Michael, eu, Will, Rika... Nós vamos lidar com isso, e faremos da maneira que quisermos.

Assenti em entendimento. Se ele não assinasse, Damon não teria a promessa de que seria bem-vindo de volta à cidade. E se voltasse para casa, todos poderiam ir atrás dele.

— E se não assinar — disse ele, com a voz mais baixa —, você irá embora.

Eu vou embora? Era isso que o vinculava a esse acordo estúpido?

Vi quando pareceu engolir em seco.

Ele não queria me ver longe.

E eu não tinha mais certeza do quanto queria o mesmo, mas esse contrato não poderia me impedir se fosse minha vontade me afastar. Ele precisava saber disso. Eu só estava aqui a mando de Gabriel.

— Posso sair a hora que eu quiser — lembrei a ele.

— Você voltaria para ele, não é?

Baixei o olhar, não querendo discutir aquilo e, especialmente, na frente de seus amigos.

Sua voz estava estranhamente calma.

— Você quer que eu assine?

— Sim — respondi. — Eu quero Damon em casa.

Ele me encarou, os olhos frios, mas não fez nenhum movimento. Os caras ouviam em silêncio.

— Acordei ontem à noite te querendo outra vez — disse ele.

Meu coração bateu acelerado, o calor do constrangimento subindo às minhas bochechas.

Recostando-se no estofado de sua poltrona, ele respirou fundo.

— Eu fodi com tudo, gente — disse ele, desta vez para seus amigos.

Michael o encarou.

— Queremos o que queremos, certo?

Kai balançou a cabeça para mim.

Então, Damon não era o único objetivo aqui. Em algum lugar ao longo do caminho, eu também havia me tornado um alvo. Gabriel me obrigou a trabalhar para Kai, então assim o fiz. Mas sem contrato, não haveria Banks.

— Você veste as roupas dele — disse-me Kai. — Você mal come. Ele controla sua liberdade, sua comida, suas amizades... O que você quer, garota? Se você fosse ele, se fosse um homem, o que você

faria? O que aceitaria?

Lancei-me para frente, contornando a cadeira de Will e fui até Kai. Inclinando-me, peguei o contrato da mesa e uma de suas canetas, folhee até a última página, e rabisquei *Kai Mori* em sua maldita caligrafia quase exata, como o tinha visto fazer em outros documentos no *dojo*.

Larguei a caneta, guardei o contrato no envelope, e lhe entreguei.

Estava na hora de acabar com aquilo. Eu aceitaria o blefe dele. Ou ele cancelaria aquele acordo idiota e me liberava, ou entregaria os papéis a Gabriel e deixava meu irmão voltar para casa.

— Agora você tem uma escrava até o seu casamento — eu o desafiei. — O que você vai fazer comigo? Arrancar minhas roupas aqui e me curvar sobre a mesa, garotão?

Ele pegou o envelope, um sorriso amargo nos lábios.

— Não. Isso é muito suave. Algo que farei com a nova esposinha — debochou. — Gosto de desgastar um pouco mais os meus brinquedos.

Ouvi a risada disfarçada de Will à esquerda e em seguida um suspiro.

— Cacete.

Michael passou a mão no rosto, exasperado, e Kai apenas olhou para mim. Ele se levantou, pegando o terno da cadeira enquanto desdobrava as mangas da camisa.

— Vá para o *dojo* — ordenou. — Vai ser um longo dia.



Horas depois, eu estava sufocada de tanto trabalho que Kai havia me enfiado.

Depois que lidei com o encanador e os dois empreiteiros que estimaram quase dois anos para finalizar a reforma do buraco onde ele morava, voltei ao *dojo* para passar o resto do dia lidando com um monte de merdas. Uma máquina de lavar que explodiu, algum jogador idiota do Storm, amigo de Michael, que esqueceu o celular no banheiro, uma garota na quarta aula de Aikido que havia vomitado essa semana e voltou a fazer o mesmo no saguão... E por que diabos eu estava cuidando dessas porcarias?

Kai estava puto, e, o tempo todo, eu tentava dizer a mim mesma para sair dali. Ninguém poderia me obrigar a permanecer naquele lugar, e eu me recusava a ser vinculada a um contrato estúpido. Eu ainda estava ali por causa do meu irmão. Ficar sentadinha, quieta, apenas aguardando a hora certa chegar.

Repeti para mim mesma que não o deixaria vencer. Ele estava tentando me pressionar, e meu orgulho estava em jogo. Eu havia assumido um dever e tinha um compromisso com a família Torrance e não aceitaria me curvar.

Mas a verdade era que eu não tinha mais para onde ir. Eu tinha recebido meu salário hoje. Um cheque de verdade, um valor muito maior do que o que já havia recebido depois de mais de um mês de trabalho com meu pai. Se eu sáísse agora, sem nada planejado, ficaria sozinha. Gabriel não me aceitaria se não cumprisse o acordo, e eu seria mantida de fora e incapaz de ser os olhos e ouvidos de Damon por mais tempo.

Eu tinha todos os motivos para ficar.

Mas meu humor não melhorou quando Rika e Alex entraram enquanto

eu estava limpando o chão. Os cabelos abundantes, perfumes caríssimos e shorts curtos e bonitos – mesmo com o clima de 15°C – só agravaram toda a irritação que estava sentindo.

Especialmente o ciúme.

Cada centímetro do corpo de Kai que esteve em contato com o meu, ontem à noite, já havia sido pressionado ao dela uma vez.

Nunca gostei de Rika. Desde o momento em que soube da cena protagonizada pelos três naquela sauna, em Hunter-Bailey. Mas as coisas agora eram um pouco diferentes. Eu estava me apegando cada vez mais a Kai, e sempre que estávamos no mesmo ambiente, a ânsia em ser tocada por ele somente crescia.

Eu odiava que eles se vissem todos os dias. Mal pude conter o ódio enquanto a observava ir em direção aos vestiários. Quando terminei de enfiar todas as toalhas dentro da máquina de lavar, abri a porta da lavanderia com tanta força que ela chegou a se chocar contra a parede.

Era hora de ir para casa. Eu precisava de uma pausa e um tempo longe daqui.

Entrei no escritório para avisá-lo, sem encontrá-lo por lá. Estava prestes a sair e procurá-lo quando o telefone fixo começou a tocar.

— *Sensou* — atendi.

— Quem está falando? — um cara perguntou, parecendo confuso.

— Quer falar com quem? — retruquei, ríspida.

— Ah, Banks — ele disse, finalmente reconhecendo minha voz.

— Aqui é o Michael. Onde está o Kai?

Fui até o corredor e olhei de um lado ao outro, o telefone preso entre o ombro e o ouvido.

— Deu uma saída por alguns minutos, acho. Quer deixar um

recado?

— Não. Eu não confio em você, lembra?

Eu ri baixinho, andando mais pelo corredor.

— É sábio da sua parte, Michael. Você está aprendendo.

Mas parei, vendo Rika e Kai no saguão. Fiquei escondida no corredor, vendo-os conversar. A severidade que sempre endurecia seu olhar quando conversava com um de seus alunos, agora estava suavizada. Relaxada.

Senti dificuldade em respirar.

Ele estava muito perto dela. Sorriu suavemente e tocou seu braço por um tempo longo demais.

— Mas você confia em Kai? — perguntei a Michael, ainda olhando para eles. — Tão perto dos seus tesouros?

— O que quer dizer com isso?

Balancei a cabeça, vendo Kai seguir em direção à sala principal enquanto Rika vinha pelo corredor, no meu caminho.

Eu me virei, recostando-me à parede e encarando o chão quando ela passou por mim e desapareceu em uma das salas de ginástica.

Pigarrei, voltando a me concentrar na conversa.

— Nada — respondi. — Estou entediada. Vai deixar recado ou não?

Ele não disse nada.

— Tudo bem, vou avisar que você ligou.

— Espere.

Parei, recolocando o fone no ouvido.

— O que é?

Ouvi o suspiro do outro lado, mas ele se calou novamente. Esperei, ouvindo apenas o silêncio.

— Alô? — insisti.

— Você se acha muito esperta, não é? — ele finalmente perguntou. — Então tudo bem. Se você estivesse no meu lugar, o que faria para fortalecer e recuperar o controle sobre todas as situações? Você disse que éramos fracos. Onde? Em quê?

Eu quase ri. Ele estava falando sério?

Andei de volta pelo corredor, de repente, intrigada.

— Você está me pedindo conselhos?

— Estou pedindo para você colocar os seus miolos para funcionar, pirralha — respondeu, irônico. — Finja que você comanda minha equipe agora. O que você faria?

— E por que você acredita que eu te ajudaria?

— Porque acho que você está morrendo de vontade de usar, de verdade, suas habilidades.

Bem, até que ele estava certo. Kai não estava fazendo uso de

todo o meu potencial, e eu adorava poder tomar decisões. Estava morrendo de vontade de dizer exatamente o que pensava dele e de suas atividades no ensino médio.

Parei na entrada da sala de ginástica e recuei, observando Rika treinar golpes defensivos contra a estrutura de madeira de Wing Chun[6]. Ela manobrava, atingindo os pinos rapidamente, de maneira metódica e constante, sempre parando para corrigir a posição.

E, de repente, cheguei à conclusão.

Michael estava afagando meu orgulho.

Sensou significava “guerra” em japonês. Este lugar, o nome, o que faziam aqui... tudo era parte de um objetivo maior.

Rika podia até ser suave, mas estava treinando. Michael podia estar sendo descuidado, mas estava ciente. Will podia ser fraco, mas ele tinha Kai.

E Kai estava se preparando.

Todos eles eram meus inimigos.

— Se eu fosse você — respondi com calma —, a primeira coisa que faria era me demitir. Eu não sou sua amiga.

E encerrei a ligação.

Eu queria que isso acabasse. Estava cansada da agitação e da espera, e embora soubesse que meu irmão era parcialmente culpado por toda a merda que causou no ano passado, ele tinha todos os motivos para se ressentir dessas pessoas. Eles não lutaram por ele, e o abandonaram com a maior facilidade.

E eu tinha todos os motivos para odiá-la.

Recostei ao batente da porta, observando-a treinar.

Mesmo que Damon voltasse para casa, mesmo que por algum milagre ele se reconciliasse com seus amigos, e não houvesse mais nenhuma inimizade, Kai Mori nunca se tornaria para mim algo mais do que já era hoje. Não com ela por perto. Ele transou com ela porque a queria, e mesmo que esse desejo diminuísse com o tempo, nunca desapareceria. Bastava apenas olhar para ela. O conjunto perfeito. Inteligente, rica, bonita. E todos eles a achavam um exemplo de meiguice.

Levantei as mãos, curvando os dedos, distraidamente, até ouvir os estalos das articulações.

Sim, sentir raiva era bem melhor. Perdi-me em sensações na noite passada, deliciada com o prazer e os toques, beijos... Mas isso não trouxe nada além de confusão na minha cabeça. A raiva era uma linha reta. Tinha um alvo.

— Você precisa de alguma coisa?

Pisquei, olhando para cima. Rika virou a cabeça, encarando-me por cima do ombro, ofegante. Não havia percebido que ela notara minha presença.

Incapaz de disfarçar o entusiasmo, entrei devagar na sala, indo em sua direção. Damon e eu herdamos a natureza metódica de nosso pai, mas enquanto meu irmão tinha paciência, eu já não possuía nenhuma.

— Você já esteve em uma briga de verdade? — perguntei, apontando para o boneco.

— Sim. Por quê? — Ela enrijeceu a coluna.

Dei a volta na estrutura de madeira, avaliando-a.

— Você gasta muito tempo em sua postura e forma física — comentei. — A maioria das pessoas que luta está fazendo isso para sobreviver. Não há regras. Nenhum jogo limpo. Não há tempo para manter a distância adequada para um ataque. Todos os seus planos sairão pela janela.

— Não se preocupe — ela assegurou. — Eu sei como puxar cabelo, arranhar e chutar, se precisar.

— E morder — acrescentei, vendo-a se virar para o manequim. — Quando Damon amarrar você de novo, mostre a ele que você é briguenta. Vai diverti-lo.

Ela se virou, os olhos furiosos.

Não consegui impedir o sorriso em meus lábios. Sim, eu sabia tudo sobre o que aconteceu no *Pithom*, o iate da família de Michael, no ano passado e quão assustada ela ficou. Não que aprovasse o que ele fez na época, mas, meu Deus, estava desejando que ele a sacaneasse pra caralho agora.

Abaixei o tom de voz.

— Eu sei que você impediu os caras de irem atrás dele no ano passado. Sei que insiste em ficar na cobertura, sozinha, sem proteção, quando Michael está fora da cidade. — Avancei, sem pestanejar. — Eu também sei que você gosta do toque masculino sobre seu corpo, e que não precisa, necessariamente, ser do seu noivo, não é? Então, quando Damon vier à sua procura, faça o favor de se debater e revidar direitinho, tá bom? Desse jeito, Michael vai conseguir acreditar nas suas mentiras de que você não estava desejando cada segundo daquilo.

Seu rosto se contorceu em fúria, e ela grunhiu antes de arremessar o punho no meu queixo. Tropecei para trás, perdendo o fôlego por um instante e fechando os olhos por reflexo.

Mas o calor da adrenalina inundou meu peito. *Sim*.

Na mesma hora, endireitei meu corpo, encarando-a. A dor se infiltrou nos meus ossos e na pele. Tocando o canto do meu lábio, estiquei a mão e conferi que havia sangue na ponta dos dedos.

— Obrigada — falei, baixinho.

Com toda a minha força, bati as costas da mão em seu rosto, fazendo-a desabar no chão. Ela conseguiu se levantar sobre as mãos e

joelhos, arfando enquanto tentava respirar. Ela socou os punhos no chão uma vez, rosnando de raiva, e antes que eu percebesse, lançou-se na minha direção, golpeando meu peito. Ambas caímos no tapete.

— Qual é o seu problema, porra? — gritou, caindo em cima de mim.

No entanto, inverti nossas posições, montando em sua cintura. Agarrei seu cabelo loiro em um punho e me inclinei.

— Só estou mudando seu ponto de vista, Erika Fane! Nem todo mundo está aos seus pés!

Acertei um soco em seu rosto, mas ela me empurrou, fazendo-me perder o equilíbrio. Agarrei seu pescoço e bati mais duas vezes.

Ela rosnou, arrancando meu gorro da cabeça e puxando o cabelo, causando uma dor excruciante no couro cabeludo.

Droga!

Eu deveria ter cortado o cabelo anos atrás. Aquela era a única parte em mim que ainda lembrava Nik, e não, Banks, e acabei me apegando a isso por algum motivo.

Dei tempo suficiente a ela para me empurrar quando a soltei por um instante. Ela se sentou e estendeu a perna, acertando um chute na minha barriga. Perdi o fôlego na mesma hora, lutando para respirar. Comecei a tossir, a garganta ainda fechada, curvando-me sobre os joelhos. Será que o meu estômago foi parar nas costas?

— Você acabou? — ela gritou, e percebi que seu nariz sangrava.

Um instante ínfimo de satisfação me alcançou através da névoa da dor. Ela me fez sangrar, afinal. Nada mais justo.

— Ainda não. — Avancei, agarrando seu pescoço novamente e enrolando meus dedos com tanta força que minhas unhas cravaram em sua pele.

Ela se engasgou, os olhos arregalados quando agarrou meu pulso. Eu sabia que tinha ferido sua pele. Mãos me agarraram por trás e me afastaram para longe dela.

— Mas que porra é essa? — ouvi Kai rosnar.

Virei a cabeça, brevemente olhando para ele.

Ele ainda usava a mesma calça de treino de antes, mas agora o suor brilhava em seu peito e emaranhava as pontas de seu cabelo.

— Não, que se dane! — Rika empurrou Kai, fervendo de raiva. — Vamos terminar isso!

Eu ri baixinho, vendo as marcas avermelhadas em formato de meia-lua tatuadas em sua jugular, onde já havia uma pequena cicatriz. Olhei para os meus dedos, vendo a sujeira mesclada ao sangue por baixo das unhas.

Eu me lancei em sua direção outra vez, mas Kai me agarrou, puxando-me de volta.

— Já chega! — gritou, entre nós duas. — Todo mundo está olhando para vocês. O que diabos está acontecendo?

Os espectadores permaneciam do lado de fora da sala, espiando a comoção. Voltando a atenção para Rika, cuspi o sangue que escorria da minha boca aos seus pés.

Ela partiu para cima de mim novamente.

— Droga! — Kai me agarrou pela gola do agasalho, empurrando-me para trás. Ele apontou o dedo na minha cara, os dentes entrecerrados quando me lançou um olhar de advertência.

Voltando-se para Rika, fez com que ela inclinasse a cabeça para cima, verificando o nariz ensanguentado.

— Você está bem?

Ela está bem? Sua princesinha deu o primeiro soco, imbecil.

— Estou bem. — Afastou a cabeça de seu agarre, desafiando-me. — Eu posso aguentar qualquer coisa!

— Tenho certeza! E pelo que ouvi dizer, aguenta dos dois lados!

Ela veio atrás de mim novamente, mas Kai a empurrou de volta, virando-se para mim.

— Qual é o seu problema?

— Não gosto dela, e não trabalho para ela, então vou fazer a porra que eu quiser! — gritei.

— Você vai fazer o que *eu* quero — ele sussurrou, enfrentando-me. — Fim da história.

Olhando ao redor, ele falou com a plateia reunida:

— Deem o fora, pessoal. Acabou. — E para Rika: — Deixe-nos a sós, por favor.

Ela não se moveu por um momento, ainda olhando para mim, o rosto vermelho pelo esforço, o rabo de cavalo todo bagunçado. Até que finalmente passou por nós, saindo da sala.

Ouvi as vozes desaparecerem lentamente, enquanto todos seguiram para seus afazeres.

— O que você tem contra Rika? — Kai questionou. — Vocês mal se falaram e você nunca deu bola para ela. O que é isso?

Limpei o sangue no meu lábio com a manga do moletom, ignorando sua pergunta.

— Você está com ciúmes?

Dirigi a ele um olhar de “foda-se” e encarei o espelho às suas costas.

Eu podia sentir seus olhos focados em mim, corroendo a pequena distância entre nós, enjaulando meu corpo.

— O que você quis dizer com “dos dois lados”?

— Você sabe o que eu quis dizer.

O pequeno trio deles na sauna. Kai à frente, Michael por trás.

Quantas vezes mais aquilo se repetiu?

— Você ouviu falar sobre mim e Rika? — Sua voz era baixa. — Na sauna?

Quem não ouviu? Todo mundo naquele clube soube, e não era segredo nenhum o que ele sentia por ela. Bastava ver a forma como a olhava.

— Eu...

— Não. — Eu o interrompi. — Já ouvi o suficiente das suas histórias e não estou nem aí...

— Shhh... shh... — Ele pressionou o dedo sobre os meus lábios, negando em um aceno. — Não vamos fazer isso aqui, tudo bem? Precisamos conversar sobre isso, mas em algum lugar onde possamos conversar de verdade.

E seu olhar escureceu, dizendo-me que havia outro significado em suas palavras.

Conversar de verdade? Onde?

Soltando minha mão, ele passou por mim em direção à porta.

— O que você quer dizer com isso? — gritei às suas costas.

— Você vai descobrir — ele disse por cima do ombro e depois desapareceu.

[6] Wing Chun é uma técnica de Artes Marciais que consiste em uma espécie de manequim de madeira, onde o lutador treina e refina golpes de ataque e defesa contra diversos pinos espalhados pela superfície.

Capítulo 18

Banks

Dias atuais...

Uma hora já havia se passado e eu ainda estava no limite. Antes da briga no *dojo*, estava cansada, mas agora eu me encontrava excitada, desperta e puta comigo mesma. Havia colocado minhas cartas sobre a mesa.

Ela sabia que eu a odiava, então não havia como me aproximar mais dela, caso precisasse, e Kai deve ter adorado minha demonstração ridícula de ciúmes. O que Damon sempre me dizia? Era melhor dizer o mínimo possível. Quanto menos souberem sobre você, menor será a vantagem que eles terão.

E eu fui lá e estraguei tudo.

Andei pela rua tranquila, entrando em Halston Park, o distrito comercial de Meridian. Passava das nove quando contemplei o céu, finalmente conseguindo avistar algumas estrelas. Havia tantas luzes brilhantes na cidade, que era quase impossível vislumbrar o céu estrelado.

O que Alex queria? Ela mandou uma mensagem dizendo que Kai queria que a encontrasse na McGivern & Bourne. Nunca havia ido lá, mas sabia que era uma loja de departamentos de luxo.

Ao virar a esquina, afastei o cabelo dos meus olhos e o enfiei de volta sob o gorro enquanto me aproximava das portas de vidro do prédio. Levantei a mão para bater, mas parei ao ver que tudo estava escuro lá dentro. Algumas luzes de emergência brilhavam nos fundos iluminando os corredores, mas a loja estava fechada. Por que ela me disse para vir aqui?

Foda-se. Abaixei a mão e me virei para ir embora.

— Ah, não se atreva! — uma voz feminina gritou.

Olhei para trás, vendo Alex saindo pelas portas. Ela vestia uma blusa branca sexy e esvoaçante que pendia de um ombro, *leggings* pretas e botas de couro marrom até os joelhos. Parei para pensar que quase sempre a via usando roupas de ginástica. A não ser naquela festa na casa de Michael.

Ela avançou e agarrou minha mão, puxando-me.

Tentei permanecer imóvel.

— O que é isso? Este lugar não está fechado?

— Não para nós — disse, sorrindo. — Vamos.

Abrindo a porta, ela me obrigou a entrar.

— O que está acontecendo? — resmunguei.

— Ordens de Kai — Alex respondeu. — Cale a boca e me siga.

Um segurança de uniforme cinza escuro apareceu, trancando a porta atrás de nós.

— Divirtam-se, senhoras.

— Obrigada, Pip — Alex brincou.

— Phillipe — ele corrigiu.

— Tanto faz.

Estreitei o olhar.

— Você o conhece?

— Não, acabamos de nos conhecer. Mas ele se rendeu rapidinho aos meus encantos.

Revirei os olhos. O que estava acontecendo? Claramente, a loja estava fechada. Exceto para nós. Por quê?

Meus coturnos chiaram contra o chão de mármore e olhei para cima novamente, por um instante decidida a me render a ela enquanto tentava recuperar o fôlego.

Uau. Havia pelo menos cinco andares acima de onde estávamos. Olhei ao redor, vendo-nos rodeadas pelos pisos abarrotados de lojas que circulavam o perímetro do espaço aberto. Todo vazado, o corrimão de cada andar permitia uma vista perfeita aqui de baixo.

Um imenso lustre completava o visual luxuoso do ambiente decorado em branco e dourado, e o cheiro de couro e perfumes caros fluuava ao redor enquanto andávamos.

Passamos por vitrines de joalherias, balcões de perfumarias e bolsas, tudo rodeado de fotografias penduradas em todos os lugares; imagens de pessoas belíssimas em iates e chalés de inverno, ostentando relógios caríssimos de mais de dez mil dólares e suas botas de camurça chiques que poderiam facilmente ser comprados aqui para que você se sentisse transportado num passe de mágica para um iate no Mediterrâneo ou um chalé em Aspen, ou um clube de polo na Escócia.

Quando eu era pequena, sonhava em fazer compras em um lugar como este ao lado da minha mãe. Sonhava que algum dia seríamos ricas e todos os problemas desapareceriam, então possuiríamos coisas bonitas, eu seria popular e minha vida *real* teria começado.

Ainda parecia que parte de mim continuava sonhando com isso. Sempre esperando enquanto o tempo passava...

— Você já esteve aqui antes? — Alex perguntou, levando-me para um elevador.

— Não.

— É legal, não é? — Ela apertou o botão do quarto andar e quando as portas se fecharam, começamos imediatamente a subir. — Você já viu aquele filme antigo dos anos 80? *Manequim*?

Cruzei os braços, acenando em negativa.

— Bem, o cara trabalhava como vitrinista todas as noites em uma loja de departamentos como essa, e sempre achei que devia ser divertido fazer o que ele fazia. Ter o lugar todinho pra você experimentar roupas, explorar e brincar com tudo.

O elevador parou, as portas se abriram e ela saiu, sem esperar que a seguisse.

— Olha só, já passa das nove. — Fui em seu encalço enquanto ela passeava por um labirinto de prateleiras. — Ainda tenho algumas coisas para resolver esta noite. O que estou fazendo aqui?

Ela pegou delicadamente um pedaço de seda – lingerie? – e roupas íntimas combinando.

— Experimentando roupas, explorando e brincando com tudo — ela respondeu com franqueza, inspecionando as peças.

Alex segurou uma blusa sobre o meu corpo, e na mesma hora, recuei, avistando as alças finas, rendas e uma porcaria de tecido diáfano que deveria cobrir a barriga. *Minha nossa...* Isso não poderia ser chamado de roupa. Eram os restos que haviam sobrado.

Ela apertou os lábios, avaliando-me.

— Hmmm... cabelo castanho escuro. Pele morena. O tom acinzentado vai ficar muito bom.

— Muito bom para o quê? — Fiquei tensa. — Eu não vou usar isso.

— Ai, pelo amor de Deus. — Ela abaixou os braços, suspirando. — Será que você poderia arranjar uma bebida? Um monte delas?

Eu me virei para sair. Esta era a última coisa que eu precisava hoje. Mas um corpo, de repente, bloqueou meu caminho, e respirei fundo, dando um passo atrás.

Will Grayson olhava para mim, todo sorridente.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, ríspida. Ele não estava cambaleando e os olhos não estavam vidrados, como de costume. — Sóbrio pela primeira vez?

Ele riu e passou por mim, revirando as calcinhas em cima do balcão. Pegou um fio-dental preto e jogou-o em Alex antes de voltar e procurar mais peças que lhe agradavam.

Era melhor que aquilo fosse para ela.

— Olha, eu tenho que ir. — Eu me virei e caminhei em direção aos elevadores.

— As portas estão trancadas! — ele gritou.

— Não se preocupe. — Eu o encarei por cima do ombro. — Isso não vai me deter.

Ele jogou outra roupa para Alex, falando com ela:

— Vá escolher mais algumas coisas.

Quando ela assentiu e se afastou, ele veio na minha direção. Eu

parei e me virei.

— Olha só... — Suspirou, encarando-me como se eu fosse criança. — Acho que você não tem muitos amigos, e uau, isso é realmente chocante, mas Alex parece gostar de você e eu gosto dela, então estou tentando ser um amigo.

— Isso deve estar te custando bem caro.

Ele ergueu uma sobrancelha, insatisfeito com a minha observação.

— Ela providenciou para que o local fosse aberto após o horário de funcionamento, só para que você não ficasse nervosa por causa de todas as... Humm, qual é a palavra? — Ele bateu no queixo, fingindo pensar. — Pessoas?

Tanto faz.

Sim, não gostava de pessoas, mas era uma escolha consciente, não um problema. Eu poderia lidar com elas. Se quisesse. O que não era o caso.

— Kai quer que você compre roupas — continuou. — Elas não precisam ser *sexy* nem femininas, nem tão elegantes quanto os jeans incríveis e surrados que você usa com as marcas dos maços de cigarros de Damon no bolso traseiro. Mas precisam ser bacanas, ser do seu tamanho e *suas*. Estou aqui para garantir que você tenha isso.

— Prefiro comer minha mão a deixar Kai Mori pagar por minhas coisas — resmunguei entredentes.

— Ele não está pagando. Graymor Cristane está. — Ele me enfrentou, cara a cara. — Você é uma funcionária e nos representa. Temos uma cota a ser gasta com roupas. Não é pessoal. São negócios. E você sempre aparece meio maltrapilha, então aqui estamos nós. — Estendeu os braços, gesticulando para a enorme loja de departamentos vazia e pouco iluminada às nove e meia da noite.

Que eles deram um jeito de abrir só por pensarem no meu conforto.

— Agora, sente-se — ordenou. — Preciso pegar um sutiã para combinar com sua nova calcinha.



Pouco mais de uma hora depois, estávamos no carro de Will, dirigindo pela cidade com o porta-malas cheio de sacolas. Eu não podia acreditar no que tinha acontecido. Ou com que agilidade aconteceu. Alex era como um tornado, e ela e Will conversavam entre si e com tanta rapidez que eu mal conseguia pensar ou discutir. Eles começaram a escolher as coisas que eu odiava, e quando dei por mim, estava descartando as roupas que não me agradavam e guardando as

que achava que *poderia* usar. E depois de mais alguns minutos, estava participando ativamente, comprando e... tudo mais.

E fiquei lá, ainda um pouco atordoada.

Eu provavelmente me livraria da maior parte disso. Poderia doar para alguma instituição e fazer o Natal de alguém mais feliz, não é?

Ou... Bem, tenho certeza de que minha mãe adoraria tudo aquilo. Por que não?

Eu não gostava de ninguém pagando pelas minhas coisas. Isso me deixava em dívida. Mas foi divertido ceder à fantasia de que tudo isso era meu. Por alguns minutos, eu tinha sacolas e mais sacolas de pequenos tesouros e coisas novas e bonitas que nunca haviam pertencido a mais ninguém e que causariam inveja a qualquer mulher na cidade.

Até mesmo gostei da sensação da lingerie cinza contra minha pele, quando Alex me empurrou para dentro de um provador. Pensei na reação de Kai se me visse usando aquilo.

— Bem, obrigada. — Olhei para Alex no banco ao meu lado enquanto Will dirigia. — E obrigada pela carona para casa.

Ela deu um sorriso sincero.

— De nada. E você poderia ter usado uma de suas novas roupas... — Seus olhos aterrissaram nos “farrapos” de sempre.

Dei de ombros.

— Eu vou dormir daqui a pouco. O dia acabou. Não faz sentido usar algo agora para ficar sujo.

Olhei para Will, observando-o dar uma tragada no cigarro, enquanto Alex digitava em seu celular. Eles tinham um relacionamento estranho. Eram amigos que dormiam um com o outro, mas que também dormiam com outras pessoas.

No entanto, quem era eu para julgar? Nunca tive um relacionamento saudável na vida. Pelo menos eles se divertiam juntos.

Peguei meu telefone assim que vibrou no bolso do casaco.

— Alô? — atendi.

— Oi, encrenca.

Aquele tom suave e profundo se derramou como xarope no meu ouvido. Somente uma pessoa poderia fazer essas duas palavras parecerem uma ameaça.

Minha respiração acelerou, assim como meu coração.

Deus, eu não ouvia a voz dele há tanto tempo...

Lancei uma olhada de esguelha para os outros dois no carro, certificando-me de que não havia chamado a atenção para mim mesma. Will observava a estrada, enquanto Alex olhava pela janela.

— Ei, humm... — Respirei fundo, umedecendo os lábios ressecados enquanto mantinha a voz baixa. — Eu realmente não posso

falar agora. Posso te ligar de volta?

— Você se divertiu hoje à noite? — ele perguntou.

Esta noite? Como...

Caramba, Kai estava certo. Damon estava me observando também, ou mandou alguém me vigiar? Será que ele desconfiava sobre o que havia acontecido noite passada?

— Eles vão te machucar — assegurou. — E ele vai te jogar fora como se você fosse lixo. Porque é isso o que as putas são... Lixo.

Meu queixo tremia.

— Se eu quisesse que minha irmã caçula desse a boceta para os meus amigos — comentou —, teria preferido te dar para o Will. Ele era o mais leal.

Observei o amigo do qual falava, completamente alheio ao fato de eu estar conversando com Damon.

— Eu tenho que desligar — retruquei.

— Ele vai morrer — ele disse com rispidez.

Ele. Kai?

— Não por ter me traído, mas porque você o fez — explicou. — E a culpa será toda sua.

Meu coração retumbou com tanta força no peito que cheguei a sentir dor. Eu não duvidava nem por um segundo de que Damon não seria capaz disso. Ele não tinha nada a perder. E era obcecado com aquilo que pensava ser o certo e o errado. Traição era imperdoável.

Pigarreei, em um tom vago, tentando disfarçar diante da presença de Alex e Will.

— Eu cuidarei disso.

— Eu já estou fazendo isso. É quarta à noite. Ele geralmente está na catedral nesse horário, não é?

Fechei os olhos.

— Não... — sussurrei.

Mas ele já tinha desligado.

— Alô? — Nada.

Droga. Kai trabalhava até tarde nas noites de quarta-feira. Daí tomava banho, comia e voltava a Thunder Bay até a Catedral de *Saint Raphael*. Às vezes entrava no confessionário, outras passeava e apenas admirava as obras de arte. Às vezes, ele ficava por lá por cerca de dez minutos, outras, por mais de uma hora.

Contudo, ele ia toda quarta até lá. Religiosamente.

Bom, ele devia ser especialista em defesa pessoal, né? Mudar a rotina não era uma medida preventiva, cacete?

Guardei o celular no bolso.

— Será que você poderia me deixar em St. Raphael? — perguntei a Will.

— Em Thunder Bay? — Encarou-me por cima do ombro. — Por

quê?

— Eu só preciso chegar lá.

— E suas roupas?

— Não estou nem aí para as roupas — retruquei. — Só me empreste seu carro, se for o caso. Por favor!

— Tudo bem, tudo bem. — Suspirou e girou o volante à esquerda, acelerando pela rua estreita de paralelepípedos em direção à estrada. — Eu te levo.

Puxei o cinto de segurança.

— Acelere, por favor.

Capítulo 19

Kai

Dias atuais...

— Kai?

Eu me virei, seguindo o som da voz que me chamava.

A catedral estava quase vazia, exceto por mim e alguns zeladores à espreita em algum lugar, mas as portas ainda estavam destrancadas. E não estava esperando ninguém. Com os braços cruzados, desci o corredor que retratava a *Via Crucis*, espiando pelas enormes colunas de mármore.

Banks se encontrava na parte de trás da igreja, perto de uma das fontes de água benta, olhando de um lado ao outro, à minha procura.

Como ela sabia que eu estaria aqui?

Ah, sim. Claro. Ela andou me investigando, não é mesmo?

Percorri seu corpo com o olhar. Ela não estava fazendo compras? Recebi todos os alertas de mensagens da operadora do cartão, então por que ainda vestia as mesmas roupas folgadas e o gorro que cobria seu cabelo? Embora agora estivesse com alguns fios escuros soltos ao redor do rosto.

Era até divertido. Ela fazia questão de esquecer que era uma mulher, de fato, mas não se dava conta que as roupas velhas realçavam mais ainda o seu rosto. Sem mostrar as curvas ou a pele suave, não havia outra escolha a não ser contemplar a única parte visível dela.

Infelizmente, depois da noite passada, pude ver tudo o que ela escondia por baixo daquelas roupas. Meu corpo foi tomado de excitação.

Saí de trás da coluna, caminhando em sua direção. Sua cabeça se virou para mim na mesma hora.

— Você está aqui sozinho? — questionou, os olhos indo de um lado ao outro.

Contive um sorriso a todo custo. O que ela estava fazendo? Parecia nervosa.

— Não mais — caçoei.

— Bem, eu só... — Ela continuou olhando ao redor, para todos os lugares, a galeria, os corredores e o altar. — Humm, eu sabia que você estaria aqui, só isso. Pensei que seria... humm...

— Humm...?

— Ahn... — Ela engoliu em seco, ainda olhando ao redor, procurando por algo que eu não fazia ideia do que era. — Achei que

seria uma oportunidade de conversarmos sobre o casamento. Este lugar é bem apropriado. Devo reservar?

Eu ri baixinho.

— Claro. Por que não?

Tanto faz. Eu não me casaria nem a pau, e mesmo que não precisasse mais do acesso ao hotel, ainda assim, adorava tê-la ao meu dispor. Eu gostava dela.

Muito.

Além disso, ela era meu único elo com Damon. Não estava pronto para desistir dela ainda, e sabia que ela desapareceria da minha vida no instante em que eu anulasse o acordo com Gabriel.

— Você já se confessou? — perguntou.

— Não. Não faço isso desde... — Baixei o tom de voz — Desde a última vez com você.

— Sério? Mas você vem aqui toda semana.

— Venho? — provoquei.

Ora, ora... Como ela sabia daquele detalhe?

No entanto, ambos sabíamos que ela era como o meu satélite pessoal, girando ao meu redor, à distância, por sabe-se lá quanto tempo antes de eu dar as caras na casa de Gabriel naquele dia.

Fui em direção a ela e percorri o imenso saguão com o olhar. Madeira escura brilhava por toda parte, dos enormes arcos ornamentados aos confessionários nos fundos, e às dezenas de fileiras de bancos à nossa volta. Eu não vinha a uma missa aqui há muitos anos, mas o cheiro enjoativo de incenso e flores ainda persistia, por causa da Quaresma de seis meses atrás.

— Você sabia que dentre meus três amigos, Damon foi o primeiro que conheci? — comentei. — Nós não éramos amigos, até que entramos no ensino médio, mas eu conhecia Damon muito antes disso. Nós dois fomos crismados aqui quando tínhamos dez anos. — Olhei para cima e ao redor novamente antes de encontrar seu olhar. — Juntos. Aulas toda quarta-feira.

O olhar dela se desviou.

— E você vem aqui, por que...

— Porque posso não saber onde ele está, mas sei onde esteve. É mais provável que volte aqui dentre todos os lugares.

Ela entrecerrou os olhos, confusa.

— Por que motivo ele voltaria aqui? Para a catedral?

Ela realmente não sabia? Humm...

Bem, acho que Michael e Will também não, então não era nem um pouco estranho que Damon guardasse as coisas para si mesmo. Pelo menos algumas.

Coisas que o tornaram vulnerável.

Bem, não seria eu que revelaria os motivos. Eu vinha aqui,

todas as quartas-feiras, no mesmo dia da semana em que tínhamos nossas aulas, quando éramos pequenos, por várias razões, sendo a mais importante o fato de saber que esta igreja tinha um significado especial para Damon.

Pensando nisso, gostei de estar um passo à sua frente, e, como ela ainda não estava do meu lado, guardaria para mim tudo aquilo que eu sabia.

— Você está realmente bonita — eu disse, notando o suave batom malva sobre seus lábios já levemente rosados.

— Você não está respondendo minha pergunta. O que está me escondendo?

— Tudo o que você poderia usar para me deixar em desvantagem.

Ela desviou o olhar, irritada, mas sabia que faria o mesmo na minha posição. Não éramos parceiros – ainda não.

— Tudo bem — ela disse, afastando-se. — Nada mais justo. Sinto muito incomodá-lo.

Deu a volta e começou a caminhar em direção à porta dos fundos, porém parou assim que me ouviu dizer:

— Vi as movimentações do cartão de crédito da empresa — informei. — Por que não está vestindo suas roupas novas?

— Aaah, mas eu estou usando...

Ficou de frente e ergueu a parte da frente da camiseta, exibindo uma peça de lingerie de renda cinza escura que acentuava o abdômen plano, seios perfeitos e pele suave. A parte de baixo abraçava sua cintura logo acima do umbigo, e cada curva – desde o colo de seus seios até a curva que descia ao quadril – e, naquele momento, era como se alguém tivesse arrancado o ar dos meus pulmões.

— Merda. — Fixei meu olhar ao dela e avancei.

Ela gritou, correndo por entre uma fileira de bancos e conseguiu passar por mais antes que eu a alcançasse, aos risos.

Virando-se, ela me encarou com um olhar ardente, fogo fluindo entre nós; apoiei as mãos sobre o encosto do banco de madeira à frente, vendo-a com o corpo retesado e em guarda.

— Você tem muito bom gosto — provoqueei. — Estou surpreso.

— Foi o Will que escolheu.

Meu sorriso se desfez.

— Ele te viu usando isso?

Ela assentiu, satisfeita em admitir o fato.

— Ele até acertou o tamanho da minha calcinha. Embora eu não ache que um fio-dental poderia ser chamado de calcinha.

Aquele filho da puta! Pulei sobre o banco e ela correu pela fileira, de volta ao corredor. Eu a segui, perseguindo-a e observando o gorro escorregar de sua cabeça, o cabelo esparramando pelas costas

enquanto ela tentava escapar.

Agarrei a parte de trás de seu casaco, puxando-a de encontro a mim e depois a impiresei contra a parede do confessionário, pressionando meu corpo ao dela. Deus, eu podia senti-la agora. As ataduras que usava sobre os seios haviam desaparecido, a suavidade de suas curvas em todo lugar.

Enfie os dedos pelos fios em sua nuca e puxei, de leve, obrigando-a a erguer a cabeça para me encarar.

— Você é uma pirralha, sabia disso? — comentei. — Eu poderia te dar umas palmadas, se não soubesse que você seria capaz de pedir mais apenas para me irritar.

— Eu nunca vou me comportar só porque você quer.

— É mesmo?

Ela se inclinou, sussurrando sobre minha boca:

— Você não é assim tão assustador sem sua máscara, Kai Mori.

Segurei o punhado de seu cabelo com mais força e ela grunhiu, arqueando-se na ponta dos pés para aliviar a pressão.

Eu não era assustador? O que significava que ela não havia ficado nem um pouco intimidada.

Droga, ela era um pé no saco. Constantemente me provocando, um maldito orgulho que não estava disposto a ceder nem um centímetro.

Entrecerrei os dentes, puxando-a para mais perto e rosnando enquanto dizia:

— Você tem a língua muita afiada, e isso só acrescenta à pilha de problemas em que já se enfiou, inclusive, a briga de hoje mais cedo.

Vi quando engoliu em seco, desconfortável.

— Eu não quero falar sobre ela.

— Ah, eu acho que você precisa. — Inclinei a cabeça para trás, olhando para ela. A raiva aprofundou o vinco entre suas sobrancelhas, e aquilo indicava que a brincadeira tinha acabado.

Agarrei-a pelo casaco novamente e a puxei para o confessionário.

— O que você est...

— Precisamos ir a algum lugar onde possamos realmente conversar — aleguei, obrigando-a a entrar pela porta.

Meu pé se chocou contra o genuflexório, mas procurei pela cadeira, fechei a porta, e a coloquei sentada no meu colo.

— Apenas me solte.

— Não.

— Não?! — ela explodiu.

O quarto estava escuro como breu, e eu mal conseguia distinguir sua silhueta. Um pouco de luz se infiltrou pela tela de vime

e um pouco mais através das rachaduras na porta, mas, fora isso, estávamos escondidos do mundo.

Novamente.

— Eu não vou te tocar — prometi. — Vou tirar as mãos de cima de você, porque... — Recostei a testa em seu ombro. — O que começou entre nós aqui seis anos atrás começou honestamente. Pelo menos deixe que essa memória prevaleça. Apenas ouça.

A última vez que estivemos aqui juntos, ela ouviu tudo. Tudo o que eu não queria que as pessoas soubessem. E eu queria que pelo menos uma pessoa me conhecesse. Não queria isso contaminado entre nós simplesmente porque tinha medo do que ela pensaria. Eu precisava que ela entendesse.

Ela respirou com dificuldade, mas, ainda assim, manteve-se imóvel.

Afrouxando meu aperto, coloquei as mãos em sua cintura.

— Meu pai costumava me contar histórias sobre guerreiros japoneses — comentei em uma voz baixa — que, se fossem derrotados em batalha, cometeriam o que é chamado de seppuku[7]. Um ritual suicida. — As

imagens dos livros que eu tinha visto vieram à minha mente: homens e mulheres ajoelhados com uma espada nas mãos. — Usando uma lâmina curta, eles se empalam e abrem seus estômagos. Isso recuperaria a honra deles.

Ela ouviu e eu me inclinei para trás, trazendo-a comigo.

— Eles preferem se matar a viver o resto de suas vidas com a vergonha — expliquei. — E não apenas eles, mas isso recuperava a honra de sua família também.

Ela ficou quieta, mas a senti relaxar um pouco.

— Ser preso mudou tudo para mim — continuei. — Meu futuro, minha família, minha esperança... Mesmo depois que saí, eu ainda podia ver nos olhos dos meus pais. A tristeza nos da minha mãe, e a decepção nos do meu pai.

Senti a ardência em meus próprios olhos, mas senti seu corpo relaxar contra o meu enquanto me ouvia.

— O que eu poderia fazer, além de enfiar uma espada no meu estômago, que faria meu pai me enxergar da mesma forma outra vez?

Enlacei sua cintura com meus braços, ouvindo os ruídos ao redor da catedral, bem como o vento que soprava lá fora.

— Eu não conseguia estar com uma mulher, Banks. Não conseguia tocá-las. Nem beber, sorrir... mal era capaz de comer. Não podia fazer nada que me desse prazer, porque não era digno.

Hesitei, não querendo magoá-la, mas ela precisava que eu fosse honesto.

— Colocamos Rika em um inferno no outono passado —

admiti. — Nós a culpamos e a usamos como alvo, a colocamos em perigo e fizemos com que sentisse medo. Nós a aterrorizamos, Banks.

Baixei a voz para um sussurro:

— Ela me viu em meu pior momento, e mesmo assim, ainda falou comigo. Ainda me ouviu. Passou os braços ao meu redor e... foda-se... — ofeguei, sentindo as lágrimas querendo se derramar. — Nós três precisávamos daquele momento. Cada um por diferentes razões, mas ela me fez sentir como se eu não estivesse mais sozinho. Ela me fez sentir desejado e forte. E isso me trouxe um pouco de paz pela primeira vez em muito tempo.

Eu podia sentir o corpo dela tremendo nos meus braços, os ofegos suaves, o choro baixinho.

— Mas você... — Enterrei o nariz em seu pescoço, cheirando algo inebriante e perfumado. — Você me faz sentir motivado. Você me deixa com fome e pegando fogo e querendo desacelerar o tempo, em vez de querer apressá-lo. É você que procuro quando entro pelas portas de manhã. Não ela. Você.

Ela suspirou profundamente e girou a cabeça, capturando minha boca. Nós nos beijamos, seus lábios derretendo nos meus, nossas línguas se encontrando, estimulando, provocando, mordendo e tomando. Eu gemi, meu pau ficando cada vez mais duro dentro da calça, dolorido.

— Você pode me tocar agora — sussurrou entre os beijos.

Ela não precisou dizer duas vezes.

Passei as mãos pela cintura delgada, apertando, sentindo as rendas e a pele, tentando controlar a adrenalina que fervia em meu sangue. Ela era tão suave.

Espalmei um seio, segurando-a contra o meu corpo e me deliciando com a sensação.

— Gostei do top. — Beije e mordisquei seu pescoço. — Adorei...

— Eu vou pagar pelas roupas.

Tirei seu casaco, deixando-o cair no chão, antes de erguer sua camiseta e retirá-la.

— Sim, você vai.

Minha piada sugestiva não pareceu irritá-la, porque ela me beijou novamente, sua língua roçando a minha.

— Para começar, você pode se comportar — eu disse a ela, amassando seus seios na renda cinza novamente.

— Eu sou uma moleca de rua, Mori — ela provocou, depositando beijinhos no meu rosto e que estavam me enlouquecendo. — Eu jogo sujo.

— Não mais. É a sua vez agora.

— Minha vez de quê?

Eu a empurrei do meu colo e a girei, trazendo-a novamente para ficar entre as minhas pernas.

Olhando para sua silhueta na penumbra, segurei seus quadris enquanto suas mãos descansavam nos meus ombros.

— De confessar — respondi. — Hora de purificar a alma.

Ela não fez nenhum movimento e permaneceu calada, provavelmente pensando no que deveria fazer. O que deveria ou não me dizer.

— Vá em frente — eu a incitei.

— Eu... — Seus dedos deslizaram pela minha nuca, e ela riu, nervosa. — Humm... perdoe-me, padre, porque pequei. Faz um tempo...

Parou quando desabotoei seu jeans e os deslizei pelas pernas.

— Seis anos desde a minha última confissão.

Ela se desfez da calça em seus tornozelos e montou sentada no meu colo.

Fechei os olhos por um momento, alisando sua bunda macia. Era como se eu estivesse lá outra vez. No campanário, muito antes de tudo dar errado, e quando era feliz.

— Eu... — Pressionou a virilha à minha, inclinando-se. — Não sei por onde começar. Estou nervosa.

— São tantos pecados assim?

O som de sua risada me trouxe um sorriso.

— Tudo bem, deixe-me ajudá-la. — Apertei-a em minhas mãos. — Você pensou muito em mim nos últimos seis anos?

— Sim — sussurrou.

Afundei os dedos, sentindo sua pele macia e as rendas da calcinha.

— Alguns dos pensamentos foram bons? — questionei.

Ela se inclinou para frente, pressionando os seios ao meu peito, os lábios roçando os meus.

— Sim.

Uma onda de eletricidade aqueceu meu corpo e pude sentir a proximidade de cada pedacinho do dela. Meu pau estava pressionando o zíper da calça.

— Você tocou a si mesma, pensando em mim?

Ela assentiu e ofegou, rebolando devagar os quadris acima dos meus. Levantei uma mão e dei um tapa forte em sua bunda.

— Ei! — ela gritou, recuando e esfregando a área onde eu havia acertado, mas peguei sua mão e a posicionei outra vez em meu ombro.

— Que menina impertinente... — debochei. — Então, o que você usou... um vibrador, um travesseiro...?

Seu ritmo respiratório estava acelerado agora.

— Humm, minha... minha mão.

Bati em sua bunda outra vez e a beijei com força, interrompendo seus resmungos. Esfreguei o local, sentindo seu corpo relaxar lentamente.

— Você gostou da noite passada? — perguntei.

— Sim.

Outro golpe.

Seu corpo projetou para frente, arfante.

— Kai...

— Você gosta de mim?

Ela ofegou no meu ouvido e apertou meus ombros com força.

— Sim.

Plaft.

— Você gosta muito de mim?

— Sim! — gemeu.

Plaft. Grunhindo, ela passou as mãos pelo meu corpo e os lábios no meu queixo.

— Você está ficando com fome, pequena?

— Sim.

Plaft.

Daquela vez, gemeu e começou a transar a seco com o meu pau.

— Você já mentiu para mim? — perguntei, rouco.

Ela fez uma pausa e ganhou mais dois tapas, sabendo que essa era definitivamente a minha resposta.

— Ah! — Pressionou-se contra mim.

— Eu também sei jogar sujo. — Fiz com que se levantasse do meu colo e a virei, puxando sua calcinha para baixo. Sacudi meus ombros para me livrar da jaqueta e desafivelei o cinto, puxando meu pau para fora agora aliviado de sua restrição.

Então a puxei de volta para mim.

— Essa posição se chama *cowgirl* invertida, pequena — rosnei em seu ouvido. — Segure-se firme.

Empurrei seu corpo um pouco para frente, vendo-a se agarrar à treliça do painel; apoiei uma mão na curva entre a coxa e o quadril e usei a outra para posicionar meu pau em sua entrada. Ela já se encontrava molhada, então bastou que eu empurrasse os quadris para cima e a puxasse de volta para deslizar dentro dela de um golpe só.

Ela respirou fundo e minha cabeça pendeu para trás enquanto eu gemia.

Tão quente e apertada.

Gemendo, apertou os músculos ao meu redor, segurando-me em seu calor úmido.

— Ai, meu Deus — ofegou baixinho.

Agarrei um punhado de seu cabelo e puxei sua cabeça para

trás, arremetendo para cima, profundamente.

— Mais... mais rápido — ela gemeu.

Então comecei a fodê-la. Mais rápido e mais forte, estocando enquanto ela se agarrava à tela e a usava como alavanca, chocando-se de volta contra mim.

Era isso que eu queria. O que sempre quis, desde a primeira vez que a vi. Alguém que me conhecia e queria mergulhar comigo.

Todos aqueles anos me sentindo impotente, alguém me dizendo quando comer, dormir, andar e falar... Quando saí daquele lugar, eu me sentia menos que humano. Sentia-me menos que um cachorro. Fui despojado, sentindo medo das consequências caso perdesse o controle me tornando violento ou cruel, então contive todos os meus sentimentos, porque não queria voltar nunca mais para lá. Nunca mais seria aquele homem, pois matei uma parte dentro de mim e dos meus pais quando fui embora.

E mesmo depois que deixei a prisão, ainda me sentia em uma, vivendo como um robô, evitando cometer qualquer erro, mas tudo o que eu queria era sentir alguma coisa. Queria pressionar, incitar, lutar, foder e possuir todo esse maldito mundo novamente.

Eu queria dominar.

Fechei os olhos com força, deleitando-me com a sensação deliciosa de seu corpo. Soltei seu cabelo e acariciei sua bunda com as minhas mãos, desejando que houvesse apenas uma fresta de luz para conferir se ainda estava vermelha dos meus tapas.

Agarrei seus quadris e apenas segurei quando ela assumiu, empurrando-se contra mim, subindo e descendo sobre o meu pau.

— Ei, Kai! — alguém gritou. — Ei, onde você está?

Will.

Caralho.

Banks ofegou e eu cobri sua boca com minha mão, ficando de pé com ela ainda empalada no meu pau.

— Shhh... — sussurrei em seu ouvido. Prendendo-a contra a parede, abri mais suas pernas, tirei a camisa e a segurei firme, arremetendo com mais força.

Até que a voz de Alex também chegou a nós.

— Banks!

Que porra? Apertei a mão com mais força quando Banks começou a gemer.

— Ele está aqui? Ela o encontrou? — ouvi Alex perguntar.

— Não sei. O carro dele ainda está na frente — acrescentou Will. — Kai!

Banks afastou o rosto para poder sussurrar:

— Eles me deixaram aqui. Provavelmente estão verificando para ter certeza de que te encontrei. Deveríamos parar.

— Não. — Beije seu pescoço, sentindo meu orgasmo próximo enquanto afagava seu seio.

— Aaaaah — gemeu. — Mais forte. Por favor.

Beije seus lábios e bochecha, orelha e pescoço, todos os lugares que era capaz de alcançar enquanto a segurava com força contra mim.

— Sim, sim... ai, minha nossa...

Coloquei a mão sobre sua boca novamente, mas nosso clímax estava tão perto que já não dava a mínima se Will e Alex nos ouvissem. Só que Banks ficaria envergonhada quando voltasse a si.

— Você não foi feita para eles — sussurrei em seu ouvido quando estendi a mão e esfreguei seu clitóris. — Não para Damon, Gabriel ou qualquer outra pessoa. Você foi feita para mim e quero você na minha cama hoje à noite.

— Não vou dormir naquela espelunca.

Bati em sua bunda e vi quando perdeu o fôlego antes que se aproximasse, agarrasse minha nuca e me desse um beijo entre suas risadas.

Não dava para saber se Alex e Will já haviam saído dali, mas como não ouvi mais nada, deduzi que escutaram os barulhos no confessionário e decidiram sair na surdina.

Eu a esfreguei cada vez mais rápido, empurrando o mais fundo que pude.

— Vem cá, pequena. Goza pra mim...

— Kai — ela choramingou.

Seu corpo ficou retesado, congelado no lugar, apenas me segurando enquanto eu estocava e trazia sua bunda de volta para mim cada vez mais forte.

Ela gritou, respirando com dificuldade quando ficou mole, deixando-a ranger através de seu corpo.

Deus, eu gostaria de saber o que estava em sua cabeça naquele momento.

Alguns segundos depois, alcancei o clímax, impulsionando-me para me derramar dentro dela, cravando os dedos na pele encharcada de suor de seus quadris.

Ela segurou firme o pequeno balcão, desesperada por ar no confessionário agora abafado, enquanto pequenos gemidos lhe escapavam.

O prazer varreu todo o meu corpo, e eu me senti tonto quando descansei minha testa em suas costas.

Ela foi incrível.

Mas, merda, minha mãe me mataria se soubesse o que acabei de fazer e onde. Eu realmente não me importei. Fui eu, e é isso que fazemos.

Um zumbido veio de algum lugar, e eu parei, perguntando-me

se era o meu telefone ou o dela e se deveríamos ignorá-lo. No entanto, lentamente, ela se afastou e se abaixou para recuperar o jeans. Pegou o telefone e vi uma luz verde piscar, sabendo que era o dela que estava zumbindo.

Ela passou a tela e bateu algumas vezes, depois leu.

— O que é isso? — perguntei, vendo-a apenas parada lá congelada.

Ela deixou cair a mão para o lado, sem olhar para mim.

— Vanessa chegou cedo — disse ela calmamente. — Ela está aqui em Thunder Bay.

[7] Também conhecido na cultura ocidental como Haraquiri.

Capítulo 20

Banks

Dias atuais...

O toque suave da campainha reverberou até o quarto de Damon. Fechei a tampa do viveiro de Kore e fui até a janela, vendo que a limusine que meu pai enviou para buscar Kai estava bem em frente.

Meu estômago deu um nó. Era hora de conhecer Vanessa, e a última coisa que eu queria era ela na mesma casa que Kai. Eu não a queria em lugar nenhum perto dele. Por que ele veio até aqui?

Abri a porta do quarto e desci as escadas, sentindo o coração martelar no peito. Eu poderia admitir que queria ficar com ele e tudo isso acabaria. Poderia confessar que o queria e ele me levaria dali, então nós dois poderíamos ir embora.

Mas não poderia garantir a ele minha lealdade. Eu sabia que não seria capaz disso.

Fechando a porta no fim da escada, contornei o corrimão e desci o lance seguinte, já ouvindo Hanson cumprimentar os convidados.

— Boa noite, Sr. Mori — disse ele. — Sr. Grayson. Srta. Fane. Por favor...

Will e Rika também? Precisava confessar que estava até um pouco agradecida. Eles não queriam que Kai fizesse algo estúpido, então se eles interviessem, eu não precisaria. E não teria que escolher.

Kai apareceu e desacelerei meus passos, fixando meu olhar ao dele. Tive que fazer um baita esforço para conter um sorriso. Eu amava a forma como ele fixava o olhar e me encarava. Amava o fato de seu olho direito se estreitar mais que o esquerdo. E amava que somente em vê-lo, já sentia o frio na barriga.

Seu olhar deslizou pelo meu corpo, suavizando quando percebeu minhas roupas novas. Nada muito chique, mas os jeans novos se encaixavam com perfeição, e eu realmente gostava da camiseta branca com um decote em V e da bonita jaqueta camuflada. Até usei um pouquinho do rímel que Alex me obrigou a escolher ontem à noite na McGivern & Bourne.

— Kai, como você está? — Gabriel se aproximou, estendendo a mão.

Mas seu tom era falso, e o corpo de Kai estava tenso. Eles não estavam de graça um com o outro.

Quando cheguei ao saguão, parei ao lado de meu pai, sem ter certeza se era o que deveria fazer. Se estivesse fazendo algo errado, teria que me confessar mais tarde.

Meu traseiro ainda estava um pouco dolorido da noite passada.

Gabriel me olhou de relance e depois de volta para Kai.

— Você conseguiu livrá-la daqueles trapos — disse ele. — Muito bem. Nós meio que sentimos falta dela por aqui, na verdade.

Meu pai segurou meu queixo entre os dedos e o olhar de Kai se estreitou na mesma hora.

— Will — Gabriel cumprimentou, apertando a mão dele. — Bom te ver de novo.

Ele assentiu, provavelmente era o que melhor conhecia meu pai dentre os três, já que ele e Damon tinham sido bem próximos.

— E Erika Fane. — Gabriel deu um passo à frente, invadindo seu espaço pessoal e estendendo a mão. — Gabriel Torrance. Acho que você conhece meu filho.

Ela desviou o olhar, desconfortável, mas aceitou o cumprimento e soltou a mão rapidamente. Não dava para acreditar que Michael havia deixado que ela viesse sem a companhia dele ao lado. Ele era meio cego, mas eu não o considerava burro.

— Crist é um homem sortudo — comentou. E então se afastou, gesticulando para que entrassem. — Vamos para o escritório.

Gabriel se virou, liderando o caminho pelo corredor e eu o segui, ao seu lado. No entanto, senti um agarre no meu casaco, e quase perdi o fôlego quando Kai me puxou para trás.

Para ficar ao lado dele.

Continuamos andando, mas ele não olhou ou falou mais comigo.

— Onde ela está? — Kai perguntou a Gabriel. — Vanessa.

O frio no meu estômago por conta da sua proximidade, de repente, se transformou em um nó com a menção do nome dela. Cerrei os punhos, irritada.

— Por aí — Gabriel debochou e entrou no escritório.

Ele foi até sua mesa e todos entraram, deixando Hanson fechar a porta. Will imediatamente desabou em um sofá de couro, enquanto Rika se postou ao lado da sala e Kai se sentou à frente da mesa.

Gabriel inclinou o queixo para mim.

— Vá ver se o jantar está pronto.

— Ela não trabalha mais para você — Kai interrompeu.

— Na verdade, ela trabalha. Tecnicamente falando, é claro.

Sem contrato. Sem acordo.

Mas Kai não caiu na armadilha, mantendo-se relaxado.

— Vou conhecer a noiva primeiro, obrigado.

Meu pai riu baixinho.

— Hanson. — Ele pegou o charuto do cinzeiro. — Chame minha sobrinha.

O homem assentiu, saindo silenciosamente da sala.

Olhei pelas portas do pátio, vendo um grupo de jovens sentadas às mesas mais distantes. Não dava para distinguir suas fisionomias, mas o cabelo platinado de Vanessa era reconhecível de longe.

E se ele se sentisse atraído por ela?

— Então, quando é o casamento? — Gabriel perguntou e eu pisquei, vendo-o relancear um olhar para Rika.

Por um instante, pensei que ele estivesse perguntando a Kai.

Rika respondeu:

— Não temos uma data definida ainda.

— E onde está o Michael?

Ela olhou rapidamente para Kai antes de responder:

— Em uma partida fora de casa.

Meu pai sorriu, mal conseguindo manter os pensamentos indecentes para si mesmo enquanto a olhava de cima a baixo.

Kai se levantou e foi até a estante de livros, posicionando-se à frente dela. Meu pai estava de olho nela e Kai sabia disso. Seu cenho estava franzido em preocupação, mas ele se manteve calado, sem nem ao menos olhar para mim. No que ele estava pensando?

Finalmente, uma batida à porta interrompeu o silêncio.

Todos se viraram ou ergueram as cabeças quando a porta se abriu e Vanessa Nikova entrou.

Não sei dizer o que estava esperando. Talvez que ela fosse desajeitada e olhasse para qualquer lugar, menos para ele; ou talvez que Kai ficasse surpreso e sentisse uma atração imediata, deixando a fachada de durão ao vê-la.

No entanto, eles conectaram o olhar e se encararam por apenas um minuto antes que ela fechasse a porta.

Isso foi pior ainda.

Olhei para ele, de esguelha, observando-o encará-la com atenção.

Ela entrou na sala, portando um vestido de festa prateado que a fazia parecer etérea, com aquele cabelo loiro e os grandes olhos azuis. Ela se parecia um pouco com Rika no tom de pele, mas enquanto esta última diferia por ser mais vivaz, Vanessa se parecia a uma boneca de porcelana guardada dentro de uma caixa. Como se nem mesmo tivesse uma impressão digital.

Ela não era tão intocada por dentro, no entanto.

Aproximando-se de Kai, vi quando ele endireitou o corpo. Estendendo a mão, ela sorriu, as sobrancelhas perfeitamente delineadas suavizando o franzido em seu semblante.

— Olá — disse ela, com doçura.

Quase revirei os olhos. *Cobra de duas cabeças.*

— Olá. — Ele segurou a mão dela, em um cumprimento rápido. Embora eu tenha achado que segurou por tempo demais.

— Vanessa, este é Kai Mori. — Gabriel fez as apresentações oficiais. — E seus amigos, William Grayson III e Erika Fane.

Ela se virou, os saltos clicando quando chegou perto de Will e o cumprimentou também. Voltando-se para Rika, no entanto, fez uma pausa, claramente avaliando-a enquanto a outra estendia a mão com um sorriso sutil.

— Rika está prestes a se casar com Michael Crist — explicou Gabriel. — Outro amigo de Kai. Infelizmente, ele não pôde estar aqui hoje.

Quando ouviu esta informação, seu semblante suavizou e a rachadura em sua fachada se fechou outra vez ao aceitar o cumprimento.

— Prazer em conhecê-la.

A sala ficou em silêncio quando todos nos mantivemos ali parados, e dava para ouvir o latido dos cães ao longe, provavelmente famintos. Gabriel alimentava alguns e deixava outros passando fome, e enquanto os mais experientes aprendiam que latir só piorava a situação, ele constantemente adquiria novos cachorros e dava início à tortura outra vez.

— Bem — Vanessa falou, por fim, tentando aliviar o clima. — Não teremos problema algum em nos unir desta forma.

Gabriel riu, Kai retribuiu com um sorriso e eu fiz uma careta.

Por que ele estava sorrindo? Por que ainda estava aqui? Qual era o jogo dele agora? Ele não se casaria com ela, pelo amor de Deus, então por que tentar se relacionar?

— Preciso de um pouco de ar fresco — disse ela a Kai. — E quanto a você?

Ele virou a cabeça como se estivesse prestes a olhar para mim, mas se conteve, assentindo em seguida.

— É uma ótima ideia.

Ela sorriu mais ainda, mostrando os dentes, e liderou o caminho até as portas do pátio.

— Não precisa nos seguir — ela brincou com Hanson, que havia se posicionado para acompanhá-los. — Queremos um pouco de privacidade.

Encarei a parte de trás de sua cabeça quando eles desapareceram do lado de fora. Os jardins eram extensos. Eles poderiam ficar ali fora por horas. Tempo suficiente para seduzi-lo da maneira que quisesse.

— Vá checar o jantar.

Deparei com o olhar astuto de Gabriel. E agora eu serviria o jantar para o homem com quem estava dormindo e sua *noiva*. Ma-ra-vi-lho-so.

Ao sair da sala, fechei a porta com um baque, tendo a certeza de que meu pai sabia que eu estava com raiva. Ele não dava a mínima. Ele sabia que eu cumpriria meu dever de qualquer maneira, não importando se estava resmungando.

Um cachorro ganiu do lado de fora, e fiquei sem saber se havia sido atacado por outro ou se estava sendo disciplinado por um treinador, mas então outro uivou em um tom de súplica. Por qual razão eu não fazia ideia, mas entrei na cozinha desejando me juntar a ele. Uivando, gritando e me debatendo até escapar ou encontrar alguém que me tirasse da minha miséria.

— Oi! — Marina exclamou, vendo-me entrar enquanto lavava as mãos na pia. Seu olhar radiante observou minhas roupas. — Você está ótima. Quando isto aconteceu?

Deduzi que se referia à minha “transformação”, mas meu humor não estava dos melhores. Avistando os bifes para o jantar em cima da tábua, fui até eles e peguei uma grande faca ao lado, começando a cortar em tiras.

— Esses bifes são p...

Marina parou, observando-me fatiando a carne como se fosse manteiga e depois partindo em pedaços menores.

— Esses são os bifes para o jantar! — ela disse, correndo na minha direção. — Banks, o que você está fazendo?

Olhei para ela, sentindo meu coração disparar, e lancei um sorriso malicioso. Ela recuou, estreitando o olhar, provavelmente sem conseguir se lembrar da última vez em que me viu sorrindo.

Concluindo a tarefa, peguei uma tigela enorme do armário e um prato, joguei todos os pedaços de carne e saí pela porta dos fundos.

Isso não terminaria bem para mim, mas, meu Deus, eu não consegui me conter... e como estava me sentindo bem.



— Onde estão os bifes? — Gabriel perguntou, encarando a sobra do ensopado de milho que foi servida para os rapazes hoje, na hora do almoço, e os pratos de *Piroshki* assado – uma torta salgada com recheio de carne que Marina prepararia para o almoço de amanhã.

— Dei aos cães — respondi.

Will bufou uma risada e ouvi um som de escárnio, provavelmente de Vanessa, mas continuei encarando a parede à frente, pronta para sofrer quaisquer consequências.

Era nítido que Kai achou graça naquilo. Ele estava sentado do

outro lado da mesa e eu tinha quase certeza de que também estava me encarando.

Gabriel suspirou audivelmente.

— Algumas semanas com você e ela voltou a ser descaradamente malcriada — disse ele a Kai. — Assim como quando era adolescente.

A mesa ficou em silêncio, exceto por Will, que começou a comer.

— Porém ela aprendeu direitinho a ser disciplinada — acrescentou.

— É mesmo? — Kai provocou.

Pisquei por um longo tempo. Aquilo não era da conta de ninguém. *Nem aqui, nem agora.*

Mas Gabriel continuou:

— Peça a ela para tirar as luvas.

Filho da puta.

Na mesma hora entrelacei as mãos às costas, longe da vista de todo mundo que me encarava.

Gabriel não podia me castigar agora, então ele fez o que estava acostumado a fazer para salvar seu orgulho. Ele me humilhou. Kai nunca me viu sem as luvas. Desde os meus dezessete anos, antes de ser “disciplinada”.

— Outra hora, talvez — disse Gabriel, parecendo satisfeito consigo mesmo. — Ela logo será problema seu de qualquer maneira.

— Como assim? — Vanessa questionou.

— Parte do contrato — explicou ele, tomando uma colherada da sopa. — Kai fica com você, o hotel e Banks. Até o casamento, pelo menos.

Ela permaneceu em silêncio e, como estava de costas para mim, não pude ver sua expressão, mas hesitou o suficiente para me deixar saber o que devia estar passando em sua cabeça.

Ou o que suspeitava.

— Ela é uma boa funcionária — Kai entrou na conversa, cortando um pedaço da torta e cheirando discretamente.

— Ah, que bom. — Vanessa suspirou, bancando a idiota. — Por que você não vai desfazer as minhas malas, Banks? Deixe-nos comer sossegados.

— Reservei uma suíte em um hotel na cidade para você.

— Eu mudei de ideia. — Ela me dispensou. — Vou ficar por aqui.

Olhei para cima, deparando-me com Rika me encarando, nenhuma de nós parecendo satisfeita por estar aqui.

Ótimo. Tanto faz. Não que eu permanecesse aqui com tanta frequência de qualquer maneira, mas preferia que ela ficasse em um

hotel onde não correria o risco de encontrá-la constantemente.

Dei a volta e fui em direção à porta.

— E não dê minhas roupas para os cachorros — ela gritou.

Eu nem sonharia em fazer isso.

Fechei a porta assim que saí e subi as escadas em direção a um dos quartos de hóspedes. Sinceramente, eu não me importava em fazer o que ela pediu desde que pudesse sair daquela sala.

Encontrei as malas *Louis Vuitton* ao lado da cama em um dos quartos próximos ao do meu pai, e desfiz suas coisas em um ritmo bem devagar, esperando que Kai, Rika e Will já tivessem ido embora quando eu terminasse. Infelizmente, ela não trouxe tantas roupas quanto imaginei.

É claro que ela iria à cidade fazer compras, então só precisou fazer algumas malas. Pendurei a maior parte de suas roupas, guardei blusas, roupas de ginástica e peças íntimas nas gavetas e organizei todos os seus produtos – hidratantes, produtos de limpeza, maquiagem – ordenadamente na penteadeira, em consideração apenas à equipe que arrumaria o quarto, e não por ela.

Enfiei as malas embaixo da cama, endireitei o edredom e dei uma olhada ao redor, certificando-me de que as gavetas e os armários estivessem fechados antes de sair dali.

Passei mais de uma hora fazendo aquilo. Talvez eles já tivessem ido embora.

No entanto, quando cheguei à janela no andar de cima, notei que a porta do terceiro andar estava semiaberta.

E eu a havia fechado.

Ao abri-la, percebi que a porta no topo da escada também se encontrava aberta. Subi os degraus suavemente, em alerta. Ninguém subia ali, exceto Damon e eu.

— Claro que ele teria cobras, né? — Ouvi o comentário e os passos de Rika ao redor do quarto do meu irmão.

O que diabos ela estava fazendo ali?

— Qual é o seu problema? — Kai perguntou.

— Eu poderia fazer a mesma pergunta. — Ela parecia preocupada. — Você perdeu a noção?

Meu corpo ficou tenso por instinto. Por que eles se esgueiraram aqui juntos? Será que Will estava ali com eles? Parei no topo e espirei pela fresta da porta.

— Isso é burrice — ela disse em um tom suplicante —, e o que mais respeito em você é exatamente o fato de não ser estúpido.

— Eu tenho uma ficha criminal que prova o contrário.

Ela deixou escapar uma risada de escárnio, e logo depois, ouvi mais passos.

— Há muito tempo você me disse algo importante — continuou

ela. — “Sempre que quiser impressionar alguém, e pensar que já fez o suficiente, vá mais além. Sempre os deixe pensando que você é meio louco, e as pessoas nunca mais tentarão te sacanear”,

— E daí?

— E daí que você já foi mais além.

Ouvi o som de um ofego, eu não sabia de quem, mas Rika parecia estar chateada. Preocupada como um amigo ficaria.

— Gosto de quem sou agora e, querendo ou não, você fez parte dessa mudança — disse ela. — Mas isso? Este erro pode destruir você. Esta não é a vida que a gente quer para você.

Ouvi o som de passos abafados e deduzi que por eles não estarem visíveis através da fresta da porta, deviam estar do outro lado, bem perto dos viveiros.

— Tenho algo planejado — ele disse, em um tom mais suave. — Vocês têm que confiar em mim.

O silêncio tomou conta, mas tudo o que eu queria era ouvir um pouco mais. Ela estava preocupada por ele e parecia tão confusa quanto eu. Que plano era este? Eu queria que ela o pressionasse para que ele revelasse mais. Ele poderia contar a ela coisas que não estava dizendo a mim.

Mas a conversa havia encerrado.

Abri a porta de uma vez, vendo o momento em que os dois levantaram a cabeça ao perceber minha presença.

O olhar de Kai aterrissou diretamente nas minhas luvas, e automaticamente cruzei os braços para escondê-las.

— Ninguém é autorizado a entrar aqui.

Kai se aproximou.

— Mas você é, pelo jeito — alegou ele, jogando na minha direção um dos meus gorros que ele deve ter encontrado por ali.

Eu o peguei, mas permaneci em silêncio.

— E por que você tem permissão? Quando veio morar com essa família? Você não transava com Damon, porque era virgem quando ficamos juntos, então o que exatamente ele fazia com você, hein? Quem é você?

Dei um meio sorriso.

— Sua inimiga favorita — respondi.

Naquele momento, ele avançou e segurou minhas mãos. Cerrei os dentes quando retirou uma luva e depois a outra, jogando-as no chão.

Droga.

Ele segurou com força, encarando o dorso das minhas mãos. Apenas uma tinha a queimadura de um charuto, só que eu usava o par para fingir que era meu estilo.

Dava para ver, pela respiração entrecortada, a irritação que

irradiava dele, porém, não fez mais perguntas. Kai era inteligente o bastante para concluir como Gabriel havia me disciplinado.

Felizmente, bastou só uma vez para que eu aprendesse minha lição.

Rika moveu um pouco a cabeça, tentando ver discretamente a marca circular e rosada do tamanho de uma moeda. Não era uma ferida antiga, mas com o tempo havia enfraquecido. Dei uma olhada na pequena cicatriz que ela tinha em seu pescoço, sabendo que havia conseguido aquilo no mesmo acidente que matou seu pai anos atrás.

— Você não sabe o que está fazendo comigo — Kai arfou, com seriedade.

Desviei o olhar, ainda em silêncio.

Rika fez menção em sair para nos dar privacidade, mas eu a detive.

— Não, fique — avisei. — Ele precisará de seus amigos.

Ele me encarou, me enfrentando.

— Você quer que eu me case com ela? — perguntou. — E nós ficaríamos assim? Você, minha pequena amante, a quem procuro quando quero foder no meio da noite. Hã? Você gostaria disso?

— Você acha que eu toleraria isso? — respondi.

Minha expressão estava começando a desmoronar; meu queixo tremia de tal forma que precisei me controlar para impedir que as lágrimas se formassem.

— Olhe para mim — ele sussurrou. Rika permanecia próximo, mas sem nos encarar. — Olhe para mim.

Não atendi ao seu pedido.

— Eu gosto de você — admitiu. — Quero você na minha casa. Quero te ver na minha cama. Não quero ficar sem te ver todos os dias. Fique comigo esta noite.

Mas eu não podia. Tudo o que nós poderíamos compartilhar eram momentos roubados.

Por uma simples razão.

— Você odeia Damon? — perguntei.

Ele endireitou a postura e percebi que erguia uma muralha.

— Ele não vem ao caso. Damon não tem lugar na minha vida.

— Pois é, só que ele tem na minha — afirmei. — Eu o amo.

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, virei-me e saí correndo rapidamente pelas escadas.

Chega, caramba. *Apenas vá embora.* Estava tudo ferrado por causa dele, e eu queria voltar para quando as coisas eram simples. Quando estava decidida a ser leal a somente uma pessoa, tendo apenas isso como meu propósito de vida.

Quando eu não queria dizer ‘sim’.

Quando não estava me apaixonando.

Cheguei ao pé da escada e me lancei pela porta, dando de frente com David.

— Ei — ele disse. — Estava mesmo te procurando.

Pisquei rápido para afastar as lágrimas e desviei o olhar.

— O que foi?

Mas então os passos e rangidos às minhas costas indicaram que Kai e Rika também vieram em meu encalço.

Gemi, angustiada.

David recuou, olhando interrogativamente para nós, mas prosseguiu:

— Okay, ótimo — disse ele, assentindo. — Todos em um só lugar. Perfeito. — E então olhou para mim. — Gabriel precisa de você por uns minutos. Traga-os para a casa de hóspedes.

E se virou para sair.

A casa de hóspedes – agarrei seu braço, estreitando o olhar. Não. Era ali que Gabriel lidava com os problemas longe dos olhares indiscretos.

No entanto, David apenas riu baixinho e se inclinou para sussurrar:

— Está tudo bem. Todo mundo vai sair inteiro. Prometo.



Percorrendo o terraço e contemplando as luzes tremeluzentes da festa de boas-vindas de Vanessa, conduzi Kai, Will e Rika pela piscina até os cômodos da casa de hóspedes. Era uma casa pequena, porém muito maior do que qualquer apartamento onde eu e minha mãe já tivéssemos morado. Kai e Will já haviam estado lá antes. Era onde Damon sempre levava seus amigos nas raras ocasiões em que convidava alguém.

Dessa forma, ninguém corria o risco de encontrar a mãe dele. Ou me ver. O lugar era todo mobiliado e decorado, com três quartos, dois banheiros, uma cozinha completa e uma grande sala. O que Gabriel queria tratar aqui que não pôde ser tratado em seu escritório?

Belas vidraças cercavam a frente da casa, por onde avistei alguns homens ali dentro. Meu pulso acelerou. O que estava acontecendo?

Tive que conter a vontade imensa de tirá-los daqui. Isso não parecia certo. No entanto, David garantiu que eles estariam seguros. Ele não mentiria para mim.

Antes que pudesse me decidir, as portas de vidro se abriram.

— Kai! — meu pai saudou enquanto Ilia mantinha a porta

aberta para nós. — Entre!

Kai passou por mim, já que eu parecia estar plantada no lugar. Rika e Will o seguiram, e eu finalmente me movi, enfiando as mãos nos bolsos, os dedos rodeando os punhos das lâminas escondidas ali dentro.

— Gostou da decoração? — Gabriel gesticulou para a sala enorme. — Recém-reformado. Pensei em deixar disponível para quando você e Vanessa decidirem nos visitar. Vai ser bom ter uma família por perto novamente.

Ilia fechou a porta enquanto todos seguiam sala adentro. Três homens pairavam às costas do meu pai, posicionados casualmente; no entanto, moviam-se devagar para não atrair a atenção.

Porém eles tinham a minha. Estavam se posicionando ao nosso redor. Ilia ficou ao meu lado, enquanto Lev e David se ausentavam, provavelmente executando uma tarefa em algum outro lugar.

— O que você quer? — Kai parou atrás de uma cadeira de estofado, olhando para Gabriel. — Já estamos de saída.

Meu pai se postou atrás da mesa e pegou uma caneta-tinteiro preta, estendendo-a para Kai.

— Quero apenas resolver a questão da assinatura.

Suspirei, aliviada. Ele não estava em perigo, afinal. Tratava-se apenas do contrato estúpido que Kai nunca assinaria. Acho que ele não entregou aquele onde forcei a assinatura ontem de manhã com raiva.

— Envie para o *dojo* — disse ele ao meu pai. — Se não houver mais alterações a serem feitas, assinarei.

— Você vai assinar agora. Vanessa está aqui e o casamento está sendo planejado. — Ele olhou para Kai, já sem nenhuma paciência ou cortesia. — Agora.

Kai deu um passo.

— Como posso ter certeza se você não enfiou uma cláusula sem que eu tenha visto? Vou levar o tempo que for preciso para ler outra vez antes de concordar com qualquer coisa.

Meu pai abaixou a mão e relanceou um olhar para Ilia, acenando.

O quê...

— Desculpe, garota — Ilia murmurou.

Hã?

E então me agarrou.

— Ei! — gritei.

Mas ele me arrastou para o outro lado da sala, e eu virei a cabeça, tentando ver o que estava acontecendo. Tudo aconteceu muito rápido. Cada um dos homens do meu pai agarrou um de nossos convidados, porém Kai interrompeu o ataque do que foi em sua

direção com um golpe da base de sua mão no rosto do oponente, colocando o outro de joelhos.

Ele imediatamente olhou para mim quando fui forçada por trás da mesa com meu pai, até que alguém o acertou com uma barra de aço nas costas, enviando-o ao chão, enquanto grunhia. Ele tropeçou, trêmulo, tentando ver Will e Rika, cada um deles sendo contido pelos braços.

— O que diabos está acontecendo? — berrou.

Contorci-me nos braços de Ilia.

— Sem contrato, sem acordo — Gabriel resmungou. — Nada de hotel, muito menos Banks, que é nossa.

— Eu não dou a mínima para o hotel! — Kai gritou quando foi puxado de joelhos por quem o atingiu. Ele empurrou o homem e se virou, encarando meu pai. — E ela não precisa ficar em qualquer lugar onde não queira. Ela não é propriedade sua!

Seus olhos ardiam em fúria.

Gabriel se virou para mim.

— Você quer ir com ele? Vá.

Não. Não faça isso. Implorei com o olhar.

— Vá — ele me disse outra vez, o desafio explícito em sua voz. — Veja quanto tempo ele vai te querer. E veja o que vai acontecer quando tentar voltar aqui, porque você sabe muito bem como recompenso a deslealdade. Vá.

Fechei os olhos por um momento, sentindo todos os olhares da sala em mim. Isso era insuportável. Se eu fosse embora com ele, sairia sem nada. Completamente dependente de Kai.

Eu o queria, mas meu pai estava certo. Eu teria coragem de trocar o certo pelo duvidoso? Ainda não era capaz de confiar no que poderia haver entre mim e Kai. Ele poderia ser algo fugaz, enquanto minha família era para sempre.

— Você o quer? — Gabriel insistiu. — Vá.

Ele pressionou, e senti meu corpo inteiro tremer, enquanto tentava conter as lágrimas. *Por favor.* Kai estava me esperando, e isso era uma tortura.

Dava para ver o quanto estava nervoso quando estendeu a mão.

— Vamos, querida — ele implorou. — É só pegar minha mão.

Meus dedos formigavam, desejando seu toque. Querendo fazer o que ele me pedia. Mas cerrei os punhos e encontrei seu olhar, balançando a cabeça lentamente.

Kai apenas me encarou, a expressão gélida, um suspiro decepcionado. O calor da vergonha se espalhou pelo meu rosto. Eu odiava magoá-lo.

Porém nós dois sabíamos que isso havia acabado antes mesmo de começar.

— Não fique tão surpreso — Gabriel debochou, satisfeito. — Ela ama Damon. E sempre vai escolhê-lo.

A mágoa no olhar de Kai, de repente, foi superada pela frieza enquanto ele aprumava a postura e passava a mão pela camisa e terno ao me encarar.

Meu pai se virou para mim, divertido.

— Acho que ele não te quer mais.

Engoli o nó na garganta.

— Se você não vier, haverá uma guerra — Kai me ameaçou, o tom letal. — E farei com que isso seja bem doloroso. Apenas me desafie.

Ouvi a risada de meu pai, mas sabia que Kai não estava blefando. E isso poderia não ter mais nada a ver com Damon. Ele estava com raiva de mim agora.

E então, de repente, aconteceu. Kai se lançou para frente, pegou a caneta e rabiscou sua assinatura na linha pontilhada.

— Kai, não! — Rika gritou.

— Não — ofeguei baixinho. Perdi o fôlego enquanto olhava horrorizada o contrato assinado.

Oh, meu Deus.

Ele largou a caneta e empurrou o contrato para Gabriel, em desafio. Então estendeu a mão sobre a mesa, me agarrou pela gola com as duas mãos e me arrastou por cima; minhas pernas e pés enviaram papéis para todo lugar, uma pasta de arquivos e uma luminária caíram no chão.

— Kai — arfei, segurando suas mãos enquanto lágrimas brotavam nos meus olhos. O que ele fez?

Ele me levantou à frente de seu corpo, nós dois encarando Gabriel quando enlaçou meu pescoço.

— Agora você é minha — ameaçou no meu ouvido. — Pelo menos até o casamento.

— É isso aí, garoto. — Gabriel sorriu quando pegou o contrato e conferiu todas as páginas.

— Kai, o que você fez? — Rika correu até ele.

Mas ele não disse nada.

— Vou informar as boas novas à sua noiva — Gabriel comentou.

Kai agarrou minha gola com uma mão, empurrando-me para o lado enquanto recuava.

— Entraremos em contato — assegurou meu pai.

Apertando minha mão, arrastou-me para fora da casa enquanto Rika e Will corriam para alcançá-lo.

— Kai, me escute! — Rika tentou chamar sua atenção.

Entretanto, ele continuou andando, guiando-nos para a

garagem. Tropecei, esforçando-me ao máximo para acompanhar seus passos. Só paramos quando chegamos à frente dos carros.

— Kai! — Rika rosnou. — Você não pode fazer isso!

— Você não está pensando direito, cara — Will concordou. — Precisamos recuperar o contrato.

— Esse contrato é a menor das minhas preocupações — Kai disse, ríspido. — Eu precisava de um trunfo e agora tenho.

— Não, que se dane! — Rika gritou. — Você não pode...

— Damon tem algo contra mim! — Kai revelou, de repente.

O quê?

Ele se virou, olhando para todos nós.

— Algo muito ruim, entenderam?

Todo mundo congelou, apenas o encarando.

O quê? Ele tem algo que o incrimine? Por que nunca soube disso?

— E o que seria isso? — Rika aproximou-se dele.

— E importa?

— O que ele tem contra você? — ela gritou novamente.

O olhar de Kai ardia em fúria, mas ainda hesitante. O que ele não queria dizer?

— A mãe dele — respondeu, por fim. — Ela está morta por minha causa.

Minha boca se abriu um pouco quando o encarei em choque. Rika e Will estavam calados. Ela estava morta? Quer dizer, eu suspeitava que estivesse a esse momento. Ninguém a tinha visto ou ouvido falar dela desde aquela noite seis anos atrás, mas achei que poderia ter sido Damon ou Gabriel quem deram um fim a ela.

Não que eu realmente me importasse. Desde que essa cadela continuasse desaparecida, eu estava feliz.

A mandíbula de Kai flexionou.

— Noite do Diabo, seis anos atrás, no *The Pope* — explicou. — Ela estava... *machucando* Damon. E estava tentando machucar Banks. Eu perdi o controle e a ataquei. Ela se feriu na queda.

Aquela noite voltou à tona. O terror, as palavras repugnantes e vis que ela falou, o sofrimento de Damon e... todo o sangue quando Kai perdeu a paciência e a atingiu. Ele nos protegeu, e se ela estivesse morta, bom, eu só poderia desejar uma boa-viagem ao inferno.

— Você está nos dizendo isso só agora? — Rika deixou escapar. — Depois de todo esse tempo?

— Eu não sabia que a havia matado. Não até o ano passado no iate — revelou. — Você, Michael e Will estavam na água, e Damon e eu estávamos envolvidos em uma luta. Ele me provocou a respeito do assunto, porra. Um segredinho que guardou só por precaução. — Respirou fundo. — Pelo que entendi, depois que saí do hotel naquela

noite, ela não resistiu. Ele se livrou do corpo para me proteger. Agora está usando isso para me ameaçar. É por isso que preciso encontrá-lo. Não quero correr o risco de voltar para a prisão.

— E se ele estiver mentindo? — Will argumentou. — Como você sabe que ele está dizendo a verdade?

— Você se arriscaria? — Kai rebateu. — Porque ela não foi vista desde então. Ou ele aparece com a mãe bem viva... ou com o corpo dela, daí talvez eu possa seguir em frente com a porra da minha vida e não ter isso pairando sobre minha cabeça. E se não conseguir nenhuma das alternativas, então tenho que dar um jeito de calá-lo para sempre.

— Então, é por isso que você está tão preocupado em encontrá-lo? — Rika perguntou.

E então Will acrescentou:

— Você deveria ter contado isso pra gente antes, cara. Tipo... no ano passado.

No entanto, Kai ignorou seus protestos, empurrando-me na direção do amigo.

— Apenas leve-a — ordenou, tirando o terno e limpando o nariz com o polegar. Sangue manchou a ponta de seu dedo. Nem mesmo havia percebido que ele fora atingido. — Deixe Banks na Darcy Street e depois vá embora — instruiu. — Eu preciso me acalmar antes de lidar com ela.

Em momento algum ele me deu um segundo olhar, entrando no carro e saindo em disparada dali. Rika e Will se postaram ao meu lado na calçada, observando-o acelerar.

— Acho que agora você está nessa.

Capítulo 21

Banks

Dias atuais...

— Kai! — Rika rosnou em seu telefone. — Atenda essa merda! — E então encerrou a ligação, exasperada. — Droga.

Essa era a terceira vez que ela tentava falar com ele desde que saímos de Thunder Bay.

Will dirigia com Rika ao lado, no banco do carona, enquanto eu me mantinha em silêncio atrás, agarrada às lâminas ocultas dentro do meu bolso.

Trunfo. Ele disse que eu era um trunfo. Será que ela estava mesmo morta? Ele não sabia ao certo, mas acho que era isso que estava tentando descobrir. Nada como ter um possível assassinato pairando sobre sua cabeça...

Damon realmente o jogaria para os lobos?

— Precisamos conversar com ele — disse Rika a Will, que acendia um cigarro.

No entanto, eu o vi gesticular uma negativa.

— Precisamos deixá-lo em paz. Kai sabe o que está fazendo.

— Ele não planejou essa reviravolta, idiota! É tudo por causa dela. — Ela me indicou com a cabeça. — E ele está enfiado nessa merda agora. Eu preciso falar com Michael.

Ela checou o telefone novamente e eu me concentrei na paisagem do lado de fora, vendo as luzes da cidade brilharem sobre as águas escuras do rio quando cruzamos a ponte.

Eu não estava vinculada a esse contrato. Trabalho escravo já estava em desuso há muito tempo. Eu poderia fugir, e era isso o que faria. Fui muito útil para o meu pai, já que ele conseguiu o que queria, então, eu seria aceita de volta.

Além disso, com certeza, meu irmão não esperava que eu honrasse o acordo.

— Você precisa falar com ele.

Ouvi as palavras de Rika, mas foi só quando a flagrei me encarando, em minha visão periférica, que percebi que estava falando comigo.

— Como é?

— Você precisa falar com ele — repetiu. — Você corroborou com essa merda. Assuma alguma responsabilidade.

Eu ri baixinho, olhando para longe novamente. *Jesus.* Nada disso era minha culpa, e eu não seria usada como bode expiatório. Homens eram idiotas, e eu estava cansada de sempre sofrer os danos

colaterais.

— Você ouviu o que ele disse — retruquei. — Eu sou um trunfo. É tudo o que ele quer comigo.

— Você realmente acredita nisso? — Ela me olhou. — Kai poderia ter te levado embora dali, se fosse isso o que ele quisesse. Ele assinou esse contrato porque estava com raiva. De você — ela apontou. — Ele vai te dar ouvidos. Eu o conheço há muito tempo e, quando ele se acalmar...

— Eu o conheci muito antes de você aparecer — rosnei. — Não preciso que me diga como ele é.

Ela calou a boca na mesma hora.

— E eu o conheço há muito mais tempo do que vocês duas — Will interferiu. — Kai está agindo de um jeito incomum, mas ele funciona melhor quando é deixado em paz, tá bom? Se ele for conversar com alguém, será com Michael. — Então acenou para Rika. — Tente ligar outra vez.

Ela suspirou e pegou o telefone, discando para o noivo novamente.

— E você — Will chamou minha atenção.

Olhei para cima, encontrando seu olhar pelo espelho retrovisor.

— Merda vai bater no ventilador, independente do contrato. Você sabe disso, não é?

Sim. Sim, eu sabia disso. Mesmo que Kai controlasse seu ódio e Natalya estivesse viva e bem, Damon ainda apareceria.

E havia uma chance muito boa de ele não ganhar.

Will soprou uma baforada de fumaça, sacudindo as cinzas pela janela quando entramos na Darcy Street.

— Se você pedir que ele não machuque Damon — ele disse —, então ele não o fará. Tudo o que você precisa fazer é pedir.

Segurei a maçaneta da porta, pronta para sair assim que as portas destravassem.

No entanto, relaxei o agarre, devagar, refletindo a respeito de suas palavras.

Talvez Will tivesse razão. Kai podia ser intimidador e assustador e tão mesquinho quanto eu, às vezes, mas não era cruel. Ele poderia ser razoável.

Afastei minha mão da porta quando o carro diminuiu a velocidade no aclave.

— Aqui estamos — disse Will, parando.

Olhei pela janela novamente, vendo a casa de tijolos pretos de Kai com as persianas quebradas pairando sobre as janelas. A luz que incidia na varanda dava ao lugar uma aura como a dos filmes de terror, do tipo que a personagem “entra, mas nunca sai”. Com que objetivo ele usava essa casa? Ele não morava aqui.

Onde ele dormia? Onde cozinhas suas refeições, tomava banho e transava com outras mulheres além de mim?

— Ele está esperando lá dentro.

Deparei-me com o olhar de Will através do retrovisor novamente.

— Como você sabe?

— Acabou de mandar uma mensagem — informou, segurando o telefone. — Aqui está sua chance.

Nós o deixamos há menos de uma hora. Não dava tempo para ter se acalmado ainda.

— Apenas fale com ele — disse Rika, virando-se para mim. — Por favor.

A última coisa que eu queria fazer era algo a pedido dela. A tensão rastejou em minha pele, mas abri a porta e saí dali, de repente, querendo ficar o mais longe possível.

Tudo bem. Eu conversaria com ele. Não porque eles querem, mas porque talvez possa funcionar. Damon poderia voltar para casa e eu o manteria afastado, e todos seguiriam com suas vidas aqui na cidade, enquanto meu irmão e eu continuávamos com as nossas.

Quando subi os degraus da varanda, olhei para o alto da colina e avistei uma casa isolada; uma única luz acesa no segundo andar. Aquilo fez com que eu parasse por um momento.

A imagem era como um relâmpago pairando sobre um lago escuro à noite. Não havia nada aqui em cima. Era um breu total, e não havia nenhuma outra fonte de iluminação, seja de outra casa, comércio ou da cidade que conseguia alcançar por entre a pequena floresta. Ele sabia quem morava lá?

Calafrios se espalharam pelos meus braços. Era uma construção bonita, em um estilo gótico da virada do século, com cumeeiras pontiagudas e um portão preto.

— Você está bem? — Will gritou, atraindo minha atenção. Olhei para o carro e o vi debruçado pela janela.

Virei as costas e lhe mostrei o dedo médio por cima do ombro, decidida a fazer o que me propus. Ao girar a maçaneta da porta, percebi que se encontrava destrancada.

A sala estava imersa em penumbra, sendo iluminada apenas pela luz da lua que se infiltrava pelas janelas. Antes de fechar a porta, olhei ao redor do vestíbulo e ouvi o som do carro de Will se afastando.

Um clique alto soou, e todos os pelos do meu corpo se arrepiaram quando olhei de um lado ao outro. Onde diabos ele estava?

O lugar parecia o mesmo da última vez. Quase não havia móveis, e o que estava por ali se achava coberto por lençóis brancos. Testei um interruptor, mas quando nada aconteceu, olhei para cima e

percebi que o lustre antigo estava sem lâmpadas.

Poeira se acumulava no piso, mas quando adentrei na casa, notei que algumas partículas flutuavam no ar. Como se alguém *tivesse* passado por aqui.

Olhei à minha volta, em alerta.

— Kai?

O vento lá fora aumentou, e ouvi alguns rangidos no alto. Como se um galho estivesse raspando contra os vidros de uma janela.

— Kai! — gritei novamente, dessa vez mais alto. — Onde você está?

Senti a vibração no bolso da calça e peguei o celular, conferindo a mensagem na tela.

Perto.

Olhei para todos os lugares, tentando descobrir onde ele poderia estar. Entrei na sala de estar e depois na de jantar, examinando os cantos e por trás das portas.

— Que diabos? — rosnei.

Era impossível ver e ouvir qualquer coisa. Nem mesmo a sombra, silhueta ou o som de algo. A casa estava completamente silenciosa.

— Não vou participar desses seus joguinhos! — gritei para o alto das escadas.

Meu telefone vibrou novamente.

Você já está em um deles...

Balancei a cabeça, exasperada. O que ele achava que estava fazendo? Alguma espécie de piada doentia?

É claro que eu me lembrava do estilo de diversão de Kai. Noite do Diabo de seis anos atrás. O hotel, a perseguição, o salão de festas, as cortinas... o medo.

Naquela noite, não me importei com a excitação que tudo aquilo me trouxe, mas nesse exato momento, não estava achando a menor graça. Meu humor não era dos melhores.

— Estou indo embora — gritei para o vazio.

Dei a volta e fui até a porta, girando a maçaneta. Que não se moveu nem um centímetro. O quê? Tentei sacudir e puxar, mas nada acontecia a não ser o ruído da porta se chocando nos batentes laterais.

Uma luz verde piscou à esquerda e quando me virei para conferir, avistei um teclado. Senti o frio no estômago na mesma hora. Ele tinha um sistema de alarme e travas automáticas.

Puxei a porta novamente, sem sucesso algum.

Então me virei.

— Eu quero sair! — esbravejei. — Ou vou arrebentar uma dessas janelas!

Outra mensagem chegou ao meu celular:

Você disse que eu não era assustador. Já está com medo?

Encarei o segundo andar.

— Estou irritada.

Mentirosa.

Idiota.

Ouvi um rangido acima de mim e ergui o olhar outra vez. O vento estava uivando entre as árvores lá fora, ampliando a sensação de que eu estava completamente sozinha agora.

Com ele... em algum lugar nesta casa.

Se você pedir que ele não machuque Damon, ele não o fará.

Umedeci os lábios ressecados e forcei-me a dizer:

— Eu preciso falar com você.

Encontre-me.

— Onde você está? — gritei, ficando enraizada no lugar.

Esperei alguns segundos, mas sem nenhuma resposta. Nem o som de sua voz ou mensagens de texto. Kai estava aqui? Quer dizer, não dava para ter certeza se era realmente ele quem estava enviando as mensagens, não é mesmo? Alguém poderia ter enfiado seu corpo em uma fornalha, roubado seu telefone e agora estava fazendo aquela merda assustadora de *Jogos Mortais*, onde te perguntam se deseja participar de um jogo, mas, na verdade, você não tem escolha, então aceita participar antes de ser fatiado por um cortador de carne em um matadouro.

Minha imaginação foi longe...

Segurei o celular com mais força.

— Onde você está? — gritei, novamente.

No andar de cima.

A mensagem finalmente chegou.

Babaca.

Tudo bem. Foda-se, então. Subi as escadas.

— Quando eu te encontrar, vou te dar uma surra — eu disse.

A tela se iluminou outra vez.

Ficando mais quente agora.

Olhei da esquerda para a direita, mantendo-me alerta enquanto subia lentamente os degraus.

— Por que você está fazendo isso?

Mas apenas duas palavras brilharam no visor quando dei mais um passo:

Mais quente.

Uma camada de suor recobriu minha testa. As tábuas do piso rangeram quando cheguei ao topo da escada, olhando de um lado para o outro e avistando a porta do quarto aberta. Dava para ver um pedaço da cama e as cortinas brancas balançando com o vento que soprava pela janela aberta. Não conseguia me lembrar se da última vez em que estive aqui, cheguei a vê-la aberta.

Ao invés de ir até lá, entrei no quarto à direita.

Frio.

Parei, respirando fundo. Então, ele estava no quarto principal. Eu mal conseguia engolir direito.

Recomponha-se. Ele está te sacaneando.

Dei a volta e fui para o outro quarto, sentindo a vibração do celular na mesma hora.

Posso te dizer outra coisa?

— O quê? — grunhi baixinho.

E a próxima mensagem chegou.

Você nunca vai sair desta casa.

Minha boca se abriu, e perdi o fôlego, sem conseguir articular um pensamento coerente. Kai...

Quando me virei para fugir dali, deparei com ele. Kai saiu do banheiro, usando um jeans, moletom de capuz preto e a máscara prateada.

Estaquei em meus passos, recuando enquanto ofegava.

— Que p...

Tudo era preto. Havia apenas a sua silhueta. As roupas escuras, o manto da noite, o preto de seus olhos... apenas o branco era visível, deixando-me saber que havia um homem por trás da máscara.

— Kai... — Estendi as mãos. Porra, por que eu não conseguia pensar?!

Um formigamento suave me atingiu, me fazendo pressionar uma coxa à outra, como se, de repente, estivesse precisando ir ao banheiro urgentemente.

Ele caminhou lentamente até mim, passo após passo, e eu tropecei, as mãos trêmulas pegando meu punhal do bolso.

— Afaste-se! — Arfei, segurando a lâmina à frente.

No entanto, ele continuou andando, as passadas sincronizadas, até que me vi contra a parede do lado de fora do quarto principal.

Ele não parou, e eu disse com rispidez, quase em um rosnado:

— Eu não tenho medo de você.

Kai inclinou a cabeça, a máscara parecendo dizer: *“Ah, sim, você tem”*.

O espaço entre nós ficou cada vez menor, e eu ataquei, tentando assustá-lo. Ele segurou minha mão, me arrancando um grito quando tirou a lâmina dos meus dedos, jogando-a por cima do corrimão. Ouvi o som metálico se chocando em algum lugar no piso inferior.

Aprisionou meus pulsos na lateral e imprensou seu corpo ao meu contra a parede.

Inspirei, tentando respirar por conta da pressão de seu peito ao meu. Mas ele apenas ficou lá.

A cabeça inclinada para mim.

Somente me observando.

O único som que indicava que ele estava vivo era o de sua respiração, o movimento que seu tórax forte fazia contra o meu peito.

— O que você quer comigo? — ofeguei, sentindo os soluços presos à garganta.

Por que ele não dizia nada?

A casa gemia ao redor de nós enquanto o vento uivava e zumbia por entre as frestas e rachaduras nas paredes.

E eu estava lá. Sozinha, com ninguém por perto, e uma máscara pairando sobre mim e me fazendo sentir como se eu estivesse com uma faca no pescoço.

Porra, eu estava com medo. Ai, meu Deus, ai, meu Deus...

O suor escorreu em minhas costas e um calor intenso se espalhou pelas minhas pernas, onde seu corpo tocava o meu. Nossas coxas se abriram, e ele enfiou uma das suas musculosas entre as minhas, meus seios se tornando sensíveis pelo contato com seu peito cálido. Sua virilha encontrava-se pressionada contra a minha, aumentando a tensão entre nós, ainda que estivéssemos imóveis.

Caralho...

E, mesmo assim, eu não conseguia respirar. Não conseguia respirar, porque sentia meu corpo latejar e pulsar por toda parte. Tudo se aquecia, e eu queria gritar, morder e...

Me render.

Por que eu não queria fugir?

Minha cabeça pendeu para frente, recostando em seu peito, exausta e ávida, querendo enfiar minhas garras em alguma coisa.

— Estou com medo — sussurrei. — Estou com medo de você, mesmo sem a sua máscara.

Por tudo o que você me faz sentir.

Ele não se mexeu. Apenas me segurou lá, seu aperto nos meus pulsos afrouxando um pouco.

Olhei para cima, quase em um sussurro enquanto meus lábios roçavam sua máscara.

— Eu... — Não sabia o que dizer.

Sou apenas um trunfo neste jogo de gato e rato entre você e Damon? Apenas um instrumento?

Quer dizer, Rika estava certa, não é? Ele poderia ter me levado se fosse apenas isso. Ele queria que eu o escolhesse naquela casa de hóspedes.

Ele *me* queria.

E eu queria que ele soubesse que tive que fazer uma escolha impossível. Mas na minha mente, lá no fundo onde escondia os meus segredos, sempre seria ele. Dez anos... vinte anos depois, eu sempre o observaria à distância e o veria construir sua vida. Então eu seria feliz, desde que ele fosse também.

Queria que ele soubesse que amava nossas preliminares.

Queria que soubesse que o amava.

— Gostaria de poder ficar com você — confessei. — Só que, pessoas como eu não conseguem o que querem. Elas ganham o que precisam para sobreviver, e mesmo que não houvesse tantos segredos entre nós, eu nunca me encaixaria no seu mundo, Kai.

— Meu mundo? — ele disse, olhando para mim. — Quer ver o meu mundo?

Então se afastou de mim, entrando no quarto principal.

O quê? O que significava isso?

Respirei fundo, sentindo que poderia desabar no chão sem ele ali para me segurar, mas me endireitei à força e o segui.

De repente, ouvi o som de um rangido culminante com um trovão, e quando ergui a cabeça e entrei no quarto, vi Kai abrindo um painel inteiriço na parede.

Que porra...?

A lareira – ou lareira falsa, pelo visto – estava presa a uma área do piso que se desviava para fora e se abria do chão ao teto.

Havia uma passagem secreta.

Sem olhar para mim, ele desapareceu pela abertura e deixou a passagem aberta.

Para onde ele estava indo?

Esta casa estava começando a fazer um pouco mais de sentido. Eu sabia que tinha que haver uma razão para ele ter comprado.

Com cautela, espiei por dentro e avistei uma escadaria ao fundo. Havia lâmpadas em toda a parede, mas quando apurei os ouvidos, não consegui escutar nem mesmo o som de seus passos.

— Kai? — chamei. — Onde você está?

Porém minhas palavras soaram no vazio. Qual era a profundidade daquilo?

Coloquei uma mecha atrás da orelha e fechei mais a jaqueta contra a corrente de ar frio que circulava. Desci devagar, deixando a entrada atrás de mim ainda aberta, só por precaução.

Os degraus eram de arenito e as paredes estavam revestidas de fios interligados às fontes de iluminação instalada em pequenos intervalos. Continuei descendo a escada em espiral, agarrada à parede em busca de apoio e sentindo o ar se tornar cada vez mais frio à medida que avançava. Círculo após círculo após círculo, precisei me concentrar várias vezes para não ficar tonta.

Para que servia tudo isso?

Depois do que pareceu uma eternidade, finalmente cheguei ao final, vendo um túnel à frente. A luz tênue da lua incidia do alto, e por mais que soubesse que não precisava ter medo, ainda assim, sentia um pouco. Se Kai estava mantendo isso em segredo, o que mais ele poderia estar escondendo? *Apenas vá, Banks*. Quanto menos soubesse, maior é o medo, então vá em frente e descubra mais.

Fui andando e mantendo olhos e ouvidos atentos. Pisei em uma grade de aço e quando olhei para baixo, vi o fluxo de água. Acima havia outra grade por onde era possível ver o céu escuro e estrelado. Era um esgoto para o escoamento da chuva. As paredes de pedra e o túnel haviam sido construídos há várias décadas, provavelmente. Vários arcos se abriam à minha direita, e era bem possível que fossem desvios para outras áreas da cidade, mas agora as passagens se encontravam obstruídas. Só havia um sentido a percorrer. Em frente.

— Kai? — gritei novamente, olhando adiante. — Kai, você está aí embaixo?

Claro, ele não respondeu. Talvez ele não pudesse mais me ouvir.

Acelerei meus passos e desci o túnel, chegando em outra escada. Olhei para cima, incapaz de ver o topo. Parecia não acabar nunca.

Engoli, sentindo a garganta seca. Eu já estava sem comer ou beber alguma coisa há horas.

Bem, pelo menos estava subindo. E isso devia ser bom, não é? O topo devia estar no nível do solo.

Subi às pressas, olhando por cima do ombro diversas vezes para garantir que não havia nada assustador na minha cola. Os músculos das minhas pernas começaram a gritar em protesto, e diminuí a velocidade um pouco, não acostumada a uma inclinação tão íngreme. Onde será que isso dava?

Chegando ao topo, vi uma porta se abrindo em uma sala, exatamente como a que atravesssei.

Estendi a mão e empurrei a parede um pouco mais para conferir, vendo a divisória se afastar facilmente. Que diabos era isso?

Entrei em uma sala enorme com tetos abobadados e móveis. O piso de madeira brilhava à luz que provinha da lareira acesa, e um longo tapete persa se encontrava sob os sofás de couro preto e as elegantes mesas de madeira. As paredes estavam adornadas com todo tipo de arte, uma luminária prateada ficava sobre uma mesa cheia de papéis. Música vinha de algum lugar fora do escritório.

Meu pulso disparou.

Segui o som pela sala e entrei em um grande vestíbulo, o tempo inteiro olhando para os lados a fim de conferir o espaço vazio acima de mim. Girei em um pequeno círculo, assombrada.

— Meu Deus... — sussurrei, trêmula.

Outra sala, uma de estar, possivelmente, ficava do outro lado do corredor; havia uma grande escadaria atrás de mim, que se abria em dois corredores de cada lado, levando ao fundo da...

Casa.

Isto era uma casa.

A casa dele.

Tudo o que imaginei que o lugar onde Kai moraria poderia ser. Muito mais até.

Eu podia sentir o cheiro da tinta fresca enquanto observava as molduras ornamentadas que adornavam as fotografias nas paredes, e as belas mesas, cadeiras e sofás espalhados por todo o escritório e sala de estar. Um lustre de cristal pendia logo acima, tilintando com a leve brisa que entrava no túnel.

Era uma casa projetada por um homem que se preocupava com detalhes, refletindo suas heranças japonesas e italianas. Elegante, equilibrado e organizado, mas também decorado, rico em detalhes e exuberante como uma mansão europeia.

Subi a escadaria escura, seguindo a música enquanto meu corpo se enchia de adrenalina. Os amigos dele conheciam esse lugar?

Era grande e espaçoso, mas também secreto e aconchegante. Como uma câmara escondida e cercada pelo mundo exterior.

Como se ele tivesse criado seu próprio confessionário aqui.

Ou... seus próprios Campanário, sepultura, *The Pope*...

Continuei andando pelo corredor do andar de cima, seguindo o

som da melodia que identifiquei como uma versão do *Paint It, Black*, até passar por um quarto com a porta aberta e parada.

A cama de dossel preta estava perfeitamente arrumada, lençóis brancos, edredom e travesseiros, e, quando entrei, avistei uma imagem imensa emoldurada na parede. Uma noite chuvosa e escura com um sol vermelho, tsurus voando...

E aquele símbolo japonês bem ao centro. O mesmo que figurava a placa do *Sensou*.

Guerra. Era o que aquilo significava. Assim como o nome do lugar.

Ouvi o chuveiro sendo desligado, e andei em direção à porta, virando e deparando-me com a suíte.

Kai estava parado no grande espelho redondo, com uma toalha enrolada no quadril enquanto passava as mãos pelo cabelo. Gotas de água brilhavam em suas costas e vapor enchia a sala.

— Kai.

Ele fez uma pausa, fixando o olhar em mim através do espelho.

— O que é isso? — perguntei, entrando devagar.

— A casa na colina.

— E esta é a sua casa? — deduzi. — Sua casa de verdade?

Eu já sabia a resposta – seu cheiro estava em toda parte –, mas não tinha mais certeza de nada e precisava ouvi-lo admitir.

Ele assentiu, sorrindo.

— Você não achou, de verdade, que eu morasse naquele lixão, não é?

Bufei uma risada, mas estava prestes a cair no choro também. Eu estava tão cansada.

— Kai, Jesus...

Comecei a protestar, louca para questionar a razão de tudo aquilo, o porquê mantinha aquele lugar em segredo, mas ele se virou, balançando a cabeça.

— Apenas me dê dez minutos, okay? — pediu, parecendo tão cansado quanto eu. — Apenas me dê dez minutos com você, e então podemos conversar a sério.

Kai andou até onde eu estava e retirou meu casaco, colocando-o sobre um banco próximo à imensa banheira branca. A água já a enchia enquanto as bolhas de sabão subiam à superfície. Por instinto, estava prestes a discutir com ele, mas fui interrompida com suas palavras:

— Eu vou explicar tudo em dez minutos.

Senti as pálpebras pesarem e deduzi que já devia ser bem tarde. Deixei que me despisse, livrando-me de todas as peças, e em nenhum momento ele tentou me beijar ou me acariciar, embora não tivesse me importado com isso se meu cansaço não fosse tão grande.

— Entre na banheira — instruiu.

Fiz o que me pediu e senti, de imediato, os arrepios deliciosos que se espalharam pelas pernas enquanto a água quente aquecia minha pele. Sentei-me devagar e ergui os joelhos, abraçando-os contra o peito. Pensei que Kai se juntaria a mim, mas ele pegou uma calça e começou a vesti-la.

Mordi meu lábio inferior quando algo sob minha pele se agitou ao contemplar sua nudez. Ele ergueu a cabeça e desviei o olhar, mas detectei o sorriso idiota quando me encarou.

Colocando minhas roupas sobre o balcão, sentou-se na banqueta ao lado e pegou uma esponja de banho, mergulhando-a na água. Em seguida, afastou meu cabelo por cima do ombro e passou a ensaboar minhas costas.

Virei a cabeça e tentei retirar a esponja de sua mão.

— Eu posso fazer isso.

No entanto, ele a tirou do meu alcance e disse com gentileza:

— Sei disso.

Eu não gostava que ninguém fizesse as coisas por mim. Sentia-me desconfortável quando tentavam cuidar do meu bem-estar. Não estava acostumada a aquilo.

Mergulhando a esponja novamente, ele espremeu a água nas minhas costas, deixando-a cair em minha pele, e fechei os olhos, rendendo-me.

— Aahh... — suspirei.

Minha cabeça pendeu para o lado quando ele começou a esfregar meu ombro e pescoço, a sensação como a de um cobertor quentinho. Nós não conversamos, e ele não precisou me dar ordens, simplesmente inclinando minha cabeça para trás e derramando água sobre meu cabelo antes de lavá-lo. O tempo todo, meus olhos se mantiveram fechados. Seus dedos no meu couro cabeludo, a água quente, o cheiro dele e de seu sabonete de banho me deixaram zonha e chapada. Nunca havia me sentido tão bem em toda a minha vida.

Quase me senti feliz.

Depois de lavar o meu cabelo, ele lavou meu corpo, deslizando a esponja entre as minhas pernas. Abri os olhos, em alerta.

— Use suas mãos — eu disse a ele. — A sensação é mais gostosa.

Seus lábios se curvaram em um sorriso quando ele soltou o material e passou a ensaboar as mãos. Ele as deslizou, em seguida, por entre minhas pernas, pairando ao redor enquanto me dava banho.

Estava prestes a fechar os olhos outra vez quando ouvi o som de um telefone.

Kai virou a cabeça, tentando enxergar a tela do celular em cima da pia. Então suspirou e afastou as mãos, secando-as.

— O que houve? — Sentei-me, abraçando os joelhos.

Ele olhou para o telefone com o cenho franzido, lendo a mensagem, e se pôs de pé.

— Michael — informou, inclinando-se e beijando minha testa. — Ele está no portão. Preciso lidar com ele. Tenho roupas no quarto, então encontre algo que queira usar para dormir e vou trazer alguma coisa de comer quando estiver de volta, tudo bem?

Assenti, relutante, observando enquanto ele se afastava e desaparecia pelo corredor.

Então, obviamente, seus amigos sabiam onde ele morava. Embora me perguntasse se eles já haviam estado aqui na colina. Quando o investiguei, não encontrei nenhuma indicação da existência desse refúgio. Nunca vi Kai ou seus amigos se dirigindo a essa casa.

E eu precisava admitir que era um lugar lindo. E, claro, estive certa o tempo todo, já que não havia como ele morar naquele casebre.

Terminei meu banho e puxei a tampa do ralo, levantando-me. Peguei uma toalha na prateleira mais próxima e sequei-me, tirando toda a espuma. Em seguida, enrolei-me no tecido macio e felpudo.

Depois de pentear o cabelo – e sentir o cheiro da embalagem de seu perfume –, voltei ao quarto para escolher uma camiseta dentro de uma gaveta. Eu sempre usava as coisas do meu irmão, porque era isso que ele me dava para vestir, mas acabei sorrindo quando vesti a camiseta de Kai. Queria sentir suas roupas e seu cheiro envolvendo corpo.

Encarei a porta do quarto e, rapidamente, levei a toalha para o banheiro, joguei-a no cesto e dobrei minhas roupas para deixá-las sobre a pia.

— Não! — Ouvi um grito e parei, virando a cabeça.

— Como você teve coragem de levá-la para perto daquele filho da puta? — outra voz berrou.

Michael. Fiquei surpresa por ouvi-lo até aqui.

Larguei as roupas e andei devagar pelo quarto e corredor, chegando ao topo da escada. Olhando por cima, avistei o vestíbulo vazio, mas lembrei que estava usando apenas uma camiseta, logo, não poderia descer até lá. No entanto, fui até o último degrau e parei, ouvindo os ruídos que vinham do escritório.

— Eu não preciso te pedir permissão para fazer coisa alguma. Ela faz suas escolhas! — Kai retrucou, irritado.

Ela? Será que ele se referia a mim?

— Rika é minha! — A voz de Michael baixou, mas a fúria ainda era palpável. — *Minha* companheira, se você tem algum conceito do que diabos isso significa. Tomamos decisões juntos!

— Vocês por acaso repararam que estou aqui?! — Ouvi Rika gritar. — Falem comigo!

Ah, era sobre ela que estavam discutindo. Então era provável que Michael tenha ficado sabendo do jantar hoje à noite. Deduzi que Kai não deveria ter deixado Rika ir à casa de Gabriel, pelo jeito.

Avistei Will recostado contra a parede, com os braços cruzados enquanto apenas observava.

Kai continuou:

— Foi você mesmo quem disse que Rika é uma de nós. Ela pode aguentar o tranco. Ela é igual, então...

— Ela não é igual! — Michael gritou.

E todo mundo ficou em silêncio.

Droga, eu gostaria de poder ver seus rostos.

— Ela nunca será igual! — ele continuou. — Ela sempre significará mais do que vocês.

Meu coração disparou, e eu só conseguia imaginar o rosto de Kai quando essas palavras pairaram no ar. Teria ele ficado magoado por conta do que Michael disse?

Mas, se fosse comigo, eu também não esperaria significar mais do que tudo, incluindo os amigos, para o homem com quem me casaria?

A julgar pelo silêncio da sala, todos deviam estar percebendo que a dinâmica do grupo agora era diferente do que era antes.

— Eu amo vocês — disse Michael —, mas vocês são burros, porra? Vocês são meus amigos, enquanto *ela é tudo* para mim. Talvez um dia entendam o que diabos estou tentando dizer.

Quando dei por mim, ele entrou no vestíbulo e seguiu em direção à porta, levando Rika pela mão. Ela lançou um olhar triste para os caras. Na mesma hora recuei para as sombras, fora da vista.

Era nítido que ela estava triste por eles terem discutido aos gritos, mas o que se poderia esperar? Michael deve ter ficado aterrorizado por ela.

E ele, com certeza, não era o único homem que não queria sua mulher perto do meu pai.

Depois que se foram, Kai e Will entraram no vestíbulo, parecendo abatidos.

— O que isto significa? — Will perguntou, olhando para o amigo.

Porém Kai apenas encarou a porta por onde Michael havia saído.

— Isso significa que precisamos de novos cavaleiros.

Capítulo 22

Banks

Dias atuais...

— Olá? — uma voz alegre perfurou meu sono.

Fechei os olhos com força, finalmente percebendo a luz brilhante mesmo por trás das pálpebras. Que merda...? Estava me sentindo um bagaço.

Bocejei, rolando e esticando os braços para cima quando ouvi uma porta se fechando e o farfalhar de sacolas.

— Eu acordei você?

— Dãã... — resmunguei, reconhecendo a voz de Alex.

Sério, qual era a dessa garota? Cada vez que me virara, dava de cara com ela violando meu espaço seguro. Eu queria que ela não gostasse tanto de mim.

Pisquei para abrir os olhos, bocejando novamente.

— Que horas são?

Sem esperar por uma resposta, virei de um lado ao outro em busca de um relógio sobre as mesinhas de cabeceira do quarto de Kai. Devo ter adormecido antes que ele subisse as escadas ontem à noite. Ele e Will ficaram conversando depois da saída de Michael, então me deitei, enrolada em sua camiseta, disposta a esperar.

— Não há relógios aqui — pensei em voz alta, sentando-me.

— Isso aí. — Ela se aproximou e jogou-me ao meu lado, onde os lençóis estavam emaranhados onde Kai havia dormido.

Fiz uma careta, meio desapontada por ter desmaiado de sono quando havíamos compartilhado a mesma cama pela primeira vez.

— Esta casa é como outra dimensão onde o tempo não existe, aparentemente. — Ela gesticulou os dedos à frente, com um som fantasmagórico. — São duas e meia — informou, depois de verificar a tela do celular.

— Da tarde?

Assentiu, colocando um braço embaixo da cabeça.

— Você devia estar bem cansada.

— E Kai simplesmente me largou aqui? — Afastei as cobertas.

— Claro que não. Ele trabalhou de casa hoje — esclareceu —, então ficou aqui o tempo todo, mas agora está ocupado com o serviço de *buffet*, e como acabei de chegar, ele me pediu para vir te acordar.

Olhei para ela.

— Serviço de *buffet*?

— Para a festa? — ela apontou, tentando reavivar minha memória. — A festa do pijama que Will queria fazer na Noite do

Diabo?

Ah, é mesmo. Lembrei-me de ter ouvido algo sobre aquilo por alto. Não sabia que Kai seria o anfitrião.

Eu me levantei da cama, sentindo o cheiro de café e pão, notando uma bandeja perto da porta.

— Mas a Noite do Diabo não é só daqui a alguns dias? — Minha pergunta foi retórica.

— Sim, mas eles são homens agora. Nada de festas nos dias em que trabalham à noite.

Ela sorriu com candura enquanto eu procurava minhas roupas. Ah, claro. Eu as havia deixado no banheiro.

— Eu tenho um monte de coisa para fazer. — Enfie-me no banheiro da suíte em busca das roupas sobre a pia, mas não as vi em lugar nenhum. *Merda!*

Se Kai assinou o contrato, talvez Damon já tivesse ficado sabendo e poderia chegar em casa a qualquer momento. Eu precisava falar com ele. Será que ele disse a verdade sobre Natalya?

— Você não tem nada para fazer — ela disse, a voz agora mais perto —, nada com que se preocupar e pensar. Kai está lidando com seu chefe, ainda não há nenhuma novidade sobre o retorno de Damon, e você não tem absolutamente nada para fazer hoje. Então, coma.

Voltei para o quarto enquanto ela colocava a bandeja de comida na cama.

— Eu não consigo comer — retruquei. — Não posso ficar aqui. Eu...

Parei de falar, seguindo até a cômoda. Abri algumas gavetas e procurei por alguma peça de roupa que pudesse usar. Por fim, achei uma calça de moletom na terceira gaveta.

— Você pode fazer o que quiser — ela ralhcou, em um tom sério. — E eu diria que todos nós devemos nos divertir, não é?

Sorri, mesmo sem querer. *Do que você está falando? Diversão? Nunca ouvi falar disso.*

— Se você for embora — alertou —, Kai vai atrás de você. E então todos nós o seguiremos. E é bem capaz que vai acabar dando merda. Vamos lá, uma noite não fará diferença.

Parei o que estava fazendo. Sim, Kai *iria* atrás de mim. Não duvidava nem por um minuto disso. Se, por algum milagre encontrasse Damon, eu precisava estar sozinha.

— Agora... — Ela sorriu enquanto caminhava até as sacolas de lojas que estavam sobre uma cadeira, o brilho no olhar indicando que saíra vitoriosa na discussão. — Sabendo que você é tímida, tomei a liberdade de escolher pijaminhas especiais para você para a festa de hoje à noite.



Horas depois – e algumas bebidas que Alex me coagiu a beber –, criei coragem para descer à festa já rolando. Kai saiu de casa depois que comi o almoço tardio que Alex havia levado para mim, então não o tinha visto desde a noite passada.

Fiquei me perguntando se talvez ele estivesse preocupado. Ou de mau humor por conta da discussão com Michael no dia anterior. Ou se estava com raiva de mim. Talvez ele achasse que eu fosse culpada por tudo aquilo, por ter se sentido obrigado a assinar o contrato, e, mesmo que eu soubesse que não tinha culpa nenhuma, também sabia que estávamos nos envolvendo cada vez mais. E isso era definitivamente, em parte, minha culpa.

Se ele soubesse que Damon era meu irmão, poderia entender por que meus sentimentos eram tão fortes e não teria que esperar que fizesse escolhas que sabia que eu não poderia fazer.

Eu deveria contar a ele. Um segredo a menos, certo? Mas não havia garantia de que ele desistiria da vingança e, além do mais, mesmo sem ter me usado como um trunfo ainda, poderia acabar fazendo isso. Eu não queria que ele soubesse *exatamente* o que tinha em mãos.

No entanto, definitivamente, eu precisava conversar com Kai. O que ele ia fazer com o contrato? E se Vanessa aparecesse por aqui?

E por que ele manteve essa casa às escondidas? Por que a entrada secreta?

Arggh. Talvez eu devesse usar aqueles “pijamas” que Alex comprou para mim, afinal. Talvez a mente dele se abrisse em um estalo e ele se tornasse mais acessível?

Humm... não. De jeito nenhum eu usaria uma regata preta combinando com uma calcinha da mesma cor e que podiam ser visíveis por baixo de uma saia longa e transparente. Ela até tentou me fazer usar saltos, pelo amor de Deus.

Arranquei o pijama e vasculhei as gavetas de Kai até encontrar um par de boxers. Depois peguei uma de suas camisas sociais brancas no armário. Deixei que ela passasse um pouco de delineador, rímel e batom, mas meu cabelo ficou bagunçado. Brinquei dizendo que queria conservar o visual fofo e amarrotado da cama, quando, na verdade, eu não queria era uma baita produção. Não que não gostasse de me arrumar e ajeitar o cabelo, mas, uma coisa de cada vez. Eu precisava me sentir ainda do jeito que sempre fui. Muita coisa estava acontecendo rápido demais.

Mas pelo menos eu estava mais vestida do que ela em um minúsculo short de seda vermelha com detalhes rendados e um

espartilho listrado. Talvez até pudesse me arriscar em usar algo assim, só que, definitivamente, em privado.

— Vamos. — Segurou minha mão.

Adentramos o corredor imerso em penumbra. Olhei de um lado ao outro, avistando as luzes apagadas dando lugar às velas que brilhavam em seus castiçais nas mesinhas alinhadas ao longo da parede. Música soava no andar inferior, e o som distinto da campainha se fez ouvir em meio a risos e conversas, saltos altos e copos tilintando.

Quando cheguei ao topo da escada e vi a quantidade de pessoas que estavam ali, travei. Algumas eu reconhecia de Thunder Bay – antigos colegas de turma de Damon –, e outras, como jogadores do Storm, time de Michael.

— Não gosto... — Soltei-me de seu agarre. — Não sei se pertencço a este lugar. Não gosto disso. Acho que...

Eu não sabia o que dizer. Meu corpo estava coberto, e, no *The Pope*, anos atrás, corri pelos corredores em nada mais do que as boxers por baixo do agasalho, mas agora...

Olhei para todas essas mulheres vestidas em suas *lingeries*. Sensuais. Bronzeadas. Bonitas. Eu não queria me vestir daquele jeito, mas também não achava que me encaixava ali. A única pessoa para quem eu queria usar essas coisas era Kai, e nem mesmo pude fazer isso. Essa era a praia dele, não a minha.

Recuei um passo. Seria mais divertido ficar aqui em cima e explorar o resto da casa de qualquer maneira. Havia dezenas de quartos, e, certamente, um sótão. Sem mencionar que, já que havia uma passagem secreta no escritório, era capaz de que houvesse mais espalhadas. Qualquer coisa seria mais divertida do que isso.

No entanto, mãos agarraram meus quadris por trás, e o sussurro de Kai, de repente, ressoou em meu ouvido:

— Onde acha que vai?

Cruzei os braços sobre o peito.

— Não gosto de me exibir para o público masculino.

Seu peito tremia com uma risada.

— Bom, fico feliz em ouvir isso, porque sou o único homem cuja atenção você deveria estar tentando chamar e, querida, você conseguiu isso anos atrás, mesmo enquanto usava as roupas de outro cara. — Ele beijou minha têmpora, o hálito quente enviando calafrios na minha espinha. — Então, você pode imaginar como está linda agora usando as minhas.

Meu coração acelerou, e, de repente, enchi-me de coragem.

Sem outra palavra, ele passou por mim, descendo as escadas, a fim de cumprimentar seus convidados. Observei os músculos de suas costas, visíveis por estar usando apenas a calça do pijama como

muitos outros ali. Na mesma hora, senti meu corpo aquecer. Porém, já não estava tão nervosa, então desci as escadas ao lado de Alex.

A festa não estava tão cheia quanto pensei. O andar inferior poderia comportar facilmente mais de cem pessoas, mas parecia haver apenas entre setenta e oitenta dos amigos íntimos da turma deles. Jogadores de basquete, colegas de trabalho, velhos amigos do ensino médio...

E o local estava montado como uma festa do pijama, de acordo com o tema das roupas escolhidas por Will.

Mesas enchiam a sala de jantar, recheadas de uma variedade sem fim de lanches, enquanto *Heavy In Your Arms* tocava pelo alto-falante da casa.

Garçons circulavam com mais aperitivos, incluindo taças de vinho cheias de leite, cobertas com um enorme biscoito de M&M com lascas de chocolate. Dei um sorriso, adorando aquela sensação da infância. Não que qualquer uma das *minhas* lembranças remetesse àquilo, mas eu achava que era assim que uma criança devia crescer. Almofadas enormes estavam espalhadas ao redor; jovens mulheres vestidas em camisolas sensuais e com pijamas mais bem-comportados como o meu, achavam-se deitadas enquanto lanchavam e batiam papo.

Havia até mesmo uma bela tenda no canto da sala, feita de lençóis e amarrada com luzes brancas de Natal brilhando no interior.

— Isso não parece nem um pouco o estilo de Kai. — Olhei em volta, percebendo como a atmosfera havia deixado as pessoas meio divertidas. Um cara, com mais de um metro e oitenta, se enfiava dentro da tenda logo atrás de sua namorada eufórica.

— E não é mesmo. — Ela engoliu uma dose de *Patrón* e chupou uma fatia de limão. — Eu planejei isso.

— Por quê?

Alex deu de ombros.

— Will precisava se divertir com seus amigos. Kai achou que era uma boa ideia, então ofereceu a casa dele. Até que enfim.

Ela me estendeu uma dose, mas neguei com a cabeça. Eu ainda estava nervosa e queria manter a lucidez.

— Se Kai tivesse mais habilidade — disse uma voz masculina —, ele teria dado um jeito de ter você, sem precisar assinar um contrato.

Eu me virei, vendo Michael se aproximar de mim. E ele não parecia estar brincando.

No entanto, Kai o seguiu, balançando a cabeça.

— Cale a boca — ele resmungou.

Michael estava sem camisa e usava uma calça de pijama preta, os olhos me examinando de cima a baixo.

— Você fica ótima quando está arrumada. — Ele sorriu, baixando a voz para um sussurro: — Ainda melhor do que na última vez em que te vi de pijama.

Parei de respirar, temendo o pior, mas ele se virou para observar a festa junto com Kai. A última vez que ele me viu de pijama foi há seis anos, e embora Kai pensasse que ele devia estar se referindo àquela noite, no *The Pope*, o sussurro silencioso de Michael insinuava a maneira como ele havia se esgueirado na cama de Damon e em cima de mim bem antes. No dia em que descobriu que eu era irmã de seu amigo.

Então, ele sabia quem eu era. E daí? Ele também sabia que isso não mudava nada, e o que percebi é que Michael só interferia em algo quando era necessário. Damon sempre gostou disso nele. Enquanto Will era intrometido e Kai tentava comandar, Michael raramente interferia na forma como meu irmão gostava de se divertir.

Kai descobriria em breve, mas eu esperava que não o fizesse ainda.

— Vocês dois estavam prestes a pular um no outro ontem à noite — indiquei, mudando de assunto. — O que aconteceu?

Por que, subitamente, Michael estava ali participando de uma festa como se nada tivesse acontecido antes?

Ele bebeu sua cerveja e abaixou o copo.

— Nada. A gente discuti e seguiu em frente. Não somos como garotas.

Idiota.

— Que diabos ela está vestindo? — Kai perguntou, olhando para o vestíbulo.

Segui seu olhar, vendo Rika entrar e entregar o casaco para a atendente. Ela usava shorts de dormir com abacates por toda parte e uma camiseta combinando que dizia: *Eu AbacaTe Amo*.

Michael começou a rir baixinho, balançando a cabeça.

— Não acredito que ela ainda tem esse pijama. Minha mãe deu de presente quando ela tinha uns quinze anos, e eu me senti mal pra caralho por ela. Mas ela usava isso de qualquer maneira. Acho que foi por isso que voltou em casa hoje.

Ele andou até onde ela estava, e vi quando Rika tentou disfarçar o riso envergonhado quando Michael a pegou no colo, gargalhando.

— Então, era permitido usar pijamas normais? — Encarei Alex, que evitou o meu olhar.

— Como eu disse, você pode fazer o que quiser.

Sim.

Eu precisava pegar o jeito disso.



Segunda porta depois da escada.

As velas estavam quase derretidas, então Kai me pediu para pegar mais um punhado no armário do corredor. Eu sabia que algumas das portas davam para o porão ou eram usadas como armários, então encontrei a designada e girei a maçaneta, vendo que era um imenso *closet*. Entrei, vendo que as prateleiras alinhavam-se ao redor, meu dedo firmemente preso à alça do castiçal quando ergui o braço para puxar a corrente que servia como interruptor.

A corrente estalou, mas a luz não acendeu. Olhei à volta, ainda conseguindo ter uma boa visão.

Tudo bem. Velas, velas, velas... Onde estavam?

Inclinando-me, coloquei o castiçal no chão e vasculhei por entre as prateleiras, movendo as coisas para fora do caminho, e meio que me perguntando por que raios estava procurando por aquilo quando havia lanternas e baterias extra bem aqui, na minha frente. Mas as pessoas ricas gostavam de fazer festas à luz de velas, então...

Finalmente avistei as malditas velas do outro lado. Porém, de repente, a porta se fechou e o armário se transformou em penumbra, iluminado apenas pela pequena chama no castiçal. Dei a volta, endireitando o corpo.

— Então, soube que você chutou a bunda da Rika — comentou Michael, bloqueando a porta e se movendo na minha direção. Ele era alto e imponente, e de jeito nenhum eu conseguiria contorná-lo.

Meu coração bateu mais forte, mas afastei o temor.

Era apenas Michael.

— Eu não saí ilesa — admiti, virando para o armário.

— Ouvi dizer que você fez um comentário sobre ela “aguentar dos dois lados”.

Eu ri baixinho, encarando-o novamente.

— E você está aqui para lutar por sua honra?

— Rika pode lutar suas próprias batalhas.

Com toda a certeza.

E era óbvio que ela não tinha nenhuma escolha a não ser fazer exatamente isso, porque Michael não era do tipo de agir por ciúmes, raiva ou possessividade. Ele não era de se incomodar com gestos grandiosos, não é mesmo?

Balancei a cabeça.

— Meu Deus, você tem algum orgulho?

Ele me empurrou de volta contra as prateleiras, derrubando as velas da minha mão. Pairando acima de mim, eu mal conseguiria enxergar um palmo à frente, exceto o peito largo. Tentei me acalmar.

— O que acha disso? — ele perguntou, fervendo. — Rika sempre fez parte da minha vida e sempre a amei. Ela é o meu nascer do sol. Sempre foi. E tudo o que fazemos, fazemos juntos. Tudo. — Entreceerrou os dentes. — Ninguém tem o direito de nos julgar, e vamos passar por cima de qualquer um que tentar fazer isso. Você entendeu? Olhe no maldito espelho da próxima vez que quiser caluniar algo sobre ela. Tudo o que você verá é seu próprio ódio e ciúme. Você não sabe muita coisa sobre nós dois.

Eu o encarei de volta, ambos impassíveis, mas meu pulso estava acelerando a uma velocidade alarmante agora. Eu teria me importado se tivesse sido Will naquele trio na sauna?

Não. Até poderia não compartilhar essa mente aberta, mas não teria me importado. Ele estava certo. Eu estava mordida de ciúme.

E esse era um problema meu. Não dela.

A luz incidiu sobre o armário, e quando olhei por cima do ombro de Michael, deparei com Kai à porta. Ele deve ter vindo me procurar.

Michael se virou, mas não saiu da minha frente. Aproveitei a deixa para me abaixar e pegar as velas, reparando no olhar entrecerrado de Kai ante a cena. No mínimo estava pensando o pior.

— O que está acontecendo? — Ouvi uma voz feminina e ergui a cabeça, avistando Rika ao lado dele.

Ai, que maravilha. A festa toda estava aqui.

— Estava prestes a perguntar isso — informou Kai, ainda encarando o amigo.

Até que Michael finalmente se afastou.

— Apenas dando um conselho.

Kai entrou, sendo seguido por Rika, que fechou a porta.

— Você está bem? — ele perguntou, aproximando-se de mim.

— Ela está bem — Michael se intrometeu.

— Estou perguntando a ela.

Kai o encarou, mas Rika deu um passo à frente, colocando-se entre eles.

— Você não precisava dizer nada — ela disse para o noivo. — Se a situação fosse inversa, eu também me sentiria estranha quanto ao que aconteceu.

— Eu não me sinto estranha — interrompi. — Como está o nariz, a propósito?

Ela balançou a cabeça, dando um meio-sorriso. Vindo até mim, disse:

— Eu não sou uma ameaça para você, okay? Eu amo Kai, mas não sou uma ameaça para você.

— Não estou nem aí. — Tentei passar por todos eles. — Deixe-me sair.

— Eu acho que você está, sim. — Michael entrou no meu caminho, mas não me tocou. — E acho que se importa pra caralho, de fato. E meio que te entendo. Quer ficar quite?

Fiz uma pausa, olhando para ele, confusa.

— O quê?

Ficar quite? Tipo...?

— Do que você está falando? — Rika perguntou a ele.

Ele se virou para ela, lançando um rápido olhar para o amigo.

— Kai já transou com você. Por que eu não deveria transar com ela uma vez?

— Você está louco? — Kai interferiu, avançando no espaço pessoal de Michael. — Eu não compartilho.

— Desde quando? — Seu amigo se endireitou, os dois se encarando em desafio. — Por que não a deixa decidir? Veja o que ela diz.

Kai parecia meio desorientado. Como se não tivesse certeza se deveria rir ou partir para cima do amigo.

Eu permaneci lá, boquiaberta, tentando decidir se aquilo era uma piada ou não. Rika não parecia nem um pouco confusa, no entanto. Ela olhou para Michael, como se estivesse preocupada.

— Você é muito bonita — disse Michael, voltando-se para mim, o olhar suavizando. — Rika transou com Kai. Você quer transar comigo? Dessa forma, ficamos todos quites.

Eu estava pasma. Ele não podia estar falando sério.

— Michael. — Rika se aproximou. — Não gosto desse jogo.

— Estou jogando? — perguntou a ela.

O corpo dela tensionou na mesma hora.

Dei de cara com o olhar fixo de Kai em mim. Talvez ele estivesse esperando o que teria a dizer sobre o assunto, mas se escolhesse errado, ele interviria.

De forma alguma ele aceitaria compartilhar. Contive um sorriso, embora também quisesse que ele não o fizesse.

Observei Rika encarar Michael, assim como percebi que ele vacilou ao vê-la chateada. Ele estava me sacaneando. Ambos se pertenciam e sabiam exatamente quem eram e o que queriam.

No entanto, não gostei de ser alvo da zoação de Michael, e decidi que poderia lhe dar o troco. Eu também sabia jogar.

Eu o afastei de mim.

— Transar com você me coloca em pé de igualdade com ela? — questionei. — Meu objetivo não é tão baixo. Eu quero estar em pé de igualdade com Kai.

Suas sobrancelhas franziram em confusão. Encontrei o olhar de Rika, e ela abriu um sorriso.

— Ela é esperta, não é?

— O que está acontecendo? — Michael perguntou, olhando de uma à outra. — O que isso quer dizer?

Estendendo a mão, Rika pegou a minha e gentilmente me puxou para ela.

— Isso significa que, se Kai pôde transar comigo, ela também pode. — E então olhou para Michael. — O quê? Sejamos justos, não é?

Ele franziu a testa, virando-se para Kai, que ficou ali, completamente chocado.

Meu coração disparou, e eu já não tinha certeza se estava blefando quando disse aquilo, ou se iria tão longe quanto dei a entender antes de pensar – como sempre –, mas tinha apenas uma certeza: adorei a sensação dos olhos de Kai às minhas costas agora. Eu amava quando ele me observava e sabia que tudo aquilo era para ele.

Ela segurou meus quadris e abriu a boca para protestar:

— Eu não...

— O que você mais gosta que ele faça? — ela sussurrou, aproximando-se.

— Humm... q-quando u-usa os d-dentes? — gaguejei. — Ele morde meus lábios.

Ela ofegou, sua boca pairando sobre a minha.

— Sim, eu gosto quando Michael faz isso também. — E foi exatamente o que ela fez, puxando meu lábio inferior entre seus dentes.

Gemi baixinho, sentindo-me estremecer com o desejo crescente.

— Só que... o Michael — seu hálito soprou no meu ouvido — me morde aqui.

Pegou minha mão e fez com que eu mesma me tocasse. Dei um sorriso, excitada.

— Merda.

Ela me beijou e foi a minha vez de colocar as mãos em seus quadris, retribuindo. Que porra eu estava fazendo?

Rika fechou os olhos, mordendo meu lábio inferior novamente e passando a língua pelo de cima; seu hálito quente e suave me aqueceu em todo lugar. Eu gemia, sentindo o latejar intenso entre as pernas.

— Você precisava ver a cara deles — ela sussurrou, mordiscando meu ouvido. — Eles estão quase loucos.

Meu corpo sacudiu com uma risada e inclinei a cabeça para trás, deixando seus lábios devorarem meu pescoço. Eu amava vê-lo me observando. Amava que estivesse me vendo sentir prazer.

Abaixando a cabeça novamente, deixei o cabelo cobrir meus olhos quando me inclinei perto dela, pressionando nossos corpos juntos, assumindo o comando. Empurrei seu corpo contra as prateleiras, segurando seu rosto enquanto a beijava novamente,

surpresa quando ela gemeu e se esfregou em mim.

— Toque-me — ela ofegou contra os meus lábios.

— Puta merda — Michael arfou.

Um sorriso lento se espalhou em minha boca, que devorava a dela, e devagar comecei a deslizar as mãos por baixo de sua blusa. Na mesma hora, ela a retirou por cima da cabeça, expondo os seios nus. Mordi meu lábio e encontrei seu olhar quando segurei um deles com a mão.

Ela soltou um gemido.

— Banks... — Ouvi o gemido de Kai, mas não olhei para ele.

Rika começou a desabotoar minha camisa, e era como se todos os nervos sob minha pele desejassem seu toque. Não consegui arrancar a blusa rápido o bastante. Eu podia *sentir* a língua de Kai na minha coluna, mesmo que ele não estivesse me tocando. Sentia seus dentes e suas mãos nos meus seios.

A camisa caiu no chão e nós nos pressionamos uma à outra, roçando nossos mamilos. Devorei seus lábios novamente, louca para contemplar a expressão de Kai. No entanto, não sabia se deveria me virar, pois não queria quebrar o feitiço ainda. E se ele estivesse com raiva?

Nós nos beijamos, lambemos, ofegamos e mordemos, e cada centímetro da minha pele se resfriou com uma fina camada de suor quando ela apertou um dos meus seios e correu a língua pela minha garganta. Friccionamos nossos quadris, nos esfregando. Minha nossa, eu estava encharcada.

— Tire a boxer dela, Rika — disse Kai, de repente, com a voz rouca. Como se estivesse sem fôlego.

Ela sorriu, encorajada e enfiou os dedos pelo elástico da cintura, puxando a peça para baixo. Livrei-me da roupa, sorrindo. Fiz o mesmo com ela, empurrando seu short do pijama, quase todas as nossas roupas empilhadas no chão enquanto continuávamos a nos esfregar uma contra a outra.

Até que finalmente virei a cabeça, enquanto ela mordiscava minha orelha. Michael estava atrás de nós, mas Kai havia se movido para o canto da porta para ter uma melhor vista. Ele nos assistiu, seu corpo dolorosamente tenso, seu pau grosso e duro projetando contra a calça.

Nós duas encaramos os caras enquanto nos abraçávamos, face a face; Rika depositava beijos suaves nos cantos da minha boca.

— Queremos ser fodidas — disse ela a Michael.

Assenti com a cabeça, um sorriso dançando nos meus lábios enquanto observava os olhos escuros de Kai e deslizava as mãos pela parte de trás da calcinha dela, provocando-o.

Ele se aproximou, enfiou os dedos no meu cabelo e inclinou

meu pescoço, me beijando com aspereza e força suficientes para me tirar o fôlego.

Antes que eu me desse conta, Rika foi afastada de mim e ouvi o som de um tecido se rasgando, seguido do sussurro rouco de Michael:

— Porra, monstrixinha, eu te amo.

Kai me inclinou e eu apoiei as mãos nas prateleiras em frente quando seu pau tocou minha entrada. Respirei rapidamente, sentindo sua estocada firme quando se enfiou em mim em um só movimento. Gritei, sentindo-o profundamente, a dor suave se infiltrando por dentro. Olhei para o lado, vendo de relance quando Michael pressionou os seios de Rika nas prateleiras e segurou seu joelho para cima, a abrindo enquanto arremetia contra seu corpo. A cabeça dele estava enterrada no pescoço dela, e ela esticou o braço, segurando a nuca dele enquanto ele a atacava com força e rapidez.

Kai rosnou, agarrando meu cabelo e puxando minha cabeça para trás.

— Acho que você gostou muito disso — sussurrou no meu ouvido. — Não é mesmo?

Gemi, mal conseguindo pensar quando fechei os olhos.

— Bem, não vou mais tentar quebrar o nariz dela, se é isso que você quer saber.

Ele soltou uma risadinha.

— Que bom.

Então me puxou mais, e eu virei a cabeça, provando sua boca quando o armário se encheu de gemidos e ofegos. Afastei-me um pouco, encarando-o enquanto ele me fodia.

Eu não o impediria. Nunca seria capaz de impedi-lo. O que estava feito, estava feito, e eu roubaria e cobiçaria todos os momentos que ainda nos restavam. Fechei os olhos, saboreando e memorizando a sensação de seu corpo contra o meu.

Ele agarrou meus quadris e respirou no meu ouvido.

— Eu gosto de você, pequena.

Eu sorri, detestando o apelido estúpido, da mesma forma quando ele me chamava de *garota*.

— Eu também gosto de você.

Eu te amo.



Quando acordei na manhã seguinte, percebi que Kai não estava na cama ao meu lado de novo. A que horas ele acordou? Ele se deitou comigo, mas será que chegou a dormir um pouco? Ele sempre parecia estar fazendo alguma coisa, sempre em movimento, pensando ou

correndo. Pisquei para acordar e bocejei, conferindo o relógio. Passava um pouco das oito. Mais tarde do que normalmente me levantava, mas, em compensação, só fomos para a cama às seis.

Levantei-me e fui até a cômoda, abrindo as gavetas a fim de encontrar outro par de cuecas boxer. Depois de vesti-la, segui para o armário, ficando chocada quando abri a porta e me vi dentro do espaço enorme. Quando peguei uma de suas camisas, ontem, não cheguei a reparar na grandiosidade da coisa.

Era tão imenso que dava para caminhar ali dentro. Na mesma hora seu cheiro inundou minha cabeça, quase me deixando tonta.

O *closet* era exatamente Kai, e ao pensar naquilo, balancei a cabeça, sentindo-me estúpida. Eu deveria ter caçoado dele por causa disso. Sabia exatamente que tipo de casa ele teria. Eu não disse a ele? Bela decoração, móveis caros, todas as camisas passadas e alinhadas em cabides de madeira, com a quantidade ideal de espaço entre cada peça de roupa, à perfeição. Um homem que se orgulhava de todos os aspectos minuciosos de sua vida.

Passei as mãos pela fileira de camisas brancas, sentindo o tecido macio e suave entre os dedos. Meu Deus, fiquei surpresa por ele ter me deixado tocá-lo com meus germes. Eu ri baixinho. Ele era uma mistura de Christian Grey com Howard Hughes e Patrick Bateman[8]. Eu daria o fora dali se encontrasse uma serra elétrica ou um machado – *dentro de casa*.

Empurrei todos os cabides até o fim, amassando as camisas e *destruindo* seu mundinho perfeito, enquanto ria para mim mesma ao puxar uma camisa azul de manga longa de um cabide. Eu a vesti e abotoei, saindo do armário assobiando e com as mãos entrelaçadas às costas.

Eu teria que voltar para casa para trocar de roupa em algum momento. Já estava usando as de Kai há dois dias.

Saí do quarto e descí, contornando o corrimão rumo à sala de jantar. O pessoal do *buffet* deixou tudo limpo e organizado logo depois que a maioria dos convidados foi embora, mas a tenda de lençóis e as imensas almofadas ainda se encontravam pela sala.

— Ele não está no *The Pope*. Nós procuramos no décimo segundo andar. — Ouvi Kai dizendo a alguém.

Desacelerei os passos, parando um pouco antes de onde estavam.

— Você tem certeza de que ele não está em outro andar? — Michael perguntou.

— Sim. Ele não está lá, porra.

Damon.

Espiei pelo canto e vi Kai e os amigos – incluindo Rika – descansando em volta da mesa enquanto tomavam o café da manhã,

ainda de pijama.

Rika ergueu um grande envelope amarelo, a outra mão chacoalhando uma pilha de caixinhas de... fósforos?

— Nós não sabemos se foi ele quem enviou isso — disse ela a Kai.

— Quem mais teria sido?

— Olhe para o selo postal! — ela exclamou, parecendo zangada quando lançou o envelope para ele por cima da mesa. — É da Cidade do México. Ele não está aqui.

— Olhe para as caixas de fósforos! — ele retrucou, irritado. — Ele poderia mandar alguém enviar isso de qualquer lugar que quisesse. E endereçou a você. Esta é uma mensagem. Ele não está mais me ameaçando.

Ele pegou o envelope e jogou de volta para ela.

Caixas de Fósforos. Analisei as pequenas caixinhas e os panfletos que deviam estar dentro do envelope, e avistei uma caixa prateada que reconheci imediatamente como sendo do *Realm*, uma boate que os caras frequentavam aqui em Meridian. Tudo aquilo era dessa região? Era por isso que Kai estava preocupado?

Michael passou as mãos pelo cabelo e esfregou o rosto.

— Então, o que você vai fazer? — ela desafiou Kai. — Vai enlouquecer e andar em círculos enquanto ele ri de nós? Damon está brincando. Ele não fará nada.

— Como você sabe?

— Porque ele teve uma dúzia de oportunidades de fazer isso comigo no ano passado, mas parou! Todas as malditas vezes! — Ela se levantou da cadeira e a empurrou para baixo da mesa. — Ele gosta de nos sacanear. Só isso. Apenas deixe-o em paz.

— Por que você sempre diz isso?

Rika hesitou, olhando para ele.

— O quê?

Kai abaixou o tom de voz e se aproximou, desafiando-a:

— Toda vez que queremos lidar com ele, você diz para deixá-lo em paz — comentou. — Ele tem algo contra mim; tentou matar Will. Que diabos há com você? Por que você está protegendo *ele*?

Sua boca se abriu e meu coração acelerou. Ela pareceu ofendida com a acusação.

Os olhos dela dispararam para Michael e depois para Will, que a encaravam da mesma forma que Kai. Protegendo Damon? Por que eles achavam isso?

Ninguém disse nada, até que ela piscou e bufou enquanto pegava o prato e se afastava, vindo na minha direção.

Saí de trás da parede, fora do caminho, e ela passou por mim sem olhar.

Kai percebeu minha presença e sua expressão se suavizou.

— Está com fome? — ele perguntou. — Temos café da manhã. Observei a mesa farta e assenti.

— Sim. Volto em um minuto.

Eu me virei e passei pelas escadas em direção ao escritório, vendo Rika desaparecer no jardim.

Depois da noite passada, não achava que fôssemos amigas, mas fiquei curiosa. Se meu irmão lhe enviou uma encomenda como forma de ameaça, por que ela não estava mais preocupada? Não era apenas Kai captando seus sinais. A forma como Michael e Will a encararam também...

Segui em seu encalço, agradecida pelas nuvens que bloqueavam o brilhante sol da manhã. Ela se sentou no chão, recostada em uma árvore. Reclinou a cabeça contra o tronco e deixou o prato no chão.

Fui até ela.

— Ei — cumprimentei, quando me deitei ao seu lado.

Ela assentiu, o semblante tenso em preocupação.

— Damon enviou caixas de fósforos? — perguntei, sem hesitar. — Por quê?

Ela encolheu os ombros.

— Tenho mania de colecioná-las — ela respondeu. — Meu pai costumava trazer algumas para mim quando voltava de suas viagens e comecei a guardá-las. Michael continuou essa tradição, e sempre me traz as caixinhas que encontra quando está fora da cidade e eu não vou junto.

Então, Damon sabia que ela gostava disso.

— E ele enviou uma pra você, daqui de Meridian — deduzi. Ele queria que ela soubesse que ele esteve aqui. Ou que estava aqui agora.

Ela ficou quieta por um tempo, e eu queria perguntar mais — saber por que não estava com raiva —, mas não éramos amigas e eu sabia que ela não confiava em mim. Depois do que aconteceu ontem à noite, pelo menos pensei que pudéssemos conversar numa boa.

— Você cresceu com Damon? — perguntou.

— Por um tempo.

Ela abriu a boca para dizer algo, mas parou, hesitando.

— Você já... chegou a ver alguma coisa? — questionou, batucando os polegares no colo. — Coisas que podem ter acontecido com ele?

O quê? Ela sabia?

— Damon te contou uma coisa? — eu quis saber.

— Não, claro que não. — Ela negou com a cabeça. — O irmão de Michael, Trevor, deu essa informação, uma vez. Eu não tinha motivos para confiar nele, mas não consigo imaginar por que ele

inventaria uma história assim. Fazia sentido, dada a maneira como Damon é.

Ela finalmente olhou para cima e eu tinha medo do que estava prestes a dizer. Damon não queria que ninguém soubesse de nada que aconteceu em casa. Eu não conseguia falar sobre isso.

— Ele disse que a mãe de Damon... — ela começou, parecendo sentir dificuldade em encontrar as palavras — começou a machucá-lo quando ele tinha doze anos. — E então fechou os olhos, abaixando a voz. — Que ela o estuprou.

Então ela sabia. Será que ela havia contado a Michael?

— Deus, isso me deixa doente só de pensar. — Ela respirou fundo, olhando para longe.

Mas então deu de ombros, acenando para mim.

— Deixa pra lá. Ainda assim, não justifica. Eu só acho que se ele quisesse agir, teria feito há muito tempo, e deveríamos deixá-lo em paz. Talvez ele tenha sofrido e, embora nunca vá perdôá-lo, devíamos esquecê-lo... Ele está doente e não adianta cutucar um urso adormecido.

Concordei com suas palavras. Nada justificava o que ele havia feito. Muitas pessoas tiveram dificuldades na vida e, ainda assim, se comportavam bem.

Em tese, claro.

No entanto, quando você está sendo abusado, ou vive atormentado com as coisas que aconteceram, todos os dias, é um pouco diferente. Ninguém lida bem com algo assim. Eles apenas fingem melhor. De que outra forma você poderia suportar a merda pela qual passou?

— Ele nunca chorou — eu disse, minha voz calma. — Nunca o vi chorar.

Ela ficou quieta e olhei para o céu.

— Quando ela entrava, ele me escondia — continuei, sentindo a pulsação ecoando em meus ouvidos — no armário com os fones de ouvido. E depois que tudo acabava, ele me deixava sair e ia tomar banho. Ele ficava lá por uma hora, ou três, quatro...

Fechei os olhos quando as lágrimas surgiram.

Os rangidos da cama às vezes trespassavam a música nos meus ouvidos. Eu ainda podia ouvir.

— Ele ficava no chuveiro pelo tempo necessário para se recompor novamente — revelei. — Às vezes os cortes estavam nos braços ou no peito. Dependendo da época do ano e do que as roupas cobriam. — Lágrimas silenciosas correram pelas minhas têmporas. — Quando ele tinha quinze anos, começou a cortar a parte inferior dos pés, para sentir dor sempre que andava. Eu não conseguia entender como ele era capaz de correr na quadra de basquete com os

ferimentos. Suas meias ficavam todas ensanguentadas. — Eu a encarei, o azul de seus olhos brilhando como uma piscina. — E havia mais coisas que ele fazia. Maneiras de me fazer machucá-lo... — Fiz uma pausa e continuei: — Até que chegou o dia em que ele se vingou dela.

Damon havia espancado sua mãe uma noite e pensamos que aquela seria a última vez em que a veríamos. Foi nessa noite que ele parou de se automutilar, porque aprendeu como era bom machucar os outros. Ele não precisava mais sofrer.

— Damon devora a dor — eu disse a ela. — Ele dará um jeito de sentir, distorcer e fazer descer goela abaixo, só para poder engolir o sofrimento. Ele é feito disso. Vocês todos podem até suportar esse tipo de coisa, superar... mas Damon? Ele quer estar no inferno.

É onde ele brilha.

Voltei a olhar para o céu, posicionando um braço debaixo da cabeça.

— Mas ainda assim... ele nunca chorou.

[8] Howard Hughes foi um milionário excêntrico americano, retratado no filme O Aviador, estrelado por Leonardo Di Caprio; Patrick Bateman é o personagem fictício e psicopata, vivido por Christian Bale em American Psycho.

Capítulo 23

Kai

Dias atuais...

Um toque suave acariciou meu rosto, agitando meu sono. Minha cabeça pesava uma tonelada e eu mal conseguia levantá-la do travesseiro.

Piscando, vi a luz se infiltrar no quarto e Banks deitada ao meu lado. Aquilo me trouxe um sorriso ao rosto. Sempre odiei dormir acompanhado – dormir de verdade, na mesma cama.

Ela era tão quieta, no entanto. E gostei de vê-la no instante em que acordei.

Estendendo a mão, passei um braço em volta de sua cintura e a puxei para perto, mas ela ficou tensa, como se algo estivesse errado. Meus dedos se curvaram ao redor dela, percebendo que estava vestida.

Abri os olhos por completo e vi que seu rosto estava virado para mim, enquanto me observava.

Seus olhos pareciam tristes.

— O que foi, querida? — Eu me apoiei sobre um cotovelo e me virei para ela, mantendo o braço em volta de seu corpo. — O que está acontecendo? Por que você está vestida?

Ela estava usando a mesma roupa de alguns dias atrás.

Seu sussurro foi quase inaudível quando roçou as costas da mão na minha bochecha:

— Não se esqueça dessa sensação...

Franzi o cenho, confuso.

— O quê?

Levantei e me sentei sobre os calcanhares, avistando o celular em sua mão. Um sentimento perturbador me atingiu. O que ela quis dizer com aquilo?

Peguei seu celular, lendo a mensagem na tela enquanto ela me observava em silêncio.

Olhe pela janela.

Não reconheci o número que também não estava salvo na agenda. Sem nome. Uma única mensagem.

Olhei para ela, em busca de uma explicação, mas ela parecia paralisada.

Desci da cama e fui até a janela do quarto que dava vista para a cidade. Senti o frio no estômago na mesma hora.

Uma nuvem de fumaça escura sobressaía no céu, vinda deste

lado do rio. Do bairro de Whitehall. Dava para ouvir as sirenes dos caminhões dos bombeiros ao longe, e até mesmo um helicóptero sobrevoava a área.

— O que é isso? — perguntei, voltando a encará-la. — O que está acontecendo?

Ela engoliu em seco, sentando-se com a cabeça inclinada, sem nem ao menos olhar para mim.

— O que é isso?! — gritei, agarrando-a pelos braços para que se levantasse.

A respiração dela acelerou.

— *Sensou.*

Não. Eu a soltei e saí correndo do quarto, descendo as escadas. Mas a porta da frente se abriu e Michael, Will e Rika irromperam sala adentro antes mesmo de chegar até lá.

Will me segurou, tentando me impedir de sair de casa.

— É tarde demais. Acabou — ele disse, empurrando-me para trás e parecendo angustiado.

Agarrei meu cabelo, puxando com força enquanto olhava pela porta da frente e via toda a fumaça escurecer o céu.

Deus, não.

Rika chorava baixinho no vestíbulo e pensei em tudo o que havia construído lá. Todas as armas do meu pai que foram doadas por ele quando abri. Tudo acabado. Todos os documentos, registros, tudo estava lá! Todos os nossos negócios eram feitos dali.

E a clientela que construímos? Já era. Levaria meses para reconstruir.

Correi os dentes, a dor da perda quase insuportável.

— Haverá mais incêndios. — Ouvi Banks dizer.

Minha tristeza se transformou em ódio e virei-me, vendo-a descer lentamente as escadas.

Damon havia enviado uma mensagem para ela.

— E ele os trará para Thunder Bay também — alertou ela. — Gabriel não tem mais como controlá-lo.

Quanto tempo ela me deixou dormir? Apenas o tempo suficiente para que o fogo destruísse tudo?

Segurei o telefone, verificando o horário em que havia sido enviado.

Seis minutos atrás.

Pressionei o ícone que poderia direcionar a uma chamada e esperei pelo toque. Entretanto, ouvi apenas uma gravação de voz informando que aquela linha estava fora de serviço. Ele estava usando um celular descartável. Encerrei a chamada e arremessei o telefone por cima do portão, entre os arbustos.

Depois de um momento, Michael entrou na conversa:

— Os caminhões dos bombeiros já estão lá. Vista-se.

Mas fui em direção a Banks quando ela cautelosamente desceu o último degrau da escada.

— Eu não sabia — disse ela.

— Você o teria impedido se soubesse?

A mágoa cintilou em seus olhos, mas seu silêncio disse tudo.

Uma sombra recaiu sobre a sala, bloqueando a luz do sol e, quando me virei, vi os homens de Gabriel do lado de fora da porta, os mesmos que a pegaram na festa de Michael naquela noite.

O de cabeça raspada – David, acho – olhou para mim e inclinou o queixo para ela.

— Vamos embora.

— Ela não vai a lugar nenhum. — Coloquei-me entre ela e o grupo.

— Vanessa se foi — disse David, entrando na casa. — Alguém a pegou e deu um susto do caralho. Ela não quer fazer parte disso.

— Eu não dou a mínima — rosnei de volta, gesticulando para Banks. — *Ela* não vai a lugar nenhum.

— O casamento acabou. Não tem mais acordo — ele repetiu e, quando fiz menção de avançar, abriu a jaqueta, colocando a mão nos quadris.

Um gesto casual, mas que garantia que eu visse a arma presa ao coldre por baixo do braço. De toda forma, fui em sua direção, porém Michael me deteve.

— Eles estão armados. Nós não temos nada. Seja paciente.

Cada maldito músculo do meu corpo retesou, e cerrei os punhos com tanta força ao ponto de sentir dor.

— Não se preocupe. — David sorriu. — Nós não a obrigaremos a ir se ela não quiser.

Eu me virei, encontrando seu olhar, e quando ela vacilou, soube qual seria sua decisão. Meu sangue ferveu.

Foda-se.

Talvez ela realmente os estivesse escolhendo ou talvez pensasse que poderia manter Damon longe de nós se fosse embora, mas eu estava cansado de tentar ser o homem que deveria ser. O homem que eu era quando estava no ensino médio.

Não implore. Se o que ela gostava era de homens que a levassem à força, eu também poderia fazer isso.

Ela passou por mim e eu me virei, vendo-a sair com eles. Antes de desaparecer, porém, se virou, andando de costas enquanto dizia com os olhos marejados:

— Era algo tão simples — disse ela, com calma. — Tudo o que você precisava fazer era perguntar o meu nome.

Hesitei. Do que ela estava falando? Eu sabia o nome dela.

Eles saíram e nós quatro encaramos o SUV preto que acelerou para fora da garagem.

A fumaça do incêndio subia pelas colinas, e dava para sentir o cheiro de madeira e piche do telhado. Haveria mais incêndios e isso era apenas o começo. A Noite do Diabo nem mesmo havia começado antes de chegar à meia-noite.

Virei-me para Rika, vendo seus olhos secos, mas vermelhos.

— Agora você conseguiu entender? — perguntei. Ela tinha que parar de esperar o melhor dele. Aquele lugar nos pertencia. Era nossa empresa. Meu sustento.

— Então, a Noite do Diabo está chegando, não importa o que façamos — Will atestou.

Eu assenti.

— E temos um trunfo — informei, olhando para Michael. — Queremos usá-lo?

No entanto, ele sorriu de um jeito estranho.

— Na verdade — começou —, você tem outra carta na manga.

Tenho?

Ele se inclinou, cruzando os braços sobre o peito.

— O nome dela... é Nikova — ele disse. — Pense direitinho e você chegará à conclusão.



Nik.

Talvez fosse Nikki? Nicole?

Não.

Nikova.

A variante russa feminina de Nikov. Gabriel Torrance tinha esse sobrenome, mas sua família decidiu adotar um nome mais americanizado nos negócios quando imigraram.

Gabriel ainda usava Nikov, no entanto. De tempos em tempos.

E ao que parecia, não permitiu que sua filha ilegítima levasse o nome de família, mas a mãe dela, para irritá-lo, o usou como nome de batismo.

Inteligente, de fato. Com certeza deve tê-lo irritado, mas nem isso foi o suficiente para impedi-la.

— O que você está fazendo aqui, garoto?

Entrei no escritório de Gabriel com Will e Michael ao meu lado.

Dois dos caras de Gabriel ficaram atrás, guardando a porta pela qual havíamos acabado de passar, porém meu olhar pousou em Banks, ladeando o pai e vestindo as roupas velhas de Damon outra vez.

Muita coisa passou a fazer sentido. Embora não tornasse nada

melhor.

— Eu vim pela minha noiva — eu disse, encarando-o em sua cadeira. — Vamos acabar com isso.

No entanto, ele apenas ficou ali. Não esbravejou ou gritou como imaginei que faria. Em vez disso, ele só balançou a cabeça, parecendo cansado e perdido em pensamentos.

— Damon... — ele parou, respirando profundamente. — Achei que seu lado impulsivo fosse diminuir e que ele entenderia que gastar energia com peixes pequenos como vocês era uma perda de tempo. — Deu uma tragada no charuto. — Ele tem muito mais paciência do que pensei e é bem peculiar no que se refere às suas vontades em relação a seus amigos.

— Não somos amigos dele.

— Ele não vai parar — assegurou, realmente parecendo arrependido por isso. — E deu um jeito de aterrorizar Vanessa, então o contrato foi anulado. Você deveria estar feliz.

Inclinei-me e apoiei as mãos em sua mesa, sentindo Michael e Will se postarem mais próximos. Eu o encarei, esperando que olhasse bem no fundo dos meus olhos.

Banks estava me observando e eu nem mesmo precisava conferir para saber disso.

Ele finalmente se endireitou e olhou para cima.

— Não estou apreciando nem um pouco me safar dos laços matrimoniais — repliquei calmamente, ríspido. — Também sou peculiar e não sou de fugir. Um acordo é um acordo, e você está preso comigo.

— Bem, não tenho mais sobrinhas para lhe dar.

Olhei para Banks e depois de volta para ele.

— Você tem uma filha — aponteí.

Ele pestanejou e ouvi o suspiro assombrado de Banks, e, puta merda, aquilo quase me fez sorrir.

— E não me importo se ela for até o altar usando esses jeans imundos que está vestindo agora — informei. — Faça com que esteja na igreja hoje à noite, e lhe dou minha palavra de que não machucarei o seu filho. Porém, se ela não aparecer...

Peguei um celular de dentro do bolso e o mostrei.

Seu olhar se estreitou.

— O que é isso?

— É aquele...? — Banks encarou o objeto antes de olhar para mim. — Você não o destruiu?

Endireitei-me, guardando-o outra vez. O celular era como o nosso anuário no ensino médio. Continha fotos e vídeos de todos os nossos feitos, bons ou ruins, incluindo os vídeos dos crimes que nos levaram à prisão.

Depois que Damon escapou no ano passado, pretendíamos destruí-lo, mas decidimos que ter aquele pequeno trunfo não seria uma má ideia. Depois de apagar os vídeos que nos incriminavam em outros delitos, fizemos o upload de alguns deles em diversos pendrives. Tudo estava salvo.

O telefone era apenas uma jogada de mestre.

Claro, eu poderia usar os vídeos para ameaçá-lo da mesma forma como ele estava fazendo comigo, mas ainda precisava saber onde estava Natalya Torrance. E teria que cuidar disso depois.

Eu me virei e fui até a porta, sendo seguido por Michael e Will.

— Ela é uma bastarda! — ele gritou. — Uma de muitos que tenho por aí. O que faz você pensar que casar com ela te dá algum poder sobre mim? Você sabe que não dou a mínima para ela.

Paramos e virei a cabeça por cima do ombro, meu olhar se fixando em Banks na mesma hora.

Ela estava imóvel, encarando a mesa à frente. Meu instinto me dizia para tirá-la daqui agora. Para levá-la para casa e garantir que nunca mais ouvisse palavras como essas.

Mas ela fez suas escolhas.

— Você pode não dar a mínima — respondi —, mas Damon dá. Ele se importa muito com ela, não é? Talvez você esteja morto em uns cinco anos, mas terei seu único herdeiro no lugar onde o quero. — Encontrei o olhar de Banks. — Se eu a tiver.

Ele tomou algo que eu amava hoje. Agora eu pegaria o que ele mais ama.

Capítulo 24

Banks

Dias atuais...

Quando Kai saiu do escritório, com os amigos em seu encalço, o silêncio prevaleceu até que ouvimos o baque surdo da porta da frente sendo fechada.

Então meu pai se levantou da cadeira, virou-se e agarrou minha mandíbula, apertando com força.

Arfei ao sentir os dedos cravando na minha pele.

— Eu gostaria de poder te matar — disse, ríspido. — Quebraria a porra desse seu pescoço em um segundo se não soubesse que esse filho da puta perderia a paciência e faria algo estúpido.

Ele me empurrou para longe e tropecei em David, que me segurou antes que eu caísse no chão.

— Certifique-se de que ele a receba bem usada — disse ele a David.

Perdi o fôlego.

— O quê?

No entanto, não obtive nenhuma resposta. Ele deu a volta na mesa e saiu apressado, deixando-me sozinha com os caras.

Afastei-me de David e esgueirei-me para o lado, ficando de frente para todos eles. O que diabos ele quis dizer com aquilo?

Um dos mais jovens, McCandless, se aproximou de mim, devagar, com um sorriso malicioso no olhar.

Mas Ilia se afastou do outro lado, colocando a mão em seu peito, impedindo-o.

Um instante de alívio me atingiu. Eu poderia derrubar um, mas não todos. David, Lev e Ilia não me machucariam.

Porém os olhos azuis gélidos se voltaram para mim e ele se moveu, tirando o casaco.

— Quero isso há muito tempo — disse, jogando a peça de roupa em cima da mesa.

Meu estômago deu um nó e minha boca se abriu, em choque. Deus, eu ia vomitar.

Passando os dedos pelo cabelo loiro, estendeu a mão e agarrou-me, puxando-me contra o seu corpo.

Grunhi e afastei-me depois de empurrá-lo para correr até a porta. O problema era que havia mais dois guardas lá, e mal dei um passo quando Ilia agarrou a parte de trás do meu casaco e puxou-me com força, lançando-me no chão.

— Ah! — gritei, a dor reverberando pelas minhas costas, mas

rapidamente me virei e me afastei.

Eu poderia dar um jeito de alcançar as portas do pátio. Embora ainda fosse o fim da tarde, em breve estaria escuro. Daria para despistá-los na floresta.

Meu tornozelo foi agarrado, impedindo minha fuga. Cravei as unhas no piso de madeira, tentando me colocar de joelhos para me levantar, mas meu corpo grudou ao chão com o peso de Ilia. Perdi o fôlego, totalmente sem ar.

Meu casaco fechado apenas com os botões foi arrancado por trás e o gorro se soltou, fazendo meu cabelo cobrir meu rosto.

Procurei David e Lev, incapaz de levantar a cabeça bem o suficiente, mas não os vi em lugar nenhum. Onde eles estavam? Eu não podia acreditar que eles permitiram que isso estivesse acontecendo. Fechei os olhos, tremendo com um soluço silencioso que me recusei a deixar escapar.

Ouvi um barulho atrás de mim, mais grunhidos e um baque surdo, como se uma mesa tivesse tombado, no entanto, não conseguia ver nada.

E então a mão no meu jeans. Ilia começou a puxar a calça pelos meus quadris quando tudo dentro de mim entrou em ação. Eu me debati, chutando e tentando me virar enquanto rosnava, com os dentes à mostra. Assim que conseguisse ficar de frente a ele, o morderia com toda a minha força. Faria exatamente o que disse para Rika fazer.

Ele agarrou meu cabelo com brutalidade e empurrou minha cabeça no chão enquanto tentava arrastar a roupa. Cerrei a mandíbula, desesperando-me por um instante.

Não.

Não!

— Você não vai gritar? — provocou no meu ouvido. — Chorar?

Não.

Eu o senti abrindo seu próprio jeans às minhas costas, e então se inclinou novamente, deslizando a mão entre as minhas pernas.

— Você pode ser a minha — ele sussurrou — putinha preferida.

Dei um jeito de me contorcer em seu aperto e estiquei o pescoço para morder sua bochecha.

— Argh!!! — ele rosnou e se virou, afrouxando o aperto por tempo suficiente para que eu conseguisse me soltar enquanto tentava pegar qualquer coisa por perto.

Agarrei-me à perna de uma pequena mesa redonda e puxei, pegando uma tigela de cristal que caiu no chão. Com ela em mãos, virei-me e espatifei-a

na lateral de sua cabeça, vendo os cacos de vidro voando para todo

lado.

Usei os pedaços que restaram para enfiar em seu rosto, rasgando a pele, e nem sequer me dei conta da dor aguda quando alguns perfuraram minha palma por baixo da luva.

Ele gritou, tombando para o lado. Rapidamente me liberei das botas e dos jeans que estavam enrolados ao redor dos meus joelhos e me afastei dele. Tateei a mesa de Gabriel para me apoiar e, quando fiquei de pé, avistei o abridor de cartas dourado que ele sempre deixava por ali.

— Venha aqui, sua vagabunda.

Agarrando o objeto pontiagudo e segurando-o com força, eu me virei, sem saber o quão perto ele estava. O abridor acertou um lado de seu rosto, fazendo um corte carmesim desde a orelha à boca.

Ele agarrou sua bochecha, caindo de joelhos novamente. Cerrei meu punho, ignorando a dor por conta dos cortes, e o soquei o mais forte que pude, de novo e de novo, até que já não tinha mais fôlego.

Ele caiu de costas, exausto, e quando olhei para ele, ainda com a lâmina afiada em punho, duelei comigo mesma se deveria ou não enfiá-la em seu peito.

Eu queria que todos – todos – soubessem que não poderiam me machucar. Eu nunca permitiria.

Levantei o olhar e avistei David mantendo um dos guardas imobilizado com um mata-leão, enquanto Lev continha o outro contra a parede. Eles também estiveram em um confronto. E estavam me protegendo, afinal.

Larguei o abridor de cartas no chão e peguei o guardanapo em cima da louça do jantar de Gabriel em sua mesa. O sangue escorria do meu nariz, ao redor dos meus lábios, pingava do meu queixo; eu me limpei, ainda sentindo o gosto metálico se infiltrando pelos meus dentes.

Enrolei o guardanapo ao redor da minha mão para cobrir os cortes e caminhei em direção ao homem que agora estava caído aos pés de David. Sem pensar duas vezes, agarrei um punhado de seu cabelo, dizendo em um tom baixo:

— Dê o fora daqui com ele. — Indiquei Ilia esparramado no chão.

Eu estaria morta em menos de 24 horas se chamasse a polícia. No entanto, me certificaria de que a justiça fosse feita.

Lev soltou o guarda e os dois saíram do escritório, levando Ilia com eles.

Funguei, saboreando mais sangue que escorria pela garganta enquanto caminhava em direção aos caras. Ainda estava apenas de calcinha e camiseta, e alguns fios se grudavam ao sangue em meu rosto. Aquilo foi tudo o que Lev e David viram enquanto me

observavam com cautela, como se não me conhecessem mais.

Merda, até eu me desconhecia.

Mas estranhamente, não me importei. Era quem eu deveria ser.

— Encontre a Marina pra mim — disse a David, passando por ele e saindo do escritório. — Preciso de um vestido.



Estava do lado de fora da entrada da catedral, com os braços estendidos para facilitar o trabalho de Marina. Meu corpo foi posicionado em uma dúzia de direções diferentes enquanto ela prendia, costurava e apertava o vestido que me dera quando eu tinha dezesseis anos, mas nunca usei. Foi o único vestido que encontramos às pressas.

Encarei as portas fechadas à frente. *Eu o odeio*. Mas por que não estava mais nervosa? Por que não estava assustada?

Tudo o que eu sentia era raiva e determinação. Já não ligava para o que aconteceria comigo. Kai podia vir com tudo.

— Posso passar rímel em você? — Alex perguntou.

— Por que não? — murmurei.

Esfreguei os lábios, sentindo o batom vermelho que ela havia aplicado. Eu queria parecer bonita, mas não para ele. Algo dentro de mim estava diferente. Já não pensava mais em todas as coisas que queria ser.

Só precisava expressá-las.

Ela delineou meus olhos e retirou a chapinha da tomada depois de ondular algumas mechas do meu cabelo.

— Tenho flores para você — Marina colocou um buquê em minhas mãos.

Apenas arqueei uma sobrancelha e encarei as rosas brancas. No entanto, descartei-as e deixei em um banco de veludo. Foi até legal da parte dela pensar naquilo, mas ela devia me conhecer melhor do que ninguém.

Não dava para ouvir nada do que acontecia dentro da igreja, exceto o eco dos genuflexórios sendo empurrados para cima nos bancos. Alex rapidamente aplicou um pouco mais de pó no meu nariz, provavelmente ainda vermelho do ataque sofrido momentos antes.

Meu corpo ainda estava dolorido. Eu não tinha visto meu pai, Ilia ou os dois guardas, desde que vesti minhas roupas e saí correndo de casa antes que ele descobrisse o que aconteceu. Minha preocupação não era nem tanto comigo, e sim com David e Lev, que foram contra as ordens e me protegeram. Todos nós entramos em um carro e fugimos dali, até que Marina veio ao nosso encontro pouco tempo

depois de pegar o vestido.

Fiquei realmente agradecida. Tanto pelo vestido quanto por Alex fazendo a maquiagem para disfarçar os hematomas no meu rosto. Senti como se estivesse colocando uma armadura. Eu queria ser ousada, não invisível. Não queria me parecer como de costume, como se estivesse me desculhando pelo simples fato de existir. Eu estava aqui e foda-se.

Acenei para Alex e ergui a barra do vestido enquanto ia em direção às portas.

— Que porra é essa que você está usando? — Alex explodiu.

Eu me virei para vê-la encarando meus pés.

Olhei para baixo para conferir qual era o problema.

Meus coturnos um pouco arranhados estavam com os cadarços desamarrados, como sempre.

— Eles combinam — respondi e virei-me.

Ignorei o suspiro exasperado atrás de mim.

Soltando o vestido, abri as portas, sem esperar mais. Odiava formalidades, e se Kai queria tanto assim se amarrar, por que não ir apenas ao cartório?

As pessoas permaneciam na frente da igreja quase vazia, alguns paroquianos aleatórios sentados nos bancos na parte de trás. Todos, um por um, pararam para me encarar.

Eu esperava que meu vestido preto fosse uma mensagem óbvia. O corpete apertado era da cor do carvão, deixando meus ombros e braços desnudos enquanto a camada de tule branco se sobressaía ao redor do fundo completamente escuro.

Kai estava no altar, de frente a Michael, mas seu rosto estava virado para mim. O vestido era bonito e encantador, e eu esperava fazer jus a ele.

Sem aguardar que a marcha nupcial tivesse início, andei até ele, com os olhos fixos à frente. O silêncio reinava, enquanto eu absorvia o olhar caloroso de uma dúzia de pessoas.

Meu pai estava sentado à frente, mas só fiquei sabendo de sua presença quando Hanson me encontrou um tempo atrás para assinar a certidão de casamento.

Michael se postou ao lado de Kai, enquanto Will e Rika estavam à minha esquerda.

Havia outras pessoas aqui também, provavelmente convidados do meu pai. Depois que ele se acalmou e parou de se culpar por não ter se livrado de mim muito antes, deve ter percebido que, por mais que eu entrasse sem nada neste casamento, acabaria saindo com a metade de Kai por conta da comunhão de bens.

Ou com tudo, se ele fosse atropelado por um ônibus prematuramente.

Um padre de cabelo branco e óculos saiu de trás de um púlpito quando me viu e desceu rapidamente os pequenos degraus da escada para se posicionar ao centro. Lançou um olhar tenso para Kai, provavelmente achando a “cerimônia” um pouco anormal.

Kai descruzou os braços e me varreu com o olhar de cima a baixo, sem conseguir acreditar. Andando até mim, ele assentiu, e nós dois andamos até o padre.

— Você, usando um vestido — disse, baixinho. — A cor me surpreendeu.

Bundão.

Mas dei um sorriso doce ao homem alto que se postava à nossa frente, contemplando a elegante túnica branca com bordados dourados.

— Nunca usei um — respondi calmamente. — Um vestido, quero dizer. E já que vou me casar apenas uma vez...

— Own, você terá muitas oportunidades de usar vestidos enquanto estiver casada comigo — assegurou. — Planejo tornar este casamento uma tortura para você.

Contudo, apenas retruquei com o queixo erguido:

— Aproveite enquanto pode. Serei uma viúva em breve, tenho certeza.

Ouvi sua risada baixinha ao meu lado, mas ele parou de brincar quando o padre encarou a plateia patética atrás de nós.

— Ouça nossas orações, ó, Senhor — ele disse, abrindo os braços amplamente. — E, em sua bondade, derrame sua graça sobre estes servos, Kai e Nikova, que se reúnem diante do seu altar para confirmar sua união em amor um com o outro...

— Vá logo para os votos — Kai resmungou.

O padre interrompeu a oração, confuso. Quase bufei uma risada. Pobre homem. Foi estranho ouvir o meu nome verdadeiro. Ninguém o usava, exceto minha mãe e Damon, que me chamavam apenas de Nik. No entanto, meu pai não gostava de Nikova, então me acostumei a ser chamada de Banks. Era quem eu era agora.

O padre pigarreou, respirando fundo.

— Kai e Nikova, eu vos pergunto: se unem em matrimônio de livre e espontânea vontade e de todo o vosso coração?

— Sim — respondeu Kai.

Hesitei, mas finalmente assenti, sentindo o peso da presença do meu pai por perto.

— Sim.

— E vocês estão preparados, ao seguir o caminho do casamento, para amar e honrar um ao outro enquanto viverem?

— Sim — Kai disse entredentes, como se estivesse com pressa. — Estou.

Meu coração deu um pulo. Meu Deus, isso realmente estava acontecendo?

— Sim — respondi.

Eu mal podia sentir a presença de Will às minhas costas, e Michael estava tão imóvel quanto uma pedra, mas a inquietação de Rika era nítida à esquerda.

— Estão dispostos a receber com amor os filhos que Deus vos confiar, educando-os no amor de Cristo e da Igreja?

O quê? Disparei o olhar para Kai que simplesmente encarava o padre com uma sobancelha arqueada.

De jeito nenhum. Podíamos estar aqui sob um falso pretexto, mas isso era baboseira. Eu nem fingiria concordar com aquilo.

— Continue — disse Kai, e percebi que ele também não concordava.

Suspirei aliviada.

O padre olhou para o livro, parecendo nervoso antes de gaguejar:

— D-desde... que vossa intenção é abraçar esta aliança do Sagrado Matrimônio — ele disse, encontrando a voz novamente: — juntem suas mãos e declarem seu consentimento perante o Senhor Deus e esta Igreja.

Kai virou-se para mim e tudo o que eu pude fazer foi cerrar a mandíbula, para que nenhum palavrão me escapasse. De frente a ele, coloquei as mãos nas suas, mas me recusei a segurá-las, apesar do formigamento que corria pelos meus braços.

— Kai Genato Mori — começou o padre —, você aceita Nikova como sua legítima esposa, para honrar e respeitar, a partir de hoje, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, nos bons e maus momentos, até que a morte os separe?

Até a morte...

Ele olhou para mim, o olhar hesitante, e tive um vislumbre do homem que se sentou à mesa do pai, e me contou aquela história sobre os bifes.

E então sorriu.

— Até a morte — ele especificou. — Aceito.

Perdi o fôlego por um instante e apertei suas mãos apenas porque precisava que as minhas parassem de tremer.

— Nikova Sarah Banks. — O homem mais velho virou-se para mim. — Você aceita Kai como seu legítimo esposo, para honrar e respeitar, a partir de hoje, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, nos bons e maus momentos, até que a morte os separe?

Eu não podia acreditar que isso estava acontecendo.

Ele acariciou o dorso das minhas mãos, sinalizando que era minha vez de responder, mas me soltei de seu agarre, encarando-o.

— Até que a morte nos separe — murmurei. — O que não deve demorar muito agora, então, sim, aceito.

Kai deu uma risadinha.

Foda-se, isso não era uma piada.

— Que o Senhor, em sua extrema bondade, fortaleça essa união...

O padre continuou com suas bênçãos e o resto passou como um borrão quando trocamos as alianças e o celebrante ofereceu palavras gentis aos presentes.

Soltei o fôlego que estava segurando e baixei o olhar. *Merda.*

Nós estávamos casados.

Olhei de relance para Kai, nós dois de frente para o padre outra vez, e senti a raiva ferver sob a minha pele. *Serei a pior esposa do mundo que você terá.*

— O beijo é uma promessa de um para com o outro — disse o clérigo a Kai. — Vá em paz para glorificar sua união, e agora pode beijar a noiva.

Kai se virou para mim e meu coração quase saltou pela boca, mas...

Mas ele continuou se virando.

E deu meia-volta, saindo dali em direção à porta por onde entrei, deixando-me de pé como uma idiota. Pisquei diversas vezes, sentindo o embaraço aquecer minhas bochechas. *Otário.*

Um por um, seus amigos foram em seu encalço, enquanto as testemunhas tomavam o corredor para sair da igreja. Ele não olhou uma única vez para trás, mas eu sabia que todos naquele lugar estavam olhando para mim. O padre nem mesmo sabia o que fazer. Ficou exatamente como eu. Parado.

Então, pelo jeito, Kai também seria o pior marido. Uma salva de palmas para ele. Sua atitude cruel me deixou realmente impressionada.

Capítulo 25

Kai

Dias atuais...

Alcancei a imensa tigela de macarrão tipo Soba e enchi meu prato outra vez.

— Caralho — resmunguei entredentes, pensando na confusão onde havia me enfiado. Como diabos tudo saiu fora de controle? O que eu faria depois? Qual era o objetivo final?

Eu queria encontrar Damon. Era isso. Precisava descobrir se ainda havia perigo para Rika, Michael ou Will, e descobrir o que ele fez com o corpo, para que eu pudesse lidar com isso e me entregar à polícia ou fazer com que a cadela psicótica tivesse o fim merecido. E se assim fosse, certificar-me de que ela permanecesse bem escondida. Ou lidar com isso se não estivesse.

Eu nem mesmo sabia o que deveria fazer em uma situação como essa. A ideia de voltar a tudo aquilo, de sequer tocar naquele assunto...

Fechei os olhos. Eu não era do tipo que precisava me livrar de corpos. Jesus.

Tudo por causa de um instante. Minha vida havia se tornado uma série de grandes erros cometidos em momentos onde eu perdia o controle.

Exceto por hoje. Quando olhei para ela e disse aquelas mentiras – votos que não pretendia cumprir.

No entanto, naquele momento, eram reais. Meu mundo poderia ser perfeito se eu tivesse engolido o meu orgulho e confessado que a amava, segurando-a em meus braços. Seja lá o que acontecesse, tudo ficaria bem se a tivesse visto sorrir no dia de seu casamento.

Levei os *hashis* à boca, enfiando um pouco de macarrão e legumes na boca e mastigando enquanto via diversas mensagens iluminando a tela do meu celular. Will esperou que Banks sáísse da igreja para que pudesse trazê-la aqui. Ela chegou a discutir e reclamar, mas a ameaça do celular veio à tona, fazendo-a concordar por fim.

Já fazia mais de uma hora. Se ela não estivesse aqui em breve, eu *iria* buscá-la.

Naquele instante, ouvi um clique e olhei por cima da mesa de jantar, vendo a porta se abrir. Banks entrou lentamente pela sua nova casa.

Olhou em volta e só quando fechou a porta e endireitou a postura é que relaxei contra a cadeira. Eu sorri para mim mesmo. O que faria com ela?

Ela virou a cabeça até que, finalmente, nossos olhares se conectaram. Engoli a comida e disse:

— Entre. — Afastei a tigela para longe.

Hesitante, deu um passo em minha direção, entrando na sala de jantar.

— Em qual quarto vou dormir?

— No meu.

Sua postura arredia cedeu um pouco.

— Estou cansada, Kai.

— Você também é minha esposa. — Peguei meu copo, tomando um gole de água. — Seu precioso irmão mais velho deve estar subindo pelas paredes agora.

Ela balançou a cabeça, parecendo enojada.

— Eu não sou um peão, então confie em mim quando digo que casar comigo não me tornará menos difícil.

Espero que não.

Observei o vestido que usou hoje. Apenas ele e nada mais. Ela veio até aqui de mãos vazias, a menos que tivesse suas pequenas facas escondidas por entre alguma cinta-liga sob a roupa. Ela achava que não ficaria tempo o suficiente para trazer suas roupas?

Eu teria que buscá-las então. Ou ela poderia usar as minhas.

— Não estou preocupado — eu disse. — Você vai acabar cedendo.

Ela deu uma risada debochada enquanto eu pegava uma tigela limpa e um garfo e lhe servia uma porção de macarrão.

— Sente-se e coma. — Coloquei a comida e o talher em cima da mesa, acenando com a cabeça para a cadeira à minha frente.

Ela apenas me encarou.

— Coma e vou lhe mostrar o seu quarto... — negocieei.

No entanto, ela não se sentou. Ao invés disso, foi até o balcão e pegou mais duas tigelas. Voltando para a mesa, pegou o talher e serviu o macarrão, quase esvaziando tudo.

Normalmente, eu cozinhava o suficiente para que durasse três dias.

— O que você está fazendo? — indaguei.

— Meus homens estão lá fora. Eles nos seguiram até aqui. — Ela enfiou dois garfos nas tigelas e as pegou. — Eles precisam comer também.

O quê? De quem ela estava falando?

— *Seus* homens? — caçoei. — Os idiotas que trabalham para Gabriel? Diga para irem embora.

Levantei-me e fui em direção à janela, puxando um pedaço da cortina. E, era óbvio... lá estava o mesmo SUV preto de sempre na minha entrada. Eu podia ver o careca no banco do motorista.

— Você mesmo diga a eles — respondeu. — Eles se colocaram em risco por mim esta noite, e é assim que você recompensa a lealdade?

— Se colocaram em risco? O que você quer dizer com isso? O que aconteceu?

Ela desviou o olhar, tentando disfarçar.

— Nada. Apenas... — Fez uma pausa, procurando por palavras. Então olhou diretamente para mim. — Eles não vão embora. Eles trabalham para mim e não podem voltar pra lá. É isso aí.

Ela se virou e foi até a porta da frente, empilhando uma tigela em cima da outra para abri-la.

— Eles trabalham para você? — Levantei o tom de voz. — Como você planeja pagá-los?

— Simples — retrucou, seu olhar percorreu toda a extensão da sala e tudo ao redor. — Metade do que é seu agora é meu.

Virou e saiu pela porta, fechando-a com um baque.

E eu fiquei ali, por um instante, totalmente sem fôlego. Filha da mãe... Que porra é essa?

Droga, aquela garota era uma merdinha! Por que diabos eu desejaria dois caras andando pela minha casa o tempo todo? Eles ficariam no meu caminho, além do fato de eu não gostar de gente bagunçando minhas

coisas. Eu mal havia me acostumado a tê-la por perto, caramba!

Quase dei um chute na mesa, mas pensei melhor. Era uma dessas peças de antiguidade caras, então...

Puxando a cortina novamente, mantive o olhar atento para me certificar de que ela não fugiria com eles ou algo assim. A janela do lado do passageiro se abaixou e avistei o cara mais novo, do moicano. Ela entregou as tigelas e o garoto cheirou, parecendo satisfeito. Depois de alguns minutos em que a vi conversando com eles e relanceando olhares para mim, soltei a cortina e me afastei.

Eu não gostava da forma como olhavam para ela. Como se tivessem mais direito à atenção dela.

Mas quem não gostaria de ser o alvo de sua atenção? Nikova Banks era uma mulher bonita. Ao vê-la naquele vestido, na igreja, quase cheguei ao ponto de perder o controle. Duelei comigo mesmo durante toda a cerimônia. Ela se escondia bastante por baixo das roupas, mas aquele vestido, com certeza, mostrou uma boa parte. A pele macia e curvas incríveis... O cabelo, a maquiagem. Não sabia por que razão ela havia se arrumado toda, mas nem por um instante pensei que aquilo tudo fosse para mim.

A porta da frente se abriu e ela entrou na sala de jantar, parecendo um pouco mais calma. Nossos olhares se conectaram e uma pontada de desejo vibrou pelo meu corpo. Eu queria uma chance de

refazer meus passos neste dia louco e tratá-la adequadamente.

No entanto, eu não a merecia. Não importava o que ela tenha feito ou como suas escolhas me magoaram, tomei sua mão hoje com tanta brutalidade quanto arranquei sua inocência naquele quarto no *The Pope*. Eu precisava deixá-la em paz.

Gesticulei para que se sentasse à mesa para comer alguma coisa. Quando ela o fez, pegando sua tigela e garfo, reparou nos *hashis* acima do meu prato.

Sem hesitar, pegou um par sobre a mesa e largou o garfo. Talvez nem mesmo tivesse a intenção em usá-los, mas por ser teimosa, fez questão de provar que faria o que quisesse, não o que eu decidisse. Mesmo que tenha achado que estava ajudando ao oferecer uma alternativa.

Meio sem jeito, tentou encaixar os pauzinhos entre os dedos, sem sucesso.

Fui até o seu lado direito e estendi a mão.

— Desse jeito.

Segurei entre meus dedos, ignorando sua careta enquanto encaixava o indicador e o dedo médio, usando o último para firmar e o primeiro para controlar o movimento. Agitei o indicador para cima e para baixo, mostrando a ela como controlar a abertura ao pegar um pedaço de repolho.

— Eu posso fazer isso — afirmou, pegando-os de volta.

E realmente conseguiu. Depois de mais algumas tentativas, acertou o movimento e foi capaz de levar a comida à boca, embora com a mão trêmula. A aliança simples de platina brilhou contra a luz suave do candelabro, e uma pontada de culpa me atingiu. Agora, mais calmo, arrependi-me de não ter colocado um diamante em seu dedo.

— Eles são chamados de *hashi* — comentei, indicando os pauzinhos. — Em japonês.

Levantei-me e alcancei uma peça pequena de porcelana, colocando à sua frente.

— E isso se chama *hashioki*. Quando você não está comendo, descanse as pontas dos pauzinhos aqui. Ou — aponte minha tigela — você pode colocá-los sobre o seu prato. Mas nunca sobre a comida e nem mesmo cruzados.

— Por quê?

— Porque é... rude — aleguei. Havia outra razão que tinha a ver com pessoas falecidas, oferendas e tradições, mas eu tinha um pressentimento de que apenas incitaria seu lado rebelde.

Eu me sentei, deixando-a comer. Minha cabeça estava rodando. Eu teria sorte se dormisse hoje à noite. Ainda tinha que organizar os quartos de hóspedes para os caras do lado de fora, bem como contratá-los. Para fazer o quê, eu não fazia ideia.

Também precisava voltar ao *Sensou* e me encontrar com o corretor de seguros para descobrir qual seria nosso próximo passo. Será que o reabriríamos?

Além de tudo, ainda precisava ver meus pais. Estava surpreso por não ter recebido nenhuma ligação até aquele momento, na verdade. Se não tivessem ouvido a respeito do casamento, ouviriam em breve. Curiosamente, eu não estava nem um pouco arrependido. Só não gostava de ter que me explicar, provavelmente, porque não poderia fazer isso.

E amanhã seria Noite do Diabo. Ainda não havíamos encontrado o esconderijo de Damon, então ele poderia chegar até nós antes que tivéssemos a chance de chegarmos a ele. Ou talvez nada aconteça. Talvez Rika estivesse certa e ele estivesse apenas nos sacaneando.

Porém, eu teria que lidar com ele. Não dava para continuar levando a vida com aquilo pairando sobre a minha cabeça. Talvez o melhor a fazer fosse trazer todo mundo para passar a noite aqui e isolar completamente o local.

Ela terminou de comer e conferiu se ainda restava alguma coisa na vasilha sobre a mesa. Não consegui conter o sorriso, adorando o fato de ela gostar da minha comida. Bifes e tudo mais. Sem cerimônia, Banks colocou o que havia em seu prato e pescou o macarrão.

Eu ri, baixinho, pois, sem saber, ela simplesmente quebrou três regras de etiqueta que deixaria meu pai chocado. No entanto, apenas observei seu rosto e perdi o rumo de meus pensamentos ao contemplar os lábios vermelhos, vendo o quão incrível ela era.

— É um vestido bonito — comentei. — Onde o conseguiu?

Ela terminou de mastigar em silêncio, sem olhar para mim.

— Marina — ela disse —, cozinheira de Gabriel, costurou para mim quando eu tinha dezesseis anos.

A lembrança de que ela era filha de Gabriel me atingiu outra vez, me fazendo perceber que eu ainda tinha muitas perguntas sem respostas.

— Meu pai estava dando uma festa — explicou —, daí Marina pensou que ele poderia me deixar ir se... se eu fosse bonita o suficiente.

Bonita o suficiente?

— E você foi à festa?

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu me vesti bem. Arrumei o cabelo, passei um pouco de batom. Mas Damon não permitiu. Ele me fez ficar lá em cima.

Ela riu um pouco, como se estivesse tentando desmerecer sua possessividade, mas...

Ser territorial era bom entre quatro paredes, no quarto. Não

quando isso impedia alguém a quem você amava de aproveitar a vida.

Todas as peças começaram a se encaixar. Noite do Diabo há seis anos. A forma como ele agiu e não deixou que ela falasse comigo. Como fez aqueles caras levarem-na embora. O jeito como ela sempre parecia estar à espreita, como um ratinho – no confessionário, no cemitério – com medo de o gato sair para arrebatá-la.

Como se abraçaram um ao outro no *Pope*. Ela havia sido a única mulher a quem já vi Damon se agarrar como se fosse um colete salva-vidas.

Levando em consideração os pais deles, não era de admirar que os dois contassem apenas um com o outro como família. O único lugar em que se sentiam seguros e amados.

— Venha aqui — pedi, em um sussurro.

Ela estreitou o olhar.

Banks tinha todos os motivos para me odiar depois do que fiz hoje. Depois que Gabriel e eu a tratamos como se fosse um objeto.

Será que ela já havia visitado algum outro lugar além de Meridian ou Thunder Bay? Será que ao menos concluiu o ensino médio? Ela tinha alguma amiga que não fosse um dos homens da equipe de Gabriel?

Inclinei-me, de repente querendo tudo. Eu queria mostrar o mundo para ela.

— Damon e seu pai que se fodam — eu disse, suavemente. — E, porra, eu também, pelas merdas que saíram da minha boca.

Seu cenho franziu mais ainda, em confusão. Enlacei sua cintura, puxando-a para o meu colo, mesmo em sua tentativa débil de me afastar.

— Eu queria isso — confessei, olhando bem dentro de seus olhos.

Ela fez uma pausa.

— Por nenhuma outra razão a não ser o fato de te querer. — Roci os dedos pelos seus, acariciando a aliança. Eu daria a ela um anel de noivado na próxima semana. Mesmo que nunca tenhamos ficados noivos. Na verdade, ela poderia escolher o que quisesse. — Damon sempre soube que você era um tesouro, e ele te ama. Mas ele não vai me afastar de você. — Ergui seu queixo para que me encarasse. — Isso não tem mais nada a ver com ele, o hotel ou seu pai. Eu quero você.

— E se eu não te quiser?

Meu olhar vacilou, mas decidi ser direto.

— Você não quer? — Eu não tinha interpretado mal os sinais. Ela gostava de mim. — Eu não vou machucá-lo — aleguei, sabendo quais eram suas preocupações. — Mas preciso me proteger, então preciso vê-lo. Você entende?

— Você promete?

Ela parecia tão vulnerável. Eu não poderia pedir que escolhesse um lado.

Assenti.

— Prometo. — Eu a acariciei, uma mão na cintura e a outra na coxa. — Vou dar um jeito nisso, mas não posso dizer por ele. Se Damon me pressionar, serei obrigado a tomar uma atitude. Você sabe disso.

Eu a vi engolir enquanto encarava o próprio colo.

— Eu quero você — confessei novamente. — E não me importo com o seu nome, ou com seus pais, e se você tem ou não dinheiro. Eu só te quero lá em cima, usando nada mais do que os meus lençóis.

Um lindo sorriso sutil curvou o canto de seus lábios.

— Eu não serei Banks hoje à noite?

Balancei a cabeça.

— E eu não serei Kai.

— Só por hoje à noite?

Assenti, adorando nossa brincadeira.

— Só por hoje à noite.

Ela se levantou e lentamente puxou todo o cabelo por cima do ombro.

— O vestido é um espartilho. — Ela virou as costas para mim.

— Você vai me ajudar a desamarrar antes?

Meu coração bateu mais forte.

Deslizei a mão pela corda que mantinha tudo amarrado no lugar e puxei a ponta com suavidade. Depois fui desatando os laços até passar os dedos pela linha de sua coluna. Passei a mão pelo laço cruzado e puxei a corda enfiada no vestido. Meu corpo foi assolado pelo prazer indescritível de despi-la.

O vestido lentamente começou a cair, as costas esbeltas ficando cada vez mais à vista; enfiei a mão por dentro, sentindo sua pele nua.

Não havia nada. Sem sutiã, sem calcinha, sem cinta-liga, nada além de sua pele pura, linda e inocente por baixo do vestido.

Quando o tecido caiu no chão, senti meu pau latejar e inchar dentro da calça. Contemplei sua bunda, os ombros, pernas – toda aquela extensão dourada brilhando contra a penumbra.

Ela se virou e seu olhar aterrisou na protuberância cada vez mais evidente na minha calça. Sua respiração acelerou, o olhar incendiando.

— Fodam-se os lençóis — ela sussurrou.

Então abriu as pernas e sentou-se em meu colo. Com um gemido, abri o zíper e puxei meu pau para fora do jeans, esfregando a ponta para cima e para baixo contra sua entrada já encharcada.

Ela se abaixou e deslizou pela minha espessura, abraçando-me e

gemendo enquanto eu a enchia.

Caralho... Agarrei seus seios, cobrindo os mamilos com a boca, um por um, enquanto ela se apoiava ao encosto da cadeira e começava a subir e descer, rebolando os quadris cada vez mais rápido. Ela me montou, os gemidos e ofegos se tornando cada vez mais altos, e eu me inclinei para trás, segurando sua bunda em minhas mãos, apenas observando-a.

Deus, eu era muito sortudo.

— Então, você ainda gosta de mim? — perguntou, brincando.

Dei uma risada rápida. *Eu mais do que gosto de você.*

— Acho que vou ficar com você — retruquei. — E ninguém vai me manter longe de você. Entendeu?

Fiz uma trilha de beijos ao longo de sua mandíbula.

— Nem seu pai, seu irmão, nem seus homens. — Apertei sua bunda novamente, puxando-a mais para mim. — Eu quero essa sua língua afiada. — Beije seus lábios. — Quero todas as memórias que você vai fazer a partir de agora. — Beije sua testa. — E eu quero isso. — Agarrei-a, puxando-a para mim enquanto mordida seu pescoço. — No carro, nesta mesa no café da manhã, em todo lugar...

Seu corpo ficou tenso e ela enlaçou os braços ao meu redor, subindo cada vez mais rápido.

— Então, você *realmente* gosta de mim, não é?

Eu sorri. Merda.

— Sim — admiti. — Eu gosto muito de você.

Muito.



Peguei uma camisa do cabide e a vesti em seguida. Passava um pouco das seis da manhã e o cheiro da chuva era palpável, desde o instante em que acordei. Enquanto ia até a mesa de cabeceira, fechei cada um dos botões e parei quando avistei as luvas de couro que Banks sempre usava, ao lado do abajur.

Observei suas mãos, uma repousando sobre o travesseiro e a outra sobre a barriga. Na mesma hora, um sorriso tomou forma em meu rosto ao perceber que ela havia se livrado delas.

A cicatriz se assemelhava a um carimbo no dorso de sua mão, e a visão foi o suficiente para me fazer espremer o celular, tomado de raiva. Gabriel pagaria caro por aquilo. E por muito mais.

Seus lábios estavam levemente abertos, e notei uma mecha do cabelo castanho sobre eles. Inclinando-me, suavemente o afastei antes de lhe dar um beijo, demorando apenas o suficiente para que seu perfume lançasse uma trilha de calor do meu coração à virilha.

Gemi, relutantemente me afastando. *Agora não*. Ela precisava dormir e eu queria que quando acordasse para o café da manhã, encontrasse o que gostava de comer. Ela disse que amava ovos.

Não.

Ela apenas informou que havia *comido* muitos ovos. Talvez não gostasse tanto assim. Porém, por serem baratos, darem sustância e sem muita gordura, eram perfeitos para quem não tinha muita renda.

Olhei para minha aliança, finalmente sentindo que ela agora era minha. Até que fugisse novamente, pelo menos.

No entanto, se dependesse de mim, ela teria muita coisa para desfrutar em sua vida a partir de agora. Nada de ovos. Eu ia gostar de mimá-la.

Enquanto saía silenciosamente do quarto, fechando a porta, verifiquei como estaria a previsão do tempo para hoje. Eu não deveria ter ido dormir ontem à noite. Embora não soubesse o que o dia reservava, já deveria ter me preparado desde cedo. A necessidade do corpo humano em desperdiçar um terço de sua vida útil, inconsciente, era um erro da evolução. Havia muita coisa que poderia ser feita nesse meio-tempo.

O dia todo nublado, temperatura média de 20°C. Tempestades à noite. Ótimo. Eu precisava arranjar alguns suprimentos e comida para nos isolar em casa. Já havia recebido uma série de telefonemas de amigos de Thunder Bay, perguntando se voltaríamos até lá hoje à noite, além de funcionários averiguando se precisariam procurar por novos empregos. Não e sim.

Aquele idiota do caralho. Prometi que não iria machucá-lo, mas depois do que fez, talvez não conseguisse me conter.

Quando comecei a descer as escadas, o celular tocou na minha mão, e ao conferir o visor, não reconheci o número. Desacelerei meus passos, encarando o aparelho.

Damon. Desde o dia em que me ligou quando eu estava em frente ao *The Pope*, na rua, não havia recebido notícias dele. Mais uma vez, ele devia estar usando um telefone descartável para suas chamadas.

Sorri para mim mesmo, acariciando minha aliança de casamento com o polegar. Ele não devia estar de bom humor.

Atendi o celular sem mais delongas.

— Onde ela está? — ele perguntou, sem nem ao menos esperar por uma saudação decente.

— Dormindo.

— Eu vou recuperá-la — ele informou.

Respirei fundo e fui até a porta da frente, olhando pela pequena janela ao lado. Os *homens* de Banks ainda estavam lá fora.

Impressionante.

— Então, venha, oras — provoquei. — Venha para a casa e leve-a de volta.

Sua risada ecoou em meu ouvido.

— Ah, eu vou — disse ele —, mas sou mais esperto que você. Vou pegar meu trunfo primeiro.

Que trunfo?

Eu não o queria aqui. Não o queria perto dela. Mas estava pronto para silenciá-lo. Ele não a pegaria de volta

— Eu sou o único que já cuidou dela — argumentou. — O único que a amou. Você não pode pedir que ela desista de mim. Você sabe por quê? Porque é uma escolha impossível e você não quer admitir que ela nunca vai te escolher.

Balancei a cabeça, abrindo a porta da frente. Eu não exigiria que ela fizesse escolha nenhuma. Eu continuaria lutando, porque a am...

De repente, senti como se o vento tivesse me derrubado no chão.

Porque eu a amava.

— Você me vê nela, não é? — ele provocou, abaixando o tom de voz. — Você realmente quer se deparar com ela todos os dias? Poderia realmente amá-la, sabendo quem ela é e que eu sempre terei um lugar especial na vida dela?

Carrei os dentes e entrei na garagem, batendo duas vezes no capô do SUV. Os caras lá dentro se sobressaltaram, tirando os pés do painel. Entrei de novo em casa, sabendo que eles viriam em meu encalço.

— Onde você está? — perguntei a Damon.

— Bem que eu queria te contar. — Seu tom era de deboche. — Sério, porque é bom demais. Se você tivesse pesquisado um pouquinho melhor, cara...

— Damon...

— É realmente um milagre que você não tenha percebido ainda.

— Damon!

— Não posso falar — disse ele —, mas te vejo em breve.

— Esta noite?

E ouvi um clique.

— Damon! — gritei para o telefone. O que ele quis dizer com “em breve”?

— Sim? — Ouvi uma voz atrás de mim.

Eu me virei, olhando para a ligação encerrada na tela. Eu poderia até ligar de volta, mas, com certeza, não daria em nada. Além do mais, era perda total de tempo.

David entrou no vestíbulo ao lado do cara mais novo, Lev,

bocejando. Fui até o aparador ao lado do corredor e peguei um jogo de chaves de cima de uma caixa pequena. Em seguida, lancei em sua direção.

— O terceiro andar é de vocês — informei. — Banks vai organizar as tarefas aqui em casa e fora, e vou definir um salário para ambos. Ela está dormindo nesse momento. — Aproximei-me de David, enfatizando as instruções para que me levasse a sério. — Não a deixe sozinha em momento algum, e muito menos a deixe sair, e quando ela acordar, diga que fui resolver um assunto e estarei de volta em breve.

— Você — olhei para Lev —, vá até o Delcour. Traga Will e Rika para cá e mantenha-os aqui. Diga para fazerem uma mala para passar a noite.

— Eles não virão comigo — argumentou.

— Enviarei uma mensagem de texto agora para que saibam que você está a caminho. Vá.

Ele suspirou e pegou as chaves do carro de David e, assim que saiu pela porta da frente, peguei o celular e enviei uma mensagem para que Michael me encontrasse no *The Pope*. Em seguida, enviei outras duas mensagens para Rika e Will.

— Verifique todas as janelas e portas — instruí, pegando as chaves do meu carro e saindo. — Quando todos chegarem, tranque tudo. Entendeu?

Ele assentiu.

— Entendi.

Capítulo 26

Kai

Dias atuais...

Perambulei pelo salão de festas, distraidamente, repassando tudo na minha mente sobre aquela Noite do Diabo, anos atrás. Banks e eu. A mulher dançando.

Quanto tempo Natalya Torrance esteve lá? Com que frequência os Torrance usavam o andar secreto? Ela havia deixado Damon três anos antes. Será que permaneceu ali por todo aquele tempo?

Parecia estar faltando alguma informação ali.

A luz da manhã se infiltrou pelas janelas, revelando as partículas de poeira flutuando no ar. Olhei ao redor, reparando no chão repleto de panfletos. Ainda havia suportes para partituras no palco e algumas mesas redondas espalhadas pela pista de dança.

Respirei fundo, esfregando os olhos. Ela queria estar perto dele.

Mas então isso levantou outra questão. O *Pope* não era muito antigo. Então, onde a família se hospedava quando estavam na cidade, *antes* da construção? Aquele detalhe martelou no fundo da minha mente, fazendo-me questionar a razão de não ter prestado atenção muito antes. Não parecia ser algo tão importante, mas era bem estranho.

E, normalmente, quando algo parece estar ‘fora de lugar’, é porque está errado.

— Ei o que está acontecendo? — Michael indagou.

Virei a cabeça, vendo-o entrar no salão. Eu o arranquei da cama para que viesse ao meu encontro aqui. Deveria ter contado a Will, mas preferia que alguém ficasse ao lado de Rika quando Lev fosse buscá-los.

Agitei a cabeça.

— Sei dar ouvidos aos meus instintos, mas os ignorei.

— Por quê? O que houve?

Fiquei frente a frente com ele.

— Este lugar foi construído no início dos anos 90 — comentei —, mas era um hotel de família, e circulou o boato de que eles possuíam um andar secreto em todos os hotéis de sua rede.

— E daí? — Suspirou, parecendo cansado.

— Daí que a família de Damon é uma das mais antigas de Thunder Bay — apontei. — Os Nikov estão nesta área desde os anos 30. Não faria sentido dar início aos seus negócios por perto, do mesmo jeito que fizemos com o nosso, de forma que ficasse mais fácil monitorar antes de tentar expandir para o exterior?

Eles construíram hotéis muito antes dos anos 90. Por que esperar para construir um perto de casa até então?

— Você está certo. — Desviou o olhar para longe, como se estivesse perdido em pensamentos. — Por que não teriam um hotel em Meridian primeiro?

Sem mencionar o fato de que não houve nenhum movimento para construir outro ou reabrir este. Ele não queria um lugar local onde pudesse marcar suas reuniões de negócios, hospedar clientes, festas...? Não fazia sentido.

Provavelmente não era nada. E daí se ele não abriu um hotel perto de casa? Era estranho, mas nada diferente da família Torrance.

Encarei Michael, acenando a cabeça, exausto. Meu cérebro estava tostado.

No entanto, Michael parecia congelado no lugar. Ele encarava em frente, como se estivesse concentrado; as rodas em sua cabeça pareciam estar girando com força total.

E então arfou, dizendo:

— Merda... — Pegou o celular dentro do bolso. — Não, não, não...

Fui em sua direção. Que diabos...?

Ele respirou fundo, discando um número e colocando o telefone no ouvido.

— Rika...

— O que aconteceu? — esbravejei.

Mas ele apenas apontou para mim, já seguindo para a porta.

— Entre no carro!

— O quê?

E saiu dali em disparada, obrigando-me a correr para alcançá-lo. Demos a volta até os fundos, e nem ao menos argumentei ou tentei detê-lo. Michael nunca perdia a compostura, então devia estar havendo uma razão para aquilo. Ele entrou às pressas em seu Rover e eu deixei o meu estacionado ao lado, entrando no dele.

Antes que fechasse a porta, porém, Michael deu marcha ré no carro e pisou fundo no acelerador, jogando meu corpo para frente. Tive que estender a mão e me segurar no painel.

Ele saiu do beco em disparada e fez uma curva acentuada, pegando a rua em direção à estrada que levava à ponte.

— Robson! — gritou com a pessoa do outro lado da linha. — Quem possuía o Delcour antes de nós?

Delcour? O quê...

Ele ouviu o outro homem falar, e a preocupação acentuou a expressão de seu rosto.

— Eu sei que a administração mudou de dono! — gritou. — Mas foi construído nos anos 30. Quem o construiu?

Não, não, não... Ele não podia estar pensando...

Delcour, o prédio da família Crist, era uma joia na cidade sombria. Havia sido artisticamente projetado, exibindo as melhores vistas e a arquitetura misteriosa e atraente.

E poderia muito bem ter sido um hotel naquela época. Contava até mesmo com um salão de festas.

Bom Deus.

Michael correu, desviando de veículos enquanto tentava discar mais alguns botões no telefone.

— Amor, vamos lá, vamos lá — implorou, colocando o celular no ouvido novamente. — Vamos. Atenda o telefone.

— Delcour? — indaguei, virando-me para ele. — Você está de sacanagem.

Como era possível?

— Esse tempo todo... — ofegou, apertando o volante com tanta força que os nódulos de seus dedos ficaram brancos. — Torrance vendeu o Delcour nos anos 80 e construiu o novo hotel em Whitehall para lucrar com o estádio.

— Delcour é o *The Pope* original?

Ele afastou o telefone, rediscando.

— Mas que porra, Rika!

Atravessamos a ponte e aceleramos pelo distrito industrial, virando na Parker Avenue.

— Você sabia? — inquiri. — Você sabia que eles eram os antigos donos do prédio? Que já havia sido o hotel deles em algum momento?

— Não, eu não sabia! — rosnou em resposta. — Ainda nem tínhamos nascido, pelo amor de Deus! Só sabia que havia sido construído nos anos 30 e que nem sempre fomos os donos.

No entanto, o advogado do pai de Michael acabou de confirmar. Os Torrance eram os proprietários originais. E se havia um andar escondido no *The Pope*, então...

— Rika, atenda a porra do telefone!

Ele arremessou o celular contra o para-brisa, que acabou caindo sobre o painel e em seguida no chão.

— Só chegue logo lá — eu disse, entredentes.

Calcinha de renda branca. Só podia ser brincadeira. Ele até poderia estar no prédio, mas não poderia ter entrado no apartamento deles, não é? Será que ele realmente esteve o tempo todo ali, mas conseguiu se conter e evitar fazer contato com Will e Alex, por exemplo?

Michael pisou no acelerador, buzinas soando por todo lado quando freou em frente ao Delcour, cantando os pneus. Descemos às pressas do carro e entramos no prédio, o porteiro lutando para manter

a porta aberta.

— Você viu Rika? — Michael gritou para o homem da recepção enquanto corríamos para o elevador.

Seus olhos se arregalaram enquanto tentava encontrar as palavras.

— Uh, não, senhor.

Assim que as portas se fecharam, Michael apertou os botões freneticamente.

— Você sabe se o prédio tem um andar ou apartamento oculto ou algo assim? — questionei.

Ele balançou a cabeça, suor cobrindo a testa.

— Eu não sei de nada. Nunca prestei atenção em nada do que minha família faz. Você sabe disso.

O que incluía comprar esse prédio ou tomar ciência de qualquer outra coisa, além do fato de como chegar à cobertura sem grandes problemas. Ele era egocêntrico àquele ponto. Havia se incomodado em aprender ou ouvir qualquer coisa que alguém dissesse? Sentir curiosidade, sei lá? Se fosse eu com total acesso e domínio àquele lugar, teria feito questão de explorar todos os cantos do edifício.

Porém Michael não era assim.

Basquete, Rika, comida, sexo e sono eram as únicas coisas que chamavam sua atenção.

O elevador passou pelos vinte e um andares e diminuiu a velocidade até atingir a cobertura. Quando as portas se abriram, eu e ele corremos para dentro de seu apartamento.

Lev e Will estavam no meio da sala.

— Ela está com vocês? Onde? — dirigiu-se diretamente a eles.

— E aí, o que houve?

Levantei a cabeça ante a voz de Rika, no andar superior, e a vi descer as escadas com uma mochila marrom.

Michael subiu os degraus de dois em dois e a agarrou, abraçando-a apertado.

Exalei, totalmente aliviado, baixando a cabeça. Damon não a pegou. Talvez nem mesmo estivesse aqui, afinal.

— Amor — Michael ofegou. — Por que diabos você não atendeu ao telefone?

Ela retribuiu seu abraço, parecendo confusa.

— Eu... está na minha bolsa, acho — gaguejou. — Eu estava lá em cima fazendo a mala. O que aconteceu?

No entanto, ele apenas balançou a cabeça. Não era hora de explicar.

— Senhor. — Olhei para trás e vi Patterson, um dos gerentes do prédio entrando na cobertura. — Tem alguma coisa errada? Jackson, da recepção, informou que poderia estar acontecendo algum um

problema.

— Não tenho certeza — respondeu Michael. — Você viu alguém suspeito entrar ou sair do prédio?

— Não, senhor. — Ele se aproximou, o semblante preocupado. — Eu teria tomado medidas cabíveis se tivesse acontecido, garanto.

— Sim, eu sei.

— Quando os Torrance venderam este lugar? — perguntei diretamente a Michael.

Ele segurou a mão de Rika e pegou sua mochila, descendo as escadas.

— Pelo que Robson disse, em 1988.

Eu assenti.

— Então os controles computadorizados dos elevadores não existiam até o final do século passado — pensei alto. — Já que pretendia vender o prédio, Gabriel não atualizaria o sistema para incluir códigos para um andar oculto. O que significa que eles deviam ter uma maneira mais simples para acessar o décimo segundo andar, diferente do novo hotel do outro lado do rio.

Sem teclado. Definitivamente não havia nem cartões-chave ou acesso por impressão digital.

Eles tinham que ter um elevador separado, mas... Os elevadores do Delcour foram reformados. Todos foram trocados, os eixos renovados, dessa forma, o andar secreto teria sido encontrado. A menos que...

— Existem outros elevadores? — perguntei a Patterson. — De qualquer tipo? Não os de uso comum. Algum que esteja fora de serviço? Ou talvez outra escada?

Ele negou em um aceno, provando ser um beco sem saída, mas depois parou, parecendo pensar em alguma coisa.

— Bem, há uma escada no primeiro andar que leva à entrada, mas foi vedada com uma parede. Não vai mais a lugar nenhum.

Meus ombros cederam em desânimo.

— E há um elevador de serviço no porão — acrescentou.

Aquilo atraiu minha atenção.

— Mas está coberto de tábuas — emendou. — Não acredito que tenha sido usado há pelo menos... trinta anos?

Bem, isso seria certo.

Dei um passo em sua direção.

— Mostre onde fica.

Ele liderou o caminho para o elevador novamente. Passamos pelo nível do saguão, garagem e subsolo.

Michael manteve Rika firme em seus braços, mas me lançou um olhar apreensivo. Acho que ele nunca esteve aqui embaixo, e somente a ideia de que Damon poderia estar no edifício, especialmente nas

noites em que esteve fora de casa ou da cidade por conta dos jogos, deixou-o paralisado.

Quando chegamos ao porão, dois níveis abaixo, Patterson nos conduziu por um corredor e viramos mais à frente. A água corria pelas tubulações acima de nós, e era possível ouvir o barulho suave da fôrnalha vindo de algum lugar.

Chegamos a uma pequena área aberta, e lá estava. O antigo elevador de serviço.

Patterson parou de repente, parecendo confuso.

— As tábuas foram retiradas — comentou.

Segui seu olhar e vi as marcas da madeira e dos grampos enferrujados projetando-se para fora. Qual teria sido a última vez que ele esteve aqui embaixo para conferir isso?

O elevador antigo não era grande e estava coberto de sujeira e teias de aranha, mas havia um painel antiquado bem acima das portas. Não indicava os números, mas uma luz fraca brilhava por trás do vidro fosco, indicando que passava energia por ali.

— Você só pode estar de sacanagem — Michael murmurou, atordado.

Apertando o botão, as portas do elevador se abriram imediatamente e todos ficamos imóveis por um momento.

No entanto, dei o primeiro passo. O piso sacudiu um pouco por causa dos cabos, mas se manteve estável o suficiente. Segurei a porta aberta, gesticulando para que entrassem.

O interior era pequeno. O tapete cobria o chão e as paredes eram de cerejeira escura no fundo e espelhadas no topo. Havia apenas um botão do lado de dentro. Sem esperar mais, disse a Lev para voltar para minha casa e avisar Banks que eu estaria de volta em breve, enquanto Michael instruiu Patterson para que enviasse a equipe de segurança aqui. Então fechei as portas e apertei o botão para subir.

Os cabos rangeram na mesma hora, dando para sentir as vibrações de seus movimentos sob meus pés.

— Um ano — Michael comentou. — Ele tem entrado e saído, nos observando de perto, há um ano, porra. Daqui mesmo.

— Na verdade, não era assim tão difícil de descobrir — acrescentou Will, falando pela primeira vez.

Eu o encarei. Não tínhamos conversado muito, ultimamente, e comecei a me perguntar como estava sendo para ele lidar com tudo aquilo. Ele estava bem com tudo isso? Ele também tinha se metido em um monte de problemas por causa de Damon.

Eu falaria com ele mais tarde.

O elevador subiu devagar, parando por conta própria no que deduzi ser o andar secreto. Não dava para saber, porém, se era o equivalente ao décimo segundo neste edifício, como previsto no *The*

Pope.

As portas se abriram e todos nós olhamos para a imensa sala à nossa frente. Ampla e larga, era como uma grande sala de estar com portas laterais e aos fundos, provavelmente levando a quartos e uma cozinha. *Jesus*. Era enorme.

Havia sido projetada como uma suíte de luxo com uma área comum, mas a extensão ainda não era completamente visível. Uma lareira se encontrava à direita, enquanto as janelas cobriam a parede leste com cortinas de veludo, filtrando a luz do céu nublado.

— Inacreditável — exclamou Rika à medida que nos espalhávamos pelo ambiente, contemplando a grande sala. — Isso estava aqui o tempo todo e não fazíamos ideia.

Sim. E ele esteve aqui. O cheiro característico de seu cigarro era pungente.

As paredes estavam cobertas por retratos e diversas poltronas estofadas se espalhavam ao redor de mesinhas. Fui até uma delas quando vi uma garrafa de uísque pela metade e um copo vazio. Sem hesitar, peguei o copo e o cheirei.

Michael perambulou pelos quartos, enquanto Rika ficou ao meu lado e Will olhava pelo terraço. Mas Damon já não estava aqui. Talvez tenha percebido nossa chegada de alguma forma e tenha ido se esconder no *The Pope*.

— Por que ele simplesmente não deixou o país e ficou por lá? — Rika enfiou as mãos nos bolsos do casaco, o cabelo loiro se espalhando pelos ombros.

Foi Will quem respondeu:

— Porque tudo o que ele quer está em Meridian.

— Mas, todas as vezes que saí de casa — Michael disse, aproximando-se —, deixei-a vulnerável. Ele poderia ter feito qualquer coisa.

— Mas não fez, então apenas se acalme — respondeu Rika.

— Ele nos observou esse tempo todo, porra! — Michael fez uma careta para ela. — Espreitando como um doente do caralho bem debaixo do nosso nariz!

Rika desviou o olhar, enquanto Will passou a mão pelo cabelo. Michael estava certo. Aquilo era, definitivamente, assustador pra cacete, mas...

— Rika está certa — acrescentei. — Por que ele não fez nada? Eu trabalhei até tarde, sozinho, no *dojo* inúmeras noites, enquanto ele provavelmente estava do outro lado da rua no *The Pope*. Will estava bem aqui. Rika estava sozinha aqui. Por que ele não agiu?

Todo mundo ficou em silêncio enquanto o pensamento pairava no ar. O que ele estava esperando? Por que apenas ficou sentado aqui, sem fazer nada? Ele teve um ano e várias oportunidades.

— Exatamente por isso — Will disse, por fim. — Michael, Rika e eu estamos aqui no Delcour. Você e Banks estão em Whitehall. — Ele fez uma pausa, baixando os olhos. — Não há nenhum outro lugar no mundo que tenha o que Damon quer. Ele queria estar aqui. Perto. — Seu olhar aterrissou em mim. — De nós.

Balancei a cabeça. *Besteira.*

No entanto, fazia sentido. Por que ele ficou? Por que esperou até agora?

— Noite do Diabo. Todos nós. Amigos dele. É a época favorita dele — murmurei.

— Como faremos para encontrá-lo? — Michael perguntou.

Acenei, pensando. Até que uma mensagem chegou e peguei meu telefone, passando a tela.

Os jogos são melhores com mais jogadores, você não acha?

Outro número desconhecido. Por que ele continuava com isso? *Vamos lá. Vamos fazer isso.*

Outro texto apareceu:

The Pope. Nove da noite. Não venha sozinho.
Porque eu não estarei.

— Não há necessidade. Ele não está se escondendo — respondi, caminhando para o elevador. — Vistam-se de forma confortável e me encontrem na minha casa dentro de uma hora.

Eu tinha que chegar lá o quanto antes. Ele precisava de seu trunfo e iria atrás dela. Entrei no elevador e lembrei-me de uma última coisa, gritando:

— E não esqueçam suas máscaras.

— Por quê? — Will disparou.

— Porque é Noite do Diabo. — Apertei o botão e as portas começando a fechar. — E não vou ser pego desta vez.

Capítulo 27

Banks

Dias atuais...

Desci as escadas correndo e entrei na cozinha. Olhei o ambiente escuro e vazio ao redor, sem saber o que fazer a seguir. Se estivesse em casa, comeria qualquer coisa preparada por Marina, sobre a mesa, e se estivesse no meu apartamento, estaria cozinhando um ovo e arranjando um pedaço de torrada às pressas, de forma que pudesse obedecer às ordens de Gabriel.

Agora, eu não tinha para onde ir. Não tinha mais emprego.

Estava apenas à mercê do meu irmão, e as coisas se mantinham calmas até agora. Exceto pelo fato de não ter ideia de onde diabos Kai havia se enfiado. David bateu à minha porta mais cedo para me verificar, entregar as sacolas de roupas novas que pegou no meu apartamento e me avisar que Kai havia saído e que voltaria em breve.

Na verdade, fiquei muito grata pelas roupas. Tudo o que eu tinha aqui era o meu vestido de noiva e, embora ficasse satisfeita ao usar alguma coisa do Kai, realmente gostava mais dos meus jeans justos e da regata preta que peguei nas sacolas. Era bom variar o meu estilo.

Acendi a luz e dei a volta na ilha central, contemplando as árvores pela janela à direita. O vento forte sacudia as folhas com violência, enquanto as trovoadas me lembravam de que outra tempestade vinha em nossa direção hoje.

Outra rodada de calafrios se espalhou pelos meus braços.

Abrindo a porta da geladeira, vasculhei por entre uma variedade de alimentos que mal reconheci e muitas outras coisas que nunca havia experimentado. Tofu e carne embrulhados, sucos verde e de laranja e um prato interessante de cogumelos com molho que realmente cheirava muito bem. Havia também ovos e leite, além de duas prateleiras de frutas e legumes. Nada de queijo, biscoitos ou refrigerante. Era óbvio que Kai só ingeria comida saudável.

Peguei os ovos e me virei para colocar a caixa sobre a bancada, alcançando uma frigideira no armário.

— Você está sorrindo.

Olhei para cima, vendo David entrar na cozinha.

Estava? Desfiz a curvatura em meus lábios.

— Bem, não era minha intenção.

Ele riu. Tirando o paletó, pendurou-o na cadeira do outro lado da ilha quando Lev o seguiu, bocejando. O cabelo preto cobriu um dos olhos quando jogou as chaves no balcão, e minha mente viajou por

um segundo. A semelhança com Damon, quando chegava da rua com o ar cansado e lânguido, por estar bêbado e, teoricamente, em paz, foi assombrosa.

— Kai estará de volta em breve — ele comentou comigo.

— Está tudo bem?

Deu de ombros antes de responder:

— Acho que vamos descobrir.

Tuuuudo bem...

Comecei a servir três sucos e depois olhei para eles.

— Vocês estão com fome?

— Você vai cozinhar? — David recuou, parecendo chocado.

— Eu sei como fazer ovos, mas... — Impressionada, abri a geladeira. — Ele tem comida suficiente aqui para montar um *buffet* de casamento...

Os olhos de ambos se iluminaram quando deram a volta na ilha central.

— Bom, aconteceu um casamento — David disse, curvando-se sobre as prateleiras —, então, foda-se... Vamos fazer um banquete.

— Isso vai deixar a cozinha bagunçada — apontei. — Kai odeia bagunça.

Ele bufou, pegando uma carne embrulhada em papel pardo.

— A *esposa* dele pode fazer o que quiser em *sua* casa, certo?

Eu sorri.

— Acho que vamos descobrir.



Mordi a rosquinha açucarada, afundando os dentes na massa macia.

— Isso é realmente muito gostoso — comentei com Lev, lambendo um pouco do açúcar grudado nos meus lábios.

Ele esfregou a cabeça, assentindo.

— Minha avó me criou. Ela costumava assar esses bolinhos o tempo todo. Não é a comida da Marina, mas posso viver disso se for preciso.

Eu ri comigo mesma, parando logo depois.

— Marina... — pensei alto.

Aquele babaca de patrão que ela tinha, além de todos os outros machos empregados de Gabriel, entrando e saindo de casa o tempo todo. Eu não deveria tê-la deixado lá.

Lev foi até o fogão, o rosto manchado de farinha de trigo, enquanto David terminava de comer o bife que havia cozinhado e se servia de mais

OVOS.

— Banks.

Virei a cabeça em direção à entrada, deparando com Kai logo ali. Ele sequer lançou um olhar aos caras.

— Venha aqui — disse e se virou para sair da cozinha.

Limpei as mãos no pano de prato e esfreguei a blusa para me livrar da mancha de farinha. Fui em seu encalço, brincando, nervosa, com a aliança em meu dedo, mas me detive a tempo, parando em frente a ele no vestíbulo.

— Nós vamos limpar a cozinha — assegurei.

— Não estou preocupado com isso. — Balançou a cabeça, o olhar se tornando mais suave. — Estou feliz que esteja se divertindo.

A porta da frente se abriu e Will entrou, carregando uma mala e sendo seguido por Michael e Rika.

Kai voltou-se para mim.

— Mande seus caras terminarem de comer, e então preciso deles lá fora.

— O que está acontecendo?

Ele parou por um momento, preocupado, o olhar fixo ao meu. Segurando meu braço, me recostou à parede.

— Você sabia que o Delcour já pertenceu ao seu pai há muitos anos? — perguntou em voz baixa.

Delcour?

— O quê? — Eu não sabia o que dizer. — Sério? Não, eu não sabia. Eu não cuidava de nada de suas empresas. Pelo menos, não as legítimas, de qualquer forma. Mas acho que teria ficado sabendo de algo assim...

— Ele foi o dono antes de você nascer — informou. — Costumava ser um hotel. Na verdade, construído pela família dele.

Um hotel. Logo...

— Então, o andar secreto...

— Existe também. — Assentiu, entendendo o que eu estava perguntando. — Parece que Damon estava dividindo seu tempo entre as duas propriedades.

Você tem que estar de sacanagem... Isso significava que, quando estive lá para deixar o contrato de Gabriel na festa de Michael, naquela noite, meu irmão poderia estar no prédio. Eu não tinha dúvida de que ele estava na cidade, mas, meu Deus...

Por que ele nunca me falou sobre o Delcour?

— Estou pronto para acabar logo com isso — disse Michael, jogando uma mochila aos pés da escada. — Ele nos fez correr em círculos como idiotas.

— Exatamente. — Will saiu da cozinha com uma cerveja. — Nós nem deveríamos ir ao *The Pope*. Vamos deixar que ele venha até

nós, com a porta aberta. Por que não?

Os músculos da mandíbula de Kai se flexionaram, e eu sabia que ele estava frustrado.

— Por favor, não chame a polícia. — Abaixei o tom de voz, inclinando-me para ele. — Gabriel não vai...

— Não vai o quê?

Eu não queria dizer qual seria o próximo passo do meu pai. Isso poderia dar ideias a eles.

— Ele não vai deixar Damon envergonhá-lo com outra prisão novamente — afirmei, evasiva. — Eu posso controlá-lo. Se puder falar com ele...

— Ele não vai se aproximar de você.

— Ele é meu irmão...

— Isso não vai acontecer! — Kai esbravejou. — Eu vou lidar com ele.

— Will está certo. — Rika deu um passo à frente. — Vamos surpreendê-lo e atraí-lo até nós. Ele esteve aqui este tempo todo, e ainda é uma ameaça real de qualquer maneira...

No entanto, Kai apenas riu, parecendo mais condescendente do que divertido.

— Os tubarões circulam ao redor daquilo que ainda estão decidindo se é comestível ou não. — Ele olhou para ela. — Às vezes, eles se afastam. Às vezes, abocanham. Ele pode até querer ter uma conversinha com a gente — apontou para Michael e Will —, mas adoraria colocar as mãos em vocês duas. — Olhou para mim e Rika. — Não vou arriscar que esta seja a noite em que ele vai decidir fazer isso.

— Exatamente — respondeu Michael.

— Vamos encontrá-lo mais tarde. — Kai me encarou com um olhar de advertência. — Você, Rika e Alex vão ficar aqui com Lev e David.

— Não! — Rika berrou.

— De jeito nenhum! — gritei em conjunto. — Eu também tenho direito de vê-lo. Se alguém pode acalmá-lo, sou eu. Não vamos ficar aqui e fazer *cupcakes* enquanto os homens caçam! Se você acha...

Kai me agarrou, enlaçando meu corpo e erguendo-me até ficar nariz a nariz.

— Eu te amo — sussurrou contra os meus lábios enquanto nos afastava dos outros. — E ele pode me mandar para a prisão outra vez, por muito tempo. Não vou deixar isso acontecer agora que te encontrei. Por favor.

Seus olhos escuros, nublados de medo, estavam concentrados apenas em mim. Ninguém era capaz de vê-los.

Ele me amava...?

Eu o encarei, tentando entender o que se passava em sua cabeça. Por que eu? Nós não nos encaixávamos. Esta era realmente a minha casa agora? Minha cama lá em cima? As minhas roupas? Meu marido? Eu teria nossos filhos e saberia alguma coisa sobre ser mãe?

Deus, o futuro parecia tão diferente agora. Essas eram coisas que pensei que nunca fariam parte da minha vida. Ao invés da linha reta à minha frente – um túnel –, meu futuro parecia girar em círculos para encontrar uma estrada, deparando-se com prados e colinas verdejantes. Muita coisa a ser explorada, sem um caminho definido. Eu poderia dar voltas e nunca pisar no mesmo lugar duas vezes.

Mas, por alguma razão, isso não me deixou apavorada. Eu queria sonhar novamente.

— Por favor, não o machuque — supliquei.

— Vou fazer de tudo para não chegar a esse ponto.

Ele me colocou no chão e beijou minha testa antes de se virar, mas o puxei de volta, sussurrando:

— Eu também te amo.

Um sorriso brilhou em seus lábios. Segurando minha nuca, ele me puxou outra vez e me beijou com vontade, depositando mais dois beijos suaves e lentos. Com o olhar focado ao meu, deu um passo para trás e se virou para falar com os amigos:

— Vamos trancar e proteger este lugar como uma tumba.

Capítulo 28

Kai

Dias atuais...

— Para ser honesto, isso é incrível.

Michael perambulava pela sala do décimo segundo andar, observando as pequenas pistas que Damon havia largado por ali – roupas, bitucas de cigarro, alguns celulares descartáveis – e a quantidade de espaço tão habilmente oculto no prédio. Era realmente inacreditável como aquilo poderia passar despercebido. Provavelmente porque não enxergamos aquilo que não estamos à procura.

— É uma cidade enorme — prosseguiu, vasculhando os papéis em uma mesa. — Damon sempre teve hábitos noturnos, como uma coruja. Quieto durante o dia, mas capaz de escapular de seus esconderijos para circular pela cidade enquanto dormíamos.

— Mas não é da natureza dele ficar sozinho — acrescentou Will, ainda recostado ao batente da porta.

Ele não entrou no quarto, e nem ao menos perguntei a razão.

— Bela vista do caralho. — Michael suspirou, olhando pela janela.

Observei a cama, os lençóis ainda emaranhados e os travesseiros no mesmo lugar onde eu e Banks havíamos deixado. Ele não deve ter vindo aqui depois de nós.

— Beleza, então vamos lá. — Enfiei as mãos nos bolsos do meu moletom e fui em direção à porta. — Ele não está aqui. Vamos esperar por ele no saguão.

Hesitante, Michael me seguiu à medida que íamos de volta ao elevador. Passava das nove e Damon não havia informado onde deveríamos

encontrá-lo no *The Pope*, mas verificamos o andar secreto de qualquer maneira, apenas por precaução. Além disso, os caras queriam ver.

Girei em um círculo assim que passamos pelo *lobby*, examinando o espaço. A chuva estava começando a cair e relâmpagos atravessavam as janelas, seguidos por um trovão.

Algo parecia errado.

Nós não o víamos há um ano. Ele, certamente, estava preparado para fazer uma grande entrada. Não chegaria no hotel apenas dizendo um "oi".

Meu telefone tocou naquele instante, e suspirei sem nem me dar ao trabalho de conferir o visor.

— Onde você está? — perguntei.

— Exatamente onde preciso estar.

— Como assim?

Ele não disse nada por um momento. Então perguntou:

— Você acha que ela te ama? Mais do que a mim?

— Onde diabos você está? — Apertei o telefone na minha mão, sentindo os caras se aproximarem quando me ouviram. — Estamos te esperando aqui.

— Ela faz parte de mim — continuou ele. — E eu faço parte dela.

— Vocês só compartilham o mesmo sangue. — Fui até as portas da frente, olhando pelo vidro. — Isso não faz uma família.

— E é aí que você se engana — disse ele em um tom mordaz. — Sangue é o laço que liga. O nó na sua alma que diz que não importa para onde vá ou o que faz, sempre haverá alguém conectado a você nesta porcaria de mundo esquecido por Deus.

— Onde você es...

— Pode ser uma maldição — continuou ele. — Um fardo. Mas também pode ser o seu batimento cardíaco. Seu centro, seu propósito, seu senso de pertencimento... — Ele soltou um suspiro, suavizando o tom. — Eu estraguei tudo, menti, quase desmoronei na frente dela, mas ela entende que família é isso. É o que a vida lhe dá para ajudá-lo a suportar. O lugar deles é ao seu lado, não importa o quanto doa, eles são as pessoas que estão *sempre* com você. É um dever.

Não quando era algo abusivo. Ela era minha família agora, e ele nunca a machucaria novamente.

— E, infelizmente, Kai... — Damon parecia quase divertido. — Nada poderia me afastar do lado dela também.

— Onde você está? — exige saber.

Mas ele apenas respondeu:

— Ela é minha. — Então ouvi o clique encerrando a ligação.

— Damon! — Apenas o vazio do outro lado. — Damon!

— O que diabos está acontecendo? — Michael olhou para mim.

Porém eu não fazia ideia. Por que ele ligou? Por que não disse toda aquela merda pessoalmente?

Por que nos pressionar outra vez?

E então cheguei à conclusão.

Trunfo.

— Ele não vem — informei.

— O quê? — Michael se aproximou.

Encarei meus amigos, com seriedade.

— As meninas. Ele sabia que as deixaríamos em casa.

Capítulo 29

Banks

Dias atuais...

— Argh! — Alex rosnou, retirando a mão suja de dentro da abóbora e jogando o conteúdo na folha de jornal em frente.

— Você disse que queria assar sementes de abóbora — ressaltou Rika.

— Sim, bem, eu não sabia que elas vinham daqui.

Dei um sorriso forçado, tentando, sem sucesso, afastar meus pensamentos de Kai e meu irmão. Enfiei uma vela dentro do meu Jack O'Lantern[9], peguei o isqueiro e acendi o pavio.

Esculpir abóboras era uma maneira patética de me manter ocupada quando tudo o que eu mais queria era entrar em um carro e procurar Kai e Damon, mas se eu saísse de casa, Rika daria um jeito de me seguir, e depois, Alex, e eu não queria me tornar responsável por alguma coisa que pudesse acontecer a elas. Decidi, então, esperar pela ligação de Kai. Se ele não voltasse dentro de mais uma hora, eu iria atrás dele, independente de quem entrasse no carro comigo. Eu amava os dois, e um queria machucar ao outro. Como diabos conseguiria resolver aquilo?

Lev e David entraram na cozinha, beliscando os salgadinhos em cima da bancada enquanto nos observavam. Levei minha abóbora até o parapeito da janela e a coloquei de frente para o jardim.

As árvores coloridas se agitavam contra o vento, enquanto as gotas de chuva soavam como agulhadas contra o vidro da janela. Um relâmpago estalou do lado de fora, dando-me um susto repentino. Em seguida, veio o retumbar do trovão que reverberou pela casa.

Ergui a cabeça, encarando os caras.

— A tempestade está chegando. Há velas, lanternas e pilhas no armário do corredor. Peguem tudo lá, por favor.

— Beleza. — David se levantou de onde estava encostado no balcão. Tanto ele quanto Lev estavam cheios de sorrisos para Alex.

Ela lançou um olhar sedutor em retorno.

— Esses homens têm uma aparência tão saudável... — brincou, seguindo-os com o olhar enquanto saíam da cozinha. — Eles são um time?

Levantei a cabeça e Rika apenas balançou a dela, sorrindo enquanto esculpia sua abóbora.

— Quando estou entediada, penso em sexo.

— E quando ela pensa em sexo — Rika emendou —, alguém acaba transando.

Alex inseriu a tampa em sua abóbora agora acesa.

— É gostoso, não é? Devemos ter vergonha de fazer as coisas que gostamos? Não.

Eu a observei piscar para mim e depois sair da cozinha. Eu só esperava que não estivesse indo atrás dos dois.

Rika continuou recortando o formato dos olhos, enquanto eu embrulhava minhas sementes no jornal. Se Alex quisesse assar aquela porcaria, beleza. Eu já tinha esgotado minha cota de serviços domésticos por hoje.

— Gostei do seu vestido — comentou Rika, sem olhar para mim. — Estava perfeito.

Meu vestido?

Ah, o casamento. O vestido ainda estava largado no chão da sala de jantar.

— Você acha que será feliz? — Ela se inclinou, cortando cuidadosamente com sua pequena faca serrilhada para formar um olho.

— Eu não estou infeliz — atestei. — Disso tenho certeza.

Ela assentiu, ainda concentrada em seu trabalho.

— Kai é um bom homem. Ele é da família.

Eu sei. E estava entendendo onde ela queria chegar. Era melhor fazê-lo

feliz também. As coisas podiam ser complicadas, e talvez levasse um tempo até que abajassem um pouco a guarda até que me encaixassem em seu círculo fechado de amizade, mas eu admirava sua lealdade.

Dei a volta na bancada e empurrei em sua direção a vela e o isqueiro para que pudesse enfiar em sua obra de arte quando acabasse.

— Então, como estão seus planos de casamento?

Um sorriso largo se espalhou pelo seu rosto.

— Estou cheia de ideias — ela respondeu timidamente. — Quer me ajudar a fazer compras?

— Fazer compras? — Não deu para disfarçar o desgosto. — Tipo... vestidos?

Ela olhou para mim, inclinando-se.

— Tipo... um trem.

— Um trem? Como em...

— Todos a booooooordo! — ela cantarolou.

Hein?

Mas antes que tivesse a chance de questionar mais, a luz da cozinha apagou e a sala se viu mergulhada na penumbra.

— Eita. — Rika se endireitou no banquinho.

Fui até os interruptores, testando rapidamente e vendo que a energia havia acabado geral.

— Lanternas e velas! — gritei pelo corredor. — Rápido!

— Não dá para acreditar que as luzes acabaram desse jeito. — Rika esfregou os braços como se estivesse com um calafrio. — A tempestade nem está tão ruim assim.

— Tudo bem, aqui estão. — David e Lev voltaram correndo, colocando os suprimentos sobre o balcão.

Entreguei a Rika um isqueiro.

— Acenda as velas nos castiçais da sala de jantar, pode ser?

Ela o pegou e saiu apressada. Entreguei a Alex algumas velas.

— Você pode espalhar algumas destas pelos corredores lá de cima? Lev, vá com ela.

David me entregou uma lanterna e eu peguei algumas velas e um isqueiro para colocar na sala, enquanto ele corria escada acima.

Entrei no escritório primeiro e retirei os cliques de papel de um suporte metálico de Kai, apoiando uma das velas. Depois de acender, lancei um olhar para conferir se a entrada secreta do túnel estava fechada.

Quando entrei na sala de estar, meu corpo se cobriu de arrepios ao sentir uma corrente súbita de ar. Olhei para cima e avistei as cortinas

esvoaçando e permitindo que a chuva entrasse pela janela aberta.

— Que porra...? — Deixei tudo o que estava na minha mão sobre o sofá e corri para tentar puxar o vidro imenso para baixo. — Quem deixou essa janela aberta?

A chuva salpicava o peitoril, as gotas encharcando minha camiseta enquanto me esforçava para fechá-la, usando todo o peso do meu corpo.

— Por que isso está aberto? — Rika parou ao meu lado, ajudando-me. Depois de certo esforço, conseguimos deslizar o vidro no lugar.

— Não faço ideia. — Respirei fundo e sequei as mãos. — De todo jeito, obrigada. Está ficando ruim lá fora.

— É mesmo. — Ela espiou pela janela, o longo cabelo loiro pendendo sobre os ombros. — Eu meio que queria estar em casa. A Noite do Diabo é melhor ainda na chuva.

Esfreguei os braços, tremendo. *Eu não tinha como saber disso.* Mas podia adivinhar a razão para que todos estivessem voltando para casa hoje à noite. No entanto, eu não tinha o mesmo brilho melancólico que agora via nos olhos de Rika.

Era nítido que ela havia crescido de forma bem diferente da minha. Em segurança, conforto e protegida. Eu, em contrapartida, cresci ao lado de Damon, e havia presenciado comportamentos destrutivos o suficiente para que a Noite do Diabo parecesse fichinha. Não via nada de especial nela. Seja para liberar energia acumulada ou me divertir. Enquanto ela queria se afastar da vida resguardada que

levava e se meter em encencas, tudo o que eu queria era a calma e o silêncio.

Algo atingiu o chão no piso acima, e nós duas imediatamente olhamos para o teto. As tábuas rangeram como se alguém estivesse caminhando pelo segundo andar, atraindo nossa atenção.

— Alex — disse Rika.

Assenti com a cabeça, embora achasse que ela não tinha razão para estar lá, já que pela posição era o quarto de Kai – e agora o meu.

Peguei a lanterna no sofá e comecei a sair da sala.

— Vamos.

Subimos as escadas às pressas, arrepios correndo pelos meus braços. Não tínhamos deixado a janela aberta. Olhei ao redor, jogando o facho da lanterna de um lado ao outro, em alerta máximo.

— Alex? — gritei, seguindo pelo corredor para o nosso quarto.

— Alex, você está bem?

Abri a porta com cuidado, detendo-me no batente enquanto iluminava o interior. Não havia nenhuma vela por aqui, nem nos cantos ou próximo à cama.

O quarto estava do mesmo jeito que o deixei.

Estava prestes a enfiar a cabeça pela porta da suíte quando ouvi um rangido atrás de nós. Rika e eu viramos a cabeça na mesma hora.

— Alex? — chamei.

Andando até lá, abri a porta e iluminei o quarto de hóspedes.

— Que porra é essa?! — Lev exclamou, descendo da cama e ajeitando o jeans. Alex se levantou de onde estava ajoelhada e deu de ombros para mim com um sorriso tímido.

Balancei a cabeça, dando uma bronca em Lev:

— Fique com David e vá atrás dos disjuntores no porão.

Ele pigarreou, tentando disfarçar o sorriso quando passou por mim. Eu me virei para Alex e disse:

— Eles são todos seus quando a noite acabar. Tenha calma.

Ela abriu a boca para responder, mas algo se chocou no piso acima, fazendo com que todas nós olhássemos para o teto. Perdi o fôlego no mesmo instante. Aquilo não foi causado por nenhum de nós.

— O que foi isso? — Rika perguntou.

Agarrei seu braço, puxando-a para o corredor e depois gesticulando para Alex.

— Vamos!

Elas me seguiram às pressas pelo corredor e pelas escadas.

— Lev! — gritei. — David!

Contornei o corrimão e corri em direção à cozinha, abrindo a porta do porão.

— Lev! — Segurei a lanterna com mais força, iluminando a escuridão da escada abaixo. — David!

Jesus, onde eles estavam?

O teto rangeu de novo e de novo, em pequenos intervalos, como se alguém estivesse andando acima de nós.

— Banks — Rika sussurrou.

Eu sei. Eu sei. Algo estava errado.

Comecei a me afastar da porta do porão, olhando de um lado ao outro.

— Seu celular... onde está?

— Na sala de estar.

Seguimos naquela direção enquanto eu mantinha a lanterna circulando para todo lugar à medida que atravessávamos o *hall* de entrada. Verifiquei as fechaduras da porta da frente para ter certeza de que ainda estavam trancadas.

Entrando na sala de estar, Rika foi direto para o sofá e enfiou a mão na bolsa, retirando o celular. Então algo caiu no chão acima de nós, um *baque* ecoando pela casa.

— Que diabos? — Alex parou perto da janela, sua vela cintilando ao redor.

Rika se virou para mim, pronta para discar, mas então seu olhar caiu em algo às minhas costas.

— Banks.

Segui seu olhar, girando ao redor. Kai estava parado na porta usando sua máscara. Na mesma hora, exalei um suspiro.

— Kai. — Corri até ele, envolvendo-o com meus braços e o abraçando apertado. — Que merda? Você nos assustou.

Ele estava bem. O nó em meu estômago começou a se desfazer.

— Você entrou pela passagem secreta? — perguntei, sentindo-o retribuir meu abraço com força. — Onde estão Michael e Will?

— Banks — Rika chamou.

Eu me afastei um pouco, olhando para ela por cima do ombro.

— O quê?

Ela olhou para telefone vibrando em sua mão e para mim.

— Kai está me ligando.

O quê?

Seu olhar recaiu sobre o homem na minha frente. Com um ofego, começou a sacudir a cabeça, recuando.

— Esse aí não é o Kai.

Desenlacei os braços ao redor da cintura do homem, um nó na garganta quando olhei para a máscara.

Olhos negros encontraram os meus – uma frieza familiar me encarando de volta.

Damon? Eu me afastei, seu olhar ainda pousado em mim.

— Ai, meu Deus.

— Desligue o telefone — disse ele a Rika. — Agora.

No entanto, eu sabia que ela não o obedeceria. Olhei para ela, balançando a cabeça, suplicando com meu olhar. Isso apenas o provocaria. Eu poderia lidar com ele, desde que pudesse mantê-lo calmo.

Seu punho se apertou ao redor do telefone, e era nítido que estava se debatendo sobre o que fazer. Até que, por fim, enfiou o celular no bolso de trás da calça e pegou uma garrafa de Johnny Walker de cima do armário de bebidas, já se preparando.

— Então, como estão minhas cobras? — Damon perguntou, retirando a máscara que era uma réplica da de Kai e passando a mão pelo cabelo.

Olhei para o rosto do meu irmão pela primeira vez em um ano. Seu cabelo preto estava mais comprido e o rosto parecia um pouco mais fino, mas a mandíbula angular ainda era firme, os músculos flexionando de vez em quando. Era o único sinal que revelava que estava tentando não deixar a raiva transparecer.

Dei um passo devagar para trás, por precaução.

— Você está com medo de mim? — Ele jogou a máscara sobre a cadeira.

— Onde estão David e Lev? — perguntei.

— Amarrados no porão.

Balancei a cabeça.

— Você não conseguirá lidar com todas nós — avisei, vendo Alex se esgueirar pelo canto do meu olho esquerdo.

Ele apenas riu baixinho.

— Não se preocupe. Há um de mim para cada uma de vocês.

Então ergueu o queixo, dando um assobio agudo. Parei de respirar quando mais dois homens, vestidos como ele e com máscaras iguais às de Kai entraram na sala. Agora tínhamos três homens à nossa frente, e todos os músculos do meu corpo tensionaram em pavor.

— Quem...

Mas Damon me interrompeu:

— Agora — ele ordenou.

Então os caras avançaram.

— Damon, não! — gritei, preparando-me para golpear quem chegasse até mim.

No entanto, eles passaram direto e foram em direção a Alex. Um a agarrou por trás, segurando seu cabelo com força e torcendo o pescoço, enquanto o outro se postou à frente, prendendo as mãos atrás das costas enquanto ela rosnava e tentava se debater.

Rika fez um movimento em direção a eles.

— Eu poderia quebrar o pescoço dela em um segundo — o que estava às costas de Alex ameaçou, segurando a cabeça dela com as duas mãos enquanto encarava Rika.

Não consegui reconhecer suas vozes.

Ela parou, uma das mãos em punhos enquanto a outra ainda mantinha um firme agarre na garrafa de uísque. Os olhos dela se voltaram para Damon.

— Você é um maldito covarde!

— Não, eu sou esperto. — Ele sorriu. — Eles não durariam cinco segundos se tivessem tentado te derrubar.

— Ei, vá à merda! — disse o que estava à frente de Alex.

Eu me virei para Damon.

— O que você quer?

— Você — ele respondeu.

— Besteira! — rosnei. — Você sempre me teve! Por que esperar até agora para aparecer?

Antes que ele pudesse responder, Rika interrompeu:

— Você tentou nos matar — ela acusou. — Will... Você amarrou um bloco de concreto ao redor do tornozelo dele, amarrou suas mãos às costas e o jogou no oceano. — A voz dela falhou. — Você sabe o que fez com ele? Você é horrível.

— Eu sei.

Olhei para ele outra vez, atraída por sua resposta quase sincera.

— Tem muita coisa errada comigo — admitiu em um tom sério. Seu olhar percorreu a sala, evitando o nosso. — Adorei ir à escola. Fazia questão de ir todos os dias, mesmo se estivesse doente. Lembre-se, Banks?

Estreitei o olhar. Era claro que eu me lembrava. Damon era a última pessoa no mundo que alguém poderia esperar uma frequência tão acirrada. As únicas vezes em que ele faltava aula eram quando os amigos também faltavam.

— A escola era o único lugar onde eu sabia que estaria seguro — continuou. — E depois, quando fiquei mais velho, havia música, bebida e garotas... Era como uma festa todos os dias. Às vezes era o suficiente para me afastar dos meus próprios pensamentos, daí, eu quase não percebia o que estava acontecendo... — Abaixou o tom de voz, forçando as últimas palavras: — Acontecendo comigo.

Meus olhos arderam com as lágrimas.

— Eu tinha meus amigos, meu time e você — disse ele, olhando para mim. — Tudo para mim. A única garota em quem confiei. Ninguém tiraria você de mim. Eu não gosto de mudanças. — Então ele olhou para Rika. — Você estava fazendo isso.

Ele começou a andar em sua direção.

— Damon, não! — gritei.

Ele parou e olhou para mim.

— Então venha comigo.

— Para onde?

— Para casa, é claro — informou e depois olhou para Rika. — Quero que Rika me mostre as reformas de St. Killian. Talvez dê um passeio nas catacumbas.

Ele a encarou, seus olhos ameaçadores insinuando mais do que estava dizendo. Ela balançou a cabeça nervosamente.

— Eu não vou a lugar nenhum com você — ofegou.

— Mas é Noite do Diabo — provocou, avançando em sua direção. — Vamos lá... Kai, Will e Michael nos seguirão, sem dúvida. Nós vamos nos divertir. Como nos velhos tempos.

Ela zombou, parecendo mais ousada:

— Foi por isso que você esperou um ano? Pela Noite do Diabo? — Ela o encarou. — Deus, você realmente precisa disso, não é? Os velhos tempos, a adrenalina, seus amigos que te odeiam agora...?

Ele correu e invadiu seu espaço pessoal, enjaulando-a com os braços plantados na parede ladeando sua cabeça.

— Damon! — gritei.

— Não se preocupe, querida — ele me respondeu. — Ela não tem medo de mim. Tem, Rika?

Ela agarrou o gargalo da garrafa mais apertado, encarando-o em desafio.

— Você me odeia por causa das coisas que faço, mas ama o Michael pelas mesmas razões.

— Michael não tentou matar seus amigos — disse ela.

— Oh, você sempre me odiou — ele respondeu. — Lembro-me de você, com uns catorze anos, correndo apavorada de uma sala quando me via na casa de Michael. As pessoas ditam regras com base na forma como querem ser tratadas, mas vou lhe dizer uma coisa: quando alguém se comporta mal, é preto no branco, não é? Julgamos e condenamos, mas quando o fazemos, é uma área cinzenta, de repente. Outras pessoas estão sujeitas às suas convicções, mas você não, certo? Michael não?

Sua mandíbula flexionou quando ela olhou para ele.

— As pessoas são hipócritas, Banks — ele me disse, ainda olhando para ela. — Eles fazem as mesmas coisas que detestam que outro cara faça. A única bússola moral em que mais confio é na minha.

Ele a agarrou pela mandíbula, segurando-a com firmeza.

— E cheguei à conclusão — alegou — que um homem merece tudo o que um homem pode aguentar.

Ela balançou a cabeça, o rosto franzido pela raiva.

— Eu te odeio.

Ele se aproximou, sussurrando:

— Eu amo que você me odeie.

Então se inclinou para sussurrar algo em seu ouvido fazendo-a

recuar, porém como se estivesse ouvindo com atenção. Não dava para ver se sua boca se movia, mas pelo flexionar de sua mandíbula, deduzi que estava dizendo alguma coisa. E ela não estava tentando afastá-lo.

Observei seus olhos entrecerrados e penetrantes, em fúria, e então, de repente, pareceu perder o fôlego, petrificada. Ela abaixou o olhar e permaneceu imóvel.

Damon se endireitou e olhou para ela, liberando-a.

— Foda-se o mundo, Rika. De nada.

Ela o empurrou, respirando com dificuldade. No entanto, ele apenas riu.

— O que você disse a ela? — interpelei.

O brilho de faróis se infiltrou pela janela naquele momento.

— Ah, olha quem chegou em casa — Damon debochou.

Rika aproveitou aquela chance para acertar a cabeça de Damon com a garrafa. Ele se chocou contra a parede com um ruído abafado e ergueu a mão para se proteger. Sem hesitar, ela arremessou a garrafa em um dos caras que ainda mantinha Alex presa, obrigando-o a se abaixar tempo suficiente para eu me mover. O outro se virou e dei um soco na mandíbula, seguido por um chute na virilha. Ele tropeçou, caindo de joelhos, e Rika agarrou Alex.

— Corram! — Rika gritou.

— Por aqui! — Eu as conduzi através do vestíbulo e para dentro da sala. — Por aqui, depressa!

Empurrando a estante com força, lentamente consegui fazer com que ela cedesse e começasse a abrir a porta do túnel. Rika percebeu o que eu tentava fazer e veio em meu auxílio. Alex fez o mesmo. Assim que consegui uma abertura suficiente, empurrei-as pela passagem, ficando para trás. Segurei a borda da prateleira e a fechei na mesma hora.

— Banks, o que você está fazendo?! — Rika gritou. — Banks!

— Apenas vão! — gritei.

Eu precisava chegar ao meu irmão antes de Kai. Corri de volta pelo vestíbulo, ouvindo alguém bater à porta, as fechaduras destravando. O instinto me dizia para abrir a porta da frente para eles, mas avistei o chão ensanguentado, seguindo em direção à cozinha.

Eles o machucariam. Ou o matariam. Disparei pelo corredor, por trás das escadas, e entrei na cozinha escura. As portas de vidro estavam abertas do outro lado da ilha, a chuva açoitava contra o vento forte que soprava no jardim. As árvores se curvavam ao extremo e uma das portas bateu contra a parede.

Onde você está?

De repente, fui agarrada e puxada por trás, um braço envolvendo meus ombros.

Suspirei.

— Você não o ama, não é? — Damon perguntou, algo úmido tocando minha têmpora. — Porque estou prestes a te transformar em uma viúva.

Uma viúva? Abri a boca para falar, mas então minha mão roçou a outra pendurada ao meu lado, meus dedos tocando o barril do aço frio. Um grito ficou preso à minha garganta.

Virei a cabeça, vendo o sangue pingando de seu cabelo e escorrendo pelo lado esquerdo do rosto.

— Damon, o que você quer? — sussurrei.

Então ouvi a porta da frente se abrir, ecoando pela casa, e fechei os olhos.

— Por favor — implorei. — Por favor, não. Por favor, apenas vá embora. Fuja.

— Eu te criei melhor do que isso — ele disse, mordaz, girando-me e agarrando a gola da minha camiseta. — Era para sermos nós, Nik. Só nós.

— Se você me quisesse mesmo, teríamos ido embora quando saiu da prisão no ano passado — eu disse, ouvindo Kai e os caras invadirem a casa. — O que você realmente quer?

A raiva incendiou seus olhos. Ele me encarou, mas vislumbrei outra coisa por uma fração de segundo. Como se tivesse vergonha da resposta verdadeira.

Ele abaixou o tom de voz, respondendo:

— Só quero que seja como antes. — Baixou o olhar, mas os ergueu novamente, o brilho gélido de volta. — E se não puder ter isso, vou garantir que ninguém nunca se livre de mim.

Ele me empurrou para trás me fazendo tropeçar. Segurando meu ombro, obrigou-me a entrar no pátio pelas portas abertas.

Porra, o que eu deveria fazer? Meu instinto me dizia para lutar. Para tentar me livrar de seu agarre e fugir. Mas isso não impediria que ele ou Kai se machucassem.

O que diabos eu faria se isso acontecesse?

— Tire suas malditas mãos de cima dela! — ouvi Kai gritar.

Damon me virou, usando-me como um escudo à frente do seu corpo. A chuva gelada encharcava nossas roupas, e eu pisquei, vendo Kai, Michael e Will correrem para o pátio.

O olhar de Kai aterrissou na mão de Damon, que segurava a arma.

— Você não vai machucá-la — ele alegou. — Sei que não vai.

— Eu já faço isso há onze anos. — Damon apertou o punho na parte de trás da minha camisa. — Não há muito mais que eu não seja capaz de fazer.

Kai permaneceu imóvel, a raiva vacilante. Ele não tinha certeza se meu irmão estava blefando ou não. Não o suficiente, pelo menos.

— Onde estão Lev e David? — Kai me perguntou.

— Ele os amarrou no porão.

— E Rika e Alex? — Michael explodiu.

— Enviei-as pela passagem secreta.

Kai se virou para Michael, dizendo:

— A casa descendo a colina. Vá!

Michael correu de volta pela casa e soltei um suspiro que nem sequer sabia estar contendo. Eu ainda não sabia onde estavam os outros dois ajudantes mascarados de Damon. Tomara que tenham fugido.

— E aí, cara. — O tom de Damon ficou mais suave. — Senti sua falta.

Deduzi que estivesse falando com Will, que, pela primeira vez na vida, não parecia feliz. Seus lábios estavam curvados em um sorriso de escárnio e o olhar furioso se mantinha fixo indicando que não havia esquecido ou perdoado o que fora feito com ele. Kai deu um passo à frente, gritando para ser ouvido por cima da chuva:

— Por que passar por tudo isso?

— Porque aqui é o meu lar — respondeu Damon. Então me puxou de volta para seu peito. — Assim como ela é.

— Ela não é seu bichinho de estimação — argumentou Kai. — Ou sua propriedade. Nunca foi.

— Eu dei tudo a ela.

— Você a tratou como um cachorro! — Kai berrou, o olhar preocupado se virando para mim. — Você a magoou.

Engoli o carço enorme que se formou na garganta. Eu sabia que Damon me tratava mal, mesmo que odiasse encarar esse fato. Eu apenas tentava justificar. *Ele não está bem. Ele está sozinho. Ele precisa de alguém em quem possa confiar.*

Eu o amava. O que deveria fazer? Poderia fazer com que ele melhorasse. Certo? Mas se os sacrifícios vinham apenas de um lado, era hora de encarar a verdade. Ele estava me machucando.

— Ela fica tensa quando eu a toco — disse Kai. — É sutil, e é apenas por um momento, mas acontece quando ela abaixa a guarda, como se não estivesse acostumada a isso.

Eu fazia aquilo?

— Ela tem a mente brilhante, mas acho que é ainda melhor em cuidar dos negócios — continuou ele, mantendo o olhar conectado ao meu. — Ela vai ficar a cargo de todas as coisas algum dia, e por mais que eu ainda não saiba exatamente o quê, tenho certeza de que se sairá muito bem.

Lágrimas brotaram nos meus olhos.

— E eu até gosto de vê-la usando roupas masculinas — disse ele, suavizando o tom de voz. — Desde que sejam as minhas.

Então ergueu o olhar e disse a Damon:

— Apenas deixe-a ir, cara. Ela não vai te machucar. Ela te ama. E você a ama.

Eu podia sentir a respiração acelerada do meu irmão atrás de mim quando ele fez com que recuássemos um passo, ainda resistindo.

— Os únicos que podem machucá-lo são aqueles que você ama. Fechei os olhos.

— Escolha — disse ele.

Abri os olhos e ele me virou, olhando entre mim e eles.

— Ele pode sobreviver sem você. Você sabe disso.

Ele queria implicar que Kai não precisava de mim. Damon, sim. Era nisso que queria que eu acreditasse, mas não era inteiramente verdade.

— Você também pode — respondi. — Só que detesta nos ver sobrevivendo sem você.

Seu olhar se estreitou, e soube que ele concluiu o mesmo que eu. Mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Damon foi empurrado no chão e eu fui afastada de seu agarre.

Observei quando Will pulou em cima dele, jogando a arma para longe e o acertando com os punhos, como se tivesse esperado mais de um ano por aquilo. O que não deixava de ser verdade.

— Seu filho da puta! — gritou, grunhindo enquanto dava um soco. — Você não é nada! Nada sem nós!

Quando dei por mim, Kai me agarrou e me puxou para trás. Avistei Michael, Rika e Alex correndo pela cozinha, vindo em nossa direção.

— Os amigos dele fugiram — Rika informou e depois se concentrou no que acontecia logo à frente.

Virei-me, vendo Will ainda fora de controle.

— Como você pôde ir tão longe? — explodiu. — Eu vou te matar, porra.

Ele agarrou a garganta do meu irmão com uma mão, segurando-o no lugar e batendo nele com a outra. Damon não revidou nenhum de seus golpes. Apenas fechou os olhos com força, sangue escorrendo pelo nariz e pelo rosto enquanto Will o agredia repetidas vezes.

— Quando você não tem nada... não tem nada a perder. — Sua voz tremia quando grunhiu. — Foda-se tudo!

Então, de repente, prendeu Will em uma chave de braço e o puxou para baixo, detendo seus golpes. Ele se virou, deixando Will por baixo ainda batendo nele, dando socos, se debatendo e rosnando. Damon ficou apenas lá, a testa curvada no peito de Will, respirando com dificuldade enquanto recebia soco atrás de soco.

— Faça com que eles parem — implorei a Kai. — Por favor.

Mas ele permaneceu imóvel, permitindo que Will se vingasse. O sangue emaranhava o cabelo de Damon, escorrendo pelo rosto molhado da chuva. Ele agarrou a camisa de Will e enterrou a cabeça, tentando se proteger, mas sem impedi-lo.

Ele sabia que merecia isso.

Will o afastou, ficou de pé e chutou a cabeça de Damon, agora no chão. Eu me virei. Sabia exatamente o que ele estava fazendo, apenas deixando Will golpeá-lo. Se ele estivesse com dor do lado de fora, não sentiria por dentro.

Inclinei a cabeça, olhando as gotas de chuva que atingiam as folhas da grama enquanto a luta prosseguia e os sons de grunhidos e murros enchiam o pátio.

Por um tempo longo demais.

E então não ouvi mais nada. Levantando lentamente os olhos, vi Will sentado no chão ao lado de Damon, as mãos apoiadas atrás de si, para sustentá-lo na posição enquanto respirava com dificuldade.

Damon permaneceu deitado de costas, os joelhos dobrados, imóvel. Lentamente, começou a se virar e, com os membros trêmulos, se ajoelhou e se sentou sobre os calcanhares, mal tendo forças para manter a cabeça erguida. A água caía em cascata em seu rosto, o cabelo preto cobrindo os olhos, e eu sabia que seria incapaz de deixar de amá-lo. Sangrando, despedaçado, perdido e sozinho, ele estava de volta, não estava? Ele sempre seria capaz de suportar o que qualquer pessoa fizesse com ele. *Damon mudaria, transformaria e engoliria tudo.*

Kai se aproximou e eu fiz o mesmo. Ele se ajoelhou, encarando meu irmão.

— Nós não escolhemos Rika em vez de você — ele disse, calmamente. — Ou Banks. — Ele se inclinou, o tom firme. — Você nos deixou.

Will observou Damon pelo canto do olho, a raiva ainda incendiando seu olhar, e Kai se levantou.

— Onde está o corpo?

Rika e Michael se aproximaram.

— Se foi — disse ele, respirando fundo.

Kai se abaixou e o segurou pelo cabelo.

— Onde?

Damon ergueu o olhar, parecendo divertido.

— Você não a matou.

Fui na direção dele e Kai o soltou, endireitando-se.

— O quê? — perguntei.

— Ela estava bem quando você e Kai deixaram o hotel.

— Como vou saber se está me dizendo a verdade? — Kai exigiu.

— Porque ela estava respirando quando você saiu, não estava?

— Bem, onde ela está, então? — indaguei. Ela teria precisado de dinheiro em algum momento. Era muito tempo para ninguém ter visto ou ouvido falar dela.

— Eu preciso da prova de que ela está viva — disse Kai. — Fui eu quem a feriu naquele dia.

— Não, ela estava *nos* machucando. — Damon levantou-se, lutando para endireitar os ombros. — E você a impediu. Fim da história.

— Então, ela estava viva quando eu saí do hotel? — Kai o desafiou. — Ela estava quando *você* saiu?

Damon manteve o olhar focado ao dele, sem revelar nada enquanto o silêncio se estendia entre eles, e eu sabia... simplesmente sabia...

Ela estava morta.

Aquela noite não havia terminado quando Kai e eu deixamos o *The Pope*.

— Kai! — Alex gritou. — Ai, meu Deus, depressa!

Viramos a tempo de vê-la correr para dentro de casa, do outro lado da cozinha e olhando para o corredor. Seu olhar parecia preocupado.

— Onde está o extintor de incêndio?

Saímos correndo em disparada. Passamos pela cozinha, a mão de Kai firme à minha. Deixamos Damon do lado de fora e eu sabia que ele fugiria. Uma parte minha desejava que ele fizesse exatamente aquilo.

Alex estava no vestíbulo, encarando a sala de estar, e Michael, Rika, Kai e eu corremos até ela, vendo as chamas rastejando pela cortina negra. Uma pequena árvore havia caído e arrebentado a janela, vidro e chuva se espalhando pelo chão.

— As velas — Kai arfou. — Merda!

Olhei para o local e percebi que as cortinas pegaram fogo por conta das velas esparramadas por todo o piso.

Kai apontou para Will.

— No armário! — Todos corremos em direção ao *closet* do corredor em busca dos extintores de incêndio.

Corri para a sala de estar, vendo as chamas se espalharem mais ainda, notando, em seguida, as espadas *shanais* penduradas na parede ao lado da janela.

— Rika! — gritei e retirei uma delas da parede.

O calor das chamas fez com que meus olhos ardessem. Chuva encharcou meu braço quando estendi a mão para alcançar outra espada. Podia sentir as lágrimas me sufocando. Ele já havia perdido o *dojo*. Eu não poderia deixar isso acontecer novamente.

Rika me ajudou na tarefa de retirar uma a uma da parede,

jogando-as no sofá.

— Não! — Ouvi Kai gritar. — Banks, afastem-se daí!

Ele correu até mim e me puxou para ficar por trás de seu corpo.

— Apague o resto das velas!

As chamas se espalharam pelo restante da estrutura da janela, e eu corri para fazer o que Kai havia orientado, temendo que o vento derrubasse mais velas ao redor.

Os amigos de Kai entraram correndo na sala, Michael horrorizado quando olhou em nossa direção.

— Rika! — ele gritou.

Então me virei a tempo de ver um pedaço de tecido sendo consumido pelas chamas, pendurado por um fio. Rika olhou para cima ao mesmo tempo em que Michael disparou em sua direção. De repente, a haste dourada da cortina se partiu, caindo da parede, como se estivesse em câmera lenta. Os tecidos pesados das cortinas desabaram. Todo mundo tentou chegar até ela, mas alguém conseguiu agarrá-la pela parte de trás da camiseta, arremessando-a para longe. Quando ela caiu de costas no chão, estremeceu de medo ou dor, provavelmente.

Ergui o olhar e encontrei Damon. Eu nem o tinha visto entrar.

Rika piscou algumas vezes, ainda sem fôlego quando Michael a alcançou e a puxou para os seus braços.

— Jesus Cristo — ele ofegou, segurando o rosto dela. — Você está bem?

Ela parecia atordoada, tentando respirar com mais calma. Quando olhou para cima, assim como eu, viu Damon ainda de pé ali, com a mandíbula cerrada.

Todo mundo ficou imóvel por um instante, tentando entender o que havia acabado de acontecer, até que Kai se moveu em direção às chamas e usou o extintor para extingui-las. Ele e Will pulverizaram a espuma branca para cima e para baixo, transformando as labaredas alaranjadas rapidamente em fumaça.

Respirei profundamente, tentando recuperar o fôlego; Will tossia bastante logo após a tarefa árdua.

Ambos colocaram os tanques agora vazios no chão, e ficamos ali parados, cansados, confusos, com raiva ou sei lá mais o quê. Alex respirava com dificuldade, com a mão sobre o peito, enquanto Michael se mantinha em frente à Rika, em completo silêncio.

Will desabou no sofá, descansando a cabeça entre as mãos, e Kai... se virou para Damon, dizendo, por fim:

— Você acha que não vamos chamar a polícia? — ele ameaçou. — Você deveria ter fugido.

— Não vou mais fugir — disse Damon, encarando a parede. — Pode chamá-los.

Engoli em seco, sentindo a dor súbita na garganta. Eu sabia que Kai estava olhando para mim. O que eu poderia dizer? *Por favor, não.*

Meu pai não vai deixar Damon voltar para a prisão. Ele o mandará para algum lugar onde não possa embarcá-lo novamente, e o manterá lá, fora da vista, pelo tempo que for necessário para que Damon se acalme.

Se eu fosse Kai, garantiria que Damon recebesse o que merecia, para proteger os amigos e familiares. Mas eu não era Kai.

Fechei os olhos, sentindo o queixo tremer. Eu já estava no meu limite, e não suportava mais vê-lo sofrer.

— Rika? — Kai disse, vindo até mim e entrelaçando os dedos aos meus. — Michael? Will? Decidam o que querem fazer. Não posso lidar com isso agora.

Ele pressionou os lábios na minha testa. Eu não poderia pedir a nenhum deles que o deixassem ir embora, mas fiquei grata por Kai se manter ao meu lado.

Ninguém falou nada, e quando abri os olhos, vi Rika encarando Damon. Em seu olhar havia um misto de raiva e aflição.

E confusão. Ele havia acabado de salvar sua vida.

E mais... o que Damon sussurrou em seu ouvido antes de os caras chegarem?

— Não tenha dúvidas — Damon debochou. — Eu não sou um cara legal. Chame a polícia.

Michael se virou, parecendo pronto para bater nele, mas Rika o puxou de volta.

— Saia daqui — ela rosnou para Damon. E então se virou, arfando e bufando com a raiva transbordante.

Damon olhou para mim, e havia tanta coisa que eu queria dizer. Mas nós dois sabíamos que ele precisava sair dali antes que ela mudasse de ideia.

Quando ele saiu, ouvi a porta da frente se abrir e o som da chuva intensa. E se nunca mais o visse? Damon foi tudo para mim, por muito tempo. As coisas agora eram diferentes, novas... Minha casa, minha rotina, até mesmo minhas roupas... Exalei, a dor revirando meu estômago.

Corri para fora da sala e saí pela porta da frente.

— Damon!

Lágrimas escorriam pelo meu rosto, e eu mal podia vê-lo por trás dos meus olhos embaçados. No entanto, a figura sombria parou e virou-se, lentamente. Havia sangue já seco ao redor de seu olho, mas as gotas de chuva estavam lavando a maior parte.

— Você já me amou? — perguntei.

Ele se aproximou de mim, devagar, o olhar frio.

— Amor é sofrimento, Nik — respondeu. — Nunca algo bom.

— Nem mesmo meu amor?

Ele baixou o olhar, balançando a cabeça.

— Eu não quero te machucar. Não mais... — acrescentou. — Isso é tudo o que eu sei.

Então recuou devagar, finalmente se virando e se afastando pela estrada longa e deserta até desaparecer em meio à noite.

Eu apenas o observei se distanciando na vazia escuridão. *Nunca é tarde demais.*

[9] Jack O'Lantern é a abóbora característica do Halloween. Olhos e boca em uma careta, com uma fonte de iluminação por dentro.

Capítulo 30

Banks

Dias atuais...

O vento outonal uivou do lado de fora, fazendo com que a casa silenciosa rangesse. Já devia ser cerca de três da manhã, mas nem ao menos me mexi para conferir o celular. Sentados contra a cabeceira da cama, aninhei-me entre as pernas de Kai, recostada em seu peito. Estava brincando com o movimento de entrelaçar os dedos aos dele. Hoje era Dia das Bruxas.

— Você sente isso? — perguntei, em um fio de voz.

— O quê?

Respirei fundo e fechei os olhos.

— É como se tudo estivesse começando.

Um peso enorme foi retirado dos meus ombros quando Damon foi embora horas atrás. Embora ainda estivesse me perguntando para onde ele poderia ter ido e se estava seguro, ou mais, preocupada se duvidava do meu amor incondicional.

No entanto, não havia percebido que o temia. Ou ao menos, uma parte minha.

Não percebi até que saiu da casa, sem dar indicação de que viria atrás de nós novamente, e a dor no meu estômago com a qual havia me acostumado ao longo dos anos, e que já nem percebia mais, começou a desaparecer. Ele sempre manteve um controle muito apertado sobre mim. Apertado demais.

Mas agora era como se eu pudesse finalmente respirar com mais facilidade. Eu não precisava mais fazer nada, e a melhor parte? Poderia fazer qualquer coisa que quisesse. Estudar, usar saltos altos, voltar para casa ao amanhecer, viajar, ser voluntária em alguma coisa, ir a um bar... Ter amigos.

— Se você quiser uma anulação, eu lhe darei uma — disse Kai, os lábios roçando os fios do meu cabelo. — Podemos começar de novo. Recomeçar. Talvez namorar. E, depois, ter um casamento adequado quando eu fizer um pedido e você aceitar. — Ele baixou a voz para um sussurro: — Daí vou te beijar como deveria.

Dei um meio sorriso. Era nítido que ele se sentia culpado pelo que fez em nosso casamento.

— Não. — Levantei a mão, olhando para a minha aliança. — Faz parte da nossa história e não quero mudar isso. Gosto da nossa história.

Seu braço deslizou com força ao redor da minha cintura, possessivamente.

— Então, o que vem a seguir? — perguntou. — O que quer fazer com sua vida agora?

— Tudo.

Ele soltou uma risada. Eu definitivamente me sentia insegura. E culpada. Ele já havia me comprado um monte de roupas, mas não deixaria que me bancasse desse jeito. Eu teria que descobrir algo em breve, ou não seria feliz se não pudesse contribuir com nossa vida de alguma forma.

E com esta casa.

Quer dizer, a *nossa* casa, acho.

O que me lembrava...

— Por que você manteve esta casa em segredo? — Virei a cabeça para olhar para ele.

Havia um sorriso que alcançava seus olhos.

— Pela mesma razão que eu gostava do confessionário.

Franzi o cenho, sem entender direito.

— Gosto da minha privacidade e do meu espaço — explicou — e este é o único lugar onde posso ficar em paz, ouvir meus pensamentos, sem distrações. Tenho foco aqui. — Pressionou os lábios na minha têmpora. — Sabia que não seria um segredo para sempre, mas queria aproveitar a reforma e morar nesse lugar antes que meus amigos comessem a frequentar.

— Bem, acho que você vai se distrair comigo aqui — apontei. — Não sou tão quietinha.

Seu peito tremeu com uma risada atrás de mim.

— Não me importo de ser distraído por você.

Eu esperava que não, já que Alex deixou a lingerie que havia comprado para mim daquela vez, e estava planejando fechar o portão, trancar as portas e me distrair muito em breve.

— Existem outras passagens secretas? — perguntei.

— Sim.

Senti meu corpo formigar.

— Elas levam a coisas divertidas?

— Sim.

Dei um sorriso, deixando a imaginação correr solta. Ainda estava nervosa com o futuro da minha vida, mas também, bastante animada.

Recostei a cabeça em seu ombro, olhando em seus olhos.

— Seus pais vão me odiar?

Ele balançou a cabeça.

— Não — respondeu. — Meu pai vai me odiar por cerca de quinze minutos e depois evoluirá para ficar desapontado novamente. — Beijou meu nariz. — Seja quem você já é. Leal, honesta, prática, sem rodeios e teimosa. Ele respeita o que vê por dentro.

— E sua mãe?

— Minha mãe só vai se importar se você me ama. — Ele sorriu para mim. — E que tenhamos sido casados por um padre, é claro.

Estreitei o olhar. *Verdade.* Pareceu-me estranho que ele tivesse arranjado uma igreja e um padre para um casamento que aparentemente não queria. Quando o investiguei, não tive a impressão de que ele fosse particularmente religioso, tendo aparecido em raros batizados de família ou coisas do tipo. Será que fez isso por causa de sua mãe?

— Foi por isso que...

Ele assentiu, seus olhos suavizando enquanto me encarava com atenção.

— O casamento foi para a vida toda, garota.

Para a vida toda. Não pude deixar de sorrir. Eu deveria saber. Kai não cometia erros.

Beijei-o, a boca quente enviando arrepios que se espalharam pelos meus lábios e pescoço. Nós apenas nos abraçamos, aproveitando o tempo juntos pela primeira vez, os beijos se tornando mais profundos e exigentes.

Afastando-se um pouco, Kai depositou um beijo em minha testa e na cabeça.

— O sol vai nascer em algumas horas. — Olhou para a janela ao lado da cama. — Temos tanta coisa a fazer em vez de dormir...

Saindo de trás de mim, desceu da cama e o observei caminhar até sua cômoda. Quando pegou uma calça da gaveta, virou-se para mim e perguntou:

— Toma banho comigo?

Eu me deitei, descansando a cabeça na minha mão. Cara, aquilo era bem tentador. Eu não queria sair do lado dele, mas algo ainda estava me incomodando.

— Vá na frente — disse, pegando meu telefone. — Preciso só conferir algumas mensagens.

Ele me lançou um olhar que dizia que não pretendia se demorar muito. Eu o observei entrar no banheiro e esperei até ouvir a água sendo ligada e a porta do box se fechar.

Sentei-me na cama e rapidamente pesquisei os contatos da minha agenda, encontrando exatamente quem estava procurando. Liguei e esperei enquanto a linha chamava. Estávamos no meio da madrugada, então era bem capaz que demorasse um pouco até que atendesse. Para minha surpresa, não levou tanto tempo e a voz grogue e sonolenta me cumprimentou com um resmungo:

— Jesus, o que você quer? — Will ladrou.

Desci correndo da cama e fui até a porta do quarto.

— Será que você pode se encontrar comigo? Preciso da sua

ajuda.



Virando o jipe de Kai pelo acostamento, peguei a estrada de cascalho que ladeava uma pequena floresta à esquerda. Era a única coisa que havia entre mim e a casa de meu pai. As luzes de ré do SUV de Will estavam acesas enquanto ele se mantinha parado na estrada. Para chegar aqui, ele deve ter acelerado. Eu tinha certeza de que devia estar bravo comigo por tê-lo arrancado da cama antes do amanhecer.

Passei por ele e observei quando saiu do acostamento, vindo logo atrás de mim. Depois de um tempo, encontrei o caminho pelo qual Damon passava quando chegava muito tarde em casa e os portões já estavam trancados.

Virei à esquerda e desci o pequeno aclive, o carro sacudindo enquanto se enfiava pela mata que margeava a propriedade. Era a única maneira de chegar lá sem que ninguém percebesse.

Talvez.

Ainda havia sensores de movimento e câmeras e um guarda sempre passeava pelo perímetro, mas eu sabia, por experiência própria, que a esta hora, ele devia estar enfiado na cozinha, se empanturrando ou assistindo TV às escondidas.

Quando avistei as luzes à frente, localizei-me, sabendo que estava subindo pela parte de trás das garagens. Estacionei o carro e desliguei o motor. Da última vez que vi, havia nove cães. Tomara que eu conseguisse encaixar todos dentro do jipe.

Saí do carro, levando as chaves comigo.

— Você não tem um marido para infernizar? — Ouvi Will reclamar assim que bati a porta. — O que estou fazendo aqui?

Posicionei o indicador sobre meus lábios.

— Shhh... — silencieiei-o. — Não consigo fazer isso sozinha. Apenas pare de choramingar.

— Existe alguma razão para você simplesmente não ter trazido o Kai?

— Sim! — sussurrei. — Ele nunca teria me deixado voltar aqui.

Eu poderia ter chamado David e Lev, mas eles seriam mortos a tiros se voltassem para cá. E não ousaria trazer Rika. Todos eles ficariam putos comigo se eu a colocasse em perigo. Michael não a deixaria em paz de qualquer maneira, não depois do que aconteceu ontem à noite.

Além disso, Will era... legal. Ele podia reclamar e resmungar, mas faria qualquer coisa para ajudar alguém, eu tinha certeza. Quer dizer, ele até escolheu uma calcinha para mim. Isso deve significar

que nos unimos o suficiente para pedir favores um ao outro, certo?

Segui em direção à casa, pisoteando as folhas úmidas e fechando minha nova jaqueta de couro contra o vento frio. O Dia das Bruxas em Thunder Bay era tão importante quanto a Noite do Diabo, então nas próximas horas, a força policial seria intensificada nas ruas da cidade. Eu duvidava que meu pai os mandasse atrás, independente da quantidade de homens que estivesse de serviço até mais tarde hoje.

No entanto, ele, definitivamente, sabia que eu estava aqui.

Correndo pela primeira garagem, entrei no amplo espaço enquanto pegava minhas chaves do bolso. Gabriel sabia que eu não era burra, mas também não imaginou que pudesse ser de alguma ameaça. Ainda não, pelo menos. Eu duvidava que ele tivesse mudado as fechaduras desde a última vez que estive aqui, dois dias atrás.

Abri o tampo do teclado e digitei a senha, desativando o alarme. Inseri a chave prateada na porta e girei a fechadura.

— O que estamos fazendo? — Will perguntou, em um sussurro.

Porém não o respondi, entrando e puxando-o para me seguir. Ouvi imediatamente as correntes chacoalhando e arrastando nos canis espalhados ao redor. Olhei ao redor e percebi que não havia ninguém aqui; as luzes de emergência iluminando o suficiente o caminho. Peguei um monte de coleiras na parede e joguei três para Will.

— Precisamos ser rápidos.

— O qu...

Abri o primeiro canil.

— Eles vão latir pra caralho! — reclamou.

— Eles vão latir se você não fizer exatamente o que eu disser.

Se os cães enlouquecessem, o segurança noturno estaria aqui em segundos. Precisávamos ser furtivos.

Eu me aproximei do cachorro – um pit bull mais velho – que estava aqui desde filhote. Ele não latiu. Ele, pelo menos, me conhecia e já estava bem treinado, mas os outros podiam ficar nervosos, e era por isso que somente eu deveria retirá-los do canil enquanto Will os levaria até os carros.

Acaricieei por trás de sua orelha e preendi a coleira, puxando-o gentilmente para fora da jaula.

— E se ele arranjar mais cachorros? — Will perguntou, quando entreguei Brutus a ele.

— Então acho que vamos ter que voltar...

Às pressas, abri todas as grades e entrei, prendendo os cães e os levando para fora. Os dois grandes pireneus saíram sem trabalho, mas um deles estava tão magro que dava para ver as costelas; o rottweiler, os dois pastores e os dois huskies se afastaram, resistindo. Peguei o saquinho no meu bolso e ofereci os pedaços de carne que havia trazido comigo.

Will já havia colocado o pit bull e voltou para pegar os dois pirineus.

— Coloque estes dois no banco de trás da sua caminhonete — instruí. — E rápido!

Fui até a última gaiola e vi o beagle deitado, apenas nos observando. Percebi que ele estava tremendo de medo. Senti o nó doloroso na garganta. Não dava tempo de avaliar os danos, mas ele parecia machucado, então nem ao menos tentei atraí-lo para fora, simplesmente me abaixei e o peguei no colo. Depois de colocar a coleira, saí rapidamente do prédio.

Will e eu os carregamos e fiquei pensando se devia ou não amarrá-los na carroceria. Embora fossem treinados para serem agressivos, eu não queria correr o risco de que caíssem ou pulassem, podendo até mesmo se sufocar com as coleiras. Eu teria que lidar com uma briga eventual entre eles, caso acontecesse no caminho.

Will pulou em seu carro, gritando comigo pela porta aberta.

— Vamos embora!

Peguei as chaves, mas depois parei, encarando a casa. Eu não tinha buscado tudo.

Will ligou o motor e eu me virei, acenando com a mão.

— Pare, espere!

Dois latidos baixos saíram dos carros quando ele enfiou a cabeça pela janela.

— O que você está fazendo?

— Fique aqui — orientei.

— Banks! — ele sussurrou. — Que porra...?

Corri até a casa e girei a maçaneta da porta da cozinha, que cedeu devagar. Meu estômago revirou. O guarda a deixou destrancada para que pudesse entrar e sair, o que significava que estava por perto. Abrindo suavemente a porta, avistei a pequena TV ligada no balcão de granito no canto oposto. Havia também um prato cheio de farelos em frente. Ele provavelmente estava no banheiro.

Aproveitando a oportunidade, corri pela cozinha, passei pelo corredor e subi as escadas. Abri a porta do quarto da torre, entrei rapidamente e subi de dois em dois degraus.

Damon poderia estar aqui.

No entanto, ao abrir a porta, percebi que tudo estava escuro e vazio, sendo iluminado apenas pela luz da lua. Uma pontada de decepção me atingiu. Eu não estava procurando por ele, e este provavelmente não era o melhor lugar para ele estar, de qualquer maneira, mas se não estivesse aqui, onde mais estaria?

Fui até a cômoda e enfiar a mão dentro dos viveiros, pegando Volos e Kore II para colocá-las em seus recipientes separados. Se Damon não voltasse para casa, então ninguém cuidaria delas.

Meu Deus, Kai ia me matar.

Dando uma última olhada no quarto, saí e não me incomodei em

trancar a porta no final da escada. Voltei correndo pelas escadas e quase esbarrei na figura sombria que subia os degraus. Um dos homens, Sergei, parou e olhou para mim abruptamente.

— Que diabos você está fazendo? — Olhou para mim.

Mas não respondi. Passei por ele às pressas e acelerei pelo corredor. Ele continuou subindo, correndo, provavelmente indo chamar meu pai.

Entrei na cozinha, vendo Marina parada perto da pia. Ela virou a cabeça, os olhos arregalados de surpresa.

— Ei.

Fui até a porta dos fundos, puxando a maçaneta enquanto ajeitava os viveiros em meus braços.

— Vamos — eu disse a ela. — Você vem comigo.

— O quê?

Olhei por cima do ombro.

— Não temos tempo para discutir. Não vou deixar você aqui.

Com meu pai ou esses homens.

Ela limpou as mãos no avental, a confusão estampada em seu rosto.

— Eu não posso sair.

— Você pode, sim — insisti. — Você pode vir comigo. Neste instante. Você quer?

Sua boca se abriu, mas nenhuma palavra saiu. Seus olhos dispararam para baixo, depois para cima, e nunca a vi tão aflita enquanto olhava ao redor, como se aquele ambiente pudesse lhe dar a resposta necessária.

Até que piscou e respirou fundo, arrancando o avental. Eu sorri.

Corremos para fora da casa, deixando a porta aberta, e olhei para ter certeza de que o SUV de Will ainda estava parado perto das árvores. Ele acendeu os faróis.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — Um berro soou às minhas costas.

Parei na mesma hora, fechando os olhos com força. Cacete.

Ouvi uma porta de carro bater e vi Will vindo na minha direção. Olhei para Marina e disse:

— Entre no jipe.

Ela assentiu e seguiu em frente, sem olhar para trás.

Eu me virei para encarar meu pai que estava de calça preta e sem camisa, com cerca de quatro homens atrás dele. Embora estivesse tentando disfarçar, era nítida sua irritação.

— Arranje uma nova cozinheira — respondi, segurando os

terrários. — E não compre mais cães. Sou extremamente difícil de lidar por conta desse assunto.

Ele riu com amargura. Então avançou em minha direção, seus homens ficando para trás.

— Você não vai levar as minhas coisas — ele rosnou baixo.

Levantei o queixo, em desafio.

— Considere isso como meu seguro-desemprego — eu disse. — E seja grato por eu não querer receber muito mais para manter a boca fechada a respeito de tudo o que acontece aqui.

Seu olhar se estreitou. Ele poderia facilmente acabar comigo, e tinha consciência de que eu sabia disso. Mas meu pai era um homem inteligente e agora entendia que eu já não estava sozinha. Valia a pena todo aquele esforço?

Um sorriso doentio curvou seus lábios.

— Fiquei sabendo do que aconteceu na casa de Kai na noite passada — disse ele, mordaz. — Diga ao seu irmão que quero vê-lo. E se você não conseguir controlar o comportamento dele daqui para frente, eu o levarei arrastado e vou mantê-lo amarrado em *Blackchurch*. Sem hesitação.

Carrei os dentes. Damon havia deixado a prisão ainda mais abominável e distanciado da realidade do que nunca. As últimas facetas que eu mais amava nele estavam desaparecendo. *Blackchurch* o transformaria em um animal.

— Ele tem mais uma chance — meu pai ameaçou. E então inclinou a cabeça para mim. — Mas talvez seja exatamente disso que ele precisa. Um ano, ou cinco, para refletir sobre esse temperamento dele.

A raiva se espalhou pelo meu corpo quando encarei meu pai.

— E se isso acontecer... — Ele se aproximou, baixando a voz. — Será temporada de caça a você e sua nova equipe. Agora saia da minha propriedade.

Eu me afastei, sem hesitar e afastar o olhar de nenhum deles. Não era de seu feitio renunciar ao controle sobre mim ou me deixar levar a melhor, mas acho que ele tinha problemas suficientes, já que precisava se preocupar com Damon.

Correndo para Will, dei-lhe uma cotovelada e nós dois saímos dali em disparada.

Fiquei de olho no espelho retrovisor o caminho todo para casa.



— Mas que merda?! — Ouvi Kai berrar e estremeci.

Assim que fechei a porta do carro, pude vê-lo, David e Lev

descendo a varanda de casa e vindo até nós.

— Eu vou matar você. — Kai apontou para Will.

— Vamos lá, cara. Droga. — Will abriu a traseira do jipe. — Ela é a sua garota. Não a minha.

Quatro dos nove cães saltaram da traseira do jipe e tentei proteger os pequenos terrários atrás de mim, mas não adiantou. Kai estreitou o olhar para os cães e então olhou à direita, vendo Marina dando a volta na frente do carro.

— O que é isso? — soltou. Então seus olhos pousaram nas cobras, tornando-se mais alertas.

— Fomos até Gabriel — eu disse a ele. — E eu, hum... tenho alguns cachorros?

— Você voltou na casa dos Torrance? — Seu tom indicava que eu estava encrencada. — Você escapou depois da conversa que tivemos sobre lealdade e honestidade e...

— E eu precisava fazer isso sozinha — eu o interrompi. — Não é como se eu pudesse dizer: “Ei, aqui está o meu homem, e ele vai brigar com você se você me machucar, então afaste-se”! Eu precisava enfrentá-lo sozinha. Estou bem. Está vendo?

Ele cruzou os braços sobre o peito. Seu bíceps flexionou, esticando a camiseta preta e fazendo um nó se apertar em meu estômago.

Pigarreei antes de dizer:

— Não voltarei mais. Prometo. Eu só precisava lidar com isso.

A ruga profunda entre seus olhos se acentuou. Sabia que ele não estava bravo por eu ter enfrentado meu pai. Kai não me tratava como uma flor frágil. Acho que ele estava com raiva porque fui sem ele. Eu também ficaria com raiva.

Mas sabia, da mesma forma, que ele teria assumido a liderança e se colocado à minha frente se não gostasse do que Gabriel dissesse ou fizesse. Ou até mesmo da forma como olhasse para mim. Eu precisava fazer isso sozinha.

Ouvi um ruído atrás de mim e virei-me, vendo Will tendo dificuldade para conter os animais. Eles estavam levando a melhor sobre ele.

— Nove cachorros? — Kai disse, ríspido, encarando-me com um olhar. — Eles não vão ficar aqui.

— Claro que não — aleguei, fingindo inocência. — Vou ligar para o abrigo quando abrirem em uma hora.

— Ou *poderíamos* ficar com eles — sugeriu Will. — Quer dizer, olhe para essa coisinha. Ele está tremendo.

E se abaixou para pegar o beagle, o cachorrinho se sacudindo de pavor.

Kai pareceu confuso. E então me deu um olhar de advertência.

— Amor, eu gosto de paz e silêncio. Você sabe disso.

— Totalmente. — Balancei a cabeça, tentando conter o sorriso.

— Quer dizer, eles ficaram enjaulados a vida toda. Eu poderia mantê-los na outra casa por alguns dias também? Só até que ganhem um pesinho? Antes que o abrigo os coloque em gaiolas de novo, né?

— Sim, eles poderiam ser mimados um pouquinho também — acrescentou Will. — Vamos apenas ficar com eles.

— Ai, meu Deus — resmungou Kai, balançando a cabeça enquanto andava até a casa. — Nove cães...

Mordi os lábios para disfarçar o sorriso.

Entregando rapidamente os terrários para Marina, fui atrás de Kai.

— Ah, e eu meio que trouxe a cozinheira de Gabriel — informei, tropeçando até ele. — Nós poderíamos ficar com ela, certo?

— Sim, tudo bem, foda-se, tanto faz. — Ele entrou e começou a subir as escadas. — Traga todos. As portas estão abertas. Por que não?

Bufei uma risada, seu sarcasmo não passando despercebido. Ele estava perdendo o controle, e eu adorei. Afinal, essa era a *nossa* vida e podíamos ainda estar aprendendo a lidar um com o outro, mas também odiávamos o fracasso. Nós daríamos um jeito de nos encaixar.

— Ah, e mais uma coisa... — Corri, alcançando-o e pulando os degraus para ficar acima dele.

Ele parou, deixando escapar outro suspiro.

— Acho que vou chorar.

Tentei não rir. O pobre rapaz já havia enfrentado o suficiente por uma manhã.

Olhei para seus lábios, ombros largos e cabelo perfeito e inclinei-me, desejando aquecer minha pele. Enlaçando seu pescoço, pressionei meu corpo ao dele, acariciando seus lábios com os meus e sentindo-o estremecer.

Então sussurrei:

— Eu ainda preciso daquele banho.

Segurei sua mão, satisfeita com o olhar ardente que me lançou e levei-o escada acima.

Epílogo

A grama coberta de erva daninha cobria a terra enquanto ele passava silenciosamente pelas lápides. Um mar de túmulos se estendia mais além, acima da colina à esquerda e às suas costas, a perder de vista. Era realmente o lugar mais tranquilo onde já esteve.

As pessoas se mantinham em silêncio aqui. Expressões solenes e fechadas eram comuns, e falar consigo mesmo era perfeitamente aceitável em um cemitério. Embora ele pudesse gritar agora e ninguém notaria. Não havia mais ninguém por ali.

Olhou para a lua, vendo o brilho circular lançando sua fraca luz sobre a terra. A lápide de granito que procurava surgiu à frente, e ele se aproximou, um calor crescente correndo por suas veias enquanto cerrava os punhos para aquecer os dedos enregelados.

Parando, pousou o olhar sobre a sepultura, depois em seus sapatos e na terra em que pisava. E o que havia por baixo.

Fechou os olhos, deixando-se levar pelas sensações.

Todo mundo pensava que ele era desumano. Incapaz de sentir. Resistente à emoção. Um psicopata doente. Um robô.

Não.

Ele sentia tudo. Nunca evitava uma emoção. Nenhuma delas. Ele sabia que permitir-se extravasar era a única maneira de se livrar delas.

Vergonha.

Medo.

Raiva.

Amor.

Preocupação.

Tristeza.

Traição.

Culpa.

Ele possuía cada uma delas.

Elas se infiltraram pelas suas pálpebras cerradas, pelos pulmões agora cheios de oxigênio, as lágrimas marejando seus olhos.

Mas não se permitiu chorar.

As sensações zumbiram pelos seus braços, formigando as pontas dos dedos, até retorcer seu estômago em nós tão apertados que pareciam fazer parte dele.

E então tudo se suavizou, descendo pela virilha, pelas coxas longas e fortes e pelos pés, cimentando-o ao chão.

Estou aqui. Eu sou eu.

Este sou eu.

Abriu os olhos e encarou a lápide. E não sentiu mais nada.

Pegou a carteira de cigarro e retirou um, enfiando-o entre os lábios. Em seguida, acendeu o isqueiro e a ponta flamejou quando deu uma tragada e soprou a fumaça para longe enquanto guardava tudo em seu bolso outra vez.

Deu outra tragada e retirou o cigarro da boca.

— Você pode agradecer à minha irmãzinha por isso — disse ele à lápide. — Foi ideia dela.

Banks era tão esperta quanto ele. Se ao menos tivesse sido leal da mesma forma...

— Poderia ter sido por outros caminhos — disse ele ao túmulo. — Sem deixar vestígios.

Deu outra tragada, a mistura com o ar frio lhe dando um sabor agradável à língua.

— As universidades usam digestores industriais para se livrar de cadáveres — continuou em um tom divertido. — Parecem enormes painéis de pressão. Você mistura setenta litros de água com um pouco de soda cáustica e ferve até atingir a temperatura e consistência certas. Um corpo pode se dissolver em questão de horas. — Tragou mais uma vez, apertando a ponta entre os dedos. — E então você pode simplesmente... *despejar* o corpo pelo ralo. Como se fosse... Nada.

O vento se tornou mais forte, farfalhando contra as árvores.

— Mas isso não dissolve tudo, infelizmente. Alguns pedaços de ossos e dentes sobram, então precisam ser triturados — continuou ele. — Agora, o ácido sulfúrico, embora seja mais perigoso que a soda cáustica, pode dissolver completamente os restos humanos. A desvantagem é que leva mais tempo. Cerca de dois dias. — Ele assentiu, largando a bituca do cigarro na grama e pisoteando-o com o sapato. — E isso é inconveniente.

Ele mentiu para Kai. O corpo de sua mãe não havia desaparecido. Estava a menos de cinco quilômetros de suas casas. Bem aqui em Thunder Bay.

Talvez ele devesse ter se livrado disso.

— Mas eu simplesmente não consegui. — Seus olhos pousaram na lápide, a voz mais baixa à medida que tentava respirar. — Eu quero que você exista — sussurrou. — Quero sempre me lembrar de que o mundo é um lugar ruim, que você era de verdade, e que todos os dias está apodrecendo sob meus pés.

Ele flexionou a mandíbula e ergueu o queixo, tentando aprumar a postura. Lembrou-se do prazer de jogá-la nesta cova sem tomar qualquer cuidado de envolver seu corpo contra os elementos da natureza.

Abriu o zíper e agarrou a parte favorita de seu corpo, encarando a lápide enquanto mijava por todo o chão.

Ele não voltaria novamente. Havia terminado com ela.

No entanto, ainda havia outra mulher que merecia muito o que estava prestes a acontecer com ela, e com quem precisava lidar. Ela era a próxima.

Quando terminou, guardou seu pau de volta na calça e fechou o zíper, olhando pela última vez para o mármore agora úmido.

— Ei! — alguém gritou às suas costas. — O cemitério está fechado. O que você está fazendo aqui?

Um zelador.

Exalou um suspiro, sem se virar.

— Apenas prestando meus respeitos à minha mãe.

O brilho de uma lanterna atrás dele iluminou a lápide à sua frente.

— Sua mãe? Mas esse é o túmulo de Edward McClanahan.

— Ah, é? — ele disse, disfarçando o sorriso.

Ele ouviu os passos do homem se aproximarem.

— Se você voltar de manhã, posso ajudá-lo a encontrar a sepultura de sua mãe. Qual é o nome dela?

Mas ele apenas acenou com a cabeça.

— Não, está tudo bem. Ficarei muito ocupado depois desta noite. — E virou-se, encontrando os olhos castanhos do homem sob as sobrelhas grisalhas. — Já estou de saída. Feliz Dia das Bruxas.

Então se afastou dali.

— Sim, para você também — o zelador retrucou.

Sem sombra de dúvida.

Fim

Agradecimentos

Primeiro, aos leitores – muitos de vocês estiveram lá, compartilhando sua empolgação e mostrando seu apoio, dia após dia, e sou muito grata pela eterna confiança. Obrigada. Sei que minhas aventuras nem sempre são fáceis, mas eu as amo e fico feliz por muita gente amar também.

À minha família – meu marido e filha se encaixam em minha agenda maluca, minhas embalagens de doces e meu distanciamento toda vez que penso em um diálogo, reviravolta na história ou cena que simplesmente saltou na minha cabeça durante o jantar. Vocês dois realmente aguentam muita coisa, então, obrigada pela sua paciência.

Para Jane Dystel, minha agente na Dystel, Goderich & Bourret LLC – não há absolutamente nenhuma maneira de eu desistir de você, então você está presa comigo.

Para as PenDragons – vocês são meu lugar feliz no Facebook. Obrigada por serem o suporte positivo sempre necessário. Especialmente as administradoras do grupo, que se esforçam tanto: Adrienne Ambrose, Tabitha Russell, Tiffany Rhyne, Katie Anderson e Lydia Cothran.

À Vibeke Courtney – minha revisora *indie* que repassa todo o meu texto com um pente-fino. Obrigada por me ensinar a escrever e alinhar tudo certinho.

À Kivrin Wilson – viva as meninas quietas! Temos as mentes mais barulhentas.

À Milasy Mugnolo – que lê e sempre me dá o voto de confiança que eu preciso, garantindo que eu tenha pelo menos uma pessoa com quem conversar durante um evento de autógrafos.

À Lisa Pantano Kane – você me desafia com perguntas difíceis.

À Jodi Bibliophile – nada de cowboys. Entendi. Sem pelos pubianos. Nunca. Sem camisinha. Hum, às vezes... *Olhos revirando*; bem, eu tentei. Obrigada pela leitura e apoio, e obrigada pelo humor espirituoso e por sempre me fazer sorrir.

À Lee Tenaglia – que faz artes lindas para os meus livros e cujos painéis no Pinterest são a minha cara! Obrigada. É sério, você precisa entrar no ramo. Nós deveríamos conversar.

A todos os blogueiros – são muitos para citar, mas sei quem vocês são. Vejo as postagens e as tags, e todo o trabalho duro que fazem. Vocês gastam seu tempo livre lendo, resenhando e promovendo, e tudo de graça. Vocês são o sangue vital no mundo literário. Sabe-se lá o que faríamos sem vocês. Obrigada por seus esforços incansáveis. Vocês fazem por paixão, o que torna tudo ainda

mais incrível.

À Jay Crownover, que sempre vem até mim nos eventos e me faz conversar. Obrigada por ler meus livros e ser uma das minhas maiores apoiadoras.

À Tabatha Vargo e Komal Petersen, que foram os primeiros autores a me enviar uma mensagem após o meu primeiro lançamento para me dizer o quanto amaram o Bully. Nunca me esquecerei disso.

À T. Gephart, que toma um tempo para me verificar e ver se preciso de uma remessa do australiano e verdadeiro Tim Tams. (Sempre!)

E à BB Reid, por ler, compartilhar suas leitoras comigo e ser minha prancha de salto. Mal posso esperar para mergulhar em sua mente. ;)

É válido demais ser reconhecido pelos seus colegas. A positividade é contagiosa, então, obrigada aos meus colegas autores por espalhar o amor.

A todos os autores profissionais e aspirantes – obrigada pelas histórias que vocês compartilham, muitas das quais me tornaram uma leitora feliz em busca de uma fuga maravilhosa e uma escritora melhor, tentando seguir seus padrões. Escrever e criar, e não parar nunca. A voz de cada um é importante, e desde que venha do seu coração, é certa e boa.



Cena I

Esta cena aconteceu, primeiramente, logo após Kai e Banks investigarem o hotel pela primeira vez com Michael e Will.

Ao andar pelo *Sensou* aquela noite, imediatamente parei e me recostei à parede próxima da porta, deixando o grupo de pessoas que estava saindo se espremerem pela calçada. Pessoas usando quimonos de karatê pretos – ou seja lá como eles chamavam –, e alguns apenas trajando roupas de academia normais, levando suas bolsas, rindo e batendo papo, nenhum deles se dignando a me lançar um olhar.

Quando saíram, fui em direção ao balcão da recepção.

— Hmm, oi — um homem de boné azul, com uma prancheta em mãos, disse à atendente, na minha frente. — Tenho uma entrega para Kai Mori.

A atendente jovem se ofereceu para pegar a prancheta do rapaz.

— Ele está dando uma aula particular. Posso assinar por ele?

— Hmm... — murmurou, parecendo meio incerto. — É uma entrega grande. Ele normalmente gosta de checar a mercadoria antes de eu descarregar.

Mercadoria? Espiei ao redor do cara, tentando ser discreta, para ver sua prancheta, mas sua mão continuava se movendo, e eu não conseguia ver a ordem de serviço.

Pigarreei de leve.

— Eu tenho uma coisa pra ele também. — Agarrei com mais força a alça da maleta de aço que eu segurava com a mão esquerda e peguei a prancheta do cara com a direita. — Eu levo tudo isso pra ele.

— Ei, espera um minuto! — o entregador disparou, apontando para mim.

Mas saí acelerada pelo corredor, virando a cabeça e gesticulando para as cadeiras no saguão.

— Vá estacionar. Eu já volto.

Não esperei para ver se ele ou a atendente me seguiriam enquanto eu atravessava o corredor mal iluminado. As duas salas principais, destinadas às aulas mais lotadas, ficavam do outro lado do saguão e possuíam vários andares acima, como mezaninos, com vista para as salas maiores, assim como as menores situadas nas laterais do segundo, terceiro e quarto pisos. A maioria, de acordo com a minha pesquisa, era usada para armazenamento e espaço extra para escritórios.

Desacelerando os passos, avaliei o documento preso à prancheta.

Jogo de jantar Marchella U\$\$ 29.900

Mesa de bufê Villarosa U\$\$ 5.700

Cama King para o Santuário U\$\$ 8.400

Mas que porra? Meu olhar percorreu o papel, detectando a listagem de outras pequenas peças de mobília – mesinhas laterais, cadeiras, cômodas, eletrodomésticos. O endereço no topo da folha era do *Sensou*. Por que ele estava solicitando que essas coisas fossem entregues aqui?

Com a ponta do polegar, virei a página. Outra ordem de serviço, datada de seis semanas atrás, para entrega de mais móveis. Outras duas camas, uma dúzia de cadeiras, uma mesa de cozinha, uma escrivaninha e algumas obras de arte. Tudo entregue aqui.

Mas, a menos que essas coisas estejam escondidas em alguma sala no andar acima, elas não estavam aqui. O que ele estava fazendo com todos esses móveis?

Baixei a prancheta e voltei a caminhar, sem saber por que tudo isso importava. Provavelmente, nada, mas, outra vez, qualquer informação que as pessoas faziam questão de esconder era valiosa.

Para quem eram esses móveis? Ele estava bancando uma amante?

Talvez fosse por isso que ele não investia em tempo ou dinheiro na casa dele? Ele devia estar dormindo em algum outro lugar.

Balancei a cabeça, o estômago retorcendo em um nó. Eu não queria saber. Mas também queria.

Segui pelo corredor, passando pelo escritório, os vestiários masculinos e femininos, e por duas salas de aula menores sem portas. Ao chegar perto da terceira, ouvi o som de bastões se chocando um ao outro em um ritmo acelerado.

— O que você está fazendo? — Ouvi Kai perguntar, com brusquidão.

Parei e esperei um pouco, espiando pela porta e o avistando na mesma hora, seu corpo tensionado e em postura rígida conforme rodeava seu aluno. Seu olhar era bravo, e acabei me sentindo mais divertida do que deveria. Ele era sempre tão contido.

Claro, assim como eu.

E, então, o “aluno” entrou em cena, e a diversão desapareceu. Rika o rodeou em um círculo lento, acompanhando os passos predatórios, mas mantendo a distância segura entre eles.

Ele ficava mais na companhia dela do que o próprio noivo,

porra.

— Oji waza — respondeu ela, mas eu não tinha a menor ideia do que se tratava. Ela estendeu os braços, a shanai em sua mão direita enquanto o desafiava. — O que eu fiz de errado agora?

— Contra-ataque e depois inicie — ele comandou, limpando o suor de sua testa com o antebraço. — Não pare. Vamos ver como se sai.

Ele posicionou a espada, e ela fez o mesmo, as pontas se tocando antes de ele bater o pé no chão e avançar com um grande rugido.

Ela ergueu rapidamente a espada, impedindo o ataque ao chicotear seu bastão de bambu com quase um metro de comprimento em direção a ele, com longas passadas conforme agarrava o cabo da arma com ambas as mãos.

Por que eles não estavam usando o equipamento? Kendô possuía roupas especiais, armaduras e capacetes de proteção para os lutadores.

Rápido demais, ela correu para o lado dele e acertou o bastão na nuca de Kai. Eu o observei se curvar para frente, absorvendo o golpe, dando a ela tempo suficiente para varrer as pernas dele e o derrubar de costas contra o tatame.

— Ah! — ele grunhiu, fechando os olhos com força depois da queda.

Rika ficou boquiaberta, e largou a espada no chão, erguendo os braços com um sorriso.

— Urgh... — Kai gemeu novamente, esfregando a parte de trás de sua cabeça.

— Ah, é isso aí! — ela se gabou, dançando ao redor com um sorriso vitorioso. — Hmm-hmm. Eu te disse que precisávamos usar o equipamento, mas, nãooooo... Você disse que eu aprenderia melhor se acabasse me machucando no processo. — Balançou a cabeça de um lado ao outro, com as mãos nos quadris. — E aí, você aprendeu?

Com um rosnado, Kai se levantou e se curvou, pegando o bastão do chão à medida que ela dançava ao redor em comemoração.

— Pare de rir — ele repreendeu. — Humildade, Rika, lembra?

O que a fez rir ainda mais, totalmente feliz com seus feitos.

Vi quando o semblante dele suavizou e ele revirou os olhos, um sorriso curvando os cantos de seus lábios de leve. Ele enganchou o pescoço dela com o braço e depositou um beijo na testa de Rika.

Não como um amante – mais como um irmão faria –, mas, ainda assim, o gesto me fez contrair a mandíbula e franzir o cenho diante da cena. Havia certa intimidade ali, uma espécie de conexão entre os dois.

Ele a amava?

Damon estava certo. Todos eles estavam enfeitiçados por ela. Eu sabia que Rika não havia sido responsável pela prisão deles, como todos pensávamos no último ano, mas quando meu irmão não conseguiu mais suportar a presença dela, eles a escolheram em vez dele. Eu enxergava o ponto de vista dele.

— Bom trabalho — Kai disse. — E não se esqueça de gritar. É importante para a intimidação.

— Urgh.

Os dois vieram em direção à porta e eu me endireitei, me recostando à parede do corredor.

Rika saiu primeiro, estacando em seus passos quando me viu. Ela hesitou por apenas um segundo antes de lançar um olhar para Kai e continuar caminhando pelo corredor, empurrando a porta do vestiário feminino mais à frente.

Kai se aproximou de mim, o olhar fixo. Entreguei a ele a maleta.

— As ferramentas que você pediu — eu disse. — E a corda está no seu porta-malas. Lev, Ilia e David estarão aqui pela manhã para o treinamento; você já escolheu um instrutor, certo?

Ele pegou a prancheta da minha mão, me lançando um olhar irritado que dizia que eu não deveria estar de posse daquilo.

Kai seguiu pelo corredor, conferindo a ordem de serviço enquanto falava comigo.

— E para você também.

— Não, obrigada — respondi, de forma monótona. — Sou autossuficiente.

Pude ouvir sua risada baixinha quando o segui.

Depois do hotel esta manhã, ele me manteve ocupada o dia todo, arranjando suprimentos para levar para o décimo segundo andar, revisando os contratos com Gabriel, e caçando ex-funcionários do *The Pope* com quem ele queria conversar. No entanto, eu nem tentei cumprir todas as ordens. Ele realmente achava que eu facilitaria as coisas assim? Ele poderia me enviar de volta para Thunder Bay. De toda a forma...

— Eu também marquei um horário com o paisagista amanhã — continuei —, e com alguns empreiteiros para irem até a sua pocilga para dar um orçamento ou estimativa do que será necessário para ajeitar aquele lugar para Vanessa. — Enfiei as mãos nos bolsos, lançando olhares furtivos para os músculos de suas costas nuas tensionando a cada passo. — Mas, sério, seria bem mais fácil se você se mudasse de lá.

O comentário foi sarcástico, mas era verdade. O tempo já era curto o suficiente com a mudança da mobília e o planejamento do casamento, ainda mais ter que lidar com as reformas.

— Cancele qualquer horário marcado — disse ele, sem olhar para trás.

— Tudo bem. — *Você que lide com ela quando a mulher chegar lá.*

Ou talvez ele não estivesse planejando que sua futura esposa morasse com ele. Que tal isso? *Hmmm...*

— Vou enviar por mensagem as medidas do quarto dela, e você pode decorar do jeito que quiser — instruiu. — Quando eu mandar, você pode começar a organizar o quarto. O resto da casa está fora dos limites pra você. Entendeu?

— O quarto dela? — perguntei, incapaz de esconder a surpresa no meu tom de voz. — Você não quer dizer o quarto de vocês?

Ele parou diante da mesa do escritório e colocou a maleta sobre o tampo, mas não deixei de notar sua sobrancelha arqueada quando ele me lançou um olhar antes de se virar para o entregador.

— Me avise quando precisar de mais alguma coisa, senhor — o rapaz disse, estendendo um molho de chaves.

Kai assinou a fatura e trocou as chaves pela prancheta.

Chaves. Então era isso o que estava acontecendo. Kai não estava solicitando a entrega de todos aqueles móveis aqui. Ele solicitou que o caminhão de mudanças fosse deixado aqui. Ele não queria nem mesmo que o motorista visse para onde estava indo.

Agora, sim, eu estava intrigada.

CENA II

KAI

Esta cena aconteceu originalmente antes de Kai levar Banks para jantar em sua casa. Ele está em Thunder Bay, à procura de Will, mas foi Banks quem encontrou Will primeiro.

— Filho de uma mãe — murmurei, encarando todos os carros estacionados diante da velha igreja.

St. Killian estava adiante, cercada pela escuridão, já que era tarde da noite, mas as janelas recém-reformadas brilhavam intensamente com as luzes que provinham do interior. Dava até mesmo para vislumbrar algumas nuvens de fumaça se dissipando no céu logo acima da chaminé.

No que ele estava pensando? Michael iria matá-lo.

Pisando no acelerador, virei o volante de vez e parei na lateral da recentemente asfaltada entrada de carros, ciente de que Michael e Rika ainda não haviam colocado grama ou plantado flores que eu pudesse, porventura, estragar. Pelo menos, eles não fariam isso até que a casa deles em Thunder Bay estivesse com a reforma finalizada.

Desci do carro e fui até a entrada dos fundos, a parte da frente ainda cercada pelos andaimes usados pelos empreiteiros.

Quando éramos adolescentes, costumávamos vir muito aqui. A velha catedral tem estado abandonada desde os anos 30, e com as catacumbas abaixo, se tornou um lugar bacana e gigante para farrear com centena de outras pessoas. Os policiais nunca vinham para estas bandas mais distantes, e o bairro mais próximo ficava a quilômetros daqui.

Caminhei pelo terreno todo cheio de terra solta por conta das obras ocorridas ao longo do último ano, e olhei para cima, avistando a fresta de luz da porta de trás.

Banks estava ao fim do pequeno lance de escada, recostada ao corrimão e com as mãos enfiadas nos bolsos.

Ela endireitou a postura assim que me aproximei.

— Posso ir embora agora? — perguntou.

Encarei aqueles olhos castanho-esverdeados penetrantes sob as sobrancelhas escuras. Uma cor linda e calorosa que ela tinha a habilidade de fazer parecer gélida.

Eu meio que queria rir diante dessa atitude.

Assim como também meio que queria envolver seu pescoço com minhas mãos.

Talvez ela fosse nervosinha o tempo todo ou talvez fosse apenas comigo. Ela com certeza não hesitava em fazer qualquer coisa que eu pedia, isso era fato.

Agora já fazia dois dias que eu não conseguia fazer contato com Will, e quando não o rastreei na cidade, mandei que ela o procurasse por Thunder Bay, já que ela tinha algumas tarefas a fazer mais cedo naquela noite. Como a cidade era pequena, não levou muito tempo para que ela me enviasse uma mensagem de texto.

E se ele estava em St. Killian, na casa recém-reformada para onde Michael e Rika ainda nem haviam se mudado, então era melhor que eu viesse sozinho para dar sumiço nele antes que o caszinho aparecesse. Perguntei – ou mandei – Banks ficar e me esperar, caso ele desse o fora antes de eu chegar.

— Vá — ordenei.

Ela se afastou do corrimão e passou por mim, e senti um arrepio na nuca assim que isso aconteceu.

Ergui o olhar, observando a luz que se infiltrava pela fresta da porta, e notando, por fim, as risadas e conversas que vinham de dentro. Balançando a cabeça, disparei com passos firmes pela escada.

Entrei na parte dos fundos da igreja velha e dei um passo no que agora era a cozinha, reparando em todas as pessoas ao redor. Algumas garotas, uns dois caras, todos parecendo jovens o suficiente para ainda estarem comemorando o feriado de primavera.

O balcão central estava repleto de comida – pizza, uísque, duas garrafas de dois litros, e copos de bebidas espalhadas e manchando os novos azulejos pretos de ardósia que Rika havia escolhido no mês passado.

Respirei fundo, sentindo o cheiro de fumaça se infiltrando em minhas narinas.

Porra.

Atravessei a cozinha e segui para a imensa sala, vendo pelo menos mais umas vinte pessoas, todas desconhecidas, esparramadas pelos móveis novos ou largadas nos tapetes. Meu olhar passou pela pequena multidão, em busca de Will, mas o eco surdo de uma bola de basquete ressoando pela catedral chegou aos meus ouvidos, e meu olhar se concentrou na direção do som. Olhei para cima e avistei o corrimão de pedra entalhada que levava ao segundo andar.

Subi as escadas.

Qual era o problema dele, porra? Entrar sem ser convidado em uma casa que não era dele e ainda agir como um babaca sobre o assunto? Esse lugar estava uma zona do caralho, e Rika ficaria arrasada. A casa já estava quase pronta para eles se mudarem, a

cozinha e os banheiros praticamente terminados, e faltava uma demão ou outra de pintura, algumas luminárias a serem instaladas, e eletrodomésticos a serem entregues para finalizar tudo. Eles já até mesmo haviam começado a receber alguns móveis aqui, a busca por mobílias perfeitas rolando há vários meses.

Seria uma casa perfeita. E por mais que eu detestasse que ela tivesse perdido parte de seu mistério agora, e que as catacumbas no subsolo da igreja não seriam mais acessíveis a qualquer pessoa, o lugar teria sido vendido ou demolido em algum momento. Pelo menos, agora ficaria na “família”, por assim dizer, e seria preservado.

Contornei o corredor e segui na direção da área aberta acima, onde eu sabia que Michael montaria, em algum momento, um reduto masculino, com mesa de sinuca, sofás, TVs e outras coisas. Ele já tinha até instalado uma cesta de basquete.

Will corria pelo piso liso, driblando, suas pernas parecendo pesar toneladas e a expressão meio fechada. Desacelerei os passos, observando-o arremessar para a cesta.

Estranhamente, ele estava sozinho. E isso quase nunca acontecia.

— Por que você não estava atendendo ao telefone? — gritei.

Ele manteve a cabeça baixa, recusando-se a olhar para mim.

— Por que você é tão babaca?

Hã?

— O que diabos isso significa? — disparei. — O que eu fiz?

Eu quase não havia conversado com ele em dias, e a última vez que o vi – no *The Pope* –, ele não parecia bravo comigo.

— Só... — Franziu os lábios, quicando a bola com força no piso e parecendo prestes a dizer algo mais. Até que, por fim, murmurou: — Só vá se foder.

Franzi o cenho, balançando a cabeça. Quer saber de uma coisa? Tudo bem. Eu estava cansado pra cacete, e não precisava disso esta noite. Ele estava vivo, em segurança, e podia buscar consolo em qualquer vício do caralho que o deixaria mais feliz.

Eu me virei para sair.

— Do que se tratava a reunião sua com o Michael hoje? — ele perguntou, às minhas costas.

Eu me virei de volta, vendo-o oscilar em seus pés levemente, a bola sob um braço e uma garrafa de Budweiser pendendo de entre os dedos da mão livre.

— No *The Cove*? — perguntou, indicando: — É uma cidade pequena, Kai.

Sim, tudo bem. E daí? Michael e eu nos encontramos.

— Desde quando você tem que estar presente em cada conversa que tenho com Michael?

A culpa me alfinetou por dentro. Eu sabia que Michael queria se encontrar comigo sozinho, mas também sabia que Will tinha todo o direito de se sentir preterido.

— Não sou burro, sabe? — disse ele, os olhos parecendo sérios, conforme quicava a bola no piso.

— Eu nunca disse que você era.

— E nem precisa. — Seus olhos entrecerraram, com raiva. — Eu sou o que sempre está por perto ou é chamado quando se precisa de um reforço adicional. Bom para os momentos de diversão, né? Não usem palavras muito complicadas perto de mim ou nem me envolvam nos negócios, ou me deixem participar das discussões mais sérias, porque não vou entender.

— Isso não é verdade. — Baixei o olhar, fervilhando por dentro. — Quer saber de uma coisa? — Ergui a cabeça e me aproximei dele. — É verdade. É tudo verdade. Dê um jeito de se recompor. Estou cansado de te ver anestesiado de tanta bebida ou qualquer porra que você esteja cheirando, tomando ou fumando, a ponto de quase nunca ficar com a gente.

Eu me afastei, andando de um lado ao outro. Passamos quase três anos pagando pelos nossos erros. Três anos! Fomos humilhados e desprezados na frente de toda a cidade. Perdemos nossos amigos, o respeito de nossos familiares, e vivemos em um buraco de 14 metros quadrados, enquanto todo mundo da nossa idade estava terminando a faculdade. Pelo menos consegui meu diploma na cadeia – eu tinha que fazer alguma coisa dia a dia –, mas nós cometemos crimes. E isso agora constava na nossa ficha policial para sempre. Eu só queria me redimir, enquanto Will pensava que poderia voltar para casa e que tudo estaria do mesmo jeito de quando saiu.

— Você acha que é o único que está sofrendo? — Baixei o tom de voz, mas a agressividade ainda estava ali. — Você acha que é o único tentando esquecer? Pensa que não preciso de você também? Michael não sabe o que passamos lá dentro. Ele não estava lá, então talvez eu também precise um pouquinho de você. Mas, não, estou ocupado demais em ser sua babá — rosnei. — Você acha que preciso dessa merda depois de tudo o que aconteceu? Se controle, porra. Comece a agir como um adulto, e talvez você seja tratado como um.

Ele encarou o chão, e pude ver seus lábios contraídos, tentando conter a raiva ou as lágrimas – eu não sabia qual dos dois. Meu estômago embrulhou.

Eu não era o Will. Todos nós lidávamos com nossos demônios de maneira diferente, e eu entendia isso, mas suas escolhas desde que foi solto não estavam tornando a vida dele melhor. Era um ciclo constante de entorpecimento indo e vindo. A busca eterna por ficar chapado. No entanto, em pouco tempo, as garotas, bebidas e drogas

não seriam mais o bastante.

Cerrei os punhos, encarando-o.

— Michael quer comprar o *The Cove* — contei. Foi por isso que nos encontramos hoje no parque de diversões abandonado em Old Pointe Road, a tal reunião da qual Will ficou sabendo. — Ele quer arranjar mais alguns investidores, colocar aquela porra abaixo e construir um resort.

Will levantou a cabeça, os olhos subitamente preocupados ou talvez... assustados.

— É melhor colocar a sua cabeça no lugar — eu o adverti —, porque se não fizer isso por conta própria, vou deixar que Michael vá em frente.

O *The Cove* estava abandonado há anos. Era uma propriedade de alto valor no mercado, situada no litoral, e ao contrário do restante da região, havia um porto de águas profundas e um leito sólido de mar. Perfeito para a construção de uma marina. Michael queria que nós o comprássemos, com ajuda, claro, e transformássemos em um campo de golfe, hotel, restaurantes, trilhas para caminhada, bangalôs privativos e tudo mais que compõe um resort cinco estrelas. E ter uma marina seria um atrativo a mais para os iatistas frequentarem o lugar, atraindo uma tonelada de negócios lucrativos.

E detonando os hotéis de Gabriel em Meridian City, como se o destino assim quisesse.

Infelizmente, Michael sabia que Will nunca concordaria com isso. O *The Cove* era especial para Will por razões que eu não sabia por completo.

E Rika ficaria do lado de Will, simplesmente porque não concordaria com qualquer coisa que desnecessariamente nos magoaria. Michael queria atualizar os planos comigo hoje para ter ao menos uma pessoa ao lado dele antes de trazer o assunto à tona.

Mas eu ainda estava indeciso. Era um grande empreendimento e eu achava que não estávamos prontos.

O peito de Will arfava, respirando rápido, e ele se virou e foi para o sofá encostado na parede de pedras. Desabando no assento, apoiou os cotovelos nos joelhos e segurou a cabeça entre as mãos. Eu podia ouvi-lo ofegando daqui de onde estava, as mãos cerradas puxando os fios de seu cabelo castanho-claro.

Fui até ele, acidentalmente chutando uma garrafa vazia de Jack, que rodopiou pelo piso e parou quando acertou a perna de uma cadeira.

Parei diante de Will.

— Eu realmente sinto muito, sabe? — Ele balançou a cabeça, ainda entre as mãos. — Eu não queria ser assim, mas eu... eu não quero pensar em tudo. Não quero me lembrar de qualquer coisa. Vou

fazer tudo melhor amanhã. — Olhou para cima, os olhos verdes marejados fazendo meu estômago retorcer. — As coisas serão melhores amanhã.

Meu Deus, ele parecia tão perdido. A agonia cintilou em seu rosto, a tristeza em seus olhos...

— Eu só me sinto — disse ele, em busca das palavras certas — tão sozinho.

Eu me abaixei e o agarrei por baixo dos braços, colocando-o de pé e rapidamente fazendo com que ele enlaçasse um braço ao redor do meu pescoço. Ele me deixou conduzi-lo até um dos quartos no final do corredor. Muitos ainda estavam vazios, mas eu sabia que já havia uma cama com colchão na suíte principal, porque...

Bem, por causa de Michael e sua Rika, por isso.

Cruzei o quarto com Will a reboque e notei a pintura novinha nas paredes, o lustre, e a cama king size, que, felizmente, já estava forrada com o lençol e cobertores. O banheiro da suíte ficava à direita.

— Até na época da escola, eu nunca fui seu igual — murmurou. — Você era mais inteligente, nunca fazia merda, era respeitado... assim como o Michael.

Larguei Will na cadeira e me virei para puxar os cobertores para o pé da cama.

— Mas eu não me sentia inferior, mesmo sabendo que era — continuou. — Damon estava por perto. Era um lance equilibrado. Dois polos positivos, dois negativos, saca?

Sim.

Eu *sacava*.

— Nós quatro éramos perfeitos pra caralho. — Eu podia ouvir o sorriso em sua voz diante das lembranças. — A liderança de Michael, o seu autocontrole, a total falta de controle de Damon, e a minha... busca pela diversão suprema. Nós proporcionamos uns aos outros algo que todos precisávamos. As coisas não são mais as mesmas. Não estão mais equilibradas.

Assenti em concordância, finalmente enxergando qual era o problema. Como eu tinha dito a Michael. Will se encontrava perdido sem Damon. Ele estava certo. Nós éramos perfeitos. Uma tempestade perfeita. A fusão ideal de quatro corações divergentes que não eram perigosos sozinhos, mas que quando se juntavam se tornavam um incêndio de grandes proporções.

Como raios nos encontramos nessa vida?

— Eu não me encaixo com vocês — Will disse, baixinho.

Franzi o cenho. Como ele poderia pensar que não era importante?

Mas antes que eu pudesse me virar para ele, Will me agarrou e envolveu minha cintura com os braços.

— Me abraça — choramingou como uma garota.

E então começou a rir.

— Qual é, cara — resmunguei, me soltando de seu agarre. Eu me virei e o vi todo curvado, morrendo de rir.

Idiota. Avancei e o empurrei de bunda no colchão, me assegurando de que ele havia se deitado por completo antes de cobri-lo. Ele estava vestindo só a calça jeans, de todo jeito, então podia dormir assim mesmo.

Saí do quarto e desci as escadas, expulsando todo mundo dali e pegando

umas duas garrafas de água de um *cooler* antes de subir novamente. Eu duvidava que haveria aspirina no banheiro, então... azar o dele.

Coloquei as garrafas no travesseiro ao lado dele.

— Tem água aqui — informei, vendo seus olhos fechados. Ele gemeu uma vez, indicando que havia me ouvido.

Eu me inclinei e disse, com a voz séria:

— Se você acordar e quiser mijar, vá ao banheiro. Michael já vai te matar por ter dado uma festa aqui, e você não quer a Rika na tua cola por ter manchado de mijo os pisos novos dela. Você me ouviu?

Ele deu mais um grunhido sonolento, e eu endireitei a postura, desligando o abajur.

Eu não estava certo se ele conseguiria se corrigir por conta própria. A única coisa que era possível garantir sobre qualquer um de nós era que não queríamos parecer fracos, especialmente na frente uns dos outros. As merdas que ele estava fazendo a si mesmo eram sintomas de outro problema, mas eu ainda não havia determinado qual o tamanho ou dimensão desse problema. Ou o que poderia ser, para ser mais exato.

Eu me virei para sair do quarto, ouvindo sua voz às minhas costas:

— Kai?

Parei e virei apenas a cabeça, vendo-o ainda deitado na cama.

— Eu não deveria ter ateado fogo naquele gazebo — disse ele.

— Por que você não me impediu, cara?

CENA III

BANKS

*Essa cena aconteceu originalmente depois da cena de flashback
onde Damon e
Banks se encontram pela primeira vez. Ela está no quarto dele
quando é
chamada no piso inferior.*

Dias depois que cheguei e me mudei para o cubículo na torre, passando horas sendo a sombra dele, passei a amá-lo. Nós éramos a família um do outro.

Nik e Damon.

Olhei para os terrários acima, vendo Volos e Kore II aninhados sob as lâmpadas de aquecimento. Ficando de pé, fui até a bancada e tirei a tampa, pegando Volos com cuidado e ajudando-o a se enrolar ao redor da minha mão. Ele deveria estar morto a essa altura. Kore morreu anos atrás, mas Volos ainda estava aguentando firme. Talvez esperando pelo seu mestre.

Ele estava pacificamente descansando, imóvel, e arrastei meus dedos por sua pele escamosa.

Depois do meu primeiro encontro com Damon, pesquisei sobre suas cobras na internet e na biblioteca, e descobri que Volos era uma cobra leiteira e que Kore era uma cobra do milho. Ambas completamente inofensivas.

Embora o que Damon disse fosse verdade. Qualquer animal podia morder se fosse provocado. Suas picadas, no entanto, não eram venenosas.

— Banks! — Uma batida intensa golpeou a porta escada abaixo, e eu reconheci a voz de Lev.

Coloquei Volos de volta no terrário, com todo cuidado e gentileza, e tampei a caixa novamente. Ele havia resistido até agora, e eu estava preocupada que não vivesse por mais tempo, especialmente com Damon prestes a voltar para casa.

Com sorte.

— Banks! — Lev gritou outra vez, e fui até a porta e desci as escadas correndo.

Abri a porta no pé da escada e avistei Lev parado ali, os olhos injetados de sangue e as bochechas vermelhas, provavelmente de tanto beber. Já era tarde, e os caras estavam à toa agora.

— O marido da Marina está de volta com as baboseiras dele. —

Ergueu o queixo e gesticulou na direção da cozinha.

— E daí? — disparei. — Resolva o assunto.

— Qual é... — resmungou. — Um homem não pode dizer a outro o que fazer com sua própria mulher. Você que precisa resolver isso.

Arqueei uma sobancelha e desci o último degrau, fechando a porta em seguida.

— Seu covarde inútil — ralhei, esbarrando em seu ombro a caminho do outro lance de escadas.

Bando de filhos da puta preguiçosos. Puta merda.

Desci os degraus, sentindo-o em meu encalço assim que virei o canto do corredor e fui em direção à cozinha, onde quase sempre podíamos encontrar Marina. O maldito marido dela cuidava dos jardins aqui, e ambos viviam em outra casa na propriedade, mas de vez em quando ele gostava de dar as caras por aqui para lembrar a mulher sobre quem mandava nela de verdade.

Não Gabriel Torrance, não todos os homens da equipe a quem ela servia e com quem passava mais tempo do que com ele, e, certamente, não ela.

Ele era um homem sem um tostão furado e ficava ressentido por causa disso.

Entrei na cozinha, passando por David e Ilia no vestíbulo, parados ali por perto, mas não tão próximos, enquanto os soluços de Marina rompiam o silêncio.

Bill Rutledge estava diante dela, de costas para mim, segurando um cinto em uma das mãos e encarando a esposa.

Eu não fazia ideia do que o havia provocado dessa vez, e estava pouco me fodendo.

Olhei além dele e vi Marina, seu olhar se desviando para mim por um momento. Lágrimas escorriam pelas bochechas, metade do cabelo loiro preso, mas a maior parte solta, sua camisa e avental desalinhados. Seu rosto estava vermelho, mas não vi sangue algum.

Ela não costumava ficar por aqui até esse horário, tão tarde, mas eu podia ver uma panela no fogão cuja boca ainda estava acesa. Meu pai provavelmente mandou que ela fizesse alguma coisa de comer para ele.

— Oi — cumprimentei, rompendo o silêncio.

Bill virou a cabeça, me olhando com a cara feia.

— Dá o fora — ordenou. — Isso não é da sua conta.

E então seu olhar se desviou para além do meu ombro, indicando que os caras estavam atrás de mim agora.

Dei um passo adiante, sentindo seu cheiro de suor na mesma hora. Estendi a mão.

— Me dê o cinto.

Ele deu uma risada de escárnio e balançou a cabeça, tomando mais um gole da cerveja em sua mão.

Ele não ia se render assim tão fácil.

Quase fechei os olhos, antecipando o prazer com a situação. Eu podia sentir meu estômago agitar, o calor fluir pelos meus braços, o batimento acelerado no meu peito...

Eu amava essa parte. Inclinando um pouco a cabeça para o lado, dei mais um passo adiante.

— Ela já teve o suficiente. Me entregue a porra do cinto.

Ele se virou para me encarar, e meu olhar se fixou aos olhos azuis cercados por rugas nos cantos de tantos anos trabalhando sob o sol; seu cabelo loiro estava úmido com o esforço.

Bill entreceitou os olhos e avançou, invadindo meu espaço pessoal. Ele bateu o cinto contra a lateral de sua coxa e quase grudou o nariz ao meu.

Não consegui reprimir o sorriso que se alastrou pelo meu rosto. Anos atrás, ninguém ousaria me tocar com um medo terrível de ter que enfrentar Damon.

Agora, todos os dias, eu lutava para garantir que ninguém me desafiasse por medo de se resolver comigo.

— Vá em frente — instiguei. — Pode me bater.

Eu me virei um pouco de lado e apoiei as palmas das mãos sobre a mesa, me curvando de leve.

— Vamos lá.

Marina parou de soluçar, e nenhum dos homens ali presente falou qualquer coisa.

Virei a cabeça e falei com ele, por cima do ombro:

— Você está atrasando o jantar do senhor Torrance. Eu posso tomar o lugar dela, então, vá em frente.

Eu o senti se movimentar atrás de mim, cada músculo das minhas pernas prestes a desabar. Respirei de leve, cravando as unhas na mesa de madeira quando ele se postou às minhas costas.

Vamos lá! Vamos lá. Você pode me machucar. Você vai me colocar no meu lugar, não é mesmo?

— Anda logo — sussurrei, respirando fundo, baixando a cabeça e fechando os olhos. — Vá em frente, anda logo... me faça gritar. Me faça chorar.

Minha pele formigou e todos os pelos se arrepiaram.

Todo animal morde quando é provocado. Vá em frente, seu filho da puta.

— Anda! Pode me aterrorizar. Vamos lá! Me faça gritar. Você consegue. Eu quero isso!

Bati a palma da mão na mesa e ouvi Marina ofegar.

Mas tudo permaneceu em silêncio. Era como se ninguém

estivesse respirando.

Esperei pela primeira cintada – se o filho da mãe ousasse fazer isso –, mas nada aconteceu. Virei a cabeça para trás e olhei para ele, que ainda se postava atrás de mim, me encarando.

Ele recuou. Sabia que não conseguiria arrancar lágrimas ou gritos de mim.

Mas ele também não queria ficar por baixo diante dos homens, então fungou e deu de ombros, de repente, agindo como se aquilo não fosse nada demais.

— Está de boa — respondeu, rindo consigo mesmo. — Acho que exagerei um pouco.

Aprumando a postura, eu me virei e cheguei mais perto dele. Peguei a cerveja de sua mão, sem desviar o olhar, e joguei a porcaria no lixo.

Ele hesitou apenas por um segundo antes de pegar a dica e colocar o cinto de volta.

— Se você tem um problema com a cozinheira do senhor Torrance, fale comigo — eu disse. — Você a machuca e a deixa incapaz de trabalhar, então você terá que se resolver com ele. Se isso for confuso para entender, David poderá explicar a caminho da sua casa. — Olhei para os homens, incitando-os a levarem esse bosta daqui. — Meninos?

David me encarou, perdido por um segundo, mas então piscou e se pôs em movimento. Ele reuniu os caras e guiou o caminho pela porta dos fundos. Bill nem sequer olhou para sua esposa conforme os seguia com certa relutância.

Ouvi um pouco mais de fungados e vi Marina se aproximar pela minha visão periférica.

— Obrigada, querida — disse ela, com a voz trêmula.

Ela estendeu a mão e tocou meu rosto, mas eu me afastei.

Não fiz isso por ela. Não fiz mesmo, eu disse a mim mesma.

O que ela permitia que acontecesse em sua casa era problema dela. Quando seu marido bagunçava o funcionamento dessa casa, aí, sim, se tornava assunto meu. Nada mais.

— Gabriel está esperando pelo jantar — informei, saindo da cozinha. — Dê um jeito no seu rosto.

CENA IV

BANKS

Essa cena aconteceu originalmente após David, Lev e Ilia levarem Banks do cemitério até a casa Torrance, antes de ela subir para o quarto e ir se deitar.

— Aqueles caras, filhos da puta — David praguejou, do assento do motorista enquanto acendia um cigarro. — Merdinhas, todos eles.

— Merdinhas bem-relacionados — Ilia acrescentou.

Eu estava sentada atrás dele, no banco traseiro, encarando o lado de fora pela janela à medida que eles fofocavam sobre pessoas que nem mesmo conheciam. Era comum sentir certa animosidade por pessoas para quem se tinha que trabalhar. Eu senti o mesmo pelas meninas nas festas, apesar de não ser legal fazer suposições.

Mas era fácil ser meio amarga quando você sabia que nunca teria uma oportunidade de possuir os tipos de carros pelos quais era pago para lavar todos os dias. Ou odiar a galera que simplesmente havia tirado a sorte grande desde o nascimento, sorte o suficiente para ostentar dinheiro e nunca saber qual era a sensação de trabalhar para sobreviver.

No entanto, Kai era diferente. Ele era legal.

Uma parte minha queria explicar o que realmente tinha acontecido quando fui empurrada para dentro da cova, e, ei, eu poderia muito bem ter dado o fora dali e colocado a culpa neles, mas... não. Eu não estava a fim de me desculpar por algo que não foi minha culpa e algo pelo qual eu não me arrependia nem um pouco de ter acontecido.

Ganhei o meu primeiro beijo dentro de um túmulo vazio. Eu sempre me lembraria disso, não é mesmo?

— Ei. — Ouvi David dizer.

Virei a cabeça e olhei para cima, deparando com seu olhar pelo espelho retrovisor.

— Não pense que não vi aquele seu sorrisinho quando você achou que ele ia te dar um bom momento. — Ele balançou a cabeça uma vez. — Não vai rolar. Nunca. O mais provável é que ou Damon te prenda dentro do seu quarto pelo resto da sua vida, ou que você se case com um de nós. Isso é o melhor que você pode esperar, garotinha.

O sorriso que nem percebi que estava em meus lábios desapareceu, e voltei a me concentrar na janela de novo, agora

melancólica conforme passávamos pelos portões de saída do cemitério.

De jeito nenhum eu ficaria aqui e viveria essa vida para sempre.

— Um monte de gente que veio do nada conseguiu fazer alguma coisa com suas vidas — respondi, mais para mim mesma.

Mas Lev riu ao meu lado, inclinando-se no banco traseiro.

— Sim, igual a mim. Olhe só para mim.

— E igual a mim também — Ilia debochou.

— É isso aí, todos nós viemos do nada e vencemos na vida — David caçou de mim através do espelho retrovisor. — Eu tenho três empregos de merda, incluindo o de entregador de pizza de meio-período à noite só para conseguir grana suficiente para bancar meu curso de professor para poder mudar o mundo, certo? Eu faço as tarefas de casa da faculdade pública todo dia no ônibus. Esse sou eu.

Balancei a cabeça, desviando de seu olhar.

— *Oui...* — Lev adicionou, com um zombeteiro sotaque francês. — Eu frequento a escola de *culinária* e faço os *melhores* pratos *parra* as crianças famintas na África. — Beijou as pontas dos dedos. — Muaaaaah!

— E eu vou arranjar um emprego na fábrica — Ilia entrou na brincadeira —, uma boa e honesta forma de sustentar minha esposa beata e meus filhos, Betty Sue, Tommy e Vlad.

— Vlad? — Lev perguntou, levantando a cabeça.

Ilia deu de ombros.

— Eu deveria pelo menos escolher um bom nome russo para as crias.

Todos eles gargalharam como se eu fosse ingênua. Como se a ideia de ter esperança fosse uma ridícula perda de tempo. Mas eles tinham que querer algo mais em algum momento, não é? Como eles se tornaram tão céticos?

— O lance é, querida — David disse, e encontrei seu olhar pelo retrovisor —, que quando você não tem dinheiro, a vida pode se tornar difícil pra cacete. Algumas pessoas conseguem dar um jeito. A maioria não.

Lev suspirou ao meu lado.

— A merda simplesmente fica muito difícil, e Gabriel paga nosso salário.

— E um mês vira dois anos muito rápido — Ilia acrescentou.

Franzi o cenho, encarando o céu noturno e as árvores passando como um borrão pela janela. O carro se tornou um ambiente sufocante, o ar ali dentro cada vez mais espesso.

Não era de admirar que eles bebessem o tempo todo.

Não era de admirar que eles se metessem em brigas e faziam

tudo e qualquer coisa que pudessem para entorpecer a si mesmos. Na opinião deles, já estava tudo acabado. Nada nunca seria melhor do que já estava agora.

E não era de admirar que eu estivesse tão encantada com Kai Mori. Ele era diferente.

E ele foi o único, além de Marina, que fez com que eu sentisse que o mundo poderia ser um lugar muito maior.

David parou diante do nosso portão, que se abriu na mesma hora nos permitindo a passagem. Todo mundo permaneceu em silêncio durante o longo trajeto até a casa, e dei uma conferida no relógio digital do painel que indicava que passava das dez da noite.

Meu irmão não chegaria em casa até pelo menos o amanhecer. Será que o Kai ainda estava planejando ir ao *The Pope* hoje à noite? Ele deve ter arranjado aquela chave depois da nossa conversa de manhã, antes de saber que nos esbarraríamos de novo.

Eu não gostava de pensar nele indo lá sem mim.

David estacionou nos fundos da mansão e desligou os faróis e o motor.

Ele olhou para mim por cima do ombro.

— Vá para o seu quarto e fique lá.

Tá, tá... abri a porta e todos saímos; David, Lev e Ilia seguiram até a oficina e suas camas, enquanto eu abria a porta de trás que levava à cozinha.

SÉRIE DEVIL'S NIGHT

EDIÇÃO LIMITADA



KILL SWITCH

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPE DOUGLAS



PENELOPE DOUGLAS

KILL SWITCH

Traduzido por Marta Fagundes

2ª Edição



2024

Copyright © Penelope Douglas, 2019

Copyright © The Gift Box, 2021

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastacia Cabo

Arte de Capa:

Bianca Santana e glancellotti.art

Tradução:

Marta Fagundes

Diagramação e revisão:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Nota do Autor

Eu não costumo escrever prefácios, mas como este é o terceiro livro da série *Devil's Night*, gostaria de já deixar os leitores prevenidos. Por mais que esta série apresente enredos novos a cada livro, com seu par específico, ela acabou se tornando uma espécie de saga. Há uma trama maior em jogo, com os personagens centrais ganhando destaque em seus respectivos livros cheios de mistérios. É recomendável que a série seja lida a partir do primeiro, *Corrupt*, e, em seguida, *Hideaway*. A partir do momento que você conhece todos os envolvidos e conecta os pontos interessantes, com certeza sua chance de compreender a trama como um todo será muito maior.

Se você já leu os dois primeiros, então siga em frente e se divirta.

Se a resposta for negativa, não se preocupe, porque ambos estão disponíveis no Kindle Unlimited.

Boa leitura!

“HÁ UMA RAZÃO PARA QUE AS COISAS SEJAM COMO SÃO.”
DRÁCULA – BRAM STOKER.

Capítulo 1

Winter

Minhas sapatilhas de balé deslizavam pelo piso de madeira à medida que caminhava devagar pelo corredor extenso. As chamas das velas em seus candelabros iluminavam as paredes escuras, e torcia os dedos enquanto olhava para todas as portas fechadas à direita e esquerda.

Não gostava dessa casa. Nunca gostei daqui.

Mas pelo menos as festas aconteciam apenas duas vezes por ano – depois dos recitais de verão, em junho, e na estreia do espetáculo anual de O Quebra-Nozes, em dezembro. Madame Delova amava o balé e, como a benfeitora da minha escola de dança, acreditava ser um “presente para o povo quando desce de seu pedestal de vez em quando para entreter os aldeões, permitindo que entremos em sua casa”.

Ou foi isso que ouvi minha mãe dizer uma vez.

A casa era tão grande que eu talvez nunca conseguisse conhecer inteira, além de ser decorada com coisas sobre as quais todo mundo cochichava a respeito, mas, mesmo assim, esse lugar me deixava nervosa. Sentia como se corresse o risco de quebrar algo a cada vez que me movia.

E também era muito sombria. Ainda mais hoje, com a casa iluminada apenas pela luz das velas. Acho que talvez seja a maneira que Madame encontrou de fazer com que o ambiente adquirisse uma aura de sonho, do jeito que ela mesma se via: surreal, perfeita demais, como se fosse de porcelana. Sem ser exatamente alguém de verdade.

Franzi meus lábios, pouco antes de gritar:

— Mãe?

Onde ela estava?

Dei um pequeno passo, sem saber ao certo onde estava ou como voltar à festa, mas tinha certeza de ter visto minha mãe subindo as escadas. Acho que havia um terceiro andar, também, mas não fazia ideia de onde a escadaria de acesso se encontrava. Por que ela viria aqui? Todo mundo estava lá embaixo.

Contraí a mandíbula com força a cada passo em que me distanciava da festa. As luzes, vozes e a música desvaneceram, e o corredor silencioso imerso em penumbra, lentamente, me engoliu.

Talvez fosse melhor voltar. Ela vai ficar brava por eu tê-la seguido até aqui.

— Mãe? — chamei outra vez, coçando minhas coxas por causa do figurino que usava desde cedo e que irritava minha pele. — Mãe?

— Qual é o seu problema, porra? — alguém gritou.

Levei um susto.

— Todo mundo fica desconfortável ao seu redor — o homem

continuou. — Tudo o que você tem que fazer é ficar quieto lá! Já conversamos sobre isso.

Avistei uma fresta de luz através de uma porta semiaberta e espiei ao me aproximar. Duvidava que minha mãe estivesse aqui. As pessoas nunca gritavam com ela.

Mas talvez ela esteja ali?

— O que se passa nessa sua cabeça? — berrou o homem. — Não consegue falar nada?

Nenhuma resposta. Com quem ele estava bravo?

Recostando-me no batente da porta, espiei pela abertura, tentando ver quem estava na sala.

Em um primeiro momento, tudo o que via era ouro. O brilho dourado da lâmpada cintilava sobre o kit de escritório dourado em cima da mesa. Até que meu olhar se desviou para a esquerda, deparando com o marido da Madame Delova, o Sr. Torrance, por trás da mesa. Ele se levantou, resfolegando, irritado, enquanto encarava seja lá quem fosse a pessoa do outro lado.

— Jesus Cristo — disparou, com um tom desdenhoso. — Meu filho. Meu herdeiro... é incapaz de fazer qualquer coisa sair dessa sua boca? Tudo o que você tem que dizer é “olá” e “obrigado pela presença”. Você mal consegue responder a uma merda de pergunta. Qual é a porra do seu problema?

Meu filho. Meu herdeiro.

Eu me estiquei um pouco mais, tentando enxergar além da fresta da porta, mas não consegui ver a outra pessoa ali dentro. A Madame e o Sr. Torrance têm um filho. Raramente o vejo. Ele é da idade da minha irmã, mas frequentava uma escola católica.

— Fale alguma coisa! — o pai esbravejou.

Perdi o fôlego e dei um passo, por reflexo. No entanto, acidentalmente esbarrei na porta, ao invés de me afastar. O ruído da dobradiça estalou e a porta se abriu um pouco mais, fazendo-me recuar.

Ai, não.

Tentei me afastar às pressas e virei-me, pronta para sair correndo. Mas, antes que conseguisse escapar, a porta se abriu, espalhando a luz do interior pelo corredor escuro. Uma sombra enorme pairou sobre mim.

Contraí as coxas, sentindo a ardência aumentar como se estivesse prestes a fazer xixi na calça. Lentamente, olhei para trás e vi o Sr. Torrance ali parado em um terno escuro. A careta em seu semblante suavizou e ele exalou um suspiro.

— Oi — ele disse, com os lábios curvados em um sorriso sutil enquanto me encarava.

Instintivamente, dei um passo atrás.

— Eu... eu me perdi. — Engoli em seco, focada em seus olhos escuros. — O senhor sabe onde a minha mãe está? Não consigo encontrá-

la.

Mas então, o outro ocupante da sala abriu a porta ainda mais, fazendo com que a maçaneta se chocasse contra a parede, e saiu dali intempestivamente, passando pelo pai. Cabisbaixo, o cabelo preto cobria seus olhos, o nó da gravata desfeito ao redor do pescoço. Ele esbarrou em mim sem nem ao menos olhar na minha direção e desceu as escadas correndo.

Seus passos se distanciaram, e eu me virei para encarar o Sr. Torrance.

Ele sorriu e se abaixou, inclinando-se para ficar na minha altura. Recuei um pouco mais.

— Você é a filha da Margot — ele disse. — Winter, não é?

Acenei e dei um meio-passo para trás, preparada para sair dali o mais rápido possível.

No entanto, ele estendeu a mão e a colocou abaixo do meu queixo.

— Você tem os olhos da sua mãe.

Não tenho, não. Ninguém nunca disse isso.

Ergui um pouco mais o queixo, para afastar-me de seu toque.

— Quantos anos você tem? — perguntou.

Ele segurou meu queixo outra vez, inclinando minha cabeça de um lado ao outro enquanto seus olhos me avaliavam. Em seguida, seu olhar deslizou do meu rosto para meu collant branco e o tutu, passando pelas minhas coxas e pés. Ele me encarou outra vez, mas seu sorriso agora não estava presente. Algo diferente cintilou por trás de seu olhar, e não sei se seu silêncio, sua altura, ou o ruído da festa distante me fizeram completar o passo para trás para me afastar.

— Tenho oito anos — murmurei, baixando o olhar.

Não precisava da ajuda dele para encontrar minha mãe. Só queria ir embora agora. Ele foi muito cruel com seu filho. Meus pais não eram perfeitos, mas nunca gritaram comigo daquele jeito.

— Você se tornará uma beleza algum dia — comentou, quase como um sussurro. — Exatamente como sua mãe.

Depois de alguns segundos, finalmente consegui engolir o nó na garganta.

— A primeira vez em que vi minha esposa — continuou —, ela usava um traje como o seu.

Eu não precisava imaginar como a Madame ficava num figurino de balé. Havia inúmeras fotografias e pinturas dela espalhadas pela casa e pelo estúdio.

O Sr. Torrance ficou ali parado por mais um instante, sua altura e olhar pairando sobre mim e deixando-me incomodada.

Até que, por fim, ele soltou meu queixo e inspirou profundamente como se estivesse saindo de um transe.

— Vá correr por aí e brincar — ele disse.

Dei a volta e saí correndo pelo mesmo caminho que passei, mas olhei por sobre o ombro para ter certeza de que ele não estava atrás de mim.

Ao fazer isso, vi que ele continuou no corredor e abriu a porta mais à frente, parando por um momento como se estivesse vendo alguém.

Quando eu estava prestes a virar a cabeça outra vez e sair dali, ele se afastou do batente e se preparou para fechar a porta, e foi aí que a vi.

Minha mãe.

Estreitei meus olhos, piscando para me assegurar de que realmente era ela. Vestido social branco, longo cabelo da mesma cor do meu, um sorriso divertido em seus lábios...

A porta se fechou, bloqueando a imagem dela caminhando em direção a ele, e fiquei ali parada, no corredor escuro, apenas ouvindo o som da chave trancando a porta.

Precisava sair daqui. Não sabia o que estava acontecendo, mas achava que não podia aborrecer minha mãe. Saí correndo pelas escadas, atravessando o vestibulo, e segui em direção à festa no terraço.

A porta dos fundos se abriu e quando um garçom entrou com uma bandeja, dei um jeito de sair de fininho, perambulando pelo pátio de pedra rumo a um mar de adultos. O burburinho das conversas me cercou; as pessoas riam, bebiam e comiam, enquanto um flautista vestido em um traje azul dividia o palco com um quarteto de cordas à minha direita. As Quatro Estações, de Vivaldi, ressoavam pelo terraço, fazendo-me recordar das inúmeras vezes que já dancei ao som daquela melodia.

Garçons limpavam os talheres à medida que taças tilintavam e, quando ergui a cabeça, vi o céu escurecendo cada vez mais, as nuvens cobrindo o sol e lançando uma sombra sobre a festa. Perfeito à luz de velas.

Avistei meu grupo vestido com o mesmo figurino que o meu, todo branco, ainda do recital que dançamos mais cedo, correndo em direção às cercas-vivas. Estavam todos amontoados, rindo, e minha irmã, três anos mais velha que eu, estava ali no meio. Hesitei apenas por um segundo antes de segui-las.

Dando a volta na cerca e em direção ao gramado, parei subitamente e inspirei a brisa que soprava das árvores. Arrepios percorriam meus braços e levantei a cabeça, olhando para a casa e as janelas do segundo andar onde estava há pouco tempo. Minha mãe provavelmente deveria estar me procurando.

Porém a festa estava muito chata, e minhas amigas tinham vindo por esse caminho.

Um pouco mais além da casa e de onde a festa acontecia, a propriedade se espalhou em um amplo gramado, margeado com canteiros de flores dos dois lados, assim como uma fileira de árvores que circundavam as colinas mais distantes. Tudo aquilo se estendia a perder de

vista e transformava a paisagem em algo saído de um conto de fadas.

Olhei adiante e vi minha irmã com sua panelinha e nossas colegas de turma. O que elas estavam fazendo? Ela olhou para mim, riu e depois disse alguma coisa para as garotas antes de todas saírem correndo em direção ao labirinto no jardim, desaparecendo por trás da vegetação.

— Esperem! — gritei. — Ari, espere por mim!

Desci correndo a pequena encosta e corri até o labirinto, parando na entrada e olhando de um lado ao outro. O caminho só era visível até alguns passos à frente antes que tivesse que escolher um lado, e não vi para onde elas haviam ido. E se eu me perdesse ali dentro?

Sacudi a cabeça. Não. Não havia perigo nenhum. Se houvesse, eles teriam bloqueado a entrada. Não é? Um monte de crianças tinha acabado de entrar. Estava tudo bem.

Dei alguns passos e depois comecei a correr. O vento soprava contra os ciprestes, externando a promessa que o céu acinzentado e as nuvens carregadas traziam e fazendo meus pelos arrepiarem. Virei à direita e ao redor das árvores, seguindo o caminho e perdendo o rumo à medida que a entrada do labirinto se distanciava cada vez mais.

O cheiro de terra se infiltrou em meus pulmões quando inspirei com força, e por mais que o chão fosse coberto com o gramado, sujeira se embrenhava em minhas sapatilhas, tornando tudo mais desconfortável. Elas ficariam destruídas. Eu tinha certeza.

Mas a Madame insistia que ainda usássemos o figurino, mesmo depois que o espetáculo acabasse.

Risadas e gritos ecoavam à distância e levantei a cabeça, acelerando meus passos em direção ao som. Elas ainda estavam aqui.

Depois de um minuto, entretanto, o som silenciou e eu parei, aguçando os ouvidos para tentar descobrir onde minha irmã e amigas estavam.

— Ari? — gritei.

Mas estava sozinha.

Timidamente, andei pelo caminho, deparando com um espaço verde aberto e com uma fonte enorme no meio. O lugar era duas vezes maior que o meu quarto, e cercado por ciprestes altos. Três saídas conduziam para fora dali. Será que esse era o centro do labirinto?

A fonte imensa era composta por uma tigela gigante embaixo de outra menor no topo. Água corria pelo trajeto, enchendo a cuba menor e se derramando em quedas d'água na que ficava abaixo. O som era lindo. Como uma correnteza. Eu gostava muito de correntezas. Dava uma sensação de paz.

Mas sem olhar para onde estava indo, esbarrei em alguém e tropecei para trás. Os braços de uma mulher se ergueram e impuseram distância, como se eu estivesse suja e ela não desejasse que a tocasse.

O olhar surpreso de Madame se suavizou assim como seu sorriso, o

movimento do corpo fluido e gracioso, como se estivessemos em um palco.

— Olá, querida. — Sua voz era meiga. — Você está se divertindo? Recuei um passo e abaixei o olhar, acenando.

— Você viu meu filho? — perguntou. — Ele ama festas, e não quero que perca esta.

Ele amava festas?

Franzi as sobrancelhas, confusa. O pai dele discordava daquilo.

Estava prestes a dizer a ela que não o havia visto, mas algo à minha direita atraiu minha atenção, e quando olhei mais à frente, reconheci a forma oculta nas sombras.

Uma forma oculta dentro da fonte.

Estava sentado por trás da queda d'água que se derramava sobre a bacia à base, quase completamente escondido.

Damon. O filho deles que levou uma bronca pouco antes.

Parei por um instante, e a mentira deslizou facilmente da minha boca:

— Não. — Balancei a cabeça. — Não o vi, Madame. Sinto muito.

Não sei porque não revelei a ela que ele estava bem ali, mas, depois da forma como seu pai gritou com ele, parecia que tudo o que ele mais queria era ficar sozinho.

Evitei o olhar da Madame, como se ela fosse capaz de perceber minha mentira e, ao invés disso, encarei à frente. Seu vestido preto fluía até os tornozelos, cintilando com o brilho das joias delicadas e pérolas; a parte de cima se moldava ao corpo esbelto à medida que a saia esvoaçava com os movimentos. Seu longo cabelo negro estava solto às costas, tão liso e sedoso quanto um riacho de água corrente.

Nunca ouvi minha mãe falar bem dela, mas, ainda que as pessoas tenham medo, quando estavam à sua frente, a tratavam com gentileza. Ela não parecia muito mais velha que a minha babá, mas tinha um filho mais velho que eu.

Sem dizer nada, ela passou por mim e saiu em direção à entrada, enquanto fiquei ali parada por mais uns segundos, pensando se devia fazer o mesmo e sair dali.

Mas não saí.

Sabia que ele provavelmente não queria ver ninguém, mas eu meio que me senti mal ao vê-lo tão sozinho.

Bem devagar, dei um passo para mais perto da fonte.

Espiando por entre os filetes da água corrente, tentei fazê-lo sair de seu esconderijo. Vestido com um casaco preto, seus braços descansavam sobre os joelhos, o cabelo escuro caindo por cima de seus olhos e tocando as maçãs de seu rosto.

Por que ele estava ali na fonte?

— Damon? — disse seu nome timidamente. — Você está bem?

Ele não respondeu, e por entre a cortina d'água dava para ver que

não se moveu um milímetro. Era como se não tivesse me ouvido.

Pigarreando, disse um pouco mais alto:

— Por que você está sentado aí? — Então acrescentei: — Posso me sentar aí também?

Não era aquilo que eu queria dizer, mas estava animada. Parecia divertido, e alguma coisa dentro de mim queria que ele se sentisse bem.

Ele moveu a cabeça, dando um olhar de relance, mas depois se virou outra vez.

Entrecerrei os olhos, tentando vê-lo por entre os pingos constantes e vi sua cabeça inclinada e o cabelo molhado cobrindo seu rosto. Avistei um ponto vermelho e notei sangue em sua mão. Ele estava sangrando?

Talvez ele quisesse um Band-Aid. Sempre queria minha mãe e um Band-Aid quando me machucava.

— Vejo você na Catedral, de vez em quando. Você nunca pega a hóstia, né? — perguntei. — Quando as pessoas vão comungar, você fica lá sentado. Sozinho.

Ele continuou imóvel. Do mesmo jeito que ficava na igreja. Ele apenas mantinha-se sentado quando todos faziam a fila no corredor, mesmo já tendo idade para ir lá também. Eu me lembrei dele na sala de catequese da minha irmã.

Inquieta, comentei:

— Vou fazer minha primeira comunhão em breve. Quer dizer, acho que sim. A gente tem que se confessar primeiro e eu não gosto dessa parte.

Talvez fosse por isso que ele ficava sentado naquele momento na Missa. Ninguém poderia comer a hóstia ou beber o vinho se não tivesse se confessado, e se ele odiava fazer isso do mesmo jeito que eu, poderia ser por isso que sempre ficava de fora.

Tentei ver seus olhos pela cortina d'água. Os respingos atingiram minha pele e figurino, e um arrepio levantou os pelos dos meus braços. Queria entrar ali dentro também. Queria ver como era.

Ele não parecia nem um pouco amigável. Não tinha certeza do que faria se eu escalasse para chegar até lá.

— Você quer que eu vá embora? — Inclinei a cabeça para um lado, tentando conectar meu olhar ao dele. — Eu vou, se você quiser. Não gosto muito de ficar aqui fora. Minha irmã idiota sempre dá um jeito de estragar tudo.

Ela chamou minhas amigas, fugiu de mim e minha mãe estava... ocupada. Ver o que existia por trás de uma fonte pela primeira vez parecia ser divertido.

Mas parecia que ele não me queria aqui. Ou qualquer outra pessoa, pelo jeito.

— Então... vou embora — finalmente disse e dei um passo para trás, deixando-o sozinho.

Mas assim que virei de costas, o ruído da queda d'água mudou e, quando levantei a cabeça, vi sua mão esticada para fora.

Ele tentou me alcançar, como se me convidasse a entrar.

Hesitei por um instante, tentando ver sua expressão, mas seu cabelo ainda cobria tudo.

Olhando ao redor, percebi que não havia ninguém. Minha mãe provavelmente ficaria brava comigo por molhar minha roupa, mas... eu queria entrar ali.

Não consegui segurar o sorriso quando entrelacei os dedos aos dele, levantando a perna para subir em direção ao chafariz.



Foi há tanto tempo...

Há anos, mas aquele dia permaneceria para sempre na minha memória, já que foi o último em que vi o rosto da minha mãe. Foi o último dia em que vi meu quarto e toda e qualquer coisa que ela usou para decorá-lo. A última vez em que pude correr para qualquer lugar que escolhesse, sabendo que o que estava diante de mim não me oferecia perigo, e também foi a última vez que as pessoas à minha volta não ficavam nervosas, ou que meus pais me amavam mais do que se sentiam sobrecarregados com o fardo que me tornei.

A última vez em que fui incluída sem questionamentos ou que pude curtir um filme ou assistir a algum espetáculo de dança ou teatro.

O último dia em que fui eu mesma e o primeiro de uma nova realidade que nunca poderia ser desfeita. Não dava para voltar atrás. Não dava para rebobinar e não entrar naquele labirinto. Não podia desfazer o instante em que pisei naquela fonte.

Porque... meu Deus... quisera eu poder fazer isso. Existem alguns erros dos quais nunca nos curamos.

E enquanto eu e minha mãe nos mantínhamos ali ao lado da minha irmã mais velha, treze anos depois, no dia de seu casamento, sentindo o cheiro de seu perfume e ouvindo o padre murmurar as bênçãos do sagrado matrimônio, resisti à imensa vontade de me encolher ou recordar, por um segundo, como aquele momento, naquela fonte, tantos anos atrás, foi, realmente, um esconderijo celestial. E como desejava estar lá agora, apenas para poder me afastar daqui.

As alianças, o beijo, a bênção...

E estava feito. Ela havia se casado.

Meu estômago retorceu em um nó e senti a ardência em meus olhos quando os fechei. Não.

Fiquei ali, ouvindo os sussurros e o farfalhar de tecidos, esperando que minha mãe estendesse a mão para me guiar pelas escadas a fim de sair da Catedral.

Eu precisava de ar fresco. Precisava fugir dali.

Mas as vozes da minha mãe e irmã se distanciaram.

E os mesmos dedos frios que segurei naquela fonte, anos atrás, agora tocavam os meus.

— Agora... — O novo marido de minha irmã sussurrou no meu ouvido: — Agora, você me pertence.

Capítulo 2

Winter

Dias atuais...

Congelei na mesma hora, cerrando o punho quando o senti sentar-se à minha frente na limosine logo após a cerimônia.

Damon Torrance. O garoto da fonte.

O garoto usando um terno amarrotado, com o cabelo desgrenhado e mão ensanguentada que mal falou ou olhou para mim.

No entanto, agora ele era um homem e, definitivamente, havia aprendido a conversar. Alto e confiante, havia uma ameaça implícita em suas palavras ditas na igreja, mas eu também era capaz de sentir o cheiro daquela fonte exalando dele. Ele tinha o cheiro de coisas frias. Como águas perigosas.

— Seu pai nos garantiu um excelente acordo, contanto que eu fique casada com você por um ano — minha irmã disse, sentada ao lado de Damon, de frente para mim e minha mãe. — E pretendo cumprir essa exigência, não importa o quanto você tente dificultar.

Ela estava falando diretamente com ele, que manteve a voz calma e decidida quando respondeu:

— Não vamos nos divorciar, Arion. Nunca.

Sua voz soou como se ele estivesse olhando para o outro lado, encarando talvez a janela ou qualquer outro lugar, ao invés de falar diretamente com ela.

Não haveria um divórcio? Meu coração começou a acelerar. É claro que ele se divorciaria dela. Algum dia, não é mesmo? Eu ainda custava a acreditar que as coisas tivessem ido tão longe. Afinal de contas, isso era apenas uma vingança contra a minha família. Por que ele faria questão de ficar preso a isso pelo resto da vida?

O plano dele era nos arruinar. Quando encontrou provas sobre o desfalque e fraude fiscal do meu pai – o que o fez fugir do país –, o FBI apreendeu quase tudo o que possuíamos. Nossas contas bancárias secaram e agora... o causador de todo aquele caos atacou três mulheres carentes precisando de ajuda ou de alguém que salvasse a casa onde moravam, e as colocassem de volta ao estilo de vida luxuoso e à posição social que ocupavam desde sempre.

Mas não... eu sabia muito bem. Por mais que quisesse fingir que não sabia o resultado, lá no fundo, eu tinha consciência.

O plano dele não era simplesmente nos arruinar. Ele queria nos torturar.

Pelo tempo que levasse aquele divertimento macabro.

— Você *quer* continuar casado comigo? — minha irmã

perguntou.

— Não quero *estar* casado com ninguém — Damon esclareceu em um tom de voz monótono e indiferente. — Você é boa como outra qualquer, acho. É bonita e jovem. É daqui, de Thunder Bay, além de ser bem-educada e apresentável. Você é saudável, então filhos não serão um problema...

— Você quer filhos?

A pergunta de Ari soou quase com uma ponta de esperança, enquanto eu fechei os olhos por trás dos óculos escuros, contorcendo-me.

— Ai, meu Deus — arfei, incapaz de conter a reação associada à sensação de náusea e desgosto.

O silêncio se estendeu dentro do carro, e tive a impressão de que todo mundo ouviu o que falei. Por mais que não pudesse vê-lo, também sabia que seu olhar estava focado em mim.

Como ela ainda podia desejá-lo? E os dois trariam filhos ao mundo no meio dessa insanidade? O que ele fez quando éramos crianças não foi o suficiente para convencê-la de sua maldade, nem mesmo o que continuou fazendo enquanto eu estava no ensino médio. Ela sabia que ele não a suportava, mas, mesmo assim, o queria de qualquer forma. Ela sempre o quis.

Arion não estava nem aí com o fato de ter se casado com Damon só por causa da situação em que o próprio nos enfiou. Perdemos tudo por causa dele, mas... não havia nada a temer... Aqui estava ele, nos dando tudo de volta ao se casar com a filha mais velha e nos colocando debaixo de sua proteção e da conta bancária de sua família. Fez de si mesmo a *cura* para nossos males, que nem sequer teriam acontecido se não fosse por ele.

Eu o odiava. O novo marido da minha irmã era o único homem que eu, talvez, fosse capaz de matar algum dia.

— Se você for ter casos extraconjugais — Arion advertiu —, seja discreto. E não espere que eu seja fiel também.

— Ari... — minha mãe tentou silenciá-la.

No entanto, ela insistiu:

— Você entendeu? — pressionou o marido.

Continuei com o rosto virado para a janela, tentando esconder minha expressão – ou, ao menos, uma parte dela –, ou mesmo querendo fingir que não estava acompanhando a discussão, mas o espaço no carro era pequeno demais para conseguir fugir de sua presença. Era impossível não ouvir o que falavam.

Esse não era o tipo de assunto que eles deveriam ter discutido antes de se casarem? Ou isso não caracterizava uma quebra de contrato para minha irmã?

— Vamos deixar algumas coisas bem claras — ele disse,

calmamente —, porque acho que você se esqueceu um pouco da situação em que está, Arion. — Parou e prosseguiu em seguida: — Você agora tem meu sobrenome. Consegui uma mesada. Vai preservar seu status social; inclusive, poderá continuar frequentando almoços, boutiques e essas porras beneficentes. — A voz dele se tornava mais profunda a cada palavra. — Sua mãe e sua irmã não irão parar nas ruas, e é aqui que a minha obrigação com vocês acaba. Não fale, a não ser que eu diga para fazer isso, e não me questione. Isso me irrita.

Senti minha respiração acelerar e o estômago se retorcer em um nó.

Damon não parou por ali:

— Vou foder outras mulheres, mas você não pode transar com outros homens, a não ser comigo, já que não quero correr o risco de outro cara ser o pai dos meus filhos. — Logo depois, acrescentou com sarcasmo: — Vou entrar e sair na hora que eu bem entender, e espero que esteja sempre bem-vestida e pronta para as raras ocasiões em que teremos que comparecer em público como um casal. Pode ser que você nem seja uma esposa feliz, Arion, mas dizem que foi por isso que Deus inventou as lojas de grifes e as pílulas.

Ninguém disse nada, e cerrei o punho ao redor da minha saia, sentindo-me sufocada por nenhuma delas ter coragem para retrucar. Porém, por mais que odiasse sua honestidade, eu também a apreciava. Dessa forma, não haveria ilusões ou esperanças vãs em relação ao casamento deles.

Damon nunca mentia.

A não ser aquela vez...

— E se você quiser lidar com isso — advertiu —, sugiro que se adapte o mais rápido possível, já que a única maneira de você se livrar desse casamento será no dia do seu enterro.

— Ou do seu — murmurei.

Todo mundo ficou em silêncio por um instante, e um arrepio percorreu meu corpo, mas, por dentro, eu estava sorrindo satisfeita. Provavelmente ele estava me encarando com aqueles olhos escuros dos quais eu recordava; nem um pouco ocultos por baixo do cabelo espesso e macio que tinha quase certeza de que ninguém mais, a não ser eu, já havia tocado. Mas não estava nem aí. Essa porcaria já seria ruim de qualquer jeito. Eu não pisaria em ovos por causa dele ou de sua família.

— Nós entendemos, Damon — minha mãe disse, por fim.

O carro diminuiu a velocidade e ouvi quando o portão de nossa propriedade começou se a abrir. Em seguida, acelerou de novo pelo caminho até a nossa casa. Eu me mantive afundada no assento, inclinada contra a janela e sentindo o corpo seguir o movimento do

veículo ao contornar a entrada e parar.

Talvez eu devesse ser grata por ainda termos uma casa. Meu pai – o prefeito de Thunder Bay – havia simplesmente desaparecido, e nossos negócios, bens e imóveis foram confiscados, além de, praticamente, cada centavo que tínhamos. Minha mãe estava mais do que agradecida porque pelo menos Ari e eu ainda poderíamos dormir em nossas camas, e não havíamos perdido o lugar onde crescemos.

Mas aquilo era apenas uma ilusão. Nada disso nos pertencia mais. A casa e tudo o que havia dentro dela agora estava no nome do pai de Damon. De verdade mesmo, nós não tínhamos mais nada.

As pessoas podiam até achar que o que aconteceu era desolador, mas havia certa liberdade em saber que eu não tinha nada mais a perder. Ele nunca lutaria com alguém que não tem nada a temer.

A porta se abriu e ouvi a movimentação quando começaram a sair do carro.

— Não vou entrar — Damon informou.

Houve um segundo de silêncio até que minha irmã protestou:

— Mas...

Ela não finalizou o que ia dizer. Eu não sabia se ela apenas decidiu que não valia a pena o esforço ou se minha mãe gesticulou para que ela se calasse. Ou que ela mesma tenha se lembrado que Damon a impediu de questioná-lo, mas senti quando ela passou por mim e saiu, seu perfume suave impregnando o ar e a cauda de seu vestido roçando contra minhas sapatilhas.

Minha mãe foi a próxima, já que sempre saía primeiro para que pudesse me guiar até a porta de entrada. No entanto, assim que fiz menção de segui-la, fui agarrada pela gola do vestido e me choquei contra um corpo forte; a porta do carro se fechou com um baque segundos antes de eu ouvir o som das travas.

Suspirei, a corrente elétrica fluindo pelos meus poros quando senti seu hálito quente pairar sobre meus lábios.

— Winter? — minha mãe chamou do lado de fora. — Damon, o que está acontecendo?

Ouvi quando sacudiram a maçaneta em uma tentativa de abrir a porta.

— Ei! — Ouvi a voz da minha irmã, seguida de uma batida à janela.

Ergui os braços para empurrá-lo para longe de mim, mas desisti quase que na mesma hora. Ele queria que me debatesse, mas eu não estava pronta para lhe dar essa satisfação. Ainda não.

— Escolha sensata — sussurrou. — Guarde suas forças, Winter Ashby. Você vai precisar delas.

Seu hálito acariciou minha boca, tocando suavemente os cantos

dos meus lábios, enquanto sua respiração acelerava.

Ele não estava mais tão tranquilo.

A porta abriu e fui retirada do carro com um pouco de esforço, tropeçando diretamente para os braços da minha mãe enquanto ouvia a porta se fechar outra vez.

Alguém agarrou meu braço – provavelmente minha irmã – assim que me endireitei.

— O que foi aquilo? — ela rosnou.

— Você é burra? — retruquei em voz baixa. Ela realmente não fazia ideia?

Nada disso tinha qualquer coisa a ver com ela, e ela sabia disso.

Minha mãe me guiou até o interior da nossa casa. Senti o vestido de noiva de Ari roçar minha pele quando ela passou por nós no vestíbulo, então estendi a mão até encontrar o corrimão da escada, já que aqui dentro eu era capaz de encontrar meu caminho.

Os degraus rangeram um pouco acima. Provavelmente Ari marchando em direção ao seu quarto.

Que casamento horrível... Nada de convidados. Nem recepção. Muito menos uma noite de núpcias. Pelo menos, não por enquanto.

— Mãe? — Ari gritou, assim que alcancei o patamar e comecei a caminhar para o meu quarto. — Ele e eu vamos precisar de um quarto maior e um pouco de privacidade, assim como um banheiro na suíte.

Cerrei a mandíbula, deslizando a mão suavemente pelo corrimão enquanto continuava a andar. Assim que entrei em meu quarto, fechei a porta com um baque e a tranquei na mesma hora.

Meus nervos estavam à flor da pele e, quando tateei à direita, toquei a cadeira que havia roubado na sala de jantar. Enfieei o encosto por baixo da maçaneta da porta, por garantia.

Ele pode até ter saído por agora, mas poderia voltar a qualquer momento.

A qualquer dia, hora ou noite. A qualquer minuto.

Mikhail esfregou o nariz úmido na minha perna e agachei-me, fazendo um carinho e recostando minha cabeça à dele, deliciando-me com as sensações da única coisa que me fazia sentir bem. Além da dança.

Adotei o Golden Retriever ano passado e, por mais que adorasse sua companhia, seria meio difícil levá-lo comigo em uma fuga.

Fiquei de pé, esfregando os olhos.

Meu Deus, não dava para acreditar em Ari. Eles se apossariam do quarto da minha mãe.

Raiva agitou meu sangue, mas acho que isso era até bom. Dessa forma, não nos iludiríamos. Nós viveríamos, comeríamos e até mesmo dormiríamos debaixo das graças de outra pessoa. Agora, éramos

simplesmente hóspedes em nossa própria casa.

Como meu pai pôde nos deixar assim?

Se ele tivesse sido pego, seria preso, o que eu tinha certeza de que era o desejo de Damon. Olho por olho. Uma pequena vingança. Uma dose de seu próprio remédio.

No entanto, meu pai teve tempo suficiente para conseguir fugir, e agora ninguém sabia onde ele estava. Se ele tivesse usado um pouco do dinheiro roubado para nos esconder, ou nos tirar do país juntamente com ele, ou até mesmo se tivesse nos colocado sob a proteção de alguns de seus amigos, eu poderia perdoá-lo. Ou ao menos acreditaria que ele se importava com a gente. Mas ele simplesmente fugiu. E nos deixou na mão e à mercê de qualquer um que aparecesse.

O que Damon faria conosco? Com certeza, ele se divertiria. Minha irmã era lindíssima. Mamãe ainda conservava sua beleza, a julgar pelos comentários que sempre ouvia ao redor. Ari faria qualquer coisa que ele mandasse, assim como minha mãe. Se ela se recusasse, bastaria ele me ameaçar e ela faria qualquer coisa.

Ela poderia ter sido até mesmo uma opção para esse acordo, não fosse o fato de ainda ser casada com meu pai. E eu não seria uma escolha ideal, já que o enfrentaria e continuaria fazendo isso até o fim. Ari era a escolha mais fácil.

No entanto, mesmo tendo escapado desse destino, não significava que estava segura. O que diabos eu deveria fazer? Eu precisava sair dali. E sabia que já estava mais do que na hora.

Eu deveria ter ficado longe daqui. Depois do ensino médio, cheguei a cursar dois anos de faculdade em Rhode Island, mas desisti para que pudesse voltar para casa e focar na minha dança, treinos, e ainda tentar convencer qualquer coreógrafo ou diretor de alguma companhia de balé a me dar uma chance. Acabou se tornando um ano horrível, e que prometia piorar mais ainda.

Ajoelhei-me no chão e enfiei as mãos por baixo da cama, procurando pela alça de nylon da minha mochila de viagem. A malinha retangular esteve guardada ali desde o dia em que coloquei Damon na prisão, cinco anos atrás. Era como se estivesse pronta para sair dali o mais rápido possível, já que sabia que não seria capaz de vencer uma disputa contra ele. Havia duas mudas de roupa, um par extra de tênis, um telefone pré-pago com carregador, um chapéu, óculos escuros, kit de primeiros socorros, um canivete suíço e todo dinheiro que, secretamente, surrupiei ao longo dos anos: pouco mais de nove mil e oitenta e dois dólares.

Claro, eu tinha amigos e familiares a quem poderia pedir ajuda, mas desaparecer era a única alternativa infalível. Eu precisava sumir. Sair do país.

Mas precisava de ajuda para isso. Alguém em quem confiasse

acima de qualquer outra pessoa e que não temesse Damon ou sua família, ou a elite dessa cidade. Alguém que poderia enganar o novo marido da minha irmã e me tirar daqui.

Alguém a quem eu odiaria colocar no caminho de Damon, mesmo sabendo que não tinha escolha.



— Ei — Ethan chamou minha atenção assim que parou o carro.
— Você está bem?

Assenti, sentindo a lataria do automóvel contra as minhas coxas quando ele abriu a porta para mim.

— Estou bem.

Passava um pouco da meia-noite, e um arrepio percorreu meus braços quando exalei o ar gélido do lado de fora do portão enquanto segurava Mikhail. Minha mãe veria, com certeza, as luzes dos faróis, então pedi que meu amigo me pegasse um pouco mais abaixo na estrada. Ele buzinou três vezes – dois toques rápidos e um mais lento para que eu soubesse de sua chegada.

Apreensão fez com que meus pelos se arrepiassem. Damon não voltou para casa esta noite, mas, se não tivesse mudado os hábitos, ele continuava sendo o mesmo. Gostava de ficar acordado até tarde da noite, o que significava que poderia estar no caminho. Eu precisava me apressar se quisesse colocar vários quilômetros entre mim e essa cidade, antes que alguém percebesse meu sumiço.

Eu deveria ter feito isso quando o FBI veio atrás do meu pai há mais de um mês. Sabia que algo mais estava por vir. Ou então, deveria ter saído de casa dois dias atrás, quando minha mãe e irmã foram convocadas a comparecer a um encontro com o pai de Damon; Arion já voltou de lá noiva. Mas eu estava fugindo agora. Não passaria uma noite sequer nessa casa, com ele ali.

Minha mochila foi retirada das minhas mãos por Ethan, que a jogou no banco de trás.

— Rápido. Está muito frio — ele disse.

Entrei no carro, forçando meu cachorro a entrar na parte de trás, e fechei a porta, afivelando o cinto em seguida.

Uma mecha do meu cabelo se soltou do rabo de cavalo, roçando meus lábios e indo parar dentro da minha boca quando inspirei, nervosa. Eu o afastei na mesma hora.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — Ethan indagou.

— Não posso ficar nessa casa — soltei. — Vou deixar que elas façam parte desse jogo doentio.

— Ele não vai te deixar fugir. — Pude ouvir quando ele colocou

a marcha. — Não vai deixar nenhuma de vocês irem embora. Sua mãe, sua irmã, você... Na cabeça dele, vocês pertencem a ele agora. Especialmente você.

O carro disparou pela estrada e eu me recostei ao banco, e cada vez mais que eu me distanciava da minha família, podia sentir o hálito inexistente soprando em minha nuca. Já fazia um tempo que eu não dormia bem, mas, de agora em diante, estaria sempre olhando por cima do meu ombro.

Especialmente você. Ethan era um dos meus melhores amigos, e ele sabia de toda a história e do quanto havia sido horrível para mim.

— Ele só se casou com a Arion porque ela é fácil. Ela aceitou — Ethan advertiu. — É você que ele quer.

Permaneci em silêncio, cerrando os dentes com tanta força que cheguei a sentir dor.

Damon não me queria de verdade. Ele queria me atormentar. Queria que eu o ouvisse no quarto ao lado, com a minha irmã, toda noite. Queria me ver sentada quietinha à mesa do café da manhã, nervosa e com as pernas bambas, imaginando se ele estava me observando e o que faria comigo logo em seguida. Queria destruir a paz de espírito que conquistei nesses últimos anos enquanto estive preso.

Suspirei audivelmente.

— Não estou nem aí se ele vier atrás de mim. Tenho vinte e um anos, e não cabe a ele decidir se fico ou não naquela casa.

— Mas ele tem o poder de te impedir — retrucou. — Vai enviar os seguranças se tiver que fazer isso. Temos que nos preparar.

Eu sabia que ele estava certo. Legalmente, eu podia fazer o que bem entendesse, mas Damon não estava nem aí para isso. Com ou sem o meu consentimento, ele me manteria onde quisesse.

No entanto, eu precisava tentar. E nunca desistir.

— Não tenho medo dele — murmurei. — Não mais.

— E quanto à sua mãe e irmã? O que ele fará com elas se você não voltar para casa...

Nada muito diferente do que ele já estava disposto a fazer, completei seu pensamento.

— Elas sabem o que aconteceu comigo quando era criança. E o que ele fez comigo cinco anos atrás — afirmei. — E, ainda assim, elas o trouxeram de volta às nossas vidas. Cruzaram meu caminho com o dele outra vez por causa de dinheiro. Não somente deixaram de me proteger, mas nos colocaram em perigo. A família de Damon é ruim.

O comportamento de Arion não me surpreendeu. Fomos ricas a vida inteira, e ela sempre o desejou. Ter dinheiro de novo, e ainda se tornar esposa dele, mesmo que tenha sido ele o causador de todos os nossos

problemas, era tudo o que ela mais queria. Ela devia estar mais do que feliz por conta de tudo o que aconteceu.

Mas minha mãe era outra história. Ela sabia muito bem o que significava trazê-lo de volta às nossas vidas. Sabia qual era o jogo dele e, mesmo assim, não me protegeu.

E por mais que eu e Ari não nos déssemos bem, eu também não queria que ela sofresse.

Damon faria da vida dela um inferno. O que ele disse no carro foi mais do que claro. Ela começaria a se entupir de calmantes para lidar com o sofrimento por conta da forma como ele a trataria, cedo ou tarde. Como minha mãe pôde ser capaz de concordar com isso? Será que ela estava assim tão assustada por perder sua casa? Estava preocupada a esse ponto com nossa sobrevivência?

Ou aquele ar de intimidade entre ela e o pai de Damon, que vi quando era apenas uma garotinha, realmente tinha algo a ver?

Minha mãe teve um caso com ele, não é mesmo? Talvez não fosse apenas o medo que a fez tomar essa decisão.

E apesar do que o futuro reservava a elas, eu não permitiria que decidissem por mim.

— Podemos nos casar — Ethan disse, sua voz sempre tão leve e divertida, agora com um toque mais sensual.

Nem mesmo um marido seria capaz de me proteger de Damon Torrance.

— Ah, merda. — Ethan suspirou.

— O que foi?

— Tiras. Bem atrás de mim.

Tiras? Estávamos dirigindo por alguns minutos apenas. Eu não havia percebido a curva para pegar a autoestrada, então era capaz que ainda estivéssemos na saída de nossa área residencial. Nunca soube da presença de policiais por ali. Eu sabia disso porque minha irmã já havia acelerado naquelas pistas – comigo no carro – e nunca foi pega.

— As luzes deles estão ligadas? — perguntei.

— Sim.

— Ainda estamos em Shadow Point?

— Sim.

— Não pare. — Balancei a cabeça. — Você nem estava correndo. Eles não têm motivo para nos parar.

— Tenho que parar.

Ele não parecia preocupado, mas enfiei as mãos cerradas dentro do bolso frontal do casaco. Policiais só vinham por essas bandas quando eram chamados. Alguma coisa estava errada.

— Por favor, não pare — implorei.

— Está tudo bem, querida. — Senti o carro diminuindo a velocidade. — Somos adultos, e não estamos fazendo nada de errado.

Não estamos encrencados.

Estendi a mão em busca da maçaneta do carro e com a outra desliguei o rádio, meus ouvidos apurados para qualquer som do lado de fora. Cascalho se agitava por baixo dos pneus, e percebi que Ethan estava parando no acostamento. Ele freou o carro, lançando meu corpo para frente, fazendo com que eu apoiasse as mãos no painel para me equilibrar enquanto, finalmente, parava.

Merda. Só estive uma única vez em um carro que foi abordado pela polícia, e agora, logo esta noite...

Ouvi a batida de uma porta sendo fechada, e o ruído de um mecanismo automático soou, indicando que Ethan devia estar abrindo a janela. Dava para ver que ele estava nervoso, pela respiração acelerada.

— Boa noite — uma voz masculina disse. — Como vocês estão hoje?

Reconheci a voz. Nossa cidade era pequena, havia poucos policiais, mas como não me relacionava com ele, não conseguia me lembrar do nome.

— Ah, pois é, estamos bem — Ethan respondeu, movimentando-se no banco de couro. — Tem alguma coisa errada? Acho que eu não estava acima da velocidade, não é?

Houve um momento de silêncio e imaginei que o policial devia estar se inclinando para espiar pela janela de Ethan. Permaneci imóvel no meu lugar.

— Está um pouco tarde para estarem fora de casa, não? — ele finalmente retrucou, ignorando a pergunta anterior.

Um arrepio percorreu meu corpo. Aquilo não deveria ser da conta dele.

Ethan deu uma risada nervosa.

— Qual é, cara. Você está parecendo a minha mãe.

— Winter? — o policial falou. — Está tudo bem?

Senti um lado do meu rosto esquentar. Ele havia colocado a luz da lanterna direto em mim.

Assenti rapidamente.

— Sim, estamos bem.

Minhas mãos estavam trêmulas. Não deveríamos ter parado. Se tivéssemos ao menos chegado à vila, em algum lugar público...

— Será que você pode abrir o porta-malas para nós? — o policial pediu, em um tom de voz frio. — Você está com uma luz de freio queimada. Vou dar uma olhada.

Nós. Havia mais de um oficial ali.

— Sério? — Ethan se virou no assento. — Isso é estranho.

O porta-malas se abriu e ouvi o suspiro do meu amigo enquanto aguardávamos em silêncio, ainda sentindo a luz da lanterna sobre nós.

— Se você vir alguns corpos aí dentro, não são meus! — ele gritou para o segundo tira, brincando.

O carro balançou um pouco à medida que o outro homem vasculhava o porta-malas. Entrelacei minhas mãos.

— Dê os parabéns à sua irmã, Winter — disse o oficial, que ainda se mantinha à janela. — Parece que a sorte da sua família está melhorando. Você deveria estar agradecida.

Cerrei os lábios, irritada.

— Então, para onde os dois estão indo? — sondou.

— Para o meu apartamento, na cidade — Ethan respondeu.

Houve uma pausa e a luz que incidia sobre o meu rosto se afastou, então ele prosseguiu:

— Planejando ficar por muito tempo fora, Winter? — questionou. — Essa mala no banco traseiro é sua?

Engoli em seco, sentindo o coração martelar no peito.

Até que o ouvi dizer em um tom baixo e debochado:

— Tsc, tsc, tsc... Damon não vai gostar disso.

Virei meu rosto para a janela. *Merda*. Eu sabia.

— Como é que é? — Ethan interveio.

No entanto, ele foi interrompido quando o policial gritou para o que estava atrás:

— Encontrou alguma coisa?

— O quê? — meu amigo disparou.

Inclinei a cabeça na direção deles.

— Desça do carro, Sr. Belmont.

Não.

— O que é isso? O que está acontecendo? — Ethan quis saber.

Quando me dei conta, sua porta foi aberta e senti quando ele saiu do veículo. Não sabia dizer se ele saiu por vontade própria ou se o policial o retirou.

— Ethan... — pausei, sem saber o que falar em seguida. Eles estavam com ele agora.

O som dos murmúrios chegou até mim, o carro balançando à medida que vasculhavam o porta-malas outra vez.

Até que...

— O quê? — meu amigo gritou. — Isto não é meu!

Girei o corpo no banco, ouvindo Mikhail choramingar um pouco enquanto eu tentava ouvir o que eles diziam.

— Cocaína — um dos policiais disse. — Isso é crime.

Arqueei as sobrancelhas, confusa. Cocaína? Como assim? Soltei meu cinto de segurança e abri a porta. *Não*.

Desci do carro e deixei a porta aberta, guiando-me pelo teto para chegar à parte traseira. Eu não deveria ter descido, e sabia que eles brigariam comigo, mas...

— Vocês só podem estar de sacanagem — Ethan rosnou. — Vocês plantaram isso aí!

Ouvi uma risada bufada e um grunhido, e preendi o fôlego.

— Opa, opa... — um dos homens debochou. — Você está sob efeito de entorpecentes?

O que estava acontecendo?

Mais grunhidos, o som do cascalho se agitando sob os pés, e tive a certeza de que eles o estavam contendo.

— Parem! — gritei, deslizando as mãos pela lateral até alcançar a porta traseira. — Ele nunca usou drogas. O que vocês estão fazendo?

Ouvi o som de uma respiração pesada e pensei que pudesse ser Ethan. Inspirei o ar gélido da noite.

— Encontramos pelo menos quinze papelotes aqui — o policial informou.

— Isso já classifica intenção de distribuir — o outro acrescentou.

Intenção de distribuir. Duas possíveis acusações de crimes? Minha cabeça estava dando voltas.

— Seu filho da pu... — Ethan grunhiu, mas foi obrigado a se calar.

— Esperem! — disparei. — Por favor, parem. Isso é culpa minha.

Aquilo ali era uma armação. De forma alguma ele estaria com aquelas drogas no porta-malas. Esses policiais nos pararam por uma única razão, e não foi por causa de uma luz de freio queimada.

Aproximei-me com cuidado.

— *Eu liguei pra ele* — informei, assumindo a culpa. — O que vocês querem que eu faça? Por favor, só... por favor, não façam nada com ele.

O silêncio imperou por alguns segundos, até que ouvi o som que indicava que estavam ligando para alguém.

— Senhor? — um dos tiras disse. — Estamos com ela.

Damon. Era para ele que os policiais haviam telefonado.

Uma mão fria tocou a minha, sobressaltando-me, e só depois percebi que um dos policiais havia colocado o celular na minha palma. Meu medo e confusão desapareceram e foram substituídos pelo ódio. Inspirei com força, tentando me controlar enquanto rangia os dentes ao colocar o telefone no ouvido.

— Estou desapontado por você ter realmente pensado que seu plano daria certo — uma voz áspera disse. — Embora esteja surpreso por você ter conseguido sair de casa.

Não era Damon.

— Gabriel? — praticamente sussurrei, chocada.

O pai de Damon havia armado tudo isso? Eu tinha quase

certeza de que ele não havia comparecido ao casamento. Sabia que ele devia estar apoiando os planos do filho, mas não imaginava que o ajudaria dessa forma. Ele estava me vigiando.

— Tente não se preocupar — continuou. — Vão soltá-lo amanhã cedo.

— Eles vão soltá-lo agora! — rosnei.

Eu não deixaria meu amigo sofrer daquela forma por minha causa. Foi uma idiotice. Eu deveria ter pensado melhor. Mesmo que conseguisse fugir, acabei envolvendo Ethan ao colocá-lo no caminho de Damon.

— Ou podemos mantê-lo preso enquanto aguarda julgamento — o Sr. Torrance emendou. — A escolha é sua.

Rangi os dentes, com tanta raiva que mal conseguia pensar. Ethan não era durão. Eu o amava, mas uma noite na cadeia não faria nada bem a ele. Quanto mais semanas, meses ou anos. Lágrimas brotaram nos meus olhos, mas as afastei.

— O que você quer?

— Quero que você leve essa sua bundinha de volta para a sua casa e para sua cama — ralhou.

Sacudi a cabeça, reconhecendo que eles haviam me vencido — por enquanto.

Mas não para sempre.

— Você acha que serei maleável? — desafiei.

— É claro que não. — Seu tom suavizou, divertido. — E é por isso que ele te quer tanto, Winter. Apenas tente não ser tão previsível na próxima vez.

— Por que você se importa com isso? Vocês já têm a Arion.

— Arion é a Sra. Torrance — ele esclareceu. — O cartão de visitas desta família, e a que vai criar os filhos dele. Mas você? — pausou, o tom de voz agora mais sinistro e que fez com que arrepios se espalhassem pelo meu corpo. — Você é a cereja do bolo.

Capítulo 3

Damon

Sete anos atrás...

Envolvi seu corpo com meu braço, puxando-a para mais perto enquanto *inspirava seu perfume. As pedrinhas brilhantes grudadas em seu figurino pinicavam meu braço. Ela era tão pequena e frágil, que eu poderia facilmente quebrá-la ao meio.*

A água da fonte respingava ao nosso redor à medida que seus dentes se cravavam na minha mão, mas ao invés de afastar meu braço, a dor provocada pelos dentes pequenos preencheu minhas veias com um calor bem-vindo, fazendo minhas pálpebras tremularem. Arrepios se espalharam por baixo da minha pele, e o fôlego que nem havia percebido que estava segurando, finalmente deixou meus pulmões.

Não era uma sensação ruim. Não doía como deveria doer.

Olhei para o seu rosto delicado, ainda sem resistir, mesmo quando a pressão de seus dentes aumentou, chegando a romper a pele.

Sim.

Eu não me afastaria.

Nunca.



Aumentei o aperto do meu abraço, as curvas de seu corpo se moldando ao meu enquanto me recusava a soltá-la. Mesmo que a consciência

estivesse começando a se infiltrar, fazendo com que a atmosfera da fonte se desvanecesse, o perfume floral de seu cabelo se transformou no cheiro do meu sabonete. O figurino que ela vestia agora era suave, como algodão, e suas pernas nuas, sem a meia-calça branca e apertada, agora se recostavam às minhas.

Isto era diferente. Alguma coisa estava diferente.

Pisquei com força, sentindo o sono pesar minha cabeça à medida que o sonho se dissolvia. Meu quarto entrou em foco, assim como o corpo próximo ao meu.

Infelizmente, não era a garota do meu sonho.

Encarei a nuca da minha irmã, o cabelo longo e quase tão escuro quanto o meu se espalhando pelo travesseiro. Seu hálito soprava sobre meus braços que ainda a envolviam em seu sono, e minha mão cerrou em um punho quando percebi que estava apoiada

em sua barriga.

Eu me agarrei a ela enquanto dormia.

Nunca fui de fazer isso. Nós já estávamos dividindo a mesma cama há quatro anos. Era suficiente apenas saber que ela estava ali.

Ao abrir os dedos, acidentalmente rocei a pele nua de sua barriga, onde a camiseta estava embolada, então parei e estreitei os olhos ao sentir o desconforto rastejar pelo meu corpo.

Levantei o lençol e olhei por baixo, notando a curva acentuada de sua cintura, muito mais definida do que da última vez que vi; sua bunda firme pressionada contra a minha virilha.

Os músculos de suas coxas estavam mais tonificados, e sua pele parecia mais macia.

Porra. Fechei os olhos, agora já sem sentir o alívio com o sonho.

Ela estava começando a se parecer como as outras garotas. As mesmas garotas que já tinham idade suficiente para que os caras pudessem fazer o que quisessem. Ela parecia tão gostosa quanto as meninas com quem já fiquei.

— Damon — ela disse, de repente. — Sou eu, Banks.

Provavelmente a acordei quando a toquei sem querer. Ela devia estar pensando que a confundi com outra pessoa.

Abri os olhos e cerrei a mandíbula, afastando-me rapidamente dela.

— É, eu sei que é você.

Joguei as cobertas para o outro lado e me levantei, soltando o cabo do carregador do celular.

— Eu disse pra você usar a faixa no seu corpo — murmurei, desbloqueando a tela e passando pelas notificações.

Ela não disse nada, mas a ouvi se movimentando até se sentar na cama.

— Até para dormir? — choramingou. — Parece um espartilho, Damon. Não consigo nem respirar.

Você vai se acostumar com isso.

Depois de passar por algumas mensagens de Will e ler alguns comentários em umas postagens, larguei o telefone na escrivaninha e coloquei uma música no computador. Fui até o *closet* e peguei uma calça e camisa branca, parando rapidamente quando vi meu jeans pendurado ao lado do moletom. A Noite do Diabo seria na próxima semana, e a adrenalina tão familiar percorreu minhas veias.

Peguei a calça jeans também e fui para o banheiro. Eu tinha um desejo.

— Talvez... — Ouvi Banks dizer ainda da cama. — Talvez seja melhor se eu não dormir mais aqui...

Parei o que estava fazendo, entrecerrando os olhos quando me

virei para encará-la.

Ela baixou o olhar na mesma hora. Banks sabia que eu não queria falar sobre o assunto. Ela era filha do meu pai, mas era minha e havia sido desde o dia em que veio morar aqui. A mãe dela era uma prostituta miserável, uma das muitas que meu pai mantinha na lista de pagamento, e se a mulher não tivesse vindo à nossa porta atrás de dinheiro, há quatro anos, eu provavelmente nunca saberia da existência de Banks. Meu pai, com certeza, nunca fez questão de registrá-la antes, e mal notava sua presença agora.

Mas isso era ótimo. Ela não pertencia a ele. Ninguém poderia tirá-la de mim.

Logo depois que a conheci, passei dias surrupiando qualquer quantia de dinheiro pela casa e objetos de valor que minha mãe não daria falta. Juntei milhares de dólares, e a mãe viciada de Banks demonstrou relutância por cerca de doze segundos antes de pegar a grana e as joias e me entregar sua filha. Minha mãe, quando ainda morava aqui, não deixaria nada interferir na felicidade de seu mundinho de fantasia, e meu pai permitia qualquer coisa que *me* fazia feliz.

Banks ficava no meu quarto, cuidava de mim e eu a sustentava e a protegia. Ela tinha sua própria cama no refúgio que fez para si na torre, no andar de cima e que se conectava ao meu quarto, mas ela quase nunca dormia lá.

— Falo, aqui nessa cama — esclareceu. — Na... sua cama. Talvez seja melhor eu dormir no meu cubículo de novo. Nós não temos mais doze e treze anos. Você cresceu. Precisa de mais espaço.

Arqueei uma sobrancelha, com raiva, mas consciente de que não tinha razão nenhuma para estar irritado. Havia uma razão para que eu a mantivesse em segredo. Um motivo para eu não permitir nenhuma outra garota no meu quarto, e porque eu a obrigava a usar minhas roupas velhas, para que enfaixasse seu corpo, e porque nunca contei aos meus amigos que minha irmã era a única mulher que poderia dormir na minha cama.

Eu sabia que tinha a mente fodida.

Eu só não estava nem aí. Contanto que eu estivesse feliz, não devia satisfações da minha vida a ninguém.

Quando ela se virou para o outro lado, concluí que a discussão havia acabado e voltei ao banheiro. Liguei o chuveiro e tirei a calça do pijama para entrar no box e começar a me ensaboar. Retirei o shampoo do cabelo debaixo da ducha quente, inclinando a cabeça para frente e deixando que água escorresse pela minha nuca.

Fechei os olhos, pressionando os dedos contra a parede. *Era apenas uma questão de tempo.* Meu último ano do ensino médio havia começado no mês passado, o que significava que eu só tinha mais um

ano em casa. No próximo verão eu iria para a faculdade, e Banks não poderia ir comigo. Eu *deveria* deixar que ela ficasse em seu próprio quarto. Cada um de nós ter sua privacidade. Havia uma porrada de quartos vazios que ela poderia escolher, afinal de contas.

E eu não tinha dúvidas de que ela se adaptaria rapidamente, talvez até gostasse de ter seu próprio espaço.

Não. O problema era comigo. Ela era minha. Era a única pessoa que sabia de tudo, mas estávamos crescendo, e eu sabia que, em algum momento, ela iria me deixar.

Curvei os dedos contra a parede, sentindo o rosto – o rosto de qualquer pessoa – preencher minhas mãos como se eu estivesse tentando esmagá-lo em meu punho. A queimadura familiar rastejou pela minha nuca, para dentro da minha cabeça; o calor alcançou meu pau, cada pedaço do meu corpo implorando para que não sentisse nada como isso agora.

Eu precisava dar o fora daqui.

Depois de terminar de me enxaguar, desliguei o chuveiro e agarrei uma toalha dobrada na prateleira à esquerda do boxe. Sequei o corpo e vesti o jeans e camiseta, saindo em seguida de volta ao quarto enquanto secava o cabelo.

— Fiz seu dever de Matemática e atualizei seu diário de pesquisa — Banks comentou, vasculhando os papéis sobre a escrivaninha que eu nunca usava. Colocando algumas pastas na minha mochila, prosseguiu: — Você precisa passar a limpo as questões, com a sua letra, e não se esqueça de dar uma lida em Física, já que tem um teste hoje. Pelo menos você vai conseguir pegar um pouco da matéria, o suficiente para passar.

Larguei a toalha e comecei a vestir o moletom.

— Eu sempre passo. Nunca notou isso? — Dei uma olhada de relance para ela antes de puxar o capuz. — Eu podia mijar em cima daquela porra de teste e, ainda assim, eu passaria.

Ouvi sua risada sarcástica.

— É mesmo. É quase como se eles não quisessem correr o risco de fazer qualquer coisa que o segurasse por mais tempo na escola.

Não. Eu nunca reprovaria em um teste, muito menos em uma matéria. A administração da escola estava praticamente contando os dias para que eu me formasse e saísse dali. Eles nunca me reprovariam.

Eu fazia as tarefas de sala para que ninguém me enchesse o saco, mas Banks fazia os deveres de casa, trabalhos e redações. Não é que eu fosse preguiçoso – eu ralava pra caralho no time de basquete –, mas eu só não estava nem aí. E era muito difícil conseguir fazer alguma coisa que eu não estivesse a fim. Posso dizer que eu era egoísta e muito bem-resolvido quanto a isso.

Retirei a mochila de sua mão, sabendo que meu uniforme estava ali dentro, e passei a alça pela cabeça, cruzando-a por sobre o ombro. Em seguida, enfiei a carteira, celular e chaves no meu bolso. Saí do quarto e fechei a porta, e quando estava na metade do caminho na escada oculta em um canto, ouvi o clique da fechadura. Ela sabia direitinho o que fazer.

Eu estava pouco me fodendo para o fato de a casa não ser um lugar muito seguro para garotas jovens e bonitas, mas eu não queria ninguém mexendo com Banks. Aquela porta tinha que se manter trancada até que ela estivesse vestida e preparada para qualquer coisa.

Dei a volta no corrimão e desci mais uns lances de escada, passando pelo vestíbulo e seguindo até a mesa na sala de jantar.

— Bom dia — alguém cumprimentou.

Pestanejei, irritado. Vi de relance a garota usando o uniforme da criadagem, mas ela devia ser novata. Peguei uma fatia de pão da travessa e empilhei um pouco de ovos e bacon. Em seguida enfiei algumas garrafas d'água dentro da mochila.

Nossa cozinheira, Marina, colocou uma vasilha prateada cheia de frutas no centro da mesa.

— Quando meu pai volta? — perguntei, arrancando a casca do pão.

— Amanhã à noite, senhor.

— Deseja alguma coisa em particular para o jantar, Sr. Torrance? — a garota se manifestou outra vez.

Jesus Cristo.

Dobrei o pão ao meio e fechei a mochila enquanto a garota esperava por uma resposta. Dei uma mordida e lancei um olhar a Marina, dando o fora dali. Às minhas costas, pude ouvir a cozinheira ralhando com a nova empregada.



“A vida parece um inferno, porque esperamos que ela se pareça com o paraíso”. A citação que li anos atrás era mais ou menos assim, mas eu nunca a havia entendido. Quando você está no meio da sua vida, vivendo de maneiras que provavelmente outras pessoas não fazem, você acaba aprendendo a dormir em meios às chamas do inferno. Até que, um dia, aquilo é tudo o que você precisa.

Era no paraíso que eu não acreditava. Grandes esperanças e falsas expectativas...

Não. Eu *precisava* de problemas.

Segurei a ponta do cigarro entre os dedos, sentindo o celular vibrar pela segunda vez no bolso traseiro enquanto dava mais uma

tragada. O chiado sutil do filtro queimou até o fim, à medida que eu inalava a fumaça escura e a soltava em uma baforada. Eu estava recostado contra a parede ao lado do quadro de avisos.

A escola ainda estava praticamente deserta, já que faltava cerca de quarenta e cinco minutos até o sinal tocar.

O terceiro andar era o meu favorito. O alvoroço do refeitório e do ginásio concentrado vários andares abaixo, e com poucas salas aqui, o que deixava o lugar silencioso o bastante para ouvir cada som: passos, portas, até mesmo o ruído de uma caneta caindo no chão... Dava para saber se já não estivesse mais sozinho.

E *ela* não estava só. Fiquei pensando se ela já tinha percebido isso.

Virei a cabeça e espiei pela coluna, vendo sua forma por trás do vidro da janela, do outro lado do imenso vão que permitia a visão da quadra abaixo. Ela estava se achando demais, mas isso era comum entre as novas professoras, especialmente as mais jovens. Elas achavam que seus diplomas as preparavam para isto e, mesmo que fizessem, não as preparavam para Thunder Bay. As coisas funcionavam um pouco diferentes por aqui, e não era ela quem mandava, porque eu não podia ser manipulado. Estava na hora de ensinar que eram os professores que andavam na linha, não o contrário.

Ela se moveu na sala, usando a máquina copiadora, e eu umedeci os lábios, sentindo a boca seca. *Vamos lá... Vá para algum lugar mais sossegado, ou vou ter que te pegar aí mesmo.*

Comecei a pensar naquele coque pequeno se soltando. Aquelas pernas longas com os saltos enquanto eu a inclinava sobre a mesa...

Meu celular vibrou mais uma vez e eu cerrei os olhos com força, engolindo o nó na garganta. *Filho da puta.*

Rangendo os dentes, atendi à ligação.

— Ah, vá se foder.

— Nossa, bom dia para você também, rabugento — Will disse. — Qual é o problema?

Engoli a saliva, olhando para o meu prêmio mais uma vez.

— Nada que o meu pau não possa resolver se você me deixar em paz por dez minutos — resmunguei, ainda a encarando. — O que você quer?

— Fazer você sorrir.

Franzi o cenho... *me fazer so...* Porra. Revirei os olhos, mas, sem mais nem menos, quase me vi fazendo o que ele queria. Ele tinha um talento nato para suavizar minhas arestas, e conseguia fazer isso com bastante rapidez.

— Haha... Consigo ouvir você sorrindo. — Seu tom era divertido. A risada quase presente em sua voz.

— Você consegue me ouvir sorrindo, né?

Ele era o único – o único – que não pisava em ovos ao meu redor, e eu quase o matei várias vezes por causa disso, mas, agora, dificilmente eu fazia alguma coisa sem ele.

— Eu já te disse — ressaltou. — Estamos conectados. É uma dessas merdas de alma.

Um sorriso se formou em meus lábios, mesmo que ele não pudesse ver.

— Eu te odeio pra caralho.

Idiota.

Will, Michael e Kai eram meus amigos, e eu faria qualquer coisa por eles. Porém Will era o único entre eles que eu tinha certeza que faria o mesmo por mim.

— Então me diga... o que ela está usando? — perguntou.

Mantive o olhar focado nela, acompanhando seus passos quando saiu da sala da copiadora e seguiu pelo corredor.

— Uma aliança de noivado.

— Safada.

Ri baixinho e dei um passo atrás do outro, sincronizando minhas passadas com as dela enquanto ela ia por um lado e eu por outro.

— Seria mais safada ainda se estivesse usando o vestido de noiva também.

— Vou querer um pedaço.

— Você é sempre bem-vindo. Eu sou bom em compartilhar.

E, às vezes, compartilhar era necessário. Quando se tratava de mulheres, eu quase nunca cumpria o que prometia. Will terminava o serviço se eu perdesse o interesse.

Ela estava se aproximando do canto e viraria logo mais à esquerda. Estava quase na hora.

— Tenho que desligar — falei. — Te vejo no estacionamento às sete e meia.

— Beleza. Deixei minha bolsa da academia no seu carro, então preciso pegar antes do treino. Até mai...

Nem deixei que ele encerrasse a ligação. Coloquei o celular no bolso, sem afastar o olhar dela. Ela virou em um canto e apareceu pelas janelas perpendiculares a mim, chegando cada vez mais perto. Parei e recostei-me de lado contra a parede, enfiando as mãos no bolso frontal do meu moletom, apenas à espera.

Quando ela virou à esquerda, desaparecendo por um segundo e surgindo logo em seguida, estacou em seus passos assim que me viu.

— Sr. Torrance — disse.

Acenei com a cabeça.

— Senhorita Jennings. Você queria me ver?

Ela recuou um passo, olhando ao redor. Eu não sabia dizer se foi algo instintivo ou se ela estava confusa, mas aquilo me divertiu. Ela usava um vestido sem mangas e com decote em V que abraçava todas as suas curvas, bem diferente dos cardigãs floridos e das saias na altura do joelho que usava quando começou a dar aulas aqui no início do ano letivo. A professora novata com carinha de “esposa do pastor da cidade” parecia gostar do olhar meio lascivo dos alunos adolescentes, e agora se vestia com o intuito de seduzir, embora ainda usasse os óculos e o cabelo sempre preso em um coque.

Ela engoliu em seco, o rosto agora corado.

— Humm, durante o horário da aula, sim. Eu... hummm...

Baixou o olhar, meio inquieta em seus saltos pretos, e eu contive um sorriso. Por mais que ela se vestisse de um jeito mais sexy agora, ainda continuava tímida.

E eu adorava isso. Confiança demais me irritava. Eu detestava ser “caçador”.

— Bem, mas já que você está aqui — disse, dando um sorriso breve —, vamos lá.

Entrei logo atrás dela na sala de aula, sentindo o sangue bombear e aquecer meu corpo.

Era assim que eu funcionava.

Havia uma porção de garotas lá embaixo nesse exato instante. Garotas da minha idade. Líderes de torcida, time de ginástica, as estudantes dos grupos de estudo no refeitório... Eu conseguiria transar com alguém em menos de cinco minutos, se quisesse, mas sexo para mim não tinha nada a ver com meu corpo.

Era isso aqui. Com meus olhos grudados às suas costas. Com a porta fechada e trancada assim que entrei. Com o medo, a atração e o perigo que eu sentia emanar do corpo dela ao estar aqui sozinha comigo. Só em pensar que ela teria que olhar para mim todos os dias, pelo resto do ano até que eu me formasse, sabendo exatamente o que ela havia me deixado fazer hoje... e o pavor por ter permitido e ainda desejar que acontecesse outra vez.

Sexo, para mim, estava na mente. Quase que exclusivamente.

Ela colocou a pilha de papéis em sua mesa e se virou, o olhar se desviando até a porta que havia acabado de perceber estar fechada. Pausou por um longo instante até que vi seu corpo enrijecer, mas se manteve firme.

Ela entrelaçou os dedos à frente do corpo e me encarou com uma expressão severa. Uma tentativa até fofa para uma mulher de vinte e três anos que achava que o garoto de dezessete, muito maior – e mais alto – à sua frente, era alguém que a enxergava como uma figura de autoridade.

Dei dois passos até chegar a uma das mesas da primeira fileira e

me recostei.

— Olha, eu não sou de rodeios — ela disse —, então vamos direto ao ponto.

Eu a encarei.

— Há uma enorme diferença entre os trabalhos que você faz em sala de aula e os que faz em casa — continuou. — E percebi até mesmo uma disparidade entre as letras. Não vou pedir que se justifique, porque ambos sabemos o que está acontecendo e não vou perder no nosso tempo no assunto.

Arqueei uma sobrancelha.

Ela parou por um momento, lambendo os lábios e pigarreando.

— Tudo o que vou pedir é que você pare com isso. — Ergueu a cabeça em desafio. — Faça seus deveres você mesmo, ou não vai passar de ano.

Hum-hum. Mantive o olhar fixo ao dela, mas ainda era capaz de ver os bicos de seus seios despontando contra o tecido do vestido. Talvez estivesse com frio. Talvez não. Eu só queria confirmar por conta própria.

Senti minha respiração acelerar e o meu pau começou a latejar só em imaginá-la nua, e foi preciso cerrar os dentes para controlar a urgência de fazer o que eu queria.

Como não respondi nada, ela insistiu:

— Você entendeu?

Meu olhar se ergueu outra vez, imaginando o batom vermelho e brilhante manchando meu travesseiro por tê-la colocado de quatro na minha cama a noite inteira.

— Sim, senhora — retruqueei.

Ela ficou ali parada, parecendo confusa, como se não esperasse que seria assim tão fácil, mas assentiu e deu um meio-sorriso.

— Okay, então tudo bem. Tenha um bom-dia — disse, dispensando-me.

Quase bufei uma risada. Nós ainda não havíamos terminado.

Era a minha vez.

— Posso te fazer uma pergunta? — comecei, mostrando uma fotografia dela em meu celular. — Essa aqui é você?

Fiquei de pé e fui em sua direção, parando apenas quando estava perto o suficiente para olhar para ela de cima. Seus olhos alternaram entre mim e a tela do celular na minha mão, para então perceber nossa proximidade e tentar se afastar um pouco, parando quando se chocou contra a mesa.

Ergui o aparelho outra vez, falando bem devagar:

— Você não mudou muito.

Ela engoliu em seco. Era apenas uma das muitas fotografias dela que encontrei nas redes sociais, aparentemente no segundo ano

do ensino médio e em algum acampamento de verão. Ela estava posando ao lado de amigas e perto de um beliche, sorrindo com inocência; o cabelo estava solto, um short jeans bonito mostrava as longas pernas bronzeadas, sem nenhuma maquiagem e usando aparelho nos dentes...

Ela cerrou os lábios.

— Eu aprendi a usar rímel agora.

Ela se virou de costas e pegou um giz, começando a escrever no quadro.

— Você está vermelha — comentei. — Está com vergonha?

— Já chega.

A jovem Senhorita Jennings era meio *nerd*, mas tinha potencial. Meu olhar percorreu as curvas de sua cintura, bunda e suas pernas. *Com certeza.*

— Sabe, eu não sou preguiçoso ou burro — falei, parando não tão longe e bem atrás dela. — Só não estou interessado em fazer alguma coisa da qual não gosto. Mas as coisas que gosto? — Baixei o tom de voz, provocando: — Essas eu poderia fazer a noite toda, Senhorita Jennings.

Ela virou a cabeça um pouco de lado, a mão pausada enquanto escrevia uma frase no quadro de giz. Sua boca se abriu e fechou duas vezes até que conseguiu dizer:

— Tenho trabalho a fazer.

Apoiei minha mão no quadro à sua frente e me inclinei tão perto que senti seu cabelo fazendo cócegas nos meus lábios.

— Caras como eu não davam bola para você no ensino médio, não é mesmo? — debochei, em um sussurro. — Nenhum deles te comeu no banco traseiro de um carro. Nenhum deles arrancou sua calcinha e te fodeu a seco no sofá da casa dos seus pais enquanto eles estavam no quarto ao lado. — Deslizei meu dedo bem devagar pelo zíper na parte de trás do seu vestido e senti quando seu corpo retesou e ela começou a respirar acelerado. — Ninguém chupou seus peitos e deixou sua boceta molhada no beliche da casa de alguém, em algumas dessas festas na casa de um desconhecido.

Ela virou rapidamente, mostrando os dentes em uma careta.

— Vou apresentar uma queixa contra você.

— Por favor, não faça isso. — Sorri com escárnio. — Se eu estivesse lá, no entanto, eu teria tirado a sua virgindade. — Baixei a voz para um sussurro, inclinando-me para mais perto: — Eu gosto muito das quietinhas.

Ela balançou a cabeça, os olhos castanhos agora escuros e ardentes.

— Eu fui avisada sobre vocês, garotos. Isso não vai te garantir uma nota máxima. Algum dia você vai aprender que vai ter que se

esforçar muito para conseguir algo que quer.

— Ah, eu não me importo de ter que me esforçar. — Apoiei a outra mão no quadro, ao lado da cabeça dela e encarei-a de cima.

Minha adorável professora de Literatura era apenas seis anos mais velha que eu, e por mais que todos os garotos da escola adorassem olhar para ela, eu seria o único que a teria, porque era assim que eu queria. Estava entediado demais com as garotas sem cérebro lá debaixo, que nunca se recusavam e que não conseguiam saciar essa minha necessidade sórdida de ser mais depravado do que já era. Eu não queria simplesmente transar. Eu queria me corromper. E queria fazer o mesmo com ela. Eu não queria ser o único a...

Não consegui finalizar o pensamento. Meus amigos – por mais que gostassem de bancar os malvados, ainda assim, eram limpos. Seus anseios eram normais, suas transas eram apenas um lance físico, e a diversão estava sempre à mão.

Mas, para mim, tudo era mais difícil. Eu não conseguia me desligar do meu cérebro, e não conseguia ser feliz a não ser que fodesse com a cabeça delas. Eu não queria que a Senhorita Jennings se divertisse. Queria fazer com que ela odiasse o fato de ter gostado tanto disso.

Eu me aproximei mais ainda, parando a centímetros da sua boca.

No entanto, ela apoiou as mãos no meu peito, tentando me impedir.

— Pare com isso.

Pressionei meu corpo contra o dela, devagar, o calor de seu hálito soprando sobre minha boca enquanto eu sacudia a cabeça.

Ela começou a hiperventilar, o olhar aterrissando nos meus lábios, e pude ver aquela expressão em seu rosto, uma que já havia visto uma porção de vezes. Todo mundo se deixava levar depois de um momento de reflexão.

— Não preciso de uma nota máxima, e não tenho medo do que você possa fazer comigo — eu disse, tocando seu lábio superior com a ponta da minha língua e ouvindo seu gemido. — Eu só quero que você suba esse vestido e se deite na mesa com as pernas abertas como uma boa professora que só quer que seu aluno coma o café da manhã.

Ela grunhiu, ergueu a mão e estapeou o meu rosto.

Mas eu mal me movi, a ardência de seu tapa rastejando pelo meu pescoço em questão de segundos.

Agarrando seus pulsos, segurei-os contra a lateral de seu corpo, tentando disfarçar meu sorriso.

— Você bateu em um menor de idade. Isso doeu, Senhorita Jennings.

Ela começou a respirar com dificuldade enquanto se debatia e

tentava se livrar do meu agarre.

— Sei que você quer isso. — Meu olhar percorreu seu corpo. — Você tem usado saias cada vez mais apertadas. Decotes mais evidentes. Você não é a minha primeira. E eu sei como guardar segredo...

— Não importa o que uma mulher esteja vestindo, ela não está pedindo por isso.

— Então não era você? — Gesticulei em direção às janelas. — Espiando daqui de cima sempre que o time está treinando? Me observando?

Nós já estávamos no segundo mês do último ano do ensino médio, e o treinador nos colocava nas quadras externas depois das aulas, sempre que o clima colaborava. Passei a perceber que ela nos encarava daqui de cima há algumas semanas, e se escondia sempre que eu desviava o olhar para cá. Só para mostrar que conseguíamos tudo o que queríamos.

— Você fica me encarando por mais tempo ainda quando estou sem camisa. — Encarei seus lábios fixamente. — E agora eu faço questão de sempre ficar sem ela, porque sei que você gosta.

Ela ficou sem fôlego, abrindo a boca enquanto encarava a minha.

— Se eu tivesse estudado na sua escola — eu disse, inclinandome para mais perto —, eu teria ido até você, na frente das suas amigas, e teria sussurrado no seu ouvido: “quero te tocar” — eu disse aquilo realmente em um sussurro, e afastei-me, encarando-a. — E então eu teria te levado para o subsolo, no ginásio escuro de luta livre, onde ninguém nunca vai, e começaria a tirar suas roupas.

— Sr. Torrance — arfou, suplicando em seguida: — Damon, por favor.

Medo cruzou sua expressão, mas não o tipo de temor por saber que não conseguiria me impedir. Era o tipo de medo por querer muito alguma coisa, mas sem querer correr o risco de ser flagrada.

— Então eu te deitaria no tapete — continuei —, levantaria a sua saia — soltei seus pulsos e circulei seu pescoço com uma mão —, e foderia essa sua boceta apertada enquanto chupava seus seios.

Ela ofegou e, antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, devorei sua boca, engolindo seu gemido. Eu a beijei com força, provando o sabor dos morangos que dever ter comido no café da manhã e sentindo seus braços enlaçando meu pescoço.

Fiz com que ela me soltasse e a levantei do chão, virando nossos corpos para que conseguisse colocá-la sentada sobre a mesa. Na mesma hora, levantei seu vestido.

Enfiei a mão por dentro da sua calcinha e deslizei-as pelas pernas macias e bronzeadas, passei pelos saltos e joguei-a no chão.

Fechei os olhos com força, sentindo meu coração martelar.

Eu vou transar com ela. Vou fazer com que implore para gozar e vou me deliciar em vê-la tentando manter a compostura para dar sua próxima aula, sabendo que sua calcinha estará dentro do meu bolso. Vou voltar para uma segunda rodada amanhã e, quem sabe, trazer o Will para poder vê-la o cavalgando em sua cadeira.

Sim. Meu coração pulou uma batida e parei de respirar por um momento. Meu pau ficou mais duro ainda quando lambi um caminho desde a sua perna à parte inferior de sua coxa quando me levantei.

— Por que eu? — perguntou, inclinando-se com as mãos às costas e mordendo o lábio inferior.

Empurrei seu corpo para que se deitasse na mesa.

— Porque é sórdido — grunhi.

Erguendo mais ainda a parte de baixo de seu vestido, conferi a porta outra vez, lembrando-me de que a havia trancado. Só então eu me abaixei e cobri sua boceta com a minha boca, fechando os olhos com satisfação quando ouvi o gemido alto e desesperado. *Só abra essas suas pernas e me deixe fazer as coisas do meu jeito. É para isso que você está aqui.*

Envolvendo sua coxa com a minha mão, eu a ergui mais alto e chubei, beijei, puxei, mordi e penetrei-a, degustando de seu clitóris e fazendo com que ela se contorcesse e gemesse a cada uma das minhas investidas. Ela não era a primeira professora que eu já havia visto desse jeito, mas era a primeira que eu tocava, e meu olhar sempre acompanhava sua reação deliciada enquanto eu a comia. Isso foi quase fácil demais. Era menos excitante quando era assim tão fácil.

— Abaixo a parte de cima do seu vestido — comandeí, lambendo seu clitóris.

Ela gemeu baixinho uma vez e outra, e abaixou um lado primeiro, depois o outro, desnudando os seios. *Melhor assim.* Ela parecia mais vulnerável. Seminua, pernas abertas para um de seus alunos, óculos...

— Você é bom nisso — arfou.

Mordi devagar, fazendo-a ofegar. *Não converse.*

Ela começou a se mover contra a minha boca e segurou minha cabeça com as mãos. Eu as afastei e apoiei minha palma contra sua barriga, mantendo sua bunda na mesa. Lambi e chubei outra vez, gostando de seu sabor em minha boca, mas só porque eu estava no controle enquanto ela estava à minha mercê. Tudo o que acontecia com ela nesse exato momento era porque *eu* queria assim.

— Ah, minha nossa — gemeu. — Isso é tão gostoso.

Ergui a cabeça por um instante, ouvindo outra voz ao invés da dela.

É um bom menino. Você está ficando muito bom nisso, querido.

Parei de comer a Senhorita Jennings, precisando engolir o nó que se formou na minha garganta. Minha boca estava seca, de repente.

Obrigando-me a seguir em frente, afastei a voz da minha cabeça e enfiei dois dedos na boceta dela, à medida que brincava com seu clitóris com minha língua.

— Ah, meu Deus... você está indo muito bem — a professora disse, recusando-se a calar a porra da boca. — Não pare. Continue, querido.

Querido? Mas que porra...?

Rangi os dentes e levantei-me, respirando com dificuldade e quase arrancando a fivela do cinto para abrir a calça. Ela devia ter alguma fita adesiva dentro da gaveta. Calor aqueceu meu pescoço e peito enquanto lutava para manter a cabeça no lugar.

No entanto, ela se levantou da mesa e tentou me beijar, assumindo a tarefa de desafivelar meu cinto.

— Eu quero te chupar — arfou. — Quero te provar na minha boca.

Sempre fica duro quando eu faço isso. Significa que você gosta.

A lembrança daquelas palavras agitou mais ainda minhas entranhas, e acabei afastando as mãos da professora.

— Não.

Eu não gostava daquilo.

— Faça o que estou mandando — ela disse, tentando brincar.

Mas aí eu perdi o controle. Agarrei seu pescoço para mantê-la quieta e disse, irritado:

— Eu não gosto disso.

Sim, você gosta, não é mesmo, querido? Você é um bom garoto.

Eu a empurrei para longe e me afastei, fechando a calça. Estava ouvindo meu coração pulsar, sentindo a angústia rastejar pela minha pele à medida que as paredes se fechavam. Eu não conseguia tomar um fôlego sequer. Não conseguia respirar.

Caralho.

— O quê? — Ouvi a Senhorita Jennings dizer quando cobriu os seios com os braços. — Eu quero isso, Damon. Você sabia que eu queria. Isso foi sexy. Venha cá... — Estendeu as mãos e ficou de pé, tentando enlaçar meu corpo. — Me faça gozar — sussurrou. Os braços mais se pareciam a cobras pegajosas contra a minha pele.

Eu a empurrei para se afastar de mim e passei a mão no cabelo.

— Vadia estúpida.

Então a deixei na mesa e destranquei a porta, abrindo-a de supetão para sair pelo corredor praticamente deserto. Náusea revirou o meu estômago.

Por que ela não podia ficar de boca fechada? Por que não manteve

a porra da boca fechada? A maioria das pessoas fazia o que era mandado.

Disparei pelas escadas e pelo próximo andar, virando à esquina para abrir a porta do banheiro masculino.

Eu não deveria ter tocado nela. Fui até a pia e cuspi, ainda sentindo o gosto na boca. Cuspi mais uma vez. Abri a torneira e enchi as mãos em cunha, jogando sobre o meu rosto para tentar me acalmar. Fiz isso várias vezes, secando o rosto com a manga da camisa.

Encarei meu reflexo no espelho e passei os dedos pelo cabelo, arrastando as unhas no couro cabeludo e no meu pescoço. Tentando arranhar mais e mais, bem profundamente.

Venha dormir comigo, meu docinho. A memória de subir em sua cama enorme com aquele cobertor grosso, tendo seus braços me enlaçando contra seu corpo nu, rastejou na minha mente.

Fechei os olhos e recostei a testa contra o espelho, tentando respirar.

— Eu devia ter transado com ela — murmurei. — Devia ter tampado aquela boca e fodido a vadia.

Minhas vistas começaram a escurecer, como se eu estivesse caindo em um buraco profundo. Senti como se milhares de agulhas estivessem alfinetando minha garganta.

Peguei o celular e disquei rapidamente sem nem mesmo olhar o que fazia. Assim que começou a tocar, coloquei-o contra o ouvido.

— Damon? — Banks atendeu.

Parei um instante, respirando com dificuldade.

— Banks...

— Você precisa de mim?

Pisquei, conferindo a porta para ver se ninguém estava entrando.

— Não dá mais tempo pra isso.

Precisávamos fazer aquilo pelo telefone mesmo.

No entanto, ela começou a querer discutir.

— Damon...

— Porra, para que você serve? — Apertei o celular com tanta força que ouvi o estalo.

Ela ficou em silêncio, e então a visualizei no meu quarto onde ela devia estar limpando, ou lendo ou cuidando das minhas serpentes, e desejei que estivesse aqui, porque aí seria muito mais rápido.

Faça isso. Apenas faça isso.

Ouvi quando ela pigarreou e suspirou audivelmente.

— Sabe... — disse, em um tom de voz irritado. — Eu tenho um monte de coisas para fazer. É só para isso que você me liga? Aff, meu Deus, você é muito infantil, porra.

Meus dedos se curvaram ante a urgência de cerrar a mão em

punho. *Bom. Continue.* Entrei em uma cabine do banheiro e tranquei a porta.

— Vá em frente — resmunguei. — Pode dizer isso de novo?

— E vai fazer o quê, se eu não disser? — retrucou. — Você é tão fracote, que toda vez que alguém fere seus sentimentos você tem que me ligar. Alguém pisou no seu calo, é isso? Michael, Kai e Will deviam receber um prêmio por se resignarem a respirar o mesmo ar que você.

Cerrei a mandíbula.

— Eu só continuo aqui ainda por causa do dinheiro, mas acho que já nem ligo mais para isso — prosseguiu —, porque me dá vontade de vomitar toda vez que tenho que olhar para essa sua cara estúpida. Jesus, eu tô cansada dessa merda.

Meu peito apertou e eu cerrei os punhos. *Ela está mentindo. Está fazendo o que mandei que ela fizesse. Porque eu preciso que alguém me machuque, porque uma dor ameniza outra dor, e se eu sentir uma, não vou me concentrar na outra. Eu preciso que ela sufoque tudo aquilo que tenta rastejar de volta.*

— O que foi? — esbravejou. — O que você vai dizer? Nada, como sempre. Você não consegue ficar nem uma hora longe de mim, antes de ter um chilique. Não me admira o papai gostar mais de mim. Eu sou o filho que ele sempre quis.

Então senti o corte afiado bem lá no fundo.

Porque eu sabia que ela estava certa. Meu pai podia até não reconhecê-la como sua própria filha, mas confiava nela. A ponto de deixá-la encarregada de várias coisas.

Ela. Uma filha bastarda saída da sarjeta que poderia agora estar vivendo de pequenos furtos como a mãe drogada, se eu, literalmente, não a tivesse arrancado de lá quando ela tinha doze anos. Ela morava em uma mansão por minha causa. Fazia três refeições por dia por minha causa. Estava em segurança... por minha causa.

— O que foi que você disse? — perguntei, por entre os dentes cerrados.

Eu podia ouvir sua respiração trêmula. Ela estava fraquejando.

— Damon, por favor...

— Diga outra vez!

Ela ofegou, engasgada com as lágrimas e obrigando-se a dizer:

— A gente ri da sua cara todo dia quando você sai. — Sua voz ficou mais áspera. — Ele não acredita que você vai amadurecer. Não consegue dar nenhuma responsabilidade para você. Todo mundo ri de você. Especialmente o cara que está me pegando nesse exato momento, na sua cama.

Agitando a cabeça, segurei-me com força na parte superior da porta. Ninguém tinha permissão para tocar nela.

— Nossa, você nem tinha saído ainda de casa quando o primeiro deles se enfiou dentro de mim — ela disse, cavando mais fundo. — Estou sendo muito bem fodida a manhã toda. Por que você não vai logo para a sua aula e deixa a gente em paz?

Rangi os dentes, visualizando Banks na minha cama com uma fila de capangas do meu pai só esperando para transar com ela. Sorrindo para ela. Desfrutando dela. Usando e tratando-a como lixo.

Então chutei a porta. Chutei uma e outra vez, rosnando até que ela se abriu e se chocou com força contra a parede.

Carvalho, é isso aí. E do nada... tudo se acalmou. Minhas pernas enfraqueceram de exaustão, e consegui ver minha irmã no meu quarto nesse exato momento, completamente vestida dos pés à cabeça, chorando; seus livros espalhados pelo chão, porque ela era inocente, pura, e a garota mais meiga que já conheci.

Tudo o que ela disse fui eu que a obriguei a dizer, porque só éramos capazes de sentir uma dor de cada vez, e talvez se eu pudesse empilhar uma grande quantidade de sujeira, teria onde me enterrar para que não pensasse em mais nada.

E, às vezes, eu conseguia dominar o que se passava na minha cabeça quando fazia minhas próprias vítimas.

Como a Senhorita Jennings. Como Banks. Talvez eu não goste de estar assim tão sozinho, e não ficasse se todo mundo fosse tão imundo quanto eu.

Quando estávamos em casa, eu pedia que ela fizesse outras coisas para aplacar o sofrimento, mas como ela não estava na minha frente nesse exato momento, tivemos que improvisar.

As memórias que foram despertadas na sala da professora estavam desvanecidas agora, a ponto de nem mesmo me lembrar o que havia me tirado o controle. Fui até a pia e abri a torneira, colocando um pouco de água na minha mão em concha, para beber, sentindo antes a frieza da água aplacando o calor da minha cabeça.

Os últimos vinte minutos nunca aconteceram.

— Damon? — Ouvi Banks chamar. — Damon!

Endireitei o corpo e levei o celular ao ouvido outra vez.

— Melhorou? — perguntou.

— Sim. — Conferi minha aparência no espelho, notando que a ira já havia começado a se dissipar e minha pele voltou a adquirir o tom mais pálido. — Sim.

— Por favor... pare de me pedir para fazer isso...

Desliguei o telefone sem nem ao menos me despedir, ignorando-a por completo. O que ela queria não me importava. Nós faríamos o que era preciso fazer e pronto.

Ajeitei minhas roupas, sentindo o celular vibrar novamente na minha mão. Olhei a mensagem que apareceu na tela.

Damon K. Torrance

Favor comparecer ao escritório do Sr. Kincaid antes da primeira aula.

CC: Gabriel Torrance

Obrigado.

Porra.

Conferi o horário e vi que faltavam oito minutos para o sino bater. Eu queria fumar.

Um longo suspiro deixou minha boca, acompanhado do movimento de um lado ao outro do pescoço, até que o estalo se fez ouvir. Toda vez que eu era intimado, meu pai recebia a mesma mensagem, o que o mantinha atualizado do que acontecia... como se ele desse a mínima para isso. Ele sabia muito bem que se fosse algo importante, a direção o chamaria para comparecer pessoalmente. O que aconteceu inúmeras vezes desde que ingressei nessa escola.

Eu costumava querer sua atenção. Agora apenas odiava quando alguém o fazia se lembrar que eu existia. Embora não estivesse animado para sair da cidade para estudar em alguma universidade, no próximo verão, mal podia esperar para deixar aquela casa.

Então, que merda eu havia feito para que Kincaid viesse agora me encher o saco?

Saí do banheiro, esbarrando no ombro de outro aluno quando atravesssei o corredor até entrar na sala da diretoria. Abri a porta e me dirigi ao balcão de mogno, encarando a secretária, Senhora Devasquez.

— Sente-se — ela disse, o cabelo curto e grisalho sem mover um fio quando sacudiu a cabeça para me indicar a cadeira. — O diretor vai te chamar em breve.

Eu simplesmente me recostei contra o balcão, esperando. Batuquei os dedos na borda de madeira, percebendo que não havia mais ninguém no escritório, mas apurei os ouvidos diante das vozes na sala de Kincaid, à minha esquerda. Olhei pelo vidro fosco, vendo que quem estava ali dentro se levantou.

— Por que você não está usando o uniforme? — Devasquez me confrontou por trás.

— Já são sete e quarenta e cinco?

Nem me dignei a olhar para ela, que resolveu se calar.

Eu odiava essa sala. A maioria das salas de aula dessa escola antiga havia sido reformada, embora o exterior tenha sido preservado com suas pedras cinzentas e extravagantes. No entanto, todo o restante condizia com o valor substancial pago anualmente pelos pais dos alunos. Essa sala, porém, me lembrava da minha casa. Madeira

escura e brilhante com o odor característico de anos e anos de camadas de lustra-móveis, com o teto alto e sancas ao redor que apenas acumulavam poeira, e pisos lajeados que sempre o faziam pensar que seus pés não estavam firmes no chão.

A porta de Kincaid se abriu e as vozes se tornaram mais audíveis.

Virei-me e avistei Margot Ashby sair na frente, dizendo assim que passou pela porta:

— Obrigada, Charles. Sei que você e os professores têm feito de tudo para ajudar Winter em sua reintegração.

Winter...

Entrecerrei os olhos na mesma hora.

Então ela apareceu. Segurando o braço da mãe enquanto saía devagar da sala.

Parei de respirar por um segundo. *Jesus Cristo*. Que merda ela estava fazendo aqui?

A garotinha da fonte. Ela havia crescido. Não devia ter mais que quatorze ou quinze anos agora, mas o rostinho de bebê havia desaparecido, bem como o tutu que usava naquele dia... e também seu olhar focado em mim. Ela nunca mais seria capaz de olhar para mim outra vez.

Sua irmã mais velha se espremeu para sair à frente, e o pai, o prefeito, saiu em seguida.

— Vamos mantê-la aqui até que a Senhorita Fane chegue. — Ouvi Kincaid dizer quando todos eles chegaram à recepção. — Ela já foi instruída a ajudar Winter durante as primeiras semanas e, como estão na mesma série, será fácil remanejá-las para que cursem as mesmas aulas.

Mesmas aulas.

Senhorita Fane. Erika Fane? Ela e Winter estariam nas mesmas aulas? Então isso significava que Winter estava no primeiro ano.

E havia voltado para casa para cursar o ensino médio.

Tentei conter o sorriso, praticamente encantado com as possibilidades dessa nova distração.

Ela veio caminhando ao lado de sua mãe e soltou sua mão quando todos pararam, sem precisar do auxílio por um tempo mais longo do que o necessário. Não consegui desviar meus olhos dos dela, ainda tão azuis, inocentes e despreocupados, mas muito provavelmente porque ela não fazia a menor ideia de que eu estava a alguns passos de distância. Fiquei pensando se ela se lembrava de mim.

No entanto, seu queixo estava erguido em uma atitude desafiadora que me deixou intrigado.

Como era fácil substituir uma dor por outra. Eu mal me

lembrava da agonia na minha cabeça de alguns minutos atrás, e a Senhorita Jennings agora era uma memória distante. Inspirei profundamente, com calma, enchendo os pulmões com o ar fresco bem-vindo.

— Ela precisará realmente usar o blazer? — a Sra. Ashby perguntou. — Tentamos fazê-la colocar, mas...

— Ah, não. Está tudo bem — Kincaid respondeu. — Contanto que ela use o uniforme básico de Thunder Bay, está ótimo.

Winter usava a saia xadrez com o padrão azul e verde, mas enquanto a maioria dos alunos optava por uma camisa social branca por baixo do blazer, dava para ver que ela havia preferido uma camisa polo, sendo que o colarinho era visível por baixo do moletom azul-marinho.

Rebelde.

— O que o código de vestimenta diz sobre usar sapatos lixos como esses? — Arion, a irmã, debochou e se abaixou para amarrar os cadarços dos coturnos Doc Martens[10], que mostravam o desgaste óbvio nas pontas. — Era de se esperar que uma pessoa que precisa da ajuda de alguém para não tropeçar soubesse pelo menos dar um laço decente no cadarço.

— Não enche o saco. — Ela afastou o pé do alcance da irmã e se recostou ao balcão, o que me surpreendeu, porque fiquei sem saber como ela havia identificado um móvel ali. No entanto, ela se inclinou e começou a dar o próprio nó no cadarço. Seu longo cabelo loiro cobrindo o rosto.

Todo mundo ficou em silêncio de repente e, quando olhei para cima, vi que os pais dela estavam me encarando, como se tivessem acabado de notar a minha presença. A centímetros da filha deles.

Winter aprumou a postura, a mão roçando de leve o meu jeans.

— Ah, me desculpa — ela disse, finalmente se dando conta de que havia alguém ao seu lado.

Sua mãe ofegou, disparando em nossa direção.

— Hum, na verdade, Charles, vamos aguardar na biblioteca junto com Winter. — Ela agarrou a mão da filha, afastando-a de mim. — Se você puder pedir que Erika vá até lá assim que chegar...

— Claro.

Margot, Arion e Winter saíram em direção ao corredor e minha mente se encheu com as inúmeras possibilidades que agora se mostravam à minha frente. Não dava para saber se ela já havia pensado em mim, ou o que pensava ao meu respeito, mas eu tinha certeza de que não havia se esquecido de quem eu era. Ela nunca seria capaz de esquecer.

A porta se fechou assim que passaram, e vi Griffin Ashby, o prefeito da nossa cidade, se preparar para sair, mas, quando passou ao

meu lado, parou.

Encarei seu perfil, o terno cinza e a gravata azul em um nó perfeito, enquanto ele encarava à frente, evitando contato visual comigo.

— Algum dia, você acabará sendo preso — ele disse. — E, tomara que antes tarde do que nunca, daí dessa forma você será incapaz de prejudicar outras pessoas. O Sr. Kincaid vai informá-lo sobre o que fazer e o que não fazer enquanto minha filha mais nova estiver frequentando esta escola. — Ele finalmente olhou para mim com desdém. — Anote minhas palavras: se não se comportar, eu vou acabar com você de uma vez por todas.

Quando se virou de costas para sair do escritório, meus lábios se curvaram em um sorriso. Seis anos atrás, a garotinha dele e eu mudamos um ao outro e, por mais que eu não pudesse alterar o que aconteceu, com certeza eu poderia dar a ela novas lembranças sobre mim.

Isso sim... eu poderia fazer.

Estava tudo resolvido, então.

Ouvi o Sr. Kincaid pigarrear enquanto segurava a porta de sua sala aberta para mim.

— Sr. Torrance, se não se importa?

[10] Doc Martens é uma marca inglesa, criada na Alemanha em 1946, e é famosa pelos coturnos que foram adotados nos anos 1960 e 1980 pela contracultura, principalmente pelo movimento punk rock.

Capítulo 4

Damon

Dias atuais...

— Dez movimentos e você acaba comigo — o Sr. Garin disse. — Está vendo?

Encarei o tabuleiro entre nós, calculando os movimentos necessários para dar um xeque-mate enquanto tentava antecipar sua jogada contrária.

Sim, estou vendo. Mas que graça teria isso?

Peguei meu peão na casa E2.

— Não — ele repreendeu.

Então me lançou o mesmo olhar desde quando eu era criança.

No entanto, não consegui resistir. Incapaz de reprimir o sorriso, o ignorei e movi a peça à casa E4.

Ele deu um longo suspiro e sacudiu a cabeça, irritado com a falta de controle e estratégia que tentou imprimir em mim em todas aquelas tardes depois da escola, anos atrás, quando trabalhava com o meu pai.

Ou ele *pensava* que havia falhado em me ensinar aquilo, de qualquer forma. As pessoas tinham a mania de achar que eu agia sempre impulsivamente, quando, na verdade, requeria um pouco de estratégia ser tão fodido assim.

A música dançante vibrava do andar inferior, a boate já lotada com garotas universitárias, jovens profissionais e qualquer um que tivesse vinte e poucos anos e estivesse apto a pagar por uma garrafa de vodka ou champanhe de trezentos dólares, só para que pudessem se sentar à alguma mesa.

Passei uma boa parte do tempo ali embaixo com meus amigos quando estávamos no ensino médio. Agora eu fazia questão de só ficar na sala reservada no primeiro andar para passar um tempo com Kostya Garin, um dos antigos guarda-costas do meu pai e que atualmente cuidava da segurança da boate. Aos cinquenta e nove anos, com uma barbicha grisalha e usando o mesmo terno preto que sempre usou quando estava na ativa, ele ainda possuía mais músculos que eu e era um dos poucos a quem eu respeitava.

Eu faria negócios com ele.

Confiaria em tudo o que ele tivesse a dizer.

Iria até mesmo ao seu funeral.

Não havia muita gente que merecia que eu ficasse sentado durante todo o enterro.

No entanto, não éramos amigos, e nunca discutíamos nada em

nível pessoal. Ele me ensinou muitas coisas, mas nunca complicou nosso relacionamento tentando agir como um pai para mim. Ele era um dos motivos pelo qual eu vinha aqui.

O outro...

— Quero ir embora — a garota disse do outro lado da sala, como se tivesse ouvido meus pensamentos.

Enquanto o Sr. Garin avaliava sua próxima jogada, virei a cabeça para encará-la.

Ela usava um vestido apertado de lantejoulas que brilhavam com as luzes fracas das arandelas na parede, e sua bunda estava plantada no colo de um babaca que eu nem mesmo sabia o nome. Do outro lado do sofá de couro preto estava o namorado dela, vendo seu companheiro apalpar sua mulher. Eu os observei, tentando me colocar no lugar de cada um.

Ela gostava de outro homem a tocando? Será que o namorado estava com ciúmes? Com tesão? Com raiva? Será que o amigo estava curtindo algo que já tinha fantasiado há muito tempo? Ele estava gostando? Estava de pau duro?

Pisquei, esperando pelo que viria. O ciúme do cara. A degradação da garota. O desejo do amigo. O medo deles e a excitação por estarem sendo observados. Mas nada aconteceu. Não ainda. Estava ficando cada vez mais difícil sentir empatia ao longo dos anos.

Porra.

Talvez se fosse minha nova esposinha sendo acariciada?

Ou...

O cara tocou os quadris da garota levemente, encostando a boca com hesitação no ombro dela, talvez tentando se controlar para não dar muito na cara que estava desfrutando da situação.

— Podemos ir embora agora? — ela perguntou outra vez, o cara abaixo dela não dando a menor indicação de que queria realmente sair dali.

No entanto, eu a ignorei e me virei para o tabuleiro a tempo de ver o Sr. Garin rebatendo minha jogada ao mover seu peão para o E5.

Sorri internamente.

— Olhe com atenção — ele continuou. — Você ainda pode me derrotar. Dez movimentos.

Dez? Peguei meu cavalo e posicionei no F3, ouvindo o suspiro resignado de Kostya quando ele levou seu cavalo de volta para o C6 como se estivesse no piloto automático.

— Damon... — ralhou, ficando cada vez mais puto.

Dava para perceber em sua voz a irritação, e minha pulsação acelerou à medida que ele prosseguia com o jogo, rebatendo cada uma das minhas jogadas como fez em todos esses anos, cansado dos meus erros bestas e minha impulsividade. Ele só queria acabar logo com

aquilo para que pudesse voltar a trabalhar agora que minha cabeça já não estava mais focada ali.

Meu bispo na C4, seu peão na D6, meu outro cavalo no C3, e então ele pegou o seu bispo e me fez perder o fôlego por um instante enquanto o via levar a peça até o G4, prendendo meu cavalo à minha rainha.

Seu idiota. Aquilo realmente funcionou, e ele ainda não havia visto o que fez. Movi meu cavalo para a E5, roubando seu peão e deixando minha rainha completamente vulnerável para o seu bispo. Ele viu a abertura, balançou a cabeça e conquistou minha peça, retirando-a do tabuleiro enquanto colocava o bispo no lugar.

Senti o coração querendo sair pela garganta. Ele achava que tinha me pegado, mas agora era a minha vez de jogar, e assim que movi meu bispo para a posição G7, dei um xeque em seu rei filho da puta.

Ele parou, notando o que havia acontecido e reexaminou o tabuleiro. Seus olhos cintilaram na mesma hora para os meus.

Como era esperado, ele tentou levar seu rei para a E7, mas o ar de derrota já podia ser vislumbrado em seu olhar.

Deslizei meu cavalo até a D5.

— Xeque-mate — informei.

Ele encarou o tabuleiro, fazendo uma careta confusa como se não tivesse entendido o que realmente aconteceu.

— Sete movimentos... — murmurou.

Isso aí. Nada de dez.

Seu olhar se desviou para o meu.

— Você enforcou sua rainha. Eu não te ensinei a fazer isso.

Então naquele momento ouvi a batida à minha porta e, em seguida, meu motorista abriu a porta para dar passagem a Erika Fane. Eu me levantei e ajeitei o paletó assim que a porta se fechou.

— A rainha é a peça mais importante do tabuleiro — comentei com o Sr. Garin, mantendo o olhar conectado ao de Rika. — Por que não usá-la?

Rika, a noiva de um dos meus amigos do ensino médio, adentrou a sala, não parecendo nem um pouco como se estivesse ali para curtir uma noite na balada. Um sorriso curvou o canto dos meus lábios. A aba do boné de beisebol marrom estava bem para baixo, lançando uma sombra em seus olhos; o longo cabelo loiro espalhado às costas. Ela vestia um jeans e o capuz de seu agasalho cinza estava para fora da gola da jaqueta marrom, onde ela mantinha as mãos enfiadas nos bolsos. Seus passos estacaram assim que comecei a me aproximar, sem dúvida alguma querendo manter uma distância segura.

Fui em direção ao sofá, sentando-me do lado oposto onde o

namorado da garota estava, sendo que ele ainda observava – ou fingia não observar – o que o casalzinho estava fazendo.

— Tenha uma boa-noite, Damon — o Sr. Garin disse.

Assenti e, quando olhei de novo, ele já havia desaparecido. Rika manteve-se distante, observando quando peguei minha carteira do bolso do paletó e retirei uma porção de notas de dólares.

— Quero parar — a garota resmungou, tentando se afastar do toque da boca do rapaz às suas costas.

— Você pode parar a hora que quiser — retruquei. — A porta não está trancada.

Então comecei a colocar, devagar, uma nota de cem atrás da outra em cima da mesa de vidro fosco entre nós. Coloquei bem perto da quantia que já havia pago a eles pelo que estavam fazendo.

— Ou... você pode ficar aí — prossegui, colocando mais algumas notas — e continuar quietinha e sem fazer nada enquanto seu namoradinho deixa o melhor amigo enfiar a mão debaixo do seu vestido. — Soltei a última nota de cem. — Daí, você pode garantir o dinheiro do próximo aluguel enquanto isso.

— Qual é a porra do seu problema? — Rika exigiu saber.

Dei uma olhada de relance para ela, vendo-a me encarar com raiva depois de observar o grupo.

— Você pode olhar, se quiser — eu disse. — Não vou dizer ao Michael.

Sou muito bom em guardar nossos segredos.

Ela desviou o olhar e voltei a encarar a garota – que havia chegado mais cedo à boate e tentou se esgueirar para dentro com o namorado e o melhor amigo, sendo que nenhum deles tinha vinte e um anos. Ela era gostosa, os três pareciam divertidos e então decidi brincar...

Os olhos castanhos da menina pousaram no dinheiro em cima da mesa e permaneceram ali por mais um momento. E, assim como havia acontecido com o Sr. Garin, pouco antes, senti o calor deslizar pelas minhas veias, pela minha barriga, virilha e minhas coxas enquanto aguardava para ver se ela faria exatamente o que eu queria.

Dava para ver seu estado de nervosismo pelo movimento dos seios empinados, sem sombra de dúvidas louca para fazer isso, mas temendo a confusão que ela acabaria semeando entre ela, o namorado e o amigo assim que saíssem dali. *Será que ela queria apenas o dinheiro? Engoli em seco, vislumbrando a indecisão em seu rosto. Ou ela gostava da safadeza da minha proposta? Do perigo?*

Ela deu uma olhada para o namorado, cuja expressão mostrava claramente o desconforto, mas era nítido que ele não se levantaria para tirá-la daqui.

Vamos lá, cara. *Tome uma decisão.* Leve sua mulher embora ou

aprecie o showzinho.

Que maricas.

Mas então, lentamente, ela tomou a decisão por ele. Relaxou o corpo contra o do amigo, e este pegou um punhado do cabelo ruivo na mão e afundou a boca contra o pescoço dela ao mesmo tempo em que enfiava a mão por cima do vestido para segurar um seio. Os olhos dela se fecharam, a respiração acelerou, mas seu corpo ainda permaneceu imóvel.

Por enquanto...

Depois de alguns instantes, me vi no lugar dele, com a garota no meu colo enquanto tomava o que pertencia a outra pessoa. O namorado sentado no sofá viu a expressão de desejo no rosto do amigo e descobriu a verdade. Aquilo que seu colega estava escondendo há um tempo. Tudo se alterou e um prazer súbito vibrou no meu peito.

Sim.

Fechei os olhos por um segundo, finalmente sentindo alguma coisa, porra. Só uma pontada, mas era melhor do que nada.

Ouvi o suspiro de Rika.

— Não é de admirar que todo mundo te odeie.

Abri meus olhos, concordando com um aceno.

— Nunca duvidei disso.

Fiquei de pé e enfiei a carteira de volta no bolso.

— Eu gosto de xadrez. — Cheguei mais perto dela, notando que ainda mantinha as mãos nos bolsos. — Gosto de saber e ver o que está à minha frente. Saber que aquilo não será fácil. Saber que requer paciência e uma série de manobras calculadas cuidadosamente e traçadas em uma sequência específica. — Parei, encarando-a de cima. — Saber que quanto mais tempo eu tenha que aguardar, e possivelmente mudar meu curso, mais a minha conquista se torna agradável.

Eu adorava deixá-la desconfortável. Foder com a cabeça das pessoas, às vezes, era muito mais divertido do que foder propriamente dito.

E, por um instante, era como se eu realmente estivesse olhando para ela de cima.

Para Winter.

Elas possuíam o mesmo tipo de cabelo, embora os de Winter fossem um pouco mais claros, além de terem os olhos da mesma cor, com exceção que os de Rika eram um tom mais escuro. Winter possuía um anel azul-escuro ao redor das pupilas que fazia com que seus olhos fossem... penetrantes. Eu estava mais do que satisfeito por ela não ser capaz de usá-los, porque se ela olhasse para mim com aqueles olhos...

Sim, as duas eram muito parecidas, e não somente no visual.

Ambas eram rebeldes. Gostavam da sensação do perigo. E as duas revidavam.

— E saber que o caminho para o sucesso muda conforme as jogadas que escolho fazer — prossegui. — E as pessoas são minhas peças favoritas, Rika.

Ela estreitou os olhos, mas não disse nada. Provavelmente tentando aparentar estar entediada, impaciente ou nem um pouco impressionada, mas eu a conhecia.

— Olhe para ela. — Acenei em direção à garota na cadeira. — Tem um corpo lindo, estava hesitante no início, mas agora está toda excitada. Ela quer tocar nele também. — Olhei de relance para Rika e de volta para o casal se pegando. — Veja como ela está retorcendo o tecido do vestido. Ela está com tesão, mas seu namorado está assistindo tudo, então ela está com medo do que ele vai pensar. Não quer dar na cara o tanto que está gostando de ter as mãos e a boca do amigo dele sobre ela, daí quer esperar pela aprovação do namorado, um sinal que indique que está tudo bem se ela curtir o que tá rolando.

— Então por que ela perguntou se eles podiam ir embora? — Rika argumentou.

— Porque é o que se espera que as garotas digam, não é? — rebati. — É arriscado mexer com a rainha ou o rei cedo demais.

O casal continuou se pegando, mordiscando, beijando e tocando enquanto conversávamos.

— Foi isso o que te ensinaram, não é mesmo? — continuei. — O que ensinei a Banks...

Mulheres não deveriam desejar sexo tanto quanto os homens, certo? E elas não deveriam encarar isso de forma tão casual. Foi isso o que ensinei à minha irmã para protegê-la.

Resolvi pressionar mais ainda:

— Então... por que ela quis ficar mesmo? — perguntei a Rika.

Ela cerrou a mandíbula, desviando o olhar como se não estivesse nem aí para o que eu falava, mas então a vi prestar atenção no trio de universitários e na bolada de dinheiro sobre a mesa.

— Porque você fez essa jogada e os pressionou — ela retrucou.

— Sim, muito bom.

A garota até podia estar fazendo tudo aquilo por dinheiro. Ou talvez ela precisasse de uma desculpa boa o bastante para concordar.

— Agora, vamos a ele. — Observei o amigo que continuava a apalpar os seios dela por cima do vestido. — Ele está fazendo isso de graça. Eu mandei que ele a beijasse, mas agora ele está praticamente comendo a garota. Ele já sentia tesão por ela há um bom tempo. — Vi os olhos dele arregalados, provavelmente focado no que eu disse. — É capaz que ele vivia fantasiando com ela e cobiçando a garota quando o amigo não estava olhando. Aposto que está louco para colocar as

duas mãos nos peitos dela agora.

Olhei para o cara e perguntei:

— Não é isso o que você quer?

Ele assentiu e beijou a pele da garota. Afastando a mão do cabelo dela, ele a apoiou sobre o quadril dela, esperando pela permissão.

— E o namorado dela — comentei com Rika —, está quase ficando louco. Ele quer sentir raiva, mas...

— Também quer o dinheiro — concluiu.

— Ou isso o deixa com tesão, talvez, só que não quer admitir.

Ela me lançou um olhar condescendente.

— Hum-hum, claro.

Ela era ingênua demais.

— Nem todo homem precisa ser pago para assistir sua garota transando com outro cara.

— E por que ele iria querer isso?

— Acho que você sabe a resposta — contra-argumentei com deboche. Eu sabia tudo sobre a brincadeirinha que ela teve com Michael e Kai na sauna do Hunter-Bailey.

E, por mais que pensasse que ficaria excitado com o que realmente aconteceu naquela sauna, ainda assim, eu estava puto. E não fazia a menor ideia do porquê. Talvez porque não fui chamado para participar e acabei ficando de fora?

Ou talvez... eu achasse que, por mais que a conhecesse pouco, sabia que ela nunca permitiria algo que não estivesse a fim, mas... uma pequena parte minha ainda achava que ela havia sido... não sei... usada.

E sei lá o motivo por ter me importado assim. Michael e Kai já haviam compartilhado garotas antes. Eu só não queria pensar nos dois fazendo aquilo com Erika.

Mas pelo menos teve uma coisa boa. Aquilo significou que meus antigos amigos ainda gostavam de jogar... e eram peões de primeira categoria.

— Sabe, Rika... — comentei. — Existem pessoas que estão destinadas a servir de joguetes. São vítimas que não estão aptas a mudar seus destinos, mesmo que tivessem a chance de reencarnar e levar a vida de diferentes maneiras. — Olhei para o seu corpo de cima a baixo, despudoradamente. — E então... existem os jogadores. Como você e eu. — Gesticulei para o trio no sofá. — Qual peça do jogo você moveria primeiro?

Ela não desviou o olhar do desafio proposto dessa vez, mas hesitou quando examinou o grupo. Ela encarou o namorado da garota e disse:

— O instinto dele é tentar se mostrar o melhor.

Muito bom.

— Ele é competitivo, sim — repliquei, impressionado. — E isso o deixa com raiva e excitado ao mesmo tempo. Ele quer foder a namorada dele e provar como um homem de verdade é. Para mantê-lo no jogo, precisamos usá-lo. Fazer com que se sinta importante.

Ela foi rápida, e pensou exatamente como eu.

— Ei, garoto — chamei o rapaz que ainda estava sentado no sofá, porém, não afastei o olhar de Rika. — Diga ao seu amigo o que você quer que ele faça com a sua namorada.

Rika continuou me encarando, ambos nos desafiando para ver quem estava certo. Para vermos se o cara ia permanecer no tabuleiro ou se sairia dali correndo.

Ele ficou em silêncio, e apenas o ruído dos beijos do casal sentado à cadeira e a música vibrante abaixo podiam ser ouvidos ali... até que... com uma voz decidida e baixa, ele disse:

— Abaixе as alças do vestido dela, Jason — o namorado instruiu.

Rika e eu estávamos nos encarando, mas ouvi o farfalhar do tecido, a respiração arfante e um gemido.

— Isso... — a garota ofegou, agora se sentindo livre com a bênção do namorado para que pudesse desfrutar do momento.

Pelo canto do olho, avistei pele exposta, a parte de cima do vestido amontoada na cintura, a movimentação agitada e ansiosa.

Não dava para decifrar a expressão de Rika, mas, definitivamente, uma parte dela estava gostando daquilo. Ela podia até odiar a si mesma, mas a descarga de adrenalina era boa demais. Não havia nada melhor do que brincar com as pessoas.

E ela era boa nisso. Ninguém nunca havia cedido à minha vontade antes. A não ser Winter. Nenhum dos meus amigos tinha paciência ou interesse nisso.

Eu gostava dela. Michael mal tinha aproveitado tudo aquilo do que ela era capaz. Mas não era por esse motivo que ela estava aqui. Rika veio aqui para conversar.

— Tudo bem, vocês três — falei, inspirando profundamente. — Peguem o dinheiro e deem o fora. Tenho negócios a resolver.

— Hã? — o cara suspirou, sem fôlego.

— Você tá falando sério? — A garota levantou os braços, de repente, para cobrir o corpo seminu.

— Fora — rosnei. — Agora.

Eles se levantaram, demonstrando irritação, porque entraram de cabeça naquilo; a garota excitada e os caras de pau duro, prontos para a coisa acontecer.

— Terminem isso no carro de vocês — murmurei, indo em direção ao armário para pegar um maço de cigarros.

O grupo saiu dali com o dinheiro em mãos e eu acenei para que meu motorista nos deixasse a sós. Assim que a porta se fechou, virei-me para Rika enquanto abria a embalagem do cigarro.

— Quero jogar xadrez com você algum dia — caçoei.

— Você já não fez isso?

Virei-me de volta para o armário, sorrindo internamente. Tê-la como uma oponente seria um desafio, mas eu preferia tê-la do meu lado.

Bati o fundo do maço contra a palma da mão, sentindo a comichão outra vez.

A pressão. A necessidade premente de me soltar.

Winter.

Eu agora a tinha no lugar onde queria. Bem perto de mim. Finalmente.

Mas estava dividido entre a vontade de terminar tudo logo de uma vez ou de levar a coisa de forma lenta e demorada.

Ela estava em casa. Nesse exato momento. Provavelmente tentando bolar alguma maneira de escapar, e ela poderia até tentar. Eu não me importava. Vou adorar arrastar a bunda dela de volta. Aquela merdinha estúpida e burra com quem me casei poderia até fazer uns filhos bonitos, mas não me daria metade da satisfação que eu encontraria ao possuir aquela garotinha.

É isso aí. A irmã de Ari não era nem um pouco parecida com ela.

Winter vai se opor, me infernizar, e já estava mais do que na hora de me vingar por tudo o que ela fez anos atrás. Eu agora tinha o domínio sobre a minha própria casa e ainda possuía meu brinquedinho favorito.

As luzes da cidade cintilavam pelas janelas enquanto eu seguia em direção a uma das mesas. Meridian ficava a menos de uma hora da minha cidade natal, onde Winter dormia, e mesmo com o brilho ofuscante da balada abaixo, eu não tinha a menor intenção em participar de nada esta noite. Às vezes eu gostava dos *nightclubs* – a música, o barulho, o sexo –, mas era aí que estava... Eu gostava de uma coisa de cada vez.

Um sorriso curvou o canto da minha boca quando retirei um cigarro do maço e pendurei entre os lábios, acendendo a ponta com o isqueiro.

— É melhor que você tenha me trazido alguma coisa boa — eu disse a Rika, dando uma tragada. — Nosso pequeno encontro vem com algumas condições, garota.

— Relacionamentos saudáveis requerem um pouco de reciprocidade — ela respondeu. — O que te entreguei da última vez foi bem valioso, Damon. Agora é a sua vez.

Dei uma risada, segurando o bastão de nicotina entre o polegar e o indicador enquanto inalava outra vez.

— Eu te dei informações.

— Você não me apresentou nenhuma prova — retorquiu.

Traguei novamente, enchendo os pulmões com o aroma adocicado e, em seguida, inclinei a cabeça para trás para soltar a fumaça para cima. *Essa garota era uma monstrixinha mesmo, porra.*

— Venha cá — eu disse, sem me virar para olhar para ela.

Winter não era a única mulher na minha cabeça. Eu tinha contas a acertar com essa aqui também.

Por um instante, não ouvi nenhuma movimentação, mas vi sua sombra pelo canto do olho. No entanto, ela parou em seguida.

— Mais perto — provoquei.

Devagar, ela se aproximou, parando a poucos centímetros de distância.

Pegando outro cigarro do maço, virei a cabeça para encará-la e deparei com seu olhar. Só então lhe ofereci.

Ela havia se vestido como se estivesse disfarçada, mas tudo bem. Eu gostava dos nossos encontros secretos. Essa era uma parte dela que

Michael não possuía.

Arqueei as sobrancelhas, estendendo o cigarro para que ela o pegasse. Eu sabia que ela gostava deles.

No entanto, ela sorriu de leve e enfiou a mão dentro do bolso, retirando um maço inteiro de *Davidoffs* que havia roubado do meu estoque.

— Jesus... — murmurei.

Ela pegou o cigarro da minha mão, de qualquer forma, e enfiou por baixo do nariz para cheirá-lo.

— Valeu.

Balancei a cabeça. Ela deve ter se esgueirado no meu apartamento no Delcour quando procuraram por mim lá em primeiro lugar e deve ter roubado meu maço.

Coloquei o cigarro na boca antes de fechar a porta do armário e me afastar.

— Aqueles quartos são meus — eu a adverti. — Não quero que entrem lá quando não estou.

Não queria que ela ficasse revirando minhas coisas.

— Os quartos não são seus — argumentou. — Michael não sabe que você ainda vai pra lá, e eu posso mudar isso a qualquer momento. — Guardou o pacote no bolso da camisa. — Graças a mim, você ainda pode se esconder por lá bem debaixo dos nossos narizes.

— E graças a mim, Michael não sabe que *você* está *deixando* que eu me esconda bem debaixo dos seus narizes. — Eu a encarei com

seriedade. — Você vai se foder tanto quanto eu, então dá um tempo.

Ela arqueou uma sobrancelha, mas não insistiu. Ela sabia que devia temer que essa informação vazasse muito mais do que eu.

Entretanto... por mais que eu gostasse das nossas pequenas “trocas”, ainda assim, estava puto porque ela já não desconfiava de mim. Depois de tudo o que tentei fazer com ela e ainda poderia fazer.

Quando levantei a cabeça, vi que ela estava me encarando.

— O que foi? — Dei mais uma tragada, seguindo em direção às janelas.

— Achei que você o chantagearia com a informação que te dei — explicou. — Ou que arruinaria algumas de suas parcerias.

Ela estava falando sobre o pai de Winter.

— Tenho que admitir que você ultrapassou o limite da minha imaginação.

— Impressionada? — Olhei por cima do meu ombro enquanto sacudia as cinzas.

— Assustada — esclareceu.

Comecei a rir.

— Era essa a minha intenção.

— E sinto-me culpada. — Sentou-se no braço de um dos sofás, e dava para ver, pelo canto do olho, que ela me encarava. — Não dá para acreditar no que você fez hoje. Você foi direto na jugular e... cara, você sabe como amarrar alguém, não é? Que porra eu estava pensando quando a coloquei nisso?

— Aww... não se preocupe. Ela ia se ver comigo com ou sem a sua ajuda, mais cedo ou mais tarde. — Soltei uma baforada e fui em busca do cinzeiro sobre a mesa.

— Não a machuque — Rika pediu.

No entanto, apenas dei uma risada de escárnio enquanto me livrava da guimba do cigarro.

— Fala a garota que me deu toda a informação necessária para acabar com o pai dela, além de tomar a casa e a fortuna de sua família.

O pai de Winter usava os serviços do mesmo contador da família de Rika. O mesmo contador descontente e ansioso que insinuou que Griffin Ashby pode ter enganado o falecido pai de Rika em alguns negócios imobiliários anos atrás. Não fazia ideia de como ela havia conseguido as provas para aquela acusação, mas ela só veio até mim quando estava com os documentos em mãos, ciente de que aquilo era mais do que suficiente para que eu pudesse destruir os Ashby.

E, em troca, eu a ajudaria com um assunto que ela precisava. Algo que eu não estava tão seguro se queria entregar para ela por agora. Eu gostava de tê-la ao redor, e não queria que isso acabasse.

— Você sabe o que quero dizer — continuou. — Não a *machucue*.

Você diz... mais do que tomar tudo o que Winter possuía para deixá-la dependente de mim para sempre?

Ou machucá-la tipo...

Humm, isso é o que você quis dizer, não é mesmo? Não magoá-la.

— Você tem noção de quantas vezes Will sangrou na prisão? — perguntei. — Você sabe quantas vezes o Kai teve que se esforçar para não vomitar as tripas por causa do estresse e do medo de ter que olhar por cima do ombro constantemente?

O olhar sério de Rika permaneceu conectado ao meu.

— Você sabia que não importava o tanto de dinheiro que Michael usou para subornar as pessoas lá dentro, ainda assim, havia um monte de gente que queria ver os filhos riquinhos da elite de Thunder Bay sofrendo na cadeia? — prossegui. — Você faz ideia do tanto que os dois adoeceram por causa da privação do sono e de comida, enquanto tentavam lutar contra o medo e o sofrimento?

Ela abaixou o olhar por um instante, sentindo-se desconfortável, mas permaneceu em silêncio.

— Sim, você não sabe... e nem eu — admiti. — Porque eu não estava lá.

Ela ergueu a cabeça e me encarou, confusa. Andei de um lado ao outro pela sala enquanto continuava a dizer:

— Três andares abaixo do prédio prisional número 6, no porão, no final de um corredor abafado e debaixo de mais de um metro de concreto, era lá que eu estava. — Cerrei as mãos em punhos, sentindo a raiva retornar com força. — Por três anos. Você não sabia disso, não é?

Seus olhos azuis e penetrantes, mesmo na penumbra, me encararam.

— Banks achou que estava me fazendo um favor — eu disse. — E Gabriel concordou com ela, já que ele possuía muitos inimigos com seus comparsas ali dentro. Eu corria mais risco do que Kai ou Will, então fui confinado na solitária. — Expirei o ar com força, sentindo o sangue ferver. — Vinte e três horas por dia, sete dias por semana; todo maldito dia... por cento e sessenta semanas. Isso dá um total de mil cento e vinte dias. Trinta e seis mil e oitocentas e oitenta horas, Rika.

Meus dedos formigaram com a vontade insana de arranhar minha pele, mas me controlei.

— Eu tinha permissão de sair para o pátio por uma hora durante o dia, mas mesmo assim, eu estava sozinho. — Andei ao redor da sala, olhando para ela de relance. — Eu comia, andava e sempre fazia tudo sozinho. Meu pai não queria que eu fosse morto ali dentro, então me isolou de tudo e de todos.

Comecei a circular pela parte de trás do sofá onde ela estava sentada e deslizei a mão pelo balcão do barzinho, sacudindo o canto e fazendo com que as garrafas em cima se chocassem umas contra as outras. Um calor escaldante começou a percorrer meu pescoço.

— No primeiro dia, você fica só imaginando o que está acontecendo — expliquei. — Ninguém te diz nada. Ninguém responde às suas perguntas. Você não consegue ver nada além daquele seu caixote de cimento. E, depois da primeira semana, você começa a falar sozinho, só porque você não tem mais nada para fazer e está ficando entediado pra caralho.

— Você quer dizer porque estava solitário? — ela alfinetou.

— Eu estava aborrecido — corriji, por entre os dentes cerrados. — Ninguém ia me visitar. Onde a Banks estava? Ela deveria estar lá. Por que a estavam mantendo longe de mim? — Então assenti. — Mas aí você percebe que consegue lidar com isso. Consegue suportar qualquer merda que eles te lançarem. Will estava bem. Kai também. Eles ficariam bem.

Continuei andando em círculos pela sala, sentindo os músculos do pescoço agora tensos enquanto passava as mãos pelas mesas e andava um pouco mais rápido, sem nunca afastar o olhar do dela.

— Mas depois de um mês lá, você começa a sentir a sua cabeça pesada — comentei, ficando sem fôlego com a lembrança. — Pesada pra caralho, Rika. Como se não conseguisse nem mesmo levantá-la. Então você começa a fazer coisas para se livrar disso, como bater a cabeça na parede uma vez atrás da outra.

Passsei perto de um vaso e o enviei diretamente para o chão de madeira, mas não parei por ali. Era como se eu estivesse na minha cela outra vez, enlouquecendo enquanto dava voltas em um espaço de 2,5m².

— E sua pele começa a parecer apertada demais, os muros começam a se fechar contra os seus pulmões, e você não consegue respirar; e o seu cérebro começa a ficar enevoado, porque o mundo agora é totalmente diferente do que você estava acostumado. — Inspirei profundamente e fechei os olhos por um momento. — E tudo o que você mais quer fazer é sair correndo dali. Fugir mesmo. E respirar. Porque a gente começa a se sentir rastejando por dentro. Você não quer mais simplesmente sair da cela. Quer sair da sua própria pele.

Estremeci e tentei puxar o ar, sentindo um aperto no peito.

— E quando você finalmente recebe uma visita... quatro guardas que seu pai pagou para te darem uma surra no primeiro mês, de forma que você não fique muito acostumado com a solitária, você começa a ansiar por isso. — Arreganhei os dentes, ainda a encarando enquanto andava de um lado ao outro. — Porque a dor física acalma a

dor na sua mente. É bom... como uma espécie de interruptor no seu cérebro. Daí, você começa a se lembrar da putinha sentada naquele tribunal, mesmo que ela não tivesse que estar lá, satisfeita quando vê você sendo acusado e sentenciado por algo que não fez e que foi criado com mentiras. — Senti o nó na garganta, quase dificultando que pudesse continuar: — Como se você a tivesse forçado a ficar pelada e abrir as pernas, dando detalhes sórdidos de como a obriguei a fazer coisas que eu facilmente poderia ter conseguido da irmã que estava dormindo no final do corredor... ou de qualquer garota que eu quisesse. — Eu dizia tudo aquilo aos gritos agora. — Agindo como se aquela vez não tivesse sido a única em que não odiei estar fodendo alguém.

Ofeguei, sentindo minha agitação sendo substituída por ódio, e visualizei Winter na minha cabeça, vendo tudo em vermelho em seguida. Parei e encarei Rika, mas minha raiva continuava fervilhando.

— E talvez ela não tivesse conseguido impedir que eu fosse condenado, mas poderia ter dito a verdade a eles. Ela podia ter se levantado naquele dia e dito alguma coisa. Ela podia ter aberto a boca e falado alguma coisa, porra — rosnei, sentindo o nó na garganta se apertar mais ainda. — Mas ela ficou calada, e aí quando você vê... está indo para a solitária por três anos, sozinho, e seus amigos estão se virando por conta própria enquanto sua mente lentamente vai saindo do eixo... e você arranca seu próprio cabelo porque animais fazem coisas meio insanas quando ficam enjaulados por muito tempo...

Arfei, tentando abaixar o tom de voz.

— Três anos — repeti, pau da vida. — Três. Anos. Rika.

Parei por um instante, dizendo quase em um sussurro à medida que minha respiração se normalizava:

— Então... sim — debochei. — Pode apostar que vou machucá-la.

Ela se sentou lá com o olhar brilhante e um pouco vacilante, porém com a postura ereta. Rika não era idiota, e eu sabia disso. Ela devia ter suspeitado que estava abrindo uma lata de vermes quando me deu aqueles documentos, mas, no fundo, decidiu que o que eu poderia oferecer valia os danos que seriam causados. Dentro dela havia algo “não tão honroso assim”, também.

Ela fez o que fez para conseguir o que queria, e eu tinha que admitir: senti uma pontada de orgulho dessa nova e improvável “amiga” à minha frente.

No entanto, repetindo... ela não era uma mulher idiota. Sabia o que desencadearia entre mim e Winter, e era até possível que aquilo fazia parte de seus planos. E embora eu estivesse curtindo nossa camaradagem recém-adquirida, Erika Fane não conseguiria ficar

calada e me deixar fazer o meu trabalho. Ela tentaria proteger Winter.

E eu deixaria que tentasse... Quanto mais ela se colocasse no meu caminho, mais rápido ela traria todo mundo de volta ao jogo.

Michael, Kai, Banks...

Will.

Cerrando os punhos, segui em direção ao bar e servi uma dose de

vodka, tomando tudo de um trago só, servindo outra dose de imediato.

Will.

E Winter.

Will e Winter.

Bebi de um gole, sentindo o sangue ferver e rastejar pelo meu peito enquanto eu fechava os olhos para logo em seguida ouvir Rika pigarrear.

— Então, você já conseguiu alguma coisa para mim? — perguntou, como se não tivesse acabado de ouvir tudo o que despejei. — Ou está pronto para admitir que é totalmente incompetente?

Apertei o copo de vidro com a mão, o calor da bebida ainda ardendo na garganta, e o arremessei do outro lado da sala, na direção onde estava sentada.

Filha da puta.

O copo se espatifou contra a parede acima da cabeça dela, e o máximo que Rika fez foi virar o rosto de lado, mal piscando enquanto soltava uma risada baixa.

Ela praticamente não sentia mais medo de mim.

— Ligue ou mande uma mensagem para Banks — instruiu, ignorando meu acesso de raiva. — Ela está preocupada com você.

— Não está, não. — Acendi outro cigarro e enchi outro copo. — Banks me conhece melhor do que ninguém. Ela sabe muito bem que sempre cuido dos meus interesses primeiro.

— E quanto a Will?

Fui em direção ao sofá, dando-lhe um olhar de relance.

— Ele tem problema com alcoolismo — informou.

No entanto, eu simplesmente sorri.

— Para os homens, isso não é um problema.

Todo cara que eu conhecia ou com quem havia crescido bebia. Você toma sua dose e faz o que tem que fazer. Mulheres eram fracas para bebidas, razão pela qual nunca deixei que Banks bebesse.

— Ele tem problema com vício em drogas — Rika emendou.

Eu me recostei no sofá, apoiando um braço atrás da cabeça e a encarei.

Ela estava me dizendo aquilo mesmo por quê...?

Coloquei o cigarro entre os lábios outra vez e dei uma tragada longa. Conheci Will no início do ensino médio, e ele já mexia com

drogas desde aquela época. Maconha, Ecstasy, pílulas, coca... Tudo rolava desenfreadamente na nossa escola. O único motivo pelo qual não entramos na onda de heroína era porque tínhamos dinheiro suficiente para conseguir as drogas *tops* do médico da cidade.

Além do armário de remédios de nossas mães.

Aquilo era basicamente a única coisa em que eu e Michael concordávamos.

Não usávamos drogas. Nós éramos as *drogas*.

— Tenho certeza de que vocês vão tomar conta disso — eu disse.

— Você estava choramingando agora há pouco porque não estive lá por ele, na prisão, mas agora está querendo sair fora.

— Vá para casa — instruí.

Para alguém tão inteligente, ela sabia ser meio burra. Eu era a última pessoa de quem Will desejaria ou necessitaria de ajuda.

Ela parou por um momento, como se estivesse esperando que eu dissesse algo mais, mas então se virou e saiu marchando dali em direção à porta.

No entanto, alguma coisa chamou sua atenção e a fez parar para pegar a pequena caixa preta que estava sobre a mesinha ao lado do sofá. Devagar, ela inspecionou o que era.

Meu coração pulou uma batida assim que reconheci o que ela segurava em sua mão. Cerrei os dentes com força a ponto de sentir dor e me levantei rapidamente, dispensando o cigarro no cinzeiro e indo até ela.

Arranquei a caixa de suas mãos e fechei-a na mesma hora, ouvindo os itens ali dentro sacudindo quando a joguei no sofá. Em seguida, agarrei-a pela gola do casaco, empurrando-a contra a parede.

Ela me encarava com aqueles olhos azuis, com valentia e pronta para a briga, mas os ofegos suaves me mostraram que ainda sentia um pouco de medo.

— Vamos olhar por esse lado. — Eu a encarei de volta, pairando sobre ela. — Eu poderia te partir ao meio a qualquer instante para que ficasse de boca fechada. Você precisa de mim, e não o contrário. Não somos amigos.

Fique longe da minha casa. Fique fora das minhas coisas. Nada mais de conversa-fiada.

— Que bom que você sabe disso — ela respondeu, surpreendentemente com a voz firme.

Eu a liberei do meu agarre e me afastei de volta ao sofá, guardando o conteúdo que havia caído da caixa e fechando o trinco. Eu havia pegado algumas coisas da casa do meu pai e trazido até aqui para que o motorista levasse ao meu apartamento no Delcour esta noite.

— Eu me pareço com ela. — Ouvi Rika dizer. — Não é mesmo? É por isso que você sempre me odiou.

Hesitei por um instante.

Parecida com ela. Com Winter.

Cabelo loiro, olhos azuis, mesma idade, mesma pureza selvagem... Como a inocência de um tornado ou um furacão furioso.

— Eu odeio todos vocês — murmurei. Disse aquilo sem nem ao menos pestanejar.

Odeio todos vocês. Odiava a todos quem? O grupinho do qual uma vez fiz parte? Mulheres? Pessoas em geral? Vá saber... e ela também não me pediu para esclarecer.

Porém, um lado meu queria que ela entendesse.

Jesus Cristo.

Precisávamos voltar a falar apenas de negócios.

Assim que ela chegou à porta, eu a chamei:

— Erika?

Pelo canto do olho, vi quando ela parou enquanto eu ia em direção ao armário para pegar uma das duas pistolas que guardava ali dentro. Ejetei o carregador da Glock e verifiquei a câmara para me assegurar de que não estava carregada, então estendi a arma e o carregador para que ela os pegasse.

Rika arqueou as sobrancelhas na mesma hora.

— Não pode ser rastreada — informei.

Eu não tinha permissão para portar uma arma de fogo, já que era ex-condenado e essas coisas, mas... enfim.

Ela olhava de um lado ao outro, confusa.

Sem paciência, diminuí a distância entre nós e fiz com que segurasse a arma.

— Dê um jeito de aprender a usar uma dessas.

— Por que eu precisaria disso? — perguntou, ainda sem saber ao certo se deveria largar a pistola no chão e sair dali correndo.

— Porque meu pai é mais esperto que nós dois. E, uma hora ou outra, vai tentar nos pegar. Talvez você precise disso.

— Então... se o seu pai vier atrás de mim, você está me dando uma arma para que possa matá-lo? — perguntou, com sarcasmo. — Para que ele não me mate primeiro?

Dei um suspiro exasperado.

— Caralho, você é meio burrinha — murmurei. — Até parece que ele viria pessoalmente atrás de você. Isso é para você usar nos caras que ele mandar para fazerem o serviço. Se alguém vai matar ele, esse alguém serei eu. Agora, dá o fora. — Com o queixo, gesticulei em direção à porta, pegando outro cigarro do maço. — Ligo para você quando tiver a informação que precisa.

Acendi a ponta e joguei o isqueiro em cima da mesa à minha frente.

— A menos que você queira ficar — caçoei, suavizando o tom de voz e deslizando o olhar pelo corpo dela. — Seu noivo está viajando e esta é a minha noite de núpcias. Talvez pudéssemos... jogar xadrez.

E por xadrez eu queria dizer...

No entanto, ela balançou a cabeça.

— Está aí a razão porque eu acho que você não é assim tão perigoso quanto finge ser — ela disse. — Você apenas ameaça.

Bati as cinzas contra o cinzeiro, meu humor se tornando sombrio à medida que a fumaça pairava no ar.

— Às vezes, sim... — sussurrei, em um tom quase inaudível. — E, às vezes, estou falando bem sério. — Olhei para ela. — Então... acredite em mim quando digo que você nunca vai conseguir escapar de mim. Nenhum de vocês vai...

Eu a observei travar uma batalha árdua para fingir uma postura desafiadora, porém havia um sinal tênue de consciência, medo e dúvida penetrando em sua mente. Ela sabia muito bem que eu não iria a lugar nenhum.

Sem dizer mais nada, ela se virou e saiu, deixando a porta aberta e fazendo a música invadir a sala enquanto sumia de vista.

Vá se foder. Isso não vai acontecer do jeito que você imaginava.

Você não vai conseguir me mudar. Eu vou mudar você.

Meu telefone tocou e, como Rika havia acabado de sair, só havia mais duas pessoas que possuíam meu número pessoal. Meu pai e meu segurança.

— Porra — suspirei assim que peguei o celular. — Alô?

— Você fez muito bem hoje — meu pai disse. — Pensei que teria que estrangulá-lo em algum momento.

Deu uma tragada longa e coloquei o cigarro no cinzeiro enquanto soprava a fumaça.

— Tenho certeza de que isso seria um pouco difícil.

— É, eu não quero te matar de verdade — ele acrescentou. — Afinal de contas, você é meu único filho.

— Não, o que quero dizer é que não tenho mais onze anos. — Peguei uma camiseta limpa e o moletom da minha mochila e fechei a porta com um chute. — Seria um pouco mais difícil para você conseguir me estrangular.

Babaca.

Ele ficou em silêncio por um instante, e dava até para imaginar a sua cara. Meu pai era um mestre em nunca perder a calma. Isso quase nunca acontecia. Mas dava para ver em seus olhos. Aquele sinal de irritação. O desgosto pela minha infantilidade.

Se eu não fosse sangue de seu sangue, e seu único herdeiro, eu tinha certeza de que ele já teria me matado há muito tempo.

— A cidade está fervilhando com as notícias — prosseguiu, mudando de assunto. — Quero aproveitar o momento. Os Crist darão uma festa de noivado para Michael e Erika em uma semana. Você irá com Ari, e faça o favor de levar as outras duas, também. Elas são sua família agora, e precisam recuperar a reputação.

— E elas vão conseguir isso ao comparecem ao meu lado? — Pensei em voz alta.

A ironia pelo fato de a minha presença servir para ajudar alguém a recuperar sua reputação não me passou despercebida.

— Tenho que ir — cortei o assunto. Eu faria o que ele estava mandando, então nem adiantava discutir. Queria ir àquela festa porque todo mundo estaria lá.

— Só um aviso — ele disse. — Luka e Dower pararam Winter e um cara na estrada, essa noite. Ela estava com uma mala de viagem.

Parei o que fazia, esperando pelo restante do relato.

— E...?

— E ela agora está de volta ao lugar onde pertence.

Relaxe a postura, consciente de que ela não teria ido muito longe, mas, ainda assim, eu precisava confirmar. Eu sabia que ela tentaria fugir. E agora esperava que tentasse outra vez.

Um cara...

Ethan Belmont. Cerrei o punho por instinto. Eu esperava que ela tivesse transado com ele. Que tivesse transado pra caralho e que ainda fizesse isso, para que eu ficasse de olho aberto. Isso me daria mais uma razão para odiá-la e querer machucá-la. Era toda a diversão que eu ia ganhar com esse casamento com sua irmã.

No entanto, meu pai continuou, como se tivesse lido meus pensamentos:

— Só para deixar bem claro — ele disse. — Quero Arion grávida antes do final do ano. Você conhece as regras. Faça seu dever de casa antes de sair para brincar.

Arqueei uma sobrançelha. Eu nunca fiz tarefas de casa na minha vida inteira.

— E precisamos conversar a respeito de você ter algumas responsabilidades na *Communica*. Já está mais do que na hora de você fazer por merecer a sua herança. Preciso que vá ao...

Encerrei a ligação e joguei o celular no sofá. *Communica* era uma de suas empresas e... não. Ele ficaria puto por eu ter desligado na sua cara. Ele me ligaria mais tarde ou amanhã, ou faria seus capangas me levarem à força para encará-lo a fim de terminar essa discussão, mas eu estava pouco me fodendo para isso.

Sempre tive a visão limitada em relação às coisas que eu

queria, e era sempre uma coisa de cada vez. Era impossível me concentrar de outra forma.

As escolhas que fiz provavelmente não me garantiriam uma vida longa, mas era como se eu sempre soubesse disso e aceitasse o fato. Eu morreria jovem. Nunca pensei em trabalhar, e só a ideia de ir a um dos escritórios de Gabriel Torrance, todo santo dia, me dava vontade de vomitar.

Talvez eu fosse preguiçoso.

Egoísta.

Egocêntrico.

Ou talvez minha cabeça nunca tivesse sido feita para uma vida longa sem consequências. Para mim, as coisas eram imutáveis, e eu não tinha disciplina suficiente para nada além daquilo que colocava na cabeça.

Troquei de roupa, vesti o jeans, a camiseta e o moletom preto, e então peguei a caixa de madeira que Rika havia segurado. Percebi que algo tinha ficado preso na tampa, impedindo que fosse fechada adequadamente.

Eu a abri e empurrei a lâmina de barbear para dentro, hesitando quando

vi o restante das coisas que havia ali. Um punhado de iguarias que foram constantes e confiáveis enquanto eu era criança, e as únicas coisas nas quais eu podia confiar.

Um clipe de papel, agulha de costura, um prego, um estilete, tesouras, um dente de tigre, um pequeno chifre de animal, o esqueleto de um pássaro com as bordas das narinas afiadas. A maioria deles estava esterilizada, não tendo sido usados já por um bom tempo, mas meu olhar foi atraído para o isqueiro, e, distraidamente, esfreguei o polegar contra o dedo indicador, sentindo a pele mais grossa por conta da queimadura antiga.

Encarei o alfinete. *Eu poderia dormir esta noite. Se eu realmente quisesse isso.*

Tamborilei os dedos sobre a caixa, quase cedendo ante o desejo tentador, mas então ouvi uma batida à porta e pisquei, respirando fundo.

— Senhor — Matthew Crane, o chefe da minha equipe de segurança concedida pelo meu pai, me chamou. — O equipamento extra que o senhor solicitou já está no local.

Assenti, distraído, fechando a caixa e travando o fecho.

— Pode ir para casa — orientei. — Não vou precisar dos seus serviços por alguns dias.

Enfiei a caixa na bolsa de ginástica e fui até o sofá para terminar de me vestir, amarrando o cadarço das minhas botas. Depois enfiei o terno dentro da bolsa, de qualquer jeito.

— Você está indo hoje à noite? — ele perguntou, provavelmente quando percebeu meu traje. — Já está bastante escuro e é capaz que vá chover, senhor.

Dei um olhar de relance para ele enquanto terminava de organizar minhas coisas.

Ele não insistiu no argumento, preparando-se para sair.

— Parabéns — comentou. — Pelo casamento. Aguardaremos notícias suas.

Eu o segui até a porta, sendo flanqueado por ele e outro cara enquanto descíamos as escadas até a saída da boate.

Era bom que eles descansassem enquanto pudessem mesmo. Quando a merda batesse no ventilador, eles teriam algumas noites insones.

Exatamente como eu teria esta noite.

Já era hora de voltar a Thunder Bay.

Fiz muito mais do que aquilo que me levou à prisão – coisas bem piores. Winter não fazia a menor ideia de quão ruim sua situação poderia ficar.

Capítulo 5

Winter

Sete anos atrás...

— Então você só podia estudar em casa? — Erika, ou Rika, perguntou, enquanto seguíamos lentamente pelo corredor da escola.

Ela me guiava pelo caminho, minha mão segurando seu cotovelo.

— Os livros estão em formato de audiobooks — continuou. — Daí, então, o professor vai enviar as anotações do seminário, e o computador vai ler tudo pra você, e...

— É, meus pais vão preferir assim — admiti. — Na verdade, eles queriam que eu tivesse continuado em Montreal. Mas preciso aprender a estar perto das pessoas.

Estive frequentando as aulas em Penoir, uma escola para cegos no Canadá, por mais de cinco anos. E, por mais que tenha gostado de lá, cercada de pessoas que levavam a vida do mesmo jeito que eu, queria voltar para casa. Queria aprender a viver aqui outra vez e lidar com a pessoa que eu havia me tornado, só que agora em um ambiente normal. Eu sentia falta do cheiro do mar que sempre permeava nossa casa, e também do salão de festas onde eu podia dançar à vontade.

Era para o meu bem, também. Eu queria praticar mais balé e começar a frequentar as aulas outra vez, talvez procurar por algo profissional e com o apoio da minha família.

— Deve ter sido solitário — Rika comentou.

Alguém esbarrou no meu ombro ao passar apressadamente pelo corredor e achei que perderia o equilíbrio por um segundo. Essa era a parte do retorno à escola que eu não ia curtir. Os corredores lotados, os gritos, as risadas e os burburinhos, além de todos os olhares em mim. Ergui a cabeça, torcendo para que desse a impressão de estar relaxada.

— Hum, bem... — debochei. — Não dá pra dizer que eu *queira* realmente estar cercada de pessoas. Só tenho que aprender a fazer isso de novo.

Ela deu uma risada e se virou para um lado.

— Virando à direita — avisou em um sussurro.

— Na verdade, eu tinha um monte de amigos — continuei, seguindo pelo corredor. — Não era assim tão solitário. Era confortável, acho. Eu irrito minha irmã, então já que ela vai se formar no final deste ano, acho que essa é minha última chance de estar por perto para isso.

Ela riu outra vez.

— Que divertido. Eu sou filha única.

Fiquei imaginando se meus pais me manteriam por perto se eu fosse a única filha, ao invés de me mandarem para uma escola distante de forma que outras pessoas cuidassem de mim.

Meu rosto começou a esquentar à medida que caminhávamos, e eu já não sabia se era por estar nervosa ou outra coisa.

— Tem gente me encarando? — perguntei.

— Eles estão *nos* encarando.

— Por quê?

Ouvi seu suspiro ao meu lado.

— Acho que... estão confusos. Nós somos meio que parecidas.

— É mesmo? — retruquei. — Você é gostosa?

Se ela fosse gostosa, então isso significava que eu era também.

No entanto, ela apenas riu.

— Quando penso na minha aparência — eu disse a ela —, penso na garotinha que me encarava do espelho quando eu tinha oito anos.

— Então você pensa em... fotografias?

Pisquei. Fotografias?

Ela deve ter visto a confusão no meu rosto, porque correu para se desculpar:

— Me perdoa. Eu sinto muito. Essa pergunta foi meio idiota, né?

Balancei a cabeça em negativa.

— Não... eu só... estou acostumada a estar ao lado de pessoas que sabem como é, acho. Vou ter que aprender a lidar com as perguntas. — Então acrescentei: — E em deixar as pessoas à vontade para que perguntem o que quiserem. Está tudo bem. — Dei uma risadinha e umedeci os lábios. — E, sim, respondendo à sua pergunta... Meu cérebro ainda funciona, só meus olhos que não. Quando tento imaginar as coisas que não vi antes, no entanto, como você ou o interior dessa escola, as coisas se complicam um pouco mais. Às vezes eu consigo mapear na minha mente, e sou capaz de criar uma impressão daquilo. Em outras vezes, visualizo as coisas como uma cor ou sentimento, ou um som que me ajude a identificar.

Então várias imagens se passaram na minha cabeça, refletindo a forma como eu projetava as coisas na minha mente.

— Às vezes — continuei —, é só uma lembrança. Tipo... quando penso em árvores ou no bosque ao redor da minha casa, eu visualizo as últimas árvores que vi. Não importa onde eu esteja. Todas as árvores se parecem com aquelas que vi naquele jardim em forma de labirinto com uma fonte no meio. Cercas-vivas altas e em um tom verde-escuro... — fiz uma pausa, antes de prosseguir: — Uma fonte...

— Labirinto? — sondou. — Não aquele que tem na casa de

Damon Torrance...

Minha expressão mudou na mesma hora e eu quase tropecei.

Damon.

Ela disse o nome dele de forma casual, como se eu soubesse quem ele era, como se estivesse acostumada a ouvir seu nome todo dia; como se ele fosse um garoto qualquer, morando bem aqui em Thunder Bay. Tudo muito normal para ela.

É claro que eu sabia que ele ainda morava aqui, mas ao ouvi-la confirmar aquilo tão de repente, simplesmente me fez perceber que abaixei minha guarda por completo.

A verdade era que eu não tinha ouvido falar dele em seis anos. Seu nome nunca era mencionado na nossa casa, não desde aquele dia em que o encontrei sentado por trás da fonte e acabei coberta de sangue no final. Todo mundo dizia que havia sido um acidente, mas ele me assustou muito naquele dia. Ele causou a minha queda.

No entanto, eu sabia que ele estaria por aqui. Acho que apenas não quis pensar naquilo. Eu era caloura e ele já estava no último ano do ensino médio, a caminho de uma universidade em questão de poucos meses. Meu pai queria que eu esperasse até que ele tivesse saído da escola – começar a estudar já no segundo ano do colegial, mas eu queria começar logo. Meus colegas de classe teriam sido transferidos para cá do ensino fundamental, igual a mim, então eu queria estar em pé de igualdade. Pelo menos naquele aspecto. Queria viver todos os anos necessários até que me formasse.

Eu só teria que evitá-lo, assim como ao seu círculo de amigos, mas provavelmente ele não se incomodaria em querer me causar problemas. Não sei como ele poderia esquecer o que aconteceu, porque eu nunca conseguiria fazer isso, mas era bem possível que ele sequer se lembrasse de mim. Já havia se passado muito tempo...

— Bom... — Rika começou a dizer quando viu que fiquei calada. — Deve ser legal viver apenas com as boas memórias.

Assenti, sem corrigir sua suposição equivocada. Quisera eu poder me lembrar de quaisquer outras árvores, menos aquelas.

Paramos perto de seu armário e a ouvi remexer ali dentro para acomodar sua mochila, bem como a minha. Não que eu possuísse muita coisa na bolsa. Alguns fones de ouvido, um gravador digital que a escola me fez comprar para que pudesse gravar as aulas e seminários – ainda que eu tivesse um aplicativo no celular que fazia exatamente aquilo –, minha carteira e, claro, meu telefone.

Eu já havia feito o *download* de todos os meus livros de exercício e leituras em áudio no celular, e havia deixado meu *laptop* no meu próprio armário antes da aula de Biologia, já que me informaram que não precisaria do computador para aquela matéria. A funcionalidade do programa “texto-voz”, onde eu podia digitar o

dever de casa e depois ouvi-lo para me assegurar de que havia digitado corretamente, sempre me foi útil, mas ter que fazer trabalhos em grupo enquanto estava com os fones de ouvido seria um obstáculo que nem cheguei a cogitar antes. Minha curva de aprendizado, agora que vim estudar aqui, seria íngreme.

— A gente pode buscar suas coisas depois do almoço — Rika informou.

Meu armário ficava do outro lado do corredor e o refeitório ficava perto de onde estávamos. De alguma forma, o jeito com que ela acomodou minhas coisas junto às suas e reafirmou que estaríamos juntas durante a tarde me deu certo conforto. Uma espécie de senso de pertencimento.

Almoço. Suspirei, um pouco nervosa. Aquele era o momento que eu mais temia. Mesmo que os eventos da manhã também pudessem concorrer a algum prêmio tipo “momentos mais constrangedores”.

Os cochichos durante a aula de Matemática.

O silêncio desconfortável na aula de Francês.

As risadas no laboratório de Ciências, quando a presidente da turma se apresentou e ofereceu ajuda em um tom de voz *bem alto* como se eu fosse surda, em vez de cega.

A discussão verbal um pouco tensa com a professora de Educação Física, que esqueceu de me encaixar em seu plano de aula sobre basquetebol, tendo que, por fim, me colocar para fazer exercício em uma esteira por trinta minutos, por conta própria.

Tudo isso já era meio que esperado, acho. Eu era a única estudante com deficiência visual ali, além de ser a filha do prefeito. Acho que a curva de aprendizagem se aplicaria a todos nós, afinal.

— Uh-huuu! — Ouvi gritos no final do corredor e virei a cabeça em direção ao ruído, notando que uma porta havia sido aberta e fechada várias vezes até se chocar contra a parede.

Alunos nos empurraram de todos os lados, espremendo-se entre mim e Rika e fazendo com que nos separássemos à medida que eles tentavam chegar seja lá onde queriam estar.

Até que ela segurou novamente minha mão e liderou o caminho. Ela não havia feito aquilo durante a manhã inteira, e minha mãe a advertiu que eu não gostava quando faziam isso. Eu preferia me apoiar neles, não que segurassem minha mão como se eu fosse uma criança.

— Au-uuuh! — alguém uivou e virei a cabeça rapidamente, tentando descobrir o que estava acontecendo. Esta escola era muito mais barulhenta do que imaginei.

Meu polegar roçou contra o punho da camisa de Rika enquanto ela mantinha minha mão firmemente presa à dela e continuei andando

devagar por entre a multidão.

Ela não estava usando uma camisa de manga curta, tipo uma camiseta Polo? Com um colete de suéter, sei lá? Eu havia sentido o tecido de ambos quando segurei seu braço durante a manhã.

Entrecerrei os olhos.

E, logo depois, ouvi meu nome.

— Winter! — Era a voz de Rika.

E pela distância, não pertencia à pessoa que segurava minha mão.

Estaquei em meus passos.

— Winter! — ela gritou outra vez. — Levante a mão para que eu veja onde você está!

Soltei minha mão do agarre de seja lá quem era a pessoa que havia me segurado e estava prestes a erguer acima da cabeça, para que Rika me localizasse, quando a pessoa me agarrou e ouvi o som de uma porta se abrindo, e, em seguida, fui empurrada e tropecei para dentro de uma sala completamente diferente, com o piso ladrilhado abaixo dos meus pés, o ar mais úmido e um cheiro estranho... uma mistura de suor, equipamentos esportivos e perfume.

Ou... sabonete líquido.

Ergui as mãos à minha frente, sentindo a respiração acelerar quando percebi que o ruído ao meu redor mudou. Os gritos e burburinhos do corredor haviam se distanciado, não havia barulho de portas sendo abertas ou fechadas e nem mesmo a presença de... vozes femininas.

— Acho que você está no lugar errado, queridinha — um garoto disse, rindo.

— Uh-huuu — outro garoto caçoou quando veio na minha direção, e ouvi alguns assovios ao redor da sala.

Ai, merda.

Senti o nó no estômago na mesma hora.

Quem havia me agarrado para me enfiar aqui dentro? Será que Rika havia visto que eu sumi? *Ai, meu Deus.* Virei, de repente, tentando descobrir onde a porta estava. Quando a puxei para abrir, percebi que não cedia nem um centímetro. Ouvi as risadas explodirem do outro lado e senti as lágrimas se acumulando nos meus olhos à medida que eu esmurrava a porta. Ela pareceu ceder um pouquinho, acho, mas as risadas se tornaram mais altas na sala e, outra vez, alguém se pressionou contra ela, pelo lado de fora, mantendo-me presa ali dentro.

Putá que pariu. Meu coração estava trovejando no peito. Eu não estava no vestiário. Fechei os olhos, rezando. *Por favor, faça com que eu não esteja no vestiário.*

— Precisa de uma ducha? — uma voz masculina disse, atrás de

mim.

— Acho que ela precisa de um banho frio, cara! — outro cara gritou de algum lugar.

As risadas ecoaram à minha volta, o nível do ruído irritando meus ouvidos à medida que mais pessoas se concentravam em mim. Dei a volta, com as mãos um pouco à frente do corpo, mas pisquei para afastar as lágrimas enquanto endireitava os ombros.

Quanto menos eu demonstrasse que estava afetada, menor seria a reação deles. Com certeza devia haver algum técnico aqui dentro ou um professor, sei lá.

Como eu era idiota. Sabia que as zoações, pegadinhas e o *bullying* poderiam acontecer para alguém como eu, mas de uma maneira prepotente pensei que meu status social me protegeria. Ou o status do meu pai, de qualquer forma.

Mas seja lá quem foi a pessoa que me empurrou aqui para dentro, pensou em algo que não havia passado pela minha cabeça. Se eu não fosse capaz de “vê-los” fazendo isso, então não haveria possibilidade de punição.

— Porra... — alguém disse, fazendo-me virar a cabeça na direção da voz.

— Essa aí é a...? — outro cara começou a dizer, mas parou. Sua voz era jovial, talvez ele tivesse a minha idade.

— Sim, a filha do prefeito — uma voz rouca emendou. — A cega.

— Merda... Ouvi dizer que ela ia estudar aqui.

— Ela é bonitinha.

Senti meu rosto esquentar, mas mantive a mandíbula cerrada para evitar que o pânico se alastrasse. Dei a volta e tentei abrir a porta mais uma vez.

Empurrei meu ombro contra ela, que cedeu um pouquinho, mas o peso que a segurava fechada continuava lá. Mais risadas de zombaria do outro lado.

Balancei a cabeça. Eu ia matar aqueles merdas. Seja lá quem fosse, eu os mataria. Eu queria gritar – exigir que abrissem a porra daquela porta e me deixassem sair, mas isso só divertiria mais ainda os garotos que estavam ali dentro.

— Está tudo bem, gatinha. Você pode ficar — um deles disse. — Não é como se você pudesse ver as nossas partes íntimas, não é mesmo?

— O chuveiro é todo seu, querida. — Uma toalha atingiu meu corpo e eu a peguei por reflexo. — A menos que você não queira ficar sozinha...

Minhas bochechas esquentaram e eu engoli o nó na garganta algumas vezes antes de dizer:

— Oi? — gritei, na esperança de alertar algum professor que havia uma garota no vestiário. — Oi?

— Oi! — alguém me imitou.

E então mais outro.

— Oi!

— Oi!

— Oi!

As vozes masculinas ao redor começaram a gargalhar e zombar da minha cara, e eu cerrei os dentes, irritada. Nem sabia por que estava surpresa. Os garotos nessa cidade eram...

— Que porra é essa que está acontecendo? — alguém perguntou.

— Winter Ashby acabou vindo parar aqui, cara.

Fui me afastando devagar, com as mãos erguidas, notando que parecia que mais garotos haviam saído do chuveiro ou do ginásio, sei lá.

Mas antes que pudesse bater na porta outra vez, meu corpo se chocou contra alguém. Parei na mesma hora.

— Ei... — ele disse. — Eu sou o Simon.

Levei um susto e afastei-me, mas outra pessoa à minha esquerda sussurrou:

— Eu sou o Brace.

Então apareceu mais um à minha frente.

— Eu sou o Miles — ele disse e eu quase perdi o fôlego, levantando mais as mãos.

Tentei me desviar para outro lado, mas eles estavam me cercando.

— Caras, qual é! Deixem a garota em paz. Tirem-na daqui! — alguém berrou de algum lugar.

— Ah, qual é, Will...

Dei um passo para esquerda, mas havia alguém seminu ali. Virei à direita e me choquei com alguém usando apenas uma toalha. Rosnei e estiquei as mãos, empurrando o garoto que disse se chamar Miles e que estava na minha frente.

— Vocês são um bando de babacas — eu disse. — Deixem-me sair daqui!

De repente, senti o movimento de uma mão à minha frente e ouvi Miles grunhindo; o garoto que estava às minhas costas esbarrou em mim quando foi arrancado de onde estava, fazendo-me perder o equilíbrio por um segundo. Fiquei sem fôlego e ergui os braços para me proteger, mas, do nada, todos eles tinham sumido dali. Os três.

Alguém segurou minha mão e eu a puxei instintivamente, até que ouvi o cara perguntar:

— Você está bem?

Seu tom de voz era suave e gentil e me acalmou na mesma hora. Ou, pelo menos, me deixou mais tranquila do que estava alguns segundos atrás. Parei e deixei que seus dedos segurassem a pontinha dos meus.

Era um gesto simples, mas não me deixou assustada. Aquilo me reconfortou.

— Eu sou o Will — ele disse. — Vou encontrar alguém que tire você daqui, okay?

Inspirei o perfume do sabonete líquido que ele usou e do amaciante em suas roupas e assenti, sentindo-me mais calma em sua presença.

Mas então nossas mãos se separaram à força. Fiquei tensa e assombrada na mesma hora. *Mas que mer...*

— O que foi? — Will perguntou para alguém.

— Solte-a e vá terminar de se vestir — o cara que havia acabado de chegar disse. — Eu cuido disso.

Eu cuido disso? Quem era esse cara?

— Eu não estava *dando em cima* dela. — Ouvi Will dizer, mas sua voz estava se distanciando.

Espera...

Afastei-me, empurrando a porta outra vez para descobrir que ainda não se abria.

— Você se machucou? — a voz sombria perguntou.

Neguei com um aceno de cabeça. Seu tom não era de zombaria como dos outros, mas algo ali me fez parar por um segundo.

— Você vai para a aula? — ele insistiu, a voz mais próxima. Não dava para me afastar mais, então apenas me espremi contra a porta.

Abri a boca e gaguejei:

— E-eu vou p-para o almoço.

Ele se inclinou para mais perto e seu corpo roçou contra o meu, fazendo-me perder o fôlego e erguer as mãos por instinto.

— Deixe-me abrir a porta pra você — disse, em um tom profundo.

— E-eu... — Coloquei as mãos apoiadas em seu peito para afastá-lo de mim, e senti o tecido engomado da camisa, o colarinho e pele. Meus dedos se demoraram por um momento longo demais no peito nu, já que a camisa não estava abotoada.

Merda. Abaixei as mãos, mas, quando o fiz, meu polegar roçou contra um objeto – bolinhas... ou um colar de contas – que espreitava da camisa aberta.

Déjà-vu me inundou naquele instante.

Meus dedos mal o tocavam, mas fui capaz de sentir uma conta após outra, formando uma corrente aquecida pelo contato com a pele.

Deslizei um pouco mais abaixo em seu torso até o ponto em que se fundiam em uma só, bem acima de seu abdômen.

Madeira. Dava para sentir as ranhuras por baixo da superfície polida.

Um nó se formou no meu estômago na mesma hora. *Não, não, não...*

Não consegui evitar. Continuei traçando as contas do colar, sentindo os músculos rígidos por baixo, bem como pude perceber que seu ritmo respiratório mudou.

Quando alcancei o crucifixo que não queria que estivesse ali, o segurei entre as pontas dos dedos. Uma corrente elétrica percorreu meu corpo assim que reconheci os detalhes cuidadosamente desenhados na peça.

Ai, meu Deus. Soltei o rosário como se ele tivesse queimado meus dedos.

No entanto, ele agarrou minha mão, pressionando-a de volta ao cordão e à pele por baixo dele.

— Aw, por que parar quando você estava indo tão bem? — zombou.

— Damon — sussurrei, tentando me soltar de seu agarre.

— Hum-hum — afirmou. — Senti sua falta, garotinha.

Conseguí afastar minha mão e cerrei a mandíbula.

Jesus. Na minha mente, eu ainda o via como da última vez. Um garoto, não muito mais velho que eu, com um corpo magricelo e voz trêmula.

Mas tudo havia mudado. Sua mão em contato com a minha era bem maior agora, sua altura me superava e muito, e sua voz era mais profunda, clara. Ele não tinha mais onze anos.

Por que eu estava me sentindo uma criança agora que havia percebido isso?

E toda a esperança que acalentei de que tivesse me esquecido simplesmente desapareceu. Ele sabia exatamente quem eu era.

Porém, antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, a porta às minhas costas cedeu e quase caí para trás. Damon me segurou e me puxou contra o seu corpo novamente. Não tive tempo suficiente para empurrá-lo antes que alguém agarrasse a minha mão e me puxasse para longe dele. Acabei tropeçando.

— Winter — minha irmã disse, ríspida. — O que você está fazendo?

No entanto, ela não esperou pela minha resposta. Saiu me arrastando para fora do vestiário, em direção ao corredor, até que a porta se fechou outra vez. Eu podia sentir uma gota de suor escorrendo pelas minhas costas, minha cabeça estava girando e tudo em que conseguia pensar era na sensação da proximidade de Damon.

Corri para alcançar os passos apressados da minha irmã, sentindo o coração martelar no peito.

Mas meu corpo estava fervilhando também. Franzi o cenho, esfregando as pontas dos meus dedos contra o polegar como se ainda estivesse tocando as contas do terço que ele usava.



Era bem provável que Ari tenha sido a pessoa que me enfiou dentro daquele maldito vestiário masculino. Ou talvez ela tenha mandado algumas de suas amigas fazerem isso. De que outra forma ela poderia saber onde eu estava?

Deve ter ficado pau da vida quando percebeu que eu não saí de lá imediatamente, e acabou tendo que entrar para me resgatar. Será que ela e Damon eram amigos?

Eles cursavam a mesma série, mas eu não tinha certeza se frequentavam os mesmos círculos. Meus pais devem ter avisado para que se mantivesse longe de Damon, mas não era como se ela os obedecesse caso não estivesse a fim de fazer isso. Eu não fazia a menor ideia de como ele era e como minha irmã se comportava nessa escola. Em relação ao primeiro, era porque eu realmente não podia admitir que queria saber notícias ao longo dos anos, e a outra... era porque não estava nem aí mesmo. Nós duas tivemos nossa cota de brigas e mágoas nestes últimos dez anos, e eu nem sabia o porquê. Simplesmente parecia haver uma camada que a revestia e que parecia ser impossível de transpor, além do fato de não termos muita coisa em comum. Ainda mais agora. Ela havia se acostumado a ser a única filha em casa enquanto estive estudando fora, e era óbvio que adorava esse status.

— Ai, meu Deus, ele está olhando para ela — Claudia, uma das amigas de Rika, disse. Ela estava sentada à minha frente na mesa do refeitório.

Agucei os ouvidos, mesmo usando apenas um fone, e foquei em ouvir um pouco da música e um pouco da conversa entre elas. Não queria ser indelicada e deveria estar preocupada em fazer amigos no meu primeiro dia aqui, mas depois do fiasco no vestiário masculino, precisava recarregar minhas energias por um tempinho.

— Quem? — Rika perguntou.

No entanto, ninguém respondeu nada – pelo menos, não de forma verbal. Era em momentos como este que eu percebia como as pessoas eram conscientes da minha deficiência. Quando optavam em assentir com gestos que eu não poderia ver.

Minha deficiência.

Eu odiava essa palavra.

Mas era assim que as coisas eram, e as pessoas, mesmo que não fizessem por mal, se valiam disso como uma vantagem. Elas podiam se comunicar com os olhos, as mãos, gestos... Tudo em uma tentativa de me deixarem por fora do assunto.

Quem estava olhando para quem? Alguém estava me encarando?

— A atenção dele ficou concentrada nela por mais de sete segundos — Noah, outro amigo de Rika, comentou. — E, quando isso acontece, não é um bom sinal.

De quem eles estavam falando?

Então Claudia suspirou, assombrada:

— Ai, merda.

Rika se moveu à minha esquerda e, quando dei por mim, alguém havia se sentado à direita; os joelhos ladeando meu corpo, como se a pessoa tivesse montado no banco para me encarar diretamente.

— O que você está ouvindo? — uma voz profunda soou.

Levei apenas um segundo para reconhecer a quem pertencia aquela voz antes que meu fone fosse arrancado.

Damon. Então era dele que estavam falando. Era ele que estava me encarando no refeitório. O cheiro de tabaco e cravo exalou dele, e tentei encontrar uma alternativa para me livrar de sua presença.

Ele era ousado. Muito mais do que me lembrava, e não estava acostumada com isso.

Ficou calado por um instante, e imaginei que estivesse conferindo minha playlist. As músicas dos anos 80 que gostava de ouvir quando precisava de algo divertido, leve e animado para afastar meu mau-humor. Que havia sido instalado por causa dele, diga-se de passagem.

O fone caiu de volta no meu colo e sua voz soou baixa, porém confiante:

— Não vai ser assim com a gente.

Assim como?

O quê?

Então percebi que música estava tocando: *Then He Kissed Me*, do The Crystals.

Eu e ele não seríamos como o casalzinho da canção?

Contraí a mandíbula. Nossa, não brinca. *Nunca haveria nada entre “nós”.*

— Deixe-a em paz, Damon.

— Não encha o saco, Fane — ele retrucou.

Perdi o fôlego quando detectei o tom cortante em sua voz. Meu Deus, ele estava tão diferente.

Engoli o nó na garganta antes de dizer:

— Não quero papo com você. E você também não deveria estar falando comigo.

Ele não disse nada, e também não se moveu. Será que estava me encarando?

Olhei para o outro lado, decidida a ignorá-lo.

Depois de alguns segundos, pigarreou.

— Fui o primeiro beijo da Winter, senhoritas — disse a todos que estavam à mesa, apesar de saber que havia um garoto no meio. — Eu tinha onze anos e ela, oito.

Senti quando ele se aproximou um pouco mais e a voz se tornou quase um sussurro.

— Fico imaginando quantos outros caras já te beijaram depois disso. Mas daí... acho que nem ligo, já que fui o primeiro e é isso que importa.

Segurei a barra da saia em meus punhos. Queria que ele saísse dali.

— Não pense por um segundo que você foi bom nisso — repliquei.

— E você não pense que vou pegar leve contigo só porque você pode beijar o chão se não tiver outra pessoa segurando sua mão para poder dar dez passos.

Ouvi uma risada de algum lugar longe dali e apertei os lábios.

— Não tenho medo de você.

— Ainda não.

Balancei a cabeça.

— O que você quer?

— Começar de onde paramos.

De onde paramos? Ele quase me matou quando éramos crianças. Não havia como seguir em frente.

— Sinceramente, eu não sei — debochou. — Minha atenção tem vida curta, e você me interessa no momento. Tenho algumas perguntas. Tipo, você não consegue enxergar nada?

Entrecerrei os olhos.

— Nadinha de nada? — insistiu. — Formas, luz, sombras, borrões...? E é verdade que quando você perde um sentido, os outros se amplificam? Olfato, audição... — parou, dizendo em seguida quase em um sussurro: — O sentido do tato?

Um arrepio eriçou os pelos da minha nuca, e meu sangue ferveu. Todo mundo estava olhando para nós. Eu tinha certeza.

Apenas o ignore.

— E... já que seus olhos não funcionam — prosseguiu —, você tem o reflexo de fechá-los com força? Tipo... se você sentir dor ou quando está... excitada?

Outra rodada de risadas chegou até mim. Eu me virei um pouco de lado, com medo de que eles pudessem perceber os batimentos acelerados do meu coração.

Suas palavras estavam cheias de insinuações. Quase me esqueci de que ele era mais velho que eu, por um momento. Nossa diferença de idade, aos oito e onze, agora parecia muito maior. Eu era bem mais nova e ele estava sendo inconveniente. Meio que tive a impressão – a contar pelo jeito como falou com Rika – de que ele agia daquela forma com todo mundo.

— Você se lembra da minha aparência? — perguntou. — Sou bem maior agora.

Virei-me para ele, mesmo ciente de que meu olhar não encontraria o dele.

— Eu me lembro de tudo. E já não me machuco com tanta facilidade.

— Aaahh, estou contando com isso.

A ameaça velada em sua voz me trouxe um arrepio, e cada pedacinho da minha pele parecia ter sido eletrificada. Eu podia sentir seu olhar sobre mim, observando-me, e havia um misto de medo e raiva em meu interior, mas também antecipação.

Emoção.

Por mais que ele tenha me machucado anos atrás, e mesmo sabendo, sem sombra de dúvidas, que agora ele era dez vezes pior que naquela época, uma pequena parte minha gostava do fato de ele não pisar em ovos ao meu redor. Ele não me mimava. Não me ignorava.

Ele não ficava nervoso à minha volta, com medo de mim ou me tratando como se eu fosse frágil. Talvez ele pensasse que eu era um alvo fácil, ou talvez não se assustasse com facilidade como os outros. Seja lá qual for o motivo, uma parte em mim meio que gostava disso.

E outra parte imaginava como ele reagiria quando percebesse que não sou de sentir medo também. Era nítido que *ninguém* gostava de lidar com Damon. Ele era acostumado a ter as coisas do jeito que queria.

— O que você está fazendo? — alguém perguntou, fazendo-me piscar na mesma hora.

Virei a cabeça para o outro lado, voltando ao presente e percebendo que Ari estava às minhas costas. Antes que pudesse descobrir com quem ela falava, no entanto, Damon se levantou lentamente do banco.

— Só estou dando um “oi” para a sua irmãzinha — ele disse, em tom de zombaria.

Senti quando ele se afastou e Rika se moveu ao meu lado, suspirando audivelmente como se tivesse prendido o fôlego aquele tempo todo.

— Ele não deveria se aproximar de você — Arion comentou, e agora eu achava que estava falando comigo.

— Diga isso a ele — murmurei, Tateando em busca do sanduíche que deixei em cima da mesa. — Eu não o chamei para vir aqui.

— Não diga nada na diretoria, nem aos nossos pais. O time de basquete precisa dele, e não quero que ele entre em apuros só porque você não consegue se relacionar com ele.

Peguei a metade do pão, mas não cheguei nem mesmo a dar uma mordida.

— Ele estava aqui antes — Arion apontou. — Se você fizer com que ele seja expulso, todo mundo vai nos odiar.

Ah, sem dúvida. Soube que havia uma ordem explícita para que Damon não se aproximasse de mim, hoje de manhã, mas não ventilei a possibilidade de ele, realmente, desobedecê-la. Ele era burro?

Ou talvez pensasse que era intocável. Ele simplesmente veio até aqui e se sentou, mesmo sabendo que pelo menos metade da galera que estava no refeitório poderia dedurá-lo e testemunhar o que estava fazendo. E, mesmo assim, agiu do jeito que quis. Talvez ele fosse confiante demais, imprudente de propósito ou... incontrolável.

Incontrolável. Era a característica do garoto de quem eu me lembrava.

Mas minha irmã estava certa. Ele já estudava aqui há mais tempo e, independente do que ele fez, eu levaria a culpa caso se encrenasse. Por agora, eu mesma lidaria com o assunto, caso ele não desistisse. E faria isso discretamente.

Ainda me deixava pau da vida que o primeiro impulso da minha irmã fosse o de proteger o jogador de basquete, no entanto.

Levantei um pouco a cabeça, com altivez.

— Obrigada pela preocupação comigo — ironizei. — É comovente.

— Ah, dá um temp...

— Você já pode ir.

— O que você est...

— Jesus, você ainda está aqui? — soltei, interrompendo suas queixas. — Bom, seja pelo menos útil e abra isso aqui pra mim.

Peguei a garrafa de suco de laranja que havia deixado na mesa e entreguei a ela por cima do meu ombro.

O suco espirrou para todo lado porque a tampa não estava fechada direito e ouvi seu resmungo.

— Argh! Winter! — berrou.

Fiz uma careta.

— Ah, já estava aberto? Desculpa... Eu sou tão cega.

As risadas explodiram ao redor da mesa e ela grunhiu, proferindo um monte de impropérios enquanto se afastava, pisando duro. Bom, pelo menos eu achava que ela deve ter saído revoltada. Não dava para ter tanta certeza.

— Caraca, garota — Noah disse, dando um tapinha no meu braço. — Você é minha heroína.

Dei um meio sorriso, satisfeita comigo mesma. Por mais que estivesse irritada pelo fato de Arion e eu sempre discutirmos, assim como acontecia com Damon, eu gostava daquela sensação de normalidade. Ela não se preocupava em poupar meus sentimentos. Simplesmente me tratava como se eu fosse burra, como se não tivesse que ter reaprendido a viver nos últimos seis anos, e como se isso não tivesse sido o suficiente para me fazer durona e facilmente adaptável a mudanças e novos desafios. Tudo isso com o coração de pedra pronto para lutar por todas as coisas que eles diziam que eu não podia fazer ou ter.

Talvez por essa razão Damon não me tratava como se eu fosse de vidro. Talvez ele soubesse.

Pensei no garoto da fonte, ensanguentado, e com a lágrima silenciosa deslizando pelo rosto, porque alguma coisa – ou várias – aconteceu com ele e sobre as quais não queria falar, e, agora, ele era praticamente um homem que nunca choraria e que faria outras pessoas sangrarem.

Eu o odiava, e nunca o perdoaria, mas talvez nós dois tivéssemos aquilo em comum. Nós tivemos que mudar para sobreviver.

Capítulo 6

Winter

Dias atuais...

— Mãos para o alto! — Tara gritou.

Eu as levantei, saltando pelo chão, os músculos das costas e ombros se esticando ao máximo enquanto mantinha a cabeça e rosto erguidos na direção do teto.

— Mais energia! — ela gritou. — Deixe-me ver outra vez! Muito bom!

Exalei assim que toquei o chão, meu pé direito pousando sobre a faixa áspera que ficava no perímetro do “palco”, para sinalizar que eu estava a meio metro da beirada. Além dessa marca, havia mais um espaço de cerca de quinze centímetros que indicava que eu deveria parar, pois não havia mais espaço para onde ir.

Suor escorreu pelas minhas costas, e dei a volta, girando à direita outra vez enquanto dava um passo flutuante para só depois arquear as costas antes de subir às pontas e alongar o corpo ao máximo, executando uma pose graciosa, para em seguida continuar a dançar.

A música reverberava na sala, parte da coreografia nem um pouco convencional criada por mim, e que seria apresentada em lugar nenhum e para ninguém.

Ninguém nunca me contrataria. Eu tentava pensar positivo, principalmente agora que precisava sair daqui o mais rápido possível, mas estava se tornando cada vez mais difícil não me sentir uma idiota por ter largado a faculdade.

Tara foi uma das minhas professoras desde a infância, e continuei a ensaiar em casa, mas também vinha ao estúdio de dança, já que meu pai havia pago o aluguel pela sala por cinco horas durante a semana até o final do ano. Eu não queria mais nada do que ele deixou para trás, mas engoli o orgulho em uma desculpa perfeita para poder sair de casa. Damon não havia voltado desde o casamento dias atrás, mas era apenas uma questão de tempo.

E eu amava estar aqui. Eu só pensava em dançar e nada mais.

Era daqui que vinham minhas primeiras lembranças da dança, e onde achava que era mais sortuda que tantas meninas. Uma época onde eu conseguia enxergar e pude praticar quatro anos de balé antes de perder a visão. Eu sabia exatamente como executar pliés e arabesques. Conhecia todos os passos e movimentos, e conhecia um pouco da técnica. Continuei a praticar com uma professora particular quando me mudei para Montreal, mesmo sabendo que não havia

perspectiva alguma para sonhar com uma carreira. Sempre fui muito realista.

Eu enfrentaria dificuldades em dançar com um corpo de baile, além de dançar em par. Não era impossível, mas aquilo tudo levaria um bom tempo para aprender e nem todos aceitariam o desafio.

Certamente eu não era a primeira bailarina com deficiência visual, mas era a primeira em um raio de oitocentos quilômetros. Eu tinha esperança. Alguém teve que dar início ao fenômeno em outras partes do mundo, não é? Então por que eu não poderia fazer isso aqui mesmo também? O único problema estava em conseguir encontrar uma companhia de balé e um técnico que aceitasse o trabalho.

Diminuí meus movimentos conforme a música ia encerrando e finalizei o passo de dança com os braços abaixados e os punhos cruzados à frente, mantendo a posição com graça e elegância. Ao menos eu esperava que estivessem graciosos.

— Assim — Tara disse. — Mantenha-se nessa posição.

Andando até mim, ela passou os dedos frios sobre a articulação da minha mão.

— Vamos endireitá-los — instruiu. — Dessa forma.

Então pegou minhas mãos e as posicionou sobre as dela, que se mantinha na mesma pose que eu. Passei as mãos levemente, sentindo as juntas dos dedos, os tendões contraídos no dorso e a pele macia do pulso ao antebraço, para que pudesse imitá-la.

— Obrigada — agradei, respirando com um pouco de dificuldade.

Apoiei as mãos no quadril, a blusa leve e soltinha caindo de um lado dos ombros e deixando um pedaço de pele desnuda e em contato com o vento frio que provinha do antigo ar-condicionado central do prédio.

— Vamos outra vez? — ela perguntou.

— Que horas são?

Tara parou por um instante e disse:

— Quase cinco.

Assenti em seguida. Eu ainda tinha meia hora, então era melhor aproveitar antes que o dinheiro desaparecesse por completo. Ouvi seus passos se distanciando para que pudesse colocar a música para tocar outra vez, e contei os meus próprios a partir da marcação no limiar até o centro, encontrando meu ponto de partida.

— Você não precisa ficar aqui — eu disse. — O motorista vem me buscar. Vou ficar bem.

Os Torrance insistiram que cada uma de nós tivesse um motorista pessoal e, por mais que tenhamos usado esse tipo de serviço em algumas ocasiões no passado, nunca foi um hábito contratá-los em definitivo. Minha irmã adorou esse novo benefício, que veio

acompanhado com seu novo sobrenome.

No entanto, eu sabia quais eram as segundas intenções por trás do gesto. Um motorista poderia reportar todas as nossas idas e vindas a quem os contratou, logo, Gabriel e Damon estavam cientes de todos os nossos passos.

O motorista era uma espécie de coleira.

— Sabia que — ela começou a dizer assim que a música teve início — eles ofereceram pagar para que... você continuasse com as aulas particulares?

Parei na mesma hora.

— Como assim? Quem?

— O assistente de Gabriel Torrance ligou e disse para encaminhar o valor das mensalidades para ele — revelou. — Caso você queira manter a programação.

Ela me orientou e deu alguns *feedbacks* esporádicos desde que meu pai sumiu, e eu não tinha condições de continuar pagando por suas aulas. Sempre aqui ou ali, quando ela estava a caminho de uma aula ou quando a encerrava. Ou, como esta noite, quando estava prestes a ir embora.

Mas tomar conhecimento dessa oferta de Gabriel era o mesmo que levar um tapa na cara. Mais um lembrete de que agora estava desamparada e não poderia ter as coisas às quais estava acostumada.

Por causa deles.

Por causa dele. Aquilo só podia ter sido ideia de Damon.

Ninguém mais ligava se eu continuasse a dançar, com exceção dele. Eu sabia que ele gostava, e, provavelmente, devia ser a única pessoa que sabia o quanto ele gostava disso, para dizer a verdade. Ele sempre me observava. Dancei inúmeras vezes para ele antes.

Ele que se foda.

Voltei à posição, erguendo o queixo com altivez e esticando o pescoço.

— Você pode reiniciar a música? — pedi, encerrando o assunto.

Depois de um momento, a música parou e voltou a tocar, e comecei tudo de novo, deixando que o volume da melodia abafasse todo o resto. O mundo balançava ao meu redor e, mesmo que eu não pudesse enxergar, era capaz de sentir tudo.

O lugar. O cheiro dos galhos do pinheiro da árvore de Natal do ano anterior. Os tijolos frios que eu sabia existirem ali. A barra com a superfície áspera de madeira e a forma como o telhado era vazado e envelhecido, quase mostrando a imensidão do céu acima. Era como se pudesse alcançar o infinito.

Eu estava voando.

A voz do cantor tocou fundo dentro de mim, e deixei de lado os passos clássicos e abaixei a mão, deslizando-a pelo meu corpo bem

devagar, sentindo cada pedacinho da minha pele saltar à vida. Meus pés doíam por causa das sapatilhas de ponta, mas meu corpo estava vivo.

Fechei os olhos, sentindo algumas mechas do meu cabelo fazendo cócegas no rosto. O frio na barriga intensificava à medida que eu fazia as piruetas, e um sorriso começou a curvar os cantos da minha boca. Meu Deus, eu amava essa sensação de liberdade.

Queria ver se você pode dançar para mim.

Desacelerei os passos, ouvindo a voz dele em minha cabeça.

No entanto, aumentei o ritmo outra vez até evoluir para a posição final, fazendo uma sequência de *échappés* enquanto movia os braços em sincronia.

Você vai me odiar.

Eu vou amar você.

Temos que parar. Faça-me parar.

Não consigo. Não quero.

Então senti a pressão no meu baixo ventre, entre as pernas, causando-me náuseas. Abri a boca, em um grito silencioso – o mesmo que dei na manhã em que ele foi preso. Eu girava e girava e lágrimas assomaram em meus olhos enquanto eu desejava que o mundo rodasse em uma velocidade vertiginosa para que pudesse deixar de vê-lo em minha mente.

Porém perdi o equilíbrio quando meu pé se chocou contra uma móvel; minha perna acertou a madeira e uma dor aguda subiu pela canela.

— Merda! — praguejei.

— Winter! — Tara gritou.

Abri os olhos rapidamente e rosnei, tropeçando quando apoiei a mão sobre o piano para me equilibrar.

A banqueta. A maldita banqueta do piano. Perdi totalmente as marcações no chão?

— Opa, eu te ajudo — uma voz masculina gritou, de repente.
— Já estou indo.

Ethan? Quando ele havia chegado aqui?

A música foi interrompida e eu ergui o corpo, esfregando a perna que doía cada vez mais. Franzi o cenho, exalando com irritação e ouvindo os passos apressados pelo piso de madeira.

— Você está sangrando — ele disse, firmando-me por baixo do braço enquanto Tara segurava minha mão. — Vamos...

— Está tudo bem — soltei, balançando a cabeça e chateada comigo mesma. — Há anos eu não fazia isso. Que merda...

Distraída. Era assim que eu me encontrava.

— Leve-a para se sentar ali — Tara instruiu Ethan. — Vou pegar um kit de primeiros socorros.

Manquei até o lugar, mas consegui endireitar a postura.

— Está no banheiro. Vou ficar bem.

— Mas você está sangrando.

— Porém sei como aplicar um Band-Aid. — Eu ri, mesmo sentindo dor. — Pode ir para casa. Ethan me ajuda aqui. A gente se vê em alguns dias.

Ouvi o suspiro de leve e imaginei que ela devia estar se perguntando se eu estava realmente bem ou não, mas sabia que isso já havia acontecido comigo antes. Eu já havia usado uma bela porção de curativos.

— Obrigada pela ajuda hoje à noite — agradei, afastando-me um pouco do agarre de Ethan para que pudesse eu mesma segurar em seu braço. — Até mais.

Depois de alguns segundos, ouvi o farfalhar de tecidos enquanto ela guardava suas coisas na bolsa de ginástica e pegava o casaco.

— Bem, tenham uma boa-noite, então. Vou te mandar uma mensagem mais tarde, okay?

Assenti, guiando Ethan na direção de onde detectava sua voz para que a seguíssemos para a saída e rumo ao banheiro. Ele tentou enlaçar meu corpo com o braço, mas o afastei.

Depois de passarmos pelas portas, Tara seguiu à esquerda enquanto nós viramos à direita, para as escadas.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntei, à medida que descíamos a escada.

— Acabei de chegar — respondeu. — Tive uma reunião com um grupo de estudo que demorou mais do que deveria, mas achei que essa poderia ser a única oportunidade de te ver.

Humm. Com o que aconteceu naquela noite, na estrada, era meio difícil dizer se sua entrada em casa seria permitida. E se ele fosse lá, quem poderia dizer do que Damon era capaz se ele voltasse para casa?

Casa. Continuei descendo os degraus por mais dois andares, com uma mão apoiada no corrimão e a outra apegada ao braço de Ethan. Damon – ou a família dele – possuía minha casa agora, e mesmo que estivesse dormindo em outro lugar desde o casamento, ainda assim, ele poderia entrar e sair de lá a hora que bem entendesse. Sem precisar bater à porta. Sem permissão. Sem um convite.

Era ele quem mantinha todas as chaves da casa. Meu estômago se retorceu em um nó quando cheguei àquela conclusão.

— Você está bem? — Ethan perguntou. — Quer dizer... não estou falando só sobre a perna.

— Sim, estou bem.

Eu sabia que estava preocupado, e era grata por isso, mas ele

não poderia me ajudar. E eu não tinha certeza se teria coragem de dizer a ele se algo estivesse errado.

— Não se preocupe — assegurei.

Eu podia até não ser capaz de lidar com Damon, mas meu amigo, com certeza, também não.

Ele me levou até o banheiro feminino, bateu à porta e conferiu se havia alguém ali antes de entrarmos. Estava vazio, e assim que soltei seu braço, apoiei-me na parede que sabia estar à esquerda. Passei pelo canto e deparei com a bancada de granito das pias, e fui tateando até encontrar o suporte do papel-toalha.

Ethan esticou a mão à minha frente, tentando ajudar.

— Já consegui — eu disse. — Você pode pegar o kit de primeiros socorros? Deve estar dentro da caixa perto da parede.

Quando foi até lá procurar pelo kit, umedeci um punhado de papéis e passei sobre a pele ferida. Eles disseram que o machucado estava sangrando, mas eu não fazia ideia da extensão.

Grunhi baixinho quando a água fria tocou o corte. Eram sempre os pequenos ferimentos que mais incomodavam. Posicionei minha mão como se fosse uma garra e pressionei as unhas ao redor do corte, de forma que a dor afiada sublimasse a outra. Aquele era um pequeno truque que meu pai me ensinou quando eu tinha seis anos. O incômodo cedeu um pouco, mas mantive as unhas cravadas na pele, desfrutando do pequeno alívio.

— Ei, não tem nada aqui — Ethan gritou. — Vou dar um pulo lá em cima para ver se a recepcionista tem alguma coisa.

Assenti com a cabeça, sem saber se ele havia visto meu gesto. Ouvi a porta do banheiro abrindo e fechando, quando ele saiu dali, e peguei mais papel-toalha, dobrei uma porção e coloquei sobre a perna, recostando-me contra o espelho e de olhos fechados.

O que eu deveria fazer? Eu tinha vinte e um anos, nenhuma perspectiva de trabalho, e estava com medo. Nunca seria livre de verdade enquanto ele estivesse vivo, e havia muito mais coisa que ele poderia tirar de mim. Ele estava realmente bem empenhado em perturbar minha paz de espírito.

Havia saído da prisão há mais de um ano antes de entrar em contato, e somente dois anos depois é que colocou seu plano em ação. Relaxei demais no quesito da minha segurança pessoal, achando que ele teria seguido em frente. Estava tão errada.

Senti as pálpebras pesadas, e minha cabeça começou a girar à medida que a dor amenizava. Bocejei, sentindo-me cada vez mais sonolenta. Pelo menos, quando o cansaço batia, minhas preocupações também desapareciam.

Quando estava quase adormecendo contra o espelho, ouvi o rangido das dobradiças não-lubrificadas da porta. *Aquilo foi rápido.*

— Conseguiu achar? — perguntei, mantendo os olhos fechados e bocejando outra vez.

Ele não me respondeu, no entanto, e abri os olhos na mesma hora, piscando. Alguém havia acabado de abrir a porta, não é?

— Ethan? — chamei, sentando-me ereta.

O Teatro estava prestes a fechar e, além da recepcionista, eu achava que ninguém mais estava no prédio.

E então... ele estava aqui.

Apoiou as mãos sobre as minhas, que repousavam sobre minhas coxas,

e o toque de seus dedos frios me fez perder o fôlego e rir.

— Ei, você me assustou — comentei. — Conseguiu os Band-Aids?

Senti as pontas de seus dedos no meu rosto, afastando uma mecha de cabelo, e recuei um pouco com a sensação fria. O que ele estava fazendo? Peguei sua mão para tirá-la do meu rosto e segurei-a, tentando tranquilizá-lo.

— Estou bem.

Seu corpo chegou mais perto, forçando que meus joelhos se abrissem mais. Suas roupas roçaram contra o interior das minhas coxas. Ele soltou as mãos do meu agarre e eu parei, quieta, sentindo seu hálito morno à frente, sobre o meu rosto, à medida que se inclinava na minha direção.

Que merda ele achava que estava fazendo?

— Ethan... — protestei, mas sem saber ao certo o que dizer. Ele já havia tentado se aproximar daquele jeito outras vezes, e embora eu soubesse que ele não recusaria caso as coisas evoluíssem para algo mais, nunca rolou entre nós. Ele não tentaria de novo, não é?

— Shhhh... — murmurou.

Então parei de respirar por um segundo. Sua boca quente estava a centímetros da minha, e, de repente, meu coração começou a bater acelerado. Ele nunca fez algo assim. Nunca avançou o sinal, e eu podia dizer que estava me sentindo desconfortável quando antigas lembranças vieram à tona.

Por favor, não tente me beijar... Implorei.

Dava para ouvir a água passando nas tubulações acima da minha cabeça, além do zumbido maçante do aquecedor em algum lugar, mas, fora isso, só havia o silêncio aqui embaixo, e estávamos sozinhos.

— Preciso do Band-Aid — falei, tentando dar um sorriso. — Anda logo...

— Tão linda — ele sussurrou contra a minha boca. Dava para sentir o cheiro do cigarro em seu hálito.

Cigarro...

— Ei, consegui! — Ethan gritou, de repente, de algum lugar, interrompendo o silêncio quando a porta do banheiro se abriu outra vez.

Arfei, recuando na mesma hora. *Merda!*

Estendi as mãos à frente, procurando o cara que estava aqui agora há pouco, mas encontrando apenas o vazio.

Meus olhos se encheram de lágrimas, minha pulsação latejou no pescoço, e eu mal conseguia respirar com calma.

Filho da puta. Maldito. Onde ele estava? Tateei o espaço à minha frente. Onde diabos ele se enfiou?

— Ei, ei, ei... o que aconteceu? — Ethan perguntou assim que chegou ao meu lado.

Mas eu apenas agarrei seu moletom com força, tentando respirar.

Se Ethan não o viu, então já devia estar longe e saiu pela outra porta do banheiro.

Balancei a cabeça, tentando me acalmar.

Eu havia relaxado. Como uma idiota, baixei a guarda por cinco minutos, coisa que ele nunca fazia. Ele sempre estava um passo à frente.

— Me tira daqui — eu disse a Ethan. — Neste instante.

— Mas e o curativo?

— Agora! — gritei, desesperada.

E não precisei dizer outra vez. Ele me retirou da bancada, pegou minha mão e saímos do Teatro o mais rápido possível.



Ethan me levou para casa, sendo seguido de perto pelo motorista contratado pelos Torrance, com certeza. Apesar de ter meu próprio meio de transporte, não conseguiria aguentar nada de Damon. Entrei no carro de Ethan e mandei o motorista ir para o inferno quando ele tentou me impedir.

Assim que meu amigo me deixou e foi embora, apesar de hesitante em sair, entrei pela porta e fui recebida por Mikhail, que veio trotando pelo corredor. Na mesma hora, ouvi a voz da minha mãe, vindo da sala de jantar.

Inclinei-me para acariciar seu pelo e lhe dei um beijo.

— Vou te dar comida em um minuto, garoto.

Fui até a sala, sentindo a vibração dos passos de quem estava ali e ouvindo o ruído de páginas de papel sendo viradas.

Não havia conversado com ninguém da família nos últimos dias. Chateada, preferi permanecer no meu quarto, roendo as unhas e

tentando descobrir uma forma de escapar de tudo aquilo.

— Bem que poderíamos colocar papel de parede na cozinha — minha irmã disse. — Como se fosse uma parede única. Está super na moda de novo.

Decoração? Elas estavam discutindo sobre decoração, porra? *Minha nossa...*

— Tentei fugir algumas noites atrás — finalmente disse a elas, apoiando a mão sobre o batente da porta. — De volta para Montreal.

O silêncio dominou a sala por um instante, e era nítido que as duas estavam tentando decidir se deveriam ficar com raiva ou não. Minha mãe queria que eu ficasse segura, mesmo que ela não fizesse questão de garantir isso por conta própria, e eu tinha certeza de que minha irmã adoraria me ver longe dali. No entanto, ambas também deviam saber que aquilo irritaria Damon, e que poderia haver consequências caso eu fugisse e ele não conseguisse me encontrar rapidamente.

— Os policiais — continuei —, que são pagos por Gabriel Torrance, sem sombra de dúvidas, me impediram e tive que voltar.

— Ethan te ajudou? — mamãe perguntou, mesmo que seu tom de voz indicasse que já sabia a resposta.

Assenti.

— E se eu quiser protegê-lo, é melhor que nem peça sua ajuda outra vez. Pelo menos foi isso o que a advertência quis implicar.

Ouvi uma inspiração profunda e, em seguida, ela soltou o ar lentamente, e aquele foi um sinal claro de que minha mãe estava tentando se manter calma, mas eu já estava cansada de fingir estar bem com tudo aquilo. Damon era esperto, diabólico e muito paciente. Tudo o que eu não era. Pelo menos, não nesse momento. Eu estava pau da vida.

Até que finalmente me dei conta de que ninguém estava, de verdade, do meu lado.

— Eu te odeio — eu disse à minha mãe, desabafando e sentindo o queixo tremer de raiva. — Eu preferia morar na sarjeta do que tê-lo em nossas vidas!

Gesticulei para o lugar onde achava que minha irmã estava.

— Eu sei porque ela fez isso, mas você deveria me proteger — gritei. — Ele me estuprou!

— Ele não te estuprou — minha irmã rebateu, empurrando a cadeira com brusquidão. — Todos nós vimos o vídeo. O mundo inteiro assistiu aquela merda! Você o desejava. Estava apaixonada por ele.

Balancei a cabeça, em negativa.

— Não por *ele*.

Nunca me apaixonei por aquele *Damon*.

Maldito vídeo.

Lágrimas deslizaram pelo meu rosto, e eu já não fui capaz de contê-las. Mordi os lábios com força, tentando reprimir os soluços. Um vídeo nosso vazou, ele foi enviado para a prisão por acusação de estupro estatutário, por estar com dezenove anos na época, e por eu ser menor de idade, mas quase todo mundo na cidade ficou do lado dele. Ele era um pouco mais rico, mais popular, e dois de seus amigos também foram presos por seus próprios delitos registrados em vídeos de celular.

Mas ele havia recebido uma sentença maior.

Ele foi o único condenado por um crime sexual e, aos olhos de todos, não passou de uma grande injustiça, porque o astro do basquete, o garoto de ouro da cidade, havia apenas transado com uma garota ansiosa que era só dois anos mais nova que a idade permitida para que o ato fosse consensual. Grande coisa.

Ei, em outros Estados, dezesseis já é idade suficiente, não é?

Esse é apenas um detalhe técnico.

Ele realmente fez algo errado? Quantos de nós já não estávamos fazendo sexo nessa idade?

Não arruíne a vida dele. Até parece que ele a machucou.

Ei, ela parecia estar gostando bastante.

A reação das pessoas foi doentia e, por mais que outras meninas tenham alegado que ele também se aproveitou delas, no final das contas, todas desistiram, e tudo acabou se tornando um exemplo de quão deformado era o nosso judiciário quando, na verdade, havia “verdadeiros” predadores à solta. Eu arruínei a vida de um jovem garoto. Tanto faz.

Todos apenas viram no vídeo que eu o beijava com vontade.

Que o tocava, o abraçava.

Aos olhos deles, eu queria aquilo, e ele era o “homem”. Mas eles não sabiam, de fato, o que aconteceu. Eles não sabiam o que Damon fez para conseguir o que queria de mim.

Ouvi os passos de alguém se aproximando, e, de repente, senti o cheiro do perfume que minha mãe usava: Chanel N° 5.

— Winter — ela disse, baixinho. — Você realmente acha que ele precisava ter se casado para conseguir fazer o que quisesse com nossa família? Ele poderia facilmente ter ameaçado Ethan de qualquer forma para mantê-la

em Thunder Bay e sob seu domínio. Ou ter nos ameaçado, ou aos seus avós, ou quaisquer de nossos amigos. Seja lá como for, as coisas terão que acontecer do jeito que ele quer, porque são eles que têm o dinheiro, e nós não temos mais nada. Absolutamente nada.

— Por causa do meu pai — concluí.

Sim, eu sabia disso. Ela não estava de todo errada.

E, naquele momento, odiei meu pai também. Não foram os

crimes cometidos por ele que nos colocaram nessa enrascada, porque Damon poderia, eventualmente, encontrar outra maneira de nos atingir. Mas eu o odiava por ter nos deixado. Gabriel e Damon Torrance podiam fazer o que quisessem conosco agora. E se levássemos em conta a reputação que tinham, era melhor nem pensar no futuro, ou eu poderia vomitar.

— Pelo menos agora — mamãe continuou —, temos algo para nos ocupar. Uma luz no fim do túnel.

O acordo de divórcio? Ela era realmente tão tola assim? Damon engravidaria Ari e nós nunca mais conseguiríamos nos livrar deles!

— E o que vocês planejam fazer nesse meio-tempo? — ironizei.
— Enquanto esperamos por esse ano passar?

O que eu deveria fazer enquanto ela esperava, dia após dia, semana após semana?

— Nós sobrevivemos — ela finalmente respondeu.

Sobreviver.

Ela queria dizer *submeter*, certo?

Depois de alguns segundos, saí da sala e fui para o meu quarto, trancando-me ali dentro junto com Mikhail. Dei a ração para ele, decidindo pular o meu jantar e entrar direto no chuveiro. Já havia perdido a fome, de qualquer jeito.

Eu não podia decidir pela minha mãe, mas ela também não poderia fazer nenhuma escolha por mim, e, de forma alguma, eu seria capaz de me submeter a qualquer coisa para sobreviver. Eu tinha meus limites, e não voltaria ao mesmo ponto de partida com Damon.

Se fosse isso o que ele queria.

No entanto, eu tinha esperanças de que conseguiria dar um jeito de sumir daqui antes que isso acontecesse.



Pisquei até abrir os olhos horas depois, no meu quarto. Minhas pálpebras estavam pesadas, mas o ar estava mais frio que o normal.

Já eram seis horas? Meu alarme não havia despertado.

Estendi a mão e apertei o botão do dispositivo na mesa de cabeceira, ouvindo a voz masculina dizer em alto e bom tom: “duas e meia da manhã”.

— Duas e meia? — ofeguei, totalmente acordada agora.

Fechei os olhos outra vez, torcendo para dormir novamente, mas meu cérebro já havia despertado. A noite estava silenciosa do lado de fora. Nada de chuva ou ventania, mas era previsto que caísse neve no próximo mês. Eu me permiti curtir um breve momento de melancolia, mas o peso de todos os nossos problemas recaiu outra vez,

e tudo o que eu mais queria era que o tempo desacelerasse, não o contrário.

Eu amava o inverno. E não somente por causa do meu nome. Era só porque eu o associava a uma época festiva, e coisas alegres me deixavam feliz. Sempre decorava meu quarto, porque podia sentir o calor da iluminação das guirlandas, ouvir as canções dos globos de neve e sentir o cheiro dos pinheiros. Mas eu já não sabia se queria decorar qualquer coisa esse ano. Meu orgulho era o único que me mantinha de pé, e eu me recusava a tentar enxergar o lado bom disso tudo. *Tomara que eu não esteja por aqui quando a época chegar.*

Virando-me de lado, ajeitei o travesseiro e alonguei as pernas por baixo dos lençóis, sentindo o espaço macio e fresco.

Não morno.

Espera. Onde estava...

— Mikhail? — chamei em voz alta, abrindo os olhos e levantando a cabeça.

O cachorro sempre dormia aos meus pés, mas ele não estava na cama. Tentei ouvir o ruído do sininho que ele usava em sua coleira sempre que atendia ao meu chamado, mas não havia nada.

— Aqui, garoto. — Estalei a língua algumas vezes, chamando-o.

Ele não poderia ter saído do quarto, já que tranquei a porta quando entrei.

Então senti o cheiro de algo amanteigado e doce, e sentei-me, jogando as cobertas para o lado. Meu coração começou a acelerar. *Ela não fez isso*, resmunguei comigo mesma.

Caminhei até a escrivaninha e meus dedos roçaram o bule de porcelana que exalava o cheiro de chá, além de um prato pequeno com um *croissant*. Minha mãe deve ter usado sua chave para deixar essa refeição para mim.

Jesus.

Fui até a porta e encontrei-a aberta, graças a ela. Na verdade, era meio inútil trancá-la. Se Damon perdesse o molho de chaves de todos os quartos,

ainda assim, ele poderia, humm... chutar e arrebentar as portas, mas eu também não poderia simplesmente deixar de trancar meu quarto.

Enfiei a cabeça no corredor.

— Mikhail? — sussurrei.

Nada.

Franzi o cenho. Não era do feitio dele não responder a um chamado, mas ele não teria como ter saído de casa se alguém não abrisse a porta.

— Mikhail? — Meu sussurro foi um pouco mais audível.

Saí do quarto e tentei andar o mais silenciosamente possível, ouvindo os estalos das tábuas de madeira sob meus pés.

Apoiei a mão esquerda no corrimão enquanto seguia em frente, o som dos candelabros de cristal tilintando à medida que a ventilação da casa antiga soprava sobre eles. Os carpetes eram macios e o relógio de ponteiros tiquetaqueava no alto da escadaria, o ruído constante ampliando o silêncio sinistro que imperava no meio da noite.

Eu teria ouvido seu latido ou rosnado, ou o movimento súbito na cama se algo o tivesse deixado nervoso, não é? Ele estava sempre em alerta. Ninguém mais estava aqui, além de mim, mamãe e Arion.

Desci as escadas me segurando com ambas as mãos no corrimão, dando um passo de cada vez até que cheguei ao patamar e andei devagar em direção à porta da frente. Conferi as fechaduras para me assegurar de que estavam trancadas.

E então ouvi um pequeno ganido à direita.

— Mikhail? — Virei a cabeça na direção da sala de estar.

Com passos curtos, alcancei o tapete felpudo, e então o senti roçar contra minhas pernas, tocando o nariz gelado contra a pele.

— Ei, aonde você pretendia ir? — debochei, abaixando-me para acariciar seu pelo. — O qu...

Senti o cheiro do cigarro e estaquei, boquiaberta.

Senti o nó no estômago na mesma hora e endireitei a postura, respirando com um pouco mais de dificuldade.

Ele estava com o meu cachorro.

— Não toque nele outra vez — eu disse, entredentes.

— Ele veio até mim.

A voz de Damon indicava que ele estava em algum lugar da sala, e deduzi que talvez estivesse sentado na imensa poltrona à janela, no canto. Eu o imaginei ali no escuro, onde a única fonte de luz deveria estar vindo da ponta acesa de seu cigarro.

Abaixei-me para segurar a coleira de Mikhail.

— Você deu um nome russo a ele — Damon ponderou.

— Dei o nome de um bailarino.

Mikhail Baryshnikov. Não tinha culpa se a maioria dos bailarinos mais conceituados eram russos. Não tinha nada a ver com a porra da herança de Damon.

Estava prestes a me virar, levando meu cachorro, quando senti que ele havia se levantado assim que a fumaça de seu cigarro se dissipou no ar. Mantendo Mikhail perto de mim, recuei em meus passos até a mesa próxima

à parede e peguei a caneta que sempre ficava ali com um bloco de notas. Eu a segurei com força e escondi a mão por trás da coxa.

Houve uma época em que Damon me assustava e eu gostava dessa sensação. Não gostava disso mais.

— Não quero ficar aqui — eu disse. — Vou dar um jeito de fugir e você sabe disso.

Vacilei por um instante, quando percebi que era a primeira vez que eu e Damon trocávamos palavras que se assemelhavam a uma conversa – embora relutante –, desde o dia em que foi preso cinco anos atrás. Qualquer outra interação entre nós sempre foi de ataques verbais ou ameaças veladas.

— Você não vai dizer nada? — caçoei.

— Não. Não sinto a menor necessidade em responder. — Sua voz indicava que estava se aproximando, e pelo jeito ele bebia alguma coisa, pois o gelo tilintou no copo antes que o colocasse sobre a mesa. — Você pode dizer e afirmar o que quiser, Winter, mas, em última análise, vai acabar fazendo o que mandam. Você, sua mãe e sua irmã — indicou. — Não são vocês que mandam nessa casa agora.

— Sou adulta. Posso ir aonde quiser e quando bem entender.

— Então por que ainda está aqui?

Meus lábios se curvaram em um esgar, mas disfarcei a reação. O que ele queria dizer era claro como cristal. Sim, eu poderia ter fugido para longe daqui naquela outra noite. Isso se eu desejasse que Ethan fosse preso por algo que não fez. Seu pai e ele haviam antecipado meus movimentos, e eu recuei, então a verdade era que eu *não poderia* ir e fazer o que quisesse, não é mesmo? Não sem quaisquer consequências.

— Eu adoro te ver nervosinha — ele disse. — Ainda bem que a raiva ainda está aí dentro de você.

Sim, estava. Minha raiva parecia ser a única coisa que havia restado, e eu sentia falta de rir ou sorrir, além da liberdade de quem eu costumava ser. Antes que ele aparecesse e a ameaça de seu retorno inevitável tivesse me tirado isso. Será que algum dia eu conquistaria minhas próprias coisas? Será que me apaixonaria outra vez? Depois dele?

— Ethan Belmont é o terceiro filho medíocre do CEO de uma rede de cafeterias falida com uma professora primária — ele disse. — Ele passa o dia inteiro trancado na casa dos pais, jogando videogames.

— Você quer dizer *criando*...

— Além de viver daquela bombinha, por causa do pólen, ou ficar

grudado o tempo todo a uma caneta de Epinefrina, caso haja um pouquinho de manteiga de amendoim no bagel — continuou. — Ele seria incapaz de conseguir sair de dentro de um carro em chamas, quanto mais ajudar uma esposa e filhos.

E você seria capaz? Faça-me o favor.

Damon Torrance não salvaria ninguém além de si mesmo. Não que eu e Ethan tivéssemos alguma coisa, mas eu o escolheria num piscar de olhos, ao invés de Damon.

— Você precisa de um homem de verdade — zombou,

aproximando-se mais. — Alguém com pulso firme. Alguém que joga em equipe em Thunder Bay. Alguém que te faça ouvir. E alguém — seu tom se tornou mais sombrio quando parou à minha frente — que não questione quando nem todos os filhos forem parecidos com ele.

Ofeguei, torcendo para que ele não percebesse o quão nervosa estava.

Cerrei os lábios, agora totalmente ciente de suas intenções. Ele pretendia me casar com alguém em algum momento, como se ainda estivéssemos no século XIX.

No entanto, ainda tencionava se divertir no processo.

— Então, vamos lá — desafiei. — O que você está esperando?

Ele se inclinou contra o meu corpo, estendeu a mão por trás e prendeu a caneta na minha mão.

— Estou esperando até que você traga um cachorro grande para essa briga — disse, por entre os dentes cerrados. — Você consegue arrumar alguém melhor do que ele.

Senti meu rosto ficar vermelho e as pernas fraquejarem. Ele arrancou a caneta dos meus dedos e se afastou. Um instante depois, ouvi quando acendeu outro cigarro enquanto eu tentava me manter de pé.

— Vou fazer isso — avisei. — E não importa o que você faça, eu nunca vou te obedecer.

— Por favor, não obedeça mesmo — retrucou, deixando o isqueiro sobre a mesa e soprando uma baforada. — Eu tenho Arion para fazer isso. — Seus passos o trouxeram mais perto outra vez, e eu cruzei os braços à frente. — Ela vai ser útil — ele disse. — Nas manhãs quando eu acordar de pau duro e precisar de alguma coisa quente e apertada.

Cerrei a mandíbula mais ainda. A lembrança dele na minha cama naquela manhã há tanto tempo...

Ignorei a ardência em meus olhos. Meu Deus, eu o odiava.

— Mas à noite — ele disse, baixando o tom de voz e parando bem diante de mim —, quando sempre estou cheio de energia, como você bem sabe, e quando me lembrar da minha boca em uma barriga úmida de suor à medida que meus dedos fodem uma boceta depiladinha... humm...

Meu coração martelou no peito, a memória de tudo aquilo que fez comigo me deixando paralisada.

— Talvez, então, eu dê um jeito de ir até o quarto da irmãzinha dela outra vez, três portas depois da minha no corredor — prosseguiu. — Aí eu posso tirar a calcinha dela para poder comer...

Balancei a cabeça, tentando afastar as lembranças que se atropelavam na minha mente.

— Você nunca mais vai conseguir alguma coisa de mim —

murmurei. — Você me estuprou. E não foi apenas abuso sexual de uma menor de idade. Foi *estupro*.

— Consigo ver porque você teima tanto em acreditar nisso. Talvez você se sinta envergonhada ou culpada por ter gostado. — Parou e então continuou: — Mas tenha cuidado, Winter. Eu ainda posso te fazer sofrer bastante.

— Awn, estou tão assustada — debochei.

Não havia nada mais que ele pudesse tomar de mim.

Ficou ali parado por um instante, imóvel e calado. Mas então sua voz interrompeu o silêncio.

— Mikhail? — chamou.

Aquilo me sobressaltou.

— *Ke nighg-ya*^[11] — ele disse.

O quê?

Meu cachorro se soltou do meu agarre e trotou para longe de mim com seu comando.

— O que você está fazendo? — Lancei-me para frente. — Entregue o meu cachorro. — Então gritei outra vez: — Mikhail!

No entanto, não conseguia perceber a presença de nenhum dos dois. Para onde eles foram? O que foi aquilo que ele disse? Era russo? Mikhail não sabia nenhum comando naquele idioma.

Ouvi a plaquinha de identificação da coleira chacoalhar junto ao sino, já a alguns passos distantes, e um nó se formou na minha garganta.

— Bom garoto — Damon brincou com ele. — Ele é esperto. Sabe muito bem quem é seu mestre.

Mikhail foi até ele?

— Mikhail — chamei. — Mikhail, venha aqui.

— Agora, a pergunta é... — Damon continuou, e então ouvi sua aproximação outra vez. — Será que fico com ele ou o entrego ao meu pai? Há anos não tenho um cachorro de estimação. Nem sei se tenho talento para isso...

Senti o sangue ferver.

— Entregue o meu cachorro.

— Você o quer de volta? — perguntou, chegando mais perto. — Então implore.

— Vá se foder!

Ele agarrou minha nuca e um punhado do meu cabelo.

— Um cachorro é um cachorro e uma cadela é uma cadela — disse, ríspido. — Nenhum dos dois têm muita utilidade nesse mundo, então estou pouco me lixando.

Apoiei as mãos em seu peito, tentando afastá-lo de mim.

Mikhail.

Não.

— Implore — Damon debochou. — Vamos lá... apenas sussurre. Diga: por favor.

Ele não ia tomar o meu cachorro. O que pretendia fazer com ele?

Quase comecei a chorar só em pensar na possibilidade de não saber seu paradeiro ou se estava bem. Se estava com fome... Damon seria capaz de realmente tirá-lo de mim?

Damon repuxou meu cabelo em seu agarre.

— Sussurre... — disse, resfolegando. — Sussurre do mesmo jeito que sussurrei seu nome naquela manhã, quando me encontraram na sua cama e me levaram preso, Winter. É tudo o que quero ouvir. Um breve sussurro.

Sua mão estava trêmula contra meu couro cabeludo, e o nó no meu estômago se retorceu com tanta força, que achei que fosse passar mal. *Por favor, pare. Não faça isso.*

— Matar esse cão provavelmente vai ser um ato mais misericordioso do que entregá-lo ao meu pai — acrescentou. — Ele não é muito bom com cães...

— Por favor... — soltei, uma lágrima deslizando. — Por favor, me dê o cachorro de volta.

— De joelhos — ordenou.

Fechei os olhos.

Maldito. Ele sempre sabia o que fazer. Toda vez.

Eu queria rasgar seu corpo em pedaços.

Eu o odeio.

Mas então, devagar, eu me abaixei.

Fiquei de joelhos, rangendo os dentes enquanto sua mão permanecia no meu cabelo.

— Por favor... — implorei, fechando os olhos e com nojo de mim mesma. — Por favor.

— Mais uma vez.

— Por favor — supliquei.

Esperei que ele dissesse alguma coisa; que dissesse que eu poderia ter meu cachorro de volta, mas ele apenas ficou ali, segurando-me pelo cabelo.

Ele apenas ficou ali.

Era assim que ele queria me ver? Me degradar? Me assustar?

Ele adorava me aterrorizar. Isso o deixava excitado.

Uma vez cheguei a pensar que também gostava disso.

E à medida que os segundos se passavam, e ele me mantinha ali, cativa, enquanto meu coração batia acelerado, era como se fôssemos adolescentes outra vez por um instante.

Quando eu gostava dos joguinhos que ele fazia comigo. Antes de

perceber que era apenas um brinquedo em suas mãos.

O medo e o pavor. Mas também a euforia e sensação de segurança que sentia em seus braços.

Como nunca odiei ninguém mais como o odiava, mas também como amava tudo o que vivenciei com ele de um jeito que nunca consegui com mais ninguém. Eu era tão idiota.

Seus dedos começaram a se mover em uma carícia suave em contraste com o ritmo de sua respiração.

— Winter...

Meu clitóris começou a latejar, e então um choro incontido e silencioso teve início quando a vergonha aqueceu meu rosto.

Que merda era aquela que ele fazia comigo?

Ele me puxou para ficar de pé e colocou uma mecha do meu cabelo para trás do ombro, dizendo em um tom de voz neutro:

— Boa garota. É claro que você pode ficar com seu cachorro. Você acha que sou um monstro?

Afastei-me com brusquidão de suas mãos.

— Isso pouco me importa. Você já destruiu a minha vida mesmo. Anos atrás.

— Na casa da árvore, quando você tinha oito anos — ele concluiu meu pensamento. — Eu me lembro bem dessa parte. No entanto, o mais engraçado é que isso é tudo do qual você se recorda, não é mesmo?

— Do que você está falando?

— Da fonte — ele ressaltou. — Você se lembra do que aconteceu na fonte antes de irmos até a casa da árvore naquele dia?

A fonte? Vasculhei minhas memórias, confusa, sem conseguir me lembrar de qualquer coisa que se destacasse. Eu tinha oito anos, então não me lembrava de todos os detalhes depois de todo esse tempo. Apenas de que ele estava ferido e tentei ajudá-lo. O que aconteceu depois daquele momento na fonte é que realmente importava.

— Não aconteceu nada — eu disse.

Eu não ia permitir que ele deturpasse o que aconteceu naquele dia para levar a melhor. Eu fui legal com ele. Não fiz ou disse nada para merecer o que ocorreu depois. Nem mesmo quando entrei no ensino médio anos depois e o que ele tirou de mim.

Uma parte minha estava curiosa a respeito do que ele disse, e pensei que elealaria algo mais, porém ficou calado. E me deixou totalmente no escuro.

Ele suspirou.

— Estou descontrolado, Winter — ele disse, sem explicar nada além disso. — Não há escolhas. Somos quem somos, e fazemos o que temos que fazer. É a natureza. Como as peças de um jogo, vou fazer

minhas jogadas, porque não consigo resistir. Não posso fingir que sou outra pessoa.

Franzi o cenho, confusa. Ele parecia determinado. Como se este fosse o meu fim.

— Espero que não fique desapontada — concluiu.

Então, era assim? Ele iria em frente com seja lá quais fossem os desejos obscuros que ferviam dentro de sua mente distorcida, porque estava determinado a não reconhecer o sofrimento que causou e que os crimes tinham consequências? Ele teve o que mereceu.

Eu o venci uma vez. E faria o mesmo agora.

— Apenas escolha novas abordagens — comentei. — Não gostei nem um pouco de você me emboscando no banheiro como uma espécie de pervertido.

— Não faço ideia do que você está falando.

— O Teatro Bridge Bay — informei. — Eu estava sozinha no banheiro hoje. Você entrou lá e ficou me sacaneando. Achei que tivesse aprendido a incrementar seus joguinhos na prisão.

Ele deu uma risada e soltou uma baforada do cigarro.

— Sei lá que fantasias são essas que você está inventando nos seus sonhos, mas eu estava em Nova York o dia inteiro — ele disse. — Voltei de lá uma hora atrás.

— Ah, tá. Claro que sim...

— Por que eu mentiria?

Hesitei ao perceber que ele podia estar certo. Ele não tinha motivo algum para negar. Não era segredo para ninguém o que ele fez comigo e minha família. Além do mais, não havia como provar que ele esteve lá, e caso tivesse sido ele, Damon, ainda assim, seria capaz de forjar um álibi onde quisesse.

Sozinhos nesta sala, ele se satisfazia em fazer e dizer qualquer coisa sem que ninguém mais ouvisse.

Ouvi seus passos vindo na minha direção e senti o cheiro de cigarro que exalava dele, bem como o perfume de suas roupas caras e do couro de seus sapatos.

— Sou melhor que isso — ele quase sussurrou, e pude sentir seu hálito frio por conta da bebida que havia ingerido. — Por que eu encurralaria alguém em um lugar público quando alguém poderia chegar e me interromper? Eu precisaria de privacidade.

Ele tirou o cabelo do meu rosto em uma carícia suave com os dedos. Na mesma hora afastei-me de seu toque.

— Como uma casa imensa, sabe? — ele disse. — Com quilômetros de floresta deserta do lado de fora e sem nenhum vizinho. Sem trânsito. Nada. — Detectei o sorriso zombeteiro em seu tom de voz e percebi a implicação.

Ele já tinha tudo planejado.

— Com todo mundo fora, deixando-a sozinha — prosseguiu. — Ninguém para ajudá-la. Ninguém para ouvi-la. Ninguém para me impedir. A noite inteira... Somente nós dois — sussurrou, o hálito quente soprando sobre meus lábios. — Juntos em casa. Com tanto espaço para fugir e tantos lugares para se esconder.

Cerrei os punhos e, se antes eu tinha alguma dúvida, ela agora não existia mais. Ele havia mudado, e muito.

Tornou-se uma pessoa muito pior do que antes.

Em sua mente, ele havia cumprido uma pena, então bem que poderia praticar o crime do qual foi acusado.

Pânico se instalou no meu estômago assim que ele esbarrou em mim quando passou.

— Boa noite, Winter — disse.

E a excitação em sua voz era inconfundível.

[11] O comando canino em russo se escreve “Ko Mne”, mas a autora optou em usar a forma da pronúncia em inglês: Ke nighg-ya. O que em português seria o mesmo que Kâ Ni-iá. Tradução: Venha aqui.

Capítulo 7

Damon

Sete anos atrás...

Então, de acordo com o Sr. Kincaid, dado o que aconteceu tantos anos atrás, os pais de Winter Ashby consideraram necessário exigir que eu não mantivesse qualquer interação com a filha deles – as duas, na verdade –, enquanto elas estivessem estudando na mesma escola que eu. E, caso eu não acatasse essa solicitação, eles entrariam com uma ordem de restrição contra mim.

Se eu não quisesse uma mancha no meu currículo, logo, deveria obedecer.

Ou até poderiam pensar que eu obedeceria, já que qualquer outra pessoa faria isso.

No entanto, foi só ouvir aquilo que minha mente começou a fervilhar com a possibilidade mais do que tentadora de vivenciar o perigo e todos os problemas que eu poderia causar.

Quase caí na risada quando me lembrei da conversa. *Uma ordem de restrição?* Dá um tempo, porra. Bando de covardes. Nós éramos crianças naquela época. Griffin Ashby só estava puto porque sua esposa teve um caso com meu pai muito tempo atrás, e já que ele não podia colocar suas mãos insignificantes em Gabriel Torrance, não havia nada melhor do que tentar atingir seu filho.

Sim, aquele acidente rolou quando éramos crianças, e Ashby nitidamente envenenou sua filha desde aquela época, distorcendo a verdade do que realmente aconteceu, mas não tive a intenção de machucá-la. Foi um acidente, porra, e todo mundo sabe que crianças estão sujeitas a isso.

Desci do carro e bati a porta com força, trancando-o em seguida.

— Por que você não quis que eu passasse para te pegar? — Michael gritou na minha direção assim que saiu de seu Mercedes Classe-G.

— Porque talvez eu não saia na mesma hora que vocês — respondi.

— Ou talvez ele termine antes de todo mundo — Will acrescentou com uma risada, ladeando Michael enquanto Kai se postava do outro.

Os três sempre pegavam carona juntos, e, normalmente, eu também ia com eles, mas, às vezes, cada um ia por si só. Caso decidíssemos nos separar durante a noite.

Eu não tinha nada planejado, mas quem precisava saber disso?

Depois da discussão com Winter, no refeitório, no início da semana, e do medo evidente que ela sentia de mim, quando nos cruzamos no vestiário masculino, fiquei intrigado. Do que ela se lembrava daquele dia na fonte? Ela era novinha na época em que tudo aconteceu – assim como eu –, então sua memória talvez nem fosse tão nítida.

Quando ela apareceu no vestiário – ou foi enfiada lá dentro, como eu descobri mais tarde –, acabei me lembrando de Banks, com a atitude desafiadora apesar do medo. Ela ficou a dois segundos de surtar, o rosto tomado de embaraço e os olhos brilhantes. No entanto, era nítida a tensão em sua expressão, além da postura. Ela podia estar pirando por dentro, mas também estava pau da vida.

Foi até bonitinho.

E eu gostei daquele indício de desespero. Eu me senti... Não sei... acho que poderoso.

Do mesmo jeito que me sentia em relação a Banks e ao time de basquete, porque havia algumas coisas que só eu poderia fazer por eles.

Poderiam até chamar de arrogância. Tudo o que eu sabia, entretanto, é que não gostei das piadinhas que os caras lançaram na direção dela assim que perceberam sua presença.

Não, risque isso.

Eu não gostava que *ninguém* tirasse sarro dela. Assim como não curti quando outro homem veio em seu socorro, mesmo que tenha sido Will.

E foda-se o pai dela. Ele não pediria uma medida protetiva contra mim. Os ex-alunos gostavam de jogos vitoriosos do time, não é? Michael, Kai, Will e eu... tínhamos rédeas soltas, contanto que fizessemos a nossa parte. Ele não tinha coragem suficiente.

Fomos em direção à entrada circular de carros ao som de *Bad Company*, do Finger Death Punch, que provinha da área dos fundos da casa.

Passamos pela ridícula fonte de mármore com quatro cavalos cuspidendo água e querubins rechonchudos na parte de cima. Esse era o tipo de coisa tosca que os americanos gostavam de construir em suas propriedades quando queriam trazer um ar mais europeu, mas se parecia, na verdade, com um bebedouro de pássaros, só que bem maior.

Griffin Ashby era um babaca prepotente. E mesmo que pudesse gostar de mim, ainda assim, eu não o suportava. Felizmente, ele passaria o final de semana em Meridian junto com sua esposa. A filha mais velha, então, decidiu dar uma festa com direito a piscina esta noite. Tomara que Winter não tenha ido com os pais. Eu queria conversar com ela outra vez. Queria ver quanto tempo levaria para

conseguir foder com a sua cabeça.

— Ei! — Ouvi o grito de Will. — Opa, opa, opa... Vem cá!

Dei uma olhada de relance e o vi agarrar um garoto pela camiseta para impedir que fosse embora pelo mesmo caminho que viemos.

Reconheci Misha, o primo adolescente de Will. Neto de um senador, ele mais se parecia com o garoto-prodígio de Sid e Nancy[12].

— O que você está fazendo aqui, porra? — Will o questionou.
— Você só tem doze anos.

— E daí?

Garoto engraçadinho.

Will hesitou por um instante e então começou a rir.

— É, você está certo. Deixa pra lá. Beba com moderação. —
Então levou o garoto de volta à festa no quintal.

No entanto, Misha se livrou de seu agarre e deu a volta, indo em direção à estrada.

— Vou para casa — resmungou. — Essa festa está entediante.

— Você não pode ir caminhando, seu merdinha — Will argumentou. — É longe pra cacete.

— Então esqueça a festa e me dê uma carona.

— Você tá louco?

Contive a risada e decidi seguir adiante até os fundos.

— Garoto dos infernos — Will disse, correndo para nos alcançar. — Não sei como ele e eu compartilhamos o mesmo sangue.

Passamos pela lateral – a mensagem com o convite deixou bem claro que não era permitido que ninguém entrasse na casa, indo direto para o quintal – e paramos quando o gramado surgiu à vista.

As pessoas dançavam e brincavam de joguinhos envolvendo bebidas, agitação correndo solta ao som da música alta. Uma bola de futebol

americano passou voando mais à frente. Um monte de gente conversava e se divertia ao redor.

Dava para sentir o cheiro da comida em cima das mesas. Quase todas as cadeiras estavam ocupadas, e alguns alunos usavam as espreguiçadeiras próximas à área da piscina. Vapor flutuava dos chuveiros instalados na parte de trás da construção. Uma fina camada de vapor também pairava acima da superfície da água, como se a piscina fosse uma imensa *jacuzzi*.

— Entreguem os celulares — alguém gritou.

Olhei adiante e vi um jogador do time de futebol – cujo nome não fazia a menor ideia – sentado a uma mesinha, nos encarando e já com nossos nomes escritos em *post-its*, pronto para confiscar nossas coisas, de forma que nenhuma evidência da festa vazasse na internet.

— Vá se foder — murmurei, e olhei de volta para a festa, ouvindo a risada de Kai ao meu lado.

Até parece que arriscaríamos que alguém roubasse nossos celulares enquanto estivessem com outra pessoa. Fotos, mensagens, vídeos, recibos... Eu não entregaria o meu a ninguém. Era mais seguro estar comigo, e se eles quisessem nos expulsar dali porque não acatamos essa regra, então... boa sorte. A galera não ficava em festas onde não estivéssemos.

O calouro não disse mais nenhuma palavra – e nem se moveu – enquanto seguíamos adiante. Garotas circulavam de um lado ao outro, usando biquínis, ainda que estivesse uns 16° graus esta noite. Eu sabia que a piscina estava aquecida, mas do lado de fora estava bem frio.

Uma delas me encarou enquanto conversava com as amigas, dando um sorrisinho sugestivo que indicava que eu não teria que me esforçar muito se estivesse a fim de algo mais essa noite.

No entanto, eu gostava de me esforçar por alguma coisa.

Vasculhei o quintal com o olhar, de um lado ao outro, desde as mesas nos cantos aos grupos esporádicos de pessoas.

Mas eu sabia exatamente por quem estava procurando. Mesmo sabendo que não deveria fazer isso. Talvez, até para mim, isso seria ultrapassar os limites.

Quando tínhamos oito e onze anos, não pareceu ser tão complicado querer conhecer um ao outro, mas agora, sim. As pessoas entenderiam tudo errado.

Michael suspirou audivelmente e estalou o pescoço.

— Vamos arranjar algo pra beber.

Concordamos e adentramos a festa, pegando algumas cervejas e parando de vez em quando para conversar com o povo.

Pouco tempo depois, arranjamos uma mesa e eu me livrei dos sapatos, tirando o moletom e o deixando largado em uma cadeira antes de beber o restante da garrafa de cerveja de um gole só.

Avistei um dos jogadores calouros do time de basquete e arremessei a garrafa em sua direção. Ele a pegou no ar e parou de conversar por um momento, antes de se levantar para conseguir outra para mim.

— Para todos nós — eu disse a ele. Will bebia mais rápido que eu, e tomaria toda a sua cerveja em breve, isso se já não tivesse feito.

Kai se sentou à mesa, bebendo e rindo de alguma coisa que alguém lhe disse, enquanto Michel se afastou na direção de Diana Forester.

— Uh-huu! — Will colocou as mãos em concha ao redor da boca e berrou no meio da festa, acima do ruído da música alta.

Todo mundo parou e se virou para vê-lo correr, descartando a camiseta e os calçados para dar um salto mortal no fundo da piscina.

O pessoal começou a rir, gritando e assoviando, e eu fui até a borda e entrei, mergulhando até a cintura. Eu usava um short preto comprido na altura dos joelhos, e não havia trazido uma muda de roupas. Banks implorou para vir esta noite, e acabei saindo em disparada de casa para evitar contemplar o olhar patético em seu rosto. Além de ter saído um pouco puto da vida e ter esquecido meu maço de cigarros.

Will subiu à superfície, rindo, e espirrou água nos outros antes de nadar até onde eu estava. Apoiei os cotovelos na beirada e recostei-me.

— Arion Ashby está totalmente a fim de você, cara — ele disse, parando ao meu lado enquanto ajeitava o cabelo molhado. Ele gesticulou com o queixo para algum lugar às minhas costas.

Olhei por cima do ombro, vendo a irmã mais velha de Winter me encarando, na companhia de algumas amigas. Meu olhar percorreu seu corpo delgado de cima a baixo, apreciando o biquíni branco sem alças e o cabelo preso em um rabo de cavalo volumoso. Ela usava tornozeleiras em ambas as pernas e um colar dourado de várias voltas e diferentes comprimentos sobre os seios.

Ela ficaria mais gostosa se estivesse usando somente as joias.

Virei-me para Will outra vez.

— Tenho planos para ela. Não se preocupe.

Seu olhar se incendiou.

— Adoro essa sua imaginação. Será que consigo acompanhar?

Curvei os lábios em um sorriso, sacando o duplo sentido de suas palavras.

— Tenho planos para você também.

Então meu olhar aterrisou nos dois chupões que ele ostentava em seu pescoço, um deles bem feio, por sinal. Eu sabia exatamente onde ele havia conseguido aquelas marcas. A garota que as deixou, provavelmente, devia ter o dobro ou mais do que aqueles.

— Algumas garotas precisam aprender que chupar um pau como se fosse um aspirador em pó é uma habilidade que não deveria ser desperdiçada no pescoço de um cara — comentei, passei os dedos pela água, sentindo a irritação por dentro. — Talvez você devesse assistir enquanto eu treino a cadela que fez isso em você.

— Awn... está com ciúmes? — debochou.

Nós nos entreolhamos e ele percebeu que eu não estava achando graça. Seu sorrisinho arrogante começou a se desfazer e ele endireitou a postura.

Will era o meu melhor amigo, e o que era meu... era meu. Ele sabia disso.

O silêncio desconfortável se prolongou até que ele notou alguma coisa às minhas costas e apontou com o queixo.

— Uh-oh...

Olhei por cima do ombro outra vez, vendo Arion caminhando na nossa direção dentro da piscina. Ela soltou o cabelo e depois colocou as mãos atrás de si. Estive me preparando durante toda a semana para entrar no clima e fazer algo bem diferente esta noite, e já não tinha certeza se queria ficar.

No entanto, meus planos foram por água abaixo, pois eu não tinha nada melhor para fazer, e se ela queria brincar, talvez eu até mudasse de ideia, no fim das contas. Ela até que era bonita, apesar da forma dos olhos lhe dar um ar um pouco malvado; a mandíbula era quadrada, dando-lhe uma aparência mais magra e rígida, o que não me agradava nem um pouco. Ela não era meiga.

Mas tanto faz. Não seria eu que transaria com ela.

Assim que chegou até onde estávamos, ela afastou as mãos que escondia às costas, lançando um olhar tímido, e abriu a mão esquerda, que continha uma pílula em formato triangular de cor azul-turquesa, e a entregou a Will.

Ecstasy.

— Aí, sim! — Ele pegou o comprimido e engoliu com o restante da cerveja.

Ela olhou para mim e abriu a mão direita, mas estava vazia.

Eu a encarei, vendo o sorrisinho pouco antes de abrir a boca e mostrar que a pílula já estava em sua língua.

Ela se aproximou e tentou alcançar meus lábios, mas virei a cabeça para o outro lado.

— Eu não preciso de ajuda para ficar loucaço — comentei.

E mais, não estávamos mais no ensino fundamental, porra.

Suas sobranceiras se arquearam em desafio, então ela pegou a cerveja da minha mão e deu um gole, engolindo a pílula.

Lambendo os lábios, grudou o corpo ao meu, e eu permiti que ficasse daquele jeito. Por enquanto.

— Vamos subir — sussurrou para mim. — Eu gostaria de ver você bem louco.

Segurei seu queixo entre meu polegar e os dedos.

Será mesmo?

Eu já havia deixado de me preocupar com o fato de que havia algo de errado comigo. Que através dos anos, desenvolvi gostos diferentes em comparação a outras pessoas, ou que eu era mais difícil de agradar do que a maioria dos homens.

A única coisa que me preocupava agora era que estava ficando mais difícil ainda satisfazer a estas minhas preferências.

Acaricieei sua mandíbula, deslizando o dedo pelo contorno afiado.

— Quero que você vá até aquela cerca-viva — eu disse,

baixinho. — Daquele lado.

Gesticulei com o olhar, à direita, para uma extensão de cerca-viva que rodeava a propriedade, fazendo divisa com a floresta, os penhascos e o oceano logo além. Não haveria ninguém por lá.

Seu olhar pousou sobre a minha boca e parecia que ela havia gostado da ideia.

— E o que você vai fazer comigo por trás daquela cerca? — perguntou.

— Eu vou observar você.

Will começou a rir baixinho ao meu lado e, por mais que uma pontada de culpa tenha atingido o fundo da minha mente, fazendo meu olhar vacilar um pouco, apertei sua mandíbula um pouco mais, sentindo a adrenalina percorrer meu corpo de repente.

— Eu vou observar enquanto outra pessoa toca você — falei. — Quero ver outra pessoa te comer.

Ela hesitou, demonstrando decepção quando se deu conta do que havia

sugerido. Seu olhar desviou dos meus, um pouco inseguro, enquanto, provavelmente, ela se perguntava se aquela era alguma espécie de brincadeira ou se ela deveria recuar. Com certeza, ela deve ter ouvido falar das inúmeras histórias.

Talvez ela tenha pensado que era tão gostosa, que não havia como eu não querer transar com ela, eu mesmo, não é?

Seus olhos azuis se desviaram para Will.

— Ele?

Dei um aceno em negativa com a cabeça.

Ela olhou para alguém, às minhas costas, ainda hesitante.

— Kai?

Balancei a cabeça outra vez.

Will fez o mesmo, parecendo divertido enquanto bebia o restante de sua cerveja.

— Jesus... — ele resmungou.

— Marko Bryson — revelei, vendo o cara no jardim por trás dela.

Ele estava parado entre um grupo de pessoas, sem camisa, e com uma garrafa de uísque pela metade em sua mão. Arion olhou por cima do ombro, conferindo quem era, e depois me encarou de volta.

— Ele tem namorada — ela disse, em um sussurro.

— E é isso que torna tudo mais gostoso.

Eu já havia assistido um monte de gente transar na minha breve existência. Todos os homens que frequentavam a casa do meu pai e as putas que eles mantinham. As vidas secretas das mães e pais desta pequena cidade. As garotas que governavam o submundo da nossa escola decadente, na mesma medida que os caras.

Sim, eu já presenciei muita merda.

Mas agora... *Mais forte, mais intenso, mais. Sempre mais...*

— Mas eu quero você — ela protestou.

— E eu quero que você desfrute do que *eu* gosto.

Ela me encarou, as rodas em sua cabeça girando, mas então fechou a boca e desistiu de argumentar.

Ela podia ir embora. Podia dizer não. Não me deixaria de coração

partido, e ela sabia muito bem disso. Mas também tinha consciência de que, caso se recusasse, aquele seria o fim da linha. Eu não iria querê-la mais, e, certamente, também não faria dela a minha primeira namorada, caso não aceitasse tudo o que eu fazia. Porque eu nunca mudaria.

— Alguém vai acabar descobrindo — ela disse, por fim.

E não pude conter o sorriso sarcástico. Aquele era seu último protesto. A última tentativa de encontrar uma desculpa para sair dessa. Ou uma razão para pular dentro.

— Ele não vai te dizer não — comentei.

Era sempre bem sutil, mas eu conseguia ver o momento exato quando elas tomavam a decisão. O último argumento se desfazendo em seus olhos, da mesma forma que acontecia com tantas outras pessoas com quem já brinquei.

Ela abriu a boca para aceitar o desafio, mas então seu olhar se concentrou em algo acima de mim.

— O que é? — resmungou, e percebi que falava com alguém parado atrás de mim.

— Arion, você poderia me ajudar a encontrar a Vila do Papai Noel no porão?

Vila do Papai Noel? *Aquela voz.*

Fechei os olhos, sentindo o arrepio deslizar pela minha nuca.

Winter. Ela estava em casa, afinal de contas.

— O quê? Agora? — Arion reclamou. — Peça a ajuda da mamãe quando ela voltar.

Saia logo da porra dessa piscina e vá ajudá-la a pegar o que ela precisa.

— Não sei por que você quer isso. — Arion pegou minha cerveja outra vez. — Não estamos no Halloween ainda, e você não pode nem ver a porcaria de qualquer jeito. De que adianta?

Vadia.

No entanto, à medida que minha irritação com Arion Ashby crescia, o calor na minha pele se tornava mais quente, só em saber que Winter estava bem atrás de mim.

E mesmo que tentasse, agora eu não conseguiria pensar em nada mais.

O que eu precisaria fazer com a irmã dela, para conseguir exatamente essa mesma sensação?

Além do mais, como ela conseguiu chegar aqui no quintal, e como encontrou sua irmã? Eu queria me virar, mas apenas fiquei ali parado, ouvindo tudo.

— Tem música — Winter disse, o tom de voz na defensiva. — Eu gosto, e o que isso te interessa?

Arion não respondeu nada e, depois de um instante, seu olhar se concentrou em mim outra vez. Winter deve ter se afastado dali.

Agora que eu sabia que ela estava em casa, qualquer interesse sem-graça que tentei nutrir por Arion havia desaparecido por completo.

Tem música. Eu gosto.

Eu não sabia se me sentia responsável por ela agora só contar com quatro sentidos para poder experimentar as coisas no mundo, mas era um sentimento estranho o de querer proteger alguém contra os outros, quando eu sabia que poderia ser muito pior para sua saúde mental do que qualquer pessoa.

Empurrei Arion para longe e virei-me, saltando da piscina. Fui até a mesa e peguei uma toalha seca, olhando ao redor e avistando Winter perto da casa de hóspedes. Sua mão enlaçava o braço de outra garota da sua idade. Deve ter sido daquele jeito que ela conseguiu sair de casa e encontrar a irmã.

Outras meninas a rodeavam, e ela parecia estar um pouco aflita, mas feliz. Ela mexia a boca o tempo todo, indicando que estava um pouco nervosa com a agitação, a música, as pessoas no jardim... Mordiscava os lábios, repuxava para um lado, dava sorrisos meigos, porém hesitantes... Não estava acostumada com nada disso.

Quais eram os tipos de festas que ela frequentava quando estava estudando naquela escola para cegos, no Canadá? E por que caralhos ele teve que enviá-la para tão longe, como se ela precisasse ser escondida por trás das cortinas em um país estrangeiro, para que todos se esquecessem da sua filha agora não tão perfeita? Uma família milionária como a dela poderia, muito bem, contratar professores particulares para que ela ficasse em casa, se achassem que a escola “normal” era demais. E se não fosse esse o caso, havia outras escolas na cidade.

Pendurei a toalha no pescoço e sentei-me à mesa, apalpando meu short, na mesma hora, pela força do hábito.

— Porra — murmurei.

Eu precisava de um cigarro.

— Arranje um casaco para a sua irmã. — Ouvi Kai dizer a alguém. — A blusa dela está transparente.

Balancei a cabeça, prestes a rir.

— Então pare de olhar para os peitos dela — Arion resmungou, enquanto estendia a mão para alcançar uma toalha em cima da mesa.
— Ela é só uma criança.

Irmã.

A irmã de Arion. Olhei adiante e vi Winter assentindo para algo que alguém dizia, os olhos perdidos e sem foco, apontados na direção do torso da pessoa à sua frente.

Ela estava descalça e usando um jeans com uma regata branca canelada, um pouco apertada e gasta, como se não se importasse com isso, mas o rosto estava sem nada de maquiagem; os lábios em um tom rosa escuro e natural e os cachos suaves do cabelo preso em um rabo de cavalo, passando um pouco dos ombros. Ela era perfeita.

Um sorriso quase escapuliu, mas consegui contê-lo, respirando fundo.

E foi aí que percebi o contorno de seus seios contra o tecido da camiseta. As curvas suaves e os mamilos duros e proeminentes por conta do ar frio da noite. Olhei de um lado ao outro e notei um grupo de rapazes a encarando, conversando entre si e rindo com algo que foi dito entre eles.

Babacas.

Kai pegou seu agasalho da cadeira e jogou na direção de Arion.

— Vá fazer isso agora — ordenou.

E pelo tom de voz e a expressão de seu rosto, ela não ousaria desobedecê-lo.

— Tá bom — disse, ríspida, e saiu.

No entanto, arranquei o casaco de sua mão, jogando-o de volta sobre a mesa.

Kai me encarou na mesma hora.

— Ela está bem — eu disse a ele, mais como uma ordem do que uma afirmação.

Ele se levantou da cadeira, deixando-me entrever o desdém quando pegou o casaco de volta.

— Nem toda mulher nesse mundo será para sua diversão pessoal — ele disse, com raiva, ainda me encarando. — Algum dia, uma delas poderá ser sua filha, e você vai acabar se preocupando quando ela atrair outro tipo de atenção.

— Você vai ensinar à sua filha a se proteger do mundo — retruquei —, e eu ensinarei à minha que o mundo pertence a ela. Vá se foder e deixe a menina em paz.

Eu não tinha certeza de onde diabos aquilo tinha vindo, porque uma coisa era certa, se Banks saísse do quarto daquele jeito, eu ficaria puto. Mas com Winter...

Nada do que ela fizesse era errado. A culpa era deles por

olharem para ela.

Ele enrijeceu a postura, respirando com dificuldade e sem pestanejar.

Então pegou o casaco outra vez e se virou, seguindo na direção de Winter.

Filho da puta.

Kai e eu não éramos amigos. Éramos irmãos. Em todos os sentidos, com exceção do biológico. Independente se gostássemos um do outro ou não, ainda éramos como uma família, e sempre nos protegíamos.

Mas isso não significava que deveríamos gostar um do outro.

Ele era o cara nobre e honrado. A voz da razão no nosso pequeno grupo, e por mais que de vez em quando invejasse a casa feliz onde ele vivia, eu sabia que chegaria o momento em que ele teria duas escolhas – e que eu nunca seria uma delas.

Notando Arion ainda perto de mim, eu a encarei.

— O que você está esperando?

Seus lábios se franziram ao perceber que eu estava falando sobre Marko Bryson, e, finalmente, ela se afastou, seja lá se para ir atrás do cara ou para me dispensar e voltar aos seus amigos. De todo jeito, eu estava pouco me fodendo. Só queria que ela desse o fora dali.

Voltei a olhar para Kai, vendo-o se aproximar de Winter e das garotas que a cercavam e se separaram para deixá-lo passar.

O sorriso de Winter vacilou quando ele se inclinou para dizer alguma coisa em seu ouvido. Ela se afastou um pouco, tensa e abaixou um pouco a cabeça, como se estivesse com vergonha.

Correi as mãos em punhos.

Então ele segurou sua mão e fez com que ela pegasse o casaco, para que pudesse vesti-lo.

Mas, para minha total surpresa, ela negou com a cabeça e afastou sua mão, com um sorriso sutil. Ao invés disso, ela esticou a mão até tocar na parede de tijolos da casa de hóspedes, usando como apoio para guiá-la para sair dali.

Ele a observou se afastar, lançou um olhar na minha direção e eu

apenas lhe devolvi um aceno de cabeça. Ela não aceitaria se cobrir, mas agora estava deixando a festa sentindo-se humilhada. *Bom trabalho, imbecil.*

Ele jogou o moletom de novo sobre a mesa e eu me virei para olhar para ela, vendo-a seguir pelo caminho com a mão agora tocando a

cerca-viva. Quanto tempo será que ela levava para mapear um lugar novo em sua cabeça? Ela parecia bem autossuficiente. Até mesmo na escola. Era claro que ela devia estar muito mais familiarizada com o

lugar onde morava. Se continuasse seguindo a cerca e virasse no canto mais além, acabaria chegando em casa.

Fiquei de pé e peguei o casaco de Kai, andando devagar para me assegurar de que conseguiria me esgueirar da festa, para longe do barulho e dos olhos curiosos.

Winter seguia pela trilha, farfalhando as folhas verdes quando roçava sobre elas a caminho de casa. Vesti o moletom de Kai para camuflar meu cheiro quando me enfiei por uma abertura para o outro lado da cerca-viva.

Desacelerei os passos, sentindo o coração martelar no peito, de repente, assim que vi sua camiseta branca por entre as folhagens, a menos de um metro de distância de mim. Estendi a mão, acompanhando a dela que tocava as folhas suavemente do outro lado.

Fechei os olhos por um instante, andando ao lado dela e seguindo seu caminho com a mão, ouvindo o sangue latejar em meus ouvidos. Minha cabeça começou a girar um pouco, e o mundo pareceu se inclinar sob meus pés.

Abri os olhos, ainda caminhando em sua companhia, mesmo que ela não soubesse.

Foi meio irritante quando perdi o equilíbrio assim que fechei os olhos, mas eu tinha certeza de que era muito mais assustador do que percebi. Eu nunca saberia como era ser como ela, porque eu sempre poderia abrir os meus olhos.

— Onde ele está? — alguém sussurrou. — Ele queria assistir isso, não é?

— Eu não sei se... — A voz de Arion se tornou um murmúrio, como se ela estivesse sendo beijada, e quando levantei o olhar, avistei-a com Marko um pouco mais à frente, entre duas árvores.

Ele curvou levemente o corpo de Arion, enquanto apertava seus seios. Do outro lado da cerca, Winter parou, agora imóvel quando, sem sombra de dúvidas, ouviu o mesmo que eu.

— Tire o seu top. — Ouvi Marko dizer em um tom imperativo, mas eu não estava olhando para ele. Fiquei um pouco para trás, pegando um vislumbre do rosto de Winter através das folhagens, e vendo sua expressão ilegível.

Era uma mistura de curiosidade e medo, mas fiquei sem saber qual delas a dominava. Por quanto tempo ela ficaria ali?

— Estou feliz por não ter trazido Abby hoje à noite — Marko disse. — Eu estava precisando variar um pouco.

Arion choramingou e o som dos gemidos se infiltrou ao redor. Vi quando Winter abriu a boca um pouquinho, como se estivesse prestes a correr para as montanhas ou cair na risada.

— Temos que nos apressar. Não quero que sejamos flagrados aqui.

— Lambe gostoso — Marko ordenou. — Me deixe de pau duro, Ari.

Os olhos de Winter se arregalaram, provavelmente porque percebeu que era sua irmã, e então ouvi o som de um zíper sendo aberto...

— Ah, é isso aí. — O cara gemeu. — Caralho. Engula tudo, gata. Bem gostoso e profundo.

Winter cerrou a mandíbula, até que ela retrocedeu alguns passos e saiu correndo em direção à casa.

Aquilo me fez sorrir. *Ora, ora, ora...*

Passei pela abertura entre a cerca, puxei o capuz para cobrir a cabeça e a segui devagar, vendo-a se embrenhar na casa escura e vazia, longe de todo o ruído e da multidão.

Ela se assustava com facilidade.

Ah, isso era ótimo.

[12] Sid & Nancy são personagens de um filme britânico de 1986 que recebeu o título no Brasil de Sid & Nancy – O amor mata. É uma obra comentada até hoje, que traz a biografia de Sid Vicious, baixista da banda Sex Pistols e ícone do movimento punk, que foi acusado de matar a namorada Nancy.

Capítulo 8

Winter

Sete anos atrás...

Estremeci, engolindo o gosto amargo na boca. Que merda ela estava fazendo?

Disparei desde a cerca-viva até alcançar os tijolos, minha mão roçando os arbustos que batiam na altura das minhas coxas, e então virei à esquerda e corri em direção à porta dos fundos. Girei a maçaneta e abri, fechando-a com um baque surdo antes de trancá-la.

Bile subiu à garganta. Por que minha irmã faria uma coisa daquelas? E em uma festa, no meio do mato? *Jesus*.

Eu não sabia que ela tinha namorado. Ela nunca mencionou nada sobre o assunto desde que voltei para casa. Mas que porra?

Cobri a boca com a mão, ainda assustada pelo que havia ouvido.

Aquilo acontecia com frequência? Será que outras pessoas fariam o mesmo em nosso gramado, durante a noite toda? Arfei, um pouco enojada com tudo.

Talvez se eu tivesse ficado aqui nos últimos cinco anos, em um ambiente normal, não teria sido tão chocante, mas porra... Nos filmes e no YouTube, ou até mesmo nas saídas noturnas e ocasionais com meus amigos, em Montreal, nunca presenciei qualquer coisa perto daquilo. Não parecia nem um pouco... romântico ou algo do tipo.

Espero que ela pelo menos tenha um pouco de juízo e esteja se protegendo.

Andando pela cozinha, tateei até chegar ao hall e encontrei o corrimão para subir ao segundo andar. A música ainda soava do lado de fora, mas agora era apenas um ruído distante e, por mais que eu meio que quisesse ter ficado na festa, já havia decidido sair de lá antes mesmo de ouvir Arion e seu namorado por trás dos arbustos.

Meu rosto ficou vermelho de vergonha, quando me lembrei do garoto que conversou comigo alguns minutos atrás. *Sua camiseta está um pouco transparente*, ele sussurrou no meu ouvido.

Ele não foi indelicado, mas, ainda assim, foi bem embaraçoso.

Tive que conter a vontade de cruzar os braços para cobrir meu peito e, ao invés disso, fingi uma casualidade que não sentia e agi como se não fosse nada demais. Eu sentia meus mamilos endurecerem vez ou outra, por trás do sutiã. Não era algo que poderia ser evitado.

Foi até legal da parte dele quando me ofereceu o moletom. Foi fofo, de verdade.

Segui pelo caminho até o meu quarto e fechei um pouco a

porta, para o caso de Arion vir para casa com o namorado. Embora tenha trancado as portas lá embaixo, para manter o povo da festa do lado de fora, minha irmã sabia onde a chave ficava escondida.

Tirei a regata e peguei um sutiã esportivo, vestindo a camiseta outra vez. Eu quase sempre usava sutiã, já que não havia herdado a genética de algumas bailarinas que possuíam pouco busto, mas meus seios também não eram assim tão cheios, já que a rotina de treinamentos e dietas me mantinha em bastante forma.

E na única vez em que não usei a porcaria, alguém teve que chegar e me lembrar disso. *Maravilha*.

Peguei minhas sapatilhas de ponta de cima da mesa, mas desisti na mesma hora, optando pelas normais. Abri a porta e deixei o quarto, pegando o celular no meu bolso traseiro. Recostando-me só um pouquinho contra o corrimão enquanto andava pelo corredor, apertei o botão no alto da tela do telefone, ouvindo o programa dizer as horas.

— Dez e trinta — a voz computadorizada informou.

Arion ficaria na piscina por mais um bocado de tempo.

Desci as escadas, mas as tábuas do piso rangeram um pouco em algum lugar às minhas costas, e então estaquei em meus passos, virando a cabeça.

— Arion? — chamei.

Não a ouvi voltar para casa.

— Arion, você está aí? — chamei um pouco mais alto dessa vez.

Será que eu havia escutado direito?

Mas só havia o silêncio agora. Nenhuma resposta. Nada mais de rangidos. Meu coração começou a acelerar, no entanto, e aguicei os ouvidos por um instante, minha mente fervilhando com toda espécie de cenários do que poderia ser.

Não possuíamos animais de estimação.

Meus pais não estavam ali.

Eu era a única pessoa dentro de casa.

Talvez tenha sido o vento?

Apertei o celular na mão, meu polegar esfregando nervosamente sobre o canto superior da tela.

— Telefone — o gravador disse, quando apertei o aplicativo sem querer. Eu me sobressaltei, dando mais um passo.

Quando o fiz, ouvi o rangido novamente, então hesitei por um instante, colocando o pé de volta no mesmo lugar de antes.

O piso rangeu mais uma vez. No exato lugar onde eu estava pisando.

Será que foi aquilo? Inclinei um pouco a cabeça, meio virada para trás, para tentar ouvir qualquer outra coisa. Eu podia jurar que o

ruído tinha vindo de algum ponto às minhas costas.

Dei mais um passo e o piso de madeira da nossa casa antiga estalou sob o meu peso enquanto eu descia as escadas rumo ao pequeno salão de festas.

Estava tudo bem. Eu vim aqui para dentro e tranquei todas as portas.

Entrei na sala ampla, contando as passadas e imaginando o local de acordo com as minhas memórias de infância. Uma parede inteira de janelas devia estar à minha esquerda, com vista para a parte de frente da casa, e era adornada com cortinas longas e em um tom azul-cobalto. O piso de madeira escura sempre cintilava com o brilho das lâmpadas do imenso candelabro acima e, se eu me lembrava bem, a lareira branca se situava na parede mais distante. Era ali que eu sempre colocava as decorações de Natal.

Bem, minha mãe me deixava decorar, mas vinha “corrigir” tudo para deixar do jeito que ela queria quando eu não estava olhando.

Calcei as sapatilhas simples de balé; meus pés estavam muito doloridos por conta da prática com as pontas para usá-las esta noite. Em seguida, peguei o controle remoto do pequeno aparelho de som que eu sempre mantinha no canto da parede.

Avancei até a segunda música, escolhendo *Nothing Else Matters*, do Apocalyptica, e aumentei o volume para abafar o ruído do lado de fora, largando o controle e meu celular sobre a mesa.

Andei ao redor do salão de festas quadrado, ainda com as marcações em adesivo áspero no chão. Eu podia senti-los gastos e já embotados, depois de anos de prática sempre que eu vinha visitar a família nos feriados. Quando meus pais davam jantares chiques, eles mandavam colocar mesas e cadeiras ao redor do salão, mas agora o lugar estava completamente vazio. Eu provavelmente poderia usá-lo como meu espaço de ensaios, já que era maior e não havia nenhuma mobília onde eu pudesse esbarrar.

A música teve início e continuei andando pelo perímetro, contando meus passos e balançando a cabeça ao som do violoncelo. A batida marcou *um, dois, três, quatro e cinco*, e sincronizei meus passos à medida que outros instrumentos se juntavam à melodia; subi na ponta dos dedos e dei uma pirueta.

Ergui os braços, dobrei os punhos e abri um pouco os dedos, curvando a cabeça e me movendo, deixando a música assumir o comando.

Isso.

O familiar frio no estômago tomou conta, e eu girei e avancei, balancei e mergulhei ao redor do salão, sentindo a energia da música percorrer minhas veias.

Então sorri.

O que eu dançava não era nada clássico, e provavelmente nunca faria essa performance, mas era meu momento de diversão e meus pais não estavam em casa. Meu pai odiava música alta, logo, era melhor que eu fizesse uma festinha por minha conta aqui, enquanto ainda havia tempo.

Movi-me por todo o lugar, sentindo o suor refrescar a pele e o rabo de cavalo atingir meu rosto à medida que eu fazia minhas piruetas; deslizei as mãos pela face e pescoço, a melodia circulando em meu corpo e deixando-me livre. Mordi o lábio inferior e inclinei a cabeça, movendo-me, girando e girando... agitando os braços e levantando acima da cabeça antes de passar a mão de um jeito sexy para afastar o cabelo para o lado.

Minhas sobrancelhas franziram quando fechei os olhos com força e...

Você tem o reflexo de fechá-los com força? Tipo... se você sentir dor ou quando está... excitada?

Perdi um passo quando as palavras que Damon disse naquele dia, no refeitório, se infiltraram em minha mente. *Filho da puta.*

Continuei a dançar, expulsando-o dos meus pensamentos. Sincronizei meu corpo à batida e, quando a música acabou, desacelerei os movimentos, respirando com dificuldade e sentindo uma gota de suor escorrer pelas costas.

Babaca.

Arfei várias vezes e desci das pontas outra vez, colocando as mãos nos quadris.

Por que ele tinha que se enfiar na minha cabeça daquele jeito?

Consegui evitá-lo durante toda a semana, depois daquele encontro no primeiro dia. Isso não significava que não estivesse ciente de sua presença, entretanto. Em cada corredor por onde eu andava. No refeitório, onde sabia que ele almoçava no mesmo horário que eu. No estacionamento, onde podia ouvir o escapamento barulhento do carro de William Grayson III – seu melhor amigo, pelo que soube.

Eu estava bem ciente de sua proximidade na escola. E, quando não estávamos lá, minha mente sempre dava um jeito de buscá-lo, muito mais do que o necessário. Rika e seus amigos, definitivamente, me colocaram a par do enigma que Damon Torrance se tornou desde a época em que éramos crianças. Ele era popular, mas com uma péssima reputação. E não era do tipo de reputação que os outros invejavam. As pessoas o evitavam, mas não queriam ser flagradas fazendo isso.

Ainda assim, de acordo com os rumores, as garotas caíam de amores por ele. Elas achavam que ele era uma espécie de desafio, e pensavam que podiam domá-lo. Então fui muito bem advertida – *não ser idiota o suficiente para me colocar no caminho dele, pois ele não tem sentimentos.*

Bom, ninguém precisava se preocupar com isso. Ele já havia feito um dano irreparável comigo. As poucas horas que passei ao seu lado, quando criança, foram mais do que suficientes para isso. Eu me manteria afastada.

Com o controle remoto, percorri as inúmeras trilhas sonoras até chegar à de número quinze, então ergui meus braços acima da cabeça e alonguei os músculos doloridos das costas.

Porém, depois de alguns segundos, nenhuma música começou a tocar. Peguei o controle remoto e apertei o play novamente – e então mais uma vez.

Esperei e nada aconteceu.

— Ah, qual é... — resmunguei e fui tateando pela parede.

Quando cheguei ao batente da porta, continuei pela parede à esquerda e fui apalpando até chegar à tomada onde o aparelho de som estava ligado. No entanto, percebi que não estava plugado. *O quê...?* Fui tateando até encontrar o fio solto no chão. Como aquilo aconteceu?

Religuei o som e fiquei de pé, intrigada, tentando ouvir qualquer outra coisa. Será que alguém estava me sacaneando?

Recostei-me à parede.

— Tem alguém aí? Oi?

Alguma coisa estava errada.

Estendi as mãos à frente até sentir a porta e saí da sala em direção à cozinha, em busca de uma garrafa d'água. Talvez eu devesse ligar para o Sr. Ferguson na portaria. Ele era um dos seguranças que fazia as rondas noturnas em nosso condomínio.

No entanto, meus pais não sabiam que Ari estava dando uma festa e eles, com certeza, seriam informados caso eu ligasse para a segurança.

Quando cheguei à cozinha, peguei uma garrafa de água da geladeira e desenrosquei a tampa, tomando um longo gole. Eu poderia chamar minha irmã e pedir que desse uma volta pela casa. Ela ficaria pau da vida, mas viria de qualquer jeito se eu ameaçasse contar sobre a festa aos nossos pais. Fui até a porta dos fundos e, quando estava prestes a tocar na maçaneta, percebi que a porta já estava aberta.

Meu coração quase parou. *Ai, merda.*

Eu tinha trancado aquela porta.

— Arion? — gritei, subitamente alerta. — Você está aqui?

Apalpei a fechadura pelo lado de fora, encontrando a chave que escondíamos debaixo de um tijolo solto ainda inserida. Só podia ser a minha irmã. Somente nossa família sabia onde essa chave estava.

— Arion! — gritei, perdendo a paciência. — Para com isso e me responda!

Achei que ela tivesse parado com as malditas pegadinhas da

semana, depois do incidente no vestiário masculino – que eu tinha certeza ter sido uma de suas obras.

Enfie as mãos nos bolsos, percebendo que havia deixado o celular no salão de festas.

E então ouvi... A alguns passos de distância, mas ouvi...

Outra tábua rangendo no chão.

Fiquei paralisada, congelada no lugar e sem saber o que fazer enquanto minha cabeça girava. Tentei engolir o nó na garganta, mas foi quase impossível.

Tentei formar algumas palavras, mas nada saía da minha boca.

Não ouvi o rangido outra vez, e mal conseguia respirar enquanto aguçava os ouvidos.

Havia alguém ali.

Eu podia sentir. Sua presença era palpável... e estava bem ali.

Não era um som ao qual eu podia descrever. Talvez o batimento

cardíaco? O lento e quase silencioso inspirar de uma respiração. As articulações do corpo se movendo.

É a Arion. É a Arion. É a...

Bile subiu à garganta.

Finalmente, criei coragem.

— Qu-quem... está aí? — gaguejei. — A-a... hummm... — Tentei engolir, mas minha boca estava seca. — A... a festa é lá embaixo, na piscina. Você não deveria estar aqui dentro de casa.

Eu deveria correr até a porta para fugir dali, mas se alguém realmente conseguiu invadir, eu não teria lugar algum para ir. Não sem ser capaz de fazer o percurso curto antes de esbarrar em alguma coisa no jardim.

Dei um passo à esquerda, voltando à cozinha e em direção à bancada onde as facas ficavam.

Não que aquilo me desse uma chance a mais, porém...

Recuei um pouco mais, sentindo-o – ou poderia ser uma garota – me observando. A poucos passos de distância.

Eles estavam ali. Será que estavam sincronizando as passadas às minhas, vindo em minha direção enquanto eu recuava? Tentei aguçar os ouvidos, mas minha pulsação estava alta demais para permitir.

Mais um passo atrás...

— Isso não tem a menor graça. — Minha voz vacilou. — Você está se divertindo ou algo assim? Dê o fora da minha casa.

Outro passo.

Quem era? Eu me sentia zozza, minha mente e coração disparados.

E quando tateei pela gaveta na bancada ao lado com uma das mãos, usando a outra para me defender, um hálito quente soprou no

meu ouvido por trás.

— Bu! — suspirou.

Eu me engasguei e gritei, saindo dali em disparada. Tentei chegar à porta dos fundos, mas a fecharam de repente assim que a alcancei. Então me virei na outra direção e corri para o vestíbulo, até a porta de entrada.

Meu celular. A porra do meu celular. Eu não teria tempo para pegá-lo.

Falando sério, se isso fosse uma pegadinha, eu ia matar a minha irmã.

Era uma linha reta até a porta da frente, então saí correndo. Minhas mãos se chocaram contra ela, e consegui alcançar a maçaneta e abri-la, chegando a quase dar um passo para fora.

No entanto, um braço me enlaçou pela cintura, pegando-me na metade do caminho, e puxou-me de volta. A porta se fechou em um baque surdo logo depois.

Dei um grito assim que meu corpo foi envolvido, contendo meus braços para baixo, imprensando-me contra a porta para tentar me controlar.

— Damon? — arfei. — Damon, é você?

Ainda que eu soubesse que havia um monte de gente que adorava pregar peças nos outros – especialmente a pedido de Arion –, ele foi o primeiro em quem pensei. Nem me ocorreu que ele estaria aqui esta noite, principalmente por causa da ordem estrita de se manter afastado de mim, mas era bem capaz que ele deva ter decidido dar um pulo na festa, não é mesmo?

— Isso não tem graça! — gritei.

Chutei a porta, tentando me afastar e me virar para ele, que simplesmente me levantou e me colocou em outro lugar. Ele me soltou, e levantei as mãos, tocando a parede.

O canto. Ele me encurralou no canto, perto do salão de festas.

Dei a volta, livremente, e tentei passar por ele para sair dali. Mas ele se postou à minha frente outra vez.

Minha respiração acelerou por conta do esforço e, quando me virei para sair pelo outro lado, lá estava ele.

Recuei em meus passos, agitando a cabeça.

— Quem é você? O que é isto?

Por que ele não falava nada?

Inspirei profundamente pelo nariz, mas não senti o cheiro de cigarro que exalava de Damon naquele dia. Ele fumava o tempo todo, pelo que os outros diziam. Não era ele então?

— O que é? — berrei. — O que você quer?

Mas ele apenas se manteve ali parado.

Senti a raiva subir e arreganhei os dentes em um rosnado. E

então dei um empurrão em seu peito.

Ele mal se moveu.

Grunhi e fiquei enfurecida, batendo as mãos contra seu rosto, socando seu peito, mas ele não falava nada, e nem ao menos tentou me deter. Tentei passar pelo lado esquerdo outra vez, mas ele deslizou e se postou à minha frente. Quando me virei à direita, ele fez o mesmo. Ele não me deixava sair dali. Era como uma parede.

Meu queixo começou a tremer.

— Quem... quem é você?

Ele se manteve em silêncio. Tudo o que eu conseguia ouvir era o som do ar deixando seus pulmões quando ele exalava, um som ensurdecedor, porque o filho da puta estava bem na minha frente. Como um maldito animal, que era incapaz de se comunicar, mas poderia, certamente, comer e respirar.

Meu Deus, quem é você?

Lancei meu corpo contra o dele e gritei o mais alto que poderia:

— Socorro! Socorro!!!

Grunhi, tentando empurrá-lo para longe enquanto gritava.

Até que ele sussurrou contra o meu ouvido:

— Eles não podem te ouvir.

E a doçura em sua voz era o mais assustador, porque as palavras soaram como um veredito com uma calma e resolução sinistras, que fizeram meu estômago se retorcer em um nó.

Eles não podem te ouvir.

Não consegui conter as lágrimas. *Ai, meu Deus.*

— O que você quer? — gritei.

Eu estava sem fôlego, mal conseguindo respirar direito, e o som da minha respiração era quase a única coisa que poderia ser ouvida na sala. Ele estava tranquilo pra caralho. Será que ele achava isso divertido?

— O que você quer?! — berrei.

Fechei os olhos e as lágrimas deslizaram livremente quando percebi que levaria horas até que Arion voltasse para casa, e ninguém naquela festa precisaria vir até aqui. Havia a casa de hóspedes ao lado da piscina, com banheiro e uma pequena cozinha abastecida com toda sorte de lanches e bebidas.

Um nó se formou na minha garganta, e era como se estivesse prestes a vomitar. Balancei a cabeça, sentindo-me derrotada.

— O que você quer?

Senti sua mão tocando meu cabelo, e então a fita que segurava os fios em um rabo de cavalo se soltou.

— Ai, meu Deus. — Comecei a bater em suas mãos para que se afastassem de mim. — Pare... Por favor, só... pare.

Eu meio que me agachei, em parte para me livrar dele e em

parte porque estava passando mal. Cobri a boca com a mão, tentando conter a náusea.

— É uma piada — eu disse a mim mesma, quase surtando. — Você só está fazendo uma brincadeira de mau-gosto. É só uma piada.

Senti quando ele se agachou à minha frente, seu hálito soprando muito próximo.

— Então por que você não está rindo? — ele sussurrou.

Rosnei, ficando pau da vida outra vez.

Por que ele estava sussurrando? Isso significava que eu o conhecia? Será que ele tinha medo de que eu reconhecesse sua voz?

Tentei me acalmar, respirando longa e profundamente.

— Você... vai me machucar? — perguntei.

— Não sei.

Ele não sabia?

— Você quer me machucar? — insisti.

— Um pouco.

Sua voz disfarçada soava como uma brisa entre as árvores.

— Por quê?

— Porque eu sou doente — ele respondeu.

O quê? Ninguém era assim tão autoconsciente. Especialmente os psicopatas.

Ele segurou meus braços e fiquei rígida na mesma hora quando me fez ficar de pé. Ele se aproximou, a camiseta roçando contra minha pele.

— Porque sou incapaz de sentir culpa, tristeza, raiva ou vergonha com a mesma intensidade que posso sentir o medo, e não há medo maior do que quando eu fico apavorado. — Ele limpou uma lágrima do meu rosto e eu me afastei de seu toque. — Nunca sei ao certo o que vou fazer — concluiu.

Tudo o que ele disse soou como uma ameaça, só que pior. Era como se ele não tivesse nenhum controle sobre si mesmo, e como se fosse uma vítima, tanto quanto eu.

Vá à merda.

Empurrei-o para longe de mim outra vez, e minhas unhas o acertaram no pescoço quando chutei e gritei por ajuda.

No entanto, ele agarrou meus punhos e me fez virar de costas, envolvendo meu corpo com seus braços como uma barra de aço. Fui incapaz de me mover quando seu hálito soprou contra meu ouvido.

— Poupe suas forças — ele disse.

Então eu desabei. Meus joelhos fraquejaram e ele caiu comigo, ambos agora prostrados no chão, porém seu agarre impedindo que eu caísse por completo.

Apoiei minhas mãos na parede, a cabeça inclinada enquanto tentava me situar.

E foi aí que senti um pouco de frio, quando percebi que meu jeans estava úmido. Senti o cheiro fraco de cloro. A bermuda que ele usava estava molhada da piscina.

— Posso sentir o cheiro da piscina em você — eu disse, tentando recobrar um pouco das forças. — Você estava na festa. Com um monte de gente. Um monte de testemunhas. Eles vão descobrir que é você.

Ele me segurou em silêncio, por um momento, e então disse em voz baixa e resoluta:

— Meu tipo de diversão sempre tem um preço — sussurrou. — É melhor aproveitar enquanto posso.

— Por que eu?

Quer dizer, sério. Não que eu desejasse que ele fizesse isso com outra pessoa, mas era por causa da minha cegueira? Por que achou que eu fosse um alvo fácil?

— Não sei — disse e, finalmente, ouvi um pouquinho de sua voz rouca, embora ainda estivesse em um tom muito baixo para reconhecer.

— Era você no salão de festas quando eu estava dançando?

— Sim.

— Você estava me observando o tempo todo?

— Sim.

— Por quê? — perguntei.

Ai, meu Deus. Os rangidos no piso de tábua corrida que ouvi no andar de cima também. Era ele o tempo todo. Só em pensar em seus olhos me acompanhando... Estando na sala, espreitando de um canto e me observando... Brincando comigo.

Por que ele apenas ficaria ali para me observar?

— Porque foi lindo — ele disse, por fim.

Lindo?

— Você me perguntou por que você — disse, ainda me segurando contra ele, com minhas costas pressionadas contra seu peito. — É por essa razão. Você é pura.

Pura? O quê...? Ele queria me tornar impura agora ou...?

— Seus pais são péssimos — explicou. — Sua irmã é muito superficial e eu odeio a minha casa. É tudo muito sombrio lá. — Parou, prosseguindo logo depois: — Tudo simplesmente desapareceu quando você começou a dançar, porra. Tornou o mundo um lugar mais bonito. E eu gostei.

— Tá, e daí? — argumentei. — Você quer me trancar no seu porão para que possa dançar sempre que me ordenar? É isso?

Mas, ao invés da resposta que estava esperando, em um tom assustador, calmo e monótono, ele deu uma risada bem baixinha.

— Posso me esconder lá com você? — perguntou.

Franzi o cenho, baixando um pouco a guarda ante seu tom sincero.

Afastei os pensamentos confusos e tentei pensar rápido no que fazer. Agitei a cabeça duas vezes e acertei seu rosto, sem perder um segundo sequer quando ele me soltou. Foi por apenas um instante, mas o suficiente para que apoiasse o pé na parede e empurrasse outra vez, fazendo-o perder o equilíbrio e enviando-o para trás. Ele me levou junto, mas seu agarre afrouxou o bastante para que eu conseguisse me mover pelo chão.

Havia um telefone fixo na suíte dos meus pais. Eu poderia me trancar no banheiro e ainda teria bastante tempo para procurar por algum tipo de arma. Porra, eu poderia quebrar o espelho e usar um estilhaço se fosse preciso.

Saí correndo pelas escadas e pelo corredor em direção ao quarto dos meus pais. Sentia minhas pernas bambas, meus pulmões queimando com o esforço e meu cabelo se grudava ao meu rosto e corpo, por conta da fina camada de suor que cobria minha pele.

Abri as portas duplas de supetão e fui em direção à mesa de cabeceira, chocando minha perna contra o estrado da cama quando passei correndo.

— Droga! — grunhi, sentindo na mesma hora a dor me percorrendo desde a canela. Tateei em busca do telefone e, quando o encontrei, segurei firme em minha mão.

Porém, logo em seguida, eu o senti às minhas costas. Um soluço se alojou na garganta quando ele enlaçou o braço ao meu redor, me levantou e arrancou o telefone do meu alcance.

Eu respirava com dificuldade, minha cabeça recostada contra seu ombro enquanto ele me carregava para longe dali. Estava exausta e o medo drenou todas as minhas forças. Era como se tudo pesasse uma tonelada.

Ele parou e se recostou contra o que imaginei ser a parede próxima ao *closet*, e usei o que havia me restado de forças para tentar me soltar de seu agarre e chocar a cabeça contra seu rosto, já que ele se mantinha às minhas costas, embora mal estivesse conseguindo resultado.

Mas então ele segurou uma das minhas mãos e entrelaçou os dedos aos meus com força, mesmo que eu ainda estivesse tentando me soltar.

Apesar de resistir, ele passou minha mão por cima do meu ombro e pressionou os dedos contra o seu pescoço; senti na mesma hora a pulsação latejante e acelerada.

Ele apoiou a testa contra a parte de trás da minha cabeça, respirando com dificuldade.

— Você tem noção do que preciso fazer comigo mesmo para

conseguir que meu pulso bombeie assim? — sussurrou.

Ele pareceu cansado.

Seu pulso batia com força, e pude sentir o suor em seu pescoço. E daí? *Minha pulsação também está acelerada, seu maluco.* Nós havíamos acabado de correr pelas escadas. Que merda ele queria dizer com aquilo?

— Não se preocupe — ele disse, por fim. — Não vou te machucar. Não esta noite.

Abaixei minha mão, roçando de leve em sua clavícula, e não senti a presença de nenhum terço por ali. Além do fato de ele não ter o mesmo cheiro de Damon.

Seus braços ao meu redor me apertaram com força por um instante, entretanto, e nada do que ele dissesse me faria confiar nele. Então, ele me colocou de pé no chão coberto pelo carpete.

Mas não me soltou de imediato.

— Eu quero sair daqui — falei.

Se ele não ia me machucar, então me deixaria ir embora. Nós não possuíamos câmeras de circuito-interno, nem ao redor da casa, e não havia mais ninguém aqui. Ninguém saberia sua identidade se ele fosse embora agora. Eu, com certeza, não teria como identificá-lo.

No entanto, ele deu uma resposta arrogante:

— Então vá.

— Você não está deixando — rosnei, tentando me soltar de seus braços.

— As pessoas não vão permitir que você faça um monte de coisas, Winter.

Isso significava que ele queria que eu o obrigasse a me soltar? Que brincadeira era aquela?

Eu já estava cansada de ser motivo de diversão para ele.

— Por favor — pedi.

— Não me deixe falando sozinha! — alguém gritou, de repente, do vestíbulo.

Ergui a cabeça ao perceber que havia mais alguém dentro de casa.

O quê?

Minha mãe. Ela havia chegado.

— Porra — o garoto sussurrou.

Abri a boca para gritar, mas ele a cobriu com sua mão, levantando-me mais uma vez; ouvi as portas atrás de nós se abrindo e percebi que ele estava nos escondendo dentro do armário.

Espernei e gritei, mas as portas se fecharam de novo e, em seguida, ouvi o som do interruptor. Ele deve ter desligado as luzes do *closet* para nos manter ocultos.

— Não, não, não — ouvi meu pai argumentar. — Já que você

nos arrastou de volta para casa esta noite, quero apenas garantir que estejamos a portas fechadas para que as meninas não tenham que testemunhar as birras da mãe embriagada.

O garoto que me segurava fez com que eu me virasse para ficar de frente a ele, seu braço ao meu redor me segurando com força enquanto sua outra mão mantinha minha boca fechada.

— Mãe! — tentei gritar, mas era impossível romper a barreira que sua mão impunha. Inspirei com força pelo nariz.

— Ah, sim, com certeza. — Minha mãe gritou de volta. — Vamos levá-las para o próximo evento da empresa, onde a sua mais nova putinha de vinte e um anos poderá chupar seu pau no banheiro masculino, com todos os nossos amigos do lado de fora!

Agucei os ouvidos e, por um instante, parei de me debater entre seus braços.

— Aquela lá também está grávida? — ela prosseguiu. — Pagar por outro aborto para mantê-las de boca fechada vai realmente pregar os bons princípios católicos que temos tentado incutir nas crianças. Você é um merda.

— Diga isso outra vez — meu pai a desafiou.

Gravidez? Aborto? O quê?

Balancei a cabeça, tentando raciocinar e gritei novamente:

— Mãe! Pai!

Ele apertou a mão contra minha boca com tanta força que meus dentes machucaram a gengiva.

— Você nunca trabalhou e só faz gastar e gastar, sua vadia preguiçosa — meu pai continuou. — Então, se eu quiser comer uma novinha de vez em quando, é porque eu mereci!

Estremeci. Uma novinha? Ai, meu Deus. O que diabos estava acontecendo?

— E você vai sorrir, pegar o meu cartão de crédito, comprar alguma merda e calar a porra da sua boca sobre o assunto — ele disse.

O som de um tapa ressoou, fazendo-me pular de susto.

— Eu te odeio — minha mãe disse. — Eu te odeio!

As molas do colchão rangeram, e pareceu como se eles estivessem brigando.

— Nós não éramos assim! — ela gritou. — Você me desejava. Você me amava.

— Sim, é verdade. Quando você era bem mais jovem.

O som de um tecido sendo rasgado cortou o ar, e era possível ouvir os grunhidos que minha mãe fazia enquanto eles lutavam. Congelei, já sem me debater contra o agarre do garoto, sentindo as lágrimas querendo se derramar.

— Mas é graças ao meu dinheiro — meu pai disse —, que você ainda tem esses peitos.

Ela gritou e ouvi o som de outro tapa, então grunhidos e gemidos, e comecei a balançar a cabeça e chorar. Mas antes que pudesse pensar no que fazer, a mão que cobria minha boca se soltou e o agarre aliviou, e quando dei por mim, ele cobriu meus ouvidos e me puxou para perto.

— Shhh... — tentou me acalmar, sua boca roçando minha testa.

Chorei baixinho, as vozes deles abafadas agora, mas dava para ouvir de vez em quando.

— Ah, minha nossa — meu pai gemeu. — É isso aí!

Eu me encolhi toda.

— Saia de cima de mim — minha mãe exigiu. — Não!

— Ah, qual é... — A voz do meu pai parecia ofegante. — Ainda estou com os restos dela no meu pau. Sua boceta vai cheirar como a dela. Doce como o mel.

Cobri a boca para abafar os soluços, e foi aí que ele me puxou contra o calor do seu peito, ainda tampando um dos meus ouvidos, mas pressionando o outro contra seu coração.

Eu respirava com dificuldade e, mesmo que quisesse sair daqui, não dando a mínima para o fato de que eles soubessem que ouvi tudo o que se passava, tinha medo das consequências. Meu pai não queria ter me trazido de volta de Montreal, então ele poderia usar isso como uma boa desculpa para me mandar para lá outra vez.

Fiquei ali, ouvindo os batimentos cardíacos do garoto, e, depois de alguns instantes, tudo se acalmou. Minhas lágrimas cessaram, minha respiração começou a normalizar e não ouvi mais nada dos meus pais.

Apenas o coração dele, bombeando com força em uma batida rápida e constante, em um ritmo tão perfeito quanto um metrônomo, imutável.

A certa altura, abaixei a mão que cobria a boca e meus braços ficaram soltos ao lado do meu corpo, mas em instante algum ele me soltou. E as batidas no seu peito me embalaram até que meus olhos se tornaram pesados demais para que pudesse mantê-los abertos.

Exaustão tomou conta de mim e, sem perceber, me perdi nas sensações.

Em seu calor. Em seus braços. Nas batidas retumbantes de seu coração.



Na manhã seguinte, acordei e abri os olhos lentamente, sentindo meu corpo pesar uma tonelada.

Por que...?

Então arregalei os olhos e me sentei rapidamente, lembrando-me da noite anterior.

— Oi? — gritei. — Tem alguém aí?

Nenhuma resposta, mas quando estendi a mão, acertei o despertador.

— Nove e meia — o relógio informou.

Já era metade da manhã. Eu nunca dormia até tão tarde.

Deslizei a mão pelo corpo, fazendo um inventário das minhas roupas. Eu ainda usava o jeans e a regata, e ainda estava de sutiã e com as sapatilhas de balé.

Conferi o zíper por precaução, estremecendo na mesma hora.

Mas o botão estava fechado, e meu corpo, embora estivesse exausto, parecia bem. Não acho que ele tenha me tocado. Não daquele jeito, pelo menos.

Jogando as cobertas para o lado, sentei-me e tentei afastar a sonolência. Como cheguei à minha cama? Não fazia ideia de qual opção era a menos humilhante. Cair no sono depois de ele ter me assustado pra caralho e ter sido colocada na cama por ele, ou ter meus pais me encontrando adormecida no *closet* e descobrindo que estive ali o tempo todo. E então, eles terem me trazido para minha cama. Minha vontade era nem sair do quarto, já que não queria saber a resposta.

No entanto, eu precisava enfrentar os fatos.

Fiquei de pé e andei pela lateral da cama, em direção à porta, mas, acidentalmente, chutei algo no meio do caminho e estaquei em meus passos.

Estendi as mãos e deparei com uma caixa de papelão.

Não, na verdade... duas caixas de papelão empilhadas.

Abri a primeira e coloquei a mão ali dentro, meio hesitante, sentindo, com meus dedos, madeira, cerâmica, vidro e argila. Havia árvores em miniatura, telhados com glitter e vários tipos de casas, prédios e uma torre de relógio.

Então minha mão acertou uma maquete e *Carol of the Bells* começou a tocar, e na mesma hora eu soube que havia um ringue de patinação enfeitado com árvores ao redor e vários patinadores.

Aquilo quase me fez sorrir. Era a Vila do Papai Noel. As duas caixas que guardavam as estruturas.

Como isso...

Passos soaram no corredor, e ouvi minha mãe chamar Arion, a voz completamente diferente da que ouvi na noite anterior. Desviei das caixas e abri a porta, espiando por um instante.

— Ari, é você?

— Vou tomar banho — ela disse quando passou por mim.

— Você pegou a maquete pra mim? — perguntei. Eu queria

agradecer, caso tenha sido ela.

No entanto, ela resmungou:

— Eu disse pra você pedir para a mamãe. Não faço a menor ideia de onde está.

Tudo bem. Não tinha sido ela, então. Entrei no quarto de volta, coçando a cabeça.

Que merda estava acontecendo?

— Oi, querida — minha mãe me cumprimentou assim que entrou no meu quarto. — Você dormiu bem?

Meu Deus, por favor, não. Minha mente voltou àquilo tudo que ouvi entre ela e meu pai — como ambos soavam como se estivessem querendo se matar. Jesus, as coisas que meu pai disse...

Eu me lembrava de ouvi-los brigar na minha infância, mas isso foi há muito tempo.

— Você... está bem? — perguntei, hesitante, ouvindo-a se mover pelo quarto, provavelmente arrumando minha cama, porque ela ainda achava que eu precisava de ajuda. — Digo, de ontem à noite. Pensei ter ouvido...

— Ah, a Ari pegou a Vila do Papai Noel pra você? — ela me interrompeu. — Que gentil da parte dela. Viu? Ela te ama.

Ela beliscou meu queixo, brincando comigo, e eu me afastei um pouco, sem nenhum clima para isso.

— Vista-se — ela disse. — O café da manhã será em uma hora.

Ela saiu do meu quarto tão rápido quanto entrou, e percebi que ela não queria saber se eu havia escutado demais a noite passada.

Mas pelo menos ela parecia não saber que eu estava no *closet*. Graças a Deus.

E Ari estava agindo em seu normal.

Não havia sido nenhuma delas que colocou a Vila do Papai Noel no meu quarto.

— Mas que droga...? — Pensei em voz alta, franzindo o cenho. — Que diabos foi aquilo ontem?

Será que havia sido apenas uma pegadinha? Por que motivo ele teria me ameaçado e me assustado daquele jeito e... então me blindado para não ouvir a briga dos meus pais? Ele me protegeu e me colocou na minha cama e, de alguma forma, soube que eu queria aquela vila e que minha irmã não quis procurar para mim.

Eu sabia que deveria contar o que aconteceu para os meus pais, mas...

Não sei. Poderia ter sido apenas uma brincadeira, né?

Se eu contasse alguma coisa, eles poderiam me enviar de volta a Montreal, onde eu ficaria “mais segura e em meu próprio habitat”, como meu pai queria. Eu realmente não queria chamar sua atenção para drama algum, porque eu seria a pessoa punida.

Não. O garoto não me machucou. Não ainda, de qualquer forma.

Na verdade, ele foi meio que um anjo no final. Um anjo com asas escuras.

Psicopata.

Capítulo 9

Damon

Dias atuais...

— Então assim são as mulheres, gênero e sexualidade no Japão — eu disse, ao entrar na sala de aula de Banks. — Parte um.

Acrescentei a última parte com sarcasmo, já que não sabia ao certo o porquê haveria necessidade de uma aula como aquela, ainda mais sendo preciso dividir em duas partes.

Minha irmã olhou para mim por cima do ombro. Com calma, ela abaixou a caneta e se virou na cadeira, um sorriso cauteloso curvando seus lábios. O tipo de sorriso que indicava o pensamento “eu amo esse cara, mas deveria estar preocupada com sua presença aqui”?

— Sua lista de disciplinas é um prato cheio de coisas que eu me recusava a comer quando criança — comentei.

— Eu gosto da minha lista.

Ela finalmente deu um sorriso amplo e meu coração pulou uma batida. Era o mesmo sorriso que ela dava quando fazíamos as merdas infantis que meus amigos se recusavam a fazer comigo porque eram bacanas demais.

Entrar escondido no cinema sem pagar o ingresso.

Brincar de pique-pegas no labirinto no meio da chuva.

Dirigir acima da velocidade à meia-noite, mesmo que houvesse aula no dia seguinte, só porque a gente precisava dar um jeito de sair de casa.

Ela passou a sorrir menos à medida que ficava mais velha, mas agora conseguia fazer isso com mais facilidade. Dava para ver. Ela estava diferente.

Desci os degraus, devagar, um de cada vez, o auditório agora vazio depois da última aula. Ela sempre ficava mais um pouco para responder ao questionário que o professor passava.

Havia se tornado uma excelente aluna.

— Tem um monte de matérias sobre Política, História e Sociologia — comentei. — Por que escolheu essas disciplinas?

Ela deu de ombros e abaixou a cabeça, parecendo um pouco pensativa enquanto olhava para seus papéis. Banks havia feito a maioria dos meus deveres de casa quando eu estava no ensino médio, e minhas notas eram sempre acima da média, então eu sabia o quanto ela era inteligente. Quando soube que estava na faculdade, foi que parei para pensar que ela realmente gostava de estudar.

— O mundo era pequeno demais quando eu era mais nova — ela disse, por fim, olhando para mim outra vez. — Agora, tudo se

parece bem maior com as coisas que aprendo. Quero saber sobre tudo. Sobre cada pessoa que veio antes de mim. Cada guerra declarada. Cada cultura que coabita junto. Não consigo explicar... É só que...

— Eu entendi.

Parei alguns degraus acima, irritado, mesmo sem querer estar. Eu sabia que ela estava se referindo a mim. Ainda que só tivesse ido morar na minha casa depois dos doze anos, eu era parte da razão de o mundo dela ter se tornado tão pequeno e limitado. Queria que ela fosse feliz, embora não tivesse superado toda a minha possessividade. Ainda era difícil ficar feliz por vê-la desse jeito, principalmente porque eu sabia que sua felicidade não era por minha causa.

E isto aqui – olhei ao redor da sala –, era apenas mais uma das coisas que a afastava de mim. Quanto maior o mundo dela se tornasse, mais ela se distanciaria e, de todas as emoções que eu evitava a todo custo, a que eu mais odiava era a sensação de perda.

— Estou feliz por você estar estudando — murmurei. — Nunca imaginei você desse jeito, mas combina contigo.

Ela era linda.

E brilhante. Seu cabelo escuro descia pelas costas em cachos soltos, o jeans e a blusa preta de manga curta ficavam muito melhores do que as minhas roupas que ela usava; Banks agora usava batom e rímel, e a luz

centilhou sobre o pequeno rubi encrustado de diamantes que compunham sua aliança na mão esquerda. Kai deve ter comprado uma joia digna depois do casamento relâmpago.

Maldito Kai. Era nítido que ele a estava tratando como ela sempre mereceu.

Mas isso significava que ela era dele agora? De verdade?

Suspirei, olhando à minha volta.

— Eu odiava a faculdade.

— Você odiava ficar longe da sua família — ela corrigiu. — E não estou falando sobre mim e Gabriel.

Cerrei a mandíbula. *Isso aí.*

Aquele um ano e dois meses que passei na faculdade foram um saco e, mesmo agora, quando olhava para trás, pensava que o tempo esteve suspenso enquanto eu me mantinha longe de Michael, Will e Kai.

E dela.

— Você era o único solitário que conheci que odiava ficar sozinho — ela zombou, recolhendo seus livros e folhas.

— Então... o que você vai fazer? — perguntei, mudando de assunto. — Com os estudos, quero dizer.

— Ela já está fazendo. — Uma voz soou do alto das escadas e, quando olhei por cima do ombro, avistei a garota magra e de cabelo

castanho descendo rapidamente.

Alex.

— Ela, Rika e eu estamos desenvolvendo um curso para jovens mulheres — disse, parando no degrau acima de mim. — Defesa pessoal, sobrevivência, consciência circunstancial, tomada de decisões... Esperamos lançá-lo no próximo verão, no *Sensou*.

Sensou. O *Dojo* que Kai, Rika, Will e Michael possuíam juntos. Sem mim.

Defesa pessoal, sobrevivência, consciência circunstancial... As pessoas não precisavam desse tipo de aulas. Empurre alguém para dentro de uma piscina e ele aprenderá a nadar rapidinho.

Banks se levantou e pegou sua bolsa – pesada e abarrotada de livros e sabe-se Deus mais o quê. Ela olhou para mim e esclareceu:

— Quero empoderar as pessoas. É tudo o que sei por enquanto.

— Está pronta para almoçar? — Alex perguntou às minhas costas, mas eu sabia que não estava falando comigo. Elas provavelmente se encontrariam com Rika também, já que as três estudavam na Universidade Trinity.

Minha irmã passou por mim e vi quando fez um leve aceno com a cabeça, como se estivesse se desculpando. Foi um gesto bem sutil, e que eu não via há muito tempo, mas ela costumava fazer aquilo o tempo todo. Sempre dando olhadelas singelas ou acenos rápidos em uma tentativa de lidar com meu temperamento instável ou para me acalmar.

Respirei profundamente.

Eu precisava dela. Precisava de uma âncora.

— Banks — chamei e virei-me lentamente.

Ela estacou em seus passos e ficou imóvel, sem olhar para mim. Ela não queria ter que lidar comigo, e não precisava fazer isso. Eu era seu irmão mais velho. Tomava conta dela, não o contrário.

— Encontro vocês lá — ela disse à Alex.

A garota me lançou um olhar e eu arqueei uma sobrancelha, em desafio, lembrando-a de que ela não gostaria de me ver irritado.

Seus lábios se franziram em uma linha rígida e ela assentiu para Banks, saindo do auditório.

Minha irmã se virou de frente, mas ainda sem me encarar.

Estávamos a poucos passos de distância, mas, de repente, era como se fossem quilômetros e quilômetros.

Eu quase matei meu amigo.

Destruí a empresa de Kai.

Eu a ameacei, e aos seus guarda-costas, e praticamente a mantive em cativeiro.

Eu lamentava por algumas coisas, não por outras.

Engoli em seco.

— O jeito que... o jeito que eu te tratava — comecei —, eu...

— Você me criou — ela disse, olhando para mim. — E sabe-se lá o que poderia ter acontecido comigo se eu tivesse continuado com a minha mãe.

Esperei que ela prosseguisse, sem saber se ela estava tentando me fazer sentir melhor ou se realmente achava que a vida que teve comigo valeu a pena, apesar de tudo.

— Gosto da pessoa que me tornei — ela disse. — E não odeio você por nada.

E, apesar da minha respiração estável e do meu olhar firme para ela, um alívio súbito começou a percorrer cada parte do meu corpo.

Eu a observei sair do auditório, um pouco menos inseguro do que quando entrei aqui antes.

Ela não confiava em mim, e pode ser que nunca me escolha em prol de outros. Mas ela ainda estava comigo. Mesmo que só um pouco.

Isso já era alguma coisa.



Voltei à casa dos Ashby – tecnicamente minha casa, agora –, logo depois das seis e morrendo de fome. Quase não havia comido o dia inteiro, e por mais que preferisse esperar até mais tarde para voltar, de forma que tivesse que interagir o mínimo com Arion, eu queria vê-la. Eu queria

Winter à mesa de jantar esta noite.

— Olá, senhor — Crane me cumprimentou assim que abriu a porta para mim.

Entre na mansão, ouvindo o motorista se distanciar com o carro, e disparei escada acima. O vento do lado de fora assobiava pelas frestas da madeira velha e por quaisquer rachaduras que porventura encontrasse.

Mas não havia música ou o som de passos, e o andar superior estava às escuras.

Parei, enfiando a mão no bolso da calça.

— Tem alguém em casa? — Olhei para Crane por cima do ombro.

Ele pigarreou levemente.

— A Sra. Ashby e a Sra. Torrance estão voltando da cidade... foram às compras — esclareceu. — Estarão aqui à hora do jantar.

Sra. Torrance. Caralho.

Apertei a ponte do nariz, exalando audivelmente e esperando que dissesse o resto.

— E... — prosseguiu — a *Srta.* Ashby está no jardim.

Parei de respirar por um instante. *No jardim.* Eu odiava o fato de que só de saber que ela estava por perto me deixava estático.

Cerrei a mandíbula e continuei a subir as escadas.

— Ela não está sozinha, senhor — ele disse às minhas costas. — O Sr. Grayson está aqui.

Estaquei em meus passos. *Will?*

— Por favor, me avise se fiz errado em ter admitido sua entrada — Crane acrescentou. — Você apenas disse...

— Está tudo bem — retruquei.

Subi o restante dos degraus e entrei no meu quarto, abrindo a porta com tanta força que a maçaneta se chocou contra a parede. Fui até as janelas e afastei as cortinas diáfanas, espiando logo abaixo, no jardim. Do segundo andar era possível ver o terraço, a piscina, a casa de hóspedes e área arborizada mais além. Meu olhar pousou nos dois na piscina.

— Mas que porra...? — rosnei baixinho.

Ela a segurava com uma chave de braço, o cabelo dela à frente do rosto,

enquanto o dele ostentava um sorriso do caralho. Ela se debatia e tentava sair do golpe, tentando acertá-lo às costas e, enquanto eu me decidia se estava com mais raiva por vê-lo tocando o que era meu, ou se ele a estava machucando ou apenas brincando com ela, Will a soltou e a empurrou para frente. Em seguida, espirrou água nela e ambos começaram a rir, o que acabou respondendo à minha questão.

Agarrei o batente da janela com força, fazendo uma careta para o que via abaixo. Eles estavam mergulhados até a altura da cintura; Will estava com o peito desnudo, as tatuagens expostas, enquanto ela usava uma espécie de biquíni em formato de top. Nos vários minutos que se passaram, ele trabalhou com ela em uma série de golpes e agarres, ensinando-a a se livrar de cada um deles. Os lábios dele se moviam, explicando o que devia estar fazendo, à medida que ele a agarrava, erguia ou a encurralava no canto da piscina.

Eu quase comecei a rir. *Rika filha da puta.*

Aquela ideia só podia ter sido dela. Eu apostaria qualquer coisa como ela havia enviado Will até aqui para ensinar Winter algumas técnicas de defesa pessoal, só para que ela soubesse me manter afastado. *Boa jogada, garota, mas isto era um jogo de xadrez, não de damas. Lembra?*

Winter ergueu as mãos e as apoiou sobre o peito de Will, e senti minha respiração acelerar de repente, meus olhos incendiando.

Ela não podia tocá-lo.

E ele não podia tocá-la.

Soltei as cortinas e saí em disparado do quarto.

Gostei de saber que Will estava aqui. Eu o queria aqui. Comigo. Mas ele não era a salvação dela. Ponto-final.

Passsei pelo corrimão e fui em direção às portas que ligavam ao jardim dos fundos da casa. Atravessei o terraço e parei, contemplando-os na piscina abaixo enquanto conversavam e se divertiam.

Fazia sentido agora a razão para ele a ter levado à piscina. Sem sua visão, aquela era uma forma de Winter manter o equilíbrio e amortecer qualquer eventual queda durante o treino. *Obrigado por isso, Will.* Eu a queria em um perfeito estado.

Gotas de chuva atingiram meus ombros e Winter piscou quando ergueu a cabeça para o céu e estendeu as mãos com as palmas para cima. As gotas tocavam a superfície da água, e as chamas da fogueira próxima à casa de hóspedes estalaram, o brilho convidativo logo abaixo do céu que escurecia.

Will passou a mão pelo cabelo molhado e, finalmente, olhou para cima, avistando-me ali parado. Ele se manteve imóvel, no entanto, inabalável enquanto seus olhos verdes faziam um buraco através da minha cabeça, como uma maldita chave de fenda, e, por um instante, era como se estivéssemos no ensino médio, lado a lado, e como se Winter não estivesse entre nós.

Naquele momento, eu queria agarrar ele, ela e Banks, e nos isolar em uma ilha distante, onde nunca deixariam de me pertencer.

Relâmpagos iluminaram o céu, e, em seguida, um trovão estalou; Will e Winter trocaram algumas palavras e ela se apressou a sair da piscina. Ele fez o mesmo e a ajudou a encontrar uma toalha.

Assim que ela se secou, envolveu a toalha ao redor do corpo, mas, quando ele tentou segurar sua mão, ela o afastou. Ele disse mais alguma coisa para ela, que assentiu, e então se virou.

Com a mão direita estendida à frente, ela conseguiu voltar para casa, vindo na minha direção, e meu olhar se conectou ao de Will.

O canto de sua boca se curvou em um sorriso desafiador, e eu balancei a cabeça, vendo Winter caminhar à minha frente. Quando estava passando por mim, ela parou e virou a cabeça para o lado onde eu me encontrava; encarei-a o tempo todo, sabendo que ela tinha plena consciência de que eu estava ali, a poucos passos de distância.

Meu olhar a varreu de cima a baixo, desde seu rosto, pescoço e ombros, em uma carícia suave. O único tipo de toque que me permitiria desfrutar por enquanto.

Garota idiota. Ele só te ensinou a se livrar de um atacante. E se houver mais de um?

Ela abaixou a cabeça, os lábios agora franzidos, e seguiu em diante para entrar em casa.

Em breve.

Will se secou e foi até a fogueira, estendendo as mãos para se

aquecer. Desci os degraus de pedra e fui até ele.

— Recebi sua mensagem — ele disse, encarando o fogo.

Um sorriso curvou meus lábios, ao me lembrar do recado que havia enviado para ele há um tempo. Onde o desafiei a me encontrar. Para que pudesse encarar quem ele realmente era, ao invés de sempre servir como a vela de Michael e Kai. Eles que se fodam.

— Você acha que conseguirá me impedir? — Eu o encarei por cima da fogueira. Era por isso que ele estava aqui? Fazendo o que Rika pediu e numa tentativa de colocar Winter contra mim?

No entanto, seus olhos brilharam com travessura, mesmo que não estivesse olhando para mim.

— Você não acha que a surra que te dei foi o fim de tudo, acha?

Meu sorriso congelou quando me lembrei que permiti que ele me batesse no ano passado, porque sabia que merecia. Eu me ajoelhei lá e deixei que me atingisse com socos, um atrás do outro, porque queria me sentir pior do lado de fora do que já me sentia por dentro, e, por vários momentos, desejei que ele me matasse. *Apenas me mate, porque não tenho como voltar no tempo e não consigo seguir em frente.*

Eu quase o matei. E queria que ele me odiasse com tanta intensidade que, por fim, ele acabasse com a minha vida, e só aí, talvez, depois que sua raiva se dissipasse, ele poderia voltar a me amar. Independente se estaria vivo ou morto, ele precisava me perdoar por eu ter me aliado ao irmão de Michael, não o impedindo de fazer o que fez naquela noite, no iate.

Mas eu não era o único culpado por toda a merda que aconteceu há dois anos, depois que saímos da prisão. Aceitei minha punição pelo que fiz, mas não ficaria sem reagir outra vez.

E, se pelo menos uma pequena parte dele não estivesse disposta a me perdoar, ele não teria vindo aqui. Ele queria estar aqui. Ele não conseguia esquecer, o que significava que não conseguia me esquecer também. Não completamente.

— Você sentiu minha falta — eu disse, em um tom de voz rouco.

Ele se moveu por trás das chamas, dando a volta na fogueira bem devagar, e eu fiz o mesmo, seguindo seus passos.

— Não sentiu? — provoquei.

Seu jeans molhado estava grudado às pernas, e notei que ele havia acrescentado mais tatuagens ao peito e braços desde a última vez em que o vi.

Mas algumas coisas não haviam mudado. Ele ainda estava levando uma vida de merda, se embriagando e ficando chapado o tempo todo. Precisava de mim.

Uma risada de escárnio escapou de seus lábios quando ele me

encarou.

— Você foi minha *heroína* muito tempo atrás — ele disse, e seu olhar se escondeu por trás das chamas outra vez.

Dei mais um passo, movendo-me ao redor da fogueira e fixei meu olhar ao dele.

— E você ainda gosta das suas drogas, pelo que ouvi dizer.

Ele balançou a cabeça, sabendo direitinho de onde eu havia conseguido aquela informação.

— Maldita Rika.

— Maldita Rika. — Assenti.

Ele se moveu outra vez, sumindo por um instante, e eu avancei logo atrás dele. Seu olhar estava concentrado no meu quando se abaixou e ficou fora de vista, e ainda se manteve atento a mim, quando reapareceu. Seus lábios se curvaram e seus olhos estavam carregados com fúria, ódio, emoção; suas pupilas nem um pouco dilatadas e lúcidas, porque ele não precisava de merda nenhuma quando estava comigo.

— Winter gosta de você — eu disse, dando mais um passo. — Ela parece confiar em você. Por quê?

— Eu tenho um jeito... com as mulheres — debochou.

— Eu me lembro disso. — Umedeci meus lábios. — Sempre foi divertido observar você com elas.

Seu ritmo respiratório acelerou, e eu soube que ele estava se lembrando de todas as merdas que fazíamos naquela época. Nós havíamos nos divertido bastante.

Mesmo sem a presença das garotas.

— Você quer me ver com ela? — sondou. — É isso?

Dei uma risada baixa e balancei a cabeça.

— Não exatamente.

Eu me lancei para frente, pegando-o de baixa guarda, dei a volta na fogueira e espalmei minhas mãos em seu peito, imprensando-o contra a parede da casa de hóspedes. Ele grunhiu quando suas costas se chocaram contra os tijolos.

A chuva começou a bater contra o toldo acima, e eu parti para cima dele, pronto para jogá-lo no chão, mas ele se inclinou um pouco e apoiou o ombro contra a minha barriga, nos enviando direto contra o piso de concreto.

Rangi os dentes, fervilhando e acertando o punho contra a lateral de sua cabeça enquanto ele socava meu estômago. Contraí todos os meus músculos abdominais contra seu ataque, e eu já não sabia mais se estava com raiva ou desesperado para envolvê-lo em qualquer coisa, porque sentia falta pra caralho disso, mas, de toda forma, estava me divertindo.

Eu o lancei de costas no chão e ele tentou rolar para longe, para

se afastar, mas o segurei. Fiquei por cima de seu corpo, às suas costas agora, e o pressionei contra o piso, colocando meu braço à sua nuca para mantê-lo quieto.

— Ah, eu me lembro disso — provoqueei, sussurrando em seu ouvido. Meu peito pressionado às suas costas e ambos bem conscientes da minha virilha contra a sua bunda. — Era disso que você estava sentindo falta, não é?

Ele moveu a cabeça, tentando me acertar.

— Não fale sobre isso, porra! — rosnou. — Eu estava bêbado.

— Nas três vezes? — zombei, sorrindo. — Michael e Kai não fazem ideia de quão próximos nos tornamos, não é?

Recostei minha boca contra seu ouvido, prestes a reavivar a memória daqueles momentos, quando eu era o único capaz de dar o que ele precisava. Quando ninguém mais estava lá para ele, e quando tínhamos tudo o que o dinheiro podia comprar, mas o que realmente queríamos eram coisas que não tinham preço.

Quando éramos jovens e esgotados, apodrecidos por dentro, e quando em algumas noites, aqui e acolá, só o que queríamos era tocar alguém igual. Alguém que compreendia isso.

Eu poderia fazê-lo se lembrar. Eu poderia pressionar e não pensar em mais nada e fazê-lo apenas esquecer, aceitar, sentir e...

Estendi a mão à frente e agarrei sua garganta, afundando meu rosto em seu pescoço, mas ele se debateu abaixo de mim, balançando a cabeça outra vez e se soltando do meu agarre quando acertou minha boca.

Fechei os olhos com força quando senti meus dentes rasgando a gengiva e grunhi, distraíndo-me o suficiente para que ele conseguisse me jogar para longe.

Adrenalina me percorreu da cabeça aos pés e meu coração acelerou quando comecei a rir, lambendo a ferida e sentindo o gosto de sangue na boca.

Seu merdinha do caralho. Will era bom... até o momento em que queria ser. Winter não deveria confiar tanto nele.

Eu me levantei assim que o vi fazendo o mesmo.

— Sabe de uma coisa — ele começou a dizer, um sorriso zombeteiro curvando seus lábios. — Nunca senti tesão pela Winter naquela época. Era pálida demais. Inocente demais.

Ele se inclinou e pegou meu maço de cigarros que havia caído no chão, pegando um para si. Então arremessou o pacote para mim, que continuava o encarando quando ele se inclinou outra vez para acender o bastão na fogueira.

— Ela era bonita, mas eu gostava de alguém gostosa. — Soltou uma baforada, o olhar fixo às chamas como se estivesse devaneando por um instante. — Uma garota sexy com aquele cabelo da cor de

chocolate e a pele morena. Lábios carnudos e olhos escuros que me assombravam por trás daqueles sedutores óculos de armação grossa.

Ele parou de falar, perdido com as lembranças em sua mente, e eu sabia exatamente em quem ele estava pensando. Mas depois de um momento, ele balançou a cabeça, voltando ao presente.

— Eu nunca soube, de verdade, porque você era tão atraído pela Winter. Michael e Kai achavam que era apenas uma transa de uma noite pra você, mas eu te conhecia. — Ele ergueu o olhar, deparando com o meu. — Eles não viam a forma como você olhava para ela na escola, durante o horário de almoço e quando cruzava com ela pelos corredores. E como ninguém... ninguém — enfatizou as palavras — sacaneava com ela pelas costas depois do que você fez com aquele garoto que a desrespeitou, quando fez um gesto obsceno perto dela, sem que ela pudesse ver.

Ele deu a volta na fogueira de novo, e eu fiz o mesmo, sem afastar meu olhar por nem um segundo.

— Mas cerca de um ano atrás — ele disse —, fui dar uma olhada na sua garota. Assisti a um de seus ensaios no Teatro, com um parceiro fazendo dupla. Um cara.

Cerrei os dentes com força.

— Achei que eles não estavam ensaiando coisa nenhuma — ele provocou, e pude ver as imagens brincando por trás de seus olhos. — Ele a estava imprensando contra a parede, o cabelo longo dela todo espalhado pelas costas e a pele corada e brilhante de suor por conta do esforço... As mãos dele estavam em todo lugar, e a língua dele estava quase na garganta dela.

Contive a careta que queria se formar, mas não consegui impedir as imagens em minha mente. De uma época quando a tive mais ou menos na mesma posição. Seus seios desnudos, os braços envolvendo meu pescoço e me puxando contra seu corpo, nós dois enrolados um ao outro, tão perto que era impossível distinguir quem era eu ou ela...

Vagabunda. Tomara que ele estivesse dizendo a verdade.

— Ela parou quando ele tentou tirar as roupas dela — Will disse. — Mas uma coisa eu percebi logo de cara. Aquela garota está pronta para ser tratada como uma mulher. — Seus olhos flamejaram. — E talvez ela não tenha gostado de transar com você, mas pode ser que goste muito de transar comigo.

Cerrei meus punhos.

— É... — caçoou, o tom de voz se infiltrando pela minha pele. — Ela agora me deixa com um tesão da porra. Parecia bem gostosa na piscina, e já posso até ver aquela bundinha branca quicando no meu pau, o cabelo espalhado pelas costas...

Dei um chute na fogueira, e tudo foi parar dentro da piscina, o

fogo se extinguindo na mesma hora. Parti na direção dele, que não fez a menor menção de se afastar. Com uma mão enrolada ao redor de sua garganta e a outra nas suas costas, arremessei-o contra a parede da casa de hóspedes.

— Eu quase te matei uma vez — eu disse, entredentes, e com o nariz colado ao dele. — E posso muito bem fazer isso novamente.

— Então faça — retrucou. — Faça, porque não tenho nada a perder, D. Absolutamente nada.

Ele arfou na última parte, deixando transparecer o desespero, e era uma sensação familiar, porque eu sentia o mesmo. Eu o encarei, seus olhos focados nos meus.

— Não consigo mais deixar de seguir esse caminho — ele praticamente sussurrou, os olhos agora marejados. — Minha família se cansou de mim. Michael tem a Rika. Kai tem a Banks. Vocês eram uma mentira. — Ele vacilou, baixando o olhar. — *Ela* era uma mentira.

Ela.

Ela seria a próxima. Depois que eu acabasse com Winter, eu faria aquilo por ele.

— Não tenho medo de você — ele disse, embora sua voz estivesse carregada de derrota. — Não tenho mais medo de nada. Se você não me matar, vou continuar te provocando até que você faça isso. E vou foder você do jeito que eu puder. — Rangeu os dentes, rosnando. — De um jeito que ela vai amar.

Eu o joguei contra a parede outra vez, mas, mesmo assim, ele não lutou contra mim.

— Você quer assistir? — provocou. — Vamos lá... Ela nem vai saber que você estará no quarto. Você vai poder ver o tanto que ela vai gostar de estar comigo. Vai ver que ela vai responder ao meu toque muito mais do que ao seu.

Pare com isso.

— Vai vê-la suar e gemer e vai ver o quão rápido consigo fazê-la gozar no meu pau — escarneceu.

Olhei para ele, com uma careta, meus dedos apertando seu pescoço. Ela não ia querê-lo. E, Deus a ajude, se ela o desejasse.

— Então vamos lá... — soltou, finalmente apoiando as mãos contra o meu peito para me empurrar. — Me mate, antes que eu transe com ela, porque não vou parar.

Ele me empurrou de novo, e eu tropecei para trás, meus dedos curvados em punhos.

Não. Pare, apenas pare.

— Porque eu tenho uma paixão por autodestruição, e você sempre soube disso, e sempre soube que a gente ia acabar mal. — Sua voz vacilou. — Isto não vai ter fim de outro jeito.

Ele estava certo? Será que pensei que nossa amizade

sobreviveria ao nosso futuro?

Fique ao meu lado. Apenas ao meu lado. Não contra mim.

Mas ele me empurrou outra vez.

— Eu vou tirá-la de você.

— Não faça isso — arfei.

As paredes estavam se fechando. Eu não podia respirar.

Mas ele continuou me empurrando, e eu estremeci, sentindo uma dor no peito agora.

— E ela vai me tirar de você, e então, você vai ficar sozinho. Como você sempre deveria ter estado.

Senti a queimação no meu estômago e recuei, e então ele me acertou um soco, a dor explodindo pela minha bochecha e me fazendo chicotear a cabeça para o lado.

— Você vai ter que me enfrentar! — ele gritou, e acertou-me de novo, enviando-me aos tropeços para trás. — Me mate. Apenas termine a porra do serviço e me mate, porque estou fodido, e eu te odeio, e se você não acabar comigo, eu vou acabar contigo, porque acabou, porra!

Ele me empurrou uma e outra vez, e eu estava perdendo o controle. Levantei as mãos para fazê-lo parar.

— Não faça isso. Pare.

Uma lágrima deslizou pelo seu rosto, mas ele a afastou, rosnando.

— Me mate! — disse, entredentes. — Quebre o meu pescoço, rasgue a minha garganta, me estrangule, seu fodido! Apenas faça logo isso!

Ele deu um soco no meu rosto e a dor reverberou pela minha cabeça. Cerrei os punhos com tanta força que as unhas se afundaram contra as palmas.

— Will... — ofeguei, incapaz de respirar direito. — Para.

— Eu nunca vou parar. — Balançou a cabeça, vindo para mim outra vez. — Nunca.

E me empurrou.

— Me mate.

Pare.

Suas mãos me atingiram novamente.

— Eu vou afastar a sua garota de você, então me mate!

Você não pode tê-la. Eu vou...

— Me mate, para me tirar do seu caminho! — berrou. — Se você tivesse feito as coisas do jeito certo da última vez, eu estaria no fundo do oceano, porra, então... acabe o serviço, daí você vai poder ficar com ela!

Vi a cena dele se afundando no mar escuro no fundo da minha mente, e fechei os olhos com força, tentando afastar o pensamento.

Ele teria desaparecido para sempre.

— Me mate, porra — ele disse, sua voz, de repente, mais tranquila.

— Não.

— Por favor, você precisa fazer isso.

Balancei a cabeça.

Ele agarrou a gola da minha blusa e gritou:

— Faça logo isso, caralho!

Então segurei seu pescoço com minhas mãos e o imprensei contra a parede da casa de hóspedes.

— Eu não posso!

Ele grunhiu, respirando com dificuldade, e eu recostei minha testa à dele, incapaz de engolir o nó que havia se instalado na garganta.

— Porra, eu não posso — sussurrei. — Por favor, pare. Por favor.

— Eu não consigo — ele murmurou e lágrimas deslizaram pelo seu rosto. — Não consigo mais.

Segurei seu rosto entre minhas mãos, apenas segurando-o ali e prestes a dizer um monte de coisas, porque ele nunca escondeu nada de mim. Ele nunca viu fraqueza quando olhou para mim. E eu queria lhe dizer tudo.

Queria dizer que nunca o teria machucado. Que não sabia o que Trevor estava fazendo, e não era para as coisas terem chegado àquele ponto, porque dos meus três amigos, Will era o único a quem eu sempre salvaria primeiro. Que meu orgulho e minha raiva não deveriam ter me feito hesitar, e que se ele tivesse ido parar no fundo do oceano, longe do meu alcance, então eu teria pulado atrás dele.

Eu o teria seguido e teria apodrecido lá, perto de onde ele estava, porque nada que eu conquistasse depois – minha herança e nem mesmo minha vingança contra Winter – teriam valido a pena sem ele ao meu lado.

Seu hálito soprou sobre a minha boca, e seu cabelo formigou por entre

meus dedos. *Ele precisava de mim.* Agarrei sua nuca. *Ele precisava chegar à conclusão de que precisava de mim.* Ninguém o seguraria daquele jeito, como eu.

Ninguém.

Avancei e capturei seu lábio inferior entre meus dentes e o empurrei pela porta da casa de hóspedes.

Ele tropeçou, rosnando, e prestes a lutar contra mim, mas eu avancei, mergulhando minha boca contra a dele e o empurrando contra o sofá. Cobri seus lábios com os meus, segurando seu pescoço com uma mão e me apoiando com a outra.

— Vá se foder — rosnou, tentando se afastar.

Sorri e lambi seu lábio.

— Só se você quiser...

Soltei seu pescoço e abri a braguilha de seu jeans, enfiando a mão por dentro enquanto ele tentava me impedir, mas envolvi seu pau entre meus dedos, já sentindo-o enrijecer.

— O que ela estava usando? — Comecei, esfregando para cima e para baixo, sem dar-lhe chance de pensar. — Que porra era aquela que ela estava usando pra você, hein?

Ele perdeu o fôlego, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, deixando escapar um gemido.

— Damon, para.

Minha boca pairou acima da dele, à medida que eu o acariciava cada vez mais rápido. Enfiei o joelho por entre suas coxas, fazendo-o abri-las para mim.

— O que ela estava usando?

Seu pau ficou duro e inchado na minha mão e deslizei a língua pelo seu lábio inferior.

— Ela quer você na boca dela. — Aumentei a pressão em seu pau. — Ela quer isto na boca dela.

— Sim.

E então ele era meu.

— Que porra ela estava usando? — Esfreguei mais e mais, sua pele macia e quente entre meus dedos.

— Ela dorme... — Ele parou, ofegando com o que eu estava fazendo com ele.

— Sim?

Seu corpo estremeceu.

— Ela dorme com essas... essas calcinhas fofas e pequenas — ele disse, os olhos ainda fechados enquanto pensava em seu objeto de obsessão. — Tem um triângulo minúsculo de tecido que cobre a parte da frente.

— Vermelho? — Mordi seu lábio outra vez.

Ele negou com a cabeça.

— Azul. E uma camiseta. Ela dorme de braços, e seus quadris se movem quando ela está sonhando. Meu Deus, a bunda dela...

— Mmmm... — Senti a gota de sêmen começar a fluir. — Ela está esfregando aquela boceta contra o colchão, hein? Deve ser uma boceta gostosa e quente.

— Caralho, é quente. — Ele agarrou minha nuca, nossas bocas a centímetros de distância. — Mais duro.

— E molhada? — provoqueei, masturbando-o mais rápido e duro, do jeito que ele queria. — Ela é molhada?

Ele assentiu, respirando com dificuldade.

— E apertada?

— Sim.

— Lamba-a todinha, Will — eu disse, dando a ele o que aquela puta nunca deu. — Ela ama você às escondidas. Ela deixa que William Grayson III, o astro do time de basquete, vá até a casa dela, escale a parede até a janela de seu quarto, à noite, e goze dentro dela sempre que ele quiser.

Seus músculos abdominais se contraíram e ele se perdeu em pensamentos, cerrou os dentes e afundou os dedos contra a minha nuca, e então... chegou ao orgasmo, gozando na minha mão e ao redor de seu pau.

Ele gemeu, suor brilhando em seu pescoço e peito, e manteve os olhos fechados, porque sabia que assim que os abrisse, o feitiço estaria quebrado. Não era ela acima dele. Era eu.

Depois de um instante, sua respiração se acalmou e ele abriu os olhos, lentamente. Seus ombros estavam relaxados, e sua luta havia cessado.

Eu me levantei e peguei uma toalha do armário. Limpei a mão e lancei-a para que a pegasse.

— Isso é tudo o que você consegue fazer, não é? — ele disse, limpando-se e fechando o zíper da calça. — Você só sabe foder as pessoas ou foder com elas. É a única forma que você consegue se conectar com alguém.

Ele jogou a toalha no chão, mais calmo do que antes, mas ainda... ainda não estava comigo.

— Agora que penso nisso — refletiu, sério. — Fico pensando se qualquer coisa que recebi de você foi real.

Eu não sabia dizer se ele estava certo, e não me importava. Eu manipulei, ele fez o mesmo, e me movi outra vez, sempre com o meu prêmio à vista. Fiz o que tinha que fazer.

O problema era que eu não queria acabar com Will, e se eu vencesse seja lá que jogo estávamos jogando, será que o destruiria no processo? Será que o que ele disse era verdade? Que era impossível para nós tudo aquilo acabar de outro jeito?

— Se você machucar a Winter, vai ter que lidar comigo — disse, por fim.

Ajeitei minhas roupas, limpando as gotas de chuva da lapela do meu terno. Não dei nenhuma resposta. Ele sabia que eu não daria ouvidos à sua advertência, porém permiti que o fizesse.

— E isso serve para o Michael — acrescentou. — E Kai.

— E Rika e Banks? — emendei.

— E Alex. — Ele deu um sorriso sinistro, em desafio. — Nosso exército é bem maior. Você não tem ninguém.

— Eu só preciso de mim mesmo. Uma pessoa capaz de fazer o

que nenhum de vocês pode. — Parei e disse em seguida: — Você não tem coragem para isso, Will. Não tenha dúvidas de que farei o que for preciso para manter o que é meu. Aquela garota ali dentro me pertence.

Ele hesitou, olhando para baixo antes de me encarar com um ar decidido.

— Ela não quer pertencer a você, Damon.



Apoiei a mão contra os azulejos acinzentados, sentindo a ducha forte e quente cascatear pelo meu pescoço e costas.

Ela não quer pertencer a você.

Ah, eu sabia disso. E eu teria um prazer imenso em dar muito mais que ela não queria.

Porém, cada músculo no meu corpo contraiu em tensão, incapaz de esquecer suas palavras.

Ela não quer pertencer a você.

Fechei os olhos, ouvindo aquela sentença em um eco na minha cabeça.



— *Você me pertence* — minha mãe disse. — *Você é meu e eu sou sua.*

Ela se deitou ao meu lado, deslizando um braço por trás da minha cabeça enquanto me encarava e me abraçava com força.

— *Nós sempre seremos um do outro, Damon. Mamãe será sua, não importa o que aconteça. Pelo resto da sua vida. Eu sou sua, querido.*

Assenti, mas, sem perceber, cerrei os punhos e agarrei os lençóis da sua cama. Eu dormia bastante com a minha mãe. Ela gostava de me manter por perto, mas não falei disso para ninguém. Já estive em outras casas – de garotos da minha idade –, e sabia que esse tipo de coisa não acontecia por lá.

A camisola de seda da minha mãe roçava suavemente pelo meu peito, e seu cabelo preto fazia cócegas no meu braço. Ela me encarou com um sorriso sutil.

— *Eu não pertenço ao seu pai* — ela murmurou. — *Não do jeito que pertencço a você. Eu tinha só treze anos quando ele me viu pela primeira vez. Ele já te disse isso? Eu só era alguns anos mais velha do que você é agora.*

Ela se abaixou e fez cócegas no meu pescoço, e uma risada me escapou antes de eu virar a cabeça e afastar sua mão.

— Ele foi assistir ao espetáculo da minha companhia de balé — ela continuou. — Ele ia várias vezes lá, e eu o via me observando da plateia. As outras garotas ficaram enciumadas, porque eu ganhava flores e presentes, coisas que nunca ganhei antes. Ele me chamava de princesinha, e então passei a sonhar que ele me levaria para casa e cuidaria de mim como sua menininha, daí eu não teria que dormir no teatro frio sem ter o que comer direito.

Ela pareceu distraída por um instante, seu sorriso se desfez. Eu sabia que minha mãe era bem nova quando se casou com o meu pai. Sempre ouvia as pessoas cochichando quando descobriam que ela tinha um filho de onze anos de idade.

— Daí, em uma certa noite — prosseguiu —, um carro preto imenso foi me buscar. Disseram que eu deveria vestir meu figurino mais bonito, arrumaram meu cabelo e maquiagem, e eu saí do teatro. Fui levada até a casa dele, nos arredores de Moscou, e ele me pediu para dançar para ele. — A expressão de seu rosto se iluminou outra vez e ela se abaixou um pouquinho para sussurrar, como se fosse algum segredo: — E foi o que eu fiz. Girei, dei piruetas e dancei sob lustres lindos acima dos pisos de mármore do saguão, achando que estava em uma espécie de sonho. Ele me deixou comer bolo e beber champanhe.

Ela deslizou um dos dedos pelo meu peito, para em seguida espalmar a mão sobre minha barriga, fazendo com que arrepios se espalhassem pelo meu corpo. Aquilo era gostoso.

— E quando eu adormeci — ela disse, observando a mão que me acariciava —, não conseguia me lembrar como fui parar na cama. Na cama dele. — Ela me encarou, perdida em lembranças. — Não tenho certeza do momento em que acordei. Talvez eu tenha dormido só por alguns minutos, mas, quando abri os olhos, ele estava retirando meu figurino, desnudando meu corpo pequeno... arrancando minha meia-calça e sapatilhas.

Congelei, ouvindo seu relato, e surpreso, mas sem de fato estar. Nunca tinha ouvido aquilo antes.

Mas meu pai fazia coisas horríveis.

— Comecei a chorar — revelou —, assustada, gritando quando ele começou a me beijar por toda a parte e me morder com força, e quando ele abaixou a minha calcinha e se enfiou dentro de mim, eu... — Ela respirou com dificuldade, sua mente aprisionada nas memórias. — Eu gostei, Damon. Eu gostei daquilo.

Sabia sobre o que ela estava falando. O que ele estava fazendo com ela. Já tinha visto isso antes.

Mas ela tinha treze anos. Havia garotas dessa idade no estúdio de balé que possuía na cidade. Eu não conseguia imaginar nenhuma delas...

— Gostei de ter sido violada por ele — continuou. — Agora eu era uma garota crescida e ele era muito mais bruto do que os homens que eu via transando com algumas bailarinas quando eu espiava nos camarins do teatro. É isso o que os homens fazem. Eles devastam. Eles são fortes e se apoderam das coisas, Damon.

Ela olhou para mim, de cima, e foi quando me dei conta de que seus dedos estavam deslizando cada vez mais para baixo, para dentro da minha calça de pijama.

— E está na hora de você começar a praticar — ela disse.

Ela enfiou a mão e tomou minha carne entre seus dedos, acariciando.

Balancei a cabeça, remexendo-me e tentando me afastar dela.

— Sshhh... está tudo bem — ela me tranquilizou, beijando o canto da minha boca e movendo a mão com mais rapidez. — Você está sentindo isso, querido? Está ficando duro. Isso significa que está gostando. Você gosta do que a mamãe está fazendo.

Não. Não gostava, não. Ela não deveria estar fazendo isso. Ela não...

Fiquei imóvel, fechando os olhos quando o senti bombear com sangue e ficar rígido.

Não, não, não, não... Eu não queria isso. Queria sair daqui. Queria sair daqui.

— Aprecie, querido. Apenas aprecie. — Ela depositou beijinhos pela minha boca e por todo o meu rosto enquanto me acariciava. — Você é um homem forte e homens fortes pegam o tanto de mulheres que quiserem, para se sentirem bem.

Eu não queria... não queria...

Fechei os olhos com força e dei um gemido. Não, não, não...



Peguei o sabonete do suporte e comecei a me ensaboar, enxaguando meu peito e abdômen outra vez antes de passar o sabonete pelo meu pau para limpá-lo. Para deixá-lo mais limpo.

Aquela foi a primeira vez que a minha mãe me tocou daquele jeito. O primeiro episódio dos muitos que aconteceram nos anos seguintes quando ela ia para cima de mim.

Senti o vômito subir à garganta, e meus ombros cederam quando tentei me encolher o máximo que dava. Era um sentimento antigo, mas que eu conhecia bem. Era o mesmo que me fez me esconder na fonte. No labirinto. Nos chuveiros e nos armários, porque se ninguém me visse, eles não teriam como ver a vergonha.

Ela se foi, eu disse a mim mesmo. Ela nunca mais vai tirar nada

de mim outra vez. Ninguém vai.

Mas, pensando naqueles anos lá atrás, percebi só agora que tudo começou bem antes daquela noite. Ela sempre me levava para o chuveiro junto com ela, mesmo depois de eu ser capaz de tomar banho por conta própria. Ela enxaguava e secava o meu corpo e ficava no quarto enquanto eu vestia ou tirava minhas roupas.

E depois de meses fazendo tudo o que poderia fazer com as mãos e a boca, ela finalmente foi ao meu quarto uma noite e...

Eu costumava me gabar de ter tido minha primeira mulher aos doze, deleitando-me de como os outros caras pensavam que eu estava mentindo ou era sortudo por causa das inúmeras prostitutas que eu mantinha ao redor. Mas eu sempre disse a verdade.

Meu pai tinha que saber o que estava acontecendo. Na cabeça dele, entretanto, aquilo me tornava um homem.

E, vamos combinar, ele não era nem um pouco contra estupro de crianças, considerando que minha mãe era uma quando se conheceram.

Eu me enxaguei e fechei a ducha, pegando uma toalha para me secar. Enrolei-a ao redor da minha cintura e saí do boxe, parando em frente ao espelho e limpando o vapor condensado sobre o vidro.

Encarei meus olhos, um pouco mais escuros que os dela, e o mesmo cabelo preto. Vi que um pouco de barba começava a se formar e peguei o barbeador, lavando-o bem debaixo da torneira para me assegurar de que estava limpo.

O que Winter sentia quando pensava em mim? A raiva era tão palpável que era a única coisa que havia restado?

Ele pediu que ela dançasse para ele.

Ele fez a mesma coisa que eu, quando pedi que Winter dançasse para mim.

Ele observou minha mãe, do mesmo jeito que eu fazia com Winter.

Então era isso? Será que fiz com ela, no ensino médio, o mesmo que meu pai fez com minha mãe? Eu a aliciei?

Levantei a cabeça, deparando com meus olhos negros no espelho.

O segredo da vida que todos sabiam e que ninguém poderia se esquecer era de que não estávamos sozinhos. Achávamos que éramos únicos. Pensávamos que éramos os primeiros.

Ninguém nunca passou pelo que eu passei.

Ninguém está sentindo isso.

Ninguém sabe o que é estar no meu lugar.

Esta é a primeira vez que alguém enfrenta o que enfrentei, certo?

São mentiras que contamos a nós mesmos, porque achamos que somos especiais. Porque diminuiria o direito de sofrer ao saber que o

que estamos passando não é algo tão raro. Era um segredo do qual nunca me esqueci e que fui capaz de usar para manter as coisas sob o meu ponto de vista, de forma que pudesse lidar com as merdas que tenho na cabeça, mas agora...

Agora eu desejava poder esquecer tudo. Queria ficar sozinho.

Não queria saber que era igual a ele ou que ele era como eu, ou que a vida segue padrões e que as histórias se repetem. Eu não era ele, Winter não era minha mãe e ninguém esteve em nosso lugar.

Isto é especial.

Isto é diferente.

É único e todo meu.

Ela e eu... estávamos sozinhos neste universo. Ninguém era igual a nós.

E, ao contrário da minha mãe, aos treze anos, Winter merecia tudo o que estava para acontecer com ela, porra.

Terminei de me barbear, e percebi que ter dúvidas não me faria sentir melhor do que estar onde estava neste momento.

Então eu levaria meu plano adiante. Minha mãe estava certa a respeito de uma coisa. Eu gostava de tudo quando era difícil.

Entrei no quarto e avistei Arion logo mais à frente, sentada na cama com outra garota, mas não desacelerei meus passos quando fui até a mesa de cabeceira e peguei o relógio de pulso.

— Você trouxe alguma coisa para mim, Arion? — Fechei a fivela, sem nem ao menos olhar para elas.

Ela não deveria estar aqui e sabia disso. A suíte principal se dividia em dois quartos conjugados com um *closet* entre eles. Ela tinha seu próprio espaço, e eu tinha o meu. Talvez eu a convidasse em alguma dessas noites, mas era uma decisão minha.

— Um presente — ela disse. — Só um presentinho.

Dei uma olhada de relance para a cama outra vez, vendo-a sentada às costas da jovem garota negra, seu braço por cima do ombro e ambas olhando para mim como se estivessem ali e fossem uma refeição. Não dava para ver o que Arion vestia, mas uma alça de seda estava caída sobre seu braço enquanto sua outra mão se mantinha à frente, acariciando a barriga nua da garota.

— Quantos anos ela tem? — Peguei meu maço e retirei um cigarro.

— Terei a idade que você quiser que eu tenha. — Ouvi a garota responder.

Acendi o cigarro e apertei a ponte do meu nariz, soltando uma baforada de fumaça. *Putá merda.* Will pularia naquela cama, já de pau duro e pronto para foder.

Eu não gostava de ser alimentado. Precisava caçar.

— A boceta dela está encharcada — Arion cantarolou. —

Jovem, apertada e gostosa. Muuuito gostosa.

Meu pau começou a latejar um pouco, quando minha imaginação foi mais além e visualizou a sensação dela.

— Bem apertada — a garota zombou. — Meu pai adotivo costumava dizer que eu era mais apertada que um punho quando ele me comia.

Soprei mais uma baforada e dei uma risada. *Meu Deus, querida, você está no caminho errado com essa merda. Seja lá que caralho de história tabu Arion te contou para me deixar de pau duro, é, com certeza, muito suave. Minha versão de safadeza está longe do alcance da maioria das pessoas.*

— Transe com ela sem camisinha — Arion disse. — Olha só como ela sabe arreganhar as pernas.

Apesar do joguinho ridículo que as duas faziam, não pude evitar olhar a cena. A garota estava sentada na beira da cama, a boceta depilada bem à vista e os peitos espreitando pela parte de baixo de uma camiseta curtinha e cortada pela metade.

Vários cenários se projetaram na minha mente, instintivamente buscando uma alternativa para fazer a coisa funcionar.

Um trio. Garota com garota. Amarrando as duas. Uma mordança. Isso. Uma mordança.

Dei mais uma tragada, sem desviar o olhar das duas enquanto as imagens inundavam minha cabeça.

— Foda ela sem camisinha — Arion repetiu. — Foda duro do jeito que você quer e me deixe assistir. Quando chegar a hora de você gozar, goze dentro de mim.

E lá estava. O que ela realmente queria de mim.

Capítulo 10

Winter

Dias atuais...

— Onde vocês vão me levar esta noite? — perguntei, liderando o caminho para o meu quarto ao lado de Isabella e Jade, para que terminasse de me arrumar.

— É uma surpresa.

— Eu sou cega — retruquei, indo até o meu *closet* e passando as pontas dos dedos pelas letras em Braille que identificavam minhas camisetas pretas. — Vidro quebrado no chão pode ser uma surpresa para mim. Não vou aceitar participar de nenhuma brincadeira, sem que sejam específicas.

— É Halloween e vo... — Jade começou.

No entanto, Isa se apressou em silenciá-la.

— Sshhh!

Ótimo. Era quase noite de Halloween – e pior, a Noite do Diabo –, mas minha casa já se assemelhava a um Festival do Medo. Eu não estava no clima.

Além do mais, não tinha certeza se teria permissão para sair.

— Você precisa de uma noite só de garotas — Jade comentou.

— Principalmente por causa da aberração que dorme no fim do corredor. Vamos nos divertir.

Dei uma risada forçada, Damon vindo na minha mente na mesma hora, mas eu sabia que ela se referia à minha irmã. Todas as bailarinas do estúdio de balé que conheci desde a infância – incluindo Isabella e Jade – já haviam sofrido com as inúmeras travessuras que Ari gostava de pregar enquanto me esperava terminar a aula ou durante os espetáculos que apresentávamos.

Revirei as roupas pretas, sem encontrar a calça de couro com zíper nas laterais das pernas. Onde estava? Eu não a havia usado desde o último inverno.

Um telefone tocou e alguém se moveu até a minha cama.

— Tenho que atender — Jade informou. — Estarei no banheiro.

Continuei vasculhando em busca da minha calça, passando pela seção de roupas brancas, azuis e por cada canto do armário.

— Então, como você está? — Isabella perguntou.

Quase me virei para ela, mas temia que meu rosto me delatasse.

— Não sei dizer.

Damon estava aqui. Eu havia sentido o leve cheiro de seus cigarros do lado de fora depois dos exercícios com Will, mas não ouvi ninguém sair de casa, então provavelmente ele ainda devia estar por

aqui.

Ele brigou com Will quando nos viu juntos?

Um sorriso se formou no meu rosto quando pensei em Will. Quase não consegui acreditar quando ele apareceu. Eu me lembrava de ter ouvido falarem bastante dele na escola, e sabia que era o melhor amigo de Damon.

Era.

Mas, de repente, ele apareceu na minha porta e não foi preciso dizer muita coisa para que ele entendesse o que estava acontecendo aqui. Tive a impressão de que a antiga turma com quem Damon andava, fora a responsável pela súbita visita de Will, e, antes que me desse conta, já estava na piscina, treinando uma série de golpes. Como se fosse adiantar de alguma coisa, mas pelo menos eu tentaria. Além do mais, ele me fez rir.

Eu deveria ter aproveitado a oportunidade para perguntar um monte de coisas. Algo que me desse uma vantagem sobre Damon e que fosse útil. Especialmente agora que soube que Erika Fane estava noiva de Michael Crist, outro dos antigos amigos dele.

— Você sabe que pode ficar na minha casa, não é? — Isa disse.

Virei a cabeça, dando-lhe um meio-sorriso. Eu não podia, realmente, sair dali e ir ficar com ela, mas foi reconfortante ouvir sua oferta. Ela não tinha noção do que ele era capaz de fazer. Por mais que quisesse aceitar o que me oferecia, eu sabia que não poderia.

Dei um suspiro longo, ainda sem encontrar minha calça de couro em lugar algum. *Porra, Arion.*

— Venha aqui comigo por um segundo — falei.

Passando a mão na cabeça de Michael a caminho da porta do quarto, saí, ouvindo a conversa de Jade ao telefone, no banheiro. Apoiei a mão na parede e segui pelo longo corredor, passando pela porta do quarto do meu pai e então, o da minha mãe. Ou o que costumava ser o quarto dela.

Entrei no novo quarto de Arion – sem ouvir gritos estridentes por ter invadido seu espaço, o que indicava que ela não estava aqui –, e virei à direita, entrando no imenso *closet* que meus pais compartilhavam antes.

— Procure por uma calça preta de couro — pedi à Isa, e comecei a fazer o mesmo, tateando os tecidos pendurados em cabides, em busca do material que eu mais amava no mundo.

— Onde está o interruptor? — Isabella perguntou.

Mas antes que eu pudesse responder, vozes chegaram até nós, vindas do outro quarto.

— Você trouxe alguma coisa para mim, Arion? — Damon disse e eu estaquei.

— Ssshhh... — sussurrei para Isa.

— Um presente. — Ouvi minha irmã dizer. — Só um presentinho.

Fui devagarinho até a porta do outro lado do *closet*, que dava para o antigo quarto do meu pai. Inclinei-me um pouquinho sobre a pequena abertura e Isabella quase me arremessou para frente quando se postou às minhas costas.

— Quantos anos ela tem? — ele perguntou.

— Terei a idade que você quiser que eu tenha.

Aquela não era a voz da minha irmã.

— Ai, meu Deus, aquele ali é ele? — Isa perguntou, baixinho.
— Eles não dormem no mesmo quarto?

Gesticulei com minha mão para que ela se calasse. Eu não queria ser flagrada aqui.

— A boceta dela está encharcada — Arion disse em um tom de voz sensual e nojento. — Jovem, apertada e gostosa.

— Bem apertada — a garota acrescentou. — Meu pai adotivo costumava dizer que eu era mais apertada que um punho quando ele me comia.

Estremeci na mesma hora. Ai, meu Deus.

Isa se moveu ao meu redor para o lugar onde a porta estava um pouco aberta, provavelmente espiando pela abertura.

— Não deixem que eles te vejam — sussurrei em um tom quase inaudível.

— Transe com ela sem camisinha — minha irmã continuou. — Olha só como ela sabe arreganhar as pernas.

Perdi o fôlego, esperando pela resposta que ele daria e temendo por isso, mas sem nem ao menos saber o porquê. Minha irmã estava com uma outra garota ali dentro. E estava tentando levá-lo para a cama, junto com elas. Será que ele aceitaria?

— Ele tem uma tatuagem? — Isabella perguntou. — Eu não sabia disso. É por baixo do braço, não dá pra ver daqui.

Uma tatuagem? *Eu não sei. E não estou nem aí...*

— Foda ela sem camisinha — Arion ordenou. — Foda duro do jeito que você quer e me deixe assistir. Quando chegar a hora de você gozar, goze dentro de mim.

Recuei um passo no mesmo instante.

— Não quero ouvir mais nada.

Era nojento. Eu não... não queria ouvir aquele tipo de porcaria. O comportamento sórdido deles. Isso só confirmava o que eu já sabia. Ele era totalmente distorcido e cruel, e usava as pessoas para se divertir, como faria com minha irmã e aquela garota. Ele nunca se importou de verdade comigo naquela época.

Comecei a me afastar, mas Isa me impediu.

— Espera — ela disse. — Por que a Arion está fazendo isso? Já

ouvi falar sobre esse povo que gosta de suíngue, mas isto é...

— Nós queremos você — Arion disse, interrompendo nossa conversa.

— Eu sei disso — Damon retrucou. — Mas você não faz a menor ideia do que eu quero. Ou do que eu gosto.

— Eu sei que você gosta de assistir. — A voz de Ari tinha um toque de divertimento. — Quer nos observar?

Fiquei imóvel, tentando ouvir a resposta que ele daria.

— Ele ainda não dormiu com ela — Isabella sussurrou para mim.

— Com quem?

— Com a sua irmã — ela esclareceu. — Ela está tentando seduzi-lo. Está tentando levá-lo pra cama.

— Isso é óbvio.

— Ele não a quer — minha amiga disse. — Minha irmã me falou sobre ele. Eles também estudaram juntos. Damon tem uma péssima reputação. Quero dizer, uma reputação ruim mesmo. As pessoas tinham medo de verdade dele.

— Não estou nem aí — resmunguei, mantendo a voz baixa. — Não quero saber sobre a vida sexual dele.

— As garotas o odiavam — ela continuou, como se eu não tivesse dito nada. — Cara, elas o odiavam com força.

— Isso não as impediu de irem atrás dele, como se fosse uma grande surpresa, quando ele transava com elas e depois as descartava — indiquei.

Quer dizer, sinceramente, para ser justa, eu não sabia por que elas o odiavam mais do que aos outros cavaleiros. Eles faziam o mesmo. Todos eles eram galinhas.

— Mas não foi isso o que ele fez — Isabella explicou. — Alguém te contou como ele era? Digo, com as outras garotas. Não com você.

A lembrança de que ela sabia – de que todos sabiam e haviam assistido ao meu vídeo com Damon, e de como ele agira comigo – me fez acordar por um instante, fazendo-me esquecer do que acontecia no outro quarto.

— Acho que esse foi um dos motivos pelo qual você teve que sair da escola depois que o vídeo vazou — ela salientou. — Todas te odiavam.

— Todas quem?

— As garotas com quem ele nunca transava — ela disse. — Dizem os boatos que o apetite sexual de Damon nem sempre é tão divertido para se satisfazer.

Todas as garotas com quem ele nunca transava. Então ele não dormia com todo mundo? Até parece.

Então me lembrei do que minha irmã havia dito agora há pouco, e em quando o encontrei quando era adolescente, e parei por um instante.

— Ele gosta de assistir — eu disse, finalmente compreendendo.

— Não — Isa me corrigiu. — Ele gosta de foder com a cabeça das pessoas, e então, assistir.

Parecia a descrição correta.

— Sexo não o deixa com tesão — minha amiga continuou. — Ele gosta de depravação. Tem um monte de histórias, então não sei o que é, ou não, verdade, mas há rumores de que ele fez a irmã de Abigail Clijster transar com o namorado da irmã mais velha. Outra história fala sobre uma turma de garotos que foram à casa de uma professora jovem uma noite. Will Grayson e a camareira de um hotel. Dois jogadores de futebol americano que ficaram bêbados e se pegaram num carro, no meio da floresta...

Ela parou de falar e eu já não sabia se o que havia dito era verdade, mas... uma pequena parte minha queria acreditar que sim. Talvez aquilo me tornasse menos vítima dele, ao saber que ele era o fodido das ideias, e não eu, por ter caído em sua lábria e mentiras.

— Ele saía com as garotas — ela prosseguiu —, e deixava que elas pensassem que ele estava interessado, e até podia estar, mas, vamos dizer que o prazer dele era um pouco difícil de alcançar. Depois que ele as mandava fazer o que queria, às vezes ele se masturbava e gozava com elas, às vezes, não.

— E se ele não participava, elas se sentiam uma merda depois — acrescentei.

— Usadas — ela concordou. — Elas haviam se degradado por ele e não ganharam nada em retorno. Ele as coagia, mas nunca as forçava. No entanto, ele manteve você só pra ele. Fico me perguntando o porquê...

As vozes no quarto ao lado eram praticamente inaudíveis à medida que eu pensava em seu questionamento. Ela foi uma das únicas pessoas que assistiu aquele vídeo e não me viu querendo aquilo. Ela sabia que o que ele havia cometido era crime. As outras garotas ficaram com raiva de mim quando ele foi preso porque, aos olhos delas, eu havia conseguido o que elas queriam.

Bom, elas podiam tê-lo. Eu...

— Hein? — Ouvi minha irmã dizer rispidamente.

Sua voz suave e melosa, de repente, havia se transformado. O que aconteceu?

— Deem o fora daqui — Damon disse.

— Qual é o seu problema? — Ouvi sua queixa, mas eu não queria ficar aqui para ser flagrada no momento em que ele as chutasse para fora.

Empurrei Isa para que pudéssemos sair dali.

— Fora! — Damon gritou, quando saímos do *closet* e nos enfiamos no corredor. Logo em seguida, ouvi a porta do armário batendo com força e minha irmã saiu de lá enfurecida.

— Eu te disse — Isa comentou assim que entramos no meu quarto.

Um apetite sexual bem estranho mesmo.

Tanto faz. Eu só estava feliz porque seja lá o que a minha irmã estava armando havia falhado. Eu a culpava, tanto quanto a ele, pela nossa situação atual, e esperava que estivesse infeliz com o novo marido dela.

Marido *dela*.

Agitei a cabeça para afastar os pensamentos e algo atingiu meu corpo. Estendi a mão e peguei o objeto.

— Achei sua calça — Isabella disse. — Vista-se logo e vamos embora.

Ir para onde?

Embora eu não me importasse mais, contanto que fosse para longe dessa casa.

Eu não fazia ideia do que ela e Jade haviam planejado para esta noite, e não queria mais pensar nele.

Ou nela.



— Você quer que eu leia pra você? — Jade perguntou.

— Só resuma aí.

Ela colocou a caneta na minha mão e me levou até o balcão improvisado de madeira, apoiando a ponta sobre a linha onde eu deveria assinar.

— É um termo de responsabilidade — ela explicou —, falando que a casa mal-assombrada é uma experiência 4D, e que os atores vão interagir e tocar em você. Eles não serão responsabilizados por qualquer problema de saúde. Se você achar que está sendo demais e quiser parar, basta gritar “moeda” e eles vão parar e oferecer a assistência caso você queira sair da casa.

Minha mão começou a tremer quando pressionei a caneta sobre o papel e assinei meu nome. Eu ri de mim mesma. Era de se pensar que eu deveria estar com medo a essa altura, mas a ideia de médicos loucos, assassinos com machados e serras elétricas era muito mais assustadora quando você não podia vê-los.

Moeda. Como uma alternativa para sair daqui? Bom, pelo menos eu tinha uma palavra de segurança.

— Fique perto — Isa disse quando nos dirigimos para a entrada. — Segure-se na alça do meu cinto ou me diga se quiser sair daqui, tá bom?

— Ah, você vai querer sair correndo antes de mim — zombei.

— Acho que você está certa. — Jade gargalhou.

Ouvi o resmungo de Isabella, mas parei de sacanear com ela. O sol já havia se posto algumas horas antes, e desejei ter trazido um casaco assim que passamos pelas folhas caídas no chão e pelo aglomerado de abrigos de vários tamanhos que compunha a casa mal-assombrada.

O vento frio se infiltrou pelo meu suéter preto e folgado, e a parte do meu ombro que ficava exposta mais parecia ter sido congelada, no entanto, minhas pernas estavam aquecidas com a calça de couro. Ainda bem que eu estava usando meu Vans, já que tinha certeza de que tropeçaria à beça esta noite.

— Sejam bem-vindas a Coldfield — uma voz sinistra disse à minha direita, fazendo-me dar um pulo de susto.

Merda. Comecei a rir e afastei-me um passo, ouvindo as risadas das minhas amigas.

— Sangue legal — Jade comentou e imaginei que devia estar falando de algum ator que fora enviado para nos receber na fila. *Sangue, hein?* Pensei no sangue cenográfico que devia estar espalhado pelo rosto e roupas do cara. Talvez ele estivesse com um serrote na mão, com a lâmina cega, claro, por segurança.

Algo roçou o meu braço, e então ouvi sua voz bem perto de mim, outra vez. Será que ele se aproximou quando eu me afastei?

— Garotas, vocês assinaram a autorização? — ele perguntou.

— Sim — Isa respondeu, rindo em seguida.

— Vocês sabem qual é a palavra de segurança? — continuou.

— Sim — ela replicou.

— Ótimo. — Eu quase podia sentir seu hálito quente soprando sobre mim, e aquilo que me fez perder o fôlego um pouquinho.

— Não a usem. Não gosto de ter que parar quando estou me divertindo.

Elas riram outra vez, à vontade e sabendo que, de fato, estavam seguras, mas tudo o que eu podia fazer era ficar parada ali, o peso do *déjà vu* como uma âncora. O medo, as provocações, sua ameaça velada... Lá se vai a ideia de me afastar de casa e de todo mundo, tentando desanuviar a cabeça. Este cara era o Damon. Ou uma espécie de versão 5.0 dele.

E então eu senti.

Seu hálito quente sobre minha bochecha quando disse em um sussurro:

— Vejo você lá dentro.

Meu corpo congelou e comecei a arfar. Meu Deus, ele era como ele. O tom. O deboche.

— Ele gosta de você — Jade caçoou. — Tome cuidado lá dentro, Winter.

Mal conseguia respirar.

Meu tipo de diversão tem um preço. É melhor aproveitar enquanto posso.

Meu sangue começou a ferver e, de repente, já não sentia mais frio.

Eu sabia que esse cara não era Damon. Ele não falava como ele, não tinha o cheiro e não se parecia com ele, mas perdi toda a noção de pensamentos racionais quando a fila começou a andar. Isa se moveu e me levou junto. Talvez eu devesse estar com medo de entrar ali dentro e acabar me lembrando de todo o terror que Damon me causou, mas entrei do mesmo jeito, incapaz de resistir e querendo provar a mim mesma. Querendo sentir seja lá o que havia ali dentro outra vez. Talvez apenas para ver se eu me comportaria de forma diferente.

O ar se tornou abafado à medida que entrávamos e as correntes de ar me atingiam, como se houvesse uma espécie de neblina. Minhas amigas começaram a rir na mesma hora, fazendo ruídos de surpresa, mas como eu não podia enxergar o que estavam vendo, tinha que confiar em todo o resto para imaginar o que podia estar acontecendo ao redor.

Inspirei o cheiro de água das rochas, como se fosse uma caverna, e os ecos de gritos abafados, uivos e lamentos à distância. Alguns deles eram efeitos sonoros, mas outros, com certeza, não.

E em algum lugar longínquo, a alegre melodia infantil de um carrossel se infiltrou pela ventania. Alguma coisa tocou a parte de cima da minha cabeça e eu me abaixei, meu coração palpitando com força enquanto eu ria. Havia pessoas acima das vigas.

Coldfield era uma atração de Halloween que apareceu há cerca de alguns anos, e ninguém sabia quem era o verdadeiro dono do lugar, mas todo mundo amava. Durante a noite – sempre no dia 30 de setembro –, o velho armazém nos arredores da cidade que havia sido reformado dava lugar a uma série de galpões, recantos e anexos. Algumas pessoas sentiam falta das festas que aconteciam por aqui nas Noites do Diabo, mas a maioria adorou o novo parque temático assombrado, especialmente com o *The Cove* – o velho parque de diversões que se localizava na costa – agora fechado e abandonado.

— Reze pelos mooortos e os mortos rezarão por vocêêê... — uma voz assustadora disse, e senti uma sacola de plástico voar ao redor do meu corpo com a brisa. — Eles rezarão por vocêêê... e sairão à sua çaça.

Uma risada maligna se seguiu e afastei a imensa cortina plástica para longe de mim, mas, assim que minha mão se enfiou pela estrutura, ela tocou algo sólido e, então... um homem grunhiu, e a estrutura recaiu sobre nós, e um emaranhado de braços e pernas a atravessaram.

— Aaaah! Ahhh! — as meninas gritaram, tentando sair correndo dali enquanto eu mantinha meu agarre firme no braço de Isa.

Senti um frio na barriga e comecei a rir.

Fui em direção à parede oposta para me afastar do cara por trás da lona e senti uma mão espreitando pela parede. Dei um pulo, assustada, a mão tentando me agarrar, e todas começamos a rir quando outros pares se juntaram de ambos os lados do corredor que nos cercava.

Nós passeamos de sala em sala, algumas delas – como a câmara de torturas – ficaram martelando na minha cabeça, já que não havia muito sons ou gritos que indicassem o que poderia estar acontecendo ali, mas gostei do rolo compressor e do barulho da marreta socando o teto e nos seguindo por onde quer que fôssemos. Meu coração estava acelerado, mas era excitante ser perseguida, porque eu sabia que estava segura. Eu não estava tão assustada quanto as duas quando saíu gente dos porta-retratos nas paredes, porque, obviamente, não era capaz de vê-las nos seguindo com seus olhares.

A escada em espiral quase me fez mijar na calça, no entanto, já que estávamos enfileiradas naquele espaço íngreme e sendo perseguidas por Jason Vorhees, o assassino de Sexta-Feira 13. Em uma situação como essa, não era nem um pouco legal ficar na retaguarda e, é claro, eu sempre ficava, porque precisava seguir as pessoas ao invés de guiá-las.

Porém foi divertido. E aquilo me distraiu o suficiente para esquecer as merdas que aconteciam na minha casa.

— Ai, droga! — Isabella gritou.

— O que foi? — Jade perguntou.

— Ali! Quando a luz piscar de novo, olhe!

Segurei-me em Isa com ambas as mãos, escondendo-me atrás dela e esperando pelo que seja lá apareceria.

— Eita, porra! — Jade berrou.

O quê? O que estava acontecendo?

Elas começaram a rir.

— Ele chega mais perto cada vez que a luz pisca! — Jade esgoelou.

E então eu ouvi.

A maldita serra elétrica.

Gemi baixinho, sentindo os joelhos bambos. Eu odiava o

assassino de *O Massacre da Serra Elétrica*.

Risos e gritos, e então, todas nós tropeçamos quando o ruído ensurdecedor de um monte de serras elétricas se fez ouvir, cutucando nossas pernas com as lâminas inofensivas. Pulei de uma perna a outra, tentando ainda me segurar em Isabella à medida que nos esforçávamos para desviar dos atacantes. Ela agarrou minha mão, mas, de repente, a parede às minhas costas cedeu, e acabei caindo por ela, soltando o braço de Isa no processo. Caí em queda livre no piso de concreto e ouvi uma porta se fechar, e todos os gritos e barulhos das ferramentas desapareceram.

Eu estava, de repente, imersa em silêncio.

Levantei-me do chão frio e estendi as mãos à frente, e recuei na direção de onde havia caído. Mas que porra...?

Bom, pelo menos eu achava que era a direção que deveria tomar. Pode ser que eu tenha caído para outro lado quando fui jogada na sala.

— Isabella! — gritei, minhas mãos batendo contra a parede de madeira. Tateei ao redor em busca de uma porta, maçaneta ou dobradiças; qualquer coisa que me desse uma pista de onde estava e de como poderia sair dali.

— Jade! — berrei.

No entanto, tudo parecia estar à distância. Os gemidos e gritos. A música por trás das paredes e todos os ruídos que circulavam pelos corredores.

— Oi? — eu disse. — Como... Como faço para sair daqui?

Eu havia caído só alguns metros. Onde diabos eu estava? Minhas amigas estavam atrás de uma dessas paredes.

— Oi!! — gritei. — Socorro!

Será que eu estava sozinha aqui? Fui deslizando a mão pelas paredes, em busca de uma saída. *Ai, meu Deus, tomara que eu encontre.* Eu queria minhas amigas, ninguém mais. Eu estava me divertindo horrores há um minuto, mas agora... Isto mudava tudo. Como eu conseguiria sair dali? Ou encontrar a porta do caralho?

Ouvi o som de uma corrente às minhas costas e congelei.

— Olá?

Eu estava sozinha? Aquele som pareceu o de uma corrente.

Abaixei-me um pouco na parede, Tateando e atrás de uma porta – mesmo que fosse uma porta falsa –, e um arrepio deslizou pela minha pele. Puxei o suéter para cobrir meu ombro nu, mas o tecido escorregou de novo.

Respirei fundo, gritando a plenos pulmões:

— Isa! Jade!

Mas então, bem atrás de mim, as correntes se sacudiram como se houvesse uma passagem de ar por ali, embora eu não tenha sentido

vento algum.

Virei-me de supetão, erguendo as mãos.

— Olá? — resmunguei. — Quem está aí?

Você vai me machucar?

Eu não sei ainda.

Você quer me machucar.

Um pouco.

Uma pontada eloquente latejou entre minhas pernas, e fechei as coxas com força para me controlar. *Caralho.*

Palavra de segurança. Qual era mesmo a maldita palavra?

Moeda. Suspirei, aliviada quando me lembrei. *Graças a Deus.*

Dei alguns passos para dentro da sala. Talvez houvesse um corredor que poderia estar conectado a outra parte da casa mal-assombrada.

Havia uma fila imensa de pessoas do lado de fora. Isabella, Jade e eu não éramos as únicas visitantes aqui.

Mas então rocei contra o metal frio e dei um pulo para trás, por reflexo, ouvindo o som da corrente se chocar contra outra. Hesitantemente, estendi as mãos à minha frente outra vez, o que fez com que um monte de correntes se agitasse. Elas estavam presas ao teto?

Dei uma risada. Talvez tenha sido só o vento, afinal.

Mas as correntes se moveram de novo, e o sorriso se desfez. O ruído indicava que muitas estavam se chocando, ao invés das poucas que se moveriam caso houvesse uma brisa suave. Havia outra pessoa aqui.

Abri a boca, mal conseguindo dizer:

— O-olá?

Bu! Ouvi a voz de Damon em minha mente, naquela outra noite. Eu sabia que alguém estava lá. E sabia que não estava mais sozinha nesse quarto. Havia outra pessoa aqui.

— Qu... O-o... — Senti o vômito subir à garganta e minha mente ficou frenética.

Não é de verdade. É só uma brincadeira.

Só que, da última vez que isso aconteceu, eu disse a mesma coisa e estava totalmente errada.

Abanei as mãos à frente, sacudindo um monte de correntes, mas tentei segurá-las para que não fizessem mais ruído algum, de forma que conseguisse aguçar meus ouvidos.

Mas só havia o completo silêncio.

Meu pulso estava latejando, e uma camada fina de suor escorria pelo meu pescoço; soprei uma mecha para longe do meu rosto, com medo de me mover o ínfimo que fosse.

Eu conseguia ouvir o som de sua respiração.

Sabia que ele estava aqui.

Fechei os olhos, abri a boca e, ao invés de proferir a palavra de segurança, perdi o fôlego, sentindo seu olhar sobre mim. Cada pedacinho do meu corpo se tornou sensível e consciente dos tecidos das minhas roupas roçando contra a pele. Meu sutiã de renda e o suéter irritavam meus mamilos enrijecidos e eu podia sentir minhas coxas se colando ao couro, o frio deslizando pela minha barriga e indo se alojar entre as pernas, latejando.

Senti o coração na garganta e estava apavorada, mas... mas queria me livrar do meu suéter em igual medida. Estava quente, e era como se cada pelo no meu corpo estivesse vibrando. Mas que porra?!

De repente, uma porção de correntes se chocou e um rosnado alto e rouco se fez ouvir, então alguém começou a correr na minha direção. Abri a boca para gritar, mas ele agarrou um punhado do meu cabelo à minha nuca, e me empurrou contra a parede, espetando alguma coisa contra a minha barriga em golpes seguidos. Não doeu nada, no entanto. Aquilo era, provavelmente, uma daquelas facas retráteis e cenográficas, mas o medo assumiu o comando e acabei gritando apavorada quando fui lançada no chão, aterrissando em algo macio.

Não tive tempo para mais nada antes que seu corpo pairasse acima do meu e segurasse meus punhos, erguendo meus braços acima da cabeça com apenas uma das mãos. Ofeguei e abri a boca para gritar outra vez, mas ele pressionou a faca contra o meu pescoço, respirando acima de mim, e eu parei, totalmente consciente da dor aguda dos meus mamilos contra o tecido da roupa e sentindo o peso do corpo dele sobre o meu. Era como se ele estivesse incendiando a minha pele.

— Estou com fome — sussurrou, e seu hálito soprou sobre meu rosto.

Senti o cheiro de madeira e canela. Também senti cheiro de cigarro, mas não eram os mesmos que Damon usava.

Música soava de algum lugar, fazendo a construção vibrar, e concluí que eu devia estar deitada em um colchão, outro adereço assustador que eu não era capaz de enxergar.

— Me dê sua língua — ele rosnou baixinho. — Eu quero comê-la.

Balancei a cabeça devagar. Será que eu o estava provocando?

Por que eu não estava gritando?

A faca de mentira saiu do meu pescoço e se afundou na lateral do meu corpo, retraindo quando ele a enfiou. Perdi o fôlego, sentindo meu sangue latejar, mas estava em segurança. Eu sabia disso.

E, lá no fundo da minha mente, onde eu sentia a chama da vergonha que ninguém poderia ver ou notar, admiti que sentia falta disso. Sentia falta da adrenalina percorrendo o meu corpo, do meu

coração tentando pular fora do peito, e de alguém que não me tratava como se fosse feita de vidro. Num lugar onde, no ínfimo espaço entre mim e ele, deleitei-me com a sujeira da minha pele e o terror de suas palavras.

Por que eu não estava dizendo a palavra de segurança?

O peso do ator acima de mim abrandou e ele perguntou:

— Você está bem?

Sua voz era suave agora. Normal.

— Sim — respondi.

— Você sabe qual é a palavra de segurança, não é?

Assenti, antes de murmurar:

— Sim.

— Você não quer usá-la?

Engoli em seco e movi minha perna, retirando-a debaixo dele, mas só depois percebi que ele havia se instalado entre minhas coxas. Ele se acomodou e se abaixou lentamente sobre o meu corpo outra vez.

— Última chance — sussurrou, no mesmo tom de antes.

Respirei fundo, sentindo calor fluir entre nós, e inclinei a cabeça para trás, pegando seu pulso e fazendo-o colocar a faca sobre minha garganta novamente.

— Deixe-a aí — falei.

Minha nossa, eu não estava nem aí. Eu gostava da ilusão. Gostava de sentir aquilo outra vez e não estava nem aí, porra. Aqui, no escuro, e com este cara que nunca mais me veria outra vez, porque eu nunca mais voltaria aqui. Porque eu precisava disso. *Ele* fez isso comigo. Eu odiava isso e o odiava mais ainda, mas queria ver qual era. Precisava ver se gostava mesmo disso ou provar a mim mesma se ele, e o que fez comigo, realmente não significavam nada e que eu não queria aquilo.

— Ou talvez eu esteja com fome de outra coisa, garotinha — ameaçou.

Pressionando a faca contra a minha garganta, ele começou a se esfregar entre minhas pernas, e ambos perdemos o fôlego quando nossos corpos começaram a se mover em sincronia. Revirei os olhos, sentindo seu pau duro roçar com força contra o meu clitóris. Eu podia sentir também a umidade e o calor se espalhando dentro da minha calcinha, e fechei os olhos, mergulhando na escuridão.

Ele moeu contra mim cada vez mais, inspirando por entre os dentes cerrados e se tornando mais bruto a cada investida de seus quadris. Ele afundou a faca por baixo do meu queixo e meu orgasmo começou a se formar, arrastando-se pelo meu corpo.

— Puta merda — ele murmurou, saindo de seu personagem. — Porra, isso é gostoso pra caralho.

E então eu me perdi. O fio que me conduziria ao orgasmo se desfez.

Lágrimas se formaram em meus olhos, deixando-me arrasada.

Meu Deus.

Eu o empurrei e fiz com que parasse, e saí debaixo de seu corpo, engatinhando.

Que porra eu estava fazendo?

Música se infiltrou dentro da sala, acompanhada de gritos e risadas, e concluí que outras pessoas haviam caído pela armadilha. Segui o som de suas vozes e passei correndo por eles em direção à porta.

— Espera, volta aqui! — o garoto gritou atrás de mim. — Não quis fazer nada daquilo. Você está bem?

Não. Eu não estava bem. Eu tinha perdido a cabeça por completo.

— Winter! — Ouvi Jade me chamar. — Ai, meu Deus. Ainda bem! Estávamos procurando por você em toda parte. Você nos deu um susto. Está tudo bem?

— Só vamos dar o fora daqui.

A necessidade do orgasmo perdido deixava meu corpo quente e zumbindo. Eu ainda precisava gozar de alguma forma.

Elas me levaram até a entrada e, assim que pisamos do lado de fora, inspirei profundamente o ar gélido.

— Iuhuu! — Isa vibrou. — Nós temos que voltar. Foi divertido demais.

Mordisquei meu lábio inferior, sem querer pensar no que aconteceu. Eu não contaria nada a elas, mesmo sabendo que as duas aceitariam numa boa.

Eu não odiava o fato de ter gostado. Odiava por ter me lembrado *dele*, e ter gostado exatamente por isso. Ainda continuava querendo sentir as mesmas sensações. Ele conseguiu me mudar.

Eu não queria entender Damon, mas, às vezes, era impossível deixar de pensar em todos os momentos em que ele ficou me observando ao longe, sem nunca me tocar – o que me deixava confusa e intrigada. Além de pensar no fato de que ele não havia mudado quase nada com o passar dos anos.

Há treze anos, ele se escondia da mãe dele naquela fonte, e depois do que aconteceu em seu quarto esta noite, e com o que Isa me contou, era visível que ainda estava se escondendo. Tentando vivenciar tudo através de outras pessoas enquanto se mantinha distante e como um *voyer*.

Mas isso não mudava o fato de que ele havia tomado o que nunca teria lhe dado.

Todos achavam que ele era diferente comigo, sem perceber, na

verdade, que fui apenas um tipo diferente de perversão para ele. Algo que o fizesse esquecer. Ele ferrou com a minha cabeça da mesma forma que fez com as outras pessoas, e usar de coerção, ainda assim, é uma forma de se forçar a alguém.

Ele era tão culpado quanto o pecado.

Ninguém tinha noção da verdadeira tragédia aqui. Não era uma questão de ele ter sido diferente comigo, mas agora... eu era diferente por causa dele.

Capítulo 11

Winter

Sete anos atrás...

— Argh! Eu odeio isso! — sussurrei, exasperada, arrancando os fones dos ouvidos e jogando-os sobre a minha cama depois de pausar a audioaula.

Ninguém precisava de Álgebra.

Ninguém.

Eu precisava solicitar um monitor ou algo do tipo. Minhas notas tinham que se manter acima da média, ou meu pai acabaria me enviando de volta a Montreal.

Por que eu estava com tanta dificuldade nisso? Todas as outras disciplinas não me davam trabalho. Quer dizer, Matemática sempre foi meio difícil, mas a professora... Ela falava rápido demais e aplicava as aulas usando o quadro interativo ou projetores, e todas as tecnologias que não valiam de nada para mim.

E era nítido que ela não mudaria a forma como trabalhava com outros vinte alunos em favor de apenas uma. Pensei em pedir à minha mãe para que falasse com ela, mas não queria que meu pai descobrisse. Ele odiava quando eu me tornava uma inconveniência, tanto quanto eu.

Empurrei o laptop para longe, a calculadora e o teclado de Braille e me deitei na cama, pegando apenas os fones de ouvido. Eu os conectei ao meu celular e procurei pelo aplicativo de música, acionando uma das minhas playlists. *Is your love strong enough?*^[13] começou a tocar e fechei os olhos, minha mente viajando na mesma hora para a coreografia que eu sempre me via dançando quando ouvia alguma música. Eu amava dançar, e se minha mãe não estivesse dormindo naquele instante, eu teria colocado o som para tocar na maior altura lá embaixo.

Quando eu dançava ao som das melodias, onde tudo o que podia ouvir era aquilo... era ali o lugar onde eu queria viver para sempre.

Fiquei ali deitada, movendo a cabeça em sincronia com a música, e, sem perceber, meus braços e mãos também começaram a balançar suavemente.

E se ele estivesse me observando naquele momento? Ele poderia estar no meu quarto, a poucos passos de distância...

Não. Já havia se passado uma semana e não soube mais nada dele. Provavelmente, deve ter ido à festa da minha irmã e resolveu me pregar uma peça. Talvez o tipo de brincadeira que de vez em quando

ele fazia. Eu queria perguntar sobre ele a alguém – contar o que aconteceu –, mas não fazia a menor ideia de como puxar assunto sobre isso. Além do mais, tudo o que eu sabia a seu respeito era que estava com cheiro de cloro de piscina. Ele conversou comigo em sussurros, e não disse nada pessoal. Tipo, sobre sua família, onde morava, quem eram seus amigos, quantos anos tinha... Ele era alto, porém, e pelo tom de seus sussurros, possuía uma voz rouca e profunda. Era, sem dúvida alguma, mais velho que eu, acho que alguns anos.

Não contei nada aos meus pais também, embora soubesse que isso era uma atitude irresponsável. No entanto, eu sabia quais seriam as consequências caso minha família achasse que eu estava em perigo.

E ele não me machucou, então...

É claro que isso não indicava que não faria exatamente isso, mas não sei... Se eu contasse, ele não voltaria.

E eu não tinha certeza se era o que eu queria.

Garota idiota. O cara me aterrorizou por quase meia hora e, ao invés de buscar ajuda, eu estava abraçando o perigo.

Sempre fui meio burra. Ainda acreditava que poderia ser uma bailarina; ignorei todo o sofrimento que meu pai me causou porque pensava nessa casa como meu lugar seguro, e estava mantendo segredo a respeito do meu invasor, só porque aquilo me deixava empolgada. Porque nunca tive nenhum segredo e aquilo fez como eu me sentisse... não sei. Uma adolescente, talvez?

A música acabou e ouvi o zumbido baixo da próxima melodia, mas, no breve silêncio entre elas, percebi uma pequena e suave vibração debaixo da minha cama. A mesma que eu sempre ouvia quando a porta da garagem era aberta ou quando os jardineiros usavam suas ferramentas quando vinham podar as árvores.

Tirei os fones e ergui-me, apoiada nos cotovelos, apurando a audição para aquilo que eu havia sentido.

Arion tinha saído de casa há horas para a Noite do Diabo, uma tradição esquisita que os jovens na cidade faziam na noite anterior ao Halloween,

e que a maioria das pessoas nem se ligava, a não ser o pessoal da nossa pequena cidade. Meu pai quase nunca vinha para casa, e, provavelmente, passaria aquela noite fora outra vez.

Lembrei-me do que minha mãe disse aquela noite, a respeito de uma amante que ele mantinha, mas afastei o pensamento e me levantei. A não ser eu, minha mãe era a única pessoa na casa, e ela já tinha ido dormir na companhia de seu sonífero há uma hora.

Fui até a porta do quarto e abri apenas uma fresta, tentando ouvir alguma coisa. Talvez mamãe tivesse acordado ou Arion tenha trazido alguns amigos para cá.

Mas, agora, dava para saber que a vibração que senti era como

um lamento suave, porém constante e melódico. Alto e baixo, profundo e lento.

Música. Alguém estava tocando música.

Eu me esgueirei pelo corredor, sentindo a pulsação sob meus pés ficar cada vez mais alta à medida que eu me aproximava da origem do som. Meu coração começou a bater acelerado enquanto eu descia as escadas, finalmente reconhecendo a música que tocava em um volume não tão alto, na verdade. Uma canção do Bush, que fazia parte da minha playlist, tocava no salão de festas.

Mordi meu lábio inferior, tentando afastar o medo e a excitação que percorriam meu corpo. Eu deveria chamar minha mãe.

Mas ignorei a voz insistente na minha cabeça e abri as portas do salão. A música estava vindo do meu aparelho de som, que se encontrava no outro canto da parede, e eu não sabia dizer se eram os monstros que todos jurávamos existir quando estávamos assustados, ou se era o meu sexto sentido, mas eu tinha certeza de que havia alguém ali dentro.

Entrei no salão de festas e parei sobre a marcação no piso, bem no meio, fazendo um círculo lentamente.

— Você está aqui? — perguntei.

A música foi interrompida de repente, e quase perdi o fôlego, sentindo o coração martelar.

— Sim — sussurrou de algum lugar distante à minha frente.

Umedeci os lábios, sentindo as pernas bambas, mas a maneira como a voz tomou conta de mim... Meu sangue parecia correr com eletricidade.

Foi preciso engolir diversas vezes até que consegui dizer:

— Você pegou a Vila do Papai Noel para mim, não é?

Ele não respondeu nada. Eu sabia que havia sido ele, mas ouvi-lo admitir ao menos confirmaria que ele esteve na festa – e estava perto da

minha irmã –, já que deve ter me ouvido pedir a ela. Talvez fosse até possível tentar descobrir sua identidade.

— Por que você voltou? — sondei, tentando manter o tom de voz mais baixo.

— Talvez eu nunca tenha ido embora.

Seu sussurro era assustador, mas havia um toque suave e bem-humorado.

E o fato de ele se manter sussurrando poderia indicar que talvez eu já tenha ouvido sua voz, e ele temia que eu o reconhecesse. Ou talvez ele só quisesse me assustar mesmo.

— Quem é você?

— Um fantasma.

Balancei a cabeça, tentando disfarçar o sorriso que se formava

em meus lábios.

— Eu não acredito em fantasmas.

— Por que você não está gritando, apavorada? — questionou, mudando de assunto. — Ou pedindo ajuda?

Fiquei calada, desejando saber a resposta. Pelo meu próprio bem. Talvez eu estivesse em perigo. No mínimo, havia o risco de estar com um homem estranho em minha casa, e que não havia sido convidado, fora o fato de ele já ter estado aqui antes, me ameaçando.

Fuja. Grite.

— Não sei — respondi, por fim. Eu ainda poderia gritar. Só não estava pronta. — Por que você voltou? — perguntei.

— Queria ver você dançar outra vez.

— Como você sabia que eu estaria aqui sozinha?

— Estou pouco me fodendo se você está sozinha ou não — ele disse. — Desde que tenha você só para mim.

Meu coração saltou uma batida, e comecei a respirar com dificuldade.

Eu queria ser como ele. *Ousado.*

— Estou com as suas sapatilhas — ele sussurrou.

Minhas sapatilhas?

Ah, ele devia estar falando das sapatilhas de ponta. Eu as deixei perto do aparelho de som quando ensaiei hoje pela manhã, antes de ir para a escola.

Dance para ele...

Eu poderia fazer isso. Contanto que eu não colocasse o som muito alto, não acordaria minha mãe.

O que aconteceria depois que eu dançasse?

O que havia de errado comigo, por gostar de sua presença aqui?

Ele gostava da minha dança. E veio aqui para saber se eu poderia dançar para ele.

Torna o mundo mais bonito.

Disfarcei o sorriso na mesma hora.

Estendi a mão em seguida.

— Sapatilhas?

Ele a colocou sobre a minha palma, segurando minha mão entre as suas para garantir que as tivesse pegado.

Sentei-me no chão e calcei-as, amarrando as fitas de cetim com cuidado e ouvindo-o se afastar um pouco, provavelmente para me dar mais espaço.

Assim que terminei de amarrá-las, fiquei de pé e dirigi-me até o centro do salão, reconhecendo a marcação em X que havia no chão, assumindo, em seguida, a segunda posição. Dobrei os joelhos levemente em um rápido *demi plié* para me equilibrar, até me colocar

sobre as pontas e retornar à mesma postura.

Eu deveria ter feito algum aquecimento, mas estava, de repente, nervosa. Talvez porque da última vez em que ele me viu dançar, eu não fazia ideia de que estava sendo observada, ou porque ainda não estava muito segura se ele iria cortar minha garganta ou não.

— Faixa sete — eu disse, com a voz um pouco trêmula. — Você poderia colocar para mim, por favor?

Ouvi sua movimentação ao redor da sala quando ele fez o que pedi, e desejei estar vestida adequadamente. Do ponto de vista da situação, eu não deveria estar preocupada com aquele tipo de coisa, mas estava usando apenas um short curto e uma regata, e nada de sutiã.

A voz melodiosa de Ellie Goulding ressoou no ambiente, baixa e fraca no início, mas se tornando mais intensa, e então comecei a andar lentamente pelo piso, fazendo um círculo descontraindo para entrar no clima. Eu só havia dançado uma coreografia com essa música uma vez, e mal conseguia me lembrar dos passos, logo, teria que improvisar.

A batida da música foi assumindo o comando, infiltrando-se pelo meu corpo, associada à melodia poderosa que ecoava.

Meu pulso acelerou e fechei os olhos, mapeando a marcação com a fita no piso na minha mente, à medida que eu me movimentava pelo salão. Peguei o ritmo, rodando a cabeça e ficando na ponta dos pés, para, em seguida, fazer uma pirueta, sentindo a música.

Eu me esqueci dele e de todos os meus professores que se queixavam sobre a minha técnica, e simplesmente deslizei para o meu próprio mundo onde ansiava pela sensação do meu corpo cortando o ar, com minhas mãos no meu cabelo e pescoço.

Inclinei as costas enquanto me balançava em uma *attitude*, e senti meu coração dar um pulso quando dei uma pirueta e finalizei com um *arabesque*. Sorri, mordendo meu lábio inferior para conter a risada que queria escapar. Girei e curvei-me, mergulhei e deslizei em movimentos que eu queria fazer, apenas deixando a música me guiar.

Quando acabou, senti o ar se tornar frio de repente, e respirei com dificuldade, lembrando-me de que não estava sozinha.

— Você... você ainda está aqui? — perguntei, com a boca seca.

Ele não disse nada por um instante, mas, quando o fez, sua voz estava calma:

— O modo como você se move... é... diferente.

— Diferente do quê? — Fiquei imóvel, respirando profundamente.

Mas ele não respondeu. Eu sabia que meus professores às vezes ficavam frustrados comigo, ao longo dos anos, por ter a mania de

improvisar. Bastante. Eu amava o balé clássico que aprendi desde cedo, mas não queria fazer sempre as mesmas coisas que já estavam mais do que batidas. Eu meio que queria dançar seguindo meus impulsos, porque isso me fazia feliz. Será que ele não tinha gostado?

Consegui andar até uma cadeira e sentei-me, desamarrando as sapatilhas de ponta.

— Você ainda está pensando se vai ou não me machucar? — abordei o assunto.

— Não tenho pressa nisso.

Quase comecei a rir. Era uma pergunta inútil, já que não esperava que ele me dissesse a verdade, mas, de alguma forma, gostei de sua resposta. Havia uma nota divertida ali.

— Por que você não chama a polícia? — sussurrou, e percebi o som de sua voz mais perto. Ele estava se aproximando.

Eu me inclinei e retirei uma sapatilha, esfregando o arco do pé.

— Você gostou da dança? — contra-argumentei.

— Eu não vou te impedir se quiser pedir ajuda — esclareceu. — Não esta noite. Vá em frente.

— Não era bem uma coreografia. Eu só... improvisei.

— Eu poderia matar você — salientou. — Estaria tudo acabado antes mesmo de você se dar conta do que estava acontecendo.

— Eu quero que você goste da dança — prossegui, ignorando seu monólogo, porque significaria que eu teria que ter respostas para coisas que ainda desconhecia. — Meus pais acham ridículo uma bailarina cega, mas é o que sempre quis fazer. É algo possível.

— Você pode morrer esta noite — ele continuou, como se não tivesse me ouvido.

Desatei o outro laço e retirei a sapatilha, largando-a no chão.

— Eu poderia morrer de dez maneiras diferentes a cada dia. Eu poderia ter morrido quando perdi minha visão aos oito anos.

Eu estava acostumada a sempre me sentir em perigo. Cada passo que eu dava poderia acabar me conduzindo para a queda livre de um prédio. Talvez fosse por essa razão que eu não me sentia assustada por ele.

— O que aconteceu naquele dia? — ele perguntou.

Quando fiquei cega?

— Eu caí — revelei. — De uma casa na árvore. Bati minha cabeça duas vezes enquanto despencava. Houve um dano no nervo óptico. Irreparável.

— Você foi empurrada?

Cerrei meu punho direito, lembrando-me da terrível sensação da mão escorregadia do garoto, tendo a consciência de que aquilo era tudo o que me separava dele e do chão abaixo.

Eu não fui empurrada. Não exatamente.

— Eu não deveria ter subido lá. — Abaixei o tom de voz para um murmúrio. — Eu queria nunca tê-lo conhecido. Nunca ter ido lá em cima com ele. Eu... — Minha vida seria tão diferente se eu pudesse mudar aquele único dia e não ter entrado naquela fonte. — Sinto falta de enxergar as coisas. De assistir a um filme no cinema ou ver o mar. — Parei antes de continuar: — Ver seu rosto.

Não ser capaz de ver sua linguagem corporal e expressões me deixava em desvantagem.

Ouvi o som da cadeira arrastando sobre o piso e então, ela foi colocada

à minha frente, antes que ele se sentasse de novo. Ele segurou a minha mão, mas eu a afastei, sentando-me ereta e subitamente em alerta.

Ele a pegou outra vez, apertando meus dedos com mais força.

— Levante-se.

Imaginei o que ele estava fazendo, e já que havia chegado até aqui... Hesitantemente, fiquei de pé, sentindo cada fibra muscular tensionar para caso houvesse uma necessidade de correr.

A mão dele era um pouco maior que a minha, e seus dedos eram longos e fortes, mas, ainda assim, muito frios. Ele segurou minhas mãos e me guiou até ele. Até o seu rosto.

— O que você vê? — perguntou, colocando suas mãos sobre as minhas, para em seguida, me deixar por conta própria.

Meus dedos se abriram para sentir a extensão de seu rosto, e fiquei imóvel por um instante, com medo de movê-los, porque ele seria capaz de perceber que estavam trêmulos. Cada pedacinho da minha pele que fazia contato com a dele zumbia por baixo da superfície, e aquilo quase me fez afastar, incomodada.

— Você é alto — eu disse, pigarreando. — Quando você está de pé, quero dizer. Não é mesmo?

Lembrei-me da sensação de seu corpo pressionado ao meu da última vez, e mesmo sentado agora, o topo da sua cabeça alcançava a parte de cima dos meus seios.

Movimentei minhas mãos pelo seu rosto, sentindo a maciez da pele, gentilmente acariciando sua testa, têmporas, os ossos da bochecha e as sobrancelhas. Tudo com a ponta dos dedos.

— Jovem — continuei, pintando uma imagem na minha cabeça. — Rosto oval, mas com as mandíbulas fortes e marcadas. Um nariz afilado. — Levemente apertei o osso sobre a cartilagem, deslizando os dedos pela extensão. — Como você o quebrou?

Era apenas uma leve curvatura que ninguém perceberia a olho nu, mas eu conseguia sentir o abaulamento suave naquele ponto exato.

— Eu cáí — respondeu.

Inclinei a cabeça, lendo nas entrelinhas. Eu conseguia perceber

as nuances do que as pessoas não queriam dizer.

— É, minha mãe cai bastante também — comentei.

Era óbvio que ele havia recebido um soco e não queria admitir. O que significava que, ou ele ainda ficava puto com isso... ou sentia algum tipo de vergonha.

Seguindo em frente, percorri o formato de suas sobrancelhas retas com os dedos, a borda fria e macia de suas orelhas e lóbulos, e o cabelo grosso que caía sobre seus olhos. Ele tinha, provavelmente, cabelo escuro, já que a maioria das pessoas como eu possuíam cabelos mais finos.

Trilhei um caminho com minhas mãos pelo seu queixo, sentindo o coração martelar no peito quando meus dedos dançaram ao redor de sua boca, mas então decidi percorrer as linhas finas de seus lábios.

Seu hálito quente soprou sobre minha pele, aquecendo meu corpo inteiro. Ele estava observando o meu rosto também? Olhando dentro dos meus olhos? O que será que ele estava pensando?

— Eu queria poder te enxergar de verdade — comentei. — Queria ver a expressão do seu rosto quando olha para mim.

Ele permaneceu em silêncio, e uma onda de vergonha incendiou minha pele. Afastei o embaraço e segui em frente.

— Nada de piercings — acrescentei. — Pelo menos, não na parte de cima do corpo.

Seu lábio superior se curvou um pouco, em um meio sorriso.

— E ele sabe sorrir... — caçoei.

Eu não precisava “ver” o sorriso travesso para ter certeza de que ele era um bad boy, mas era reconfortante saber que tinha senso de humor.

— Seu pescoço... — Roci as pontas dos dedos pela pele macia.

— O que tem ele?

Eu me inclinei para frente, surpreendendo a mim mesma quando apoiei minha bochecha contra a pele daquela região. Ele não moveu um músculo sequer.

— Está quente — salientei. — Suave.

E estava frio ali em casa.

Inalei profundamente, sentindo o cheiro de sabonete e shampoo, a fragrância evidenciando que havia tomado banho agora há pouco.

— Você acabou de tomar banho — atestei.

Aproximei-me um pouco mais, segurando sua cabeça bem à minha frente e enfiando meus dedos de volta em seu cabelo.

— Alto, moreno, jovem — comentei o que já havia deduzido.

—

Limpinho, gosta de lutar, tem cílios longos, acho que você é o típico

garoto bonito...

Ele deu uma risada, e eu sorri também, mas meus dedos roçaram alguma coisa em seu couro cabeludo. No entanto, antes que eu tivesse tempo de adivinhar o que seria, senti outra marca. Minha expressão mudou ao deparar com as elevações em sua pele. Examinei o restante e encontrei outras tantas. Todas com cerca de meio centímetro de comprimento.

Cicatrizes.

— Eu caí — ele disse outra vez, sem aguardar que o questionasse.

Cerrei os dentes com força por um instante.

— Você levou um monte de quedas... — murmurei. — Você tem outras como essas em outro lugar?

— Você quer conferir o resto do meu corpo? — ele perguntou, em um tom presunçoso.

Afastei a mão, tentando conter a vontade de revirar os olhos. *Obrigada pela oferta.*

— Qual é a sua idade? — perguntei.

Porém ele não abaixou a guarda quando respondeu:

— Sou mais velho que você.

O que ele estava *realmente* fazendo aqui? Ele era apenas um engraçadinho que gostava de pregar peças na Noite do Diabo, ou tinha intenções mais sinistras quando invadiu a minha casa uma semana atrás, antes de ter me visto dançar e ter ficado fascinado? O que aconteceria se eu tivesse me recusado a dançar outra vez? O que ele queria de verdade?

— Qual é a única coisa que você gostaria de ser capaz de fazer, mas que realmente não pode? — questionou.

Quase comecei a rir. *Única coisa?*

— Você está me zoando? — retruquei. — A minha lista é enorme.

— Diga-me apenas uma.

Refleti por um instante, pensando em como sentia falta de todas as coisas que nunca mais seria capaz de enxergar. Filmes, espetáculos, montanhas, árvores, cachoeiras, vestidos, sapatos, as fisionomias dos meus familiares e amigos... Eu não sabia o que era sair de casa sozinha para fazer uma trilha na floresta por conta própria. Nunca seria capaz de me esgueirar, fugir ou vivenciar a liberdade de uma escapadela, sozinha, sem que soubessem ou que estivessem lá para me socorrer.

— Dirigir — respondi, por fim. — Meu pai costumava ter um carro antigo de corrida no celeiro do nosso chalé de esquí, em Vermont, e eu sempre me sentava lá dentro e brincava de passar as marchas, fingindo que estava correndo em alta velocidade. Eu

adoraria ser capaz de dirigir.

Ele ficou quieto por um segundo, até que, finalmente, se levantou e pude senti-lo parado à minha frente.

— De verdade? — perguntou.

Havia um timbre de um sorriso sorrateiro em sua voz que fez meu coração pular uma batida.

— Vamos sair daqui então. — Agarrou minha mão e começou a me puxar.

— Hein? — Tropecei, perplexa, mas permiti que me levasse, embora não fizesse a mínima ideia do lugar. — Ir aonde? Eu não posso sair de casa!

Lembrei-me de que minha mãe estava lá em cima e calei a boca na mesma hora.

— Posso te levar se eu quiser — ele disse, puxando-me pelo saguão até a porta de entrada. — Ou você pode gritar agora e acabar com toda a diversão.

— Quem disse que estou me divertindo?

— Você está prestes a fazer isso. — Ele parou, mas continuou segurando minha mão. — Ou, se você quiser, posso te colocar na cama e ir me divertir com outra pessoa.

Revirei os olhos. *Faça-me o favor.* Como se eu fosse ficar com ciúmes ou sei lá o quê...

— Só que é com você que quero brincar — sussurrou, inclinando-se mais perto.

Aham, com certeza. Um psicopata com uma queda por garotas cegas incapazes de identificá-lo em uma fila de suspeitos. Será que eu estava perdendo o juízo?

— Pessoas, música, fogueiras e cerveja — zombou. — Vamos lá, Winter. O mundo está à espera.

Balancei a cabeça. Eu *estava* perdendo o juízo.

— Você vai me trazer de volta para casa? — perguntei.

— É claro.

— Viva e... intacta?

Ele começou a rir e aquela foi a primeira vez que realmente ouvi o som de sua voz. Era profunda e suave, e era nítido que havia diversão ali às minhas custas.

— Esta noite? Com certeza.

Fiquei meio desapontada e hesitei por um instante, até que me soltei de seu agarre e fui em direção ao *closet* ao lado da porta, procurando um dos meus casacos de moletom que sempre ficavam por ali.

Assim que encontrei o que procurava, vesti-me e calcei um par de tênis também. Eu queria o meu celular. Seria prudente levá-lo.

Virei-me para ir buscá-lo no quarto, mas parei quando me

lembrei de que havia o aplicativo com GPS por onde meus pais me rastreavam.

Se a minha mãe acordasse, ou o meu pai chegasse em casa, será que eu gostaria que eles me encontrassem com um garoto cujo nome eu desconhecia, fazendo algo que não deveria estar fazendo, de forma que pudessem usar isso como desculpa para me enviar de volta ao Canadá?

Daí pensei que se eu precisasse que eles me encontrassem, era melhor levar o maldito celular, não é mesmo?

Eu tinha que tomar uma decisão.

Foda-se.

Inspirei profundamente, virei-me e estendi a mão para que ele a pegasse.

Ele a segurou e abriu a porta.



— Por que você não usa uma bengala? — perguntou, levando-me pela garagem. — Ou um cão-guia ou algo assim?

Pode acreditar, eu adoraria fazer isso, pois me daria um pouco mais de liberdade.

— Se eu precisar ir a algum lugar, alguém me ajuda — informei. — Meus pais não gostam que eu atraia qualquer tipo de atenção.

Eles achavam que as pessoas ficariam me encarando. Eu não era a única pessoa com deficiência visual na cidade, mas tinha quase certeza de que era a única completamente cega, eu conhecia seus temores sem nem mesmo precisar perguntar. E eles estavam certos. Isso deixava as pessoas pouco à vontade. Eu já havia vivenciado um monte de conversas embaraçosas para saber reconhecer quando alguém queria simplesmente se afastar de mim, por não saberem como agir à minha volta.

O ponto onde estavam errados era porque meus pais achavam que o mundo ainda era o mesmo para mim, e que eu deveria aprender a circular da mesma forma que fazia antes. Mas eu não podia. As pessoas ficariam desconfortáveis, mas se acostuariam com isso. Elas poderiam mudar. Era uma eterna fonte de ressentimento para mim que eles achassem que ninguém deveria ser incomodado, e que era minha responsabilidade não me tornar um fardo para ninguém.

Era o meu mundo também.

— É impossível você não chamar atenção — ele disse, por fim. — E não tem nada a ver com o fato de você ser cega.

A forma como ele disse aquilo – com bondade e carinho – fez

com que um calor súbito tomasse conta do meu rosto, e eu não sabia se ele estava se referindo à minha dança ou se eu era bonita, mas acabei sorrindo internamente, sentindo meu corpo inteiro aquecer.

Não tive tempo de perguntar o que ele quis dizer com aquilo, porque, quando dei por mim, ele havia parado à minha frente e agarrado a parte de trás das minhas coxas, levantando-me para ficar às suas costas. Perdi o fôlego por um segundo e rapidamente enlacei seu pescoço, com medo de cair.

— Eu posso andar mais rápido — informei. — Eu consigo. Não precisa me...

— Cala a boca e se segura.

Tuuudo bem. Firmei o agarre ao redor de seu pescoço.

— Mais apertado — disse, rápido. — Como você fez no *closet* aquela noite.

Dei um sorriso, mas ele não podia ver. Eu o enlacei com mais força, enfiando a cabeça na curva de seu pescoço e colando o rosto ao dele. Tentei não pensar na discussão dos meus pais naquela noite, mas foi impossível não pensar *nele*. Na maneira como seus braços, seu calor e a pulsação de seu coração abaixo do meu ouvido fizeram com que tudo aquilo desaparecesse. Pensei em como às vezes você precisa passar pelo pior para sentir o melhor. Era uma boa lembrança.

Ele me levou de cavalo por todo o caminho, e quando seus pés fizeram barulho no cascalho, percebi que estávamos do lado de fora dos muros.

Ele parou e se abaixou um pouco para que eu descesse, e minha perna roçou contra algo metálico. Estendi a mão e deslizei-a pela superfície de aço, vidro e uma maçaneta.

Sorri.

Era óbvio que ele não teria parado o carro bem na frente da minha casa. Ele estacionou do lado de fora dos portões.

Deslizei os dedos pelo carro, sentindo a suavidade do material, mas não era lustroso como vidro. Era uma pintura fosca, com curvas longas e limpas e uma grade frontal estreita, sofisticada e elegante. Definitivamente, um carro estrangeiro.

— Gostei do seu carro — comentei e então caçoei: — Qual é o nome dele?

Ele bufou uma risada e então o senti às minhas costas, seu sussurro grudado ao meu ouvido:

— Todos os meus passatempos têm pulsação.

O pelo da minha nuca se arrepiou, e cada pedacinho da minha pele incendiou. Como ele conseguia fazer isso?

Segurando minha mão, ele me fez dar a volta no carro e me levou até a porta do motorista e a abriu e se sentou. Ouvi o banco deslizar, embora não soubesse se ele havia chegado para frente ou

para trás. Ouvi o som de outra coisa sendo mexida. O volante, talvez?

Meu coração começou a martelar e o medo me fez recuar um passo. *Acho que não...*

— Vem cá — disse.

Hum, não. Talvez essa não seja uma boa ideia.

Seus dedos se entrelaçaram aos meus e ele me puxou.

— Entre nesse carro agora mesmo.

Senti um frio horrível na barriga e hesitei, um pouco nauseada.

Eu poderia voltar para casa nesse instante. Poderia ir para a cama com minhas músicas, audiobooks e meu quarto silencioso enquanto o mundo continuava a girar ao meu redor, e na próxima vez que me dessem a chance de fazer algo estúpido, rebelde e assustador, seria mais fácil virar as costas e sair correndo... Cada dia mais previsível como o anterior.

Isso era idiotice. E ilegal.

Mas ele era divertido. E eu não queria que tudo acabasse.

Fechei os olhos, sentindo os ombros cedendo um pouco, derrotada.

Tudo bem. Deslizei uma perna para dentro do automóvel, abaixando a cabeça e ele me guiou para que me sentasse em seu colo, encaixando as pernas por dentro das dele, muito mais longas. Recostei-me um pouco, de forma que não ficasse grudada ao volante, e pressionei as costas ao seu peito.

Apoiei as mãos no volante e ele fez com que eu fechasse os dedos ao redor.

— É como um relógio — instruiu. — Você está em dez horas e duas horas nesse instante.

Seus punhos se fecharam ao redor dos meus, dando ênfase à minha posição.

Assenti, assim sentindo o frio intenso na barriga.

— Eu vou cuidar dos pedais e do câmbio das marchas — ele disse. — Você vai apenas guiar.

— Guiar como? — disparei, já sentindo as lágrimas de frustração se formando nos meus olhos. — Nós vamos morrer.

Ele bufou uma risada.

— É uma estrada vazia — revelou. — E, nesse horário, está mais do que deserta. Relaxa.

Sacudi a cabeça, ainda insegura.

— Ei — ele segurou meu queixo entre os dedos, virando meu rosto para o dele —, tudo o que você tem que fazer é confiar em mim, garota. Entendeu?

Parei por um momento, sentindo seu olhar em mim e seu corpo às minhas costas.

Então o medo se desfez. Ele estava no controle, e poderia fazer

qualquer coisa. Eu confiava nele.

Assenti e respirei fundo, virando a cabeça para frente outra vez.

Suas pernas se mexeram ao redor das minhas e sua mão estendeu e passou por baixo da minha, e, de repente, o motor ganhou vida e começou a rugir.

Sua mão direita estava posicionada no câmbio, colocando o carro em posição, e seu hálito quente soprou à minha nuca. Cerrei os punhos com força ao redor do volante.

— Você vai sair para a rua, virando um pouquinho para a esquerda — explicou. — Quando você sentir os quatro pneus tocarem o pavimento liso, volte o volante para a posição em linha reta.

Engoli em seco, assentindo outra vez.

— Não vamos acelerar muito no início, tá bom? — murmurei.

Ouvi sua risada atrás de mim. Tudo bem, talvez eu não confiasse muito nele.

— Estou pisando um pouquinho — ele advertiu e o motor rugiu.

Sacudi o volante de um lado ao outro, nervosa, mas ele não tirou o pé do freio... ou pisou em qualquer outro pedal, logo, não havíamos nos movido ainda, e eu relaxei outra vez, sentindo-me uma idiota.

Ele não riu de mim, apesar disso.

Ele pisou um pouco mais e comecei a sentir os pneus passando sobre os cascalhos. Agarrei o volante com força para me assegurar de que minhas mãos não escapulissem. O pneu dianteiro esquerdo passou por cima de uma lombada e virei o volante naquela posição até sentir a estrutura inteira atingir a pista.

Sorri, um misto de risada e arquejo, e assim que o carro começou a subir a estrada, girei o volante para a direita, certa de que agora estava em linha reta.

No entanto, o carro saiu da estrada e voltou a passar pelo cascalho de novo e a grama, passando pela lombada que dividia a estrada do acostamento com um solavanco.

— Ai, droga! — Virei o volante para a esquerda, de volta à estrada. Mas temia pegar a pista contrária e virei à direita outra vez, sem conseguir sair de onde estava.

Eu não consigo fazer isso.

Balancei a cabeça, respirando com dificuldade enquanto tentava me controlar.

— Sinto muito. Sinto muito...

— Sshhh... — ele me tranquilizou, a mão esquerda apoiada no meu quadril. — Nós temos todo o tempo do mundo.

Meu queixo começou a tremer, porque estava com vergonha e frustrada, e não queria mais fazer isso, porque só estaria fazendo papel

de boba. Eu falharia, com certeza! Por que ele estava tentando me envergonhar?

Meus olhos marejaram, o carro desacelerou e eu fechei os olhos, respirando profundamente para que pudesse colocar a cabeça no lugar.

Está tudo bem. Nós temos todo o tempo do mundo.

Temos todo o tempo do mundo.

Exalei o ar com força.

Está tudo bem.

Está tudo bem.

Ele não estava me apressando. Não estava zombando de mim.

Funguei um pouco e mesmo que ele não pudesse ver meu rosto, provavelmente já sabia que eu estava chorando, mas alonguei os dedos e

agarrei o volante de novo.

— Tá bom — respondi.

Ele acelerou o carro, e eu voltei à estrada, movendo o volante mais devagar dessa vez, desviando o carro de um lado ao outro em busca das marcações na pista, meio que do mesmo jeito que eu fazia quando dançava. Tentando medir o perímetro e o tempo até sentir a sinalização no chão.

Os pneus esquerdos passaram pelas lombadas de tempo em tempo, e percebi que eram os sinais refletores que ficavam no meio da pista, de forma que os motoristas conseguissem enxergar a pista durante a noite.

Era daquele jeito que eu poderia identificar se havia saído da minha pista ou não.

Senti meus ombros relaxando um pouco, e sentei-me mais ereta. Okay.

Mantive o carro posicionado no meu lado da estrada, sentindo os pneus direitos resvalando um pouco, do jeito que havia acontecido antes, e agora eu sabia que os refletores estavam à esquerda, o que mantinha em uma linha reta. Meu volante não estava sempre na posição neutra, mas estávamos indo devagar o suficiente para que eu detectasse quando a estrada se curvava de leve, o que me ajudava a manter dentro das marcações estabelecidas.

— Você está conseguindo — sussurrou.

Um sorriso iluminou meu rosto, meus olhos ainda marejados, mas agora eu me sentia bem melhor do que minutos antes. Ele não me ensinou nada também. Não avisou sobre os refletores ou como deveria virar o volante.

Ele só esperou que eu aprendesse por mim mesma. Aquilo foi legal e tirou a pressão de cima. Era bom não ter que me sentir preocupada.

— Nós vamos mais rápido agora — ele disse.

Mais rápido? E lá se foram a tranquilidade e confiança que eu estava começando a sentir.

— Vou te avisar para que lado virar o volante, beleza?

— Okay — respondi.

Fazia sentido. Nós iríamos mais rápido e eu teria menos tempo para corrigir a posição do carro por conta própria.

Suas pernas se moveram um pouco abaixo de mim, ele trocou as marchas e o carro acelerou, fazendo meu corpo esbarrar contra o dele. Por instinto, agarrei o volante com mais força e mal pisquei em uma tentativa de me concentrar.

O motor rugia e eu podia sentir a vibração do carro abaixo das coxas à medida que seguíamos pela noite, onde qualquer coisa poderia aparecer do nada, sem me dar tempo de pensar rápido. Um animal, um carro, uma pessoa... *Meu Deus*. Estava rápido. Rápido demais. O carro ronronava abaixo dos meus pés, fazendo meu coração disparar.

— O volante está ao meio-dia — ele disse. — Quando eu disser “vai”, devagar e suavemente vire à esquerda, como se fosse colocá-lo às dez horas.

Eu mal conseguia engolir ou falar, então só assenti com a cabeça, curvando os dedos dos pés com medo. *Merda*.

— Vai — ele orientou.

Fiz conforme ele instruiu, e gentilmente virei um pouquinho o volante, sentindo os pneus passarem por cima dos refletores no asfalto, mas ao invés de virar na outra direção para me corrigir, mantive o carro na mesma posição, me guiando pelas bordas das marcações. Provavelmente seria tenso com o trânsito se aproximando cada vez mais, porém eu era capaz de lidar com as curvas por conta própria.

— Okay, vai ter uma curva à direita em...

— Shh.... — eu o silencieei.

Eu precisava ouvir.

E então, como ele havia alertado, os refletores tomaram a direita, e precisei corrigir o volante para acompanhá-los, surpreendentemente não saindo da pista como imaginei que faria.

— Jesus Cristo. — Ele riu, parecendo impressionado. — Tudo bem, vou tirar um cochilo aqui. Divirta-se.

— Não se atreva! — ralhei.

De vez em quando passávamos por um cruzamento, um poste de iluminação ou faixa de pedestres. Além disso, ele controlava a velocidade.

— Podemos ir mais rápido? — perguntei.

Estive tão tensa e concentrada que, tudo o que queria naquele momento, era sentir a adrenalina.

Ele mudou a marcha e pisou no acelerador, e se as minhas

contas estavam certas, agora estávamos na quarta ou na quinta marcha.

— É uma linha reta pelos próximos minutos — ele disse. — Você quer ouvir música?

Pensei no assunto, percebendo que eu poderia sentir o carro passando sobre os blocos de sinalização na estrada, e não precisaria, necessariamente, ouvi-los.

— Okay.

Ele ligou o rádio e *Go to Hell* começou a tocar, e eu me recostei contra ele, relaxada, meu coração batendo acelerado à medida que ele aumentava a velocidade. No entanto, mantive-me ainda concentrada em cada lombada abaixo de nós, para nos manter na pista certa.

O som de um motor se fez ouvir à distância, e o chão abaixo de mim começou a vibrar um pouco mais. O que era aquilo?

Virei a cabeça na direção dele, mas, de repente, o vento soprou com força dentro do carro e o som da buzina de um caminhão soou. Imaginei que ele havia acabado de passar por nós.

Ofeguei, sentindo o carro balançar e minhas mãos tremeram ao segurar o volante, sentindo os refletores agora do lado direito do carro.

— Puta merda!

Comecei a rir, sentindo o corpo dele estremecer com suas próprias risadas.

— Por que você não me avisou? — resmunguei, mas ainda sorrindo. — Nós poderíamos ter morrido!

— Divertido, não é?

Babaca.

E, sim, foi divertido.

— Está pronta para mais? — zombou.

— Sim. — Mordi o lábio inferior, sentindo o frio na barriga na mesma hora, mas era impossível me conter.

— Em um minuto, você vai virar o volante para a posição de nove horas — explicou. — E eu não vou desacelerar o carro.

— O quê?

— Em três... dois...

— Espere, você disse um “minuto”! — gritei, histérica.

— Um! — ele gritou no meu ouvido. — Agora!

— Porra! — resmunguei, virando o volante para a posição indicada e arfando. — Você é louco!!!

O carro derrapou, sacudindo-se na pista e no acostamento de cascalho, e senti sua mão no topo da minha cabeça quando nossos corpos foram jogados de um lado ao outro, meu crânio quase acertando o teto.

— Ai, meu Deus... ai, meu Deus!

Ele se endireitou.

— Corrija a posição do volante — ele disse.

Fiz o que mandou, hiperventilando quando ele mudou a marcha de novo e pisou o pé no acelerador, nós dois dirigindo pela noite escura, numa estrada de chão, rumo a alguma árvore onde a abraçaríamos com o carro.

Mas, puta que pariu... Tudo dentro de mim estava quente. Fervendo. Meu sangue corria acelerado e meus braços pareciam tão tensos como se eu fosse sair voando.

Aumentei o som, encontrei os botões que abriam as janelas, e senti a tão necessária brisa fria agitar meu cabelo à medida que a música pulsava.

Virei a cabeça para ele, seu hálito quente soprando no canto da minha boca.

— Podemos ir mais rápido?

Ele não disse nada. Não fez nada além de pisar na embreagem, trocar as marchas e pisar no acelerador.

Nós passamos voando pela estrada, tudo se tornando mais divertido agora. Mas não era eu quem estava perdendo o controle. Minha pulsação e respiração haviam se acalmado. A dele, por outro lado...

Senti seu peito subir e descer contra as minhas costas e seu hálito quente soprar na minha bochecha, como se ele estivesse respirando com dificuldade.

Curvei meus lábios em um sorriso sutil. *Era minha vez.*

— Me diga quando — falei.

— Quando o quê?

— Quero dar a volta de novo.

Senti sua cabeça se mover de um lado ao outro.

— Estamos rápido demais agora para fazer isso, diabinha.

Segurei o volante e ergui o pé, pisando no topo do dele e pressionando mais ainda o pedal, de forma que ele não diminuísse a velocidade.

— Por favor...?

Sua voz vacilou.

— Winter...

Virei o volante de leve, de um lado ao outro, brincando.

— Esquerda ou direita? Ou você escolhe, ou eu vou decidir.

Ele respirou profundamente por entre os dentes cerrados, segurando meus quadris com ambas as mãos agora.

— Não.

— Eu vou fazer isso.

— Não — ele grunhiu em um sussurro rouco. — Você faz o que eu disser.

Pisei um pouco mais sobre seu pé, sentindo a velocidade aumentar.

— Esquerda ou direita? — perguntei, roçando seu nariz com o meu. — Me diga...

Ele ofegou, afundando os dedos na minha pele, por cima do meu agasalho.

— Três... — ameacei, começando a contar. — Dois...

— Tá bom, tão bom! Okay — ele disse. — Espere. Apenas espere um pouco.

Recostei a testa à dele.

— Um.

— Okay, posição de três horas! Agora! — ele sibilou.

Encarei adiante, girei o volante para a direita e nós dois nos chocamos contra a porta à medida que o carro saltava sobre as valas e montes de terra irregular na nova estrada de cascalho.

— Não, quatro! — ele gritou, percebendo que a posição três não era o bastante. — Quatro horas! Merda!

Virei mais um pouco, mas sabíamos que era uma causa perdida. Soltei o agarre no volante e o carro derrapou e rodou, e meu corpo se curvou em reflexo, para me proteger. Seus braços me envolveram, cobrindo a minha cabeça, e eu gritei quando o carro ficou de lado por um instante, ameaçando capotar, mas então ele caiu sobre as quatro rodas.

O carro parou, o motor desligou e eu fiquei ali, embalada no colo dele, tentando fazer um inventário mental do meu corpo.

Além de bater o joelho no volante quando o soltei, e de uma dor no meu ombro por ter me chocado contra a porta, estava tudo bem. Sacudi a cabeça, colocando as mãos no rosto dele.

— Eu te matei? — perguntei.

Mas ele não riu ou falou nada por um momento. Apenas respirou.

— Meu coração... — ele disse. — Merda.

Lembrei-me do ele disse na semana anterior na minha casa. *Você tem noção do que preciso fazer comigo mesmo para conseguir que meu pulso bombeie assim?*

— Eu te assustei.

— Não é o tipo de emoção que estou acostumado a sentir — ele debochou.

Então seus dedos pressionaram o pulso no meu pescoço. Fiz o mesmo, colocando três dedos em seu pescoço, ao lado de sua garganta, sentindo sua pulsação. Nós ficamos sentados ali por um instante, cada um tocando a pele do outro.

O dele estava mais agitado que o meu, e fiquei feliz por ter sido a pessoa que fez aquilo com ele.

— Qual é a cor do seu carro? — Afastando minhas mãos do pescoço dele.

— Preto.

Óbvio.

— Quando me lembro das cores na minha cabeça — salientei —, associo algumas vezes a sentimentos. Rosa representa a forma como me sinto agora. Meu estômago está dando voltas. Com risos, vertigens... — Saí de seu colo e me sentei no banco do passageiro. — Não sei como me sinto quando penso na cor preta. Nada, na verdade. Acho...

— Isso soa como um desafio.

Sorri internamente.

— Você me assustou, eu te assustei, agora é a sua vez de novo.

Ele deu partida no carro e passou a marcha.

— Coloque o capuz do seu agasalho e afivele o cinto de segurança.

— Por quê?

— Porque estou mandando — murmurou, tentando ser autoritário, mas pareceu mais como uma afirmação bem-humorada.

Coloquei o cinto e puxei o capuz sobre a cabeça, meu cabelo se esparramando pelos lados.

Dirigimos em silêncio, o que estava tudo bem para mim, porque ele quase explodiu o som do carro, e o único momento quando eu curtia ouvir música alta no carro era com a minha irmã, mas ela detestava ser minha motorista e me levar para algum lugar, então aqueles eram momentos bem raros.

Virei o rosto para a janela, e divaguei, pensando sobre tudo o que havia acontecido na última hora. Dançar para ele, tocá-lo, a maneira paciente com que me tratou, mas, ainda assim, me pressionou, para ver até onde eu aguentava.

E como eu não tinha certeza de aquilo havia sido feito para o meu bem, ou para o prazer dele.

Seu corpo se moveu perto do meu, mudando marcha após marcha, pisando nos pedais, mas, de vez em quando, eu conseguia sentir seus olhos sobre mim. Meu coração começou a acelerar, e fiquei feliz por não ser capaz de vê-lo com meus próprios olhos. Que nunca seria capaz de fazer isso.

Ele seria do jeito que eu o imaginaria na minha mente. Um garoto sem rosto, com o cabelo escuro e fogo no olhar, do jeito que eu queria que fosse.

Para sempre.

Dirigimos para a cidade – ele desacelerou e imaginei que estávamos parando em um semáforo – e, depois de algumas curvas, encostou o carro e desligou o motor.

— Volto em instantes — ele disse, pegando as chaves. — Mantenha o capuz.

Não respondi nada, e ele não esperou por uma confirmação. Abriu a porta do carro e saiu, fechando-a com um baque, e ouvi o som do alarme sendo acionado antes de tudo ficar em total silêncio. Claro que eu poderia abrir a porta. Poderia sair dali. Ele estava trancando o veículo para impedir que alguém entrasse.

Ouvi o ruído do trânsito à distância, além da música tocando no subterrâneo do prédio à minha esquerda, mas, fora isso, o vilarejo estava sossegado. E eu não fazia a menor ideia de que horas eram.

Por que precisei me cobrir daquela forma? Talvez ele estivesse planejando me esquartejar, afinal, e não queria nenhuma testemunha identificando meu paradeiro logo após o ato?

Quase comecei a rir. Eu estava certa de que ele não tinha nenhuma intenção maliciosa àquela altura.

Mas então... algo me ocorreu. E se o que ele estava querendo era que os amigos não me vissem? E se ele tivesse uma namorada?

Não... Não faça isso. Ele veio até mim. Ele me procurou. Ele me levou para sair. Eu não ficaria procurando desculpas para encerrar a noite.

Em pouco tempo, a porta se abriu, mas, dessa vez, do meu lado.

— Vamos — ele disse, segurando minha mão.

— Onde? — Desci do carro e o segui.

— Vamos ver o preto.

Ver o preto? Eu adorava a imaginação dele.

Confusa, porém intrigada, mantive-me em silêncio enquanto o seguia pela rua, ouvindo o zumbido dos letreiros em neon, além de sentir o cheiro de pizza por ali perto – o que me fez gemer com fome. *Sticks*. Estávamos do outro lado do parque, na praça central da cidade, diante do *point* das baladas. Era um bar que admitia a entrada de menores, já que algumas bandas tocavam por ali; também havia mesas de sinuca, o que garantia que gente de todas as idades circulasse por aqui. Foi aqui que ele entrou pouco tempo atrás?

Ele me entregou alguma coisa, e quando peguei o objeto em minhas mãos, percebi que se tratava de um capacete.

Um capacete?

Ouvi uma movimentação, uma chave sendo inserida na ignição e hesitei por um momento, porque estava usando apenas shorts de pijama, e se caímos da moto, eu esfolaria as minhas pernas – meu bem mais precioso e necessário para a carreira como bailarina.

Grunhi baixinho. Contanto que ele não esperasse que eu pilotasse...

Apertei a fivela do capacete abaixo do meu queixo e segurei-me em seu braço quando ele me ajudou a montar na garupa. Estava um

pouco frio, e o vento poderia castigar bastante. Rocii a parte de trás de sua cabeça e percebi que ele não estava usando um capacete como eu.

— De quem é essa moto? — perguntei.

— De um amigo.

Apoiei as mãos em sua cintura, mas seu corpo se ergueu e se abaixou com brusquidão, fazendo a motocicleta ganhar vida. Ele não precisava me dizer o que fazer. Enlacei os braços ao redor dele e repousei a cabeça às suas costas, mas estava nervosa pra cacete. Nunca tinha andado de moto antes.

— Não solte por nada no mundo — ordenou.

Até parece que eu faria isso. Dããã...

Enfieei os pés no estribo e o segurei com força quando ele disparou pela rua, acelerando cada vez mais.

Eu meio que choraminguei, mas não achava que ele tivesse escutado.

Isso era mais veloz que o carro. Ou talvez fosse a impressão que eu tinha por causa do vento.

Ele desviou para a esquerda, dando a volta no quarteirão, e a moto se inclinou de tal forma que achei que fôssemos tombar.

— Pode diminuir um pouquinho? — gritei. — Por favor?

Mas assim que viramos a esquina, ele acelerou, indo a toda velocidade, e acabei gritando apavorada, abraçando-o com mais força com os braços e as pernas.

— Não me sinto... — Comecei a rir de nervoso — Muito segura. Diminua!

Mas ele me ignorou. Em seguida, virou à direita, depois esquerda, direita outra vez, e era como se o peso dos nossos corpos fosse alto demais à medida que virávamos de um lado ao outro.

Houve uma baixada súbita e senti um frio na barriga, e então subimos por uma colina íngreme. Ofeguei, segurando-o com força.

Percorremos o topo da encosta e, por um segundo, a moto deixou o chão e voou nos ares, até que tocou a pista outra vez. Meu coração estava quase saltando pela boca, e era como se eu estivesse em uma corrida onde não poderia controlar nada; não conseguia pensar em nada e, mesmo se pudesse, não dava para interromper o que estava acontecendo. A adrenalina estava aquecendo meu corpo, o medo entalado na garganta, e eu não conseguia me decidir se queria rir, vomitar ou gritar.

Ele acelerou em uma curva, nós nos inclinamos e quase pude sentir o chão a poucos centímetros da minha perna. Não consegui me controlar.

— Nós vamos cair! — berrei. — Pare, por favor!

E foi o que ele fez. Ele diminuiu a velocidade e parou, e como

num passe de mágica, tudo ficou sossegado novamente.

Mesmo assim eu não o soltei.

— Isto é preto — ele disse. — Medo, declínio, libertação. Emoção, risco, perigo.

Fiquei sentada ali, abraçando-o com força, sem saber dizer se eu havia gostado ou não. Aquilo me assustou da mesma forma que ele fez quando invadiu minha casa na semana passada. Eu detestei aquilo, mas... Não odiava mais, na verdade. Talvez porque já não estivesse apavorada com ele. Era medo em um ambiente controlado. A motocicleta, não.

Ou talvez eu só precisasse experimentar aquilo mais uma vez.

— Eu não vou te deixar... — Ele parou e nivelou a voz. — Não vou te deixar cair — completou. — Segure-se.

Inspirei profundamente, trêmula, e me preparei para mais uma volta. E quando a moto disparou outra vez, levantei a cabeça, não me permitindo encolher ante a experiência.

Ele não vai me deixar cair. Ele não vai me deixar cair.

O vento cortante soprava sobre o meu rosto, e fechei os olhos para impedir que marejassem. Depois de um instante, percebi que meu corpo estava moldado ao dele, e passei a me mover em sincronia quando ele fazia a curva e se inclinava, acelerava ou freava, e era como se fôssemos um piloto só.

Quando ele se inclinou e achei que fôssemos cair, fechei os olhos com força e perdi o fôlego, deixando-o manobrar a moto e nos levar de volta inteiros.

Ao fazer outra vez, relaxei um pouco os músculos, confiando plenamente em sua habilidade. Inclinei a cabeça para trás, sentindo o corpo se mover em uníssono ao dele, sem precisar me segurar com tanto afínco.

Queria que continuássemos por toda a noite agora, porque pela primeira vez em muito tempo, eu era capaz de ver as coisas outra vez. E só porque eu havia perdido a visão, não queria dizer que precisava ter medo de me perder.

Talvez fosse exatamente o que eu mais ansiava.

O ruído do motor fazia minha barriga vibrar, e eu sorri, desejando mais um monte de noites como esta.

Ele desacelerou até parar e colocou o pé no chão.

— Medo, declínio, libertação — ele repetiu. — Emoção, risco e perigo.

— E morte, a qualquer momento — zombei, mantendo meu rosto erguido para o céu, com um sorriso em meus lábios.

— Liberdade — ele emendou.

Apoiei a cabeça em suas costas de novo e ele acionou o descanso da moto, tirando a chave da ignição na sequência.

— Acabamos — ele disse, parecendo achar graça quando não o soltei.

— Estou com frio. — Aconcheguei-me a ele.

Ele riu baixinho, e o cheiro da pizza no *Sticks* se infiltrou pelas minhas narinas.

— Você pode me mostrar o vermelho? — pedi.

Eu não queria que a noite acabasse.

Ele parou por um instante e então sussurrou por cima do ombro:

— Algum dia.

— Mas você ainda vai me machucar? — caçoei.

No entanto, ele parou outra vez, mas seu sussurro foi mais audível:

— Algum dia.

[13] Música interpretada por Bryan Ferry.

Capítulo 12

Damon

Dias atuais...

Fiquei satisfeito por Michael e Rika não fazerem a festa de noivado em St. Killian. Eu me recusava a pisar o pé no pesadelo que eles, sem sombra de dúvidas, devem ter transformado um dos nossos lugares preferidos quando estávamos na escola.

St. Killian era uma catedral antiga e abandonada onde explorávamos quando crianças, desfrutando de horas preciosas longe de nossos pais e por conta própria, e quando nos tornamos adolescentes, as catacumbas no subsolo se tornaram nossa obsessão. Eu ainda podia sentir o cheiro das rochas e terra, e da água que se infiltrava pelas paredes. Era um lugar decadente e tolerável, e meu território.

Nós nos escondíamos por ali, assustávamos uns aos outros, bebíamos e curtíamos todo tipo de sacanagem lá embaixo à medida que crescíamos. Era o nosso patético e minúsculo império, mas éramos livres.

E eles tinham que estragar tudo ao comprar e restaurar a catedral, transformando-a em seu novo e adorável lar, provavelmente se livrando de tudo o que a tornava selvagem e primitiva.

Pelo amor de Deus, que se fodam. Aonde diabos a galera da escola preparatória de Thunder Bay vai na Noite do Diabo? Será que alguém manteve a tradição depois que fomos embora? Tudo o que fizemos foi inútil e estava acabado agora, perdido em vagas lembranças que não sobreviveriam, a não ser àqueles que nos conheciam?

Inclinei a cabeça para o lado, ouvindo meu pescoço estalar, e tomei um gole da minha vodca. Eu disse que ficaria nessa festa por três minutos. Já haviam se passado oito.

Eles ficaram noivos há dois anos, e só agora estavam comemorando? Talvez Rika tenha preferido terminar a faculdade ou a agenda de Michael estivesse atribulada. Não importa.

Diversos grupos de pessoas vagavam pelo museu, trajando suas vestes elegantes e desejando a Michael e sua monstlinha que fossem felizes. Mas, na verdade, aquilo era tudo falsidade. Michael e Rika eram considerados quase como da realeza, e herdariam muito dinheiro e poder algum dia. Era melhor cumprimentá-los adequadamente, na esperança de serem convidados para algum jantar chique no futuro.

Taças tilintavam, as conversas se espalhavam, soando como uma revoada de pássaros, e todo mundo sorria, exceto eu. Eles me

evitavam. Apesar de dois amigos meus terem ido para a prisão também, eu era o único criminoso de verdade aqui. Eu era o estuprador. O perverso sexual. O doente. Protejam suas filhas, esposas, irmãs e mães. Caralho, melhor proteger suas avós também.

Peguei os olhares de relance que me lançavam, e então quase o fazia surtar quando os encarava de volta, obrigando-os virar a cabeça rapidamente. Ri internamente e esvaziei meu copo. *Jesus Cristo*.

Crane, meu chefe de segurança, postou-se ao meu lado e substituí meu copo vazio por outro, quando um garçom passou com uma bandeja por ali.

— Para onde ela foi naquela outra noite? — perguntei a ele.

— Coldfield — reportou em um tom de voz baixo para que somente eu ouvisse. — A nova casa mal-assombrada. Com duas amigas. Não havia homens com elas.

Escaneei o salão procurando por Winter, mas sem vê-la por ali.

— E ela gostou?

Eu não fazia a menor ideia do porquê aquilo me interessava. Talvez porque, dependendo da resposta, eu poderia incrementar meu jogo quando a hora chegasse.

— Acho que sim — respondeu. — Eu a perdi de vista por vários minutos. Assim como suas amigas.

Avistei Arion e a mãe conversando com um grupo de mulheres mais velhas. Putas perversas como o resto das matriarcas dessa cidade.

— Ela foi se encontrar com alguém? — sugeri. Ela era cega. Teria sido cuidadosa para não se perder acidentalmente. Será que foi de propósito?

— Acredito que não — ele disse. — Quando ela apareceu de novo, parecia um pouco abalada. O rosto corado. Acho que ela apenas se perdeu.

Eu ri baixinho. Ela sempre se assustava com facilidade.

— E o advogado? — perguntei a respeito das outras tarefas que mandei que fizesse.

— A reunião já está marcada.

Meu olhar se focou em Rika na pista de dança, na companhia de um cara que eu não conhecia. A mão dele estava apoiada baixo demais em seu quadril, as pontas dos dedos praticamente roçando o topo de sua bunda, e aquilo me fez entrecerrar os olhos enquanto tomava mais um gole.

— E o Conselho?

Crane riu.

— Sim, também já está tudo pronto — murmurou. — Se seu pai descobrir o tanto de dinheiro que você gastou na cidade...

— Ah, ele vai saber — zombei. — Quando for tarde demais, é claro. Mas preciso de todos os meus alvos alinhados primeiro.

E então avistei Michael Crist, meu *ex-amigo-atual-inimigo*, vindo na minha direção. Ah, que ótimo.

— Lá vem um deles — Crane murmurou, vendo-o se aproximar.

Dei um sorriso irônico quando ele se afastou e aprumei os ombros.

— Você acha que não vou te expulsar daqui? — caçoou. — As mulheres não vão te proteger.

— Talvez não as minhas.

Ele achou que eu poderia estar aqui porque as Ashbys foram convidadas, mas deixei minha insinuação bem clara. Tanto sua noiva quanto a esposa de Kai não guardavam tanto rancor. Elas podiam não estar odiando o fato de eu estar aqui.

— Por falar nisso... — Gesticulei para a pista de dança, onde Erika estava. — Você reparou que outra pessoa está com as patas no que é seu?

— Ela não é da sua conta.

— Faça algo a respeito, ou farei com que seja da minha conta.

Por que eu me importava? Nem eu sabia. Passei tanto tempo com raiva de Rika por causa de sua influência sobre os caras que não havia percebido... que ela nos pertencia. Talvez eu até gostasse dela.

— Michael? Está tudo bem? — Kai parou à nossa frente, e revirei os olhos com tanta força que quase foram parar na parte de trás da cabeça.

Unha e carne.

Olhei de relance para Rika outra vez, notando que o cara estava paquerando, só de ver a expressão em seu olhar e o sorriso. E Michael estava de costas, completamente alheio.

— Sabe... — comecei a dizer, invadindo o espaço pessoal dele — Quando o macho alfa da matilha fica velho ou doente, fraco, os outros cães podem sentir. — Estreitei o olhar. — E eles param de recuar.

Ele deu mais um passo na minha direção, colando o nariz ao meu, avaliando até onde levaria isso no meio da sua festa de noivado. Eu estava pouco me fodendo. Minha família tinha dinheiro e contatos, também, e eu estava farto de disputar um lugar entre eles. Eu era mais forte. Enquanto Will e Kai aceitaram o acordo para suas acusações de agressão, eu nunca aceitei. Fiquei mais tempo na prisão, sozinho o bastante. Essa era a minha cidade também, porra, e se eu tivesse que derrubar tudo e reconstruir para tornar algo meu, eu o faria.

Kai interferiu, como sempre fazia, tentando aliviar a situação.

— Damon, se você não está se divertindo, pode ir embora — ele disse.

— Bobagem — zombei, olhando para o quarteto de cordas, champanhe e os garçons com suas bandejas repletas de canapés

coloridos. — Estou gostando da sua festa. É de extremo... bom-gosto. — Gargalhei e tomei mais um gole da minha bebida. — Lembro-me da época em que você era mais criativo.

— E eu me lembro de quando você era alguém na sociedade — Michael retrucou, chegando mais perto. — Eu tenho minha própria conta bancária, Damon, com meu dinheiro, cartões de crédito e curso superior. Tenho contatos além dos do meu pai; amigos, respeito, reputação, a porra de credibilidade, e as portas de qualquer restaurante, banco ou clube social sempre estão abertas para mim. — Deu um sorriso de escárnio. — Você tentou entrar no Hunter-Bailey ultimamente?

Babaca. Ele fez com que o clube me banisse dois anos atrás.

— Posso transar com a minha noiva a hora que eu quiser — continuou —, e ela fica realmente fantástica vestida somente com aquele colar de 250 mil dólares que está usando nesse exato momento. Uma joia que comprei sem ter que pedir dinheiro para o meu papai.

— E quanto à diversão? — rebati. — Você está tendo alguma sem a minha presença?

Esta não era o tipo de festa que deveria ter sido. Minha irmã não teve a festa que merecia, também. Meu Deus, eles eram patéticos. Teríamos rido dessa festa bem-educada, sem-graça e metida à besta naquela época. E então teríamos agarrado algumas garotas e as levado para uma noite inteira de diversão no nosso submundo. Que festa de merda.

Kai me encarou, seus olhos escuros um pouco mais claros que os meus.

— A Banks te ama — ele disse. — E nunca retiraríamos o convite às Ashbys. Esses são os únicos motivos pelo qual você está aqui. Você ateou fogo no meu *dojo*, tentou nos matar, e não é de confiança perto de Rika. Não somos amigos, então, quando nos esbarrarmos por aí, nos trataremos de maneira civilizada pelo bem das nossas mulheres, mas não estou disposto a fingir que está tudo bem.

— Está tudo bem por aqui? — perguntou Arion, aparecendo do nada.

Bufei uma risada, já que o discursinho que ele achou que me deixaria tremendo nas bases havia sido arruinado.

O grupo inteiro se aproximou — Will e Alex, Margot, Arion e Winter, junto com aquele bostinha, Ethan Belmont. Ele era o próximo na lista que passei para Crane.

Mas acho que tinham convidado todo mundo para manter a prepotência. Rika estava circulando por entre os convidados agora, e minha irmã estava desaparecida. Imaginei que essas coisas a deixavam tão desconfortável quanto a mim.

— Querida — Michael disse e se inclinou para dar um beijo no

rosto de Margot. — Obrigado pela presença.

— Somos nós quem agradecemos pelo convite — ela retrucou e brincou em seguida: — Mesmo que sua mãe tenha te obrigado a fazer isso.

— Por favor... — Ele riu. — Rika e eu organizamos nossos próprios eventos agora. Os desajustados precisam se manter unidos.

Ela sorriu para Michael. Eu sabia que a mãe dele e a de Winter eram amigas, ambas provavelmente vivendo o mesmo padrão de drama familiar.

Michael lhe ofereceu o braço, levando-a para a pista de dança; Kai desapareceu em seguida e Arion se aproximou de mim, tomando um gole da minha bebida. Dei-lhe um olhar de relance, capaz de apreciar o quão bonita estava com o vestido dourado colado, o longo cabelo loiro e cada pedacinho de pele visível, brilhante e macia.

Mas ela era fria, superficial e chata. Algum dia, alguém seria capaz de dominar seus pensamentos e emoções, mas não seria eu. Já estive nessa posição com outra pessoa, para nunca mais.

— Quer dançar? — Ouvi Ethan dizer.

Olhei adiante, deparando com Ethan Belmont com os braços ao redor de Winter, e meu olhar a percorreu de cima a baixo, percebendo que ela havia mudado a roupa. Seu vestido de festa havia sumido, dando lugar a um tecido fino e preto por cima de um *body* – ou um *collant* – com tule torcido em alças sobre seus ombros e ajustados aos seios. O tecido transparente cobria sua bunda, descia pelas pernas e quase chegava aos tornozelos, envoltos pelas fitas de cetim das sapatilhas pretas de balé. Sem meias. Suas pernas nuas estavam totalmente à mostra através do vestido, que mostrava uma abertura no meio, dando-lhe rédea solta para se mover.

— Estava prestes a fazer isso — ela respondeu. — Rika e Michael me pediram para dançar.

Pediram a ela? Para dançar?

— Que fofo — ele respondeu.

No entanto, arqueei minha sobancelha e perguntei:

— Por que diabos eles fariam isso?

Era essa a forma que Rika havia encontrado de ficar de olho em Winter? Enfiando-se na vida dela de novo?

Winter ergueu o queixo e cerrou a mandíbula.

— Porque eu sou boa no que faço — atestou.

— Bom, acho que isso vai ser divertido — Arion murmurou, com um sorriso irônico.

Eu não sabia se podia concordar. Winter podia dançar. Para mim. Não gostei de eles terem agido às minhas costas para combinar isso com ela.

— Ah, Winter, deixe eu te apresentar a Alex — Will disse e

olhou para mim. — Minha nova melhor amiga.

Franzi os lábios em um sorriso. *Touché.*

Alex estendeu as mãos e segurou a de Winter.

— Oi, é um prazer te conhecer.

— O prazer é meu.

— Alex frequenta a mesma faculdade que Rika, na cidade —

Will explicou.

Ela assentiu e eu ri baixinho. *Isso mesmo, Will. Foi assim que a conhecemos. Com certeza.*

Levei o copo de bebida à boca.

— Alex está disponível para ser contratada hoje à noite? — perguntei, olhando-a de cima a baixo, apreciando o vestido cor de caramelo combinando direitinho com o cabelo escuro.

Will me encarou, com ódio.

— Vá se foder.

— Estou falando sério — continuei, virando-me para minha esposa. — Você gosta dela?

Quer dizer, ela estava toda empolgada para levar outra mulher para a nossa cama – ou minha cama – há alguns dias, não é? E esse era o trabalho de Alex. Como uma acompanhante, ela deveria desfrutar do negócio.

Arion ficou calada, abaixando o olhar e parecendo constrangida.

— Damon, aqui não é o lugar.

— Você gosta dela? — insisti, abaixando-me para nivelar o olhar ao dela e enfiando o dedo por baixo de seu colar, gentilmente puxando-a em direção à minha boca. — Eu gosto dela. Tem os olhos grandes e é peituda. Eu adoraria ver aqueles olhos grandes dela focados em mim enquanto ela transa com você.

— Meu Deus — ouvi alguém murmurar.

Outra pessoa suspirou, irritada.

Mas Winter permaneceu em silêncio. Eu podia sentir sua presença, no entanto. Ela era tudo o que eu podia sentir. E eu queria que ela odiasse isso. Que se sentisse magoada porque seus olhos nunca poderiam contemplar outra pessoa, e ela nunca seria tão sexy ou agradável como Alex ou Arion, que podiam ser provocantes com um único olhar.

Ela era patética, inferior e nada. *Como se eu pudesse gostar de você como uma mulher de verdade. É isso o que você pensa, Winter?*

Arion manteve-se cabisbaixa, sem querer que seus desejos mais secretos e que queria compartilhar em nossa cama fossem escancarados em público.

Ela franziu os lábios, mas respondeu:

— Você está no comando.

Dei um sorriso sarcástico, detestando que ela fosse tão flexível, mas adorando o fato de Winter ter ouvido aquilo. Eu não precisava dela. Podia pegar o que quisesse de outra pessoa. Tomara que ela fique matutando nisso na cama, hoje à noite.

Mesmo se não quisesse isso de mais ninguém.

Afastei a mão de Arion, olhando para Alex.

— É o mesmo valor se eu apenas assistir? — zombei. — E se fizermos um cartão fidelidade, você pode me fazer um boquete na oitava visita?

Arion grunhiu e saiu dali, enquanto Ethan levava Winter para longe, de mãos dadas.

— Filho da puta do caralho — Will disse, e virou-se para Alex. — Vamos.

Comecei a rir, vendo-o se afastar, pensando que sua pequena acompanhante o estava seguindo. Ao invés disso, Alex balançou a cabeça e se postou ao meu lado.

Ela cruzou os braços, observando a festa comigo.

— É uma arte o quão rápido você consegue fazer com que as pessoas queiram te matar.

Dei de ombros, ouvindo seu tom zombeteiro.

— Não consigo me controlar.

Bebi mais um gole, querendo eu mesmo me matar, por um segundo. Aquela merda que saiu da minha boca. Tudo por causa de Winter, porque ela era minha única motivação em tudo o que eu fazia, e eu estava meio envergonhado por ela ter tanto poder sobre mim.

Eu não devia explicações a Alex. Ela sabia o que eu estava fazendo. Eu a respeitava, porque ela não dava desculpas esfarrapadas para fazer o que queria, para conseguir o que desejava. O mundo respeitava pessoas que não ansiavam por aprovação.

— Como está indo o trabalho? — sondei, encarando-a.

Ela arqueou a sobrancelha, parecendo insatisfeita.

— Quase não vale o que você está me pagando. Aquele velho de merda é agonizantemente aborrecido, Damon — ela disse. — E pomposo.

— Eu sei.

O pai de Michael possuía a informação que eu precisava, e eu duvidava que ele se importaria por ter colocado Alex em sua cama para conseguir. Era por uma boa causa.

— Você está chegando perto?

Ela retirou um pen drive de dentro do decote do corpete e estendeu para mim.

— Consegui pegar isso. Mas tem mais — salientou. — Me dê mais alguns dias.

Eu o peguei, esperando que estivesse cheio de coisas boas. Pelo

bem de todos nós. Sua licenciatura em Ciências da Computação era, definitivamente, um benefício para este serviço.

— Consiga em dois dias — falei — e você ganha um bônus.

Ergui o pen drive, encarando-o feliz por saber que tudo estava caminhando para os conformes. Todos os alvos. Como patinhos perfeitos.

— *Quack, quack* — murmurei, sentindo-me ótimo, de repente.

Alguém esbarrou no meu ombro e o pen drive caiu no chão.

— Ai, me desculpa — disse uma mulher loira usando um vestido cinza.

Ela se abaixou e pegou o objeto no chão e se levantou, entregando-o de volta.

Mas então ela congelou, quando seu olhar se focou ao meu. Sua expressão mudou, e ela se manteve imóvel, apenas respirando.

Christiane Fane. A mãe de Rika.

Por mais que ela tivesse uma filha adulta, além de ter passado anos viciada em álcool e comprimidos, ela ainda era incrivelmente bonita. Seu cabelo estava preso para trás, com algumas mechas emoldurando o rosto e a pele brilhando sob a luz dos candelabros. Ela ostentava um par de joias nas orelhas e os olhos cintilavam com uma variedade de tons azuis que os tornava mais exóticos.

Fiquei imaginando por que meu pai nunca foi atrás dela depois que o marido morreu. Minha mãe já havia desaparecido naquela época, e Christiane era a mulher mais rica da cidade. Ela era deslumbrante, jovem o suficiente para ter mais filhos, e um pouco burra. Nunca entendi por que qualquer pessoa aceitaria levar a vida como alguém fraca, mas aqui estava ela.

Por que diabos ela estava me encarando?

— Gosta do que está vendo? — caçoei, tomando o pen drive de sua mão.

Jesus, vá embora.

Ela piscou, saindo do transe, então baixou a cabeça e se afastou. Será que estava bêbada ou algo assim? Achei que Michael tivesse feito com que ela se livrasse dessa merda.

Tanto faz.

— Então... você vai me contar o que está planejando exatamente? — Alex perguntou, assim que a mulher se afastou.

Enfie o dispositivo no meu bolso, suspirando profundamente.

— Estou recuperando minha família. Eu...

Porém não tive a chance de completar a sentença. O quarteto de cordas começou a tocar, e todos deixaram a pista de dança, e imaginei que alguém faria um discurso.

No entanto, foi a voz de Winter que ouvi.

— Tenho um presente especial para Michael e Erika — ela

disse, e dei alguns passos à direita para vê-la parada no meio da pista. — Algo que espero que eles apreciem. Mas... — ela sorriu, linda, com aquele cabelo preso no alto da cabeça — Espero que o adorável casal não se importe por eu estar dedicando esta performance ao novo marido da minha irmã.

O quê?

E então ela girou a cabeça à volta do salão.

— Damon? — chamou, fazendo todos se virarem na minha direção. — Eu me esforcei bastante — ela disse. — Espero que goste. Você sabe o quanto eu amo o Natal.

Natal? A Vila do Papai Noel que ela queria pegar no porão, quando estava no ensino médio, me veio à mente, e lembrei-me de que ela a havia decorado no feriado, um dia depois do Halloween. O que aconteceria em breve.

Meu olhar não se afastou dela à medida que chegava mais perto, depositando meu copo de bebida na bandeja de um garçom que passava por ali.

Ela não dançaria para mim. Não por vontade própria, de qualquer maneira.

Quando encontrou a marcação que fora feita no chão, fez uma pose típica do balé, com um pé à frente e apontado para fora, enquanto o outro se mantinha atrás; seus braços estavam posicionados em um pequeno círculo, para baixo.

Ela nunca começava a dançar daquele jeito. Ela sempre começava já em movimento, de forma natural e não-sofisticada. Era assim que ela dançava. Selvagem. Era por isso que eu amava.

A música começou, o som baixo e alegre da guitarra, as batidas equilibradas e isoladas. Com cada nota, ela se movia. Controlada, rotineira e banal, uma nova pose para cada acorde. Braço e dedos dos pés para fora. Braços acima, pés se movendo de uma posição básica à outra. Não havia fluidez. Era como uma espécie de aquecimento.

Mas então a letra da música teve início, uma voz rouca e profunda deixando o aparelho de som, e ela se elevou nas pontas dos pés, dando um passo à frente do outro, seu corpo, de repente, ganhando vida de um passo ao outro.

E foi aí que reconheci a música. *You're a Mean One, Mr. Grinch*.

No entanto, era um cover – uma variação de rock com elementos do blues –, sexy, lento e provocante.

Cerrei a mandíbula na mesma hora.

Ela agitou os ombros, os quadris reboaram ao ritmo da música, os olhos fechados e o pescoço inclinado de um jeito sedutor.

A bateria se juntou aos instrumentos, encorpando a melodia, e ela ergueu o corpo a cada batida. Então pendeu a cabeça para trás, moveu os braços, deu uma pirueta e retirou o prendedor do cabelo,

fazendo com que ele se espalhasse pelas costas à medida que a música fluía e a voz do cantor entoava em sua versão mais crua.

— Uh-huuuuu! — Gritos se juntaram à cacofonia ao redor do salão e as pessoas foram à loucura. Cerrei os punhos, observando-a.

Aquilo ali não era balé, porra. Ela poderia muito bem estar arrancando as roupas.

— Ah, é isso aí, caralho! — um cara disse.

— Porra, isso é sexy — outro se juntou a ele.

Filhos da puta.

Ela rodopiou e dançou, movendo-se sensualmente e deslizando as mãos por todo o seu corpo, os músculos tonificados de suas coxas totalmente visíveis pelo tecido transparente até a virilha. O collant não deixava nada para a imaginação. Seu cabelo chicoteava ao redor, caindo sobre seu rosto; ela entreabriu os lábios, ofegante, o que a deixou mais gostosa. Meu pau se encheu de sangue, e tudo o que eu mais queria naquele momento era levá-la para o carro e dar as palmadas que ela merecia levar em sua bunda.

Meu Deus.

— Uuuuh!

Os colegas do time de basquete de Michael gritaram, enlouquecidos, e a escolha da música não me passou despercebida.

You're a Mean One, Mr. Grinch.

Uma canção de Natal, com certeza. E dedicada a mim, já que a letra desagradável poderia muito bem me descrever.

Esperta.

Lancei um olhar para onde Michael estava, vendo-o rir ao lado de Kai, enquanto cochichavam entre si, divertindo-se com aquilo. Michael levantou a cabeça e me encarou, sorrindo como se tivesse ganhado alguma coisa, e Kai fez o mesmo, também rindo. Winter havia me desprezado publicamente, e todo mundo estava adorando.

Ela continuou a dançar, entregando-se à música e entretenendo a multidão, e eu apenas abotoei o paletó, fazendo um esforço sobrenatural para me controlar.

Alguém se aproximou e, quando afastei o olhar da pista de dança, deparei com Michael.

— Sabe de uma coisa? — ele disse, rindo e dando tapinhas nos meus braços. — Estou me sentindo bem generoso esta noite. Esqueça o que eu disse. Você pode ficar o quanto quiser. Coma, beba... — Ele lançou um olhar para a pista de dança por cima de seu ombro e me encarou de novo. — Porque parece que você já tem as mãos cheias em casa. Ai...

Endireitei a postura, permitindo que se afastasse, mas eu bem poderia estar soltando fogo pelas ventas.

A música acabou e a multidão aplaudiu, e vi Crane se postar ao

meu lado outra vez, enquanto observava Winter sorrir na pista de dança, absorvendo todo aquele carinho às minhas custas.

— Ela precisa ser disciplinada — eu disse.



— Você se divertiu? — perguntei, ouvindo a porta da frente se fechar.

Vi o brilho dos faróis pelas cortinas, e empurrei a cadeira à mesa de jantar. Fiquei de pé, fazendo com que o cachorro de Winter levantasse a cabeça do meu colo.

Eu sabia que ela viria para casa. Boa garota.

E à uma hora da manhã, nada menos.

Quando as luzes dos faróis se apagaram, entrei no saguão às escuras, vendo-a ainda usando o figurino da festa. Apoiei a mão em sua barriga e avancei em seu espaço, imprensando-a contra a porta.

Ela perdeu o fôlego e colocou as mãos no meu peito.

— Quatro horas — repreendi. — Quando penso em todo o problema onde você possa ter se metido nessas quatro horas...

Depois de seu número de dança, ela desapareceu, e só levou alguns minutos até que Crane descobrisse que ela havia saído da festa na companhia de Ethan Belmont, fugindo enquanto podia. Enviei alguém à casa dele, mas não havia ninguém lá.

Tomara que tenha sido ele a deixá-la em casa de volta.

— Eu já sou uma mulher adulta — rebateu. — Você não manda em mim.

Em seguida, o som de alguém protestando e se debatendo se fez ouvir quando entraram dentro da casa.

— Tire suas mãos de cima de mim! — Ethan gritou quando Crane o arrastou até a sala, pela porta lateral à sala de jantar.

Mantive o olhar focado em Winter, um sorriso de escárnio curvando meus lábios.

Na hora certa.

Um olhar confuso dominou sua expressão assim que ouviu o som da voz dele.

— O qu-que você está fazendo? Deixe-o em paz.

Levei minha mão ao seu rosto, segurando-o com força.

— Acho que ele te tocou — eu disse. — Ele te manteve fora de casa depois do toque de recolher.

Ela segurou minha mão com as suas, respirando com dificuldade.

— Ele sempre esteve louco pra te levar pra cama. A julgar pela quantidade de fotos suas, pelada, que ele possui espalhada pela parede

do quarto dele, de qualquer forma.

— O quê? — ela disse, ríspida. — Pare com isso, Damon.

Belmont se debateu contra o agarre de Crane à minha direita.

— Ele estava fotografando você — informei o que Crane havia descoberto quando foi à casa do babaca mais cedo. — Espero, realmente, que tenha feito isso sem você saber.

— Não era desse jeito! — ele gritou. — Eu só... Winter, não são fotos indecentes. Eu juro.

Continuei encarando-a.

— São indecentes para mim — rebati. — Ela em trajes de banho, de shortinho, se inclinando... Tudo sem o consentimento dela, pelo que entendi, não estou certo?

— Poupe-me dessa sua preocupação sobre o que acontece sem ela saber! — ele retrucou. — Só se importa quando não é você quem está obtendo vantagem!

Rangi os dentes com força. Ele não estava mentindo, de fato. Mas ainda assim...

— Winter? — suplicou, ao vê-la calada. — Winter, eu só... não é tão ruim quanto parece, tá bom?

Ela balançou a cabeça, ainda tentando se livrar da minha mão, mas não tanto quanto poderia. Ela não sabia em quem confiar, e estava tendo dificuldade em descobrir o que fazer e a quem recorrer. Eu havia acabado de afastar um de seus únicos amigos.

— Eram fotos instantâneas — ele explicou. — Você é tão linda. Eu... — Ele parou e então gritou na minha direção: — Você invadiu a minha casa?

— Você se meteu com ela? — exigi saber.

Quando ele não respondeu, eu avancei e sussurrei contra os lábios de Winter:

— Se ele tiver te tocado, eu vou saber — eu disse. — Sua pele vai estar avermelhada e corada. Seus lábios, inchados. O fedor dele vai estar impregnado em você.

Ela ofegou contra mim e, por um instante, lembrei-me de nosso tempo juntos naquela época. Quando eu sussurrava para disfarçar minha voz, mas ela era minha e eu era dela, e quando estava sentada no meu colo, dirigindo o meu carro. Será que ela pensava nesses momentos?

Gesticulei com o queixo para Crane, e ele girou Belmont e lhe deu um soco na boca do estômago. O insignificante caiu no chão como um tronco, ajoelhou-se e começou a tossir e arfar.

— De novo — eu disse.

Mas então Winter disparou:

— Não! — disse, rapidamente. — Ele não me tocou!

— Eu não a toquei — ele disse, chiando e ainda tossindo. — Eu

nunca a machucaria.

Soltei o rosto dela, mas continuei imobilizando-a contra a parede com o meu corpo.

— Tire ele daqui — falei.

Crane agarrou o garoto no chão e, depois de um instante, os dois desapareceram pela porta lateral. Mais um pouco e vi os faróis acendendo outra vez, através da janela; ouvi berros e portas batendo, e o som de dois carros se afastando. Ele provavelmente estava preocupado de deixar Winter aqui comigo, mas Crane garantiria que fosse para casa, mesmo se tivesse que dar um empurrãozinho com o SUV.

— Você achou que estava sendo fofa com a performance desta noite, não é? — zombei. — Agora, eu gosto quando você se comporta mal, mas faça isso em privado, onde ambos poderemos nos deliciar com a punição merecida. Tive que ficar te esperando, o que vai fazer com que seja menos divertido pra você.

— Eu te odeio.

Pressionei suas costas contra a porta outra vez, e ela ofegou assim que meu corpo se moldou ao dela. Ela não olhou para mim quando me inclinei, sentindo o cheiro dos vestígios do *gloss* labial de sua boca. Onde estava o restante? Ele havia sentido o gosto esta noite?

Ou talvez ela tenha usado porque sabia que eu gostava.

Ela virou o rosto, em uma atitude desafiante. Mas não se afastou do meu agarre.

— Tem certeza de que me odeia? — perguntei, baixinho.

Então deslizei uma mão para o meio de suas pernas, passando os dedos por cima do tecido de seu collant e sentindo o que já sabia que haveria lá. A umidade se infiltrando. Ela estava encharcada.

Trouxe os dedos de volta para cima.

— Se ele não te tocou, então isto aqui é para mim?

Ela bateu no meu peito e eu tropecei para trás, deixando-a livre.

— Você é um monstro. Não é melhor do que ele — rosnou. — Você brincou comigo. Tirou vantagem sabendo que não posso enxergar, do mesmo jeito que ele fez, e pegou exatamente o que queria. Você abusou de mim.

— Sim — assenti, parando à sua frente outra vez. — Sim, eu peguei. Peguei você do jeitinho que eu queria. Eu...

Parei, sentindo que estava perdendo o controle. Eu não podia dizer muito mais.

— Você queria ser poderoso — ela disse. — Você queria vencer. Queria se vingar da minha família e me causar sofrimento, e conseguiu. Você me humilhou. Você *queria* me humilhar. Queria o que queria, e não se importou em nada comigo!

Eu a encarei, sabendo que nunca me explicaria.

Ela achava que sabia de tudo. Pensava que tudo era branco ou preto.

Ela pensava que eu queria machucá-la. Que quis desde o início que as pessoas vissem aquele vídeo. Pensava que eu queria enganá-la.

O único motivo que eu possuía era estar ao lado dela, e se eu tivesse que mentir para conseguir isso...

Eu não arcaria com a responsabilidade sozinho. Ela gostou de tudo.

— Acho que te amo — eu disse, repetindo as palavras que ela havia dito anos atrás. — Não pare. Por favor, não pare. Quero que você seja o meu primeiro. Está tudo bem, pode me tocar. — Avancei, invadindo seu espaço pessoal e jogando todo o peso de sua vergonha sobre ela. — Você será o primeiro que me beija aqui. — Lambi a ponta de sua orelha. — E aqui. — Toquei seu pescoço. — E aqui. — Toquei seu mamilo com meu polegar. — Quero sentir seu corpo contra o meu. Estou indo bem? Estou fazendo tudo certo? Isso é tão gostoso. Não pare. Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Não vá embora. Por favor, eu quero isso. Você não precisa me proteger. Você também quer isso. Estou bem. Eu quero. Quero tanto te sentir...

Enfie a mão e agarrei o cabelo de sua nuca em um punho, imobilizando-a.

— E aí, você abriu essas pernas lindas para mim.

— Eu pensei que você fosse outra pessoa!

— Eu era — desafiei. — Eu era alguém de quem você gostava.

Ela balançou a cabeça, negando mais para si mesma do que para mim enquanto as lágrimas encharcavam seus olhos.

— Você foi uma mentira — ela disse. — E não passa de alguém patético agora. Você não vale um centavo do dinheiro que gasta por aí fora, e aqueles seguranças não te protegem por você ser Damon Torrance. Eles te protegem porque é filho de Gabriel. Você não é nada!

Eu a sacudi. *Vadia.*

— Eu era a prova viva de que as pessoas mudam — disse a ela.

— A única coisa que você provou é que nem todos os meninos crescem e se transformam em homens.

Eu a soltei, socando a parede ao seu lado. Ela me empurrou e passou por mim, estendendo as mãos para encontrar o corrimão, subindo as escadas em seguida.

Hesitei por um instante antes de correr atrás dela, perseguindo-a pelos degraus.

Eu a agarrei e fiz com que se virasse para mim, envolvendo seu corpo com os meus braços.

— Arion acha que sou um homem — comentei, mantendo a voz

baixa e debochada. — Ela vai me tocar como se eu fosse um homem. Vai me cavalgar na minha cama e engolir o meu pau, porque ela quer o que acha que já foi seu.

Ela contraiu a mandíbula e não se moveu um centímetro.

Você quer que ela me toque? Você ao menos se importa com isso?

— E ela acha que pode ser uma transa melhor do que você e te apagar da minha memória — revelei.

— Não estou nem aí.

Seu rosto estava inexpressivo, e sua voz soava mecânica.

Assenti, ignorando as agulhas afiadas na minha garganta.

— Ótimo — falei, sentindo seu hálito contra a minha boca. — Porque quando você nos ouvir esta noite, quero que saiba que também não me importo nem um pouco. Não há nenhuma memória sua que ela precise apagar. — Agarrei sua nuca outra vez, recostando minha testa à dela. — E na sua cama hoje à noite, quando estiver bem tarde e escuro, e a casa estiver silenciosa, com exceção dos gemidos de prazer da minha esposa ecoando pelo corredor; quando estiver pau da vida e chateada, porque acha que me odeia, mas ainda assim, enfiar a mão por baixo das cobertas, para que ninguém saiba que você se vai entregar às lembranças que tem de mim, eu quero só que você saiba... — Abaixei o tom de voz para um sussurro quase inaudível: — É assim que o vermelho se parece. Raiva e fúria, calor e necessidade tão intensas como se você fosse um maldito animal, Winter. É algo primitivo.

Uma lágrima deslizou pelo canto de seus olhos, e pude sentir seu coração martelando contra o meu peito.

Eu a soltei e a afastei de mim, pegando o caminho para o meu quarto.

— Eu vou transar com ela e fazê-la gozar junto, também.

Capítulo 13

Winter

Sete anos atrás...

— Dá pra saber quando eles chegam — salientei, espetando um pedaço de nuggets com o meu garfo. — Todos vocês ficam em total silêncio.

Algumas risadas soaram ao redor da mesa do almoço enquanto Noah, Rika e o restante das garotas observavam os Cavaleiros, a quem tomei conhecimento no pouco tempo em que estou aqui. Era fácil perceber quando um ou todos eles entravam numa sala. As conversas cessavam, dando início a alguns cochichos, e por mais que eu adorasse me inteirar das intrigas que circulavam na escola preparatória de Thunder Bay, provavelmente era até melhor que eu não pudesse ver quão gostosos eles eram, de acordo com as fofocas. Nós éramos calouros, e eles estavam no último ano e fora de alcance.

Eu já tinha uma paixonite secreta, de qualquer forma. Sentia meu corpo formigar toda vez que me lembrava de nossa escapada no carro e na moto ontem à noite. Estava mais do que pronta para compartilhar meu primeiro beijo e, embora não tivesse certeza de qual o seu real interesse em mim, ele, obviamente, não estava detectando meu profundo desejo juvenil por algo mais quente. Talvez ele não me visse dessa forma.

Depois do passeio com a moto, entramos em seu carro e ele me levou para casa; fui para a cama, sem que ninguém soubesse que havia saído. Pensei que conversaríamos mais um pouco, ou que teria alguma ideia se ele voltaria e quando, mas ele não disse nada mais, e nem eu. Aquela não foi a última vez que conversei com ele, não é? Quer dizer, de jeito nenhum eu conseguiria dizer adeus.

Sonhei com ele a noite inteira e acordei confabulando sobre minha fantasia sexy de ele me encontrar anos depois, na estrada, para fazer coisas bem apaixonadas comigo. Sofri quando me lembrei de que não queria esperar tanto tempo para estar com ele outra vez. Se é que o veria de novo...

O único lado positivo que eu poderia encontrar em nunca mais senti-lo, era que o primeiro amor era sempre uma experiência de aprendizagem. Ou era isso o que minha mãe dizia. Eles não são do tipo com quem você se casa, ela disse. Eles são os caras que vão te deixar arrasada, de forma que você possa reconstruir a si mesma. Muito mais forte.

Mas eu não me importava com isso. Eu queria que ele voltasse.

Queria que me fizesse sofrer. Contanto que voltasse.

— Como eles se parecessem? — perguntei, quebrando o silêncio e tentando mudar o assunto. — Os Cavaleiros? Os outros, além de Damon.

Eu já tinha mais ou menos uma noção do que ele havia se tornado. Não dava para acreditar que eu havia suspeitado que ele fosse meu fantasma. O meu garoto era surreal. E não fumava, graças a Deus.

— Bom, Kai é o mais legal — a amiga de Rika, Claudia, disse.

— Mas é ruim em todos os outros sentidos... — alguém brincou.

— Ele e Damon são bem parecidos — Claudia continuou. — Os dois têm cabelos e olhos escuros, mas o Kai é mais... bem-cuidado, pode-se dizer. Damon sempre aparenta ter acabado de assumir sua forma humana depois de passar a noite como um lobo. — Ela riu. — O cabelo e as roupas dele nunca estão ajeitadas...

— E Will? — perguntei, tentando mudar o foco de Damon.

— Will é legal, também — Rika emendou. — Mas acho que ele não é tão sincero quanto Kai. Ele é bonito e fica mais ainda quando está sorrindo. Ele trata as meninas melhor do que Damon ou Michael fazem, mas... Não sei. — Ela parou, pensando no que dizer. — Ele nunca leva nada a sério. Acho que ele nunca teve uma namorada mesmo, como o Kai tem, de vez em quando...

— Talvez o coração dele pertença a alguém que ele não pode ter — Claudia comentou.

— Aww...

— Sim, como o Damon. — Noah riu. — Eles são bem próximos. Tipo, beeem próximos mesmo, pelo que ouvi dizer. Ele mantém Will numa coleira. Figurativamente falando, claro.

— E o Michael? — insisti.

— Michael.

— Michael.

— Michael.

Todos ecoaram ao redor da mesa, e ouvi Rika dar um suspiro à minha esquerda.

— Rika sabe tudo sobre ele — Noah zombou.

— Calem a boca, pessoal — repreendeu, meio constrangida. Depois de um instante, respondeu à minha pergunta: — Ele é tipo... o líder — explicou. — Provavelmente a caminho de se profissionalizar como jogador. Cabelo castanho claro, pele bronzada e olhos da cor de mel. O total oposto de Will, já que ele é super sério.

— Olhos cor de mel, sonolentos... — Claudia caçoou. — Rika dormiu na cama dele. Ela te contou isso?

Dormiu na cama dele? Ele devia ter dezoito anos. Ou quase

isso...

— Eu tinha treze anos — esclareceu —, e ele me colocou para dormir lá. Mas ele nem sequer ficou no mesmo quarto. Eu já disse isso para vocês, gente.

E então ela falou para mim:

— Eu cresci com ele. Nossas famílias são próximas, então passo um bocado de tempo na casa dele.

— Esse é código para “ela é apaixonada por ele, vai ser mãe dos seus filhos, então mantenha as garras para si mesma” — Noah disse.

Assenti com a cabeça, captando a advertência.

— Saquei.

De repente, uma música começou a soar pelos alto-falantes e um burburinho se instalou à nossa volta. As pessoas começaram a rir e vaiar, e apurei os ouvidos, tentando descobrir o que estava acontecendo.

Era mesmo uma música de Bobby Brown tocando?

— Ai, meu Deus — alguém disse e riu.

— O quê? — perguntei. — O que está acontecendo?

— Will Grayson está dançando — Rika respondeu, parecendo estar sentindo vergonha por ele. — Ai, meu Deus, ele está em cima da mesa.

Todo mundo por ali começou a rir, e fosse lá o que ele fazia, estava entretenendo a galera.

My Prerogative começou a tocar, e não pude evitar, mas acabei sorrindo e balançando a cabeça ao ritmo. Era uma escolha divertida de música. Eu provavelmente gostaria do Will.

— Ele é muito da paz, nem um pouco de brigas — alguém disse.

— Ele é tão gostoso — Claudia acrescentou.

— Se algum dia você se apaixonar por um deles, escolha Will ou o Kai, beleza? — Noah disse por cima da mesa, e imaginei que estivesse falando comigo. — Eles pelo menos te abraçam por uns dez segundos depois que acabam.

Dei uma risada nervosa e cutuquei minha comida. Okay, talvez eu não gostasse de nenhum deles, afinal de contas.

— Parem com isso — Rika ralhou e depois disse para mim: — Eles só estão brincando com você.

Entendi. E sem problemas. Eu ficaria bem longe dos alunos veteranos mimados. Embora ficasse me perguntando o que meu fantasma acharia, caso alguém se interessasse por mim. Será que ele se importaria? Será que ficaria sabendo? Ele poderia estar no mesmo ambiente que eu nesse exato momento? Caramba, ele poderia até mesmo ser o Noah.

No entanto, librei-me daquela ideia. Eu havia me apoiado no

braço de Noah a caminho da apresentação de música. Não era nada parecido ao corpo *dele*. Não tão alto ou forte. Não senti um frio na barriga quando o toquei.

À medida que a música continuava tocando nos alto-falantes, com todo mundo distraído pelo número exibicionista de Will Grayson, tudo começou a desaparecer ao redor – as risadas, a música, o burburinho se tornando cada vez mais distante à minha volta.

Eu queria senti-lo outra vez.

Da forma como o senti quando estava sentada em seu colo, dirigindo. Ou agarrada a ele na moto, sentindo-me quente, embora tenha congelado com o ar gélido da noite. Ou envolta pelos seus braços, escondida no *closet*, um mundo dentro de um mundo.

Queria que ele estivesse por perto. Que estivesse me observando. Sempre de olho em mim. Enfie uma mecha de cabelo atrás da orelha, virando a cabeça na direção de onde imaginei que ele pudesse estar, deleitando-me com a sensação de seu olhar concentrado em mim.

— Você está bem? — Rika indagou.

A música cessou e ouvi um professor repreendendo alguém – provavelmente o Will –, e só então assenti:

— Sim. — Larguei o garfo de plástico e limpei os dedos com um guardanapo. — Quando você acabar de comer, poderia me indicar a direção da biblioteca? Vou ficar um tempinho lá ouvindo a matéria até a aula começar. Daí, depois, eu peço à assistente da bibliotecária para me ajudar a chegar até a sala.

— Tudo bem — ela disse. — Já acabei. Vamos lá.

Pegamos nossas mochilas, jogamos fora o restante do almoço e nos dirigimos à saída do refeitório. Mas enquanto íamos andando, sorri internamente, pensando na sensação dele me observando e nunca afastando o olhar até que eu saísse dali.



— Que tal aqui? — Rika perguntou. — Está vazio e é bem sossegado.

Assenti quando subimos até o terceiro andar da biblioteca, procurando pelas cadeiras mais próximas. Encontrei uma poltrona acolchoada ao invés disso e larguei minha mochila, sentando-me já em busca do meu celular e fones de ouvido.

— Preciso dar um pulo na secretaria e pegar uns panfletos para o Clube de Matemática — ela explicou. — Possa dar uma passada aqui assim que pegá-los e te levar para a aula de Inglês.

— Ah, não. Está tudo bem — falei, ajustando os fones e

relaxando o corpo no canto da poltrona. — Eu dou um jeito e encontro alguém para me ajudar. Ou então... dou uma de rebelde e tento encontrar a sala por conta própria.

— Nem inventa — resmungou.

Dei um sorriso, meio que brincando e falando sério. A aula de Inglês I acontecia na primeira sala do outro lado do corredor e perto da escada para o primeiro andar. E a escadaria estava do lado de fora da biblioteca, à esquerda. Eu tinha certeza de que conseguiria chegar lá. E depois de dirigir um carro de verdade na noite passada, eu meio que desejava tentar me virar. Seria a extensão da minha diversão para o dia.

Mas eu a tranquilizei de qualquer jeito, sabendo que ela se sentia culpada por eu ter sido empurrada para dentro do vestiário masculino.

— Estou brincando — eu disse. — Vou ficar bem. Vou pedir ajuda a alguém. Eu juro.

— Okay — concordou. — Te vejo daqui a pouco na aula.

Acenei rapidamente e coloquei os fones, ouvindo o início do capítulo sobre as tribos nativo-americanas e a colonização. Tive a preocupação de não deixar o volume muito alto, de forma que pudesse escutar o primeiro sino que alertava o término do horário de almoço. Isso me daria uma margem de cinco minutos para chegar à sala de aula.

Recostei a cabeça no estofado, fechei os olhos e ouvi a voz feminina explicar tudo sobre as tribos do leste da América e Canadá e o comércio com os colonos europeus. De todos os audiobooks que eu possuía, esse era o que eu mais gostava. A voz dela era suave e melódica, como se estivesse contando uma história para dormir.

Com exceção de Matemática, que sempre tive dificuldade em aprender e não estava nem aí para isso – já que sabia que nunca teria uma carreira onde ela fosse realmente necessária –, eu estava me saindo surpreendentemente

bem em todas as outras matérias. Meus professores eram prestativos, e estava ficando menos embaraçoso ter um diálogo aberto com eles a respeito das coisas que eu precisava. Quer dizer, as escolas eram preparadas para incluir alunos com dificuldades de aprendizado, carentes, doentes ou com sérios problemas comportamentais. Em comparação a isso, eu não devia ser um fardo assim tão pesado, não é mesmo?

Meus pais – e Arion – tinham feito um verdadeiro estrago em mim. Em contrapartida, era o psicopata perseguidor que me fazia sorrir e sentir confiante. Vá entender.

A vida era estranha.

Eu precisava perguntar algumas coisas a ele quando nos

encontrássemos de novo. Se eu o encontrasse de novo. Ele não as responderia só porque eu queria que fizesse, no entanto. Eu teria que arrancar dele, oferecendo talvez dançar *O Quebra-Nozes* inteiro em troca do seu nome.

Dei uma risada, mas rapidamente apaguei o sorriso, caso alguém estivesse me observando e tentando descobrir qual era o meu problema.

E só então reparei. Um som agudo e cortante, alto o suficiente para interromper o silêncio e com um alarme que me fez estremecer.

— Mas que merda é essa? — murmurei para mim mesma.

Arranquei meus fones e, finalmente, me dei conta do que era.

Aquilo era o...?

O alarme de incêndio esfaqueou meus tímpanos do mesmo jeito que milhares de unhas raspando contra um quadro de giz, e sentei-me ereta, tentando ouvir as vozes ao redor para saber se era de verdade ou apenas exercício de treinamento.

— Não corram! — a bibliotecária, deduzi, gritou. — Saiam andando calmamente do prédio, do jeito que foram ensinados a fazer. — E então esbravejou: — Não corram!

— Esperem — eu disse, pegando o celular e juntando minhas coisas. — Esperem!

Eu sabia como chegar às escadas, mas não tinha certeza se conseguiria achar a saída. Era no piso inferior, mas depois disso, achava que poderia ser depois do corredor e à direita logo após os armários? Talvez?

Ouvi as portas pesadas da biblioteca se abrindo e fechando repetidas vezes, e então gritei:

— Esperem por mim!

Abracei minha mochila e agarrei-me ao corrimão, descendo a escada o mais rápido que podia, mas o fio do meu fone se embaralhou no meu pé e foi arrancado da minha mão, despencando no patamar do primeiro piso. Caiu em algum lugar, e acabei me ajoelhando, derrubando a mochila enquanto tateava o chão, tentando encontrá-lo.

Não era um incêndio de verdade, não é? Era apenas um exercício.

Abanando as mãos por todo lugar, encontrei o fio e o puxei na minha direção, mas o celular não estava mais plugado a ele. Bati a palma da mão contra a coxa, frustrada.

— Puta que pariu.

Foda-se. O telefone poderia ser substituído, e se alguém o encontrasse, ele tinha senha de acesso, então ninguém conseguiria desbloqueá-lo.

Deixei todas as minhas coisas no chão e tentei chegar ao restante das escadas, ainda ouvindo o alarme ensurdecedor.

No entanto, não conseguia escutar mais nada. Não havia vozes, nenhuma movimentação, portas sendo fechadas com força... Será que todo mundo já tinha saído dali?

Meu coração começou a martelar. *O que devo fazer? Merda!*

Metade da escola estava no refeitório. Eles devem ter saído por lá. O restante – dentro das salas ou no auditório – ainda não teria ido embora. Certo?

— Olá? — gritei.

Gesticulei com as mãos à frente, tentando me orientar na direção das portas de saída, mas topei a canela em algo duro e gemi de dor. Agarrei o encosto da cadeira de madeira que deve ter sido largada para fora da mesa, na pressa.

Minhas mãos finalmente tocaram a parede, e fui seguindo por ela até encontrar as portas que me levariam às dependências da escola. Abri uma delas e entrei.

— Oi! — gritei outra vez. — Alguém pode me ajudar? Não consigo encontrar a saída!

O alarme acionou de novo, cada vez mais alto, à medida que eu seguia pelo corredor, e quando inspirei pelo nariz, senti o cheiro de fumaça.

Não. Estaquei em meus passos. *Não era fumaça normal.*

Era de cigarro.

Alguém esteve fumando por ali?

Mas então minha expressão mudou quando inalei o odor sutil que me fez lembrar da última vez em que a havia sentido.

Meu coração acelerou, e não de um jeito bom.

Encontrei a escadaria e desci um andar, achando o caminho para o piso principal.

— Ei! — gritei outra vez. — Alguém?

Aproximei-me do lado direito do corredor, as portas dos armários chacoalhando à medida que eu passava por elas.

Mesmo que aquilo fosse um incêndio de verdade, os bombeiros chegariam a qualquer momento. Eu não podia estar completamente sozinha.

— Oi? — chamei. — Tem alguém aqui? Preciso de ajuda!

Segui pelo caminho dos armários, sempre do lado direito do corredor. Quando cheguei ao final, virei a esquina e tateei a parede até que mais uma fileira de armários apareceu.

Okay, okay, okay... Se eu seguisse por esse caminho e fosse reto, ele me levaria direto às portas de entrada da escola.

— Olá? — gritei mais uma vez.

Minhas mãos estavam trêmulas.

Eu devia ter pedido que Rika fosse me buscar. Por que inventei de teimar? Mesmo que ela tenha sido forçada a sair do prédio, ela

teria informado aos professores que eu estava na biblioteca esperando por ela, e então alguém poderia ter ido me buscar.

— Olá?

Então, do nada, um barulho se fez ouvir mais adiante nos armários.

Parei por um segundo, atenta.

— Oi — eu disse a seja lá quem fosse. — Você pode me ajudar? Já está todo mundo lá fora? Você pode me ajudar a sair daqui?

Mas não houve resposta alguma.

O som se repetiu contra os armários.

Bang, bang, bang...

Estreitei os olhos, confusa.

— Você pode me ajudar? — disparei, andando mais rápido. — Por favor, você po...

Minhas mãos depararam em um corpo alto com um peito forte e camisa de colarinho. Na mesma hora eu recuei.

Era um homem, mas pensei ter sentido uma gravata ao redor do pescoço. Era um aluno?

— Está havendo um incêndio? — perguntei. — O que está acontecendo?

Mas seja lá quem fosse, não disse uma só palavra. *Éramos os únicos no prédio?*

Abri a boca para falar outra vez, mas sua mão se ergueu para colocar uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

Não era possível que eu fosse vítima de dois garotos estranhos em tão pouco tempo.

Inclinei a cabeça para o lado.

— É você? — exigi saber.

Meu fantasma que gostava de me assustar?

Perdi a paciência, resmungando:

— Deus me ajude, mas eu vou...

Ele deslizou os braços por baixo dos meus, envolvendo-os ao meu redor e me levantou do chão.

— Vai fazer o quê? — perguntou.

Então perdi o fôlego. Não era o sussurro ao qual eu havia me acostumado, e, sim, a voz rouca e profunda, repleta de um tom ameaçador da pessoa com quem nunca gostaria de ficar a sós outra vez.

Nunca mais.

Arfei, sentindo os braços de Damon me apertarem com mais força.

— Você não é ele.

— Ele quem?

— M-me s-solta — gaguejei, mas nem ao menos tive tempo

para gritar.

Ele nos fez dar um giro e, em seguida, me carregou para longe dali enquanto eu me debatia contra seu agarre.

Uma porta se abriu e fechou rapidamente, e fui forçada a entrar em uma sala; meus coturnos atingiram alguma coisa com rodinhas. Um balde, talvez. Nós devíamos estar dentro de um depósito.

Minha mente fervilhou. O balde provavelmente devia contar com um esfregão. Eu poderia usar como arma.

— Foi você quem fez isso? — perguntei, chegando a uma conclusão. O alarme. Ele e eu sozinhos na escola. Será que ele viu Rika me deixando na biblioteca?

— O que você quer? — esbravejei e depois gritei o mais alto que pude: — Socorro! — Tomei fôlego para pedir ajuda outra vez: — Socorro!

Sua mão se enrolou ao redor da minha garganta e ele me imprensou contra a parede. Agarrei seu punho, lutando para que ele me soltasse.

— O que você quer? — Ofeguei, exaltada, sentindo a raiva fluir pelas minhas veias.

Seu corpo se aproximou do meu quando ele disse bem baixinho:

— Você está com medo?

Fiquei na ponta dos pés, tentando fazê-lo liberar a minha garganta.

— Não — respondi, entredentes.

— Mentirosa.

— Vá se ferrar! — retruquei. — Me solta!

Acertei um chute em sua perna, mas ele não cedeu. Chutei outra vez, com mais força, e girei meu corpo para me soltar e ele, finalmente, perdeu o agarre. Tentei correr para longe, mas ele me segurou pela gravata do uniforme e me puxou de volta contra seu corpo.

— Me larga! — gritei novamente. — Minha irmã é louca por você. Sempre foi. Por que você não a traz aqui?

Ele me agarrou de novo, dessa vez envolvendo os braços ao meu redor como se fossem um cinto de aço, mantendo-me imóvel.

— Por que me preocupar com ela quando tenho você? — zombou. — Eu gosto de você.

Sacudi a cabeça, chocada. Ele era horrível. E nojento e doente, e eu odiava ter chamado sua atenção. Queria que nunca tivesse me visto. Então era isso? Ele ia me machucar de novo? Não seria como da última vez. Eu já era grandinha o suficiente para saber como os homens podiam machucar uma mulher.

— Sabe de uma coisa... Um monte de garotas adoraria estar no

seu lugar nesse exato momento — ele disse.

— Sei, acho que nenhuma delas quase foram mortas por você um tempo atrás.

— Você quer que eu me desculpe?

Hesitei, porque pelo seu tom de voz pareceu que ele se desculparia se eu pedisse.

— Não — eu disse, por fim.

— Por quê?

— Porque não vou te perdoar de qualquer forma — retruquei.

Nem precisa perder seu tempo.

Ele me segurou, seu peito colado ao meu, e pude sentir que me observava. No entanto, não falou nada por um bom tempo.

Quando o fez, sua voz quase soou triste.

— Winter...

Mas seja lá o que ele quis dizer, não concluiu, e eu também não estava nem aí. Eu não passaria mais seis anos me recuperando de algo que ele fizesse comigo. Bastaria um arranhão e eu o mataria, para garantir que nunca mais me tocasse.

— Você não está preocupada em saber se vou te machucar? — perguntou, usando o mesmo tom ameaçador de antes.

— Não — respondi com calma.

— Por quê?

— Por causa do preto.

— Preto? — insistiu.

Tentei ajeitar a postura para encará-lo de frente.

— Porque estou no preto nesse instante, e aqui... estou me divertindo — falei e lembrei-me da noite anterior; da sensação de liberdade ao arriscar, lutar e encontrar seu par. Eu queria aquela vida. — A única parte minha que ninguém nunca vai conseguir machucar é o meu coração, e não há ninguém no planeta que seja mais incapaz de alcançá-lo do que você — rosnei.

Ele me empurrou em seus braços, e pude ouvi-lo resfolegar.

— Palavras fortes para uma garotinha — ele disse.

— O mesmo de sempre, garotinho assustado — devolvi. — Ainda está subindo em fontes para se esconder da mamãe?

— Mamãe? — ele repetiu. — Eu matei aquela vadia na noite passada.

Vacilei, nervosa por ele dizer algo tão estranho. Era óbvio que estava falando besteira. Ouvi dizer que sua mãe, a Madame Delova, saiu de Thunder

Bay alguns anos atrás e nunca mais voltou.

Qual era o problema com aquele garoto? Ele queria que meu pai colocasse uma medida protetiva contra ele? Odiava Damon Torrance, mas nem eu queria algo assim. Só deixaria meus pais

preocupados ao saberem que eu estava tendo problemas com ele, e Thunder Bay entraria em polvorosa se eu colocasse um de seus astros do basquete em apuros. Todo mundo acharia que a culpa era minha.

— Me solta — eu disse outra vez. — Me solta, ou vou te morder.

— Era exatamente o que eu queria.

O quê? Por que ele desejaria que eu o morderesse?

— Me solta — pedi.

Ele não cedeu um centímetro.

— Me. Solta. Agora.

Nada.

Avancei e afundei os dentes em sua mandíbula, ouvindo sua risada, e então, mordi com mais força para que ele calasse a boca.

Babaca.

Eu não conseguia ir muito além daquilo, por conta da minha posição, ou eu teria optado por morder sua orelha e arrancar um pedaço fora, mas, de toda forma, cravei os dentes até sentir o osso e mordi com vontade.

Mais forte. Aumentei a pressão. *Mais forte.*

Ele congelou, ficando apenas ali, imóvel, e quando o som de sua respiração se tornou áspera, sabia que ele estava prestes a se render e me soltar. Aquilo tinha que estar doendo.

Mas ao invés de me liberar de seu agarre, ele apenas gaguejou:

— M-mais fo-forte.

Raiva tomou conta de mim, e eu mordi o mais forte que podia, chegando a sentir dor nos meus dentes e maxilar, e o ouvi arfar e ofegar, e então, seus braços se abaixaram, me deixando livre. Meus pés tocaram o chão novamente e eu o empurrei, dando um soco em seu nariz.

Ele grunhiu e tropeçou, fazendo uma série de baldes e vassouras caírem.

— Da próxima vez, vou estar com uma arma. E vou matar você — informei.

Comecei a me afastar, e o ouvi dizer às minhas costas:

— Talvez seja isso que você tenha que fazer.

Parei por um instante, sentindo-me derrotada. Por quê? Por que eu teria que fazer isso? Ele não ia parar? O que ele queria de fato?

— Você teria me perdoado — ele disse —, se eu tivesse caído com você daquela casa da árvore, naquele dia?

Fiquei ali parada, lágrimas queimando meus olhos.

Eu não sabia o que responder. Tentei vasculhar minhas memórias. Por que aquela pergunta me pegou de surpresa? Ele pareceu quase vulnerável. Era a primeira vez, desde o dia em que comecei a estudar aqui, que ele não agiu como um babaca.

Eu o teria perdoado se ele tivesse se machucado também? Eu podia ter morrido aquele dia. Poderia ter me ferido muito mais do que a sequela que tenho agora. Meu pescoço poderia ter quebrado. Ou eu poderia ter ficado em coma pelo resto da vida.

E ele poderia ter caído comigo e se machucado ou até ter perdido sua vida, também. O que eu pensaria dele, hoje, se isso tivesse acontecido? Será que eu seria mais benevolente?

Talvez.

Pensei um pouco no assunto.

Sim. Eu diria que “crianças são crianças”, e que “coisas ruins acontecem”. Crianças não eram maduras o suficiente para se controlar. Eu teria tentando entender.

Mas, por mais que não odiasse o que ele havia feito comigo tantos anos atrás, eu ainda o odiava pela pessoa que ele era agora. Garotos cresciam. Ele parecia que não.

— Eu devia ter desconfiado que era você — alguém resmungou, de repente, e só então percebi que a porta havia sido aberta.

Perdi o fôlego e fiquei tensa quando as pessoas entraram e alguém segurou minha mão, levando-me para fora dali.

Cinco minutos depois, estávamos no gabinete do reitor. Um tapa alto cortou o ar.

— Ela é uma caloura! — Kincaid berrou com Damon. — Você não tem um pinga de vergonha?

Fiquei imóvel, as mãos cruzadas às costas, enquanto Damon e eu nos mantínhamos a alguns passos da mesa do reitor.

Damon tossiu e fungou ao meu lado.

— Acho que ela me machucou mais do que o contrário — ele disse, respirando com dificuldade. — Estou sangrando como um porco. Você pode ser o meu tipo de garota, hein?

Ele riu e eu rangi os dentes. Não percebi que havia mordido sua mandíbula com *tanta* força. Ou talvez tenha sido quando dei um soco em seu nariz.

De qualquer forma, foi bom.

— Você está expulso — o diretor disse, ríspido. — Pouco me importam as ameaças do seu pai. Nós vamos acabar em algum maldito noticiário por sua causa!

— Me expulsar? — Damon zombou. — Os ex-alunos vão adorar isso. E na hora certa, também. Seu contrato está para ser renovado. Espere até eles ficarem sabendo que você não gosta de ganhar os jogos de basquete.

Algo se chocou contra a mesa à nossa frente, e eu dei um pulo, assustada.

Fechei os olhos, irritada. *Ai, meu Deus.* Ele era um encrenqueiro. E sairia vitorioso daquilo. Kincaid não o expulsaria. Não

com o corpo de ex-alunos milionários que se preocupavam mais com os esportes do que com a educação.

Espere até Damon ficar mais velho e perceber que o mundo não se curvaria aos seus desejos para sempre.

Era só uma questão de tempo para mim, no entanto. Antes que ele se tornasse demais para lidar, e algo precisasse ser feito. Ter que lidar com a raiva e irritação na escola por fazer com que ele fosse expulso e ter que desistir e voltar a Montreal. Eu não queria ir embora. Dessa forma eu nunca mais o veria. Meu fantasma. Seja lá quem ele fosse.

Mas a vida aqui seria intolerável se Damon me acusasse num canto e eu tivesse que revidar. Ninguém ficaria do meu lado.

Engoli o gosto amargo na boca.

— Não se incomode, Sr. Kincaid — murmurei. — Eu vou sair da escola.

— O caralho que você vai — Damon rosnou. Então disse ao reitor: — Foi só um mal-entendido. Vou deixá-la em paz. Dou a minha palavra.

— Sua palavra... — ele debochou.

— Eu não minto — Damon disse, a voz agora áspera pela raiva. — Ela vai ficar bem. Eu juro. Nunca mais vou olhar para ela pelo resto do ano letivo, contanto que possa continuar estudando aqui e sob os seus cuidados. Eu prometo. — Nivelando o tom de voz, acrescentou: — O time de basquete continua firme, ela pode ficar e nós vamos fingir que isso nunca aconteceu. O pai dela nem precisa ficar sabendo. — Então se virou para mim. — Tudo bem?

Contraí a mandíbula, ainda imóvel e sem lhe dar um segundo da minha atenção. Ele estava dizendo a verdade? Ficaria fora do meu caminho?

Porque eu estava desesperada para continuar aqui.

— Eu vou deixá-la em paz — Damon reiterou quando o reitor permaneceu em silêncio.

— Senhor... — uma mulher o chamou às nossas costas.

— Não se mexam — Kincaid disse e ouvi quando passou por nós e foi até a recepção de seu escritório. A porta permaneceu aberta e pude ouvir o som de vozes.

Então o senti se aproximar de mim, o hálito quente soprando pouco acima do meu ouvido.

— Aproveite sua liberdade enquanto pode, Winter Ashby, porque nós não acabamos por aqui — Damon advertiu em voz baixa e debochada. — Cresça mais um pouquinho, aprenda as coisas e se divirta no ensino médio, mas não perca a garotinha que gosta do escuro, porque eu gosto de você lá também. E eu voltarei para buscar o que é meu quando você for grandinha o suficiente para coisas mais

adultas...

Virei meu rosto para o outro lado, respirando com dificuldade.

— E seja boazinha — ele disse. — Se eu ficar sabendo que alguém tocou você, vou arrebentar a cabeça dele.

Minha boca ficou seca, meu estômago revirou à medida que as vozes se aproximaram e o calor de seu corpo desapareceu quando ele se afastou e o reitor entrou na sala.

Filho da puta.

A reunião foi encerrada, Kincaid despejou mais palavras duras para Damon, mas aceitou os termos e as promessas de que os manteria. O reitor podia não confiar ou gostar dele, mas as políticas da sociedade de Thunder Bay sempre sobrepujariam o medo do homem em perder seu emprego e posição. Ele era um educador em segundo lugar, e um empregado de cada pai nesta cidade, antes de tudo.

Alguém da secretaria veio até mim e me levou de volta para a minha próxima aula. Todos já haviam voltado aos seus lugares depois do alarme falso, e quando saí da diretoria e virei à direita, enquanto Damon virou à esquerda, eu me perguntei quanto tempo teria e quantas advertências ele receberia até que nos encontrássemos outra vez.

Porque aquilo não havia acabado.

Ele estava apenas esperando.

Capítulo 14

Winter

Dias atuais...

Pisquei os olhos, despertando, e na mesma hora estremei quando me deitei de costas. *Merda*. Dor percorreu o lado esquerdo do meu pescoço, e eu o inclinei, tentando alongar os músculos doloridos. Talvez eu tenha ficado na mesma posição a noite inteira. Meu corpo estava moído. Nunca havia dormido tão profundamente daquele jeito.

Sentei-me na cama e virei o pescoço de um lado ao outro, fazendo o mesmo com meus tornozelos antes de esticar as pontas dos dedos dos pés.

— Argh... — gemi.

Eu estava exausta. Esfreguei os olhos, sentindo-os um pouco inchados e doloridos.

E foi aí que me lembrei. Meu número de dança na festa de noivado de Michael e Erika, noite passada. Damon e eu. Damon tentando me provocar com o que ele faria com a minha irmã.

Eu chorei. E muito.

Vim para a cama, tranquei minha porta e soluzei contra meu travesseiro, incapaz de me conter, e sem querer que ninguém me ouvisse.

E o odiava. Odiava suas palavras cruéis, seus cigarros, arrogância e insanidade ao pensar que não era responsável por nada. Odiei a forma como me agarrou, ameaçou e não me deixou ir. Ele não tinha esse direito.

E eu odiava ter sentido tanta falta dele. Odiava aquilo pra caralho.

Como sentia falta das partes dele que amei quando ainda não sabia que era com ele que eu estava. Como seus braços ao meu redor me faziam sentir protegida e como seus sussurros me faziam me lembrar de quando adorava senti-los contra o meu pescoço.

Balancei a cabeça. Era tudo fingimento. Tudo não havia passado de fingimento. Ele só me usou.

Fiquei de pé e fechei os olhos, alongando os braços acima da cabeça para despertar meu corpo.

Uma chuva leve batia contra a minha janela, e inspirei, sentindo seu cheiro impregnar o ar enquanto tentava clarear a cabeça. Eu precisava de café.

Um rangido soou acima de mim, e inclinei a cabeça para trás, aguçando os ouvidos. Quem estaria no sótão? Ninguém ia lá, a não ser os empregados da casa, e nós já não possuíamos funcionário nenhum.

Pelo menos não os que ficavam em período integral.

Andei até minha *chaise-longue* e peguei meu suéter. Depois de vesti-lo, esfreguei os braços tentando me aquecer. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo e retirei a cadeira que usava para bloquear a maçaneta da porta antes de destrancar e abrir. Não que aquilo impedisse Damon de entrar neste quarto, caso ele quisesse, mas pelo menos seria necessário mais do que um chute para arrombar a porta, e isso me daria um sinal de aviso quando estivesse dormindo como uma pedra.

Entrei no corredor, o piso frio de madeira estalando enquanto eu bocejava.

Tão silencioso.

Parei ali, ouvindo o som da chuva como um escudo ao redor da casa, e em algum lugar, nos fundos da casa, uma brisa se infiltrou pela rachadura de uma janela quebrada ou uma parede. Um passarinho cantou à distância, cada pequeno ruído sendo ampliado, porque não havia nada para abafá-los. Nenhum barulho.

Sem televisão. Ou secador de cabelo. Ou o chuveiro.

Nada de passos ou louça chocando-se contra a outra, ou portas se abrindo e fechando.

— Ei, Google — gritei para dentro do meu quarto. — Que horas são?

— São sete e três da manhã.

Nós éramos madrugadores. Minha mãe e Arion malhavam cedo, enquanto eu praticava uma série de exercícios de dança.

Mas estivemos em uma festa ontem à noite. Talvez elas ainda estivessem dormindo?

Ou talvez não. Algo parecia fora do lugar.

Por que nenhuma delas interveio na minha briga com Damon tarde da noite? Elas devem ter ouvido alguma coisa.

— Mãe? — chamei, tentando encobrir o barulho da chuva. Ela normalmente já estava de pé e circulando pela casa quando eu acordava. — Mãe, você já se levantou?

Nada.

Deslizando a mão pelo corrimão, percorri o corredor e entrei no quarto dela primeiro.

— Mãe? — chamei, baixinho, com medo de assustá-la, caso estivesse dormindo.

Não houve resposta alguma.

Adentrei mais ainda no aposento e fui até sua cama, passando as mãos pela colcha macia que a cobria. A cama ainda estava arrumada. Ou ela havia ajeitado assim que se levantou?

Fui até sua penteadeira e tateei em busca da lâmpada, tocando-a de leve. Pressionei minha mão com mais força, percebendo que

estava fria.

O único momento que essa lâmpada ficava desligada era quando ela ia dormir ou quando não estava em casa.

Senti minha pulsação disparar.

Saí de seu quarto e me dirigi mais à frente para o de Arion, na suíte principal. Eu a chamei assim que entrei.

— Arion? Você está aqui?

Conferi a cama e as lâmpadas de seus abajures, notando que o quarto estava tão intocado quanto o da minha mãe. Fui até o *closet* que ela compartilhava com Damon, mas sem entrar lá dentro, na verdade.

— Ari? — chamei. Ela poderia estar no quarto dele.

Quarto dele.

Rangi os dentes e tentei desconstrair um pouco a mandíbula, saindo do quarto dela e voltando para o meu.

Peguei meu celular na mesa de cabeceira e procurei pelos meus aplicativos, finalmente encontrando o do Uber. Solicitei uma viagem usando o *VoiceOver*. Avancei nas configurações e inseri “prestar assistência” no campo de código promocional, de forma que o motorista soubesse que eu tinha uma deficiência. Estava com pressa, e todo mundo nessa cidade me conhecia, então eu não entraria em uma enrascada.

Vesti uma calça jeans, uma camiseta e minha jaqueta, além de pegar um boné de beisebol. Depois de calçar as meias e os sapatos, retirei um pouco do dinheiro que eu tinha na carteira e o enfiei no bolso, junto com o celular.

Enquanto ia em direção às escadas, chamei o nome do meu cachorro.

— Mikhail!

Peguei o celular do bolso e conferi a localização do motorista.

— Quatro minutos — o aplicativo informou.

— Mikhail! — gritei outra vez, pegando sua coleira dentro da gaveta da mesa na lateral do *foyer*.

Alguma coisa rangeu no piso acima outra vez, e aquilo me sobressaltou.

Alguma coisa estava errada. Não devia ser ninguém da minha família, já que chamei por seus nomes e ninguém respondeu. Onde elas estavam?

Damon, o que você fez?

Ouvi um barulho na cozinha, como se a porta da geladeira estivesse fechada e, talvez...

— Mãe? — gritei.

O que foi aquilo? Onde estava o meu cachorro?

Corri até a cozinha e estaquei, o rosto virado na direção da

geladeira.

— Olá? Quem está aí?

Nenhuma resposta.

Droga. Avancei em meus passos e abri a porta dos fundos.

— Mikhail!

A chuva gotejava no terraço e nos toldos, e não fui capaz de ouvi-lo em lugar nenhum. Ele sempre ficava dentro de casa quando chovia, e se não estivesse, optava em ficar aconchegado no lado de fora da porta. Não havia nenhum sino de alerta da sua coleira, indicando que ele estava atendendo ao meu chamado ou, sequer, um choramingo para que sáísse da chuva. Para onde ele havia ido?

Escutei o som de duas passadas no andar acima, e quase perdi o fôlego.

Filho da puta. O medo que senti naquela noite, sete anos atrás, quando ele me sacaneou inundou minhas lembranças, só que, dessa vez, eu duvidava que minha dança poderia me livrar disso.

Enfiei a mão dentro do bolso, pegando as chaves de casa e encaixei duas delas entre meus dedos, caso precisasse usar como arma. Fechei a porta e ouvi o sinal de alerta do meu celular, o que provavelmente significava que o Uber já havia chegado. Segurei a coleira em uma mão e as chaves na outra, recuando um passo.

O piso rangeu à minha direita, a cada passo, e tentei respirar com calma. Então ouvi o clique suave de uma porta sendo fechada em algum lugar da casa.

Mais movimentação no sótão, e na minha cabeça só ouvi o comando para correr.

Vá. Dei tudo de mim à medida que mantinha o agarre firme em minhas armas, girei e disparei pelo caminho que me levaria da cozinha à porta da frente.

Agarrei a maçaneta com força, abri de uma vez e saí correndo na chuva gélida da manhã. Bati direto contra um carro e tateei em busca da maçaneta, abrindo-a de supetão.

— Jesse? — confirmei o nome do motorista do aplicativo.

— Sim. Está tudo bem?

Entrei rapidamente, mas registrando a risada que ouvi de dentro de casa, já que havia deixado a porta aberta.

Babaca.

Meu coração estava quase saltando pela boca.

E eu ainda não sabia onde minha família estava. Ou meu cachorro.

— Tranque as portas — pedi.

Ele as trancou e deu a volta na fonte que ficava em frente à minha casa, pegando o caminho para St. Killian.

Recostei a cabeça, ainda agarrada à coleira. *Mikhail.* Meu Deus,

ele não o machucaria, não é mesmo? O cachorro atendia ao meu chamado até mim cada vez menos. Eu não sabia se ele estava preferindo Damon ou se estava se escondendo por medo.

A chuva batia contra o para-brisa, e o motorista permaneceu em silêncio enquanto dirigia, provavelmente ciente de que eu estava meio nervosa.

Era um trajeto curto. St. Killian não ficava tão longe da minha casa desde que você estivesse de carro. Eu soube por Will que Rika e Michael

possuíam um apartamento em Meridian, mas agora passavam bastante tempo aqui em Thunder Bay, já que a casa estava recém-reformada. A velha e abandonada catedral com vista para o mar.

Num instante, o motorista saiu da rodovia, e embora tenha esperado pela estrada de chão, da qual me lembrava da época em que vim aqui, surpreendi-me ao ver que o cascalho dera lugar a uma estrada pavimentada. Fiquei pintando em minha imaginação qual devia ser a aparência de toda aquela extensão de terra ao redor da igreja. Ciprestes italianos deviam margear a entrada de carros, talvez. Uma fonte ou uma estátua, talvez até mesmo flores deviam ornamentar a frente da casa.

Ele parou o carro e eu agarrei a maçaneta, prestes a sair, sendo que a viagem já havia sido cobrada no cartão, quando pedi:

— Você se importaria de me levar até a porta?

— Ah, sim. Sem problemas.

Ele desceu do veículo e eu fiz o mesmo, encontrando-o no meio do caminho assim que ele deu a volta. Eu não o conhecia, mas morávamos em uma cidade pequena. Ele provavelmente sabia que eu era cega.

— Tem uma escada aqui — alertou.

— Certo — respondi, deparando com o primeiro degrau. — E a porta é bem em frente?

— Sim.

— Tudo bem, eu sigo daqui — falei.

— Tem certeza?

— Sim, obrigada.

Rika disse que eu poderia vir aqui hoje para passar um tempo, então eu sabia que ela estava em casa, embora ainda fosse cedo.

O motorista voltou ao carro e eu quase pedi que esperasse por mim, mas ele não atuava como um taxista. Eu só teria que solicitar outro veículo mais tarde.

Cheguei ao topo da escadaria e procurei por uma campainha, sem encontrar nenhuma. Localizei uma aldrava, no entanto, e bati duas vezes à porta, esperando que me atendessem.

Por favor, esteja em casa. Por favor, esteja acordada.

Os amigos de Damon – ou ex-amigos, pelo que ouvi dizer – eram as únicas pessoas a quem ele poderia ameaçar à vontade, mas sem nunca fazer dano algum. Eles eram tão poderosos quanto ele, se não mais até. Ele poderia ser contido.

Bati à porta outra vez e esperei, a chuva engrossando um pouco mais agora enquanto um trovão retumbava.

— Olá? — gritei, sabendo que era inútil. Se eles não ouviram o som das batidas à porta com aquela aldrava de ferro fundido...

Testei a maçaneta, um enorme anel de ferro, no estilo usado nas catedrais do período medieval, e a girei, sendo surpreendida quando a porta se abriu como num passe de mágica.

Aquilo devia significar que eles já haviam acordado.

— Olá, tem alguém em casa? — gritei. — É a Winter Ashby aqui.

Entrei na catedral e fechei a porta, inalando o cheiro incrível. Uma mistura de café, baunilha e rochas. Eu podia sentir o ar acima da minha cabeça, o que indicava que o teto era bem alto. O lugar cheirava ao típico ambiente espaçoso e com bastante ar fresco. No entanto, devia ser um pesadelo aquecer tudo aquilo.

— Oi? — gritei de novo.

Nenhuma resposta. Puxei o celular do bolso.

— Ligue para Erika Fane — solicitei ao comando de voz.

Ouvi o tom de discagem e, em seguida, o toque de seu telefone de algum lugar da casa. A música *Fire Breather*, de Laurel, começou a soar no piso acima, e aquilo me fez sorrir à medida que eu seguia a direção do som. Eu não queria invadir sua casa, mas realmente não tinha tempo a perder.

— Olá? — chamei novamente.

Eles só podiam estar aqui. Fui me aproximando do toque do celular e meu pé tocou um degrau. Eu o subi e encontrei o telefone alguns degraus acima. Eu o peguei no instante em que parou de tocar e caiu na caixa de mensagem. Encerrei minha ligação na mesma hora.

Dei mais um passo, mas dessa vez, meu pé roçou algo e me abaixei para conferir: um amontoado de tecido. Um vestido.

— Mantenha o colar. — Ouvi Michael dizer. — Só o colar.

Hein?

Dei mais um passo, mas ouvi um gemido e aquilo me fez vacilar.

— Você é a mulher mais linda que já vi na vida — ele disse, parecendo ofegante. — Sempre foi uma coisinha linda demais.

— Michael — Rika arfou.

Ai, droga. Larguei o vestido no chão e cobri a boca com a mão, com medo de que eles pudessem ouvir o som da minha respiração. Eles devem ter acabado de chegar em casa. Fiquei imaginando o que

devem ter feito noite passada depois da festa.

Recuei um passo cuidadosamente de volta à escada.

— Mas você está escondendo alguma coisa de mim — ele disse.

Parei na mesma hora.

— Eu gosto quando você mantém seus segredinhos — prosseguiu, a voz sexy e ameaçadora. — Isso me deixa louco de várias maneiras. E talvez eu tenha alguns segredos, também.

— Você quer que eu desconfie de você? — desafiou.

Mas, logo depois, ela deu um gemido ofegante, e eu desci mais um degrau. A escada de madeira fazendo um leve rangido sob meu peso.

Porra! Parei, agoniada. Eles não ouviram aquilo, ouviram? *Por favor, por favor, por favor...* Será que aquela escada de madeira fazia parte da construção original? As escadas das catedrais não deviam ser de pedra? Pedra não fazia barulho.

— Você não está desconfiada? — ele perguntou. — Eu passo muito tempo fora da cidade, Rika. Eu posso conseguir o que eu quiser, de quem eu quiser.

Ela gemeu baixinho.

— Sim, você pode, mas não faz isso.

— Como você sabe?

A cama rangeu, gemidos e ofegos vieram logo atrás, e eu apenas balancei a cabeça, desejando ser surda ao invés de cega.

Eles estavam discutindo enquanto transavam. Aquilo era bem estranho.

— Porque você não é idiota — ela retrucou. — Ninguém te dará a mesma sensação que eu dou quando nossos corpos estão juntos.

A cabeceira da cama se chocou contra a parede repetidas vezes, e minha cabeça se encheu com os sons dos gemidos, rosnados e ofegos cada vez mais altos.

— Rika — ele arfou.

— Você nunca arriscaria perder isso que temos — ela debochou.

— Não mesmo — ele concordou. — Não quero nada, a não ser isto. Porra, amor.

— Eu te amo, Michael — ela sussurrou audivelmente à medida que se perdiam no momento. — Sempre te amei.

E eu fiquei ali parada, deixando de temer o fato de ter invadido a privacidade deles, e, sim, sentindo tudo o que estavam sentindo, querendo muito mais.

O toque de pele com pele. Meu corpo incendiando e totalmente vivo junto ao dele. O som da respiração dele. Sua língua. A boca e as mãos. Os dentes mordiscando minha barriga e coxas.

Aquele sentimento de não querer ninguém mais, e preferir

passar fome a ficar sem ele.

Não quero... te sujar.

— Eu vou descobrir o que você está escondendo — Michael grunhiu e a cama chacoalhou.

— Você pode tentar.

— Eu devia tirar meu pau e te deixar passando vontade.

— Não, por favor — ela choramingou.

— Ou talvez eu me divirta um bocado tentando arrancar a verdade de você. Fique de bruços.

Ouvi o farfalhar dos lençóis, como se eles tivessem mudado de posição. Eu nunca havia feito algo parecido com aquilo, mas desejava muito. Algum dia...

Você não vai me deixar suja. Você não existe mais. Eu não existo mais. Somos só nós dois. Nós.

Senti meus olhos ardendo por conta das lágrimas e meu queixo tremeu. Eu não queria fazer aquele tipo de coisa com qualquer pessoa.

Um corpo pressionou-se ao meu por trás e pisquei, assustada, as lágrimas agora esquecidas.

— Eu deveria ir até você para o nosso próximo compromisso — Will brincou, descansando a cabeça sobre o meu ombro.

Escada acima, Rika e Michael estavam mandando ver, gemendo cada vez mais alto.

— Não se preocupe — ele disse, e era nítido o tom sardônico em sua voz. — Não vou contar para eles que você estava ouvindo atrás das portas...

Virei-me de frente, mas ele não me soltou. Senti o cheiro de bebida alcoólica em seu hálito. Será que ele ainda não tinha ido para a cama também?

— Você está com uma expressão sonhadora — ele disse, mantendo a voz em um tom baixo e intimista. — Será que está desejando que alguém faça isso com você, ou está *se lembrando de* quando alguém fez essas coisas contigo?

Isso. Ele estava se referindo à transa de Michael e Rika.

Eu o empurrei para longe de mim e desci as escadas, percorrendo o caminho pelo imenso saguão até a porta de entrada.

— Precisa de uma carona para casa? — perguntou.

— Você está bêbado. — Empurrei a porta. — Vou chamar alguém para me buscar.

Fechei a porta pesada com um baque, sem me importar se Michael e Rika me ouviriam àquela altura do campeonato. Desci a escadaria o mais rápido que pude, sentindo a chuva tamborilar sobre meu boné e ombros.

A porta atrás de mim se abriu outra vez, e antes que me desse conta do que estava acontecendo, meu corpo foi girado e engolfado

por braços fortes, e uma boca tomou a minha enquanto a língua invadia sem piedade.

Grunhi, tentando afastá-lo e sentindo os resquícios do uísque à medida que sua língua roçava e brincava com a minha. Will me fez ficar na ponta dos pés, devorando-me, sua mão enrolada à minha nuca, seu hálito e calor se infiltrando pelo meu corpo como mel, da cabeça aos pés. Cada pedacinho meu subitamente faminto.

Ele se afastou da minha boca, mas manteve os braços ao meu redor.

— Você precisa ser fodida com vontade — ele disse. — Se não quiser que ele faça isso, eu farei. — Então se inclinou, sussurrando sobre meus lábios: — E vou fazer essa oferta quando estiver sóbrio.

Ele me soltou e eu inspirei profundamente diversas vezes, a chuva fria sendo muito bem-vinda para resfriar minha pele aquecida.

— Vejo você em breve, Winter — zombou e voltou para a casa.

Fiquei ali parada por um instante, esperando me recompor antes de solicitar outro Uber.

Talvez ele estivesse certo. Eu tinha vinte e um anos, idade mais do que suficiente para ter uma saudável e ativa vida sexual, mas, quando fosse acontecer outra vez, eu queria que fosse algo como Erika e Michael compartilhavam. Eles pareciam se divertir com joguinhos, mas era apaixonado e repleto de sentimentos.

O amor era o que era bom. Infelizmente, foi unilateral na minha experiência do passado. Eu até poderia ficar tentada em aceitar a oferta de Will para aliviar um pouco a tensão, mas ele não representaria nada mais do que isso. E eu o queria como amigo.

A verdadeira questão era: ele estava do lado de Damon ou do meu?



Peguei a coleira do meu bolso, e o imenso gancho de metal ficou pendurado ao lado do meu corpo.

Onde diabos estava o meu cachorro?

— Não tenho certeza do que ouviu, Srta. Ashby — Crane disse, quando entrou no *foyer* vindo pelos fundos da casa —, mas não havia ninguém em casa esta manhã. Damon foi para a cidade antes até mesmo que você tivesse acordada, eu estava resolvendo algumas coisas na rua, e não havia mais ninguém aqui.

Fiquei parada à porta, grossas gotas de chuva caindo na entrada de carros às minhas costas.

— E minha família?

— Elas viajaram ontem à noite, logo depois da festa. — Ouvi

quando ele abriu uma das gavetas da mesinha lateral e pegou algumas chaves. — Eu mesmo as levei ao aeroporto.

— Viajaram? — disparei. — Como assim?

Minha mãe e Ari foram embora? Sem mim?

— Sim, para a lua de mel nas Maldivas — informou, como se estivesse me lembrando daquele detalhe. — Damon enviou a Sra. Ashby e a Sra. Torrance na frente. Está previsto que ele vá se juntar a elas em alguns dias.

— Espere um pouco. Então elas já tinham viajado quando voltei para casa ontem?

Senti-me tonta, minha cabeça flutuando como se fosse um balão. O confronto que tive com Damon passou em câmera lenta na minha mente, revendo tudo o que dissemos um ao outro e as ameaças feitas, e o tempo todo, elas nem estavam em casa. Suas provocações sobre o que ele e Ari iam fazer não passavam de promessas vazias, e fui para a minha cama, debaixo do mesmo teto, sozinha naquela casa com ele, sem absolutamente nenhuma segurança ao saber que minha família estava perto.

— Sim, senhora — Crane finalmente respondeu.

Tirei o boné e segurei um punhado de cabelo no alto da cabeça, fechando os olhos com força. *Porra.*

Não foi invenção da minha cabeça esta manhã. Havia alguém aqui em casa, comigo. Mais de uma, para dizer a verdade. Todos aqueles ruídos e movimentos acontecendo ao mesmo tempo e em diferentes partes da casa? Eu não estava só assustada e excessivamente alerta a cada pequeno rangido. Eu sabia que tinha ouvido alguma coisa, caralho.

E aquela pessoa que brincou comigo no banheiro do Teatro, aquela noite? Damon alegou que não foi ele. Tudo isso tinha que ser obra dele.

— Vasculhei a casa toda, de cima a baixo — ele disse. — Não há nada aqui.

— Até parece que eu devo confiar em você — rebati, ríspida.

Ele trabalhava para aquele monstro. Foi pago para se manter na linha e proteger os interesses do Damon, não os meus.

Além do mais, Damon possuía um histórico em adorar me deixar em pânico.

Crane não discutiu mais, no entanto. Ele simplesmente se curvou em um cumprimento respeitoso:

— Com licença, senhora.

Ele passou por mim, as chaves chacoalhando em sua mão, então deduzi que estava saindo de casa. Eu o chamei, mantendo a voz firme.

— Meu cachorro não está em parte alguma — eu disse. — Você

poderia, por favor, dar uma olhada ao redor da propriedade antes de sair?

— Sim, Srta. Ashby.

— E quanto ao meu amigo? — exige saber. — Ele chegou em casa em segurança ontem à noite?

— Sim, senhora.

Eu não conseguiria conversar com Ethan depois do que fiquei sabendo, mas eu também não queria que ele fosse parar em uma vala qualquer.

— E você não vai machucá-lo ou envolvê-lo, ou a outra pessoa, mais ainda — declarei ao invés de perguntar.

— O Sr. Torrance diria que a única pessoa capaz de responder a esta questão é a senhorita.

Ah, tenho certeza de que ele diria isso.

Se eu fugisse, se reclamasse, se o envergonhasse ou me comportasse mal, de qualquer forma, ele me machucaria causando sofrimento às pessoas próximas a mim. Quase chegava a ser bem impressionante quão estrategista ele era. As pessoas podem suportar muitas coisas, e ele sabia que eu não teria o menor problema em arriscar uma briga com ele, mas arriscar a vida de outros era um fardo pesado demais.

Crane saiu de casa e fechou a porta, e eu a tranquei na mesma hora. Depois dei uma volta pela casa, checando todas as entradas, janelas e fechando as portas dos quartos que eu não usava. Se encontrasse alguma delas abertas mais tarde, aquilo me daria a certeza de que havia alguém aqui dentro.

Peguei o celular dentro do bolso do casaco e liguei para minha mãe.

Ou melhor, tentei ligar, já que meu celular estava descarregado.

Então me lembrei de que havia me esquecido de colocá-lo para carregar na noite passada. Suspirei profundamente, segurando a imensa vontade chorar.

Abri com toda a força a gaveta da mesinha que ficava no vestíbulo e peguei o carregador para conectar ao telefone, mas decidi não deixá-lo exposto ali em cima. Ao invés disso, enfiei o celular já carregando bem no fundo da gaveta. Ele poderia pegar meu celular a qualquer momento, mas antes, eu gostaria de ser capaz de fazer algumas ligações.

Como a minha mãe teve coragem de me deixar para trás desse jeito? Ele conseguiu fazer com que elas arrumassem as malas e se mandassem de casa em questão de horas, antes de eu voltar para casa ontem à noite, e nem mesmo ele ou Crane transmitiram qualquer mensagem; não recebi nenhuma ligação – não que eu soubesse, mas checaria isso assim que meu celular tivesse bateria –, e ninguém

tentou me contatar para avisar se minha mãe estava preocupada comigo.

Ela não teria me deixado assim. Arion, com certeza, mas não minha mãe. Que ameaça ou mentira ele contou a ponto de conseguir que ela saísse de casa? Será que pelo menos foi ele quem tratou do assunto, ou mandou algum dos brutamontes do pai para fazer isso?

E elas realmente estavam nas Maldivas? Na porra da Ásia? Ari sempre quis ir para lá. Ele teria concordado com qualquer coisa para se ver livre.

No entanto, ele não iria ao encontro delas.

Ele não iria a lugar nenhum. Até eu sabia disso.

Entrei na cozinha, peguei um copo do armário e comecei a me servir de água, com meu dedo apoiado na borda de vidro para sentir quando a água chegasse ao topo. Tomei um longo gole, fechei os olhos e aguicei os ouvidos para escutar qualquer ruído na casa. Ouvi o som do vento, da chuva, dos pisos, absorvendo o zumbido da geladeira, do aquecedor central, e do silêncio.

Um silêncio absurdo.

O sangue correu veloz por baixo da pele, os pelos dos meus braços arrepiaram.

Eu ainda podia sentir. O mesmo que havia sentido esta manhã.

Sem rangidos. Sem passos. Sem música.

Sem Mikhail.

Mas estava ali. O ar estava pesado.

E eu soube.

Simplesmente soube.

Coloquei um pouco de ração para Mikhail e troquei sua água, na área de serviço, apenas para o caso de ele estar lá fora, em algum lugar. Só que eu sabia que ele não estava, ou já teria voltado àquela altura. Mas quem sabe...

Só então peguei minha água e subi as escadas, indo direto para o banheiro. Meus olhos estavam pesados, como se eu não tivesse dormido a noite inteira.

Coloquei o copo na pia de mármore e fui até a banheira, sentando-me na borda para poder abrir a torneira. Coloquei na temperatura mais quente que poderia suportar, e fiquei ali, deslizando a mão pela superfície da água, sentindo o vapor aquecer meu rosto.

Fechei os olhos, sentindo minha pulsação latejar por dentro, enquanto tudo mais estava tranquilo.

Posso sentir você.

Posso senti-lo em todo lugar.

O cheiro de cravo impregnado em suas roupas, a fonte em sua pele.

As palavras em sua língua, o hálito em seus lábios.

A mão no meu pescoço, seu silêncio agudo.

Lá embaixo, no saguão. Sentado no escritório. Do lado de fora, na chuva.

Parado à porta aberta do banheiro.

Ou no canto do quarto.

Bem aqui. Apenas me observando.

Ele sempre voltava.

Ou...

Talvez eu nunca tenha saído. Suas palavras ditas tanto tempo atrás vieram à minha mente.

Quando ele estava na cadeia, ele estava aqui. Quando eu queria desejar outros homens, ele estava aqui. Quando eu dançava, quando chorava, mesmo estando sozinha, e quando estava quieta em uma sala cheia de pessoas, pensando nele, ele estava aqui.

A verdade era que... eu tive aquilo que Michael e Rika tinham. Ou achei que tivesse, de qualquer forma. Naqueles dias, em uma época onde achei ser a mais feliz das pessoas. Mesmo que tudo tenha sido uma mentira, foi o melhor que já senti.

Damon.

Era inútil fechar a porta. Minha resistência não seria suficiente.

Ele não podia ser contido. Eu precisava desistir.

Fiquei de pé e liberei-me dos sapatos, tirando a camiseta em seguida e largando-a no chão. Não umedeci meus lábios, ainda que estivesse sentindo-os ressecados, e mal consegui respirar, mesmo desesperada para fazer isso.

Bem lentamente, como se eu estivesse flutuando e vendo meu próprio corpo de cima, retirei o sutiã e desabotoei o jeans, deixando-os cair no chão; enganchei os dedos na borda da calcinha e parei por um segundo apenas.

Sem rangidos. Sem passos. Nenhuma porta abrindo ou fechando.

Mas eu o sentia.

O ar frio de outubro acariciou minha pele, fazendo meus mamilos intumescerem na mesma hora, e só hesitei um segundo antes de deslizar a calcinha pelas pernas.

Pisei dentro da banheira e me sentei devagar, apenas um pouco de água abaixo de mim fazendo calafrios se espalharem pela minha pele por conta da água quente. Aquilo quase me fez gemer de prazer.

Fechei os olhos novamente, abracei os joelhos e curvei os dedos dos pés à medida que a banheira enchia, sentindo o vapor me rodear.

Calor se espalhou por cada pedacinho do meu corpo, relaxando músculos e nervos, dando a impressão de que meus membros pesavam como âncoras. Eu não queria me mover, e não tinha força de vontade para me importar com qualquer coisa agora.

Pode me machucar. Mesmo assim você não vai vencer.

Sem rangidos. Sem passos. Sem ruídos de portas.

Nada.

O que ele via quando olhava para mim?

Uma inimiga? Ou algo que ele queria?

Eu era alguém para ser atormentada ou algo para brincar? Ele sabia a diferença?

Ele queria que eu gostasse disso?

O que ele via?

Eu me desliguei, sentindo os pelos dos meus braços arrepiarem e minha pele enrijecer quando o senti, e uma raiva violenta retorceu minhas entranhas, porque eu queria destroçá-lo, feri-lo e provar a ele que ainda não estava aterrorizada.

Que eu estava enlouquecendo, mas não era um bebê.

O que ele veria quando olhasse para mim agora?

Meus olhos marejados, mãos trêmulas e postura encolhida?

Ou ele via que eu estava sozinha? Que estava nua, molhada e sozinha por tanto tempo?

Muito tempo.

Peguei a esponja e a afundei na banheira, encharcando-a, esfregando meus joelhos e depois deslizando-a pelas minhas pernas repetidas vezes. Então fiz o mesmo no meu pescoço, afastando o cabelo para um lado e deixando a água quente escorrer pelas minhas costas.

Movendo a esponja pela garganta, inclinei a cabeça para trás e alonguei a coluna, sentando-me ereta; espremi até que a água percorresse minha pele, e abaixei as pernas que antes estavam cruzadas à frente, de forma que o calor cálido pudesse cascatear por cima dos meus seios e minha barriga. Aquilo foi como uma carícia, tão gostosa, e a cada vez que eu repetia os movimentos, roçando a esponja em meu pescoço, deixava um ofego escapar.

E, na sua cama hoje à noite, quando estiver bem tarde e escuro, e a casa estiver silenciosa... quando estiver pau da vida e chateada, porque acha que me odeia, mas ainda assim, enfiar a mão por baixo das cobertas, para que ninguém saiba que você se vai entregar às lembranças que tem de mim...

Recostei-me na borda da banheira – com apenas um pouco de água me rodeando, já que ainda não havia aberto a torneira totalmente –, e lentamente deslizei a esponja pelo meu colo, por entre meus seios e pelo meu ventre, quase tocando a minha virilha.

Lágrimas brotaram por trás das minhas pálpebras cerradas, mas não eram de tristeza. Cada pedacinho da minha pele vibrava de excitação – querendo que algo acontecesse, que tudo acontecesse –, desde que pudesse me livrar do que se passava no meu cérebro e da

sensação nauseante no estômago, da piscina que se formava entre minhas pernas.

Raiva e fúria, calor e necessidade tão intensas como se você fosse um maldito animal, Winter. É algo primitivo.

Primitivo.

Não fazia o menor sentido, mas era intenso. Era uma necessidade.

Minha respiração acelerou, a esponja roçando a parte de dentro da minha coxa, e eu a agarrei, imaginando-o ao me observar. Fazendo-o ver o que nunca faria comigo, e o que eu poderia fazer por conta própria.

Espalmei um seio e apertei-o, sentindo a forma volumosa balançar assim que soltei a mão.

Deixei a esponja de lado e coloquei a mão entre as pernas, girando a cabeça e gemendo quando enfiei um dedo em meu interior.

O que ele via quando olhava para mim? Ele queria isto? Queria sua boca em mim e suas mãos por todo o meu corpo ávido, suado entre os lençóis enquanto me fodía na ausência da minha irmã?

Ou ele queria sua pequena bailarina fazendo uma performance para ele? Para fazê-lo gozar, mas sem me sujar no processo.

Grunhi baixinho e subi um pouco mais o corpo, enganchando as pernas nas bordas da extremidade da banheira, e ajustei a torneira, tornando o intenso fluxo de água em um jorro lento e com a temperatura mais amena.

A fina corrente d'água caía da torneira diretamente sobre meu clitóris posicionado logo abaixo, e acabei deixando escapar um gemido longo assim que meu corpo convulsionou com o prazer.

Eu havia perdido o controle por completo. Queria transar. Agarrei as laterais da banheira e puxei meu corpo mais para a borda, minhas pernas penduradas de cada lado à medida que tentava me aproximar mais ainda do fluxo de água.

Abri a boca, gemendo e rebolando os quadris ante o toque constante do líquido morno. O ar frio arrepiou minha pele e projetei os seios acima enquanto continuava a cavalgar cada vez mais rápido ante a provocação do fluxo de água.

Meus mamilos intumesceram, e tudo o que eu mais queria era uma boca neles. Eu queria ser beijada, chupada, e precisava exatamente do que Will dissera ser a minha necessidade.

Abri mais ainda as pernas, expondo minha boceta enquanto esticava os músculos das pernas e braços, no meu intenso processo de masturbação.

Ele me viu. Será que gostou?

Choraminguei e gemi, sentindo a pressão aumentar em meu interior à medida que meu corpo implorava para ser preenchido. Movi

a bunda com mais rapidez e agarrei-me ao arco da torneira como se fosse a cabeça dele, fodendo-me com força. Meu ritmo respiratório se tornou cada vez mais acelerado, profundo e audível.

— Você não manda aqui — ofeguei, zombando dele. — Não é o meu chefe. A irmãzinha faz o que ela quiser. *Com quem* ela quiser. Você não é o meu papai.

Meu orgasmo despontou, e eu estremeci na mesma hora, então inclinei a cabeça para trás, sentindo o calor se espalhar pelos meus poros à medida que o prazer varria o meu corpo.

— Ah, caralho — gritei. — Porra.

Cada músculo se contraiu enquanto a onda avassaladora me dominava, e por mais que meu corpo estivesse dolorido por causa daquela posição, gozei tão gostoso quase ao ponto de chorar.

Mantive-me daquele jeito por quase um minuto, só então me abaixando na banheira quando me acalmei.

Eu o odiava. Ele representava tudo o que já havia acontecido de ruim comigo.

Mas ele foi a única vez – além do balé – onde me senti viva. Estar com ele era o mesmo que dançar. Como se tivesse dançado com a morte.

Depois de alguns instantes, quando tudo à minha volta se tornou tão silencioso quanto antes, abracei os joelhos contra o peito outra vez.

— Eu sei que você está aí — comentei, para seja lá quem fosse a pessoa de pé no aposento. Onde eu sempre soube que ele estava, porque o ar na casa estava pesado, tudo muito quieto, e eu era capaz de sentir o cheiro de cravo nas roupas dele, a fonte em sua pele, e seu hálito cálido.

— E agora você sabe... — continuei — que eu sempre fecho os olhos quando gozo.

Quando estávamos na escola, ele me perguntou se quando sentia prazer, fechava os olhos, e agora ele tinha a resposta.

Ele não se moveu, e nem eu. E já não me importava com mais nada. Estava cansada de tentar pensar no que ele faria. Agora era ele quem ficaria pensando no que eu era capaz de fazer.

Isto era um jogo para ele, e estava tudo bem.

Ele só não era mais o único jogador agora.

Capítulo 15

Damon

Dias atuais...

Inclinei-me acima da banheira, as mãos firmemente agarradas às bordas enquanto eu pairava a menos de trinta centímetros de sua boca vendo-a se masturbar.

Meu Deus. Ela era linda.

E minha. Completamente minha, mesmo que ela não gostasse, porra. Ela faria isso para mim. Só para mim, a partir de agora.

Uma mecha de seu cabelo pendia solta sobre seu rosto, passando por entre seus lábios a cada arquejo que ela dava.

Minha. Era por isso que eu tolerava Arion. Porque sua irmãzinha era a minha putinha favorita. *Deus, olhe para ela.*

Seu corpo balançando e os quadris rebolando, os peitos saltando, as pernas abertas enquanto se mantinha pendurada na borda da banheira... O fluxo de água provocando seu clitóris... Passei a língua pela parte de trás dos dentes, querendo assumir o lugar daquela água para provar de seu sabor, fodendo-a lentamente.

Ela dançava mesmo quando não estava de pé.

Ela cavalgou com mais força, fodendo e gozando ao inclinar a cabeça para trás e gemer, e meu olhar varreu seu corpo de cima a baixo, recordando tudo o que eu já havia tocado e absorvendo as mudanças ao longo dos anos. A mesma barriga plana e coxas tonificadas. A mesma bunda redonda e durinha e os seios firmes, com mamilos projetados para serem chupados.

Mas seu cabelo era mais comprido agora, havia músculos mais definidos

em seu abdômen e pernas, e sua boceta... A coisa mais apertada onde já estive. Ela era uma mulher. E eu não precisaria ser nem um pouco gentil com ela dessa vez.

Olhei para o seu rosto novamente, inclinando a cabeça e observando suas sobrancelhas franzirem diante do prazer e agonia, querendo nada mais do que beijá-la para sentir o sabor do suor que se formava acima de seu lábio superior.

Será que ela estava pensando em mim? Será que fazia isso sempre? Ela estava assim tão louca para transar? Será que parecia tão gostoso quanto ter um homem entre suas pernas?

Já fazia um bom tempo que eu não me sentia como ela agora.

Winter relaxou o corpo na banheira, agarrou os joelhos contra o peito novamente e começou a respirar com mais calma.

Não, faça isso de novo. Meu pau estava duro pra caralho, e se eu

a penetrasse naquele instante, quão molhada ela estaria para mim? Meu Deus, o que ela estava fazendo comigo? *Faça isso de novo.*

— Eu sei que você está aí — ela disse.

Meu olhar se focou no dela, vendo-a encarar o nada, serena e decidida.

— E agora você sabe... — ela prosseguiu — que sempre fecho os olhos quando gozo.

Fiquei ali parado, o calor que incendiou meu corpo momentos atrás agora se tornando gelo. Ela sabia que eu estava aqui. Sabia desde o início. Achei estranho ela ter deixado a porta aberta. Apenas deduzi que acreditava estar sozinha em casa. Não podiam me culpar por ver o que acontecia em plena vista.

Mas ela planejou isso.

E eu levantei minha mão, levando-a até o seu rosto; os dedos curvados em garras preparadas para torcer seu lindo pescocinho... no entanto, me contive. O objetivo dela era me provocar, e não é desse jeito que você vai acabar na minha cama, Winter.

Ela achava que era forte. Pensava que poderia brincar comigo.

Ela poderia tentar. *Já tive você uma vez. Vou tê-la de novo.*

Ergui o corpo devagar e fiquei ali parado até que ela finalmente saiu da banheira, enrolando-se em uma toalha pouco antes de sair. Eu a segui, silenciosamente, parando do lado de fora da porta do banheiro e observando-a

caminhar pelo corredor. Em momento algum ela virou a cabeça para trás, temendo haver alguém atrás dela, e entrou em seu quarto, fechando a porta atrás de si.

Inspirei profundamente, absorvendo o silêncio da casa e já antecipando as longas noites à frente. Ari e a mãe já não estavam mais ali.

Seu pai estava desaparecido.

Tudo estava saindo como planejado.

Entreí no meu quarto e fechei a porta, vendo Mikhail levantar a cabeça do lugar onde dormia na cama. Ele saltou para o chão e abanou o rabo, deixando a língua pendurada.

Não consegui evitar o sorriso quando enfiei a mão no bolso para pegar um petisco. Ele o devorou na minha mão, e acariciei seu pelo dourado com a outra. Era impressionante como alguns animais sabiam que não deviam morder a mão que os alimentam, enquanto outros nunca negavam sua natureza pelo que realmente eram.

— Não consigo dormir, garoto — eu disse, passando agora ambas as mãos em seu pelo. — Não é tão complicado para um animal, não é mesmo? Por que as coisas que preciso não podem ser as mais básicas?

Ou físicas?

Eu queria foder. Queria fazer isso devagar, sentindo o medo e o desejo dela, e recebendo de sua boca o que eu lhe daria com a minha.

Mas eu precisava da mente dela.

— Está tudo na minha cabeça — murmurei.

O controle. As lembranças. A certeza de que nossos corpos nos traem, e que é o nosso cérebro que é o verdadeiro prêmio. De que nossa mente sabia o que realmente queríamos, não o nosso corpo.



— Acorda! — sussurrei, sacudindo Banks ao meu lado. — Levanta! Ela ergueu a cabeça do travesseiro, ainda meio sonolenta.

— Hum... O quê?

Arranquei as cobertas de cima dela e segurei seu pulso, puxando-a para fora da minha cama. Era quase como sair arrastando uma criança de cinco anos. Minha irmã tinha catorze, mas ainda era tão franzina e pequena, comparada comigo, que era apenas um ano mais velho que ela. Minha cueca boxer e camiseta ficavam penduradas em seu corpo como se fossem cortinas.

Ouvi os passos nas escadas do lado de fora do meu quarto, e me lembrei de que esqueci de trancar a porta.

Empurrei Banks para dentro do closet, e ela se sentou, já sabendo o que tinha que fazer. Ajeitei os fones de ouvido nela, com uma música de metal pesado tocando.

— Não saia daí até que eu venha te pegar — disse.

Então fechei o closet no mesmo instante em que a porta do meu quarto se abriu.

Minha mãe, descalça e usando um vestido em um tom profundo de roxo, entrou no quarto e deixou transparecer a surpresa em seu rosto quando me viu acordado.

Ela sorriu e trancou a porta antes de vir na minha direção.

— Ainda de pé? — perguntou, e o tom musical de sua voz me fez estremecer.

Parecia algo surreal, porque não se encaixava em nada com o que acontecia nesse quarto. Nada aqui era alegre ou inocente.

Ela se aproximou, colocou as mãos no meu rosto, dando toquinhos suaves como se estivesse medindo a temperatura ou qualquer merda dessas, mas o toque se tornou mais íntimo. As pontas dos dedos se arrastando languidamente pela minha pele. A mão pousando suavemente em meu pescoço. A forma como parou perto o suficiente para que seus seios roçassem meu peito nu através do tecido de sua camisola.

— Está com problemas para dormir? — perguntou. E então sorriu, brincando: — Alguém precisa de seu sonífero.

Meu sonífero. Porque era altamente medicinal que garotos em fase de crescimento tivessem seus paus ordenhados pelas suas mães.

Ela acariciou meu rosto e ombros, olhando para mim, como se eu ainda tivesse onze anos e fosse seu garotinho.

— Posso cuidar de todas as necessidades do meu filho. — Ela sorriu e avançou, enlaçando o meu pescoço. — Um garoto tão lindo. Você será um homem muito poderoso algum dia.

Então pressionou o corpo contra o meu, e eu fechei meus olhos, tentando ir para o lugar onde sempre ia. Podia fingir que ela era outra pessoa. Uma garota da escola. Alguma colega de sala.

Minha mãe ainda era jovem, só tinha dezesseis anos quando nasci, então sua pele ainda era firme e o corpo definido por conta de anos como bailarina, seu cabelo preto era comprido e sedoso, e tão perfumado...

Já tinha transado antes. Com algumas garotas da cidade. Mulheres que meu pai contratava. Eu podia fazer isso.

E se eu quisesse que isso parasse, a quem eu deveria dizer, de qualquer forma? Meu pai não estava nem aí. Ninguém se importaria, e contar sobre o assunto só iria fazer com que ele ficasse com raiva e fizesse os outros debocharem da minha cara. Eu seria fraco e motivo de vergonha para ele.

Não poderia contar.

Isso não era nada demais. Minha mãe não era fora do comum. Homens olhavam para Banks do mesmo jeito que minha mãe olhava para mim. Era por isso que mantinha minha irmã escondida. Para que eles não pudessem perseguir-la.

Eu via muita merda por aí, e não sabia se isto era errado, mas nunca tinha fim, e acabei me acostumando com tudo o que acontecia tarde da noite. Talvez isso acontecesse em todo lugar e ninguém falasse sobre o assunto.

Mas então ela esfregou meu pau por cima do jeans e eu simplesmente não podia.

— Não, pare — rosnei, tropeçando para trás. — Eu não quero isso.

Eu simplesmente não queria, porra. Não contaria para ninguém, mas também não faria o que não queria mais fazer.

— Damon — ela protestou.

Ela avançou na minha direção, mas parou e então olhou para o chão. Ela levantou um pé e inspeciona as manchas na madeira.

— Isto é... sangue? — perguntou e se agachou, erguendo a barra do meu jeans ao ver o sangue encharcando o tecido. — Ah, meu Deus, o que você fez?

Aparentemente, não o bastante. Eu havia esquecido por completo sobre os cortes quando ela entrou, porque a pele ferida não doía o suficiente para mascarar toda a merda que ela trazia.

Segurando minha mão, ela me arrastou até o banheiro contíguo ao

meu quarto e me empurrou contra a pia, levantando meu pé.

— Isso são cortes? — indagou.

Até parece que ela estava chocada. Ela sabia o que vinha fazendo por anos. Os cortes ocultos nas solas dos meus pés. As cicatrizes por dentro dos braços e por baixo do cabelo. Os arranhões e queimaduras que escondia por baixo da cueca até que se curassem e eu fizesse tudo outra vez. Tornei-me bastante criativo em esconder as merdas que eu fazia para me causar dor.

Ela molhou uma toalha e me empurrou mais para trás, fazendo-me sentar sobre a pia, e então levantou meu pé.

No entanto, afastei-me do seu toque de supetão.

— Eu mesmo faço isso!

Ela me deu um tapa no rosto e minha cabeça virou para o lado, a ardência do golpe me fazendo fechar os olhos, grato por aquilo. Uma fina camada de suor se formou em todo o meu corpo.

— Fique calmo — ela tentou me tranquilizar como se eu tivesse cinco anos. — Você não precisa falar nada. Lembra do que disse antes? Você não tem que dizer nada. Eu sempre sei do que você precisa.

Ela limpou o sangue, colocou um curativo nos cinco cortes que fiz, e checou o outro pé, suspirando, aliviada, quando não viu nenhum machucado.

— Você tem que ser mais cuidadoso — ela disse. — O time de basquete precisa de você. Não dá para machucar os pés desse jeito.

Era por esse motivo que eu fazia isso. E não afetava nem um pouco o meu jogo. No mínimo eu jogava com mais garra e mais velocidade, de forma que a agonia ao correr pela quadra pudesse me esgotar, daí eu não precisaria pensar ou brigar quando voltasse para casa.

— Melhorou? — perguntou.

Ela não esperou pela minha resposta. Avançando na minha direção, enlaçou o meu corpo outra vez e beijou minha bochecha, trilhando um caminho pela minha mandíbula até a boca.

— É um garoto tão bonzinho — sussurrou. — Com tanta energia e músculos. — Suas mãos se moveram pelo meu corpo à medida que seus beijos se tornaram mais longos e molhados. — Tanta resistência física e poder. — E então sua mão alcançou o meio das minhas pernas, massageando meu pau. — É um garoto bonzinho e bem-crescido.

Agarrei o cabelo à sua nuca e ela gemeu quando meus dedos cravaram em seu couro cabeludo. Então encarei meu reflexo no boxe do banheiro.

Vadia.

Puta.

Vagabunda.

Não passava de uma transa.

— A mãe de Rachel Kensington me ligou — ela disse, lambendo,

beijando e arfando contra o meu pescoço. — Ela disse que encontrou você e a filha dela quase nus no sofá da sala noite passada.

Eu a segurei pela cintura, apertando a carne através da seda da camisola, sem nem pestanejar enquanto me encarava e deixei todas as emoções me rasgarem por dentro.

Raiva.

Vergonha.

Medo.

Violência.

Dor.

Tristeza.

Impotência.

Todos se acumularam juntos até que eu não era mais capaz de diferenciar um do outro, e não conseguia nem mesmo me reconhecer no reflexo do vidro. Tudo desapareceu do meu cérebro, minha mente se esvaziou, e minhas mãos pararam de tremer. Eu era apenas um corpo.

Este era eu.

Eu era eu.

— Ela estava feliz por não ter acontecido nada mais sério — minha mãe continuou.

Rachel quem?

— Aw, meu queridinho — ela acalentou. — Eu entendo. Meninos sempre serão meninos, e ela te provocou, não é mesmo? E não te deixou pegar o que queria, não é?

Afundi os dedos em seu crânio, apertando seu quadril com mais força.

— Ssshhh... — ela disse, tentando se afastar do meu agarre. — Garotas novinhas não entendem o que os meninos precisam. Está tudo bem. Estou aqui. — Seus lábios deslizaram pelo meu rosto, e ela choramingou ao tentar aliviar o puxão que dei em seu cabelo.

— Você pode fingir que sou ela — minha mãe disse, e meu pau inchou cada vez mais. — Mostre-me o que você ia fazer com ela. Mostre-me como você queria foder aquela garotinha idiota.

Não, não, não...

— Mostre-me — exigiu. — Quero que você me foda.

Não...

— Pegue o que é seu — ela rosnou. — Dê àquela garota o que ela merece.

Perdi o fôlego, sentindo as lágrimas brotarem nos meus olhos, e pulei da pia. Dei a volta e agarrei-a pela nuca, inclinando-a contra a bancada de mármore.

Ela abriu as pernas e puxou a camisola para cima, mordendo o lábio inferior.

— Esse é o meu garoto.

Segurei sua cabeça bem diante do espelho, vendo-a me provocar.

— Faça isso, querido — sussurrou. — Goze dentro de mim. Venha, venha, venha...

E então a encarei com ódio, apertei meu agarre em seu pescoço e cabelo e a pressionei contra a bancada, e puxei sua cabeça para trás...

Ela arfou, pronta para receber o que queria.

E eu afundei sua cabeça contra o espelho, tão forte quanto podia, estilhaçando o vidro enquanto ela gritava.

— Damon! — ela gritou, desesperada, mas não consegui parar.

Uma onda de êxtase percorreu o meu corpo, e não consegui descobrir porque minhas bochechas estavam úmidas, mas meus músculos estavam sobrecarregados e tudo o que mais queria era matá-la.

Dei um grunhido, e bati sua cabeça uma e outra vez contra o espelho, vendo o sangue cobrir a superfície; puxei seu corpo flácido para cima, agora todo ensanguentado, e dei um soco nela, jogando-a no chão.

Ela tossiu e estremeceu, lágrimas grossas deslizando pelo seu rosto, mas naquele instante, eu soube.

Aquilo não voltaria a acontecer.

Nunca mais. E eu a mataria se fosse preciso.

Avistando algo em minha visão periférica, olhei por cima do ombro e vi Banks parada ali, imóvel, com meus fones de ouvido na mão.

Ela olhou para minha mãe no chão do banheiro – ensanguentada e frágil –, e depois olhou para mim completamente assustada.

Fui até ela, agarrei sua mão e saí correndo do quarto. Ela não fez perguntas enquanto a puxei pelas escadas abaixo, pela casa e a levei em direção ao jardim nos fundos da casa.

A lua lançou um brilho singular sobre o labirinto de sebes, e nós nos enfiámos ali dentro, sabendo o caminho a seguir para chegar à fonte no centro.

Nós escalamos o chafariz e nos acomodamos por trás da cortina d'água, como eu já havia feito milhares de vezes antes, mas somente uma única vez com uma garota que não fosse minha irmã. Banks não perguntou o que aconteceu ou o que eu faria. Ela sabia que não devíamos conversar aqui.

Estendi a mão por baixo da fresta da bacia acima da nossa cabeça, e desenterrei a presilha prateada com cristais rosados que mantinha escondida ali, lembrando-me das palavras de Winter Ashby, tanto tempo atrás, naquele mesmo lugar.

Seu corpo só é capaz de sentir uma dor de cada vez.

Ela estava certa. Descobri que isso era verdade.

Mas ao invés de machucar a mim mesmo para mascarar meu sofrimento com outro pior, esta noite aprendi algo diferente.

Machucar aos outros era eficaz do mesmo jeito.



Minha mãe foi embora depois daquela surra. Uma hora depois, eu e Banks voltamos para o meu quarto e descobrimos que ela tinha sumido; nós adormecemos sem nem mesmo trancar a porta, porque sabíamos. Nós não poderíamos impedir que as merdas do mundo acontecessem com a gente, mas poderíamos reagir contra elas.

Na manhã seguinte, ela também não apareceu e nunca perguntei para onde havia ido. E, com o passar do tempo, meu pai não fez esforço algum para trazê-la de volta. Não a vi mais, até uns dois anos depois.

E cuidei do assunto de uma vez por todas naquela noite.

Assim como eu lidaria com Winter e a falsa esperança com a qual quase me destruiu.

— Eu quero que deseje isso — comentei com Mikhail, vendo seus olhos castanhos focados nos meus. — Quero que ela me queira, que me dê seu coração, e que seja minha doce, meiga e sorridente diabinha, agarrada a mim e incapaz de se conter. — Meu coração acelerou. — E então, quero que ela se odeie por causa disso. Que surte e odeie o fato de adorar tanto o que faço com ela, daí, ela vai saber que é fraca e tão patética quanto qualquer outra vadia. Que ela não é especial.

Assim que eu a vir como todos os outros, vou destruí-la e matar minha obsessão por ela. Vou exterminar o poder que ela tem sobre mim, assim como fiz com Natalya.

— E acho que ela quer participar desse joguinho comigo — zombei, conversando com o animal.

Ouvi uma batida à porta.

— Entre — ordenei.

A porta se abriu e fechou em instante, então Crane disse às minhas costas:

— Ela está perguntando pelo cachorro, senhor.

— Diga a verdade a ela — instruí, acariciando o pelo do animal. — Ela não tem mais um cão.

— Ela afirma que ouviu ruídos na casa esta manhã — ele salientou. — Como se houvesse mais alguém aqui, logo depois que o senhor saiu. Ela ficou assustada e fugiu para St. Killian.

— Como ela conseguiu chegar lá?

— Uber — respondeu.

Dei uma risada irônica. Jesus. Nunca pensei nisso. A mulher sabia se virar, com certeza.

Então me lembrei da primeira parte do relato de Crane. Barulhos?

— Você acha que ela está exagerando? — perguntei.

— Não sei. Ela parecia muito segura de si — explicou. — Posso instalar câmeras e um sistema de alarme.

— Não — eu disse. — Contrate mais homens. Duas equipes de quatro guardas.

— Sim, senhor. Ela estará segura.

— De todos, menos de mim — esclareci.

— Sim, senhor.

Ela provavelmente estava alerta em excesso. Graças a mim.

No entanto, ela também mencionou o visitante no Teatro Bridge Bay há alguns dias. Alguém que entrou no banheiro e a assustou. Winter achou que havia sido eu.

Mas não havia sido.

A casa deveria contar com uma maior segurança, mas eu não gostava de câmeras ou vídeos. Aprendi do pior jeito a nunca deixar evidências.

E por conta do nosso bairro abastado e da baixa taxa de criminalidade, o pai dela nunca viu necessidade de equipar a casa com um sistema de alarme. Talvez eu mude isso em algum momento. Mas, por enquanto, eu gostava de entrar e sair na hora em que quisesse.

— E, senhor? — Crane insistiu.

— O quê?

— O celular dela estava tocando lá embaixo — ele disse, aproximando-se. — O senhor gostaria que entregasse a ela ou...?

Olhei de relance para o aparelho em sua mão estendida, divertido com sua modesta tentativa de me entregar o telefone, mas, ainda assim, completamente alheio ao problema.

Eu o peguei sem hesitar.

Ele saiu do quarto e eu me virei, vendo o aparelho bloqueado com uma senha padrão. Não conseguiria acessar, mas havia uma série de notificações visíveis na tela.

A maioria de Rika.

Uma matéria no jornal da cidade falando sobre a apresentação dela noite passada.

Algumas caixas de mensagens de suas redes sociais. Vários compartilhamentos e comentários no vídeo que havia viralizado.

Quase esmaguei o telefone. Ela não achava que sairia daqui, achava?

E então abri uma mensagem de Rika. Era o print de um comentário no Twitter, logo abaixo do vídeo de Winter dançando:

Esta garota devia estar em todo lugar! Por que não está fazendo um tour com essa apresentação?

Rika escreveu na legenda abaixo da imagem:

O que ela disse! Precisa de patrocinadores?
Conheço alguns. Vamos conversar.

Rangi os dentes, resmungando com o cachorro:

— *Kom-yen ya!*

Ele se postou ao meu lado enquanto eu saía do quarto levando o telefone comigo. Deixei o aparelho sobre a mesinha do *foyer* e abri a porta com brusquidão, saindo de casa.

Rika filha da puta.

— Fique aqui — instruí Crane, que lavava um dos outros carros. — Ela não sai de casa de forma alguma.

Ele assentiu e entrei no meu carro às pressas, o cachorro tomando o assento do carona. Acelerei e quase explodi o velocímetro em questão de segundos.

Maldita.

Meus ex-amigos eram os únicos que poderiam proteger as pessoas na vida de Winter, a quem eu ameaçava, e era por isso que eu precisava de Rika do meu lado. Parecia que ela estava cansada de esperar que eu cumprisse minha parte no acordo, então estava tentando desfazer a parte dela.

Ela me deu Winter. E agora estava tentando afastá-la de mim.



Entre no saguão amplo, mantendo-me oculto nas sombras enquanto uma porção de atividades acontecia ao redor. Eu sentia falta desse lugar. Hunter-Bailey era um clube bacana para relaxar exatamente por ter sido projetado para homens, proibindo a entrada de mulheres.

Todas, menos uma.

Depois de uma investigação, descobri que Rika havia organizado duas noites de lutas de esgrima por semana no clube, e uma delas era exatamente hoje. Aquilo sempre fora um *hobby* para ela, da mesma forma que sua coleção de espadas e todo tipo de adagas, e enquanto nenhuma outra mulher tinha permissão para entrar ali, Rika podia entrar e sair ao seu bel-prazer, contanto que estivesse disfarçada. As vantagens de ser noiva de uma estrela do time de basquete do Storm, e ser a futura nora do homem que possuía uma boa parcela de Meridian.

Alguns lutadores de boxe estavam no ringue à esquerda, enquanto outros malhavam e alguns frequentadores se espalhavam pelas poltronas ao redor, bebericando seus drinques e conversando.

Segui em direção ao som de floretes se chocando e entrei em outra sala à direita, vendo mais assentos ocupados, o bar lotado e alguns membros duelando entre si, vestidos em seus equipamentos brancos de proteção e capacetes.

Avistei Rika logo mais à frente. Seu corpo feminino era inconfundível naquela calça apertada.

Ela avançou em seu oponente, pousando a ponta de florete no coração do homem, seguido de um rosnado assim que ele se afastou antes de ser atingido outra vez.

Eu queria ir até lá e arrastá-la para longe dali, naquele exato momento, mas não deveria estar aqui, já que Michael fez com que cancelassem meu cartão de sócio há dois anos. Mal havia conseguido me esgueirar.

Observei a forma como ela avançava e recuava, girando os punhos e balançando a arma. Como uma coreografia. Metódica. Era como uma partida estratégica de xadrez, mas também se parecia a uma dança. Graciosa e majestosa.

Não tinha certeza de quanto tempo fiquei ali parado, recostado contra a parede, observando-a, e quando ela acabou, nem mesmo sabia se havia vencido a partida ou não. Mantendo a máscara sobre o rosto, ela abaixou o florete e foi para o outro lado da sala, em direção às escadas.

Eu a segui na mesma hora.

Eles não possuíam um vestiário feminino aqui – ou não tinham, na última vez em que estive no clube –, então deduzi que ela trocaria de roupa em um quarto privativo.

Subi os dois lances de escada, e assim que cheguei ao terceiro andar, cruzei o corredor silenciosamente. Portas se alinhavam de cada lado, e eu já não sabia em qual delas Rika havia entrado.

Havia dois escritórios, uma biblioteca, alguns quartos e, mais à direita, passei pela sala de bilhar. A porta estava aberta e Rika se mantinha recostada contra uma mesa de sinuca, de costas para mim. Parei, vendo-a encarar uma coleção de armas penduradas na parede.

— Michael não queria que eu viesse hoje à noite — ela disse.

Sorri para mim mesmo. Não conseguia mais pegá-la de surpresa.

— Ele sabia que você devia conhecer a minha rotina — ela continuou. — Mas ultimamente, por mais que esteja feliz com tudo o que acontece na minha vida, os duelos são os únicos momentos onde me sinto segura do que estou fazendo. O único momento onde meu golpe é certo. Eu não podia perder isso.

Ela se endireitou e se virou, ainda trajando seu equipamento de esgrima, com exceção do capacete. O cabelo loiro estava preso em um rabo de cavalo alto, e ela olhou para a mesa, brincando com uma bola

rosa distraidamente.

— Sabe, depois daquele nosso encontro na boate — ela disse —, comecei a ler um pouco mais sobre xadrez. Quer dizer, eu sei como se joga. Meu pai fez questão de me ensinar. Mas nunca fui muito boa com isso.

Cheguei mais perto da mesa, atento ao que dizia.

— Pensei que o valor de cada peça aumentava conforme sua proximidade com o rei, mas isto não é verdade. — Ela me encarou. — Além da rainha, a outra peça mais importante do jogo é...

— A torre — concluí.

— Sim — assentiu.

— Então você está finalmente pronta para começar? — perguntei, servindo-me uma taça de vinho.

No entanto, ela se virou outra vez e olhou para a parede repleta de armas.

— O jogo já começou.

A pulsação da minha veia no pescoço aumentou enquanto eu levava a bebida até a mesa. Estava mais do que pronto para esta merda.

Mas, embora gostasse dos meus jogos, intrigas e loucuras, não gostava de fazer tudo aquilo sozinho. Queria alguém ao meu lado. Queria *ela* do meu lado.

— Tudo isso é meu — ela disse, gesticulando para o arsenal exposto na parede, então virou a cabeça e me encarou. — Só levei alguns meses para organizar. Algumas foram compradas, outras trocadas e algumas foram emprestadas de coleções particulares.

Ela se virou outra vez, estudando cada peça. Meu olhar estava focado em sua nuca enquanto eu bebericava meu drinque.

— A curadora do Museu Menkin adoraria ter essas peças na exposição de armamentos que está organizando para o próximo verão — explicou. — E estou disposta a ceder a seu pedido em troca de um favor de seu marido, assim que eu decidir telefonar.

Um favor? Quem era o marido da tal mulher?

Ela parou e então esclareceu:

— Seu marido, o futuro *comissário da polícia*, Martin Scott.

Martin Scott.

Pisquei, surpreso, sentindo a raiva revirar meu estômago.

Como Emory Scott.

A garota cujo abusivo irmão mais velho – policial –, levou Kai e Will à prisão, depois que os dois o espancaram por vingança quando descobriram que ele batia na irmãzinha.

Irmãzinha que já não era mais tão novinha e por quem Will ainda se mantinha obcecado.

Ele nos odiava, e agora detinha mais poder em suas mãos do

que antes.

Rika avançou, agarrou uma espada da parede e girou bruscamente, segurando a arma ao lado do corpo enquanto me fuzilava com o olhar.

— E adivinhe com quem ele joga sinuca toda sexta-feira à noite? — ela zombou.

Putá que pariu. Apertei a haste da taça com mais força.

— Veja, sempre fiquei imaginando uma coisa... — ela disse, dando a volta na mesa. Fiz o mesmo, com minha taça em mãos. — Kai e Will pegaram pena por terem espancado Martin Scott, mas... — ela me encarou. — Eles não eram os únicos ali. Havia alguém filmando.

Sua merdinha.

— E isso é o mesmo que... ajudar e ser cúmplice, não é? — instigou.

O cálice partiu em meu punho cerrado e senti a físgada do corte assim que o líquido e os estilhaços caíram no chão.

Ela sorriu com sarcasmo para mim, um brilho empolgado no olhar.

— A rainha toma a torre.

Vadia do caralho.

— Monstrinha dos infernos — murmurei, soltando fogo pelas ventas.

— Kai e Will protegeram você — ela afirmou, tentando conter o sorriso. — Essa acusação, somada à de estupro estatutário? Você ainda estaria na prisão. Se Martin Scott descobrisse...

— Não há provas.

— Mas há o Kai e Will — ela rebate. — E eles estão putos com você nesse momento.

Maldita filha da puta. Martin Scott sabia que era eu quem filmava sua surra mais do que merecida, mas sem um motivo para que Will e Kai mantivessem sigilo sobre minha participação, tudo o que eu tinha era Rika. Ela mexia os pauzinhos.

Ela deu a volta na mesa, ergueu a espada e apontou diretamente para mim.

— Você não vai obrigá-la — despejou seus termos. — Você não vai ameaçar, torturar ou coagi-la para ir para a cama com você. Não vai tocá-la.

Levantei as mãos e as apoiei na mesa, inclinando-me para nivelar nossos olhares.

— E se ela *quiser* que eu a toque?

— É legal sonhar alto, Damon.

Quase dei uma risada, mas não consegui conter o sorriso.

— Meu Deus, você é a minha versão feminina — atestei. — Isso me deixa com tesão.

— Faz sentido. Você só ama a si mesmo.

Estreitei minha postura outra vez, limpando uma das mãos na outra. Ela era extraordinária, e caso não estivesse armando contra mim, pensaria que era brilhante.

Astuta. Corajosa. Esperta.

E fria quando precisava ser.

Gélida.

— A rainha — zombei, rolando uma bola pela mesa assim que me lembrei de algo. — A rainha da neve.

Ela entrecerrou os olhos, parecendo confusa.

— Anos atrás — expliquei —, quando seu pai trouxe a jovem noiva da África do Sul, soube que meu pai ficou meio apaixonado por ela. Acho que ela fez com que ele se lembrasse da bela rainha da neve, do espetáculo de balé *O Quebra-Nozes*. — Abaixei um pouco o queixo, lançando-lhe um olhar perspicaz. — E era assim que ele se referia a ela. Sua *pequena* rainha da neve.

Ela grunhiu e avançou, e recuei no momento em que ela acertou a mesa com a espada. Rika pulou por sobre a mesa e veio na minha direção.

Não gostou da minha insinuação de que meu pai tenha conseguido se enfiar dentro da calcinha da mãe dela?

Ela mirou minhas pernas com a espada, mas chutei a lâmina de sua mão e a joguei no chão, pressionando seus ombros contra a madeira.

Seu rosto estava vermelho de fúria.

— A rainha é o jogador mais valioso — eu disse —, mas, para vencer, ela não pode ser a última a permanecer no tabuleiro. A função dela — parei, arqueando uma sobrancelha — é proteger o rei.

Ela puxou uma faca de algum lugar e pressionou um lado da lâmina contra o meu pescoço. *Meu Deus*. Ela devia ser divertida na cama.

Sorri com sarcasmo.

— Você não vai me machucar.

— E por que não?

— Porque somos amigos.

— Você não sabe o que essa palavra significa! — disse, ríspida.

— Você não dá a mínima para mim!

— Eu mataria por você — retruquei, quase grudando nariz com nariz.

A expressão de incredulidade em seu rosto, como se não soubesse se deveria rir ou sentir-se emocionada, reproduzia exatamente o mesmo que estava acontecendo na minha cabeça. Sim.

Aquilo meio que escapuliu, mas eu achava que era verdade. Houve uma época em que eu mataria por Michael, Kai e Will. Ainda

poderia fazer isso.

Mas, definitivamente, faria o mesmo por Erika e Banks. Elas podiam até não gostar muito de mim, mas me entendiam.

Afastei a faca do meu pescoço e a encarei.

— Agora estou impressionado, mas você está do lado errado — comentei.

E então peguei o pen drive do bolso do paletó, com toda a informação que Alex coletou. A evidência que eu disse que conseguiria em troca dos dados sobre o pai de Winter que Rika havia conseguido para mim.

Ela me encarou, dando-se conta do que era aquilo e toda a raiva sumiu quando pegou o dispositivo USB da minha mão.

Saindo de cima dela, sentei-me ao seu lado.

— Tem mais de onde isso veio. Só preciso de mais alguns dias.

— É ruim? — ela perguntou, olhando para mim.

— É exatamente o que te disse no ano passado — afirmei. — Eu te disse que não minto. Evans Crist, juntamente com o meu pai, mataram o seu.

Aquilo foi algo que descobri ao longo dos anos, ouvindo, acidentalmente, algumas conversas pela casa. Depois coloquei Alex para cuidar de Evans Crist – o pai de Michael –, além de reunir imagens das câmeras de segurança e extratos bancários que eu sabia que ele arquivava por garantia, caso quisesse colocar toda a responsabilidade em cima do meu pai.

— Seu pai também estava envolvido? — Rika quis saber. — Por quê?

Aquela era uma excelente questão, e uma cuja resposta eu não fazia ideia. Era óbvio o motivo pelo qual Evans queria se livrar de Schraeder Fane. Eles eram amigos, e Evans possuía uma procuração para cuidar de todos os bens do amigo, caso alguma coisa acontecesse. E foi aí que o pai de Michael viu a oportunidade. Ele queria casar Rika com seu filho mais novo, Trevor, assim que os dois estivessem com idade suficiente, de forma que a fortuna dos Fane ficasse com eles. Ele sabia que Schraeder não tinha a menor propensão de permitir que a filha se casasse tão jovem, porém a mãe dela, Christiane, poderia ser mais maleável.

Agora, o porquê meu pai o ajudou, eu não fazia a menor ideia. Ele não ganharia nada com aquilo. Talvez como uma forma de favor?

— Não sei ainda — admiti.

Ela se sentou e a vi encarando o pen drive ao mesmo tempo em que tocava a cicatriz no pescoço. A mesma marca que ganhou quando sofreu o acidente de carro aos treze anos, onde seu pai perdeu a vida. Seu pai foi morto porque os freios foram cortados. Gabriel e Evans não imaginavam que ela estaria no carro naquele dia, mas, graças a Deus,

ela sobreviveu.

Porque eu precisava dela, e tínhamos um trabalho a fazer.

Capítulo 16

Winter

Cinco anos atrás...

— Está tudo pronto? — Sara Dahlberg perguntou, assim que entrei na bilheteria.

Juntei todas as moedas na minha mão e as coloquei de volta na bandeja, registrando o valor total em um bloco de notas; digitei os entalhes com a minha caneta no local exato.

— Sim.

— Vou contar suas cédulas. — Ela puxou a bandeja para o seu lado, e ouvi o farfalhar do dinheiro sendo contado para finalizar minha conta.

— Obrigada.

Fechei o computador e desliguei o letreiro do lado de fora, finalmente interrompendo o constante zumbido das luzes de neon. Eu só estava trabalhando há oito semanas ali, mas o ruído já me irritava além da conta. Preferia trabalhar no serviço de buffet, mas a gerente ficou preocupada sobre como eu lidaria por trás dos balcões com a movimentação caótica dos outros funcionários. Eu sabia que podia me adaptar, mas ela já estava acostumada com um esquema que funcionava bem, então...

Não dava para esperar muita coisa dela, de todo jeito. Ela pensava que eu não era capaz de fazer um monte de coisas. Só me deu esse trabalho, pouco antes do meu segundo ano no ensino médio começar algumas semanas atrás, para que eu parasse de encher o saco sobre dançar com a companhia de balé, já que o teatro não somente oferecia sessões de cinema, mas também apresentava peças, orquestras sinfônicas e espetáculos de balé.

Comecei a procurar emprego assim que o último ano do ginásio acabou, de forma que pudesse me manter ocupada e desfrutar de um pouco de independência, mas não tive muita sorte, então ou era aceitar esse trabalho ou ficar em casa aguentando a constante vaidade de Arion e ouvindo as brigas dos meus pais.

— Tudo bem — Sara disse. — Aqui está.

Levantei os braços e ela me entregou a bandeja com o valor contabilizado anotado num pedaço de papel, mantendo a porta aberta para que eu passasse. Apoiei a bandeja por baixo do braço, equilibrando-a no meu quadril, e estendi a mão à frente para encontrar o caminho até o escritório da gerente.

Acabei me acostumando a trilhar aquele percurso nos últimos dois meses, contando meus passos.

Dois meses.

Dois meses desde que comecei a trabalhar de verdade.

Dois meses até o Natal, o único momento em que eu e Arion nos relacionávamos.

Três meses até que eu completasse dezessete anos.

Menos de dois anos até que me formasse no ensino médio, e dois anos desde que conversei com ele.

Dois anos inteiros.

A noite daquela volta com o carro e a moto foi a última vez que ele me visitou. Por que nunca mais voltou?

Inúmeros cenários se atropelavam na minha mente de vez em quando.

Ele havia sido preso.

Ele havia se mudado para outra cidade.

Ele havia morrido.

Todas aquelas possibilidades eram agonizantes, mas não tão dolorosas em comparação à mais provável.

Ele havia perdido o interesse.

Ele se divertiu, seguiu em frente e estava feliz e sorridente com outra pessoa, enquanto eu ficava ali sentada e sentindo sua falta.

E era por isso que arranjar um trabalho era uma boa ideia. *Se você não consegue manter a cabeça no lugar, então pelo menos a mantenha ocupada.*

No entanto, eu ainda me mantinha muito ligada nele. Seguindo com a minha vida como se ele estivesse me observando ao longe. Passei a cuidar mais do cabelo, pedir conselhos sobre maquiagem para Ari – e ela se mostrou muito legal em me ajudar – e dançar. Eu dançava até tarde da noite, depois que todos iam dormir, na esperança de que ele estivesse lá e soubesse que era seguro se esgueirar para me ver.

Duas estranhas, porém fascinantes visitas há dois anos, e eu ainda andava por aí como se ele estivesse me observando.

Porque eu podia jurar que às vezes achava que ele realmente estava. Depois da Noite do Diabo e do sumiço dele, eu poderia estar em uma festa, ou num jogo de basquete, ou sentada no terraço, debaixo do toldo em um dia de chuva de verão, ouvindo meus audiobooks, e então... eu sentia. Seu olhar me incendiando.

Eu achava que ele poderia ainda estar me olhando de longe, mas por que cortar o contato?

Provavelmente era apenas minha mente me pregando peças, mas isso dificultava esquecê-lo. Ele, definitivamente, havia sido bem-sucedido em criar uma primeira impressão, não é mesmo?

E em todo aquele tempo, desde que conversamos, nunca contei a ninguém sobre ele. Entrei no clube de dança na escola, fiz mais

alguns amigos, e apesar de me sentir mais à vontade lá, aquele era o único lugar onde eu me via livre de drama. Podia até imaginar como a história do meu misterioso encontro com um desconhecido sombrio se tornaria, de repente, um enredo onde fui forçada a dançar para um *serial killer* psicopata que queria trançar meus cabelos e cortar meus pés para guardar como recordação. *Não, muito obrigada.* Eu não deixaria ninguém arruinar minhas lembranças.

Sem mencionar que, se eu contasse a qualquer outra pessoa, correria o risco de os meus pais ficarem sabendo, e isso daria uma merda tremenda.

Levei a bandeja para o piso superior e entrei no escritório da gerente, colocando a bandeja sobre sua mesa.

— Obrigada, Winter — ela disse. — Como você está? Parece estar se adaptando muito bem aqui.

Hum-hum.

— Uma criança de nove anos daria conta desse serviço.

— Winter... — ela ralhou.

Eu não estava brincando, na verdade. Aquele era o típico serviço que um adolescente faria. Por mais que não precisasse de dinheiro, era legal ganhar uns trocados e sem muito estresse, e isso não me distraía dos estudos, mas aquele era o trabalho que ela pensava que eu poderia fazer. Ela escolheu para mim.

E eu queria fazer muito mais.

Fiquei ali parada, enrolando, e ela deve ter visto a expressão no meu rosto, porque parou de contar o dinheiro na mesma hora.

— Você quase quebrou um braço — ela suspirou, recordando.

Eu caí durante um treino há mais de um ano. Bailarinos caíam e quebravam alguns ossos o tempo todo.

— Você não pode dançar com o corpo de baile — continuou. — Seu ritmo é mais lento do que o nosso. Uma queda errada pode colocar sua vida em risco. Quer dizer... Você tem noção do que está nos pedindo, querida?

Cerrei a mandíbula, porque ela estava cansada dessa discussão, e eu já não tinha mais argumentos. Dancei inúmeras vezes naquele palco lá embaixo, quando criança. Eu dançava em casa, sem nenhum incidente. Sim, eu demorava um pouco mais para aprender os passos, e eu dificultaria a vida de todo mundo, e aquilo era uma droga, mas não era impossível. Já havia pensado nisso milhões de vezes, decorando as coreografias – tanto as minhas quanto as de outros bailarinos. Eu só queria uma chance.

Ela se levantou da cadeira, as rodinhas se arrastando sobre o piso, e segurou meu queixo suavemente entre os dedos.

— Os desafios surgem na nossa vida de forma que nos tornemos aquilo que estamos destinados a ser — ela disse. — Deus levou você

em um novo caminho emocionante. Confie em *Seu* julgamento e veja onde isso te leva.

Mas que merda?

— Comprei uma passagem de primeira-classe — afirmei. — Não vou pegar o ônibus.

Então dei a volta e saí dali, descendo a escadaria.

As pessoas eram impagáveis. As coisas que dizemos a nós mesmos para justificar uma desistência e entrar na linha, como se tivéssemos que aceitar qualquer coisa menos do que o que queríamos.

Eu faria uma turnê, e as pessoas pagariam para me assistir.

Fui em direção à bilheteria, peguei minha mochila e telefone e desliguei a luz, voltando para o saguão e rumo às portas da frente. Liguei para minha motorista para ver se ela já estava ali, mas a ligação caiu no correio de voz. Arion estava cursando um semestre de intercâmbio fora, pela faculdade, e meus pais tinham seus compromissos, então minha mãe contratou um serviço automotivo na cidade para que me buscassem e deixassem em casa e no trabalho. Aquilo provavelmente devia custar mais do que o salário que eu ganhava, mas como nossa cidade não possuía transporte público, era o único jeito que me restava. Tentei arcar com os custos, entregando meu pagamento, mas mamãe não aceitou.

Fiquei parada na calçada, ouvindo os barulhos dos carros passando e da música que vinha do *Sticks*, do outro lado da praça, mas me mantive perto das portas do teatro, de forma que ficasse em segurança até minha carona chegar. A equipe de balconistas ainda estava lá dentro cuidando da limpeza, então alguém poderia me ajudar, caso eu precisasse.

— Ei, Winter — alguém disse do outro lado da rua. — Quer uma carona?

Sara. Ela trabalhou junto comigo na bilheteria hoje à noite, e me treinou assim que cheguei para trabalhar ali. Pelo jeito, ela também estava de saída.

— Ah, não, está tudo bem — respondi. — Minha motorista já deve estar chegando.

— Minha motorista... — alguém repetiu, debochando.

Não reconheci a voz. Será que dei a impressão de ser metida?

— Não posso te deixar aqui sozinha — Sara brincou. — Vamos lá. Cancele sua carona. A gente te leva.

A gente?

Refleti por um instante, sem encontrar uma boa razão para recusar a oferta. A motorista não se importaria. Ela ainda seria paga e poderia ir para a cama mais cedo hoje.

— Tudo bem — murmurei. — Obrigada.

As portas do carro fecharam com um baque e o carro cantou

pneu, dando a volta até o lado da rua onde eu estava.

Sara desceu e segurou minha mão, guiando-me até o veículo. Gentilmente soltei minha mão e segurei seu braço.

— Você conhece a Astrid Colby? — ela perguntou, mantendo a porta aberta para mim. — E o namorado dela, Miles Anderson? Eles já estão no último ano. O carro é dele. — Então emendou: — Ei, gente, essa a Winter Ashby.

Parei na mesma hora.

— Hum, não quero dar trabalho. — Pensei que era ela quem estava dirigindo. — Minha carona já está a caminho. Está tudo bem.

Eu não conhecia nenhum dos dois, mas sabia quem eram. Eu, definitivamente, tinha a impressão de que eles eram encrenca.

— Relaxa. — Sara me cutucou. — Vamos te levar para casa num instante.

Okay. Contanto que ela estivesse junto, acho que tudo ficaria bem.

Retirei a mochila das costas e entrei no carro, sentindo o cheiro de fumaça de cigarro. Perdi o fôlego quando a pele nua das minhas coxas tocou o assento de couro frio. Eu ainda estava usando meu uniforme da bilheteria – saia xadrez, blusa de botão e uma gravata borboleta –, e assim que tomei meu lugar, enviei uma mensagem para a motorista.

Assim que Sara entrou e fechou a porta, o carro acelerou. Senti quando o veículo fez uma volta, então imaginei que ele estivesse rodeando a praça para, provavelmente, cortar caminho pelo bairro em direção à rodovia.

A julgar pelo ronronar do motor, o estofamento de couro e o baque pesado com que a porta foi fechada há alguns instantes, deduzi que se tratava de um carro antigo. Talvez um modelo esportivo clássico. Não queria ser uma babaca nem nada, porque o espaço ali dentro era até legal, mas eu preferia o som e a sensação de outro carro. O carro dele. O único que já dirigi e, provavelmente, dirigiria. Ágil, veloz, resposta imediata... dirigi-lo era o mesmo que cortar manteiga com uma faca.

E não dava para esquecer da sensação dele abaixo de mim. Talvez isso tenha tudo a ver com a minha lealdade àquele carro.

Achava que era uma BMW. Minha irmã ganhou um desses de presente quando se formou e, quando me sentei no banco, quase entrei num maldito transe ao perceber o mesmo emblema circular no meio do volante.

— Abaixa a porra do farol, babaca — o cara que dirigia disse.

— Ele está colado na sua bunda — Astrid comentou.

— Sim, você está sendo seguido, Miles — Sara acrescentou, debochando. — Já é quase a Noite do Diabo. Que as travessuras

comecem...

Ouvi a risada de escárnio que ele deu e mais uma baforada de cigarro me alcançou.

Isso mesmo. A Noite do Diabo era amanhã.

— Vocês estão programando alguma coisa? — Sara sondou. — É tão chato não ter os Cavaleiros aqui.

— Eles que se fodam — Miles cuspiu. — Podemos agitar geral.

Passei os dedos pelo cabelo, recolhendo tudo por cima de um ombro enquanto me mantinha virada na direção da janela. Miles era a única pessoa que já vi não demonstrar nenhuma adoração aos Cavaleiros. *Por que será?*

No entanto, a energia do pessoal da escola, desde que eles saíram, estava no lixo. O time de basquete estava sofrendo, e não havia mais nenhuma animação. Todo mundo parecia ter sido congelado no tempo.

Miles virou o carro à direita e pisou no freio, fazendo o veículo parar de supetão. Apoiei a mão na parte de trás de seu banco para me segurar.

— Dá o fora, vaca — Astrid disse.

Hein?

A porta do lado de Sara se abriu e a senti se movimentar.

— Valeu pela carona, gente — ela disse.

Congelei, sentindo todo o meu corpo tensionar. O quê?

— Vocês sabem onde a Winter mora, né? — ela questionou.

Espera, eles a deixaram primeiro? Reprimi um rosnado. *Merda. Muito obrigada, Sara.* Por que ela me deixaria na companhia de pessoas que eu nem conhecia?

— Relaxa — Astrid respondeu. — Vamos deixá-la em casa.

— Está tudo bem — apressei-me em dizer, pegando minha mochila e o celular. — Vou ficar por aqui e ligar para a minha motorista.

— Não seja uma vaca, vaca — Astrid retrucou em um tom de deboche.

— Tenha uma boa-noite, Winter — Sara disse e então fechou a porta.

Expirei profundamente. *Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.*

Miles pisou no acelerador e afastou-se dali, e sentei-me ereta no banco, agarrada ao telefone.

Eu precisava aprender a ser grossa com as pessoas. Deveria ter apenas dito um “não” quando ofereceram a carona.

Dirigimos em silêncio por alguns minutos, e avaliei pela linha reta que o carro percorria, que devíamos estar na rodovia, a caminho da minha casa.

— Aquele carro ainda está atrás de nós? — Ouvi Astrid

perguntar.

— Sim — ele respondeu, em um tom mordaz.

Meu coração acelerou na mesma hora. Alguém estava seguindo os dois? Se alguma coisa fosse acontecer, eu queria dar um jeito de sumir daqui antes.

— Então — Astrid voltou a dizer —, o que você enxerga exatamente?

O silêncio imperou ali dentro e endireitei-me no banco, agora atenta.

— Você está falando comigo?

— Sim. — Ela riu.

Neguei com um aceno de cabeça.

— Não vejo nada.

— Bem, eu sei, mas é tipo preto, branco ou o quê? — insistiu.
— Tipo... quando fecho meus olhos, às vezes vejo um caleidoscópio de cores e, às vezes, vejo tudo escuro.

— Nada — repeti. — Eu não enxergo. É um sentido inexistente.

— Psicodélico — ela arrulhou em um tom de aprovação.

Dei uma risada sem-graça. Era difícil as pessoas entenderem o conceito

disso. Quando pessoas com visão normal não podiam ver, era porque seus olhos estavam vendados. E era isso o que eles achavam que acontecia comigo. Que meus olhos estavam apenas fechados.

Considerando que, na realidade, eu não tinha olhos. No entanto, meu corpo executava as mesmas reações involuntárias: piscar, chorar...

— Esse seu uniforme de trabalho é bem fofo — Miles disse, enquanto dirigia.

Astrid não disse nada, então deduzi que estava falando comigo.

— Obrigada — murmurei.

Seu tom de voz parecia malicioso e, por instinto, puxei a saia mais para baixo, sentindo-me, subitamente, exposta demais.

— Vocês sabem onde é minha casa, não é?

Ela não disse nada, e ele apenas riu baixinho.

Apertei o telefone na mão, posicionando o polegar no botão de desbloqueio.

Senti um metal frio tocar minha mão e dei um pulo, assustada.

— Experimenta um pouquinho — Astrid disse, estendendo algo na minha direção.

Peguei o objeto que cabia na palma da mão e ouvi o líquido se agitar ali dentro.

— Não, obrigada. — Estendi de volta.

Ainda podia ouvir as palavras da minha mãe quando eu tinha doze anos. Ela realmente fez questão de me ensinar quando eu ainda

era bem novinha. *Nunca aceite uma bebida alcóolica que não tenha sido preparada ou aberta por você mesma.*

Ela disse a mesma coisa a Ari, mas ela sabia que o risco de algo assim acontecer comigo era muito maior. Alguém podia colocar alguma substância na minha bebida, e fazer isso bem na minha frente, sem que eu soubesse.

Astrid apenas pegou o frasco de volta, zombando:

— Estraga-prazeres.

Eu estava prestes a agradecer novamente, quando o carro virou e ouvi o cascalho abaixo dos pneus. Entrecebrei meus olhos na mesma hora, totalmente alerta. Não havia estrada de chão no caminho até a minha casa.

— Para onde estamos indo? — perguntei.

Mas nenhum dos dois respondeu.

Meu estômago se revirou com a suspeita. Eu não podia ser trancada num vestiário por aqui, mas havia um monte de maneiras de me sacanear.

— Aquele carro ainda está nos seguindo? — Astrid indagou.

— Eles pegaram um desvio que nem a gente. Para alguma estrada atrás de nós — respondeu.

— O que está acontecendo? — exigi saber.

— Queremos te mostrar uma coisa — Astrid retrucou.

— Eu só quero ir para casa.

O carro quicou quando passou por algumas valas e eu acabei batendo a cabeça no teto.

— Ai — resmunguei.

Putá merda, isso não tinha a menor graça. Era quase dez da noite e eu não conhecia essas pessoas. Por que diabos eles acharam que podiam me arrastar para onde quisessem?

— Calminha aí — Miles me repreendeu. — A gente precisa de você para uma coisa.

— O quê?

— Pula o banco e senta aqui no meio — ele instruiu.

— Por quê?

— Vamos! — Astrid puxou meu braço. — Preciso que você segure as minhas pernas.

— Segurar suas pernas?

O ar se infiltrou de repente no carro, agitando meu cabelo, e um grito ecoou do lado de fora. Perdi o fôlego por um instante. Ela estava enfiando a cabeça para fora da janela?

— Qual é, por favor? — implorou, puxando meu braço outra vez. — A gente te leva para casa em poucos minutos.

Franzi os lábios, irritada. *Tudo bem.*

Tirei o casaco e deixei o telefone e a mochila no banco, e me

encolhi, passando uma perna por entre os bancos da frente. O vento soprou por baixo da minha saia, jogando meu cabelo no rosto. Ajeitei-me rapidamente entre Miles e Astrid, sentindo um arrepio percorrer meu corpo em um misto de medo e animação. *Déjà vu* me dominou e, por um segundo, era como se ele estivesse ali, levando-me para outra aventura.

— Okay, vou me enfiar para fora — Astrid disse. — Agarre minhas pernas e segure firme!

— Espera...

Mas ela já estava se movimentando. O carro acelerou pela estrada secundária, derrapando e saltando sobre o terreno desnivelado, então avancei e enlacei suas pernas cobertas pelo jeans enquanto ela se sentava na porta, com o corpo projetado para fora da janela.

Uivos encheram a noite fria, e o peso de seu corpo puxou o meu conforme ela se pendurava. Senti minhas mãos trêmulas, com medo de não estar segurando o suficiente.

Ela ia cair. Não dava para segurar por mais tempo. Que porra ela achava que estava fazendo?

O que quer que fosse, parecia estar adorando. Ria e gritava, e Miles apenas pisava o pé no acelerador.

Ele virou o volante e senti o corpo de Astrid deslizar um pouco mais. Firmei meu agarre com tanta força que senti os músculos doloridos.

— Caralho, gata — Miles disse, e eu esperava que ele estivesse falando com ela.

Mais um minuto se passou, e então Astrid passou de volta pela janela, cacarejando sua empolgação quando fechou o vidro.

— Isso foi sexy, amor — ela disse para ele.

O carro diminuiu a velocidade e pensei em voltar ao banco traseiro outra vez, enxugando a gota de suor que se formou no meu pescoço.

— Você devia experimentar — ela disse, dando um tapinha no meu braço.

— Estou bem, obrigada. — Dei uma risada leve.

Não que nunca tentasse fazer isso algum dia, mas queria estar com pessoas em quem confiasse. Eu não conhecia muito bem esses dois.

O motor foi silenciando cada vez mais à medida que o carro reduzia a velocidade, e esfreguei as mãos suadas nas minhas coxas.

Será que podemos sair daqui agora, por favor?

Mas ao invés de seguir pela estrada ou dar a volta para me deixar em casa, Miles virou para o lado, percorreu um caminho que parecia gramado e freou devagar.

Por que estávamos parando?

Ele parou o carro, colocou no ponto-morto, e ficamos ali sentados por um segundo, a música zumbindo baixinho. Estava difícil engolir o nó na garganta.

Ele não disse o porquê parou, e ela não perguntou nada. Era como se estivessem planejado alguma coisa e já soubessem o que ia acontecer.

Astrid se virou na minha direção, à direita, dizendo em voz baixa:

— Você é realmente muito bonita.

Algo em seu tom de voz indicava... intimidade. Minha boca ficou seca na mesma hora.

— Obrigada — agradei, mas em um sussurro quase inaudível.

Eu podia sentir o olhar dele sobre mim, também.

— A gente sempre vê você na escola — ela disse. — Você parece ter medo de se divertir, às vezes. Como se não se encaixasse.

Segurei um punhado do tecido da minha saia.

— É complicado — afirmei.

Eu só queria ir para casa.

— Nós gostamos de nos divertir — Miles acrescentou. — Nós vivemos para isso.

Então o sussurro de Astrid soprou em meu ouvido:

— E queremos te levar junto.

Perdi o fôlego, e afastei-me de repente.

Mas ela não parou por ali.

— Vamos te ensinar o que é diversão de verdade — provocou. Então lambeu minha orelha e deslizou os dedos por entre minhas coxas.

Ai, meu Deus.

Dei um tapa em sua mão, dizendo por entre os dentes entrecerrados:

— Saia de perto de mim!

— Você vai gostar da gente — Miles disse, ríspido, e agarrou minha nuca, forçando-me a ficar de frente para ele. — Assim que tiver um gostinho.

— Não! — Então acertei um tapa em seu rosto.

Babaca.

Ele começou a me sacudir, pau da vida.

— Sua vadiazi...

Mas parou, de repente, como se algo tivesse chamado sua atenção.

— Você ouviu isso? — perguntou.

— O quê? — Astrid sussurrou.

Tentei empurrá-lo para longe de mim, grata pela distração

momentânea. Eu esperava que fosse um policial ou alguém que estivesse por ali, daí eu poderia sair do carro e fugir.

E então ouvi o som ao qual ele se referia. Uivos.

Ganidos e latidos. Vaías e gritos.

— O que é isso? — Miles indagou, mais para si mesmo.

Será que havia lobos pela área? Eu achava que não, mas preferia me arriscar com animais selvagens do que com esses dois.

Os sons sumiram do nada, e Miles e Astrid mal respiravam, completamente imóveis e atentos a qualquer ruído.

Os galhos das árvores se agitavam com a ventania, e pensei ter ouvido o farfalhar de folhas ao redor do carro, mas não tinha certeza, já que a música ainda tocava baixinho.

— Tem alguma coisa lá fora — Astrid murmurou.

Então me lembrei de que eles pensavam estar sendo seguidos mais cedo.

Senti o corpo de Miles se mover ao meu lado.

— Não ach...

No entanto, alguma coisa pesada atingiu o para-brisa, e ele interrompeu o que ia dizer. Astrid ofegou ao meu lado.

— Mas que po....? — ele berrou.

O mesmo aconteceu na janela lateral à Astrid, seguido do vidro traseiro e o de Miles.

— Isso é... tinta? — Astrid perguntou. — Alguém está atirando tinta nos vidros.

— Filho da puta! — ele rosnou.

Miles me soltou e abriu a porta, mas um baque surdo fez com que ele gritasse de dor e caísse por cima de mim.

Alguém tinha fechado a porta do carro na cara dele?

Eu não sabia o que estava acontecendo, porém senti o carro balançar, bem como senti as vibrações vindo da parte traseira, como se alguém estivesse fazendo alguma coisa ali.

— Os vidros estão cobertos de tinta preta! — Astrid exclamou. — Tem gente do lado de fora. Apenas dirija!

Minha mente estava em polvorosa, debatendo se eu devia tentar sair do carro ou se o perigo era maior fora dali. Antes que pudesse tomar uma decisão, Miles trocou a marcha e pisou no acelerador.

Mas o carro nem se moveu. Ele pisou mais fundo ainda, fazendo o motor se esgoelar, mas as rodas giravam e giravam, sem nos levar a lugar algum.

— Você está sentindo cheiro de gasolina? — Astrid perguntou.

Inspirei profundamente, sentindo o cheiro irritar o fundo da minha garganta.

— Puta merda — Miles disse, de repente.

O quê? Cacete, o que estava acontecendo?

— Olha! — ele disse para a garota.

— Eles não vão fazer isso... — ela retrucou, sem fôlego.

O que eles estavam vendo?

Quando dei por mim, as portas se abriram e eles saíram correndo do carro, deixando-me ali sozinha no banco da frente.

Mas que merda era aquela?

Eu não sabia por que eles tinham fugido, mas deve ter sido algo que os assustou, o que significava que não era seguro ficar no carro? Eu não sabia o que fazer, se deveria fugir, de quem deveria ter medo, mas eles tinham sumido. Refleti por meio segundo antes de avançar por cima do banco do motorista e fechar a porta, travando o pino e fazendo o mesmo do lado de Astrid. Poderia não estar fora de perigo, mas pelo menos estava me protegendo deles.

A chave ainda se encontrava na ignição, e provavelmente aquela era uma péssima ideia, mas eu daria um jeito de sair daqui se fosse preciso. Era só seguir a estrada de chão.

Isso se eu conseguisse fazer o carro sair do lugar, o que Miles não foi capaz de fazer por algum motivo.

Fiquei ali sentada por um momento, sem ouvir nenhum som do lado de fora, apenas o ronco do motor e uma canção remix de White Stripes no rádio.

Meu celular. Eu poderia ligar para a minha mãe e pedir que ela rastreasse meu telefone para vir me socorrer. Eu não fazia a menor ideia de onde estava.

Mas então... ouvi o som de sua respiração.

Bem atrás de mim, no banco traseiro.

Fiquei quieta, sem mover um músculo sequer à medida que o pavor inundava meu corpo. Minha imaginação foi a mil, em uma tentativa de descobrir quem ou que estava atrás de mim.

Era algo tênue, mas estava lá, e uma dor aguda contraiu minha mandíbula e pescoço enquanto um grito se formava na minha garganta.

Meus olhos marejaram, e eu mal podia acreditar na minha idiotice.

Eu havia me esquecido de trancar as portas traseiras.

Abri a boca, prestes a gritar e disparar para a porta, quando sua voz soprou no meu ouvido:

— Oi, diabinha — ele sussurrou.

Ofeguei ao ouvir o apelido e o tom de voz rouco em um golpe poderoso e avassalador. Quase soluzei de emoção.

Era sacanagem?

De repente, ele estendeu as mãos por trás e envolveu meu corpo em seus braços, puxando-me para o banco traseiro. Levantei

minhas mãos e toquei seu rosto – o nariz afilado e a mandíbula cinzelada –, roçando as cicatrizes de seu couro cabeludo enquanto enfiava meu nariz na curva de seu pescoço. Cheiro de banho recém-tomado. Como sempre.

— Ai, meu Deus. — Pressionei a testa contra sua bochecha, segurando-o perto de mim. — Por onde você esteve?

Ele não respondeu, apenas me mantendo em seu colo, em seus braços.

Fechei os olhos e exalei profundamente, como se tivesse passado séculos contendo o fôlego. Ele estava aqui. Estava vivo e não tinha me esquecido.

Mas...

Sentei-me ereta e virei de frente para ele, montando em seu colo e agarrando a gola de seu moletom.

— Você me deu um susto da porra — comentei.

— É, eu tenho mania de fazer isso.

Sim, um monte de gente adorava fazer essas merdas pela cidade.

Queria mostrar minha irritação, mas uma risada escapuliu, e eu simplesmente não conseguia sentir raiva. Ele estava aqui, e se livrou de Miles e Astrid.

Mantendo meu agarre, recostei a testa à dele, deleitando-me ao senti-lo tão perto.

Ele segurou a parte de cima dos meus braços, afastando-me um pouco para trás.

— O que você estava fazendo com eles? — perguntou, em um tom de voz sério.

Fiquei exatamente onde estava, nossos lábios a centímetros de distância.

— Era você que estava seguindo o carro deles?

Ele assentiu.

— Apareço para te ver outra vez, e quando vejo, você está entrando em um carro com outro homem.

— Ah, era bem isso mesmo — retruquei, sarcasticamente. — Havia mais duas garotas no carro. Pensei que estava segura.

Soltei a gola de seu casaco e enlacei seu pescoço, sentindo a pele quente e macia de sempre. Ele se manteve em silêncio, quieto e quase uma estátua enquanto eu o segurava contra mim, deliciando-me com a sensação.

Lentamente, suas mãos relaxaram contra os meus braços e seu toque foi derivando mais abaixo, em minha cintura, os dedos cravando a pele bem leve. Calor se assentou no meio das minhas pernas, e mordisquei meu lábio, em uma tentativa de me controlar.

— Você fez alguma coisa da qual vou fazer com que se

arrependa? — sussurrou.

Fazer com que eu me arrependa?

— Está com ciúmes? — caçoei.

Mas Miles e Astrid estavam bem longe agora. Quase esquecidos. Amanhã eu contaria o que aconteceu para a minha mãe, mas, nesse exato instante, eu tinha tudo o que queria neste carro.

Toquei seu pescoço, deslizando os dedos pela clavícula e minha boca pairou acima da dele, brincando com o ínfimo espaço que havia entre nós.

— Winter... — Seu resmungo era quase um rosnado.

Eu me movi ao redor de seu rosto, acariciando-o com a ponta do meu nariz, minha testa, as mãos... Morrendo de vontade de tocar seus lábios com a minha língua.

— Você sumiu por dois anos — aleguei. — Um tempo longo demais.

— Eles te tocaram?

— E se tiverem feito isso? — zombei. — Já sou bem grandinha agora.

— Não, você não é — ele disse, em um tom de advertência, porém respirando com um pouco mais de dificuldade.

Pressionei meus seios contra o seu peito, apertando-o com minhas coxas.

— Sou velha o bastante para fazer algumas coisas...

Ele aumentou o aperto na minha cintura, puxando meu corpo contra o seu.

— Você vai ser velha o bastante quando eu disser que é.

Sorri, inclinando a cabeça para trás e sentindo seus lábios trilharem um caminho pela minha garganta. A boca dele dizia uma coisa, mas fazia outra completamente diferente.

Meu corpo começou a se mover, provocando-o, esfregando-se contra o dele.

Eu queria sussurrar seu nome, mas não podia.

Peguei suas mãos da minha cintura e coloquei-a sobre minhas coxas, por baixo da saia. Eu não era tímida com ele. Sabia que me queria, mas ele continuava fazendo coisas – sendo mandão e superprotetor – que o faziam parecer um irmão mais velho. Aquilo precisava acabar. Eu não era mais criança. E estava mais do que pronta.

— Então o que vai dizer? — perguntei, convidando-o a me tocar.

Ele curvou os dedos contra a minha pele

— Pare com isso — exigiu.

— Tenho dezesseis anos, e nunca fui beijada. — Apoiei as mãos em seu peito, sentindo meus seios roçando seu corpo. — Esperei por

você.

— Winter...

— Eu esperei por você — repeti, ofegando e tocando seus lábios com os meus. — Mas não vou esperar para sempre.

Toquei seus lábios com a ponta da minha língua, rebolando meus quadris acima dos dele. O inconfundível pau duro se esfregou contra a minha calcinha através do tecido de seu jeans, e eu gemi.

Ele me agarrou por baixo dos braços, colando o rosto ao meu.

— É melhor que isso não seja uma ameaça — ele disse, ríspido.

Então envolveu meu rosto com a mão e mordiscou meu lábio inferior, quase o mastigando como se estivesse faminto.

Ele grunhiu e eu gemi baixinho, e ambos acabamos cedendo ao calor do momento, agarrados um nos braços do outro, nossas bocas se devorando.

Eu era afobada e desajeitada, mal conseguindo dar conta de seus beijos e a língua em minha boca, mas estava amando cada segundo.

Ele mordiscou e mordeu, e fez isso com força, agarrando um punhado do meu cabelo para inclinar minha cabeça para trás e devorar meu pescoço. Ele se moveu da minha garganta para o meu queixo e de volta para minha boca, enquanto eu me mantinha agarrada aos seus ombros, puxando seu casaco enquanto o fodia a seco. Minha nossa, eu não conseguia me controlar. Ele era tão gostoso. Era como uma coceira que nunca cessava e aumentava cada vez mais.

Agarrei minha gravata borboleta, incapaz de respirar direito.

Afrouxei o tecido e desabotoei a parte de cima da minha blusa, finalmente me libertando e me entregando, apertando-o com força enquanto chupava meu pescoço.

Meus quadris se moviam para frente e para trás, moendo contra o seu pau.

— Winter... — ele grunhiu, afastando-se. — Não quero q...

Aumentei o ritmo e ele agarrou minha bunda, ajudando-me a rebolar direito.

— Não quer o quê? — arfei.

— Não quero sujar você.

Desacelerei meus movimentos, tocando sua boca com a minha em um beijo suave.

Por que ele achava isso?

— Você não vai me sujar. — Neguei com um aceno de cabeça, tocando seu rosto. — Não precisamos ir até o fim. A gente pode só brincar.

Ele deu uma risada áspera.

Eu o beijei, e ele cravou os dedos na minha pele outra vez, fazendo com cada pedacinho do meu corpo ganhasse vida. Meu Deus,

eu adorava quando ele fazia aquilo.

— Ei, cara, o que vamos fazer? — alguém gritou do lado de fora. — Você quer que a gente te espere ou o quê?

Levei um susto e só depois de um instante registrei a informação de que ele estava ali com amigos. Enfiei os dedos em seu cabelo e ataquei sua boca novamente.

Não vá.

— Mano! — o cara gritou outra vez. — Tem garotas da sua idade bem aqui! Mas que porra?!

Uma risada ofegante vibrou em seu peito.

— Acho que não vou conseguir esperar que ela seja maior de idade, cara — ele sussurrou para o amigo, mas alto o suficiente para que somente eu ouvisse.

Mordisquei sua boca.

— Dezesseis anos são considerados maioridade em trinta e três estados americanos — caçoei. — Só não no nosso. É apenas um detalhe técnico.

— Andou pesquisando isso, é?

Um sorriso se formou em meus lábios, mas o garoto do lado de fora estava ficando cada vez mais impaciente.

— Cara, qual é!

No entanto, o garoto à minha frente ergueu o punho e socou o vidro lateral, dando a dica de que o amigo devia fechar o bico, e ouvi o vidro estilhaçar na mesma hora.

— Ai, Jesus — seu colega resmungou e, em seguida, ouvi as risadas de outras pessoas. — Vamos dar privacidade pra eles, gente.

As vozes foram se distanciando, e ele se acalmou. Logo depois, começou a me tocar, conhecendo meu corpo e devorando meu pescoço. Suas mãos deslizaram por dentro da minha saia, testando os limites, mas sem ultrapassá-los. Enfiei as mãos por baixo de seu agasalho e camiseta, sentindo o calor de sua pele, o corpo rijo e a cintura estreita.

Roei os dedos em marcas salientes na parte interna de seus braços, e parei, lembrando-me que eram muito parecidas às que senti em seu couro cabeludo há dois anos. Esfreguei o polegar sobre elas diversas vezes.

— Por que você estava chateada mais cedo? — perguntou. — Assim que saiu do trabalho?

Ah, beleza. Ele me viu sair do teatro. Eu parecia chateada?

Acho que fechei as portas com um pouco mais de brutalidade.

— Alguém mais fez algo com você? — Ele se afastou um pouco para me encarar, enquanto abotoava minha blusa e refazia o nó da gravata.

Normalmente, eu odiava quando as pessoas me tratavam como

uma criança, achando que deveriam fazer as coisas por mim, mas tive a impressão de que aquele gesto significava muito mais para ele. Algo como... me “endireitar” outra vez.

— Foi só uma noite ruim — admiti.

— O que aconteceu?

— Nada importante.

Ele terminou de ajeitar minha roupa e apoiou as mãos na minha cintura, esperando.

Eu ri baixinho, cedendo à sua insistência.

— Acho que desisti do meu trabalho hoje à noite — murmurei.
— Estive trabalhando na bilheteria do Teatro Bridge Bay. Eles me pediram para não dançar mais na companhia, e eu... — hesitei, tentando encontrar uma melhor maneira de explicar tudo sem parecer tão patética. — Eu fiz tudo o que podia para me envolver com qualquer coisa ali dentro, meio que esperando que mudassem de ideia em algum momento. Mas a gerente não vai ceder.

Respirei profundamente, repetindo as palavras da minha chefe:

— “Não é seguro e eu posso acabar me machucando” — eu disse, sentindo a raiva voltar junto com as lágrimas. — Minha chefe disse algo sobre “Deus ter um caminho, e eu preciso ir aonde a vida me levar”.

— Mas que porra é essa?

— Né? — resmunguei, com a voz embargada. — Eu só queria, tipo... tacar fogo naquela merda todinha.

Ele bufou uma risada, seu corpo se tremendo de tanto rir, e, depois de um instante, foi a minha vez de me entregar às gargalhadas. Ele me beijou, fazendo-me ver que não importava como a noite havia começado, agora estava terminando muito bem. Eu queria ficar com ele, mas ele estava na companhia de seus amigos e eu não fazia ideia se ele tinha planos.

— Então... — comecei a dizer, mudando de assunto. — Você tem amigos.

Era um pouco estranho confirmar que ele era um garoto normal com uma vida cotidiana. E eu achando que ele fosse um vampiro, que se levantava somente depois do pôr do sol.

— Posso conhecê-los? — perguntei.

— Não.

— Por quê?

— Porque eles são meus, não seus — advertiu, colando a boca no lóbulo da minha orelha. — E você é minha, não deles.

— Bem, isso diz muito sobre você — retruquei. — Filho único e que nunca aprendeu a compartilhar.

Eu acabaria descobrindo mais a respeito dele em algum momento. Ou daria um jeito de arrancar a informação. Afinal de

contas, eu também o estava mantendo em segredo.

Até que me ocorreu que eu não era um segredo dele.

Por quê?

Eu não me sentia culpada por escondê-lo das outras pessoas, mas ele mesmo estava se escondendo de mim. E havia uma razão para isso.

Ele era mais velho? Conhecido? Psicopata?

Ou talvez... estivesse com vergonha de mim...

Mas, de repente, ele rompeu o silêncio, arrancando-me dos meus pensamentos:

— Onde sua chefe mora?

Minha chefe?

Estreitei os olhos, com suspeita.

— Por quê?

Capítulo 17

Damon

Cinco anos atrás...

Deixamos o carro de Miles Anderson no lugar onde estava e entramos no meu. Os caras já tinham sumido dali, e eu a levei de volta à cidade e em direção à casa da chefe dela.

— O que você vai fazer? — ela perguntou.

Encostei o carro e o estacionei em uma esquina, do outro lado da rua onde se localizava a casa da gerente. A residência era antiga com uma varanda coberta imensa ao redor e diversas cumeeiras[14]. O jardim era bem-cuidado e havia apenas uma única luz acesa acima da porta da frente.

Eu não tinha certeza ainda do que fazer, mas sempre aprontava alguma.

Emory Scott vivia naquela vizinhança. Era até limpa e agradável, mas sem as mansões à beira-mar. Na verdade, eu teria gostado de morar por aqui. Casas geminadas, vizinhos próximos... era um lugar legal para crescer.

— O que você quer que eu faça?

Olhei para ela, vendo suas mãos agarradas à barra da saia, como se ela estivesse nervosa, e aquilo me fez sorrir. Ela torceu o canto da boca, e pude detectar a apreensão em seu rosto. Com medo de se meter em problema.

Eu me sentia mal porque ninguém tinha o direito de dizer o que ela podia ou não fazer.

Bom, talvez eu.

— Não sei — ela murmurou, insegura. — Vamos embora.

— Você quer dançar? — ralhei. — Posso conseguir qualquer coisa que você quiser.

— E como você vai fazer isso?

— Eu *consigo* tudo o que quero — afirmei.

Ela riu baixinho, provavelmente pensando que eu estava de brincadeira, e senti-me enfraquecer por um segundo. A luz em seus olhos era a coisa mais linda que eu já tinha visto em muito tempo.

No entanto, ela acenou com a cabeça.

— Não.

Jesus. Era isso o que ela queria? Que eu resolvesse às escondidas as merdas que a magoavam ou deixavam puta porque ela era muito tímida? Porque era isso o que ia acontecer. Eu não relevava coisa nenhuma.

— Ninguém pode te negar nada — atestei.

— Mas não quero resolver dessa forma — ela disse. — Não vou gostar da sensação de saber que não foi por mérito próprio.

Tudo bem, eu entendia aquilo. Provavelmente me sentiria da mesma forma com o basquete.

Mas...

— Ela merece chorar do mesmo jeito que fez com você — salientei. — No mínimo um beicinho.

Dizer a Winter que ela devia desistir do balé – encorajar qualquer pessoa a não fazer o que mais queriam – foi um gesto arrogante, presunçoso e egoísta. Eu queria que a vadia calasse a boca.

— Posso fazer com que ela seja demitida — falei.

Porém Winter riu.

Fiz uma careta.

— Posso pelo menos inundar o quintal dela e cavar uns buracos?

— Nada destrutivo — exigiu. — Nada cruel. Tem que ser algo divertido. E tipo... que seja fácil de limpar. Entendeu? Algo requintado.

— Algo bem colegial — eu a corriji, com ironia.

Ela revirou os olhos e se recostou no assento, sorrindo satisfeita consigo mesma.

Relaxei contra o encosto de cabeça, considerando o que eu possuía ali dentro do porta-malas. Eu e meus parceiros fomos convocados de volta à cidade para a Noite do Diabo, que aconteceria amanhã. Assim que voltamos da faculdade hoje, fomos às compras. Eu tinha garrafas de uísque, mas Winter não queria nenhum incêndio. Havia reboco, cola, lanternas, e os caras arranjaram outras porcarias, como cordas, bombas de fumaça e marretas. A maioria dessas coisas não seria usada, mas acabamos nos empolgando por voltar a aprontar em Thunder Bay, já que não participávamos dessa noite de véspera do Halloween há alguns anos.

Algo não-destrutivo, não é mesmo?

Não possuíamos um arsenal desse estilo.

E então me lembrei de que ainda tinha algumas buzinas e fitas adesivas no carro.

Jesus. Bom, então era isso. Eu sabia o que tínhamos que fazer.

Eu mal podia acreditar que estava me rebaixando desse jeito, pelo amor de Deus.

— Coloca o cinto — instruí, balançando a cabeça de leve. — Já sei o que vamos fazer.



Ela se segurava ao meu moletom, seguindo-me à medida que eu percorria o caminho, virando num canto e indo em direção aos elevadores. Fui obrigado a vir ao Teatro Bridge Bay uma porrada de vezes desde criança, para assistir aos espetáculos patrocinados pelos meus pais, ou para ver minha mãe quando ela se dignava a dançar ali, como se a cidade tivesse que ser grata por terem uma legítima bailarina do Balé Bolshoi entre eles. Na verdade, era apenas uma questão de ego para ela, já que nunca mais dançou em um grande espetáculo desde os seus quinze anos. Meu pai se casou com ela, trouxe-a para a América e pronto.

Eu conhecia esse lugar como a palma da minha mão, por mais que não tenha vindo aqui há anos. Por sorte, a janela do porão ainda não fechava direito.

— Você já fez isso antes? — Winter perguntou.

Segurei a porta aberta, empurrando-a para dentro do banheiro feminino e acendi as luzes, desligando minha lanterna em seguida.

— Minha irmã e eu já fizemos uma vez em casa e outra em uma pizzeria — eu disse.

Nós estávamos com uns quatorze anos, mas lembro-me de ter sido bem divertido.

Ah, como as coisas mudaram. Uma época onde eu era capaz de sorrir.

— Venha cá, sente-se no balcão.

Ela fez o que pedi e eu larguei a sacola de viagem na pia, vasculhando ali dentro atrás de buzinas, palitos de madeira e fita adesiva.

Entrei em uma das cabines, medi o comprimento do palito por baixo do assento do vaso sanitário até o botão da buzina, vendo se encaixaria direito.

Perfeito.

Ótimo.

Voltei até onde ela estava sentada e coloquei uma garrafa em sua mão, fechando seus dedos ao redor da lata e do palito, para segurar tudo no lugar.

— Segure bem aqui — instruí. — Segure firme.

Ela assentiu, e me ocupei em arrumar a lata, enrolando a fita adesiva para manter o palito no lugar sobre o botão, de forma que quando alguém colocasse um peso em cima, como, por exemplo, sentar no assento do vaso, a buzina soaria, gerando um som estridente que abalaria as estruturas desse prédio do caralho.

Fazendo com que cada pessoa aqui dentro leve um susto da porra e acabe se engasgando com o café.

— Então você tem uma irmã — ela sondou, dando prosseguimento à nossa conversa.

— Sim. *Não* sou filho único — corriji sua suposição a respeito da minha dificuldade em compartilhar.

— Quantos anos ela tem?

— É um ano mais nova que eu.

O rolo de fita fez um barulho alto à medida que eu enrolava a garrafa. Depois, peguei outra lata e palito e os coloquei na mão dela, para que pudesse repetir o processo.

— E quantos anos você tem? — perguntou, tentando pescar a informação.

— Sou mais velho que você.

Ela começou a rir.

— Você não tem tipo... uns sessenta anos, né?

Sessenta? Por acaso ela sentiu que eu era velho assim quando me tocou?

Parei o que estava fazendo e quase coleí meu nariz ao dela.

— Sou velho o suficiente para votar, mas não tanto para poder comprar bebida alcóolica — admiti. — Mas isso não significa que não posso conseguir um uísque, se essa for a sua vontade.

Ela deu um sorriso irônico e deixou o assunto de lado.

Era impressionante o fato de ela não ter descoberto ainda, mas sempre tive o cuidado de tirar meu terço quando me encontrava com ela, além de fazer questão de tomar banho antes de procurá-la. Achei que seria tenso não poder fumar para não fazê-la desconfiar, mas quando eu estava ao redor dela, eu só queria aquilo. Ficar perto. Meu vício em nicotina não compensava ter que deixá-la, a não ser que estivesse pronto para fazer isso.

Também nunca usei minha máscara, porque aí, sim, ela saberia que eu era um Cavaleiro.

Mas se eu dissesse que tinha dezenove anos, ela acabaria descobrindo em que turma eu estudava, e com minha mania de ficar à espreita para assustá-la, do mesmo jeito que *Damon* fez no armário do zelador e no refeitório, não demoraria muito até que ela descobrisse quem eu realmente era, e, por agora... eu gostava do fato de ela gostar de mim.

Eu não estava tentando levá-la para a cama. Não estava tentando provar como eu era fodão. Não estava com raiva, nem sobrecarregado ou cansado da minha vida de merda. Eu estava no único lugar onde queria estar.

Tudo era novidade para ela. Ela era uma válvula de escape. Eu podia sentir tudo e qualquer coisa novamente, pela primeira vez, através de suas palavras, da reação de seu corpo e de seu semblante.

Foi difícil me manter afastado, mas eu sabia que era necessário. Quanto mais próximos ficássemos, mais cedo eu acabaria a magoando ou ela descobriria minha identidade, e então, tudo acabaria.

Foi somente esta noite que me ocorreu, assim que a vi entrar na porra do carro de Miles Anderson, que ela já tinha idade o suficiente para fazer certas coisas, e que isso seria apenas uma questão de tempo. Queria esperar até que pudesse dar as caras outra vez. Esperar até que ela ficasse mais velha, mas eu precisava tirá-la do carro daquele otário.

Eu não sabia se algum dia transaria com ela, mas, com certeza, sabia que ele nunca faria isso.

Terminei de organizar tudo, contabilizando sete latas, e levei uma delas a uma cabine, fixando-a no chão e ajeitando o palito de madeira por baixo do assento, mal dando para perceber que ele não se fechava direito. Prendi tudo com fita adesiva e voltei para onde ela estava, tirando-a de cima da pia.

Eu a segurei em meus braços e fiz com que envolvesse minha cintura com as pernas, mantendo-a ali enquanto olhava para o seu rosto.

— Você tem sido boazinha? — perguntei.

Um sorriso travesso curvou um canto de seus lábios, e eu os encarei, atraído pela pele macia e pelo gosto que experimentei ao beijá-la. Seu gosto era de melancia. Devia ser algum tipo de *gloss labial*. As maçãs de seu rosto estavam mais pronunciadas do que há dois anos, e seus olhos azuis mais penetrantes ainda com o rímel que havia começado a usar.

Ela enlaçou meu pescoço e sussurrou:

— Sim.

— E vai continuar sendo boazinha?

Ela inspirou profundamente, e seus seios se recostaram ao meu peito, nossas bocas a centímetros uma da outra.

No entanto, ficou em silêncio.

— Responda — pressionei. — Diga que vai se comportar direitinho.

Ela engoliu em seco, ainda sem me dar uma resposta. Ao invés disso, sussurrou:

— O que você vai fazer comigo se eu não me comportar?

Ai, meu Deus. Ela parecia quase esperançosa, e meu pau inchou enquanto eu encarava aquela boca pintada em um tom rosa escuro, os lábios entreabertos... Tudo o que eu queria fazer era devorá-los e sentir o gosto daquelas palavras insanas em seu hálito.

O que eu não faria com ela...

— O que vou fazer? — repeti, roçando minha boca à dela enquanto a levava a uma das cabines. — Eu vou te colocar... — Abaixei nossos corpos, inclinando-me para frente quando ela se agarrou mais ainda em mim, sem fôlego. — No meu colo... — Abaixei-me ainda mais. — E vou te dar... — Mais baixo. — Umas... —

Um pouco mais. — Palmadas bem dadas.

Então a soltei sobre o assento do vaso sanitário, e a buzina estridente e ensurdecadora que reverberou pelo teatro quase explodiu meus tímpanos.

Ela gritou e pulou para fora do assento, agarrando-se a mim e caindo na risada.

— Ai, meu Deus! — Seu rosto brilhava de pura emoção.

Revirei os olhos, torcendo para que ninguém tivesse ouvido o barulho do lado de fora do teatro, de forma que não descobrissem minha desgraça.

Ela se sentou novamente e a buzina ecoou, assustando-a e fazendo explodir em gargalhadas de novo.

Balancei a cabeça, levantando-a do vaso.

— Você é tão menininha.

— Inofensiva demais, comparada com o que está acostumado? — ela çaçoou.

— Sim.

Meu Deus, se os caras descobrissem sobre essa merda... Eu precisava levá-la logo para casa, antes que ela me pedisse para jogar papel higiênico em alguma casa esta noite.

Talvez algum dia eu a levasse em uma aventura de verdade.

Apressei-me a passar a fita adesiva em todas as buzinas, incluindo a que ficaria no escritório da chefe dela. Daí, quando os bailarinos, funcionários e ela chegassem amanhã, tomariam um susto do caralho.

Recolhi todas as nossas coisas, agarrei Winter e desliguei as luzes, acionando apenas minha lanterna para encontrar a saída do prédio.

Assim que saímos dali, larguei tudo no porta-malas e preparei-me para abrir a porta do carro.

— Espera — Winter gritou.

Olhei para cima e vi que sua cabeça estava virada para o lado, como se estivesse ouvindo alguma coisa.

— O chafariz — ela disse, dando a volta para o lado do motorista. — Na praça. Você pode me levar lá?

Agucei os ouvidos e detectei o som à distância. Eu havia me esquecido dele. Quando era criança, sempre quis brincar nele, mas, é claro, nunca foi permitido.

Olhei ao redor, notando que o vilarejo não estava assim tão cheio e que o trânsito já era quase inexistente. Já devia ser mais de meia-noite, então estava bem sossegado. Ainda assim, eu não fazia a menor ideia de onde meus amigos estavam, e ainda havia movimento no *Sticks*. Eu não queria que ninguém me visse e gritasse meu nome, ou que a vissem comigo.

Porra.

Puxei meu capuz e segurei sua mão, levando-a colina acima até o lugar onde havia um pequeno lago e uma ponte, com um imenso chafariz no meio do jardim e um gazebo com o teto estilo chapéu de bruxa à direita. Era uma espécie de pequeno oásis afastado do vilarejo sempre tumultuado.

O barulho da água corrente ficou mais alto e ela soltou minha mão para se aproximar da estrutura. Estendeu as mãos à frente, sentindo os respingos d'água e sorriu, e tudo o que eu queria era pegá-la e escalar aquele chafariz com ela naquele exato momento.

Procurando alguma coisa no bolso do casaco, ela o pegou, virou-se de costas para a fonte e fechou os olhos, jogando a moeda na água por cima do ombro.

— Quer jogar uma? — perguntou, pegando outra moeda do bolso.

Fui até ela, atraído pelo pequeno nó na gravata borboleta, seu cabelo quase branco e com algumas mechas douradas por cima de um de seus ombros; seus lábios pintados com a cor de um chiclete. Incapaz de afastar o olhar, peguei a moeda e arremessei em direção à água, sem conseguir me concentrar em outra coisa que não fosse seu rosto.

Usando meus ombros para se equilibrar, ela retirou as sapatilhas e pulou por cima da beirada do chafariz e então me soltou, divertindo-se com alguns movimentos de balé.

Seu telefone tocou e ela parou de dançar, pegando o aparelho do bolso e desligando em seguida.

— Seus pais estão te ligando? — perguntei.

— Sim.

Ela devia ter um toque específico para identificar cada chamada.

Observei quando deu um giro, inclinou-se e curvou-se. Dei a volta na fonte, seguindo-a e vendo quando se ergueu, uma perna em um movimento amplo e flexível.

O que aconteceria quando ela ficasse mais velha? Quem a teria? Para onde se mudaria? Como tudo isso seria?

E tudo em que pude pensar, naquele momento, era que eu lutaria com todas as forças para mantê-la daquele jeito ali. Inocente, pura e feliz.

Dançando em fontes.

Cambaleando, ela, de repente, estendeu os braços na minha direção, e apressei-me em segurá-la antes que caísse.

Ela riu e se apoiou em meus ombros.

— Treinando pesado? — perguntei, erguendo um de seus pés para checar os hematomas e a área vermelha ao redor das unhas, onde

a pele estava ferida.

— Sempre — respondeu.

Aqueles eram pés de uma bailarina.

— Isso dói?

Dando de ombros, ela apenas disse:

— Estou acostumada.

Então enlaçou meu pescoço e pulou, obrigando-me a envolver sua cintura com meus braços. Sorri para mim, que apenas a segurei daquele jeito, recusando-me a soltá-la. Só querendo ficar ali.

No entanto, ela firmou mais ainda seu agarre e, de repente, me abraçou.

Senti como se meu peito estivesse inchado, dolorido, e tudo passou por mim de uma só vez. Seu cheiro, calor, cabelo e corpo... Inspirei profundamente, e não sabia a razão, mas achei a sensação boa pra caralho. Meus braços ao redor de sua cintura se apertaram como uma faixa de aço, e era como se estivesse aliviado por segurar algo — ou alguém — pela primeira vez na vida.

Quando foi a última vez que isso aconteceu? Eu nunca dava abraços, porra, exceto quando Banks precisava me acalmar, e aquilo era mais como se eu estivesse me agarrando a um bote salva-vidas do que...

Afeto de verdade. Ou alguém realmente me abraçando porque gostava de mim.

Eu não era um fracote. Não precisava dessa merda.

Mas, meu Deus, era tão bom.

— Você dança? — sussurrou, no meu ouvido.

— Não.

— Agora está dançando — indicou.

Parei, percebendo que estávamos nos movendo em círculos lentos.

— Acho que gosto mais desse tipo de dança do que de balé — ela disse.

Os cantos dos meus lábios se curvaram em um sorriso. Se Kincaid me visse naquele instante...

Então vi algumas pessoas se aproximando, do outro lado do lago, subindo o declive e olhando para nós.

— Temos que dar o fora daqui — falei.

Ninguém podia vê-la na minha companhia.

Voltamos para o carro e eu acelerei, levando-a para casa, sabendo que seu pai ligaria para a polícia a qualquer momento, se já não tivesse feito isso. Ela deveria ter chegado em casa há duas horas.

— É bem capaz de estarem bravos comigo — comentou, e eu reduzi a velocidade do lado de fora da cerca de sua propriedade.

Desliguei os faróis e passei pelos portões abertos por todo o

caminho até a entrada de sua casa, dando a volta na fonte horrorosa que ficava ali.

Freei, pisando na embreagem e engatei a primeira outra vez, apenas esperando. Ela não precisou da minha ajuda naquela noite em que a levei para dar uma volta de carro, então deduzi que conseguiria fazer o mesmo agora.

Mas ela ficou ali, imóvel, o rosto um pouco cabisbaixo.

— Quando vou te ver de novo? — perguntou, timidamente.

Eu não fazia ideia de como responder àquilo. Eu ficaria ocupado amanhã à noite, e voltaria para as aulas na faculdade em dois ou três dias logo depois.

Eu a veria outra vez.

Ou...

Talvez... Eu realmente não sabia.

Meu Deus, por que ela estava perguntando? A gente estava em algum relacionamento ou algo do tipo? Isto foi um encontro?

Eu sabia que isso acabaria acontecendo. Que ela criaria expectativas.

Sim, eu queria vê-la de novo. Ela era minha. Em nosso isolado mundinho... Ela era minha.

Queria vê-la dançar, e queria levá-la às escondidas muitas vezes mais para que pudesse sentir seu medo e animação, vivendo através de sua meiguice e vulnerabilidade, mas...

Eu também queria mantê-la feliz, pura e inocente. Não queria arruiná-la.

Quanto mais tempo passássemos juntos, e com o passar dos anos, isso acabaria se tornando algo mais. Nós acabaríamos transando em algum momento, e ela começaria a fazer exigências que eu não poderia cumprir.

Quando descobrisse minha identidade, ela fugiria.

— É por que sou cega? — perguntou, com a voz trêmula. — É por isso que você esconde de mim quem realmente é?

Eu a encarei, sentindo-me culpado pelos seus olhos marejados à medida que ela tentava reprimir o choro. Tão meiga. Tão triste.

— Ela estava certa, não é? — refletiu, seu tom agora repleto de uma determinação estranha. — Eu poderia até querer as coisas, mas não tinha poder nenhum sobre as pessoas que não queriam que eu as tivesse.

Ela estava se referindo à chefe que tentou fazê-la entender que ela não poderia ter tudo o que quisesse. Ela me queria e, por mais que pudéssemos lutar para conquistar coisas materiais, aquilo não se aplicava às pessoas. Ou era isso o que ela estava pensando. Ela achava que eu tinha vergonha dela. Que não queria levá-la para sair ou estar com ela em plena luz do dia.

Sua expressão entristeceu enquanto alisava o tecido da saia sobre as coxas, e então mordeu os lábios para não chorar, mas as lágrimas deslizaram pelo rosto de toda forma.

Eu avisei que acabaria te machucando algum dia.

Ela pegou as chaves de casa de dentro da bolsa e retirou apenas uma delas do elo, colocando-a dentro do porta-copos.

— Fique com isto — ela disse. — Gosto de pensar que algum dia você vai voltar.

Então desceu e seguiu em direção à casa ainda acesa, entrou e fechou a porta.

Olhei para baixo, agarrando o volante com força e encarando a chave como se fosse uma espécie de substância entorpecente. Eu queria aquilo. E sabia que a usaria.

Eu queria usá-la neste segundo.

Filha da puta.

Coloquei o carro em movimento, dirigindo devagar e com os faróis desligados, e quando peguei a rodovia, liguei o rádio na maior altura, engatando a terceira e a quinta na sequência.

Mas então pisquei, balancei a cabeça e desviei o carro na mesma hora para o acostamento, derrapando até parar.

Maldita! Mas que merda!

Que porra era aquela?

O que ela estava fazendo comigo?

Onde eu estava com a cabeça?

Passei os últimos dois anos apenas observando-a de longe, sabendo que ela seria minha heroína e tendo certeza de que minha obsessão era uma situação sem saída quando eu fosse até ela novamente.

Eu queria ficar com ela. Queria tocá-la, continuar a fazer nossos joguinhos.

Mas também queria que ela tivesse quatorze anos para sempre. Jovem, linda, inocente e a única coisa na minha vida que não era imunda.

No entanto, ela não tinha mais quatorze anos.

Estava crescendo e se transformando no que os homens desejariam.

No que eu queria.

Encarei a chave dourada sobre o console, gritando para mim tão alto quanto a música que explodia dos alto-falantes e eu... eu só...

Não queria me afastar ainda.

Eu queria me esconder em algum lugar sossegado e à penumbra, sentindo os sussurros deixando seus lábios e me deliciando com o cheiro mentolado de seu cabelo.

Foda-se.

Fiz a volta com o carro, os pneus cantando no asfalto, e dirigi pela entrada de sua propriedade, estacionando do lado de fora.

Peguei a chave e meu celular do console, para enviar uma mensagem para os caras e dizer que ficaria fora pelo resto da noite, mas percebi que estava sem bateria. Retirei do carregador o telefone que usamos em conjunto – aquele onde sempre filmávamos nossos trotes na Noite do Diabo – e mandei a mensagem. Guardei tudo no bolso e coloquei o meu celular pessoal para carregar. Tranquei o carro e corri para dentro da propriedade, fora de vista, até que alcancei os fundos da casa. As luzes no andar de baixo estavam desligadas, mas havia algumas acesas no andar de cima.

Fui até a porta dos fundos, peguei a chave que ela me deu e parei, lembrando que eles não possuíam um sistema de alarme da última vez em que estive aqui. Com sorte aquilo não teria mudado.

Enfie a chave na fechadura e girei a maçaneta, abrindo a porta bem devagar. A cozinha escura estava imersa em absoluto silêncio.

Mas não por muito tempo.

— Winter, eu tenho que ir para o aeroporto às cinco da manhã! — alguém gritou no andar de cima. — Você não poderia ter ligado para avisar?

Olhei ao redor e verifiquei que a cozinha estava deserta. Fechei a porta bem devagar e atravessei o corredor e a sala o mais silenciosamente possível, ficando perto das escadas para me esconder.

— Desculpa. — Ouvi Winter dizer.

Eles estavam bravos porque ela chegou tarde e não ligou para avisar.

— Você estava chorando? — sua mãe perguntou, parecendo irritada.

No entanto, ela nem teve a chance de responder, já que seu pai berrou de algum lugar no corredor.

— Você tem sorte que não liguei para a delegacia! Se não consegue entender um pinga de cortesia, então é melhor largar aquele trabalho, ou qualquer outro, para dizer a verdade. — E então ele acrescentou: — É totalmente inútil, ao meu ver.

Filho da puta. Não me admira ela estar tão desesperada por um pouco de liberdade. Eles achavam que ela era burra demais para lidar com qualquer coisa.

— Deixe que eu resolvo isso. Vá para a cama — a esposa disse a ele.

— Não me mande calar a boca. Ela é tão minha filha quanto sua.

Ela não é de nenhum de vocês. Eles não eram nada para ela.

— E é por isso que Montreal sempre foi a melhor opção pra você — o pai continuou. — Uma escola que pode fornecer a

comunidade adequada onde você ficará segura e confortável, além de te ajudar a encontrar uma faculdade e um trabalho de meio-período que seja do seu agrado.

Winter não disse nada, e imaginei-a sentada em sua cama, deixando-os falar à vontade, pensando que era inútil argumentar ou achando que estavam certos.

E não era nenhum dos dois.

Seus pais eram entediantes. Ela era incrível.

— Está certo — a mãe interveio. — Contanto que você esteja bem. Nós conversaremos sobre isso assim que eu voltar para casa na semana que vem. Preciso de pelo menos algumas horas de sono esta noite, então vou dormir um pouco.

Esperei vários minutos até que ouvi os passos no piso superior. As luzes se apagaram e portas se fecharam, e depois de um instante, pulei o corrimão e subi os degraus bem devagar, de olho para ver se alguém ainda estava por ali.

Winter andou pelo corredor até o banheiro, e quando abriu o chuveiro e colocou uma música para tocar, disparei pelo restante da escada e me lancei em sua direção, fechando a porta e agarrando-a no momento em que se virou, assustada.

Eu a beijei, interrompendo seu grito, sentindo-a ceder assim que percebeu que era eu.

Ergui seu corpo e fiz com que envolvesse minha cintura com as pernas, e então devorei sua boca carnuda, mordiscando o lábio inferior entre os dentes e sentindo o gosto das lágrimas em seu rosto.

— O que você está fazendo? — perguntou, talvez preocupada que eu fosse flagrado ali.

Mas apenas balancei a cabeça, mantendo o tom de voz baixo caso os pais ainda estivessem acordados.

— Não sei, querida — admiti. — Só não me deixe ir, okay?

Ela se rendeu, mais lágrimas se derramando de seus olhos enquanto me beijava e abraçava apertado.

As luzes estavam apagadas ainda, contando apenas com a iluminação natural do luar; enfiei a mão por baixo de sua saia, para que soubesse o quanto a queria. Meu comportamento imbecil não tinha nada a ver com o fato de ela não poder me ver. Eu não era superficial desse jeito, e tudo aquilo era muito mais complicado do que ela poderia imaginar. Com sorte, ela nunca ficaria sabendo.

Nós merecíamos uma noite. Alguns minutos ou horas, só um pouco mais.

Eu sabia que isso era errado. Sabia que era um fodido das ideias.

Ela me odiava. Sua família me odiava.

Ela era uma das pouquíssimas pessoas a quem eu não *queria*

magoar.

Eu tinha dezenove anos, e ela era jovem demais.

Mas sua boca. Porra, sua boca deixando beijos suaves no canto da minha, sua língua me provocando, o gosto de sua pele...

Eu queria engoli-la.

Something I Can Never Have começou a tocar, a água da ducha caindo, e era como se estivéssemos naquela fonte de tantos anos atrás outra vez. Tudo era puro e inocente, apenas naquele breve momento, e era assim que as coisas deveriam acontecer. O que sempre aconteceria com a gente.

Eu queria senti-la contra mim. Sua pele em contato com a minha. Queria cada pedacinho dela.

Carreguei-a até a pia e coloquei-a sentada ali; Winter puxou a barra do meu agasalho e depois a camiseta, ajudando-me a me livrar das roupas. Joguei tudo no chão e segurei seu rosto com delicadeza, beijando-a uma e outra vez, nossas línguas duelando e nossos hálitos e calor se misturando.

Afastei-me um pouco, observando seus olhos à medida que retirava a gravata borboleta e desabotoava sua blusa. Ela passou as mãos pelo meu peito, meu abdômen, tateando com as pontas dos dedos as reentrâncias e relevos, e um gemido escapou dos meus lábios com a sensação prazerosa.

Aquela era a única maneira com que ela poderia me “ver”, e apesar das carícias suaves fazerem meu sangue correr de um jeito insuportável, tentei ser paciente ao deixá-la explorar.

Os dedos se espalharam sobre minha clavícula, pelos meus ombros, descendo pelos braços e traçando as linhas dos músculos do meu peito e barriga; então ela enfiou os dedos por dentro do cós da minha calça, fazendo um calor inimaginável tomar conta da minha virilha.

— Winter... — mal consegui sussurrar.

Naquele instante, desejei que ela soubesse o meu nome. Eu queria ouvi-lo de seus lábios.

Por que com ela era tão diferente do que com qualquer outra?

Ela subiu a saia e, quando tentou alcançar o fecho do sutiã para abri-lo, segurei suas mãos. Ao invés disso, eu abaixei, lentamente, as alças e beijei o caminho entre sua clavícula e pescoço.

Envolvei seu corpo com um braço e puxei-a contra o meu, esfregando minha virilha entre suas pernas e deliciando-me com a dor prazerosa enquanto beijava sua testa.

— Quero que você seja o meu primeiro — ela sussurrou.

Fechei os olhos, em agonia.

— Quero ficar com você — prosseguiu —, mesmo que você vá desaparecer de novo... Quero ficar com você.

Enfiei os dedos por dentro de suas coxas, querendo fodê-la em cima daquela pia naquele instante e beijá-la até que não fosse capaz de me mover.

Eu queria ser sua primeira vez.

— Eu... — Puta merda, eu precisava ir embora. — Eu...

— Você. Eu te quero. — Ela salpicou meu pescoço de beijos. — Eu amo a forma como enxergo o mundo quando estou com você. Eu quero que seja você.

Ela chupou a pele no meu pescoço e mordeu de leve, e meu corpo recebeu uma descarga elétrica, meu pau começou a implorar para sair do jeans. Enfiei os dedos em um punhado de seu cabelo e segurei-a naquela posição, com sua boca tomando o meu corpo.

— Caralho.

— Você está com seu celular aí? — perguntou, os lábios ainda pressionados contra a minha pele.

— Sim, por quê?

— Tire uma foto minha fazendo isso — sussurrou. — Se você sumir, quero que se lembre de mim.

Querida, eu nunca sumi. Sempre estive aqui. No verão passado, quando você estava tomando sol na praia, eu estava lá. Quando foi às compras com a sua mãe e parou para tomar um café... Eu estava exatamente ali.

Ela nunca soube o quão perto estive.

Peguei meu celular e o desbloqueei, lembrando na mesma hora que era o celular que os Cavaleiros usavam. Não tinha problema. Eu enviaria a foto para o meu depois.

— Vou filmar, tá bom? — arfei. — Quero o pacote completo.

A forma como ela se movia, os sons que deixavam sua boca... Eu queria me lembrar disso quando já não pudesse tê-la para mim.

Apertei a tecla para dar início ao vídeo, focado em nossos corpos juntos e fechei os olhos, gravando para sempre os seus gemidos e a expressão de seu rosto lindo enquanto me beijava.

— Continue... — implorei.

Ela lambeu e mordiscou meu pescoço, e eu inclinei a cabeça para trás, a mão ainda agarrada à sua nuca. Ela tomou minha boca, mergulhando a língua de encontro à minha, e senti minhas pernas fraquejando. O celular escapuliu da minha mão e eu a segurei apertado em meus braços.

— Puta merda, Winter — falei, baixinho. — Você está me matando.

Ela deslizou a boca pelo meu peito e subiu outra vez; meus músculos contraídos em busca de prazer, e não consegui mais me conter. Segurei suas mãos às costas e assumi o controle, beijando e mordendo-a sem misericórdia.

Ela ofegou.

— Eu amo... — Então hesitou, percebendo o que estava prestes a dizer.

Minha boca pairou acima da dela, raiva e felicidade se mesclando ao meu desejo.

Amor? *Você me ama?* Só havíamos nos encontrado três vezes, e ela nem ao menos sabia o meu nome.

No entanto, ela se recuperou rapidamente.

— Eu te odeio — corrigiu. — Eu te odeio pra caramba.

Segurei suas mãos, sentindo a paixão escalando meu corpo e um sorriso torto curvou meus lábios.

— É, eu também te odeio — eu disse, erguendo-a da pia para levá-la ao chuveiro. — Eu só quero te comer.

— É mesmo? — caçooou.

Coloquei-a de pé, sem afastar o olhar de seu rosto e abaixei seu sutiã, puxando-o pelas pernas junto com a saia.

Ela levantou os braços para cobrir os seios, vestida apenas com a calcinha branca.

— Abaix os braços — murmurei, contra os seus lábios.

Ela hesitou por um segundo, nossas respirações aceleradas e em sincronia.

— Eu quero ver — eu disse.

Lentamente, ela cedeu ao meu pedido, e seu mamilo roçou contra o meu peito, mas nem isso fez com que eu desviasse o olhar de seu rosto lindo.

Eu não queria ser sua primeira vez. Queria ser todas as vezes.

Mas também não queria amá-la. Não queria me sentir assim. Não podia me sentir assim.

Quando descobrisse minha mentira, ela me odiaria.

Não havia futuro para nós.

Era apenas sexo.

Arrastei sua calcinha para baixo, beijei sua barriga, sentindo-a tremer com o toque da minha boca, e então a empurrei para debaixo da ducha, fechando a porta do boxe antes de imprimir seu corpo contra a parede de mármore.

O vapor da água quente se formava como uma névoa ao nosso redor, e os respingos fizeram minha pele arrepiar quando me inclinei para possuir sua boca.

— Seus pais são péssimos — eu disse, repetindo as palavras que usei quando a assustei pela primeira vez. — Sua irmã é superficial e nem um pouco interessante. Eu te disse que acabaria te machucando, não é?

Ela assentiu.

— Você prometeu fazer isso.

Meu pau inchou mais ainda e, na mesma, hora, se esfregou contra sua boceta.

— Prometi mesmo — comentei. — Eu disse que algum dia iria te machucar.

Ela gemeu, remexendo o corpo incrível contra o meu, ansiando pelo meu pau dentro dela.

Agarrei seu queixo, depositando beijos em sua boca.

— Eu vou foder a garotinha do papai — zombei, tentando me ajeitar em sua entrada.

— Sim — ela ofegou.

— Você me quer? — perguntei, erguendo-a e abrindo suas pernas. — Porque eu estou doido pra te comer, docinho.

Ela tentou cavalgar meu pau, esfregando-se contra mim.

— Tão linda — debochei. — A garotinha do papai, né?

Assentiu e inclinou a cabeça para mim.

— Boa menina. — Abaixei o corpo para chupar um de seus seios. — Fazendo exatamente o que boas meninas devem fazer com os homens. Ele vai ficar muito puto quando vir o que fiz com você. O que fiz com sua bebezinha.

Ela entremeou os dedos no meu cabelo, mas a empurrei.

— Tire as mãos de mim — eu disse, entredentes, afogando-me na minha própria mente onde eu apenas agia e não pensava em porra nenhuma. — Se eu quiser ser tocado, vou te dizer onde. Entendeu?

Ela abriu os olhos, parecendo um pouco confusa, mas eu não estava nem aí. Não estava apaixonado por ela. Isto não era amor.

— A garotinha do papai — repeti, sentindo uma dor súbita dentro do peito. — A putinha do papai que trepa com caras que ela nem conhece quando seus pais estão dormindo, não é?

Mágoa assumiu sua expressão e ela ficou imóvel, rígida em meu colo.

— Você quer foder? — Mordisquei um seio, chupando com força e tentando ignorar a náusea que revirava meu estômago. — Arreganhe essas pernas aí e me dê um pedaço dessa boceta.

Ela pareceu perder o fôlego, lutando contra um soluço quando seus olhos se encheram de lágrimas.

— Po-por f-favor — gaguejou, chateada. — Por favor, não fale assim comigo.

Então parei, recostando a testa contra o colo de seus seios, sentindo a bile subir à garganta diante do tom de voz ferido.

Eu não podia fazer isso.

Ela merecia coisa melhor.

Mesmo que fosse aquela vez ali, eu poderia fazer do jeito certo.

Poderia significar algo mais. Só com ela.

— Você pode ser gentil? — ela pediu, com a voz embargada.

Balancei a cabeça, ainda sem olhar para ela.

— Eu não sou gentil — murmurei. — Mas, porra, querida... você está acabando comigo nesse exato instante.

Ela enfiou os dedos pelo meu cabelo.

— Quanto menos especial este momento for, menos machucada você vai sair — admiti.

Sabia que ela não fazia a menor ideia do que eu estava falando, mas a única coisa que ela disse foi:

— Você prometeu me machucar. Não pare agora.

— Estou com medo de... — Por um segundo achei que não conseguiria respirar. — Estou com medo de te...

— Eu não vou me sujar — ela se apressou em dizer, lembrando-se do que eu disse mais cedo, no carro. — Você não vai me deixar suja. Não existe você. Não existe eu. Só nós dois.

E aquilo foi tudo o que eu precisei ouvir para colocá-la deitada sobre o banco de mármore. Eu me abaixei contra o seu corpo e beijei-a com vontade, enquanto ela abria a pernas e dobrava os joelhos para me acomodar em seu calor.

Grunhi um gemido agoniado com a sensação deliciosa de sentir sua entrada contra minha virilha, querendo nada mais do que me afundar em sua boceta apertada.

Afastei-me um pouco e parei acima dela, encarando seu rosto e deslizando minha mão por sua pele. O pescoço delgado e o colo suave. Os seios cheios e empinados e a barriga plana. As coxas e a bunda durinha.

Posicionei-me em sua entrada, vendo-a estremecer e respirar com dificuldade, e penetrei-a, sentindo todos os músculos contraídos à medida que deixava um gemido alto escapar.

Eu me abaixei e cobri sua boca com a mão, afundando-me mais ainda dentro dela.

Seus gemidos vibravam contra minha palma, seus ofegos, e por um instante fiquei apenas ali parado, esperando que a dor cedesse.

Um misto de prazer e raiva percorreu minhas veias, consciente de que estava feito e eu a havia arruinado, mas as sensações eram tão gostosas e intensas que eu sabia que faria tudo novamente, se tivesse mais uma chance.

Seus músculos internos me apertaram e meu pau latejou com a necessidade de bombear.

Afastei minha mão e perguntei:

— Ainda está doendo?

Ela parou por um segundo, e então relaxou, abrindo mais as coxas e soltando as unhas que estavam cravadas nos meus ombros.

— Não. — Engoliu em seco. — Não está doendo mais.

Apoiei minha mão por baixo de sua bunda e segurei firme, meu

olhar focado ao seu rosto, então tirei um pouco meu membro e arremeti contra o dela outra vez.

Ela deu o gemido mais fofo que já ouvi, a expressão dominada por uma mistura de dor e prazer à medida que se ajustava ao meu tamanho, e quando arqueou as costas, rebolando o quadril para ir de encontro ao meu, percebi que não dava mais para me controlar.

Estoquei meu pau, vendo seus seios balançando com o movimento, e quando ela inclinou a cabeça para trás, expondo o pescoço para mim, afundei a boca para provar sua pele.

Seus gemidos se tornaram cada vez mais altos, e cobri sua boca com a minha, lambendo sua língua e mordiscando seus lábios.

— Ssshhh... — brinquei. — Você vai me colocar em apuros.

Ela sorriu, mordendo o lábio inferior.

— Isso é tão gostoso.

Sim, mas era uma pena que não duraria por muito tempo. Eu estava fazendo o impossível para me controlar. Meu pau já estava pronto, e eu queria foder com força.

— Toque a si mesma — ordenei.

Eu precisava da ajuda dela para que gozasse antes de mim.

Ela fez o que pedi, estendendo o braço para esfregar seu clitóris enquanto eu acelerava o ritmo e ia mais fundo ainda.

Winter arqueou as costas e me beijou, subindo mais ainda os joelhos como se soubesse do que eu precisava para me afundar o máximo que poderia. Ela estava tão molhada, e chupei as gotas de água de seus seios, pescoço, queixo... tudo isso enquanto ela se acariciava com a mão entre nossos corpos. Ela se esfregou cada vez mais rápido, gemendo em desespero, e então cravou as unhas nos meus ombros novamente quando parou de se tocar e me deixou guiá-la em seu orgasmo.

Cobri sua boca com a mão quando gozou, os músculos internos contraindo ao redor do meu pau, apertando-me como um torno. Gemidos baixinhos deliciados se derramavam de seus lábios.

— Você gosta disso? — perguntei, depositando beijos suaves em sua boca.

Ela assentiu, e eu arremeti com mais força, sem me conter por mais tempo agora com as rédeas soltas.

Meu pau inchou com impulsos incontrolláveis e prazerosos pra caralho, e não deu mais para segurar.

— Vou gozar fora, okay? — informei.

Ela ficou em silêncio por um instante.

— Tipo... em cima de mim?

— Sim, querida.

Ela levou um instante para entender o que quis dizer, mas assentiu. Não estávamos usando preservativo, afinal de contas. E eu

duvidava que ela tomasse anticoncepcional.

Estoquei mais algumas vezes, incapaz de me controlar por mais tempo, e me retirei de seu interior, acariciando a mim mesmo até gozar sobre sua barriga. O orgasmo avassalador atravessou, deixando minha cabeça leve enquanto eu fechava os olhos e saboreava a sensação de tê-la ali comigo e de tudo o que fizemos.

A onda se espalhou por todo o meu corpo, e fiquei ali parado, com a certeza absoluta de que nada se comparava a ela.

Winter era incrível.

Por que aquilo foi tão diferente?

Abri os olhos, contemplando seu sorriso sutil quando ela tentou tocar com um dedo o que eu havia despejado em sua barriga.

No entanto, eu a impedi, afastando sua mão.

— Não, não toque isso — falei. — Eu vou... Só espere aqui. — Saí de cima dela. — Não se mexa.

Saí do chuveiro e encontrei uma toalhinha de banho ali perto, então voltei e a coloquei sob a ducha. Tirei o excesso da água e limpei a bagunça sobre sua pele, recriminando-me.

Mas que porra? Eu gozei em cima dela?

Jesus.

Assim que consegui limpar tudo, lavei a toalhinha e encharquei-a com água quente, e então a dobrei para colocar por entre suas pernas.

— Isso é tão gostoso — ela disse.

— Fique segurando isso aí.

Ela permaneceu deitada, fazendo exatamente o que instruí, e eu entrei debaixo da ducha para me limpar e molhar meu cabelo.

Tentei evitar olhar para ela, mas era impossível. Ela estava ali molhada, nua e linda, a única coisa pura que já tive na vida.

E, é claro, eu estraguei tudo e a poluí.

— Por que você está sorrindo? — eu quis saber, quando notei seus lábios curvados.

— Eu não deveria estar fazendo isso?

Tá, tudo bem.

— Essa sensação me lembra a que senti quando estive debaixo de um chafariz uma vez — informou. — A água caindo à nossa volta, como uma espécie de escudo. Nós estávamos nos escondendo. Era como um mundo dentro de outro. Uma das minhas piores memórias, mas também uma das melhores.

Passei a mão várias vezes pelo cabelo, lembrando perfeitamente daquele dia. Se ela soubesse que o garoto com quem estava na fonte era o mesmo com quem havia acabado de transar...

Será que ela ainda o odiava?

— Nós? — sondei.

Eu queria ouvi-la falar sobre mim. Ver o que permeava sua mente. Se o tempo havia curado alguma coisa.

Mas ela apenas ficou ali parada, em total silêncio.

— Então... isso é o vermelho? — perguntou, mudando de assunto.

Vermelho?

Ah, entendi. Ela se referia àquela noite quando pilotamos a moto. Ela quis saber como o vermelho se parecia.

Dei uma risada de escárnio.

— Está mais para laranja.

— Laranja? — Ela soou horrorizada. — Não pode nem ser um roxo?

Eu ri baixinho e fui até ela, pegando a toalhinha que a cobria.

— Então que seja roxo.

Ajudei-a a ficar de pé para que pudesse se lavar, e ela entrou debaixo do chuveiro.

— Quando poderei ver o vermelho? — perguntou.

Segurei seu rosto com uma mão e apoiei a outra na parede, encarando seu rosto lindo, e vi que a merda logo bateria no ventilador do caralho.

Quando você descobrir quem acabou de te foder... É aí que você vai ver um vermelho vivo.

[14] Parte do acabamento do telhado que faz a conexão entre as telhas para proteger a construção da água e evitar vazamentos e infiltrações.

Capítulo 18

Winter

Dias atuais...

— Mikhail? — gritei, enquanto seguia pelo corredor.

Acordei ao som de suas unhas arranhando o piso de madeira.

Música tocava pela casa, e pude ouvir que havia gente circulando no andar inferior, bem como carros subindo pelo caminho até a entrada da mansão. O que estava acontecendo?

Depois do banho, tranquei a porta, vesti-me e sequei o cabelo; então refiz minha mala de fuga, contando o dinheiro outra vez e fazendo uma lista mental dos lugares para onde eu poderia ir caso fosse necessário. Eu sabia que não fugiria nesse momento, porque não queria arriscar a vida de outras pessoas, mas fiz tudo aquilo para me manter ocupada.

Daí veio a idiotice: eu caí no sono. A preocupação, o pavor que senti esta manhã, o momento na banheira... Tudo isso fez com que eu me enrolasse em posição fetal na cama, mergulhando num sono profundo.

Eu precisava de outro plano. Acho, inclusive, que deveria ser um que envolveria os antigos amigos de Damon. Eles poderiam contê-lo.

Poderiam impedi-lo por mim.

— Mikhail? — chamei em voz alta.

Meu telefone ainda estava lá embaixo – com sorte, carregado, já que se passava das oito da noite –, mas ouvi um choramingo baixinho e acabei desviando o caminho para o quarto do meu pai.

Ouvi o som da torneira aberta na banheira da suíte, mas eu não dava a mínima se Damon estava lá dentro ou não.

— Mikhail.

O nariz gelado do meu cachorro tocou minha perna, e ele resfolegou, feliz, lambendo meus dedos.

Ajoelhei-me, sorrindo de puro alívio.

— Oi. — Acaricieei seu pelo e abracei-o, sentindo a tristeza dos últimos dias evaporar de repente.

Obrigada, obrigada, obrigada...

Eu tinha quase certeza de que Damon não faria nada com ele, mas meus olhos se encheram de lágrimas, feliz além da conta por ele estar ali.

— Por que você está aqui? — repreendi, em um tom brincalhão, segurando sua coleira e colocando-me de pé. — Fique longe dele, garoto.

— *Ke nighg-ya.* — O comando em russo novamente.

Mikhail se soltou da minha mão e correu, as unhas de suas patas fazendo barulho contra o piso do banheiro.

— Mikhail? — eu disse, em um tom mais severo.

— O cachorro foi um erro — Damon comentou. — Ele não vai te proteger de mim. Eu sei como tratá-lo. Sei como fazer com que me obedeça.

— Devolva-o.

— Claro — caçoou. — Pode pegar... Se puder.

— Mikhail — ordenei, batendo a mão na perna. — Mikhail, venha aqui!

No entanto, meu cachorro não se moveu. Não ouvi o sino de sua coleira ou o som de suas unhas.

Senti meu queixo tremer, mas me recusei a chorar.

Antes que tivesse a chance de dar a volta e sair dali, Damon agarrou meu pulso e me puxou para o banheiro. Resisti ao seu agarre, tentando me afastar, e percebi que havia apenas uma toalha enrolada ao redor de seu quadril quando ele me imprensou contra a pia e colocou uma longa peça de metal nas minhas mãos.

— O que é isso? — perguntei, ao sentir que ele me obrigava a segurar o objeto.

O perfume de sua loção de barbear se infiltrou no ar, e o vapor do chuveiro grudou em minha pele.

— Você sabe como consigo controlá-lo? — Damon quis saber.

Eu não dava a mínima...

— Comida — explicou. — A maioria dos animais, incluindo os humanos, podem ser facilmente controlados por um sistema de castigo e recompensas.

Alguma coisa caiu no chão, e ouvi Mikhail se movimentar para comer o que Damon jogou para ele.

— Nós queremos comer, então fazemos o que for preciso para que possamos ser alimentados — ele disse. — E todos os animais têm isso em comum. Eles não conseguem reduzir o volume de sua alimentação, então se tornam sujeitos a qualquer pessoa que puder providenciar isso. É desse jeito que os animais são domesticados. É a forma como os humanos são escravizados em seus trabalhos e relacionamentos desgastantes. — Ele se inclinou para mais perto, seu hálito soprando sobre o meu rosto. — Nós todos precisamos comer, Winter.

Afastei a cabeça, tentando empurrá-lo para longe.

— E seres humanos são complicados — continuou. — Não é somente nossos estômagos que precisam ser alimentados.

Ele ergueu minha mão – ainda segurando seja lá o que era aquilo –, e a levou ao seu rosto. Por mais que eu rangesse os dentes,

tentando me afastar de seu toque, ele forçou o objeto contra sua pele, deslizando do queixo ao pescoço. Forçou o movimento da minha mão, e parei de me debater à medida que sentia a peça raspando os pelos curtos de sua barba. Então ele abaixou minha mão até a torneira da pia às minhas costas.

Uma lâmina. Uma navalha afiada. Senti o peso do objeto com ambas as mãos. A lâmina fria de metal era suave e cortante, enquanto o cabo parecia ser gravado com entalhes em filigranas, tornando a empunhadura muito mais firme. Seria uma antiguidade? Ninguém mais usava aquele tipo de coisa.

Ele me levantou e fez com que me sentasse na bancada de mármore, ladeando meu corpo com as mãos.

— Continue — disse, em voz baixa.

Continuar? Ele queria morrer hoje? Ou pensava que eu não teria coragem de usar aquilo contra ele?

— Por quê? — perguntei. — Para que possa provar que faço tudo o que mandam? Como um cachorro? — Apoiei a mão livre em seu peito, tentando impedi-lo de se aproximar. — Não preciso que você me alimente.

— Talvez eu precise que você me alimente.

O que ele queria dizer com aquilo?

— Faça isso — exigiu.

Segurei o cabo da navalha, gostando da sensação da empunhadura, e adorando saber que ele estava à minha frente; que havia colocado uma arma em minha mão, dando-me a chance de acabar com tudo aquilo naquele instante.

Ele confiava tanto assim em mim? Ou achava que poderia me impedir a tempo?

Ele estava me testando, com certeza. Só para ver se eu o odiava ou não. E estava disposto a se colocar em risco para descobrir isso.

De repente, eu me senti do mesmo jeito como naquela noite, tantos anos atrás.

Como se eu fosse perigosa.

— Eu vou te cortar — eu o adverti.

— Isso aí.

— E se eu cortar sua garganta?

Ele deu um riso abafado.

— Meu tipo de diversão tem um preço, lembra?

Prendi a respiração por um segundo, lembrando-me daquelas palavras. Lembrando que ele era *ele*. Meu fantasma. O cara que beijei e com quem fiz amor.

No início, aquelas palavras me encheram de pavor, porque isso significava que ele não tinha limites. Então elas me deixaram com tesão, porque eu queria me aventurar com o garoto que pensei amar.

Segurei seu rosto com uma mão, inclinando sua cabeça um pouco para trás. Então deslizei os dedos pelo seu pescoço, sentindo a pele suave onde ele já havia raspado e onde ainda se concentrava o creme de barbear.

— Chegue mais perto — pedi.

Ele se aproximou, obrigando-me a abrir mais as pernas; seus dedos roçaram de leve minhas coxas desnudas. Ignorei os arrepios que subiram pelo meu corpo.

Levantei a lâmina lentamente, sentindo o ritmo de sua respiração mudar, e aquilo quase me fez sorrir, porque, mesmo que um pouquinho, era nítido que estava nervoso.

Encontrei a posição certa apoiando o polegar e pressionei a navalha contra sua pele, aumentando a pressão um pouco mais do que deveria, ouvindo prender o fôlego.

Era a vez de ele ficar assustado.

Deixei-a ali por um segundo, sentindo a tensão entre nós à medida que ele esperava para ver o que eu faria agora que a lâmina estava pressionada contra sua garganta. Seus olhos estavam focados em mim, observando-me?

Será que era isso o que ele estava esperando? Ele estava preparado?

Continuei imóvel por mais um instante e, então... deslizei a navalha para cima em seu pescoço.

Ele parou de respirar por um momento e exalou suavemente assim que senti a lâmina se afastar.

Passei os dedos pela faixa que eu havia acabado de raspar, sentindo a maciez da pele. A mesma pele que meus lábios tocaram quando pensei que ele era outra pessoa.

Lavei o barbeador e levantei a mão novamente, inclinando seu rosto outra vez – talvez ele tenha abaixado para me observar.

Ele ficou ali em silêncio enquanto eu, lentamente, arrastava a navalha pela sua garganta, o som áspero enchendo o ambiente à medida que tudo ao longe desaparecia. Minha mão tremeu com a consciência de que a qualquer momento eu poderia feri-lo.

Com um corte profundo.

E seria algo merecido. Principalmente depois do que ele fez comigo...

Depois de ser tudo aquilo que desejei e precisei, ele fez com que eu me apaixonasse, mas descobri que havia caído em uma mentira. O garoto que me tratou mal e descobriu como era fácil se enfiar debaixo do meu nariz para que eu transasse com ele. Será que depois ele riu de mim com os amigos? Ele se divertiu?

Senti meus olhos marejarem quando raspei outra área. Minha mão estava doendo tamanha a tensão com que eu segurava a lâmina.

Como ele pôde mentir daquele jeito? O jeito que ele era... As

palavras, os beijos, o chuveiro, a maneira com que me segurou e pareceu tão triste em alguns momentos... O desespero que o dominou quando possuiu meu corpo e ambos nos entregamos ao calor do momento e à necessidade de sentir um ao outro... Como ele conseguiu mentir tão bem? Garotas novinhas tinham o coração mole. Ele devia saber que eu me apaixonaria facilmente. Ele achou engraçado me dar esperanças e brincar comigo daquele jeito? Será que riui da minha cara, a ceguinha patética que achou que ele poderia se apaixonar também?

Ele perdeu o fôlego e eu parei, as lágrimas ameaçando correr livres quando percebi que o havia cortado.

No entanto, ele não disse nada, e nem se moveu. Eu fiquei ali, a mão erguida no ar, logo abaixo de seu queixo, apenas esperando. Na verdade, aquela não foi minha intenção. Era muito ruim?

Ouvi quando ele engoliu saliva e sussurrou:

— Continue.

Pisquei para afastar as lágrimas e afrouxei o agarre, tentando relaxar.

— Que barulho todo é esse lá embaixo? — perguntei.

— Segurança extra.

— Para me manter trancada aqui?

— Para te proteger — ele corrigiu, em um tom tímido.

Eu tinha certeza de que meu rosto revelava o desdém com aquela informação. Então me lembrei de sua negativa de que havia sido ele no banheiro do teatro, bem como da negativa de Crane de que havia mais alguém na casa aquela manhã em que fugi para St. Killian. Eles não tinham porque mentir. Será que eu corria mais risco do que pensei? Havia outra pessoa atrás de mim? Inimigos do meu pai ou algo assim?

Tentei me tranquilizar, quase atemorizada pela sua resposta quando perguntei:

— A minha família está mesmo nas Maldivas?

— Sim — admitiu.

O nó na minha garganta era indício da mágoa que senti naquele momento.

E apesar de ser incomum a minha mãe estar na lua de mel com Ari, ao invés dele, eu sabia o motivo. Ele não tinha o menor interesse nas Maldivas. Tudo pelo qual se interessava estava aqui.

— Por que minha mãe me deixou aqui contigo?

— Por que ela é uma puta.

Minha mão tremeu um pouco, em parte por conta da raiva e outra parte pela imensa vontade de chorar. Ela me deixou. Ela me deixou de verdade. Ela tentou lutar contra isso? Chorou? Foi arrastada para sair pela porta, pelo menos? Ele ofereceu alguma coisa a ela?

Será que ela achou que voltaria logo?

Por que ela permitiu que ele a convencesse?

Porque ela é uma puta.

Senti meu queixo tremer, quase apreciando a raiva genuína em sua voz. Ele fez aquilo, mandou-as embora.

Mas apesar de ter feito o que foi preciso para conseguir o que queria, ainda assim, ele não mostrava nenhum respeito pelo fato de a minha mãe ter cedido a ele. Que tipo de pais...

— Para onde você vai quando não está aqui? — perguntei, mudando de assunto. — Você realmente vai para a cidade? Nova York talvez? Onde?

Ou esteve por perto? Sempre próximo.

Ele ficava um bom tempo fora, e não me passou despercebido que quase nunca passava a noite aqui. Onde diabos estava dormindo?

Talvez ele tivesse outra mulher. Outra, além da minha irmã, quero dizer.

Ouvi o sibilo agudo e percebi que o havia cortado de novo.

Merda.

Ainda assim, ele não se moveu ou falou qualquer coisa. Ao invés disso, expirou devagar, quase como um suspiro aliviado.

— Continue — sussurrou, áspero dessa vez e parecendo estar sem fôlego.

Eu podia sentir o calor de seu corpo, o ritmo constante de sua respiração por baixo da minha mão apoiada em seu peito. Era como se ele estivesse calmo e exausto, como se gostasse daquilo.

Ele gostava de ser ferido?

Ou gostava da sensação do medo?

Novamente, lembrei-me da noite em que dirigi seu carro. Eu adorei o fato de ele não ter ficado bravo com meus erros, além de ter esperado que eu fizesse as coisas no meu ritmo. Como agora. Ele não estava irritado por eu tê-lo cortado. Mas talvez aquilo fosse uma coisa dele. Ele amava brincar com perigo, com a morte. O medo fazia a gente se sentir vivo.

Terminei de raspar seu pescoço e lavei a navalha.

— Abaix-se um pouquinho — pedi. — Não consigo alcançar seu rosto.

Ele chegou o mais perto que podia, aconchegando-se entre minhas pernas, e puxei sua cabeça mais para baixo, nossos corpos praticamente colados. Seu calor se espalhou pelo meu rosto diante de sua proximidade, e aquilo me deixou constrangida.

— Pare de me encarar.

Dava para sentir o sorrisinho besta.

Encontrei uma melhor posição e deslizei a lâmina pela lateral do seu rosto, no sentido contrário aos pelos, porque era assim que meu

pai fazia, e Damon não me orientou de outra forma. Raspei um lado e depois o outro, roçando os dedos pela pele para sentir alguma área falha.

Seu hálito morno soprava em minha testa, o calor de seu corpo me aquecendo por toda a parte. Eu sabia que ele estava olhando para mim, mas eu já não sentia mais vontade de dizer para que não fizesse isso,

porque, por uma fração de segundo, lembrei-me da sensação maravilhosa de me sentir entre seus braços e do toque de suas mãos. Mesmo que fosse uma mentira, eu me permiti desfrutar da intimidade pela qual estava faminta.

Por apenas um momento.

Passsei a navalha pela sua pele, barbeando toda área áspera que podia sentir. Suas bochechas, seu queixo, acima do lábio superior, abaixo do inferior. Deslizei as pontas dos dedos pela linha da mandíbula para tentar descobrir se havia me esquecido de algum ponto, e depois de alguns segundos tocando sua pele, fui levada de volta ao salão de festas, sete anos atrás, quando ele deixou que eu o visse com o toque de minhas mãos.

Nada havia mudado.

Coloquei a navalha na pia e segurei seu rosto entre minhas mãos.

— Só para conferir — falei, mas saiu em um sussurro tão suave que não tinha certeza se ele havia escutado.

Eu o toquei, roçando as pontas dos dedos pela maçã de seu rosto, em seu maxilar, na parte de cima do pescoço e no côncavo de suas bochechas. Ele se moveu em sincronia, encontrando meu toque à medida que inclinava e girava a cabeça, dando-me acesso total para conferir meu trabalho. Então as palavras que disse para mim, há anos, me vieram à mente.

Quer conferir o resto do meu corpo?

Distraidamente, meus dedos foram descendo pelo pescoço, e resolvi explorar um pouco mais, só porque precisava tocá-lo, mesmo que me odiasse por estar fazendo isso.

Ele passou a respirar com dificuldade, e apertou as mãos na junção das minhas coxas com a bunda, os dedos massageando a carne.

Recostou-se, o nariz tocando a ponta do meu; seu tórax pressionado ao meu peito.

— Winter... — grunhiu em um sussurro.

Agarrei-me aos seus ombros, sentindo seu pau duro se esfregar entre minhas pernas e alagando minha virilha com seu calor. Meu coração acelerou. Eu queria correr para longe dali.

E também queria que ele arrancasse as minhas roupas.

Eu te odeio.

Eu te odeio.

Eu te odeio.

Seu corpo imprensou o meu contra o espelho, e rebolei contra sua virilha, meu clitóris latejando com a provocação de seu membro através da toalha.

Então eu soube... que por mais que aquilo fosse gostoso e mesmo estando sozinha por tanto tempo – por não conseguir confiar em ninguém ou em mim mesma depois de sofrer tamanha humilhação com aquele

vídeo –, assim que tudo terminasse, eu me odiaria. Eu me odiaria por deixá-lo se aproveitar de mim outra vez.

Virei-me de costas e tentei empurrá-lo para longe.

— Me larga.

No entanto, ele não se moveu, inspirando com força.

— Por quê? — finalmente perguntou. — Você parece gostar de mim.

— Deixe-me em paz! — resmunguei. — Você não vai conseguir isso de mim.

Dei um empurrão com toda a minha força, mas ele apenas riu com escárnio.

— Eu já tive isso — ele disse, o tom de voz ameaçado e cortante. — Agora eu quero a sua sanidade. Só soltar um pouco mais o parafuso aí dentro...

Rastejei por baixo dele e consegui ficar de pé, dando socos em seu peito. Ele tropeçou para trás, ainda rindo.

— Tudo na hora cer...

— Ei, Winter! — O grito estridente vindo do andar inferior quase sacudiu a casa. — Estamos aqui!

Hum?

— Quem é? — Damon exigiu saber. — A voz se parece com a do Will.

Mas ele nem me deu tempo de responder. Quando passou por mim, suspirei, sentindo o alívio percorrer meu corpo ao me lembrar da conversa com Will na noite passada.

Coldfield.

Quando estava na festa, eu disse a Will e sua amiga, Alex, o quanto achava a nova casa mal-assombrada divertida, e que queria voltar lá antes que fechasse para a temporada.

Da última vez em que estive lá, precisei sair às pressas, então nem pude aproveitar tudo. Como eles ainda não tinham ido, combinamos de ir juntos esta noite.

E eu havia me esquecido totalmente.

Depois das últimas vinte e quatro horas, eu não estava no clima para me divertir em casas mal-assombradas, mas qualquer lugar era

melhor do que ficar aqui.

Saí da suíte e parei no patamar da escada, deixando-os saber que estava ali.

— Por que vocês estão aqui? — Damon perguntou, e eu me assustei ao perceber que havia parado exatamente do lado dele.

Que ótimo. Eu estava de pijamas, ele de toalha, e nós dois saímos do quarto que ele agora ocupava. Perfeito.

— Não é da sua conta — Will respondeu. Então disse para mim: — Winter, mostre a Alex onde fica o seu quarto. Ela vai te ajudar a ficar pronta.

Ouvi os passos subindo as escadas, aproximando-se.

Pronta? Eu era capaz de me vestir sozinha.

— Por que você está com a sua máscara? — ele perguntou a Will, provavelmente.

A forma como disse “sua máscara” deu a entender que ele também possuía uma. Pelo que ouvi, todos os Cavaleiros usavam.

— Ninguém está falando com você, filho da puta — Will rosnou.

Uma risada me escapou, e dava para sentir a irritação de Damon ao meu lado.

Will era engraçado. Eu até achava que gostava dele.

Damon não teve tempo de me perguntar qualquer outra coisa, porque uma mão delgada e fria segurou meu braço e, em seguida, guiei Alex pelo corredor até o meu quarto. De repente, eu estava animada com a noite.

Eu queria usar uma roupa legal, tomar uma bebida e desfrutar de um pouco de emoção e arrepios.

Contanto que nenhum deles fosse por causa de Damon Torrance.



Não era uma noite qualquer no calendário de Coldfield. Era a noite para maiores de dezoito anos, o que significava que as bebidas estavam liberadas e as roupas não deixavam muito para a imaginação. Todo mundo de fantasia.

Passamos pela entrada e mostramos nossas pulseiras de acesso irrestrito, e tentei abaixar um pouco mais a saia, sentindo-me um pouco tímida. *Hum, uma roupa legal mesmo.* Alex era uma garota interessante, e quase não acreditei que ela escolheu quase tudo do meu próprio guarda-roupa.

Depois que nos enfiamos no meu quarto, ela tratou logo de se ocupar

e arrumou meu cabelo. Em seguida, fez uma maquiagem de palhaço no meu rosto. Ou um palhaço sexy, de acordo com suas palavras. Pintou

alguns desenhos na minha testa e algumas lágrimas abaixo dos olhos, finalizando com tinta vermelha na ponta do meu nariz e um batom preto com o contorno branco ao redor da minha boca.

Enquanto eu estava dormindo, recebi uma mensagem de voz da minha mãe, avisando que ela e Ari estavam ótimas e que eu ficaria bem.

Nenhuma ligação ou informação além disso.

Elas estavam ótimas, e eu ficaria bem.

Uma mensagem enigmática, curta e grossa, à qual eu não conseguia entender.

Tentei ligar de volta para as duas, mas não atenderam, e eu já nem sabia se estava esperando que realmente fizessem isso. O que elas diriam, afinal de contas?

O que Damon disse à minha mãe?

Talvez ele tivesse boa lábia e deu algumas garantias a ela? Talvez o acordo financeiro tenha sido bom demais para ignorar. Ou talvez ela apenas tivesse se cansado de resistir.

Só soltar um pouco mais o parafuso aí dentro...

Seu insulto ecoou na minha mente outra vez, e o que quer ele estivesse planejando, sua intenção não era se valer com o uso da força, como pensei. Ele estava tentando entrar na minha cabeça.

Alex brincou e deu volume ao meu cabelo, e comecei a relaxar, sentindo-me no paraíso com todos aqueles cuidados, até que ela entrou no meu *closet*, fuçou todas as minhas coisas e, com a minha permissão, começou a rasgar e cortar algumas peças para a minha fantasia.

Vesti uma minissaia rodada preta com uma camada de tule por baixo e uma lingerie da mesma cor, com alças, que ela havia trazido. Para completar, enrolou no meu pescoço o tutu de um dos figurinos que usei quando criança e que estava rasgado. Além disso, colocou alguma coisa que encontrou no meu armário nos meus pulsos e borrifou um creme com glitter na minha barriga, perna e braços.

Pensou em me fazer usar saltos, mas percebeu que seria um erro – como fiz questão de afirmar –, então optou em me dar um par de tênis pretos.

Antes de deixarmos o quarto, ela se lembrou de que faltava uma coisa: presas.

Afiadas, macias e de material acrílico, Alex havia levado um par extra, colocou a mistura de fixação no molde e perguntou se eu queria colocar nos meus dentes caninos ou incisivos.

Blade ou True Blood[\[15\]](#)?

Blade. Então a melhor opção era colocar as presas nos caninos. Ela rapidamente os colocou sobre meus dentes e segurou a peça por alguns minutos, esperando que o fixador secasse e eu me acostumassem com a sensação. As pontas afiadas roçaram a parte interna do meu lábio inferior, mas, além desse detalhe, elas não atrapalhavam em nada.

Eu estava pronta.

Não fazia a menor ideia de como estava minha aparência, mas Will deu um assobio apreciativo assim que desci as escadas, e Damon me deixou sair sem causar problemas. Na verdade, ele estava sendo agradável com a coisa toda de uma forma incomum. Quer dizer, sobre me deixar sair, seminua, com seus amigos.

Aquilo me fez parar por um instante.

Divirta-se, ele disse em um tom de voz carregado de duplo sentido.

Paciência. Eu lidaria com ele mais tarde.

— Bebidas! — Alex gritou, indicando o que devíamos parar para fazer primeiro.

O parque estava lotado, gritos e assobios vindos de todo lado. As pessoas corriam atrás de outras ou fugiam – uma acabou esbarrando em mim –, e a música *Bloodletting*, do Concrete Blonde, tocava de algum lugar à distância, juntando-se à cacofonia de sons assustadores de portas rangendo e risadas maléficas que saíam dos alto-falantes. Inspirei, sentindo o cheiro de terra e do querosene usado nas tochas acima das nossas cabeças.

Segurei-me ao braço de Will enquanto seguíamos através da multidão até chegar às bancas de bebida e comida. Da última vez em que estive aqui, senti o cheiro dos condimentos, mas não tive tempo hábil de experimentar.

— O que você vai querer? — ele perguntou, assim que paramos. — Parece que eles podem fazer coquetéis, shots de tequila, chope ou cerveja engarrafada, vinho...

Ele mexeu o braço para pegar algo em seu bolso traseiro, então o liberei para não atrapalhar.

— Hum, cerveja — respondi. — Qualquer uma, mas de garrafa lacrada, por favor.

— Boa menina.

Bom... eu não estava realmente no clima para beber cerveja, mas era a única coisa que eu tinha certeza de que estava com o lacre na tampa. Em um lugar como esse, com todas essas pessoas e a loucura ao redor...

— Ah, espera... eu trouxe dinheiro. — Enfiei os dedos por dentro da alça do sutiã e por baixo do colarinho, onde escondi um pouco de grana e o celular.

No entanto, ele apenas deu uma risada.

— Eu sei, eu também trouxe. Não se preocupe com isso.

Desisti de pegar o dinheiro e murmurei:

— Obrigada.

Sério. Como ele podia ser amigo de Damon naquela época? Ele era tão diferente. Será que gostava de ser abusado ou algo do tipo?

Eu não conseguia imaginá-lo lidando com o lado sombrio de Damon.

Assim que pegamos nossas bebidas, girei o invólucro da garrafa de alumínio, sentindo a condensação umedecer minha mão. Tomei um gole seguido de outros. O sabor acabou melhorando o meu humor e comecei a relaxar mais um pouco.

Os efeitos sonoros de uivos e gritos enchiam o ar, e Alex ofereceu seu braço para que o segurasse rumo à nossa primeira experiência: *O Túnel do Terror*.

Ouvi o barulho dos trilhos e estalar das grades enquanto aguardávamos na fila. Parecia uma espécie de trem com carros que nos guiaram pelo caminho. Apertei um pouco mais o braço de Alex, sentindo a adrenalina agitar meu coração.

Então esse passeio seria algo onde ficaríamos presos, incapazes de fugir.

A fila andou e subimos no carrinho, Alex primeiro, eu em segundo e Will logo atrás, espremendo-se ao meu lado. Quando levantei os braços para que a grade de segurança baixasse, acidentalmente acertei seu rosto mascarado.

— Droga, me desculpa. — Comecei a rir.

Dei um tapinha no plástico rígido, em um gesto solidário, sentindo as ranhuras na caveira da máscara de paintball, traçando os contornos das cicatrizes desenhadas na superfície.

— Por que você acha que decidi usar a máscara? — ele brincou.

Ah, fica quieto.

Os carrinhos dispararam pelos trilhos e acabei batendo a cabeça contra o encosto quando viramos à direita. O balanço foi tão brusco que nós duas caímos em cima do Will. Alex gritou, e fiquei sem saber se os rangidos das rodinhas eram um efeito sonoro ou de verdade, mas parecia algo barato e decadente – tipo desgastado. Esfreguei uma coxa à outra, gostando da sensação. Atravessamos algumas portas e senti a névoa densa no ar, ouvindo os ruídos de blocos e correntes de metal se chocando.

Senti Alex e Will se sobressaltando algumas vezes, seguido de barulhos enojados de Alex, o que indicava que havia muito mais coisa a ser vista do que sentida nos túneis, mas eu já meio que esperava por isso. Eu disse a eles quando estávamos no caminho para o parque, que

não queria que narrassem o que havia ao meu redor. Nós devíamos nos divertir da forma que podíamos.

Uma lufada de ar soprou no meu ouvido, seguido de um latido e eu dei um pulo, rindo.

— Na parte de trás do carrinho tem um sensor e alto-falante — Will conjecturou.

Outros ruídos ecoaram – serras elétricas, caldeirões borbulhantes, gritos e asas de morcegos pelo ar –, e Alex se inclinou em cima de mim, obrigando-me a fazer o mesmo contra Will. Ela se enfiou mais ainda no meu espaço pessoal, e ouvi um gemido angustiado, supondo que algum ator estava ao seu lado no carrinho, brincando com ela. Eu ri de seu desespero, sentindo-me superior por não ter sido afetada tão facilmente.

Cruzamos mais túneis, os dois absorvendo a escuridão e os personagens assustadores em figurinos ensanguentados ou máscaras que eu não era capaz de enxergar, mas assim que comecei a relaxar, o carrinho parou.

— O que é aquilo? — Alex perguntou.

— Não consigo ver nada — Will retrucou.

Tudo bem... Acho que eu devia apenas esperar.

Ficamos ali sentados, e eu não conseguia ouvir as vozes ao nosso redor, o que indicava que os carrinhos ficavam distantes uns dos outros no trilho.

— Will, o que é aquilo? — Alex berrou. — Bem ali!

E, então, de repente, ouvi um rosnado. Como se fosse um lobo feroz espumando pela boca. Aquilo era um efeito sonoro?

— Aaah! — Alex gritou, e fiquei tensa na mesma hora.

Um peso recaiu sobre a parte da frente do nosso carrinho, e ouvi o rosnado baixo chegar cada vez mais perto.

Mais perto ainda.

O bramido profundo do animal fez com que meus dedos dos pés se curvassem, meu corpo, instintivamente, tentando se dobrar em posição fetal, o que era impossível fazer por conta da grade de segurança.

O rosnado se aproximou cada vez mais, o hálito soprando sobre o meu rosto, e ficou nítido que alguém estava parado na frente do nosso carro e pairando diretamente sobre mim.

Era assustador, perverso e estava ofegante, e meu coração batia acelerado conforme ele me provocava.

Alex e Will ou riam ou choramingavam, e, se eu fosse capaz de ver aquela coisa, poderia ter surtado, mas como era incapaz, achava tudo aquilo apenas... assustador o bastante. Um formigamento se instalou no meio das minhas coxas e fechei-as com força enquanto tentava respirar direito.

Os carros se moveram novamente, e o senti ali por mais um tempo, até que pulou para longe.

— Aww, ele gostou de você — Will zombou.

Minha pulsação ainda estava acelerada, e eu me sentia aquecida. Esfreguei

as mãos sobre as coxas e deslizei a ponta da língua por uma das presas, tentando descobrir que o havia de errado comigo por me excitar com esse tipo de coisa.

Eu gostava de sentir medo?

Ou só gostava disso por saber que estava em segurança?

O passeio acabou e descemos do carrinho, levando nossas bebidas conosco. Desenrosquei a tampa da minha garrafa e tomei um longo gole para refrescar a garganta subitamente seca.

Joguei o restante no lixo e seguimos em direção ao labirinto. Segurei o braço de Will, dessa vez, já que Alex não queria liderar o caminho, e eu me recusava a ir na retaguarda.

Atores tentavam nos agarrar através das paredes, enquanto outros se mantinham postados e à espreita nos corredores, prontos para nos pegar de surpresa. Mãos agarravam meus braços, e me joguei em cima de Will, rindo, mas sendo atacada pelo outro lado também.

Era claro que eu acabava perdendo um monte de coisas que faziam aqueles dois se assustarem, mas eu era capaz de sentir o espaço ínfimo entre as paredes, o teto baixo e o cheiro do ar frio e do piso de terra. Era como se estivéssemos no subsolo, embora soubesse que não era verdade.

Viramos em um canto e Will deu um pulo, recuando e pisando no meu pé.

— Ai! — resmunguei.

No entanto, não tive oportunidade de descobrir o que o havia assustado. Alex gritou atrás de mim, e Will segurou minha mão, fazendo com que nós dois nos virássemos para conferir o que havia de errado.

— Ei! — ele gritou. — Essa garota é minha!

O quê? Cheguei mais perto dele, agarrada ao seu braço. O que estava acontecendo?

Os gritos histéricos de Alex ecoaram pelo corredor, até que foram desvanecendo por trás da parede. Aquilo me deixou chocada.

Eles a tinham carregado para algum lugar?

Ai, meu Deus.

— Merda, vamos embora — Will disse e riu em seguida.

Ele me colocou às suas costas, de cavalinho, e eu enlacei seu pescoço. Seu agarre se firmou por baixo dos meus joelhos e corremos de volta pelo caminho que havíamos atravessado, procurando por Alex.

Os atores – já que eram autorizados a nos tocar – devem tê-la levado para algum lugar longe dali.

Will correu pelo túnel, e alguém roçou minhas costas, rugindo e arranhando. Gritei com histeria e me agarrei mais ainda aos ombros de Will, abraçando-o com força.

— Rápido! — arfei. — Ou eles vão me pegar também!

Ele acelerou os passos – o que foi surpreendente, já que carregava um peso extra –, e meu coração disparou loucamente, quase saltando pela boca, animada. Will virou pelos cantos, seguindo os gritos de Alex, e os músculos contraídos das minhas pernas e braços começaram a doer.

Ouvimos os berros de Alex em algum lugar mais perto, e percebi que ela estava rindo.

— Will? — gritou. — Ai, meu Deus. Ele me jogou por cima do ombro como se não pesasse nada. Achei que seria devorada.

Paramos e Will me colocou de pé no chão. Continuei agarrada ao braço dele quando ele se inclinou para baixo – talvez para ajudar Alex a se levantar do lugar onde o ator a largou. No entanto, mal tivemos tempo de nos recuperar antes que rosnados e ruídos de motosserras enchessem o ar e fôssemos engolfados por cerca de dez assassinos da serra elétrica. Eles vieram para cima de nós, cutucando nossas pernas com as serras sem lâminas, e quase nos atropelamos, esbarrando uns nos outros e desviando para qualquer direção que nos levasse para longe dali.

— Winter, onde você está? — Ouvi o grito de Will ao longe, mais distante do que imaginei que ele estivesse.

Mas então, de repente, ele apareceu do nada e agarrou minha mão, levando-me dali.

Suspirei aliviada. Ele andava rápido, arrastando-me à medida que os dutos de ventilação sopravam sobre minhas pernas, e eu ria quando as túnicas feitas de sacos de feno usadas pelos assassinos roçavam meus braços; aquilo indicava o quão perto estive de ser capturada. Arrepios deslizaram pelo meu corpo, e minha pulsação disparou. Eu era incapaz de conter o frenesi intoxicante do perigo imediato que havia se instalado na minha cabeça. Era como se eu estivesse chapada.

Viramos à direita duas vezes, e o ruído se distanciou. Ninguém mais tentou nos perseguir, e só então ele desacelerou os passos, mas continuou me puxando por entre as paredes e passagens do labirinto.

Arfei, ainda segurando sua mão e erguendo a que estava livre para tocar a máscara em seu rosto.

— É você, não é?

Só para ter certeza.

Comecei a rir baixinho, mas me acalmei quando senti as

ranhuras no plástico rígido da caveira.

— Isso foi tão divertido — comentei.

O corredor agora estava silencioso, com exceção dos efeitos sonoros que simulavam o vento uivando, batimentos cardíacos e o carrilhão de relógios. Sua mão se firmou à minha à medida que seguíamos pelo caminho. Embora não gostasse quando alguém me segurava pela mão, não me importei. Ele não estava fazendo isso porque eu era cega, e, sim, para que eu não fosse agarrada como Alex havia sido.

Alex.

Virei a cabeça de um lado ao outro, tentando ouvir o som de seus passos.

— Onde está a Alex? — perguntei.

Ela estava junto com a gente, certo? Ele me puxou para que fugíssemos com mais rapidez.

Mas, então, pisei em algo molhado e meu pé derrapou em alguma coisa no chão.

— Eca! — Dei um passo para o lado e me aproximei dele, tentando me afastar da poça nojenta. Senti o cheiro de vodka, então deduzi que alguém havia deixado a bebida cair por ali.

Ele envolveu minha cintura com seu braço e me levantou, e, automaticamente, enlacei seu pescoço à medida que me carregava para longe.

— Obrigada — murmurei.

No entanto, ele não me colocou de volta no chão.

Meus pés não tocavam o chão enquanto ele caminhava devagar, o som quase mecânico de sua respiração por trás da máscara.

Apreensão fez com que um arrepio subisse pelo meu corpo, deixando-me zozza de repente. Minha voz saiu como um sussurro quase inaudível:

— Eu consigo andar agora.

Ainda assim, ele não me colocou de pé no chão. Ao invés disso, ergueu meu corpo e fez com que envolvesse sua cintura com as pernas, e quando concluí que o homem que me segurava nos braços não era Will, senti o pânico delicioso me aquecer.

Ele me carregou, os passos pesados perfeitamente sincronizados ecoando pelo corredor como se estivesse vindo atrás de mim e soubesse exatamente onde eu estava me escondendo.

Este não era o Will.

Soube disso antes mesmo de deslizar meus dedos pelo cabelo em sua nuca e sentir as mesmas cicatrizes que havia percebido anos atrás.

Mas neste instante, em meio à escuridão onde eu podia ser qualquer outra pessoa, assim como ele, não fiz questão de me afastar.

Por que eu não estava tentando fugir?

Meu Deus, era tão gostoso senti-lo daquela forma.

Nos meus braços. E eu quase havia me esquecido.

Por apenas alguns minutos, ele voltou a ser o fantasma que apareceu na minha casa.

Zombando de mim.

Brincando comigo.

Fazendo com que eu sentisse coisas que queria sentir.

Senti tanta falta disso.

Cruzei os tornozelos às suas costas e recostei minha testa à dele, quieta e calma por fora, mas irritada com todas as emoções que fervilhavam por dentro. Eu não fazia ideia se ele conseguia enxergar o caminho, mas era como se ambos estivéssemos no piloto automático.

— Para onde você está me levando? — perguntei baixinho.

Mas ele se manteve em silêncio.

Seu coração batia contra o meu peito, e minha respiração sincronizou com a dele, a fantasia e o medo me dominando enquanto a densa névoa se grudava à minha pele e os sons do parque de diversões do lado de fora nos rodeava. Senti um calor latejante entre as pernas, e mal reparei nos atores que pularam do nada para me assustar.

Eles afundaram os dedos nas minhas costas, como se estivessem me arranhando, mas firmei meu agarre nele, querendo apenas ficar ali, porque isto me assustava muito mais e eu adorava a sensação do medo.

O que ele queria fazer comigo?

Passamos por um longo corredor e outro ator tentou nos agarrar, mas eu o abracei mais forte; minha testa se mantinha recostada contra sua máscara e as presas artificiais se afundaram no meu lábio inferior quando senti minha boceta latejar.

— Você não vai dizer nada? — sussurrei.

Aonde ele estava me levando? Onde estavam meus amigos?

Porém, eu não estava nem aí. Só achei que deveria me importar...

Ele não era meu inimigo aqui. Era meu segredo vergonhoso.

Cry Little Sister, de Marilyn Manson, tocava pelos alto-falantes do lado de fora, e ele ergueu meu corpo um pouco mais, seu abdômen agora pressionado entre minhas pernas. Gemi baixinho quando suas mãos apertaram minha bunda.

Ai, meu Deus.

Meus lábios pairavam a centímetros da abertura da boca de sua máscara; cravei os dedos em sua nuca, dolorida com o desejo latente e gemendo em um ofego.

Quando dei por mim, passamos por outra porta e então mais

uma, e o deixei me carregar para um quarto silencioso que cheirava palha molhada e flanela. Ele me afastou e me jogou em cima de uma pilha de feno. Perdi o fôlego por um instante, um grito alojado na garganta enquanto, instintivamente, eu esperneava e me arrastava para trás, tentando fugir dele.

A gentileza sutil de momentos antes havia desaparecido.

Tentei engatinhar para trás, ouvindo os ruídos e a música exterior, mas ele agarrou meu tornozelo e me puxou de volta para ele. Meu estômago revirou quando me deitou de barriga para baixo e fez com que eu ficasse de quatro.

Eu arfava em busca de ar, lutando para me levantar e fugir.

Ele me pegou por trás, envolvendo minha cintura com um braço e me levantou. Minha cabeça se recostou ao seu ombro e ele enfiou a mão por entre nossos corpos, folgando o cinto que prendia o sutiã emprestado por Alex.

Suas mãos rudes, o pessoal que festejava do outro lado da parede, seu silêncio, meu figurino, sua máscara... Tudo aquilo me deixou com mais tesão ainda e, neste pequeno quarto, nos apoderamos do nosso mundinho, onde só nós dois nos atrevemos a viver e mergulhar, mesmo que por apenas alguns minutos que ninguém teria conhecimento.

Ar frio atingiu meus mamilos quando o sutiã caiu no chão, e no momento seguinte, ele havia me colocado de pé. Suas mãos grandes apalpando meus seios.

Ofeguei, com os olhos fechados diante do prazer com seu toque, então ouvi algo cair no chão e senti seus dentes cravando no meu pescoço.

Gemi alto, incapaz de controlar o movimento dos meus quadris contra os dele; minhas pernas estavam bambas diante da necessidade de senti-lo dentro de mim. O calor de sua boca se espalhou pela minha pele como um melado, e a dor de sua mordida foi o suficiente para acender cada terminação nervosa do meu corpo. Eu não conseguia pensar. Não queria qualquer outra coisa.

Estendi a mão para trás e toquei seu rosto agora livre da máscara, e ele soltou meu pescoço, agarrou meu cabelo e puxou minha cabeça para trás. Eu estava completamente imóvel à medida que ele devorava meus lábios, massageava meus seios e lambia uma das minhas presas com a ponta da língua.

Sua respiração mais soava como um rosnado enquanto ele fervilhava, tão perdido quanto eu.

Ele me fez ficar de costas e me colocou de quatro no chão. Tentei me levantar, mas ele me empurrou para baixo.

Ouvi o tilintar de seu cinto e do zíper sendo aberto, e quase perdi a força nos braços, mal conseguindo respirar. Eu nunca tinha

transado naquela posição.

Ele enfiou o joelho entre os meus, fazendo-me abrir as pernas mais ainda, agarrou meus quadris e me puxou contra ele, a carne rígida de seu pau se esfregando contra mim.

Um gemido escapou dos meus lábios e quase fui capaz de sentir o quão molhada estava.

A mão áspera rasgou minha calcinha. Ele segurou seu pau e esfregou a ponta na minha entrada, e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, deslizou

para dentro de mim, afundando a si mesmo profundamente e me preenchendo de um jeito tão gostoso que me deixou com as pernas bambas.

— Aaahhh... — choraminguei, enrijecendo o corpo por um instante até acomodá-lo.

O ponto que ele atingiu lá no fundo enviou uma onda de prazer pelo meu corpo, fazendo tudo formigar e vibrar, e o som de sua respiração ofegante às minhas costas indicou que ele havia sentido o mesmo.

Ele não esperou por muito tempo. Apertando meus quadris, começou a estocar, duro e rápido, e minhas mãos deslizaram no piso coberto por feno enquanto eu tentava firmar os joelhos.

Tudo o que eu podia fazer era tentar evitar desabar no chão enquanto ele arremetia em um ritmo curto e acelerado, enchendo-me com seu tamanho e calor, para então se afastar e me penetrar outra vez.

Minha nossa, ele era tão gostoso. Meu corpo foi empurrado para frente, e ele arfou e grunhiu enquanto me fodia duro e mais duro; umedecei meus lábios entreabertos, sentindo o gosto da maquiagem de palhaço que ainda usava.

Depois de um instante, seu agasalho havia sumido, e desejei poder me virar para senti-lo contra mim. Para sentir seu peito contra o meu, mas quanto mais fundo ele me penetrava, mais intenso meu orgasmo se avolumava, e em menos de um minuto, senti a vibração no meu ventre, como se fogos de artifício estivessem explodindo em meu interior. Prendi o fôlego, deixando o orgasmo avassalador se arrastar pelo meu corpo. Senti meus mamilos sensíveis e intumescidos, e gemi, tentando conter o grito de prazer, porque não sabia onde estávamos e quão isolado esse lugar era.

Atordoada, senti o puxão no meu cabelo e minha cabeça foi para trás, obrigando-me a arquear as costas, empinando ainda mais minha bunda. Ele manteve os impulsos violentamente, bombeando com força e cada vez mais rápido, até que começou a grunhir, o corpo enrijecendo por completo quando seu orgasmo o alcançou.

Ele arremeteu mais algumas várias vezes, e então, com um

último impulso, gozou, resfolegando de tal forma que eu tinha quase certeza de que ele desabaria em cima de mim.

Mas isso não aconteceu.

Ele ficou ali parado, enterrado profundamente dentro do meu corpo por mais um minuto, apertando e afrouxando a mão que mantinha um punhado do meu cabelo com força, tentando se acalmar. Meu couro cabeludo estava dolorido, mas eu estava tão cansada que nem me importava.

Assim que as coisas se acalmaram, e meu desejo e qualquer outra emoção esmagadora desvaneceram, só um pensamento passou pela minha cabeça: eu deixei aquilo acontecer. Mais uma vez.

Com tanto homem no mundo, por que eu me odiava tanto ao ponto de desejar somente um, no calor do momento?

Eu me afastei dele, sentindo o ar fresco indesejável onde antes ele estivera. Escapei para longe e puxei um pedaço do tule por baixo da saia para limpar o melhor que podia a bagunça entre minhas pernas.

Senti uma imensa vontade de chorar ao perceber seu sêmen ainda quente escorrendo. Eu precisava de um banheiro.

Ouvi sua movimentação ao fechar o zíper e o cinto, e logo em seguida o som da abertura de um isqueiro enquanto ele acendia seu cigarro.

— Você gozou dentro de mim — comentei.

Ele deu uma baforada, sem dizer nada por um instante.

— E daí? — finalmente respondeu, com arrogância e determinação.

— E a cidade inteira sabe em quais camas você se enfiou — eu disse, ríspida.

— Como a sua, você quer dizer?

Sim, anos atrás.

Ele suspirou e então senti o sutiã me atingir quando ele o jogou para mim. Consegui pegá-lo antes que caísse no chão.

— Meu pai quer netos, Winter.

Meu estômago revirou e senti o rosto queimando diante da raiva e do embaraço. Ai, meu Deus... se eu ficar grávida...

Pensei no calendário na mesma hora, lembrando que havia menstruado na semana passada, então imaginei que não teria problemas.

Por mais que quisesse ficar pau da vida com ele, precisava ser justa: eu poderia ter impedido tudo aquilo. Só não pensei direito na hora.

Levantei do chão e recoloquei o sutiã, porém sem conseguir fechá-lo.

— Eu nunca terei seus filhos — afirmei.

Aquele era Damon. O marido da minha irmã. E eu preferia morrer a formar uma família sob o seu domínio. Ele seria um péssimo pai.

Eu o senti se aproximar e parar na minha frente, a voz grossa soando calma e segura.

— Você vai ter um monte de filhos meus — informou.

E então esbarrou em mim quando saiu do quarto, deixando-me ali, incapaz de me mover enquanto suas palavras pairavam no ar.

Eu o odiava. Detestava a pessoa que me tornava quando estava com ele.

Como pude fazer isso? Por quê? Ele não me obrigou. Eu poderia ter fugido, mas nem sequer pensei em dizer não. Eu não quis dizer não. Era como se fôssemos animais, pelo amor de Deus.

Vermelho.

Raiva e fúria, calor e necessidade tão intensas como se você fosse um maldito animal, Winter. É algo primitivo.

Então este era o vermelho. Eu quis fazer tudo isso. Eu amava as chamas e quis mergulhar de cabeça.

Mas, agora... vinha a dor das queimaduras.

Eu o odiava.

— Ei... — Alex entrou no quarto e fechou a porta. — Acabamos de ver o Damon. Ele disse que você estava aqui. — Então ela tocou meu braço, e pude ouvir o tilintar dos cubos de gelo em seu copo. — Querida, nos perdoe por termos nos separado. Você está bem? Merda.

A julgar pela sua reação, eu devia estar um horror, com a maquiagem toda borrada.

— Está tudo bem — murmurei. Não dava para explicar nada nesse instante.

— Você está bem? — ela repetiu, provavelmente querendo saber se eu não estava machucada.

Virei de costas para ela e disse, baixinho:

— Fecha pra mim?

Ela suspirou, nitidamente ciente de que meu sutiã havia sido arrancado.

— Ele te machucou?

Ela me puxou para perto dela enquanto apertava o fecho com força, e não tive mais forças para segurar as lágrimas.

— Não tanto quanto machuquei a mim mesma — sussurrei.

[15] Filme e seriado de TV, respectivamente, sobre vampiros.

Capítulo 19

Damon

Dias atuais...

Acendi a ponta do cigarro e puxei uma baforada de fumaça. O gosto queimou minha língua, enchendo meus pulmões, e quando soprei de volta já me sentia muito mais relaxado.

As pessoas passavam de um lado ao outro enquanto eu permanecia parado próximo a uma das barracas de comida, de olho na porta do banheiro feminino. Eu queria ter certeza de que Winter e Alex sairiam de lá juntas.

Estava pouco me fodendo se Winter estava feliz nesse instante, mas este lugar era suspeito pra caralho. Perfeito para mim, na verdade, mas ela não aparentava ser cega, e se um desses atores a tivessem agarrado e a levado para longe, como eu fiz, ela estaria encrencada.

Will estava fazendo um trabalho de merda em cuidar dela. Agarrá-la foi fácil demais.

Dei outra tragada, notando que estava sendo encarado por algumas garotas na fila. Conectei o olhar com uma delas, que sorriu e deu um breve aceno.

Exalei mais fumaça e espanei as cinzas da ponta do cigarro, mas podia sentir o gosto delas secando minha garganta. Todo mundo nessa cidade conhecia a minha história, e as mulheres podiam ser distantes – o que estava ótimo para mim –, ou ficarem totalmente na minha, como se eu fosse uma espécie de animal selvagem que as deixava com tesão. Apesar de alguns acreditarem que eu havia tirado proveito de Winter, baseado na fofoca que se espalhou pelo meu apetite sexual peculiar e voyerismo, ninguém que tenha visto aquele vídeo realmente acreditou que eu tenha forçado Winter.

Eu fui ou uma vítima de um detalhe técnico ou um perverso que mexeu com a garota que eles mal sabiam que estava longe de ser apenas uma aventura de uma noite.

A idade de Winter nunca foi um problema para mim. Nunca sequer reparei nesse detalhe.

O crime foi que ela não me amava.

Seu coração era tão frívolo que ela não conseguiu compreender o quão verdadeiro eu era. Era eu, de verdade, em cada momento passado ao seu lado. Eu teria sido fiel e teria morrido para protegê-la.

Mas assim que ela soube a minha identidade, ela me arrancou da sua vida. Acabou com tudo. Em um piscar de olhos, passou a me odiar, o coração volúvel me descartou e me esqueceu por completo.

Eu faria questão de saborear cada momento para garantir que ela nunca deixasse de me odiar.

E, aos vinte e um anos, não havia sombra de dúvidas de que ela tinha idade o bastante para o que acabei de fazer com ela. Eu quis fodê-la daquele jeito no instante em que pisei naquela casa e ela desceu as escadas usando o short minúsculo do pijama e uma regata enquanto procurava seu cachorro. Ela não merecia nada mais do que isso.

Cerrei o punho, esmagando o cigarro e fechando os olhos ao sentir a queimadura na palma da mão.

Um sorriso curvou o canto dos meus lábios quando pensei no que faria a seguir. Talvez Will ou Alex – ou os dois juntos – gostariam de se juntar a mim para o próximo *round*.

Winter parecia gostar deles, de qualquer forma.

Abri os olhos e avistei as duas saindo do banheiro. As roupas de Winter agora estavam ajeitadas, assim como o cabelo, mas a expressão de seu rosto mostrava a raiva pela qual eu era totalmente responsável. Alex sorriu e acenou, e vi quando Rika se aproximou e agarrou Alex em um abraço emocionado.

O quê?

Então notei alguém vindo na minha direção pelo canto do olho, e me virei a tempo de ver Michael, Kai e Will.

— Argh, que ótimo, porra — murmurei, jogando o cigarro fora.

Michael quase colou o nariz com o meu, todos eles usando roupas casuais como jeans e camisetas.

— Quero falar com você em particular.

Endireitei a postura, encarando sem pestanejar.

— Em particular? — zombei. — Tipo numa brincadeirinha na sauna? Tô dentro.

Ele cruzou os braços, seus olhos cor de mel me atravessando.

Dei uma risada abafada.

— Por falar nisso, andou dando uma passadinha pelo Hunter-Bailey recentemente?

— Pergunte a Erika — provoqueei. — Ou ela está escondendo alguma coisa de você?

Ele congelou, mas eu sabia que por dentro estava fervilhando. Eu não ia dizer porra nenhuma. Adorava saber que sua garota estava me mantendo em segredo.

— Confio nela — ele disse. — Não confio é em você. O que você está usando contra ela?

Eu? Ah, então era isso. O único jeito de ela me dar atenção era se eu a estivesse chantageando?

— Acredite ou não — comecei a dizer —, é ela quem está mantendo a corda no meu pescoço. É um tipinho bem dominante essa

sua monstrixinha, hein? Estou até gostando disso. Se você quiser compartilhar... — Então encarei Kai. — Com mais alguém, quero dizer.

— Jesus — Kai murmurou.

É isso aí. Eu fiquei puto quando soube do ménage dos três. Foi mais um daqueles momentos onde só os dois tomavam as decisões e se divertiam. Will e eu simplesmente participávamos até onde eles permitiam.

Alex e Banks vieram até nós e Will pegou a cerveja da mão de Alex.

— Onde está Winter? — ele perguntou.

— Com a Rika — ela respondeu.

Michael e eu sequer piscamos.

— Você não é o único que sabe lidar com lixo — Michael disse em voz baixa, enquanto todos se mantinham em silêncio. — Não exterminei meu irmão para mantê-la em segurança para que você possa vir foder com todo mundo outra vez. Fui longe o bastante naquela época, e irei mais ainda se for preciso.

Talvez...

Ele matou apenas uma pessoa em legítima defesa. Torne isso um hábito, e você se torna um risco. Ele tinha muito a perder agora.

— Quem é aquele? — Ouvi Will perguntar.

No entanto, Michael, Kai e eu continuamos a nos encarar, mal dando ouvidos a ele.

— Ninguém vai sentir a sua falta — Michael sussurrou, em um tom de ameaça.

Aquilo quase me fez ruir. Eu podia até apostar que o pau dele cresceu mais uns dois centímetros com aquela ameaça de garotão.

— Michael — Will o chamou.

Mas Michael não desviou o olhar, com o peito estufado. Rika não toleraria absolutamente nada que eu pudesse fazer para machucá-la. Ele sabia disso. Se ela e eu nos encontramos, era porque ela quis estar ali, e isso o deixou com ciúmes.

Ele que se foda.

— Quem é aquele cara, porra? — Will berrou. — Michael!

— O quê? — Michael virou a cabeça na direção dele.

— É sério isso? — Will disparou. — Você não está vendo aquela merda ali?

Quando nós três interrompemos nosso duelo de encaradas, viramos-nos para Will e seguimos a direção para onde ele apontava, vendo Rika, Winter e um cara usando calça preta, suéter cinza-chumbo e sapatos de couro com o cabelo escuro penteado para trás. Ele devia ser uns cinco ou seis anos mais velho que a gente.

— Aquele cara — Will indicou, olhando para nós com irritação.

— Estava usando uma máscara antes. Ele chegou todo saliente e cheio de mãos pra cima de Rika, como se fosse um dos atores. Ele a agarrou, pegou no colo e quase apalpou a... vocês sabem...

Ele voltou a olhar para o cara enquanto falava, e eu estreitei meus olhos, vendo que Winter estava a alguns passos para trás de onde Rika e o homem conversavam. Ele me parecia familiar. Onde será que já o tinha visto?

— Ela se afastou dele quando percebeu que não era você — Will prosseguiu —, mas quando tirou a máscara, os dois começaram a bater papo como se ela o conhecesse. Só que eu não acho que ela sabe que foi o mesmo cara que passou a mão nela antes.

Desviei o olhar e balancei a cabeça.

Todos eles ficaram apenas ali, parados. Michael, Kai e Will...

— Ele é um dos professores dela — Alex informou. — Ela faz parte de um dos grupos dele, de pesquisa.

— Ele não a estava tocando muito profissionalmente quando estava disfarçado... — Will disse, com sarcasmo.

Olhei para eles outra vez, para me assegurar de que ele não estava conversando com Winter, e notei que o cara se inclinou na direção de Rika, tocando seu braço com intimidade enquanto falava alguma coisa. Havia certas coisas que homens faziam e que indicavam quando estavam paquerando.

Ela se virou para Winter por um instante, e assim que ficou de costas, o olhar do cara a varreu de cima a baixo enquanto ele lambia os lábios com malícia.

É isso aí. E ele deu mais bandeira ainda, enquanto o noivo dela estava aqui, imóvel.

As garotas quase nunca notavam, porque era algo bem sutil, e quase nunca percebíamos quando estávamos fazendo isso, mas o interesse do cara era nítido.

Michael estava fazendo alguma coisa? Claro que não.

E aquele era o mesmo cara com quem a vi dançando na festa de noivado. Eu finalmente o reconheci, porque ele também me tratou mal.

— Ele está flertando com ela — Will disse a Michael a mesma coisa que eu já sabia.

— Ele sabe que ela é noiva? — Banks perguntou.

— Ele compareceu ao jantar na nossa casa — Michael rosnou enquanto encarava o professor.

— Aww, não se preocupe — zombei. — Rika consegue lidar com as próprias merdas, não é?

Peguei outro cigarro e o acendi, soltando uma baforada que pairou acima de nossas cabeças.

— Isso meio que me faz pensar... — continuei. — Ela tem seu

próprio dinheiro e sabe cuidar de si mesma agora, porque você não a mima nem um pouco, então... Por que, mesmo, ela precisa de você?

Entrecerrei os olhos, divertido, encarando Michael. Ele sempre fez questão de que Rika resolvesse seus próprios problemas, porque ele não a via como uma posse, e, sim, como uma extensão de si mesmo.

Ele não queria um animalzinho de estimação. Queria uma parceira.

Mas chega um ponto onde você precisa defender sua casa e assumir o controle. E não somente dentro do quarto.

Que era só para isso que ela precisava dele.

Sorri com sarcasmo.

— Acho que ela precisa de um pouco de atenção de vez em quando, não é mesmo?

Ele rangeu os dentes, agarrando a gola do meu casaco, mas meus pés não se afastaram do chão.

— Ah, vamos lá, vá em frente — eu o desafiei, com o olhar fixo ao dele. — Já tem tempo que a gente não troca uns socos.

Ele me encarou, provavelmente percebendo a multidão que nos cercava, os seguranças, câmeras, e, enquanto eu não dava a mínima, ele agora tinha uma vida inteira para arriscar. Era uma estrela do mundinho dos esportes, estava prestes a se casar, tinha acordos comerciais...

Vamos, pode vir.

Na verdade, eu não queria que eu ou ele fôssemos presos esta noite, mas também queria ver um pouco mais de ousadia nele. Algum resquício do cara que já foi meu amigo. Alguém de quem eu lembrava muito bem, e que sempre nos desafiava e liderava a ultrapassar os limites.

Era isso o que acontecia quando as pessoas se apaixonavam. Elas perdiam a coragem, porque você não quer perder aquilo que se tornou o mais importante na sua vida.

Mas ao invés de se acovardar, ele sorriu.

— Quer saber de uma coisa? — ele disse, soltando-me. — Você está certo. Minha imaginação não se compara com a sua. Então me diga, como você cuidaria dele?

Como eu cuidaria dele? Ele precisava que eu fizesse o trabalho sujo por ele, ou estava me convidando para brincar?

— Vamos lá — Kai instigou, sorrindo. — Mostre pra gente o que estamos perdendo, pelos velhos tempos. Você é prepotente pra caralho. Pode nos educar.

Meu coração começou a bater acelerado, e fiquei ali parado, refletindo sobre o desafio. Eles fariam o que eu sugeriria?

Eu não deixaria isso por conta deles. Bando de covardes.

Encarei minha irmã na mesma hora.

— Em quanto tempo o açougueiro pode chegar aqui?

Ela me encarou de volta por um instante, antes de se dar conta do que eu insinuava, e um sorriso se espalhou pelo seu rosto. Kai olhou para ela com curiosidade. Banks pegou o celular do bolso da calça.

— Por nós? — perguntou, parecendo animada. — Em minutos.

Em seguida se afastou para fazer a ligação.

Olhei para Alex.

— Consegue ver se eles têm um kit de primeiros socorros com saís de amônia?

Ela assentiu, um pouco hesitante, mas foi até o estande da enfermaria.

Então zombei de Kai:

— Ainda é capaz de apagar uma pessoa com um único chute?

— Quer uma demonstração? — retrucou.

Comecei a rir, montando o restante do quebra-cabeças na minha mente.

— O que você pretende fazer? — Michael quis saber, parecendo interessado agora.

— Eu? Ah, todo mundo vai participar — respondi. — Você quer fazer isso ou não?

Ele revirou os olhos, mas continuou ali de pé, com Will à sua esquerda, Kai à direita, e seu orgulho idiota tentando convencê-lo a não se envolver comigo.

Daí olhou para Rika, e eu não sabia o que estava na cabeça dele, mas sabia que se seu professor estava fazendo aquele tipo de merda na frente do noivo dela, o que dirá o que faria nas reuniões de pesquisa ou após as aulas quando Michael se ausentava...

Era óbvio que Rika poderia tomar conta de si, mas ele estava desrespeitando o Michael. E Michael precisava resolver essa merda.

Seu olhar se conectou ao meu.

— Tudo bem. O que vamos fazer?

Dei um sorriso perspicaz e detalhei o plano a todos, mandando Banks ao encontro do açougueiro no estacionamento, enquanto Will buscava outro adereço dentro da casa mal-assombrada.

Quando Alex voltou com os saís, relatei o que ela deveria fazer; infelizmente, a maior parte do trabalho caindo sobre seus ombros. Ela era a única garota não-comprometida aqui, então viria bem a calhar quando precisasse seduzi-lo.

Banks chegou com uma mochila e ela, Michael e eu nos dirigimos até o limite das árvores atrás do celeiro, protegendo-nos por trás dos caminhos; Kai e Will se esconderam em um dos cantos da construção, à espera.

Guardei a máscara que ainda mantinha amarrada no pulso dentro da mochila e, em menos de dois minutos, avistei Alex na esquina com o professor. Ela parecia perfeita com o vestido branco curto, cartola e maquiagem. Ele não parecia tão fascinado quanto estava com Rika, mas estava disposto a dar uma volta pelo parque com outra linda estudante.

Kai olhou para mim de longe, cerca de dezoito metros, e eu acenei com a cabeça, alertando-o que estava na hora. Ele recuou alguns passos para ter espaço livre, posicionou-se e, assim que Alex deu a volta no canto, ele girou a perna e nocauteou o cara com um chute na têmpora. Ele não teve nem tempo de se virar e ver quem estava ali.

Sua cabeça pendeu e os joelhos dobraram; o cara caiu de cara no chão sujo.

— Puta merda! — Will gritou e começou a rir. — O cara caiu como um tronco de madeira.

Uma risada ecoou de Michael ou Banks, e Kai olhou para sua vítima esparramada no chão, analisando sua obra com orgulho.

— Você não o matou, né? — Banks sussurrou, alto o bastante para que ouvíssemos, parecendo preocupada quando se aproximou.

Michael e eu fomos logo atrás.

Ela agachou perto do cara e colocou o dedo no pescoço e pulso, conferindo a pulsação. Depois de um instante, levantou-se e suspirou aliviada.

— Está tudo bem.

— Meu amor, por favor... — Kai parecia insultado.

— Segure os pés dele — orientei Will, virando-o de frente para agarrar suas mãos. — Vamos lá.

Nós o carregamos além do limite da floresta, e Alex, Michael e Kai nos seguiram. Em contrapartida, Banks se inclinou, pegando a mochila pesada do chão assim que passamos.

Arqueei uma sobrelance para Michael.

— Você vai fazer minha irmã carregar aquilo?

Ou vamos fazer todo o serviço enquanto você observa?

Ele arrancou a mochila da mão dela, que retribuiu o gesto com uma careta, e avançamos mais ainda para dentro do bosque e longe de vista.

Atirando o peso-morto no chão, agarrei Alex, levei-a para um lado e rasguei o espartilho de seu vestido, expondo a pele do peito à barriga. No entanto, não desnudamos seus seios.

Ela arfou, rosnando para mim.

— Babaca!

— Deite-se — instruí.

— Por que sou sempre eu que tenho que fazer o trabalho sujo?

— Agora. — Indiquei o chão.

Franzindo o cenho, ela se largou no chão frio, as folhas das árvores farfalhando por baixo dela enquanto se deitava.

— Faca — pedi a Will, lembrando que precisava do adereço que roubou da casa mal-assombrada.

Ele a jogou para mim.

Michael, Kai e Will se posicionaram a uma curta distância, protegendo-se por trás das árvores, enquanto Banks e eu terminamos de ajeitar Alex. Fizemos isso quando adolescentes, com um dos seguranças do meu pai que vivia apalpando a bunda da minha irmã sempre que falava com ela.

Despejei na roupa do professor um pouco da porcaria que ela conseguiu com o açougueiro, e então o virei de barriga para baixo, em cima de Alex e entre suas pernas.

— Argh! — ela resmungou, parecendo prestes a vomitar com toda a merda sobre ela, incluindo o professor.

Banks deu um beijinho na testa dela enquanto se mexia ao redor, esfregando sangue em seus braços e pernas.

— Amo você. De verdade — ela disse para Alex, com sarcasmo, e então sorriu para mim.

Não consegui evitar retribuir e fazer o mesmo.

Como nos velhos tempos.

Quando acabamos, Banks reuniu tudo de volta na mochila e correu para o mesmo lugar onde os outros estavam escondidos, enquanto eu peguei o pacote dos sais.

— Assim que você estiver pronta — disse a Alex, colocando o saquinho em sua mão.

Ela o aceitou e assentiu.

Recuei, admirando meu trabalho. Aquele imbecil achava que poderia colocar as mãos em algo que nos pertencia. Eu me afastei, olhando para o cara desmaiado entre as pernas dela e com a cabeça repousada em seu peito.

Então me virei, juntando-me a todo mundo. Dali, nós poderíamos observar tudo sem sermos vistos.

Alex se movimentou um pouco abaixo dele, erguendo a cabeça para conferir se a mão do cara estava no cabo da faca.

Will estava gargalhando, já com o celular preparado para filmar.

No entanto, Kai retirou o aparelho de sua mão para impedi-lo.

— De jeito nenhum, porra.

Will ficou boquiaberto, confuso, até que finalmente compreendeu.

— Ah, entendi.

É. Não iríamos por esse caminho outra vez. Nada de vídeos.

Alex levou o saquinho de sais até o nariz dele e eu adverti a todos para que ficassem em silêncio.

Ela abanou a amônia sob suas narinas e ficamos ali, esperando, até que, de repente... ele acordou e o braço e a cabeça dela tombaram no chão. Os sais se espalhando por todo o lugar à medida em que ela fechava os olhos e abria a boca, fingindo estar morta.

Uma risada retumbou no meu peito.

Ele se moveu, tentando erguer a cabeça, mas apenas a agitou enquanto grunhia.

O cara levantou a parte de cima do corpo e então sibilou de dor, colocando a mão na têmpora, no exato lugar onde Kai acertou o chute.

— Aaah, mas que porra é essa? — ele grunhiu em voz áspera, esfregando a cabeça.

No entanto, lentamente caiu em si, ergueu mais o corpo e piscou, finalmente vendo o que estava abaixo dele.

O corpo de uma garota morta, coberto de sangue, e seus dedos enrolado no cabo de uma faca cênica enterrada no peito de Alex.

Ele ficou ali sentado, olhando para baixo, incerto se o que ele estava vendo era real ou não.

Afastou sua mão do cabo da faca e cutucou o queixo dela, fazendo com que a cabeça de Alex virasse de um lado ao outro, e então deu um grito chocado, caiu para trás e rastejou para longe. Todos nós lutamos contra o riso.

— Aaah! — Rastejou para trás, encarando-a em total horror.

As risadas ecoaram e eu apenas balancei a cabeça.

Aquele era o tipo de trote para o qual nunca se estava velho demais. Sempre sonhei em ter um quarto desses em casa, algum dia, com respingos de sangue espirrado por todas as paredes e lençóis. Daí eu poderia deixar alguns amigos bêbados lá dentro, e quando acordassem na manhã seguinte, acabariam borrando as calças diante do massacre nas paredes.

Ah, os pequenos prazeres da vida.

Ele se levantou, espalhando mais ainda a evidência pelas suas roupas, deparando com o sangue derramado da faca enterrada no peito da garota jovem. Ele rapidamente olhou ao redor para averiguar se mais alguém testemunhou aquilo, e nós nos abaixamos por trás das caminhonetes, assegurando que não fôssemos detectados.

Ele estava começando a surtar, o medo vibrando de seus poros, e eu só poderia imaginar o que se passava em sua mente naquele momento.

— Ai, meu Deus — arfou. — Ai, meu Deus. Mas que porra é essa?

Ah... pobrezinho.

Espiamos outra vez e o vimos correr para longe do corpo, tentando se livrar do suéter para se limpar enquanto corria de volta para a multidão sem ser apanhado.

— Puta merda. — Will gargalhou, incapaz de se conter. Nós saímos de trás das árvores e o vimos desaparecer. — Ele nem tentou esconder a arma do crime. Que retardado.

Banks e Kai se renderam ao riso, e Michael não conseguiu disfarçar o sorriso que curvava os lábios quando nos abaixamos para ajudar Alex a se levantar.

— Duvido que ele vai aparecer para dar aula na segunda-feira — ele comentou.

— Ah, com certeza ele vai estar a uns três estados de distância — acrescentou.

— Ou vai confessar à polícia — Will caçoou.

Ninguém conseguia parar de rir, divertidos com a agonia que sentiria ao dirigir de volta para casa naquela noite. Além disso, seria impossível dormir direito por alguns dias, até descobrir que aquilo não passou de uma brincadeira.

— E se ele fizer isso de novo — Alex olhou para Will, irritada por toda a bagunça em suas roupas —, nós vamos colocá-lo entre as suas pernas, rodeado de vibradores e lubrificantes na próxima vez.

— Agora, isso, sim, é uma ideia! — Will zombou, apontando o dedo para mim com um ar animado.

Começamos a rir de novo, imaginando a cena, e minha cabeça estava leve e o estômago sem nós pela primeira vez em muito tempo. Há muitos anos eu não ria daquele jeito.

Inclinei a cabeça para trás, exausto por tudo o que aconteceu durante o dia e a noite, mas me sentia... feliz.

Muito feliz, na verdade.

No entanto, as risadas morreram.

Elas desvaneceram e se tornaram sorrisos, até não haver mais nada. Desconforto e estranheza permeou o ar ao redor quando nos lembramos que nos odiávamos.

Anos atrás, era assim que as coisas funcionavam com a gente. Antes de percebermos que a diversão tinha um preço, e a raiva ter obscurecido tudo enquanto tentávamos lançar a culpa uns nos outros.

Especialmente em mim.

Esta noite foi apenas um lembrete amargo de tudo aquilo que eu havia arruinado, e eles não esqueceram de que a maioria das coisas foi culpa minha.

Por alguns minutos, havíamos nos alegrado com o tipo de coisa que nos uniu há tanto tempo. As mesmas necessidades, a mesma paixão por adrenalina, e o mesmo desejo de fugir das amarras.

Mas eles não podiam me perdoar.

E isto não podia acontecer.

— Ei, onde vocês estavam? — Rika veio em nossa direção, com Winter a reboque.

Olhei para ela, mas sua cabeça estava abaixada e virada para o outro lado, como se estivesse tentando se tornar invisível.

Michael se adiantou e puxou Rika contra ele, levantando-a no colo.

— Estávamos fazendo coisas de homens.

— Coisas de homens? — sondou, não acreditando na resposta nem por um segundo.

Mas ele apenas deu um tapa em sua bunda, e apalpou sua carne por cima do vestido.

— Vamos ali no nosso carro rapidinho.

— Michael! — repreendeu, enquanto ele a carregava para longe dali, deixando bem claro suas intenções.

O resto de nós ficou ali parado por dois segundos, o silêncio cheio de expectativas sendo o suficiente para matar toda a diversão de momentos antes.

Peguei a mochila com a minha máscara dentro e encarei Will.

— Se ela não chegar em casa até às duas — gesticulei em direção a Winter —, meus seguranças vão dar um jeito de levá-la para lá. Não me provoque.

Saí dali, passando por ela e, sem sombra de dúvidas, querendo pegá-la de novo e em breve, sentindo-me tentado a arrastá-la para casa naquele instante, mas não cedi à vontade. Eu não queria que ela soubesse o quanto eu ansiava por isso. O sexo não se tornaria um hábito. Era apenas um movimento estratégico no jogo, e eu só precisava descobrir qual seria o próximo passo a dar.



Mais tarde naquela noite, acordei sobressaltado. Duas ferroadas agudas me acertaram, uma no pescoço, bem perto da garganta, e a outra ao lado do corpo, entre as costelas. Inspirei profundamente, sentindo a ardência da pele ferida.

— O que há em mim que te deixa com tanta raiva? — Ouvi Winter perguntar em uma voz suave.

Levantei o olhar, finalmente me dando conta de que ela estava escarranchada no meu colo, na cama, com duas lâminas pressionadas contra o meu corpo.

Facas de cozinha?

Abri os dedos no local onde meus braços repousavam no

colchão, a vontade louca de agarrá-la e tirá-la de cima de mim. Eu sabia que seria capaz de fazer isso antes que ela me esfaqueasse, mas...

Estive preocupado com o meu próximo movimento ao invés de antecipar o dela.

Fiquei imóvel, os lençóis frios e macios e o quarto silencioso e na penumbra.

— O que há em mim que te deixa com tanta raiva? — repetiu a pergunta, ainda calma.

— Três anos — respondi.

Três anos na cadeia por ter feito o que ela queria que eu fizesse.

— Mas começou bem antes disso — ela insistiu. — No colégio. Você me aterrorizava. Por quê? O que eu fiz pra você?

Eu não a aterrorizava. Nunca a machuquei. Eu só queria o que queria.

As pontas das facas espetaram com mais força, e por instante perdi o fôlego.

— Eu era uma criança — ela disse, a voz repleta de mágoa. — Achei que estava apaixonada. Era uma garota ingênua e burra. Você sabe o que é achar que alguém te ama e depois descobrir que não era nada, só um pedaço de carne?

Curvei os dedos em um punho cerrado, agarrando os lençóis enquanto calava minhas próprias lembranças que tentavam espreitar.

— Sim — sussurrei.

Sim, eu sabia.

Eu sabia qual era a sensação de ter coisas horríveis sendo feitas com você, e ainda ter que ver seu corpo te traindo, fazendo você pensar que é mau por gostar daquilo, quando sabia que não deveria gostar.

Segurei seus quadris e levantei a cabeça, sentindo a lâmina quase se afundar na garganta.

— E eu a matei por isso — revelei. — Então vá em frente.

Ela perdeu o fôlego, e dava para ver suas mãos tremendo enquanto segurava suas armas.

— Porque eu não vou parar — admiti, baixinho, sentindo o perfume de seu xampu.

Ela havia tomado banho, estava livre da maquiagem e da fantasia, usando agora um short de pijama de seda e uma camiseta branca com o cabelo ainda molhado.

— Apenas vá em frente — incentivei.

As pontas afiadas afundaram mais ainda, em uma ameaça óbvia, mas eu amei vê-la daquele jeito. Tentando me controlar, em uma atitude dolorosa, mas exigente; e eu queria que ela exigisse o que quisesse de mim agora.

Meu pau começou a enrijecer por baixo dela, atraído pelo calor entre suas coxas, e eu estava mais do que pronto para deixar isso acontecer outra vez esta noite. Só por esta noite.

Afinal de contas, ela veio até mim.

— Você não estava mentindo — ela disse, depois de alguns segundos, pensativa, como se uma lembrança estivesse brincando no fundo de sua mente.

Eu havia dito a ela, no armário do zelador, sete anos atrás, que matei minha mãe. Ela pensou que eu estava falando besteira. Agora ela sabia que não.

— Quando começou? — perguntou, sua cabeça decifrando o que havia acontecido.

Mas eu não iria lá. Nunca mais.

— Na fonte, quando você tinha oito e eu, onze — admiti.

— Não foi isso o que eu perguntei.

— Isso é tudo o que importa. — Apertei sua bunda e levantei meu quadril, pressionando meu pau entre suas coxas. — Ah, isso... — arfei, meu pau rígido embebido em seu calor através do shortinho de seda e renda.

Eu não conseguia pensar em nada mais, porra.

Minha respiração acelerou e eu mergulhei nas sensações, suas perguntas exigentes e a ameaça das facas prestes a me ferir e acabar com a minha vida ali, naquele instante. Minha pele estava coberta de suor, o farfalhar dos lençóis enchendo meus ouvidos, e todos os meus sentidos agora atentos enquanto eu me soltava, querendo sentir tudo isso. Querendo ser preenchido com qualquer coisa que viesse dela.

Posicionei uma mão na curva de seu pescoço e ombro e assumi o comando de seu corpo, cavalgando-a por baixo, suas roupas causando uma tortura muito mais insana.

— Pare — ela ofegou. — Damon, pare.

— Então saia de cima de mim.

Era ela que estava sentada em cima de mim. Eu não tinha controle algum aqui.

— Eu posso ter me casado com Ari — falei, morrendo para poder me afundar dentro de seu corpo de novo —, mas é com a irmãzinha dela que quero brincar. — Eu a puxei para cima de mim, as facas caindo ao longe, e sussurrei contra os seus lábios: — Com quem sempre quis brincar.

Ela estremeceu e seus olhos marejaram, e achei que ela fosse se afastar e sair dali correndo, mas ela apenas ficou paralisada.

— Você é minha — afirmei, beijando sua boca enquanto eu moía meus quadris contra os dela. — Minha. — Eu a beijei de novo. — Minha naquela fonte. Minha no vestiário e no armário do zelador. Minha no escritório do diretor. — Segurei seu queixo com força. —

Você vai ter meus filhos e vai ser minha mulher, vai transar comigo, porque é isto o que eu quero.

— Não — disse, em um sussurro quase inaudível.

Mas então envolveu meu pescoço com uma mão e choramingou um gemido, seu corpo arqueando de encontro ao meu.

— Você é diferente deles — sussurrei, levantando sua camiseta para sentir seus seios contra o meu peito. — Diferente dos meus amigos. Diferente de Ari, dos meus pais, da minha irmã e de todas as mulheres. Você vê tudo.

Um soluço escapou de seus lábios e agarrei o cabelo à sua nuca, inclinando sua cabeça para que pudesse ver seu rosto enquanto a fodia a seco, nossos corpos se movendo em perfeita sincronia.

— Ah, tá. Foi isso o que você disse para a minha mãe, para convencê-la a sair daqui? — ela disparou. — Que eu era *tudo* pra você?

Lambi seus lábios com a ponta da minha língua, com uma fome do caralho por ela, apesar de tudo.

— Eu disse a ela que o único jeito de eu continuar casado com Ari por um ano era se convivêssemos o mínimo possível — afirmei, nossas bocas coladas enquanto ofegávamos.

— Eu disse a ela que queria você — continuei. — Que você me amava, porque não houve fingimento algum naquele vídeo, e disse que eu amava você também, e que sentia muito por me esgueirar da forma como eu fiz, mas que foi o único jeito que encontrei para me aproximar de você.

Ela inspirou por entre os dentes cerrados, trêmula.

— Eu disse que nunca foi minha intenção que alguém visse aquele vídeo — admiti —, e que eu precisava de tempo. Para te convencer de que você era minha e quis ser minha. Nós só precisávamos ser deixados a sós.

E era verdade. Eu disse tudo aquilo para a mãe dela. Coisas que ela queria ouvir. Coisas nas quais queria acreditar.

Casei com Ari para conseguir entrar nessa casa e porque ela era fácil demais, mas todos sabiam de quem eu estava realmente atrás.

— Eu disse que você terá o futuro garantido — sussurrei, nós dois nos esfregando um no outro —, e que vou realizar seus sonhos. Você vai dançar e nenhuma porta se fechará para você novamente.

Gemidos e grunhidos encheram o quarto, minha mão livre deslizando pela sua coluna e sentindo a fina camada de suor antes que eu agarrasse sua bunda, ajudando-a a se mover.

É isso aí, Ari foi embora porque ela fazia tudo o que mandavam, e ela queria acreditar que eu me juntaria a elas em alguns dias. Sua mãe só foi, porque ela queria acreditar em todas as coisas que eu disse. Que Winter e eu estávamos apaixonados pra caralho e

precisávamos de espaço para resolver nossas merdas.

Meu pau estava tão duro, e louco para se afundar dentro dela, mas eu apenas a ergui um pouco mais e suguei um mamilo, fazendo-a chegar ao orgasmo na mesma hora.

Enquanto ela ainda gozava, estremecendo com o clímax, parei de me mover e envolvi seu corpo com um braço, segurando-a contra a minha boca enquanto lambia e beijava seu seio.

Eu queria isto. Muito mais até. Seu corpo em meus braços, suado e trêmulo, em centenas de posições diferentes, para que nenhum pedacinho dela permanecesse intocado.

Mas por mais excitado que estivesse e por mais que quisesse arrancar suas roupas e tirar vantagem do fato de que tinha a casa toda para mim com a minha nova cunhadinha... Esta vadia me enviou para a prisão sem hesitação ou qualquer arrependimento.

Nós não estávamos apaixonados.

Puxei sua cabeça para a minha boca e a enchi de beijos que ela não retribuía, porque odiava o que simplesmente estava permitindo acontecer outra vez.

— Eu amo te foder — eu disse. — Não há dificuldade para se conectar na cama. Nenhum mistério com você.

Suas coxas eram tão cálidas, que meu pau chegou a doer, só em pensar em como ela devia estar molhada e quente agora mesmo.

No entanto, eu simplesmente firmei meu agarre, roçando meu nariz ao dela, provocando-a.

— É reconfortante como é sempre a mesma coisa — murmurei. — Todas as bocetas se transformam em putas quando são bem-fodidas.

Ela ficou imóvel, os lábios franziram de leve, como se ela estivesse segurando o choro, mas, por fora, permanecia calma e estoica.

Como se ela finalmente tivesse entendido... que eu estava aqui para machucar.

Capítulo 20

Damon

Cinco anos atrás...

Soprei a fumaça, encarando a nuca de Erika Fane enquanto dirigíamos pelo bairro assim que saímos da vila. Havia sido um longo dia – e a noite provavelmente seria mais longa ainda –, e eu estava tanto intrigado quanto pau da vida por Michael ter trazido a garota para a nossa Noite do Diabo.

Estive longe, na faculdade, com meus amigos espalhados em diferentes universidades, e finalmente me senti bem em voltar para o lugar onde era mais feliz, e agora, todo mundo tinha que se conter para não ofender o bichinho de estimação do Michael.

Só que talvez uma distração – algo que tirasse minha mente de Winter e do que aconteceu noite passada no chuveiro – fosse exatamente o que eu precisava.

Visão de ótica.

E, ao fechar meus olhos, desligando a cabeça, eu poderia focar em qualquer comportamento de merda que eu tinha e remoer as entranhas, de forma que não a sentiria novamente.

Para que pudesse abrir mão dela, antes que descobrissem.

Talvez com alguns anos de estrada, quando eu saísse da faculdade e ela fosse mais velha e não morasse mais com os pais...

Não.

Não, aquilo não aconteceria outra vez.

Ela ainda precisava saber a verdade ao meu respeito e o que fiz com ela nesses últimos anos. E eu não queria que ela soubesse daquilo. Nunca.

Eu estava fodido. Aquilo tinha que acabar.

Eu só precisava encontrar uma diversão. Uma boa e saudável diversão loira que se parecia um pouco com Winter Ashby e cheirava tão bem quanto.

Rika sentiu que eu a encarava e me olhou por cima do ombro, conectando o olhar ao meu.

Eu a encarei de volta.

Ela tinha olhos azuis. Exatamente como os de Winter.

Mas, ao contrário de Winter, eu poderia odiar Rika e lembrar a mim mesmo para o que as mulheres serviam.

Elas eram da mesma idade também. Eu não tinha certeza se ainda andavam juntas, mas talvez pudesse fingir que a pequena sócia de Winter era, na verdade, ela, de forma que pudesse arrancar a verdadeira da minha cabeça.

Rika inclinou o queixo para cima e se virou para frente, e eu ri baixinho, dando outra tragada no meu cigarro.

Eu sempre a deixei nervosa, e meio que gostava disso. Como se houvesse um jogo muito maior por trás e que, eventualmente, ainda chegaríamos a ele, mas que nenhum de nós sabia exatamente o que era.

Vi que Michael me encarava pelo espelho retrovisor, e tentei disfarçar o sorriso mal e porcamente.

Ei, se ele não queria que alguém mais reparasse em sua gostosinha, não deveria ter trazido a garota com a gente, para início de conversa. Uma coisa era você ter sua diversão. Outra era fazer isso na nossa frente.

Esta noite era nossa. Ela não era importante o suficiente para estar aqui.

Ele parou na frente da casa dos Ashby, do lado de fora dos muros com duas colunas imensas e lâmpadas no topo, e perto do portão fechado. Tomara que aquilo indicasse que seus pais estavam fora de casa e que ela estava sozinha.

Ou, pelo menos, que seu pai não estivesse lá. A mãe disse alguma coisa, noite passada, sobre pegar um voo pela manhã.

Arion estava na universidade, fazendo intercâmbio de seis meses em outro país, então Winter era a única pessoa na casa.

Passsei por cima do banco traseiro e saí pela porta do lado de Will.

— Não vou demorar.

— Tãooo cheio de si — Will zombou. — Consiga um ângulo bacana pra gente, beleza?

Ele estendeu o celular que usávamos para filmar os trotes uns dos outros, e quando o peguei, lembrei que havia tirado uma foto de Winter na noite passada. Isso se ficar registrado, já que o deixei cair. Ainda bem que não havia quebrado.

Eu o enfiei no meu bolso traseiro, abri a porta e saltei para fora, puxando o capuz sobre a cabeça.

— Está se prevenindo? — Will perguntou.

— Cala a boca, porra.

Fechei a porta do carro com força, ouvindo sua risada, e escalei a árvore pelo lado de fora do muro, fazendo meu percurso em segundos, já que essa não era a primeira vez que fazia isso.

Aterrisei sobre meus pés e corri pelo gramado, vendo algumas luzes acesas que o pai dela deixou na casa. Meu olhar imediatamente se fixou nas janelas do salão de festas assim que ouvi a música vindo do interior. Não consegui reprimir o sorriso, sabendo que ela estava ali.

Peguei a chave que ela me deu e retirei o casaco, escondendo-o

por trás de uns arbustos, já que precisava disfarçar o cheiro do cigarro.

Fui até a porta dos fundos, destranquei o mais silenciosamente possível e a abri, esgueirando-me pela cozinha escura. Na mesma hora ouvi a música alta, do jeito que ela gostava, exatamente porque ninguém estava em casa.

Passei pelo corredor e pelo saguão, virei à direita em direção às portas duplas do salão de festas, ouvindo a batida cada vez mais pesada.

A melodia tinha uma vibe triste e assombrada, e meu coração trovejou antes mesmo de eu entrar ali dentro.

Ela dava piruetas pelo salão, a cabeça e os braços desempenhando um ato em conjunto com o movimento dos pés, rastejando com a canção, como se alguém estivesse possuído ou perdido em um sonho. Senti o nó na garganta e aproximei-me um pouco pelas sombras, sem desviar o olhar dela.

O refrão entoou pelo lugar, a bateria soando como um pulso acelerado, e contemplei seu cabelo esvoaçante, os músculos das coxas flexionando por baixo da leggings preta e apertada. Fendas estavam cortadas na parte de trás de sua camisa rosa de manga longa, o sutiã esportivo e a pele visíveis sob a luz da lua que se infiltrava pelas janelas.

*Mas pisquei...
E o mundo inteiro desapareceu.*

A letra da música vibrava como se estivesse fluindo de seu corpo, cada movimento cronometrado com perfeição. Meu olhar a varreu de cima a baixo, apreciando seus giros e saltos, desejando ser o ar ao seu redor para sentir cada um de seus movimentos. Meu peito apertou de tal forma que doía para respirar.

Não havia ninguém no mundo como ela.

A música acabou e o silêncio recaiu sobre a sala ao mesmo tempo em que ela descia das pontas dos pés, respirando com dificuldade. Ficou ali, imóvel e sem dizer nada.

Até que finalmente sua voz atravessou o ar.

— Você está aqui?

Permaneci em silêncio.

— Você estava me observando? — perguntou suavemente.

Eu queria puxá-la contra o meu peito e apenas senti-la relaxando, tranquilizando sua mente e fazendo-a se sentir segura.

Mas ela sentiria o cheiro do cigarro impregnado em mim. Não contive o desejo de fumar esta noite de propósito. Não queria ficar tentado em vir vê-la.

No entanto, aqui estava eu. Eu disse aos caras que estaria

fazendo uma visitinha rápida à Sra. Ashby, ciente de que eles adorariam isso. Nenhum de nós gostava do marido dela.

Mas eu só queria ver Winter.

Depois do que fiz com ela noite passada.

— Odeio quando você não conversa comigo — ela disse, ainda parada no mesmo lugar, mas fazendo um círculo lento, porque não sabia exatamente onde eu estava. — Tipo, conversar de *verdade*. Mas acho que não é seu estilo acordar ao lado de alguém, não é?

Não. Não era. Depois de outra meia hora no chuveiro, nós nos secamos e eu me vesti, seguindo-a até o seu quarto para me deitar um pouquinho com ela.

Mesmo quando adormeceu, fiquei ali.

Sem dormir.

Até quatro da manhã, quando me esgueirei para fora, dizendo a mim mesmo que esta noite eu treparia com outra garota.

Só para tirar Winter da minha cabeça.

— Você é como um fantasma — ela refletiu. — Ou um vampiro. Só ganha vida para mim à noite.

Ela engoliu em seco e inspirou profundamente.

— Está tudo bem. Eu fui avisada, não é? — disse. — Que você me machucaria?

Sim.

— Meu pai acha que será melhor para mim se eu voltar para Montreal — ela comentou. — Ele diz que “a comunidade aqui não pode atender às minhas necessidades”.

Ela repetiu as palavras que ele usou, imitando a voz grave e condescendente, mas senti meu corpo sendo incendiado, e fiquei nervoso na mesma hora.

De volta a Montreal.

Longe.

Eu nunca mais a veria. E se ela decidisse ficar lá depois que a escola acabasse?

Se eu achasse melhor não nos vermos mais, então era isso que faríamos, mas eu não gostava de a escolha ser arrancada das minhas mãos.

— O que ele realmente quer dizer é que não posso me dar ao luxo de ser uma adolescente normal — explicou. — Ele acha que vou acabar cometendo erros e saindo machucada no processo.

Como ela fez na noite passada, burlando o toque de recolher e os deixando preocupados. Fazendo coisas que todo mundo fazia, mas cujas regras para ela eram muito mais restritas, porque eles achavam que ela não era capaz de se proteger.

Será que ela já havia sido motivo de preocupação para eles antes? O pai dela estava usando isso como desculpa para enviá-la para

longe. Sem as duas filhas ali, ele não teria motivo para voltar para casa com frequência. Apenas pela aparência.

Ela ficou em silêncio, baixou a cabeça e suplicou:

— Não me deixe ir embora.

Fechei os olhos por um momento, sentindo minhas entranhas se retorcerem em um nó apertado.

Eu não queria deixá-la ir.

— Ele está na cidade hoje — informou. — E minha mãe viajou para a Espanha, para visitar Ari. Tenho a casa toda para mim. A noite inteira.

Ah, Jesus. Meu peito apertou.

Mas que porra?

Era tudo o que eu queria.

Não faça isso comigo.

Ela sorriu.

— De repente, você não tem nada a dizer?

Então balancei a cabeça, mais para mim do que para ela.

Ela poderia ser qualquer pessoa.

Eu poderia conseguir de qualquer uma o que tive com ela.

Eu não a queria na minha cabeça.

Não quero isso. Eu queria que ela continuasse sendo perfeita.

Ela descobriria e tudo estaria acabado.

Não fique, eu disse para mim mesmo. *E não volte mais.*

— A gente não precisa conversar — ela murmurou. — Vou subir e tomar um banho. Você pode se juntar a mim, e eu quero muito isso. E depois, vou deitar na minha cama, para dormir, e você pode vir também. Eu também quero muito isso. — Ela fechou os olhos, e era como se seu coração estivesse despedaçando. — Eu só quero você aqui e onde eu estiver.

Ela se afastou devagar em direção às portas, encontrando o caminho para o saguão, e eu a segui, observando-a subir as escadas até entrar no banheiro.

Nada poderia ser melhor do que me aconchegar em seu calor, aninhados em sua cama esta noite.

Mas, ao invés disso, passei pelas escadas, depois pela cozinha e saí pela porta dos fundos, trancando em seguida antes de sair da casa.

Ela poderia ser qualquer uma, afirmei para mim mesmo. *Qualquer uma.*

E eu provaria isso.



Horas depois, dirigi a Mercedes Classe G do Michael, com seu

irmão ao meu lado, enquanto Rika e Will estavam sentados atrás.

Michael tinha sumido minutos antes, pau da vida com Rika, por qualquer motivo, e foi se acalmar com Kai para encher a cara. Ele a deixou aos nossos cuidados.

Aquilo era perfeito. Era tudo o que eu precisava.

Eu precisava de outra pessoa. Alguém que não significava nada para mim.

— Por que você está de máscara? — Rika perguntou a Trevor, que permanecia em silêncio no banco do passageiro.

Eu sorri internamente. Ela pensava que ele era Kai, já que ele estava usando a máscara dele. Não diríamos a ela a verdade, porque o irmão de Michael tinha contas a ajustar com ela, assim como eu.

Nada pessoal, garota. Você é apenas uma distração.

— A noite ainda não acabou — zombei.

Acelerei pela rodovia deserta e escura, seguindo o rumo da casa dela – ou onde ela achava que a deixaríamos –, mas não era para lá que estávamos indo.

— Você o quer, não é? — perguntei, brincando com ela. — Estou falando do Michael.

Ela apenas olhou pela janela, ignorando-me por completo.

Rika tinha dezesseis anos. Ela realmente achava que seria capaz de diverti-lo? De mantê-lo satisfeito?

Garotas novinhas como ela nem possuíam o corpo formado ainda. Era meio patético, para dizer a verdade, os sonhos esperançosos que tinham. Como se fôssemos nos apaixonar logo agora que havíamos começado a nos divertir?

— Merda — Will grunhiu, sentado ao lado dela e mais bêbado que um gambá. — Ela está prontinha para montar um poste, do tanto que está com tesão por ele.

Nós dois rimos.

— Deixe de ser babaca, cara — falei. — Talvez ela só esteja com tesão e ponto final. As vadias têm necessidades, afinal de contas.

Estremeci por dentro, ciente do quão nojentas minhas palavras soaram.

Sacudi a cabeça e observei Rika pelo espelho retrovisor, sua postura rígida e mal ousando respirar. Seu olhar indefeso pousou em Kai, provavelmente pensando porque ele não estava se metendo e mandando a gente calar a boca, mas não havia nenhum Kai dentro desse carro. Nenhum herói para salvá-la.

— Estamos só te sacaneando — Will disse, com a voz engrolada. — A gente faz isso um com o outro o tempo todo.

Ele sorriu para ela, os olhos fechados quando apagou.

— Sabe, o lance com o Michael... — continuei, recostando a cabeça contra o assento enquanto dirigia — Ele te quer também. Ele te

observa. Sabia disso? — Olhei para ela pelo retrovisor. — Cara, você precisava ter visto a expressão no rosto dele quando a viu dançar hoje à noite.

Ela realmente parecia gata, mas nem se comparava aos lugares onde Winter era capaz de me levar quando eu a observava.

Pisei no acelerador e passei pela casa de Rika, rumo ao lugar do esquecimento onde Winter não existia.

Esqueça. Apenas esqueça essa garota.

Eu a vi se virar no assento, vendo quando passamos pela sua casa e não paramos.

— É isso aí — prossegui. — Ele nunca olhou desse jeito antes para uma garota. Eu poderia até dizer que estava perto de te levar para casa e tirar sua virgindade.

— Kai? — Rika protestou, sem querer papo comigo. — Nós passamos da entrada da minha casa. O que está acontecendo?

— Você quer saber por que ele não te levou para casa? — perguntei, apertando as travas das portas para que ela não inventasse de pular. — Ele não gosta de virgens. Ele não quer nunca ser assim tão importante para alguém, e é bem menos complicado transar com pessoas que sabem a diferença entre sexo e amor.

Ela desviou o olhar de Will para Kai, o medo se revelando no olhar.

Sexo e amor.

Garotos sempre agirão como garotos, e ela te provocou, não é mesmo? Ela não devia ter te dado, ouvi a voz da minha mãe na cabeça.

Sexo era poder. Um poder degradante, imundo, perverso e impuro.

O amor sempre machuca. Mais cedo ou mais tarde.

— Para onde estamos indo? — Erika exigiu saber.

No entanto, ignorei-a.

— Você viu a garota na Catedral hoje — zombei, lembrando-a das catacumbas em nossa primeira parada na Noite do Diabo, e do casazinho transando. — Você gostou, não é?

Virei à esquerda, seguindo por uma estrada de terra escura, e a vi espiando pelo para-brisa da frente para tentar descobrir onde estávamos.

— Você queria estar no lugar dela — continuei. — Ser empurrada no chão e fodida...

Porque, por mais impuro e degradante que o sexo fosse, os sentimentos eram intensos e reais. Sexo e medo eram as únicas coisas que te tornavam real.

Garotinhas não conseguem entender do que os garotos precisam, minha mãe diria.

Aquela era a única coisa na qual estava certa. Não

precisávamos de nada que não tivéssemos. Nada de perguntas, lágrimas, nada de toques ou palavras suaves... Apenas fique aí, porra, e não tente ser alguém especial.

— Você sabe por quê? — perguntei. Como eu sabia que ela queria estar no lugar daquela garota e ser fodida daquele jeito? — Porque é muito gostoso. E nós vamos fazer você se sentir muito bem se nos deixar.

Seu olhar se desviou para Kai, e então para mim, seguindo para as portas trancadas assim que a preocupação assumiu o controle.

— Você devia saber... — continuei. — Que quando caras deixam uma garota entrar em sua gangue, há duas maneiras como ela pode ser iniciada. — Parei o carro no meio da floresta, numa estrada isolada. — Ou ela leva uma surra — desliguei o motor e os faróis, fixando meu olhar ao dela pelo espelho —, ou é fodida.

Ela balançou a cabeça, em desespero.

— Eu quero ir para casa.

Sua voz soava com um apelo patético, e ela parecia uma criança afundando no fundo de um rio, sem querer morrer, mas sabendo que aconteceria do mesmo jeito.

Não, por favor. Eu não quero fazer isso. Lembrei de minhas próprias palavras quando era criança, mas não tinha nenhum controle.

E, assim como eu, não havia nada que Rika pudesse fazer.

— Essa não é uma das escolhas que você tem, monstrinha — zombei.

Eu e Trevor olhamos ao mesmo tempo para trás.

Ela quase surtou quando se deu conta do que aconteceria. Agarrou a maçaneta e puxou com força, enlouquecida para sair dali.

— Nós podemos pegar o que quisermos de você — avisei, abrindo a porta. — Um após o outro, e ninguém vai acreditar na sua palavra, Rika.

Desci do carro e abri a porta do seu lado, arrancando-a de dentro. Will ainda estava apagado no banco traseiro.

Fechei a porta com força e a empurrei contra a lataria do carro, pressionando meu corpo ao dela e segurando seus pulsos para baixo.

Eu realmente estava disposto a fazer isso?

— Nós somos intocáveis — alertei, encarando-a com raiva. — Podemos fazer o que quisermos.

Ela respirava com dificuldade, hiperventilando e contorcendo-se contra mim.

Trevor desceu do carro e deu a volta, parando às minhas costas.

— Kai, por favor... — ela implorou por ajuda, ainda sem saber que era o irmão de Michael por trás da máscara. Ele sempre foi louco por ela, mas ela nunca lhe deu bola. Rika desejava seu irmão mais velho, e ele estava puto com isso.

— Ele não vai te ajudar — murmurei.

Então ergui suas mãos acima da cabeça, contra o teto do carro e ela gritou.

— Isso vai ser tão gostoso — sussurrei contra sua têmpora, e fechei os olhos, visualizando Winter entre meus braços.

Se eu conseguisse colocar isso na cabeça e a tratasse como lixo, então eu poderia fazer o mesmo com Winter. Poderia descartá-la.

Como se não valesse nada.

Agarrei a bunda de Rika com brutalidade.

— Você sabe que quer montar isso aqui.

— Damon — ela arfou, virando a cabeça para o outro lado —, me leva para casa. Eu sei que você não vai me machucar.

— É mesmo? — ameacei. — Então por que você sempre teve medo de mim?

Ela realmente acreditava que eu não faria isso? Ou achava que poderia me amolecer?

Eu não tinha respeito nenhum por ela. Ela não valia nada. Era apenas um corpo quente.

Isso aí, ela salvou meu traseiro mais cedo quando tacamos fogo no gazebo, na vila. Mas se eu não pudesse ter Winter, então Michael também não teria Rika. Se tinha uma pessoa que merecia ter ido com a gente essa noite, era a Winter. Quem Rika achava que era?

Segurei seus pulsos com força com apenas uma mão, apalpei sua bunda com a outra e deposei uma trilha de beijos em sua mandíbula.

Eu quero isto.

— Damon, não! — gritou. — Por favor, me solta!

Mas calei sua boca com a minha, meus dentes chegando a cortar a gengiva, e tentei de tudo ver Winter na minha mente. Era ela ali.

Machuque a garota. Tudo estaria acabado se eu simplesmente a magoasse e partisse seu maldito coração.

— Socorro! — Rika gritou.

— Ele não te quer — sussurrei, deslizando minha mão pelo seu corpo e espalmando um seio. Eu me sentia nauseado ao vê-la se debater.

Por favor, eu não quero fazer isso.

Sshhh, querido, ouvi a voz de minha mãe outra vez.

Ah, meu Deus.

— Mas nós queremos, Rika. — Quase sufoquei, pigarreando e me obrigando a seguir em frente. — Nós te queremos pra caralho. Ficar com a gente vai ser quase como se você tivesse um cheque em branco, gata. Você vai ter qualquer coisa que quiser. — Mordi seu lábio inferior. — Vamos lá...

Ela se afastou, rosnando:

— Eu nunca vou querer você!

Tudo bem. Agarrei a gola de seu casaco e joguei-a para longe do carro, na direção de Trevor e seus braços mais do que ansiosos.

— Kai — ela arfou, uma fagulha de esperança brotando em sua voz.

— Talvez você o quera, então — eu disse.

Trevor envolveu o corpo dela com os braços, quase esmagando a monstrelha.

— Pare! — ela berrou.

E então ergueu a mão e estapeou o rosto dele, ainda com a máscara.

Uma pontada de admiração me atingiu, sobressaltando-me, vendo um pouco mais de Winter nela do que desejaria. Ela era uma guerreira.

Bata nele de novo. Como eu deveria ter feito com a minha mãe antes de ir longe demais.

Bata nele de novo.

Bata em mim.

No entanto, ele a jogou no chão gelado, seu corpo caindo com força entre as folhas úmidas, e ela se virou, rastejando para trás enquanto tentava se afastar.

Trevor se lançou em cima dela e eu inclinei a cabeça, assistindo a tudo aquilo com cuidado.

Ele parecia estar sussurrando alguma coisa no ouvido dela, mas não pude ouvir.

Então ela gritou mais alto ainda:

— Saia de cima de mim!

Ele agarrou um punhado de seu cabelo, gritando para mim dessa vez:

— Segure os braços dela!

— Não! — Rika esperneou desesperada. — Me solta!

Eu continuei imóvel.

Trevor segurou as mãos dela acima da cabeça, com uma de suas mãos, e o seu pescoço com a outra, e mesmo assim ela tentou se soltar de seu agarre, porém, sem conseguir.

Ela não podia.

Não podia impedir o que estava acontecendo.

Pisquei. *Não.* Eu não queria isso. Eu queria apenas assustá-la. Ameaçar, apavorar, extrapolar um pouco meus limites e perder o controle, mas...

Ela lutou contra. Como muitos de nós devíamos ter aprendido a fazer muito antes.

— Já chega! — eu disse.

Trevor congelou por um instante, virando a cabeça para me encarar.

Eu me lancei em sua direção e o agarrei, tirando-o de cima dela. Abaixei-me e puxei Rika pelo agasalho, para que ficasse de pé.

— Pare de choramingar — eu disse, entredentes, ainda segurando a gola de seu moletom. — Não íamos machucar você, mas agora você sabe que somos capazes de fazer isso.

Segurei um punhado de seu cabelo à nuca, seu rosto corado, irritado, e ainda revelando que estava apavorada pra caralho, exatamente como Winter ficou na primeira noite em que invadi sua casa.

— Michael não te quer, e a gente também não — ofeguei. — Você entendeu? Eu quero que você pare de nos observar e nos seguir como um cachorrinho idiota tentando chamar atenção. — Então a empurrei para longe, vendo *Winter* tropeçar para longe de mim. — Arranje uma vida, porra, e fique longe de nós. Ninguém te quer.

Lágrimas se derramavam de seus olhos, e ela girou e fugiu pela floresta, o mais rápido que podia, em direção à sua casa.

— Mas que porra foi essa? — Trevor cuspiu, arrancando a máscara.

Seu cabelo loiro estava todo suado, e ele me olhou de cara feia quando jogou a máscara de Kai para mim, como se fosse uma bola de basquete. Eu a peguei e me afastei, abrindo a porta do carro com força para entrar.

Eu queria foder com ela. Talvez transar com ela, também, ou com qualquer outra que pudesse clarear a minha cabeça, mas, puta que pariu, aquilo não era...

Ele não ia parar.

Ela não estava se divertindo porra nenhuma.

Rika realmente acreditou que estava em perigo, e tudo o que eu pude sentir foi a minha mãe acima do meu corpo, exatamente como Trevor estava fazendo com ela.

Fica duro quando eu faço assim. Isso significa que você está gostando.

Não. Não estava.

Larguei a máscara no banco do passageiro e dei partida no carro, vendo Trevor correr em direção à porta do seu lado.

— Que caralho você está fazendo?

No entanto, não esperei. Com Will ainda desmaiado no banco traseiro, pisei no acelerador e dei marcha ré, ignorando os xingamentos e gritos de Trevor à medida que ele perseguia o carro.

Você pode ir andando pra casa, porra.

Dirigi até o fim da estrada de chão, sem nem mesmo parar antes de pegar a rodovia, e pisei o pé na estrada escura e sossegada.

Apertei o volante com força com uma mão e agarrei um punhado do meu cabelo, com o cotovelo apoiado na janela.

— Mas que porra? — murmurei.

O que foi que eu fiz?

Será que eu realmente a machucaria?

Mas eu fiz isso.

Ela veio com a gente essa noite, salvou o meu pescoço mais cedo na cidade, e eu... eu a ataquei, porra. Ela me defendeu, e eu só consegui enxergá-la como lixo e uma ameaça.

Todo aquele espírito, e eu a joguei no chão. Eu a tratei como se fosse nada, ao invés de me sentir poderoso, só o que eu via era um garotinho no chão, chorando e arrasado, porque ele não podia impedir o que estava acontecendo com ele.

Rika me odiaria dali em diante. Ela nunca mais olharia na minha cara outra vez.

Estacionei na frente da casa de Will e tirei-o do carro, colocando-o sobre o meu ombro. Subi os degraus e peguei as chaves dele dentro do bolso de sua calça. Assim que destranquei a porta, entrei e desarmeí o alarme de segurança, digitando a senha que havia memorizado anos atrás.

A casa estava às escuras e silenciosa, mas dava para sentir o perfume das hortênsias coloridas que sua mãe sempre mantinha na mesinha do *foyer*. Às vezes elas eram só azuis, outras vezes, brancas. Hoje, a cor escolhida havia sido o roxo, e elas davam um tom alegre à casa no instante em que você entrava.

De todas as casas dos meus amigos, a que eu mais gostava era a de Will. A construção era a mais nova, espaçosa e com inúmeros quartos e salas onde você podia se movimentar e respirar em paz, além de ser bem-iluminada por conta do teto alto. Ele possuía dois irmãos mais velhos que haviam saído de casa há alguns anos para fazer do mundo um lugar melhor. Will era o caçula problemático da família.

Eu o levei até seu quarto, larguei seu corpo em cima da cama, e o vi bocejando e puxando o edredom para se cobrir. Ele ficou parecendo um burrito, e pela primeira vez naquela noite senti que realmente estava sorrindo.

Will e eu éramos farinhas do mesmo saco, ambos sempre mergulhando fundo demais para o nosso próprio bem; ele com drogas e álcool e eu com a necessidade de infringir dor.

A chuva começou a martelar contra a janela, e quando olhei para cima, vi as gotas deslizando pelo vidro como se fosse a água jorrando de uma fonte.

Winter.

Aquele era o único lugar onde eu queria estar nesse momento. Ela estava sozinha em casa, o chafariz jorrando do lado de fora, e querendo que eu estivesse lá.

Peguei uma calça jeans e uma camiseta limpas do armário do Will, corri para o banheiro e tomei uma ducha, esfregando o cabelo e o corpo para tirar o cheiro de Rika e dos cigarros.

Para lavar qualquer umas das merdas que fiz esta noite.

Depois de me limpar, eu me vesti e peguei a chave da casa dela, minha carteira e o celular, e rapidamente voltei para o carro do Michael. Já era quase duas horas da manhã. Eu poderia desfrutar de pelo menos algumas horas com ela antes de correr o risco do seu pai voltar para casa.

No entanto, quando cheguei, vi os portões abertos. Será que ele voltou mais cedo?

Desliguei os faróis e desacelerei, reparando que não havia nenhum carro estacionado fora ou dentro da propriedade, e nenhuma luz acesa. Talvez ela tenha deixado os portões abertos para mim. Aquilo quase me fez sorrir, porque gostei de pensar na ideia.

Parei o Mercedes Classe G do lado da entrada de carros, e longe de vista entre as árvores e o gramado, para o caso de acontecer alguma coisa, e saí do carro levando a chave comigo.

Eu me esgueirei pela casa e tranquei a porta assim que entrei, olhando ao redor, em alerta, enquanto subia as escadas.

Quando abri a porta de seu quarto, na mesma hora a avistei por baixo dos lençóis. As sombras das gotas da chuva na janela dançavam sobre seu corpo deitado de lado, então fechei a porta o mais silenciosamente possível e fui de pé ante pé até sua cama, admirando-a em seu sono.

Calor circulou por cada parte do meu corpo ao vê-la ali, parecendo tão aconchegante e tranquila.

Ela era tão pequena, gentil e delicada.

Mas havia um fogo ali dentro.

Ela nunca mentiu ou fingiu ser alguém que não era. Não podia ver a minha aparência, mas sentiu e reconheceu em si mesma, e fomos capazes de nos encontrar e sentir que isto era o certo. Eu não sabia dizer como aconteceu, mas era um dos motivos pelo qual sempre fui atraído por ela. Desde quando éramos crianças. Ela via tudo.

Puxei a ponta do lençol bem devagar, vendo que ela estava dormindo com uma camiseta branca e folgada que descia pelos braços, mas que se encontrava toda enrolada ao redor de sua cintura. Eu a encarei. Meu território.

Se meus amigos a tocassem do jeito que fiz hoje com Rika, eu os mataria. Sem nem pestanejar.

Ela gemeu baixinho, respirando profundamente.

— É você?

Em seguida, puxou a camiseta para baixo e ergueu o corpo, apoiada em um cotovelo, a cabeça virando de um lado ao outro.

— Sim — respondi baixinho.

Winter seguiu o som da minha voz e sorriu.

Apoiei um joelho na cama e parei sobre ela assim que se deitou de costas outra vez. Ladeei sua cabeça com os cotovelos e enfiei as mãos em seu cabelo, recostado minha testa à dela, respirando sua essência e sentindo seu corpo por baixo do meu.

Ela passou os dedos pelas minhas costas, sussurrando:

— Tem alguma coisa errada?

Fechei os olhos, sem nem ao menos saber por onde começar.

— Eu ferrei com tudo — sussurrei de volta.

Ela acariciou minha pele e eu me encharquei em seu calor, a chuva nos guiando para um mundo só nosso, e ainda assim, eu me perguntava como ela havia se entranhado dentro de mim – dentro da minha cabeça e do meu co...

— Precisa de um esconderijo por um tempo? — perguntou, sua voz com um tom reconfortante.

Dei um aceno afirmativo com a cabeça.

— Sim.

Pelo tempo que eu pudesse.

Trocamos beijos suaves a princípio, mas meu corpo se conscientizou do dela, e ela quis sentir tudo, as mãos delicadas se enfiando por baixo das minhas roupas.

E quando nos desnudamos e eu a penetrei, soube, sem sombra de dúvidas, de que este era quem eu deveria ter sido, se não tivesse me tornado eu. Se não tivesse aprendido a lidar com a dor de todas as piores maneiras possíveis enquanto crescia naquela casa, negando assumir qualquer responsabilidade pelo homem que me tornei.

Eu teria ido para a escola, jogado basquete, rido com meus amigos, e teria me esgueirado no quarto da minha linda namoradinha à noite, para fazer amor com ela, delirando na necessidade de ser nada além do que bom para ela, porque eu não era tão ferrado a ponto de precisar de algo mais para ser feliz.

Isso é o que eu poderia ter tido para sempre se não tivesse mentido.

Algumas horas depois, deitamos juntos, a chuva mais fraca agora enquanto ela repousava a cabeça no meu peito e passava suas mãos pelo meu corpo, memorizando cada traço e fibra.

— As cicatrizes em seu corpo... — ela sussurrou. — Seu couro cabeludo, debaixo de seu braço, sua virilha. Lugares que as pessoas não veem.

Acaricieei o braço dela com o polegar enquanto a segurava, já

sabendo aonde ela iria chegar. Parei de me cortar quando tinha quinze anos. Na noite em que minha mãe desapareceu.

Mas algumas das marcas nunca se curaram realmente. Era bom que eu era esperto o bastante para saber onde fazê-las, para que minhas roupas sempre as cobrissem.

— Eu tive uma colega de sala em Montreal que tinha cicatrizes assim — ela continuou —, mas ela nem tentava esconder. Estavam em todos os lugares. Ela precisou sair e ir para um hospital.

Continuei afagando seu braço, minha respiração estável e calma.

— Onde você esteve por dois anos?

— Não em um hospital.

Eu sabia qual era a suspeita dela, mas tudo isso era muito mais complicado do que ela poderia imaginar. Nem todo mundo precisava de ajuda para parar de se machucar. Alguns de nós apenas trocávamos um mecanismo por outro.

Ela não me viu por dois anos, porque Damon estava tentando ficar longe. E depois ele estava na faculdade.

— Alguém me ensinou muito tempo atrás que dor alivia dor — expliquei. — Então quando era mais novo, eu me cortava, cutucava, arranhava e queimava, para que eu não sentisse tudo aquilo que doía. E aí eu percebi que era muito melhor machucar todos os outros.

— Mas a mim não?

Ela tinha um tom brincalhão, mas se ela realmente soubesse... Nada disso era uma brincadeira.

Sorri mesmo assim.

— Eu fiz algum estrago.

Ela só não sabia o tamanho ainda.

— Não me faça perguntas — falei. — Você não gostará das respostas.

— Mas eu preciso delas. — Ela se virou para me encarar.

— Eu sei.

Eu sabia que isso aconteceria. Uma vez que o sexo aconteceu, ela não queria ficar longe de mim.

E, para ser sincero, eu não queria ficar longe dela.

Só precisava garantir que ela me escutasse. Que me ouvisse e não saísse correndo. Que não houvesse ninguém ao redor para interferir antes que ela fosse capaz de processar.

Se eu quisesse manter isso, essa era minha única chance.

Segurei seu queixo, olhando para ela.

— Minha família tem uma cabana no Maine — eu lhe disse. — Já está nevando. É lindo lá. Uma ligação e está reservada para nós. Vista-se e venha comigo agora.

— O quê?

— Uma vez que chegarmos lá — expliquei —, direi tudo a você. Apenas por alguns dias, e então te trarei para casa.

Ela levantou a cabeça, um olhar confuso em seu rosto.

— Está me levando para um lugar remoto de onde não posso fugir?

— Vou garantir que você não queira fugir — provoqueei, puxando-a de volta para mim e segurando seu rosto. — Prometo.

Ela ficaria incrivelmente furiosa, mas era a única coisa que eu poderia fazer para ter certeza de que absorvesse e pudesse ver além de tudo isso. Para ter certeza de que ela soubesse que o homem que eu era com ela era o verdadeiro.

— Uma cabana? — ela ponderou. — Tipo de esqui? Eu não preciso esquiar, certo?

— Nós não vamos esquiar, porra. — Eu a beijei, mordiscando e provocando. — Nós vamos comer, beber, foder e provavelmente brigar um pouco, mas não deixaremos a cabana.

Um barulho soou em meu celular, mas ignorei.

Ela se sentou em meu colo, enquanto eu beijava e mordia, provocando e seduzindo, mas ela parou de se mover e corresponder.

Recuei, vendo preocupação em sua feição.

— Você não quer ir — deduzi.

Mas ela suspirou, parecendo prestes a chorar.

— Eu quero — ela disse. — Deus, como quero. Quero ficar sozinha com você por dias e mais dias. Isso me faria tão feliz, mas...

Mas o quê?

Ela parou, mais notificações apitando em meu celular, mas apenas segurei seu rosto, esperando sua resposta.

— Sou menor de idade — explicou. — Tecnicamente, pelo menos. Se meu pai exagerar, poderia ser considerado sequestro, me levar para outro estado sem a permissão dos meus pais.

Quase ri, empolgado com a aventura, mas, de novo, ela estava certa. Mesmo que ela superasse saber quem eu era e voltasse para essa cidade, segurando minha mão, eu não teria apenas que encarar a realidade que tinha acabado de fugir para um final de semana com a filha menor de idade do prefeito, mas que ele, sem dúvidas, saberia que a levei para a cama.

Ele poderia nos proibir de encontrar um ao outro.

Mas ele não me processaria. Isso era drama, fofoca e vergonha para todas as partes envolvidas. Ele iria querer ser o mais discreto possível.

Eu era quem era, assim como meu pai. Griffin Ashby não levaria as coisas tão longe.

E nada me manteria afastado dela. Gostaria de vê-lo tentar. Estava quase ansioso por isso.

Foda-se. Nós íamos.

Mordisquei seu lábio inferior, sorrindo.

— Meu estilo de diversão tem um preço.

Ela riu, parecendo animada, e nada mais importava para mim além de onde estaríamos em algumas horas. Sozinhos, quietos, só nós.

Eu nem queria ir à minha casa buscar roupas.

Meu celular começou a tocar, o dela apitou, também, e ela foi pegá-lo, mas puxei sua mão de volta, começando a ficar duro de novo.

Merda. Não tínhamos tempo pra isso. Tínhamos que sair.

Meu celular tocou novamente.

E de novo e de novo, uma vez atrás da outra.

Mas que porra? Se Michael queria tanto seu carro de volta, que rastreasse e viesse pegar, pelo amor de Deus. Era cedo pra caralho.

Afastei-me de sua boca e resmunguei enquanto ia para o canto da cama e tateava em busca do celular. Encontrando-o, liguei, olhando para a tela enquanto ela beijava meu pescoço.

Notificações no Instagram, marcações, tweets, mensagens privadas com links de artigos...

Que porra era essa?

Fui atingido de uma vez, meus nervos entrando em combustão enquanto tentava entender o que estava vendo. Então cliquei em uma marcação, um vídeo escuro apareceu sem som, mas não importava. Meu coração parou, imediatamente reconhecendo o que estava vendo.

Winter e eu no banheiro anteontem à noite.

O vídeo que estava no celular que compartilhava com meus amigos.

Depois que o celular havia caído no chão do banheiro, ficou filmando apenas o teto, mas ainda assim, era nítido o que estava rolando. Todos os gemidos e ofegos que dávamos e...

Meu olhar foi logo atrás para saber quem havia postado aquela porra, os comentários abaixo; então vi várias notificações de que havia sido postado por inúmeras pessoas em diversas redes sociais, compartilhado e retuitado loucamente.

O pânico retorceu minhas entranhas, e logo em seguida, vi o outro vídeo onde filmei Kai e Will espancando o cara que andou dando surras consecutivas em sua irmã mais nova.

Infelizmente, o cara era um policial, e os rostos de Kai e Will estavam bem visíveis.

E o meu, enquanto estava com Winter, tampouco ficou coberto.

Os comentários chegavam aos montes, destilando um monte de merda sobre a gente, e não consegui mais olhar para aquela porcaria.

— Ai, meu Deus — murmurei, com os olhos fechados.

— O que houve? — ela perguntou, ainda me beijando.

As notificações pipocavam, meu celular tocando a todo

instante, então o silencieii.

Como isto foi acontecer? Onde estava aquele telefone?

Porra, minhas mãos estavam tremendo.

Era sempre o Will que gravava com o celular nas Noites do Diabo. Se a gente propusesse um trote, ele fazia questão de filmar. Entreguei de volta para ele, depois que chegamos no vilarejo ontem à noite, no *Sticks*.

Mas não estava em seus bolsos quando procurei pelas chaves da sua casa. Onde ele havia deixado o moletom?

E então tudo me atingiu como um trem do caralho.

Rika.

O rasgo que vi na manga de seu casaco, quando segurei seus pulsos noite passada. Não era o moletom dela. Rika pegou o errado quando saiu do Armazém. O casaco que ela usava era o de Will.

Eu me levantei de um pulo, afastando Winter ao me sentar cama.

— Rika... — Esfreguei os olhos, pensando em toda a merda que estava prestes a desabar. — Filha da puta!

— Rika Fane? — Winter indagou. — O que aconteceu?

Eu não sabia o que dizer. Não conseguia pensar.

Parecia que ela deu o troco pelo que fizemos com ela noite passada. Para o que ela achou que eu, Will e Kai estávamos dispostos a fazer, sem saber que era Trevor Crist por trás da máscara de Kai.

Meu Deus, eu era um idiota. Estava com medo de ela passar a me odiar e nunca me perdoar, mas ela encontrou o maldito celular no bolso e acabou com a gente ao postar aqueles vídeos. Eu a subestimei.

Uma coisa era ser flagrado com Winter pelo seu pai. Mas ninguém sobrevivia ao julgamento da opinião pública. Nossos erros – repreensíveis para aqueles que veriam do lado de fora e não entendiam nada – estavam expostos a qualquer pessoa que tivesse uma opinião a dizer, e não havia mais escolha. Teríamos que ser responsabilizados.

Rapidamente enviei uma mensagem aos caras.

Estamos muito fodidos!

Então acrescentei para que soubessem:

Rika estava com o celular! Ela estava usando o moletom do Will ontem à noite!

Até onde eu tinha visto, Michael não aparecia em nenhum dos vídeos postados. Claro. Ela não deixaria que nada afetasse seu objeto de desejo.

Fiquei de pé, vestindo o jeans.

— Vista-se — eu disse a Winter. — Temos que dar o fora daqui. No entanto, ela se ajoelhou na cama, encarando-me.

— O que aconteceu?

— Agora — ordenei, enfiando o celular no bolso traseiro e procurando minha camiseta.

Mas ela não se moveu.

— Você está me assustando — murmurou.

— E desde quando isso é novidade?

Recolhi minhas coisas, assegurando-me de que havia pegado as chaves do carro de Michael, mas, quando olhei para ela outra vez, percebi que estava imóvel.

— Eu mandei se vestir. Vamos embora.

A cabeça dela virou em direção ao celular, ouvindo os alertas de notificações que chegavam para ela também. Uma atrás da outra.

Em um tom de voz baixo e exigente, ela repetiu:

— O que está acontecendo?

Fiquei ali parado, sem saber o que diabos deveria fazer para me salvar disso. Como eu conseguiria tirá-la dali e fugir, fazendo tudo desaparecer para que ela nunca descobrisse o pesadelo que estava prestes a vivenciar?

Mas então ouvi o motor de um carro acelerando pela entrada até sua casa.

Ela sabia que havia algo de errado, e não fugiria comigo desse jeito.

E eles já estavam quase aqui.

Larguei minhas tralhas e peguei um cigarro, acendendo em seguida, encarando-a ainda enrolada no lençol; tudo o que eu queria fazer era mergulhar em seu cabelo e seus lábios e no calor de sua cama de minutos atrás.

Como as coisas podiam mudar tão rápido em um curto período de tempo?

Ela ouviu o barulho do isqueiro, sentiu o cheiro da fumaça do cigarro e um olhar confuso tomou conta de seu rosto lindo.

— Você fuma? — perguntou baixinho.

Ouviu o barulho dos pneus cantando no asfalto e o som das portas batendo com força.

Desviei meu olhar para o dela.

— Não me deixe ir — eu disse, respirando com dificuldade. — Não importa o que ouvir ou o que disserem, não me deixe ir.

Ela balançou a cabeça.

— O que você quer dizer com isso? — E então concentrou-se outra vez no celular, irritada. — Meu celular enlouqueceu. O que está acontecendo? Por favor?

— Winter! — O grito de seu pai veio do piso inferior,

reverberando pela casa.

Então me abaixei e rocei seus lábios enquanto ele subia as escadas.

— Não me deixe ir — sussurrei.

Mas a porta se abriu de supetão, o pai entrou com um outro homem a reboque, e disparou na minha direção.

— Ah, seu filho da puta! Saia de perto dela!

Ele me deu um soco, e, pela primeira vez em anos, não revidei. Eu nem mesmo queria fazer isso. Se eu a perdesse, nem me importaria mais.

Seu punho aterrissou outra vez no meu queixo e eu caí em cima de sua mesinha de cabeceira, derrubando o abajur no chão.

Winter ofegou, assustada.

— O que está acontecendo?

Um chute acertou meu estômago, fazendo-me grunhir e estremecer quando recebi outro golpe.

— Pai, pare! — ela gritou, descendo da cama. — Deixe-o em paz!

O outro homem a segurou para trás e reconheci o Sr. Kincaid, meu antigo reitor. Ele segurava os braços de Winter enquanto ela tentava se soltar de seu agarre.

— Seu doente de merda! — Ashby rosou para mim. — Eu o ameacei com uma medida restritiva e você faz isso? Você vai para a cadeia por conta disso, porra! Como você ousa?

E veio outra vez, descendo soco atrás de soco. Cerrei os dentes, protegendo meu estômago.

Winter.

— Ordem de restrição? — ela repetiu. — O quê?

Por favor, não. Por favor, não descubra tudo desse jeito. Porra.

— Como você pôde transar com ele, Winter? — o pai berrou. — No que você estava pensando?

Ela segurou o lençol ao redor do corpo com mais força, sacudindo a cabeça.

— Como você sabe disso? O que está acontecendo?

Ela não sabia de nada. Não sabia sobre o vazamento dos vídeos, sobre mim...

— Ligue para Doug Coulson — Ashby instruiu o Sr. Kincaid. — Diga que estamos com Torrance aqui e mande as viaturas virem buscá-lo com o restante daqueles merdinhas.

Fechei os olhos com força, mal sentindo seu puxão no meu cabelo enquanto esperava Winter compreender tudo.

Estava tudo acabado. Ela me odiaria.

— Torrance — ofegou, ouvindo o que o pai disse. — Damon Torrance?

Olhei para ela enquanto ele puxava mais ainda meu cabelo, fazendo o couro cabeludo arder.

— Winter — implorei.

— O quê? — ela disse a si mesma, ainda processando as informações.

Tentei chegar até ela.

— Winter. — No entanto, eu não sabia o que dizer. Ao invés disso, gritei com Kincaid que ainda permanecia ali, com as mãos pegajosas sobre uma garota seminua. — Pegue umas roupas para ela, caralho! — gritei.

Ah, meu Deus. Eu seria preso.

Mas eu não dava a mínima para aquilo. Não tanto quanto para o fato de ela nem ao menos me responder.

Por favor, não me deixe.

— Winter, me escuta... — eu disse. — Não é nada disso que você está pensando.

— É Damon Torrance? — ela perguntou a outra pessoa.

— Você não sabia? — seu pai questionou. — Você não sabia com quem estava? — E então ele me encarou com ódio, rangendo os dentes quando chegou à conclusão da dimensão do que havia acontecido entre nós. — O que você fez?

— Winter, me escuta — supliquei.

Mas ela começou a soluçar e cobriu a boca com a mão.

— Saia daqui! — gritou, buscando abrigo em Kincaid e se distanciando o quanto podia de mim. — Tirem ele daqui! Tirem ele daqui!

Ashby me levantou com brutalidade, sangue gotejando do meu lábio ferido.

— Winter, por favor — implorei.

— Chega! — Cobriu os ouvidos com as mãos, recostando-se contra a parede. — Apenas morra e me deixe em paz!

Ela estava enfurecida, e senti meus olhos ardendo, mas vi quando escondeu o rosto contra o peito de Kincaid, protegendo-se de mim como se eu fosse machucá-la.

Como se eu fosse um monstro.

Apenas morra e me deixe em paz.

— Eu te odeio! — rosnou. — Você é horrível, e teve que mentir para mim porque sabia que eu nunca o desejaria! Ninguém nunca te amaria! Saia daqui!

Kincaid a puxou contra ele, colocando um cobertor sobre o corpo trêmulo enquanto ela chorava convulsivamente.

— Não o deixe chegar perto de mim outra vez — pediu. — Por favor, não o deixe me tocar.

Olhei para baixo, para minhas mãos, enquanto Ashby me

empurrava para fora do quarto, para longe dela, e todo o sofrimento e a perda giraram como um ciclone no meu cérebro.

Eu nunca o desejaria. Ninguém nunca te amaria.

Eu a tinha profanado, como sabia que faria.

Ela nunca mais dançaria como uma garota inocente outra vez.

Nunca mais ostentaria aquele brilho no olhar de quando a levei de carona naquela moto.

Eu a mudei para sempre. Eu dobrei, torci e quebrei tudo o que fazia dela a coisa mais linda que já havia acontecido comigo.

Capítulo 21

Winter

Cinco anos atrás...

MINHAS MÃOS TREMIAM ENQUANTO EU NAVEGAVA PELO APLICATIVO DE NARRAÇÃO do meu celular, ouvindo o que todo mundo já havia visto on-line.

O som dos meus beijos e ofegos. Os gemidos e grunhidos.

Eu amo... eu odeio você.

É, eu te odeio também. Eu só quero te comer.

É mesmo?

Era como se eu nem mesmo estivesse lá, vivenciando tudo aquilo. Como se estivesse do lado de fora, ouvindo uma exibição nojenta de algo superficial e sem significado algum, quando não foi isso o que senti de forma alguma. Senti meu rosto franzir, partindo-se em pedaços enquanto eu soluçava, ouvindo o áudio de tudo que foi gravado no celular dele, e que havia caído no chão, mas continuou gravando tudo, os sons, gemidos, e tudo o que fizemos naquele chuveiro. Não havia a menor sombra de dúvidas do que estava acontecendo ali.

Minha mãe telefonou esta manhã, antes de entrar no primeiro avião junto com a minha irmã, e me assegurou de que não apareci nua em momento algum no vídeo. Nós dois ficamos fora de vista assim que o celular caiu no chão, infelizmente, ainda filmando.

Minhas mensagens no Instagram chegavam a todo momento, e eu sabia que não deveria abri-las, mas não tive permissão de chegar perto do celular o dia inteiro. Tanto o telefone fixo quanto os dos meus pais enlouqueceram, e eu sabia que a coisa era muito ruim, só não sabia o quanto poderia ser péssima para mim.

Cliquei na primeira e o narrador leu:

“Você pareceu uma diversão bacana, e eu bem que poderia querer um pouco agora mesmo.”

Rangi os dentes, clicando em outra mensagem, segurando o celular no ouvido:

“Então o Damon deu uma bela de uma enterrada, hein? Ele tem uma coisa por garotas cegas, surdas e burras. Feche os olhos, cubra os ouvidos e abra as pernas, gata.”

Meu Deus, por que eles estavam fazendo isso? Minha cabeça estava girando, e chorei ainda mais. Eu não sabia que estava sendo filmada. Era uma coisa privada. Não era daquele jeito.

“Putá magricela e nojenta. Quantos paus você teve que chupar para que alguém te quisesse? Você devia se matar.”

A maioria das mensagens vinha de perfis desconhecidos, e as lágrimas desceram com tanta força que eu já nem conseguia mais soluçar. Eu queria morrer. Ele me usou. Fez tudo aquilo por diversão. Fez aquilo comigo porque sentia prazer com isso?

O tempo inteiro. Os últimos dois anos. A dança, o carro, a moto, o armário do zelador, o teatro, a fonte na praça da vila... Tudo aquilo aconteceu com o maldito Damon Torrance.

Imaginei aqueles mesmos olhos negros de quando éramos crianças, me observando do salão de festas.

Grunhi, irritada, jogando o celular de volta na cama e segurando a cabeça entre as mãos.

— Eu poderia te matar!

Mas então ouvi alguém gritar enquanto entrava no meu quarto.

— Eu mandei ficar longe do telefone! — meu pai esbravejou.

Abaixei as mãos, ainda soluçando, mas senti quando ele pegou o aparelho na cama.

Estendi a mão para o local onde o tinha jogado, sem nada encontrar.

— Preciso do meu celular — argumentei.

— Griffin... — minha mãe interrompeu.

No entanto, meu pai não estava a fim de dar ouvidos a ninguém hoje.

— Chega! — berrou.

— Você sabia que eu gostava dele. — Ouvi minha irmã dizer de algum lugar perto da porta. — Ele foi preso, Winter!

— Que bom! — gritei.

— Todo mundo nos odeia agora.

— Dá o fora daqui! — gritei novamente com ela.

Como assim, ela não estava do meu lado? Logo nisso?

— Você vai voltar para Montreal depois de amanhã — meu pai disse, ríspido, fervendo de raiva. Temi que ele fosse bater em alguma coisa. — Traremos você de volta para depor, caso seja necessário.

— Você não pode prestar queixa! — Ari disse a ele.

— Saia! — ordenou. — Vá dormir e não se meta nisso.

Fiquei cabisbaixa, incapaz de chorar, mesmo se quisesse.

— Eu não sabia que era ele.

— Quem você achou que fosse? — Ari exigiu saber. — Eu te avisei que eles gostavam de fazer trotes! Eles se excitam com esse tipo de coisa! Até parece que um garoto normal ia querer realmente sair com você... Foi isso o que você pensou? — Então ela murmurou baixinho: — Burra pra cacete.

Pare. Por favor, pare.

Eu achei...

Pensei que fosse de verdade. Pensei que ele...

A sensação de tê-lo acima de mim, no chuveiro, rastejou pela minha pele, fazendo-me cobrir o rosto com as mãos.

Eu o amava.

Esta manhã, eu o amei, e hoje à noite, esperava que ele estivesse sofrendo de maneira inimaginável.

— Já chega, Ari — minha mãe repreendeu. — Vá para o seu quarto agora!

Depois de um instante, ouvi seus passos se afastando pelo corredor, e imaginei o que Damon devia estar fazendo agora mesmo. Estava sentado em uma cela? Ou numa sala de interrogatório com o resto dos amigos, que haviam sido presos por causa dos outros vídeos vazados?

Até que me ocorreu... Nenhum deles teria feito algo assim de propósito. Aquilo era ruim para Damon, também.

Não foi ele quem postou o vídeo. Por que ele tinha que filmar tudo? Eu pedi que ele tirasse uma foto.

Mas não... ele queria se gabar com seus colegas.

Tentei me consolar ao saber que ele não deve ter tido a intenção que o mundo inteiro visse o vídeo, mas o sentimento durou pouco. Ele me roubou.

— Você não vai sair dessa casa — meu pai instruiu. — Não vai usar o telefone. Não vai atender à porta.

— Ela já sabe disso — minha mãe tentou apaziguar. — Deixemos a sós.

Ouvi o suspiro irritado do meu pai, até que disse, por fim:

— Preciso conversar com Doug Coulson. Vou chegar mais tarde em casa.

Ele saiu e bateu a porta com força, dando-me um susto. Ele nem sequer perguntou se eu estava bem. Nenhuma vez durante o dia. Ele não me abraçou ou... ou agiu, minimamente, como se aquilo não fosse minha culpa. Ele estava me tratando como se eu fosse responsável por parte daquilo.

Ari transava por aí. Todo mundo sabia. E muito antes de fazer dezesseis.

Mas eu estava me mostrando disposta com alguém naquele vídeo, e não importava quem era. Meu pai achava que qualquer pessoa que me desejasse, estava obviamente me fazendo como vítima.

E veja só. Ele estava certo.

Eu fui a idiota por não ter experiência alguma. Por pensar que um garoto “normal” poderia me querer.

Senti o colchão afundar quando minha mãe se sentou.

— Ele te machucou?

Cada músculo no meu rosto se contraiu. *O que você quer dizer? Hematomas? É isso o que importa?*

— Sim, eu sei que ele mentiu. — Ela tocou o meu rosto, tentando me consolar. — Mas ele a forçou? Precisamos saber de todos os detalhes, Winter. O tribunal vai precisar saber de tudo.

Perdi o fôlego por um instante. Tribunal. Meu Deus, eu seria massacrada pela cidade inteira.

— Ele mentiu — respondi. — Ele me fez pensar que estava com outra pessoa.

— Com quem? — mamãe perguntou. — Quem você achou que ele era?

Abri a boca para explicar, mas nada faria sentido. Eu já nem sabia se fazia sentido para mim.

Ele nunca negou ser Damon Torrance. Eu transei com ele, ciente de que não sabia quem ele era. Não sabia seu nome, nada sobre sua família, sua escola...

Ninguém acreditaria em mim.

Provavelmente havia outras garotas a quem ele machucou, e talvez pudessem me apoiar, mas a família dele era riquíssima, e ele era muito popular. Elas podiam até odiá-lo, mas também podiam temer não adorá-lo em público.

E os garotos. Eles o idolatravam. Ele marcou ponto com uma garota de dezesseis anos, mas ei... aquilo era apenas um detalhe técnico. Minha idade era legal em trinta e três estados. Só não no nosso, certo?

Ai, Jesus. Como pude ser tão burra?

— Ele te obrigou a fazer alguma coisa que você não queria? — minha mãe perguntou, esclarecendo o que realmente queria saber.

No entanto, apenas abaixei a cabeça, balançando-a de um lado ao outro, porque não fazia ideia do que responder. Não, ele não me obrigou a fazer o que não queria, mas me fez fazer algo que nunca teria feito com Damon Torrance.

Ela enlaçou meu pescoço e puxou minha cabeça contra o seu peito.

— Está tudo bem. Sshhhh.... Nós vamos dar um jeito nisso — ela disse. — Nós vamos consertar isso.

Ela esfregou minhas costas e me acalentou por um longo tempo, acalmando-me e permitindo que eu me refugiasse em seus braços. Fiquei até feliz pelo meu pai ter tomado meu celular. Ouvir aquele tipo de merda fez um estrago na minha mente, e eu queria que todos entendessem, mas eu sabia que seria inútil. O mundo amava odiar e, por agora, minha bolha era o meu lugar mais seguro.

Ela fez com que eu me deitasse e me cobriu com o edredom. Eu ainda estava usando minhas roupas, mas não tinha forças nem para isso.

— Deixei um copo de água na sua mesa de cabeceira — ela

disse. — E também um comprimido, um calmante, se achar que precisa dele.

Assenti, sabendo que não o usaria. Meus olhos estavam pesados, e eu cairia no sono logo, logo, só para acordar amanhã e encarar o pesadelo todo outra vez.



— Mãe? — chamei, ouvindo a música ressoar no piso inferior assim que me sentei na cama.

Era tão nítida.

Minha porta estava aberta. Mas pensei que ela havia fechado quando saiu.

Estendi a mão e apertei o botão do relógio, ouvindo-o anunciar:

— Onze e quarenta da manhã.

Tateei ao redor em busca do meu telefone, lembrando só depois que meu pai o havia confiscado. Senti o copo d'água deixado pela minha mãe e tomei um longo gole.

Os eventos da noite ainda estavam tão vívidos, como se eu não tivesse dormido de forma alguma. No entanto, eu me sentia tão cansada ainda, que não conseguia chorar, mesmo se quisesse.

— Mãe, você está aí? — gritei.

Náusea revirou meu estômago, e eu precisava de alguma coisa. Só não sabia o quê. Fiquei sem comer o dia inteiro. Talvez fosse esse o problema.

Bocejando, sentei na cama e esfreguei os olhos, desejando uma sopa e biscoitos de água e sal ou algo assim e então talvez tomaria um calmante e dormiria para sempre.

Saindo do meu quarto, segui pelo corredor, ouvindo a fraca e assustadora melodia de *Sleep Walk*, do Santo e Johnny, tocando em algum lugar lá embaixo. Em qualquer outro momento, eu teria sorrido pelo gesto. Minha mãe sabia que eu gostava das antigas quando queria me sentir melhor.

Mas não adiantava colocar para tocar enquanto eu estivesse dormindo.

Cheguei à sala de estar, ainda vestindo uma calça jeans e o mesmo top da manhã, mas antes que pudesse me dirigir à cozinha, ouvi o som da secretária eletrônica perto da porta. Bocejando de novo, fui em sua direção.

Poderia ser um trote. Eu tinha certeza de que muitos aconteceram hoje.

Mas eu não estava com meu celular, então apenas caso papai ligasse...

Encontrando o botão, apertei, minha cabeça girando e meu coração disparando assim que ouvi a voz da minha mãe:

— Oi, querida — cantarolou. — Eu não queria te acordar. Sua irmã escapou de casa, então vim encontrá-la. As portas estão trancadas. Não saia. Volto assim que puder.

A música soou do salão de festas, e respirei fundo, ofegante.

Quem estava lá?

— Mãe? — gritei.

O chão rangeu à minha esquerda, e parei, franzindo o cenho e fechando os olhos com força enquanto o pesadelo se aproximava, mesmo que não estivesse mais dormindo.

Mas eu me recusava a chorar. Contraí a mandíbula, as mãos em punhos, e virei-me para ele.

— Damon — falei para meu fantasma, que agora tinha um nome. — Vantagens de ser rico, certo? Pode pagar a fiança em tempo recorde.

Balancei a cabeça.

Ele iria se safar. Nada iria acontecer a ele. Caras como ele nunca pagavam pelo que faziam.

— Seus amigos foram presos também, pelo que ouvi — comentei. — A cidade está um caos esta noite.

Não o ouvi se mover, mas isso não significava que ele não o fez. Estendi a mão às minhas costas e agarrei uma estatueta de ouro na mesa, com uma bela parte afiada.

— E você está aqui. — Ouvi atentamente, tentando ouvir seus passos. — Por que está aqui?

Ele não disse uma palavra, e, por um momento, pareceu como da primeira vez em que invadiu minha casa e me aterrorizou. Desta vez, porém, eu não acordaria em segurança. Ele se divertiu, e agora estava aqui em busca de mais.

— Você quer me calar? — pressionei. — Me machucar? Ou quer ver o quanto já me machucou?

Ele estava aqui para me manter quieta, ou porque simplesmente não conseguia conter seu fetiche doentio e pervertido? Para averiguar o dano que causou à garota que estava pronta para fugir com ele esta manhã. Sonhando em acordar em seus braços, em uma cama quentinha com o fogo crepitando nas montanhas geladas.

Isso não significava nada para ele.

— O melhor que já aconteceu comigo em sete anos foram as noites que passei com você — revelei, com lágrimas nos olhos. — Então apenas aproveite, porque você venceu. Eu me apaixonei por você, porra. Quero arrancar meu maldito coração, porque não machucaria tanto quanto o que você fez esta manhã. Eu odeio você.

Minhas pernas começaram a ceder enquanto eu chorava, e

minha cabeça começou a girar.

— Odeio você — falei, o choro preso na garganta. — E vou te odiar para sempre, então faça o que quer fazer, porque estou morta. Já estou morta.

Eu nunca confiaria em outro homem de novo. Teria que deixar minha escola e minha casa para fugir das fofocas.

Era eu quem estava pagando por sua mentira, não ele, mas que Deus me ajudasse, eu o arrastaria junto comigo. Garantiria que ele se lembrasse de mim e soubesse o quão miseravelmente falhou ao ser a pior coisa que já me aconteceu, porque ele não era importante. Ele não era nada.

Eu não o amava. Nem o entendia.

— Meu pai me odeia. Minha irmã me odeia — falei. — Minha mãe mal se aguenta em pé. Você me fez acreditar que eu não estava sozinha. Por que você faria isso?

O chão rangeu de novo, mais perto desta vez, e levantei minha mão para me preparar, mas tropecei, minha cabeça girando, e caí no chão.

O que estava acontecendo?

Apoiei a mão no chão, incapaz de me estabilizar.

— O que... o que está acontecendo comigo?

— Você bebeu a água — ele finalmente falou.

A água. A água? E então me lembrei do copo que minha mãe deixou para mim no meu quarto.

E minha porta estava aberta, quando ela já a tinha fechado. Ele veio quando eu estava dormindo. Ele colocou algo na água?

Oh, Jesus. Não, não, não...

Comecei a ofegar, tentando me levantar, mas não conseguia fazer minhas pernas funcionarem. Onde estava a estatueta que peguei? Estava na minha mão agora mesmo.

— O qu... o que você deu pra mim? — rosnei.

Ele me segurou, tirando-me do chão e colocando seus braços ao meu redor.

— Shhh... — disse.

Mas balancei a cabeça de novo e de novo. Não.

Por favor, não.

— O que você vai fazer? — perguntei assustada. — O que você quer?

Tentei empurrá-lo – tentei me levantar –, mas meu cérebro não estava funcionando, e eu não conseguia controlar meu corpo.

— Eu só queria te segurar — ele disse. — Uma última vez.

Segurar? O quê? A voz dele estava baixa, como se estivesse passando através de um longo túnel.

— Só queria te segurar. — Sua voz ressoou em algum lugar da

minha cabeça enquanto meus olhos começaram a fechar. — E dizer que sinto muito pra car...

— O quê? — perguntei, cedendo e caindo contra ele. — Não consigo te entender.

— Não me deixe ir — sussurrou em meu ouvido. — Não deixe.

— Eu vou... — Minha boca estava tão seca. — Vou te mandar para a cadeia.

Seus lábios pousaram em minha bochecha, e pensei ter sentido seu corpo tremer em um choro contido.

Mas à medida que adormeci e caí em esquecimento, suas palavras foram mordazes e claras em meu ouvido:

— Então torça para que eu nunca saia de lá.

Capítulo 22

Winter

Dias atuais...

Sentei-me no Teatro, ouvindo os últimos ensaios da apresentação anual de *O Quebra-Nozes* e lembrando-me de quando estive lá em cima com todas aquelas crianças também. O palco era gigantesco, e eu ainda me lembrava de rodopiar enquanto a neve caía, mal reparando na plateia, porque o mundo lá em cima era lindo demais para olhar para qualquer outro lugar.

Alguém passou por mim no corredor, sentando-se ao meu lado.

— Como você está? — Rika perguntou.

Apenas dei um sorriso contido.

Não havia respostas para aquela pergunta. Dizer “bem” pareceria cômico.

Juntei as mãos em meu colo, com frio por causa do ar, e cobri a boca por baixo do fino tecido do cachecol, expirando para me esquentar.

— Venha ficar com a gente — ela disse.

Ela estava oferecendo ajuda desde a casa mal-assombrada anteontem à noite, mas eu me sentia anestesiada agora, e não queria fugir. Queria ganhar.

— Você está me ajudando — afirmei. — Agradeço por isso.

Havíamos nos encontrado ontem, por ela e Michael estarem patrocinando uma apresentação, e não era muito, mas era um começo para sair por minha conta. Eles teriam seu dinheiro de volta com a venda de ingressos – se tivessem a sorte de vender pelo menos um – e seja lá o que sobrasse do lucro ao dividirmos. Mas ela tinha ligado hoje mais cedo com mais ideias, incluindo uma turnê. Ela estava realmente levando a sério, e era bom ter outra pessoa animada com a minha dança. Além de Damon...

— Você parece um pouco perigosa — ela refletiu. — Como se tivesse tido ideias.

— Para a turnê ou para o marido da minha irmã?

Ela bufou.

— Qualquer um que te deixe com esse olhar assassino.

— Eu o odeio — falei, abaixando as mangas da jaqueta. — Odeio o que ele fez comigo. Ele mereceu sua punição.

Ele mereceu ir para a cadeia.

— Mas...? — pressionou.

Mas meu coração fraco continuou pensando sobre o que ele disse em sua cama, duas noites atrás, quando segurei as lâminas

contra sua costela e pescoço. Sobre como mentir foi a única maneira que encontrou para se aproximar de mim no colégio. Talvez era só uma mentira que ele contou para minha mãe para se livrar dela.

Ou talvez não fosse. Não tornava certo, porém.

— Houve tantos momentos naquela época — contei a ela — que pareceram reais, como se ele pudesse ter sido diferente e eu também.

Ele me seduziu com uma mentira. Por que eu estava em dúvida sobre o homem que ele era?

— Eu o odeio, sim — falei. — Só queria odiá-lo a cada segundo.

— Alex me contou depois da casa mal-assombrada, na outra noite, sobre tudo o que aconteceu com você — expliquei. — Como eles equivocadamente pensaram que tinha enviado os vídeos e que foram atrás de você porque pensaram que os tinha colocado na prisão. — Pausei enquanto ela continuava em silêncio. — Ela me disse o que Damon fez. Mas você não parece odiá-lo. Por quê?

Ela o convidou, bem como à nossa família para sua festa de noivado. Ela agiu normalmente perto dele na casa mal-assombrada. Ouvi boatos de que os dois tinham negócios juntos.

No entanto, ela suspirou.

— Por que não odeio nenhum deles? — perguntou. — Acho que quando você odeia alguém, não precisa odiá-los para sempre.

Mas não estava tudo bem. Como ela conseguia confiar nele? Como conseguiu perdoá-lo?

— Não estou justificando o que ele fez — disse, hesitando por um instante —, mas... não sei. Vejo uma oportunidade ali. Não consigo explicar. — E então prosseguiu: — Michael, Kai, Will... Eles nunca mais me decepcionaram desde então.

Eu não sabia o que eles haviam feito com ela, em comparação a Damon,

mas sabia o que fez comigo, comparado a ela. Eu nunca o perdoaria.

— Ele não te machucou, não é? — ela perguntou, como se já esperasse uma resposta negativa.

Aquela era outra questão difícil de ser respondida. Ele estava me obrigando? Não.

Estava me ameaçando? Brincando com a minha cabeça?

— Esses joguinhos mentais são um pouco brutais — confessei.

Ela deu uma risada de escárnio, como se me compreendesse.

— Sim, eles são muito bons nisso.

O diretor estava gritando do palco, comandando as pessoas, e então o piano começou a tocar e ouvi uma dúzia de pares de sapatilhas de balé saltando no palco, o número musical tendo início outra vez.

— A única lembrança boa que tenho de Damon, quando éramos

mais novos, aconteceu quando crianças — Rika disse. — Eu devia ter uns três ou quatro anos... A memória é meio vaga, mas me lembro sempre disso... Estávamos na biblioteca e outro garoto me empurrou e roubou meu livro de gravuras. — Ela riu com a lembrança. — Damon roubou de volta e me entregou. Ele nunca tinha conversado comigo, daí a minha mãe o convidou para se sentar com a gente para ler, mas ele teve que ir embora com a babá. Eu acho.

Imaginei a cena na minha mente, Damon fazendo o que fez e assumindo o controle da situação. Eu não fazia ideia do porquê ela havia me contado aquilo, como se uma historinha encantadora fosse amenizar a pessoa que ele era agora.

— Só passei a ter medo dele quando entrei no ensino médio. — Sua voz soava pensativa, como se estivesse pensando naquilo pela primeira vez também. — Depois de tudo o que aconteceu com ele naquela casa.

— Isso não é desculpa — salientei.

Ela concordou na mesma hora.

— Não, não é — murmurou. — É uma razão, pura e simplesmente. Há sempre uma razão para que as coisas sejam como são.



Voltei tarde da noite para casa, retirando os sapatos e o cachecol assim que entrei no quarto. Já fazia dois dias que eu não via Damon, e não fazia ideia de seu paradeiro ou do que estaria fazendo, mas eu estava cansada.

Muito cansada.

Tirei a roupa e vesti um conjunto de pijamas, a seda fria do short e da camiseta refrescando meu corpo exausto; coloquei o celular no carregador e ignorei as notificações da minha mãe.

Eu havia conseguido falar com ela ontem à tarde, confirmando que ela e Ari estavam em segurança outra vez, e perguntei por que ela teve a coragem de me deixar e quando voltaria. Ela ficou em silêncio por um tempo longo demais e simplesmente desligou. Bom, ela teria que inventar desculpas e me enviá-las por mensagem.

Ela realmente acreditou naquela porcaria que Damon disse? Sobre eu e ele estarmos apaixonados e precisando de um tempo para nos reconectarmos?

Ou era o que ela queria acreditar, porque era muito mais fácil do que revidar?

Tranquei a porta e enfiei uma cadeira por baixo da maçaneta antes de me deitar e programar o despertador.

Mas, por mais cansada que estivesse, o sono não vinha de jeito nenhum.

Portas se abriram e fecharam silenciosamente no andar inferior enquanto a equipe de segurança de Damon se movimentava, circulando ao redor da propriedade e cuidando de tudo em sua ausência.

A princípio, pensei que os guardas fossem para mim. Para impedir minhas idas e vindas, e para reportar tudo o que eu fazia. E aquelas eram, sem sombra de dúvidas, algumas de suas ordens, mas ninguém me aborrecia quando eu queria ir a algum lugar, e nunca recebi instruções para fazer ou deixar de fazer alguma coisa.

Um motorista estava à minha disposição, as portas se abriam para mim, e se não fosse por aquelas pessoas ou Damon me assustando aquele dia, no teatro, eu me sentiria, na verdade, muito mais segura com a equipe aqui.

Quando ele desaparecia.

Agarrei um punhado do lençol, chateada por ter pensado naquilo. Que uma parte minha desejasse que ele não sumisse desse jeito.

Onde ele estava? Já haviam se passado dias. Ele ainda estava com Mikhail?

Ou Damon viajou para as Maldivas, afinal de contas? Uma pontada de ciúmes me atingiu e precisei respirar fundo, puxando a gola da camiseta, porque, de repente, me sentia sufocada.

Vá à merda.

Que merda eu estava fazendo? O sexo foi tão bom que acabei esquecendo que ele era um delinquente? Que clichê.

Eu não estava nem aí se ele defendeu Rika quando ela tinha quatro anos, ou que ele tenha sido abusado quando criança. Um monte de gente crescia na merda.

Eu realmente amei a pessoa que ele fingiu ser, porra, mas sua mentira anulou tudo o que aconteceu entre nós. Ele me humilhou.

Por que era tão difícil me lembrar de que o que ele me fez sentir era uma mentira?

A casa mal-assombrada. O medo fantástico. A pulsação nas minhas veias.

Mas então eu me lembrava de seus braços fortes ao meu redor.

Amava a sensação do perigo. A maneira como ele me fez renascer.

Arrastei os dedos pela barriga, contra o pedaço de pele descoberta pela camiseta, então descí a mão mais ainda, sentido o meu centro latejar e os mamilos endurecerem contra o tecido.

Senti a ardência das lágrimas nos meus olhos. Eu me odiava.

Porque o queria.

Ele mentiu tão bem, certo? Que eu queria sentir tudo o que ele me convenceu a sentir na cama quando eu tinha dezesseis.

Uma lágrima deslizou, mas tentei conter o choro. Eu queria senti-lo outra vez.

Mas não podia. Não podia deixá-lo vencer.

Ouvi o som de um carro parando do lado de fora, a porta sendo aberta e fechada com força, e então a porta da frente de casa bater.

Congelei, o pulso martelando no meu pescoço à medida que apurava os ouvidos.

Passos na escada.

Um rangido no piso.

O lento estalido das tábuas de madeira diante da aproximação, e então ouvi o ganido de Mikhail.

Fechei os olhos. *Não.*

Ele sacudiu a maçaneta da minha porta. E repetiu o movimento com mais força quando percebeu que não cedia, já que estava trancada.

Mesmo assim a porta não abriu.

Tudo se aquietou por um instante, e eu apertei o lençol ao lado do meu corpo, esperando, e então...

A porta se abriu com um chute.

Perdi o fôlego ao perceber que a madeira havia se rachado, a maçaneta caindo no chão. Então ouvi a cadeira sendo arremessada para o piso.

Sentei-me na cama, balançando a cabeça contra o calor que aqueceu meu ventre e a calidez entre minhas pernas.

— Não... — implorei.

Mas eu não tinha certeza se estava dizendo aquilo para ele ou para mim mesma.

Não o ouvi se mover, mas eu sabia que era Damon. Ele alisou os vincos em sua roupa, e pensei que os seguranças o teriam impedido de entrar, se não fosse ele.

Uma fina camada de suor grudou o tecido sedoso do meu pijama em minha pele, e afastei o lençol, colocando as pernas para fora da cama.

— Por favor, não — sussurrei. — Eu não consigo pensar direito.

Seus passos se aproximaram e ele parou à minha frente, então ouvi o tilintar dos cubos de gelo quando ele tomou um gole e acariciou meu rosto.

Ele passou os dedos possessivamente pela linha da minha mandíbula.

— Você não quer desejar isso — ele disse, em um tom de voz rouco e profundo —, mas quer do mesmo jeito.

— Por favor. — *Só vá embora.* — Por favor.

Não me toque. Não me segure. Não me abrace.

Ele colocou o copo na minha mesa de cabeceira e ouvi quando começou a retirar suas roupas; o paletó, talvez, jogando-o em algum lugar.

— Deite-se — ele disse.

— Não — murmurei.

Ouvi os botões de sua camisa voando longe, quando a arrancou com força e então o cinto se abrindo.

— Deite-se, Winter — ele disse, com firmeza.

Ele não é ele. Ele não é aquele por quem me apaixonei.

Este era o marido da minha irmã, e queria se assegurar de que eu nunca mais fosse feliz.

Apoiei as mãos em seu abdômen, contendo meus soluços enquanto ele deslizava os dedos pelo meu cabelo, puxando minha cabeça para mais perto. Inclinando-se, seu hálito tocou meus lábios e ele disse:

— De costas, Winter. Agora.

E então seus lábios capturaram os meus, mordiscando, e eu retribuí seu beijo, deixando sua língua mergulhar em minha boca, sentindo a necessidade por ele correndo pelo meu corpo.

Mas, ao invés de me deitar, eu o puxei de volta, toquei seu rosto e supliquei à medida que ele acariciava minha bochecha com o polegar.

— Deixe-me ir embora — eu disse.

Ele grunhiu, derrubando-me no colchão.

Gritei, tentando me afastar na cama enquanto ele perambulava pelo meu quarto.

— Deixe-me ir — ele me imitou, zombando. — Por que você não pode calar a boca? Por que simplesmente não pode calar a boca, porra?

— Eu vou te odiar se fizer isso comigo — revidei. — Vou te desprezar e nunca desistir de escapar de você, porque eu nunca poderei te amar. Porque você é doente, e odeio o jeito que faz com que eu me sinta! Eu nunca poderei amar você.

Ele começou a jogar um monte de coisas no chão, provavelmente tudo o que havia em cima da minha penteadeira.

No entanto, não parei por ali.

— E odeio a mim mesma quando estou perto de você — eu disse, fazendo questão de magoá-lo. — Odeio o que me permiti fazer com você, porque a única maneira de te afastar é se tudo isso acabar!

— Isso não é verdade — ele disse, mordaz.

Desci da cama e tentei descobrir de onde sua voz vinha.

— Você é só um garotinho. Uma criança que não consegue se controlar. Uma praga!

Mais coisas foram lançadas no chão e ouvi meu espelho se partir em milhões de pedaços diante de sua birra, mas aquilo só me deixou mais puta.

— Então vamos lá — provoquei. — Pode me foder. Faça a única coisa que você sabe fazer, porque é tudo o que vai conseguir de mim, de qualquer forma, e eu não ligo mais a mínima para isso! Fique com a casa. Fique com a família que me abandonou aqui contigo. Pegue todas as minhas roupas de volta e me expulse daqui pelada! — Soluços enchiam minha garganta, mas me recusei a deixá-los escapar. — Eu faria isso de bom-grado se significar me livrar de você!

Ele avançou na minha direção e agarrou minha nuca.

— Você estava apaixonada por mim.

— Não era você de verdade. Tudo aquilo não passou de encenação!

Afastei sua mão e soquei seu peito.

— Você não devia tê-la matado — eu disse, cavando fundo atrás das piores coisas que poderiam sair da minha boca. — Ela era a única que poderia realmente te amar. Era a única que queria te tocar, cuidar de você e ficar por perto!

Ele começou a respirar com dificuldade, como se estivesse lutando para inspirar.

— Todos os outros precisam ser seus prisioneiros! — cuspi, ríspida. — Você não tem nada e nem ninguém! Ninguém suporta você!

— P... p... pare — arfou, tentando respirar. — Por favor, só pare.

— Eu te odeio!

— Winter, por favor, não... — implorou, e então se afastou, o corpo chocando-se contra a parede e parecendo deslizar até o chão. — Por favor, pare. Pare...

Ele grunhiu, como se estivesse em agonia, e eu fiquei ali parada, ainda enfurecida e com lágrimas correndo soltas, como se estivesse perto de despedaçar.

Ele disse outra vez, em um sussurro quase inaudível:

— Pare, por favor... por favor...

Continuei imóvel, meus dedos curvados em um punho. O que estava acontecendo com ele?

Por que ele não estava vindo em minha direção, exigindo e jogando-me na cama, como fez comigo na casa mal-assombrada?

Ele apenas ficou ali sentado, tentando respirar, acalmando-se depois de alguns minutos, mas eu, ainda assim, estava pau da vida.

Quem ele era? Quem diabos ele realmente era?

Uma máquina. Um monstro. Um mentiroso.

Que merda eu deveria fazer? O que ele queria de mim?

Mas ele não disse nada. Apenas ficou ali sentado, quieto.

Até que, finalmente, ouvi o som de sua voz outra vez, solene e calma.

— Meu pai tinha uma rottweiler — ele disse —, que ficou prenha e teve um monte de filhotinhos quando eu tinha uns sete anos. Ele me deixou ficar com um deles. Não sei o que fez com o resto da ninhada.

Engoli as lágrimas, ainda parada no mesmo lugar.

— Nunca amei tanto uma coisa — confessou. — Aquela coisinha queria estar onde eu estivesse. Ele me seguia para todo o canto. — Parou e continuou logo depois: — Só que ele tinha um problema, sabe... ele gostava de latir. Se caísse um alfinete, ele latia. E latia tanto que eu nunca conseguia fazê-lo ficar quieto, e toda a vez que a campainha da porta tocava, ou um carro parava do lado de fora, ou alguém batia à porta do meu quarto, eu... eu não conseguia agir em tempo de acalmá-lo antes que o meu pai ouvisse os latidos e ficasse furioso.

Medo retorceu meu estômago, e imaginei um Damon aos sete anos com seu filhotinho o fazendo feliz naquela porcaria de casa.

— Mas mesmo com sete anos — prosseguiu —, eu sabia que o horror de ter encontrado meu cachorrinho enforcado numa árvore na floresta não era tão terrível quanto a percepção de que meu pai sequer tentou esconder o que havia feito.

Senti minha expressão mudar, mas continuei em silêncio.

— Ele queria que eu o encontrasse. — Sua voz ficou mais áspera com as lágrimas. — Já naquela época, eu entendi que não havia sido o cachorro que fora punido, e que da próxima vez, ele me obrigaria a fazer a tarefa. Eu nunca mais pedi outro cachorro depois disso.

Fechei os olhos com força, sentindo as lágrimas correndo soltas. Jesus Cristo.

— E aprendi, muito rápido, que a vida não seria linda. Não até...

Até... eu?

Juntei todas as peças. O cachorro aos sete anos, a festa aos onze e a forma como seu pai esbravejou com ele, e como seu comportamento apenas desceu ladeira abaixo. Eu não tinha nada a ver com nada daquilo.

— Eu era tão sozinho — explicou de algum lugar do outro lado do meu quarto. — Não conseguia conversar com as pessoas. Não tinha amigos. Estava apavorado o tempo todo. — Sua voz estava imersa em lembranças, como se tudo aquilo tivesse acontecido ontem. — Eu só queria ser invisível, e se não pudesse me tornar invisível, então queria acabar com tudo. Eu ia fugir, porque... — A voz entristecida parou

por um instante. — Porque a única outra maneira de escapar daquilo era se desse um fim a mim mesmo.

Não conseguia entender aquilo. Era o que passava na cabeça dele quando nos conhecemos pela primeira vez? Que garoto de onze anos desejava a morte?

— Você era tão pequena — refletiu. — Quando você veio pelo labirinto e me viu escondido, e subiu no chafariz e se sentou ao meu lado, era como se...

Como se ele tivesse um animalzinho de estimação outra vez.

— Como se não estivesse mais sozinho — concluiu. — Tão pequena. Tão calma. Mas aquilo ali era tudo. Senti-la tão pertinho de mim.

Meu Deus, o que ele estava fazendo comigo?

— Você me ensinou como sobreviver naquele dia — ele disse. — Você me ensinou a ser forte para aguentar o próximo minuto. E o próximo e o seguinte. Nunca fui capaz de esquecer, e quando você voltou para a escola, no ensino médio, e eu havia me tornado isso, por ter visto muita merda nessa vida — prosseguiu —, e todos os meus desejos haviam se transformado em algo feio e distorcido... Eu sobrevivi a toda essa porra, apesar de tudo, e não engoli sapo de mais ninguém, porque você me ensinou uma forma de sair da merda. Eu finalmente desejei a única coisa que percebi que faltava quando coloquei meus olhos em você de novo.

Eu não entendia. Eu tinha oito anos. Como posso tê-lo ensinado algo para que sobrevivesse? Para que continuasse a lutar? E o que estava faltando em sua existência depois de ter enfrentado tudo aquilo?

— Eu queria algo bom — admitiu. — Bonito, talvez? A noite daquela festa na piscina, a casa estava toda silenciosa. Éramos apenas nós dois, mas você não sabia que eu estava lá também. E então a vi dançar.

Lembrei-me daquela noite vividamente. Pelos dois anos seguintes, eu sempre revisitava aquele dia, animada e aterrorizada, mas também vivendo a estranha sensação de estar segura entre seus braços naquele *closet*.

— Você fez com que o mundo se parecesse diferente — ele disse. — Você sempre fez, o que era bem estranho, porque sempre odiei ver minha mãe dançando balé quando eu era criança. Era apenas mais uma mentira elaborada que eu não aguentava, mas você... — ele parou o que dizia, procurando pelas palavras. — Era pura, e aquilo era como um sonho. Eu não queria mudar você. Só queria fazer parte de tudo aquilo. De tudo de belo que você ia fazer.

Ele ficou sentado ali por um momento, e meu corpo inteiro começou a agonizar. Não havia percebido que todos os meus músculos

estavam tensos o tempo todo. Esta foi a primeira vez que ele disse coisas assim. A primeira vez que realmente conversou comigo.

— Mas eu ainda era eu, e te assustei naquela noite, porque é isso o que eu faço — admitiu, parecendo sentir raiva de si mesmo. — Algo surpreendente aconteceu, então. Você me seguiu. Você queria sentir-se no limite, também, contanto que estivesse do meu lado, e por alguns dias incríveis, eu senti...

Ele não completou o pensamento, mas eu sabia o que ele queria dizer. Eu havia sentido o mesmo.

— Quando chegou o momento de esclarecer tudo, não consegui — ele disse, a voz mais profunda. — Eu só queria ficar ali com você. Por trás do chafariz, no chuveiro, no salão de festas... Só queria ficar com você.

Ele se levantou e senti as paredes começando a me sufocar, as roupas me apertando, mal conseguindo respirar, porque era muita coisa para digerir e que não foram ditas tantos anos atrás. *Por que você não me disse tudo isso naquela época?*

— Nada foi mentira — sussurrou.

E então saiu do meu quarto. Meu peito doía tanto, por oxigênio e por ele, e eu não sabia, mas corri até a janela e a abri de supetão, inspirando profundamente, sentindo tudo aquilo desaparecer. Desvanecer, sumir e se acalmar.

Meu medo. Minhas preocupações. Meu ódio.

Minha raiva.

Por que ele não disse tudo aquilo anos atrás?

Por quê?

Capítulo 23

Damon

Dias atuais...

As portas do elevador se abriram e entrei na cobertura de Michael, em Meridian, virando o canto em seguida para percorrer o apartamento.

Quando entrei na imensa sala, vi Michael, Kai e Will sentados em suas poltronas e sofás, enquanto Rika se mantinha de pé na varanda; uma rara e agradável brisa noturna se infiltrando pelas portas abertas.

Michael liberou o porteiro para que eu subisse, então ele devia estar intrigado o bastante para isso, e fiquei mais satisfeito ainda ao ver que todos estavam aqui.

Joguei parte de um informativo que peguei no voo em cima da mesa central à frente de Michael, vendo-o pegar o folder sem muito entusiasmo.

Ele achava que sempre tinha direito a falar primeiro. Não. Quem conduziria essa conversa seria eu.

Olhei para Will.

— Você me odeia?

Ele fixou o olhar ao meu, mas não disse nada.

Então foi a vez de perguntar a Rika:

— E você?

Ela cerrou a mandíbula, desviando o olhar.

Mas nenhum dos dois respondeu à pergunta.

Eles foram os mais prejudicados por mim, e se podiam superar isso, então eu teria uma chance.

— Vocês não são meus inimigos — eu disse a todos eles. — Não é isso o que eu quero.

— Então o que você quer? — Kai retrucou.

Vi Michael abrir o folder do avião, lendo a matéria que havia saído na tarde anterior sobre a *Noite Retrô* estar sendo programada para acontecer no *The Cove*, o velho e abandonado parque de diversões de Thunder Bay, neste fim de semana.

Eu sabia que eles estavam interessados em comprar a propriedade. Então a hora era agora.

— Quero que voltemos ao plano original — respondi. — Para comandar as coisas.

Nós queríamos Thunder Bay, e não apenas construir um resort. Queríamos tudo. Um vilarejo inteiro à beira-mar como nosso pequeno clube.

Mas Kai deu uma risada debochada.

— Nós tínhamos dezoito anos. Sem nenhum dinheiro ou conexões necessárias para fazer isso.

— Nós temos dinheiro.

— Não, Rika tem dinheiro — Kai rebateu. — Nós temos nossos pais.

Fui em frente.

— Vou controlar trinta e oito por cento dos hotéis da costa leste, doze emissoras de TV, e terras o suficiente para formar um novo estado se eu quiser.

— Quando o seu pai morrer — Will salientou.

Sim. O que aconteceria mais cedo ou mais tarde.

— Você, Michael e Kai podem ter um resort cinco estrelas dentro de três anos, bem aqui, em Thunder Bay — expliquei —, transformando tudo em um novo Hamptons para atrair a elite das maiores cidades americanas.

— Nós não conseguiríamos permissão ou alvará para isso — Michael argumentou. — Seu pai e o meu não teriam o menor problema em convencer o prefeito de que mesmo que a construção de um resort gere empregos, não valeria a pena quebrar as empresas e pequenos hotéis que eram administrados por eles.

Inclinei a cabeça.

— Que prefeito?

Os quatro me encararam, parecendo confusos quando seus cérebros articularam o que eu realmente estava fazendo todo esse tempo, enquanto Crane me ajudava a reunir informações nos últimos meses. Derrubar o pai de Winter não foi um ato apenas para chegar até ela.

Kai balançou a cabeça, abismado.

— Caramba.

— Eles vão eleger outra pessoa, Damon — Will comentou. — Estão preparando uma nova eleição dentro de três meses para substituírem Ashby.

— Sim. — Eu sorri. — Eu sei disso.

E fiquei ali parado, esperando que suas cabeças de minhoca percebessem onde eu queria chegar. Thunder Bay precisava de um novo prefeito. Um que nos daria as permissões necessárias para construir algo no *The Cove*.

E tínhamos alguns candidatos prováveis bem aqui nesta sala.

Will baixou o olhar, absorvendo a ideia, enquanto Michael se recostava, encarando-me.

— Você não pode estar falando sério. — Kai gargalhou.

No entanto, apenas encarei Rika, deparando com o seu olhar.

— O quê? — ela perguntou.

— Você é uma excelente jogadora de xadrez — zombei. —

Política. É o maior tabuleiro de xadrez de todos.

Ela começou a rir.

— Não vou me candidatar a prefeita, só para que possa proteger seus interesses comerciais, Damon. Eu não quero administrar essa cidade.

— E por que não?

Ela abriu a boca para retrucar, mas pareceu ficar sem palavras por um instante. Finalmente, disse de supetão:

— Por que eu?

— Porque Michael não dá a mínima, e o resto de nós somos ex-condenados.

— Ei, isto é a América. — Will se recostou, inclinando a cadeira para trás com um sorriso preguiçoso. — Aqui tudo é possível.

— Você quer a imprensa vasculhando o seu passado? — provoquei, olhando em seguida para Kai. — E você?

O que saía na Internet durava para sempre. Nunca teríamos um pingue de paz à medida que as coisas fossem sendo descavadas e jogadas na mídia. E Kai e Will, especificamente, não tinham interesse nenhum em trazer todo esse estresse de volta para suas famílias.

— As garotas são imaculadas — eu disse. — Rika precisa fazer isso.

Ela deu uma risadinha besta, ainda procurando algum argumento plausível, e finalmente olhou para Michael, que se mantinha em silêncio desde o início.

— Michael? — ela o instigou, em busca de ajuda. Para que oferecesse uma desculpa sobre o motivo de ela não poder fazer isso.

Mas ele hesitou, parecendo um pouco arrependido quando encontrou seu olhar.

— Não é uma ideia de todo horrível, para dizer a verdade — ele disse.

— Isso nos daria uma vantagem, e você provavelmente administraria muito bem a cidade. Vale a pena pensar a respeito.

Os olhos dela brilhavam de irritação.

— E por que não Banks?

— Tenho outros planos para ela — admiti.

— Ah, é mesmo? — Kai retrucou. — Eu gostaria de saber que planos são esses que você tem para a minha esposa.

— Na hora certa.

Ele balançou a cabeça, irritado, e todos ficaram em silêncio enquanto processavam o que eu havia sugerido. Eu já havia descoberto que Michael tinha alguns investidores, inclusive uma organização financeira, para comprar a propriedade e construir o resort, mas não havia seguido em frente exatamente porque antecipou os problemas que teria com os alvarás e os construtores civis. Esse

problema estava agora resolvido. E eu me esforcei pra caralho para ter um lugar à mesa.

Se o passado pudesse ficar no passado e simplesmente ficasse lá, porra. Então tudo poderia acontecer.

Todos permaneceram em silêncio, entreolhando-se e ponderando como tudo isso poderia funcionar com o meu envolvimento.

Mas talvez eu não conseguisse convencê-los, apesar de tudo. Talvez o passado seja amargo demais para engolir.

Até que Will levantou a voz, sem olhar para mim:

— Peça desculpas — ele disse.

Desculpas?

Só levei um segundo para perceber o que ele queria dizer.

Ele queria que eu me desculpasse. Por tudo.

Baixei o olhar, franzindo o cenho.

Ele queria que eu me acovardasse? Como se nunca tivéssemos cometido erros pra caralho, e como se não tivesse provado que queria seguir adiante com os planos e estava pronto? Como se eu não fosse tentar fazer tudo aquilo outra vez?

Palavras eram porcarias. Não significavam nada.

Fiz a porra de um monólogo noite passada, e não ouvi nenhuma palavra vindo dela. O que fazíamos era o que importava, não o que dizíamos.

Mas eles apenas me encararam, todos esperando que eu dissesse alguma coisa, como se o fato de fazer isso tornaria tudo numa boa. Será que realmente as coisas ficariam bem outra vez?

Eu os queria de volta, no entanto, e ainda que meu pai tenha me ensinado que homens fortes nunca pedem desculpas, talvez — somente dessa vez —, eu pudesse vomitar as palavras. Eu tinha fodido tudo, afinal de contas, e era sortudo por eles não terem arrancado a minha cabeça depois de tudo o que fiz.

Engoli o gosto amargo na minha boca.

— Eu sinto muito.

Todos olharam para mim, paralisados, por um tempo longo demais. Meu estômago retorceu em milhares de nós, e pensei que poderia bater em alguém se aquelas palavras ficassem à deriva por mais tempo.

Então Michael se levantou de sua poltrona e vestiu o paletó de seu terno.

— Entre em contato com Mike Bower e diga a ele que queremos uma reunião — ele me disse e deu um beijo em Rika quando se virou para sair.

Um sorriso quase curvou meus lábios. Bower era o administrador da câmara municipal. Nós precisávamos conversar com

ele para colocar Rika na corrida eleitoral.

Will e Kai se levantaram em seguida, recolhendo suas coisas e saindo atrás dele.

— E nos encontre no *The Cove* amanhã, com a empresa de arquitetura — Michael informou quando passou por mim. — Às dez em ponto.

Assenti, aceitando o convite para estar lá, sentindo o alívio imediatamente percorrer meu corpo.

Eles saíram – embora eu não soubesse para onde –, mas Rika e eu ficamos ali por mais um instante, em silêncio. Eu sabia que ela queria dizer algumas coisas – talvez até mesmo ficar pau da vida pelo que havia acabado de acontecer e pelo peso da responsabilidade que estávamos colocando sobre seus ombros –, mas ela apenas pegou sua bolsa de couro e passou a alça pelo pescoço, passando por mim em seguida.

Eu a deixei ir, e permaneci imóvel, até que não ouvi mais o som de seus passos.

— Michael e Kai são mais espertos que você, sabia? — ela disse às minhas costas.

Continuei ouvindo o que pretendia dizer.

— Porque se há uma coisa que eles sabem a respeito de vingança,

Damon, é que nunca será melhor do que o amor *dela*.

Entrecerrei os dentes, tentando conter a dor que me corroía por dentro, mas de nada adiantou.

Vá se foder, Rika.

— Mas acho que você já sabe disso, né? — ela continuou.

Vá tomar no meio do seu...

— Ela o fará muito mais forte — ela disse. — E precisamos que você seja forte.

Fechei os olhos, sem querer sentir toda aquela merda que senti quando tinha dezenove anos e me vi... querendo Winter.

Quando me permiti amá-la, porra.

Quando baixei minha guarda e acreditei que o que acontecia entre nós era mais intenso do que tudo, e que garotos como eu podiam ter uma vida completamente diferente.

Mas, meu Deus, Rika estava certa. Eu sabia que ela estava certa.

Nada na minha vida pareceu tão bom quanto sentir que Winter era feliz por minha causa.

Eu contei tudo a ela, na noite passada. Queria que ela entendesse.

— Você deve deixá-la em paz — Rika disse, sua voz agora soando mais perto, como se tivesse se virado para mim, ao invés de se manter de costas. — Dê um tempo para ela se acalmar e se sentir

segura, e dê algum espaço.

Eu não estava pedindo a sua opinião.

Ouvi seus passos chegando bem mais perto.

— E nesse meio-tempo, aja como um adulto. Trabalhe com alguma coisa e mostre que pode muito bem sobreviver sem ela. Se você não conquistar o respeito dela, nunca terá uma chance.

— Uma chance para quê?

— Uma chance para não se tornar os seus pais — ela replicou.

Era como se uma bola de beisebol estivesse alojada na minha garganta.

Será que ela estava certa? Era para onde eu estava seguindo? Algum dia eu seria capaz de terminar tudo com Winter? Será que desejaria outra mulher?

Não.

E se ela tivesse ficado grávida? Meus filhos me odiariam por tê-la magoado? Seria um círculo vicioso do caralho, porque eu não admitiria que Rika estava certa, e que Michael e Kai sabiam o que eu me recusava a ver?

Eu a queria.

Fiquei devastado ontem à noite, porque não queria nada disso. Eu só queria ter aquela garota que sentou no meu colo e dirigiu meu carro de volta.

Eu a fiz feliz. Eu.

E ao invés de manter meus planos de fazê-la odiar o fato de me querer, passei a odiar o fato de que eu ainda a queria.

Nada foi uma mentira, com a exceção do meu nome.

Era de verdade, e eu queria aquilo outra vez.

Eu a amava, porra.

Put a que pariu.

Dei a volta e passei por Rika, em direção ao elevador, mas ouvi sua voz às minhas costas novamente:

— E Damon? — gritou.

Estaquei em meus passos.

— Quando e se ela quiser voltar, leve-a para algum lugar, só vocês dois.

O quê?

— Isto se chama encontro — explicou. — É quando você pode fazer alguma coisa que ela goste e que a deixa feliz. Mas os dois terão que se manter vestidos para isso.

Ah, você é tão engraçadinha. Balancei a cabeça e saí do apartamento, entrando na mesma hora no elevador.

Apertei o botão para descer ao térreo.

— Um maldito encontro — murmurei.

Capítulo 24

Winter

Dias atuais...

Saí do chuveiro, vestida e secando o cabelo com uma toalha quando ouvi o som de vários caminhões e britadeiras do lado de fora outra vez.

O que eles estavam fazendo? Isso começou desde ontem de manhã, mas tentei não dar bola a princípio, então achei que fossem novas instalações para a equipe de segurança. Eles haviam instalado um novo sistema de alarme e trocado as fechaduras, mas esse barulho todo parecia mais como algo sendo construído.

Cruzei o corredor, passei pelo meu quarto e parei perto da janela, as sirenes de alerta do caminhão indicando que devia estar dando ré soando do lado de fora, enquanto trabalhadores gritavam comandos para outros. Não dava para ouvir nada do que diziam.

Damon havia desaparecido outra vez, logo depois da nossa briga no meu quarto, e já fazia dois dias que não nos falávamos ou o ouvia pela casa.

Dois dias de liberdade, ensaiando no estúdio, praticando cada vez mais em casa, planejando com Rika e Alex e tendo uma avalanche de ideias sobre como sair em turnê em alguns shows ou festivais.

Alguém subiu pelas escadas às minhas costas, e reconheci na mesma hora as pegadas. Crane tinha um jeito engraçado de andar, quase como se derrapasse no piso de madeira.

— Que barulho todo é esse lá fora? — perguntei por cima do ombro.

Senti sua aproximação e aguardei a explicação.

— O Sr. Torrance está arrancando fora aquele “maldito chafariz estúpido e cafona” — ele disse.

Quase comecei a rir pela forma como ele repetiu as palavras insultantes de Damon.

Mas então caiu minha ficha.

— Arrancando? — murmurei.

Ele estava se livrando da fonte na frente da minha casa. Desfazendo-se dela. Como se não quisesse nenhuma lembrança do passado, ou como se apaixonou por aquele nosso momento compartilhado quando ainda era um garoto.

Ele queria matar tudo aquilo.

Parei de secar o cabelo, segurando a toalha em minhas mãos.

— Ele está aqui? — perguntei.

— Está por perto.

Perto. O que aquilo queria dizer. Será que ele sempre estava por perto? Mesmo quando saía?

— Você precisa de alguma coisa? — Crane averiguou. — Não estamos esperando que ele volte hoje para casa, mas posso mandar uma mensagem.

Eu nem sabia por onde começar. Queria dizer um monte de coisas a ele, mas minha cabeça girava com uma mistura de sentimentos que contradiziam os fatos.

Eu não queria conversar, mas queria sentir sua presença na casa.

Eu me virei e tateei a parede quando passei por Crane, sem dar nenhuma resposta; entrei no meu quarto e fechei a porta.

Tentei não pensar sobre tudo o que ele revelou duas noites atrás – mantendo-me ocupada com a coreografia e os planos –, mas quando desacelerava por um segundo, lá estava ele, sentando contra a parede do meu quarto, sussurrando pesadelos que nunca antes tinha visto e confessando segredos que tentou esconder por tanto tempo.

Eu deveria esquecer tudo o que ele fez? Tudo se ajustaria, de repente, agora que eu sabia que seus sentimentos eram verdadeiros?

Perambulei pelo meu quarto, pegando as roupas no chão e limpando o que podia. Ontem de manhã, depois do acesso de raiva de Damon, Crane veio e ajustou tudo o que o patrão havia arremessado no chão na noite anterior, e trocou o espelho quebrado. Quando voltei mais tarde para casa, ele levou um marceneiro que substituiu a porta. O quarto já estava quase todo em ordem. Eu não esperava que ele limpasse todas as suas bagunças com tanta rapidez.

Há uma razão para que as coisas sejam como são.

Deitei-me na cama, ouvindo os caminhões e operários ainda se movimentando do lado de fora, e fechei os olhos, sentindo o corpo relaxar, mas não a mente.

A atração por ele estava em todo lugar. Lembrei-me claramente quando nos provocávamos um ao outro, quando ríamos durante um beijo trocado, o calor de seus braços ao meu redor, e a forma como o seu corpo desejava o meu. A maneira como ele me queria e como sempre desejei sua aspereza, suas ameaças, seus sussurros e... ele.

A forma como sempre vi os olhos escuros de Damon Torrance em minha mente, antes mesmo de saber que meu fantasma era ele.



— Vamos lá — ele disse, puxando-me pelo labirinto. — Você vai gostar.

— O que é?

Eu respirava com dificuldade, tropeçando para acompanhar suas passadas para o outro lado das sebes do labirinto.

Ele queria me mostrar alguma coisa, mas eu só queria ficar na fonte. Era tão divertido lá... tão secreto.

Mas ele estava feliz agora, e eu me vi um pouco curiosa.

Nem conseguia parar de sorrir. E tinha um monte de borboletas na minha barriga.

Corremos pelo jardim, nossas roupas úmidas e frias, e assim que chegamos perto das árvores, eu vi. Olhei para cima e vi uma porção de tábuas de madeira que formavam uma espécie de escadinha. No topo, havia uma casa da árvore escondida por trás dos galhos e folhas.

Tipo isso.

Não parecia ter sido terminada, mas tinha um piso bem grande e um corrimão pelo lado de fora. Ficava no meio de uma fenda da árvore, entre dois troncos entrelaçados e cercados pela vegetação. A pessoa não estaria somente em uma casa da árvore. Era como se estivesse dentro dela.

Soltei sua mão.

— Uau! Você é tão sortudo.

Ele parou perto de mim e olhou para cima.

— Você gosta?

Assenti, sem desviar o olhar daquela coisa.

Fiquei imaginando se ele mesmo escondeu aquilo tudo ou se alguém o ajudou. Não parecia tão chique como algumas que eu já tinha visto, e seu pai não parecia ser do tipo que construía casas na árvore ele mesmo.

— Você sobe primeiro — disse. — Se escorregar, vou estar bem atrás de você.

Olhei para ele, vendo-o me encarar por baixo dos cílios escuros. Meu estômago dava cambalhotas e eu me virei.

Por que fiquei nervosa, de repente? Estava com medo? Era uma árvore muito alta, não era?

— Acho que meus pais vão ficar bravos — comentei. Nunca subi em nada tão alto antes.

Seu rosto mostrou um pouco de decepção e, depois de um segundo, ele assentiu:

— Tá bom.

Eu me senti meio mal. Queria subir lá. Queria sua companhia. Ele era tão divertido. Não me chamou de “franguinha” e nem ficou bravo comigo nem nada.

Eu gostava dele.

— Você não vai me deixar cair? — perguntei para ter certeza.

Ele olhou para mim, sorrindo e animado outra vez. Então segurou minha mão e corremos em direção à escada. Ele me deixou ir na frente, as tábuas ainda parecendo novinhas em folha. Meu coração começou a acelerar, porque se eu escorregasse ou soltasse a mão, poderia cair.

Mas senti que ele vinha bem atrás de mim, engoli o nó na garganta e comecei a subir.

Um degrau após outro, um de cada vez, escalei a árvore que avistamos por entre as folhagens.

Minha saia de tutu roçava contra o tronco, o tule se prendendo na casca, e apertei as mãos com mais firmeza em cada tábua enquanto me impulsionava para continuar subindo.

Uma brisa soprou nas minhas pernas, fazendo o frio aumentar por conta das roupas molhadas, e quando me dei conta, olhei para baixo, vendo a altura em que estávamos agora. Ofeguei e envolvi a tábua com os braços.

— Estou com medo — disse a ele. — É muito alto.

Ele escalou mais ainda atrás de mim, colocou um pé ao lado do meu e as mãos na tábua em que estava agarrada.

— Está tudo bem. Eu te seguro — ele disse. — Eu prometo.

Meu aperto se firmou outra vez e comecei a me afastar do tronco um pouquinho. Olhei por cima do meu ombro e encontrei seu olhar, e ele estava bem ali, encarando-me, quase encostando o nariz no meu.

Alguna coisa encheu meu peito, e ele estava tão perto, que me fez sentir meio esquisita. Como se alguma coisa estivesse me puxando.

Não consegui desviar o olhar, nem ele, e era como se eu não conseguisse parar. A atração.

Seus lábios tocaram os meus, e senti como se estivesse em uma montanha-russa.

Perdi o fôlego por um instante enquanto os arrepios se espalhavam em todo lugar, e então me afastei.

Agarrei a tábua mais apertado, sentindo meu rosto esquentar.

— Por que você fez isso?

— Eu não fiz nada. Você fez — ele acusou.

— Não fiz, não.

Meu Deus, que vergonha.

Olhei de relance para ele, tentando descobrir se ele estava com raiva, mas ele parecia tão envergonhado quanto eu.

Eu não o beijei. Beijei? Foi ele que fez isso.

Ou talvez nós dois... Arghhh...

Ele me incentivou a continuar:

— Rápido, vamos lá.

E embora eu ainda estivesse morta de vergonha, respirei devagar ao saber que ele ainda queria subir na árvore.

Legal. Vamos esquecer o que aconteceu então.

Escalei até o topo e parei, esperando que ele chegasse e ficasse atrás de mim para poder empurrar a portinha para cima. Assim que ele a abriu, escutei o barulho da tábua atingindo o piso.

Eu sorri, aliviada. Percorri o resto do caminho e engatinhei pelo

piso da casa da árvore, começando a me levantar.

Assim que fiquei em pé, senti o vento soprar contra o meu rosto, sacudindo as folhas ao redor.

— Nooossa! — disse, admirada.

Era como se fosse outro mundo.

Girei lentamente, notando o piso em um formato arredondado e imenso. Dava para ver além das outras árvores, inclusive a torre do relógio que ficava na cidade e os telhados de algumas propriedades naquela região.

Apontei para longe, sorrindo.

— Dá para ver o oceano!

Por entre os galhos, bem além da floresta, uma imensidão prateada se espalhava pelo horizonte. Olhei para cima e vi toda a vegetação e os ramos acima, pensando se poderíamos ir mais alto.

Ele tinha tanta sorte. Isso aqui era o máximo. Bem que eu queria ter uma dessas em casa. Eu nunca sairia de um lugar assim.

Ele me deixou admirar tudo, andando ao meu redor e com as mãos nos bolsos. Meu olhar percorreu o chão e vi uma lanterna, um saco de dormir, alguns desenhos e pacotes vazios de salgadinhos e latas de refrigerante.

Olhei para ele.

— Por que você se esconde na fonte quando tem um lugar desses?

— Porque eles sabem que esse lugar existe.

Ele respondeu bem rápido, então já deveria ter passado por isso. Com que frequência ele se escondia? Estava sempre sozinho quando fazia isso? Não deveria ficar tão sozinho.

Andei em volta do corrimão, contemplando a casa de Damon e vi que a festa ainda estava rolando, mas estávamos longe demais para que eu pudesse reconhecer qualquer pessoa ou ouvir a música tocando.

Ele parou do meu lado.

— Por que deram esse nome a você? Winter.

— Por causa de um poema de Walter de la Mare — disse, ainda admirando o imenso cenário enquanto recitava um trechinho: — “A bruma atrai a escuridão, e centelha após centelha, ardem as flamas da geada, e sem demora, por cima do oceano de espuma congelada, a lua branca flutua.”

Decorei o poema todo, mas ele provavelmente não tinha interesse em ouvir nada disso. Nenhum dos meus colegas de sala quis ouvir também.

— Ele descreve o inverno — expliquei. — Minha mãe disse que o poema fez esta estação fria e triste parecer bonita. Ela disse que a beleza da vida é a razão pela qual vivemos, e que está em todo lugar. Você só tem que olhar mais de perto.

Ele apenas encarou o horizonte por cima do corrimão, parecendo pensativo.

— Não tenho certeza porque ela escolheu esse nome para mim, mas eu gosto — acrescentei.

Ele se sentou, com as pernas penduradas, e apoiou os braços por cima da tábua pregada de madeira que impedia que as pessoas caíssem, e hesitei por uns três segundos antes de fazer o mesmo. Eu me sentei ao seu lado, deixei as pernas penduradas para fora e ri quando senti o frio na barriga.

Espiei por cima e para o lado e me senti zozza, então me afastei um pouco.

Nós ficamos ali sentados, calados, admirando a vista, mas senti uma dor súbita na cabeça e comecei a esfregar o cabelo.

— Está doendo — eu disse em voz alta, tentando folgar meu coque. — Meu couro cabeludo...

Isso sempre acontecia quando meu cabelo ficava muito tempo preso daquele jeito apertado. Era tão gostoso quando podia soltar.

Puxei uma presilha — a única que ainda sobrou no cabelo e que não deixei cair na fonte —, e comecei a tirar os grampos do coque.

— Você pode me ajudar? — perguntei. — A tirar todos eles?

Ele se esticou para trás e enfiou a mão no meu cabelo, tirando mais alguns grampos, e então me ajudou a desfazer o coque torcido, soltando, finalmente, meu cabelo. Passei as mãos por entre os fios, esfregando o couro cabeludo e suspirei, porque a sensação era gostosa demais.

Olhei para cima e vi que ele estava me encarando, os olhos percorrendo todo o meu rosto.

A pele por baixo do meu figurino começou a esquentar.

Ele virou a cabeça e suspirou enquanto encarava adiante.

— Talvez eu beije você de novo quando formos mais velhos — ele disse. — Só para você saber.

Minha boca abriu um pouquinho, e até queria fazer um som enojado, caso ele estivesse brincando ou zombando de mim, mas...

Ele estava dizendo a verdade?

Mordisquei os lábios e tentei conter um sorriso. Não sabia porque queria sorrir, mas era incontrolável.

Ele iria manter a palavra?

— Winter!

Um grito estridente irrompeu, e dei um pulo.

Quando olhei lá embaixo, vi meu pai e minha mãe correndo na direção da casa da árvore, seus olhares fixos em nós dois.

— Por que você fugiu sem dizer à sua mãe onde estava indo? — ele esbravejou.

— Pai... — ofeguei, com medo de ter feito alguma coisa errada.

Por que ele estava aqui? Ele não estava mais cedo, e agora parecia chateado.

— Desça, querida — minha mãe gritou, ajeitando as roupas. —

Está na hora de irmos embora.

— Cale-se — meu pai disse. — Ela e Arion nunca mais pisarão os pés aqui outra vez. Torça para que eu não peça a custódia total das duas.

Custódia? Por que ele estava bravo com ela?

— O que está acontecendo? — Olhei para Damon.

A gente fez alguma coisa errada?

Ele balançou a cabeça, chegando para trás e me puxando junto com ele.

— Não sei.

Saímos um pouco da vista deles e ficamos de pé, sentindo o chão vibrar abaixo de nós, como se alguém estivesse subindo pela escada.

Ele estava parado, sem se mexer ao meu lado, mas também parecia confuso. Eu devia ter contado para minha mãe que viria aqui, mas ela estava com o Sr. Torrance, e simplesmente aconteceu.

Era por isso que ele estava bravo?

Meu pai apareceu pela portinha no chão, os lábios franzidos, o terno todo amarrotado.

Ele subiu, ficou de pé e fez uma careta para nós dois.

— Saia de perto dela — ordenou a Damon.

Damon e eu nos entreolhamos, assustados.

Meu pai avançou e Damon parou na minha frente.

— Ele te machucou? — papai perguntou.

Mas foi Damon quem respondeu, acenando com a cabeça.

— Não machuquei.

Sua resposta parecia uma súplica. Por que meu pai estava tão preocupado?

— Saia da frente. — Empurrou Damon para fora do caminho.

Meu pai agarrou minha mão e me puxou. Eu tropecei e dei um grito.

— Nunca mais fale com ele. Você está proibida de pisar os pés nessa casa — ele rosnou. — Se sua mãe te trouxer aqui, você me diz. Entendeu?

— Mas eu quero que ela volte — Damon disse. — Por favor.

— O que a gente fez? — perguntei ao meu pai.

Ele me ignorou, contraiu a mandíbula e apertou minha mão quando me puxou em direção à porta. Olhei para trás, para Damon, mas tropecei quando meu pai me empurrou pelo buraco no chão. Eu cambaleei, olhando para baixo, para o gramado distante e balancei a cabeça. Meus joelhos tremiam, e senti que estava perto de fazer xixi na roupa.

— Estou com medo. — Comecei a chorar.

Não conseguia ver os degraus da escada do jeito que via quando estava subindo.

— Agora! — ele disse, ríspido.

Dei um pulo de susto.

Tremendo toda e com as lágrimas descendo pelo rosto, eu me agachei perto do buraco, sabendo que escorregaria. Meu pé escorregaria. Eu sabia disso. Não conseguiria ver os degraus abaixo de mim.

Mas Damon avançou e segurou minha mão, puxando-me para longe do buraco e colocou-se na minha frente de novo, como um escudo.

— Deixe-a em paz! — ele brigou. — Eu vou ajudá-la a descer! Eu faço isso!

Meu pai partiu para cima dele, Damon recuou, pisando no meu pé e dei um grito.

— Só dê o fora daqui! — ele berrou com meu pai. — Eu vou levá-la lá para baixo!

Ele recuou um pouco mais, assustado, e eu tropecei, passo a passo, e estávamos caindo para trás, e não conseguia me segurar.

— Seu merdinha... — meu pai rosnou.

— Deixe-a em paz! — Damon berrou de volta.

Olhei para trás, vendo que estávamos muito perto do corrimão, e ele não estava prestando atenção.

Ele esbarrou em mim, nosso peso arrebentou a pequena proteção de madeira, e comecei a cair para trás, gritando e tentando me agarrar em qualquer coisa.

— Ahhhh, meu Deus, meu Deus! — Ouvi o grito da minha mãe lá embaixo.

Consegui segurar na beirada do piso, minha mão começou a escorregar, mas uma mão se agarrou à minha, e inspirei, sentindo o vômito subir na garganta enquanto minhas pernas balançavam no ar.

Olhei para cima, com lágrimas escorrendo, e vi Damon deitado de barriga para baixo, sentindo dificuldade para me segurar, mas me senti tão pesada, como se estivesse sendo puxada para baixo. Meu pai chegou perto e tentou me pegar, mas Damon e eu não conseguimos mais manter as mãos unidas, e então me agitei, meus dedos escorregando dos dele. Seu olhar encontrou o meu, o tempo congelou por uma fração de segundo enquanto nos encaramos, sabendo que não tinha mais jeito.

Eu escorreguei, gritei e caí, sendo seu rosto a última coisa que vi antes de não conseguir enxergar nada mais.



Acordei em um piscar de olhos, suor cobrindo minha testa enquanto a brisa quente entrava pela janela do quarto. A lembrança – o pânico – ainda corria pelo meu corpo como se eu tivesse caído da beirada daquela casa da árvore ontem.

Aquela foi a primeira vez que me recordei de tantos detalhes que minha mente de oito anos havia enterrado. Ele era tão diferente.

Rika estava certa.

Sentei-me na cama, esfregando os olhos, mas ainda muito cansada.

Cansada de tanta preocupação, ódio e rancor.

Aquele era meu dilema com Damon. O acidente não foi culpa dele. Agora eu sabia que meu pai não estava bravo comigo ou com ele naquele dia. Ele tinha acabado de descobrir que minha mãe e o Sr. Torrance estavam tendo um caso, e acabou perdendo a cabeça.

Tudo saiu do controle, e Damon ficou assustado. Nós éramos crianças. Ele não teve a intenção de me empurrar. Eu sabia disso agora.

Mas ainda assim...

Nunca conseguia sair ilesa quando ele estava envolvido, certo? Tanto meu corpo quanto minha mente.

Levantei da cama e saí do quarto, a casa ainda silenciosa enquanto descia as escadas e entrava no salão de festas. Acabei dormindo muito cedo e perdi a hora do jantar noite passada; precisava de café, mas também necessitava me alongar. Liguei a playlist e caminhei até a parede, afastando a cortina para o lado e abrindo a janela para respirar ar fresco.

No entanto, assim que fiz isso, parei, ouvindo o som de água correndo do lado de fora.

Um monte de água, e não era como o som da chuva.

Pensei que ele tivesse se livrado do chafariz.

Eu não conseguia mais ouvir os operários – nenhum caminhão ou maquinários. Será que algum deles arrebitou algum cano d'água ou algo assim? Que som era aquele?

Saindo do salão, fui em direção à porta da frente, apertando o código que Crane havia me passado para desarmar o alarme da casa.

Abri a porta e o som da água corrente encheu o ambiente enquanto eu seguia em sua direção.

Andei descalça pela entrada de carros, com as mãos estendidas e tateando com cuidado, temendo deparar com algum equipamento ou carros no caminho.

Mas à medida que seguia, senti os respingos do que parecia ser uma cascata, e então, de repente, o piso abaixo dos meus pés mudou, fazendo-me estacar em meus passos. Tateei com a ponta do pé um pouco mais, sentindo água espirrar e o piso de mármore abaixo – nenhuma cuba ou piscina no lugar onde a fonte existia. Era simplesmente uma imensa faixa de piso. Talvez com alguns ralos?

Dei mais um passo à frente, meu coração martelando enquanto erguia os dedos, sentindo as colunas de água ao meu redor.

Minha boca secou, em uma tentativa de juntar as peças daquele quebra-cabeça. O que era isso?

Pisei em um esguicho e a água espirrou para todo lado. Perdi o fôlego na mesma hora quando minhas roupas ficaram molhadas.

Mas continuei seguindo em frente, rastreando os esguichos com as pontas dos dedos dos pés, percorrendo um caminho. Meus braços estavam abertos ao lado, meus dedos se arrastando pela cortina d'água, como se formassem paredes dando voltas, até que acabava em cantos. A água caía acima da minha cabeça, e enquanto eu circulava o caminho, encontrei pequenos esconderijos e alcovas, meu short e camiseta do pijama grudados ao corpo, o cabelo escorrendo pelas costas.

Fechei os olhos, sentindo um nó na garganta a cada etapa em que mapeava o circuito da água, medindo o enorme círculo e todos os jatos dentro que criavam um intricado país das maravilhas cheio de recantos e alamedas, e eu...

Ai, meu Deus.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando me dei conta. Ele não havia se livrado da fonte. Ele a havia substituído.

Meus olhos doíam.

Era um labirinto em formato de fonte.

Parei no centro, cercada por colunas de água corrente e girei ao redor quando as lágrimas começaram a cair. Escondida em um mundo dentro de um mundo.

Como a fonte na casa dele, quando éramos crianças.

Como a casa da árvore.

Damon, o que você fez?

Inclinei a cabeça para trás e tudo desmoronou. Meu coração, minha mente, meu ódio, minha amargura, e tudo o que eu queria naquele instante era vê-lo. Senti-lo e recostar minha testa à dele, onde nossos hálitos estariam a centímetros de distância. Queria que ele me pegasse no colo e que segurasse bem aqui, onde as cortinas d'água eram altas o bastante para nos esconder.

Eu o amava. Eu ainda o amava.

Maldito.

Gritei, a música vinda de dentro do salão de festas se infiltrando através da janela, e passei a mão no cabelo, tudo dentro de mim simplesmente querendo sair. Estava cansada de me conter. De desperdiçar mais tempo me ressentindo do que continuar com isso.

Eu queria brigar e gritar, rir e sorrir, beijar e provar, e envolvê-lo em meus braços... mais do que poderia suportar nunca mais senti-lo outra vez.

Fechei os olhos, começando a girar ao som de *Dark Paradise*, de Lana Del Rey. Ergui minha perna, arqueei a coluna e subi na ponta do pé, dançando e girando enquanto a música tomava conta de mim. Meus braços se arrastavam pela água, salpicando e espirrando, e

dancei, dancei e dancei, deslizando a mão pela barriga, meu cabelo encharcado esvoaçando ao meu redor e chicoteando meu rosto e meu corpo.

Mergulhar e cair.

Passar uma vida inteira procurando algo.

Ou ter cinco minutos de tudo.

Desacelerei meus passos enquanto a música desvanecia até parar, a água fria quase congelando meus ossos, mas eu me sentia desperta pela primeira vez em anos. Eu me sentia viva.

Eu queria isso. Queria tudo.

Afastei o cabelo do rosto e o ergui até o topo da cabeça, respirando em incursões profundas, pois meus pulmões pareciam necessitar de muito mais ar de repente.

— Winter? — alguém em chamou.

Crane.

Atravessei o labirinto da fonte, sorrindo ao som das torres d'água caindo ao meu redor; alisei a bagunça em meu cabelo à medida que me dirigia a saída, seguindo sua voz.

— Onde ele está? — perguntei.

Crane ficou em silêncio por um segundo, então disse:

— Ocupado no momento. Você gostaria que eu enviasse uma mensagem a ele?

Ocupado.

Tudo bem. Se ele queria brincar, então ele que viesse me encontrar.

Eu estava pronta.

— Diga a ele que irei à *Noite Retrô* no *The Cove* hoje, com alguns amigos — informei. — Então ele não precisa enviar os cães de guarda.

— E você voltará para casa às onze? — exigiu saber.

No entanto, apenas assenti com a cabeça, incapaz de disfarçar o sorriso nitidamente travesso.

— É claro.



A *Noite Retrô* havia sido organizada por alguns ex-alunos da escola preparatória de Thunder Bay, como uma espécie de último agito no *The Cove*, antes que este fosse vendido. Havia boatos de que vários investidores estavam interessados em remodelar a propriedade. Antigamente, isto era um parque de diversões – carrosséis, montanhas-russas, casas de diversões e jogos – e a maioria das atrações ainda havia permanecido aqui, abandonadas por anos, sempre com um

aspecto sinistro desde quando éramos crianças. Lembro-me de ter vindo aqui apenas uma vez quando ainda funcionava.

A maresia soprava por todo o parque enquanto a música explodia nos alto-falantes; os festeiros riam e gritavam, a animação por estarem de volta aos tempos do ensino médio era palpável. A maioria já estava na faculdade ou formados, embora ainda houvesse alguns alunos de Thunder Bay por aqui esta noite, e eu meio que me enfiei no meu antigo uniforme novamente, usado pela última vez quando eu tinha dezesseis anos. Antes de ter que deixar a cidade e voltar a Montreal.

Como a festa era temática, pediram que usássemos nossos uniformes como uma forma de manter o espírito escolar ainda vivo. Infelizmente, meu corpo havia se desenvolvido um pouco mais desde aquela época, então tive que perguntar à Rika se ela tinha um conjunto extra de saia e blusa, de quando estava no último ano, e o único item do meu antigo uniforme que realmente pude reaproveitar foi a gravata.

— Vamos dançar! — Alex puxou meu braço.

Comecei a rir, invertendo a posição e segurando o dela, deixando-a guiar-me para a pista de dança onde o DJ controlava as músicas, bem à minha direita. Michael e Erika estavam em algum lugar, Kai e Banks estavam a caminho – pelo que Will disse –, e não soube notícias de Damon, embora eu tenha deixado meu celular no carro de seu amigo; logo, se ele tentasse ligar para mim, eu nem teria como saber.

As pessoas esbarravam em mim, e eu não podia visualizar o ambiente à minha volta, então apenas fiquei ali parada, incerta se deveria dançar na frente dessas pessoas. Até participei de festas com essas danças mais lentas, mas isto era diferente.

— Não consigo dançar no meio da multidão — gritei, para me fazer ouvir por cima da música. — É capaz que eu acerte o rosto de alguém.

— Entendi — Will veio por trás de mim, envolveu os braços ao redor da minha cintura e balançou nossos corpos de um lado ao outro. — Você pode dançar comigo.

O que tenho certeza que era apenas uma desculpa esfarrapada para colocar as mãos em alguma coisa.

Estendi a mão para trás e dei um tapinha em sua bochecha.

— Tão cavalheiro você...

— Viu? Ela entendeu — ele caçoou, provavelmente com Alex.

Ouvi sua risada logo depois.

Senti um pouco mais de confiança com ele me segurando, e nos movemos, nossos corpos sincronizados com a batida musical.

— Misha! — Eu o ouvi gritar para alguém. — É isso aí! Não

sabia que você estaria aqui.

Will parou de dançar, mas manteve o agarre firme em mim, estendendo o braço por cima do meu ombro para cumprimentar do jeito que homens costumam fazer.

— Uau, você parece uma merda — Will disse a ele.

— Eles disseram que tínhamos que usar os uniformes da escola — o garoto retrucou. — Eu sempre evitei essa porra naquela época, então... é isso aí.

O peito de Will vibrou às minhas costas.

— Winter, esse é meu primo, Misha Lare — ele disse. — Alguns anos mais novo que você na escola, acho.

Estendi minhas mãos à frente, pegando a dele entre elas em um cumprimento. Eu conhecia aquele nome. Ele realmente era mais novo, então nossos caminhos nunca se cruzaram.

— E esta é a namorada dele, Ryen — Will apresentou-a como se ela fosse uma irmãzinha irritante.

— Oi, Winter — ela disse.

Sorri, seguindo o som de sua voz.

— Oi.

— Qual é, Ryen... — Will instigou. — Você não ia adorar ver o Misha usando o uniforme esta noite?

— Você parece aqueles garotos de fraternidade que vou avisar minhas filhas a se manterem longe quando forem para a faculdade.

Misha deu uma risada debochada e Will gargalhou.

— Vocês estão namorando? — Misha perguntou, e imaginei que estivesse se referindo a mim e Will.

— Não, cara. Ela é do Damon.

— Damon Torrance? — Misha disse, como se estivesse cuspiando a comida.

Will apertou o abraço ao meu redor.

— Quem diria, né?

— Eu não sou do Damon. — Neguei com a cabeça.

— Sim, ela é — Will rebateu.

Eu não queria que falassem de mim como se eu fosse uma posse. Esse tipo de conversa era até tranquilo em particular, mas o tom de Misha

indicava que ele, definitivamente, tinha uma opinião a respeito de Damon. E não era nada positiva. Ele não me conhecia. E eu não queria que ele tirasse conclusões precipitadas.

— Quem é Damon? — Ryen quis saber. — Eu já o conheci?

— Graças a Deus, não — Misha disse, ríspido. — Vamos pegar umas cervejas antes que ele apareça. Até mais tarde, cara.

— Tchau — Will gritou, quando saíram.

Suspirei, lembrando-me que um monte de gente, além de mim,

tinha um passado ou uma percepção de Damon. Ele teria um trabalho a fazer se quisesse ter algum futuro nessa cidade. Isso se ele desse a mínima para o que os outros pensavam dele, claro.

— Sendo justo — Will disse, encaixando o queixo no meu ombro —, Misha odeia todo mundo.

— Você não precisa tentar suavizar as coisas — eu disse. — Se existe alguém que sabe onde estou me metendo, esse alguém sou eu.

Ele deu uma risada abafada.

E então ajustou a postura, ainda me mantendo cativa em seus braços.

— Ter Damon por perto foram os únicos momentos em que me senti estável na vida — ele disse. — Ele é poderoso, mas difícil.

O canto da minha boca se curvou com um sorriso suave, já que eu sabia exatamente sobre o que ele falava. As sensações com Damon podiam te levar ao sol.

Mas nosso tipo de diversão tem um preço.

Ele se afastou de mim, deixando minhas costas livres, e fiquei ali parada enquanto todo mundo dançava ao meu redor, imaginando onde ele poderia ter ido. Movi as mãos ao lado do meu corpo, tentando sentir sua presença. Ele foi embora?

— Alex — chamei.

Para onde eles foram?

E então alguém se postou às minhas costas, a estrutura física, os ombros largos, quase me cobrindo por inteiro, o cheiro de cravo derivando no ar, e simplesmente soube que era ele.

Sua mão envolveu meu pescoço, segurando meu rosto e virando minha cabeça para o lado. Fechei os olhos e o senti se abaixar para recostar a testa à minha.

Damon.

A outra mão pousou sobre minha barriga, tocando e imprensando-me contra o seu corpo, o peito se agitando às minhas costas. Era como se tivéssemos voltado cinco anos atrás. Sete anos atrás.

E eu queria isto.

— Você deveria estar usando seu uniforme — sussurrei, sentindo o tecido do jeans e roçando em seu capuz quando estendi as mãos para tocar seu rosto.

— Foi assim que você me conheceu.

Fiquei feliz por ele ter desejado ser a pessoa por quem me apaixonei no ensino médio.

Mas eles sempre foram a mesma pessoa.

— Contanto que você seja Damon Torrance, não me importo para o que estiver usando — eu disse.

Ele me beijou, fundindo os lábios aos meus e inclinou minha

cabeça para trás, aninhando-a em seu braço de forma que pudesse aprofundar o beijo e mergulhar a língua dentro da minha boca.

Um redemoinho de excitação espiralou todo o caminho até o meio das minhas coxas, e já estava ofegante à medida que seu calor me fazia desejar muito mais nesse exato instante.

Uma cama. Por uma noite inteira. Só com ele.

— Você gostou? — ele perguntou, contra a minha boca.

— Hã?

Se gostei no beijo? Não era óbvio? Meu corpo parecia um pudim em suas mãos.

— Da fonte? — esclareceu, quando não o respondi.

Ele me virou de frente e me pegou no colo, e pude sentir a corrente de ar frio por baixo da saia, indicando que ele estava me levando para algum lugar, mas não me importei com aquilo.

Apenas me leve para casa.

— Era incrível — falei, enlaçando seu pescoço. — Perfeito para nos sentar e nos esconder.

Exatamente como gostávamos de fazer.

Trocamos um beijo mais intenso e profundo, e agarrei um punhado de seu cabelo à nuca, forçando-nos a diminuir a velocidade toda vez que ele queria acelerar. Pairei acima de sua boca, provocando-o, e mergulhando para mais um beijo, só para me afastar outra vez.

— Winter — rosnou.

Ficamos ali, nariz a nariz, respirando um ao outro, sem querer nos afastar por nenhum segundo, mesmo que fosse para sair daqui e ir para a cama.

Mas ele me colocou de pé no chão, segurou minha mão e liderou o caminho para algum lugar.

— Venha comigo.

Atravessamos pelo mar de pessoas dançando e se divertindo, a música soando e o cheiro de comida grelhada se infiltrando no ar, e me aconcheguei mais perto a ele, agarrando seu braço também.

Eu ainda não sabia como me sentia a respeito de tudo o que aconteceu e o que ainda acontecia no exato momento. Como havia sido seu tempo na prisão? Eu me sentia culpada por qualquer coisa sobre isso?

E Arion? Quais eram suas intenções em relação a nós dois e em relação ao meu pai? Será que estava chateada por Damon tê-lo exposto daquela forma?

Agarrei seu braço, impressionada com a intensidade da minha necessidade por ele, e não dei a mínima para mais nada. *Apenas se esconda comigo. Esconda-nos em algum lugar longe dali.*

Nós nos enfiamos no parque, passando por algumas vozes aqui

e acolá, mas a música e a agitação da festa ficaram para trás, deixando-nos por conta própria à medida que nos distanciávamos.

Ele parou um pouco à frente.

— Degraus — ele disse.

Eu o segui, ainda segurando sua mão e braço, indo atrás dele enquanto subíamos um pequeno lance de cinco escadas de metal.

Demos mais alguns passos e ele parou outra vez, dizendo:

— O Labirinto da Meia-noite.

Sorri com curiosidade, inclinando a cabeça. Eu não me lembrava dessa atração, mas minha pulsação acelerou só em pensar em outro labirinto.

Ele me deixou ir na frente, a estrutura móvel parecendo estável e silenciosa. Nós devíamos ser os únicos aqui.

Estendi as mãos ao lado, como fiz na fonte esta manhã, e toquei diversos painéis de tecido em ambos os lados, ouvindo o farfalhar enquanto seguíamos mais para dentro em busca de um caminho. As paredes acabavam aqui e acolá, indicando que o labirinto se espalhava para diferentes percursos, e estaquei em meus passos, sorrindo ao pensar em como poderia andar silenciosamente quando tive uma ideia.

— Marco[16] — gritei.

Depois de um instante, ele respondeu atrás de mim:

— Polo.

Girei ao redor e ele me agarrou, enfiando as mãos por baixo da minha saia curta. Eu ajeitei o tecido para baixo, e toquei seu rosto.

— Feche os olhos — eu disse, conferindo se realmente havia feito isso. — Fique com eles fechados e tente me encontrar.

— E se eu te encontrar?

Dei um sorriso malicioso diante do tom embriagante de sua voz e recuei alguns passos para me adiantar.

— Você não vai — zombei, imediatamente encontrando uma trilha pelo caminho e virando em seguida à esquerda.

Andei devagar, dando passos cuidadosos e tocando os painéis de plástico, o que supus serem claros, já que pareciam os mesmos usados nas casas de diversão onde estive em festivais quando era mais nova. Era melhor que ele não trapaceasse. Ele podia me ver pelos painéis, enquanto eu não podia vê-lo.

Percorri um caminho, quase na ponta dos pés, e senti que não havia mais a parede, então virei à direita, passando por uma abertura estreita.

Eu não sabia se Damon estava se movendo, mas ouvi sua voz um tempo depois:

— Marco? — gritou, sua voz ecoando de algum lugar à direita.

— Polo — respondi, tentando segurar o riso.

Embrenhei-me por outra passagem e segui por uma linha reta, acidentalmente esbarrando o bico do meu tênis no painel, que fez barulho ao sacudir-se nos trilhos, então congelei, cobrindo a boca com a mão.

Merda.

O piso rangeu sob seus passos pesados, mas como a estrutura era armada em uma plataforma, todo o chão gemeu, dificultando minha tarefa em tentar deduzir de que lado ele viria.

Até que ele disse:

— Marco.

E eu ofeguei, ouvindo sua voz do outro lado do painel, bem à minha frente.

Estremeci ao responder:

— Polo.

Um tapa ressoou nos painéis, e aquilo me assustou, já que agora tinha certeza de que ele sabia onde eu estava. Disparei pelo caminho o mais rápido que pude, sem nem ao menos me importar se estava sendo barulhenta e desajeitada.

— Marcooooo? — cantarolou, batendo nos painéis enquanto passava e zombando de mim enquanto me caçava.

Caramba. Mesmo fingindo-se de cego, ele era como um leão.

— Polo — eu disse, rapidamente, enfiando-me por outra alameda, incapaz de conter minhas risadas.

— Marcoooo — disse, em um tom ameaçador, bem atrás de mim.

Ai, meu Deus. Andei apressadamente, batendo as mãos em todas as paredes e procurando por um caminho alternativo, mas não consegui encontrar nenhum.

Para onde eu deveria ir?

— Marco! — gritou outra vez.

Onde estava? Onde estava? Procurei desesperadamente, tateando os painéis.

Encontrei uma passagem e me enfiei por ali, alívio me inundando quando finalmente respondi:

— Polo.

Mas lá estava ele, arrebatando-me em um abraço apertado. Dei um grito na mesma hora.

— Qual é o meu prêmio? — caçooou no meu ouvido.

Estremeci, dividida entre os risos e a necessidade de respirar.

— O que você quer? — retruquei.

— Uma peça de roupa.

Balancei a cabeça, mas ele me empurrou contra uma das paredes de plástico e se ajoelhou, subindo as mãos pelas minhas coxas para tirar minha calcinha. Ele a arrastou lentamente, o tecido áspero

da saía xadrez agora roçando contra minha pele sensível, e então levantou um pé após o outro, retirando a lingerie.

O vento frio me acariciou, e estar nua e exposta me deixou mais consciente e ansiosa por ele. Comecei a correr, mas ele me pegou e me puxou de volta, erguendo meu joelho e pressionando-o contra a parede ao meu lado, abrindo-me para que sua boca pudesse me devorar, chupar o meu clitóris.

Fogos de artifício explodiram no meu ventre e entre minhas coxas, e abri mais ainda as pernas enquanto ofegava e gemia em êxtase.

— Damon... — gemi e protestei ao mesmo tempo. Ele não podia fazer isso comigo aqui.

Mas, minha nossa, era tão gostoso. Ele me beijou e massageou com sua língua, e recostei a cabeça na parede, incapaz de conter o gemido, sem nem ao menos me importar se alguém poderia me ouvir.

— Marco — arfei, cravando as unhas contra as paredes.

— Polo — ele grunhiu de volta.

Recuei um passo.

— Marco.

— Polo.

— Mar...

Mas ele me agarrou pela gravata e me puxou contra o seu corpo.

Perdi o fôlego quando me choquei contra ele.

Grudou o nariz ao meu, ainda me segurando pela gravata, e perguntou:

— O que ganho agora?

— Você trapaceou — argumentei. — Você abriu os olhos.

De nenhum outro jeito ele poderia ter me encontrado tão rápido.

No entanto, ele ignorou minha tentativa de protesto.

— Quero seu sutiã.

Engraçadinho. Eu teria que tirar a blusa daquele jeito. Espertinho.

Só que eu estava anos-luz à frente dele.

— Não estou usando nenhum.

Ele expirou com força, enrolando um braço ao meu redor e nos guiando para trás, indo mais fundo no labirinto.

Colocando-me para baixo, ele imprensou minhas costas contra uma parede e abriu de uma vez minha blusa branca do uniforme, o ar frio da noite tocando minha pele nua quando os botões voaram para todo lado, atingindo as paredes e o chão.

Ele pressionou o corpo ao meu, erguendo minha perna para esfregar a virilha entre minhas coxas.

— Winter — murmurou.

Eu o beijei novamente, acariciando sua língua com a minha, deixando-o saber, com cada ofego, gemido e movimento dos meus quadris, que o queria naquele exato instante.

Ele deslizou a mão por baixo da minha saia, e mordisquei seu lábio inferior, prendendo-o entre meus dentes, ao mesmo tempo em que enfiava minha mão por dentro de seu jeans.

Peguei seu pau em minha mão, o músculo rijo e quente preenchendo meu punho, e comecei a acariciá-lo, deixando-o mais duro ainda para mim.

— Agora — arfei. — Quero você agora, Damon.

Ele inspirou por entre os dentes entrecerrados.

— Diga isso outra vez. Diga o meu nome.

— Eu quero você agora, Damon.

E então ele perdeu o controle. Segurou meu queixo, afundando sua boca contra a minha com força, um beijo áspero, voraz, enquanto desfivelava o cinto e o jeans, mantendo-me contra a parede.

Eu me reclinei para trás, minha blusa aberta, mas com a gravata pendurada entre meus seios. Eu o senti tirar o pau para fora da calça, encaixando-se em minha abertura enquanto eu me segurava em seus ombros. Em questão de segundos ele me penetrou, enfiando-se profundamente dentro de mim.

Sim.

Ele me ergueu em seus braços, minhas pernas envolveram sua cintura e fui imprensada contra a parede outra vez. Inclinei a cabeça para trás, gemendo à medida que ele estocava os quadris contra os meus, repetidamente. Seu pau deslizava para dentro e para fora, profundo e rápido, os quadris martelando entre minhas pernas e fazendo toda a casa de diversão tremer. Abaixei a cabeça e recostei a testa à dele enquanto ele me fodia, então rebolei os quadris em movimentos sincronizados.

— Assim... — gemi. — Você é tão gostoso.

— Winter — ele disse, em reverência, e era nítido o prazer agonizante em sua voz.

Eu o beijei de novo, morrendo de vontade de sentir sua pele contra a minha. Queria que ele tirasse todas aquelas roupas, mas não podíamos parar.

Ouvimos alguém pigarrear com a garganta, em algum lugar próximo, e escondi meu rosto na curva do pescoço de Damon, morta de vergonha, porém sentindo o desejo se avolumar dentro de mim.

Por favor, não.

Mas Damon não parou. Ele continuou me fodendo, arremetendo os quadris contra os meus, em um ritmo estável.

— Senhor, seu pai está ligando, exigindo conversar com você —

o Sr. Crane disse.

Fechei os olhos com força, querendo que Damon parasse, mas meu orgasmo estava prestes a estourar, e tudo o que eu podia fazer era aguentar firme.

— Fique de olho na porta — resmungou com rispidez. — Não deixe ninguém entrar.

— Sim, senhor.

Seu pai devia estar revoltado para que Crane tenha ousado entrar aqui, testemunhando o que fazíamos. Merda.

Damon segurou um lado do meu rosto com uma mão, meu corpo com a outra, e meus olhos começaram a marejar ao senti-lo me encher tão profundamente. E então senti o clímax se aproximando.

— Damon — gemi, respirando cada vez mais rápido.

— Diga outra vez — ele grunhiu.

— Damon — arfei.

— Quem está te fodendo?

Ah, meu Deus. Eu estava começando a gozar.

— Damon Torrance — exalei.

E então os espasmos se espalharam pelo meu corpo, e contive o fôlego, paralisada, deixando Damon conduzir meu orgasmo explosivo.

Minha cabeça flutuou, adrenalina correndo em minhas veias, e soltei um gemido alto, sentindo-me cada vez mais encharcada enquanto ele seguia com os impulsos.

Meu corpo ficou lânguido, prestes a desabar de exaustão.

Ele me colocou de pé no chão, me fez virar e me empurrou contra uma divisória. Meus seios ficaram esmagados contra um painel de plástico quando ele abriu mais minhas pernas e se enfiou em mim por trás.

Ele cravou os dedos na parte interna da minha perna, mantendo-me aberta, e envolveu minha garganta com a outra mão, inclinando minha cabeça para trás para que pudesse devorar minha boca.

Ele me fodeu, pressionando-me contra a parede.

— Minha — disse, contra os meus lábios. — Nunca me deixe.

A mão em meu pescoço deslizou para baixo, espremendo meus seios e passando pela barriga, então subiu novamente até a garganta, segurando-me com força.

— Nunca me deixe — entooou novamente.

— Não deixarei — sussurrei.

— Diga que me ama.

Engoli em seco, sentindo a boca seca.

— Diga que me ama — exigiu.

— Eu te amo — admiti, surpresa por ter falado com tanta facilidade. — Eu te amo, Damon.

E então seus braços me envolveram, me abraçando com força, e foi isso. Bem aqui. Tudo o que eu queria sentir e que me trouxe mais felicidade do que a dança em si.

Ele ainda era aquele menino, que prometeu me beijar algum dia, e eu ainda era aquela garotinha, nunca querendo sair do pequeno mundinho particular que criamos quando estivemos juntos.

Mais tarde, depois de me abraçar e tocar, e me beijar um pouco mais, é que finalmente saímos do parque, em direção ao estacionamento onde o Sr. Crane havia deixado o carro. Damon me fez vestir seu moletom, já que minha blusa estava rasgada – a blusa de Rika, na verdade –, e segurou minha mão, guiando-me pela multidão, pela música, e por seus amigos, que eram espertos o bastante para saber quando deviam nos deixar em paz quando o viram ignorar seus chamados.

Nós nos aproximamos do carro, e senti as gotas de chuva tocando minha mão quando ele abriu a porta para que eu entrasse no SUV.

— Apenas dirija. — Eu o ouvi dizer a Crane.

Trovões retumbaram no céu, e ouvi os gritos animados vindos do parque, assim que as chuvas mais grossas tocaram o teto do carro.

Ele se sentou no banco traseiro, ao meu lado, e deitei a cabeça em seu colo, com os olhos pesados e sonolentos, o corpo já sentindo os efeitos residuais do que fizemos contra aquela parede.

Enfiei uma mão no bolso da frente de seu moletom e sorri ao tocar o tecido da minha calcinha.

Fiquei feliz por ele não tê-la deixado lá no chão.

O Sr. Crane dirigiu, e levantei a outra mão, esfregando o dorso contra a bochecha e pescoço de Damon, acariciando sua orelha também.

O cascalho sob os pneus estalou, nossos corpos balançando enquanto ele seguia em direção à estrada, até que o asfalto se tornou suave assim que ele alcançou a rodovia tarde da noite.

Eu disse a ele que o amava. Mas ele não disse o mesmo para mim.

Tudo bem. Eu não precisava ouvir ainda. No entanto, ele precisava ouvir. Assim como aconteceu na casa da árvore quando éramos crianças. Desesperado para me manter em segurança e ao seu lado.

Seus amigos me deram a impressão de que ele era possessivo não só comigo. Se ele encontrasse algo bom, ele lutava para manter aquilo para si.

Poderia ser até um pouco assustador. Mas também significava que ele reconhecia minha importância. Ele se esforçava para manter o que achava valioso. Ele seria assim tão devotado a uma esposa? Aos

filhos?

Continuei tocando em seu corpo, apenas saboreando a sensação de sua pele e o sentimento de paz por estar simplesmente aqui, com ele.

— Qual é a tatuagem que você tem? — perguntei baixinho, lembrando-me de quando minha amiga disse que ele possuía uma.

Ele não respondeu por alguns segundos, nem ao menos perguntou como eu sabia da existência da tatuagem, mas respondeu:

— Um floco de neve em decomposição.

Arqueei as sobrancelhas. *Em decomposição...*

— Por quê? — perguntei.

— Por causa de *Winter*, de Walter de la Mare — respondeu, suavemente. — Algo realmente belo, mesmo depois do que fiz a ela.

Ela. Eu. O floco de neve representava o inverno.

Senti um nó na garganta, e meio que sorri e chorei ao mesmo tempo. Como ele conseguia fazer isso? Como ele sempre conseguia partir meu coração, especialmente de maneiras que eu adorava?

— Gostaria tanto que você pudesse ver o mar — ele disse, de repente, mudando de assunto. — As ondas agitadas e o luar sobre o branco das espumas. A chuva caindo das nuvens escuras abaixo de uma lua imensa.

Imaginei o que ele podia ver, e pensei se ele se sentia culpado sobre o que havia acontecido comigo e por todas as coisas que eu nunca mais poderia enxergar.

— Eu posso ouvir — eu disse, em uma voz calma enquanto escutava tudo o que me cercava. — As gotas tocando o teto, mais intensas e mais leves em algumas áreas, exatamente porque algumas árvores estão capturando a maior parte. — Acariciei seu pescoço, encontrando o lóbulo de sua orelha com meus dedos à medida que aguçava meus ouvidos. — Os bueiros pelos quais passamos de tempos em tempos, porque os pneus tocam nos pequenos rios que escoam para o subsolo. — E então eu sorri ao dizer: — E o som ritmado dos limpadores do para-brisa, que parecem entoar a canção *We Will Rock You*, quando os dois da frente se movem para só em seguida o de trás fazer o mesmo, e isso soa muito como “limpa, limpa, LIMPA”. — Repercuti a batida da música conforme o movimento dos limpadores.

Ouvi sua risada silenciosa na mesma hora.

E continuei:

— A forma como sei que ele está dirigindo acima da velocidade, porque não está ventando esta noite, mas a chuva parece torrencial quando atinge os vidros. — Umedeci meus lábios ao senti-lo acariciar meu cabelo, como se estivesse fazendo um cafuné. — Os trovões ressoam muito mais sobre o oceano do que aqui, próximo à floresta — eu disse, analisando os diversos sons em minha mente —, e

estão se aproximando de nós.

Abaixei a mão e enfiei-a dentro do bolso do casaco para me aquecer.

— Com tudo o que está acontecendo do lado de fora — prossegui —, sinto como se estivesse enrolada em um cobertor bem aqui, quente, seco e seguro. E o mundo inteiro lá fora, vivendo, respirando e revoltado faz com que este lugar onde estou se pareça um mundo dentro de outro mundo. Exatamente como na fonte naquele labirinto. — Parei por um instante, meditando: — Como um lar.

Tudo com ele era como um lar.

— Ouço muito mais do que quando podia ver — eu disse, minha voz diminuindo para um sussurro: — Acho que não gostaria de nunca mais ser capaz de ouvir tudo isso.

Eu sentia falta de não ver as coisas ou apreciar o mundo do jeito que muitos faziam, mas... Também conseguia enxergá-lo de maneiras muito diferentes agora. Um tipo de beleza que foi substituído por outro.

Repousei minha cabeça em seu colo e fechei os olhos, embalada por todos os pequenos sons e esperando que amanhã haja muito mais disso que estamos compartilhando entre nós.

— Eu realmente amo você — eu disse, logo antes de adormecer.

Só para que ele soubesse.



Acordei na manhã seguinte na cama de Damon, nua debaixo dos lençóis, lembrando tudo o que havia acontecido na noite anterior. A festa. O labirinto. O trajeto no carro.

Toda a energia extra que ele teve durante a noite inteira quando chegamos em casa.

Um sorriso curvou meus lábios, exausta de um jeito maravilhoso, e nunca me senti mais desperta do que agora.

Estendi a mão, mas não o senti ao meu lado. Tateei os lençóis e o travesseiro e deparei com um pedaço de papel que farfalhou sob minha mão.

Ele não era burro desse jeito para me deixar um bilhete, certo?

Eu o peguei e notei os pequenos pontilhados na folha, então o coloquei sobre minha palma e percorri os dedos pelos pontinhos protuberantes, imediatamente reconhecendo a escrita em Braille.

Deslizando da esquerda para a direita, ao longo das linhas, decifrei a mensagem:

“Fique na cama. Volto para o café da manhã. Depois dele, podemos

comer.”

Bufei uma risada, percebendo que o café da manhã para o qual estava voltando era eu.

“P.S. Seu celular está na mesa de cabeceira.”

Desabei na cama, sentindo meu corpo inteiro formigar. Ele me escreveu um bilhete. Nunca recebi uma cartinha de amor antes, e essa com certeza podia ser considerada uma.

Ele possuía uma impressora em Braille? Legal. Com os audiobooks e o aplicativo de narração, eu raramente lia em Braille, mas se tivesse que fazer isso para receber mais mensagens dele, então eu adoraria.

Que horas eram? Ficamos acordados até tarde, e se ele ainda não tinha voltado, devia ser bem cedo. Será que chegou a dormir?

Meu telefone tocou e eu o peguei na mesinha ao lado, esperando que fosse ele.

— Alô? — atendi e sentei-me, mantendo o lençol ao meu redor.

— Winter? — Ethan disse, ríspido. — O que está acontecendo?

Fiquei imóvel, meu sorriso desvanecendo. Por que ele estava me ligando?

Eu meio que queria conversar com ele a respeito daquelas fotos que ele havia tirado, mas ainda não estava no clima para isso.

— Não posso conversar agora — eu disse. — Ligo mais tarde.

— Por que tem um monte de fotos suas na internet? — ladrou, interrompendo-me. — Fotos suas com ele?

— Do que você está falando?

— Da *Noite Retrô*, no *The Cove*! — gritou. — Há imagens de vocês se beijando! As pessoas estavam tirando fotos! Ele te obrigou a fazer isso?

O quê? Fotos... eu não...

E então me lembrei de que eu e Will estávamos dançando, Damon chegou em mim por trás e nós começamos...

Havia gente para todo lado. Ao nosso redor.

Senti meus ombros cederem.

Winter Ashby enviou Damon Torrance para a cadeia sob acusação de estupro estatutário, e agora está rastejando na cama com ele, já maior de idade, e aqui estão as provas de que ela realmente estava pedindo por isso dessa vez.

— Como pude ser tão idiota? — murmurei.

Na frente de todo mundo.

Mas isso ia acontecer em algum momento, certo? Era uma cidade pequena. Uma hora ou outra, as pessoas saberiam que estávamos juntos, e teríamos que lidar com a reação de todos, tendo em conta o nosso passado.

— Qual é o seu problema? — ele esbravejou como se eu fosse

uma criança. — Você tinha que saber que as pessoas estavam vendo! Você o mandou para a prisão por estupro. As pessoas vão se lembrar disso. E agora você está se pegando com ele? Isso faz você parecer uma...

Uma mentirosa. Sim, eu sabia exatamente o que isso me fazia parecer.

Às vezes eu ansiava pelo tempo onde tudo não podia ser gravado e transmitido para o mundo inteiro ver. *Claro que aquilo parecia ruim.*

E agora, as pessoas que sempre afirmaram sua inocência se tornariam mais corajosas.

— Ele sabia o que estava fazendo — Ethan continuou. — Como você pôde cair nessa? Por que você o deixou te tocar? Você não sabia que era ele de novo?

Eu podia ouvir a descrença em sua voz agora.

De novo.

— Algumas pessoas estiveram dispostas a acreditar em você na primeira vez, mas agora... — ele disse. — Elas nunca acreditarão que ele te fez de boba pela segunda vez. Eu sabia que ele era esperto. Só não imaginava que você era tão burra.

Desliguei o telefone, recusando-me a ouvir mais besteiras. Eu não fiz nada errado. Nós não fizemos nada errado.

Tivemos um início conturbado naquela época, e ambos passamos anos pagando por isso, mas estávamos juntos nessa. Nós queríamos isso.

Eu o amava.

E Damon não planejou a noite passada. Ele não sabia que as pessoas tirariam fotos. Ele não teria feito isso.

Mas enquanto uma parte minha se questionava, outra chegava a duvidar. *Ele não teria feito isso, certo?*

Ele não disse que me amava? Ele me fez admitir. Duas vezes.

Por que ele não me disse de volta?

[16] Marco Polo é um tipo de brincadeira, no estilo do pique-pegas, em que uma pessoa deve encontrar os demais jogadores sem vê-los. Ao gritar “Marco”, todos devem responder “Polo”, para que ele possa se localizar.

Capítulo 25

Damon

Dias atuais...

Passei pela porta dos fundos e Mikhail veio logo atrás. Tomei o resto da água na garrafa e joguei-a no lixo antes de colocar um pouco mais de ração no prato dele, deixando-o mastigar tudo antes de seguir pelo corredor e, em seguida, pelo *foyer*.

Puxei minha camiseta até o nariz e inspirei enquanto subia as escadas. Cheiro de cigarros e serragem. Provavelmente estava impregnado na minha pele também.

Hum, ela teria que aguentar.

Retirei a camiseta pela cabeça e entrei no quarto, jogando a peça no chão.

— Estou sujo e suado — eu disse, tirando os sapatos —, mas você vai ter que se acostumar com isto.

Deixando a luz apagada, apoiei um joelho no final da cama e engatinhei até ela, morrendo de vontade de segurar suas mãos acima da cabeça e beijá-la até que me implorasse para fodê-la.

Mas quando cheguei ao seu lado na cama, estava vazio.

— Winter? — chamei.

Tateei pelo colchão, sem encontrá-la em lugar algum, então decidi acender o abajur.

Ela não estava aqui. Os lençóis ainda estavam remexidos e quentes, no entanto.

— Winter? — gritei mais alto.

Porra, garota...

Desci da cama e fui ao banheiro e *closet*, encontrando-os vazios. Saí do quarto e fui em direção ao dela, abrindo a porta, mas percebendo que ela também não estava aqui. Meu coração começou a martelar no peito, e comecei a morder o canto dos lábios, tentando controlar a porra dos meus nervos.

Talvez ela estivesse no salão de festas.

Fui até o corrimão, prestes a descer as escadas, mas vi Crane atravessando o *foyer*.

— Onde ela está? — exigi saber.

Ele parou e olhou para cima, deparando com o meu olhar, porém, os desviou rapidamente.

— Caralho, onde ela está? — perguntei, ríspido.

— Um carro a buscou — ele disse, parecendo receoso em prosseguir: — Ela disse que estará em St. Kilian e que volta em alguns dias.

— E você a deixou ir?

Ele fechou a boca, evitando o meu olhar. Por que caralho eu contratei segurança extra se ele simplesmente a estava deixando ir e vir daquele jeito?

— Não tive a impressão de que ela era uma prisioneira, senhor — disse.

— Qual é a impressão que você vai ter quando eu tomar sorvete no seu crânio por não ter me avisado que ela estava saindo?

Ele contraiu os lábios.

— Ela estava chateada? — perguntei. *Você sabe me dizer pelo menos isso?*

— Ela parecia estar perturbada — respondeu. — Disse que precisava apenas de um tempo para pensar.

Pensar.

Apertei a ponte do meu nariz. Quando mulheres pensavam, as merdas não aconteciam do jeito que eu queria.

Que porra ela estava fazendo? Fiz o que Rika mandou. Quase. Trabalhei em uma coisa. Trouxe uma equipe de operários, derrubamos aquele chafariz medonho que havia aqui e construí um novo que desenhei e planejei, trabalhando dia e noite por dois dias seguidos, esperando que ela o encontrasse e amasse.

Receber a mensagem de que ela estaria no *The Cove*, noite passada, me deu esperança, mas nada me preparou para o que ela deixou acontecer. A forma como já estava pronta para mim quando apareci e, pela primeira vez, ela me deixou tocá-la, sem a necessidade de um disfarce ou com uma briga.

Aquilo foi incrível pra caralho, e por um momento, foi como se os anos passados entre nossa infância e o agora nunca tivessem acontecido. Nada existia, a não ser nós dois, especialmente toda aquela porcaria no meio.

Foi uma espécie de encontro. Eu não tirei as roupas dela. Ou a maioria delas.

Mas toda vez que o encanto começava a desaparecer, ela permitia que as outras merdas entrassem de novo em sua cabeça, e eu já estava cansado de perdê-la, porra.

Ela podia me amar ou não.

Porém uma coisa estava bem clara: ela não me queria.

— Senhor? — Crane gritou, em alerta.

Olhei para cima, a porta se abriu, e vários homens – alguns que já havia visto antes, outros não – entraram, trajados em seus ternos e luvas de couro.

Fechei os olhos, suspirando.

— Porra — murmurei.

Meu pai passou pelo batente da porta, usando um terno preto e

gravata cinza, seu cabelo escuro e olhos erguendo-se para cima e encontrando-me na mesma hora.

Ele esteve tentando falar comigo desde a noite passada, e nem dei bola. Ele sempre me deu rédea solta, mas, se tivesse que puxar a coleira, era agonia certa.

— O que você quer? — perguntei, descendo as escadas.

— O que te interessa? — retrucou. E então olhou ao redor. — Onde está sua esposa?

Mantive o olhar focado ao dele. A força do meu pai não havia diminuído com a idade. Embora estivesse grisalho, com um pouco mais de rugas e a voz áspera por anos como fumante, ele ainda tinha um apetite muito saudável.

Por tudo.

Especialmente por se assegurar de que ainda mantinha o controle sobre tudo o que lhe pertencia.

Infelizmente, eu nunca seguia de acordo com os planos e nunca seguiria. Eu podia até não ser melhor do que ele, mas não éramos iguais.

Ele esperou mais um momento, mas, quando não o respondi, porque eu já sabia que ele tinha pleno conhecimento de que Ari não estava aqui e que seus netos não estavam sendo fabricados, ele cerrou a mandíbula e ergueu o queixo, gesticulando para mim.

— Peguem-no — ele disse aos seus homens.

O quê?

Eles me levaram à força, agarrando meus braços, cravando os dedos em meus ombros, então me debati, empurrando-os para longe enquanto grunhia:

— Saiam de cima de mim!

Consegui me soltar e empurrei o peito de um deles.

— Filho da puta! — gritei.

Outro agarrou meu pulso novamente. Virei de repente e dei um soco em seu rosto, mas mais capangas do meu pai vieram por trás e, quando olhei para o Sr. Crane, vi que também estava sendo contido, parecendo revoltado e indefeso.

Gabriel pagava pelos seguranças. Ele pagava por tudo. Por mais que minha equipe quisesse fazer alguma coisa, eles não poderiam.

Recebi um chute na parte de trás das minhas pernas e meus joelhos cederam, fazendo-me cair no chão. Três homens me seguraram, mantendo-me de joelhos, sendo que um deles segurava minha nuca com brutalidade.

Meu pai se agachou à minha frente.

— E onde está a adorável putinha que tem virado a sua cabeça? — ele perguntou. — Onde ela está?

Winter.

De repente, fiquei feliz por ela não estar aqui. Michael e Rika não eram páreo para Gabriel, mas ela estava mais segura com eles do que eu aqui.

— Você teria uma vida abençoada — Gabriel disse. — Todo o dinheiro e bocetas que quisesse, e tudo o que você tinha que fazer era, simplesmente, seguir as ordens. — Sua voz estava sinistramente calma. — Nem era assim tão difícil.

Ele se levantou, e os músculos dos meus ombros se contraíram quando alguém puxou meus pulsos às costas.

— Eu devia ter enviado você para *Blackchurch* anos atrás — continuou. — Nós ainda podemos te trancar lá, não é mesmo? Para você ter um tempinho para pensar.

E então ele deu um tapa no meu rosto, a ardência era algo ao qual já estava acostumado. Rangi os dentes para me controlar.

— E eu tenho todo o tempo do mundo — ameaçou.

Não.

Que caralho ele queria dizer com aquilo?

— Talvez você volte em algumas semanas — refletiu. Então disse aos seus homens: — Tragam-no.

Algumas semanas. Mas que porra...?

Eles me fizeram levantar do chão, sem camisa e descalço, e amarraram meus pulsos às costas. Todos começaram a caminhar e eu olhei para Crane, acenando com o queixo, ciente de que ele sabia que aquele gesto se referia a Winter e ao cachorro, e que ele precisava tomar conta de tudo.

Mas, quando todos saíram, e o cara atrás de mim me segurou com mais força, meu pescoço foi envolvido pelo seu braço e ele sussurrou no meu ouvido:

— Olho por olho, filho da puta — ele disse.

E então uma pontada afiada me atingiu por entre as costelas, afundando em minha carne enquanto uma faca pequena cortava minha pele.

Grunhi, sentindo o sangue começar a jorrar na mesma hora e olhei por cima do meu ombro, para ver quem era o babaca que havia feito isso.

Miles Anderson.

O cara que assediou Winter em seu carro quando ela tinha dezesseis anos. O cara que também atacou Rika na mesma Noite do Diabo que eu a persegui.

Porra. Ele trabalhava para o meu pai agora?

— Algumas semanas — ele lamentou —, tempo suficiente para que a encontremos e brinquemos com ela.

Eu me contorci, grunhindo diante da dor que dilacerava a minha pele.

— Tem sido divertido sacanear com ela nessas últimas semanas — ele disse. — Enquanto esperamos Gabriel nos dar permissão para seguir em frente.

— Filho da puta — murmurei, fervilhando.

Então foi ele quem a acariciou no banheiro do teatro. Ele e seus companheiros que se esgueiraram dentro de casa naquela manhã.

Nós devíamos ter arrancado mais do que simplesmente um dente da sua boca, anos atrás. Filho da puta.

Mas antes que eu tivesse a chance de revidar, ele passou por mim e acertou uma joelhada no meu estômago, fazendo-me curvar o corpo e tossir em busca de fôlego. Ele enfiou alguma coisa na minha boca, me forçou a sair pela porta e me jogou na traseira de um dos SUVs, enquanto eu tentava me libertar de seu agarre. Porém, uma dor excruciante atravessou meu corpo com cada maldito movimento que eu fazia.

Ironicamente, aquela não era primeira vez que recebia uma facada do mesmo lado. Esta foi mais profunda, no entanto.

Desabei no piso, tossindo, e olhei ao redor em busca do meu pai, mas ele devia estar em outro carro.

Assim que o SUV disparou pela estrada, rezei para que Michael e Rika conseguissem escapar.

Mantenham-na a salvo. Não a deixem sozinha.



Cambaleei pelo meu antigo quarto, abrindo as cortinas e espiando do lado de fora. Tentei abrir as janelas, mas elas estavam trancadas.

Babaca do caralho. O que eles achavam que eu tinha? Dez anos?

A entrada de carros na frente da casa do meu pai brilhava com as lanternas portáteis e os faróis esporádicos de veículos que entravam e saíam, à medida que homens perambulavam de lá para cá em seus ternos pretos. Alguns deles andavam com lanternas atrás da margem das árvores, mas cada um deles, com certeza, devia estar munido de um radiotransmissor.

Mesmo que eu conseguisse arrebentar a janela, não iria muito longe. Tinha certeza de que Anderson adoraria outra oportunidade de aplicar um golpe baixo.

Afastei a toalha do ferimento que o filho da puta me deu, vendo-a encharcada de sangue outra vez. Esta já era a terceira. E eu ainda estava sangrando.

Expirei com força, sentindo meu corpo inteiro arrepiar quando

uma onda de calor se espalhou pela minha pele. Saí de perto da janela e chutei um baú no meio do caminho.

— Caralho — grunhi, jogando a toalha no chão enquanto pegava uma camiseta do armário.

Eu precisava dar o fora daqui. E rápido, antes que ficasse sem forças para sair. Eles não me deram comida durante o dia inteiro, e ninguém veio conferir como eu estava. Sabia que havia seguranças do lado de fora do quarto, já que fui impedido assim que tentei fugir mais cedo.

Eu devia ter dito que estava sangrando. Meu pai arranjaría um médico.

Contanto que eu entrasse na linha, trouxesse Arion de volta para casa, brincasse de marido e trabalhasse com ele.

Balancei a cabeça. *Ele que se foda.*

Eu ia queimar essa casa de cima a baixo e com ele dentro. Se ele tivesse essa sorte.

Precisava sair daqui antes que alguém encontrasse Winter. Eu era o único capaz de mantê-la em segurança.

Pisquei para afastar os pontos pretos que embaçavam a minha visão e fui até o banheiro, socando o espelho acima da pia. Estilhaços de vidro se espalharam pelo balcão, e peguei uma toalhinha de banho, enrolando um dos cacos enquanto seguia em direção à porta.

Tropecei, no entanto, sentindo o quarto girar à minha frente.

— Mas que porra...? — resmunguei entredentes, impaciente.

O fermento era suportável, mas suor cobria minha testa enquanto a náusea revirava meu estômago. Pisquei com mais força, devagar, mas, toda vez que abria os olhos, o quarto se tornava mais escuro, como se eu estivesse afundando em um túnel, e a luz estivesse se distanciando cada vez mais. Sangue escorreu lentamente por baixo da minha camiseta preta e por dentro da calça.

Porra, isso não era um bom sinal. Eu precisava de comida. Ou de água. E a dor era irritante pra caralho.

Esfreguei os olhos, mas, ao invés de tentar seguir em direção à porta, deitei-me na cama, recostando a cabeça no travesseiro.

O cobertor frio parecia o paraíso, e acabei levantando uma perna, tentando acalmar o ritmo da minha respiração.

Só um minuto. Só preciso descansar um minutinho, porra.

Não tinha certeza se acabei adormecendo ou por quanto tempo dormi, mas abri os olhos de supetão, o quarto completamente escuro e com um corpo em cima de mim.

— Sshhhh... — a sombra disse, sua mão cobrindo minha boca.

O quê? Quem era?

Estendi a mão e agarrei-a, reconhecendo na mesma hora a textura de seu cabelo.

Ai, meu Deus. Isso só pode ser brincadeira.

— Winter? — disparei. — Mas que porra?

— Ssshhh — ralhou, pressionando a mão contra a minha boca com mais força. — Fique bem quietinho. Eles estão do lado de fora da porta.

Ela estava me salvando?

— Como você entrou aqui? — perguntei.

Ela montou no meu colo, o joelho roçando o ferimento, mas não dei a mínima. Eu a segurei entre meus braços e beijei seus lábios, sua testa, sua bochecha...

Mas então a sacudi por um segundo.

— Ei, você me deixou — eu disse, ríspido.

— Mas voltei — ela respondeu, deslizando as mãos no meu corpo. — Me desculpa. Michael estava me trazendo de volta, quando vimos que você havia sido levado à força.

Ela saiu de cima de mim e tentou me ajudar a levantar.

— Você está... — Ela parou, sentindo algo em minhas roupas. — Isto está molhado. Você está sangrando?

— Como você entrou aqui? — exige saber, ignorando sua pergunta e rangendo os dentes diante da dor assim que me levantei da cama.

— Quando vimos o que aconteceu, reunimos todo mundo. Banks disse que havia um espaço por entre as paredes, por onde se podia rastejar, da adega ao sótão. — Ela segurou meu braço. — Ela está lá embaixo com o Michael e o Kai, distraindo seu pai.

— O sótão é do outro lado do telhado. — Fiz com que entrássemos no banheiro, agora já sabendo como ela entrou aqui. — Você escalou o telhado?

Putá merda. E eu preocupado em encontrá-la antes que o meu pai o fizesse.

Ela podia ter morrido. Como eles podiam ter sido tão estúpidos a ponto de trazê-la?

— Rika está do lado de fora da janela — ela disse, apressada. — Você pode calar a boca agora?

Tudo bem. Ela já estava aqui mesmo. O estrago já estava feito. Eu lidaria com eles mais tarde.

Entrei no banheiro e dei uma olhada de relance na porta do meu quarto, só para garantir que ainda estava fechada e que ninguém entraria ali.

Pisei no assento do vaso sanitário, vendo a pequena janela já toda aberta, e Rika agachada no telhado, à nossa espera.

Onde estava o Will? Por que as garotas estavam fazendo isso?

Eu até podia entender que Kai não quisesse deixar Banks sozinha com o meu pai, mas onde diabos estavam Michael e Will?

Desci do vaso e levantei Winter, o corte na lateral do meu corpo ardendo pra caralho, mas ajudei-a a passar pela janela, vendo Rika segurar seus braços para puxá-la para cima.

Respirei devagar, em intervalos curtos, tentando conter a náusea que subia pela garganta outra vez. Eu ia precisar de pontos. Puta que pariu. Não tinha tempo pra isso.

Subi no vaso novamente, apoiei um pé na parede para alavancar meu corpo e subi pela janela, cravando os cotovelos no parapeito para conseguir arrastar-me pela abertura com a força dos meus braços.

— Você está bem? — Rika perguntou.

— Só vamos embora.

Respirei com dificuldade, ouvindo-a sussurrar instruções para Winter antes que ambas encontrassem a cumeeira e comesçassem a rastejar para a janela do sótão.

Minha perna estava molhada por causa do sangramento, mas a brisa noturna resfriou minha pele, acalmando-me e fazendo-me despertar.

Eles deviam estar com algum carro ali por perto. Só mais cinco minutos, aí eu poderia descansar.

Eu as segui pelo telhado, sempre abaixado, e desci pela janela circular do sótão, caindo no chão quase em seguida.

Winter correu até mim, tocando meu rosto.

O quarto estava na penumbra, iluminado apenas pela luz da lua, e quando levantei a cabeça, não vi somente Rika, mas também Alex ali parada. As três mulheres me encarando de cima.

— Vocês estão me zoando, porra? — resmunguei, segurando o ferimento na lateral do corpo e tentando me manter de pé.

— É assim que agradece as três mulheres que acabaram de salvar você? — Rika rebateu, em um tom divertido.

Então Alex ergueu o queixo para mim e debochou:

— Quem é o seu papai?

Winter riu baixinho, e eu simplesmente rosnei quando me levantei.

— Só me tirem daqui — comentei. — E não contem nada disso a ninguém, pelo amor de Deus.

As garotas riram e lideraram o caminho por entre o painel na parede, onde Banks e eu costumávamos descer pelas vigas de madeira, contornando, secretamente, a casa inteira, tanto para nos divertir quanto para pregar peças.

Rika e Alex foram na frente, seguidas por Winter e por mim. Descemos o trajeto por entre as paredes, ouvindo as vozes distantes do outro lado à medida que descíamos andar por andar, e só então entendi porque as meninas foram enviadas para a tarefa. Este espaço

era muito mais apertado agora, enquanto adulto. Nós andamos devagar e o mais silenciosamente possível, já que as pessoas que não queríamos que nos encontrassem, estavam a apenas uma fina camada de madeira e papéis de parede de distância.

Quando chegamos ao térreo, passei pelo buraco por entre as pedras que compunham as paredes da adega e invoquei cada grama de força muscular e determinação que ainda possuía para tirar Winter daqui, de forma que pudéssemos seguir em frente e alcançar o carro.

Ouvi um celular vibrando, e o rosto de Rika se iluminou enquanto lia a mensagem.

— Okay, agora — ela disse, olhando para nós.

O quê?

Não tive tempo para perguntar nada, porém, porque ela correu pelas escadas e empurrou as portas da adega, sendo seguida, rapidamente, por Alex, Winter e eu.

Ela pulou para dentro do banco do passageiro da SUV preta estacionada à nossa frente, enquanto Alex abria a porta traseira e entrava com pressa; Winter e eu fazendo o mesmo.

Alex se sentou, enquanto eu e Winter caímos no banco traseiro.

Eu não tinha tempo para conferir quem estava dirigindo, mas desabei contra o corpo de Winter, que me envolveu com seus braços.

— Vai, vai, vai! — Ouvi Rika dizer a alguém. — Vou mandar uma mensagem para Banks e dizer que já saímos de lá.

Quem estava dirigindo deu ré, ao invés de disparar para frente em direção aos portões, e eu me segurei na lateral do carro enquanto nos sacudíamos de um lado ao outro pelo terreno irregular, desviando à direita, provavelmente para evitar as árvores. Nós estávamos fugindo pelos fundos da propriedade.

Senti a respiração acelerada de Winter às minhas costas, mas ela continuou me segurando com força, como se não fosse permitir que ninguém mais me machucasse.

Fechei os olhos, ouvindo o carro percorrer o terreno, tentando escutar o que ela ouvia para descobrir que, enfim, estávamos a salvo.

O carro chacoalhava pelo chão esburacado, folhas farfalhavam por baixo dos pneus, mas não ouvi mais nenhum som de outro veículo nos perseguindo, nem mesmo gritos ou sirenes de alarme. Até agora, tínhamos saído sem ser detectados.

E Winter nunca deveria ter vindo, de qualquer forma. Era uma loucura pensar que conseguiríamos sair vivos dessa.

Por que ela veio?

Ela estava me deixando pau da vida. Gritou comigo num minuto, partiu pra cima de mim no outro, fugiu essa manhã, e agora estava aqui. Ela ia decidir se precisaria de mais espaço e tempo amanhã?

Entramos em uma pista asfaltada, balançamos de um lado ao outro, e seguimos em frente, e só aí comecei a respirar com mais tranquilidade à medida que o motor ronronava e o carro se aquietava.

— Você me deixou — eu disse, seu queixo apoiado no meu ombro enquanto ela me segurava por trás. — Todo mundo sempre faz isso.

— Eu precisava pensar.

— Pensar... — repeti suas palavras, balançando a cabeça. — Foda-se, querida. Foi perfeito ontem à noite. Não havia nenhum problema.

Estendi a mão para trás, acariciando seu cabelo.

— Você vai fazer isso de novo — comentei, abaixando a mão. — Você deveria ter me deixado lá. Por que não fez isso?

Ela estava em silêncio, esfregando a bochecha contra a minha enquanto procurava pelo que dizer.

— Porque estava com medo de imaginar a vida sem você.

Fiquei calado, compreendendo na mesma hora o que ela queria dizer. Pensando bem, eu sempre senti o mesmo. Juntos ou não, eu a queria, e sempre a desejaria.

— Não podemos nos esconder para sempre, Damon — ela disse. — Não em nossos labirintos, nossas fontes, ou casas da árvore... Vivemos em um mundo com pessoas ao redor, e quero apenas respeitar a mim mesma. Eu só... só precisava pensar.

— Você quer que *eles* te respeitem — retruquei.

Isso se referia ao que as pessoas diriam sobre nós. Ela achou que eles não confiariam mais nela, agora que estava apaixonada pelo mesmo cara que enviou para a prisão.

— As pessoas acham que por eu ser cega, sou burra — ela disse. — Eles me tratam como criança. Quero provar que sou capaz. Que sou alguém.

— Você deveria ter sido mais forte — argumentei, meus dedos congelando, de repente. — Se tem alguém que sabe o quão cruel esse mundo pode ser, somos nós. Mas tudo o que eu precisava era de você, e tudo o que você deveria precisar era de mim, e foda-se o resto. Nós teríamos dado um jeito. Teríamos vencido.

— Eu voltei — ela disse, outra vez. — Mal me afastei por quinze minutos. Voltei quase que na mesma hora. — Beijou minha testa. — E nós vamos vencer.

Claro. Talvez.

— Tudo bem, lá estão Banks e os caras. — Ouvi Rika dizer e notei as luzes dos faróis pelo para-brisa traseiro. — Temos cerca de mais três segundos antes que Gabriel descubra.

Minhas pálpebras ficaram pesadas outra vez, e meu coração martelou em meus ouvidos. Eu não me sentia nada bem.

Engoli em seco.

— Às vezes me pergunto no que eu teria me tornado se tivesse crescido na casa de Michael. Ou na de Kai.

Ela riu um pouco.

— Você não teria sido como eles.

— Provavelmente não — concordei. — As pessoas são uma mistura de influências externas e internas, nem todas as variáveis controladas. Às vezes, só às vezes, somos quem somos. Mesmo no mar, uma serpente é uma serpente.

— E um leão é um leão — ela acrescentou com um sorriso em sua voz.

Sangue do ferimento escorria na minha pele por baixo da camiseta.

— Eu deveria ter te levado à St. Killian — eu disse a ela. — Tem um quarto lá embaixo, nas catacumbas...

Parei por um instante para me assegurar de que ela estivesse ouvindo.

— Você vira à esquerda no patamar da escada e continua seguindo em frente — instruí, sabendo que ela estava mapeando as informações em sua cabeça. — Quando sentir a corrente de ar à esquerda, vai chegar a um corredor, e então vire à direita. Arraste a mão pela parede à direita até sentir que chegou à quarta porta, e então entre. A água do degelo das colinas acima da igreja escoia pelas paredes e forma uma pequena cascata. — Meus braços começaram a baixar, incapazes de segurá-la por mais tempo. — Você vai sentir o cheiro das rochas, e então vai perceber que uma pequena piscina se forma antes de drenar a água para o poço. Na piscina, tem algo que é seu. Uma coisa que guardei e que você esqueceu há muito tempo.

Ela esperou por um momento, provavelmente pensando.

— Não perdi nada — ela disse. — Não há nada do qual eu tenha me esquecido, Damon.

Fechei os olhos.

— Há tanta coisa que você está se esquecendo, querida.

Ela moveu a mão e perdeu o fôlego por um segundo.

— O que é isso? — arfou, medo dominando sua voz. — Damon, o que aconteceu? Você está machucado?

Ela levantou minha camiseta, tocando meu ferimento. Grunhi em agonia. Meu Deus, aquilo queimava como o inferno.

Ela começou a ofegar.

— Will, vá para o hospital agora! Ele foi ferido!

— O quê? — ele gritou.

Era ele quem devia estar no volante.

— Acione a lanterna do seu celular — Rika disse a alguém. — Olhem aí.

Mantive os olhos fechados, mas estremei quando uma luz brilhante me iluminou.

— Ai, meu Deus! — Alex praguejou. — Está encharcado. Damon, há quanto tempo você está sangrando?

Apenas grunhi, ouvindo suas vozes se distanciarem.

— Will, acelera — Rika esbravejou. — Rápido, rápido!

— Maldito Miles Anderson — rosnei baixinho. — Nós temos que matar aquele filho da puta.

Isto iria, realmente, arruinar o meu dia.

— Por que você não me disse? — Winter disse no meu ouvido, chorando.

— Está tudo bem. — Relaxei contra seus braços que ainda me envolviam. — Eu posso morrer feliz bem aqui.

— Você não vai morrer — Winter argumentou. — Você ainda não disse que me ama.

Ah, isso.

— Algum dia — zombei.

— Damon, acorda. — Ela me sacudiu. — Vamos lá, nós vamos continuar juntos, não é? A gente se ama. Nós vamos ficar juntos.

Suas vozes desvaneceram como se eu estivesse ouvindo, mas não estivesse realmente ali, e, pela primeira vez na vida, senti meu corpo relaxar de verdade. Completamente relaxado.

— Ele vai ficar bem, não é? — Ouvi Winter gritar. — Por favor, Will, rápido! Por favor, chegue logo lá.

— Estou ligando para o pronto-socorro para avisá-los que estamos quase chegando — Rika disse.

O corpo de Winter sacudia por baixo do meu, mas porra... eu nunca mais queria sair desse lugar. Soltei meu corpo – caindo, caindo, caindo –, absorvendo tudo aquilo enquanto podia, porque quem poderia saber quanto tempo duraria. Se eu não morresse por causa do vergonhoso ferimento feito com aquela maldita faca de Anderson, ela acabaria fugindo de mim de novo para ter um pouco de espaço, sem sombra de dúvidas.

Eu precisava pensar, ela disse.

Meu pau esteve dentro de você quatro vezes na noite passada. Agora você precisava pensar? Sério?

Capítulo 26

Winter

Dias atuais...

Fiquei ali imóvel, os alto-falantes no posto de enfermagem chamando a todo momento, sapatos deslizando pelo piso de linóleo e o canal de TV ligado em algum noticiário, enquanto eu me mantinha recostada à parede, esfregando uma mão à outra e sentindo o sangue dele, agora seco, deixando minha pele áspera.

Há tanta coisa que você está esquecendo.

O que eu estava esquecendo?

O que ele queria que eu pegasse de volta?

Ele disse aquilo como se estivesse deixando algo para mim.

Como se não fosse mais voltar para buscar.

Minha garganta doeu como se milhões de agulhas estivessem enfiadas ali, mas engoli o desconforto do mesmo jeito.

Ele simplesmente ia sangrar até morrer? Só por que não podia engolir o orgulho e pedir ajuda?

Não dava pra acreditar. Ele era louco.

E – lá no fundo da minha mente, onde finalmente podia admitir para mim mesma – ele estava me deixando. Ele simplesmente ia me deixar ir embora.

Contraí a mandíbula, recusando-me a derramar mais uma maldita lágrima por ele.

Banks e Rika perambulavam por ali, oferecendo café ou tentando encontrar alguma coisa da equipe de enfermagem, para que eu pudesse trocar a minha roupa ensanguentada, mas eu estava plantada no mesmo lugar, esperando por um médico ou uma enfermeira que pudessem nos dizer como ele estava.

Kai e Will também apareceram, e até pensei em ligar para minha irmã, para avisá-la que ele estava no hospital, mas aquele pensamento fugaz sumiu tão rápido quanto veio. Ele não ia querer que ela estivesse aqui, e tudo com o que ela se preocuparia era se o acordo ainda ficaria de pé se ele morresse.

Ouvi portas abrindo e fechando, e senti as pessoas ao meu redor, de repente.

— Bem, ele perdeu muito sangue — uma mulher nos disse. — Nesse momento, o médico está suturando o ferimento, mas o Sr. Torrance precisa de uma transfusão. Conferimos em nosso estoque pelo tipo B-, mas este é um dos tipos mais raros, e ele só pode receber doações de pessoas B- ou O-.

Eu era O +, então não poderia doar.

— Solicitamos mais bolsas de sangue do hospital em Meridian — informou. — Com fé em Deus, chegará a tempo.

— Banks? — Will falou. — Você é O-, não é? Todos nós fizemos aquela doação no último verão. Ele pode receber o seu sangue.

Ai, meu Deus. Comecei a respirar mais aliviada, mas ela não disse nada por um momento, então a preocupação me dominou outra vez.

— Hum... s-sim... — ela finalmente disse, gaguejando —, mas e-eu, hum... a-acho que não posso doar o s-sangue.

— Por quê? — Will exigiu saber.

Ela riu, nervosa.

— E-eu, hum... estou grávida.

Todo mundo ficou em silêncio, mas não contive o sorriso diante da ironia.

Tio Damon. Aquilo seria divertido.

— Eu estava tentando descobrir um jeito de te contar — ela deve ter dito ao marido. — Queria fazer alguma coisa especial. Sinto muito por você saber assim...

— É, me desculpa também... — Will emendou, pigarreando ao perceber que o súbito anúncio fora feito por sua culpa.

Alguém se moveu por perto, ouvi um som de beijos, e algumas palavras sussurradas e que não pude identificar.

— Okay, bem... — a enfermeira interrompeu outra vez. — Vamos conseguir o sangue necessário. Não se preocupem.

— Eu sou B- — alguém disse, e logo em seguida percebi que havia sido Rika.

Seu tom soava exatamente como o meu quando eu concordava com alguma coisa, mas sem estar cem por cento segura de que queria fazer aquilo.

— Ah, isso é ótimo — a enfermeira disse. — Então venha comigo.

— Obrigada, Rika — Banks gritou quando as duas saíram.

Respirei fundo, relaxando um pouco, mas ainda sem me mover do meu lugar.

— Sinto muito. — Ouvi Banks dizer.

— Por que você está se desculpendo? — Kai perguntou, com um sorriso em sua voz. — Esta foi a melhor surpresa que você poderia me dar. Meus pais vão ficar extasiados.

— Eu não queria que você tivesse ficado sabendo desse jeito — ela explicou.

— Bom, você está bem com isso? Está pronta?

— Acho que nunca estarei — ela respondeu. — Nem sabia se queria ter filhos, mas desde que descobri na segunda... eu só...

Ela riu, então ouvi um pulo e um gritinho quase inaudível.

— Agora entendi porque você estava toda sorridente — Kai comentou. — E eu achando que era por minha causa.

— Bom, tecnicamente é...

Ele bufou uma risada.

— Nós temos um monte de coisas para planejar.

— Vamos nos sentar — ela sussurrou.

Esfreguei os olhos, esquecendo que minhas mãos estavam sujas de sangue. Merda. Eu precisava ir me lavar.

Comecei a sair do lugar, mas então ouvi a voz de Kai.

— O que você está fazendo? — ele perguntou e eu parei, achando que estava falando comigo.

Mas então Will respondeu:

— Ela disse que o tipo B- é um sangue raro. É, na verdade, o segundo tipo sanguíneo mais raro no país, de acordo com este site. Somente dois por cento da população têm.

Ele devia estar conferindo as estatísticas em seu celular.

— E daí? — Kai insistiu.

— E daí que não é um pouco conveniente que Damon e Rika compartilhem o mesmo tipo sanguíneo raríssimo?

Arregalei os olhos.

Caramba.

No entanto, percorri o corredor arrastando a mão pela parede, lendo as sinalizações em Braille, até encontrar o banheiro que Banks disse estar algumas portas à frente.

Sempre acontecia uma coisa atrás da outra com esse grupo e, por agora, eu ficaria feliz em me livrar de mais drama do que o que já precisava lidar por conta própria.

Eles que se entendessem com aquele.

Capítulo 27

Damon

Dias atuais...

— Winter? — murmurei, sentindo sua presença e perfume por todo o lugar enquanto tateava no escuro.

Não dava para ver nada, e eu não conseguia abrir os olhos enquanto me mexia na cama.

Jesus... tudo parecia pesar uma tonelada.

— Sshhhh... — uma voz disse. — Você vai ficar bem. Apenas feche os olhos e descanse. Você está em segurança.

Mãos tocaram meu rosto e minha testa, como se estivessem testando a temperatura, e a pele cálida contra a minha parecia um sonho. Era a mesma sensação que tive com Winter, no chuveiro, pela primeira vez. Pacífica.

— Suas mãos são quentes — eu disse, tão fraco que mal consegui engolir enquanto colocava a minha própria mão sobre a dela, segurando-a contra o meu rosto. — Estou tonto. Não se mova, tá bom? Só fique aí — suspirei. — Fique aí.

Um beijo tocou minha testa.

— Eu sempre estive aqui — ela sussurrou.

Quando acordei novamente, precisei de vários minutos até conseguir abrir os olhos, a sonolência levando uma eternidade para passar.

Aquilo foi um sonho? Onde estava Winter?

Apoiei-me um pouco para tentar me levantar da cama, usando cada grama de força que possuía, mesmo quando senti a dor aguda no meu torso.

Ai, caralho. Tossi, tocando as ataduras na lateral e notando a camisola hospitalar enrolada na minha cintura. Um acesso venoso estava fixo ao dorso da minha mão, e mais dois eletrodos cardíacos estavam presos ao meu peito.

Meu pescoço doía, minha cabeça estava explodindo, e eu estava zozinho pra caralho. Que porra foi aquela que me deram?

Vi alguém se movendo pelo canto do meu olho e levantei a cabeça, notando que todo mundo estava no quarto, ou acordados ou desmaiados nas cadeiras.

Will se levantou de sua poltrona e veio até mim, enquanto Kai dormia com Banks aninhada em cima dele, e Michael e Rika estavam sentados no sofá.

— Quanto tempo fiquei apagado? — perguntei, procurando por um relógio.

Ele me serviu um pouco d'água, e eu tomei tudo de um gole só, entregando o copo para pedir mais.

— Algumas horas — ele disse. — Você nunca dorme tanto desse jeito.

— Quero ir embora.

Os outros começaram a se mexer e Banks esfregou os olhos, sentando-se, enquanto Rika se alongava no sofá.

— É, isso não vai rolar. — Will me deu mais água. — Você precisa de repouso.

— Porra nenhuma. — Ignorei o copo estendido e tentei retirar o lençol que me cobria.

Mas Michael parou do meu outro lado; ele e Will me empurrando para me deitar de novo.

— Fique deitado ou te obrigaremos a isso — Michael ameaçou.

— Ah, está preocupado?

— Se você estiver de cama, não vai causar confusão — salientou. — Isso é bem legal.

Não importa. Eu não ia ficar aqui, porra. Eu preferia arrancar meus olhos do que ficar deitado aqui, *repousando*.

Eu preferia beber um galão inteiro de leite quente do que ficar na cama, sem fazer nada.

Preferia uma queimadura de terceiro grau no meu pau.

Ou desenvolver uma alergia a amendoim.

— Onde está a Winter? — exigi saber, pegando o copo d'água e bebendo tudo de uma vez.

Ambos permaneceram em silêncio, mas se entreolharam.

O quê? Meu coração começou a martelar.

Will pigarreou.

— Tudo bem, não quero que você surte — ele começou. — Nós vamos cuidar disso. Mas você precisa ficar calmo, beleza?

Ficar calmo? Ela estava no maldito carro no caminho para o hospital. O que aconteceu?

— O quê? — esbravejei, notando Kai acordando assustado à minha esquerda.

Rika e Banks se aproximaram da cama também.

— Ela está... hummm... — Will fez uma pausa, tentando encontrar as palavras.

Mas que porra?

E então ele sorriu, puxou uma cortina para o lado e que escondia outra cama no quarto.

Olhei por cima e vi Winter enrolada em cima da cama ainda arrumada, usando jeans e tênis, mas vestida com o moletom de Will, pelo que parecia.

— Quer que eu a acorde? — ele perguntou.

Balancei a cabeça, vendo a boca dela murmurar alguma coisa.

— Não, deixe-a descansar.

Suspirei, enquanto todos me rodeavam, e desejei que sumissem dali. Isso era patético, e eu queria ir embora. Por que ainda estavam aqui? Banks eu até podia entender, mas o resto?

Estendi a mão e arranquei a atadura cirúrgica e a gaze que cobriam o lado direito do meu abdômen, tentando descobrir quão ruim o ferimento era.

Espiei por baixo da bandagem e avistei uma pequena incisão.

— Três pontos? — eu disse, em voz alta.

Três?

— Não se preocupe, tem muito mais aí pelo lado de dentro — Banks informou. — Dez pontos, para ser mais precisa. Bem viril.

Recostei a cabeça de volta nos travesseiros, contraindo os músculos da barriga para averiguar o nível da dor.

— O ferimento não foi tão grave — Will disse, cruzando os braços à frente. — Ignorá-lo, sim. Você perdeu sangue pra cacete.

— Ainda bem que a Rika tinha o mesmo tipo sanguíneo — Michael alegou.

— É, ainda bem — Kai murmurou.

Quase comecei a rir. Rika doou sangue para mim? Sério?

Olhei para ela, avistando o curativo em seu braço, onde eles devem ter coletado o sangue.

Interessante.

— Você vai dizer “obrigado”? — Michael instigou.

— Algum dia.

Rika riu com sarcasmo.

— Maravilha, agora que você está bem, preciso fechar o *dojo*.

— Eu vou junto. — Kai passou por Banks. — Chegou um inventário lá que preciso dar uma olhada.

— Te vejo em casa — Rika disse a Michael e ficou na ponta dos pés para beijá-lo.

— Também estou saindo — ele comentou.

Kai beijou sua esposa e ele, Michael e Rika começaram a sair do quarto, até que Rika parou e olhou para mim.

— Eu gostaria de dizer que estou feliz por você estar bem — ela disse —, mas ainda estou decidindo.

Dei um sorriso irônico e ela balançou a cabeça, provavelmente mais para si mesma do que para mim.

Eles foram embora, mas Will e Banks continuaram ali; minha irmã agora estendendo uma garrafa d'água para mim.

— Vou arranjar uma comida de verdade para você e pegar algumas roupas — ela disse, sorrindo. — Presumo que não vai ficar por aqui muito tempo.

Com toda a certeza.

— Valeu — agradecei.

Ela se inclinou e fez algo que nunca havia feito antes... Deu um beijo na minha bochecha. Mas, antes que ela pudesse se levantar outra vez, agarrei seu braço e nivelei meu olhar com o dela.

— Eu, hum...

Parei de falar, querendo dizer alguma coisa, mas sem saber o que era.

Antes de ter meus amigos e antes de Winter, Banks se tornou o meu porto seguro. Ela podia me entender, cuidar de mim, e estar lá, sem perguntas ou qualquer expectativa. Ela foi a melhor coisa na minha vida por muitos anos. Eu estava cansado de perturbá-la com todas as minhas tretas.

Eu queria dizer a ela que...

Eu não sabia.

As palavras tinham um gosto de areia na minha língua, mas eu sabia que elas saíam como algo dissimulado ou antinatural, porque eu nunca disse merda desse tipo, mas...

Finalmente encontrei seu olhar e dei de ombros.

— Você sabe.

Um sorriso sutil atravessou seu rosto lindo e seus olhos começaram a brilhar.

— Sim, eu também te amo — ela disse.

Will fungou ao meu lado, fingindo estar emocionado e gesticulei com meu queixo para ele.

— Deem o fora, os dois — ralhei. — Se mandem daqui.

Ele riu enquanto Banks dava a volta na minha cama e seguia em direção à porta.

— Nós vamos voltar com comida — Will disse, saindo logo atrás dela.



Não era minha intenção cair no sono outra vez, mas, num minuto estava olhando para Winter, ciente da razão de ela ter escolhido se deitar tão longe de mim, ao invés de se aninhar ao meu lado na cama – mesmo aliviado por ela ter decidido ficar –, e no outro...

Que bagunça do caralho. Toda vez que alguma coisa boa acontecia...

Eu precisava levá-la ao Maine. Isolados no meio da floresta, longe de todos, sem Wi-Fi. Talvez, assim, tivéssemos algum tempo.

A cortina foi fechada entre nós, provavelmente por uma

enfermeira que não queria acordar Winter, ou me dar privacidade, e eu me sentei na cama, notando uma sacola de papelão em cima da bandeja, além de algumas roupas sobre a cadeira.

Será que Banks e Will já haviam voltado e saído de novo?

Peguei a sacola e a abri. Espiei o que havia dentro e inspirei o cheiro da *piroshki*[17] que Marina fazia e gemi, sentindo o estômago roncar. Enfie um dos bolinhos na boca e o comi antes de afastar os lençóis e colocar as pernas ao lado da cama.

— Winter — chamei, sem nem me importar em sussurrar.

Ela não respondeu e não vi movimento algum por trás da cortina.

Meu corpo estava doendo pra cacete, mas fiquei de pé na marra e alonguei os músculos para despertá-los.

Estendi o braço e arrastei a cortina para o lado, os anéis se chocando no trilho, mas encontrei a cama vazia.

Onde ela estava?

— Winter? — chamei novamente.

Será que ela estava no banheiro?

Tentei andar, mas os fios atrelados a mim não permitiram. Puxei os fios da tomada, arranquei os eletrodos do meu peito e puxei o acesso venoso na minha mão, sentindo o fio de sangue escorrer e pingar no chão.

— Caralho — murmurei.

Fui até a cadeira e retirei a bata hospitalar, vestindo em seguida o jeans e a camiseta que Banks trouxe, além das meias e dos tênis.

— Winter?

Olhei ao redor, sem encontrar um relógio ou meu celular. Não conseguia me lembrar onde o havia deixado, mas estava escuro lá fora, então deduzi que era tarde. Ou muito cedo.

Caminhei até o banheiro e bati à porta, alongando a coluna e não sentindo mais tanto o incômodo quanto achei que sentiria. Acho que Will estava certo, afinal. Não havia sido tão grave.

Quando não ouvi nenhuma resposta, abri a porta, sem encontrá-la ali dentro também. Abri a porta do quarto e saí pelo corredor, olhando para todos os lados em busca de Winter ou de uma enfermeira.

— Olá? — gritei.

Onde estava todo mundo?

Todas as portas estavam fechadas, o corredor estava às escuras e a única luz que eu podia ver era a da mesa à direita.

Fui até lá, mas encontrei o posto de enfermagem deserto.

— Olá! — gritei, já começando a ficar puto.

Mas que porra? Já era noite, mas deveria haver alguém por

aqui.

Sangue escorria do local onde o acesso venoso estava, pingando por entre meus dedos, e quando avistei um carrinho no corredor, com algumas gazes em cima, agarrei e enrolei minha mão, prendendo a ponta final por entre o tecido.

— Ei! — esbravejei na escuridão.

Alguma coisa estava errada.

Passei pelo meu quarto e dei a volta pelo canto em direção aos elevadores. No entanto, assim que fiz isso, alguém me agarrou e me empurrou contra uma parede, cobrindo minha boca com a mão.

Agarrei a gola de sua blusa, prestes a empurrá-lo para longe, mas Rika pressionou o indicador sobre os lábios, silenciando-me.

Will estava atrás dela, ambos espiando pelo corredor de onde eu havia acabado de vir.

Finalmente, ela retirou a mão da minha boca e se afastou.

— Que porra é essa? — sussurrei, exasperado.

— Alguém tentou sequestrar a Alex no *dojo* esta noite — Will informou. — Ela conseguiu lutar contra eles e fugir, mas...

Ele olhou para Rika.

— O que foi? — exigi saber, perdendo a paciência.

— Um deles era o Miles Anderson — Rika disse.

Miles Anderson. *Um deles*. O que significava que havia muitos, incluindo ele.

Não era muito difícil imaginar o motivo de tudo isso. E então me dei conta de tudo.

— Meu pai — eu disse, externando meus pensamentos.

Ela me encarou com medo no olhar.

— Sim, e não consigo encontrar o Michael e...

— E a Winter sumiu — concluí. — Merda. — Passei a mão pelo cabelo e deparei com seu olhar. — Ele sabe.

Ela assentiu em concordância.

— Nós contratamos segurança para ficarem na porta do seu quarto — Will informou. — A gente pode cuidar disso...

— Vá se foder — eu o cortei. — Estamos indo embora agora.

— Você não está bem o suficiente.

— Com quem você acha que está falando, porra? — Eu o encarei. — Vá arejar essa cabeça!

Para clarear as ideias, porque ele só podia estar confuso.

Ele arqueou uma sobrancelha, descontente, mas trocou um olhar perspicaz com Rika e começou a rir.

— É, a gente imaginou isso mesmo.

E então jogou uma mochila preta na minha direção. Eu a abri e encontrei roupas, um casaco e um celular.

Peguei o moletom e joguei a mochila no chão para poder vesti-

lo.

— Onde está a Banks? — perguntei.

— Ela e Kai estão com a Alex, conversando com os policiais — Rika informou. — Ela está em segurança. E estão esperando por nós.

— Vocês têm um plano? — Peguei a mochila de novo e procurei o celular, vendo que os contatos de Rika, Will e dos outros já estavam programados.

— Não, essa é a sua praia — ela respondeu.

Minha praia. Então, desde que eu fazia meus joguinhos mentais, ela me achava assim tão bom?

Não quando eu estava sentindo dor, com fome e distraído.

Meu Deus. *Winter*. Se ela se machucasse...

Deslizei o dedo pelos contatos no telefone, querendo ligar para ela, só para ter certeza.

— Damon — Rika disse, enquanto eu deixava a ligação chamar. — Gabriel vai me devolver o Michael, porque ele respeita Evans Crist, e em sinal de boa-fé, mas Alex é descartável para ele. Ela recolheu as informações que estávamos procurando. Se ele a encontrar, vai matá-la.

Eu sabia disso. Sabia muito bem qual era extensão dos nossos problemas, Rika.

Mas ela continuou dizendo:

— E ele sabe que, mesmo que entreguemos todas as provas que reunimos a respeito do acidente do meu pai, somos espertos o bastante para termos feito cópias. Ele quer se assegurar de que não usemos isso. Ele vai manter Winter em seu poder.

— O caralho que vai.

Ninguém atendeu, então desliguei e liderei o caminho até os elevadores. Adrenalina estava correndo por mim, de cima a baixo, e eu mal sentia o incômodo dos pontos agora.

— Ele vai enviá-la para algum lugar distante onde você não conseguirá encontrá-la, e vai fazer sabe-se Deus lá o quê com ela.

— Puta que pariu, Rika! — rosnei, por cima do ombro.

Mas que inferno! Ela estava tentando me matar do coração? Winter estava neste instante com o meu pai. Cada segundo era um risco.

Entramos apressados no elevador e Will apertou o botão para o piso da garagem.

Rika ficou em silêncio por um instante. Quando falou outra vez, sua voz soava calma e suave:

— Assimile tudo isso — ela disse. — Analise tudo. E então, coloque a cabeça no lugar outra vez. Quando fizer isso, diga o que diabos temos que fazer.

Ela estava certa. Eu precisava me acalmar. Não conseguia

pensar direito com a minha mente girando em polvorosa como um maldito tornado.

Meu pai devia estar com Michael e Winter em sua casa. Ele não estava tentando escondê-los de nós. Ele queria ver o que tínhamos a oferecer.

Mas Rika estava certa. Na era digital, sempre havia como se garantir. Ele sabia que havíamos feito *backup* de todas as evidências contra ele.

Ele não conseguiu pegar Alex hoje à noite, e não poderia machucar Michael.

Winter era a sua garantia.

Pense.

Negociar era inútil. Eu nunca o deixaria ficar com a Winter.

Nós precisávamos entrar na propriedade, sem sermos detectados, e ele não seria burro o suficiente para cair no golpe da distração com Banks.

Porra, porra, porra...

Minha mente estava conjecturando de um cenário a outro, até que, finalmente, pensei em algo.

— David e Lev — murmurei. — Eles ainda estão trabalhando para a Banks, não é?

Os antigos funcionários do meu pai, que haviam cortado relações, o odiavam, mas conheciam cada pedacinho daquelas terras e das pessoas que trabalhavam com Gabriel. Eles trabalhavam para a minha irmã agora, que também fez questão de roubar a cozinheira do meu pai.

— Sim, quer que eu ligue pra eles? — Will perguntou.

Assenti, enquanto deixávamos o elevador o mais rápido possível, assim que as portas se abriram.

— Diga para nos encontrarem no portão no alto da colina. Diga para levarem alguma comida da Marina. Algo que os homens do meu pai devem sentir falta de comer.

[17] Piroshky ou Pirozhki são pãezinhos recheados com carne, legumes e vegetais, originários da Rússia. Também são chamados de pasteis de forno russos.

Capítulo 28

Damon

Dias atuais...

Como eu sabia que os capangas do meu pai ficariam de olho na floresta, por onde escapamos na noite anterior, parecia menos arriscado simplesmente fazê-los abrir o portão dos fundos da propriedade para nós. Com um pouco de sutileza e coragem, de qualquer maneira.

— Obrigado por virem. — Fui ao encontro de David e Lev assim que desceram da SUV.

— Banks nos obrigou — Lev disse, ríspido.

Insignificante.

Ambos costumavam trabalhar para o meu pai, mas agora eram contratados por Kai e minha irmã, para ficarem na casa deles em Meridian. Fazendo o quê, eu não tinha certeza, mas eles ficaram, então devia ter alguma coisa excitante acontecendo por lá.

Gesticulei com o queixo em direção à vasilha que Lev estava segurando.

— O que vocês trouxeram?

Ele abriu a tampa, mas foi David quem respondeu:

— Ela tinha feito um pouco de *vatrushka*^[18]. Tem *zefir*^[19] aí também.

— Que beleza. — Estendi a mão e roubei um dos doces de marshmallow de frutas e enfiei na boca. O sabor explodiu na minha língua, fazendo minha boca salivar pra cacete, mas provavelmente devia ser porque eu não comia há dois dias, ao invés de serem tão saborosos.

Embora eles fossem muito bons.

Marina também havia trabalhado para o meu pai, antes de Banks roubá-la na maior cara de pau. Ela e minha irmã eram as únicas coisas das quais eu sentia falta naquela casa, e agora que nenhuma delas estava lá, eu já não tinha nenhuma razão para voltar, a não ser que fosse forçado.

Peguei os bolinhos de *vatrushka*, mal mastigando direito antes de engolir, e liderei o caminho até uma árvore. Olhei em volta, vendo o portão usado para entregas, serviços de buffet e empregados no alto da colina, a cerca de cem metros de distância e iluminado apenas por duas lâmpadas.

Rika parou ao meu lado, soprando as mãos em concha ao redor da boca, para aquecê-las, enquanto Will vestia um moletom e puxava o capuz para cobrir a cabeça.

— Só precisamos que vocês abram o portão — instruí Lev e David.

Se pudéssemos fazê-los sair, eles desligariam as câmeras, já que não iam querer um encontro secreto sendo filmado.

— Então mantenham os caras distraídos, de forma que possamos entrar — Rika acrescentou, prendendo as mãos por baixo das axilas.

— E quando vocês precisarem sair? — David retrucou.

Troquei um olhar com Rika, nenhum dos dois sabendo uma resposta.

— A gente cuida disso mais tarde — falei.

Peguei a mochila do chão e eu, Rika e Will fomos nos embrenhando pela margem da floresta, esperando que as luzes indicadoras das câmeras do circuito interno indicassem que estavam desligadas, para só então nos movermos.

Às nossas costas, ouvi David conversar no telefone:

— E aí?

Ele ficou em silêncio por um instante e riu em seguida.

— Ah, você ainda está bravo por causa disso? — caçoou. — Bom, Lev e eu não estamos aqui como amigos. Viemos com um contrabando. Trouxemos um pouco de *vatrushka*, feito pela Marina. Traga uma garrafa de vodca e a gente fica quite. — Então acrescentou: — Trouxemos um pouco de *zefir* também.

Ele ficou em silêncio, e quando o encarei, vi que havia desligado o telefone e acenava com a cabeça para mim.

Ótimo. Eles conseguiram.

Vasculhei a sacola atrás de um esparadrapo, rapidamente cortando três pedaços e reforçando o curativo por cima dos pontos para que ficassem protegidos. Eu teria sorte se essa porra não se abrisse outra vez antes de a noite acabar.

Fechei a mochila, mas Rika a tomou da minha mão, colocando-a sobre os ombros ao invés de me deixar carregá-la. Pensei em argumentar, mas eu não precisava de outra visita ao hospital, então... foda-se.

Depois de mais algum instante, as luzes desligaram e disparamos, correndo pela estrada de chão, pulando por cima das sebes baixas que margeavam o muro, e nos agachando por trás para esperar a abertura dos portões.

O ar frio e condensado exalava de nossas bocas, e nos grudamos ao muro, apenas aguardando.

Felizmente, a lateral do meu corpo não doía de forma alguma, e eu não sabia se era por causa dos medicamentos ainda percorrendo minhas veias ou pela adrenalina, mas eu só queria entrar logo lá. As malditas ideias da Rika estavam girando pela minha cabeça, e cada

segundo que Winter passava naquela casa era...

Cerrei os punhos, tentando me acalmar.

Um profundo rangido cortou o ar, as barras metálicas se chocaram e o portão se abriu, um SUV Chevy Tahoe preto passou por ele, os faróis iluminando a estrada adiante. Eles pararam um pouco mais à frente, a poeira subindo por baixo do carro; as portas se abriram e dois caras desceram, um de cada lado.

Esperei que ambos fossem até a frente, fora da nossa linha de visão, para se encontrarem com nossos caras, mas antes que eu pudesse correr, Rika me segurou.

Sacudi a cabeça, encarando-a com raiva.

Não tínhamos tempo a perder. Mas que porra?

No entanto, foi a vez de ela balançar a cabeça e dar um sorrisinho sarcástico.

— Eu conheço essa tática.

E então seguiu adiante, agachando e correndo até a parte traseira da SUV.

O quê?

Will e eu não tivemos escolha. Nós a seguimos, correndo até a traseira enquanto ela abria a porta e entrava no carro.

Dei uma olhada de relance à nossa volta e dentro do veículo para me assegurar de que estava vazio. As luzes internas ainda estavam acesas, já que os homens deixaram as portas abertas, então eles não perceberam quando ela abriu o porta-malas.

Meu Deus. Isso era uma estupidez.

— Parece bom. — Ouvi um dos caras dizendo na frente. — Só ela consegue fazer isso gostoso desse jeito.

Cautelosamente, Will e eu subimos logo atrás de Rika, todos nós abaixados para nos mantermos fora de vista.

— Isso é burrice! — murmurei para Rika.

Ela revirou os olhos e fechou a porta, mas não por completo.

— Experimenta um pouco — alguém disse do lado de fora.

— Está achando que quero te envenenar?

Houve uma pausa, como se David ou Lev estivessem provando um pouco da comida para os homens do meu pai, e então ouvi David perguntar:

— Cadê a vodca?

O carro balançou como se alguém estivesse vasculhando na frente em busca da garrafa contrabandeada.

— Esplêndido — David finalmente disse.

— Os novos patrões são bons demais para o mercado clandestino?

— Pelo menos estou sendo bem alimentado — David resmungou. — E vocês?

O silêncio se prolongou por mais um tempo, até que um dos caras do meu pai perguntou:

— Nesse mesmo horário na semana que vem?

Vamos, vamos, vamos...

O carro balançou abaixo de nós quando os homens entraram, e observei Rika enquanto ela esperava.

Assim que as portas se fecharam com um baque, ela puxou a tampa traseira, mascarando o barulho, e o interior do veículo escureceu quando os homens trocaram a marcha e deram ré.

Soltei um suspiro.

Se isso não tivesse funcionado, eu seria capaz de matar Rika.

Mas deu certo, então... tudo bem, tanto faz.

O carro fez a volta, e ouvi o portão se fechar depois de acelerarmos pela estrada dos fundos da propriedade.

Eram apenas algumas centenas de metros, mas era o meio mais rápido e acabamos atravessando sem sermos detectados. Bom plano.

Assim que o carro diminuiu a velocidade, nos preparamos, e quando os caras desligaram o motor e abriram suas portas, nós deslizamos pela porta traseira, fechando-a silenciosamente outra vez. Nós nos esgueiramos pela lateral da garagem onde meu pai mantinha sua coleção de carros e motos.

— Vai! — sussurrei para Will, deixando-o liderar o caminho até o próximo prédio, que nos possibilitaria uma melhor visão da casa, já que ficava em um dos cantos.

Nós nos escondemos em uma alcova na lateral, dando uma olhada nos arredores. Ouvi a conversa dos homens na oficina, fazendo sabe-se lá o que faziam em seu tempo livre, mas eu sabia que havia outra equipe responsável pela ronda na propriedade.

— E agora? — Rika perguntou.

— O arsenal do meu pai fica na sala — informei aos dois.

— Armas? — ela disse, brava. — Este é o seu plano?

— Você tem um melhor?

— Vamos sequestrá-lo — ela resmungou.

— Hein?

Rika suspirou com impaciência.

— Não temos a menor ideia de onde eles estão ou se realmente estão aqui — explicou. — Depois que tiramos você daqui, não sei se ele acha que escondê-los aqui, bem debaixo do seu nariz, seja genial. A gente pega ele e o usamos como garantia.

Então sequestramos o meu pai – se conseguirmos –, e o escondemos em algum lugar, ameaçando e/ou torturando o filho da puta até que ele entregue o noivo dela e a minha... Winter.

Isso parecia um tempo longo demais para esperar.

— Não tenho a noite toda — eu disse. — Nós devemos pegar

algumas armas.

— Isso aí! — Will gargalhou.

Ela rosnou, exasperada.

Começamos a nos mover ao redor da lateral do prédio, mas ela nos puxou de volta.

— Olhem — disse, baixinho.

Levantamos a cabeça e vimos mais alguns homens saindo da casa, levando Winter e Michael a reboque em direção ao carro. Miles Anderson do caralho agarrava um punhado do cabelo dela, forçando-a a entrar numa SUV, com as mãos dela amarradas às costas.

Ela se debatia e gritava, e dei um passo à frente, pronto para matar alguém.

Will me empurrou de volta, no entanto.

— Eles *estão* aqui — ele disse. — Aonde vão levá-los?

— Estão mudando para outro lugar — Rika supôs e olhou para mim. — Eu te disse.

Michael esbarrou em um deles, conseguiu se soltar e avançou em cima do cara, mas bateram em sua cabeça com um bastão e ele caiu de joelhos no chão.

Rika suspirou, sufocando um soluço.

No entanto, eu tinha mais motivo para me preocupar. Winter era muito mais dispensável para o meu pai do que Michael. Ele não mataria o filho de Evans Crist ou um jogador profissional de um time nacional de basquete.

— Precisamos nos apressar — eu disse. — Agora. Vamos voltar para onde estão os carros.

Nem sequer hesitamos. Demos a volta e disparamos pelas árvores, passando pelo jardim em formato de labirinto, minha antiga casa da árvore, e descemos pela pequena encosta de volta ao lugar de onde viemos. O ferimento na lateral do meu corpo começou a latejar, então tentei colocar um peso maior do meu lado direito enquanto corríamos.

Como sairíamos daqui? Porra.

Não havia mais árvores ao redor do muro, e não podíamos escalar a porra do portão. Precisávamos dar a volta para chegar na estrada principal antes que eles desaparecessem.

Mas assim que nos aproximamos, meus pulmões doendo por conta do ar frio, desacelerei por um segundo, notando que o portão ainda não havia sido fechado. Não inteiramente.

Não estava fechado, caralho.

Alívio me inundou, mas não paramos para questionar o motivo. Passamos pela abertura estreita e corremos de volta para os nossos carros ocultos por trás das árvores.

Olhei para trás e reparei que as câmeras estavam penduradas

pelos fios, e alguma coisa havia sido alojada nas dobradiças do portão. Dei uma risada silenciosa.

Valeu, caras. David e Lev podiam até me odiar, mas eles sabiam que minha irmã não odiava.

No entanto, o pessoal do meu pai notaria que as câmeras estavam desligadas a qualquer momento, isso se já não tivessem percebido.

Entramos em nossos carros, Rika pulando no antigo Classe G do Michael, e eu e Will em seu SUV. Disparamos pela estrada de chão e eu pisei no acelerador, trocando as marchas com brutalidade enquanto percorríamos o caminho deserto. Liguei os faróis baixos, contando mentalmente os segundos e vendo que Rika seguia logo atrás de nós.

Eles os enfiaram em um dos carros. Teriam que percorrer todo o caminho de acesso da casa até o portão frontal. Só então pegariam a estrada, e, com sorte, não pareciam estar com pressa, logo, não estariam tão à nossa frente. E se eu a perdesse de vista? Para onde meu pai os levaria?

Chegamos à rodovia, sacudindo e derrapando de um lado a outro enquanto eu girava o volante para a direita e pisava o pé no acelerador. Rika deu uma guinada com seu carro, logo atrás de mim, conseguindo controlar a direção novamente e eu mantive os olhos focados na estrada à nossa frente.

Até que as luzes dos faróis de outro veículo surgiram à direita, ainda distantes, e eu imediatamente desacelerei ao perceber que eram eles. Respirei fundo. Nós não os havíamos perdido de vista, já que eles estavam saindo da propriedade somente agora.

Rika derrapou atrás de mim, sem estar preparada para minha freada repentina, e Will teve que se agarrar ao suporte acima da porta.

— Merda! — gritou.

Seu celular, largado no suporte do painel, começou a tocar e visualizei o nome *Rika* na tela. Will atendeu a ligação no viva-voz.

— Fiquem mais para trás — ela instruiu. — Vamos apenas segui-los à distância.

— Eu sei! — resmunguei, irritado.

Ela achava que eu era um imbecil, porra? Se fizessemos qualquer coisa além, poderíamos colocar as vidas de Michael e Winter em perigo. Nós precisávamos pensar.

Distanciei-me um pouco mais, torcendo para que pensassem que fôssemos motoristas aleatórios na estrada, e continuei seguindo, sem saber ao certo quantos homens havia no carro.

Além de Winter e Michael, provavelmente dois? Os homens do meu pai sempre trabalhavam em duplas.

Mantivemos Rika na linha, enquanto Will procurava seu canivete no bolso da calça. Nós precisávamos dele para cortar as

amarras.

Segui o carro pelas propriedades do bairro, passamos pelo posto de segurança do nosso residencial e pegamos a rodovia de volta, mas, ao invés de tomarem a direção de Meridian, como pensei que fariam, fosse lá quem estivesse ao volante virou à direita, rumo ao vilarejo.

Gabriel os queria por perto, pelo jeito.

Engoli em seco algumas vezes, tentando me concentrar.

Eles chegariam em um semáforo em pouco mais de um quilômetro, no centro da vila.

— Você ainda sabe manusear bem aquele pé-de-cabra? — gritei, lembrando que Rika o usou em sua travessura tantos anos atrás.

— Você quer encaixotá-los? — ela sugeriu.

Assenti, mesmo que ela não pudesse me ver.

— Você fica na traseira. Vamos.

Will pulou em seu assento e se inclinou para pegar alguma coisa no banco de trás. Quando voltou ao lugar, lançou para mim um taco de beisebol e minha máscara, enquanto ele mesmo segurava seu pé-de-cabra, já com sua máscara de caveira branca com uma lista vermelha acima da cabeça.

Coloquei minha máscara, tendo esquecido por completo de que não deveríamos mostrar nossos rostos. Havia muita gente nas ruas, e embora eu não desse a mínima se os capangas do meu pai nos veriam, eu não estava a fim de dar sopa para mais alguns vídeos do caralho, já que teríamos que fazer isso na parte mais movimentada da cidade.

Passamos por mais algumas casas, comércios e carros estacionados nas calçadas das ruas, a maior parte da cidade já fechada por esta noite, mas ainda havia gente por ali.

Perfeito.

Os homens de Gabriel estariam menos inclinados a usar suas armas em meio à multidão. Meu pai mantinha seus negócios sujos por baixo dos panos, ainda que a maioria das pessoas soubesse de suas atividades.

O semáforo surgiu à frente, e eles começaram a diminuir a velocidade; em contrapartida, pisei o pé no acelerador para alcançá-los.

— Vai! — gritei para Rika.

Dei uma guinada à esquerda, ela desviou à direita, eles pararam, e demos a volta, derrapando até parar; Will e eu diante do carro deles, e Rika na traseira, de forma que não tivessem como manobrar o SUV.

Sem esperar um segundo a mais, descemos dos nossos carros, máscaras e capuzes a postos, e arrebentamos os vidros de suas janelas.

Os transeuntes que passavam por ali gritaram em choque, mas eu não tinha tempo para me preocupar com eles.

Quebramos os vidros traseiros e enfiamos as mãos por dentro, para destravar as portas, e eu lidei com os caras nos bancos da frente, enquanto Rika e Will agarravam Winter e Michael.

Anderson e o outro cara gritaram e tentaram acelerar o carro, para sair dali, mas estavam presos, então acabaram batendo no meu carro à frente e no de Rika, atrás. Já havíamos tirado todo mundo de dentro antes que eles tivessem a chance de sacar suas armas.

Will cortou as amarras de Michael, que não esperou nem mais um instante. Ele abriu a porta do passageiro no banco da frente e deu um chute na cara do capanga.

Will pegou Winter no colo e a levou para o nosso SUV, enquanto

Michael agarrava Rika e corria em direção ao dele.

— Vamos voltar para casa — eu disse a eles. — Vou mandar Crane limpar essa merda.

Rika assentiu, Michael sentou-se ao volante, sangue escorrendo de sua cabeça, e ambos deram ré, fizeram um retorno e passaram por nós.

Entrei no nosso carro, fazendo uma volta e vi Anderson tentando dar partida no carro enquanto passávamos por eles.

Eu estava pouco me fodendo se havia policiais ou se alguém que testemunhou toda a ação havia ligado para eles. Eu não pararia até que ela estivesse a salvo.

Olhei para Winter, sentada no colo de Will enquanto ele cortava suas amarras, e rapidamente passei uma olhada pelo seu rosto e suas roupas. Ela ainda vestia o mesmo jeans ensanguentado de ontem, coberto com o meu sangue, e o moletom de Will. Não parecia ferida, exceto por um filete de sangue que escorria de seu lábio, e nada parecia rasgado, como se ela tivesse se envolvido em alguma luta. No entanto, seu rosto angelical e o cabelo platinado davam a impressão de que esteve a noite inteira em um ringue. Seus olhos estavam vermelhos ao passo que a preocupação e irritação turvavam seu rosto. Era nítido que ela estava aterrorizada.

Como diabos isso aconteceu? Eu não tinha dormido por tanto tempo assim no hospital. Eles não ficaram com ela por muito tempo, certo? Meu Deus, se algum deles a tiver tocado...

Liguei rapidamente para Crane através do celular de Will.

— Alô? — ele atendeu.

— Pegue qualquer um dos caras que restam aí e instalem-se em St. Killian — ordenei. — Chegaremos lá em breve.

— Sim, senhor.

Eu não tinha certeza se meu pai continuaria pagando o seu salário, mas se não, eu sabia que ele não diria a eles onde nós estávamos indo.

— Você acha que Gabriel vai até lá? — Will sondou depois que encerrei a ligação. Ele ainda mantinha Winter aninhada em seu colo.

Neguei com um aceno de cabeça.

— Não. Ele vai levar um tempo até reagrupar seus homens. Porém, mais cedo ou mais tarde, ele vai aparecer, e precisamos estar preparados.

— Tem alguém atrás de nós? — Winter perguntou, respirando com dificuldade outra vez.

Chequei o espelho retrovisor, enquanto Will olhava por cima de seu ombro.

Faróis brilhantes iluminaram a escuridão à medida que deixávamos o vilarejo, seguindo em nosso encalço.

— E estão vindo rápido — Will disse.

Como ela sabia disso?

Pisei o pé no acelerador, disparando colina acima, as árvores sombrias pairando em ambos os lados da estrada.

— Eles te machucaram? — perguntei e olhei para Winter.

Ela balançou a cabeça.

— Apenas me assustaram.

Will segurou seu queixo, inspecionando o lábio partido.

— Anderson fez isso?

— Acho que sim.

Passei na maior velocidade pelo posto de segurança, sem nem ao menos me incomodar em parar quando o guarda ergueu a cabeça, assustado. Ele era contratado pelas famílias em nossa comunidade residencial, não pela polícia. Ligaria para a associação para informar algum problema antes de chamar os policiais.

Virei o volante, fazendo uma curva acentuada, mas segui em frente, o carro atrás de nós colado e chocando-se contra a nossa traseira.

Winter ofegou, e fomos arremessados para frente; Will a segurou com mais firmeza e apoiou a mão sobre o painel. Passei por outra curva, acelerando.

— Não, pegue o atalho! — Will gritou.

Virei o volante à direita, lembrando que St. Killian ficava logo depois de um pequeno rio incrustado na floresta. Havia uma ponte que ligava este trecho com a atual residência de Michael e Rika, por onde podíamos evitar todas as estradas sinuosas.

Iríamos mais rápido sem todas aquelas curvas.

Anderson passou por nós, mas ouvi seus pneus cantando no asfalto quando freou na estrada acima, enquanto disparávamos em direção à ponte o mais rápido que podíamos.

Pressionei minhas costas ao banco, estendi o braço que segurava o volante, e foquei o olhar na estrada, checando o retrovisor

a todo instante.

Meu sangue fluía acelerado, e se não estivesse tão preocupado com ela, poderia até mesmo estar me divertindo. Claro que eu não teria fugido. Eu teria matado aquele filho da puta bem ali, na praça da cidade. Só que eu queria simplesmente tirá-la de lá.

Faróis iluminaram meu espelho retrovisor e o carro nos alcançou outra vez, colado na traseira.

Pisei o pé e contraí cada músculo do meu corpo.

— Segurem-se! — gritei.

O carro acertou nossa traseira, e a adrenalina fervilhou por cada um dos meus membros enquanto eu tentava fugir deles.

Olhei para Winter e disse:

— Estamos quase lá.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas o carro bateu em nossa traseira outra vez, lançando nossos corpos para frente.

— Filho da puta! — rosnei.

Eles nos acertaram de novo. Segurei o volante com ambas as mãos, tentando estabilizar o carro.

E então mais uma vez.

Winter começou a ofegar, apavorada, com um braço ao redor do pescoço de Will e o outro apoiado no painel.

Eles nos atingiram novamente.

— Segurem-se — eu disse aos dois.

A ponte surgiu logo adiante, e pisei o pé, correndo na maior velocidade, mas ainda vendo os faróis de Anderson na nossa cola.

O rio escuro e sombrio pairava logo abaixo de nós, dividindo-se à esquerda e direita; os pneus subiram a guia de concreto, fazendo o carro oscilar.

Anderson acelerou, nos acertou outra vez, mas antes que eu tivesse tempo de recuperar o controle, ele passou pelo nosso carro e atingiu o meu lado do SUV.

— Puta que pariu! — esbravejei.

Perdi o controle do volante e o carro girou; pisei nos freios, mas então... lá estava ele – os faróis bem na nossa frente.

Will gritou, envolvendo os braços ao redor do corpo e da cabeça de Winter, e batemos contra a grade, os pneus traseiros derrapando pela lateral da ponte à medida que o SUV de Anderson ficou com os pneus dianteiros

à margem também. Winter gritou quando o carro balançou.

Houve apenas um momento, onde meus olhos se conectaram ao rosto dela, e então ambos os carros começaram a deslizar para baixo. Estendi o braço em sua direção e segurei sua mão, puxando-a para os meus braços, prendendo-a com firmeza enquanto tombávamos de

lado, em uma queda livre até o rio.

Putá merda!

O carro despencou e caiu na água, meu pescoço estalou e o mundo inteiro ficou de lado à medida que minha cabeça nadava.

Mas que porra?

Ouvi Winter me chamar.

— Damon? — ela gritou, tocando o meu rosto. — D... D-Damon, acorda. Acorda!

Fechei os olhos com força, levantando a cabeça e virando a cabeça de um lado ao outro, sentindo dor no pescoço, antes de abrir os olhos outra vez.

Eu desmaiei? *Merda.*

Winter estava sentada no meu colo, o nariz colado ao meu, chorando, mas me beijando assim que senti que eu me movia.

Grunhi de dor, esfregando o pescoço, e olhei para Will, vendo-o puxar a maçaneta da porta e lançar o corpo contra ela.

Levou apenas um segundo para registrar o que havia acontecido, mas então olhei para cima, para o para-brisa dianteiro, e vi o que nos cercava.

O maldito rio. Jesus Cristo.

— Você está bem? — perguntei a Winter.

— Sim.

Olhei ao redor, vendo o carro afundar cada vez mais à medida que a água se infiltrava pelas aberturas e pelo painel, já submerso pela metade.

Porra.

O rio fluía acima do teto enquanto o carro mergulhava de frente primeiro, e olhei pela janela, sem detectar qualquer sinal de vida no carro de Anderson. O SUV deles flutuava de cabeça para baixo, afundando lentamente.

Winter saiu de cima de mim e eu puxei a maçaneta da porta do meu lado, seguindo o exemplo de Will e usando meu corpo para forçá-la a abrir. A água turva corria selvagem, começando a cobrir as janelas e escoar para o interior do veículo. E eu empurrei uma e outra vez, mas a maldita porta não se abria.

Passei por cima do meu banco, tentando chegar até as portas traseiras e chutei os vidros das janelas. Winter foi de porta em porta, bateando pelo caminho até as janelas, apertando botões, enquanto Will pegava o bastão de beisebol e tentava arrebentar os vidros.

— Acalme-se por um segundo! — gritei com ele.

Nós estávamos submersos agora. Se ele quebrasse o vidro, a água entraria no carro mais rápido ainda, e nós precisávamos de um minuto.

Forcei meu corpo contra a porta traseira com tanta força que

senti meus músculos queimando.

Porra, porra, porra, porra... Pense.

Put a que pariu.

Meus joelhos estavam trêmulos quando voltei para o banco da frente, atravessando a água gelada e segurando Winter, que já estava mergulhada até o peito e tremendo de frio.

Respirei sobre seus lábios, tentando aquecê-la da melhor forma que podia.

— Tem cerca de duzentos e setenta quilos de pressão contra as portas e janelas nesse exato momento — eu disse a ela. — Assim que a pressão estabilizar, conseguiremos abrir as portas.

— Q-quando... qu-quando... — ela gaguejou, tremendo — Q-quando estabilizar?

A água estava me congelando por dentro.

— Quando o carro... se encher totalmente... com a água.

— Se ele ficar cheio d'água, não vamos conseguir respirar! — Will gritou, subindo pelo seu assento, suas roupas e cabelo já encharcados. — Nós não temos que esperar essa porra encher!

Ele vacilou, olhando de um lado ao outro, enlouquecido, em busca de uma saída.

— Damon, cara... — Ele ficou imóvel, quase hiperventilando à medida que a água subia até o nível dos nossos peitos, lentamente engolindo o carro. — A gente t-tem que... tem q-que sair daqui. Não c-consigo... não p-posso...

Ele bateu o teto, procurando por qualquer alternativa viável, ofegando cada vez mais.

Eu me virei para ele, segurando seu rosto entre minhas mãos.

— Apenas respire — eu disse a Will. — Confie em mim. Nós vamos sair daqui.

Seu olhar encontrou o meu, o desespero ameaçando dominá-lo quando seu queixo tremeu.

— Por favor, não... — implorou. — Por favor, não me deixe.

Cerrei a mandíbula, sentindo a vergonha me assolar por conta de tudo o que permiti que Trevor fizesse com ele. A forma como o abandonei.

Eu nunca teria conseguido viver com isso, se algo tivesse acontecido com ele naquela noite.

Segurei sua nuca e recostei minha testa à dele.

— Eu nunca faria isso — prometi.

Virei-me para Winter, segurei sua mão e fiz com que ela enrolasse os dedos ao redor do meu cinto.

— Não solte de jeito nenhum — ordenei.

Ela acenou com a cabeça, apavorada e com os olhos lacrimejantes. O carro gemeu sob o peso da água que o enchia cada

vez mais à medida que afundávamos nas profundezas do rio, e eu a levantei para cima, para que pudesse respirar o máximo possível.

— Diga que me ama — ela sussurrou. — Diga.

Olhei para ela, cansado pra caralho da nossa falta de sorte. Nós não íamos morrer. Eu não diria aquele tipo de merda para ela como se não fosse ter a chance de dizer mais tarde. Ela poderia esperar, porra.

Segurei-a bem perto de mim, nariz com nariz.

— Algum dia — caçoei, tentando soar animado.

Ela deu uma risada entre um soluço, e tudo o que eu mais queria naquele momento era tê-la de volta na garupa da minha moto, como naquela noite onde prometi que lhe mostraria o vermelho algum dia. Mesmo quando menti para ela naquela noite, ainda assim, era melhor do que isso.

Ela agarrou meu cinto, meu coração martelando no peito, e Will e Winter

ofegavam quando todos puxamos o último fôlego de ar. Empurrei-nos para cima, tentando respirar; Will já engolia um monte de água, tossindo e cuspidando, e então, estávamos submersos. Ele se debatia em desespero.

Merda.

Eu não podia perder mais tempo. Com Winter segurando meu cinto, fui em direção a uma das portas traseiras e empurrei, mas, ainda assim, não cedia. Puxei o pino para me assegurar de que não estava travado, e coloquei todo o peso do meu corpo contra a porta.

Winter se segurou firme, calma, mas pude ouvir a agonia de Will dentro d'água, porque ele não conseguiu puxar fôlego suficiente antes de submergirmos, e eu não sabia por que razão a porta do caralho não estava abrindo.

Vamos lá.

Minhas mãos tremiam muito, e eu estava começando a perder o controle. Eles iam morrer por minha causa. De novo.

Por favor.

Empurrei a porta.

Por favor. Por favor, por favor...

E então empurrei mais uma vez.

E ela abriu como num passe de mágica.

Fiquei tonto por um segundo, tentando descobrir se estava imaginando aquilo ou não.

Ah, puta merda. Obrigado, Deus.

Mergulhei no rio, levando Winter comigo e estendi o braço para dentro do carro para agarrar Will.

Ele esperneou e começou a nadar para fora, lutando para chegar à superfície, e eu o segui, tirando a mão de Winter do meu

cinto, mas sem soltá-la enquanto nadávamos.

Todos nós chegamos juntos à superfície, sentindo o vento noturno e tossindo, cuspendo, arfando em busca de ar. A água gélida pinicava como milhões de agulhas na pele, mas pelo menos eu não conseguia sentir dor no ferimento. Um sofrimento de cada vez.

Nós precisávamos sair da água. Procurei pelo carro de Anderson e seu parceiro, mas não consegui ver nada. Não havia mais ninguém à superfície do rio. Ele estava no fundo.

Havia desaparecido.

Já vai tarde.

— Você consegue nadar? — perguntei a Winter. Ela esteve na piscina com Will, mas não era assim tão funda.

— Sim — disse, engasgando. — Vou atrás de você.

Nadei de lado, escolhendo o que não estava ferido, em direção à margem do rio, olhando para ela, às minhas costas, para garantir que estivesse seguindo o som dos meus movimentos na água.

Will nadava ao meu lado, a corrente nos puxando, mas demos boas braçadas até conseguirmos sentir o banco de areia abaixo dos pés. Meu corpo estava exausto.

Chegamos à margem, rastejando por cima da vegetação, respirando com dificuldade e sentindo o alívio me inundar quando desabei no chão.

— Caralho, a gente conseguiu — arfei.

Winter agarrou minha perna, pegando impulso para subir.

— Não podemos ficar aqui — ela disse, a voz trêmula. — Precisamos de a-algum lugar... quente.

Rolei sobre o meu corpo, grunhindo de dor e agonia, e eu precisava de dez mil coisas nesses exato instante, mas estava feliz pra caralho por termos chegado aqui. Levantei a cabeça e olhei para cima, avistando uma única luz espreitando por entre as árvores, e...

Eu simplesmente sabia onde estávamos.

St. Killian.

[18] Vatrushka são uma espécie de pasteis de massa doce, com passas ou frutas. Originário do Leste Europeu, parecem muito com as esfihas. [19] Zephyr ou Zefir é um dos doces preferidos dos russos, e aqui no Brasil tem basicamente a mesma composição de suspiros.

Capítulo 29

Damon

Dias atuais...

Cambaleamos em direção à catedral, congelando e cobertos de sujeira; Will engatinhou por uma pequena ravina e eu o segui, com Winter logo atrás de mim.

Meu Deus, eu estava congelando.

Não dava para saber se meu pai já havia tomado conhecimento de que resgatamos Michael e Winter, ou se havia alguém em nosso encalço, mas precisávamos nos abrigar imediatamente.

Nossas respirações formaram um vapor no ar, nossas roupas grudavam-se à pele, mas continuei em frente.

Nós estávamos quase lá.

Will estava cabisbaixo, prestes a colapsar, mas era como se estivesse possuído, quase como se ele estivesse tentando fugir de alguém enquanto se arrastava.

No entanto, ao invés de nos dirigirmos à St. Killian, Will desviou o caminho para o que se parecia uma caverna.

Espreitei de perto, em meio à escuridão, vendo uma alcova incrustada no solo, abaixo de uma árvore. Como se fosse uma espécie de túnel.

O que era aquilo?

Nós o seguimos e eu parei bem atrás dele, segurando Winter bem perto de mim – que tremia incontrolavelmente –, vendo-o digitar um código em um painel.

Assim que a porta se abriu, nós entramos.

Will seguiu adiante, tirando o moletom e a camiseta e largando tudo pelo corredor; eu fechei a porta e segurei a mão de Winter.

Olhei ao redor, levando apenas dois segundos para deduzir que estas eram as antigas catacumbas no subterrâneo da igreja. Eu sabia que havia outra entrada, mas, pelo jeito, Michael e Rika instalaram uma porta apropriada e mais segura.

Da última vez em que estive aqui, era só rocha e sujeira, mas notei que agora havia um piso de madeira polido, as paredes de pedra haviam sido restauradas e decoradas; candeeiros estavam em ambos os lados do corredor, as lâmpadas dando um brilho misterioso ao lugar.

Segui Will e todos acabamos entrando em um imenso banheiro revestido de pedras. Ele rumou para um chuveiro, enquanto eu me dirigi a outro.

Abrimos as torneiras das duchas em cascata, a água quente

formando o vapor na mesma hora, e então fui até Winter para ajudá-la a se livrar do moletom à medida que ela retirava os sapatos e as meias.

Carrei meus punhos para combater o frio, tirando o casaco e a camiseta também.

— Caralho — grunhi baixinho, colocando-a debaixo da água morna.

Will se encolheu, tremendo, parecendo muito pior agora que a água jorrou sobre ele.

O que havia de errado?

Agarrei-o por baixo dos braços.

— Vamos, cara, sente-se aí.

Ele tentou se levantar, mas suas pernas não cooperaram, e acabou caindo sobre mim, derrubando-nos no chão. E eu simplesmente não conseguia me levantar mais. Desisti, já sem força alguma.

Ficamos ali sentados contra a parede, as costas de Will recostadas contra o meu peito e sua cabeça repousada no meu ombro enquanto a água nos encharcava. Meu jeans estava grudado na pele, mas o calor começou a se infiltrar em meus ossos, e a cada minuto, eu me sentia um pouco melhor.

Will tremia, no entanto, seu joelho balançando para cima e para baixo, em pequenos espasmos. Passei meus braços ao redor do seu corpo, tentando ajudá-lo.

— Nós estamos bem — eu disse. — Apenas respire.

Mas ele gemia como se estivesse agonizando, e comecei a esfregar seus braços, para fazer o sangue circular mais rápido ou algo assim. Qualquer coisa. Ele estava frio como gelo e longe de se acalmar.

Mas que diabos?

— Will, você está bem? — Winter perguntou.

— Ele está se tremendo todo — informei. — Venha aqui.

Ela se sentou no chão, seguindo o som da minha voz e engatinhou até onde estávamos; segurei seu braço e puxei-a para que ficasse em cima dele, como se estivéssemos fazendo um sanduíche dele.

— Vamos tentar aquecê-lo — instruí.

— Você está seguro — ela disse, montando em seu colo e esfregando seu peito.

— Eu quase me afoguei — ele soluçou, arfando. — De novo.

— Ssshhh — eu o tranquilizei, segurando-o com força, porque era tudo o que podia fazer.

Não havia nada que pudesse apagar a merda que fiz, apenas odiar a mim mesmo, já que eu fiz tudo aquilo com ele.

Eu não tinha certeza se Winter sabia do que ele estava falando, mas ela apenas o segurou firme, sem dizer nada.

— Achei que alguma coisa estivesse me perseguindo, cara. — Ele não conseguia parar de tremer. — Como se fosse apenas uma questão de tempo.

Segurei o rosto de Winter com uma mão e o de Will com a outra, mantendo-os juntos.

— Não consigo parar de tremer — ele disse. — Porra, estou com muito frio.

— Está tudo bem. — Firmei meu abraço, sem saber o que fazer para ajudá-lo.

Ele não estava bem. Longe disso. Rika estava certa.

Ele estava descendo por uma espiral do caralho. E eu duvidava que alguém soubesse a dimensão da bagunça em sua mente.

Winter levantou a cabeça.

— Feche os olhos — ela disse, apoiando as mãos em seu peito. — Feche por apenas um minuto. Estamos aqui com você.

Espiei para ver se ele havia feito o que ela pediu.

— Estamos com você — ela sussurrou outra vez. — Nós somos seus. Não vamos te deixar.

Ela recostou a testa à dele, segurando-o forte; sua outra mão repousava na minha coxa. Ela inspirava profundamente, acalmando-o com sua voz suave:

— Damon está às suas costas — ela disse —, e eu estou à frente. Você pode sentir o ritmo de nossas respirações. Apenas sinta.

Eu fiz o mesmo, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos, concentrado apenas em nossos corpos.

— Inspire. — Ela puxou o ar profundamente. — Expire.

Will estremeceu, mas ele ao menos estava tentando.

Inspire.

Expire.

— Devagar, Will. — Ela expirou. — Bem devagar.

Seus dedos apertaram minha coxa, alertando-me de sua presença, e eu acariciei seu braço enquanto todos mantínhamos nossos olhos fechados, tentando nos acalmar.

— Está sentindo? — ela perguntou a ele. — Sinta o corpo de Damon atrás do seu. E sinta o meu à sua frente.

Os tremores de Will começaram a diminuir, seu peito subindo e descendo, todos focados em cada respiração sincronizada.

— Inspire — ela orientou. — E expire.

Nós expiramos, nossos corpos moldados juntos e se movendo como uma unidade.

Inspire...

Expire...

— Devagar — ela sussurrou. — Respire lentamente, comigo.

Ele a envolveu em seus braços, e ficamos ali sentados, entrelaçados e aquecendo-nos; Rika e Michael provavelmente estavam andando de um lado ao outro lá em cima, imaginando o que devia ter acontecido conosco.

Meu telefone e o de Will estavam no fundo do rio nesse exato instante. Eu não conseguia ir lá em cima, porém. Não tinha forças e nem queria me mover.

— Inspire e expire — ela entoou.

Deslizei a mão pelas costas dela, percebendo que sua camiseta estava um pouco erguida e que a mão de Will estava enfiada por dentro; não acariciando, mas apenas buscando calor.

— Seja lá o que estiver atrás de você, está falhando — eu disse a ele. — Você não está fodido. Você é o mais forte de nós todos, porque você sobreviveu ao pior.

Eu fracassei em destruí-lo. Miles Anderson fracassou. Dois anos e meio na prisão também. E a vadia que o tratou como lixo no ensino médio, e que ainda fazia morada na sua cabeça, também fracassaria.

Esfreguei as costas de Winter, e comecei a acariciá-la com o meu polegar.

O som de sua voz e da água da ducha nos embalava em um estado de puro relaxamento, tudo se acalmando, aquecendo e parecendo tão gostoso, que eu só queria mais disso. Nós acariciávamos a pele dela, devagar,

mas minha mão começou a esfregar com mais força, tornando-se mais exigente e em busca de um contato físico maior.

Minha mão resvalou até sua bunda. Eu precisava sentir o que era meu. Sentir absolutamente tudo o que me pertencia, bem aqui.

— Todos nós passamos por um monte de merda — Will disse.

— Põe merda nisso — acrescentei.

E nada parecia mais gostoso do que estar segurando tudo o que eu mais prezava no mundo inteiro, exatamente aqui.

Will e eu continuamos acariciando a pele dela, exigindo muito mais à medida que nossas respirações aceleravam. Ela tentou levantar a cabeça, mas acabou tombando novamente, afundando-se no peito de Will e arqueando as costas ao nosso toque.

— Meninos... — implorou.

No entanto, ela não conseguiu dizer mais nada.

Will tirou a camiseta dela, deixando-a apenas de sutiã, e eu segurei seu rosto lindo, acariciando sua pele. Ela inclinou a cabeça, cedendo ao nosso toque em seus braços, seu pescoço, suas costas.

Então passou os dedos pelos braços de Will, e o senti suspirar e relaxar contra o meu corpo quando a mão dela saiu de seu braço e acariciou o meu, seu toque percorrendo toda a extensão.

Nós nos emaranhamos em uma teia de braços e mãos; as nossas sobre o corpo dela, as dela sobre o nosso, retribuindo o afeto à medida que Will ia de um frenesi ao outro enquanto a ducha da água afogava o mundo lá fora.

Ela arqueou a coluna, segurando o rosto de Will, mas me beijando; um beijo lento e profundo, provocando-me com sua língua, e o único som que se podia ouvir naquele chuveiro era o de nossas respirações.

Segurei seu rosto com a mão e a bunda com a outra, e puxei-a contra mim, esquecendo que Will estava no meio. Ao invés de se afastar, ela se esfregou contra ele, que acabou soltando um longo gemido quando suas virilhas friccionaram e o deixaram com tesão.

Winter congelou, seus lábios pairando sobre os meus, parecendo estar chocada a princípio, até que um gemido escapou de sua boca.

Eu a observei, sentindo seu corpo entre minhas mãos, e beijei-a com sofreguidão, partindo para cima dos dois enquanto meu coração martelava e minha virilha avançava para a frente, quente e necessitada.

Tudo o que eu possuía estava aqui. Tudo. Eu não os deixei desaparecer. Eles estavam aqui. Agarrei um punhado de seu cabelo. Minha.

Puxei o corpo dela contra o dele outra vez, chupando e mordiscando seus lábios; a boca de Will tomou o pescoço de Winter, e ele a envolveu mais apertado em seus braços, como se ela fosse seu salva-vidas, e nós três nos tornamos uma bagunça de mãos, mordidas e amassos.

Will chupou o mamilo dela por cima do sutiã, enquanto ela rebojava os quadris contra os dele, desesperada, transando com ele por cima do jeans.

Ele agarrou os quadris dela, inspirando por entre os dentes entrecerrados e ajudou-a a se mover.

— Não a faça parar — ele disse, rangendo os dentes. — Não pare.

Ela apoiou a mão na parede às minhas costas, segurou meu rosto com a outra enquanto nos beijávamos, e transava a seco com ele. Mas então ela gemeu e se afastou, subindo por cima dele para ficar de pé, de repente.

O qu...

Meu sangue congelou, e Will mal era capaz de respirar, ambos agonizando e de pau duro, só esperando por ela.

Merda, o que eu fiz? Será que ela se apavorou?

Fechei os olhos, recostando a cabeça na parede.

— Está tudo bem — eu disse a ela, olhando para cima. — Sei

que sou ferrado da cabeça. Pode ir.

Meu Deus. O que eu estava fazendo?

Pareceu tão gostoso ter os dois aqui comigo, nos meus braços, e eu sabia que Will sentia o mesmo. Depois de tanto tempo, de tanto ódio...

Mas ela balançou a cabeça.

— Eu não quero ir.

Então por que ela saiu?

Caramba, ela era linda. Com um corpo molhado que poderia matar qualquer um.

E eu a queria pra caralho.

Por que ela não estava aqui?

Até que a vi desabotoar e retirar a calça jeans, descartando a peça molhada no chão.

Ela esticou o braço às costas e soltou o fecho do sutiã, movendo o cabelo molhado por cima do ombro, os seios empinados e cheios agora me encarando. Will e eu congelamos, apenas olhando para ela.

Macia e brilhante. Molhada e trêmula.

Meu pau inchou, e encarei sua calcinha vermelha de renda, ciente de quão gostosa ela era por baixo daquele tecido.

Não pude conter o sorriso que se formou no meu rosto quando me inclinei contra o Will e sussurrei em seu ouvido:

— Está vendo aquela merda ali? — rosnei, ambos focados no triângulo que cobria a boceta de Winter.

Ele arfou.

— Você fica do lado de fora — ordenei.

Ele riu, seu tom debochado mostrando que havia voltado ao seu velho eu:

— E se eu não ficar?

— Então pode ser que você realmente morra essa noite.

Ele gargalhou e eu o empurrei para poder me levantar.

Fui até ela e levantei-a, colocando-a por cima do meu ombro e dando um tapa em sua bunda.

Ela ofegou de susto.

— Desliga esse chuveiro — eu disse a Will. — Vamos para a cama.

Capítulo 30

Winter

Dias atuais...

Nós quase morremos. Uma hora e meia atrás, estávamos afundando no rio, e eu só queria segurá-los e tocá-los, e nunca mais soltá-los esta noite, para que só sentíssemos o que havia de bom neste momento.

Isso era tudo o que eu queria. Eles em segurança, que Damon soubesse que eu estava firme ao seu lado, e que Will soubesse que era nosso. Nós o havíamos reivindicado, e nunca o deixaríamos cair.

Damon me jogou na cama, meu corpo se agitando com algo inexplicável, e veio por cima de mim, seu jeans molhado roçando contra a minha calcinha e me deixando louca.

Ouvi alguém fechar a porta do quarto, e Damon estava tão excitado quanto eu, sem aguentar esperar nem mais um segundo. Ele desabotoou o jeans, arrastou minha calcinha para um lado e abriu minhas pernas, penetrando-me e embainhando seu pau até o talo.

Gemi alto, seu comprimento tocando profundamente lá dentro e enchendo-me de um jeito tão gostoso que tudo o que consegui fazer foi cravar os dedos em seus ombros.

Ele grunhiu, apoiando o peso do corpo em uma mão e enfiando a outra por baixo da minha bunda enquanto me fodia, bombeando os quadris entre minhas pernas tão duro e tão rápido, como se ele estivesse possuído.

— Damon — arfei, rebolando meus quadris de encontro aos dele.

Inclinei a cabeça para trás, sua boca devorando meu pescoço, e ouvi o som de roupas caindo no chão. Provavelmente Will, livrando-se do jeans.

— Caralho, isso é sexy — ele disse, de algum lugar perto da cama.

Gemi, meus seios balançando para cima e para baixo com a força de suas estocadas, e a carne sensível dos meus mamilos passou a ansiar pela sua boca.

Damon grunhia enlouquecido, arremetendo com força, e eu adorei cada segundo. Eu queria ser fodida com aspereza nesse exato instante.

Desenfreado.

E então ouvi a voz de Will perto do meu ouvido assim que ele subiu na cama.

— Qual é a sensação? — sussurrou.

Virei a cabeça, sentindo seu hálito sobre meus lábios.

— Grosso — gemi. — Dói de um jeito tão gostoso.

Segurei-me aos quadris de Damon quando a boca de Will pairou sobre a minha.

— Você está molhada por ele? — ele perguntou.

— Hummm-hummm...

— Você tem um corpo fantástico, garota. — Ele inspirou por entre os dentes cerrados.

E então sua língua cálida lambeu meu lábio, e um calor súbito se espalhou pela minha barriga, fazendo o meu clitóris latejar ainda mais.

— Quero brincar com você — ele sussurrou. — Deixe-me tocar a sua boceta.

Comecei a ofegar, quase desejando chorar, porque as sensações eram intensas demais, e eu queria sentir tudo, mas estava ficando zonha com a velocidade com que Damon se impulsionava contra o meu corpo, fodendo-me gostoso.

Will cobriu meus lábios com os dele.

— Deixe-me te tocar, porra.

Assenti.

— Eu vou tocá-la, cara — ele avisou o amigo.

Damon ficou em silêncio, e eu deslizei minhas mãos pelo seu peito, sentindo seu corpo se mover em instinto para tomar o que necessitava. Eu queria sentir isso para sempre.

Eu o queria para sempre.

Queria manter este lugar onde pudéssemos nos esconder em nossos lugares sombrios e sentir tudo aquilo que não compreendíamos. Medo irracional e declínio. Perigo, fúria, calor e necessidade.

Tão intensos que é como se você fosse um animal.

Preto e vermelho.

E debaixo da terra, por trás de uma porta fechada, neste quarto, nós deixamos acontecer. Simplesmente nos entregamos.

— Ah, caralho... — Will grunhiu um gemido quando acariciou meu clitóris.

Seus lábios macios brincavam com os meus, apenas acariciando e provocando, enquanto seus dedos me atormentavam, esfregando meu nó, enquanto seu amigo me fodia.

Arfei e gemi, o hálito quente de Will se misturando ao meu, e fechei os olhos, procurando por Damon, segurando-o contra mim e impulsionando meus quadris de encontro aos dele e ao toque simultâneo de Will.

O desejo cresceu por dentro, minha respiração arfante à medida que eu ficava mais excitada e desesperada. Estava quase lá. *Eu* estava quase lá. Will mergulhou a língua na minha boca, reivindicando meus

lábios em um beijo profundo, e fiquei pensando se Damon estava nos observando. O que ele estava vendo? Será que ele gostava?

Eu podia sentir seu olhar sobre nós.

Então ouvi o som de sua voz, profunda e áspera.

— Vocês dois... — ele disse, soando como uma ameaça. — Estão me deixando com mais tesão ainda.

E desacelerou as estocadas, ambos desfrutando de cada pedacinho do seu corpo que estava enfiado tão profundamente no meu, e abaixou-se e tomou meu seio em sua boca.

Arfei, mas a boca de Will se afastou da minha e foi parar no meu outro seio, ambos chupando os mamilos. Enfiei meus dedos por entre os fios de seus cabelos — o de Damon mais comprido e sedoso, o de Will mais curto e espesso —, enquanto eles me beijavam, mordiscavam e mordiam. Inclinei a cabeça para trás, arqueando as costas para aprofundar o toque de suas bocas em meus seios.

Minha nossa, ter os dois me beijando ao mesmo tempo...

Damon então veio de encontro à minha boca e me beijou, duro e intenso, e afundou o rosto no meu pescoço, depositando uma trilha de beijos pela minha pele quando Will reivindicou meus lábios outra vez. Mergulhei no sabor da boca de Will, segurando Damon contra mim, até que ele puxou meu queixo na direção dele, de forma que pudesse beijá-lo novamente. Um após o outro, eles alternavam entre chupar minha pele e beijar minha boca.

Damon devorou meus seios novamente, e Will consumiu meus lábios, só para que o amigo pudesse estocar dentro de mim outra vez, para exigir minha boca de novo, agarrando um punhado do meu cabelo.

Eu estava sem fôlego e tonta, perdendo a noção de quem era quem.

— Sexy pra caralho — Will disse —, vê-lo te foder sem camisinha.

Abri mais ainda as pernas, querendo que Damon tivesse tudo.

— Ele disse que eu não posso te foder — ele sussurrou no meu ouvido —, mas você vai sentir o meu pau hoje à noite, Winter.

Gemi, mal conseguindo respirar, porque eu queria isto aqui com eles dois. Ambos em meus braços e a sensação avassaladora em cada um dos meus sentidos, porque eu precisava disso.

Mas era intenso demais. Era muito.

Damon saiu de dentro de mim, e só tive um instante para me dar conta do que ele estava fazendo, antes que estivesse comendo a minha boceta. Will afastou a mão e a deslizou pelo meu corpo, chupando e me beijando.

Minha respiração vinha em arquejos enquanto Damon mordiscava e me provocava com sua língua, e preendi o fôlego por um

instante, quando senti o desejo se avolumar.

— Não pare — implorei. — Eu amo o que você está fazendo comigo.

Ele me comeu, chupando com força, e não consegui mais segurar.

O orgasmo explodiu, espalhando-se por todo o meu corpo, e comecei a tremer, segurando sua cabeça contra mim à medida que ele chupava meu clitóris.

— Ai, meu Deus... — gemi.

Mas quando ele se levantou e seu jeans caiu no chão, eu só queria mais dele antes que me chupasse outra vez.

Afastando-me de Will, eu me ajoelhei na cama, engatinhando até o fim onde ele devia estar de pé, e enlacei seu pescoço, beijando-o com tudo o que eu tinha.

— Eu te amo — sussurrei.

Ele estava quente e duro, seu pau era como uma barra de aço cutucando minha barriga. Eu me coloquei de quatro na cama e o tomei em minha boca.

Caramba, eu queria isso. Queria senti-lo com a minha língua. Queria senti-lo em todo lugar.

Eu o chupei o mais profundo que pude ir, enrolando minha mão ao redor de sua ereção, movendo para cima e para baixo, devagar e com força, e senti seu gemido se misturar à respiração áspera.

Ele agarrou um punhado do meu cabelo enquanto eu o lambia e chupava, e não deixei intocado nenhum pedacinho de sua pele macia. Ele começou a bombear os quadris, segurando minha cabeça, e pude sentir-me ficando encharcada.

Movi-me para o lado.

— Will, venha cá — eu disse, baixinho. — Deite-se.

Ele se moveu por baixo de nós, e quando estava em posição, segurei Damon em minha mão e passei a perna por cima do corpo de Will, montando seu colo na posição contrária.

— Ah, puta merda... é isso aí — ele gemeu, percebendo o que eu estava fazendo e se acomodou melhor abaixo de mim.

De volta na posição de quatro, tomei Damon com a boca outra vez e consegui estabelecer um ritmo, pairando meus quadris acima de Will e esfregando nossas virilhas uma à outra. Gemi profundamente quando

Damon preencheu minha boca e cavalguei seu amigo, pressionando-me com mais força contra o seu pau duro por cima da minha calcinha.

— Winter... — Damon perdeu o fôlego.

Deslizei a língua por baixo de seu pau, provando a gota salgada na ponta. Will agarrou meus quadris, esfregando-se com força contra mim, tão duro e necessitado também.

Damon se retirou da minha boca e se inclinou para me beijar enquanto eu ainda moía contra Will.

— Vire-se — Damon sussurrou.

Saí de cima de Will e comecei a me virar, até que Damon disse ao amigo:

— Lençol.

Will cobriu sua virilha com o lençol de seda, e eu subi em cima dele outra vez, sentindo sua ereção através do tecido macio e sedoso. A cama afundou atrás de mim, e senti Damon se aninhar contra a minha bunda.

Ele então rasgou minha calcinha por trás, o som do tecido se rasgando enchendo o quarto.

Damon agarrou minha mandíbula e virou meu rosto para que pudesse falar por cima dos meus lábios:

— Abaix a cabeça e empine essa bunda.

Um calafrio me percorreu da cabeça aos pés, e me inclinei contra Will, arqueando as costas e esperando sentir o que eu queria.

Will segurou minha cabeça contra seu corpo, e senti o mesmo estremecimento o percorrer abaixo de mim.

Damon abriu mais ainda as minhas pernas e se pressionou contra as minhas costas para que minha bunda ficasse mais para cima, e então pairou na minha entrada.

Exatamente como fez na casa mal-assombrada.

A cabeça de seu pau empurrou para dentro de mim em um movimento gostoso e lento, enchendo-me e tocando lá no fundo. O pau de Will se esfregava contra o meu clitóris através do lençol abaixo de mim, e comecei a me mover, ciente de que era eu quem deveria ditar o ritmo para que ambos conseguissem chegar ao clímax ao mesmo tempo. Rebolei os quadris em um movimento em forma de oito, para cima e sobre o pau de Will, e para trás e contra o de Damon. Para cima e para trás. Para cima e para trás.

E quando eles começaram a se mover para sincronizar o ritmo, grunhindo e gemendo, concluí que estava fazendo bem feito.

Apoiei-me em minhas mãos, cavalgando os dois ao mesmo tempo, transando a seco com Will abaixo de mim, e sendo fodida por Damon às minhas costas, que se agarrava ao meu cabelo. Will subiu um pouco o corpo para que pudesse chupar meus mamilos, um depois do outro, e o quarto se encheu com os sons de nossos ofegos e da necessidade dessa transa. Da necessidade dessa conexão.

Damon arremeteu rápido e com força, e eu fiz o mesmo, esfregando-me

em Will enquanto me inclinava para baixo para beijar seu peito. Ele me segurou contra ele, me chupou e mordiscou, e, em instantes, não éramos nada além de corpos, bocas, mãos e ânsia dolorosa e profunda.

Eu gozei primeiro, gritando e tremendo, as sensações avassaladoras atravessando meu corpo até o clitóris e fazendo-me inclinar a cabeça para trás, perdendo todo o controle. Simplesmente fiquei ali, de quatro, o orgasmo me devastando enquanto Will gozava, seu corpo contraindo e espirrando contra o lençol, suas mãos agarrando meu quadril e meu seio.

Damon me empurrou para baixo, segurando meu ombro e pescoço, e estocou cada vez mais forte enquanto Will aninhava minha cabeça contra ele para me proteger.

Damon gemeu baixinho, seus movimentos agora mais erráticos e selvagens, e então gozou, impulsionando-se bem dentro de mim em um movimento longo, lento, até que seu clímax desvanecesse.

Ele se balançou mais algumas vezes, então desabou sobre as minhas costas, encharcado de suor; nós três tentando resgatar o fôlego. Minhas pálpebras estavam pesadas, e eu podia jurar que era capaz de sentir seus batimentos cardíacos contra mim.

Relaxei em cima de Will, sentindo Damon por trás, e apesar de saber que o medo e a preocupação pelo que aconteceu mais cedo esta noite me sobreviriam amanhã, eu não conseguia sequer formular um pensamento coerente no exato momento.

Agora mesmo, eu não queria sair desse quarto nunca mais.

Somente quando o ar se tornou mais frio e nossas respirações se acalmaram foi que tentei me levantar de cima de Will. Damon fazendo o mesmo.

Will arrancou o lençol arruinado da cama, e, uma hora depois, pude ouvir o som de sua respiração tranquila quando caiu no sono à minha esquerda.

Damon se aninhou às minhas costas, ambos ainda acordados, mas eu sabia que ele havia apagado as luzes.

Acomodei os braços contra o meu peito, para me aquecer, enquanto Damon mantinha um dos dele sobre mim, e agora que estávamos mais calmos, esperei que a culpa me consumisse.

A vergonha. A preocupação. A dúvida.

Mas nada disso veio. Pelo menos, não ainda.

Nós nos tocamos e nos beijamos, e nos lançamos uns nos outros, e eu estava grata porque eles estavam aqui. A salvo e seguros.

Eu não queria pensar.

— Nunca deixei que mulheres fizessem aquilo para mim — Damon disse, baixinho, interrompendo o silêncio.

— O quê?

— Colocar suas bocas em mim — respondeu. — Ali embaixo.

Ele não deixava as mulheres fazerem sexo oral nele?

— Eu só... — vacilou. — Não é algo que eu...

Ele teve dificuldade em encontrar as palavras, mas entendi ao que ele se referia, então tentei afastar a tristeza da minha voz:

— Eu sei — eu disse, liberando-o de ter que dizer com todas as letras.

Tinha a ver com o que sua mãe fez com ele.

— Por que você me deixou seguir em frente então? — perguntei, em um tom suave.

— Nem sequer pensei sobre o assunto até que tudo tinha acabado — sussurrou. — Era como se ela não estivesse aqui. Só você.

Ele inspirou profundamente e seus braços ao meu redor se apertaram.

— Eu te amo — ele disse.

Aquilo me fez desabar, e lágrimas escorreram pelos meus olhos. Lágrimas de felicidade.

Ele fez com que eu me virasse de frente, subiu acima de mim e me beijou enquanto se aninhava entre as minhas pernas outra vez.

— Eu te amo — sussurrou contra os meus lábios.

Segurei seu rosto entre minhas mãos. *Meu Deus, como eu te amo.*

E quando quase perdi o fôlego no instante em que me penetrou novamente, eu soube ao que ele se referia tantos anos atrás. A raiva e a fúria, o calor e a necessidade – anos em que estes sentimentos nos trouxeram a este momento, quando finalmente descobrimos quem éramos e por quem viveríamos.

Vermelho.

De todas as cores, era do vermelho que eu mais gostava.

Capítulo 31

Winter

Dias atuais...

Noite do Diabo.

Acordei meio insegura e sem saber por quanto tempo havia dormido, mas sabia que já era tarde quando nos deitamos. Já devia ter amanhecido, o que significava que hoje à noite era o grande dia. A Noite do Diabo.

Senti a presença dos corpos à minha esquerda e direita, e um pequeno ciclone espiralou pela minha barriga, fazendo-me apoiar as mãos sobre ela para me controlar; amassei o tecido da camiseta que Damon encontrou em um dos armários noite passada e me emprestou.

Tudo o que havia acontecido na noite anterior veio à tona, e apesar do meu rosto estar pegando fogo de vergonha, eu não podia negar o quão bem me sentia aqui, neste exato lugar. Todos os meus músculos ainda estavam meio dormentes, e minha mente estava em paz, ainda que fosse durar apenas alguns minutos.

Levantei a mão e toquei um rosto, sentindo a mandíbula marcada de Damon e as sobrancelhas retas, seu nariz e o pescoço quente. Levantei a outra e deparei com Will dormindo de barriga para baixo, o cabelo macio caindo em sua testa.

Nós três.

Tanto sofrimento e desilusão. Fiquei um pouco assustada, mas sabia que eles estavam também.

Continuei deitada ali, ouvindo o som do silêncio, ciente de que estávamos no subsolo, mas surpresa por não conseguir ouvir mais coisas. Nenhum passo acima. Nada de encanamento. Aquela era uma fortaleza bem sólida. Nunca soube que eles a haviam reformado, mas o chuveiro era impressionante.

As catacumbas.

Damon disse alguma coisa sobre algo escondido aqui embaixo, certo? Em uma piscina rasa? Ou um poço?

Imaginei o aposento que ele descreveu que ainda existia aqui.

Eu os deixei dormindo, e o mais silenciosamente possível saí da cama e encontrei o caminho até a porta do quarto.

Aonde mesmo ele disse que eu deveria ir?

Alguma coisa que ficava próxima ao patamar da escada.

Saí do quarto, ciente de que o chuveiro estava do outro lado do corredor e que havíamos virado à direita. Não passamos por nenhuma escada, então virei à esquerda e segui em frente, ouvindo uma música tocando; segui o som enquanto tateava a parede.

Você vai virar à esquerda do patamar da escada, ele disse, e seguir adiante.

Depois de vários minutos, meu coração começou a acelerar um pouco mais a cada passo que eu me afastava de Damon. A música estava mais alta agora, e estendi a mão à frente, tentando detectar o início de alguma escadaria de pedra. Apoiei meu pé no primeiro degrau, só para ter certeza. Esta devia ser a escada que levava ao piso principal da catedral.

Virei as costas para ela e tomei o caminho da esquerda, atravessando o corredor. Percebi que o piso de mármore se transformou em chão batido, e as paredes já não eram tão lisas, e, sim, ásperas sob meus dedos. Quando senti a corrente de ar, virei à direita e estendi a mão, deslizando-a pela parede para contar as portas.

Caramba, este nível no subsolo era imenso. Fiquei imaginando o que eu havia perdido por aqui, na época do ensino médio, mas pensei melhor... Provavelmente eu ficaria mais feliz se não soubesse.

Alcancei a quarta porta e parei, imediatamente ouvindo o gotejamento de água do qual ele me falou. Medo se apoderou de mim, porque eu estava longe de todo mundo aqui nas catacumbas, mas meu coração deu um salto de emoção também, exatamente por ter encontrado o lugar que ele havia descrito.

Dei um passo para dentro e engoli o nervosismo, seguindo pela parede ao redor até encontrar o ponto onde a água escorria pelas pedras, empoçando em uma pequena piscina. Eu me ajoelhei e tateei por entre as rochas, enfiando os dedos na água enregelante.

Mergulhei a mão e fui tocando em todo o lugar, sentindo as pedras, até que deparei com uma pequena fenda num canto. Quando enfiei a mão por dentro, reconheci algum tipo de caixa.

Eu a retirei de onde estava alojada e a coloquei no chão, procurando o fecho para abri-la. Cuidadosamente, passei a mão por cima do que havia ali guardado, só para me assegurar de que não fosse alguma coisa cortante.

Encontrei um saquinho plástico, peguei-o e apalpei, sentindo algo duro ali dentro. Eu o abri e dedilhei pequenas contas e outro objeto de metal.

Tirei os dois do saco e os segurei na mão, examinando-os.

Na mesma hora, reconheci a cruz do rosário. Era o terço de Damon. Aquele que ele usava na escola, o mesmo de quando havíamos nos conhecido na fonte, quando crianças.

O outro objeto era de metal, com um fecho pontiagudo e um entalhe desenhado. Um prendedor de cabelo.

E então a memória me inundou – eu retirando a presilha do meu cabelo. Por que mesmo dei isso a ele?

O terço, o prendedor, a fonte...

Eu o mordi.

O quê?

As lembranças eram tão fugazes, mas se tornaram vívidas e intensas.

— Eu o mordi naquele dia — eu disse, em voz alta, quando tudo veio à tona. — Antes que fôssemos para a casa da árvore. Ele me deixou mordê-lo na fonte. E ficou feliz por eu ter feito aquilo. Por quê?

O que estávamos fazendo naquela fonte? E por que aquilo foi mais importante para o Damon do que o que aconteceu na casa da árvore?

Deixando a caixa e o saco plástico no chão, levei os objetos de volta pelo corredor, refazendo meus passos.

— Winter? — Ouvi a voz de Rika.

— Oi — respondi, estendendo a mão para ela.

— Você se perdeu? — ela perguntou, vindo até mim para que eu pudesse segurar seu braço.

Neguei com um aceno de cabeça.

— Estou apenas explorando — comentei. — Você poderia me levar até o banheiro, por favor?

— Você está bem?

— Espero que sim — brinquei.

Eu não fazia a menor ideia do que deveria responder, e do jeito que a minha vida estava, a resposta poderia ser diferente em questão de cinco minutos. Então... me pergunte depois.

Nesse exato momento, no entanto, eu só precisava de outro banho. Os pisos naquela área não reformada das catacumbas eram imundos.

E também teve o que aconteceu na noite passada, então...

Ela nos levou ao banheiro espaçoso e sentei-me assim que encontrei a penteadeira.

— Eles ainda estão na cama? — ela perguntou, fuçando em alguns itens no armário.

Abri a boca para responder “sim”, mas a natureza de sua pergunta me atingiu, me deixando paralisada.

Eles ainda estão na cama? Havia mais do que um quarto aqui embaixo, com certeza. Por que eu deveria saber se Will ainda estava na cama?

A menos que...

— Você nos ouviu — eu disse, meus ombros cedendo na mesma hora.

Eu mal conseguia respirar. Nunca tive uma vida sexual, mas quando eu dava início a uma, todo mundo ficava sabendo de tudo.

— Ouvi um pouquinho — ela disse, mas seu tom de voz tinha

um toque de diversão.

— O Michael também?

Quando ela não respondeu, eu soube.

Cacete.

— Está tudo bem — ela me tranquilizou, chegando perto de mim e colocando alguma coisa na minha testa. Chiei em protesto quando o corte ardeu. Eu nem tinha percebido que havia me machucado no acidente da noite passada.

Franzi o cenho, preocupada.

— O que vocês devem estar pensando...

Cada gemido e grito de prazer que deixaram minha boca ontem à noite vieram à minha mente, quase me matando de vergonha. Assuntos privados deveriam permanecer privados, porque nem todo mundo entenderia. Agora eu conseguia até visualizar Michael e ela descendo aqui embaixo, para conferir se estávamos bem, e ouvindo tudo aquilo. Provavelmente pareceu tão superficial.

— Estou pensando que... eu entendo — ela disse. — E você não tem que se explicar para mim.

Fiquei grata pela sua educação, mas ainda assim...

Ela limpou meu corte, ficando em silêncio por um instante, e então aplicou um band-aid próximo à raiz do meu cabelo.

— Nossa vida é uma sequência de planos — ela finalmente disse. — Dias, semanas, meses, anos... E então, existem alguns momentos. Momentos que você não vê chegando e nem mesmo planeja, mas tudo o que você mais precisa, todas as coisas que quer sentir, estão exatamente nesse instante.

Eu a ouvi, processando suas palavras.

— As pessoas se tornam mais próximas, e por um ínfimo espaço de tempo — prosseguiu —, é lindo e áspero, porque você não consegue pensar, e nem mesmo quer fazer isso. Você apenas sente. — Ela fez uma pausa antes de continuar: — São momentos que nos recordamos.

As pessoas se tornam mais próximas. Então...

— Você e Michael e...?

— Kai — ela respondeu, baixinho. — Antes de ele se casar, claro.

Ela afastou o kit de primeiros socorros, tampou alguma coisa e fechou a caixa.

— Então, acredite em mim quando digo que te entendo — explicou. — Homens não sentem vergonha por desfrutar do sexo do jeito que querem. Você não deveria sentir também.

Dei um sorriso tímido, agradecida por todos nós termos nossos segredos.

— Você tem algumas marcas no seu pescoço — ela disse. — Só

para te avisar.

Marcas? Tipo... chupões?

Esplêndido.

— Então... você o perdoou? — ela perguntou.

— Quem?

— Damon.

Pensei por um instante e exalei um longo suspiro. Agora... essa era uma boa pergunta.

— Sim — respondi. — Não... eu não sei. Senti raiva por tanto tempo. Mas eu o amo.

— Você só não sabe se pode confiar nele.

— Eu não sei se deveria fazer isso — esclareci.

Será que eu deveria?

Eu queria confiar nele, e havia coisas que eu nunca duvidaria.

Eu sabia que ele sempre viria atrás de mim. E sabia que ele me amava. Também sabia que, por mais que isso durasse, eu seria, provavelmente, a mais feliz e miserável criatura da face da Terra.

Ele me deixava com tanta raiva, que tudo o que eu queria fazer era dar um soco na cara dele.

Mas então... não havia nada melhor do que beijá-lo.

Eu não deveria perdô-lo. A resposta mais honesta era que eu nunca mais queria ficar sem ele, então, para dizer a verdade... nunca houve dúvida nenhuma a respeito de perdô-lo.

— Você vai me perdoar? — ela perguntou, de repente.

Franzi o cenho, confusa.

— Pelo quê?

Ela se manteve em silêncio, e não percebi que estava segurando o fôlego até que meus pulmões começaram a arder.

— Eu entreguei a informação sobre o seu pai ao Damon — ela finalmente disse.

Fiquei boquiaberta, sem saber o que dizer. Achei que Damon fosse o único responsável por aquilo, e minha raiva já até havia dissolvido. Raiva dele e do meu pai.

Mas, saber que ela esteve trabalhando com ele. Que sabia de todos os seus planos e o ajudou?

— Rika — a voz severa interrompeu o silêncio, e dei um pulo, assustada.

Damon. Ele estava do outro lado do aposento, provavelmente no batente da porta, e depois de um instante, senti quando Rika se afastou.

— Ligue para Banks e Kai — ele disse, num tom mais suave. — Diga para virem aqui. E você pode arrumar alguma coisa para ela comer? — Então acrescentou: — Por favor?

— A mesa de café da manhã está posta lá em cima. Vou

providenciar um prato — ela disse — e algumas roupas.

Eu meio que desejei não ter que pegar suas roupas emprestadas agora, mas não tinha escolha. Será que eu estava brava com ela? Foi ela quem deu as informações que mudaram a minha vida para sempre e fizeram meu pai fugir.

Mas, ao mesmo tempo, o dinheiro com o qual vivíamos não era nosso, e meu pai não era uma boa pessoa.

De um jeito ou de outro, Damon acabaria conseguindo o que queria. Eu só não gostei de saber que mais gente esteve envolvida nisso. Fazia com que eu me sentisse como um peão em um esquema muito maior do que eu sabia. Impotente.

E as famílias deles não eram exatamente um exemplo de santidade, também. Que direito tinham de destruir a minha?

Damon se aproximou e segurou meu rosto com uma das mãos. Não me afastei de seu toque, mas fiquei rígida na cadeira, sem estar realmente no clima.

Ele se ajoelhou, para nivelar nossas alturas.

— Se você não me odeia, não a odeie também — ele disse. — Eu tinha a informação que ela precisava, e ela tinha a minha. Ela se arrependeu de me entregar tudo quase que imediatamente.

Eu sabia que ele estava certo. Não deveria tratá-la de forma diferente.

Havia acabado de processar toda a raiva que sentia por ele, e isso acabou trazendo tudo à tona outra vez.

Ele pegou os objetos da minha mão, e pisquei, assustada, lembrando que ainda os segurava.

— Por que isso estava aqui? — perguntei.

Sua resposta não foi imediata, até que disse:

— Eles estavam em segurança aqui, acho. Não quis deixá-los na minha casa, quando soube que iria para a prisão.

Prisão.

Por três anos.

E eu fui enviada de volta a Montreal para escapar do escândalo que se abateu sobre a cidade quando ele, Will e Kai foram sentenciados; tive que fugir das zombarias e cochichos de todos aqueles que pensavam que eu era uma puta.

Ele mentiu para mim. Ele não deveria ter feito aquilo e acabou pagando o preço.

Mas havia tantas coisas a mais entre nós dois. Enterradas nas rachaduras de todas as coisas quebradas, onde as palavras sempre haviam sido verdadeiras e os dias muito mais longos sem a presença dele.

Quando ninguém mais poderia me fazer ver o mundo da forma como ele fazia, e mesmo depois de anos, nas partes mais silenciosas da

minha mente, senti falta da sensação de seu olhar em mim.

Talvez, naquelas noites, ao se esgueirar para dentro da minha casa só para que pudesse me levar em alguma aventura, tenha sido o verdadeiro Damon.

Recostei minha testa à dele e peguei o prendedor de volta, colocando-o no meu cabelo.

— Preciso de um banho. — Sorri. — Quer entrar na minha fonte comigo?

Ouvi sua risada e, então, ele se levantou, puxando-me para o calor dos seus braços.

Capítulo 32

Damon

Dias atuais...

— Argh, mas que porra...? — resmunguei, estremecendo e inalando uma baforada do meu cigarro enquanto observava Banks limpando meu ferimento.

Era como se ela estivesse me cutucando com um atizador.

Ela estava sentada em uma cadeira à minha frente, os olhos nivelados com a ferida suturada e balançando a cabeça.

— Que diabos você fez com isso?

— Um montão de coisas — Will debochou, entrando com Michael e Rika na cozinha luxuosa e dando a volta na imensa bancada central de mármore.

Como eu havia imaginado, eles detonaram completamente o lugar. Não tive nem coragem de olhar o restante depois que subi as escadas.

Banks tocou no ponto onde o ponto havia arrebentado, e só torci para que não tivesse acontecido o mesmo por dentro quando uma leve onda de náusea varreu meu estômago. Mas ainda bem que passou rápido.

Will chegou perto de onde Winter estava sentada, bem na minha frente na bancada, e encostou a cabeça à dela, sussurrando algo em seu ouvido.

— Sai de perto dela, porra — eu disse.

Ele podia conversar com ela. Só não daquele jeito íntimo.

Will levantou a cabeça e começou a rir, erguendo as mãos e afastando-se.

Nada havia mudado. Era bom que ele não se esquecesse disso.

— Você vai ter que ir ao hospital outra vez, Damon — Banks comentou.

— Nem fodendo. — Soprei uma baforada. — Apenas cola um curativo aí.

— Você está de sacanagem? — disse, irritada.

Rika se aproximou, carregando uma mochila pequena e vestida em um terninho preto e com o cabelo esvoaçado e selvagem. Ela arrancou o cigarro da minha boca, rapidamente procurando Michael com o olhar antes de tragar um pouco.

Mas a dor subitamente passou rasgando por mim, fazendo-me resmungar:

— Caralho, Banks.

Ela apenas balançou a cabeça, e eu mal percebi quando Rika

enfiou o cigarro de volta entre meus lábios.

Dei mais algumas tragadas, cravando as unhas de leve na área ao redor do ferimento para amenizar um pouquinho a dor insuportável.

Engoli em seco, vendo Rika abrir a mochila e enfiar um monte de coisas ali dentro.

— Precisamos de armas — eu disse.

Ela não olhou para mim, mas pegou alguma coisa dentro da bolsa e colocou-a com força em cima da bancada.

Olhei para baixo e arqueei uma sobrancelha.

— Isto não é uma arma.

Era a adaga que demos de presente a ela, dois anos atrás, como uma ameaça implícita. Coincidentemente, a mesma arma que ela usou para me esfaquear, também, não muito distante do ferimento que eu possuía agora. No entanto, o corte que ela havia feito não chegou a ser tão profundo.

— É a nossa saída — respondeu, ainda concentrada em sua tarefa.

— Nossa saída?

O que ela queria dizer com aquilo?

Ela fechou a bolsa e fixou o olhar ao meu.

— Se você quer esta cidade, não podemos liderar um massacre nas ruas — disse, ríspida. — Eles não irão nos temer por estarmos armados. Eles terão medo de nós porque nunca fracassamos.

E então ela pegou a bolsa e começou a se afastar com a cabeça erguida.

Dei uma risada zombeteira.

— Senhora prefeita...

— Cale a boca — disparou.

No entanto, Michael a alcançou, envolveu seu corpo entre seus braços, e levou-a junto com ele, olhando para mim e sorrindo.

— Eu sabia que ela ia gostar da ideia.

Sim. Ela estava no papo. Definitivamente.

Banks cortou mais dois pedaços de esparadrapo, dividindo as pontas em dois pequenos triângulos para que se formasse o curativo tipo borboleta que poderia manter a incisão fechada, até que eu pudesse voltar ao hospital.

— O que vocês vão fazer? — Winter perguntou.

— Você quer dizer, o que *nós* vamos fazer? — caçoei.

Ela deu de ombros.

— Eu posso ficar aqui com o Sr. Crane — ela disse. — Não quero ser um empecilho e atrasar vocês.

Estreitei o olhar, encarando-a. Ela estava linda em um suéter apertado com gola rolê e calça preta, o cabelo solto e sedoso às costas;

Rika ainda a havia ajudado com um pouco de maquiagem. Ela estava pronta. Por que pensou que não viria junto com a gente, de repente?

Não quero ser um empecilho e atrasar vocês.

Eu me afastei de Banks e fui até onde ela estava sentada. Inclinei-me por cima de um canto da bancada e segurei-a por baixo dos braços, levantando-a de sua banqueta, lentamente, para colar o nariz ao dela.

Ela tentou virar o rosto para o outro lado, mas fiz o mesmo movimento.

— Quem disse que estou com pressa? — sussurrei.

Sua boca se curvou para um lado, como se estivesse tentando disfarçar a tristeza.

— Não quero que tenha que se preocupar comigo — admitiu. — Você precisa estar focado hoje à noite.

Encarei-a, pensando em todas as vezes, nos anos que viriam adiante, em que ela poderia achar que nos moveríamos mais rápido sem ela. Que nos divertiríamos muito mais sem ela. Desfrutando de toda espécie de aventuras sem ela.

Com mais liberdade sem ela.

Eu não viveria desse jeito. E não a deixaria viver assim também.

— Não é assim que nós fazemos as coisas — eu disse. — E essa já não é a sua vida também.

O canto de seu lábio se contraiu, como se fosse chorar, mas ela se conteve.

Se eu algum dia pensasse que não poderia fazer alguma coisa com ela, então não faria nada.

— O seu lugar é ao meu lado — afirmei. — Agora repita isso.

Ela sussurrou:

— O meu lugar é ao seu lado.

— Mais alto. — Eu a sacudi com gentileza, mas meu tom era firme. — Minha mulher não tem que pedir permissão. Ela é uma força da natureza. Diga mais alto.

Seu queixo começou a tremer, mas a voz soou com um pouco mais de força:

— Meu lugar é ao seu lado.

E então a beijei, fazendo com que ela acreditasse. Ela sempre seria desejada.

Fiz com que se sentasse novamente, vendo o sorriso tímido em sua boca. Alex entrou na cozinha e jogou um monte de coisas em cima da bancada, na minha frente.

Era um terno preto com a camisa de botão branca e uma gravata preta. Bem parecido ao traje de Rika.

Havia luvas e sapatos também.

Olhei para ela.

— É uma festa, afinal de contas — ela disse.

E em seguida colocou minha máscara em cima de tudo.

Dei uma risada, não deixando de perceber a ironia de tudo aquilo.

Pelo jeito, não éramos mais garotos vestidos em moletons. Era hora de nos restabelecermos em Thunder Bay.

Meia hora depois, apertei o nó da gravata e calcei as luvas pretas de couro, saindo pela porta da frente em direção a uma das motos que

Michael disponibilizou. Eu não fazia ideia se ele possuía todas elas, mas a vila era pequena demais para acomodar nossos veículos utilitários esta noite, então... as motos eram a melhor escolha.

Conferi meu bolso frontal e tateei a adaga, assegurando-me de que estivesse bem presa, e montei na moto mais próxima de Michael. Eu não sabia por que havia trazido a faca, mas tínhamos uma história. Então, por que não?

— Suba aqui, garota. — Ouvi Will dizer. — Vamos lá.

Olhei por cima do ombro e avistei Alex sorrindo e balançando a cabeça enquanto passava a perna por cima da moto, sentando-se na garupa dele.

Kai e Banks estavam a postos na quarta motocicleta, enquanto Lev e David ficariam na retaguarda com o Mercedes Classe G de Michael.

As duas últimas garotas vieram de dentro da casa; Winter segurava o braço de Rika, que a guiava pelo caminho até mim. Segurei a mão de

Winter à medida que ela tateava o assento com a outra.

Dei um sorriso. Ela usava uma venda de tecido vermelho. Eu ainda conseguia ver seus olhos, mas era uma máscara perfeita, porque não a impediria a ver o mundo com seus outros sentidos.

— Você já sabe o que vai ter que fazer? — perguntei.

Ela montou na garupa, com uma pequena mochila às costas.

— É só me dizer quando.

Então enlaçou minha cintura com os braços, e eu soltei minha máscara que estava presa ao pulso, colocando-a sobre a cabeça.

Olhei para Michael, Rika já acomodada atrás dele e puxando sua máscara para cobrir o rosto.

— O seu pai também estará lá — adverti.

Ele riu baixinho, dando partida em sua moto.

— Uma coisa de cada vez — gritou.

Todos ajustamos nossas máscaras, agarramos os guidões das motos e disparamos pela estrada.

Ele tinha toda a razão.



Era o cenário perfeito.

Um lugar público. Sem crianças. Caos e atividade.

Parece que, nos últimos anos, nossa ausência fez com que as pessoas comesçassem a sentir falta dos Cavaleiros, e a cidade de Thunder Bay decidiu instituir uma espécie de evento, algo como a Noite das Travessuras, por conta própria.

No início da noite, rolava um desfile de fantasias para as crianças, mas, depois das dez, o toque de recolher entrava em ação, e todo mundo abaixo de dezesseis anos tinha que estar trancado em casa.

Para que deixassem os adultos brincar.

Bandas de música tocavam em alguns bares, as bebidas eram servidas na rua, e a praça inteira se transformava em um circo gótico e sinistro, com barraquinhas, jogos, artistas e atores. A decoração se espalhava por todo o lugar, as pessoas vestiam fantasias, sendo encorajadas a escolher máscaras, pois havia boatos de que rolavam festinhas bem safadas e privadas, ou exclusiva para quem possuísse convite. O evento começou até mesmo a atrair pessoas de outras cidades vizinhas.

Era tudo muito... fofo.

Não era ruim, se você quisesse passar um tempo com os amigos para tomarem uma cerveja, mas isto aqui não era a verdadeira Noite do Diabo. Estas pessoas usavam o preto como fantasia.

Para nós, era o momento de tirar a fantasia. Era a hora em que mostrávamos quem realmente éramos.

Paramos em um semáforo, o centro do vilarejo bem à frente, e nos entreolhamos para qualquer pergunta de última hora.

Chegar. Distrair. Invadir.

Este era o plano.

Levantei minha máscara e olhei para Winter, por cima do ombro.

— Está pronta?

— Pronta como uma bola de boliche — ela repetiu as instruções de Rika para o seu papel nesta noite.

Senti quando ela mexeu na mochila entre nós, procurando alguma coisa.

Baixei a máscara, estendi a mão para trás e apertei sua coxa, e então acelerei a moto, juntando-me aos outros.

A multidão se espalhava adiante, lotando as mesinhas nas calçadas de cafeterias e bares, ou se agrupando ao redor das barraquinhas no fim da rua, mas as pistas não estavam tão

tumultuadas, já que o desfile havia acabado horas atrás.

Me Against the Devil explodia no sistema de alto-falantes da praça, onde adolescentes do ensino médio e universidades dançavam e pulavam para cima e para baixo, e esperamos por mais um instante antes de sair dali. Winter mantinha um agarre firme em mim com um braço, enquanto se preparava para usar o outro.

Aceleramos em direção ao agito, o ruído ensurdecedor de nossas motos sobrepujando todo e qualquer barulho na praça; as pessoas levantaram as cabeças e olharam para nós, tentando descobrir o que estava acontecendo enquanto rodeávamos a praça a toda velocidade. Michael e eu, com Winter e Rika nas garupas, contornamos a esquina, fazendo uma volta completa pelo perímetro da praça, ouvindo gritos e assovios enquanto nossos pneus queimavam o asfalto. Kai e Will nos seguiam mais atrás, e um pouco mais devagar, averiguando a entrada da taverna The White Crow enquanto passavam.

O vento chicoteava nossos rostos, e avistei as viaturas da polícia estacionadas ao longo da calçada; Rika apontou sua pistola de paintball para o céu à medida que Michael liderava o caminho para fazer mais uma volta pela praça. A música me animou mais ainda, e agarrei o guidão da moto com força, acelerando.

Pronto e... Dei dois tapinhas na perna esquerda de Winter.

Ela puxou o pino da granada de fumaça e jogou do lado direito, como se fosse uma bola de boliche. A coisa quicou pela rua, a fumaça verde se espalhando assim que chegou à curva.

As pessoas gritavam animadas à medida que torres de fumaça subiam pelos ares, criando uma névoa ao redor. Se houvesse crianças por ali, pelo menos aquilo não era tóxico.

— Eu consegui? — perguntou, com a boca colada no meu ouvido.

— Com perfeição.

Queria tanto que ela pudesse ver. Acelerei pela esquerda e freei bruscamente, dando outros tapinhas em sua perna e sentindo-a remexer na mochila. Ela puxou o pino e, dessa vez, jogou do seu lado esquerdo, caindo embaixo de um carro, a fumaça roxa flutuando por baixo.

Disparamos novamente, e pude ouvir suas risadas enquanto eu desviava de um lado ao outro, animando a multidão. Percebi que os policiais nos observavam pacientemente, pensando até onde nos permitiriam chegar.

Ouvi um cara gritar da calçada:

— Paintball?

Olhei por cima do ombro e o vi com uma imensa mancha vermelha em seu suéter cinza, bem no centro do peito.

Ele apontou o dedo, rindo:

— Eu vou te dar o troco, Rika! Eu sei que foi você!

Comecei a rir.

Nós lançávamos mais granadas enquanto Lev e David controlavam os drones que voavam acima de nossas cabeças; os drones estavam “disfarçados” como pequenos ceifadores com crânios e robes pretos que flutuavam ao redor da praça, zumbindo para as pessoas.

Nós tínhamos a atenção de todos, as nuvens de fumaça pulverizando o ar e turvando as vistas.

Dei um tapinha na coxa esquerda de Winter. Ela arremessou outra granada, dessa vez liberando fumaça rosa.

Acelerei, sinalizando em sua perna direita, e outra lata caiu no chão, exalando fumaça vermelha.

Os quatro cantos da praça estavam cobertos pelas nuvens coloridas; Rika atirou mais dois tiros de paintball nos tijolos acima das janelas da joalheria da sua família.

Banks e Alex, ambas usando suas próprias máscaras, seguravam suas granadas no ar, pulverizando a fumaça atrás delas.

— Tudo bem, comece a lançar mais algumas — gritei para Winter. — Toque o terror!

À medida que eu pilotava, ela atirava as latas, esgotando seu estoque, e observei enquanto a fumaça tomava conta da área, criando uma cobertura tão espessa que foi preciso diminuir a velocidade para enxergar.

Até que, por fim, ela soltou minha cintura, levantou uma lata de fumaça em cada mão, depois de puxar os pinos, e as segurou para cima.

— Uhuhuuuuuu! — gritou, rindo.

Todos demos uma última volta e aceleramos em direção à taverna The White Crow, finalizando nossa travessura.

As pessoas corriam pelas ruas, gritando por causa dos drones voadores, e desapareciam em meio à fumaça.

Desci da moto e levantei a máscara.

— Está se divertindo? — perguntei a ela, ajudando-a a descer da garupa.

Ela jogou as latas fora e recolocou a mochila nas costas.

— Não sei. — Riu. — Qual será o preço dessa diversão?

— Passar o resto da sua vida ao meu lado — respondi, enlaçando sua cintura. — Isso vai ser um saco.

Entrei com ela na taverna, todos os outros nos seguindo. Assim que entramos, olhei para Kai, por cima do ombro.

— Não havia nenhuma segurança na porta quando passamos — ele disse. — Talvez ele ainda não esteja aqui.

Ele estava. Esta era uma reunião anual, assim como o único momento em que ele convidava seus respeitáveis sócios, que não eram da cidade, para virem até sua casa. Ou o mais perto de sua casa que ele os queria. Meu pai era metódico com sua rotina, e seu orgulho não permitiria que ele faltasse ou cancelasse este evento.

— Vamos — eu disse.

Nós entramos na taverna, que nem poderia ser descrita assim, na verdade. Era um salão de encontros da era revolucionária com lareiras, pisos originais em alguns cômodos, e três andares com salas de jantar, bebidas e de jogos de pôquer particulares.

A clientela era muito mais chique do que a multidão do lado de fora, agora atolados em uma montanha de fumaça.

Os homens usavam ternos e *smokings*, enquanto as mulheres trajavam vestidos de festa e máscaras sobre os olhos.

— Espalhem-se — instruí. Todos nós ainda usando nossas máscaras para nos misturarmos em meio à multidão.

Nós nos desviamos, alguns para a esquerda, outros para a direita, perambulando pelo lado de fora da festa. O ambiente era tão pequeno que as pessoas estavam amontoadas aqui, mas passamos por entre mesas, tentando ver todos os convidados sob a luz das velas.

Eu sabia que ele estava aqui. Ele devia estar nos fundos ou em outro andar.

E então, eu o avistei. Parado bem no meio do salão, de costas para a escadaria em espiral, conversando com outro homem enquanto bebericava seu drinque.

Estava usando o terno preto de sempre, mas com uma camisa de botões brancas dessa vez, e sem gravata.

Will parou ao meu lado e eu segurei a mão de Winter.

— Tem gente pra caralho aqui dentro — ele disse.

Assenti.

— Achei que ele estaria em uma sala de jantar privativa.

Não podíamos fazer isto em público.

— Como vamos conseguir pegá-lo sozinho? — perguntou.

Eu não sabia. Precisava pensar. Varri o olhar pela sala, avistando seus seguranças – três em volta do perímetro, e provavelmente devia haver mais uns dois em algum lugar do lado de fora.

Sabia que teríamos que neutralizar os guarda-costas, mas achei que faríamos isso no segundo ou terceiro andar. Com menos gente. Menos testemunhas. Se começássemos alguma confusão aqui, os policiais chegariam em questão de segundos.

— É só você colocar todo mundo pra fora — Winter finalmente respondeu.

Olhei para ela, assombrado.

— Como faremos isso? — Will insistiu.

Ela pegou a mochila que levava às costas e procurou por mais algumas bombas de fumaça remanescentes.

— Por um momento, todos estarão em pé de igualdade comigo — brincou.

O que significava que eles andariam às cegas por aqui. Dei um sorriso, pegando as granadas e as entregando nas mãos de Will.

— Mano a mano — eu disse a ele.

Ele se afastou, repassando a estratégia defensiva do basquete para os outros, para que cobrissem nossa retaguarda quando a merda explodisse.

Tirei a máscara, alisei o cabelo e ajeitei o terno.

— Cubra a porta — murmurei para Lev, que havia acabado de entrar.

Por um instante, considerei em deixar Winter ali por um pouco, sem querer que meu pai a visse, mas isso a deixaria vulnerável para que qualquer um de seus homens chegasse a ela.

Eu a levei comigo e fui em direção ao meu pai, mantendo-a por trás do meu corpo. Peguei uma bebida de uma bandeja que passava por ali, e aproximei-me, o homem com quem Gabriel conversava fixou o olhar ao meu e aproveitou a deixa. Ele se desculpou e eu fui calmamente até o meu pai.

Gabriel percebeu minha presença e olhou ao redor, provavelmente pensando onde eu achava que isso poderia ir.

— O que você quer? — perguntou.

Dei um passo adiante, parando ao seu lado e tomando um gole da minha bebida.

— Thunder Bay — respondi em voz baixa.

— Você pode ter muito mais.

— Saia daqui por vontade própria — ordenei, ignorando-o. — Ou farei com que saia.

Ele riu e bebericou seu drinque.

— Vai precisar de muito mais do que aquilo para me derrubar. — E então me encarou, seu rosto fino adornado por um sorriso irônico. — Você não passa de um menino. Sempre valentão, menos comigo.

Winter agarrou meu paletó, por trás, e senti sua testa recostar contra as minhas costas, em um lembrete de que ela estava aqui.

No entanto, eu o encarei, ciente de que ele estava certo. Mesmo quando eu finalmente abria a boca e conversava com as pessoas, quando era criança, destratando todo mundo que tentasse me destratar, machucando a todos para que não fosse machucado, ele era o único a quem eu temia, porque eu precisava dele. Quão pior poderia ter sido para mim se eu não tivesse o dinheiro e a influência dele para

me proteger?

Em um certo ponto, cheguei a pensar – será que eu me comportava daquela forma porque podia? Ou me comportava daquele jeito porque era a única maneira de sobreviver naquela casa? Porque... garotos de onze anos de idade não deveriam estar pensando em acabar com suas próprias vidas...

Uma comoção tomou conta da sala enquanto eu mantinha meu olhar focado ao dele, e concluí, sem a menor dúvida, que com meus amigos e com Winter ao meu lado, nada que ele pudesse usar para me ameaçar mudaria minha decisão tomada. Eu não precisava nem dele nem do seu dinheiro e proteção. Eu só queria que ele desaparecesse.

Para longe desta cidade e das nossas vidas.

E se ele não fosse sair daqui por vontade própria, eu não hesitaria em usar aquele pequeno pen drive para fazê-lo ir embora. Aquilo poderia até não derrubá-lo, mas não custaria nada tentar.

Fumaça azul flutuou ao nosso redor, e ouvi as pessoas exaltadas à medida que mais duas latas que Will largou disfarçadamente pulverizaram uma grossa nuvem neste espaço ínfimo e apertado.

Nossos olhares se conectaram, convidados se esbarrando e tentando sair da montanha de névoa colorida, tossindo e preocupados que aquilo pudesse manchar suas roupas.

Um sorrisinho debochado curvou os lábios dele, porque ele sabia o que estava acontecendo, e eu fiz o mesmo, retribuindo seu sorriso zombeteiro.

A fumaça dominou o ambiente, como um cigarro dentro de um frasco, passando por nós, e, de repente, todo mundo se dirigiu às portas, correndo para se verem livres do espaço confinado.

Mas então cambaleei quando alguém esbarrou em Winter e ela caiu contra mim, e quando me virei de repente, a vi cair no chão, oculta por toda a fumaça.

Eu me abaixei e estava começando a fazê-la se levantar quando alguém passou correndo e deu uma joelhada em sua cabeça.

— Você está bem? — Coloquei-a de pé e segurei seu rosto.

Ela assentiu, um pouco trêmula.

— S-sim.

Olhei ao redor da sala, tentando ver se Will e todos os outros haviam conseguido chegar aos seguranças, ou se Lev ainda protegia a porta, mas não consegui ver merda nenhuma.

Eu me virei de volta para o meu pai, mas deparei com o lugar vazio. Ele tinha sumido.

Segurei a mão de Winter e nos guiei pela multidão, encontrando Lev ainda parado à porta enquanto os convidados saíam com toda pressa.

Ele levantou sua máscara até a metade do rosto.

— Ele não passou por aqui — atestou.

Dei a volta e fui em direção à saída dos fundos, mas ouvi uma agitação acima de mim. Olhei para a estreita escadaria em espiral e vi dois dos homens do meu pai subindo a escada.

— Ele está indo lá pra cima — gritei para Lev. — Fique aí!

Corri em direção à escada e coloquei a mão de Winter sobre o corrimão.

— Tem um monte de degraus.

Ela se agarrou a ele e encontrou o primeiro.

— Eu consigo.

— Tem certeza?

— Vá! — gritou.

E nem sequer pensei duas vezes. Corri escada acima e olhei para ela, atrás de mim, vendo-a agarrar-se com firmeza ao corrimão e subir os degraus enquanto ainda mantinha uma de suas mãos entrelaçada à minha.

Tentei ver alguma coisa além da escadaria, mas a fumaça cobria tudo, e eu não tinha noção da direção que ele tomou. Ele não podia fugir. Nós precisávamos manter isso em um local público, e eu não queria dar chance para que ele se organizasse e nos contra-atacasse.

Quando chegamos ao topo da escada, Winter esbarrou em minhas costas e eu estendi a mão para trás, agarrando sua coxa.

— Sshhh — eu a silencieei.

Olhei para o longo corredor, vendo inúmeras portas. Esse prédio não era dele. Ele só o alugava para estas ocasiões. Ele não teria apoio ou algo escondido aqui em cima, certo?

Will veio correndo ao nosso encontro, parou ao meu lado e Michael, Alex, Rika, Banks e Kai chegaram logo atrás.

— Ele está em algum destes quartos — informei.

Fomos em direção ao corredor, mas Winter me puxou de volta.

— Esperem — ela disparou. — Ele não se trancaria aqui dentro. Será que tem uma escada de incêndio?

Will e eu nos entreolhamos.

— O telhado — ele disse.

Rangi os dentes e inclinei-me contra o corrimão, gritando lá embaixo com Lev:

— Vá para o lado de fora e vigie a saída de incêndio!

— Okay! — ele respondeu de algum lugar.

Coloquei a mão de Winter no meu braço e instruí:

— Fique sempre atrás de mim.

Ela assentiu, e eu corri, todo mundo vindo em nosso encalço enquanto acessávamos a escada escura à esquerda.

— Degraus — avisei.

Ela estendeu a mão e segurou o corrimão, respirando com dificuldade, tentando acompanhar, mas assim que ela encontrou o primeiro degrau, subiu a escada como se estivesse sendo perseguida por mil demônios.

Nós subimos a escada, empurramos as portas e nos espalhamos pelo telhado, e quando olhei para cima, imediatamente avistei meu pai com um de seus seguranças seguindo em direção à borda onde alcançariam a escada de incêndio.

Eles se viraram e o segurança tentou pegar sua arma, mas, de repente, algo passou voando por nós, pelo ar, e o acertou no meio da testa. Seu pescoço pendeu para trás e os joelhos cederam, o corpo colapsando no chão do telhado.

Mas que porra?

Uma adaga estava caída no chão, perto dele, e provavelmente o cabo fora o responsável por apagá-lo.

Olhei para Rika e a vi parada na posição do arremesso, com o braço ainda estendido.

E então ela aprumou a postura e respirou profundamente.

Hum, tudo bem.

Meu pai olhou para o seu segurança no chão, e inspirou diversas vezes, enquanto avaliava sua situação atual.

Até que seu olhar se fixou ao meu.

— Você não vai fazer o que tem que fazer — ele disse, o brilho das lâmpadas e das árvores do parque às suas costas.

Fumaça ainda pintava o ar.

Retirei a mão de Winter do meu terno, toquei o seu rosto e afastei-me, aproximando-me dele enquanto todo mundo ficava para trás.

— Eu fiz isso uma vez — comentei, pensando na minha mãe. — Você realmente achou que ela esteve se divertindo em uma praia paradisíaca esse tempo todo?

Ele entrecerrou os olhos e inclinou a cabeça, como se estivesse até impressionado. Deve ter suspeitado que minha mãe estava morta; afinal de contas, ela nunca mais apareceu, em anos.

E ele sabia que se ela não ficasse longe e não me deixasse em paz, que eu a obrigaria a fazer isso.

— Você permitiu tudo aquilo — eu disse, ríspido, avançando mais um passo e parando em seguida. — Você permitiu que ela fizesse tudo aquilo comigo.

— Poupe-me dessas lamentações — ele rebateu. — Uma bocetinha é o que todo menino em crescimento precisa.

Eu o encarei.

— Então... o que você fez com ela? — ele perguntou. — Onde ela está?

Ele queria dizer... o corpo?

Meu olhar se manteve fixo ao dele, enquanto eu pegava o punhal que havia colocado por dentro do bolso. Seus olhos pousaram na lâmina e depois se voltaram para mim quando agarrei o punho da adaga.

— Chegue mais perto — zombei.

Firmei o aperto, ouvindo o rangido suave da luva de couro.

— Você não vai fazer isso — ele disse. — Não consegue.

Você sabe que eu consigo. E que vou fazer.

— Deixe a cidade — murmurei.

Mas seus olhos relancearam para algo às minhas costas.

— Ela já está grávida do meu neto? — perguntou, olhando para Winter de cima a baixo. — Contanto que a cegueira não seja hereditária, procrie com ela o quanto quiser. Eu estava esperando alguns bastardos vindos de você em algum momento.

Dei mais um passo à frente.

— Eu não perderia o controle, se fosse você — ele disse, rapidamente. — Você precisa de mim vivo. De que outra forma poderei alterar meu testamento para incluí-lo novamente?

E então parei.

Seus olhos se enrugaram com divertimento enquanto esperava que eu entendesse o que ele havia acabado de dizer.

Eu não estava nem aí para a porra do dinheiro.

Mas se eu não era o herdeiro, então quem era?

— Banks é um “filho” mais do que você foi — ele continuou. — Eu deveria ter percebido isso há tempos. Aquela menina nasceu na sarjeta. A força vem mediante as provas. Você sempre teve tudo na mão. Herdou essa fraqueza da sua mãe.

Olhei para trás, vendo minha irmã que havia se livrado da máscara. Ela me encarou, preocupada.

— Banks... — sussurrei.

— É a minha única herdeira — ele concluiu. — Mudei meu testamento ano passado. Ela é responsável, esforçada e inteligente. Ela não vai falir as empresas pelas quais trabalhei a vida toda. Se você for bonzinho e se comportar, posso mudar meus desejos outra vez.

Algo sobre o que ele disse fez um nó retorcer meu estômago. Como se eu ainda odiasse o fato de ele pensar que eu não era bom o bastante.

— É até um pouco irônico, na verdade — prosseguiu. — Que deposei minha esperança e energia em você por tanto tempo, acreditando que uma filha nunca poderia ser o que um filho homem é; pelo que parece, agora, as suas irmãs serão as únicas realmente poderosas em Thunder Bay. Não você.

Irmãs?

Olhei para ele, confuso, e um sorriso frio e cruel se espalhou pelo seu maldito rosto.

De que porra ele estava falando?

Eu só tinha uma irmã.

Capítulo 33

Damon

Dias atuais...

— Elas são impressionantes, não é verdade? — meu pai perguntou, espreitando à minha volta, como se estivesse olhando para alguém atrás de mim. — Nem estou infeliz com isso. Mal posso esperar para ver o que elas podem fazer.

Devagar, eu me virei, olhando por cima do ombro, mas algo me disse que eu já sabia a quem ele estava se referindo. Eu sempre soube.

Avistei Rika e Banks paradas ali, nos observando e me lançando um olhar questionador.

Fechei os olhos, meu coração martelando no peito. *Filho da puta.*

— Irmãs... — eu repeti, voltando a encará-lo.

— Também é bem irônico que pude engravidar qualquer mulher com facilidade, menos a minha própria esposa. — Gabriel pegou um cigarro do bolso frontal de seu terno. — Christiane era linda, no entanto. Não era minha intenção engravidá-la, mas eu sabia que a criança seria bonita com genes como aqueles.

Eu não podia acreditar.

Até que, mais uma vez, tudo começou a fazer sentido. As estrelas finalmente se alinharam.

Ele acendeu o cigarro e soltou algumas baforadas de fumaça no ar.

— Rika... — eu disse, em voz baixa. — Ela é sua.

— Ah, bem que eu queria — ele retrucou, sorrindo para si mesmo. — Mas não, Erika é uma Fane.

O quê?

Então eu não...

— Alguns anos antes de tê-la — ele disse —, Christiane teve um filho.

E então ele olhou para mim, tragando o cigarro e me encarando com os olhos entrecerrados por trás da névoa.

Um filho.

Perdi o fôlego.

Elas eram minhas irmãs, mas Erika não era filha do meu pai. Então isso só podia significar...

Eu o encarei com ódio.

— Você está mentindo.

Ele sorriu, adorando cada segundo.

Não era verdade.

— Natalya Delova era a minha mãe — defendi. — Eu sou muito parecido com ela.

— Seja como for, você não nasceu daquela puta — ele disse.

Fiquei ali parado, incapaz de dizer qualquer coisa. Ele tinha que estar mentindo. De jeito nenhum isso aconteceu debaixo do meu nariz e eu não soube de nada.

Ela não teria.... Como eu nunca soube disso? Ela teria conversado comigo ou feito alguma coisa.

A risada do meu pai impregnou o ar mais do que a fumaça de seu cigarro ou os ruídos abaixo.

Eu o encarei outra vez.

— Schraeder Fane esteve fora do país por alguns meses — explicou. — E deixou a linda esposinha sozinha em casa. — Apontou o queixo para mim. — Não pude resistir a pegar o que queria de sua linda noivinha.

Pegar o que queria.

Tipo, eu sabia o que ele fazia naqueles quartos, lá em casa, tarde da noite... Os sons dos choros atravessando as paredes.

Fiquei imóvel quando constatei de que forma eu havia sido concebido.

— Você a estuprou.

Ele riu e deu de ombros.

— Não importa.

Fiz o cálculo na cabeça. Ela ainda era jovem. *Outra vítima jovem*. Ela tinha a idade de Winter quando Rika nasceu. Então, provavelmente, era adolescente quando eu nasci. Dezoito? Dezenove?

Meu pai continuou:

— Quando Schraeder voltou para casa e encontrou a esposa grávida, não tinha como esconder mais o que eu havia feito. Ele estava disposto a criar você como se fosse filho dele e sair da cidade com sua pequena família, mas eu não podia permitir aquilo. Homens de verdade não deixam outros homens criarem seus próprios filhos.

Eu o encarei com ódio. Como ele me criou? À base de intimidações, espancamentos e tratando-me como se eu fosse uma posse?

— Daí, na noite em que você nasceu, eu apareci e reivindiquei o que era meu — ele afirmou. — Ela gritou, chorou, esperneou. E então passou os anos que se seguiram deprimida e bêbada. Eu realmente não achei que ela fosse ficar tão mal, mas... as coisas melhoraram um pouco para ela quando a Rika nasceu.

A mãe de Rika esteve desorientada por muitos anos. Eu cresci vendo uma mulher alcóolatra, viciada em comprimidos e mal conseguindo se manter de pé, nas raras ocasiões em que ela saía em público.

E aquilo foi tudo por culpa dele. Não foi por ter perdido o marido ou algo assim. Ela mal conseguia sobreviver, e Rika mal teve uma mãe.

Mas ela sempre tinha sido simpática... Agora que havia pensado nisso. Sempre gentil e meiga.

— Eles acabaram ficando em Thunder Bay — meu pai continuou. — Provavelmente para que pudessem ficar perto de você.

Não era de admirar que ele nem sequer pestanejou quando soube o que Natalya fazia comigo no meu quarto. Ela não era a minha mãe aos olhos dele.

Para ele, ela estava me tornando um homem.

— Quando você era adolescente — ele disse —, descobri que ela e o marido estavam planeando te dizer a verdade assim que você completasse dezoito anos. Então eu cuidei de Schraeder. Com uma ajudinha, é claro.

Com a ajuda de Evans Crist, o pai de Michael.

Como ele possuía a procuração de todos os bens patrimoniais dos Fane, e Christiane estava sempre tão abstraída e drogada para se importar, Evans viu a oportunidade de controlar outra fortuna. Da família mais rica da cidade.

Olhei de relance para Rika, vendo-a franzir o cenho enquanto tentava, provavelmente, imaginar sobre o que estávamos conversando, porém nenhum dos meus amigos podia nos ouvir.

Meu olhar pousou sobre a cicatriz em seu pescoço.

— Não esperávamos que Rika estivesse no carro com ele aquele dia, mas... — meu pai disse, pausadamente. — O médico da cidade receitou um coquetel bem bacana para manter Christiane sempre dócil pelo resto da sua miserável vida.

Ele se aproximou de mim, mas tudo o que eu queria era recuar um passo. As paredes estavam se fechando ao meu redor, apesar de estarmos do lado de fora, e segurei o punhal com mais força, assim que o entendimento do que estava acontecendo pareceu pesar uma tonelada sobre meus ombros.

— Você realmente nunca prestou atenção na Christiane, não é? — zombou.

No entanto, eu mal consegui ouvir suas palavras quando me perdi em pensamentos.

Eu poderia ter tido uma vida diferente. Christiane poderia ter sido diferente. Eu poderia ter tido bons pais.

— O jeito com que ela te olha nas festas ou nas ruas da cidade — ele prosseguiu.

Ela olhava para mim? Não, eu não me lembrava disso. O que ela via quando me observava? O que eu fazia?

Minha garganta se fechou e minha mão tremeu no cabo da

adaga.

— Ela ficou arrasada antes mesmo do nascimento de Rika e da morte do marido. — Gabriel não se calou.

Ela me queria, mesmo depois de tudo o que o meu pai fez com ela? Seu marido queria me criar como seu filho ainda assim?

— Ela olha para você por longos minutos, completamente óbvia — Gabriel continuou, chegando mais perto e torturando-me com tudo o que estava bem debaixo do meu nariz, mas que nunca soube. — Acho, inclusive, que ela pode se tornar um ponto fraco, e talvez eu tenha que matá-la também.

E se ela não gostou do que estava vendo? E se foi por essa razão que nunca se aproximou de mim? E se me viu enquanto eu estava crescendo e pensou que eu estava me tornando uma cópia dele?

E se ela tiver ficado com medo de mim?

— É sério que você nunca notou? — perguntou, olhando para mim como se eu fosse a coisa mais imbecil do planeta.

A raiva tomou conta do meu peito, meu estômago retorceu em milhares de nós, e cada imagem do que ele fez com ela cintilou na minha mente.

Ele a estuprando. Destruindo a vida dela. Roubando-me dela, mesmo com seus gritos desesperados.

Obrigando que ela assistisse outra mulher me criando a poucos quilômetros de distância.

Deixando-me naquela casa para enfrentar os horrores que tive que engolir.

Então olhei para ele, cerrei a mandíbula e canalizei tudo, ciente de que nunca lhe daria netos aos quais ele pudesse tocar a mão.

— Achei que você fosse muito mais perceptivo do que isto — ele disse —, mas acho que ela não era muito inteligente também, então...

Grunhi, agarrei seu ombro e enterrei o maldito punhal em seu estômago.

Ouvi meus amigos arfando, chocados, às minhas costas, assim como escutei Banks gritando meu nome, mas soou quase como um sussurro.

Ele estremeceu, a boca aberta e os olhos arregalados pela primeira vez em sua miserável vida do caralho, e parecia não ser capaz de respirar de repente.

Puxei a lâmina e estoquei-a em sua carne outra vez, sentindo um calafrio percorrer o braço que empunhava a adaga, infiltrando-se pelo meu sangue, para ser arrefecido pelo meu ódio.

Repeti o movimento, puxando a faca e encarei seus olhos, e afundei-a

em seu maldito corpo, enterrando-a profundamente em seu estômago

pela... última... vez.

— Apenas... morra — eu disse, entredentes, bem diante do seu rosto. — Morra.

Ele se engasgou e arfou, os joelhos cedendo e o corpo se dobrou no chão enquanto arrancava minha adaga e desabava.

Alguém soluçou baixinho atrás de mim, mas todos permaneceram em silêncio, vendo-o sangrar por todo o telhado, a camisa branca se tornando carmesim.

Olhei para ele ali caído. Alguém chegou perto de mim, por trás, mas acenei com a mão para que ficassem longe.

O peso que sempre carreguei em minhas entranhas estava se dissipando, e eu não sairia dali correndo, fugindo.

Eu queria ver isto.

Queria me assegurar de sua morte.



— Você está bem? — Winter perguntou, envolvendo meu corpo com seus braços, mesmo que minhas mãos estivessem algemadas. — O que vai acontecer?

Aconcheguei-me contra ela, enterrando o rosto na curva de seu pescoço.

Não faço a menor ideia. Mas não estava mais assustado. Ela estava a salvo. Meus amigos estavam a salvo. Não importava o que fosse acontecer, pelo menos isso eu tinha conseguido.

— Vai ficar tudo bem — sussurrei.

Curiosamente, eu sentia apenas cansaço, sem nenhuma preocupação, tristeza ou culpa, talvez como devesse sentir. Eu estava apenas feliz por ele ter desaparecido das nossas vidas e por ela estar livre. Valeu a pena.

O legista estava colocando o meu pai na maca, já dentro do saco preto, enquanto a polícia colhia os depoimentos de cada um e esperava pela equipe forense chegar.

Kai nos fez prometer que nenhum de nós abríssimos a boca até conversarmos com os advogados, mas eu fui a pessoa encontrada com a faca e o sangue nas mãos.

Eu teria que depor na delegacia.

— Vá com a Banks e o Kai — eu disse a ela.

Eu a queria longe de Thunder Bay esta noite. Na cidade, novos ares, outro lugar. Queria que ela se afastasse dessa merda.

Ela segurou as lágrimas e me beijou, sussurrando acima dos meus lábios:

— Esta não é mais a sua vida. Eu não vou embora.

Não consegui conter o sorriso assim que ela me beijou outra vez. Eu não admitiria de jeito nenhum, mas aquilo ali fez a minha noite.

Banks a puxou para longe quando o policial me fez ficar de pé bruscamente e começou a me levar dali.

Olhei para ela por cima do ombro, rezando para que aquela não tenha sido a última vez em que a toquei.

Assim que passei por Rika, nossos olhares se conectaram; ela sabia que havia acontecido alguma coisa. Não era minha intenção matá-lo. Isso não fazia parte do plano.

No entanto, ela não ouviu nada do que conversei com meu pai.

Aquela era uma merda para outro dia.

Por agora...

— Um caiu — eu disse a ela. — O resto é com você.



Horas depois, recebi cuidados médicos no meu ferimento e um pão de canela embalado e que ainda permanecia intocado em cima da mesa da sala de interrogatório.

Meus olhos estavam ardendo pelo cansaço, e meu estômago roncava, mas eu não podia pegar o maldito alimento. Estava algemado e não conseguia alcançá-lo, e eles sabiam disso.

Eles ainda não haviam tentado me interrogar, provavelmente já sabendo que eu era esperto o bastante para conhecer os meus direitos.

Mas eles ainda não haviam colhido amostras do sangue na minha mão ou me feito trocar de roupas. Isso estava me deixando curioso, já que eu não sabia o que diabos estava acontecendo por ali. Ninguém veio conversar comigo e eu não tinha feito o telefonema ao qual tinha direito. E se eu quisesse ir mijar?

Esfreguei o rosto no ombro e bocejei, a lâmpada fluorescente incidindo sobre mim.

Onde estava Winter? Pensei nela, em nossa cama, dormindo pacificamente, exatamente onde eu queria que estivesse.

Mas eu sabia que ela não estava. Devia estar acordada e desesperada, tão cansada e preocupada como eu. Ocorreu-me depois que cheguei que, por mais que eu estivesse feliz por ela agora estar fora de perigo com a morte do meu pai, ainda assim, eu não queria que ela enfrentasse esse mundo sem mim. Não queria perder nenhum momento ao lado dela.

E, talvez, por esse motivo, eu tenha me arrependido do que fiz.

A porta se abriu repentinamente, e virei a cabeça, deparando

com um homem jovem baixinho e ruivo vestido em um alinhado terno cinza.

— Olá — ele me cumprimentou, ao entrar na sala e ser seguido por um policial. — Eu sou Monroe Carson.

O oficial passou por ele e observei-o enquanto abria minhas algemas. Ele se virou para sair, mas parou e, com os lábios franzidos, pegou o bolinho de canela e colocou-o na minha frente.

Hein?

Recostei os antebraços na mesa, peguei o pãozinho e arremessei-o contra a porta um segundo antes que ele a fechasse.

Babaca.

Olhei para o cara e arqueei uma sobrancelha.

— Não chamei um advogado — comentei.

Ele deu um sorriso fugaz e ergueu a cabeça. Segui a direção de seu olhar, vendo a câmera no canto, e, depois de um segundo, a luz que indicava que ela estava funcionando apagou.

Mas que diabos estava acontecendo?

Eu o encarei novamente.

O homem fuçou dentro de sua maleta de couro e retirou algo embalado em um plástico. Ele o colocou sobre a mesa, à minha frente.

— Eu posso dar um jeito nisso, se você preferir, mas pensei que você gostaria de vê-lo destruído com seus próprios olhos — ele informou.

Inclinei-me adiante para olhar o pacote e percebi que se tratava da adaga de Rika. Limpinha e brilhando como se fosse nova em folha. Talvez algumas partículas de sangue pudessem ainda ser encontradas e... será que foi por isso que ele sugeriu que o punhal fosse destruído?

Por que eles me deixariam destruir a arma que usei para assassinar meu pai?

Entrecerrei os olhos e encarei-o.

— O que é isto?

— Você está livre para ir embora.

Meu coração deu um salto.

— Por quê?

Ele suspirou e colocou sua maleta sobre a mesa, desabotoou o paletó e se sentou. Em seguida, pegou um papel de dentro da bolsa e colocou-o na minha frente.

— Ninguém lamentará a morte do seu pai — ele disse. — Para dizer a verdade, muitas pessoas estão bem satisfeitas, e agradecidas, por ele ter desaparecido. O depoimento diz que você e seus amigos apareceram no desfile para festejar. Quando você chegou, um dos empregados do seu pai, descontente, o matou, e você o encontrou deitado em uma poça de sangue no telhado.

Analisei o documento e li o que o depoimento dizia.

— Todos eles assinaram. — Ele apontou e passei um olhar pelas assinaturas.

Então fora por isso que ninguém havia recolhido amostras do sangue em minhas mãos ou roupas.

— E os seguranças dele...? — argumentei.

Ele rapidamente respondeu:

— Eles agora estão na lista de pagamento da sua irmã, já que ela se tornou a única herdeira dos bens do seu pai. Ela me assegurou que tem sua casa sob controle.

Sua casa. Foi estranho ouvir aquilo, mas pareceu mais do que adequado.

No entanto, ainda havia os policiais. O sangue no punhal. Minhas impressões. As pessoas podiam até estar felizes pela morte do meu pai, mas elas não varreriam isso para debaixo do tapete por um gesto de bondade. Muita gente não gostava de mim do mesmo jeito. Eles haviam se livrado do meu pai, então por que não me enviar novamente para a prisão para que pudesses se ver livre de mim também?

— Quem o contratou? — perguntei com suspeita. — Quem está te pagando? Quem está pagando ao resto da cidade para que façam vistas grossas para tudo isso?

Ele apenas me encarou, sem pestanejar, e então respondeu em um tom quase sereno:

— Alguém que quer que você tenha uma oportunidade, Sr. Torrance.

E eu recostei contra a cadeira, finalmente abrindo os olhos para enxergar a verdade que nem mesmo estava sendo dita.

Christiane Fane.



Destranquei a porta da frente e eu e Winter entramos na casa dela uma hora depois.

Eu não conseguia acreditar que estava livre.

Sabia que as fofocas na cidade seriam as piores possíveis, e não fazia a menor ideia de como tudo aquilo repercutiria agora que Evans Crist tinha conhecimento, sem sombra de dúvidas, de que nós sabíamos tudo sobre a morte do pai de Rika. No acidente que quase a matou também.

Mas, nesse exato momento, eu não dava a mínima. Meu pai tinha sido a maior ameaça, e embora ainda não estivéssemos completamente a salvo, eu tinha plena confiança de que as pessoas nos dariam uma fantástica e longa pausa, antes de virem atrás de nós

outra vez.

E se eles fizessem isso, estaríamos preparados.

Passei os dedos pelo meu cabelo, só querendo um banho e uma cama agora mesmo, mas havia uma coisa a mais que eu tinha em mente antes de tudo isso.

Fechei a porta e tranquei-a.

— Eu estava pensando que poderíamos ir nos sentar um pouco na fonte... — Winter disse, preguiçosamente, com a cabeça recostada contra o meu braço enquanto eu mantinha sua mão entrelaçada à minha.

— Teremos todo o tempo do mundo para isso — eu disse. — Tenho outra ideia.

— Ah, é? — Ela parecia divertida, como se já estivesse imaginando o que eu queria agora mesmo.

Mas, ao invés de me dirigir às escadas, continuei pelo saguão e entrei na cozinha.

Ela levantou a cabeça e perguntou:

— Aonde estamos indo?

— Você vai ver.

Eu a levei para fora da casa, pelo pátio dos fundos; passamos pela piscina e a casa de hóspedes e cerca de sebes, entrando na floresta. Caminhávamos bem devagar pela propriedade e pelos galhos caídos, mas, quando chegamos ao imenso carvalho branco, eu a peguei no colo e carreguei-a por cima do resto de folhas e madeira que eu ainda não havia retirado dali.

Eu a coloquei no chão novamente e segurei sua mão, fazendo com que a apoiasse sobre o tronco da árvore.

Ela passou a mão pela casca, sentindo-a de cima para baixo até que parou sobre uma placa fixada ao tronco.

Ela se afastou um pouco, endireitando a coluna, e ficou boquiaberta ao compreender porque eu a havia levado ali.

Sua respiração acelerou, e pude detectar o medo em seu semblante.

Postando-me às suas costas, envolvi sua cintura com o braço e beijei o topo de sua cabeça.

— Eu sou mais forte agora — sussurrei. — Não vou te deixar cair.

Senti seu corpo estremecer, mas ela ficou em silêncio. Apenas ali, imóvel, lutando contra os conflitos em sua cabeça.

Depois de mais um instante, ela estendeu o braço adiante e, respirando fundo, com determinação, pisou no primeiro degrau à medida que se agarrava à tábua em frente.

Fiquei observando-a subir, bem devagarinho, um passo após o outro, e a segui logo atrás, sem desviar o olhar dela por nenhum

segundo.

Ela parou na metade do caminho, sentindo a brisa chicotear seu cabelo, mas continuou logo depois.

Só mais um passo.

E mais outro.

— Pare aí, querida — instruí, quando ela chegou ao topo. Eu não queria que batesse a cabeça.

Ela ficou imóvel enquanto eu a alcançava e abria a portinhola do piso acima.

Balançando a mão para medir a largura da abertura, ela subiu e engatinhou pelo piso de madeira, levantando-se com cuidado enquanto eu ia ao seu encontro.

Ela ficou ali de pé por um minuto, situando-se, até que deu alguns passos cautelosos para tocar o corrimão. Fiquei de olho em seu pé, para ter certeza de que ela não iria muito além. Coloquei as tábuas do corrimão bem próximas umas às outras, para que não houvesse risco de alguém cair, mas, ainda assim, ela poderia escorregar e se machucar.

Dei uma volta para garantir que tudo estivesse bem firme, e inspecionei o telhado triangular, só para conferir se não havia goteiras depois da última chuva. Pensei em construir uma casa completamente fechada, mas talvez aquilo fosse o melhor para as crianças. Por enquanto, eu gostava dos lados abertos e arejados, por onde o vento podia passar e ouvir o som das folhagens das árvores.

— Então... foi aqui que você esteve esse tempo todo? — ela disse, ainda com o rosto voltado para a paisagem. — Não a centenas de quilômetros de distância de mim?

Parei às suas costas.

— Nunca.

Todas as noites que passei fora de casa, estive aqui.

Enlacei sua cintura com um braço e recostei-me contra o corrimão com o outro, contemplando a vista e pensando onde estávamos cinco anos atrás.

Era Halloween e eu havia acabado de ser preso.

— Como você está? — ela quis saber.

Sabia que ela se referia à morte do meu pai. Queria saber se eu estava chateado.

Eu ainda não tinha certeza. Estava feliz por tudo ter acabado, mas ainda estava tentando descobrir o que tudo aqui representava e qual próximo passo eu deveria dar.

A coisa mais importante era que eu não estava mais sozinho, e isso fazia uma enorme diferença. Nós ficaríamos bem.

Infelizmente, não tão bem quanto eu queria...

— Não tenho dinheiro nem casa, tenho uma esposa e,

provavelmente, uma namorada grávida — eu disse, tentando tirar sarro da situação.

Mas até eu sabia que teria uma bagunça tremenda para consertar assim que acordasse amanhã. Eu tinha muito que fazer.

Ela ficou em silêncio por um instante, até dizer:

— Estou aqui pensando se não seria mais fácil tentar uma anulação, já que o casamento não foi consumado. — As palavras ficaram pairando no ar por alguns segundos. — Se não tiver sido consumado, claro.

Olhei para ela, sabendo com o que ela estava preocupada. Se eu havia transado com a Ari...

Segurei seu queixo e virei seu rosto para mim.

— Isso se chama fraude — expliquei. — Quando você se casa sem nenhuma intenção de consumir o casamento. Estou um passo à sua frente, diabinha.

Um sorriso envergonhado curvou seus lábios, e pude sentir a tensão abandonar seus ombros.

O casamento com Ari me colocou dentro da casa dos Ashby e colocou-as sob o meu domínio. Era um meio para alcançar ao fim. Não levei muito tempo para perceber, no entanto, que eu mal seria capaz de tolerar compartilhar uma refeição ao lado daquela mulher, que dirá levá-la para a cama. Eu sabia a quem eu queria.

Ela se sentou no chão e colocou as pernas para fora, balançando-as exatamente como havíamos feito quando crianças.

— Banks não vai querer a herança — salientou. — Você pode contestar o testamento dele se quiser.

Suspirei audivelmente e sentei-me ao lado dela, inclinando-me para trás e apoiando-me contra as minhas mãos; contemplei a vista através das folhagens que nos escondiam do mundo.

— Foda-se — murmurei. — Ele estava certo. Ela vai cuidar muito melhor de tudo do que eu. E, de qualquer forma, não quero nada dele.

Ela assentiu, já sem nenhuma preocupação turvando o seu semblante. Ela parecia até feliz, e com o seu cabelo esvoaçante e os mesmos lábios rosados, era como se estivesse com oito anos outra vez, e eu, onze, incapaz de deixar de olhar para ela.

Virou o rosto em direção à casa, e fiquei feliz por ela ter gostado daqui.

— O que você vê? — perguntei.

Ela inspirou profundamente e então expirou devagar, deitando-se no chão e com as pernas penduradas pela beirada da casa da árvore.

Um sorriso sutil iluminava seu rosto.

— Eu nos vejo passando a noite aqui.

Pairei meu corpo acima do dela, segurei seu rosto entre as mãos e fui em direção à sua boca.

É isso aí.

Capítulo 34

Damon

Dias atuais...

Bati a porta do carro, acionei o alarme, dei a volta e apressei-me pela calçada, tremendo de frio.

Nevaria em breve. Eu podia sentir.

Puxei o zíper do meu pulôver e enfiei as mãos dentro dos bolsos do

jeans assim que abri a porta do teatro e entrei. O calor me atingiu na mesma hora, e alguns funcionários fizeram contato visual comigo, mas desviaram o olhar assim que me reconheceram.

Estive vindo aqui todos os dias para deixar e buscar Winter, então sabiam por que eu estava aqui.

Além do mais, a cidade inteira sabia o que realmente havia acontecido na taverna semana passada, e por mais que não tivesse ninguém se lamentando por isso, eles ainda assim mudavam para a calçada do lado oposto quando me viam. Abaixavam a cabeça, saíam do caminho e respondiam educadamente com uma ou duas frases, no máximo, quando eu pedia comida no restaurante ou colocava gasolina no carro.

Na verdade, reparei que também faziam a mesma coisa quando viam Will, Rika ou Kai. Todos nós, aliás.

Era como se a cidade estivesse mais cautelosa ou algo do tipo e as pessoas não tivessem certeza se deveriam ficar amedrontadas.

Passei pelas lojas de conveniência e pelas escadas que levavam ao

mezanino e galerias no andar superior, e abri as portas duplas, seguindo em direção ao auditório do teatro.

Música enchia o ambiente enquanto Winter se movia pelo palco, deslizando e girando, o corpo inteiro se movendo como se formasse uma unidade ao invés de membros individuais.

Desci o curto corredor rumo à área da orquestra, observando-a, o figurino leve, longo e cinza flutuando através das camadas de tecido entre suas pernas; seu cabelo esvoaçando ao redor dela assim que fez uma

pirueta e inclinou-se para trás. Não havia palavras que pudessem descrever quão linda ela era.

No entanto, em breve todos descobririam isso. Michael e Rika estavam patrocinando uma breve turnê, onde ela faria a abertura de alguns espetáculos de dança em outros teatros e festivais; se tudo corresse bem, partiríamos dali. Sua apresentação de vinte minutos

levaria ainda alguns meses para ficar pronta, mas ela já estava ensaiando e delineando a performance.

E embora fosse bom, ela merecia tudo o que lhe acontecesse, e eu não a impediria ou faria qualquer coisa para desencorajá-la. Aquilo me levou a pensar no que diabos eu faria agora também. Eu só era bom em jogar basquete, e isso já tinha ficado para trás há tempos. Meu temperamento não era dos melhores para trabalhar com outras pessoas, e eu não queria ter absolutamente nada a ver com o dinheiro e as empresas do meu pai. Banks havia assumido tudo, então ficaria em família. Aquilo era tudo o que me importava.

Eu não aceitaria o dinheiro dele, e não pediria porra nenhuma aos meus amigos. Tudo o que eu e Winter construíssemos seria pelo nosso esforço.

— Damon, você está aqui? — Ouvi Winter gritar.

Olhei para ela, sem ter percebido que a música havia parado de tocar.

— Estou chegando aí — eu disse.

Subi os poucos degraus na lateral do palco, e fui até ela, peguei-a no meu colo e fiz com que enlaçasse minha cintura com as pernas, do mesmo jeito de sempre e que havia feito na última semana, desde que passei a buscá-la depois dos ensaios, às cinco.

Ela sorriu para mim, entremeando os dedos pelo meu cabelo, e me beijou.

— Parece bom — comentei.

— Hum-hum, você é meio lesado.

— Eu não minto.

Ela riu e eu a levei do palco até a área dos camarins, para que pudesse pegar suas coisas.

Winter começou a beijar a minha bochecha, deixando pequenos beijinhos no meu rosto, orelha e ao longo do pescoço. Eu queria levá-la para casa e entrar debaixo do chuveiro. Neste exato momento.

— Como foi o seu dia? — perguntou, mordiscando o lóbulo da minha orelha.

— Bom — murmurei, desfrutando demais de sua atenção para pensar no que dizer.

Eu a havia deixado aqui às onze, esta manhã, e depois fui até a casa de Kai para recolher minhas serpentes que Banks tomou conta por um tempo, e então passei no meu apartamento no Delcour e no meu antigo quarto na casa do meu pai, para pegar o resto das minhas coisas.

Eu deveria estar procurando um emprego, mas, nesse instante, só queria levá-la para casa antes que começasse a nevar, e então eu a manteria acordada a noite inteira tentando fazer um filho que ainda não tínhamos condições financeiras de criar.

Chegamos ao seu pequeno camarim e eu a coloquei no chão, observando-a embalar as suas coisas e pegar uma muda de roupas para se trocar bem na minha frente. Peguei a mochila, meio tentado em plantar a bunda dela na penteadeira agora mesmo, mas... estava frio. Eu esperaria pelo nosso momento sob o chuveiro quente.

— Pronto? — perguntou, usando um jeans, um suéter de malha e sapatilhas.

Dei a ela o meu braço e guiei-a para sair do quarto, depois pelas coxias, o palco e pela saída dos fundos que dava direto em um beco.

— Posso dirigir? — ela caçoou.

Eu ri baixinho antes de responder:

— Você conhece as regras.

Tarde da noite, no escuro e sem testemunhas.

Viramos a esquina do prédio, depois cruzamos a rua e eu joguei sua mochila dentro do porta-malas antes de destravar as portas do carro. Assim que a abri a minha, Winter parou e disse por cima do capô:

— Sabe de uma coisa... Tem um monte de coisas lá em casa que a gente poderia vender. Obras de arte, mobílias, carpetes... Eu tenho algumas joias também.

— Não.

— Damon...

— Eu vou cuidar disso — eu a interrompi, mas mantive o tom de voz o mais gentil possível. — Vou arranjar um trabalho. E vou resolver tudo. Não se preocupe.

Não é que eu não esperasse que ela não fizesse nada, ou que ela não fosse minha parceira, mas eu havia exposto as falcatruas do seu pai. Era *minha* responsabilidade consertar as coisas e devolver a ela a vida à qual estava acostumada. A vida que ela merecia.

E, definitivamente, eu não queria ficar sem fazer alguma coisa.

Eu daria um jeito de arranjar um emprego rentável. Legítimo.

Ela abriu a porta e, assim que entramos no carro, Mikhail pulou do assento onde estava nos aguardando, para deixar espaço para Winter.

Acaricieei o pelo da sua cabeça, mas meu celular tocou no console onde eu o havia deixado e, quando conferi o visor, percebi que se tratava de um número local.

— Alô? — atendi.

— Damon Torrance? — um homem perguntou.

— Sim.

— Aqui quem fala é Grady MacMiller — ele se apresentou. — Do Banco Ibérico?

O nome me soou vagamente familiar.

— Sim? — Enfieí a chave na ignição e dei partida.

— Escuta — ele disse —, eu sei que isso vai parecer meio estranho, mas não custa tentar. Eu fui avaliar a mansão dos Ashby ontem enquanto vocês estavam fora.

Por isso o nome não me era estranho. Banks agora era a dona da casa, que compunha parte dos bens ativos dela. Ela estava tentando colocar a contabilidade em ordem, e me avisou que alguém iria até lá.

Aquilo também me fez lembrar que Winter não poderia, realmente, vender nada de dentro da casa, já que Banks possuía tudo o que havia lá dentro. Esfreguei os olhos, frustrado.

— Bem, eu tive que levar meus filhos comigo — continuou. — Infelizmente, a babá estava doente e a minha esposa es...

— E daí? — interrompi.

Jesus.

— Desculpa — ele disse, rapidamente. — Peço perdão. Enfim, nós vimos a casa da árvore e o labirinto da fonte, e questioneí aos seguranças da casa, e eles me informaram que você foi o designer. É verdade?

— Designer? — repeti, vendo que Winter ouvia atentamente ao meu lado. — Ahn... não. Eu construí tudo aquilo, se é o que você quis dizer. É isso?

— Então, meus filhos amaram as duas estruturas — ele disparou. — Absolutamente amaram de paixão. Era como se estivessem numa manhã de Natal. Bom, estou me sentindo envergonhado de perguntar isso, levando em conta quem é... ah, quem era o seu pai... Meus pêsames, senhor — acrescentou. — Mas... tenho que perguntar: você se disporia a construir outras obras como aquelas? Na minha casa? Para os meus filhos?

— Outras o quê?

— A casa da árvore e o labirinto da fonte.

Bufei uma risada incrédula.

— Hum, não. Desculpe.

— Ah, eu... hum...

— Tenho que desligar — eu disse.

Encerrei a ligação e comecei a rir baixinho. Pelo amor de Deus. O que eu era? O pai bacana da vizinhança, que ajudaria nos projetos de ciências também? Quem sabe até dar uma mãozinha na mudança de alguém?

— O que era? — Winter quis saber.

Joguei o celular no console outra vez e pisei na embreagem para trocar a marcha.

— Alguém gostou das tranqueiras que construí na sua casa — respondi. — Queria que eu construísse uma casa na árvore e uma

fonte para a propriedade dele.

— E você disse não?

— Não tenho tempo pra isso — retruquei. — Preciso arranjar um emprego e descobrir o que vamos fazer daqui pra frente. — E então parei, endireitando a postura assim que a compreensão se infiltrou no meu cérebro. — Aaahhh...

— Sim, seu tonto! — ela gritou, histérica.

Ele estava tentando me contratar.

Para desenhar e construir para ele.

Nunca me ocorreu que o que construí para Winter em sua casa fosse bom ou não, mas eu me diverti ao planejá-los. Concentrei-me totalmente no trabalho manual e desfrutei dos bons momentos em que fiquei sozinho fazendo alguma coisa. Criando todos os cantos e recantos onde eu queria passar a minha vida inteira me escondendo. Só que com ela agora.

Não me importaria em fazer aquilo como um trabalho. Só não tinha pensado no assunto. Eu possuía um monte de outras plantas arquitetônicas na época da construção.

Mas...

— Eu não posso trabalhar para as pessoas, na minha própria cidade, como se fosse um operário.

— Argh... — Ela revirou os olhos. — Primeiro você foca em Thunder

Bay, depois, você domina o mundo. O que acha disso?

O que significava que aquele poderia ser um ponto de partida. Um negócio que poderia crescer muito mais.

Muito mais.

Mas então me lembrei...

— Eu fui preso por um crime sexual — resmunguei. — Ninguém vai me querer trabalhando perto de seus familiares.

— E eu não acho que Grady MacMiller não saiba tudo sobre a sua história, Damon — salientou. — E, ainda assim, ele quis te contratar.

É, acho que sim. Ele conhecia a natureza do meu julgamento. Assim que eu me casasse com Winter, as pessoas saberiam que havia muito mais coisa por trás do que o que aconteceu no tribunal.

E então, talvez, com a propaganda boca a boca...

— Ligue para ele de volta e me passe o telefone — ela disse. — Vou fingir ser a sua assistente pessoal que atenua as coisas entre o cliente e o artista idiota e temperamental.

Dei um sorriso, enganchando um dedo na gola de seu suéter e puxei-a na minha direção, grudando nariz com nariz.

— Primeiro, o chuveiro.

E saí dali dirigindo na maior velocidade, querendo chegar em

casa o mais rápido possível.



Muito mais tarde naquela noite, logo depois que o sol se pôs, deixei Winter resolver algumas coisas do marketing do tour com a Alex, e fui até a porta da frente da casa que nunca imaginei que iria.

Havia tanta coisa que deixei passar despercebido ao longo dos anos, que, quando juntei todas as peças, consegui encaixá-las em um perfeito quebra-cabeças.

O sorvete que ela me deu na rua, quando eu tinha sete anos, dizendo que eles haviam dado um a mais para ela e Rika.

O jeito como olhou para mim no dia da formatura, e que levou até a pensar no porquê ela estava lá, afinal de contas, mas daí pensei que ela tinha ido como amiga da família, já que o Michael estava se formando também.

Os boatos que ouvi quando estava no último ano do colégio, de que ela havia mandado Rika ficar bem longe de mim, assim que entrou como caloura no ensino médio, já que estaríamos na mesma escola. Achei que fosse por causa da reputação que me precedia, mas foi porque ela temia que algo acontecesse entre nós dois.

Ela estava certa em alertá-la. E pensar nas inúmeras maneiras em que estive tentado a cruzar os limites com Rika...

Puta merda.

Ah, que caralho... Apesar de tudo, isso foi apenas mais um degrau na escada fodida das merdas que já fiz e que tornava o nosso grupo muito mais interessante. A gente ia superar.

Toquei a campainha e enfiei as mãos nos bolsos, usando meu terno e camisa de botão pretos, porque não era o Damon da Winter que eu precisava ser esta noite.

A porta se abriu e olhei bem dentro dos olhos dela, seu sorriso se desfazendo e a respiração acelerando a cada segundo.

Eu a encarei, vendo-a com novos olhos, e analisei suas características físicas para tentar detectar alguma semelhança comigo. Cabelo loiro, como o de Rika, em um coque estiloso e bagunçado, com algumas mechas ao redor do rosto. Magra, corpo definido – muito mais saudável do que há alguns anos, quando era viciada em comprimidos e álcool.

Ela usava uma calça preta alinhada, uma blusa sem mangas da mesma cor e a maquiagem leve e que a deixava com uma aparência muito mais jovem do que os seus quarenta e poucos anos.

No entanto, eu não me parecia em nada com ela. Ou talvez minha pulsação estivesse trovejando com tanta intensidade, que me

deixou impaciente e distraído e sem conseguir pensar direito.

— É verdade? — exige saber.

Ela abaixou a mão que ainda segurava a maçaneta e ficou ali de pé, em transe.

— O que é verdade? — Ouvi alguém dizer.

Rika veio de algum lugar às costas dela, os dedos enrolados na alça de uma xícara de café, olhando para mim.

Elas, por outro lado, eram muito parecidas.

Quando ninguém disse nada, ela olhou para a mãe.

— Mãe?

Mas Christiane baixou o olhar, os lábios começaram a tremer, porque ela sabia que era a hora da verdade. Não tinha mais como esconder isso.

— Meu avô costumava contar uma história... — ela finalmente disse, com um leve sotaque sul-africano na voz — Sobre um ancestral que veio da Pérsia. Séculos atrás. Uma mulher chamada Mahin.

Seus olhos tristes encontraram os meus.

— Ele disse que foi dela que herdou seu cabelo e olhos negros.

Meu cabelo e olhos negros.

— E ele dizia — ela prosseguiu — que essa característica volta e meia aparecia em algumas gerações.

Senti o sangue ferver, além da raiva que me consumia, mas eu não tinha certeza se deveria ou tinha o direito de me sentir assim; eu queria me sentir assim, porque com certeza eu acharia alguém em quem pudesse desmentir minha raiva.

Como alguém poderia ser assim tão fraco?

Tentei entender a posição dela. Meu pai era um homem perigoso, e eu sabia que ele a havia ameaçado, que havia matado o seu marido, e, sem dúvida alguma, ameaçado ferir Rika, mas...

Como uma pessoa conseguia viver assim? Nesta cidade, debaixo do nariz dele, sabendo que seu filho estava a menos de dois quilômetros de distância, vivendo um dia após o outro sem a sua presença? Por que ela não o pegou no meio da rua quando ele tinha cinco ou oito, ou onze, e simplesmente fugiu dali?

Schraeder Fane era milionário. Eles tinham condições. Será que ela fazia ideia do que eu passava naquela casa?

Mas então, eu percebi, também... que se não tivesse crescido na casa de Gabriel, nunca teria tido a chance de proteger Banks.

Ainda assim...

Rika olhava entre nós dois, o cenho franzido em confusão.

— Era você no hospital — eu disse para Christiane, lembrando-me da voz e do toque reconfortante em minhas mãos e no meu rosto.

Lágrimas jorravam de seus olhos, e ela pareceu perder o fôlego. Deu um passo na minha direção, mas eu recuei, mantendo-a à

distância.

— Não preciso de uma mãe — adverti. — Não mais. — E então apontei para Rika. — Mas preciso muito dela. Isto não muda nada, porém, não tente se intrometer entre nós dois.

— Mas que porra é essa que ele está falando? — ela perguntou à mãe, o tom de voz áspero pela preocupação. Então se virou para mim. —

Damon?

Interrompi o contato visual com Christiane – estava farto dos meus pais, porra –, e fixei o olhar ao dela.

— Eu disse que você nunca escaparia de mim — eu a lembrei. — Sempre senti isso.

Ela encarou a mãe, atordoada.

— Mãe? Por favor, do que se trata tudo isso? O que está acontecendo?

Comecei a me afastar em direção ao meu carro, mas ainda olhando para Rika.

— Nós vamos dominar o mundo, Rika. — Estendi minhas mãos à frente, sorrindo. — Você, Banks e eu.

Dei a volta e saí dali, ouvindo Rika implorar por explicações de sua mãe.

Mas sem sucesso.

Dirigi para longe, com Christiane Fane ainda parada no batente da porta, observando-me.

A única coisa que ela sempre fez.

E, tomara que ela saiba que era melhor não tentar mais do que isso. Ela não era bem-vinda agora que meu pai estava morto e fora do seu caminho.

Eu não suportava péssimos pais. Seria bom que ela se lembrasse disso.

Epílogo

Damon

Tirei o celular do carregador e levei-o ao rosto, a luz da tela irritando meus olhos cansados enquanto passava por todas as notificações que chegaram aos poucos na última meia hora e me fizeram perder o sono.

Porra, Will.

Ligações perdidas, mensagens, fotos... Ele estava se divertindo no Rio.

Ou em Cartagena. Sei lá. Esqueci onde era.

Ele na praia. Ele com uma fulana qualquer. Ele tomando sol e na areia, sem congelar a bunda aqui em Thunder Bay em pleno mês de janeiro. Deliciando-se com comidas boas e rindo.

Nos quase três meses depois da Noite do Diabo, conseguimos que ele parasse de usar drogas, mas não de beber por completo, e enquanto Kai, Michael e eu estávamos organizando nossas vidas para os feriados, nossas casas, nossas mulheres e nossos trabalhos, ele decidiu se afastar e viajar por aí. Alegou que precisava de uma mudança de cenário, mas já estava longe há tempo demais, e por mais que as fotos fossem bacanas, e ele parecesse estar feliz, eu sabia que estava apenas dando voltas, até que perdesse o equilíbrio e caísse de vez.

E, aos 24 anos, sua família toleraria esse processo de autodestruição apenas por um tempo, até que cortassem suas asinhas e o fizessem voltar para casa.

Afastando o lençol, peguei uma calça de pijama no chão e vesti, enquanto ligava para ele.

Nenhuma resposta. Enviei uma mensagem, avisando que estava acordado e que ele podia ligar de volta.

Caminei até a janela que ia do teto ao chão e avistei a balastrada da varanda, vendo a paisagem coberta pela neve que ainda caía; o manto branco parecia uma camada de glacê sobre o corrimão de mármore à medida que o vento uivava do lado de fora, chacoalhando as árvores.

Peguei um dos cigarros da mesinha e levei-o até o nariz, aspirando o cheiro de tabaco e cravo. Senti meus lábios formigarem, e enfiei-o na boca, rolando de um lado ao outro para sentir a sensação de conforto quando fazia isso.

Winter estava tentando me fazer parar. Por um bom tempo, aquilo estava fora de questão. Eu não era do tipo “não-fumante”.

Mas daí... ela mencionou filhos e que minhas roupas ficariam fedendo... e também como muita gente morria por ser fumante

passivo. E perguntou se eu queria que nosso bebê fedesse a essa porcaria...

Ah, foda-se.

Fui até as portas francesas e peguei meu isqueiro de cima da mesa e o acendi enquanto calçava meus sapatos e abria a porta para sair, mas então ouvi sua voz sonolenta do outro lado do quarto:

— Ei — disse ainda da cama. — Aconteceu alguma coisa?

Grunhi baixinho e arranquei o cigarro da boca, esmagando-o em meu punho.

Caralho. Ela teria sentido o cheiro em mim assim que eu entrasse, mas pelo menos eu teria fumado de qualquer jeito.

Joguei o isqueiro e o cigarro amassado em cima da escrivaninha, tirando os sapatos para ir em sua direção.

— Está tudo bem — eu a tranquilizei, sentando-me na cama e inclinando-me para dar um beijo nela.

— Você estava tentando fumar, não é? — ela disse, sentando-se.

Suspirei, colocando o celular de volta na mesa de cabeceira.

— Isso está me matando, amor.

Ela bufou uma risada.

— Você não tem que parar — disse. — Não vou deixar você por causa disso. É só que é mais saudável.

Então ela subiu no meu colo e se sentou escarranchada sobre minhas coxas.

— Eu sei. — Deslizei os nódulos dos meus dedos por baixo do decote em V de sua blusa, pela barriga, tocando a pele macia que ainda não mostrava que ali dentro havia um bebê.

Ela estava com apenas oito semanas, e com todos os espetáculos de dança, estava perdendo quase tudo o que comia por causa do esforço. Como eu me preocupava se o bebê estava sendo nutrido adequadamente, fiz com que todo mundo ficasse no pé dela para que se alimentasse constantemente. Ainda bem que sua turnê era curta, e ela só tinha mais alguns espetáculos para fazer antes de uma pausa longa e muito bem-vinda.

Discutimos inúmeras vezes sobre o fato de estar colocando a si mesma e o bebê em risco com todos os shows, mas ela foi determinada em me assegurar de que daria conta de terminar tudo em segurança.

As coisas correram bem para ela nos últimos meses, e ela já tinha mais projetos planejados para depois que o bebê nascesse.

Tentei comparecer a todos os seus espetáculos – sem me importar onde fossem –, mas depois do trabalho que fiz para Grady MacMiller, mais projetos começaram a surgir, e tive que trabalhar. Algumas famílias me enviaram para construir algumas coisas em suas casas de veraneio, e eu estava ocupado com o planejamento de mais

projetos já agendados para a primavera e o verão.

Assegurei-me de que Rika, Banks ou Alex estivessem com ela, caso tivesse que pernoitar fora da cidade em algum espetáculo onde não pudesse comparecer.

E embora eu estivesse pagando as contas e construindo o nosso futuro, acabei cedendo quando Banks devolveu a casa a Winter, inclusive a posse de tudo o que havia lá dentro. Banks instruiu Winter a manter tudo em seu nome, no entanto, caso ela quisesse me dar um pé na bunda algum dia.

Elas riram pra caralho disso.

Banks também honrou o acordo substancial que meu pai fez com Margot e Ari, embora nosso casamento não tenha durado um ano e agora se encontrasse anulado. Elas se mudaram da cidade, já que Ari se recusava a estar numa mesma sala que eu novamente.

De alguma forma, eu encontraria forças para sobreviver, pensei ironicamente.

E ainda não havíamos tido notícias do pai dela. Eu esperava que ele ficasse bem longe.

Winter recostou a testa à minha, deslizando os dedos pelos meus braços.

— Está nevando — sussurrou.

— Como você sabe disso?

Não estávamos do lado de fora, então ela não teria como sentir.

— Eu posso ouvir — ela disse. — Ouça...

Ficamos ali sentados, quietos e calados, e fechei meus olhos, tentando ver o mundo através dos olhos dela. Inspirei, sentindo o cheiro do ar frio, mas o silêncio tocava meus ouvidos, e não fui capaz de ouvir a princípio.

Até que escutei alguma coisa.

— No vidro — comentei.

Ela assentiu, sorrindo.

— Eu amo ouvir esse som. Como se o mundo estivesse dormindo.

Era o que realmente se parecia, como se um cobertor branco estivesse sobre todas as coisas do lado de fora. A água meio que sempre teve o hábito de acalmar o mundo à minha volta por toda a minha vida e, de uma forma ou de outra, eu a buscava e me deleitava em poder esconder-me por trás disso.

Olhei por cima do ombro de Winter, para o lado de fora da janela, a neve caindo, deixando o ar com uma beleza surreal; o movimento dos flocos de neve dando vida à Terra, ainda que tudo estivesse imóvel. Um pouco mais bonita. Um pouco mais pacífica. Um pouco mais protegida.

Ela sempre me entendeu. E sempre se sentiu assim também.

Mesmo quando éramos crianças, ela já me conhecia.



Estava sentado na fonte, a água escorrendo pelas bordas da bacia curvada acima, ao meu redor e ocultando-me dela.

Meu dedo estava doendo, pingando sangue do corte causado pelos espinhos quando passei correndo pelas sebes do labirinto, mas não ousei fazer nenhum barulho, nem mesmo respirar.

Ela estava me procurando, e eu só queria ficar sozinho. Meu queixo estava tremendo. Só me deixe em paz.

Por favor.

— Olá, querida — ela disse, depois de esbarrar com uma garotinha. — Você está se divertindo?

Fechei os olhos, imaginando estar bem longe dali. Em uma caverna. Ou em

alto-mar. Qualquer lugar longe daqui. Cocei os pequenos arranhados que eu mesmo fiz nos meus pulsos ontem, tentando descobrir se tinha coragem para cortar de vez. Talvez eu não fizesse isso. Talvez, sim. Se eu fosse fazer, não teria que ficar aqui com eles. Não teria que morar aqui. Tudo acabaria.

— Você viu meu filho? — Ouvi minha mãe perguntar e abri os olhos, meu cabelo e as lágrimas embaçando a minha visão. — Ele ama festas, e não quero que ele perca esta.

Eu não gostava de festas. Meus joelhos tremiam incontrolavelmente. Eu não gostava de nada.

— Não — a menininha disse.

Mas eu a vi me encarando através da cortina d'água, e esperei, apavorado, que ela fosse dizer à minha mãe que estava aqui.

Não diga nada, por favor.

Minha mãe finalmente foi embora, e a garotinha deu a volta na fonte, olhando para trás para ver se ainda tinha alguém aqui.

Ela chegou mais perto e disse o meu nome:

— Damon?

Por mim, ela poderia ir embora também. Eu queria ficar sozinho.

— Você está bem? — perguntou.

Vá embora, cacete. Não queria conversar com ninguém. Não diria as coisas certas e não queria responder perguntas idiotas. Apenas vá embora.

— Por que você está sentado aí? — Ela espiou por entre a coluna de água, e eu comecei a me tremer todo quando o frio se infiltrou pelas minhas roupas. — Posso me sentar aí também?

Reparei que ela estava usando um tutu – todo branco –, e que o

cabelo estava enrolado em um coque pequeno e apertado. Ela era mais nova que eu e, com certeza, aluna de balé da minha mãe. Acho que era Winter? Ela já esteve aqui antes, e eu estudava na mesma turma que a irmã dela.

— Eu vejo você na Catedral, de vez em quando — ela disse. — Você nunca pega a hóstia, né? Quando as pessoas vão comungar, você fica lá sentado. Sozinho.

A babá me levava à Missa toda semana – meus pais me obrigavam a ir, mas eles mesmo nunca iam. Era a única coisa que aquela vaca me deixava discutir. Tudo falsidade, que nem essas maquiagens que as mulheres usavam para esconder os hematomas e disfarçar o que realmente acontecia com elas. Tudo fingimento.

— Vou fazer minha primeira comunhão em breve — ela comentou. — Quer dizer, eu acho que sim. A gente tem que se confessar primeiro, e eu não gosto dessa parte.

Meus lábios se contraíram, a raiva sumindo bem pouquinho.

Eu não gostava dessa parte também. Confessar nunca me impedia de cometer os mesmos erros. Parecia estranho receber o perdão todas as vezes pelas coisas que fazia e sabia que eram erradas, mas que não me arrependia nem um pouco.

— Você quer que eu vá embora? — ela finalmente disse, quando eu não falei nada. — Eu vou, se você quiser.

Fiquei ali sentado, já não tão frustrado como antes. Até esqueci a dor na minha mão e os meus pais por um minuto.

— Não gosto muito de ficar aqui fora — explicou. — Minha irmã idiota sempre dá um jeito de estragar tudo.

Acho que entendia o que ela sentia. Também não gostava muito do mundo exterior. Nós poderíamos nos esconder.

Juntos.

Se ela quisesse.

— Então... vou embora — ela disse, e começou a se virar para ir embora.

No entanto, estendi a mão pela cortina d'água, convidando-a a ficar.

Ela parou, olhando para mim, e virou-se de frente para a fonte outra vez. Ergueu o olhar e mal esperou, antes de segurar minha mão e começar a subir no chafariz.

A água gelada espirrou para todo lado, e ela perdeu o fôlego quando se molhou. Ela riu ao se sentar bem perto de mim.

— Nossa, aqui é frio — comentou, olhando tudo ao redor, vendo a sombra da bacia acima das nossas cabeças enquanto a água caía à nossa volta.

Reparei em suas sapatilhas brancas de balé quando ela dobrou os joelhos e os abraçou contra o peito. Ela era tão pequenininha.

— O que aconteceu com a sua mão?

Olhei para o corte e enfiei a mão na água para limpar o sangue, secando a mão em seguida no meu casaco.

— Está doendo? — perguntou.

Não respondi nada. Mas, sim, doía um pouco.

— Meu pai me ensinou um negócio muito legal. Quer ver?

A voz dela era tão... relaxante. Como se ela não soubesse como as coisas podiam ser ruins nessa vida.

— Vai te ajudar a se livrar da dor — informou. — Deixa eu te mostrar.

Ela pegou a minha mão e eu tentei puxar de volta por um segundo, mas aí parei e deixei-a segurá-la à sua frente.

— Pronto?

Pronto para o quê?

Ela viu o corte na parte interna do meu dedo indicador, perto do nódulo, mas aí mordeu do outro lado do dedo, com força suficiente para apertar a pele, mas sem machucar.

Seu olhar encontrou o meu, e foi assim que ela ficou por um tempão, aumentando a pressão com os dentes só um pouquinho.

No entanto, não doeu nem um pouco. Na verdade, até pareceu gostoso, porque a ardência irritante do corte, subitamente, desapareceu. Simples assim. A dor sumiu como se alguém tivesse apertado o botão de desligar.

Ela parou de morder e me explicou:

— Ele me disse que, quando você se machuca em mais de um lugar, o cérebro só consegue registrar uma dor de cada vez. Normalmente, a dor que for mais forte. A minha cutícula estava inflamada um dia desses, e estava doendo pra caramba, aí sabe o que ele fez? Ele mordeu o meu dedo. Foi meio estranho, mas funcionou. Eu não senti mais a dor de antes.

Uma dor de cada vez. Então... se algo te machucasse, você poderia fazer com que doesse menos a partir do momento que causasse mais dor?

A ardência voltou um pouquinho, mas não tão forte dessa vez, porque a sensação da mordida ainda estava presente.

Ela mordeu de novo, e de novo, até que a ferroadada do corte desapareceu.

— E então? — perguntou. — Melhorou?

Eu queria sorrir, e achei que estava fazendo exatamente isso enquanto acenei com a cabeça.

Impressionante. Perguntei-me: se o corte fosse mais profundo, teria que morder com mais força? E, necessariamente, tinha que ser uma mordida? Eu podia fazer algo mais para afastar a dor?

Ela soltou a minha mão e sorriu para mim.

— Não me deixa feliz como biscoito e sorvete, mas pelo menos alivia um pouquinho.

Biscoito e sorvete, né? É, eu gostava disso também.

Ficamos ali sentados por mais um tempo, curtindo o barulho da cascata ao nosso redor, o labirinto calmo e os vagalumes circulando por cima das cercas-vivas. A música, a festa e nada mais existiam, a não ser o nosso pequeno esconderijo.

— Quem dera a gente não tivesse que sair dessa fonte — ela disse.

Não precisávamos sair. Não por agora, pelo menos. Deixe que nos encontrem.

— Por que você usa esse terço? — perguntou.

Segui a direção do seu olhar e olhei para baixo, vendo as contas de madeira aparecendo por baixo da minha camisa, perto do colarinho.

— Eles ficam bravos quando as crianças usam como se fosse um colar, sabia? — salientou.

Não consegui conter uma risada. E então engoli em seco, antes de responder:

— Eu sei.

Era por isso que fazia aquilo. Eles davam terços brancos às meninas, enquanto os meninos ganhavam um de madeira na primeira comunhão. O Padre Behr ficava realmente bravo quando alguns de nós o usava ao redor do pescoço. Quando descobri que isso era errado, passei a usá-lo como um colar o tempo todo.

Não havia muita coisa que eu pudesse fazer para revidar – em casa, pelo menos –, por isso escolhia coisas estúpidas das quais pudesse me safar.

Eu o retirei do pescoço e passei o terço pela cabeça dela.

— Agora você é má — eu disse a ela.

Ela olhou a peça, segurando o crucifixo prateado entre os dedos no fim do colar de contas.

— Pode ficar com ele — eu disse.

Daí ela poderia se lembrar de mim.

— Você está bravo porque estou aqui? — ela perguntou, de repente.

Eu parecia bravo?

Quando não respondi nada, ela olhou para mim.

E eu neguei com um aceno de cabeça.

— Então posso voltar algum dia? — ela sondou, esperançosamente.

E eu assenti.

— Vamos fazer assim... — ela disse e retirou o terço do pescoço e uma presilha prateada do cabelo.

Ela segurou os dois e os colocou em uma fenda por baixo da bacia acima de nós, deixando tudo escondido ali dentro.

— Já que esse é o seu esconderijo secreto — ela comentou, lançando um olhar animado. — É como se uma parte nossa sempre fosse ficar aqui. No nosso lugar.

Inclinei a cabeça um pouco e vi os objetos no local, que agora nos

pertencia, então dei um sorriso. Ela era legal. Eu gostava do jeito com que ela falava comigo.

E ela gostou daqui também.



A boca de Winter pairou acima da minha, nossos lábios provocando um ao outro enquanto eu tirava seu suéter e o jogava sobre a cama.

Seu peito roçou contra o meu, e tudo o que ela conseguia fazer era me implorar:

— Damon...

Eu a beijei lenta e suavemente, o toque de suas mãos me torturando, como se fossem penas, seu corpo cálido à minha espera.

— Damon — arfou, inclinando a cabeça para trás e dando-me acesso ao pescoço para que eu pudesse morder sua pele.

— Sshhh... — sussurrei. — Bem quietinha...

A neve do lado de fora começou a derreter, e o sons ressoaram em meus ouvidos, como se estivéssemos cercados pelas cortinas d'água da fonte, embalando meu corpo junto ao da garota que sempre me conheceu de verdade. A única mulher que precisava de mim e a única de quem eu precisava.

Eu não merecia nada que eu tinha, mas faria de tudo para me assegurar de merecer o que viesse no futuro. Nós teríamos nossa família, nossos amigos e nossa casa, e todas as noites com ela ao meu lado, cercados e perdidos onde o resto do mundo não existia, apenas nós.

Sempre nós.

Eu a penetrei e ela começou a remexer os quadris, levando-me mais fundo, para dentro e para fora. Sua cabeça estava inclinada para trás, e quando mordi seu pescoço e apertei seus seios, ela gritou em êxtase.

Enquanto a noite gelada e silenciosa assolava do lado de fora, nosso mundo inteirinho se encontrava bem aqui, nesse exato momento.

Quem dera a gente não tivesse que sair dessa fonte.

Nós nunca saímos, na verdade.

Fim

Agradecimentos

Sempre em primeiro lugar, aos meus leitores – muitos de vocês estiveram compartilhando sua empolgação e apoio, dia após dia, e sou muito grata por essa confiança e entusiasmo. Obrigada.

Agora vamos ao restante...

À minha família – meu marido e filha que lidam com a minha agenda louca, meus papéis de doces e minha ausência toda vez que um diálogo, uma mudança de enredo ou cena simplesmente pulam na minha mente durante o jantar. Vocês dois realmente aguentam muita coisa, e eu só tenho a agradecer pela paciência.

À Jane Dystel, minha agente na Dystel, Goderich & Bourret LLC – de jeito nenhum eu vou abrir mão de você, então... você está presa a mim.

Às PenDragons – vocês são o meu lugar feliz no Facebook. Obrigada por formarem um sistema de apoio necessário e por sempre se mostrarem positivas. E também sou grata pelas playlists sugeridas. Me ajudam e muito! Adrienne Ambrose, Tabitha Russell, Kristi Grimes, Lee Tenaglia, Lydia McCall Cothran, e Tiffany Rhyne, obrigada pelo esforço árduo como administradoras. Eu não conseguiria tudo isso sem vocês.

À Vibeke Courtney – minha revisora independente que passa o pente-fino em cada movimento que eu faço. Obrigada por me ensinar a escrever e deixar tudo alinhadinho.

À Kivrin Wilson – vida longa às garotas tímidas! Nós temos as mentes mais barulhentas.

À Milasy Mugnolo – que lê, sempre com aquele voto de confiança, e faz questão de que eu tenha pelo menos uma pessoa com quem conversar durante uma sessão de autógrafos.

À Lisa Pantano Kane – você sempre me desafia com suas perguntas difíceis.

À Jodi Bibliophile – nada de cowboys. Entendi. Nem pelo pubiano. Nunca. Nada de camisinhas... Bom, às vezes. Nem olhos revirando... estou tentando. Obrigada pela leitura, apoio e pelo senso de humor espirituoso que sempre me faz sorrir.

À Lee Tenaglia – que desenvolve artes lindas para os meus livros. Fico muito feliz por você amar esses garotos tanto quanto eu!

A todos os blogueiros – vocês são muitos para nomear, mas sei quem são. Vejo as postagens e marcações e todo o esforço que fazem. Vocês passam o tempo livre lendo, fazendo resenhas, e divulgando... Tudo de graça. Vocês são o sangue vital do mundo literário, e sei lá o que faríamos sem vocês. Obrigada pelo esforço incansável e por

fazerem tudo isso por paixão, o que torna tudo muito mais incrível.

À Jay Crownover, que sempre vai na minha mesa nos eventos e me faz conversar. Obrigada por ler meus livros e por ser uma das minhas maiores apoiadoras.

À Tabatha Vargo e Komal Petersen, que foram as primeiras autoras a me enviar mensagem quando lancei o primeiro livro, dizendo que amaram demais o Bully. Nunca vou me esquecer disso.

À T. Gephart, que sempre tira um tempinho para conferir se preciso de mais um carregamento dos verdadeiros biscoitos australianos Tim Tam. (Sempre!)

E à B.B. Reid, por ler, compartilhar suas leitoras comigo e por ser minha prancha de equilíbrio. Mal posso esperar para escalar dentro da sua cabeça. ;)

É valioso demais ser reconhecido pelos seus colegas. Positividade é contagiosa, então muito obrigada a cada autor parceiro por espalhar o amor.

A cada autor já publicado e àqueles que sonham com isso – obrigada pelas histórias que vocês compartilham; muitas dessas me fizeram uma leitora feliz em busca de um lugar para onde pudesse escapar e também para que tornasse uma escritora melhor, tentando viver de acordo com seus padrões. Escrever e criar, e nunca parar. As vozes de vocês são importantes, e contanto que venham de seus corações, são boas e certas.

SÉRIE DEVIL'S NIGHT

EDIÇÃO LIMITADA

CONCLAVE

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPEDOUGLAS



PENELOPE DOUGLAS

CONCLAVE

Traduzido por Marta Fagundes

2ª Edição



2024

Copyright © Penelope Douglas, 2019

Copyright © The Gift Box, 2021

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastacia Cabo

Arte de Capa:

Bianca Santana e glancellotti.art

Tradução:

Marta Fagundes

Revisão:

Ana Lopes

Revisão final:

Equipe The Gift Box

Diagramação:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Nota da autora

Conclave é uma novela que se passa entre *Kill Switch* e *Nightfall*. Contém inúmeros *spoilers* de todos os livros anteriores da série *Devil's Night*. Se você é um amante dos Cavaleiros, eis aqui mais um título para acrescentar em sua coleção. Divirta-se!

Parte I

Damon

Entro e jogo as chaves na mesinha lateral à porta de entrada enquanto sigo meu caminho até a cozinha. Imediatamente olho para o andar superior, notando que não há uma única luz acesa.

Se ela tiver me deixado, vou caçá-la até os confins da Terra, e se ela tiver levado meu filho, aí, sim, vou passar um tempinho ensinando uma lição a ela. Isto é uma merda. *Quando eu ligo, você atende. Quando meus homens lhe entregam o celular, você simplesmente faz a porra de um telefonema!* Não faço a menor ideia do que fiz dessa vez, mas vou ter que quebrar alguma coisa para evitar fazer isso com aquele lindo pescocinho.

Interrompi minha viagem e vim às pressas para casa, porque ela decidiu ignorar meus telefonemas e dar piruetas em cima da minha paz de espírito. *Mas que porra?* Eu sabia que deveria ter continuado solteiro. E eu sabia que sabia disso, porque é isso o que as mulheres fazem, não é verdade? Elas te enlaçam numa rede e dão um nó do caralho até que você já nem é capaz de respirar, e...

Cerro os punhos, balançando a cabeça. *Besteira.* Isso é pura besteira!

Atravesso o vestíbulo em direção à cozinha, prestes a correr até a porta que faz conexão com a garagem, só para pegar algumas cordas para fazê-la se lembrar por quem ela está apaixonada, quando avisto uma pessoa no terraço e estaco em meus passos.

Está chovendo bastante. Quem estaria ali?

Resolvo dar uma olhada pela janela.

Heath Davis, um dos seguranças noturnos, contratados pelo Sr. Garin, está recostado contra a parede de tijolos, abrigado da chuva abaixo do imenso toldo. As mãos dele estão enfiadas em seus bolsos e um cigarro se encontra pendurado em sua boca. Fumaça flutua acima de sua cabeça, e, na mesma hora, umedeço meus lábios, tentando ignorar a necessidade ardente em minha língua. Quando você não desiste totalmente de fumar, torna-se mais difícil resistir ao cigarro, e esse é o problema.

O cabelo escuro e cuidadosamente penteado para trás brilha abaixo da luz flamejante do alpendre, e os olhos azuis estão voltados para o jardim, observando alguma coisa.

Sigo a direção de seu olhar de imediato.

Winter está de pé na piscina, mergulhada até a cintura, de costas para nós; as gotas de chuva golpeiam a superfície da água, o cabelo loiro grudado em sua pele.

Solto o fôlego que nem havia percebido que estava contendo. Ela está aqui.

Ela levanta os braços e os agita pela chuva do cair da noite, dando um passo à direita. Seus braços acompanham seus movimentos quando ela se lança à esquerda.

Ela está dançando. Ela adora praticar na piscina, por conta do equilíbrio.

Mas então, observo quando ela puxa todo o cabelo por cima do ombro, revelando as costas nuas, e meu olhar vai descendo pela extensão de sua coluna, deparando com a nudez de sua cintura e quadris.

Levanto a cabeça, sentindo o sangue ferver. Ela não está usando nenhuma roupa.

Meu olhar se desvia para Davis. Ele mal consegue piscar, totalmente focado nela.

Quando mandei que ficassem de olho nela a todo instante, não foi isso o que quis dizer.

Winter se vira, ainda segurando o cabelo com as mãos, e seus braços cobrem os seios, mas percebo o tule branco que cobre seu rosto, e meu coração quase para. Aquilo é parte do figurino que ela usará em sua próxima apresentação, e ela está praticando com o tecido para se acostumar.

No entanto, usar apenas aquilo, sem nenhuma peça de roupa – e ela sabendo que eu não estava aqui –, me deixa puto da vida.

Vejo-a baixar os braços e balançar para o lado, estendendo as mãos para colher algumas gotas de chuva. Seu cabelo bagunçado, o tecido transparente em seu rosto, os seios perfeitos e sua pele...

Meu Deus, ela é surreal pra caralho. Com um toque que sempre lhe dará aquele aspecto angelical e inocente. O trovão estala no céu, e eu já não dou a mínima para o fato de ela estar chateada ou não. Eu quero entrar naquela piscina.

Vou até a geladeira e pego um sanduíche da bandeja; em seguida, retiro uma faca do faqueiro e divido o pão pela metade antes de sair da cozinha. Dou uma mordida, ainda segurando a faca com a outra mão.

Davis nota minha presença e endireita a postura na mesma hora, jogando o cigarro fora. Eu encaro Winter, seu corpo longilíneo se arqueando, curvando e me seduzindo, do jeito que só ela é capaz de fazer. Meu pau fica duro e pressiona o zíper da calça, e dou um olhar de relance para o cara. Posso apostar uma boa quantia de que ele está de pau duro também.

Davis pigarreia, antes de dizer:

— Você disse que devíamos ficar de olho nela o tempo todo.

Dou mais uma mordida e arrasto a lâmina pela cerca de ferro

forjado, limpando a mancha de mostarda.

— Com licença, senhor. — Vejo-o abaixar a cabeça pelo canto do meu olho, e se virar para sair.

No entanto, eu o impeço.

— Me dê o seu cinto.

— Não entendi, senhor.

Eu enfio a faca no vaso de flores à minha frente, esfaqueando a terra escura.

Ele pigarreia outra vez, e ouço o tilintar da fivela enquanto ele rapidamente solta e retira o cinto.

Davis o estende na minha direção.

— Se você voltar a insultar minha esposa dessa forma — digo —, vou levar meu filho para pescar e usar a porra dos seus olhos como isca.

— Sim, senhor.

Não é culpa de Winter. Ela está na casa dela, tarde da noite, e devia estar imaginando que teria privacidade.

Arremesso o resto do sanduíche entre os arbustos e deslizo a ponta do cinto pela fivela.

— Vá para casa — ordeno.

Depois de apenas um instante, ouço a porta dos fundos abrindo e fechando, e sigo em direção ao *deck* da piscina, com o cinto em mãos.

Com a chuva, a escuridão e encoberto pelas árvores... eu a persigo calma e silenciosamente. É como se fôssemos crianças outra vez. Eu adoro me esconder com ela aqui fora.

Winter dança bem devagar, seus movimentos fluidos e lânguidos, sem acompanhar coreografia alguma. Ela ama dançar em estilo livre, e faz isso ao som da suave batida que vem da casa de hóspedes ao lado da piscina. Sua pele molhada brilha sob a parca iluminação da casa principal, e não desvio meu olhar dela enquanto retiro minhas roupas.

Deixo tudo em uma pilha no chão e pego o cinto de couro preto de Davis, enrolando-o na minha mão ao entrar na piscina. Ela para de se mover, gira a cabeça para o lado, aguçando os ouvidos, mas não se vira para mim ou diz qualquer coisa.

Ela sabe que sou eu.

Enfio a alça em meu pulso e atravesso pela água aquecida, reparando nas gotas brilhantes em suas escápulas à medida que a chuva atinge minha cabeça e braços.

— Tenho uma coisa pra você. — Inclino-me e roço sua orelha com a minha boca. — Você quer?

No entanto, ela afasta a cabeça.

Arqueio uma sobancelha, apertando ainda mais o agarre no

cinto.

— Você deve estar muito zangada — eu digo. — Eu ligo, você não atende. Envio flores, porra, Winter, flores do caralho, mas não recebo sequer uma mensagem de texto. Checo as câmeras de segurança, mas você simplesmente as desligou...

Ela se recusa a se virar para mim.

Deixo cair o laço acima de sua cabeça e puxo a alça, apertado, seu corpo se chocando contra o meu.

Ela ofega, e olho para baixo, vendo seus seios agitados com a respiração acelerada.

Inclino-me outra vez.

— O que fiz agora, hein? — rosno baixinho em seu ouvido.

Porém ela se vira bruscamente e o cinto escorrega da minha mão quando ela desliza pela piscina e se afasta de mim.

Ranjo os dentes, seguindo-a com o olhar. Ela se endireita em uma postura desafiadora, com as mãos estendidas à frente, acima da superfície da água, de forma que consiga sentir minha aproximação.

A alça do cinto se enrola ao redor de seu pescoço, a parte mais folgada caindo às suas costas, e por mais que não consiga ver seus olhos, percebo que seus lábios rosados estão entreabertos enquanto ela arfa por trás do tecido transparente e molhado.

— Não vai falar comigo? — Começo a circular à sua volta. — Humm... Eu devo ter feito algo muito ruim.

Seu cabelo adere a um de seus seios, e quase consigo sentir o gosto deles entre meus lábios.

E já não dou a mínima para o motivo de sua raiva, porque a quero em nossa cama nesse instante.

— Venha aqui — ordeno.

Mas ela se afasta mais ainda, sentindo minha aproximação.

— Venha aqui, Winter — digo com mais veemência.

Ela continua a andar em círculos enquanto eu faço o mesmo, a chuva dançando na superfície da piscina e espirrando em sua barriga. Cada pedacinho da sua pele está encharcado, e sinto minha boca secar na mesma hora.

— Agora.

No entanto, ela ergue um pouco mais o queixo, mantendo os lábios firmemente fechados.

Dou um sorriso sarcástico, e espero que ela possa ouvi-lo em minha voz, porque estou perdendo a porra da minha paciência.

— Sua irmã vinha quando eu a chamava — zombo.

E ali está. A fachada fria de Winter se desfaz. Seus olhos arregalam e se transformam em um olhar irritado quando ela avança e bate as mãos na superfície, de uma vez, para jogar água em mim.

Eu mergulho e a agarro quando ela se distrai, jogando-a por

cima do meu ombro.

— Que garota encrenqueira... — repreendo, dando um tapa em sua bunda. — Por que eu não pude gostar das fáceis? Mas, não... eu tinha que desejar logo essa aqui.

Eu a seguro entre meus braços, mas ela arqueia o corpo para trás, me encarando com uma carranca enquanto empurra o meu peito.

Ponho minha língua para fora e lambo uma parte de sua barriga, sentindo o gosto da água. Um gemido escapa de seus lábios, mas ela vira a cabeça para o outro lado, em uma atitude desafiadora.

Meu pau já está mais do que pronto, mas é engraçado... Quanto mais puto ela me deixa, mais eu adoro esse momento, em segredo. Eu gosto quando as coisas não são fáceis. Abocanho um pouco de pele entre meus dentes, olhando para cima e deparando com seus olhos fechados, enquanto ela crava as unhas nos meus ombros.

— Grite comigo — sussurro. — Esbraveje. Me bata.

Agarro sua bunda com as mãos, mantendo o olhar focado nela à medida que arrasto a boca pela curva inferior de seus seios.

— Você está brava comigo? — digo contra sua pele, vendo os mamilos intumescidos por minha causa.

Ela não diz nada.

Meus lábios roçam seus seios enquanto continuo a provocá-la:

— Você quer ir embora para encontrar um homem decente?

Ela não deseja ninguém mais. É melhor que não queira outra pessoa. Ela gosta quando eu me comporto mal. Ela gosta de mim, e ponto-final.

Ainda assim, ela não me responde, mas também já não tenta me afastar.

Dou um sorriso zombeteiro.

— Você quer me tocar?

Quando continua em silêncio, eu a movo para o outro braço e agarro a ponta do cinto às suas costas com a mão livre. Eu puxo e forço seu pescoço a inclinar para trás, e então capturo um mamilo entre meus dentes.

Ela ofega.

— Damon...

Mordisco com força e abocanho seu seio, chupando gostoso e sentindo seu clitóris latejar contra a minha barriga.

— Você me odeia? — brinco, caminhando até a parte mais rasa da piscina e colocando-a de pé. — Você quer acabar tudo comigo? É isso?

Eu a empurro contra a parede, vendo um sorriso curvando seus lábios antes de ela rapidamente tentar escondê-lo.

— Você odeia o que faço com você?

Ela morde o lábio inferior, respirando profundamente.

Eu a faço se virar, enlaço sua cintura com o meu braço e a imprenso contra a borda da piscina, meu hálito quente soprando seu cabelo. Meu pau está tão duro, que já sinto o pré-sêmen gotejando.

— Fale comigo — insisto.

Puxo seu queixo na minha direção e cubro sua boca com a minha por cima do tecido, e uma corrente elétrica atravessa meu corpo inteiro quando sinto a ponta de sua língua roçar meus lábios, mas não consigo sugá-la, por causa daquela porra de tule. Meu corpo todo está em agonia. Eu preciso dela.

— Fale comigo — sussurro contra sua boca. — Por favor.

Ela permanece em silêncio.

Mordisco seus lábios, e deslizo minha mão pela sua bunda, provocando aquele ponto que sempre a deixa um pouco apavorada.

Ela estremece quando a empurro para frente e a obrigo a abrir a perna e apoiar o joelho em um degrau. Ela se reclina contra o *deck* da piscina enquanto esfrego seu clitóris com uma mão e sua bunda com a outra. Meu pau, obviamente, sabe a direção que deve tomar, e pressiona contra sua entrada apertadinha.

Vejo-a engolir em seco.

— Fale comigo — advirto. — Se quiser que eu pare...

Então você vai ter que pedir.

Sua mandíbula flexiona à medida que ela mantém a boca fechada, e nem sequer estou zangado. Eu não quero mais parar. A chuva cai à nossa volta, e eu me inclino contra suas costas, chupando as gotas de água que deslizam livremente enquanto meu pau cutuca mais ainda sua entrada. Ela geme baixinho quando pressiono contra o buraco apertado e paro.

— Damon — ela ofega, o queixo tremendo nervosamente por conta do que estou fazendo. — Damon...

Mas cubro sua boca com a minha mão e a puxo contra mim, suas costas arqueando de um jeito lindo pra caralho, e não estou nem na metade dentro dela ainda.

— Você teve a sua chance — sussurro em seu ouvido. — Agora é a minha vez.

Lentamente, deslizo o restante do caminho, indo com calma tanto por mim quanto por ela. Ela precisa se ajustar ao meu tamanho, mas ela é tão apertada que é capaz que eu acabe antes mesmo de começar.

Eu me enfio até o talo, sentindo a pele fria de sua bunda contra a minha virilha, e paro por um instante para que ela se acostume com a sensação. Seu corpo estremece entre meus braços, mas assim que sua respiração se tranquiliza, começo a me mover.

Deslizando para dentro e para fora, superficialmente, a princípio, sinto seus músculos contraírem ao meu redor, e já estou de

pernas bambas. Estou pouco me lixando para o que fiz. Eu pegaria, na maior satisfação, um voo de oito horas por isso aqui. Tudo o que ela tem que fazer é pedir.

Depois de um minuto, sinto seu corpo recuar, contra o meu, e afasto minha mão de sua boca.

— Não fale nada — eu digo. — Só aceite.

Agarro seu quadril com uma mão e o cinto com a outra, e fodo aquela bundinha apertada, me livrando de toda a frustração que ela me causa e que tanto amo. Eu beijo e mordo seu pescoço e lábios, devorando-a com vontade enquanto afundo meu corpo contra o dela e me deleito com seus gemidos.

— Homens decentes não fazem isso — comento. — Mas é por isso que sempre quis essa garota aqui. Ela é diabólica, exatamente como eu.

Ela crava as unhas no *deck* da piscina, o pescoço inclinado para trás por causa do cinto, e quando olho para baixo, vejo meu pau entrar e sair, quase encoberto pelo cabelo molhado que alcança sua bunda.

— Mais forte — ela geme.

Seguro sua mão e a coloco em seu clitóris, vendo seu braço mover com rapidez à medida que ela mesma se acaricia enquanto a fodo.

Ela geme mais alto, e sinto seu corpo estremecer, e arremeto com mais força, puxando o cinto o máximo que consigo.

Ela grita, e em apenas mais três estocadas eu faço o mesmo, cada um dos meus músculos queimando de pura exaustão.

Ah, meu Deus. Meu corpo inteiro se acende, minha alma explode em êxtase, e solto o cinto, deixando-a tombar para frente antes que eu quebre seu pescoço. Ela se deita na borda da piscina, gemendo e arfando, e afrouxo o aperto de meus dedos em seu quadril, descravando as unhas de sua pele.

Ela dá um gemido angustiado quando deslizo para fora de seu corpo, mas não me afasto muito mais que isso. Ao invés, eu me inclino e recosto minha testa contra suas costas.

— Eu te amo — afirmo.

Ela não responde, e estou fraco demais para continuar fingindo.

— Okay, tudo bem — admito. — Sim, talvez eu tenha ameaçado seu coreógrafo com... — Procuro as palavras certas para não a deixar mais brava ainda — a possibilidade de arrancar cada um de seus membros. Eu não gosto de vê-lo colocando as mãos em você. Só eu posso colocar minhas mãos aí.

Ele não precisava segurá-la no alto e com as mãos tão para cima e por dentro de suas coxas, pelo amor de Deus... Estou pouco me lixando para o nome desse tipo de passo com levantamento e não dou

a mínima se ele é gay. Não, senhor.

— Todos eles precisam saber, caralho... — explico. — Eles têm que te respeitar, e a mim também, para que quando Ivarsen for mais velho, ele não precise lembrá-los disso do pior jeito. — Eu aprumo a postura e a faço se virar para mim, enrolando suas pernas ao redor da minha cintura enquanto flutuamos de volta para a parte mais funda da piscina. — A única pessoa que consegue deixar o pai de Ivar Torrance de joelhos, é exatamente sua mãe.

Eu quero que todos me respeitem. Ele não toca a minha mulher daquele jeito, e se para isso eles precisarem ter medo de mim, tudo bem.

Ela curva o canto da boca de um lado só, parecendo nem um pouco impressionada, mas pelo menos já não está com raiva.

Acaricio seu nariz com o meu.

— Me perdoa?

Ela suspira, até que lentamente assente.

Eu sorrio, aliviado.

— Então fale comigo...

No entanto, ela nega com um aceno de cabeça.

Eu rosno e a solto, me afastando em seguida.

— Então, se não é por isso que você está com raiva, que caralho eu fiz dessa vez? — Dou um tapa na água. — Puta que pariu!

Ela se ajeita e dá uma resposta neutra:

— Você ganhou a aposta.

Em seguida, ela se vira, vai até a beira da piscina e sai.

A aposta...

Leva apenas um instante para eu entender do que ela está falando. A aposta. Meu peito estufa, e um sorriso se espalha pelo meu rosto antes de eu mergulhar até a borda da piscina para alcançá-la.

— E você me deixou te foder desse jeito? — repreendo, impulsionando meu corpo para cima e erguendo-a em meus braços novamente.

Ela me enlaça com as pernas e braços, e olho para seu rosto lindo enquanto ela se livra do tecido e do cinto ao redor do pescoço.

— Sim, porque eu precisava disso — ela admite, parecendo um pouco envergonhada. — Você sabe muito bem que eu fico louca de tesão no primeiro trimestre.

Dou uma risada e a abraço com força. Nunca imaginei que seria bem-sucedido. Depois do nascimento de Ivarsen, eu só quis continuar a produção. Ter filhos nos nossos vinte e poucos anos, criá-los nos trinta, e enviá-los para a faculdade em nossos quarenta, quando ainda fôssemos jovens o bastante para usufruir da casa só para nós, curtindo um pouco de safadeza, entende?

Mas ela leu em algum lugar que crianças talentosas geralmente

são filhos únicos, ou têm uma diferença de cinco anos ou mais entre os irmãos. Ela queria que Ivar tivesse nossa completa atenção durante sua primeira infância, ou uma merda dessas.

Daí, eu fiz uma aposta. Ela ficaria grávida se eu pudesse engravidá-la. Mesmo que ela estivesse usando contraceptivos.

Eu sabia que era uma espécie de Superman.

— Você está brava por estar grávida de novo? — zombo.

— Estou brava por ter perdido a aposta — ela retruca.

Eu a beijo com vontade.

— Você realmente acha que não vou te deixar ter qualquer coisa que quiser?

Ela sorri.

— Sério?

— Você quer uma moto, então você vai ter uma moto.

Seu rosto se ilumina com o sorriso lindo e animado que ela dá, e é a melhor coisa que já vi na vida. Mal posso esperar para levá-la, no meio da noite, para um passeio pelas estradas desertas.

Depois que o bebê nascer, é claro.

— Eu te amo — ela finalmente diz.

— Que bom.

Eu a coloco de pé e ambos entramos na casa de hóspedes ao lado da piscina e pegamos as toalhas esticadas abaixo do toldo.

— E para ser justa, eu não estava tentando encurtar sua viagem — ela explica. — Eu sinto muito. Eu só estava tentando te deixar pau da vida para que viesse me perseguir quando voltasse para casa.

Um sorriso malicioso se espalha pelo seu rosto.

Honestamente, eu já nem me importo mais. Michael e Kai são capazes de cuidar de todas as reuniões, e eu adoro os joguinhos angustiantes que eu e Winter fazemos. Quando estávamos na cama — ou na piscina —, era como se nunca tivéssemos saído do colégio. Ainda éramos adolescentes com um tesão eterno, e eu me sentia vivo novamente.

Enrolo uma toalha ao redor da minha cintura.

— Ele tem se comportado?

— Sim. — Ela assente. — A babá queria dar a ele um pedacinho de chocolate, para ver qual seria a reação, mas falei que era para esperarmos você chegar.

Cacete. Primeira vez comendo um chocolate? Isso é marcante.

Winter ficou receosa em contratar uma babá a princípio, sentindo-se culpada por não dar conta de tudo sozinha, mas foi uma boa decisão. Isso nos dava um pouco mais de tempo a sós, aqui e acolá.

Ela se cobre e eu seguro sua mão.

— Vamos... Eu quero vê-lo.

Sei que ele está dormindo, mas já havia se passado uma semana. No entanto, ela estaca em seus passos, nos fazendo parar.

— Ele, hum...

Eu a encaro e já começo a sentir uma tensão imediata.

— O que foi?

— Ele, hum... — Ela engole em seco. — Não está aqui.

Como é que é?

— Ele não está aqui? — repito. — Ele tem um ano de idade, Winter. Onde ele está?

Ela se move, inquieta.

— Rika queria ficar com ele esta noite.

— Rika... — replico. — E ela o levou até Meridian?

Winter desvia o olhar para outro lado, dizendo tudo o que preciso saber.

Aceno com a cabeça e agarro sua mão, levando-a de volta para casa.

— É claro que não.



Minutos depois, estamos no carro e acelerando pela estrada, em direção à mansão dos Fane. Eu não acredito que elas fizeram isso enquanto eu estava fora. Se não tivesse voltado para casa esta noite, eu ficaria sabendo dessa façanha?

Winter está sentada ereta, usando uma calça jeans e um suéter azul-marinho, o cabelo penteado e preso em um rabo de cavalo apertado e seu rosto está voltado para o meu.

— Não fique bravo comigo.

— Você sabe como me sinto a respeito disso — resmungo, agarrando o volante com força. — Ninguém mais está do meu lado. Nem mesmo a Nik. Você tem que me apoiar nesse assunto.

— Eu apoio — ela se apressa a dizer. — É só que... eu não sei. — Um ar culpado domina seu semblante. — Eu só acho que senti pena dela. Rika disse que ficaria lá o tempo todo. Eu não arriscaria a vida dele, Damon.

A “avó” dele é o perigo.

Quero sentir raiva de Winter. Ela, acima de qualquer pessoa, deveria estar ao meu lado. Ela sabe o porquê não quero Ivarsen perto de Christiane, e é por uma boa razão, porra.

Mas, em contrapartida, sempre dou um jeito de aparecer e dar uma lição no coreógrafo dela, também confiro se o antigo colega dela, o tal Ethan, perdeu o interesse em fotografias.

Mas estamos falando do nosso filho, cacete. Elas não podem tomar decisões a respeito dele sem a minha presença. Rika não tem que enfiar o nariz onde não é chamada.

— Você sabe que ela não tem como se redimir se você não lhe der uma chance — Winter salienta.

— Ela teve uma chance.

Depois de uma breve pausa, Winter acrescenta:

— Sim, e nós também. — Sua voz é sombria enquanto ambos encaramos o para-brisa. — Ainda bem que decidimos dar uma chance ao outro outra vez.



Atravesso a casa imersa em penumbra, segurando a mão de Winter, e avisto Rika parada do lado de fora da biblioteca, espiando por trás das janelas das portas fechadas. Algumas pessoas estão ao seu lado, e acelero os passos, vendo Christiane, por trás dos vidros, sentada em uma cadeira, com Ivar aninhado em seus braços. Um homem está na sala, lhe fazendo companhia, lendo calmamente no sofá enquanto ela nina meu filho.

Estendo a mão e agarro a maçaneta, mas Rika se vira e se posta na minha frente, cobrindo minha mão com a dela.

— Saia da frente.

— Ela não está fazendo nada de mal a ele.

— É isso aí. E não vai fazer mesmo.

— Damon, se acalme — o cara perto dela diz.

Olho por cima da cabeça de Rika e avisto o primo de Will, Misha.

Eu o encaro, irritado.

— Vá se foder.

Winter grunhe baixinho ao meu lado, e uma outra garota ao lado de Misha comenta:

— Ah, então esse é o Damon.

No entanto, volto a olhar para Rika, fumegando de raiva.

Ela me encara, sem desviar o olhar.

— Misha? — ela diz. — Vocês poderiam nos dar licença rapidinho?

Isso aí, faça o favor. Cai fora daqui.

Winter se solta do agarre da minha mão.

— Misha, você poderia me levar ao solário? — ela pergunta a ele, e então emenda: — Vou deixá-los a sós. Sinto muito, Rika.

— Eu que peço desculpas por ter te colocado no meio disso, Winter — Rika diz.

Eles saem dali, e tento afastá-la para passar, meu olhar se desviando dela para Ivar.

— Aquele bebê não absolve sua culpa. — Rika se posta na minha frente outra vez, tentando atrair meu olhar. — Ele não apaga o seu passado e não o torna melhor do que ela.

Eu a encaro, pau da vida e digo, entredentes:

— Sai da frente.

Mas ela não se move um centímetro.

— Você me amarrou numa cama — ela diz. — Me beijou, me mordeu. Mesmo me vendo chorar, desesperada.

A lembrança de todos os momentos em que tentei machucá-la — que realmente a machuquei — se infiltra em minha mente, mas eu a afasto.

— Você queria me compartilhar com seus amigos — ela continua. — Me queria para si mesmo por um tempinho, lembra disso?

Meu estômago dá um nó. Mas que porra?

— Eu, sua irmãzinha... — ela zomba.

Agarro seu braço e a afasto das portas, empurrando-a contra a parede.

— Não fale sobre essa merda — sussurro, fervilhando de ódio. — Nunca mais quero ouvir você tocar nesse assunto outra vez.

— Você me jogou no chão e tentou arrancar as minhas roupas...

Eu recuo e enfio a mão no meu cabelo, puxando com força. Mas que porra? Achei que estávamos numa boa. Por que ela está fazendo isso?

— Eu não te queria — ela prossegue —, mas você me forçou a beijá-lo do mesmo jeito.

Agarrando-a pelo pulso, a levo até a cozinha, seus pés descalços pisando com força no piso de madeira. Eu a imprenso contra a parede e a encaro.

— Eu nunca teria feito nada — rosno, já sem conseguir manter o tom de voz baixo. — Eu nunca te machucaria!

— Eu sei.

Ela responde tão rápido e com tanta facilidade que quase hesito, porque estava esperando que argumentasse mais.

Ela sabe. Ela sempre soube.

Bom, pelo menos isso. Mas, ainda assim... ela não pode comparar Christiane comigo. Não somos da mesma laia. Sim, eu cometi uma porrada de erros, mas não sou um pai ruim, e isso é a pior coisa que alguém poderia ser.

E ela foi uma péssima mãe por vinte e três anos consecutivos. Ela não somente abandonou seu filho, mas também me colocou aos

cuidados de gente perversa.

Cometi meus erros quando era mais novo. Quando estava zangado. Quando me sentia... sozinho.

Não sou mais nenhuma dessas coisas.

O que Christiane poderia alegar em seu favor, hein?

— E sei que você nunca vai me machucar — Rika diz, os olhos agora marejados e mais suaves. — Eu confio em você. Então, confie em mim.

Estreito o olhar, uma parte minha querendo conceder o que ela quer. Nada mais justo, e eu quero confiar nela. Mas ela é boa demais em conseguir extrair as coisas de mim. Em sacrificar sua rainha para conseguir capturar o meu rei.

Nós nos encaramos, suas palavras pairando no ar, mas então escuto o toque de um telefone e ela leva a mão ao ouvido, dando um tapinha suave em um fone minúsculo.

— Erika Fane — ela atende ao telefonema, ainda me encarando. — Charles, que bom falar contigo.

Um brilho ilumina seus olhos, e fico ali parado, enquanto ela se mantém colada à parede, me observando o tempo todo em que conversa.

— Sim, meu assistente enviou o itinerário. Mal posso esperar. — Ela sorri.

Os nós no meu estômago lentamente começam a se desfazer, minha respiração se acalma enquanto a aguardo.

Charles... itinerário... Ela tem estado ocupada, tentando finalizar sua graduação e atuando como a prefeita da cidade. É bem impressionante, na verdade. Colocar Rika nesse cargo foi a melhor ideia que já tive.

— Ah, tenha certeza de que nossos futuros ex-alunos estarão em boas mãos — ela diz à pessoa com quem está conversando. — Estarei lá bem cedo. — Ela ri e ouço uma voz masculina do outro lado da linha. — Ah, pois é, você me conhece. Estou sempre preparada.

Eu a observo, tão graciosa e educada. Uma verdadeira jogadora.

— Não, Michael está em Londres — ela informa. — Mas deixe o lugar dele reservado. — Ela olha para mim. — Pode ser que eu leve um acompanhante.

Quase dou uma risada debochada. Ela se referia a mim?

A cadela simplesmente se apossou do meu rei. Ela sabe que quero muito isso. Acompanhá-la em um evento em Thunder Bay, fazendo uma aparição pública em um evento respeitável. Tendo minha mulher, meus filhos e minhas irmãs ao meu lado, enquanto lentamente construo minha família e nosso mundo, para que quando meu filho – meus filhos –, sejam maiores o suficiente para se lembrar,

não saibam que tudo aconteceu de forma diferente.

Ela realmente confia em mim. Meu Deus, não faço ideia do porquê, mas... ela me deixou ir, quando poderia ter me entregado. E então, ela me resgatou e sangrou por mim, lutou ao meu lado...

— Eu sei o que você faz com pais que te machucam — ela diz, finalmente, voltando à nossa discussão. — Você acha que eu a colocaria em seu caminho se não tivesse certeza?

Minha boca se curva para um lado, em um sorriso zombeteiro.

— Você tem medo de mim?

— Nossa, muito... — Ela acena exageradamente.

Começo a rir e me viro, me acalmando um pouco enquanto vou até a pia e encho um copo d'água.

Tomo tudo de um gole só, vendo-a tirar algumas coisas da geladeira.

Ela prende o cabelo em um coque e pega uma fatia de pão, colocando um pouco de salada de atum nele. Uma pontada de fome me atinge com o cheiro, e percebo que tudo o que havia comido no dia de hoje fora apenas aquela metade de sanduíche, meia hora atrás. Eu paro ao seu lado e pego uma fatia também, colocando a mesma salada no pão.

— Charles — repito o nome da pessoa com quem ela estava conversando — Kincaid?

Nosso antigo diretor, que ainda mantém o cargo na Escola Preparatória de Thunder Bay, e que ajudou o pai de Winter a acabar comigo na manhã em que fui preso?

Rika sorri para si mesma, e a vejo pegar a única fatia de pão cheia de salada, dobrando tudo ao meio e arrancando a casca de um lado. Vacilo por um instante, desviando o olhar para o meu próprio sanduíche, que se encontra dobrado do mesmo jeito. Humm...

— Farei o discurso de boas-vindas, amanhã, aos alunos do último ano — ela explica, dando uma mordida.

— E Michael e Kai estão em Londres — acrescento —, tentando contratar aquele arquiteto.

Eu estava lá também. Até que Winter decidiu bancar a engraçadinha.

O que significa que Rika não tem ninguém para acompanhá-la, a não ser eu.

Ela vai até a bancada central da cozinha e se senta em uma banqueta, apoiando os cotovelos no balcão.

— Quero dizer, você não tem que me acompanhar — explica. — Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma. E os Anderson estarão lá, isso sem mencionar o Kincaid, que ainda te odeia, então...

Ela estava tentando me deixar animado?

— Talvez sua aparição lá acabe causando alarde. — Ela finge

um suspiro, soando até mesmo desolada. — E eu sei que você gosta de passar despercebido.

Dou uma risada irônica, arrancando a casca do pão. Ela é tão boa quanto Winter em me sacanear, mas não posso dizer que não me divirto com isso.

No entanto... eu também sei que ela quer uma demonstração de confiança.

Não quero Ivarsen perto da mãe de Rika, mas não estou tão certo se a razão é por não confiar nela.

Talvez eu queira puni-la. Talvez esteja com ciúmes porque ele vai receber aquilo que não tive a chance de ter.

Encaro o sanduíche que já nem quero comer, sentindo meu estômago revirar com a queimação da bile na garganta.

Se quero manter o relacionamento com Rika, e tê-la na vida dos meus filhos, não há como evitar a presença constante de Christiane. Não quero ter que explicar por qual motivo eles não podem vê-la e frequentar sua casa.

Tudo bem, porra.

— Ele pode ficar aqui esta noite — digo, por fim —, e daí nós vamos ver como as coisas ficam.

Ela permanece em silêncio, mas vejo pelo canto do olho que está me encarando.

— Qualquer coisa além disso tem que passar pela minha aprovação. — Eu a encaro. — Entendeu?

Ela assente.

E se Christiane me decepcionar, ela vai se encontrar com o Criador antes de conhecer qualquer outro filho meu.

Largo o sanduíche em cima do balcão e encho meu copo com mais água, pois preciso tirar o gosto amargo da boca.

— Winter está grávida de novo, não está? — Rika pergunta, dando mais uma mordida.

— Como você sabe?

Ela dá de ombros.

— Ela tem estado cansada, com náuseas.

Bom, isso explica o porquê de ela ter desligado as câmeras de segurança. Ela não queria que eu a visse passando mal. Observo a garganta de Rika se mover para cima e para baixo enquanto engole o pão, e sua mandíbula contrai como se ela estivesse imersa em pensamentos.

Tomo mais um gole da água e despejo o restante na pia.

— O quê?

Ela desvia o olhar para mim.

— Nada.

Sua resposta não é nada convincente. Ela está pensando em

alguma coisa.

— O que é? — repito, irritado.

— Não é nada — ela retruca.

Ela encara o sanduíche em sua mão, e decido deixar o assunto de lado. Ela sabe muito bem como resolver seus próprios problemas.

O que me lembra...

— Aproveitando que estamos no assunto, quero te ver casada antes que você tenha um filho do Michael.

Ela começa a rir na mesma hora.

— Você quer, é?

Assinto.

— Kai se casou com Banks em um dia. Por que essa demora toda com vocês?

As coisas eram diferentes quando ela era apenas a namorada do meu amigo, mas agora isso precisa mudar.

— Você e Winter não se casaram ainda, do mesmo jeito.

— Nós estamos esperando que Will volte para casa — saliento.

— É, eu também — ela responde, rapidamente, agarrando-se à primeira desculpa plausível que fui imbecil demais em dar de bandeja.

Mas não é por esse motivo. Eu sei que não. Eles já estão noivos há um bom tempo, e Will só saiu da cidade há pouco mais de um ano. A princípio, pensei que fosse por causa de Michael. A agenda tumultuada dele, os compromissos etc.

No entanto, acho que ele não tem nada a ver com essa demora. O que está acontecendo com ela?

Observo-a brincar com o pão, lembrando-me da primeira vez em que estivemos sozinhos em uma cozinha. Eu devia ter uns quinze anos. Ela me viu, perdeu o fôlego na mesma hora e saiu rapidamente.

Agora, ela raramente dá um passo sem que eu saiba ou opine a respeito.

— Você sabe o que significa um conclave papal? — pergunto.

Ela acena com a cabeça, de leve, e responde:

— Hum, mais ou menos.

Enfio as mãos nos bolsos e recosto-me à geladeira.

— Quando chega a hora de eleger um novo papa, todos os cardeais do colegiado, e com idade abaixo de oitenta anos, se trancam em uma sala até que cheguem a um consenso na decisão do novo pontífice — explico. — Eles começaram a fazer isso porque cerca de oitocentos anos atrás, levou quase três anos para que um novo papa fosse escolhido por conta de disputas políticas internas. As pessoas não resolvem os problemas se não forem forçadas a encará-los, entende? Agora, os cardeais são guiados até a Capela Sistina, e, em seguida, há um aclame de “*extra omne*”, o que nada mais é do que a ordem para que todos saiam dali, a não ser os cardeais. As portas são trancadas e

eles ficam presos lá dentro até que o problema seja resolvido.

Podemos até não tomar as melhores decisões sob pressão, mas ninguém consegue se decidir a respeito de uma coisa se não parar para pensar e falar sobre o assunto.

Ela fica ali sentada, as rodas em sua cabeça girando loucamente.

— Conclave — murmura para si mesma.

— É uma excelente ideia quando há coisas que precisam ser decididas, entende?

Temos casamentos para planejar. Projetos que não podem ser interrompidos, porque o noivo dela está sempre fora da cidade. Winter quer dar início a uma organização humanitária, e sei que a família de Kai tem inúmeros contatos no Exterior que podem ajudá-la.

Isso sem mencionar Banks. Precisamos ajeitar as coisas perfeitamente para dar prosseguimento aos planos que tenho para ela, e já passou da hora de isso ter início. No entanto, precisarei de ajuda para convencê-la. Além de manter Kai fora do meu caminho.

E, claro, ainda há a questão de Will.

— Pithom — ela diz.

Meu olhar se encontra ao dela, e um sorriso se espalha pelos meus lábios. O iate da família de Michael. Nada mal. Nem seria necessário trancar as portas, porque não haveria escapatória, a não ser o vasto oceano.

Aceno em concordância na mesma hora.

Alguém entra na cozinha, e quando levanto a cabeça, deparo com Misha sendo seguido por Winter que se apoia ao braço de uma garota.

— Preciso conversar com você — ele diz a Rika.

Ela desliza da banquetta onde está sentada.

— Tudo bem — concorda, prontamente disposta a voltar à conversa que estavam tendo antes de eu interromper. — Sinto muito.

Seguro a mão de Winter e a guio até o lugar onde estou, olhando por um instante para a garota que a trouxe.

— Quem é ela? — pergunto.

No entanto, Misha segura o braço da menina e a arrasta para trás de si, longe da minha vista.

Dou uma risada zombeteira.

— Eu só queria cumprimentá-la — debocho. — Quero dizer, nós sempre nos esbarramos por aí. Já está na hora de ela me conhecer.

Se o pai dele está namorando a mãe de Rika, então é bem capaz que se casarão em algum momento, o que significa que todos teremos que nos tratar com cordialidade.

Winter acrescenta, rindo:

— A mordida dele é pior do que o latido, mas eu sou a única

pessoa a quem ele morde — assegura aos dois jovens. — Não se preocupe. — Então ela fica na ponta dos pés e beija o meu rosto. — Comporte-se, por favor.

O olharzinho arrogante e mal-humorado de Misha está fixo em mim, porque ele não sabe se divertir, nem se isso estivesse debaixo do seu nariz. A garota é fofa, no entanto.

Ele finalmente se volta para Rika.

— Quando foi a última vez que soube notícias de Will?

Meu estômago embrulha à menção do nome dele. Will quase não entrou em contato por esses dias, mas ele está inflexível quanto ao que precisa fazer. Eu já o abandonei uma vez, afinal de contas. Se ele pôde me esperar, então eu posso fazer o mesmo por ele.

— Ele envia mensagens — Rika responde.

— Ele mesmo envia mensagens pra você?

— Bem, os pais dele — ela corrige. — Eles dizem que ele está em retiro. Fazendo algumas ações humanitárias na Ásia.

Misha agita a cabeça, descrente.

— Eles estão mentindo.

— Como você sabe? — instigo.

— Porque eu os conheço — retruca. — A mãe dele acena exageradamente com a cabeça quando está dizendo coisas que não são verdade.

Rika olha para mim.

— Reabilitação, talvez?

Era possível. Eles podem estar mantendo-o sóbrio e em sigilo.

Mas é Misha quem responde:

— Eles nos contariam, porque sabem que Will falaria sobre o assunto assim que saísse.

— Talvez eles não queiram que a gente o procure — Rika sugere.

— Bem, eu acho que é o que deveríamos fazer — Misha diz, categórico.

Estreito o olhar, sentindo meu sangue ferver, porque suas palavras, agora, me deixam temeroso.

— Por que você está preocupado? — pergunto.

— Porque meu avô vai concorrer à reeleição, e Will é um desastre ambulante.

Devagar, me dou conta do que ele está sugerindo. Meu pai me ameaçou com isso inúmeras vezes, mas nunca ouvi falar de alguém que tenha sido, realmente, enviado para lá. Ele estaria em perigo, muito mais do que aqui.

Mas... ele estaria fora do caminho. Ninguém ficaria sabendo dele ou o veria, o que significa que ele não seria mais um ponto fraco para a candidatura do avô.

— Ivar nasceu há um ano. — Olho para Rika, segurando a mão de Winter com força quando chego a uma conclusão: — Ele não teria me abandonado por tanto tempo assim. Não por vontade própria.

Ela balança a cabeça.

— Eles não teriam...

— Espero realmente que não — digo. — Mesmo que descobramos onde fica, nunca conseguiríamos entrar lá.

Misha se levantou, parando ao lado de Rika.

— Não se preocupe com isso — diz para mim. — Nós vamos cuidar do assunto.

O quê? Nós vamos cuidar...

Agarro o braço de Rika e a puxo para o meu lado, encarando-o com raiva.

— Você está certo. *Nós vamos.*

Merdinha do caralho. Sabe o que o casamento do seu pai com a mãe dela vai fazer de vocês? Absolutamente nada. Ninguém me deixaria de fora.

— Isto é um assunto de família. — Ele bate o pé.

— E eu sou o mais velho — retruco, avançando um pouco. — Entra na fila.

Ele até poderia se tornar o meio-irmão dela em algum momento, mas sou eu que compartilho o mesmo sangue.

— Meninos... — Rika estende as mãos e tenta nos empurrar para trás.

— Você já fodeu com a vida dele o bastante — Misha adverte, olho no olho —, e eu já não tenho doze anos.

— É, eu sei. — Sorrio e dou um tapinha em sua bochecha. Ele se afasta na mesma hora. — Você cresceu e se tornou uma coisinha bonitinha, né, Princesa? — Dou um toque no piercing em seu lábio. — Você usa mais joias que uma garota, mas vamos deixar uma coisa clara aqui: essas tatuagens ridículas que você tem só servem para esconder a sua pele de nenê por baixo.

Ele sorri com escárnio.

— Te deixei com tesão, foi?

A garota dele bufa uma risada às suas costas e eu faço uma careta.

Misha avança, ignorando os protestos de Rika.

— Você é uma péssima influência para ele.

— Não fui eu quem deixou alguém morrer de overdose bem debaixo do meu nariz — rosno, jogando a morte de sua irmã na cara.

Misha empurra meu peito, me obrigando a recuar, e quando dou por mim, estamos no chão, lutando para ver quem fica por cima enquanto trocamos socos.

Tudo bem, foi golpe baixo. Annie era um amor de pessoa. De

verdade. Mas ele foi cara de pau ao sugerir que cuidaria de Will muito melhor do que eu, especialmente depois do que aconteceu com sua irmã mais nova. Misha é um pentelho.

E só pelo fato de ter sugerido que eram ‘negócios de família’ entre ele, Rika e Will, e que não posso me envolver, sinto vontade de enfiar a minha bota em sua carinha bonitinha do caralho.

— Já chega! — Rika grita.

Sinto as pessoas ao meu redor, as garotas, provavelmente, lutando para nos afastar, mas foi ele quem pediu por isso. Perambulando pela cidade nesse estilo todo gótico, coitadinho de mim, só porque ele tem um bom pai, dinheiro e um lar seguro, mas sempre metendo o nariz em sua busca *hippie* pela verdade.

— Parem com isso!

Alguém me puxa pelos ombros quando quase consigo subjugarlo, de forma que pudesse me sentar em cima desse filho da puta e talvez até mesmo escrever um poema sobre a surra épica que levaria.

Mas então somos atingidos por água gelada, e acabo me engasgando, e pauso pelo tempo suficiente para Rika conseguir me empurrar para longe dele. Desabo de lado, ambos respirando com dificuldade.

Merda. Meu cabelo cobre os meus olhos, e tento secar o rosto molhado.

— Misha — diz, irritada, encarando-o —, faremos um conclave em um mês. Você acabou de ser convidado.

Então ela se afasta e coloca a jarra de água em cima do balcão.

Misha se senta e me mostra o dedo médio.

— Babaca.

Eu me levanto e respondo:

— Bebezão.

O mar é um lugar excelente para sumir com corpos, sabe? Respire fundo, imbecil.



Rika

Sopro a fumaça do cigarro, a maior parte saindo pela janela. Normalmente, fumo do lado de fora, mas ainda está chovendo, e estou exausta demais para me preocupar com isso.

Misha. Damon. Will.

Aluna. Prefeita. Tia.

Irmã.

Baixo o olhar, dando mais uma tragada no cigarro.

Michael.

Quero fazer tudo isso. E espero conseguir fazer tudo o mais que deseje também.

Um nó se aperta na minha garganta ao pensar no conclave de Damon. Há algumas coisas que preciso dizer antes de sair daquele iate, mas estou com medo.

— Estou um pouco arrependida por você ter crescido sem irmãos — minha mãe diz, aproximando-se por trás —, e agora que você tem um, vejo que já é uma péssima influência.

Ela enlaça minha cintura e sorri, arqueando uma sobrancelha para o cigarro entre meus dedos. Dou uma risada, apagando a ponta no pratinho que trouxe junto comigo. Damon e eu possuímos um estoque em diversos lugares, mas nenhum aqui. Acho que se Ivar passar mais tempo aqui, pode ser que Damon também passe. Então talvez seja bom dar um jeito de esconder mais alguns maços em algum lugar.

Olho para as fotos em preto e branco dispostas em retratos prateados e que enfeitam a pequena mesa à minha frente.

Meu bisavô, por volta de 1900, sentado em um cavalo no rancho da família na África do Sul. Passo o dedo pelo seu rosto, aos dez anos de idade, pelo cabelo preto e olhos tão escuros quanto carvão.

— Ivarsen tem o mesmo cabelo — comento. — Menos os olhos. Os olhos dele são azuis, como os de sua mãe.

— É verdade — mamãe replica. — São características que aparecem entre várias gerações. Nenhum dos seus filhos ou dos de Damon possuirão olhos e cabelos escuros ao mesmo tempo.

Meus filhos. Sinto uma pontada na boca do estômago na mesma hora.

Respiro fundo e me afasto do abraço da minha mãe, dando um beijo suave em sua bochecha.

— Vou levar a babá-eletrônica para o meu quarto — digo. — Quero pegá-lo no colo se ele acordar.

E então começo a andar rumo ao corredor.

— Quando você vai contar para ele? — ela pergunta.

Estaco em meus passos, ainda sem me virar e sentindo o coração acelerar.

— Contar o quê?

— Que o testamento do seu pai se aplica a você e a quaisquer outros filhos que eu tivesse — ela diz. — Quando você dirá ao Damon?

Sinto meus ombros relaxando. Ah, isso.

Fiquei pau da vida assim que ela me contou. Eu não confiava nele. Eu não permitiria que ele afundasse a empresa do meu pai em

algum acesso temperamental. Eu precisava ter certeza de que poderia confiar nele.

Nesse meio-tempo, coloquei a metade que ele tinha direito em um fundo fiduciário para Ivar, mas...

Minha mãe tem razão. Ele vai poder fazer alguma coisa com isso, caso queira. No entanto, tenho a impressão de que não vai aceitar. E sinto um pouco de orgulho dele. Damon é o único dos quatro que pode realmente dizer que construiu seu futuro pelas próprias mãos. E ele está indo muito bem. Eu meio que invejo a liberdade que ele tem, pois ele está criando o seu próprio legado.

Mas, ainda assim... ele tem o direito de saber. E errei ao esconder essa informação dele.

— Vou resolver isso em breve — respondo e continuo andando.

O que é uma coisa a mais para ser resolvida no conclave, afinal? Nove amigos presos em um iate, com bebidas alcoólicas, arpões e um oceano negro à noite? Era uma ideia fantástica.

Parte II

Rika

Um mês depois...

Sigo em frente pelo longo corredor escuro, sentindo o motor zumbir abaixo dos meus pés enquanto passo pelas cabines do iate. É como se eu estivesse sozinha aqui, mas sei que não estou. Acho que essa embarcação sempre me deu calafrios.

Assim que chego ao final do corredor, retiro os meus AirPods e recosto o ouvido na última porta, tentando ouvir alguma coisa. No entanto, não escuto nada. Agarro a maçaneta e, lentamente, abro uma fresta para espiar lá dentro.

Vejo uma forma deitada por baixo das cobertas, e me esgueiro na cabine, deixando as luzes apagadas à medida que coloco o celular e os fones em cima da cômoda.

Então olho para ela.

A luz que se infiltra pelas persianas começa a se desvanecer, lançando sombras listradas sobre Alex. Vou até onde está deitada, engatinho na cama e paio logo acima de seu corpo.

Olho para minha amiga e penso que ela é a única que consegue me fazer sorrir ultimamente. Observo sua fisionomia, notando a pele sem máculas e os cílios longos. O nariz empinado e as bochechas rosadas. Sua respiração suave e a imobilidade de seus olhos por trás das pálpebras. Ela é tão pacífica. E, honestamente, quando está dormindo, parece ter doze anos. Vulnerável, inocente e pura.

Somente quando ela abre os olhos é que você consegue ver a mulher.

Roço a ponta do meu nariz ao dela. Ela espreguiça e eu sorrio.

Um dos intendentes disse que ela foi a primeira a subir a bordo hoje, chegando no final da manhã, mas eu não a tinha visto. Eu decidi malhar na academia, no entanto, não dava mais para esperar que ela acordasse. Devagar, eu me abaixo e recosto minha cabeça em seu peito, enfiando meus braços por baixo de seu corpo para abraçá-la com força.

— Hummm... — Ela se move abaixo de mim e boceja. — Você não pode chegar em mim desse jeito, com esse perfume de setecentos dólares e esperar que eu mantenha nossa relação platônica, Rika. Isso é muito cruel.

Dou uma risada.

— Por que você está dormindo?

— Porque alguns de nós trabalham à noite. — Ela alonga os braços acima e boceja outra vez. — E teremos outra noite bem longa

adiante.

Sim, teremos. Fecho os olhos, atenta aos batimentos de seu coração. Eu daria qualquer coisa para não ter que sair desse quarto, para poder esticar esses minutos e fazê-los durar para sempre, de forma que o conclave nunca tenha início. Ela é o meu lugar seguro.

— Precisa de um abraço? — pergunta.

Mas antes que eu possa responder, seus braços me enlaçam com força.

— Está nervosa? — sonda.

Também não respondo nada. Se eu não levar a coisa tão a sério, então poderei me convencer de que meu nervosismo é apenas uma reação exagerada. Absorvo seu calor, sentindo o corpo cálido por baixo da camisola macia.

Ela me faz um cafuné.

— Você é nova demais para isso, sabia?

Todos nós somos. E, sim, tenho vinte e dois anos e sou uma aluna já formada e prefeita da cidade; também assumi uma boa parte da minha herança, incluindo as empresas e os bens patrimoniais, mas todos nós estamos atolados até o pescoço. E parece que quanto mais nos aprofundamos, maiores são os riscos que nos cercam.

Culpa me alfineta.

— E você é boa demais para tudo isso também — afirmo. Boa demais para todos os rolos em que a envolvemos. — A gente te ama, sabia? — Ainda assim, não a encaro. — Você é o hálito que alimenta o lobo.

Roço os polegares na parte interna de seus braços, onde minhas mãos encontram-se presas por baixo de seus ombros, e me agarro a ela, porque ela é a melhor entre nós. Ainda inocente. Pura, não importa a feiura que aconteça em sua vida. No entanto, ela já não é tão vulnerável. Não houve uma única vez em que ela não esteve aqui por nós, e não tenho certeza se estaríamos aqui sem a ajuda dela.

Eu sei que não devo buscar refúgio em seus braços com tanta frequência, mas com tanta coisa acontecendo, ela parece ser a única pessoa que percebe que sou...

Fraca.

No fim das contas, ainda me sinto como uma criança brincando com tudo isso.

Sinto quando ela engole em seco e quando volta a falar, sua voz é baixa e calma:

— Alguma vez cheguei a te contar como fui morar no Delcour?

Não. E não me meti muito na vida dela, exceto quando descobri que ela havia sido expulsa de casa aos dezessete anos, e ela não quis nem falar sobre os pais.

— Eu vivia em dormitórios no meu primeiro ano na faculdade

— diz, ainda passando a mão no meu cabelo em um ritmo contínuo.
— Vivendo à base de empréstimos, bolsa de estudos e um trabalho de meio-período servindo cerveja em uma escola de mergulho em Whitehall.

Ouçõ cada palavra. Deve ter sido meses antes de nos conhecermos.

— Uma noite, minha colega de quarto e eu fomos a uma festa — prossegue —, enchemos a cara e voltamos para o dormitório totalmente chapadas e com tesão. Ela fez uma chamada pelo Skype, em seu laptop, com o namorado dela, que estudava em Yale. Como os dois sempre se falavam por videochamadas pelo celular, eu e ele nunca havíamos nos visto ou encontrado. Tudo o que eu sabia era que ele era uma espécie de gênio, aos vinte e dois anos, e um veterano. — Ela fica em silêncio por um tempo, e eu aguardo que continue. — Estávamos conversando e fazendo piadas, nós duas meio que paquerando ele e o fazendo rir... o que não era uma tarefa muito fácil, já que ele parecia um pouco triste. Não posso dizer direitinho o porquê achei isso, mas para mim foi nítido.

Continuo calada, deixando-a prosseguir em seu tempo.

— Sei lá como — revela —, nós acabamos entrando no assunto se poderia ser considerado traição ou não se transássemos com outra garota. Olhei para ele e para ela, e... comecei a desabotoar a blusa dela. — Ela dá uma risada baixinha, como se aquilo fosse uma bobagem. — E não sei quando a coisa evoluiu de uma brincadeirinha boba para uma sessão de amassos completa, ambas arrancando nossas roupas, mas olhei para o rosto dele através da tela do computador, e seu sorriso havia sumido. Era quase como se ele tivesse se esquecido de respirar, sabe? Do tanto que ele estava hipnotizado. Ele mal piscava enquanto nos observava. — Sua voz cai para um sussurro: — Enquanto *me* observava.

Fecho os olhos, ouvindo seu relato enquanto ela continua acariciando meu couro cabeludo.

— Nós transamos por ele, na minha cama, Rika — ela diz.

Imaginei a cena que ela descrevia.

— O sexo foi um pouco tedioso... ela estava nervosa e com vergonha — explica —, então tive que assumir o controle, mas eu não queria parar, porque não queria que ele afastasse o olhar de mim. Pensei que ele se masturbaria ou qualquer coisa, mas ele não fez. Ele apenas observava e absorvia o que estava acontecendo.

Minha mente voltou lá atrás, e, de repente, eu tinha dezesseis anos outra vez, e estava de pé nas catacumbas. Eu gostei de observar também. Ou ouvir, porque Michael havia me vendido naquele dia.

— Foi tão gostoso. — Ela esfrega as minhas costas, mas é nítido que está perdida em suas memórias. — Tudo se torna muito mais

excitante quando não se pode tocar. Eu só queria que aquela noite durasse para sempre, porque foi tudo maravilhoso pra caralho.

O peito de Alex sobe e desce abaixo da minha cabeça, à medida que ela inspira profundamente e expira.

— Mas as coisas meio que complicaram entre mim e a Aurora depois daquilo — murmura. — Ela não disse nada, mas eu sabia que estava envergonhada. E acabei ficando com vergonha também, porque no momento foi algo muito natural, mas ela estava fazendo com que assumisse um ar de perversão. Como se ela tivesse sido forçada a aceitar e eu fosse esquisita por ter gostado. Fora que ela se tornou desconfiada, e não soube de nada, até que ela soltou sem querer, durante uma discussão, que o namorado dela queria nos ver juntas de novo. Que perguntou se estaríamos dispostas a transar por ele, mais uma vez.

Apesar do desprezo por sua amiga, sinto um frio na barriga por Alex. Eu a amo, e é compreensível que os outros queiram muito mais dela. Era normal Aurora sentir ciúmes, mas também era normal que Alex gostasse de se sentir desejada. E isso faz com que eu sinta desprezo pela atitude da garota.

— Então, em um dado momento, ela finalmente aceitou — Alex dispara. — E eu queria muito também. Queria mais.

Alex faz uma pausa antes de prosseguir:

— Só que, meia hora depois, ela saiu do quarto, eles romperam o relacionamento, e ele me implorou para não parar.

A voz dela está rouca, aflita. Ela parou? Eu teria parado se isso acontecesse com Michael? Alex e o cara não estão mais juntos, então, ou as coisas terminaram mal, ou sequer começaram.

— Uma semana depois — Alex praticamente sussurra —, eles voltaram a namorar e eu me tornei a puta do *campus*.

Fecho os olhos outra vez.

— Um mês depois, perdi minha bolsa de estudos, e nunca mais tinha visto ou ouvido falar dele. Aurora e eu fomos expulsas do dormitório, por causa da nossa briga, e meu chefe, na escola de mergulho, me apresentou ao primeiro de muitos de seus amigos que viriam a me ajudar a pagar pelo meu novo apartamento.

Caramba.

— As escolhas conduzem nossas vidas — ela prossegue. — Às vezes penso onde eu poderia estar se nunca tivesse desejado tanto a atenção dele. Se nunca tivesse começado a transar adoidado por aí, com qualquer um que me pagasse por isso, porque, se nunca mais o ouvisse me dizer o quão linda eu era, outra vez, então talvez não me importasse com o que fiz ou com quem.

Ela me abraça mais forte.

— Mas daí... eu nunca teria feito amizade com você — diz,

baixinho. — Meu caminho contigo e com os meninos nunca teria se cruzado, e eu não teria uma família.

Ela estremece abaixo de mim, e sinto um aperto no peito. Dá para sentir, pela sua respiração profunda, que ela está chorando.

— Preciso do Will de volta, Rika — sussurra.

Levanto a cabeça, apoiando meu queixo em seu peito e vejo seus olhos marejados.

Ela franze os lábios para tentar conter as emoções, mas, pouco depois, explica:

— Eu amo você, a Banks, a Winter e os caras, mas... o Will me entende.

Eu a encaro, sentindo meu coração se partir um pouco. Alex consegue fingir muito bem, mas nunca me dei conta do tanto que ela sente a falta dele. Durante todo o tempo em que Damon esteve longe, era ela que estava ao lado de Will.

E sempre olhamos para isso dessa forma. Alex está sempre com Will. Alex está tomando conta do Will. Alex está fazendo companhia ao Will.

Mas nada disso era realmente verdade. Alex se agarrava a ele como um bote salva-vidas, da mesma forma que ele se agarrava a ela.

— Ele não te merecia — comento. — O namorado da sua colega de quarto.

Ela me encara por um instante, parecendo um pouco aflita, mas então suspira e dá um sorriso forçado.

— Sim, ninguém merece — ela zomba. — Não por menos de quinhentos dólares a hora.

Dou um olhar penetrante para a súbita mudança de atitude.

— Alex...

Mas ela vira nossos corpos, e quando dou por mim, sua cabeça está recostada contra o meu peito.

— É a sua vez de me fazer um cafuné — exige.

Fico ali parada, chateada por ela mudar de assunto e colocar a máscara de fachada novamente, mas ela me abraça, vestida com nada mais do que uma regata e calcinha, e balança um pouco o corpo, colocando uma perna nua por cima de mim. Dou uma risada baixinha. *Escondendo-se por trás de suas brincadeiras.* Will faz a mesma coisa.

Começo a acariciar sua cabeça, mas então a porta da cabine se abre, e quando ambas olhamos para cima, vemos Banks parada bem na entrada.

Ela está imóvel, as sobrancelhas quase tocando a raiz do cabelo ao nos flagrar em nosso abraço aconchegante.

Sua boca se abre em um perfeito O, e ela começa a recuar, prestes a fechar a porta.

— Entra aqui! — eu grito. — Não estamos fazendo nada.

Pelo amor de Deus.

Ela para, dá um meio-sorriso e volta, fechando a porta atrás de si.

— E desmancha logo essa cara de dor de barriga aí — Alex diz.

Banks vem até nós, usando roupas de malhar, exatamente como eu, mas seu cabelo está solto.

— Peste — ela murmura.

Deitando-se ao meu lado, ela se junta a mim para massagear a cabeça de Alex, com exceção que a massagem de Banks mais se parece a um carinho que se faz na cabeça de um cachorro, com os dedos curvados e coçando o couro cabeludo de leve.

— Para com isso — Alex resmunga. — Eu te odeio.

Banks e eu começamos a rir. Ela tem cerca de cinquenta e oito cães – tudo bem, foi um número exagerado, mas, ainda assim, são muitos –, logo, esse tipo de carinho é de se esperar dela.

Olho para Banks e pergunto:

— Mads está bem?

— Sim — responde. — Está na casa da sua mãe com as babás, e espero que Ivarsen já tenha chegado lá também.

Maravilha. Minha mãe está no paraíso dos bebês ultimamente. A mãe de Kai, Vittoria, e ela passeiam alegremente pelas ruas de Thunder Bay comprando toda sorte de coisas para os netos. Estou até surpresa por

Ivarsen não ter ganhado um carro de presente ainda. *Sabe como é, para ele usar só quando for a hora.*

— Onde está Winter? — sondo.

— Provavelmente dando umazinha com o Damon no banco traseiro do carro. Logo ela chega aqui.

Começo a rir. Acho que Winter o deixa fazer tudo o que quiser por agora, porque é impossível ficar grávida se já estiver... grávida.

— E o Michael? — pergunta Alex.

— Está a caminho — respondo.

Alex levanta a cabeça e eu interrompo a massagem.

— Então... — Ela olha para Banks. — Você e Kai. — Em seguida, olha para mim. — Você e Michael. E Damon e Winter, e...

— Misha e Ryen — emendo. Eles estarão aqui, porque Misha é primo de Will, e nós discutiremos assuntos dos quais ele quer fazer parte.

— Misha e Ryen — ela repete, distraída. — E o que eu devo fazer quando todo mundo resolver fazer um “intervalo” esta noite?

Ela faz questão de enfatizar a palavra ‘intervalo’ gesticulando as aspas, como se ela não fosse ter uma pausa proveitosa também.

Ah, quem ela vai escolher para brincar?

— Tem uma tripulação inteira — asseguro.

Ela arregala os olhos na mesma hora.

— E David e Lev também subirão a bordo com Damon — Banks acrescenta.

Ela arfa e então sua expressão muda quando dá um gritinho entusiasmado.

— Isso é como comemorar o Natal e o meu aniversário ao mesmo tempo.

Eu bagunço seu cabelo e inverte nossa posição de novo, depositando beijinhos suaves na ponta de seu nariz e em seu rosto.

— Pensamos em você. Não se preocupe.

Ela ri e Banks e eu saímos da cama, seguindo em direção à porta.

— Oito em ponto — digo a ela o horário, pegando meu celular e os AirPods de cima da cômoda.

Ela continua deitada, mas faz um joinha com os polegares antes de soltar o celular do carregador ligado à tomada. Hesito por um instante, observando-a e percebo que, não importa o tanto de pessoas que existem em sua vida, ainda assim, ela sempre parece solitária.

Eu e Banks saímos da cabine e fechamos a porta antes de seguir pelo corredor. Ela para em frente à cabine dela e de Kai.

— Oito horas — diz e abre a porta.

Desbloqueio meu celular, já pronta para fazer uma ligação.

— Te vejo mais tarde.

Então seguro o telefone contra o ouvido enquanto subo as escadas rumo ao convés.

Ouço dois toques até que o Sr. Lyle atende:

— Senhorita Fane.

— Oi — cumprimento. — Anote essa informação, por favor.

Há um instante de silêncio, até que o ouço dizer:

— Tudo bem, pode falar.

— Alexandra Zoe Palmer, apartamento 1608, no Delcour. Encontre a colega de quarto que ela teve no primeiro ano da faculdade — instruo. — Também o namorado da garota na época. Possivelmente um aluno de Yale, no mesmo ano. Quero esses dados amanhã.

— Entendido.

— Obrigada.

Desligo e vou até a cabine de comando. Eu não deveria fuçar a vida de Alex, mas não decidi se faria alguma coisa a respeito. Pelo menos, se fizer, estarei preparada.

George Barris está ao leme, conferindo uma listagem com sua primeira-imediata, Samara Chen, que trabalha em seu posto. Vejo a máquina de fax vomitar um monte de papeis, e junto tudo, começando a ler.

Pithom tem um sistema meteorológico por satélite, mas o

capitão da embarcação faz questão de dobrar os cuidados e se precaver. O que é ótimo.

Analiso os relatórios a respeito do tempo e aceno com a cabeça, satisfeita.

— Você já pode zarpar do porto — digo a ele, prestes a sair da cabine principal. — Ancore a cerca de dois quilômetros da costa, enquanto esperamos pelo Sr. Crist.

— Sim, Srta. Fane.

Deixo os documentos sobre a mesa e quando estou quase saindo da cabine de comando, paro e vejo, através da janela da proa, os intendentes carregando algumas malas a bordo. Mais alguém chegou. Uma fina camada de suor escorre pelas minhas costas e meu estômago embrulha, mas sei que não é Michael. Ele chegará de Seattle em algumas horas.

Sigo adiante e desço as escadas até o *deck* principal, indo em direção à área repleta de sofás. Paro e pego um pedaço de queijo e *prosciutto* da bandeja e enfio a fatia de carne na boca.

Vou até o solário no convés, a luz do dia esmaecendo às nossas costas, e vejo Damon parado na beirada da embarcação, encarando as águas escuras do oceano.

Seu cenho está franzido, e seguro minha comida em uma mão, mastigando mais um bocado enquanto me recosto contra uma coluna para observá-lo. A última vez em que fiquei parada no exato lugar onde ele está, Will se encontrava na água com um bloco de cimento amarrado ao tornozelo, enquanto Trevor tentava me matar. Will e eu quase perdemos nossas vidas naquela noite.

— Às vezes — Damon diz, rompendo o silêncio —, deixo minha mente divagar, e minhas lembranças sempre voltam para aquele momento.

Ele inspira profundamente, encarando o mar enquanto enfio um pedaço de queijo na boca.

— Só que Michael não consegue alcançá-lo, e você não volta à superfície.

Ele se vira e senta-se sobre a beirada, enfiando as mãos nos bolsos à medida que nossos olhares se conectam.

Vejo nossa mãe nele agora. E muito.

Eu não era capaz de ver antes. O jeito como seu olhar se arregala, nos fazendo levar um instante para perceber se é um olhar surpresa e feliz ou um enfurecido. A forma como ele diz o que quer e o fato de não gostar de mentir. A maneira como ambos odeiam ficar sozinhos.

Que coisa incrível é o tempo. Três anos atrás, pensei que ia morrer neste barco, e que ele seria a última pessoa que eu veria ou com quem conversaria. Nunca senti tanto medo na vida.

Agora, dificilmente passo um dia sem conversar com ele ou precisar de seus conselhos.

— Sabe de uma coisa... — Eu me aproximo dele.

Damon levanta a cabeça, atento.

No entanto, não continuo o que ia dizer. Ao invés disso, respiro fundo, dou um longo suspiro e... avanço em sua direção, socando seu peito.

Seus olhos se arregalam, ele tropeça, e em um segundo, perde o equilíbrio e cai pela lateral do iate.

— Puta que pariu! Que caralho! — grita enquanto despenca em queda livre.

Seu corpo atinge o mar dez metros abaixo, espirrando água para todo lado antes de desaparecer sob a superfície.

Olho para baixo e enfio outra fatia de frios na boca, mastigando lentamente. Ele caiu e aterrissou na água de ombro? Quem diabos faz isso?

Assim que ele ressurge, espirrando e cuspidando água, afasta o cabelo para trás e me encara com ódio no olhar. Tento a todo custo conter um sorriso.

Os pingos d'água escorrem de seus cílios e lábios, e nunca vi uma expressão mais revoltada na minha vida.

— Sua merdinha! — ele berra.

— Hum, tudo bem, isso foi um pouco agressivo. Eu admito — debocho. — Mas também foi justo. Eu quase morri naquela noite, Damon.

— Desça aqui e vou te mostrar como é morrer de verdade!

— Você tá louco? — Pego mais um pedacinho de queijo. — Essa água deve estar congelando.

Ele rosna e nada até a parte de trás do iate, e só então eu começo a rir enquanto pego uma toalha para lhe entregar. Ele parece tão vulnerável.

Vou até as escadas e o vejo escalar o iate e ficar de pé, sua camisa social branca e a calça preta coladas ao corpo.

Mas o cabelo está bem legal.

Contenho um sorriso e entrego a toalha.

— Vá se foder.

No entanto, ele a arranca da minha mão.

Que bebê chorão. Acho que algumas pessoas não sabem brincar.

— Sabe a culpa que eu sentia há alguns minutos? — ele explode. — Desapareceu totalmente.

— Ótimo. — Aceno com a cabeça. — Temos coisas mais importantes para lidar hoje à noite.

Ele ferve de raiva, enxugando o cabelo e o rosto ao mesmo

tempo em que se livra dos sapatos.

— Todo mundo já está a bordo? — Ouço alguém gritar. — Estamos preparados para zarpar.

Levanto a cabeça e vejo o capitão parado à porta da cabine de comando, então aceno em concordância.

— Estamos prontos.

Damon e eu subimos as escadas outra vez e atravessamos o convés à medida que os motores começam a ronronar um pouco mais alto.

— Michael está aqui? — pergunta.

— Está a caminho. — Largo o resto da comida que mal terminei e pego uma garrafa d'água. — Eu queria que todo mundo parasse de me perguntar isso.

Dou a volta no bar, prestes a seguir em direção à minha cabine, para tomar um banho, quando Damon agarra meu braço.

Paro na mesma hora e deparo com seu olhar penetrante e escuro.

— É para colocar tudo às claras hoje à noite — ele ordena. — Tudo.

Meu coração pula uma batida, e meus músculos, antes relaxados, agora tensionam com mais força.

No entanto, dou apenas um aceno de cabeça e digo:

— Eu sei.

Enquanto o iate navega pelas águas escuras do Atlântico, e as estrelas iluminam o céu, só consigo pensar nas palavras de Damon. *Tudo às claras*. Tomo um banho e me visto, e sinto meu estômago revirar, já que não consigo pensar em mais nada, além do que poderia acontecer na próxima hora. Ou nas próximas quatro horas além disso.

Ou amanhã.

Tudo dependerá desta noite.

Passo um pouco de batom e ouço o som distante das hélices do helicóptero, sentindo o frio me percorrer na mesma hora. Mal consigo respirar. Olho para o teto e presto atenção ao ruído que indica que Michael acabou de chegar.



Quando o ponteiro bate oito horas, todos os alarmes acionam dentro das cabines, assim como o leve *dong* do relógio, na sala de vinhos, ressoa pelos corredores do iate.

Michael não veio ao meu encontro quando chegou. Saio da cabine e pego meu celular, sem qualquer mensagem ou ligações que pensei que ele faria quando não estava em nosso quarto. É melhor

assim. Este foi o motivo por eu ter escolhido me arrumar em outra cabine, ao invés da que compartilhamos. Não quero vê-lo até o momento em que nos encontrarmos no local da reunião. Tudo isso porque estou temendo perder a coragem.

Ryen, a namorada de Misha, sai de sua cabine e é seguida na mesma hora por ele. A garota olha por cima do ombro ao ver que estou indo em sua direção.

Dou um sorriso, incapaz de impedir que meu olhar deslize por todo o seu corpo. Ela está usando um vestido preto e justo, comprido até o meio das coxas; seus saltos pretos me fazem sentir baixinha perto dela. Misha se vira para mim, trajando um terno preto sob medida, com a exceção da gravata, e não importa o que Damon fale a respeito de suas tatuagens, elas realmente combinam direitinho com seu estilo.

Todos estamos vestidos de preto, e isso quase me faz rir. Fico feliz que todos entenderam que esta é uma noite para cores poderosas.

Ele ergue a mão e acena, dizendo em seguida:

— Vá na frente.

Passo pelos dois, sendo seguida imediatamente. A porta de Alex se abre quando cruzamos o corredor, e vejo-a se juntar a nós. Passamos pelo arco da área do solário no convés e adentramos mais ainda na embarcação.

As paredes envidraçadas brilham sob a luz das chamas das arandelas; viro-me em direção a uma porta aberta e entro na imensa sala à frente, avistando Kai, Banks, Winter e Damon por ali. As janelas do chão ao teto decoram a parede mais distante, e o mar se espalha ante nossas vistas.

Michael encara a imensidão da noite escura, de costas para mim.

Lentamente dou uma circulada pela sala, enquanto Misha, Ryen e Alex passam por mim, mas meu olhar não se afasta dele. Sinto um frio gostoso na barriga, e depois de tantos anos desejando-o e o amando em silêncio, é como se eu ainda tivesse dezesseis e estivesse perto da minha paixonite de longa data. Amar tanto alguém, assim, chega a doer.

Os intendentess terminam de servir a comida e bebidas na mesa do *buffet*, e pegam algumas garrafas de vinho tinto da adega acoplada à parede, nos servindo na mesma hora. Assim que eles saem, as portas se fecham e todo mundo vai em busca de seus lugares à imensa mesa redonda.

Michael se vira e nossos olhares se conectam. Seus olhos cor de mel, fixos em mim, me congelam no lugar, tornando difícil respirar com calma. Tudo isso porque vejo em seu olhar. Sempre vejo...

O amor. A necessidade. A saudade.

Mas agora, está diferente. Também há uma hesitação ali. Como se ele estivesse incerto do que fazer comigo.

Seus olhos lindos deslizam pelo meu corpo, apreciando meu longo e fino vestido preto, com um decote acentuado à frente e às costas, tão profundo que quase alcança o topo da minha bunda. Um cinto de couro circunda minha cintura e as costas nuas, mantendo o vestido preso ao corpo. Dou um passo à frente e minha perna aparece pela fenda lateral que chega ao quadril, e sei o que ele vê. Ou não vê, por baixo do vestido.

Ele cerra a mandíbula, o olhar se encontra ao meu outra vez, e vejo a pequena chama incendiando seus olhos. Quero me satisfazer com isso... Em provocá-lo.

Mas eu simplesmente amo essa sensação. Amo quem somos juntos.

Escolho o lugar mais perto, e Kai, Banks e Alex sentam-se à minha direita; Misha, Ryen, Damon e Winter ficam à esquerda. Michael se senta no último lugar à mesa, bem à minha frente.

No entanto, ele rapidamente se levanta de novo.

— Antes de começarmos...

Observamos quando ele coloca uma brilhante caixa preta sobre a mesa, pegando diversas caixas menores ali dentro. Ele desliza uma delas para Damon, Kai e Misha, e pega uma para si mesmo, dando a volta na mesa para vir em minha direção.

— Quando Will voltar — ele diz a todos —, vamos pensar em alguma coisa para os homens, mas... cada família terá suas relíquias.

Ele para ao meu lado e nossos olhares se encontram. As caixas são abertas por todos, curiosos para descobrirem o que há ali dentro, porém meu corpo tensiona e queima sob seu escrutínio. Ele abre a caixa em suas mãos e a coloca sobre a mesa, pegando o item.

— Então, que estes sejam apenas os primeiros — acrescenta, segurando um colar preto adornado por um pingente no meio.

— O que é isto? — Ouço Winter perguntar a Damon quando ele retira o dela da caixa.

— É um colar — diz.

— É uma coleira — Banks resmunga, ríspida.

Michael e eu trocamos um sorriso perante sua alfinetada.

Mas é lindo. Majestoso. Uma corrente fina com elos pretos que se unem, pontilhados por pequenas pedras preciosas da mesma cor e com um broche bem no centro. Michael ajusta o colar no meu pescoço enquanto Damon e Kai fazem o mesmo com Winter e Banks.

— Tem um pingente branco — Damon explica a Winter. — Com um crânio. O crânio tem chifres e se encontra um pouco acima de um leito de relva onde uma cobra repousa.

— O crânio representa nossa verdadeira identidade. — Michael prende o fecho à minha nuca, e o colar vai somente até a clavícula. — O que vem à tona quando colocamos nossas máscaras.

— O chamado do vazio — Damon sussurra para Winter.

Michael continua:

— Os chifres representam um cervo, isto é, atenção, estar em contato com sua criança interior, inocente e vigilante. A cobra significa o renascimento e a transformação.

Toco o broche com a ponta dos dedos.

— E fertilidade — adiciono ao refletir.

Michael me encara por um instante e depois se vira, dando a volta na mesa. Ele pega outra caixa e a coloca perto de Alex, abrindo a tampa.

No entanto, ela o impede de prosseguir.

— Quero que Will coloque isto em mim.

Ele acena em concordância e fecha a caixa.

De pé, em seu lugar à mesa, ele olha para Misha e Ryen, que apenas encaram o cordão ainda dentro na embalagem.

— Isto pertence à família — ele diz a ela. — Se quiser abdicar dele, só pode entregá-lo para nós e ninguém mais. Entenderam?

Ryen encara Michael e depois olha para o namorado ao seu lado, acenando nervosamente.

— Agradeço o gesto — ela diz, voltando a encarar Misha. — Nós temos que pensar a respeito.

Misha não diz nada, e entendo perfeitamente sua relutância. Não conheço sua namorada direito, mas isso não é o estilo dele. Misha gosta de liberdade, sem ter que dar satisfações a ninguém, a não ser a ela, e nunca soube que ele tenha participado de algum grupo que não fosse sua banda. Muita gente interferindo em sua privacidade poderia deixá-lo paralisado. Ele não gosta disso.

E, sinceramente, eles não têm um passado com a gente. Todos nós estamos aqui porque não queríamos estar em nenhum outro lugar. Misha está aqui apenas por causa do Will.

Michael toma o seu lugar, desbloqueia a tela do celular e aciona o cronômetro, colocando o telefone no centro da mesa.

— Tudo bem, considerando nossa programação, vamos começar por...

— Quero matar o seu pai — digo, interrompendo o que ele estava falando.

Damon se engasga com a vodca. Todos os olhares se concentram em mim, e Michael, silenciosamente, me encara enquanto minhas palavras pairam no ar.

Sei que disse isso de maneira abrupta, mas preciso deixar claro minhas intenções esta noite. Ou perderia a calma.

— Não vou fazer isso — emendo. — Só queria deixar claro que é o que tenho vontade de fazer.

Michael continua ali sentado, brincando com a caneta

Montblanc à sua frente, enquanto todos o encaram em silêncio, mas ele nem ao menos pisca, assim como eu.

— E eu quero me casar com você — ele diz. — É isso o que está te segurando? Meu pai?

Vacilo por um segundo. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Esse é um assunto particular.

— Você não fala sobre isso nem mesmo quando estamos só nós dois. Os únicos momentos em que as coisas estão bem, ultimamente, são quando estamos transando.

Damon empurra a cadeira com brutalidade para trás, dando um susto em Banks e Ryen, e se levanta na mesma hora, olhando para Michael com a cara fechada.

Mas Michael reage, sem nem ao menos se levantar à medida que encara Damon.

— Eu estava lá quando ela tinha cinco, oito e treze anos, então lembre-se de quando vocês dois começaram a se relacionar na próxima vez que quiser insinuar que você tem mais responsabilidade ou cuidado por ela do que eu — ele diz, com rispidez. — Ela é minha mulher. Sente-se.

Sou simultaneamente atingida com um arrepio pelas palavras de

Michael e o deleite com a atitude protetora de Damon. No entanto, por mais que doa, Michael estava certo. As coisas até iam bem, mas só eram maravilhosas quando estávamos na cama, nos últimos tempos.

Damon hesita, mas, finalmente, volta a se sentar, fervendo de raiva.

Olho para Michael e ele retribui o olhar.

— Esta ideia fantástica aqui foi sua — comenta. — Então vá direto ao ponto. Você está chateada comigo por eu não ter vingado o fato de o meu pai ter matado o seu. — Recostando-se na cadeira, ele encara todos ao redor da mesa. — É isso o que todos vocês pensam? Que não a defendi?

Mas antes que alguém respondesse, afirmo:

— Não estou chateada com você. Eu te amo. — Estou um pouco magoada pela sua demora em querer resolver as coisas, mas entendo a posição em que está. — E vou morrer como sua esposa, e de ninguém mais.

Pronto. *Está feliz agora?*

Ele me encara, e espero que tenha assimilado que não tenho dúvidas sobre o amor e devoção que sinto.

Pigarreando, ele diz:

— A única testemunha viva que consegui localizar foi assassinada ano passado. — Ele dá uma olhada irritada para Damon,

referindo-se à morte de Gabriel. — E mesmo que eu pudesse encontrar outra, não posso expor minha mãe a essa humilhação. — Ele baixa o olhar. — Sei o que a morte do seu pai fez com a sua mãe, Rika. O que você está pedindo é justo, e eu sei disso. — Ele olha novamente para mim, aflito. — Mas eu matei o filho dela... Não posso... Isso vai matá-la...

Ele se cala, mas nem precisava terminar a frase.

Eu sei. Mesmo se o pai dele ‘desaparecesse misteriosamente’, Michael não seria capaz de mentir para ela. Ela acabaria descobrindo, e ficaria magoada com ele. Ela poderia até passar a sentir medo do próprio filho.

— Eu posso fazer isso — Damon interrompe.

Michael acena com a cabeça, distraidamente.

— Eu sei que você faria, mas não vou permitir. Você tem motivos pelos quais viver agora. Não se arrisque desnecessariamente. — Ele suspira, recostando-se à cadeira. — Não podemos massacrar todos os nossos problemas.

Não, nós não podemos. Não somos criminosos, e tenho que, constantemente, me lembrar disso. Não infringimos as leis em benefício próprio. Fazemos isso por diversão.

Não precisamos matá-lo, mas as coisas também não podem continuar do mesmo jeito.

— Quero que ele suma. Que dê o fora de Thunder Bay — digo a Michael. — E fora de Meridian também.

— Ele não pode ser comprado — ele responde.

— Não precisaremos fazer isso — Banks interpela.

Todo mundo para, virando-se para encará-la. A pele de seus ombros desnudos brilha à luz de velas, e meu olhar se encontra ao dela quando me sento mais ereta na cadeira.

— Ele vai nos entregar tudo — ela diz.

Contenho meu sorriso. O que mais gosto em Banks é que ela se abstém orgulhosamente de apresentar qualquer problema, a não ser que seja uma solução. Então me concentro em ouvir com atenção.

Ela se vira para Michael e diz:

— Com certeza, seu pai não é culpado somente do assassinato de Schraeder Fane. Vamos encontrar algum podre e usar isso para persuadi-lo.

— Persuadi-lo a quê?

— A tentar a vida em outro lugar — ela responde com sarcasmo.

Michael balança a cabeça.

— Ainda assim, ele não vai sair pacificamente.

— Então nós vamos cuidar disso — Kai diz, perdendo a paciência. — Estamos fazendo apenas o necessário, Michael.

Precisamos pensar nos nossos filhos. Rika está certa. Ele não pode ficar aqui.

Depois de alguns segundos, Michael, finalmente, olha para mim, e sei exatamente o que se passa em sua cabeça. Sim, o pai dele é perigoso. Sim, ele machuca as pessoas, e muito.

Mas isso não é algo que podemos dizer de nós mesmos? Já machucamos uns aos outros. Já matamos.

A diferença entre nós e Evans Crist, porém, é que ele age movido pela ganância e o desejo por poder. Nós sempre agimos a serviço da nossa família. Nossa verdadeira família. Evans mal e porcamente tem consideração por sua esposa e filho. Ele não se importa com o restante de nós. Não quero Mads e Ivar em qualquer lugar perto dele.

Michael acena com a cabeça, devagar.

— E não quero o sobrenome dele — acrescento.

Ele fica tenso, e o olhar lentamente se levanta para encontrar o meu.

Sei que ele, provavelmente, deve estar se sentindo o alvo constante nessa reunião, mas eu precisava desabafar sobre isso, e quanto mais cedo, melhor. Não vou mudar o meu sobrenome quando nos casarmos.

Ele respira profundamente, mas é nítido que está pau da vida.

— Quero que você tenha o mesmo sobrenome que os nossos filhos.

— Eu terei.

Meu coração acelera, porque não quero magoá-lo, mas não posso ceder nesse assunto. É algo no qual venho pensando há bastante tempo. Por que tenho que mudar meu nome? Quem fez esta regra, afinal? Meu pai era um bom homem que não deixou nenhum filho para levar seu nome para a posteridade. Ele merece isso.

Minhas últimas palavras pairam no ar enquanto ninguém ousa respirar à mesa; Michael me encara com o ódio incendiando seus olhos. Sei que estou pedindo demais. Ele já nasceu com o sobrenome que carregará para a vida toda. E não precisa mudar isso.

No entanto, também não mudarei o meu. Michael e eu nos encaramos, mas nenhum de nós diz nada, provavelmente porque não sabemos mais o que dizer. Ele quer gritar, mas não quer fazer isso aqui, e creio que também quer me estrangular.

— Tu-udo bem — Kai gagueja, e sei que está olhando de mim para Michael. — Nós podemos... voltar a esse assunto depois.

Todo mundo se agita ao redor da mesa, mas Michael não desvia o olhar, cabendo a mim, fazer isso primeiro. Vou deixá-lo vencer esse duelo.

— Will... — comenta Kai, seguindo para o próximo tópico a ser

discutido. — O que sabemos sobre isso?

Misha se ajeita na cadeira.

— A última mensagem que recebi dele foi há meses...

— Esqueça as mensagens — Kai atesta, olhando ao redor. — Quando foi a última vez que alguém o viu?

— Treze meses atrás.

Nós nos viramos para Damon, seu sussurro pairando no ar à medida que ele gira o cigarro entre os dedos.

— E doze dias — Alex acrescenta. — Ele fez uma videochamada.

Treze meses. Pisco diversas vezes, sem acreditar. *Treze meses, porra.*

— E podemos deduzir que ele não está morto, porque os pais dele não estão preocupados — digo a todos.

Misha pega alguma coisa de seu bolso frontal e desdobra sobre a mesa. Damon apanha o papel na mesma hora.

— O que é isso? — pergunta, inspecionando a folha.

— Uma lista de homens de famílias ricas e proeminentes que sumiram do mapa e reapareceram nos últimos trinta anos — Misha explica.

Damon zomba e acena com o papel para Michael.

— Geralmente lidamos com arquivos digitais no século vinte e um.

Michael pega a lista e analisa os nomes escritos.

— E para que serve entrevistar um bando de homens de meia-idade? — Damon prossegue. — Primeiro, eles não vão querer papo. Ninguém fala sobre *Blackchurch*; segundo, a localização sempre muda. Mesmo que eles dissessem alguma coisa, não teriam como saber onde é o lugar agora.

— Talvez o lugar não tenha mudado — argumenta Misha. — Talvez isso seja apenas parte da história que nos contam. E, talvez, Warner...

Stratford... Walmart Cunningham III possam nos dar uma pista. Algo que seja útil. A menos que você tenha uma ideia melhor...

— O avô dele — Winter diz. — Deve ter sido ele quem o colocou lá, para início de conversa, certo?

Michael se vira para Alex, traçando o próximo passo.

— Você consegue essa informação?

Ela ri baixinho.

— Não sei por que vocês pensam que esses homens divulgariam segredos de estado para suas prostitutas.

— Porque já funcionou antes. — Damon sorri, provocando-a. — Você não se dá muito crédito.

No entanto, eu me aprumo na cadeira.

— Não.

Todos olham para mim.

— Não vamos usar a Alex desse jeito — explico.

Em algum momento, ela vai se formar na faculdade, arranjar um emprego, e o que vamos fazer quando não pudermos usá-la como isca? Não vou enviá-la para aquele velhote.

— Além do mais — prossigo. — Homens como ele não cuidam desses detalhes por si só.

— O assistente dele, então — Kay emenda. — Jack Munro. Ele deve saber de alguma coisa.

— E se ele não quiser falar? — Misha retruca.

— Tenho certeza de que a informação é mais acessível quando a intenção é colocar alguém lá dentro, ao invés de tirar — Alex murmura.

Todos à mesa ficam em silêncio, mas vejo um sorriso sutil curvar os lábios de Michael.

— O quê? — perguntou.

Ele rapidamente tenta esconder o sorriso e dá de ombros.

— Nada.

Mas continuo observando-o por um instante. Ele está pensando em alguma coisa.

Alex inspira profundamente.

— Vou me engraçar com o assistente do Senador Grayson assim que esse conclave acabar. — Deparo com seu olhar antes que possa dizer algo mais. — Eu vou fazer isso, Rika.

Engulo meu argumento, nem um pouco feliz por colocá-la nessa posição, mas estamos falando de Will, e sei que ela fará qualquer coisa a essa altura.

Winter coloca a mão sobre a mesa.

— Se encontrarmos *Blackchurch*, e ele estiver lá, como faremos para tirá-lo?

— Primeiro, nós precisamos saber com que espécie de fortaleza estamos lidando — Banks diz a ela. — Se as histórias forem verdadeiras, eles têm livre acesso à casa e ao terreno. Se formos capazes de chegar até eles, então eles também podem vir até nós.

O silêncio impera à mesa, enquanto Banks olha ao redor.

— De jeito nenhum *Blackchurch* é assim — ela prossegue. — Por que não simplesmente colocá-los em um Spa luxuoso com celas e guardas? Por que eles são deixados sozinhos como se fossem cães numa rinha para massacrarem uns aos outros?

As imagens descritas se atropelam na minha mente, e penso em Will, neste instante, preso em um lugar assim. Baixo a cabeça na mesma hora.

— Eles destruíram suas oportunidades e decidiram não fazer

parte da família — Banks continua —, então, agora, eles terão que aprender o seu lugar na ordem natural.

A ordem natural. Vão ter que aprender na marra. Eles teriam suas necessidades supridas. Comida, teto, cuidados médicos, se fosse necessário... mas, tirando isso, eles estavam completamente sozinhos e à mercê uns dos outros.

— Eles têm que se virar à base do instinto primitivo, para sobreviver — Banks diz a todos nós. — O resto do mundo não existe mais. Agora eles fazem parte de um sistema com as próprias regras e leis... — ela faz uma pausa por um instante. — E consequências.

Ela deve ter ficado sabendo dessas coisas a respeito de *Blackchurch*, porque Gabriel pensou em enviar Damon para lá, ou então ela estava fazendo uma associação ao jeito que os cães do pai eram tratados quando eram mantidos em jaulas. De qualquer forma, sei que tudo o que ela diz é verdade.

— Eles estão escondendo comida — ela diz —, e cada um deles precisa lutar pela sua parte. Estão forjando alianças para proteger uns aos outros, e devem estar fazendo armas com o que encontram largado ao redor.

Meu peito se aperta.

— Deve haver um alfa — ela prossegue —, e, com certeza, não é o Will.

Nenhum de nós fala nada, mas é nítido que o pensamento de todos é exatamente igual ao meu. Imaginando o que Will devia estar enfrentando neste exato momento. Aqueles homens não são seus amigos. Will não é forte quando está sozinho.

Ele não é o Michael ou o Kai.

— Vou passar mal — Winter arfa, com os olhos marejados, e se levanta de supetão.

Damon faz o mesmo, segura sua mão e ambos saem da sala, fechando a porta em seguida.

— Como deixamos isso ir tão longe? — Kai expira.

— Nós fizemos merda — Misha diz, o olhar mais preocupado do que antes.

No entanto, Ryen tenta acalmá-lo:

— Will está bem.

Alex olha para ela, com uma lágrima escorrendo pelo rosto.

— Como você sabe disso?

— Porque ele tem uma vantagem sobre todos os outros prisioneiros lá — ela diz a todos nós. — Ele já esteve na prisão. Ele já viveu isso antes.

Mordo meu lábio inferior e fecho os olhos, tentando me acalmar. Ela está certa. Engulo em seco e sinto o maldito nó no estômago começando a afrouxar. Se Will estiver lá, ele está vivo.

— Jack Munro — Michael diz, olhando para Alex. — Faça contato e nos avise assim que tiver alguma informação. — E então enfatiza: — O mais rápido possível.

Ela dá um aceno afirmativo com a cabeça.

A sala parece, de repente, tão tensa, que empurro minha cadeira para trás, assim como os outros, precisando de ar fresco.

A comida servida sobre a mesa está intocada, e todo mundo se dirige à porta para alongar as pernas. Estou prestes a sair também quando alguém agarra minha mão, me impedindo.

Encaro Michael, ambos em silêncio à medida que a sala esvazia.

— Diga o meu nome — ele sussurra.

A veia no meu pescoço começa a latejar.

— Michael — murmuro.

— Não é assim que você diz meu nome. — Ele se aproxima, a mão apoiada em meu rosto. — Como sempre disse.

Quero desviar o olhar, porque sinto as lágrimas se acumulando na garganta. Quero dizer tudo a ele. Quero me livrar dessa angústia e medo, mas... Nosso futuro parece perfeito. E estou prestes a mudar isso.

E não posso.

Estamos apaixonados. Aqui e agora, neste instante. As coisas podem mudar em questão de segundos, e não consigo...

— No que você está pensando? — Ele me lança um olhar perscrutador. — Onde você está nesse exato momento?

Sinto meu queixo tremer.

— Tem alguma coisa que você não está me dizendo.

Abro a boca para falar algo. Ou para beijá-lo ou qualquer outra coisa, mas eu...

Tenho a noite toda. Só não posso fazer isso agora.

Afasto-me dele e saio em disparada da sala.

— Rika! — ele grita, irritado.

No entanto, não paro. Limpo a lágrima do meu rosto assim que ela escorre e me dirijo ao solário do convés, passando pelo *lounge* onde todos estão reunidos nos sofás e com suas bebidas em mãos.

Paro na beirada do iate, contemplando o oceano escuro à frente, o raio branco do luar se espalhando pelo horizonte. O vento sopra contra o tecido do meu vestido, mas o ar frio não é capaz de aplacar meu nervosismo.

Preciso apenas fazer amor com ele mais uma vez, antes que eu estrague tudo.

— A que distância iremos da costa? — alguém pergunta às minhas costas.

Pisco rapidamente para afastar as lágrimas, olhando para Ryen por cima do meu ombro.

— O barco já está navegando há algumas horas — ela salienta, dando uma risada de leve. — Devemos estar bem longe a esta altura. Ninguém vai escapar a nado agora.

Eu me viro mais uma vez e encaro o mar.

— Eu disse a eles que não parassem até que eu mandasse — informo. — Ou que aparecesse terra à vista.

— A próxima ilha é a Irlanda — Misha comenta.

Dou uma risada forçada.

— Então é melhor resolvermos as coisas mais rápido.

Na verdade, Misha e Ryen podem até mesmo se ausentar pelo resto da noite. O assunto que exigia a presença deles já está encerrado, e eles não têm obrigação em ouvir o que mais será discutido. Sobre o *The Cove*. A herança de Damon. Os planos dele para Banks, em Washington D.C. — que ele acha que não sei a respeito, mas que, pensando bem, faz todo o sentido.

O avô de Will está há bastante tempo no poder, a maior parte de sua carreira, e apesar da motivação de Damon não ser totalmente altruísta, Banks é perfeita para o cargo. Assim que ela se formar na faculdade, ele vai convencê-la a concorrer ao cargo de deputada estadual, até que ela complete trinta anos e já tenha idade suficiente para disputar uma vaga no Senado. Todos perfeitamente posicionados para tornar o mundo do jeito que queremos e com conexões o bastante para continuar ganhando dinheiro. É algo duvidoso pra caralho, mas ela não fará um trabalho ruim naquele gabinete. De forma alguma.

Se ela aceitar, tudo bem. Infelizmente, prevejo uma discussão intensa antes disso.

Eu me viro e vejo Damon entrando no *lounge*, e minha mão se agarra firmemente à grade às minhas costas.

— Como está Winter?

— Ela está bem — ele assegura, levando uma caixa até a mesa. — Apenas se refrescando.

Ele desaba na cadeira, de frente para Misha e Ryen, e concentra sua atenção neles.

— Bebezão — ele zomba e joga a caixa na frente de Ryen.

— O que é isto? — ela pergunta ao abrir.

Ela pega uma máscara preta, de metal, toda decorada, que cobre apenas os olhos, e com duas fitas pretas usadas para amarrar ao redor da cabeça. O *design* permite que ela consiga ver pelas frestas com exóticas aberturas para os olhos. É mais parecida ao tipo de máscara usada em bailes do que às nossas, porém é belíssima.

— Isto é para a garota que vem à vida quando você e Misha estão sozinhos — Damon explica. — É para os momentos privados, no escuro, quando ele quiser fazer algo divertido com você.

Misha tira a máscara da mão dela e a enfia de novo na caixa.

— Não.

Damon começa a rir, divertido, mas não chocado. Ou intimidado.

— Deixe-a apenas experimentar. — Ele empurra a caixa na direção de Ryen e a encara. — Mais tarde. Quando vocês estiverem a sós. Veja se gosta do que vai surgir. — Seu olhar foca novamente em Misha. — Veja se ela vai dar ouvidos a isso. Talvez você seja capaz de ouvir também.

Eles não perguntam o que ele quer dizer com aquilo, mas eu sei. *L'appel du vide* [20]. A filosofia de Winter que explica o que somos e o que nos une. Talvez Misha e Ryen sejam mais parecidos a nós do que pensávamos. Talvez todo mundo seja. Dada essa oportunidade.

Mas Misha apenas suspira e empurra a cadeira para trás, ficando de pé.

— Preciso me embriagar para aguentar você. — Ele vai até o bar.

Damon o segue, servindo um drinque para si mesmo, mas sem continuar a provocar o garoto. Dou uma olhada para a porta, notando que Michael não nos seguiu. Ele, provavelmente, está se preparando para torcer o meu pescoço.

Atravesso toda a sala e vou em direção a uma pequena cabine na parte da frente, fechando a porta em seguida. No entanto, ela não se fecha por inteiro, e quando ergo a cabeça, vejo Kai ali parado.

Meus olhos começam a lacrimejar, e eu nem havia percebido que estava me contendo até que me vejo a sós com ele. Ele se aproxima, em silêncio, no espaço apertado e entre a pia, e segura meu rosto entre as mãos.

Ele me encara, vendo meus olhos marejados.

— Eu sei — sussurro. — Eu sei.

— Você está torturando a ambos — ele alega. — Conte logo para ele.

Sinto um tremor em meu peito e tento desviar o olhar, mas ele não me permite, mantendo-me na posição.

— Tem que ser em particular — comento. — Ele vai ficar bravo se eu contar isso na frente de todo mundo.

— Ele não vai ficar bravo.

Ele será colocado em uma posição horrível. Uma onde ficará entre a cruz e a espada, e em que terei que pedir que ele escolha entre duas opções que o obrigarão a desistir de algo que deseja.

Eu preciso fazer uma escolha por ele. E sempre soube disso.

Baixo a cabeça, recostando-me, lentamente, ao peito de Kai.

— Eu morreria se o visse com outra mulher — sussurro. — E se ele se casar com outra pessoa, e eu tiver que viver em Thunder Bay, vendo-os a todo o momento?

Começo a chorar, sentindo seus braços ao meu redor, e desabo, o pavor e a ansiedade me causando náuseas.

Kai sussurra contra o meu ouvido:

— Ssshhh...

A porta se abre de supetão, e ambos erguemos a cabeça na mesma hora. Michael está ali parado, e a expressão em seu rosto me dá um frio na barriga. Ele range os dentes, agarra Kai pelo paletó e o puxa para fora do lavabo.

Ofego ao vê-lo arrastar o amigo de volta ao *lounge*, vendo-o cair contra uma mesa. O vaso decorativo que estava em cima cai e se espatifa no chão. Ryen grita, saindo às pressas do lugar onde está sentada, para não ficar no caminho.

Michael avança na direção de Kai, o agarra novamente, com as mãos em punhos nas lapelas de seu terno.

— Ei, ei, para com isso! — Kai grunhe.

— Michael, para! — eu grito.

Ele sacode Kai, gritando em seu rosto:

— Que porra vocês estavam fazendo?

— Estávamos apenas conversando! — Kai retruca, também aos gritos.

Damon fica de pé, paralisado, observando, mas, ainda assim, preparado para intervir, enquanto Misha, Ryen e Banks encaram, estarrecidos, a cena diante de seus olhos.

Michael se inclina na direção dele, com o nariz quase colado ao de Kai.

— Você não pode tocá-la.

— Não foi do jeito que você está pensando — ele argumenta.

— Então de que jeito foi?

A pergunta parte de Banks, e quando desvio o meu olhar para ela, sinto a punhalada no peito diante de sua suspeita.

Michael empurra o amigo para longe, respirando com dificuldade, e Kai olha para Banks, ajeitando seu terno e parecendo irritado.

— Apenas esperem um pouco, okay? — ele diz a todos. Ele não faz ideia do que dizer para explicar-se à esposa e me proteger ao mesmo tempo. E fui eu quem o colocou nesta situação.

Dou um passo à frente.

— Michael...

— Vá se foder, Rika — ele resmunga, interrompendo o que eu ia dizer.

Sua postura está ereta, e quando sua atenção se concentra em mim, fico tensa.

— Foda-se o poder que você detém agora, a sua agenda de compromissos e seu assistente — ele diz —, a porra da sua comitiva

para onde você vai, seus planos e seus jogos de xadrez. Eu dei poder demais a você.

Não consigo me mover. Lentamente, os tijolos que compõem cada momento que construímos juntos começam a balançar, e não sei se estou mais chocada por conta de seu súbito desprezo, ou pelo fato de ele ter realmente pensado que eu e Kai...

— E sabe de uma coisa — ele prossegue —, eu queria isto. Queria que você tomasse posse. Não queria outra versão da minha mãe. Calada, dócil, vivendo uma vida separada. Eu queria minha outra metade. — Ele olha para mim, e não vejo mais amor ali. Apenas mágoa. — E eu entendi isso — diz ele, com tristeza. — Quando olho no espelho, tudo o que vejo é você. Já não consigo mais identificar as diferenças. — Ele hesita e gesticula em direção a Kai e Damon. — Eu sou só seu, mas você...? Você conversa com eles, ao invés de se abrir comigo.

— Bom, você passa bastante tempo longe — Damon salienta.

Michael mantém o olhar fixo em mim por um instante, antes de se lançar para frente e dar um soco no rosto de Damon.

— Michael! — grito.

Damon resmunga, caindo no sofá, mas se levanta rapidamente, olhando para ele com ódio enquanto avança em sua direção.

No entanto, Kai o segura, para impedi-lo de revidar.

Michael esquece o ataque a Damon e olha para mim.

— Vou me aposentar depois da próxima temporada — informa. — Daí, você vai conversar comigo?

Aposentar? Balanço a cabeça, em descrença.

— Você só tem vinte e cinco. Ainda tem anos de carreira, caso não se lesione.

— Já está na hora de me concentrar em outras coisas. No *The Cove*, na nossa família...

— Não podemos dar prosseguimento ao projeto do *Cove*, até que Will volte para casa — Damon impõe.

— Will não vai impedir que isso aconteça — Michael replica, apoiando as mãos na mesa e inclinando-se à frente. — É hora de nivelar o terreno e dar início a tudo.

— Opa, opa! O *The Cove*? — Misha dá um passo adiante. — Vocês não vão derrubá-lo!

Michael dá um soco na mesa, fazendo todo mundo se calar. Todos permanecemos em silêncio, vendo-o cabisbaixo e encarando a mesa.

Dou mais um passo à frente. Isso é minha culpa, não deles.

Até que, finalmente, ele olha para mim e diz, em uma voz suave:

— Eu me sinto inferior a você. — Suspira. — Como se...

— Como se você não tivesse mais nada a me ensinar — finalizo por ele.

Ele não responde, mas sei que estou certa. Ele está intimidado por eu ter mais coisas a dar atenção além dele.

— Não sou seu bichinho de estimação — digo.

Fui uma vez, mas não mais.

— Por quê? — pergunta.

Por quê? Ele está perguntando por que não sou seu bichinho de estimação? Sério?

Ele apruma a postura e dá a volta na mesa, aproximando-se de mim.

— Porque... — respondo. — Porque preciso ser algo mais. Preciso ser... útil.

— Por quê?

Sinto vontade de rir, mas não por achar graça, e, sim, por raiva. Não sou um troféu. Não sou um brinquedinho.

— Porque preciso que você veja do que sou capaz — afirmo. Preciso provar meu valor a ele.

— Por quê? — Ele se aproxima um pouco mais.

Abro a boca, mas não encontro palavras. Sei muito bem o que ele está fazendo, e as lágrimas enchem meus olhos. Eu só preciso colocar para fora.

— Porque não quero que você se decepcione comigo — sussurro. — Porque é isso o que vai acontecer.

Ele para na minha frente, a poucos centímetros de distância.

— Por quê?

— Porque eu não... e-eu... — gaguejo, engolindo o nó na garganta. — Porque não posso ter filhos. — Fecho os olhos, chorando baixinho quando as palavras saem da minha boca: — Não posso dar a família que tanto quer.

Ele fica ali parado, sem chegar mais perto, e por mais que meu coração esteja despedaçado pela vida que não podemos ter, um peso imenso sai dos meus ombros. Eu não queria fazer isso na frente de todo mundo, porque Michael agirá como um cavalheiro e me dirá que está tudo bem. Que poderemos adotar. Que poderemos contratar uma barriga de aluguel. Que ficaremos bem.

Mas depois de algum tempo, ele começará a ver que não é assim tão simples. E ficará chateado pela vida que não pode ter, e vou me sentir como se o estivesse impedindo de ter algo melhor.

— Meus ciclos sempre foram longos, mas — continuo —, não estou ovulando de forma regular. O médico diz que é improvável.

— Mas não é impossível — Banks esclarece, se aproximando. — Você já procurou uma segunda opinião médica?

— Sim.

Damon dá um passo à frente.

— Bem, quando você parar de usar pílulas...

— Já parei há dois anos — digo a ele. — E há mais de um ano não tenho um período.

— Um ano — Michael diz, mais para si mesmo. — O mesmo tempo com que você tem lidado com todas as responsabilidades, certo?

Mas aquilo soa como uma acusação antes de ele desviar o olhar para Kai.

— Por que você não parece surpreso? — Michael pergunta.

No entanto, seu amigo desvia o olhar. Ele é o único que ficou sabendo, e entendo o que Michael está sentindo. Mas não confidencieie esse problema a Kai. Foi ele quem descobriu.

Ele teve um papo motivacional comigo. *Michael te ama. Vocês têm outras opções. As pessoas dão um jeito todos os dias. Um monte de crianças precisa de bons lares.* Mas as pessoas também se separam por causa disso. Todos os dias. Todo mundo quer ter seus próprios filhos. Eles querem ter filhos com o homem ou a mulher que amam. Nunca imaginei que algo assim aconteceria comigo, e estou com medo. É fácil dizer que sou digna. Ele me ama por eu ser quem sou, e se meu corpo é incapaz de procriar, não deve ser só isso o que ele precisa de mim. Eu valho a pena, mesmo que não possa lhe dar filhos, não é? Isso não é minha culpa. Não sou falha.

Mas acreditar nestas palavras e senti-las é muito mais difícil. E se ele tentar, mas depois decidir que isso é complicado demais para aguentar? E se eu não aceitar que nunca poderei fazer isso por ele?

Não consigo encará-lo quando sussurro as palavras:

— Não podemos ter filhos juntos, Michael.

Estou sendo bastante clara. Ele precisa saber que a probabilidade é pequena.

Espero por algum sinal de que ele não está bravo, que me diga que isto não é o fim do mundo e que ele ainda me ama mais do que tudo, mas...

Ele se vira e vai embora.

E me deixa ali, parada, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Uma sensação de vazio toma conta do meu corpo inteiro. Ele me odeia. Meu Deus, ele me odeia. Não consigo respirar.

— Você sabia? — Ouço Banks perguntar.

— Eu descobri — Kai diz a ela. — Por acidente.

Fungo, sentindo as mãos trêmulas. Ah, meu Deus. Ele se afastou e foi embora.

Fecho os olhos na mesma hora.

— Vamos matá-lo — Damon rosna, e é provável que esteja falando com Kai. — Agora mesmo.

Banks, Ryen e Alex se aproximam, tentando me consolar, mas eu as afasto com delicadeza.

— Está tudo bem. Estou bem. — Seco meus olhos e dou um passo à frente. — Me deem licença, por favor.

E então saio correndo da sala, cobrindo a boca com a mão para que eles não possam ouvir os soluços.



Vá se foder, Rika.

Algo comprime a minha garganta, e acordo subitamente, incerta se foi algum barulho ou o silêncio que me assustou.

Os motores do iate estão desligados. Ergo a cabeça e olho ao redor do quarto escuro, vendo que ainda está vazio e com a cama intocada.

Ainda estou curvada na poltrona da cabine que divido com Michael, onde me acomodei depois que criei coragem para entrar.

Porém, ele não estava aqui quando cheguei.

Colocando os pés no chão, limpo meus olhos e me levanto, olhando novamente ao redor. Ainda está escuro do lado de fora. Dou uma olhada no relógio em cima da cômoda e vejo que já passa da meia-noite.

Já se passaram três horas desde a discussão. Onde ele está? Por que paramos?

É claro que não tenho a menor intenção de ir até a Irlanda, de qualquer jeito, então fico satisfeita.

Deixando os saltos ao lado da cadeira, ergo a barra do vestido para não tropeçar e vou descalça até a porta. Eu a abro e espio do lado de fora.

— Michael? — chamo seu nome.

E então, aguço os ouvidos.

Nada. Nenhum ruído vindo das outras cabines. Nenhuma música. Nenhum movimento ou conversas.

Saio do quarto, e vou andando pelo corredor, passando os dedos por baixo dos olhos para limpar o delineador que provavelmente escorreu. Depois da discussão, fui até a proa para me acalmar e tentar colocar a cabeça no lugar. Repassei todas as conversas mentais que tive ao longo dos últimos meses, para quando este momento chegasse, e, percebi que estraguei as coisas, mas esperei tudo vindo da parte dele, menos o que recebi: o silêncio.

Ele simplesmente se afastou como se eu não fosse nada. Parece que eu estava certa em me preocupar, afinal de contas.

Mesmo que ele estivesse de boa com isso, não sei se algum dia

eu estaria. Ele seguiria com a vida, vendo os amigos tendo seus próprios bebês, sabendo que conosco não seria assim. E eu odiava tudo isso. Eu odiaria fazer isso com ele.

Balanço a cabeça, respirando profundamente para me acalmar. Eu não quero perdê-lo.

Depois de um instante de reflexão, decidi conversar com ele em particular, mas quando entrei na cabine, não o encontrei. Desabei sobre a poltrona para esperá-lo, mas apaguei.

Ouç o barulho de água espirrando e quando olho para o lado do iate, vejo as pessoas pulando da popa até o mar.

Ryen e Banks nadam de volta para o barco, enquanto Kai e Misha pulam por cima de suas cabeças. Todos estão rindo, aliviando a tensão enquanto podem. O conclave ainda continua, mesmo que não estejamos mais naquela sala. Agora é apenas Michael e eu.

Vou até a escada da ponte de comando.

— Olá?

— Oi?

— Sr. Barris? — digo, entrando na sala.

Ainda estamos seguindo para o leste, mas o iate está ancorado por enquanto.

— Senhorita Fane. — Ele se levanta da cadeira. — Está tudo bem?

Esfrego os braços, agora bem consciente de não estar usando roupa íntima por baixo.

— Você viu o Sr. Crist?

— Não por agora.

Assinto, distraída. Bem, ele não deve ter ido muito longe, pelo menos.

Viro-me para sair, mas paro, notando que ele esteve na cabine de comando o dia todo.

— Onde está a Srta. Chen? — pergunto. Ele deveria ir dormir agora.

Ele me encara por um instante e então responde:

— Eu a dispensei por esta noite, há algum tempo.

Mas, então, ele desvia o olhar, e algo me inquieta. Como se ele não quisesse ter me informado aquilo.

Olho para ele por um instante, observando-o se ocupar com alguma coisa boba, e, finalmente, decido ir embora. O que há de errado em ele tê-la dispensado? Por que ele pareceu tão desconfortável ao me dizer aquilo?

Sigo em direção ao convés principal e atravesso o corredor lentamente, batendo suavemente às portas das cabines que estão desocupadas. Ele pode estar dormindo em algum lugar para me evitar. Procuro pela cozinha, sala de jantar, pelo *lounge*, e pela sala de

bebidas. Também não há ninguém na sauna; mas quanto mais longe vou, mais sinto a pulsação do meu coração latejar nos ouvidos, porque se ainda não o encontrei, então significa que ele está em algum lugar onde não quer ser encontrado.

Um pensamento fugaz passa pela minha cabeça e sinto a náusea subir pela garganta. Será que Michael pediu que a Srta. Chen fosse dispensada da cabine de comando mais cedo? Por isso Barris estava tão incomodado e agindo de forma estranha?

O iate balança sob meus pés, e paro por um momento, para me equilibrar.

Não é o barco. Sou eu que estou com tonturas.

Michael...

Engulo em seco. Não, ele não faria isso.

Desço o último lance de escadas, as máquinas e os motores zumbindo em silêncio enquanto as luzes suaves iluminam os pisos vermelhos. Ando pelas sombras, dando a volta nos imensos cilindros, temendo olhar por entre os vãos e espaços ínfimos, mas este lugar – nas entranhas do iate – é o único que sobrou para procurar por ele.

Talvez ele esteja com Damon e Winter. Talvez ele tenha voltado à costa com a lancha?

Um flash dispara à frente, e olho para cima, avistando um movimento por trás dos tanques.

Devagar, sigo nesta direção.

Outro flash dispara, e ouço um farfalhar enquanto espio por entre dois enormes tanques brancos, vendo mais uma sequência de luzes. É uma câmera de fotografia.

Uma mulher com um longo cabelo escuro está sentada em cima da mesa, com as pernas abertas e os pés apoiados no chão, o corpo nu exposto para seja lá quem for a pessoa que está tirando suas fotos. Seu rosto está coberto pelo cabelo, mas sei exatamente quem é. O cabelo é longo demais para ser de Banks, e muito escuro para ser de Alex.

Samara Chen.

Vejo nossa primeira-oficial se inclinar para trás, apoiada em suas mãos, um dos pés agora sobre a mesa e a outra perna pendurada, enquanto alguém a fotografa sucessivamente. Fecho os olhos por um instante. Quero ver quem é, mas tenho quase certeza de que já sei a resposta.

Abro os olhos, vendo Samara enfiar os dedos por entre as pernas, o cabelo se espalhando por trás dos ombros, de forma que agora sou capaz de distinguir seus olhos; ela está praticamente fodendo a câmera com o olhar enquanto se acaricia em círculos lentos. As linhas definidas de seu torso, a pele macia dos quadris e costas, e seus belos seios abundantes...

Uma imagem de Michael transando com ela sobre aquela mesa

passa pela minha mente, e um nó aperta meu estômago, me fazendo cerrar as mãos em punhos.

No entanto, quando dou um passo para o lado, com o coração martelando no peito, olho ao redor do tanque e vejo que não é Michael quem a está fotografando.

Alex trocou de roupa e agora usa uma calça folgada e casual e uma camiseta com gola em V. Ela está segurando a câmera, com a cabeça

inclinada de leve enquanto observa a Srta. Chen apoiar os pés sobre a mesa e abrir as pernas para a apreciação de Alex.

Solto o fôlego que nem havia percebido que segurava.

Porém, pelo canto de olho, avisto um movimento. Lev aparece, saindo do lugar de onde devia estar parado e longe da minha vista. Ele vai até a mesa, empurrando Samara com força.

Ela geme, e perco o fôlego por um instante. Alex o encara, e segundos depois, ele se abaixa e começa a comer a boceta da garota.

Ele lambe e chupa, mordisca e esfrega, o corpo dela arqueando na mesa enquanto ele a devora sem perdão. Ela geme, e ele envolve sua coxa com a mão, segurando-a no lugar à medida que Alex continua fotografando a sessão.

Eu deveria ir embora. Recuo um passo, mas esbarro contra algo duro, e paro, sentindo um arrepio percorrer meu corpo. Um braço comprido e com dedos longos me enlaça, e avisto a mesma veia pulsante que sempre admirei, em sua mão, enquanto ele segura a garrafa de cerveja, oferecendo-a a mim.

Meu coração começa a palpitar, e tenho dezesseis anos outra vez, de volta em St. Killian. Pego a cerveja, observando a cena à frente enquanto ele se mantém às minhas costas. Tomo um gole, sentindo as bolhas amargas explodindo na minha língua.

Lev continua lambendo a garota, devagar, esfregando a língua ao redor do clitóris e amassando seus seios. Ela ofega, gemendo, os quadris rebolando contra a sua boca, faminta por muito mais. Outro flash dispara enquanto os observamos, silenciosos e ocultos por trás dos tanques.

— Eu te amo — digo, ainda agarrada à garrafa.

Fico feliz por ele não responder, porque preciso dizer tudo isso agora que estamos a sós.

— Eu não valho nada, se quiser impedi-lo de ter a coisa que a maioria das pessoas realmente deseja. — Faço uma pausa, encarando a cena adiante, mas sem prestar atenção. — Eu não podia te perder, Michael.

Tomo mais um gole, lembrando-me do gosto que senti tantos anos atrás.

— Eu não podia te perder, mas também não podia me casar

com você — admito. — Não debaixo de uma mentira. — Respiro profundamente apesar das lágrimas que dão um nó na minha garganta. — Eu só queria ser capaz de te amar pelo maior tempo possível, porque não quero que você renuncie à oportunidade de ter filhos, e não sei se posso suportar o fato de não poder te dar isso. Eu me sinto uma merda. O tempo todo. Sinto náuseas só em pensar em te ver formando uma família com outra pessoa, mas também não quero te fazer infeliz.

Meu Deus, estou sofrendo.

Ele permanece calado, e nem sei se consegui me explicar ou se me fiz mais confusa ainda.

Ele tira a garrafa da minha mão e ouço o líquido escorrer quando ele toma mais um gole. Fico aguardando, porque dependendo agora de ouvir o som de sua voz.

— Eu sabia que você estava no meu carro aquele dia — diz, em voz baixa.

Pisco, sem entender. O quê?

— Eu vi a porta traseira se abrir pelo espelho retrovisor — explica. — E então a vi se fechar.

Em seu carro...?

E então me dou conta. Ele está falando da Noite do Diabo, anos atrás, quando me esgueirei para dentro de sua SUV, para segui-lo, junto com os amigos. A mesma noite onde ele me deixou tomar um gole de sua cerveja pela primeira vez.

— Você não tinha idade suficiente para fazer tudo — continua —, mas era velha o bastante para algumas coisas, e eu não podia mais esperar. Esse sentimento sempre esteve ali. Desde quando éramos crianças.

Os gemidos e ofegos da Srta. Chen se infiltram pela sala de máquinas enquanto ela segura a cabeça de Lev, para manter a boca dele em sua boceta, o ritmo acelerando tanto quanto sua respiração.

— Às vezes, eu pensava que queria te tocar — Michael sussurra, bem acima da minha cabeça. — Em outras, eu pensava que queria te matar. Eu não sabia se era amor ou ódio, mas sabia que mudaria a minha vida.

— Mais devagar, Lev — Alex orienta, tirando mais uma foto.

No entanto, ele argumenta:

— Qual é... ela é gostosa pra caralho.

— Assim, ó... — Alex se inclina e começa a beijar a mulher, e Lev faz o mesmo que ela, ambos agora a devorando.

— Ai, minha nossa... — Chen arfa, arqueando as costas mais ainda contra a mesa.

Fecho os olhos, lembrando-me destes mesmos sons de tanto tempo atrás.

— E você me encontrou em St. Killian, desse mesmo jeito — digo a Michael. — Você me levou lá para baixo, vendou meus olhos e começamos a ouvir os sons ao redor, exatamente como estes.

Chen geme, ofegando cada vez mais, e é nítido que está prestes a gozar.

— Eu amava o seu mundo — sussurro.

— Você queria tanto ver, naquele dia, nas catacumbas. — O calor de seu corpo aquece a minha pele. — Cheguei até mesmo a pensar que você queria estar no lugar dela. Para experimentar as mesmas sensações.

— Eu queria qualquer coisa com você — retruco, abrindo os olhos. — Queria que tudo acontecesse.

O corpo de Samara se agita, para frente e para trás, arqueando à medida que Lev se enterra em sua boceta, quase a fazendo gozar. Os gemidos dela encham a sala, se tornando cada vez mais altos e desesperados.

— Quisera eu poder voltar àquela noite — digo a Michael. — Eu teria tentado não entrar em seu carro. Teria tentado não desperdiçar todo o seu tempo comigo.

Meus olhos ardem com as lágrimas prestes a saltar. Sou um fardo para ele, e sinto como se estivesse piorando sua vida.

Mas, de repente, seus braços envolvem o meu corpo, e seu sussurro sopra contra a minha nuca:

— E se eu pudesse voltar lá atrás, não teria perdido um só momento.

Ele me levanta do chão, me fazendo perder o fôlego enquanto me carrega, recuando alguns passos. Ele se senta em uma cadeira qualquer, e me coloca em seu colo. Ainda vejo fragmentos da cena por entre as frestas dos tanques; Lev se levanta e Samara ofega e geme em protesto por ele ter parado. Ele segura suas pernas, puxando-a para a beira da mesa e abre o zíper da calça.

Michael me puxa contra o seu corpo, um braço me rodeando e uma mão segurando minha bochecha enquanto ele sussurra no meu ouvido:

— Eu teria saído daquele armazém, naquela noite, mas com você ao meu lado.

Meu coração dói, mas também se agita. Amo a maneira como nos amamos agora, mas se ele tivesse me levado com ele naquela noite – se eu não tivesse decidido ir a pé para casa –, muita coisa poderia ter sido evitada e não teríamos nos separado por tanto tempo.

— Eu teria mantido a minha palavra — ele continua. — Apenas te beijando e te segurando contra mim, e isso teria sido o suficiente naquela época, porque só a sensação de ter você já era o bastante para me deixar louco. — Seu hálito está quente contra a minha pele, e

percebo o desejo em sua voz. — Eu teria te colocado sentada em cima da bancada da cozinha na casa dos meus pais, no escuro, teria ficado entre as suas pernas e te comido toda, porque a qualquer momento poderíamos ser pegos no flagra, e eu queria nos meter em encrenca. Eu queria que eles tentassem me afastar de você, como sempre fizeram, só que dessa vez, eu não teria dado ouvidos.

Lev se enfia dentro de Samara, e vejo David vindo por trás dela, segurando seus braços e forçando-os acima de sua cabeça enquanto ela ofega. A mulher geme, mas ele cobre sua boca com a dele antes de agarrar seus seios e apertá-los entre as mãos.

Ela tenta se afastar de seu agarre.

— Estou com medo.

— Eu sei — David responde. E então abocanha um de seus seios, sem parar.

Mas assim que Lev começa a foder a garota com força, e ela se contorce sob a atenção dos dois homens, algo cobre o meu rosto, e mal consigo respirar quando Michael amarra um tecido sobre os meus olhos. O mundo escurece, e meu coração troveja; quero sorrir e chorar ao mesmo tempo, porque estou excitada demais para saber o que fazer. Levanto a mão e sinto a gravata de Michael me vendando.

— Argh, porra — Lev rosna.

A mesa range com suas investidas, e os gemidos e beijos preenchem o ambiente abafado da sala de máquinas.

Alex continua tirando fotos o tempo todo.

— Será que o David pode tomar a vez dele? — Ouço Alex perguntar.

Não escuto nenhuma resposta, ouvindo apenas os disparos da câmera.

— Eu teria te beijado e tocado o seu rosto — Michael continua, deslizando os dedos pela minha mandíbula. — E teria começado a suar, porque estaria de pau duro e desejando uma coisa doce que nunca havia tido.

O tecido do meu vestido roça meus seios, e eu me aconchego a ele, respirando com dificuldade. Toque-me. Você pode fazer isso. Não tenho mais dezesseis anos.

— Eu não teria parado — prossegue —, mas teria te levado para a cama, porque na próxima vez que eu voltasse para casa, da faculdade, você já estaria com dezessete. — A ponta de sua língua toca o lóbulo da minha orelha antes de ele morder a pele e deslizar a mão por baixo do meu vestido, espalmando meu seio.

Arfo na mesma hora.

— E eu teria me livrado de todas as suas roupas — provoca. — Teria me esgueirado contigo para dentro do meu quarto, tirado sua calcinha e tocado seu corpo, permitindo que você também me tocasse;

e eu teria te beijado em toda parte, Rika. — Ele puxa o tecido da saia e enfia a mão pela fenda lateral, desnudando minhas pernas e boceta, me provocando com os dedos. — Por todo lugar.

— Michael... — gemo, imaginado o que poderia ter acontecido naquela época. Os meninos nunca teriam sido presos, e eu teria me tornado ansiosa, vivendo pelos momentos em que ele voltaria para casa, porque nada poderia ser mais delicioso do que saber que ele me queria.

— Por favor, pare de me provocar ao parar... — Samara choraminga. — Eu preciso gozar.

A mesa para de ranger, e ouço alguns passos enquanto Michael desliza os dedos para dentro e para fora da minha boceta, só na beiradinha, sem nunca enfiar por completo.

— Minha vez. — Ouço David dizer ao longe.

— Isso teria nos deixado loucos — Michael sussurra —, e teria nos aproximado de tal forma que seria um sofrimento.

Fazendo tudo o que pudéssemos debaixo dos narizes dos nossos pais, mas morrendo de vontade de fazer a única coisa que não podíamos.

— E quando você fizesse dezoito anos — ele diz, os sussurros se arrastando pelo meu corpo e fazendo meu clitóris latejar —, eu teria esperado um tempo durante o jantar, a porra do bolo e abertura dos presentes, e você não teria sido capaz de apreciá-los, porque você sentiria o meu olhar focado o tempo todo, sabendo exatamente o que aconteceria logo depois. Eles não conseguiriam te encontrar. Eles surtariam, porque eu te levaria para bem longe, para uma praia, uma barraca, e eu não teria parado... pela noite inteira.

Mordo meu lábio inferior, esfregando a ponta do meu nariz contra a sua bochecha áspera à medida que rebolo contra ele. Seu pau duro pulsa abaixo da minha bunda, e agarro sua mão, levando-a mais fundo, sentindo a umidade escorrer pela minha coxa. Uma alça do vestido desce, o ar frio tocando meu seio desnudo.

— Rika... — ele geme baixinho.

— Michael...

A câmera dispara novamente, mas dessa vez, detecto o flash através da minha venda. A pele dos meus mamilos enruga quando eles se tornam picos duros. Alex está aqui perto.

Michael esfrega o polegar contra um dos mamilos, e estremeço ante seu toque.

— E você não teria aparecido mais, até que eu te deixasse na escola na manhã seguinte — ele continua. — Na frente de todo mundo, de forma que todos soubessem quem a possuía agora, porra.

E então ele me aperta com força, me fazendo ofegar. Mais um disparo de uma foto.

Dou um pulo, assustada, mas ao invés de me cobrir, eu...

Eu gosto disso. Arrepios se espalham pela minha pele, e eu quero mais.

Alex continua fotografando, e não sei o que ela vê ou em quê está focada, mas agora ela está observando Michael me tocar enquanto Samara e David transam do outro lado dos tanques. Onde está Lev? Não posso vê-lo, então não faço ideia de seu paradeiro.

— Não teríamos conseguido esperar até o jantar, Michael — sussurro, inspirando o cheiro de sua pele. — Você teria notado que tudo o que mais queria era você. Não daria para esperar mais.

Michael segura minha mão e guia dois dos meus dedos por entre minhas pernas, enfiando-os dentro de mim. Minha boceta lateja, e eu gemo, precisando de muito mais. Ele puxa a minha mão de volta e chupa meus dedos, lambendo minha essência.

A câmera dispara novamente, e a língua cálida de Michael desliza, devagar, pela minha pele. Samara geme seu orgasmo ao longe.

Mas então, de repente, sinto um hálito quente soprar no meu rosto, e ouço o som de uma respiração profunda. Meu coração para por um segundo. Quem é?

— Faça isso de novo — Lev, repentinamente, sussurra, e percebo que ele engole em seco. — Por favor.

Ofego, sentindo meu coração martelar.

Ah, meu Deus.

Michel segura o meu rosto, beija minha bochecha, mandíbula e pescoço.

— Você confia em mim? — ele pergunta.

Eu...

Aceno em concordância.

— Então por que você sequer pensaria que a mera ideia de ter filhos com outra mulher não me deixaria nauseado? — sussurra, e é nítida a mágoa em sua voz. — Nós teremos filhos. Se você os quiser. Mas uma coisa que nunca deixarei de ter é você. — Ele me sacode. — Você entende isso?

Um soluço se aloja em minha garganta.

— Você entende? — ele rosna outra vez. — Um mundo onde não estamos juntos não existe para mim.

Nós nos beijamos, e mal percebo quando Michael pega minha mão e a enfia por entre as minhas pernas novamente. *Ah, nossa.* Começo a gemer, mas tento me acalmar, o sofrimento me devastando, sem nem entender a razão. Por que duvidei dele? Posso viver sem um monte de coisas, mas não posso viver sem ele. Por que não confiei que ele sentia o mesmo?

Pressionando meus dois dedos bem no fundo, ele puxa minha mão, mas sem chupar os dedos dessa vez.

— Você confia em mim? — pergunta mais uma vez.

— Sim.

Ele ergue a minha mão, e nem me dou conta do que está acontecendo até que Lev a segura. Ofego quando o flash dispara novamente. Devagar, o calor úmido de sua boca cobre meu dedo, e entreabro os lábios quando um gemido escapa; sua língua faz com que cada pelo do meu corpo arrebipe. Michael espalma e acaricia meus seios, possessivamente, e respira com dificuldade contra a minha orelha enquanto Lev lambe cada um dos dedos, mordiscando com delicadeza.

— Eu amo vê-la desfrutar das sensações — Michael diz. — Amo observar a expressão do seu rosto.

Lev chupa mais um dedo, uma lambida lenta e constante, e sei que ele está olhando para mim. Michael me abraça com mais força, enterrando seus suspiros contra o meu pescoço à medida que esfrega seu pau contra a minha bunda.

— Não consigo obedecer às regras — continua —, e com você, não tenho que fazer isso. Não estou sozinho. E não posso voltar a ficar sozinho. — Ele paira sobre os meus lábios, nossas bocas abertas e sedentas. — Não posso respirar sem a minha monstlinha, porra.

Monstlinha.

Exalo uma risada misturada ao choro.

— Eu te amo, Michael. — Eu o beijo. — Eu te amo muito.

Ele mergulha contra a minha boca, e agarro os apoios de braço da cadeira para me equilibrar, mas percebo que na verdade estou agarrando os punhos de Lev ao invés disso, já que ele está apoiado ali. Mesmo percebendo sua presença, não o solto.

— Você confia em mim? — Michael expira.

— Para sempre.

— Fique de pé, Lev — Michael ordena.

E quando me dou conta do que está acontecendo, Michael me empurra um pouco para frente, sentada em seu colo, e Lev me segura para que eu não caia. Michael rasga a parte de trás do meu vestido, e eu me seguro ao cós da calça jeans de Lev, percebendo que o cinto está desafivelado, mas ainda ali. Michael arranca meu vestido, e mais flashes disparam da câmera de Alex, e tudo o que permanece no meu corpo é o cinto ao redor da minha cintura.

Os dedos de Lev acariciam gentilmente o meu rosto, e sinto-me tonta por causa da venda sobre meus olhos.

— Meu Deus, ela é gostosa demais — ele sussurra. — Posso tocá-la?

— Não — Michael responde e ouço quando seu cinto é desabotoado, seguido de seu zíper.

Ele agarra meus quadris, me puxa para trás, e eu gemo,

afundando meu rosto contra a barriga chapada de Lev. Michael abre minhas pernas e se enfia dentro de mim.

Um gemido alto escapa dos meus lábios, e abraço a cintura de Lev para me equilibrar. No entanto, sinto a protuberância por trás de seu jeans e levanto a cabeça para me afastar.

Ele ri baixinho antes de dizer:

— Desculpa.

O pau de Michael me estica por dentro, e me agarro ao cinto de Lev, rebolando os quadris lentamente contra a virilha de Michael. Ele me abraça com força, me puxando contra o seu pau, à medida que avanço para frente, empurrando-me contra Lev. Nosso ritmo acelera em segundos.

Alex tira mais algumas fotos, e arqueio minhas costas, sentindo meu cabelo roçar minha pele.

Samara arfa e geme de algum lugar por trás dos tanques, e eu me junto aos gemidos; uma fina camada de suor escorre pelas minhas costas, resfriando a pele enquanto Michael se impulsiona contra o meu corpo cada vez mais rápido.

— Segure-se em mim — Lev diz, e sinto quando ele se abaixa e se ajoelha, colocando minhas mãos sobre seus ombros. Eu não posso vê-lo, mas ele está perto, seu hálito soprando contra os meus seios.

— Michael — ele diz, em total agonia. — Por favor, me deixe prová-la outra vez.

Outro flash dispara quando a boca de Lev paira sobre o meu mamilo. Respiro profundamente, balançando para trás e para frente, entre os dois homens, meu orgasmo espiralando cada vez mais. Eu empurro o da frente e me lanço contra Michael, e faço o mesmo movimento para frente, segurando-me a Lev.

— Argh, porra, Rika — Michael geme, os dedos cravados em meus quadris. Ele bombeia para cima, contra mim, e já não consigo mais me conter.

— Sim — gemo em voz alta. Mais flashes.

Quico para cima e para baixo, contra sua virilha, me afundando com força diante do orgasmo que se avoluma em meu corpo, gemendo e ofegando de prazer. Eu me movo mais rápido até que... o clímax explode, avassalador, e sinto Michael agarrar um punhado do meu cabelo à nuca, puxando minha cabeça para trás enquanto ele geme e grunhe. A boca cálida de Lev paira a centímetros do meu mamilo.

Ahhh, porra, porra, porra, porra...

Eu me contorço um pouco, grunhindo diante da onda de prazer. Uma gota de suor desliza pelas minhas costas e o agarre de Michael no meu cabelo afrouxa quando ele goza dentro de mim. É no momento que paro para recuperar o fôlego que percebo que os flashes cessaram.

Meu Deus...

Caramba, isso foi muito gostoso. Abaixo a venda em meus olhos e me recosto contra Michael, devorando sua boca. Alex se apoia contra um dos tanques, a câmera pendurada entre seus dedos enquanto ela nos observa, já sem dar atenção às fotografias.

Michael ainda está dentro de mim, e olho entre Alex e Lev, ambos sem conseguir afastar o olhar de nós dois.

— Ei, Lev. — Ouço David chamar. — Ela quer mais. Venha aqui!

Lev sorri, os olhos me espiando por baixo da mecha do cabelo que recobre sua testa, e se levanta, inclinando-se contra mim.

— Estou a seu serviço a hora que quiser, Srta. Fane — ele sussurra.

Ele lança um olhar para Michael, e então se vira e volta para sua festinha particular.

Alex abre o compartimento do cartão de memória da máquina e vem até nós, entregando-o.

— Sempre que puderem, apreciem as fotos — ela diz assim que pego o cartão.

Ela se vira para sair, mas para pouco depois e diz, por cima do ombro:

— E foi bom que você não tenha permitido que Lev tenha sentido o seu gosto outra vez.

Franzo as sobrancelhas, sem entender.

— Ele teria tirado o seu gosto do Michael com a língua — ela explica.

Meus olhos arregalam e, por um segundo, penso que Michael para de respirar. Ela dá uma risadinha e sai, desaparecendo por trás dos tanques.

Leva apenas um instante até que recupero meu fôlego e, de repente, começo a rir.

Ai, meu Deus. O que Michael teria feito? A imagem circula pela minha mente, e, na verdade, não é algo odioso. Poderia ser incrível vê-lo experimentar algo novo, só para variar. Inverter a situação...

No entanto, Michael cobre a minha boca e sussurra contra o meu ouvido:

— Nem pense numa merda dessas — adverte.

Dou um sorriso e me levanto de seu colo. Ele se levanta na mesma hora e me entrega sua camisa, já que meu vestido foi rasgado em pedaços e agora é só um trapo no chão. Ouço a câmera clicar novamente enquanto rola o terceiro round, ou quarto – perdi as contas –, e Michael recolhe meu vestido e segura minha mão, guiando-me para fora da sala de máquinas.

Não consigo acreditar que fizemos isso.

No entanto, consigo, sim. Nós não precisamos nos esconder ao

redor dessas pessoas.

Subimos os degraus e voltamos ao convés principal, sua mão quente segurando a minha com força, como se ele estivesse com medo de me perder.

— O casamento será em um mês — ele diz, finalmente, arrastando-me.

Seguro a camisa social que estou usando mais apertada contra o meu corpo. Um mês? Começo a protestar na mesma hora:

— Michael, acho que não p...

— Um mês. — Ele se vira para me encarar. — Na Noite do Diabo. Temos até lá para encontrar Will e trazê-lo de volta.

Ele segura minha mão enquanto atravessamos o corredor em direção à nossa cabine, e quando passamos pelo quarto de Damon e Winter, ouvimos gemidos e murmúrios.

Um mês? Estou empolgada por termos estabelecido uma data, mas...

Vamos pagar dobrado para conseguir tudo a tempo.

Mas, ainda assim...

Um mês. Sorrio, agarrada ao seu braço do jeito que sempre faço quando me sinto uma adolescente outra vez, totalmente apaixonada por ele.

Ele abre a porta de nosso aposento, joga seu terno e gravata em qualquer canto e ambos seguimos rumo ao banheiro. Assim que entro debaixo do chuveiro, ele vem atrás de mim e me abraça, beijando minha testa enquanto o vapor nos cerca.

E não o deixo se afastar de mim quando ele lava meu corpo e cabelo, mal piscando ao sentir como é bom ser amada por ele, e como somos sortudos.

Depois de sairmos do banho, nós nos secamos e solto o cabelo, para em seguida pegar a escova de dentes já com a pasta, que ele mesmo colocou.

— Sinto muito por ter dito aquelas coisas mais cedo, no *lounge* — ele diz, com sua escova enfiada na boca. — Eu estava pau da vida. E intimidado. Você não estava conversando comigo direito, e meu orgulho estava ferido.

Começo a escovar os dentes enquanto ele cospe na pia, e meu olhar se encontra ao dele no espelho.

— Eu estava mentindo pra você. Então também peço desculpas.

Omissão é uma forma de mentira, e estava nos trazendo mágoa.

Enxaguo a boca e a seco com a toalhinha de rosto. Quando entro no quarto, ele está vestido com uma calça folgada e sentado próximo à janela, e a fumaça de seu cigarro flutua acima de sua cabeça. É tão engraçado.

Damon desiste de fumar, enquanto todo mundo decide começar.

Visto uma calcinha branca e uma camiseta regata da mesma cor, e vou até ele para me sentar em seu colo. Apoio as pernas sobre o braço da cadeira e ele me aninha em seus braços. Deito a cabeça em seu ombro, contemplando o oceano escuro que se estende à nossa frente.

— Não importa o dinheiro ou as inúmeras reuniões no gabinete, como prefeita, Michael — digo, baixinho —, sempre terei doze anos... Buscando pelo irmão mais velho de Trevor a cada sala que eu entro.

Ele não tem que se sentir intimidado. Nunca. As coisas não valem nada sem ele ao meu lado. Afundo mais ainda minha cabeça em seu ombro, sentindo o abraço ao meu redor intensificar.

— E não vou usar um vestido branco no casamento — digo, suavemente.

Só para deixar claro.

Ele dá uma risada e eu sorrio, olhando para cima e vendo-o dar mais uma tragada no cigarro.

— É, eu também não — zomba.

Passo a mão pelo seu peito forte, traçando com a ponta dos dedos as reentrâncias e os músculos definidos, e então envolvo seu pescoço com meus braços, beijando a lateral de sua garganta. Nada mudou, de verdade, em todo este tempo. Seu cheiro é como os meus fósforos. É como se fosse Natal e 4 de Julho, tudo junto.

— Eu te amo. — Faço uma pausa e então acrescento, porque não consigo me conter: — Sr. Fane.

— Ah, puta que pariu — ele resmunga e enrijece a postura. — Preciso de uma bebida.

Hein? Eu o seguro com mais força, quase caindo do seu colo quando ele tenta se levantar da cadeira.

— Sai de cima de mim, agora — ordena. — Preciso de uma bebida, Rika. Muitas doses, por sinal.

Quando minha bunda aterrissa no carpete, é a minha vez de resmungar:

— Ei!

Ele enfia o cigarro entre os lábios, balança a cabeça e dispara em direção à porta.

Rika Crist não combina nem um pouco. Ele vai perder essa batalha dessa vez.

— Nós só temos comida para algumas semanas nesse barco! — grito assim que ele abre a porta da cabine. — Então, não demore muito para chegar a um acordo com isso!

— Boa noite! — ele berra. — Amo você!

Ele sai e bate a porta com força. Tudo isso de alguém que diz não conseguir viver sem mim.

Eu encaro o espaço vazio e começo a rir.

Um mês. Estou pronta. Estou pronta para tudo o que vier.

Então sorrio, sentindo a empolgação tomar conta de mim quando pego minha caderneta de notas sobre a mesa para começar a planejar meu casamento.

Fim



Nightfall será lançado em 2022.

Por favor, continue lendo, se você quiser voltar um pouquinho no tempo para ler a cena do nascimento de Ivarsen.

*Esta cena acontece cerca de dez meses após o final de *Kill Switch*. E por volta de um ano antes de *Conclave*.

[20] *L'appel du vide*: termo de origem francesa que, em português seria algo como “O chamado do vazio”, que remete a um instante fugaz, milésimos de segundo, onde há a súbita vontade de acabar com a própria vida. Geralmente acontece quando se encara uma imensidão à frente ou do alto de uma montanha.

Cena bônus

Damon

— Você é louco! — Bryce gritou ao se afastar, mas então ele dá a volta e vem na minha direção. — Estou indo embora, e não vou voltar desta vez!

Okay, tchau.

Deslizei o entalhe do martelo na cabeça do prego e o puxei, tentando me livrar de todas as burradas feitas pela manhã. Os músculos dos meus braços estavam retesados e doloridos, e se ele não se mandasse daqui, era bem capaz de eu tentar remover a cabeça dele.

— Estou falando sério, Damon! — ele berrou outra vez, pagando para ver.

Apenas mostrei o dedo médio, sem nem ao menos olhar para ele.

Ouvi o som de latas caindo no chão, e deduzi que ele deve ter chutado algumas pelo caminho enquanto disparava até a porta.

— Ei, que porra é essa? — Ouvi Kai resmungar quando a porta dupla bateu com força. Ele saiu do escritório à frente, atravessando a oficina para vir até onde eu estava trabalhando. — O que está acontecendo?

— Ele é louco — Bryce disse. — E não sabe trabalhar com pessoas!

Dei uma risada baixa.

Ouvi o suspiro exasperado de Kai, porque ele estava tão desesperado quanto eu.

Tipo, sério mesmo. Nenhuma pessoa aqui era capaz de pensar por si só. Você tinha que dizer cada coisinha do caralho, e só Deus na causa se você tivesse que dar mais de uma instrução por vez, porque os cérebros desses imbecis eram pequenos demais para que se lembrassem de tudo e ainda tivessem que respirar ao mesmo tempo.

Finalizei a remoção dos dois últimos pregos e puxei os outros maiores, largando tudo ao lado, livrando-me de qualquer evidência do trabalho porco feito hoje.

— Ele é temperamental, mas é comprometido com o que faz — Kai explicou a Bryce. — Já discutimos isso antes.

— Comprometido? — Bryce choramingou. — Ele arremessou um machado na minha cabeça!

— Se eu tivesse atirado na direção da sua cabeça, era aí que eu teria acertado — grunhi baixinho.

Houve um momento de silêncio, e então ouvi a voz de Bryce:

— Estou fora, cara.

Ajoelhei-me e arranquei o restante dos pregos da outra tábua que ele estragou.

— Bryce, qual é...

— Deixa o cara ir embora — eu disse a Kai.

A porta se abriu outra vez, chocando-se contra a parede, e o resto da equipe que me cercava pigarreou, voltando ao trabalho enquanto Kai se aproximava. Por que ele sempre dava um jeito de aparecer por aqui? Se eu não podia ter Will, que estava lidando com toda aquela merda lá fora, eu preferia qualquer uma das garotas. Michael e Kai me estressavam demais.

— Como você vai conseguir que as coisas sejam concluídas? — ele exigiu saber, e percebi um amontoado de papéis amassados em seu punho.

— De um jeito muito melhor sem aquele idiota por aqui.

— Damon...

No entanto, apenas balancei a cabeça. *Só pare com isso, porra.* Eu precisava finalizar a estrutura de mais três casas de árvore antes que o bebê nascesse em nove dias, isso sem mencionar o término do *design* da fonte em frente à nova biblioteca de Meridian, *além* de descobrir que diabos era um refúgio feminino, porque Catherine O'Reilly cismou que já que o filho tinha uma nova casa de árvore, ela poderia ter algo para si mesma também. Ela estava pagando o dobro para que eu corresse com a obra antes que a neve começasse a cair em alguns meses, então eu não podia me recusar.

Os fotógrafos vieram durante toda a semana para tirar fotos das etapas do trabalho, para abastecer o site que Alex estava tomando conta, e, graças a Deus, fazendo todo o possível para nos colocar online. Eu só queria que as pessoas me deixassem em paz na oficina. Eu trabalhava com mais agilidade quando estava sozinho.

Mas uma parte minha sabia que o problema era comigo. O filho dos Langston queria uma casa na árvore, mas quando descobri que ele era fascinado por piratas, desfiz tudo o que já havia feito antes e comecei a projetar um veleiro. Que porra eu tinha na cabeça?

Olhei para cima e vi a proa e os mastros já construídos, sentindo meus lábios se curvando em um sorriso. Ficaria maravilhoso pra caralho quando estivesse pronto, e valeria a pena o esforço se ele gostasse do resultado.

— Você está um bagaço — Kai me disse. — Você acabou de voltar de Washington, e antes disso, havia retornado da Califórnia; está com um bebê a caminho, os projetos estão aparecendo cada vez mais... — Ele parou de falar e senti sua aproximação. — Não acredito que vou dizer isso, mas acho que você deveria voltar a fumar.

Arqueei uma sobrançelha. Eu não havia desistido totalmente. E, com certeza, nunca o faria.

Erguendo a primeira estrutura, recostei-me à parede para pegar a próxima.

— Você não precisa de funcionários, precisa de um time — Kai disse, me seguindo. — Não vou aceitar mais nenhuma encomenda até ajeitarmos este lugar. Com uma equipe completa. Já até avisei para uma turma na universidade que você está recrutando.

Eu o encarei com o cenho franzido. Ele não estava errado. Eu só não tinha tempo para cuidar disso.

No entanto, Kai continuou:

— Você precisa de um encarregado para cuidar do escritório, precisa de uma equipe de *designers*, além de uma recepcionista, que não seja eu. Já tenho muita coisa para fazer. — Ele massageou o pescoço. — Todo mundo está fazendo o possível para te ajudar, mas você vai ficar muito menos estressado a partir do momento que sua empresa esteja em ordem.

— Tá, tanto faz — resmunguei. — Resolva isso pra mim. Preciso me adiantar no cronograma.

Apenas faça o que quiser e não me encha o saco. Eu sabia que eles estavam me ajudando pra cacete, e estava grato por estarem aqui, porque eu não estava preparado para lidar com todas essas coisas. Eu só queria que alguém ficasse à frente dos negócios, para que eu trabalhasse nos bastidores, projetando, construindo e sendo deixado em paz. Se Will estivesse aqui, ele ficaria responsável por isso e adoraria o trabalho.

Mas ultimamente ele não estava dando as caras. Ele vinha para casa e ficava por alguns meses e depois se mandava de novo, ansioso por uma liberdade que ele nunca desejou antes. Ele, Alex e alguns amigos estavam mochilando pela Escandinávia durante o verão, mas quando eles voltaram para casa, Will ficou por lá e eu já não o via há semanas.

Mas ele não deixava de me dar notícias.

Eu achava que ele estava se sentindo abandonado. Ele via Michael com Rika, Kai com Banks, e eu, com Winter, e sentia dificuldade em se encaixar. Ele estava com a Alex, mas ela não era o que ele precisava, então Will fugia o tempo todo, de forma que não parasse para pensar ou... sentir. Ou lidar com a situação.

Kai se virou e começou a seguir em direção ao saguão, mas parou de repente, pegando o celular do bolso.

— Ai, merda — ele disse. — Onde está o seu telefone?

— Por quê? — murmurei.

— Porque está na hora.

— Na hora de quê?

Ele encarou o telefone, sorrindo para si mesmo.

— Acho que sua namorada também gosta de se adiantar no

cronograma. — Então olhou para mim. — Ela entrou em trabalho de parto duas horas atrás. Onde está a porra do seu celular?

Meu coração quase saltou pela garganta. O quê? Tateei meu jeans, procurando ao meu redor.

Droga!

Eu o avistei em cima de uma pilha de tábuas e corri em sua direção, deslizando o dedo pela tela. Tentei ligar a porra do telefone, mas não funcionou.

— Caralho, está sem bateria. Onde ela está? — berrei.

Duas horas. Ela estava em trabalho de parto há duas horas?

No entanto, ele gargalhou.

— Está no hospital. Vamos embora.

Por que ele estava rindo? Talvez ele tenha se esquecido do pânico que sentiu quando seu filho nasceu há alguns meses.

Saí correndo da sala, ouvindo Kai mandar o povo fechar o lugar todo às cinco, e então disparamos para fora do prédio e em direção ao meu carro.



Entramos correndo no hospital, sabendo que a ala da maternidade ficava no terceiro andar já que Banks deu à luz ali em maio. Eu nem sabia que Winter estava na cidade hoje. O que havia de errado comigo, porra? Ela provavelmente mandou mensagem, mas esqueci de colocar o celular para carregar na noite passada, e nem sei há quanto tempo ele estava desligado.

Subimos no elevador e voamos pelo corredor assim que as portas se abriram, seguindo até o balcão de enfermagem, e na mesma hora, avistei Banks sentada em uma cadeira com o bebê dela e de Kai no colo.

Madden.

Mads era o apelido. Mads Mori. O apelido do coitadinho parecia nome de criminoso.

Acaricieei seu rosto ao passar por ela, que sorriu largamente, animada. Mads mordiscava, com sua boquinha banguela, o queixo dela, fazendo todos esses sons fofinhos pra caralho.

Mas então um grito cortou o ar e me fez perder o fôlego, e ouvi a voz de um homem e a de Alex, incentivando:

— Estou te segurando!

Sem esperar mais nem um segundo, irrompi pelo quarto, sentindo o coração martelar no peito. Nunca ouvi Winter gritar desse jeito antes. Meu Deus. Era normal gritar assim?

Ela estava deitada na cama, e fui depressa em sua direção,

ajudando Alex a mantê-la com o corpo erguido enquanto ela fazia força, sendo que o médico estava entre suas pernas.

— Seis, sete, oito... — a enfermeira continuou a contar.

— Amor — ela ofegou, percebendo que eu estava aqui.

— Nove, dez — eles terminaram a contagem.

E Winter começou a executar a respiração de cachorrinho.

— Fiquei com tanto medo de você não conseguir chegar a tempo — ela disse. — Minha bolsa rompeu quando estávamos fazendo compras, e ele está querendo sair rápido.

— Eu estava com ela — Alex informou.

Enlacei o corpo de Winter e beijei sua testa, bochechas e lábios, assegurando-me de que ela soubesse que eu estava perto.

— Obrigado — agradei a Alex.

Winter estremeceu, e observei seu rosto, vendo-a morder o lábio inferior enquanto lágrimas deslizavam pelo canto de seus olhos.

E, de repente, era como se ela estivesse com oito anos outra vez, e nossos dedos estivessem quase se soltando naquela casa da árvore, sem que eu pudesse evitar o que estava para acontecer.

— Por que ela está chorando? — berrei, nervoso, com o médico.

— Porque isso dói pra cacete! — ela gritou.

— Então dê a ela algo para a dor, porra!

— Agora é tarde demais — ele murmurou por trás de sua máscara, e então espiou por entre as pernas de Winter. — Além do mais, vocês queriam um parto natural, não é verdade?

— Que porra é essa? — explodi, olhando para ela como se Winter tivesse três cabeças. — Não conversamos sobre nada disso.

Ela grunhiu e se apoiou nos cotovelos.

— Tudo bem, respire fundo e empurre! — o médico orientou.
— Um, dois, três, quatro...

— Aaaahhhh! — gritou por entre os dentes, seu corpo inteiro contraindo e tensionando, e eu queria olhar o que estava acontecendo, mas não queria sair de seu lado.

— Cinco, seis, sete... — eles disseram.

Winter estava vermelha e coberta de suor.

— Oito, nove...

Seu rosto se contorceu, e ela deu um pequeno grito. Vi uma lágrima caindo e cerrei os punhos, incapaz de desviar o olhar dela. *Meu Deus, puta merda.* Por que caralho ela recusaria o uso de drogas legalizadas?

— Tudo bem, a cabeça coroou! — o médico disse.

Perdi todo o fôlego e meu estômago embrulhou. Tentei dar uma olhada, mas ela me puxou para trás.

— Não me deixe.

Inclinei-me contra ela e a beijei, mas então comecei a rir, sem conseguir me controlar.

Eu não fazia ideia do motivo, não sabia por que estava sentindo tudo aquilo, mas era incrível. O que quer que fosse.

— Aposto que é um menino — ela disse, hiperventilando.

— Se você perder, vai ter que fazer aquela coisinha na banheira para mim — eu a lembrei de nossa aposta.

Preferimos não saber o sexo do bebê, para que fosse surpresa.

No entanto, ela apenas riu.

— Vou fazer aquilo pra você, de qualquer forma, e você sabe disso — retrucou.

— Okay, mais um empurrão — o homem orientou.

Alex e eu a levantamos outra vez, e ela respirou profundamente, e então encheu o pulmão e prendeu a respiração, fechando os olhos com força para empurrar quando a contagem recomeçou.

— Um, dois, três...

Eu a encarei, pensando num monte de merda enquanto a observava, mas acima de tudo, eu só queria segurá-la perto de mim. Eu não conseguia acreditar que isso estava acontecendo.

— Quatro, cinco...

Eu ia ser um desastre. Eu faria um monte de coisas erradas com ela e este bebê.

— Seis, sete, oito...

Mas, porra, eu os amaria com todo o meu coração. E não me importava em ser perfeito. Eu só queria ser tudo aquilo que o meu pai não foi. Queria repetir esse momento com ela, um milhão de vezes, e já não ligava para as merdas que ainda habitavam dentro de mim, pois eu sabia que era melhor do que ele.

— Nove, dez...

O médico recuou, Winter desabou para trás, e ouvi o choro estridente tomar conta do quarto.

— É um menino! — o homem anunciou.

Olhei por cima e vi bracinhos e perninhas vermelhos enquanto eles desobstruíam sua boca e o examinavam, e então observei quando o trouxeram e colocaram sobre o peito de Winter, cobrindo seu corpinho com uma manta.

Ela sorriu, mas começou a chorar, enlaçando o bebê, e eu apenas fiquei ali parado, incapaz de respirar por um instante.

— Um menino — ela sussurrou. — Eu te disse.

— Jesus Cristo... — Eu sorri, tocando a cabecinha dele de leve, como se tivesse medo de fazer isso. — Puta merda.

Conferi e contei seus dedinhos das mãos e dos pés, conferindo uma de suas pernas compridas quando ele chutou.

— 57,7 centímetros de comprimento, três quilos, novecentos e quarenta gramas de peso — a enfermeira informou às nossas costas.

— Ele é grande — o médico comentou. — Provavelmente vai jogar basquete, Damon.

Dei um sorriso, mas não desviei o olhar da minha garota e do meu filho.

Eu bem que queria que estivéssemos casados a essa altura, mas com a empresa, a turnê dos espetáculos de balé de Winter e a gravidez, acabamos decidindo esperar um pouquinho para fazer tudo direito. Eu queria que fosse do nosso jeito.

Alex saiu do quarto, certamente para avisar a todos que ele havia nascido bem e saudável, e então me lembrei que Will não estava aqui.

Fraquejei por um segundo. Ele deveria estar aqui. De todos os meus amigos, ele era o que deveria estar aqui.

— Como ele é fisicamente? — Winter sussurrou para mim, com a voz rouca.

Acaricieei a cabeça de ambos.

— Ele é perfeito, amor. Cabelinho preto, carinha de bravo... — eu disse. — Tão grande, que já poderia correr ao redor daquela fonte na nossa companhia.

Ela riu, e pensei na aparência que ele teria dali a um ano, quando já estivesse andando, correndo, rindo e brincando. Eu queria todo esse barulho. Queria ouvir pela casa toda. Queria que esse som enchesse nossas vidas de hoje em diante.

— Parabéns — o doutor disse enquanto as enfermeiras limpavam o quarto.

Meu olhar estava focado no meu filho.

— Quando ela pode ficar grávida de novo? — perguntei ao médico.

— Damon... — Winter riu baixinho.

O médico também deu uma risada e disse para Winter:

— Acho que ele gosta de ser pai.

No entanto, virei a cabeça e conectei meu olhar ao dele, e sua expressão mudou na mesma hora.

— Ah, você está falando sério... — ele comentou ao perceber que eu não estava rindo.

Ele abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas levou alguns segundos para encontrar as palavras certas.

— Humm, eu diria que em alguns meses — disse, por fim. — A gravidez dela foi bastante saudável. Mas ela precisa de tempo para se recuperar.

E então ele repetiu, devagar e com mais firmeza que antes, com um tom de advertência:

— Ela precisa de tempo para se recuperar, para o corpo se curar.

O canto da minha boca se curvou de leve, achando graça.
Ele achava que eu era um monstro?



Ao longo da noite, Winter foi transferida para outro quarto. A equipe de enfermagem levou o bebê para que pudessem dar um banho, e quando o trouxeram de volta, todos nós o seguramos no colo por um tempo. Finalmente, Banks, Kai, Michael e Rika foram embora, mas pedi para Alex ficar mais um pouco, caso Winter precisasse de alguma coisa, e não queríamos deixá-la sozinha. Fiquei do lado de seu bercinho, vendo-o respirar enquanto sua mãe e ele dormiam, mas como não tive chance de descansar, eu precisava esticar as pernas.

Fui até a cama de Winter e retirei o celular do carregador, sussurrando, em seguida, em seu ouvido:

— Vou dar uma respirada lá fora e já volto.

Ela gemeu baixinho e assentiu, e eu saí do quarto, fechando a porta.

Fui até o elevador e depois de alguns minutos, saí pela porta principal do hospital, sentindo o ar ameno tocar a minha pele assim que alonguei os braços acima da cabeça, bocejando. Inspirei o cheiro do asfalto e de pão fresco, vindo da padaria do outro lado da rua. Liguei para Will e a chamada caiu, mais uma vez, na caixa de mensagem.

Balancei a cabeça, inconformado.

Quase encerrei a ligação, mas uma onda súbita de raiva me fez despear:

— Você sabia que meu filho nasceria este mês — ralhei. — Por que você não está aqui? Você perdeu o nascimento dele. Sabe de uma coisa? Você é um filho...

No entanto, parei e desliguei, rangendo os dentes, porque não sabia o que dizer.

Babaca.

Depois de um instante, senti-me mal, pois eu não tinha o direito de perder a paciência com ele.

Liguei mais uma vez, esperando que a chamada caísse na caixa de mensagem, e disse:

— Sinto sua falta. Todos nós sentimos. Precisamos de você, beleza? Meu filho precisa de você. Ele já te escolheu como o favorito dele. Eu sei disso. Só...

Balancei a cabeça, novamente, e desliguei.

Eu não deveria estar zangado. Já passei da minha cota de merdas.

Só que isso era muito importante, e eu queria que ele fizesse parte desta memória.

Quando me virei para entrar outra vez, um aroma conhecido atingiu minhas narinas, me fazendo parar. Sorri para mim mesmo quando me dei conta do que era, esquecendo Will por um segundo.

Virei a cabeça e vi a nuvem de fumaça flutuar por trás do canto do prédio. Quando fui até lá, avistei Rika sentada no bloquete baixo que delimitava o estacionamento; suas pernas estavam esticadas à frente, os tornozelos cruzados enquanto ela fumava um *Davidoff*.

Parei ao lado dela, de pé, e sem nem ao menos olhar para mim, ela estendeu o maço de cigarro e o isqueiro, como se estivesse me esperando.

O que ela estava aprontando? Ela estava agindo de um jeito estranho nos últimos meses, e cheguei a ficar tentado em sequestrá-la outra vez, roubar o iate de Michael, e levá-la para o meio do oceano até que desembuchasse. Não tivemos a chance de conversar mais cedo, mas era óbvio que ela havia voltado por um motivo.

Peguei o maço e retirei um cigarro, acendendo a ponta e me deleitando com o gosto familiar e bem-vindo. Dei mais uma tragada e soprei a fumaça, entregando o pacote e o isqueiro para ela.

— Eu vou informá-la que ela agora tem um neto — Rika afirmou, ainda olhando para frente.

Ah, então era por isso que ela estava aqui sentada, às quatro da manhã? Tentando descobrir como lidar com uma situação que não era da conta dela?

— Diga a ela o que quiser.

Nos meses que se passaram, desde que descobri que a mãe de Rika também era minha, sequer conversei ou tentei fazer contato com Christiane

Fane. Ela pagou a minha fiança depois que matei meu pai, mas no que me diz respeito, ela me devia muito, então, não... eu não tinha que agradecer por nada. E ela que se foda.

Vencer uma batalha não era assim tão importante, mas a briga, sim. E ela nem sequer lutou por mim. Tê-la na minha vida não acrescentaria em nada.

No entanto, Rika continuou a protestar:

— Damon, você não pode fazer isso. Ela merece fazer parte da vida dele.

— Você realmente acredita nisso? — perguntei, mesmo que ela nem estivesse olhando para mim. — E se o meu pai nunca tivesse me contado a verdade? Será que algum dia ela me diria? Eu acho que isso não estava nos planos dela.

— Talvez assim que ela soube da morte dele, ela tenha planejado te contar — ela retrucou. E então, se levantou e olhou para mim. — A verdade é que ela te queria. Ela não abortou e nem te colocou para adoção. E ela não foi uma mãe tão excepcional, mas também nunca me machucou. Ela nunca me bateu e sempre me amou.

Sacudi a cabeça, sem querer me importar.

Ou tentando não me importar.

Mesmo assim, uma imagem de Christiane surgiu na minha mente. Ainda jovem, chorando e me segurando em seus braços, antes de o meu pai me arrancar dela. Eu não podia imaginar a dor que ela sofreu.

Mas pisquei, tentando apagar a imagem da minha cabeça. Não. Eu era pai agora, e sabia, sem sombra de dúvida, que nada me tiraria de perto do meu filho. Ela foi fraca por muito tempo. Meu filho não precisava de alguém assim.

— Ela não é a única família que você tem — Rika salientou. — Ela tem inúmeros familiares na África do Sul e na Europa. Você não gostaria que seus filhos fizessem parte dessa grande família?

— Não — retruquei sem hesitar. — Meus filhos terão a mim e à Winter.

— Daí olhei para ela e disse: — E você.

Ela entrecerrou os olhos.

— E Banks, Alex, e os caras — acrescentei. — E eles terão seus próprios filhos. Esta é a família deles. É exatamente a família que quero para eles.

E antes que ela pudesse argumentar, joguei o cigarro fora e me afastei, seguindo em direção à porta de entrada do hospital.

— Eu vou te vencer nisso — ela gritou, me ameaçando.

Eu me virei e não consegui conter o sorriso.

— Vou esperar sua próxima jogada — provoqueei.

Então passei pelas portas.

Honestamente, eu não estava preocupado. Ela podia até ganhar, mas não seria esta noite, e não aconteceria se eu, realmente, não quisesse. A perspectiva de ter Rika de volta ao jogo era simplesmente muito boa, então... deixa-a tentar.

Eu odiava meu pai por tudo o que ele fez, mas, por mais que odiasse admitir, eu adorava essa parte. Um lado meu sempre se perguntou porque eu me sentia tão fascinado por Rika, mesmo que apenas um pouquinho mais em comparação às outras mulheres, com exceção de Winter e Banks. Sempre me questionei porque o que havia entre nós parecia tão natural e inevitável. Como tive a chance de machucá-la e até mesmo matá-la, inúmeras vezes, mas algo sempre me impediu.

Era claro que ela era uma das minhas. Isso era nítido. E fez

todo o sentido na última Noite do Diabo. Tudo parecia se alinhar, e eu já não tinha mais medo.

Exatamente como Banks – como Winter e eu –, Rika era única. Ela foi feita para viver uma vida selvagem e intensa, e eu a queria na minha família.

Atravessei o saguão em direção ao quarto de Winter e fechei a porta assim que entrei. Seu celular estava na mesinha de cabeceira, o som de chuva soando de um aplicativo enquanto ela dormia. Eu me aproximei e olhei para o bercinho, onde o bebê continuava a dormir todo enrolado e aquecido. Mas agora, ele usava um gorrinho preto com letras brancas formando a frase: Novo membro da turma.

Ri baixinho e olhei para Alex apagada na cadeira ao lado dele. Não me lembrava de nada disso entre as roupinhas que Winter comprou. Eu teria que agradecer à Alex, pois a peça era muito engraçada. Ela deve ter acordado e colocado nele enquanto eu estava lá fora.

Baixei a cabeça e o observei. Eu esperava que ele chorasse vinte quatro horas por dia, mas ele era bem calminho. Talvez ele soubesse que estava seguro.

Ou talvez estivesse cansado, e isso mudaria amanhã.

— Como ele está? — Ouvi o sussurro de Winter.

Levantei a cabeça e a vi sentada na cama, o cabelo loiro bagunçado de um jeito lindo ao redor dela.

— Dormindo — respondi.

Eu me inclinei e segurei seu rosto entre as mãos, notando como parecia exausta. Ambos estávamos muito cansados com tudo o que estava acontecendo nos últimos dias, e agora era a hora de dar uma pausa. Queria ter concluído muito mais coisas antes da chegada do bebê, mas não havia tempo para isso agora. Ela precisaria muito de mim nas próximas semanas, no mínimo. Mas, em algum momento, eu teria que contratar alguém para cuidar do nosso filho. Nós sabíamos que isso era um fato.

Por agora, no entanto, seria maravilhoso que fôssemos apenas nós três.

Eu a beijei e ela colocou a mão sobre a minha.

— Preciso de um banho.

Endireitei-me e segurei suas mãos entre as minhas.

— Eu te ajudo.

Levei Winter cuidadosamente até o banheiro adjacente, e me inclinei para cutucar Alex ao passar.

— Alex? — chamei, vendo-a levar um susto. — Fique de olho aí no bebê, tá? Nós vamos tomar um banho.

Ela assentiu e bocejou, e entramos no banheiro, mas deixei a porta um pouco aberta, só por precaução.

Winter não perdeu tempo e se livrou da camisola hospitalar enquanto eu ligava o chuveiro, esperando que a água estivesse morna o bastante. Ela envolveu minha cintura com os braços e se apoiou contra mim, para evitar cair.

— Você está com o cheiro do ensino médio — ela brincou.

— Eu fumei um cigarro — admiti, mesmo que tivesse certeza de que ela sabia que eu fumava de vez em quando. — Eu estava me sentindo bem e empolgado.

— Eu gosto.

Eu não queria que minhas roupas ficassem fedendo a cigarro, ainda mais quando fosse segurar o bebê no colo, mas só a perspectiva de fumar em algum momento, mais para frente, fez com que a ‘desistência’ se tornasse mais fácil.

Retirei minhas roupas e a levantei nos braços, entrando no boxe com ela no colo.

Assim que a coloquei debaixo da ducha, avistei o sangue sendo lavado de seu corpo e pintando o piso de um tom rosa.

Meu estômago embrulhou um pouco. Eu queria mais filhos, mas não gostava da ideia de fazê-la passar por todo esse tormento de novo. Por mais que eu soubesse que ela ficaria bem assim que seu corpo curasse, também achava injusto que algumas mulheres tivessem que passar por isso cinco, seis vezes. Às vezes, até mais. Era algo bem brutal.

E eu não queria vê-la chorar daquele jeito de novo.

Nós lavamos nosso cabelo e passamos um pouco de condicionador, então peguei uma toalhinha e comecei a esfregar seu corpo, sabendo que ela devia estar dolorida pra caralho para me deixar fazer isso sem reclamar.

— O que você vai fazer? — ela perguntou quando me ajoelhei e comecei a ensaboar suas pernas. — A respeito da Christiane?

Parei por um momento, pensando. Com Rika, eu era orgulhoso demais para me abrir, mas com Winter, eu tinha liberdade.

— Você acha que devo deixá-la fazer parte da vida dele? — sondei, sem olhar para ela.

Ela apoiou as mãos nos meus ombros para se equilibrar quando levantei uma de suas pernas e lavei seu pé.

— Acho que não precisamos nos apressar para tomar qualquer decisão agora — respondeu.

Sorri para mim mesmo. Eu amava esse jeitinho dela. Winter me tornou uma pessoa melhor, porque eu amava vê-la feliz, no entanto, ela nunca me pressionava.

— Nossa família vem em primeiro lugar — acrescentou ela.

— Nossa família... — eu repeti. *Minha família. Minha.*

Continuei limpando sua pele, enxaguando o sangue em suas

coxas.

— Você já ficou na beira de um penhasco ou de uma varanda — perguntou —, e por um segundo imaginou como seria se você pulasse?

Ergui as sobrancelhas, confuso.

— Meio que extasiado com a ideia de que você estava a um passo da morte? — Ela apertou meus ombros. — Um passo... — ela disse. — Onde tudo poderia mudar?

— Sim — respondi, baixinho. — Isto simboliza a necessidade de se envolver em comportamentos autodestrutivos. Não é algo tão incomum.

Ao dirigir, nós pensamos, mesmo que por um segundo, em virar o volante de uma vez em direção à pista oposta, ou em pular do alto de um cruzeiro, rumo ao abismo das águas escuras abaixo. São pequenos pensamentos ousados e corajosos que nossa psiquê projeta, porque estamos cansados de não viver intensamente, desejando a sensação do medo. É uma forma de nos lembrar da razão de querermos viver.

E alguns de nós são muito mais propensos a ter esses pensamentos do que outros, diante da emoção de que, a qualquer momento, tudo pode mudar. De não se tratar sobre quem somos, mas o *que* somos, e animais não se desculpa por seja lá o que eles precisem fazer para sobreviver.

— Há uma expressão em francês para isso — ela disse. — *L'appel du vide*.

Olhei para cima, observando seu rosto, os lábios rosados e úmidos pela água quente.

— É isso que nos une — ela emendou.

— Quem?

— Nossa família.

Nossa família?

— Kai, Banks, Michael, Rika, Will, Alex... — prossegui. — Você e eu. Todos nós ouvimos isto. *L'appel du vide*. O chamado do vazio.

Parei por um instante e a encarei.

— O chamado do vazio — murmurei.

Ela estava certa? Era isso que nos unia? Iguais se reconheciam, afinal de contas, e nós vivemos com a necessidade de sempre dar um passo à frente para sentir tudo aquilo do que éramos capazes de fazer. O medo era aterrorizante, mas vindo do outro lado, redefinia a nossa realidade.

— Eu gosto disso — admiti.

Ela hesitou por um segundo e então disse:

— Eu te amo.

Meu coração se contraiu com força, como sempre acontecia quando ela me dizia isso. Como se eu me apaixonasse por ela mais uma vez.

Fiquei de pé e enlacei seu corpo, alisando seu cabelo debaixo da ducha.

— Você é tão linda — eu disse. — Ainda que tenha me dado um filho homem, quando, explicitamente, pedi que me desse uma garotinha.

Ela começou a rir.

— Eu não te dei nada! — argumentou. — É o cromossomo masculino que decide o sexo da criança. A culpa é toda sua.

Ambos sorrimos, e esfreguei a ponta do meu nariz ao dela. Eu não fazia ideia do porquê achei que o bebê seria uma menina. Talvez fosse apenas uma esperança. Eu achava que era melhor com garotas. Banks, Winter, Rika... Acho que estava com medo.

— Nós vamos ter que continuar tentando — brinquei.

Ela se aninhou ao meu pescoço, depositando beijos suaves que espalharam arrepios pelo meu corpo.

— Eu te amo — ela sussurrou. — Amo muito...

Meu pau começou a endurecer, e balancei a cabeça, aflito.

— Não faça isso... — implorei. — Você vai fazer com que as próximas semanas sejam mais torturantes ainda.

Não poderíamos transar por sei lá quanto tempo.

— Ele é perfeito, sabia? — Deslizei as mãos pelas suas costas. — Você fez um excelente trabalho. Eu só espero que ele puxe mais a você do que a mim.

Ela assentiu em concordância, e acabei apertando sua bunda em minhas mãos.

Na mesma hora, Winter começou a rir.

— Então... que nome daremos a ele? — perguntou.

— Ainda não decidimos isso?

— Não que eu me lembre.

Fechei os olhos, balançando a cabeça, em total descrença. Meu Deus, eu não fazia a menor ideia. Só não podia ser nome de gente velha ou bíblico.

Ah, e nenhum que fosse unissex. Tipo Peyton, Leighton ou Drayton.

— Alguma ideia? — sondou.

No entanto, apenas fiz com que se recostasse contra a parede e a segurei mais apertado contra mim.

— Amanhã — respondi.

Neste exato momento, eu estava mais interessado em me deitar na cama ao lado dela, para dormir o máximo de tempo possível.

O nome não era importante. Ele tinha a cor do meu cabelo, e,

amanhã, talvez eu conseguisse ver se ele possuía olhos iguais aos dela.

Se os olhos dele fossem escuros como os meus, então as características não haviam pulado tantas gerações assim, e Christiane estava era de conversa-fiada.

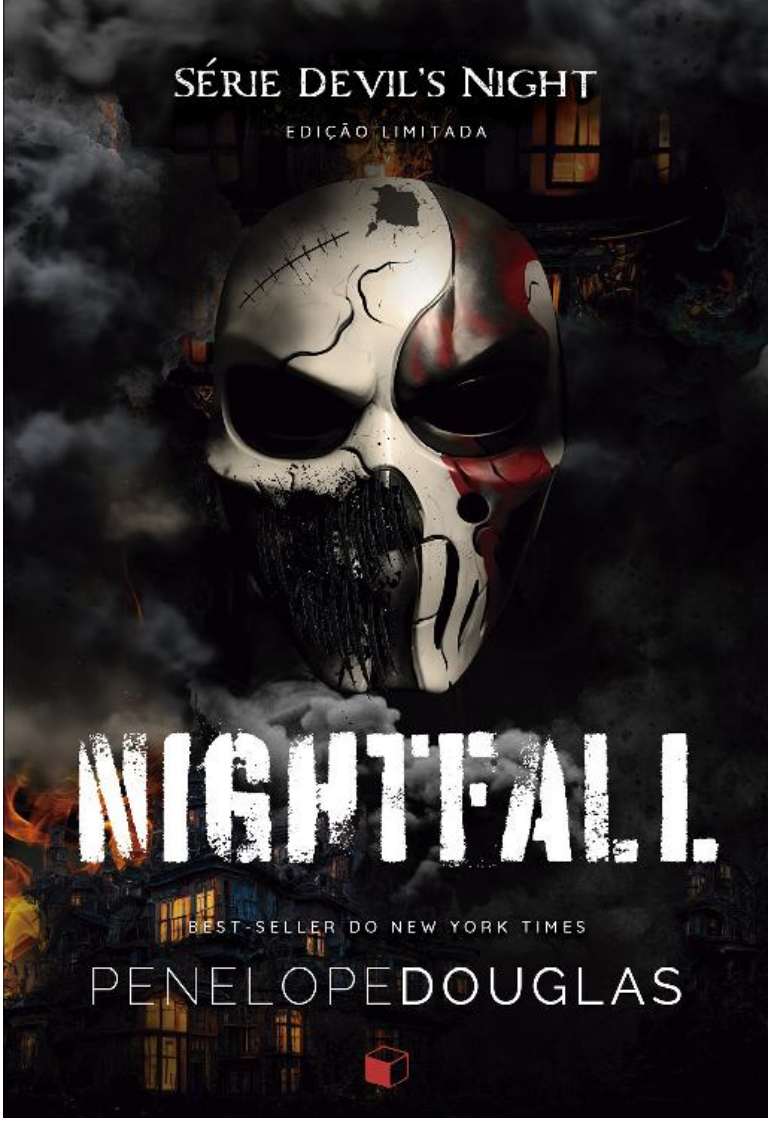
Eu mal podia esperar para descobrir.



Obrigada pela leitura!

SÉRIE DEVIL'S NIGHT

EDIÇÃO LIMITADA



NIGHTFALL

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPEDOUGLAS



PENELOPE DOUGLAS

NIGHTFALL

Traduzido por Marta Fagundes

2ª Edição



2024

Copyright © Penelope Douglas, 2020

Copyright © The Gift Box, 2021

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastacia Cabo

Arte de Capa:

Bianca Santana e glancellotti.art

Tradução:

Marta Fagundes

Preparação de texto:

Ana Lopes

Revisão final:

Equipe The Gift Box

Diagramação:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Nota da Autora

Nightfall é o último livro da série Devil's Night. Todos os livros são interligados, e recomendo que leiam os outros antes de começarem a ler este romance.

Se você decidir pular os livros *Corrupt*, *Hideaway*, *Kill Switch*, ou o conto *Conclave*, por favor, fique ciente de que você talvez perca partes do enredo e elementos importantes das histórias anteriores.

Todos os quatro livros estão disponíveis no Kindle Unlimited.

Se você gosta do Pinterest, todos os meus livros possuem painéis específicos lá. Por favor, divirta-se enquanto estiver lendo *Nightfall*.

Adiante!

Beijos, Pen

“VOCÊ NÃO PRECISA SENTIR PENA DELA. ELA ERA DO TIPO QUE
GOSTARIA DE CRESCER. NO FINAL, ELA CRESCER MUITO MAIS RÁPIDO
DO QUE QUALQUER OUTRA GAROTA.”
– J.M. BARRIE, PETER PAN

Capítulo 1

Emory

Dias atuais...

Era quase como um sussurro, mas eu ouvi.

Água. Como se eu estivesse por trás de uma cascata, no fundo de uma caverna.

Que diabos era isso?

Pisquei, despertando do sono mais profundo que já tive na vida. Caramba, eu estava cansada.

Minha cabeça repousava sobre um travesseiro macio, e quando movi a mão, rocei o tecido branco felpudo e frio de um cobertor.

Toquei meu rosto e percebi que estava sem os óculos. Olhei ao redor, me sentindo confusa ao me ver aninhada, confortavelmente, no meio de uma cama enorme, com tanto espaço que quase me senti um M&M sozinho dentro do pacote.

Esta não era a minha cama.

Passando uma olhada pelo quarto luxuoso – branco, dourado, cheio de cristais e espelhos por toda a parte, com uma elegância suntuosa que nunca vi na vida –, perdi o fôlego quando um medo instantâneo se alojou dentro de mim.

Este não era o meu quarto. Eu estava sonhando?

Ergui o corpo e a cabeça doeu na mesma hora; cada músculo tenso como se eu tivesse dormido por uma semana inteira.

Relanceei o olhar e avistei meus óculos na mesinha de cabeceira ao lado. Assim que os coloquei, fiz uma breve vistoria no meu corpo. Eu ainda estava com a calça *skinny* preta e o pulôver branco que vesti hoje de manhã.

Se ainda fosse hoje, claro.

Eu estava sem sapatos, mas, por instinto, espiei ao lado da cama e vi meus tênis bem ali, perfeitamente posicionados em um chique tapete branco com filigranas douradas.

Senti uma camada fina de suor cobrir minha pele à medida que eu fazia uma varredura pelo quarto nem um pouco familiar, e meu cérebro se embaralhou com o que diabos estava acontecendo. Onde eu estava?

Desci da cama e minhas pernas bambearam assim que fiquei de pé.

Eu estava na empresa. Trabalhando com as plantas arquitetônicas do Museu DeWitt. Byron e Elise haviam encomendado umas quentinhas para o almoço, enquanto eu decidi comer fora – apertei a ponte do nariz, sentindo a cabeça martelar – e... e então...

Argh, não sei. O que aconteceu?

Assim que avistei a porta à frente, nem ao menos me incomodei em conferir o restante do quarto ou ver para onde levavam as outras duas portas que havia ali. Agarrei meus tênis e cambaleei para o que imaginei ser a porta de saída, dando um passo para o corredor. Meus pés tocaram o piso frio de mármore.

Continuei listando os eventos na cabeça.

Eu não havia bebido nada.

Não encontrei ninguém desconhecido.

Não recebi ligações esquisitas ou encomendas estranhas. Eu não...

Engoli em seco diversas vezes até conseguir produzir um pouco de saliva. Meu Deus, eu estava com tanta sede e... com fome também, a contar pela pontada no estômago. Quanto tempo fiquei apagada?

— Olá? — chamei, baixinho, me arrependendo na mesma hora.

A não ser que tivesse sofrido um aneurisma ou desenvolvido amnésia seletiva, então eu só poderia deduzir que não estava aqui por vontade própria. Mas se tivesse sido sequestrada ou estivesse sendo mantida em cativeiro, minha porta não estaria trancada?

Senti a bile subir pela garganta, e vários cenários de filmes de terror se passaram pela cabeça.

Por favor, que não tenha nada a ver com canibais. Por favor, que não tenha nada a ver com canibais.

— Oi — disse uma voz baixa e hesitante.

Segui a direção do som, observando todo o corredor, por cima do corrimão e do outro lado da escadaria, onde havia uma outra ala de quartos. A pessoa oculta pela penumbra deu um passo à frente no patamar.

— Quem está aí? — Eu me aproximei de leve, piscando para afastar o sono que ainda pesava minhas pálpebras.

Eu achava que era um homem de cabelo curto e vestido com uma camisa social.

— Taylor — ele, finalmente, disse. — Taylor Dinescu.

Dinescu? Das Indústrias Petrolíferas Dinescu? Não podia ser da mesma família.

Umedeci os lábios, engolindo em seco outra vez. Eu precisava encontrar água para beber.

— Por que não estou trancado no meu quarto? — ele me perguntou, saindo da total escuridão e se posicionando sob a luz fraca do luar que se infiltrava pelas janelas.

Ele inclinou a cabeça de leve, o cabelo despenteado e a ponta dos sapatos Oxford agora à vista.

— Não estamos autorizados a ter mulheres por perto — informou, parecendo estar tão confuso quanto eu. — Você está aqui

com o médico? Ele está aqui?

De que diabos ele estava falando? *Não estamos autorizados a ter mulheres por perto.* Eu ouvi isso direito? Ele parecia fora de si, como se estivesse sob efeito de drogas ou tivesse sido mantido preso em uma cela pelos últimos quinze anos.

— Onde estou? — exige saber.

Ele deu um passo na minha direção e eu recuei outro, saltando em um pé só enquanto lutava para calçar um dos tênis.

Fechando os olhos, ele inspirou profundamente quando se aproximou um pouco mais.

— Jesus... — ofegou. — Faz um tempão que não sinto esse cheiro.

Cheiro de quê?

Assim que abriu os olhos, percebi que eram de um distinto tom de azul, penetrantes, ainda mais destacados por conta do cabelo escuro.

— Quem é você? Onde estou? — esbravejei.

Eu não reconheci esse cara.

Ele chegou um pouco mais perto, com movimentos quase animais e um olhar predatório que fez com que um arrepio se arrastasse pela minha pele.

De repente, ele pareceu estar em alerta. *Porra.*

Procurei por qualquer coisa que pudesse usar como arma.

— Os endereços sempre mudam — disse, e eu retrocedia em meus passos a cada novo que ele dava —, mas o nome permanece o mesmo. *Blackchurch.*

— O que é isso? — perguntei. — Onde estamos? Eu ainda estou em São Francisco?

Deu de ombros.

— Não posso te responder isso. Podemos estar na Sibéria ou a quinze quilômetros da Disneylândia — replicou. — Somos os últimos a saber. Tudo o que nós sabemos é que é um lugar distante.

— Nós?

Quem mais estava aqui? Onde eles estavam?

A propósito, que raio de lugar era esse? O que era essa tal de *Blackchurch*? O nome parecia vagamente familiar, mas não conseguia pensar com coerência agora mesmo.

Como ele podia não ter a menor noção de onde estava? Em que cidade ou estado estávamos? Ou país, talvez?

Meu Deus. *País.* Eu ainda estava na América, certo? Eu tinha que estar.

Senti o estômago nauseado.

No entanto, água. Ouvi o som de água quando acordei, e aguicei os ouvidos, escutando o som monótono e constante à nossa volta.

Estávamos próximos de uma cachoeira?

— Não há ninguém mais aqui com você? — ele perguntou, como se não pudesse acreditar que eu estivesse de pé à sua frente. — Você não devia estar tão perto de nós. Eles nunca deixam as mulheres perto de nós.

— Que mulheres?

— As enfermeiras, faxineiras, a equipe... — respondeu. — Eles vêm uma vez por mês para reabastecer, mas ficamos confinados em nossos quartos até que tenham ido embora. Eles te esqueceram aqui?

Rangi os dentes, já perdendo a paciência. Estava cansada de tantas perguntas. Eu não fazia a menor ideia do que ele estava falando, e meu coração martelava no peito com tanta força que chegava a doer. *Eles nunca deixam as mulheres perto de nós.* Meu Deus, por quê? Recuei em meus passos até alcançar a escada, no entanto, não desviei o olhar de onde ele estava, vendo-o avançar à medida que eu descia os degraus.

— Quero usar o telefone — murmurei. — Onde fica?

Ele apenas balançou a cabeça, em negativa.

— Também não há computadores — informou.

Tropecei em um degrau e tive que me agarrar à parede para não cair. Quando olhei para cima, ele ainda estava lá, me encarando e com os lábios torcidos em um sorriso irônico.

— Não, não... — Desci mais alguns degraus.

— Não se preocupe — sussurrou. — Quero só dar uma cheirada de leve. Ele vai querer te provar primeiro.

Ele? Olhei escada abaixo, avistando um suporte para guarda-chuvas. Os bicos eram bem pontiagudos. *Isso tem que servir.*

— Não temos mulheres por aqui. — Ele chegou cada vez mais perto. — Ao menos, não uma que podemos tocar.

Afastei-me mais ainda. Se eu disparasse em busca de uma arma, ele seria capaz de me pegar? Ele me agarraria?

— Nada de mulheres, nenhum contato com o mundo externo — avançou —, nada de drogas, bebidas ou cigarros, também.

— O que é essa *Blackchurch*? — perguntei.

— Uma prisão.

Olhei ao redor, notando os caríssimos pisos de mármore, as luminárias e tapetes, e os acabamentos dourados chiques das estátuas.

— Bela prisão — murmurei.

Independente do que fosse agora, era óbvio que aquele lugar já fora usado como a residência de alguém. Uma mansão ou... um castelo ou algo do tipo.

— Está fora do circuito — suspirou. — Onde você acha que os CEOs e senadores enviam seus filhos problemáticos quando precisam se livrar deles?

— Senadores... — Parei de falar, como se algo tivesse estalado em minha memória.

— Algumas pessoas importantes não podem ter seus filhos, seus herdeiros, nos noticiários por terem ido parar na cadeia ou numa clínica de reabilitação ou sendo flagrados ou apanhados depois de fazerem suas atividades ilícitas — explicou. — Quando nos tornamos riscos, somos enviados para cá para esfriar a cabeça. Às vezes, por meses. — Ele suspirou novamente. — E alguns de nós, por anos.

Filhos. Herdeiros.

Então me dei conta.

Blackchurch.

Não.

Não, ele tinha que estar mentindo. Eu me lembrava de ter ouvido falar sobre este lugar, mas não passava de uma lenda urbana usada por homens endinheirados como forma de ameaçar os filhos para os manterem na linha.

Uma residência escondida onde seus filhos eram enviados para ser punidos, mas onde teriam rédeas soltas para estar à mercê uns dos outros. Era como uma espécie de *O senhor das moscas*, porém com ternos chiques.

Mas não existia de verdade. Existia?

— Tem mais...? — perguntei. — Mais de vocês aqui?

Um sorriso malicioso se espalhou pelos seus lábios, dando um nó no meu estômago.

— Aaah, sim... muitos — cantarolou. — Grayson estará de volta com o grupo de caça, hoje à noite.

Estaquei em meus passos, sentindo a cabeça flutuar.

Não, não, não...

Senadores, ele disse.

Grayson.

Merda.

— Grayson? — murmurei, mais para mim mesma. — Will Grayson?

Ele estava aqui?

No entanto, Taylor Dinescu, filho do dono da Petrolífera Dinescu, ignorou minha pergunta.

— Temos tudo o que precisamos para sobreviver, mas se quisermos carnes, temos que caçá-la — explicou.

Então era isso que Will – e os *outros* – estavam fazendo. Arranjando carne para a refeição. E eu não sabia dizer se foi a expressão no meu rosto, ou outra coisa, mas Taylor começou a rir. Uma gargalhada maléfica que fez com que eu cerrasse os punhos.

— Por que você está rindo? — grunhi.

— Porque ninguém sabe que você está aqui, não é? — zombou,

parecendo estar deliciado com essa constatação. — E seja lá quem sabe disso, tinha a intenção de te deixar de qualquer jeito. Só daqui a um mês outra equipe vai aparecer para reabastecer os suprimentos.

Fechei os olhos por um segundo, ao ver com clareza o que suas palavras implicavam.

— Um mês inteirinho — debochou.

Seus olhos varreram meu corpo de cima a baixo, com malícia.

Eu estava no meio do nada, com sabe-se lá quantos homens que têm sido mantidos longe de seus vícios e qualquer contato com o mundo exterior por sabe-se lá quanto tempo, sendo que um deles, provavelmente, tem um imenso desejo de me torturar, caso coloque as mãos em mim outra vez.

E, de acordo com Taylor, minhas chances de receber ajuda pelo próximo mês eram mínimas.

Alguém se deu ao trabalho de me trazer aqui e assegurar que minha chegada passasse despercebida. Será que realmente não havia nenhum tipo de funcionário na propriedade? Seguranças? Vigilância? Ninguém que controlasse os prisioneiros?

Rangi os dentes, sem saber que diabos eu faria dali para frente, mas ciente de que precisava fazer alguma coisa, e rápido.

No entanto, ouvi algo e meus olhos dispararam para Taylor. Gritos e uivos ecoavam do lado de fora.

— O que é isso? — perguntei.

Lobos? Os sons estavam ficando cada vez mais próximos.

Ele ergueu o olhar e se concentrou na porta às minhas costas, voltando a me encarar em seguida.

— O grupo de caça — respondeu. — Eles devem ter voltado mais cedo.

Grupo de caça.

Will.

E os outros prisioneiros que possivelmente são tão assustadores ou ameaçadores quanto este...

Os uivos se mostravam cada vez mais perto agora, e, incapaz de manter a respiração calma, encarei Taylor. O que aconteceria se eles entrassem e me vissem?

Ele apenas sorriu para mim.

— Por favor, corra... fuja — disse. — Estamos loucos de vontade de arranjar alguma diversão.

Senti o coração acelerar. Isto não podia estar acontecendo. *Isto não estava acontecendo.*

Recuei mais alguns passos escada abaixo, mantendo o olhar focado a ele, que me perseguia, sentindo a adrenalina correr pela veias.

— Quero conversar com o Will — exigi.

Ele podia até *querer* me machucar, mas não faria isso. Faria?

Se eu pudesse só conversar com ele...

Taylor riu, os olhos azuis brilhando com diversão.

— Ele não pode te proteger, amor. — Então as tábuas do piso superior rangeram, e Taylor inclinou a cabeça para trás, encarando o teto. — Aydin está acordado.

Aydin. Quem era esse?

Eu não estava nem um pouco a fim de ficar mais um tempo para descobrir. Eu não sabia se estava realmente em perigo com esses caras, mas tinha certeza de que não correria esse risco se fugisse dali.

Disparando pelos degraus, dei a volta no corrimão e voei em direção aos fundos da casa, ouvindo Taylor uivar à medida que eu desaparecia por um corredor escuro. Uma camada fria de suor cobria minha testa.

Isto não estava acontecendo. Tinha que haver algum tipo de vigilância. Eu me recusava a acreditar que as mães e pais enviavam seus herdeiros e trunfos para este lugar sem qualquer tipo de garantia de que eles ficariam em segurança. E se algum deles se ferisse? Ou ficasse gravemente doente?

Isto era uma... piada. Uma brincadeira inapropriada e de muito mau-gosto. Era quase Noite do Diabo, e ele estava acertando as contas comigo. Finalmente.

Blackchurch não era de verdade. Will nem mesmo acreditava que esse lugar existia, quando estávamos no ensino médio.

Passei correndo por quartos, alguns com apenas uma porta, outros com duas, e mais alguns com nenhuma, à medida que eu corria a toda a velocidade pelos corredores, sem saber para onde diabos estava indo. Eu simplesmente corria.

As solas de borracha dos meus tênis guinchavam pelos pisos de mármore, e o cheiro de coisas antigas se infiltrou pelo meu nariz. Não havia nada de confortador aqui.

As paredes iam do tom creme ao marrom e preto; papéis de parede podres e esmaecidos do chão ao teto alto. As cortinas cobriam janelas enormes que tinham quase que oito vezes mais a minha altura. As luzes dos candeeiros lançavam um brilho lúgubre em cada cômodo, salas de estar e de jogos pelos quais passei.

Parei de supetão, virei à direita duas vezes e me enfiei em um corredor, grata pelo silêncio e nervosa ao mesmo tempo. Eles estavam do lado de fora da casa agorinha há pouco, então já deviam ter entrado. Por que eu não estava ouvindo nada?

Porcaria.

Meus músculos estavam queimando, bem como meus pulmões, e não consegui conter o gemido quando cambaleei para dentro do último quarto no final do corredor. Corri até a janela e a abri,

sentindo o ar fresco entrar e soprar por entre as cortinas. Estremeci ao avistar a vasta floresta à distância, quase tão negra como a noite.

Abetos. Meu olhar percorreu todo o terreno. Havia pinheiros vermelhos e brancos por todo o lugar. O cheiro úmido de musgo atingiu minhas narinas, e eu hesitei. Eu não estava na Califórnia mais. Estas árvores eram nativas de terras muito mais distantes ao norte.

E não estávamos em Thunder Bay. Em nenhum lugar perto da minha cidade natal, para dizer a verdade.

Deixando a janela aberta, recuei em meus passos, pensando duas vezes sobre o assunto. O ar frio se infiltrou por entre as mangas da minha blusa branca, e eu não tinha a menor noção de onde estava, ou o quão distante estava de uma cidade. Além disso, eu não sabia em que tipo de elementos eu poderia esbarrar caso fugisse desprotegida.

Saí do quarto às pressas e grudei o corpo à parede do corredor, andando o mais silenciosamente possível e mantendo os olhos alertas. *Pense, pense, pense...*

Nós tínhamos que estar perto de alguma cidade. Havia inúmeras pinturas nestas paredes, antiguidades valiosas, candelabros enormes e uma porrada de dinheiro investida em móveis e artigos de decoração.

Nem sempre este lugar foi uma prisão.

Ninguém gastaria rios de dinheiro em algo que um bando de mimadinhos ricos poderia destruir por puro prazer. Isto aqui era a casa de alguém, e eles não teriam construído essa mansão tão distante assim de alguma cidade. Um lugar desses servia como palco de entretenimento. Havia um salão de festas, pelo amor de Deus.

Retorci as mãos, nervosa. Não queria nem saber quem me largou aqui. Neste exato momento, eu só precisava chegar a algum lugar seguro.

E, então, eu ouvi.

Um chamado – um uivo – acima de mim. Parei, sentindo o corpo paralisado. Levantei a cabeça e segui a direção do som que derivava de um lado ao outro. Minha pulsação acelerou quando as tábuas acima rangeram como se estivessem sob o peso de alguma coisa.

Passadas simultâneas. Em diversos pontos.

Eles estavam no andar superior, e havia mais de um ali em cima. Taylor me viu correr nesta direção. Por que eles teriam subido as escadas?

Então me lembrei do que mais havia ali em cima. *Aydin*.

Taylor falou dele como se fosse uma ameaça. Será que eles foram até ele antes?

Vozes ecoaram pelo corredor, e aguicei os ouvidos, cada vez mais atraída pela janela às minhas costas.

Outro grito ressoou mais abaixo, possivelmente do vestibulo, e então outro uivo ecoou em algum lugar ao meu redor.

Dei a volta, me sentindo zozza. O que diabos estava acontecendo? Meus nervos estavam à flor da pele, e engoli a bile que teimava em subir pela garganta.

Eles estavam se espalhando.

Lobos. Parei, ao me lembrar dos uivos do lado de fora. Era como se fossem lobos. Uma alcateia se separava para cercar a presa e testar sua fraqueza. Eles a flanqueavam pelos lados e por trás.

Lágrimas inundaram meus olhos, mas ergui a cabeça, afastando-as. *Will.*

Há quanto tempo ele estava aqui? Onde estavam seus amigos? Ele me trouxe aqui como alguma espécie de vingança? Mas que porra?

Eu disse para ele não me pressionar tantos anos atrás. Eu o avisei. Isto não era minha culpa. Ele mesmo se colocou aqui dentro.

Entrei em um salão de jogos e peguei um bastão de críquete de um suporte. Esgueirei-me para as sombras e me recostei à parede, olhando para todos os lados, em busca de qualquer sinal deles. Arrepios se espalharam pelos meus braços, e apesar do frio, uma camada fina de suor cobriu meu pescoço. Apurando os ouvidos, fiquei alerta à medida que dava um passo atrás do outro.

Algo caiu com um baque surdo no andar acima, quase me fazendo perder o fôlego. Olhei para o teto e fui em direção às escadas.

Que diabos estava acontecendo?

Um tom azul, como o de um luar atravessando uma janela, iluminava o piso escuro de mármore por todo o corredor, e eu o segui, indo para os fundos da casa.

Inspirei fundo, e meu nariz pinicou quando senti um cheiro estéril, tipo de água sanitária. Taylor disse que a equipe de limpeza e os funcionários haviam ido embora há pouco tempo.

Meus joelhos estavam trêmulos, e meu coração martelava no peito. Eu sentia como se estivesse enclausurada, sem nem ao menos ter ciência disso.

— Aqui! — alguém gritou.

Arfei, grudando o corpo à parede enquanto me esgueirava por um canto.

Espiando ao redor, avistei as sombras que se moviam pelo corredor quando descobriram a janela que deixei aberta.

— Ela está fugindo! — outra pessoa gritou.

Soltei o ar, cerrando os punhos. *Isso.* Eles pensavam que eu havia escalado a janela.

Seus passos ressoaram pelo piso, correndo de volta em direção ao vestibulo – com sorte –, e eu cobri a boca com a mão enquanto os ouvia se distanciando.

Graças a Deus.

Não esperei nem mais um segundo. Eu corri e corri, encontrando a cozinha na ala mais ao sudoeste da casa. Deixando as luzes apagadas, fui até a geladeira e a abri, e uma porção de frutas e verduras caíram com o movimento brusco.

Olhei ao redor, assombrada com o tamanho da coisa por um segundo. Dava para entrar lá dentro, de tão grande. Pensei que Taylor houvesse dito que eles tinham que caçar para comer, mas aqui havia um monte de comida.

Dei um passo para dentro e senti a mudança brusca de temperatura na mesma hora. Um arrepio percorreu meu corpo à medida que vasculhava por entre as prateleiras de comida, todas frescas e devidamente armazenadas. Queijos, pães, mortadela, manteiga, leite, cenouras, abobrinhas, pepinos, tomates, uvas, bananas, mangas, alface, mirtilos, iogurtes, patês, filés, presuntos, peitos de frango, carnes de hambúrguer...

E isto porque eu não estava contando com a despensa que eles provavelmente tinham.

Por que eles precisavam sair para caçar?

Sem perder mais tempo, peguei uma sacola que estava pendurada do lado de dentro e despejei no chão tudo o que havia guardado ali dentro. Rapidamente, enfiei duas garrafas d'água, uma maçã e alguns queijos. Talvez eu devesse levar mais alguma coisa, mas o peso poderia me atrapalhar.

Saí do espaço da geladeira gigante e fechei a sacola, correndo até a janela para espiar do lado de fora. Na ponta dos pés, avistei as luzes das lanternas dançando pelo vasto gramado.

Um sorriso quase me escapou. Eu ainda tinha tempo de encontrar um casaco ou um moletom e dar o fora daqui antes que eles voltassem.

Girei e dei um passo adiante, mas o vi ali parado, me encarando; uma forma oculta pela penumbra, recostada contra o batente da porta da cozinha.

Paralisei, sentindo o coração na garganta.

Pelo menos eu achava que ele estava me encarando. Seu rosto estava coberto pelas sombras.

Perdi o fôlego na mesma hora.

Então me lembrei... *lobos*. Eles te cercavam.

Todos, exceto um. Ele vinha até você pela frente.

— Venha aqui — disse ele, em um tom baixo.

Minhas mãos tremiam, pois eu conhecia aquela voz. E aquelas foram as mesmas palavras que ele disse para mim, naquela noite, tantos anos atrás.

— Will...

Ele entrou na cozinha, e a luz da lua lançou um brilho fraco em seu rosto. Algo dentro de mim simplesmente agonizou.

Ele já era corpulento no ensino médio, mas agora...

Engoli em seco, tentando destravar a língua.

Alguns respingos de chuva brilhavam sobre o cabelo castanho curto, porém bagunçado, e eu nunca o havia visto com a barba por fazer antes, mas agora percebia que ela lhe dava um ar mais áspero – e perigoso. Nunca imaginei que esse visual cairia tão bem nele.

Seu peito era mais largo agora, os braços mais grossos e visíveis pelo casaco de moletom, e quando ele ergueu as mãos, vi que limpava o resquício de sangue de seus dedos. Tatuagens cobriam as costas de suas mãos, desaparecendo sob as mangas do agasalho.

Ele não tinha nenhuma tatuagem da última vez em que o vi.

Na noite em que foi preso.

De onde vinha todo aquele sangue? Da caçada?

Recuei em meus passos, enquanto ele avançava devagar, mas ele não estava olhando para mim à medida que se aproximava, e, sim, para as mãos que limpava meticulosamente.

O bastão de críquete. Onde o deixei?

Pisquei, assustada. *Merda*. Eu o coloquei no chão quando entrei no freezer enquanto embalava a comida. Olhei rapidamente para a geladeira, calculando a distância.

Fazendo uma varredura pelos balcões, avistei um trio de potes de vidro e arremessei um deles no chão, entre nós. O vidro se espatifou, enviando cacos para todo canto, e ele parou o que fazia por um momento, com um olhar divertido, enquanto eu retrocedia até a geladeira.

— Isto não vai acabar com você dormindo no meu saco de dormir desta vez — advertiu.

Agarrei outro jarro e o lancei no chão, me afastando ainda mais. Se ele partisse na minha direção, acabaria escorregando nos cacos de vidro.

— Não faça promessas que você não pode cumprir — zombei. — Você ainda não é o alfa aqui.

Ele arqueou uma sobrancelha escura, mas não parou de avançar na minha direção.

A pulsação martelava no meu pescoço, meu estômago estava revirado, mas... quando o vidro rangeu sob seus pés e seu olhar se conectou ao meu, senti o latejar entre as pernas, e quase gemi.

— Você sabe por que estou aqui? — perguntei.

— Você andou se comportando mal?

Cerrei a mandíbula, mas permaneci em silêncio.

Um sorriso perverso se espalhou pelo seu rosto, e eu soube que era isso. Nunca imaginei que aconteceria dessa forma, mas sempre

soube que, em algum momento, seria o meu destino.

— Você sabe — murmurei. — Não sabe?

Ele assentiu.

— Você gostaria de explicar?

— E isso importa?

Ele balançou a cabeça outra vez.

Engoli em seco. *É, imaginei que não.*

Ele passou dois anos e meio na prisão por minha causa. E não somente ele. Seus melhores amigos, Damon Torrance e Kai Mori, também.

Desviei o olhar por um segundo, ciente de que ele não merecia aquilo, mas eu também sabia que não teria feito nada de maneira diferente, se pudesse. Eu disse para ele se manter longe de mim. Eu o avisei.

— Eu queria nunca ter te conhecido — murmurei, quase em um sussurro.

Ele parou, e os estilhaços rangeram sob seus pés.

— Pode acreditar, garota, que o sentimento é recíproco.

Recuei e minha mão roçou contra alguma coisa no bolso da minha calça. Continuei me afastando em direção à geladeira e peguei o objeto. Agarrei o cabo e avistei um estilete.

De onde aquilo tinha vindo?

Eu não carregava facas ou lâminas comigo.

Soltei a sacola e destravei a lâmina, segurando-a à minha frente, mas ele se lançou na minha direção e agarrou meu pulso com tanta força, que acabei relaxando os dedos. Lutei contra o seu agarre, tentando manter a arma em punho, mas ele era muito mais forte que eu. Gritei quando não aguentei mais e soltei a faca, ouvindo o som do metal tilintar contra o piso de mármore.

Sacudindo-me de um lado ao outro, ele agarrou a gola da minha blusa e me puxou para perto, me imprensando entre seu corpo e a bancada.

Ele me encarou de cima, e eu senti dificuldade em respirar, soprando uma mecha de cabelo que pairou sobre os meus lábios.

— Você gosta de alfas? — ele me desafiou.

Lancei um olhar afiado, dizendo em seguida:

— Nós queremos o que queremos.

Ele não desviou o olhar, lembrando-se daquelas palavras muito mais do que gostaria de admitir, e se eu não estivesse assustada pra caralho, teria rido de sua cara.

Rosnando, ele me agarrou e me colocou sobre o ombro.

— Está na hora de você conhecer um, então — disse.

Capítulo 2

Emory

Nove anos atrás...

— Por que você está desistindo?

Fiquei ali de pé, evitando o olhar da treinadora, segurando a alça da mochila com força.

— Não tenho tempo — declarei. — Sinto muito.

Arrisquei uma olhada de relance, deparando com seu olhar firme por baixo da franja de cabelo loiro.

— Você se comprometeu — argumentou. — Nós precisamos de você.

Troquei a posição dos pés, inquieta, sentindo a camada fina de autoaversão recobrir meu corpo.

Isso era uma desculpa esfarrapada e eu sabia disso.

Eu era boa na natação. Poderia ajudar a equipe, e ela se esforçou pra caramba no meu treinamento no meu último ano. Eu não queria desistir.

No entanto, ela teria que lidar com isso. Eu não podia explicar, mesmo que ao não fazer isso, ela interpretasse erroneamente meu silêncio como um ato egoísta e irresponsável.

As vozes de todas as meninas do lado de fora do escritório preencheu o vestiário   medida que elas se arrumavam para o treino, e senti o olhar da treinadora sobre mim, aguardando uma resposta.

O que era inútil, já que eu não mudaria de ideia.

— Está acontecendo alguma coisa? — perguntou.

Apertei a alça da mochila com fôrça, sentindo o tecido áspero irritar a palma da minha mão.

Dei um longo suspiro e empurrei os óculos para cima, da ponta do nariz, enrijecendo a postura.

— Ninguém vai me dar uma bolsa de estudos por nadar — disparei. — Preciso passar meu tempo livre fazendo coisas que me coloc r o dentro de uma universidade. Tudo isso aqui foi um desperdício.

Antes que ela pudesse retrucar, ou que o olhar em seu rosto tornasse tudo isso pior, virei as costas e abri a porta, deixando seu escritório.

Lágrimas estavam alojadas na minha garganta, mas eu as afastei.

Era um saco. E eu acabaria pagando caro por isso. Eu sabia, no fundo, que aquilo não havia acabado.

Mas eu não tinha alternativa.

A dor nas minhas costas me incomodou enquanto eu caminhava às pressas pelo vestiário; bati a mão na porta, sentindo a agonia em meu pulso irradiar pelo braço antes de seguir o caminho pelo corredor.

Porém, decidi passar por tudo isso, ignorando o desconforto a cada passo pelo corredor praticamente deserto.

Eu estava satisfeita por dar o fora dali antes que ela perguntasse por que eu não desistiria da banda. Aquilo ali também não me colocaria numa universidade. Eu não era assim tão boa.

Era tudo o que havia me restado agora – que poderia me tirar de casa –, e eu não precisaria usar um traje de banho para fazer isso.

Mordisquei o lábio inferior, sentindo o peso de uma tonelada sobre meus ombros enquanto encarava o chão. Marchei em direção ao meu armário sem olhar por onde andava, porque já havia feito esse caminho um milhão de vezes. *Controle-se.* O tempo passaria. A vida seguiria seu curso. Eu estava indo no rumo certo.

Apenas continue em frente.

Alguns alunos circulavam pelos corredores; muitos haviam chegado mais cedo por conta dos clubes de estudos ou outras atividades esportivas. Cheguei até meu armário e digitei a combinação da senha. Ainda faltavam vários minutos antes do início da primeira aula, mas eu poderia me esconder na biblioteca para passar um tempo. Era melhor do que ir para casa.

Esvaziei a mochila e tirei os livros de matemática e física que havia levado para casa na noite anterior, e peguei meu fichário, meu livro de literatura, bem como a cópia de *Lolita*; também peguei a redação de Espanhol do armário, segurando tudo em um braço só enquanto vasculhava a prateleira de cima em busca do meu estojo.

Ele acabaria descobrindo que eu desisti. Talvez eu tivesse alguns dias de paz antes que isso acontecesse, mas o nó já havia se instalado no meu estômago, e pude sentir o gosto acobreado de sangue do corte na minha boca, de dois dias atrás.

Ele ia descobrir. Ele não ia querer que eu desistisse da natação, e salientar o motivo por ter feito isso só o deixaria mais pau da vida.

Pisquei algumas vezes, já sem procurar pelo estojo ou por qualquer caneta por ali quando a dor terrível no meu couro cabeludo – da outra noite – me percorreu de cima a baixo.

Eu não havia chorado quando ele puxou o meu cabelo.

Mas recuei. Eu sempre vacilava.

Risadas explodiram no fim do corredor, e quando olhei para cima, avistei alguns alunos recostados contra os armários; as garotas em seus uniformes e com suas saias enroladas na cintura para que ficassem mais curtas do que o limite permitido na escola; as blusas superapertadas por baixo de suas jaquetas azul-marinho.

Entrecerrei os olhos na mesma hora.

Suas cabeças estavam coladas enquanto sorriam das piadas lançadas pelos garotos, e o grupo inteiro parecia tão superficial quanto uma poça de chuva. Nunca com uma profundidade suficiente para ser mais do que realmente eram.

Superficiais, chatos, tediosos, idiotas e sem-graça. Todos os riquinhos desta escola eram assim.

Observei Kenzie Lorraine se inclinar contra Nolan Thomas, a boca se movendo contra a dele como se ela estivesse se fundindo a ele. Ela sussurrou contra os lábios dele, e seus dentes brancos deram as caras por trás do sorriso enviesado quando suas mãos a enlaçaram pela cintura à medida que se recostava mais ainda ao armário. Meu coração quase pulou uma batida, e quando senti o estojo contra meus dedos, distraidamente o enfiei dentro da minha bolsa sem desviar o olhar.

Superficiais, chatos, tediosos, idiotas e sem-graça.

Pisquei, minha expressão suavizando enquanto os observava.

Felizes, empolgados, corajosos, rebeldes e no paraíso.

Eles pareciam realmente ter dezessete anos.

E, de repente, por um instante, desejei estar no lugar deles. Ser alguém diferente do que eu era. Não era de se estranhar que ninguém nessa escola gostasse da minha pessoa. Até eu estava cansada de mim mesma.

Não seria simplesmente fantástico ser feliz, de verdade, por pelo menos cinco minutos?

Os amigos dela estavam todos por ali, conversando com os dele, mas eu só conseguia ver os dois, imaginando como devia ser. Ainda que não fosse amor verdadeiro, devia ser legal ser desejada dessa forma.

No entanto, do nada, Nolan abriu os olhos. E quando me encarou, encontrou meu olhar, como se soubesse o tempo todo que eu estava ali. Senti a veia palpitar no pescoço e congelei.

Merda.

Ele não interrompeu o beijo, mas manteve o olhar fixo ao meu à medida que se moviam um contra o outro. Então... ele piscou para mim, e pude ver seu sorriso por trás do beijo trocado.

Revirei os olhos e desviei o olhar. *Que ótimo.* Emory Scott agora era uma pervertida. Era isso o que eles falariam. Simplesmente o que eu precisava.

Virei-me de volta para o armário, constrangida, e fechei a porta com força.

Tudo em mim doía, e tentei arquear as costas para alongar os músculos, mas quando me virei para sair dali um punho enviou todos os meus livros voando para o chão.

Perdi o fôlego, assustada, e recuei em meus passos por puro instinto.

Miles Anderson me encarou quando passou por mim com um sorriso sacana nos lábios.

— Está gostando do que está vendo, idiota? — zombou.

Travei o maxilar, tentando recuperar a calma e regularizar os batimentos do coração, mas o medo súbito revirou meu estômago quando seus amigos o seguiram, rindo.

Seu cabelo loiro caía displicentemente em sua testa, enquanto os olhos azuis percorriam meu corpo de cima a baixo, e soube na mesma hora o que ele estava reparando.

Na minha saia velha, cujo padrão xadrez mostrava que pertencia ao uniforme antigo. No botão ausente no punho da blusa que era duas vezes maior que o meu tamanho. No meu blazer azul desbotado, com alguns remendos desfiados que precisei fazer quando recebi a doação de algum aluno. Nos meus sapatos gastos, por causa de toda a caminhada necessária, já que eu não possuía carro; também devia estar reparando no fato de que eu nunca usava maquiagem ou fazia qualquer coisa diferente com meu cabelo escuro sempre solto e quase cobrindo meu rosto.

Um visual tão distinto de sua aparência. De como todos eles pareciam.

Merdinhas do caralho. Deixei que o patético Anderson se divertisse, porque era o único momento em que ele tinha algum poder. Essa era uma coisa à qual eu deveria ser grata aos Cavaleiros.

Eu odiava o fato dessa escola ser o parquinho pessoal deles, mas quando eles estavam ao redor, Miles Anderson não me enchia o saco daquele jeito. Eu podia apostar que ele estava contando os dias até que eles se formassem, para que pudesse assumir o controle do time de basquete.

E da Escola Preparatória de Thunder Bay.

Cerrando a mandíbula, agachei e comecei a recolher meus livros, enfiando tudo de qualquer jeito na mochila, mas uma camada fina de suor cobriu meu rosto, e, de repente, senti a náusea subir pela garganta. Eu me levantei de supetão e corri para o banheiro, subindo as escadas, já que o mais próximo ficava no final do corredor.

Meu estômago se contorceu, e a queimadura da bile subiu à boca com intensidade. Lancei-me contra a porta e me enfiei em uma cabine, fazendo ânsia contra o vaso sanitário.

Arfei, sentindo o gosto ácido do vômito, mas nada saía do estômago. Tossi, e meus olhos marejaram enquanto eu ofegava.

Empurrei os óculos para cima, na cabeça, e me apoiei nas laterais da cabine para recobrar o fôlego e a calma.

Esfreguei os olhos, com força. *Merda.*

Eu revidava algumas vezes.

Quando não importava e quando não me sentia realmente ameaçada.

Sequei o suor da sobancelha e dei descarga pela força do hábito, deixando a cabine e seguindo em direção à pia. Abri a torneira, enfiando as mãos abaixo, mas parei, sem forças nem mesmo para jogar um pouco de água no rosto. Desliguei a torneira e saí do banheiro, secando as mãos no tecido da saia.

Eu estava tão cansada, e o dia mal havia começado.

No entanto, assim que abri a porta, quase esbarrei em alguém ali parado. Estaquei em meus passos, encarando Trevor Crist. Ele sorriu para mim quando apertei a alça da mochila, retribuindo seu olhar.

Ele era apenas um calouro, duas séries abaixo da minha, mas já era da minha altura e não se parecia nem um pouco ao irmão. Falso, seus olhos gélidos não combinavam com o sorriso em seus lábios, e o cabelo loiro-escuro se mantinha perfeitamente estilizado e no lugar, assim como sua gravata.

Seu nome deveria ser Chad, para dizer a verdade. Que diabos ele queria comigo?

Ele estendeu um caderno azul, e reconheci os papéis desgastados e enfiados por dentro, com notas destacadas pelo marca-texto amarelo. Desviei o olhar por todo o corredor, e mais adiante, onde meu armário ficava.

Devo tê-lo esquecido quando aquele babaca derrubou tudo o que eu segurava.

Peguei o caderno e o enfiei na mochila.

— Obrigada — murmurei.

— Acho que peguei tudo, mas não tenho certeza se os papéis estão em ordem — ele disse. — Alguns haviam se espalhado pelo chão.

Mal ouvi suas palavras, notando os corredores agora lotados com os alunos, bem como o Sr. Townsend seguindo para a sala onde eu teria minha primeira aula.

— Trevor Crist. — O garoto estendeu a mão.

— Eu sei.

Passei por ele, ignorando o cumprimento.

Dei alguns passos e abri a porta da sala, seguindo outro aluno; vasculhei a sala com o olhar em busca do assento mais seguro e distante. No canto, no fundo e perto das janelas, uma cadeira vazia estava cercada de outros estudantes. Roxie Harris ao lado, Jack Leister à frente e Drew Hannigan mais ao canto.

E foi para lá que me dirigi.

Sentei-me apressada, e as pernas da cadeira raspavam contra o

piso quando larguei a mochila no chão.

— Argh... — Roxie grunhiu ao meu lado, mas a ignorei à medida que pegava os materiais na bolsa.

Na mesma hora, ela começou a recolher suas coisas.

A sala começou a encher cada vez mais, burburinhos e risadas soando enquanto o Sr. Townsend se postava de pé, pairando sobre sua mesa em busca de suas anotações.

No entanto, Roxie não teve tempo de pegar tudo e sair do assento antes que eles chegassem. Passando pela porta, altos, magnéticos e sempre juntos.

Virei a cabeça em direção à janela, fechando os olhos por trás dos meus óculos e contendo o fôlego quando rapidamente retirei os fones de ouvido do bolso do casaco e os enfiei nos ouvidos.

Tudo para que desse a impressão de ser inacessível.

Por favor, por favor, por favor...

Minha oração não surtiu efeito. Pude sentir Roxie, Jack e Drew revirando os olhos quando todos suspiraram e pegaram suas tralhas, liberando as cadeiras sem que sequer pedissem, e como se fosse minha culpa que esses caras sempre faziam questão de me cercar, não importava onde eu me sentasse nesta maldita escola.

Kai Mori assumiu o lugar de Jack, à minha frente, enquanto Damon Torrance pegou o assento diagonal ao meu.

Não precisei nem mesmo olhar para cima para cima para ver o cabelo escuro, e eu sempre podia dizer quem era quem sem verificar, porque Kai cheirava a almíscar e ao oceano, enquanto Damon fedia como um cinzeiro.

Michael Crist provavelmente se plantou em algum lugar próximo, no entanto, foi o último que passou por mim no corredor e tomou o assento ao meu lado – no que deveria ter sido o assento da Roxie –, que fez meu coração bater mais rápido.

Eu podia sentir seus olhos em mim enquanto eu encarava a janela.

Se soubesse que íamos dividir as aulas quando a administração decidiu me transferir para o inglês avançado, algumas semanas atrás – um ano antes do previsto –, eu teria me recusado. Não importava o que meu irmão quisesse.

Eu tinha certeza de que eles só me colocaram nesta disciplina, porque eu era encraveira – no ano passado –, e eles pensaram que o desafio colocaria uma rolha na minha boca.

Todos eles estavam descobrindo que isso não era verdade.

— Você está sem uniforme. — Ouvi uma garota sussurrando.

E então ouvi a voz de Will Grayson aquecendo a minha nuca.

— Estou disfarçado — ele lhe disse.

— Esse pedaço de merda tem um tesão por você ou algo assim

— acrescentou Damon. — Sempre que ele te vê, ele quer te pegar sozinho.

Contraí os dedos ao redor do caderno e do lápis.

— Em sua defesa — Kai interferiu —, foi você quem colocou os bilhetes “*Desculpe, eu bati no seu carro*” nos veículos das pessoas de toda a cidade com o número de telefone dele.

Damon bufou e começou a rir, enquanto Will dava uma risada de autossatisfação.

Imbecis. O telefone do meu irmão tocou a noite toda por causa dessa brincadeira. E quando ele se irrita, ele faz questão de demonstrar.

— Então, o que você diz, Em? — Will me provocou, finalmente me envolvendo na conversa, como se ele nunca conseguisse evitar. — O seu irmão tem tesão por mim? Com certeza, ele está em cima de mim o suficiente.

Fiquei em silêncio, sem abrir o caderno, enquanto as pessoas se acomodavam em seus assentos e falavam ao nosso redor.

Todos nesta escola odiavam meu irmão. O dinheiro e os contatos deles não tinham nenhum efeito sobre sua disposição, como policial, de distribuir

multas por excesso de velocidade, multas de estacionamento, investigar reclamações de barulho ou acabar com festas e bebedeiras assim que sentia o cheiro de alguma coisa rolando.

Meu irmão era um idiota por fazer seu trabalho, e quando não conseguiam irritá-lo, eles resolviam descontar em mim.

Vi Will pegar alguma coisa no bolso para, em seguida, desembulhar um doce e levá-lo à boca, arrancando o doce do papel com os dentes.

Seus olhos não se desviaram dos meus em momento algum.

— Tire os fones de ouvido — pediu, enquanto mastigava.

Entrecerrei o olhar na mesma hora.

— E pare de agir como se estivesse ouvindo música, para que não tenha que lidar com as pessoas ao seu redor — disparou.

Cada músculo do meu corpo retesou, e quando não lhe dei ouvidos, ele jogou o embrulho no chão e se inclinou, puxando o fio e arrancando os fones do lugar.

Dei um pulo, sobressaltada, e me sentei direito.

Mas não me encolhi. Não com ele.

Agora... ele tinha minha maldita atenção.

Agarrando o fio de onde estava pendurado no chão, eu me levantei da mesa, peguei o caderno e mochila e comecei a sair dali.

No entanto, suas mãos me empurraram para baixo na mesma hora, fazendo com que caísse sentada em seu colo.

Tudo o que eu carregava nos braços caiu no chão, e uma raiva

borbulhante correu sob minha pele.

Não.

Cerrei os dentes e o empurrei, enquanto Kai e Damom riam com escárnio, sem nem fazerem menção em impedir. Eu me contorci em seu colo, mas ele simplesmente apertou o agarre, virando o rosto para longe do meu ataque.

Will, Kai, Damon e Michael. Os Quatro Cavaleiros.

Eu adorava estes apelidos que os pequenos aspirantes a gangsters se deram no colegial, mas alguém deveria realmente dizer a eles que não eram assim tão assustadores, quando precisavam alardear isso a todo mundo.

Todas as escolas também possuíam caras desse tipo. Um pouco de dinheiro, algumas mães e pais influentes, e rostos bonitos sem um coração para combinar. Nada disso era realmente culpa deles, acho.

O que era culpa deles era que eles tiravam o máximo proveito disso. Não seria divertido se alguém alguma vez dissesse não a eles? Se um deles alguma vez pagasse por um erro? Ou alguma vez não tivessem acesso a uma bebida, drogas ou a uma menina?

Mas, não. Era sempre a mesma história. Superficiais, chatos, tediosos, idiotas e sem-graça.

E enquanto outros podiam ceder ou protestar pateticamente antes de, por fim, se renderem, eu não estava interessada.

E ele odiava isso.

Eu podia gritar. Chamar a atenção do professor. Fazer uma cena, mas ele só conseguiria as gargalhadas que desejava, e eu conseguiria a atenção que não queria.

— Tire esse maldito olhar da sua cara — advertiu.

Travei o queixo, me recusando a obedecê-lo.

Ele abaixou o tom de voz a um sussurro:

— Eu sei que posso parecer o mais simpático, e você, provavelmente, pensa que, às vezes, me arrependo das merdas em que te enfo, e que, talvez, um dia eu vá acordar e reavaliar minha vida e propósito, mas não vou. Eu durmo como um bebê à noite.

— Você lembra a cada duas horas e chora? — zombei.

Uma risada soou às minhas costas, mas não desviei o olhar enquanto Will continuava a me encarar. A escola era o único lugar onde eu tinha algum descanso.

Até que cheguei ao ensino médio.

Cerrei os punhos, tentando me soltar do agarre de suas mãos.

— Me solta.

— Por que os punhos de sua camisa estão molhados?

Abaixou o olhar e me obrigou a levantar o braço, para poder averiguar mais de perto.

Eu me recusei a responder, e ele olhou para mim de novo.

— E seus olhos estão vermelhos.

Senti o nó na garganta, mas cerrei os dentes e tentei me soltar, mas antes que conseguisse escapar de seu colo, ele segurou meu queixo com uma mão e enlaçou minha cintura com o outro braço, me puxando contra o seu corpo. Sussurrando, para que ninguém pudesse ouvir, perguntou:

— Você não sabe que pode ter o que quiser? — Os olhos dele avaliaram os meus. — Posso machucar qualquer um por você.

O peso no meu peito era intenso demais, quase doía para respirar.

— Quem é? — perguntou ele. — A quem eu tenho que machucar?

Meus olhos incendiaram. Por que ele fazia isso? Ele me provocava e suavizava com a fantasia de que eu não estaria mais sozinha e que, talvez – talvez –, houvesse esperança.

Seu cheiro me atingiu: um perfume marcante. Observei o cabelo castanho, perfeitamente penteado e cheio combinando com sua pele perfeita e as sobrancelhas escuras. Cílios pretos emolduravam os olhos que pareciam as folhas ao redor de uma lagoa em alguma ilha estúpida, em algum lugar, e por um momento, me senti perdida.

Só por um instante.

— Meu Deus, por favor — disse eu, por fim. — Vê se cresce, Will Grayson. Você é patético.

E seus lindos olhos se tornaram hostis na mesma hora, enquanto ele erguia o queixo. Ele me empurrou de seu colo e me obrigou a sentar de volta na minha cadeira.

— Sente-se.

Era como se ele estivesse magoado, e aquilo quase me fez rir. *Provavelmente, estava desapontado por eu não ser burra o suficiente para acreditar nas suas merdas.* O que ele estava planejando? Ganhar minha confiança, me atrair para o baile e assistir enquanto todo mundo despejava sangue de porco em cima de mim?

Não, isso não era nem um pouco original. Will Grayson tinha mais imaginação. Eu precisava, pelo menos, lhe dar esse crédito.

— Tudo bem, vamos começar — disse o Sr. Townsend, pigarreando.

Peguei a mochila e o caderno do chão, e me ajustei novamente na cadeira, colocando os fones de ouvido no bolso.

— Peguem seus livros — instruiu, tomando um gole rápido de seu café e virando um papel em sua mesa.

Will ficou ali sentado, silenciosamente encarando à sua frente, e por um momento, vacilei, observando seu maxilar contraído.

Tanto faz. Revirei os olhos e peguei minha cópia de Lolita enquanto o resto da classe fazia o mesmo. Exceto Will, porque ele nem

ao menos se preocupou em trazer uma mochila ou livros hoje.

— Estávamos falando sobre Humbert ser um narrador pouco confiável no livro. — Townsend tomou outro gole. — Como todos nós somos os heróis honrados de nossa própria história, desde que sejamos nós a contá-la.

Ouvi Will se aproximar e soltar o fôlego. Eu me concentrei na nuca de Kai Mori, fascinada pela precisão e asseio de seu corte de cabelo.

Hoje eu estava tendo problemas para me concentrar.

Townsend continuou:

— E quantas vezes o certo ou errado tornam-se simplesmente uma questão de perspectiva. Para uma raposa, o cão de caça é o vilão. Para um cão de caça, o lobo. Para um lobo, um humano, e assim por diante.

Ai, pelo amor de Deus. Humbert Humbert era um desequilibrado.

E um criminoso. À raposa, ao cão de caça, ao lobo, seja o que for.

— Ele acredita que está apaixonado por Lo. — O professor deu a volta à mesa e se recostou na parte da frente, com a edição econômica do livro enrolada em sua mão. — Mas ele também não ignora completamente o seu crime. Ele diz... — abriu o livro, lendo o trecho: — *‘Eu sabia que havia me apaixonado por Lolita para sempre; mas também sabia que ela não seria para sempre Lolita’.* — Ele olhou para a classe. — O que ele quis dizer com isso?

— Que ela se tornaria adulta — Kai respondeu. — E que não seria mais atraente sexualmente para ele, porque ele é pedófilo.

Sorri internamente. Kai era meio que meu Cavaleiro favorito, se tivesse que escolher um.

Townsend considerou os pensamentos de Kai, mas depois instigou outra estudante:

— Você concorda?

A garota deu de ombros.

— Acho que ele quis dizer que nós mudamos, e ela também mudaria. Não que ela vá crescer. O problema é que ela vai superá-lo, e ele está assustado.

O que, provavelmente, era o que Humbert queria dizer, mas eu gostava mais da análise de Kai.

O professor acenou com a cabeça e depois indicou outro aluno com o queixo:

— Michael?

Michael Crist ergueu a cabeça, parecendo perdido.

— O quê?

Damon deu uma risada zombeteira, e eu balancei a cabeça.

Townsend cobriu os olhos, parecendo impaciente, antes de responder à sua pergunta:

— O que você acha que ele quis dizer quando afirmou que ela não seria para sempre Lolita?

Michael permaneceu em silêncio por um momento. Cheguei a me perguntar se ele responderia.

— Ele ama a ideia de tê-la — ele disse a Townsend, soando determinado. — Quando ela finalmente desaparecesse, o sonho que ela representa ainda estaria lá, o assombrando. Foi isso que ele quis dizer.

Humm. Não foi uma avaliação totalmente ruim. E pensei que Kai seria o único deles que realmente teria lido o livro.

Townsend se virou e passou mais uma página, lendo:

— Ela disse: *‘Ele partiu meu coração. Você simplesmente destruiu a minha vida’*. O que ela está dizendo a ele?

Todos ficaram em silêncio.

O professor escaneou a sala, procurando uma reação de qualquer um de nós.

— Você simplesmente destruiu a minha vida — repetiu ele.

Senti a garganta pinicar, e abaixei a cabeça. *Você destruiu a minha vida*.

Um estudante suspirou de sua cadeira perto da porta.

— Ela cedeu para ele de bom grado — argumentou ele. — Sim, foi errado, mas isso é um problema hoje. As mulheres não podem simplesmente decidir que foram abusadas após o fato. Ela se envolveu sexualmente com ele por vontade própria.

— Menores de idade não podem consentir — Kai apontou.

— O quê? Então você, num passe de mágica, se torna emocional e mentalmente maduro quando faz dezoito anos? — perguntou Will, entrando, de repente, na conversa. — Como se acontecesse apenas da noite para o dia?

— Ela era uma criança, Will. — Kai se virou em seu lugar, debatendo com o amigo. — Na cabeça de Humbert, ele exige simpatia de nós, e a maioria dos leitores a dá, porque ele lhes diz para fazê-lo. Porque estamos dispostos a perdoar qualquer um, desde que ele seja atraente para nós.

Eu olhava para minha mesa, sem pestanejar.

— Ele não tem nada a ver com Lo — Kai continuou. — Ele tem um fraquinho por meninas pequenas. Não é um incidente isolado. Ela foi abusada.

— E ela o deixou, para ir se acasalar com um pornógrafo infantil, Kai — Will disparou. — Se ela estava sendo abusada, por que não teve o bom-senso de não se colocar de volta nessa situação?

Esfreguei a capa do livro com o polegar, ouvindo o som suave

ao roçar o acabamento brilhoso. Meu queixo tremia, meus olhos ardiam um pouco.

— Por que ela faria isso? — perguntou Will.

— É o que estou dizendo — outro estudante entrou na discussão.

As palavras estavam presas na ponta da língua, e eu queria dizer que eles estavam simplificando demais. Era fácil julgar uma garota de quem nada se sabia, ao invés de permitir que essa mesma tivesse alguma dignidade. Era mais conveniente não considerar que havia coisas que não sabíamos, assim como coisas que nunca iríamos entender, porque éramos superficiais, prepotentes e ignorantes.

Que você ficou, porque...

Porque...

— Abuso pode parecer amor.

Pestanejei ao ouvir a voz tão próxima aos meus ouvidos. Lentamente, levantei a cabeça e olhei para o perfil de Damon Torrance, a camisa amarrotada e a gravata enrolada no pescoço.

A turma inteira ficou em silêncio, e quando olhei para Will, ao meu lado, vi que seu cenho estava franzido enquanto encarava a nuca de seu amigo.

O Sr. Townsend se aproximou.

— Abuso pode parecer amor... — ele repetiu. — Por quê?

Damon ficou tão imóvel que não parecia sequer estar respirando.

Ele olhou para o professor, inabalável.

— Pessoas com fome comem qualquer coisa.

Mantive a calma enquanto suas palavras pairavam no ar, e por um segundo, senti um calor me aquecer por dentro. Talvez ele não fosse completamente desprovido de células cerebrais.

Sentindo que era alvo de atenção, virei a cabeça e flagrei Will encarando a minha perna. Olhei para baixo e percebi que meus dedos estavam agarrados à bainha da saia xadrez, e que os arranhões e parte da contusão agora eram visíveis na minha coxa. Com o coração acelerado, ajeitei o tecido no lugar.

— Avancem para o último capítulo, por favor — Townsend ordenou. — E peguem o formulário ao final.

Mas o hematoma latejou de dor e, de repente, não consegui mais respirar.

Você não sabe que pode ter o que quiser? Posso machucar qualquer um por você...

Meu queixo tremeu. Eu tinha que sair dali.

O abuso pode parecer amor...

Sacudi a cabeça, enfiei os materiais de volta na mochila, me levantei e a coloquei às costas, saindo em direção à porta da sala.

— Para onde você vai?

Virei a cabeça e respondi ao professor:

— Vou terminar o livro e responder o questionário na biblioteca.

Continuei andando e piscando com força para afastar as lágrimas que queriam saltar livres.

— Emory Scott! — o professor chamou.

— Ou você pode explicar ao meu irmão por que minhas notas no boletim serão uma merda — murmurei, andando de costas enquanto o encarava —, porque eles estão dominando noventa e oito por cento de todas as discussões nesta aula. — Gesticulei em direção aos Cavaleiros. — Envie uma mensagem informando se vai haver algum dever adicional.

Abri a porta, ouvindo os sussurros na sala de aula.

— Emory Scott! — o professor gritou outra vez.

Olhei por cima do ombro, vendo-o segurar um papel rosa.

— Você sabe o que fazer — repreendeu.

Voltei e peguei o documento de advertência de sua mão.

— Pelo menos vou conseguir fazer o trabalho — respondi.

Diretoria ou biblioteca, não fazia diferença.

Saindo da sala, não pude deixar de relancear um olhar para Will Grayson, vendo-o curvado sobre a mesa, com o queixo apoiado na mão e cobrindo um sorriso com os dedos.

Ele manteve o olhar focado ao meu até que eu saísse dali.



Seguindo pela calçada, não levantei a cabeça ao virar à esquerda e subir o resto do caminho até a minha casa. Pisquei por alguns instantes, em meus últimos passos, e percebi a brisa fresca que balançava as folhas das árvores. Eu amava esse som. O ruído do vento soprando. Dava a impressão de que algo estava prestes a acontecer, mas de uma maneira agradável, que eu gostava.

Abrindo os olhos, subi os degraus e olhei à direita, não vendo o carro do meu irmão na entrada da garagem. A ardência no meu estômago aliviou um pouco, os músculos relaxando de leve.

Eu tinha um pouco mais de tempo, pelo menos.

Que dia de merda. Deixei de almoçar e me escondi na biblioteca, e depois que as aulas acabaram, esforcei-me ao máximo durante o ensaio da banda, mesmo que não quisesse estar lá. No entanto, era melhor do que voltar para casa. O estômago doeu de fome, mas amenizou a dor em outras partes do corpo.

Olhei para a rua, seguindo pela avenida tranquila e decorada

com macieiras, carvalhos e castanheiras irrompendo com seus tons alaranjados, amarelos e vermelhos. As folhas dançavam no chão, enquanto o vento as sacudia livremente, e o cheiro da maresia e de alguma fogueira distante se infiltrou pelo meu nariz.

A maioria das crianças como eu foi transferida para Concord, para frequentar o ensino médio na escola pública de lá, pois a população de Thunder Bay era pequena demais para justificar dois colégios, mas meu irmão queria o melhor para mim, então a opção que me restou foi a Escola Preparatória de Thunder Bay.

Apesar de não sermos ricos, ele pagou uma parte e eu me esforcei nos estudos, daí recebi uma bolsa de estudos para cobrir o restante da mensalidade, até mesmo porque meu irmão era servidor público. A riqueza e o privilégio que muitos alunos matriculados possuíam, deveria indicar que a educação seria excelente. Não era assim que eu via as coisas. Eu ainda era péssima em Literatura, e a única aula que eu realmente gostava era estudo independente, porque eu podia ficar sozinha.

Por conta própria, acabei aprendendo muita coisa.

Eu não dava a mínima para o fato de não me encaixar ou de não sermos ricos. Tínhamos uma bela casa com uma arquitetura vitoriana, três andares – bem, quatro se contarmos o porão –, de tijolinhos vermelhos e acabamento em cinza. Era grande até demais e estava em nossa família há três gerações. Meus bisavós a construíram nos anos trinta, e minha avó morou aqui desde os sete anos de idade.

Abri a porta e tirei as botas na mesma hora, correndo pela escada assim que fechei a porta.

Ao passar pelo quarto do meu irmão, tirei a mochila e a larguei no chão do meu quarto antes de continuar seguindo pelo corredor, andando devagar só por precaução.

Parei à porta do quarto da minha avó, e me apoiei contra o batente. A enfermeira, Sra. Butler, olhou por cima de seu livro – outro thriller de guerra pela capa –, e sorriu, parando de se balançar.

Dei um sorriso contido e olhei para a cama.

— Como ela tem passado? — perguntei à enfermeira, enquanto ia em direção à minha avó.

A Sra. Butler se levantou da cadeira.

— Tem aguentado bem.

Olhei para baixo, vendo a barriga dela tremer um pouco e seus lábios se contraírem apenas um pouco a cada respiração. As rugas cobriam quase cada centímetro do rosto dela, mas eu sabia que se a tocasse, a pele seria mais macia do que a de um bebê. O cheiro de cerejas e amêndoas me dominou, e acariciei seu cabelo, cheirando o xampu que a Sra. Butler usou hoje para seu banho.

Vovó... A única pessoa que significava tudo para mim.

Por ela, eu ainda estava aqui.

Olhei para suas mãos e notei as unhas cor de vinho que a enfermeira deve ter pintado hoje quando não conseguiu convencer minha avó a usar um belo e suave lilás. Não pude conter o pequeno sorriso.

— Tive que colocá-la no oxigênio um pouco — a Sra. Butler acrescentou. — Mas agora ela está bem.

Acenei com a cabeça, observando-a dormir.

Meu irmão estava convencido de que ela partiria a qualquer hora agora, os momentos em que conseguia sair da cama cada vez menos frequentes.

Ela ainda estava por aqui, porém. Graças a Deus.

— Ela gosta dos discos — Butler me falou.

Olhei para a pilha de vinis, alguns enfiados de volta aleatoriamente nas suas capas, dispostos ao lado da velha vitrola. Eu tinha encontrado o lote inteiro em um leilão no fim de semana passado. Pensei que ela iria se divertir, já que era dos anos cinquenta.

Bem, ela não nasceu nos anos cinquenta. Ela era bem mais velha que isso, mas foi nessa época que ela viveu sua adolescência.

A Sra. Butler pegou sua bolsa e procurou pelas chaves de seu carro ali dentro.

— Você vai ficar bem?

Assenti, mas não olhei para ela.

Ela saiu, e fiquei um pouco mais com a vovó, me certificando de que eu tinha os comprimidos e a injeção dela prontos para mais tarde. Abri a janela alguns centímetros, deixando entrar um pouco de ar fresco, o que a Sra. Butler pediu que não fizéssemos, já que os alérgenos no ar poderiam agravar sua respiração.

A vovó disse: *Que se dane*. Essa era sua época favorita do ano, e ela adorava os sons e os cheiros. Eu não queria deixá-la triste apenas para continuar uma vida de miséria.

Conectando a câmera do quarto ao meu telefone, deixei só uma fresta da porta aberta, peguei minha bolsa no meu quarto e desci as escadas, colocando a água para ferver no fogão. Coloquei o telefone sobre a mesa da cozinha, de olho nela caso precisasse de mim, e arrumei meus livros, indo primeiro para a parte fácil.

Liguei o *laptop*, solicitando todos os livros que precisaria da biblioteca pública, alguns de Meridian que Thunder Bay não tinha, tudo para meu relatório de história, e redigi meu esboço. Terminei o teste online e as atividades de física, completei a leitura de espanhol, e depois fiz uma pausa para cortar e temperar legumes antes de começar literatura.

Literatura... Eu ainda não tinha elaborado as respostas e elas deveriam ser entregues amanhã.

Não é que eu não gostasse da aula, ou não gostasse de ler... Eu só não gostava de livros antigos. Terceira pessoa, parágrafos com um quilômetro de comprimento e algum acadêmico idiota tentando me forçar a acreditar que há um significado profundo na descrição exagerada do autor a respeito de um móvel para o qual não ligo a mínima. Tenho quase certeza de que o autor nem sabia o que estava tentando fazer em primeiro lugar, e que, provavelmente, estava apenas chapado com o láudano quando o escreveu.

Ou com um xarope calmante ou absinto ou o que quer que as crianças estivessem fazendo naqueles dias.

Eles empurravam esta merda pela nossa goela como se não houvesse mais histórias de qualidade sendo escritas, e isto era tudo o que havia para nós. Por acaso era em *A Casa das Sete Torres* que Caitlyn “Estilete”, que se sentava três cadeiras à frente, deveria encontrar relevância? Hum-hum.

É claro, Lolita não era tão velha assim. Era uma porcaria, e tenho quase certeza de que era uma porcaria em 1955 também. *Vou perguntar à minha avó.*

Molhei a massa, cozinhei os pimentões, as cebolas e a carne, misturando tudo junto antes de colocá-la no forno. Depois de fazer uma salada, ajustei o timer e peguei a folha de exercícios, lendo a primeira pergunta.

Mas depois as luzes piscaram, e disparei meu olhar, vendo pela janela um carro entrar na nossa garagem. Os faróis iluminavam as gotas de chuva, e dei um salto, fechando os livros, empilhando os papéis e enfiando tudo na mochila.

Meu estômago embrulhou.

Merda. Às vezes ele fazia um turno duplo ou precisava ficar para resolver um problema ou dois, e eu era abençoada com uma noite sem ele.

Não esta noite, pelo jeito.

Contraí as coxas, sentindo como se estivesse prestes a fazer xixi na calça, e joguei a mochila na sala de jantar onde nunca fazemos nossas refeições. Rapidamente, coloquei a mesa, e quando a porta da frente se abriu, girei e fingi afofar a salada.

— Emory! — Martin me chamou.

Não consegui impedir o nó no estômago, como fazia todos os dias, mas coloquei um sorriso brilhante no rosto e espreitei a cabeça através da porta aberta da cozinha, na direção do corredor.

— Oi! — gritei. — Está chovendo de novo?

Nesse momento, percebi que havia deixado a janela da minha avó aberta. Merda. Eu precisaria dar um jeito de correr e fechá-la antes que ela encharcasse o chão e desse a ele uma desculpa.

— Sim. — Ele suspirou. — Está na época, certo?

Dei um sorrisinho forçado. Gotas voavam por toda parte enquanto ele sacudia seu casaco, e eu o observava pendurando-o no cabideiro antes de vir para a cozinha, os sapatos molhados rangendo pelo chão de madeira.

Eu precisava tirar meus sapatos na porta. Ele, não.

Inclinei a cabeça para trás, endireitando a coluna e respirando fundo. Em seguida, peguei a salada e os garfos e fingi um sorriso.

— Estava pensando em dar uma corrida no vilarejo mais tarde — comentei, colocando a vasilha sobre a mesa.

Ele parou, afrouxando a gravata e me olhando de soslaio.

— Você? — perguntou com suspeita.

— Eu consigo correr — inventei, contradizendo-o. — Por alguns minutos.

Ele deu uma risada e foi até a geladeira, pegando o leite para se servir.

— O cheiro está bom. — Ele levou seu copo para a mesa e se sentou. — Terminou seus deveres de casa?

Seu distintivo prateado brilhava sob a luz das lâmpadas, o uniforme dando a impressão de que seu corpo era maior ainda.

Martin e eu nunca fomos íntimos. Oito anos mais velho que eu, ele já estava acostumado a ser filho único quando eu nasci, e quando nossos pais faleceram há cerca de cinco anos, ele teve que cuidar de tudo. Pelo menos ele ficou com a casa.

Pigarreei.

— Quase. Tenho algumas questões de literatura para dar mais uma olhada depois de lavar a louça.

Na verdade, nem sequer as tinha feito, mas eu sempre dava uma exagerada. Era quase um hábito agora.

— Como foi seu dia? — perguntei, tirando o macarrão do forno e colocando sobre a mesa.

— Foi bom. — Ele se serviu, enquanto eu servia a salada em nossos pratos, além de encher um copo de água para mim. — O departamento está funcionando tranquilamente, e eles fizeram uma oferta para que eu me mudasse para Meridian, mas eu...

— Gosta de tudo limpo e arrumado — brinquei —, e Thunder Bay é seu lugar.

— Você me conhece tão bem.

Dei um sorriso de leve, mas minha mão estava trêmula enquanto eu pegava um pouco de salada com o garfo. E ela não parava de tremer até ele sair para o trabalho pela manhã.

Ele se concentrou na sua refeição, e eu me obriguei a comer, o silêncio preenchendo e sobrepujando o gotejar constante nas janelas.

Se eu não falasse nada, ele encontraria algo a dizer, e eu não queria isso.

Meu joelho balançava para cima e para baixo debaixo da mesa.

— Você quer mais sal? — perguntei, açúcarando tanto a minha voz que eu quis vomitar.

Peguei o saleiro, mas ele me interrompeu.

— Não — ele disse. — Obrigado.

Abaixei a mão e continuei comendo.

— Como foi o seu dia? — ele perguntou.

Olhei para seus dedos enrolados em torno do garfo. Ele tinha parado de comer, sua atenção em mim.

Engoli em seco.

— Bom. Nós...hummm — Meu coração disparou, o sangue bombeando enlouquecido pelo meu corpo. — Tivemos uma discussão interessante na aula de literatura — comentei. — E meu relatório científico est...

— E o treino de natação?

Fiquei em silêncio. *Conte logo de uma vez e acabe com isso. Ele vai acabar descobrindo.*

Mas eu menti em vez disso.

— Foi bom.

Eu sempre tentava me esconder atrás de uma mentira primeiro. Se me dessem a escolha entre lutar ou fugir, eu fugia.

— Foi mesmo? — ele insistiu.

Encarei meu prato, o sorriso desaparecendo enquanto eu remexia a comida. Ele sabia.

Seus olhos quase cavaram um buraco na minha pele, sua voz como uma carícia.

— Me passe o sal? — ele pediu.

Fechei os olhos. A calma sinistra em seu tom de voz era como aquela sensação antes de uma tempestade. A maneira como o ar se tornava carregado de íons, as nuvens se abaixavam, e você podia sentir o cheiro dela vindo. Eu já conhecia os sinais a esta altura.

Peguei o saleiro e, lentamente, estendi na direção dele. Mas ao invés disso, esbarrei no copo de leite, que tombou e derramou por toda a mesa e começou a pingar no chão.

Olhei para ele na mesma hora. Ele retribuiu meu olhar, me encarando por um instante, e depois empurrou a mesa para longe.

Levantei-me de um susto, mas ele agarrou meu pulso, me obrigando a sentar outra vez na cadeira.

— Você não se levanta da mesa antes de mim — ele disse com a voz calma, apertando meu pulso com uma mão, e ajeitando o copo tombado, antes de pegar minha água e colocá-la na frente de seu prato.

Eu me encolhi, meus óculos deslizando pelo nariz enquanto eu cerrava o punho, o sangue coagulando por causa da circulação presa.

— Nunca saia desta mesa sem a minha permissão.

— Martin...

— A treinadora Dorn me ligou hoje. — Ele olhava para a frente, bebendo a água, devagar. — Disse que você saiu da equipe.

O punho desabotoado da camiseta branca do meu uniforme ocultava sua mão por baixo, mas eu tinha certeza de que os nós dos seus dedos estavam brancos. Comecei a torcer o pulso diante da dor, porém parei imediatamente, lembrando que isso só o enfureceria mais.

— Eu não disse que você poderia sair — ele continuou. — E então você mente sobre isso como uma idiota.

— Martin, por favor...

— Coma seu jantar, Em — ele disse.

Encarei-o por um momento, obrigando minha mente a entender, mais uma vez, que isso iria acontecer, por mais que eu tentasse impedi-lo.

Não havia como detê-lo.

Desviando o olhar para o meu prato, levantei o garfo com menos firmeza com a mão esquerda, e peguei alguns macarrões fusilli e o molho de carne.

— Você é destra, estúpida.

Parei, ainda sentindo seus dedos envolvendo firmemente aquele pulso.

Só demorou um instante, e então o senti guiar minha mão direita, me fazendo pegar o garfo. Eu o fiz, e lentamente, o levei até minha boca, sua mão ainda agarrando o pulso com brutalidade enquanto as pontas do garfo vinham em minha direção como uma espécie de arma que nunca cogitei temer.

Hesitei, e então... abri a boca, quase engasgando quando ele forçou o garfo a entrar fundo, quase chegando às amígdalas.

Pegando a comida e puxei o garfo para fora da boca, sentindo a resistência em seu braço enquanto abaixava a mão.

Enchemos o garfo para a segunda rodada, meus pulmões se contraindo.

— Qual é o seu problema, exatamente? — ele sussurrou. — Não consegue fazer nada corretamente. Nunca. Por quê?

Forcei-me a engolir bem a tempo de outra garfada ser enfiada à força. Ele sacudiu minha mão quando ela entrou na minha boca, e meu coração parou por um instante, um gemido escapando ante à ameaça das pontas me apunhalando.

— Pensei que entraria pela porta, e você me faria sentar e se explicaria, mas não... — Ele me olhou de relance. — Como de costume, você tenta esconder do mesmo jeito que fazia com os papéis de bala debaixo da cama quando você tinha dez anos, e a suspensão de três dias quando você tinha treze. — Suas palavras saíram ainda

mais baixas, mas quase estremeci com a forma como me feriam. — Você nunca me surpreende, não é mesmo? Há um jeito certo e um jeito errado de fazer as coisas, Emory. Por que você sempre faz as coisas da maneira errada?

Era uma espada de dois gumes. Ele fazia perguntas que queria que eu respondesse, mas o que quer que eu dissesse estaria errado. De qualquer forma, eu estava encrencada.

— Por que nunca faz nada como eu te ensinei? — ele insistiu. — Você é tão burra que não consegue aprender?

O garfo se movimentou mais rápido, pegando mais comida e levando até a minha boca, as pontas espetando meus lábios enquanto eu os abria bem a tempo. Minha boca se encheu de comida, não engolindo rápido o suficiente antes que mais uma porção fosse empurrada para dentro.

— Pais mortos — ele murmurou. — Uma avó que não morre. Uma irmã fracassada...

Soltando meu pulso, ele agarrou minha garganta e se levantou, arrastando-me com ele. Larguei o garfo, ouvindo-o bater contra o prato enquanto ele me empurrava contra a bancada.

Mastiguei a muito custo e engoli.

— Martin...

— O que fiz para merecer isto? — ele me interrompeu. — Todas essas âncoras me puxando para baixo? Sempre constantes. Sempre um peso...

A madeira pressionou minhas costas enquanto meu coração martelava no peito.

— Você quer ser medíocre para sempre? — ele rosnou, entredentes, encarando-me com os olhos verdes da minha mãe e o cabelo castanho escuro e brilhante do meu pai. — Você não sabe se vestir, não arruma o cabelo, não consegue fazer amigos e, pelo visto, não sabe fazer nada surpreendente que possa te abrir caminho em uma boa universidade.

— Eu consigo entrar em uma boa faculdade — murmurei rápido, antes que pudesse me impedir. — Não preciso nadar.

— Você precisa do que eu lhe digo que precisa! — ele, finalmente, gritou.

Olhei para o teto, por instinto, preocupada que minha avó pudesse nos ouvir.

— Eu te apoio. — Ele agarrou meu cabelo com uma mão e me deu um tapa no rosto com a outra.

Ofeguei, estremecendo.

— Eu vou às reuniões de professores. — Outro tapa fez minha cabeça virar para o lado, e eu cambaleei.

Não.

Mas ele me puxou de volta pelos cabelos.

— Ponho comida na mesa. — Outro tapa ardido, como uma picada de vespa, até que dei um grito, meus óculos voando para o chão.

— Pago pela enfermeira e pelo remédio dela. — Ele ergueu a mão novamente, e eu me encolhi, protegendo-me com meus próprios braços enquanto ele batia de novo e de novo. — E este é o agradecimento que recebo?

As lágrimas encheram meus olhos, mas assim que eu recuperava o fôlego, a mão dele descia novamente.

E de novo. E de novo. E de novo.

Pare. Eu queria berrar. Queria gritar.

Mas, em vez disso, cerrei os dentes.

Sibilei por causa da dor, me encolhi e estremei.

Mas não chorei. Não mais.

Não até depois que ele se afastasse.

Ele me agarrou pela garganta de novo, segurando com força, o tecido friccionando contra a minha pele.

— Você vai voltar — ele respirou no meu rosto —, vai pedir desculpas, e vai se juntar de novo à equipe.

Não consegui encontrar seu olhar.

— Não posso.

Ele me jogou contra a bancada novamente e se afastou, retirando o cinto.

Um nó se formou na minha garganta. Não.

— Como é que é? — ele perguntou. — O que você disse?

A raiva contorceu seu rosto, e sua pele fervia de ira, mas ele adorava isso. Ele reclamava da minha avó e de mim – dizia na minha cara o tempo todo sobre o fardo que eu era –, mas ele não queria que eu fosse embora de fato. Ele precisava disto.

— Não posso... — sussurrei, incapaz de dizer mais, porque minha voz estava trêmula.

Ele tirou o cinto, e eu sabia o que estava por vir. Não havia como impedi-lo, porque ele não queria parar.

— Você vai.

Fiquei ali, dividida entre querer chorar e querer fugir. Só tornaria a punição ainda melhor para ele se eu o fizesse se esforçar por isso. Ele que se dane.

— Não vou.

— Você vai!

— Não posso usar um traje de banho por causa dos hematomas! — deixei escapar.

Ele parou, o cinto pendurado na mão, e eu nem conseguia ouvi-lo respirar.

É isso aí.

Foi por isso que parei de nadar. Meu rosto não era a única coisa que tínhamos que nos preocupar de as pessoas verem. Minhas costas, braços, coxas... *As pessoas não são burras, Martin.*

Eu quase queria olhar para cima, para ver o que – se é que haveria alguma coisa – se passava no rosto dele. Preocupação, talvez? Culpa?

O que quer que ele sentisse, ele precisava saber que não dava para voltar com isso. Agora era real. Não importavam as desculpas, os presentes, os sorrisos ou abraços, eu nunca esqueceria o que ele fez comigo.

Então, por que parar agora, certo, Martin?

Avançando, ele agarrou meu pulso e grunhiu ao me jogar contra a mesa. Fechei os olhos com força quando me curvei, as palmas das mãos e a testa recostadas ao tampo.

E quando veio o primeiro golpe, lutei contra as lágrimas.

Mas não consegui impedir os gritos que vinham da minha garganta a cada golpe da correia. Uma e outra vez. Agora ele estava com raiva e sendo mais agressivo que o normal. Doía.

Mas ele não insistiria no problema de novo. Ele sabia que eu estava certa.

Eu não podia usar um traje de banho.

Depois que ele saiu, fiquei deitada ali por um momento, tremendo com a dor que percorria as minhas costas.

Deus, apenas faça parar.

Gemi enquanto me movia, grata por não ter chorado, e estiquei a mão, pegando meu celular e virando-o para conferir na tela se minha avó ainda dormia.

Lágrimas se derramaram pelos cantos dos meus olhos.

Ela estava cada vez menos lúcida, então estava ficando mais fácil esconder essa merda dela. *Graças a Deus.*

O chuveiro dele ligou lá em cima, e ele não desceria de novo por muito tempo. Amanhã, nós acordaríamos, passaríamos um pelo outro silenciosamente antes de ir para o trabalho e para a escola, e ele estaria em casa no início da tarde, sendo ele quem nos faria o jantar para variar. Ele seria gentil e tranquilo e depois daria início a algum assunto na mesa sobre a visita a uma faculdade na qual eu estivesse interessada, uma que ele, normalmente, não tinha intenção de ceder até o momento em que a viagem de fim de semana estivesse marcada. Talvez eu pudesse respirar por uma semana antes de saber que a inovação da nossa “maravilhosa relação de irmãos” iria passar, e ele estivesse preparado para mais uma recaída.

Como um viciado.

Como uma doença.

Mas agora, eu já não sabia. Esta semana tinha sido ruim. Tinha havido menos espaço para respirar entre agora e a última vez.

Em transe, encontrei meus óculos e lentamente limpei a bagunça que tínhamos feito, terminei de lavar a louça e guardei todas as sobras antes de apagar a luz e pegar minha mochila. Guardei o celular no bolso, mas ao virar para a escada e subir o primeiro degrau, parei.

Ela ainda estava dormindo. Talvez durante o resto da noite. Eu podia vê-la no meu celular de qualquer lugar.

Mas eu não deveria sair. Minhas costas doíam, meu cabelo estava uma bagunça, e eu ainda não havia tirado o uniforme.

Mas ao invés de subir para terminar meus deveres de casa, afastei-me, como se estivesse no piloto automático. Peguei os tênis, saí pela porta e corri, sem nem parar para calçá-los. A chuva ensopava meu cabelo, roupas e pernas, meus pés descalços chapinhavam pelas poças na calçada enquanto corria pela rua, virando a esquina, em direção ao vilarejo.

Eu não me importava de ter deixado a janela aberta. Ela adorava a chuva. *Deixe-a ouvir.*

Eu não me importava que minha mochila, livros e meus deveres de casa estivessem, provavelmente, encharcados a esta altura.

Virei mais uma vez e avistei o brilho da praça à frente, e só então parei de correr, finalmente capaz de respirar. Respirei fundo várias vezes, o ar frio nos pulmões e a chuva endurecendo as minhas roupas quase me fazendo sorrir.

A marquise do cinema brilhava à frente, e eu sabia antes mesmo de ler o letreiro que eles estavam passando uma maratona de filmes de monstros durante toda a noite. *Kong, Frankenstein, Formigas Assassinas, A Mosca...*

Durante o mês de outubro, o cinema só era fechado entre as oito da manhã e o meio-dia para limpeza e reabastecimento, para então exibir novos lançamentos e velhos favoritos nas outras vinte horas do dia em comemoração. Uma espécie de festival de horror com duração de um mês.

Correndo até a bilheteria, coloquei meus sapatos, agora ensopados com os cadarços desamarrados, e abri a mochila, tirando algumas notas de dinheiro.

— Apenas me dê o ingresso para a noite inteira — falei para a garota, passando-lhe uma nota de dez dólares amassada pelo buracoquinho.

Eu não ficaria aqui a noite toda, mas poderia ficar o tempo que quisesse, pelo menos.

Peguei meu ingresso, passei correndo pelo quiosque e subi a escada para a sala três. Com passos apressados, abri as portas, ficando

de olho ao meu redor caso meu irmão descobrisse que eu havia saído e tivesse me seguido, e então tirei a mochila do ombro ao passar pelas fileiras de assentos. Algum animal gritou na tela e, rapidamente, me sentei em uma poltrona, olhando ao redor para ter certeza de que estava segura.

Não só estava segura, mas também sozinha. Não havia ninguém aqui dentro, exceto eu.

Relaxe um pouco.

Era dia de semana e na manhã seguinte haveria aula. Fazia sentido que o lugar estivesse vazio. Mas era estranho que eles continuassem a passar o filme, mesmo que ninguém comprasse um ingresso sequer.

Coloquei a mochila no chão – grata que o conteúdo dentro ainda estivesse seco –, e peguei meu celular, verificando minha avó mais uma vez.

Ela ainda estava deitada em sua cama, no escuro, o monitor no quarto apitando constantemente e sem levantar suspeita. Às vezes, eu me preocupava em deixá-la sozinha com Martin, mas ele realmente não se importava em lidar com ela mais do que precisava.

Agarrei o celular com força e me recostei à poltrona, estremecendo com a dor por um instante esquecida, e vislumbrei Godzilla na tela.

Um pequeno sorriso curvou os cantos dos meus lábios.

Eu gosto do Godzilla.

E antes que percebesse, estava com uma pipoca e sentada ali encarando a tela, meu olhar fixo em cada imagem à medida que meu irmão desaparecia, assim como a escola, Will Grayson e a aula de literatura.

Porque o Godzilla era ótimo.

E *Lolita* fazia minha cabeça doer.

Capítulo 3

Emory

Dias atuais...

— Will? — Fiquei de quatro no chão, tocando o piso de pedra e sentindo a sujeira sob as mãos.

Para onde ele tinha me levado?

Pisquei na escuridão, tentando enxergar, mas estava um breu. Toquei meu rosto. Onde diabos estavam meus óculos?

Merda.

Eu conseguia enxergar razoavelmente sem eles ou as lentes de contato que, às vezes, usava, mas não com a escuridão tornando tudo ainda mais difícil. Levantei-me do chão, sentindo o terreno irregular sob as solas dos tênis.

Olhei em volta, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Não dava para ver nada ali. Nenhuma fresta de luz. Nenhuma lua. Nenhuma lâmpada. Nada.

Eu tinha lutado, me contorcido e debatido, e quando dei por mim, entramos por uma porta, descemos alguns lances de escada, demos uma volta, e, de repente, tudo ficou escuro.

Will, meu Deus. Já haviam se passado anos desde que ele saiu da prisão. Por que ele esperou até agora?

Inspirei o ar frio e o cheiro úmido de terra, enquanto eu dava uma volta.

Ele tinha mudado. Ele parecia exatamente o mesmo e completamente diferente ao mesmo tempo.

Seus olhos...

Será que ele ia deixar algo acontecer comigo?

— Eu te falei que não estava mentindo — alguém murmurou, e fiquei tensa.

Parecia a voz de Taylor Dinescu no cômodo, mas eu não conseguia ver nada nem ninguém.

— Eu sabia que você não estava — disse outro homem do meu outro lado. — As garotas têm um cheiro diferente. Ela estava por toda a casa quando entramos...

Dei a volta, de frente para a nova voz.

Mas depois outro falou à esquerda:

— Eu acho que devíamos deixá-la fugir — ele zombou. — Ela vai morrer lá fora de qualquer maneira.

Girei na sua direção, respirando fundo e estendendo as mãos. Onde eles estavam?

Onde diabos eles estavam?!

— Antes de nos conhecermos, Rory? — o outro que eu não conhecia perguntou. — Vamos lá. Estou entediado. Ela é bem-vinda para ficar, no que me diz respeito. Você não está entediado?

— Não — Rory respondeu em um tom ácido. — Gosto de como as coisas estão.

As risadas ecoaram pela sala, Taylor brincando:

— Você pode ter tudo o que precisa aqui, cara, mas eu, com certeza, não tenho.

— Onde estão os meus óculos? — gritei. — Acenda as malditas luzes!

— Pode deixar. — Aquele que não era Taylor, Rory, ou Will disse: — Aqui.

Um brilho repentino cintilou a alguns metros de mim, e pisquei várias vezes, ajustando-me à luz quando uma forma escura acendeu uma vela. Consegui enxergar as paredes de tijolos, e alguém que se postou à minha frente, estendendo alguma coisa.

Cambaleei para trás, sem fôlego, mas depois notei meus óculos em sua mão e os agarrei.

— Saia de perto de mim — resmunguei, recuando.

— Relaxe, querida — ele disse, a voz tranquila. — Ficamos com medo de que você os quebrasse. Não queremos que você deixe de ver isso.

Alguém soltou uma risada em algum lugar, e eu coloquei os óculos, balançando a cabeça de um lado ao outro, absorvendo tudo ao meu redor.

Havia tetos baixos de tábuas com goteiras umedecendo os tijolos das paredes, e barris de madeira estavam espalhados pelo cômodo, juntamente com prateleiras vazias e imensas de vinhos, mais altas do que eu,

preenchiam o restante do lugar. Uma escada levava para um conjunto de portas às minhas costas, e uma fornalha acesa gerava ruídos no canto. Nós estávamos em um porão. Essa casa poderia ter vários.

Olhei de relance para as portas.

— Micah — o cara que me deu os óculos se aproximou novamente, estendendo a mão — Moreau.

Afastei-me depressa, encarando sua mão e depois seu rosto.

Micah Moreau? Observei seu cabelo preto desgrehado cobrindo as orelhas e a nuca, olhos azuis penetrantes e uma covinha na bochecha esquerda quando sorria. Talvez uns vinte e poucos anos.

Moreau, Moreau...

— Da família de Stalinz Moreau? — perguntei, incapaz de recuperar o fôlego.

Aquele era o pai dele?

Ele apenas deu um sorriso forçado e encolheu os ombros.

Merda. Quão ruim tem que ser um garoto para que um criminoso não consiga sequer suportar seu próprio filho?

Ele indicou o loiro magricelo com a pele pálida e mais macia que a minha.

— Rory Geardon — indicou. — E você já conheceu Taylor.

Olhei para Taylor, que estava sentado em cima de uma pilha de engradados, atrás do Will, inclinando-se sobre seu ombro e sorrindo para mim.

Meus olhos encontraram os do Will. Ele se recostou às caixas, com as mãos enfiadas no bolso do casaco.

Havia uma porta ao lado, e eu disparei até lá. Ele se afastou das caixas e me segurou, e me debati contra o seu corpo, sentindo algo dentro do bolso de seu casaco.

Parei assim que me dei conta: meu estilete. O mesmo que estava comigo quando acordei. Apesar de nunca ter visto aquela lâmina antes, e nem fazia ideia de como foi parar no meu bolso, eu a queria de volta.

Enfie a mão dentro de seu casaco, puxei a lâmina e me afastei, desembainhando-a de novo enquanto olhava ao redor.

Os outros caras riram baixinho.

— Você me trouxe aqui? — gritei com Will.

Há quanto tempo ele estava aqui? Mas não esperei uma resposta e apenas gritei:

— Me deixe sair!

Inspirei fundo, sentindo meu sangue ferver por causa do espaço pequeno, a escuridão, e por não ter lugar para onde fugir. Sufoquei um soluço.

Eu sabia que não podia confiar nele. Eu disse isso a ele. Eu sabia disso.

— Eu te odeio — falei. Isso tudo tinha a ver com ele.

Taylor saltou das caixas e veio na minha direção, e quando avancei contra ele, alguém agarrou meu pulso por trás.

Virei-me de uma vez e empunhei a lâmina, vendo Micah cambalear para trás, sibilando.

O sangue escorreu do seu braço e eu me afastei, segurando o estilete e mantendo-o na minha frente.

— Caralho — Micah xingou.

— Eu falei para deixá-la morrer lá fora — Rory disse, nervoso, erguendo o braço ensanguentado do Micah.

— Me deixe sair daqui! — gritei de novo.

E então todos eles olharam para cima, encarando algo às minhas costas, e ficaram quietos.

Endireitei a postura. O quê?

Mas não tive tempo nem mesmo de pensar. Alguém agarrou

minha mão com a lâmina, apertando com força, enquanto com a outra agarrava meu pescoço.

Arfei e gritei ao deixar a faca cair no chão.

Ele me virou, ainda segurando meu pescoço, e inclinei a cabeça para trás, erguendo o olhar para ver um cabelo castanho-dourado, penteado para trás, e maçãs do rosto salientes emoldurando olhos cor de mel.

Jovem, porém, mais velho que os demais. Talvez da idade do Will.

Seus lábios se curvaram nos cantos, e meu coração retumbou com tanta força que chegava a doer enquanto eu observava os ombros largos, a barba por fazer, e a veia pulsante em seu pescoço.

— Pensei que garotas jovens fossem instaladas em outro lugar, longe dos homens — ele brincou, o olhar percorrendo meu corpo. — Eles estão tentando garantir que continuemos nos comportando mal?

Risadas ecoaram às minhas costas, e coloquei as mãos no peito dele, tentando afastá-lo, um ruído próximo no chão indicando que, provavelmente, alguém havia recolhido a lâmina.

Meu cabelo estava sobre o meu rosto, cobrindo meus óculos, e tudo em que eu podia pensar era como estava com sede.

Ele me soltou e recuei na mesma hora, tomando distância entre mim e cada um deles.

— Desculpe — ele disse. — Foi só uma brincadeira.

Ele passou por mim e parou onde Micah Moreau estava, levantando o braço do cara para avaliar o ferimento.

Encarei Will fixamente, mas ele apenas olhou para baixo, limpando distraidamente o sangue debaixo das unhas com minha faca, como se eu não estivesse aqui.

— Vai ficar bem. — Olhei de volta para o cara que falava com Micah, vendo-o levantar o braço dele de novo para impedir o fluxo de sangue. — Mantenha o corte limpo.

Quem era esse cara? Ele era...?

Era ele quem estava no “comando”?

Examinei suas roupas, vendo uma camisa branca de botão limpa e bem-passada enfiada em uma calça social preta com um cinto brilhante de couro. Ele usava sapatos de couro preto, e tudo se encaixava nele com perfeição, como se fosse feito sob medida, especialmente para ele.

Por mais que ele estivesse mais bem vestido que os outros, ele disse “nós”. *Eles estão tentando fazer com que continuemos nos comportando mal*, disse ele.

Ele era um prisioneiro também. E era o alfa sobre o qual Will comentou.

Micah acenou para ele antes de me olhar de cara feia, e o alfa

se voltou na minha direção.

— Peço desculpas por eles. — Colocou a mão sobre o peito, se aproximando. — De verdade.

No entanto, eu o empurrei antes que ele pudesse chegar mais perto, sua camisa branca passada agora manchada com a sujeira da minha mão.

— Saia de perto de mim. — E então olhei para Will. — Will! — berrei.

Ele apenas ficou parado ali, erguendo o olhar para encontrar o meu sem se importar nem um pouco.

— Will! — Caramba, pare com isso!

Que se dane. Corri para a escada, sacudindo as portas duplas para sair.

— Eu não tentaria isso — o alfa disse. — Está frio lá fora, imagino que não saiba caçar, e acredite quando digo que você pode caminhar um dia inteiro, em todas as direções, e não ver nada além das suas próprias pegadas quando finalmente desistir e arrastar seu traseiro congelado de volta para cá porque não tem outra opção.

Resmunguei, empurrando e chocando meu corpo contra as portas, mas tudo o que eu podia ouvir eram as correntes do outro lado, mantendo-as trancafiadas.

— Devolva para ela. — Eu o ouvi dizer às minhas costas.

Olhei por cima do ombro, vendo-o conversar com Rory, que agora segurava minha faca, virando-a nas suas mãos e a inspecionando.

Ele estreitou o olhar.

— Ela cortou o Micah — ele discutiu.

O alfa se aproximou dele, olhando bem nos seus olhos e não disse nem mais uma palavra. Rory franziu os lábios e deu a volta, jogando a faca para mim, agora embainhada.

Eu a agarrei e desci a escada, segurando a lâmina com firmeza.

— Eu sou Aydin — o alfa disse, me encarando. — Aydin Khadir. Ninguém vai te tocar de novo. Você tem a minha palavra.

— Sua palavra... — Quase ri. — Isso significa alguma coisa quando tudo o que sei sobre você é que foi desprezível o suficiente para me trancafiar aqui?

Ele sorriu e caminhou até uma pequena porta de aço na parede, abrindo-a. As chamas irromperam por dentro, e ele se aproximou, pegando um pouco de lenha e jogando dentro do forno.

— Talvez você me conheça — ele retrucou, pegando o atizador e revirando as tiras de lenha. — Minha família, provavelmente, é dona de uma das inúmeras fábricas de trabalho escravo no Vietnã onde sua blusa barata da Target foi feita.

Taylor riu, e eu retesei a coluna.

Vi Aydin desembrulhar um pedaço de carne do mesmo papel branco que vi aos montes dentro da geladeira lá em cima.

Pegando-a com os dedos, ele a colocou em uma bandeja de metal e a enfiou no forno à lenha. Estremeci enquanto as chamas a engoliam, o forno parecendo fundo o bastante para caber uma pessoa.

Fiquei tensa.

— Ninguém vai tocar você — ele disse, olhando fixamente para as chamas antes de se virar para mim. — Até que você queira que nós o façamos...

Risadinhas preencheram o cômodo, e lambi os lábios, irritada.

— Por que estou aqui? — exigi saber.

Mas ele apenas riu com sarcasmo.

— Não é? — caçoou. — Por que qualquer um de nós está aqui? Somos todos inocentes...

Rory e Micah riram, e dei um passo para frente, apertando a faca entre os dedos.

— Não sou uma prisioneira — falei a ele. — Não venho de uma família rica. Só me lembro de sair do meu escritório em São Francisco para almoçar e acordar aqui. Onde estamos?

Aydin apenas encarou fixamente as chamas, a luz dançando sobre seu rosto.

— Ela conhece o Will — Taylor disse.

Aydin olhou por cima do ombro para o Will.

— Ela é da família? Por favor, diga que não.

Will ficou parado mais para trás, enfiando as mãos no bolso de novo enquanto se recostava às caixas. O fogo refletiu no seu olhar enquanto ele me encarava.

— Will — supliquei.

Mas ele permaneceu quieto.

— Ele não parece te conhecer — Aydin provocou.

Balancei a cabeça.

— Deve haver alguma maneira de contatar a segurança ou as pessoas que administram este lugar ou...

Aydin puxou o bife que chiava na bandeja, e o colocou sobre a mesa de madeira, pegando uma faca e um garfo, cortando a carne.

— Temos uma cozinha, é claro, mas a carne é muito melhor quando a assamos aqui embaixo. — Ele me encarou, pedindo para eu me aproximar. — Você deve estar com fome. Não somos completamente incivilizados. Venha aqui.

Ele pegou um jarro e encheu um copo de água, minha boca secando ainda mais, vendo como parecia bom.

— Seu nome? — ele perguntou, empurrando o copo e bandeja na minha direção.

Fechei a boca, mas Will respondeu por mim:

— O nome dela é Emory Scott.

Olhei feio para Will. Um sorriso repuxou seus olhos.

— De Thunder Bay, também? — Aydin perguntou a ele.

E Will assentiu.

Taylor voltou para seu lugar, sentando-se nas caixas atrás dele e recostando-se sobre o ombro do Will de novo enquanto todos me observavam.

Cheguei um pouco mais perto do Will, furiosa demais para me importar agora.

— Sempre um seguidor — zombei. — Nunca o líder, e sempre agarrado a qualquer um que te ame.

Ele me encarava.

— Seus amigos seguiram em frente — comentei. — Estão comprando

Thunder Bay. Constituindo famílias. Provavelmente felizes por estarem livres do seu elo mais fraco. — Meu olhar o incendiava. — Até Damon parece feliz, a julgar pelas notícias que recebo de casa. Ele não vacila, já que está se saindo muito bem sem você...

Os músculos da sua mandíbula se contraíram, e dei um pequeno sorriso.

É, ele não gostou disso.

— Damon... — Aydin murmurou, olhando para Will. — Torrance?

Will permaneceu em silêncio.

— E Michael Crist e Kai Mori, certo? — Aydin continuou. — Eu teria inveja de você ter pessoas que se importam o bastante para enviar ajuda se não fosse uma mulher e com um ano de atraso.

Todos riram.

Ninguém me enviou. Alguém me sequestrou.

— Levou tempo suficiente — acrescentou Taylor. — E estivemos aqui o tempo todo, cuidando dele.

— Ele é nosso agora — Aydin falou para mim. — A companhia do neto do senador agora é de outro nível, minha querida. Não somos meros soldadinhos brincando de guerra.

— Não, vocês são prisioneiros brincando como se tivessem qualquer poder.

Ele balançou a cabeça uma vez, inabalável.

— Vamos revisitar este tópico novamente em outra ocasião. Agora, coma.

A comida estava ali, o cheiro impregnando o ar, e vi Micah olhando para ela mais de uma vez.

Aydin pegou seu bife, dando uma mordida. Onde estava a comida deles? Olhei para Will, mas ele ainda estava me encarando.

— Não vou ficar aqui por um mês — afirmei.

Aydin continuou comendo e pegou um copo d'água, bebendo-a de uma vez.

— As coisas acontecem rápido na natureza — ele disse, cortando outro pedaço. — Caçar, pescar, fazer caminhadas, afastados do jeito que estamos... um simples ferimento pode resultar em morte. — Ele ergueu o olhar para mim. — Um simples ferimento pode fazê-la sentir muita dor.

Ele mastigou a comida e depois empurrou o prato para longe, engolindo.

— Micah teve um ataque de ansiedade quando chegou pela primeira vez — ele explanou, olhando para o cara. — Lembra disso? Tivemos que deixá-lo aqui um dia inteiro, porque sua histeria estava nos deixando loucos.

Disparei o olhar para Micah, que encarava o chão agora. Eles o trancaram aqui dentro? Só porque ele teve um ataque de pânico? Ele poderia ter morrido.

Lancei um olhar suplicante a Will, mas ele não estava mais olhando para mim. Ele não estava mais olhando para nada, e agora encarava o chão, assim como Micah.

— Eu odiaria que isso acontecesse com você no momento errado — Aydin disse, ao se aproximar. — Quando o pessoal aparecesse de novo, você poderia estar aqui embaixo, nos túneis, passando despercebida, até que eles voltassem no mês seguinte.

Meu coração quase parou, e embora não fizesse ideia do motivo pelo qual os outros estavam trancados aqui, tive uma teoria muito boa sobre o que o tornava uma ameaça tão grande.

Ele se aproximou de mim, e agora os caras atrás dele já não riam tanto.

— Você vai ficar conosco — Aydin sussurrou. — Cuidaremos de você até que eles cheguem.

Eu o encarei, os olhos cor de mel aguçando com a ameaça.

— Quero falar com Will a sós — comentei, tentando manter o tom calmo.

Aydin olhou para Will.

— Existe algo que só você pode ouvir e nós não?

O olhar do Will alternou entre mim e ele, hesitando por um instante antes de responder:

— Não.

Aydin se virou, sorrindo, e eu soube.

Eu simplesmente soube...

Eu não poderia ficar aqui. Havia uma cidade próxima. Se tivesse que caminhar por três dias até que meu corpo quase cedesse por causa da desidratação, eu a encontraria.

Lentamente, dei a volta em Aydin, recuando e mantendo o

olhar fixo aos garotos enquanto caminhava em direção à porta.

— Você quer se divertir um pouco? — perguntei ao Taylor. — Então, cinco minutos de vantagem.

Ele deu um amplo sorriso, encarando Aydin, e depois se virou para mim.

— Dois — ele balbuciou.

Ele se levantou das caixas, Will, Rory e Micah virando-se para me encarar enquanto Aydin permaneceu lá atrás, esperando.

E então...

Lancei-me para a porta, escancarando-a e correndo, subindo a velha escada de pedra e atravessando a porta no topo.

Eles urraram atrás de mim, acendendo uma fogueira sob meus pés, e eu virei sem saber onde ficava a porta da frente da casa, mas vi a cozinha e corri para ela.

Dando a volta na grande bancada central, disparei para a porta dos fundos e a atravessei. Caí de joelhos no gramado e rolei pelo pequeno aclave úmido, escuridão pairando por toda parte.

Gelo pareceu se infiltrar sob a minha pele.

Ele estava certo. Estava frio.

Consegui me levantar e disparei. Corri e corri, sem arriscar olhar para trás enquanto me dirigia para as inúmeras árvores à frente.

Ofegante, olhei à esquerda e avistei uma cachoeira gigantesca jorrando sobre um penhasco. Desacelerei, arregalando os olhos ao perceber que as varandas da casa a ocultaram, mesmo daquela altura.

Meu Deus. Continuei correndo, sem acreditar no que estava vendo. Onde diabos eu estava?

A cachoeira desembocava em um desfiladeiro que eu não conseguia ver, mas apenas balancei a cabeça e acelerei até sentir o corpo exausto. Adentrando na floresta escura, disparei através do mato. Queria não estar vestindo uma camiseta branca.

Andei ao redor das árvores, decidindo ficar perto da margem da floresta, onde a terra se delimitava. Havia uma boa chance de existir um rio abaixo que levava a água da cachoeira, e onde havia água, havia cidades.

Tropeçando sobre as rochas enquanto galhos chicoteavam meus braços, mal me dei ao trabalho de olhar para frente enquanto ajustava os óculos, a faca ainda na minha mão enquanto eu ofegava.

Estava um frio do caralho. Onde nós estávamos? Era apenas meados de outubro, havia uma cachoeira no quintal deles e árvores que não pertenciam a nenhum lugar onde eu já havia morado.

Canadá? Havia cicutas, abetos, pinheiros brancos... Estas árvores eram mais comuns no nordeste da América do Norte.

Eu tinha feito parte de uma equipe de arquitetura logo depois da faculdade que renovou uma velha casa em St. John. O proprietário

era irredutível quanto à reintrodução da flora nativa na propriedade.

Deus, como cheguei aqui?

Gritos ecoaram atrás de mim, atravessando o ar, e choraminguei. Eles estavam chegando.

Adentrei ainda mais, suor escorrendo pelas minhas costas apesar do frio, enquanto seus gritos chegavam cada vez mais perto, e eu quase conseguia sentir as mãos deles em mim enquanto corria. Joguei-me no chão, correndo para trás de um arbusto para me esconder.

Eu não conseguia acalmar meu ritmo respiratório, meu coração quase saindo pela boca. Eu não ia conseguir correr mais do que eles.

Eu me esconderia até que desistissem, e então fugiria.

Escutei o farfalhar de folhas e o som de passos. Não consegui vê-los pelo arbusto, mas podia ouvi-los.

Eles correram, seus passos se distanciando e continuei congelada no lugar.

— Em-ory! — eles chamaram, mas suas vozes não estavam mais tão próximas.

Sorri.

— Eeeeemooooory! — eles entoaram.

E ainda assim, suas vozes se afastavam cada vez mais.

Lentamente, enfiei a faca no bolso, me endireitei e levantei apenas o suficiente para olhar por cima do arbusto, só para conferir a localização deles.

Não vi ninguém. *É isso aí.*

Eu me esconderia aqui – ou em outro lugar se precisasse – e fugiria quando não estivessem por perto. O terreno era enorme. Eles não conseguiriam cobrir o perímetro inteiro.

Eu sairia daqui – faça chuva ou faça sol.

Agachei-me de novo para me manter escondida, mas depois vi Micah correndo na minha direção.

— Buu! — ele berrou.

Gritei e perdi o equilíbrio, agitando os braços e caindo para trás. Rolei pela pequena ladeira e agarrei o chão a fim de impedir a minha queda, mas continuei escorregando.

Merda!

Gritei, minhas pernas pendendo sobre a borda de alguma coisa e tombei sobre a beira do penhasco, uma mão agarrando meu pulso bem a tempo.

Chutei e olhei para baixo, vendo o rio bem abaixo enquanto balançava a outra mão, procurando quem quer que tivesse me segurado.

— Rory! — Micah gritou, caindo no chão enquanto me agarrava. — Taylor!

Choraminguei, sentindo-nos escorregar. Ele acabaria despencando comigo. Ele não conseguiria aguentar.

Outro corpo se jogou ao seu lado, e Rory agarrou meu outro braço.

Fiquei pendurada lá enquanto eles me seguravam, sabendo que poderiam me soltar a qualquer instante, e não tinha mais tanta certeza se preferiria arriscar morrer de fome ou morrer pela exposição na floresta. *Não me soltem.*

Taylor, Will e Aydin desceram pela colina atrás deles e ficaram de pé sobre nós três. Aydin parecia tão calmo quanto estava dentro de casa, como se não tivesse que se esforçar para vir aqui atrás de mim.

Ele ergueu a cabeça, me observando pendurada ali.

— Coloquem ela no meu quarto — ele disse aos outros.

Capítulo 4

Emory

Nove anos atrás...

— O que você fez ontem na aula de literatura?

Ele Burkhardt vestiu sua calça do uniforme, olhando para mim enquanto eu tirava minha gravata e começava a desabotoar a camisa.

Minha camiseta branca de manga comprida por baixo permaneceu no lugar enquanto eu tirava o casaco da banda do cabide pendurado por fora do meu armário.

O vestiário das meninas estava lotado, líderes de torcida, a banda e a equipe de hóquei de campo, todas disputando um espaço, ou tentando sair para ir à quadra ou para casa.

— Terminei de ler *Lolita* — murmurei para ela.

— Você entendeu o que quero dizer.

Eu a encarei.

Eu tinha faltado a aula de literatura esta manhã, sem duvidar que haveria outro confronto com meu irmão esta noite quando ele descobrisse, mas simplesmente não consegui enfrentar Will e seu bando alegrinho de idiotas depois do meu surto de ontem.

Eu tinha me escondido na biblioteca, ao invés disso.

— Deixe que eles façam o pior enquanto podem — falei, vestindo o casaco, o tecido pesado pousando nas minhas costas cuja pele estava em chamas. — A vida irá derrubá-los um hora ou outra, como faz com todos nós.

Não era que eu tivesse medo dos Cavaleiros e das repercussões de gritar com eles na aula de ontem. Eu apenas sabia que outro surto vindo da minha parte não poderia acontecer de novo, então em vez de dar-lhes a satisfação de me verem calada e sentada ali, simplesmente não dei as caras na aula.

Puxando todo o meu cabelo, fiz um rabo de cavalo baixo e peguei os óculos no banco, colocando-os de volta. O cartaz do outro lado do vestiário ficou mais nítido.

VOTEM NA ARI!
RAINHA DO BAILE

Baile. Gemi. Com certeza, prender meu mamilo na porta de um carro seria menos doloroso.

Ou entrar em uma academia.

Ou ler *A Redoma de Vidro* enquanto bato a cabeça na parede.

Ele abriu seu armário e pegou o desodorante, passando-o.

— Você vai para o *Sticks* hoje à noite, certo?

Tirando meu tênis, peguei a calça recém-passada do cabide e a vesti antes de abrir o zíper da saia e soltá-la no chão.

— O que você acha?

— Estudiosa demais para ser descolada?

Assenti, vestindo a calça e abotoando-a. A garota me conhecia.

Inclinando-me, ergui o queixo para ela e abri a porta do seu armário, gesticulando para o adesivo de carro de um Troiano[21] que ela tinha colado por dentro.

— Alguns de nós não têm pais que podem ligar para o escritório de admissões da USC a qualquer momento.

Abotoamos nossos casacos azul-marinho e branco, mas pude sentir seu olhar em mim enquanto ela trançava o cabelo loiro e eu calçava meus sapatos pretos.

— Você pode relaxar de vez em quando. — Sua voz era calma, mas firme. — O restante de nós não é inferior porque gostamos de nos divertir, sabia?

— Acho que depende da sua ideia de diversão.

Sentei-me e comecei a amarrar os cadarços, mas depois a vi parar, e eu fiz o mesmo, me dando conta de como as minhas palavras soaram. Então eu a encarei, arrependida.

— Desculpe — murmurei. — Eu não quis dizer isso.

Merda, fui grosseira. Por que fui tão horrível? Elle e eu não éramos amigas, mas éramos amigáveis. Ela tentava, por mais arredia que eu fosse.

— E eu me divirto — brinquei. — Quem disse que eu não me divirto?

Ela continuou trançando o cabelo.

— Acho que depende da sua ideia de diversão — ela rebateu.

Ri, grata por ela estar brincando de volta. Eu sabia como eu era. Crítica, grosseira e intolerante, mas eu também sabia o motivo.

Eu estava com inveja.

Pessoas felizes não machucavam os outros, e por mais que eu não tenha reprimido meu temperamento e a forma como me comportei na aula de literatura ontem com Will e seus amigos, pessoas como Elle não mereciam receber o mesmo tratamento.

Eu só queria que alguém me entendesse.

— Já viu um comercial da Lamborghini na TV? — perguntei, encarando-a de novo.

Ela negou com a cabeça.

— Eles não existem — falei. — Porque as pessoas que podem pagar uma Lamborghini não estão sentadas assistindo televisão.

— Então, você quer uma Lamborghini um dia, e é por isso que você trabalha tanto e não se diverte?

— Não. — Ri, pegando meu uniforme escolar espalhado pelo chão. — Meu próprio jato particular me tirará desta cidade bem mais rápido do que um carro. Vou me despedir e deixar tudo desaparecer no meu rastro.

A equipe de torcida disparou pelo nosso corredor, todas se dirigindo ao ginásio. O time de futebol estava na semana de folga, mas o time de basquete tinha um jogo de exibição contra o de *Falcon's Well*.

— Tentarei não levar esse comentário para o lado pessoal — Elle respondeu.

Sorri para ela, esperando que não o fizesse mesmo. Eu queria ir o mais longe possível desta cidade por várias razões, e uma vez que eu sáísse, apenas uma coisa me traria de volta.

— Não há nada que você ame em Thunder Bay? — ela perguntou.

Abaixei o olhar por um instante e depois a encarei.

— Por que você acha que ainda estou aqui?

E então abri meu armário e mostrei o interior da minha porta, mas em vez do meu próprio adesivo de um troiano, ou qualquer adesivo, era uma única foto, três por cinco, da minha avó comigo no piquenique do meu aniversário de onze anos no parque.

Eu vestia uma blusinha azul que era mais escura do que a habitual cor de oliva que usei por todo aquele verão, minhas bochechas rosadas de tanto sorrir e de não ter nenhuma preocupação além do que iria fazer para me divertir no dia seguinte, e não importava o tamanho dos óculos que eu usava, eles sempre pareciam grandes demais para meu rosto. Eu era *nerd* e feliz, e lembrar que aquela mulher na foto não se parecia em nada com a mulher que estava deitada na cama agora, fez minha garganta apertar por causa das lágrimas.

Mas encarei Elle e dei um pequeno sorriso, minha avó era a única coisa para a qual eu voltaria à cidade.

Na verdade, a ideia de partir para a faculdade e deixá-la, caso ainda estivesse viva até então, era quase insuportável.

Esfreguei os olhos por baixo dos óculos e depois enfiei meu uniforme no armário. Quando levantei a cabeça, notei uma coisa ali dentro.

O que era aquilo? Estreitei o olhar, estendendo a mão e tirando o bichinho de pelúcia da prateleira superior.

Parei, confusa. Como isso foi parar ali?

Olhei ao redor procurando por alguém que estivesse me observando e encontrei o olhar de Elle, que me encarava.

— Você colocou isso aqui?

Ela olhou para a pelúcia e depois para mim, balançando a

cabeça.

— Não. Nem sei o que é isso. Um dragão de Komodo?

Analisei o brinquedo de pelúcia cinza, observando as garras, os dentes, a cauda, as escamas pelas costas, a careta raivosa no rosto...

— É o Godzilla — murmurei e depois ri.

Quem colocou isso aqui?

E então meu semblante mudou. Eu assisti ao Godzilla ontem à noite. Pensei que estava sozinha no cinema. Será que alguém me viu?

Foi coincidência, não foi?

— O que é isso? — Elle pegou o papel e a barrinha de granola que estava junto, então leu o bilhete: — O pôr-do-sol é às 6h38.

Disparei o olhar para ela.

Ela deu de ombros.

— É de alguém que sabe que é o *Yom Kippur* — falou.

Em uma cidade como esta, todos sabiam quem eram as crianças judias.

E as crianças negras. E as crianças pobres.

Éramos uma minoria em Thunder Bay, por isso nos destacávamos.

Qualquer um poderia ter mandado isto, e me senti tentada a ficar com a barrinha. Eu não tinha verificado a hora do pôr-do-sol para saber quando poderia comer, e tinha me esquecido de trazer algo para depois do jogo. Eu estava com fome.

Mas então, vi uma tirinha preta de cartolina amarrada na cauda do Godzilla e arranquei-a da fita.

CONVITE
EMORY SCOTT
L-348

Minha mão tremia ao lê-lo uma e outra vez, reconhecendo o papel preto com a borda prateada ornamentada e o número de série que identificava cada ingresso vendido. Era um evento anual.

Era...

— É sério? — Elle sussurrou, empolgada, arrancando o ingresso da minha mão e encarando-o. — Um convite de um veterano?

Abri a boca para falar, mas nenhuma palavra saiu. A festa do pijama dos formandos era realizada todo mês de outubro, e era hoje à noite. Depois do jogo de basquete. Os que não eram veteranos só podiam comparecer se conseguissem um convite da turma de formandos e, mesmo assim, os veteranos só podiam convidar uma pessoa cada um.

Um veterano usou seu único passe para me convidar?

Só podia ser um engano.

— Fique com isso — falei para ela.

De jeito nenhum eu iria. Isso era uma armadilha em potencial.

Ela segurou por um instante e depois suspirou, me entregando de volta.

— Por mais tentador que seja, você precisa disso mais do que eu.

Amassei o papel, prestes a jogá-lo dentro do meu armário, mas Elle arrancou-o da minha mão e enfiou dentro do meu casaco, colocando-o entre dois botões.

— Alinhem-se! — nossa diretora gritou.

Mas eu estava afastando a mão da Elle.

— Pare com isso, caramba — resmunguei, entredentes. — Eu não vou.

— Caso você mude de ideia — ela cantarolou. Mas depois abaixou a voz em um sussurro: — Quero dizer, o que há para se preocupar? Não é como se você estivesse realmente trancafiada com eles.

Eles. Ela se referia aos veteranos.

Mas quando ela disse isso, apenas quatro vieram à mente.

Olhei para ela de relance, jogando o Godzilla no meu armário, e peguei minha flauta.



— Ele é tão fofo! — Elle disse, mas saiu como um pequeno grunhido como se ele fosse um bebê e delicioso o bastante para comer.

Ri baixinho. Eu não tinha certeza de qual deles ela estava falando, mas dava para adivinhar.

Will Grayson correu pela quadra, driblou com a bola e a passou para o pivô antes de correr para a frente novamente, pegando e arremessando direto para a cesta.

Ela escorregou pela rede, o placar acrescentando dois pontos e a multidão comemorou. Michael Crist o cumprimentou e disparou pela quadra, ultrapassando o outro time e roubando a bola mais uma vez, passando-a para Kai.

— Uhuuu!! — todos gritaram ao meu redor.

Sequei o suor da testa, vendo Will levantar a camisa e usá-la para fazer o mesmo.

Não pude evitar que meu olhar vagasse para o abdômen sarado, a bermuda fazendo sua pele parecer mais dourada com os músculos fortes e visíveis daqui.

O calor tomou conta do meu rosto de novo, e desviei o olhar. O azul-marinho combinava e muito com ele.

Tentei me distrair como fazia nos jogos de futebol, mas mesmo

quando não estava olhando para a quadra, eu acabava sendo atraída. Will Grayson era o melhor arremessador que já tivemos, melhor do que Crist que já estava em negociações para uma bolsa de estudos esportiva que ele nem ao menos precisava para a faculdade no ano que vem.

Por que Will não estava concorrendo por uma? Quão sortudo deve ser ter um talento como esse para entrar numa universidade, mas, novamente, ele não precisava de ajuda para abrir as portas, não é mesmo? Ele era provavelmente um legado em algum lugar, com seu futuro já planejado.

O apito final soou e verifiquei o placar, assegurando-me do que eu já sabia. Nós ganhamos. Por muitos pontos.

Pena que não foi um jogo de verdade. Apenas um pequeno espetáculo antes do início da temporada regular, em novembro.

Hesitante, ergui o olhar de novo, encontrando-o na quadra. Ele conversava com Damon Torrance enquanto limpava o suor do rosto, o cabelo molhado na nuca mais escuro do que em cima.

Então...ele olhou por cima do ombro e nossos olhares se encontraram.

Um sorriso se espalhou pelo rosto dele, como se soubesse que eu o havia observado o tempo todo, e na mesma hora abaixei o rosto, sentindo o rosto esquentar de embaraço.

Argh...

Que babaca.

Todos desceram das arquibancadas, a multidão se dispersou, e quando conferi o relógio vi que já passava um pouco das sete. A dor no estômago por causa da fome já havia cessado, mas minha boca ansiava por aquela barrinha de granola que agora eu podia comer.

No entanto, eu não era burra o bastante para comer alguma coisa que nem sabia de onde tinha vindo. Eu só esperava que Martin me deixasse em paz para que pudesse arranjar algo para comer antes de ele ir à cidade.

— Scott! — alguém me chamou.

Levantei a cabeça e deparei com a Sra. Baum, a diretora. Passei por entre a multidão de estudantes e fui até ela.

Ela se inclinou para dizer, baixinho:

— Troque de roupa e guarde seu instrumento, e depois volte correndo para o ginásio para ajudar a limpar a bagunça antes da festa a portas fechadas dos veteranos.

— Sim, senhora.

Fiquei grata por ela não ter gritado isso do outro lado. Ninguém precisava me lembrar que eu era uma garota que estudava e trabalhava.

A caminho do vestiário, passei por Elle, que conversava com

outros dois integrantes da nossa banda.

— Divirta-se hoje à noite — eu disse.

Ela sorriu.

— Melhor se apressar e sair a tempo antes que fechem as portas.

E então balançou as sobrelanceias.

— Eles não trancam realmente as portas — retruquei. — Há risco de incêndio.

Ela me mostrou a língua, de brincadeira, e eu retribuí o sorriso antes de me dirigir ao vestiário.

Depois de trocar de roupa, pendurei o uniforme da banda, guardei o instrumento no armário e estava prestes a fechar a porta quando vi a barrinha de granola.

Mordi o lábio inferior e a arranquei da fita vermelha ao redor do pé do Godzilla, verificando se havia alguma coisa suspeita na embalagem, como eu costumava fazer com os doces de Halloween.

Parecia seguro.

Meu estômago estava vazio e, de repente, senti a fome incomodar outra vez. Enfiei a barrinha no bolso do casaco preto. *Vou jogar fora no ginásio.*

Fechando a porta do armário, comecei a me afastar, mas quando olhei para baixo vi o ingresso amassado no chão.

Sem parar para pensar, eu me agachei e o peguei, analisando com atenção. *Deve ter caído do meu uniforme.*

Por um momento, fiquei tentada. Eu queria ser aquela garota. Aquela que ia para festas particulares com garotos bonitinhos, música e amigos que valiam a pena.

O desejo me percorreu e, pouco depois desapareceu, então decidi enfiar o papel no bolso do agasalho, junto com a barrinha de cereal. *Vou jogar os dois fora.* Definitivamente, antes que Martin os visse.

Corri de volta para o ginásio.

— Okay, um! — Bentley Foster gritou. — Dois... três!

Uma hora depois, o ginásio estava limpo de copos de refrigerante e embalagens de pipoca, as arquibancadas organizadas, os aros erguidos e os pisos rapidamente varridos. Dois de nós pegamos cada um as extremidades de vários tapetes, e contando até três, os abrimos e espalhamos tudo pelo piso de madeira da quadra de basquete, para que os sacos de dormir e cobertores não tivessem que ficar em contato com o chão duro.

Em pouco tempo, tudo estava coberto com tapetes azuis de luta livre, e meu estômago roncou com o cheiro de hambúrgueres e *nachos* vindo da cozinha.

Verifiquei o relógio na parede. Passava das oito.

Olhando para o lado, encarei a diretora.

— Pronto? — perguntei a ela.

— Você vai embora a pé?

Assenti.

— Então vá em frente — disse ela. — Tenha um bom fim de semana. Tome cuidado.

— Obrigada. — Afastei-me enquanto eles levavam as caixas térmicas cheias de refrigerantes e sucos para fora. — Você também.

Estava correndo em direção à porta do vestiário para pegar meu uniforme e a mochila quando a ouvi gritar para alguém:

— Abra as portas!

Os estudantes sem dúvida se reuniram do lado de fora; muito provavelmente, eles devem ter saído de casa de manhã, já com as malas e sacos de dormir dentro dos carros, e depois do jogo foram comer alguma coisa para que voltassem rapidamente para a festa de pijama exclusiva.

Estava entrando pela porta do vestiário, com a multidão já passando pelas portas principais quando a diretora, mais uma vez, me chamou:

— Scott!

Parei e dei meia-volta. Ela ainda estava no mesmo lugar, murmurando em um *walkie-talkie* e depois voltando sua atenção para mim.

— A treinadora Dorn está na sala dela — disse. — Ela quer te ver antes de você ir embora.

Hesitei por um instante e suspirei.

— Está bem — retruquei e me virei, finalmente abrindo a porta com um empurrão.

Eu precisava sair daqui. Estava escuro, eu estava morrendo de fome, e eles não trancavam realmente as portas durante uma festa exclusiva, certo? Quer dizer, eu tinha quase certeza de que isso era ilegal, mas agora a dúvida circulava na minha cabeça.

Passsei pelo meu armário e saí do vestiário, começando a atravessar o corredor em meio aos alunos que tentavam entrar no ginásio. Virei à esquerda e subi correndo a escada mal iluminada, os passos e as conversas desvanecendo à medida que eu me afastava dali.

A Sra. Dorn não era apenas a treinadora de natação, mas também dava aula de biologia no terceiro andar. Mas eu cursei biologia há dois anos. O que ela queria comigo?

Era por eu ter parado de nadar?

O medo gelou meu sangue. Ela sabia que havia alguma coisa errada com a minha desistência. Deu para ver isso no rosto dela.

Chegando ao último andar, percebi que tudo estava silencioso e escuro. Não havia nenhuma luz acesa, exceto pela ilumina o dos

postes do lado de fora, e pequenas gotas de chuva salpicavam as janelas voltadas para o pátio abaixo.

Ótimo. Agora eu ia ficar encharcada na volta para casa.

A porta do corredor se fechou às minhas costas e, de repente, já não era possível ouvir o burburinho da festa do ginásio.

— Treinadora? — chamei, seguindo até a sua sala.

Parei à porta e espiei lá dentro. Cadeiras estavam de cabeça para baixo em cima das longas mesas pretas, e quando olhei para a mesa da professora, avistei seu computador desligado, a cadeira no lugar, e a sala em um breu total.

— Treinadora? — falei mais alto dessa vez. — É Emory Scott.

Voltando para o corredor, eu me virei, olhando em volta.

— Olá?

Mas não houve resposta. Atravessei o corredor, conferindo todas as salas de aula, tudo escuro e sem uma alma viva. Todo mundo já devia estar em casa ou lá embaixo, no primeiro andar.

Dei uma volta e mais outra, subindo para a sala dos professores e encontrei a porta entreaberta.

Espreitando, abri-a apenas um pouquinho mais.

— Olá? — falei. — Treinadora, você está aqui?

Senti um arrepio deslizar pelo meu corpo inteiro, porque tudo o que eu podia ver era a escuridão.

Mas que diabos?

Então, de repente, uma sombra se moveu pela parede, e eu perdi o fôlego, engolindo em seco.

— T-treinadora? — gaguejei.

A chuva açoitava as janelas às minhas costas, e eu sabia que alguém estava na sala.

Quase abri a porta, mas quem quer que estivesse lá dentro, me ouviu. E não estava respondendo.

Que se dane. Eu tentei. Ela podia falar comigo na segunda-feira.

Disparei para o final do corredor e pressionei meu corpo contra a porta que levava à outra escadaria. Mas ela não se moveu. Agarrei a barra e empurrei novamente, sacudindo a maldita porta, mas sem conseguir resultado nenhum.

— Não, não, não... — Empurrei novamente e depois tentei a outra, chutando-a e resmungando. — Eles não trancam as portas de verdade — zombei de mim mesma.

Merda!

Passei correndo pela sala dos professores – e de quem quer estivesse lá dentro –, e decidi voltar por onde entrei. Quando cheguei ao laboratório, tentei abrir as portas, mas estavam trancadas. Sacudi as maçanetas, puxando e empurrando, mas elas não abriam de jeito nenhum. Maldição! Eles trancaram automaticamente essa porra assim

que passei ou...

Balancei a cabeça, não querendo pensar na outra opção.

Enfie as mãos dentro do bolso do casaco, mas quando tirei os itens de dentro, tudo o que tinha era a barrinha de cereais e o ingresso de entrada.

— Onde deixei meu celular?

Respirei fundo, os fios do meu cabelo fazendo cócegas no nariz, e vasculhei meu cérebro para me lembrar. Meu armário. Eu tinha deixado meu celular na mochila dentro do armário.

De toda forma, eu não poderia ligar para casa. Ainda não. Martin era o último recurso.

Eu podia ligar para a secretaria.

Ou para Elle.

Fechei os olhos.

— Merda. — Eu nem sabia o número dela. Não sabia o número de ninguém. *Um amigo seria útil neste momento, sua fracassada.*

Em cada sala existia um telefone que se comunicava diretamente com a secretaria. Por favor, por favor, por favor, que alguém esteja lá.

Corri de volta para o laboratório de biologia e escancarei a porta, pegando o telefone da parede e discando na mesma hora.

Não consegui ver merda nenhuma. Pressionei o interruptor... e nada aconteceu.

— O quê? — Soltei o fôlego, confusa.

Virei o interruptor para cima e para baixo mais algumas vezes, olhando para as luzes e esperando por um lampejo, mas nada. A sala estava um breu.

Correi os dentes e contraí as coxas, porque sentia que estava prestes a fazer xixi na calça. Ajeitei os óculos em cima do nariz e tentei me concentrar no teclado, ainda sem conseguir distinguir os números.

Antes que eu pudesse disar, algo cintilou à minha esquerda, e quando olhei para o chão, vi a marca úmida de uma pegada.

Perdi o fôlego, acompanhando a trilha com o olhar, vendo que ela desaparecia na porta que dava para o corredor. Eu me virei e soltei o telefone, deparando com a janela aberta do outro lado da sala, as gotas de chuva respingando no parapeito.

Eu entrei aqui antes, à procura da Treinadora Dorn. Aquela janela não estava aberta. Com o olhar atento, voltei para o corredor.

— Isso não tem graça! — gritei. — E não estou com medo!

Olhei de um lado ao outro, e continuei recuando até a parede de janelas que cobriam o terceiro andar, olhando por cima do ombro para ver se podia sinalizar para qualquer pessoa lá fora, no pátio.

Não havia ninguém, porém, só a escuridão, a chuva e as árvores

lá embaixo.

Então as luzes foram apagadas. As portas foram trancadas, de repente. Alguém estava tirando sarro com a minha cara, provavelmente o mesmo cretino que me enviou o convite para a festa.

Maldito Will Grayson.

Endireitei os ombros, olhando para a esquerda e para a direita.

— Estou tão lisonjeada por você não ter nada melhor para fazer com seu tempo do que isso — zombei. — Vá em frente. Estou quase empolgada. Vamos lá...

Isto era uma besteira. Eu tinha coisas para fazer. Precisava chegar em casa.

Mas não... Todos estavam à disposição deles para que pudessem se divertir. O tempo de mais ninguém era importante.

— Você acha que pode me assustar? — eu disse, já sem gritar, porque sabia que ele estava perto. — Você é entediante.

Eu não sabia lutar ou me proteger, mas sabia que nada me surpreendia.

Talvez não ganhasse nesse, mas também não gritaria.

Voltei para o laboratório de biologia e tateei a parede para pegar o telefone que deixei pendurado, mas achei nada. Levantei a cabeça e vi que a porcaria já não estava mais lá, nem mesmo o fio.

O qu...? Meu coração parou por um segundo. Eu estava com aquela merda agorinha mesmo.

Fiz uma rápida varredura na sala, ciente de que alguém estava aqui. Tentei localizá-los em um dos cantos escuros, ou ver o brilho de seus olhos espreitando por uma das estantes.

Talvez a máscara vermelha de Michael Crist, os ombros largos de Kai Mori, o sorrisinho idiota de Damon Torrance, ou o casaco preto de Will Grayson.

Mas eu não ia ficar ali esperando. Saí correndo e passei pela sala dos professores. Em seguida, entrei no banheiro feminino e subi no aquecedor de chão para abrir a janela. Ao empurrar o vidro para cima, enfiei os braços pela lateral e coloquei a cabeça para fora.

Tentei erguer meu corpo, minhas pernas fracas não conseguiam me impulsionar para cima; minhas costas doíam horrores a cada tentativa que eu fazia para escalar a porra da parede.

Se meus braços finos conseguissem levantar mais do que uma frutinha, seria fantástico. *Deus, eu era ridícula.*

Grunhi, usando todas as minhas forças para subir, mas ouvi algo e parei.

Olhando sobre o telhado do ginásio, vi Michael Crist na quadra de basquete externa batendo uma bola e fazendo arremessos na chuva.

Ele estava do lado de fora. Ele não estava aqui dentro.

Estavam todos do lado de fora? Se não eram os Cavaleiros aqui

em cima comigo, me assustando, então quem...

A porta do banheiro, de repente, rangeu atrás de mim, e eu não sabia se alguém havia entrado ou saído, mas pulei de cima do aquecedor e me preparei para enfrentar quem quer que fosse.

A porta se fechou, ninguém apareceu à minha frente, mas um clique rompeu o silêncio, e meus olhos dispararam para a porta da cabine.

A porta que estava fechada.

Alguém estava aqui dentro. Alguém...

Eu mal conseguia engolir.

Se não era o Will e seus amigos, então as coisas mudavam de figura.

Passei correndo pela cabine, abri a porta e disparei pelo corredor, seguindo para o laboratório de química. Eu sabia que ali tinha uma janela como a da sala de biologia, e eu poderia sair pelo telhado – despencar, gritar por ajuda, o que fosse. Estava mais segura em campo aberto do que presa aqui em cima com sabe-se lá quem.

Uma risada explodiu de algum lugar, ecoando pelo corredor, e notei mais rastros molhados no chão, alguns levando de volta para o banheiro onde eu estava e outros se movendo ao meu lado.

Lançando um olhar por cima do ombro, vi uma sombra escura se movendo através do vidro no outro corredor e outra figura apareceu quando a porta do banheiro se abriu.

Meu estômago revirou. Mas que diabos...?

Entreí correndo no laboratório de química, fechei a porta e a tranquei, puxando as persianas para baixo. A chuva caía por todos os lados, batendo no teto e nas janelas, mas era possível ouvir o ruído mais alto aqui.

Na mesma hora, entrecerrei o olhar. O barulho era nítido e alto, assim como no laboratório de biologia.

Olhei por cima do ombro e percebi que uma das janelas estava aberta também – os respingos da chuva que açoitava o telhado agora encharcando a bancada recostada à parede.

Meu coração disparou quando avistei as pegadas molhadas.

Só que desta vez, elas não desapareciam pela porta. Seguindo a trilha ao redor das mesas, caminhei em direção aos fundos da sala e parei quando não as vi mais no canto escuro.

Tentei respirar fundo, mas não conseguia parar de tremer.

Peguei um par de pinças da bandeja sobre a mesa, mantendo-as em punho antes de pegar um frasco, recuar e lançá-lo para o canto.

Ele quebrou contra a estante, não atingindo o canto por centímetros, porque eu era péssima de pontaria, e peguei um *béquer* em seguida, atirando nele – quem quer que fosse – e acertando a parede desta vez.

Quando peguei um cilindro e posicionei meu braço...

Ele saiu, sua forma escura, de alguma forma, muito maior do que eu esperava.

Retrocedi um passo, e soltei o fôlego quando olhei para cima.

Jeans, moletom com capuz preto, e uma máscara de paintball branca com uma listra vermelha do lado esquerdo.

Will.

Quase relaxei. Até que meu olhar pousou nas luvas de couro preto que ele usava. Ele cerrou os punhos, fazendo o material ranger enquanto flexionava os dedos.

Encarei a porta, mas não adiantava. Kai e Damon, no mínimo, deviam estar ali em algum lugar ainda.

Olhei de relance para Will enquanto ele dava um passo lento na minha direção.

— Não estou assustada — declarei.

Ele inclinou a cabeça.

— Estou irritada. — Pressionei as armas entre as mãos. — Agora vou ter que voltar para casa na chuva.

Atirei o cilindro nele, muito perto de atingi-lo, mas ele moveu o braço e o afastou antes que se chocasse contra o rosto. O recipiente caiu no chão e eu me afastei, pegando outro frasco de uma mesa enquanto ele se aproximava.

— Se você tem um problema com meu irmão, então vá resolver com ele. Não seja um covarde.

Ele veio na minha direção e eu atirei o frasco. Dessa vez, consegui acertar em seu peito, fazendo-o cambalear, mas o vidro só se quebrou quando caiu no chão.

Ele continuou andando, os cacos rangendo sob suas botas, e observei enquanto ele arrastava a mão enluvada por cima da bancada à medida que avançava.

Meu coração martelou no peito, meu estômago embrulhou quando o medo se enraizou, e encarei seu rosto, seus olhos indistinguíveis através das frestas na máscara.

Parei, de repente, perdida naqueles vazios por um momento.

Ele deu outro passo, e meu coração agitou, meu corpo inteiro se aquecendo.

Mesmo assim, não me mexi.

Não consegui.

Mais um passo. Ele estava quase em cima de mim.

Por que eu não estava me movendo?

Minha pulsação acelerava mais a cada segundo, e a sensação quase me fez sorrir porque... eu meio que gostei.

Algo se avolumou dentro de mim, empilhando um tijolo em cima do outro até que eu fosse uma parede, e a cada segundo que eu

ficava ali, mais a sala começava a girar ao nosso redor como uma tempestade.

E ele e eu éramos o olho.

O que eu estava fazendo? E se isso não fosse uma brincadeira?

Só mais um segundo. Só mais um segundo. Eu queria empurrá-lo.

A cada instante que passava, minha respiração se tornava mais difícil, e eu só queria que ele desse mais um passo – mais um passo – para estar mais perto de mim. Até que...

Até que ele estava lá, a dois centímetros do meu corpo e me encarando – tão perto que se eu me virasse, não haveria como fugir.

Meu estômago embrulhou e meus joelhos bambearam.

Tentei engolir, mas não consegui.

— É nesta hora que eu dou uma risadinha? — zombei, fingindo uma coragem que não sentia. — Ou começo a implorar?

Ele inclinou a cabeça de novo, como se estivesse me estudando.

Forcei um sorriso apesar das minhas mãos tremerem de medo.

— Pare com isso, você está me assustando — choraminguei, imitando uma de suas bonecas Barbie. — Oh, não. O que eu vou fazer? Não seja tão rude comigo, *papaizinho*. — Pisquei depressa. — Mas admito, eu gosto quando você é rude. Beeeeeeem rude mesmo. — E então dei um gemido zombeteiro.

Em seguida, meu sorriso desvaneceu e eu arqueei uma sobrancelha. Era isso o que ele esperava de mim?

— Você... não me assusta — repeti.

Estendendo a mão, peguei um conjunto de tubos de ensaio e os arremessei por uma das janelas. Grunhi enquanto eles despencavam, torcendo para que todos os vidros caíssem na claraboia do ginásio abaixo e alertasse alguém que eu estava aqui em cima.

O som da chuva ressoou ainda mais pela sala, e o ar fresco entrou depressa, o vento agitou meu cabelo. Levantei a cabeça e encarei seus olhos, esperando que isso acabasse e que ele parasse agora.

Mas ele apenas me encarou fixamente.

E então, como se aceitasse um desafio, ele estendeu a mão e empurrou uma bancada inteira de béqueres, frascos e funis para o chão.

O barulho alto incomodou meus ouvidos, mas não estremeci. Esticando a mão, agarrei mais um conjunto e o lancei no chão, cada frasco e recipiente vazio se estilhaçando entre nós enquanto eu me afastava e ele se aproximava.

Passando para a próxima mesa, ele estendeu a mão à esquerda e puxou um conjunto químico para o chão, e eu fui para a direita, empurrando outro entre nós enquanto ele continuava andando, o

vidro estalando sob seus pés.

Nós nos movemos mais rápido, ele foi para a esquerda e para a direita, suportes de metal criando ruídos no chão entre nós, enquanto vidros estilhaçavam e enchiam a sala, em um verdadeiro caos.

De novo. Esquerda, direita, esquerda, direita. Continuamos, ele avançando mais rápido e eu tropeçando para agarrar a bancada da próxima mesa, quando algo preencheu minhas entranhas, meus músculos flexionados, e um sorriso se alastrou pelo meu rosto.

Ele veio na minha direção e cambaleei, tropeçando no meu pé e perdendo o equilíbrio. Caí para trás, mas ele enlaçou minha cintura bem a tempo enquanto a outra mão agarrava a mesa para se apoiar.

Olhei por cima do ombro, vendo pedaços de vidro no chão onde eu teria caído.

Quando olhei para ele outra vez, percebi que meus dedos estavam cravados em seus ombros.

E então o senti... meus lábios curvados em uma porra de... sorriso.

Eu estava sorrindo. Um pouco.

Merda.

Devagar, desfiz o sorriso, mas não consegui desviar o olhar do dele. A culpa me percorreu por conta da bagunça que fizemos, e eu sabia que não poderia arcar com isso, mas a preocupação foi embora tão rápido quanto veio, porque tudo o que eu podia sentir era o aqui e agora.

A chuva e o vento sopravam pela sala, e me levantei, minhas mãos tremendo ao erguer a máscara do seu rosto e largá-la no chão.

Ele apenas me segurou enquanto eu abaixava o capuz de sua cabeça e encarava seus olhos verde-escuros.

— Eu não estava tentando te assustar — Will disse, a chuva brilhando no seu rosto e no cabelo molhado. — Eu só queria ver uma coisa.

Eu o encarei, porque não conseguia falar nada, por mais que tentasse. Eu não sabia o que havia de errado comigo, eu...

Eu queria ir embora, mas...

Não queria.

Eu gostei disso.

No entanto, escapei de seu agarre, tropeçando para trás e caindo com as mãos abertas longe dos estilhaços de vidro. Um sorriso brilhou em seus olhos, e ele se ajoelhou, apoiando-se nas mãos também, me observando com malícia.

Meu coração disparou de novo, ouvindo os cacos rangendo sob suas palmas, e fixei-me em seu olhar, recuando lentamente enquanto ele se aproximava de mim.

Mas logo depois, ele se moveu na velocidade da luz, disparando

bem na minha direção, e gritei enquanto ficava de pé e ele também, só que antes que eu pudesse correr, ele me agarrou e me imprensou à parede.

Exalei com força, tentando não sorrir, mas não pude evitar a risada que escapou. Meu coração estava batendo rápido demais.

Seu corpo pressionou o meu, e pude sentir seu olhar focado em mim enquanto ele abaixava a cabeça, o nariz quase roçando no meu.

— Saia... s-saia d-de perto de mim — gaguejei, porque tentava controlar o riso.

Uma gota de suor escorreu pelas minhas costas, seu corpo sobre o meu tornando insuportável até mesmo para respirar.

Ele segurou meu queixo e o ergueu, tentando fazer com que eu o encarasse.

Seu calor me cercou, e a pulsação entre as minhas coxas latejou.

Eu não queria que ele fosse a lugar algum.

E eu odiava isso.

Piscando devagar, engoli o nó na garganta e o encarei, endurecendo meu olhar.

— Vocês são todos uns imbecis — murmurei, agarrando o pulso dele. — Entediantes e previsíveis, e talvez essa merda funcione com todos os outros, mas não comigo.

Afastei seus dedos do meu queixo e empurrei seu peito.

Ele não me queria. Ele queria me usar, e não importava o quanto eu quisesse me entregar a uma fantasia excitante, seria eu quem pagaria depois. Não ele.

Ele queria me levar para a cama, para que pudesse rir quando dissesse a todos que eu era péssima ou então para esfregar na cara do meu irmão que ele tinha conseguido me fazer abrir as pernas... Essas eram as únicas coisas nas quais ele estava interessado.

Não. Ele não ia vencer essa disputa.

— Destranque as portas — exigi.

Mas ele apenas me encarou por um instante, e em vez de seguir para o corredor, na direção das portas da escada que haviam sido trancadas, ele foi até as janelas, o vento e a chuva mal se mantendo à distância, além do vidro quebrado.

— Destranque as portas — repeti, indo até ele.

— Por quê? — ele perguntou.

Fiz uma careta.

— Por quê?

Como assim, por quê?

— Eu não estava tentando te assustar — falou, encarando a chuva que caía no telhado —, mas por que eu não estava?

— Monstros de verdade não usam máscaras, William Grayson

III — retruquei. — Eles se parecem com todos os outros.

Ele continuou observando a chuva, mas não respondeu.

— Agora, destranque as portas. — Virei de costas. — Você é patético, e me fez perder tempo.

Fui até a porta da sala de aula, mas depois ouvi a voz dele atrás de mim:

— Não vão te deixar ir a pé para casa com esse tempo — ele disse.

— Não podem me impedir.

— Eu não vou deixar você ir para casa com esse tempo — esclareceu. — Você vai dormir aqui hoje à noite.

Eu o encarei por cima do ombro, colocando a mão na maçaneta da porta.

— Me obrigue.

E antes mesmo que pudesse girar a maçaneta, ele pegou o celular de dentro do bolso, clicando na tela.

— *“Pare com isso, você está me assustando”* — eu disse, na gravação. — *“O que eu vou fazer? Não seja muito rude comigo, papaizinho”*.

Parei de respirar por um instante, todos os músculos do meu corpo perdendo a força. Abaixei a mão.

— *“Mas admito, eu gosto quando você é rude. Beeeeeem rude mesmo”*.

Fechei os olhos ao ouvir meu gemido no celular. Merda.

Virei de frente, deparando com seu pequeno sorriso arrogante por ter gravado sua brincadeira. Eles sempre documentavam suas besteiras ridículas naquele celular estúpido.

Quase fui embora. Meus pés quase deram aquele passo, e eles podiam postar isso nas redes sociais para que todos pudessem dar uma boa risada. Meu irmão ficaria com raiva, porque sua mente inventaria qualquer história que fosse a mais fácil de combinar com o que ele achava que estava acontecendo naquela gravação.

Não me incomodava porque eu estava acostumada com isso.

Mas então Will disse:

— A porta está destrancada. Vá pegar uma pizza — E pegou sua máscara do chão. — Nós vamos limpar tudo aqui.

Hesitei, analisando todos os vidros estilhaçados ao redor e o quão encrascada estaria se meu irmão descobrisse que eu tinha ajudado a fazer essa bagunça. Mesmo que estivesse me defendendo, eu ainda não queria que ele soubesse de nada do que aconteceu aqui em cima porque eu seria a única pessoa a quem ele culparia.

Pisquei diversas vezes, tentando me situar. *Tudo bem.*

Saí da sala, pau da vida, atravessando o corredor rumo à escadaria.

Eu deveria estar em casa. Deveria estar com a minha avó.

Ele só queria brincar comigo para provar que podia fazer isso.

Mas... uma noite fora de casa era algo bem raro. Pelo menos eu podia relaxar, sabendo que Martin não estaria aqui. Eu tinha meus fones de ouvido e um livro.

Mas ainda assim, eu não cederia nem mais um milímetro a Will essa noite. A festa estava cheia de testemunhas. Ele que tentasse.

Continuei pisando duro até o ginásio, ignorando a pizza, e grudei o traseiro na arquibancada. Em seguida, liguei o celular e cliquei no aplicativo para continuar lendo *Noite Eterna* enquanto a música e o movimento continuavam ao meu redor.

Depois de dez minutos, eu mal tinha conseguido entender um parágrafo. E quando ele e seus amigos finalmente desceram, esqueci o livro enquanto esperava que ele aparecesse e tentasse alguma coisa. Seja conversar comigo, me irritar ou provocar. Mas ele não fez nada disso. Ele me deixou em paz.

Hesitei por um momento, um pouco confusa. Eu esperava que ele tentasse me pentelhar ou me coagir a participar da gincana que estava rolando. Só que ele me deixou ali sentada, os minutos se alongando em uma hora, e uma hora se alongando em duas.

Do jeitinho que imaginei. *Para provar que ele podia...*

A diretora da banda ligou para meu irmão e perguntou se eu poderia fazer horas extras de estudo e trabalho ajudando na cozinha hoje à noite. Então eles me manteriam aqui, pois seria muito tarde para ir para casa.

Provavelmente estava tudo bem para Martin já que eu estava “trabalhando”, mas não acreditei nem por um segundo que a diretora tivesse inventado essa mentira sozinha.

Porque eu nunca ajudei em *nada* na cozinha.

Fiquei ali sentada, tentando ler no celular. Will olhava de vez em quando para mim enquanto passava tempo com seus amigos ou dançava uma música lenta com alguma garota, para ter certeza de que eu estava onde ele tinha me deixado.

Ele só gostava de dificultar as coisas para mim. Era disso que se tratava.

Controle.

Antes que eu me desse conta, as luzes estavam se apagando e Will me empurrava em direção ao seu saco de dormir bem no meio de Michael, Kai e Damon.

Grunhi, mais do que irritada. Será que eu realmente tinha que estar ali?

— Fique com o saco. — Ele me empurrou novamente, e eu tropecei. — Sou quente o suficiente sem ele.

Como se eu me importasse com seu conforto. Até parece...

Ele se deitou no tapete ao lado de seu saco de dormir – preto com listras vermelhas e pretas – e eu fiquei ali, emburrada.

Ainda de tênis, me enfiei dentro do saco, com Crist à direita, Torrance deitado aos meus pés, e Kai acima da minha cabeça. Michael tirou a camiseta, seu longo e tonificado tórax estendido ao meu lado como se não soubesse que ainda estávamos em público, não importando onde estivéssemos dormindo.

Afastei-me rapidamente, sentindo o rosto esquentar.

Cheguei mais perto de Kai – o que era seguro –, mas algo agarrou meus pés e me puxou de volta para baixo. Encarei Will, mas ele apenas sorriu para si mesmo quando as luzes do ginásio se apagaram e todos se acomodaram, risadinhas ecoando pelo ar à medida que os supervisores patrulhavam para que não rolasse nenhuma mão boba.

É isso aí, vamos trancar mais de cem adolescentes com os hormônios aflorados em um só lugar. Que ideia idiota.

Meu estômago roncou, e eu olhei para Will, vendo seus olhos fechados, o braço apoiado sob a cabeça, como uma almofada, e seus lábios curvados em um sorriso.

Ele tinha ouvido isso. Alguém me trouxe pizza mais cedo enquanto eu estava sentada na arquibancada – talvez a pedido de Will –, mas eu o mandei ir se ferrar.

Agora, eu estava arrependida. Eu não comia há mais de vinte e quatro horas.

Os minutos se passaram, a conversa amenizou e Bryce começou a roncar do outro lado do ginásio. Arion Ashby pôs sua máscara de dormir e alguns estudantes colocaram seus fones de ouvido caríssimos para abafar os ruídos.

Eu estava com fome demais para dormir, e a barrinha de cereais no meu bolso me chamava.

Virei a cabeça, encarando Will. Seu cabelo havia secado e, embora nunca o tivesse visto tão bagunçado, ainda assim combinava demais com ele. Sobrancelhas escuras, nariz afilado, lábios macios e os olhos mais bonitos que eu já tinha visto por trás daquelas lindas pálpebras adormecidas e longos cílios.

Por que os caras tão bonitinhos assim nunca podiam ser legais?

Pisquei rapidamente, desviando o olhar. É claro, ele me deu seu saco de dormir. E, provavelmente, a barrinha de cereais e o Godzilla também, embora ele tenha arrombado meu armário para deixá-los lá.

— Então, o que você estava tentando fazer? — perguntei em voz baixa.

— Quando?

Ergui o rosto para ver seus olhos ainda fechados.

— Você disse que não estava tentando me assustar lá em cima

— sussurrei. — Então, o que você estava tentando fazer?

Seu peito se movia com respirações constantes, hesitando um instante.

— Eu estava tentando ver se você gostava — ele sussurrou.

Se eu gostava de quê? Dele?

Da caçada? Do perigo? Do risco?

Bem, não gostava.

Mas não pude deixar de perguntar:

— E? A que conclusão você chegou?

O canto da sua boca se curvou em um sorriso, mas ele não abriu os olhos e não respondeu à minha pergunta.

— Vá dormir.

Voltei a encarar o teto, vendo a chuva ainda martelando a claraboia.

Ele precisava me deixar em paz. Bastava desistir. Se ele continuasse me pressionando, eu faria algo estúpido porque sentia isso se aproximando.

Apertei o saco de dormir entre os dedos.

Havia momentos em que eu queria fazer algo chocante. Claro, eu queria um namorado. Eu queria diversão. Mas não podia trazer alguém para minha vida. Era um pesadelo, e eu precisava aguentar firme pela minha avó.

Apenas mexa com outra pessoa, Will Grayson. Não quero ser o alvo da sua atenção.

Incapaz de me conter, virei a cabeça de novo, observando a expressão pacífica no seu rosto enquanto ele dormia. A maneira como seu pescoço parecia tão suave e macio, e o que teria acontecido lá em cima no laboratório de química se eu não o tivesse empurrado para longe.

Eu teria me arrependido, mas acho que teria gostado.

Encarei seus cílios e a maneira como eles roçavam a pele abaixo dos seus olhos.

Os meus próprios se encheram de lágrimas que me recusei a derramar.

Acho que entendia o motivo de as pessoas se deixarem ser usadas, mesmo que por apenas uma noite, se isso significasse não ficar sozinho ao menos uma vez.

Virei de lado, vendo-o dormir, mas depois notei algo e olhei para baixo, deparando com o olhar atento de Damon, deitado de bruços. Sua cabeça estava apoiada na mão, os olhos afiados enquanto erguia os dedos e arrastava o polegar pela garganta, sem piscar uma única vez enquanto me encarava.

Apertei o saco de dormir ainda mais ao ver a expressão feroz em seu olhar.

Rolando, encarei o teto de novo, captando a mensagem. *Você não é especial, então não se confunda, garota.*

Enfiei a mão no bolso e toquei a barrinha de cereal.

Só que agora eu não sentia mais fome alguma.

[21] Trojan USC: Símbolo da Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles. O busto de um guerreiro troiano representa a instituição em todas as áreas.

Capítulo 5

Will

Dias atuais...

Eu a encarei através do espelho falso enquanto ela olhava para todo lado, observando o quarto do Aydin. Assim que reparou no banheiro, ela correu pela porta e abriu a torneira, enchendo um copo com água. Ela inclinou a cabeça para trás, engoliu tudo e voltou a encher, bebendo de novo.

Finalmente pisquei, cerrando os punhos enquanto observava sua calça preta apertada e rasgada, a blusinha branca com a gola abotoada até o pescoço. Ela poderia parecer a arquiteta adulta que era se não fossem os tênis brancos da Adidas em vez de saltos.

A diversão curvou os cantos dos meus lábios, ao me lembrar de ter ouvido suas palavras uma vez na aula: *Não importa se chego em grande estilo, se não consigo chegar de jeito nenhum.*

Ela não tinha mudado nem um pouco. Por que caralho ela estava aqui?

Deixei meus olhos percorrerem seu corpo, ciente de que ela não podia me ver enquanto eu observava seu cabelo escuro, anelado e bagunçado por causa da queda. O rubor em suas bochechas contra sua pele bronzeada ainda era tão bonito quanto antes, e eu podia apostar que minha mão ainda se encaixava ao redor daquele pescoço delgado.

Minha boca encheu d'água e meu pau começou a inchar.

Ao voltar para o quarto, ela carregava mais um copo de água cheio e o colocou em cima do gaveteiro antes de andar de um lado ao outro pelo cômodo. Suas roupas estavam sujas de lama, e uma folha ainda permanecia grudada no cabelo enquanto ela retorcia as mãos.

Micah e Rory a deixaram aqui há uma hora, enquanto Aydin e Taylor foram para algum lugar.

Aydin voltaria, no entanto. Olhei para sua cama – a maior da casa – com seus novos lençóis brancos e o luxuoso edredom de penas.

Passando por cima, ela ergueu o travesseiro até o nariz e inalou o cheiro dele.

Entrecerrei o olhar, sentindo o nó apertar meu estômago.

Ela se afastou, e depois voltou a segurá-lo, inspirando-o novamente. Aquilo me fez cerrar os dentes.

Depois de largar o travesseiro na cama, Em continuou andando ao redor do quarto, abrindo gavetas e armários, revirando os arquivos médicos e desenhos na mesa dele, e inclinou-se para baixo para analisar os frascos com restos de animais flutuando no formaldeído.

Em seguida, pegou um dos ossos espalhados em sua mesa e o

ergueu, virando-o para cima.

Ela sibillou, percebendo o que era e o jogou de volta sobre a mesa.

Um sorriso se espalhou pelo meu rosto.

Ela pegou o estilete com o qual Aydin a deixou ficar e o empunhou antes de tomar outro copo de água e caminhar até a porta trancada, sacudindo a maçaneta para ver se estava trancada.

O que ela achava que ia fazer?

O que *eu* ia fazer? Ela estava nos meus planos, mas ainda não.

Isso mudava as coisas.

Ela andava para lá e para cá, respirando com dificuldade e cada vez mais nervosa, até que parou.

E me encarou.

Inclinei a cabeça quando ela semicerrou os olhos e andou lentamente até o espelho em sua parede, parando bem na frente dele.

O espelho retangular tinha cerca de um metro de largura, e ela parecia enxergar através dele, mas seu olhar nunca realmente encontrou o meu.

Ela não conseguia me ver, mas sabia claramente que aquilo era mais do que um espelho. Ela era tão esperta que era quase impossível enganá-la por muito tempo.

Ela espreitou pelas bordas do espelho, tentando arrancá-lo da parede ou afastá-lo o suficiente para ver por trás, e eu me aproximei até não conseguir chegar mais para a frente.

De pé, ela estendeu o dedo indicador e encostou a unha na superfície, inclinando-se para ver se o reflexo tocava a ponta. Um pequeno teste para determinar se um espelho era falso ou não.

O canto da minha boca se curvou em um sorriso.

Emory respirou fundo e congelou.

Uh-oh.

Ela ficou ali um instante, e então... aprumou a postura e encarou através do vidro, procurando por qualquer um que a estivesse observando.

Ergui os dedos para o espelho, a menos de um metro do rosto dela enquanto encarava fixamente seus olhos deslumbrantes, engolindo o gosto amargo na boca.

Nove anos. Nove anos, e eu ainda queria transar com ela.

Só que agora, eu não seria amoroso e gentil. A merda tinha mudado.

— Você precisa aceitar — ela disse, olhando através do espelho. Aqueci os ouvidos, atento a suas palavras.

— Porque você é fraco demais para saber como conquistar o que quer. É por isso que você está aqui.

Ela recuou e depois ergueu o pé, chutando o vidro com uma

expressão enojada.

Eu apenas continuei ali, encarando-a fixamente.

— Vamos lá, Will — ela implorou. — Acabe com a espera e vamos lá...

Ela chutou o vidro de novo e de novo, rangendo os dentes, e aquilo quase me fez sorrir outra vez, quando me lembrei daquela noite no laboratório. Como ela nos desafiou, tão pronta para enfrentar o perigo.

Tão forte. Tão arrogante. Eu gostava de teimosia. Gostava de mulheres que assumiam o controle.

Mas depois ela prosseguiu, inspirando com força e de forma superficial.

— Não tenho culpa — murmurou. — Não tenho culpa de você ter baseado a sua felicidade em uma ilusão criada na sua cabeça de que eu te amava e poderíamos ter uma vida juntos.

Minha diversão acabou na mesma hora, e flexionei a mandíbula.

— Fiz o que tinha que fazer, e o faria novamente — ela rosnou, a voz vacilante. — Eu faria de novo.

Ela arfou e fechou os olhos, encostando a testa no espelho e dando um soco no vidro.

— Eu faria de novo — ela disse, as palavras sufocadas pela voz embargada pelas lágrimas.

Movi a palma da minha mão e pressionei contra a dela, encarando seu rosto a centímetros de distância enquanto esfregava sua bochecha com meu polegar.

— Não se preocupe, querida — murmurei. — Eu pretendo merecer desta vez.

A excitação se agitava no meu estômago, e cerrei o punho, quase sendo capaz de sentir seu pescoço entre meus dedos.

Uma batida soou à porta antes que ela se abrisse por completo, e Aydin entrou com um prato na mão.

Meu coração martelou, e observei enquanto ele parava e a observava, seus olhos repletos de malícia.

— Você está com fome? — ele perguntou.

Ela ergueu a cabeça e se virou como se não o tivesse ouvido bater. Desembainhando a lâmina, ela a segurou firmemente ao lado, recuando para se distanciar um pouco mais dele.

Ele soltou o prato e os talheres de prata sobre a mesa e olhou para cima enquanto enfiava as mãos nos bolsos.

— Eu disse que não lhe faria mal.

— Não me lembro de você dizer isso.

— Não? — Ele sorriu. — Bem, eu pretendia dizer.

Ele falou que ninguém a tocaria. Não era a mesma coisa, e isso

eu havia aprendido aqui.

Ele a encarou, e eu cruzei os braços, assistindo-o observá-la e esperando por qualquer movimento. Mas ele simplesmente respirou fundo e se virou.

— Coma — ele disse, caminhando até a porta. — E tome banho. Você está imunda.

Ele apontou para a banheira de porcelana branca, no canto do quarto.

— Ou eu mesmo vou te dar banho — advertiu por cima do ombro. — E há quatro caras aqui que podem te segurar para que eu faça isso.

Ele fechou a porta e trancou em seguida, e ela ficou ali por um momento, olhando da porta para mim, atrás do espelho, e de volta para a porta. Pegando a cadeira na escrivaninha, ela a colocou debaixo da maçaneta como se isso nos mantivesse para fora, e então deu a volta, erguendo o prato até o rosto.

Ela cheirou o macarrão.

Ele não envenenaria a comida dela. Qual seria a graça disso? Aydin estava apenas começando com ela.

Fechei os olhos, virando de costas.



Segurei a moldura da janela de ambos os lados, contemplando a vasta e silenciosa noite do ponto mais alto da casa.

Michael.

Eles a tinham mandado para cá. Eu sabia disso. Mas por quê? Para me motivar?

Só podia ter sido eles, e se conseguiam infiltrar alguém aqui, por que não escolheram um deles para vir?

Eu tinha meus planos para ela, mas havia coisas maiores em jogo neste momento, e não era a hora.

Caralho.

Apertei a moldura, ouvindo a madeira estalar.

Eles sabiam o que ela tinha feito? Deviam saber para que Rika, Banks e Winter estivessem de acordo com isso.

Foi meio legal, eu acho. Imaginei que eles me encontrariam em algum momento, e nunca duvidei que procurariam, pelo menos, mesmo que tivessem que fazer isso pelo resto da vida.

Infelizmente, nada disso era necessário. Eu sabia exatamente o que estava fazendo, e mesmo que isso me irritasse, eu não podia culpá-los por duvidarem que eu estava no controle.

A escada rangeu, e ouvi uma voz atrás de mim quando alguém

entrou no meu quarto.

— Pode terminar isso? — Aydin perguntou.

Olhei por cima do ombro, vendo-o de pé no topo da escada que levava ao meu quarto no sótão. Ele caminhou, segurando a camisa na mão e me encarando como uma serpente.

Sempre como uma cobra, se encolhendo para matar, e quando dava o bote, você nem sabia o que havia acontecido até que já fosse tarde demais.

Assenti, tirando a camiseta e jogando-a na minha cama. Peguei meu kit e me juntei a ele no banco inteiriço de couro que estava encostado na parede.

Colocando a camisa no chão, ele se deitou no banco e pôs o outro braço sob a cabeça enquanto eu despejava o resto da tinta preta em um pequeno recipiente.

Sentei-me e peguei as agulhas amarradas a um lápis e mergulhei na tinta. Aproximei-me dele, inclinando sobre seu ombro direito.

— Então, o que devo fazer com ela? — ele perguntou.

Hesitei por um instante, mas depois pressionei a ferramenta de três agulhas nele, perfurando a pele enquanto a tinta se infiltrava imediatamente na lesão.

Não respondi, porque sabia que era melhor me manter calado.

— Você não a ajudou — devaneou, sem se preocupar com a dor. — Era nítido que ela esperava que você o fizesse.

Pressionei repetidas vezes, retocando as agulhas na tinta a cada poucos instantes enquanto tatuava a linha final e a coria.

Seu peito subiu e desceu em respirações constantes, sem perder uma batida. Eu tinha um pouco de tinta profissional no meu corpo, mas muitas das minhas tatuagens eram feitas em casa dessa forma, e eu sabia que doía pra caralho.

Assim como Damon, porém, era a dor ou nada com Aydin.

— Ela é uma guerreira — ele disse.

Ele olhou para o teto abobadado do meu pequeno esconderijo para onde eu havia me mudado depois da minha primeira noite aqui. Os quartos e tapetes brancos, com todos os móveis também brancos lá embaixo me davam calafrios. Eu queria meu espaço, e de um lugar escuro.

Além disso, as janelas se abriam para o teto aqui em cima. Eu gostava da vista.

— Eu amo isso nela — continuou. — Desde que ela não se enforque com a pequena corda que estou lhe dando. Você percebeu isso? — Ele me encarou. — É como se ela não entendesse de fato a gravidade da sua situação. Presa, sem nenhuma maneira de sobreviver se sair, e com cinco homens que querem ter o tipo de diversão da qual

fomos privados por tanto tempo, que uma simples questão de dinheiro pode fazer desaparecer se ela reclamar.

Cerrei os dentes, apertando as agulhas com força. Seu músculo se contraiu sob a mão, mas, mesmo assim, ele se manteve concentrado em mim.

— Qual era o nome dela mesmo? — ele perguntou baixinho. — Emory?

Os músculos dos meus braços retesaram a ponto de doer. Engoli na marra o nó que se formou na garganta.

— Aqueles olhos... — ele murmurou. — Castanhos com um leve toque dourado. Eles são lindos. Fico me perguntando qual será a aparência deles no calor do momento.

Encarei seu ombro e o desenho que ele me instruiu a tatuar com tanta intensidade que fiquei surpreso de sua pele não ter pegado fogo.

— Como consigo fazê-la gozar? — ele perguntou, me observando.

Apertei o instrumento com mais força.

— Algumas mulheres precisam de um polegar dedilhando o clitóris quando você está dentro delas, sabia? — ele zombou. — Ela gosta que os homens façam isso com ela?

Cerrei os dentes, fazendo um buraco em sua pele e ouvindo o pequeno estalo. Ele sibilou baixinho, mas depois sorriu, contente por ter conseguido mexer com a minha cabeça.

— Nossos pais não nos mandaram aqui para que aprendamos a nos comportar, Will. Eles também usufruíam dela, com ou sem permissão. — Ele fez uma pausa e depois continuou: — Eles nos enviaram aqui como punição por não termos mais cuidado com a discrição. Para aprender a não sermos descuidados — explicou.

Meu pai não me mandou para cá. Eu não entendia como qualquer pai poderia enviar seu filho para um lugar como este, porque uma coisa realmente era certa, caso eles saíssem daqui: laço sanguíneo não é amor, e o amor é a única coisa que gera lealdade.

Encarei Aydin, que agora olhava novamente para o teto. No tempo em que passei aqui, eu tinha entendido Micah, Rory e até Taylor, mas Aydin...

Ele estava aqui há mais tempo, e a essa altura, ele poderia ter ido longe demais para voltar atrás.

— Quando eu tinha vinte anos, estava em um casamento em um *resort* — ele contou, um olhar distante em seu rosto —, e vi um dos sócios do meu pai drogar sua própria esposa, deitá-la em uma cama, e recuar enquanto ele deixava meu pai subir em cima dela e fodê-la para selar um acordo.

Parei, algo similar a aflição cruzando seu olhar. Mas depois

desapareceu.

— Depois de um tempo, você sabe que nunca vai escapar disso — ele disse —, então ou você continua lutando contra o mal, ou pode reinventá-lo. — Ele se virou para me encarar de novo. — A maior diferença entre mim e meu pai é que eu simplesmente não me importava se alguém via o sangue nas paredes.

Não consegui me mover por um instante.

Em...

Abaixei a cabeça e terminei o desenho, passando a última camada de cor.

— Não se preocupe — declarou. — Não sou nem um pouco parecido com o meu pai. Ou Taylor, ou Damon Torrance. Eu não forço ou obrigo ninguém. — Ele diminuiu o tom de voz: — Vai feri-lo muito mais se ela quiser.

Então ele se abaixou, esfregando seu pau por baixo da calça, e as agulhas na minha mão tremeram por um momento enquanto a tentação se instalava nas minhas entranhas.

Eu tinha Micah e Rory. Taylor podia ser controlado.

Ninguém tocaria em Emory se eu acabasse com Aydin aqui e agora.

Ele ficou ali deitado, me observando e esperando, me dando a oportunidade – me desafiando –, mas...

Finalmente, ele apenas sorriu e se sentou, pegando um pano limpo da mesa e limpando o sangue de seus ombros.

— Tudo faz parte de um plano maior — ele disse. — Se é Deus ou destino ou outra coisa, eu sinceramente acredito nisso, Will. — Ele largou o tecido e olhou para mim. — Vamos sempre ser importantes um para o outro.

Ergui a cabeça, incapaz de disfarçar minha expressão carrancuda.

Ele agarrou minha nuca e me deu um tapinha tranquilizador, acenando depois para o saco de lixo preto que eu usaria para cobrir sua tatuagem.

— Acabe logo com isso — ele disse. — Vai ser uma noite daquelas.

Capítulo 6

Will

Nove anos atrás...

Eu deveria ter tocado nela.

Dei uma tragada no cigarro e joguei o isqueiro de Damon de volta no porta-copos, soprando a fumaça pela janela lateral do motorista.

Mas não... Ela não iria querer que eu a tocasse.

Esfreguei a têmpora e fechei os olhos. Ela estava acabando comigo. Estava me rechaçando há anos.

Monstros de verdade não usam máscaras, William Grayson III. Um sorriso curvou os cantos dos meus lábios. Mas ela era imprevisível, não era? Eu não conseguia parar de pensar na noite passada e na “festa do pijama”.

Dei mais um trago e assoprei a fumaça enquanto apertava o volante sob meu punho.

— Isso está te irritando? — Michael perguntou ao meu lado, e pude ouvir o divertimento em sua voz no banco do passageiro da minha caminhonete.

Olhei para o lado, vendo-o encarar os nós dos meus dedos brancos apertando o volante.

— Nada me irrita — murmurei, vendo sua cabeça inclinada para trás e os olhos mascarados. — Só que quando *eu* dirijo, é o Damon que se senta na frente — ressaltei. — Na rara ocasião em que você me deixa dirigir de noite.

— A única razão de você estar dirigindo é para que possamos levar o barril até a igreja — ele disse. — Se você não tivesse uma caminhonete...

— Então talvez eu fosse inútil? — concluí por ele.

Ele riu. Mas não argumentou, não é mesmo?

— Aquela cesta de três pontos da lateral certamente não foi nem um pouco inútil — Kai brincou detrás.

Encarei-o pelo espelho retrovisor, mas seu rosto estava abaixado e enfiado em um livreto.

Balancei a cabeça e desviei o olhar para a janela. Eu tinha meus talentos. Pelo menos estava bem no jogo de ontem à noite.

— Já estava na hora — Michael resmungou.

Soprei a fumaça e segui seu olhar, vendo Damon finalmente sair correndo da catedral e atravessando a rua.

Passando o cigarro para a mão esquerda, liguei o motor novamente.

— Sai daí. — Damon abriu a porta do passageiro e sacudiu o polegar para Michael. — Agora.

Mas Michael simplesmente ficou sentado no lugar, parecendo se divertir.

Damon arqueou uma sobrancelha.

— Te coloco no meu colo se você quiser — disse a ele —, mas eu vou me sentar aí.

Ri baixinho. Michael conhecia as regras. Quando ele dirigia – o que era quase sempre –, Kai ia na frente. Quando eu dirigia, Damon e eu estávamos no comando.

Depois de estalar os polegares por um instante, Michael finalmente cedeu. Ele saltou para fora da caminhonete, ambos se encarando como se fosse um concurso de mijo.

— Eu estava torcendo para que você dificultasse as coisas — Damon zombou.

Michael provocou de volta:

— Te deixei de pau duro, é?

Damon sorriu e subiu, enquanto Michael deu a volta e se sentou atrás do meu banco.

— Por que demorou tanto? — Agarrei o volante, esperando que ele colocasse o cinto. — O que diabos você faz lá dentro por tanto tempo?

— Ele fica lá toda quarta à noite — Kai destacou. — Tem alguma reunião do clube de castidade feminina com mais de dezoito anos ou algo assim?

— Qual é... — Damon reclamou. — Isso é fácil demais para mim. Elas não têm que ter dezoito anos.

— Ou serem mulheres — acrescentou Kai.

Dei uma risada enquanto Damon se virava e dava um soco de brincadeira no Kai.

— Idiota.

Kai apenas riu, tentando se proteger.

Sacudi a cabeça, me afastando do meio-fio e volvei para a rua.

Mas então Damon gritou para mim:

— Espere, espere, pare!

Pisei nos freios, vendo Griffin Ashby, o prefeito da cidade, bem na frente da caminhonete.

Merda. Foi por pouco.

Ele nos encarou, vestido com seu terno cinza, camisa amarela e gravata, estreitando o olhar para Damon ao atravessar a rua. Damon encarou de volta, mas quando a expressão de Ashby se torceu em uma carranca, Damon ergueu o dedo do meio, zombando dele.

Ashby desviou o olhar, subindo para a calçada e desaparecendo na Taverna *White Crow*.

Pisei no acelerador e disparei pela rua.

— O que se passa entre você e ele?

Damon suspirou, tirando um cigarro do maço e colocando-o entre seus lábios.

— Arruinei a filha dele.

— Arion? — Michael perguntou. — Pensei ter ouvido você dizer que ela tinha o poder cerebral de uma batata Pringles.

— Essa não — Damon murmurou, acendendo seu cigarro.

A outra filha de Ashby devia ter apenas catorze anos, mais ou menos. Eu nunca tinha visto ela e Damon juntos.

Mas seu olhar estava voltado para fora da janela aberta agora que ele fumava, e se eu sabia alguma coisa sobre Damon, era que ele estava sendo evasivo de propósito.

Subindo as colinas, percorrendo a estrada escura; o sol já se tinha posto há uma hora e o céu agora estava quase preto.

Kai folheou uma página em seu livreto.

— O que é isso? — perguntei.

— Catálogo de cursos. — Ele virou outra página, com mais força dessa vez. — Um maldito catálogo de cursos.

— Venha comigo para Westgate — Michael falou.

— Ou UPenn comigo — Damon acrescentou.

Eu dei um sorriso.

— Ou Fiji comigo.

— Você vai comigo para a UPenn — Damon falou para mim.

Sem chance.

Joguei as cinzas pela janela e dei outra tragada. A faculdade estava a meses de distância, mas as decisões precisavam ser tomadas em breve. Se eu não fosse um Grayson, nunca conseguiria entrar em Princeton, mas já estava tudo acertado, e eu iria para Nova Jersey no próximo verão, querendo ou não.

Não conseguia pensar em nenhum lugar onde quisesse estar menos, mas também não conseguia pensar em nenhum lugar melhor para estar. Esse era o meu problema. Como disse meu pai: *Até que você possa tomar uma decisão, nós a tomaremos por você.*

Aparentemente, um vagabundo de praia nas ilhas polinésias não era um objetivo alto o suficiente.

Kai jogou o catálogo no banco ao seu lado.

— O meu pai quer que eu fique por conta própria. Ele acha que todos nós precisamos de distância.

— De todos nós, ou apenas do Will e de mim? — Damon perguntou, divertido.

Sim, Katsu Mori não tinha uma opinião muito boa sobre nós. Damon era encrenca, e eu não era... nada. Pelo menos Michael era ambicioso. Ele era um líder nato, e o pai de Kai respeitava isso como

uma influência viável para seu filho.

Mas Kai apenas retribuiu a zombaria.

— Não diga isso — ele falou para Damon. — Ele ficou realmente lisonjeado por você ter aprovado seu gosto por mulheres quando ajustou seu pau na calça só por ter visto a minha mãe.

— Em traje de banho, Kai! — Damon salientou, olhando para Kai por cima do ombro. — Quero dizer, mas que porra? Jesus...

Dei uma risada, lembrando daquele dia no verão passado, quando estávamos todos na casa de Kai.

— E todos vocês acham que eu não tenho vergonha nenhuma — Damon resmungou. — Se ela não fosse sua mãe...

— Meu pai ainda puxaria seu pau pelo estômago e o extrairia pela boca? — Kai retorquiu.

Damon se acalmou, sentando-se de novo e enfiando o cigarro na boca.

— Filhinho de papai.

Kai balançou a cabeça, mas vi o sorriso desvanecer quando ele olhou pela janela.

— Talvez a gente possa ficar na área e ir para Trinity em vez disso — Michael disse —, para que todos possamos estar perto da mãe de Kai.

Bufei, todos nós rindo enquanto Kai revirava os olhos.

Soltei uma baforada do cigarro, a constatação começando a se instalar. Estava a meses de distância, mas estava chegando. Faculdades diferentes. Estados diferentes.

Pessoas novas.

E isso era o que mais me assustava. As pessoas nos mudam. Outras se tornam importantes, enquanto outras se tornam menos, e logo não estaríamos mais por perto.

Ela não estaria por perto.

Desviei o olhar para janela, o inevitável pesando sobre meus ombros como uma tonelada.

— Okay, Noite do Diabo... — Michael pigarreou. — Provavelmente as catacumbas, mas mantenham o cemitério em mente — disse para nós. — Estou pensando em mudar esse ano. Há algumas tumbas, e aquele Campanário na floresta. O que vocês estão pensando para seus trotes?

Ainda não havia conseguido pensar em nada. Nada bom, de qualquer maneira.

— Estou pensando em sair da cidade — Kai respondeu. — Meridian. O distrito de *Whitehall*, talvez. Ou o teatro de ópera? Talvez reservar um andar em um hotel...

— O objetivo é estar aqui com a nossa galera — Damon relembrou. — No nosso território.

Kai ficou em silêncio, e eu o vi abrir novamente seu catálogo de cursos, murmurando:

— Foi só uma ideia.

Observei os dois, meio que curtindo como eles quase nunca se davam bem. Kai estava pronto para o amanhã. Damon não queria nunca que o hoje passasse.

Eu não tinha ideia de onde diabos estava metade do tempo, muito menos onde queria estar.

Uma ideia me passou pela cabeça, no entanto.

— O *The Cove* — soltei. — Depois do horário.

Damon assentiu.

— Parece uma boa ideia.

Então eu o encarei.

— Ouvi um boato de que o lugar talvez não fique aberto por muito mais tempo.

— Melhor ainda.

— Problemático demais — Michael interveio. — Pessoas bêbadas se tornam estúpidas, e pessoas estúpidas em montanhas-russas vão me irritar.

Ah, qual é... Seria divertido. Só nós e alguns outros – apenas convidados.

Mas, como sempre, minhas ideias foram descartadas.

— Irei pensar em alguma coisa — Kai disse a ele. — Algo que nos permita terminar a noite inteiros, e entre os lençóis com algo bonito.

— Aí, sim — Damon respondeu. — Isso era tudo o que você tinha que dizer.

Sacudi a cabeça, lembrando quais eram nossas verdadeiras prioridades. Fiz a curva, subindo em direção ao cemitério, mas logo depois, luzes azuis e vermelhas piscaram no retrovisor, e vi faróis me mandando parar.

— Argh, caralho — grunhi. — Aquele filho da puta.

Maldição.

Pisando nos freios com mais força do que o necessário, guiei a caminhonete para o acostamento e parei, ouvindo o ruído do cascalho por baixo.

— Will... — Kai começou.

— Vou segurar a minha língua — garanti a ele, já sabendo o que diria. Tirei a maconha do console e a joguei para Damon. — Livre-se disso.

— Mano, que porra é essa? — Kai ladrou.

Mas eu o ignorei.

— Livre-se agora — repeti para Damon, desligando o motor. — E não jogue pela janela. A câmera do painel dele...

— Droga — ele resmungou, enfiando no porta-luvas e fechando com força.

— Tranque. — Joguei as chaves.

— Você acha que ele sabe? — Damon me encarou enquanto trancava rapidamente o porta-luvas.

Olhei de relance para o retrovisor lateral, vendo o oficial Scott vindo até o meu lado com sua lanterna ligada.

— Acho que Em é mais esperta do que isso — comentei.

Ela não se queixaria da noite passada e da festa. Tagarelar sobre o assunto acabaria com seu orgulho. Não sei bem como eu sabia disso sobre ela, mas sabia.

— Acha que ele sabe o quê? — Michael pressionou. — O que vocês fizeram? Cacete. Vocês estão sempre fazendo merda quando não estou de olho.

— Nós não machucamos — Damon assegurou.

— Só fizemos com que mijasse um pouco nas calças — acrescentou Kai.

Reprimi o sorriso quando Scott bateu no vidro.

Abaixei a janela e joguei a bituca do cigarro na rua, por pouco não acertando o pé dele.

Ele parou, desviando o olhar para o cigarro queimando suas últimas brasas e de volta para mim, piscando a luz para dentro do carro.

— Está aqui para ver aquela foto minha de novo? — brinqueei.

Mas ele não estava rindo.

— Habilitação e identidade, por favor.

Hesitei por um instante, por via das dúvidas, e estendi a mão para o console, pegando minha habilitação e o documento do veículo, e depois minha identidade na carteira, entregando tudo para ele em seguida.

— Eu juro que tudo continua igual, desde a semana passada, Scott.

Ele não me deu ouvidos, e iluminou minha identidade como se não a tivesse visto uma dúzia de vezes nos últimos três meses, e então minha habilitação e licença do veículo, como se não soubesse que eles não expirariam até meu próximo aniversário.

— Você sabe o quão rápido estava indo? — ele perguntou, analisando tudo outra vez.

— Não estava rápido.

— Você andou bebendo? — ele perguntou, inabalável.

— Não.

Ele fez uma pausa, ainda conferindo meus dados.

— Você usa drogas?

— Às vezes — respondi.

Damon bufou, e Michael pigarreou para disfarçar a risada.

Scott se endireitou e deu um passo atrás, abaixando o rosto para me encarar.

— Saia do veículo. Quero olhar ao redor da caminhonete.

Daí eu não consegui mais me conter.

— Bem, meu porta-luvas está trancado, assim como o porta-malas, e eu conheço meus direitos, então você vai precisar de um mandado para isso — caçoei.

Todo mundo começou a rir, Damon tremia ao meu lado, e Kai se inclinou para frente, com a cabeça entre as mãos.

Sempre adorei aquela música do Jay-Z. Pelo menos eu servia para darem algumas gargalhadas.

O oficial Scott me encarou, mordendo o interior do seu lábio como se adorasse ter um argumento. Esse era o tipo de cara que usava sua arma contra alguém, alegando que o celular na mão da pessoa parecia uma pistola.

As risadas arrefeceram, e voltei meu olhar para ele.

— Desculpe — murmurei. — Sou um idiota.

Chamei-o para se aproximar, suavizando a voz.

— Eu sei como você me vê — eu disse. — Ignorante, arrogante, frívolo... Eu quero ser bom. De verdade. Com objetivos definidos, trabalhador, honesto, justo... — Fiz uma pausa. — Como Emory. Sua irmã, certo?

Ele semicerrou os olhos, os ombros agora retesados.

— Sabe de uma coisa — continuei —, é incrível que, dados os anos que sua família esteve em Thunder Bay, eu não a conheço tão bem quanto gostaria. — Voltei-me para meus amigos. — Estão ouvindo isso, rapazes? Uma garota que eu não conheço.

Algumas gargalhadas explodiram dentro da caminhonete.

Voltei-me para ele, vendo a ameaça se instalando.

Estávamos começando a nos entender.

— Todos os momentos em que andamos juntos pelos corredores da escola — zombei. — Todas as horas naquele ônibus, viajando de ida e volta por conta dos jogos fora de casa. Todas as noites após os treinos de basquete e o ensaio da banda.

— Muito tempo para conhecer alguém — acrescentou Kai. — Turner não precisou nem de cinco minutos para engravidar Evie Lind.

— Alguns de nós têm uma longevidade maior — brinqueei, olhando para trás.

— Sabemos que você tem. — Michael deu tapinhas no meu ombro.

Claro que sim, eu sei.

Voltei a encarar Scott, vendo os cantos de seus olhos começarem a enrugarem em uma carranca. No entanto, mascarei minha

própria expressão.

— Eu te juro... — resmunguei baixo —, por mais que você não goste de mim, ainda há muito mais por vir se você não — arranquei a minha carteira de motorista e a licença do veículo da mão dele, sussurrando: — parar de me mandar encostar.

Eu era, normalmente, um garoto descontraído, mas seu tesão por mim estava fodendo com minha paciência. Ele não abordava Michael, Damon, ou Kai constantemente. Ele me enchia o saco porque devia achar que eu era burro.

Pensavam que porque eu gostava de ser gentil, eu não sabia ser cruel.

E acredite em mim, eu era capaz disso.

Pegando as chaves da mão de Damon, dei partida na caminhonete e lancei uma última olhada no Scott, me afastando do acostamento enquanto ligava o rádio e sentia o vento soprar pelas janelas abertas.

— Tome cuidado — Michael disse, depois de um minuto. — Isso foi divertido e tudo mais, mas homens como ele têm a visão limitada. Acho que ele não vai ter o bom senso de parar. Fique de olho com o próximo passo dele.

— Eu quero que ele se foda. — Dei um soco no volante. — O que diabos ele vai fazer comigo?

Ninguém disse mais nada enquanto atravessávamos os portões abertos do cemitério. Meu interesse em Emory Scott não tinha nada a ver com seu irmão, infelizmente. Quem me dera que fosse assim tão fácil.

Mas também não era avesso a matar dois coelhos com uma cajadada só. O quanto ele surtaria se não conseguisse achá-la uma noite, e depois a encontrasse comigo?

O pensamento me fez sorrir.

Dando voltas pelas vias, enxerguei carros à frente e lanternas e fui na direção deles, estacionando atrás do Camaro preto do Bryce.

Descemos da caminhonete, Michael e Kai pegando uma caixa térmica na traseira e todos nós seguimos pela grama, passando por árvores e sebes, até o resto do time que já estava reunido ao redor da cova.

— E aí, cara — cumprimentei Simon e ergui o queixo para os outros.

Mais “e aís” soaram em volta do círculo, e Michael e Kai colocaram a caixa térmica no chão, alguns do time vindo na mesma hora pegar uma cerveja.

Olhei para baixo.

— Mas que porra?

Bandeiras sinalizadores estavam fincadas no chão, revestindo o

túmulo coberto de grama, fazendo um retângulo com a largura e o comprimento de um caixão.

— Eles estão desenterrando — Bryce falou, abrindo uma cerveja. — Você acredita que esses caras estão realmente fazendo isso.

Olhei por cima do ombro, franzindo o cenho para o ridículo e novinho em folha mausoléu McClanahan, com suas colunas arrogantes e os vitrais pomposos.

— Ele não iria querer isso — Damon disse.

Encarei a sepultura antiga de Edward McClanahan, a velha lápide de mármore esverdeada pela ação do tempo, chuva e neve, as letras que marcavam os anos de sua vida mal visíveis agora. Mas nós sabíamos a data que havia ali: nascimento em 1936, e morte em 1954.

Dezoito. Jovem, assim como nós.

Ele teria dezoito anos para sempre.

Seus parentes ainda vivos queriam que a lenda que seu nome evocava morresse, assim como a notoriedade do sobrenome da família, então construíram para si um túmulo, pensando que iriam escondê-lo atrás de muros de pedra e um portão.

— Eles não vão levá-lo a lugar algum — declarei.

Michael chamou minha atenção, um sorriso perspicaz curvando seus lábios. Pegando o celular do bolso, acionei a câmera e comecei a filmar a peregrinação anual ao túmulo de McClanahan que fazíamos desde que éramos calouros.

Damon me jogou uma cerveja, e todos nós abrimos os lacres da embalagem.

— A McClanahan — Michael gritou.

— McClanahan — todos se juntaram, erguendo nossas latas.

— O primeiro Cavaleiro — Damon acrescentou.

— Entregue-nos a temporada — disse outro.

Michael, o capitão do nosso time, olhou em volta.

— Oferendas? — zombou.

Jeremy Owens veio por trás dele e se abaixou, erguendo um vestido de tule rosa com um corpete de seda barato. Parecia um traje de balé.

— Quase isso. — Ele jogou a réplica do vestido de baile da namorada de McClanahan no túmulo.

Simon tomou um gole de sua cerveja.

— Tudo o que eu queria saber é como aquela vadia ficou esborrachada no penhasco.

— Nunca saberemos — Michael disse. — Apenas que quando chegou a hora, ele fez o que tinha que fazer. Ele se sacrificou pelo bem da equipe. Pela família. Quando se trata disso, será que algum de nós faria o mesmo? Ele era um rei.

Não era a porra de um rei. É um rei do caralho, porque para

nós, ele era uma parte viva e pulsante desta cidade.

— Entregue-nos a temporada — Kai declamou, levantando a cerveja.

— Lembre-nos o que é necessário — alguém acrescentou.

E então todos entoaram:

— Pela equipe.

— Pela família.

Movi a câmera em torno do círculo, mostrando todos.

— Entregue-nos a temporada! — eles gritaram.

— Entregue-nos a temporada!

E de novo.

E de novo.

Alguns derramaram cerveja sobre a cova, e em todo o vestido acima dela, as velas espalhadas em devoção cintilando na brisa leve.

Nós nunca explicamos isso a ninguém. Era como as pessoas que não acreditavam realmente em Deus, mas ainda assim iam à igreja.

Havia algo a ser dito pela tradição. Ritual.

Era bom para a equipe.

O time de basquete vinha aqui há décadas, no início de cada temporada. Nós nunca deixaríamos de vir.

Uma hora depois, uma pequena fogueira ardia dentro das ruínas de St. Killian, o barril já meio vazio e risadas e gritos ressoavam de baixo, nas catacumbas.

Damon se sentou em uma espreguiçadeira dilapidada, encarando as chamas enquanto duas meninas conversavam e o observavam do canto mais próximo da sacristia.

Esperando...

— Queria que ele tivesse se tornado um adulto — comentei, jogando um galho no fogo. — Fico me perguntando qual seria a aparência dele agora.

— McClanahan? — Damon perguntou.

— É.

Ele esperou, as chamas cintilando em seu olhar.

— Ele não seria especial se não morresse.

— Ele era especial antes disso. — Ele era um capitão, como Michael. Ele era um líder, altruísta, um lutador...

Ninguém realmente sabia o que tinha acontecido naquela noite.

— Ele não seria especial — Damon repetiu. — Todos mudam. Todos nós crescemos.

— Eu não.

Ele deu uma risada.

— Você vai ter que ser alguém algum dia.

— Vou ser o Indiana Jones.

Ele apenas sorriu, mas manteve o olhar no fogo. Ele nunca

tentou me arrastar para a realidade tanto quanto Michael e Kai. Eu não tinha ideia do que eu queria ou quem eu queria ser. Eu só queria minha galera, e queria a menina dos meus sonhos.

As garotas riram novamente, e os olhos de Damon brilharam quando, finalmente, as viu.

— Você vem? — ele suspirou.

Segui seu olhar, admirando as pernas e os cabelos, imaginando como seria fácil me divertir um pouco e desafogar um pouco, mas...

— Não sei — murmurei. — Você já pensou em fazer essa merda no conforto da sua cama?

Eu estava cansado de brincar nas catacumbas, mas Damon não gostava de brincar sozinho. Ele precisava de mim.

Eu gostava que alguém precisasse de mim.

— Por que ninguém nunca entra no seu quarto? — perguntei.
— Nem eu. Nem o Michael. Nem o Kai. Com certeza, nenhuma garota. Não podemos ir todos para um lugar confortável?

— Você quer ver minha cama? — Damon zombou.

— Quero ter certeza de que não é um caixão.

Ele bufou, mas mesmo assim... não respondeu a pergunta. Afinal, o que ele estava escondendo lá dentro?

Encarei novamente as garotas, mas meu olhar passou por elas como se nem estivessem lá.

Eu não queria isso hoje à noite. Eu não queria brincar aqui.

Preferia reviver a noite passada, mesmo que tudo o que eu e aquela garota fizessemos era brigar.

Sorri para mim mesmo. Ela tinha adormecido com os óculos ontem à noite, e eu o tirei de seu rosto sem que ela notasse. Adorava a maneira como sua gravata estava sempre meio apertada, as mangas muito longas e nunca abotoadas, e, ultimamente, eu cultuava a sua pele. Especialmente a pele macia do seu pescoço.

Eu odiava a escola, mas ficava ansioso pela segunda-feira. Ela tinha ido embora quando acordei esta manhã, e eu queria vê-la me encarando depois da noite passada.

Alguma coisa teria mudado? Teria seu olhar afiado arrefecido pelo menos um pouco?

— Você não é bom o bastante para ela — Damon comentou, rompendo o silêncio.

Então eu o encarei fixamente. Como ele sabia o que eu estava pensando?

— Você nunca será bom o bastante para ela — salientou. — É melhor você já saber disso agora.

— Um amigo me ajudaria a conseguir o que quero — retruquei. Ele ficou em silêncio, e eu o estudei.

— Você não quer que eu tenha o que quero — comentei. —

Você não quer que Michael ou Kai tenham o que eles querem.

— Eu também não deveria ter tudo o que quero — argumentou. — Obter o que você quer te faz correr o risco de perder o que já tem, e nada pode ficar entre nós. — Ele ergueu a cabeça, encontrando meu olhar. — Nada será tão perfeito quanto isto. Eu não gosto de mudanças.

Ele se virou novamente, encarando o fogo.

— Michael tem sempre tudo sob tanto controle — continuou, sua voz se tornando cada vez mais áspera. — Eu adoraria mostrar a ele o que ele realmente precisa. Eu adoraria ver Kai perturbado e confuso. Realmente transtornado, para que nada que eu tenha possa me escapar. Eles agem como se não precisassem de nós. Gostaria que eles soubessem que precisam.

Eu sabia o que Damon tinha feito para cravar os dentes naqueles ao seu redor.

— Você também quer me foder? — quase sussurrei, um sorriso suave curvando o canto da minha boca.

Ele sorriu, ainda sem me encarar.

Mas, surpreendentemente, respondeu:

— Às vezes.

Fiquei imóvel.

— Às vezes penso nela nos observando — ele continuou. — Acho que ela ia gostar, mas ela odiaria o fato de estar gostando.

Com Damon, ele não via a pessoa. Ele se sentia atraído pelo controle. Obrigar as pessoas a fazerem coisas que normalmente não fariam. Era tudo uma questão de folgar um parafuso na cabeça. Como um anzol, ele cavava um jeito de entrar nas suas cabeças e ficava lá, muito tempo depois de ter ido embora.

E seus amigos eram a coisa que ele considerava mais valiosa. Ele morreria por nós, mas a parte assustadora era que isso poderia não ser o pior que poderia acontecer.

— Ela nunca será para você o que somos — ele me disse —, porque ela é muito medrosa, muito orgulhosa e muito entediante. — Ele parou e finalmente se voltou para mim. — Ela nunca te amaria como você merece, porque ela não o respeita. Você é muito superficial para ela.

E senti minhas entranhas se retorcerem, repetidamente, criando um buraco no meu estômago, porque eu sabia que ele estava certo, e eu queria que ele fosse à merda.

O que ela veria em mim?

E por que diabos eu me importava? Eu era William Grayson III. O neto de um senador. O melhor arremessador do nosso time de basquete, e ela virá à minha empresa daqui a dez anos, implorando por um subsídio para financiar sua teoria estúpida sobre a viabilidade

de fazendas verticais com seus próprios microclimas ou alguma merda assim.

Eu não precisava dela.

Tirei as chaves do bolso, sem me importar onde Kai e Michael haviam se enfiado. Todos iriam encontrar o caminho de volta para casa.

Dei meia-volta.

— Tenho que ir.

— Will.

Mas eu não parei. Seguindo lá para fora, entrei na caminhonete e saí dali, voltando para a rodovia, não dando a mínima se aquele babaca me parasse de novo.

Esfreguei a mão no rosto, sacudindo a cabeça enquanto toda aquela conversa repassava na minha mente.

Emory Scott me odiava, mas ela odiava quase todo mundo. Então, ela estava me obrigando a lutar por isso. E daí? Eu ficaria desapontado se ela não o fizesse. Ela também não respeitava Michael, Kai ou Damon. Essa constatação não deveria doer.

Mas doía.

Eu sempre gostei dela. Sempre a busquei com olhar.

E com o passar dos anos, encontrando com ela nos corredores e sentindo sua presença na sala de aula ao meu lado, ela ficou gostosa pra caralho de uma maneira que ninguém mais parecia notar, a não ser eu.

Meu Deus, ela tinha uma boca suja... Eu amava sua arrogância e sua raiva, porque eu estava sempre muito quente e precisava do gelo.

Isso me fez sorrir.

Mas eu também via coisas que ninguém mais enxergava. A maneira fofa como ela tropeçava em uma pedra na calçada ou ia de encontro a uma caixa de correio, porque seus olhos estavam contemplando as árvores em vez de observar para onde estava indo.

Como ela empurrava sua avó na cadeira de rodas para o vilarejo, ambas sorrindo e tomando sorvete juntas. Emmy segurava sua mão o tempo todo em que ficavam ali sentadas.

A maneira como ela trabalhava tanto, sozinha, sem ninguém para fazer companhia em seus projetos criativos pela cidade.

Havia tanta coisa ali que as pessoas não viam. Ela não deveria ficar sozinha o tempo todo.

Mas Damon estava certo. Ela nunca estaria nos meus braços. Ela nunca baixaria a guarda.

Eu me virei, passando pela rua dela e indo direto para a vila, parando no gazebo que ela havia começado a construir antes do início do ano letivo. Algum projeto que ela havia convencido a cidade a

deixá-la construir no parque, no centro da praça.

Ela sempre trabalhava aqui se não estivesse na escola ou no ensaio da banda. Parei na calçada fora do *Sticks*, encarando o parque e as vigas subindo em direção ao céu, mas ainda sem telhado.

Ela não estava lá.

Era sábado. Ela, provavelmente, tinha ficado lá o dia todo, mas eu não consegui chegar a tempo.

Voltando para a rua, passei de carro pela catedral, prestes a voltar para casa, mas logo depois... eu a vi.

Ela puxou o capuz do seu casaco sobre a cabeça, o longo cabelo castanho solto às costas enquanto ela agarrava a bolsa sobre o peito.

Continuei dirigindo, mas fiquei olhando para trás, observando-a.

Os óculos dela dificultavam de ver seus olhos, mas eles estavam enterrados no seu celular, de qualquer maneira.

Damon estava lá dentro há duas horas. Ela estava também? Há quanto tempo ela estava lá dentro hoje à noite?

Pensei que ela fosse judia. Se não, eu ia me sentir idiota pelo presente do *Yom Kippur* que deixei em seu armário.

Continuei dirigindo, vendo-a desaparecer pelo espelho retrovisor, desejando voltar para encontrá-la, mas eu sabia que ela não aceitaria uma carona minha.

Ela não aceitaria nada de mim.

Eu não era nada, e ela sabia disso, e em dez anos, ela seria incrível, e eu não seria nada.

Ela nunca precisaria de mim.

Em poucos minutos, eu estava descendo os degraus das catacumbas, ouvindo sussurros abaixo, e me dirigindo para o quarto que Damon mais gostava.

Eu me recostei contra o umbral da porta, vendo-o largar a camisa no chão antes de desgrudar a boca da garota que ele havia deitado sobre a mesa.

Seu olhar encontrou o meu, a outra garota ainda vestida e sentada em um banquinho no canto.

Damon sorriu, ficando de pé.

— Venha logo para cá.

Capítulo 7

Emory

Dias atuais...

Ergui a cabeça, as pálpebras pesadas com o sono e a cabeça latejando.

A claridade apunhalou meus olhos e eu sacudi a cabeça de um lado ao outro, me dando conta da realidade em que estava agora.

Não era um sonho. Eu estava em *Blackchurch*.

Checando a porta do outro lado do quarto, eu a vi fechada e a cadeira ainda posicionada embaixo da maçaneta. Suspirei, deixando o lugar onde estive agachada, bem no canto, para que pudesse manter todos os ângulos à vista.

Não tive a intenção de adormecer. Procurei por um relógio, mas não havia nenhum.

Quanto tempo eu tinha dormido? Esfreguei os olhos, abrindo uma cortina e vendo que ainda estava escuro lá fora. A floresta estava além da linha das árvores, a grande extensão quase escura sob a lua coberta de nuvens.

Eu ainda estaria viva se estivesse lá fora agora?

Soltando a cortina, olhei o espelho falso à minha direita, imaginando se eles estavam me observando. Será que todos os quartos tinham isso?

E por quê?

O piso acima de mim rangeu, e meu olhar se concentrou no teto, as tábuas do piso fazendo ruídos diante dos passos de alguém.

Onde diabos nós estávamos? *Pense, pense*. A folhagem lá fora, as árvores, o musgo nas rochas, e o ar denso de umidade... Talvez o Canadá?

E não podíamos estar tão isolados quanto eles pensavam. Ao verificar o trabalho em madeira, as portas e luminárias ornamentadas e os lustres que eu havia notado na casa, eu tinha certeza de uma coisa: *Blackchurch* nem sempre foi uma prisão.

Alguém a construiu como uma mansão, e uma residência deste tamanho foi construída para mais do que uma família. Foi construída para entreter. Um lugar deste tamanho não funcionava sem o apoio de uma população local – serventes, artesãos, agricultores...

Meu estômago doía de fome enquanto olhava para o macarrão que Aydin Khadir havia deixado para mim no banco no final de sua cama. O molho tinha endurecido, e a massa havia amarelado, mas minha boca ainda salivava só de olhar.

Eu tinha me recusado a comer com medo de ser dopada – o que era uma preocupação inteiramente razoável, já que eu devia ter sido

drogada quando fui trazida para cá pela primeira vez, mas... eu também tinha dormido sem incidentes, então eles claramente não esperavam que eu estivesse menos alerta para atacar.

Este era o quarto dele, ele disse. Ele teria voltado aqui para dormir, pelo adiantado da hora. Onde ele estava?

Deixando a comida para trás, eu me virei e procurei pela faca, e a avistei no chão onde eu havia dormido. Segurei a lâmina e entrei no banheiro, enchi um copo de água e bebi antes de limpar a boca e decidir sair do quarto.

Só hesitei um instante antes de afastar a cadeira.

A pulsação no meu pescoço martelou, mesmo sabendo que não estava correndo mais risco fora desse quarto do que dentro. Se eles quisessem entrar, teriam entrado. Eu só coloquei a cadeira para me dar um aviso antes que eles irrompessem do nada.

Mas eu precisava de comida que não fosse feita por outra pessoa, e precisava analisar melhor o ambiente ao meu redor.

Ao olhar para o corredor, virei a cabeça para ambos os lados, meio que esperando ver um deles guardando a minha porta, mas a casa inteira estava imersa na penumbra, e a única fonte de brilho que iluminava de alguma forma o segundo andar, provinha do imenso lustre de cristal no *hall* de entrada.

Não havia ninguém.

Isso era estranho. Será que eles estavam tão confiantes que eu não tentaria fugir novamente?

Encarei a parede e vi a fenda no painel. Fazendo mais uma varredura para ter certeza de que estava sozinha, entrei no corredor e afundei as unhas na fissura, tentando arrancar o revestimento.

Eu sabia que ele se abria. Talvez tenha sido impressão minha que havia alguém me observando através daquele espelho, mas eu sabia que havia um cômodo aqui, caramba.

Depois que não cedeu, coloquei as duas mãos no painel e empurrei, ouvindo as molas estalarem e observando enquanto a porta se abria imediatamente.

Meu coração parou por um segundo e um meio-sorriso se formou.

Escancarei a porta e olhei para dentro do pequeno quarto, vendo uma cadeira rodeada pelo piso e paredes de concreto. Entrei e fui até o vidro, virando para encarar o quarto de Aydin.

Balancei a cabeça. *Inacreditável*. O Will esteve aqui horas atrás? Observando-me?

Outra pessoa estava fazendo isso?

Tantas perguntas, mas, principalmente... havia mais quartos secretos e eles faziam parte desta casa antes que ela se transformasse em *Blackchurch*?

Ou eles foram construídos depois que isto se tornou uma prisão?

Porque se a resposta fosse sim, isso significava que havia de fato algum tipo de vigilância. Alguém poderia estar verificando mais do que apenas a cada trinta dias. Se havia câmaras escondidas, então havia maneiras ocultas para as pessoas entrarem e saírem.

Saí do quarto e fechei a porta, analisando o lugar de novo. As sombras das folhas das árvores dançavam através da balaustrada que pairava sobre o *hall* de entrada, e a água caindo do lado de fora ressoava pela casa como um metrônomo – firme e constante.

Inspirando, o cheiro de livros antigos e madeira queimada chegou ao meu nariz, e agarrei o estilete com força ao meu lado enquanto descia a escada.

Eu queria ir a todos os lugares. Ver todos os cômodos, inspecionar cada armário e conhecer o terreno, mas eu não tinha ideia de que horas eram, ou quais quartos estariam ocupados no momento.

Desci o último degrau e atravessei o vestibulo, passando por uma sala de estar escura e vazia, assim como uma sala de jantar à direita, e um salão de festas e uma biblioteca à esquerda.

As velas cintilavam em candelabros antigos de prata que eram da minha altura, e aquilo chamou a minha atenção quando parei ao lado de um deles e observei.

O lugar tinha eletricidade. Por que então criar esta ambientação?

Peguei a caixa de fósforos na mesa ao lado e roubei alguns deles, enfiando tudo no meu bolso. Com passos leves, eu me esgueirei à direita, em direção à cozinha, mas um grito ecoou pelo corredor vindo da minha esquerda.

Parei e olhei, um calafrio me percorrendo de cima a baixo quando ouvi um grunhido.

— Apenas esqueça isso, Will! — alguém resmungou.

Estreitei o olhar e me concentrei na direção da voz, embora eu devesse simplesmente correr.

Passsei por uma sala de estar e um escritório, e continuei andando pelo corredor, vendo um movimento à esquerda.

Virei e vi uma academia muito parecida com a sala de luta livre na minha antiga escola. Um amplo tapete no espaço aberto, rodeado por equipamentos – esteiras, elípticos, halteres...

Taylor Dinescu fazia flexões no piso, e seu olhar se conectou ao meu quando ergueu a cabeça. Seu cabelo castanho suado grudava no couro cabeludo enquanto o tórax desnudo e suas costas brilhavam com a camada de suor. Meu estômago revirou com o olhar em seu rosto enquanto suas flexões se tornavam cada vez mais rápidas, e ele continuou a me encarar como se eu fosse uma refeição.

Meu coração martelou na garganta e eu me virei, ouvindo um grunhido no final do corredor.

— Cacete! — E então um estrondo.

Dei um salto, agarrando o cabo da faca. Mas que diabos? Seguindo o barulho, parei perto de uma porta entreaberta e espiei o interior.

— Apenas esqueça! — Micah grunhiu, caindo em uma escrivaninha de madeira escura, os livros nas prateleiras atrás dele despencando.

Lágrimas escorriam de seu rosto, mas seu olhar flamejou quando ele empurrou Will para longe.

Eu me aproximei mais.

O sangue estava pingando do nariz de Micah. Ele usava uma calça preta enquanto Will usava jeans, ambos sem camisa, suas formas iluminadas apenas pelo brilho de uma pequena lâmpada.

Will agarrou a nuca de Micah e o puxou, colando suas testas enquanto o rapaz tremia.

Meu coração se afligiu um pouco, apesar de tudo. Qual era o problema dele?

Will o encarou enquanto suas respirações profundas se sincronizavam, mais fortes e mais altas como se estivessem se preparando para algo, e então ele segurou o braço de Micah, agarrando a lateral do pescoço com a outra mão, e empurrou com força, um som baixo e oco soando enquanto Micah gritava.

— Ah!

Estremeci.

— Filho da puta! — ele gritou assim que seu ombro foi colocado de volta no lugar, arquejando com a dor e cambaleando até a escrivaninha tombada no chão.

Caramba. Como diabos isso aconteceu?

Suor encharcava o cabelo preto de Micah, as mechas cobrindo os olhos, orelhas e o pescoço; ele se recostou à parede, ofegando à medida que a cor era drenada do seu rosto.

Eu não tinha certeza da idade dele, mas neste momento, ele parecia ter doze anos e completamente desamparado.

Will lhe entregou uma tigela de alguma coisa com um utensílio para comer, mas Micah a empurrou para longe.

— Vou vomitar.

E naquele momento, ele agarrou a cesta de lixo de cobre e se inclinou, despejando o conteúdo de seu estômago.

Olhei para o lado por um momento, mas depois ouvi mais rosnados e grunhidos vindos de longe, sem conseguir enxergar nada.

Depois que ele limpou a boca e pôs a cesta no chão, Will colocou a tigela sobre a pequena mesa.

— Coma quando puder — disse a ele.

— Não posso ficar com a sua comida.

Will pegou uma bandagem elástica e começou a desenrolá-la, talvez para envolver o braço de Micah, que prontamente se recusou.

— Não — resmungou. — Não quero que ele veja.

Quem? E ver o quê? Que ele estava ferido?

Logo depois, Micah ergueu o rosto e encontrou meu olhar, finalmente me vendo escondida atrás da porta.

Endireitei a postura quando Will acompanhou a direção do olhar, me notando também. Em seguida, ele veio até a porta e a fechou com um chute.

Babaca.

Uma balbúrdia soou de algum lugar do corredor, e depois um grunhido, meu olhar alternou entre a cozinha e o que havia às minhas costas, analisando minhas opções. Eu deveria voltar para a cozinha. Ninguém estava prestando atenção, e Aydin, provavelmente, pensava que eu estava dormindo. Eu podia pegar algumas provisões e colocar uma distância de cerca de três quilômetros rio abaixo antes que ele percebesse.

Mas...

Outro grito perfurou o ar, e minha curiosidade levou a melhor.

Continuando pelo corredor, segui os sons e virei em um canto, vendo branco e azul adiante, bem como vapor subindo no ar pela porta aberta no final corredor.

Espiei às escondidas, ficando surpresa quando vi uma piscina coberta. E aquecida, a julgar pelo vapor que saía da superfície.

Bufei. Riquinhos...

Dois homens rolaram sobre o tapete estendido no *deck* da piscina, e eu me aproximei um pouco mais, ouvindo Aydin falar com Rory enquanto ele o pressionava contra o tapete:

— Peça — ele o provocou. — Ele pode ter. Tudo o que você precisa fazer é pedir.

Rory Geardon se levantou depressa, agarrando Aydin pelo pescoço e tentando derrubá-lo, mas Aydin o virou, seu peito nu contra as costas do garoto enquanto ele sussurrava algo em seu ouvido.

Rory arreganhou os dentes, os olhos angustiados com seja lá o que estava ouvindo. E o *déjà vu* me envolveu assim que me lembrei de uma luta semelhante que eu tinha visto com Will.

A madeira rangeu ao meu lado, e eu desviei o olhar do embate para encarar a parede que vibrava levemente contra o meu ombro recostado. Pareceu a movimentação que ouvi lá em cima.

Endireitei a postura, pronta para me inclinar e ouvir um pouco mais, mas depois avistei as sombras às minhas costas, e quando me virei, deparei com Taylor, seguido por Will e Micah.

Eles passaram por mim, em direção à piscina, e cada um me deu uma olhada de relance antes de entrarem no cômodo. Eu permaneci afastada, vendo Rory rosar com o ataque de Aydin.

— Todo o prazer que você teve com a dor deles — Aydin murmurou. — Você sabia que um dia ia custar alguma coisa, não sabia? — Ele mordeu o lóbulo da orelha dele, puxando-a enquanto todos os músculos do corpo de Rory tensionavam.

Aydin o soltou.

— Mas não — o alfa continuou —, você só age quando tem certeza de que pode vencer. *Com garotas que nem sequer percebiam a sua aproximação.* Você sabia que isso não ia durar para sempre, certo?

Do que ele estava falando? Era por isso que Rory estava aqui?

Taylor sorriu, nitidamente se divertindo com a cena. Micah ficou na beirada do tapete, parecendo desamparado enquanto olhava para baixo, com os olhos vermelhos.

Com garotas que nem sequer percebiam a sua aproximação.

O que isso significava?

— Diga, *Socio*. — Aydin inclinou-se novamente no ouvido dele: — Eu. Sou. Fodido. Pra. Caralho.

Rory resistiu, tentando se virar – encontrar uma saída –, mas o corte na sua sobancelha fez o sangue escorrer em seu olho, e ele simplesmente permaneceu em silêncio.

— Sou — Aydin falou, instigando — muito fodido. — Então ele abaixou a voz para um sussurro intenso que todos nós pudemos ouvir: — Da cabeça.

Um soluço escapou de Rory, e ele fechou os olhos com força como se temesse que fosse verdade.

Olhei para Will, seu olhar fixo na cena que se desenrolava, mas ele deve ter sentido que eu estava observando porque me encarou, a expressão inabalável e o olhar inflexível.

Por que eles não o estão ajudando? A única pessoa que parecia estar gostando do espetáculo era Taylor. Foi assim que Micah ficou ferido? Lutando contra Aydin?

— Nunca vão deixá-lo sair — Aydin disse ao homem abaixo dele. — Sou sua família agora.

Rory arfou, nem um pouco feliz com aquela constatação, e Aydin saiu de cima nele, levantando-se e caminhando até a pequena mesa à beira da piscina. Ele pegou uma garrafa de Johnny Walker Blue e se serviu de uma dose sob o escrutínio de todos ali.

Pensei ter ouvido Taylor dizer que não havia bebidas alcóolicas aqui.

Will foi até a mesa, e Aydin pousou o copo e disse:

— Só peça.

Mas Will apenas pegou a garrafa, e Aydin o agarrou, uma mão

na nuca do Will e a outra apertando sua garganta.

— Olhe para mim — ele disse ao Will, os narizes quase tocando.

E então, o olhar de Aydin se desviou para mim, com um sorriso amargo brincando em seus lábios. Na mesma hora, uma sensação ruim envolveu minhas entranhas.

Ele controlava tudo.

Empurrando Will para longe, ele golpeou seu rosto com um tapa.

— Peça — ele repetiu.

Will cambaleou, de costas para mim, mas depois de um momento, ele se endireitou de novo, ficando de pé.

Aydin balançou a cabeça, indo na direção dele e estapeando o mesmo lado diversas vezes, empurrando Will para trás até ele perder o equilíbrio, virando e caindo de quatro.

Lágrimas encheram meus olhos, e olhei para Will enquanto ele parava um pouco para recuperar o fôlego, e então se levantou de novo, encarando Aydin e endireitando a postura.

Que diabos ele estava fazendo? Will podia lutar. Ele não estava nem tentando.

O que havia acontecido com ele?

Aydin se levantou, cara a cara, e olhou bem dentro dos olhos do Will.

— Ele está machucado — disse ele. — Peça ou bata em mim, e você pode ficar com a garrafa inteira.

A garrafa. Encarei o uísque escocês.

E depois ao Micah. Rory e Will estavam tentando conseguir a bebida alcóolica para aliviar a dor de Micah.

Os músculos da mandíbula do Will se contraíram, e Aydin não esperou pela resposta. Cerrando o punho, ele recuou, se virou e esmurrou o queixo dele, agarrando sua cabeça depois para completar com uma joelhada.

Ofeguei quando o sangue jorrou do nariz do Will e ele caiu de joelhos de novo. Comecei a correr até lá, mas ele esticou a mão, me impedindo sem nem mesmo olhar na minha direção.

Ele inspirou fundo, fechando os olhos enquanto limpava o sangue da boca e ficou de joelhos ali, tentando esticar as pernas de novo.

Finalmente, tremendo, ele se levantou.

Mas Aydin apenas riu e se afastou, servindo-se de outra dose.

— Não posso negociar com alguém que não brinca — ele disse.

Will ficou ali sangrando, e eu fiz menção de me mover para atrair seu olhar. Mas justamente quando pensei que ele fosse me encarar, ele olhou para o outro lado e saiu do tapete.

O que havia acontecido com ele? Tudo bem que ele não era o líder no colégio, mas nunca deixou ninguém o tratar daquela forma.

— Dormiu bem? — Aydin perguntou.

Pisquei, percebendo que ele estava falando comigo.

— Taylor tinha quase certeza de que teríamos que arrastá-la para fora daquele quarto — refletiu, pegando uma toalha e limpando o suor do rosto.

Ele jogou a toalha em uma cadeira próxima, seu olhar descendo para a minha mão e a faca firme entre meus dedos.

— Você pode relaxar — falou. — Você não vai embora.

— Não vou ficar.

Ele riu, desafiando o cinto.

— Negação. A primeira fase. Eu me lembro bem disso — devaneou, abaixando a calça até o chão e ficando apenas de cueca boxer. — Lidar com a perda da liberdade e da escolha é exatamente como lidar com a perda de um amigo ou pai. *Isto não está acontecendo. Esta não é a minha vida agora. Tem que haver uma saída para isto...*

Ele me encarou, se divertindo, e depois tirou o resto de suas roupas, ficando completamente nu.

O calor subiu pelo meu pescoço, mas cerrei a mandíbula e mantive o olhar focado naquele sorriso estúpido, enquanto os outros ficaram ao redor, permanecendo em silêncio.

— Você está suja. — Ele suspirou, bebendo mais um gole. — Eu te avisei que nós daríamos banho em você se não fizesse isso sozinha.

— Você vai ter que dar, bonitão — retruquei. — Não dou ouvidos a você.

— Oh, que delícia. — Ele sorriu, virando e entrando na piscina até a cintura. — Esperava muito que você fosse dificultar as coisas.

Olhei para a porta por onde entrei, desejando ter ido para a cozinha como deveria.

— Há mais gente nesta casa? — perguntei.

Ele jogou água no rosto, molhando o peito também.

— Por que você pensaria isso?

— Ouvi movimentos acima de mim no seu quarto há alguns minutos — falei.

Talvez se eu os distraísse, revistando a casa, eu pudesse chegar à cozinha. Talvez não saísse daqui esta noite, mas eu poderia juntar um pouco de comida.

— E de novo, nas paredes aqui embaixo — eu disse. — Mas vocês estão todos aqui.

Não passei por ninguém no meu caminho até o andar de baixo, e parecia que todos eles já estavam aqui quando cheguei.

— Você nunca tinha ouvido nada antes? — perguntei.

A sala de vigilância, provavelmente uma de muitas, e o

movimento em áreas da casa onde não deveria haver pessoas?

Mas ele sabia o que eu estava insinuando.

— Não há ajuda para você aqui.

Ele submergiu na piscina e se levantou de novo, nadando para o outro lado e depois alisando o cabelo escuro enquanto o vapor se espalhava ao redor de seu corpo.

Incapaz de me conter, abaixei o olhar. As curvas e formas de seu abdômen definido, a pele bronzeada que parecia ter sido beijada pelo sol em alguma ilha mediterrânea em vez de uma casa fria e desolada no meio do nada, e o V acentuado de seus quadris que desapareceram na água fariam muitas mulheres – e homens – felizes só de olhar.

E eu não tinha dúvidas de que ele estava bem ciente disso.

— Venha aqui — ele disse, suavemente.

Ousei encarar seus olhos, vendo-o andar até a borda mais próxima de mim, parecendo um deus na Terra.

Que pena para ele, eu não adorava ninguém.

— Por que você controla a comida? — exigi saber, ficando onde eu estava.

— Por que eu controlaria a comida? — ele caçoou e depois olhou às minhas costas. — Taylor?

Olhei por cima do ombro, vendo a aproximação de Dinescu. Recuei na mesma hora.

— Porque estamos sobrevivendo — ele respondeu por Aydin. — Quando não se pode correr até o supermercado ou pedir comida de um restaurante, é preciso garantir que as pessoas não comam demais.

— Ou talvez controlar as necessidades básicas ajude a controlar as pessoas — retruquei, desviando meu olhar de Taylor para Aydin.

Era uma tática básica comum entre os ditadores. Quando as pessoas passavam seus dias lutando por comida, abrigo e segurança, elas não tinham tempo ou energia para lutar por mais nada. Mantinham-nas pobres, famintas e burras.

— De qualquer forma — continuei, olhando-o de cima a baixo —, você não parece estar desnutrido.

Ao contrário de Will, que deu sua porção a Micah. E com que frequência ele fazia isso, de qualquer maneira?

Mas Aydin simplesmente sorriu.

— Seja boazinha comigo, e você também não ficará.

Prefiro comer lâminas de barbear.

Ele saiu da piscina. Taylor jogou uma toalha para ele, e o observei secar o rosto enquanto ele estava ali nu, simplesmente porque podia.

— Você quer sair daqui com uma sacola de comida e água, certo? — ele adivinhou. — Talvez um moletom?

Sim.

— Vou te dizer uma coisa, então... — falou. — Nós conquistamos o que comemos aqui. Você pode lutar por isso. Se você ganhar, você pode ir embora. Ou tentar — acrescentou. — Mas se você perder, eu lhe mostrarei seu próprio quarto com um banheiro privado e algumas roupas limpas até a equipe de reabastecimento chegar em vinte e nove dias.

Ele enrolou a toalha em volta da cintura e se aproximou de mim.

— Ou, se você preferir, podemos fazer outro acordo. — Seu olhar desceu pelo meu corpo. — Mulheres têm sua utilidade, afinal de contas.

Taylor riu baixinho à minha esquerda, e encarei Aydin, tentando manter a calma, apesar das minhas entranhas estarem subindo pelas paredes.

Lutar por isso? Jesus, ele estava tão ansioso em provar que tinha o pau maior que o de todos os outros, que os fazia lutar contra ele – ou implorar – por tudo o que eles queriam ou precisavam.

Será que ele pensava que eu tinha uma chance?

— Pronto para desistir? — perguntou, um sorrisinho debochado curvando seus lábios.

Mas eu fiquei ali, analisando minhas opções. Eu podia caçar, ganhar sua confiança, acumular mantimentos quando ninguém estava observando, e depois fazer minha fuga alguma noite quando eles baixassem a guarda.

Isso seria inteligente.

Mas eu também não tinha ideia se não passaria pelo inferno nesta casa caso ficasse. Eu não podia arriscar.

— Tudo o que tenho que fazer é vencer? — insisti.

Will avançou para frente antes que ele pudesse responder, o corpo inteiro retesado.

— Um passo a mais — Aydin rosnou sobre seu ombro para Will —, e a escolha não será mais dela. Podemos explorar uma série de outros arranjos para ajudá-la a ganhar sua liberdade.

Will parou, respirando fundo, e o primeiro vislumbre de preocupação em seu olhar que vi desde que cheguei aqui alternou entre mim e Aydin.

— Não é verdade, Micah? — Aydin provocou. — E Rory?

Os dois garotos ficaram de lado, sangrando, suando e derrotados.

— É — murmuraram com os olhares abatidos.

Taylor deu um passo à frente, jogando a toalha em volta do pescoço e me rondando com sua calça preta de treino.

Observei seu peito largo, os braços fortes e os músculos

contraídos de seu abdômen enquanto ele andava ao meu redor.

Girei lentamente, seguindo-o.

Tudo o que eu precisava era de um bom golpe. O queixo era o botão de nocaute. Se eu acertasse o queixo dele, ele cairia como um veado morto.

— Se você estiver mentindo — falei, voltando meu olhar para Aydin —, eles saberão que sua palavra não significa nada.

Ele acenou uma vez com a cabeça.

— Se ganhar, pode ir embora. — E então acenou com a mão, sinalizando para que começássemos. — Taylor?

— Não, eu. — Will parou ao lado de Aydin. — Deixe que ela lute comigo.

— Mas então como você assistiria? — ele retrucou.

Ele não queria que Will realmente respondesse a pergunta. Ele sabia que o Will – que me amava ou odiava – pegaria leve comigo, e eu estava começando a ter a sensação de que Aydin queria que isso também o ferisse de alguma forma.

Mãos empurraram meu peito, me lançando para trás e arrancando meu fôlego quando caí de bunda no chão.

Merda.

Senti uma dor aguda no meu cóccix, e mal consegui respirar, a sensação de *déjà vu* tomando conta de mim.

— Ao invés de vencer, talvez você devesse se preocupar apenas em ficar de pé — Taylor zombou e deu uma risada.

Parecia Martin, no entanto, o som sombrio que me atingia no estômago como uma marretada.

Forcei-me a ficar de pé, sentindo Will na lateral, a energia em suas pernas prontas para se mover a qualquer segundo.

Mas eu não precisava dele.

Ergui o punho, mirando diretamente na mandíbula de Taylor, mas ele o segurou, apertando meu pulso com uma mão e acertando meu rosto com a outra.

— Aaah — arfei, minha bochecha explodindo em chamas.

Agarrando meu cabelo à nuca com brutalidade, ele socou a minha barriga e eu caí de joelhos antes que outra mão voasse novamente pelo meu rosto. O sangue encheu minha boca, meus olhos marejaram e eu mal conseguia enxergar.

Não.

Cerrei os dentes para conter o choro, mas depois lembrei que minha avó não estava lá em cima para ouvir nada.

— Chega! — Ouvi Will gritar.

Flexionei os músculos das coxas, forçando minhas pernas a pararem de tremer. Will nunca tinha me visto ser espancada. Ele não sabia o que eu podia aguentar.

E Taylor Dinescu não era nada.

Abrindo os olhos, vi sua virilha bem na minha frente, e disparei a palma da mão, rugindo e usando cada grama de força que eu consegui reunir para acertar seu pau, rolando rapidamente para fora de seu alcance.

Ele berrou, caindo sobre um joelho, e eu tirei meus óculos, me lançando na sua direção enquanto ele estava no chão. Saltei sobre suas costas, prendendo meu braço ao redor de seu pescoço e apertando o máximo que consegui, sem me importar com os sussurros ou as risadas que ecoaram pelo cômodo.

Taylor se curvou com meu peso sobre ele, mas se forçou a ficar de pé, respirando depressa e não mais à vontade.

— Fui suave com aqueles golpes — resmungou, entredentes.

— E acredite em mim quando lhe digo que sei tomar um — respondi.

Ele se endireitou, se jogando para trás, e eu gritei, vendo o chão se aproximar de nós por cima do meu ombro. Caí de costas com seu peso me esmagando, e tossi, arfando em busca de oxigênio e com as costelas agonizando de dor.

— Sua vadia desgraçada — murmurou.

Ele rolou, saindo de cima de mim, e abri os olhos a tempo de ver seu pé vir na direção da minha cabeça.

Arregalei os olhos e rolei, meu coração na garganta quando o dedo do seu pé atingiu meu olho.

Putá que pariu.

Apertei os olhos com força, e pude sentir o sangue escorrendo pela minha maçã do rosto.

— Droga — Will gritou. — Chega!

— Foi suficiente, Emory? — Aydin perguntou, entrando na conversa. — Você desiste?

Não tive oportunidade de responder. Taylor pulou sobre mim, me estapeando repetidas vezes, e mal tive tempo de recuperar o fôlego antes de ele cobrir minha boca e nariz com a mão.

Inspirei, o sangue cobrindo meu rosto, mas não consegui nada de ar. Meus pulmões se contraíram, meu cérebro se desligou e, de repente, eu estava em casa com Martin como se fosse ontem. Eu me debati, agitando as mãos enquanto meu corpo gritava por oxigênio. Dei um tapa no peito de Taylor, arranhei seu rosto e pescoço, chutando e me contorcendo sob seu agarre.

Suas coxas se apertaram ao meu redor, e eu me debati uma e outra vez, presa. Eu não conseguia respirar. Não conseguia me mover. Lágrimas encheram meus olhos enquanto minha pulsação martelava em meus ouvidos.

Não, não, não...

Ele se inclinou e colou a boca no meu ouvido.

— Eu poderia estar dentro de você em três segundos — sussurrou. — E estarei quando...

Ergui o punho, batendo direto na sua mandíbula, e sua cabeça balançou, seu corpo inteiro enfraquecendo.

Ele soltou seu agarre o suficiente, e eu afastei suas mãos do meu rosto, inspirando fundo enquanto o empurrava de cima de mim.

Ficando de pé, virei e recuei, vendo-o sentado no tapete e segurando sua mandíbula, me encarando, mas ele ainda não estava se movendo na minha direção.

Andei de costas, encarando Aydin.

— Abra a porta — exigi.

Ele inclinou a cabeça, mas não se mexeu.

Notando a garrafa na mesa, segurei a bainha da minha camisa, rasgando-a na costura e arrancando um pedaço enquanto corria na direção da garrafa.

Agarrando-a, enfiei o tecido, recuei em direção à porta e tirei um dos fósforos do bolso, abaixando-o para passar a ponta sobre o rejunte entre os tijolos.

Encarei o cômodo cheio de garotos enquanto o sangue escorria da minha sobrelanceira e do canto da boca.

Encontrei o olhar do Will, esperando que ele notasse a ironia na minha escolha pelo coquetel Molotov. Ele conhecia bem esse truque.

— Fiquem para trás! — gritei, segurando a bomba e o pavio.

Aydin ainda veio para frente, aproximando-se.

— Você acha que eu mesmo não vou lidar com você se for preciso?

— Eu acho que você também quer algo de mim, então... — falei. — É melhor ser bonzinho comigo.

Ele riu.

— Ah, segunda fase — comentou, se divertindo. — Raiva. Eu estava tão ansioso por esta.

Ao invés de estar preocupado que eu pudesse queimar todo o abrigo deles com esta única garrafa, ele estava entusiasmado. Taylor se levantou do tapete, todos os cinco de frente para mim e se movendo na minha direção enquanto eu tentava alcançar o corredor.

Eu estava mesmo fazendo isso? Indo embora agora? Sem comida, sem roupas, sem ajuda? Ele não estava recuando. Eles não iam me deixar fugir.

Seja lá o que eu fosse fazer, tinha que ser agora.

Ateei fogo ao pano, levantei a garrafa sobre minha cabeça, ouvindo o líquido deslizar por dentro, e eles pararam, parecendo divididos entre avançar ou retroceder.

Que se dane. Joguei a garrafa, o vidro espatifando e as chamas explodindo, consumindo o corredor enquanto eles se moviam para trás, e eu me virei, disparando até a porta da frente.

Eles teriam que dar a volta. Havia uma porta nos fundos da área da piscina coberta para eles saírem, e eu não podia acreditar que tinha feito isso, mas eu era assim. Dada a chance de fugir, eu sempre fugia.

Com passos firmes, corri para a porta e a abri, mas, de repente, Taylor estava lá, me fazendo estacar bem nos degraus da frente.

Arquejei, cambaleando para trás, e ele disparou na minha direção, o restante deles gritando de fora também.

Eles... eles já estavam contornando a casa. *Merda*. Só demorou um instante para decidir. Eu me virei e corri para a escada, lembrando que vi uma varanda com vista para a cachoeira em algum lugar do segundo andar. Se eu conseguisse chegar até ela, eu poderia descer por um cano e escapar.

Com Taylor às minhas costas e o resto dos meninos entrando na casa, atravessei o corredor no segundo andar, alguém agarrando meu cabelo por trás e me puxando de volta.

Dei um giro, empurrando Taylor para longe, mas perdi o equilíbrio e caí por cima do corrimão, seus punhos agarrando a gola da minha blusa e me segurando enquanto minhas pernas balançavam a quatro metros e meio do chão.

— Ah! — gritei, agarrando os braços dele. Encontrei seus olhos azuis furiosos enquanto ele apenas me segurava ali. O extintor explodiu lá embaixo, apagando o fogo, e o tecido da minha camisa começou a rasgar.

Ofeguei.

Taylor grunhiu enquanto tentava me puxar para cima, mas depois... ele perdeu o agarre, e meio que soltou as mãos para tentar firmá-las outra vez. Rory apareceu, se inclinando para mim assim que eu caí.

Escoreguei, caindo, e Rory despencou junto comigo, nós dois fluando até o chão abaixo.

Gritei, batendo de lado na superfície dura de mármore, e olhei para cima, vendo o menino loiro cair bem na minha direção. Ele bateu no chão ao meu lado, sua cabeça chicoteando para trás, e estendi as mãos depressa, segurando seu crânio logo antes que ele o chocasse contra o chão.

Ambos respiramos com força, sua cabeça presa entre as palmas das minhas mãos ao meu lado, e ele piscou, finalmente encontrando meu olhar.

Então ele fechou os olhos, o alívio tomando seu rosto.

— Jesus Cristo — Will exalou, correndo até nós.

Ele segurou minha cabeça, inspecionando-me.

— O fogo está apagado — Micah gritou e correu para Rory, segurando seu rosto e deslizando as mãos sobre seu tronco e braços. — Alguma coisa quebrada? — perguntou a ele.

Rory balançou a cabeça, e vi o polegar de Micah acariciar a bochecha de Rory.

Movi meu olhar ao redor, tentando me reconectar com meu corpo, mas não conseguia dizer se estava inteira. Tudo doía.

— Emmy, Jesus... — Will me encarou, seu olhar percorrendo meu corpo.

No entanto, antes que ele pudesse dizer algo mais, Aydin se abaixou e me pegou nos braços, o cenho franzido e dividido entre a raiva e a preocupação brincando no seu olhar, também.

— Pegue um pouco de comida e água para ela — ele pediu para alguém. — E traga meu kit, alguns curativos limpos e um pouco de álcool.

Ele me carregou pela escada, e observei Will e Micah colocarem os braços de Rory ao redor de seus ombros e andarem com ele, seguindo-nos.

Will encontrou meu olhar por sobre o ombro de Aydin, e por mais que eu não conseguisse decifrar o que se passava em sua mente, ele não desviou o olhar.

— Você é uma lutadora — Aydin falou. — Eu gosto de você.

O quê? Eu o encarei, boquiaberta, com dor demais até para revirar os olhos.

— Você viu os ossos no meu quarto hoje? — Aydin perguntou.

Não respondi.

— Aquilo era de alguém que também pensou que poderia fugir — explicou. — Nós encontramos o que sobrou dele três meses depois, quando estávamos caçando.

Outro prisioneiro tentou fugir?

Era definitivamente um osso humano. Um fêmur. Eu soube no instante em que o peguei. Por esse motivo o larguei na mesma hora sobre a mesa.

Eu não sabia se um animal o tinha pegado ou se tinham sido os elementos naturais, e não perguntei. E então me lembrei de outra coisa que ele havia dito. O kit dele. Curativos.

Depois havia todas aquelas coisas em seu quarto. Biologia. Desenhos. Anotações.

— Você é médico? — perguntei, finalmente me dando conta.

— Quando eu quero ser.

— Há quanto tempo você está aqui?

Ele encontrou meu olhar.

— Dois anos, um mês e quinze dias.

Engoli o nó que se formou na garganta. A ideia de Will estar aqui há tanto tempo doeu.

— Use sua cabeça — ele disse, me carregando para seu quarto como se eu não pesasse nada. — Você vai precisar dela para permanecer viva, porque não é assim que vamos acabar, Emory Scott.

A contragosto, eu quase sorri, mas consegui reprimir o sorriso a tempo.

Não. Não era assim que eu acabaria.

Eu tinha vinte e nove dias.

Capítulo 8

Emory

Nove anos atrás...

Ergui um livro atrás do outro, papéis soltos voando por toda parte enquanto eu procurava pelo meu volume de Lolita no fundo do armário. Trabalhos antigos de matemática, rasgados ou amassados, encobriam o chão, e eu segurava livro após livro, folheando cada um deles à procura de qualquer sinal do meu dever de casa perdido.

Merda.

Aquele volume estava com mais de uma semana de atraso. Onde diabos ele foi parar?

Meus olhos marejaram. Eu não podia acreditar que estava prestes a chorar por causa disso. Eu deveria ter feito aquele dever quando tive a chance, ao invés de levar as coisas com a barriga. Era isso que dava.

Eu sabia que tinha perdido um monte de merda quando aquele idiota do Anderson derrubou meus livros das minhas mãos mais uma vez anteontem. Tudo se espalhou pelo chão do corredor lotado, alunos que passavam por ali dando pontapés nas minhas tralhas enquanto andavam.

Eu tinha perdido o questionário, e Townsend não iria me dar outro.

Remexendo a bagunça, rapidamente recolhi os papéis que havia derrubado no chão e os enfiei de volta no armário, me levantando e tirando os livros da prateleira. Também procurei por entre as páginas, um último esforço para ter esperança de que ainda estava em algum lugar.

— Você está bem?

Olhei por cima do ombro e avistei Elle caminhando na minha direção com uma mochila em um braço e o estojo do trompete no outro.

— Estou — murmurei, me concentrando mais uma vez na minha busca.

— Bem, quase todos foram embora — ela disse. — Está ficando escuro.

Ela continuou andando, mas se virou para me observar enquanto perguntava:

— Precisa de uma carona?

— Não, obrigada.

— Okay, nos vemos amanhã.

— Boa noite — resmunguei, mas não me dei ao trabalho de

olhar.

O que eu ia fazer? As aulas tinham acabado há duas horas. Os professores tinham ido embora, e a banda também, já que o ensaio tinha terminado há mais de vinte minutos. Era tarde demais para encontrar meu colega de banda, Joseph Carville, que frequentava aquela aula comigo para ver se eu poderia fazer uma cópia do formulário dele na impressora da biblioteca.

Mas, é claro, ele, provavelmente, tinha entregado o dele na semana passada, de qualquer forma.

Fechei o armário com força. O silêncio dos corredores vazios só fazia com que os pensamentos na minha cabeça se tornassem mais altos.

Isto foi culpa minha, e eu não poderia nem mesmo culpar Martin por ter ficado chateado quando viu a tarefa que faltava em meus registros. Era quase como se eu gostasse de provocá-lo.

Eu era teimosa a ponto de ser autodestrutiva. Eu estava pedindo por isso.

Abaixei mais uma vez e peguei a mochila do chão, mas em vez de sair pelas portas para ir para casa, voltei pelo caminho de onde vim – desci a escada, passei pelo corredor e fui em direção ao vestiário.

— Vamos lá... — Ouvi alguém dizer, de repente. — Você pode fazer melhor do que isso.

Pareceu a voz de Damon Torrance. Passei pela sala de luta livre e dei uma espiada, vendo-o prender outro garoto aos tapetes enquanto a equipe de basquete malhava com os halteres ao lado e seus amigos ficavam em volta, observando com diversão.

Voltei a seguir adiante quando ouvi outra voz:

— Por que você não escolhe alguém do seu tamanho?

Desacelerei meus passos e depois... parei, sentindo os arrepios se espalhando pelo meu corpo ao ouvir sua voz. Hesitei um instante e depois recuei, ouvindo batidas no tapete enquanto espreitava ao virar a esquina.

Will grunhiu, pulando nas costas de Damon e o prendeu ao chão enquanto o pobre garoto de antes ficava parado, sorrindo ao ver o idiota recebendo uma dose de seu próprio remédio.

Damon se debateu, libertando os braços, mas Will se agarrou a eles, prendendo-os rapidamente novamente entre seus corpos e usando seu peso para mantê-los lá.

— Eu estou deixando isso acontecer. — Damon se irritou.

— Claro que está. — O corpo de Will tremeu com uma risada às costas de seu amigo, e seu sorriso parecia tão feliz e espontâneo. Um sorriso começou a ser formar nos meus lábios, mas me contive a tempo.

Ele deve ter sentido a minha presença, porque levantou a

cabeça e encontrou meu olhar.

A pulsação no meu pescoço latejou, mas eu não corri.

Foi esquisito. Ele tinha me deixado em paz desde a festa do pijama. Dias se passaram e ele não me dirigiu uma única palavra na aula de literatura ou um único olhar nos corredores.

Fiquei feliz por isso. Eu não queria a atenção dele.

Recuando, continuei meu caminho até o vestiário e empurrei as portas, acendendo as luzes.

Vesti meu traje de banho preto e a camiseta com manga comprida por cima e, em seguida, preendi o cabelo em um rabo de cavalo à nuca. Tirando uma toalha limpa do carrinho, fui para a piscina coberta, deixando as luzes apagadas porque a iluminação da saída de emergência estava sempre acesa e isso era o suficiente para mim. Eu não queria alertar ninguém do lado de fora que eu estava aqui quando a área deveria estar vazia.

Coloquei a toalha no banco e larguei as sandálias ali, caminhando lentamente até a beira da piscina, alongando os braços e ombros enquanto saltava para cima e para baixo para aquecer os músculos.

O cheiro do cloro fazia cócegas nas minhas narinas, e a adrenalina corria solta pelo meu corpo em antecipação.

Eu sentia falta disso. Eu adorava a água.

Subindo no bloquete à margem, baixei os óculos de proteção e curvei o corpo, agarrando a extremidade da plataforma e respirando rapidamente algumas vezes.

Ao tomar um grande fôlego de ar, saltei, mergulhando na piscina e me impulsionando enquanto atravessava a superfície da água.

O frio atingiu minha pele como um monte de agulhas, mas expirei e depois disparei, um braço após o outro, estilo livre a um ritmo agradável e constante até a outra extremidade.

Eu não estava aqui para competir, mas também queria suar. Mantendo os olhos para baixo, inclinei a cabeça para tomar ar a cada três braçadas antes de mergulhar de volta na água.

Avistando o marcador preto no azulejo abaixo, dei mais uma braçada e me virei, empurrando a parede e voltando pelo mesmo percurso.

Eu podia dizer que a banda e a natação eram uma desculpa para estar fora de casa. Que meu projeto no parque era outra coisa que eu usava para evitar voltar para lá. Que todas essas atividades eram coisas que eu podia fazer relativamente sozinha sem que muitos outros, especialmente os colegas, interferissem no meu papel.

A verdade é que eu gostava de mostrar às pessoas o que eu podia fazer. Para a cidade com o gazebo. Aos poucos alunos e pais que

tinham aparecido para nos incentivar na natação, quando eu estava na equipe. Para toda a escola quando eu entrava no campo de futebol e tocava flauta.

Cada pequena coisa que você podia fazer te fazia sentir mais forte. *Eu tenho isso, então não preciso de você. Eu tenho aquilo, então não preciso de você.*

Às vezes, eu conseguia me iludir a acreditar que ter isto ou poder fazer aquilo me deixava muito ocupada e importante demais para, possivelmente, me importar com tudo o que eu não tinha e tudo o que eu nunca seria.

Como alguém que sorria.

Ou que possuía amigos.

Como ter alguém que gostava de me fazer cócegas e me beijar no rosto todo, não apenas nos lábios.

Não. Ser capaz de nadar os cem metros de estilo livre em quarenta e oito segundos era realmente algo vital. Isso me fazia feliz. Eu não precisava daquelas outras merdas.

Acelerando para a outra ponta, eu me virei, impulsionei e segui para a outra direção, concentrada no meu ritmo e deixando as preocupações e o estresse se dissiparem como neblina no sol.

Inclinei a cabeça, respirei fundo e enfiei o rosto de volta na água, mas ao fazer isso, avistei outro rosto olhando diretamente para mim, do fundo da piscina.

Gritei, assustada, bolhas saindo da minha boca como um maldito gêiser. Mas que porra?

Parei e me debati na água, tentando levantar a cabeça, mas antes que eu pudesse chegar à superfície, algo segurou meu tornozelo e me puxou de volta para baixo.

Tentei gritar mais alto, meus gritos submersos abafados enquanto eu me agitava.

Depois, inalei. Um gole de água se alojou na minha garganta, e dei um coice com o meu pé, chutando o otário com tanta força que uma dor aguda se alastrou desde o dedo do pé até a perna.

Arfando e cuspindo, alcancei a superfície, tossindo enquanto tentava escapar.

Mas então... outra pessoa me segurou.

— Ei, ei, ei — ele disse, me puxando até ele e me segurando com uma mão em volta da cintura, e a outra na minha coxa. — Calma.

Tossi, só conseguindo respirar breve e superficialmente enquanto meus pulmões expeliam a água que aspirei.

— Me — arfei assim que vi Will Grayson me segurando — larga.

Mas eu estava tossindo demais para soar severa, e ele apenas

bufou, rindo.

Eu me afastei na mesma hora.

— Saia de cima de mim.

— Eles estão apenas brincando, Emmy.

Ele me soltou, e eu olhei para cima, vendo Michael e Kai dentro da piscina conversando com Diana Forester, enquanto Damon batia o punho na água e me fuzilava com o olhar. Sangue escorria da sua narina esquerda enquanto ele seguia para o *deck* para pegar uma toalha.

Babaca. Eu poderia ter me afogado.

Uma loira apareceu às costas de Will, nos observando antes de segurar sua mão.

— Tenho que estar em casa às dez — ela disse. — Venha passar um tempo comigo.

Os olhos dele estavam fixos em mim.

— Você está bem?

Olhei para ele com a cara feia e fui até a borda da piscina.

— Então, vá para casa — ele me ordenou, virando as costas.

Ainda tentando recuperar o fôlego, respunguei:

— Eu estava aqui primeiro.

Ele olhou da garota para mim, um sorriso brincando no seu olhar.

— Como quiser.

Deixando a garota de lado, ele me seguiu de novo, e recuei até chegar à beira da piscina. Ele parou e se mexeu por baixo d'água.

Em um instante, ele se inclinou e puxou o calção de malha preta que estava usando na sala de luta livre para fora da água e jogou por cima da minha cabeça, para o *deck* da piscina.

Parei de respirar na mesma hora.

Os assobios e gritinhos ecoaram no lugar, e encarei seus olhos fixamente, os segundos se estendendo por uma eternidade enquanto ele esperava que eu fizesse algo, e quase pensei que ele queria que eu fizesse.

Em vez disso, dei meia-volta e agarrei a escada, mas ele segurou meu braço e me puxou de volta, meu corpo se chocando contra seu peito.

Virei e o empurrei com força, mas ele mal se moveu.

A raiva fervilhava por dentro. Sua mão ainda envolvia o meu braço, e por um segundo, quase deixei meu olhar vagar para baixo para conferir se ele realmente estava pelado. Levantei a mão e dei um tapa em seu rosto, ao invés disso, empurrando com força para trás. A garota tinha desaparecido dali.

— Se você me agarrar novamente, não vou me importar com as consequências — respunguei baixinho.

Recuando, comecei a subir a escada.

Até que ele disse, às minhas costas:

— Fique.

— Não. — Saí da piscina, e a água escorreu pelo meu corpo enquanto seus assobios zombeteiros explodiam ao redor.

— Por que não? — ele gritou.

— Porque você é insolente. — Encarei-o por cima do ombro. — Eu estava treinando aqui. Suas mansões têm piscinas. Por que não vão embora para a casa de vocês?

Ele me encarou, e eu estava prestes a me virar e sair, mas depois ele gritou:

— Gente! — Seu olhar permaneceu em mim. — Vocês me fazem um favor? Vão embora para casa.

— Hã? — alguém disse.

— O quê? — Veio outra voz.

— Estou falando sério — disse a eles. — Vão para casa. Agora.

Entrecerrei o olhar. *Ah, que gentileza.* Flexionando os músculos para provar que ele tinha a força de um valentão de parquinho e a bússola moral de uma meia.

Revirei os olhos e caminhei até o banco, pegando a toalha. Ouvi o barulho na água e os resmungos prosseguiram até desaparecerem por completo enquanto as portas dos vestiários se abriam e fechavam.

Quando me virei, apenas Will estava ali, me encarando do mesmo lugar na piscina.

— Por que você não gosta de mim? — ele perguntou.

Ignorei sua pergunta, torcendo meu rabo de cavalo.

— E o que aconteceu com suas pernas? — perguntou logo depois.

Fiquei tensa, mas não olhei para baixo para ver do que ele estava falando. Pequenos hematomas marcavam minhas pernas, mas meus braços, tórax e costas estavam ainda piores. Eu tinha me assegurado de cobrir aquelas partes com a roupa de neoprene.

Calcei os chinelos, mas ouvi movimento na água e olhei para trás para vê-lo inclinado sobre a borda e me encarando.

— Por que você estava saindo da catedral no sábado à noite?

Arqueei uma sobrancelha. *Perseguidor.*

Jogando a toalha sobre meu ombro, tirei os óculos de proteção da cabeça e comecei a andar em direção ao vestiário.

— Fique — ele repetiu.

E algo em seu tom de voz e na forma como disse aquilo me fez sentir um frio na barriga. Devagar, eu parei.

Fique.

Eu não tinha dúvidas de que adoraria tudo o que poderia

acontecer, caso eu ficasse com ele por uma hora. Se ele fosse devagar, então talvez duas horas.

Eu o deixaria mexer com minha cabeça e me levar embora, porque a cada dia que passa mais e mais, dentro de mim, precisava que minha cabeça fosse mexida. Eu precisava ir embora.

Mas...

— O que vamos fazer? — perguntei, baixinho.

Quando ele não respondeu, eu me virei.

— Vamos brincar? — perguntei. — Você me fará sorrir?

Ele não respondeu, apenas me observou, seu peito subindo e descendo com mais rapidez.

— O que você queria que acontecesse? — insisti. — Como seria se eu ficasse com você aqui?

Larguei a toalha e os óculos no chão, e me aproximei dele, agachando na beira da piscina.

— Talvez eu brinque com seus amigos, e todos nós iremos rir — murmurei, imaginando coisas que nunca aconteceriam e ele sabia disso. — Você vai me tocar e sussurrar coisas no meu ouvido. Eles vão se tocar e nos deixarão em paz, e eu não serei capaz de resistir a você. Eu não vou querer resistir, certo?

Seus olhos afiados pousaram em mim, mas ele estava escutando.

— Você vai me pressionar contra aquela parede — inclinei o queixo para perto de uma das portas do vestiário —, e vou deixar você me possuir, porque sua atenção me faz sentir tão bem.

Eu não tinha dúvidas de que essa parte seria verdade.

— E amanhã, vamos caminhar pelo corredor, de mãos dadas, e todos saberão que estamos apaixonados, certo?

Ele inclinou a cabeça e abaixou o olhar, sabendo o que eu estava tramando agora.

Bufei uma risada.

— Qual é, Will... — caçoei. — Não tenho nada que você queira. Eu não sou uma pessoa feliz. Nunca fui. Nós não combinamos. Sua vida é banal para mim, muito distante da realidade, e achei repugnante o ponto de vista que você tem de Lolita, e pior, perigoso.

Sua mandíbula contraiu, seus olhos verdes se tornando desafiadores.

— Eu odeio seus amigos — continuei. — Não quero estar perto de nenhum deles. Exceto Kai, talvez. Uma das três crianças asiáticas de uma escola cheia de WASPs[22], ele, pelo menos, tem alguma ideia de como é ser alguém como eu.

Eu tinha quase certeza de que o único outro garoto judeu se formou no ano passado.

— E você não tem nada que eu queira — disparei. — Você

consegue tudo o que quer, então de onde vem seu caráter? Não quero me divertir com você, porque não há nada nem ninguém que você não use. Eu não te respeito.

Ele abaixou o queixo, parecendo zangado agora enquanto me encarava com raiva.

— Em vinte anos, todos vocês serão iguaizinhos aos seus pais: poderosos, ricos e com um monte de amantes, a ponto de suas esposas preferirem se dopar para esquecerem que elas existem. — Levantei, encarando-o de cima. — Mas mesmo como um todo-poderoso, Will Grayson III jamais esquecerá que eu fui uma conquista que ele nunca conseguiu. Não vou deixar que você ganhe essa. Pelo menos, poderei me contentar com isso.

Comecei a me afastar, mas quando dei por mim, ele tinha pulado, agarrado meu braço e me puxado para dentro da piscina.

Gritei e me debati, mas ele não me soltou, puxando-me contra seu corpo e envolvendo os braços ao meu redor. Eu o encarei, respirando com dificuldade, e ele olhou para mim, nossos lábios a centímetros um do outro.

Gotas de água brilhavam em seu cabelo e em seus cílios, e por um momento, eu não tive força de vontade. Olhei para a sua boca. Suave e forte e mais maravilhosa ainda quando ele simplesmente sorria.

Lágrimas se acumularam nos meus olhos. Eu não seria capaz de impedi-lo.

Não faça isso. Por favor.

Eu não era uma pessoa feliz. Jamais. Não serei capaz de detê-lo.

Ele me puxou e abri a boca para protestar, mas ao invés de um beijo, ele me puxou contra o seu peito, pressionando minha cabeça contra seu ombro e envolvendo os braços ao meu redor com tanta força que a impressão que dava era que ele estava prestes a se desfazer, não eu.

Fiquei tensa, sem saber o que fazer, mas pude sentir todos os músculos de seu corpo se contraindo enquanto ele me segurava e respirava fundo.

E devagar, fechei os olhos, cada grama de resistência deixando meu corpo ao sentir a força de seu abraço.

Fazia tanto tempo que eu não sentia isso. Minha avó não estava mais lúcida o suficiente para me abraçar como fazia antes.

Meus braços formigaram, querendo tocá-lo. Deus, eu queria abraçá-lo.

Mas antes que pudesse criar coragem para afastá-lo ou abraçá-lo de volta, ele sussurrou:

— Eu não sou assim. — E ele se levantou, me encarando e

quase encostando nossos narizes. — E eu te vejo no ônibus amanhã à noite, Emory Scott.

Ele me soltou e nadou até a borda, deixando-me congelada na piscina.

O quê?

O ar esfriou, e observei enquanto ele subia a escada; eu me virei de costas a tempo antes de ver seu corpo nu deixar a água.

Merda.

Incapaz de evitar, eu me rendi à vontade e dei uma olhada por cima do ombro.

Mas era tarde demais. Ele estava amarrando uma toalha na cintura, os músculos perfeitos de suas costas se contraindo. Sem me lançar outro olhar, ele abriu a porta do vestiário masculino e desapareceu.

Argh. O que ele estava fazendo? Por que ele simplesmente não parava com aquilo? Nadei até a beira da piscina, peguei minhas tralhas sem me preocupar em me secar e entrei no vestiário feminino.

Por que ele não podia simplesmente me deixar em paz? Caras como ele não queriam... algo mais? Ou outra pessoa?

Ele estava me afetando, me fazendo pensar que eu estava errada a respeito dele ou algo assim. Durante anos, ele tinha passado essa *vibe* de “*o que você vê é o que você ganha*”, e agora ele queria convencer o mundo de que estávamos errados.

Eu não precisava desse incômodo. Eu tinha problemas muito maiores do que ele, e não precisava disso.

Vesti minhas roupas às pressas e parei para pegar a mochila no meu armário e, antes que me desse conta, já estava na metade do caminho para casa, perdida em meus pensamentos e repassando cada momento com ele na minha cabeça.

Minha garganta se apertou com um caroço do tamanho de uma bola de golfe, e não consegui parar de sentir seus braços ao meu redor.

Foi bom.

Eu não queria ansiar por mais. Tudo o que eu disse sobre ele era verdade. Ele era superficial e estava me usando. Ponto final. Eu não podia esquecer isso.

Mas houve um momento, quando ele me segurou, onde ele era eu, e eu era ele, e não estávamos sozinhos. Parecia o lugar certo onde eu deveria estar.

Fechei os olhos enquanto caminhava, sentindo as lágrimas umedecendo meus cílios.

Estava procurando significado onde não havia nenhum porque eu não tinha mais nada. Não era real, e ele também não sentia. *Lembre-se disso, Em.* Não se esqueça disso. Por alguns segundos, eu vi o que queria ver.

Fui até a praça da cidade e subi a pequena colina na direção do parque; encarei o gazebo que estava construindo, as vigas ainda úmidas pela chuva, deixando aquele cheiro inebriante no ar. Eu adorava o cheiro de madeira.

Circulando a estrutura, vi que ela ainda estava em condições imaculadas, meus alicerces aguentando firme e sem nenhum sinal de vandalismo até agora.

Pneus guincharam na rua, e levantei a cabeça, vendo o *Sticks* lotado e quatro veículos pretos estacionando perto da calçada, a traseira da caminhonete do Will repleta de pessoas.

Os pneus cantaram no asfalto, levantando fumaça enquanto as pessoas gritavam ao som dos alto-falantes na maior altura.

— Como vai?

Olhei por cima do ombro e deparei com Trevor Crist segurando uma bola de futebol. Ele a jogou de volta para seu amigo na calçada.

— Oi — murmurei, olhando de volta para o *Sticks*.

Will desceu do assento do motorista, pegando a camiseta preta no cós de seu jeans, e a vestiu quando Damon parou às suas costas e sussurrou alguma coisa em seu ouvido. Não dava para ver seus rostos daqui.

As pessoas desobstruíram a calçada ao cruzá-la, entrando no *Sticks*.

— Veja por esse lado — ouvi Trevor dizer. — Quando eles se formarem, a Noite do Diabo vai acabar. Graças a Deus, certo?

Então eu me virei para ele.

— Não vai continuar a tradição familiar?

Trevor estava três séries abaixo do irmão, Michael. O que significava que ainda restava muito tempo no ensino médio.

Mas ele simplesmente deu uma risada zombeteira.

— Você quer dizer o festival uma vez ao ano onde meu irmão e seus amigos fazem a cidade inteira chupar seus paus porque são burros demais para se lembrar como agir como homens nos outros trezentos e sessenta e quatro dias do ano? — Ele balançou a cabeça. — Não.

Eu ri. Talvez eu o tenha julgado mal. O berço de ouro onde estava não era o que parecia.

— Quando todos crescerem e perceberem que não são nada — ele continuou —, eu vou rir e comemorar. Ou quando eles finalmente forem presos por toda a merda idiota que fazem.

— Que belo irmão você é.

Ele deu de ombros, mas sorri um pouquinho. Talvez ele não seja tão ruim, afinal de contas.

E eu entendia o ponto de vista dele. Eu não choraria se meu irmão se metesse em encrenca.

Ao longe, Will pegou um celular enquanto subia na calçada, parecendo filmar dois caras que brigavam entre si.

— Mas é verdade, não é mesmo? — Pensei em voz alta. — Sobre o risco de ser preso, quero dizer. Eles filmam tudo com aquele celular. É bem imprudente.

Trevor seguiu meu olhar, todos sabendo que os Cavaleiros registravam suas travessuras. Havia evidências de todos os pequenos crimes e trotes cometidos.

— Se alguém usasse a metade do cérebro — continuei —, de jeito nenhum ignorariam o comportamento deles caso alguém vazasse esses vídeos no lugar certo, sabe? Dá para imaginar a vergonha?

Os lugares que haviam roubado? Vandalizado? As garotas menores de idade – talvez os rapazes também –, ou ei, talvez até mesmo mulheres casadas podiam estar documentadas naquele celular. A cidade ficaria louca.

Ele ficou em silêncio por um momento, e quando o encarei, seu olhar ainda estava focado na multidão no *Sticks*, mas sua expressão era séria enquanto as engrenagens na sua cabeça rodavam.

— Estão muito à vontade em seus arredores, isso é certo — ele acrescentou.

Assenti.

— Falsa sensação de segurança e tudo o mais.

Eles faziam vídeos – fotos também, provavelmente –, porque sabiam que eram invencíveis. Mesmo que alguém as encontrasse, daria em alguma coisa ou bastaria que os pais envergonhados molhassem a mão da pessoa certa?

O dinheiro resolvia todos os problemas.

Trevor ainda estava ali, encarando-os na mesa de sinuca.

— Aprenda uma lição a partir disso — comentei com ele. — Nunca registre as merdas que você faz. A Internet vive para sempre.

Mas achei que ele não tivesse me ouvido, pois balançou a cabeça, distraído.

— Até mais — respondeu, por fim, e se afastou com o amigo.

Olhei para o outro lado da rua, ouvindo a música daqui e sabendo que havia tomado a decisão certa. Meu lugar não era lá dentro com eles. Dava para imaginar uma coisa dessas? Eu? Tipo, me divertindo?

Eu ficaria pensando o tempo todo qual era o objetivo das coisas. Não dava para evitar ser séria como sempre fui, e ele nunca agiria com seriedade.

Eu me virei e peguei a mochila, avistando um monte de papéis pelo zíper aberto. Quando peguei para conferir, vi que se tratava do questionário “Guia de Estudos de Lolita”.

— O quê? — murmurei. Eu tinha procurado isso por toda parte!

Incluindo dentro da mochila, nos dois armários, minha casa, no lixo...

Que diabos?

Vi meu nome escrito na parte superior, assim como percebi que todas as perguntas já estavam respondidas. Todas elas. Em uma elegante letra em caixa alta escrita a lápis.

Folhee, analisando cada página e lendo cada resposta, vendo que estava tudo concluído, as respostas surpreendentes, até mesmo para mim, embora algumas meio que me irritaram.

Abaixei as mãos, encarando. Tinha certeza de que o Godzilla e a barrinha de cereais havia sido obra do Will, mas isto também foi colocado no meu armário. E foi feito essa noite. Isso não estava na minha mochila antes de eu ir nadar.

Não era possível que ele tenha feito isso. A não ser que ele tenha mandado uma garota fazer por ele. Mas parecia a caligrafia de um garoto.

Ergui a cabeça e avistei sua camiseta preta e o cabelo cor de chocolate perto de uma mesa de sinuca dentro do *Sticks*.

Ele não teria que me procurar, porque eu tinha uma pergunta que precisava de resposta.

Vejo você no ônibus amanhã à noite, Will Grayson.

[22] WASPs: Sigla de “White, Anglo-Saxon and Protestant”, que significa Branco, Anglo-Saxão e Protestante.

Capítulo 9

Emory

Dias atuais...

Pisquei até abrir os olhos, o quarto borrado à minha frente lentamente surgindo. Havia o peso de um caminhão nas minhas costas, e eu me virei, afastando o rosto do travesseiro.

Meu braço tateou até o outro lado da cama vazia.

Era apenas um sonho.

Encarei o teto, ainda o sentindo ao meu lado na cama, mas eu sabia que ele não estava lá. Ele estava mais perto do que nunca agora, mas senti sua ausência mais do que já havia sentido antes.

Lágrimas encheram meus olhos, lembrando da sensação dele e o quanto eu realmente queria sentir aquilo de novo agora mesmo.

Ele mal olhou para mim ontem. Ele sempre me procurava com o olhar.

Deus, quem me colocou em *Blackchurch*? Meu irmão não teria influência para isso. Eu tinha ouvido dizer que ele havia se casado, mas há anos que eu não o via. Por que agora?

Não, tinha que ser outra pessoa. Alguém que queria dar a Will sua vingança e não ligava nem um pouco para mim.

Havia muitas possibilidades.

Sentando-me, sibilei ao sentir a dor no estômago, e me alonguei, passando a língua no corte no meu lábio. Era engraçado, e eu não tinha certeza do motivo, mas não me importava com a dor. Na verdade, eu até gostava. Era familiar. Aquilo me fazia lembrar que eu estava viva.

Por mais estranho que tenha sido nos últimos anos – livre e por minha conta –, eu não sentia isso há muito tempo.

Saindo da cama, encontrei meus óculos na mesinha de cabeceira e os coloquei, reparando na boxer que eu usava e a minha regata. Aydin tinha me despido quando me colocou na cama, oferecendo-me uma peça de roupa. Olhei ao redor do quarto, sem saber onde ele havia dormido, mas ele tinha permanecido lá fora depois de cuidar dos meus ferimentos noite passada.

Caminhei até o espelho e me virei para encarar o meu reflexo.

Meu cabelo estava todo encaracolado, selvagem e desarrumado enquanto caía ao redor do meu rosto e sobre meu peito e braços. O sangue seco cobria minha narina esquerda, e a pele no canto interno do olho direito estava roxa. Minha bochecha estava vermelha de onde ele havia me esbofeteado, um corte adornava meu lábio inferior e uma bandagem branca foi enrolada ao redor do meu bíceps direito.

Estendendo a mão, toquei meu reflexo, sentindo novamente todas as sensações... Recordando.

Todos os pelos nos meus braços se arrepiaram. Cada centímetro da minha pele formigava. O ar passou por entres meus dedos e os músculos das minhas pernas se contraíram com força para me manter de pé.

Curvei os dedos contra o espelho, sentindo-me viva.

Eu já fui uma lutadora.

Fechando os olhos, abri a mão contra o espelho mais uma vez, sentindo calor do outro lado.

Um deles estava ali de olho em mim? Will estava lá dentro?

— Oi — alguém disse.

Abri os olhos e me virei para a porta, vendo Micah vestido em uma calça cargo preta, com as mãos cheias de coisas.

Afastei-me do espelho, agarrando o lençol na cama para me cobrir enquanto ele entrava no quarto com os pés descalços.

— Trouxe algumas roupas — disse, gesticulando para a pilha em sua mão esquerda. E então ele abaixou. — E caso sinta fome.

Encarei o suco, a fruta, uma pequena baguete e uma fatia do que parecia ser um queijo *Brie*, e meu estômago roncou. Aydin me trouxe sopa ontem à noite, mas não consegui me lembrar da última vez em que comi algo sólido, e estava morrendo de fome.

Deixando o lençol cair, peguei o pão, parti ao meio e cortei um pouco de queijo com a faca de manteiga, passando-a no pão.

Levando-o à boca, mordi um pedaço e mastiguei.

Meu Deus. Minha boca salivou, e senti um pouco de náuseas porque estava com muita fome. Grunhi, pegando mais queijo e depois bebendo o suco.

— Você quer tomar um banho? — ele perguntou.

Eu o encarei enquanto ele tirava a camisa pela cabeça. Seu abdômen contraído e o cabelo caindo sobre os olhos, todo bagunçado de um jeito sexy.

Ofeguei e meio que me engasguei, tossindo com a boca cheia.

— Com você?

Ele apenas riu, enfiando a camiseta no bolso de trás.

— Vou te preparar um. Você parece péssima — admitiu. — Como está se sentindo?

Abri a boca para dizer “ótima” ou “estou aguentando”, mas, surpreendentemente, apenas acenei com a cabeça.

— Bem.

Dei outra mordida e comi um pedaço de maçã, também.

Eu me sentia bem. O que era estranho.

Caminhando até a banheira no canto do quarto – que não se localizava no banheiro, diga-se de passagem, talvez porque o dono

anterior da casa gostava que sua esposa tomasse banho em plena vista da cama —, ele ligou a torneira, mergulhando a mão na água e ajustando a temperatura.

— Rory me contou o que você fez — comentou, sentando-se na borda da banheira, e me encarou. — Obrigado.

Eu tinha visto o suficiente nas minhas vinte e quatro horas aqui para saber que nem tudo era o que parecia. Rory foi quem tinha dito ontem na adega que não me queria aqui, que esperava que eu morresse lá fora, e gostava das coisas tal como elas eram, porque tinha tudo o que precisava aqui.

— Você e ele...?

Não terminei a frase, apenas deixando a sugestão no ar.

Ele sorriu e olhou de volta para a água, mas notei o rubor no seu rosto.

Comi mais uma fruta e o resto do pão antes de terminar o suco que ele havia trazido para mim. Tudo tinha um gosto tão bom, provavelmente porque eu sabia que era seguro. Se quisessem ter me drogado, já teriam feito.

— Que horas são? — perguntei.

— Talvez meio-dia. — Deu de ombros. — Não sei. A hora é irrelevante aqui.

Limpei a boca com o guardanapo, analisando-o.

— Você sabe há quanto tempo está aqui?

— Um pouco mais de um ano, julgando pelo número de vezes que o pessoal vem para reabastecer e limpar as coisas — contou. — Já estamos todos aqui há algum tempo. Rory foi o último a aparecer, há cerca de sete meses.

Nenhum relógio. Sem calendários. Nenhum contato com a vida lá fora. A única forma de contar os meses era contar os reabastecimentos.

Era como esperar constantemente por algo que não se tinha a certeza de que alguma vez iria acontecer, muito menos quando.

— Não parece que você deveria estar aqui — murmurei.

Ele colocou alguns saís de banho na banheira e pegou uma toalha e uma esponja na mesa ao lado.

Com Stalinz Moreau como pai, pensei que Micah seria diferente.

Ele encarou a água.

— Meu pai não é visto em público há nove anos — explicou. — Ele vive em um iate que se move constantemente de porto em porto, e a única forma dos meus cinco irmãos e irmã poderem vê-lo é quando embarcamos em um helicóptero para seguir quaisquer coordenadas que ele nos enviar.

Eu tinha ouvido isso em algum lugar. Na verdade, era bastante

inteligente. Quando se fornecia armas a terroristas e facções concorrentes em países do terceiro mundo, perturbando a “consistência” da tirania já no poder, muitas pessoas iriam te querer morto.

— As pessoas acham que a riqueza significa escolhas e liberdade — continuou. — Mas, caramba, como eu invejava aquelas crianças sujas e descalças que corriam por alguns dos piores bairros por onde passei enquanto crescia. — Ele me encarou, finalmente. — É bom não passar fome, mas não quero viver como ele. Eu não quero poder. Não quero saber de dinheiro. Estou farto, e agora prefiro apenas ter paz de espírito.

Aproximei-me dele.

— Então é você a maçã podre?

Ele deu um sorriso triste.

— “Que precisa aprender uma lição sobre lealdade familiar e não ser um covarde” — recitou as palavras do pai, sem dúvida.

Então estávamos todos presos aqui. Talvez eu não estivesse tão só, afinal.

Mantendo a boxer e a blusinha, entrei na banheira, a água quente espalhando na mesma hora arrepios gloriosos e incríveis por todo o meu corpo.

Ele sorriu diante da minha modéstia ao manter as roupas, mas eu realmente não estava pronta para ele ir embora dali.

Eu me sentei ali e me permiti fechar os olhos ao sentir o quão boa a água estava. Mordendo a isca, ele inclinou minha cabeça para trás e a água desceu pelo meu couro cabeludo, molhando meu cabelo enquanto ele enchia o copo e fazia o mesmo repetidamente.

Abri as pálpebras, lançando um olhar para o espelho do outro lado do quarto enquanto a água descia pelas minhas costas, sobre o meu peito, e encharcava minha regata.

— O que acontece quando a equipe de reabastecimento aparece? — perguntei.

— Eles reabastecem.

Dã, não me diga.

— Você sabe o que quero dizer — falei.

Se eu ficasse presa aqui por um bom tempo, usaria esse tempo sabiamente. Precisava mapear a casa, explorar o terreno, e começar a armazenar comida, água, e talvez outra arma.

Micah ergueu o pulso, mostrando-me seu bracelete cor de bronze. Analisei a pulseira, só agora me dando conta que todos eles usavam uma.

— Ele nos rastreia — falou. — E essa porra não sai de jeito nenhum. Acredite, nós todos tentamos.

Mas eu não tinha um bracelete daqueles.

— Vibra quando a equipe está chegando — explicou. — A segurança chega primeiro, e se estivermos nos nossos quartos como bons meninos, eles simplesmente passam a chave para nos manter seguros. Se não estivermos, então eles nos encontram e eles mesmos nos trancam nos nossos quartos. As portas só voltam a abrir depois que eles já se foram, a geladeira estiver abastecida, os banheiros limpos, nosso guarda-roupa reposto, e cada móvel brilhando. Quase como se fizéssemos uma reforma todos os meses.

— Uma nova oportunidade para não quebrar, derramar ou sangrar de novo pelo piso inteiro, não é?

Ele riu.

— Sim.

— Pode-se falar com eles quando chegam?

— Podemos tentar. — Ele tirou o curativo agora ensopado do meu braço. — Mas, ultimamente, os responsáveis não são os que vemos. A equipe está apenas fazendo um trabalho.

Ele molhou uma esponja e limpou suavemente o sangue do meu braço.

— E embora Aydin esteja certo de que você deve ficar quieta, porque não vai sair daqui viva — prosseguiu —, eu não confiaria que eles tentem te salvar quando vierem.

Fiquei tensa.

— Por que diz isso?

— Bem, eles devem ter reparado que você tinha sido trazida para cá em primeiro lugar, certo?

Meu coração parou por um segundo, e fiz uma pausa, pensando.

Era seguro deduzir que tinham me visto ser trazida ou ajudado a me trazer para cá. Ele estava certo. Se Aydin não me trancasse na adega e me mantivesse sem ser detectada como ameaçou fazer, eles poderiam não se importar de qualquer forma quando chegassem dentro de um mês. Ainda poderiam não me resgatar.

— Como eu disse — repetiu. — É um trabalho.

Bem, eu não ia ficar sentada aqui sem fazer nada. Alguém tinha programado de me trazer para esse lugar, e não foi Will.

Encarei o vidro de novo, imaginando se ele estava observando enquanto Micah passava a esponja por dentro da minha blusa e lavava minhas costas.

— Como eles sabem quando você está “apto” para ir para casa? — perguntei. — Quero dizer, as pessoas já foram para casa desde que você está aqui, certo?

— Um — respondeu. — Mas ele foi mandado de volta.

O chão rangeu, e inclinei a cabeça para cima, vendo Rory encostado no batente da porta, nos observando enquanto comia uma

maçã. Seu olhar se moveu entre mim e Micah, algo capcioso acontecendo por trás dele.

— E não fiquei triste com isso — Micah acrescentou, um tom de brincadeira na sua voz enquanto encarava o outro homem.

Olhei entre os dois, a *vibe* aquecendo meu sangue.

Eu tinha certeza de que esses dois poderiam ser felizes se ficassem aqui pelo resto de suas vidas, caso tivessem um ao outro.

— Rory se importaria se você me ajudasse com meu cabelo? — perguntei a Micah.

Ele deu um sorriso quase diabólico, e pegou o xampu, despejando um pouco em sua mão.

Fechei os olhos enquanto ele espalhava o xampu pelo meu cabelo, fazendo espuma, e eu sabia que Rory estava nos observando enquanto *eu* imaginava Will me observando através do vidro.

Deixei a cabeça tombar para trás, e ele despejou água sobre meu couro cabeludo uma e outra vez enquanto lavava meu cabelo. O tecido da parte superior da regata branca evidenciou as pontas endurecidas dos meus mamilos.

Seus dedos desceram pelo meu cabelo, tirando o excesso da água, e eu quase tremi com a sensação gostosa. Tudo o que eu podia sentir eram os olhos atrás do vidro sobre mim, e agarrei as laterais da banheira, gostando.

— Acho melhor eu ir — Micah disse, por fim.

Abri os olhos para Rory ainda encostado no batente da porta, mas ele havia parado de comer e encarava Micah com o olhar penetrante.

— Ele precisa mais de mim do que você agora — Micah brincou.

Minhas coxas se apertaram. *Putá merda.*

— Obrigada. — Suspirei, sem estar pronta para desistir da atenção.

Mas eu entendia totalmente.

— Quando quiser.

Ele caminhou em direção à porta, sua camiseta ainda pendurada no bolso de trás, e depois se virou para fechar a porta.

— Ah, e o presente é de Aydin. — Apontando para o chão ao lado da banheira.

Espreitei por cima da borda, encontrando uma caixa de madeira antiga e retangular. Eu a peguei na mesma hora e abri o fecho enferrujado. Virei a tampa, vendo lapiseiras, uma forma de curvas francesas, uma régua em T, uma borracha, um compasso...

Disparei o olhar para Micah. Eram instrumentos de desenho.

— Você pode andar livremente pela casa — disse ele. — Ninguém deve tocá-la, sob as ordens de Aydin. — E então sorriu,

acrescentando: — A menos que você nos peça.

Ele fechou a porta, a risada de Rory ecoando pelo corredor.

Capítulo 10

Emory

Nove anos atrás...

Cinco centenas de pares de pés pisaram nas arquibancadas, aplaudindo suas respectivas equipes, e pouco depois vi Will acertar mais dois pontos do início do garrafão.

Gritos encheram o ar enquanto a bola caía pela rede, e levantamos nossos instrumentos, tocando algumas notas para celebrar o momento.

O braço de Elle foi pressionado contra o meu, e mudei a posição para manter o equilíbrio. O lugar todo estava lotado, e quando olhei para a área da torcida do *Morrow Sands*, percebi que havia muito mais meninas do que garotos.

Era engraçado como jogadores de basquete bonitos, de repente, podiam despertar o interesse em quase tudo para as adolescentes. Todas eram fãs de basquete agora.

O pivô passou a bola para Michael Crist, e ele driblou o adversário, correndo o resto do caminho pela quadra, passando-a para Damon Torrance.

Damon a pegou e a quicou no chão, duas meninas acenando para ele, na lateral. Ele arremessou a bola, e ela bateu no aro, caindo para fora.

Will a pegou, deu um salto e a enterrou, a campainha soando pelo auditório enquanto ela marcava o ponto.

Sorri só em ver o sorriso dele.

Todos eram fãs de basquete agora.

Os aplausos encheram o lugar, o placar registrando 59x65, Thunder Bay.

Essa foi por pouco.

Os técnicos e jogadores reservas invadiram a quadra, e eu levantei a flauta enquanto todos os outros erguiam seus instrumentos. Tocamos a música da escola, todos os espectadores ao nosso lado cantando junto.

Observei Will, sorrindo com os amigos enquanto o auditório ecoava com barulho, tagarelice e música, comemorando a vitória.

Não que eu me importasse. Eu mal prestava atenção, apenas sabendo que era meu momento quando os outros ao meu redor se levantavam ou preparavam seus instrumentos.

Will tirou a camisa, o suor brilhando nas costas e escurecendo o cabelo cor de chocolate enquanto balançava a camisa sobre o ombro e acenava com a cabeça para o que um cara da equipe adversária estava

dizendo a ele. Deixei meu olhar percorrer sua coluna.

Prestei atenção ao jogo desta noite, no entanto. Ele foi bem.

E era divertido assisti-lo jogando.

Segui o resto da banda para fora da arquibancada quando todos começaram a esvaziar o ginásio, e seguimos em direção a uma sala para guardar nossos instrumentos.

Mas então uma garota gritou:

— Emmy, pegue! — E me virei assim que um copo com algo gelado bateu no meu peito.

Segurei o fôlego enquanto a Coca-Cola escorria pelo meu uniforme azul-marinho e branco, infiltrando-se pela minha calça, minhas pernas e melando toda a flauta.

Disparei o olhar para cima. *Só podia ser sacanagem.*

Maisie Vos pairava sobre a grade da arquibancada, fingindo um ar de surpresa antes de dar uma gargalhada.

— Pensei que você fosse o lixo! — berrou, descendo as arquibancadas e dando a volta para se aproximar de mim. — Tipo, você limpa nosso lixo na escola, então pensei que me ajudaria aqui. Era isso que eu queria dizer. Desculpe.

O ar entrou e saiu dos meus pulmões, mas ainda não consegui recuperar o fôlego. Ela fez isso de propósito.

Elle parou ao meu lado, boquiaberta, enquanto outros se inclinavam ao nosso redor, rindo baixinho. Dois caras seguiram Maisie, todos veteranos da minha escola, e minha vontade era xingar aqueles babacas com todos os palavrões possíveis. Mas eu simplesmente fiquei quieta, porque, senão, eles venceriam. Eles saberiam que tinham me afetado.

Isso era apenas um lembrete semanal de que eu não era um deles.

— O que está acontecendo? — Will perguntou, passando pela multidão com a camisa ainda pendurada no ombro.

Maisie disfarçou o sorriso, enquanto os dois caras com quem ela estava não faziam nenhum esforço para esconder a diversão.

Will me olhou de cima a baixo enquanto o refrigerante escorria das minhas roupas e da flauta, e então direcionou o olhar entrecerrado para os dois caras.

— Me cubram — disse ele, entredentes.

Eles pararam de rir e observei enquanto Michael, Damon e Kai se posicionavam, cercando Will à medida que ele se aproximava de Hardy Reed e Silas Betchel.

Os dois garotos se endireitaram, parecendo subitamente desconfortáveis, e ninguém disse nada enquanto os Cavaleiros protegiam o corpo de Will da nossa visão.

O quê...?

Tentei espiar por trás de Michael para ver o que estava acontecendo, mas tudo o que consegui enxergar foi Will encarando Silas e Hardy, fazendo algo com suas mãos, mas sem conseguir descobrir o quê.

Então, Will congelou, piscou uma vez e eu ouvi. O fluxo constante, quase como se algo estivesse sendo rasgado em uma linha lenta e contínua.

Um sorriso malicioso se espalhou pelos lábios de Damon enquanto Silas fechava os olhos, e o peito de Hardy se movia para cima e para baixo mais rápido enquanto ele virava a cabeça e xingava baixinho:

— Filho da puta.

Mas o que quer que Will estivesse fazendo, eles ficaram ali e aceitaram.

Depois de um momento, Will se deslocou novamente, nunca rompendo o contato visual enquanto os Cavaleiros se afastavam e Silas e Hardy ficavam em plena vista.

O lugar todo irrompeu em gargalhadas e risos.

Abaixei o olhar, vendo os rastros de xixi molhando seus jeans e tênis, e quando Maisie olhou para baixo, seu rosto ficou rubro de vergonha ao ver todos zombando de seu namorado ali imóvel e no meio de uma lambança.

Cerrei os dentes. Eles não estavam rindo agora.

Will se curvou e pegou o copo do chão, jogando-o no lixo, mas antes que pudesse encontrar meu olhar, eu me virei para ir embora.

Os músculos da minha garganta doíam enquanto eu lutava para conter as lágrimas, até que alguém gritou atrás de mim novamente:

— Emmy, aqui.

Fiquei tensa, mas então uma líder de torcida correu e vasculhou sua mochila, tirando algumas roupas e as entregando para mim. A banda veio para cá com os uniformes. Eu não tinha nada para me trocar.

Fiquei tentada a jogá-la de volta e me engasgar com meu orgulho, mas Martin iria me matar se eu voltasse para casa assim.

Acenei uma vez em agradecimento.

— Eu trarei de volta na segunda-feira.

E fui para o banheiro para me limpar e trocar de roupa.

Meu queixo tremia, tudo ameaçava transbordar, e eu não sabia o porquê. Coisas como essa já haviam acontecido antes. Não era nada demais. Também não era como se acontecesse o tempo todo.

Eu poderia ter empurrado Maisie se quisesse. Gritar com ela, talvez. Definitivamente, retrucar.

Dessa vez eu só queria fugir. Não queria que ninguém me visse, como se eu fosse tão inapropriada que quisesse me apagar da memória

das pessoas e deixar de existir.

Simplesmente desaparecer.

Limpei e guardei a flauta, troquei de roupa, e coloquei os fones de ouvido, carregando meu instrumento e a mochila para o ônibus. Era uma hora de viagem até Thunder Bay, e eu desejava poder ir andando.

Inclinando a cabeça, fui até a parte de trás do veículo, deslizando para um banco vazio e jogando meu estojo e as roupas no chão. Segurei o celular, ouvindo minha playlist de *Sabrina, Aprendiz de Feiticeira* enquanto olhava pela janela.

As pessoas passaram por mim, silenciosas e sem dar uma risadinha, porque Will Grayson tinha disseminado para todos que eu estava fora dos limites.

Na verdade, estava tudo bem. Apavorados ou não, a maioria deles não se sentaria ao meu lado de qualquer maneira. Eles nunca se sentaram.

O ônibus encheu, e esperei que o assento ao meu lado fosse preenchido, mas quando as portas se fecharam, as luzes diminuíram e o motor foi ligado, continuei sozinha.

Mordi o canto da boca para esconder o tremor. Eu me importava? Importava que tivesse sido humilhada de novo? Importava que ele tivesse visto aquilo no ginásio?

As lágrimas surgiram.

Ele me viu. Ele viu que aquilo aconteceu comigo.

Ele viu o que o mundo inteiro pensava de mim, e agora ele...

Agora ele...

Uma mão escorregou por baixo da minha, quente e suave, e quando virei a cabeça para a esquerda, deparei com Will no banco ao meu lado.

O quê...?

Um nó apertou minha garganta enquanto eu encarava a lateral do rosto dele, querendo ficar furiosa por ele estar ali, me tocando de novo sem minha permissão, mas...

Ele curvou os dedos, me agarrando, e... e levei um instante para me acalmar.

Finalmente, franzi o cenho e puxei minha mão.

Ou tentei.

Ele não quis largar. Ou olhar para mim. Ele simplesmente jogou seu casaco preto sobre nossas mãos entrelaçadas e conversou com o cara no banco ao lado como se eu não estivesse aqui.

Meu coração retumbou nos ouvidos, bloqueando a música dos meus fones, e tive que me obrigar a respirar mais devagar.

Fechei os olhos e me virei para a janela. Por que ele estava fazendo isso?

E por que eu estava apenas sentada aqui? O calor de seus dedos fortes se infiltrou nos meus enquanto ele me segurava, e o encarei novamente, vendo-o largado no assento, as pernas longas esticadas no corredor enquanto os jogadores, as líderes de torcida e a banda continuavam andando ao nosso redor.

Ele apenas encarava seu celular agora como se não houvesse nada acontecendo por baixo do casaco entre nós. Como se ele não estivesse completamente consciente de que estava me segurando.

Foram necessárias três tentativas, mas acabei desistindo, engolindo em seco enquanto puxava mais seu moletom sobre nós, certificando de que nossas mãos estavam cobertas. Talvez ele tenha pensado que eu não queria que ninguém visse. Talvez ele não quisesse que ninguém visse. De qualquer forma, eu não me importava mais.

O ônibus se moveu de um lado para o outro, nos levando de volta para a rodovia, e eu também cerrei o punho, uma chama tomando conta do meu ventre ao toque de sua pele.

Um movimento chamou minha atenção, mas não olhei para cima porque sabia o que era. Desi Castro se sentou no colo do nosso pivô, com as pernas em volta da cintura dele, e pela luz tênue da lua e das sombras, eu tinha certeza de que eles estavam agindo com uma estupidez do caralho – embora silenciosamente – no assento à nossa frente.

Suas mechas longas e ruivas passavam da traseira do banco, e finalmente ergui meu olhar quando ela se pressionou contra ele, seus lábios mal se tocando enquanto seus corpos se moviam devagar, mas sincronizados na escuridão.

Will esfregou seu polegar no meu dedo, e meu estômago revirou diante do gesto reconfortante.

Meu celular tocou e virei a mão direita, destravando a tela com meu polegar. A tela iluminou, a chuva caindo sobre o ônibus enquanto seguíamos pela noite escura.

Deixe eu te levar para casa.

Desliguei a música, virando o rosto e vendo seu celular na mão também – o mesmo texto visível ali.

Não.

Digitei de volta.

Não poderia deixá-lo me levar para casa. Nunca. Tentei soltar nossas mãos, mas ele a apertou com força.

Deixe eu te levar para casa.

Ele escreveu de novo.

Carrei os dentes e me concentrei na janela. Tentei puxar minha mão mais uma vez, mas ele a agarrou, forçando-a, em vez disso, a ficar sobre a minha coxa, seus dedos pousando na minha pele ali.

Um raio disparou através do meu corpo, mas ao invés de ficar com raiva, o frio súbito na minha barriga me fez fechar os olhos. E eu não me afastei de seu toque.

Meu celular tocou, e demorou um instante para encará-lo.

Quero te segurar assim.

Estava escrito.

Olhei novamente para Miller e Desi, seus braços ao redor dela, e me imaginei no colo do Will, parados em alguma estrada escura no meio da chuva, e foi preciso todas as minhas forças para não o encarar, porque se eu o fizesse, ele saberia...

Ele saberia que eu nem sempre o odiava. Um pedaço do meu cérebro começava a acreditar que havia mais sobre ele.

Mas empurrei sua mão, mordendo o canto da minha boca para manter as emoções afastadas.

— Os tiras foram ao armazém e levaram todos os extratores — alguém disse alto o suficiente para passar pelos meus fones de ouvido.

Virei a cabeça o bastante para ver uma líder de torcida, Lynlee Hoffman, do outro lado do corredor, encarando Will.

Ele ficou sentado ali, com a mão ainda debaixo do casaco, agindo como se tudo estivesse completamente normal.

— Ah, é? — ele disse.

Mas ele não deu a mínima.

Lynlee me lançou um olhar, estreitando os olhos e erguendo o queixo, porque se eles descobrissem que havia uma festa, era porque eu havia contado ao meu irmão, certo? Como se os policiais tivessem que ser gênios para descobrir que uma vitória sempre se igualava a um barril de cerveja no armazém. *Dã*.

Aumentei o volume da música de novo, bloqueando qualquer outro som e movi os dedos, digitando uma mensagem.

Leve aquela ali para casa. Ela vai babar por todo o seu corte de cabelo idiota e seu extenso conhecimento de piadas sobre cerveja e pênis.

Ele era um atleta.

Eu o senti tremer com uma gargalhada ao meu lado.

Ele digitou, letras piscando em sua tela.

Eu te levo para casa, ou te levo no meu colo, aqui

mesmo. Decida.

Cerrei os dentes.

Todos iriam ver isso. Se meu irmão soubesse disso, eu...

Meu Deus...

Damon se inclinou por trás de nós, apertando os ombros de Will e falando ao seu ouvido. Will riu de tudo o que ele disse, sem que ninguém ouvisse.

Meu celular tocou de novo.

Estamos quase chegando...

Ele fez questão de avisar.

Balancei a cabeça e digitei minha resposta.

As pessoas vão ver.

— Então garanta que elas não vejam.

Ele tirou o casaco que acobertava nossas mãos e o vestiu por cima da camiseta branca, sem mangas, cobrindo seus belos braços bronzeados e tonificados que sempre me faziam babar como uma idiota.

Entramos em Thunder Bay, voltando para nosso *campus* onde todos pegariam seus carros e iriam para festas, mas eu iria caminhando direto para casa, como sempre.

Encarei o lado de fora da janela, vendo o vilarejo passar rapidamente, assim como as luzes cintilantes do parque e do meu bairro antes de subirmos para as colinas onde Will e os ricos moravam. Uma parte minha queria aquilo, adorando ser o alvo de sua atenção, porque ele era arrogante e confiante e de boa aparência e tranquilo. Ele era popular, ficava ótimo em tudo o que usava, e eu gostava do sorriso dele.

Ele era intocável, e queria me tocar.

Hoje à noite, pelo menos.

Concentrei o olhar no meu colo. Mesmo que eu quisesse, meu irmão nunca toleraria isso.

O celular vibrou na minha mão uma vez, e de novo e de novo, mas eu apenas balancei a cabeça de acordo com a música como se não notasse. A escola surgiu à frente, e o calor preencheu meu peito, mas eu ignorei. Eu estava quase fora daqui, e por mim, ele podia passar o resto da noite levando quem quisesse para casa.

Nós não éramos nada um para o outro.

Chegou outra mensagem, e finalmente olhei.

Quando o ônibus parar, entre na porra da minha

Soltei uma risada sarcástica. Alguém parecia ter perdido a calma.

— Por quê? — perguntei.

E quando dei por mim, o ônibus parou, ele tirou meus fones de ouvidos, e eu perdi o fôlego quando ele se inclinou sobre meu rosto.

— Porque você é minha — grunhiu em um sussurro.

E de uma vez, os Cavaleiros se levantaram de seus assentos, pegaram suas mochilas e passaram pelo corredor, saindo do ônibus primeiro.

Meu coração disparou. Mas o quê...

Sério.

Porque você é minha. Ignorei o tremor no peito enquanto pegava minha mochila e me atrapalhava por causa dos fones pendurados.

Pelo amor de Deus. Qual era a dele? Eu era um alvo em alguma gincana sórdida que ele estava fazendo ou algo assim? Tipo, pegar a *Nerd*?

Eu me levantei com todos e fui para o corredor, me preparando para sair do ônibus.

Eu não sou sua, Will Grayson.

E eu vou a pé, obrigada.

O ônibus esvaziou, os motores no estacionamento já ligados e os faróis brilhando à noite. Caminhei até o bagageiro para ver se alguém precisava de ajuda com seus equipamentos, mas já estava vazio, a banda e os jogadores saindo rapidamente.

Eu me virei para fugir antes que ele me visse, mas Elle apertou minha mão.

— Vamos receber uma carona para casa — ela disse.

— Quê?

— Will — Elle explicou, me puxando. — Ele vai nos levar para casa.

— Humm, não. — Puxei minha mão. — Ele não vai.

— Você não quer que eu vá sozinha com ele, quer? — Ela pôs as mãos nos quadris. — Um cara maduro, acostumado a conseguir o que quer?

— Então você não deveria ter concordado com isso.

Dando a volta, fui em direção aos portões para ir para casa.

— Mas amanhã posso dizer que andei em sua caminhonete — ela choramingou, correndo para o meu lado.

E daí?

— Não.

Ele só estava se oferecendo para dar uma carona a ela porque isso me incluía. Isso só iria encorajá-lo.

Elle estacou em seus passos e eu continuei andando.

— É bom ser simpática, Emmy — ela disse, às minhas costas. — Por favor?

Desacelerei, sua lamúria patética me fazendo sentir culpada. Parei e revirei os olhos, suspirando. Pegar aquela carona seria um dos melhores dias da vida dela.

E a quem eu estava enganando? Ele não ia desistir se eu recusasse uma carona hoje à noite. O tarado me seguiria naquela maldita caminhonete. Mesmo até a minha porta da frente.

Eu me virei, vendo-a já voltando para o estacionamento, um peso melancólico sobre seus ombros.

— Espere — eu disse, depressa.

Ela se virou, sorrindo de orelha a orelha.

Juntei-me a ela de novo, e nós duas caminhamos até a caminhonete do Will, ainda estacionada.

— Você vai se sentar na frente — disse para mim. — Minha casa é a primeira.

O quê...?

Mas ela me empurrou para a porta do enorme e preto Ford Raptor e abriu a porta traseira, subindo na caminhonete antes que eu pudesse discutir.

Sério?

Abri a porta e entrei no veículo, ignorando o olhar do Will enquanto me ajeitava e batia a porta. Mas logo em seguida, a porta traseira se abriu de novo, e dei uma olhada por cima do ombro, vendo Elle sair rapidamente da caminhonete mais uma vez e fechar a porta.

— O que você está...?

Ela passou pela minha janela, rodopiando e se afastando enquanto me dava uma piscadinha.

— Faça uma boa viagem! — cantarolou, dando um tchauzinho zombeteiro.

Mas o quê...? Parei de respirar quando me dei conta. Isso foi um truque. *Merda.*

As travas acionaram, o estacionamento ainda lotado, e eu estava oficialmente farta desse dia, balançando a cabeça enquanto a via desaparecer na multidão.

— Isso é o que ganho por tentar fazer uma amiga — resmunguei.

Puxei o cinto de segurança, encarando Will com um sorriso curvando os lábios e ele ligou o motor.

Ele foi tão esperto, não foi? Deve ter resolvido isso com ela nos trinta segundos que levei para descer do ônibus.

Ele seguiu adiante, dirigindo pelo espaço vazio à nossa frente, e saiu do estacionamento, aumentando o volume enquanto *In Your*

Room tocava no som.

Dirigimos pela estrada, voltando para a vila, e retorci as mãos no colo enquanto minha mochila e flauta estavam no chão.

O cheiro era bom aqui dentro. Os bancos de couro esfriaram a parte de trás das minhas coxas, e meu estômago revirou um pouco enquanto ele passava pelos buracos e solavancos.

A escuridão do carro nos engoliu, nos escondendo, e deu uma sensação de intimidade. Como se estivéssemos sozinhos em um lugar que não deveríamos estar.

Olhando de relance, vi seus longos dedos passando sobre o T do volante e depois encarei seu rosto, vendo seu olhar estreito na estrada à frente e a incomum expressão severa.

Seu peito subiu e desceu, firme e controlado, e se havia uma coisa que eu sabia sobre Will Grayson III, era que quando ele estava no controle, você deveria se preocupar.

Como na piscina, ontem à noite.

Quando ele ficou sério, ele veio até mim.

Olhei de volta para o meu colo, respirando fundo e me sentindo um pouco enjoada porque meu corpo estava enfurecido com um monte de coisas diferentes.

Eu gostei.

Chegamos mais perto da minha casa, e ele não tinha dito uma palavra, mas eu não me importava. Apenas absorvi a sensação pelo máximo de tempo que pude. Sentindo-o ao meu lado. Andando de carro com ele. Arrepios percorreram minhas pernas, porque agora eu me sentia meio bonita na saia. Será que ele gostou?

Ele virou na minha rua, e agarrei a bainha da minha camisa, vendo minha casa à frente, mas eu não queria deixá-lo.

Ele dirigiu muito rápido, no entanto. Por que ele estava dirigindo tão rápido? Ele tinha que parar agora mesmo. Mas nós passamos minha casa, sem parar ou mesmo desacelerar, e levantei a cabeça, olhando de volta para minha casa pela janela traseira dele.

Ele manteve a velocidade, não diminuindo conforme minha casa desaparecia pelo para-brisa traseiro.

Engoli o nó na garganta, apesar do meu coração ter saltado um pouco.

— Você tem que me levar para casa — murmurei. — Não posso me atrasar.

Não pude usar mais do que uma voz suave, porque eu realmente não queria ir para casa. Eu só sabia que tinha que ir.

Finalmente, ele me encarou.

— O que você tem medo que aconteça? Você é boa em dizer não para mim, certo? Pode ficar comigo por mais uma hora.

Arqueei uma sobrancelha. Que diabos ele ia tentar fazer que me

obrigaria a dizer não?

Verifiquei o relógio no painel. Eram apenas 9:19h. Contanto que eu estivesse em casa às dez, Martin, provavelmente, não faria perguntas. Provavelmente.

Mas ele saberia que o ônibus já tinha chegado.

Will nos levou pela vizinhança e nos conduziu à estrada *Old Pointe*, em direção ao *Adventure Cove*.

Fiquei tensa. O que ele estava fazendo? O lugar fechou às oito, e não havia mais nada por aqui.

Ele virou e seguiu para o estacionamento do parque temático, o lugar todo vazio à noite. Ele parou a caminhonete de qualquer jeito, mas manteve o motor ligado e desligou o rádio.

Deixei meu olhar vasculhar o terreno deserto, as bilheterias vazias e as montanhas-russas desligadas por trás dos portões de entrada. Um único poste de iluminação clareava o estacionamento.

Dei uma olhada de soslaio para ele, vendo-o se inclinar para trás em seu assento, encarando o lado de fora da janela enquanto o peso do silêncio fazia meu coração parar por um segundo.

— Você está vendo a roda-gigante? — ele finalmente perguntou.

Segui seu olhar, encarando a janela e encontrando a roda-gigante à direita, mais ao longe do parque temático.

— Se você passar por ela — falou —, cerca de quatrocentos e sessenta metros a leste, você chegará a *Cold Point*.

Cold Point era uma parte dos penhascos que se precipitavam no mar um pouco mais que o resto da costa entre nossa cidade e *Falcon's Well*. Com o parque temático no meio do caminho, era quase inacessível agora.

E por uma boa razão, a contar pelos eventos do passado.

— Você conhece essa história? — ele me perguntou.

— Assassinato-Suicídio — murmurei.

Ele ficou quieto, e então o ouvi dizer, baixinho:

— Talvez.

Olhei para ele, com a cabeça apoiada na mão enquanto encarava em frente.

— Em 1954, Edward McClanahan tinha a minha idade — contou. — Veterano, estrela do basquete, um pouco *bad boy*, mas só para algumas coisas... — Ele sorriu, me provocando. — Ele era bom para as pessoas. Ele era presente, saca?

Eu não sabia muito sobre Edward McClanahan, além de que a equipe de basquete fazia uma peregrinação anual à sua sepultura. Eu nunca dei muita bola para isso.

Mas fiquei quieta.

— Aquela temporada era para ser a melhor deles — falou. —

Tinham o time, o técnico, os anos de treinamento... Podiam antecipar os movimentos uns dos outros, até mesmo seus pensamentos. — Ele encontrou meu olhar. — Foi nisso que os anos jogando juntos resultou. Eles eram uma família. Mais do que família. Estavam em perfeita simbiose.

Como os Cavaleiros. Observando-os, às vezes, era como se os outros jogadores não existissem. Michael, Kai, Damon e Will eram como os quatro membros de um único corpo.

— E isso raramente acontece — continuou. — Eles dependiam e faziam qualquer coisa um pelo outro, todos eram os melhores jogadores. Todos estavam ansiosos pelo que estava por vir naquela temporada. Os jogos, as festas, as celebrações...

Eu me perguntava como tudo isso era verdade. Ele pintou uma imagem bonita, mas nós acreditamos no que nos convém acreditar, e nada mais. Tudo parecia melhor em retrospectiva.

Ele sorriu.

— Elvis tinha acabado de entrar em cena, todos queriam um Chevy Bel Air, e *Sh-Boom*, dos *Crew-Cuts*, era a música número um na América. — Seu rosto ficou um pouco mais taciturno, e ele continuou: — Noite do baile de boas-vindas, uma garota do *Falcon's Well*, um de nossos rivais, apareceu lá no colégio. Sozinha e usando um vestido rosa de renda e tule. As luzes cintilantes acima da pista de dança brilhavam sobre seu cabelo e ombros desnudos enquanto ela entrava, e ninguém conseguia desviar o olhar. Ela estava tão nervosa, sabendo que não pertencia àquele lugar. — Ele fez uma pausa, virando a cabeça e me encarando fixamente. — Sentindo-se como um rato em um poço de cobras. Ela continuava segurando a barriga como se fosse vomitar ou algo assim. Mas ela era bonita. Tão bonita. Ele não conseguia desviar os olhos de cima dela.

McClanahan.

Encarei além da roda-gigante e na direção de *Cold Point*, imaginando-a na minha cabeça. O vestido rosa e tomara-que-caia, como se usava nos anos 50, enquanto os rapazes vestiam ternos.

— Dizem que ela veio causar problemas — contou, sua voz suave e baixa no meu ouvido. — Que a equipe rival a mandou para semear a discórdia. Dizem que ela enfeitiçou nossa equipe toda. Tentou seduzir geral para que fizessem coisas com ela naquela noite de forma que ela pudesse bancar a vítima no dia seguinte.

Por que ele estava me contando isso?

— Ninguém sabe dizer como eles souberam onde encontrar o corpo, ou se ela sequer chegou a gritar, mas ela foi encontrada através do neveiro horas depois, arrebitada nas rochas irregulares abaixo — falou —, seu vestido cor-de-rosa manchado de vermelho e as ondas espalhando seu cabelo pelas pedras enquanto seus olhos mortos

encaravam o penhasco acima. A última coisa que ela viu foi a pessoa que a empurrou.

Tentei umedecer os lábios, mas minha boca estava muito seca.

— Dizem que o time teria que perder a temporada sob todo o escrutínio e investigação da mídia. — Ele respirou fundo e exalou. — Dizem que todos os caras que não vieram de famílias ricas teriam que abrir mão de suas esperadas bolsas de estudo esportivas por causa disso. Eles não iriam para a faculdade. — Fez uma pausa. — Dizem que o treinador teria que ser demitido e se mudar com sua família, sem perspectiva de encontrar outro emprego após um escândalo tão grande.

Eu não sabia tudo isso, e continuei ouvindo o relato.

— Tudo o que sei é que — suspirou —, uma semana depois, Edward McClanahan deixou uma confissão na mesa da cozinha de seus pais e depois a seguiu no penhasco. A última frase da confissão dizia: *“Nós queremos o que queremos”*.

Foquei meu olhar nele, sentindo o suor cobrir meus poros.

Nós queremos o que queremos.

— Dizem que McClanahan se sacrificou para que a temporada pudesse prosseguir.

Como se ele assumisse a culpa? Ele não fez aquilo?

— É o que dizem, de qualquer forma — ele devaneou, com um brilho no olhar. — Mas os sussurros falam outra coisa.

Um tremor atingiu meu estômago, e eu mal respirei, esperando que ele continuasse.

— Dizem que ela ficou entre dois melhores amigos — McClanahan, que estava apaixonado por ela, e A.P., seu namorado. Ele não era rico como McClanahan, mas era esperto. E ambicioso. Não era alguém a ser subestimado.

Meu interesse despertou ainda mais. Um mistério.

Eu gostava de mistérios.

— Dizem que ela estava grávida — falou. — Dizem que ela pulou. — E então ele me encarou de novo. — Dizem que Edward... não.

Não pulou? Então os boatos dizem que Edward foi empurrado em vez disso?

Um sorriso curvou seus lábios.

— Dizem que o bilhete na mesa da cozinha era uma confissão, mas não dele.

Ele suspirou de novo e olhou para fora pelo para-brisa dianteiro outra vez. Todos reverenciavam Edward porque pensavam que ele tinha se jogado para salvar a temporada do time. Salvar alguns garotos para terem suas bolsas de estudo universitárias e seu treinador

um emprego.

Sempre achei que era idiota. Edward claramente não entendia tudo o que a vida podia jogar contra você. Ele tinha que sobreviver a coisas muito maiores do que um escândalo.

Mas gostei da maneira como Will contou. Como se nada fosse o que parecia, e que havia uma história esperando para ser desvendada.

Afinal, ninguém realmente sabia o que aconteceu no Point todas aquelas décadas atrás.

— Eu gosto daqui — ele quase sussurrou. — Gosto de mistério. Às vezes, estou morrendo de vontade de saber o que aconteceu naquela noite, e outras vezes, espero nunca descobrir, porque é mais interessante desse jeito. A realidade sempre me decepciona. — Ele se voltou para mim. — Acho que é por isso que sempre gostei mais dessa hora do dia. As pessoas se escondem no escuro. Elas saciam sua sede no escuro. Constroem seus segredos na escuridão. Somos mais nós mesmos aqui do que em qualquer outro lugar. Eu posso ser eu... — engoliu, me encarando —, quando o anoitecer está chegando.

Encarei seus olhos verde-escuros, seu rosto todo na penumbra da caminhonete, e eu queria...

Cada nervo dos meus lábios formigava, sentindo o peso entre nós como se cada ponta de uma corda fosse amarrada em torno dele e de mim, se tornando cada vez mais curta.

Eu quero...

— Nós queremos o que queremos — sussurrou.

Abaixei o olhar para meu colo, cerrando os punhos.

E então sua voz soou em um sussurro quase inaudível:

— Venha aqui.

Meu coração foi parar na barriga, e pude senti-lo em minhas mãos. Eu o encarei, vendo-o apertar o volante e respirar com força.

— Venha aqui — repetiu.

Balancei a cabeça, sem querer.

— Por quê?

— Porque *eu* sou seu homem.

Meu coração rachou e se partiu, agonizando com o calor dessas palavras estúpidas. Quem diabos era ele, hein? Ele não podia decidir que alguém lhe pertencia só porque lhe deu vontade.

E isso era tudo o que eu era. Uma fantasia passageira. Ele não ouvia, e não aceitava um não como resposta.

Se eu deixasse isso acontecer – se o deixasse me amar e proteger e toda aquela merda que ele vomitou –, estaria apenas trocando um abuso por outro.

Ele me usaria, me largaria, e eu ficaria pior por isso.

Eu ficaria destruída.

— Me leva para casa — exige.

Ele piscou, mas não se mexeu.

Destravei a porta, puxei a maçaneta e saltei do carro.

Eu andaria então. *Caralho.*

Batendo a porta, ouvi quando ele abriu a dele e deu a volta no carro, me impedindo antes mesmo que eu chegasse à traseira da caminhonete.

— Por que você tem medo de mim? — disse, alto, me afastando para trás.

— Por que você me contou essa história? — retruquei.

— Por que você acha?

— Para provar de novo o que já sei? — gritei. — Que os garotos de Thunder Bay sempre se safam.

Parei, e ele também.

— Você acha que Edward McClanahan se safou de alguma coisa? — ele rebateu.

Eu não ligava nem um pouco para Edward McClanahan! Eu só... eu só queria... eu só queria ir para casa!

— Eu te falei o porquê gosto deste lugar — ele finalmente respondeu. — Eu queria você aqui comigo, porque... — Ele procurava palavras, a mão passando pelo cabelo e agarrando-o. — Porque nós queremos o que queremos, Em! Cacete!

— Me leva para casa.

Ele se aproximou, seus olhos em chamas.

— Não.

Ri uma vez, perplexa. Ele estava de sacanagem?

— Isto não está acontecendo — falei, voltando-me para ele. — Não vou ser aquela grudada em você nos corredores da escola amanhã, na frente de todos. Eu sou um segredinho sujo que você esconde!

— Fale por si mesma — ele rosnou. — Acho que você é a única que tem vergonha de mim. Que você me quer. Que você quer isso.

Dei uma risada.

— E quem te disse isso? Sua sociedade secreta de estupradores que aconselharam que eu me afastando de você nas últimas quinze vezes foi um ‘sinal’? — E levantei as mãos, fazendo aspas.

Ele grunhiu e avançou na minha direção, mas depois recuou e deu meia-volta. Ele passou as mãos pelo cabelo novamente, e pude vê-lo respirando fundo, a veia do pescoço latejando.

— Eu nunca deixaria de tocá-la — murmurou, sua voz quase cansada. — E eu tocaria somente em você.

Ele se virou e me encarou, e era tão lindo que eu queria acreditar nele.

As gotas da chuva começaram a cair de novo, relâmpagos iluminando o céu, seguidos de trovões estrondosos.

De todos os meninos da escola, Will era a maior ameaça. Não porque ele era bonito ou porque era um dos únicos que estava de alguma forma interessado em mim, mas porque...

Ele nunca desistia. No fundo, eu adorava isso, porque exigiria esforço de qualquer um, e ele não desanimava facilmente.

Agora mesmo, eu queria que ele me segurasse.

Mas, ao invés disso, dei a volta na caminhonete e subi no lado do motorista, trancando imediatamente as portas. Se ele não me levaria para casa, eu mesma faria isso.

A chuva bateu contra sua janela, e eu o observei ficar parado ali, um brilho em seu olhar com meu desafio.

Esperei que ele tentasse me impedir, mas... ele não o fez.

Ligando o motor, pisei no pedal e acelerei, dando uma volta rápida enquanto os pneus cantavam contra o pavimento.

Passei por ele e saí do estacionamento, sem dar nem um último olhar no espelho retrovisor.

Virei para a estrada escura e pressionei o acelerador até o chão, voltando para Thunder Bay e agarrando o volante como se fosse seu maldito pescoço.

Quem ele pensava que era? Será que toda garota rolava no chão e agradecia suas estrelas da sorte por sua atenção? Foi assim que ele ganhou tanta confiança?

Eu só queria ir para casa. Estudar, me formar. E deixar esta cidade.

Eu não queria mais nada!

— Argh! — Grunhi, ligando o rádio e me endireitando no banco porque mal conseguia alcançar os malditos pedais, e estava escuro demais para tentar descobrir como ajustar o assento nessa caminhonete idiota.

Deus, de onde ele saiu? Ele é todo tipo “Oi, gata. Eu sou – insira um balançar de cabelo e um tom de voz de surfista – Will Grayson. Deveríamos, tipo, sair juntos e nos unir? Podemos totalmente sair de lua-de-mel no Havaí. Vou colocar um carimbo em seu passaporte e tornar todos os seus sonhos realidade”.

Para o que, é claro, não precisaríamos de nossos passaportes, porque o Havaí ainda estava no nosso próprio país!

Rosnei baixinho, ofegando enquanto a chuva caía com mais força, embaçando a pista à minha frente.

Acionei os limpadores, meu cérebro acalmando um pouco.

Tudo bem. Tudo bem. Ele não era tão burro assim.

Ele não era burro de jeito nenhum. Ele sabia que o Havaí ficava na América.

E ele não dizia “tipo” e “totalmente”.

Entrecerrei o olhar, suspirando. E ele podia ser gentil.

E doce.

Hesitei por um instante, vendo a chuva cair com força agora, antes de desacelerar na rodovia deserta e fazer um retorno, voltando para ele.

Ele era persistente até o ponto da exaustão, mas... eu não podia deixá-lo

ir a pé para casa assim. Eu não podia fazer isso com ele.

Voltando rápido para o *The Cove*, virei novamente para o estacionamento e o vi sentado em um tronco no estacionamento, o capuz cobrindo a cabeça e os tornozelos cruzados.

Parei ao lado dele, abaixando a janela.

Ele me encarou, piscando contra a chuva.

— Eu realmente não gosto de você — disse eu, bem alto, para que estivéssemos esclarecidos.

Ele sorriu e se levantou, vindo para a caminhonete e subindo no degrau, me encarando.

— Eu gosto que você não goste de mim — zombou.

Ele tirou o capuz, e notei as gotas escorrendo pelo seu rosto.

— Então, eu sou um desafio? — perguntei. — É o que se trata tudo isso?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Você só me faz querer ser...

— Melhor? — Revirei os olhos para a frase de clichê.

Mas ele parou um instante.

— Mais — finalmente falou. — Ninguém nunca espera mais de mim.

Eu o estudei, não tendo nada a dizer sobre isso.

Em vez disso, olhei para o celular na mão dele.

— Alguém já está vindo te buscar?

— Não. — Colocou o celular no bolso. — Eu estava me preparando para ligar para seu irmão para denunciar o roubo do meu carro.

Arregalei os olhos e quase gritei, mas apenas fechei a boca e cerrei os dentes.

Filho da puta.

— Chega pra lá — ele disse.

Bufei e passei por cima do console até meu assento, e ele abriu a porta, entrando.



— Posso buscá-la para a escola na segunda-feira de manhã? — ele perguntou, virando na minha rua.

Soltei o cinto de segurança.

— Não.

— Pedi só para ser simpático — resmungou em um tom severo.

— Vou buscá-la. Não gosto que vá andando.

— Por favor... — Balancei a cabeça, pronta para implorar. — Por favor, não.

Nós nos aproximamos da minha casa e peguei a mochila e a flauta no chão.

— Pare aqui — informei.

— Não tenho medo de seu irmão, Em.

— Por favor, só me deixe aqui — pedi. — Pare a caminhonete, Will. Por favor.

— Okay. — Ele encostou rapidamente no meio-fio, estacionando atrás do *Buick* da Sra. Costa.

Abri a porta, mas ele agarrou minha mão.

Olhei para ele por cima do ombro.

— Estarei bem aqui — disse. — Às sete.

Eu o encarei por um momento, pensando se dizer não novamente adiantaria de alguma coisa, mas peguei minhas coisas e pulei do carro.

Encontrei seus olhos mais uma vez antes de fechar a porta e depois corri pela calçada, virando na minha calçada. Procurei por qualquer um que pudesse ter nos visto, mas felizmente, já era tarde e a rua estava tranquila.

Subi os degraus e girei a maçaneta, meu coração parando um pouco porque isso significava que Martin ainda estava acordado.

Entrei e ouvi a caminhonete do Will finalmente se afastar, passando pela minha casa. Fechei e tranquei a porta, meus lábios tremulando com um sorriso.

Ele realmente esperou até que eu entrasse.

A louça estava amontoadada na cozinha, e soltei minhas coisas no chão, adentrando apenas para ouvir uma música. Não tinha ideia do quanto estava atrasada, e não tinha verificado meu celular por ligações perdidas.

Com as mãos nos bolsos do casaco, parei dentro da cozinha escura.

Martin estava parado perto da pia, enxaguando a louça antes de colocá-la na lava-louça. Ele virou a cabeça, me olhando por cima do ombro.

— O jantar está ali. — Ele fez um gesto para o prato sobre a mesa.

Mas corri para seu lado ao invés disso, tirando o prato da mão.

— Eu posso fazer isso. Você trabalhou o dia todo.

Ele me deixou assumir a tarefa, pegando um pano de prato para

secar as mãos enquanto se afastava. Peguei a bucha e esfreguei a crosta dos pratos usados no café da manhã.

— Quer saber — começou — uma coisa engraçada? Quando você não chegou em casa às dez, eu rastreei seu celular.

Titubeei, sentindo os pelos dos meus braços arrepiarem. Ele podia rastrear meu celular? Há quanto tempo ele estava fazendo isso?

— Disse que você estava no *The Cove*. — Ele se afastou e se encostou na bancada, com os olhos em mim. — O engraçado é que o parque fechou às oito da noite, e quando dirigi até lá, tudo o que vi foi a caminhonete de Will Grayson no estacionamento.

Esfreguei o prato em círculos, pressionando com força para que minhas mãos não tremessem.

— Eu apoio seus estudos, Emory — disse —, suas atividades extracurriculares, e seus projetos, porque quero que você se torne alguém, e sei que tudo isso fica bem no seu currículo universitário.

Coloquei o prato na máquina e peguei outro, evitando seu olhar.

Desejei ainda estar na caminhonete do Will.

— E enquanto você está fora brincando, eu estou trabalhando ou estou aqui. — Ele se aproximou mais. — Nenhuma mulher me quer com você nesta casa. Ninguém me quer porque não posso lhes dar uma vida em Thunder

Bay, porque estou pagando pela enfermeira da nossa avó e por você.

Ele parou ao meu lado, e não consegui parar de tremer enquanto lavava o prato.

— E você está fora brincando — disse, empurrando minha cabeça.

Cambaleei para o lado.

— Martin...

— Você não ouve nada do que eu digo. — Ele cravou as pontas dos dedos no meu crânio e empurrou novamente, e quase deixei a escova cair. — É tão difícil assim? Apenas fazer o que digo para fazer?

Ele empurrou minha cabeça de novo como se eu fosse burra, e eu tropecei para o lado, soltando o prato e a escova na pia. Esperei pelo tapa, mas ele apenas agarrou meu pulso e me puxou para a mesa.

Empurrando-me para baixo na cadeira, ele agarrou um punhado do espaguete e o enfiou na minha boca.

Lágrimas embargaram minha garganta, e eu fechei os olhos com força para contê-las.

— Como se não tivéssemos problemas suficientes, você vai e ganha a reputação de ser uma das putinhas deles — ralhou, enfiando outro punhado na minha boca. — Pensando que você vai ser uma delas. Pensando que você é melhor e eles pensando que são melhores porque podem te usar como um brinquedo!

O espaguete voou na minha cara, sujando meus óculos enquanto ele enfiava punhado após punhado na minha boca, o macarrão se avolumando na garganta, sem que eu conseguisse engolir ou respirar.

Lágrimas silenciosas escorriam pelos meus olhos. Virei a cabeça, tentando cuspir, mas ele agarrou meu rosto e apertou minha mandíbula para abri-la de novo.

Eu não conseguia parar de chorar enquanto ofegava. Não conseguia respirar, e agarrei as laterais da mesa, meus dentes cortando a gengiva.

Tentei pensar no meu gazebo. Se o Will me ajudaria a construí-lo.

Quão legal isso poderia ser um dia.

Will e o gazebo... Will e o gazebo...

A brisa no meu rosto era quente, e as folhas nas árvores cheiravam a verão.

Mas enquanto Martin gritava, e eu me engasgava, sendo sufocada pelo espaguete, não consegui ter mais um único pensamento coerente.

Eu não conseguia pensar. Não conseguia me lembrar de como era o Will. Como era o meu gazebo.

Eu não tinha um gazebo. Não havia nenhum Will Grayson.

Não havia nada além disso.

Não havia nada além disso.

Capítulo 11

Emory

Dias atuais...

Envolvendo a toalha em volta do meu corpo, ignorei os olhos que sentia através do vidro e agarrei as roupas que Micah havia trazido, levando-as para a privacidade – espero eu – do banheiro. É claro que também poderia ter um espelho falso lá.

Tirando a boxer ensopada e a parte de cima, sequei o cabelo o melhor que pude com a toalha, penteei com a escova que encontrei sobre a pia, e me vesti com a roupa íntima limpa que tinha lavado ontem à noite e pendurei para secar na porta do chuveiro; além disso, ainda vesti uma boxer limpa de alguém por cima, e a camisa branca de botões.

Dobrei a cintura do short e abotoei a camisa, dobrando as mangas. Se eu tivesse que adivinhar, diria que essas roupas eram do Rory, já que ele era o menor. Mas as duas roupas ainda sobravam, e muito, em mim.

Voltando para o quarto, embainhei a faca e a enfiei no bolso dianteiro acima do peito. Eu ainda não tinha ideia de como consegui aquilo ali. Quem me trouxe aqui deveria querer que eu fosse capaz de me defender, mas se não queriam me machucar, por que diabos me largaram aqui em primeiro lugar?

Eu tinha tantas perguntas.

Virando a cabeça, espiei a parede de equipamentos esportivos antigos que eu havia vagamente notado, mas não tinha inspecionado. Muitas armas naquela parede. Tacos de críquete, lâminas antigas de equipes de remo, e...

Passei por cima, agarrando o quadro emoldurado com anzóis velhos. Virei o quadro e abri o suporte de trás, pegando quatro anzóis. Em seguida, eu os levei para a cômoda onde Aydin havia deixado os curativos.

Colando cada anzol por dentro da gaze, enrolei o curativo nos nós dos dedos, encaixando as pontas dos anzóis entre meus dedos para juntá-los, as pontas afiadas e curvas se estendendo como garras.

Reprimi o sorriso, enrolando a gaze em torno da minha mão como uma luva, arrancando-a do resto do rolo, e colocando o resto do curativo sobre a palma.

Chacoalhando meu punho, arremessei, ouvindo as garras cortarem o ar. Eu queria uma arma que não precisasse carregar sempre. *Luva do Freddy Krueger, então.*

Com o cabelo molhado, as armas e os óculos postos, saí do

quarto, mantendo o olhar vagando em todas as direções.

Passei pela porta secreta e continuei andando ao redor do lugar, andando silenciosamente pelo corredor de onde vi Taylor sair ontem, quando eu tinha chegado.

Não ouvi mais nenhum movimento acima de mim ou nas paredes desde ontem à noite. Talvez fossem bichos.

Passei por alguns quartos – um quarto e um berçário – e depois passei por um escritório antes de chegar a uma porta fechada, estendendo a mão silenciosamente para a maçaneta enquanto debatia se devia ou não abrir.

Queria saber quais quartos eram o quê, quais tinham janelas, e quem estava instalado onde, mas também não queria chamar a atenção.

Foda-se.

Eu precisava saber.

Suavemente, virei a maçaneta, mas depois ouvi grunhidos do outro lado da porta e parei, inclinando a cabeça para ouvir com mais atenção.

Outro grunhido seguido de um gemido com sussurros abafados, até que recuei em meus passos, soltando a maçaneta.

Esse era, sem dúvida, o quarto de Micah e Rory.

Anotado.

Dei uma volta pelo segundo andar, encontrando outro quarto escuro com os lençóis bagunçados, roupas no chão e mais alguns quartos recém-arrumados pela equipe de limpeza ontem.

Entrei em um com uma cama gigantesca, uma cabeceira e o pé da cama de madeira ornamentada, e uma grande cadeira acolchoada no canto. Ao contrário da maioria dos outros quartos, esse não era branco ou preto. Tons terrosos e lâmpadas decorativas preenchiam o ambiente, e eu me senti imediatamente aconchegada e quente.

Se já não estivesse ocupado, então seria o meu, caso ainda estivesse aqui essa noite. Verifiquei a maçaneta para ver se havia uma fechadura, mas não havia nenhuma, igual ao quarto do Aydin. Além disso, também havia um espelho aqui dentro.

Eu podia prender a porta com uma cadeira e pendurar um lençol sobre o vidro. Só por precaução.

Caminhando até a janela, espreeitei pelas cortinas, observando o pátio abaixo com folhas secas cobrindo as áreas gramadas, os restos de uma árvore caída, e uma fonte no centro da passarela que possuía alguns centímetros de água turva da chuva.

Era uma bagunça em comparação com o interior da casa. Poderia ter uma decoração ultrapassada, cortinas rasgadas e papel de parede descascado, mas aqui estava limpo.

Por enquanto.

Saí do quarto e fechei a porta, andando pelo restante do segundo andar, abrindo cada porta, cada armário, e olhando para fora de cada janela para conseguir uma vista do terreno.

Fui para as escadas para explorar o resto do primeiro andar, mas uma tábua de assoalho rangeu acima de mim, e parei, encarando o teto.

Passadas se moveram da esquerda para a direita, o piso de madeira fazendo ruídos sob o peso de quem estava lá em cima, e engoli o nó na minha garganta, dando a volta em vez disso.

Segui o som, verificando o teto para uma entrada no sótão, pensando que talvez Will estivesse lá em cima. Imaginei que aquele quarto desarrumado que encontrei fosse dele ou do Taylor, mas isso significava que havia um quarto ainda desconhecido.

Mas não consegui encontrar uma entrada para um sótão ou para um terceiro andar.

Humm. Eu era muito boa em encontrar o quarto secreto. Eu ainda tinha um em Thunder Bay, agora que pensei nisso.

Descendo a escada, inspecionei cada centímetro do andar inferior, espiando Taylor na academia de novo, mas me afastei antes que ele me visse.

Entrando na área coberta da piscina, com o calor emanando da superfície embaçando as janelas e o teto de vidro, olhei para a água, tentada a mergulhar. Estava sozinha, e já fazia séculos desde que nadei, mas não estava aqui para brincar.

Avistei uma meia parede a cerca de quatro metros e meio do outro lado da piscina e fui até lá para verificar. Provavelmente algum tipo de vestiário ou algo assim.

Quando me aproximei, porém, ouvi água corrente, mas só depois de dar a volta na parede é que vi que eram chuveiros.

Parei, vendo Will – nu, molhado, contraído, e...

Meu estômago revirou.

E forte.

Recuei depressa, disparando para atrás da parede.

Merda.

Chuveiros de piscina.

Mas que diabos? Aydin estava nu à vista de todos ontem. Hoje Will estava nu à vista de todos.

Respirei fundo, mas não me mexi, lembrando da última vez que vi tanto dele. Ele estava em forma, seu corpo sem marcas naquela época, mas antes que eu pudesse me deter, espreitei na beirada mais uma vez, observando-o agora, anos mais tarde.

Ele tinha mudado por fora, também. Meu olhar varreu seu corpo de cima abaixo, o sabão escorrendo na pele e pequenas bolhas deslizando pela barriga e seus braços.

Eu encarava, o calor subindo pelo meu pescoço enquanto ele inclinava a cabeça para trás, enxaguando o cabelo com a água quente, o vapor pairando em torno de sua pele bronzeada e molhada. As tatuagens cobriam ambos os braços, passando para o peito e costas, e elas cobriam a clavícula e as mãos, mas não conseguia vê-las suficientemente bem para decifrar tudo.

Enxerguei seu número de basquete na parte de trás de sua mão direita, sua máscara da Noite do Diabo no braço esquerdo contra o pano de fundo de Thunder Bay, o cemitério, a roda-gigante e St. Killian facilmente visíveis. Seu outro ombro e braço tinham um cipó de folhas em cascata ao redor de um crânio, palavras escritas na testa que eu não conseguia distinguir, e o resto de seu corpo estava coberto de grandes e pequenos desenhos, assim como palavras, algumas até mesmo cobertas em volta da sua clavícula como um colar.

Eu queria ver tudo. Eu queria tocá-lo.

Ele tinha se barbeado, e cada músculo de seu corpo tinha dobrado de tamanho desde a última vez em que o vi também.

Abaixei o olhar e congelei, encarando fixamente o outro músculo ereto, longo e grosso entre suas pernas.

Perdi o fôlego e ele se virou, espalmando a parede com a mão, com a água descendo pelo seu torso, agarrando seu pau com a outra, em longas e intensas carícias.

Agarrei a parede para me apoiar, calor surgindo entre minhas pernas enquanto mordida o interior da minha boca.

Encarei sua ereção e, nos recessos não tão distantes da minha mente, me perguntei em quem ele estava pensando.

Em mim?

Ou nela?

Um sussurro passou pelo meu cabelo.

— Você o quer?

Segurei o fôlego e me virei, girando meu punho com as garras.

Aydin saltou para trás, com lascas vermelhas no seu peito onde eu o tinha atingido com os ganchos.

Ele me encarou de cima a baixo, estendendo o braço e me agarrando pela garganta com uma mão, e meu pulso enlurvado com a outra.

Quase chorei de dor.

Jogando-me contra a parede, os chuveiros do outro lado, ele pressionou o corpo contra o meu, me encarando fixamente.

— Você disse que não me machucaria — sussurrei para ele.

— Não estou te machucando — balbuciou enquanto o chuveiro continuava ligado atrás de mim. — Estou te assustando.

Ele pressionou meu pulso contra a parede ao nosso lado e olhou para cima, estudando minha luva.

Ele sorriu.

— É inteligente.

Encarando meus olhos, seu hálito soprou sobre os meus lábios e o suor cobriu minha barriga e costas. Eu precisava de ar.

— O que aconteceu entre vocês dois? — perguntou ele. — Não é uma coincidência que você esteja aqui, sabia?

Observei a expressão de seu rosto. Sim, eu sabia disso. Tinha alguma coisa a ver com o Will.

— Então você acha que seja lá quem me deixou aqui está dando um presente ao Will?

— Talvez. — Ele afrouxou a mão no meu pescoço. — Mas eles, com certeza, não são seus amigos.

Fazendo-me virar, ele me forçou a ficar na beira da parede, ambos nos inclinando e observando Will.

— Você acha que ele vai te proteger? — ele sussurrou.

Tentei me soltar do seu agarre, mas ele segurou firme. Will apertou seu pau, encostando na parede, com os olhos fechados e resfolegando.

— Ele precisa? — perguntei, meu olhar vagando pelo seu corpo de novo. — Por que estamos observando isso?

— Você está observando isso — replicou. — Eu estou observando você.

— Por quê?

Ele não respondeu, e virei a cabeça, encarando-o. Seus olhos ambarinos observavam Will e seu cenho franziu, perturbado.

— Não sei — finalmente respondeu. — Talvez para lembrar da sensação quando não se está sozinho. Quando você não é o único que cuida de si mesmo. — Ele me encarou por cima. — Pode ser para lembrar o que deixamos para trás. E para lembrar o que não abandonamos.

Do que ele estava falando?

— Will e eu temos mais ou menos a mesma idade — comentou —, mas acho que éramos provavelmente muito diferentes na escola. Ele era conversador, certo? — Ele sorriu para mim. — Eu era o mais calado.

Agora era o contrário, pelo jeito.

— Não fui sempre assim — contou. — Eu era miserável. Um metro e oitenta e dois de fraqueza, medo e covardia. — Ele encarou Will novamente. — *“Você será médico”,* eles disseram. *“Você vai estudar isso. Trabalhará lá. Virá aqui de férias. Gastará seu tempo livre fazendo isso. Vai se casar com ela. Terá três filhos. Morará naquela casa depois da viagem de lua-de-mel por Londres, Paris e Roma”.*

Tentei imaginá-lo da forma como se descreveu, mas não consegui. Não conseguia imaginá-lo dócil.

— Até que uma noite, enterrado nos meus livros, eu a vi — Aydin continuou.

Escutei, mas voltei meu olhar para Will enquanto Aydin falava ao meu ouvido:

— Não era seu corpo nem seu rosto — ele me contou. — Era como tudo com ela era simples. Cada movimento. Cada olhar.

Will segurou o fôlego entre os dentes cerrados, seus movimentos mais fortes e rápidos e os músculos do seu braço contraídos.

— Ela adorava amar — Aydin falou. — Ela amava tocar, sentir e envolver cada fôlego seu ao redor de alguém e segurá-la com ele, porque era uma artista.

Tudo aqueceu, e invejei como ele a descrevia. Quem quer que ela fosse.

O que Will diria sobre mim?

— Não era o trabalho dela — Aydin disse —, mas era sua vocação.

Ele fez uma pausa, e depois abaixou o tom de voz como se estivesse pensando em voz alta.

— Não era o trabalho dela — repetiu. — Naquela época.

Era como o Will. Ele adorava amar. Amava ser feliz.

Ele queria me fazer feliz, uma vez.

— Nunca quis tanto alguma coisa, em toda minha vida — Aydin continuou —, e eu estava estudando para ser um cirurgião que teria, de bom grado, cortado suas próprias mãos para tê-la.

Will fechou os olhos com força, e olhei seu pau outra vez, minha respiração quase em sincronia com seus movimentos. Em quem ele estava pensando?

— Talvez eu seja o culpado — Aydin contou. — No final, não reivindiquei o que nasceu para ser meu, porque eu era um garoto de vinte e dois anos de merda que não sabia nada. — Ele foi parando de falar e depois continuou, sua voz baixa de novo: — Mas mais tarde, quando finalmente pude impor minha vontade e reclamá-la, eu a rechacei, porque cada respiração simples que ela dava ao redor de todos se tornou mais um prego no meu coração, e eu não conseguia encará-la.

Meu queixo tremeu e eu não tinha certeza do motivo. Ele não era especial. Todos nós tínhamos sofrido perdas.

Mas uma coisa era bem clara. Ela era a razão pela qual ele estava aqui. Assim como Will poderia me encarregar dessa honra, também.

Uma mulher surgiu na vida dos dois.

— Eu não podia encará-la, como ele não pode te encarar — Aydin explicou.

Meu estômago revirou, e ele me soltou, recuando.

Eu me virei e olhei para ele.

— Eu só me pergunto... — Aydin disse. — Se ele alguma vez decidisse fugir daqui, será que ele iria querer te levar?

Ele se virou e se afastou, me deixando lá, sentindo-me mais solitária do que jamais me senti na vida.

Will me deixaria, e ele teria razão em deixar.



Fiquei ali ao lado da piscina por não sei quanto tempo, as palavras de Aydin pairando no ar mesmo depois de ter saído do cômodo.

Will estava planejando fugir? O que aconteceria comigo se ele não estivesse aqui? Ou se ele fosse mandado de volta para casa?

Será que ele lutaria por mim?

Eu o deixei uma vez. Eu o deixei ser preso e enviado para a prisão e, na sua cabeça, eu não tinha me importado nem um pouco. Talvez eu merecesse o mesmo.

Caminhei até a beira da piscina, desci os degraus na água e pulei, afundando todo o meu corpo abaixo da superfície.

A água me segurou, morna e sem peso, e voltei para a superfície, boiando de costas.

O corte no meu lábio ardeu por causa do cloro, mas a dor me encheu de raiva e lembranças, e eu sabia que isso estava por vir. Eu sempre soube.

Apenas imaginei que viria depois que ele saísse da prisão, e com o passar dos anos seguintes, não foi o que aconteceu. Fiquei confortável.

Onde estaríamos nós dois se ele tivesse me deixado em paz como eu disse para fazer?

Fiquei de pé e fui até a lateral da piscina enquanto o short e a camisa colavam em mim como uma segunda pele e as lágrimas enchiam meus olhos.

Eu costumava pensar que se saísse de Thunder Bay e vivesse minha vida por minha conta, fazendo o que amava e convidando para a minha vida apenas as pessoas que eu queria, tudo seria perfeito um dia.

Mas eu odiava tudo o que possuía, e não amava nada além do que havia desistido, tudo isso maculado desde o instante em que ele foi acusado sete anos atrás, porque eu sabia que não merecia ser feliz.

O desespero se assentava no meu coração enquanto lágrimas quentes escorriam pelas minhas bochechas, e nem percebi que o

chuveiro foi desligado até que notei que ele estava ali parado.

Ergui o rosto, vendo uma toalha enrolada em volta de sua cintura enquanto ele me encarava. O ar ficou denso, quase não conseguia respirar, e estava dividida entre querer correr até ele e fugir dele.

Apenas vá embora.

Implorei a ele na minha cabeça, encontrando seu olhar áspero com o meu embaçado, e havia tanto a dizer, mas se eu não explicasse, talvez não tivesse que senti-lo desdenhar de mim e me descartar de vez.

Por favor, vá embora.

Em vez disso, ele avançou ao invés de recuar, e ofeguei quando ele se abaixou, agarrando-me pelo colarinho e me tirando da água.

— Will — chorei.

Ele me pegou por baixo dos braços e me levantou, nossos narizes quase colados, me encarando enquanto cravava os dedos no meu corpo.

Outro soluço escapou.

Minhas pernas estavam penduradas e eu queria desviar o olhar, mas não consegui.

Eu estava congelada, esperando o que estava por vir.

Eu podia ver dentro dele, rasgando-o, seus lábios e cenho franzidos.

Mas ao invés de desdenhar, ele me sacudiu com força, rosnando como se estivesse mais frustrado consigo mesmo do que comigo, e despejei mais lágrimas.

— Desculpe... — chorei.

Sentia muito por todo o sofrimento que ele teve que enfrentar. E quando pensei que ele ia me jogar de volta na piscina, ele me puxou, envolvendo um braço ao meu redor e pressionando sua testa à minha.

Seu músculo rígido cutucou minha coxa através da toalha, e ele segurou meu rosto, seu hálito soprando sobre a minha boca.

— Will... — comecei a dizer.

Mas ele fez com que eu enlaçasse sua cintura com as pernas, e voltou para o chuveiro, pressionando-me com força contra a parede enquanto mordida meu lábio inferior.

Abri a boca para discutir, mas o calor de seu hálito fez meu corpo inteiro tremer, e inspirei, apertando as coxas em volta dele.

Ele rasgou minha camisa, e um gemido me escapou enquanto ele pressionava seu peito contra meus seios nus e se movia contra meu corpo, se esfregando em mim com força.

Cravei as unhas nas palmas das mãos, mas quando ele se aproximou da minha boca, eu me virei.

— Não... — murmurei. — Eu... Não podemos.

Ele enrolou os dedos ao redor da minha garganta e apertou.

— É assim que deveria ter sido — sussurrou para mim, me interrompendo. — Você era um pedacinho gostoso de carne, e eu sei que você gostou.

Ele soltou meu pescoço e, em vez disso, agarrou meu seio, acariciando-o enquanto se abaixava e cobria meu mamilo com a boca.

Gemi quando o calor da sua língua envolveu minha pele, meu clítoris latejando enquanto eu me esfregava nele.

— Devíamos ter mantido as coisas assim tão simples, não é? — falou. — Mas você não queria que as pessoas soubessem a merda que fizemos.

Sua boca cobriu a minha, roubando minha respiração enquanto ele deslizava sua língua para dentro e tomava total controle sobre mim, passando pelos meus lábios como se eu fosse um carro que ele estava mudando de marcha.

— Por que você fez aquilo? — perguntou. — Estava envergonhada porque você gostava do que eu fazia? Ainda havia muito mais por vir, mas você nos interrompeu. Não fizemos nem a metade de tudo o que eu havia planejado para você.

Pressionei-me contra ele de novo, ofegante. *Sim*.

Mas, de repente, ele me soltou, e meus joelhos tremeram, tudo esfriando.

O quê? Abri os olhos.

Mal registrei ele tirando minha parte de baixo pelas pernas e a calcinha.

O quê?

— E agora que você está aqui — rosnou, agarrando meu cabelo à nuca.

Ofeguei quando ele colou nossos narizes de novo, escorregando a mão entre minhas pernas e acariciando minha boceta.

— Temos todo o tempo do mundo.

Então... ele se virou e saiu, sua ameaça ecoando pelos meus ouvidos enquanto demorava um instante para perceber o que tinha acabado de acontecer.

Pisquei, fortalecendo os joelhos enquanto fechava rapidamente minha camisa e me cobria.

Put a merda.

Aydin estava certo.

Will não era um aliado.

Capítulo 12

Will

Nove anos atrás...

— Arion Ashby está dando uma festa — Damon nos disse, deitado no capô de seu carro e soprando uma nuvem de fumaça na direção do céu. — Os pais dela estarão fora da cidade.

Kai gemeu, e Michael riu dele baixinho.

— O quê? — Damon zombou. — Você está entediado, Kai? Inquieto? Precisa de um novo tipo de diversão?

— Eu? — Kai retrucou. — Nunca. Estou perfeitamente satisfeito. Amando a vida.

Damon sorriu para si mesmo, dando mais uma tragada em seu cigarro, parecendo não acreditar em Kai nem por um segundo.

O estacionamento da escola estava repleto de alunos, todos nós andando e tentando absorver a rara e quente manhã de outubro antes do início das aulas. Uma brisa calma passava pelas árvores, nuvens se movendo, o ar denso, e procurei ao redor por qualquer sinal de Emmy Scott.

Sem dar a entender que eu estivesse procurando por ela.

Não era que eu não quisesse que meus amigos soubessem que eu estava a fim dela, porque eles já sabiam disso, mas se ela se tornasse alvo de atenção, por menor que fosse, ela se assustaria, e ela já estava constantemente se afastando de mim.

Fiz uma leve varredura pela multidão.

Ela não estava esperando por mim esta manhã.

Quero dizer, é claro que ela não estava, mas mesmo assim... Com certeza, eu teria morrido de susto, caso ela realmente estivesse esperando por mim na esquina do seu quarteirão, mas por mais que eu desejasse não saber de um determinado fato, eu sabia.

Ela *nunca* facilitaria nada.

Ou talvez ela não pudesse. Algo continuava me incomodando sobre a sexta à noite. Pude detectar algo em sua voz quando ela exigiu que eu parasse algumas casas antes, em vez de deixá-la bem na frente da sua calçada. Era medo.

Quase como se ela estivesse em pânico.

Amarrei minha gravata, deixando-a frouxa ao redor do colarinho, e vi carros entrando pelos portões, pais deixando os filhos, calouros, e alguns estudantes entrando a pé no estacionamento.

Fui um dos primeiros aqui esta manhã. Onde diabos ela estava? Ela já estava lá dentro?

— As mesmas festas. As mesmas garotas — Michael murmurou.

— Estou entediado pra caralho.

— Eu sei. — Kai soltou um suspiro. — Também estou sentindo isso. Preciso que algo novo aconteça.

— Algo para ficar obcecado — Michael acrescentou.

E então Damon entrou em cena.

— Deveríamos matar alguém.

Michael bufou uma risada, Kai revirou os olhos, e eu tirei o cigarro da boca de Damon, dando uma tragada e sacudindo a cabeça.

Michael bateu em Damon com seu blazer do uniforme.

— Eu estava pensando no início da temporada, seu psicopata do caralho.

— Ou talvez você precise se apaixonar por alguém — Kai disse a ele, tirando o casaco de seu jipe e o colocando. — Estou pronto para ter minhas entranhas torcidas em nós.

Mas ao invés de olhar para Damon ou Michael quando disse isso, Kai me encarou, um sorriso perspicaz brincando em seu rosto. Desviei o olhar, e ele apenas riu baixinho.

— Sangue seria melhor — Damon argumentou, pegando seu cigarro de volta, dando uma tragada, soprando a fumaça até o céu, e depois jogando a bituca em algum lugar. — Vá em frente. Vamos escolher alguém. Alguém que mereça. Perseguir ela... ou ele... observá-los, planejar como vamos nos safar, descartar o corpo...

Balancei a cabeça, escutando apenas pela metade enquanto analisava o estacionamento de novo em busca da Em.

— E depois ver esta cidade surtar geral diante do perigo que espreita debaixo de seus narizes — Damon continuou. — Vai ser divertido.

Ouvi alguém rir de novo, mas depois o silêncio se instalou, e ninguém disse nada.

Porque enquanto ninguém estava pronto para fazer mais do que rir da ideia como uma brincadeira, nenhum de nós duvidou que Damon estivesse falando sério, de alguma forma.

Ele poderia até já ter alguém em mente.

— Fico tão feliz por você estar do meu lado, às vezes — Michael falou.

Mas Damon apenas pegou outro cigarro e o acendeu, dizendo em voz alta:

— Estaríamos unidos pelo segredo para sempre.

— Sim, bem, não há ninguém que eu queira matar — Kai disse.

Damon apenas encarou o céu antes de trazer o cigarro à boca mais uma vez.

— Sorte sua — ele murmurou.

Encarei-o, seu olhar ainda nas nuvens, e não pude evitar uma sensação estranha dentro de mim.

Michael e Kai precisavam que algo acontecesse, e eu... eu já sentia isso chegando.

O primeiro sinal tocou, e todos nós nos dirigimos para dentro da escola, os estudantes subindo os degraus e tentando transitar pelos corredores.

Ela estará na sala de aula. Ela nunca falta a escola.

Depois de parar nos armários e me esquivar das conversas dos outros no meio do corredor, finalmente cheguei na aula de literatura com meu livro e meu fichário, procurando ver em quem ela estava grudada, de forma que eu soubesse quem eu teria que remanejar de lugar.

Mas enquanto a procurava pela sala, só vi Chase Deery e Morgan Rackham. Ninguém mais.

Parei por um instante, hesitando. *Que ótimo, caralho.* Isso foi o que ganhei por sair rápido e tentar fingir que não estava apressado. Agora eu tinha que me sentar aqui como um idiota, e se ela entrasse e se sentasse longe, eu não poderia mudar de lugar, senão ela saberia que eu estava esperando por ela.

E eu não queria que ela soubesse que era isso o que eu estava fazendo.

Seguindo para uma cadeira em direção às janelas, peguei meu celular, fingindo estar ocupado.

As pessoas entraram à deriva, preenchendo os assentos, mas não olhei para cima enquanto Kai, Michael e Damon me rodeavam.

Com o passar dos minutos, mal registrei o professor falando, os papéis farfalhando, ou o empurrão no ombro para repassar os novos livros.

Havia apenas uma coisa da qual eu estava ciente enquanto estava sentado ali.

Ela não estava aqui.

Talvez ela estivesse apenas atrasada. Ela odiava essa aula, afinal de contas.

Mas enquanto a classe continuava e ela não aparecia, eu mal ouvia uma palavra.

Começamos um novo livro. O professor o leu e terminou sua explicação, e algo era para ser feito no final da semana, mas se não era amanhã, então eu não dava a mínima.

Estava pouco me fodendo. Onde diabos ela estava?

A campainha tocou, e todos se levantaram, amontoando-se para fora da sala, mas em vez de virar à esquerda, em direção à minha próxima aula, virei à direita.

— Ei, aonde você está indo? — Michael perguntou.

Ele e eu compartilhávamos a aula de Gestão Econômica.

— Vou aparecer no treino — garanti.

E fui em direção à biblioteca.

O treinador me faria correr ao redor da quadra quando descobrisse que eu havia faltado às aulas, mas eu tinha feito essa corridas tantas vezes nos últimos anos, que eu era meio que fantástico nisso.

Eu não podia ficar sentado na sala de aula agora. Minha cabeça doía e fervilhava como um fusível, e me recusava a procurá-la, porque embora eu dissesse a mim mesmo que seria só para ter certeza de que ela estava segura – para ter certeza de que tudo estava bem –, era porque eu estava chateado.

Ela realmente fez de tudo para me evitar, não foi?

Ao entrar correndo na biblioteca, passei pelas mesas dos alunos estudando e subi a escada que levava ao terceiro andar. Joguei meu fichário e livros em uma mesa e peguei o celular do bolso, atravessando o corredor longo e virando à direita na quinta fileira. Alcancei uma estante de livros e puxei um azul-marinho grosso, intitulado *Entrada de Dados e Curvas Transcendentais de Polítopos Não-Regulares*, algo que sabemos que ninguém neste planeta estaria sequer interessado em encostar.

Abrindo a capa, digitei a combinação no pequeno cofre enfiado ali dentro e guardei o celular. Em seguida, coloquei o livro de volta na prateleira. O telefone comum que usávamos para filmar todas as nossas brincadeiras

tinha que ser escondido em algum lugar onde ninguém olharia e todos nós poderíamos ter acesso imediato a ele. Não sei bem o porquê, já que era sempre eu que o pegava e filmava a maior parte dos vídeos.

Mas então ouvi a voz de alguém.

— Esse título não faz o menor sentido.

Virei a cabeça sobre o ombro, pegando um vislumbre de cabelo castanho através das estantes.

Será que ela tinha visto o que coloquei ali?

Avistei Emory encostada na parede traseira, cabisbaixa e com o cabelo cobrindo seu rosto.

— Você não estava na aula — atestei.

O peito dela sacudiu, e pensei ter visto seu lábio tremer.

Mas depois ela pigarreou.

— Não estava? — ela debochou. — Uau, você é excepcional. Talvez para sua próxima brincadeira você possa fazer uma fogueira e desenhar rabiscos na parede suja, documentando aqueles buracos engraçados no céu que deixam a luz entrar.

O quê? Buracos no céu?

Ah, estrelas. Ela estava me chamando de homem das cavernas?

Sacana. Quer dizer, eu fiz o trabalho de literatura para ela. Ela tinha alguma noção de como foi difícil tentar parecer uma adolescente

rebelde, zangada e sem senso de humor?

Então uma lágrima escorreu da sua bochecha, e ela rapidamente a secou.

Abaixei o olhar pelo corpo dela, absorvendo os tênis cinza surrados, a saia dois centímetros mais curta e com o padrão xadrez verde e azul-marinho totalmente fora de moda do uniforme de dois anos atrás. A pele brilhante de suas belas pernas só era maculada pelos ocasionais hematomas ou arranhões, o que na verdade eu meio que amei, porque, provavelmente, ela os conseguiu ao construir aquele gazebo, mostrando a todo mundo o quão incrível ela era.

Observei os punhos dobrados em seu imenso casaco azul-marinho, a ausência da gravata e a blusa com um botão extra aberto. Uma mecha de cabelo se prendeu dentro da camisa, repousando contra seu peito.

Ela estava aqui, de uniforme, mas estava escondida e matando aula?

— O que aconteceu? — perguntei.

Mas ela apenas balançou a cabeça.

— Só me deixe em paz — ela sussurrou. — Por favor.

Por favor... Deus, ela devia estar desesperada se estava sendo assim tão educada.

— Começamos um novo livro na aula — contei.

Ela permaneceu quieta, mordendo o lábio.

— Tínhamos algumas opções — falei. — *O Retrato de Dorian Gray, As Vinhas da Ira, ou Mrs. Dalloway.*

Um pequeno risinho escapou e segurei meu sorriso.

— Eu escolhi por você.

Ela desencostou da parede suavemente e começou a andar, arrastando a mochila lentamente pelo corredor dos livros enquanto eu seguia do outro lado da estante.

— Estou com seu livro de bolso na minha pasta — declarei. — Você não o quer?

Ela não respondeu.

— Você não quer saber qual eu escolhi para você?

Ela continuou andando, mas bem devagar. Como se ela não estivesse em seu corpo.

— Escolhi algo bom.

— Não há nada de bom nessa seleção, então me dê o livro *As Vinhas da Ira*, porque as coisas podem sempre piorar, e essa escolha vai realmente completar este dia.

Sério? Como diabos ela adivinhou qual livro eu escolhi?

Droga.

Eu sabia que ela ia odiar todas as escolhas. Na primeira semana de escola, ela falou sobre a falta de diversidade e tópicos relevantes

em nossa lista de leitura e como os “clássicos” eram apenas “clássicos” porque os romances escritos para um público mais amplo não estavam sendo publicados nos velhos tempos. Todo o sistema estava armadilhado e maldito o homem etc.

Eu só queria que ela sorrisse. Uma coisa era se fosse eu quem a estivesse tornando miserável, mas eu tinha a sensação de que não era esse o caso.

— Em, olhe para mim um minuto.

Ela parou, parecendo carregar o peso do mundo nos ombros. Que diabos estava errado?

Eu sabia que se perguntasse, ela não me diria, no entanto.

— Em? — murmurei.

Basta olhar para mim.

Mesmo assim, ela não se virava. Ela estava bem aqui, mas a quilômetros de distância, e meu peito doía.

— Peguei um guia de estudo também. — Alcancei meu bolso e tirei os papéis dobrados. — Aqui.

Remexi entre os livros e lhe entreguei o guia. Só demorou um segundo para ela estender a mão e finalmente pegá-lo, mas quando o fez, eu soltei o papel e agarrei sua mão.

Ela perdeu o fôlego e tentou se afastar.

Mas sussurrei:

— Olhe para mim.

Ela parou de resistir, mas, mesmo assim se recusou a encontrar meu olhar.

Qual era o problema dela? Para meus amigos, sempre havia algo de errado com ela, mas ela parecia... derrotada. Como um vaso quebrado que mal se sustentava com cola.

Emory Scott nunca teve esse aspecto.

Ela olhava para baixo, provavelmente para nossas mãos, e eu não apertava a mão nem acariciava os dedos dela. Apenas a segurei.

— Olhe para mim — sussurrei.

Mas ela sufocou um soluço, virando o rosto para longe para que eu não visse.

— Não — ela exigiu. — Por favor, não seja gentil. Eu...

Mas tudo o que ela fez foi balançar a cabeça, as palavras vacilantes.

A raiva ferveu meu sangue, e eu queria saber o que aconteceu. Quem a machucou? A visão de seu pranto foi como uma facada no meu instinto.

Mas ela não queria falar comigo. Ainda não.

Talvez nunca.

— Toc toc — falei.

Ela apenas suspirou, mas permaneceu em silêncio.

Eu sabia que estava sendo chato. Eu mesmo me daria um soco se fosse ela.

— Vamos lá, toc, toc?

Ela balançou a cabeça e secou os olhos, me ignorando.

Endureci meu tom, exigindo:

— Toc toc.

— Entre — ela disse, acabando com a minha piada.

Fiquei congelado por um momento. Como ela sempre fazia isso?

Ao contrário da crença popular, não é comum alguém ser mais esperto do que eu, muito menos repetidas vezes.

Mas isso foi inteligente. Comecei a rir e, após um momento, notei um pequeno sorriso nos lábios dela, que ela tentou esconder.

Soltando sua mão, dei a volta nas estantes e me aproximei dela, fixando o olhar e a cabeça curvada que ainda me evitavam.

— Olhe para mim — repeti.

Lentamente, ela balançou a cabeça, mas isso pareceu mais para si mesma do que uma resposta.

— Emory...

Ela encarou o chão e depois recuou um passo, mas segurei seu rosto, me aproximei um pouco mais e esfreguei os polegares debaixo de seu olhos. Limpei as lágrimas, porém outras seguiam o mesmo curso.

E naquele momento, eu não queria fazer mais nada com minha vida do que mudar seu mundo, para que ela nunca mais se sentisse assim. Droga.

Ela tentou se afastar, mas eu não consegui soltar. Envolvi meus braços ao seu redor e a puxei contra mim, abraçando-a enquanto ela ofegava. Os soluços a tomaram enquanto ela se debatia, mas eu a abracei com força, mantendo-a de pé para que ela não precisasse nem se preocupar com isso agora.

Eu não conseguia suportar isso. Ela tinha que parar de chorar.

Finalmente, seus braços relaxaram, e cada luta dentro dela se desfez. Ela apoiou a bochecha no meu peito, seus braços ao lado do corpo, e se inclinou contra mim, apenas me deixando ampará-la.

As pessoas passavam atrás de nós, mas eu estava me lixando se elas vissem, desde que continuassem andando.

Acaricieei seu cabelo, meus dedos formigando ao sentir que eu, finalmente, a tocava. Uma língua tão afiada e ferina em uma pessoa que era, na verdade, tão meiga e pequena.

Afundi meu nariz em seu cabelo, o cheiro fazendo minha cabeça zumbir e a sensação de tê-la assim tão perto aquecendo cada músculo do meu corpo.

— Vamos embora — sussurrei, segurando a mão dela e

pegando sua mochila com a outra. — Vamos sair daqui.

Eu a puxei, sem esperar por uma resposta.

Ela parou no lugar, subitamente alerta.

— Não podemos.

— Quem disse?

Eu a tirei da biblioteca, deixando minhas tralhas sobre a mesa porque sabia que ainda estaria lá mais tarde, e caminhei pelo corredor, para fora da escola, ouvindo sua respiração ofegante às minhas costas enquanto ela olhava em volta freneticamente procurando professores ou câmeras de vigilância.

Por alguma razão, no entanto, ela não protestou mais.

Quando chegamos à minha caminhonete, joguei a mochila dela na traseira e abri a porta lateral do passageiro para ela.

Ela, finalmente, encontrou meu olhar, parecendo tão cansada. Deus, as olheiras circulando seus olhos, agora que podia vê-la com clareza... Quando foi a última vez que ela dormiu?

Ela abriu a boca, como se fosse discutir, mas depois, simplesmente entrou. Fechei a porta, dando a volta na caminhonete e subindo ao lado.

Eu quase desejei que ela brigasse comigo. Emory Scott estava me deixando tirá-la da escola durante o horário de aulas, e ela nem sequer exigia saber para onde.

Eu não gostava desse olhar perdido no seu rosto. O que caralho estava acontecendo?

Dando partida, peguei meu celular e disquei enquanto saía do estacionamento, virando na direção da vila.

Ela afivelou o cinto de segurança, distraidamente.

Roger Culpepper respondeu do outro lado:

— Alô?

— Oi, é o Will. Você pode abrir as portas?

— São nove da manhã — ele resmungou.

— Apenas abra o cinema — pedi de novo. — E então você pode voltar a dormir.

Desliguei antes que ele tivesse a chance de discutir e olhei para Em, que encarava a janela. Ela tinha parado de chorar e relaxou no banco, parecendo triste, mas confortável.

Olhei para a pista enquanto voltávamos para a cidade, incapaz de conter o sorriso que surgia.

Desculpe, D. Esse banco agora é dela.



Roger tinha destrancado o cinema para nós quando chegamos,

e estacionei no beco para que ninguém visse minha caminhonete fora da escola. Emmy não fez nenhuma pergunta quando a deixei em uma das salas e saí para pegar lanches.

Culpepper administrava o cinema e tinha estado aqui para o festival noturno até algumas horas atrás. Eu me senti mal em acordá-lo e arrastá-lo até aqui, mas desde minha festa de aniversário improvisada em maio passado, depois do baile, meus pais tomaram minhas chaves do cinema para que nem eu viesse a qualquer hora – ou deixasse outros entrarem.

Roger relaxou quando viu que era apenas uma garota. Ele colocou o filme, apagou as luzes, e eu fiz as pipocas, e depois que ele saiu, tranquei as portas novamente e carreguei um punhado de besteiras para a sala três.

— Está com fome? — perguntei, colocando a bebida em seu porta-copos.

Ela me encarou, os olhos ainda vermelhos, mas sempre lindos. Ela se moveu nervosamente em seu assento e olhou atrás dela em direção às portas, provavelmente com medo de que fôssemos pegos.

— Vai ficar tudo bem. — Pousei o resto dos aperitivos e peguei as pipocas enquanto me sentava. — Conheço um garoto que trabalha na secretaria. Já liguei e disse a ele para marcar sua presença em todas as aulas de hoje.

Além disso, mandei ela desligar o celular na caminhonete, já que sabia que seu irmão poderia estar rastreando seu paradeiro. Meus pais me ameaçavam com isso de vez em quando.

Enfie um pouco de pipoca na boca e ofereci a ela, os créditos rolando no filme à nossa frente.

Mas ela apenas me encarou.

— Você conhece um garoto? — ela repetiu, seu habitual sarcasmo desenhado em todo o rosto. — Claro, você tem toda a escola nas suas mãos, porque...

— Um 'obrigada' seria a resposta correta — caçoei, ainda mastigando.

Ela me encarou, boquiaberta.

— Experimente — eu disse a ela.

Ela fechou a boca, endireitando os ombros, mas depois de um momento sua atitude desafiadora amenizou.

— Obrigada — murmurou.

Sentada de volta em seu assento, ela pegou a Coca-Cola e a segurou entre as pernas, e depois de alguns minutos, ofereci-lhe pipoca. Ela pegou-a, comendo do punhado de sua mão como se fosse um passarinho.

Era um café da manhã podre, mas era melhor do que não comer nada, e eu ainda não tinha certeza se ela havia se alimentado

hoje.

Os trailers começaram a passar e, lentamente, eu a senti relaxar ao meu lado, seus olhos focados na tela.

As cenas de abertura tiveram início, mas em vez de assistir ao filme que eu já tinha visto, eu a observei em seu lugar. Seus olhos se moviam para cima e para baixo e ao redor, hipnotizados pela ação, e sua mão com um pouco de pipoca parou a meio caminho da boca, pois ela esqueceu todo o resto.

— O que é isto? — ela perguntou, mas não tirou os olhos da tela. — Isto é...?

O canto da minha boca se curvou em um sorriso.

— *Anjos da Noite: O Despertar?* — ela finalmente disse e olhou para mim. — O lançamento só vai rolar em janeiro. Como assim você já tem acesso?

Arqueei uma sobrancelha e ela revirou os olhos, lembrando-se de quem eu era.

— Claro — ela retorquiu. — Deve ser bom para...

Olhei de volta para a tela, pigarreando.

Ela segurou qualquer insulto que estivesse na ponta da língua e deu uma risada de leve.

— Obrigada, obrigada, obrigada...

— Tá, cala a boca — ralhei. — Só assista ao filme.

Ela concentrou seus olhos brilhantes de volta na tela, um sorriso ainda aberto em sua boca, tanto que tive muita dificuldade em ignorar. Eu a tinha visto sozinha no cinema de vez em quando, então imaginei que este era o seu lugar seguro.

Nos concentramos em assistir e, enquanto o filme passava, ela deu sinais de melhora. Seus olhos se tornaram maiores, sua cor voltou, e eu até a ouvi rir uma vez.

Estendi as balinhas açucaradas e de caramelo, deixando que ela escolhesse primeiro, e quando ela optou pelas de caramelo, abri a caixa e despejei metade na minha mão antes de lhe dar o resto. Eu só quis ser simpático quando ofereci para ela primeiro. Na verdade, eu não queria o outro tipo de balinha.

Nós nos deliciamos com os doces e ela assistiu ao filme, mas eu passei a maior parte do tempo apenas a observando.

Ela notou, porque finalmente me olhou de relance, me pegando de surpresa.

— O que foi? — ela perguntou, voltando a se concentrar na tela.

— Você não é o que eu esperava — comentei. — Você gosta de filmes de ação, hein?

— Você não gosta?

Eu comecei a rir. E lá estava a sua resposta espertinha diante

das minhas observações machistas. Uhu... ela estava voltando ao normal.

Depois de um segundo, ela disse em uma voz suave:

— Eu não penso em mais nada quando estou assistindo — explicou. — Os filmes me levam embora, como uma válvula de escape. Eu também gosto do aspecto da sobrevivência em alguns deles. As pessoas comuns se tornam extraordinárias. Ser chamada para fazer grandes coisas. — Ela rolou um caramelo entre os dedos, de olho na tela. — Heróis infernais, saca? Eu quase posso senti-los quando os assisto nas telas.

Mas do que ela precisava para escapar? Eu não perguntei, porque isso só a colocaria em guarda, e eu não queria que ela fugisse.

— Bem, eu prefiro os clássicos — murmurei. — Arnold Schwarzenegger, Sylvester Stallone...

— Jean-Claude Van Damme — nós dois dissemos ao mesmo tempo.

Ela se virou para mim, e eu ri.

— É isso aí — ela disse, sorrindo.

— É isso aí, porra — concordei com um aceno — Quero dizer, os Músculos de Bruxelas? Claro que sim.

— *O Grande Dragão Branco* — ela acrescentou.

— *Kickboxer* — acrescentei.

Ótimos filmes. Os anos oitenta foram a era dourada. Pessoas comuns indo para a guerra lutando por honra. Não se tem mais filmes como *Máquina Mortífera*, *Um tira da pesada*, *Cobra*.

Você é a doença, e eu sou a cura [23]. Massa demais.

Mas então, Em começou a rir, seus dentes brancos perolados brilhando no maior sorriso que eu já tinha visto aquela espertinha dar.

Franzi o cenho, confuso.

— O que foi?

Do que ela estava rindo agora? De mim?

— Em *Kickboxer* — ela disse entre risadinhas. — Aquela cena em que o professor o embebeda num bar para ver se ele pode lutar meio chapado, e ele começa a dançar. Só de pensar nessa cena, eu consigo me lembrar de você.

— Por quê?

Ela deu de ombros.

— Cara forte, superfeliz, se divertindo... Não sei. — Ela enfiou um pedaço de doce na boca. — Só parece algo que você faria.

Ela se acomodou de novo na poltrona e voltou a assistir o filme.

— Passe mais tempo comigo e talvez você descubra — zombei.

Eu podia dançar. Eu podia dançar muito bem.

Ela umedeceu os lábios, desfez o sorriso, mas sua respiração

acelerou.

Ficamos mais uma vez em silêncio, o som *surround* vibrando a cada luta e explosão, mas eu podia jurar que o único som que eu era capaz de ouvir era dos batimentos do meu coração.

Os minutos se alongaram, e eu já nem sabia mais que filme estávamos assistindo.

— Por que você gosta de mim? — ela finalmente perguntou.

Olhei para ela, repetindo as palavras de Edward McClanahan, porque era a única maneira de explicar:

— Nós queremos o que queremos.

Ela respirou fundo, mas não se moveu um milímetro enquanto parecia querer sumir em seu assento. Observei suas mãos, uma segurando a caixa de balas de caramelo e a outra agarrando a barra da saia.

O que ela faria se...

— Você ainda quer me abraçar? — ela perguntou, de repente.

Meu olhar se voltou para ela, mas seus olhos estava focados na poltrona à sua frente. Eu podia sentir meu coração martelar meu peito, e cada pedacinho dentro de mim esquentou.

Sim, porra.

Eu me inclinei e coloquei seu copo de refrigerante no suporte ao lado, joguei os caramelos no balde de pipoca e segurei sua mão, ajudando-a a se levantar para que pudesse sentá-la no meu colo.

Em seguida, eu me acomodei mais na poltrona e a aconcheguei ao meu peito, sua cabeça enfiada na curva do meu pescoço. Não precisava nem dizer que nenhum dos dois se preocupou com o resto do filme.

Fechei os olhos, saboreando a sensação de, finalmente, tê-la em meus braços, e tive que cerrar os punhos para impedir que minhas mãos vagassem pelo seu corpo, do contrário, ela poderia me dar um tapa.

Meu Deus, era tão gostoso senti-la daquele jeito. Como se tudo tivesse se tornado mais leve quando a abracei.

— Não diga que eu disse isto — ela sussurrou no meu ouvido —, mas você é tão cheiroso.

Meu corpo sacudiu com uma risada que fui incapaz de segurar.

— Continue assim, toda fofa e essas merdas, e vou achar muito difícil continuar sendo gentil, Em. O que você está tentando fazer?

Ela deu uma risadinha, mas depois deslizou a mão pela minha nuca e sussurrou contra a lateral do meu pescoço:

— Lembra-se do que você disse sobre o anoitecer, quando a escuridão toma conta? — Os lábios dela roçaram a minha pele. — Você não precisa ser gentil. Não até o fim do filme...

O fim do filme. Quando as luzes se acenderiam.

Meu pau enrijeceu, e eu enfiei os dedos em seu cabelo, minha boca pairando a centímetros da dela.

— Puta merda, Em...

Ela subiu no meu colo e nós dois nos abraçamos quando o calor dos lábios dela aqueceu os meus.

— Só até o final do filme — ela sussurrou.

O suor resfriou minha pele, e meu pau se contorceu. Eu queria tudo de uma vez, tanto que minhas mãos tremiam com o medo de não conseguir me controlar. Eu não queria assustá-la.

Nós nos abraçamos, nossas bocas se afastaram centímetros quando avancei e ela recuou, e quando ela fez menção de me beijar, eu me afastei, brincando.

E então, finalmente...

Segurei seu lábio inferior por entre os dentes, ela gemeu e sua boca mergulhou contra a minha, cada nervo do meu corpo incendiou quando sua língua cálida tocou a minha e seu gosto dominou minha cabeça.

Meu Deus, eu tinha esperado por isto, mas assim que minha boca começou a se mover sobre a dela, e seu corpo encheu minhas mãos, a pressa desapareceu. Suavizei meus movimentos, passando a mão por baixo de sua saia e acariciando sua coxa, enquanto ela se ajeitava e montava o meu colo.

Eu queria que isto durasse para sempre.

— Tão macio... — Eu me inclinei sobre sua boca.

Caralho, os lábios dela eram tão macios.

Eu a beije e nosso ritmo intensificou e acelerou, e à medida que ela pedia por mais e mais, era como se eu estivesse chapado. Meu pau esticou o zíper da calça, e eu agarrei suas coxas sedosas, pressionando seu corpo contra o meu.

Ela gemeu, tentando afrouxar a minha gravata para que pudesse tocar a minha pele. Minha cabeça flutuava, a sensação de sua boca incendiando meu corpo, deixando o rastro de uma doce agonia. Nós nos mordiscamos e provocamos um ao outro, e eu queria tirar sua roupa, queria ver muito mais dela. Eu queria tocá-la e beijá-la em outros lugares.

Mas eu precisava ir devagar. Eu não queria que isto acabasse e ela fugisse, assustada. Eu podia sentir que estava prestes a gozar, então segurei sua cabeça, abraçando seu corpo com força para tentar conter seus movimentos, sem querer soltá-la.

Eu...

Ela roçou contra mim, mordiscando e lambendo a minha boca.

Quase perdi o fôlego. Eu...

— Merda — arfei.

Afundi os dedos em suas coxas macias, a sala de cinema

girando à nossa volta.

Apenas com um beijo. Só um beijo, porra, e eu já estava quase gozando na calça.

Ela respirou fundo no meu pescoço, e pude sentir seu coração acelerado também.

Eu odiava quando as coisas acabavam sendo exatamente como você esperava que fossem.

Inclinei e a beijei gentilmente, começando devagar novamente e levando o meu tempo. Ela podia acabar se arrependendo disso amanhã. Hoje ela estava com um humor estranho, e talvez eu tenha me tornado ‘seu filme de ação’, como uma válvula de escape, mas as coisas não seriam aceleradas desse jeito quando eu, finalmente, a levasse para a minha cama.

Eu só precisava entrar na cabeça dela primeiro.

Porque, ao contrário do que ela pensava, esta merda não acabaria quando as luzes acendessem.

[23] Frase imortalizada que Stallone diz no filme Cobra.

Capítulo 13

Emory

Dias atuais...

Ele tinha mudado. E eu não gostei daquilo.

Já havia passado um dia desde que ele pegou minha roupa íntima no chuveiro da piscina, e ainda não havia conversado comigo. Will nunca se zangava. Não que eu fosse especialista no comportamento dele, mas eu era a temperamental. Ele era o enamorado.

Eu poderia até conseguir sua ajuda em algum momento, mas não tinha tempo para esperar por isso. Eu estava tendo que lidar com os jogos mentais de Aydin, os olhares lascivos de Taylor e a cara fechada de Rory.

Eu não tinha certeza do motivo para estar sendo protegida, mas não achava que isso fosse durar muito mais tempo.

O Will poderia se vingar de mim o quanto quisesse. Quando voltássemos a Thunder Bay.

Agora estava na hora de bolar um plano.

Atravessei o corredor e entrei no salão de jogos, vendo os tacos de bilhar alinhados na parede. Peguei um e parei para admirar todos os quadros que adornavam o papel de parede castanho.

Este lugar era como o Castelo do Drácula, cheio de recantos e tesouros. No entanto, também era um lugar deprimente e agonizante. Por que as pessoas mandariam seus filhos para cá? Por que não os enviavam a uma praia, com sol e calor? A depressão só piorava os ânimos. Será que este lugar realmente deveria ajudar?

Eu olhava para os quadros de navios e piratas, de batalhas marítimas e de criaturas marinhas. Qual era a conexão? O antigo proprietário gostava do oceano?

Ou estávamos próximos de um?

Um peso súbito pareceu me ancorar ao chão; uma nova possibilidade que não havia nem ao menos considerado.

Se isto fosse uma ilha, eu estava muito fodida.

Eu precisava tentar chegar ao telhado. De lá eu poderia ter uma visão melhor dos arredores.

Balancei a cabeça. Os problemas eram inúmeros e eu não estava resolvendo nenhum deles. Era quinta-feira, e meus colegas de trabalho da firma já teriam comunicado meu desaparecido, certo? Faltar um dia no serviço era uma ocorrência rara para mim, mas dois?

Eu não era amiga de ninguém na empresa. Ninguém possuía uma cópia da chave do meu apartamento, mas eles contatariam a

polícia se eu não desse as caras e nem atendesse ao telefone. Certo?

Não que isso fosse adiantar de alguma coisa. Seria impossível que alguém me encontrasse aqui.

— Você é bem corajosa para andar por aí, sabia? — alguém disse do canto escuro da sala.

Eu me assustei, dando a volta e procurando ao redor.

— Como se você não tivesse nada a temer — acrescentou ele.

Virei a cabeça para a direita, finalmente avistando as pernas longas e escuras. Ele se inclinou na cadeira, no canto mais distante atrás da mesa de xadrez. Seu rosto estava imerso na penumbra.

Rodeei a mesa de sinuca, em direção à porta, mas mantive o olhar focado onde ele estava.

— Mas você está se esquecendo — ele ofegou — de que todos nós estamos aqui por uma razão.

Taylor.

Houve movimento, e eu me aproximei, o coração martelando no peito. Ele esteve sentado ali o tempo todo, me observando. Mas por que ele estava sem fôlego?

Peguei o taco de madeira e o apertei com mais força.

— Pergunte logo o que foi que eu fiz para vir parar aqui — instigou. E depois continuou com um tom malicioso: — Pergunte ao Rory o que ele fez. O museu de cera subaquático que ele instalou no lago às margens da casa de seus pais. As estátuas são tãããooo realistas.

Um calafrio percorreu meu corpo. Um museu de cera? *Realista?* Que diabos isso significava?

E então eu o vi.

Meu olhar pousou em seu colo, enquanto ele esfregava seu pau para cima e para baixo. Perdi o fôlego e recuei na mesma hora. Ele continuava a se acariciar, cada vez mais rápido, até que avistei a minha calcinha azul.

Ela estava enrolada ao redor de seu membro enquanto ele se masturbava.

Meu coração quase saltou pela boca, e eu apenas o encarei, vendo-o gemer com os olhos fechados, a renda da lingerie atijando mais ainda sua pele.

Mas que porr...? Eu me afastei, enojada.

— Nós queremos ir embora — ele disse —, mas nunca seremos realmente livres, Emory. — Ele olhou para mim novamente. — Você pode levá-lo para casa, mas pode ser que ele nunca realmente volte.

Seu olhar me perfurou, os músculos dos braços contraídos enquanto se esfregava com mais força. Meu estômago embrulhou, mas eu não conseguia me mover, completamente paralisada ao observá-lo.

Até que ele suplicou em um sussurro:

— Chupe o seu dedo bem gostoso, no fundo da garganta. Chupe

com força por mim.

Eu não conseguia obrigar minhas pernas a se moverem, e só percebi que estava retendo o fôlego quando meus pulmões agonizaram em busca de ar.

Eu saí correndo da sala, ouvindo sua risada sinistra e profunda ecoar às minhas costas.

Eu nem sabia para onde estava indo até que fui parar na academia, ignorando Micah levantando pesos. Sem nem perceber, subi na esteira, descalça e comecei a correr.

Eu precisava correr. Eu precisava estar exausta demais para me preocupar com qualquer outra coisa.

O Will deu minha calcinha para aquele pervertido? Rangi os dentes, sentindo minha náusea se transformar em fúria.

Micah levantou a cabeça, me observando por um momento, mas depois deixou os pesos e começou a lutar com o boneco de lona.

Meu corpo resfriou com o suor, e aumentei o ritmo cada vez mais rápido até que pensei que não conseguiria acompanhar a velocidade necessária para extravasar.

Eu não ia ficar aqui sentada por quatro semanas. Eu não ia contar com ninguém para me proteger.

Eu podia até não ser capaz de fugir, dependendo dos elementos naturais, então não podia contar com isso como minha única opção, mas podia fazer alguma coisa.

Nove anos atrás, decidi me sentar e esperar, me abrigar diante das intempéries e depois fugir.

Eu nunca mais faria isso.

Parei a esteira de uma vez, ofegando enquanto seguia até o Micah.

— Me ensine alguns movimentos... — pedi, retirando os óculos e arfando.

Ele parou e se endireitou, me olhando com carranca.

— Por que eu faria isso?

— O que você quer em troca?

Ele sorriu, e eu arqueei uma sobrancelha. Eu tinha quase certeza de que ele não queria isso.

— Um sanduíche — retrucou.

Inspirei fundo, não deixando passar despercebido o insulto intencional sobre o lugar de uma mulher. No entanto, nem era uma ideia assim tão horrível. Eu teria uma desculpa para estar na cozinha com acesso à comida.

Mesmo que alguém ficasse de olho em mim, eu poderia esconder algo. Poderia ser útil se eu precisasse fugir ou me esconder por um longo período.

— Um sanduíche com tudo dentro, tipo *Philly Cheesesteak*? —

esclareci, subindo o nível do acordo.

Com certeza não seria algo *kosher*^[24], então eu não poderia comer. Aquela era uma das poucas regras que eu seguia, mas eu faria aquilo por eles. Esse tipo de sanduíche demoraria mais de dez minutos para cozinhar, me dando muito tempo na cozinha.

Seu rosto se iluminou.

— Sêrio?

Ergui os punhos, abri a base das pernas, usando essa postura combativa como resposta.

Ele sorriu e tomou uma posição oposta à minha, me convidando a atacar:

— Manda ver.



Duas horas depois, e eu estava suada e quente, mas, estranhamente, não estava cansada. Eu me sentia energizada, a ponto de ter que disfarçar o sorriso de satisfação o tempo todo.

Incrível. Estava presa há dois dias com cinco homens – sendo que quatro deles eram desconhecidos –, e qualquer um poderia pensar que eu me sentiria desamparada e em perigo.

Não era como se eu não sentisse medo. Isso só não me era estranho. Para dizer a verdade, era algo muito familiar.

Fui em direção à porta, olhando para trás e vendo Micah e Rory lutando no tapete. Micah o imprensou com seu corpo, rindo, mas bastou um olhar de Rory para que ele baixasse a guarda. O cara mais magro o agarrou, o virou e tentou sufocá-lo, mas ambos estavam rindo enquanto se atracavam um ao outro.

Balancei a cabeça, seguindo o caminho.

— Divirtam-se, mas sobrevivam...

E então estaquei em meus passos ao me lembrar.

O Senhor das Moscas. Um romance clássico perturbador e um dos únicos que realmente gostei na época da escola por ser tão sombrio e... possível.

Os meninos que caíram em uma ilha deserta, depois da queda de um avião, sem nenhum adulto, tinham três regras: se divertir, sobreviver e... manter um sinal de fumaça.

Levei apenas um segundo para decidir o que fazer. Disparei pelo vestíbulo, olhando para todos os lados para ver se estava realmente sozinha, e saí da casa até a calçada.

A fonte vazia se localizava no meio da entrada circular de veículos, sob um céu limpo e sem nuvens ou sinal de tempestade.

Eu não tinha certeza se isto duraria, ainda mais se a chuva

encharcasse a madeira, mas eu tinha que tentar.

Reunindo paus, galhos e até mesmo gravetos, levei as diversas braçadas até lá e joguei tudo dentro, criando uma imensa pilha. Continuei procurando

por mais coisas que pudessem aumentar ainda mais a fogueira, torcendo para que a fumaça se tornasse visível até mesmo durante o dia.

Estava correndo em direção à lateral da calçada, em busca de mais gravetos, quando uma mão, subitamente, agarrou meu pulso. Girei a cabeça, de supetão, e deparei com Will vestido em seu jeans e camiseta, os olhos verdes inexpressivos completamente diferentes do garoto que conheci.

Consegui me soltar de seu agarre e o empurrei. Ele segurou meu braço e nós dois nos debatemos um com outro, eu tentando escapar, e ele tentando me deter.

— Alguém vai notar a fumaça — eu grunhi.

— Ninguém vai notar — ele me disse. — E você está enganada se acha que ele vai deixar você acender isso em primeiro lugar.

Com um safanão, consegui me soltar de seus braços.

Tá, eu sei. Foi um tiro no escuro, e talvez sem o dinheiro da mamãe e do papai, não valesse a pena nem mesmo tentar escapar, porque se eles saíssem daqui, só poderiam voltar para casa, ou seja, para as mesmas pessoas que os enviaram para cá, antes de tudo. Eles não iam renunciar aos seus sobrenomes, esconder-se no Brooklyn e se tornar entregadores de pizza.

Mas o meu lugar não era aqui. Eu tinha um emprego, e não precisava de nada e nem de ninguém.

— O que você fez para ser enviado para cá? — indaguei. — Quero dizer, seus pais realmente te mandaram cá? Você não é o favorito deles ou algo assim?

Ele apenas me encarou, recusando-se a responder.

Já havia se passado muito tempo – talvez um ano ou mais. Micah disse que Rory foi o último a chegar, e isso aconteceu há sete meses, mesmo que ele tenha sido enviado de volta.

O que o Will estava fazendo consigo mesmo? Ele tinha tudo para ter uma vida maravilhosa.

— Você tem vinte e seis anos — comentei. — O que vem depois disto aqui? Aonde você vai? Você vai amadurecer, de repente? — Foquei meu olhar ao dele. — Se não aconteceu até agora, não vai acontecer. Você cuida das suas coisas, e eu cuido das minhas.

Ele se aproximou, ainda me encarando.

— Fiquei sabendo que você vai fazer o jantar. — Foi tudo o que ele respondeu. — Estamos com fome, então... vá cozinhar.

Meu olhar incendiou. *Como é que é?*

Dei um empurrão em seu peito, fazendo-o tropeçar.

Não vou te servir.

Não vou me sentar à mesa com você.

Pode ir ferrar com a sua vida sem nenhum problema.

Além do mais...

— Você deu a minha lingerie para aquele babaca desprezível — esbravejei.

Seu filho da puta.

Um sorriso curvou os cantos de seus lábios, mas ele simplesmente se virou de costas, disfarçando.

— Mas você não precisava dela, né? — escarneci, suavizando o tom de voz. — Você ainda tem a minha calcinha rosa que conseguiu pegar depois do baile? Você a usou muito ou teve que lubrificar seu pau com as suas lágrimas ao longo dos anos?

Ele se voltou, os olhos flamejantes, e disse cara a cara:

— O que te faz pensar que não consegui arrecadar uma porrada de calcinhas quentes e molhadas ao longo dos anos?

Ele se virou e saiu, e tudo o que consegui fazer foi fuzilá-lo com o olhar enquanto ele desaparecia dentro de casa.

Acredite em mim, Will Grayson. Eu sei exatamente onde você esteve.

[24] Kosher: A alimentação Kosher segue as regras descritas na Torá – o livro sagrado dos judeus – e que é adotada pela comunidade judaica ainda hoje. Kosher traduzido para o português significa ‘adequado’.

Capítulo 14

Emory

Nove anos atrás...

— Temos macarrão e queijo, hambúrgueres, tetrazzini de peru — Erika Fane disse a uma garota à minha frente na fila — e torta de galinha hoje, mas eu recomendaria os sanduíches de frango. Eles são bons e picantes.

Não, não são. Os calouros eram os únicos que ainda não tinham percebido de onde vinham aquelas cólicas intestinais quase no fim da quinta aula.

A outra loira que poderia ser sua irmã – exceto que Erika Fane não tinha uma irmã – apenas ficou ali, sem olhar para as opções que Fane listou.

— Tudo parece ótimo — ela respondeu. — Pode ser o que você recomendar.

Fane pegou o sanduíche de frango embrulhado em papel alumínio e o levou até ela. A outra garota estendeu as duas mãos, como se estivesse apalpando o item.

Semicerrei os olhos, observando-a. Lentamente, e mantendo os olhos focados adiante, ela mesma pegou o sanduíche e o colocou em sua bandeja, embora um pouco desajeitada.

Como se não conseguisse enxergar.

Só aí me dei conta. Esta era Winter Ashby. A irmã mais nova da cadela Arion Ashby.

Ela era ou havia ficado cega, pelo que eu tinha ouvido falar.

Bem, tomara que ela seja mais simpática do que sua irmã. Quando ela começou a estudar aqui? Eu raramente almoçava no refeitório, e nós não frequentávamos as mesmas aulas, então eu não a tinha visto antes.

Elas seguiram pela fila, mas não antes que uma crise de consciência me dominasse e me obrigasse a substituir seu sanduíche de frango por um hambúrguer, sem que ela ou Erika percebessem. Ela não saberia a quem agradecer, mas tudo bem.

Peguei um hambúrguer e uma banana quando chegou a minha vez e acrescentei uma garrafa d'água na bandeja.

Um braço me rodeou e segurou minha gravata, deslizando o tecido por longos e belos dedos, com as veias salientes no dorso de sua mão.

— Bela gravata — ele sussurrou no meu ouvido.

Meu coração acelerou, e eu parei de respirar por um momento.

A respiração dele fez cócegas no meu cabelo.

— Obrigado por usá-la.

Eu não podia me virar e olhar para ele, porque tinha certeza de que meu rosto estava com dez tonalidades diferentes de vermelho. Ele tinha colocado sua gravata em mim depois do cinema – quando me deixou em casa –, e eu não ia usá-la, mas...

Ele havia substituído um dia ruim por um bom. E eu queria usar alguma coisa que me fizesse lembrar disso.

Ele enfiou o rosto na curva do meu pescoço e deslizou a mão na minha cintura, seu hálito aquecendo a minha pele.

— Emmy...

O calor cobriu meu corpo, ouvindo seu tom de voz caloroso exatamente igual quando montei em seu colo no cinema.

— Por favor... — supliquei, afastando sua mão. — Apenas... volte para sua mesa. — Olhei para os lugares em que ele costumava se sentar, vendo Damon nos observando enquanto garotas bonitas perambulavam por lá. — Tem um monte de meninas lá para prender a sua atenção.

— Isso não é o que eu quero — zombou, apertando minha cintura novamente.

Continuei na fila, olhando ao redor para ver se alguém mais estava nos observando.

— Não se preocupe — ele disse, me soltando adicionando um *brownie* e uma caixinha de achocolatado à minha bandeja. — Eles acham que estou te perturbando. Eles nunca suspeitariam...

— Que você estava falando sério?

Ele sorriu para si mesmo e jogou um saco de pretzels e algumas batatas fritas na minha bandeja.

— Não, que você gosta de mim...

Ele se inclinou sobre o meu ombro, nossos rostos quase colados, para pegar um pudim e um copo de salada de frutas.

Ele se aconchegou às minhas costas, pressionando o corpo ao meu, e meu coração quase saltou pela boca. Virei a cabeça para o lado, sentindo seus lábios perto dos meus.

— Por favor, só... — *Vá se sentar.*

Mas as palavras se perderam, e eu não terminei a frase. Uma camada de suor cobriu minha pele, e eu, finalmente, apertei minha bandeja, conseguindo me controlar.

— Sente-se — ralhei e depois pestanejei, vendo aquele monte de coisas na bandeja. — E pare de colocar toda essa comida aqui! Você não vai comer ao meu lado!

— É pra você — ele respondeu, pegando a carteira. — Você está muito pálida. Tudo isso é *kosher*, não é?

Com um grunhido, comecei a devolver os itens, mas ele tomou a bandeja da minha mão e deu o dinheiro ao caixa.

— Vou precisar da minha gravata de volta — disse ele. — Hoje à noite.

— Não posso — murmurei.

— Você vai. — Ele pegou o troco e me entregou a bandeja. — Vou te buscar no final da sua rua às onze.

— Eu não posso — disse eu, um pouco mais alto.

Mas ele se aproximou, olhando para mim.

— Depois vou te levar para a minha casa. Só nós. Eu quero maratonar *Missão: Impossível* contigo hoje.

Uma maratona de *Missão: Impos...*? Apesar de tudo, bufei uma risada e, na mesma hora, desviei o olhar, tentando esconder o sorriso. Meu Deus, ele era um idiota.

Mas eu queria ir.

Fiquei ali parada, balançando a cabeça sem fazer nada.

— Não posso — murmurei em um sussurro.

Martin iria descobrir.

Minha avó precisaria de mim.

A gente tinha aula amanhã.

Se eu deixasse as coisas rolarem, eu me arrependeria depois.

Mas ele deu um passo à frente, puxou sua gravata ao redor do meu pescoço e esfregou o tecido entre os dedos.

— Você vem até mim — ele disse —, ou eu vou até você.



Tirei uma nota alta no questionário sobre *Lolita*. Entreguei o trabalho com mais de uma semana de atraso e, ainda assim, tirei uma nota boa. E a melhor parte foi que eu nem mesmo me delatei, mesmo me sentindo tentada.

Mas não consegui fazer isso. Todo sucesso educacional que batalhei para ter até aqui acabaria indo para o ralo. E o resto da minha vida teria acabado.

Uma fraude. Uma trapaça. Um péssimo exemplo para meus filhos.

Tudo porque entreguei um trabalho que não fui eu quem fiz. Esse era o meu nível de neura.

Infelizmente, a influência de Will Grayson se estendeu até o livro de notas do professor, onde meu zero foi alterado para 10, apesar da tarefa que faltava.

Não foi muito discreto. Eu teria ficado bem com 9,8. Até 9,2 seria razoável.

Eu informaria ao Sr. Townsend amanhã mesmo que a nota estava errada.

Se eu não esquecesse.

Atravessei o vestiário vazio e abri a cortina do chuveiro, entrando e pendurando a toalha no gancho. Liguei a água, enfiei a cabeça já molhada sob a ducha e suspirei com o arrepio que me percorreu por conta da água quente.

Eram apenas quatro e meia da tarde. Ainda faltava algumas horas até que eu me encontrasse com Will, e mesmo que eu tivesse passado o resto do dia – e meu tempo livre me esgueirando na piscina para um treino tardio –, tentando dizer a mim mesma que não estava nem aí com o horário marcado e que o deixaria plantado na esquina da minha rua... ainda assim, eu estava aflita só em pensar em deixá-lo na mão.

Ele não ficaria magoado, certo? Eu nunca concordei em ir à casa dele esta noite. Ele nem sequer perguntou. Aquilo era apenas mais um cara fazendo com que você se sentisse obrigada a ser grata só porque ele estava te dando atenção.

Bombeei um pouco de shampoo na minha mão e lavei o cabelo, tentando me apressar. Eu ainda tinha que fazer o jantar, terminar os deveres de casa, e tinha prometido à minha avó que veríamos um filme no quarto dela esta noite.

E eu ainda queria ir ao gazebo hoje para ajustar umas coisas.

O Will poderia vir até mim. *Se ele me encontrasse.*

Enxaguei o cabelo e passei o condicionador, depois esfreguei o corpo com o sabonete para tirar o cheiro impregnado do cloro da piscina. Mas daí eu parei, ao sentir os pelos nas minhas pernas. Talvez eu devesse me depilar de novo. *Quero dizer, se ele me encontrasse, eu...*

Então, balancei a cabeça e endireitei a postura. *Pelo amor de Deus. Se controla.*

Enfiei a cabeça outra vez debaixo da ducha e me livreí do condicionador

enquanto olhava para frente. Mas então uma sombra se moveu do outro lado da cortina do chuveiro, e eu congelei.

A silhueta escura ficou ali parada.

Meu coração quase parou. Apenas a luz de emergência estava acesa, já que não deveria haver ninguém aqui, depois da aula, seja para prática esportiva ou ensaio da banda.

Pisquei diversas vezes, tentando clarear a visão.

Merda, eu precisava dos meus óculos. Eu podia ver bem sem eles, mas minha miopia era uma droga.

— Olá? — chamei. — Quem está aí?

Esquecendo de desligar o chuveiro, peguei a toalha e envolvi meu corpo.

— Martin? — insisti.

A sombra arrastou lentamente a cortina e um nó se alojou na

minha garganta quando Damon Torrance entrou no chuveiro comigo.

— Mas que porra? — esbravejei.

No entanto, ele simplesmente se aproximou, fechando a cortina e chegou mais perto ainda de mim, com uma toalha ao redor da cintura.

— Martin? — ele repetiu, com um sorriso cínico. — Por que seu irmão estaria invadindo o vestiário das meninas?

— Por que você está?

Eu me encostei na parede, a água se derramando em meus ombros e encharcando a toalha que colei ao meu corpo.

Ele deu de ombros.

— O treino acabou agorinha. Eu precisava de um banho...

— O time não estava treinando hoje. — Empurrei seu peito para afastá-lo de mim. Você esteve aqui o tempo todo. Estava esperando por mim?

Mas ele avançou e me imprensou à parede.

— Shhh...

Ele acariciou meu cabelo, pressionando o corpo contra o meu, enquanto respirava em cima de mim.

Meus joelhos começaram a tremer, e eu contraí as coxas, com medo de me mijar. Eu estava pau da vida, e mais uma vez o empurrei e tentei segurar a toalha ao mesmo tempo.

— O que você quer?

Ele prendeu meu pulso à parede, ao meu lado, e deu um sorriso frio.

— Quero saber o que ele vê em você. Talvez eu também consiga enxergar o mesmo.

Meu estômago se torceu em um nó. *Eu prefiro morrer.*

Encarei os olhos escuros e senti o cheiro daquela porcaria que ele fumava, um grito já alojado na garganta.

Só um grito.

Grite agora!

Não havia ninguém aqui para me ouvir, e mesmo que houvesse, Martin Scott não acreditaria em mim. Eu acabaria pagando por isto de qualquer maneira.

— Sai daqui — rosnei, com os dentes entrecerrados. — Sai de perto de mim!

— Pensei que você seria mais brigona — disse ele, me avaliando. — Você é meio decepcionante.

O quê, você só fica de pau duro se eu estiver com medo?

Eu estava assustada.

— Se manda. — Eu o fuzilei com o olhar e tentei dar um tapa em seu rosto, mas ele segurou minhas mãos enquanto eu me debatia.

Minha toalha caiu e ele agarrou meus pulsos, flexionando meus

braços e segurando minhas mãos entre nossos peitos, usando seu peso para mantê-las presas.

— Me solta! — rosnei.

— Então grite — ele exigiu ao invés disso.

Travei o maxilar, fingindo uma coragem que não existia, e comecei a ofegar.

Ele olhou bem dentro dos meus olhos, a água caindo sobre nós dois enquanto ele me analisava com atenção.

— Por que você não grita?

Você nunca entenderia.

Eu percebi que aquilo era uma novidade para ele. Ele gostava de perturbar sua presa, porque isso o excitava, mas seus planos foram arruinados quando ele acabou dando de cara com sua vítima que estava acostumada ao sentimento de impotência.

Porque não era sangue que ele queria, mas o medo.

Não era o sexo, mas o poder.

Seu olhar desceu pelo meu pescoço e lentamente pelo meu braço, estreitando-se.

Eu não grito, porque...

— Porque gritar não adianta — ele murmurou. — Não é?

Meu coração trovejou no peito, mas eu permaneci paralisada, observando-o analisar os diversos hematomas espalhados pelo meu corpo.

O formato dos dedos ao redor do meu braço, os arranhões nas minhas pernas e os tons variados de roxo e azul nos meus ombros.

— Porque você se cansa de ser a vítima — ele disse, como se estivesse pensando em voz alta —, e é mais fácil simplesmente deixar isso acontecer.

Ele levantou a cabeça, seu olhar se fixando ao meu outra vez, e senti outro nó na garganta quando suas palavras fizeram total sentido para mim.

Ele soltou seu braço, mas eu não fugi.

— Para apenas fingir que estamos no controle de tudo o que nos acontece — ele murmurou.

Damon piscou algumas vezes, o comportamento completamente distinto, com uma profunda ruga entre as sobrancelhas.

Meu queixo tremeu.

— Até que você não consegue lembrar quem você era antes mesmo de começar a mentir para si mesmo — acrescentou ele. — Até que você não consiga se lembrar do que é um sorriso que não traga sofrimento.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e eu cerrei os dentes para conseguir me controlar.

O abuso pode parecer amor.

Eu me lembrei de suas palavras da aula de literatura.

Pessoas famintas comem de tudo.

Seus olhos pousaram no meu corpo novamente, e ele inclinou a cabeça ao reparar no tom roxo e vermelho nas minhas costelas, bem como nos outros em minhas coxas.

Ele não tinha nenhuma marca visível, mas havia outros tipos de dor.

— É isso o que o Will representa para você. — Sua voz agora mais suave, embora ainda sombria. — Não é?

Como um sorriso que não dói. Acenei com a cabeça.

— Tranquilo, normal, pacífico... — disse. — A única coisa em minha vida que não foi tocada por nada de feio. Nada o manchou. Ele é a única coisa que ainda é bonita e que acha o mundo bonito, e acredita que as pessoas são bonitas e toda essa merda...

Sim. Mas não consegui dizer em voz alta, porque já era difícil o suficiente conseguir conter o soluço.

— Você não pode tirá-lo de mim — Damon murmurou, recuando um passo e me deixando livre.

E naquele momento, eu entendi exatamente qual era o problema dele. Ele não me odiava. Ele só estava magoado porque Will gostava tanto de mim.

Um dia usando sua gravata na escola – porque adorei a forma como ele me fazia sentir, e eu queria conservar uma parte dele comigo –, nem sequer se comparava com os anos em que Damon confiou em Will para ser seu pequeno farol de esperança, mostrando que o mundo ainda era um lugar belo.

— Você sabe que isso não vai dar certo, de qualquer maneira — Damon salientou. — Sua família é uma das mais ricas do país, Emory. Sua vida está muito além de sua compreensão, e vice-versa. E você sabe que não tem lugar ao lado de Will Grayson no baile.

Cabisbaixa, eu me agachei para pegar a toalha ensopada do chão, segurando-a contra o meu corpo.

— Eu sei — ele continuou. — Dói ouvir isso, mas é verdade, e você sabe disso. E sabe o que mais? É inútil, porque você sabe como você é. Até eu sei como você é. A escola inteira sabe. Ele não vai se encaixar, porque você está empenhada em ser infeliz e vai acabar arrastando o Will contigo.

Carrei os punhos, querendo agredi-lo.

Eu não era infeliz. Eu estava...

Meu coração apertou, e eu desviei o olhar.

Ele estava certo. O que eu tinha feito desde o início, além de afastar o Will?

Eu sabia como as coisas acabariam, então sempre soube que era melhor que nem tivesse começado.

— Ele conseguiu te convencer — Damon continuou —, e você precisa extravasar. Eu saquei isso.

Ele se aproximou de mim novamente, a água espirrando em seu corpo quando ele pairou sobre mim, impondo sua presença de uma maneira ainda assustadora, mas não como antes.

— Então, aceite as coisas como ela são — sussurrou ele. — E extravase com ele.

Meu estômago embrulhou. *O quê?*

— O capricho dele vai acabar, então finja que é você quem está no controle — Damon zombou. — Pode dizer o que for, mas essa porra não é amor, sacou? É uma paixonite do caralho. Hormônios. Prazer momentâneo...

Não. Não era.

Era?

Quer dizer, ele estava certo? O Will era apenas uma forma de eu me desafogar? Será que ele seria algo mais? Eu sabia que não.

Eu poderia fazer isso com qualquer um. Poderia fazer qualquer coisa que quisesse. O Will não era a única pessoa com quem eu poderia ter uma transa rápida.

— Você sente isso, não sente? — perguntou Damon. — Aquela necessidade que crianças como nós sentem e que o Will nunca sentirá na pele? Aquela ânsia em destruir qualquer coisa boa, porque é cada um por si nessa porra, e se você não pode vencê-los, então tem que se juntar a eles.

Ele afagou meu cabelo e uma dor se alastrou pelo meu peito, como se algo precisasse ser arrancado dali de dentro para que a dor sumisse.

Só por um minuto.

Eu queria o controle.

— Esse formigamento que você está sentindo entre as pernas — ele se inclinou contra mim — está dizendo para você deixar a coisa rolar, e no banco de trás do meu carro você vai estar no comando.

Eu estava tremendo, meus olhos marejados, mas quando ele pressionou seu corpo contra o meu, eu ofeguei, fechando os olhos com força.

— E quando a gente acabar — seu hálito roçou minha boca —, você será a primeira a se afastar de algo que nunca aconteceria de qualquer maneira. Você pode fazer isso comigo. Não brinque com o coração dele. Você pode me usar, em vez disso.

Eu estaria no comando, porque eu *nunca* amaria Damon.

Eu nunca estaria destruída.

— Eu sou bom — ele sussurrou, o olhar focado ao meu. — Eu sou muito bom, Emory, e vou fazer valer a pena e de quebra ainda poupar o coração dele. Desde que você desista agora.

Coloquei as mãos em seu tórax, pensando em como seria. Qual deveria ser a sensação de tê-lo acima de mim? Como seria beijar essa boca...

Pensei em como seria... por apenas um segundo.

E depois pisquei para clarear a mente e pigarreei.

Ele era bom. Eu tinha que admitir isso. Não era de se admirar que ele tivesse tantas garotas na cola dele, porque se tudo o que a pessoa quisesse fosse sexo, Damon Torrance era dotado para manipular a mente desse alguém. Ele era capaz de fazer a pessoa enxergar o mundo sob a ótica dele.

Deus tenha piedade da mulher que se apaixonar por ele.

Fiquei tentada. Estava cansada de mim mesma, e era fascinante – a perspectiva de não ser quem eu era por uma noite.

Mas Will gostava de Em. E eu preferia viver da lembrança compartilhada naquele cinema, para sempre, do que fazer outra memória com qualquer outra pessoa.

Eu o afastei de supetão.

— E você se diz amigo dele.

Ele vacilou por um momento, mas depois começou a rir e recobrou a postura.

— O *melhor* amigo — corrigiu. — Talvez ele tenha me enviado para testar você.

Revirei os olhos e enrolei a toalha ao meu redor, fechando a torneira.

— Ou talvez não — murmurou, e quando olhei para cima, vi que ele varria meu corpo de cima a baixo. — Você teria curtido, sabia? Acho que até eu teria gostado, na verdade. Com certeza não teria sido uma tarefa aborrecida...

Babaca.

— Sai daqui — eu disse, entredentes.

Ele acenou, dando a volta.

— Bem, eu tentei. — E então ele olhou para mim, por cima do ombro. — Will chegou a ver esses hematomas?

Fiquei tensa na mesma hora.

— Esteja preparada para o que vai acontecer quando ele vir — advertiu ele. — E o que pode acontecer com ele... quando ele for contra um policial.

Ele saiu, e eu fiquei ali imóvel, meus ombros lentamente cedendo diante do peso de suas palavras.

O Will não pode ver, *nunca*, esses hematomas.



A lua estava baixa, lançando a única luz na cozinha enquanto eu tirava tudo da máquina de lavar louça. Empilhei os copos e separei os talheres de prata, me recusando a conferir a hora no relógio que tiquetaqueava na parede.

— Você deveria ir para a cama — disse uma voz.

Vacilei por um segundo, ouvindo Martin atrás de mim.

Ele se aproximou e pegou um par de pratos do escorredor e me entregou.

— Depois que eu acabar aqui — eu murmurei. — Prometo.

Virei e coloquei os pratos no armário, à espera da explosão de seu temperamento. Sempre à espreita.

— Suas notas estão muito boas — ele comentou. — E o gazebo está quase acabando. As pessoas me elogiam por isso.

Ele colocou uma vasilha suja e o garfo na lava-louça, eu enxaguei a pia e sequei as bancadas.

— Você ainda tem um ano para começar a se inscrever, mas vou tentar ajudar em qualquer lugar onde você queira cursar faculdade — disse ele. — Okay?

Pisquei para afastar as lágrimas, acenando com a cabeça. Estas variações de humor eram mais difíceis de suportar, às vezes, do que a violência em si.

Limpei o fogão, recolocando a colher de descanso no lugar e esperando que ele saísse.

Mas pouco depois, senti seus dedos alisando o meu cabelo, então estaquei, sem me atrever a olhar para ele.

— Eu sinto muito... — Sua voz estava embargada com as lágrimas.

Cerrei a mandíbula, tentando me controlar.

— Eu te amo, Emmy. — Ele fez uma pausa. — É por isso que quero que você vá. Você será a única coisa nesta família que não é um fracasso, porra.

Fechei os olhos.

Por favor, vá embora. Por favor.

— É um negócio que cresce aqui dentro, sabe? — murmurava às minhas costas. — O dia inteiro, todo santo dia, até que não consigo enxergar direito e fico confuso e cego, tipo... como se fosse explodir. É algo inexplicável e que não consigo conter.

E quando ele chega em casa, ele descarrega isso em mim, porque não vou contar a ninguém e não tenho para onde fugir.

— Eu nem sei o que estou fazendo quando faço isso — sussurrou. — Não consigo parar.

Uma lágrima deslizou pela minha bochecha, mas eu fiquei o mais quieta possível.

— Você sabe que não sou eu — disse ele. — Não é?

Assenti, terminando de limpar o fogão.

— Eu me lembro de quando deixava você andar no banco da frente... — ele disse, rindo um pouco. — A mamãe dizia que você era pequena demais, mas aí eu esperava até que a gente se afastasse da frente de casa... e deixava você passar para o banco da frente.

Dei uma risada forçada.

— Sim. — Olhei para ele por cima do ombro. — Desde que eu não contasse à mamãe que você organizou uma jogatina no porão quando eles foram à Filadélfia aquela vez.

Ele riu.

— É estranho que alguém que amava quebrar as regras tenha se tornado um policial?

— Não — retruquei. — Eles acabam se tornando os melhores policiais, exatamente porque conhecem todas as artimanhas.

Ele sorriu.

— Isso é verdade.

E que melhor lugar para um criminoso se esconder?

Eu não disse isso em voz alta, é claro.

— Comprei uma coisa pra você hoje.

Ele se virou e secou as mãos, caminhando até a mesa onde havia uma sacola marrom. Em seguida, ele pegou um livro grande de capa dura e me entregou.

— É usado, mas me chamou a atenção quando passei pela bancada que fica na calçada da livraria.

Grandes Mergulhos no Oceano.

Eu sorri e comecei a folheá-lo, evidenciando meu interesse.

— É ótimo — eu disse. — A fotografia é tão bonita.

— Achei mesmo que você ia gostar.

Ele se virou e pegou sua garrafa térmica e marmita, e um lampejo de alívio me atingiu ao ver que ele estava prestes a sair para o turno da noite. Meu peito até estufou de emoção.

— Eu adoro livros de mesinhas de centro — assegurei. — Obrigada pela lembrança.

Ele se aproximou e beijou a minha testa, e eu me mantive calma, relaxando de verdade somente quando ele retrocedeu um passo.

— Tranque a porta direito — disse ele. — E durma bem. Estarei em casa às sete.

— Tchau.

Ele saiu, mas não foi até eu ouvir o motor de seu carro desaparecer na rua que eu finalmente me movi.

Colocando o saco da mercearia no reciclador, peguei o livro e verifiquei as portas, me certificando de que as luzes estavam apagadas antes de

subir para o meu quarto. Não acendi a lâmpada e segui até a estante, empurrando a fileira de livros para cima novamente e enfiando meu mais novo exemplar à minha coleção.

Barcelona: Uma História Arquitetônica.

101 Cavernas Mais Incríveis.

Sempre Audrey: Seis Fotografos Ícones. Uma Estrela Lendária.

Oeste: O Cowboy Americano.

História do Mapa Mundi...

Eu fiz uma releitura de todas as lombadas nas duas prateleiras, alguns volumes mais pesados do que os livros de capa dura. Eu gostava de colocá-los na prateleira sempre que ele me dava um. Ele ficava feliz em ver os presentes que me dava, mas também... era como se eu tivesse conseguido algo. Era como se fosse um troféu.

Quando os hematomas desapareciam, e eu não tinha mais nada para demonstrar o que realmente nunca desaparecia da minha mente, eu tinha isto.

Um livro para cada vez que eu me erguia.

Novamente.

E mais uma vez.

E mais uma vez.

Ele havia me comprado outras coisas ao longo dos anos, presentes cada vez que sua raiva passava e a culpa o dominava, e essas coisas também ficavam à mostra na sala. Coisas que eu deixaria para trás quando fosse embora, para que quando ele entrasse em casa, e visse cada um dos presentes que me deu, ele se lembrasse de tudo o que me fez, mas não poderia mais fazer.

Baixei meu olhar...

Pelo menos, foi isso o que eu disse a mim mesma.

Minha avó estava dormindo no corredor, o toca-discos em seu quarto funcionando até que o lado A do disco acabasse; eu queria que ela vivesse para sempre, mas, às vezes...

Martin seria muito pior se ela não estivesse aqui. Ela era a única pessoa que me amava. Eu precisava que ela ficasse viva, mas eu sabia que ela estava sofrendo.

E se ela ainda estivesse viva quando chegasse a hora de ir para a faculdade, eu não poderia ir embora. Eu não podia deixá-la com ele, e teria que ficar aqui.

Eu me odiava por esse pensamento, porém...

Embora não quisesse que ela se fosse, eu precisava sair daqui.

Que diabos eu ia fazer?

Abracei meu próprio corpo vestido em meu cardigã, usando apenas o short de pijama e a regata por baixo, então me virei para fechar as cortinas. No entanto, havia alguém sentado na cadeira no canto do meu quarto. Quase gritei de susto.

— Oi — disse Will.

Meus olhos se alargaram, e eu arfei, meu coração quase saltando pela boca.

— Que diabos... — Corri até a janela e coleí a bochecha no vidro para ter uma visão da entrada de casa, só para ter certeza de que meu irmão realmente tinha ido embora.

— Nenhuma vela acesa em sua janela hoje à noite? — perguntou ele.

Mas eu não estava escutando uma palavra.

— Você está louco?

Sondei a rua inteira, o máximo que dava para ver através da imensa árvore lá fora, mas não avistei a caminhonete de Will. Eu só esperava que ele tivesse estacionado bem longe.

Como diabos ele entrou aqui? Meu irmão tinha acabado de sair e poderia ter dado de cara com ele.

— Você tem que acender uma vela, Emmy.

— Eu nunca acendo vela coisa nenhuma! — rosnei em um sussurro, para que minha avó não me ouvisse. — Não ligo a mínima para o *EverNight*.

Você tem que ir embora.

Ele ficou ali sentado, usando jeans e uma camiseta verde-oliva que realçava a cor de seus olhos, mesmo daqui. Seu cabelo estava solto e sedoso, sem o gel que usava diariamente, e cobria sua testa de um jeito lindo.

— O que eu disse pra você? — ele sussurrou. — Se você não viesse até mim, eu viria até você.

E daí que não fiquei esperando no fim da rua? Tão importante quanto a maratona de *Missão: Impossível* era, eu tinha outras coisas a fazer, e ele se esqueceu de perguntar se eu estava livre hoje à noite.

Ele olhou para mim, os braços apoiados na cadeira, e eu o olhei de cara feia, apesar da descarga de adrenalina que percorreu meu corpo só em vê-lo.

— Não acredito que Emory Scott tenha um cartaz de Sid e Nancy na parede dela — ele brincou. — Um casal de drogados chatos, um que mal conseguia tocar seu violão...

— Por favor... — supliquei, ignorando sua brincadeira. — Você não pode ficar aqui.

Ele se levantou devagar, nunca desviando o olhar do meu.

— Ou talvez... você tenha um fraco por romances condenados.

Recuei um passo e ele avançou outro.

— Vá embora — eu disse, outra vez.

Ele continuou avançando.

— Você é tão bonita — ele sussurrou.

Sacudi a cabeça, cerrando os punhos.

— Mas estou ficando muito cansado de você me olhar desse jeito — disse ele, sua expressão, de repente, séria. — Como se não pudesse confiar em mim.

Bem, e ele era confiável? E mesmo que eu pudesse confiar que ele só tivesse boas intenções comigo, eu não estava preparada para isto. Eu não o queria envolvido em minha vida. Eu estava fazendo um favor a ele.

Eu adorei o que aconteceu no cinema, e guardaria essa lembrança para sempre, mas Damon estava certo. Ontem foi divertido. Só que devia acabar por ali.

— Você precisa ir embora — repeti.

Os olhos dele quase me perfuraram.

— Estou ficando muito cansado de você dizer isso. — Seu maxilar flexionou. — Qual é o problema? Ontem foi incrível. Por que você sempre tem que pensar tanto até distorcer algo que era bom em algo ruim?

— Eu não lhe devo nada — retruquei, ríspida. — E não te convidei a entrar, então saia! Saia...

Ele parou, o brilho em seus olhos quase tão palpitante quanto seu sorriso.

— Sabe de uma coisa... eu fui mais legal com você do que com qualquer outra. — Ele endireitou a postura. — Você sabe quantas garotas eu posso ter assim...

Estalou seus dedos, e o engraçado, descontraído e doce protetor dos últimos dias se foi.

Acredite, eu estava bem ciente de que ele podia conseguir a garota que quisesse, assim como fez inúmeras vezes. Eu não fui a primeiro a tocá-lo ou beijá-lo.

— Bem, eu deveria apenas agradecer às minhas estrelas da sorte que todo o meu trabalho incansável e árduo, te seguindo como um filhotinho patético só para ter um pouco da sua atenção fosse realmente recompensado! — gritei, exaltada, e tacando um foda-se.

Ele me perseguiu! Não o contrário.

Ele avançou na minha direção, mas logo após, alguém chamou meu nome, e ele parou, nós dois nos entreolhando.

Meu sangue ferveu, e eu pude ver a leve camada de suor brilhando em sua pele.

O quarto estava quente... Escuro, estávamos muito perto, e minha cama estava bem ali.

Meu clitóris latejou uma vez, e eu parei de respirar.

— Emmy... — uma voz débil me chamou outra vez.

Pestanejei, soltando a respiração que não tinha percebido que estava retendo.

— Emmy — minha avó murmurou.

A postura rígida de Will relaxou um pouco, e seus olhos suavizaram.

Cabisbaixa, apenas sacudi a cabeça, sem conseguir nada além de um sussurro:

— Por favor, vá embora.

Saí do quarto, virei à direita e me dirigi ao quarto da minha avó, a brisa do final da noite fazendo com que as cortinas brancas flutuassem.

Ela tentou se levantar na cama, seu volumoso roupão cor-de-rosa enrolado ao seu redor.

— Ei, ei — eu disse, correndo e levantando o cateter da máscara de oxigênio para que ela não se enrolasse. — Eu peguei. Estou aqui...

Ela se sentou mais distante, encostada em seus travesseiros enquanto eu a ajudava a tirar a máscara.

Eu a levantei, ouvindo sua respiração e me certificando de que ela estivesse bem por enquanto.

— Você está bem? — perguntei.

— Eu só precisava de água.

Peguei o copo dela e enchi novamente, entregando a ela enquanto segurava o canudo no lugar.

— Você esqueceu de acender a minha vela — disse ela, tomando um gole e me encarando.

Olhei para ela, meu cenho ainda franzido. Hoje, todos estavam querendo testar a minha paciência, pelo jeito.

— Não me olhe assim — ela advertiu. — Vá acendê-la. É o meu último *EverNight*, sem dúvida.

Contraí meus lábios, sem querer discutir o assunto. Ela podia não estar aqui no próximo *EverNight*.

Tudo bem.

Virei e fui até a lareira que ela não usava mais, pegando os fósforos que guardamos ali, então peguei uma de suas velas com essência de patchouli e posicionei no parapeito da janela. Depois de acender, eu me certifiquei de que a chama ficasse visível através da vidraça.

Uma tradição tão estúpida.

Embora agora eu conseguisse ver um atrativo maior, já que Will me contou mais sobre a história. Todo 28 de outubro, desde 1955, um ano após o assassinato de *Cold Point*, os moradores de Thunder Bay acendiam velas nas janelas de seus quartos para Reverie Cross, no aniversário de sua morte.

Enquanto a equipe de basquete fazia suas peregrinações anuais ao túmulo de Edward, todos honravam sua vítima, convencendo-se de que, se não o fizessem, nem mesmo a morte reteria sua vingança. Se

sua vela ainda estivesse acesa pela manhã, você estava a favor dela.

Caso contrário, algo ruim lhe aconteceria antes da próxima *EverNight*.

Fazia tanto sentido quanto jogar sal sobre seu ombro para evitar o azar.

Observei o reflexo da vela tremeluzir no vidro e depois fechei sua outra janela. Se ela quisesse que a vela ficasse acesa, então teria que passar uma noite sem o seu amado ventinho.

Lancei um rápido olhar pela janela, refletindo se Will teria ido embora.

Caminhando até sua cama, peguei o copo e o coloquei sobre a mesinha de cabeceira, então alisei seu cabelo para longe de seu rosto. Oitenta e dois anos de idade, e ela parecia ter quinhentos.

Exceto pelos olhos. Nos olhos dela, ela ainda parecia ter dezesseis e, secretamente, planejava roubar o carro do velho para dar um passeio divertido com seus amigos.

— Você tem um menino aqui? — perguntou ela.

Fiquei imóvel.

— Não, *Grand-Mère*[25].

— *Menteuse* — ela retorquiu, chamando-me mentirosa em francês. — *Qui c'est*?

— Quem é quem?

Ela indicou a porta às minhas costas, apontando para Will ali parado.

Puta que pariu. Eu disse para ele se mandar dali.

Mas ele simplesmente entrou, sorrindo gentilmente.

— *Allô* — disse ele. — *Je m'appelle Guillaume*[26].

Boquiaberta, ouvi Will vomitar o francês de sua boca como se não fosse nada, usando, inclusive, a variante francesa para o seu nome: Guillaume.

Sério?

Francamente, eu tinha ficado surpresa até por ele falar inglês. Achei que ele se comunicasse apenas em *emojis*.

Mas minha avó sorriu.

— *Parlez-vous français*[27]?

— *Un peu*[28] — disse ele, medindo cerca de meia polegada com seus dedos. — *Très, très peu*.

Ela riu, e aquele mesmo sorriso que o fez parecer como se tivesse sido feito para abraços se espalhou pelo seu rosto.

Ele olhou para ela, e eu revirei os olhos.

Un peu, o caralho.

Minha avó havia nascido aqui, mas seus pais vieram de Rouen, na França. Eles fugiram nos anos 30 sob a crescente ameaça da Alemanha e, embora ela tivesse crescido falando inglês na escola aqui,

seus pais se certificaram de preservar sua herança.

Por sua vez, ela criou minha mãe para falar francês, também. Eu não falava tão bem quanto gostaria, mas entendia.

Mais francês saiu da boca de Will enquanto ele conversava com ela, e eu apenas escutei:

— Espero que não a tenhamos acordado. — Ele parecia pensativo. — Sua neta estava me dando a surra verbal que eu merecia. Peço desculpas...

Meu coração apertou um pouco, mas depois minha avó riu.

— Talvez você merecesse — disse ela. — E talvez ela tenha meu temperamento curto.

Eu a encarei com amor.

Ao se ajeitar na cama, ela tirou a máscara do gancho e se preparou para recolocá-la.

— Levou muito tempo até que encontrei alguém que conseguisse lidar comigo — explicou ela. — Esse é o problema das pessoas destroçadas, Guillaume. Se alguma vez lhe dermos nosso coração, então você sabe que o merece...

As lágrimas inundaram meus olhos, apenas por um momento.

— Ele foi paciente comigo — ela lhe disse, um olhar distante nos seus olhos.

Meu avô.

Ele morreu há muito tempo, mas se amavam de verdade e foram realmente felizes. Pelo menos ela pôde ser feliz por um tempo.

— Agora, vão — ela nos disse, recolocando a máscara. — Estou cansada.

Até parece... Poderíamos assistir a um filme ou algo assim.

— Grand-Mère...

Mas ela apenas disse:

— Vá! Seja jovem!

Eu queria rir, dizendo a ela que eu tinha quarenta e três anos neste momento, mas ela ficaria feliz se soubesse que eu estava feliz, então...

Ela suspirou sob a máscara, e nós saímos do quarto, seguindo em direção ao meu.

Uma vez lá dentro, fechei a porta e observei o Will acender uma vela no parapeito da janela. Era uma que estava em cima da cômoda da minha avó. Ele deve tê-la pegado de lá.

Ele tirou um isqueiro de seu jeans e o acendeu, posicionando-o no centro enquanto o pequeno brilho ganhava vida, queimando contra a noite negra.

Ele se virou, a luz da chama cintilando em seus olhos enquanto me encarava.

— Não rolou sessão de filmes esta noite, então... — ele

comentou, andando pelo meu quarto.

Balancei a cabeça, não encontrando seu olhar.

— E acho que — ele prosseguiu, vindo na minha direção —, mesmo que pudesse sair, você não o faria de qualquer maneira.

Dando um passo, eu me afastei dele, nós dois circulando um ao outro.

Novamente, assenti.

— Porque você desconfia de tudo que é bom — ele me disse.

Fiquei em silêncio, continuando a me afastar enquanto ele avançava.

— E esse ciclo não vai acabar quando você for para a faculdade ou deixar esta cidade, Em. Nada vai mudar. Você ainda não terá coisas boas.

Tentei engolir o imenso nó na garganta, mas não consegui.

— Porque você ainda será você — disse ele.

Inspirei e expirei algumas vezes, e depois as palavras se derramaram antes que eu pudesse detê-las.

— Eu quero deixar isso acontecer — eu disse a ele, finalmente olhando

para cima e encontrando seus olhos. — Uma parte minha realmente quer, Will. Você sabe por que...

Ele olhou fixamente, e mal notei que nós dois tínhamos parado de nos mover.

— Porque assim que acabasse, eu sei que nunca mais iria querer saber de você.

Não pestanejei enquanto mantinha o olhar conectado ao dele, seus belos olhos verdes e penetrantes cintilando ao me encarar.

Sim, transar contigo seria a única maneira de me livrar de você. Chega a ser quase tentador.

Mas depois vi seus lábios se contraírem.

Ele ficou em silêncio, parecendo surpreso, e eu vacilei, vendo minhas palavras se atropelarem em sua cabeça, deixando um rastro sangrento do qual me arrependi imediatamente.

Ele baixou o olhar, enfiou o isqueiro no bolso e suspirou, cansado.

— Por que você é tão cruel?

Ele realmente não queria uma resposta. Ao se afastar, ele deixou meu quarto e desceu as escadas, e naquele momento, minhas entranhas se contorceram, porque eu sabia que tinha ido longe demais.

Eu não queria isto.

Não queria que ele fosse embora, porque eu nunca mais ouviria falar dele. Eu iria para a escola amanhã, passaria por ele nos corredores, mas desta vez, ele não olharia para mim.

Eu tinha ido longe demais.

Correndo atrás dele, desci as escadas, pulei os últimos degraus e empurrei a porta da frente para que se fechasse outra vez.

— Me desculpa. — Agarrei sua camiseta pela barra e recostei minha testa em suas costas. — Não estou... — Minha voz tremeu. — Não sou... uma pessoa feliz, Will. E você está certo, eu nunca serei...

Lágrimas se amontoaram em minha garganta, e eu pisquei diversas vezes para mantê-las afastadas. Eu não queria chorar na frente dele novamente.

Ele ficou ali, parado, apenas o batimento de seu coração pulsando através de seu corpo.

— Não sou a garota certa pra você — murmurei.

E não porque ele era rico e popular e eu, não, mas porque ele tornou a minha vida muito melhor. Eu esperava ansiosamente por ele.

O que eu poderia lhe dar em troca?

— Anotado — ele respondeu com frieza. — Agora, me solte.

Fechei os olhos diante do tom cortante.

Ele não voltaria.

E algo começou a recair sobre mim, como uma cortina sendo abaixada – ou erguida –, e pela primeira vez na vida, eu me recusei a parar. Eu estava com tanto frio.

E ele era tão quente. Era como uma corda invisível me puxando para a borda que estava além do meu controle.

— Você queria sua gravata de volta — sussurrei.

Suas costas se moviam a cada respiração.

— Pode ficar com ela — retrucou. — Ou jogue fora.

Ele segurou a maçaneta da porta.

— Você quer algo meu... em troca? — disparei.

Ele parou, agarrando a maçaneta, mas não a girou.

Meu coração bateu forte, e eu sabia que estava indo longe demais novamente. Eu me arrependeria disso. Eu o odiaria mais tarde. Ele me odiaria. Meu irmão poderia aparecer em suas rondas para me ver.

Mas... não dei a mínima.

Eu queria estar aqui agora.

Empurrando meu casaco sobre meus ombros, eu o tirei dos meus braços e o segurei na frente dele.

— Isso, talvez? — perguntei, baixinho. Depois, larguei a peça no chão. — Não, não vai servir em você, eu acho.

Ele olhou para o meu agasalho descartado, e eu mal conseguia respirar, mas ele não fez menção de ir embora, então continuei.

Segurando a barra da minha regata, eu a retirei, sentindo o ar frio atingir meus seios nus, cada centímetro do meu corpo tomando consciência do meu ato.

— Que tal isto? — murmurei, segurando a blusa branca na frente dele.

Seu peito subiu e desceu com mais força, como se ele estivesse congelado e fosse incapaz de se mover.

Inclinei-me, pressionando-me às suas costas, e soltei a blusa, sussurrando em seu ouvido:

— Isso também é pequeno demais. Eu te disse, Will Grayson... que nós não... nos... encaixamos...

Ele exalou com força, olhando por cima do ombro.

— Aposto que existe uma parte em você que é do meu tamanho — ele caçoou.

Mordi meu lábio inferior para manter a excitação sob controle. Escorreguei as mãos por dentro de sua camisa e circulei sua cintura, passando os dedos sobre seu abdômen e tórax.

O calor se agrupou entre minhas pernas e eu quase gemi, sentindo sua pele macia e rija, os músculos e curvas de seu corpo e as coisas que eu queria agora na minha boca, não nas minhas mãos.

Não havia nada em Will Grayson que não fosse perfeito. Caramba...

— Eu quero tirar sua camisa — sussurrei.

Ele colocou sua mão na porta para se firmar, e pude ver o suor se formando em sua têmpora.

Ele parecia exaurido. Eu quase sorri.

Depois de um momento, ele se endireitou, e eu tomei isso como um sinal. Levantei sua camiseta, puxei-a sobre a cabeça, e a larguei no chão. Em seguida, rodeei seu corpo com meus braços e pressionei minha pele à dele, mordiscando um pedaço de seu músculo.

Ele arfou, espalmando a mão na porta novamente, e eu sorri.

Arrastei meus dentes por suas costas e depois lambi a pele antes de beijá-lo. Ele gemeu, e eu o segurei apertado, fechando os olhos e sentindo seu corpo tremer. Seu cheiro cálido e inebriante fazendo minha cabeça girar.

Eu queria que ele soubesse que merecia alguém muito melhor. Eu queria que ele soubesse que se eu fosse outra pessoa, eu seria dele e o amaria do jeito certo.

Deslizei as mãos pelo seu peito, traçando as saliências de suas clavículas, desci pelos peitorais e distribuí beijos pelas costas. Estendi a mão para o armário ao lado da porta e peguei um lenço xadrez, erguendo até os seus olhos.

Ele se afastou, tentando se virar, mas eu o impedi.

— Por que usar isto? — ele exigiu saber.

Cada contusão em meu corpo latejava, e levei um tempinho para responder:

— Regras — foi tudo o que eu disse.

Ele não entendeu, mas também não discuti. Amarrei o lenço em volta de seus olhos para que ele pudesse me encarar, no entanto, sem enxergar tudo.

Sua respiração acelerou ao ser privado da visão, e eu fiz com que se virasse de frente para mim, contemplando seu belo rosto.

— Você consegue ver alguma coisa? — inquiri.

— Não.

Na ponta dos pés, pressionei meu corpo ao dele, guiando seus braços ao meu redor enquanto eu enlaçava seu pescoço.

— E agora?

O canto de seus lábios se curvou em um sorriso, as mãos imediatamente vagando e se apoderando de mim. Ele passou os dedos pelas minhas

costas, e a pressão aumentou à medida que ele ia conhecendo o terreno; então ele deslizou sua mão pela minha barriga e subiu, até segurar meus seios em suas palmas, abaixando-se para me beijar.

Suspirei, gemendo diante do calor súbito e da onda de adrenalina que percorreu cada centímetro do meu corpo. Ele me ergueu e eu não senti mais o chão sob os pés, e sua boca devorou a minha, a língua escorregando por entre meus lábios, e tudo o que eu era capaz de fazer era gemer.

Um som perfurou o ar, mas eu mal notei quando envolvi minhas pernas ao redor de sua cintura, perdida na sensação de seu corpo.

Seus lábios se arrastavam pelo meu pescoço, chupando com vontade, e eu apertei meus braços em torno dele, tentando me aproximar cada vez mais enquanto sentia meus olhos revirando de prazer.

— Will...

Ele espalmou minha bunda, apertou e minha boca reencontrou a sua, quase faminta demais para registrar o som distante quando ele se repetiu. Ele mordeu meus lábios e tirou meus óculos, colocando-o sobre a mesa ao lado da porta.

O som – um zumbido – se infiltrou em meus ouvidos, até que eu, finalmente, abri os olhos.

Meu telefone. Afastei-me de sua boca, virando a cabeça e olhando para a cozinha por cima do ombro, ouvindo o toque de celular que designei especialmente para Martin.

Merda.

Tentei empurrar o Will para trás.

— Tenho que atender.

— Não...

Ele me puxou com mais força, beijando-me suavemente enquanto esfregava o polegar em torno do meu mamilo, uma e outra

vez.

— Por favor — gemi, sem querer deixá-lo. — É o meu irmão.

— E eu sou seu homem agora. — Ele arrancou a venda, e olhou bem dentro dos meus olhos. — E estou te pedindo por esta noite.

Ele começou a me carregar pelas escadas até o meu quarto, mas o telefone tocou novamente. Agora já somava três vezes que ele havia ligado.

Consegui me desvencilhar de Will e corri descendo as escadas.

— Se eu não atender, ele pode acabar voltando para me ver... E te encontrar aqui.

Ele agarrou meu braço, me puxando de volta.

— E daí? Que me encontre. — Ele me olhou de relance. — Não ligo a mínima. Ele não vai me manter longe de você, então quanto mais cedo ele souber o resultado, melhor...

Meu corpo nu – exceto meu traseiro – parecia gritar, e mesmo que estivesse escuro, e ele não fosse capaz de enxergar muito bem, ainda assim, ele poderia notar os hematomas. Eu tinha que me cobrir.

— Me solta... — resmunguei, ansiosa, entredentes.

Mas ele não o fez. Puxando-me para perto, ele me levantou outra vez em seus braços e me encarou com ferocidade.

— Olhe para mim — disse ele.

E foi o que fiz. A suavidade de sua voz me fez esquecer de meu irmão e do meu corpo por um momento.

— Eu... — Ele se afastou um pouco, lutando para encontrar as palavras. — Eu... gosto de você.

Parecia muito com um 'eu te amo', e aquilo fez meu queixo tremer.

— Eu sempre gostei de você — revelou. — Se você falar com ele, o feitiço vai se quebrar e a noite terminará, porque você não é a mesma sob a luz do dia. Amanhã você encontrará todos os tipos de motivos, novamente, do porquê eu não poderia ter você. Fique comigo hoje à noite. Não fale com ele. Não deixe nada se intrometer entre nós hoje à noite.

Os soluços se avolumaram dentro do meu peito, e eu agarrei seus ombros, querendo apenas envolver meus braços em torno dele porque ele, provavelmente, estava certo.

— Ou você pode ir ao baile comigo — disse ele, dando-me uma escolha. — Amanhã à noite.

O Baile de Boas-vindas?

O telefone tocou novamente, mas nós ficamos nos encarando, meu corpo atrelado ao dele. Eu não podia ir ao baile. Eu não tinha um vestido. Eu não dançava. E não queria estar perto da turma dele.

Martin nunca permitiria isso.

As pessoas simplesmente ririam de mim.

Eu o empurrei e consegui apoiar meus pés no chão, me abaixando para pegar o cardigã enquanto o telefone tocava uma vez atrás da outra. Olhei novamente para ele, cobrindo-me com o casaco.

— Não — respondi. — Você pode ir agora. Desculpe-me por tê-lo impedido...

Ele avançou sobre mim, mas eu me virei e corri, me cobrindo rapidamente ao voltar correndo para pegar o celular na cozinha.

— Alô? — atendi.

— O que diabos você estava fazendo? — Martin resmungou. — Eu liguei quatro vezes.

Quase me virei para ver se Will estava atrás de mim, mas meu coração estava batendo tão rápido que tive medo de que Martin ouvisse o tremor em minha voz.

— D-desculpe. E-eu... — gaguejei. — Acabei pegando no sono... e o telefone ficou aqui embaixo.

— Claro que adormeceu. — Seu tom foi ríspido. — Teremos ventania esta noite. Certifique-se de que as janelas estão fechadas, os latões de lixos fechados e o...

Mas minha mente devaneou à medida que ele ladrava suas ordens no meu ouvido. As mesmas ordens que eu ouvia repetidamente, toda vez.

Umedeci os lábios, ainda saboreando o gosto de Will e sentindo o vazio crescer e crescer dentro de mim quando ouvi o som da porta se fechando.

Eu queria chorar.

Martin acabou desligando e eu voltei para o vestíbulo, vendo que Will tinha desaparecido. Fiquei ali por um minuto, cansada do sentimento de culpa e ódio por mim mesma. Eu tinha feito isso novamente. Eu era uma covarde amargurada e submissa e, com sorte, ele seguiria em frente e encontraria alguém como ele. Feliz e animado... e divertido.

Ao menos eu não estaria no baile para vê-lo desfrutar dessa outra pessoa.

Subi as escadas e fui dar mais uma olhada na minha avó, e só então voltei ao meu quarto e fechei a porta, colocando o celular para carregar.

Fui até a janela, vendo a vela tremular, e me debati se deveria deixá-la ainda ali.

Mas eu não acreditava em nada.

Muito menos em Reverie Cross.

Apaguei a vela e o quarto escureceu.

Exceto pelos dois faróis que brilharam ao longe, do lado de fora da minha janela. Endireitei a postura e observei um carro preto com pintura fosca arrancar, de repente, do meio-fio, cantando os pneus ao

disparar pela rua.

Por mais que eu tenha me esforçado, não consegui ver direito já que meus óculos ficaram lá embaixo, no mesmo lugar onde Will os deixou. Eu só sabia de uma coisa: não era uma caminhonete.

Não era o Will.

E então vislumbrei um brilho dourado do lado de fora. Ele tremia e sacudia com a brisa leve, os elos de bronze presos a um galho fino.

Eu me aproximei um pouco mais da janela.

Que diabos era aquilo?

[25] Avó em francês. [26] Eu me chamo Guilherme. [27] Você fala francês? [28] Um pouco.

Capítulo 15

Will

Dias atuais...

Estremeci enquanto Aydin me arranhava com a tesoura, as pequenas lâminas cortando por entre o fio.

Sentado na cozinha, peguei o cigarro pendendo dos meus lábios e dei uma tragada, soprando a fumaça à medida que ele tirava os pontos do ferimento na parte superior do meu braço. Era apenas um corte pequeno, resultado da minha queda na floresta na semana passada, antes da chegada de Emmy.

Eu fiquei olhando para ela enquanto ele trabalhava.

Ela era astuta. Isso eu tinha que admitir. Passar anos sendo espancada da forma que foi, acabou lhe ensinando excelentes técnicas em ser furtiva.

Emmy se movia pela cozinha, usando a mesma calça preta de antes, só que com uma camiseta branca de Rory enquanto ela fritava carne e adicionava pimentas, cebolas e queijo.

Ela me relanceava um olhar de vez em quando, e eu mantinha o meu olhar fixo nela.

Um pedaço de pão aqui, uma rodela de queijo ali. Mais uma fatia de queijo ao redor, assim como algo alaranjado, e depois outro pão.

Tentei disfarçar o sorriso, admirando a forma como ela desviava um pouco de comida com o movimento de uma mão, enquanto a outra se levantava para pegar um prato ou tirar um garfo de uma gaveta.

Aydin não tinha notado, porque mandou que Taylor a vigiasse, e Taylor era um idiota. Ele ficou no canto, debaixo do relógio que não funcionava mais, arrancando o rótulo de sua garrafa d'água e apenas olhando para ela de vez em quando.

Mas seus olhares se demoraram, descendo pelo corpo dela enquanto ela agarrava algum utensílio ou se inclinava para puxar uma panela do armário.

Aydin era a única coisa que o mantinha na coleira. Se Aydin não estivesse aqui, eu sabia exatamente o que Taylor tentaria fazer com ela.

— Você já pediu outra coisa que não fosse uísque e cigarros? — perguntei, calmamente, soprando outra baforada antes de enfiar o cigarro de volta entre os lábios.

Ele inspirou uma última vez e depois tomou um longo gole de seu café.

— Sim.

— Como o quê?

Ele não respondeu, e eu o encarei, vendo um sorriso curvando seus lábios. De alguma forma, ele conseguiu arranjar um contato — alguém que contrabandeava uma série de coisas todos os meses, e por mais que ele fosse um lutador brutal e esforçado, o álcool e o tabaco eram o único outro meio que ele tinha para nos controlar.

Ou a eles, pelo menos. Micah e Rory poderiam estar ao meu lado, mas não iríamos longe se eu não tivesse Taylor ou Aydin. Eu ainda precisava de um deles comigo antes de poder partir.

Isto não deveria ter demorado tanto tempo. Eu só não esperava que ele fosse tão difícil de manipular. Eu não fazia ideia de onde ele guardava seu contrabando, e depois de mais de um ano, ainda não havia encontrado o esconderijo.

Taylor parou atrás de Emmy, no fogão, segurando e cheirando uma mecha de seu cabelo. Cerrei a mandíbula, vendo-a afastar a cabeça.

— Então, você conseguiu? — insisti. — A outra coisa que você pediu?

Ele terminou de cortar os pontos e pegou a pinça, puxando o fio para fora da minha pele.

— Sim.

— Então você pode dar um jeito de mandá-la embora — comentei. — Eu quero que ela desapareça.

— Você a quer a salvo. Ela *está* a salvo.

Lancei um olhar afiado a ele. Ela não estava, e mesmo que estivesse, sua presença aqui atrapalhava meus planos e acelerava minha linha do tempo. Eu não precisava da distração.

— Ela acha que eu dei um jeito de trazê-la aqui — eu disse.

— E seu orgulho *está* ferido.

Sim. Neste momento, ela pensava que eu ainda estava obcecado e miserável, revivendo cada momento que passamos juntos.

Eu não queria que ela soubesse que isso era verdade. Nunca.

A esta altura, eu já deveria ser alguém. Eu deveria ter feito com que ela se arrependesse de não me querer, e isto era humilhante. Ela não deveria estar aqui.

— Eu vou resolver isso — ele afirmou.

Olhei para ele atentamente.

— Quando terminamos com ela — esclareceu.

A chuva açoitava a janela da cozinha acima da pia, e o sol estava se pondo quando Rory e Micah entraram, bem-vestidos. Micah correu até ela e cheirou a comida.

Ela não sorriu de volta para ele, mas também não se afastou.

— Alguma vez ela mencionou que tipo de bebida ela gosta? —

perguntou Aydin. — Vodca, rum...? Pode ajudá-la a se soltar. Estava pensando em compartilhar um pouco hoje à noite...

Eu o encarei, enrijecendo a postura diante da ameaça implícita em seu tom.

Embebedá-la. Embebedar a todos.

Não.

Ele arrancou o último ponto, e eu sibilei de dor, atraindo a atenção de todos para nós.

Aydin inclinou-se no meu ouvido e sussurrou:

— Você acha que não sei que está planejando algo?

Sua respiração soprava sobre o meu pescoço, e o medo se alastrou por mim. Eu detestava tê-lo tão perto.

— Você passou um ano sussurrando nos ouvidos deles, tentando colocá-los contra mim — disse, entredentes —, mas você nunca conseguirá fazer o que é necessário para tomar o poder, aqui ou em qualquer lugar da vida, William Grayson. — Ele soltou a pinça, encontrando meu olhar. — Você não tem ideia do que é preciso para ser alguém como eu.

Ele se moveu e eu flagrei o olhar de Emmy, que nos observava depois de uma pausa ao fogão.

Eu me lembrei de sentimentos semelhantes que tive por ela, anos atrás, e até mesmo da sensação que sempre tive ao redor dos meus amigos.

Nada havia mudado para mim aqui.

Ainda não.



O trovão estalou do lado de fora, a chuva golpeando as janelas, e eu olhei para a Emmy enquanto todos se sentavam à mesa da sala de jantar e devoravam seus sanduíches. Sua presença tornou tudo mais difícil.

Eu ia matar o Michael quando chegasse em casa. Ia encharcar aquela porra de terno chique que ele usava com seu próprio sangue por tê-la enviado para cá.

— Como você sabia que sou arquiteta? — Emmy perguntou, de repente.

Meu olhar se focou em Aydin.

Ele olhou para ela, parecendo confuso.

— O presente... — ela o lembrou.

Que presente?

— Eu... não — ele respondeu. — Não há muito o que fazer aqui. Achei que você ia gostar de desenhar.

Ele lhe deu material de desenho? Onde ele arranjou isso?

Ele se mantinha imponente ali sentado em seu caro terno e camisa pretos, com todos nós arrumados e com a barba feita, por insistência de Aydin.

Eu tinha que admitir que roupas bonitas me faziam sentir humano novamente, mas não gostei desse prelúdio para o que quer que ele estivesse planejando. Micah, Rory e Taylor apreciaram o uísque servido à mesa, comendo seus sanduíches e ingerindo uma dose atrás da outra.

Emmy preparou uma sopa que fez como entrada, e tomava algumas colheradas, enquanto eu tentava resistir tanto ao sanduíche quanto à bebida.

Encarei a garrafa de uísque, sentindo a boca salivar. Eu queria a ardência do álcool descendo pela garganta. Estava limpo de drogas há quase dois anos, mas só estava sóbrio há um, e ainda era difícil.

Eu tinha certeza de que Aydin sabia disso, e corromper-me fazia parte de seu plano.

Empurrei o copo que ele havia oferecido em direção a Micah.

— Em que tipo de projetos você é especialista? — Aydin lhe perguntou. — Casas? Arranha-céus...

— Restauração — ela murmurou. — Igrejas, hotéis, prédios da cidade... — Então ela olhou para mim. — Gazebos.

Dei um sorriso cínico, deixando-a perceber que eu sabia que ela tinha conhecimento sobre o que fiz com o dela.

Ela podia não ter merecido, mas...

Certo, sim, ela meio que mereceu depois de ter despedaçado o meu coração. Eu também quis destruir algo dela.

Foda-se. Eu estava bêbado e pau da vida naquela noite.

— Bem, você veio ao lugar certo — Aydin disse a ela.

Ela deu um meio-sorriso, olhando ao redor da sala.

— Acha que eles se importariam se desse uma arejada ao lugar?

— Você já está fazendo isso.

Ela riu, e eu podia jurar que vi seu rosto corar.

Ela continuou tomando a sopa, e eu balancei a cabeça, estudando-a.

Ela ficou corada. Por quê?

— Então Will já lhe contou sobre a Noite do Diabo? — ela perguntou. — Nós a celebramos em Thunder Bay. Está chegando perto da data, na verdade...

Então olhou para mim, recostou-se à cadeira e puxou a gola da camiseta, como se estivesse com calor.

Fiquei tenso na mesma hora. Algo estava errado com ela neste momento.

— Na verdade, ouvi dizer que um de seus melhores amigos vai

se casar nesta data — ela disse para ele, mas realmente o recado era para mim.

Michael e Rika? Eu não estava sabendo, mas ela não precisava se inteirar disso. Logo, disfarcei a surpresa.

— Ele não fala muito de casa — Aydin respondeu.

Porque quando as pessoas sabem o que você ama, elas conhecem sua fraqueza, e eu não confiava em Aydin. Eu estava aqui para ganhar aliados. Não trazer mais inimigos para minha família.

Emmy continuou:

— É uma espécie de festival anual, mas resume-se basicamente às crianças ricas da cidade se deliciando com seus gloriosos privilégios.

Ele riu.

— Sim, eu conheço o tipo. Demasiado estúpidos para elevar os obstáculos, por nunca terem sido desafiados.

Seus olhos brilhavam, sua pele estava um pouco suada. O que estava acontecendo?

— Acontece na noite anterior ao Halloween — ela disse, explicando seu vasto conhecimento sobre algo que mal conhecia. — É comum dar um trote como parte do ritual.

— Você já se juntou a estas festividades? — perguntou ele.

— Uma vez. — Ela encontrou meu olhar.

Uma vez? Quando?

— Ele nunca te contou, Will? — ela me perguntou.

Entrecerrei meus olhos. Quem? E nunca me disse o quê? Ela tinha saído na Noite do Diabo? Com quem e quando?

Mas fiquei ali sentado, agindo como se soubesse exatamente o que ela queria dizer, porque não seria eu a perguntar.

Ela apoiou os antebraços sobre a mesa, inclinando-se para perto.

— Você já encontrou o que eu enterrei sob o gazebo quando você ateou fogo a ele? — ela perguntou. — Ou ainda está lá embaixo dos escombros?

Cerrei os punhos.

— Todas as merdas que você não sabe — caçoou. — Tão ingênuo. Chega a ser quase reconfortante ver que você não mudou.

Eu me levantei da cadeira de supetão, meu limite testado ao máximo e além da conta. Arrastei o braço sobre a mesa e empurrei meu prato e tudo o que estava em cima no chão.

— Você não tem direito de andar por esta casa, abrindo o bico sobre as coisas como se tivesse passado pela metade das coisas que eu passei! — esbravejei.

Ela me encarou fixamente, os olhos me fuzilando.

— Essa é sua vida, e não é minha culpa — disse ela, com a voz

baixa e áspera. — Drogas e álcool e mais drogas e álcool, misturado com quantas mulheres ao longo dos anos? — Então olhou ao redor da mesa, parando primeiro no Micah. — Conheço a sua história. — Relanceou um olhar para Taylor. — E só posso deduzir que você tenha toda sorte de vício sórdido, a julgar pelos olhares lascivos e perturbadores. O que aconteceu? Acidentalmente quase matou uma garota quando manteve o saco plástico na cabeça dela por muito tempo durante o sexo? — Ela balançou a cabeça e olhou para todos. — Vocês não são monstros. Vocês são uma piada...

Ninguém se mexeu, suas palavras pairaram no ar, porque todos estavam esperando qual seria a reação de Aydin. Ninguém falava assim com ele.

Mas Emory sempre foi desse jeito. Rápida em julgar, porque era muito melhor afastar todo mundo. Se ela não nos entendia, não precisava doar nenhuma parte de si mesma.

Ela estava bêbada neste momento?

E então me dei conta. Pele corada, suor... Peguei sua tigela de sopa sobre a mesa e cheirei o conteúdo.

O cheiro do uísque era tênue, mas estava lá. Ousei olhar para Aydin, e vi seu divertimento estampado em seu rosto. Ele batizou o jantar dela.

Filho da puta.

Mas antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, Rory falou:

— Eu matei uma garota.

Olhamos para ele ali sentado, calmo e relaxado.

— Três, na verdade. — Ele tomou um gole de seu uísque e colocou o copo de volta na mesa. — E quatro homens, também. Eu os droguei e os levei para o lago. — Ele parou, baixando a cabeça. — No escuro. À noite. Deserto. Sozinho.

Emory olhou para ele, imóvel enquanto ouvia cada palavra.

— No começo, eu os machuquei — Rory continuou, a lembrança brincando em sua cabeça. — Queimei, afoguei, cortei... só para ver se isso me tornaria compreensivo o suficiente para não matá-los. Para ver se eu poderia me impedir de cruzar essa linha.

A testa de Emmy franziu, e sua respiração acelerou.

Eu tinha ouvido partes de sua história aqui e ali, mas nunca de seus lábios. Eu tinha mantido distância quando cheguei, avaliando, mas depois de um tempo eu tinha percebido que nem tudo era como parecia.

— A partir do terceiro — ele continuou —, comecei a amarrá-los e jogá-los para fora do barco.

Sua voz era quase um sussurro agora.

— Alguém me viu uma noite — revelou. — Felizmente, era o xerife caipira e pau-mandado dos meus pais.

Ele tomou outra dose, esvaziando o copo e levantando-se da cadeira.

Emmy inclinou a cabeça para trás, sem desviar o olhar dele.

— E acredite em mim, eles mereciam exatamente o que receberam — disse ele. — Fiquei maravilhado por ninguém ter me apanhado até que eu acabasse com todos os sete.

Ele abotoou o terno e inspirou fundo, exalando em seguida.

— Obrigado pelo jantar — agradeceu e deixou a mesa.

Ele saiu da sala, e Micah ficou sentado por um tempo até se levantar e segui-lo. Em baixou o olhar, provavelmente se sentindo uma idiota.

Será que ela aprenderia alguma vez?

— Eu quero que ela vá embora — eu disse novamente a Aydin.

Ele me deu um olhar.

— Não posso te ajudar.

Voltando-se para ela, ele continuou:

— Você está certa. Não somos monstros. — Ele rodeou a mesa e pegou a garrafa para se servir de outra dose. — O mal não existe. Isso é apenas uma desculpa para as pessoas que querem respostas rápidas para perguntas complicadas com as quais são preguiçosas demais para lidar. Há sempre uma razão para as coisas serem como são...

— Eu a quero fora daqui! — rosnei.

Ele me ignorou, tomando o uísque e com o olhar fixo ao meu.

Sacudi a cabeça, voltando-me para Em.

— Você sabe por que ele gosta disto aqui? Porque se não fosse por este lugar, ele estaria sozinho...

Seja lá que porra de amizade era essa que estava se formando entre eles, não era de verdade para ele. Aydin Khadir não queria ir embora, e agora que ele tinha uma mulher em casa, não havia razão para isso. Este era seu domínio, e eu podia sentir a tempestade do caralho que se aproximava.

— Você não aguentou a vergonha, não é? — eu disse a ele. — Pessoas descobrindo as coisas que você gostava. As safadezas e diversas maneiras que você gosta de foder. Tudo era um segredo em sua rígida família, e isso estava bem, até... até que você se cansou de esconder.

Ele não disse nada, sua expressão era ilegível.

— Eu conheço alguém assim — comentei. — Ele não podia lutar pela vida que queria até ser forçado a lutar sozinho. Ele se agarrou a seus amigos e a sua irmã com tanta força que quase nos matou, porque naquele momento, não suportava nos ver indo embora, e teria preferido nos ver mortos.

O olhar de Aydin vacilou, e eu sabia que algo estava, finalmente, se partindo ali dentro. Se ele não tivesse cuidado, iria

morrer aqui. Sozinho.

— Você já o perdoou? — ele perguntou, a voz suave pela primeira vez.

— Família sempre perdoa.

Ele pestanejou, algo se agitando em sua mente.

— Mas ele teve que se submeter...

O canto da minha boca se curvou.

— É o que a família faz.

Damon aprendeu. Ele tinha fodido tudo, mas aprendeu a lição.

Ele havia machucado tanta gente que chegou a perder tudo, mas só então percebeu que seu orgulho era menos importante do que aquilo que amava.

Senti os olhos de Em fixos em mim, e olhei para ela, quase abalado com a forma com que ela me encarava, sem piscar. Como se uma pequena migalha da parede dentro dela tivesse, de repente, desaparecido.

O silêncio encheu a sala. Taylor estava ao meu lado, bebendo em silêncio, enquanto Aydin e Em apenas permaneciam ali.

Eu queria brigar. Com ele, com Taylor... algo para extravasar a ira que subia pelo meu corpo.

Um raio rasgou o céu, piscando através das janelas e sendo seguido por um trovão. Então, as luzes ao nosso redor se apagaram, a sala ficou imersa na escuridão, exceto pelo único castiçal aceso sobre a mesa.

— Merda — Taylor resmungou. — De novo, não.

Aydin se levantou, e gesticulou com o queixo para que Taylor o seguisse. Provavelmente, para verificar a caixa de fusíveis ou o gerador.

Mas eu ainda olhava para ela, voltando a me sentar e me recostar à cadeira.

— Você não era tão boa assim — eu disse. — Você foi um incômodo enorme que tive que aturar por muito tempo.

Ela manteve o olhar conectado ao meu.

— Eu sei.

— Havia garotas que eram mais simpáticas...

Ela acenou com a cabeça, o tom mais suave.

— Eu sei.

Estalei os polegares.

— Amigos que eram mais gentis.

— Sim.

— Eu não te liguei — salientei. — Não entrei em contato de forma alguma nestes últimos nove anos.

Ela abriu a boca para dizer algo, mas depois desistiu e suspirou.

— Não estou nem aí para o que você passou — eu disse.

Mais uma vez, ela acenou com a cabeça.

— Havia pessoas que me amavam, e eu perdi tempo com alguém que não me amava.

Meu coração martelou enquanto meu olhar percorria a pele bronzeada de seu pescoço. A pele maravilhosa que brilhava com uma leve camada de suor.

— Eu entendo — disse ela.

Vadia do caralho. Meu pau se tornou cada vez mais duro à medida que minha raiva aumentava.

— Você teve anos para tentar se comunicar, mas não o fez — murmurei. — Acredite, eu levei um tempo para me conscientizar de que você não dava a mínima para mim, e agora, nem eu...

Eu vi que ela engolia em seco.

— Eu segui em frente. — A vela tremulava, uma corrente de ar nos atingiu de algum lugar da casa. — Eu beijei outras pessoas, toquei seus rostos como toquei o seu, e passei um tempo com elas como nunca fiz com você.

Você não me interessa mais.

Sua mandíbula flexionou, e eu olhei para sua linda garganta delgada, meus dedos formigaram com a vontade de prendê-la a esta mesa e devorá-la até ela gritar.

— Inúmeras noites ao longo dos anos — prossegui, já sem saber se estava dizendo tudo aquilo para ela ou para mim mesmo. — Anos sem nem ao menos pensar em você. Quase uma vida inteira de lembranças e histórias que não incluem você. Você não era nada.

Ela me olhava fixamente, sem responder.

— Ela cuidou de mim. — Minha voz suavizou para um sussurro e eu não me importei que ela não soubesse de quem eu estava falando. — Ela me ouviu, me fez sorrir.

Nenhum movimento.

— Ficou do meu lado — resmunguei por entre os dentes. — Ela se encaixa com meus amigos. Ela é inteligente, esperta, habilidosa, e mesmo com as merdas que aconteceram na vida dela, ela soube como amar as pessoas, ao contrário de você.

Seus olhos flamejavam com um fogo que se acendia atrás deles.

— Ela é gostosa no chuveiro — zombei —, na praia, contra a parede, no capô do carro na chuva, e no meu banco de trás...

Ela rosnou e se levantou de uma vez da cadeira, batendo a mão no castiçal que extinguiu a chama assim que caiu no chão. Não consegui reprimir meu sorriso estúpido.

Rodeando a mesa, ela disparou para a porta, mas eu a agarrei e a imprensei contra a parede.

Mas antes que eu pudesse continuar a esfregar minhas proezas em sua cara, ou enrolar minha mão em torno de seu belo pescoço, ela

me empurrou com força para trás.

Eu tropecei e desabei na cadeira, e então ela estava em cima de mim – olhando para baixo e apertando meu pescoço em seu punho.

Arfei, meu pau duro pra caralho agora.

Ela respirava com dificuldade, e parecia que queria me rasgar todinho com os dentes.

Putá merda.

Não consegui conter o gemido.

Porra, monte no meu colo. Por favor.

Ela brilhava, e eu avaliei seu olhar, esperando que ela perdesse o controle. Para mostrar que ela cresceu, não tinha medo e estava disposta a admitir que gostava e poderia gostar muito se eu a curvasse sobre esta mesa agora mesmo, e a fodesse com vontade, com meu punho agarrado em seu cabelo.

Ela não fez nada disso. Rosnando novamente, ela se virou e saiu da sala correndo. Eu disparei e abri as portas da sala de jantar, vendo-a fugir de mim. Atravessando o corredor, eu avancei em sua direção.

Ela olhou para trás e me viu, e tentou acelerar os passos, mas eu a agarrei.

Eu a segurei em meus braços, ouvindo seu grito abafado quando pressionei suas costas ao meu peito. Forcei seu corpo contra o batente da porta da sala de estar, e agarrei sua mandíbula com uma mão.

Ela tentou fugir do meu agarre, mas eu estava pouco me fodendo se ela me arranhasse ou me mordessee. Eu levaria isto até o fim.

Eu tinha perguntas. Como... por que ela não me disse o que estava acontecendo em casa? Ou por que ela não pôde confiar em mim?

Eu era paciente. Eu teria entendido.

Eu não a teria desapontado.

Mas ela não só não confiava em mim, ela atacava, e eu não me importava mais com o porquê. Todos nós passamos por merdas.

Eu me inclinei no ouvido dela, pronto para terminar tudo o que eu dizia à mesa e fazê-la ouvir mais coisas que a magoariam, porque era o mínimo que ela me devia, mas...

Um estrondo e um gemido se infiltraram em meus ouvidos, um baque contra a parede, e quando ousei olhar através da fresta da porta da sala de visitas, avistei Micah imprensado contra as estantes enquanto Rory o comia por trás, no escuro.

— Ah, porra... — Rory arfou, segurando o cabelo à nuca de Micah e mordendo seu pescoço.

Em suspiro e cedeu, recostando o corpo ao meu. Nossos rostos estavam colados, ambos observando a cena adiante.

Diabos, se eles quisessem privacidade, estariam em seu quarto.

Os dois estavam sem camisa, as calças abaixadas, e Micah se agarrava às prateleiras à frente dele, o cabelo preto cobrindo os olhos, enquanto Rory segurava a curva de seu quadril com uma mão, e seu ombro com a outra, arremetendo contra ele com vontade.

Emory estava congelada, tensa, mas havia se esquecido por completo de resistir.

As costas de Micah brilhavam com o suor, o cabelo de Rory, normalmente bem penteado, estava desgrenhado e sobre a testa. O cenho franzido em uma mistura de paixão, dor e necessidade incontrolláveis à medida que sua boca deslizava sobre a pele do parceiro, mordendo e respirando enquanto ele o montava cada vez mais rápido.

Exalei, serpenteando meu braço ao redor dela com mais força, admirando a expressão do rosto de Micah.

Olhando para eles, você deduziria que era Micah quem estava no controle. Ele era maior, mais alto, mais musculoso, e tinha toda aquela vibração sombria e perigosa.

Mas ele não estava. Rory era o dominante, e Micah amava cada segundo porque tudo o que ele queria era amor.

Eu era assim. Emmy era como Rory.

Perfeita para mim.

Quando ela se permitia ser.

Vimos Rory se inclinar e tirar o pau de Micah das calças, já longo e ereto, e afagá-lo à medida que se metia cada vez mais rápido e com mais força. Ele inclinou a cabeça para trás, grunhiu, e Micah sacudiu as prateleiras, enviando um monte de livros para o chão quando Rory gozou, bombeando seu pau e gemendo ao mesmo tempo.

Ele mal esperou um segundo para recuperar o fôlego antes de empurrar Micah para o sofá, baixar mais ainda sua calça e se ajoelhar para tomar seu garoto de cabelo escuro na boca, retribuindo o favor.

Os abdominais e os braços de Micah flexionaram enquanto ele se inclinava em seu assento e acariciava a cabeça de Rory, pressionando-o cada vez mais para baixo para foder sua boca.

— Você já fez isso com um homem? — perguntei a Emory.

Ela tentou se afastar, como se estivesse despertando e se dando conta da minha presença.

— Eu nunca fiz isso com você — ela retorquiu.

Fiz com que ela se virasse de frente para mim e enfiei a mão dentro da sua calça, mergulhando os dedos em sua boceta quente e molhada, como eu sabia que encontraria.

Ela gemeu, e eu me delicieei com a sensação de tê-la em meus braços; sem dó, mordisquei seu lábio inferior entre os dentes, com um tesão do caralho ao perceber o quanto havia sentido falta disso.

Todos os meus amigos adoravam o controle. Adoravam segurar suas mulheres e fazê-las implorar por eles, como se Rika, Banks e Winter fossem seus brinquedos.

Eu não.

Ela me dominava e eu não queria que fosse de outra forma. Na sala de aula, na biblioteca, no cinema, na minha caminhonete... Vê-la se aproveitar de mim era melhor do que sexo de verdade.

Eu podia ser um menino mau, e precisava ser disciplinado.

Ela rosnou, tentando me afastar, mas eu levantei a mão e esfreguei meus dedos brilhantes em seu rosto.

E então devorei sua boca, beijando, mordiscando, chupando e puxando a doce carne, ouvindo um gemido escapar antes que ela tentasse me empurrar novamente.

— Eu sei que você sabe como levar uma surra — sussurrei sobre seus lábios —, mas este não é o tipo ao qual você está acostumada.

Ao passar pelas portas da sala de estar, empurrei-a contra o outro sofá, ignorando Micah e Rory ainda se pegando a alguns metros de distância. Caí em cima dela, rasgando sua camisa antes de agarrar seu sutiã entre os seios e rasgar o tecido, liberando a pele bronzeada para mim.

Ela se debateu, tentou afastar as minhas mãos, mas eu sorri quando ela abriu as pernas.

— Me bata — sussurrei sobre seus lábios, antes de mergulhar para beijá-la. — Me bata por todos os rabos de saia que eu fodi depois de você. Por todas as noites em que me esqueci de você, trepando no reino de tetas e bundas dez vezes mais gostosas que a suas...

— Dez? — debochou. — É mesmo? Ah, qual é... Você pode se dar ao luxo de comer alguém mais gostosa do que isso! Talvez vinte vezes mais! Ainda tem os números de seus telefones?

Eu ri amargamente, subindo e baixando sua calça, mas ela não estava usando calcinha – porque eu as tirei ontem. Eu me inclinei outra vez, moldando minha boca à dela e me impulsionei contra o seu calor. Deslizei as mãos por todo o seu corpo. Caralho, ela era tão gostosa.

— Damon estava certo — ela caçoou. — Você é menor que ele.

Meu coração martelou contra o peito, fogo enchendo meus pulmões, e eu me levantei, arrastei sua bunda pela beirada do sofá e cobri sua boceta com a minha boca.

Ela gritou na mesma hora:

— Will... Ah!

Eu não era menor. E não precisava me lembrar de como ela sabia como ele era pelado.

Chupando e lambendo, beijando e mordendo, comi a vadia sem

hesitação e sem piedade. Lambi suas dobras, mordiscando a pele e brincando com seu clitóris com a língua enquanto ela se contorcia abaixo de mim, tentando rastejar para longe.

Ela arquejou, uma camada fina de suor brilhando em sua barriga chapada, e seus mamilos intumesceram como pedras.

Então... gemidos encheram o ar, seu corpo inteiro tremeu, e suas coxas se abriram ainda mais enquanto ela levantava a cabeça e me via lambar sua boceta.

— Will... — gemeu, agarrando meu cabelo.

Eu me levantei e tirei o paletó do terno, e quando olhei por cima do ombro, flagrei o olhar e sorriso divertido de Micah. Rory ainda estava abocanhando seu pau, dando prazer a ele como eu fazia com Em.

Mergulhando de novo, diminuí um pouco a velocidade, beijando sua carne e lambendo-a antes de enfiar minha língua dentro dela, provando seu sabor tão quente e molhado.

Suas costas se arqueavam do sofá, a cabeça tombou para trás, tremendo e agarrada aos meus ombros.

Lambendo seu clitóris com vontade, eu o suguei em minha boca uma e outra vez, seus seios cheios balançando para frente e para trás enquanto ela buscava seu orgasmo, se esfregando contra a minha boca.

— Isso é bom, garota? — Micah perguntou.

Ela sacudiu a cabeça, ofegando e de olhos fechados.

— Sim.

— Certifique-se de colar a bunda dele aí depois, quando ele acabar — ele disse, suspirando. — Você cai de joelhos como Rory, daí eu posso ver os dois nos engolindo.

Senti a porra começar a vazar do meu pau pulsando com a necessidade.

— Sim — ela gemeu.

Apoiei minha mão em sua barriga, sentindo os espasmos e a respiração errática. Quando ela arfou, uma e outra vez, eu soube que seu clímax estava muito próximo.

Agonizando e fervendo por dentro, eu me levantei de supetão, sentindo o suor escorrer pela testa.

Eu queria lhe dar prazer. Não queria parar nunca.

E o velho *eu* não teria parado.

Levei um segundo para recuperar o fôlego enquanto olhava para ela. Ela piscou algumas vezes, abrindo os olhos quando percebeu que eu havia parado.

— O que... — ofegou.

Eu me abaixei e quase coleí nossos narizes.

— Quando você estiver pronta para que eu termine isso — eu disse —, *você vem até mim.*

Boquiaberta, ela franziu o cenho.

— Minha cama fica no terceiro andar. — Eu me levantei e peguei meu paletó. — Venha e me implore.

Então saí dali, meu membro rígido como uma pedra tentando cavar um buraco na minha calça. A risada de Micah me acompanhou escada acima. Acompanhado, dois segundos depois, do som dos estilhaços de algum vaso que Emmy arremessou no chão da sala de visitas.

Essa foi a coisa mais difícil que já tive que fazer.

Tipo, mais difícil que a prisão, a desintoxicação e a sessão dupla de Doris Day no *drive-in*, que minha mãe me pediu para levá-la quando eu tinha 17 anos.

Tudo isso junto.

Capítulo 16

Emory

Nove anos atrás...

— Aí está. — O Sr. Kincaid me entregou um pacote de folhetos da faculdade, tudo preso com um elástico. — Quando você se inscrever, suas cartas de aceitação chegarão pelo correio na sua casa.

Ele deu uma piscadinha e eu retribuí com um sorriso forçado. Fui até sua mesa e peguei os folhetos.

— Obrigada.

Eu sabia que mais cedo ou mais tarde teria que lidar com isto.

Deixei seu escritório e caminhei pelo escritório principal, saindo para o corredor. Meu irmão esperava que eu fosse para a faculdade. Era uma das únicas coisas que concordamos e onde não senti resistência por parte dele, mas isso poderia mudar se ele soubesse quais eram as minhas escolhas. Eu não estava pronta para lidar com sua opinião sobre o assunto, então pedi ao reitor para solicitar os folhetos para mim, por enquanto. Eu ainda tinha um ano para aplicar e enfrentar as brigas.

Empurrei as portas, abrindo o folder de cima enquanto alguns poucos alunos desciam o corredor.

— Ooooh, Berkeley. — Alguém arrancou o papel da minha mão.

Virei a cabeça e deparei com Elle folheando o livreto.

— Ei — repreendi, tentando tomar de sua mão.

Ela se afastou, olhando para ele.

— Isso é longe pra caramba daqui — disse ela. — Mas acho que é isso que você quer, né?

Roubei o livreto de volta.

— Sim.

Berkeley ficava do outro lado do país, e eu podia pagar talvez dois anos com o dinheiro que meus pais haviam aplicado na poupança para mim.

Eu não estava planejando usar nada disso, no entanto.

Eu mal tinha dormido ontem à noite depois que Will foi embora, passando grande parte da noite repetindo suas palavras na minha cabeça. Uma parte minha tinha certeza de que deveria tê-lo deixado ir embora quando ele tentou da primeira vez, e a outra metade lamentava tê-lo deixado ir da segunda.

Mas me decidi a respeito de uma coisa que me preocupava. Se minha avó ainda estivesse viva quando eu tivesse que ir para a faculdade, minha poupança seria mais do que suficiente para pagar

por um ano na melhor casa de repouso de Meridian.

Isso a tiraria da casa do meu irmão, e eu poderia estudar sem me preocupar.

Tudo o que eu tinha que fazer era ganhar uma bolsa de estudos – ou dez – para pagar pelo meu ensino superior.

Olhei para frente, ouvindo um grupo de alunos rindo.

Will estava recostado contra os armários, cercado por seus amigos, os braços em volta de Davinia Paley enquanto ele a levantava do chão e a encarava fixamente. Ela sorriu para ele.

Meu coração apertou na mesma hora, e minha boca ficou seca.

Vacilei por um momento, piscando e desviando rapidamente o olhar. Pelo jeito, ele encontrou sua companhia para o baile. *Que cretino.*

Ele parou ao meu lado, seguindo a direção do meu olhar. Ele segurou Davinia como se ela não pesasse nada, conversando com ela, todo divertido e feliz, e todos ao redor, com suas roupas, seus carros e amigos, pareciam a porra de uma propaganda da *Teen Vogue* em que eu nunca participaria.

Ele olhou para mim, e eu abaixei a cabeça, olhando para o outro lado. *Estava tudo bem.*

Continuei seguindo pelo corredor, sentindo seus olhos focados em mim enquanto eu passava, e Ele e eu viramos num canto e paramos na frente do meu armário.

— Te vejo na aula? — perguntou ela.

— Argh...

Ela deu uma risada, porque sabia que eu odiava aula de literatura. Tocando meu braço, ela continuou:

— Vejo você no almoço, então.

— Até logo.

Guardei os folhetos no armário, para que ficassem escondidos na escola, por enquanto, e peguei o caderno, o livro *A Vinhas da Ira*, e o resto dos meus materiais para as aulas de hoje, enfiando tudo na mochila.

A bolsa ficou mais pesada, porém, à medida que Will e seus amigos riam, minha paciência e meu silêncio foram se acumulando. Eu não podia me sentar na sala de aula agora mesmo.

Quem me dera se eu pudesse. Só para provar que ele não me afetou. Que Davinia não me incomodou.

Ele deveria me ver firme e alheia a tudo isso.

Era um jogo que eu conhecia bem.

Mas acabei fechando a porta do armário com força, e atravesssei o corredor, passando pela sala de literatura e voando em direção à sala de artes.

O primeiro período era sempre vazio, e o Sr. Gaines não

entrava na sala até o último instante. O que significava que eu teria pelo menos uns quinze minutos de folga.

Larguei a mochila na mesa de desenho que eu sempre usava, tirei meus rolos de papel do estojo e deslizei sobre meu banco, espalhando tudo para pegar meu projeto.

A campanha tocou, os alunos correram pelos corredores porta afora, mas logo a agitação se acalmou, e tudo o que pude ouvir era o murmúrio dos professores começando suas aulas além das paredes escuras e silenciosas do meu pequeno esconderijo.

Usando minhas réguas, continuei a redesenhar o Campanário, a velha torre que se localizava perto do cemitério e que havia caído em ruínas quando St. Killian foi abandonada há tantos anos. Medi as cumeeiras, assim como tracei linhas para cada um dos pequenos dormitórios decorativos que eu estava acrescentando. Era uma tarefa, mas eu adoraria ver um dia se tornar realidade.

Apesar do meu ódio por esta cidade, eu adorava este lugar. Sua história. O encanto de seus segredos e tradições. Os mistérios que sobreviveram aos anos, além da arquitetura. Tantos recantos para se perder, não apenas com lugares como as catacumbas ou o labirinto do jardim de Torrance, que costumava ser aberto ao público uma vez por ano quando eu era criança, mas a forma como cada avenida e cada pedaço ao longo da encosta parecia ter uma história.

Um prédio no mundo era um prédio fora do mundo. Projetar algo em Thunder Bay não ficaria só por isso mesmo. Ele se tornaria parte de algo maior.

Trabalhei em meu projeto, já perto de terminar, mesmo que ainda tivéssemos semanas. Eu queria reerguer a torre do sino novamente, torná-la mais alta, para que se pudesse subir ali e apreciar muito mais da vista do oceano. Além disso, eu queria adicionar mais uns sinos. E talvez um farol. Uma luz cintilante na parte superior.

— Pendure uma lanterna no alto do arco do campanário — recitei meu esboço. — Uma, se por terra, e duas, pelo mar...

Mas não foi o poema *O passeio da Meia-noite*, de Paul Revere, que me veio à cabeça a seguir. Eu parei, pensando.

Ou talvez... como uma vela – embora elétrica – acesa para Reverie Cross no topo.

Revirei os olhos, sacudindo a cabeça para descartar a ideia, e soltei o lápis.

Idiota.

Olhei para baixo e peguei minha mochila pela alça. Comecei a vasculhar o fundo, até encontrar aquele estranho enfeite de bronze que alguém deixou amarrado à minha árvore ontem à noite.

Com o objeto em mãos, larguei a mochila e apoiei os cotovelos na mesa, inspecionando a peça.

Estudei o formato da chave enferrujada e desgastada, e procurei novamente por quaisquer sinais que pudessem me dar uma pista do que era, e então enfiei a corrente entre os dedos, dando uma olhada no chaveiro acoplado.

Era uma espécie de pote em miniatura. Ou um incensário, talvez?

Virei o item na minha mão, confusa. Por que alguém me daria isto e depois não me diria para que servia? Não pensei que tenha sido Will quem o tivesse deixado. Ele teria me dado isso quando me viu ontem à noite.

E aquele carro estacionado fora da minha casa...

A única outra coisa em que consegui pensar foi que isto era uma evidência e alguém a estava plantando em mim, mas isto era um chute.

Então reparei num detalhe. As fendas no chaveiro. No pequeno incensário.

Como orifícios... Isso era, realmente, um incensário... como os que eram usados nas igrejas.

A catedral da cidade tinha um, só que era imenso e balançava de um lado ao outro como o badalo de um sino.

Enrolei as plantas arquitetônicas, enfiei tudo no estojo e peguei a mochila, correndo para fora da sala de aula.



Entrei na catedral, meus olhos admirados cada vez que entrava neste lugar. Eu sempre gostei de vir aqui. Era pacífico, e eu não me sentia estranha por estar sozinha em um lugar público. Pelo menos, era isso o que se esperava.

Claro, eu adoraria se Thunder Bay tivesse um templo judaico, na rara ocasião em que Martin, minha avó e eu fomos, mas não tive essa sorte. Tínhamos que dirigir até Meridian para isso.

Mas para mim, estava tudo bem. Se eu precisasse me esconder por um tempo, Martin nunca me procuraria em uma igreja católica.

— Emory? — alguém disse às minhas costas.

Eu me virei e deparei com o Padre Behr. Todos o conheciam.

— Veio aqui para se confessar? — ele brincou. — Preciso batizá-la primeiro.

Eu ri, segurando a alça da mochila contra o peito.

— Ainda estou me esforçando para ser uma judia agnóstica, Padre. Não vamos complicar as coisas. — Eu sorri para ele. — Mas é bom te ver.

Ele se postou ao meu lado. Alguns devotos estavam ajoelhados

nos bancos, enquanto outros apenas meditavam, as velas acesas em devoção cintilando ao lado.

As cenas da vida de Cristo revestiam as paredes ao nosso redor, e eu inclinei a cabeça para trás, admirando como as colunas pareciam se dividir em abóbadas com nervuras e contrafortes flutuantes, como um tronco de árvore que se espalha em galhos. Um mural fantástico enfeitava o teto.

— Você tem vindo aqui muitas vezes — ele comentou.

— É a arquitetura. — Mantive o olhar focado no teto. — E é silencioso.

Ele suspirou.

— Infelizmente, sim.

Ele parecia descontente com isso, e eu percebi que seria melhor para ele – e para a igreja – se estivesse mais ocupado.

Ele deu um tapinha no meu ombro.

— Fique à vontade — disse ele. — E leve o tempo que precisar.

— Obrigada.

Ele saiu, e eu peguei a chave novamente, estudando o tipo de fechadura que eu estava procurando. Girando o incensário em miniatura entre os dedos, olhei para cima e fiz uma averiguação da versão em tamanho original, provavelmente com metade da minha altura e o dobro da minha largura. Ele estava pendurado por uma corda presa na lateral, perto do banco de respaldar alto acima da capelania.

Então levantei a cabeça e vi a galeria acima. Havia uma porta lá em cima.

Apertei a chave na mão, olhando ao meu redor para ter certeza de que ninguém estava prestando atenção nos meus movimentos. Depois atravessei a nave até o corredor lateral, passando a sacada, e virei à esquerda na cúpula do crucifixo.

Subindo os degraus, contornei a escada em espiral e cheguei ao patamar da galeria, com vista para a nave da igreja.

À minha direita, uma porta de madeira arqueada se localizava entre baldes e lonas largados no chão; as obras de reforma pareciam ter sido abandonadas há muito tempo, e a galeria já não era mais usada para que a congregação pudesse se sentar, já que o Padre Behr mal conseguia arrastar os fiéis para preencherem os bancos abaixo.

Não havia ninguém e nada aqui em cima, exceto a luz que se infiltrava pelos vitrais, os feixes vermelhos e azuis cintilantes no velho tapete.

Abrindo a palma da mão, meu olhar alternou da chave para a fechadura da porta.

Minha frequência cardíaca aumentou um pouco, a preocupação e a excitação correndo soltas dentro de mim. Mas de uma forma que

me deixou nauseada.

Cheguei até a porta e enfiei a chave, mas quando toquei a maçaneta e girei, ela se abriu sem que eu tivesse que destravar. Tirei a chave e a enfiei no casaco, abrindo a porta, e suspirando quando as dobradiças rangeram alto.

Merda. Dei uma olhada de relance ao redor, sem ver ninguém por perto. Finalmente, espreitei por dentro do cômodo, e avistei outra escada em espiral.

Isto deveria levar ao cume da igreja.

Com o celular em mãos, acionei a lanterna do aplicativo e subi os degraus de pedra, sentindo meu pé triturar o cascalho. Subi mais e mais, avistando uma porta à direita. O corredor que levava até ela era estreito, e comecei a tossir por causa da poeira acumulada ao redor.

Essa ideia, provavelmente, era uma idiotice. Eu não sabia quem havia me entregado a chave e nem o que poderia haver do outro lado. Quem a deu para mim estava se fazendo de difícil, mas não explicou o suficiente, imaginando que eu ficasse intrigada.

Testei a chave, mas não aconteceu nada. Eu a sacudi mais um pouco, girando a maçaneta, mas ela não se abria. Tentei outra vez, e olhei de um lado ao outro, avistando mais uma porta no topo da escada.

Com a lanterna em mãos, subi até lá, tateando a fechadura e quando inseri a chave, ouvi o clique da tranca.

Senti um frio súbito na barriga, e hesitei por um instante, sorrindo.

Eu tinha encontrado.

Poderia haver alguém lá dentro, mas segui em frente, abrindo a porta e iluminando o caminho com a lanterna. Mas assim que a abri, a luz me inundou imediatamente. Entrei em um cômodo, com vigas que iam do chão até o teto, o sol poente trazendo a claridade ao lugar.

O que era isso?

Desliguei o celular e o guardei no bolso, junto com o chaveiro, e só então fechei a porta devagar.

Havia baús e caixas espalhadas pela área do quarto, embaixo das janelas, além de parafernália antigas de igreja dispostas aqui e ali – mantos do altar, castiçais, e aquelas coisas que contém água benta... Havia até mesmo um conjunto de portas que se pareciam com as do andar de baixo dos confessionários.

Adentrei mais no cômodo, mas parei, meu olhar fixo na cama.

Edredom e travesseiros com fronhas brancas – tudo parecendo limpo em um local grande o suficiente para caber até dez pessoas.

Mas que diabos?

Logo em seguida, avistei um pedaço de papel em cima do edredom. Fui até lá e o peguei, sentindo o cheiro de roupa de cama

limpa. Li o bilhete, o papel amarelado e quase se despedaçando nos vincos onde havia sido dobrado mil vezes.

Agora é seu. Use-o bem.

Ninguém mais sabe, não conte.

Quando terminar, passe-a adiante.

*A Sala Carfax nos esconde
do que queremos que desapareça.*

Li mais uma vez, mas sem conseguir entender ainda.

— A *Sala Carfax*? — falei em voz alta.

A escrita era em letra cursiva e com tinta preta, um pouco desbotada; mesmo assim, dobrei o papel e guardei no bolso.

Isto foi uma bobagem. Alguém me deu a chave de uma sala, não explicou o motivo, e eu não tinha ideia se era a única que tinha acesso a ela.

Compreendi um pouco da mensagem. Mantenha o quarto em segredo, mas como ele me esconderia exatamente? E, obviamente, alguém mais sabia, porque me deu o acesso a este lugar.

E se era algo que eu passaria para outra pessoa, então quem me deu a chave também a recebeu de outra pessoa, certo?

Por que eu?

Vaguei pelo cômodo, remexendo nas caixas que continham de tudo, desde lâmpadas e ferramentas até roupas, fantasias e maquiagem de teatro. Dei um passo suave e depois vi algo que chamou minha atenção. Hesitando, fui na direção de um baú e peguei um vestido rosa tomara-que-caia com uma saia de tule.

Sorri, adorando o estilo dos anos 50. Cintura ajustada, pequenas rosas na estampa, o típico tom rosa *Pepto Bismol* que era moda décadas atrás... Por que isso estava aqui?

Acho que não era tão estranho. Havia também uma cartola e uma máquina de *waffles* em uma das caixas.

Ah, as histórias que essa sala poderiam contar...

Coloquei o vestido de volta no baú, dobrando-o suavemente e fechando o tampo antes de caminhar até a cama e erguer um travesseiro até meu nariz.

Tinha cheiro de limpeza, como detergente e primavera. Havia uma vitrola com alguns discos por perto e velas na mesinha de cabeceira.

De jeito nenhum eu ficaria aqui, ainda mais sem saber nada sobre esse lugar ou se alguém mais tinha ou não uma chave, mas até que era legal. Outro recanto. Outro refúgio.

Outra história.

Dando uma última olhada ao redor, saí, trancando a sala de novo e indo embora para não testar minha sorte. Até onde eu sabia, esse devia ser o lugar secreto do Padre Behr, onde ele podia ser ele mesmo com aquele vestido feminino.

Agarrei a mochila e corri escada abaixo, passando pela galeria.

Eu tinha faltado três aulas, mas se me apressasse, chegaria à quarta.

Atravessei a nave da igreja e saí pelas portas, seguindo à direita pela calçada. Folhas se agitavam nas árvores, amarelas, alaranjadas e vermelhas, flutuando até o chão. Aspirei a brisa fria do outono, sentindo uma gota de chuva no meu rosto.

Não conte a ninguém.

Uma parte minha achava que isso não passava de uma brincadeira. Caso contrário, eu teria recebido algumas instruções de verdade.

Mas eu queria que fosse real. Ter meu próprio esconderijo me fez sentir como se eu, finalmente, fosse parte de uma cidade na qual vivi a vida inteira.

Como se eu pertencesse a esse lugar agora.

Andando pela calçada, perdida em pensamentos, mal notei o carro seguindo lentamente ao meu lado na rua.

Olhei duas vezes, vendo o SUV. Meu peito se apertou.

Merda.

— Está começando a chover — Martin disse, pela janela aberta do passageiro. — Entre.

— Estou voltando para a escola — garanti a ele, descendo a calçada. — Falei que ajudaria com as decorações para o baile depois das aulas.

Comecei a andar de novo.

Mas ele gritou atrás de mim:

— Emory, quero te mostrar uma coisa. Agora.

Parei, hesitando.

Não adiantava. Ele tinha rastreado meu celular. Eu não estava nas aulas durante o horário escolar. Ele veio me buscar.

Com o estômago embrulhado, desci o meio-fio e abri a porta do carro, sentando-me no banco da frente. Meu corpo já estava tenso e preparado.

— Música? — ele perguntou.

Mas ele não esperou por uma resposta. Ligando o rádio, ele sintonizou em alguma estação antiga com o volume quase baixo demais para escutar.

Dando a volta com o carro, ele se afastou da escola e me levou para as colinas, passando pelas mansões, St. Killian e o Campanário. Mantive a mochila grudada ao peito, apenas precisando de algo em

que segurar.

Martin entrou no cemitério, diminuindo a velocidade enquanto descíamos a rua e íamos na direção de um caminho que levava para uma imensidão de lápides, traçando a paisagem de um lado ao outro. A chuva batia no para-brisa, e pouco depois, ele estacionou o carro.

Deixei o olhar vagar pelo terreno, cerrando os punhos para evitar que tremessem. Não havia uma alma-viva à vista.

Todas as minhas possíveis desculpas vieram à mente. Que tom de voz poderia funcionar melhor? Ou talvez eu só precisasse ficar quieta. Às vezes, se eu apenas o deixasse falar, a gritaria o aliviaria.

Ele ergueu o braço, e eu vacilei, mas então percebi que ele estava tentando pegar alguma coisa no banco de trás.

Colocando uma sacola branca ao meu lado, ele esticou a mão para o porta-copos e pegou um refrigerante com o canudo já dentro.

— Coma — falou. — Daqui a pouco é hora do almoço.

Uma mísera fagulha de alívio me atingiu, mas eu sabia que não significava nada. Ele gostava de me sacanear.

— Edward McClanahan — ele disse, gesticulando pela janela à nossa frente. — Estão mudando seu caixão de lugar, Em.

Vi a pequena escavadeira na área onde a sepultura já havia começado a ser aberta, mas como estava chovendo, não havia nenhum trabalhador por ali. Só um monte de terra e uma lona azul sobre o buraco.

— A família o quer são e salvo dentro de seu novo sepulcro — ele disse. — Eles esperam que a cidade se esqueça da garota morta, o que será o mais provável de acontecer. Longe dos olhos, longe do coração...

Retorci as mãos no colo, mal registrando suas palavras.

— Todos os anos, esses bostinhas arrogantes fazem sua peregrinação aqui como se fosse uma igreja de merda — continuou ele —, mas no próximo ano, não será Edward naquele túmulo. Eu o comprei hoje. Para a nossa avó.

Para a minha avó. Não dele. Ele nunca deu a mínima para ela. Vovó não era dele. Ele fez tudo por aparência, e comprou uma sepultura usada para uma mulher que nem ainda estava morta.

Uma sepultura católica. Será que eles permitiam isso?

Eu não permitiria. Isso não ia acontecer. Eu...

— Coma! — esbravejou.

Sobressaltada, enfiei a mão dentro da sacola e peguei o hambúrguer, encarando a janela para evitá-lo.

Dei uma mordida, mastigando cerca de cem vezes até conseguir engolir.

— Fiz um acordo — ele disse. — Já que o lugar tinha sido usado, claro. E fiquei com a lápide, também. Eles vão raspar os dados

antigos e começarão a gravar o nome dela na próxima semana.

Meu queixo tremeu, e a bile subiu pela garganta.

— Um já se foi — ele sussurrou. — Uma vergonha a menos.

Fiquei ali sentada, o hambúrguer com apenas uma mordida no meu colo.

— Eu tenho planos, Emory.

Ele soltou o cinto de segurança, e eu fechei os olhos.

— E você se encaixaria bem se continuasse estudando ao invés de me dar trabalho.

Ele estapeou meu rosto, e minha cabeça bateu na janela. Choringuei quando a dor ardente se espalhou pela minha bochecha.

Não... Meu corpo começou a tremer.

Por mais claros que os sinais fossem, ou eu me preparasse, sempre era pior do que eu imaginava.

— Eu não merecia isso! — ele gritou, agarrando meu colarinho e me empurrando contra a porta outra vez. — Eu não merecia! Por que você não pode colaborar? Por que não pode ser uma pessoa melhor?

Abri a boca para gritar, mas cerrei os dentes e, ao invés disso, ele me deu outro tapa.

— Droga! — ele gritou, agarrando a gola da minha blusa com tanta força que chegou a esfolar a pele do pescoço. — Só... — Ele inspirou, e vi lágrimas encherem seus olhos. — Só tente ser normal, porra! Por que você faz isso? Por quê?

— Martin, pare... — arfei.

Virei e abri a porta, mas ele agarrou a maçaneta e a fechou novamente. Segurando meu braço, ele acertou outro golpe na minha bochecha.

Fechei os olhos com força.

— No rosto não! — gritei.

Mas ele já não me ouvia, não conseguia pensar ou se importar com quem visse ou soubesse o que acontecia em casa. Ele estava completamente louco.

A chuva atingia o carro, abafando os sons de seus punhos e xingamentos enquanto eu cravava as unhas no banco, sentindo o gosto do sangue na boca.

A caminhonete de Will era apenas uma lembrança na minha mente – o cheiro e a sensação dele ao meu lado. Mas, um momento depois, eu não conseguia pensar em nada. Não conseguia me lembrar de nada.

Nada de olhos verdes. Ou seu sorriso lindo. Nenhum braço quente ao meu redor.

Meus óculos caíram no chão e depois... algo molhado escorreu

pelo meu olho.

Depois de alguns instantes, eu já não conseguia nem mesmo me lembrar do rosto dele.



Fiquei ali sentada, encarando o para-brisa e os limpadores, mal conseguindo encontrar forças para respirar.

Martin agora fumava um cigarro enquanto sangue escorria do ferimento acima da minha sobrancelha, e dos cortes nos meus lábios.

— Amanhã é a Noite do Diabo — comentou quando paramos no semáforo perto do vilarejo a caminho de casa. — Os desgraçados se acham perigosos, mas ninguém é uma ameaça maior do que a pessoa que está disposta a fazer algo que os outros não fazem.

Olhei de relance para o lado, avistando sua espingarda no coldre, e os soluços se alojaram no meu peito.

Eu poderia pegá-la e acabar com tudo isso.

Então eu poderia dormir à noite.

— Esta é minha cidade, Em. — Ele não se dignou a olhar para mim, sua voz agora mais tranquila por conta do esgotamento. — Ou será um dia. Tudo isso parecerá um sonho em comparação com o pesadelo que aguarda todos aqueles que se colocarem no meu caminho.

Eu poderia dormir para sempre.

Eu olhava para a chuva, a visão desfocada através das lágrimas que não cessavam.

Eu estava cansada. E triste.

E se ele não morresse, seria eu que morreria, e teria que ser esta noite. Eu estava gritando por dentro. Eu não aguentava mais.

Cerrei os punhos, todos os músculos do meu corpo se contraíram e minhas pernas se moveram antes mesmo de eu sequer pensar. Abri a porta e desci debaixo da chuva forte, ouvindo-o gritar o meu nome, me mandando voltar, mas eu apenas corri.

Eu estava no limite, e não queria parar.

Acelerei em meus passos, saltando as poças pelo caminho, correndo o mais rápido que podia, atravessando a calçada e o gramado que me levaria de volta à catedral.

Meu cabelo cobriu meu rosto, mas em momento algum olhei para trás, porque eu sabia que ele não deixaria o carro para me perseguir, e ele podia até suspeitar que entrei na igreja, mas não seria capaz de me encontrar.

Entreí no templo, abrandando os passos para não chamar atenção, seguindo pela nave até as escadas. Corri para a galeria, e subi

os degraus que me levariam à *Sala Carfax*, trancando a porta na mesma hora.

Segura.

Escondida.

Caminhei até os baús abaixo das janelas, pegando o vestido ali dentro.

Emmy Scott estava cansada e triste.

Mas Reverie Cross iria para o baile.

Capítulo 17

Will

Dias atuais...

Minha virilha estava doendo, a ponto de eu ter que me virar na cama e aconchegar o meu pau ao lençol. Enfiei a mão por baixo e comecei a me acariciar, lentamente a princípio.

Caralho.

Como aquela garota sempre conseguiu fazer isso comigo? Ela conseguiu me levar do ponto de acabar com tudo a pedir que viesse ao meu encontro. Eu sabia que ela não viria ao meu quarto depois que a deixei na sala de estar. Eu sabia disso.

Eu só esperava estar errado.

Caramba, eu a queria. Poderia dizer que o motivo era por ter ficado muito tempo sem uma mulher, mas não... era Emory Sophia Scott e a forma como o seu sorriso mexia comigo.

Todas aquelas expressões fechadas fizeram valer a pena a troca de um sorriso apenas.

Ou assim eu costumava pensar.

A luz da manhã se infiltrava pela pequena janela do sótão, aquecendo meu peito à medida que tudo latejava e meu pau se tornava cada vez mais duro.

Eu gemia, fechando os olhos e umedecendo a palma da mão com a língua, bombeando meu membro com força e rapidez.

Desde o instante em que coloquei os olhos nela, tudo a seu respeito me deixava com tesão, e já havia sonhado em transar com ela inúmeras vezes, em vários ângulos. Foi uma obsessão desde o início.

Mas por quê?

Ela era temperamental, intolerante, crítica... e por mais que eu soubesse de onde vinha sua desconfiança e o coração fechado, ainda assim, ela se recusava a suavizar comigo depois de todo este tempo. Se ela não o tivesse feito até agora, ela nunca o faria.

Amar uma garota tão reprimida como ela quase podia se igualar a uma vitória de Pirro[29]... Os raros momentos de felicidade vieram com um custo muito alto.

Mas lá estava ela, sempre em meus sonhos – linda e nua –, me deixando montá-la e me perder em seus lábios e em seu cheiro.

Eu me acariciava repetidamente, meu pau duro e totalmente ereto, as imagens dela enterradas em meus lençóis – suaves e doces –, enchendo minha mente enquanto meu pau gotejava por ela.

E eu me lancei de cabeça nessa fantasia. Que se foda.

Eu tentei esquecê-la com outras. Saí com mulheres que não se

pareciam em nada com ela, só para que eu pudesse tirá-la da cabeça, mas no final das contas, isso só me machucava mais.

Contraí o abdômen, sentindo o orgasmo se aproximar, e me imaginei dentro dela, impulsionando com força e arrancando seus gemidos.

Porque talvez se eu pudesse fodê-la, eu poderia seguir em frente, e seria como se alguém tivesse apertado um interruptor onde ela não importasse mais.

— Puta merda, amor — gemi por entre os dentes cerrados, esfregando meu pau com mais força. — Vamos lá, abra suas pernas.

Na minha cabeça, lá estava ela – grudada no colchão debaixo do meu peso e com meu nariz enterrado em seus cabelos enquanto arremetia contra ela. Na minha fantasia, ela me beijou e sorriu e... meu Deus... ela queria isso, a pele macia de sua barriga chapada pegajosa de suor, enquanto eu me movia acima.

Eu me contorci, estremei e tirei o lençol, ejaculando na minha mão, eu podia jurar que senti seu calor apertado ao meu redor. Eu sabia exatamente como era estar dentro dela.

Arquejei e exalei, desabando na cama enquanto o orgasmo me atravessava, me fazendo grunhir diante do clímax.

Porra.

Finalmente, abri os olhos.

Uma vitória pírrica. E aqui estava eu, bem certo de que nenhum custo era grande demais para poder apenas segurá-la. E me deixou assombrado o que eu já havia pagado. Levantei-me da cama, peguei um pano e me limpei, jogando-o no cesto de roupa suja, antes de pegar uma toalha pendurada sobre a cadeira para enrolar ao meu redor.

Rory estava sempre na sauna antes que o resto de nós acordássemos. Eu precisava de algum tempo a sós com ele, e tinha que ser hoje.

Descendo as escadas, atravessei o corredor, quase hesitando em seu quarto, tentando a me assegurar de que ela estava bem, mas passei por ele e desci as escadas seguintes, descendo pelo vestíbulo.

Virei à esquerda na casa silenciosa, e entrei pelo corredor escuro, em direção às piscinas; abri a porta de vidro fosco e entrei na sauna.

Curtindo sua rotina, como o *serial killer* que era, Rory Geardon estava sentado no banco de azulejos, Recostado à parede, enquanto o vapor se espalhava ao seu redor.

Ele abriu seus olhos.

— Ei — eu disse.

Ele levantou o queixo em um cumprimento.

— Ei.

— Vai sair para caçar logo?

— Sim. — Ele suspirou. — Você vem?

— Talvez. — Eu poderia me beneficiar com um pouco de ar fresco, mas também não a deixaria sozinha em casa.

Sentei-me a alguns metros de distância, o calor cobrindo minha pele como um cobertor.

Eu adorava as saunas. Isso me desintoxicava, me relaxava e me lembrava de casa. A da Hunter-Bailey, em Meridian, era duas vezes maior, e foi onde Michael, Kai e eu tivemos algumas de nossas reuniões de negócios mais importantes. Desde que minha ressaca não estivesse forte no dia.

— Então, Noite do Diabo, hein? — Rory comentou. — Esta sua Thunder Bay está começando a parecer uma Disneylândia de adultos.

Eu sorri.

— Sinto falta disso.

Ele pegou a toalha extra que havia trazido e limpou o rosto.

— Mesmo que seja onde sua família está?

Ele achava que eu não queria ver minha família. Ele pensou que meus pais me mandaram para cá, então por que eu iria querer voltar? Como Micah

e Aydin, Rory era cético em relação àqueles que desistiram dele. Não havia motivo para voltar para casa, para eles.

Não mesmo.

Mas minha situação era diferente.

— Eu não merecia ir para a prisão, mas... eu poderia ter merecido isto aqui. Isso me deixou limpo e sóbrio. Além disso, a família que escolhi nunca me mandaria para cá. É para eles que estou voltando — afirmei.

— Bem, eu nunca vou voltar para casa — respondeu ele. — Disso eu tenho certeza. Minha mãe não arriscaria.

O que significava que não era uma escolha voltar para casa. E ele pensava que nunca sairia daqui.

E depois do que ele fez, tive que concordar que eles não estavam completamente errados ao se preocupar.

Rory era como o *Exterminador*. Se era dentro da lei ou não, a missão era a única coisa que ele via. Era como a visão de um túnel. Aqueles garotos mereciam o que receberam, e talvez ele tenha se divertido, mas se ele estava ou não errado... era uma questão de opinião.

Como filho de uma embaixadora no Japão, ele era uma carga de responsabilidade muito grande.

Para mim, ele era perfeito.

— E se eu sair daqui — ele continuou —, ela me dará algum hotel para administrar em alguma ilha de baixa densidade

populacional, em algum lugar perdido no mapa.

— Você vai anunciar seu retorno? — perguntei.

Ele deu uma risada, mas não respondeu à pergunta.

— Você não é único — comentei, recostando a cabeça contra a parede e fechando os olhos. — Todos têm aquele ponto de clareza absoluta onde a consciência não é um fator. Nós somos quem somos, e queremos o que queremos, e não há dúvida do que tem que acontecer. A única diferença entre você e o resto da população é que você chegou a esse ponto e a maioria das pessoas nunca chegará a ele.

Poucos têm a oportunidade de ser levados a um ponto de desespero ou sobrevivência e olhar o perigo nos olhos.

— O que você fez foi calculado — prossegui, num tom suave. — Precisava ser feito.

Ele tinha encontrado Micah, mas ainda não tinha encontrado um lar, e eu não tinha intenção de deixá-lo apodrecer aqui.

— Tenho sorte — disse eu, quase para mim mesmo. — Tenho uma família cheia de pessoas que sabem o que é passar dos limites. Elas sabem que há um lugar dentro de nós onde você faz as regras, em vez de segui-las. Eu não estou sozinho.

Do canto do meu olho, eu o vi virar a cabeça e olhar para mim.

— Eles são uma tempestade — declarei.

Ele permaneceu em silêncio por um momento e pude sentir as rodas girando em sua cabeça. Ele se encaixava muito bem com meus amigos.

Deixando a ideia se infiltrar, eu me levantei e caminhei até a porta para tomar banho.

— O que ela fez para ser enviada para cá? — perguntou ele antes que tivesse a oportunidade de sair.

Segurei a maçaneta, imóvel.

O medo se instalou dentro de mim, porque ela tinha interrompido meus planos e as coisas tinham mudado, quisesse eu encerrar isso ou não.

Será que eu continuaria considerando-a um fator?

Aquilo não merecia nem mesmo uma resposta.

— Assim como todos nós — disse eu — ela sabe o que fez, e ninguém aqui é inocente.

Deixei a sauna, mas em vez de ir para os chuveiros, voltei para o meu quarto. Todos na casa ainda dormiam, e quando fechei a porta do quarto, passei a barra de aço abaixo da maçaneta.

Caminhando até a cama, tirei o lençol de elástico, levantei o colchão e o virei para cima. Ele tombou, em parte sobre a cama e em parte sobre a mesa de cabeceira, o abajur desligando quando caiu no chão.

Enfie a mão por entre o rasgo no forro e puxei o *laptop* preto,

colocando sobre a mesa próxima à janela.

Assim que liguei, aguardei que a sala de bate-papo abrisse.

Você está aí?

Sim.

Uma pausa, e outra mensagem chegou:

Ele quer que você seja extraído daí. Em breve.

Ainda não. Há um... progresso.

Eu não queria dizer muito, caso alguém estivesse nos espionando, e no que dizia respeito a ela, eu não sabia quem estava envolvido.

Em seguida, perguntei:

Há alguma coisa que você não está me dizendo?

Como o quê, por exemplo?

Franzi a sobrancelha e insisti.

Você mandou mais alguém para cá?

Esperei um momento por sua resposta, e então as letras ficaram verdes.

Não.

Você tem certeza?

Ele escreveu em seguida.

Eu não minto pra você.

Eu exalei, relaxando a postura. Tudo bem, então. Não era ninguém do meu pessoal.

Ou Michael, Kai e Damon estavam trabalhando por conta própria, ou outra pessoa estava por trás disso. Eu ainda não sabia de nada, mas pelo menos havia descartado qualquer um do meu lado.

Chegou mais uma mensagem logo depois.

Quantos e quando?

Eu respondi:

Pelo menos quatro.

Mas então notei Taylor do lado de fora, encostado na porta de vidro do solário, espreitando para alguma coisa lá dentro.

O que ele estava fazendo?

Rapidamente, digitei o resto, terminando minha frase.

Talvez cinco. Espere notícias minhas.

Através do teto de vidro, vi duas figuras se movendo. Entrecebrei os olhos, tentando distinguir quem era.

Aydin.

Ele estava segurando a Emory.

Eu recuei, meu olhar afiado.

Veio a próxima pergunta.

Você está em segurança?

No entanto, eu já tinha saído da sala de bate-papo.

Fechei o computador e o escondi outra vez; em seguida, vesti uma calça de moletom e desci a escada correndo. Arranquei a barra de aço e abri a porta do meu quarto.

[29] Vitória de Pirro: ou vitória pírrica é uma expressão consagrada pela história militar, mas que se aplica a todos os momentos importantes da vida social, esportiva e política. Ela é utilizada como tradução de vitória obtida à custa de danos e prejuízos irreparáveis

Capítulo 18

Emory

Nove anos atrás...

Entrei na escola com os corredores escuros e a música ecoando do ginásio. O baile de formatura era sempre realizado em Meridian, em um salão de festas chique de algum hotel 5 estrelas.

Já o baile de boas-vindas rolava em Thunder Bay mesmo.

O vestido tomara-que-caia rosa que encontrei na Sala Carfax chegava na altura dos meus joelhos, e o ar fresco acariciava meus ombros e costas nus. Meu longo cabelo castanho estava partido ao meio, e ondulava ao redor do meu rosto, e eu decidi deixá-lo anelado e brilhoso. Encontrei uma maquiagem de teatro dentro do baú, e passei rímel, delineador e um batom.

Nada cobriu o sangue seco que havia escorrido da minha sobrancelha, as contusões azuis e roxas ao redor do meu olho, ou o corte no meu lábio. Meus braços nus estavam com as marcas de seus dedos, mas a dor havia amenizado depois dos dois comprimidos de ibuprofeno que tomei.

Esta noite eu podia me esconder à vista de todos porque era quase Halloween, a única época do ano em que todos podiam trazer o que habitava em seu interior para fora.

Abri a porta do ginásio e entrei, sentindo um calafrio deslizar pelo meu corpo na mesma hora. Luzes estroboscópicas giravam, com a música alta vibrando pelo ginásio escuro e com decorações e balões espalhados pelas mesas.

Algumas dúzias de casais dançavam na pista, e eu podia sentir meu coração batendo no peito enquanto olhava ao redor.

Ele estava aqui?

A dança havia começado há algum tempo, a equipe que recolhia os ingressos e os fotógrafos nem estavam mais lá, perto da porta, no entanto, vi quando os olhares se voltaram para mim ao entrar no ginásio. A maioria das pessoas usava fantasias, enquanto outras usavam máscaras simples com seus vestidos de festas e ternos.

Uns olhavam, outros cochichavam, e tanto poderia ser por causa da minha presença, quanto pela minha aparência, mas eu não dava a mínima.

Meus pés se moviam no piloto-automático, levando-me a adentrar o salão e sob o alvo da atenção de todos.

Normalmente, eu daria um jeito de escapar. Eu fugiria para um mundo só meu no celular, em um livro ou em uma sala.

Normalmente, eu...

Mas, então... lá estava ele.

E eu parei.

Ele se encontrava recostado à parede, cercado por seus amigos, longe da multidão e com um terno preto com uma camisa branca e sem gravata.

Ele ainda não tinha me visto, e eu esperei, de repente, paralisada.

Eu queria tanto estar com meu telefone ou uma bolsinha, só para ter algo o que segurar. Alguma coisa para não me sentir tão só e vulnerável, mas eu tinha deixado a mochila com carteira e tudo dentro da viatura de Martin, assim como meus óculos que, provavelmente, estavam largados no piso do carro. O celular eu deixei na catedral, desligado.

Caminhei em sua direção, seu cheiro, braços e sorriso acenavam para mim como uma fonte de alimento, porque eu estava sedenta, faminta e vazia por dentro.

Eu odiava o meu lar. Eu não amava mais o gazebo. Estava cansada da escola e cansada de nunca ver nada que não me deixasse esgotada, não importava para que lado eu me virasse.

Eu queria vê-lo. Eu queria sentir o contato de sua mão com a minha.

Ignorando os sussurros dos outros, à medida que eu caminhava, eu o via conversando e gesticulando, uma mão no bolso da calça e a outra segurando as chaves como se estivesse se preparando para sair.

Eu não vi sua acompanhante em lugar nenhum.

Ele desviou o olhar de Kai e deparou com o meu, e, sem piscar, reparou na minha aparência. O vestido rosa, o sangue e os hematomas... Não havia nada de engraçado na ruína de Reverie Cross, pois não havia nada de engraçado na minha.

Hoje à noite, eu pude ser vista. E deixei que todos vissem também.

Seus amigos se viraram e seguiram a direção de seu olhar.

— Quer dançar? — perguntei, baixinho, sentindo o coração espantar meu peito.

Pela visão periférica, vi seus amigos se afastarem com uma risada que não soou maldosa. Apenas... surpresa.

O Will me encarou, e foi preciso tudo que eu tinha para não mastigar meu lábio ou cerrar os punhos.

Eu tinha ido longe demais. Ele talvez não estivesse sozinho. Eu sabia que ele, provavelmente, teria um par e aqui estava eu, a garota perseguidora. Eu... que sempre enviava sinais mistos e mexia com sua cabeça, e sim, ele sempre me pressionou e o 'não' continuava sendo 'não', independente de quantas vezes eu tenha mudado de ideia, mas...

Nós dois sabíamos que eu queria isto. Ele só não entendia o motivo de eu me retrair toda vez.

E talvez ele estivesse finalmente percebendo que eu não valia a pena o esforço.

Mas, para minha surpresa, ele se afastou da parede e veio na minha direção com um sorriso suave brincando nos lábios.

Ele segurou minha mão, me olhou de cima a baixo, e me levou para a pista de dança; seus olhos estavam concentrados no sangue seco acima da minha sobrancelha, assim como nos hematomas que cobriam o meu corpo.

— Faz parte da minha fantasia — expliquei.

Procurei seu olhar, incapaz de desviar o meu, porque só de olhar para ele, meu coração doía.

Eu tive uma noite. Apenas uma noite com ele.

— Você não se vestiu a caráter? — perguntei.

Os olhos verdes se mantiveram conectados aos meus.

— Não queria dificultar para você me encontrar.

Senti o calor aquecer minhas bochechas e dei um sorriso. Ele veio sozinho então.

Seguindo até o meio da pista, ele parou, e eu me virei. *Sr. Sandman*, do SYML, começou a tocar, e quando fiz menção de enlaçar seu pescoço, parei.

— Na verdade, eu não sei dançar — revelei.

Eu nunca tinha feito isto antes.

Com as mãos na minha cintura, ele me puxou contra o seu corpo e, ofegando, finalmente o envolvi com meus braços.

— Suba em cima dos meus pés — disse ele.

Sem discussão, pisei em seus sapatos com minhas sapatilhas cor-de-rosa, feliz por simplesmente me agarrar a ele. Com a cabeça inclinada para trás, olhei para ele enquanto ele me segurava perto e começava a se mover, girando em um círculo lento e com passos seguros e ritmados para que conseguisse acompanhá-lo.

— Você está linda — disse ele. — Apesar daquela queda feia que você levou no penhasco de *Cold Point*.

Ele tocou meu rosto, felizmente apenas enxergando o traje. As pessoas nos observavam, mas estava pouco me lixando com o que elas pensavam. Eu não conseguia desviar meu olhar do dele, a música lenta e persistente tocando só para nós.

— Reverie Cross — refleti. — Parece alguém que tinha seu próprio banheiro.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Na verdade, ela não era tão bem de vida. Mas ela estava de boa com isso, porque ele a amava de qualquer maneira. Nada mais importava para ele.

Apertei meus braços ao redor de seu pescoço, sentindo meus

joelhos bambearem um pouco.

Eles eram jovens, e eu entendia isso. Naquele momento, tudo prevalecia e nada mais importava. Por que não os deixar sonhar?

Mas Will franziu o cenho e me observou.

— Tem alguma coisa errada.

Neguei com um aceno.

— Não. Está noite não tem nada de errado.

Apenas uma noite.

E se fosse só uma, eu não queria compartilhá-lo com mais ninguém.

— Podemos ir embora? — perguntei, de repente.

Ele parou de dançar.

— Você quer que eu te leve para casa?

— Não, a menos que você queira — respondi, ainda agarrada a ele. — Não quero te deixar ainda...

Ele sorriu, segurando minha mão e eu desci de cima de seus pés.

— Vamos embora — disse ele.

Ele me levou da pista de dança, as pessoas e o barulho e todas minhas preocupações ficando para trás à medida que animação corria pelas minhas veias.

— Já decidi o que vai aprontar na Noite do Diabo amanhã? — perguntei, e ele empurrou as portas.

Mas ele apenas sorriu.

— Eu tenho algumas ideias...

— Eu também tenho uma — murmurei.



— Você tem certeza disso? — ele perguntou assim que despejamos nossas mercadorias sobre a grama. — Tecnicamente, é roubo. Um monte de roubos. E vandalismo.

— Estou me tremendo toda, Will. Sério.

Coloquei as velas em uma vigília no degrau que levava à cripta, mantendo os ouvidos atentos para o zelador que morava na propriedade. Ninguém deveria estar aqui depois de escurecer, mas isso não significava que alguém não estivesse andando por aí.

E não era como se fosse um vandalismo irreparável de qualquer maneira. Eu não tinha nada contra os McClanahans.

Eu só queria assustá-los um pouco, para que eles repensassem seus planos. Will e eu tínhamos o mesmo objetivo, embora por razões diferentes.

O túmulo havia se tornado uma lenda local. Na mente de Will,

Edward McClanahan pertencia a todos.

Na minha cabeça, se ele ficasse em seu túmulo, meu irmão não teria sorte nenhuma em comprá-lo.

Will deu a volta na grade ao redor da cripta, encaixando todos os espantalhos que roubamos do jardim do Sr. Ganz, assim como as bolas de basquete que também roubamos do armário de suprimentos, posicionando-as como cabeças dos espantalhos.

Encarei fixamente o túmulo McClanahan, os vitrais escuros e lisos, o mármore polido sem nenhuma mancha ou sujeira. Novinho em folha e pronto para ser usado.

— Ele não deveria ser tirado daqui, certo? — perguntei, certificando-me de acordo.

— Certo.

Depois de sair do baile, mandei que ele fosse para o ginásio esportivo, enquanto eu corri para o laboratório para roubar os restos mortais de animais que flutuavam em frascos cheios de formaldeído. Coloquei tudo em um carrinho e os levei até uma janela; Will parou próximo com sua caminhonete e me ajudou a carregar os itens roubados.

Depois de parar em mais alguns lugares, viemos parar aqui. Prontos para mostrar aos McClanahans o que aconteceria se eles movessem Edward de lugar.

A vigília o seguiria. Ano após ano, infalível e completo com uma *vibe* daquelas crianças perturbadas de *Colheita Maldita*.

Se eles não quisessem que seu lugar de descanso final se tornasse uma peregrinação para adolescentes confusos, destrutivos e sexualmente ativos, eles mudariam de ideia.

Dei mais uma olhada ao redor do cemitério, me certificando de que estávamos sozinhos enquanto acendia as velas.

Apenas as sombras das árvores sobre o gramado – quase azul ao luar – se moviam enquanto a brisa sacudia as folhas que se desprendiam de seus galhos.

Eu meio esperava que Will usasse seu telefone para filmar isto, mas, felizmente, ele não o fez. Eu não queria fazer parte de nenhum de seus vídeos.

Adicionando as ofertas de animais mortos, verifiquei se Will havia terminado com os espantalhos; as bolas de basquete agora tinham olhos e bocas macabras desenhadas com caneta permanente.

Comecei a rir e revirei os olhos, ouvindo achar graça de sua própria astúcia.

Enfie as tochas *tiki*, da garagem do Will, ao redor da cripta, acendendo-as, e depois peguei um punhado de giz verde-claro de um dos sacos que furtei do laboratório biológico.

Correndo até a grade, estava prestes a espalhar o giz em meu ato de vandalismo, mas hesitei ao olhar para os vitrais mais uma vez.

— Está vazio... — voltei a dizer —, né?

Eu não me senti mal com o vandalismo ou pequenos furtos, mas me sentiria péssima se ali fosse o lugar de repouso de alguém.

Ele assentiu e disse:

— Acabaram de terminar a obra. Ainda não há inquilinos...

Concordando, espalhei o giz ao redor. *Vá pro inferno, Martin.*

Apressadamente, desenhei três X por toda a parede, tudo porque havia lido em um dos livros de mesa de centro, a respeito de um ritual onde se faz um desejo ao desenhar símbolos em uma tumba. Se os mortos o

concederem, você tem que voltar e deixar uma oferenda e circundar as letras X.

Era lavável, e o túmulo ficaria limpinho quando o lavassem, mas se a faísca pegasse fogo das velas de vigília, eles teriam que limpar constantemente por um século.

Will pegou um dos gizes azuis e me ajudou, nós dois rindo e nos apressando, porque se fôssemos flagrados, especialmente, *eu*, Martin ficaria sabendo.

Peguei o saco de giz da grama, assim como o que usei para trazer as velas, e demos um passo para trás, apreciando o mais novo pesadelo dos McClanahans.

— Ei! — alguém gritou.

Perdi o fôlego por um segundo.

— Ai, que merda! — Will agarrou minha mão e me puxou, correndo pelo declive. Olhei atrás de mim, e avistei um homem com um uniforme bege correndo atrás de nós.

Oh, meu Deus!

Comecei a rir, e Will continuou a me arrastar por entre as árvores, ao redor de um túmulo e, em seguida, passando pela fonte. Acelerei, tentando me equilibrar enquanto o vento frio açoitava meu rosto.

Will me puxou para trás de uma enorme lápide, e nós nos escondemos; ele espreitou pela lateral da pedra para averiguar se havíamos conseguido despistar o homem.

A caminhonete tinha ficado estacionada do outro lado da margem de árvores, caso contrário, qualquer um teria reconhecido seu veículo. Foi um saco ter que levar tudo aquilo – em três idas e vindas –, mas, puta merda... valeu super a pena.

Segurei seu braço, ainda tremendo de tanto rir.

Ele se virou, sorrindo ao me encarar.

— Adoro ver você rir.

Recostei a testa à dele, meu corpo tomado de emoção e mais

liberdade do que jamais havia sentido em toda minha vida.

— Eu quero mais... — implorei.

Ele segurou minha mão e acariciou o meu rosto.

— É mesmo? Conheço o lugar perfeito.



Uma hora depois, eu ainda estava rindo com vontade, segurando sua mão com força e sentindo o frio gostoso na barriga quando o navio pirata balançou para frente e para trás.

Merda. Eu dava gritinhos histéricos, meu corpo vibrando à medida que o balanço diminuía; em seguida, os pneus guinchavam contra o fundo e o barco subia outra vez, e puxávamos o fôlego um segundo antes de despencar para trás. O vento agitando meu cabelo.

Por que diabos eu não vim aqui mais vezes? Quantas pessoas poderiam ter montanhas-russas em suas vidas todos os dias?

Acho que era um pouco caro. O custo de um ingresso estava se tornando cada vez mais caro, pois o *Adventure Cove* estava se esforçando ao máximo para permanecer em funcionamento ao longo dos anos.

As travas de segurança subiram, e eu e Will descemos aos risos.

— Esse é o meu brinquedo favorito — disse ele. — Não há nada como a sensação de queda livre.

Não. Isso aqui era melhor do que qualquer montanha-russa do mundo. Olhei para o Will, vendo-o pegar dinheiro na carteira para comprar um algodão-doce rosa para mim.

— Você quer o meu casaco? — ele perguntou quando começamos a andar novamente.

Tirei um pouco da nuvem de açúcar, sentindo-o pegajoso contra os dedos.

— Estou bem.

Enfie o doce na boca, sinceramente, com um pouquinho de frio, mas eu estava amando demais a sensação do vento. Eu era muito parecida com a minha avó nesse quesito.

Nós andávamos a esmo, rodeados pelos sons que ecoavam pelo parque – sinos, gritos, risos e os ruídos das rodas nos trilhos da montanhas-russas.

A maresia se infiltrava em minhas narinas, e meu olhar vagou para além da roda-gigante, em meio à escuridão onde ninguém mais via, mas que todos sabiam estar lá.

A costa, o oceano e *Cold Point* – o penhasco que desembocava nas rochas e no mar.

Will se inclinou na minha direção e fispou um pouco de doce,

seu braço roçando o meu. Sua outra mão descansava na parte inferior da minha coluna, seus olhos focados o tempo todo em mim.

— Você já ouviu falar da Sala Carfax? — perguntei, pegando mais algodão-doce e enfiando na boca.

— Claro — respondeu. — É como Edward McClanahan, *Blackchurch* e *EverNight*. Outra lenda urbana de Thunder Bay...

Virei a cabeça e o encarei.

— O que é *Blackchurch*?

— Uma casa. — Deu de ombros. — Bem, supostamente, uma casa.

Ele fez uma pausa, comeu um pouco mais e nós passamos pelas cabines de jogo onde alguns frequentadores se divertiam. O parque não estava muito lotado hoje à noite, mas alguns alunos do fundamental gritavam mais alto que o normal.

Ele continuou:

— Ninguém sabe onde fica, se é mesmo real, mas existe um monte de histórias de caras ricos, jovens com péssimo comportamento que acabam sendo enviados para lá para ficarem escondidos.

Ele hesitou, como se não conseguisse pensar em uma palavra melhor.

— Escondidos? — insisti.

Ele riu baixinho.

— Bem, não podemos ser presos — salientou, como se eu devesse saber disso. — Pega mal para a família, saca? Daí, mães e pais os enviam para *Blackchurch*, caso se tornem meio que... incontrolláveis. E então... eles simplesmente somem. De um dia para o outro. Diz a lenda que é um lugar remoto, isolado e selvagem.

Percebi que quase tinha parado de andar enquanto olhava para ele.

— E são enviados lá para sempre?

— Até que aprendam se comportar — disse ele. — Mas, para alguns, tem o efeito contrário. Eles se tornam ferozes. Então, sim, eles acabam ficando lá para sempre...

Eu o encarei, boquiaberta. Quem faz isso? Quem manda seu filho embora porque tem medo de publicidade negativa?

Eles recebiam alguma ajuda quando eram mantidos afastados, ou eram simplesmente isolados e abandonados?

Ele olhou para mim e começou a rir.

— Não é de verdade, Em. — Ele pegou mais do doce, enfiando tudo na boca. — E se ele existisse, meus pais nunca me mandariam para lá. Todos me amam...

Dei uma olhada irônica em sua direção. Ele era muito convencido. Mas, ainda assim, adorável.

— Agora... a *Sala Carfax* — ele continuou —, acredito que

pode realmente existir.

— E o que é essa sala?

— É uma sala lendária, escondida em algum lugar da cidade — contou. — O que é inteiramente plausível, já que esta cidade tem muitos esconderijos. É como um quarto do pânico, pelo que eu soube. A chave é transferida de uma pessoa para a outra, cada ocupante procurando o próximo que tem necessidade de um lugar tipo refúgio. Não há limites de quanto tempo você pode usufruir dela. Basta passar para frente quando não estiver mais precisando. Ou algo assim...

Agora o bilhete fez um pouco mais de sentido.

Uma sala de pânico. Alguém que precisava dela.

Use... E compartilhe com alguém depois.

Mas...

Alguém me deu isso. De todos os cidadãos na cidade, eu fui a escolhida por alguém.

Abri a boca, prestes a dizer a Will que sabia onde ela ficava... Só que eu não tinha certeza se queria que alguém soubesse disso ainda.

— Então é tipo como a Sala Precisa, do Harry Potter.

— Não faço a menor ideia do que você está falando — ele respondeu —, mas... se essa sala existe, cada ocupante deve ser cuidadosamente escolhido, e o lugar deve ser muito respeitado.

— Por que você diz isso?

— Porque, do contrário, já a teríamos encontrado. — Ele me olhou de cima a baixo. — Se fosse real, o local teria sido divulgado em algum momento ao longo dos anos, você não acha? Quem quer seja a pessoa que usufrui desse lugar, deve precisar dele mais do que para bebedeiras ou...

Captei seu olhar. *Ou para transar*, ele não concluiu.

Isso era verdade. Quem estava de posse da chave antes, manteve isso em sigilo, e confiou em mim — por alguma razão — para fazer o mesmo.

Dei mais uma mordiscada no algodão-doce, reparando que Will ainda estava me observando. Ele olhava fixamente para o meu braço, pensativo.

— Isso aqui não parece maquiagem — refletiu, estendendo a mão para tocar o hematoma.

Eu me afastei de seu toque, mas dei uma risada brincalhona, para não pesar o clima.

— Você pode me levar em outra montanha-russa? — Apressei-me em mudar de assunto. — Algo sinistro.

Ele desfez o sorriso e segurou minha mão, esquecendo minhas contusões. Em seguida, ele nos guiou em direção aos fundos do parque.

Joguei o restinho do algodão-doce no lixo e o segui por trás dos brinquedos do navio pirata e do Gravitron, sinos e assovios soando por todo o lugar.

Subimos até *Cold Hill*, o trem-fantasma, e Will acenou com a cabeça para o cara loiro que controlava o brinquedo. O homem abriu o portão e sinalizou para que a próxima pessoa na fila esperasse.

Meu rosto ficou vermelho de vergonha por termos furado fila. A gente poderia ter esperado sem problema. Porém, tudo o que consegui fazer foi encarar o Will, ainda boquiaberta.

Nunca gostei daquele brinquedo, porque era sempre escuro, assustador e você ficava confinado em um carro que só permitia um veículo por ambiente. Ou seja, quando as portas se abriam para dar passagem a um setor, o carrinho da frente já não estava mais lá. Isso poderia até não ser nada demais, a menos que você estivesse sozinho no vagão. Aí, sim... a coisa se tornava apavorante.

Neste instante, porém... não havia nenhum outro lugar em que eu desejasse estar, a não ser com ele. Talvez seus 'contatos' até nos deixassem dar várias voltas.

Passando pelos candelabros com suas luzes piscando, pisamos na passarela rolante e entramos em um carrinho vazio, a trava de segurança baixando sobre nós na mesma hora.

A última fonte de luz ficou para trás, e seguimos pelo trilho, contornando uma esquina mais à frente, e fomos engolfados pela escuridão e a brisa fria. Grunhidos e uivos ecoaram pelo ar, e a parede à minha direita começou a tremular – uma luz vermelha acesa acima –, como se alguém estivesse esmurrando o painel de madeira. Em seguida, uma rachada de ar nos atingiu e a fumaça nos rodeou, tudo ao som de correntes sendo arrastadas acima de nós.

Os pelos dos meus braços arrepiaram, e eu me aninhei mais ao Will, mantendo meus olhos semicerrados.

Viajamos através do Inferno, do Submundo, e do Hades – máscaras e espelhos refletindo os horrores nas paredes, esqueletos e feras saltando sobre nosso carrinho.

Comecei a rir, apertei sua mão e olhei para o candelabro no teto acima. As velas falsas lançavam um brilho bruxuleante sobre o ambiente todo pintado de preto, transformando a escuridão assustadora em algo misterioso... e meu anseio se tornou maior ainda para vivenciar a fundo um lado sombrio e belo.

Quase ri de mim mesma, mas era verdade. Will estava certo. Algo mudava no ar quando a noite caía, mas...

O fascínio, para mim, se encontrava no brilho que suavizava as sombras. Era mais bonito do que o sol.

Uma lanterna, uma vela, uma...

Ocorreu-me uma ideia a respeito do gazebo, onde eu poderia

usar as árvores ao redor, decorando-as com pequenos lustres. Uma dúzia de candelabros pendurados nos galhos, iluminando a copa das folhas.

Um sorriso se formou, e inclinando a cabeça para trás, mais uma vez contemplei as luzes cintilantes dos cristais acima, de repente, superanimada para voltar ao trabalho. Eu conseguiria fazer isso. Devia haver um monte de candelabros antigos só juntando poeira por aí. Eu poderia apostar que encontraria as peças com um preço até razoável.

Olhei para Will para lhe contar minha ideia, mas ele estava me encarando. Ele olhava para mim como se estivesse extasiado, como se admirasse algo realmente fascinante.

Meu peito parecia que ia explodir, e, de repente, os candelabros desapareceram da minha mente. As luzes vermelhas cintilavam sobre seu rosto, e desvaneciam em seguida, seu olhar nunca se desviando do meu. Aquilo me fez perder o fôlego.

Eu...

Deus, eu só queria me enrolar ao redor dele e nunca mais soltar.

Gritos e berros explodiram ao nosso redor, e nossos dedos se entrelaçaram quando sua boca pairou sobre a minha.

— Will... — suspirei, fechando os olhos diante da tortura angustiante da espera.

Peguei sua mão e a guiei por baixo da barra do meu vestido, suspirando quando seus dedos deslizaram pela minha perna. Ele suspirou fundo, as unhas se cravando na minha pele.

Seu hálito quente soprava sobre a minha boca, meu clitóris latejava e eu só queria que ele continuasse...

Abri os olhos e os mantive fixos aos dele, à medida que sua mão se enfiava mais profundamente ainda entre minhas coxas. Eu podia sentir que ficava cada vez mais quente e molhada pelo caminho que ele trilhava.

Uma caricatura de lobisomem saltou da parede do outro lado do Will, e eu arfei, minha pele parecendo estar em chamas. Seus dedos empurravam a calcinha para o lado, e se enfiaram por dentro das minhas dobras quando estendi minha mão às costas e desabotoei o vestido.

Minha mão acariciou sua nuca e eu me inclinei e sussurrei novamente:

— Will...

As portas à nossa frente se abriram, e a sala escureceu outra vez, dando passagem ao armário de Davy Jones[30] enquanto eu o encarava e abaixava, lentamente, a parte superior do meu vestido.

Sim. Eu não conseguia parar. Eu não queria parar.

O ar frio fazia cócegas nos meus seios nus, fazendo meus

mamilos endurecerem na mesma hora, ainda mais diante de seu olhar faminto.

Eu amava sentir seu olhar focado em mim. Eu não sabia se ele gostava do que via, mas neste instante, eu não dava a mínima. Eu sabia que isto estaria acabado antes mesmo de começar. Eu sabia que ele acabaria perdendo o interesse.

Eu só queria esta noite.

Ele se abaixou, roçando os lábios aos meus, mas sem realmente me beijar. Eu, em contrapartida, escorei meu pé na parte da frente do carrinho, arqueando as costas e me abrindo ainda mais para ele. Ele me acariciou, suavemente e devagar, entre as coxas, provocando novamente e de novo, os dedos hábeis dedilhando meu clitóris.

A outra mão abarcou meu seio, massageando e apertando, com o hálito quente soprava sobre os meus lábios.

Seu toque em meu clitóris me fez gemer de prazer, a onda deslizando por mim e se alojando no meu centro. Eu precisava de mais. Eu precisava de tudo.

Ele escorreu um dedo mais abaixo, sondando a minha entrada, mas eu segurei seu pulso por cima do vestido, tentando detê-lo.

Franzindo o cenho, sua expressão se contorceu em agonia.

— Emmy...

— Os seus dedos não — sussurrei. — Você. Eu quero você dentro de mim.

Ele sibilou por entre os dentes, afastando a mão do meio das minhas coxas e depois deu um gemido angustiado.

Na mesma hora, ele tentou levantar as barras, mas elas não cederam.

Com um grunhido, ele sacudiu a trava com força, lutando para nos libertar. Eu me inclinei e segurei seu rosto entre as mãos, distribuindo beijos pela sua bochecha.

— Porra! — rosnou, chacoalhando a trava com brutalidade para que pudéssemos sair.

Mas de nada adiantava. Will tentou escorregar por baixo, mas seu corpo era grande demais.

Eu ri com a boca colada em seu ouvido, mordiscando o lóbulo de sua orelha.

— Tira a gente daqui — supliquei. — Eu quero você, e não vou dizer não esta noite.

— Merda — ele exclamou, rosnando em desespero e lutando novamente contra a barra de proteção. — Puta que pariu!

Ele me agarrou e me beijou, fechando o meu vestido e devorando a minha boca ao mesmo tempo.

— Quando sairmos daqui, a gente corre pra minha caminhonete — arfou. — E depois para a minha casa.

Segurei seu lábio inferior entre os dentes, seu calor e gosto intoxicantes demais.

— Apenas para a caminhonete — gemi. — Não posso esperar. Preciso de você em minhas mãos. Em meus braços...

O próximo conjunto de portas se abriu, e a luz cintilou acima enquanto nos abraçávamos.

Abri os olhos, vendo que tínhamos terminado o passeio. A chuva agora torrencial fez com que as pessoas do lado de fora corressem para se abrigar. Eu me afastei dele e assim que a trava se levantou, nós dois pulamos do carro. Ele segurou minha mão e eu ignorei o olhar assombrado do atendente quando me viu tentando endireitar meu vestido.

Estava todo amarrotado e retorcido. *Merda.*

Will colocou seu casaco sobre mim, antes de me puxar em uma corrida enlouquecida pelo parque.

A chuva caía com força sobre nós, fria e afiada, mas ainda podia sentir seu calor em minha boca, aquecendo tudo dentro de mim.

Eu só queria estar em algum lugar aconchegante – não importava onde –, sentindo-o por toda parte e estendendo as horas para sempre.

— Caralho — disse de uma vez, interrompendo nossa corrida.

Eu parei na mesma hora e segui a direção de seu olhar. Martin estava rodeando a caminhonete de Will com uma lanterna, no estacionamento. Ele nem mesmo se incomodava com a chuva.

Meu coração quase parou.

— Meu irmão... — arfei.

Eu não trouxe meu telefone. Como ele sabia que eu estava aqui?

— Mas que porra? — Will praguejou. — Por que sempre aparece uma merda para nos atrapalhar?

— Encontre um lugar para nós — implorei. — Rápido.

Ele agarrou minha nuca e pressionou seus lábios na minha testa, olhando em volta logo depois. Se Martin me visse com ele, estaria tudo acabado. Não me importava se estivéssemos em uma cabine de jogo ou em uma montanha-russa. Eu só precisava dele.

— Por aqui. — Ele me puxou para fora dos portões e à direita.

Dei uma olhada por cima do ombro, vendo Martin ao longe conferindo o interior do veículo do Will pelo para-brisa traseiro. Sem hesitar, acelerei meus passos para acompanhar a corrida.

Ele correu até um ônibus escolar amarelo, provavelmente o que transportou os estudantes do fundamental para o tradicional *Caos da Meia-Noite*, um evento anual na época do Halloween.

Ele abriu a porta com um soco, e eu entrei primeiro. Joguei o casaco de Will em um banco e espireitei pelas janelas para ver se

Martin tinha nos visto, mas uma mão segurou meu braço e me puxou de uma vez para trás. Eu me choquei contra o seu peito, entre seus braços, e sua boca cobriu a minha.

Gemi, abrindo meus lábios, e eu podia jurar que era capaz de sentir sua maldita língua se enterrando bem fundo entre as minhas pernas.

Curvando o corpo, ele agarrou a parte de trás das minhas coxas, e precisei disfarçar a dor que se alastrou, mas não estava dando a mínima. Eu não queria parar. Ele me carregou pelo corredor do ônibus, e minhas pernas se enrolaram ao redor de sua cintura.

Segurei seu rosto entre as mãos, interrompendo nosso beijo.

— Você tem proteção? — sussurrei. — Por favor, me diga que você tem alguma coisa aí.

Ele sorriu.

— Sim.

Mergulhei minha boca contra a dele outra vez, gemendo baixinho ao travar os tornozelos acima de sua bunda. Distribuí beijos em sua boca, bochecha, queixo, pelo pescoço, ouvindo-o ofegar e apertar as minhas coxas.

— Ah, Em... — ele gemeu.

Chegamos à parte traseira do ônibus, em busca do assento inteiro da última fileira. Ele me colocou de pé e desabotoou meu vestido, sem desgrudar os lábios dos meus. Puxando a parte superior para baixo, o tecido ficou amontoado na cintura enquanto suas mãos corriam pelas minhas costas nuas. Ele beijou meu pescoço e eu me agarrei a ele.

— Você é minha — ele sussurrou no meu ouvido.

Inclinei a cabeça para trás, saboreando seu calor na minha garganta e ignorando a ardência do ferimento no meu supercílio.

— Por esta noite — retorqui com um sorriso.

Ele agarrou a minha nuca e devorou a minha boca em um beijo feroz que gerou um formigamento no meu corpo até a ponta dos pés.

Com os dedos atrapalhados, abri os botões de sua camisa.

— Eu vou cuidar de você — ele sussurrou. — Você não tem que se preocupar com nada.

Arranquei sua camisa, e ele começou a desafivelar o cinto. Eu me aconcheguei contra ele, deslizando as pontas dos meus dedos pela cintura estreita e abdômen.

— Não preciso que você cuide de mim — retruquei, entre os beijos. — Eu só quero o agora... e com você. Não quero pensar em todos os amanhãs.

Ele rosnou e me empurrou contra o banco. Ofeguei quando senti o ar frio tocar a minha pele sensível. Rangendo os dentes, ele abriu o cinto e desabotoou a calça.

Meus nervos dispararam enquanto meus olhos admiravam seu peito nu, meu corpo inteiro latejando por ele.

Minha nossa... Sua pele bronzeada era perfeita. Seus braços eram tonificados, a barriga trincada, peitorais belíssimos.

Lindo sorriso.

Suave, engraçado e doce.

Isto era tudo para mim?

Contraí as coxas, mas ele me olhou com desconfiança, nem um pouco satisfeito por eu não querer falar sobre o futuro. No entanto, era meio engraçado, porque seus olhos não se desviavam dos meus seios a cada respiração que eu dava.

Ele também não conseguia conter isso por mais tempo.

Ao descer em cima de mim, ele agarrou minha garganta e me empurrou para baixo. Choringuei, arqueando as costas nuas e fechando os olhos quando ele se abaixou e chupou um mamilo.

— Aaaahhh... — gemi.

Ele empurrou minha saia para cima e me alcançou por baixo, puxando minha calcinha. O tecido rasgou quando ele o arrancou do meu corpo, e eu abri as pernas, ainda sentindo sua mão enrolada em meu pescoço.

— Caramba, eu quero te engravidar — disse ele, levantando-se e olhando para mim enquanto pegava um preservativo. — Quero te arruinar por todas as vezes que você me fez pensar que não me queria. Quero te dar um pedaço meu do qual você nunca conseguirá escapar.

Suas sobrancelhas estavam franzidas, com raiva, e por um momento, desejei que ele fizesse realmente isso. Eu adoraria ter uma desculpa para arrastá-lo para minha vida infernal e mantê-lo lá para sempre.

Ergui meu corpo, vendo-o abrir a embalagem, e beijei seu abdômen.

— Então finja que vai fazer exatamente isso — sussurrei. — Finja que vai me engravidar e que vamos fazer isso todos os dias.

Joguei fora o papel laminado e abri sua calça, acariciando seu pau com vontade. Não parei nem mesmo quando senti um choque percorrer meu braço inteiro. Ele gemeu ao meu toque e me ajudou a baixar sua calça o suficiente para que eu o puxasse para fora.

Deus, ele era tão gostoso, a pele tão macia e rígida ao mesmo tempo.

— Você vai me possuir amanhã — deslizei o látex pelo seu membro, beijando os músculos de sua barriga. — Depois da escola, na sua caminhonete. Contra as estantes da biblioteca, na hora do almoço. Montada no seu colo, ao contrário, no cinema.

Ele segurou um punhado do meu cabelo à nuca, seu pau rígido apontado diretamente para mim.

— Meu doce, pequeno segredo — ele murmurou.

Ele arfava, descontrolado, e me empurrou de volta contra o assento, olhando bem dentro dos meus olhos enquanto segurava seu pau para se posicionar na minha entrada.

A ponta grossa corou por entre minhas dobras, empurrando devagar para dentro. Eu me remexia sob ele, desconfortavelmente.

— Will...

— Você será minha — ele sussurrou, pressionando a si mesmo cada vez mais fundo.

Eu gemi, alongando meu corpo para acomodá-lo.

— Você pode me ignorar, pode fugir — disse ele, grunhindo e inclinando a cabeça para trás enquanto fechava os olhos. — Você pode ir embora, pode se esconder...

Ele deslizou mais ainda, enterrando-se até o fundo, e me enchendo de tal forma que apenas um grito me escapou.

— Mas um dia você vai ser minha — rosnou. — Pode descer o fogo do inferno, ou o celestial, Emory Scott. Você é minha mulher, e vai voltar para casa, para mim, todos os dias, vai se sentar à minha mesa e aquecer minha cama. — Ele me beijou. — E vai me dar um Will Grayson IV. Anote estas palavras.

Gemi, movendo meu corpo sob o dele e me ajustando enquanto ele se retirava e se afundava de volta, mais rápido e com mais força desta vez.

— Aah, meu Deus — grunhi, a pele das minhas costas suadas rangia o couro do assento abaixo.

Ele agarrou meu pescoço novamente, apoiando-se no banco com a outra mão enquanto me encarava e arremetia contra mim repetidamente.

Agarrei seus ombros, o desconforto diminuindo à medida que o prazer se avolumava por dentro.

Aquilo era tão gostoso.

— Você vai querer isso — ele prometeu, apertando meu pescoço —, vai implorar por mim e me amar tanto que não será capaz de suportar isso.

Ele pegou o ritmo, meus seios balançando para frente e para trás enquanto ele metia com mais força, me fazendo revirar os olhos. Eu estava tão molhada, que seu pau deslizava para dentro e para fora com facilidade.

Abri as pernas o máximo que conseguia, me divertindo com a profundidade que ele conseguia alcançar. *Ah, caramba... por favor.*

— Eu quero mais — implorei. — Mais duro, Will.

Segurei-me a ele, e ele gemeu, arfando e rebolando os quadris enquanto me fodia com vontade.

Deus, eu...

O suor brotava por toda a parte, e eu abri os olhos, contemplando seu lindo rosto e o brilho em seu peito, tudo para mim.

Estendi as mãos e cravei as unhas em sua bunda, ajudando-o a se impulsionar com mais força.

Você vai querer isso.

Eu já quero.

Você vai implorar por mim e me amar tanto que não vai suportar.

Eu...

— Will, eu... — arfei, sentindo meu orgasmo despontar e segurando o mais perto que podia, mas sem ser o bastante. — Will...

— Will, o quê? — pressionou.

Mas fechei os olhos com força, sentindo seu pau estocar uma e outra vez, e fui incapaz de conter o grito quando meu corpo convulsionou diante da intensidade do meu clímax. O mundo girou ao redor, meu corpo foi coberto de calafrios e êxtase.

Porra. Porra, porra, porra...

Ai, meu Deus. Eu...

Desabei contra o assento e ele afastou o cabelo suado do meu rosto, mantendo o ritmo de seus impulsos.

— Will, o quê? — perguntou novamente, querendo saber o que eu ia dizer.

No entanto, abri os olhos, incapaz de me lembrar do que se tratava.

Devorei sua boca e o abracei apertado enquanto ele cavalgava seu próprio orgasmo, e as lágrimas escorriam do canto dos meus olhos.

Ele queria me dar um pedaço dele do qual eu nunca teria escapado, mas ele tinha uma parte minha que eu nunca mais teria de volta.

Isto nunca seria tão bom com qualquer outra pessoa. Eu estava fodida, e ele já tinha conseguido a sua vingança.

[30] Davy Jones: personagem de Piratas do Caribe

Capítulo 19

Emory

Dias atuais...

Três batidas soaram à porta e eu levantei a cabeça, fechando a gaveta com força no meu quarto.

Eu já estava acordada há vinte minutos, vasculhando o armário e as gavetas, mas não havia roupas aqui dentro. E a temperatura lá fora estava caindo ao longo do dia.

Fui até a porta, recostei o ouvido contra a madeira e gritei:

— Quem é?

O sol já estava nascendo, embora as nuvens estivessem formando uma tempestade. Pensei que eu era a única a acordar tão cedo.

— É o Rory.

Meu coração parou por um segundo, e meu corpo retesou.

O que ele queria?

— Achei que você estivesse precisando de uma camiseta nova — ele disse. — E talvez de algumas calças.

Lancei um olhar para a boxer e a camisa imensa e toda enrolada que eu usava, porque Will tinha arrancado todos os botões de minha outra camisa ontem à noite. Eu ainda tinha a calça, mas não devia recusar uma oferta de mais algumas roupas. Afinal, era exatamente isso o que eu estava procurando agora mesmo.

Hesitei um momento e depois puxei a cadeira para longe da porta, abrindo devagar. Rory estava apenas com uma toalha enrolada na cintura, o cabelo desgrenhado e uma pilha de roupas nas mãos.

Ele me encarou, sem pestanejar, e o calor deslizou sob minha pele, só em lembrar do que aconteceu na sala de visitas. Eu tinha ficado tão puta depois que Will saiu, que acabei arremessando um vaso na parede, largando

minha roupa ali. Eu estava mais furiosa ainda porque desejei pedir que terminasse o que começou, e quase fiz isso. Estar com ele foi tão bom quanto naquela noite no ônibus, e foi preciso até a última gota de orgulho para arrastar meu traseiro para um banho frio antes de eu me rebaixar e implorar por sexo.

Deus, como eu teria adorado nunca ter me lembrado do quanto era bom estar com ele.

Peguei as roupas de Rory.

— Pode cortar, se você quiser — ele disse, gesticulando para as calças pretas. — São, provavelmente, muito compridas para você.

— Obrigada.

Eu fiquei ali, obrigando-me a fazer contato visual, e ele não fez nenhum movimento para sair enquanto me observava.

O silêncio se estendeu entre nós.

— Vou ficar um tempinho na sauna, e depois eu e Micah sairemos para caçar — pigarreou, antes de continuar: — Talvez a gente leve o Will junto. Sugiro que você venha conosco ou fique aqui com a porta trancada.

Seria apenas Aydin e Taylor na casa comigo? Não era o ideal, mas com menos olhos, eu poderia explorar.

E poderia surrupiar alguns suprimentos, talvez.

— Vou ficar — respondi. — Quanto tempo vocês ficarão fora?

— Horas. — Ele me olhou de cima a baixo. — Se você precisar de comida, é melhor pegar agora.

Concordei com um aceno e ele continuou ali parado. Seus olhos pálidos tinham um círculo azul-escuro ao redor da pupila que deixavam seu olhar penetrante, o suficiente para enviar calafrios pelo meu corpo.

Eu engoli em seco.

— Então... hmmm, você é um... tipo... um *serial killer* e...

Ele sorriu.

— Você está com medo?

— Vai me dizer que eu não deveria?

Ele balançou a cabeça.

— Não...

Ele se afastou sem dizer nada mais, e eu o observei por um momento antes de me trancar de novo no quarto, prendendo a cadeira embaixo da maçaneta outra vez.

Argh... Eu tinha sentido algo estranho nele, e embora ainda não sentisse que ele fosse mau, ele era, definitivamente, capaz de muita coisa. Ele premeditou os assassinatos de sete pessoas. Parecia que havia mais coisas na história, mas se ele pôde fazer isso uma vez, poderia fazê-lo novamente.

Taylor estava certo sobre isso. Todos eles estavam aqui por uma razão, e nenhum deles era meu amigo.

Tirei a camisa e a boxer com que havia dormido, e peguei uma das camisetas brancas emprestadas. Em seguida, rasguei as calças na altura dos joelhos. Enrolei o cós para que não caísse e calcei os tênis, dando dois nós nos cadarços.

Limpando os óculos, deslizei-os no rosto e dei uma penteada no cabelo, antes de escovar os dentes. Não tinha certeza de onde vinham os sabonetes, shampoos e merdas de higiene, mas estava aqui quando entrei no quarto ontem à noite, ainda embalado e novinho em folha. Desejei que quem quer que me comprasse estas coisas tivesse se importado em fornecer algumas roupas íntimas e outro sutiã.

Assim que Micah e Rory saíssem mais tarde, eu entraria sorrateiramente em seu quarto e roubaria um moletom.

Saindo do quarto, olhei ao redor, descendo as escadas correndo rumo à cozinha. A chuva ainda fraca lancetava as janelas, o céu cinzento pairando acima.

Eu tinha pão, queijo, alguns pedaços de frutas e um pouco de granola. Eu descobriria como tirar da cozinha esse estoque que escondi, mas também precisava de água.

Ao me aproximar da cozinha, espreeitei para dentro, encontrando-a ainda às escuras. A única fonte de iluminação provinha do visor do fogão. Contornei a bancada central e fui em direção à porta dos fundos, mantendo o olhar atento ao meu redor.

Abri o armário e peguei o guisado, sentindo o pacote de queijinhos ainda são e salvo.

Eu sorri.

Agora, um pouco de água. Tirei uma maçã da cesta no balcão e comecei a comê-la enquanto procurava nos armários por algum tipo de cantil ou garrafa de água, finalmente encontrando alguns copos de aço inoxidável com tampas.

Peguei um deles e o enchi, guardando junto com a comida. Eu poderia testar mais tarde se conseguiria chegar ao porão sem ser detectada com aquele tanto de coisa. Eu guardaria lá embaixo para buscar depois, caso precisasse fugir ou me esconder.

Enfiando a garrafa atrás da panela, esbarrei na parede e pausei, a maçã ainda presa entre os dentes.

Isso foi estranho.

Apalpei o tampo traseiro, sentindo que ele cobria completamente a parede, e retirei o braço, testando no próximo armário para verificar o fundo.

A mesma coisa.

Estes armários não eram tão profundos quanto deveriam ser. Fechei ambos e me levantei, colocando as mãos sobre os quadris. A bancada tinha pelo menos seis polegadas a menos em largura do que a outra bancada na parede norte, onde estava o fogão. Em direção à esquerda, abri a porta da cozinha para o terraço e olhei para fora.

A casa se estendia pelo menos quatro metros além da extremidade da parede dos armários.

O cabelo da minha nuca se arrepiou, e eu não consegui segurar o sorriso que espreitava ao me dar conta de uma coisa: era necessário uma profundidade extra nas paredes para atribuir espaço para fiação, encanamento, isolamento... Mas não mais de um metro.

Esta casa tinha passagens.

Putá merda. Será que eles sabiam?

Fechei a porta e me virei para a parede, atrás da qual deveria

haver um túnel secreto e, possivelmente, escadas que levassem para cima ou para baixo. Sabe-se lá onde estas passagens iam dar, mas eu queria descobrir. Se eles não soubessem, seria um bom lugar para se esconder, e era, com certeza, uma forma de a segurança poder vigiar as pessoas aqui sem ser detectada.

E agora era o momento de descobrir. Aydin e Taylor talvez ainda estivessem na cama. Os outros sairiam para caçar em breve.

Recuei e me virei em círculo, vendo a casa como se nunca a tivesse visto antes. E se os túneis fossem também subterrâneos? Se acabassem indo parar em um local mais perto daqui do que os caras pensavam? Eu poderia fugir sem ser detectada. As possibilidades eram infinitas. Eu precisava explorar.

Passsei pelo fogão, pela pia e pela janela da cozinha, vendo o solário ao lado da casa. Havia um barracão de jardinagem do outro lado da casa. Se ele tivesse ferramentas – uma chave de fenda, pelo menos –, eu poderia abrir painéis, isso se não houvesse algum mecanismo que os abrisse. Nos filmes de cinema, era sempre um livro que se inclinava para que a porta se abrisse, mas era mais frequente algum tipo de sistema de fechadura ou alavanca.

Cacete. Como eu não tinha visto isto?

Abrindo a porta de trás novamente, atravessei o terraço, gotículas molhando minhas pernas e braços enquanto seguia até a estufa.

Abri a porta e tirei os óculos assim que entrei, para limpar as lentes com o tecido da camiseta.

Uma onda de calor atingiu minha pele gelada na mesma hora, ao inspirar o cheiro de samambaias, solo e madeira, o aumento repentino da umidade me cobrindo.

Coloquei os óculos de volta e olhei ao redor, ouvindo as gotas batendo, batendo, batendo, batendo contra os painéis de vidro que compunham o teto e as paredes, bem como uma leve melodia clássica vinda de algum lugar mais ao fundo da estufa.

Desacelerei os passos, olhando em volta para o antigo jardim de inverno, a tinta branca das esquadrias de janela de metal lascadas e enferrujadas. Pisei sobre as pequenas telhas brancas, a argamassa preta e suja, e uma escada em espiral levava a uma passarela que rangia quando trovejava do lado de fora.

A vida vegetal, porém, estava em bela forma. Verde, espessa, exuberante... As árvores chegavam até o telhado, as palmeiras se estendiam como muitas plantas para enfeitar as paisagens e os canteiros ao redor do passadiço. Este lugar era muito bem-cuidado.

A equipe de limpeza também cuidava desse lugar quando vinha? Parecia um trabalho inútil quando estes merdinhas não queriam saber de nada.

A água gotejou acima, e eu inclinei a cabeça para trás, vendo um painel de vidro aberto, a corrente enferrujada partida e pendurada enquanto a chuva entrava.

Isso precisaria ser consertado em breve. Com a temperatura caindo, seria impossível manter o calor necessário aqui dentro.

Percorri a estufa, não fazendo a menor ideia dos tipos de plantas que havia ali, mas parecia um outro mundo. Não era frio e escuro – não era perigoso – como *Blackchurch*. Era calmo e decadente, como uma ilha em algum lugar onde o calor e o cheiro penetravam por baixo de sua pele e em sua cabeça.

Como acordar de um pesadelo. Ou como abrir os olhos para deparar com presentes e bolos. E eu adorei.

A música soou novamente nos meus ouvidos e, ao olhar adiante, avistei Aydin, e parei.

Ele usava uma calça preta e uma camiseta branca como a minha, mas a dele estava suja enquanto se inclinava sobre o leito da planta e cortava algo. Seu cabelo, geralmente penteado para trás, estava solto sobre a testa, e um leve brilho de suor cobria seus antebraços.

Eu olhava para ele, incapaz de me mexer, porque não conseguia me lembrar por que havia entrado aqui, mas sabia que era um segredo. Eu não queria encontrar ninguém. Pensei que ele ainda estivesse dormindo.

Ele olhou de relance, deixando cair o que quer que tivesse cortado na tigela e se esticou, cortando mais um pouco.

Eu me preparei para dar a volta e sair dali. Agora não poderia ir para o barracão.

Ao invés disso, ele me chamou:

— Venha aqui.

Olhei novamente para ele, vendo-o concentrado em sua tarefa, e fui até o seu lado, fazendo o que ele disse.

Ele tirou um morango da tigela e me entregou, folhas, caule e tudo mais.

Dei um olhar de relance, desconfiado, mas o peguei. Ele apenas o cortava. Provavelmente, estava tudo bem.

Colocando-o entre os dentes, mordi a fruta suculenta, pressionando o pedaço entre minha língua e o céu da boca, me deliciando com o sabor.

Acenei com a cabeça, engolindo e mordiscando o resto.

— Bom? — ele perguntou.

— Sim, é... doce...

O que era surpreendente.

— Mmm... — ele concordou, voltando ao seu trabalho. — Sim.

Olhei para os remanescentes, sabendo que os morangos

verdadeiros eram tão pequenos. Seu pequeno jardim tinha tomates, manjeriço, pimentões, alface... Eu não imaginava que ele estivesse metido nisso, mas acho que agora sabia quem estava cuidando da estufa.

— Os morangos costumavam ser doces quando eu era jovem — eu disse. — Não sei. Agora eles estão sempre azedos.

— Os morangos comerciais das últimas décadas são criados para ser grandes e bonitos, mas é só isso — disse ele. — O gosto não é bom. Eu mal consigo comer qualquer produto nos Estados Unidos.

Olhei para ele.

— Você não é daqui?

Ele me encarou, arqueando uma sobrancelha.

— Digo, dos Estados Unidos.

Okay, sim. Deduzi que estivéssemos nos Estados Unidos, mas talvez não estejamos.

Ele voltou à sua tarefa.

— Eu nasci na Turquia — informou. — Minha família se mudou quando eu tinha quinze anos.

Então ele era um imigrante. Foi difícil para ele, sendo diferente na escola? Tentando se encaixar?

— Você se adaptou rapidamente? — perguntei.

— Partindo do princípio de que eu tinha alguma facilidade em me adaptar a qualquer coisa para começar? — caçoou, um brilho divertido no olhar.

Não consegui reprimir o sorriso.

Talvez fôssemos parecidos.

Eu era a única criança na escola que não comemorava o Natal. Que não participava dos concursos anuais de inverno nem fazia o Amigo Oculto na equipe de nataçao.

Mas se eu pudesse ter fingido, não o teria feito. Não era meu estilo fazer isso para me encaixar. Eles que se fodessem.

— Você se adaptou por ela? — sondei, quase sussurrando.

A mulher de quem ele falou nos chuveiros da piscina. A que foi feita para ele.

Ele vacilou e depois se abaixou, um olhar distante cruzando seus olhos.

Engoli em seco, mas sorri para mim mesmo. Tinha encontrado seu ponto fraco.

— Ainda tem ouvido ruídos? — perguntou ele, ignorando minha pergunta.

— Não.

No entanto, agora eu podia desconfiar de onde vinham.

Olhei o fonógrafo perto das janelas, ainda tocando *Schubert*.

— Por que você está perambulando por aí? — ele me perguntou.

Disparei um olhar em sua direção, mal conseguindo pensar em uma desculpa. Daí, me lembrei de uma plausível.

— Eu... vi o barracão de jardinagem — comentei. — Pensei em procurar por ferramentas. Talvez uma escada. Aquele painel está fora de suas dobradiças.

Apontei para o telhado e o painel de vidro quebrado.

Mas ele não olhou, apenas continuou trabalhando enquanto cortava e limpava ervas daninhas.

— Venha aqui — ele disse e estendeu o braço, convidando-me a entrar.

Recuei um pouco, mas depois... algo me impulsionou a seguir.

Entrei, e ele enlaçou minha cintura, me puxando para sentar em seu colo. Protestei, tentando me levantar, mas ele segurou e apoiou as palmas no leito de uma planta, enfiando-as por baixo da terra.

Que diabos ele estava fazendo?

Virando a cabeça, olhei para ele enquanto ele apertava meus pulsos, mantendo minhas mãos sob a terra. O que...?

— O que você sente? — perguntou ele.

Hesitei, sem palavras. O que ele quis dizer com “o que eu sinto”?

— Solo — eu disse.

Obviamente.

Ele inclinou a cabeça, parecendo não impressionado.

Será que ele realmente tinha que segurar minhas mãos daquele jeito?

Suspirando, curvei os dedos, entregando-me ao momento enquanto o toque crocante revestia minha pele.

Quase como plantar seu rosto em um travesseiro fresco.

— Terra fresca — disse eu, por fim. — Mais emoliente por causa da água. Fofa. Como farinha, quase. — Olhei para ele, com o nariz a centímetros do meu. — Grossa, mas... limpa entre meus dedos.

Ele me soltou, mas eu fiquei lá e o vi pegar um pequeno jarro de vidro, derramando água sobre o solo que cobria minhas mãos.

O gelo bateu em meus poros enquanto a terra se transformava em gosma.

— E agora? — insistiu.

— Peso — respondi. — Lamacento. Pegajoso. — Fiquei olhando, quase enojada com a sensação. — Chega a ser sufocante. Como se eu estivesse enterrada.

Ele acenou com a cabeça.

— Nem tudo precisa ser ruim para você, desde que feito com

moderação. Um pouco de água é necessário para que as plantas prosperem. Demasiado pode matá-las...

Mantendo o olhar focado aos meus, ele agarrou meus pulsos novamente, prendendo-me à terra.

— Você quer ferramentas? — perguntou ele. — Para consertar... dobradiças...

Eu olhava para ele, sem gostar do brilho em seus olhos.

— Você veio aqui para pegar ferramentas para dobradiças quebradas que não viu até que... veio aqui. — Ele me encarou, a sombra de um sorriso cruzando seu rosto. — Você pode ter todas as ferramentas que quiser, Emory. Com moderação...

Engoli o nó na garganta enquanto ele continuava a segurar minhas mãos e meu olhar.

Ele sabia que eu estava inventando uma mentira.

Ele soube assim que eu entrei aqui. Ele sabia do meu esconderijo?

Cerrei os dentes, mantendo a calma, mas ele inclinava a cabeça, me olhando com curiosidade.

— Você cresceu com um viciado? — perguntou ele.

— Por quê?

Ele encolheu os ombros.

— Eu geralmente consigo identificar mentirosos com bastante facilidade. Eles mantêm suas explicações vagas, agitadas, rompem o contato visual... Você já teve prática...

— Não estou mentindo sobre o motivo de querer as ferramentas.

— Sim, você está — ele retorquiu, calmamente. — Mas tudo bem. Gosto quando brincam comigo. Com moderação...

Arrepios se espalharam pela minha pele, e minha pulsação disparou, mas depois... algo roçou a ponta do meu dedo embaixo do solo.

Eu me agitei.

— O que foi isso?

Ele continuou me segurando.

— Se eu fosse você, não me mexeria — advertiu.

O que foi isso?

Algo escorregou sobre meus dedos debaixo da terra, e eu congelei, incapaz de respirar.

Tentei me soltar de seu agarre firme, mas ele não cedeu um centímetro; o olhar penetrante me mantendo cativa, enquanto um corpo liso e grosso, sob o solo, se arrastava sobre a minha mão.

Longo demais. Não era uma minhoca.

Engoli em seco, sussurrando:

— É uma serpente?

— Uma delas.

— Uma delas?

Ousei olhar para o leito da planta, tentando avistar outras. Havia uma parede acrílica ao redor do jardim, o painel na nossa frente foi removido para que Aydin pudesse trabalhar.

— Quem era o viciado de sua família?

— Hã?

— Olhe para mim, Emory — disse ele.

Olhei para ele, preocupação escrita no meu rosto. Tentei deslizar as mãos para fora, mas ele se manteve firme. *Merda.*

Onde estava o Will?

— Quem te condicionou a mentir tão bem? — perguntou ele, fitando meus olhos e mantendo a voz calma e firme.

— Ele... — Parei quando a cobra, ou seja lá o que fosse, se posicionou sobre a minha mão, e senti que ela se movia ou... começava a enrolar. Outro nó imenso se alojou na minha garganta. — A-Aydin...

— Quem? — Ele apertou meus pulsos.

— Ele... — Eu respirava com dificuldade. — Ele não era um viciado. Meu irmão tinha o temperamento forte — expliquei.

Porra, onde estava o Will? Lágrimas brotaram em meus olhos.

— E ele se tornou abusivo com você? — Aydin perguntou.

Uma pincelada de alguma coisa tocou o meu mindinho de novo. Sua língua?

— Ai, meu Deus — ofeguei. — Por favor.

Deixe-me ir.

— Fique quieta — disse ele. — Olhe para mim.

Ousei focar o olhar ao dele outra vez.

— Como uma pedra — ele instruiu. — Você é parte do seu terreno. Ela não vai te notar, a menos que você queira que ela note. Como uma pedra, Emory...

— Aydin...

— Não se mexa — ele rebateu novamente.

Fechei os olhos, encurralada. Sentindo-o ali. Incapaz de correr. Qualquer movimento brusco, e... *Deus, tire-o de cima de mim. Por favor.*

— Isto te faz lembrar dele, não é? — perguntou Aydin. — Seu irmão.

O quê?

— Esperando o perigo te atingir — continuou ele. — Ciente de que estava chegando.

Mantive os olhos fechados, tentando esquecer, mas meus joelhos começaram a tremer, e eu queria bater nele. Meus braços estavam contraídos, a raiva ali, como antes, mas eu não conseguia fazer nada com isso. Ainda não. Eu não conseguia me mexer.

— Não podia viver, quase molhando as calças e esperando o inevitável à medida que se aproximava cada vez mais de você.

Cale a boca. Ele não me conhecia.

— Você sentia náuseas antes mesmo de saber que ele estava voltando para casa? — perguntou ele. — Corria para o banheiro para vomitar, talvez...

Abri os olhos, encontrando os dele através da visão embaçada.

Milhares de agulhas pareciam pinicar a garganta, ao me lembrar.

— A máquina de lava-louça da cozinha — revelei. — Estava mais perto do que o banheiro. Normalmente eu estava fazendo o jantar.

Ele acenou com a cabeça, um olhar atencioso nos olhos.

A cabeça da cobra escorregou sobre minha mão novamente, moendo a sujeira em minha pele.

— É venenosa? — perguntei.

— Uma coisa só é venenosa se você a comer — ele retorquiu. — Os organismos que mordem e injetam veneno em você são descritos como venenosos.

Putá merda.

— É venenosa, então?

— São corredoras-azuis — informou, como se isso significasse alguma coisa para mim. — E se eu dissesse que é venenosa, mas que tenho o antídoto?

— Deixe-me ir.

— E se eu dissesse que não é venenosa, mas que pode morder?

Cerrei os dentes, a cabeça da serpente cravando entre meus dedos. Que porra é essa? Por que ela não estava seguindo em frente?

— E se eu dissesse que não pode morder, apenas constriuir? — ele perguntou em vez disso.

— O que você está fazendo?

— Ou talvez não seja nada prejudicial — ele me disse —, mas eu poderia colocar algumas em sua cama hoje à noite... Você as temeria menos?

— Ayydin... — Comecei a puxar os braços.

Ele repreendeu:

— Se você se mexer, ela vai te picar. — Ele me olhou de relance. — Assuma o controle, Emory. Possua este momento...

O quê? Sacudi a cabeça, contrai as coxas, enquanto me preparava para fugir, lutar e correr, mas...

— Não fuja — ele me disse, lendo minha mente. — Não chore. Não fique brava. Apenas solte...

N... não. O quê...? A sujeira se moveu a alguns metros, e eu chorei. Era outra?

Mas ele gritou:

— Vamos!

Eu me assustei, resistindo à vontade de enrolar meus dedos na sujeira.

— Olhe para mim — disse ele. — Olhe nos meus olhos.

Fixei o olhar ao dele. Por favor...

— Olhe para mim — ele insistiu novamente. — Mantenha o olhar fixo ao meu. Não lute. Não se enfureça. Não grite. Não lhe dê seu medo.

Entrei em pânico, olhando fixamente para seus olhos castanhos, escavando um túnel mais profundo para as manchas de mel e âmbar.

— Eu estou aqui — ele recitou. — É isso, e não tenho medo.

Exalei, respirando fundo outra vez, mas começando a me acalmar.

— Não tenho medo — repetiu ele. — Eu sou o olho da tempestade. A calma na loucura...

Arfei, mais devagar.

— O sossego no caos. A paciência do meu momento...

Minha mão começou a se moldar à terra, a cobra encolheu e meu coração começou a desacelerar.

Nós não piscamos.

— Eu sou o olho da tempestade — ele murmurou, e eu fiquei hipnotizada. — Ele não surgiu na sua vida, Emory. Você esperava isso. Devia ter acontecido. Tudo isso fazia parte do plano. Você sabia o que estava por vir.

Eu olhava em seus olhos, sua voz ao meu redor como música, como uma calma fria varrendo meu sangue.

— Nada é sempre uma surpresa — disse ele. — Aja sempre como se você soubesse que estava chegando o tempo todo. Faça de conta que fazia parte do plano. Você se move com a tempestade, Emory. Calma, calma, paciente, e então... Então você surge na vida dele.

Meu peito se ergueu e caiu em respirações constantes enquanto eu sussurrava:

— Eu surjo na vida dele.

— Ele pode bater em você de novo — ele expirou —, mas ele nunca lhe fará mal. Você vai sorrir, e então...

— Eu vou surgir na vida dele — sussurrei.

O calor corria sobre meu corpo, uma cortina erguida e meus pulmões se abriam, o aço revestia minha pele e as facas brotavam de minhas unhas.

A serpente deslizou sobre meu dedo até a superfície do solo, afastando-se para dentro das outras plantas, e eu olhei para baixo, vendo minhas palmas ainda enterradas, mas Aydin não estava mais

me segurando.

Quando é que ele me soltou?

Tirando-as, olhei para ele, vendo-o me dar um pequeno sorriso. Então, ele se inclinou e agarrou a serpente negra, que se enrolou ao seu punho, e me encarou enquanto o réptil sibilava, estalou de volta e mordeu o dorso de sua mão, afundando as presas na pele.

Aydin a soltou, e eu assisti quando ele sugou os dois furos vermelhos em sua boca e cuspiu o sangue para o leito da planta.

— Como quase todos os que sofrem — ele me disse —, isto pode morder, mas você sobrevive.

O suor resfriou minha pele, cabeça nublando, um peso tremendo que eu pensava que sempre me sentiria, de repente, ausente.

Inclinando-se, Aydin beijou minha têmpora, e eu nem pensei em me afastar. Seus lábios eram quentes e suaves, quase como um...

Como um pai.

— Você é Lilith — ele sussurrou contra a minha pele. — Você não pode ser queimada se for a chama.

Recuando, ele olhou dentro do meus olhos, e não consegui sorrir. Ele não era inocente por ter me dado aquele susto do caralho, mas entrei aqui com algo que não levaria de volta comigo. Tudo parecia mais forte e leve.

Como diabos ele fez isso?

Lilith... As palavras dele me passaram pela cabeça. Ele era judeu? Ela estava em nosso folclore. A primeira esposa de Adão e expulsa do Jardim do Éden, porque ela se recusava a ser subserviente.

Ela era sombra e luz. Não tinha medo de cair ou de arder.

Ela era uma chama.

Algo se deslocou à minha direita, e ambos viramos a cabeça, vendo Will parado dentro da sala.

Ele usava calça de treino cinza, o cós baixo, e nada mais, pois seu cabelo grudava em todo o lugar da maneira mais adorável.

Meu coração doía na mesma hora, sempre que eu vislumbrava a raiva em seus olhos, mas eu estava pronta para fazer algo a respeito agora.

O olhar que ele intercalou entre Aydin e mim, ainda em seu colo, deixava nítido, a julgar pela cara emburrada, que ele ainda se importava comigo. Ele simplesmente ficou ali, imóvel, e eu me levantei, lembrando daquela noite na pista de dança do baile.

Todos tinham nos encarado porque não pertencíamos um ao outro, mas não sentíamos nada além da dor agonizante pela distância entre nós e, de repente, Aydin não estava nem mesmo na sala.

— Micah e Rory foram caçar? — Aydin perguntou, recostado ao assento.

Will assentiu, recusando-se a olhar para mim agora.

— Eu disse a Taylor para ir com eles.

Aydin riu baixinho, olhando para Will por cima do seu ombro.

— Somos só nós três, então. — Ele deve ter olhado de relance para mim. — Vocês, crianças, querem brincar na piscina?

Olhei para Will, ignorando a sugestão velada de Aydin de que eu tirasse a roupa, mas depois Will declarou:

— Pode ficar com ela — disse ele. — Eu já peguei uma vez.

Olhei fixamente para ele, o desafio explícito, mas enquanto eu teria berrado ou saído de lá às pressas, eu me senti enraizada ao lugar, firme.

Um carvalho.

O olho da tempestade.

Aydin riu para si mesmo e se levantou da cadeira, substituindo o painel que mantinha as cobras confinadas, e acariciando meu cabelo enquanto saía da sala.

— Você sabe onde me encontrar — disse ele. — Quando estiver pronta para o próximo nível, Srta. Scott.

Ele saiu e Will olhou para mim, sacudindo a cabeça. Ele não me impediria nem mesmo se eu trepasse com cada pau desta casa.

Ele não se importava comigo... porque me odiava.

— Nada estava acontecendo — eu disse a ele.

— Não me importo — disparou. — E você não daria a mínima, caso eu me importasse.

Sem outra palavra, ele se virou e começou a se afastar.

Meus pulmões se contraíram.

— Godzilla — disse eu, dando um passo à frente.

Ele parou. Virando-se para mim, entrecerrou os olhos frios.

— O quê?

Dei mais um passo, tentada a me desviar ou olhar para o lado ou encolher como se estivesse no meu antigo eu, quando estava me cagando de medo, no entanto, mantive o olhar fixo ao dele.

Não importava o quanto doía.

Nada do que está acontecendo neste momento é uma surpresa. Eu sabia que isso aconteceria. Lide com isso.

— Você, um... — Engoli o nó na garganta. — Você perdeu um filme do Godzilla desde que se foi. *Rei dos Monstros* — informei. — Foi até legal, com exceção do enredo.

Ele ficou parado, me olhando com desconfiança.

Então dei outro passo.

Ele podia sair a qualquer segundo, mas eu não o deixaria. *Fique.*

— Boa cinematografia e cenas de ação — comentei. — A Mothra aparece.

Os aspersores acima ligaram do nada, mas eu não desviei o olhar quando a chuva quente caiu sobre as árvores, as plantas e o

jardim, encharcando minhas roupas.

Tirei os óculos, colocando-os perto de outra planta.

— Comprei aquelas balas de caramelo e açúcaradas, que você gostava. — Eu ri baixinho. — Nem sei por que, já que eu estava sozinha e não precisava daquele tanto de doces, mas... eu não comi as de caramelo. — Engoli, olhando profundamente nos olhos dele. — Não pude deixar de pensar... *‘nossa, o Will ia adorar isso...’*.

Meus olhos arderam, mas pisquei para afastar as lágrimas, sabendo exatamente por que comprei o Milk Duds. Eles eram do Will.

A água caiu em cascata pelo seu peito nu, e eu respirei firme, inabalável, por mais que meu coração batesse forte.

— Sempre me perguntava o que você diria sobre o filme — murmurei. — E o que você mais gostaria nele.

Os olhos dele permaneceram nos meus, e eu me aproximei um pouco mais, água escorrendo pela boca dele e umedecendo sua pele.

Por favor, fique.

Ele engoliu diversas vezes, e baixou o olhar à medida que eu me aproximava. Sua respiração também estava acelerada como a minha.

— Mothra? — inquiriu.

— E o rei Ghidorah também. — Assenti. — Todos os titãs. Os efeitos visuais foram incríveis...

Ao chegar até ele, parei assim que minha camiseta roçou seu peito nu. O calor se acumulou em meu ventre, ao senti-lo tão perto.

— Vão lançar o *Godzilla vs. Kong* em breve. — Descalcei os tênis.

Seu peito arquejava, meu olhar focado naquela pele linda que eu queria tocar. Cerrei os punhos para me controlar.

— Os dois são heróis — respondeu ele. — O final será ambíguo, Emory.

— Não. — Sacudi a cabeça, arrancando a camisa e deixando-a cair no chão. — Os diretores declararam que haverá um claro vencedor.

Ele olhava fixamente para o meu corpo, a respiração ofegante.

— Mas que porra é essa? — resmungou. — Roteiristas do caralho.

Meu clitóris latejava, e eu olhava fixamente para sua boca, quase o degustando, querendo subir em cima dele.

— Então será o Kong — eu disse, desabotoando a calça de Rory ao redor da minha cintura. — É mais esperançoso que os menos favorecidos vençam.

Ele me observou, desabotoando a roupa.

— O Japão vai proibir o filme se o *Godzilla* não ganhar.

— Eu acho que ele pode ganhar — murmurei, retirando a calça

e sentindo a chuva atingir os meus seios, braços e costas. — Com o arsenal do Godzilla, e o fato de que ele pode lutar em terra e no mar...

— E, nos quadrinhos, ele luta contra Deus e o diabo, pelo amor de Deus — disse ele. — Que porra o Kong já fez?

Eu me apoiei na ponta dos pés, com os lábios pairando sobre o dele.

— Godzilla agora também emite uma explosão onidirecional.

— Sério?

Acenei com a cabeça.

— Você perdeu o filme.

Tateei seu peito com a ponta dos dedos, e tentei engolir, mas a garganta estava seca.

— Eu te disse... — comentou ele. — Como o Kong vai sobreviver a um ataque de nível molecular?

Pressionei meu corpo ao dele, meus mamilos pontiagudos doendo contra seu calor.

Ele tremeu um pouco, abaixo das minhas mãos, e eu não aguentava mais. Voltei a cerrar os punhos, meu corpo fervendo, e tudo o que eu mais queria era me perder nos braços dele.

Mas eu não pediria por nada. Eu tomaria.

Com meu coração quase saltando pela garganta, eu o empurrei para a cadeira à minha esquerda e parei minha boca acima da sua enquanto deslizava a mão pelo seu peito musculoso.

Ele riu, agarrando os braços da cadeira.

— Você está querendo, é? — zombou. — Mas não vai conseguir.

Rocei os lábios em sua bochecha, sobre sua mandíbula, e pelo pescoço, a fome fazendo meu clitóris vibrar com tanta intensidade, que tive que conter um gemido enquanto a chuva caía sobre meu corpo nu.

— Você não precisa fazer nada — sussurrei sobre a pele dele. — Na verdade...

Deslizei a mão dentro de sua calça e envolvi seu pau ereto.

Ele ofegou, arregalando os olhos.

— Você nem precisa se mexer — eu disse a ele, bombeando-o devagar, meu punho apertado. — Fique aqui mesmo, porque vou drená-lo até secar.

Apertei o pescoço dele, de um jeito gentil, mas possessivo, antes de me ajoelhar e arrastar as unhas pelo seu peito, seguido de suas coxas.

Ele era meu. Endireitando a postura, senti seus olhos nos meus seios enquanto desamarrava o cordão e puxava sua calça para baixo, apenas o suficiente para que eu pudesse tirá-lo.

A água borrifava no meu cabelo, meu peito, sua barriga e seu

rosto, e ele continuava a me encarar, um misto de raiva e excitação em seus olhos.

Mas ele não estava me impedindo.

Masturbando seu pau, acariciei para cima e para baixo, beijando e lambendo seu abdômen, passando a mão livre pela cintura dele, pelas costas e pelo peito. Mordisquei e mordi, puxando a pele com os dentes antes de sugá-la para dentro de minha boca, seu controle se desfazendo cada vez mais.

— Puta que pariu... — sussurrou, gemendo.

Voltando para baixo, dei uma olhar de relance, os nós dos dedos brancos enquanto ele agarrava os braços da cadeira. Guiei seu pau para a minha boca, nossos olhares conectados, mas não o abocanhei, só para provocá-lo um pouco mais.

Mexi a língua, saboreando seu calor enquanto seus olhos suavizavam e a necessidade cruzava sua expressão.

— Emmy... — Ele se descuidou.

E meu coração começou a se despedaçar, ouvindo um Will Grayson mais jovem e feliz implorando para me abraçar outra vez.

Fechei os olhos e o deslizei pela boca, empurrando meus lábios pelo seu eixo até a ponta tocar a parte de trás da minha garganta.

Ele arfou e ofegou pelos dentes cerrados, os dedos deslizando no meu cabelo e segurando minha cabeça enquanto gemia.

Eu o segurei ali, relaxando a garganta e tentando tomá-lo o máximo possível, mas eu estava com fome e queria chupar. Subindo e descendo, puxei lentamente para fora e depois deslizei minha boca de volta pelo seu pau, uma e outra vez.

Seus dedos agarravam meu cabelo, o pênis duro se tornando mais rígido ainda dentro da minha boca. Arrastei a língua para cima e para baixo do seu eixo, lambendo as veias sob a pele e sugando a gota que surgiu na ponta.

Ele rosnou, olhando para mim de relance.

— Tirar vantagem de um homem que esteve na prisão é golpe baixo. Realmente baixo.

— Você não está em *Blackchurch* — sussurrei, beijando o comprimento de seu membro ereto. — Estamos na festa do pijama, no ginásio, e nós conseguimos escapar para que eu pudesse te beijar. Aqui embaixo.

Ele gemeu, deixando sua cabeça tombar contra o encosto; seus olhos se fecharam, diante da fantasia que tomava conta. Eu o levei de volta ao ponto onde ainda não o havia magoado. Antes que ele me magoasse. Antes de toda a merda e de todos os anos...

Eu me movia mais rápido, chupando com mais força e vontade, choramingando diante de seu tamanho tocando o fundo da minha garganta, enquanto seus quadris começavam a impulsionar para foder

a minha boca.

— Will... — implorei, sentindo meu centro latejar.

Escorregando uma mão entre minhas pernas, espalhei a umidade pelo meu clitóris, latejando e agonizando por ele enquanto eu trazia meus dedos de volta para fora.

Esfreguei meus dedos encharcados ao redor da ponta de seu pau, vendo-o me observar sugar seu comprimento de volta para dentro de minha boca, lambendo nossos sabores misturados. Seus olhos penetrantes incendiaram enquanto eu lambia a água e o cobria de calor.

Mas, de repente, ele agarrou meus braços e me puxou para cima.

O quê?

Seu olhar disparou para o meu um segundo antes de ele me girar e me colocar sentada em seu colo.

Ele me envolveu com um braço, respirando em minha nuca, e me abraçou.

— O que mais vamos fazer, hein? — ofegou. — Antes que um professor chegue?

Seu pau pressionou meu traseiro, e ele agarrou minha boceta, enfiando um dedo no fundo e depois dois.

Arquejei enquanto ele massageou meu seio, rolando meu mamilo entre os dedos.

— Hein, pequena Emmy? — zombou.

Fechei os olhos, a água nos encharcando na estufa, enquanto imaginava toda a diversão que poderíamos ter tido se eu tivesse me jogado de cabeça todos aqueles anos atrás.

Deus, eu o queria. Foda-se.

Afastando-me, eu me levantei e o encarei, vendo-o acariciar seu pau. Não esperei nem mais um segundo. Subi em cima dele, devorando sua boca com a minha, montando seu colo e apertando sua garganta com uma mão.

Meu.

Ele interrompeu o beijo, sorrindo com malícia, mas eu não dava a mínima, porque era isso o que eu queria dar a ele.

Ele se posicionou debaixo de mim, corando minha entrada, e um gemido de antecipação escapou quando mordi seu queixo.

Deslizei para baixo, enterrando-o profundamente dentro de mim.

Eu me estiquei e arquejei, e ele bateu fundo antes de eu me levantar, cobrindo-o em minha umidade antes de deslizar de volta para baixo, embainhando seu pau até a base.

— Aaah — ele gemeu, apertando meu traseiro com as mãos.

Fiquei ali, acomodando sua plenitude e estirando meus

músculos.

Beijei sua bochecha, observando seu rosto e seus olhos fechados enquanto ele me deixava seguir com a boca sobre sua têmpora, sua testa e até o canto de seus lábios, deixando pequenos beijinhos. Enfiando a mão em seu cabelo, lambi seu pescoço, saboreando a água em sua pele quente, sentindo os formigamentos se alastrando por toda parte só em poder me deliciar com a lembrança de seu cheiro.

Inclinando-me para trás, olhei para ele quando comecei a me mover lentamente, arqueando as costas e rebolando os quadris. Eu o deslizei para fora e o empurrei de volta para cima dele, fodendo-o lentamente no início. Ele abriu os olhos e agarrou meus quadris, seus olhos se arrastaram por toda a parte enquanto observava meu corpo se movimentar em cima dele.

Mergulhando para frente, ele sugou meu seio em sua boca, e eu cravei as unhas em seus ombros, deixando a cabeça pender para trás enquanto a onda de euforia me percorria.

— Você me fodeu — ele rosnou, puxando meu mamilo entre os dentes.

— E você me fodeu — rebati, inclinando a cabeça para cima, a água correndo pelo meu rosto à medida que ele mordiscava um seio e passava ao outro.

Parte de toda essa merda foi culpa minha, mas não tudo.

Rolei os quadris de novo e de novo, minha respiração se tornando cada vez mais superficial diante do prazer que se avolumava.

— Eu quero te beijar — sussurrei. — Nos lábios.

— É mesmo?

— Sim.

— Por quê? — provocou.

Eu me inclinei, subi e desci, para cima e para baixo, segurando-o bem perto.

— Porque — sussurrei sobre a boca dele —... Porque quero ser sua garota.

Ele circulou minha cintura com os dois braços como uma faixa de aço, impedindo meus movimentos.

— E você se lembra do que isso significa?

Eu olhava para ele, tentando esconder o sorriso ao me lembrar de tudo o que ele queria.

Eu, voltando para casa, para ele, todas as noites.

Eu, à sua mesa e aquecendo sua cama.

Eu, tornando-o um papai.

Assenti com a cabeça.

— Então diga... — ele pediu.

Engoli em seco, a excitação correndo pelas minhas veias

enquanto sussurrava:

— Isso significa que você tem que gozar dentro de mim.

Não tínhamos camisinha aqui.

Ele sorriu e se levantou, levando-me com ele enquanto caminhava para o leito de uma das árvores atrás de nós. Ele me colocou para baixo e me empurrou contra o solo. Levantando-se de novo, ele me virou, e eu suspirei, chorando ao me dar conta do que estava acontecendo.

Gemi, meu clitóris pulsando como um martelo pneumático enquanto ele cobria a minha bunda e forçava a abertura das minhas pernas, em seguida, me penetrando com força e rapidez.

— Will... — clamei.

Ele enrolou uma mão no meu pescoço e sussurrou contra a minha bochecha:

— Diga novamente.

Ele arremeteu fundo, dentro e fora, dentro e fora, de novo e de novo, e eu fechava os olhos, aceitando.

— Significa que você tem que gozar dentro de mim.

— Você quer isso?

— Sim.

A terra roçava contra o meu corpo, até que, finalmente, ele virou a minha cabeça na direção dele, e afundou a boca à minha, me beijando profundamente e roubando meu fôlego.

Sua língua mergulhou e fez meu coração afundar até os dedos dos pés. Eu gemi.

— Minha pequena Em — ele ofegou, enfiando uma mão embaixo de mim e apalpando meu seio. — Minha pequena Em que gosta de seus segredinhos. A *nerdzinha* de dia, que gosta de foder com força de noite.

— Sim — cantarolei. — Sim.

Minha boceta contraiu, apertou e espremeu, e eu afundei os dedos na terra, indo de encontro aos seus impulsos, desejando isso.

Meu cabelo grudou nas minhas costas arqueadas, e tudo em que eu conseguia pensar era no tempo que tínhamos perdido no ensino médio. De como isso era maravilhoso e eu não fazia ideia. Eu deveria ter fugido com ele e ter transado com ele a cada chance que tínhamos, porque não havia nada do que eu estivesse tentando me proteger, que já não acontecesse em casa. Eu não deveria ter deixado o medo me deter.

O orgasmo começou a crescer, e eu gritei enquanto ele empurrava seu pau dentro de mim, repetidamente, me fodendo contra a terra que recobria cada centímetro da minha pele.

Ele grunhiu, e pude perceber que estava prestes a gozar.

— Diga isso outra vez — disse ele.

— Goze dentro de mim — gemi, sentindo seu clímax próximo.
— Ah, meu Deus, eu...

— De novo.

— Goze dentro de mim, Will — implorei. — Por favor.

Ele arremeteu fundo e eu explodi, o orgasmo sacudindo todo o meu corpo, o mundo girando sob mim, e ele empurrava de novo e de novo, cada vez com mais força, finalmente derramando sua semente dentro de mim enquanto apertava meu seio e gemia.

Gritei, cada músculo queimando. O orgasmo me atravessou, minha boceta apertou seu pau, e ele se virou, desabando no chão ao meu lado.

— Porra — ele se desfez.

Fechei os olhos, a cabeça recostada no chão, incapaz de engolir porque minha boca estava seca pra cacete. Eu realmente esperava que as cobras estivessem confinadas ao jardim, e não aqui.

Mas não consegui reunir um músculo sequer para me preocupar.

Aydin provavelmente também nos observava de algum lugar. Os caras poderiam ter voltado mais cedo por qualquer razão, mas não liguei para isso. Eu queria um banho, queria dormir, e queria os dois com Will.

Mas sem outro toque ou beijo, ele se levantou da sujeira e puxou sua calça ensopada, amarrando o cós.

Eu me virei e me sentei, observando-o se afastar para recolher as minhas roupas encharcadas do chão.

Ele as jogou para mim.

— Vá mijar — disse ele. — E rápido.

Sentei-me ali, o olhar semicerrado, mas meu queixo tremeu um pouco.

O olho da tempestade...

Engoli na marra o caroço que havia se alojado na garganta.

— Sabe como é... aquela velha história das mulheres casadas — debochei, me levantando e começando a me vestir. — Eu uso anticoncepcional, então não se preocupe.

Babaca.

Não que eu estivesse pronta para ter um filho agora, pelo menos, mas ele não estava me dizendo isso porque não os queria. Ele estava me dizendo isso porque não os queria comigo.

Era só conversa sobre sexo.

Sufoquei as lágrimas embargadas, sem olhar para cima até que ele tivesse saído, me deixando ali sozinha, em meio à terra molhada.

Coloquei meus óculos, dobrei a cintura da calça e peguei os tênis, saindo do solário tranquilo para voltar ao meu quarto.

Prendi a cadeira abaixo da maçaneta da porta, perdida em

pensamentos enquanto tomava banho e lavava a sujeira do meu cabelo, ainda sentindo-o dentro de mim.

Eu mostraria para ele. Eu era forte, e não implorava por nada.

Eu sairia daqui, viveria e manteria meu queixo erguido, porra.

A calma na loucura. O sossego no caos. A paciência para o meu momento.

Sequei o cabelo e enrolei a toalha ao meu redor, indo para o quarto escuro e desabando sobre a cama.

Fechei os olhos, ouvindo a chuva do lado de fora, tentando me concentrar no próximo passo do meu plano de fuga.

Um pouco mais de comida, um moletom, e eu ainda precisava de algum tipo de ferramenta do barracão. Seria uma boa arma, também, se necessário.

Um vento me bateu e eu esfreguei os olhos com os dedos, me sentindo muito cansada.

Mas eu não conseguia dormir. Abrindo meus olhos, vi uma forma escura pairar sobre mim, ao lado da cama, e perdi o fôlego.

Mas que diabos?

Mas antes que eu pudesse gritar e me afastar, ela disse:

— Você os deixou assistir enquanto ele comia você ontem à noite? — ela perguntou.

E então a lâmpada na mesinha de cabeceira acendeu, e eu olhei para ela, o cabelo um pouco mais curto do que da última vez que a vi vestida como uma ladra, vestida de preto dos pés à cabeça.

— Garota — brincou, sorrindo com aprovação. — Eu sabia que você levava jeito.

Parei de respirar, meus olhos se abriram.

— Alex?

Ela estendeu as mãos, fazendo pose, e eu me levantei de um salto e a puxei para um abraço, as duas desabando de volta na cama.

Ai, meu Deus.

— O que você está fazendo aqui? — Quase chorei de emoção.

Ela cobriu minha boca com a mão, me mandando ficar quieta, e seu corpo se sacudiu com uma risada.

— Também senti saudades, magrelinha — ela sussurrou.

Meu corpo tremeu com uma risada silenciosa, e eu a abracei com tanta força que ela grunhiu.

Capítulo 20

Will

Nove anos atrás...

Ela parou e olhou em volta enquanto eu pegava a chave e destrancava a porta dos fundos.

Já passava de uma da manhã, e eu abri a porta rápido, para tirá-la da chuva.

— Está tudo bem — assegurei. — A barra está limpa. Ele ainda está no trabalho.

Fechei a porta, tranquei e me ajoelhei para tirar as sapatilhas dos seus pés. Em seguida, segurei sua mão e a puxei em direção à escada.

— Algum dia desses, nós vamos ter que enfrentá-lo.

Ela encostou a cabeça no meu braço, bocejando.

— Ele é assustador — disse ela.

Balancei a cabeça e a peguei no colo, carregando-a escada acima.

— Ele é uma piada. — Eu a abracei forte quando ela enlaçou meu pescoço. — Eu sou seu homem agora. Ele terá que passar por mim.

Ela apenas deu uma risadinha contra o meu pescoço, mas não disse mais nada.

Eu não estava tentando ser engraçado.

— Paige? — alguém disse.

Congelei, estaquei em meus passos, cessando o rangido do piso de tábuas.

Emmy levantou a cabeça e desceu dos meus braços, correndo para o quarto da avó.

— Sim, *Grand-Mère*.

Recuei no corredor, sem querer que Em tivesse que lidar com as perguntas da avó sobre o fato de estar chegando tão tarde, e na minha companhia.

— Onde está seu pai? — perguntou sua avó.

Pude ouvir Em andando pelo quarto, despejando um pouco de água e ajeitando os cobertores.

O pai dela?

Mas Emmy respondeu, sem nem ao menos hesitar.

— Ele teve que voltar para a floricultura. Ele trouxe flores amarelas pra você, mas devia saber quais são as suas preferidas.

— Flores vermelhas. — A voz rouca tinha uma leve pitada de humor. — Como ele pôde esquecer?

— Vá dormir — Em disse, baixinho — Quando você acordar, elas estarão aqui.

Emory voltou para o corredor, bocejando outra vez, e fechou a porta parcialmente, deixando apenas uma fresta aberta.

— Amo você, amorzinho — sua avó disse.

— Também te amo.

Ela olhou para mim no corredor escuro e segurou minha mão, recostando a cabeça no meu peito. Ela estava esgotada, porra.

Eu a conduzi até o quarto dela.

— Seu pai? — sondei.

Adam Scott morreu com sua mãe anos atrás. Ficaram presos dentro do carro quando o rio inundou a cidade, cerca de cinco anos atrás, por causa do furacão Frederic.

No entanto, Emmy esclareceu:

— Meu avô. O marido dela. Ela, às vezes, pensa que sou a minha mãe...

Acenei uma vez, sem saber realmente o que dizer para uma coisa dessas. Eu só sabia que era uma parada muito dura para uma colegial ter que enfrentar. Neste exato instante, eu só poderia ser grato por ela ter me poupado um minuto de seu tempo, a contar com os problemas maiores que ela tinha. Eu fui muito exigente com ela.

Entramos em seu quarto e eu acendi as luzes.

— Não, deixe as luzes apagadas — protestou, indo direto para a cama. — Estou tão cansada.

Ela desabou, nem ao menos se preocupando em se despir, e eu desliguei as luzes outra vez, deixando o quarto na penumbra.

— Só que eu não quero dormir... — murmurou, bocejando. — Porque quando a noite passar, tudo vai acabar. Nada mais de diversão.

Fui até ela, com um sorriso largo nos lábios.

— Nada vai acabar. — Puxei seu edredom por baixo de seu corpo, para cobri-la. — Não foi apenas uma diversão para mim, Emmy. Você não sabe disso até agora?

Olhei para ela, vendo-a se virar de lado, e ajeitei o cobertor mais uma vez. Nós não tínhamos terminado. Eu precisava de mais.

— Você ainda não confia em mim? — perguntei.

Ela permaneceu em silêncio, quieta, recusando-se a olhar para mim. Será que ela já estava dormindo?

Mas então eu a ouvi falar:

— Uma parte minha deseja que eu pudesse ter você... que você fosse meu homem, mas...

Eu a ouvi engolir, e, em seguida, suspirar.

— A realidade será diferente amanhã — afirmou.

Como se isso explicasse tudo.

Fui até a janela e fechei a cortina.

— Algum dia você será grande e poderoso — ela continuou.

Eu me virei e a vi afofando o travesseiro.

— Como já sou agora? — brinquei.

— E ficará deslumbrante em um terno de três peças, com o cabelo fabuloso — devaneou, como se eu nem estivesse aqui.

— Molhado eu fico melhor ainda.

— E todos vão gostar de você. — Ela se deitou de costas e se acomodou ao travesseiro.

— Todos já gostam.

— E você será o centro das atenções.

Pairei acima dela e endireitei o edredom ao redor de seu corpo, lutando contra um sorriso.

— Humm-humm.

— Com filhos lindos tipo capa de revista.

— Meu esperma será lendário — brinquei.

— E vai se casar...

— Várias vezes, com certeza.

— E todas serão loiras.

Meu corpo tremia de tanto rir quando me inclinei sobre ela, sentindo seu cheiro e sua pele, morrendo de voltar de me enfiar embaixo daquele cobertor com ela.

Mas ela estava exausta esta noite.

— E o único momento que você vai notar a minha existência — prosseguiu —, será quando você for me entregar o cheque para pagar pelo meu serviço de passear com seus cãezinhos *labradoodles* toda semana.

— Até parece que um deus ocupado, importante e fabuloso como eu se incomodaria com esse tipo de tarefa... — rebati. — Minha esposa de 18 anos, ex-coelhinha da Playboy, Heidi, é quem vai assinar os cheques.

Um rosnado escapou de seus lábios e eu comecei a rir.

— Você vai se lembrar disto, Will Grayson — resmungou, com valentia. — Eu te levei nas nuvens esta noite. Nem que tenha sido por apenas um minuto.

Ela se virou de lado, de costas para mim, e eu sorri ao afastar o cabelo de seu rosto e pescoço.

Você já tem feito isso há muito tempo.

— Agora, se manda — disse, me empurrando de brincadeira e fechando os olhos.

Enquanto admirava a sombra das árvores dançando sobre suas costas, meu corpo formigava, querendo muito mais dela.

Ela era incrível, e eu odiava que ninguém enxergasse o quanto ela era linda, a não ser eu. Tive uma experiência surreal de quase morte naquele ônibus, e estava feliz pra caralho por causa disso.

Seu corpo se movia em respirações lentas e constantes, e eu via seus lábios tremularem a cada incursão.

— Eu te amo — murmurei.

Ela não se moveu nem abriu os olhos, o cansaço a dominou à medida que ela mergulhava mais profundamente ainda no sono.

Comecei a me afastar, mas meus olhos foram atraídos para os arranhões e contusões em suas costas. Como ela conseguiu maquiar a área sozinha? Será que seu irmão a ajudou?

Eu duvidava muito disso.

Então eu me agachei e me inclinei para conferir as marcas em seu braço e nas costas, sob a luz singela do luar que se infiltrava pelas cortinas. Lambi o polegar e esfreguei a mancha em um tom roxo-escuro e vermelho, mas...

A maquiagem não saiu.

Semicerrei os olhos, lambendo o polegar novamente e esfregando com um pouco mais de força. Ela resmungou e se afastou do meu toque, como se estivesse com dor.

Esfreguei o polegar contra o indicador, e não senti nenhum traço oleoso desses produtos que as mulheres usam.

Parei e analisei seu rosto, observando mais atentamente a gota de sangue que havia secado acima de seu supercílio. Ela disse que aquilo fazia parte do figurino.

Senti meu sangue ferver nas veias, meu pulso martelar em meus ouvidos, diante dos pensamentos que se atropelavam na minha cabeça.

Os hematomas que vi em suas pernas, na piscina.

O hematoma na coxa, na aula de literatura.

As roupas excessivamente folgadas, quase nunca mostrando um pedacinho de pele.

Eu me levantei e a encarei fixamente, tentando a arrastá-la para fora dessa cama. No entanto, já era tarde e ela precisava dormir.

Esta noite era a Noite do Diabo. Por enquanto, eu a deixaria descansar.

Porque mais tarde eu descobriria o que diabos estava acontecendo de uma vez por todas.

Capítulo 21

Emory

Dias atuais...

Afastei-me, encarando seu rosto para ter certeza de que ela realmente estava ali.

Alex... Sorri de orelha a orelha.

— Ai, meu Deus.

— Shh... — ela sibilou, olhando para a porta. — Eu sei. Eu sei.

Mas não comece a comemorar. Nenhum de nós está salvo ainda.

Ela saiu da cama e correu para a porta, tentando escutar alguma coisa, e depois se virou, disparando para o banheiro.

Eu a encarei enquanto ela enchia um copo com água e o bebia. De onde diabos ela veio?

Será que...? Como...?

E então vi o imenso porta-retrato na parede. A pintura maciça e emoldurada de uma menina e seu cachorrinho *corgis*, brincando em algum jardim, estava aberta como uma porta.

Uma passagem secreta.

Sorri para mim mesma. Acho que eu não precisaria daquela chave de fenda, afinal.

Saindo do banheiro, ela tirou o boné e sorriu para mim com seus lábios cheios e dentes brancos. Ela cortou o cabelo. O chanel de bico na altura dos ombros cobriam seu longo pescoço, mechas caindo pelo rosto e sobre seus lindos olhos, um tom de verde um pouco mais escuro que o Will.

— Como você conseguiu chegar aqui? — perguntei, observando a calça justa muito mais prática do que o modelo folgado que eu usava quando cheguei; a jaqueta de couro marrom combinava com suas botas na mesma cor e de solado baixo.

Ela estava vestida de forma que pudesse correr. Sua mandíbula estava suja, e quando tirou as luvas, vi que as unhas estavam manchadas por baixo.

Então retesei o corpo quando registrei o que ela havia dito há pouco. Ela tinha nos observado na sala de estar ontem à noite?

Ela tinha estado aqui, escondida. Por pelo menos um dia.

Sai da cama, depressa.

— Você me colocou aqui?

Franzi o cenho, a raiva, de repente, substituindo o alívio que senti há pouco.

Meu tom atraiu seu olhar de imediato.

— Não — respondeu, erguendo a sobancelha. — Deus, não. Eu juro. Não faço ideia do porquê você está aqui.

— Então, por que *você* está aqui? — exigi saber, apertando a toalha ao meu redor. — Como... de onde você veio? Como você sabia sobre as passagens secretas? Onde estamos?

Eu tinha muitas perguntas, e a confusão que senti assim que cheguei a este lugar voltou com força total. Ninguém tinha resposta alguma.

Ela abriu ainda mais a pintura e se inclinou para baixo, puxando uma mochila preta. Em seguida, pegou algumas roupas e me entregou, ainda em silêncio.

Encarei o jeans e a camiseta preta de manga comprida e...

Sim. Calcinha e um sutiã.

Ela tinha se preparado para isso. Ela sabia que estava vindo para cá, ao contrário de mim.

Engoli em seco, encarando-a fixamente.

— Alex?

Por que ela não estava falando nada?

Ela remexeu nas coisas em sua mochila, recusando-se a olhar para mim.

— Alex.

Finalmente, ela disse em voz baixa:

— Estamos em uma ilha. Na América do Norte.

— Canadá?

Ela hesitou.

— Onde na América do Norte? — pressionei. — Costa Leste, Costa Oeste, Nova Inglaterra...?

Mas ela apenas se virou, levando seu cantil para o banheiro e reabastecendo-o.

Uma ilha...

Era deserta? Estava perto do continente? Merda. Existiam milhões de ilhas por aí.

— Alex? — resmunguei.

Put a que pariu.

Mas ela sussurrou para mim:

— Emmy, cale a boca.

Encarei a porta outra vez, lembrando que tínhamos uma casa cheia de homens do outro lado que não sabiam que ela estava aqui.

E mesmo que eu estivesse feliz por vê-la ali, ela não estava me deixando à vontade.

Eu não sei por que você está aqui, ela disse. Então ela sabia por que ela estava aqui?

— Há quanto tempo você está aqui? — inquiri.

Há quanto tempo ela estava escondida por trás das paredes?

Ouvi aqueles barulhos na noite em que cheguei. Ela não estava escondida esse tempo todo, certo?

Mas mesmo quando o pensamento me ocorreu, vi seu olhar se desviar enquanto ela enchia sua garrafa, e a fúria me dominou.

— Cheguei na mesma remessa que você — ela disse, em voz baixa.

Disparei até ela, pegando sua garrafa d'água e jogando-a para o outro lado. Segurei a gola da sua camisa e a empurrei para longe, grunhindo. Ela cambaleou para trás, tropeçando no vaso e caiu de bunda no chão. Apoiando-se nas mãos, ela me encarou.

— Qual é o seu problema? — ralhei, entredentes, o mais baixo que pude. — Você tem alguma ideia do que poderia ter acontecido comigo?

Todo esse tempo. Ela esteve observando a todos nós. O que diabos estava acontecendo?

Ela respirava com dificuldade, mas não piscou nem uma vez. Ela sabia que tinha ferrado com tudo.

— Você tem se escondido nas paredes — aponte. — Não passou pela sua cabeça, em algum momento, me tirar daqui também?

— Claro que sim — ela respondeu, se levantando e pegando sua garrafa. — Só que ficou complicado...

Cheguei mais perto dela e a golpeei umas quinze vezes, de leve, no meio do peito. Maldita Alex.

— Você está batendo nos meus seios? — Ela afastou as minhas mãos. — Sério?

Eu não sabia o que estava acontecendo, e por mais que estivesse momentaneamente grata por não estar tão sozinha quanto pensava, eu não tinha dúvidas de que ela tinha as respostas que eu queria e se recusava a me dar.

Isso era besteira.

Ela respirou fundo e eu me mantive firme, caso ela decidisse revidar, mas ela não o fez. Ela apenas ergueu uma sobrancelha, dizendo:

— Guarde isso para os plutocratas[31]. Você precisa de mim.

Fiquei quieta, prestes a bater nela de novo, mas ela tinha razão. Eu tinha chances muito maiores de sair daqui com ela.

Ela reabasteceu a garrafa de água que eu havia derramado quando arranquei de sua mão, e voltei para o quarto, colocando a calcinha e o sutiã que ela entregou. Ainda não tinha vestido as roupas, porque se visse os caras de novo, eles se perguntariam onde eu as consegui.

Coloquei a camisa de botão de Aydin e amarrei o cabelo molhado em um rabo de cavalo, usando um elástico que tinha arrancado dos aspargos da geladeira.

— Escute... — Alex voltou para o quarto, enfiando a garrafa na mochila e jogando-a na passagem de novo. — Nós chegamos à conclusão de que Will foi enviado para cá há vários meses, talvez um ano ou mais, não sabemos exatamente. Ele estava se drogando e bebendo, e imaginamos que, com a reeleição de seu avô chegando, o Senador Grayson tomou as medidas por conta própria antes que Will se tornasse um empecilho.

Um ano... Então, ele já estava aqui há esse tempo todo. Pelo menos.

— Não podíamos tirá-lo daqui porque ninguém nos dizia onde ficava — contou —, mas podíamos conseguir que alguém entrasse.

Eu?

Não, mas... Ela disse que não sabia o motivo de eu estar aqui.

Então, isso significava que eles a mandaram?

— Michael, Kai, Damon... — balbuciei —, e eles te mandaram para cá?

Ela me encarou, mas a hesitação em seu olhar disse tudo.

— Não — ela, finalmente, admitiu. — Era o Michael que ia vir. Eu... eu o apaguei antes da remessa ser recolhida...

Estreitei o olhar. Ela o drogou?

— Por quê? — Procurei as palavras certas. — Alex, por que você se voluntariou para isso? Seria muito mais perigoso para uma mulher. É loucura.

O olhar dela vacilou, e ela não me respondeu. Por que ela se colocaria em tal risco desnecessário quando alguém poderia ter vindo atrás do Will?

A menos que...

A menos que ela o amasse.

Essa era a única razão pela qual ela viria no lugar de Michael Crist. Ela pensava que somente ela seria capaz de levar Will para casa.

Meu estômago revirou e meus ciúmes percorreram meu corpo, fazendo meu coração disparar. *Eu deveria salvá-lo. Não ela.*

Mas era ridículo amargurar este pensamento, eu sabia disso.

Porém eu estava com ciúmes. Eu conhecia a história deles e gostava de Alex – mais do que queria admitir –, mas de alguma forma não tinha doído até agora, porque ela simplesmente tinha esse jeito que fazia com que todos se aquecessem e quisessem estar onde ela estivesse. Era impossível odiá-la.

E eu tinha ficado meio feliz por ele tê-la ao seu lado. Desde que eu não me permitisse pensar se ela seria melhor para ele. Se ela o fazia feliz.

Mas agora eu não conseguia evitar o pensamento.

Ela veio por ele. Eu não.

Ela era melhor para ele.

Abri a boca para falar:

— Alex, eu...

Mas ela pressionou o dedo até os lábios.

— Shhhh.

O corredor do lado de fora da minha porta rangeu, e ela agarrou minha mão, puxando-me para a passagem secreta.

Ela fechou o quadro, e nós ficamos ali em silêncio enquanto ela remexia na mochila aos nossos pés em busca de algo.

— Eles sabem da passagem? — perguntei baixinho.

— Acho que não — ela disse. — Pude andar por aí despercebida.

— Estranho — comentei. — Há um quarto secreto na frente do quarto de Aydin com um espelho falso. Eles devem suspeitar que há mais quartos e túneis escondidos.

Ela se levantou, e então ouvi uma bobina, a lanterna recarregável iluminando enquanto ela puxava um grande pedaço de papel dobrado que parecia um mapa.

Olhei para baixo, notando que não era papel. Não era um papel *normal*, pelo menos.

Tomando de sua mão, adorando a sensação de familiaridade imediata. Era um papel-vegetal. Isso era uma planta arquitetônica.

Como...? Onde...? Peguei a lanterna dela e me virei para analisar o projeto.

— Se isso for uma pegadinha, eu vou te matar — sibilei, estudando a planta. — Se essa é a ideia de trote de alguém, e estivermos em Thunder Bay...

— E eles importaram aquela cachoeira que você viu lá fora? — ela retrucou. — Pense, Em.

Ela arrancou a planta e a lanterna das minhas mãos e passou por mim, descendo o túnel. Não pude deixar de encarar suas costas enquanto ela virava o documento dobrado em sua mão e o estudava enquanto andávamos.

Não, não havia uma cachoeira em Thunder Bay. Mas havia muitas em toda a Nova Inglaterra e, possivelmente, mais nas centenas de ilhas que pontilhavam a costa.

Eu precisava ver aquela planta de novo. Eu podia lê-la muito mais rápido do que ela.

Uma luz fraca chamou minha atenção, e parei.

— Alex... — sussurrei, me aproximando da parede e ficando mais perto da luz. — Qual é o plano aqui?

Se estivéssemos em uma ilha, ela teria que ter um barco ou alguém para nos tirar desse lugar. Achei que ela tinha algum tipo de rastreador para que eles soubessem para onde vir.

— Eu tenho um telefone via satélite — revelou. — A cavalaria

está a caminho.

— O que isso significa?

— Os Cavaleiros — ela esclareceu. — Eles me rastrearam quando fui transportada para cá. Só precisamos esperar.

Esperar?

— Já se passaram dias — resmunguei, sem paciência. — Eu já poderia ter chegado à China e voltado! Duas vezes! Você já falou com eles ao menos? Como você tem certeza de que eles a rastrearam? Os celulares via satélite consomem muita bateria. Você teria que mantê-lo ligado para que eles pudessem rastreá-lo.

— Ou fazer uma ligação — ela retorquiu.

Estreitei o olhar.

— Você ligou para eles?

— Sim.

— E eles estão vindo?

— Sim.

Meus ombros relaxaram um pouco, mas ainda assim... algo me preocupava.

— Você falou com eles recentemente? — perguntei.

Ela estreitou o olhar, me analisando.

— Por quê?

— Faz tempo demais — comentei. — Eles já deveriam estar aqui. Quando foi a última vez que você falou com eles?

Ela se remexeu, parecendo hesitante.

— Na noite em que chegamos — ela murmurou.

Fechei os olhos, virando de costas.

— Merda — resmunguei baixinho.

— Está tudo bem, Emory. — Seu tom foi firme e decisivo. — Eles estão a caminho, tem havido tempestades, e não pude usar o telefone porque, às vezes, tinha medo de ser ouvida. Eles chegarão aqui.

Quando? Um dia? Mais oito dias?

Precisávamos ir embora agora. Chegar à costa e esperar pelo barco. Qualquer coisa poderia acontecer, e eu ainda não sabia quem havia me largado aqui, mas era só uma questão de tempo até que a merda batesse no ventilador.

Ela andou pela passagem, e vi fendas e buracos no concreto, as luzes dos quartos do outro lado se infiltrando.

— O que você sabe sobre esses caras? — perguntei.

Tudo o que eu sabia era o que eles queriam que eu soubesse.

— Fique longe de Taylor — ela disse, apontando a lanterna à frente. — E afaste-se de Aydin Khadir.

Uau, antes tarde do que nunca.

Fiz ela parar e a encarei.

— Por quê?

Ela suspirou e se soltou do meu agarre, continuando a andar pelo túnel.

— Micah é inofensivo a menos que você machuque Rory — contou. — Rory Geardon...

— Matou pessoas — completei por ela.

Mas ela parou e espreitou através de um buraco, sussurrando:

— A irmã gêmea dele nasceu com paralisia cerebral. Ela estava confinada a uma cadeira de rodas. Uma noite, um pequeno grupo de adolescentes invadiu sua casa e a brutalizou. — Ela me encarou. — E quero dizer, brutalizou mesmo.

Parei de respirar por um instante, lembrando-me de sua história. *E um a um, ele os levou até o fundo de um lago e os afogou.*

Por sua gêmea.

Engoli o carço na garganta, incapaz de suportar pensar nos detalhes do que eles poderiam ter feito com ela. *Meu Deus.*

— Ele tinha um motivo, mas isso também não significa que seja preciso muito para tirá-lo dos eixos — ela disse. — Tome cuidado. A mãe dele é embaixadora no Japão, e sua família é um dos maiores investidores imobiliários da Costa Leste, especificamente em prisões com fins lucrativos. Essa matança não foi sua única incursão no crime. Eles certamente mereciam, mas isso não significa que ele tenha acabado por ali, portanto, tenha cuidado.

Franzi o cenho. Provavelmente, era improvável que ele sequer sáísse daqui. Isso significava que ele não tinha nada a perder.

— O lugar de Taylor, definitivamente, é aqui — ela continuou. — Ele gosta de fazer viagens de fim de semana para os *campi* universitários, atear fogo em dormitórios e irmandades, e depois molestar meninas enquanto elas tentam escapar do incêndio. Quando finalmente as deixa em paz, elas ficam com tanto medo do fogo que não param para revidar ou tentar identificá-lo.

A imagem dele com a minha calcinha passou pela minha cabeça e me deu um calafrio.

— E Aydin?

Ela disse para eu me afastar dele também.

Mas ela simplesmente falou:

— Apenas fiquei longe dele. Ele não pode vencer.

Vencer o quê?

— Como você sabe tudo isso? — perguntei a ela.

Ela se virou e começou a andar, me ignorando. Acho que ela deve ter feito um reconhecimento em sua busca pelo Will, mas...

Eu a agarrei, puxando-a de volta para trás.

— Você não está me dizendo nada.

Ela tirou minha mão do seu braço e me encarou feio.

— Não sei por que você está aqui ou quem providenciou para que fosse trazida — ela sussurrou, inclinando-se para perto —, mas eu vim para buscar Will, e você vai me ajudar.

Eu a encarei.

— Não quero ser cruel — continuou —, mas é melhor você acompanhar o ritmo e parar de fazer malditas perguntas, porra. Eu gosto de você, Em, mas não vou embora sem ele, então não se afaste.

Por que a pressa, de repente? Já haviam se passado dias.

Minha respiração falhou quando ergui o olhar de novo.

— Um ano — sussurrei, ríspida. — Ele sumiu por ao menos um ano, e você sabia disso quando conversamos no verão passado.

— Bem, o que você ia fazer? — ela retrucou. — Se importar?

O que diabos ela acabou de me dizer?

A vontade de esbofeteá-la me dominou, mas em vez disso, cerrei os punhos.

— Isso não é minha culpa. — Permaneci firme. Eu era a culpada de algumas coisas, mas não de tudo. — Vocês são amigos dele. Vocês o viram todos os dias e sabiam o que ele estava fazendo consigo mesmo. Isso é culpa *sua*.

Talvez ela estivesse um pouco certa. Talvez eu me odiasse, porque ela veio atrás dele, e não tenho certeza se eu teria feito o mesmo. Talvez não tivesse mudado nada se eu soubesse desse lugar meses atrás.

Ou talvez ela não soubesse nada sobre mim e devesse calar sua boca estúpida.

Ela conectou o olhar ao meu por um instante, e depois abaixou a cabeça, suspirando.

— Me desculpe — ela disse. — Eu não quis dizer isso. Estou preocupada com o Will. Estou com medo, porque não tenho recebido notícias dos meus amigos. Não quero ser encontrada aqui. — E então ela balançou a cabeça como se estivesse se concentrando. — Fico feliz por não estar sozinha. Estou feliz por você estar aqui.

Comecei a rir, apesar da situação.

— Eu não — brinquei.

Ela colocou sua mão no meu ombro, me dando um aperto tranquilizador.

— Nada vai acontecer conosco. Sinto muito por não ter ido até você antes.

— Por que você não foi?

Ela hesitou, procurando por palavras.

— Não sabia que você estava aqui até que a vi correndo pela floresta na nossa primeira noite. Eu te vi de uma janela enquanto eles a perseguiam — falou. — Não podíamos sair até o pessoal chegar

aqui, e você já tinha sido descoberta, então...

Então, você ficou escondida.

Eu tinha sido sedada quando chegamos, porque fui trazida até aqui contra a minha vontade. Ela foi contrabandeada e, provavelmente, estava acordada quando entrou na casa. Ela tinha informações, plantas e suprimentos. Ela correu e encontrou um lugar para se esconder, sem dúvidas.

— Eu... — ela fez uma pausa e depois continuou: — Eu fiquei de olho na situação a partir dos meus pontos de vista, pronta para interferir, se necessário.

Eu a observei atentamente. Isso não fazia sentido. Ela não teria sido capaz de impedir ninguém de me machucar a qualquer momento. Ela poderia ter aparecido em qualquer instante, me pegado e me escondido em algum lugar. Por que me deixar sob os cuidados deles? Cada momento que ela tinha feito isso foi uma aposta.

— E se Will não quiser ir embora? — perguntei.

Ele não estava nem um pouco satisfeito, mas havia se resignado. Acostumado à sua sorte na vida de ser para sempre apenas o braço direito, quer fosse de Michael Crist, Kai Mori e Damon Torrance, ou Aydin Khadir.

Alex ficou quieta por um instante enquanto procurava a entrada para a próxima passagem.

— Temos apenas que despertá-lo.

Talvez.

Talvez se ele visse Alex, ele reagisse.

Outra onda de ciúmes me atingiu. Ele daria ouvidos a ela.

Escutei uma voz através das paredes e algumas batidas, e aguicei os ouvidos.

— Shhh... — sussurrei.

— Emory? — Outra batida distante.

Disparei meu olhar para Alex. Merda!

Virei, correndo de volta para meu quarto.

— Emory, não! — ela sussurrou atrás de mim.

Girei, encarando-a enquanto andava.

— A cadeira está debaixo da maçaneta — falei. — Ele sabe que estou ali dentro. Ele vai se perguntar como desapareci se ele entrar à força e descobrir que sumi.

Ele não sabia nada sobre as passagens.

Corri de volta para o meu quarto, falando atrás de mim:

— Vá até o Will. Volte por mim.

Empurrando o quadro, pulei, fechando-o e corri para a minha porta, tirando a cadeira abaixo da maçaneta.

Ao abrir a porta, deparei com Aydin segurando uma pilha de roupas.

Tentei controlar a respiração pesada, para que ele não se perguntasse por que eu estava sem fôlego.

— Por que você não abriu a porta antes? — ele perguntou.

— Eu estava dormindo.

Seu olhar afiado se concentrou em mim, mas não discutiu mais, me entregando as roupas.

Eu queria pegá-las, já que tudo que eu tinha estava molhado, sujo ou rasgado, porém...

Pensando bem, eu estava um pouco chateada.

— Meu irmão também me trazia presentes — contei. — Depois de me fazer sangrar.

Eu me movi para fechar a porta, mas ele colocou o pé na frente, me impedindo.

Ergui o rosto, vendo seus olhos se enrugarem nos cantos, e por mais que eu tivesse certeza de que ele acreditava que havíamos criado um vínculo ou alguma merda do tipo por causa daquele episódio na estufa – e talvez tenhamos mesmo, um pouco, já que eu não o temia mais –, eu não o deixaria se safar. Aquilo foi cruel.

Também, quanto mais eu o distraía, mais tempo Alex poderia ter com Will.

— O que você está tramando? — perguntei. — O que você quer de mim?

Ele abaixou a mão, ainda segurando a roupa, e me seguiu, forçando-me a voltar para o quarto enquanto fechava a porta sem desviar o olhar de mim.

— As roupas não são um pedido de desculpas — ele disse, jogando-as na cama. — São por consideração.

Ele me encarou, ainda vestido com sua calça preta e camiseta branca manchada, mas em vez de me sentir acuada ou na defensiva, eu...

Não pude evitar o conforto que sentia. Eu não deveria precisar de seu respeito ou admiração, mas algo nisso me fez sentir mais forte.

Estranhamente, ele não tinha sido exatamente mau comigo, não é mesmo?

Peguei a calça preta de moletom da cama e a vesti, ajustando a cordinha – grata por, finalmente, encaixarem com perfeição –, e então tirei sua camisa do tamanho de um vestido, consciente do seu olhar sobre meu sutiã.

Em seguida, peguei a camiseta branca e a vesti, sentindo-o se aproximar.

— Ele sabe sobre o seu irmão? — perguntou, às minhas costas.

— Sim.

— E ele ainda age com frieza?

Puxei a camiseta na barriga e ajustei o decote, endireitando-o.

Por um momento, Alex foi esquecida.

— Sabe o Micah? — perguntei a ele em voz baixa. — Meio brincalhão, de sorriso fácil, feliz de seguir outros porque tem medo de desequilibrar as coisas para tomar seu lugar? — Fiz uma pausa, sentindo-o tirar meu rabo de cavalo de dentro da camisa por mim. — Porque ele tem medo de fracassar?

— Sim.

— Will era assim — contei. — O brincalhão. Nunca teve uma preocupação no mundo. Feliz, porque não queria ser infeliz. Ele era encantador.

Eu me virei, a boca seca, sentindo um cansaço tão grande que tudo o que eu queria fazer era rastejar até a cama, quase como se não me importasse que Alex estivesse aqui.

— Ele não sorriu desde que cheguei — comentei. — Não do mesmo jeito, de qualquer forma. Ele não riu, nem brincou, nem fez uma piada.

— Ele nunca faz isso.

Assenti, nossos olhares conectados.

— Eu fiz isso com ele — admiti. — Eu o matei.

Antes que eu pudesse impedir, lágrimas brotaram nos meus olhos e eu não sabia o que havia de errado comigo.

Nesse momento, eu não queria ir embora. Não queria mais machucar Will. Eu não queria enfrentar o mundo.

Aydin segurou meu rosto, enxugando minhas lágrimas com os polegares.

— Pare de chorar — ele disse. — Você está na companhia de assassinos agora, então não se sinta especial.

Mais lágrimas escorreram, mas respirei fundo, absorvendo suas palavras.

— Bem-vinda à tribo — falou.

Ri quando ele enxugou mais lágrimas, e eu não sabia o que havia de errado comigo, mas foi bom ter alguém com quem conversar.

— Pare de chorar — ele repetiu. — Merdas acontecem, e você fez o seu melhor.

Eu o encarei, aquelas palavras como um balde de água fria no fogo que havia na minha cabeça. Eu queria acreditar nelas.

E não havia nada que pudesse fazer para mudar o que havia feito.

Mas se eu tivesse feito com Aydin o que fiz com Will, Aydin poderia não simpatizar tanto comigo.

Meu lugar era aqui.

[31] Indivíduos influentes que se valem de suas riquezas na sociedade.

Capítulo 22

Emory

Nove anos atrás...

Umedeci os lábios, mas depois mordi o lábio inferior para não sorrir.

Não funcionou. O calor correu para minhas bochechas, e minha mente continuou me puxando de volta à noite passada no Cove – a sensação de seu corpo junto ao meu, seu gosto e cheiro, e suas palavras.

Deus, ele era incrível. Tanto que eu, provavelmente, não teria me importado se ele tivesse me engravidado ontem à noite, afinal de contas. Eu só queria ser dele.

Sacudi a cabeça, tentando clarear tudo. Nós cometemos um crime no cemitério. Em que eu estava pensando? Podíamos ter sido vistos facilmente. Caramba.

Acordei às quatro da manhã para ver que ele havia sumido, mas eu estava aconchegada, e a casa estava trancada. Meu irmão ainda não estava em casa desde o turno da noite, então lavei o vestido, pendurei para secar e tomei um banho antes de verificar minha avó e fazer-lhe o café da manhã.

Minutos antes que ele estivesse em casa, a enfermeira apareceu, e eu peguei o vestido e minha mochila escolar que Martin havia deixado dentro da porta da frente, e então deixei a ele um bilhete antes de fugir do confronto.

Entrando na catedral, tirei a chave do bolso e me apressei a passar pelo corredor. Ao contornar umas das pilastras, me choquei contra alguma coisa e tropecei para trás, então dei de cara com uma garota de olhos escuros, com a boca aberta de surpresa.

Ela estendeu a mão e me agarrou antes que eu pudesse cair.

— Desculpe — ela se apressou a dizer.

Eu ri baixinho, segurando o vestido com mais força.

— Tudo bem, foi um acidente.

Hesitei por um momento, observando seu jeans surrado, a camiseta preta e o par de *vans* pretos esfarrapados. Um gorro preto cobria sua cabeça, mas vi um rabo de cavalo de cabelo escuro pendendo por sobre o ombro e o seio.

Bonita.

Linda, na verdade.

Definitivamente, não frequentava a escola de Thunder Bay. Que pena. Teria sido bom ter outra garota com meu senso de estilo.

— Sinto muito — eu disse e continuei passando por ela.

Fui em direção às escadas, mas dei uma olhada por cima do

ombro, vendo-a abrir a porta do meio do confessionário – o cubículo que o padre ocupava para ouvir os pecados dos fiéis.

Ela olhou ao redor e depois para mim, flagrando o meu olhar. Erguendo o dedo aos lábios, em um pedido de sigilo, deu um sorriso malicioso e fechou a porta.

Eu ri para mim mesma e dei meia-volta, subindo as escadas até a porta da galeria. Agarrei a maçaneta, olhei por cima do ombro mais uma vez e vi Kai Mori.

Ele se dirigiu para a parte dos fundos da igreja, e meu coração acelerou quando o vi entrar no confessionário, pela porta à esquerda da câmara do padre para fazer sua confissão.

Só que não era um padre lá dentro. Bufeí uma risada na mesma hora. *Ai, que merda.*

Sacudi a cabeça e abri a porta, trilhando os degraus escondidos até a Sala Carfax. Eu não tinha a menor ideia do que a garota estava fazendo, mas quem era eu para arruinar sua diversão? Eu tinha meus próprios problemas.

Fechei a segunda porta e passei uma olhada ao redor da sala, vendo tudo exatamente como eu tinha deixado. A cama ainda estava bagunçada, de onde me deitei depois de escapar do Martin, e a maquiagem velha ainda se encontrava largada no chão e de frente ao espelho próximo do vitral.

Passando por cima de tudo, pendurei o vestido em uma viga e o alisei, olhando para ele com uma palpitação na barriga, lembrando-me da noite passada.

Quem mais o tinha usado antes de mim? Será que a noite dela foi melhor que a minha?

Peguei minha mochila e, rapidamente, guardei as roupas usadas ontem, escondi a maquiagem e arrumei a cama. Meu celular estava em cima da mesa de cabeceira, e quando o liguei, vi que só tinha quatorze por cento de bateria.

Havia inúmeras chamadas de Martin, bem como uma mensagem do Will.

Bom dia! Sorria... Ou não. A escolha é totalmente sua. Não deixe que um cara diga que você é mais bonita quando sorri. Você não precisa ser bonita para ninguém. Seu valor não depende da minha opinião. Maldito seja o patriarcado.

Eu ri, meu corpo inteiro tremendo com as risadas e os olhos marejando. Que idiota.

Mas o sorriso se desfez lentamente, só em me conscientizar de que ele era bom demais para ser meu.

Só que eu gostava muito dele.

Tanto que doía.

Digitei uma mensagem para Martin, avisando que chegaria em casa logo depois da escola, e que deixaria o jantar preparado. Agora eu estava indo para a aula.

Antes de sair da sala, fui até a janela e espiei através de uma fenda de vidro transparente, avistando dois garotos atravessando a rua até seus carros.

Damon seguiu para o seu BMW e Kai para seu Jeep Wrangler. Damon também esteve aqui esta manhã?

Eu meio que me perguntei o que aconteceu com Kai e aquela garota no confessionário, mas eu ia chegar atrasada se não me apressasse.

Suspirei, vendo-os sair e me dirigi para a escola. Era a Noite do Diabo e hora de dançar conforme a música, eu acho.

Deixei a sala e a tranquei.



— Noite do Diabo! — alguém gritou, disparando pelos corredores e pulando no ar para arrancar a faixa do baile pendurada acima.

Agarrei as alças da mochila, a animação no ar arrepiando os pelos dos meus braços.

— Cara, se manda! — gritou uma garota.

Virei a cabeça para ver Rika Fane empurrando para longe um cara que tinha esbarrado em Winter Ashby. Ela apenas riu, segurando o braço de Erika enquanto se afastavam.

— Vocês viram? — Tabitha Schultz sussurrou para seus amigos enquanto eu passava. —David e eu passamos de carro esta manhã. Está uma bagunça!

Vacilei em meus passos, mas continuei a seguir em frente.

Será que ela estava falando sobre a cripta? Meu estômago embrulhou e, de repente, eu me senti culpada.

Mas... eu não estava triste, de fato. Estava triste pelos McClanahans, mas não pelo meu irmão.

Por favor, deixe-me sair impune dessa.

Eu me virei, rumo ao primeiro período, mas uma mão passou por baixo da minha gravata, virando-a para cima.

O Will me rodeou, o rosto ostentando um sorriso bobo quando se inclinou com a intenção de me beijar.

Eu o empurrei, certificando-me de que a sala de aula estivesse vazia.

— Pare com isso.

Ele agarrou minha gravata, me puxando contra o seu corpo.

— Não consigo.

Minhas coxas aqueceram e o hálito quente de sua boca gracejou em meus lábios. Lambi os meus, ressecados, respirando fundo e saboreando a sensação de tê-lo assim tão perto.

— Foi só uma vez. — Passei por ele, em direção a uma mesa. — Foi o que combinamos.

— Eu não me lembro dessa conversa. Eu estava lá?

Arqueei uma sobrancelha, vendo outros estudantes entrarem na sala enquanto colocava a mochila no chão ao lado de uma cadeira.

Ele se inclinou, suas palavras fazendo cócegas no cabelo junto à orelha.

— Não foi suficiente — disse ele, em voz baixa. — Nem de perto é o suficiente. Agora só penso em como quero reviver o que fizemos ontem, novamente, mas desta vez no meu carro, na minha cama, na sua cama, no chuveiro, lá fora...

Exalei, o suor começando a cobrir a minha testa. Virando bruscamente, coloquei uma mão em sua barriga, mantendo-o à distância.

— E você também quer — zombou, tocando na gravata —, ou não estaria me carregando contigo.

Sim, eu estava usando a gravata dele. E daí?

Tenha um pouco de perspicácia. Vamos lá. Nós gostamos um do outro. Adorei o que fizemos ontem à noite, e esperava que ele também, mas a vida era mais complicada do que isso. Não iríamos conseguir, e na nossa idade, era ridículo esperar algo mais.

Nós sairíamos algumas vezes, nos divertiríamos, alguém se apaixonaria, e então começaríamos a esfriar à medida que ele se cansasse de todas as coisas que eu não podia fazer, além da preocupação constante de ter que me ajudar a me encaixar em sua vida.

Ele não sairia perdendo nada.

— Tudo é um jogo para você — disse eu, prestes a deslizar para o meu assento.

Mas ele me agarrou e me puxou para o seu colo enquanto se sentava ao lado da minha mesa.

— Nem tudo.

Eu o empurrei, vendo Michael nos encarando enquanto tomava seu lugar na frente do Will, virando a tempo de esconder o sorrisinho de merda.

— Will... — supliquei.

Ele segurou meu queixo, me fazendo hesitar.

— Preciso falar com você — disse ele, os olhos agora sérios. —

Os hematomas em suas costas. Você sofreu algum acidente ou...

Desviei o olhar, e o Sr. Townsend entrou na sala.

— A aula começou.

Saí do colo dele, mas ele me puxou de volta.

— Preciso falar com você — repetiu. — E não dá para esperar.

Bati nele, a palma da mão pousou contra o pescoço com todos os chupões que fiz nele ontem à noite. Ou talvez um deles ainda fosse do dia no cinema. Eu não conseguia me lembrar.

Meu sangue fervilhou ao me dar conta de como eu era diferente no escuro.

Meu Deus, o que ele fez em mim?

Ele encarou meus olhos, sussurrando:

— Você gosta de mim, Em?

Agulhas alfinetaram minha garganta na mesma hora. Retribuí seu olhar, sem querer responder à pergunta, mas também não querendo mentir. Eu só queria beijá-lo.

Eu me inclinei, seus olhos pousaram na minha boca enquanto ele envolvia os braços ao redor da minha cintura.

— Sr. Townsend? — Kincaid chamou através do intercomunicador.

Inspirei fundo, parando e virando a cabeça na direção do professor.

— Sim? — respondeu ele.

Saltei do colo do Will e me sentei na minha própria cadeira.

— Você teria a gentileza de enviar os seguintes alunos à diretoria quando eles chegarem, por favor? — perguntou Kincaid. — Michael Crist, Damon Torrance, Kai Mori e William Grayson. Obrigado.

— Uhhhhh — todos na classe urraram.

Meu pulso disparou, e eu olhei para Will enquanto Damon suspirava e os outros dois se levantavam de seus assentos.

Ele balançou a cabeça, tentando me acalmar. *A cripta*. Eu nem pensei nisso. Todos acabariam deduzindo que foi obra dos Cavaleiros. Era por isso que Kincaid estava chamando-os?

— Levem suas mochilas e livros com vocês, só por precaução — orientou o Sr. Townsend.

Só por precaução de quê? Expulsão? Prisão?

Eles seguiram em fila pela frente da sala de aula, em direção à porta, cada um virando a cabeça e me olhando.

Um sorriso curvou os lábios de Damon quando ele levantou o dedo e acenou para mim.

Kai viu o gesto e começou a rir, os quatro desaparecendo pela porta.

Merda!



Assim que a aula terminou, não virei à direita como deveria, não fui ao meu armário para pegar o livro de química, nem solicitei uma permissão. Fui direto para a diretoria, tentada a conferir pelas portas da frente se havia uma viatura da polícia.

— Preciso falar com o Sr. Kincaid — eu disse à secretária, com as mãos apoiadas no balcão.

Ela olhou para cima da pilha de formulários que estava arrumando.

— Sobre?

Abri a boca, mas alguém falou primeiro.

—Ela só vai entrar depois de mim.

Dei a volta e vi o cabelo de Trevor Crist pingando, enquanto ele segurava lenços de papel no nariz.

— Vou esperar — afirmei.

Olhei para a porta do Kincaid, vendo as sombras se moverem por trás do vidro fosco, meu estômago embrulhado com todas as possibilidades do que poderia estar acontecendo lá dentro. Sentei a algumas cadeiras de Crist, tentando escutar, mas tudo o que consegui ouvir foram murmúrios.

Fiquei tentada a deixá-los levar a culpa, caso eles se oferecessem para isso – até mesmo, porque eles se safariam, com certeza –, mas eu não era esse tipo de pessoa.

— Você não vai me perguntar o que aconteceu? — perguntou Trevor.

Olhei para ele, não sentindo um pinga de simpatia. No entanto, aquele era apenas mais um dia em Thunder Bay.

— Eu realmente não me importo — disse eu. — Desculpe.

Eu o ouvi zombar, enquanto via os vultos se moverem, e mal ouvia suas palavras.

— Algum dia, eles serão apanhados — disparou.

Ele estava falando sobre os Cavaleiros. Achei que talvez tenha sido eles – ou um deles – com quem ele se meteu.

— Todos dizem isso — suspirei.

Até mesmo eu, em algum momento.

— Isso vai acontecer — argumentou ele. — E não serei o único a rir quando acontecer.

Prestei atenção nele, sua mandíbula flexionada, exalando uma raiva absurda para um calouro.

Um lado meu admirava o garoto. Ele odiava o irmão e não

escondia o fato. Eu o entendia quando talvez nem todos o entendessem.

A porta do escritório do Sr. Kincaid se abriu, e eu me levantei, um monte de gente saindo, inclusive meu irmão.

Ele me viu, e eu retesei a coluna, vasculhando meu cérebro por qualquer desculpa.

— Vocês podem voltar para as aulas — disse Kincaid a eles. — Vou deixá-los treinar no último período, para que possam sair mais cedo para as festividades desta noite. Não façam com que eu me arrependa, e estou falando sério, Torrance.

Damon riu, e Martin se postou ao lado, me fuzilando com o olhar.

— O que você está fazendo aqui em cima? — perguntou ele.

— Vim pegar informações sobre a feira universitária — respondi de pronto, mudando de ideia antes de encontrar os folhetos na parede.

O que aconteceu lá dentro? Do que eles estavam falando? Será que Martin sabia?

— Trevor — disse o diretor. — Entre.

Trevor deu um passo adiante, colando o peito ao de Damon em uma bravata, como se não fosse uns trinta centímetros mais baixo que o veterano.

— Sabe, um dia eu não serei mais criança — ele disse —, e você vai acabar lutando contra alguém do seu próprio tamanho.

— Ainda não será uma luta justa, princesa — Damon caçoou, invadindo o espaço dele —, mas fique à vontade para tentar. Só não esqueça de trazer um pouco de lubrificante para você.

Will deu uma risada e Michael afastou Damon de seu irmão.

— Chega. Vamos para a aula.

Ambos simplesmente ficaram ali, nenhum dos dois querendo ceder primeiro.

— Todos para as aulas... agora! — Kincaid esbravejou.

Os meninos se afastaram um do outro, mantendo contato visual por alguns segundos a mais só para deixar registrado antes de começarem a sair do escritório. Eu fiquei ali por um momento, tentando descobrir o que havia acontecido.

Eles não estavam em apuros. Muito bem, isso era bom.

Ainda devo confessar? Hesitei, esperando para ver se meu irmão iria embora, mas Will apenas me empurrou para fora da porta.

— Não diga nada — sussurrou para que Martin não ouvisse.

Minhas palavras, desculpas e explicações ficaram alojadas na garganta, e dei um sorriso forçado ao meu irmão quando saí para voltar à aula. Mas era nítido em seu olhar que ele sabia que eu estava tramando alguma coisa.

Nós saímos pelo corredor e Damon bateu nos armários só para tumultuar.

— Veja você em economia — disse Will ao Michael, enquanto ele me segurava e todos os outros iam à nossa frente.

Paramos no corredor vazio. O segundo período já havia começado, e todo mundo já tinha desaparecido de vista.

— Será que ele sabe? — perguntei, calmamente. — Kincaid?

— Sim — respondeu. — Quero dizer, ele acha que fomos nós. Só que não pode provar isso, e nem tem intenção de tentar.

Então todos eles simplesmente o deixaram acreditar que foram eles? Por que eles fariam isso?

— Acho que é bom ser alguém como você — disse eu, agradecida.

Will chegou mais perto, me olhando com atenção.

— Eles fecharam o túmulo do McClanahan de volta. A família mudou de ideia. — Pigarreou ao contar a novidade. — Tornou-se um marco. O que basicamente significa que eles não querem lidar com o vandalismo constante, então o deixarão onde ele sempre descansou.

Então, funcionou.

De fato, funcionou.

— Tudo é real — disse ele.

Hã?

— Foi o que você disse ontem à noite quando estava subindo para te deixar na cama — esclareceu. — Hoje, ainda é tudo verdade, tudo real. Eu sou menos verdadeiro à noite? É por isso que você está se afastando esta manhã?

Sim. Engoli o nó na garganta.

Foi divertido. Eu adoraria que isso acontecesse de novo, mas...

— Quem está deixando essas marcas no seu corpo? — exigiu saber.

Fiquei tensa e recuei um passo.

— Você está cheia de hematomas. — Os olhos dele se focaram ao corte que cobri com maquiagem, acima do supercílio. — É o seu irmão?

Minhas mãos tremiam.

Ele estava começando a se ligar na verdade.

Eu sabia que ele descobriria. Pisquei para afastar as lágrimas que ardiam em meus olhos.

— Emmy, pare de mentir para mim — pediu, baixinho. — Eu sei que algo está errado. Eu sei disso. Só me diga o que é.

Eu não conseguia engolir. Deus, eu queria dizer a ele.

Eu não queria perder isto. Eu queria deixá-lo me abraçar e me proteger. Ele se importava comigo.

Por mais que eu quisesse fingir que não, eu sabia que ele

gostava de mim.

E meu coração doía por ter que magoá-lo; uma dor maior do que qualquer coisa que meu irmão já tenha feito comigo.

Mas eu não podia dizer a ele. Se eu deixasse as coisas entre nós continuarem, ele iria interferir. Ele criaria problemas, me defenderia, e eu seria afastada dela.

Eu poderia ser mandada embora. Eu não queria deixar minha avó sozinha.

Meu queixo tremia, as palavras na ponta da língua. Seria tão bom mergulhar em seus braços e ansiar por mais com ele. Eu queria contar tudo.

Mas apenas cerrei os dentes com tanta força, que minha mandíbula doeu e recuei um pouco mais, usando um sorriso de escárnio.

Olhei para sua boca e depois para suas mãos, lembrando como ele foi todo meu ontem à noite.

Não podíamos ficar juntos.

Talvez um dia. Hoje não.

Ele agarrou meu cotovelo e me puxou para perto novamente.

— Você não sabe que pode ter o que quiser? — ele repetiu as mesmas palavras que disse algumas semanas atrás. — Eu faria mal a qualquer um por você. Quem é?

Mas eu apenas ri, sentindo as lágrimas. *Deus, vá embora.*

Com um movimento rápido, me soltei de seu agarre.

— Me larga. — Então o encarei. — Vá se divertir com seus amigos. Eles são tudo o que você realmente tem, então se agarre a eles. Eu não te amo, e não te quero.

As palavras eram como lâminas afiadas dilacerando a minha garganta, e tudo o que eu queria era vomitar.

Mas me mantive firme em meu propósito, enquanto o fogo ardia em seus olhos verdes.

— Emmy... — arfou.

Porra, vá embora! Pare de me torturar com tudo o que eu queria e com o nada que posso ter. Eu tornaria sua vida horrível.

— Deixe-me em paz — eu disse.

— Você está me afastando. Só...

— Somos muito diferentes. — Recuei um pouco mais. — Você pensou que isto era sério? Você já esteve com metade das meninas da turma de formatura! Se eu soubesse que você ia achar que o que rolou ontem à noite era algo mais, eu nunca teria vindo ao baile.

Ele rangeu os dentes.

— Pare com isso — rosnou. — Entendeu? Pare com isso. Ontem à noite foi importante para mim. Eu não quero mais ninguém além de você.

Lágrimas brotaram dos meus olhos, e eu sufoquei o soluço.

Deus, eu o amava. Isto doía. Eu tinha que sair daqui.

Eu não podia ser alguém necessitado de cuidados. Alguém patético que apenas traria uma tonelada de bagagem para ele, com a qual ele se cansaria de lidar.

Respirando fundo, obriguei-me a dizer as palavras, ainda que meu estômago estivesse queimando:

— Eu também queria você. E tive você. Foi divertido. Ainda melhor do que as fofocas que circulam por aí. Agora acabou.

— Puta que pariu.

— Será difícil encontrar alguém melhor na cama — admiti. — Isso é certo.

Ele se virou e socou os armários, e eu o encarei, com os olhos arregalados, sentindo a fúria que ardia em seu interior.

Sim. Por favor, me odeie.

Por favor.

— Sua p... — hesitou por um instante, antes de dizer: — puta.

Meu queixo tremeu.

Ele se virou e olhou para mim.

— Você sabe como é fácil te substituir? É isso que você quer então? — Estalou os dedos na minha cara. — Porque seria fácil assim.

O ciúme me corroía por dentro, porque eu sabia que era apenas uma ameaça, mas, mesmo assim eu queria rasgá-lo todinho se ele colocasse as mãos em qualquer outra garota.

No entanto, eu me sentia cada vez mais forte, alimentando-me do ódio, da dor e da raiva.

— Vá em frente, então! — rosnei. — E pode apodrecer no inferno, não estou nem aí!

Eu me afastei em direção ao meu armário e o deixei para trás, esperando até virar um canto para, finalmente, permitir que as lágrimas corressem livres.

Fechei os olhos com força, soluçando baixinho quando comecei a correr.

Will.

Capítulo 23

Emory

Dias Atuais...

Aydin saiu do meu quarto, dizendo que o jantar seria em uma hora – cortesia de Taylor. Eu tinha quase certeza de que não queria comer ou beber nada que aquele cara fizesse, mas ele disse que eu seria servida primeiro. Acho que isso significava que se eu quisesse que os caras comessem, precisava aparecer.

Assenti, mantive a boca fechada e fechei a porta sem colocar a cadeira por baixo da maçaneta dessa vez. Se alguém entrasse no meu quarto, eles imaginariam que eu tinha saído e não estava ali.

Entrando na passagem secreta outra vez, fechei cuidadosamente o quadro e me agachei, remexendo dentro da mochila da Alex, em busca de outra lanterna. Encontrei uma confusão de roupas, barras de granola, uma garrafa de água, um cobertor, uma faca e uma corda.

Nada de lanternas extras.

As barras de granola eram tudo o que ela tinha comido? Aydin não havia mencionado nada que estivesse faltando na cozinha, mas Alex era esperta. Esperava que ela estivesse roubando comida mais substancial enquanto todos estavam dormindo.

Ela tinha que ter saído de seus esconderijos para ir ao banheiro, pelo menos.

Deslizei a mão pela parte interior da bolsa, tateando em busca do celular via satélite, mas não tive sorte. Será que ela o escondeu em algum lugar?

Fechando o zíper, comecei a descer o túnel às escuras e sem saber para onde ela tinha ido. Os túneis provavelmente cobriam todos os andares, e ela teve vários dias para explorar. Eu nem sabia onde ficava o quarto do Will.

Acelerei os passos pelo corredor oculto, o cheiro da terra e do mar me rodeando, como se estivesse no fundo de uma caverna, e o eco da cachoeira do lado de fora batendo à minha volta.

Feixes finos de luz se infiltravam na escuridão, vindos dos quartos por onde passei, e rapidamente espreitei por cada um deles para ter certeza de que Alex e Will não estavam lá dentro.

Chegando ao final do corredor, vi o túnel continuar à esquerda, e mais adiante, uma escada que levava para baixo.

Will tomava banho na piscina coberta. Depois da estufa, ele pode ter ido para lá.

Desci a escada, sentindo-a ranger sob meu peso e reconhecendo na mesma hora o mesmo som do outro dia. Nas paredes do salão que

conduzem à piscina.

Alex tinha estado ali ao meu lado e eu não a tinha visto. Ela deveria ter aparecido. O que diabos ela estava pensando?

Balancei a cabeça, ignorando a raiva de novo enquanto lascas de madeira cutucavam as palmas das minhas mãos. Desci apressada o percurso.

Painéis e portas surgiam vez ou outra, destacando as entradas de vários cômodos, e eu realmente esperava que ninguém mais soubesse disso, porque havia muito espaço para se esconder e observar, e se eu precisasse de um atalho para chegar a algum lugar rapidamente, isso seria perfeito.

No entanto, era melhor não ter muitas esperanças. Aydin era inteligente, e estava aqui há mais de dois anos. Se ele ainda não tivesse encontrado isso, eu ficaria surpresa.

Passei pela academia, me perguntando por mais quanto tempo os garotos ficariam fora na caçada, além do mais, eu queria saber onde Aydin estava, pois não o tinha visto em lugar nenhum.

Um estrondo ecoou em algum lugar próximo, como o tremor de um móvel, e parei um instante antes de correr naquela direção.

— Ah! — alguém gritou, e eu parei, encostando o ouvido na parede.

— Qual é, você pode fazer melhor do que isso — Taylor disse.

Taylor? Pensei que ele tinha ido caçar com Micah e Rory.

Ouvi murmúrios, e soube que eles estavam do outro lado dessa parede. Fiz uma varredura para encontrar o buraco, encontrando-o a alguns centímetros de distância, e espreitei através dele.

Taylor estava agachado do outro lado da mesa de sinuca, apenas a cabeça visível de vez em quando, as mãos de outra pessoa apertando seu pescoço.

— Que diabos...? — sussurrei.

E então vi algo à direita e entrecerei o olhar.

Alex se esgueirava atrás de Taylor, já dentro do cômodo e com um grosso candelabro de madeira em mãos.

Merda. O que ela estava fazendo?

Mas antes que eu conseguisse localizar a abertura por onde ela pode ter saído, ela ergueu o braço e golpeou a cabeça de Taylor com o candelabro.

Ele estremeceu, parou e caiu, desabando no chão, e ela ficou ali, resfolegando e o encarando.

Em um instante, Will se levantou, limpando o sangue que escorria de seu nariz.

— Alex? — Ele a encarou, boquiaberto.

Ela não parecia feliz, no entanto.

— O que diabos você está fazendo? — ela esbravejou, pairando

sobre o corpo inconsciente de Taylor no chão. — Você poderia ter dado conta desse cara. Há dias que te vejo levar uma surra atrás da outra! O que você está fazendo?

Ele só a encarou, atordoado.

— Que porra você está fazendo aqui?

Ela fez uma pausa e depois disse:

— É isso? É só isso que você tem a dizer? — Ela balançou a mão na frente da cabeça. — Nada sobre o meu cabelo?

Quase ri, apesar da minha pulsação acelerada. Eu nunca os tinha visto interagindo juntos. Conheci Alex bem depois de o Will ser enviado para cá.

Ela ficava tão à vontade com ele.

Ele piscou, limpando o nariz enquanto mais sangue escorria, e então agarrou a mão dela.

— Porra — praguejou, abrindo a porta e a puxando para fora da sala. — Droga, filho da puta.

Ele fugiu com ela, e eu fiquei parada, pensando se deveria pular e fugir com eles, mas fiquei por trás das paredes, disparando pelo corredor ao invés disso.

Espreitei em cada cômodo que passava, com medo de que ele a levasse para o quarto dele, porém ele não arriscaria mantê-la à vista por tanto tempo.

Passsei pela sala de visitas, espreitando rapidamente, e estava prestes a seguir para a sala ao lado, quando o vi entrar, puxando-a logo atrás, fechando a porta e prendendo-a com uma cadeira.

Observei através da fina fenda na estante que eu sabia que havia do outro lado dessa parede, vendo enquanto ela o abraçava com força, quase fazendo com que ele perdesse o equilíbrio.

Pressionei a parede, prestes a abri-la, mas... fiquei imóvel, observando.

Os braços dele pendiam ao lado do corpo, até que ele a envolveu com força. Ela chorava baixinho, pressionando os lábios na bochecha dele enquanto ele mantinha os olhos fechados, sorrindo – um sorriso largo – pela primeira vez desde que cheguei aqui.

Meu coração doeu.

— Senti sua falta, garota — ele disse.

Ela acenou com a cabeça, ainda o abraçando.

— Vamos para casa.

Eles se abraçaram por mais alguns segundos e depois se afastaram, se encarando fixamente.

— Como você descobriu isso? — ele perguntou, levantando a camisa para limpar o rosto e o rescaldo de sua briga com Taylor.

— Não descobri — ela respondeu.

— Rika? — ele perguntou.

— Misha e Damon descobriram, na verdade.

Ele soltou uma risada, o som profundo e rico me causando um *déjà vu*. Ele era um adolescente no Cove de novo.

Rika. Ele quis dizer Erika Fane. Eu tinha ouvido dizer que ela estava noiva de Michael Crist, um de seus melhores amigos. Kai era casado e havia se tornado pai, assim como Damon Torrance. *Chocante*.

Misha Grayson era seu primo mais novo. Ele também foi para a Escola Preparatória de Thunder Bay, mas isso foi depois da minha época.

Alex conhecia todos eles. Ela fazia parte da vida dele agora. Era amiga dos seus amigos.

— Damon e Misha... — Will disse. — Tipo, na mesma sala?

— Pode ter rolado um pouco de sangue — ela brincou.

Meu estômago retorceu, ouvindo-os.

Pouco depois ele a agarrou, apertando seus braços.

— Você quer me dizer o que está fazendo aqui? Hein? Isso foi uma ideia estúpida.

Ela o encarou, o cenho franzido em preocupação, e então ele a soltou e se afastou, largando a camiseta em uma cadeira. A tinta preta por todo o seu corpo surgiu sob a luz fraca.

Ela se aproximou dele.

— Já tem um ano. Você tinha que saber que íamos descobrir que algo estava errado — ela disse. — Seus pais estão dizendo a todos que você está fazendo trabalho humanitário no... Sudão do Sul ou algo assim.

Ele começou a rir, esfregando a testa. Ela manteve o cenho franzido.

— Por que você está rindo?

— Porque não sei se dói mais que vocês levaram tanto tempo para vir atrás de mim, ou se agravou o fato de não terem fé que eu conseguiria me livrar disso sozinho.

— Pelo menos você não está bravo por eles terem mandado uma garota — ela retrucou, dando de ombros.

Ele lhe lançou um olhar.

— Ah, eu sei que você faz a merda completa — ele disse isso em um tom quase reverente.

Não sabia o que havia pensado, mas não achei que estivessem agindo com mais intimidade. Eu não tinha certeza do porquê. Era como se ele estivesse com um dos caras quando estava com ela. À vontade.

Ela se remexeu, o silêncio se estendendo entre eles.

— Então, hum... se você quiser trazer alguma coisa, eu faria isso agora. Tenho um plano de fuga, mas não posso dizer quando vai acontecer. Preciso que você esteja pronto.

Ele nem se mexeu.

— Como você chegou aqui? — perguntou. — Dá pra voltar?

— O que você quer dizer?

Ele umedeceu os lábios, buscando as palavras.

— Preciso que você saia dessa casa. Agora. Nesse minuto.

Ela ergueu a sobrelanceira, confusa.

— Qual é o seu problema? — ela sussurrou, mas pude ouvir a preocupação em sua voz. — Vou te levar para casa.

— Não, você vai embora — ele disse. — E você vai dizer a eles que posso resolver meus próprios problemas. Não preciso de ajuda.

— E Emory?

Ele parou, endireitando a coluna enquanto a encarava.

— O que você sabe? Você a trouxe para cá? Foi o Michael?

— Ela acabou de me perguntar a mesma coisa — Alex deixou escapar. — Por que faríamos algo tão idiota? Não faço ideia de quem a mandou para cá ou o porquê, mas provavelmente foi aquele irmão dela.

Martin não tinha dinheiro que justificasse me enviar para um lugar desse, muito menos bancar algo assim, e eu não era tão importante para ele.

Will a observou.

— Você a conhece? — sondou.

Ela assentiu.

— Nos conhecemos na primavera passada.

Will ergueu as sobrelanceiras depressa.

— Não me olhe desse jeito — ela resmungou. — Ela estava em Thunder Bay enterrando sua avó. Nós nos encontramos. Eu não fui atrás dela.

— Há quanto tempo você está aqui? — ele perguntou.

Alex ficou quieta, e um olhar cruzou seu rosto, dizendo que sabia a resposta.

— Então você chegou na mesma remessa que ela, há dias, e você, o quê? — ele continuou. — A viu e decidiu lançar os dados e ficar escondida para ver se esse meu lance com ela se desenrolava?

Ela cruzou os braços, um sorriso satisfeito em seu rosto.

— Tire-a daqui — ele disse, depressa. — Eu quero que vocês duas deem o fora daqui agora, porra.

Minha respiração ficou entrecortada. Foi por isso que ela me deixou por conta própria nestes últimos dias. Ela não podia ser pega e correr o risco de ficar sem a comunicação com seus amigos que estavam a caminho – o que eu entendia –, mas ela queria ver o que aconteceria entre mim e Will. Talvez por interesse próprio ou pelo dele.

Ele não queria ir embora. Por quê?

Alex deu um passo em sua direção, encarando-o fixamente.

— O segundo filho do Damon está a caminho — ela disse. — Michael e Rika vão se casar na Noite do Diabo. Eles estão se preparando para derrubar o *Cove* e seguir em frente com o *resort*. Precisamos ir embora.

— Parece que tudo está indo muito bem sem mim, na verdade.

Ela o estapeou duas vezes, não com muita força, mas pude ouvir a palma da mão dela batendo em seu peito. Ele se afastou.

— Eu quase prefiro você bêbado — ela rosnou em voz baixa —, porque não tenho ideia de quem você é nesse momento. Quando nos conhecemos, o que eu te falei?

Ele ficou em silêncio, contrito, e não proferiu outra palavra.

— Eu posso aguentar tudo, desde que tenha batom suficiente — ela recitou. — Coloco tudo embaixo de uma camada extra, como você sempre faz com seus sorrisos. Rika, Michael... todos eles são minha família. — Ela suavizou a voz, embargando com as lágrimas. — Mas você... você é meu reflexo. Agora, pare com isso. Você vem comigo ou...

— Confie em mim, okay? — ele disse, de repente, finalmente de pé outra vez e virando-se para enfrentá-la. — Eu sei o que estou fazendo. Confie em mim dessa vez.

Ele segurou o rosto dela, e eu abaixei a cabeça, desviando o olhar e recuando, porque não conseguia mais assistir.

Ela era melhor para ele. Ela era, infinitamente, melhor para ele.

E mesmo sabendo que era imprudente, como todas as vezes em que eu fazia coisas na escola, ciente de que Martin descobriria e que eu sofreria as consequências, eu fugi. A ponta do meu tênis topou em um cano, um estrondo alto se fez ouvir, porém não me importei se eles ouviram. Corri sem parar com toda a intenção de sair daqui de uma vez por todas. Estava na hora.

Eu não sabia onde estava, para onde iria, ou como sobreviveria na floresta fria, mas isso era o que eu fazia — de alguma forma, eu sempre aguentava.

Subindo a escada de volta para meu quarto, desci o túnel e passei pelo retrato de novo. Peguei o moletom que Aydin me trouxe, vesti e enfiei a faca no bolso de trás, deixando a luva de garra e disparando para fora do quarto. Desci as escadas, olhei rapidamente ao redor do vestíbulo, as estátuas e velas tremeluzindo e pairando como se houvesse uma presença invisível, então entrei na cozinha e peguei meu pacote escondido no armário.

Puxando meu capuz sobre a cabeça, corri para a porta dos fundos, mas logo em seguida, o painel na parede se abriu e Alex se colocou na minha frente, bloqueando meu caminho.

Will se postou atrás de mim, ambos respirando com

difficuldade, como se tivessem corrido para me alcançar e me deter. Eles devem ter me ouvido tropeçar no cano da passagem secreta.

— Emmy, você tem que ficar quieta — Alex sussurrou, espreitando por cima do meu ombro, caso mais alguém viesse. — Não vou conseguir tirar vocês daqui se ele me prender.

Ele. Aydin.

— Você quer ir embora, então? — eu a desafiei. — Então, vamos embora agora. Você escolheu estar aqui. Eu não. Quero ir para casa.

Eu não queria estar aqui com os dois. Não queria estar aqui de jeito nenhum. Eu não dava a mínima se morresse lá fora agora mesmo.

Você é meu reflexo. Meus olhos começaram a arder.

Ela sacudiu a cabeça para mim.

— Não vou embora sem ele.

— Tudo bem.

Dei a volta na bancada, arremessando em Will o único frasco de vidro que encontrei ao alcance, e ele saltou para trás quando o recipiente caiu no chão.

Saí do cômodo, correndo de volta pela casa em direção à porta da frente. Se ele não estava pronto para ir embora, eu não ficaria esperando. Eu fazia minhas próprias escolhas.

Não sabia o motivo de estar tão chateada, porque sabia o que havia rolado entre eles... além do mais, ele não me devia nenhuma satisfação, mas ver a conexão que eles compartilhavam de perto... doeu mais do que imaginei.

Nunca passou pela minha cabeça que o vínculo entre eles fosse tão forte. Como pude ser tão idiota.

Doía.

Alguém me agarrou, e deixei a sacola de comida cair, encarando Alex.

— Você vai morrer se fugir daqui — ela disse, quase murmurando. — Não vai durar a noite ali fora.

— Então o que você planejava fazer aqui? — grunhi, gesticulando para Will que chegava por trás. — Me usar como distração enquanto você escapava com ele?

— Eu estava planejando fugir com ele no dia em que cheguei aqui, e me esconder com ele até a ajuda chegar — ela retorquiu —, mas você apareceu e estragou meus planos. Agora tenho duas pessoas para extrair dessa porra de lugar.

Ah, sinto muito pelo inconveniente.

De qualquer forma, eu iria sair daqui. Ele não queria ir embora, e ela não queria ir sem ele, então que se dane.

— Ninguém vai salvá-lo — eu lhe disse, encarando-o por cima

do ombro dela. — Isto não é culpa de ninguém, a não ser sua. Está na hora de salvar a si mesmo, Will.

Mas ele ficou ali como uma árvore, seus olhos verdes e frios focados em mim, enquanto seu cabelo castanho, ainda molhado da estufa, estava todo bagunçado.

Ele não lutava por si mesmo. Ele não se defendia...

Ele nunca o fez.

— Você sempre foi patético — debochei. — Você sabia disso? Sempre tão ingênuo, perdido e patético.

Um tapa acertou meu rosto, a dor se espalhando pela bochecha e o sangue brotando na boca por conta do corte na gengiva.

Respirei duas vezes e, lentamente, virei o rosto para trás, encarando Alex e seus olhos ardentes.

— Emmy, sinto muito — ela disse. — De verdade, mas não vou embora sem ele, e você também não vai embora, porque vai morrer lá fora. Pense. Você não saberá para onde ir, e me custará mais tempo do que já temos.

Como se isso fosse sequer minha culpa.

Eu iria embora, cacete, ela gostando ou não. Eu não era importante para ela.

Nem para ele.

— Por que você se importa, afinal? — resmunguei, empurrando-a com tanta força que ela tropeçou. — Você vai ter ele todinho só pra você agora. Sem competição.

E, para minha surpresa, ela apenas riu e correu na minha direção, colocando a mão sobre a minha boca para me calar.

Dei-lhe um tapa, tentando me livrar, mas sem sucesso.

— É isso que você é, Emory? — ela provocou. — Competição?



Pairei sobre o túmulo da minha avó, a brisa soprando enquanto passava pelas árvores.

Sequei uma lágrima que escorria pela bochecha.

Eu deveria estar feliz, certo? Ela ficou por aqui muito mais tempo do que pensávamos. Como se ela soubesse que precisava estar aqui por mim.

Já se passaram mais de seis anos — quase sete — desde que estive em casa, e mesmo agora, procuro Martin em toda parte, com medo de esbarrar nele e com medo de tudo o mais que preenche esta cidade.

Mais cedo ou mais tarde, terei que arcar com as consequências. Só espero que não hoje.

Caminhei até meu carro alugado, me abraçando contra o frio ainda

no ar da primavera, e me sentei ao volante, dando partida no motor. Meu voo de volta à Califórnia seria só amanhã, o que significava que teria que passar a noite em Meridian, porque não queria correr o risco de ser pega em Thunder Bay por mais tempo do que o necessário.

Ainda assim... aprendi a alisar o cabelo e tenho a receita para colocar grau nos óculos de sol e roupas passadas que me servem. Ninguém mais me reconhecerá.

Dirigi pelo cemitério, sem nem precisar olhar para saber onde se localizava o túmulo de Edward McClanahan; aumento o volume da música, “White Flag”, de Bishop Briggs. Dirigi pela estrada, tentada a olhar para as mansões enquanto passava – dos Crist e dos Fane, dos Torrance e dos Ashby –, mas consegui evitar, apenas esperando que alguma semelhança de sua vida volte ao que costumava ser, mesmo que já soubesse que ele, sem dúvida, mudou.

Só esperava que ele tivesse ido embora. Viajar, viver... amar, e ser amado.

As lágrimas brotaram em meus olhos de novo, mas pisquei para afastá-las, a náusea tomando conta do meu corpo. Fiz o que tinha que fazer, certo? Eu poderia até tê-lo salvado de um destino pior.

Mas não importava quantas vezes eu repetisse para mim mesma, ainda não sentia isso.

Precisava enfrentá-lo e abrir o jogo. Isso estava criando um buraco em meu ser, e se ele ainda não veio atrás de mim, então isso só podia significar que ele não sabia, e que deveria saber a verdade.

Não dava mais para continuar com isso.

Ao entrar no vilarejo, arrisquei passar na frente da minha antiga casa, vendo jornais espalhados pelo gramado, assim como as sebes enormes e a lata de lixo tombada no chão.

Será que Martin ainda vivia ali? Não tinha nenhum carro na entrada.

Depois que Grand-Mère faleceu, há uma semana, mandei um e-mail para ele e não esperei por resposta alguma. Ele me disse para informá-lo quais eram meus planos.

Não o fiz.

Só vou avisá-lo quando tiver ido embora. Só então ele poderá vir e prestar suas condolências. Ele não aparecia há anos para vê-la – graças a Deus –, então ele não estava chorando a morte dela. Disso eu tinha certeza.

Continuei dirigindo, sem saber para onde estava indo, mas quando avistei o Cove à frente, fui até o estacionamento. Ouvi dizer que eles estavam se preparando para derrubá-lo. Alguém do comitê de ex-alunos me enviou um convite para uma Reunião dos graduados há algum tempo, mas era óbvio que não me dei ao trabalho de aparecer.

Eu, aqui, e perto da Noite do Diabo... hmmm, não rolava.

Vi alguns carros no terreno deserto e parei em uma vaga mais distante, onde as ervas daninhas subiam pelo concreto e as linhas pintadas estavam lascadas e desbotadas.

Desligando o carro, saí e enfiei as chaves no bolso do jeans, olhando ao redor enquanto seguia pelo caminho.

O mar se localizava além da roda-gigante, e pude sentir o cheiro da maresia ao passar pelas cabines de bilheteria e em direção ao navio pirata. A tinta amarela e marrom havia desbotado, os parafusos enferrujados visíveis daqui, um silêncio sinistro diante da quietude do parque que me trouxe tantos calafrios de emoção.

Quase ouvi a música festiva daquela noite na cabeça, ao me aproximar ainda mais, só para ver o local onde ele e eu nos sentamos tanto tempo atrás.

Meu coração se apertou. Eu sentia falta dele. Naquela época, não percebi o quanto isso iria doer e quanto tempo esse sentimento amargaria comigo.

— Bem, é claro que você não está estará no conselho — algum cara reclamou —, porque assim que você descobrir o que quero, você vai decidir que quer exatamente o oposto.

Virei a cabeça de um lado ao outro, percebendo que não estava sozinha.

— Você é tão mentiroso — ela disse. — Isso não é verdade. Esse lugar não faz sentido, e tive a mesma conversa com Kai.

Kai?

Finalmente, avistei um trio caminhando ao lado das boias, e me escondi atrás de uma barraca de jogos, fora da vista enquanto espreitava ao redor.

Michael Crist carregava um maço de papéis enrolados, parecendo o que poderiam ser plantas arquitetônicas. Ele caminhava lado a lado com duas mulheres, uma de cabelo preto e a outra, castanho.

Entrecerrei o olhar por trás dos óculos escuros. A de cabelo preto me parecia um pouco familiar, mas eu não reconhecia.

— Você não pode construir um porto embaixo — ela retrucou com Crist. — Os hóspedes também não terão acesso a uma praia. É tudo rocha, lembra? E quando os ventos do nordeste soprarem, ninguém vai gostar de um assento na primeira fila para ventos com a força de um ciclone, chuva e neve. Toda a orla marítima está em erosão, e vai corroer até a porra do seu campo de golfe.

Reprimi meu sorriso. Nunca ouvi ninguém falar assim com ele.

Gostei dela.

— Isso vai levar mil anos — ele choramingou e depois encarou a outra mulher. — Alex, uma ajudinha ajuda aqui.

— Ah, não. — Ela se afastou com o celular na mão. — Não quero interromper.

Ele balançou a cabeça, seguindo pelo parque e de volta ao estacionamento, vestindo um terno preto e parecendo ainda mais bonito do que na época do colégio, infelizmente.

Não acompanhei sua carreira no basquete, mas sabia que ele ainda jogava profissionalmente.

Ótimo. Com ele por perto, isso só podia significar que o resto da galera estava por aí.

Quem eram estas mulheres, no entanto?

— Preciso falar com Kai — ele resmungou.

— Sim, corra para casa, pro papai — a de cabelo preto respondeu —, porque tenho muito mais noção do que você.

Ele revirou os olhos e continuou, as mulheres os seguindo.

Pelo visto, ele estava planejando comprar a propriedade. E para construir um campo de golfe? Ela também mencionou os hóspedes, o que dava a impressão de que poderia ser algum tipo de hotel.

Uma sensação de perda se instalou e eu não tinha certeza do motivo. Eu não tinha esse direito.

Foi apenas uma noite maravilhosa, e enquanto esse lugar estivesse aqui, a impressão é que talvez nem tudo tenha desaparecido.

Esperei ali por mais um minuto, olhando para além da rodagigante, na direção de Cold Point. Fiquei meio tentada a dar uma volta por lá, mas já quase fui flagrada. Estava na hora de ir embora.

Voltei para o estacionamento de novo, pegando meu celular para verificar as horas, mas quando me aproximei do meu carro alugado, vi alguém sentado no capô.

Era a mulher de cabelo castanho, sua blusinha branca curta demais para cobrir a barriga. Ela me encarou com seus óculos de sol descansando na ponte do nariz, os lábios carnudos cor de ameixa.

Parei, olhando em volta. Os outros carros sumiram e não via Michael ou a outra mulher.

— Oi. — Caminhei na direção do meu carro, hesitantemente. — Não tinha intenção de causar nenhum dano. Estava apenas olhando ao redor.

Eles pareciam ser donos da propriedade agora, então, eu provavelmente devia estar invadindo.

Mas ela apenas me deu um pequeno sorriso.

— Você é Emory Scott.

Franzi o cenho.

— Te reconheci de uma foto que vi uma vez — ela explicou.

— E você é...?

— Alex Palmer. — Cruzou as pernas, inclinando-se para trás sobre uma mão. — Uma amiga de Will Grayson.

Fiquei tensa, baixando o olhar para seu corpo e levando em consideração o fato de que nenhum homem tem “amigas” com aquela

aparência.

— *Eu vi isso — ela debochou.*

— *O quê?*

— *Aquele pequeno... olhar-percorrendo-meu-corpo-para-analisar-a-competição com-um-pouquinho-de-julgamento — ela disse, balançando o pescoço com atitude.*

Competição? Era isso o que ela era?

Rindo, peguei as chaves no bolso e fui até a porta do motorista.

— *Eu não estava olhando assim para você.*

— *Estava me secando, então?*

— *Sim. — Destranquei a porta e a abri. — É isso aí.*

— *Você está de volta à cidade de vez?*

— *Não.*

— *Apenas visitando?*

— *Sim.*

— *E você parou no Cove? — ela pressionou. — Por quê?*

— *Não é da sua conta. — Entrei no veículo, ainda a encarando. —*

Você poderia sair do meu carro?

Quero dizer, que intrometida.

— *Eu preciso de um transporte — comentou. — Se você não se importa.*

Hesitei.

— *Como é?*

— *Uma carona? — esclarece como se eu fosse burra.*

— *Não sou um táxi — retruquei.*

E... eu não te conheço.

— *Atrevida — ela brincou. — Ele estava certo sobre você.*

Ele? Will lhe disse que eu era atrevida?

Bem, se isso foi a pior coisa que ele disse, acho que tive sorte.

Abri a boca, morrendo de vontade de perguntar por ele.

Ele estava na cidade? Ele estava bem?

Ele está feliz?

Mas desisti, porque ela era amiga dele, não minha.

Saltando do meu capô, ela pairou sobre a porta, me encarando.

— *Você me dá uma carona e eu pago a pizza e as margaritas — ela disse.*

Pizza e margaritas... Ela estava de sacanagem?

— *O que você quer de mim? — perguntei.*

Ela não me conhecia, e não acreditei nem por um segundo que isso não passava de uma brincadeira.

Mas, mais uma vez... a única coisa que eu pensava sobre as pessoas era sempre o pior, então...

— *Não sei — ela disse, sua voz suave. — Mas você já teve aquela sensação de que precisa de algo, mas não sabe o quê?*

Ela me encarou, um olhar pensativo em seu rosto.

— Como uma bebida ou uma boa charada ou entrar em um avião e ver algo novo... — ela continuou. — Mas então nenhuma dessas coisas é isso, e você ainda não consegue descobrir do que precisa?

Suas palavras tinham mais significado para mim do que ela poderia imaginar. A única diferença é que eu sabia do que precisava. Eu simplesmente não podia ter.

— Bem, quando te vi dentro do parque agora há pouco — ela disse —, e te reconheci, senti como se tivéssemos encontrado isto.

Nós?

Por que ela precisaria de mim?

— Sticks ainda é um lugar bacana — ela cantarolou. — A melhor pizza.

— Não. — Balancei a cabeça. — Não lá. Eu não quero...

— Ser vista?

Pizza poderia ser uma boa. E muitas margaritas seriam fantásticas. Meu quarto de hotel solitário lá na cidade parecia horrível agora, mas...

— Não quero me encontrar com ninguém — falei. — Mas obrigada.

Ela segurou meu olhar por um instante.

— Ele não está na cidade agora. Se é com isso que você está preocupada.

Eu a encarei por tempo o suficiente para que ela entendesse como uma afirmativa e corresse ao redor do carro para entrar do outro lado.

Ele não estava na cidade? Onde ele estava?

Mas não era da minha conta. Tanto faz.

Eu me sentei, vendo-a puxar o cinto de segurança. Liguei o carro, um pouco incomodada, mas tive a sensação de que ela não gosta da palavra não, e nunca fui fã de confrontos.

— Onde você mora? — perguntei.

Podia dar-lhe uma carona para casa, afinal.

Mas ela apenas empurrou os óculos de sol pela ponte do nariz e respondeu:

— Margaritas primeiro.



Na manhã seguinte, ela estava arrastando meu traseiro cheio de ressaca para o aeroporto para que eu não perdesse meu voo. Tínhamos começado no *Sticks* e seguimos para *Meridian*, onde bebemos mais no *Realm*; depois, acabamos no meu quarto de hotel.

Eu odiava seu corpo incrível, seu rosto bonito, e todas as vezes em que não pude deixar de pensar em como ele a tinha tocado e

abraçado. No entanto, não podia odiá-la, porque ela era absolutamente magnífica, apesar de toda a dificuldade que teve na vida.

Eu tinha acordado com uma dor de cabeça lancinante, e depois a odiei mais ainda pela ressaca, mas... ela enviou mensagens, telefonou, quis saber como eu estava durante os meses que se passaram até que estava convencida de que eu poderia ser realmente simpática.

Até que me lembrei que ela era uma boa amiga de Will, e eu estava guardando um segredo pelo qual ela poderia me odiar.

Will ficou no vestíbulo, de frente para mim, os olhos em chamas, e eu queria levá-lo ao meu quarto, fechar a porta, e segurá-lo para sempre, mas ele sabia como isso terminaria esta noite.

Eu não rastejaria, e estava indo embora.

Afastei Alex e disparei para a porta, mas ela me segurou e me jogou no chão.

Despenquei, meu corpo agonizando de dor enquanto eu segurava o fôlego e a encarava do piso de mármore.

Não desperdicei nem mais um segundo. Eu me levantei e avancei na sua direção, pronta para parti-la ao meio se fosse preciso, porque...

Porque a única pessoa pela qual eu sabia lutar era por mim mesma.

Capítulo 24

Emory

Nove anos atrás...

Dobrei a gravata lentamente e a enfiei no saco Ziploc, seguido do bracelete que usamos no parque, e que nos deu acesso a todos os brinquedos ontem à noite. Também coloquei a caixa de balas de caramelo que ele me deu no cinema.

Retirando o ar do saquinho, eu o selei, lágrimas querendo se derramar quando enfiei tudo dentro de uma lata de café vazia. Depois de fechar direito a tampa, coloquei o meu tesouro no buraco de dois metros de profundidade.

Não pude mantê-lo por perto, mas também não consegui jogá-lo fora. Talvez, um dia, eu cavasse e resgatasse minha pequena cápsula do tempo e pudesse rir do pouco que isso significava.

Pelo menos, era o que eu esperava.

Um motor rugiu à direita, e olhei para cima, do lugar onde estava ajoelhada na fundação do gazebo, e avistei o BMW de Damon estacionar no beco ao lado do *Sticks*.

Ele desceu do carro e entrou no estabelecimento lotado.

Meu irmão voltou para casa, à tarde, e me encontrou onde eu disse que estaria, com todos os deveres de casa feitos e o jantar pronto. Ele mal trocou duas palavras, preferindo comer em silêncio para logo depois tomar banho, trocar de roupa e seguir para mais um turno.

Hoje à noite, eles precisariam de reforço de todos os policiais, então estava trabalhando dobrado. O que era uma benção.

Minha avó me assegurou que estava bem, e eu podia acompanhar seu sono pelo aplicativo do celular, com a câmera que transmitia em tempo real, então saí de casa de fininho, disposta a trabalhar um pouco no gazebo.

Eu só precisava cuidar de uma coisa primeiro.

Voltei a me concentrar no buraco, mal conseguindo enxergar direito enquanto usava a pá para cobrir com a terra.

Tomei a decisão certa, e graças a Deus ele disse aquelas coisas cruéis mais cedo, porque eu estava prestes a me desfazer, e eu precisava da dor para suportar tudo isso.

Eu esperava que ele me substituísse.

Hoje à noite, se possível.

Ele deveria dançar com ela e enfiar as mãos dentro de suas roupas e amá-la loucamente, porque depois disso, eu não seria capaz de olhar para trás. Isso despedaçaria o meu coração, de modo que não

haveria mais nada para segurá-lo comigo.

Largando a pá ao lado, recolhi o resto da sujeira com minhas mãos e afundei-a no buraco, cobrindo a lata de café e pressionando firmemente a terra. Peguei uma tábua de madeira novinha em folha e a alinhei ao lado da última, agarrando a pistola de pregos para fixá-la à estrutura. Fiz tudo com rapidez, as oito colunas erguidas de suas âncoras de sustentação ao redor; o piso alinhado com as tábuas cortadas de acordo com as minhas especificações.

Um zumbido repentino rompeu o silêncio, e quando olhei novamente para a fonte do ruído, vi Damon montado em uma moto na companhia de Winter Ashby, que colocava um capacete.

Na mesma hora fiquei tensa, me perguntando o que raios ele achava que estava fazendo com aquela garota.

No entanto, quando ela subiu na garupa, ele olhou para ela por cima do ombro, e algo se revelou no sorriso que nunca o vi dar a ninguém.

Ternura.

Ela envolveu a cintura dele com os braços, e deu um gritinho quando dispararam pela rua, saindo da praça.

Um sorriso se formou nos meus lábios, porque me lembrei da sensação que desfrutei naquele navio pirata ontem à noite.

Eu também adorei esse sentimento, Winter Ashby.

Mas não pelo passeio, querida. Não pelo passeio.



Horas mais tarde, a praça estava vazia e tranquila, e eu voltei para casa pela segunda vez, cortando um atalho pelos quintais dos vizinhos e pelas ruas, para dar uma olhada na minha avó antes de coletar mais alguns suprimentos.

Minhas mãos estavam cobertas de pó de serragem, e eu as enfiei nos bolsos do macacão jeans, sentindo a brisa fria se infiltrar pelo meu agasalho de tricô.

— Levantem! — alguém gritou.

Estaquei em meus passos, quase chegando à porta dos fundos. Vi as luzes vermelhas e azuis piscando pela janela, e perdi o fôlego enquanto destrancava a porta e passava voando pela cozinha, largando a maleta de ferramentas em cima da mesa, rumo à porta de entrada.

Meu irmão estava de pé na varanda, com seu uniforme preto e o casaco pesado, e eu parei na mesma hora ao ver os paramédicos carregando minha avó em uma maca até a parte de trás da ambulância.

— *Grand-Mère!* — gritei, correndo pelas escadas. — Vovó!

Eles fecharam as portas, o paramédico sentado ao lado dela. Bati nas portas traseiras, mas ele nem sequer me ouviu, concentrado no atendimento.

Eu me virei e parei à frente de Martin.

— O que aconteceu?

Fiquei de olho nela quase a noite inteira. Cheguei em casa mais cedo por alguns minutos só para ver se ela precisava de alguma coisa e ela estava bem!

— Os níveis de oxigênio dela caíram. — Ele desceu alguns degraus, as mãos nos bolsos do casaco. — Chamei a ambulância quando voltei para casa para comer alguma coisa durante o intervalo. Entre em casa.

— Não, nós temos que ir atrás dela.

— Ela não vai acordar hoje à noite — ele disse. — E ela está em boas mãos. Iremos ao hospital amanhã, antes da escola.

Ouvi o motor da ambulância sendo ligado.

Não.

— Ela está bem, Emmy.

Não gostei do seu tom de voz. Por que ele estava tão calmo?

— Obrigado, Janice — disse ele à motorista assim que ela desligou as luzes e acenou em despedida. — Agradeça ao Ben por mim.

Eles começaram a se afastar e fiz menção de ir atrás deles.

— Dê mais um passo — advertiu —, e ela nunca mais vai voltar para casa.

Parei na mesma hora, engolindo o nó na garganta.

— Entre agora — ordenou.

Fiquei parada por um segundo, ouvindo seus passos recuando e a porta da frente se abrindo. Sacudi a cabeça, desesperada, querendo correr atrás dela, mas ele me encontraria.

Fechei os olhos, sentindo o cansaço de todos os anos e dos últimos dias pesando sobre mim. Will me mostrou como eu poderia ser feliz se as coisas fossem um pouco diferentes, tornando tudo isso muito mais difícil de suportar.

Eu estava cansada.

Cheguei a oscilar em meus pés. *Eu estava tão cansada.*

Uma cortina caiu lentamente entre meus olhos e meu cérebro quando revisei os sentimentos de sempre: raiva, ódio, dor, tristeza e desespero.

Só que agora eu entendia algo que nunca havia compreendido.

Nada fazia sentido.

Martin, minha casa, o terror... Era simplesmente isso e, às vezes, você era apenas aquela pessoa a quem as coisas aconteciam.

Entrei em casa e fechei a porta, nem sequer tensionando o corpo, ou tentando me proteger, porque nada disso ajudava.

— Isso foi pela noite passada — disse ele, já tirando o casaco quando entrei na cozinha. — Apenas um aviso.

Pestanejei uma vez, olhando fixamente para ele.

— Você fez isso com ela.

Não era uma pergunta. Eu sabia a resposta.

Ele segurou o encosto da cadeira com força, os nódulos de seus dedos agora brancos.

— Ela é a única coisa que te faz ter algum controle sobre mim — afirmei. — Se ela morrer, não há nada que me prenda aqui.

— E sem mim, ela estaria num hospício ou em algum asilo público, negligenciada e em agonia.

Estávamos em lados opostos da mesa, presos em um desafio. O que ele queria?

Era realmente tudo o que ele tinha? Ele agiu como se me odiasse, mas será que, de repente, ele ficaria feliz se eu não estivesse mais aqui?

Será que ele ia tentar me impedir quando fosse a hora de eu partir?

— Você fugiu de mim ontem — disse ele. — Você foi vista no baile, e foi vista no Cove ontem à noite. — Ele retesou a coluna, levantando o queixo e franzindo os lábios. — E tenho certeza de que você sabe muito bem o que aconteceu com aquela cripta.

Daí ele se livrou da vovó durante a noite para me mostrar que poderia me espancar à vontade sem a presença dela aqui.

Senti meu queixo estalar com a força com que cerrei os dentes. As pessoas me empurravam. As pessoas me puxavam. Pessoas, pessoas, malditas pessoas...

Eu disse a ele para lidar comigo. Eu disse que a culpa era minha.

Eu disse a todos para me deixarem em paz e parar de me pressionar, uma e outra vez. *Ninguém nunca me escuta.*

Meu rosto esquentou, algo rastejando debaixo da minha pele com suas garras. Esfreguei os olhos, esgotada.

— Desconte em mim — rosnei, por entre os dentes. — Deixe-a em paz.

— Mas é desse jeito que estou descontando em você — respondeu ele, com um sorriso sarcástico. — E, marque minhas palavras, ainda há muito mais que posso fazer.

Dei um grito, vermelha e furiosa demais para me importar com qualquer coisa, as lágrimas já inundando meus olhos. Agarrando a borda da mesa da cozinha, eu a empurrei contra ele, imprensando-o à bancada.

Ele grunhiu quando quase esmaguei suas pernas, e antes que ele jogasse a mesa no chão, espalhando tudo o que havia na minha maleta de ferramentas, eu consegui pegar um martelo.

— Sua putinha estúpida! — gritou ele.

Levantei o martelo, mas ele agarrou meu pulso, e me deu um soco no rosto com a mão livre, a ferramenta agora longe do meu alcance.

A ardência se espalhou pela minha bochecha, mas eu revidei e acertei uma joelhada entre suas pernas, sem perder nem um segundo a mais.

Pare.

Apenas pare.

Ele se contorceu de dor, e eu espalmei as mãos em seu peito, empurrando-o no chão. As lágrimas embaçavam a minha visão quando dei a volta e saí correndo de casa.

— Emory! — Seu grito ecoou às minhas costas, e eu solucei, correndo pelo alpendre, através do gramado, e o mais rápido que pude correr pela cidade.

Disparei pela vila, pela estrada, adentrando ainda mais na floresta escura, ouvindo o eco atrás de mim desvanecer cada vez mais enquanto ele tentava me encontrar, mas não conseguia.

— Emory!

Mergulhei por entre as árvores, os galhos chicoteando meu rosto; arrumei meus óculos no lugar, o suor cobrindo a minha pele à medida que as luzes da cidade desapareciam.

Minhas pernas doíam e as lágrimas secavam no meu rosto, e pontadas agudas incomodaram minhas costelas. Desacelerei em meus passos até começar a caminhar.

Eu deveria ter ido para a catedral. A chave estava no meu bolso, e se eu não estivesse agonizando de dor por todo o corpo, eu cairia na gargalhada agora mesmo, só em pensar no tanto que aquele lugar se tornou útil, mesmo eu tendo sobrevivido esse tempo todo sem fazer ideia de sua existência.

Fechei os olhos com força.

O que eu poderia fazer? Ele ia me matar.

Ou fazer coisa pior.

Minha avó devia já estar no hospital a esta altura. Eu precisava ir até lá e me sentar na sala de espera em busca de notícias, ou que me deixassem vê-la, mas seria o primeiro lugar em que ele me procuraria, e por eu ser menor de idade e tudo mais, ele poderia me levar embora sem ninguém se opor.

Deus...

Andei a esmo, ouvindo os carros do outro lado das árvores subindo e descendo a estrada, e mesmo sem olhar para cima, eu sabia

para onde estava indo.

Era o mais longe que poderia ir.

Atravessando a ponte, sobre o rio estreito, porém caudaloso, subi o declive em direção aos penhascos onde se encontravam as mansões. Dos Fane, Crist, Torrance, dos Ashby, e blá, blá, blá.

Em pouco tempo, eu havia encontrado meu caminho para a rua silenciosa e escura, iluminada apenas pelas lâmpadas a gás cintilantes, pendurados nos enormes muros de pedra e portões.

O Will não vivia aqui em cima. Sua família era dona da fortaleza do outro lado da cidade, perto da escola secundária e no alto das colinas. A casa maciça que estava bem acima de todos nós.

Eu deveria ter me encontrado com ele naquela noite em que ele quis me levar à sua casa para assistir filmes. Ver aquele lugar por dentro teria certamente endireitado meu estúpido cérebro e solidificado minha determinação antes que fosse tarde demais.

Dormir com ele só fez com que tudo doesse muito mais agora.

Segui a estrada e passei pelas fazendas, cruzei pela tranquila e deserta St. Killian, e depois cortei o caminho pela floresta, até passar pelo Campanário e entrar no cemitério.

Eu não tinha a menor noção das horas, mas tudo o que havia sobrado ali eram os restos de qualquer festa que os Cavaleiros deram por aqui antes. Não devia ser mais do que meia-noite ou uma, e St. Killian estava escura agora. Eles não estavam mais nas catacumbas.

Perambulei pelo cemitério, vendo os danos que fizemos à cripta; a cova recém-escavada de Edward McClanahan havia sido fechada de novo, porque era ali que ele devia ficar. Meu irmão não podia mais comprar aquele sepulcro.

A escuridão cobria cada canto do cemitério, a luz da lua quase não era visível através das nuvens.

Silêncio.

Vazio.

Solitário.

Foi por isso que vim aqui? Eu sabia que eles estavam festejando aqui hoje à noite. Será que eu estava procurando por ele?

Caminhei por entre as lápides, movendo-me silenciosamente sobre a grama, até que percebi o ruído do motor ronronando e se aproximando cada vez mais.

Pestanejei, olhando para cima, e depois parei.

Um carro preto com pintura fosca cruzava a rua deserta, os faróis apagados e o motorista invisível por trás da película escura do vidro do para-brisa.

Meu coração disparou, e eu recuei alguns passos e me escondi atrás de uma lápide de quase três metros de altura.

Ele não acelerou, não acendeu os faróis, nem parou, apenas

continuou pelo caminho em minha direção até chegar perto o suficiente para que eu pudesse ter certeza de que não se tratava do meu irmão.

O veículo parou, e depois de um segundo, vi o porta-malas abrir e um homem descer – a cabeça coberta pelo capuz do moletom –, dando a volta no carro.

Quem era aquele cara? O cemitério estava fechado.

Claro, isso não significava nada, já que o chão estava cheio de copos vermelhos, velas e outras merdas. Talvez ele estivesse limpando.

Ele abriu o porta-malas, puxou algo para fora, e eu vi pés descalços pendurados.

Um suor frio escorreu pela nuca. Mas o que...?

Ele levantou o corpo, jogando-o sobre seus ombros, o longo cabelo preto caindo do lençol, pelas costas, as longas pernas nuas em seu vestido.

Eu me esgueirei, vendo o vestido preto sem alças, como a roupa de uma bailarina ou algo assim.

Ela estava morta? Cobri a boca com a mão, tentando fazer as pernas funcionarem para fugir dali, porém o medo me manteve estagnada.

Caminhando até a grama, ele se inclinou e a jogou no chão, o corpo se chocando com força ao lado da terra já revirada ao redor do túmulo de McClanahan.

Enfie a mão no bolso, sem tirar os olhos de cima dele enquanto ele voltou para o carro e pegou uma pá do porta-malas. Meu celular não estava no bolso. Pisquei, sentindo somente a chave ali dentro.

Merda.

Eu não sabia se queria pedir ajuda ou filmar isto, mas de qualquer forma, estava sem sorte.

Ele voltou para a cova e começou a cavar o solo novamente, meus dedos cravados na lápide alta para que pudesse observá-lo.

Quem era ele? Deus, ele era louco ou apenas estúpido? Nós vivíamos na costa. Arranje um barco, amarre algo pesado no tornozelo do infeliz e atire o corpo no mar, pelo amor de Deus.

Fiquei chocada por pensar naquilo, porque não era como se já tivesse pensado sobre isso ou algo assim.

O vento soprou mais forte, e o lençol que cobria seu rosto se levantou. Olhei para o seu rosto e senti minha boca secar. Ela não me parecia familiar, mas eu não estava realmente perto o suficiente para dizer. À primeira vista, ela parecia ter a minha idade, mas as curvas mais definidas de seu corpo indicavam o contrário. Talvez vinte ou trinta anos.

Olhei em volta, esperando que o zelador pudesse estar fazendo as rondas ou que os adolescentes voltassem para festejar um pouco

mais, mas agora estávamos completamente sozinhos aqui fora.

Ele cavou por mais um minuto e depois parou, os ombros baixos ao olhar para o corpo, quase atordoado.

E, de repente, eu era ele. Eu me vi em seu lugar, de pé onde estava. Eu tinha acabado de matar alguém, e estava me livrando das provas.

Levantando o pé, ele encaixou a bota preta contra o pescoço dela e pressionou, observando-a, com os dentes à mostra.

Raiva.

Ele estava com raiva.

E apesar de tudo na minha cabeça me dizer que isto era um horror, eu não podia correr. Eu não conseguia parar de assistir.

Ele podia ser um *serial killer*. Um estuprador tentando calar sua vítima. Um predador de inocentes.

Ela poderia até nem estar morta ainda. Eu poderia correr e pedir ajuda, salvar a vida dela. No mínimo, colocá-lo atrás das grades.

Mas então ele começou a soluçar, tremer e ofegar, e eu me vi em seu lugar. Eu seria ele em algum momento, caso deixasse Martin me pressionar o suficiente.

Algum dia, eu podia sentir, meu limite romperia. Eu perderia a cabeça e apenas lutaria. Lutaria até que ele ou eu parássemos de respirar.

Uma brisa varreu as árvores, seu capuz escapou baixou, e eu pisquei, vendo Damon Torrance ali parado com a pá na mão e o corpo de uma mulher morta a seus pés.

Ofeguei e seu olhar se levantou de supetão, o corpo inteiro congelando quando nossos olhos travaram um ao outro.

Merda.

Senti o sangue se esvaír do meu rosto, e não consegui respirar.

Ele soltou a pá e veio na minha direção, com passos decididos pela pequena colina enquanto eu tropeçava para trás, muito assustada para desviar o olhar.

Algo chamou minha atenção e, quando olhei às suas costas, vi a mão da mulher se mover, a cabeça inclinando.

— Ela está se mexendo — arfei, esbarrando em uma lápide.

Ele parou a cerca de dois metros de distância, o olhar travado ao meu. Lentamente, ele se virou e olhou para ela por cima do ombro. O dedo delgado e pálido se curvou, e notei as lágrimas ainda penduradas no canto dos olhos dele.

O vento continuava a soprar por entre as lápides, o cheiro de seu cigarro circulou ao meu redor, e neste momento, pensei que gostaria de ter sido ele.

Ele ia se safar com isto. O que todos nós seríamos capazes de fazer se pudéssemos nos safar com um crime desses?

Talvez eu tenha tido sorte de nunca ter que descobrir. Talvez ele também seja sortudo, porque será capaz de escapar de seu sofrimento.

— Quem é ela? — perguntei suavemente.

Observei o tom dos cabelos. O dela e o dele. O mesmo tom de preto, tão escuro que quase brilhava azul ao luar. A mesma pele pálida e translúcida como se fossem feitas de mármore.

Olhei para o traje que ela usava.

— Sua mãe? — sussurrei.

Eu tinha ouvido dizer que ela foi uma bailarina muito tempo atrás.

Ele se virou, controlado, mas ainda trêmulo.

Eu tentei recuperar o fôlego.

— Will teve alguma coisa a ver com isso, Damon?

Ele negou com um aceno.

Ele se aproximou de mim e eu prendi a respiração, fechando os olhos e esperando por isso.

Mas ele não me tocou.

Ele apenas diminuiu a distância e parou, e eu não conseguiria me mover nem se tentasse. Minha cabeça estava aérea.

— Não vai lutar comigo de novo? — murmurou ele.

Demorou um momento, mas ergui os olhos, encontrando os deles.

— É mais fácil fingir que estamos no controle de tudo o que nos acontece — repeti suas palavras. — É quase pacífico. Para deixar as coisas como estão.

Ele me olhou fixamente e depois... acenou. Ele tocou meu rosto e eu estremeci, mas depois ele levantou a mão, mostrando-me o sangue que havia limpado.

Eu também toquei meu rosto, descobrindo que havia um arranhão. Isso foi do Martin ou da fuga?

— O Will sabe? — perguntou ele, esfregando meu sangue entre os dedos.

— Não.

Ele me encarou.

— Porque ele é a única coisa pura e bela não manchada pela feiura — repetiu as mesmas palavras daquele dia no chuveiro. — E nós o amamos por isso.

Fiquei quieta apesar de tudo se despedaçar por dentro, e da dor que sentia na garganta por reprimir o choro.

Aparentemente, talvez os Cavaleiros não fossem nada como eu pensava, e embora o dinheiro possa pagar as consequências, isso ainda não impedia o sofrimento de seus filhos.

Ele virou a cabeça, olhando novamente para o corpo.

— Ela começou a me foder quando eu tinha doze anos — sussurrou ele. — Depois de um tempo, você fica cansado de fingir que está no controle de tudo o que acontece com você. — Ele fez uma pausa, voltando-se para mim novamente. — E você começa a ser aquilo que sempre vai surpreender todos os outros.

Girando de volta, ele caminhou até sua mãe, agachou ao lado do corpo dela enquanto me encarava, e envolveu a garganta delicada com a mão.

Observei seus dedos curvados, apertando, os nódulos dos dedos brancos sob a pálida luz do luar.

Nossos olhares se mantiveram presos, cada um observando a reação do outro. Meus dedos dos pés se curvaram, um reflexo nítido para sair correndo dali, mas...

Eu o senti. A minha mão, não a dele. Meus dedos formigaram, lentamente se fechando em um punho, e respirei fundo, sentindo meu coração bater e a bÍlis subir pela garganta, porém...

Deus, eu queria ser ele. Eu queria fazer isso.

Gostei deste sentimento.

Eu queria matar e cerrei os punhos com tanta força que as unhas cravaram nas pele, mas não me movi até que ela parou de se mexer, ofegar e tremer, uma das pernas já pendendo na lateral da cova.

Damon travou o olhar ao meu o tempo todo.

Aquela parte minha que sempre cedia às lágrimas havia desaparecido. Lágrimas não resolviam nada.

Não percebi quando comecei a me aproximar dele, mas segundos depois, eu estava ao lado da cova, segurando meu pé e ajudando-o a empurrá-la para o buraco. Seu corpo caiu no solo com um baque surdo, as pernas, braços e pés agora sujos de terra à medida que Damon usava a pá. Eu me ajoelhei e, apressadamente, o ajudei a empurrar a terra com as mãos, para ajudá-lo a cobrir o corpo.

Nós não trocamos nem uma única palavra. Nem pensei que realmente percebemos o que estava acontecendo ou o que estávamos fazendo, mas agora era tarde demais. Mesmo que eu o entregasse por assassinato, eu o teria ajudado a ocultar o cadáver. Era tarde demais para entrar em pânico.

E embora temesse os sentimentos que me sobreviriam amanhã, à luz do dia e com a cabeça mais clara, não me contive e fiz questão de empurrar a sujeira o mais rápido possível esta noite. Eu queria que ela morresse, porra.

Quando a cobrimos o máximo que pudemos, Damon carregou o lençol e a pá de volta para o porta-malas, enquanto eu pisoteava em cima da cova, solando a terra.

Olhei para a grama à volta, percebendo que zona. Eles teriam

que usar um ventilador ou algo para limpar a terra espalhada ao redor da grama, mas nós não tínhamos isso agora. E se eles notassem?

Naquele momento, uma gota de chuva atingiu meu rosto, e eu olhei para o céu.

Mais algumas gotas de água fria caíram, e fechei os olhos, quase sorrindo.

Damon correu de volta, me ajudou a terminar de aplanar a sujeira, e depois me empurrou para fora do caminho, caindo de joelhos e passando a mão sobre a cova, livrando-se de nossas pegadas.

— A chuva vai enlamear tudo — comentei. — Talvez eles não percebam que foi escavada.

Ele acenou com a cabeça.

— Entre no carro. Agora.

Deus, talvez eu fosse sua próxima vítima, mas nem hesitei. Fui até o carro, abri a porta do passageiro e entrei em seu BMW.

BMW.

Eu já havia visto esse carro antes. Em algum lugar.

Mas balancei a cabeça.

É claro que já tinha visto. Todos na escola conheciam os carros dos Cavaleiros.

Damon fechou o porta-malas e tomou seu assento, a chuva chapinhando o teto, então observei o túmulo de McClanahan pela janela, a terra revirando à cada gota que caía.

Não deveríamos ter escondido ela aqui. De onde ele tirou essa ideia?

Aquele túmulo era importante. Damon e seus amigos o reverenciavam. Como ele pôde colocá-la ali? Isso não era o mesmo que profanar a memória de McClanahan ou algo assim?

Quero dizer, acho que pareceu inteligente. Esconder um corpo onde ninguém achasse estranho encontrar um cadáver, especialmente porque aquele túmulo foi cavado recentemente e havia uma boa chance de ninguém notar que tinha sido remexido outra vez, mas qualquer um poderia ter nos visto. Talvez alguém tenha visto.

Olhei em volta, examinando a linha das árvores e as sebes. Procurando por qualquer raio de movimento entre as criptas e as lápides.

Enfieei a unha do polegar na boca e senti o gosto da sujeira, também espalhada no meu suéter.

Dei uma olhada de relance em Damon, que ainda não havia ligado o carro.

Ele agarrou o volante, o lábio inferior tremendo enquanto encarava o para-brisa com os olhos lacrimejantes.

— Eu não a amava — disse ele, quase para si mesmo.

Mas seu rosto estava torcido em tristeza e desespero enquanto

as lágrimas se derramavam, caindo pelo rosto sujo.

— Não sei por que dói — sussurrou. — Eu não a amava.

— Você amava — disse eu, mas isso saiu como um sussurro. — Você aprendeu a amar com ela. — Voltei a olhar para a sepultura. — Era assim que sua forma de amor parecia.

Meus pais me criaram, mas Martin também o fez. Ele me moldou.

Não era de admirar que eu não pudesse dar ao Will o que ele queria.

As lágrimas finalmente inundaram meus olhos até que tudo ficou tão desfocado que eu não mal conseguia enxergar.

Damon saiu com o carro e eu não sabia para onde estávamos indo, mas quando ele entrou no estacionamento da escola, fiquei um pouco aliviada.

Eu não queria ir para casa.

E eu nem podia, do jeito que eu estava. Eu precisava encontrar algumas roupas limpas. O relógio mostrava 2:02h da manhã.

Damon dirigiu pela escola, até a parte de trás, e estacionou entre os ônibus e o ginásio de eventos.

Ele desligou o motor, esticou o braço e pegou um boné de beisebol, jogando na minha direção ao mesmo tempo em que cobria a cabeça com o capuz.

— Coloque isso — instruiu. — E vamos lá.

Hesitei, minha tendência natural para discutir ou exigir respostas, mas... ele parecia ter um plano, pelo menos, e eu não conseguia nem me lembrar do meu próprio nome no momento.

Coloquei o boné e saí do carro, seguindo-o até a porta enquanto ele tirava um conjunto de chaves.

Como ele tinha as chaves da escola, eu não fazia ideia, e não estava nem aí.

Ele destrancou a porta, e eu corri para dentro, seguindo-o através do vestiário dos meninos. Ele pegou duas toalhas e me levou para um enorme chuveiro com várias duchas, passando as toalhas por cima de uma divisória.

Olhei à minha volta enquanto ele abria a torneira.

As meninas tinham cabines separadas. Alguma privacidade, pelo menos.

— Tire as roupas — ordenou. — Agora.

Ele tirou o moletom e começou a se desfazer da calça, e eu abri a boca para protestar, mas a fechei novamente.

Ele não estava me matando, afinal.

Ele tirou a roupa, e lentamente, eu fiz o mesmo, em piloto automático agora.

Desenganchei o macacão, retirei o agasalho por sobre a cabeça

e tirei tudo – tênis, meias e até mesmo as roupas íntimas, com muito medo de deixar qualquer sinal de evidência.

Ambos nos enfiámos sob nossos respectivos chuveiros e nos enxaguamos, o sangue escorrendo de seu corpo e pelo ralo. Espiei um rosário preto que pendia em seu pescoço e peito. Será que ele usava isso o tempo todo?

Fechei os olhos, tremendo sob a água.

— Você sabe quem é meu pai, certo? — perguntou ele.

Assenti.

— E você sabe o que acontecerá contigo se suspirar uma palavra disto.

Abri os olhos e o encarei, deparando com seu olhar através das mechas de cabelo no meu rosto.

— Eu sei — murmurei. — Eu não tenho a grana que você tem para me safar disso.

Ele me observou por um momento e depois se abaixou, esfregando as pernas e depois os braços.

Eu não conseguia parar de tremer, meu estômago estava embrulhado, o corte no supercílio ardia quando a água resvalava sobre ele.

— Talvez um dia eu retribua o favor — Ele se levantou de novo. — Quando você estiver pronta para lidar com ele.

Seu olhar deslizou pelo meu corpo, absorvendo todos os hematomas que ele já tinha visto antes.

— Sou uma ponta solta — assinalei. — Por que você não me matou quando percebeu que eu o tinha visto lá hoje à noite?

Ele parecia estar pensando no assunto.

No entanto, ao invés disso, ele perguntou:

— Por que você não fugiu quando me viu?

Ele estava certo. Eu tinha me envolvido nessa merda de bom grado.

E por quê? Para ajudá-lo? Eu nem gostava dele, e como poderia saber se o que ele disse era verdade? Talvez a mãe dele fosse a pessoa mais simpática do mundo.

Eu tinha apostado tudo na palavra dele. E para quê?

Sacudi a cabeça, tentando clarear as ideias.

— Há um... — Engoli, levantando a mão até a cabeça. — Um rasgo na membrana. Eu não sei o que há de errado comigo hoje.

Ele me encarou de volta, silencioso.

Abaixei a cabeça, lembrando-me de como havia me sentido. Como eu o observava e imaginava como seria matar alguém a quem você odiava.

— Eu queria ver você escondê-la — sussurrei.

Ele ficou ali, quieto, como se estivesse me estudando ou

tentando descobrir alguma coisa, e depois suspirou, esfregando a água pelo rosto todo.

Em seguida, ele pigarreou.

— Eu tenho uma irmã — revelou. — O nome dela é Nik, mas todos a chamam de Banks. — Ele encontrou meu olhar outra vez. — Se algo acontecer, e eu não puder estar lá por ela... se eles me prenderem por isso... você precisa ir até minha casa e ajudá-la. Ela não tem mais ninguém. Você entendeu?

O quê?

— Você está me pedindo isso? — Olhei para ele, confusa. — Por quê?

Ele tinha toneladas de pessoas com quem podia contar.

Mas ele apenas se virou, fechou a torneira e levantou os braços, alisando o cabelo.

— Não tenho certeza se alguém mais teria me ajudado a enterrar um corpo — murmurou ele.

A água continuou a se derramar sobre mim, e quando levantei a cabeça, notei pequenas cicatrizes na parte de baixo de seus braços.

Nem mesmo seus amigos?

— Ela tem a sua idade — continuou. — Ninguém sabe da existência dela, e não pergunte por quê. Ela não tem ninguém além de mim. Prometa-me.

Demorou um momento, mas, finalmente, acenei com a cabeça.

— Uma irmã. Nik. Minha idade. Entendi.

Ele deu um sorriso de leve, porém genuíno, e veio na minha direção para fechar a torneira. Em seguida, pegou as toalhas e me entregou uma.

— Um rasgo na membrana... — ele disse a si próprio, colocando o braço ao meu redor e me puxando para fora do chuveiro. — Vamos lá. Vamos procurar o Will.

Capítulo 25

Will

Dias atuais...

É claro.

Claro que ela queria fugir, porque era tudo o que ela sempre fazia.

Mas ao invés de ficar magoado com isso, eu estava pau da vida agora. Anos atrás, dei desculpas para seu comportamento – eu não era bom o suficiente para ela ou ela tinha muitas pendências para se permitir me querer, mas agora, não havia dúvida. Ela era egoísta, sem coração, um desperdício de tempo que Damon sempre alegou que ela era por me rejeitar, e agora eu queria que ela fosse se foder.

Eu não precisava de ninguém para me salvar, e não precisava dela para nada.

Eu me abaixei e a puxei de cima de Alex, ouvindo sua camisa rasgar quando a empurrei para fora do caminho. Se ela realmente queria ir embora sem mim, então podia muito bem ficar aqui sozinha também.

Put a que pariu.

Ela avançou mais uma vez, tentando pegar a sacola de mantimentos, mas agarrei o colarinho da camisa e a encarei com raiva.

— Você deve estar chapada se pensa que vai a algum lugar — eu disse.

Ela me empurrou, os óculos perdidos em algum lugar no chão, e Alex se levantou.

— Você nunca imaginou o que Damon e eu estávamos fazendo juntos naquela noite em que você nos encontrou na escola?

Pestanejei e ela deu uma risada cínica.

— Você também não quer saber o que realmente aconteceu no dia em que você foi preso, quer?

— Eu sei o que aconteceu — rosnei.

Ela riu novamente, mas baixou a cabeça, os olhos marejados.

— Sim. Tudo, exceto meu lado da história, e talvez você tivesse feito as coisas de maneira diferente e ainda me odiaria pelo que fiz, mesmo se soubesse a história toda, mas talvez me deixasse dizer palavras que precisam ser ditas, só que não é isso o que você quer. Sabe por quê?

Ouvi uma movimentação lá em cima, e sabia que precisávamos nos esconder. Agora mesmo.

— Porque você não quer lidar com as coisas — ela sussurrou.

— Damon sabia disso. Eu sabia. Todos sabiam. Você não tinha problemas, porque não queria problemas. Você deixou a corrente te levar e *c'est la vie*[32].

Meus punhos se apertaram em torno da camisa.

— Você era a criança que todos protegiam — ela continuou. — Damon disse que você não estava manchado por nada ruim, e foi isso que o tornou tão especial para nós. Essa qualidade precisava ser preservada.

Eles falaram de mim? Juntos? Nas minhas costas?

— Você nunca achou estranho? — ela pressionou. — Damon e eu nos odiávamos. Então, o que estávamos fazendo naquela noite? Como eu fui a única pessoa a saber sobre sua irmã?

Deduzi que ela estivesse falando de Banks, e não de Rika. Nenhum de nós soube da existência de Banks até mais de um ano depois de termos saído da prisão.

Emmy sabia sobre ela na época da escola?

Ela manteve o olhar travado com o meu, as lágrimas cintilando e querendo correr livres.

— Por que você nunca fez estas perguntas?

— Porque eu...

— Porque você não queria saber as respostas — ela me interrompeu. — Se você não soubesse o que estava acontecendo, então não teria que resolver nada.

— Isso não é verdade.

— Ah, tá bom... — retrucou. — Esqueci que você tinha um método para lidar com seus problemas, afinal de contas, ao contrário do resto de nós, os fracotes.

Eu a fuzilei com o olhar. Que porra é essa?

Como diabos ela sabia sobre o meu vício? Porra.

O olhar dela vacilou, e percebi que ela viu pela minha expressão que talvez não devesse ter dito nada, no entanto, eu a empurrei contra a parede, louco para caçar uma briga.

Alex agarrou o braço dela e a puxou em direção às escadas.

— Cale a boca, Emory — repreendeu, entredentes. — Todos estão sofrendo. Não se trata só de você. Temos que nos unir.

Ela se soltou e recuou em direção à porta, seu olhar alternando entre nós.

— É melhor você se esconder — ela disse a Alex. — E espero que você consiga voltar para casa em segurança.

Ela estava saindo. Ela estava realmente saindo daqui, a caminho da sua morte, porque seu orgulho ocupava tanto espaço em sua cabeça dura, que não sobrava espaço para o bom senso.

Ela tinha ficado bem antes. Ou quase bem.

Ela não podia ficar aqui comigo e com Alex. Então estava me

deixando.

— E quando a nossa turma chegar? — Alex sussurrou. — Não vamos sair desta ilha sem você, e isso só vai atrasar nossa fuga enquanto todos vasculham o terreno em busca de seu cadáver, sua idiota!

— Ele foi enviado para cá — Emmy argumentou. — É culpa dele que qualquer um de nós esteja aqui agora.

Ela deu a volta, pegou sua bolsa e segurou a maçaneta com força. Alex correu até ela e afastou sua mão. Emmy se virou e deu um empurrão em Alex, que tropeçou para trás e acabou caindo de quatro no chão.

Bem aos pés de Aydin.

Perdi o fôlego, e levantei a cabeça para olhar para ele.

Ah, que merda.

Ele estava parado entre as escadas e a sala de jantar. Taylor entrou atrás dele, e Rory e Micah se postaram no corrimão no topo das escadas.

Endireitei a postura ao ver todos eles conferindo nosso mais recente ‘hóspede’, e meu estômago se revolveu. Ele até poderia me deixar ficar com uma, mas não com as duas. Eu não conseguiria protegê-las.

Alex permaneceu congelada por um instante, olhando fixamente para os sapatos de Aydin, até que, lentamente, levantou a cabeça e olhou para ele.

Ele fez o mesmo, usando um terno limpo e preto, camisa branca e sem gravata. Não percebi que havia parado de respirar até sentir meus pulmões se contraindo.

Sua mandíbula estava cerrada, os olhos cada vez mais sérios.

— Micah? — ele chamou. — Rory?

— Sim — Micah respondeu de cima.

Aydin continuou a encarar Alex, dizendo:

— Quero a casa e o terreno revistados. Agora.

Os dois ficaram ali por um momento, e depois se separaram, procurando por mais alguém no primeiro e no segundo andar.

Foi fácil descartar a chegada de Emmy como um acaso solitário – ou um golpe de sorte para alguns deles –, mas Alex, aqui, não foi um simples acidente. Estávamos sendo infiltrados, e Aydin ainda gostava de agir como se estivéssemos aqui de livre e espontânea vontade, e esta casa era o seu domínio.

Inclinando-se, ele gentilmente ajudou Alex a se levantar, olhando-a nos olhos e limpando o sangue debaixo do nariz dela com o polegar.

Ela hesitou por um segundo, mas depois... ela se afastou de seu toque e recuou.

Ele ergueu a mão, o olhar fixo no sangue que escorria de seu polegar. Até que, desviando o olhar novamente para ela, lambeu o dedo.

— Alex — disse ele, engolindo. — Palmer.

— Vocês se conhecem? — perguntei.

Como diabos eles se conheciam? Ousei olhar para Alex, mas ela estava paralisada, os ombros erguidos e a boca fechada.

— Quantos mais estão aqui? — ele perguntou. — E onde estão eles?

Eu os observava, odiando sua calma dissimulada, porque ele sempre parecia estar esperando algum revés, mas já com um plano em mente para ocasionais interferências.

Era a única coisa que aprendi com ele. A aparência de controle era igualmente poderosa. Tomar uma decisão e agir como se fosse esse o plano o tempo todo.

Quando ela não respondeu, ele baixou o queixo e deu um sorriso cínico.

— Você não fez isto por conta própria — ele disse. — Como encontrou este lugar?

Sem esperar por uma resposta, ele passou por ela em direção a Emmy, que permanecia próximo à porta da frente.

Ele inclinou o rosto dela para cima para avaliar o hematoma que se formava na bochecha.

— Parece que você encontrou seu barulho estranho nas paredes — alegou.

Ela não respondeu, mas deixou-o virar o rosto de um lado ao outro para inspecionar os danos.

Eu queria arrancar a cabeça dele.

— Como você sabe que não fui trazida aqui contra a minha vontade, como Emory? — Alex perguntou.

Mas Aydin a ignorou, perguntando a Emmy:

— Por que você estava brigando? — Ele me lançou um olhar. — Por ele?

Mais uma vez, Em manteve a boca fechada, sem confirmar ou negar.

— Se for obrigado a fazer uma escolha, ele não vai te escolher —

Aydin afirmou. — É melhor se acostumar com o fato de que terá que cuidar de si mesma.

— Já estou mais do que acostumada — ela respondeu num tom calmo, mas firme.

Ele deu uma piscadela, sinalizando que havia aprovado sua resposta.

Eu os encarava fixamente. Que diabos ele estava fazendo? Eles

estavam se unindo ou alguma porra do tipo?

Ele abaixou os braços e olhou aos pés de Em, reparado na sacola de mantimentos. Ele olhou de volta para ela, por um segundo, antes de pegar o casaco preto do cabideiro ao lado da porta e envolver o corpo dela.

— Taylor? — ele disse.

O outro homem se aproximou.

— Sim?

— Contenha o Will — Aydin lhe disse.

Retesei o corpo na mesma hora. O quê?

Antes que pudesse reagir, Taylor me agarrou, enlaçando meu corpo por trás com um aperto de aço.

— Que diabos você está fazendo? — gritei.

Aydin abriu a porta da frente, olhando para Emory antes de se abaixar e pegar a sacola para entregar a ela.

Ela hesitou e seu olhar se altercou entre Aydin e mim, que me debatia contra o agarre de Taylor.

— Você está me deixando ir embora? — ela perguntou. — Após tudo isso?

Empurrei Taylor para longe e ouvi o ruído dos candelabros caindo no chão quando ele se chocou contra eles.

Então eu avancei.

— Desejaria que você não fosse embora — Aydin lhe disse. — Mas você pode ir.

Ela olhou para mim, e eu parei, avaliando minhas opções. Se ela fugisse, Alex estaria certa. Nós nos atrasaríamos tentando encontrá-la, para ter certeza de que ela não acabasse morta, e eu já nem tinha certeza do porquê ainda me importava com isso.

Aqueles filhos da puta do caralho. Michael, Kai e Damon e todos eles. Se eles não viessem, eu não estaria tão sem pouco tempo como agora. Eu ainda não estava pronto para partir.

É claro, eles só precisavam entrar e me salvar.

Emmy me encarou – talvez esperando para ver se eu a impediria, ou esperando que o fizesse –, porém eu não queria este confronto com Aydin. Ainda não.

Porque ela não ia sair daqui, porra, mesmo que eu tivesse que lutar contra todos eles e ter todos os ossos do meu corpo quebrados.

Algo atravessou seu olhar, do mesmo jeito que aconteceu naquela manhã, no cinema, tanto tempo atrás. Como se ela quisesse se moldar aos meus braços.

Como se ela não quisesse realmente ir, porque queria ficar comigo.

Mas antes que eu pudesse segurar sua mão, fechar a porta, e descobrir como faria para derrotar Aydin e Taylor, para proteger

ambas, ele se inclinou e sussurrou alguma coisa no ouvido dela enquanto ela me encarava fixamente.

Ela continuou ouvindo o que ele dizia, e três segundos se estenderam para dez, até que, finalmente, ela baixou a cabeça e assentiu como se tivesse se dando conta de um fato.

Ele fechou a porta, tirou o casaco de cima dela e o pendurou novamente no cabideiro; em seguida, tirou a sacola de comida de suas mãos, antes de ele me dar um sorriso perspicaz.

Meu corpo retesou.

Passando por mim, ele saiu da sala com Taylor em seu encalço, e eu fiquei ali de pé, olhando fixamente para Emory, que permanecia em silêncio.

Ela estava fugindo de mim. Ela se engalfinhou com a Alex para poder ir embora dali.

E agora havia decidido ficar?

Porque ele tinha mais controle sobre ela do que eu tive alguma vez.

— Pegue suas coisas — eu disse a Alex, sem desviar o olhar de Emory em momento algum. — Você vai passar a noite comigo.

— Will...

— Agora! — gritei, interrompendo o protesto de Alex.

Que se foda. Ela poderia pegar suas merdas depois. Agarrando a mão dela, eu a puxei escada acima, deixando Emory no vestibulo, e sumindo pelo corredor, chegando até a última porta que levava ao terceiro andar.

Emory estava a salvo. Ela estava agora sob a proteção de Aydin. Soquei a parede à medida que avançávamos pelo corredor.

— Olha, não sei o que diabos está rolando — Alex disse, soltando a mão da minha —, mas quando formos embora, ela vem junto. Você pode resolver suas merdas com ela quando voltarmos à civilização. Quando eu fugir daqui, vocês dois vêm comigo.

Tranquei a porta e acendi as luzes, me debatendo sobre pegar o *laptop* e acionar meu contato para interceptar Michael e a galera. No entanto, eles precisavam vir logo, de forma que pudessem levar Emory e Alex para um lugar seguro.

— Quando eles vão chegar? — perguntei.

— A qualquer dia agora.

Peguei uma camisa e fui até a janela para fechar as cortinas.

— Você quer ir para casa, não é? — Alex perguntou.

Relanceei um olhar em sua direção.

— Will...

Andei pelo quarto, sentindo meu controle prestes a romper.

— Seus pais... — ela disse, a voz mais suave. — O modo como você sempre falava deles. Eles te amam. Por que você ainda está aqui?

Será que eles realmente teriam te mantido longe por tanto tempo? Não faz sentido...

Eu deveria dizer a ela. Eu só não tinha certeza de que não fracassaria na minha missão, e eu precisava fazer isto por conta própria. Ou todo o meu tempo e esforço iriam por água abaixo.

Eu precisava voltar para casa dez vezes mais homem do que entrei aqui. Precisava levar isto até o fim.

Ela segurou o meu queixo e o inclinou para ela, me fazendo parar.

— Damon, Winter, Michael, Rika, Misha, Kai, Banks... — pronunciou seus nomes como se eu os tivesse esquecido. — Seu lugar é em casa. Você não quer ir embora?

Claro que sim.

Por que ela pensaria que eu não queria ir embora?



Kai e Banks.

Winter e Damon.

Michael...

Eu sabia o que precisava fazer quando vim para cá, mas as palavras de Alex continuaram a se atropelar na minha cabeça – ainda mais agora. Especialmente diante da decisão que eu teria que tomar mais cedo do que imaginei.

Talvez eu estivesse assustado.

Talvez... talvez apenas uma pequena parte minha não quisesse sair daqui. Não havia drogas aqui. Não havia mulheres. Eu tinha ficado longe do álcool com bastante facilidade. Não tinha que provar meu valor com uma carreira profissional, planos ou relacionamentos.

Eu só tinha que sobreviver. Não havia oportunidades para encarar, logo, nada para estragar.

Estávamos todos no mesmo barco.

E talvez eu tenha gostado disso. Com a sobriedade veio a clareza, e ao ter tempo para pensar no meu passado, acabei sentindo vergonha de mim mesmo. Eu queria que todos confiassem em mim. Que dependessem de mim.

Mas isso significava arriscar o fracasso, e por alguns minutos aqui e lá, eu me contentaria em ficar aqui para sempre.

Acredite ou não, era mais fácil.

Subi as escadas de volta ao meu quarto, levando uma tigela de guisado para Alex. Micah tinha guardado para mim, mas não o suficiente para Alex, e nem fodendo eu imploraria a Aydin por comida extra. Ela me disse que tinha algumas coisas nos túneis, mas deixei

que ela comesse sua primeira refeição substancial em dias, decidido a pegar uma de suas barrinhas de granola para mim depois.

Entrei no quarto, ouvindo os respingos de água do outro lado do biombo. Parei e observei sua silhueta através do tecido de cor creme.

Ela se encontrava na banheira, curvando para baixo para se lavar. Devagar, coloquei a tigela sobre a mesa, sentindo meu estômago se revolver ao observá-la.

Sempre foi fácil demais me perder dentro de Alex. Eu não precisava falar ou manter uma fachada. Eu não precisava seduzi-la ou fingir.

Ela era meu porto na tempestade e eu era o dela.

Eu via sua forma se mover enquanto ela enxaguava as pernas e os braços. Sua mão subia pela nuca, o pano encharcado gotejando na banheira.

Ela era a única pessoa com quem eu me sentia completamente seguro. A única pessoa que nunca temi decepcionar, porque a única coisa que ela esperava de mim... era estar lá.

Por que eu não pude amá-la? Ela se dava bem com meus amigos. Ela me fazia rir, e sua presença era sempre reconfortante. Sempre.

Ela se encaixava na minha vida.

Ao observá-la, cerrei as mãos, quase convencido de que deveria fazer isso. Eu deveria ir até lá, pegá-la no colo e a levar para cama, então me afundar dentro dela e...

Balancei a cabeça, suspirando.

Eu não podia.

Porque cada vez que fechava os olhos, via a garota que me fazia querer ser alguém melhor. Mais.

Eu via Emmy Scott.

Alex era como Damon. Eles me amavam. Eles satisfaziam o meu lado sombrio.

Eram muito tolerantes e permissivos.

Eles me impediram de ficar só, mas Emory me ensinou que nem tudo o que eu queria viria facilmente. Que havia coisas pelas quais eu teria que lutar e que havia sofrimento no mundo ao qual meu estilo de vida superficial no ensino médio me mantinha alheio.

Ela me fez sentir como um homem.

Mesmo que suas palavras fossem afiadas e a luta constante que ela travava em seu coração fossem como uma punhalada no meu próprio coração, bastava sentir seu olhar sobre mim para que eu me sentisse forte.

Seus braços ao meu redor me faziam querer enfrentar qualquer coisa.

Quando eu fechava os olhos, via uma garota com óculos grandes demais para seu rosto, e ouvia a voz mais doce e tímida do mundo me perguntando se eu ainda queria segurá-la.

Ainda conseguia senti-la embalada em meus braços.

Deixando o guisado sobre a mesa, pressionei o painel de madeira na parede, do jeito que Alex havia me mostrado antes, e adentrei a passagem secreta, fechando mais uma vez o painel.

Os caras ainda estavam acordados, espalhados pela casa e fazendo suas coisas, mas eu não tinha visto Emory quando fui buscar comida.

Alex disse que havia deixado sua mochila no túnel, do lado de fora do quarto do Emory e, embora tenha dito a mim mesmo que estava apenas querendo buscar uma barrinha de cereal e um pouco de água, eu queria ter certeza de que ela estava em sua própria cama do caralho.

Com a porta trancada.

Ela seria levada de volta a Thunder Bay, sã e salva, para enfrentar as consequências.

Percorri o caminho através dos túneis, seguindo para a ala leste onde o quarto dela ficava. Pouco tempo depois, avistei a mochila preta no chão, sob uma luz débil que se infiltrava pelas frestas no painel.

Estas passagens estiveram aqui o tempo todo. Era inconcebível que Aydin não soubesse disso. Porém, Alex andou rondando a casa por dias, sem nunca ter sido detectada, então...

Deixei a mochila no chão quando ouvi os gemidos de Emmy, antes mesmo de encontrar o orifício para espreitar dentro de seu quarto.

Meu pulso disparou, e eu me esqueci da bolsa e de tudo, empurrando a porta para entrar no cômodo escuro como breu. Na mesma hora, reconheci sua forma deitada sob as cobertas.

Arquejando, ela se contorcia sob os lençóis, gemendo baixinho. Observei a cadeira presa abaixo da maçaneta da porta do quarto, à medida que seguia na direção da cama. Eu me agachei ao lado, olhando para suas costas do mesmo jeito que fiz naquela noite, tanto tempo atrás, quando a levei para casa depois do *Cove*. Com o lençol abaixo da cintura, ela o agarrava com força, a respiração ofegante.

Usando uma regata e uma calcinha de renda roxa – que deduzi ter conseguido com Alex –, ela gemeu e choramingou, e eu me inclinei sobre o colchão com a mão apoiada sobre o travesseiro.

Seu olho agora apresentava um hematoma, e o corpo estava repleto de arranhões e cortes agora que eu a observava direito. A queda na floresta, o princípio de incêndio, a luta com Taylor e a recente briga com Alex...

Então não pude evitar... Afaguei seu cabelo e o afastei do rosto,

vendo-a se debater e tremer diante do pesadelo que enfrentava.

Eu me apaixonei por Emory desde o momento em que coloquei os olhos nela, quando eu tinha 14 anos. Eu sempre a amei, e ainda era capaz de vê-la sentada em sua bicicleta, do lado de fora da cerca de arame que cercava a escola, observando a mim e meus amigos em nossos *skates* naquele verão.

A partir daquele instante, era como se meu corpo estivesse sempre consciente de sua presença; tudo o que eu fazia era calculado para que ela prestasse atenção em mim.

Cada piadinha na aula. Cada gaiatice no refeitório. Cada novo corte de cabelo e novo par de jeans.

Até mesmo o Raptor. Quando meus pais o compraram para mim, meu primeiro pensamento foi como seria tê-la sentada ao meu lado. Uma fantasia idiota onde ela corria até a minha caminhonete, após a aula, sorrindo e pulando no meu colo, agarrada a mim porque eu era seu namorado e sempre levava a minha garota para casa depois da escola.

Eu odiava vê-la sozinha. Ela estava sempre sozinha, e não deveria estar, porque seu lugar deveria ter sido ao meu lado. Porém, quanto mais velha ela ficava, mais furiosa se tornava, e mais desesperado eu me encontrava, tentando esquecê-la a todo custo.

E eu só queria que isto acabasse logo de vez.

Nada melhorou com ela. Apenas apodreceu.

Ela nunca se deitaria entre meus braços, em uma cama só nossa.

— Eu te amo, Will — ela disse, baixinho.

Eu congelei na mesma hora, olhando para ela, minha mão ainda tocando sua testa.

O quê?

Minhas pernas bambearam, e eu a encarei, boquiaberto e com o cenho franzido, tentando descobrir se seus olhos estavam abertos ou se ela estava dormindo, mas...

Eu sabia que ela estava acordada. Sua respiração havia acalmado, seu corpo agora relaxado.

— Você se lembra da noite em que entrou escondido no meu quarto? — ela perguntou, ainda de frente para mim. — Quando a gente discutiu e você quase foi embora?

EverNight. Na noite em que conheci a avó dela.

Ela fungou.

— Eu te avisei que não era uma pessoa feliz, e havia um monte de motivos para não querer um relacionamento com você, mas... — Ela hesitou, tentando encontrar suas palavras. — A única época que amei a minha vida foi quando estive com você.

Imóvel, eu ainda não havia afastado a mão de seu rosto.

Agora? Ela estava me dizendo isso agora?

— Eu sempre fui a *sua* Em — sussurrou. — Não importava o que eu dizia ou o que fazia ou todas as maneiras que deixei minha vida me derrotar ao longo dos anos... Naquela noite, eu soube. Eu estava apaixonada por você.

Cerrei os dentes quando senti a ardência nos meus olhos.

— Você pode ir embora, e eu sobreviverei. É o que sempre fiz — afirmou. — Só queria que você soubesse disso.

E, num instante, mais uma vez, não consegui lembrar porque ela era ruim para mim, e desejei foi tê-la no lugar onde ela deveria estar.

Comigo.

Todo o ódio, raiva e dano se dissiparam, e tudo o que eu queria era me enfiar embaixo daquele cobertor e me aconchegar às suas costas, só para que pudesse segurá-la em meus braços, mas eu sabia que quando meus olhos se abrissem pela manhã, a realidade seria diferente.

E a realidade me machucaria.

Fechei a mão em um punho, querendo ficar ali, mas ciente de que não poderia mais continuar com isso.

Eu estava liberto de todos os meus vícios, exceto de um, e precisava esquecê-la. Eu precisava esquecê-la, para que pudesse voltar para casa.

Eu me afastei, orgulhoso demais para desaparecer outra vez pela passagem secreta na parede. Ao invés disso, abri a porta do seu quarto e saí, deixando-a no escuro.

Quando fui procurá-la, eu queria saber o que ele disse a ela – o que sussurrou em seu ouvido lá embaixo –, mas agora eu não podia ficar um segundo a mais, ou não daria a mínima para qualquer outra coisa a não ser ela, durante o resto da noite.

Ela me amava.

Ela me amava.

O mundo oscilou à minha frente.

No entanto, aquele era apenas mais um exemplo de como todo mundo fazia o que queria comigo, por pensarem que eu nunca ficaria puto.

Quer dizer, Damon quase me matou. Um ato tão brutal que eu mal conseguia pisar o pé na superfície da água, a não ser de uma banheira, e não foi preciso muita coisa para que eu o perdoasse.

Eu não facilitaria mais para ninguém.

— Will — Aydin me chamou assim que passei pelo seu quarto.

Parei, tenso.

Eu não queria conversar com ele agora, porque qualquer merda que saísse da sua boca iria ferrar mais ainda com a minha cabeça.

Cacete, eu queria um cigarro. Eu esperava que Winter não tivesse feito Damon desistir de fumar de vez, ou teria que comprar meus próprios maços assim que voltasse para casa.

Micah raspava a navalha suavemente pela garganta de Aydin, inclinado para trás em sua cadeira.

Ao entrar, estendi a mão e peguei a lâmina. Micah hesitou por um instante, mas a entregou e saiu logo depois.

De pé às suas costas, continuei de onde Micah havia parado, raspando mais um trecho. Ele gostava mais quando eu o barbeava.

— Você acha que estaria no comando — Aydin perguntou —, se eu não estivesse aqui?

Apertei o cabo da navalha, deslizando a lâmina novamente pelo pescoço. Bastaria um golpe rápido agora mesmo, e eu *estaria* no comando.

E ele sabia disso.

Aydin também se achava corajoso, ao me deixar barbeá-lo quando sabia o quão fácil seria, para mim, acabar com ele naquele instante, a fim de proteger Emmy e Alex.

— Estou com inveja por seus amigos terem enviado alguém por você. — Ele riu, olhando para mim. — Acho que meu pessoal se esqueceu de mim.

— Encontre pessoas que não fazem isso.

Deslizei a lâmina sobre sua mandíbula, sentindo seu olhar fulminante.

— Eu encontrei — afirmou.

Nós? Nós não éramos seu pessoal. Pelo menos, ainda não.

— Exigir obediência através da intimidação não significa conquistar a lealdade — comentei. — Tem que fazer por merecer.

Ele ficou em silêncio, me observando raspar os pelos rente à bochecha e queixo. Ele sabia o que eu queria dizer. Micah, Rory e Taylor não o respeitavam. Eles tinham medo dele.

— Eu sei — ele respondeu, por fim. — Você não estava conseguindo convencê-la a ficar em casa. Eu, sim. E não precisei levantar um dedo para isso. — Ele me encarou fixamente. — Não precisei nem alterar o tom de voz. Isso é lealdade.

Pisquei rapidamente.

— Você tem o coração dela, mas fui eu que consegui entrar em sua mente — ele zombou. — Com uma mulher como Emory Scott, a quem você acha que ela daria ouvidos?

Não precisei pensar duas vezes para saber a resposta. Minha mão tremeu de leve quando comecei a raspar acima de seu lábio superior.

— Quando você conseguir escapar, você acha que a Emmy vai fugir contigo e com a sua vagabunda? — ele perguntou.

Fiquei calado, segurando a lâmina com força enquanto o encarava com ódio.

Ela não vai ficar aqui com você.

— Acho que quando eu escapar — murmurei —, vou levar muito mais do que aquelas duas.

Ele riu, arrancando a toalha ao redor do pescoço para limpar o rosto.

— Ela é um espetáculo — ele disse. — Gostei do jeito como ela agarrou sua garganta hoje. Muitos homens não admitem que gostariam de ser dominados. Mas é um tesão do caralho. Ela te fodeu de jeito. Eu realmente acho que ela floresceu aqui dentro.

Travei a mandíbula, fazendo um esforço do caralho para me controlar.

Ele nos viu na estufa. Ele a viu me cavalcando.

Larguei a navalha e saí do quarto, meu corpo inteiro incendiando.

Ela não tinha o direito de possuí-la.

Voltei para o quarto dela, abri a porta e fui até sua cama, vendo-a se sentar de supetão e me encarar sob a fraca claridade do corredor.

— O que você está fazendo? — ela perguntou.

Mas eu não disse uma única palavra.

Peguei seus óculos na mesinha de cabeceira e deslizei meus braços por baixo de seu corpo, com lençol e tudo, levando-a no colo para o meu quarto.

Ela ficaria comigo e com Alex, porque de forma alguma eu a deixaria longe da minha vista.

Ela enlaçou meu pescoço, os olhos focados em mim durante todo o caminho até o terceiro andar. Para a minha cama.

Deus, quem diabos a trouxe aqui? Ela estava arruinando todos os meus planos.

[32] c'est la vie: expressão em francês para 'assim é a vida'.

Capítulo 26

Will

Nove anos atrás...

A porta de um armário bateu com força, ecoando por todo o corredor. Levei a garrafa à boca, tomando mais um gole do champanhe.

Filhos da puta. Que porra eles estavam fazendo? Há quanto tempo isso estava acontecendo?

Eu sabia que alguma coisa estava errada.

Recostei-me contra uma pilha de tapetes no ginásio de luta-livre, ouvindo a porta do vestiário se abrir adiante, enquanto *Apologize* tocava baixinho no alto-falante ao meu lado.

Bebi mais um gole, lembrando da forma como me aconcheguei a ela na noite passada, em seu quarto.

Como um idiota.

Depois da nossa briga na escola, hoje, saí à noite para comemorar a Noite do Diabo com meus amigos e uma galera, a fim de tocar o terror. Enchi a cara e fui ver se achava alguém que poderia me fazer sentir melhor, porque ela me tratou como lixo, e eu estava cansado de perseguir a garota que sempre acreditei ter sido feita para mim, mas que não me queria.

Ela nunca retribuiu meus sentimentos.

Com exceção de ontem à noite.

No entanto, hoje, ela havia voltado ao normal, agindo como se tivesse transado comigo por pena. Como se eu não fosse bom o bastante.

Meus amigos e eu fomos ao cemitério e nos divertimos.

Depois fomos ao *The Pope*, em Meridian, e festejamos um pouco mais.

Eu não conseguia esquecê-la, não importava a quantidade de bebida alcóolica que ingerisse. Peguei um táxi de volta a Thunder Bay, mas ao invés de ir para casa, decidi me arrastar até o ônibus escolar que ficava no estacionamento da escola. Eu me enfiei lá dentro, desabei no banco nos fundos do veículo e comecei a me lembrar da sensação de tê-la em meus braços. Como foi maravilhoso sentir seu desejo e amor.

Fiquei ali sentado, mais bêbado do que antes, pensando nela, então olhei pela janela e os vi.

Damon e ela. Andando em direção à escola.

Pisquei diversas vezes, para me assegurar de que estava enxergando direito, porque tudo girava ao redor, mas... por fim, desci do ônibus e fui atrás dos dois.

Fechei os olhos, inspirando fundo à medida que ouvia seus passos se aproximando pelo corredor.

Não foi muito difícil encontrá-los. Numa escola antiga como essa – e praticamente deserta a esta hora da noite –, foi fácil ouvir o barulho da água corrente enquanto eu seguia pelo caminho. Senti as pernas bambas, o estômago revirando, e me esgueirei para dentro do vestiário, vendo-os assim que dei a volta em uma fileira de armários.

Nus e juntos no chuveiro.

Apertei o gargalo da garrafa com força. Era nítido o que estava acontecendo ali.

Foi por esse motivo que ele saiu mais cedo do hotel. A razão pela qual ela nunca quis me dar uma chance.

Ninguém iria preferir ficar comigo, ao invés de Damon. Ou ao invés de Michael e Kai. Ninguém achava que eu valia o bastante, em comparação a eles.

Eles passaram na frente da porta aberta, e Damon ouviu a música e estacou em seus passos. Ela se sobressaltou ao lado dele, e quando a olhei de cima a baixo, vi que usava a calça preta de moletom de Damon, dobrada até os joelhos, bem como sua camiseta branca e folgada em seu corpo. O cabelo dela estava molhado, e ele só vestia o jeans, sem camiseta.

— Você transou com ela? — perguntei.

Damon parou, entrou na sala escura e finalmente me viu ali. Emmy o seguiu, andando devagar.

— Sério? — Damon inclinou a cabeça para o lado, tentando me ver direito no escuro. — Qual é... eu não estou assim tão entediado. — Ele se aproximou e gesticulou em direção a ela. — Além do mais, ela nem é assim tão bonita.

— Valeu — Emory murmurou.

Arremessei a garrafa para o outro lado da sala, que estilhaçou em pedaços enquanto eu me lançava para frente e empurrava seu peito.

— Esta não é uma boa-noite, Will — advertiu. — Não seja idiota.

Dei a volta e a encarei.

— De onde você arranja todos os seus hematomas?

Ela abaixou a cabeça.

Olhei para Damon e dei um aceno sarcástico.

— Eu sabia que você era agressivo, mas nunca imaginei que fosse tanto assim.

Ele deu uma risada e passou a mão pelo cabelo, irritado.

— Conte para ele — disse a Emory.

Meu olhar fervilhava de ódio, passando de um ao outro, vendo-a encarar Damon, preocupada.

— Conte logo! — Damon berrou.

Filho da puta. Ergui meu punho e o arremessei na cara daquele babaca do caralho. Ele caiu no chão, grunhindo e apalpando o local onde o acertei.

Ele não sabia mais sobre ela do que eu. Eu queria que ele fosse à merda.

— Ele foi bom? — Virei de frente para Em. — Você gostou?

Eu sabia que havia sido estranho ver os dois juntos na catedral, na mesma noite. Há quanto tempo isso estava acontecendo?

Seus olhos encheram de lágrimas enquanto ela me encarava, parecendo indefesa e com as mãos entrelaçadas à frente do corpo, como se eu fosse bater nela ou algo assim.

Que porra era essa que ele sabia sobre ela, e eu, não? Ela era minha garota, não dele.

Meu peito estava apertado, e pisquei várias vezes para esconder as lágrimas que ardiam em meus olhos.

— Eu disse que te amava, noite passada — declarei. — Você nem mesmo ouviu, não é?

Ela deu um passo na minha direção.

— Não estrague tudo. Apenas se lembre de como foi bom. Por favor.

— Por quê? — gritei, arrancando meu agasalho e desafivelando o cinto enquanto a empurrava contra os tapetes. — Já que essa porra vai terminar, por que guardar alguma lembrança boa? Não quero sentir falta de você ou disso aqui!

Lágrimas encheram meus olhos à medida que eu soltava o cinto e tirava a camiseta, e pude ouvi-la chorar quando imprensei seu corpo.

— Vamos acabar com essa merda agora mesmo! — berrei. — Para que eu me lembre que fui só uma transa.

Segurei seu rosto, me abaixando em sua direção, mas ela enlaçou meu corpo, trêmula por conta dos soluços.

— Eu q-quero... você — sussurrou, aos prantos. — Sempre foi você.

Senti um tremor no peito, quase incapaz de respirar enquanto a encarava.

— Mas você não me suporta — disse eu, áspero. — Você não confia em mim, e acha que nunca serei alguma coisa na vida ou bom o bastante, não é?

Se ela confiasse em mim, ela me contaria o que estava acontecendo.

Emory fechou os olhos, por trás das lentes dos óculos, balançando a cabeça.

No entanto, não desmentiu meu ponto de vista.

Ela não me amava.

Damon me afastou dela, empurrando-me para longe.

— Você está bêbado.

E daí?

— O que vocês estavam fazendo juntos? — berrei, dando-lhe uma chave de pescoço e nos jogando no chão. Dei mais um soco em seu rosto, avistando o filete de sangue escorrer do canto de seu olho.

Rosnando, ele me jogou para longe, e se sentou escarranchado, me dando um tapa na bochecha. Senti a ardência na mesma hora, mas agarrei seu pescoço e apertei sua garganta.

— Nós não estávamos transando! — ele gritou. — Prefiro foder uma navalha.

Ele me deu um soco no estômago, e levantei a mão, quase esmurrando seu pau.

Arregalando os olhos com fúria, ainda assim, não me soltou como imaginei. Rangendo os dentes, ele deu um tapa na minha cabeça.

— Seu filho da puta! Sorte sua que você errou!

Damon agarrou meus pulsos e os prendeu contra o meu peito, abaixando o corpo para manter minhas mãos imobilizadas.

— Porque é minúsculo — disparei. Afinal de contas, o meu era muito maior.

Ele deu uma cabeçada no meu nariz, e meus olhos marejaram na mesma hora.

— Puta que pariu, D! — grunhi. — Porra.

Lutei contra o seu agarre, tentando averiguar se estava sangrando, mas ele não me soltou.

— Você vai parar agora? — exigiu. — Não estou de bom-humor esta noite, e nem ela. A gente passou por um inferno do caralho, e nem tudo que acontece tem a ver com você.

— E por um acaso, já teve a ver comigo alguma vez? — Abri os olhos e o encarei com a vista embaçada. Eu não era o líder. Eu não era o cérebro do grupo. Ou o mais passional.

Meus amigos não seriam mais fracos sem a minha presença.

Eu tive *uma* coisa da qual realmente gostei. Uma coisa que me estimulou a tentar. A única coisa que fez com que eu me sentisse como um homem.

Damon pairou acima de mim, e pude ver que seus olhos estavam vermelhos também. Que caralho tinha acontecido esta noite?

Recostando a testa à minha, ele soltou minhas mãos, nossos peitos se movimentando em sincronia.

— Aconteceu uma merda fodida — ele sussurrou. — E não posso falar sobre isso, mas você é o meu melhor amigo, então, por favor, nunca se esqueça disso.

Seu hálito aqueceu minha boca, e percebi quando ele abafou um soluço, fechando os olhos ao travar uma luta interna.

— Eu preciso de você — murmurou. — Você não tem noção do tanto que nós precisamos de você.

Mordi o canto da boca para manter as emoções sob controle, mas senti a ardência das lágrimas em meus olhos.

Seus lábios estavam a centímetros dos meus, e o calor do momento fez com que tudo ao meu redor começasse a rodar, e então... abri os olhos, encarando diretamente os de Emory. Ela estava sentada contra os tapetes, nos observando. Seus braços rodeavam os joelhos flexionados, e seu olhar se concentrava fixamente na boca de Damon pairando sobre a minha, e... quando não me afastei, ele capturou meu lábio inferior, mordiscando, para depois enfiar a língua profundamente.

— Nós não somos capazes de sorrir sem você — ele sussurrou. — Ela não consegue sorrir sem você.

Meu pau endureceu, e grunhi alto quando ele deslizou a mão por dentro do meu jeans, me acariciando. Emory, boquiaberta, mal conseguia respirar.

No entanto, ela não estava fugindo dali.

E a cada segundo que eu me recusava a afastá-lo, vendo-a ali sentada, sem fazer menção de ir embora, meu tesão aumentava.

Talvez ela estivesse revivendo a noite passada, ou isto poderia ser a última coisa que compartilharia com ela. Arrepios intensos se espalharam pelo meu corpo, só em vê-la ali, nos observando, então segurei um punhado do cabelo de Damon quando ele afundou o rosto na curva do meu pescoço, me dando um chupão.

— Porra... — rosnei.

Fechei os olhos por um instante, deixando qualquer preocupação para trás e me lançando de cabeça nas sensações. *Eu queria que tudo fosse para o inferno.*

Consegui dar um jeito de abrir o zíper de seu jeans, enquanto ele fazia o mesmo com o meu, mas antes que conseguisse puxar seu pau para fora, para mostrar a ela minhas habilidades manuais, ele desceu o corpo e me chupou por inteiro, em movimentos longos e lentos.

Na mesma hora, um gemido escapou da minha garganta.

— Ai, caralho...

Meus dedos se curvaram em seu cabelo à medida que sua boca se movia para cima e para baixo, e fiquei mais rígido e com mais tesão ainda quando vi o calor em seus olhos. Eu a encarei, vendo a camiseta deixando um ombro à mostra, bem como os mamilos intumescidos despontando pelo tecido.

Ela estava gostando daquilo.

Suas unhas cravaram com força no tapete em que se encontrava sentada, e tudo o que consegui pensar era em como ela estava gostosa, quase como se quisesse se aproximar para ajudar Damon a me proporcionar prazer.

Deixe que ela veja.

Deixe que ela saiba como é quando outra pessoa está chupando o meu pau.

Olhei para Damon, sentindo o suor recobrir a minha pele quando ele me levou quase até o fundo da garganta.

— Ela é linda — ele arfou, subindo outra vez e esfregando meu pau enquanto voltava a morder meu queixo. — E ela vai odiar o fato de que você consegue ser feliz sem ela.

Cuspi na minha mão e a enfiei por dentro de sua calça, apertando seu pau com vontade e acariciando do jeito que ele gostava. Retribuí seu beijo, ambos nos masturbando, e seu terço roçou meu peito.

Grunhidos e gemidos preencheram o ambiente quando nosso ritmo frenético aumentou à medida que perseguíamos o orgasmo desejado, e pude jurar ter ouvido Em gemer baixinho enquanto nos observava.

Eu queria que ela tocasse em si mesma. Esperava que decidisse se render ao desejo.

— Mais forte, cara — Damon rosnou contra a minha boca.

— Esse é o mais apertado que vai rolar — comentei. — Você não vai enfiar essa porra na minha bunda.

Ele bufou uma risada.

— Você está certo. Seu pau é menor, então você devia estar por cima.

— Vá se foder.

Sua risada me arrancou um sorriso, sentindo-me incentivado. Nosso relacionamento, de um jeito estranho, havia voltado às zombarias.

Fechei os olhos, e as gotas de suor escorreram pelas minhas costas. Ergui a outra mão e apertei seu pescoço, ambos agora ofegando e grunhindo à medida que nos esfregávamos com mais força e intensidade. Meu pau começou a jorrar pouco antes do dele.

Arqueei as costas, tentando recuperar o fôlego.

— Caralho — gemi, recostando a cabeça no tapete.

Meus músculos estavam tensionados, mas os arrepios que deslizaram pela minha pele eram bem-vindos.

Puta que pariu. Mas que porra?

Ele desabou ao meu lado, sua porra quente cobrindo a minha mão. Mantive os olhos fechados por mais um segundo, saboreando o momento em que flagrei seu olhar concentrado em mim. No entanto,

quando os abri de novo, ela nos encarava com a expressão mais desesperada e doce, as unhas cravadas em suas coxas.

Ela havia adorado. E odiado também.

Erguendo-se do tapete, Emory umedeceu os lábios e manteve o olhar fixo e resoluto.

— Eu sempre vou querer você — disse ela, baixinho.

E então, foi embora.

Continuei observando-a se afastar dali, já sem sentir a excitação de momentos antes.

Ela nunca cederia, e tudo estava acabado, não importava o quanto ela desejasse aquilo ali.

Fechei os olhos, rangendo os dentes e desejando que não tivesse esotraçado a garrafa de uísque.

Eu não iria atrás dela outra vez. Não a perseguiria como antes. Ela não era uma de nós, e nunca lutaria por mim.

Engoli o nó na garganta e respirei fundo, tentando me livrar da dor que me queimava por dentro.

Damon se levantou e ajeitou o jeans.

— Vou tomar uma ducha — suspirou. — De novo.

Capítulo 27

Emory

Dias atuais...

Nunca tínhamos dormido na mesma cama.

Claro, nunca tivemos um relacionamento. Apenas momentos desenfreados e fugazes.

Olhei para ele deitado ao meu lado, a cabeça virada e o peito nu se movendo no ritmo de sua respiração. A luz que se infiltrava pelas cortinas fazia sua pele brilhar, e dava um tom achocolatado às sobrelhas escuras.

Quando ele me trouxe aqui ontem à noite e me mandou dormir, pensei em discutir, mas então percebi que estava a fim.

Eu estava cansada e ele também. *Foda-se.*

Meu braço estava próximo ao seu, nossos dedos mindinhos se tocando. Minha vontade era entrelaçar nossos dedos, mas se eu me movesse, correria o risco de ele acordar, e não estava pronta para isso ainda.

Virei a cabeça para o lado esquerdo e observei Alex aninhada contra o travesseiro, de frente para mim. Ela usava uma das camisetas de Will, e por mais que tenha ficado magoada ao ver o quão próximos os dois eram, eu gostava de Alex. Gostava demais.

Ela não queria me machucar. E eu sabia disso.

Não consegui conter o sorriso. Seu nariz era arrebitado, e não havia um fio de cabelo fora de lugar naquele corpo perfeito.

Sacudi a cabeça e encarei o teto, me perguntando se não deveria estar me sentindo estranha por estar compartilhando a mesma cama que meu primeiro amor e a namorada dele, mas diante das coisas, esse era um pensamento insignificante.

Consegui virar de lado e me levantei, passando por cima do corpo de Alex enquanto observava os dois ainda dormindo. Por trás do biombo,

peguei uma toalha e a molhei sob a torneira da banheira. Sem pressa, espremi o excesso de água quente e pressionei contra o rosto, fechando os olhos e deixando o tecido quente aliviar um pouco o desconforto no queixo e olho inchado, por conta do soco que Alex me deu ontem.

Eu adoraria tomar um banho, mas não queria acordá-los ainda.

No entanto, senti algo roçando minha perna, e quando abri os olhos, deparei com Alex sentada na borda da banheira, me encarando.

— Desculpe por ter acordado você — comentei, reaquecendo a toalha sob a água quente.

— Está tudo bem.

Torci a toalha e me aproximei dela, pressionando-a contra o hematoma horrível em seu rosto. Ela tentou pegar o tecido da minha mão, mas eu a afastei.

— Eu não ia embora sem você — revelei, caso ela tivesse alguma dúvida.

Eu simplesmente me odiava por achar ser muito mais fácil sumir, ao invés de encarar as consequências de ontem.

— E quanto a ele? — ela perguntou. — Você iria embora sem ele?

Avancei um passo, suas pernas agora entre as minhas coxas, e gentilmente acaricie seu rosto.

— A melhor coisa que Will pode fazer é se manter o mais distante possível de mim — eu disse.

Ao invés de tentar me convencer do contrário, ela apenas debochou:

— Você é uma covarde.

Fiquei tensa, mas me limitei a manter a boca fechada, movendo a toalha aquecida contra o seu rosto.

Eu não era covarde.

— Emmy, preciso levá-lo de volta para casa — murmurou. — Por favor, me ajude. Eu sei que você o amava. Como pode alguém não o amar?

Uma pequena risada escapou do nó alojado na minha garganta. *Isso era verdade*. Muito me alegrava saber que eu não era a única suscetível ao poder de Will.

Todo mundo adorava aquele garoto.

— Aquele homem ontem à noite, com aquela atitude... Will não é assim — ela sussurrou —, e você sabe disso.

Eu sabia? Ele já havia passado por muita merda na vida. Ela pode ter desfrutado um tempo com ele nos últimos anos, mas não o conheceu na época da escola. Aquela conversa sobre Godzilla, ontem, foi o primeiro vislumbre do velho Will que tive desde que cheguei aqui.

— Você sabe lutar — disse ela, parecendo surpresa.

Eu não fazia ideia se ela estava se referindo à nossa briga no vestibulo, ou se viu meu combate com Taylor no outro dia.

No entanto, balancei a cabeça em negativa.

— Sei apenas revidar.

— Isso já é alguma coisa.

Ela me observou com atenção enquanto eu enxugava seu rosto.

— Kai é dono de um *dojo* em Meridian — informou. — Você sabia disso? É onde nossa *família* treina.

Encarei seu olhos – algo não dito em voz alta se passou entre

nós –, e eu podia jurar que era uma espécie de oferta. Mas ela era surda, muda e cega, se achasse que eu seria bem-vinda ali. De toda forma, eu tinha um emprego para o qual voltar.

Assim eu esperava...

Larguei a toalha no chão e esfreguei os olhos, sem conseguir me lembrar onde Will havia deixado meus óculos na noite passada.

— Você precisa de outro banho — comentou.

— Olha quem fala...

Três pessoas em uma cama pequena... era de se esperar que todo mundo estivesse suado.

Peguei uma escova na mesinha ao lado e comecei a desembaraçar os fios do meu cabelo.

— Micah e Rory são de boa — informei. — Taylor é uma preocupação, mas ninguém irá contra as ordens de Aydin de que não devem nos tocar.

— Nós ou você?

Entrecerrei os olhos e a encarei.

— O que Aydin teria contra você?

Por que ele me protegeria, e a ela, não?

Indiferente, ela apenas deu de ombros.

— Nada. Ele nem me conhece.

— Tive a impressão de que ele te conhecia — retruquei.

Ele sabia o nome dela, e pareceu a ter reconhecido.

Ela não disse mais nada e, logo depois, ouvimos o rangido no piso de tábuas. Erguemos a cabeça e vimos Will passando e estacando em seus passos assim que nos viu.

Seu cabelo desgrehado era sexy pra caramba, e a calça jeans, com o botão aberto, pendia em seus quadris. Ele ficou ali parado, os olhos nos analisando de cima a baixo.

Eu ainda usava apenas a regata e calcinha, enquanto Alex vestia sua camiseta sem nada por baixo.

— Puta que pariu — resmungou, balançando a cabeça, e voltou a se dirigir à porta. — Caso queiram, podem usar a banheira. As roupas estão na cômoda. Eu vou tomar o café da manhã. Fiquem aqui. As duas.

A porta abriu e fechou outra vez, e me inclinei para ligar a torneira.

— Se você tem um plano de fuga — comentei —, por que ele não está desesperado para escapar? Eu o ouvi ontem. Ele não queria ir embora.

O que era bem estranho, para dizer a verdade. Era de se esperar que ele estivesse extasiado pela chance de ser resgatado, mas ele não parecia estar feliz com a presença de Alex.

Ele não parecia feliz por qualquer uma de nós estar aqui.

Os prisioneiros, às vezes, se acostumavam tanto com o regime de encarceramento, que achavam a alternativa de sair muito mais assustadora. Eles tinham uma casa, três refeições por dia, uma rotina...

Mais cedo ou mais tarde, a falta de esperança tão familiar era mais fácil de enfrentar do que um futuro promissor desconhecido.

Só que Will não era assim. Ele tinha uma casa, amigos, dinheiro, oportunidades...

Alguna coisa estava errada. Algo que ele não estava nos contando.

Alex balançou a cabeça, olhando para o local onde ele estivera há pouco.

— Não sei — admitiu. — Mas se conheço Will, é melhor não tentar deduzir nada. Ele sabe mais das coisas do que lhe damos crédito, e é muito mais paciente que um crocodilo.



Eu já estava há dias sem aparecer para trabalhar, sem atender ao telefone. Muito provavelmente um boletim de ocorrência de pessoa desaparecida deve ter sido registrado. Será que Martin chegou a ser notificado?

Não que ele se importasse, mas era bem capaz que ele se sentisse pressionado a resolver a situação. No entanto, ele não conseguiria me encontrar. Minha melhor alternativa era fugir com Alex e arrastar Will junto, se necessário, quando a hora certa chegasse. Não gostei nem um pouco da forma como Aydin olhou para ela ontem. Havia alguma coisa acontecendo.

Enquanto isso, eu fingiria estar do lado dele. Se demorasse até que a equipe de reabastecimento voltasse, eu não queria que ele me trancasse no porão para me manter escondida deles.

Will queria ficar a sós em seu quarto – para tomar banho, talvez –, e Alex desapareceu pela passagem secreta para fazer... seja lá o que ela fazia. Will me mandou voltar ao meu quarto e permanecer lá dentro, mas, é óbvio, que o ignorei e dei um jeito de ir até a estufa novamente, disposta a procurar ferramentas no galpão do jardim.

Eu não precisava mais delas para entrar nos túneis, mas elas podiam ser úteis para outras coisas, tais como armas, cavar um esconderijo, uma fuga...

Aydin, Micah e Taylor estavam malhando na academia, e eu não tinha certeza de onde Rory poderia estar, mas essa era a minha chance.

Saí pela porta da cozinha e atravessei o terraço, contornando a

estufa para entrar no galpão. Na mesma hora, ouvi o ruído da cascata do outro lado, notando a umidade se impregnar na minha pele.

Como devia ser esse lugar no verão? Uma imagem cintilou na minha mente, onde eu me via sentada na varanda, lendo um livro enquanto me deliciava com o som da cachoeira ao longe.

Aquele pensamento quase me fez revirar os olhos. Eu esperava não ter que ficar aqui esse tempo todo para saber como esse lugar se parecia no verão.

Entrei no galpão úmido e localizei uma mesa de trabalho; peguei uma chave inglesa enferrujada, um martelo e algumas chaves de fenda, tentando encaixar tudo dentro dos bolsos até que avistei o cinto de ferramentas pendurado na parede. Com um sorriso, o retirei do gancho.

Perfeito.

Amarrei o cinto todo manchado ao redor da cintura, e o ajeitei na lateral do quadril, já que odiava o barulho que fazia contra as minhas coxas. Percebi esse detalhe quando construí o gazebo tantos anos atrás.

Peguei alguns pregos e alicates, pensando na obra que fiz como um projeto. O telhado em formato de chapéu de bruxa dava o charme à estrutura que construí com materiais que encontrei em St. Killian, depois de tantos anos de abandono. Eu queria que o gazebo tivesse a aparência antiga, como se ele sempre tivesse estado ali, talvez até antes da construção da cidade.

Não foi meu melhor trabalho, mas foi o primeiro, e terminar aquela obra foi uma realização.

Demorou bem mais do que deveria, porque parei de me importar com tudo, incluindo meu trabalho, por muito tempo. Passei meses sem tocar a obra, evitando de propósito a vila, só para que não tivesse que vê-lo ali. Por fim, consegui concluir a construção, mas não coloquei os lustres com os quais havia sonhado, porque teria sido doloroso demais me lembrar dele cada vez que olhasse para aquele gazebo.

Eu não queria construir ou projetar. Não queria fazer nada por causa dele.

Nada mais importava, enquanto eu lamentava a perda.

No entanto, consegui finalizar o trabalho, porque, mais uma vez, eu me obriguei a levantar e permanecer de pé. Assim como os livros de mesinha de centro, o gazebo se tornou mais um troféu que colecionei por viver mais um dia. Mas eu nunca o veria, pois a construção não estava mais lá.

Saí do galpão de jardinagem e pisei na grama molhada, mas ao invés de voltar para a cozinha, desviei o caminho até a estufa. Coloquei a escada que havia encontrado ontem sob os painéis de vidro

que formavam o telhado e subi os degraus, me sentando no topo para refazer os elos da corrente enferrujada com o alicate, recolocando-a no lugar.

Eu não dava a mínima para este lugar, e sabia que estava fazendo aquilo ali para nada. Mas eu era assim, e me recusava a perder tempo esperando que minhas emoções fossem controladas. Se ocupar as mãos era o caminho para sobreviver a Will Grayson e à vontade de me entregar a ele de novo, então era isso o que eu faria.

A calma diante do caos.

A alternativa que me restava era perder tempo pensando em coisas que não podiam ser mudadas. Ele não disse que me amava ontem à noite. Embora não esperasse que retribuísse aos meus sentimentos, qualquer dúvida que pudesse ter quanto a isso, já não existia.

O passado estava morto e enterrado.

Apertei o elo com mais firmeza, acrescentando um reforço com o arame que guardei no avental. Dessa forma, o peso da vidraça não partiria a corrente outra vez. Assim que desci os degraus, puxei a manivela que acionava a abertura dos painéis de vidro e fiquei satisfeita ao ver que as vidraças agora abriam em sincronia.

Senti a pontada de orgulho diante do prazer de resolver um problema. Aquele sentimento familiar quase me fez pensar que era normal novamente.

Essa era a única parte de mim que eu manteria. Pelo menos, eu havia encontrado um trabalho do qual gostava, e era boa no que fazia.

Deixei a escada encostada à parede e saí da estufa, desviando do terrário de cobras escondido sob a terra, à esquerda. Sem pressa, voltei para casa em busca de algo mais em que pudesse passar o tempo.

Quem havia construído essa mansão, e por quê? Havia pouquíssimos objetos pessoais usados como decoração. Nada de retratos de família, caixas de joias ou relógios antiquados. Nada que delatasse a história da casa, ou mesmo o lugar onde ela se situava, com base em qualquer referência textual que encontrarei. Eu não tinha pesquisado os livros da biblioteca para ver se estavam escritos em inglês, mas todos aqui falavam esse idioma, então...

Havia outras mansões como a *Blackchurch* espalhadas por aí? Era bem capaz que sim, certo? Talvez em diferentes partes do mundo? Com certeza, havia milhares de filhos rebeldes precisando de um corretivo. A ideia de alguma casa no topo de uma montanha no Nepal, ou cabanas nas profundezas da floresta tropical, quase me fez perder a cabeça. Havia um exército de merdinhas no mundo, sem dúvida.

Seguindo pelo corredor, virei um canto pouco antes de passar pela academia e deparei com portas duplas que sempre formam

mantidas fechadas. Num impulso, decidi averiguar que cômodo poderia ser aquele.

Entrei em um salão de festas bem menor do que o que já tinha visto, em outra ala da casa. A pista de dança era cercada por paredes pintadas em um tom vermelho e ornadas com fileiras de arandelas douradas.

Um lustre se encontrava no chão, e quando olhei para o teto, não consegui ver nada por conta da penumbra. Fui até as janelas e abri as cortinas, o que me fez tossir quando uma nuvem de poeira circundou o ar. Recuei um passo e contemplei a bagunça ao redor.

Como diabos isso aconteceu?

A sala era linda e toda decorada com espelhos, madeira e cristais, e a única coisa fora de lugar era o lustre quebrado com seus estilhaços espalhados por todo o chão.

A peça devia ter mais do que a minha altura em largura, e encontrava-se pendendo para um lado com seus pingentes em formato de amêndoas espalhados ao redor. A luz do sol que se infiltrava pelas janelas criava um reflexo nos cacos de vidro, lançando pequenos arco-íris pelas paredes. Inclinei a cabeça para trás e inspecionei o teto mais uma vez, deparando com a fiação destruída e a manivela elétrica – que era usada para baixar o lustre em caso de manutenção ou limpeza – arrebitada. Fui até a parede perto da porta e girei o botão, e as luzes nas arandelas ao longo das paredes acenderam.

Ergui a cabeça mais uma vez, verificando a engrenagem da suspensão que parecia ainda estar intacta, felizmente. No mínimo, aquele lustre deve ter caído no chão quando estava sendo abaixado para limpeza ou conserto.

Bastava apenas erguê-lo novamente, porém o fio de aço estava arruinado.

A queda deve ter acontecido antes da minha chegada, porque, do contrário, eu teria ouvido o barulho ensurdecedor de qualquer lugar da casa. Talvez deva ter despencado muito antes da minha vinda. Como essa porta sempre esteve fechada, era bem capaz que a equipe de limpeza nunca tenha se importado em conferir o cômodo ou nem ao menos se importado com a bagunça.

Saí da sala e fui até o porão, atrás do quadro de energia. Depois de desligar o disjuntor específico da sala, peguei uma corda que eles usavam para amarrar os cervos que caçavam e busquei a escada perto da estufa. Reuni todos os itens e corri de volta ao salão, torcendo para que ninguém me impedisse. A melhor coisa sobre este lugar era que, por ser enorme, se tornava fácil não esbarrar nas pessoas que também moravam aqui.

Já que o fio de aço da manivela estava rompido – e era impossível substituí-la –, verifiquei os elos que conectavam o lustre ao

suporte, para me certificar de que nenhum havia se perdido ou estivesse frouxo. Só então, montei a escada e usei a furadeira portátil que encontrei no galpão para fazer um furo na parede perto da lareira. Posicionei a broca, enrolei a manivela e comecei a escavar o reboco. Levei mais tempo do que o necessário, já que não possuía uma furadeira elétrica aqui. O trabalho quase equivalia ao que as cozinheiras em 1898 tinham que fazer quando queriam assar biscoitos para o jantar: era preciso bater a manteiga por um bocadinho de tempo, de forma manual.

Grunhi, sentindo os músculos queimando. Era um esforço inútil. Rosnei, nervosa, liberei a broca e enfiei o parafuso de gancho, enroscando até que encaixasse. Usei toda a força que eu tinha para torcer o parafuso antes de subir os trinta e dois degraus da escada e me sentar escarranchada no topo.

Repeti o processo de furar um buraco na parede e rosquear um parafuso no teto, próximo ao suporte elétrico.

A escada balançou e meu coração quase parou, mas acelerei o processo e apertei o gancho, testando a firmeza com o meu peso. Aquilo não indicava que seria o suficiente para segurar o lustre no lugar, mas pelo menos era forte o bastante. Nunca me contentei em apenas cuidar das plantas arquitetônicas. Eu gostava mesmo era de colocar a mão na massa durante a construção de qualquer projeto.

Além do mais, adorava trabalhar sozinha, e era por isso que eu dava mais atenção aos pequenos projetos da empresa. As restaurações se tornavam muito mais pessoais dessa forma.

Desci da escada e amarrei a corda ao lustre, subindo mais uma vez para passar a corda pelo gancho fixo ao teto. Refazendo o percurso, desci e levei a escada até a parede, passando a extremidade da corda pelo outro parafuso em gancho.

Quando pisei no chão, novamente, enrolei a corda em volta da minha mão e fiz toda a força possível para puxar o lustre, ainda que devagar. Os pingentes em gotas e cacos se agitaram e tilintaram uns contra os outros, mas a luminária sequer se moveu do chão.

Merda. Quase ri por ter pensado que teria músculos fortes o bastante para fazer essa tarefa por conta própria.

Aquela coisa devia pesar mais de duzentos quilos. Arfando, tentei novamente, usando meu peso para puxar a estrutura, mas era impossível. Mesmo se eu conseguisse levantar o lustre do chão, ainda assim, eu não teria como sustentar o peso sozinha.

— Não, estou indo! — Ouvi Rory resmungar.

Dei um pulo, sobressaltada.

— Rory! — gritei, largando a corda e me endireitando. — Rory, você pode vir aqui?

Quando dei por mim, o vi parado à porta, sem camisa e com os

olhos sonolentos como se tivesse acabado de acordar. Com os braços apoiados ao batente, ele arqueou uma sobrancelha, mas nem se deu ao trabalho de perguntar o que eu estava fazendo. Eu tinha quase certeza de que ele não estava nem aí.

— Você pode me ajudar? — perguntei, apontando para o lustre.
— É muito pesado para le...

Ouvi sua risada e quando olhei para trás, percebi que ele havia ido embora sem nem ao menos me deixar concluir a frase.

Babaca!

Se ele e Micah ajudassem, a tarefa levaria menos de dez minutos. Ele tinha outro lugar para estar hoje?

Franzi os lábios e continuei avaliando o lustre, tentando descobrir o que fazer. Sempre havia uma maneira de resolver um problema.

Sempre encontrei uma maneira de realizar algo que eu precisava fazer.

Ou... sorri para mim mesma, quase sendo capaz de ver uma lâmpada acendendo acima da minha cabeça. *Sempre encontrei uma forma de conseguir com que outra pessoa fizesse algo que eu queria.*

Então fiquei martelando uma ideia...

Larguei o cinto de ferramentas e saí do salão em direção à cozinha. Peguei manteiga, ovos, açúcar e todos os outros ingredientes que havia memorizado quando minha avó me pedia para assar biscoitos depois que ela adoeceu. Ela adorava o cheiro que impregnava a casa, e queria que isso fizesse parte das minhas memórias, para que quando eu sentisse o cheiro de biscoitos ou pão de banana, eu me lembrasse dos tempos felizes ao lado dela e da minha mãe.

Depois de pré-aquecer o forno, peguei um par de panelas, uma tigela e comecei a misturar os ingredientes, misturando tudo até que formaram uma delícia achocolatada. O cheiro gostoso que circulou pelo ar me fez recordar das manhãs outonais, depois de passar um dia inteiro no mercado agrícola enquanto meu pai varria as folhas do chão.

Coloquei as duas panelas no forno, peguei uma maçã da vasilha sobre o balcão e comecei a comer, apenas esperando.

A cozinha aqueceu, o cheiro forte e gostoso se infiltrou pelo ar, e um arrepio deslizou pela minha pele quando senti meu estômago roncar.

— Que diabos é isso? — Ouvi Micah, finalmente, dizer no corredor.

Sorri internamente, reprimindo que o sorriso se alastrasse pelo rosto, e me virei para o forno, com a luva já a postos assim que o temporizador disparou. Sem pressa, retirei uma das formas do forno.

Colocando-o em cima da grade do fogão, testei a consistência e o ponto de cozimento ao enfiar uma faca no meio.

Micah entrou na cozinha, seguido por Alex e Rory, e seu olhar se fixou na forma, subindo lentamente pelo balcão como um gato safado e sexy, louco para enfiar as garras no doce. Ele respirou fundo, fechando os olhos.

— Isto é...?

— *Brownie*? — Alex concluiu por ele, me encarando, boquiaberto.

— Você está fazendo *brownie*? — perguntou Rory.

Dei de ombros, pegando um garfo da gaveta e estendi a Micah, mas ele apenas se aproximou da forma e enterrou os dedos, chiando de dor por conta da massa quente. No entanto, mesmo assim, ele enfiou o punhado na boca.

Foi a vez de Rory ficar boquiaberto, e eu sabia que ele não queria ceder à vontade, mas estava louco para comer também. Ele arrancou o garfo da minha mão e cavou, ambos monopolizando o *brownie* sem um pinga de educação e com total descontrole.

Quer dizer, caramba. Não era como se eles não pudessem fazer um bolo a qualquer momento. Os ingredientes estavam todos aqui.

Rapidamente, cortei um pedaço antes que eles comessem tudo e coloquei em um prato quando Aydin, Will e Taylor entraram: todos atraídos pelo cheiro tentador.

Estendi o prato na direção de Aydin, sentindo os olhos de Will em mim enquanto ele se afastava da porta.

Aydin manteve o olhar fixo ao meu, satisfeito, e tentou pegar o prato, mas eu o afastei de brincadeira. Ele riu e o pegou, enfiando o garfo na mesma hora.

Dei uma olhada de relance em Will e me virei, desligando o forno e retirando mais uma fornada.

— Você devia ter colocado nozes neles — Rory resmungou.

Eu me virei, mostrando a ele a segunda forma, a superfície pontilhada com as nozes do caralho.

Micah parou de comer, olhando para a outra fornada, com a boca toda melada de chocolate.

Ele estendeu a mão para pegar mais, porém o afastei com um tapa.

— Preciso de ajuda com o lustre primeiro.

Rory semicerrou os olhos, mas pude detectar a sombra de um sorriso, porque ele sabia exatamente o que eu estava fazendo, e que havia vencido o embate.

Se ele quisesse comer *brownies* com nozes, então...

Ele suspirou.

— Micah? Taylor? Vocês podem me ajudar, por favor?

Seus ombros cederam, em desânimo, mas, mesmo assim, eles saíram da cozinha e seguiram Rory até o salão de festas.

Cortei duas fatias da nova assadeira.

— Wendy e os meninos perdidos — Aydin refletiu.

— E isso faz de você o Peter Pan? — perguntei.

Ele riu quando entreguei uma fatia a Alex e empurrei o outro prato na direção de Will. No entanto, Will deu um tapa no prato e na forma, fazendo com que tudo voasse para o chão.

Meus músculos retesaram quando tudo espatifou e se espalhou pelo piso da cozinha.

— Esta não é a Terra do Nunca — disse ele, aproximando-se da bancada e me encarando, com ódio. — Se fosse, você não estaria aqui, pois adultos não são permitidos.

Senti o nó retorcer meu estômago, mas não pestanejei.

Dando a volta, ele saiu dali em disparado, e Alex hesitou por um momento, me lançando um olhar de desculpas antes de finalmente ir atrás dele.

Aydin me observou, mas não dei a ele a chance de se meter na história. Virei as costas e peguei a tigela da pia, misturando os ingredientes novamente. Eu precisava manter as mãos ocupadas, porque essa era a única distração que eu tinha.

Eu entendi. *Você não se encaixa aqui, então pare de fingir.*

Aquilo nem sequer me surpreendeu ou incomodou.

Parecia que Aydin queria dizer algo, mas era hora de colocar sua lição à prova. Nada acontecia comigo. Eu, sim, acontecia com todo mundo. Et cetera, et cetera...

Depois que ele saiu, coloquei os *brownies* com nozes no forno, limpei os pratos e fiz um sanduíche que acabei não comendo, porque Micah e Rory voltaram e eu não queria ficar perto de ninguém.

— O temporizador vai acionar assim que estiver pronto — informei aos dois. — É só tirar do forno e desligar tudo em seguida.

Muito provavelmente, ambos deviam estar se perguntando por que precisei fazer outra fornada, mas saí dali antes que eles tivessem a chance de perguntar.

Apenas esqueça tudo isso.

O fato de ele ter desejado que eu ficasse com ele ontem à noite não teve nada a ver com a nossa história. Eu que fui boba e me permiti desfrutar do momento, pensando que aquilo significava mais do que realmente era quando ele me pegou em seus braços.

Eu nunca me encaixei com ele. Sempre soube disso, porque Thunder Bay era a Terra do Nunca, e os Cavaleiros, eram sua tribo, e eu odiava brincar. Eu não gostava de me *divertir*.

E sair da cidade não havia me curado disso.

Entreí no salão de baile, vendo o lustre pendurado no teto. Suas

lâmpadas acesas lançavam um brilho no chão. Eles limpavam os estilhaços, acionaram o disjuntor outra vez e, quando dei por mim, estava descalça e girando pelo amplo salão, com os braços abertos e a cabeça inclinada para trás.

Era por esse motivo que eu amava projetar e construir coisas. Para dar vida ao mundo de alguém. Era a chance que eu tinha de voar, e só precisava de um pensamento bobo e feliz.

E eu realmente tive um. Apenas um ao qual me apeguei por todo esse tempo.

Encontrei um toca-discos perto da lareira e vasculhei uma velha arca logo abaixo, deparando com uma porção de discos de vinil empilhados.

Havia de tudo, desde *Mozart* a *Bennie Goodman* e *The Eagles*, porém, não havia nada deste século. Já devia fazer muito tempo que este lugar havia sido habitado por alguém.

Peguei qualquer um e coloquei no toca-discos, decidindo abraçar tudo o que eu mais odiava, incluindo essa música idiota. A agulha riscou a faixa de vinil, enquanto girava, e *If You Wanna Be Happy*, de Jimmy Soul, começou a tocar. Na mesma hora, dei um sorriso e me lembrei dos meus pais dançando essa mesma música, na cozinha, quando eu tinha cerca de sete ou oito anos.

Meu corpo se moveu e agitei os ombros, pulando e girando ao redor enquanto cantava. A música tomou conta do lugar, e, por alguns momentos preciosos, a culpa e tudo mais desapareceram.

Foda-se ele, por pensar que eu deveria ser bem-resolvida aos dezesseis anos. Foda-se ele, por exigir de mim o que eu não poderia dar a mim mesma. Ele, Aydin e Martin eram todos ditadores e nunca fui capaz de ouvir minha própria voz.

Nunca.

E era minha culpa. Eu deveria ter me expressado do jeito certo. Eu deveria ter gritado. E eu odiava admitir, mas a culpa foi minha por ter ficado quieta.

Eu não era adulta coisa nenhuma. Ele estava errado. Eu nunca cresci, de verdade. Sempre fui esse monte de folhas mortas, soprando ao vento e deixando as estações, seja lá quem fossem, entrarem e me mudarem, passando por cima de mim. Eu nunca lutei por nada antes.

Girei e girei, sentindo as lágrimas escorrendo pelo meu rosto até que alguém me segurou em seus braços. Abri os olhos e deparei com Micah me girando, enquanto eu envolvia sua cintura com as pernas.

Ele recostou a testa à minha, sorrindo de leve quando comecei a rir diante do saxofone que ressoava por toda a sala.

— *Se você quer ser feliz para o resto de sua vida* — nós dois cantamos —, *nunca transforme uma mulher bonita em sua esposa...*

Então ele girou e deu voltas, e eu comecei a rir com vontade quando o abracei, avistando todos os outros, à porta, nos observando.

Eles também devem ter ouvido a música.

Meu Deus, eu não estava nem aí. Ergui um punho cerrado e ambos começamos a cantar a letra da canção com mais vigor, rindo como idiotas. Ninguém tinha o direito de me dizer como eu deveria me sentir. Não mais.

Ninguém poderia me fazer sentir qualquer coisa que eu não permitisse. Eu estava no controle.

E estava mais do que pronta para uma aventura.

Capítulo 28

Emory

Nove anos atrás...

Meu irmão parou em frente à escola, pisando no freio com força e colocando o carro em ponto-morto.

Eu não havia dormido nada na noite passada e, embora uma nuvem nublasse meu cérebro, me impedindo de ver tudo com clareza, eu não me sentia cansada.

Na verdade, era como se minha cabeça estivesse flutuando quase dois metros acima do meu corpo, completamente desligada e alheia.

— Você está muito bonita hoje — disse Martin.

Tentei forçar um sorriso.

— Obrigada.

Minha saia e camisa foram passadas a ferro, meu cabelo estava penteado e preso com um diadema, e a gravata que compunha o uniforme estava ajustada. Pela primeira vez, decidi vestir o caro blazer azul-marinho que ainda cabia em mim e que ele havia comprado no ano passado.

— Espero te encontrar em casa quando eu sair do trabalho.

Dei um aceno em concordância.

— Sinto muito, por tudo — murmurei, em voz baixa.

Senti seu olhar focado em mim, mas seu silêncio durou por um tempo até que sua voz ressoou no carro:

— Precisamos nos dar bem, Emmy. Eu sou tudo o que você tem. — Em seguida, ele bagunçou meu cabelo, rindo. — Quero dizer, eu sou legal, certo? Eu compro coisas pra você e te dou liberdade. Matriculei você nesta escola porque quero que tenha o melhor. Eu tento, não é?

Concordei com a cabeça, mais uma vez.

— Vou fazer um pouco daquela pipoca caramelada que você gosta, esta noite — falei.

Ele gemeu de satisfação e sorriu.

— Estamos combinados, então.

Desci do carro com a mochila sobre o ombro e acenei uma despedida antes de atravessar o estacionamento.

Não era sempre que acertávamos nossas diferenças com mínimo esforço, mas depois que cheguei em casa ontem à noite, nem sequer tentei dormir. Tomei banho outra vez, lavei o cabelo e me esfreguei e depilei, como se minha nova versão pudesse se transformar em uma armadura.

Limpei o quarto, arrumei a cozinha novamente e fiz bolinhos de canela, deixando-os assar enquanto eu me sentava à mesa e concluía o dever de casa; finalizei até mesmo o guia de estudo para o livro *As Vinhas da Ira*, que só deveria ser entregue na próxima semana.

Arrumei o material na mochila e me vesti com esmero – aplicando até um pouco de rímel –, antes de Martin chegar e encontrar a vida que considerava perfeita outra vez.

Eu não tinha como sair dessa situação. E não poderia matá-lo.

Eu precisava sobreviver, e, assim como na noite passada, quando disse a Damon que havia um rasgo na membrana, percebi com o passar das horas que não iria embora dali.

Algo havia se desconectado na minha mente, e cada memória de seus tapas no meu rosto ou de seus punhos socando meu estômago, ao longo dos anos, havia se transformado em um sonho que acontecia com outra pessoa.

Era como se eu não estivesse lá.

Como se não estivesse aqui agora.

Eu já não tinha forças ou energia necessária para me preocupar com nada.

As aulas da manhã passavam uma após a outra, e eu nem poderia afirmar se Will estava no primeiro horário, porque a aula pareceu terminar antes que eu percebesse que havia começado.

Encarei minha mesa, e a imagem do que presenciei na sala de luta livre se atropelou em meu cérebro. A lembrança inchava meu coração, mas o rasgava em pedacinhos de igual maneira.

Fiquei feliz por ele ter seus amigos. Eles o amavam e Will merecia estar cercado de pessoas, nunca sozinho.

No entanto, eu também odiava a ideia de outra pessoa, além de mim, poder fazê-lo feliz.

Fazer Will feliz era uma sensação incrível.

Eu gostaria de ser a garota que fui no *The Cove*, todos os dias, mas isso se foi. O peso havia esmagado aquela faísca e eu não conseguia reunir forças para tentar qualquer coisa mais.

— Ai, minha nossa, não estou pronta para o início da temporada dos jogos de basquete — disse Elle, colocando a bandeja de almoço ao lado da minha na fila. — São cerca de duas semanas em que as programações vão coincidir com o futebol, então ficaremos sobrecarregadas.

— Eu, não — murmurei, seguindo em frente. — Saí da banda esta manhã.

— O quê?

Peguei uma porção de frango empanado e molho, sem nem ao menos olhar para ela.

— Minha avó está doente — expliquei, baixinho. — Ou *mais*

doente, quero dizer. Preciso ficar em casa agora.

Nem me preocupei em falar com a diretora pessoalmente. Mandeí um e-mail para ela, confiante de que meu irmão concordaria que me concentrar nos estudos e em meus projetos arquitetônicos seria uma melhor forma de investir meu tempo.

Quanto menos eu estivesse na escola – ou nos jogos ou no ônibus de transporte para os jogos fora de casa –, melhor.

— Vou me sentar com Gabrielle hoje — disse ela, de repente. — Nós temos que conversar sobre um... um projeto.

Ela pegou sua bandeja e passou por mim, seguindo em direção ao caixa, e não me dignei a olhar para cima ou responder.

A única amiga que eu poderia ter...

Eu não estava nem aí.

Paguei a refeição e fui até uma mesa vazia no canto do refeitório, coloquei os fones de ouvido e acionei a música no *iPod* escondido no bolso.

Levantei a cabeça por uma fração de segundo, imediatamente fixando meu olhar em Damon. Ele se encontrava sentado a vinte metros de distância em uma mesa circular abarrotada com seus amigos. O caos vibrava ao seu redor, mas ele permanecia imóvel e calmo como se fosse o centro de uma tormenta; era como se as lágrimas e a raiva da noite anterior nunca tivessem acontecido.

Eu estava esperando que a culpa comesse a me consumir, mas isso não aconteceu. Havia uma fagulha de preocupação, mas não havia absolutamente nada que pudesse fazer sobre isso agora, e eu não tinha certeza se teria feito algo diferente se pudesse voltar à noite anterior. Ele tinha muito mais a perder e era desleixado. Provavelmente, havia deixado evidências sobre ela.

De alguma forma, eu me senti mais no controle por não me importar da forma como pensei que faria.

Baixando o olhar, abri a caixinha de leite e do molho, sentindo-me estremecer quando *Army of Me* começou a tocar na *playlist*. No entanto, o ar ao meu redor começou a vibrar e ouvi uma batida diferente em meus ouvidos.

Retirei os fones de ouvido, olhei para cima e vi Will em cima de sua mesa de almoço.

Seus amigos estavam sentados e em silêncio, olhando para ele e rindo enquanto ele começava a dançar alguma música pop dos anos 80 ou 90, tirando o blazer da escola, a camisa e gravata abertas e pendendo como se ele fosse uma espécie de deus.

Ele ficaria incrível usando um terno algum dia.

Will pulou da mesa, movendo-se pelo ambiente enquanto os alunos gritavam e uivavam, e ele parecia...

Comecei a rir baixinho, sentindo o sorriso se espalhar pelo meu

rosto.

Ele parecia estar dançando como Jean-Claude Van Damme, em *Kickboxer*.

Passe mais tempo comigo e talvez você descubra.

Meu sorriso se desfez lentamente, mas eu não conseguia desviar o olhar dele. Aquilo era para mim.

Senti a garganta pinicando como se tivesse engolido milhares de agulhas, observando-o dançar, e adorando ver o sorriso em seu rosto.

Relanceei um olhar para Damon novamente, vendo que ele não estava mais me encarando. Sua cabeça estava virada para o lado e seus olhos agora estavam fixos em outra mesa. Segui a direção de seu olhar, avistando Winter Ashby e Erika Fane sentadas e comendo, rodeadas por outros colegas.

O que ele estava fazendo com ela, ontem à noite, naquela moto? Podemos até ter criado um laço de uma forma que a maioria das pessoas nunca teria, mas eu também não era idiota. Damon trepava, abusava, usava e não havia nada ou ninguém a quem ele não atacasse. Eu não sabia qual era o interesse dele por ela, mas tinha certeza de que isso a machucaria.

— Desça daí! — gritou alguém.

Desviei o olhar de Winter e me concentrei outra vez em Will, vendo o Sr. Kincaid esbravejando por ele estar de pé sobre a mesa. A música nos alto-falantes cessou e todos riram enquanto ele ria e pulava de mesa em mesa.

A névoa que nublava minha cabeça, pelas últimas doze horas, começou a se dissipar um pouco e, por um instante, senti sua falta.

Ele ficaria todo satisfeito se fosse eu a dar o próximo passo agora, certo? Se eu me esgueirasse para dentro do seu quarto esta noite, ou ficasse enrolando na piscina, esperando que ele aparecesse...

Talvez, se ligasse para ele?

Erika Fane conduziu Winter Ashby para fora do refeitório, ambas despejando o lixo de suas bandejas antes de sair, e sendo observadas por Damon o tempo todo. Desviei o olhar de onde Will estava, colocando o fones mais uma vez e tentando voltar a comer.

Eu mal conseguia distinguir a música enquanto mordiscava a comida, ignorando os olhares que podia sentir na minha direção, bem como as risadas que provinham de sua mesa.

A sala começou a esvaziar, os alunos se preparando para a próxima aula, mas, então, o alarme de incêndio soou e a comoção tomou conta do lugar.

Peguei os fones, agora concentrada no ruído estridente e ensurdecido do alarme e das luzes piscantes. Estremeci e me levantei da cadeira.

— Todos em fila única! — berrou um professor, e quando olhei ao redor, avistei Will e seus amigos já saindo pela porta.

Que diabos...? Havia um incêndio?

Ele olhou para mim por cima do ombro, enquanto seguia em frente, mas desviei o olhar e dei a volta na mesa.

Larguei a bandeja e corri para me posicionar na fila. Enquanto um professor nos guiava para fora do refeitório, outros passavam correndo para ver se todos os alunos haviam saído. O corredor estava abarrotado de estudantes desesperados para deixar o prédio, mesmo que nos orientassem para nos manter calmos e sem pânico.

— Não corram! — um deles gritou.

Enquanto outro dizia:

— Volte aqui. Você não vai ao banheiro.

Saímos em fila, todos nos dirigindo para o outro lado do estacionamento, à medida que a sirene ressoava sem cessar.

Olhei em volta, avistando Will sentado nos tijolos que circundavam a árvore e o canteiro de flores, com os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto olhava para mim.

Victoria Radcliffe e Maisie Vos o ladeavam, e Tory colocou um braço sobre seus ombros, ostentando as unhas feitas de cem dólares enquanto conversava com outra pessoa.

Will apenas ficou ali sentado e, inquieta, virei de costas e cruzei os braços à frente do corpo.

— Onde está Damon Torrance? — Ouvi alguém perguntar.

Levantei a cabeça e vi o diretor circulando no meio da multidão.

— Ele estava no refeitório. Alguém viu para onde ele foi?

Examinei ao redor, procurando por duas cabeças de cabelo loiro e, por fim, avistei Erika, sozinha, conversando com uma professora e parecendo estar em pânico.

— Winter Ashby também está ausente! — gritei.

Kincaid olhou para mim e depois examinou a multidão. Franzindo os lábios, ele voltou para a escola.

— Por que estragar o tempinho prazeroso que ela, com certeza, está tendo, Emory?

Olhei por cima do ombro, deparando com o sorriso malicioso de Maisie. Todos em seu pequeno grupo estavam me encarando.

— Ela só tem quatorze anos — eu disse.

Quero dizer, dã.

A garota apenas riu.

— Por que você simplesmente não vai embora?

Meu olhar se desviou para Will, o calor se espalhando por todo o meu corpo. Ele apenas me encarou, dando um olhar divertido e debochado para mim. Ele não piscou nem uma única vez.

O desdém que vi ali foi como um chute no estômago, e em mais de dois anos estudando nesta escola, nunca havia me sentido tão como um peixe fora d'água, porque embora não desse a mínima para o que os outros pensassem de mim, eu me importava com a opinião dele.

Dei as costas a todos eles e me afastei, sentindo a mente turvar cada vez mais com a névoa incômoda. A agonia por desejá-lo acabou se transformando em um vício para a dor por ter que rejeitá-lo.

Passou a crescer e me consumir todos os dias, desde aquele momento.

Destruir a mim mesma, bem como a tudo o que eu mais amava e queria, se tornou a única coisa sob a qual eu tinha algum controle.

Eu poderia ignorá-lo durante as aulas. Poderia passar por ele nos corredores da escola e fingir que ele não existia.

Eu poderia fingir que estava acima de tudo e de todos, e que eles não eram nada.

E foi isso o que fiz.

O tempo passou, as estações mudaram, ele foi para a faculdade e, um ano depois, eu também fui embora dali.

O que eu não sabia, naquela época, era que o dano que causaríamos um ao outro estava apenas começando.

Capítulo 29

Will

Dias atuais...

Micah a colocou de volta no chão, segurou suas mãos e a girou outra vez, antes de puxá-la para si. Eles dançaram e riram, e meu peito estufou com as sensações repentinas; meus braços pareciam pesar uma tonelada.

Não pude deixar de sorrir para mim mesmo enquanto a observava. Todos nós ouvimos a música, e um a um, descemos para o salão de baile.

Micah não conseguiu resistir, gravitando em sua direção na mesma hora, e somente quando ele a puxou para os seus braços é que vi as lágrimas correndo livres pelo rosto.

Ela deu um sorriso singelo, no entanto, e aquilo foi de partir o coração, porque eu sabia que a tinha feito chorar. Não importava quantas vezes eu dissesse a mim mesmo que ela merecia sofrer, isso não era da minha natureza.

Eu estaria perdido sem uma segunda chance também. Uma história sempre possuía dois lados, e tudo era apenas uma questão de perspectiva.

Mas descobrir que foi ela quem nos enviou para a prisão foi quase um alívio. Isso, finalmente, me deu permissão para odiá-la, ao invés de me sentir magoado por ter sido rejeitado inúmeras vezes.

Micah a afastou um pouco e fez com que ela girasse, na ponta dos pés, e os dois começaram a dançar um *twist* ou uma merda dessas. Por um instante, era como se não estivéssemos em *Blackchurch*. Éramos apenas amigos, passando um tempo juntos.

E, de repente, eu senti uma saudade absurda de casa.

— Vá até ela — Alex me encorajou.

Taylor, Aydin e Rory ficaram para trás – se divertindo com tudo aquilo –, e uma parte minha queria muito ir até lá. Vê-la daquele jeito era como estar em um universo paralelo.

Porém anos de decepção e dúvida me mantiveram enraizado no meu lugar.

—Ai! — Emmy gritou, de repente.

Levantei a cabeça e a vi cambalear, antes de Micah correr para ajudá-la a recuperar o equilíbrio.

Ela chiou e quando ergueu a perna, vi o sangue escorrendo na parte inferior de seu pé. Dei um passo em sua direção, mas Aydin se adiantou e correu até a pista de dança. Então estaquei em meus passos, apenas o observando.

— Ai... — resmungou ela, rindo em seguida quando olhou para o chão. — Merda, os cacos de vidro.

Aydin encarou Micah.

— Achei que você tivesse limpado essa merda.

— Eu limpei. — Apressou-se a esclarecer.

Aydin pegou Emmy no colo – as gotas escorrendo pelo seu calcanhar –, e meu sangue ferveu de ódio, a ponto de sentir náuseas só por vê-la em seus braços.

Put a que pariu. Se minha cabeça se concentrasse em apenas uma emoção em relação a ela, seria fantástico pra caralho. *Eu a odeio, mas ela é minha. Vá embora daqui, mas não com ele, porra!*

Ele passou por nós, carregando-a no colo, e seguimos em seu encalço. O tempo todo, meu olhar permanecia fixo nos braços de Emmy enlaçando o pescoço do filho da puta. Ele a levou escada acima – para seu quarto –, e a colocou na cama, e nós ficamos ali, à porta.

Ele poderia tê-la levado para a cozinha, já que havia um kit de primeiros socorros ali também.

Ela levantou o pé e o apoiou sobre o joelho, tentando evitar, provavelmente, que o sangue manchasse o carpete. No entanto, Aydin se ajoelhou e segurou seu pé, aplicando pressão com um pano para estancar o sangramento.

— Está tudo bem — ela garantiu, tentando se soltar para cuidar do ferimento por conta própria.

Ele não deu bola e inspecionou o corte, e aquilo me deixou mais irritado ainda. Ela pisou na porra de um caco de vidro. Ela era arquiteta. *Ela teve sua cota de farpas, idiota.*

Aydin ergueu o olhar e gesticulou com o queixo na direção dos caras.

— Tem uma garrafa de bebida na despensa — informou. — Vão se divertir.

— É isso aí, porra! — comemorou Taylor, saindo do quarto.

Rory deu um tapa na barriga de Micah.

— Festa na piscina.

Ele deu uma risada e todos saíram, descendo as escadas, ficando apenas Alex e eu ainda ali. Olhei para o caras se distanciando escada abaixo, sentindo um frio na barriga. Eles estariam bêbados em uma hora.

Aydin os queria exatamente daquele jeito.

Eu me aproximei, observando os dois, já me preparando para o fato de que não seria capaz de me conter por mais tempo.

— Eu também quero uma garrafa — ela brincou.

Ele olhou para ela, com a sombra de um sorriso curvando seus lábios. Sem desviar o olhar, Aydin se esticou até a mesa de cabeceira e tirou uma garrafa e um copo do compartimento inferior, colocando

tudo ao lado do abajur.

Ela sorriu quando o viu abrir a garrafa de uísque, servindo uma dose.

— Aqui está. — Entregou a ela.

Eu podia sentir o cheiro do líquido ambarino daqui, e minha língua, de repente, ficou seca quando ele voltou a se concentrar no pé dela.

Alex permaneceu perto da porta, e tudo o que eu mais queria era tirar Em daquele quarto, e mandar as meninas embora dali, mas eu tinha planos para Aydin, e ainda não estava pronto para colocar em ação. Por mais que essa decisão estivesse se tornando difícil a cada segundo.

Emmy apoiou o copo no colo, encarando o líquido.

— Meu irmão ficou tão bêbado com isso uma vez — disse ela —, que sou capaz de praticamente sentir o gosto como se tivesse acontecido ontem.

Aydin abriu a embalagem de um lenço antibacteriano com os dentes – o olhar fixo ao dela –, antes de limpar o sangue de seu pé.

— Nunca consegui entender por que ele me odiava tanto — ela continuou. — Tipo... de onde veio toda aquela raiva, sabe? Tínhamos bons pais que nunca abusaram de nós. Ele não foi maltratado. — Ela parou, ainda encarando o copo de vidro. — Mas ele sempre foi assim. Desde que me lembro, tudo tinha que ser perfeito. Meu cabelo. A roupa que eu usava. — Ela respirou fundo à medida que as lembranças inundavam sua mente. — Sempre tinha alguma coisa fora do lugar, então ele nunca estava satisfeito. Tudo o que eu fazia era errado.

Ela ficou em silêncio e eu me esqueci por completo dos outros ali no quarto, lembrando-me dos punhos sempre sujos e desabotados da camisa do uniforme, além do cabelo solto que escondia seu rosto.

— Então passei a ficar quieta... — ela quase sussurrou. — Os acessos de raiva se tornaram cada vez piores. Daí começou a gritaria... No meio da noite, porque eu havia esquecido de esvaziar a máquina de lavar louça, ou porque o espelho do banheiro estava sujo. — Seu olhar se tornou distante, como se ela não estivesse mais aqui. — Fiz xixi na roupa uma vez, no jantar — revelou. — Eu tinha quinze anos.

Franzi o cenho, imaginando ter que enfrentar isso todos os dias depois da aula.

— Percebi que ele estava doente e que nada seria bom o suficiente — contou, enquanto Aydin fazia um curativo em seu pé —, então parei de tentar agradá-lo. Eu usaria minha roupa amarrotada e não pentearia o cabelo, porque já que ele me batia por qualquer motivo — ela encontrou o olhar de Aydin —... então ele que fosse à merda.

Percebi que ele continuava a observá-la, ambos mais perto um do outro – ele ainda segurava sua perna –, e nenhum deles se afastou.

— Eu quase nunca o via bêbado — prosseguiu —, mas uma noite ele desmaiou com um quarto da garrafa sobrando. Eu coloquei o uísque que restou numa garrafa de água, e levei para a escola.

Ela riu, porém um ar de tristeza cruzou seu semblante, como se estivesse se recordando do dia. Quando aquilo aconteceu? Será que eu tinha conversado com ela naquele dia? Será que sacaneei com ela? Eu fui gentil?

— Ele achou que tinha bebido tudo. Ele nunca soube. — Ela fez uma pausa antes de continuar: — Foi só uma vez, mas foi um bom-dia. Eu não senti nada. Nem mesmo a costela fraturada.

Com as sobranceiras franzidas, pensei em Emory Scott bebendo uísque na aula de matemática ou cambaleando no refeitório, e em como deve ter sido fácil disfarçar, porque ninguém nunca a notou.

Ela precisava daquele uísque mais do que o ar que respirava naquele dia, e então eu entendi.

Meu Deus, eu totalmente entendi.

A gente consegue sorrir e rir, não apenas porque a cabeça parece estar mais leve, mas porque quando estamos bêbados ou chapados, é como tirar férias. Quando nos distanciamos das pessoas com quem convivemos sempre, dos mesmos lugares, do mesmo trabalho... é fácil não pensar nisso. É como uma pausa em relação a tudo que nos preocupa ou nos deixa ansiosos... Tudo o que torna nosso mundo pequeno e superficial, todos os interesseiros... E quando a gente fica chapado, é assim que as coisas funcionam. Isso simplesmente não importa. De repente, estamos vendo Machu Picchu da varanda de casa, sem nem precisar sair da cidade.

Ela ficou bêbada e passou a amar seu irmão novamente.

O que a tornou mais forte do que eu, foi o fato de que ela só fez isso uma vez.

Ela fechou os olhos enquanto levava o copo aos lábios, e dava para ver, pelo anseio em seu semblante, que ela queria fugir mais uma vez. Eu avancei e arranquei o corpo de sua mão, espalhando o uísque para todo lado quando o joguei para o outro lado.

O copo se chocou contra a parede, estilhaçando em pequenos pedaços.

Não faça isso. Eu a encarei.

Prefiro arrancar meu braço do que vê-la fazer isso a si mesma. Se ela fosse assim, eu preferia isso a vê-la se tornar o que me tornei – alguém que precisava se machucar dia após dia para poder sorrir.

— Limpe isso — ordenou Aydin.

No entanto, fiquei ali, imóvel. Eu não sabia o que diabos queria fazer com ela ainda, mas isso – seja que porra era essa entre eles –,

não ia acontecer. Ela não ia se redescobrir com Aydin Khadir. Era comigo.

— Ele não te salvou naquela época — Aydin disse a ela. — E não vai te salvar agora.

Ele a observou, e ela me encarou, e mesmo sabendo que era verdade quando ela disse que me amava, noite passada em sua cama, eu também tinha plena certeza de que Emmy era como um carvalho. Suas raízes eram firmes e profundas, e não seria o amor que salvaria o dia.

— Eu vou te salvar? — Aydin perguntou a ela.

— Não preciso de ninguém para me salvar. — Ela manteve o olhar fixo ao meu. — Eu tenho tudo sob controle.

— É isso mesmo. — Ele terminou o curativo e colocou seu pé apoiado no chão, limpando as mãos ao se levantar. — Eu quase consigo ver, você não? — perguntou ele, olhando para Alex e de volta para mim. — Os dois juntos? A forma como um combina com o outro? Ele penetrando o corpo dela, como já fez mais de mil vezes, e olhando em seus olhos durante o ato?

Fiquei tenso na mesma hora.

— Todas as vezes em que ele esteve a sós com ela, dentro dela, gozando e se esquecendo de você — disse ele a Emmy. — Você pode ver isso, certo?

Filho da puta.

— Mas não nos importamos — continuou ele —, não é mesmo? Não nos importamos que ele se jogue novamente na cama dela ao primeiro sinal de problema.

Flexionei a mandíbula, o cheiro dos lenços antibacterianos se infiltrando em minhas narinas. Meu cérebro estava torrado. Eu não sabia mais como obter o que queria sem recorrer a apenas pegá-lo.

— Vá em frente — Aydin me instigou, focando o olhar em Alex às minhas costas. — Transe com ela. Quero ver como era com vocês dois. Todas as coisas que ela deixou que fizesse o que quisesse com ela, porque é desse jeito que ela se esquece facilmente e segue em frente. — Então ele gesticulou para Em. — Nós vamos assistir.

Mas antes que pudesse reagir, ele me agarrou e me empurrou contra o colchão. Desabei e Emmy gritou, assustada, tentando se afastar quando Aydin cravou o joelho na minha barriga. Soltei um grunhido furioso no segundo em que ele envolveu meu pescoço com uma mão e me acertou com a outra.

Fechei os olhos com força, sentindo a dor latejante se alastrar pelo meu rosto, mas depois de um momento, inclinei a cabeça para trás, devagar, para encará-lo e pronto para mais.

Vamos lá...

Seus olhos me fuzilaram, e ele se inclinou, o hálito soprando

sobre os meus lábios.

— Meus — ele arfou. — Todos vocês são meus. Você não vai embora. Eles não vão embora. E quando seus amiguinhos de merda chegarem, vou pendurá-los no porão pelos tornozelos como uma caça abatida.

Ele me puxou para fora da cama, e eu tropecei ao recuar antes de que ele avançasse e me desse um soco no estômago, me derrubando no chão.

— Will... — Alex deu um passo na minha direção.

No entanto, ergui a mão para impedi-la.

— Fique aí — murmurei. — Não se aproxime.

Demorou alguns segundos, mas consegui me levantar outra vez e o encarei, aceitando a surra, mas não deitado. *Posso ser apenas um jogador de equipe, mas sou forte.*

Ele se aproximou de mim, acertando outro soco no meu estômago. A bile subiu pela garganta, me fazendo curvar o corpo para recuperar o fôlego. Minha cabeça estava girando, mas eu não me renderia.

— Você não tem o que é preciso para ser alguém como eu — ele grunhiu, parando perto de mim.

— Will... — Ouvi Emmy chamar meu nome.

E então Alex:

— O que diabos você está fazendo? — ela esbravejou comigo.
— Faça alguma coisa!

— Ele não pode — Aydin disse, com escárnio. — Porque ele não tem espírito de liderança. Isso é tudo o que ele é. Você não consegue ver isso?

Endireitei a postura, vendo que ele encarava Alex.

— Você não vê? — gritou com ela outra vez.

Aydin distribuiu socos e chutes, e meus olhos lacrimejaram quando o fogo se alastrou pelo meu corpo combalido. Ele me derrubou e agarrou minha garganta à medida que rolávamos pelo chão. Eu não revidaria. Ainda não.

Ainda não.

Mas também não iria me acovardar. Era a única maneira. Homens como ele precisavam se sentir poderosos, mas ele não me respeitaria se eu suplicasse como Micah.

Ele precisava de mim.

Ele não seria capaz de amarrar os cadarços sem mim algum dia.

Sangue pingou do meu nariz; as costelas agonizavam. Sequer me dei conta das garotas em cima de nós, tentando nos separar, mas nós continuamos nosso embate, forçando-as a recuar. Travando os cotovelos, agarrei sua mandíbula e o empurrei para longe de mim. O suor brotou na minha testa, mas percebi que ele agora respirava com

dificuldade, ostentando um imenso arranhão que, acidentalmente, deixei em sua bochecha.

— Vamos lá, me divirta — disse ele. — Deixe-me assistir, deixe sua garota assistir também, para que ela saiba exatamente o tanto que você sentiu falta dela durante o tempo em que estiveram separados.

— Eu senti falta dela — sussurrei, apenas para que ele pudesse ouvir. — Várias vezes ao dia, em uma variedade de lugares fascinantes.

Seus olhos incendiaram e ele rosnou:

— Vá se foder!

Comecei a rir, mesmo sentindo uma dor do caralho, vendo-o perder as estribeiras.

Por algum motivo, ele estava com ciúme e eu não sabia o motivo, mas lá estava. Ele tinha tesão por mim ou algo assim? Pela Alex, talvez?

— Vamos! — gritei. — Pode me bater de novo!

Pausa. Foda-se a pausa, porque estava na hora.

Ele afastou o punho e eu me preparei para o golpe, mas então algo se chocou contra a nuca dele.

Ele estremeceu, a dor visível em seus olhos, e então desabou. Olhei para Alex ali de pé, com uma luminária em punho.

Ele rolou para lado, sibilando por entre os dentes e com o olhar fixo ao dela.

— É melhor você estar preparada para terminar o que com...

Ela o acertou com a luminária outra vez, e ele tombou para trás, segurando o rosto agora ensanguentado.

— Alex... — ofeguei.

Putá merda.

Mas no instante seguinte, recebi um golpe no nariz com o mesmo objeto e uma dor lancinante se alojou na minha cabeça. Desabei no chão, ao lado de Aydin, e as meninas partiram para o ataque. Eu mal conseguia abrir os olhos marejados, mas senti quando uma delas agarrou meu cinto e começou a arrastar meu corpo flácido para a parede, tendo apenas vislumbres das duas tentando nos puxar.

Quando acordei e consegui abrir os olhos, notei meus braços amarrados. Olhei para cima e deparei com meu pulso direito atado à esteira, com uma das gravatas de Aydin, enquanto o outro encontrava-se preso ao dele com o meu cinto. Seu outro pulso também estava firmemente amarrado com seu cinto de couro, prendendo-se ao puxador da cortina.

Tentei mover os braços, e dei um grunhido enfurecido quando olhei para as duas.

— O que vocês estão fazendo? — esbravejei. — Que porra!

Elas perambulavam pelo quarto, nos ignorando enquanto

faziam alguma coisa. Encarei Em, mas ela nem se dignava a olhar para mim. Não era eu que estava descontrolado aqui.

— Ei! — Micah exclamou; Rory e Taylor também vieram correndo até a porta. — O que diabos está acontecendo?

Emmy disparou e fechou a porta com um chute, enfiando uma cadeira por baixo da maçaneta.

— Isso é uma estupidez! — gritei.

Mas Aydin apenas riu, balançando a cabeça. Ele não se sentiu ameaçado por elas.

Emmy se serviu de outro copo de uísque e, em seguida, tirou a camiseta, ficando apenas com o short de Rory e o sutiã.

Ela tentou olhar por cima do ombro e pude ver uma mancha vermelha se formando em suas costas. Ela se machucou naquela briga? Lembrei-me delas, em cima da gente, brevemente, mas não sabia que ela havia caído.

Ela tomou um gole da bebida enquanto Alex inspecionava os danos.

— Estou bem — Em assegurou.

Alex se virou, com fogo em seus olhos enquanto nos encarava como se quisesse nos matar.

— Bem coisa nenhuma!

Ela enxugou o suor do rosto e entrou no banheiro, abrindo a torneira enquanto Emory bebia o uísque e se servia de outra dose. Ela ficou em silêncio, e eu continuei a puxar e puxar a esteira de seiscentos quilos como se realmente fosse capaz de me libertar. Que porra de plano era esse? O que elas vão fazer? Assumir o controle? Recrutar os outros?

Emory olhou para nós – ou para mim –, por trás de suas lentes e hesitou um momento antes de trazer seu copo e se sentar no tapete à nossa frente, só que longe o bastante para que não pudéssemos alcançá-la.

Mantive o olhar fixo ao dela, sem desviar em momento algum.

— Naquela vez em que você me levou para casa, depois daquele jogo fora de casa — disse ela —, nós paramos no *Cove*, e eu pensei uma coisa naquela noite.

Pensar foi tudo o que ela fez naquela noite. Na verdade, ela pensou demais.

— Um lado meu resistiu a você porque não queria te arrastar para a minha vida horrível — declarou. — Fiquei com vergonha e pau da vida... e sem esperança alguma. Eu não podia te dar nada.

Levantei a cabeça, permanecendo em silêncio.

— Mas outro lado meu também resistia a você porque temia estar apenas trocando uma forma de abuso por outro — explicou ela. — A forma como você me coagia, me pressionava... Como não me

deixou em paz quando pedi... Quando tentou me aterrorizar.

Entrecerrei os olhos enquanto a observava. Eu não fui abusivo. Eu era um pouco mimado e arrogante, mas nunca quis machucá-la.

Ela baixou o olhar, tomando mais um gole.

— O pensamento foi embora tão rápido quanto veio — ela acrescentou —, porque eu queria você e, lá no fundo, tentei me agarrar com toda força à esperança que você emanava. Eu precisava daquilo. — Ela ergueu o olhar novamente. — Mas, agora, eu me pergunto se estava certa. Aqui estou eu, coberta de hematomas mais uma vez. Talvez o seu mundo seja tão ruim quanto o meu.

Balancei a cabeça, mas qualquer argumento que eu poderia ter, ficou entalado na garganta.

— O que você quer de mim? — ela perguntou, como se Aydin e Alex não estivessem no quarto. E então, com a voz mais firme, insistiu: — Hã? O que você quer?

Alex se sentou às costas dela, com um olhar desafiador por cima do ombro.

— Quem me colocou aqui dentro? — Emmy sondou. — Quem achou que eu deveria estar aqui com você? Damon, talvez? Michael?

— Talvez seja alguém que te odeie? — retruquei. — Seu irmão...?

Ela hesitou.

— Por que agora?

Soltei um grunhido ao tentar me erguer um pouco, usando o ombro para limpar o sangue que escorria do nariz.

— Acho que você sabe muito bem o porquê.

Trocamos um breve olhar, porque ela sabia sobre o que eu estava falando. Ela era sua ponta solta. A única outra pessoa que sabia o que eles haviam orquestrado para mandar meus amigos e eu para a prisão tantos anos atrás.

— Este lugar é bem caro — ela argumentou.

— Sua nova esposa tem muita grana.

— Ela tem? Eu nunca a conheci. — No entanto, ela rebateu minhas palavras: — Ele economizaria o dinheiro e me mataria se realmente pensasse que eu era uma ameaça.

— Será? — retruquei. — Na cabeça dele, tenho certeza de que ele pensa que te ama. Como Humbert Humbert[33]. — E então dei de ombros. — Talvez ele queira te dar uma lição, te fazer sofrer.

Para minha surpresa, um ar de diversão cintilou em seus olhos.

— Porque ele me ama muito, né?

Típico comportamento de abusador. Ele nunca a odiou, assim como a mãe de Damon nunca o odiou, ou nenhum de nós realmente detestou Rika enquanto roubávamos sua herança, sequestrávamos sua mãe e incendiávamos sua mansão. A mente doentia só é capaz de

enxergar suas próprias intenções, e tudo o que eles fizeram e tudo o que fizemos justificou um fim.

O caminho para nos tornar as pessoas que queremos ser é sinuoso, na melhor das hipóteses. Tudo foi justificado porque todos nós éramos as vítimas da nossa história.

— Não há ninguém a quem possamos fazer sofrer mais, do que aqueles a quem amamos — Aydin interrompeu.

O braço dele estava apoiado ao meu, nossos pulsos roçando um ao outro à medida que tentávamos nos desvencilhar, mas quando olhei para Emmy, tudo o que pude ver foi a pele bronzeada do vale entre seus seios, além da barriga chapada. Eu quase podia sentir sua pele ao alcance dos meus dedos.

Ela estava tão perto. *Você ainda quer me abraçar?* Pisquei várias vezes, tentando me livrar do incômodo cada vez mais evidente na virilha.

— Você quer saber o que fiz para ser colocado aqui? — Aydin perguntou a ela. — Que merda horrível eu fiz?

Ela o observou e, apesar do frio que circulava no quarto, uma leve camada de suor se formou no meu pescoço e peito.

— Eu me recusei... a casar com uma pessoa — ele respondeu. — E foi isso.

Alex baixou o olhar, dando a impressão de que ela queria estar em qualquer outro lugar.

— E posso sair daqui quando quiser — Aydin continuou. — Desde que eu concorde com o casamento.

Eu realmente não sabia desse detalhe, mas isso não mudava nada. Eu conhecia Aydin antes de vir para cá. Ele ia sempre a Meridian e nós frequentávamos os mesmos clubes sociais e festas, embora nunca tenhamos nos encontrado.

— Você pensou que eu tivesse matado alguém? — ele debochou. — Ou que fodi minha própria irmã, talvez?

Provavelmente, de todos nós, ele tenha sido enviado aqui por uma coisa boba, mas era nítido que era capaz de coisas muito piores, porque ele conhecia as pessoas quase imediatamente ao conhecê-las. Aconteceu com Rory, Micah e Taylor. Até eu acabei ficando mais tempo do que o necessário aqui, por ele ter se mostrado muito difícil de manipular.

— Minha futura esposa é linda, inteligente, e vem da família certa — disse ele. — A esposa e mãe perfeita escolhida a dedo para construir um futuro ao meu lado. E eu estava totalmente de acordo... até uma noite.

— A artista... — concluiu Emmy.

Olhei para cima e vi que ambos se entreolhavam, antes de Aydin assentir.

Artista? Como ela sabia alguma coisa sobre isso?

— O que ela fez? — perguntou Em.

Ele encarou as garotas, e eu segui a direção de seu olhar; tanto Emmy quanto Alex eram tão lindas que me senti de volta ao meu antigo quarto, na casa dos meus pais, aconchegado à minha maldita cama enquanto a luz da manhã incidia sobre os lençóis.

— Isto — respondeu ele.

Alex recostou o queixo no ombro de Emmy, e deslizou os dedos ao redor de sua cintura nua, acariciando-a.

— Isto? — provocou Alex.

Aydin e Alex se entreolharam, sem pestanejar, enquanto o pulso em meu pescoço latejava cada vez mais rápido.

— Eu apenas a observei pela tela do computador — disse ele, como se estivesse em transe —, e foi como se a pele do meu corpo tivesse rasgado, liberando toda a pressão à qual eu havia me acostumado a sentir a vida inteira. — Seu ritmo respiratório acelerou. — E então, fui capaz de, finalmente, respirar outra vez e vislumbrar cores e outras merdas destas. Eu me senti quente e, de repente, o mundo parecia tão diferente, porque...

Ele engoliu em seco quando Alex apoiou a palma da mão na barriga de Emmy, tocando-a de um jeito suave. Em ficou paralisada, mas depois de um momento, relaxou contra Alex, incentivando-a a prosseguir.

— Porque nenhuma lâmina corta tão fundo quanto algo tão bonito — ele sussurrou.

Cortes... Meu olhar se concentrou na tatuagem que fiz em seu ombro. Marcas de garras cravadas em sua pele para sempre.

— Ela tinha esses olhos... — Ele encarou Alex, desesperado e assustado, como se apenas a lembrança o machucasse. — Eu podia jurar que se estendesse a mão, seria capaz de tocá-la, tudo por causa da forma como ela olhou para mim e fez todo o resto desaparecer. Não me importei com o que poderia arriscar em perder — ele disse a ela. — Eu só precisava tê-la.

Olhei para Emmy, lembrando-me do quão teimosa sempre achei que ela fosse, mas, na verdade, ela simplesmente era sensata, e eu me ressentia por isso. Nossos mundos eram diferentes, meus amigos não a tratariam bem, e eu era extrovertido e adorava estar perto de pessoas, e ela preferia ficar sozinha. Éramos muito diferentes.

Mas em momentos como aquele, quando a segurei em meus braços no cinema, apenas confirmaram o que eu já sabia.

Valeria a pena.

— No entanto, quando finalmente criei coragem para reivindicá-la, percebi que ela havia sobrevivido sem mim — Aydin explicou. — E aquilo doeu. Estive a ponto de ficar louco, minha

cabeça totalmente fodida, e ela... ela deixava todo mundo usufruir de algo que era meu. Eu havia me tornado apenas uma lembrança, alguém por quem ela não se interessava mais.

— Daí, ela se tornou uma puta por causa disso — disse Alex.

Ele manteve o olhar fixo ao de Alex, enquanto ela abaixava uma das alças do sutiã de Emmy, que pareceu não se importar com isso.

Mas Aydin respondeu:

— Não. — Ele encarou as meninas, vendo as mãos de Alex percorrendo o corpo de Em. — Ela coloca um pé na frente do outro, faz o que tem que fazer e vive honestamente. Ela não se envergonha e mantém o queixo erguido. — Sua voz era mais convicta. — Ela é leal, tem o sorriso afetuoso e os braços amorosos de uma mãe, é uma sobrevivente, e resolve todo e qualquer problema sem se preocupar com os danos.

Seu olhar se tornou mais sério, repleto de orgulho.

— Ela é uma valquíria, porra — disse ele. — E eu não quero mais ninguém.

Meu coração apertou quando olhei para Em, porque era tudo verdade. Nada mais importava. Se fosse para morrer por alguém, seria por ela. Naquele momento, eu não ligava para os seus pecados, se alguém mais a tocou além de mim, ou que nós dois éramos nossos piores inimigos.

Essa era a minha garota, com cicatrizes, alma despedaçada e tudo. E ela era linda.

Alex se levantou, a postura rígida enquanto recuava, lentamente. Aydin fez o mesmo, encarando-a o tempo todo.

Levando nossas mãos ainda amarradas à boca, ele começou a soltar o nó do cinto com os dentes. Alex respirava com tanta dificuldade, que de onde eu estava era capaz de ouvir.

O cinto afrouxou e eu me soltei, ambos nos virando para nos livrar das outras amarras.

Aydin grunhiu, pau da vida porque não conseguia se soltar, e Alex arfou quando ele arrancou o gancho da cortina com força, partindo em sua direção. Ela tentou correr para o banheiro, mas ele a agarrou e a puxou contra si.

— Toque-me — ele ofegou, em sua boca.

Ela começou a soluçar, se desfazendo em pedaços.

— Agora não! — gritou ela. — Não depois de tudo. Como você pôde fazer isso agora?

Ele afundou a boca em seu pescoço, segurando sua cabeça contra seu corpo e abraçando-a com força.

Olhei para Emmy, vendo seus olhos marejados. Ela se levantou e se afastou de mim, e eu avancei em sua direção, observando seus

ombros nus e as alças do sutiã pendendo em seus braços.

Ela correu, mas consegui alcançá-la, e quando dei por mim, todos nós acabamos despencando no banheiro quando abri a porta. Braços e pernas entrelaçados, assim que liguei o chuveiro, então impensei seu corpo à parede, devorando sua boca macia e carnuda. Mergulhei por entre seus lábios, acariciando sua língua com a minha, sentindo o calor se espalhar pela virilha à medida que me esfregava contra o seu corpo.

— Aceite isso, Emory — Aydin orientou, ao lado. — Deixe-o tocar seu corpo inteiro.

Encarei seus olhos, impressionado por ele achar que possuía algum poder sobre ela.

— Ele que tente me impedir — eu o desafiei, então perguntei a ela: — Você está pronta para isso?

— A menos que você esteja me dizendo para apertar o cinto de segurança — ela retrucou —, cala a boca, Will.

Com um sorriso, arranquei seu short, sutiã e a fiz se virar, puxando sua calcinha pelas coxas.

Ela gemeu e, com uma mão, retirei seus óculos e o coloquei na saboneteira, enquanto com a outra, envolvi os dedos ao redor de sua garganta.

— Isso não é mais um amor juvenil — sussurrei em seu ouvido, pressionando seus seios contra os azulejos do chuveiro. — Não é uma paixonite. Este é um homem que esperou tempo demais para te mostrar o que é capaz de fazer.

Então cobri sua boca com a minha outra vez e abri meu jeans.

[33] Vilão protagonista da obra *Lolita*, do autor Vladimir Nabokov.

Capítulo 30

Will

Sete anos atrás...

Ouvi minha mãe chamando do piso inferior, e, em seguida, escutei as vozes masculinas e os passos apressados pela escada.

A porta do meu quarto foi aberta de supetão, e quando levantei a cabeça e olhei por cima do ombro – ainda deitado de bruços no colchão –, fiquei surpreso ao ver Kai parado à porta. Pisquei várias vezes, vendo que ele estava sem camisa e usando uma bermuda cargo.

— Você chega e não liga para a gente? — resmungou.

Minha cabeça estava latejando, e quando rolei na cama, gemi de dor. A faculdade não era nem um pouco legal comigo. Nunca tive tanta ressaca na vida.

Alguém empurrou a porta e então ouvi a voz de Damon:

— Droga. Achei que ele pelo menos estava acompanhado.

Eles entraram e quando olhei para o relógio, percebi que já eram dez e meia da manhã.

— Que porra, Will? — Kai rosou. — Já se passaram meses, cacete. Quando você volta à cidade, tem que nos avisar.

— Só se passaram dez semanas — retruquei, pegando um cigarro em cima da mesinha de cabeceira. — Caralho, nós estivemos juntos nas férias, em Miami.

Kai se aproximou e arrancou o cigarro da minha boca antes que eu pudesse acendê-lo, e então entrou no banheiro e abriu a torneira.

Olhei para ele, e informei:

— Eu cheguei ontem à noite — suspirei. — Tarde da noite.

Não tive tempo hábil de entrar em contato com ninguém. Todos eles já haviam voltado há algumas semanas, para as férias de verão, mas eu não conseguia tolerar a ideia de voltar, e foi preciso minha mãe me ligar e despejar a ladainha. Aparentemente, todo mundo estava perdido sem mim, e se eu não desse as caras, ela bloquearia meu cartão de crédito. Tudo isso porque ela não aguentava mais Damon e Kai vindo todo dia aqui, para ver se eu havia chegado.

Era óbvio que ela só estava brincando, já que eu sempre fui seu menino de ouro.

Bem, eu não estava ansioso para conversar com meus pais para explicar que passei raspando pelo primeiro ano em Princeton. Eu odiava desapontá-los. A carta do meu orientador ainda se encontrava sobre a mesa de cabeceira, informando que eu havia faltado muitas aulas das matérias pré-requisito dos primeiros anos.

Era doloroso tentar me importar com essa merda. Eu não queria estar lá, mas acabei ficando em Nova Jersey mesmo depois do término do semestre, porque Thunder Bay era um deserto para mim.

Fazia quase dois anos, neste outono, desde que a toquei pela última vez, e nada estava melhorando. Esfreguei o rosto com as mãos, e então resmunguei quando Damon se sentou escarranchado no meu colo.

Fiz uma careta assim que senti o cheiro estranho que exalava dele, uma mistura de protetor solar e cigarros.

— Vão para a praia? — perguntei.

— De novo, você quer dizer — disse ele. — Fomos lá ontem, mas algumas garotas ficaram mais maduras, desde a última vez que as vimos de biquíni. — Ele me deu um tapa, gritando na minha cara: — É tempo de colheita!

— Sai de cima de mim, porra. — Mas não consegui segurar o riso. Era bom vê-los.

Talvez, em breve, eu me sentisse mais humano por estar em casa.

Ele saiu de cima de mim e Kai voltou com um copo d'água.

— Tem uma escova de dente sobrando? — Damon perguntou, indo para o banheiro.

Ele nem ao menos esperou por uma resposta, começando a vasculhar pelas gavetas abaixo da pia. Assim que encontrou uma embalagem, pegou uma das inúmeras escovas que minha mãe sempre mantinha ali. Ela sempre estava preparada para eventualidades.

Bebi a água e coloquei o copo na mesinha ao lado, enquanto Damon aplicava a pasta de dente na escova.

— Você viu a pequena Fane puritana ontem na praia? — ele perguntou a Kai. — A garota agora está toda arrogante. Admita que vai ser uma delícia...

Kai o olhou de cara feia.

— Meu Deus, você é um idiota completo. Que cara universitário volta para casa e continua a perseguir os rabos de saia do ensino médio? Vê se cresce, Damon.

— Eu vi você secando ela também — Damon retrucou e mostrou o dedo médio.

Eles devem tê-la visto na praia ontem.

— Além do mais, aquele rabo é do Michael — Kai salientou. — Ele só não sabe disso ainda, então nem pense em se engraçar com ela enquanto ele estiver fora.

Sentei-me na beirada da cama e enterrei a cabeça latejante entre as mãos. Eu não queria nada de sol e areia hoje. Não queria andar por esta cidade, sabendo que ela já tinha seguido em frente com a vida e que foi embora para começar seus cursos de verão da

faculdade, na Califórnia.

Kai parou perto de mim e pegou o papel ao lado do abajur, lendo o conteúdo. Seu olhar astuto encontrou o meu, e então ele largou o documento no chão. Em seguida, começou a fuçar o resto das porcarias em cima da mesa de cabeceira: dinheiro, um frasco de comprimidos e um tubo com coca.

Ele entrecerrou os olhos e a mandíbula contraiu.

Abrindo a pequena gaveta, arrastei tudo o que havia em cima para dentro da gaveta, fechando com um baque.

— Deem o fora daqui — resmunguei, ignorando o julgamento em seu olhar. — Eu preciso tomar banho.

Damon enxaguou a boca, cuspiu e saiu do banheiro, mas Kai continuou me encarando com raiva.

— Um ou os dois vão acabar na cadeia, até o fim do ano, se não se controlarem — repreendeu. — Não posso controlar vocês como o Michael, porque já tenho coisa suficiente para lidar. Livre-se dessa merda, ou eu mesmo vou jogar fora.

Ele saiu do quarto, batendo a porta, e eu vacilei.

Ele ficou realmente surpreso? Minha personalidade cativante não surgiu da noite para o dia.



Várias horas depois, Kai tinha ido jantar com seus pais e Damon e eu nos dirigimos ao *The Cove*, na enseada, para apreciar a vista uma última vez. O sol ainda não tinha se posto, mas eu estava me sentindo imundo e pegajoso da praia; a única parte boa de tudo isso foi que suei tanto que acabei me livrando da ressaca.

— Este lugar parece uma cidade-fantasma — Damon murmurou, enquanto caminhávamos pelo estacionamento deserto, rumo ao *Cold Point*. — Eles vão manter aberto até setembro, mas da próxima vez que voltarmos para casa, estará fechado.

Passei o olhar rapidamente pela entrada e bilheteria, avistando as vigas que sustentavam o navio pirata. Eu ainda podia ouvir o som de sua risada naquela noite.

Meu coração se apertou, em agonia. Deus, aquele vestido. Aquela sorriso.

Emmy Scott feliz era a coisa mais linda do mundo.

— Você também parece um fantasma — Damon comentou.

Afastei-me dali e segui em direção ao penhasco.

— Estou bem — murmurei.

Eu ficaria... Em algum momento.

— Não está porra nenhuma — retrucou ele. — Aquela merda de garota...

— Já chega.

— Foda-se ela.

— Eu disse chega.

Relanceei um olhar furioso, e nós dois subimos até o pico da rocha. Encaramos o mar cinzento, vendo ao longe o farol da Ilha Deadlow, a única fonte de iluminação no horizonte que escurecia aos poucos.

Provavelmente, era uma boa coisa que o parque *Adventure Cove* encerraria suas atividades neste outono. Coisas precisavam morrer.

Olhei para baixo, avançando até a beirada, e observei a arrebenção das ondas contra a rocha.

— Tem alguém para você também, sabia? — zombei, dando um sorriso forçado.

— Eu nunca disse que não havia. — Ele soprou a fumaça do cigarro, jogando a bituca pelo penhasco. — Há alguém para mim. Eu vou tê-la, assim como aos meus filhos, mas não vou deixá-la me foder... ou arruinar Michael e Kai, do jeito que ela fodeu com a tua cabeça.

Suspirei, pensando no meu último ano no colégio e em todas as vezes em que ela cruzou comigo nos corredores, e passou por mim como se eu nunca tivesse estado dentro dela.

O orgulho era um filho da puta do caralho. Não dava para persegui-la e manter a minha autoestima, então solidifiquei minha postura e fiz o melhor que pude para ignorá-la também, mas sabe de uma coisa?

Eu ainda não gostava de mim mesmo.

— Eu teria sido bom com ela — murmurei, chutando um pedregulho pela beirada. — Eu *fui* bom para ela.

— E ela não confiava em você — acrescentou ele. — Ela é uma bocetinha arrogante e metida que se achava melhor do que todo mundo.

Desviei o olhar, suas palavras me deixando puto pra caralho. Ele estava tentando ser um amigo leal, mostrando que estava do meu lado, mas eu gostaria muito que ele calasse a boca. Emmy não era assim. Eu poderia estar com raiva dela, mas ninguém mais podia se sentir dessa forma.

No meu coração, ela ainda era minha garota.

— E você vai passar o resto da vida provando que ela se enganou — ele me disse. — Que ela perdeu o melhor.

Sim. Eu tentaria.

Inspirei fundo e inclinei a cabeça de um lado ao outro, para estalar o pescoço.

Ele estava certo. Já era hora de Will Grayson voltar à vida. Com ou sem ela.

— Vamos fazer a Noite do Diabo esta noite — comentei. — Estou no clima para reviver os bons e velhos tempos.

Ele sorriu, pronto como sempre.



Eu não tinha certeza de quando descobri tudo. Damon nunca me contou o que aconteceu naquela noite em que os flagrei no vestiário; ele disse apenas que se encontrou com Emory e ela o ajudou.

Com o passar do tempo continuei a observá-la, a realidade de sua rotina me dando todas as informações de que precisava, mas que estive cego demais para encarar antes. Os hematomas, arranhões e cortes não poderiam vir de outro lugar, que não a sua casa. Ela não tinha amigos. Não frequentava nenhum outro lugar, a não ser a escola, o cinema ou os locais onde fazia seus projetos.

A menos que ela participasse de algum clube da luta no submundo, bem debaixo do meu nariz, aquele babaca do caralho a estava agredindo.

Eu sabia o porquê ela não tinha me contado nada. Sabia por que ela achava que não poderia me contar.

Martin Scott era apenas uma das coisas em nosso caminho, mas eu tinha plena convicção de poderia lhe dar uma surra.

— Nós realmente queremos fazer isso? — Kai perguntou, a hesitação nítida em sua voz. — Lesão a um policial é um crime, tipo, um crime de verdade, Will. Todos nós entendemos isso, certo?

Ele se sentou no banco de trás, enquanto eu me sentei na frente, com Damon ao volante de um dos SUVs do pai.

Calcei as luvas, perdido na melodia de *Fire Up the Night*, enquanto encarava o outro lado da rua, vendo o policial Scott importunar um bando de adolescentes dentro de um carro que ele havia mandado encostar.

— Vá embora, se quiser — eu disse a ele.

Não era uma ameaça. Eu não esperava que ele me ajudasse, bem como não precisava do seu apoio. Kai tinha muito mais a perder, e não o julgaria por desistir disso. Não que eu não tivesse muito a perder. Eu simplesmente não me importava.

— O que ele está fazendo? — Damon comentou consigo mesmo, jogando a bituca do cigarro pela janela.

Martin Scott acompanhou uma garota até sua viatura, fez com que ela entrasse na parte de trás e, em seguida, se sentou ao volante e deu partida. Nós o seguimos desde a delegacia, assim que ele iniciou

seu turno, e não muito tempo depois ele parou o carro dos adolescentes que circulava pela vila.

— Aquela é River Layton — falei, reconhecendo a aluna do segundo ano.

Ela tinha apenas dezesseis anos. O que diabos ele estava fazendo?

Ele se afastou do meio-fio, deixando o outro casal de adolescentes em seu carro, e se mandou dali com a menor de idade. Mas ao invés de seguir em direção à delegacia, ou virar à direita, para pegar o caminho da casa dela, próximo ao lugar onde eu morava, nas colinas, ele girou o carro em cento e oitenta graus e partiu em direção a *Falcon's Well*, na costa.

— Siga-o — instruí.

Damon engatou a marcha e saiu do estacionamento, disparando atrás dele pela estrada.

Já passava das dez e, embora as escolas estivessem fechadas no verão, as ruas não estavam muito movimentadas. Nesta época do ano, todas as festas rolavam na praia, ou nos iates dos pais ricos, ou em quintais com piscina.

Damon se distanciou um pouco, para não ser detectado, mas de onde estávamos, ainda conseguíamos ver as lanternas traseiras do veículo.

Vasculhei dentro da mochila e joguei a máscara prateada de Kai em sua direção, depois entreguei a preta de Damon, e, logo em seguida, encontrei a minha – branca com a listra vermelha –, deixando apenas a do Michael dentro da bolsa.

As luzes de freio acenderam à distância, e nós observamos o instante em que ele entrou na propriedade do armazém. Não sabíamos de nenhum evento rolando lá esta noite, então por que diabos ele estava levando a garota até lá?

Mantendo-se mais atrás, Damon parou no acostamento e desligou o motor. Nós todos descemos e puxamos o capuz de nossos moletons para cobrir as cabeças. O clima estava quente demais, mas os agasalhos eram necessários.

Era preciso isso e as máscaras para nos mantermos ocultos e, com sorte, não sermos reconhecidos nas filmagens. Todo mundo sabia muito bem quem estava por trás das máscaras, mas ninguém podia provar.

Começamos a correr por entre as árvores, em direção ao armazém que costumávamos frequentar, cientes de que a estrada acabava nas proximidades da fábrica abandonada.

Meu corpo estava coberto de suor, mas eu não conseguia focar em nada além deste momento.

Era tudo culpa dele. Mesmo que não fosse, era bom, finalmente,

encontrar um culpado e me apegar à esperança de que não era por minha causa... Que ela terminou o que nem havia começado por causa dele, e não porque não me amava.

De qualquer forma, ele a espancava, porra, e agora que ela não estava mais sob o controle dele, eu poderia dar vazão à minha ira.

Depois desta noite, ele nunca mais encostaria a mão nela.

Parando perto das árvores alinhadas no limite da propriedade, e observando, através do estacionamento de brita, a velha fábrica de calçados com suas paredes escuras em ruínas, vimos o momento em que ele desligou a viatura. No entanto, ele permaneceu sentado ao volante, enquanto a garota se mantinha imóvel no banco traseiro. Ele movimentava a cabeça de um lado ao outro, nitidamente conversando com ela.

Por fim, ele abriu a porta do carro e foi até a porta traseira, entrando no veículo sem hesitar.

Exaleei um suspiro audível. E quase dei um sorriso, já que qualquer consciência ou culpa que pudesse estar sentindo, simplesmente desapareceu.

O rosto dele estaria pior do que carne moída quando terminássemos o que havíamos ido fazer ali.

— Ele não tem mais Emmy para extravasar — disse Kai, pau da vida, colocando sua máscara.

Acenei em concordância, satisfeito por ele embarcar nisso. Eu precisava dele.

— Quer apostar quanto que meu pai o está protegendo também? — Damon comentou, ajeitando a sua. — Os filhos da puta do caralho são farinha do mesmo saco.

— Vamos mudar a vida dele para sempre — disparei, correndo até o carro, já cerrando os punhos, e com ambos me ladeando.

Queria que Michael estivesse aqui – quando agíamos como uma unidade, éramos muito melhores –, mas teríamos apenas que atualizá-lo assim que ele voltasse do treinamento de basquete em Atlanta.

— Não podemos deixar que eles ouçam nossas vozes — comentei, pegando a faca. — Então, apenas sussurrem.

Arremessei a adaga para Kai, que a desembainhou na mesma hora e a afundou no pneu, rasgando a borracha, enquanto Damon e eu abríamos uma das portas traseiras.

River gritou quando a puxei para fora do veículo, e logo em seguida, dei um soco na cara do babaca escroto. Eu o tirei do carro, vendo-o tossir e cuspir à medida que o sangue jorrava de seu nariz.

— Vá para casa — Damon ordenou a ela.

Seu olhar aterrorizado disparou entre nós, as lágrimas escorrendo pelo rosto, seja lá pelo que aquele filho da puta estivesse tentando fazer com ela.

No entanto, eu poderia adivinhar. *Você é menor de idade. Vou te levar para casa, onde você deveria estar, mas pensando bem, não vou te levar ou ligar para os seus pais, relatando que encontrei drogas e bebidas alcóolicas no seu carro, desde que você fique aqui comigo por um tempinho e não conte a ninguém.*

Jesus Cristo.

Eu me lancei em sua direção de novo, e dei um murro. E outro, e mais outro, antes de dar um chute em sua nuca assim que ele se levantou.

Filho da puta. Aquele filho da puta.

Ele queria machucar River, do mesmo jeito que machucou sua irmã – espancá-la, fazê-la chorar...

Ou pior...

E que Deus me ajudasse, porque se ele tivesse feito algo assim com a Emmy, eu não hesitaria por um segundo. Ele estaria morto.

River saiu correndo rumo à rodovia, enquanto Kai contornava o carro e rasgava os outros pneus. Abri a porta da frente, chutei o rádio e arranquei a porra da fiação, enquanto Damon fazia o mesmo com a câmara do painel; em seguida, ele a jogou no chão e esmagou com o pé.

Era bem provável que o policial já tenha desligado aquela merda quando trouxe a garota até este lugar deserto, mas eu não queria que ele tivesse a oportunidade de pedir ajuda a qualquer pessoa.

Peguei o celular dentro do bolso do moletom e o arremessei para Damon, por cima do teto do carro, antes de puxar o pedaço grosso de corda que eu havia levado comigo.

Aproximei-me do babaca e plantei o pé em suas costas, mantendo-o no chão.

— Não nos procure quando isso acabar — sussurrei para disfarçar a voz. — E nunca mais toque em mulher alguma. Nem em River Layton. Nem em Emory. Ninguém. — Inclinei-me, envolvendo a corda em seu pescoço. — Se descobirmos que você fez isso outra vez, não te deixaremos ir embora numa próxima.

Ele arfou, sufocando, e grunhiu, desesperado. Fiz com que se virasse e o encarei pelas fendas da minha máscara. Seu olhar estreitou, como se estivesse tentando descobrir minha identidade.

Ele tentou revidar, rolou para longe e fez uma tentativa de se colocar de pé, mas em um segundo, todos nós partimos para cima dele, com socos e pontapés. Gesticulei com a cabeça para Kai, e nós três o levamos para o interior do armazém, amarrando seus pulsos e prendendo-os a uma viga de aço, acima da cabeça.

Demos um passo para trás, e os caras, provavelmente, estavam esperando que eu tivesse minha vez primeiro. Damon pegou o celular

e começou a filmar. Parei por um instante apenas, pensando que era idiotice registrar aquilo, mas...

Umedeci os lábios, fervendo de ódio, e ainda sentindo o gosto do uísque que bebi pouco antes no carro.

Eu queria assistir àquele vídeo depois. Só para poder reviver o momento, para me deliciar em vê-lo sofrer uma vez atrás da outra.

— Olhe para mim — sussurrei.

Ele respirou fundo e eu me aproximei, retirando seu cinturão de serviço, largando tudo no chão.

— Olhe para mim — rosnei de novo, ainda em um tom de voz baixo.

Devagar, ele ergueu a cabeça e seu olhar encontrou o meu por trás da minha máscara. O canto de seus olhos enrugou quando ele me reconheceu.

E então... o idiota sorriu.

— Você acha que a culpa é minha? — perguntou ele, em voz baixa. — Por ela ter te rejeitado?

Cerrei os punhos.

Em seguida, ele começou a rir, os dentes manchados com seu próprio sangue.

— Eu teria ficado feliz — debochou. — Teria sido melhor ainda se ela ficasse grávida. Ter acesso a todo o seu dinheiro, poder e conexão? Seria impagável. Ela finalmente teria sido útil para mim.

Congelei, mal conseguindo respirar.

Ele cuspiu no chão, espirrando sangue que escorria de sua boca em cima de mim.

No entanto, eu não pestanejei em momento algum.

— Ela sabia que você era um fracassado — disse ele. — Que não deixaria de ser o mulherengo bêbado de sempre, e que nunca conseguiria se encaixar na vida dela.

Meu sangue borbulhou de tanta raiva.

Ele sabia exatamente quem éramos, mas eu não estava nem aí. O uso das máscaras, assim como os sussurros, serviam apenas para os vídeos.

Ele estava certo? Não, ele não estava certo. Ela não chegou a dizer com todas as letras, mas eu sabia que ela me amava. Eu pude sentir que ela me amava.

A culpa era dele. Ele fez com que ela se esquecesse de mim. Ele a deixou assustada.

— Isto é apenas um lembrete — continuou ele —, de que ela se foi e está muito melhor sem você na vida dela. Já você nunca será alguém na vida. Nunca será o bastante.

Sacudi a cabeça, meu olhar incendiando.

Kai pigarreou às minhas costas.

— Não podemos ficar aqui para sempre, Will — sussurrou ele.
— Vamos logo acabar com isso.

No entanto, Martin Scott apenas sorriu, ciente de que suas palavras estavam mexendo comigo.

— Ela nunca mais olhou pra sua cara — disse ele —, não é?
Perdi o fôlego por um segundo.

— Ela nunca te deu um telefonema. Desde que ela se formou e ficou livre, né?

Como ele sabia disso?

Ela poderia ter me ligado. Não havia razão para não fazer isso, ainda mais por ele não fazer mais parte de sua vida.

Ele riu de novo.

— Você nunca será o bastante.

Cerrei o punho e, com um grunhido frustrado, esmurrei seu rosto. Ele que fosse à merda.

Consegui conter um soluço a tempo.

Filho da puta.

Continuei espancando o babaca até arrancar o sorriso de seu rosto, até que minhas juntas dos dedos ficassem em carne-viva.

Eu podia sentir as lágrimas se derramando e rolando pelo meu rosto, podia sentir o mundo caindo à medida que eu o esmurrava repetidas vezes.

Vá se foder! Vá se foder!

Kai também atacou, gritando ameaças para que ele nunca mais se aproximasse de uma menor de idade outra vez, e eu continuei socando, chutando até que minhas mãos ensanguentadas latejaram. No entanto, eu apenas ria como um maníaco.

Até que ele desmaiou e eles tiveram que me arrastar à força para longe dele.

Largamos seu corpo na beira da estrada, saímos da área com o SUV de Damon e usamos um telefone descartável para informar à polícia o local onde poderiam encontrá-lo.

E não dei a mínima se minha atitude a traria de volta para mim ou não. O filho da puta teve o que mereceu. Se ele tivesse algum bom senso, manteria a boca fechada também, porque ele sabia que todos nós o vimos levar River Layton até lá.

Testemunhas.

Se ela falasse alguma coisa, ela poderia ser uma mentirosa, mas não todos os quatro.

Depois de deixar Kai, Damon pegou o trajeto da minha casa.

— Quer sair para beber? — perguntou ele.

Neguei com um aceno de cabeça. Eu tinha coisas melhores no meu quarto, mas ele não estaria disposto a isso.

— Vejo você amanhã. — Fechei a porta do carro e ele foi

embora à medida que eu subia os degraus da minha casa, encarando o sangue em minhas mãos.

Eu não queria entrar ainda. Olhei para a mansão construída com pedras cinza, de três andares, uma adega e uma quadra de basquete nos fundos.

Eu era um cara sortudo.

E um fracassado do caralho.

Ele estava certo, e nem depois do que fiz, eu me sentia melhor. Então, dei a volta e me afastei, deixando a caminhonete e sentindo o celular queimando no meu bolso.

Eu não tinha desejo algum de assistir ao vídeo outra vez.

Percorri todo o caminho da entrada de veículos da propriedade e comecei a caminhar pela estrada rumo à vila, sob o breu da noite, pegando o telefone para deletar a porra do vídeo. Eu queria dar um sumiço naquela merda.

Queria deletar tudo ao meu respeito, porque eu me odiava tanto quanto ela.

— Ei, cara! — gritou alguém.

Levantei a cabeça e enfiei o celular no bolso antes que tivesse a chance de apagar o arquivo.

Bryce encostou o carro e me encarou pelo vidro aberto. Havia uma garota em sua companhia, e eu me inclinei para cumprimentá-los, com um sorriso forçado, escondendo as mãos ensanguentadas no bolso do moletom.

Ele me observou por um momento, sentindo que havia algo de errado.

— Você precisa de uma carona?

Neguei com um aceno.

— Não — retruquei —, mas valeu de qualquer jeito.

Ele balançou a cabeça, devagar, ainda inseguro.

— Tudo... bem, então.

Ele acelerou estrada afora, e eu mais uma vez encarei minhas mãos, cansado dessa sensação que me consumia.

Scott estava certo. Já havia se passado quase dois anos, e eu ainda estava sofrendo enquanto ela agia como uma pedra de gelo. Nem um olhar, indício ou qualquer contato da parte dela.

Ela achava que eu não valia nada.

Andei e andei a esmo, passando pela vila e pelo gazebo que ela havia abandonado. Quando estive em casa, no último Natal, é que fiquei sabendo que ela nem sequer o havia concluído.

Eu não queria vê-la, assim como não queria ver nada que ela tenha colocado as mãos. Eu só queria que a dor que me martirizava fosse embora.

Quando me dei conta, estava andando pela casa do Damon,

sendo guiado escada acima por uma das empregadas, e chegando ao terceiro andar. Bati à porta, ouvi alguns sussurros fracos e o som de seus passos, e lá estava ele. Ele devia ter acabado de sair do banho, porque estava vestindo uma calça folgada de pijama e sem camisa.

Quando me viu, arqueou as sobrancelhas, surpreso.

— Veio aqui para ver o caixão onde eu durmo? — zombou.

Olhei para sua cama, às suas costas.

— Parece confortável.

Seus olhos se tornaram ardentes, mas ele baixou o olhar, meio hesitante.

Lágrimas inundaram meus olhos.

— Estou muito fodido — arfei.

— Eu sei. — Ele assentiu. — Mas entrar aqui não vai consertar nada.

Ele também era fodido pra caralho. O futuro não era brilhante para nenhum de nós.

— Apenas conserte por esta noite — sussurrei.

Mergulhe, destrua e me leve à perdição. Só por esta noite.

Ele se afastou para o lado para que eu pudesse entrar, e fechou a porta.

Um viciado detestável.

Pelo menos Sid[34] sabia tocar guitarra.

[34] Referência a Sid Vicious, que fez parte da banda britânica Sex Pistols, nos anos 70, e fez história no cenário do punk rock. Sua vida foi conturbada em meio às drogas, um caso de assassinato, e acabou morrendo aos 21 anos de idade.

Capítulo 31

Emory

Dias atuais...

Arqueei as costas enquanto Will agarrava meu quadril e se impulsionava contra mim, penetrando meu corpo com vontade. Seu tamanho e espessura me encheram de uma forma tão deliciosa que mal consegui conter o gemido agudo.

— Aaahhh...

Virando a cabeça, sua boca cobriu a minha à medida que o vapor tomava conta do boxe do chuveiro. Ele puxava meus quadris para trás, uma vez após outra, me fodendo com força e sem interromper o beijo áspero.

Lambi sua língua e me entreguei por completo, me afastando apenas para pegar sua mão e posicionar entre minhas pernas. Ele acariciou meu clitóris em um ritmo lento, mas firme, esfregando em círculos.

— Eu não amo você — sussurrou em meu ouvido, antes de morder o lóbulo.

— Eu sei.

Ele afastou minha mão de cima da dele, e fez com que eu a apoiasse na parede em frente; em seguida, assumiu o controle outra vez da minha boceta e arremeteu contra mim até o fundo.

Fechei os olhos com força, gemendo.

Uma mão segurou a minha, e sem perceber, entrelacei os dedos aos de Alex.

— Diga que você se arrepende e sente muito — Will suspirou.

— Sim.

Ele se retirou de dentro de mim, girou meu corpo – fazendo com que tivesse que soltar a mão de Alex – e me levantou no colo.

— Diga — ele exigiu.

Envolvi meu corpo com meus braços e pernas, suspirando quando ele deslizou para dentro de novo.

— E o que vai acontecer depois? — pergunto. — Hein?

Depositei uma trilha de beijos em seu rosto e, em seguida, enterrei minha boca em seu pescoço, abraçando-o com força.

— Você vai conseguir o que quer e então vai parar? — sondei.
— Eu não quero que você pare.

Seus quadris se moveram, as duas mãos espalmadas em minha bunda, e eu chupei a água que escorria de sua pele, lambendo e mordiscando o que estava ao alcance dos meus dentes, me deliciando com seu gemido.

— Não pare... — ofeguei. — Eu não te amo mais. Você é e sempre foi uma má influência.

— Mas você não quer que eu pare, hein? — Ele riu. — O encontro dos formandos da nossa turma vai acontecer no ano que vem e eu vou contar pra todo mundo o que você realmente gosta de fazer quando não está com o nariz enfiado em um livro. Vou contar que você gosta de mim e que adora se divertir comigo quando ninguém está olhando.

Incapaz de controlar meus gemidos, desabei de costas contra a parede de azulejos, e virei a cabeça, recostando a testa à de Alex. Eu não admitiria de forma alguma, mas meu orgasmo foi avassalador só por constatar a intensidade de seu desejo por mim.

Aydin imprensou o corpo de Alex contra a parede, ao meu lado, e o tempo todo ela me encarava enquanto ele a admirava, paralisado, exceto pela mão insidiosa que escorregava por baixo de sua camiseta. Ela suspirou, os lábios próximos aos meus, e, num piscar de olhos, Aydin retirou seu sutiã e o largou no piso de ladrilhos. Em poucos segundos a água começou a encharcar sua camiseta.

Ele era o motivo de ela estar aqui. Foi por isso que ela veio atrás de Will, ao invés de Michael. Era por causa de Aydin. Ela era sua artista, e deve ter descoberto que ele estava aqui, quando estava à procura de Will.

Novamente deslizando a mão por baixo de sua camiseta, ele foi subindo devagar desde a barriga sarada e por entre os seios; o tecido estava grudado à sua pele molhada, revelando os círculos escuros de seus mamilos intumescidos.

Em momento algum ela olhou para ele, e para acalmá-la, pressionei os lábios contra sua testa. A impressão que dava era que ela estava com medo, e se havia uma coisa que eu sabia a respeito de Alex Palmer, era que ela não costumava se assustar com facilidade.

Voltei a concentrar minha atenção em Will, agarrando-me a ele com mais firmeza, observando-o com a cabeça inclinada para trás, perdido no momento.

— Eu vou escorregar — arfei, assustada.

Ele me ajeitou em seu colo outra vez, e murmurou:

— Estou te segurando.

Com o cabelo molhado e colado ao meu rosto e pescoço, devorei sua boca, desejando estar de volta naquela sala de luta livre, tantos anos atrás, sem a timidez que me consumiu na época. Eu o teria amado e ficado lá com ele a noite toda se pudesse voltar no tempo.

— Dê um beijo na boca dela. — Ouvi Aydin dizer.

Olhei para o lado e flagrei Alex o encarando.

— Eu quero beijar a *sua* boca.

Ele balançou a cabeça e umedeceu os lábios, com uma

expressão tranquila, mesmo que sua respiração estivesse irregular.

— Toque a boceta dela — sussurrou. — Como você fez naquela noite, enquanto eu observava tudo através da tela do computador.

Sua mão pairou acima de seu seio, roçando de leve pelo tecido, e Alex abriu a boca, em busca de ar.

— Toque-a — implorou ele, com os lábios a centímetros dos dela. — Transe com ela na minha cama, por mim.

Ela engoliu em seco.

— Não... — ela sussurrou. — Eu só faço as coisas que quero e quando estou a fim, e nada disso é para te dar prazer.

— Nada? — perguntou ele, tocando os lábios dela com as pontas dos dedos. — Por ele você faz isso, mas não por mim?

Ela o encarou.

— Eu me sinto segura com ele. Com você, eu me sinto uma prostituta.

Com a mandíbula cerrada, Aydin flexionou os dedos sobre os seios de Alex, como se fossem garras. Seus mamilos duros eram visíveis pelo tecido molhado.

Will enfiou a cabeça na curva do meu pescoço, respirando com dificuldade e gemendo, e era nítido que estava perto de alcançar o clímax.

Meu sangue borbulhou quando meu orgasmo veio com tudo. Gemi e choraminguei, sentindo minha boceta contrair ao redor de seu pau, retribuindo os movimentos a cada impulso que ele dava. Eu não estava nem aí para quem pudesse ouvir meus gritos durante o ápice do prazer.

Uma parte minha odiava Alex. Ela era linda, durona e tudo o mais que Aydin alegou que ela fosse na cama. Ela era mais amiga de Will do que eu, e o mais difícil de lidar: ela era deslumbrante por dentro e por fora.

Muito possivelmente, ela deve ter enfrentado muita merda pelo caminho, tendo em conta seu trabalho. Ela deve ter passado por momentos em que se viu em meio às lágrimas, mas sem permitir que as pessoas soubessem.

E lá estávamos nós, magoados e feridos, usando tudo isso como uma desculpa para nos destruir, enquanto ela continuava caminhando dia após dia, chegando cada vez mais perto daquilo que queria conquistar.

— E se eu *quiser* tocar em você um dia? — sussurrei para Alex, mas recostei a cabeça à de Will, abraçando-o com força. — E se eu quiser me livrar dos caras e ir para a cama contigo, só nós duas?

Will sorriu, ainda que não interrompesse o ritmo do nosso beijo intenso.

E se eu também me sentisse segura, e quisesse que ela soubesse

que merecia coisa muito melhor do que Aydin e a forma como ela a estava tratando?

Alex engoliu em seco mais uma vez, e Will se moveu dentro de mim, à medida que os dois homens continuavam a nos observar.

Olhei para ela, vendo as gotas cintilando em sua pele enquanto Will mordiscava o canto da minha boca.

— O que você faria? — perguntou ela, nossas testas recostadas novamente. — Se os meninos não tivessem permissão para se juntar?

Não consegui disfarçar o sorriso.

— É, Emmy, o que você faria? — Will ofegou em meu ouvido.

Fechei os olhos, adorando me sentir no controle.

— Eu não seria capaz de me conter — respondi a Will, alto o suficiente para que Aydin e Alex ouvissem. — Eu trancaria a porta do quarto, apagaria a luz e subiria em cima dela. Eu chuparia seus seios de um jeito bem gostoso antes de abrir suas pernas e me acomodar entre elas.

O corpo de Will tremia à medida que ele arremetia cada vez mais rápido, enlouquecido, e quando desviei o olhar, vi que Aydin havia enfiado a mão por dentro da calça de Alex, e a esfregava por cima da calcinha. Ela segurou a mão dele, como se quisesse impedi-lo de prosseguir, mas sem realmente querer fazer isso.

— E depois? — Aydin direcionou a pergunta a mim, mas seu olhar estava concentrado nela; seu cenho estava franzido, em pura agonia.

— Eu a beijaria — murmurei. — Se eu estivesse no seu lugar, eu faria questão de sentir seu corpo pressionado ao meu enquanto a degustasse...

— Você gosta de saborear as coisas — Will me atormentou, gemendo. — Mostre pra mim... como você usaria sua boca...

Senti um calor aquecer meu ventre, escorrer pelas minhas pernas à medida que ele deslizava para dentro e para fora de mim.

— Qual é o gosto dela, Emory? — Aydin ofegou.

Dei uma olhada de relance, vendo as veias salientes e os músculos de seus antebraços flexionados enquanto ele a masturbava; os olhos fechados diante do prazer que o consumia.

— Quente — gemi, em uníssono. — Ela é quente e macia, e adoro sentir seu clitóris contra meus lábios enquanto a estou lambendo.

Aydin gemeu, e pude ver o volume rígido em sua calça, a mão de Alex agarrada com firmeza ao ombro musculoso.

— Abra os olhos — ordenou. — Olhe para mim.

Ela fez o que ele mandava, mantendo o olhar conectado enquanto recebia seu toque constante.

— Ela abre mais ainda os joelhos — continuei —, mantendo

minha boca ali, porque a sensação é maravilhosa.

— Siiim... — ela arfou, encarando-o ao morder o lábio inferior.

Então, me virei para Will.

— Minha língua a provoca... — Usei a ponta da língua para roçar as comissuras entre seus lábios. — E então mordisco seu clitóris, chupando gostoso. — Simulei o movimento com seu lábio superior, de leve a início, para chupar com vontade e lamber em seguida, só para provocá-lo.

Ele grunhiu contra a minha boca, e eu contraí as coxas, cavalcando-o e indo de encontro aos seus impulsos.

— Eu a lambo de cima a baixo. — Sacudi a ponta da língua no canto de sua boca, sem nunca desviar o olhar. — E brinco com ela por horas e horas, e ela fica cada vez mais gostosa, porque adora que alguém chupe sua boceta.

— Emmy... — Alex gemeu, inclinando a cabeça para trás. — Puta merda, garota...

— Mas sabe o que eu realmente quero fazer? — perguntei.

Will estremeceu.

— O quê?

— Quero transar com ela... — ofeguei, mordiscando sua boca. — Eu quero deixá-la louca, quero me esfregar contra ela como um animal selvagem; quero transar até suar, para que ele se recorde daquilo que mais vai sentir falta quando se sentar como um rei pomposo à mesa do jantar, algum dia. Sozinho e sonhando com sua pequena valquíria o cavalcando, transando com seu homem, porque por mais que ele possa controlar tudo à sua volta, é ela a única que pode o controlar.

Alex gritou em seu orgasmo, enlaçando o pescoço de Aydin, seu corpo estremeçando com os espasmos. Com a cabeça inclinada para trás, e com o vapor e a ducha do chuveiro acariciando seu rosto, Aydin pairou os lábios acima dos dela.

Seus olhos brilhavam e a varriam de cima a baixo, como se ele estivesse em uma batalha interna para se conter e não a devorar com sua boca.

Meu corpo se movia para cima e para baixo, a boca colada à de Will, pela primeira vez na vida sem sentir um pinga de vergonha. Eu já não me importava com o que poderia acontecer adiante, ou se ele ainda estava com raiva de mim. Eu estava me sentindo bem, corajosa e chapada.

Rebolei os quadris, em busca do orgasmo, até que, finalmente... gritei ao gozar, me tremendo inteira quando meu ventre foi inundado por arrepios e espasmos deliciosos. Gemi, dando-me conta da pele das minhas costas agora esfoladas por ele me esfregar contra a parede. No

entanto, ele ainda não havia acabado, e eu não era nem louca para pedir para parar.

— Diga o nome dele. — Ouvi Aydin dizer a ela.

Respirei fundo, sentindo um calor abrasivo percorrer cada centímetro do meu corpo.

— Diga o nome dele — ele ordenou, mais uma vez.

Olhei para Alex, ainda sendo acariciada duramente por ele, que tentava fazê-la gozar novamente.

— Por favor... — suplicou ele.

— Will? — ela arfou, confusa e aérea pelo orgasmo avassalador de antes.

— De novo.

— Will... — disse ela.

Congelei, sentindo o ritmo de Will desacelerar.

— Mais uma vez... — ordenou. — Outra vez.

O quê? Seus músculos flexionaram e eu observei seu semblante franzido em pura agonia.

Ela olhou para ele, com um olhar inquisitivo.

— Will... — Alex sussurrou.

— Quero que você gema o nome dele — rosnou ele, fodendo-a com os dedos.

Ela fechou os olhos, arquejando diante do clímax. Will e eu paramos nossos movimentos, apenas observando aos dois.

O que Aydin estava fazendo? Tudo pareceu diferente quando eu estava fantasiando com ela, porque minha intenção era que ele a visse através dos meus olhos... Mas o que ele achava que estava fazendo, virando a mesa? Não era a mesma coisa.

— Não consegue se lembrar do meu nome, então apenas diga o dele — ele debochou, intensificando o ritmo. — Vá lá no fundo da sua mente, onde eu não tenho importância alguma pra você, porque sei que já fez isso centenas de vezes, e eu sempre te observei gozar, sua vagabunda.

Ela começou a soluçar, sem derramar lágrimas, e ele se inclinou, acariciando-a com mais aspereza.

— Vamos, solte um gemido gostoso por ele, porque o pau dele deve ser bom demais, não é?

Will amoleceu em meu interior, e eu desci de seu colo, sentindo um frio repentino.

— Nunca foi só uma transa entre vocês — Aydin rosnou. — Vocês eram próximos. Ele gosta de você.

Baixei o olhar, e quando Will tentou erguer minha cabeça, com os dedos apoiados sob o meu queixo, eu me afastei de seu toque.

— Emmy... — murmurou ele.

Eles eram próximos. Talvez ele gostasse dela de um jeito que nós

nunca poderíamos compartilhar. Uma espécie de confiança mútua e perfeita.

Eles eram, antes de tudo, amigos.

— Vamos lá, diga — ele insistiu. — Will, Will, Will...

Ela o empurrou, estapeando seu rosto, e Will também tentou afastá-lo dela, antes de puxar a calça jeans encharcada. Aydin enfiou a mão dentro da calcinha de Alex, mas a retirou antes que ela o empurrasse de novo.

Erguendo os dedos brilhantes, ele nos mostrou o quão molhada ela estava.

— Enquanto você esteve enterrado até o fundo nisso aqui — ele disse a Will —, ela estava triste e arrependida.

Seu olhar disparou na minha direção e Will congelou no lugar; Alex rapidamente ajeitou sua calça.

— É claro como cristal que só uma pessoa realmente sofreu durante o tempo em que estiveram separados — ele rosnou. — Então, ela não deve nada a você.

Eu não conseguia olhar para Will.

E parte de mim também não queria impedir que Aydin continuasse a dizer tudo aquilo – não porque era contra Will –, mas porque ele sempre encontrava uma maneira de me fazer sentir menos culpada.

Ele me empoderava – o que era muito estranho, já que eu tinha certeza de que ele me manteria acorrentada à sua cama, com uma coleira, quando nos conhecemos. Talvez, se eu tivesse crescido com ele, ao invés de Martin, meu mundo teria sido diferente.

Ele saiu do boxe, largou as roupas molhadas no chão e amarrou uma toalha ao redor da cintura. Em seguida, voltou ao quarto, nos deixando em um silêncio desconfortável. Deixei minhas roupas molhadas também e afastei a mão de Will com um safanão, quando ele tentou me impedir de sair dali.

Eu não estava com raiva... mas não sabia o que havia de errado. Eu só queria me vestir agora mesmo.

Envolvi meu corpo com uma toalha e fui em direção à porta do quarto, até que a voz imperativa de Aydin me conteve:

— Emory, venha aqui.

Olhei por cima do ombro e o vi dentro do *closet*, vasculhando as prateleiras do armário. Ele arremessou uma boxer vermelha e uma camiseta preta para mim, e quando as agarrei, lamentei o fato de ter esquecido o sutiã dentro do boxe.

O ruído da água cessou, e Will e Alex saíram do banheiro, direcionando seus olhares cautelosos para mim. Quando ele notou o que eu estava segurando, seu olhar firme se concentrou no meu.

— Venha aqui — ordenou.

Dei uma olhada de soslaio para Aydin, sem nem ao mesmo perceber.

— Não olhe para ele. — Will fechou a cara.

No entanto, continuei enraizada no lugar, ouvindo a voz tranquila de Aydin.

— Faça o que quiser, Emory — ele me disse. — Está tudo bem.

Meu coração estilhaçou mais do que já estava, e desviei o olhar, balançando a cabeça. Eu teria dado tudo para ouvir essas palavras vindo da boca de Will, ao menos uma vez. Ou do meu irmão.

Alguém para servir como um guia para mim. Eu não havia percebido o quanto sentia falta disso, desde a morte dos meus pais. Se Will ou Martin tivessem me dado liberdade, eu os teria amado muito mais. Isso era tudo o que devia ter feito. Ele só precisava ter me deixado ir até ele. Como no baile de formatura.

Eu só levava um pouco mais de tempo para entender as coisas. Não costumava mergulhar de cabeça no desconhecido, e Aydin parecia ter ciência disso.

E eu precisava admitir... que agora entendia o porquê ele era o alfa neste lugar.

— Emory... — Will disse.

Eu não me movi um centímetro.

Aydin se vestiu e eu apertei as peças de roupas entre meus dedos, sentindo a urgência em voltar ao meu quarto.

— Em... — disse ele, novamente, em voz baixa.

Lágrimas inundaram meus olhos, e em seguida ouvi a risada de escárnio de Aydin.

— Micah e Rory estão bêbados a esta altura do campeonato — disse ele, a Will —, e você vai embora daqui sem a única coisa que mais deseja.

Eu.

Aydin vestiu a camiseta e me encarou.

— Você surgiu na vida dele.

Nada surgiu na minha. Não fui uma vítima e esta foi a última vez que hesitei.

Vesti o short e enrolei o cós várias vezes, e Aydin saiu do quarto à medida que os olhos de Will abriam um buraco às minhas costas. Nem sequer havia vestido a camiseta, e ele também saiu furioso dali. Depois que a porta se fechou com um baque, olhei para Alex, ao lado.

Ouvimos um estrondo no andar inferior, e não passou nem um segundo, ela correu atrás deles. Vesti a camiseta, larguei a toalha no chão e preendi o cabelo molhado, disparando para fora do quarto também. Olhei de um lado ao outro, sem ver nada de diferente, até que ouvi o som de uma briga. Quando espiei por cima do corrimão, vi

Aydin segurando Will com uma chave de braço, no chão do vestíbulo.

Merda.

Alex correu até eles, mas Will ergueu a mão.

— Não! — gritou ele. — Fique aí!

Ela parou e eu desci correndo as escadas, vendo-os rolando no chão. Aydin estava estrangulando Will com seu aperto, e ele mal conseguia respirar.

— Pare! — esbravejei.

Deitado acima do corpo de Aydin, Will lançou a cabeça para trás, tentando acertar o nariz de seu agressor, mas ele se desvencilhou do golpe a tempo. Os dois se engalfinharam, os cabelos escuros molhados e desgrenhados, e Will conseguiu se virar e agora tentava sufocar Aydin.

Eles espernearam, acertando tudo o que aparecia pela frente, e um candelabro despencou enviando as velas para o canto da sala. A luta prosseguia, e sem saber o que fazer, agarrei meu cabelo, em desespero. Will era capaz de lutar. Eu sabia disso, então, o que estava acontecendo?

E se ele não podia derrotar Aydin, por que foi atrás dele?

Já chega. Aqueles dois seriam trancados no porão esta noite.

Corri até a sala de estar e arranquei da parede uma peça de antiguidade – talvez da Primeira Guerra Mundial –, voltando ao vestíbulo disposta a apartar a briga. Dei um chute em Aydin para que ele largasse o Will, e ele desabou de costas no chão, no entanto, antes que pudesse partir para cima dele outra vez, aponte a arma – uma baioneta – em direção ao seu pescoço.

— Já chega! — gritei.

Eu tinha esquecido meus óculos no chuveiro, mas consegui ver claramente a sobrançelha arqueada, em surpresa, de Aydin. Will se levantou do chão e correu na direção dele outra vez, mas Alex o agarrou pela calça jeans e deu um tapa em sua cabeça.

Precisei segurar o riso, porque aquilo foi realmente engraçado.

Dois homens adultos...

Não tive tempo para fazer mais nada, no entanto. Taylor, Micah e Rory entraram no vestíbulo, com os corpos úmidos da piscina, e olharam para nós.

Por fim, o olhar de Taylor pousou na arma que eu mantinha apontada para Aydin, e, em um borrão, tudo aconteceu.

Will correu em direção a Taylor, Aydin se levantou de supetão do chão e se lançou contra Will; quando dei por mim, Taylor havia arrancado a arma da minha mão e jogado longe, mas com a outra, seguiu minha nuca e esmurrou meu estômago.

Caí de joelhos, sentindo a bile subir à garganta diante da dor absurda. Comecei a tossir e meus olhos marejaram. Eu via tudo

embaçado à minha frente, só conseguindo perceber os vultos tentando separar Will e Aydin. Taylor me levantou e me jogou contra os degraus da escada, segurando meu queixo com força enquanto pairava acima de mim.

— Estive esperando por esse momento — rosnou ele, entredentes.

Meu corpo foi assolado pela dor, e respirei fundo para recuperar o fôlego, sentindo o gosto do sangue na língua.

Um instante depois, alguém agarrou sua mão e o afastou de mim, e apenas ouvi seu grito quando ele se viu, de repente, de joelhos e com o dedo agora dobrado para trás. Ofegando, pisquei quando Aydin agarrou a arma e apoiou a lâmina no chão, atirando em seguida para amputar o dedo mínimo de Taylor.

Arregalei os olhos ao ver o sangue jorrando e escorrendo pelo piso de mármore, e todo mundo ficou quieto na mesma hora.

Taylor gritava, agonizando, mas Aydin não perdeu tempo. Ele fez com que se levantasse do chão e o jogou por cima do ombro, disparando rumo aos fundos da casa.

— Tragam Will também! — ordenou aos gritos.

O quê?

Meu olhar intercalou entre Rory e Micah, que pareciam inseguros, mas Rory cerrou os dentes e, em um movimento rápido, agarrou Will.

— Não! — Alex e eu reagimos ao mesmo tempo e avançamos em direção a eles, mas Micah nos empurrou para trás, protegendo Rory.

Mas que porra?

Micah o ajudou, e ambos obrigaram Will a caminhar, seguindo Aydin enquanto eu e Alex íamos em seu encalço. Peguei a arma outra vez, sentindo meu corpo coberto de suor, e vi quando Alex agarrou um castiçal. Nós duas agora estávamos armadas; o sangue de Taylor escorria pela lâmina, e seu dedo mínimo estava agora perdido em algum lugar.

Por que Aydin fez isso? Taylor era seu cachorrinho de estimação.

— Aydin, por favor — implorei.

Para onde ele os estava levando?

Ele abriu a porta do porão, desceu as escadas com os meninos e nós fizemos o mesmo, descendo os degraus de pedras às pressas. Vimos quando Rory e Micah largaram Will no chão, enquanto Aydin amarrava os pulsos de Taylor e o pendurava em um gancho acima de sua cabeça. Ele respirava com dificuldade, o rosto contorcido pela dor à medida que o sangue escorria pelo braço.

Em seguida, ele se virou para Will, mas nos lançou um olhar

irritado.

— Segurem as duas! — ordenou a Micah e Rory.

— Não! — Empunhamos nossas armas, e eles pararam diante de nós. O confronto ficou em suspenso, mas Aydin se agachou ao lado de Will. Ele ficou lá, cabisbaixo, o sangue escorrendo do ferimento no canto de sua boca, sem fazer menção de lutar.

O que diabos há de errado com você?

Alex estava certa. Will poderia muito bem enfrentar esses caras. Meu Deus. Isso doía mais do que a porrada que levei no estômago, e eu não podia mais assistir.

— Gosto de você — Aydin disse a ele, desfazendo o nó de uma corda. — Achei que não seria capaz de gostar, mas a vida tem um senso de humor estranho, não é? Eu te vi várias vezes com ela, em festas. Eu te vi na companhia dela, em restaurantes. Então, vejam só, você aparece aqui, nosso novo detento.

Ela. Alex.

Aprimei a postura quando me dei conta de uma coisa: era uma estranha coincidência que, entre tantas pessoas nesse mundo, eles acabassem no mesmo lugar. Dois homens que conheciam Alex.

Sendo que um deles claramente detestava o outro por esse motivo.

— Lembra quando você me perguntou se eu poderia conseguir outras coisas além de álcool e cigarros? — ele questionou Will.

E eu engoli em seco. *Não*. Ele trouxe Will aqui. Por vingança ou para afastá-lo de Alex.

Meu Deus.

Mas então, de repente, Aydin se virou e gesticulou com o queixo, para mim.

O quê?

Meu coração quase parou, e Will rangeu os dentes.

— Seu filho da puta.

Avancei, largando a arma.

— Eu? — murmurei, já sabendo a resposta. — *Você* me trouxe aqui?

De todas as pessoas – e inimigos –, que poderiam ter algo contra mim caso soubessem meu segredo, acabou sendo alguém completamente desconhecido?

Não foi ele quem sentenciou Will à *Blackchurch*. No entanto, ele deu um jeito de me enfiar aqui dentro por vingança.

Aydin baixou o olhar e, em seguida, enrolou e apertou a corda ao redor dos pulsos de Will.

— Quero que ele saiba qual é a sensação — murmurou ele. — Quero que ele veja a única mulher capaz de causar uma dor absurda, só de olhar, exatamente por desejá-la tanto, dedicando tempo,

lealdade e amor a outra pessoa. — Ele me encarou. — Eu quero que ele sinta isso.

Alex se aproximou de mim, respirando com dificuldade.

— Então por que você não tentou me seduzir? — contra-ataquei, antes que ela pudesse dizer alguma coisa. O que houve com toda aquela ladainha de irmão mais velho?

Ele apenas riu.

— A única coisa mais poderosa que o coração, é o cérebro, e foi muito mais útil entrar em sua mente do que em sua cama.

Balancei a cabeça, incrédula.

— Ou talvez você não quisesse me afastar do Will, mas, sim, ele, de Alex. Talvez sua intenção fosse magoá-la.

Ele deu de ombros.

— Tanto faz.

A sala ficou em silêncio, exceto pelos tremores de Taylor. Dei uma olhada de esguelha, nem um pouco preocupada com ele, mas Aydin teria que ajudá-lo. Fazer um curativo ou algo assim.

Segurei meu cabelo, puxando os fios, nervosa. Ele havia me trazido aqui. Mas isso significava que foi ele, também, quem me deu o estilete. Ele pensou que isso seria o suficiente para me proteger?

O piso acima de nós estalou – bem como as paredes de madeira –, e na mesma hora senti o cheiro de fumaça. Um trovão explodiu ao longe e as luzes piscaram. Ergui a arma outra vez e abri a boca para falar alguma coisa, mas Aydin se adiantou:

— Vocês dois vão ficar aqui embaixo — ele disse a Will —, e se Micah e Rory forem espertos, vão se manter na linha.

Em seguida, ele ordenou aos caras:

— Levem as garotas para o meu quarto. — Olhando para nós, acrescentou: — Irei ao encontro de vocês, senhoritas, em breve.

Fiquei tensa na mesma hora.

— Talvez elas queiram se exercitar um pouco hoje à noite — disse ele, olhando para Will. — Vou levá-las à piscina... para uma festinha a três. — Sua voz baixou, mas eu ainda podia ouvir a zombaria em seu tom. — Talvez Emmy finalmente realize aquela pequena fantasia dela, e faça um bom uso de Alex, como todo mundo já fez.

Disparei para frente, gritando:

— Will!

Micah me agarrou, e eu soltei a arma, erguendo a palma da mão em direção ao nariz dele; Alex, em contrapartida, correu e agarrou o braço de Rory, girando-o em um golpe e o imprensando contra a parede. Sua cabeça se chocou contra a pedra, e eu me abaixei para pegar a baioneta outra vez, correndo até onde Will estava caído.

Aydin me impediu e me agarrou entre os braços, como uma

refém, envolvendo meu corpo com tanta força quanto um cinturão de aço.

— Wendy, Wendy — ele zombou. — Então, é verdade. Uma garota vale mais que vinte rapazes, pelo jeito. Que bom que você está no meu time.

Sua boca se apossou da minha, a barba por fazer e o suor se esfregando contra meus lábios à medida que ele me devorava, roubando meu fôlego.

Will.

Grunhi, sentindo um soluço se alojar na garganta, agarrada à sua camiseta suja de sangue e tentando me afastar de seu beijo punitivo.

Ah, meu Deus.

Então... um sussurro soou ali perto – calmo, áspero e profundo.

— Só que você não é o Peter — disse ele.

Pisquei bem a tempo de ver Will parado às costas de Aydin, já sem suas amarras.

Passando um braço ao redor do pescoço de Aydin, Will agarrou seu pulso, afastou-o de mim e torceu seu braço com tanta força que Aydin gritou, caindo de joelhos no chão. Em um movimento rápido, Will apoiou o pé acima da articulação do ombro de Aydin, e logo um estalo agudo se fez ouvir, seguido pelo grito lancinante que soou pelo porão.

Boquiaberta, encarei Will que acabara de colocar Aydin de joelhos em dois segundos e sem esforço algum.

— Que diabos? — murmurei.

Alex e eu ficamos ali, imóveis, observando Will encarar Aydin prostrado no chão. Em sua mão havia uma faca serrilhada.

Onde ele conseguiu aquela faca?

Ele respirou fundo e endireitou a postura, arrancando os restantes da corda e embainhando a lâmina, antes de guardá-la no bolso.

— Will... — Dei um passo à frente.

Encarando o homem no chão de pedra, ele balançou a cabeça, sinalizando que eu ficasse quieta. Aydin tentou se levantar, mas Will acertou sua garganta com o punho.

Entrecerrei os olhos, incapaz de fazer qualquer outra coisa além de piscar, chocada.

Aydin arquejou, curvando-se sem conseguir falar ou respirar direito.

Will o circulou, sendo observado por Taylor, Rory e Micah, que permaneciam congelados e sem saber o que estava acontecendo.

— Eu estive na prisão — Will disse a Aydin. — Uma prisão de verdade. Você realmente achou que eu não tinha nada disso sob

controle?

Aydin o encarou, com uma preocupação e perplexidade que nunca vi antes refletidas em seus olhos.

— Eu esperei... — Will continuou. — Estava preparado para ser o mais paciente possível até que você me acompanhasse.

Ele se abaixou, pairando sobre Aydin, e agarrou sua nuca, desferindo mais dois socos em seu rosto. O nariz de Aydin começou a sangrar, mas ele recuou e acertou Will, afastando-o com um safanão. Em seguida, ele rastejou até conseguir se levantar.

Os dois se encararam, em posição de combate. Aydin atacou Will, acertando o estômago dele com o ombro. Os dois caíram no chão e eu tropecei para frente, mas Micah estendeu o braço e me impediu.

— Eu quero ver isso — disse ele.

Relanceei um olhar preocupado para Will. Sua pele estava vermelha e o suor escorria pelas costas, mas ele rolou, bateu, deu uma joelhada, chutou e fez tudo com uma raiva incandescente no olhar.

Ele não estava se submetendo como o vi fazer desde que cheguei aqui.

Este era o Will.

Sangrando e respirando com dificuldade, ele deu um soco no estômago de Aydin e se levantou, golpeando sua cabeça com um chute preciso.

— Seria perfeito — ele rosnou. — Sabia? Poder unir forças, de igual para igual, mas eu não queria conquistar sua confiança através do medo. Eu não queria te controlar com violência.

Aydin tentou se levantar, mas não conseguiu.

— Eu queria ser importante para você — Will disse a ele. — Se eu me tornasse imprescindível, você me seguiria para qualquer lugar.

Segui-lo? Sobre o que Will estava falando? Por que ele queria que Aydin o seguisse?

— Seria perfeito, porque você é um de nós — ofegou, circulando sua presa —, mas parece que não tenho mais tempo a perder contigo. Tudo isso porque sequer imaginei que você tinha seus próprios planos de vingança contra mim.

Ou seja, o fato de Aydin ter dado um jeito de me enfiar clandestinamente aqui.

Ele fungou, limpando o sangue do rosto.

— Rory. — Indicou com o queixo uma mesa adiante, com um rolo de cordas. — Micah, ajude-o.

Eles amarraram Aydin – exausto e espancado demais para se debater enquanto os dois o continham. Então Will nos chamou:

— Alex — disse ele, retrocedendo em seus passos e observando tudo. — Emory.

Alex imediatamente se postou ao lado dele, mas eu estava

paralisada.

Uma chama ardeu em seus olhos.

— Eu vou tocar o terror nessa porra e reduzir essa casa a cinzas se você hesitar por mais um segundo, caralho! — berrou e apontou para o lugar ao lado. — Agora!

Sobressaltada, senti o latejar pulsante por entre as pernas e rangi os dentes, indo em sua direção.

— Esse tempo todo... — Aydin suspirou. — Todos esses meses e as lutas... Você perdeu todas as vezes de propósito?

— Você não tem o que é preciso para ser alguém como eu — ele disse a Aydin, a voz rouca enviando calafrios na minha coluna.

Meu Deus.

Ele fingiu por todo esse tempo. Ele havia falsificado tudo. Por algum motivo, ele estava agindo aqui dentro, lentamente arrebanhando todos para o seu lado, e ele tolerou essa merda por meses só porque queria conquistar a lealdade de Aydin, mas sem usar de força física.

Micha e Rory terminaram de amarrar Aydin e se aproximaram de onde estávamos. Todos nós o encaramos ali caído no chão.

Will deu um passo à frente, como uma rocha firme e resoluto, e foi preciso inclinar a cabeça para vê-lo ali, de pé, ao meu lado.

— Você pode vir conosco — Will disse a ele. — Não quero Dinescu, mas posso levar você comigo.

Alex estava do outro lado de Will, um lampejo angustiado em seu olhar quando encarou Aydin.

No entanto, este apenas deu uma risada amarga.

— Pode me matar — disse ele.

Will ficou ali por mais um instante, absorvendo sua resposta quando outro trovão ressoou acima. Comecei a me afastar, com passos lentos. Os meninos se viraram e dispararam escada acima, enquanto eu observava Alex distanciar-se dele à medida que o calor em seu olhar aumentava.

— Você me queria — disse ela, afastando-se dele.

Ele assentiu, as mãos presas a uma encanação enferrujada, e tentou se sentar no chão.

— Agora eu só quero vencer.

Ela balançou a cabeça.

— Você já perdeu.

— Ainda não — retrucou ele. — Eu *sei* para onde você está indo, amor.

Os pelos dos meus braços se arrepiaram e ela hesitou por alguns instantes enquanto suas palavras pairavam no ar, mas então... nós duas nos viramos e disparamos pelas escadas, fechando a porta do porão com um baque.

— Alex...

— Não — resmungou, engolindo o choro. — Eu já esqueci o nome dele.

Continuamos correndo e um fedor se infiltrou pelas narinas assim que abrimos a porta. Inspirei várias vezes e perguntei:

— Que cheiro é esse?

Havia uma comoção no vestíbulo, e quando fomos até lá, estacamos em nossos passos. Chamas imensas engolfavam as cortinas, subindo pelo teto e se alastrando pelas paredes.

— Ai, meu Deus! — exclamou Alex.

Procurei Will e o vi saindo da cozinha com um extintor de incêndio. O calor chamuscou meu rosto e eu tropecei para trás enquanto ele tentava apagar as chamas. O fogo deve ter começado quando as malditas velas caíram no chão.

— Will! — gritei.

Precisávamos sair daqui e rápido. O vestíbulo estava sendo consumido, e as labaredas eram tão intensas que mal conseguiríamos alcançar com os jatos do extintor. Não havia como conter o incêndio. Comecei a tossir, sentindo a garganta arder por causa da fumaça.

— Will! — chamei de novo, mas ele estava concentrado em borrifar a espuma na porta, para apagar o fogo ao redor do batente.

Alex passou por mim, subindo as escadas às pressas.

— O que você está fazendo? — gritei, vendo as chamas lambendo as beiradas dos degraus.

— Tenho que pegar meu telefone via satélite! — retrucou. — Está na passagem secreta! Nós precisamos dele!

— Alex, não! — Will berrou.

Eu disparei para ir atrás dela, mas então ouvi um estrondo contra a porta da frente e estaquei em meus passos. Alex fez o mesmo, no meio da escada, e eu me virei, vendo Will à espera.

Outro estrondo destruiu as paredes à medida que a fumaça engolfava toda a sala. Meus olhos estavam ardendo, mas pisquei rapidamente para ver quem estava entrando pela porta.

Muito provavelmente, era alguma equipe de segurança. Algum alarme de incêndio deve ter disparado.

Ouvimos outra pancada, e então... a porta se abriu, dando espaço à fumaça que cobria o ambiente. Avistei vultos vestidos de preto da cabeça aos pés, por entre a névoa densa.

— Will! — alguém gritou.

Eu me agachei no chão, puxando a mão de Will para que ele fizesse o mesmo, fugindo da nuvem de fumaça que se acumulava no teto. Nós precisávamos respirar, mas...

— Esse pessoal é da segurança? — perguntei, tentando ver através da fumaça.

— Acho que não.

Eu ficaria feliz se fosse, mas eles poderiam querer nos transferir para outra *Blackchurch*. Eu precisava da minha arma.

— Will! — outra voz masculina soou. — Onde você está, porra? Por que eles chamavam apenas por ele e não pelos outros?

— Will Grayson! — gritou a seguir uma mulher, tossindo.

Meus ouvidos aguçaram ao detectar algo familiar naquele timbre, e Will perdeu o fôlego ao meu lado.

— Ah, meu Deus... — sussurrou ele. Ele se levantou e me puxou pelo braço. — Aqui! — gritou ele.

Alex desceu correndo as escadas à medida que as figuras vestidas de preto se moviam através da fumaça. Avistei três homens altos com cordames e mochilas de paraquedas ao redor do peito.

— Por que caralho nós trouxemos essa porra de corda? — Kai Mori resmungou, olhando para Michael Crist. — Achei que você tivesse dito que teríamos que escalar as paredes ou alguma merda dessas.

Michael apenas sorriu e agarrou Will pelo pescoço, puxando-o para um abraço. Will ficou tenso como se estivesse chocado, mas depois de um momento, exalou:

— Até que fim você vieram por mim, hein?

— Sempre — disse outra voz.

Olhei para cima e vi Damon passando pela fumaça, rindo ao se abaixar e recostar a testa à do melhor amigo. Em seguida, uma mulher surgiu à vista, o rabo de cavalo loiro pendendo de um dos ombros e com a cabeça coberta por um gorro preto.

Erika Fane?

— Vamos dar o fora daqui, gente — ela disse, e então olhou por cima do meu ombro, chamando: — Alex!

Alex passou correndo por mim e se jogou nos braços da amiga.

— Você conseguiu... — ela suspirou, rindo.

Erika acenou com a cabeça.

— Estava preocupada?

Alex deu uma risadinha.

— Não. Claro que não.

Todos correram para o lado de fora, mas Alex e eu hesitamos, olhando para trás através da fumaça, em direção aos fundos da casa.

— Esperem! — gritou ela. — Tem mais gente ali!

Eles decidiram voltar, mas o fogo havia se espalhado pelo corredor, se alastrando pela cozinha e seguindo até a área da piscina.

Nós duas avançamos, sem pensar, por entre as chamas.

— Emmy! — gritou Will.

— Emory Scott? — Ouvi Damon dizer. — Alex, você não nos disse que ela estava aqui.

No entanto, ninguém teve tempo de explicar.

Espiei por entre as chamas, em busca de um caminho, mas não havia nenhum. Nós não podíamos deixá-los ali para morrer carbonizados. Alex e eu tentamos uma alternativa pela esquerda, direita, tentamos seguir em frente, mas braços fortes me puxaram de volta.

— Segurem ela — ordenou Will.

Quando me dei conta, estava sendo agarrada e colocada sobre o ombro de alguém, e, aos gritos, esperneeiei e tentei me soltar. Eu podia muito bem andar, porra.

— E não a coloque no chão — Will rosnou. — Ela gosta de dar trabalho.

Filho da puta!

— Lev! — alguém gritou.

Em seguida, ouvi alguém murmurar com um tal de David, mencionando Aydin e Misha.

Para onde estávamos indo?

Saímos de casa debaixo de chuva, e no meu campo de visão, dava para ver o fogo já se alastrando pelas janelas e consumindo os cômodos do andar superior. A cada passo que nos distanciávamos da mansão, mais eu torcia para que Aydin conseguisse sair dali.

Encarei a porta de entrada, esperando ter um vislumbre dele saindo pelo vestíbulo. Eu não queria que ele morresse.

— Passe ela para mim — Micah rosnou.

Fui puxada para os braços de Micah, e quando olhei para cima vi que Michael havia me carregado para fora.

Rosnei para ele, na mesma hora.

— Eu cuido dela — Micah disse a ele.

Michael assentiu e correu adiante, e assim que se distanciou, Micah me colocou de pé e segurou minha mão, ambos correndo ao encontro dos outros. Olhei para a casa, por cima do ombro, e tropecei.

A estufa era separada da mansão. Não que eu gostasse daquelas cobras, mas era horrível, para qualquer ser vivo, padecer daquele jeito. Embora, eles deviam estar seguros ali.

Corremos pela floresta e mal reparei no frio quando o trovão rugiu acima e a chuva se intensificou.

— Onde estamos? — Will perguntou a eles.

— Você nunca vai adivinhar — Damon respondeu.

— Quanto tempo vai demorar para chegarmos em casa? — Will insistiu.

E todo mundo começou a rir, sabe-se lá porquê.

Passamos por entre as árvores, e fiquei sem ar, as pernas bambas por conta do cansaço.

— Micah... — implorei para que ele desacelerasse.

No entanto, ele apenas continuou me puxando, até que mais à frente, tentei realmente enxergar o que havia ali. Entrecebrei os olhos, piscando diversas vezes para clarear a visão. *Merda*. Eu precisava dos meus óculos.

Aquilo era... um trem?

Desviamos dos pedregulhos e folhas caídas, cruzando o limite onde as árvores ocultavam um trilho de trem que se estendia até perder de vista.

Será que Aydin sabia da existência desse trem? Com certeza, eles deviam saber. Nós não havíamos corrido por tanto tempo... talvez uns dez minutos.

Provavelmente ele tenha pensado que estava abandonado.

Todo mundo correu em direção ao vagão no meio da locomotiva preta belíssima e a vapor. A coisa parecia antiga, mas bem-cuidada. As janelas eram adornadas por cortinas, e a máquina zumbia em um ritmo constante.

— Vamos! — gritou Erika. — Vamos embora!

Depois de subir, olhei para trás em busca de qualquer sinal de Aydin ou Taylor.

Eu sei para onde você está indo, ele disse.

Não precisei nem mesmo fingir que não sabia também. De volta a Thunder Bay.

— Fechem as portas! — gritou Michael, e se pendurou em uma delas, acenando, provavelmente, para o condutor.

Assim que entramos, uma mulher de cabelo escuro segurou os pulsos de Will e cortou o bracelete que ele usava. Ela deu um beijinho na bochecha dele e, em seguida, também cortou as pulseiras de identificação de Micah e Rory, jogando tudo pela janela.

O trem se movimentava, e por um instante, perdi o equilíbrio, mas antes que pudesse olhar em volta para descobrir quem eram as outras garotas ali presente, alguém agarrou meu braço e fez com que eu me virasse bruscamente.

— Você hesitou — Will rosnou, o corpo coberto por fuligem. — No porão... você hesitou! De novo, porra! E você queria voltar por ele, quando nunca fez isso por mim. Nunca!

Vacilei por um segundo, lembrando-me do momento quando ele me chamou para ficar ao seu lado. Ele enxergou minha atitude como se eu estivesse a favor de Aydin, quando, na verdade, eu estava por conta própria.

— Will...

— Depois de tudo o que você fez com a gente, você hesitou! — gritou ele, pau da vida.

Os outros nos cercaram, em silêncio, e eu me senti observada como se fosse um rato e eles as cobras prestes a atacar.

— Do que você está falando? — Damon perguntou a ele. — O que você quer dizer com ‘a gente’? O que ela fez?

Encarei Will, balançando a cabeça, devagar, implorando que ele não dissesse nada. *Aqui não. Por favor, aqui não. Agora não.*

Ele endireitou a postura e recuou alguns passos, finalmente saboreando o momento ao me ver encurralada.

— Foi por causa dela que todos nós fomos presos há sete anos — ele revelou.

Capítulo 32

Emory

Sete anos atrás... Alguns meses após a agressão a Martin Scott...

— Ei! — Thea gritou, entrando em nosso quarto.

Levantei a cabeça e a vi retirar a peruca de Mia Wallace, largando tudo no sofá, junto com a agulha de adrenalina que me fez moldar em seu peito, mais cedo. O namorado dela completaria a fantasia no estilo *Pulp Fiction*, como Vincent Vega, mas eles brigaram uma hora antes, e ela acabou indo à festa sozinha.

Cara idiota.

— Ei. — Dei um sorriso ao ver sua maquiagem toda borrada. — Se divertiu?

A julgar pelo batom espalhado em seu rosto, era bem capaz que ‘Vincent’ a encontrou lá e ambos fizeram as pazes.

— Humm, não me lembro. — Ela deu de ombros.

Bufei uma risada quando ela se jogou em cima de mim, com o bafo de cerveja se infiltrando pelas minhas narinas.

— Mas eu pensei em você. — Estendeu uma abóbora de Halloween já entalhada com um rosto feliz e desdentado. — Roubei do jardim de uma casa de fraternidade no meu caminho pra cá.

Eu ri, aceitando seu presente.

— Obrigada.

Cara, eu tive sorte com as minhas colegas de quarto.

Balancei a cabeça, colocando a abóbora sobre a escrivaninha. Depois de me formar, na última primavera, convenci Martin a usar a poupança guardada para a faculdade, para colocar a vovó em uma boa casa de repouso, porque eu não precisava do dinheiro. Eu havia ganhado uma bolsa de estudos graças aos meus projetos bacanas espalhados por Thunder Bay – provando que dava para revitalizar uma ruína e ainda manter seu charme. O gasto que a bolsa escolar não cobria, optei por pagar com um empréstimo. Foda-se.

Se eu pudesse, teria cuidado dela pessoalmente, mas meu irmão possuía uma procuração como responsável, e não abriu mão disso. Ele concordou, entretanto, quando expus as vantagens de ele ter a casa, finalmente, só para ele, além de conquistar o respeito e admiração das pessoas, já que elas pensariam que ele estava dando o seu melhor para nossa avó, com seus recursos escassos como servidor público.

Eu ligava para ela todos os dias, mas desde que saí de Thunder Bay, depois da formatura, nunca mais conversei com Martin. Concluí um estágio em São Francisco, durante o verão, e no fim de julho passei em casa para visitá-la, mas em seguida viajei para ajeitar a

mudança para o dormitório.

— Você devia ter ido — disse Thea. — Pelo menos uma vez na vida, bastava dizer um sim. — Então ela começou a gemer, zoando: — Sim, sim, siiim...

O que não faltava ali em Berkeley era festas e diversão, mas desde o início das aulas, dois meses antes, tive que me ajustar a um novo grupo de pessoas, a um ambiente diferente, e foi tudo muito mais difícil do que imaginei. O que era uma besteira, já que eu, particularmente, nunca me adaptei a Thunder Bay, mesmo tendo nascido e crescido lá.

Eu estava meio que com saudades de casa.

— Eu sempre estrago a diversão — comentei, com um meio sorriso. — Acredite.

Peguei uma caixa de fósforos da gaveta e acendi o pavio dentro da abóbora, o brilho flamejante ficando visível pela abertura dos olhos e da boca. Não devíamos acender qualquer coisa nos dormitórios, mas eles nunca saberiam.

Desliguei a luminária da escrivaninha e o breu tornou a vela bruxuleante um pouco assustadora.

Thea se despiu e vestiu seu robe, em seguida pegou o cestinho de banho e uma toalha.

— Feliz Halloween — cantarolou, preparando-se para ir ao banheiro.

No entanto, eu murmurei:

— Noite do Diabo.

— Hã?

Virei a cabeça, vendo-a ainda com a mão na maçaneta.

— O Halloween é amanhã — corrigi. — Hoje, é a Noite do Diabo.

— Tipo, no filme *O Corvo*?

Comecei a rir na mesma hora. Noite do Diabo, Noite das Travessuras, Noite do Repolho... Eu havia me esquecido que a maioria das pessoas que não eram de Thunder Bay – e, talvez, Detroit –, nunca tinha ouvido falar disso antes, a não ser nos filmes.

Ela se inclinou e conferiu o horário no relógio em sua escrivaninha.

— Bem, já passa de uma da manhã — informou. — Então, agora é Halloween. — Deu língua e saiu.

Touché.

Tirei os óculos e esfreguei os olhos cansados, fechando o livro de exercícios. Prendi os cartões de estudo com um elástico e coloquei a lanterna de abóbora em cima deles.

Então encarei a carranca iluminada.

— Emory Scott ama Will Grayson — murmurei.

Senti as lágrimas se acumulando na garganta.

Nunca disse a ele que o amava. O vazio se espalhou por dentro de mim ao longo dos meses, e embora cada vez que o ignorava, em seu último ano do ensino médio, eu me sentisse mais forte – orgulhosa por sobreviver a ele, Martin e Thunder Bay –, nunca me senti realmente uma vitoriosa.

O desejo por ele cresceu de uma forma exponencial, e se ele entrasse aqui agora, eu o deixaria me pegar no colo, envolveria minhas pernas ao redor de seu corpo e não pararia de tocá-lo pelo resto da noite.

Meus braços formigaram diante da necessidade de abraçá-lo.

Olhei para o Godzilla em cima das gavetas de papelaria sobre a escrivaninha. Eu fiz a coisa certa. Certo? Eu não queria que ele soubesse o que estava acontecendo naquela casa.

Eu tive que mandá-lo embora.

Mas me arrependi, e muito, por não ter confiado nele. Seja lá o que eu tinha a perder, já havia perdido mesmo. Eu deveria ter confessado que o amava, ter dito que não era culpa dele, e talvez um dia...

Talvez algum dia.

Sequei as lágrimas e peguei o telefone, tentada a ligar ou enviar uma mensagem – talvez para me desculpar, não sei –, mas, no mínimo, ele devia estar em Thunder Bay esta noite. Talvez ele tivesse voltado de Princeton para comemorar, embora não tenha voltado para casa no ano passado, quando eu estava no último ano.

Ou, talvez, ele não estivesse em casa e outros alunos tenham mantido a tradição depois que os Cavaleiros deixaram a cidade para cursar a faculdade.

Eu queria ver o meu lar.

Ao entrar no Instagram, pesquisei *#devilsnight* e cliquei em postagens recentes, a fim de ver qualquer coisa postada esta noite e...

Imagens e vídeos se atropelaram diante dos meus olhos, meu coração começou a martelar quando seus rostos surgiram na mesma hora, em uma enxurrada de posts.

Um sorriso curvou meus lábios, um calor lânguido me aqueceu por toda a parte quando tive um vislumbre de seu sorriso em uma imagem, e o rosto lindo – um pouco mais magro desde a última vez que o vi – em outra, encarando a câmera.

Reconheci a máscara vermelha de Michael, a prateada de Kai; uma postagem mostrava Damon beijando uma loira no chuveiro, mas então vi um vídeo circulando em uma das praças do vilarejo, e meu irmão ao fundo.

Peguei os óculos e os coloquei de volta, segurando o celular mais próximo ao rosto para avaliar o vídeo.

O que era aquilo?

Rapazes com capuzes pretos e máscaras espancavam meu irmão – pendurado pelas mãos em um quarto escuro. A luz da câmera o iluminou, e vi o sangue escorrendo pelo rosto; o cabelo escuro desgrenhado e suado.

Minha cabeça girou. *Não, não, não...*

Dei uma olhada de relance para a porta do quarto, preocupada com a volta de Thea, e coloquei os fones de ouvido, aumentando o volume do áudio.

— Ah! — Martin rosnou, o rosto contorcido pela dor.

Um dos caras de preto se aproximou dele e, por mais que eu tenha aguçado os ouvidos para tentar ouvir alguma coisa, tudo não passava de murmúrios. Depois de um minuto, ouvi a risada macabra de Martin e estremei, lembrando-me daquele som.

Aquele vídeo foi de quando meu irmão foi agredido no verão passado. Ele tentou me contar na época, mas me recusei a atender o telefone, e só soube do ocorrido através da minha avó. Ele ficou hospitalizado por mais de uma semana, mas não dei a mínima. Ele teve foi muita sorte de eu não ter rezado para que morresse ali mesmo.

Perdi o fôlego ao ver um dos caras perdendo o controle, e espancando Martin com vontade, repetidas vezes. A cada golpe, o brilho do distintivo de prata do meu irmão cintilava.

Meu Deus...

Eu nem ao menos precisava ver seu rosto para reconhecê-lo. Outro cara apareceu e assumiu a vez, e quando o que estava golpeando Martin se virou e olhou para a câmera...

Meu coração quase parou de bater ao vê-lo levantar a máscara.

Will.

Não.

Ele sorriu e desligou a câmera, e senti a bile subindo pela garganta enquanto lia os inúmeros comentários. O vídeo havia viralizado.

Podia ser visto em toda parte, e todo mundo agora sabia que ele havia feito aquilo.

— Ah, meu Deus... — murmurei.

Passei para um outro vídeo e vi Damon e Winter Ashby no chuveiro, juntos, se beijando ou algo assim, então decidi denunciar o conteúdo no Instagram.

Ela era menor de idade, porra. Quem diabos postou essa merda?

Será que alguém havia furtado o celular?

O primeiro vídeo foi postado uma hora atrás, de um perfil *fake*, aparentemente, e o único Cavaleiro que não identifiquei em lugar

nenhum foi Michael.

Retirei os fones e liguei para Martin, conferindo o horário. Se aqui já era uma da manhã, então lá já devia passar das quatro.

Ele não atendeu, então liguei novamente, sem sucesso. Hesitei por um instante, e tentei fazer contato com Will.

Novamente, nenhuma resposta.

Meu Deus, ele nem devia estar acordado a essa hora.

Fiquei sentada ali, as notificações de mensagens de antigos conhecidos da escola zumbindo, quando todos em Thunder Bay já deviam ter sido acordados com as notícias, loucos para me alertar sobre os vídeos do espancamento de Martin.

Inspirei e expirei várias vezes, para me acalmar. Tudo ficaria bem.

Não é? Eles se livrariam disso, com certeza.

Mas mesmo dizendo isso, eu sabia que não era verdade. Quem vazou os vídeos na internet fez isso claramente para que rolasse um julgamento da opinião pública. Mesmo que eles escapassem sem qualquer acusação, isso poderia fazer com que fossem expulsos de suas faculdades.

Além do mais, sem sombra de dúvida, esse era o tipo de coisa que traria vergonha às suas famílias.

Michael.

Por que ele não estava presente em nenhum deles?

Quem postou os vídeos estava de posse do celular. Michael estaria junto deles, já que, basicamente, era o líder dos Cavaleiros.

Então, aos poucos me dei conta de um fato: ou foi Michael quem vazou os vídeos, ou foi alguém que não queria constrangê-lo. Ou embaraçar a família Crist.

Eu não conseguia respirar direito, os pensamentos se atropelando na minha mente, até que comecei a entender. *Se alguém usasse a metade do cérebro, de jeito nenhum ignoraria o comportamento deles caso alguém vazasse esses vídeos no lugar certo, sabe? Dá pra imaginar a vergonha?*

Ah, não.

Fechei os olhos e suspirei.

— Porra.



O táxi percorreu as ruas de Thunder Bay horas depois, em um ritmo lento por causa da multidão nas ruas.

Parecia o *Mardi Gras*, só que ninguém estava se divertindo.

Havia câmeras e equipes de noticiários... e Will seria o centro

de tudo isso, já que seu avô era senador.

Entramos no vilarejo e vi que o *Sticks* estava lotado, além das calçadas abarrotadas de gente. Todo mundo queria ficar onde a ação estava rolando, e até mesmo as crianças estavam no meio do tumulto.

Aquilo era tudo culpa minha. *Meus Deus, o que eu fiz?*

Depois de não conseguir falar com ninguém ao telefone, não pensei duas vezes e saí só com a roupa do corpo. Não arrumei nem mesmo uma mala, e só arrastei Thea para fora do banheiro para que ela me levasse ao aeroporto em seu carro.

Não consegui pegar um voo antes das seis da manhã, e por conta do fuso horário, só consegui chegar em Thunder Bay perto das seis da tarde. Somente durante a escala em Chicago foi que consegui ver mais alguns vídeos.

Eles foram presos.

E Martin, provavelmente, estava no paraíso.

Olhei ao redor, sem reconhecer quase ninguém na rua. Engoli em seco, querendo vê-lo fora dali. De volta à faculdade, onde ele pertencia.

Will.

Mas então senti o cheiro. Fogo.

Virei a cabeça, olhando em volta, e meu olhar pousou sobre a fita amarela de isolamento no alto da colina.

Meu estômago embrulhou na mesma hora.

— Pare — suspirei.

O motorista não me ouviu e continuou seguindo em frente.

— Pare! — gritei, procurando o dinheiro dentro do bolso.

Joguei o dinheiro no banco da frente enquanto o carro parava, e atravessei a rua correndo, por entre a multidão que gritava em frenesi.

Olhei para cima, avistando a madeira carbonizada, destroços por toda a parte e o telhado destruído.

Meu gazebo.

Por que... mas como...?

Dei a volta e olhei ao redor do vilarejo, e vi uma tábua de madeira cobrindo a vitrine estilhada da joalheria Fane.

O que diabos aconteceu aqui ontem à noite?

Meus olhos marejaram, mas rapidamente sequei as lágrimas e corri colina abaixo, sem conseguir respirar direito e empurrando as pessoas na minha frente.

Eu tinha construído aquilo. Nada mais parecia ter sido incendiado. Por que o gazebo?

Era como se eles tivessem tentado me apagar da cidade.

Com passos apressados, virei à direita, em uma rua mais tranquila, e entrei na delegacia. Abri a porta de supetão e fui em

direção aos escritórios nos fundos.

— Emory! — alguém gritou.

No entanto, ignorei o chamado, muito provavelmente de algum policial que tentava me impedir de seguir em frente.

— Emmy! — gritou outra pessoa.

Estaquei em meus passos, empurrei as portas duplas e voei até alcançar

a mesa do meu irmão. Ele não estava lá. Olhei para Bryan Baker que voltava para sua mesa com um café em mãos.

— Onde ele está?

— No banheiro — disse ele, tomando um gole. — Sente-se.

Saí dali em disparado, e entrei no banheiro masculino. Respirando com dificuldade, e com o corpo coberto pelo suor, senti que estava prestes a explodir. Eu daria um jeito de garantir que ele não saísse vitorioso hoje.

Martin estava usando um mictório, sem mais ninguém à vista.

Eu o encarei quando ele virou a cabeça, devagar, e me olhou de cima a baixo, nem um pouco surpreso em me ver.

Uma cicatriz se esticava em sua mandíbula enquanto ele falava:

— Você me decepcionou. — Fechou o zíper e se virou. — Por tantas coisas que você poderia ter voltado a Thunder Bay, você decidiu voltar justamente por isso? — Afivelou o cinturão. — Você não voltou por mim, quando eles me colocaram no hospital no verão passado.

— Solte eles — exigi.

Ele apenas riu, seguindo até a pia para lavar as mãos.

Eu me aproximei.

— Aquele vídeo é falso — afirmei, ainda calma. — Alguém editou as imagens e colocou seus rostos ali. Afinal, quem seria burro o suficiente para mostrar a identidade ao cometer um crime tão hediondo?

Ele arqueou uma sobrancelha, atento à história que inventei na viagem até aqui. Cruzei os braços à frente do corpo.

— Quer dizer, por que usar máscaras em primeiro lugar? Os Grayson, Mori e Torrance pagarão por qualquer especialista necessário para confirmar essa história, e tenho certeza de que eles ficarão muito gratos pela sua disposição em demonstrar total apoio às famílias.

Ele secou as mãos, com um sorriso irônico em seus lábios.

— E quanto a Griffin Ashby? — pressionou ele. — Devo ignorar a justiça que ele quer para a filha?

— Ela tem dezesseis anos — rosnei, baixinho. — Não doze. Essa lei é ridícula. Damon não a forçou a nada.

Ninguém achava, realmente, que ele tivesse a estuprado. E isso era nítido no vídeo. Claro, ele era desprezível, às vezes, e era muito

bom em coagir as pessoas. Talvez ele tenha se aproveitado dela, afinal de contas, Winter era cega, mas...

Meu irmão, com toda a certeza, não tinha moral alguma para defender garotas novinhas.

— Essas acusações não darão em nada. — Cheguei mais perto. — Tudo o que você vai conseguir, é acabar se transformando no inimigo.

Martin se mostrava muito à vontade, apenas ouvindo o que eu tinha a dizer. Por que ele estava tão tranquilo? Mesmo se ele estivesse confiante, ele não gostava quando eu o respondia. O que estava acontecendo?

— A cidade está destruída hoje à noite — refletiu, me encarando com um brilho estranho no olhar. — Você viu o tumulto nas ruas? Os heróis de Thunder Bay estão mortos. É lindo ver isso. — Ele riu outra vez. — Cada um daqueles merdinhas está preso em uma cela. Com exceção de Michael Crist. Mas valeu a pena esperar, agora eu só preciso ser um pouquinho mais paciente.

O que diabos isso significava? Ele sabia quem postou os vídeos? Ele estava envolvido nisso?

— Vou contar a verdade pra todo mundo — afirmei. — Vou contar tudo o que você fez comigo. Will Grayson e Kai Mori se tornarão heróis.

Ele se aproximou e eu recuei um passo, me preparando para qualquer coisa, mas ele disse:

— Venha comigo, Emory. Eu quero te mostrar uma coisa.

Ele passou por mim e saiu pela porta do banheiro masculino. Eu mal conseguia engolir, sentindo o medo me consumir por dentro.

Muito tranquilo. Ele nunca agiu assim com tanta calma.

Eu me virei e o segui pelo corredor.

Ele sequer pestanejou com as coisas que falei. Ele realmente iria processar o neto de um senador por ter recebido uma surra merecida?

Abrindo uma porta à esquerda, ele entrou na sala mal iluminada e eu parei à porta, espiando o que havia ali dentro.

Havia uma divisória de vidro e uma mesa do outro lado, e vi somente as mãos de alguém algemado. Entrei devagarinho, e quando ergui a cabeça, vi Will sentado à mesa, sozinho. Kai e Damon não estavam em lugar algum.

Corri até o vidro e pressionei as palmas contra a superfície fria.

Ele estava abatido.

Mas o cheiro delicioso de seu perfume se infiltrou em minhas narinas, como se tivesse sido ontem que ele estava ao meu lado. Solucei, observando as olheiras, sentindo falta do sorriso fácil que era sempre presente.

— Vou dizer a todos que você está apaixonada por ele — disse

Martin. — Você diria qualquer coisa para protegê-lo. Tenho certeza de que posso encontrar uma testemunha para alegar que já o viu juntos uma ou duas vezes. No *The Cove*, no ônibus escolar, não é?

Encarei Will. Eu sabia que alguém deve ter nos visto naquela noite, enquanto atravessávamos o estacionamento.

— Você tem alguma prova das suas alegações? — perguntou Martin. — Testemunhas? Fotos?

Carrei os punhos quando meu irmão se postou ao meu lado e encarou Will por trás do vidro.

— Ele ateou fogo ao seu gazebo, Em. — Seu tom era firme. Calculado. — Ele tem trepado com qualquer rabo de saia, cheirado tudo o que pode inalar pelo nariz e enchido a cara com o que lhe promete um doce esquecimento pelos últimos dois anos — disse.

Entrecerrei os dentes, focando meu olhar no garoto adiante. *Olhe para cima. Deixe-me ver seus olhos.*

— E você ainda quer ser a prostituta dele, sua vagab...

— Os advogados deles vão tirá-los disso — rosnei, interrompendo suas ofensas. — A cidade inteira está do lado deles, e quem não estiver, com certeza, está do lado dos pais. Ninguém quer vê-los pagar.

Ele riu e suspirou.

— São as pessoas mais próximas a eles que não são nem um pouco confiáveis.

— O que você quer dizer?

No entanto, ele apenas continuou olhando pelo vidro. *O que ele sabe?*

— Quem vazou os vídeos? — exige saber.

Ele apenas sorriu para si mesmo. Alguma coisa a mais estava acontecendo. Algo além do que um filho da puta se apoderando daquele celular.

Olhei para Will novamente, recostado à cadeira e encarando a mesa. Havia um vazio imenso naquele olhar.

Ele incendiou meu gazebo.

Ele me odiava. E não queria ter que ‘me ver’, em qualquer lugar desta cidade.

Meus olhos marejaram, mas antes que tivesse a chance de notar esse fato, Martin estendeu um envelope pardo na minha direção.

— O que é isto? — perguntei, confusa.

Abri o envelope e retirei o documento guardado ali dentro.

— Não consigo mais lidar com isso — disse ele. — Ela é toda sua agora. Você quer ser livre, então tudo bem, mas a leve com você.

O quê?

Folhee a papelada – a procuração da minha avó havia sido transferida para mim, e eu só precisava assinar. Essa era a única coisa

que ele ainda possuía, e que era capaz de me controlar. A única coisa que me mantinha, de alguma forma, presente em sua vida. Por que ele a entregaria?

— Então devolva o meu dinheiro também — murmurei.

Eu não poderia cuidar dela sem os recursos.

No entanto, ele apenas deu uma risada de deboche.

— Não faço a mínima ideia do que você está falando.

Balancei a cabeça. A casa de repouso custava mais de sete mil por mês. Mesmo se eu largasse a faculdade e trabalhasse em três empregos, nunca seria capaz de pagar esse valor e ainda me sustentar. E eu não tinha dinheiro para levá-lo ao tribunal. E sabe-se Deus onde ele poderia ter enfiado o restante que não foi usado.

Martin foi até a mesa e pegou mais um envelope – um branco, desta vez. Ele o abriu e pegou tudo o que havia ali dentro e espalhou o conteúdo em cima da mesa. Reconheci na mesma hora as fotos instantâneas.

— Encontrei seu esconderijo por trás dos livros de mesa.

Ele levantou a cabeça e seu olhar encontrou o meu, ainda imóvel e amassando os documentos na minha mão, já que eu não conseguiria torcer seu pescoço.

Ele pegou uma fotografia minha – aquela com as costelas tomadas por hematomas de quando ele me chutou aos quinze anos.

— Sabe, isso me faz sentir um pouco mal — ironizou. — Ver tudo isso documentado, dessa forma, dá até a impressão de que você realmente viveu um inferno em casa.

Cheguei a pensar, na época, em tirar as fotos com o celular. As provas seriam indestrutíveis se eu armazenasse o arquivo na nuvem, onde poderia acessar e enviar para qualquer pessoa. Mas ele sempre verificava meu celular, então documentei o abuso, para quando precisasse, com uma velha câmera *Polaroid* por um tempo.

No entanto, eu fazia isso no início, quando achava que era inteligente e poderia usar como prova se tivesse que fugir para salvar minha vida. Eu havia parado de armazenar evidências quando tinha dezessete anos. Até então, apenas documentei cada detalhe que poderia reunir.

— Fiquei chateado no começo... quando encontrei isso. — Ele circulou a mesa, pegando outra fotografia e analisando. — Mas tudo é uma oportunidade, não é?

Estreitei o olhar, amassando ainda mais os papéis na minha mão.

— Não vou seguir o seu conselho — disse ele, largando a fotografia na mesa e enfiando as mãos nos bolsos da calça. — Eles serão acusados, mas o promotor irá sugerir um acordo judicial.

— Vá se foder! — gritei. — Eles não vão confessar merda

nenhuma. Eles sempre vencerão.

— Estou começando a achar que é isso o que você quer que aconteça.

Contra ele? Claro que sim. Seja lá o que fizeram além disso, não era da minha conta. Eu iria embora da cidade esta noite.

Eu não seria capaz de manter a vovó em *Asprey Lodge*, mas me esforçaria ao máximo para pagar alguma casa de repouso decente em São Francisco. O que importava agora era que nós duas estávamos livres dele.

Martin se aproximou de mim, pegou o celular do bolso e procurou alguma coisa na galeria. Então ele o estendeu na minha direção, mas não o peguei. Apenas olhei para baixo e observei alguém com uma máscara branca com uma listra vermelha – Will – erguer o braço e arremessar uma garrafa de bebida com um pano em chamas no meu gazebo.

A câmera desfocou, mas ouvi o vidro estilhaçar e, em seguida, as chamas explodiram por toda parte; o *zoom* voltou a capturar a cena inteira à medida que meu trabalho era consumido pelo fogo.

Desviei o olhar, encarando Will por trás do vidro.

— Acabou — disse Martin. — Este é o fim de uma era. Eles vão confessar, não vão rebater as acusações. E você vai me ajudar a garantir que eles não façam isso.

Balancei a cabeça, em negativa. Eu nunca faria isso.

— Eles ficarão trancafiados por alguns anos — ele continuou. — Tempo suficiente para que eu e meus sócios consigamos controlar esta cidade, e então eles podem voltar para casa.

— E o que te faz pensar que eles não vão lutar contra isso? — pressionei, voltando a olhar para ele. — Você está louco.

— Porque se eles fizerem isso — disse ele, avançando lentamente —, serei forçado a expor um escândalo muito mais sombrio. Eles assediaram garotas no colégio, as ameaçaram, agrediram e as obrigaram a ir até as catacumbas... Tudo para que pudessem satisfazer seus desejos mais depravados. Eles não são meninos... são demônios.

Comecei a rir, baixinho. Ele *estava* louco. Eu seria a primeira a admitir que aqueles caras abusaram do poder que possuíam, mas depois de ajudar um deles a esconder um corpo, eu sabia, agora, que as pessoas eram mais complicadas do que isso.

Tudo costumava ser preto e branco, até que percebi que era apenas sob a minha ótica. Eu criticava e julgava, porque pensar era difícil demais.

Eles não eram maus.

— Nem todas as meninas vão prestar queixa, mas já temos uma. — Ele foi até a mesa e espalhou minhas fotografias como se

aquilo pudesse ser usado como prova contra eles. — E estou confiante de que mais aparecerão.

Eu o observei empurrar um papel sobre a mesa, colocando uma caneta em cima. Peguei o documento e comecei a ler.

— Ela vai assinar este documento, atestando a veracidade de suas afirmações — ele instruiu, e eu perdi o fôlego ao entender onde ele queria chegar. — Mesmo se não houver nenhuma conclusão, as acusações serão suficientes para arruinar suas vidas.

Dei uma lida rápida na declaração, detalhando como os caras me torturaram e me obrigaram a entrar nas catacumbas de St. Killian e... Olha só... eis aqui um monte de fotos para comprovar o abuso.

Meu Deus. Ele queria usar as *minhas* fotografias como evidência contra *eles*.

— Eu queria que você morresse — sibilei, com os olhos inundados pelas lágrimas.

— Mas posso dar um jeito de me livrar de tudo isso, Sr. Mori — zombou ele —, Sr. Torrance e Sr. Grayson. Eles são jovens, acabaram fodendo com tudo. Eles cumprirão um tempo de pena, sairão da cadeia e seguirão em frente com suas vidas. Será como se nunca tivesse acontecido. A garota ficará satisfeita com isso. Eu posso mantê-la com a boca calada. Talvez com uma pequena doação em dinheiro... para adoçar o negócio?

Engoli o nó na garganta. *Não*. Ele poderia tentar, mas isso nunca aconteceria. Eu nunca o deixaria me usar dessa forma.

— Quero dizer, na verdade, isso é uma bênção — continuou ele. — Se ela tiver permissão para denunciar, as coisas podem ficar muito pior para seus filhos.

— Vá se foder.

— Assine.

— Vá se foder!

Ele agarrou minha nuca e empurrou minha cabeça contra o papel, enfiando a caneta diante do meu rosto.

Rosnei, tentando me afastar da mesa.

— Assine e você está livre — afirmou, enquanto eu retrocedia até o vidro e o fuzilava com os olhos. — Você não precisa se sentir culpada. Quero dizer, o que está nesses vídeos é apenas uma pequena fração do que eles fizeram, Emory. Como eles se aproveitaram das pessoas, deixando que as fortunas e influência de suas famílias sempre os tirassem das enrascadas uma e outra vez.

Eu me virei, olhando para Will ainda sentado à mesa. Onde estava seu advogado?

Eu não vou... não vou te machucar. Meu corpo tremia com os soluços incontroláveis. Eu nunca vou te machucar novamente.

— Basta pensar em todas as mulheres que ele pegou — Martin

salientou. — A vida toda que ele desperdiçou, sendo um fardo para a família, nunca fazendo nada de importante. Nada além dele mesmo. Ele só sabe tomar, Em. Isso é tudo o que ele faz. Ele trepa a torto e a direito, fode com tudo e sequer se lembra de você.

Fechei os olhos, prestes a cobrir os ouvidos.

— Eles merecem arcar com algumas consequências. Você sabe que estou certo. Eles cometeram crimes.

Não. Se aconteceu, aconteceu, mas eu não ajudaria Martin a enviá-los para a prisão.

— Aqueles vídeos não eram os únicos naquele telefone, sabia? — insisti. — Se eles fossem pobres, já teriam ido parar na cadeia uma dúzia de vezes até hoje.

Parei, sentindo o sangue pulsar nos ouvidos.

Telefone...

— Isso é o que eles usavam para registrar os trotes, não é? — perguntou ele. — Um celular?

Eu o encarei, meu rosto coberto de lágrimas.

Martin deu de ombros, fingindo simpatia.

— Se mais vídeos viessem à tona... — prosseguiu — Incêndios criminosos, agressão, assaltos, roubo de veículos, arrombamento e invasão de domicílio, desvios sexuais... Fico aqui pensando o que aconteceria se estes vídeos fossem postados por aí...

Meu estômago embrulhou e eu endireitei a postura, enquanto o encarava, boquiaberta. Senti o vômito subir pela garganta, e a muito custo conseguir contê-lo.

Não.

Ele pegou mais alguma coisa da mesa e me entregou: um cheque no valor de mais de trinta e sete mil dólares.

— O saldo do que sobrou — ele me disse. — E agora a procuração está transferida para você. Basta assinar. Você pode levá-la, e nunca mais teremos que nos ver novamente. Você será capaz de bancar uma casa de repouso de primeira qualidade. Além do mais, eles nem saberão que é você nas fotos. Seu rosto não aparece por inteiro, de qualquer maneira, e não estará no depoimento não-oficial que vou entregar à promotoria.

Encarei o cheque.

Ele estava me dando o que eu queria. Eu poderia transferir minha avó para algum lugar perto de mim, pagar por seus cuidados pelo tempo que ela ainda tivesse de vida, e nem precisaria parar de estudar.

Apoiei a palma da mão sobre o vidro, sentindo o calor onde todo o resto estava frio.

Ele tinha razão, não é? Eu fiquei sabendo que Will estava fazendo merda. Até mesmo em seu último ano no ensino médio, eu

soube que ele ficava chapado o tempo todo. Ele mudaria suas atitudes se não fosse forçado a isso?

Eu só queria voltar para a faculdade e cuidar da minha avó. Eu merecia que coisas boas acontecessem na minha vida; eu já havia lutado o bastante, e se não cedesse e concordasse com isso, ele acabaria indo preso de qualquer maneira e por mais tempo. E se Martin soubesse quem vazou os vídeos? E se ele estivesse falando a verdade e pudesse fazer com que postassem muito mais?

Agarrei o pedaço de papel, pensando que tudo o que eu mais queria estava a uma assinatura de distância. Uma assinatura que eu nunca faria.

— Quero que você morra — sussurrei.

Ele ficou em silêncio por um tempo.

— Você sabe como é a vida dentro de uma casa de repouso mais barata? — perguntou, por fim.

Fechei os olhos, visualizando Damon Torrance com a mão ao redor do pescoço de sua mãe, e quase pude sentir. Eu queria saber qual era a sensação.

— Às vezes, os pacientes ganham uns hematomas do nada, ou ficam largados no chão, em cima de seus próprios resíduos corporais por horas... — continuou ele. — Ela não sabe o que diabos está acontecendo na metade do tempo, então não vai se importar.

Meu sangue ferveu, e todos os músculos dentro de mim se contraíram.

— Você está blefando — arfei. — Nem mesmo você não faria isso com ela.

Com o canto do olho, vi que ele havia se virado para mim.

— Ela foi transferida esta manhã — informou.

Eu me virei para encará-lo e então gritei, empurrando seu peito com as mãos e avançando para dar uma joelhada entre suas pernas.

— Filho da puta! — berrei.

Ele desabou no chão e meu corpo se moveu por conta própria. Eu não conseguia me conter. Afastei uma perna para dar um chute, mas ele agarrou meu tornozelo e conseguiu me derrubar.

Segurando minha nuca, ele agarrou um punhado de carne na minha cintura, cravando os dedos com brutalidade. Gritei e parti para cima dele, mordendo seu rosto. Martin uivou de dor, e eu o golpееi mais uma vez, acertando seu queixo antes que ele me agarrasse pela gola da camisa e me desse um tapa.

Eu me virei, e caí de volta no chão, mas consegui me colocar de pé, tossindo diante da dor aguda que se espalhou pelo meu rosto. Sem hesitar, chutei sua cabeça, e desferi mais um chute. E mais outro.

O gosto de cobre encheu minha boca à medida que o sangue jorrava da dele. Martin tentou se equilibrar de joelhos, mas caiu de

novos.

Você nunca mais colocará a mão em mim.

Ao contrário de Damon, eu sabia realmente como esconder um cadáver.

Puxei uma cadeira e me sentei, com lágrimas silenciosas nublando meus olhos e sangue cobrindo meus dentes enquanto pegava o documento e a caneta. Enquanto me preparava para assinar, levantei a cabeça e olhei para Will por trás do vidro.

Eu poderia dizer a mim mesma todo tipo de coisa para aliviar minha consciência de que estava fazendo o bem.

Se eles não fossem quem são, iriam para a cadeia de qualquer maneira.

Eu estava salvando a pele deles, na verdade. Se mais vídeos viessem à tona, isso poderia aumentar a pena.

Eles cometeram crimes. E havia muitos outros que ninguém mais tinha conhecimento.

Mas o ponto mais importante aqui era... isso estava errado.

Rabisquei meu nome na parte inferior da declaração que convenceria suas famílias a aceitar as acusações para não arriscar que outras mais fossem apresentadas. Empurrei o documento pela mesa, e me levantei, pegando o cheque e a procuração. Fui até o vidro, desviando o olhar do meu reflexo à medida que me aproximava, sentindo a vergonha me varrer de cima a baixo.

— Alguns de nós sempre serão vítimas — sussurrei para ele. — Degraus de uma escada que outros escalam.

Will ergueu os olhos, de repente, e parecia estar olhando diretamente para mim. Como se pudesse me ver.

— Algumas pessoas não conseguem impedir o que acontece com elas — eu disse. — Elas simplesmente nasceram no lugar errado, na hora errada, com as pessoas erradas.

Will merecia sua vingança.

Eu tinha acabado de sacrificá-lo para comprar os últimos dias da minha avó.

— Ficarei à sua espera — sussurrei para ele.

Senti meu irmão se levantar do chão, fungando e grunhindo. Então me afastei em direção à porta, sem olhar para trás.

— Faça uma boa viagem de volta para casa — Martin ofegou. — Você nunca vai me ver novamente.

Abri a porta, sem me preocupar em limpar o sangue no meu rosto enquanto saía da sala.

Eu te vejo novamente. Will voltaria por nós dois.

Capítulo 33

Will

Dias atuais...

— Nós nos vingamos de Rika e Winter por nada! — rosnei. — Passamos anos pensando que havíamos sido presos por causa dos vídeos, porra, quando, na verdade, foi por sua causa! *Eu* fiz isso com meus amigos. *Eu* trouxe você para a vida deles.

Eu não dava a mínima para a história que ela acabou de nos contar. Eu sabia que não tinha sido ideia dela. Sabia que ela não tinha nenhum problema com a gente. Ela simplesmente não ligava para mim. Como ela pôde deixar alguém pensar que fiz aquelas coisas com ela?

Eu me aproximei.

— Você tem alguma ideia de como é a prisão? — perguntei. Alex e eu estávamos encharcados, e Emmy baixou o olhar, o cabelo bagunçado cobrindo o rosto. — Você poderia ter feito qualquer coisa... poderia ter confessado tudo e me contado o que fez. Você poderia ter vindo até mim antes de assinar aquele maldito documento, e eu teria enviado sua avó para a melhor casa de repouso do país! — Minha voz se tornou mais áspera à medida que eu gritava: — Meus pais teriam quitado a sua faculdade! Você nunca mais teria que fazer as coisas sozinha, por conta própria, porra!

Isso aconteceu há anos. Se ela se sentisse mal, de verdade, pelo que havia feito, a culpa a teria consumido antes de confessar só agora. Mas não... Eu descobri tudo através do meu avô que, claro, sabia que tudo havia sido uma armação. Não dava para acreditar que meus pais e os de Kai não nos contaram sete anos atrás, mas eles, provavelmente, sabiam que iríamos rebater as acusações, então devem ter garantido que pegássemos uma sentença mais leve ao invés de arriscar.

O silêncio ao redor era palpável, enquanto o apito do trem ressoava do lado de fora. O tempo todo, observei seu queixo tremer e a dificuldade que sentia em respirar direito.

— Qual é? Você vai chorar agora? — zombei. — Hein?

De novo?

Eu daria uma razão para ela chorar, porra. Eu podia entender a posição em que Martin a colocou. Podia até sentir certa simpatia. Mas, meu Deus, ela era cega? Tudo o que ela precisava fazer era me dizer. Confiar em mim. Pedir ajuda. Isso era tudo o que ela tinha que fazer!

— Olhe o que você fez comigo — falei, avançando e esmurrando meu peito coberto com as tatuagens que retratavam a

casa e a vida que perdi antes mesmo de ir para a prisão. — Você me transformou nisso! — gritei diante de seu rosto. — Você!

Ela se encolheu, até que alguém me empurrou para trás. Tropecei e olhei para cima, deparando com o olhar furioso de Micah. Ele se meteu entre nós, e Rory se juntou a ele. Os dois se postaram diante de Emmy e me lançaram um olhar de advertência.

Mas que porra...? Levantei a cabeça, observando os meus caras — *meus caras* —, saindo em defesa dela ao invés de se colocarem ao meu lado.

Inacreditável.

Espiando por entre seus ombros, encontrei seu olhar mais uma vez.

— Eu me preocupei com você — eu disse a ela. — Por todos esses anos, mesmo depois de você ter me dispensado como se eu fosse lixo, nunca consegui deixar de te amar, não importava o quanto eu bebesse ou me drogasse, eu sempre pensava e me preocupava com você.

Ela permaneceu congelada, sem vacilar enquanto me encarava.

— Quando nada me dava motivo para sair da cama, mesmo vendo meus amigos se apaixonando e tendo filhos, e eu me sentia sozinho... — arfei, sentindo o nó na garganta e as lágrimas que eu me recusava a derramar. — O que você acha que foi a única coisa que me fez continuar respirando? — Meu tom endureceu quando cerrei a mandíbula. —No meu cérebro, eu sempre procurei por você. Nunca parei de procurar por você.

E ela deixou seu irmão dizer à minha família que, não somente eu não a amava, como também permiti que meus amigos abusassem dela como se ela não representasse nada para mim.

Quando ela era tudo.

Com brutalidade, eu disse, entredentes:

— Sai da minha frente, porra. — Engoli em seco. — E tudo bem, se você quiser se mandar desse maldito trem também. Pode ir, vá correndo de volta para ele.

Eu nunca mais vou te procurar.

Ela ficou ali por um momento, o olhar percorrendo todos no vagão, e, provavelmente, se perguntando como poderia salvar sua dignidade ou algo assim.

Mas então...

Ela se virou e se afastou, abrindo a porta para outro compartimento, ainda vestida com a camiseta e a boxer de Aydin. Assim que ela se foi, o silêncio pairou como um peso de dez toneladas no lugar.

Até que, depois de alguns instantes, alguém fez com que eu me virmasse e enlaçou meu corpo; todos os meus amigos me cercaram

enquanto Winter me abraçava.

— Você está bem? — ela perguntou. — O que aconteceu lá? Por que ela estava lá?

Eu não poderia falar nada agora. Eu mal conseguia respirar.

Misha me puxou contra o seu peito e me abraçou com força.

— O que podemos fazer? — perguntou ele. — Do que você precisa?

E então Damon perguntou:

— Você tem certeza de que está bem?

Levantei as mãos, sentindo o suor escorrer por cada um dos meus poros e o estômago embrulhar com a proximidade de todos.

— Eu não posso... — Recuei, tentando colocar distância entre nós. — Eu só... não posso agora, okay?

Mas Michael me agarrou mesmo assim.

— Você está bem?

Rosnei, me afastando.

— Não me toque. — Balancei a cabeça, sentindo a sala girar. — Não.

— Tudo bem — ele suspirou, com as mãos para cima. — Eu sinto muito.

Todos eles pararam e se afastaram, ficando em silêncio. Eu podia sentir seus olhares focados em mim enquanto todos se entreolhavam, porque eles não entendiam, e eu não poderia entrar no assunto agora.

Esfreguei os olhos, sentindo o cheiro familiar do porão em minhas mãos por causa da corda que usei para amarrar Aydin.

Aydin.

Com as mãos em concha sobre o rosto, inspirei o cheiro da casa.

Eu não estava pronto. Eu ainda deveria estar lá, não deveria ter saído.

— Tenho que fazer alguns telefonemas — murmurei e me afastei em direção à porta. Estávamos a pelo menos cinco vagões de distância de onde as máquinas do motor funcionavam. Com sorte, Emmy devia estar escondida em algum lugar onde eu não tivesse que olhar para sua cara, porque eu estava tão puto que seria capaz de estrangulá-la agora.

— Seu nome está na porta da sua cabine — Ryen informou. — Tem roupas limpas lá dentro.

Abri a porta, o vento e o som das rodas nos trilhos ecoaram rapidamente, mas então Winter comentou antes que eu pudesse passar.

— Por que ele faria isso? — perguntou ela.

Estaquei em meus passos.

— Quem? — perguntou Banks.

— Martin Scott.

Fechei a porta, isolando o ruído externo e permaneci por mais um momento.

Winter continuou:

— Se o que Emory disse for verdade, por que ele fez todo esse esforço para garantir que os três fossem para a cadeia? É o dinheiro que manda ali em Thunder Bay. A presença ou ausência de vocês não o faria subir na carreira.

Fiquei ali ouvindo as palavras que pairaram no ar enquanto todos se mantinham em silêncio.

Banks chegou a uma conclusão antes de todo mundo:

— A não ser que ele estivesse de conluio com pessoas poderosas. Pessoas que queriam vocês na prisão.

Meu estômago embrulhou ainda mais.

— Você ouviu o que ela disse — Kai entrou na conversa. — Ele também tinha planos para Michael. Mas ele não conseguiu incriminá-lo por nada.

— Porque Trevor não queria que o nome de sua família fosse enlameado — disse Misha.

— Porque *Evans Crist* não queria sua família envergonhada — Rika corrigiu.

Fechei os olhos, nem um pouco surpreso. Meus amigos sacaram tudo de primeira.

— Filho da puta — murmurou Michael. — Não era por causa do Will, ou o ódio que sentia por ele. Seu avô estava prestes a ser reeleito naquele ano, e quase perdeu por causa do escândalo que saiu nos jornais.

— E quanto a Kai e Damon? — insistiu Banks.

Ninguém disse nada, até que eu, finalmente, falei:

— Evans sabia que Schraeder Fane prestava contas de Damon em seu testamento. — Como procurador de seus bens patrimoniais, ele tinha pleno conhecimento de quem Damon realmente era. — E se ele planejava casar Rika com Trevor, ele ia querer dividir a fortuna com Damon, e, conseqüentemente, com Gabriel.

— E Katsu Mori foi forçado a renunciar aos conselhos dos Bancos Mitchell & Young e Stewart — explicou Rika. — Ambos ajudaram a financiar os projetos imobiliários de Evans nos próximos anos.

— O que meu pai não estaria inclinado a apoiar, caso ainda integrasse os conselhos, já que odeia seu pai — Kai disse a Michael.

Tudo veio de uma vez. Os últimos sete anos sendo destrinchados diante de nossos olhos, como um labirinto percorrido por todos nós, um quebra-cabeças cujas peças finalmente foram

encaixadas.

A quantidade de pessoas que nos manipularam como fantoches para seu próprio fim, e o tanto de tempo que perdi ao ignorar tudo isso e me manter apenas flutuando com a maré...

Quase desejei que pudéssemos voltar às noites em que sacaneávamos com Rika, no Delcour, quando ainda achávamos que tudo aquilo era culpa dela. Como tudo era simples, na época.

— Alex? — disse Rika. — Você está bem?

Olhei por cima do ombro, percebendo que Alex não havia falado nada desde que embarcamos. Ela se inclinou contra a janela, com os braços cruzados, enquanto encarava ao longe.

Depois de um momento, ela assentiu com a cabeça, mas não fez contato visual com ninguém, a postura sempre confiante, agora abatida.

— Só três de vocês vieram a bordo — Damon disse. — Onde estão os outros dois prisioneiros? Nossa pesquisa disse que havia cinco.

Mas nem Alex nem eu respondemos. A expressão atordoada em seu rosto mostrava o quanto se sentia derrotada.

Ela nunca o veria novamente.

No entanto, ela se endireitou, pigarreou e estalou os nós dos dedos.

— Preciso treinar. Agora.

— Comigo ou com a Rika? — perguntou Banks.

Ela disparou em direção à porta onde eu ainda me encontrava.

— As duas. — Alex passou por mim e saiu do vagão, sendo seguida rapidamente por todas as meninas.

Hesitei apenas um momento antes de abrir a porta novamente.

— Preciso fazer essas ligações — disse eu, saindo.

Mas a voz de Michael soou atrás de mim:

— Alguém daquela casa virá atrás de nós?

Não voltei ou dei resposta alguma. Aydin Khadir era o problema seiscentos e cinquenta e três, e eu estava apenas no número quatro.



Encerrei a quarta chamada e larguei o telefone quando me levantei da cadeira. Eu ainda estava com o jeans úmido, mas ao invés de tomar um banho e trocar a roupa pelo terno que havia sido colocado em cima da cama, me virei e olhei pela janela.

A noite passava como um borrão, o mar no horizonte calmo e negro enquanto eu cerrava os punhos. Martin Scott ia virar picadinho.

Ele merecia apodrecer em uma cova não identificada no meio da floresta, onde ficaria sozinho e esquecido.

O inferno pelo qual ele fez Emmy passar...

Eu estava com raiva e desapontado com ela, e nunca mais queria olhar na cara dela, mas por mais que odiasse admitir ... talvez agora entendesse o porquê ela pensou que não tinha outra escolha.

Seu único erro imperdoável foram os anos de silêncio desde então...

Ela deveria ter nos procurado e tomado uma atitude. Como alguém consegue viver assim?

Eu não queria mais fazê-la sofrer. Eu só queria que ela sumisse da minha vida para sempre. Era óbvio agora que não havíamos sido feitos um para o outro, e que ela não era uma de nós.

Eu estava pronto para seguir em frente com a minha vida.

Fiquei tenso quando uma batida soou à porta, e segundos depois, pude ouvir a dobradiça ranger de leve.

— Ei — disse Misha, fechando a porta em seguida.

Respirei fundo e exalei, sua presença me fazendo sentir como se as paredes estivessem se fechando. Nós sempre fomos próximos, apesar da diferença de idade, mas eu odiava que ele tivesse se envolvido nesse rolo todo. Ele nunca gostou de drama, além de odiar meus amigos.

E passei muito tempo longe dele. Um tempo longo demais.

Eu me virei e o observei, vendo parte de uma tatuagem espreitar pela clavícula e o piercing em seu lábio cintilar sob a luz da cabine.

Inquieto, ele se balançou sobre os pés.

— Sinto muito ter levado tanto tempo pra te encontrar — murmurou.

Cruzei os braços sobre o peito e voltei para a mesa, dobrando os papéis em que anotei algumas coisas, guardando em seguida no bolso traseiro.

— Eu não estava esperando por um resgate.

— Seus malditos pais — resmungou. — Eles só...

— Não foram eles que me enviaram para lá — revelei.

Meus pais nunca fariam isso. Eles estavam ficando loucos, sem saber o que fazer comigo – e esconderam tudo isso do restante da família muito bem –, mas eles nunca desistiriam de mim assim.

— Foi o vovô? — adivinhou Misha.

— Não importa.

Eu não estava pronto para falar sobre a *Blackchurch*, nem como fui parar lá. Não até ter certeza de que meu plano funcionaria. As coisas ainda não estavam esclarecidas, e eu não queria confessar até que estivessem.

Misha ficou lá como todos os outros, porque as coisas haviam mudado, e demoraria um pouco antes de voltarmos ao normal. Isso se realmente voltassem, para dizer a verdade.

Ele deu uma risada debochada.

— Acho que me lembro de ter sido aconselhado por você, a não fazer tatuagens em partes visíveis do corpo quando estivesse vestindo um terno... — caçoou.

Deparei com seu olhar focado na tinta escura que agora cobria minhas mãos. Meu conselho continuava sendo o mesmo, mas foda-se. O último ano foi bem entediante.

Ele se aproximou, mas me recusei a olhar para ele.

— Você esteve ao meu lado, ou pelo menos tentou me apoiar quando a Annie morreu. Sinto muito por termos demorado tanto.

Suas mãos tremiam um pouco e eu podia detectar a tristeza em sua voz.

Levei um tempo para criar coragem e pronunciar as palavras:

— Eu sempre tive intenção de voltar para casa — assegurei. — Não se preocupe com isso.

Ele ficaria pau da vida quando descobrisse quem era, realmente, o culpado. Eu não queria que ele carregasse nenhuma culpa.

— Você está diferente — disse ele.

— Sim, eu cresci. — Concordei com um aceno.

— Eu gostaria que você não tivesse crescido.

Parei e o encarei.

— Você nunca viu o quanto todo mundo precisava de você. — Ele sorriu e o canto de seus olhos enrugaram de leve. — Você. Exatamente do jeito que você era.

Ninguém precisava de mim. Eu era um inútil. Mas já não era mais. A Noite do Diabo aconteceria dali a três dias, e Thunder Bay seria nossa, desimpedida, em quatro dias, no que dependesse de mim.

Misha parecia querer me abraçar ou algo assim – o que era estranho, porque ele não era do tipo carinhoso –, mas então ele se afastou e abriu a porta da cabine para sair. Eu queria ir atrás dele, mas... ao invés disso, peguei o telefone para fazer outra ligação.

Nada seria normal por um tempo para nenhum de nós. Eu tinha que me manter focado. Até que ouvi a voz de Damon:

— Eu preciso falar com ele.

Olhei para cima e o vi pairando acima de Misha, ainda parado à porta.

— Estou tentando sair, mas você não sai da frente, porra — Misha disse, com rispidez.

Damon forçou sua entrada na cabine, enviando meu primo aos tropeços pelo corredor, mas antes que ele pudesse fechar a porta, eu o

impedi.

— Não posso agora — resmunguei. — Converso contigo mais tarde.

— Não...

— Eu não posso. — Eu o empurrei porta afora. — Por favor, cara...

Minha pulsação disparou, o sangue ferveu e meu cérebro ficou fora de controle. Eu tinha um tabuleiro de xadrez cheio de peças e estava jogando dos dois lados. Eu precisava pensar. Não havia tempo a perder. Ele poderia me fazer um cafuné mais tarde.

— Droga — Damon rosnou. — Você está me zoando?

— Eu não vou a lugar algum — garanti, ainda segurando a porta enquanto seu olhar me fuzilava do corredor. — Vejo você amanhã. Eu preciso dormir.

Revirando os olhos, ele cedeu e se virou, afastando-se dali.

— Tudo bem.

No entanto, me senti dominado pela culpa.

— Espere...

Ele parou e se virou, a camiseta branca amarrotada e a barra da calça preta quase cobrindo os pés descalços.

Um sorriso curvou os cantos dos meus lábios, quando perguntei:

— Então, qual é o nome dele?

Seus olhos cintilaram.

— Ivarsen.

Ivarsen. Meu coração aqueceu um pouco. Agora havia outro garotinho correndo por aí, ao lado de Madden, filho de Kai e Banks.

Senti o nó se formando na garganta. Eu queria ter presenciado o momento em que Winter ganhou o bebê.

— Próxima geração, hein?

— Mexa essa bunda e dê um jeito de nos alcançar — zombou.

Sim. Eu não via meus filhos num futuro próximo, mas... quem sabe, algum dia. Quando ele começou a se afastar, eu o chamei outra vez:

— Onde estamos? — perguntei.

Ele me encarou por um segundo.

— Ao norte da fronteira — disse ele. — Estamos cruzando a costa e passaremos sob a Ilha Deadlow para chegar em casa pela manhã.

Então, estávamos no Canadá. Onde diabos eles conseguiram arranjar esse trem? Havia um túnel sob o fundo do mar entre Deadlow e Thunder Bay? Ninguém se aventurava na pequena ilha ao largo da costa de nossa cidade, além de *Cold Point*, porque era cercada por um recife intransponível.

Aquilo lá era deserto, ou assim pensei.

— Desculpe por termos demorado tanto tempo para chegar lá — ele disse. — Nós encontramos um caminho indetectável e parte da pista estava em péssimo estado.

Tudo bem. Eu não precisava deles lá antes, mas não diria isso a ele.

— Apenas certifique-se... — Parei por um momento. — Certifique-se de que ela não pule do trem, okay?

Ela era teimosa pra caralho, e eu mesmo disse para fazer isso antes, mas eu estava louco... e não a queria morta. E, definitivamente, não queria que ela acabasse nas mãos de Aydin novamente. Em apenas cinco dias, ele a influenciou o bastante.

Damon tentou reprimir o sorriso antes de se virar e sair, e, em seguida, fechei a porta, totalmente esquecido do celular em minha mão.

Fui até a cama e passei a mão por cima do terno preto, e arrepios deslizaram pela coluna só em desfrutar da sensação do tecido caro sob os dedos. Então vi a máscara que sempre usei. Eu a peguei e alisei a textura familiar, sendo tomado por lembranças e uma descarga de adrenalina por todos os momentos que eu queria guardar, apesar dos que queria esquecer.

Por um segundo, eu me senti como o velho Will, e olhei para a máscara branca com a listra vermelha no lado esquerdo, de repente, pronto para mais mil aventuras.

Um sorriso se alastrou pelo meu rosto. O que eu faria com Emory Scott quando voltássemos para Thunder Bay?

Capítulo 34

Emory

Dias atuais...

Bati à porta, tendo a certeza de que ela a fecharia na minha cara, mas eu precisava de algumas roupas, e realmente não conhecia as outras garotas o suficiente para pedir emprestado.

Quando não houve resposta, bati novamente.

— Alex — chamei.

Era o nome dela que estava marcado na porta da cabine, mesmo assim ninguém respondeu. Talvez ela estivesse dormindo. Eu não fazia ideia de que horas eram, depois que me escondi no vagão-restaurante escuro, à mesa. Não havia localizado nenhum relógio, celular ou um computador.

Girei a maçaneta e entrei na cabine, sentindo um medo súbito, mas sem saber o porquê. Ela podia não estar sozinha. E se ela estivesse com Will? No fundo, eu sabia que isso era ridículo, mas não pude evitar.

O luar se infiltrava pelas janelas, lançando uma fresta de luz por entre as cortinas. Fechei a porta ao olhar para o pequeno cômodo. Não havia ninguém, então não perdi tempo e fui até o armário, encontrando um jeans, uma camisa de flanela e um par de tênis. Eu precisava de calcinha e sutiã também, e quase decidi ficar sem, mas abri uma gaveta e avistei um monte de lingerie de renda.

Uma onda de calor percorreu minha pele.

Enfie a mão dentro e senti a maciez do espartilho preto, subitamente com raiva por nunca ter me aventurado a usar esse tipo de coisa antes. Quando eu morava em casa, não queria usar nada que meu irmão desaprovasse, mas mesmo depois de ter ido embora, nunca me interessei pelo assunto.

Sem parar para pensar, peguei o espartilho e uma calcinha que fazia jogo, e vesti os dois, antes de colocar o jeans preto e abotoar a camisa xadrez azul.

Quando o apito do trem soou outra vez, olhei pela janela e entrecerei os olhos. *Merda*. Eu queria meus óculos.

Calcei os tênis, amarrei os cadarços e, em seguida, desfiz os nós do meu cabelo emaranhado. Deixei a escova sobre a prateleira e vi que ela tinha também maquiagem e algumas joias, sempre preparada para qualquer eventualidade. Nós não éramos como família nem nada, mas eu a conhecia bem o suficiente.

Fechando o armário, saí da cabine e do vagão-dormitório e segui pelo corredor, passando por mais cabines privativas. Entrei em

outro carro ferroviário com assentos virados em direção às janelas, bem como inúmeros frigobares servidos com vinho e champanhe.

Meus pés oscilaram diante do balanço do trem, à medida que eu passava por vários vagões imersos em penumbra.

Onde estava todo mundo? Eu precisava encontrar um celular para que pudesse ligar para o trabalho ou alguém.

Ao entrar em outro vagão, levantei a cabeça e deparei com uns dos rapazes. Estaquei em meus passos na mesma hora. As arandelas nas paredes de madeira escura mal iluminavam a sala; examinei seus rostos, quase ocultos nas sombras, mas não vi Will, Misha, Micah ou Rory entre eles.

Michael estava sentado em uma cadeira, o olhar fixo ao meu enquanto bebia alguma coisa; Kai se encontrava na janela, com os braços cruzados; e Damon estava recostado contra o bar, segurando um copo com líquido ambarino. Eu não conseguia ver seus olhos, mas sabia que ele estava olhando para mim.

Depois de Will, meu maior arrependimento estava relacionado a ele. Eu o observei matar uma pessoa e o ajudei a enterrar o corpo, e ele nunca contou a ninguém sobre meu envolvimento. Quando voltássemos para Thunder Bay, ele teria todo o direito de se vingar de mim.

— Eu não queria machucá-lo — murmurei. — Eu não queria prejudicar nenhum de vocês. Eu só queria protegê-la.

Eles não se moveram um centímetro ou falaram qualquer coisa, e Michael tomou mais um gole de sua bebida.

— Eu cometi um erro — revelei, sentindo-me desnuda diante de seus olhares predatórios. — Pensei que estava sozinha.

Minha voz se tornou quase um sussurro, mas por mais que eu odiasse ter que estar fazendo isso – e nunca, em um milhão de anos, teria

imaginado que algum dia rastejaria diante deles –, eu sabia que precisava me desculpar. Eles mereciam isso, no mínimo.

— Sinto muito — murmurei. — Sinto muito mesmo.

Kai se virou e deu um passo em minha direção.

— Você acha que isso anula qualquer coisa?

Balancei a cabeça.

— Não.

— Você acha que algum dia confiaríamos que você nunca mais faria algo assim outra vez?

— Não.

— Você nos jogou para os lobos — ele rosnou, e mesmo na penumbra, pude ver os dentes brancos rangendo. — Você acha que suas palavras significam alguma coisa para nós? Suas desculpas? Sua explicação?

Engoli o nó que se formou na garganta e endireitei a postura, mas fechei a boca.

— Você é fraca — disse Michael. — E de jeito nenhum nós poderíamos confiar em você.

— Você teve anos para se manifestar e dizer a verdade — Kai salientou.

Eu concordei, com um aceno. *Sim. Isso é a pura verdade.*

— Foi difícil — Kai disse, sua voz embargada. — Nós não merecíamos isso.

Meu queixo tremia, com o choro contido, e tive que travar a mandíbula para não me desfazer ali mesmo.

— Will não merecia isso — ele continuou.

Eu sei. Só de pensar em Will em uma cela, rodeado por pessoas cruéis, trancafiado entre paredes cinzentas...

— Você não é boa o bastante para ele — Kai disse, por fim.

Levantei a cabeça e encontrei seu olhar, apesar do desejo de me curvar tamanha a dor que sentia por dentro.

Eu cometi um erro. Eu não era uma pessoa má.

Não era.

Eu me virei para sair dali, mas então ouvi a voz de Damon às minhas costas:

— Nós ateamos fogo na casa da Rika, Kai.

Eu me virei e olhei para ele, que encarava o amigo.

— Roubamos o dinheiro dela — continuou. — Eu a sequestrei e você obrigou a Banks a se casar contigo. Eu tentei matar o Will...

— Nós cometemos vários erros — Kai argumentou —, mas nunca faríamos isso de novo.

— Fale por si só — Damon disparou de volta. — O papel do vilão só é determinado por quem está contando a história.

Uma corrente elétrica deslizou sob minha pele e aquilo quase me fez sorrir em gratidão. Eles foram redimidos de seus erros, porque acreditavam que tinham motivos justificados.

Damon e Kai se entreolharam, e embora Kai fosse aquele com quem eu mais me identificava – por conta de seus conceitos arraigados sobre o certo e o errado –, Damon foi meu salvador em mais de uma ocasião na vida, e me provou que havia nuances cinza entre o branco e o preto.

Eles eram como *Yin e Yang*, e agora eu entendia.

— Você vai nos recompensar — Michael, finalmente, interpelou, me encarando o tempo todo. — Você vai ficar em St. Killian com Rika e comigo.

— Não.

— Sim — retrucou.

Ele queria ter certeza de que eu não fugiria da cidade. O que

ele faria, então? Iria me trancafiar ali dentro? Parei por um instante, lembrando-me de que ele bem poderia fazer isso, já que ambos moravam em St. Killian. Havia uma masmorra à disposição ali. Ninguém ouviria meus pedidos de socorro.

— Eu tenho um lugar para ficar — rebati. — Em Thunder Bay.

Com os olhos entrecerrados e desconfiados, ele cedeu, provavelmente não querendo lidar com o aborrecimento também.

— Você não vai sair da cidade — ordenou ele. — E vai pagar sua dívida.

Eu me endireitei.

— Eu não vou sair da cidade.

Ele assentiu e Damon continuou bebendo seu drinque enquanto Kai me encarava.

Inquieta, não conseguia parar de me mover.

— Posso pegar emprestado o telefone de alguém, por favor?

No entanto, Michael apenas levou o copo à boca novamente, e resmungou:

— Peça a alguma das garotas. Estamos usando os nossos.

Eu me virei e revirei os olhos, me afastando. Segui pelo mesmo caminho que havia feito, passando de vagão em vagão: cozinha, restaurante, cabines – inclusive uma com o nome de Will Grayson marcado à porta –, e o que funcionava como uma sala de estar.

Nenhum deles estava usando seus telefones, mas pelo menos ele não me proibiu de usar um. Eu poderia até mesmo ligar para o meu irmão, em busca de ajuda.

O que eu nunca faria, era óbvio.

Eu estaria mais segura se pudesse pegar um avião de volta à Califórnia, assim que chegássemos em Thunder Bay, mas agora que tudo havia sido esclarecido, eu tinha plena consciência do que viria a seguir.

Fui eu quem os prejudicou. E eu precisava enfrentar as consequências disso, até o fim.

Pelo Will. Mesmo que ele nunca mais me quisesse, eu devia isso a ele.

Saindo do vagão vazio, avistei um movimento pela janelinha do próximo. Observei a garota de cabelo escuro segurando Alex em uma chave de braço. Abri a porta e deparei com uma academia, com esteiras, aparelhos de musculação e tapetes de treino.

Erika Fane se encontrava à esquerda, com os braços cruzados, enquanto Winter Ashby sentava-se escarranchada em um banco à direita. Quando a porta se fechou assim que entrei, todas se viraram e me encararam.

A de cabelo preto, que pairava sobre Alex, me fuzilou com os olhos verdes. Winter inclinou a cabeça de lado, aguçando os ouvidos.

— Essas roupas são minhas — disse Alex, ofegante.

Mordi o canto da boca.

— Sim, eu sei.

Entrecerrando os olhos, ela afastou a garota e se levantou. Sua pele estava úmida e brilhando de suor, e seu cabelo mais curto estava preso em um rabo de cavalo à nuca. Ela foi até a esteira e pegou uma toalha de rosto, enquanto Erika se aproximou, com os braços ainda cruzados sobre os seios.

— Alex nos contou tudo. — Seus olhos varreram meu corpo de cima a baixo. — Você está bem?

Concordei com um aceno.

— Obrigada por perguntar.

Ninguém havia perguntado isso até aquele momento.

Erika deu uma olhada de relance para Alex, que agora bebia água, e depois se virou para mim.

— Vamos deixar vocês a sós — disse, ao passar por mim.

— Não faça isso — Alex disse a ela.

Erika parou e Alex recolocou a tampa da garrafa, me encarando o tempo

todo. Sua blusa branca de treino estava colada ao corpo suado. Observei a calça de ioga e os pés descalços à medida que ela se aproximava. Com as mãos apoiadas aos quadris, ela me fuzilava com o olhar.

— Por um segundo, você realmente ficou na dúvida sobre quem deveria escolher naquele porão, não é?

Levantei a cabeça e rebati:

— O que está te incomodando mais é o fato de que escolhi Will, ou que poderia escolher o Aydin?

Ela arqueou as sobrancelhas, e não fiquei satisfeita por tê-la irritado, mas também não me senti nem um pouco mal por isso. Ela e Will ainda não haviam entendido que eu não estava escolhendo entre os dois homens no quarto de Aydin.

Nada daquilo tinha a ver com eles.

Ela se aproximou, me encarando como se fosse minha juíza e júri.

— Você partiu o coração dele.

— Não seja tão modesta — ironizei, lembrando-me das zombarias de Will. — Tenho certeza de que você o confortou bastante por todos esses anos. Em sua cama, no chuveiro, na praia, contra a parede, no capô do carro e no banco de trás.

Ela rosnou e veio na minha direção, mas eu me desviei e a empurrei, antes que ela me acertasse.

— Eu não vou lutar com você.

— Não é você quem decide isso!

Ela tentou me bater, mas eu espalmei as mãos em seu peito e a afastei.

— E você não vai lutar comigo — eu disse a ela. — Estou cansada de sangrar.

O que aconteceu na minha cabeça, naquela casa, era a mesma batalha que sempre travei comigo mesma. A batalha sobre a forma como eu via o mundo e como ansiava ver. Eu precisava mudar, tanto quanto precisava de Will.

Eu precisava gostar de mim, tanto quanto o amava.

Eu a encarei, sentindo todos os olhares focados em mim. Eu meio que entendia sua raiva, porque senti o mesmo ciúme – ao pensar nela com Will – que ela estava sentindo agora, pensando que tive algo com Aydin. O conceito que ela tinha de mim e do que eu merecia não eram o problema.

— Eu vou reparar meu crime de tantos anos atrás — eu disse a ela —, mas o que acontece entre mim e Will não é da sua conta. Não dou a mínima se você é amiga dele, sua mãe ou Deus. Você não tem direito de ficar com raiva de mim. Isso não é sobre você.

Um brilho cintilou em seus olhos, e então ela inclinou a cabeça.

— Você está falando igualzinho a ele — disse ela, depois de um instante

de silêncio. — Ele te pegou rápido, pelo jeito.

Ele.

Aydin.

Ela balançou a cabeça.

— Como um verdadeiro monstro manipulador...

— Como um pai — interrompi.

Não era do jeito que ela estava pensando. Eu mal conhecia Aydin e não queria dormir com ele. Ela não estava se atentando a algo muito mais complicado, e o estava reduzindo-o a nada para que coubesse em suas próprias percepções superficiais do mundo, para que pudesse entender algo que estava determinada a nunca compreender.

Eu não queria transar com ele.

Dei uma olhada de relance para as outras garotas, antes de me focar nela outra vez.

— Achei que as lembranças que eu tinha dos meus pais seriam mais firmes, já que quando eles morreram eu tinha quase 12 anos — declarei. — Não percebi que o fato de receber orientação, tira um peso das costas. Eu nem me dava conta disso, da falta que senti, até que pude ter isso novamente.

Aydin Khadir tinha um objetivo. Ele me sequestrou, me colocou em uma posição arriscada e me manipulou. Mas pessoas mudam pessoas e, embora ele não fosse um herói, não pude deixar de me sentir um pouco grata. Eu estava morrendo aos poucos antes de

acordar em *Blackchurch*.

— Eu estava mais segura em uma casa cheia de criminosos do que com meu irmão, por causa de Aydin! — gritei. — Então você pode descontar sua raiva em mim, porque não vou me desculpar por ver algo de bom nele. Afinal, você também fez isso uma vez.

Ela ficou lá, imóvel e em silêncio, me fuzilando com o olhar, mas sua mandíbula flexionou.

Sempre forte. Aquilo era algo que eu amava nela. Ele a reinventou também, afinal de contas. Nem que tenha sido um pouquinho.

— Agora, posso usar o telefone de alguém? — perguntei.

Depois de um instante, Erika estendeu a mão e pegou o dela que estava no suporte da bicicleta ergométrica.

— Obrigada — agradei quando ela me entregou, então me afastei para sair da sala. — Eu te devolvo em uma hora.



Abri os olhos e encarei o teto, suspirando quando me movi entre dois corpos enormes que me ladeavam.

Cacete, está muito quente aqui.

Olhei para Micah, vendo seu rosto enterrado no travesseiro, e então virei a cabeça para observar o Rory. Seu cabelo loiro cobria os olhos e o braço estava dobrado sob a cabeça. Os dois estavam sem camisa, mas, felizmente, ainda conservavam as calças.

Depois que encontrei uma cabine e fiz o telefonema com o celular de Erika, eles bateram à minha porta e insistiram em ficar comigo, porque ‘os mimadinhos sabichões que pensavam que suas merdas não fediam não iam me sacanear’.

Como se Micah e Rory não fossem nem um pouco mimados. No entanto, achei o gesto fofo, embora agora estivesse espremida e morrendo de calor nessa cama pequena, enquanto a lua brilhava do lado de fora.

Ah, que se dane. Eu ficaria com todos os amigos que conseguisse arranjar agora. E eu gostava demais deles.

Sentando-me entre eles, escalei o corpo de Rory o mais silenciosamente possível, e desci da cama, olhando para os dois caras lindos e adormecidos. Um *serial killer* de um lado e o filho de um terrorista do outro. Cara, meus pais ficariam orgulhosos.

O que os dois estavam programando fazer depois que chegássemos em Thunder Bay? Eles não podiam ir para casa. Será que alguém iria atrás deles?

Atrás de Will?

Ainda de jeans e camisa, calcei os tênis de Alex e saí da cabine. As janelas estavam embaçadas por conta dos aquecedores internos, mas dava para ver a chuva torrencial que caía do lado de fora.

Eu precisava de comida. Não conseguia me lembrar da última vez em que comi qualquer coisa. Estava arrependida por não ter devorado aquele sanduíche que fiz quando estavam esperando os *brownies* saírem do forno hoje mais cedo.

Ou ontem, sei lá. Provavelmente, já passava da meia-noite agora.

Meu Deus, foi ontem que assei as fornadas de *brownies*? Que consertei o lustre caído? Que fiz amor com Will no chuveiro? Parecia que muita coisa havia acontecido desde então.

A cozinha ficava logo depois do vagão onde o bar funcionava. Desde a briga com ele, não o vi mais por ali. Nem quando estava à procura de um telefone, nem quando devolvi o celular de Erika cerca de uma hora depois. Muito menos hoje à noite, quando senti o cheiro de comida no carrinho que estava sendo empurrado pelo corredor. Ele passou direto pelo meu quarto, no entanto, e nem fez menção de parar por ali.

Foi estranho ter feito apenas um telefonema com o celular de Erika. Por algum motivo, achei que teria muito mais coisas para resolver, mas depois que liguei para a empresa e deixei uma mensagem, assegurando que estava bem, fiquei sentada um bom tempo sem saber a quem mais eu deveria contatar.

Martin não tinha motivo algum para se preocupar comigo, vovô havia morrido e eu não tinha mais ninguém. Nem amigos, para dizer a verdade. Nenhum animal de estimação. Nenhum homem à minha espera.

Acho que eu tinha uma consulta no dentista ontem, talvez...

Passei pelo próximo corredor e me aproximei da porta da cozinha, mas parei à porta quando ouvi um gemido em alto e bom tom.

— Aaaah... — ela gemeu.

Eu não sabia se era Erika, Winter ou uma das outras garotas, mas eu estava com tanta fome, que a pontada no estômago foi dolorosa. Eu precisava de alguma coisa para comer. Ou beber.

Andei nas pontas dos pés e dei uma olhada de esguelha pela porta, avistando as costas nuas de Winter Ashby, sentada em cima da bancada de alumínio da cozinha às escuras, com os braços ao redor do marido.

— Eu te amo — sussurrou ela, enquanto ele beijava seu pescoço.

Segurando seu rosto entre as mãos, ela pressionou os lábios aos dele em um beijo lento e demorado, antes de distribuir mais carícias

pelas bochechas, nariz, testa e têmporas de Damon. Ele fechou os olhos e sorriu, respirando com dificuldade, como se estivesse em uma montanha-russa.

Meu corpo aqueceu, já que fiquei meio intrigada ao vê-lo tão entregue desse jeito, mas segui em frente e fui até o final do vagão, avistando, pela janelinha, um monte de gente no bar. Kai e sua esposa, Michael e Erika, e Alex. Will e seu primo não estavam em lugar nenhum, assim como os outros homens que os ajudaram em nosso resgate. Misha parecia estar com uma garota quando embarcamos no trem, mas não a vi por ali também.

A sala era pouco iluminada por arandelas espalhadas pelas paredes de madeira que emitiam uma luz amarelada que refletia nos sofás e cadeiras com estofados em cor vermelho-cereja.

Kai segurava sua mulher no colo, e sorriu quando ela cochichou alguma coisa em seu ouvido; Michael rodeou Erika e começou a preparar um coquetel para ela, adicionando uma quantidade imensa de tequila, o que a fez rir.

Meu olhar aterrissou em Alex, sentada em uma poltrona e com as pernas dobradas abaixo do corpo. Ela segurava um copo de bebida enquanto contemplava o nada pela janela.

Cerrei os punhos na mesma hora. Aydin podia estar morto. Ela nunca admitiria, mas eu sabia que era naquilo em que estava pensando.

Alguém se aproximou de mim por trás, mas nem ao menos precisei me virar para conferir, pois eu reconheceria seu perfume em qualquer lugar.

— Você sabia sobre Aydin e Alex? — perguntei a Will, ainda olhando para ela.

— Eu sabia só do que ela havia me contado — disse ele. — Sabia que ele existia, mas não fazia ideia do nome.

— Ele é apaixonado por ela.

— Ele não pode tê-la.

Virei a cabeça, tentada a encará-lo, porque o tom possessivo em suas palavras me assustou. No entanto, ele acrescentou:

— Ele é ruim para ela.

Olhei para Alex, mais uma vez, vendo-a sob um prisma que nunca vi antes. Os casais podiam a estar rodeando, e apesar de ela ter Will em quem se apoiar, ela nunca pareceu mais sozinha e perdida.

— E eu sou ruim para você, e você é ruim para si mesmo — continuei —, e Damon é ruim para o mundo, e Martin é ruim para mim... — Girei a maçaneta para abrir a porta do vagão. — O mundo é grande demais, Will.

Não podíamos excluir todas as pessoas que nos decepçionavam. Além do mais, por alguns deles ainda valia a pena lutar.

Entrei no bar e todos os olhares se voltaram para mim quando entrei, sendo seguida por Will.

— Acho que devíamos voltar — eu disse a todos. — Para *Blackchurch*.

— O quê? — Kai perguntou de supetão.

Com o cenho franzido, Michael emendou:

— Como é que é?

A porta se fechou e fiz contato visual com todos eles.

— Devíamos voltar e buscar aqueles a quem abandonamos.

— Não podemos voltar — disse Michael.

— Podemos, sim. — Balancei a cabeça. — A locomotiva tem uma marcha reversa.

Ele revirou os olhos e Kai se levantou, depois de tirar a esposa do colo.

— Uma equipe de segurança já estará lá. Se voltarmos, colocamos Will em perigo.

— Em primeiro lugar, Aydin e Taylor são pontas-soltas — salientei. — Você resgatou Will supondo que os outros prisioneiros não iam dar a mínima. Só que eles dão, e isso eu posso garantir. E em segundo lugar, Taylor Dinescu pode ir à merda, mas Aydin seria um aliado útil. Precisamos dele.

— Você precisa dele — retrucou Alex. — Aydin Khadir não nos merece. Essa é a diferença entre você e eu, Em. Posso sacrificar o que quero pelo bem dos outros.

— E o que você acha que eu fiz? — retruquei.

Eu queria Will mais do que qualquer outra coisa que já quis na vida. Eu queria tudo. Só não queria que ele vivenciasse a vida estressante que eu levava. Eu tinha vergonha, e precisava proteger a minha avó. Então, também me sacrifiquei, caralho.

Mantive o olhar focado ao de Alex. Era nítido o sofrimento que havia em seus olhos verdes, como sempre pude ver refletido nos meus. Ela achava que foi fácil para mim, porque acreditar nisso era muito mais cômodo.

Ela sabia da verdade.

Com os lábios franzidos, vi que ela tentava engolir o nó na garganta, mas sem conseguir. Depois de um segundo, ela tomou o resto de sua bebida de um gole só e girou a poltrona, encarando Michael e Erika enquanto colocava o copo vazio na mesa.

— Lembra daquela festa na piscina, quando o Michael e os caras te levaram na marra assim que você se mudou para o Delcour?

Erika assentiu e pulou da banqueta, indo ao encontro de Alex para se sentar ao seu lado.

— Aydin estava lá naquela noite — continuou contando. — Ele estudou em Yale com um dos companheiros de time de Michael, e

fazia muito tempo que não nos víamos. — Ela fez uma pausa, e pude ver a lembrança brincando atrás de seus olhos. — Quanto mais eu bebia, mais o odiava e mais corajosa me tornava.

Por que ela o odiava tanto? Eu havia captado fragmentos da história em *Blackchurch*. Ele a queria, mas se negou a esse desejo por causa da pressão familiar. Ela sobreviveu sem ele.

Alex olhou para mim.

— Eu fui colega de quarto da namorada dele na faculdade, entendeu? — revelou. — Nós brincamos, uma noite, enquanto ele observava tudo pelo *Skype*. Foi assim que nos conhecemos.

Brincaram? Eu não conseguia imaginar isso. Não conseguia nem imaginar Aydin como um aluno de faculdade. Vivenciando a juventude como um verdadeiro ser humano.

No entanto, eu podia vê-la fazendo isso. Brincando com ele, provocando.

— Você deveria ter visto os olhos dele. — Alex fechou os dela por um momento enquanto todos ouviam. — Era como se ele estivesse sofrendo ou algo assim. Quase pude sentir sua respiração e o calor em seus braços. — Ela abriu os olhos, perdida em pensamentos. — E então, algumas noites depois, ele me quis para si, mas quando chegou a hora, ele arregou e a escolheu.

Permaneci quieta em meu lugar, e Will se sentou em um sofá à minha direita.

Indiferente, Alex deu de ombros.

— Mas... tudo bem. Ele não era meu, para início de conversa, então não tinha direito algum de achar ruim.

Ela suspirou audivelmente e continuou olhando para Erika.

— Na noite da festa na piscina, fiquei sabendo que eles não estavam mais juntos, e por mais que estivesse me sentindo poderosa por ele estar me devorando com os olhos, do outro lado da sala — ela disse —, eu não o deixaria vencer. Eu não era um bichinho de estimação esperando desesperada por um carinho.

— O que você fez? — perguntei.

Mas foi a voz de Will que ouvi em seguida:

— Você me deixou tirar sua blusa na piscina.

Um outro homem tirando sua blusa na frente dele...

— E ele estava olhando — aleguei.

Alex ergueu o queixo, orgulhosa, camuflando a dor de alguns momentos atrás.

— A vida continua — afirmou —, e a minha cama não estava fria. Eu queria que soubesse que eu não me importava com ele, e que não tinha vergonha de nada que tivesse feito. Ele não existia mais para mim.

E Aydin não podia ir atrás dela, mas também não queria mais

sua noiva. Ele foi enviado para *Blackchurch* por causa disso.

Ela olhou para Will.

— Todo mundo olhou para mim, para suas mãos me tocando.

— Daí todo mundo ficou pelado na piscina — Will continuou.

O olhar de Alex se desviou.

— E ele viu a forma como nós dois nos olhávamos, e soube que havia me perdido.

— E o que você ganhou com isso? — perguntei.

Se havia uma pessoa que sabia o que era se manter firme, para que ninguém levasse a melhor, esse alguém era eu, mas ela estava se escondendo atrás de Will para afastar a solidão e o desespero.

Porque quando ambos alimentaram os vícios um do outro, eles se sentiram aceitos e não tiveram que enfrentar o caminho mais difícil pela frente.

Essa estrada era inevitável.

— Nem todo mundo nasce sabendo que seu caminho vai do ponto A ao B, Alex — eu respondi. — Você e Will são iguais. Você se sente lá em cima, em seu pedestal, com essas merdas de ‘o amor vence tudo’, e se recusa a entender que existem escolhas impossíveis que os outros têm que fazer, mas isso não significa que não amamos.

Minha voz se tornou mais áspera, e olhei ao redor, voltando a concentrar minha atenção nela outra vez.

— Isso é um saco? Sim! — esbravejei, sentindo o olhar de Will. — Mas você entende isso? Eu sei que sim. Às vezes, a incerteza parece mais arriscada do que simplesmente ficar com aquilo que é tão familiar. Leva tempo para arranjar coragem. Você não entende isso?

Todos eles podiam fazer o que quisessem no colégio, e agora, anos depois, em Thunder Bay, porque Damon estava certo. O vilão da história era apenas uma questão de perspectiva. Foi fácil demais para eles me julgarem, porque nas raras ocasiões em que eles mesmos não estavam fazendo merda nenhuma, eles davam esses esplêndidos ataques de hipocrisia quando se tratava de alguém de fora do grupinho.

— Você é tão hipócrita — rosnei, olhando ao redor da sala. — Todos vocês.

Sem hesitar, chutei uma mesa e o vaso decorativo acima tombou. Alex ficou tensa, mas seu olhar era fulminante.

Will se manteve sentado como uma estátua de gelo.

— Vocês não são bons o suficiente para mim — eu disse a eles e me virei, prestes a sair da sala.

Mas então ouvi o rangido da poltrona e a voz de Alex às minhas costas:

— Eu quero a minha camisa de volta — ela deixou escapar. — Agora.

Eu me virei, vendo-a de pé em uma atitude desafiadora e com a mão estendida.

— E meus tênis — disse ela.

— Vá se foder, Alex Palmer! — gritei, mostrando os dedos médios.

Ela veio para cima de mim, mas as luzes se apagaram, de repente. O trem chacoalhou e as rodas guincharam nos trilhos. Todos gritaram e eu perdi o equilíbrio, me chocando contra a parede e caindo de bunda no chão.

Recuei, confusa. Mas que porra?

A luz da lua lançou um brilho suave no vagão, Will tentou se levantar da cadeira onde estava, e Alex caiu de quatro na minha frente. Um dos caras praguejou e uma mulher gritou.

Arfei, assustada, olhando ao redor do compartimento escuro, vendo Will se endireitando ao mesmo tempo em que Michael se levantava e pegava seu telefone.

— O que foi isso? — Kai disparou.

— Está todo mundo bem? — Erika perguntou.

O trem tinha parado, mas quando olhei para cima, captei o brilho do olhar assassino de Alex, na escuridão. Bem ali, com todos distraídos ao redor.

O corpo de Will a três metros de distância aqueceu minha pele. Meu coração disparou quando senti seu olhar focado em nós duas.

— O que há de errado? — Michael perguntou.

Ele devia estar ao telefone, mas não desviei o olhar de Alex.

— Tudo bem, entendi. — Ouvi Michael dizer ao longe. — Sim, estamos bem. Envie um atendente para verificar o resto dos vagões. Obrigado.

Os botões da camisa cinza de Alex estavam abertos, e quando meu olhar pousou no vale entre seus seios, cravei as unhas no carpete.

— Os freios engataram para interromper a viagem — alguém disse. — Estávamos indo rápido demais. Não vai demorar muito para que o pátio ferroviário acione o interruptor e nos coloque em movimento novamente.

Mas ninguém respondeu a ele. Algo me atraiu, e quando olhei para cima, vi Will recostado ao assento, com os braços pendendo no encosto do sofá. Seu olhar ardente estava fixo ao meu.

Alex agarrou meu pé e eu respirei fundo, desviando o olhar para ela.

Ela me encarou e, lentamente... deslizou a outra mão pelo meu tornozelo, segurando a minha perna e arrancando o tênis. Um calor súbito correu em minhas veias.

O olho da tempestade. O olho da tempestade.

Respirei fundo e suspirei, acalmando a respiração quando me

inclinei para trás e a deixei erguer minha outra perna para retirar o outro calçado.

A chuva açoitava as janelas, a floresta silenciosa do lado de fora sob a cobertura da noite. Michael acendeu uma vela, todos na sala apareceram ao fundo à medida que arrepios intensos percorriam meu corpo.

Todo mundo ficou em silêncio. Ali. Apenas nos observando.

Alex agarrou meu tornozelo.

— Não quero brigar... — murmurei.

Mas ela respondeu.

— E eu ainda quero a minha camisa.

Will não se moveu, mas o ouvi inspirando fundo.

As batidas martelaram meu peito, e senti seu olhar e um calor repentino se acumulando entre minhas pernas. Eu não conseguia pensar em nada.

Não havia medo. Nem dúvida. Apenas o momento. Não havia nada a perder que eu quisesse manter.

Lentamente, ergui meu corpo do chão e Alex fez o mesmo. Eu não ia me acovardar. Em seguida, desabotoei a camisa.

— Você acha que ele está morto? — Alex sussurrou, chegando mais perto.

— Não. — Deslizei os dedos abaixo, soltando um botão por vez. — Você sabe que ele não está.

Aydin havia destroçado sua vida por ela. Ele era cabeça-dura demais para morrer agora.

Abaixando a camisa pelos meus ombros, entreguei a peça a Alex, que imediatamente a largou no chão.

— Esse é o meu espartilho favorito — ela disse, sem interromper o contato visual.

Engoli em seco, sentindo um frio na barriga. Eu podia sentir seis pares de olhos focados na pele exposta dos meus seios e braços.

Com o olhar conectado ao dela, comecei a soltar os ganchos, pensando em seu corpo nu naquela festa; então me vi na mesma situação, diante de Will, sentindo o que ela sentiu quando Aydin a observava através da piscina.

Com os outros olhando... Fiz questão de me manter firme e não recuar. Se isso a fizesse se sentir mais forte na frente de seus amigos, eu aguentaria.

Vamos ver até onde ela queria me pressionar.

Ela baixou a cabeça, o cabelo roçando minha bochecha enquanto roçava com dedo a renda que cobria minha barriga.

— Você fica gostosa nele.

Soltei o último gancho, sussurrando:

— É uma lingerie confortável.

Hesitando apenas um segundo, talvez me perguntando se alguém iria me impedir à medida que o olhar ardente de Will cobria minha pele, abri o espartilho e me desnudei diante de todos, sem desviar o olhar enquanto entregava a peça.

Mas ela não aceitou.

— E minha calça? — ordenou a seguir.

O ar frio fez com meus mamilos endurecessem, e eu olhei para o lado. Michael Crist, Kai Mori, Erika Fane, Will Grayson, todos me encaravam e...

Nove anos atrás, eu não teria dado esse prazer a eles. Agora, eu estava pensando em mim.

Danem-se eles. Alex e eu merecíamos isso.

Desabotoei o jeans e ela deslizou acima do meu corpo, puxando a calça devagar. Respirei fundo, fechando os olhos enquanto ela me ajudava a me livrar das peças de roupa, e quando ela se levantou outra vez, eu a puxei contra mim – com nossas bocas pairando uma sobre a outra –, então deslizei meus dedos por dentro da boxer listrada que ela usava.

— Então você concorda, hein? — ela provocou.

— Sim. Acho que sim.

Empurrei a boxer pelas suas pernas e, em seguida, segurei a bainha da sua camiseta e comecei a levantar. Ela me encarou, mas antes que pudesse se preocupar comigo ou no que eu estava mergulhando de cabeça, eu a retirei e puxei seu corpo contra o meu.

— Sim... — sussurrei contra sua boca, acariciando seu rosto, pescoço.

Agarrei um punhado de seu cabelo, beijando a ponta de seu nariz, a testa; deslizando os lábios por suas bochechas. Saboreei sua pele macia, sentindo-me tomada por uma necessidade desconhecida que não conseguia conter.

Enfiei os dedos dentro dela, e rangi os dentes, ambas ofegando enquanto ela gemia:

— Emmy...

Mas eu não queria parar. Devorei sua boca, beijando-a com vontade. Meus mamilos pressionaram os dela, e qualquer protesto que ela poderia ter, morreu em sua língua quando nossos gostos se misturaram; uma onda de choque me percorreu de cima a baixo quando senti seu toque aveludado.

Eu queria abrir os olhos, só para ver a expressão no olhar de Will e descobrir se ele estava embarcando nessa viagem comigo, mas já bastava saber que ele estava me observando.

Mordisquei seu lábio inferior e lambi o superior, incapaz de interromper o beijo que trocávamos. Agarrando suas mãos, eu a puxei contra mim, tirando minha calcinha enquanto arrancava a dela. Agora

nuas, e com nossos corpos se tocando em todo lugar, eu não conseguia pensar.

Arfando, inclinei a cabeça para trás e fechei os olhos, sentindo sua boca deslizar pelo meu pescoço e descer pelo meu peito. Desesperada, segurei sua cabeça contra mim.

Ai, minha nossa... eu quero isso. Eu queria tudo. Eu queria que Will me visse da mesma forma como o vi naquela sala de luta livre, para que ele soubesse o que senti. Eu não estava com medo de cair em queda livre com ele, porque ele me fazia sentir segura, não importava o quão alto escalássemos.

Eu queria que ele me visse nos braços dela, e queria que eles assistissem.

— Tem certeza? — ela perguntou.

Inclinei a cabeça para frente outra vez, acariciando seu rosto enquanto seu hálito quente aquecia meus lábios.

Abri a boca, mas antes que pudesse dizer a ela para continuar, ouvi outra pessoa sussurrar:

— Não pare.

Com a boca seca e o corpo latejando de necessidade, olhei por cima do ombro de Alex e deparei com a esposa de Kai sentada no chão entre suas pernas, mal respirando enquanto olhava para nós. Ele se inclinou para frente, a mão firme em seu pescoço delicado e fazendo carícias suaves no rosto da esposa com o polegar. Sem desviarem o olhar em momento algum.

Michael segurava Erika no colo, recostada contra ele, a mão por dentro da camiseta e com os olhos fixos em nós também.

E era isso... Qualquer fagulha de hesitação ou dúvida foi completamente drenada de mim. Eu também queria *me* ver.

— Emmy... — Alex começou a dizer.

No entanto, agarrei sua nuca, nariz com nariz, encarando sua boca quando acariciei sua boceta com a mão.

Ela gemeu, excitada.

— Emmy, nós temos q...

— Não fale — rosnei, baixinho, contra os seus lábios. — Eu quero você.

Ela estremeceu sob meu toque, lágrimas inundando seus olhos, então fiz com que ela se deitasse na *chaise-longue*. Ela se recostou, o cabelo castanho se espalhando por cima do estofamento quando desci sobre seu corpo, roçando os dedos em sua boceta e sentindo sua maciez.

Ela se contorceu, agarrando minha mão, mas não me afastou, e ouvi quando o clima na sala mudou. Respirações agudas e gemidos vindos de algum lugar.

Eu me abstive de olhar para Will, não querendo perder a

coragem, enquanto Alex e eu nos acariciávamos. Suas mãos deslizaram pelo meu corpo, meus dedos tocavam seu rosto; nossos corpos colados e as bocas unidas em um beijo avassalador. Nossos seios se esfregavam e seus mamilos pontiagudos me enviaram um arrepio pela coluna.

— Eu vou lamber você — murmurei, penetrando-a com meus dedos e provocando seu clitóris.

Ela estremeceu.

— Não.

— Sim. — Segurei sua nuca e rebolei os quadris contra os dela, quase não conseguindo mais suportar o calor e o suor que aquecia nossos corpos. — Abra as pernas, Alex.

Eu a beijei, transando com ela, nossos gemidos se misturando com os outros arquejos na sala, e sua respiração e língua aqueceram minha boca, a ponto de eu quase implorar por isso. Eu queria tanto chupá-la.

Ela permaneceu imóvel por alguns segundos, e então... Suas coxas se separaram e eu sorri, arqueando as costas quando ela se levantou e puxou meu mamilo com os dentes.

— Will? — ofeguei, mantendo os olhos fechados enquanto ela me chupava. — Eu quero estar em um de seus vídeos.

Se eu me colocasse na mesma situação que eles, não haveria volta.

Alex gemeu.

— Você tem certeza? — ela zombou. — Você quer um vídeo seu me fodendo?

Caramba, sim. Inclinei a cabeça para baixo, capturando seus lábios, o gosto dela fervendo em meu sangue.

Mas então Will disse:

— O trem tem circuito-interno, baby — disse ele, com a voz áspera. — Canto superior direito, atrás de você.

Olhei por cima do ombro, vendo a pequena câmera de segurança preta perto do teto, o brilho da vela refletindo na lente escura. Tudo agora estava gravado.

Alex trilhou um caminho no meu pescoço com a língua.

— Me lambe agora...

Sim, senhora.

Sorrindo, mergulhei para mais um beijo intenso e gostoso, antes de empurrá-la de volta na *chaise* e descer pelo seu corpo escultural. Beijei seu seio, saboreando a pele com minha língua e chupando a carne macia. Dei atenção ao outro, massageando seus quadris enquanto mordiscava e chupava o mamilo.

Deslizando mais para baixo, ela ajustou o corpo e se recostou no sofá, e eu me ajeitei e aninhei entre suas pernas abertas. Hesitando

apenas um segundo, para dar uma olhada, avistei a esposa de Kai em seu colo agora, nos encarando, em uma posição de *cowgirl* reversa; a mão dele se encontrava dentro da calcinha da esposa, a única peça que ainda restava em seu corpo. Michael e Erika também estavam entretidos um com o outro, mas mantendo o olhar focado em nós. Ela se encontrava sentada numa banqueta, com ele entre suas pernas.

Will não se moveu, os braços ainda sobre o encosto do sofá e o rosto oculto nas sombras.

Foda-se. Foda-se tudo.

Deslizei a língua pela fenda sedosa, sentindo a pele macia e flexível de sua boceta, e por mais que quisesse me refestelar ali, também queria que isso durasse para sempre. Eu queria prová-la.

Chubei seu clitóris, sentindo a pequena protuberância endurecer e latejar com o calor. Mordisquei os lábios, enfiando os braços por baixo de suas coxas para mantê-la cativa enquanto a lambia de novo e de novo, fazendo as mesmas coisas que eu gostava que Will fizesse comigo.

Com vontade, eu a chubei em minha boca e dei um beijo francês em sua boceta quente, meu próprio clitóris vibrando como um maldito sino.

Caralho, eu estava encharcada.

Mergulhei mais fundo ainda, afundando os dentes em sua coxa, beijando e mordendo cada maldito lugar que eu conseguia alcançar.

— Emmy! — gritou ela, passando os dedos pelo meu cabelo e se esfregando contra a minha boca.

Olhei para ela, os seios empinados e balançando enquanto ela fodia meu rosto, e segurei firme, sentindo seu corpo estremecer quando seu orgasmo atingiu o auge. O suor cobria sua testa e o vale entre seus seios, e minha cabeça girava, leve e quente.

Tudo estava quente. Ouvi um tecido sendo rasgado em algum lugar, seguido de um grito e um ofego, e sorri, mergulhando e chupando-a novamente com tanta força que ela agarrou meu cabelo e inclinou a cabeça para trás, dando um gemido longo e gostoso.

— Aaaah! — ela arquejava, gozando contra a minha língua. E eu adorei cada maldito segundo daquilo.

Eu tinha um coração. *Posso mergulhar e sentir.* Eu sabia disso agora.

Eu estava livre.

E agora era a minha vez. Subindo pelo seu corpo, lambi sua essência de meus lábios e levantei sua perna, encaixando a minha direita por baixo enquanto apoiava o pé esquerdo ao lado de seu quadril. Segurando sua perna com uma mão, comecei a me esfregar contra sua boceta, em um ritmo intenso e voraz, tentando aliviar a porra da necessidade em meu corpo.

— Ah, porra — ouvi Kai rosnar.

Eu me inclinei para trás, rebolando os quadris e virando só um pouquinho de lado para senti-la por inteiro, me deliciando com a visão de seus seios balançando.

Olhei para Kai e sua esposa, seus olhos fechados, suas costas contra seu peito e os dedos profundamente inseridos dentro dela enquanto ela enlaçava seu pescoço com um braço estendido para trás. Ele mordeu o lóbulo de sua orelha e ela virou a cabeça, devorando a boca do marido.

Erika estava nua, de frente para mim agora e com os dedos cravados no banquinho à medida que Michael chupava seu pescoço e a fodia por trás.

Inclinei a cabeça para trás, mantendo a posição de tesoura e sentindo minha boceta cada vez mais molhada enquanto eu me esfregava uma e outra vez, cada vez mais forte, contra Alex.

Recuperando-se de seu orgasmo, ela agarrou minha coxa e começou a me cavalgar de volta, sincronizada ao meu ritmo, e quando olhei por cima do ombro, percebi que Will ainda nos observava. O som de sua respiração resfolegante era o único sinal de que ele estava vivo.

— Ele te observa do mesmo jeito que Aydin fazia comigo — Alex disse, baixinho.

Massageei seu seio, com um toque faminto e possessivo.

— Isso não é para ele — sussurrei.

Isso era sobre nós. Era para ela saber que eu a enxergava, e que também sabia que havia muito mais para mim do que imaginei. Que eu poderia ir até o limite.

Eu era mais do que sempre achei que fosse.

— Ah, Emmy... — ela gemeu e nosso ritmo acelerou. — Sua boceta é tão gostosa. Puta que pariu...

— Sim... — choraminguei.

Meus seios balançaram e meu cabelo fez cócegas na parte inferior das minhas costas enquanto eu fodia sua boceta, e deixei os gemidos escaparem enquanto sentia meu orgasmo se aproximando cada vez mais.

— Ai, caralho... — Michael rosnou.

Todos ali nos observavam, os olhos de Michael e Erika se concentraram, e Kai e sua esposa arquejaram, perfurando-nos com olhares desesperados enquanto ele a fodia com os dedos.

— Vou gozar de novo — disse Alex.

Eu balancei a cabeça.

— Não goze ainda.

— Ah, caramba... — Ela fechou os olhos com força. — Mais duro...

Rebolei os quadris com força, seu clitóris esfregando contra o meu e fazendo o sangue correr em minhas pernas enquanto eu gemia e gritava, incapaz de conter o prazer.

— Puta merda... — gritei.

— Emmy!

— Não goze! — exigi, fazendo círculos contra ela e sentindo seu calor se misturar ao meu. — Eu quero mais. Eu não terminei com você. Eu não acabei ainda.

Eu queria gozar a noite toda.

Mas já estávamos lá. O corpo de Alex retesou, todos os músculos se contraíram e uma gota de suor escorreu pelas minhas costas quando meu orgasmo explodiu. A sensação era como se um raio houvesse se apossado do meu corpo.

Gritei tão alto que não me importei se o trem inteiro ouvisse. Espasmos percorreram meu corpo e eu desacelerei o ritmo; mechas de cabelo grudavam no meu rosto, a pele úmida e pegajosa à medida que uma onda de contentamento me varria de cima a baixo.

Minha nossa, isso foi sexy pra caralho.

— Merda... — murmurei.

— Não consegui segurar por muito tempo. — Ouvi Michael dizer. — Sinto muito, amor.

Erika deu uma risadinha, ainda ofegante.

— Tudo bem. Eu gozei também. — E então ouvi ruídos de beijos molhados. — Eu te amo.

— Eu também te amo — disse ele.

Abrindo os olhos, encarei Alex e vi que ela tentava recuperar o fôlego, então me inclinei e recostei a testa em seu peito. Ela passou as mãos pelas minhas costas, me segurando apertado.

Pouco depois, a esposa de Kai chegou ao clímax, gemendo sob a penumbra do vagão, e eu quase sorri, mas não tinha forças.

Nunca teria imaginado que faria algo assim, mas não fiquei com vergonha. Nem um pouco. Eles pularam junto quando decidimos saltar do precipício.

Eu estava prestes a me levantar e enfrentar Will, quando algo escorregou ao redor do meu pescoço. Fui forçada a me levantar, sentindo a coceira na pele por conta do contato com uma corda.

Will me puxou contra seu corpo e eu inclinei a cabeça para trás, vendo-se abaixar a cabeça e roçar o lóbulo da minha orelha com os dentes.

— Não fique muito à vontade — ele sussurrou com a voz rouca. — Você ainda não saiu da prisão.

Ele agarrou meu seio, apertando-o como se fosse sua propriedade, e calafrios se espalharam pelo meu corpo quando o trem começou a se mover novamente.

Seu hálito quente soprou em meu ouvido:

— Está na hora de você ver as catacumbas.

Um arrepio percorreu minha coluna e meus mamilos enrijeceram quando me virei e olhei para ele.

— Eu não quero mais crescer — eu disse a ele. — Leve-me de volta a Thunder Bay.

De volta à Terra do Nunca.

Eu estava mais do que pronta.

Capítulo 35

Will

Dias atuais...

— Você vai lutar contra isso? — perguntei quando David a tirou do trem.

Ela sorriu, a corda que eu havia enrolado ao redor de seu pescoço, ontem à noite, agora amarrada também em seus pulsos.

— Eu nunca vou parar — debochou. — Eu juro.

Um sorriso ameaçou escapar, e eu gesticulei com o queixo para que David a levasse embora dali, antes que ela visse quanto poder ainda exercia sobre mim.

A noite passada foi uma loucura. O que ela estava fazendo comigo?

Ela foi incrível. Vê-la daquele jeito, viva, da mesma forma que agiu na estufa, e ciente de que as mentiras que contei a mim mesmo, só para me sentir melhor por tê-la perdido tantos anos atrás, eram completamente falsas.

Ela se encaixava conosco.

Ela foi *feita* para nós.

O que as pessoas não eram capazes de fazer, caso se sentissem seguras o suficiente para mergulhar de cabeça? Pois ela fez. Ela não precisava, mas a melhor parte de tudo é que não acho que ela estava pensando nisso. Ela apenas se deixou levar.

Eu queria tanto abraçá-la, mas precisei me conter com medo de machucá-la, tamanho era o meu desejo por ela. Meu pau estava duro pra caralho na noite passada, só por observá-las.

E Alex... A maneira como Emmy assumiu o controle foi ainda mais surpreendente, porque eu sabia que Alex não estava acostumada a isso. Foi lindo vê-la dominada, seduzida e cuidada, de forma que ela pôde se divertir ao invés de se sentir pressionada a dar prazer aos outros quando fosse a sua vez.

Felizmente, Emmy parecia não ter acordado ainda, embora o anoitecer já tivesse passado horas atrás. O feitiço não havia se quebrado, e ela ainda era... celestial.

Chegamos a Thunder Bay por volta das oito da manhã. Lev e David foram instruídos a levar Emory para St. Killian, e eles caminharam pela plataforma, sendo seguidos por Misha e as meninas. Os caras ficaram comigo no vagão que esvaziava aos poucos.

Avistei um emissário do lado de fora e estava prestes a avisar aos caras que os veria dali a pouco, quando, de repente, recebi um murro no estômago. Dobrei o corpo, mal conseguindo respirar,

avistando apenas o borrão do movimento de Damon dando um murro no rosto de Kai e, em seguida, um soco no estômago de Michael.

— Argh! — Michael rosnou, ecoando minha própria reação.

— Cara, que porra é essa? — resmungou Kai, esfregando o queixo.

Levantei a cabeça e olhei para Damon, meu abdômen dolorido como se um nó houvesse se formado ali. Ele respirou fundo e apenas ajeitou as lapelas de seu terno.

— Espero nunca mais deparar com as minhas irmãs festejando em um bacanal estranho do caralho — afirmou ele. — Entenderam?

Ele não esperou por uma resposta. Com os lábios franzidos, saiu do trem enquanto nós três tentávamos recuperar a compostura.

Droga. Ele viu aquilo ontem à noite? Porra.

— Sempre esqueço que aquelas duas são irmãs dele — disse Michael, esfregando o estômago.

Kai começou a rir, balançando a cabeça.

— Merda...

Começamos a rir, e a cena de Damon entrando no vagão, e, recuando na mesma hora, se repetiu uma e outra vez na minha mente. Como não o tínhamos visto?

Coitado do D.

Estendi a mão para Kai.

— Me dê as suas chaves — disse eu. — Vá com o Michael, porque tenho algumas coisas a fazer.

Ele assentiu e largou as chaves na palma da minha mão, então agarrou minha nuca e me puxou para perto.

— Bem-vindo de volta ao lar. — E saiu do trem.

Era bom estar em casa. *Eu acho.*

— Leve Emory com você — instruí Michael. — Tranque ela lá embaixo. Eu chego lá daqui a pouco.

— Tudo bem.

Micah, Rory e eu saímos do trem e peguei o envelope do emissário quando passei por ele, não parando para nada enquanto rasgava o papel e retirava um celular dali de dentro. Liguei o aparelho e meu dedo pairou sobre os números do teclado, mas...

Eu não estava pronto. Não queria ter que enfrentar o mundo ainda e não tinha certeza do que diria aos meus pais se ligasse para eles.

Ou para o meu avô, irmãos ou outros amigos...

Calma...

Acionei o chaveiro e vi as luzes traseiras de um Porsche Panamera preto acenderem. Meu corpo formigou de prazer só em pensar em dirigir aquela máquina. Meu Deus, fazia tanto tempo. Os assentos de couro rangeram assim que me sentei, e eu inspirei o cheiro

de carro novo, a euforia instantânea acalmando meu cérebro.

Porra, isso era bom.

Dei partida e o rádio imediatamente começou a tocar uma música do *Thousand Foot Krutch*, em seguida, pisei fundo no acelerador. Nós saímos do estacionamento, a velocidade e a música assumindo enquanto Rory recostava a cabeça e fechava os olhos, respirando com tranquilidade pela primeira vez desde que o conheci. Micah estava sentado no banco do passageiro ao meu lado, com a cabeça inclinada para fora da janela aberta, sorrindo e suspirando ao mesmo tempo que o vento soprava em seu rosto.

Sentimos falta dos pequenos e simples prazeres da vida, como a velocidade, o vento e a liberdade. Eu só precisava de um cheeseburger decente agora, daí me sentiria realmente em casa.

Acelerando pela cidade, passamos pelo *Cove*, por *Cold Point* e pelos outros bairros. Uma placa verde de ‘Vende-se’ estava fincada no gramado em frente a antiga casa de Emmy. O quintal estava uma zona, e eu sabia que Martin Scott passava mais tempo em Meridian do que ali, à medida que ele subia de patente no serviço público, mas não parei ali para analisar melhor a situação. Será que Emmy sabia que a casa estava à venda? Há quanto tempo havia sido anunciada? Era uma casa ótima em um bairro pequeno e pitoresco. Com certeza, haveria interessados, isso se já não tivesse aparecido alguém.

Virando à direita, passamos pelo vilarejo e pela catedral, então peguei a esquerda – passando em frente à minha antiga escola – e fomos em direção à casa dos meus pais, no alto da colina.

Eu bem que gostaria de adiar esse reencontro um pouco mais, ainda mais porque minha mãe não me deixaria sair dali facilmente, fazendo questão de reclamar que havia ficado preocupada; meu pai, em contrapartida, me interrogaria a respeito de cada detalhe até estivesse satisfeito com as explicações. No entanto, se os dois descobrissem que eu havia chegado à cidade, e que não fui até lá na mesma hora, a coisa poderia ficar feia.

Eu não tinha certeza do porquê trouxe Micah e Rory comigo. Talvez eu quisesse que eles vissem como era a minha vida aqui. Ou talvez tivesse ficado pau da vida por eles terem tomado o lado dela ontem, e só quisesse um pouco de tempo com os dois. Eu me esforcei por um tempo árduo e longo demais para forjar uma aliança com eles, para acabar perdendo ambos para minha pequena usurpadora. Embora, eu tenha que admitir que apreciei a lealdade deles a ela. Isso poderia ser útil.

Desci do carro e subi correndo os degraus da entrada de casa. Tudo parecia exatamente como era, desde antes de eu viajar mais de um ano atrás. Embora não soubesse onde estavam minhas chaves ou roupas, neste momento, eu tinha quase certeza de que devia haver um

estoque das minhas coisas no Delcour.

Girei a maçaneta e abri a porta, sorrindo na mesma hora quando senti o cheiro das flores frescas que minha mãe fazia questão de manter por ali. O *hall* de entrada era grande, como em *Blackchurch*, mas o ambiente era claro e arejado, já que minha mãe era uma decoradora bem mais talentosa. O sorriso ainda se espalhava pelo meu rosto quando os caras me seguiram e olharam tudo ao redor.

— Olá? — Ouvi a voz de Meredith. — Quem está aí?

A governanta-chefe apareceu em um canto da casa, secando as mãos em um pano de prato. Seu cabelo se encontrava preso em um rabo de cavalo tão apertado, que as sobrancelhas quase tocavam a raiz.

Ela sorriu ao me ver.

— Will!

— Ei. — Abaixei o corpo e dei um beijo em sua bochecha. — Tem alguém aí da família em casa?

Eu não queria dar a ela a chance de fazer perguntas.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Seus pais estão na Califórnia, a negócios, e não há mais ninguém aqui. Devo ligar para o Sr. e a Sra. Grayson?

— Não — disse eu, de pronto.

Isso era perfeito, para dizer a verdade. Eu sentia falta deles, mas tinha assuntos mais urgentes agora que seriam resolvidos com mais agilidade se eles ficassem fora do caminho.

— Quero fazer uma surpresa — acrescentei.

Ela olhou para Micah e Rory, e era nítido que queria perguntar mais coisas, mas também sabia que não era um bom momento para um bate-papo.

— Bem, é muito bom ver você.

— Sim, é bom te ver também.

— Vocês querem comer alguma coisa?

— Não — menti, lembrando-me de suas deliciosas caçarolas para o café da manhã. — Mas estarei de volta nos próximos dias. Quando chegarem em casa, diga aos meus pais que estou na cidade e que não pretendo ir a lugar nenhum.

Ela sorriu.

— Que bom. Sua mãe precisa de seu parceiro de *spinning* de volta.

Gemi, baixinho, e num piscar de olhos ela sumiu dali.

— Parceiro de *spinning*? — repetiu Rory.

— Cale a boca.

Micah deu uma risada de escárnio, e revirei os olhos.

Olhei em volta, pensando que minha intenção era pegar algumas coisas no meu quarto, mas agora já não estava com vontade.

— Você precisa de roupas ou algo assim? — Micah perguntou.

Não respondi à pergunta. Em vez disso, fui até a mesinha recostada à parede e abri a gaveta, tirando as chaves do carro e jogando-as para Micah.

— Pegue o Audi e me siga.

Sáimos de casa e eles entraram no carro do meu pai enquanto eu dirigia o de Kai, e em seguida nos encaminhamos até o vilarejo. Encostamos no meio-fio, bem em frente ao cinema. Eu tinha algumas coisas para dar a eles, assim como precisava cuidar de uns assuntos, mas assim que peguei o envelope e saí do Porsche, olhei para cima e vi algo novo à distância.

O qu...?

As folhas farfalharam nas árvores e o cheiro de pizza que flutuou no ar, vindo do *Sticks*, se infiltrou em minhas narinas, mas nem me dignei a olhar quando alguém gritou:

— Ai, meu Deus! Will! Você voltou!

Meu olhar estava focado no alto da colina, bem no centro do parque do vilarejo.

De onde diabos aquilo apareceu?

Corremos pela rua, os caras em meu encalço, e meu coração disparou no peito ao observar o enorme e lindo gazebo de ferro forjado que fora construído no lugar daquele que incendiei anos atrás. Como se ele sempre tivesse estado lá, ao invés do de Emmy.

Logo após o incêndio, a cidade recolheu os escombros, e anos depois que saí da cadeia, sempre evitei o vazio que pairava à esquerda quando ia ao *Sticks*, ao cinema, ou à Taverna *White Crow*...

Fiquei fora daqui por menos de um ano e meio, desta vez, e mesmo assim alguém reconstruiu um gazebo no lugar do antigo?

Alguém tirou minha chance de corrigir meus erros.

Não que estivesse com pressa de fazer isso sozinho, e nem mesmo sabia se era o que queria fazer, ainda mais do jeito que sempre me irritava com ela, mas... Não gostei de ver minha chance arruinada dessa forma.

— Este era o tal gazebo? — perguntou Micah. — Achei que ela tinha dito que foi destruído num incêndio.

Eu me esqueci por completo que ela havia mencionado isso naquela noite, à mesa de jantar. Não me explicaria para eles, ainda mais porque não fazia ideia de quem havia construído aquilo ali, mas pensei na mesma hora: por que Michael ou Kai não impediram a construção? Eles deviam saber que eu tinha meus próprios planos para substituir aquela merda algum dia. Ou, no mínimo, eles deviam ter pensado que eu, *eventualmente*, estava planejando isso.

Levantei a cabeça e analisei a estrutura circular preta com quatro conjuntos de escadas posicionadas a norte, sul, leste e oeste, e

que levavam ao patamar; o telhado aberto e as colunas que se juntavam ao topo não impediam a entrada de folhas ao vento e da chuva em uma tempestade. Hera se enrolava às grades de ferro, dando a impressão de que o gazebo se erguia da terra.

Era um *design* muito bonito, na verdade. Eu não teria feito melhor, se é que isso servia de consolo.

Bem, merda...

Suspirando, balancei a cabeça e me virei, encarando os caras enquanto abria o envelope.

— O carro é de vocês, por enquanto — informei.

Meus pais não se negariam a me emprestar o veículo pelo tempo que eu precisasse. Eles só não precisavam saber que não seria eu que o usaria. Entreguei a Rory outra chave e apontei para o prédio do cinema da nossa família às suas costas.

— Tem um apartamento lá em cima. Totalmente mobiliado, geladeira abastecida e é todo seu.

Olhando entre um e outro, entreguei a eles um celular e uma carteira. Com testa franzida em confusão, Rory abriu a carteira e examinou a licença de motorista, os cartões de crédito e o dinheiro, tudo entregue às pressas esta manhã na estação de trem.

Ele levantou a cabeça e retirou o cartão preto com seu nome impresso.

— Você não precisava fazer isso.

— Não fui eu que fiz.

Micah arqueou as sobrancelhas escuras e olhou para Rory, antes de se voltar para mim:

— Foram nossos pais?

Não o respondi. Eu fiz inúmeros telefonemas noite passada, mas não foi um milagre arranjar tudo isso em um curto espaço de tempo como, provavelmente, eles deviam estar pensando. Eu estava planejando tudo isso há muito tempo, e eu e meu pequeno *laptop*, escondido no meu quarto no sótão, tínhamos colocado as rodas para girar há muito tempo.

Eles agora tinham um carro, um lugar para ficar, dinheiro e não precisavam voltar para as famílias que os haviam despachado para *Blackchurch*. Aquele era o início de uma nova vida e era o mínimo que eles mereciam.

— Façam o que quiser — eu disse a eles. — Podem ficar, ir embora, jogar o dinheiro e os cartões no vaso sanitário... Vocês decidem.

Eu os queria aqui, mas eles tinham que querer também.

— Só me deem o fim de semana — pedi. — Daí vocês podem ver se querem construir uma vida aqui.

Eles se entreolharam, cientes de que poderiam ir a qualquer

lugar, pelo menos por um tempo. Suas famílias só concordaram em deixá-los em paz, porque meus amigos e eu – Graymor Cristane – fizemos um acordo. No entanto, eu não os obrigaria a fazer nada que não quisessem.

— Se vocês ficarem — salientei —, se quiserem fazer parte do que somos, seus pais financiarão as cotas de vocês em nosso *Resort*. Senão, não se preocupem.

Eles poderiam se virar por conta própria. Ou podiam se juntar a nós.

— Thunder Bay é um lugar onde vocês não precisam se esconder — eu disse a eles.

Éramos uma família. Haviam puxado nosso tapete muito tempo atrás, mas não seríamos nós que sairíamos dali, e, sim, todos os outros.

Eu só precisava ouvir um ‘sim’ deles.

— Vou deixar vocês pensando sobre isso. Vamos para a casa de Michael — eu disse, liderando o caminho de volta para os carros. — Nós precisamos de comida.

— Não vou nem discutir sobre isso — Micah disse. — Estou faminto.

Então sorri para mim mesmo. Se eles estavam dispostos a ficar durante o café da manhã, provavelmente, a resposta deles não seria negativa.



Acabei não ficando na casa. Eu os deixei em St. Killian, onde o cozinheiro tinha servido o café da manhã, até que vi a mesa movimentada com todos os pais, seguranças e... Meu coração despencou ao ver as cabecinhas cobertas com cabelo escuro correndo ao redor da mesa.

Crianças.

Meu peito se partiu, e eu não sabia distinguir quem era Madden e quem era Ivarsen, mas não pude ficar ali. Eu só... não consegui. Corri de volta para o carro, fugindo, deixando meus meninos e Emmy para trás, e passei o resto do dia cuidando de zilhões de outras coisas que eu tinha que fazer, só para que não tivesse que pensar em tudo o que havia perdido enquanto estive fora.

Eu sabia disso, certo? Tanto Banks quanto Winter estavam grávidas quando fui para *Blackchurch*. Eu sabia o que estava acontecendo em casa. Mas foi tão difícil ver seus filhos pela primeira vez. Porque eu sabia que deveria ter estado lá.

E eu não estive lá.

Depois de queimar mil calorias em Hunter-Bailey, onde ainda era sócio – obrigado, Michael –, peguei algumas roupas e pertences de Delcour, fui ao banco e verifiquei minhas contas, desbloqueando tudo; em seguida, fiz mais alguns telefonemas e cuidei de outras tarefas menos importante. Além disso, tive uma reunião rápida no *White Crow*.

A cidade continuava tão bonita como sempre. O Campanário ainda estava em ruínas, a enseada ainda se encontrava tranquila à distância, e o túmulo de Edward McClanahan estava decorado com bugigangas da última peregrinação feita pelo atual time de basquete da Escola Preparatória de Thunder Bay. Dirigi por um longo tempo, passei pela velha casa de Emmy diversas vezes, além da velha escola, e evitei por completo a ponte onde quase me afoguei há dois anos.

Somente depois de transitar pela quinta vez pelos bairros ao redor da vila – o sol se pondo sob o crepúsculo –, foi que percebi que era *EverNight*.

Man or a Monster tocava no rádio enquanto velas tremulavam às janelas dos quartos de adolescentes e crianças, nos pisos superiores, cintilando com suas oferendas a Reverie Cross.

Quando a noite chegou e o frio penetrou meus ossos, tudo o que eu mais queria era um lugar quente e aquele cheiro que havia sido impregnado em mim ontem à noite.

Será que seu irmão sabia que estávamos na cidade? Não seria difícil para ele saber onde encontrá-la.

Virei o carro na direção de St. Killian, subindo pela encosta, e dava para sentir a brisa do mar sacudindo o carro à medida que eu passava pela casa de Damon, seguida da de Banks, dos pais de Michael, assim como pela propriedade da mãe de Rika. Acelerei pela estrada asfaltada e passei pelos pilares iluminados por candeeiros, seguindo pelo caminho para a antiga catedral.

As velas cintilavam em todas as janelas, cujos vultos podiam ser avistados através das cortinas no andar superior. Uma palhoça com uma pira acesa ornamentava o centro da entrada de veículos. O cascalho estalou sob os pneus assim que estacionei o carro.

O trajeto era lindo. Este lugar era lindo. Eles fizeram um bom trabalho.

Música e risos me saudaram assim que abri a porta e olhei para o interior da sala de jantar; a planta baixa e arejada estava muito bem-preserveda, exceto pelas poucas paredes que haviam sido acrescentadas em pontos específicos para dar privacidade a alguns cômodos.

Winter se encontrava sentada no colo de Damon, rindo junto com Alex de alguma coisa que Rika dizia – provavelmente, algo relacionado ao casamento, já que a mesa estava repleta de anotações,

revistas, flores, lanches e... smokings. Banks e Kai devem ter ido para casa, e Micah enviou uma mensagem mais cedo avisando que eles iam passar a noite no apartamento.

Eu não fazia ideia de onde Misha e Ryen podiam estar, mas era capaz que tivessem ido para a casa dele, ou a dela, em *Falcon's Well* – não muito longe daqui. Michael saiu da cozinha com um prato de sanduíches, devorando um enquanto se dirigia até eles.

No entanto, retrocedi alguns passos, antes que qualquer um deles pudesse me ver. Ouvi um pequeno murmúrio atrás de mim, e um frio na barriga me dominou quando me virei e atravessei o vestíbulo rumo ao salão de festas. Os lustres estavam acesos à meia-luz, sofás e cadeiras se espalhavam pela sala, e num canto, um cercadinho me chamou atenção. Uma cabecinha com o cabelo escuro e espetado estava de pé.

Eu me aproximei, admirando o menino de olhos azuis e cílios longos como os da mãe, com sobrancelhas escuras iguais às do pai, e senti meu queixo tremer com as lágrimas embargadas, porque ele era fofo demais.

Sem hesitar, eu me abaixei e o peguei no colo, o corpinho miúdo mais leve que o ar. Seu cheiro maravilhoso de bebê me deixou zozno, e meus olhos marejavam de emoção.

As risadas corriam soltas na sala de jantar, enquanto meu corpo tremia com os soluços silenciosos e as lágrimas que agora desciam livremente pelo meu rosto à medida que eu contemplava aquele rostinho lindo. Damon tinha feito tudo isso sem mim. Ele estava indo tão bem – sem mim.

Eu deveria ter estado aqui quando seu filho nasceu. Eu ainda precisava conhecer Madden.

— Vou te levar para colher doces ou travessuras ano que vem, tá bom? — sussurrei para ele. — Vou levar você todos os anos a partir de agora. Vou comprar minha própria casa e estarei em cada um dos jogos de Michael e em cada um dos espetáculos de dança da sua mãe. Ah, também vou te dar os maiores presentes de aniversário. — Apoiei a bochecha em sua testa por um longo tempo. — E quando seus pais te deixarem comigo, para sair em um encontro sozinhos, vou deixar você acordado além do seu horário de dormir.

Ivar, Mads e o bebê que Winter estava carregando agora nunca saberiam que eu já estive ausente.

Eu o coloquei de volta no cercadinho e pressionei os lábios em sua cabeça. Em seguida, ajeitei a cobra de pelúcia entre seus bracinhos, rindo baixinho ao me lembrar do Godzilla que comprei para Em. Será que ela ainda o tinha?

Fui para os fundos da casa, desci as escadas para as catacumbas, reparando que Rika havia convencido Michael a não

substituir os degraus de pedras irregulares com tábuas de madeira. Quanto tempo se passou desde que estive aqui? Na noite em que Damon, Winter e eu escapamos da morte naquela ponte?

As chamas artificiais que provinham das arandelas cintilavam pelo piso de madeira, por todo o trajeto que conduzia a dúzias de quartos aqui embaixo. Eu não tinha certeza em qual deles eles a haviam acomodado, mas girei a maçaneta da primeira porta que apareceu. Assim que a porta escancarou, entrei no quarto imerso em penumbra, e avistei a silhueta sob o lençol.

— Will? — murmurou, virando-se.

Ela esfregou os olhos sonolentos, e eu reparei no sutiã preto de renda sob o macacão jeans que usava, sentindo o pulso acelerar e meu pau estremecer na mesma hora.

Porra. Eu adorava quando ela vestia um macacão.

Admirei a pele bronzeada e o cabelo castanho se espalhando pelos braços; os seios cheios e os lábios rosados. A corda antes enrolada ao redor de seus pulsos, agora circulava seu pescoço – do mesmo jeito que eu havia colocado pela manhã –, e a folga do nó se acomodava entre os seios e se ocultava por dentro do macacão.

Não consegui conter o sorriso.

Sentando-se, ela se aproximou de mim e eu me postei à sua frente, encarando minha “Encrenquinha” que não havia mudado em nada desde que me irritou e me deixou com tesão por todo o ensino médio.

— Micah e Rory estão hospedados em um apartamento na cidade. — Acaricieei seu rosto com os nódulos dos dedos. — Você quer ficar lá com eles?

Ela balançou a cabeça.

Dei atenção à outra bochecha, acariciando o que me pertencia e, em seguida, segurei seu queixo entre os dedos, com gentileza.

— Eles têm comida lá em cima — murmurei. — Você quer comer?

Novamente, ela negou com um aceno.

Inclinei sua cabeça para trás, adorando sua brincadeira. Isso me agradou pra caralho.

— Você quer ficar comigo? — zombei.

Lentamente, ela assentiu.

Peguei um estojo dentro do bolso do paletó e o coloquei sobre a mesinha de cabeceira.

— Encomendei outro par de óculos pra você.

Consegui convencer a Dra. Lawrence a entrar em contato com o oftalmologista de Emory, na Califórnia, para conseguir a receita mais recente.

— Onde você arranjou esse macacão? — perguntei.

— Encontrei no armário da Rika.

— E você ficou aqui embaixo sozinha, apesar de a porta não estar trancada?

Ela não se mexeu.

A roupa, a corda, a disposição e a espera na cama... Eu me perguntei quando a briga viria, porque eu sabia que era inevitável, mas, meu Deus, eu amava o fato de ela não ter voltado a ser minha inimiga. Transar com ela nesta cama esta noite seria bom demais.

Fiz com que ela se levantasse da cama e me sentei no colchão, acomodando-a no meu colo com um abraço firme. O suor resfriava minha pele, e eu mal conseguia recuperar o fôlego, sentindo a cabeça girar com todos os acontecimentos do último ano somado às últimas vinte e quatro horas.

Por cinco minutos, eu precisava de algo em que me segurar.

Eu a abracei com mais força, me deliciando com o cheiro de seu cabelo, quase sendo capaz de sentir seu gosto. Se ela não tivesse aparecido em *Blackchurch*, eu realmente teria buscado minha vingança? Eu a teria perseguido na Califórnia e a feito pagar?

E como eu teria feito isso?

Fiquei sabendo sobre as fotos e as mentiras contadas há quase dois anos, logo após a morte do pai de Damon. Depois, passei cerca de seis meses tentando extravasar a raiva viajando pelo mundo, fugindo e bebendo antes de, finalmente, decidir o que fazer. Foi quando fui para *Blackchurch*.

Eu temia lidar com ela, porque apesar de sua traição, ainda assim, eu não queria perdê-la.

— Eu deveria ter procurado você — ela disse, por fim. — Eu gostaria de ter vindo até você para explicar tudo e enfrentar as consequências do que fiz.

Engoli o nó na garganta, ciente que não era tudo culpa dela. Eu também não estava totalmente isento da culpa. *Eu deveria ter ficado*. Quando ela me abandonou após a reunião na sala do diretor, e ameacei que poderia arranjar qualquer garota... Eu deveria ter ficado.

Ela não precisava de um namorado. Ela precisava de um amigo, e fui egoísta, arrogante e mimado. Eu deveria ter sido o que ela precisava, sempre que precisasse de mim. Ela não era obrigada a me dar seu coração só porque eu o queria.

Se eu realmente tivesse me importado com ela, teria sido mais paciente.

Afastei-a do meu colo e me levantei apressado, indo em direção à porta do quarto.

— Will...?

Eu não consigo. Não posso fazer isso agora. Fechei a porta, peguei a chave da parede e a tranquei ali dentro, para mantê-la em

segurança.

— Will, não! — gritou ela, esmurrando a porta. — Não vá, por favor.

Encostei a testa na superfície de madeira, desesperado por ter ouvido estas palavras vindo de sua boca um milhão de vezes no passado.

— Will... — ela chamou, novamente. — Fique comigo.

Fechei os olhos com força, lutando contra a vontade de abrir a porta e me deitar naquela cama com ela.

— Fique comigo — suplicou.

Balancei a cabeça, tentando clareá-la.

— O que ele vai fazer se souber que você está na cidade? — perguntou ela.

Eu me virei e caminhei em direção às escadas.

— Ele já sabe.

Eu estava cansado dessa mesma história. Cansado de não poder tê-la. Cansado de Martin Scott. E mais cansado ainda por não poder aproveitar a vida que eu merecia.

Era hora de acabar com isso.

E já estava mais do que pronto para novas aventuras.

Subi as escadas e voltei para o interior da casa, rumo à sala de jantar. Contornei o canto e olhei para todos sentados à mesa. Damon parou de falar no meio da frase assim que eles se viraram ao me ver.

— Você tem alguma babá por aqui? — perguntei a Winter.

No entanto, foi Rika quem respondeu:

— Minha mãe pode ficar de babá.

Isso serviria.

— Vistam alguma roupa preta — eu disse a eles, saindo da sala. — Vamos.

— Por quê? — Alex gritou. — O que está acontecendo?

Mas eu já havia me afastado.

Fui para o carro de Kai e peguei uma mochila do porta-malas. Tirei o paletó e desabotoei a camisa social ali mesmo, na garagem, vestindo o suéter preto no lugar. Depois de jogar tudo no porta-malas, peguei o gorro preto e corri de volta para casa.

Em questão de minutos retirei da garagem a velha Mercedes Classe G de Michael e coloquei lá dentro todos os suprimentos necessários. Tudo isso ao mesmo tempo em que telefonava para Kai e Banks, assim como Micah e Rory. Com pressa, enfiei um sanduíche na boca enquanto todos corríamos para os veículos.

— Winter não vem? — perguntei a Damon quando ele se acomodou no banco do passageiro.

— Grávida, de jeito nenhum — respondeu. — Ela vai ficar com a... — gesticulou com a mão, como se não se lembrasse do nome —

Christiane.

A mãe dele. A mãe biológica, claro.

E de Rika.

Parecia que agora ele tolerava a presença dela pelo bem das crianças – e por Rika –, mas ainda havia uma mágoa que não havia desaparecido desde a última vez em que estive na cidade, pelo jeito.

Sentei-me ao volante e afivelei o cinto de segurança, e Alex se acomodou no banco traseiro. Avistei Michael tentando chamar minha atenção da janela de seu Jaguar.

Eu simplesmente interrompi qualquer coisa que ele estivesse prestes a dizer:

— Só me siga! — gritei.

Não dando a ele a chance de discutir, disparei em sua classe G, acompanhado de Alex e Damon, enquanto Michael e Rika seguiam no outro carro.

Não demorou muito para chegarmos ao armazém, que normalmente ficava inativo o resto do ano, mas agora parecia estar funcionando como o famoso *Coldfield*, nome da Casa Mal-Assombrada que havia sido inaugurada em outubro.

Ali era onde festejávamos na época da escola, onde a fábrica abandonada se transformava em um *playground* para adolescentes que queriam passar o tempo ao lado de outros trezentos amigos mais próximos e regados a barris de cerveja.

Foi neste mesmo lugar que Misha compôs suas canções e se viu perdido quando o sofrimento pela morte de Annie se tornou um fardo pesado demais para suportar.

Foi aqui que Damon, Kai e eu espancamos o irmão de Emmy, enchendo a cara e sangrando os nódulos dos meus dedos até que não senti mais nada naquela noite.

E foi aqui que descobri que eu tinha algo a acrescentar e que valia a pena para o futuro que planejávamos.

— O que estamos fazendo aqui? — Michael perguntou assim que passamos pelas filas de clientes à espera para entrarem na atração.

Uivos e efeitos sonoros rangentes ecoaram pelo ar, à medida que a névoa que pairava sobre o chão se espalhava sob o som de *Pumped Up Kids*, do 3TEETH, nos alto-falantes. O cheiro de cachorro-quente e pipoca se infiltrou pelas minhas narinas, e gritos soaram às minhas costas quando os atores pularam em cima de um grupo de garotas. Homens e mulheres com máscaras assustadoras nos rodeavam, imóveis e encarando as pessoas com o intuito de assustá-las.

Kai e Banks nos alcançaram, e quando olhei mais à frente, depois do portão, avistei Rory e Micah próximos às barracas de bebidas. Sem parar por ali, sinalizei para que eles nos seguissem em

direção ao armazém, passando pelas paredes de lonas erguidas para criar inúmeras câmaras e um túnel.

A escuridão fria e pegajosa pairava por todo o ambiente, clientes rindo e gritando e tentando fugir da equipe de cenografia pendurada nas vigas acima.

Entrei em uma sala e tirei um molho de trocentas chaves da mochila, até achar a que dava acesso às portas da área onde funcionava a sala do ‘Cientista Louco’ no parque. Depois que passamos por inúmeros tonéis efervescentes, com partes artificiais de corpos e globos oculares, destranquei a porta e instruí que todos entrassem.

Michael retrocedeu um passo, com os olhos entrecerrados.

— *Você é o dono de Coldfield?* — perguntou, chocado.

Dei um sorriso forçado. Eu paguei por isso. Ajudei a projetar tudo, mas contratei administradores para cuidarem de todo o resto. Participei das decisões somente quando estava a fim, ciente de que não estava apto a lidar com nenhum aspecto burocrático por um tempo. Daí contratei uma equipe que ficava por ali de tempos em tempos.

O que foi ótimo, já que estive fora por um tempo maior do que o programado.

Chegamos a um corredor e eu tranquei a porta, abrindo mais uma à frente e acendendo a luz em seguida. Paredes e degraus em pedra, como as catacumbas, escavavam o solo, a escuridão consumindo o que havia por baixo.

— O que é isso? — Rika quis saber.

Não consegui conter o sorriso que se formou nos meus lábios.

— *Isto aqui é Coldfield.*

A verdadeira *Coldfield*.

À medida que eu guiava o caminho, por um instante me arrependi de não ter chamado Misha para se juntar a nós – porque eu sabia que ele ia amar isso aqui –, mas não queria que ele se envolvesse. Não com isso.

Desci as escadas que serpenteavam pelos túneis iluminados por lâmpões elétricos, e o barulho do rio e do mar ressoou pelas paredes ao nosso redor.

Havia um trilho adiante, então larguei a mochila em um dos carrinhos com os vasilhames de gasolina que mandei que deixassem aqui ontem, depois de alguns telefonemas.

Kai olhou ao redor para as câmaras e túneis que se bifurcavam em direções diferentes.

— Não dá para acreditar que a gente não sabia que isso existia de verdade.

— *Você sabia disso?* — perguntou Banks.

No entanto, foi Damon quem respondeu enquanto olhava tudo

à volta:

— Rolavam uns boatos da galera das antigas, mas nunca conheci ninguém que já tenha estado aqui antes.

— Que lugar é esse? — Rika me perguntou.

Conferi os suprimentos nos carros sobre os trilhos, para me certificar de que tudo havia sido feito conforme o instruído.

— Lembra quando nos disseram que a cidade foi colonizada nos anos trinta?

— Não é verdade? — brincou Rika.

Acenei com a cabeça.

— Não.

Isso foi uma mentira ou desinformação.

— Duzentos anos atrás, o rio se bifurcou em três córregos, ao invés de um só, e os colonos construíram pontes para que pudessem atravessá-los. — Fiz um gesto para que se sentassem. — Os arcos das pontes estavam profundamente enraizados na terra, criando vinte e uma câmaras, ou galerias, sob o solo.

Alex e Damon se sentaram no primeiro carro, enquanto Kai e Banks se acomodaram no segundo; Rika e Michael, Micah e Rory se instalaram no terceiro e quarto, respectivamente.

— Os comerciantes armazenavam suas mercadorias lá, e havia até tabernas e lojas — relatei, verificando as travas de segurança. — Com o passar dos anos, mudou de dono, e se popularizou entre contrabandistas, criminosos e piratas. Eles se esconderam e viveram aqui, conectando todos os cofres sob as três pontes com esses túneis, para que pudessem chegar a qualquer lugar da cidade sem serem detectados.

— Merda — Damon murmurou. — Isso é sensacional.

— Como você descobriu isso aqui? — insistiu Michael.

— Eu estava à procura.

Rory bufou uma risada e Micah sorriu, parecendo animado com tudo isso.

— Por esse motivo você comprou o armazém — deduziu Alex.

— Um deles. — Sentei-me no primeiro carro e puxei a trava. — Eu também gosto de casas mal-assombradas.

— Há outras entradas, além da do armazém? — Damon sondou.

Olhei por cima do ombro, e sorri para todos os outros.

— Por toda a cidade. E há ainda mais galerias subterrâneas em Meridian, entre Delcour e *Whitehall*.

— Que porra é essa? — Kai deixou escapar, mas seu tom demonstrava mais animação do que raiva.

Sua casa na cidade, o *Pope* e o *Sensou* se localizavam no distrito de *Whitehall* e ele teria muitos motivos para usar o sistema de

transporte subterrâneo se quisesse. Especialmente se nós, e as pessoas que trabalharam para nós, fôssemos os únicos que soubessem disso.

— Acionem a alavanca para a terceira posição e apertem o botão verde — gritei de volta. — Depois disso, aproveitem o passeio até eu erguer braço, beleza? Em seguida, comecem a baixar a alavanca e engatem os freios.

Uma risadinha escapou de Alex enquanto ela se mexia animadamente no assento ao meu lado. Pensei em Emmy, presa no quarto nas catacumbas, mas ela não precisava estar aqui para isso.

— Vamos embora! — gritei.

Empurrando a alavanca para o nível três, apertei o botão, e o sistema hidráulico assobiou, nos fazendo cruzar os túneis a cerca de cinquenta quilômetros por hora.

Normalmente, eu iria um pouco mais rápido – numa quinta marcha –, mas esta era a primeira vez, e eu não queria que ninguém me perdesse de vista. Virando à esquerda, e depois à direita, senti o vento soprar em nossos cabelos, e Alex riu ao meu lado enquanto o túnel à frente nos engolia em um breu assustador. As roldanas das rodas abraçavam o trilho, sem necessidade de direção, já que eu não tinha construído um trajeto que levava a qualquer outro lugar da cidade ainda.

Entretanto, isso estava nos meus planos.

— Devíamos ter capacetes! — Damon gritou.

Capacetes? Boiola.

— Para as crianças, quero dizer! — esclareceu ele. — Você sabe que elas vão usar muito isso aqui.

Concordei com um aceno. Tudo bem, aquilo fazia sentido. Os meninos ficariam loucos, e quando fossem adolescentes, seria difícil mantê-los longe desse lugar.

Cruzamos sob o leito do rio, passando por mais galerias escuras sob o vilarejo e através da estrada que levava à ponte. Mais adiante avistei o quarto sinal vermelho, sendo que cada um deles representava uma parada e aquela era a nossa.

Ergui o braço, em alerta, e agarrei a alavanca para desacelerar aos poucos, para que Kai e Banks não acertassem minha traseira e causassem um engavetamento. Assim que os freios rangeram no trilho, gritei:

— Apertem o botão de novo!

Os vagões pararam e todos nós descemos, cada um catando os itens e galões de gasolina que estavam dentro dos carros.

— Estamos fazendo o que acho que estamos fazendo? — Kai sondou.

Mas não respondi. Eles queriam que o *The Cove* desaparecesse, e não me deixariam fazer as coisas por conta própria, então, nada

mais justo que colocá-los para ajudar.

Subindo pela plataforma, passamos por uma porta e percorremos os túneis sob o parque temático. Quando o local ainda funcionava, os funcionários usavam esses túneis para evitar as multidões, caso precisassem atravessar o parque, e como forma de operar os brinquedos, mas tudo estava abandonado há anos.

Olhei de um lado ao outro, me assegurando de que não havia ninguém por ali. Eu não queria fatalidades ou testemunhas. O lugar estava vazio, no entanto.

— Oi, aqui é a Rika. — Ouvi Erika dizer às minhas costas. — Preciso que você vá ao corpo de bombeiros e solicite um caminhão emprestado. Traga-o para a enseada e conecte as mangueiras. Nós vamos precisar disso. E se apresse.

Rolou uma pausa quando quem estava do outro lado respondeu a ela.

— Obrigada — agradeceu e desligou.

Olhei para nossa prefeita por cima do ombro.

— Não posso cometer um incêndio criminoso e, propositalmente, colocar servidores públicos em risco, Will — ela explicou. — Lev e David conterão o fogo.

Assenti na mesma hora. *Bem pensado*. Esses dois ganhavam o suficiente para fazer qualquer coisa que pedíssemos. Saltei um corrimão e subi correndo as escadas. Passamos pela loja, o chão coberto de papéis e poeira à medida que entrávamos no parque.

As estrelas pontilhavam o céu noturno, a maresia se infiltrando pelas narinas enquanto caminhávamos pelo parque e observávamos a pintura descascada e a madeira podre dos silenciosos brinquedos e da roda-gigante.

Um nó se instalou na garganta, meu coração martelando no peito do mesmo jeito que senti quando a tive em meus braços na caminhonete, naquela noite após o jogo, e quando, na Noite do Diabo, anos atrás, ateei fogo ao projeto ao qual ela tinha se empenhado tanto em fazer, só para aniquilar sua presença torturante nesta cidade.

Eu não tinha certeza se ela me perdoaria por isso, algum dia, mas eu precisava tentar. Eu precisava saber se havia algo além disso para nós.

— Por que estamos fazendo isso, Will? — perguntou Banks.

Eu estava cansado de me explicar.

— Porque sim.

Eu estava cansado de viver no passado. Eu tinha um oceano de amanhã para construir e estava pronto para seguir adiante com a minha vida.

Olhei para Michael e Rika.

— Fiquem com o lado oeste. — Então para Kai e Banks: —

Você, depois dos balanços.

Os quatro correram para espalhar o combustível em mãos, o máximo que pudessem, e eu caminhei em direção ao navio pirata e *Cold Hill* com Alex e Damon.

— Você tem certeza de que não está fazendo isso por impulso? — perguntou Alex.

— Você tem certeza de que ele está sóbrio? — Damon perguntou a ela, caçoando.

— Calem a boca — resmunguei.

Eu sabia que muitas decisões que já havia feito na vida, podiam ser, no mínimo, classificadas como questionáveis, mas nem todas as minhas loucuras eram fruto de embriaguez.

Só algumas coisas.

Todos nós nos ocupamos em esvaziar os vasilhames ao redor dos brinquedos, cabines de jogos e antigas barraquinhas de alimentação, totalmente atentos ao entorno, mas eu só queria que todos se apressassem. Eu não iria me conter. Eu queria a certeza de nunca poder olhar para trás. Eu queria que o *Cove* desaparecesse.

Mas isso não significa que não era doloroso.

Cerrei a mandíbula, rodeando *Cold Hill* e os carrinhos, lembrando-me que em um deles, Em me deixou tocá-la e beijá-la.

O navio pirata onde ela gargalhou, e onde soube que estava completamente louco por aquela garota só em ver o brilho de seus olhos.

Misha adorava este lugar também, e talvez tenha sido por este motivo que não o convidei para estar aqui esta noite. Ele, com certeza, tentaria me deter.

E eu precisava fazer isso.

— Da última vez que provocamos um incêndio, fomos presos — Damon disse.

O gazebo não foi o último incêndio que nós ou ele demos início, mas acho que ele decidiu ‘esquecer’ a casa de Rika e o *Sensou*.

— Não vou voltar para a cadeia — assegurei.

Arremessei alguns sinalizadores para ele e Alex, e joguei a lata de gasolina no meio dos brinquedos que íamos tocar fogo.

— Espalhe e dê um para Michael e Kai — eu disse a ele, gritando a plenos pulmões: — Vamos iluminar a porra do céu, porque Michael Crist vai se casar com Erika Fane em dois dias!

Eu sorri, colocando as mãos em concha ao redor da boca e uivando como um louco. Risos e mais uivos soaram ao redor do parque, e Rika gargalhou de empolgação.

Acendi meu sinalizador e olhei para Alex.

— Tem certeza? — ela perguntou, acendendo o dela. — Eu sei o que este lugar significa pra você.

— Foi uma noite. — Encarei a roda-gigante. — Eu preciso que minha vida seja mais do que apenas uma noite.

Lancei o sinalizador, observando-o pousar na plataforma, e bastou um momento para que uma chama lambesse tudo e começasse a se espalhar rapidamente. O fogo subiu até a roda-gigante, iluminando o vagão inferior e seu antigo assento de couro em chamas; as labaredas subiam cada vez mais, percorrendo de um carro ao outro enquanto todo o parque se iluminava com um brilho intenso.

O vento soprou e o calor do fogo aqueceu meu rosto, me fazendo fechar os olhos sem saber se queria chorar ou rir.

Michael Crist, Kai Mori, Damon Torrance e Will Grayson teriam seu *Resort* isolado à beira-mar, porque ficamos juntos até aqui, e construiríamos algo que duraria para sempre.

O calor deslizou sob minha pele, e não consegui mais me conter. Eu estava em casa.

Inclinando a cabeça para trás, soltei o uivo mais alto que pude extrair do meu âmagô e ouvi todos eles – incluindo, as meninas –, fazendo o mesmo enquanto as labaredas cuspiam e crepitavam ao redor, a porra do lugar inteiro pegando fogo.

Encarei Alex, de olhos fechados e com a boca aberta em um ‘O’, e comecei a rir ao enganchar o braço em seu pescoço e dar um beijo babado em seu rosto.

Ela riu em uníssono com os outros, ainda contemplando as chamas cada vez mais altas e furiosas, e depois de mais alguns minutos, avistei Lev e David chegando ao estacionamento com o caminhão de bombeiros.

Deixaríamos o fogo fazer seu trabalho – apenas o tempo suficiente para que não sobrasse nada do lugar –, e então começaríamos a apagá-lo.

— Espere! — Ouvi alguém gritar. — Ei, espere!

Soltei Alex e olhei em volta, vendo Rika olhando para a parte de trás do parque.

— O que foi? — Parei ao seu lado.

Ela manteve o olhar fixo à distância, curvando o corpo para tentar visualizar melhor.

— Pensei ter visto alguma coisa. — Então olhou para mim. — Você tem certeza de que o lugar está vazio?

Eu acreditava que sim, mas, segundos depois, vi a porta pela qual havíamos entrado balançando ao vento, e, se houvesse alguém aqui, era ali que devia estar se escondendo.

— Os túneis! — alertei a todos. — Vamos!

Saímos em disparada, voltando para a loja e em direção ao subsolo. Em Thunder Bay não havia pessoas sem-teto, mas o

estacionamento do parque estava deserto, e não havia nenhuma outra construção nas proximidades. Se Rika realmente viu alguém, a pessoa devia estar morando por aqui.

— Devíamos ter verificado o lugar antes — Michael disse, entredentes. — Caralho!

Nós corremos para os túneis, então para o trilho, e eu abri a porta, enviando Alex, Damon, Kai, Banks, Micah e Rory adiante.

— Os assentos invertem as posições — informei, sem fôlego. — Basta virar e voltar por onde viemos, do jeito que ensinei. É a quarta sinalização vermelha à frente.

Kai acenou com a cabeça, e todos pegamos a direção de *Coldfield*.

Damon olhou para mim, mas acenei com a cabeça, sabendo o que ele devia estar pensando.

— Vão em frente — eu disse. — Eu alcanço vocês em seguida.

Estava prestes a empurrar Rika e Michael para o carrinho deles quando olhei por cima do ombro e o vi próximos a uma porta.

Fui até lá e perguntei:

— O que é isso?

Olhei para o cômodo e avistei uma cama, pôsteres e pichações em grafite nas paredes, além de um lâmpada acesa.

— O Misha não disse que ficou um tempo aqui embaixo, depois que a Annie morreu? — Rika perguntou.

— Sim.

Ela entrou no quarto e se abaixou, pegando um sanduíche – ou algo do tipo – pela metade e guardado em uma embalagem de alumínio.

— Tem alguém aqui — disse ela, apertando o pão fresco.

Ou a luz estava apagada quando chegamos, ou a porta estava fechada, porque passamos por esta câmara no caminho e não notamos nada.

Merda.

— Puta que pariu! — praguejou Michael.

Corremos escada acima, as chamas alaranjadas e brilhantes do lado de fora das vitrines das lojas, e disparamos pelo parque em busca da pessoa que estava por ali.

Não podíamos deixar ninguém se ferir. E seria fantástico se não houvesse testemunhas.

— Eu tenho certeza de que vi alguém — disse Rika. — E parecia uma menina.

— Tipo uma menina pequena? — perguntei.

Ela acenou com a cabeça.

— Merda! Ali! — gritou Michael, apontando.

Paramos para recuperar o fôlego e olhamos adiante dos

balanços, vendo uma pequena figura parada em cima da casa de jogos.

Meu Deus, ela devia estar a cerca de dez metros de altura do chão.

Vestida de preto, a garota tinha uma longa trança loira pendendo pelo ombro e um gorro na cabeça, mas não dava para ver nada além disso que nos ajudasse a reconhecê-la.

— Ei, você! — Michael gritou para ela. — Venha aqui!

Ela se virou e desapareceu pelo telhado, e nós corremos atrás da garota, vendo os cadarços desamarrados de seus tênis se arrastando pelo chão quando pulou lá de cima.

— Peguem ela! — gritou Rika.

Michael disparou pelo caminho e agarrou o braço da garota antes que ela contornasse um brinquedo.

— Eu a peguei! — berrou, segurando-a entre os braços.

Mas então ela mordeu a mão de Michael e ele a soltou, xingando.

— Mas que porra...? — esbravejou.

Ela se esgueirou por entre as cabines, passou pela montanha-russa e desapareceu na floresta escura como breu.

— Merda! — Michael rangeu os dentes.

Sem fôlego, acabamos desistindo de correr em seu encalço.

— Ela estava morando ali embaixo? — Rika nos perguntou. — Ela não deve ter mais do que oito anos.

Eu olhei para ela.

— Você a reconheceu?

— Não. — Negou com um aceno. — Ela não é daqui.

Encarei as árvores por um momento, ouvindo Lev e David acionando as mangueiras para apagar o incêndio.

— Que bela prefeita você é. — Comecei a rir. — A garotinha do *Aliens*^[35] estava mocoçada no parque temático abandonado da cidade e você aí, experimentando vestidos de noiva.

Rika me deu um tapa na barriga e então segurou a mão de Michael, para inspecionar a mordida.

— Ela é guerreira, hein? — brincou, sorrindo para ele.

Ele rosnou.

— Ela vai voltar. Não vai conseguir ir muito longe a pé.

Se eu não o conhecesse, poderia até pensar que ele não estava preocupado com a segurança e o bem-estar da pestinha, e, sim, com a vingança em um futuro reencontro.

O som estridente das sirenes ecoou por todo o lugar, e quando olhei por cima do ombro, vi as luzes tão familiares de um carro da polícia entrando no estacionamento.

Isso foi rápido.

Na mesma hora, olhei para o Michael.

— Vão. Depressa.

Ele fez uma careta para mim.

— Andem logo! — gritei em um sussurro, se é que existia isso.

Não se preocupem comigo. Não mais.

Ele manteve o olhar conectado ao meu, mas antes que pudesse discutir, fui em direção às bilheterias e ao estacionamento.

Um único policial, vestido de preto com uma jaqueta grossa para a noite fria de outubro, se comunicava pelo rádio enquanto avaliava as chamas que consumiam o parque.

Ele notou a minha aproximação e parou de falar na mesma hora, suspirando em resignação.

— Will Grayson — murmurou. — Meu incendiário favorito.

Tirei o gorro e dei um sorriso.

— Ei, Baker. Como vai a família?

— Só crescendo. — Ele acenou com a cabeça, vindo ao meu encontro. — Minha esposa está grávida do bebê número três.

— É seu?

Ele arqueou a sobancelha, nem um pouco impressionado.

Meu sorriso ampliou mais ainda.

— Você vai me obrigar a te algemar? — perguntou ele.

Neguei com um aceno de cabeça.

— Há algumas pessoas para quem eu queria dizer oi de qualquer maneira. Vamos.

[35] Referência à personagem ‘Newt’, de cerca de seis anos de idade, do filme *Aliens*, de 1986.

Capítulo 36

Emory

Dias atuais...

— Emmy, acorde! — gritou alguém, sacudindo meu corpo.

Abri os olhos e me sobressaltei na mesma hora.

— O que foi? Quem está aí?

Não era a voz do Will.

Eu me sentei na cama e esfreguei os olhos sonolentos, levantando a cabeça quando alguém acendeu a luz, e avistei Rory e Micah andando pelo meu quarto. Peguei os óculos novos de cima da mesinha de cabeceira e os coloquei.

— O que vocês estão fazendo?

— Will foi preso. — Micah lançou algumas roupas na minha direção. — Ele começou um incêndio naquele parque, na enseada.

Hã?

— O *The Cove*?

Segurei as roupas contra o peito, tentando entender o que eles estavam dizendo, e sentindo o peito apertar dolorosamente.

Ele ateou fogo no *Cove*? E agora estava na cadeia?

Filho da puta. Rosnando, pulei da cama.

— Um dia! Nem um dia de volta à cidade e o filho da mãe está de volta à cela! — Desabotoei o macacão e vesti a camisa preta de manga comprida. — Argh!

Eles se viraram de costas e eu larguei o macacão no chão, vestindo a calça jeans e calçando os tênis de Alex antes de amarrar o cabelo em um rabo de cavalo.

Na cadeia... Lágrimas deslizaram pelo meu rosto. *De novo, não.*

— Você sabe quem o prendeu? — perguntei.

— Nós não conhecemos esta cidade — Micah retrucou, jogando uma jaqueta para mim. — O Damon vai tentar tirá-lo de lá, mas falamos para ele esperar porque queríamos te buscar aqui.

Balancei a cabeça, pau da vida.

— Eu vou matar aquele infeliz. O que diabos há de errado com ele?

Fechei o zíper do casaco e saí do quarto com eles, subindo as escadas às pressas.

Eu deveria deixá-lo mofar lá. Desta vez, a culpa era dele. Um ciclo interminável de nunca agir com reponsabilidade ou controlar seu comportamento. Esta não foi uma escolha. Era um hábito e eu não precisava dessa merda na minha vida.

Será que algum dia ele agiria como um homem? Como um pai?

Okay, certo.

Dei um chute para abrir a porta. *Filho da put...*

— Vamos — eu disse a eles, saindo correndo de casa e indo para a garagem.

Damon estava ao lado de um Classe G que se parecia muito com o que Michael dirigia no colégio, e eu não fazia ideia de onde todos os outros estavam, mas ele me viu e se empertigou na mesma hora.

— De jeito nenhum. Ela não vai vir com a gente — disse ele.

Peguei as chaves da mão dele e dei a volta pela frente do carro.

— Ela está dirigindo, na verdade.

— Não, senhora. Não.

Eu o encarei por cima do capô.

— O que você vai fazer? — desafiei. — Eu o mandei pra cadeia uma vez. Você tentou matá-lo. Você realmente quer discutir comigo agora?

Se eu não tinha o direito, ele também não tinha.

Ele franziu os lábios, me dando um olhar de cima a baixo, para avaliar o oponente, mas calou a boca. Eu não era pior para Will do que ele, então ele podia engolir isso.

Todos nós entramos no carro e eu dei a partida, pisando fundo no acelerador e contornando a garagem.

Será que Martin estaria lá? Eu sabia que ele não morava ou trabalhava mais na cidade, mas ele ainda tinha alguma influência aqui, e se a polícia estava com Will Grayson em uma cela, com certeza, seria um bom motivo para tirá-lo da cama a esta hora.

Merda. Eu não queria ver o meu irmão. Eu não queria ter que ficar cara a cara com ele. Nosso relacionamento fraternal havia morrido há anos.

Will, você é um idiota.

Acelerei pela cidade enquanto Micah me contava onde todos eles tinham ido esta noite e o que Will havia decidido fazer. Fiquei tentada a dar uma guinada com o carro e voltar para a catedral, a fim de sumir – ficar em algum lugar onde ele não pudesse me encontrar –, mas...

Eu deveria ter ido atrás dele anos atrás. E eu faria exatamente isso por ele, pelo menos uma vez. Pelo menos antes que isso acabasse.

Parando em frente à delegacia, observei através da rua, a figura sentada à mesa de recepção; não havia uma alma viva na vizinhança pacata àquela horário.

— Precisamos de uma distração — comentei com Damon. — Alguma ideia?

Ele continuou olhando pelo para-brisa, me ignorando, mas então... baixou o olhar e exalou, cedendo. Virando cabeça, ele disse

para Micah e Rory:

— Desçam do carro.

O quê?

— Nem fodendo — resmungou Rory. — Nós vamos entrar.

— Faça ligação direta naqueles carros ali — Damon instruiu, virando-se e focando em Micah enquanto apontava para os veículos estacionados mais atrás na rua.

Micah ficou boquiaberto.

— Hã?

Mas Damon não explicou mais nada. Com o celular em mãos, ele discou um número e aguardou a chamada completar.

— Prefeita Fane? — debochou de Erika. — Dois idiotas estão fazendo um racha ao redor de Thunder Bay. Você pode ligar para a delegacia e solicitar que todas as unidades se dirijam a Delphi rumo ao leste? — ele perguntou e então esclareceu: — *Toooooo*das as unidades.

Ouvi a voz dela do outro lado da linha, e mesmo sem saber o que ela estava dizendo, era nítido que estava furiosa.

— Não seja idiota — debochou ele, puxando a corda do moleto. — O que mais você faz o dia todo?

A troca de farpas prosseguiu.

— Ah, não enche o saco — murmurou, e então ela disse outra coisa, cuja resposta dele foi sarcástica: — Sim, sua mãe...

Ele desligou e olhou por cima do ombro novamente para Micah.

— Como você sabia que eu era o único que sabia fazer ligação direta em um carro? — Micah perguntou.

— Porque é você que tem alguma porra para provar ao seu pai fracassado de merda — retrucou Damon. — A gente consegue reconhecer nossos iguais. Agora, vocês dois, se apressem.

Através do espelho retrovisor, vi os dois sorrindo de leve. *Isso aí, a quem eles queriam enganar?* Eles também gostavam de confusão.

Damon pegou umas barrinhas de proteína debaixo do assento e entregou a eles, ambos saltando do carro e correndo pelo quarteirão. Em minutos, faróis iluminaram o para-brisa traseiro do nosso carro, e um Mustang e um Jeep dispararam e desapareceram pela avenida.

— Qual é o plano? — Damon perguntou.

Encarei o policial dentro da delegacia.

— Não sei.

Para minha surpresa, um frio na barriga borbulhou diante da empolgação. Com um sorriso satisfeito, eu podia até não ter certeza do que estava fazendo, mas sabia que o plano ia funcionar.

— Assim que eu sair do carro, assumo o volante e verifique se todas as portas estão destrancadas — instruí. — Entendeu?

Ele assentiu e, depois de um momento, avistamos dois carros de polícia saindo dos fundos da delegacia, acionando as sirenes assim que passaram pela rua. Aquilo significava que Erika havia feito o telefonema, e o terceiro turno do plantão noturno era sempre mais tranquilo, a não ser na Noite do Diabo.

— E lá vamos nós — disse eu.

Eles seguiram na direção oposta de Micah e Rory, em direção a Delphi, e eu saí do carro, cobrindo a cabeça com o capuz do casaco. Por um segundo, estaquei em meus passos e decidi não me cobrir porra nenhuma. Martin saberia que eu estive aqui. Então, não havia razão em me esconder.

Enfiando as mãos nos bolsos, atravessei a rua correndo e subi a calçada, abrindo a porta e entrando na delegacia. O policial corpulento com o cabelo grisalho cortado rente ao couro e usando óculos levantou a cabeça e sorriu assim que me viu.

— Oi, Germaine — eu o cumprimentei.

— Emory Scott. — Ele inclinou a cabeça, retribuindo o sorriso.
— Uau. Como você está, querida?

— Estou até bem — respondi. — O meu irmão está por aí?

— Ahn, não. — Ele riu. — Ele ainda conserva o escritório aqui, mas fica em Meridian agora. Você não soube que ele foi nomeado Comissário de polícia? Ele supervisiona todos os departamentos em um raio de cento e sessenta quilômetros. A maior parte de seu trabalho o mantém na cidade agora. — Ele enfiou alguns papéis em uma pasta de arquivo e a guardou em uma gaveta. — Mas ele vai chegar de manhã bem cedo para lidar com um detento, que ele faz questão que fique com a bunda plantada durante a noite.

Disfarcei o grunhido. Então ele sabia que Will estava aqui.

— Isso é bem a cara dele — caçoei, tentando camuflar a apreensão.

Pelo menos ele não voltou às pressas para cá para que pudesse resolver o assunto de uma vez. O que estava ótimo para mim.

— Tudo bem, então. Vou tentar falar com ele de manhã — suspirei. — Mas, só para garantir que não vamos acabar nos desencontrando, você pode deixar um recadinho na mesa dele?

Peguei o bloco de mensagens e a caneta ao lado do computador, mas ele me dispensou.

— Pode ir lá, querida — disse ele. — Você sabe o caminho.

Arqueei as sobrancelhas, surpresa. Sério? Achei que teria que tentar passar furtivamente quando ele fosse colocar o recado no escritório de Martin, mas aqui estava eu, conseguindo um passe livre.

Dei a volta no balcão, em direção às portas duplas.

— Ele está naquele escritório gigante agora?

— Isso é bem a cara dele, não é? — resmungou Germaine.

Sempre achei que Germaine não gostasse muito do meu irmão. Martin tinha apenas 34 anos e subiu rapidamente de patente em Thunder Bay e, depois, em Meridian. Ele tinha astúcia, mas eu suspeitava que teve ajuda e apoio ao longo do caminho. Germaine devia ter uns cinquenta e poucos anos... e ainda estava fazendo serviço burocrático.

— Obrigada! — gritei. — É bom te ver.

— Digo o mesmo.

Empurrei as portas, encontrando a delegacia inteira vazia, um rádio tocando em algum lugar e computadores com suas telas ligadas. Fui em direção às celas e peguei o molho de chaves de cima da mesa do Bruckheimer, olhando para cima para fazer contato visual direto com a câmera de circuito interno no canto.

Cerrei os dentes, nervosa. *É melhor isso funcionar.* Se ele viesse atrás de Will, ele teria que vir atrás de mim também, agora que fui vista, e isso seria constrangedor para ele.

Empurrei a porta e vi Will de pé na cela, sozinho, e com os braços pendurados para fora das grades. Abaixei a cabeça e procurei pela chave certa, sentindo o coração martelar no peito. Nós tínhamos que sair daqui e rápido.

Eu não queria saber se ele tinha uma cela para si mesmo na prisão, ou se Kai ou Damon estavam com ele. Eu só queria que ele saísse daqui.

Enfiei a chave na fechadura, com a mão trêmula, e ele me encarou à medida que eu abria a porta. No entanto, Will fechou a grade outra vez.

— O que você pensa que está fazendo? — resmunguei.

Droga. Tentei puxar a porta mais uma vez, mas ele a segurou com força, me impedindo de abrir.

— Tenho um encontro com seu irmão amanhã de manhã — afirmou ele.

Que diabos? Eu o encarei, irritada, e ajeitei os óculos sobre o nariz, querendo gritar com o idiota, mas precisávamos dar o fora daqui.

Puxei a porta novamente, rosnando quando ela não cedeu um centímetro.

— Quem te deixou sair do quarto? — perguntou ele.

— Will! — implorei. — Por favor!

Poderíamos conversar mais tarde, pelo amor de Deus.

Tentei puxar a porta de novo, mas ele enfiou as mãos por entre as grades e agarrou o cós da minha calça, me puxando para perto. Sua boca se chocou contra a minha, e, por um segundo, fiquei perdida nas sensações.

Minha nossa... Meus nervos estavam em chamas. Eu o queria

fora daqui, longe de Martin.

Eu o queria...

Eu o queria.

Gemi quando sua língua acariciou a minha, e mal registrei o que ele estava fazendo até que o ar frio atingiu meus seios e sua mão deslizou pelo meu jeans, entre as minhas pernas.

Ele me acariciou e abaixou a cabeça para chupar um mamilo, através das barras de ferro.

— Vamos ser pegos — atestei.

Mas ele não estava me dando ouvidos. Quando ficou de pé outra vez, segurei seu rosto entre as mãos enquanto sua boca pairava sobre a minha, e ele deslizou os dedos sobre o meu clitóris.

— Que bom que você não me visitou na prisão — sussurrou ele. — Eu não seria capaz de ficar só te olhando através daquele vidro do caralho por mais de dois anos.

Eu o beijei, angustiada pela tortura que a grade entre nós infligia.

Nunca mais.

— Invadindo a cadeia para me tirar de trás das grades? — zombou. — Ele vai te esganar por causa disso.

Ofegante, eu o beijei de novo.

— Ele tem que passar por você primeiro, não é?

Ele sorriu, seu ego gostando do som disso.

— Ah, com certeza.

— Por favor, amor. — Puxei a porta mais uma vez. — Por favor?

Eu o beijei novamente, gemendo e, finalmente, ele me soltou.

— Ele que se foda. Vamos embora daqui.

Tropecei para trás e ajeitei minhas roupas. Em seguida, Will abriu a porta e segurou minha mão, me puxando pelo caminho. Corremos de volta para a área dos escritórios e joguei as chaves de volta na mesa do Bruckheimer, disparando apressadamente pela porta dos fundos.

Atravessamos a rua correndo, sendo golpeados pelas gotas frias da chuva, até chegar ao carro que nos aguardava.

— Entrem! — gritou Damon. — Depressa!

Nós nos jogamos no banco traseiro e Damon acelerou pela rua. Pulei para a terceira fileira de assentos, para ficar de olho no para-brisa traseiro. Eu queria me assegurar de que não fomos vistos e nem estávamos sendo perseguidos. As únicas coisas visíveis, no entanto, eram os relâmpagos que rasgavam o céu e as gotas furiosas que martelavam o asfalto.

Eu me virei, a tristeza, candura ou tesão agora esquecidos, e enfrentei Will.

— O que diabos você estava pensando? — rosnei, pau da vida.

Filho da mãe. Eu podia até ter sido enredada em sua teia com aquele beijo sedutor lá dentro, mas sexo nunca foi um problema para nós.

— Eu tinha um plano — explicou ele.

— Você tinha?

Ele se virou e olhou para mim.

— Eu terei de enfrentá-lo em algum momento, Emmy — ele esbravejou. — E posso me divertir pra caralho ao mesmo tempo.

— Ainda não sabemos quem te colocou em *Blackchurch*! — resmunguei, entredentes, cada vez mais zangada. — Se você se meter em mais problemas, quem sabe o que vai acontecer? Você não aprendeu nada! Absolutamente nada. Você não tem ideia de como planejar seus movimentos e manter a discrição até a hora de atacar. Você é como um touro em uma loja de porcelanas. Quando você vai crescer? Quando vai aprender a ser paciente?

Estávamos há um dia nessa merda, e ele já tinha ido parar na prisão de novo.

Eu perdi as estribeiras.

— É por isso que não te amo! — berrei.

Então ele se virou para mim, com o cenho franzido e um olhar ardente que me perfurou. Quando dei por mim, ele havia pulado para o banco de trás e me empurrado contra o estofado, pressionando o corpo ao meu.

— Ah, você me ama, sim — disse ele, chupando meu lábio inferior. — Você é louca por mim e pode não ser loira, ter dezoito anos ou se chamar Heidi, mas você é minha, caralho. Você é a minha “Encrenquinha”. — Ele puxou minha camiseta, junto com o sutiã, e chupou meu mamilo com voracidade. — E você vai poder até passear com meus cachorros algum dia, se quiser, mas eu, com certeza, vou arrancar a sua calcinha em cima da minha mesa, e ainda vou deixar você fingir que não adora quando faço isso antes de te dar um cheque assinado. — Ele agarrou meu pescoço, abaixando a minha calça com a outra mão e me beijando com vontade. — Você nunca vai se livrar de mim.

Eu tentei empurrá-lo.

— Will...

— Nunca.

Ele se meteu entre as minhas pernas, mergulhando a língua em minha boca, e fazendo meu mundo girar quando seu corpo quente cobriu o meu.

Sem sentido, gemi baixinho.

— Hmm... — alguém murmurou, e eu pisquei, só então notando que o carro havia parado. — Tudo bem, uau. Eu... hmm...

adoraria assistir isso, na verdade — Damon resmungou —, mas Winter poderia considerar uma traição se ela não estiver aqui também. Eu vou descer e entrar em casa, e você vai ficar me devendo uma, Will.

Damon abriu a porta e saiu sob a chuva torrencial.

Consegui empurrar Will para longe de mim e me levantei.

— Eu vou entrar também.

Abrindo a porta traseira, desci apressadamente do Mercedes, percebendo que estávamos no vilarejo. Então comecei a correr debaixo da chuva em direção à catedral.

— Ah, olha que surpresa... — Will gritou às minhas costas. — Ela está fugindo de novo.

Eu me virei.

— Isso se chama dar um pé na sua bunda, Grayson! Fique olhando, porque vou te mostrar de novo como se faz.

Corri mais rápido ainda, olhando para o pequeno parque e reparando no pequeno gazebo onde antes eu havia construído o meu.

Entrecerrei os olhos, tentando distinguir melhor. *O que...?*

Mas então braços fortes enlaçaram meu corpo e me fizeram virar de frente. Esmurrei o peito de Will e ele perdeu o equilíbrio, levando-nos ao chão encharcado à medida que a chuva açoitava nossos rostos furiosamente.

Eu o golpeei mais uma vez, empurrando meus óculos no topo da cabeça.

— Você incendiou o *The Cove*! — gritei.

Como ele pôde fazer isso? O gazebo e agora isso? Era como se ele estivesse determinado a se autodestruir e não deixar nenhuma lembrança que ambos compartilhávamos.

Ele me puxou para o seu colo bem ali, no meio da rua, as pessoas sentadas sob o toldo da Taverna *White Crow* arfando, chocadas, e se levantando para conferir o que estava acontecendo.

Sentei-me escarranchada sobre ele, segurando a gola de seu suéter com força. No entanto, antes que pudesse continuar a briga, ele disse:

— Ainda tenho o ônibus.

O ônibus.

Nosso ônibus?

Fiz uma pausa, encarando seus cintilantes olhos verdes da cor do mar, vendo-o piscar para afastar as gotas de chuva.

— Eu não preciso do *Cove* — murmurou. — Preciso de mais recordações com você.

Respirei com dificuldade, mas não consegui me mover enquanto as lágrimas nublavam meus olhos.

— Memórias que não se contaminaram com todos os anos separados logo depois — explicou ele.

Todos que nos observavam à distância desvaneceram, e eu olhei para seu cabelo bagunçado agora grudado à cabeça e à testa, gotas escorrendo pelo seu rosto lindo, e tudo o que eu mais queria no mundo era poder admirá-lo para sempre.

— Eu vou construir tudo contigo agora — ele sussurrou, a boca cálida pairando sobre meus lábios. — Faremos Thunder Bay juntos, Em. Eu te amo.

Eu te amo.

Fechei os olhos, o rosto contorcido pelas lágrimas profusas. Meu Deus, eu estava exausta. Tão cansada, que cheguei a ansiar pelos dias em que Martin batia em mim, porque aqueles também foram os dias em que vi Will rindo na escola e jogando basquete com seus amigos.

O dia em que ele se sentou comigo no cinema e contou suas piadas, e a noite em que me levou para andar de montanha-russa, como um casalzinho, de mãos dadas. Por apenas algumas horas.

Saindo de seu colo, sentei-me ao seu lado, deixando suas palavras se instalarem em meu coração à medida que me perguntava para onde diabos íamos a partir daqui.

— Você veio atrás de mim — disse ele.

Sim. Sim, eu fui.

Não precisei procurar uma desculpa, porque eu sabia por qual motivo havia ido atrás dele.

— Eu não podia perder você outra vez — afirmei, encarando a rua à frente.

Respirei fundo e inclinei a cabeça para trás, deixando a chuva resfriar minha pele enquanto pensava a respeito do meu futuro e em todas as coisas que achei que dariam certo para mim sem ele.

Eu amava Will Grayson pra caralho. Eu queria compartilhar todas as refeições ao lado dele, queria maratona a série de filmes *Missão: Impossível* com ele, além de deixar que ele me engravidasse quando e sempre que quisesse.

Ele se levantou e ficou de pé, pairando acima de mim.

— Eu amo você — disse ele, novamente. — Mas vou deixar que você vá embora.

Ele começou a se afastar, meu coração se partindo em dois, e eu balancei a cabeça.

Não.

Ele não podia me deixar ir. Ele não podia seguir em frente sem mim. Tudo o que passamos – tudo – significava algo. Tudo significou alguma coisa.

Não foi?

Não era assim que nós devíamos acabar.

Nada acabou.

— Você quer se casar comigo? — perguntei, respirando com dificuldade e sentindo o coração disparar.

Lentamente, me levantei e me virei para encará-lo, vendo-o parar de repente.

Ele ficou lá, congelado, sem se virar, mas estava tudo bem. Eu não tinha certeza se poderia fazer isso se ele olhasse para mim.

Meu Deus, minha boca estava tão seca que eu mal conseguia engolir.

— Eu te amo — falei, e pelo canto do olho, pude ver as pessoas nos

filmando com seus telefones, mas não me importei. — Eu sou louca por você e tenho certeza de que vou te matar em algum momento, mas... Deus, eu te amo tanto e quero que você se case comigo. — Mais lágrimas escorreram pelo meu rosto enquanto as palavras saíam embargadas: — Case comigo, Will Grayson. — Corri e o abracei de costas, envolvendo meus braços ao redor dele. — Você pode se casar comigo? Posso me casar com você?

Eu o segurei apertado, recostando o rosto às suas costas e sentindo a água da chuva se acumular entre meus lábios.

Ele ia rir de mim. Ele, provavelmente, estava assustado ou talvez com raiva. Eu propus casamento a ele, sem nem saber se era essa sua intenção, para início de conversa.

Merda...

Mas então, ele se virou, me levantou do chão e me beijou, pressionando seus lábios nos meus e imprensando meu corpo contra a lataria de um carro estacionado.

O riso disparou ao nosso redor, e eu o enlacei com meus braços e pernas, me deliciando com sua boca voraz e o calor de seu corpo.

Eu gemi, beijando-o uma vez após outra.

— Isso é um sim?

Ele riu e me colocou de pé. Pisquei rapidamente para afastar as gotas de chuva, observando-o vasculhar o bolso em busca de alguma coisa. Quando retirou a mão, estava segurando entre os dedos uma aliança *vintage* no estilo vitoriano, com um diamante em forma de lágrima; a banda de platina era cravejada de mais joias, e se alojava entre mais dois aros ornamentados. Era quase como três alianças em uma só, com quase três centímetros de largura.

— É uma antiguidade — disse Will, deslizando a joia no meu dedo, com a mão trêmula.

— É da sua família?

— É sua agora. — Ele encontrou meu olhar. — Tem sido sua por quase dez anos.

Eu o encarei, sentindo as lágrimas turvando minha visão. Ele realmente ia me pedir em casamento?

Segurei seu rosto entre as mãos e olhei no fundo de seus olhos, nossos narizes quase se tocando enquanto nossa vida, até este ponto, passava pela minha cabeça.

A piscina no ginásio da escola e a sensação de seu corpo junto ao meu no cinema.

A dança no baile e seus braços ao meu redor, quando me pegou no colo e me levou para a sua cama em *Blackchurch*.

O cheiro inebriante de sua caminhonete e a chuva açoitando as janelas do ônibus, nos escondendo lá dentro.

Havia muito mais do que brigas e mágoas.

— Vou me casar com você — sussurrei.

Ele assentiu.

— Já estava na hora de você se ligar nisso.

Comecei a rir, beijando-o com vontade, ao som dos aplausos efusivos vindos da taverna.

Will riu contra meus lábios.

— Precisamos sair daqui — disse ele.

Segurei sua mão e o puxei pelo caminho. Eu conhecia o lugar perfeito.

— Vamos.

Correndo em direção à catedral, passamos por inúmeras poças d'água e viramos à direita, disparando para o gramado entre a igreja e a calçada.

— Aonde vamos? — gritou ele.

— Vamos encontrar um refúgio.

As portas principais estariam fechadas agora, mas, anos atrás, descobri que o Padre Behr nunca trancava a porta do porão, só para que o velho Sr. Edgerton pudesse dormir por ali, com seu uísque, ao invés de enfrentar sua esposa, caso estivesse bêbado como um gambá.

Assim que entramos, atravessamos corredores estreitos e subimos outro lance de escadas, adentrando a nave da igreja. Levei Will até a galeria e corri para o peitoril da janela, erguendo o pedaço de madeira que eu tinha pregado ali anos atrás, pegando o chaveiro em formato de incensário oculto por trás.

— O que é isso? — Will perguntou, procurando por algum sinal de testemunhas.

Mas não o respondi. Eu o conduzi pela porta, subi as escadas de concreto e coloquei a chave, abrindo a porta da *Sala Carfax*. Passei uma olhada rápida ao redor, inspirando o cheiro de mofo, chuva e madeira.

Tudo escuro, nenhum sinal de vida, e a cama ainda estava lá. Eu não me importava com mais nada.

Fechando a porta, larguei a chave no chão e enlacei o corpo de Will, mordiscando e chupando seus lábios com vontade, porque eu

estava faminta.

— Eu te amo — ofeguei, desabotoando minha calça jeans e me livrando da peça.

Ele tirou minha camiseta, e meus óculos caíram no chão junto com ela.

— É melhor mesmo.

Sem me afastar de sua boca, tirei a calcinha e o sutiã e fiquei completamente nua enquanto arrancava o elástico do cabelo. Will me pegou no colo e o enlacei com as pernas, sentindo as pontas molhadas do meu cabelo tocando minha pele enquanto ele nos levava para a cama.

— Rápido — implorei.

Meu corpo estava latejando. Eu o queria dentro de mim.

Ele me acomodou na cama e arrancou a camisa, tirou os sapatos e se livrou do resto das roupas; o abdômen trincado e as tatuagens pretas me fizeram esfregar as coxas uma à outra com a necessidade.

Meu.

Will subiu na cama, se posicionou acima de mim, e eu apenas abri as pernas enquanto ele se encaixava e me penetrava devagar, embainhando seu pau. *Chega de espera.*

— Aaah... — gemi, arqueando as costas.

— Não durma esta noite — ele arfou, bombeando os quadris e pairando sobre minha boca. — Não quebre isso. Não quebre o feitiço.

Eu o puxei para mim, o calor se acumulando em meu ventre enquanto mordiscava seu ombro, pescoço e boca, incapaz de obter o suficiente.

— Eu te amava ontem à noite — disse a ele. — E ainda te amava esta manhã. Eu ainda estarei aqui. Ainda serei sua, amanhã e todos os dias depois.

Ele se ergueu um pouco, sem interromper o ritmo enquanto olhava para baixo entre nós, observando seu pau se afundar dentro de mim.

— Sinto muito por tudo — murmurei.

— Eu também, amor. — Ele me beijou. — Eu deveria ter ficado. E sinto muito por ter ido embora. Me desculpe por ter deixado você naquele dia, no corredor da escola.

Ele me atingiu bem no fundo e meus olhos começaram a revirar diante do prazer intenso.

— Você e eu contra o mundo — sussurrou ele, acelerando o ritmo e a intensidade.

— Sempre — afirmei.

Então me agarrei a ele com firmeza, enquanto ele deslizava dentro de mim uma vez atrás da outra, arremetendo entre minhas

pernas, ambos nos perdendo pelo resto da noite no calor e frenesi por, finalmente, estarmos juntos.

Capítulo 37

Emory

Dias atuais...

Horas depois, um toque estridente ressoou e eu abri os olhos, estremecendo com a luz que se infiltrava pelas janelas.

— Alô? — Ouvi Will responder.

Rolei e me aconcheguei às suas costas, tentando manter o calor da noite passada.

Ele me abraçou pela noite inteira, alternando os momentos de pura magia ao me acordar no meio da madrugada para transar, e minha vontade agora era matar quem nos incomodava tão cedo. Eu não tinha planejado deixar a *Sala Carfax* hoje.

— Uh, só um minuto — ele disse e se virou, me puxando contra o peito. — Ei, desculpe ter te acordado. — Ele beijou meu nariz. — Rika está no telefone.

— Ela quer falar comigo? — resmunguei.

Ele colocou o celular na minha mão, mas mantive os olhos fechados, bocejando ao sentir a aliança cálida em meu dedo anelar tilintando contra o telefone.

Eu sorri, lembrando de tudo o que aconteceu na noite passada.

— Alô? — murmurei.

— Então, ouvi dizer que você está noiva — ela zombou.

Abri os olhos, franzindo o cenho na mesma hora.

— Como...?

Mas então me liguei. Os vídeos. As pessoas estavam filmando na rua.

Fantástico.

— Consegue dar um jeito de me encontrar? — ela perguntou.
— Só você?

Só eu?

Observei Will ainda com os olhos fechados e esfregando o polegar em círculos lentos no meu ombro.

— Onde? — perguntei.

— *The Carriage House*, em Meridian.

— Agora?

— Daqui a uma hora — ela esclareceu.

Beijei o traçado de uma das tatuagens no peito de Will, incapaz de conter o desejo de roçar a pele macia com meus lábios.

— Duas — eu disse a ela.

Eu não poderia deixá-lo ainda.

— Vejo você em breve — retrucou ela.

Encerramos a ligação e eu sorri, subindo em cima dele e sentindo seu corpo ganhar vida abaixo do meu à medida que um sorriso se espalhava por seus lábios.

Sim, você sabe o que estou querendo, então venha aqui.



Will tentou me convencer a ficar com seu carro, mas eu teria que arranjar vaga em estacionamento, então, em vez disso, preferi pegar um Uber para Meridian.

Desci do Jeep Cherokee, fechando o zíper da jaqueta de couro marrom e olhei para a placa da *The Carriage House*, nem mesmo precisando espiar pelas janelas para ver a variedade de vestidos de noivas lá dentro.

Eu sabia que lugar era esse. Por que ela me queria aqui?

Pedir a alguém para fazer um trajeto de quase uma hora, só para falar com você significava algo sério, e eu realmente já tive drama o suficiente para durar uma vida inteira.

Eu tinha certeza de que ela não estava com raiva de mim, já que estávamos todos nus no mesmo ambiente, duas noites atrás, mas isso não significava que éramos amigas.

Ainda.

O Uber se afastou e os sons da cidade ressoaram pelo ar com suas buzinas e os burburinhos da multidão de pedestres que atravessavam de um lado ao outro.

Olhei para a aliança no meu dedo e não contive o sorriso ao pensar em como se encaixava com perfeição. Como se o tivesse usado a vida toda.

Fui em direção à loja e prendi o cabelo em um rabo de cavalo, enfiando as mãos, em seguida, dentro dos bolsos, para me aquecer contra o vento frio.

Depois de encerrar a ligação com Erika, mais cedo, acessei meu banco e cancelei todos os meus cartões de débito e crédito, pois não fazia ideia de onde havia ido parar a minha carteira depois que fui sequestrada em São Francisco. Em seguida, transferei o dinheiro que ainda possuía para a conta ainda ativa no banco em Thunder Bay, e fui a uma loja para comprar algumas roupas, tudo sob a proteção de Micah e Rory.

Ainda bem que eu não precisaria substituir os óculos, já que Will fez aquilo por mim. Agora eu seria capaz de enxergar Martin, caso ele viesse atrás de mim – o que, estranhamente, ainda não havia feito. Era como se a prisão de Will nunca tivesse acontecido.

Ele viria atrás de nós? Será que Will estava pronto?

Abri a porta e entrei na loja aparentemente vazia, passando pelas vitrines e araras de roupas. Quando cheguei à área dos provadores, avistei Erika de pé em uma plataforma, usando um vestido lindo de seda e lantejoulas, o corpete justo e o decote em forma de coração complementando seu corpo com perfeição. Seu cabelo fluía em ondas pelas costas à medida que ela avaliava seu reflexo por todos os ângulos em um espelho.

Winter estava sentada por perto, falando baixinho ao telefone enquanto passava os dedos sobre a folha de uma caderneta de anotações no colo. Observando com mais atenção, percebi que ela arrastava os dedos da direita para a esquerda, provavelmente lendo algo em Braille.

A esposa de Kai também se encontrava relaxada contra uma poltrona de estofado branco, digitando em seu *laptop*. Onde estava Alex?

Pigarreando, anunciei minha presença:

— Hmm, oi... — eu disse, por fim.

Todas levantaram a cabeça e Winter parou o que fazia, concentrando-se na direção da minha voz. Erika se virou, os olhos azuis cintilantes.

— Ei.

Ela era linda, e com aquele vestido, podia ser descrita como majestosa.

Adentrei um pouco mais a sala, chegando perto enquanto agarrava, dentro do bolso, o celular que Will me deu. Eu tinha que admitir que estava tentada a sair correndo dali. Nunca me senti confortável em grupinhos de mulheres. Só a presença de Erika Fane já me intimidava, ainda na época da escola, e ela era dois anos mais nova que eu.

Ela olhou para mim, e eu levei um tempo para endireitar a postura e manter o olhar conectado ao dela.

— Então... — Fez uma pausa.

Então...

No entanto, ela continuou me encarando.

Meu Deus, o que houve? Senti meu rosto esquentar, me perguntando se o interrogatório viria agora e se poderia ser culpa da cena de sexo no trem, o fato de eu ter enviado seus amigos para a prisão anos antes, ou o resgate de Will ontem à noite, mas, na verdade, ela segurou minha mão e olhou para o meu anel de noivado, sua própria aliança cravejada de diamantes cintilando sob a luz.

Ela me diria que eu não era boa o suficiente para ele.

Ela me diria que eles não podiam confiar em mim.

Mas ao invés disso, ela perguntou:

— Você está feliz?

Se eu estava feliz?

Confusão e alívio me atingiram de uma só vez, e então... uma risada espontânea escapou dos meus lábios. Não fui capaz de conter o riso de emoção que vibrava dentro de mim.

— Isso é tudo que eu queria saber — disse Erika, sorrindo. — Parabéns.

— Obrigada.

Bem, até que isso foi fácil. Ela me encarou com aqueles olhos calorosos e ouvi as outras duas desejarem os ‘parabéns’ também.

— Nunca fomos devidamente apresentadas. — Estendeu a mão.

— Erika Fane, mas você pode me chamar de Rika.

Segurei sua mão e retribuí o cumprimento.

— Emory Scott.

A esposa de Kai deixou de lado seu *laptop* e se levantou, oferecendo-me sua mão.

— Nikova Mori, mas todos me chamam de Banks.

— Banks — repeti, e então me lembrei. — Nikova — murmurei baixinho, depois perguntei: — Nik? Você é irmã de Damon?

Ela pareceu surpresa, balançando a cabeça.

— Isso mesmo.

E então Rika entrou na conversa novamente.

— E eu também, na verdade.

Hã?

No entanto, ela acenou com a mão no ar.

— É uma longa história, mas a gente te explica tudo mais tarde.

Ela e Banks não eram parentes, certo? Do contrário, aquela coisa no trem ganhava contornos muito mais estranhos agora.

— Winter Torrance. — A outra garota se aproximou devagar, estendendo as duas mãos.

Eu as segurei entre as minhas.

— É bom conhecer todas vocês.

— E você conhece a Alex — disse Rika, gesticulando com a cabeça e voltando à plataforma.

Olhei por cima do ombro e a vi recostada à parede, a bolsa ao lado enquanto nos observava atentamente, quase como se estivesse aguardando um convite para se juntar a nós.

Desde que saímos daquele trem, eu não a havia visto, e não tinha certeza se ela queria falar sobre alguma coisa.

Eu me virei de volta para Rika, e disse:

— Você está linda. Esse vestido é para uma ocasião especial?

— É meu vestido de noiva.

Seu vestido de noiva?

Winter subiu na plataforma e passou as mãos pelo tecido,

tocando o rosto de Rika na sequência.

— É vermelho. — Ela sorriu. — Eu posso sentir isso.

O vestido era composto por um corpete tomara-que-caia vermelho, adornado com bordados dourados ao redor dos seios, e parecia ter sido feito especialmente para ela. Seu longo cabelo loiro caindo solto pelas costas dava o complemento perfeito. A cor não era nem um pouco convencional, mas por que aquilo me surpreendeu? Por que ela não deveria fazer o que quisesse?

Rika, de repente, respirou fundo e baixou a cabeça, lágrimas furtivas escorrendo pelo rosto.

— Melhor fazer isso agora e não no altar, eu acho — ela brincou, rindo ao erguer a cabeça. Por um instante, ela parecia um pouco perdida, dando a impressão, finalmente, de ser humana. — São tantas emoções, sabe? Meu estômago está embrulhado... Michael nunca deixou de me causar essa sensação...

Eu conseguia me identificar com seu sentimento. Não importava o quanto você achasse que fosse forte, era o cara que possuía seu coração que, realmente, tinha o verdadeiro poder.

Banks caçou:

— Ai, isso é tão fofo. Você o ama tanto que ele te deixa com náuseas.

Bufei uma risada e Rika e Winter explodiram em gargalhadas.

— Para ser sincera, sim — Rika resmungou com Banks, brincando.

Ela fez uma volta em cima da plataforma, e o vestido farfalhou ao redor e pelo chão.

— Ele é minha vida — disse ela —, e eu não poderia estar mais feliz com isso. Nada valeria a pena sem ele. — Ao se virar, ela olhou para nós e segurou a mão de Winter enquanto dizia: — Eu amo vocês, sabia? Adoro estar me lançando nisso de cabeça, mas não queria fazer isso sozinha. — Sua voz estava embargada. — Obrigada por serem minha família.

Eu não tinha tanta certeza de que ela me ‘amava’ – talvez gostasse de mim, pelos eventos mais recentes –, mas ela estava um pouco bêbada de amor, então aceitei. Eu esperava estar tão feliz assim no dia do meu casamento.

Ela respirou fundo e depois bateu palmas.

— Tudo bem, chega! — Enxugou as lágrimas. — Champanhe para todos, e traga os vestidos!

— Hã? — Winter perguntou.

No entanto, antes que Rika pudesse responder, duas araras com vestidos foram empurradas até ali, assim como uma bandeja com taças do espumante dourado foi servida.

— Para que isso? — Banks perguntou a Rika.

Uma senhora levou a bandeja para Rika, e ela pegou uma taça para si.

— Escolham suas cores favoritas e vão experimentar os vestidos para que os ajustes possam ser feitos — Rika informou.

Olhei para as araras, deparando com vestidos longos caindo no chão em cores prateadas, pretas, brancas e douradas.

Isso significava que ela queria que também estivéssemos elegantes... ou nos queria como suas madrinhas?

— Rika, esses são incríveis — disse Banks, guiando Winter até os vestidos. — Tem certeza?

Ela não respondeu, e simplesmente olhou para mim.

— Espero que encontre algo de que goste.

— Eu não ac...

— Escolha — interrompeu meu protesto.

Então ela se virou com a taça em mãos, enquanto a costureira verificava o ajuste.

Observei Banks e Winter vasculharem por entre as roupas, sorrindo e rindo como adolescentes, embora eu soubesse que ambas fossem mães agora.

O que Rika estava pensando? Eu não poderia ser uma madrinha – o que imaginei que era o caso ali. Era de se esperar que ela vestisse suas damas, não os convidados. Entretanto, ainda assim, fui até as araras e vi Banks escolher um vestido preto, à medida que Winter roçava diferentes tecidos com as mãos.

Peguei um lindo vestido cintilante com mangas compridas e cintura marcada e um decote singelo, mas Alex me empurrou para o lado e escolheu um prateado brilhante ornado com bordados cinza-escuro, com decote em V mais acentuado e alças finas.

— Este — ela disse.

Ergui a peça de roupa, pensando que não havia a menor possibilidade de usar roupa íntima com aquilo. Não era tão transparente, mas o tecido era diáfano e se agarrava a quase todas as curvas do corpo.

Banks e Winter desapareceram por trás dos provadores, quando perguntei a ela:

— Você não deveria estar experimentando um?

— Eu já tenho o meu.

Com o vestido em mãos, ela me levou para uma pequena sala e desabotoou as cortinas brancas, nos fechando ali dentro. Em questão de minutos, eu estava sem roupa, apenas com os saltos altos, e sendo ajudada por Alex a experimentar o vestido. Ela me virou e começou a fechar os ganchos às costas. Senti a pele formigar com o seu toque, receosa de que ela estivesse preocupada.

Eu só não fazia ideia com o quê. Havia muitas coisas para

resolver por agora, mas eu queria conversar com ela. Desde que saímos de *Blackchurch*, não soubemos de nenhuma repercussão e se houve algum sobrevivente do incêndio.

Ela não teve o encerramento que deveria ter com ele. E ele poderia estar morto agora.

— Margaritas e pizza hoje à noite? — brinqueei.

Will iria pirar se eu desse um sumiço, mas ele estava bem, enquanto ela, não.

— Tenho um trabalho hoje — murmurou, prendendo o último gancho.

Um trabalho... Demorou apenas um instante para que eu tirasse minhas conclusões. Ela tinha um encontro.

— Não — disse eu.

— Não há nada de errado com o que eu faço, Emory.

— Foi isso o que disse a ele quando ele tentou te impedir?

Seus olhos dispararam para os meus, e eu soube naquele momento que tinha acertado em cheio. Aydin deveria ter se esforçado mais, mas ele chegou a tentar, certo? Ele foi atrás dela.

Ela aprumou a postura e eu enrolei meu rabo de cavalo em um coque no alto da cabeça, observando meu reflexo no espelho.

— Nós somos iguais, sabia? — comentei. — Teimosas demais para o nosso próprio bem. Ele foi atrás de você, mas seu coração estava endurecido, e não havia nada a fazer a não ser continuar colocando um pé na frente do outro e nunca olhar para trás, certo?

Eu a conhecia porque eu *me* conhecia. Nós éramos iguais.

Lágrimas inundaram seus olhos e ela balançou a cabeça para si mesma.

— Eu gostaria de ter feito amor com ele apenas uma vez.

— Então por que você não fez?

— Porque ele não pagaria por isso — ela retrucou, o brilho de orgulho cintilando em seus olhos.

A dor atingiu meu coração.

Soltei o coque improvisado e a abracei com força. Ela ficou petrificada por um momento, mas então senti se desfazer quando soluçou silenciosamente contra meu ombro. Eu a abracei com mais força, com meu rosto enfiado na curva de seu pescoço enquanto ela rodeava meu corpo com os braços.

Desperdicei tempo demais por sentir medo de tudo – guardando rancor, deixando meu orgulho me conduzir –, mas não havia nada a perder em tentar. E era isso. Às vezes, tínhamos apenas uma chance. Ambos estavam destruindo um ao outro, exatamente como Will e eu estivemos fazendo, mas o pior de tudo era que ela poderia não ter outra oportunidade com Aydin.

Eu tive muita sorte.

Nós nos abraçamos por mais um minuto, até que ela fungou e se afastou, enxugando as lágrimas.

— Merda — ela sussurrou, me olhando de cima a baixo. — Ele vai ficar de pau duro em três segundos quando te vir usando esse vestido, sabia?

Comecei a rir na mesma hora, visualizando Will me vendo usar uma roupa sexy pela primeira vez na vida. Eu poderia até mesmo fazê-lo sofrer durante a cerimônia, me sentando longe dele.

Eu me virei e observei o traje, pensando que se usasse o cabelo solto com alguns cachos, o visual ficaria perfeito. Eu me sentia linda.

— Você e Will sempre foram próximos — comentei com ela. — Melhores amigos.

— Você não tem nada com que se preocupar, Em.

— Eu sei. — Não era isso que eu queria dizer. — Eu confio em você.

Encontrei seu olhar através do espelho enquanto ela afofava o vestido e verificava a cintura.

— Preciso pedir que você faça uma coisa por mim — disse eu.

Ela acenou com a cabeça.

— Estou dentro. Do que você precisa?

Abri a boca para dizer a ela, mas ouvi alguém me chamar de fora do provador:

— Emory, você está bem?

— Ahn... — Olhei para Alex e depois para as cortinas, ciente de que não tínhamos tempo para isso agora. — Vamos conversar mais tarde — sussurrei para Alex, e então gritei: — Sim, já estou saindo.

Nós duas deixamos o provador e Erika ainda se postava à plataforma, com Banks e Winter pouco à frente e trajando seus vestidos dignos de uma entrega de Oscar.

Rika sorriu para mim.

— Ficou perfeito em você.

— Acho que vou apenas erguer um pouco a bainha — disse a costureira, com um coque no alto da cabeça e uma blusa preta abotoada até o pescoço.

— Você vai conseguir ajustar a tempo? — perguntou Rika.

— Pode deixar comigo.

Rika assentiu e eu me aproximei, girando diante dos espelhos.

— Isso é para o casamento? — perguntei a ela.

— Se você tiver gostado.

Eu, definitivamente, amei o vestido.

Com um sorriso, eu respondi:

— Eu amei de paixão.

Seus olhos animados se voltaram para Winter.

— E, então, o vestido ficou bom, Winter? Não está muito

apertado?

A outra garota loira, com o cabelo ondulado platinado e solto por cima do ombro, roçou os dedos pelo vestido branco composto de penas brancas, como um cisne.

— Adoro a sensação — disse ela, com a voz suave. — Não dá nem vontade de usar... Ele não terá paciência com os botões, e isso vai acabar em pedaços no chão do nosso quarto.

Banks começou a rir e eu bufei uma risada. *Como alguém tão suave e gentil havia se apaixonado por Damon Torrance, pelo amor de Deus?*

Mas... acho que depois de vê-lo completamente enfeitiçado por ela, na cozinha do trem, era nítido que aquela garota era exatamente o tipo dele.

Rika olhou para Banks, que deu de ombros, apreensiva em admitir que gostou de seu vestido preto com as alças pendendo soltas pelos ombros, e um corpete que deixava os seios quase expostos pelo decote. Para dizer a verdade, ela parecia majestosa.

— Está perfeito. Você acertou em cheio — disse ela a Rika. — Isso é totalmente a minha cara.

— Que bom. — Rika assentiu e olhou para todas nós, com um sorriso malicioso brincando em seus lábios. — Porque eu tenho uma ideia.

Capítulo 38

Will

Dias atuais...

Eu vou matá-la. Ela monopolizou Emmy pelas últimas trinta e seis horas sem dar nenhum aviso, sem nem ao menos perguntar se estava tudo bem. Não rolou nenhuma explicação além da desculpa esfarrapada sobre precisar de uma noite só de meninas, enquanto ainda era solteira.

Eu não tinha chegado a conversar com Em, porque Rika confiscou todos os telefones celulares, e se enfiou com Alex, Banks, Winter, Emory e Ryen no Delcour desde ontem de manhã.

Quero dizer, que porra é essa? Eu havia acabado de reconquistar a garota, e o medo era uma constante na minha mente, preocupado que ela mudasse de ideia sobre se casar comigo, caso eu não a lembrasse o tempo todo de quão gostoso eu era.

Lev e David entraram carregando seis fardos de bebida, distribuindo-as enquanto Kai engraxava os sapatos e Michael arrumava o cabelo na frente do espelho.

Todos nós estávamos entocados em St. Killian, enquanto pais e avós gritavam lá embaixo, tentando obrigar todo mundo a entrar nas limusines. O sol estava se pondo no horizonte, e o bom e velho DMX tocava no sistema de som ao lado.

Micah pegou uma garrafa de champanhe da mão de Rory, e tomou uma dose generosa; Damon puxou Misha pelo colarinho, arrumando sua gravata e, em seguida, agarrou sua cabeça, inspecionando uma mecha em seu cabelo.

— O que...? — caçoou. — Isso é azul? Argh!

Misha deu um tapa nele e Damon o empurrou, pegando uma cerveja e revirando os olhos.

— Fique ligado — Damon disse a ele.

Misha se sentou ao meu lado e eu tomei um grande gole da minha garrafa d'água.

— Você vai vê-la em uma hora — ele me assegurou.

Nervoso, ingeri mais um pouco de água.

— Rika poderia ter nos avisado que ia levar todas as garotas para passarem a noite com ela.

— Isso é bom pra que você sinta saudades.

— Já tenho sentido isso há muito tempo — resmunguei, observando Michael amarrar os sapatos e entornar a garrafa de cerveja. — Estou cansado de sentir falta dela.

— Você acha que se ela estiver fora das suas vistas, ela vai ter

tempo de mudar de ideia?

— Não.

Sim. Meu primo era inteligente pra caralho.

Dei um sorriso e ele fez o mesmo, terminando de tomar sua própria bebida.

Kai se aproximou e pegou mais uma garrafa, mas parou e me encarou por um segundo.

— Isso te incomoda? — perguntou ele. — Não precisamos beber.

Seu olhar estava focado na garrafa d'água que eu tinha em mãos.

— Não. — Suspirei. — Estou bem. Só quero estar aqui inteiro por ela.

Ele destampou a garrafa, as gotas de condensação escorrendo pelo vidro, e eu me lembrei do prazer que sentia ao beber aquilo ali, mas não desta vez. A bile subiu pela garganta quando pensei em todas as vezes que enchi a cara para que o tempo passasse rápido, ou quando acordava no dia seguinte de ressaca e me sentindo uma merda, totalmente paranoico por ter dito ou feito alguma coisa estúpida, tendo que arcar com as consequências disso.

Agora eu sabia que poderia fazer muito mais coisa do que imaginei que fosse capaz. E eu estava cansado do meu antigo eu.

Mas eu podia alimentar um vício diferente. Se Damon podia beber na minha frente, eu poderia muito bem fumar na frente dele. Levantando-me de supetão da cadeira, peguei o maço e o isqueiro de dentro do bolso da camisa de Rory e acendi um cigarro já esperando que Michael reclamasse por eu estar fumando em sua casa.

No entanto, ele estava muito ocupado rindo com Kai, e não disse nada.

— Foi divertido ontem à noite — disse Micah.

Emmy me contou o que eles fizeram ontem para me tirar da prisão, e para minha total surpresa, ela estava certa. O fato de ela ter se envolvido na delegacia mudou as coisas, e quem havia assumido o caso estava mantendo tudo em sigilo. O que me deixava puto, já que Martin ainda não tinha se manifestado sobre o ocorrido.

— Contanto que você não seja pego, é muito divertido — respondi.

Coloquei uma mochila em cima da cadeira e retirei dali de dentro duas máscaras ao estilo do jogo *Army of Two*, pretas e com uma pintura que simulava as bandagens de uma múmia. Em seguida, entreguei aos dois.

Micah olhou para mim, confuso.

— Para mais tarde — eu disse. — É a Noite do Diabo.

Seus olhos se arregalaram quando se lembraram do que Emmy

havia lhes contado, e ambos se entreolharam, rindo baixinho.

— Parece que você e seus amigos ditam as leis em Thunder Bay — comentou Micah.

— Na verdade, é o oposto. — Dei uma tragada no cigarro. — Não há hora de dormir aqui.

Rory jogou a máscara de volta na cadeira.

— Alguém vai vir atrás de nós?

— Sem sombra de dúvida.

Micah riu.

— Aí, sim.

Talvez não esta noite, mas, com certeza, a hora chegaria.

— Vocês abasteceram os carros? — Michael perguntou a alguém, e quando olhei por cima do ombro, o vi conversando com David e Lev.

— Sim — os dois concordaram em uníssono.

Michael então olhou ao redor.

— Os telefones celulares de todo mundo estão devidamente carregados?

Todos respondemos afirmativamente.

— E as crianças? — perguntou ele, a seguir.

— As babás vão nos encontrar lá — Damon respondeu.

Michael ficou ali parado, os ombros retesados diante de tudo se encaminhando conforme o planejado.

— Você está pronto? — perguntei a ele.

Ele abriu um sorriso e respirou fundo, exalando o ar lentamente.

— Sim — disse ele. — Vamos embora.

Descemos as escadas às pressas, rindo e conversando, as pisadas pesadas me fazendo lembrar de todas as vezes que corremos como um grupo unido e coeso.

Saindo para o ar noturno, sob o som de *Let the Sparks Fly*, vindo da *playlist* do celular de alguém, um *déjà vu* me atingiu no segundo em que pensei na última vez que ouvi aquela música. Rika tinha dezesseis anos, estava no carro conosco, e foi nossa última noite realmente boa por um longo tempo.

Os cascalhos rangiam sob nossos pés, garrafas de bebidas em mãos – no caso, água para mim –, à medida que saíamos pela parte dos fundos da casa.

— Não vamos de carro? — perguntei, percebendo que todos continuavam andando.

Michael negou com um aceno de cabeça.

— Não preciso ser levado até o altar — ele anunciou. — Quero chegar em grande estilo com meus amigos, do jeito como tudo começou e como vai continuar.

Kai apertou seu ombro, e todos seguimos pela estrada.

— Sempre.

David e Lev guiavam os SUVs pelo acostamento, à nossa frente, caso precisássemos de transporte mais tarde, mas nós continuamos andando pela rodovia escura, avistando as luzes brilhantes nas propriedades pelas quais cruzávamos.

Fogueiras estavam acesas em vários lugares, o cheiro de madeira e especiarias impregnava o ar; as decorações de Halloween de cada casa se iluminavam, e as chamas bruxuleantes dentro das lanternas de abóbora me arrancaram um sorriso.

Um uivo ecoou, e quando olhei para trás, vi Michael com as mãos em concha ao redor da boca, rugindo com vontade pelas copas das árvores.

— Eu vou me casar com a pequena Rika Fane, filhos da puta!
— Michael gritou, e nós o imitamos, entoando nosso grito de guerra noite adentro.

— Uhuuuuu! — Nós nos juntamos a ele.

Michael deu um tapa nas minhas costas e disse:

— Vamos buscar minha garota.

Com cervejas e garrafas em mãos, caminhamos pela rodovia, avistando nossos vizinhos entrando em seus carros e seguindo seu caminho; uma Mercedes passou por nós, quase andando na contramão, já que tomávamos a maior parte da pista.

— Você vai se atrasar! — Bryce riu, com o corpo projetado para fora da janela do passageiro.

Michael estendeu os braços.

— Até parece que eles vão começar sem mim!

Bryce acenou e o carro se afastou, e eu balancei a cabeça ao ritmo da música, vendo Micah e Rory compartilharem a cerveja, rindo e sussurrando entre si.

— Você sabe que eles podem começar sem você se ela criar juízo, né? — debochei dele. — Lembra quando sequestramos a mãe dela, roubamos todo o seu dinheiro e ateamos fogo na casa dela? Bons tempos aqueles...

— Que porra é essa? — Rory disparou, chocado. — Você não está falando sério.

No entanto, Michael deu uma risada zombeteira, se defendendo:

— Damon a ‘apagou’ com clorofórmio, carregou minha garota como um saco de farinha em cima do ombro e a levou para o meio do oceano.

— Estávamos nos conectando — D retrucou. — Você só está com ciúmes.

— Estou feliz que seu ‘vínculo’ não foi parar debaixo das roupas

dela antes que descobrissem que são irmãos — rebati. — Dá pra imaginar essa merda?

Damon enganchou o braço no meu pescoço, e me puxou para baixo, e ambos começamos a rir enquanto fingíamos estar lutando.

— Estou começando a achar que temos que agarrar essa garota e a Emory e fugir daqui — Micah murmurou para Rory.

Afastei Damon com um empurrão e endireitei a postura, arrumando meu terno.

— Nós a amamos muito — assegurei aos dois. — Nós morreríamos por ela e um pelo outro. Erika Fane é uma mulher de sorte.

— Sim, ela é — Kai concordou, então olhou para Michael. — Você está bem?

Quando nos concentramos em Michael, vimos que uma camada de suor recobria sua testa e ele respirava com dificuldade.

— Meu coração está martelando — ofegou, deixando escapar uma risada nervosa —, como naquele dia em que entramos em sua aula de matemática e eu a vi pela primeira vez depois de meses afastados.

Kai sorriu, apertando seu ombro.

— É uma sensação boa.

Porra, era mesmo. E a coisa era melhor ainda quando sabíamos que o sentimento era recíproco. Meu Deus, eu já sentia falta de Emmy. Quando ela estava comigo anteontem, foi como se um novo mundo se abrisse, e eu pudesse ver décadas à frente, desfrutando cada vez mais um do outro.

Eu sabia que ela era a única garota para mim.

Assim que descemos a colina, entramos no vilarejo e Misha entregou a Damon sua garrafa de cerveja pela metade, que foi ingerida quase em um gole só pelo meu amigo mais do que feliz em ajudar.

Eu estava adorando ver a interação de ambos nos últimos dias. Misha se tornou filho único depois da morte de Annie. Nenhum deles tinha um irmão, e se o pai de Misha se casasse com a mãe de Damon — e Rika —, eles seriam, teoricamente, parentes.

Os dois viviam brigando ao longo dos anos, mas um vínculo estava se formando ali. Acho que quanto mais a gente amadurece, mais percebe o quanto precisamos dos outros. Seria bom para Damon ter um irmão.

As pessoas lotavam as ruas à frente; *Light Up the Sky* ressoava na maior altura do *Sticks*, o trânsito de veículos bloqueado enquanto os restaurantes e a taverna fervilhavam de clientes. Os comerciantes estavam servindo as melhores refeições esta noite, tudo sendo pago pela Graymor Cristane.

À medida que nos aproximávamos, as pessoas se concentravam em nós.

— Will! — Simon se aproximou, segurou minha mão em um cumprimento e enlaçou meu pescoço.

— Ei — cumprimentei, retribuindo o abraço.

— Parabéns — alguém disse a Michael.

— Obrigado.

Os *food trucks* se alinhavam no meio-fio, distribuindo comida e bebidas; garrafas de champanhe estouravam em todo lugar, a vila inteira iluminada apenas pelos lampiões a gás que circulavam as calçadas.

Essa seria uma cerimônia não-convencional, pelo que fiquei sabendo. Eles não queriam pompa e circunstância, desejando apenas um momento agradável ao redor da cidade.

Abrindo caminho por entre as pessoas – velhos amigos e novos moradores –, avistei o atual time de basquete com seus casacos da escola, todos amontoados no teto e no capô de um Hummer. O que estava à frente inclinou o queixo para mim quando fiz contato visual, o que logo deduzi que devia ser o capitão.

Achei até fofo da parte deles. Estar aqui para isso como sempre fizemos questão de estar para os McClanahan. Alguém estava ensinando esses jovens do jeito certo.

O gramado do parque estava vazio e limpo, exceto pelas cadeiras disponíveis para nossos familiares próximos, à medida que nos aproximávamos

do gazebo. Misha se afastou para ir ao encontro de Ryen, que se encontrava sentada na segunda fileira; Micah e Rory ocuparam os dois assentos reservados para eles, e Damon e Kai procuraram por suas mulheres. No entanto, só avistei Ivarsen com Christiane, ao lado de Matthew Grayson, e Madden nos braços de Katsu Mori sentado ao lado da esposa.

Os pais de Michael estavam acomodados na primeira fileira, sua mãe sorrindo de orelha a orelha e mandando um beijo para ele sob o olhar severo do pai, que mantinha um sorriso cínico no rosto, como se estivesse apenas ganhando tempo.

Putá que pariu.

Mas Michael sabia o que eu estava pensando e me puxou para frente novamente.

— Mais tarde — disse ele. — Não essa noite.

— Eu sei.

Ele e seu pai nunca se deram bem, e nunca duvidei da lealdade e do compromisso de Michael em levar nossos planos até o fim. Mas isso não significa que eu não estivesse louco por isso.

Relanceei o olhar rapidamente pela multidão outra vez. Onde

diabos estava Emmy? Também não tinha visto Winter ou Banks, e eu esperava que isso não significasse nada.

Subimos os degraus para o gazebo e admirei o telhado aberto, notando os cristais pendurados nas folhas das árvores que pairavam acima.

O círculo de ferro forjado se estendia por cerca de cinco metros de diâmetro, enquanto as trepadeiras se enrolavam nas grades e vigas, alinhando-se ao telhado que se conectava a uma ponta. No entanto, o espaço onde deveria haver vidraças para impedir a entrada da chuva ou da luz do sol, se encontrava aberto, deixando as copas das árvores à vista.

A juíza de paz de meia-idade, com cabelo castanho curto e batom cor de vinho, e que celebraria o casamento, estava parada de pé bem no meio.

Inclinei-me para Damon.

— Quem construiu este gazebo?

Mas ele apenas deu de ombros, sem olhar para mim.

Ele não sabia? Ele esteve aqui o tempo todo. Como isso poderia ter sido construído sem que ele soubesse de alguma coisa?

Michael caminhou até parar diante da juíza e alinhou a gravata. Nós o ladeamos e ficamos à espera da comitiva de Rika.

Eu mal podia esperar para ver Emmy. Rika sempre pensava em tudo, então eu sabia que ela, provavelmente, arranjaria um vestido para ela, mas eu também esperava que elas tivessem passado um tempo divertido juntas. Eu queria que ela gostasse dos meus amigos. Eles eram uma família e eram importantes para mim.

— Então, você vai ser um Crist? — Kai provocou Michael. — Ou um Fane?

— Cale a boca — respondeu Michael, com rispidez.

Kai e Damon começaram a rir baixinho. Do que se tratava aquilo?

Antes que eu pudesse perguntar ao que se referia a piadinha, a música cessou, o burburinho da multidão esmaeceu, e todos focamos nosso olhar adiante. Na mesma hora, senti os arrepios se espalhando pelo meu corpo.

Até que enfim.

— Michael — sussurrou Kai.

Olhei para Kai, e nosso olhar seguiu a direção do dele, mais à frente no início do caminho que até o gazebo.

E ela estava ali parada, e um nó se alojou na minha garganta, por alguma razão, quase me colocando a ponto de explodir.

Merda.

Rika olhou para Michael, trajando um vestido vermelho ousado e ardente, mantendo o olhar focado ao dele. Ele foi até a beira da

escada, encarando-a com intensidade pela distância que se estendia em cerca de vinte metros.

Ela havia se transformado em uma linda mulher. A pele de seus ombros nus brilhava à luz das lâmpadas, o longo cabelo loiro cascadeando pelas costas em cachos soltos, e o vestido vermelho, composto por camadas de seda que se espalhavam de sua cintura e pelas pernas, enfatizam a pessoa deslumbrante e forte que ela era. Bordados dourados decoravam o corpete e brincos de ouro compridos e grossos quase alcançavam seus ombros.

A multidão a rodeava, mas deixou o caminho livre à sua frente.

Uma singular melodia de piano acompanhada de violinos começou a tocar e, sem desviar o olhar do de Michael, ela começou a andar em sua direção.

Olhei por toda a parte, procurando por Emmy, mas as outras três ainda não estavam em lugar nenhum.

Michael ficou paralisado, respirando profundamente enquanto a observava se aproximar, como se estivesse agoniado. Sua mandíbula contraída e os olhos marejados de Rika eram os sinais que me mostravam que tudo aquilo era intenso demais.

Era uma vez, uma garota que nos deixou maravilhados quando se juntou à nossa aventura durante uma noite inteira...

Ela não mudou absolutamente nada.

Subindo as escadas, sem precisar de ninguém para conduzi-la ou entregá-la, Rika segurou a mão de Michael e sorriu.

— Ei — disse ela.

Então ele se abaixou e suspirou ao recostar a testa à dela, com a boca pairando a centímetros da garota que ele amava.

No entanto, Kai o puxou para trás, para que se afastasse.

— Isso é daqui a pouco, cara.

Rika e Michael começaram a rir, e Michael a observou umedecer os lábios, sentindo uma dificuldade absurda em desviar o olhar. Segurando sua mão, ele a guiou até a juíza, mais do que preparado.

Sem me importar muito com o protocolo, eu me postei à frente deles.

— Onde estão as meninas? — sussurrei.

Rika se virou para mim com um sorrisinho estranho como se soubesse de um segredo.

Então, seus olhos se focaram em algo além do gazebo, e quando seguimos a direção de seu olhar, vimos as garotas paradas nos três distintos acessos que levavam ao gazebo.

O que...?

Fui até o outro lado, e Kai e Damon seguiram a direção das escadarias, e só então pude admirar Emmy ali de pé, em um vestido

prateado e com o cabelo escuro solto às costas, o olhar fixo ao meu.

Winter se encontrava à minha esquerda, usando um vestido de penas brancas, enquanto Banks estava à direita, vestida de preto.

O que elas estavam fazendo?

Elas estavam...?

Então perdi o fôlego quando cheguei à conclusão.

Puta merda.

— Você concorda? — Ouvi Rika murmurar.

— Vem aqui — sussurrou Michael, e ouvi o som de beijos. — Eu amo você.

Lembrei-me de Rika planejando se casar com Michael em St. Killian, nos penhascos e sob o céu da meia-noite, de acordo com suas palavras.

Senti a emoção me percorrer de cima a baixo. Acho que ela teve uma ideia melhor.

As três começaram a caminhar na nossa direção, e quando Damon deu um passo à frente para encontrar Winter no meio do caminho, Rika o impediu.

— Ela quer fazer isso sozinha, Damon.

Ele parou, as três percorrendo seus respectivos caminhos até nós, o corpo de Damon tensionado, os olhos focados em cada passo que ela dava.

Era isso, então, o que Rika estava planejando. Por isso ela sumiu com as meninas.

Olhei por cima do ombro e avistei Alex sentada com os pais de Kai, usando um vestido azul-escuro.

Meu coração estava acelerado e enlouquecido, meu rosto ostentando um sorriso amplo enquanto Emmy subia as escadas.

Isso estava acontecendo de verdade? Nós realmente faríamos isso?

Alheio a qualquer outra pessoa à medida que o meu mundo girava, estendi a mão e a ajudei a subir o restante dos degraus.

— Acho que dessa vez, você bem que poderia me beijar, né? — Ouvi Banks dizer a Kai.

E então Damon segurou a mão de Winter.

— Você está tão linda que chega a doer, caralho — disse ele.

Mas eu mal conseguia engolir, sentindo a garganta seca.

Seu vestido, seu corpo, cada curva... Como era o decote às costas? Cacete...

— Você está pronta para isso? — ela perguntou baixinho, parecendo esperançosa.

Senti o anel em seu dedo, meus olhos percorrendo seus seios.

Emory Scott. O que...?

Ela segurou meu queixo e me obrigou a olhar para cima,

tentando reprimir o riso a todo custo.

— Você está pronto para isso? — ela perguntou, novamente.

Eu concordei com um aceno entusiasmado.

— Sim, para sempre agora.

Ela tirou o anel e me entregou para que eu pudesse me casar com ela, e então agarrou meu braço quando seguimos até o centro do gazebo.

Damon passou os braços em volta de Winter, segurando-a contra seu corpo e sem desviar o olhar dela, enquanto Banks se apoiava em Kai, de pé ao seu lado.

Eles eram os únicos realmente casados, mas seu primeiro casamento foi um evento bem tenso. Fiquei feliz por estarmos todos aqui. Isso era mais do que perfeito.

— Bem-vindos — disse a celebrante quando a música suavizou.

— Michael e Erika...

Mas então as luzes se acenderam acima de nós, e todos inclinamos as cabeças para trás, ouvindo a multidão arfar em êxtase e a juíza ficar em silêncio.

Os cristais que vi acima do telhado eram, na verdade, pequenas lâmpadas que formavam uma espécie de lustre. Uma dúzia delas, penduradas nas árvores, ganhando vida e iluminando as folhas, galhos, e parecendo um outro mundo lá em cima.

Emmy respirou fundo e eu olhei para ela, vendo seu queixo trêmulo e uma lágrima prestes a escorrer de seu olho.

— Ai, meu Deus — ela murmurou.

Ela parecia adorar lustres, não é?

Estendendo a mão, limpei a lágrima brilhante iluminada em sua pele sedosa.

— Michael e Erika — a celebrante recomeçou. — Damon e Winter. Kai e Nikova. William e Emory.

Todos nós olhamos para ela, e eu tomei fôlego, sentindo o olhar de Em concentrado em mim.

— Vocês estão felizes? — perguntou a juíza.

Exalei com força, rindo baixinho, e todos os outros também riram por um instante. A juíza acenou com a cabeça, sem precisar de mais respostas.

— Estou orgulhosa de ter visto todos crescerem aqui, e mais do que animada para ver tudo o que será construído no futuro de vocês.

Apertei a mão de Emmy, emocionado.

— As alianças, por favor?

Segurei a aliança de Emmy, enquanto Michael fazia o mesmo com a de Rika, bem como Damon e Kai com os anéis que tiraram dos dedos de suas esposas minutos atrás. Mas então, todas elas abriram as mãos para revelar as alianças que haviam feito para nós.

Olhei para baixo e vi os aros de platina com um brasão desconhecido gravado na peça. Um crânio com chifres protuberantes pairando sobre um leito de relva onde uma serpente repousava, contra um fundo todo escuro. Quando olhei à nossa volta, meio confuso, percebi que Kai também estava recebendo a mesma joia, e só pude deduzir que Michael e Damon também estivessem, embora não conseguisse distinguir daqui. Eu não estava entendendo nada.

De toda forma, adorei o anel.

— O que há de errado? — Ouvi Michael sussurrar.

— N-Nada — disse Rika. — Pensei ter visto alguma coisa.

— Michael e Erika? — continuou a celebrante. — Vocês prometem que não importa o que façam, o farão como um só?

Eles sorriram um para o outro.

— Sim, prometemos.

— Damon e Winter? — a juíza perguntou a seguir: — Vocês prometem dar o seu melhor um ao outro?

— Sim — disseram em uníssono, seguros e confiantes.

— Kai e Nikova?

Meu coração martelou dentro do peito, e uma camada fina de suor se formou na minha pele.

— Vocês prometem que o outro nunca estará sozinho? — perguntou a mulher.

— Sim — responderam eles, e mesmo sem olhar, eu sabia que ambos estavam sorrindo.

— E William e Emory?

Abaixei a cabeça, mantendo o olhar fixo ao de Em.

Eu estava tão nervoso que temia perder o controle ali mesmo.

— Vocês prometem acreditar um no outro e ficar juntos?

Engoli em seco. Era claro que sim, porra.

— Sim — respondemos.

A celebrante parou por um momento, depois prosseguiu:

— Vocês prometem colocar a família em primeiro lugar?

— Sim. — Foi a nossa resposta em conjunto.

— Prometem nunca quebrar essas promessas?

Eu sorri para ela.

— Prometemos.

Deslizamos as alianças um no outro ao mesmo tempo, e quando o aro platinado envolveu meu dedo, senti como se também estivesse envolvendo meu coração.

— Michael e Erika, eu agora os declaro marido e mulher.

— Uhuuuu! — Ouvi alguém gritar, e todos nós rimos enquanto Michael e Rika se beijavam.

— Damon e Winter? — disse a juíza. — Eu os declaro marido e mulher.

Ele segurou seu rosto e a beijou com vontade, mesmo depois que a juíza já havia se afastado.

— Kai e Nikova, eu os declaro marido e mulher.

— Vem cá — disse Kai, pressionando a boca à da esposa, que tentava abafar o riso.

Banks estava dando uma risadinha. Meu Deus, isso era chocante.

O pulso em meu pescoço disparou, e a sensação era como se eu estivesse prestes a sofrer um ataque cardíaco.

Olhei bem no fundo dos olhos de Em, sussurrando:

— Eu te amo, querida.

— Que bom — ela me disse. — Porque eu meio que não estava tomando anticoncepcional naquele dia na estufa, como aleguei.

Hã? Meus olhos se arregalaram e eu congelei por um momento. Então, bufei uma risada e me abaixei para devorar seus lábios antes mesmo que a juíza desse o aval.

É isso aí, porra.

— William e Emory — pigarreou a juíza, tentando nos fazer interromper o beijo.

Mas antes que ela pudesse nos declarar marido e mulher, um trovão retumbou à distância, e eu estremeci, abrindo os olhos.

Que diabos foi aquilo?

Afastei-me de Emmy, ouvindo gritos e berros enquanto nos virávamos e procurávamos ao redor pela origem do barulho.

E então nós vimos. Além da catedral, ao longe e no céu escuro em direção a *Cold Point*, havia uma nuvem de fogo e fumaça subindo cada vez mais alto, como a explosão de uma bomba atômica.

Meu Deus.

— O que é aquilo? — gritou Damon.

— É perto do *Cove* — falei. Eu sabia exatamente o que era aquilo e a única coisa que poderia ter acontecido.

As pessoas começaram a correr e eu agarrei a mão de Em para que saímos às pressas do gazebo. Procurei pelas crianças, Misha, Ryen e Alex, mas então algo chamou minha atenção, e quando entrecerei os olhos, avistei a garotinha que esteve aquele dia na enseada. Ela ainda estava vestindo roupas pretas e imundas, com o gorro enfiado na cabeça, e estava olhando diretamente para nós.

— Que diabos? — rosnei. — Michael!

— O que foi?

Apontei na direção dos carros estacionados próximos ao meio-fio na frente do *Sticks*.

— Pegue a garota!

Será que foi isso que Rika pensou ter visto pouco antes?

— Ah, que merda! — ele exclamou.

Mantendo a mão de Emmy entrelaçada à minha, corremos juntos em direção à garotinha, e a vimos se virar e tentar passar pela multidão enquanto um carro saía do beco e um carrinho de comida bloqueava sua outra saída.

Ela escorregou no asfalto, em meio ao caos, mas eu cambaleei para frente e agarrei seu braço bem a tempo. Quando a puxei contra mim, ela começou a espernear e agitar os braços para me acertar.

— Me solta! — esbravejou.

Enlacei seu corpo miúdo que se debatia e se contorcia, e ela impulsionou a cabeça para trás, acertando meu nariz. O que fez com que uma dor absurda subisse pela minha cabeça.

Caralho.

— Ei, ei — murmurou Rika, pegando-a dos meus braços. — Está tudo bem. Ninguém vai te machucar.

Ela se ajoelhou, o tecido vermelho do vestido se espalhando pelo chão, e segurou as mãos da garotinha.

— Eu prometo — disse ela. — Ninguém vai te machucar. Só queremos ter certeza de que você está bem.

— Estou bem — resmungou e testou se soltar. — Me solta!

Damon a segurou com firmeza pelo ombro. No entanto, Rika olhou para ele e disse:

— Pode soltá-la.

Ele franziu o cenho, mas fez o que foi pedido, e Rika sorriu para a menina, tentando acalmá-la.

— Eu vi você assistindo ao casamento — comentou ela, enquanto as pessoas corriam desorientadas ao nosso redor. — Você gostou? Minha mãe disse que eu deveria ter usado branco.

A menina fez uma careta, mas não se afastou, os olhos curiosos percorrendo os brincos e o cabelo loiro de Rika.

Esfreguei o rosto com a mão. *Jesus Cristo*. Não tínhamos tempo para isso. Alguém explodiu a enseada, os moradores estavam em um frenesi, a maioria deles, provavelmente, se mandando para lá para conferir por conta própria, e essa garota esteve lá na outra noite e agora aqui? Isso estava conectado.

— Só que eu gosto de vermelho — Rika insistiu. — Você gosta de vermelho?

A menina apenas olhou para ela e, após um momento, estendeu a mão e tocou o brinco de Rika, fascinada.

— Você sabe o que foi aquilo no *The Cove*, querida? — perguntou Rika.

Ela olhou ao redor, o medo estampado em seus olhos.

Rika inclinou o queixo para ela.

— Está tudo bem.

A menina engoliu em seco, até conseguir dizer:

— Não. Eu saí de lá na noite em que vocês tacaram fogo em tudo.

— Sinto muito por isso — Rika disse a ela. — Não sabíamos que você morava lá.

— Eu já tinha saído do meu esconderijo quando vocês chegaram — ela explicou. — Quando os homens atravessaram o túnel vindo do mar algumas horas antes.

Meus olhos dispararam para Michael, vendo Micah, Rory e todos os outros se juntando a nós.

— Os homens? — sondou Rika.

A menina acenou com a cabeça.

— Como eles eram? — Rory perguntou a ela.

— Um se parecia com ele. — Ela apontou para Michael. — Mas tinha o cabelo mais escuro.

Cabelo mais escuro e olhos castanhos.

Aydin.

— O outro estava ferido — disse ela. — Alguma coisa na mão dele, sei lá.

Taylor.

— Qual é o seu nome? — perguntou Rika.

Mas a criança deu mais uma olhada de relance para todos nós, e conseguiu se soltar das mãos de Erika. Em seguida, ela se esgueirou entre Alex e Em e sumiu no meio da multidão.

— Espere, não! — Rika gritou e Banks ainda tentou correr atrás da menina.

Mas ela se foi.

No entanto, isso não importava agora.

Lancei um olhar para Micah, Rory e, então, Em.

— Aydin e Taylor — murmurei.

Eles assentiram em concordância.

O trem passava por baixo da Ilha Deadlow. Eu não sabia como eles haviam chegado tão longe, ou se receberam alguma ajuda, mas o túnel, com certeza, poderia ter se conectado aos túneis *Coldfield* e *Cove*, também.

Michael balançou a cabeça.

— Duas noites atrás...

Eles estavam aqui há dois dias.

Filhos da puta.

— E eles acabaram de anunciar sua presença — disse Kai, olhando para a nuvem negra que se dissipava no ar ao longo do litoral.

A cidade parecia um verdadeiro enxame à nossa volta, pessoas entrando apressadas em seus carros, outras conversando descontroladamente.

— Tirem os vestidos — Michael disse às meninas. — Todo mundo se encontra em *Coldfield* em trinta minutos! Vamos!

Capítulo 39

Emory

Dias atuais...

Lev e David levaram todo mundo para casa, nos SUVs, para que pudéssemos trocar de roupa. As crianças e os avós estavam em segurança na casa dos pais de Kai, sob os cuidados de Katsu e Vittoria.

Sáímos em disparada pela estrada escura, vestindo casacos e até mesmo luvas de couro preto. Banks havia me emprestado um par, pois a noite estava fria, mas eu tinha quase certeza de que era porque ela não queria que eu deixasse impressões digitais.

Eu não discuti com aquilo, já que ela tinha mais experiência nesse assunto. As garotas me atualizaram ontem à noite sobre tudo que aconteceu ao longo dos anos – Delcour, o *Pope*, Pithom, Evans Crist, Gabriel Torrance –, e tudo que os caras fizeram de errado – e certo – em sua busca por vingança.

E Trevor. Eu sabia que ele estava morto, mas nunca soube qual havia sido a causa de sua morte. Tudo deveria ter me deixado apavorada. Era muita coisa para digerir.

Mas não pude evitar quando algo borbulhou dentro de mim enquanto Will dirigia, ainda sem conseguir raciocinar como fugir nem havia se passado pela minha cabeça. Mesmo com o medo retorcendo meu estômago em nós, eu não queria estar em nenhum outro lugar.

Sentindo que ele estava olhando para mim, cobri a cabeça com o gorro preto e retribuí seu olhar, admirando-o em seu moletom preto, as veias inchadas em suas mãos tatuadas que seguravam o volante com força. Ele me deu mais uma olhada de esguelha, abrindo e fechando a boca como se quisesse dizer alguma coisa.

— Pare de olhar para mim — eu disse, olhando para a frente.
— Eu vou e você não vai me impedir.

Eu sabia que ele estava preocupado com a bagunça em que acabou me enfiando, mas ele estava esquecendo que essa bagunça era minha também. Eu não fugiria nunca mais.

Entramos em *Coldfield*, o lugar lotado, chocados em perceber que a explosão na estrada *Old Pointe* fez foi tirar as pessoas de casa, ao invés de se refugiarem lá dentro. Will nem se preocupou em procurar uma vaga para estacionar, e parou atrás de dois carros, bloqueando-os.

Outro SUV parou atrás de nós e todos desceram dos dois carros.

Will e eu caminhamos até a traseira do veículo e abrimos o porta-malas. Ele vasculhou uma mochila e entregou as máscaras a todos, mas ninguém fez menção de usá-las ainda.

Misha e Ryen vieram correndo até nós, vestidos com roupas normais e prontos para agitar geral. Will estreitou os olhos para seu primo, fazendo uma pausa.

— O que você acha que está fazendo?

Misha apenas se abaixou e pegou uma máscara preta com uma listra azul.

— Isso pertence a alguém?

Will suspirou.

— Você não precisa estar aqui, cara. Não precisa estar envolvido nessa merda.

O primo apenas olhou para ele, sem pestanejar.

— Sim, eu sei. Mas eu quero estar aqui.

Ele prendeu a máscara em seu cinto e vasculhou a mochila, escolhendo uma toda branca para Ryen.

Will olhou de um ao outro, com um sorriso se alastrando lentamente pelo rosto.

— A minha alcateia cresceu — disse ele, fingindo estar embargado com lágrimas de mentira ao ver o primo se meter na briga com ele. — Tenho mais dois novos lobos.

— Cala a boca — Ryen resmungou, com um sorriso.

Misha bufou uma risada, os três sorrindo de orelha a orelha com a referência ao filme *Se beber, não case!*.

Misha e Ryen se afastaram, e embora eu não soubesse muita coisa sobre os dois, sabia apenas que Misha não era um Cavaleiro, e nem era o típico garoto riquinho de Thunder Bay. Will fazia parte de sua família, entretanto, e ele estava aqui pela família.

Will pegou mais uma máscara da bolsa, uma amarela com sangue ao redor da boca e dos olhos.

— Eles podem estar nos distraindo — Micah disse a ele. — Nos atraindo até aqui para que possam destruir a cidade enquanto damos voltas.

— Eles não têm nada a ganhar — Will disse a ele. — A rixa deles é com a gente. Eles querem nos confrontar. E não vão dificultar para que os encontremos.

Então ele estendeu a máscara para mim.

— Monstros de verdade não usam máscaras — caçoei.

Ele deu de ombros.

— Monstros de verdade também podem se incomodar em ser identificados. Sem máscara, não vai rolar diversão para você.

Ah, o meu homem estabelecendo as regras. Isso me deixou com tesão.

No entanto, escolhi uma máscara preta para combinar com a branca que ele usava, sendo que as duas possuíam uma grossa listra vermelha no lado esquerdo.

— Eu gostei dessa — disse eu.

Ele sorriu e pegou a dele, fechando a porta traseira e trancando o carro.

— Martin pode estar lá — ele comentou quando entramos em *Coldfield*, para que pudéssemos entrar furtivamente na enseada sem sermos detectados.

— Ou pode não estar — salientei.

Mas ele balançou a cabeça, abrindo caminho no meio da multidão.

— De alguma forma, não acho que somos sortudos o bastante para que tudo isso não esteja conectado, Emory.

Conectado...

Desacelerei os passos, pensando em Martin, Evans Crist, Aydin...

Quem colocou Will em *Blackchurch*? Ainda não sabíamos. Quem tinha algo a ganhar com isso?

Aydin e Taylor estavam na cidade há dois dias. Por que esperar tanto tempo para anunciarem sua presença? O que eles estiveram fazendo?

Assim como Micah e Rory, as famílias de Aydin e Taylor também poderiam ser aliados úteis para alguém.

Evans sabia que Will havia escapado de lá e agora... Senti o peito apertar. Evans deve ter sido a pessoa que colocou Will em *Blackchurch*. E ele estava ligado a Martin.

Dois dias já haviam se passado.

Dois dias.

Levantei a cabeça e olhei ao redor, por toda a parte, de rosto em rosto ali dentro daquela casa mal-assombrada.

Muito tempo para planejar...

Merda.

— Esperem! — gritei, e então virei a cabeça e berrei mais alto ainda ao ver todo mundo seguindo em frente. — Esperem!

Todos se viraram e olharam para mim, e fui correndo até eles, encontrando Will na metade do caminho.

— Eles estão aqui há dois dias — comentei, sendo cercada por todos. — Dois dias. O que eles estiveram fazendo? Passeando pelos pontos turísticos?

— Eles estavam se preparando — sugeriu Michael.

— Não — eu disse a ele, vasculhando toda a área em busca de qualquer ameaça. — Eles não estão sozinhos.

Todos me encararam, boquiabertos.

— Eles não vieram até aqui sem ajuda — esclareci em voz alta.

Os administradores de *Blackchurch* os teriam enviado para casa ou para outra instalação. Eles escaparam e chegaram aqui com a ajuda

de alguém, ainda mais levando em conta a rapidez.

Uma figura imóvel chamou minha atenção, e eu fiquei surpresa, vendo-o parado no meio da multidão, olhando diretamente para mim enquanto as pessoas se movimentavam ao seu redor em um borrão.

Meu corpo inteiro aqueceu.

Ele usava uma máscara – um demônio pintado de preto –, e eu o encarei à medida que ele me observava, as batidas do meu coração retumbando em meus ouvidos.

Coldfield continuava em plena atividade, pessoas correndo, gritando e rindo como se estivessem festejando ao som de *Highly Suspicious* nos alto-falantes.

— Talvez os pais deles? — Rory ventilou a hipótese, e Micah balançou a cabeça, sem saber ao certo.

No entanto, eu me adiantei e o respondi:

— Não.

— O que você está querendo nos dizer? — Alex interveio.

Na mesma hora, olhei para Will.

— Tudo está conectado. Evans Crist solicitou a ajuda de Martin para debilitar seus pais enviando todos vocês para a prisão, mas ele não previu que vocês se organizariam por conta própria quando saíssem. Com o tempo, vocês se tornaram uma ameaça à qual ele também precisava lidar.

— Meu pai pode ter feito alguma merda — Michael entrou na conversa — pelo qual ele vai pagar, mas ele tem se mantido quieto há anos.

— Mas, ainda assim esteve mexendo os pauzinhos — retruquei. — E se ele tiver enviado Will para *Blackchurch* para enfraquecer vocês da mesma forma que fez com seus pais, anos atrás? — Olhei para os caras. — Vocês não deram andamento ao *resort* na ausência de Will, afinal. Isso significa que o plano dele funcionou.

Relanceei o olhar à direita, mais uma vez, vendo a mesma figura de antes ainda ali parada. Ou poderia ser alguém muito parecido a ele, já que usava o mesmo agasalho com o capuz cobrindo a cabeça, e a máscara preta, o rosto.

Olhei para o outro lado, vendo o cara de antes, no mesmo lugar. Os dois estavam me encarando.

— E se ele tiver ficado sabendo do momento em que Will conseguiu fugir? — perguntei a Michael. — E se ele tiver aliciado os outros detentos e os tiver trazido para cá com o apoio de suas famílias? E se Aydin e Taylor estivessem hospedados na casa dos seus pais esse tempo todo?

Ninguém disse nada, as rodas girando em suas cabeças enquanto se entreolhavam, como se tivessem chegado a um acordo de que havia a possibilidade de Aydin vencer esta noite.

— Aydin nunca se envolve em alguma coisa a não ser que tenha certeza de que pode vencer — Alex disse, em voz baixa. — Ela está certa. Ele não está sozinho.

Eu me aproximei um pouco mais deles.

— Eles, provavelmente, estiveram no casamento — salientei, indicando a multidão com o olhar. — Eles têm nos seguido o tempo todo.

Olhei de um lado ao outro, por entre a multidão outra vez, e vi quando os ‘demônios’, lentamente, começaram a se aproximar; como se estivessem nos cercando como um maldito exército. Só então nossa turma percebeu a chegada de um após o outro, cientes de que estávamos acuados.

— As máscaras — murmurei — demoníacas. É como o bando deles se identifica.

— Merda — Rika sussurrou, olhando ao redor do parque.

Nosso número era o suficiente para derrotar Evans Crist, já que éramos onze acrescidos com mais dois – Micah e Rory –, mas talvez não agora, se Evans tivesse aliado as famílias de Aydin e Taylor. E se ele tivesse Martin e a polícia como apoio?

Estávamos muito ferrados.

Rika segurou minha mão e me puxou em direção ao armazém, e todos nós nos amontoamos ali dentro, correndo pelo lado externo do labirinto de túneis escuros; quando nos enfiamos por trás de uma parede, nos bastidores, a equipe cenográfica se assustou ao nos ver ali.

Rika tirou o moletom e arrancou a máscara.

— Emmy, troque comigo.

Ela pegou minha máscara e prendeu em seu cinto.

— Alex, troque com a Banks — ela orientou.

Eu permaneci imóvel.

— Eles estão vindo atrás de todos nós — salientei.

Não adiantava esconder minha identidade quando ela estava em perigo também.

No entanto, ela respondeu:

— Aydin e Taylor irão atrás de vocês duas primeiro.

Tudo bem, talvez ela tivesse razão. E se Martin estivesse aqui esta noite, eu, definitivamente, seria um alvo.

Tirei o casaco e joguei para ela, vestindo seu moletom no lugar enquanto Alex e Banks faziam o mesmo.

— Vão para a passagem subterrânea — Will disse a todos. — Em e Alex irão com Rika e Michael.

Passagem subterrânea?

Mas antes que pudesse fazer perguntas, Ryen entrou na conversa:

— Acho que seria melhor se não nos separássemos.

— Vamos conseguir avançar mais rápido e com mais facilidade desse jeito — ele disse a ela.

Segurei seu rosto entre as mãos e o beijei, sem fôlego:

— Eu quero ir com você.

Ele acariciou minha bochecha.

— Nós vamos nos encontrar no Cove. Eu tenho que levá-los para longe da cidade, e quero dar a todos vocês uma chance de fugir antes que eles os alcancem.

Colocamos nossas máscaras e cobrimos nossos cabelos com os capuzes.

— Vocês dois vão com Kai e Banks — Will instruiu Misha e Ryen. Então indicou Rory e Micah com o queixo. — E vocês ficam com Lev, Damon e Winter.

Eles assentiram, colocando suas novas máscaras. Aquilo quase me arrancou um sorriso. Will tinha pensado em tudo, não é?

— Despistem eles — comentou. — Deixei a porta destrancada. Vão para o Cove pelo subterrâneo.

— Sim — todos responderam em uníssono, entrando no labirinto novamente, com Damon e Winter liderando o caminho.

Mas antes que eu pudesse sair, Will me agarrou e puxou contra o peito, erguendo a minha máscara para me dar um beijo intenso e abrasador.

Eu amo você.

— Não se machuque — sussurrei contra sua boca.

Assenti em concordância e ele me encarou.

— Ainda vou me casar com você.

Então ele abaixou a minha máscara e me empurrou para fora do nosso esconderijo.

Sim, não tínhamos exatamente terminado a cerimônia e eu queria concretizar tudo logo de uma vez.

Rika segurou minha mão e me puxou para correr atrás de Michael e Alex, e quando olhei por cima do ombro, vi Will seguindo na direção oposta. Ele desapareceu em um canto, e eu respirei fundo, uma sensação horrível se formando na barriga.

Merda.

Eu não estava gostando de nada daquilo.

Nós seguimos apressados pela casa mal-assombrada, rumo à ala do ‘Cientista Louco’ enquanto Rika rapidamente me informava que Will havia comprado *Coldfield* como um disfarce para... bem, *Coldfield*, e o sistema de transporte subterrâneo que ele descobriu. Eu tinha ouvido falar do parque temático assombrado que havia surgido em Thunder Bay nos últimos anos, mas nunca tinha estado aqui.

Eu mal podia esperar para ver a cidade lá embaixo.

Nós nos movemos o mais rápido possível, tentando não chamar

a atenção, mas não consegui ver para onde os outros tinham ido até que vi Damon arrancando um lençol ensanguentado e o jogando sobre Winter, em seguida, levantando-a em seus braços como se ela fosse sua última vítima.

Ela deve ter dito algo, porque seus lábios se moveram, sussurrando de volta para ela, até que a cutucou entre as pernas antes que desaparecessem em um túnel.

Não havia mais ninguém à vista, e eu mantive os olhos atentos enquanto nos esgueirávamos pela parte da casa de bonecas em tamanho real, a névoa flutuando ao redor de nossos pés à medida que a escuridão se infiltrava pelas vigas acima.

Passsei por manequins com pele esverdeada e apodrecida, cortes de cabelo estilo anos cinquenta e roupas retrô, as articulações delineadas em preto para fazer com que parecessem marionetes, mas quando deslizei, olhando de um lado ao outro, um deles ganhou vida e saltou na minha frente. Dei um grito e já estava prestes a esmurrar a pessoa, mas me contive e desviei do caminho.

Olhei por cima do ombro, e o vi assumir o mesmo lugar para assustar a próxima vítima, como se estivesse congelado em uma pose assustadora; no entanto, assim que voltei a me concentrar adiante outra vez, alguém se postou em nosso caminho: uma forma escura usando uma máscara demoníaca.

Alex, Rika, Michael e eu paramos, vendo que mais um se interpunha para impedir a nossa fuga. Eu tinha quase certeza de que eles não sabiam onde ficava a entrada para *Coldfield*, porque não teriam feito questão de nos deter se soubessem para onde estávamos indo. Eles poderiam ter nos seguido, ao invés disso, mas havia muitos deles do lado de fora antes, provavelmente até mais que eu não tenha visto.

— Vamos! — gritei.

Eu me virei e corri por entre as alas da casa mal-assombrada, descendo um túnel e subindo por uma escada frágil em seguida, com Alex e Rika em meu encalço e Michael protegendo a retaguarda.

Corri pelo último andar e empurrei a porta com força, entrando aos tropeços no telhado do armazém. Máquinas de névoa seca e luzes estroboscópicas funcionavam a todo vapor, derramando-se sobre a festa abaixo com decorações, ceifeiros e anjos maus balançando contra o vento, criando um ar macabro sobre o pátio.

Havia tendas altas protegendo os suprimentos da chuva, e eu segurei a mão de Alex, com Rika e Michael nos seguindo enquanto atravessávamos o telhado para o outro lado. Se pudéssemos descer pela escada de incêndio com rapidez o bastante, poderíamos despistá-los e chegar a *Coldfield*.

Olhei à esquerda, no entanto, e imediatamente estaquei em

meus passos, respirando com dificuldade ao avançar até a beirada do telhado e contemplar a escuridão abaixo.

— Emmy! — Michael esbravejou. — O que você está fazendo?

Não consegui reprimir o sorriso quando olhei para a floresta em labirinto mais além, lobos uivando e corujas piando nos alto-falantes, com um ônibus estacionado no meio da multidão, atrás do armazém, uma luz vermelha sinistra acesa no interior.

Nosso ônibus. Ele realmente disse a verdade e o guardou.

Meu coração doeu por ele ter pensado nisso.

— Emory! — Michael rosnou de novo, e eu me sobressaltei, vendo-o descer logo atrás de Rika pela saída de incêndio.

Alex correu e agarrou minha mão, me puxando, mas então uma figura sombria se esgueirou por entre as barracas e me deu um empurrão tão forte no peito que acabei voando e aterrissando com a bunda no chão.

O mundo se embaralhou à minha frente, e levei um segundo para voltar a respirar normalmente. Mas então pestanejei, assustada, quando o vi segurando Alex pela garganta enquanto ela se debatia.

— Ei! — Ouvi Michael gritar.

Eu me levantei de um pulo e vi Alex arrancando a máscara demoníaca da pessoa, revelando Taylor por trás; ela enganchou a perna ao redor das deles, e com um golpe certo conseguiu derrubá-lo no chão do telhado.

Taylor caiu de costas, com o corpo de Alex acima, e ele grunhiu, afastando a mão para esbofetear o rosto dela. Arfando, ela tombou para o lado, mas antes que ele a imprensasse com o corpo, dei um chute entre suas pernas.

Ele gritou, curvando-se em posição fetal e eu me lancei em cima dele, socando seu rosto suado. Taylor estremeceu, tentando se proteger, e eu o esmurrei com tanta força que a dor rastejou do meu punho ao braço.

Alguém me levantou de cima dele, ainda arfando por trás da máscara, e quando pensei em arrancá-la do rosto, lembrei que o local estava equipado com câmeras de segurança e decidi obedecer às instruções de Will.

— Vamos — Michael disparou, me puxando pela mão.

Todos nós corremos, passando pela lateral do prédio, descendo a escada de incêndio até chegar ao chão. As pessoas passavam correndo, indo em direção ao palco quando o locutor começou o show, com *Devil Inside* retumbando nos alto-falantes.

Levantei a cabeça e vi os demônios mascarados contornando a lateral do prédio e nos seguindo.

— Vamos! — gritei.

Até que meus olhos foram atraídos por uma figura imóvel, me

fazendo estacar assim que percebi que se tratava de Martin. Ele estava de pé na entrada, do outro lado da praça de alimentação, usando jeans, pulôver preto e com o cabelo escuro perfeitamente penteado.

Ele me encarou o tempo todo com a mão enfiada no bolso. Havia um sorriso cínico em seus olhos que não era visível nos lábios.

Na mesma hora, senti o formigamento percorrer meu corpo inteiro diante do desafio explícito em seu olhar.

— Emmy! — chamou Rika. — Emmy, vamos embora!

Ele olhou para mim. E eu não conseguia me mover.

Perdi o fôlego, um pé querendo recuar, e o outro querendo avançar para atacá-lo até que minhas mãos estivessem ensanguentadas.

Um grito se alojou na garganta.

Eu não consigo me mover.

E então, uma pequena mão segurou a minha, a pele fria e áspera por conta da sujeira e fuligem.

Ao olhar para baixo, engoli em seco quando vi uma menina me encarando.

Quem...?

— Vamos — ela sussurrou.

Cabelo loiro, com cerca de oito ou nove anos de idade, ela estava vestida de preto, com exceção da barra da camiseta branca que despontava por baixo do casaco. Com um boné preto e uma trança pendendo no ombro, ela sorriu e me puxou. Eu a segui, olhando para Michael e Rika em busca de uma resposta, mas eles apenas a encaravam, boquiabertos e igualmente confusos.

Ela me soltou e correu adiante, sumindo no meio da lona que cobria uma área do armazém. Em seguida, se arrastou para passar por baixo de uma entrada.

— Por aqui! — gritou ela.

Hesitamos por apenas um segundo antes de a seguirmos, com Michael em nosso encalço. Nós rastejamos, ralando mãos e joelhos, e a terra fria umedeceu o tecido do meu jeans; a garotinha liderava o caminho por baixo do piso, olhando por sobre o ombro para conferir se estávamos logo atrás.

— Você tem certeza de que sabe para onde está indo? — Michael perguntou.

— Essa cidade é minha — ela retrucou.

Ele riu apesar de estarmos fugindo às pressas, mas não tive tempo de perguntar de onde aquela garota havia surgido e se realmente estava nos levando a um lugar seguro.

No momento, não tínhamos nenhuma escolha.

Ela parou, de repente, e se levantou para arrancar uma tábuia acima da cabeça, escalando o buraco até entrar no armazém, direto na

ala do ‘Cientista Louco’ novamente.

Assim que todos entramos e nos situamos, Michael pegou a criança e a colocou sobre o ombro, disparando pelo caminho.

— Ai, meu Deus, eu posso andar. — Ela tentou erguer o corpo.
— Cara!

Mas ele não parou em momento algum, à medida que avançávamos pelo laboratório, sem ninguém na nossa cola. Michael carregou a criança para dentro do túnel, comigo, Rika e Alex atrás, mas então estaquei em meus passos, com um pressentimento.

Olhei por cima do ombro, através da porta do laboratório de química, e entrecerrei os olhos ao avistar um grupo de figuras vestidas de branco na outra sala. Eles pareciam estátuas, com buracos negros dando lugar aos olhos, como se estivessem nos observando.

Senti um arrepio deslizar pela minha pele, o medo se alastrando quando me vi paralisada no lugar. Então encarei seus rostos, sacando a verdade.

Eu simplesmente soube.

Um deles virou a cabeça e meu coração quase saltou pela boca. Gritei, ciente de que poderia nem mesmo ser um deles... mas suspeitando mesmo assim. Merda.

Entrei no túnel, fechei a porta e corri atrás dos outros, tropeçando em uma pedra quando olhei por cima do ombro. Cambaleei e consegui me equilibrar, correndo até o trilho.

Micah, Rory e Lev já estavam no carro à frente, com travas de segurança fixas, e eu mal tive tempo de resgatar o fôlego quando eles dispararam com o carrinho, sumindo de vista.

Restavam apenas dois carros, então, com sorte, isso significava que todos os outros já haviam saído. Depois que todo mundo prendeu as travas, Michael acionou o carro e eu olhei para trás, vendo a porta do túnel começar a se abrir.

Will...

Alguém me agarrou e me empurrou para o assento.

— Will! — gritei, já devidamente afivelada. — Michael, não!

— Rápido — Rika gritou para ele, com a garotinha em seu colo.
— Vamos!

O carro disparou, meu pescoço deu um solavanco e eu me virei no assento, vendo as luzes se distanciando cada vez mais.

—Não! — gritei.

Restava apenas um carro. Se alguém tivesse nos visto – se aquele fantasma não fosse um ator e tivesse nos seguido –, Will não conseguiria transporte para chegar ao Cove.

Cobri o rosto com as mãos enquanto o vento frio resvalava pelo meu corpo. Nós não devíamos ter nos separado. Senti meus olhos marejados, em desespero.

Depois de uma curva, comecei a sentir as gotas de água pingando acima de nós – o que só poderia indicar que estávamos passando por baixo do rio –, e algumas luzes esparsadas marcavam o caminho percorrido.

Michael diminuiu a velocidade e eu me segurei, avistando uma plataforma adiante, até que o freio guinchou contra o trilho e as travas de segurança puderam ser retiradas.

— Will! — gritei, angustiada. — Nós deixamos o Will! Aydin estava lá!

Eu sabia que era ele no laboratório.

Subi correndo a plataforma, atrás deles.

— E se Will não conseguir passar por ele? — perguntei. — Nós temos que voltar.

Michael puxou Rika e a garota para cima.

— Will queria você fora de lá. Nós precisamos ficar juntos.

— Não!

— Ele não vai fracassar — Rika assegurou, me encarando com seriedade. — Ele não vai fracassar, Em, e vai chegar aqui em breve.

Parei, de repente, com o olhar fixo ao dela. Eu não podia deixar de voltar por ele.

Eu não podi...

Mas então a garotinha puxou minha mão.

— Vamos! — ela gritou.

Tentei impedi-la, mas antes que pudesse argumentar, Michael a agarrou e a girou pelos ombros.

— Não tão rápido — disse ele. — Quem é você? Pode me dizer agora e depressa.

Ela se endireitou, fechando a boca com um bico.

—E por que você está morando aqui no *Cove*? — pressionou ele.

Ela estremeceu e tentou fugir, mas ele a segurou com mais firmeza. Meu olhar se voltou para o túnel, mas não ouvi a aproximação de nenhum outro carro.

Eu nunca tinha visto aquela criança antes, mas, aparentemente, todos eles já haviam se encontrado com ela.

— Athos — ela respondeu, por fim. — Meu nome é Athos.

Como o mosqueteiro?

— E seu sobrenome? — perguntou Michael.

— Eu não tenho um.

Ele franziu o cenho.

— Você tem um. Você não nasceu aqui, garota.

— Talvez eu tenha sido teletransportada para estudar sua espécie.

Alex bufou uma risada, e a menina segurou a mão de Rika e

retrocedeu um passo, se aproximando dela para se afastar de Michael, a quem encarava com uma cara feia.

Ele se levantou, lhe dando o mesmo tratamento da cara emburrada.

— O quê?

— Eu vi o que sua espécie gosta de fazer com as mulheres naquela caverna na praia — ela disse a ele.

Rika arfou, cobrindo a boca, mas seu sorriso era nítido e quase se juntou à risada solta de Alex.

— Você viu aquilo? — perguntou ele, de olhos arregalados.

A garotinha deu uma olhada em Michael de cima a baixo.

— *Hmph!*

Ele balançou a cabeça e a agarrou, colocando-a por cima do ombro outra vez enquanto nos incentivava a continuar.

— Vamos!

— Tem medo de que eu escape de vocês de novo? — ela reclamou.

Corremos pelo túnel escuro, dessa vez todo de concreto e com inúmeras portas ao redor. Subindo as escadas às pressas, adentramos a velha loja que havia sido fechada junto com o Cove há muitos anos, e seguimos rumo ao parque, com a roda-gigante surgindo à distância.

— Vamos dar um jeito de sair daqui — Michael me disse, ainda correndo —, e procurar meu pai, para que possamos acabar com ele e o Scott de uma vez por todas.

Acabar com...?

— Você está de acordo com isso? — ele me perguntou.

Respirei com dificuldade, percebendo que teria que aceitar a oferta de Alex para treinar no dojo em algum momento, a fim de entrar em forma.

— Você quer dizer... tipo, matá-lo?

Ele sorriu.

— Eu estava pensando em uma ilha acessível apenas por um trem.

Blackchurch. Ele queria enviar meu irmão e seu pai para *Blackchurch*.

Eu sorri de volta.

— Estou super de acordo com isso.

Damon, Winter e todos os outros saíram de trás de uma cabine de jogos com algumas outras figuras mascaradas – segurança extra, pelo jeito. E quando olhei para trás, vi Damon e Banks segurando as mãos de Winter para ajudá-la a correr com eles.

— Estou contigo, amor — disse ele.

— Onde está o Will? — perguntou Misha, olhando em volta.

Eu só sabia que ele não estava aqui. Peguei meu celular e

desbloqueei a tela, pronta para ligar para ele, mas então notei pessoas à frente e desacelerei os passos quando distingui Martin e uma equipe de homens e mulheres entrando no parque, já focados em nós.

Ah, não.

Paramos quando eles bloquearam nossa saída, e eu examinei a área novamente, ainda sem avistar Will entre nós. Como Martin chegou aqui tão rápido? Como ele sabia para onde estávamos vindo?

— Sai da frente. — Ouvi Michael dizer a ele.

Estávamos preparados para lutar contra Aydin e Taylor, mas isso?

Porcaria.

Michael deu um passo à frente, e nós nos postamos às suas costas enquanto ele confrontava Martin. Eu me juntei a ele, me recusando a ficar escondida.

Martin olhou para mim.

— Nunca mais nos vimos — disse ele, dando um passo em minha direção, um coldre amarrado no ombro e todos os seus subordinados armados e prontos para a ação.

As lembranças se atropelaram na minha mente, quase as mesmas palavras que ele havia dito naquela última vez, tantos anos atrás.

Era como se tivesse sido ontem.

Ele se abaixou e segurou a minha mão, Michael retesou ao lado, pronto para atacar caso ele me machucasse. Entrecerrei os dentes, enojada com a sensação pegajosa de sua pele contra a minha.

O olho da tempestade. Lembrei-me das palavras de Aydin uma e outra vez.

Martin olhou para o meu anel.

— Eu não fui convidado.

Cerrei o punho e, gentilmente, me afastei de seu toque.

— Não foi mesmo.

O olho da tempestade...

— Eles já sabem de tudo. — Ergui o queixo. — É tarde demais.

Todos aqui sabiam da mentira que contamos e que foi orquestrada por ele, para enviá-los para a prisão. Mas ele apenas abriu um sorriso e riu, e um calafrio rastejou pela minha pele.

— Você acha que isso me assusta? — perguntou ele. — Isso foi pouco comparado com as decisões que tomei desde então. E não sou o único com merda a perder caso eu seja apanhado.

O que isso significava? Meu olhar disparou para os policiais às suas costas. Alguns deles eu consegui reconhecer.

— Esses policiais nos conhecem — eu disse. — Você acha que eles vão mesmo fazer isso? Todos eles?

Eles feririam Michael Crist, Kai Mori, Damon Torrance e Will

Grayson, sem mencionar Erika Fane?

Ele apenas zombou, com sarcasmo.

— Eles não estão de serviço neste horário, Emmy.

Olhei para todos eles mais uma vez, reparando nas armas e roupas normais, sem nenhum distintivo à vista.

Ouvimos passos no asfalto às nossas costas, e quando virei a cabeça avistei Aydin vindo pelo parque, pela mesma direção de onde viemos. Seguido por um grupo de pessoas com máscaras demoníacas, ele olhou para nós, seu suéter preto fechado até o queixo e o cabelo liso caindo sobre a testa.

Fogo lampejou em seu olhar quando ele nos bloqueou por trás, com Martin nos cercando pela frente.

— E eu tenho muito mais comigo — Martin caçoou e então gritou: — Evans?

Eu me virei e meus olhos dispararam de Martin para a figura que passava por entre a multidão, então vi Evans Crist avançar em um terno azul-marinho de três peças, com o cabelo grisalho penteado para o lado.

Evans. Martin costumava chamá-lo de Sr. Crist, mas como ele próprio estava se tornando poderoso, parecia que se considerava seu igual.

— Filho da puta — Michael cuspiu.

Damon entrou na conversa, dizendo às nossas costas:

— Estamos prontos quando você estiver — assegurou a Michael.

Michael assentiu com a cabeça, ainda de frente para o pai, ambos com o mesmo porte físico. Evans olhou para o filho mais velho, e eu não conseguia nem imaginar o que devia estar se passando pela cabeça de Michael agora.

Ele matou o irmão, Trevor. Ele mataria seu pai também?

— Não fui eu quem disse a Trevor para postar aqueles vídeos quando ele encontrou o celular — Evans disse a Michael. — Mas ele me contou tudo depois. Ele sabia que seria útil para mim se Katsu, Gabriel e os Grayson perdessem a credibilidade com alguns problemas familiares orquestrados. — Sorriu para si mesmo. — Alguns deles funcionaram a meu favor, outros, não.

Katsu perdeu a posição como acionista em dois conselhos de bancos por um tempo e Gabriel perdeu acordos de negócios. Mas o avô de Will continuou senador, apesar do escândalo.

— Mas daí, nós nos tornamos poderosos — Michael acrescentou.

Evans assentiu.

— Rika se tornou prefeita, Kai está revitalizando *Whitehall*, Damon é o herdeiro de Rika, sem mencionar que ele está preparando

Banks para o cenário político nacional... — ele listou todas as suas preocupações. — E Will descobriu *Coldfield*, e agora controla o sistema de tráfego subterrâneo entre Thunder Bay e Meridian. Quero dizer, se você tivesse um manual de como me fazer suar, seria isso. — Ele riu. — Tenho que admitir que você me impressionou e muito, Michael. Eu gostaria de ter você ao meu lado.

— Mas não é para isso que você e eu fomos feitos — respondeu o filho.

Evans balançou a cabeça.

— Não, você está certo. Mas você está bem acima da média.

Avaliei as armas e o tamanho do bando que acompanhava Aydin e Martin, ciente de que estávamos em desvantagem. Não poderíamos lutar contra eles com uma espada e nossos punhos.

Isso não poderia ir tão longe.

Encontrei o olhar de Martin, e disse:

— Ele influenciou sua carreira e te ajudou a subir alguns degraus, mas ele vai se dar mal. A hora de se salvar é agora.

— Ele assassinou meu pai — em tom de súplica, Rika interveio.

Ele não escaparia impune. A menos que matassem todos nós, Martin estava do lado que sairia perdendo. Mas então Evans começou a rir, encarando Martin; um olhar astuto se passando entre os dois.

Meu estômago embrulhou.

— Quem você acha que cortou os cabos do freio? — Evans perguntou a Rika. — Alterou o relatório policial? Destruíu o veículo antes que pudesse ser inspecionado?

Ela se lançou para ele, mas Michael a puxou de volta, ficando cara a cara com o pai. Um dos seguranças se postou atrás dele, pronto para agarrar sua arma.

— Eu te prometo — disse Michael —, que não conto nada disso à minha mãe se você for embora dessa cidade. Ela nunca terá que saber de nada disso.

— Não cabe a você me proteger, Michael — alguém falou.

Lentamente, nós nos viramos, as duas figuras mascaradas que não reconheci antes, agora ladeando Kai e retirando as máscaras e capuzes. Christiane Fane estava à esquerda, com lágrimas nos olhos, enquanto Delia Crist, a mãe de Michael, se postou à direita, a franja de cabelo castanho quase lhe cobrindo os olhos.

Kai deu de ombros, em um pedido silencioso de desculpas.

— As crianças estão seguras — garantiu. — Não deu para impedi-las, cara. Sinto muito.

Elas devem tê-lo encurralado na casa de seus pais, e ele acabou tendo que inseri-las no meio, às escondidas.

Christiane deu um passo à frente, sem desviar o olhar de Evans enquanto ia direto até ele; o cabelo loiro — exatamente como o de Rika

— preso em um rabo de cavalo à nuca, a fisionomia frágil e plácida indicando que seria incapaz de fazer mal a alguém.

Ela parou diante dele, ambos se encarando, e então... estapeou o rosto de Evans, fazendo-o cambalear para o lado.

A equipe às costas deles enrijeceu a postura, e eu cerrei os punhos, me preparando para uma eventualidade. Ele respirou fundo, piscando e em choque, e então se aprumou outra vez e a encarou.

Ela deu outro tapa nele, do mesmo lado, mas ele só virou a cabeça dessa vez. Ele cerrou a mandíbula, aguentando firme um tapa após o outro. Nem sequer me importei com o fato de que ela não dizia nada, limitando-se a descontar sua raiva daquela forma pelo que ele fez ao seu marido e pelos anos de tortura desde então.

Evans grunhiu após o quinto golpe, inspirando o ar por entre os dentes cerrados.

— Tirem essa vadia de cima de mim — ele rosnou para alguém, por fim.

Martin correu para agarrá-la e nós avançamos, mas assim que Christiane ergueu a mão para esbofeteá-lo novamente, Damon empurrou Martin para trás, e disse:

— Não toque nela. — Então Will se enfiou no meio e segurou o pulso de Christiane, para contê-la.

Meu coração quase saltou uma batida. *Will*.

Com a máscara presa ao cinto e o olhar terno concentrado na mãe de Rika, ele disse:

— Vou amarrá-lo mais tarde e deixar você se divertir um pouco mais, tudo bem?

Ela olhou para ele, aparentando estar perdida em pensamentos por um instante, mas então abriu um sorriso largo. Ela se virou, as lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto olhava para o chão, e embora Damon, Michael e eu tivéssemos tantos problemas com as pessoas que nos criaram, era nítido que nem todos os pais eram inimigos.

Damon colocou o dedo sob o queixo dela e a obrigou a olhar para ele.

— Levante a cabeça — disse, com rispidez. — E deixe de ser covarde. Você é minha mãe, pelo amor de Deus.

Ele olhou para frente, mas ela o encarou com um olhar saudosos e repleto de amor quando ele segurou sua mão e a levou de volta para o grupo. Assim que ela se postou ao lado da Sra. Crist, esta segurou sua mão em um apoio solidário.

Evans cuspiu sangue e depois se endireitou, consertando a gravata e respirando fundo.

— Esse sempre foi o verdadeiro problema com vocês, meninos — Evans disse. — Não importa o quão inteligente vocês possam ser ou

em quantas ocasiões provaram ser oponentes astutos e espertos, no final das contas, vocês sempre recorreram à violência. — Ele olhou de Michael para Will, debochando da ameaça de Will em amarrá-lo. — Você nunca conseguiu manter a atenção concentrada em um jogo mais duradouro, não é? Amigos e meninas eram mais importantes, e a gratificação imediata era o que mais importava, quando você sempre deveria ter percebido que não podia confiar em ninguém. Os Crist não nasceram para perder. — Ele olhou para Michael. — Nós já nascemos vencedores.

E eles iriam vencer outra vez. Estávamos em grande desvantagem numérica, e Evans e Martin podiam acabar enviando todo mundo para

Blackchurch esta noite.

— Veja o seu avô, por exemplo — disse ele a Will. — Não há nenhum ressentimento, porque não somos amigos. E isso nos dá mais possibilidades de vencer. Juntos, ganhamos tempo para atrasar seu projeto do *resort*.

— O avô dele? — repetiu Kai.

Então, uma baforada de fumaça flutuou no ar, e todos nós olhamos por entre os policiais, deparando com o Senador Grayson aparecendo detrás de uma bilheteria e vindo na nossa direção enquanto fumava um charuto.

Cerrei a mandíbula.

Ele estava usando um elegante terno preto, com uma camisa social azul clara e uma corrente de ouro do relógio saindo do bolso do colete.

Na verdade, eu nunca o tinha visto pessoalmente antes, o que não era de se estranhar, já que ele passou mais tempo em DC do que Thunder Bay nos últimos vinte anos.

Mas eu o reconheci na mesma hora.

Ele parou atrás de Evans, dando uma longa tragada em seu charuto e com a expressão fria e imperturbável.

Merda. Olhei para Will ao meu lado, o olhar estoico em seu rosto me deixando mais nervosa ainda. Se o Sr. William Grayson estava aqui, pessoalmente, isso era um péssimo sinal.

Era quase certeza de que todos seríamos mandados para *Blackchurch*.

Ou pior.

— Vocês dois? — Michael perguntou, percebendo o que estava acontecendo.

— Velha guarda... — Damon deu um passo à frente. — Você vai morrer antes de nós. Baixa a bola.

— Acalme-se, porra — ralhou por entre os dentes cerrados.

— Calma é o caralho — ele resmungou. — Eu me livrei dos

meus pais, agora é a vez dos dois fazerem a parte de vocês. Se virem e lidem com isso, ou vou dar uma de surtado como naquele filme *Colheita Maldita*, porra.

Fui até o Senador Grayson em alguns passos.

— Você colocou Will em *Blackchurch*?

— Mmmm...

Meu estômago embrulhou quando Evans sorriu. Deu para ver direitinho de onde Michael puxou o sorriso.

Eles eram um time? Eles se livraram de Will juntos?

— Seus desgraçados — disse Michael.

Evans olhou por cima do ombro para o senador.

— Você já foi chamado de coisa pior.

— Sim — ele debochou.

— Que bom que você veio até mim — disse Evans, virando-se, mas ainda conversando diretamente com o Senador Grayson. — Estou feliz que pudemos ajudar um ao outro.

— Eu também — disse o Sr. Grayson. — Eu aprendi muito.

— Ele é seu neto — argumentei. — Por quê?

O senador olhou além de mim para Will.

— Ele sabe o porquê.

Senti Will parar ao meu lado, ele e o avô se encarando.

— Porque eu gostava de ir para a balada — Will disse.

O Sr. Grayson assentiu em concordância.

— Você carece de moderação, sim.

— E porque eu não estava indo a lugar nenhum.

— E caindo bem rápido.

Will se aproximou de seu avô lentamente, e o outro homem o encontrou na metade do caminho.

— Porque eu precisava de tempo para pensar — Will refletiu.

— Espero que você tenha entendido.

— E porque sou fraco.

— Como um gatinho — o senador brincou.

Will inclinou a cabeça e o Sr. Grayson revirou os olhos.

— Um filhotinho.

Will olhou para ele.

— Tudo bem, um cachorrinho — o senador cedeu, apacando o neto.

Eu estava confusa com as brincadeiras quase calorosas entre os dois. O que estava acontecendo?

— Porque eu sou rebelde — Will assentiu.

E o Senador Grayson sorriu, aproximando-se do neto.

— Ah, além da conta.

— E porque eu era motivo de vergonha.

O Sr. Grayson encarou Will, com os olhos entrecerrados com o

ceticismo.

— Nunca — respondeu ele.

Exalei um suspiro.

— Então por que você o colocou em *Blackchurch*?

Pela porra do dinheiro? Por causa do *resort*? Para atrapalhar a Graymor Cristane? Por quê?

O Senador Grayson sorriu, lançando um olhar amoroso ao neto.

— Porque ele me pediu — disse ele.

Então Will começou a rir, ambos com os mesmos olhos verdes brilhantes quando se jogaram um nos braços do outro, rindo em meio ao abraço apertado.

Meu estômago deu um nó. O quê?

— Que porra é essa? — Damon retrucou.

Evans ficou boquiaberto, sem entender nada enquanto observava os outros dois.

Will pediu para que o avô o mandasse para *Blackchurch*? O quê?

— Senti saudades — Will disse ao avô.

O Senador Grayson segurou o rosto de Will entre as mãos, observando-o depois de tanto tempo separados.

— Senti saudades também, garoto.

Capítulo 40

Will

Dias atuais...

Abracei o vovô mais uma vez, inspirando o cheiro de seu charuto e loção pós-barba. Havia um nó na garganta tentando controlar a onda de alívio. Porra, eu senti falta dele.

— O que diabos está acontecendo? — Damon retrucou.

— Will! — Banks gritou em seguida.

Eu me afastei do meu avô, cuja presença era sempre um conforto. Sempre.

Ele era uma constante. Tão confiável quanto a maré, e mesmo que eu duvidasse do que estava fazendo, nunca duvidei dele. Ele estava sempre certo.

— Você demorou um tempo longo demais — ele me disse.

— Eu sei. — Eu o soltei. — Temos muito o que conversar.

Ele queria me tirar de *Blackchurch* meses atrás, e novamente há um mês. E mais uma vez, uma semana atrás. Eu sempre fui seu neto favorito. *Sem ofensa, Misha.*

Ele olhou por cima do ombro para os policiais de folga que acompanhavam Martin.

— Vão para casa, senhores.

Eles assentiram, alguns lançando um olhar rápido para o chefe, mas cientes de que a proteção de um senador superava a ameaça de um comissário de polícia.

— Seu filho da puta — Evans rosnou quando os policiais se afastaram dali, deixando o parque. Apenas algumas pessoas permaneceram ali com o senador.

Percebi pelo olhar trocado entre Martin e Evans, que ambos haviam compreendido que foram ludibriados.

— Não confie em ninguém, certo? — vovô debochou de Evans.

Tentei desfazer o sorriso largo no rosto enquanto olhava para o pai de Michael, mas não consegui.

— Parece que meu jogo duradouro foi um pouco mais longo que o seu, pelo menos.

Ele pensou que meu avô tinha se juntado a ele, ao me enviar a *Blackchurch* para foder com os planos da Graymor Cristane, e que se meteu na história para ajudar a proteger todo o legado financeiro deles, mas ele não percebeu que *eu* era o legado de meu avô, e William Aaron Paine Grayson sempre escolheria a família antes de tudo.

Na verdade, esse plano de ação já havia sido posto em prática

há muito tempo.

— O que diabos está acontecendo? — Michael se aproximou de nós, o olhar focado no meu avô. — Você sabia? Você sabia sobre a participação do meu pai em tudo?

— Will sabia — respondeu ele.

Eu me virei e olhei para meus amigos, todos eles me encarando com uma mistura de raiva, confusão e inquietação.

Eu não queria olhar para Emmy, mas não consegui evitar, e enfrentei minha quase esposa com a verdade que escondi desde o momento em que ela chegou a *Blackchurch*.

— Eu me mandei para *Blackchurch* — informei, e então olhei para todos os outros. — Porque meu objetivo era fazer amigos. Para ver se eu conseguiria encontrar outras pessoas como nós: filhos que precisam de um lar e um objetivo pelo qual lutar e viver.

Micah, Rory e Aydin apareceram na minha visão periférica, e eu não tinha ideia de onde Taylor poderia estar. Quando cheguei aos túneis, todos os carros haviam sumido e percebi que Aydin ou alguém deve tê-los seguido por ali, seja pelo trilho ou a pé. Foi aí que voei para o meu SUV e vim direto para cá.

— E não lhe ocorreu nos contar esse segredo? — Winter argumentou. — Nós estávamos preocupados.

— Achamos que você tinha ido embora — Damon acrescentou. — Talvez para sempre, caralho!

Encarei todos eles, sabendo exatamente o que eles estavam sentindo. Eu entendia por que todos estavam pau da vida. Eu também estaria.

Mas...

Baixei o olhar, as velhas dúvidas aflorando.

— Tive medo de falhar — murmurei, em voz baixa.

Não poderia me comprometer com algo, garantindo a todos que teria sucesso, quando eu sabia que era inteiramente possível que isso não acontecesse. E para piorar, isso nem ao menos os surpreenderia, porque o mínimo que eles esperariam era que eu fracassasse.

Eu não seria capaz de suportar se acabasse provando que eles estavam certos. Recrutar Micah e Rory não foi o único obstáculo a ser vencido em *Blackchurch*. Eu também estava ficando sóbrio.

— Vocês são todos mais fortes do que eu. — Levantei a cabeça. — Sempre foram. Eu não conseguia mais olhar nos olhos de vocês, não conseguia mais encará-los. Então quando meu avô me contou sobre as fotos e o falso relatório policial que nos obrigou a aceitar o acordo antes de irmos para a prisão, comecei a investigar mais a fundo. Por que Martin faria isso? — Dei um olhar de relance por cima do ombro, vendo-o ainda parado ali, congelado. — Quem poderia o estar ajudando, e que teria tudo a ganhar caso fôssemos afastados

daqui?

Meus olhos vagaram para Damon, Kai e depois, Michael.

— Eu sabia que vocês dariam um jeito de ajudar — eu disse a eles. — Sabia que fariam qualquer coisa que eu pedisse.

— Então você foi para *Blackchurch* a fim de recrutar? — Kai perguntou, gesticulando para Micah e Rory. — De forma que pudessem se juntar a nós?

— Para que *eu* pudesse me juntar com algo útil — rebati. — Eu precisava me reabilitar, e eu tinha que fazer algo direito sozinho. Eu tinha que ir a algum lugar onde pudesse encontrar pessoas poderosas que precisassem de nós também. — Encontrei o olhar de Michael. — Nós precisávamos deles. Se fôssemos enfrentar seu pai e Martin Scott e vencer.

— E, ainda assim — Evans se intrometeu na conversa —, eu tenho Khadir e Dinescu.

— Você não tem nada — retrucou Aydin, dando um passo à frente. — Eu não estou te seguindo.

Ele estalou os dedos e sua turma de mascarados recuou, batendo em retirada.

Ele olhou para Will e disse:

— Estou aqui apenas para me divertir.

Mantive o olhar fixo ao dele, ciente de que ele estava aqui para buscar muito mais do que isso.

Com a ameaça agora nivelada, de igual para igual, Michael avançou e agarrou o pai pelo colarinho da camisa, esmurrando seu rosto em cheio. Evans cambaleou para trás, tropeçando nas pernas, mas Michael o segurou firme e o puxou de volta, não o deixando escapar.

Damon riu ao meu lado.

Michael se inclinou para o rosto do pai, rosnando baixo:

— Algum dia, você e eu vamos ter uma conversa séria — disse ele. — Mas vou te dar alguns anos para pensar no que você quer me dizer. Agora, vá andando por conta própria até o carro. Não obrigue a minha mãe a te ver sendo conduzido.

Evans Crist respirava com dificuldade, o medo estampado em seu rosto enquanto, com certeza, quebrava a cabeça para pensar em uma forma de se livrar dessa. No entanto, alguém se aproximou e o agarrou, levando-o à força para fora do parque enquanto o resto dos policiais os acompanhava.

— Eu vou cuidar disso a partir daqui — meu avô alegou. — Ligue para Jack se quiser que o outro seja extraído também.

— Obrigado, vovô.

Seu assistente tinha sido tão confiável quanto ele, mantendo contato constante comigo em *Blackchurch* e mantendo meu avô

informado de tudo.

Ele olhou para mim e sorriu.

— Tomem cuidado. Todos vocês — disse ele. — Estarei na taverna se precisar de mim.

Concordei com um aceno e o observei se afastar, assim como Evans e todos os policiais. Eu me virei, vendo apenas o nosso grupo, o de Aydin e Martin para enfrentar.

Micah se aproximou de mim.

— Você precisava do poder de nossas famílias então? — perguntou ele. — Por causa da conexão deles e um possível investimento no seu *resort*? Você nos usou por causa das nossas famílias?

— Quer me usar também, por conta da influência da minha família? — rebati. — Eu pedi para você me dar até o fim de semana. Eu escolhi você, os dois. Agora é a vez de vocês escolherem.

Nós precisávamos deles, mas eu não convidaria ninguém para o grupo se não acreditasse que eles pertencessem aqui. Micah Moreau e Rory Geardon eram meus amigos e, em nenhum momento, tive plena confiança de que Michael e todos os outros também os considerariam assim.

Eu me virei para Aydin, endireitando os ombros.

— Se manda daqui.

Ele olhou por cima do meu ombro.

— Ele pode ser útil para mim.

Martin Scott?

Aydin Khadir não tinha interesse em dinheiro, poder ou negócios. Sua satisfação na vida vinha de brincar com as pessoas, e colocar as mãos em Scott iria me manter envolvido, Emmy prisioneira e Alex em sua vida como resultado.

— Eu vou dizer pela última vez — murmurei, entredentes. — Vá embora.

Em se aproximou, ficando ao meu lado e de frente para ele.

Ele a usou em *Blackchurch*, mas, mesmo assim, ele a orientou quando ninguém nunca o fez.

Por esse motivo, eu o deixaria sair daqui com os próprios pés.

Quando ele a encarou, algo que não consegui identificar se passou em seus olhos.

— Você está com medo, Emory? — perguntou ele.

Sua voz permaneceu tão tranquila e neutra quanto seu corpo.

— Eu sou o olho da tempestade. E você?

Ele virou a cabeça, olhando para Alex, o desejo se estendendo entre eles com tanta força que era quase palpável.

— Eu sou a tempestade — ele murmurou.

Alex ficou enraizada, Aydin ali, imóvel, como se fosse uma

bomba-relógio. Pelo canto do olho, avistei um movimento, mas antes que pudesse identificá-lo, Winter disse:

— Ouvi uma arma sendo engatilhada. — Ela prendeu o fôlego.

Dei uma olhada de relance para Aydin, vendo a sombra de um sorriso em seus lábios, e então Martin pegou a arma no coldre e eu me virei, ciente de que o inferno estava prestes a explodir.

— Lev, pegue a criança! — gritei. — Agora!

Lev agarrou a menina e correu, todos se dividindo para enfrentar Martin, outros para encarar a turma de Aydin.

Olhei para Em.

— Arranje um esconderijo.

— Você está me zoando? — ela esbravejou.

E então ela correu, e deu um chute no peito de Martin, fazendo-o perder o controle da arma que caiu no chão.

Em uma fração de segundos, o lugar desabou no caos.

Gritos e berros ressoaram, alguém derrubou Winter, e ela deu uma joelhada no saco do agressor antes que Damon a alcançasse e arrancasse o cara de cima dela.

A arma de Martin retiniu pelo asfalto e ele tentou pegá-la, mas Em a chutou para longe. Eu estava prestes a me lançar sobre ele, mas ela se adiantou e partiu para cima do irmão, um olhar furioso à medida que lutava contra ele.

Eu me virei para Aydin, que estava mais do que disposto a entrar na briga.

— Eu vou sair daqui com uma delas — ele me informou.

Corri em sua direção, gritando:

— Você não vai conseguir sair daqui.

Você teve essa chance.

Soquei seu rosto e o derrubei, todos ao nosso redor lutando e grunhindo. Eu queria me assegurar de que Winter estava bem; alguém estava apontando a arma e prestes a atirar? Será que Lev conseguiu sair em segurança com a criança?

Onde estavam as mães? Jesus.

Aydin me arremessou longe e subiu em cima de mim, me prendendo no chão; seu punho acertou em cheio o meu queixo, meus dentes ferindo a gengiva na mesma hora.

Alguém gritou e outros praguejaram, o sangue de Aydin pingou na minha mão de onde escorria do nariz. Trocamos socos e pontapés, até que ele me agarrou pela gola do casaco e me empurrou com força contra o asfalto; meus ouvidos zumbiram quando uma dor aguda perfurou meu crânio.

— Porra! — grunhi, empurrando-o para longe de mim.

Consegui ficar de pé e dei um chute em seu rosto, arremessando-o para trás, então me postei às suas costas e envolvi seu

pescoço em um mata-leão. Segurando-o com força, olhei para trás, vendo Emmy no chão, sendo contida pelo irmão que a estapeava.

Não.

Meu aperto afrouxou e Aydin conseguiu alavancar o corpo e me lançar por cima da cabeça, retribuindo o chute que lhe dei no rosto enquanto eu ainda estava no chão. Senti a dor explodir por toda a parte, a visão nublou, e antes que me desse conta, ele me chutou outra vez, e mais uma, então montou em cima de mim e distribuiu uma sequência de socos.

Minha boca encheu de sangue, e eu mal conseguia abrir os olhos, mas agarrei seu suéter e o puxei para o lado; nós dois rolamos pelo chão, em uma confusão de punhos e dedos ao redor da garganta um do outro.

Até que algo perfurou o ar, zumbindo em meus ouvidos, e eu me sobressaltei, parando ao mesmo tempo que Aydin.

Isso foi um...? Um tiro?

Aydin olhou para mim, os olhos furiosos se tornando devastados. Ele virou a cabeça, olhando por cima, e quando segui sua linha de visão, avistei Alex ali, imóvel.

Tudo parou, de repente.

A luta cessou, e os gritos e rosnados silenciaram enquanto seu pulôver preto se tornava mais escuro ainda com a mancha úmida do buraco em seu peito.

Tudo se despedaçou dentro de mim.

Meu Deus.

Desviei o olhar na direção de onde Martin estava deitado no chão, e o vi com a arma em punho e apontada para Alex. Emmy estava deitada de costas, e havia tentado interferir, mas não conseguiu a tempo.

Empurrei Aydin para longe e corri na direção de Martin, chutando a pistola de sua mão e, em seguida, dei um chute com a sola da bota em seu rosto. Ergui Emmy do chão e estava prestes a acudir Alex, quando vi Aydin correndo até ela e pegando-a nos braços antes que ela caísse no chão.

Seus olhos se moviam, mas ela não piscava, como se estivesse em choque. Um fio de sangue escorreu de sua boca, e agarrei um punhado do meu cabelo, desesperado, esperando que o sangue tenha sido resultado da briga, e não de uma perfuração nos pulmões.

— Estou chamando uma ambulância! — gritou alguém.

Todos correram até ela enquanto Aydin pressionava a ferida com a mão, aplicando pressão e respirando com dificuldade enquanto as lágrimas enchiam seus olhos e ele a embalava.

— Olhe para mim — disse ele, arrancando um pedaço da camisa para cobrir o ferimento. — Concentre-se no meu rosto.

O tiro a acertou entre o ombro e o peito, próximo à articulação do braço.

— Tamborile uma canção com os dedos para mim, tudo bem? — disse ele, sem fôlego.

— Prefiro me concentrar em seu rosto — sussurrou ela, estendendo a mão e tocando sua bochecha.

Ele diminuiu a velocidade com que a embalava, incapaz de olhar para ela enquanto uma lágrima escorria pelo seu queixo.

— Exceto seu cabelo — ela caçoou. — Você parece um integrante de banda K-Pop, Aydin.

Ele olhou para ela, sem palavras pela primeira vez em sua vida. Então, começou a rir.

— Achei que você odiasse topetes — argumentou ele.

— E odeio.

Ele riu de novo, inclinando a cabeça dela para cima.

— Você me leva para cortar o cabelo, então — murmurou ele, abaixando a cabeça e abraçando-a com firmeza. — Qualquer coisa que te faça feliz. Eu farei o que você quiser.

Um soluço escapou dele, mas ele conseguiu se controlar e tentou se levantar com ela no colo. Kai, no entanto, se abaixou e a tomou em seus braços.

— Sai de cima dela — disse ele.

Kai a carregou, e todos o seguimos pelo estacionamento.

— A ambulância está a caminho — Damon informou.

— Espere. — Aydin foi atrás dela.

Mas eu me virei e dei um soco nele, fazendo-o desabar outra vez no chão.

— Vá se foder! — esbravejei.

Eu podia ouvir Kai à frente:

— Você está bem? Alex, fale comigo. Fique com a gente.

O grupo que acompanhava Aydin nos cercou, mas ele apenas ficou ali, no chão, não nocauteado, mas qualquer vontade de se meter em um confronto simplesmente desapareceu. Ele só ficou lá, olhando para ela enquanto o sangue escorria pelo seu rosto.

Procurei por todos os meus amigos... inteiros, ainda bem, embora Banks estivesse mancando e Misha carregasse Ryen no colo, com os lábios colados aos dela. A culpa me dominou na mesma hora, mesmo que soubesse que nada daquilo havia acontecido por nossa causa. Só queríamos um pouco de retribuição. Evans nos mandou para a prisão com a ajuda de Martin.

Não queríamos esse confronto. Só queríamos que os dois fossem embora, porque de outra forma não estaríamos seguros.

Mas ainda doía. Eu não queria nunca mais ver Emmy, Misha, Ryen, ou qualquer um deles em perigo.

Olhei para Em ao meu lado, um pouco de sangue em seu rosto, e rapidamente sequei, tentando limpar a pele. No entanto, ela me impediu.

— Tive de revidar — ela me disse. — Agora ele sabe. Agora ele sabe que nunca mais vou apanhar sem revidar.

E eu a puxei contra o meu corpo, abraçando-a com força.

Ela era como nós. Eu diria exatamente a mesma coisa e, embora odiasse arriscar perdê-la, ela não era uma flor indefesa. E agora consegui entender por que Michael deixou Rika nos acompanhar em tudo o que eles fizeram. Ela queria sentir isso também.

Isso não significava que eu não poderia defender sua honra, claro.

Agora era a minha vez.

— Venha aqui, filho da puta. — Fui até Martin, mas quando me virei, ele se levantou e fugiu às pressas.

Onde diabos ele pensava que estava indo?

Ele correu até a entrada, mas Damon se virou, rapidamente conduzindo Winter aos cuidados de Rika enquanto se preparava para deter a fuga de Martin. Corri ao encontro dele e o babaca parou, procurando uma saída enquanto se virava na minha direção e depois de volta para Damon, percebendo que estava encurralado.

Tentando se safar, porque era estúpido demais para desistir, ele se enfiou entre a roda-gigante e o prédio de armazenamento, provavelmente pensando que nos despistaria sob a cobertura dos brinquedos e das cabines de jogos.

Damon foi para a esquerda, eu fui para a direita, ambos correndo atrás dele rumo à escuridão e com o litoral à vista além dos penhascos. Contornei a roda-gigante, olhando de um lado ao outro, e então o vi correndo ao longo de *Cold Point* na noite escura como breu.

Grunhi, disparei atrás dele com toda a força do meu ser. Estendi a mão, apenas cerca de um metro de distância entre mim e o penhasco que desembocava no mar, e o empurrei, vendo-o tropeçar no chão antes de me jogar em cima dele. Dei um soco em seu rosto, e nós dois rolamos pelos pedregulhos. Martin montou em cima de mim, mas se levantou e tentou recuar.

Eu me coloquei de pé, o mar agitado às minhas costas, e ele olhou para mim, virando a cabeça e vendo Damon surgir por trás, cercando-o novamente.

Seus olhos dispararam para os meus, e pude ver explícito em seu olhar.

A raiva. O desafio.

Eu vi o momento em que seus lábios franziram, ele inspirou fundo e o olhar aguçou, com a decisão já tomada em sua cabeça.

Ah, merda.

Ele se lançou em um ataque e não tive tempo de me mover para fora do caminho antes que seu corpo se chocasse contra o meu, enviando nós dois voando pela beirada do penhasco.

Meu coração quase saltou pela boca. *Emmy...*

Gritos ecoaram acima e eu perdi o fôlego, a mente paralisada pelo medo, porém me incapacitando de gritar.

Não, não, não...

Quase fechei os olhos, mas me recusei a ceder. Eu iria olhar aquele filho da puta na cara, não dando a ele a satisfação de vislumbrar o meu pavor.

Era isso.

Nós nos separamos, mas mantive o olhar fixo ao dele.

Eu te amo, Em. Eu amo vo...

Caí na superfície, branco cintilando atrás das pálpebras; cada nervo do meu corpo crepitou como a ponta de um fio desencapado. Flutuei, sentindo-me desvanecer, os ecos desaparecendo enquanto eu me afastava cada vez mais.

Branco, branco... e nada mais.

Mas então, de repente, a dor percorreu meu corpo, pescoço e cada articulação, e eu abri os olhos, prendendo a respiração.

Não foi ar que inspirei. A água encheu minha boca e eu me debati, olhando ao redor e deparando com o oceano – acima, abaixo e ao redor.

Nós despencamos direto na água. Não sobre as rochas.

Comecei a me afogar e não tive tempo de fazer um inventário de meus membros ou de onde Martin estava. Eu tinha que respirar.

Esperneando pelas águas furiosas e movimentando os braços, subi à superfície, cuspidando água e tossindo enquanto tentava limpar os pulmões. Finalmente, respirei fundo, ouvindo a onda se chocar às minhas costas. Eu me virei e não tive tempo de respirar novamente antes que ela arrebetasse sobre mim.

Fui empurrado para baixo da água, sendo levado pela corrente, e olhei para baixo, vendo nada além do abismo. Olhei para cima e avistei a lua através da água.

Um soluço se alojou no peito quando mais uma vez tentei alcançar a superfície, mas sem conseguir chegar até lá. Eu conhecia esse sentimento.

O peso do bloco de concreto em volta do meu tornozelo, sentindo a corda antes frouxa se esticar e me puxar para baixo, e não importava o quanto eu me debatesse e tentasse nadar, eu não poderia superar isso.

Nadei e nadei, lutando para chegar ao topo antes que as ondas me empurrassem contra as rochas, mas então algo agarrou meu pé. Com um chute, desesperado, vi Martin emergir e enlaçar meu pescoço

com o braço.

A espuma escorria pela minha boca a cada grunhido que eu dava, sentindo-nos afundar enquanto o ar era expelido de nossos corpos.

Eu lutei e me contorci contra o seu agarre. O que diabos ele estava fazendo?

Mas eu sabia. Ele se recusava a se render, e faria questão de me levar com ele.

Eu me virei e me debati, tentando me soltar de seu agarre, mas sem ter onde me apoiar para conseguir alavancar o corpo, nós continuávamos afundando.

Mordi e me curvei para frente, tentando afastá-lo de mim, porém meus pulmões se contraíram e agonizaram, e tudo o que eu queria fazer era abrir a boca para puxar ar, mas ao olhar para cima, já não consegui nem ao menos distinguir a lua.

Eu não conseguia ver nada além da imensidão escura do oceano, enquanto o frio nos cobria, nos engolindo.

Em.

Mantive o olhar focado na superfície, vendo-a se distanciar cada vez mais, meu corpo se fundindo às profundezas agora. Longe demais para voltar.

Assim como no acidente no rio, quando o SUV começou a se encher de água, eu soube que só me restavam mais alguns instantes.

O ar havia sumido, eu podia sentir meu peito apertado em busca de oxigênio, assim como o frescor reconfortante da água.

Então fechei os olhos. *Você ainda quer me abraçar?* ela perguntou.

Eu podia ouvi-la em minha cabeça. *Amo você, Will.*

Não.

Eu abri os olhos, lutando.

Não.

Impulsionei a cabeça para trás, acertando seu nariz com meu crânio e nadando para longe de seu alcance quando ele, por fim, me soltou.

Ele me agarrou outra vez, e eu continuei subindo à superfície, mas não consegui ir muito longe porque ele segurou firme. Martin agarrou meu braço, sem querer me soltar de jeito nenhum, e eu não conseguia me livrar dele. A superfície estava tão perto... apenas se eu pudesse chegar até lá...

Ele tinha que me soltar.

Nadando por trás dele, agarrei seu rosto, sua mão ainda segurando meu braço com firmeza e se recusando a me soltar.

Porra.

Cravei os dedos em sua pele, hesitando apenas por um

momento, e então... Girei de uma vez, sentindo o pescoço estalar em minhas mãos. Meus dedos estavam trêmulos quando seu corpo ficou flácido e derivou no fundo do oceano à medida que as bolhas flutuavam de sua boca.

Por um momento, eu o observei se afastando, só para me certificar de que ele estava realmente morto, e então comecei a nadar com força, um braço após o outro rumo à superfície, parando somente quando consegui respirar fundo.

Tossi, cada centímetro do meu corpo agonizando enquanto recuperava o fôlego e erguia a cabeça para olhar para *Cold Point*.

— Eu sobrevivi — ofeguei, com os olhos fechados e rindo. — Puta merda.

Como diabos eu voltaria lá para cima?

Continuei nadando até as rochas, tentando ultrapassar a onda que vinha na minha direção, e consegui escalar um rochedo, mesmo sentindo a fraqueza nos braços. Com os punhos cerrados, tensioneiei cada fibra muscular do meu corpo, só para garantir que não havia danos.

Olhando acima, para o penhasco, notei as silhuetas escuras e o feixe de luz das lanternas apontadas para baixo, até que vi algo se arrastando pela parede do penhasco em minha direção. Pulei sobre as rochas, seguindo até a beirada e vi uma corda repleta de nós para que eu pudesse escalar.

Onde eles conseguiram isso?

Entretanto, não esperei nem mais um segundo. Olhei por cima do ombro, só para me assegurar de que Martin não surgiria do nada, e comecei a escalar a corda, esforçando-me em agarrar cada nó com as mãos e os pés, subindo uma etapa de cada vez.

Emmy.

Meu corpo inteiro doía, mas nunca me senti melhor.

Um sorriso se espalhou pelo meu rosto na mesma hora. Estava acabado. *Deus, acabou.*

Nada poderia me impedir. Nem meus membros exaustos, nem o frio, nem os hematomas e cortes.

Eu venci, e a primeira coisa que faria com ela quando o clima ficasse mais ameno seria levá-la para o mar, a bordo do Pithom. Eu queria nadar.

Chegando ao topo, Micah e Damon me puxaram pela beirada e eu desabei no chão, tentando recuperar o fôlego.

A garotinha de antes – aquela que flagramos aqui na outra noite – se ajoelhou ao meu lado, sorrindo. Achei que Lev a tivesse tirado daqui. Mas eu estava feliz por ela não ter ido, afinal.

— Aquela corda era sua? — ofeguei.

Ela assentiu em concordância, e só então percebi que seus olhos

eram de cores diferentes. Um azul, um castanho.

— Tem um montão de cavernas lá embaixo que ninguém conhece. Eu exploro, às vezes.

Jesus. Quem era essa menina e de onde ela veio? Mas, honestamente, eu estava de boa sem saber. Poderia até parecer estranho para algumas pessoas, mas nada mais parecia estranho para mim. Eu gostava de mistério. Quanto mais, melhor.

Lancei um olhar ao redor, notando que talvez Kai, Michael, Misha e as garotas, provavelmente, já tenham saído para acompanhar Alex ao hospital.

— Onde está Em? — perguntei ao Damon.

Ele olhou à sua volta e deu de ombros.

Na mesma hora, fiquei tenso. Ela estava bem ao meu lado antes de eu perseguir Martin. Ela não teria ido embora. Eu me levantei e os afastei com um empurrão, correndo de volta para o parque e vasculhando a área atrás dela.

Aydin estava aqui. Seu pessoal estava aqui. Martin e Evans já eram.

Quem...

Todos correram atrás de mim quando, por fim, me dei conta.

— Taylor — murmurei, olhando para Micah e Rory. — Vocês viram o Taylor?

Eu não o tinha visto, mas a menina disse ter visto alguém com uma mão ferida chegar duas noites atrás.

Ele estava com ela.

Corri para o estacionamento, com os caras ao meu encalço, mas assim que cheguei lá, estaquei em meus passos quando vi um pequeno grupo de homens vestidos de preto ao lado de um comboio de carros.

Quem diabos eram esses agora?

Um dos homens, com o porte físico de um lutador, com músculos protuberantes sob a camiseta preta, deu um passo à frente. Seu cabelo escuro brilhava ao luar, a barba bem-aparada.

— Senhor Grayson? — perguntou ele.

Abri a boca para responder, mas Micah parou ao meu lado e colocou a mão no meu peito, me impedindo.

— Como você nos encontrou? — perguntou ao cara.

O brutamontes apenas sorriu com cinismo.

— Até parece que ele nunca sabe onde você está, Sr. Moreau.

Micah deu uma risada de escárnio, desviando o olhar.

E então liguei os pontos: Stalinz me mandou reforços. Esse grupo era aliado.

— Onde você precisa de nós? — perguntou o cara.

Eu me aproximei e abri a porta do carro dele, entrando sem hesitar.

— Venha logo atrás da gente. Quando eu acenar para você ultrapassar, bloqueie o carro que eu estiver seguindo.

Dei partida no veículo, sem perder mais tempo. Damon, Micah e Rory entraram no carro e eu acelerei, saindo do parque e virando à esquerda, em direção a *Falcon's Well* e ao atalho para a casa de Evans Crist. Esse era o único lugar em que pude pensar. Se ele não estava aqui esta noite, então ele não sabia que Evans tinha sido preso.

Soquei o volante, furioso. Ninguém – e quero dizer, ninguém – se interporia em nosso caminho outra vez.

Nunca mais.

Pisei fundo no acelerador e fiz uma curva acentuada à direita; Damon agarrou o painel à frente, em busca de apoio, enquanto eu dirigia à toda para as colinas. Se ele já tivesse adentrado pelos portões dos Crist, eu arrebentaria aquela porra toda só para entrar naquela casa e resgatar a minha garota, caralho.

Mais dois SUVs dos Moreau nos seguiam colados, e eu passei voando sobre as lombadas na rodovia, ultrapassando veículos e uma caminhonete lotada de adolescentes dispostos a festejar a Noite do Diabo.

Então avistei os faróis traseiros mais à frente, reconhecendo um dos carros de Evans – um Rover azul-escuro – acelerando pela estrada.

Eu sorri e coloquei o braço para fora da janela, acenando para que o motorista do carro de trás avançasse à minha frente; diminuí um pouco a velocidade, de forma que não tivesse que frear bruscamente logo mais.

O homem de Moreau passou em alta velocidade, ultrapassou o Rover e deu uma guinada com o volante, parando, de repente, e bloqueando o caminho.

Taylor desviou, e meu coração quase parou de bater quando ele caiu numa vala; o carro balançou para cima e para baixo até atolar meio de lado, os pneus ainda girando sob o veículo parado.

Pisei no freio, no acostamento da estrada, enviando cascalho para todo lado quando parei de uma vez. Pulei para fora do carro e corri até o Rover, abrindo a porta do motorista na mesma hora. Quando consegui arrancar Taylor lá de dentro, dei um soco em seu rosto.

Eu o observei cair no chão, nocauteado.

— Agora acabou — rosnei.

Abrindo a porta traseira, vi Emmy deitada no banco de trás, tentando se levantar enquanto esfregava a cabeça.

— Argh... — ela gemeu, meio grogue. — Ele golpeou a minha cabeça.

Ela encontrou meu olhar, e pestanejou, assustada, quando me viu. Agora desperta, ela pulou para fora do carro e me abraçou.

— Eu vi você despencar de *Cold Point*! — gritou, aos prantos.

Eu a abracei com força, me deliciando com o cheiro de seu cabelo e a sensação de seu corpo delgado entre meus braços.

— Estou bem — afirmei.

Ela se afastou, ainda boquiaberta.

— Está bem?

Precisei reprimir o riso. Ela não sabia sobre o Pithom ou o acidente no rio – ambas as vezes em que quase me afoguei, como uma espécie de destino que eu teimava em adiar.

Mas esta noite, eu saí vitorioso.

— Sim — concordei. — Despencar até que foi uma coisa boa, na verdade, mas explicarei mais tarde.

Ela me abraçou de novo e, finalmente, dei um suspiro de alívio, sendo dominado pela sensação de paz e dever cumprido. Finalmente, tudo havia acabado.

— E o Martin? — perguntou ela.

Engoli em seco, abraçando-a mais apertado.

— Sinto muito, amor.

Foi tudo o que pude dizer. Eu matei seu irmão. Gostaria de não ter feito isso, mas ela não era dele, assim como ele não era dela. Éramos sua família agora, e ele era uma ameaça.

Era ele ou eu.

— Não posso perder você — disse ela, ao meu ouvido. — Eu preciso de você.

Enterrei meu rosto na curva do seu pescoço, sentindo, finalmente, tudo ter início. Minha vida. Nossa vida.

Nós vencemos.

Capítulo 41

Emory

Dias atuais...

A polícia e a Unidade de Busca e Resgate trouxeram o corpo de Martin, mas assim que o colocaram na maca, tive que desviar o olhar.

Arrebatado, morto e pequeno. *Deus, ele parecia tão pequeno.*

Eu não tinha certeza do que estava sentindo, mas não podia vê-lo daquele jeito. Eu sabia que era ele ou nós. Eu não me arrependia de nada, porque ele fez suas escolhas e me forçou a assumir uma posição em que tive que escolher, mas depois de uma vida inteira sofrendo abusos dele, não foi uma decisão difícil.

Não havia escolha.

Isso ainda confundia minha cabeça, porém, e tudo o que vi quando olhei para seu corpo foi o filho dos meus pais. O irmão que vi crescer.

Não dava para acreditar que ele agora estava morto.

Taylor foi preso e Jack Munro estava em contato com a família dele, provavelmente providenciando que ele se juntasse a Evans no transporte para outro destino desconhecido, já que *Blackchurch* havia sido destruída no incêndio.

Micah e Rory tiveram que depor à polícia, mas garantimos a eles que estaríamos na delegacia pela manhã para dar mais detalhes necessários. Tive a sensação de que, com a presença do avô de Will na cidade, não seríamos interrogados exaustivamente.

Aydin correu atrás de nós quando saímos apressados do elevador em direção ao corredor, avistando todo mundo do lado de fora da porta de vidro com a cortina fechada.

— Ei, como ela está? — perguntei ao Michael enquanto ele, Damon e Kai pararam na frente da porta.

Mas Aydin passou por nós.

— Saiam da frente — ordenou ele.

Michael cruzou os braços e apenas o encarou.

— Eu sou um médico — Aydin salientou. — Eu posso ajudar.

— Ela já está recebendo o melhor atendimento médico possível — Michael disse a ele. — Você não é necessário. Boa noite.

Aydin continuou ali parado, enfrentado Damon e Kai que ladeavam Michael, como uma espécie de muralha.

Minha vontade era intervir e ajudá-lo, mas uma parte minha sabia que eles estavam certos. Ele se importava com ela, mas gostava dela o bastante? Quanto tempo ele ficaria por aqui? Ela não precisava de mais sofrimento.

Aydin respirava com dificuldade, tentando se acalmar, a cabeça dando voltas ao concluir que não seria capaz de vencer uma briga com os quatro, já que Will havia se juntado aos amigos para proteger Alex, enquanto eu me afastava com as meninas.

Ele se virou, prestes a ir embora, mas então simplesmente parou, deixando escapar um suspiro.

— E se eu me casar com ela? — perguntou ele.

Meu coração quase saltou uma batida, Rika e eu nos endireitamos enquanto meu olhar alternava entre ele e os meninos.

Aydin girou de volta, encarando-os.

— Se eu prometer me casar com ela, você me deixaria entrar?

Michael entreceerrou o olhar.

— Não. — Ele não acreditava nele. — Ainda quer se casar com ela? — zombou.

Será que Aydin estava dizendo isso apenas para que pudesse entrar ali? Ou ele estava, realmente, falando sério?

Damon avançou e agarrou o colarinho de Aydin, dando um soco em sua barriga. Eu estremei, mais do que farta de toda a violência desta noite.

Aydin cambaleou e curvou o corpo para frente, grunhindo, mas Damon o puxou de volta, endireitando sua camisa.

— Sim — ele arfou. — Eu ainda quero me casar com ela.

Tive que reprimir um sorriso.

Kai recuou um pouco e deu um soco no rosto de Aydin, que apenas virou a cabeça e estremeceu.

— Porra — ele rosnou.

Mas depois de um momento, ele se virou e os encarou novamente.

— Dê o fora daqui — Michael disse a ele.

— Não.

Michael agarrou sua camisa, segurou-o com força e deu outro soco em seu queixo. Os braços de Aydin permaneceram ao lado, os punhos cerrados, mas ele não fez nenhum movimento para revidar.

O sangue escorria do canto da boca à medida que ele respirava com dificuldade e enfrentava a dor que estavam infligindo a ele.

Lentamente, ele se virou outra vez e encarou os caras, de cabeça erguida e pronto para mais. Ele sabia o que aconteceria com ele se partisse o coração de Alex. Ele já devia ter se ligado nesse fato agora, e ainda estava aqui.

Eu olhei para Michael.

— Se ela aceitar seu pedido — Michael disse a ele —, e você não seguir em frente, nós o mataremos.

Eu sorri internamente.

Kai inclinou a cabeça.

— Ela merece um grande casamento todo custeado por você. — Ele olhou para Aydin. — E você ainda terá que convidar a todos nós. Você vai dar a ela a festa da sua vida e homenageá-la na frente da porra do mundo inteiro. Está entendendo?

Ele assentiu. Sem escondê-la. Sem vergonha.

— Ela merece um lindo vestido, flores e um jantar chique com uma banda — Will aconselhou, levantando o dedo. — Nada de DJ. Estou pensando em um dia de casamento. No parque *Boston Common*, talvez.

— Humm, isso parece bacana — Damon murmurou, olhando de Will para Aydin. — Eu gosto dessa ideia.

Banks deu uma risada e cobriu a boca com a mão, todas nós nos divertindo com o planejamento do casamento sendo feito por eles.

— E uma lua de mel — Kai adicionou — em um bangalô privado, em Bali, com serviço de primeira classe.

— E você vai nadar com ela, os dois pelados — Will exigiu. — E ter jantares à luz de velas.

— Tudo bem — rosnou Aydin, tentando calar a boca deles.

— E você não vai poder tocar nela até a noite de núpcias — Michael disse a ele.

Os olhos de Aydin dispararam, a postura retesou.

— O quê?

Todos eles permaneceram em silêncio, mantendo-se firmes.

Ah, cara.

— Eu nunca a beijei — Aydin disse, entredentes. — Eu quero abraçá-la.

Eu quero...

— Quando você for o marido dela — esclareceu Michael.

Franzi os lábios para segurar o riso. Eles eram adoráveis.

Aydin fervilhava de raiva, e dava para ver que a história seria muito diferente se fosse apenas ele e Michael.

— Tudo bem — ele, finalmente, respondeu.

Quando estava prestes a passar por Michael, Damon disse:

— E mais uma coisa.

Aydin parou.

— Jesus, o que é agora?

— Encontre-nos em *Sensou* amanhã à noite. Às dez — Damon disse a ele.

— Por quê?

Damon sorriu.

— Ter Alex significa que você fará parte da família, e existem duas maneiras de ser iniciado em nossa gangue. Se você quiser estar no nosso grupo, você pode aceitar levar uma surra ou...

— Damon! — Rika repreendeu.

Os caras começaram a rir e Damon se acalmou, olhando para Rika como uma criança de quatro anos dizendo: ‘*o que eu fiz?*’.

O que...? Olhei para todos eles, sem entender nada. O que ele estava prestes a dizer?

— Eu só estava brincando — resmungou ele.

Balancei a cabeça, fazendo uma nota mental para averiguar o que havia por trás daquela piadinha mais tarde.

Afastando-me da parede, passei pelos caras.

— Nós vamos entrar primeiro — eu disse a Aydin. — Espere sua vez.

Assim que entramos no quarto, vimos uma enfermeira ajustando os monitores de Alex. Meu olhar foi direto para sua figura deitada na cama. O ombro estava enfaixado, o braço contido pela bandagem, e a camisola hospitalar e cobertores a mantinham aquecida.

Ela já havia passado pela cirurgia a esta altura, já que demorou cerca de duas horas depois que passamos pela polícia e até que encontrassem o corpo de Martin.

Eu precisava tirar uma foto dela. Alex ia ficar pau da vida quando visse seu cabelo desgrenhado desse jeito.

As meninas e eu a rodeamos, e seus olhos começaram a abrir. Eu me inclinei um pouquinho para a frente, odiando ver a palidez de seus lábios. Alex sempre fez questão de usar batons.

— Só por alguns minutos, pessoal — avisou a enfermeira e saiu do quarto.

— Como você está? — perguntei enquanto Will fechava a cortina lá fora.

A cabeça de Alex balançou um pouco.

— Eu me sinto tão bem agora.

Rika riu baixinho, inclinando-se do outro lado.

— Um pouco chapada, né?

— Siiiiim... — disse ela, parecendo muito satisfeita com isso.

— Acho que Aydin quer ficar pelado com você, nesta cama, nesse exato momento — eu disse a ela.

— Ele é tãããã adorável. — Ela piscou, parecendo sonolenta. — Você viu os músculos dele naquela camiseta? Eu me arrepieeeeii todiiinha.

— Puta que pariu... — Damon resmungou, se afastando.

— Ele quer se sentar aqui contigo esta noite, mas nós queremos ficar — comentei. — Ele pode te ver amanhã. Se você quiser.

Ela não disse nada, mas depois de um instante, seus olhos se abriram e ela respirou fundo, parecendo mais alerta.

— Ele pode entrar — ela nos disse. — Vá acordar aquela juíza para finalizar o casamento.

Neguei com um aceno de cabeça.

— Não, podemos fazer isso amanhã.

— Esta noite.

Ela encontrou meu olhar, e eu afastei o cabelo de seu rosto; Rika se abaixou deu um beijo em sua testa.

— Vejo vocês mais tarde — disse ela.

Mas...

— Vão... — ela ordenou. — E não se larguem por... pelo menos umas oito horas.

Eu ri, mas fechei a boca, desistindo da discussão. Eles tinham coisas a dizer um ao outro, de qualquer maneira. Ela precisava ficar sozinha com ele.

— Mande-o entrar, tá bom? — Alex pediu quando começamos a sair.

— Vamos deixar o Lev aqui do lado de fora — Michael disse, em voz alta.

— Por quê? — perguntou Alex. — Estou em perigo?

— Ele é um... — parei de falar, procurando as palavras certas — uma espécie de supervisor de castidade, na verdade.

— Hã?

— Boa noite! — Saímos sem nos preocupar em explicar.

Nós deixaríamos isso para Aydin. Eles tinham uma longa noite pela frente, especialmente porque a ordem de não ‘tocar’, dada por Michael, dependia completamente da capacidade de Lev de enfrentar Aydin sozinho. Quer dizer, ele parecia um boxeador, mas eu não estava confiante.

— Venha de pijama, não dou a mínima — disse Will ao telefone. — Estamos esperando no gazebo.

Segurei seu braço quando ele encerrou a ligação com a juíza – pelo jeito –, e nós saímos do hospital. Rika estava conversando com Michael, baixinho. Eu sabia que ela estava preocupada com a criança. Ela pediu a David para levar a garota para St. Killian durante a noite, enquanto as coisas se ajustavam no Cove e aqui, mas se eu a conhecia agora, dava para ver que uma ideia estava se formando em sua cabeça.

Dentro de dez minutos, nós oito estávamos de volta na frente da juíza – que usava seu robe preto sobre jeans desta vez –, e eu olhei para Will, soprando uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Você ainda pode fugir — ele zombou.

— Talvez depois disso. — Fiz uma dancinha com meu jeans surrado e o rosto sujo. — Quando você for legalmente obrigado a vir atrás de mim, claro.

Martin passou pela minha mente, assim como meus pais, a vovó, e percebi que eu na verdade, não tinha uma única pessoa aqui

para somar a esta família. Eu era sozinha, não tinha muito a oferecer a essas pessoas, mas começaria minha nova vida amanhã com tudo o que sempre quis.

Eu tinha irmãos que se importavam comigo agora. Aydin, Rory e o belo Micah, sua gentileza e presença que me deixaram tão à vontade em *Blackchurch* quase de imediato.

Eu tinha uma carreira, estudo e a *Sala Carfax*. Eu também tinha Will às minhas costas... e na minha frente, disposto a levar um tiro por mim, se eu estivesse em perigo.

Eu confiava em mim agora. Nunca mais fugiria ou me esconderia.

Pessoas felizes não temem a morte, porque não há nada mais que elas queiram da vida do que o que têm agora.

Eu sorri, porque já não tinha nenhum medo algum.

Finalmente, eu estava livre.

— Tudo bem — disse a juíza.

Todos nós nos posicionamos do mesmo jeito que estivemos cinco horas atrás, agora vestidos com roupas casuais e um pouquinho sujas de sangue aqui e ali.

— Michael e Erika — disse ela. — Damon e Winter. Kai e Nikova. William e Emory.

Will desviou o olhar para a mulher.

— Já passamos dessa parte — disse ele. — Você pode simplesmente terminar de onde parou?

— Will... — repreendi, baixinho.

Ele olhou para mim.

— Tenho *Godzilla vs. Kong* no projetor do cinema, só esperando por nós.

Fiquei boquiaberta.

— Já? Mas ele ainda nem foi lançado!

Ele me deu uma olhada do tipo *‘por favor’*.

Bufei uma risada e encarei a juíza.

— Sim, se apresse.

Eu gostaria de me tornar uma Grayson.

O grupo começou a rir e a mulher concordou.

— Michael e Erika... Eu agora os declaro marido e mulher — ela disse a eles.

Eles se beijaram e a juíza passou ao próximo.

— Damon e Winter? Eu os declaro marido e mulher.

Mordi o lábio inferior, me aproximando um pouco mais de Will e já preparada.

— Kai e Nikova? — ela continuou. — Eu os declaro marido e mulher.

Kai rosnou antes de beijar Banks com força.

— E William e Emory, eu agora os declaro... marido e mulher.

Eu me lancei para frente e o beijei profundamente, gemendo baixinho quando ele envolveu meu corpo com os braços fortes; a aliança no meu dedo solidificando o que devíamos ter notado, anos atrás, que nunca poderia ser impedido.

Nem mesmo no laboratório de química, no cinema ou na minha primeira noite em *Blackchurch*, enquanto ele estava oculto nas sombras daquela cozinha.

— Vivam por seu amor — disse a juíza —, amem sua vida e toquem o terror.

Comecei a rir contra seus lábios, o frio na minha barriga me percorrendo de cima a baixo e sob o ritmo acelerado das batidas do meu coração.

Aplausos e saudações irromperam ao redor do vilarejo, a multidão ainda vadiando no *Sticks* e na taverna, pois era apenas meia-noite ainda.

— Comecem a aventura de suas vidas — a celebrante nos disse.

— Obrigada — agradei e me virei de frente a ela.

Todos nós nos abraçamos, bem como à juíza, e avistei Misha, Ryen, Micah e Rory vindo em nossa direção quando começamos a descer as escadas. O avô de Will deixou um grupo de homens do lado de fora do *White Crow* e tirou o charuto da boca quando veio até nós. Eu não havia percebido que ele ainda estava por aqui.

— Parabéns — disse ele a Will, envolvendo o neto em um grande abraço.

— Obrigado — Will murmurou.

O Senador Grayson segurou a minha mão e me deu um beijo na bochecha.

— Parabéns, querida.

— Obrigada, senhor.

Ele olhou para Will.

— Eu vou deixar você se ajeitar direitinho na sua casa e tal, então nos falaremos em algumas semanas, okay?

— Pode deixar.

Eles se abraçaram novamente, e Will disse ao avô:

— Obrigado por tudo.

— Ei, cara — Micah chamou, gesticulando para Will.

Will me encarou, olhando entre mim e seu avô.

— Eu já volto. — Então depositou um beijinho na minha testa.

Eu o observei ir até Micah, provavelmente para verificar como as coisas estavam com a polícia. Só então, olhei para o senador.

— Eu meio que me sinto mal pela decisão de última hora de realizar o casamento hoje — comentei. — Seus pais nem mesmo estavam aqui.

Pareceu perfeito demais quando Rika sugeriu, mas se ele quisesse celebrar um casamento cheio de pompa, eu também teria adorado.

Ele deu de ombros.

— Meu filho e nora amam aquele menino até o fim dos tempos — ele brincou. — Uma coisa eu posso te garantir: eles ficarão felizes só pelo fato de ele estar feliz. E... vocês podem, muito bem, realizar outra cerimônia, é claro. Já vou te adiantar que a mãe dele não vai se recusar a oferecer uma recepção adequada, então prepare-se.

Eu ri. Estava tudo bem. Isso era bom demais, na verdade.

— Cuide dele. — Ele tocou meu braço, inclinando-se. — Ele meio que é o meu favorito.

— Argh! — resmungou Misha, quando passou por nós.

Reprimi a risada, e o Sr. Grayson lançou um olhar para seu outro neto.

— Aquele dali é igualzinho a mim — sussurrou ele. — Muito parecido mesmo comigo.

— Então, é claro, que vocês não se dão bem — brinquei.

— Nem um pouco. — Ele olhou para Misha com um sorriso gentil. — Eu gosto do estilo dele, no entanto. Eu tinha uma bela jaqueta de couro preta na minha época.

Eu poderia imaginar isso. O homem devia ter uns oitenta anos, mas parecia ter cinquenta e cinco. Alto como Will, com um cabelo incrível.

— Obrigada por ter tomado conta dele, Senador Grayson — agradei. — Quando eu não pude, quero dizer. — Olhei para trás, vendo Will sendo cumprimentado e sorrindo, cercado por seus amigos, sua cidade e todas as possibilidades que viriam à frente. — Pelo menos ele teve seus amigos todos aqueles anos. Eu costumava implicar com eles na escola, mas eles realmente começaram algo incrível, não é? As próximas gerações terão muita dificuldade em superar os primeiros Cavaleiros.

Senhor ajude nossos filhos, se eles seguirem o caminho dos pais...

Mas quando ele não disse nada, voltei minha atenção para ele, notando o sorriso tímido enquanto ele olhava para mim.

— Eles não foram os primeiros — disse ele. — E, por favor, me chame de AP.

AP?

O quê?

Antes que pudesse reagir, ele beijou minha bochecha novamente e se virou, caminhando de volta para a taverna. Eu fiquei lá, paralisada, tentando me lembrar onde tinha ouvido aquele nome antes.

AP, AP...

Alguém segurou minha mão e acompanhei Will, meus pés se movendo por vontade própria enquanto nos organizávamos para tirar uma foto.

E então me dei conta. Reverie Cross. Melhor amigo de Edward McClanahan e namorado de Reverie Cross. O boato de que Reverie pode não ter pulado. O boato de que Edward ou seu amigo ou os dois...

Meu Deus.

Olhei novamente para AP, vendo-o numa conversa profunda com Banks, e me virei para Will com os olhos arregalados.

— AP? — deixei escapar, gesticulando para seu avô.

Sr. William Aaron Paine Grayson.

O canto dos lábios de Will se curvou.

— Bem, você nunca vai ficar entediada comigo, pelo menos, certo?

Eu estava boquiaberta, mas então... uma risada borbulhou, já sem saber como reagir a mais nada, especialmente depois dos eventos desta noite.

Caramba... Depois de ajudar Damon a enterrar um corpo, ser sequestrada, fugir naquele trem e tudo o que aconteceu esta noite, suponho que um mistério de assassinato que ocorreu sessenta anos atrás poderia esperar por mais uma noite ou duas.

Entediada, ele disse.

Não, Will Grayson. Esse era um problema que você e eu nunca teríamos.

Capítulo 42

Emory

Dias atuais...

— Então, você quer uma lua de mel? — Will perguntou, acariciando meu braço enquanto me segurava em seus braços.

— Se você quiser.

Seu corpo vibrou abaixo do meu com uma risada.

— Isso é que é empolgação.

Eu sorri, deslizando a mão por baixo da camisa, ainda deitados em uma pilha de lona de tecido no chão atrás do palco. A passarela pairava acima de nós, fios, cordas e cabos pendurados em todos os sentidos, e eu não conseguia nem lembrar sobre o que era o filme na noite passada, porque nas duas vezes que tentamos assisti-lo, tudo o que fizemos foi ‘assistir’ um ao outro. Eu não conseguia desviar meu olhar dele.

— Não tenho pressa em sair daqui de novo se você quiser esperar. — Eu me aninhei contra seu corpo quente. — Eu só quero você agora. A Torre Eiffel ou as ruínas maias ou o que quer que você tenha planejado simplesmente seriam um desperdício, quando tudo o que quero é isto.

Estávamos separados por muito tempo e eu ardia em necessidade.

Deslizando a perna sobre seu quadril, meu jeans largado em algum lugar no chão e meu sutiã sabe-se lá onde, subi em seu corpo quando suas mãos acariciaram minhas coxas e agarraram minha bunda.

— Talvez possamos ficar por aqui e dar um passeio no Campanário, ou no cemitério — caçoei, beijando as tatuagens em seu braço e peito. — Fazer uma escalada, degustar da melhor culinária que Thunder Bay tem a oferecer. — Mordisquei seu mamilo, puxando-o e lambendo-o. — *Muitas* degustações.

Ele estremeceu e sorriu, puxando-me mais para cima para beijar minha boca. Tudo que eu queria ver no mundo agora era ele suado, molhado, andando pelado da nossa cama para o chuveiro, ou amarrado debaixo de mim...

Ele apoiou os braços à nuca, e eu distribuí beijos pelo seu corpo, me esfregando em todo lugar.

— Estou financiando a compra da minha antiga casa — comentei, mordiscando seu pescoço e contado a novidade enquanto ele estava fraco. — Não precisamos morar lá. Só não estou pronta para

perdê-la ainda.

Quando vi que estava à venda, pedi que Alex fosse ao corretor de imóveis – depois que saímos da loja de vestidos – para que meu irmão não soubesse que era eu quem estava comprando. Eu ainda poderia me decidir em vendê-la, só que quando eu estivesse pronta.

Ele conteve meus avanços, olhando para baixo enquanto seus polegares esfregavam círculos no meu rosto.

— Tem tantas lembranças ruins, Em.

Eu sei. Mas...

— Me recuso a dar a ele esse tipo de poder — eu disse ao meu marido. — É a casa da minha família. Minha avó cresceu lá. Minha mãe e eu também.

Essa casa era mais do que apenas Martin.

Ele olhou bem dentro dos meus olhos e, depois de um momento, acenou com a cabeça.

— Okay.

Eu me abaixei e beijei seus lábios, uma carícia suave, lenta e profunda à medida que o esfregava por cima do jeans.

Arfando, ele começou a rir.

— Ah, amor, por mais que não queira que você se vista, eu preciso comer. — Ele gemeu enquanto eu continuava. — Você pode ficar aqui? Vou pegar alguns pãezinhos, café ou algo assim, que tal?

À menção dos pãezinhos, meu estômago roncou.

Merda. A comida viria bem a calhar, mas eu não queria que ele me deixasse.

— Vou com você — informei.

— É mesmo? — Ele se levantou e me deu um selinho. — Tudo bem, então.

Vestimos nossas roupas amarrotadas da noite anterior. Eu estava meio ansiosa para dar uma passada no hospital e ver Alex, além de checar com a polícia para ter certeza de que não havia nada pairando sobre nossas cabeças por causa da morte do Martin.

A ficha ainda não havia caído direito, exceto pelo leve baque no meu peito quando pensava na queda dos dois, daquele penhasco. Eu deveria estar arrasada, certo?

Por alguma razão, eu não o odiava. Mas havia aquele rasgo na membrana novamente, minhas emoções confusas e embaralhadas. Seu fim não poderia ter acontecido de nenhuma outra maneira.

Saímos do cinema e trancamos as portas, e o tempo todo Will manteve nossos dedos entrelaçados ao me levar à confeitaria, passando pelo *Sticks*. Quando olhei na direção do gazebo, avistei Damon escarranchado na grade e desconectando as luzes que haviam sido instaladas para a cerimônia.

Parei e olhei para Will.

— Você pode arranjar uma mesa? Eu já volto.

Ele seguiu meu olhar, vendo seu amigo no topo da colina e depois olhou para mim outra vez.

— Tudo bem.

Ele me beijou e saiu, e eu coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha, atravessando a rua correndo. Folhas alaranjadas e vermelhas caíam das árvores, e a brisa fria pinicou meu nariz, mas lá estava Damon, camiseta preta e sem casaco enquanto o vento agitava seu cabelo escuro.

Com as decorações penduradas nos postes, as pessoas transitavam e iam para o trabalho vestidas com fantasias para o Halloween.

Parei, olhando para ele e observando o belo trabalho, a construção sólida e a fundação, assim como o tilintar dos cristais presos às árvores à medida que o lustre farfalhava ao vento.

— Projetei um gazebo parecido com este — disse a ele. — Mas com mármore em vez de ferro forjado.

Olhei para ele, intencionalmente, e ele apenas me relanceou um olhar, mas ficou em silêncio.

— Gosto do ferro forjado — comentei. — Foi uma boa escolha.

Ele encontrou meu projeto e o construiu. O que fiz depois que perdi a paixão pelo outro, e que me obriguei a concluir, em vez de fazer do jeito certo.

Saltando do parapeito, ele se abaixou, pegou algo e jogou por cima, pela lateral, em meus braços. Peguei a lata de café, reconhecendo o recipiente amarelo-mostarda.

— Nós a encontramos quando estávamos cavando a nova fundação — ele me disse.

Eu abri a lata, deparando com o que já sabia que estaria ali dentro: um saco plástico com a gravata, o bracelete do parque de diversões e a caixa vazia das balinhas de caramelo que eu e Will comemos em nosso primeiro encontro.

Senti o nó se instalar na garganta.

— Obrigada.

Ele desceu as escadas e parou ao meu lado, ambos olhando para o belo trabalho que ele fez.

— Obrigada por ter feito isso. Está mil vezes melhor do que imaginei.

— Bem, vamos combinar — respondeu ele. — Aquele outro gazebo foi um trabalho de amador.

Eu ri. *Sim, obrigada.*

Um sorriso brincou em seus lábios enquanto ele estudava seu trabalho.

— Foi nesse aqui que você colocou seu coração. Gostei da ideia

dos lustres.

Eu queria perguntar a ele por que ele fez isso. Por que se esforçou tanto e dispendeu seu tempo, mas eu sabia que ele só responderia com um comentário petulante. Talvez ele tenha achado que me devia algo depois que o ajudei naquela noite no cemitério, ou talvez tenha se sentido culpado pelo incêndio.

— Eu tentei impedi-lo — comentou, olhando para mim. — Bom, meio que tentei. De qualquer maneira, peço desculpas.

Honestamente, aquela foi a menor mágoa que Will e eu havíamos causado um ao outro. E eu amei o novo gazebo.

Voltei a fechar a lata, com muito medo de erguer os olhos ao dizer:

— Você me deu a chave da *Sala Carfax*, não foi?

A BMW em que saímos do cemitério era a mesma que estava do lado de fora da minha casa naquela noite em que recebi a chave. Foi onde deixei as plantas do novo gazebo. E onde ele as encontrou.

Finalmente, ele assentiu

— Como alguém me deu uma vez.

— Como você sabia que eu descobriria?

Ele poderia ter deixado um bilhete me instruindo a chegar à catedral.

Mas ele apenas deu de ombros.

— Eu ia à igreja todas as quartas-feiras, e cheguei a te ver saindo de lá, às vezes. — Ele olhou para mim. — Depois de ver os hematomas no chuveiro, imaginei que o destino estava tentando me dizer algo.

Então, ele passou adiante quando já não precisava mais da chave. Como deveria ter feito. Nove anos depois, eu ainda estava com ela.

Estar a par daquele mistério em Thunder Bay foi o que me manteve conectada, ao menos em uma parte, com esta cidade, mesmo depois de anos afastada dali. Eu não consegui abrir mão disso.

Talvez agora eu pudesse.

— Ajudou durante aqueles dois últimos anos em casa — murmurei. — Obrigada.

Eu poderia não ter sobrevivido se não tivesse aquele lugar onde sabia estar segura. Mesmo que raramente o tenha usado.

Ele começou a se afastar, mas eu o detive.

— Tenho que contar a Will sobre aquela noite — comentei. — Eu só queria avisar você.

Suas costas ficaram rígidas e ele não se virou para olhar para mim, mas sabia do que eu estava falando. Eu não poderia continuar a esconder do Will o fato de que o ajudei a ocultar um corpo.

Damon suspirou.

— Obrigado pelo aviso. Estarei esperando a surra.

Eu comecei a rir.

— É só manter a Winter por perto. Ele não vai bater em você com uma mulher grávida ao lado.

Ele balançou a cabeça e continuou andando.

— Ele só vai fazer com que ela me espanque por ele — resmungou.



Depois de um mês esplêndido, tendo que ficar quase de cócoras para conseguir sair do colchão localizado no chão da minha antiga casa, e sempre usando o serviço de entrega para comida chinesa, podíamos dizer que éramos felizes além da conta, mal deixando a cama ou encontrando os outros amigos. Entretanto, acabamos nos decidindo por tomar posse da casa de Christiane Fane, no alto da colina.

Como ela foi morar com Matthew Grayson, Will alegou algumas vantagens sobre a mudança, mesmo que não precisássemos de tanto espaço.

Os inimigos pareciam ser um risco ocupacional para a empresa Graymor Cristane, e nossa família precisava de mais proteção do que um bairro vitoriano oferecia.

Isso sem mencionar que algum dia nossos filhos iriam usufruir da proximidade com seus amigos. Kai e Banks ficavam na casa dos Torrance quando estavam na cidade; Damon e Winter moravam na antiga mansão dos Ashby; Michael e Rika possuíam a casa de St. Killian, e nós agora estávamos na antiga mansão dos Fane, sendo que a empresa deles estava comprando e entregando a escritura para Will, sem nenhum encargo. Logo, morávamos todos no mesmo trajeto, seguindo a estrada para os assombrados penhascos da costa de Thunder Bay.

Eu estava feliz, e ao longo dos meses de comemoração dos feriados, da chegada da neve e do primeiro dia quente da primavera, era impossível reprimir o sorriso, ainda que o sofrimento por causa dos eventos passados estivesse presente, mas com uma intensidade mais leve.

Micah e Rory decidiram rir da cara do perigo, no entanto, e decidiram ficar com a minha casa na cidade; Micah absolutamente adorou a vida simples. Ele e as famílias de Rory estavam mais do que felizes agora que seus filhos haviam adquirido independência financeira, então resolveram deixá-los em paz.

— Amor, eu preciso de você! — Will gritou lá de baixo.

Mordi o lábio inferior para abafar o sorriso, com a mão ainda trêmula. Observei o terceiro teste de gravidez que fiz esta manhã, o risquinho a mais bem evidente no tom rosa-escuro.

Não era de admirar que eu tivesse engravidado, e fiquei até surpresa por não ter acontecido antes, já que Will sempre dava um jeito gostoso de me ‘atacar’.

Embrulhei o bastão em papel higiênico e o joguei na lata de lixo, encarando meu reflexo sorridente no espelho ao afofar meu cabelo.

William Grayson IV.

Gritei e então cobri a boca com a mão, quase dando com a língua nos dentes. Winter havia entrado em trabalho de parto algumas horas atrás, e Will estava tentando acordar Ivarsen e Madden de seus cochilos para que pudéssemos ir ao hospital. Tínhamos ficado de babás durante a noite toda para dar uma folga aos pais.

— Por favor, amor! — gritou ele, um pouco estressado.

Comecei a rir e saí do banheiro, descendo as escadas com o *beagle* de Will, Diabolo, correndo atrás de mim. Encontrei meu marido no vestíbulo, e o observei agarrar o pé de Ivar e puxá-lo de volta para que pudesse calçar a meia.

Bufei uma risada quando o garotinho com menos de dois anos deu uma risadinha, achando graça, enquanto Madden observava toda a interação.

Passei a alça da bolsa pela cabeça, peguei a bolsa de fraldas já cheia de lanches, suquinhos e brinquedos e peguei Madden no colo, saindo de casa para o colocar na cadeirinha do carro. Will poderia lidar com Ivar. Eu podia jurar que o bebê provocava constantemente o tio por achar que Will estava em dívida com ele por ter sumido por tanto tempo.

Depois de afivelar Madden, ataquei o garotinho com um montão de beijos, e Will se encarregou de Ivar, que esperneava e gritava, morrendo de rir.

A camisa de Will agora ostentava uma bela mancha de suco de frutas, e sua expressão indicava que, se ele pudesse, daria um soco na cara de Damon assim que o encontrasse, porque ele tinha certeza de que o senso de travessura de Ivar era inteiramente culpa do amigo, e não de Winter.

Assim que me ajeitei ao volante, peguei os livros de Will do assento do passageiro e os joguei no chão atrás do meu banco. Além dos empreendimentos imobiliários da empresa, a inovação no *resort* e a ajuda que ele dava a Winter em sua organização humanitária, Will havia começado o curso superior. Ele não queria voltar para a faculdade ou conviver com pessoas mais jovens do que ele, mas queria fazer algo mais com sua vida, além do que já fazia com os rapazes.

Então ele agarrou a oportunidade. E eu o amava demais por isso. Eu não tinha certeza se ele queria ser advogado ou veterinário ou sei lá o quê, mas eu meio que conseguia vê-lo ao comando de uma editora algum dia. O que viria a calhar, porque eu não tinha talento para ajudar William IV com sua lição de literatura. No entanto, a matéria fluía facilmente para Will.

Ele terminou de prender Ivar na cadeirinha e abriu a porta do passageiro, deslizando em seu assento.

— Do que você está sorrindo? — perguntou ele, afivelando o cinto.

Tentei reprimir o sorriso na mesma hora.

— Eu sinto muito. Eu vou parar.

Ele riu, e eu passei a mão pelo seu cabelo, ajeitando os fios. Os meninos tinham nos deixado exaustos nestas últimas vinte e quatro horas.

— Porra, amor — ele gemeu ao sentir o toque das minhas mãos.

Mas então ouvimos Ivar gritar atrás de nós:

— Borraaaa!

E a palavra era muito parecida com...

— Merda — Will murmurou, olhando para trás. Nós dois estávamos com os olhos arregalados.

Franzi o cenho e tentei amenizar:

— Ah, qual é. Você sabe que ele já herdou isso do pai.

Não fomos nós que lhe ensinamos os palavrões.

— E quando Mads repetir isso para o Kai? — retrucou Will, preocupado com Banks e Kai ficando putos.

Eu apenas balancei a cabeça. *Ah, tá.*

— Se você não fizer um alvoroço, rapidinho eles vão esquecer.

As crianças tendiam a não repetir comportamentos pelos quais não obtinham uma reação. E não era como se fôssemos capazes de proteger as crianças da influência de Damon Torrance para sempre.

Nós nos dirigimos para o hospital, talvez um pouco acima do limite de velocidade, Will apresentando os meninos ao *Disturbed* pela primeira vez. Ivar balançou a cabeça ao som da música de *heavy metal*, mas o sempre tranquilo Mads apenas ficou ali, observando tudo com a mesma postura estoica do pai.

Seria interessante ver o que uma garota traria para a nova família, já que Damon estava convencido de que o recém-nascido era uma menina, embora eles tenha optado em não saber o sexo antes do parto.

Depois que pegamos os meninos e as bolsas, corremos para o hospital e nos encaminhamos ao terceiro andar, deparando com o corredor lotado com a família enquanto Winter gritava dentro do

quarto.

Estremeci, de repente, ciente de que em breve eu não seria apenas uma espectadora daquela situação, já que estaria fazendo o mesmo no próximo outono, se meus cálculos estivessem certos.

— Aaaaah! — urrou, a fresta aberta da porta sendo o suficiente para que ouvíssemos em alto e bom tom.

— Como está indo? — perguntei, entregando Mads para sua mãe enquanto Rika pegava Ivar do colo de Will.

Outro grito perfurou o ar e uma enfermeira passou correndo por nós, entrando no quarto.

— Deve estar perto agora — disse Alex, com o celular ao ouvido, o diamante cintilando em seu dedo.

Aydin precisou viajar às pressas para Chicago esta manhã, para uma reunião, mas provavelmente estava voando de volta agora. Ele e Alex haviam assumido a maior parte das responsabilidades de Evans Crist, e ambos passavam mais tempo em Meridian. Era nítido que os dois adoraram isso, já que amavam os ruídos e agitação da cidade.

Michael se sentou em uma cadeira ao lado de Athos, fascinado ao vê-la jogar em algum aplicativo do celular, usando fones de ouvido enormes.

Ele apontou para alguma coisa e ela o empurrou, não querendo ajuda.

— Papai, pare com isso.

Ele sorriu, olhando para ela agora, ao invés do jogo.

Quando Athos foi adotada no último inverno, eles disseram que ela poderia chamá-los do que quisesse, mas em questão de semanas ela deixou claro que adorou o fato de ter se tornado a filha deles. E ela queria que todo mundo soubesse que Michael e Rika eram seus pais.

E quem não adoraria? Ela tinha tudo o que poderia desejar na vida e, com certeza, sabia disso. No entanto, os sortudos foram os dois por a terem encontrado.

— O quê? — Damon gritou de dentro do quarto.

Todos nós paramos e nos entreolhamos.

— É um menino? — ele deixou escapar. — Tem certeza?

Nós nos inclinamos e tive que morder os lábios para conter o riso.

Ouvimos o choro estridente de um bebê, o som de passos atrapalhados e o grunhido brincalhão de Damon:

— Argh, o que vou fazer com você?

— Damon! — Winter o repreendeu. — Eu vou te matar. É melhor você amá-lo. Você o ama, né?

Houve uma pausa e então encontrei o olhar arregalado de Alex.

Drama...

Damon e eu agora administrávamos uma empresa de

arquitetura e construção; ele construía, e eu projetava, logo, me acostumei com seu estranho senso de humor.

Por fim, ele respondeu:

— S-sim — gaguejou, não soando convincente. — Sim, claro, amor. Mas tipo, você tem certeza de que não tem mais nada aí dentro ou algo assim?

— Damon!

Will desabou contra a parede, o corpo tremendo com as risadas, e eu balancei a cabeça, estendendo os braços e tirando Ivar, que se contorcia todo, do colo de Rika. Eu o coloquei no chão, segurei sua mãozinha para dar uma voltinha no corredor, sendo seguidos na mesma hora por Will.

Outro menino. Seria, no mínimo, interessante.

Olhei para Will, contemplando sua expressão divertida, mas era nítido que as rodas em sua cabeça estavam girando.

— Você está triste? — perguntei.

— Por que eu estaria triste?

Dei de ombros e me recostei à parede, mas Ivar estendeu os bracinhos para que eu o pegasse no colo.

— Ele tem dois filhos à sua frente agora.

— Não é uma competição, Emmy. — Will se inclinou ao meu lado, e estendeu o dedo para que Ivar o envolvesse com sua mãozinha. — Estou bem. Estou estudando agora, de qualquer maneira. Temos muito tempo. Teremos nossa família e preencheremos todos aqueles quartos. Seja daqui a três, cinco ou dez anos.

— Ou oito meses — comentei, sentindo a pele formigar de ansiedade. — Oito... mais ou menos.

Ele ficou quieto por um instante, e quando finalmente levantei a cabeça, o flagrei me encarando meio sem fôlego.

— Você está falando sério? — ele murmurou.

Não consegui conter a emoção.

— Você está pronto?

Ele me agarrou e me beijou, rindo contra os meus lábios.

— Para você sempre estarei pronto para qualquer coisa.

E com a longa e tortuosa estrada que tivemos que trilhar para chegar até aqui, era impossível não confiar na veracidade de suas palavras. Eu o beijei, certa de que nada nublaria a minha felicidade ao lado dele por um segundo sequer.

Essa sempre foi nossa história.

Nós queremos o que queremos.



Muito obrigada por ter lido *Nightfall*. Seu apoio e incentivo ao longo dos anos manteve esta série em andamento, e realmente espero que você tenha gostado.

Bons livros, para mim, acabam como se fossem um novo começo. Vire a página para ler o epílogo, mas esteja ciente de que tudo termina com uma intriga – ou duas – só para garantir aos leitores que a diversão e o mistério ainda prosseguem em Thunder Bay.

Se você gosta de suas histórias muito bem-resolvidas, sinta-se à vontade para encerrar o livro aqui. Se você estiver animado para ver o que todos estão fazendo, continue lendo e divirta-se!

Epílogo

Will

Dez anos depois...

— Eu quero dirigir — brincou Em.

Firmei as catracas por baixo do carro, prendendo tudo ao trilho, mas mantive os freios acionados enquanto as crianças colocavam a trava de segurança. Em seguida, apertei o botão verde, acendendo os faróis.

— Sua mãe deve dirigir, crianças? — perguntei.

— Não!

Eu ri baixinho, com meu capacete em mãos enquanto Emmy sentava sua bunda no assento ao meu lado no vagão.

— Por sua causa, temos que usar capacetes agora — Finn resmungou com ela.

— Nós só perdemos o controle uma vez — Em retrucou. — Uma vez!

— Pai, por favor? — Indie implorou, do assento às minhas costas.

Dei uma risada sarcástica. É claro que eu não deixaria a mãe deles dirigir. Ela tinha o mesmo pé de chumbo que eu, mas as crianças se sentiam mais seguras comigo no controle.

— Vou me lembrar disso, Indie — Em repreendeu a mais velha. — Quando você tiver idade suficiente para dirigir, posso não ser tão indulgente.

Olhei por cima do ombro para nossa filha, seus olhos castanhos demonstrando certa culpa por conta do nosso segredinho não compartilhado.

Mas Emmy percebeu a nossa troca de olhar, e me encarou, irritada.

— Você não fez isso — ela reclamou. — Você a deixou dirigir essa coisa?

Dei de ombros, me virando e ouvindo nossa outra garota, Finn, rindo.

— Ela consegue alcançar os pedais.

— Ela tem nove anos!

— Você a deixou pintar o cabelo — salientei, como se isso fosse muito pior. — Sem me consultar, para falar a verdade. Por que ainda sou casado com você?

— Por vingança. — Ela girou para frente novamente, encarando a trilha à frente e murmurando: — Tornar minha vida miserável deve ser prazeroso pra você.

Comecei a rir, me inclinei e enganchei o braço em seu lindo pescoço, puxando-a contra mim. Pressionei meus lábios aos dela, incapaz de conter o avanço da minha boca pela bochecha, nariz e por cima dos óculos até a testa. Ela adorava ser beijada e suas pálpebras se fecharam quando se transformou em mingau na minha mão.

Meu Deus, ela era divertida. Feliz, infeliz, triste e gostosa – nunca deixei de ser grato por ela fazer parte da minha vida. Seus pontos fortes me tornavam um cara sortudo por fazer parte da dela, e suas fraquezas extraíram o que havia de melhor em mim. Enfrentei todas as intempéries com ela, como nunca havia feito com ninguém mais. E depois de dez anos, duas filhas e um filho – e a imensa alegria que tivemos em criá-los –, eu sabia, sem sombra de dúvida, que tudo valia a pena.

Acaricieei sua pele macia com meu polegar e inspirei o cheiro de seu cabelo.

— Amo você.

— Estamos esperando... — Indie Jones Grayson gemeu, respondendo antes que sua mãe pudesse retribuir minhas palavras.

Eu ri e me afastei.

— Todo mundo afivelado?

— Siiiiim! — eles gritaram em uníssono.

— Capacetes?

— Sim! — gritou William II, antes de suas irmãs, sentado no banco atrás de Em.

Ele era na verdade William IV, mas como eu era Will, e não gostávamos de Willy, Bill ou Billy, então todos decidiram chamá-lo de II. Que se transformou facilmente em Seg, redução de Segundo.

— Segurem seus telefones! — gritei, estendendo a mão para apertar o botão.

Assim que dei partida, o sistema hidráulico começou a funcionar

embaixo de nós, impulsionando-nos para a frente, e em instantes estávamos trafegando pelo túnel, primeiro a cinquenta quilômetros por hora, e, em seguida, a quase setenta.

— Mais rápido! — gritou Finn.

O carro balançou, sacudindo-se sobre o trilho; o vento frio açoitava nossos rostos, mas Em mal conseguia conter o sorriso largo enquanto se segurava nas barras laterais.

Com o passar dos anos, liberamos o trilho inteiro entre Thunder Bay e Meridian, reduzindo o trajeto de uma hora de automóvel para quatorze minutos. Normalmente, usaríamos um vagão maior, mas quando íamos de casa em casa, na cidade, optei por acrescentar uma via secundária com carros avulsos para as incursões rápidas de ida e volta. Pegamos o túnel subterrâneo para a casa dos meus pais para

jantar mais cedo, e agora tínhamos que voltar para o outro lado da cidade, sob o rio, e subir para St. Killian esta noite.

Percorremos a via imersa na penumbra, subimos algumas ladeiras e descemos rapidamente, sentindo aquele frio gostoso na barriga. As crianças riam e davam gritos histéricos às nossas costas. Agarrei a coxa de Em, compartilhando a mesma sensação. Nada superava uma queda livre.

Exceto talvez uma coisa...

Olhei para ela e vi que segurava o óculos em uma mão, com os olhos fechados e um sorriso aberto, e com a outra, estendida para trás, envolvia o tênis de Seg, como se o estivesse segurando. Ele tinha apenas cinco anos e, nas raras ocasiões em que ela o deixava passear assim, ficava nervosa. Já havíamos viajado dessa forma uma centena de vezes, e eu não colocaria meus filhos em risco. Ela sabia disso.

No entanto, eu adorava ver esse lado maternal dela. Era sexy pra caralho.

O carrinho deu um mergulho, o ar se tornou mais frio – porque estávamos abaixo do rio –, mas durou apenas alguns segundos antes de subirmos outra vez. Em seguida, abaixei a alavanca e diminuí a velocidade do carro.

— Aaaah... — as crianças resmungaram.

Eles mal sabiam que a diversão deles estava apenas começando. Na verdade, toda a nossa diversão, já que eu e Em também brincaríamos esta noite.

Assim que paramos por completo, removemos os capacetes e destravamos os cintos de segurança. Quando subimos para a plataforma, ajudei as meninas e Emory pegou Seg no colo. Endireitei o terno e gravata, segurei as mãos das minhas filhas e as guiei em direção às catacumbas, subindo as escadas até o grande vestibulo da catedral.

Finn e Indie se soltaram na mesma hora e correram para sair pela porta da frente.

— Quando os sinos tocarem, vão para a frente da casa — gritei para que as duas ouvissem. — Imediatamente!

— Tá bom! — retrucaram.

William II passou por mim, a cara enfiada no *tablet*.

— Fale comigo, Pateta! — eu disse.

— Eu ouvi você — ele respondeu sem olhar para os lados.

Balancei a cabeça quando passei pela porta que dava para o jardim da frente, avistando meus filhos se juntarem à filha de Kai, Jett, e alguns de seus amigos. Os olhos de Seg não haviam sequer se desviado da tela do eletrônico.

— Essas crianças de hoje... — murmurei.

Emory tocou meu ombro, tentando me tranquilizar mais uma

vez em relação ao fato de que o garoto não ia querer jogar basquete algum dia.

— Vou dar uns telefonemas antes da coisa toda começar — ela disse, tentando disfarçar a risada. — Guarde suas forças para mim. Vai ser uma noite e tanto.

— Promete? — Olhei por cima do ombro enquanto ela voltava para casa.

Ela deu uma piscadela e se virou.

Descendo as escadas, observei as crianças brincando — a filha de cinco anos de Damon, Octavia, em sua usual calçola de pirata, meias-calças pretas, blusa branca e uma espada falsa amarrada às costas. Ninguém diria àquela criança que os piratas modernos eram muito diferentes de Jack Sparrow. Ela queria ser do jeito dela.

Olhei ao redor e não vi os meninos, então Damon e Winter ainda não devem ter chegado. Octavia provavelmente veio com Kai e Banks, já que ela e Jett tinham quase a mesma idade e eram amigas.

Algo chamou minha atenção à direita, e quando olhei, avistei Madden sentado em cima de uma árvore. Vestido em um terno preto, cabelo escuro perfeitamente alinhado e a pele de porcelana, ele parecia afiado como uma faca. Havia um livro aberto em seu colo, mas sua atenção estava concentrada nas crianças brincando abaixo.

Ou em uma criança, na verdade.

Subi as tábuas de madeira e o alcancei a cerca de cinco metros de altura, o olhar se voltando para o livro.

— Oi — eu disse.

— Oi.

Contive o sorriso diante de sua resposta séria. Nunca imaginei que alguém pudesse ser mais sisudo do que Kai, mas seu filho levava o prêmio. Quantas crianças de onze anos vestiam calça bem-passada e paletó engomado, e com o cabelo sem apresentar um único fio fora do lugar?

— Onde está seu pai? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Em algum lugar lá dentro.

Eu o observei encarando o livro, mas sem ler nada. Então, mais uma vez, lancei um olhar para as crianças.

Ele nunca se juntava a eles. Só brincava sozinho. Ou com sua prima, Octavia. Ela era a única que conseguia arrancar um sorriso dele.

— O que você está pensando? — perguntei a ele.

Mais uma vez, ele deu de ombros.

— Está tudo bem na escola?

Ele acenou com a cabeça, mas ainda não olhou para mim.

— Você tem planos para coletar doces ou travessuras com seus

amigos amanhã à noite? — insisti.

Lentamente, ele balançou a cabeça.

— Eu realmente não gosto de doces.

— Venha para *Coldfield*, então — eu disse a ele. — Posso arranjar um lugar pra você no meio dos atores.

Ele continuou imóvel, mas vi a mandíbula flexionar.

— Ou... talvez operando a iluminação nas tumbas? — caçoei.
— Algo nos bastidores?

Ele me deu um olhar de soslaio, mas sem me encarar. No entanto, não negou com a cabeça como antes, e resolvi salvar seu orgulho, já que ele não daria o braço a torcer.

— Pego você amanhã às três — falei.

Ele assentiu.

Bom. Ele podia até não gostar de estar rodeado de pessoas, mas isso não significava que não pudesse encontrar seu lugar no mundo. Anos atrás, seus professores manifestaram a preocupação de que ele pudesse estar no espectro autista, mais precisamente o que chamavam de Asperger. Não que isso tenha afetado seus estudos. Ele era excelente na escola.

Socialmente, ele só não era igual às outras crianças, mas ele era capaz de se socializar em situações que lhe interessavam, como treinar com seu avô ou passar um tempo com Octavia. Ele se recusou a ver um especialista, e Kai não queria obrigá-lo a ser o que os outros consideravam como algo normal. Quer dizer, olhe para nós, por exemplo. Se fôssemos parâmetros para considerar o que seria normal, era melhor que Mads não mudasse nunca.

Comecei a descer a escada, mas então ouvi sua voz.

— O que é *L'appel du vide*? — perguntou ele.

Parei e o encarei, seus olhos tão escuros quanto piscinas negras.

— Onde você ouviu isso?

— De algumas crianças na escola — ele murmurou.

Pigarreei e olhei à volta, em busca de seus pais, ciente de que este dia chegaria, mas nunca imaginei que tivesse que explicar isso para os filhos dos outros, a não ser para os meus. Será que ele perguntou ao Kai?

Recuei um passo e olhei bem dentro de seus olhos.

— *L'appel du vide* é o que une nossa família — eu disse a ele. — É uma ideia que nos conecta, porque todos nós acreditamos nela.

— Como uma religião?

Hesitei por um momento, sem ter certeza se era dessa forma que eu poderia descrever, mas então assenti.

— Tipo isso — respondi e continuei: — Michael, Rika, Winter, Damon, Emory, eu, sua mãe e seu pai... Foi desse jeito que percebemos que não estávamos sozinhos no mundo.

— Eu sou parte disso?

Entrecerrei os olhos.

— É isso que as crianças da escola dizem?

Ele desviou o olhar e se concentrou novamente em Octavia, no gramado.

— Eles têm muito medo de mim para dizer qualquer coisa.

Grunhi baixinho. Era isso que temíamos. Mads, com certeza, conseguia se virar por conta própria, mas nossos sobrenomes intimidavam as pessoas.

Foi muito bom termos nos encontrado e formado nossa família, mas para os de fora, provavelmente, parecia... Bem, eu não fazia ideia do que poderia parecer. Tudo o que eu sabia era que quanto mais poderosos fôssemos – quanto mais bem-sucedidos –, mais inimigos encontraríamos, e as pessoas sempre tentariam nos derrubar. Nossos filhos ouviriam histórias sobre nós. Histórias sobre nossas vidas, a Noite do Diabo e as catacumbas continuavam sendo inventadas nesse exato momento, sem sombra de dúvida. Eles teriam que lidar com a pressão de nosso legado.

Ou não.

— Você é quem quiser ser, Mads — afirmei. — Nunca se esqueça disso. Não olhe para o mundo através dos olhos de outra pessoa, exceto os seus. Nem através dos olhos do seu pai, dos meus... nem de ninguém.

Queríamos construir algo novo – algo duradouro –, mas sempre soubemos que os tempos mudariam e nossos filhos iriam querer uma vida própria.

Mads poderia até não querer assumir o legado, mas caso ele quisesse, algum dia, eu tinha certeza de que a máscara lhe cairia muito bem.

Sem pressão.

Ele deu um arremedo de sorriso, o máximo que conseguiu se obrigar a demonstrar, e eu sorri de volta, descendo as tábuas.

Indie e Jett estavam sentadas em uma toalha de piquenique, tagarelando, enquanto Finn e Seg se encontravam deitados na grama, fuçando seus telefones.

Relanceei outro olhar a Mads, agora observando atentamente Octavia duelar contra o tronco de uma árvore com sua espada, e quando inclinei a cabeça mais para trás, reparei nas nuvens negras quase alcançando as copas das árvores.

Entrei em casa, procurando pelos adultos. Ainda estávamos esperando a chegada de Alex, Aydin, Micah, Rory...

— Os serviços de emergência estarão de prontidão, caso a tempestade tropical Esme se desvie. — Ouvi Banks anunciar à medida que eu me aproximava do escritório.

Parei à porta e a vi sentada atrás da mesa, com uma estante

repleta de livros às suas costas; o abajur lançava uma luz suave pelo ambiente. Havia um operador de câmera a filmando à frente.

— Mas devo insistir que tentem permanecer em casa, porque há a expectativa de ventos fortes — Banks continuou. — O toque de recolher entra em vigor a partir das oito da noite, e isso inclui as festividades da Noite do Diabo.

Dei um sorriso e meu olhar se conectou ao dela, que vacilou por um segundo. Ela usava uma blusa azul-escuro, o cabelo preto alinhado e os lábios rubros.

— Por favor, evitem áreas de baixo relevo e propensas a inundações, e mantenham lanternas e pilhas facilmente acessíveis — ela disse aos cidadãos. — Não recomendamos a evacuação, mas mantenham-se informados sobre o progresso da tempestade de acordo com os canais de emergência. Tenham cuidado e fiquem dentro de casa. — Ela olhou para a câmera. — Obrigada.

— E... estamos fora do ar — anunciou o assistente.

Banks desfez a expressão compenetrada e suspirou, levantando-se da cadeira. Comecei a rir quando vi que ela usava uma calça jeans que manteve oculta por baixo da mesa. Algumas coisas nunca mudavam.

Ela deu a volta na mesa, com o telefone agora em mãos.

— Já havíamos conversado sobre você não mencionar a Noite do Diabo — o assistente comentou, correndo ao lado dela.

Ela não desacelerou os passos ao sair do escritório.

— Sim, nós conversamos sobre isso.

Aparentemente, a palavra ‘diabo’ deixava alguns eleitores nervosos, então o gerente de campanha de Banks estava tentando mudar o nome da tradição. Mas ela não se preocupava nem um pouco com isso. Banks fazia o que queria.

Parei ao seu lado e a acompanhei.

— Você sabe que ninguém vai ficar esta noite em Thunder Bay, não é?

Afinal, era a Noite do Diabo.

— Claro que sei disso.

Sim. Como representante do nosso distrito, ela teve que entrar ao vivo e solicitar que todos ficassem em casa só para cumprir um protocolo.

— Onde está o Kai? — perguntei.

— Malhando com o pai dele. — Ela olhou para o telefone. — Daqui a pouco ele chega.

Contornei o corrimão e comecei a subir a escada.

— Você fica tão sexy na câmera.

Ela se virou, andando de costas em direção à cozinha, e piscou para mim.

— Se isso me eleger para senadora em uma semana, está ótimo.

Com uma risada, subi a escada apressadamente. A campanha havia sido exaustiva, mas com o apoio do meu avô, eu tinha grandes esperanças.

Atravessei o corredor e fui até a biblioteca para esperar por Damon, porque eu sabia que esse era o primeiro lugar para onde ele vinha quando chegava aqui, mas ao passar pelo quarto de Rika e Michael, parei e espiei.

Michael estava de pé no final da cama, com o cabelo molhado e uma toalha enrolada na cintura, segurando Aaron, de apenas seis meses, contra o peito.

Quando Rika engravidou no ano passado, Michael quase desmaiou. Eles ficaram tão felizes com Athos, o *resort* e tudo o que faziam por ali, em St. Killian, que pararam de tentar.

Na mesma hora, eles saíram e compraram tudo, mas o primeiro banho do bebê foi um tremendo pesadelo. Eles prepararam a pequena banheira, loções e brinquedos, e o garotinho gritou o tempo todo. Michael não ia tentar isso de novo. Contra as ordens médicas, ele entrou no chuveiro com o bebê no colo, que nunca mais chorou ao tomar banho. Ele só queria ficar nos braços do pai.

Observei Michael balançar de um lado ao outro, ninando e admirando o bebê, como se não pudesse acreditar que ele existia.

Eles o batizaram com meu nome, já que sou o favorito deles.

Sem querer interromper, recuei e continuei andando até o final do corredor. Abri a porta e vi Rika de pé, perto da mesa, mexendo no monitor preso à parede, organizando seus arquivos, ou sei lá o que estava fazendo.

— Oi — cumprimentei.

Ela levantou a cabeça e respondeu:

— Ei.

Fui até o sofá e me joguei ali, me sentindo esgotado. Eu estava ficando velho. Simplesmente isso.

— Como está sua mãe? — perguntei.

Ela olhou para mim enquanto vasculhava os papéis em sua mesa.

— Está bem. Ela e o Matthew estão em uma viagem à caça de antiguidades pela Nova Inglaterra. Ela adora administrar aquela loja com ele — refletiu. — Como nunca teve que trabalhar antes, estou feliz por ver que ela encontrou algo que gosta de fazer.

Suspirou, satisfeita.

— Misha e Ryen ainda estão em Londres com as crianças — comentou. — Acho que ele realmente gosta de lá.

— Sim, acho que ele não volta tão cedo.

Eles tinham um menino e uma menina agora e, como ele era

músico, e Ryen era decoradora, eles podiam ir a qualquer lugar.

— Você sente falta dele? — Rika brincou, passando a mão pela tela novamente.

— O tempo todo — admiti. — Mas ele não desperdiça um minuto de seu tempo levando uma vida que não quer. É isso que me deixa feliz. Mesmo que me incomode que a vida que ele deseja não seja a mesma que nós vivemos.

Ela deu uma risada sarcástica, abrindo o arquivo do projeto de reconstrução da ponte que Emory e Damon estavam fazendo.

— Ele estará aqui quando for preciso — ela me assegurou.

Eu sabia disso.

— Todo mundo já chegou? — perguntou ela.

— Ainda estamos esperando o Kai, Alex e...

E então gritos e berros ecoaram no piso inferior, como se estivéssemos em um zoológico, e eu suspirei.

— E Damon e Winter estão finalmente aqui — concluí.

Meu olhar estava focado na porta, e contei os segundos – cinco no total – até que Damon entrou voando pela sala, com Gunnar gritando às suas costas.

— Quero um abraço! — berrou o garoto.

Ofegante, Damon fechou a porta e a escorou com o corpo, como se houvesse um urso atrás dele.

— Tenho muitos filhos, porra — ele suspirou, com o rosto suado e o cabelo desgrenhado.

Tentei reprimir o sorriso, diante das batidas frenéticas que seus filhos davam à porta.

Ele estremeceu.

— Onde estão?

Aparentemente, as crianças deram um sossego e saíram dali, e só então Damon foi direto para ela. Em seguida, tirou alguns livros da prateleira e pegou o estoque de cigarros, abrindo um maço.

— Rika, que merda é essa? — Ele olhou para ela. — Isso deveria durar um mês.

— Eu estava muito estressada — ela retrucou. — Além disso, foi você que quase acabou com o último maço.

Balancei a cabeça, observando Damon enfiar um na boca. Os dois haviam se limitado a um pacote por mês, e como todos passavam mais tempo aqui do que em qualquer outro lugar – e Damon não confiava em si mesmo com a responsabilidade –, Rika ficou de guardar o pacote de cigarros.

A porta do escritório se abriu e Fane Torrance, o filho número três de Damon, entrou correndo.

— Quero um abraço da máquina de abraços! — exigiu o menino de sete anos.

Damon desviou do filho, tentando fazer o isqueiro funcionar desesperadamente.

— A máquina de abraços precisa ser recarregada — ele murmurou, com o cigarro entre os lábios.

Rika passou por ele e pegou Fane no colo, colocando-o sobre o ombro.

— Vamos, garotinho — disse ela ao sobrinho. — Vamos procurar a tia Banks para uma tortura de cócegas. Papai precisa de um tempo.

Ela saiu, levando o menino risonho com ela, e fechou a porta. Damon soltou uma baforada de fumaça, finalmente exalando, e desabou ao meu lado no sofá. Com a cabeça inclinada para trás, contra o encosto, deu mais uma tragada e soprou a fumaça.

— Eu realmente amo esses moleques — ele suspirou. — Mas nunca tenho um minuto de sossego. Se eu quiser minha esposa, tenho que emboscá-la na porra do chuveiro.

— Talvez você *deva* ficar longe dela — salientei. — Ela fica grávida toda vez que você respira perto dela.

Ele riu, e eu ouvi a bagunça que os meninos faziam do lado de fora. Seu mais velho, Ivarsen, era apenas um pouco mais novo que Madden. Gunnar nasceu em seguida, pois Damon queria uma filha a todo custo. Quando isso não aconteceu, ele continuou a procriar, conseguindo mais dois filhos – Fane e Dag – antes que Octavia finalmente chegasse. Winter teve cinco abençoados anos de descanso para respirar desde então.

— Você castrou ela, né? — perguntei, arrancando o cigarro dele e dando uma tragada.

— Por quê?

Comecei a rir. Ele reclamava o tempo todo que as crianças não o deixavam ter Winter só pra ele, mas era bem capaz de ter feito um acordo com a mulher para tentar uma irmãzinha para Octavia.

Ele pegou o cigarro de volta e se levantou, caminhando até a janela para espiar o jardim. Eu o observei, reparando no terno amarrotado e o cabelo bagunçado. Damon podia até aparentar ter tudo sob controle, mas eu sabia que sua casa devia ser um caos total todos os dias.

No entanto, ele parecia tão jovem quanto na época da escola. A felicidade estampada em seu rosto era resultado de ter seus filhos, esposa, lar e amor.

— Por que você queria tanto uma filha? — perguntei a ele.

Sempre achei que o que ele queria mesmo era ter uma ‘garotinha do papai’, mas ele não a superprotegia; ele a tratava da mesma forma que os meninos. Porém, embora amasse todos os filhos, ele e Octavia eram parecidos em tudo. Ela foi a única que puxou seus

olhos e cabelos negros, que, segundo rumores, saltariam gerações.

— Não sei — murmurou, olhando pela janela. — Toda vez que pensei em ter minha própria família algum dia, sempre havia uma garotinha na equação.

Ele fez uma pausa, sorrindo para o que quer que estivesse acontecendo lá fora.

— Quero dizer, olhe para elas — ele me disse. — Banks, Winter, Em, Rika... As mulheres só são vulneráveis, porque são as últimas a aprender a lutar. Eu quero colocar uma mulher como elas no mundo.

Eu não tinha dúvidas de que ela daria trabalho também. Meus filhos eram muito mais mansos e eu era grato por isso. Com exceção de Indie. Ela não pensava antes de agir, e Em me culpava como se eu pudesse controlar os meus genes.

Uma buzina soou do lado de fora e Damon deu uma última tragada.

— Micah e Rory... — ele anunciou e soprou a fumaça.

Então me levantei do sofá.

— Então agora só temos que esperar a Alex. — Fui até a porta. — Vou atrás da minha esposa.

— A despensa da cozinha tem um cantinho que fica fora de vista — debochou. — Tenho certeza de que Dag foi concebido lá, caso você precise de um pouco de privacidade.

Saí dali, sorrindo internamente. Em gostava mesmo era das catacumbas.



Dez das crianças se amontoaram no ônibus de luxo com três babás, enquanto Athos ficou conosco, e a mãe de Michael levou Aaron para passar a noite. Ela ainda era dona da casa dos Crist, mas raramente ficava por lá, optando por levar o bebê de volta para a cidade, para seu apartamento em Delcour.

As outras crianças também estavam sendo encaminhadas para Meridian, onde ficariam em segurança e longe do litoral e da tempestade iminente, e passariam a noite em uma festa de pijama na casa do Kai – com jogos, filmes e guloseimas. Marina estaria lá com Lev e David, então eu não tinha dúvidas de que nossos filhos estariam seguros e com muito açúcar no sangue em uma hora.

O sol havia se posto duas horas atrás, e eu observei as luzes traseiras do ônibus desaparecendo rodovia abaixo, enquanto o sino do Campanário anunciava o horário com suas badaladas. Eu sorri, pensando em como amava aquele som.

Depois que todas as folhas caíssem nas próximas semanas, seria possível ver, por entre as árvores, a lanterna que Emmy instalou quando restaurou a torre anos atrás.

A chama sempre presente de Reverie Cross estaria pendurada no campanário.

O portão se fechou, e os lampiões pendurados nas colunas de ferro forjado tremeluziram com suas chamas acesas, à medida que as folhas das árvores dançavam com o vento forte. Ajeitei a gravata, ouvindo o crepitar das chamas ao meu redor.

Retirei o cigarro que roubei do esconderijo de Damon e Rika do bolso da camisa, fui até uma das piras espalhadas ao redor do chafariz, e me abaixei para acendê-lo.

— Você tem certeza de que ela está pronta? — Damon perguntou às minhas costas.

— Ela vai participar da reunião — Michael disse a ele. — E só. Athos.

Lentamente, entramos de volta em casa e trancamos a porta. Segurei a mão de Emmy, sentindo minha velha gravata do ensino médio enrolada em seu pulso enquanto descíamos para as catacumbas.

Ao longo dos anos, ela usou esta gravata de diversas formas. E toda vez, meu coração disparava só em pensar que ela a havia guardado por tanto tempo, armazenando nossas lembranças debaixo do gazebo porque uma parte dela nunca conseguiu me esquecer. Emocionado, apertei sua mão mais uma vez.

A chuva ainda não havia começado, mas a catedral gemia sob a pressão do vento forte, e consegui sentir o cheiro da terra úmida quanto mais descíamos sob o solo, com arrepios percorrendo o meu corpo.

O silêncio deixava o ar carregado, a incerteza e as preocupações ao longo do último mês se concentraram nesta noite. Estaríamos comemorando mais tarde, mas primeiro... precisávamos cuidar de alguns negócios.

— Se você preferir ficar de fora... — Michael disse para Micah, quando nos sentamos à mesa comprida no grande salão.

Mas eu me meti na conversa, antes de ele responder:

— Ele está bem — assegurei a Michael.

Dei um aperto no ombro de Micah, sentindo seus músculos tensionados. Ele estava nervoso, mas sem razão. Micah e Rory faziam parte desta família. Ele não estava sozinho e não precisava se esconder. Ele se sentaria deste lado da mesa com dignidade.

Michael tomou seu lugar ao centro; o terno, camisa e gravata totalmente pretos como os de Damon, enquanto Kai e eu optamos por um toque mais colorido no traje. Rika se sentou ao lado de Michael, usando um tomara-que-caia vermelho e elegante com calça preta justa

e tênis. Normalmente, as mulheres se vestiam bem para o conclave, mas talvez tivessem que dar uma corridinha esta noite.

Athos sentou-se ladeada pelo pai e Kai, seguido de Banks, sendo que as cadeiras próximas ainda estavam vazias e à espera de Aydin e Alex. Sentei-me ao lado de Rika, seguido de Emmy, Damon e Winter e Micah e Rory.

O cheiro de umidade das paredes de pedra e o brilho do lustre acima da longa mesa de madeira sempre me fez sentir como se fôssemos aqueles vampiros legais do filme *Anjos da Noite*, mas Emmy jurava que éramos mais parecidos aos Volturi.

— Onde estão Alex e Aydin? — sussurrei para Michael.

Ele balançou a cabeça.

— Ligue para eles.

Já passava das sete. Eles deviam ter chegado horas atrás. Os dois não tinham filhos, então não era isso que os atrasava.

Peguei o celular, prestes a ligar para Aydin, mas então Alex entrou com gotas de chuva pontilhando suas costas nuas expostas pela blusa preta, fios de seu cabelo grudados ao rosto. Ela usava o colar que todas as mulheres ostentavam, com o mesmo brasão que combinava com nossos anéis, enquanto uma sombra de sorriso se formava em seus lábios.

Ela se sentou na outra ponta da mesa, o queixo erguido e a respiração acelerada quando Aydin entrou em seguida, com uma sobrelanceada arqueada e um arranhão na bochecha.

— Onde vocês estavam? — Banks sussurrou para ela.

Ela apenas balançou a cabeça ao mesmo tempo que Aydin se sentava entre as duas.

— Eu tive que arrancá-la da lancha, porque ela queria espionar sem a presença de vocês.

— Alex — Kai repreendeu.

Mas eu apenas ri baixinho. Ela era dona de uma empresa de investimento, fazia parte dos conselhos de administração dos dois bancos dos quais o pai de Kai se aposentou, era sócia no *resort*, sócia da empresa de arquitetura de Damon e Em, ajudava na organização humanitária de Winter, em prol de crianças famintas, e ainda ajudava Banks em sua campanha eleitoral, além de auxiliar Rika, quando necessário. Mesmo assim, tudo isso não havia entorpecido o impulso infantil de Palmer para fazer travessuras. Ela ainda era uma menina perdida, pronta para matar piratas.

Fiquei feliz que Aydin conseguiu tirá-la de lá, porque eu não estava nem um pouco a fim de correr atrás dela naquela ilha esta noite, ainda mais com a tempestade se aproximando.

Ficamos ali sentados, olhando para o corredor e esperando a chegada de nossos convidados.

Eu me inclinei na cadeira e perguntei a Micah:

— Há quanto tempo você não os vê?

Ele olhou para mim.

— Tenho cinco irmãos, mas você foi meu padrinho. Isso responde a sua pergunta?

Sim. Os Moreau eram leais ao seu sobrenome, não uns aos outros. Aqueles não eram seus irmãos. Nós, sim.

Ouvimos o eco do som de uma porta se fechando no corredor escuro como breu, e todos nós nos levantamos.

— Não os cumprimentem com aperto de mãos, Michael — Micah disse, em voz baixa. — Eles precisam conquistar nosso respeito. Não facilite as coisas.

— Eu sei.

— E eles não estão aqui para manter o *status quo* — Micah salientou, dando dicas a Michael sobre como lidar com sua família. — Houve mudança de guarda. Eles vão tentar estabelecer uma identidade diferente da do meu pai. Esteja pronto.

— Já estou. — Michael abotoou o terno enquanto o que parecia ser um exército marchando pelo corredor se aproximava cada vez mais.

— Quase desejei ter te mandado de volta para o seu pai te moldar — resmunguei para Micah. — Mas acho que ele teve que passar o negócio para o mais velho.

Micah e Rory estavam conosco desde então, mas sabíamos que seu pai iria morrer algum dia e teríamos que lidar com seus irmãos.

— Meu pai não repassaria seus negócios para alguém só por ser um filho mais velho — Micah apontou. — Ele passaria para quem pudesse manter seu legado.

Um arrepio, de repente, me percorreu de cima a baixo, pois não gostei nem um pouco de ouvir aquilo.

As pisadas constantes contra o piso de madeira se tornaram cada vez mais altas, e eu aprumei a postura, vendo Crane, o segurança de Damon, guiando os convidados até aqui.

— Aí vêm eles — disse Micah.

Crane se afastou para um canto, atrás da nossa mesa, e os seis irmãos de Micah – cinco irmãos e uma irmã – entraram na sala, em formação de V.

Dei uma olhada de relance para Athos, a respiração e postura firmes mesmo para seus dezoito anos e estando em uma sala cheia de terroristas pela primeira vez.

Porra.

Emil Moreau liderava a matilha, e se dirigiu até a única cadeira vazia à nossa frente, enquanto o resto o flanqueava.

Ele não era o mais velho. Eu estudei o dossiê extensivamente e

sabia tudo sobre eles. Kaiser nasceu primeiro. Ele estava mais à direita, o cabelo escuro espesso e cortado baixinho, enquanto Valentin e Victor eram os próximos, seguidos por Hadrien, o segundo filho mais novo ao lado de Micah, e então Eslem, a única garota na ponta à esquerda. Eles estavam todos em ordem por idade atrás de Emil, as mãos cruzadas às costas como soldados.

Exceto pela filha. As dela estavam entrelaçadas à frente.

— Bem-vindos — disse Michael, apontando para a cadeira. — Por favor.

Emil se sentou, cruzando uma perna sobre a outra, o cabelo castanho-avermelhado penteado para trás, o rosto magro e pálido lhe dando uma aparência de elfo. Ele lançou um olhar para Micah, prestando atenção ao irmão mais novo do outro lado da mesa. Na mesma hora, o clima ficou tenso.

— Eu ouvi muito sobre você. — Michael voltou a se sentar, assim como nós. — Você fugiu de Oxford antes de competir nas Olimpíadas.

— E terminei em sexto lugar — Emil acrescentou, o sotaque indistinguível.

O pai deles era francês e sírio, mas eles possuíam mães diferentes. Apenas Micah e Eslem eram frutos da mesma garota sérvia. E digo garota, porque ela tinha dezesseis anos quando Micah nasceu, e dezoito quando deu à luz a Eslem e morreu no parto.

— Mas nas Olimpíadas — Michael insistiu —, seu pai deve ter ficado orgulhoso.

— Ficou mesmo. — Emil assentiu, recostando-se à cadeira. — Meu pai aprovava a derrota. Isso significa que apenas os nossos melhores ficam à nossa frente.

— Espero que isso continue sendo verdade — Michael disse a ele. — Tivemos um imenso prazer em fazer negócios com ele nos últimos dez anos.

Emil deu um sorriso forçado e um nó retorceu seu estômago, ciente de que não seria assim tão fácil.

Micah era dono de parte do *resort*, mas todos sabíamos de onde vinha o dinheiro. Nós fazíamos vista grossa, porque Stalinz Moreau não traficava drogas e nem mulheres. Com o passar dos anos, acabamos nos acomodando, pois ele não tinha interesse em atrapalhar nossos negócios. Ele pegava seus doze por cento, seu nome não constava em nada, e tínhamos que manter Micah – e por conseguinte, Rory – longe de problemas. Todo mundo saía ganhando.

— Você só tolerava o meu pai por causa do Micah — disse Emil — e porque ele investiu em sua empresa.

Michael inspirou fundo, o rosto já não tão inexpressivo.

— Não é... segredo que nós concordamos em muito pouco. Mas

conseguimos trabalhar juntos. A cooperação mútua era muito boa para os nossos negócios.

— Boa, mas não ótima — Emil respondeu, a voz estranhamente calma. — Meu pai estava envelhecendo. Ele achou que tinha dinheiro suficiente e perdeu de vista o que estávamos construindo.

— Que era...?

— Um legado que sobreviveu — Emil respondeu. — Ele deveria ter renunciado há muito tempo.

Micah se mexeu na cadeira, inquieto, e eu analisei os rostos de seus irmãos; Kaiser tinha um ar sério, Valentin olhava para o chão, Victor encarava Winter, inclinando a cabeça como se ela fosse uma refeição, e Hadrien e Eslem mantinham os olhares alheios, mas ainda assim, ouvindo cada palavra.

— Sua parte foi mais do que justa — disse Michael. — Isso deveria ser o bastante para manter a amizade. Você não gosta de amigos?

— Nós não somos como nosso pai.

— Cooperativo?

— Fraco — Emil disparou de volta, sem perder o ritmo. — Amigos são imprevisíveis. Os segredos, por outro lado, sempre têm valor, e sua família é bem-provida nisso, não é?

— Assim como a sua — respondeu Michael.

Os olhos de Emil se voltaram para Micah, um ar desdenhoso e que prometia alguma coisa.

— Vamos aumentar sua porcentagem para vinte e quatro por cento — afirmou Michael. — Isso nos mantém amigos.

— Acho que você se enganou. — Os lábios de Emil franziram em um sorriso. — Precisamos da metade. Metade nos mantém educados.

Ergui o queixo, tentando parecer inabalável, mas meus olhos se concentraram na garota novamente. Ela encarava o tampo da mesa, despreocupada, praticamente sem piscar.

— Eu sei do que sua família é capaz — o irmão de Micah disse, nos encarando. — Mas com todo o respeito, você sabia os riscos que corria ao se envolver com a minha. Você pode ser o pesadelo da sua cidadezinha, porque aqui você dita as regras, mas as táticas mudam quando se está jogando com outros que têm seu próprio jogo. Pessoas de bem não têm coragem de fazer o que é necessário para se agarrar ao que possuem. E vai demorar muito. Para vencer. — Ele entreceerrou os olhos, focado em Michael. — O quão longe você está disposto a ir?

Balancei a cabeça, dando uma risada, e todos os olhos se voltaram para mim.

— Não somos os únicos jogando — eu disse a ele. — Somos apenas representantes de seis famílias. Contra uma. O que você

realmente quer?

Ele tinha um determinando número de pessoas trabalhando para eles. Nós tínhamos uma dinastia em formação. Ele estava realmente aqui para nos declarar inimigos? Podíamos até não mandar matar pessoas, mas tínhamos estômago para isso.

No entanto, seu olhar se voltou e se fixou na adolescente loira ao lado de Michael.

Parei de respirar por um momento, um suor frio cobrindo minha testa. Victor, Kaiser, Valentin e Hadrien fizeram o mesmo, os olhares maliciosos concentrados na linda garota com olhos de cores diferentes e o cabelo preso em uma trança solta.

Eslem manteve-se firme à frente, mas imutável.

Eu a estudei. O cabelo castanho em seu próprio estilo intrincado de tranças e que mantinham o rosto livre. O casaco preto justo comprido até os joelhos e as botas subindo até as panturrilhas.

Ela era a única usando luvas.

A voz fria e áspera de Michael me assustou.

— É melhor você desviar o olhar da minha filha em 3... 2...

Emil apenas deu uma risada abafada, baixando o olhar.

— Ela pode ser a representante da sétima família — disse ele a Michael.

— Nós gostamos dela.

Nós gostamos dela.

Ele não queria metade do *resort*. Ele queria algo muito mais valioso. Uma posição no meio da nossa família para sempre.

Olhei para Eslem novamente, ainda olhando para a mesa à frente com um brilho em seus olhos, mesmo tão jovem.

Equilibrada. Calma. E completamente ciente.

Exalei todo o ar dos meus pulmões, sentindo a pulsação latejar em meu pescoço.

Era ela a herdeira.

Ela que estava no comando. Não Emil.

— Envie-a para a Ilha Deadlow hoje à noite para comemorar conosco — Emil disse a Michael. — Nós a traremos de volta.

Michael se levantou e nós rapidamente fizemos o mesmo.

Ele alisou o terno e disse:

— Nós celebramos a Noite do Diabo em Thunder Bay.

A Ilha Deadlow não ficava tão distante do litoral, seu farol era visível daqui, mas era cercada por uma costa irregular, e muito difícil de se chegar. Especialmente com a tempestade que se aproximava.

Ninguém jamais pensou em construir alguma coisa ali, por conta de sua inacessibilidade, mas de alguma forma, eles o fizeram. Entre a faixa costeira e a floresta da ilha, havia uma grande casa que os Moreau desfrutavam, sazonalmente, quando não estavam dormindo

de cabeça para baixo como vampiros.

Emil se levantou, e os seis membros da família Moreau se endireitaram.

— Acho que você ficará surpreso para onde a maré o levará esta noite, senhor Fane — disse ele.

Então ele fez uma mesura para a filha de Michael; Valentin e Victor, às suas costas, a encararam com lascívia.

— Athos — disse ele, despedindo-se.

Girando, um por um, todos saíram, as solas dos sapatos atravessando o corredor em direção à porta por onde entraram.

Mas Eslem ficou enraizada no lugar, permanecendo na sala.

Eu a observei olhando para Athos, a mulher mais jovem não se movendo um centímetro sequer sob o escrutínio, e retribuindo o olhar à altura.

Quem queria Athos? Todos eles?

Ou apenas um?

Os olhos escuros de Eslem a encaravam, sua presença, de repente, mais imponente do que dos cinco irmãos juntos.

— Vejo você em breve — ela sussurrou para Athos.

Então olhou para os pais dela, antes de se afastar dali.

Ninguém respirou por um tempo até que ouvimos a porta se fechar e a tranca ser acionada no final do corredor. No entanto, esperamos Crane voltar, para ter certeza de que estávamos, realmente, sozinhos.

Michael se virou, ordenando a Crane:

— Eu a quero em Delcour, com todas as entradas bloqueadas, e leve David e Lev de volta à cidade imediatamente.

— Não! — gritou Athos.

— O lugar mais seguro para ela é conosco — Rika argumentou.

— Concordo com Michael — Damon interrompeu. — Tire-a da cidade. Agora.

— Você acha que eles vão se importar se é a Noite do Diabo ou não? — Banks empurrou a cadeira para trás e deu a volta na mesa. — Podemos deixá-la segura esta noite, mas não há como impedi-los de voltar amanhã ou no dia seguinte.

— Não vou me esconder — Athos disse ao pai, com uma mecha de cabelo caindo sobre o rosto. — Não sou um tesouro para ser protegido. Provavelmente, sou uma distração, de forma que eles consigam manter vocês preocupados comigo, ao invés de proteger alguma coisa que eles realmente querem aqui.

— Eles a queriam na ilha esta noite — Kai apontou. — É ela que eles querem, e vão destruir esta cidade vindo atrás disso. Se não formos para a Ilha Deadlow, eles trarão a guerra para Thunder Bay.

— Não vou para aquela ilha — disse Rika.

— Se eles quiserem a gente lá, vão encontrar um jeito de nos atrair até lá — Alex disse a ela.

— Ela precisa ficar trancada a sete chaves — Aydin disse a Michael. — Se um daqueles merdas a engravida, você nunca mais vai conseguir escapar daquela família.

— Ei, seu doido do caralho! — Damon ladrou, mandando Aydin calar a boca.

Aydin esfregou a têmpora com o dedo médio, nada discretamente.

Athos revirou os olhos para os tios, permanecendo firme e olhando para o pai.

— Vou ficar — disse ela. — O que eu aprendo ao me esconder? É sua responsabilidade me ensinar a sobreviver sem você algum dia.

Michael olhou para ela, todos ao nosso redor em silêncio enquanto víamos Rika e o marido serem os primeiros a enfrentar o dia que todos temíamos, mas sabíamos que estava por vir.

Athos não podia mais ser protegida. Ela era uma bela jovem e herdeira de uma família poderosa à qual ajudaria a liderar um dia depois de nossa partida.

Ela estava certa. Ela precisava aprender.

Michael engoliu o nó na garganta, e então... colocou a mão por baixo do tampo da mesa e tirou uma caixa, hesitando por um momento antes de entregá-la à sua filha.

Ela abriu a embalagem e puxou o papel de seda, tirando uma meia-máscara vermelha igual à de seu pai. Só que esta não era uma máscara de plástico, de *paintball*. Era de couro, no formato de um crânio, bem leve e ajustada e que cobria a metade superior de seu rosto, deixando a boca livre.

Seu queixo tremia, e os olhos se voltaram para o pai.

— A *Morte Vermelha*? — ela sussurrou.

Ela amava Edgar Allan Poe.

Ele sorriu para ela, e todos nós pegamos nossas próprias máscaras do compartimento abaixo do tampo.

As garotas vestiram seus casacos; Banks com um cinto de facas em volta da coxa coberta pelo jeans preto; Winter amarrou sua venda vermelha de cetim; Emmy com suas luvas com ganchos e Rika com uma katana amarrada às costas.

Não tínhamos ideia do que os Moreau iriam fazer esta noite, mas segurei a mão de Em, olhei para Athos enquanto ela vestia sua máscara e, com um frio na barriga, agarrei a minha com a mão livre.

Caminhamos até a entrada do corredor por onde eles haviam acabado de passar; a porta dos fundos que dava para a floresta a apenas trinta metros de distância. Quando todo mundo estava pronto com suas máscaras a postos, senti a adrenalina correr em minhas

veias.

— Vocês me protegem — disse Michael.

— Vocês estão ao meu lado — Kai continuou.

— Ou vocês estão no meu caminho — o resto de nós concluiu.

— Sejam os Lilith — disseram as meninas.

Athos puxou a Morte Vermelha sobre os olhos, e todos começamos a caminhar quando ela sussurrou:

— Nunca Eva.

Fim



Obrigada por ler este romance! Espero que a série Devil's Night tenha sido uma experiência gratificante para você e quero agradecer a todos os leitores pelo entusiasmo, paciência e paixão por este universo nos últimos cinco anos. Seu apoio foi fundamental para validar todos nós que realmente ouvimos o chamado do vazio.

Datas de Aniversários

Garotos:

Michael Julian Crist: 30 de agosto

Kai Genato Mori: 28 de setembro

Damon Kirsan Torrance: 19 de outubro

William Aaron Paine Grayson III: 9 de maio

Aydin Markus Khadir: 16 de outubro

Garotas:

Erika Isla Fane: 5 de novembro

Nikova Sarah Banks: 8 de novembro

Winter Sutton Ashby: 19 de janeiro

Emory Sophia Scott: 14 de julho

Alex Zoe Palmer: 16 de dezembro

Linha do tempo:

Consulte a linha do tempo em pendouglass.com.

Agradecimentos

Aos leitores, quero agradecer muito por toda a ajuda e apoio ao longo dos anos. Adoro me conectar *online* com você, me divertindo e socializando, mas as redes sociais têm um jeito engraçado de me atrair e, antes que eu perceba, já é meio-dia! Não que seja perda de tempo, de forma alguma, mas percebi que sou mais bem-sucedida em alcançar meus objetivos e me manter organizada, quanto mais disciplinada sou sobre a forma como gasto o meu tempo. Então, obrigada a vocês que suportaram meus longos períodos *offline*. Vocês entendem que só porque alguém não está fazendo posts diários, não significa que grandes coisas não estejam acontecendo.

Obrigada também a todos que enviaram e-mails nesta primavera, enquanto eu estava escrevendo ‘desconectada’, apenas para dizer o quanto amam as minhas histórias e o quanto amam meu cérebro. Hahaha. Isso me faz sorrir e me ajuda a manter a criatividade. Mal posso esperar para mostrar o que vem a seguir.

À minha família – meu marido, por assumir tantas tarefas no ano passado. Sério. sério. Os papéis certamente se inverteram entre nós desde que nos conhecemos, e sou grata por você estar aqui para cuidar de tantas coisas, de forma que eu possa usar meu tempo para fazer o trabalho que amo. Provavelmente, isso vai parecer ridículo, mas ainda não tenho ideia de como usar a máquina de lavar louça que compramos há quatro meses, então só para avisar... Você pode começar a limpar meus próprios pratos agora. O livro acabou!

E à AydanCakes – minha filha, minha garota com chutes poderosos e movimentos de dança estranhos assim como sua mãe... Eu te amo muito. Obrigada por ser incrível durante esse período em casa, na quarentena, por cooperar com o ensino *online* e por me deixar ganhar no Uno, de vez em quando. No entanto, você nunca me vencerá no *Scrabble*, porque sou a ESCRITORA da família. Boo-yah.

À Dystel, Goderich & Bourret LLC – obrigada por estarem sempre disponíveis em me ajudar a crescer todos os dias. Eu não poderia estar mais feliz.

Às PenDragons – meu Deus, senti saudades de todos vocês. Foram tantos dias, especialmente um mês em quarentena, em que me desesperei para passar algum tempo com vocês. Eu precisava de pessoas e realmente aprecio que vocês sejam meu lugar feliz garantido. Obrigada por me darem uma tribo e valorizar as histórias que amo.

À Adrienne Ambrose, Tabitha Russell, Tiffany Rhyne, Kristi Grimes, Lee Tenaglia e Claudia Alfaro – minhas incríveis

administradoras de grupos do Facebook! Não se pode dizer o suficiente sobre o tempo e a energia que vocês empreendem livremente para criar uma comunidade para os leitores e para mim. Vocês são altruístas, incríveis, pacientes e necessárias. Obrigada.

À Vibeke Courtney – minha revisora independente que repassa cada movimento feito com um pente-fino. Obrigada por me ensinar a escrever e usar as palavras de forma correta.

À Charlene Tillit – obrigada por estar disponível para verificar meu francês! Você foi de uma grande ajuda.

A todos os leitores maravilhosos, especialmente no Instagram, que fazem artes e banners para os livros e nos mantêm animados, motivados e inspirados... obrigada por tudo! Adoro o ponto de vista de vocês, e peço desculpa se acabo deixando de visualizar alguma coisa quando estou *offline*.

A todos os blogueiros e *bookstagrammers* – há muitos para citar, mas sei quem vocês são. Eu vejo as postagens e as marcações, e todo o esforço que vocês fazem. Vocês gastam seu tempo livre lendo, resenhando e divulgando, e fazem isso de graça. Vocês são o sangue vital do mundo literário, e sabe-se lá o que seria de nós sem vocês. Obrigada por seus esforços incansáveis. Vocês fazem isso por paixão, o que torna tudo ainda mais incrível.

A cada autor e aspirante a autor – obrigada pelas histórias que vocês compartilharam, muitas das quais me tornaram uma leitora feliz em busca de um válvula de escape maravilhosa, e uma escritora melhor, tentando viver de acordo com seus padrões. Escrevam e criem, e nunca parem. A voz de vocês é importante e, contanto que venha do seu coração, é certa e boa.

Playlist

- * 99 Problems – Jay-Z (não disponível no Spotify)
- * #1 Crush – Garbage
- * A Little Wicked – Valerie Broussard
- * Apologize – Timbaland, One Republic
- * Army of Me – Björk
- * Believer – Imagine Dragons
- * Blue Monday – Flunk
- * Down with the Sickness – Disturbed
- * Everybody Wants to Rule the World – Lorde
- * Fire Up the Night – New Medicine
- * Hash Pipe – Weezer
- * Highly Suspicious – My Morning Jacket
- * History of Violence – Theory of a Deadman
- * If You Wanna Be Happy – Jimmy Soul
- * In Your Room – Depeche Mode
- * Intergalactic – Beastie Boys
- * Light Up the Sky – Thousand Foot Krutch
- * Man or a Monster (feat. Zayde Wolf) – Sam Tinnesz
- * Mr. Doctor Man – Palaye Royale
- * Mr. Sandman – SYML
- * Old Ticket Booth – Derek Fiechter and Brandon Fiechter
- * Party Up – DMX
- * Pumped Up Kicks – 3TEETH
- * Rx (Medicate) – Theory of a Deadman
- * Satisfied – Aranda
- * Sh-Boom – The Crew Cuts
- * Teenage Witch – Suzi Wu
- * Devil Inside – INXS
- * Touch Myself – Genitorturers
- * White Flag – Bishop Briggs
- * Yellow Flicker Beat – Lorde
- * You're All I've Got Tonight – The Cars

SÉRIE DEVIL'S NIGHT

EDIÇÃO LIMITADA

FIRE NIGHT

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPEDOUGLAS



PENELOPE DOUGLAS

FIRE NIGHT

Traduzido por Marta Fagundes

2ª Edição



2024

Copyright © Penelope Douglas, 2020

Copyright © The Gift Box, 2022

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastacia Cabo

Arte de Capa:

Bianca Santana e glancellotti.art

Tradução:

Marta Fagundes

Preparação de texto:

Ana Lopes

Revisão final:

Equipe The Gift Box

Diagramação:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Gabriel Torrance
e Christiane
Alders Fane

Griffin Ashby
casado com
Margot Bauer

Damon Krisan Torrance casado com
Winter Surton Ashby

Ivarsen

Gunnar

Fane

Dag

Octavia

Evans Crist
casado com
Delia Hawthorne

Schraeder Fane
casado com
Christiane Alders

Katsu Mori
casado com
Vittoria Genato

Gabriel Torrance
e Lucinda Evers
(não se casaram)

Michael Julian Crist casado com
Erika Isla Fane

Kai Genaro Mori casado com
Nikova Sarah Banks

Madden Fox

Jett Emilia

Athos Isobel

Aaron Palmer

ÁRVORE GENEALÓGICA DA SÉRIE DEVIL'S NIGHT

William Aaron Paine
Grayson, jr. casado
com Caroline Lowell

Adam Scott
casado com
Paige Marchand

Matthew Grayson
casado com
Gillian Radford

Bryan Keating
casado com
Abigail Trevarrow

William Aaron Paine Grayson III
casado com Emory Sophia Scott

Misha Lare Grayson casado com
Ryen Nicole Trevarrow

Indie Aspen

William II

Finn Torin

Simon Palmer e
Jennifer Forsythe

Ezra Khadir
casado com
Marie Demir

Alex Zoe Palmer casaça com
Aydin Markus Khadir



Nota inicial

Fire Night é um conto da série *Devil's Night*. A história se passa meses *antes* do epílogo de *Nightfall*. Todos os livros são interligados, e é recomendado que os livros anteriores sejam lidos antes de dar início à leitura deste conto. Se você optar em pular *Corrupt*, *Hideaway*, *Kill Switch*, *Conclave*, ou *Nightfall*, fique ciente de que talvez você perca eventos e acontecimentos importantes das histórias anteriores.

Todos os títulos estão disponíveis no *Kindle Unlimited* na versão digital, assim como em versão física.

Pode ser que você curta também os inúmeros painéis da série que estão dispostos no Pinterest.

Divirta-se com a leitura de *Fire Night*.

Beijos,

Pen

“HÁ ACORDES NOS CORAÇÕES DOS MAIS DESTEMIDOS QUE NÃO
PODEM SER TOCADOS SEM EMOÇÃO.”
EDGAR ALLAN POE, “A MÁSCARA DA MORTE ESCARLATE”

Kai

Sempre adorei a casa dos meus pais. Eu era o único entre meus amigos que não se importava de ficar em casa.

A vida de Michael e o convívio com sua família o deixavam entediado e ainda mais irritado, e Damon queria ficar onde estivéssemos. Will teve uma infância bacana, mas precisava de adrenalina. Se os problemas não surgissem espontaneamente na frente dele, ele fazia questão de procurá-los.

No entanto, eu queria ficar em casa, e anos depois, ainda me sentia reconfortado quando passava pelo batente da porta principal do lar onde cresci.

— Ah! — Um rosnado ressoou assim que entrei.

Sorri ao fechar a porta, reconhecendo na mesma hora o grunhido irritado de Banks. Ela estava treinando com meu pai no *dojo*, e, ou estava vencendo a luta, ou *realmente* perdendo.

Inspirando fundo, senti o cheiro de ar puro e das folhas das árvores, a casa inteira exalando a fragrância de todas as ervas e plantas que minha mãe cultivava no solário anexo à cozinha.

Estendi o braço e toquei suavemente nas folhas do filodendro e da palmeira-bambu enquanto atravessava o vestibulo.

Embora o exterior da casa combinasse com o estilo bem inglês das outras mansões da vizinhança, o interior era completamente diferente. O *design* minimalista, refinado e organizado atendiam ao gosto pessoal do meu pai. Elementos naturais, como plantas, pedras e luz solar que incidia sobre os ambientes, ajudavam a amenizar os longos meses de inverno em que precisávamos ficar confinados dentro de casa.

Mas, enquanto o estilo japonês favorecia todo o espaço amplo, branco e arejado, a influência da minha mãe também ficava bem evidente, com os pisos de tábua em madeira escura, tapetes e toques coloridos aqui e acolá. Isso sempre me passou a impressão de estar entrando em uma caverna acolhedora. Meus pais eram excelentes e compromissados, e eu me sentia mais do que seguro aqui.

As velas cintilavam dentro de suas arandelas na parede, já preparadas para a Noite da Fogueira. Ainda faltavam alguns dias para o Natal, e por mais que meus pais não se apressassem para a nova tradição natalina em Thunder Bay, eles sabiam que Jett e Mads adoravam, então eles meio que se obrigavam a participar.

Soprei as mãos em cunha ao redor da boca, para aquecer os dedos enregelados, sentindo a frieza do metal da minha aliança de casamento.

— Vovó... — Ouvi a risadinha de Jett.

Quando contornei o canto, recostei-me contra o umbral da porta e observei minha mãe se virar e rir ao receber um jato de farinha da minha filha, que também estava com a ponta do nariz e as bochechas sujas.

Vi que Jett estava ajoelhada numa banquetta, os pés despontando por baixo do corpo, e ainda sovando a massa. Oito anos atrás, eu conseguia encaixar aquelas coisinhas na minha boca. Ela estava crescendo rápido demais, e eu meio que queria que o tempo parasse.

Ou queria mais filhos.

Esse era o meu desejo até entrar na casa de Damon e, em menos de dez minutos sair correndo de lá com uma baita dor de cabeça. A babá que cuidava de seus filhos durante o dia bebia, e eu não fingiria que não conseguia entender o motivo.

Observei minha mãe e filha trabalharem lado a lado, sentindo-me mais do que feliz só em vê-las felizes. Mads tinha vindo para cá com Banks e Jett, mas não estava em nenhum lugar à vista. Era bem provável que estava enfiado na adega, lendo. Ele tinha um refúgio para se esconder em todas as casas. Um canto escuro no jardim de labirintos da nossa casa. Um armário na de Damon. A galeria em St. Killian. Uma banquetta no parapeito da janela atrás das cortinas na sala de Will.

Embora eu me preocupasse com ele de uma maneira diferente como me preocupava com Jett, sempre soube onde encontrá-lo. Então, eu nunca me assustava com seu sumiço.

— Tenho que fazer xixi — Jett anunciou, pulando da banquetta.

— Lave as mãos — mamãe instruiu.

Jett correu para o quartinho de dependência, limpando as mãos sujas de farinha no pequeno avental que ela usava.

Entrei na cozinha em seguida.

— Você é uma mãe maravilhosa, sabia?

Ela lançou um olhar para mim, as mãos agora imóveis na vasilha.

— Você deveria ter tido uma casa cheia de crianças — afirmei.

Ela deu um sorriso sutil, sovando a massa enquanto eu a abraçava por trás. Enfie o queixo na curva de seu pescoço, brincando.

— Você foi o suficiente — rebateu.

— Talvez até demais?

— Ah, sim — ela bufou. — Demais da conta.

Comecei a rir, adorando nossa troca de piadas, mesmo que ela não estivesse realmente mentindo. O período em que fui preso e condenado acabou se tornando um inferno na vida deles, e fiquei envergonhado o bastante pela decepção e sofrimento que causei, mas

ainda mais porque eu era seu único filho. Eu me odiei por não ter dado o meu melhor.

Dei uma olhadela para o pequeno pingente prateado oculto por baixo do avental da minha mãe. Santa Felicita de Roma[36]. Eu a abracei mais apertado, e ela parou de mexer na massa, me deixando usufruir daquele momento.

Ela amava seu papel como avó.

— Eles ainda estão no *dojo*? — perguntei, me afastando e roubando uns gomos de laranja do pequeno vasilhame que, provavelmente, continha os aperitivos de Jett.

Enfiei a fruta suculenta na boca.

— Já estão há duas horas lá — respondeu. — Por que você não vai lá dar uma olhadinha para ver se ainda estão vivos?

— Minha esposa consegue detonar aquele velhote.

Atravessei o vestíbulo, sentindo o olhar da minha mãe às minhas costas. Parei e olhei para ela por cima do ombro, balançando a cabeça.

— Deixa pra lá. Eu sei que acabei de falar uma besteira.

Ela riu, ambos cientes de que ainda não havíamos encontrado uma única pessoa que chegou a derrotar meu pai.

— Você vai hoje à noite, né? — perguntei a ela.

Notei que deu um suspiro profundo, me encarando com os olhos entrecerrados.

— Prefiro passar uma noite tranquila, obrigada.

— Como assim? Vai ser tudo muito tranquilo.

Ela arqueou uma sobrancelha, e eu reprimi a risada.

Tudo bem, tudo bem.

— Talvez — disse ela, voltando ao trabalho.

Balancei a cabeça e me virei, com um sorriso no rosto. *É melhor que essa noite seja bem calma, porra.*

Segui pelo corredor, abrindo a porta corrediça e entrei no jardim feito de pedras. Os banzais, arbustos e tanques artificiais cobertos com os flocos de neve criavam um oásis pacífico no espaço aberto no meio da casa. Banks e eu construímos algo parecido em nossa casa em Meridian, o que já se mostrou uma façanha, considerando que ela preferia mil vezes a natureza selvagem e o jardim de labirinto da nossa mansão aqui. Eu já curtia muito mais a paisagem estilizada com a qual fui acostumado desde a infância.

As nuvens carregadas estavam bem baixas, prometendo mais neve esta noite, e eu podia até mesmo sentir o cheiro gélido no ar. A Noite do Diabo estava no nosso sangue, mas a Noite da Fogueira estava começando a se tornar o meu evento favorito. Eu amava essa época do ano.

Cheguei à porta e deslizei o painel, avistando os dois na mesma

hora trocando golpes no centro do tatame, então entrei silenciosamente e fechei a *fusuma*^[37] às minhas costas.

As festividades na cidade já haviam começado, e chegaríamos atrasados, mas meu coração estava inchado de orgulho, então me recusei a interrompê-los. Eu amava ver a interação de Banks com o meu pai. Eu adorava vê-la passar um tempo com a minha família.

— Você está olhando para mim — meu pai disse, bloqueando seu chute.

Ela avançou em sua direção, algumas mechas que se soltaram do rabo de cavalo cobriram seus olhos; o peito e pescoço do meu pai estavam cobertos de suor.

Ele bloqueou mais um soco, avançando contra ela.

— Pare de olhar para mim — esbravejou.

Ela recuou, quando na verdade deveria ter circulado o oponente para ganhar tempo.

— Quando você me observa, você não vê — ele disse. — E você precisa ver tudo.

Ela grunhiu, lançando um soco e um chute alto, sendo que o último ele agarrou o tornozelo e se livrou com facilidade, com nada mais do que um cenho franzido marcando as sobrancelhas escuras. Mads se parecia com ele a cada dia.

Cruzei os braços, permanecendo oculto abaixo do feixe de luz que se infiltrava pelo telhado, observando minha esposa tropeçar para o lado, respirando com dificuldade e já esgotada.

Nós treinamos no *Sensou* em vários dias na semana. Ela estava em ótima forma. Ou deveria estar.

Meu pai se aproximou dela, usando uma calça preta folgada, o cabelo suado amenizando a cor grisalha de algumas mechas soltas sobre a testa.

Ele a puxou de volta e a encarou de cima.

— Feche os olhos.

Banks estava de costas para mim, mas ela não deve ter ouvido seu comando, pois ele repetiu:

— Feche os olhos.

Ela continuou ali parada, e após um momento, reparei quando seus ombros se endireitaram e sua respiração começou a normalizar.

— Inspire — disse ele, fazendo o mesmo. — Expire.

Um sorriso curvou meus lábios quando alguns flocos de neve flutuaram e caíram sobre o solo do lado de fora das janelas.

Eu me lembrei na mesma hora daquela lição.

— Outra vez — orientou.

Ambos inspiraram e expiraram lentamente, enquanto ele aguardava Banks desanuviar a cabeça.

— Mantenha os olhos fechados — instruiu.

Com os braços abaixados na lateral, ela continuou a respirar com tranquilidade.

— Você consegue me ver? — perguntou ele. — Consegue visualizar a minha imagem bem diante de você, na sua mente?

— Sim. — Ouvi sua resposta.

— O que você vê?

Ela hesitou por um instante.

— O que você vê exatamente? — ele esclareceu.

— Seus olhos.

— E o que mais?

— Seu rosto.

Ele a avaliou por um segundo e então continuou:

— Desfaça o *zoom* na imagem. Agora o que você vê?

— A... sala à sua volta? — Banks respondeu.

Ele se abaixou um pouco mais e disse, em um tom de voz bem calmo:

— Respire — sussurrou. — O que mais você vê? Pense em mim em movimento.

Ela inclinou um pouco a cabeça, como se estivesse assistindo uma cena em sua mente.

— Seus braços e pernas.

— E?

— Seus pés — disse ela. — Eles estão se movendo.

Por fim, ele assentiu como se ela realmente estivesse vendo o que ele queria que fosse enxergado.

— Se você olhar mais de perto, não vai enxergar nada. Entendeu?

Ela assentiu.

Banks precisava ver, mas não algo especificamente, como se tudo o que estivesse ao alcance da sua visão, até mesmo da periférica, fosse o ponto focal. Eu podia vê-los, porém também conseguia ver Frost, o gato da minha mãe, respirando bem tranquilamente na viga acima de suas cabeças. Eu podia ver Banks e meu pai se encarando, mas também era capaz de avistar os flocos de neve flutuando pelo ar no lado de fora.

— Abra os olhos — instruiu.

Ele retrocedeu um passo e assumiu uma posição de combate.

— Distancie-se.

Antes que ela tivesse tempo de se posicionar, ele deu um passo e arremessou o punho. Ela ergueu a mão e afastou o golpe, e então rapidamente se esquivou de outro soco que veio em seguida.

Um sorriso curvou meus lábios.

E, então, eles partiram para a ação. Ela assumiu a postura e, em menos de um segundo, punhos e pés voaram para todo o lado. Braços

e pernas giravam, quicavam, e grunhidos encheram o ambiente quando ele agarrou sua coxa e ela desceu o punho em suas costelas.

Eles se moveram, Banks avançando contra ele e vice-versa, seus passos percorrendo o tatame à medida que um rodeava o outro. Uma mão bloqueou um punho antes que outra viesse e fosse afastada de igual maneira.

Era como uma coreografia.

Meu coração martelava no peito enquanto eu observava um sorriso se espalhar pelo rosto do meu pai, e cheguei a perder o fôlego por um segundo, até que...

Ele cambaleou alguns passos para trás, e ela avançou com mais um soco, sendo contida por ele bem a tempo.

Ele sorriu, Banks congelou e encarou meu pai, os ofegos de ambos ressoando pelo *dojo*.

Cacete. Ele pediu arrego primeiro. Minha mulher o deixou exaurido.

Cobri meu sorriso com a mão, sentindo o peito estufar de orgulho. Em breve, Mads e Jett estariam lutando daquele jeito, e embora eu não previsse algum tipo de perigo em nosso futuro, também sabia que era uma possibilidade. Respirei com um pouco mais de tranquilidade, ciente de que pelo menos minha família estava um pouco preparada para qualquer eventualidade que pudesse acontecer.

Mas não essa noite. Hoje era um dia de celebração.

Liberando Banks, ele se endireitou e foi até ela, colocando as mãos sobre seus ombros. Os dois não tinham notado a minha presença, mas era bem provável que meu pai soubesse desde o início que eu estava aqui.

Ela arfava loucamente, tentando recuperar o fôlego, e meu pai a encarou.

— Bom — disse ele, em um tom de voz gentil.

Ela retribuiu seu olhar, mas então abaixou a cabeça e cerrou o maxilar.

— Agora vá se divertir essa noite — meu pai salientou.

Afastei-me da parede e fui em direção a Banks no instante em que se virou e notou minha presença. Seus olhos estavam marejados, mas ela rapidamente desviou o olhar enquanto meu pai saía pelo mesmo lugar por onde entrei, acenando a cabeça em um cumprimento sutil.

Com um dedo em seu queixo, fiz com que erguesse a cabeça e admirei seu belo rosto, que brilhava com uma fina camada de suor, os olhos verdes cintilando.

Ela continuou olhando para o meu pai que se afastava. Jett passou por ele no jardim de pedras, acenando um cumprimento.

— Você é muito sortudo, sabia? — Banks disse, com a voz

trêmula. — Ele tem tanto orgulho de você.

Toquei seu rosto.

— Você é muito sortudo — repetiu, nitidamente emocionada.

Puxando-a contra mim, beijei sua testa quando seu corpo sacudiu com mais lágrimas incontrolláveis.

— Ele também se orgulha de você — sussurrei.

Eu a abracei com mais força, detestando todas as lembranças que ela não pôde ter. O sofrimento que enfrentou por não ter pais presentes, e como acabei encarando as coisas como algo certo. Meu pai nunca foi do tipo acolhedor, mas era completamente diferente de Evans Crist ou Gabriel ‘filho da puta’ Torrance. Ele era um bom homem, e ela estava sentindo o que era ter a presença de um verdadeiro pai com mais de trinta anos de atraso.

— Ele se orgulha muito de você, amor — fiz questão de repetir.

Afetoso ou não, meu pai nunca esteve ausente para nós. Nós todos tínhamos muita sorte.

Jett se aproximou, enlaçando a nós dois com seus bracinhos – o máximo que conseguiu –, e se juntou ao abraço coletivo. Comecei a rir, envolvendo minhas garotas naquele momento.

Depois de um instante, Banks secou as lágrimas e respirou fundo, se afastando um pouquinho para encarar nossa filha.

— Você me ajuda a fazer a minha maquiagem? — ela perguntou.

No entanto, parei as duas na mesma hora, dizendo a Jett:

— Para dizer a verdade, vá perguntar à vovó como armazenar castanhas — eu disse. — Preciso ajudar a mamãe no chuveiro primeiro.

— Kai... — Banks repreendeu.

O que foi? Eu a encarei. *Para que servem os avós?*



— Você não está com frio? — Banks enfiou os braços por baixo dos meus, me abraçando em busca de calor.

Inspirei o ar refrescante, soprando um pouco de vapor e notando a neve pendendo dos galhos perenes e escuros das árvores de bordo e que se projetavam para o céu noturno.

— Eu amo isto aqui — comentei, tentando ouvir os sons que nos cercavam desde que viemos para a área externa da casa dos meus pais uma hora atrás. — Tudo é tão silencioso.

Olhando para baixo, admirei o fato de a minha esposa ter levado pouquíssimo tempo para se arrumar. Seu vestido vermelho e tomara-que-caia cintilava, criando um visual deslumbrante e em

contraste ao cabelo escuro e ondulado, preso na lateral da cabeça com um grampo à nuca. Ela era simplesmente um espetáculo.

Ela e Jett haviam se pintado com uma maquiagem fofa de palhaço, com a forma de dois diamantes brancos acima de seus olhos e pequenas pedrinhas coladas nas pontas.

Joguei o manto preto sobre ela e amarrei as cordinhas no pescoço, vendo-a enfiar as mãos dentro dos bolsos para pegar suas luvas.

— O frio retarda a propagação das moléculas — expliquei. — Há bem menos poluição. O ar fica muito mais limpo.

E silencioso. Eu amava o inverno ainda mais por essa razão. As estrelas despontavam por entre as nuvens, e éramos capazes de ouvir o ruído da água à distância, embora não houvesse uma fonte ali por perto. A neve congelada sobre o terreno dava a impressão de um cobertor, e sob a noite escura o mundo inteiro silenciava, permitindo que ouvíssemos coisas que normalmente não seríamos capazes de escutar.

Era assombroso.

— Vai começar a nevar — ela me disse. — É melhor a gente se apressar.

Sim.

— Estou apenas desfrutando da calmaria antes da tempestade — zombei.

E eu não estava querendo dizer sobre a nevasca. Minha mãe estava certa. O drama sempre dava um jeito de aparecer quando a família toda se reunia.

Mads saiu de casa, endireitando a gravata preta ajustada à camisa de mesma cor e o terno, enquanto Jett passou correndo por ele até mim.

Eu a ergui em meus braços, com seu vestidinho rosa e as meias-calças brancas, escolhidos pela mãe que nunca usou rosa na vida. Tipo, nunca.

Ela sorriu para mim, os dentes branquinhos contrastando com os lábios pintados de vermelho.

— A Noite da Fogueira é a minha favorita — Jett disse, olhando para as lamparinas cintilantes alinhadas na entrada para os carros.

— Você está pronta para acender mais algumas velas? — perguntei.

Ela assentiu em concordância.

— Podemos ir andando?

Abri a boca para negar o pedido, ciente de que não era uma caminhada rápida, especialmente com Banks usando um vestido longo de festa e saltos, mas...

Sua mãe apertou o manto com mais firmeza ao redor de si e disse:

— Com certeza.

Coloquei Jett no chão outra vez e segurei sua mão, e ela e Mads seguiram pelo caminho entre mim e Banks.

A casa dos meus pais ficava no lado oposto da cidade, distante de St. Killian, e apesar de saber que a caminhada poderia ser árdua pelo frio, não reclamaria em poder me divertir um pouco mais nesta noite. Eu só esperava que Banks não torcesse o tornozelo durante o processo.

A lua brilhava acima de nós à medida que atravessávamos a rua e seguíamos pelo parque, onde mais lâmpioes iluminavam o caminho com suas chamas tremeluzentes.

Só havia uma regra esta noite. Nada de luzes elétricas.

Não que isso fosse uma lei ou algo que tenhamos obrigado, mas todo mundo parecia diferente sob a luz das chamas, e eu não sabia qual de nós havia delineado isso como um padrão, porém todos concordaram que era algo belo.

Em pouco tempo, se tornou uma tradição. Logo após o pôr do sol no solstício de inverno, Thunder Bay se veria quase que tomada pela iluminação das chamas – velas, candelabros, fogueiras...

As vozes ressoavam na brisa, o coral entoando seus cânticos, na catedral à distância, aquecendo o vento gélido e as raízes adormecidas sob nossos pés.

Lançando um olhar à esquerda, avistei as fogueiras na vila, a maioria dos moradores da cidade festejando e curtindo o desfile, e ao virar a cabeça, vi todas as chamas reluzentes clareando o véu da noite.

Não havia nada, nem mesmo a Noite do Diabo, que fosse mais mágico do que isso, porque esta noite era a mais longa do ano. E era algo especial.

A neve começou a cair ao nosso redor com mais intensidade, Mads e Jett liderando o caminho por sobre a ponte, com flocos de neve pontilhando seus cabelos escuros.

— Olhem! — Jett apontou por cima da grade da ponte, na direção do rio abaixo.

Um pequeno rebocador flutuava na nossa direção, luzes brancas decorando todo o exterior. Ficamos ali observando-o desaparecer por baixo da ponte, até que meus filhos correram para o outro lado para ver o barco passar outra vez.

Banks e eu ficamos onde estávamos, observando o vilarejo, muito além de onde ficava *Cold Point*, a Ilha *Deadlow* e nosso Resort, o *Coldfire Inn*. A música, as luzes, a cidade inteira encoberta pela neve... Inspirei profundamente, abraçando-a com mais força e mais do que satisfeito de ficar parado aqui a noite inteira.

— Eu amo a vida que nós temos — ela sussurrou, encarando o rio.

Com meus lábios pressionados à sua têmpora, fechei os olhos me deliciando com as sensações.

Um contentamento absoluto durante os raros momentos de tranquilidade.

No entanto, suspirei, ciente de que bastaria apenas três segundos para que seu irmão estragasse essa noite.

Michael e Will levariam um tempo maior.

Sáímos dali, terminando de atravessar a ponte e subindo o aclave da estrada que levava a St. Killian. Havia tigelas com fogo bruxuleante ao longo do caminho, e tochas alinhadas por todo o perímetro da casa.

Os olhos de Jett cintilaram de puro encantamento.

Rika fez isso pelas crianças, mas a ideia inteira por trás da Noite da Fogueira havia partido de Winter.

— Lá estão os garotos! — Jett gritou sob a neve agora mais pesada.

Assenti, avistando os filhos de Damon correndo ao redor e sob as copas das árvores na lateral da propriedade, brincando de pique-esconde no escuro.

— Vá brincar — eu disse a ela.

Ela saiu correndo, escondendo-se atrás de uma caminhonete; seus sapatos pretos e lustrosos chutando a neve enquanto o vapor por conta do frio soprava de sua boca, indicando seu esconderijo.

Mads subiu os degraus e na mesma hora se virou em direção à escada, seu refúgio favorito mais à esquerda.

Banks pressionou o corpo contra o meu, os lábios recostados aos meus por um bom tempo.

— Preciso conversar com Em e Rika, tudo bem?

Com um aceno em concordância, ela se foi.

Ela subiu a escada em espiral, o corrimão todo decorado com sempre-vivas e laços de fita, e meu olhar não se desviou dela até que a vi desaparecer

pela galeria escura acima. Em seguida, roubei um pequeno botão de rosa do arranjo em cima da mesa e o posicionei na lapela do meu terno.

Nenhum convidado havia chegado ainda, os candelabros estavam apagados e as luzes da árvore de Natal estavam desligadas. As crianças riam e gritavam do lado de fora à medida que os flocos de neve fluíam do céu, e decidi ficar à janela apreciando a brincadeira entre eles antes que os eventos da noite tivessem início.

No entanto, ouvi algo acima de mim e quando levantei a cabeça arregalei os olhos ao ver Octavia pendurada do lado de fora do

corrimão enquanto espiava alguma coisa no segundo andar.

— Tavi! — gritei.

Com uma espada em uma mão, ela se pendurava com a outra, o rostinho franzido com a raiva.

Um segundo depois, ela escorregou e soltou o agarre, e eu ofeguei, disparando para pegá-la no ar.

— Ah, droga. Mas que merda foi essa?

Eu a aninhei entre meus braços, meu coração quase saindo pela porra da garganta; eu a abraçava com tanta força que podia sentir as unhas cravando em seu manto bordado de pirata e nas botas de couro.

Olhei para ela, vendo-a com a cara emburrada.

— Você está bem?

— Vou cortar sua garganta, seu cachorro! — Então pressionou a espada de plástico contra o meu pescoço.

Ah, Jesus. Revirei os olhos.

Eu a joguei para cima e a coloquei por cima do meu ombro, indo em direção à cozinha.

— Você é, com certeza, filha do seu pai — caçoei.

Sem nenhuma noção do que poderia ter acontecido com ela. E nenhum cuidado.

— Me solta.

— De jeito nenhum — retruquei. — O que passou nessa sua cabecinha, hein?

— Eu estava espiando aquele canalha! — explicou, se debatendo e me chutando para que eu a soltasse. — Ele estava tentando roubar a minha tripulação!

Entrei na cozinha, passando pelo serviço de *buffet*, e coloquei Octavia no chão e fora do caminho.

— Você precisa ter mais cuidado. — Encarei seus olhos negros. — Entende?

Suas sobrancelhas cerraram mais ainda, acentuando a pequena cicatriz que ela tinha acima do olho direito, fruto de uma queda que ela sofreu aos dois anos.

— Seus pais não ficariam nem um pouco felizes se você acabasse com essa cabecinha quebrada. — Fui até a geladeira e peguei uma caixinha de suco, enfiando o canudinho para ela. — Seu pai não ia conseguir superar isso. Você tem noção do tanto que todo mundo te ama?

— Não tenho medo de nada.

Parei por um segundo e a encarei. Esse tipo de conversa poderia levar a um caminho sombrio que eu conhecia muito bem.

Andei em sua direção, mas ao invés de entregar o suco, o coloquei sobre a bancada e a enjaulei entre minhas mãos.

— Olhe para mim — instruí. — Eu sei que você não tem medo

de nada. Mas o medo e a precaução são duas coisas diferentes. Se algo acontecer contigo, seu pai não sobreviveria à dor. Você entende isso?

Com quase cinco anos, ela me encarou com um olhar inexpressivo.

— Um verdadeiro capitão lidera dando exemplo. — Cutuquei sua cabeça com a ponta do dedo. — Um verdadeiro capitão usa a cabeça do jeito certo, okay? Algum dia você vai aprender que sua vida pode mudar em um instante. Ser cuidadoso é ser esperto, e pessoas espertas sempre encontram o melhor caminho.

— Mas como você sabe a diferença entre medo e precaução? — uma voz perguntou.

Endireitei a postura e me virei, vendo Damon recostado ao umbral da porta. Ele estava parcialmente vestido para a festa de hoje à noite – calça preta e sapatos lustrosos, o cabelo bem-penteado. No entanto, estava sem o terno e a gravata, com as mangas enroladas da camisa social branca.

— Pela experiência — ele respondeu, já que me mantive calado.

Ele veio até nós e meu corpo enrijeceu, porque nosso estilo de paternidade havia se tornado mais um dos inúmeros pontos em que discordávamos. Com qualquer pessoa de fora da nossa família, eu não daria a mínima, mas como meus filhos eram acostumados à disciplina, se tornava cada vez mais complicado explicar por que os dele tinham permissão para se pendurar em vigas.

— E pelo direcionamento de pessoas que sabem um pouco mais — aponte, vendo-o pegar a filha no colo.

Ele olhou para Octavia, com uma sobranceira arqueada.

— Pessoas que se renderam às regras e perderam a imaginação, ele quer dizer.

Semicerrei os olhos.

— Seu papai deixa você atravessar a rua sozinha? — perguntei a ela.

Ela sugou o suco pelo canudinho, ciente, até mesmo tão novinha, de que não devia se envolver em discussões idiotas.

— Porque, como eu disse... — Lancei um sorriso implacável para Damon. — Você é guiada por pessoas que sabem mais das coisas.

— E como você sabe quais são as pessoas que valem a pena ser ouvidas? — ele perguntou a Octavia, mas estava, realmente, tentando me deixar puto. — Não tem como saber. Você tem que seguir a sua intuição.

— E enquanto você faz isso — eu disse a ela —, não se esqueça de que escolhas têm consequências com as quais você terá que lidar pelo resto da sua vida. E boas escolhas se fazem com direcionamento.

— E você fez isso? — Damon finalmente olhou para mim, nossa

passagem pela prisão como um lembrete que ele não precisava fazer, mas que servia para que eu compreendesse o significado de suas palavras.

Babaca.

Ele veio de um péssimo lar. Eu vim de um excelente. Ambos havíamos acabado na prisão.

Meu Deus, eu o odiava.

Quero dizer, eu, definitivamente, pularia de uma ponte por ele, mas...

Ele saiu dali com sua filha e seu sorrisinho prepotente, e tive que me conter para não jogar alguma coisa na sua cabeça-dura.

Eu tinha salvado a vida da sua filha. Ou, pelo menos, a salvei de alguns ossos quebrados.

Mas, olha só... *isso teria sido uma experiência para ela. Teria dado ainda mais força e confiança.*

Saí revoltado da cozinha, o aroma de *cookies* de baunilha, *macarons* e outros doces enchendo o ar à medida que os garçons levavam as bandejas para a sala de jantar.

Madden havia se juntado a Ivar no trabalho de acender os candelabros, cada um deles perambulando pela casa, e fui em direção ao salão de festa, mas parei ao avistar Damon outra vez.

As lâmpadas estavam desligadas, as velas cintilando pelo piso dourado e vermelho; as guirlandas de sempre-vivas, azevinhos e cortina de cor ameixa pendurada na lareira à direita, combinando com as decorações do corrimão da escada às minhas costas.

A pista de dança estava quase vazia, exceto pela minha esposa dançando com seu irmão.

Recostando-me à parede, cruzei os braços e me acalmei um pouco ao vê-los juntos. *Tudo bem, tudo bem.* Eu não o odiava. Eu não podia odiar qualquer pessoa que amasse minha mulher.

Ele a inclinou para trás e depois deu um giro, e o sorriso de Banks se alargou antes de sua risada ecoar e ela enlaçar o pescoço do irmão quando ele a girou cada vez mais rápido.

Eu sorri apenas em vê-los.

Ali por perto, Rika dançava com Jett, ambas observando os próprios pés enquanto Rika contava os passos para ajudar minha filha. O vestido preto estava colado ao corpo, a barriga de cinco meses esticando o tecido.

As filhas de Will, Indie e Finn, giravam ao redor dos casais, fingindo ser bailarinas; as plumas pretas no cabelo de Finn chegaram a me dar um frio no estômago ao evocar lembranças. Era como se tivesse acontecido ontem, quando eu e Banks estávamos no salão de festas do *The Pope*, e vimos a mãe de Damon – vestida com plumas negras – dançando pelo salão como um fantasma. Na mesma hora,

senti um arrepio correr pelo meu corpo.

— Kai? — alguém me chamou.

Olhei para trás e vi Winter descendo as escadas, segurando o corrimão com ambas as mãos.

Eu a alcancei e a ajudei pelo caminho.

— Sim, aqui... deixe-me te ajudar — eu disse. — Você sentiu meu perfume?

De que outra forma ela poderia saber que era eu?

Ela começou a rir, parada ao meu lado.

— Hum-hum. Você é tão cheiroso...

Sorri, voltando a olhar para o salão. Meu filho havia desaparecido, e Ivarsen agora estava com os irmãos, passando correndo para a sala de jantar em busca dos doces, com certeza.

As luzes dos faróis iluminaram do lado de fora, indicando que os convidados começaram a chegar.

— Octavia não quer ir para a festa do pijama hoje à noite — Winter disse.

— Então Mads também não irá.

— Não.

Motivo pelo qual ela estava me contando, de forma que eu já estivesse preparado. Enquanto os adultos dançavam noite adentro, ou festejavam por ali, as crianças deveriam ir para o cinema. Até a meia-noite, pelo menos, daí eles poderiam voltar para casa e abrir os presentes.

Winter fez um trabalho lindo, garantindo que esta época do ano fosse especial. Ela amava o Natal, mas sempre se sentiu meio sentimental, porque significava que a temporada estava prestes a acabar.

Nós começávamos nossas comemorações no solstício agora, felizes em saber que teríamos muito mais dias de celebração à frente.

— Ela é, realmente, uma garota muito sortuda — Winter comentou. — Por ter tantas pessoas que a adoram.

Acenei em concordância, avistando uma sombra no segundo andar. Mads voltou, então, para seu esconderijo outra vez.

— Ela é uma aventureira — repliquei. — Mads, não. Ele pode viver essas emoções através dela.

— E ela ama o fato de conseguir arrastá-lo para todo lado — ela acrescentou. — E por ele nunca ficar chateado com ela. Seus irmãos não são... tão maleáveis.

Os irmãos dela eram encenqueiros. Pelo menos Mads servia como um bom exemplo.

Os alto-falantes foram desligados quando a orquestra terminou o processo de afinação, e o silêncio ensurdecedor pairou sobre o lugar.

— Eu amo esse som — Winter sussurrou.

— Que som?

— A brisa desse lugar antigo fomentando as chamas — ela disse. — Você consegue ouvir?

Apurei os ouvidos, ouvindo o som do vento uivando nos andares acima, as rajadas fazendo as chamas estalarem.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram.

— Parecem fantasmas — ela murmurou. — Tudo se torna mais lindo sob a luz das chamas, não é mesmo?

Eu a encarei, os cílios longos cobrindo seus olhos que já não podiam enxergar as coisas belas, mas isso não significava que ela não as apreciasse. Ela apenas as enxergava de forma diferente agora.

Virando-me, segurei sua mão e enlacei sua cintura, guiando-a pela pista de dança.

— Segure firme.

Seus lábios se abriram em um sorriso largo, e deslizamos pelo piso de linóleo, enquanto eu a guiava mesmo sem música alguma; algumas mechas de seu cabelo caindo soltas pelo rosto. Seu vestido preto esvoaçava ao seu redor, as fitas vermelhas do laço em seu cabelo fluando.

— Você dança muito bem — ela disse.

— E isso a deixa chocada?

— Bem... — Deu de ombros, interrompendo o que ia dizer.

Nós giramos e nos movemos pelo salão, cada vez mais rápido, até que o som de seu riso ressoou, porém ela não tropeçou em seus passos em momento algum, o peso de seu corpo tão leve quanto as plumas entre os meus braços.

Acho que ela pensou que eu levava jeito apenas em lutar, mas minha mãe criou um cavalheiro também.

— Nunca dê uma espada a um homem que não sabe dançar — recitei Confúcio à medida que desacelerávamos os passos.

Com o cenho franzido, ela inspirou fundo antes de perguntar:

— Por quê?

— Porque uma arma mortal não deveria estar nas mãos de alguém que não tenha vivido.

Você não pode opinar no mundo se compreender apenas um ponto de vista.

Parei e a encarei, com uma ideia se formando na mente.

— Quero que você ensine Mads e Jett a dançar.

Ela inclinou a cabeça de leve.

Por que não pensei nisso anos atrás? Imaginei que com uma boa educação e autodefesa, eles se tornariam mais fortes, mas ainda tenho tempo de encorajá-los a fazer algo que os faça felizes. Mads odiaria dançar, mas algum dia, ele valorizaria o aprendizado.

Depois de um instante, ela assentiu.

— Tudo bem.

Do nada, Damon apareceu e segurou a mão da esposa, enlaçando sua cintura.

— Com licença.

Recuei em meus passos, e estava prestes a agarrar minha própria esposa quando a vi caminhando na minha direção.

— Os convidados estão chegando — ela disse. — Vamos acender o lustre em candelabro.

Ah, isso mesmo.

— Jett — gritei, acenando para que minha filha viesse até mim. — Indie? Finn?

Os convidados começaram a perambular por ali, Rika e Michael parados à porta para cumprimentá-los, enquanto os camareiros recolhiam casacos e luvas das senhoras. Emory, trajando um vestido verde e com o cabelo preso em um rabo de cavalo à nuca, com os cachos se espalhando pelas costas, deu a volta no imenso candelabro, entregando para as crianças canetinhas e folhas de manjerição.

Espalhando-se pelo saguão, os convidados se amontoaram para ver as crianças anotando seus desejos para o próximo ano, escrevendo com caneta prateada nas folhas, para em seguida se levantarem e as queimarem com as velas acesas no candelabro.

— Por que queimamos isso mesmo? — Gunnar perguntou quando viu Dag soltar sua folha em chamas na bacia de cobre que Emmy segurava.

— Isso faz com que os desejos sejam liberados para o Universo — Indie explicou.

— Bem, eu desejei ser famosa no ano passado — a irmã retrucou —, e nada aconteceu. Acho que estamos fazendo alguma coisa errada.

Acabei sorrindo, observando as crianças, uma a uma, se levantarem para jogar suas folhas em chamas no vasilhame.

— *Ainda* não aconteceu — Winter salientou.

Will deu início a este ritual cerca de oito anos atrás. Uma nova tradição, como uma forma de manter esse lado cerimonial em nossas vidas e que trouxesse algo divertido às crianças, a fim de que pudessem cultivar memórias e, talvez, passar isso adiante para seus próprios filhos.

Meu olhar se concentrou em Mads, vendo-o estender sua folha para a chama da vela, recuando em seguida ao invés de acendê-la. Enfiando-a no bolso de seu terno, ele se virou e ajudou Octavia, firmando sua mãozinha quando ela mesma tentou acender a folha.

Uma figura surgiu no alto da escada, e quando olhei para cima, deparei com Athos descendo os degraus em um vestido prateado colado ao corpo, com um decote tão baixo em V que eu teria

difficuldade em lidar se minha filha resolvesse usar algo parecido quando tivesse dezessete anos.

Seu rosto brilhava com uma maquiagem em tons cinza e branco ao redor dos olhos, e o cabelo pendia às suas costas, com um diadema de pequenos chifres na cabeça, fazendo-a parecer com algo saído de um espetáculo de *Sonho de uma Noite de Verão*, de Shakespeare.

Alex a ensinou direitinho a se maquiar quando ela tinha apenas dez anos, mas, infelizmente, Alex não estava aqui esta noite, para ser alvo da fúria de Michael. Ela e Aydin estavam passando os feriados de final de ano com a família dele, em Nova York; também estávamos sentindo falta de Micah e Rory, que decidiram ir para Fiji.

Misha e Ryen foram convidados, mas eu duvidava que fossem aparecer.

Michael avançou à frente, mantendo o olhar fixo na filha quando ela passou por ele.

— Você vai usar isso na Noite do Pijama?

— No baile.

— Nós já conversamos sobre isso — ele argumentou, mesmo que ela continuasse em frente. — Somente com mais de vinte e um, Athos.

— Ainda bem que o meu paizinho é dono do lugar — ela retrucou.

Bufei uma risada, vendo-a desaparecer no salão.

Michael esfregou o rosto com força.

— Não sei nem porque eu tento... — Ele suspirou e se virou. — Preciso evitar as brigas, porque quanto mais perco nas discussões, mais ela se torna disposta a me enfrentar.

— Você pode dizer um ‘não’, sabia?

No entanto, ele apenas me encarou como se eu fosse louco.

— Não criei aquela menina para aceitar um ‘não’ como resposta.

Ah, claro.

Ele sorriu, com um ar travesso em seu olhar.

— E aí, você já deu aquilo para ela esta noite?

Arqueei uma sobrancelha.

— Ainda não — murmurei, baixinho, sem querer que Banks escutasse. — Posso contar contigo para que tenhamos uma noite tranquila, de forma que eu possa desfrutar da minha esposa?

— Por que você está me perguntando isso?

— Porque em todo feriado, a merda bate no ventilador por causa de alguma coisa — resmunguei.

Com os olhos entrecerrados, ele rebateu:

— O lance do Dia de Ação de Graças não foi minha culpa.

— O Quatro de Julho foi.

Michael cruzou os braços enquanto as crianças terminavam de acender as velas.

— E quem emprestou o caminhão do tio para o time de basquete, em março, para que eles pudessem despejar esterco por toda Falcon's Well depois que eles perderam o campeonato?

— Não fui eu — retruquei, limpando uma sujeira imaginária abaixo da unha. — Eu simplesmente deixei as chaves na ignição. Não as *entreguei* a ninguém.

Ele deu uma risada sarcástica, os convidados lotando a sala ao redor.

— Além do mais, nós não perdemos — comentei. — Eles trapacearam. O árbitro é que não viu aquilo.

— Bom, na próxima vez que você 'deixar as chaves na ignição' — disse ele, baixando o tom de voz ainda mais: — Lembre-se de que foi a minha esposa que teve que aguentar o prefeito da cidade deles gritando com ela por mais de vinte e cinco minutos.

Abri a boca para me defender, mas nada saiu. *Tá, tudo bem.* Ele tinha razão. Acho que não foi justo com Rika.

— Tudo bem — resmunguei.

Eu me comportaria esta noite, mas esperava o mesmo deles. Sem dramas.

O povo da cidade encheu o lugar, alguns usando máscaras, e outros apenas pinturas no rosto, vestidos e joias brilhando sob as luzes das velas. Dei uma segunda olhada ao redor, tentando me concentrar para ver se reconhecia alguém apesar das fantasias.

Alguns, mas não todos.

Alguna coisa estava me incomodando. *Isso deixou de ser algo inteligente.* As pessoas estavam simplesmente entrando na casa. Ninguém estava sequer averiguando se haviam sido convidados.

Não havia outros seguranças, além de Lev e David e uns poucos que circulavam pela propriedade, e não havia nenhum guarda na porta.

Não éramos nós que convidávamos os problemas, mas com o passar dos anos, havíamos adquirido cada vez mais coisas. Mais terras, mais imóveis, mais poder, mais dinheiro... E quando você possuía algo que valia a pena ter, alguém, em algum momento, tentaria tirar isso de você.

Tivemos sorte até aqui. *Muita sorte.*

— Estamos prontos? — Em gritou.

No entanto, antes que eu pudesse me virar e responder, uma voz retumbou das escadas:

— Então vamos ao lote 666!

Emmy se sobressaltou, dando a volta, e todos os olhares se focaram ao homem usando uma capa e máscara branca que cobria

apenas metade de seu rosto.

— Um lustre caindo aos pedaços!

Comecei a rir, deixando as preocupações de lado ao reconhecer Will na mesma hora. Michael balançou a cabeça, incapaz de disfarçar o sorriso.

As crianças riram quando Will desceu as escadas correndo, agitando a capa negra que o cobria.

— Alguns de vocês devem se lembrar do estranho caso de *O Fantasma da Ópera*.

— Papai! — Seg gargalhou.

Will girou em um círculo, fazendo contato visual com todas as crianças.

— Um mistério que nunca foi inteiramente explicado!

E então, pegando a deixa, a orquestra, com o tão emblemático órgão reformado, acima de nós, entooou a abertura da peça, fazendo os pelos dos meus braços se arrepiarem de novo.

O piso vibrava abaixo dos meus pés, e minha pulsação acelerou.

O sorriso no rosto de Winter era imenso.

Alguém deve ter acionado os interruptores, porque o lustre começou a subir lentamente, cada vez mais alto em direção ao teto, a ponto de termos que inclinar nossas cabeças para continuar a observar.

As chamadas tremularam com o movimento, e as crianças começaram a correr, saltitar e disparar para o salão de festas.

Eu as segui, os convidados fazendo o mesmo, e alguns se juntaram a Michael e Rika na pista de dança, enquanto outros pegavam suas taças de champanhe das bandejas dos garçons que circulavam por ali.

Emmy levou a tigela de cobre com as folhas de manjerição incendiadas, e a colocou sobre a lareira, próxima ao candelabro, antes de vir até mim com a expressão satisfeita.

Ela adorava o momento em que o lustre era aceso.

— Sua parte favorita... — caçoei, quando ela parou ao meu lado para observar todos no salão.

— Sempre — respondeu, olhando para os quatro pequenos lustres elétricos no teto que não estavam sendo usados no momento.

— Chego a quase desejar que todos eles fossem candelabros a velas.

— Daria um trabalhão — comentei.

— Com certeza.

— O Campanário ficou maravilhoso. — Olhei para baixo, para observar sua expressão. — Adorei o que você conseguiu fazer com aquilo. Ou, deveria dizer, o que se recusou a fazer com aquilo.

Ela deu de ombros.

— Há uma beleza histórica ali. Não queria que tudo fosse

apagado da memória.

Encontrei Banks na pista de dança, ela e Rika com as cabeças quase grudadas enquanto fofocavam sobre alguma coisa.

— Foi onde a beijei pela primeira vez — comentei, meu olhar percorrendo os ombros nus da minha esposa.

— Eu não sabia disso.

— Na Noite do Diabo. — A lembrança cintilou em minha mente. — No meu último ano do colégio.

O prelúdio acabou e o sistema de alto-falantes teve início, tocando uma canção suave e com melodia monótona.

Então, Emmy disse:

— Ela estava no confessionário com você naquela manhã, não é?

Foi a minha vez de inclinar a cabeça para ela, olhando-a com curiosidade.

— Como você sabe disso?

Ela sorriu, como se estivesse se lembrando de algo.

— Eu estava lá aquele dia. Acabei esbarrando com ela.

— Você em uma igreja? — zombei.

Ela apenas desviou o olhar, com um sorriso tímido nos lábios.

— Tive meus motivos.

Ou segredos? Tanto faz. Aquilo não era da minha conta.

— O confessionário — refleti. — Aquela foi a primeira vez que conversei com ela também. E aquele dia mudou a minha vida.

— A minha também.

— Se eu tivesse lutado com mais afinco pelo que eu queria... — Aquele dia acabou de um jeito pior do que havia começado. Nós não teríamos perdido tantos anos para ficar juntos.

— Eu também — ela emendou em um sussurro.

Banks lançava olhares para mim de vez em quando, seus lábios vermelhos macios e os olhos escuros. Uma onda de calor varreu meu corpo à medida que as imagens se atropelavam na minha mente, só de pensar em sua aparência usando apenas aquela maquiagem.

— Preciso dançar com ela — eu disse a Em, e fui direção à minha mulher.

No entanto, uma jovem morena parou à minha frente, os ombros nus e expostos no vestido branco.

— Kai — cantarolou.

Parei, vendo a garota completamente diferente da aluna a quem costumava dar aulas de Aikido toda terça e quinta-feira.

— Soraya — cumprimentei. — Você está muito bonita. — Segurei sua mão e me inclinei de leve, tocando minha bochecha à sua testa em um rápido abraço. — Seus pais estão aqui?

— Não. — Ela sorriu. — Mas estão aconchegados na frente de

alguma lareira hoje à noite.

— Bom saber.

Tentei dar a volta e passar por ela, me preparando para me despedir quando ela disse:

— Obrigada pela aula particular na semana passada. Aquilo me ajudou muito.

Ela me encarou com os adoráveis olhos azuis, o cabelo ruivo e sedoso solto e espalhado pelos ombros. Eu quase podia sentir o sorrisinho irônico de Emmy ao meu lado.

Pelo amor de Deus. A garota era uma... garota.

— Claro — respondi. — É bom praticar um pouco as habilidades da língua nos intervalos, certo?

— Sim. — Ela agarrou o vestido, e quando olhei para baixo, a vi erguer lentamente a barra. — Eu carrego isso comigo para todo lugar.

À medida que o vestido subia cada vez mais, vi as marcas em sua pele bronzeada.

— Um, dois, três — recitou, lendo os números em japonês, como se fosse uma cola escrita no corpo. — Quatro, cinco, seis... — Ergueu ainda mais a barra do vestido, até o alto da coxa. — Sete, oito...

Uma camada fina de suor cobriu minha testa, e quando lancei um olhar para Banks, vi que ela nos fuzilava com os olhos em chamas.

— Merda — murmurei, notando Emmy cobrir o sorriso com a mão.

— Nove — Soraya continuou, o vestido quase mostrando suas partes —, dez — finalmente disse.

Engoli em seco, meu olhar se voltando na mesma hora para Banks, que continuava imóvel ao lado de Rika – de olhos arregalados e prestes a cair na risada.

Avistei os caras também observando toda a interação, seus lábios se movendo, e mesmo que não pudesse ouvir o que diziam, era nítido que era alguma besteira, por conta dos sorrisos idiotas em seus rostos.

Olhei novamente para Soraya, tentando não fixar o olhar na longa perna da garota.

— Isto é... é muito bom.

Ela soltou o vestido até o chão.

— Sei que o *dojo* está fechado, por conta das festividades do fim do ano, mas deixei minha bolsa de ginástica no armário. — Ela se aproximou um pouco mais, e eu me afastei. — Você vai aparecer lá no fim de semana? Digo... para resolver alguma coisa burocrática ou algo assim? Eu posso dar uma passadinha rápida lá?

Sozinho? Ela quer dar uma passada lá enquanto estou...

sozinho?

Desviei o olhar para Banks e, ao mesmo tempo, ela e Rika gesticularam como se estivessem cortando minha garganta.

Emmy bufou uma risada, agarrando uma taça de champanhe de uma bandeja que passava por ali.

— Já vi isso antes. Parece coisa de irmãos...

Puta que pariu. Isto não era minha culpa. Banks ficaria pau da vida a noite toda.

Dei um passo para o lado, para me desviar da garota.

— Minha esposa estará lá amanhã, o dia todo, para resolver algumas coisas — eu disse. — Eu posso avisá-la se você resolver aparecer por lá.

Então me mandei dali.

No entanto, antes que pudesse chegar até Banks, os caras se interpuseram no meu caminho.

— Alguém está encrencado... — Will debochou.

— Dá um tempo. — A garota tinha uma paixonite só. Como se eu pudesse controlar esse tipo de coisa...

Tentei procurar pela minha esposa, mas os dançarinos estavam rodopiando no salão, e eu não conseguia enxergar nada além dos caras.

— Cacete — murmurei, enfiando as mãos nos bolsos.

— É isso aí... — Michael acrescentou. — Todo mundo viu aquilo.

— Cala a boca.

— Ah, merda... — Damon riu baixinho ao levar a taça aos lábios. — Tem gente com as garras de fora.

Hã? Encontrei Banks outra vez, vendo Rika tentando conter a risada e, obviamente, tentando acalmar minha mulher que fuzilava a adolescente.

— Viu o que eu te disse? — Eu me virei para Michael. — A merda sempre bate no ventilador.

— Relaxa — disse ele. — Banks confia em você. Então a adolescente atrevida tem uma queda pelo mestre sensei dela...

— Com todas as instruções dele anotadas em suas coxas... — Damon zombou.

— E minha esposa possui facas escondidas nas dela — sussurrei, exasperado, ciente dos convidados ao redor. — Caralho. Olhem para elas... — Gesticulei para as meninas, Winter e Emory agora juntas com Rika e Banks. — Elas estão planejando alguma coisa.

Will e Michael começaram a rir, sem fazer menção de impedir qualquer coisa.

— Estou mais preocupado com aquela jovem garota do que com você — Damon refletiu.

Eu estava mais preocupado com a noite que planejei com tanto cuidado escorrendo pelo ralo. Minha esposa confiava em mim, mas ela ainda ficava puta quando outras mulheres não davam a mínima para o fato de eu ser casado. Não que isso acontecesse com frequência, mas ela enxergava esse tipo de atitude como uma total falta de respeito. Nesse aspecto, ela e Damon eram muito mais parecidos com o pai do que gostavam de admitir.

— Tire ela de perto da minha esposa grávida, por favor — Michael disse. — Ela parece uma bomba prestes a explodir.

É...

Comecei a seguir em sua direção, mas Jett correu para os meus braços e pediu colo.

— Papai, nós vamos para o cinema agora! — anunciou.

— Você já reuniu todo mundo? — Michael perguntou à Srta. Englestat, que segurava as mãos de Dag e Fane.

— Sim, senhor — disse ela, sem fôlego. — Athos está ficando para trás e a Sra. Cuthbert ficará de olho em Madden e Octavia. Todos os outros já estão juntos.

Os meninos de Damon o agarraram em um abraço, mas Ivarsen passou batido, os polegares voando na tela do celular.

— Ei, comporte-se! — Damon gritou para ele.

— Como sempre — o garoto respondeu.

Comecei a rir na mesma hora. Tal pai, tal filho.

— Feliz caçada. — Beijei o nariz da minha garotinha e a abracei com força. — Te vejo à meia-noite.

Ela começou a espernear na mesma hora.

— Me põe no chão, ou a Indie vai pegar o meu lugar!

Eu a soltei.

— Seja boazinha.

Sem dizer mais nada, ela correu pelo saguão, e uma das babás envolveu seus ombros com um agasalho.

Com as crianças distantes dali por algumas horas – para se juntarem às outras crianças da cidade para brincadeiras e festinhas no cinema –, a música mudou para algo mais pesado e mais alto, e comecei a procurar por Banks, novamente, entre a multidão.

Meu olhar, entretanto, foi atraído na mesma hora para uma pessoa que me encarava.

Máscara toda branca. Um manto negro. Perto da lareira. Pisquei e dei a volta, tentando ver seu rosto outra vez à medida que minha pulsação acelerava.

Quem...?

Nenhum dos homens estava usando uma capa. Aquilo, *sim*, seria um excesso. Mas quando procurei por ele novamente, ele já não estava mais à vista. Um arrepio percorreu meu corpo, pela forma

como ele esteve ali parado, os buracos negros da máscara fixos em mim.

— É melhor você ir — Damon disse.

O quê?

Eu me virei para ele vendo-o gesticular para algo às minhas costas. Ao seguir a direção de seu olhar, deparei com minha esposa vestindo uma máscara branca de meio-rosto, cobrindo os olhos e nariz, me encarando enquanto lentamente recuava para as sombras. Cerrei a mandíbula e senti meu pau enrijecendo na mesma hora diante do calor de seu olhar.

Não se atreva...

Avancei, seguindo-a, o homem de capa e máscara agora completamente esquecido.

Desviei dos dançarinos, circulando por entre a multidão, alcançando-a a tempo.

— Pare — sussurrei em seu ouvido.

Ela retesou o corpo, recusando-se a se virar e me encarar.

— Eu não ia matar a garota — disse ela, em voz baixa, encarando a jovem Soraya do outro lado do salão. — Só ia dar um sustinho...

— Ela é uma criança.

— Sim. — Virou a cabeça em desafio. — Eu me lembro bem de que quando o conheci, eu tinha a idade daquela *criança*, e mesmo assim, você enfiou a mão por dentro da minha camiseta.

A lembrança daquela garota misteriosa em meus braços, no Campanário, surgiu na minha mente.

— A *sua* camiseta — salientei.

Não a dela.

Ela se virou, os olhos verdes maquiados me lançando um olhar penetrante através da máscara branca.

— Estou falando sério — disse ela, afastando-se do meu alcance, como se ela fosse algo que eu não pudesse ter. — Você não toleraria que eu desse aula para alguém que estivesse me paquerando.

— E você não me deixaria ditar o que você pode ou não fazer. — Avancei um passo quando ela recuou.

Eu tinha que admitir que meio que gostava de seu ciúme.

Mas não foi isso que fiz.

Eu não curtia o fato de que aquilo pudesse ser originado de insegurança.

— Você não confia nisso? — perguntei a ela.

— O quê?

— Que isto nunca terá fim.

Ela precisava que todos soubessem que eu era dela, quando muitas crises seriam evitadas se bastasse ela saber que eu sabia a

quem pertencia. A ela.

Eu a persegui, em passos lentos, meu olhar pousando em seus seios quase expostos pelo decote do vestido.

E pode crer, eu sabia que era dela.

Eu era o homem em sua cama, todas as noites. O pai de seus filhos. O parceiro em tudo o que fazíamos.

— Quero te dar uma coisa — eu disse.

Alguns casais circulavam próximo, mas nenhum de nós se moveu. Seus olhos cintilaram diante da iluminação fraca.

— Venha aqui agora — instruí.

Mas ela não me obedeceu. Ela apenas recuou ainda mais.

Meu sangue começou a ferver. Não tínhamos a noite toda. Havia um monte de coisas que eu queria fazer antes que as crianças voltassem.

— Você está me irritando — resmunguei, entredentes, avançando em sua direção. — Você sabe que não gosto de ceninhas.

No entanto, eu faria uma se tivesse que fazer.

Ela não me deu a menor chance. Assim que chegou ao outro lado do salão, ela se virou e cruzou as portas duplas, desaparecendo em seguida. Corri em seu encalço, sem dar a mínima para os olhares que recebi ao longo do caminho.

Acabamos entrando em uma sala mais próxima, escura e com apenas um casal se pegando num canto; avistei o tecido vermelho de seu vestido desaparecendo do outro lado. Eu a persegui, finalmente vendo-a correr em direção à escadaria dos fundos.

Correndo atrás dela, contornei o corrimão da escada em espiral, o cascalho dos degraus rangendo sob meus passos.

Quando chegamos ao segundo andar, e ela estava prestes a escapar para o terceiro piso, agarrei seu braço e a fiz virar de uma vez, imprensando seu corpo contra a parede.

— Até parece que eu não conseguiria te pegar — zombei. — Não sei nem porque você ainda tenta.

Uma vela tremulou na arandela, e encarei seus olhos agora escuros, meus lábios pairando a centímetros dos dela.

Banks tentou se afastar da parede, mas eu a empurrei e ergui a barra de seu vestido, pressionando minha mão entre suas pernas, meus dedos formigando enquanto a acariciava suavemente.

Putá merda. Ela estava completamente depilada... e nua.

Seu corpo estremeceu, e se acalmou, e um sorriso se espalhou pelos meus lábios, porque eu amava esses raros momentos, essas pequenas surpresas que ela me dava.

Esse lance de não usar calcinha não era muito a praia dela.

— O que você e as meninas estavam planejando lá embaixo? — sussurrei, quase roçando sua boca.

— Na-nada...

Deslizei a mão mais para o interior entre suas coxas, sentindo meu pau enrijecer. Caralho, eu mal podia esperar.

— Olhe para mim, Nik.

Bem devagar, ela ergueu o olhar, incapaz de resistir quando eu usava seu nome verdadeiro.

— Quero te dar uma coisa — eu disse, sentindo a boca seca com a necessidade. — Enfie a mão no meu terno e pegue.

Percorri sua pele macia com meus dedos, e então os nódulos, precisando que cada centímetro da minha pele estivesse em contato com a dela.

Ela pegou de dentro do meu bolso dianteiro do paletó, um objeto pequeno envolto por um lenço.

Parei de acariciá-la, mas não retirei a mão de onde se encontrava enquanto ela desembulhava o presente.

— Foi da minha mãe — informei. — E da mãe dela.

Era uma das únicas coisas com a qual minha mãe havia ficado da sua família. Minha avó lhe deu às escondidas quando ela fugiu com meu pai.

Seu olhar se voltou para o meu, e eu esperava que ela entendesse o significado daquela herança familiar.

— As mulheres da minha família passam isso para suas filhas — expliquei. — Minha mãe queria te dar isso, ela mesma, mas ela sabia que...

Eu não conseguia dizer o resto, mas vi quando ela baixou o olhar, o queixo trêmulo. Ela sabia muito bem o que eu ia dizer.

Banks não ganhou muitos presentes na vida, de nenhum de seus próprios pais. Isso ainda a deixava nervosa. Minha mãe sabia que seria mais fácil se ela recebesse de mim.

Erguendo suas mãos, ela ajustou o pente em seu cabelo e depois me abraçou.

Roçando o nariz ao meu, disse:

— Quero matar qualquer um que sequer tentar afastar você de mim.

Espalmando sua bunda, senti a fita que segurava as facas presas em sua coxa, e a peguei no colo.

— Se algum dia eu te deixar, será porque estarei morto.

Tomei sua boca com a minha, dando-lhe a única garantia que ela precisava, e seria capaz de fazer isso milhares de vezes por dia, pelo resto da minha vida, se fosse preciso.

Ela nunca sentiu medo de perder alguma coisa, porque nunca teve merda nenhuma na vida, e eu faria de tudo para dar tudo o que ela quisesse.

Meu Deus, ela era maravilhosa.

Abri o zíper da calça e puxei meu pau para fora, ajustando-o em sua entrada e me enfiando em seu calor bem ali, ao lado da escadaria às escuras.

— Aaah... — ela gemeu, me abraçando com força. — Eu te amo, Kai.

— Também te amo — arfei contra seus lábios. — Não consigo parar. É algo que nunca vou querer parar.

Estoquei contra o seu corpo com força e rapidez, em um frenesi, e mergulhei meu rosto na curva de seu pescoço enquanto ela se mantinha agarrada a mim.

Captei um ruído ou algo em algum lugar à distância, e então ouvi alguns uivos vindos da escada.

— Kai — gemeu, me fodendo de volta. — Acho que ouvi alguém gritar.

E daí? Eu não dava a mínima. A casa inteira podia estar pegando fogo nesse exato momento, e eu estaria pouco me lixando.

Encarei seus olhos escuros ao invés disso.

Seria preciso um guincho para me tirar de dentro de você.

[36] Saint Felicita of Rome: traduzido algumas vezes como Santa Felicidade, foi uma das primeiras mártires cristãs veneradas como santa. [37] Fusuma: porta ou divisória corrediça de papel, é um dos elementos peculiares em casas tradicionais do Japão.

Damon

Bem, isso era novidade.

Um cavaleiro do caralho entrou trotando no salão de festas, um cavaleiro mascarado usando uma capa esvoaçante vindo em nossa direção; a música cessou, a dança parou, e todo mundo se afastou para trás, dando bastante espaço para o homem na sala.

Peguei Octavia no colo na mesma hora.

— Vem cá.

Alguns gritos soaram no ar, enquanto ofegos e arquejos se misturavam às risadas.

Mas que porra era essa? Quero dizer, não prestei atenção aos detalhes, mas eu teria me lembrado se Michael ou Rika houvessem mencionado uma entrada triunfal de um equino gigante no meio da festa.

Athos, filha da mãe... Isso tinha tudo a ver com Edgar Allan Poe.

O cavaleiro usava uma máscara de caveira, e eu aumentei o agarre em Tavi nos meus braços, observando-a prestar atenção a ele, os olhinhos brilhando de emoção.

O cavalo estacou, todo mundo em silêncio e à espera, com o fôlego suspenso, e o vento frio que ele trouxe me fez arrepiar.

— O fantasma assiste do camarote cinco — anunciou, a voz ecoando por todo o lugar. — Vocês podem vê-lo, embora ele não esteja vivo.

Octavia não moveu um músculo sequer, todos ao redor com seus celulares em mãos, filmando o homem deixar seu recado.

— Tragam-me sua máscara à luz da fogueira! — gritou ele, girando em círculo para se fazer ouvir por todos. — Seu tesouro os aguarda antes do fim da Noite da Fogueira.

E, então, ele partiu, deixando a sala emudecida diante do som dos cascos clicando no piso de mármore. Depois de um instante, ouvimos o galope alucinado em direção à noite escura.

Comecei a rir, olhando para o rostinho de Octavia, que ainda parecia maravilhada. Estas crianças se chocariam quando fossem para o mundo e percebessem que não havia lugar como Thunder Bay.

Mas tudo bem... Se dependesse de mim, eles nunca descobririam como o restante do mundo era uma droga comparado ao nosso lar.

— Camarote cinco? — alguém comentou. — Então, é no grande Teatro?

As pessoas começaram a se movimentar, o burburinho agitando

o lugar enquanto os mais jovens saíam, recolhendo seus casacos e discutindo as pistas para a caçada ao tesouro.

— Talvez lote cinco? — outro ventilou. — No cemitério? O cavaleiro disse que o fantasma não estava vivo, então...

— Poderia ser um túmulo? — uma mulher sugeriu.

— Mas ele está ‘assistindo’ — outra argumentou, ouvindo novamente o vídeo no celular. — Uma estátua? Poderia ser algo localizado em um ponto estratégico, talvez?

Os convidados deixaram o salão, seguindo os mais novos que já haviam saído em uma busca para serem os primeiros a encontrar o tesouro que garantiria uma poupança de um milhão de dólares e que poderia ser usada para a faculdade ou – já que muitos já haviam quitado suas faculdades – acessada quando se formassem, sendo que a maioria acabaria usando para viajar, investir ou dar início ao seu próprio negócio.

Quase metade dos convidados permaneceu ali, a música, a dança e as conversas voltando à ativa. Coloquei Octavia no chão e segurei suas mãos, guiando-a ao ritmo da melodia.

— Por que não posso ir esta noite? — ela perguntou.

— Porque é nossa família que está organizando a caçada. — Olhei para baixo, vendo-a pisar nos meus sapatos para me deixar conduzi-la pela pista. — Não seria justo se ganhássemos, não é mesmo?

— De todo jeito, não é justo.

Você está fazendo beicinho?

Eu a encarei, achando graça.

— No seu aniversário, você gosta de ganhar os presentes ou dar? — Quando ela não respondeu nada, continuei: — É a mesma coisa. A caçada é um presente nosso para a cidade. Há muitos outros tesouros pra você lá fora.

Olhei ao redor e avistei Christiane tropeçar enquanto tentava dançar com seu marido, Matthew, seu comportamento patético tão soberbamente fantástico quanto a atitude idiota do filho. Quero dizer, o que ela estava pensando ao se casar com ele? Ele mal conseguia encontrar coragem para dizer uma frase. Ele era caladão. Ela era mais calada ainda. Aquela casa devia ser o maior agito diariamente. Como será que eles decidiam a hora certa para transar? Será que um enviava mensagem de texto para o outro?

E na mesma hora minha mente foi invadida por imagens dos dois transando, e foi preciso abafar um rosnado antes que escapulisse.

— Onde estão? — Ouvi Octavia perguntar.

Pisquei, voltando a me concentrar nela.

— Onde estão o quê?

— Meus tesouros.

— Você terá que encontrá-los — eu disse a ela. — E terá que lutar por eles. Nada vem de graça.

Seus lábios se curvaram no cantinho e quase caí na gargalhada. Eu queria que ela sonhasse por conta própria, mas era aí que os sonhos se tornavam perigosos. Nada acontecia do jeito que a gente queria. Seria mais difícil do que ela podia imaginar, e ela fracassaria muitas vezes antes de ganhar. Era isso que ela não sabia ainda.

Não era a competição que te atraía. Era saber que você podia desistir a qualquer momento.

Ela tinha que praticar.

Parei de dançar e peguei o pergaminho que havia enfiado no bolso.

— Imaginei que você fosse ficar emburrada.

Ela pegou o papel dobrado; observei o esmalte preto lascado no cantinho da unha enquanto ela abria o presente que fiz para ela.

Ela arfou.

— Um mapa do tesouro!

Apontei para o teto.

— Está em algum lugar na casa. Lá em cima.

Ela desviou o olhar pela sala, finalmente inclinando a cabeça para encarar o corrimão do mezanino imerso em penumbra no segundo andar.

— Alguém pode me ajudar? — perguntou.

Não podíamos ver, mas sabíamos quem estava lá em cima, a pessoa exata a quem ela se referia.

Assenti.

— Hum-hum. Vá em frente.

Escrevi algumas palavras no mapa que ajudariam um pouco na hora de ler.

Ela saiu correndo, mas esbarrou em alguém, e eu me adiantei para socorrê-la, porém o cara estava mais perto. Ele agarrou seus ombros e a ajudou a se equilibrar antes de endireitar a postura.

Olhando para cima, vi um homem com uma máscara totalmente branca e uma capa recuando um passo, ainda a encarando, e fazendo uma mesura teatral logo em seguida.

— Senhorita... — disse ele.

— Desculpa — cantarolou.

Então disparou escada acima, em busca do seu primo. Eu ri baixinho, balançando a cabeça para o homem quando ele passou por mim, e grato por minha filha ser durona, mas, ainda assim, educada.

Olhei para ele novamente, reparando na capa que usava. Estava um pouco exagerado, mas tudo bem.

Dei uma olhada de relance para as escadas, e avistei uma sombra se movendo no teto enquanto Tavi corria até Madden.

Ele sempre se escondia durante eventos como este. Kai tentava explicar que ele não se sentia à vontade em interações sociais, mas eu achava que Mads preferia ficar longe, pois sabia que os outros se sentiam incomodados com sua presença.

Enfiando as mãos nos bolsos, circulei pelo salão, lançando olhares na direção da minha mulher que dançava com o pai de Kai, enquanto sua esposa conversava com algumas senhoras do clube de jardinagem. Meu olhar se conectou ao de Rika, que mordiscava um pedacinho de *macaron*.

Ela congelou ao me ver observando-a, com uma sobrancelha arqueada. *Outro?* Você também quer um bolinho? Dois, talvez? Ela hesitou por um instante e enfiou tudo na boca, pegando mais um da bandeja, antes de me mostrar o dedo médio, saindo pisando duro com as bochechas estufadas com aquela comida nem um pouco saudável para o bebê.

Comecei a rir, para provocá-la. Winter teve seus desejos também. *Aproveite*.

Relanceei mais um olhar à minha esposa, notando o tanto que ela amava essa época do ano. A sua favorita. Ela adorava a música, as comidas, e todas as pequenas coisas. Mesmo não podendo ver as luzes, ainda assim, ela as sentia. Ela dizia que as luzes davam uma sensação diferente na casa. Mais calorosa, de alguma forma.

Eu amava o fato de que nada lhe passava despercebido. Nem mesmo o cheiro dos papéis de presente. Nunca havia reparado que o papel tinha um cheiro, mas ela me fazia deitar abaixo da árvore todos os invernos e inspirar cada presente.

E ela estava certa. Agora eu notava esse detalhe.

Kai e Banks voltaram ao salão de festas, seja lá de onde estavam escondidos. O cabelo dela agora bagunçado enquanto Kai ajeitava a gravata. Will girou com Emmy em seus braços pelo salão quase vazio, já que muita gente já havia ido embora. O som de sua risada ecoou pelo lugar.

No entanto, avistei Matthew atravessando o saguão, em direção à sala de jantar. Christiane não estava com ele, e eu imediatamente comecei a procurá-la por ali. Peguei um vislumbre dela desaparecendo por outra sala. Tensioneiei, irritado com algo que andou me incomodando nos últimos anos.

Em todos os dias, meses e década desde que descobri que a mãe de Rika também era minha, esperei por algo que eu dava como certo da parte dela.

Fracasso.

Em algum momento, ela cometeria um deslize. Ela perderia um dos meus filhos em alguma loja ou num parque.

A novidade em ser uma avó amorosa, cuidadosa e responsável

acabaria ou se tornaria um gasto imenso de energia, e ela daria um jeito de sumir das nossas vidas.

Não importava o quão friamente agi com ela, ou os anos em que só dava respostas monossilábicas, nada disso a fez esmorecer. Ela sempre foi paciente.

À medida que o tempo passava, aconteceu o contrário. Ao invés de esperar seu abandono, minha raiva começou a perder a força. Era difícil não amar a forma compassiva com que ela lidava com Octavia — ela fazia questão de costurar as roupas de Tavi, já que não existia nenhuma alternativa que atendesse ao estilo da minha filha e que não fosse alguma fantasia barata.

Ela era maravilhosa com Gunnar, sempre disposta a vasculhar por brechós em busca de objetos que ele pudesse usar em suas invenções, e ela nem mesmo se importava quando Fane ou Dag bagunçavam a casa dela, construindo fortes em todos os cômodos.

Eu não queria engolir meu orgulho. Era como se eu fosse me engasgar com essa porra.

Mas, cada vez mais, eu estava começando a odiar ver a mágoa que ela tentava esconder quando eu a ignorava. E eu costumava não dar a mínima para isso antes.

Alguma coisa mudou.

Meus pés se moveram por conta própria, seguindo-a. Abri a porta branca e entrei sorrateiramente em uma pequena sala de festas anexa, totalmente vazia e às escuras. Ela parou perto da janela, a luz do luar fazendo seu brilhoso vestido branco cintilar em contraste ao cabelo loiro preso em um coque elegante.

Fiquei ali parado, fechando a porta silenciosamente enquanto a observava.

Era como se ela estivesse esperando por alguma coisa.

— Você faz isso com frequência. — Cruzei os braços. — Sai de salas lotadas para ficar sozinha em algum lugar.

Ela não se virou, apenas entrelaçando as mãos à frente do corpo.

— Faça isso para te dar a oportunidade para me seguir — disse ela. — Sempre imaginei que você não falaria comigo na frente de outras pessoas.

— Você acha que me conhece?

Ela virou a cabeça, encontrando meu olhar.

— Você não me conhece. — Sua voz suavizou. — Há inúmeras coisas que preciso dizer. Que estive esperando para dizer...

Permaneci imóvel. *Muito bem, então vamos ouvi-las. Você teve anos para se preparar.*

Uma parte minha estava morrendo de vontade de ouvir o que ela queria dizer, por nenhum motivo além de poder abrir velhas

feridas e ficar pau da vida de novo. Tão puto que pudesse me lembrar o porquê eu a odiava tanto.

Ela me abandonou. Todo santo dia, por anos.

Ela podia até ser uma boa pessoa, mas eu ligava para isso? Eu, por acaso, precisava dela agora?

Não.

Ela se virou de frente para mim, mas ainda em seu lugar à janela.

— Você se lembra do ursinho que dei a Ivarsen em seu primeiro Natal?

Continuei parado e calado.

No entanto, eu me lembrei. Era um ursinho pequeno, mas que batia na altura da cintura de Ivar, com um laço de fita vermelha amarrado no pescoço. Estava embalado em um papel pardo velho e com um laço empoeirado. Cheguei a pensar em como ele destoava dos outros presentes chiques que ela havia comprado para ele.

Quando ela abaixou a cabeça, senti meu corpo tensionar.

Tá, e daí? Ela roubou aquela porra enquanto estava chapada? Era para ter dado para o Madden e se confundiu? O quê, então?

— Aquele ursinho era seu — informou. — Foi seu desde quando você era um bebê.

Cerrei a mandíbula.

Ela engoliu em seco, mas não se aproximou.

— Foi a forma que encontrei de dá-lo a você... de algum jeito. Eram presentes que comprei em todos os seus Natais e aniversários ao longo dos anos.

Eu a encarei, sem pestanejar.

— A caixinha de música que dei a Octavia, os caminhõezinhos que dei ao Fane, o barco de controle remoto e livros que dei a Dag e Gunnar...

Todos meus. Uma imagem de todos os presentes embalados, juntando poeira no sótão e à espera de uma criança que nunca os abriria inundou minha mente, mas eu a afastei.

E daí? Tive todos os brinquedos que eu queria enquanto crescia. Nunca fiquei sem o que o dinheiro poderia comprar. E nunca senti falta disso.

— Foi minha culpa. — Deu um passo na minha direção. — Tudo aquilo... tudo pelo que você passou, não foi culpa sua. Nem deles. — Balançou a cabeça. — Eles não eram boas pessoas. Não dava para esperar que fizessem coisas boas, mas *eu* já fui uma pessoa boa um dia, e por mais que nunca tivesse imaginado o tanto que era ruim para você, eu sabia que não era um ambiente saudável.

Cerrei os punhos ainda com os braços cruzados.

Cabisbaixa mais uma vez, vi algo brilhante pingando de seu

rosto.

— Eu queria morrer. — Sua voz estava embargada pelas lágrimas. — Eu merecia morrer. E tentei de todas as formas conseguir concretizar isso.

Meu corpo enrijeceu na mesma hora.

— Meu Deus, eu queria que tudo aquilo acabasse — sussurrou, os ombros tremendo por conta dos soluços. — Eu não sabia o tanto que o mundo podia ser um lugar ruim até conhecer o seu pai.

Ela se tornou um pouco desfocada na minha visão, porque esse era um bom jeito de se referir a ele. Com meu pai, tudo era sombrio e infernal.

— Eu era apenas uma garota. — Aproximou-se mais. — Não sabia nem mesmo andar de bicicleta, até fazer dezoito anos. Schraeder que me ensinou. Eu era superprotegida.

Mais lágrimas deslizaram pelo seu rosto, e comecei a pensar na garota adolescente que ela descrevia, muito mais nova que Rika quando a aterrorizei.

Banks, Winter, Em, Rika... Eu não tinha dúvidas de que elas sobreviveriam ao que Christiane passou, mas... elas saíam feridas. Por dentro e por fora.

Raiva borbulhou dentro de mim só de pensar nisso.

— Rika ficava sozinha por tanto tempo — murmurou. — Calada, dócil, sempre com o nariz pressionado ao vidro para tentar ver o mundo ao qual ela esperava com tanto fervor ser convidada a fazer parte. Ela não tinha voz, porque nunca tive uma a passar para ela.

Eu me lembrava disso.

— Então os anos começaram a se dissipar — continuou —, e cada momento de lucidez era como um punhal no meu cérebro. Eu não conseguia suportar. Não podia me lembrar de você. Eu era tão fraca.

Eu sabia como era aquilo. E tinha as cicatrizes para provar isso. Ela tinha seus comprimidos. Eu possuía minhas lâminas de barbear.

Mas aquilo não era uma fraqueza para mim. Era um mecanismo de defesa. Eu tinha que fazer alguma coisa.

— No entanto, ela acabou encontrando um caminho, não é? — perguntou, sem esperar por uma resposta. — Michael, Kai Mori, Will Grayson... você. Eu deveria ter imaginado que a vida daria um jeito de cuidar dela quando fracassei em fazer isso. Deveria ter imaginado que vocês encontrariam um ao outro. — Um sorriso suave curvou seus lábios. — Agora ela fala como se tivesse dez mil soldados em sua retaguarda. Você fez isso. Não eu.

Rika aprendeu tudo sobre o que não queria se tornar, ao ver, em primeira mão, todos os dias, como uma vida desperdiçada poderia ser, assim como Banks e eu na minha casa.

— E você é feliz — comentou. — Winter fez isso. Não eu.

Christiane havia, finalmente, entendido o que ela deveria ter ensinado aos seus filhos – ao invés de eles a terem ensinado: você é cem por cento responsável pela sua própria felicidade.

— Sou grata pelas lições que ela aprendeu não terem vindo com um alto preço — disse ela, aproximando-se de mim. — E sempre me arrependerei pelas suas terem sido tão duras. — Seu queixo agora estava trêmulo. — Eu sinto muito. Meu Deus, eu gostaria de poder voltar no tempo e fazer tudo diferente. Eu faria tudo diferente, mesmo que ele me matasse por isso.

Engoli o nó que obstruía a garganta, sentindo a cabeça doer à medida que eu tentava conter as lágrimas.

Ele a teria matado, com certeza. Talvez ela devesse ter lutado mais... ao menos tentado. Talvez devesse ter se preparado para se aproximar de mim quando cresci o suficiente, ou ter buscado ajuda com pessoas temidas pelo meu pai, porém era bem capaz que as coisas dessem errado, e ao invés de Rika e eu termos uma mãe doente, acabaríamos ficando sem nenhuma.

Muito tempo já havia sido desperdiçado.

— Sempre me arrependerei disso, mas preciso que você saiba que te amo — ela disse. — Sempre amei, e há mais um presente embaixo daquela árvore de Natal que seus filhos lindos não podem ter, porque sempre foi seu. Você pode abrir depois que eu for embora, ou não... mas preciso entregar a você.

Ela começou a se afastar, se esgueirando como sempre, porque não queria prolongar sua estadia, no entanto, por mais que estivesse curioso para saber o que ela havia comprado para mim – quando eu era criança –, deixando-o embaixo daquela árvore, eu não queria que ela fosse embora ainda.

— Christiane — murmurei.

Ela parou e eu a encarei ali parada perto de mim, sem saber se teria coragem o suficiente. Eu não confiava em parente algum, e estava velho demais para começar a fazer isso.

Porém não queria continuar magoando-a.

Talvez eu pudesse agir como o seu filho, em algum momento. Ou talvez não.

Mas podíamos tentar um meio-termo.

— Como assim você não sabe dançar? — perguntei.

Ela piscou diversas vezes, confusa. Ela e Matthew pareciam dois colegas dançando em seu primeiro baile de primavera juntos. Achei que ela tivesse mais traquejo social.

Inquieta e insegura, ela respondeu:

— Acho que não sei muitas coisas.

O ruído abafado da música ecoava pelas paredes, mas o ritmo

era

distinguível ainda assim, então me virei para ela.

Com a mão estendida, fiquei ali à espera enquanto ela me encarava, parecendo um pouco chocada, até que, por fim, ela a aceitou. Eu a puxei contra mim, a mão fria encaixando perfeitamente à minha, enlaçando sua cintura com o outro braço. Meu coração palpitou de leve, ao sentir minha mãe entre meus braços pela primeira vez na vida.

Ela olhou para cima, as rugas suaves ao redor de seus olhos deixando sua idade aparente, porém o brilho a fazendo parecer uma criança.

— Acompanhe os meus passos — instruí.

Dando início, nos movemos ao redor da sala vazia, a música quase inaudível enquanto rodopiávamos ao ritmo. Olhei para ela, um nó se alojando na minha garganta, doloroso, no entanto, eu não conseguia desviar o olhar.

Eu não precisava dela. Formei uma família linda, composta não somente pela minha esposa e filhos, mas também pelos amigos. Eu possuía tudo.

E, ainda assim, ao segurá-la entre meus braços, percebi que faltava alguma coisa. Percebi o tanto que queria trazê-la mais para perto, para ter um colo ao qual me agarrar.

Algumas vezes eu ficava tão cansado. Eu podia pedir ajuda, receber o apoio dos caras ou desabafar com as mulheres, mas eu não faria isso. Nunca.

Eu queria ser forte por eles. Nunca mais queria que Banks me visse apavorado outra vez, ou que Rika me visse perder as estribeiras e incapaz de lidar com as minhas coisas.

Não queria que meus filhos me vissem como menos do que um homem.

Eu não sabia o porquê, mas com Christiane, não me importava em não ser o mais forte do lugar. Mesmo nos meus trinta e tanto anos, eu tinha que admitir que ainda desejava o carinho de uma mãe.

Uma mãe deveria estar ali por nós, para os momentos em que nos sentíssemos mais vulneráveis.

Puxando-a para mais perto, a guiei pela sala, ouvindo o som de seu riso quando giramos, seus pés mal tocando o chão à medida que eu acelerava os passos.

Era tão estranho ser um pai. Por muitos anos, eu não conseguia me ver em seu lugar, e apesar de saber que eu faria inúmeras coisas diferentes se fosse ela, eu podia, pelo menos, compreender o tanto que deve ter sido difícil estar desesperado pelo seu filho e ter que ver outra mulher o criando.

Entre Christiane, Natalya e Gabriel, todo mundo fez tudo

errado.

Mas eu ainda estava aqui.

Banks ainda estava aqui, assim como Rika. Apesar de tudo, nós sobrevivemos aos nossos pais.

Nenhuma vez vi Banks ou Rika culpando seus progenitores por qualquer coisa. Enquanto eu não fiz nada mais do que culpar Christiane pela última década.

O quão facilmente meus próprios filhos poderiam fazer exatamente o mesmo? Mesmo amando esses meninos como um louco, ainda assim, eles podiam me odiar.

Desacelerei meus passos, sentindo um peso absurdo sobre meus ombros, e um súbito cansaço me abater.

E pavor. Ela queria ter sido mais, porém fracassou. Como eu poderia saber que também não fracassaria? Como podia ficar aqui e julgá-la, agindo com tamanha arrogância? Ninguém sabia o que o futuro podia nos reservar.

Christiane olhou para mim, o sorriso desvanecendo quando paramos, mas eu não disse nada.

Devagar, me afastei e a deixei ali, voltando para o salão de festas, procurando por Winter na mesma hora.

Agora ouvindo a música nitidamente, avistei minha esposa conversando com Michael e Emmy, e fui direto até ela.

Segurando sua mão, vi seus lábios curvando em um sorriso assim que me reconheceu ao simples toque, e segurei suas mãos entre as minhas.

— Onde está Octavia? — perguntou ela.

— Está caçando tesouros com Mads — murmurei, puxando-a para me acompanhar sem dizer uma palavra sequer ou lançar um olhar aos outros dois. — Venha comigo.

Sem hesitar, ela se agarrou a mim enquanto a guiei pelo vestíbulo, passando abaixo do candelabro à luz de velas, em direção às portas das catacumbas.

Abri o trinco, apressando-a para que entrasse, e fechei na mesma hora, segurando-a no meu colo e descendo as escadas rapidamente.

— O que aconteceu? — perguntou, enlaçando meu pescoço.

— Preciso te abraçar.

— Você está me abraçando.

— Você sabe o que quis dizer — eu disse, beijando seus lábios.

Ela não perguntou mais nada, apenas me deixando carregá-la em direção à banheira e colocando-a no chão em seguida. As velas estavam acesas nas catacumbas, a *jacuzzi* já cheia e com o vapor subindo pela superfície da água.

Abaixando-me um pouco, girei a maçaneta e as duchas no teto

acionaram, despejando água dentro da pequena piscina, em um círculo com cerca de vinte diferentes tipos de fluxos, quase como se fosse um chafariz.

Livre-me do paletó e da camisa, largando tudo no chão, retirando o restante da roupa em seguida, e só então fiz o mesmo com Winter. Desatei o nó de seu corpete e abaixei o vestido, arrancando sua roupa íntima e deixando apenas os laços em seu cabelo.

Calor se infiltrou pela minha pele somente em vê-la daquela forma, e a puxei em meus braços, erguendo-a no colo.

— Vem cá — arfei acima de seus lábios.

Ela enlaçou minha cintura com as pernas, enquanto eu entrava na imensa banheira, sentindo os arrepios se espalhando por todo o meu corpo diante da água quente.

Eu me sentei, com ela encaixada em meu colo, as duchas caindo sobre nós; abracei-a com força e enfiei a cabeça por entre os fios de seu cabelo.

Winter retesou o corpo, e eu a abracei mais apertado ainda, tentando recobrar o controle. Eu odiava me sentir em dúvidas, e na maior parte do tempo, eu me ocupava bastante para não ter que me preocupar com as crianças, mas não sabia o que estava fazendo mais do que qualquer outra pessoa. Eu podia julgar e criticar as pessoas que me criaram o tanto que quisesse, mas seria eu quem seria julgado logo mais.

— Damon... — ela sussurrou, sabendo que havia alguma coisa errada.

— Não sou um bom pai — suspirei, agarrado a ela. — Ivarsen é indisciplinado, e vai acabar sendo desmotivado na vida. Fane é neurótico. Tudo tem que ser perfeito. Gunnar vai explodir nossa casa qualquer dia desses com suas invenções. Dag se recusa a comer legumes e vegetais desde bebê, e Octavia vai acabar num hospício do caralho quando descobrir que os piratas da vida real são, na verdade, terroristas com lançadores de granadas. — Engoli em seco, odiando o fato de que mesmo depois de milhares de anos, ainda não havia um método comprovado para criar os filhos. — Não sei o que fazer. Como diabos vou saber o que um bom pai faz ou deixa de fazer?

Eu era tão ignorante quanto Christiane quando ela me deu à luz. Kai estava certo. Eles têm uma melhor chance na vida quando recebem orientação. Eu estava fazendo tudo errado.

Winter finalmente me envolveu com seus braços, e pressionou os lábios à minha têmpora; os seios agora completamente colados ao meu corpo.

— Um bom pai possui filhos felizes — sussurrou no meu ouvido. — E nossos filhos são felizes.

Ela beijou minha bochecha e, em seguida, a minha boca, lenta e

suavemente. Fechei os olhos, me deleitando com o som da água e com a sensação de tê-la em meus braços.

— Eles são felizes — repetiu. — E te amam demais.

Senti um frio na barriga, e acabei sorrindo de leve, incapaz de reprimi-lo.

Eles me amam mesmo, não é?

— E eu sou muito feliz — acrescentou.

Eu me afastei um pouco para trás, olhando para ela enquanto meus pensamentos voltavam a entrar em foco. Não acontecia muito, mas era difícil não me comparar com os outros. Os filhos de Kai eram supereducados e sossegados. Athos era esperta, ambiciosa e determinada. Os filhos de Will nunca o desafiavam em nada. Eles obedeciam na mesma hora.

Já os meus filhos...

Porém interrompi o pensamento quando me lembrei de Ivar ajudando sua mãe a fazer panquecas hoje de manhã.

Meus filhos podiam ser bem gentis, na verdade, não é?

Gunnar era ótimo em não derramar as coisas para que sua mãe não escorregasse. Fane a ajudava a encontrar livros na livraria, para Dag e Octavia, descrevendo as figuras e a história, de forma que ela soubesse o que comprar.

Eles eram muito bonzinhos. Inspirei e exalei um suspiro, deixando as preocupações de lado. Estávamos fazendo um bom trabalho.

— Melhorou? — sussurrou ela, beijando minha mandíbula e acariciando meu pescoço.

Fechei os olhos e assenti.

— Não pare.

Ela se esfregou contra mim, e senti meu pau ganhando vida. Espalmei seu seio, mas um grito estridente ecoou pelo teto acima, e ambos estacamos, erguendo a cabeça na mesma hora.

— Isso foi um grito? — perguntou ela.

Rosnei baixinho. O que foi agora?

Will

Beijei os lábios rubros e quentes enquanto acariciava suas bochechas frias. Afastando-me um pouco, encarei-a por trás da intrincada máscara metalizada que cobria sua testa, os olhos focados em mim através das fendas.

Inclinando-se para mim, seu hálito soprou em minha boca, e a mão sorrateira deslizou até a calça, me agarrando por cima do tecido.

— Você acha que a sua esposa desconfia de alguma coisa? — zombou.

Ofeguei quando ela me agarrou em seu punho, não dando a mínima para qualquer coisa agora mesmo, a não ser em deixá-la pelada e com apenas a máscara cobrindo seu rosto.

Dei um sorriso, mordendo seu lábio inferior.

— Quem liga? — caçoei. — Nada vai me afastar de você.

Emmy sorriu, tomando minha boca com vontade, e afastou a mão do meu pau para que pudesse enlaçar meu pescoço.

— Eu te amo tanto — minha esposa disse. — Você sabe disso, né?

Assenti.

— Mas você ainda pode se esforçar para provar isso.

— É o que vou fazer. — Ela me beijou de novo. — Mas vamos acabar nossa dança primeiro.

Nós giramos, a música mal sendo ouvida na varanda do segundo andar, onde dançávamos. O frio e a neve se infiltravam em nossos ossos, porém seu sorriso era tão largo que eu não queria interromper o que ela tanto queria.

Com a cabeça recostada ao meu peito, ela me abraçou com força.

Eu amava quando ela fazia isso. Passei tempo demais pensando que ela não precisava de mim, e agora eu sabia que precisava, sim.

Ela não me abraçava simplesmente. Ela se agarrava a mim.

Encaramos a floresta adiante, a maioria das árvores desfolhadas, e o candeeiro do Campanário visível por entre os galhos.

— Onde fica o túmulo dela? — Emmy perguntou.

Eu não precisava perguntar a quem ela se referia, a chama eterna em homenagem a Reverie Cross tremulando na torre ao longe.

Era estranho que ela tenha levado tanto tempo para perguntar aquilo, mas nem um pouco estranho que ninguém nunca o tenha feito antes.

Quando não a respondi, ela perguntou:

— O seu avô a amava?

Meus braços enrijeceram ao seu redor.

— Nunca perguntei a ele.

Era um tópico que sempre tive curiosidade em saber, mas nunca tive a coragem de perguntar. Talvez eu acabasse ficando decepcionado se as respostas fossem mais enfadonhas do que a minha imaginação.

Talvez tivesse medo de que as respostas mudariam o meu amor por ele.

— Será que ele a matou? — Emmy sussurrou.

— *Não vou* perguntar isso a ele.

Tipo, nunca.

— Ele pode ser a única pessoa que sabe o que aconteceu naquela noite — ela insistiu.

Eu sei. E ele não viveria por muito mais tempo para contar a história.

— Então ninguém sabe onde o túmulo dela fica? — perguntou outra vez.

— Muito longe do de Edward — comentei. — Isso é tudo o que sei.

Eu a aninhei contra o meu corpo, querendo usufruir do maior tempo possível antes que as crianças voltassem para casa, e conversar sobre Reverie Cross não era o que tinha em mente.

— Então... você me ama? — brinquei.

— Tenho quase certeza de que disse isso cerca de trinta e nove segundos atrás.

Bufei uma risada. Porém eu queria ouvir com mais frequência. E ela sabia disso.

Ela riu, pressionando a boca à minha.

— Eu te amo.

Pairei os lábios acima dos dela, sentindo minha bunda congelar, mas a doce e quente promessa de seu corpo contra o meu me deixando de pau duro e já a postos.

— Quero ir a algum lugar — murmurei.

Catacumbas, despensa, quarto de hóspedes... qualquer lugar.

— Quero dançar um pouco mais — ela choramingou.

Arqueei uma sobrancelha e brinquei:

— O que acha de você dançar *para* mim?

Isso seria ótimo.

Um sorrisinho malicioso curvou seus lábios, e, em seguida ela mordeu o inferior.

— Vamos ver quem chega primeiro.

E antes que eu pudesse responder, ela saiu em disparada, erguendo a barra do vestido.

Comecei a rir, observando-a voltar correndo para casa em seus

saltos altos antes de sair em seu encalço.

Disparando pela sala de visitas, ela deu um gritinho quando quase a alcancei e ambos corremos pelo corredor em direção aos quartos de hóspedes.

No entanto, ela estacou em seus passos, de supetão, e gritou na mesma hora, a postura agora retesada.

— Will! — gritou.

Meu sorriso desapareceu, e parei ao seu lado, amparando-a.

— O qu...?

Mas então olhei para baixo e vi uma poça de sangue no piso de madeira, um corpo estendido no chão do corredor.

Perdi o fôlego e a puxei mais para trás.

— Mas que porra é essa?

— Ai, meu Deus. — Cobriu a boca com a mão.

— O que está acontecendo? — Kai gritou lá de baixo, e olhei por cima do corrimão, avistando-o parado no vestibulo.

— Rápido! — Acenei para que subisse as escadas.

Ajoelhando ao lado do corpo, tentei ver o rosto do cara no escuro, mas ele estava de bruços, e apenas o lado esquerdo era visível.

Quem...? Que porra havia acontecido ali?

— Amor, acenda as luzes — instruí Emmy.

Pressionei os dedos no pescoço, em busca de uma pulsação, mas não encontrei nenhuma. O corredor finalmente foi inundado pela luz, à medida que o som das pegadas pelos degraus indicava que todos estavam vindo até nós.

— Mas que porra é essa? — Kai murmurou, parando ao lado do corpo. — Quem é este?

E como vou saber?

— Ele está morto? — Ouvi Michael perguntar.

Não faço ideia. Olhei para o cara loiro e jovem, usando roupas casuais, o sangue escorrendo de sua cabeça. Não o reconheci de lugar nenhum, e ele não estava vestido para a festa.

— Quem é este? — Rika também perguntou.

Balancei a cabeça, sem saber.

Alguém passou correndo por nós enquanto eu vasculhava os bolsos do homem, atrás de algum documento de identidade, mas quando minha mão alcançou por dentro de seu casaco, pude sentir.

Hesitei na mesma hora, sentindo o pulso latejar na minha veia do pescoço.

Merda.

Eu o virei, colocando a mão por baixo de seu braço, e peguei a pistola de seu coldre. Com a arma na palma da mão, chegamos todos à mesma conclusão, simultaneamente. As únicas pessoas que possuíam armas ali eram Lev e David, e esta aqui não era de nenhum dos dois.

— As crianças sumiram! — uma mulher gritou.

O quê? Levantei na hora quando todo mundo se virou e deparou com o olhar arregalado da Sra. Cuthbert.

— Que crianças? — esbravejei. — Elas estão no cinema. — Gesticulei com o queixo para Emmy, jogando meu celular para ela. — Ligue para a Srta. Englestat. — Era ela quem estava com nossos filhos lá. — Diga a ela para contar um por um.

Ela assentiu, as mãos tremendo enquanto fazia a ligação.

— Mads e Octavia — Damon murmurou, o olhar preocupado encontrando o meu. — Eles ficaram aqui.

Mads e Octavia... Desviei o olhar para a babá.

— Eles não estão em seus quartos — ela disse, aos prantos.

Minha expressão se transformou na mesma hora, quando percebi a que crianças ela havia se referido.

Todo mundo saiu correndo.

— Tavi! — Banks disparou pelo corredor até os quartos que eles costumavam dormir quando estavam aqui.

— Madden! — Kai seguiu para o outro lado, que dava para a galeria onde seu filho adorava se esconder.

— Madden! — Mais vozes se juntaram à busca insana.

Minha boca secou. Eu me abaixei outra vez, procurando pelo pulso do cara, sem encontrar nada. Com os dedos abaixo de seu nariz, esperei para ver se aqueciam com sua respiração.

Nada.

Mais passos subiram as escadas, e eu me levantei de novo, tentando encaixar as peças na cabeça.

— Ele está morto — anunciei.

— Não fomos nós. — Ouvi Lev dizer, e deparei com ele e David no alto da escada, sem fôlego. — Não fizemos nada.

— Isso é óbvio! — Banks grunhiu.

— As portas estavam sendo abertas a cada dez segundos por conta dos convidados, Banks! — Lev berrou. — Qualquer um poderia ter entrado. Eu avisei que vocês precisavam de mais seguranças aqui.

— Mas vocês todos não quiseram ‘guardas armados e detector de metais na porta da frente’ — David acrescentou, imitando Michael.

Michael agarrou seu colarinho e o empurrou para longe.

— Façam uma busca pela casa. Agora!

Damon, Banks e Michael correram por todos os quartos, procurando as crianças mais uma vez.

— Mads! — gritaram. — Octavia!

Enfie a arma no cós da parte de trás da calça e gesticulei para Kai.

— Segure os pés dele.

— Precisamos da polícia aqui — Emmy argumentou. — Não mexa nele.

— Não chamaremos ninguém até encontrarmos os meninos — Kai disse, entredentes.

Não tínhamos certeza de como aquilo havia acontecido. E precisávamos descobrir antes que os tiras fossem envolvidos na história.

— Octavia! — Damon berrou, e eu podia jurar que era capaz de ouvir seu ritmo respiratório acelerado daqui.

— Esperem, as câmeras de segurança... — Rika salientou.

Dando a volta, ela correu até seu escritório, o computador já ligado para acessar as câmeras de circuito interno das ruas e da casa. Ela tinha como visualizar quase todas as partes da cidade.

Kai e eu largamos o corpo no quarto dela e de Michael, fechando a porta e, em seguida, arrastamos um tapete para cobrir a poça de sangue no corredor; depois corremos atrás de todo mundo, entrando de supetão no escritório.

— Rebobine. — Ouvi Michael dizer a ela.

Acionando botões e girando uma chave, ela rebobinou a filmagem, voltando aos eventos da noite. Não havia inúmeras câmeras dentro da casa, mas elas cobriam quase todo o perímetro do lado de fora e do terreno. Acho que isso mudaria a partir dessa noite. Era bem capaz que Michael chamaria a empresa pela manhã, aumentando a segurança no lugar.

Ela parou, vendo Mads e Octavia saindo pela porta lateral da cozinha, correndo desesperados como se estivessem tentando escapar, mas...

Um carro estava à espera. Meu coração quase saltou pela garganta. Dois homens pularam do veículo, e antes que as crianças se dessem conta, foram jogadas dentro do carro que saiu em disparada.

— Não... — Damon arfou.

— O que houve? — Winter perguntou aos prantos.

Ele apenas a abraçou com mais força.

— Espera, quem é aquele? — Kai apontou para o loiro no banco do passageiro. — Dê um *zoom* aí!

Rika rebobinou mais uma vez, captando o momento em que ele desceu do carro para ajudar a sequestrar as crianças, então pausou o vídeo, ampliando a imagem.

Banks choramingou na mesma hora.

— Ilia Oblonsky.

Kai enrijeceu a postura, respirando com dificuldade. Ilia trabalhou para Gabriel Torrance anos atrás. Banks fez com que ele fosse extraditado do país quando ela herdou a fortuna do pai.

— E quem é aquele? — Michael entrecerrou o olhar para o

outro que havia descido do SUV.

— Não faço ideia — Rika respondeu.

No entanto, encarei o cara de cabelo castanho que eu reconheceria de qualquer lugar.

Meu Deus.

— Taylor Dinescu — sussurrei.

Todos se viraram para mim, o meu período em Blackchurch voltando para me assombrar.

— Puta que pariu — Damon murmurou. — Como eles se conheceram?

Eu não fazia ideia. Talvez existisse um grupo de Facebook só com nossos *haters*. Um frio se instalou na minha barriga, porque eu sabia. Sabia anos atrás. Ele era uma ponta solta, e ignorei isso quando não devia ter feito.

Porém Banks se virou, de repente.

— Kai?

Segui a direção de seu olhar e avistei Kai se retirando da sala com ódio no olhar.

— É a minha vez — ele disse. — Deixei você lidar com ele da última vez. Agora é a minha vez.

Antes que pudesse descobrir o que ele queria dizer com aquilo, Kai se mandou dali e em questão de segundos todos corremos em seu encalço.

A festa ainda estava rolando lá embaixo, mas ao invés de acabarmos com tudo, apresentando alguma desculpa esfarrapada aos nossos convidados, decidimos não perder mais tempo.

— Me dá seu telefone — Rika disse a Banks.

Sem questionar, ela o entregou enquanto descíamos as escadas às pressas. Lágrimas escorriam pelas bochechas de Banks, mas ela não fez qualquer outro som.

— Vou te logar nas câmeras das ruas — Rika disse, dedilhando algo em seu celular. — Eles viraram à direita logo que saíram pelo portão, cerca de noventa segundos atrás; provavelmente estão se dirigindo para a cidade, mas fique de olho neles só para termos certeza. Vamos segui-los.

Banks assentiu e Rika entregou o telefone de volta, então todos nós saímos pela porta, pegando as chaves dos carros pelo caminho.

No entanto, avistei algo e parei na mesma hora.

Todos eles me contornaram, esvaziando o vestíbulo, mas continuei encarando o relógio antigo na parede, o pêndulo congelado e o ponteiro que marcava o horário estagnado às dez e nove.

Erguendo o pulso, conferi meu relógio e percebi que, na verdade, já era uma e vinte e três.

Olhei para o relógio outra vez.

— O que foi? — Emmy voltou correndo até onde eu estava.

— O relógio parou. — Eu mal conseguia respirar. — Às dez e nove. No exato horário em que Reverie Cross morreu.

Quero dizer, eu não acreditava nessa merda de verdade, mas também sabia que Madden foi o único que se recusou a acender uma vela na EverNight. Isso era meio estranho.

Ela me puxou para seguir adiante, ambos correndo pelas portas dos fundos até um dos SUVs, com Kai e Banks sentados à frente. Michael e Damon entraram no outro carro com Winter e Rika, e Kai enfiou a chave na ignição, parando de repente.

Ele bateu o dedo no relógio digital, e meu olhar se focou no horário registrado no carro: 10:09h.

— Mas que merda é essa? — Kai grunhiu.

No entanto, ele não esqueceu nossas reais preocupações.

— Eles estão a que distância de nós? — perguntou à sua esposa.

— Estão chegando no vilarejo agora — ela disse, olhando para a tela do celular. — Rápido!

Afivelamos nossos cintos, e lancei um olhar preocupado a Emmy ao meu lado.

— Não é EverNight hoje — ela sussurrou.

— Não tem que ser.

Reverie Cross teve o ano inteiro para atacar, e embora soubesse que a chama acesa no dia seguinte significava que estávamos a salvo, eu também nunca me atentei em pensar o que acontecia com aqueles que não acendiam a vela de jeito nenhum.

— Vamos embora! — gritei.

Kai disparou, pisando no acelerador, e saímos a toda pela entrada dos carros; os faróis de Michael na nossa cola.

Ele pegou a estrada, os pneus derrapando por conta do asfalto coberto de neve. Controlando o veículo, acelerou pelas ruas, passando as outras casas iluminadas pelas fogueiras, lâmpioes e luzes de Natal.

— Consegui falar com a Engelstat? — Virei-me para Emmy, lembrando do que havia pedido para ela fazer.

— Sim, as crianças estão bem. — Ela assentiu. — Banks enviou outra equipe de segurança para o cinema. Eles ficarão lá até chegarmos.

Acenei com a cabeça. *Que bom.*

No mínimo, lá eles estariam muito mais seguros.

— Onde eles estão agora? — perguntei a Banks.

Ela hesitou, observando a tela e mudando os ângulos de visão.

— Estão indo em direção à estrada Old Pointe — respondeu, por fim, e então olhou para Kai. — Eles não iriam ao resort, não é? Meridian, talvez?

Ele balançou a cabeça, olhando de um lado ao outro enquanto

percorria o trajeto a quase cento e sessenta quilômetros por hora.

— Só mantenha o olho neles.

Encarei o lado de fora pela janela, cerrando a mandíbula com tanta força que chegou a estalar. *Taylor Dinescu*. Não fomos atrás de outra

Blackchurch para ele depois da última vez em que o vimos, naquela noite no *Cove*. Nós jogamos toda a responsabilidade nele e em sua família, enviando-o para a prisão porque ele merecia exatamente isso. Não somente pelas coisas que ele fez e que o levaram à Blackchurch, mas também por razões pessoais minhas com ele.

Ele feriu Emmy. Um bocado. E o filho da puta se divertiu em fazer isso.

E quando ele, finalmente, deu um jeito de sair da cadeia seis anos atrás, contratei uma pessoa para ficar de olho nele por um tempo – para me assegurar de que ele não teria nenhuma ideia –, mas eu sabia que ele não merecia uma segunda chance. Nós devíamos tê-lo enviado para longe.

Ou acabado com ele de vez. Era ele que tinha dinheiro. Não o Ilia. Se eu tivesse cuidado disso, não estaríamos passando por isso agora.

— Isto podia estar acontecendo com nossos filhos — murmurei, com lágrimas inundando meus olhos.

— São nossos meninos — Em replicou.

Olhei para ela, que apenas segurou minha mão com força. Eu não conseguia imaginar o que Damon estava sentindo nesse exato momento.

Eu nunca teria como dimensionar algo assim, até que acontecesse com um filho meu.

— O que aconteceu lá? — Banks perguntou a Kai. — Algo deu errado, se eles tiveram que matar alguém. Como não ouvimos ou vimos nada?

— Nós vamos encontrá-los — Kai afirmou. — Mads é esperto.

— Ele teria lutado contra eles — Banks disse, chorando. — Eles teriam que machucá-lo para que o enfiassem naquele carro. Você viu nas câmeras se eles bateram nele?

Ele balançou a cabeça, mas não disse mais nada.

Senti os olhos ardendo ao ver Banks tão assustada pela primeira vez na vida. Virei a cabeça, então, para janela. Isso acabaria com a gente. Se algo acontecesse com aquelas crianças...

Nós tínhamos minutos. Minutos antes que eles sumissem para sempre.

— Olhe para mim — Kai disse a ela, tentando manter o olhar focado na estrada. — Hoje não.

Banks assentiu, mas ainda parecia estar prestes a pirar.

Ouvi um cinto sendo desafivelado, e Emmy, de repente, se sentou no meu colo, me forçando a olhar para ela.

Fechei os olhos, no entanto, porque sabia que eu trouxe essa porra até nós. E se algo de pior acontecesse aos nossos filhos algum dia? Em que tipo de vida eu a meti?

— Olhe para mim. — Ela me sacudiu.

Abri os olhos na mesma hora.

— Não podemos ser diferentes dos que somos — disse ela. — Isto não é culpa sua.

Eu a encarei, todas as dúvidas e preocupações que normalmente conseguia esconder tão bem dela, agora expostas, porque ela sabia o que eu estava pensando. Ela me conhecia muito bem.

Eu não queria ser outra pessoa. Mas também não queria que as crianças sofressem as consequências por conta de nossas escolhas.

Enlacei seu corpo e olhei bem dentro de seus olhos.

— Eu te amo — sussurrei. — Obrigado por me dar nossos filhos.

Se eu não tivesse a chance de dizer isso outra vez.

Seu sorriso despontou no canto da boca.

— Idem.

Eu me agarrei a ela, seu cheiro e olhos me fazendo recordar de nossos filhos e de tudo o que eu mais amava sempre que acordava pela manhã.

Tínhamos o direito de estar aqui, e não fomos nós que pedimos por isso.

Agarrei um punhado de seu vestido, na fenda que mostrava suas pernas, e rasguei até o alto da coxa, dando a ela um pouco mais de liberdade para se mover.

— Vamos pegar esses filhos da puta.

Ela me beijou enquanto Kai acelerava pela vila, mas ele pisou no freio na mesma hora.

— Mas que porra...? — ele esbravejou.

Afastei-me de Em, olhando pelo para-brisa frontal e avistando as ruas lotadas, apesar da neve que caía com vontade. Olhei mais além para o prédio do cinema, reparando nos dois homens por trás das portas, protegendo as crianças.

Suspirei fundo, observando as fantasias e máscaras, além das fogueiras flamejando por todo o vilarejo; a música tocando e as pessoas sorrindo, felizes.

Papai Noel estava sentado no gazebo, uma fila de crianças esperando para conhecê-lo.

— A caçada ao tesouro — comentei com Kai. Era por isso que todo mundo estava na rua. Não havíamos planejado que isso

favoreceria o sequestro por parte de Taylor e Ilia. Estava rolando um monte de atividades por ali.

Olhei para o para-brisa traseiro e não vi os outros. Michael deve ter pegado outro caminho, ciente de como o vilarejo estaria.

— Passe na frente da catedral — Emmy disse a ele. — Pegue a pista para Old Pointe.

Ele buzinou e deu luz alta para que as pessoas saíssem da porra do caminho. Lentamente, as ruas cobertas pela neve ficaram livres.

— Kai, anda! — Banks gritou.

Ele deu uma guinada, passou pelo gazebo, pelo *Sticks* e pela taverna *White Crow*, virando o volante de uma vez e derrapando em outra esquina.

Banks gemeu, segurando a alça de segurança acima da janela, e era nítido que ela estava pirando. A cada minuto que aquelas crianças não estavam em nossos braços, maior a chance de nunca mais os encontrarmos.

Eu não fazia a menor ideia do que Taylor e Ilia estavam planejando, mas se eles quisessem tê-los matado, teriam feito isso na casa. Porém, de jeito nenhum eles deviam estar pensando em devolvê-los. Seria suicídio.

Milhares de coisas muito piores passaram pela minha cabeça, e senti o estômago revirar, ciente do que acontecia com as crianças por todo o mundo. O horror que os estaria aguardando se os perdêssemos esta noite.

Esfreguei os olhos, suor escorrendo da minha testa.

Os faróis faziam um buraco na escuridão à frente, os flocos de neve flutuando até o chão. Senti a arma no cós da calça, tentado em usá-la.

Meu Deus, eu estava tentado em levar nossa família por esse caminho sem volta esta noite.

— Pare! — Banks gritou. Ela apontou para algo adiante, e todos desviamos o olhar, deparando com as luzes de freio numa vala ao lado da estrada. Meu coração martelou no peito quando Kai parou atrás do SUV, todo mundo consciente, mesmo sem ter que dizer nada, de que aquele era o mesmo carro usado no sequestro.

Que diabos havia acontecido? As crianças...

Pulamos para fora do carro, o frio açoitando nossos rostos enquanto corríamos para o utilitário preto batido.

Alívio e medo me inundaram ao mesmo tempo.

Taylor estava caído e com a cabeça apoiada no volante, sua janela parcialmente abaixada; saltei pela ravina, agarrando a maçaneta da porta.

— Seu filho da puta! — berrei, tentando agarrá-lo pela janela. Ele se sacudiu, o rosto ensanguentado, mas o maldito carro estava

preso entre duas árvores, e eu não conseguia abrir a porta.

— Octavia! — Emmy gritou.

Em seguida, foi a vez de Banks:

— Mads!

Corri para a porta traseira e abri o porta-malas, rastejando pelo banco de trás para alcançar o filho da puta.

— Eles não estão aqui! — Banks se desesperou, engatinhando atrás de mim.

Emmy quebrou a janela do lado do motorista ao mesmo tempo em que eu chegava em Taylor. Ele se moveu, puxando uma arma, mas na mesma hora, ela bateu em sua mão, lançando a pistola no chão, e enfiou a lateral da mão no pescoço dele, esmagando sua traqueia.

Ops. O Kai ensinou aquilo a ela? Parecia algo bem familiar.

Sangue empapava o cabelo de Taylor, e escorria pelo rosto. Agarrei sua mandíbula com força brutal.

— Onde eles estão? — esbravejei. — O que você fez?

Mas então, eu vi. Meu estômago deu um nó, e cheguei a estremecer, desviando o olhar por um momento. *Put a que pariu*. Mas que porra era aquela?

Seu globo ocular estava para fora da órbita, sangue escorrendo do outro olho. Como aquilo aconteceu?

— Aquele... aquele... — arfou, tentando encontrar as palavras.

— Aquele garoto é louco. Ele matou o Gibbons.

Hã?

— Quem? — exigei saber.

Quer saber de uma coisa, não estou nem aí.

— Onde eles estão? — Agarrei seu colarinho e o sacudi.

E onde estava Ilia?

Emmy saiu do caminho, deixando Kai entrar, o pai de Mads também agarrando Taylor, nós dois apertando seu crânio.

Encaixei o polegar entre seu nariz e o outro olho, pronto para afundá-lo na cavidade orbital.

— Diga agora, ou vou arrancar o outro!

Ele fechou a boca, e mal tive tempo de perceber o que ele ia fazer antes que cuspiasse na minha cara.

Kai rosou, agarrando-o, e enfiou o polegar em seus olhos, ameaçando cegá-lo por completo.

— Aaaaahhh! — ele gritou.

— Onde? — berrou Kai.

— Na Marina — ele respondeu. — Na Marina!

Desci do carro, segurando a mão de Emmy enquanto todos voltávamos correndo para o nosso SUV. Lev e David pararam adiante, descendo do carro, provavelmente tendo rastreado o celular de Banks.

— *The Pope* — Kai disse a eles, mas então foi até Taylor e

pegou uma máscara branca.

Aquela não era uma das nossas. Era muito parecida à que o fantasma da Ópera usava. Ele o reconheceu?

Ou...

Meu estômago deu um nó. *Eles estavam na festa.*

Jesus Cristo.

Kai jogou a máscara de volta no carro, então veio até nós, abrindo a porta com força.

— No décimo segundo andar — ele instruiu.

— Sim, senhor — David respondeu.

Boa ideia. Não entregaríamos Taylor a ninguém para que cuidassem dele dessa vez. Tínhamos um lugar para escondê-lo. Isso se ele sobrevivesse.

Eles correram para retirar Taylor do carro enquanto Banks pegava o celular.

— Estão no porto — ela disse a alguém, provavelmente a Damon. — Mate-o se tiver que fazer isso.

E, por favor, rápido.

Abri a porta traseira, deixando Emmy entrar primeiro.

— Foi um golpe bem bacana aquele, amor — elogiei, lembrando-me do seu pequeno truque para golpear a garganta do filho da puta. — Aprendeu no *John Wick*, né?

— *John Wick 2.*

Assenti, entrando no carro.

— Ah, é mesmo.

Michael

— Vou te manter informada — Rika disse à mãe, no telefone. — Não se preocupe. — Ela ouviu mais alguma coisa, acenou a cabeça e me deu uma olhada de relance. — Assim que soubermos de algo mais, sim.

Ela encerrou a ligação e me entregou o celular. Guardei o aparelho no bolso, observando Damon no assento do motorista e Winter retorcendo as mãos ali por perto.

Ouvi um bipe de notificação de mensagem, e em seguida Damon clicou na tela do seu celular.

— O que é? — Rika perguntou.

— Banks enviou uma mensagem — comentou. — As crianças estão no porto.

— Banks está com eles? — perguntei de pronto.

Ele acenou em negativa com a cabeça, pisando fundo no acelerador.

— Acho que não.

— Damon... — Winter suplicou, e eu podia ver seus joelhos tremendo.

Ele agarrou a mão da esposa.

— Eles não vão fazer nada.

— Talvez eles não tenham planejado fazer mal a eles, mas duvido que aquele corpo no segundo andar também fazia parte do plano — ela salientou. — Alguma coisa deu errado. E eles estão mais apavorados agora.

Rika se inclinou para frente e colocou a mão no braço de Winter.

— Se eles pretendessem fazer algo... — comecei, mas resolvi aliviar o que se passava na minha mente. — Eles teriam feito dentro de casa. Eles querem um pedido de resgate ou algo do tipo.

Winter parou por um momento, cabisbaixa.

— Ou pretendem vendê-los — murmurou. — Ou entregá-los a alguém.

Cacete. Fechei os olhos, grunhindo baixinho. Todos sabíamos quais eram os piores cenários, e nenhum deles terminava de um jeito bom para nós se não resgatássemos aquelas crianças nos próximos dez minutos.

Detestei o fato de ela ter expressado estes pensamentos, mas... acho que isso nos manteve alertas.

— Apenas acelere — Rika gritou. — Ultrapasse ele.

Damon levou o carro para a pista contrária, passando o veículo

da frente e então girou o volante com tudo, pisando firme no acelerador.

Peguei meu telefone outra vez e liguei para Athos.

Eu deveria ter ligado para ela na mesma hora. *Merda.*

— Ei... — Ela deu uma risada, e pude ouvir seus amigos conversando ao fundo. — Não estou bebendo. Pode ser que eu dê uns beijinhos. Também estou tocando o terror. Orgulhoso?

— Vá para o cinema — ordenei. — Agora. É urgente. Fique lá até que eu vá te buscar.

Houve um segundo de silêncio, e esperei que ela me questionasse, mas ela nem argumentou.

Ouvi quando ela engoliu em seco.

— Tudo bem — disse ela, baixinho. — Eu te envio uma mensagem quando chegar lá.

— Te amo — eu disse.

— Também te amo.

Desliguei a chamada, e dei uma olhada para Rika, que ouvia atentamente, vendo seus ombros relaxarem quando acenei com a cabeça.

Nós nunca reagíamos de forma dramática, e Athos sabia disso. Quando eu demonstrava preocupação, era por um motivo, e ela precisava fazer o que lhe era ordenado.

Rika esticou o braço e pegou um casaco da terceira fileira de assentos, vestindo em seguida; depois vasculhou abaixo do banco e pegou um punhal. Ela mantinha armas como aquela em todos os carros, e em diversos esconderijos em casa, de forma que pudesse acessá-los quando necessário.

No entanto, cobri sua mão com a minha, impedindo-a de continuar.

Ela encontrou meu olhar, e eu balancei a cabeça. *Não.* Não desta vez.

Ela entrecerrou os olhos, confusa.

— Você não pode estar falando sério — sussurrou. — Eu sempre te acompanho.

Meu coração chegou a doer, porque eu não gostava de fazer nada sem ela. Rika era a razão para estarmos onde estamos. Tudo começou com ela.

Meu olhar pousou em sua barriga abaulada, nosso filho começando a se mostrar a cada dia.

— Preciso que você fique com ele — eu disse.

A todo custo.

— Mas Octavia e Madden...

— Nós vamos pegá-los.

Era óbvio que ela era necessária. E sempre queríamos que

estivesse ao nosso lado.

Toquei seu rosto, erguendo seu queixo para que me encarasse, e o olhar em seus olhos me levou de volta àquela noite, quando ela tinha treze anos e gritou comigo por cima do capô do meu carro.

— Esperei tempo demais para ver nós dois em uma pessoinha — murmurei.

Amávamos Athos, e éramos sortudos por tê-la conosco, porque eu estava pouco me fodendo para a mãe que a deixou com a babá quando ela tinha sete anos, e nunca mais voltou, ou para o pai que ela nunca conheceu.

Ela foi feita para nós.

Mas eu estava louco de vontade pela chance de ser pai mais uma vez.

Damon derrapou no estacionamento do porto, despenhadeiros em ambos os lados e neve cobrindo o mar de branco. Rika finalmente assentiu, ciente de que aqui era o mais longe que ela iria.

— Vou ligar para a equipe de Busca e Salvamento. — Ela tomou o celular da minha mão. — E redirecionar a chamada para a polícia quando eles chegarem aqui.

Segurei seu rosto entre as mãos, beijando-a enquanto Damon e Winter desciam do carro; luzes de faróis nos iluminaram por trás.

Kai e Will estavam aqui.

— Tranque as portas — sussurrei contra sua boca.

— Vá. — Ela me beijou de novo, as bochechas úmidas com as lágrimas. — Rápido. Traga eles de volta.

Saltei do carro, flocos de neve atingindo meu rosto enquanto eu piscava contra a nevasca.

— Vamos embora! — Kai gritou.

Comecei a correr, lançando um último olhar para Rika através do

para-brisa, mas ela já estava ao telefone, inclinada por cima dos assentos da frente para travar as portas.

Descemos os degraus às pressas, em direção ao cais, procurando por qualquer sinal de movimento ou atividade nos barcos ou no mar.

— Jesus, a nevasca está piorando — Emmy disse, enrolada com o casaco de Will e piscando contra a tempestade.

O oceano negro se estendia à frente, a escuridão engolfando qualquer claridade. Meu Deus, não havia nada ali. Nenhum barco sendo empurrado para longe do cais. Nenhuma luz. Onde eles estavam?

Procurei pelo meu celular no bolso, sem encontrá-lo. Eu havia esquecido que Rika ficou com ele. Precisávamos de mais olheiros na cidade. Eu não sabia onde Kai havia obtido aquela informação, mas eles podiam estar em qualquer lugar longe daqui.

— Sr. Mori! — alguém gritou.

Todos nós viramos de uma vez, e meus olhos finalmente captaram a presença de um homem velho na varanda do segundo andar do prédio administrativo do porto.

Doones devia ter uns sessenta e cinco anos e era o último lobo-do-mar do qual Thunder Bay podia se gabar, das antigas, quando nos orgulhávamos da sopa de marisco, ao invés das nossas degustações de queijos e vinhos.

Kai correu até ele, perguntando aos gritos:

— Você viu Octavia e Madden hoje à noite? Para que lado eles podem ter ido?

— Não vi nada, não — retrucou, vapor saindo de sua boca, o cabelo grisalho saindo pelas bordas do gorro. — Tem uma tempestade de inverno chegando! — Estendeu a mão adiante, como se todos fôssemos cegos. — Só vi uns rapazes mais cedo que vieram do *Pithom* a bordo de uma lancha.

Dei um passo à frente.

— O quê? O *Pithom*? — Eles vieram do meu Iate? — O *Pithom* está ancorado em Keys, durante o inverno. Não está aqui!

— Não, está flutuando a cerca de um quilômetro e meio no mar — informou —, mas...

Ele se inclinou de lado, como se estivesse procurando algo às nossas costas.

— Bom, a lancha deles sumiu agora, então eles devem ter voltado pra lá.

Lancei um olhar para Damon.

— Você tem a chave?

Ele procurou dentro do bolso e pegou um molho de chaves, destacando a que tinha um detalhe preto. Ele usou a lancha da empresa semana passada, tentando levar um drone até a Ilha *Deadlow*, mas aquilo ficou apenas entre nós. Rika e Kai comeriam nossos fígados se soubessem que estávamos espionando os Moreau.

— Vamos! — Damon ordenou a todos nós.

Corremos pelo cais, a lancha vermelha ancorada em seu lugar de sempre, e Doones gritou às nossas costas.

— Senhor, não! — alertou. — A visibilidade está piorando a cada minuto. Podemos chamar a Guarda Costeira.

— Não temos tempo! — Kai berrou.

— Porra — Damon praguejou.

— Ao Sudoeste — Doones informou —, a julgar de onde eles vieram quando chegaram horas atrás!

Kai acenou um agradecimento a ele.

— Juro por Deus, Kai — Will resmungou. — Você vai mandar aquele garoto acender uma vela a partir de agora, porra.

— Cala a boca — Kai retrucou.

Subimos a bordo da lancha, Em, Winter e Banks amontoadas no banco traseiro enquanto Kai dava partida. Damon se sentou ao lado dele, e Will ficou de pé no meio.

Cheguei a colocar o pé na embarcação, mas parei. Olhei por cima do ombro para o SUV parado no estacionamento, Rika oculta por trás dos vidros com película.

Foi preciso apenas um segundo, mas revirei os olhos e suspirei.

— Esperem — resmunguei, entredentes.

Eu não podia abandoná-la.

Voltando correndo pelo cais, subi os degraus de dois em dois, o ar frio quase congelando meus pulmões.

— Michael! — Kai esbravejou.

Ouvi o som da trava abrindo um segundo antes de eu abrir a porta com força.

Rika franziu o cenho, me encarando, assombrada.

Mas eu não tinha tempo para explicar nada. Segurando sua mão, eu a puxei para fora do carro, nós dois correndo o mais rápido que dava, ainda mais porque ela usava saltos. Eu não queria que ela caísse, e, definitivamente, isso teria que ser evitado pelos próximos meses.

Corremos pelo cais, e eu a levantei para que subisse a bordo, colocando-a sentada e com o meu casaco firmemente fechado e por cima do que ela já usava.

— Fique sentadinha aqui — eu disse a ela.

Rika apenas assentiu.

— Vai, vai! — Damon gritou com Kai.

Acelerando a lancha, as hélices agitaram a água às nossas costas, e foi preciso me segurar ao encosto da cadeira de Damon, à medida que saíamos zunindo pelo porto.

O vento gélido agitou meu cabelo, congelou meus lábios, mas me concentrei adiante, em busca de qualquer sinal das crianças ou da outra lancha.

Como eles conseguiram pegar o *Pithom*? E, por quê?

Eles devem ter planejado escondê-los em alto-mar por tempo indeterminado. Por que outro motivo eles precisariam de uma embarcação tão grande?

O vento açoitava minha pele, enquanto pensamentos se atropelavam na minha mente.

Ilia esteve no *Pithom* diversas vezes, durante o tempo em que trabalhava para o pai de Damon, e Gabriel também frequentou o iate várias vezes com o meu pai.

Ele devia conhecer tudo ali. Devia saber o bastante sobre nós para que tivesse acesso a ele.

Eu sabia que devia ter vendido aquela porra. Muita coisa ruim aconteceu a bordo daquela merda, mas ao invés de me livrar do iate, eu o mandei para o sul durante a temporada para ser reequipado.

Puta que pariu.

— Que caralho aconteceu lá na casa? — Ouvi Emmy perguntar.
— E no carro? O olho dele foi arrancado?

Virei a cabeça.

— Olho de quem?

Mas foi Banks quem respondeu:

— O carro que vimos pelas câmeras estava batido perto da Old Pointe. Dinescu estava em péssimo estado — ela emendou.

— Mas então só sobra o Ilia — Will gritou por cima do ruído do vento. — Ele não seria capaz de carregar Tavi e o Mads.

— Se ele estivesse com Octavia, Mads o seguiria para qualquer lugar — Kai comentou.

Lancei um olhar para Rika, ela e Banks segurando as mãos de Winter.

— Só encontrem os dois — Winter suplicou, seu rosto contorcido pela aflição, os olhos marejados. — Por favor, encontrem os dois.

Ela tentou disfarçar de todo jeito, mas eu só podia imaginar o quão impotente ela se sentia.

Eu me virei e me ajoelhei diante dela.

— Pare — eu disse, tocando sua mão. — Octavia precisa ver que você não está assustada.

O iate balançou por sobre as ondas, meus olhos também marejados pelo vento causticante.

— Se tivesse acontecido com Athos — ela disse —, você estaria apavorado.

Eu e Rika nos entreolhamos.

— Quando *for* com Athos, você *vai* ficar aterrorizado — Winter disse.

Como se aquilo fosse apenas uma questão de tempo.

Cerrei a mandíbula, sem precisar de qualquer explicação diante de suas palavras.

Ela estava certa. Nós mandamos nossos filhos ao *dojo* porque queríamos que eles estivessem preparados, mas fomos arrogantes por não pensar, de verdade, que alguém seria corajoso o suficiente para tentar qualquer coisa.

— Temos inimigos por conta da vida que levamos — ela afirmou em voz baixa.

Meu olhar se encontrou com o de Rika, e onde sempre vi força e confiança, vi incerteza. Nós nunca paramos de nos meter em encrenca, mas nossos filhos sendo colocados em perigo, por conta de

uma ameaça externa, nunca aconteceu antes.

E não aconteceria de novo.

O que esperavam que fizéssemos? Que nos esconderíamos? Nos tornaríamos invisíveis? Vivendo uma vida tranquila?

Devíamos nos acovardar?

Eu não sabia como ser outro alguém.

— O *Pithon*! — Ouvi Will gritar.

Fiquei de pé na mesma hora.

— Ou é o que parece — ele acrescentou. — Está meio difícil definir com certeza, por conta da tempestade.

Parei atrás dele, agarrando seu ombro para me equilibrar, e espiei por cima do para-brisa, vendo as luzes roxas cintilando à distância.

Damon se levantou do banco, já a postos.

— Graças a Deus.

— Esperem, o que é aquilo? — Banks gritou.

Levantei a cabeça, seguindo a direção de seu olhar.

Inclinando-me contra a beirada, agarrei a lateral do barco, quase conseguindo ver que havia algo na água.

— Tem alguma coisa ali! — gritei para Kai, apontando o local.
— Bem ali!

Kai virou a lancha, e à medida que nos aproximávamos, foi possível avistar o pequeno barco. Um cabelo preto e um terno da mesma cor ficou cada vez mais nítido, e Banks gritou:

— Mads!

— Ai, meu Deus! — Os nódulos dos dedos de Winter ficaram brancos, tamanha a força com que ela agarrava a mão de Rika, sentando-se ereta. — Eles estão bem? Estão feridos? Vocês estão vendo a Octavia?

— Pare, pare, pare! — Damon insistiu com Kai.

Meu olhar se conectou ao garoto no barco, tentando descobrir se ele poderia estar ferido, vivo, ainda em perigo...

Mas Kai estava indo rápido demais para parar de uma vez. Ele circulou a outra lancha uma e outra vez, desacelerando e, finalmente, conseguindo parar ao lado.

O outro barco estava balançando de um lado ao outro, chocando-se ao casco da nossa lancha, e quando olhei por cima, avistei Mads segurando uma pequena forma ao seu lado. Filetes de sangue manchavam a lateral de seu rosto.

Merda.

Não vi Ilia Oblensky em lugar algum. Meu estômago embrulhou na mesma hora. Minhas mãos tremiam, em total desespero para chegar até lá, porque se não os tivéssemos em nossos braços, eles poderiam ainda se perder.

Antes que Will pudesse nos amarrar à outra lancha, Damon pulou e caiu de joelhos no convés, segurando os ombros de Octavia.

Mas os braços dela permaneceram ao redor de Madden.

Banks agarrou seu filho, puxando-o para o calor de seus braços, mas ele não soltou Tavi.

— Você está bem? — perguntou ela, aos prantos. — Está ferido?

Ela tentou erguer o rosto de Mads para avaliar os danos, mas ele se afastou de leve.

— Esse sangue não é meu — disse ele, baixinho.

— Octavia? — Winter chamou a filha.

Kai se abaixou e segurou o rosto do filho, o garoto parecendo tão tranquilo como sempre, os lábios curvados por conta de uma leve irritação.

Ilia Oblensky estava recostado ao painel de bordo, com a vida por um fio.

— Mads? — Kai olhou com atenção para o filho. — Você está bem? O que aconteceu? De quem é esse sangue todo?

O garoto de onze anos apenas encarou seus pais, os lábios se contorcendo como se ele estivesse entediado. Octavia se aninhou mais a ele, tremendo.

Além das bochechas e dos narizes vermelhos e queimados pelo frio, eles pareciam estar bem.

Kai se levantou do chão e se virou para Ilia, agarrando-o pelo colarinho.

— Seu filho da puta! — grunhiu. — Você teve a ousadia de encostar as mãos no meu filho.

Mas a respiração de Ilia apenas sibilou, e Kai hesitou por um instante, percorrendo a forma desfalecida do homem com o olhar.

Ele o soltou e arrancou o casaco do filho da puta, e vimos o sangue encharcando a camisa preta, o cabelo loiro empapado com o líquido carmesim.

Todos ficamos imóveis.

Kai abriu sua camisa, e avistou os pequenos buracos e o sangue escorrendo de cada um deles. O rosto de Ilia ficou pálido, a vida se esvaindo dele. Era questão de minutos.

— Os pulmões dele foram perfurados — Kai disse, virando-se para nós. — Que diabos aconteceu?

Então se virou para o filho.

— Mads? O que aconteceu?

Kai sabia. E nós também. E Mads não iria responder o que já era bem óbvio.

— Ela está com frio — foi tudo o que ele disse.

— Octavia — Damon murmurou, tentando outra vez pegá-la no

colo.

Por fim, ela olhou para ele.

— Papai.

Ela estendeu os braços para Damon, que a segurou entre os braços, com força.

— Você está bem? — perguntou. — Eles te machucaram?

Ela negou com um aceno de cabeça, as tranças e as joias que usava no cabelo brilhando ao luar.

Ela apontou por cima do ombro do pai, em direção à noite escura.

— *Pithom* — disse, indicando o iate que desaparecia cada vez mais no horizonte.

As ondas fustigavam a lancha, nos encharcando, e pisquei contra os flocos de neve, vendo que o mar estava começando a ficar agitado.

— Nós vamos pegá-lo depois — ele a assegurou.

— Mas está indo para mais longe — ela choramingou.

Ele pulou para a nossa lancha de volta, com ela nos braços e a colocou no colo da mãe.

— Não se preocupe.

Emmy e Will também subiram e se juntaram a Rika, e eu me sentei no banco ao lado de Ilia, dando partida no barco.

— Ligue para a ambulância — gritei para minha esposa.

Ela assentiu.

Não sei se adiantaria de alguma coisa. Eu deveria simplesmente jogar o filho da puta no mar agora mesmo.

Mas eu não negaria esse prazer a Kai ou Damon. Se os médicos o salvassem, nós o prenderíamos no décimo segundo andar assim que ele recebesse alta.

Pulmões perfurados. Um olho arrancado da órbita. Um cadáver em St. Killian. Olhei para Mads, vendo o desespero de Kai para que o filho se mostrasse assustado ou precisando dele, mas...

Kai apenas segurou o rosto do filho entre as mãos, limpando o sangue que manchava sua pele e tentando fazer contato visual.

— Nós estamos bem — foi tudo o que ele disse, entretanto.

Kai o encarou, sem dúvida grato por as crianças estarem bem, mas, ainda assim, apreensivo.

— Vamos levá-los de volta à cidade — Banks disse ao marido. — Eles estão congelando.

— Vou segui-los — afirmei.

Kai guiou Mads até a outra lancha, com Banks, e esperei que saíssem antes de seguir logo atrás.

A cabeça de Ilia balançava ao ritmo da oscilação do barco, e apesar do vento frio que me açoitava, suor encharcava minha pele.

Nós os encontramos.

E as palavras de Winter voltaram à minha mente.

Temos inimigos por conta da vida que levamos.

Nós escolhemos isso. Os meninos, não.

Quais eram nossas opções? Separar as famílias? Parar de construir? Cada um seguir seu rumo?

As crianças estavam em perigo, mas nem elas desejariam algo assim. Eles todos se amavam.

Nós ameaçávamos outros, mas não pedimos por isso. O comportamento dos outros é que acabava se tornando um problema nosso... mas não nossa responsabilidade.

Merecíamos o que tínhamos, e eu não ensinaria Athos – ou meu filho – de que eles não mereciam exatamente aquilo que quisessem. A última coisa que eu ensinaria aos meus filhos era a se acovardarem, esconder ou fugir.

Ancoramos as lanchas, a ambulância já à espera para carregar Ilia em uma maca.

No entanto, eu tinha quase certeza de que ele já estava morto.

Ou estaria em breve.

Emmy conversava com os policiais, e eu não fazia ideia de que história ela passaria a eles, mas a polícia sabia que não iríamos a lugar algum. Nós estaríamos aqui se eles tivessem perguntas na manhã seguinte.

— Ainda podemos abrir os presentes? — Octavia cantarolou, a vozinha alegre de novo.

— Sim. — Damon riu, pegando-a nos braços outra vez.

Ele a acomodou no carro, Mads e Winter fizeram o mesmo, mas Kai ficou para trás, passando os dedos por entre os fios do cabelo.

Como sempre, ele se preocupava com tudo, e eu sabia exatamente com o que ele estava preocupado.

Eu também estava, mas sabia que o que se passava na cabeça dele era bem maior do que as dúvidas que assolavam a minha.

Fui até ele, e Will e Damon se juntaram a nós.

— Jesus Cristo — Kai murmurou, precisando arejar um pouco antes de entrar no carro.

— Não sabemos de nada — eu o lembrei.

Ele sempre se adiantava nas preocupações.

— Aquele garoto é louco — disse ele.

Eu o avaliei.

— O quê?

— Foi o que o Dinescu disse quando seu globo ocular estava pendurado para fora da órbita. — Ele encarou adiante. — “Aquele garoto é louco”. Vocês acham que Madden matou aquele cara em St. Killian também?

Will e Damon permaneceram em silêncio, e eu sabia o que todo mundo estava pensando. Aquilo nos assustou pra caralho, mas ficaríamos chateados se ele o tivesse feito?

— Acho que ele é o motivo para eles terem fracassado esta noite — eu disse a Kai, com o tom de voz baixo. — Não faça isso. Não dou a mínima para o que aconteceu com aqueles merdas. E você também não deveria dar.

Kai balançou a cabeça.

— Michael...

— Temos inimigos por conta da vida que levamos — atestei. — Nosso poder ameaça as pessoas.

Olhei ao redor, fazendo contato visual com todos eles. Por anos, nunca os impedi de fazer nada que quisessem, porque queria que todos abraçassem suas verdadeiras naturezas, mas eu não permitiria que Kai pensasse que fez algo errado, quando a alternativa seria Mads não fazer nada e aquelas crianças terem sumido para sempre.

— Nós não vamos mudar — eu disse a eles.

Kai se postou à minha frente, quase me encarando com ódio.

— E daqui a dez anos, quando outro inimigo, ou o filho de um inimigo, aparecer para nos surpreender outra vez?

— Eles não vão querer se meter com o seu filho daqui a dez anos — Will brincou.

— Isto não tem graça! — Kai esbravejou, pouco se lixando se alguém podia ouvi-lo. — Meu filho...

— Não procurou por nada disso! — concluí por ele. — Nada disso foi culpa dele. Ele fez o que qualquer animal neste planeta faz quando sente sua vida sendo ameaçada.

Kai ficou em silêncio, e não retirei minhas palavras. Eu sabia com o que ele estava preocupado. Eu entendia. E se um valentão provocasse Mads algum dia? E se ele se envolvesse em uma briga e causasse mais danos do que esperava?

E se tudo o que ele aprendeu no *dojo* e com o avô o tivesse transformado em algo que não poderíamos controlar?

Mas nada disso aconteceria.

Não de verdade.

Mads foi ensinado em igual medida sobre quando deveria lutar e como lutar. A única coisa que me deixava pau da vida era em quão mais eficiente ele foi do que eu.

— Agora, vamos voltar para casa e acender as luzes daquela porra de árvore de Natal e enfiar nossos filhos lá dentro — eu disse a todos. — Se tivermos sorte, o que aconteceu essa noite vai se espalhar como fogo em palha seca, e qualquer um com um pouco de juízo vai pensar duas vezes antes de vir atrás dos nossos filhos de novo.

— É isso aí, porra — Damon murmurou.

Ele e Will se afastaram, entrando em sua SUV, enquanto Kai e eu permanecemos com nossos olhares focados um ao outro.

— Todos nós estaremos de olho nele — eu o assegurei. — Todos o criaremos.

Kai não estava sozinho.

Sua mandíbula flexionou.

— Ele poderia estar a quilômetros de distância a essa altura, vivendo em um inferno agora mesmo — salientei. — Ele trouxe a si mesmo e aquela garotinha de volta para casa esta noite.

Ensinávamos nossos soldados a matar qualquer um para poupar centavos em um barril de petróleo. Seja lá o que Mads fez ou deixou de fazer essa noite, foi por ele não ter tido escolha.

Por fim, Kai baixou o olhar, o peito estufando conforme ele assentia.

Mads estava em segurança. Era tudo o que importava.

Em seguida fomos até os carros.

— Alguém aí disse presentes? — gritei enquanto afivelava o cinto.

Octavia arquejou e deu um gritinho feliz, já pronta para esquecer o incidente, seu foco agora concentrado em todos os presentes promissores debaixo da árvore.

Depois de pegar Athos e o restante das crianças, Will dirigiu o ônibus de volta, e todos retornamos a St. Killian, deparando com o vencedor da caça ao tesouro já esperando para receber seu prêmio.

As crianças foram enviadas para seus quartos para que tomassem banho e vestissem seus pijamas, e Rika e eu finalizamos os trâmites para entregar os documentos da poupança para Tucker Adams e sua namorada, Amanda Leigh. Enquanto David permanecia no *Pope* com Taylor, Kai, Damon e Will retiraram o corpo da casa às escondidas, levando para a caminhonete já à espera, de forma que Lev pudesse deixá-lo no médico legista.

Tínhamos um monte de merda para resolver amanhã.

E precisávamos abafar tudo.

Uma salva de palmas, um brinde com o champanhe, do resto dos convidados, e a casa, finalmente, começou a esvaziar cerca de quarenta e cinco minutos depois.

As crianças cercaram a árvore de quase cinco metros de altura, acenderam mais velas, já que apenas algumas permaneceram acesas na casa inteira, sob o som do vento uivando por entre as fendas e calhas da antiga igreja.

Fiquei de pé, observando as crianças abrindo os presentes – com exceção dos que eles escolheram para abrir somente na manhã de Natal –, se divertindo com seus brinquedos, mostrando seus novos

eletrônicos, e largando de lado os livros que todos fazíamos questão que estivessem em suas listas de presentes, só para o caso de que se interessassem em algum momento.

Damon estava segurando um pacote embalado em papel pardo, aparentemente nervoso, como se não tivesse certeza de estar pronto para abri-lo, enquanto Octavia corria até o banco no parapeito da janela, sentando-se ao lado de Madden. Ela estava pintando um desenho com suas canetinhas – que os pais haviam se recusado a confiar em suas mãos, até agora –, e Madden fazia esboços com suas novas canetas no bloco de desenho.

Ela balançava as perninhas para frente e para trás.

Enlacei o corpo de Rika, abraçando-a com força.

— Crianças se recuperam rápido, não é?

Meu Deus.

Ela começou a rir.

— Acho que Octavia sabia o que nenhum de nós fazia ideia.

— Que era...?

— Que ela nunca esteve em perigo.

Observei as crianças, Mads provavelmente desenhando outro pássaro, enquanto sua prima tentava imitá-lo com sua canetinha roxa.

— Eles conseguiram encontrar o iate? — Rika perguntou.

— O tempo está muito feio. — Beijei sua cabeça, com a mão apoiada em sua barriga. — Eles terão que esperar até amanhã.

Fiquei imaginando se havia mais alguém ali, ou se os três homens fizeram tudo por conta própria.

Por mim, tomara que nunca o encontrassem. Aquele iate era amaldiçoado.

— Ele falou alguma coisa a respeito? — Rika perguntou.

Quem?

Só depois percebi de quem ela falava, já que estava olhando para Mads.

Suspirei fundo.

— Duvido que ele vá falar qualquer coisa.

Kai pode até ter surtado de leve, mas eu duvidava que Mads tenha sequer percebido. O senso de empatia do garoto não era como o das outras pessoas.

Pelo menos que eu tenha visto.

Observei ao redor, vendo os papéis dourados e vermelhos espalhados pelo chão, enquanto as chamas flamejavam pela árvore, os laços vermelhos pendurados e criando um visual lindo contra a neve que caía do lado de fora.

Amanhã teríamos comida farta e brincadeiras com o trenó, e talvez jogássemos um pouco de futebol americano na neve, porque se havia algo que agora sabíamos, era que cada momento que

passávamos juntos nos pertencia.

Guloseimas cobriam a mesa de jantar, o fogo da lareira estalava e nos aquecia, e Emmy começou a filmar tudo. Sorri, abraçando Rika com mais força, torcendo para que nunca mais tivéssemos que enfrentar o que havíamos passado esta noite.

E se tivéssemos, por favor, que só acontecesse daqui a muitos anos.
Meu coração não desacelerou o ritmo das batidas.

Athos tentou dar uma espiada no que Mads estava desenhando, mas ele simplesmente se virou de costas quando ela bagunçou seu cabelo. Eu a observei ir até o outro lado da sala, sentando-se no parapeito da outra janela, bebericando seu ponche e olhando para todos ao redor.

Meu coração palpitou, e quase embarguei quando disse a Rika:

— Observei você nos olhando daquela janela tantos anos atrás.
— Apontei para o lugar onde Athos estava agora, lembrando-me da Noite do Diabo há tanto tempo. — Tentando ignorar sua presença, mas precisando que você ficasse.

Ela se recostou mais a mim.

— Estávamos exatamente aqui quando vendei você — salientei.

— Quando me empurrou, você quer dizer.

Dei uma risada. Eu era muito escroto.

Ainda era um babaca, mas ela me amava do mesmo jeito.

Ela se agarrou aos meus braços, retribuindo meu carinho.

— Eu queria experimentar tudo, contanto que sentisse tudo aquilo com você — ela disse. — Em todos esses anos, isso nunca mudou.

Nem um pouquinho.

A música soava junto com os risos das crianças, a maioria completamente alheia ao que havia acontecido esta noite, embora Rika tenha contado tudo a Athos.

Nós criamos nossa vida aqui.

Uma vida. Uma oportunidade.

— Ninguém pode nos impedir — ela sussurrou. — Ninguém manda em nós.

Abracei-a com força.

— E nós não vamos mudar.

Epílogo

Mads

Esfreguei os ouvidos, o atrito ressoando em meus tímpanos e fazendo o ruído da festa diminuir e parecer mais longe do que era. Uma e outra vez, abafei a conversação, os pratos sendo lavados lá embaixo, as portas abrindo e fechando...

Eu gostava de barulho. De chuva, pássaros e do vento. Eu só não gostava do barulho das pessoas. Isso fazia com que a sala parecesse apertada. Pequena demais. E eu não conseguia pensar.

Depois dos presentes e dos doces, me esgueirei no banheiro do andar de cima, fechei a porta e fiquei ali por alguns minutos – talvez mais –, esfregando os ouvidos e com os olhos fechados. Eu odiava fazer isso.

Odiava que isso ajudava de alguma forma.

Odiava ter que me esconder para fazer isso.

Porque detestei o jeito que Ivar olhou para mim, anos atrás, quando me flagrou fazendo isso.

Eu conseguia identificar os sinais agora. Eu sabia que nunca seria como ele, e sabia quais partes minhas eu precisava esconder.

Sentado na borda da banheira, segurando a cabeça entre as mãos, ouvi o som da minha respiração, minha pulsação, e, pouco tempo depois, tudo começou a desacelerar. Meu coração. Minha respiração.

Meus pensamentos.

Inspirei fundo e exalei devagar, sentindo-me mais calmo e estável.

Finalmente, eu me levantei e encarei meu reflexo no espelho, ajeitando o cabelo dos lados e colocando um pedacinho mais crescido atrás das orelhas.

Eu tinha que pedir ao meu pai para me levar ao barbeiro amanhã. Nós sempre íamos aos sábados, mas eu não queria esperar.

Colocando um pouco de sabonete na palma, lavei as mãos outra vez, sequei e esfreguei os dedos no paletó do meu terno preto, ajeitando a gravata; o hábito de sentir o tecido das minhas roupas me dava a segurança que eu precisava. Como se fosse uma armadura.

Saí do banheiro e apaguei a luz, seguindo em direção ao quarto que compartilhava com os meninos quando passávamos a noite em St. Killian.

No entanto, ouvi o som de saltos altos às minhas costas, e, em seguida, a voz da minha mãe:

— Tenho pijamas pra você usar.

Lancei um olhar por cima do ombro, parando e avaliando seu vestido. Eu adorava quando minha mãe se arrumava toda. Ela ficava linda demais.

— Estou bem — respondi.

Ela entrecerrou os olhos na mesma hora.

— Você não quer dormir com uma roupa mais confortável?

— Estou confortável.

Tomei um banho quando voltamos e coloquei um terno limpo.

Comecei a andar novamente, mas a ouvi caminhando atrás de mim.

— Mads, eu...

Balancei a cabeça com força.

— Não, fica aí — comentei, virando para olhar para ela. — Quero ficar sozinho.

— Quero me sentar um pouco com você esta noite — disse ela.

Meu estômago deu um nó. Essa era a última coisa que eu precisava. Eu sabia que ela estava tentando fazer o que achava que pais deviam fazer, ou pensou que eu precisava de alguma coisa que nem mesmo eu sabia – como uma conversa ou um abraço, ou algo do tipo –, mas os pais tornavam tudo pior. Eu não precisava de ajuda.

— Estou bem — repeti.

Seus olhos franziram com a preocupação, e eu sabia que não importava o que fizesse ou dissesse, ela se preocuparia do mesmo jeito.

Rangi os dentes e me obriguei a ir até ela, me abaixando de leve para um abraço rápido – com dois tapinhas em suas costas –, porque sabia que aquilo a faria se sentir melhor.

— Estou bem. — Fiz questão de repetir.

Virei-me de costas e segui pelo corredor, exalando o ar com força quando ela não me chamou de novo ou veio atrás de mim.

Virei à direita, rumo ao quarto dos meninos, e vi meu tio no outro canto do corredor à frente. Ele parou e nossos olhares se conectaram na mesma hora.

Eu parei também.

Alguma coisa estranha cintilou em seus olhos negros, um misto de diversão e interesse, e cruzei os braços quando ele veio até mim.

Eu gostava do meu tio Damon. Ele não tentava conversar comigo o tempo todo.

Geralmente.

Eu o observei se aproximar, e enrijei a postura quando ele se abaixou um pouco para ficar com o rosto bem na frente do meu, o fedor do cigarro se infiltrando em minhas narinas.

— Eu sei o que você fez — sussurrou, falando baixo apenas

para que nós ouvíssemos.

Eu o encarei.

— Se minha filha estiver em perigo, nunca hesite em fazer tudo de novo — ele disse. — Entendeu?

Fiquei em silêncio.

Mas eu sabia o que ele queria dizer.

Eu não entendia a maioria das pessoas. Elas agiam como se a maior parte das decisões da vida fossem uma escolha. Eles achavam que eu não deveria ter feito nada quando aqueles homens apareceram esta noite?

Era por isso que eu mantinha a boca fechada. Meus pais teriam enlouquecido se tivessem ficado sem a gente, e ficariam mais surtados ainda se soubessem como impedi que isso acontecesse. Eles apenas me deixavam confuso. Eu não sabia o que eles queriam.

Mas tio Damon não me fez responder a uma pergunta à qual ele já sabia a resposta.

E ele não parecia estar chateado.

— Você está se sentindo mal pelo que aconteceu hoje à noite? — ele perguntou.

Baixei o olhar.

Uma mentira poderia deixar meus pais preocupados. A verdade poderia preocupá-los ainda mais.

— É, imaginei que não. — Ele deu uma risadinha. — Se você se sentir mal, em algum momento, me procure. Entendeu?

Levou um momento, mas assenti.

Ele se inclinou e depositou um beijo na minha bochecha antes de se endireitar outra vez e seguir seu rumo.

Esperei até que ele virasse no outro canto antes de pegar um lenço no bolso e limpar a saliva com cheiro de cigarro da minha pele.

Enfiando o tecido no bolso da calça, entrei no quarto escuro. Ivarsen e Seg estavam deitados em camas de solteiro do outro lado, e Gunnar estava na cama ao lado da minha, com a coberta toda enrolada aos seus pés.

Dag e Fane ficaram em seu refúgio no sótão, enquanto as meninas ocupavam o quarto ao lado.

Mas quando fui até a minha cama, avistei um vulto sob as cobertas. Cheguei mais perto, avistando o cabelo longo e escuro espalhado pelo meu travesseiro.

Octavia.

Parei, sentindo seu cheiro daqui. Sua mãe comprou um shampoo para ela que parecia impregnar tudo o que ela usava – e tudo o que eu usava quando ela estava por perto.

Eu não era velho o suficiente para me lembrar do nascimento de Jett, mas quando Octavia nasceu, foi a primeira vez que me lembro

de ter um bebê por perto. Perfeita e frágil, e tão amada por todos, não importava no que ela se tornaria quando crescesse.

Eu já fui daquele jeito, uma vez. Antes que as pessoas me conhecessem.

Cerrei os punhos, vendo o hematoma em seu braço.

Todo mundo me obrigava a ir de um lado ao outro, ou participar das coisas. Octavia sempre largava tudo o que estava fazendo, ou a pessoa com quem estivesse para vir até mim. Isso era legal.

Ela se espreguiçou, suspirando, e se deitou de costas.

Puxei o travesseiro e sua cabeça tombou na cama enquanto eu o deixava ao lado.

— Você está na minha cama.

Subi no colchão, ao lado dela, e apoiei a cabeça no travesseiro contra a cabeceira.

Enfiei a mão no bolso do meu paletó e peguei uns pedaços quadrados de papel e comecei a dobrar.

Ela se aconchegou mais perto, repousando a cabeça no meu braço.

— Você está com medo? — perguntei, sem desviar o olhar do origami que estava fazendo.

— Estava um pouquinho antes. — Sua voz, tão baixinha e fina, fez com que algo doesse no meu peito.

Minha mão interrompeu os movimentos por um segundo, e engoli em seco. Ela foi afastada de mim, levada para fora de casa e para o meio do oceano esta noite.

Mas talvez não tenha sido eles que a deixaram com medo.

Ela viu tudo.

Tudo.

— Por que você ficou assustada? — perguntei, segurando o fôlego enquanto esperava pela resposta.

Ela se mexeu, olhando para mim.

— Você não ficou?

Eu não disse nada, e apenas continuei a dobrar a pomba de papel, seu hálito quente se infiltrando pela manga do meu paletó.

Um pouco.

Pigarreei, antes de dizer:

— Não fique com medo. Isso nunca mais vai acontecer.

— Como você sabe?

Terminei o pássaro, levantando-o contra a sombra da tempestade refletida no teto.

— Porque, da próxima vez, estarei bem maior — afirmei.

Virando-me para ela, coloquei o pássaro dobrado abaixo de seu queixo, vendo o sorriso despontar no cantinho, então puxei o edredom

e a cobri.

— Eles vão encontrar o *Pithom* — falei. — Não se preocupe.

Ela se aninhou contra mim outra vez, fechando os olhos.

— Eles não vão achar.

— Por que não?

— Foi o que desejei na folha de manjeriço — explicou. — Um navio fantasma.

Um navio fantasma. Fiquei de boca fechada, sem querer explodir sua bolha de felicidade.

O *Pithom* era um iate com um sistema de rastreamento. Ele não ficaria desaparecido por muito tempo.

— Eu vou encontrar ele algum dia — ela declarou.

Ah, tá. Tudo bem.

Olhei para ela, os cílios negros mal tocando a pele pálida, e quase desejei que realmente seu desejo se realizasse. Sua imaginação era repleta de coisas impressionantes, enquanto eu não tinha imaginação alguma. Não queria que ela fosse como eu.

As aventuras traçadas em sua cabeça pareciam coisa de outro mundo.

Levantei a mão para afastar uma mecha de seu cabelo da bochecha, mas parei na mesma hora, baixando o braço.

Engoli o nó que se alojou na garganta, ainda a encarando.

— Posso ir junto? — sussurrei.

— Você não ama as coisas do mar, marujo — zombou, com os olhos ainda fechados. — Não tem pássaros lá.

Eu me afastei um pouco. *Existem, sim, alguns pássaros.*

Eu não queria realmente ir a qualquer lugar ou ver o mundo. Eu gostava de ficar em casa, onde não tinha que encarar ou conhecer novas pessoas.

Mas se ela estivesse indo...

— Posso ir junto? — perguntei outra vez.

Ela assentiu, bocejando.

— Hum-hum. Mas eu sou a capitã.

Reprimi o sorriso, observando-a cair no sono.

Com ou sem navio, ela era a capitã de todo mundo e sabia disso.

Fiquei de pé e firmei as cobertas ao redor de seu corpo, fazendo questão de prender as bordas no colchão para que ficassem no lugar.

Endireitei a postura e olhei para Octavia, a pomba de origami ainda debaixo de seu queixo. O hematoma roxo em seu braço, que um dos homens deixou, era escuro e nítido, mesmo sob a luz fraca do luar que se infiltrava pela janela.

Cerrei a mandíbula, endireitando a gravata e alisando meu cabelo outra vez.

Você está se sentindo mal pelo que aconteceu hoje à noite? Ele perguntou.

Eu me sentia mal o tempo todo. Quando a música estava alta. Quando encontrava os pelos dos cachorros da minha mãe na minha cama. Quando a Marina cozinhava um prato diferente que eu confiava que ela faria do jeito que eu estava acostumado.

Observei Octavia dormir.

Eu me sentia mal quando as coisas eram afastadas de mim.

Não sobre outras coisas.

Levantei a mão, inspecionando a sujeira por baixo da minha unha.

Com o polegar, eu a retirei e notei que era vermelho.

Exalei, sentindo o coração martelar no peito.

Pegando meu lenço, limpei a mão e fui até a janela, procurando no bolso do paletó pela folha de manjerição do evento mais cedo.

Eu não a queimei.

Enfiando a folha na boca, mastiguei até engolir, o gosto pungente cobrindo minha língua.

Voltei e me sentei na cadeira, satisfeito por dormir ali mesmo pelo resto da noite, para que pudesse ficar de vigia, mas algo brilhou um pouco acima de mim, me fazendo levantar a cabeça.

Uma chave estava pendurada no trinco da janela, um pequeno rolo de papel preso a ela.

Olhei ao redor do quarto, imaginando de quem seria aquilo.

Tirei a chave do trinco, segurando o metal na minha mão antes de pegar o papel. Eu o desenrolei e li o que estava escrito à mão em caneta preta.

— Os acordes do coração precisam ser tocados para que ele bata.

Entrecerrei os olhos, lendo tudo outra vez. Eu não tinha certeza do que significava. Talvez aquilo nem fosse para mim.

Avaliei a velha chave enferrujada e o chaveiro, que se parecia a um incensário miniatura.

Parei na mesma hora. Incensários eram usados para espalhar o incenso durante a missa. A catedral do vilarejo tinha um enorme.

Fiquei boquiaberto. *Aquilo era uma pista.* Inúmeras teorias invadiram minha mente.

Olhei para Octavia por cima do ombro, ciente de que ela adoraria uma aventura. Uma caçada. Esta chave levava a algo. Talvez a um tesouro?

— Os acordes do coração precisam ser tocados para que ele bata — recitei outra vez, tentando desvendar o significado.

Então me dei conta de uma coisa: *ninguém fica imune às emoções quando esses acordes são tocados.*

Ninguém.

Fechei os olhos, sentindo o sangue ainda embaixo das unhas quando fechei os dedos frios ao redor da chave.

Em alguma noite, em breve.

Enquanto todo mundo estivesse dormindo.

Nós descobriremos o que esta chave esconde, Octavia. Nós vamos nos apoderar da noite.

Fim



Obrigada por ter lido *Fire Night!* Espero que tenha se divertido ao ver a turma toda comemorando outra data além da Noite do Diabo, e espero que tenham um maravilhoso feriado.

Agradecimentos

Aos leitores – quero agradecer a todos pelo apoio e ajuda ao longo desses anos. Espero que tenham gostado desse aperitivo, e embora eu ainda não tenha qualquer ideia para romances mais longos neste universo, há sempre uma possibilidade. Enviem boas vibrações ao meu cérebro (talvez um mantra e uma vela acesa possam ajudar também. ;D) Até lá, temos a série Hellbent vindo, um monte de romances únicos, e tenho certeza de que veremos a turma de Thunder Bay com algumas cenas bônus aqui e acolá.

À minha família – eu não teria feito o tanto que fiz este ano sem a ajuda do meu marido. Obrigada por estar sempre ao meu lado, cuidando dos deveres de casa e me ajudando com as coisas, de forma que eu não tivesse que me preocupar. Sou grata também à minha filha! Quando o escritório da mãe é dentro de casa, é difícil para os filhos pensarem em nós como ‘indisponíveis’ como se estivéssemos em um trabalho comum, então obrigada por se resolver com suas equações e me permitir trabalhar o máximo de tempo possível.

À Dystel, Goderich & Bourret LLC – obrigada por sempre estarem disponíveis para ler e me ajudar a crescer cada vez mais. Eu não poderia estar mais feliz.

Às Pendragons – caramba, sinto tanta saudade de vocês. Houve alguns dias, especialmente um mês durante a quarentena, que fiquei desesperada em passar um tempo com vocês. Eu precisava estar perto de pessoas, e realmente sou grata por vocês serem meu lugar feliz garantido. Obrigada por serem minha tribo e por valorizarem as histórias que tanto amo.

À Adrienne Ambrose, Tabitha Russel, Tiffany Rhyne, Kristi Grimes, Claudia Alfaro e Lee Tenaglia – minhas maravilhosas administradoras do Facebook! Não há palavras o bastante para agradecer o tempo e disposição que vocês dão de graça para mim e à comunidade de leitores. Vocês são altruístas, sensacionais, pacientes e necessárias. Obrigada.

À Vibeke Courtney – minha revisora independente que passa um pente-fino em cada uma das minhas cenas. Obrigada por me ensinar a escrever e deixar tudo alinhadinho.

A todos os meus leitores maravilhosos, especialmente os do Instagram, que fazem aquelas artes lindas dos livros e nos mantêm sempre empolgados, motivados e inspirados... obrigada por tudo! Amo o tanto que vocês são visionárias, e peço desculpas por deixar de ver algumas coisas quando estou offline.

A todos os blogueiros e bookstagrammers – vocês são muitos

para nomear, mas sei quem são. Vejo as postagens e marcações e todo o esforço que fazem. Vocês passam o tempo livre lendo, fazendo resenhas e divulgando... Tudo de graça. Vocês são o sangue vital do mundo literário, e sei lá o que faríamos sem vocês. Obrigada pelo esforço incansável e por fazerem tudo isso por paixão, o que torna tudo muito mais incrível.

A cada autor já publicado e àqueles que sonham com isso – obrigada pelas histórias que vocês compartilham; muitas dessas me fizeram uma leitora feliz em busca de um lugar para onde pudesse escapar, também para que me tornasse uma escritora melhor, tentando viver de acordo com seus padrões. Escrever e criar, e nunca parar. As vozes de vocês são importantes, e contanto que venham de seus corações, são boas e certas.

Sobre Penelope

Penelope Douglas figura nas listas de livros mais vendidos do *New York Times*, *USA Today* e *Wall Street Journal*. Frequentou a Universidade de Northern Iowa, e se formou como Bacharel em Administração e mestrado em Educação Científica na Universidade de Loyola em New Orleans, porque ODIAVA Administração Pública. Seus livros foram traduzidos para dezessete idiomas e incluem a série *Devil's Night* e os livros individuais *Punk 57*, *Birthday Girl*, *Má Conduta*, *Credence* e *Tryst Six Venom*.



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

<http://www.thegiftboxbr.com>

[Facebook.com/thegiftboxbr](https://www.facebook.com/thegiftboxbr)

Instagram: [@thegiftboxbr](https://www.instagram.com/thegiftboxbr)

Twitter: [@GiftBoxEditora](https://twitter.com/GiftBoxEditora)

Viu alguém divulgando este ou qualquer outro livro da editora de forma ilegal? Denuncie! Ajude-nos a combater a pirataria denunciando aqui: <https://forms.gle/PDEwLhqAQpLeX3eh9>

Table of contents

1. [Início](#)
2. [Corrupt](#)
3. [Linha do tempo dos flashbacks](#)
4. [Capítulo 1](#)
5. [Capítulo 2](#)
6. [Capítulo 3](#)
7. [Capítulo 4](#)
8. [Capítulo 5](#)
9. [Capítulo 6](#)
10. [Capítulo 7](#)
11. [Capítulo 8](#)
12. [Capítulo 9](#)
13. [Capítulo 10](#)
14. [Capítulo 11](#)
15. [Capítulo 12](#)
16. [Capítulo 13](#)
17. [Capítulo 14](#)
18. [Capítulo 15](#)
19. [Capítulo 16](#)
20. [Capítulo 17](#)
21. [Capítulo 18](#)
22. [Capítulo 19](#)
23. [Capítulo 20](#)
24. [Capítulo 21](#)
25. [Capítulo 22](#)
26. [Capítulo 23](#)
27. [Capítulo 24](#)
28. [Capítulo 25](#)
29. [Capítulo 26](#)
30. [Capítulo 27](#)
31. [Capítulo 28](#)
32. [Capítulo 29](#)
33. [Epílogo](#)
34. [Playlist](#)
35. [Agradecimentos](#)
36. [Cena do Dia dos Namorados](#)
37. [Hideaway](#)
38. [Capítulo 1](#)
39. [Capítulo 2](#)
40. [Capítulo 3](#)

41. Capítulo 4
42. Capítulo 5
43. Capítulo 6
44. Capítulo 7
45. Capítulo 8
46. Capítulo 9
47. Capítulo 10
48. Capítulo 11
49. Capítulo 12
50. Capítulo 13
51. Capítulo 14
52. Capítulo 15
53. Capítulo 16
54. Capítulo 17
55. Capítulo 18
56. Capítulo 19
57. Capítulo 20
58. Capítulo 21
59. Capítulo 22
60. Capítulo 23
61. Capítulo 24
62. Capítulo 25
63. Capítulo 26
64. Capítulo 27
65. Capítulo 28
66. Capítulo 29
67. Capítulo 30
68. Epílogo
69. Agradecimentos
70. Cenas deletadas
71. Cena I
72. Cena II
73. Cena III
74. Cena IV
75. Kill Switch
76. Nota do Autor
77. Capítulo 1
78. Capítulo 2
79. Capítulo 3
80. Capítulo 4
81. Capítulo 5
82. Capítulo 6
83. Capítulo 7
84. Capítulo 8

85. Capítulo 9
86. Capítulo 10
87. Capítulo 11
88. Capítulo 12
89. Capítulo 13
90. Capítulo 14
91. Capítulo 15
92. Capítulo 16
93. Capítulo 17
94. Capítulo 18
95. Capítulo 19
96. Capítulo 20
97. Capítulo 21
98. Capítulo 22
99. Capítulo 23
100. Capítulo 24
101. Capítulo 25
102. Capítulo 26
103. Capítulo 27
104. Capítulo 28
105. Capítulo 29
106. Capítulo 30
107. Capítulo 31
108. Capítulo 32
109. Capítulo 33
110. Capítulo 34
111. Epílogo
112. Agradecimentos
113. Conclave
114. Nota da autora
115. Parte I
116. Parte II
117. Cena bônus
118. Nightfall
119. Nota da Autora
120. Capítulo 1
121. Capítulo 2
122. Capítulo 3
123. Capítulo 4
124. Capítulo 5
125. Capítulo 6
126. Capítulo 7
127. Capítulo 8
128. Capítulo 9

129. [Capítulo 10](#)
130. [Capítulo 11](#)
131. [Capítulo 12](#)
132. [Capítulo 13](#)
133. [Capítulo 14](#)
134. [Capítulo 15](#)
135. [Capítulo 16](#)
136. [Capítulo 17](#)
137. [Capítulo 18](#)
138. [Capítulo 19](#)
139. [Capítulo 20](#)
140. [Capítulo 21](#)
141. [Capítulo 22](#)
142. [Capítulo 23](#)
143. [Capítulo 24](#)
144. [Capítulo 25](#)
145. [Capítulo 26](#)
146. [Capítulo 27](#)
147. [Capítulo 28](#)
148. [Capítulo 29](#)
149. [Capítulo 30](#)
150. [Capítulo 31](#)
151. [Capítulo 32](#)
152. [Capítulo 33](#)
153. [Capítulo 34](#)
154. [Capítulo 35](#)
155. [Capítulo 36](#)
156. [Capítulo 37](#)
157. [Capítulo 38](#)
158. [Capítulo 39](#)
159. [Capítulo 40](#)
160. [Capítulo 41](#)
161. [Capítulo 42](#)
162. [Epílogo](#)
163. [Datas de Aniversários](#)
164. [Agradecimentos](#)
165. [Playlist](#)
166. [Fire Night](#)
167. [Nota inicial](#)
168. [Kai](#)
169. [Damon](#)
170. [Will](#)
171. [Michael](#)
172. [Epílogo](#)

173. [Agradecimentos](#)
174. [Sobre Penelope](#)
175. [Sobre a The Gift Box](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Sumário](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)

34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)

78.	78
79.	79
80.	80
81.	81
82.	82
83.	83
84.	84
85.	85
86.	86
87.	87
88.	88
89.	89
90.	90
91.	91
92.	92
93.	93
94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121

122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)

166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)

210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)

254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)

298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)
303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)
313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)
318. [318](#)
319. [319](#)
320. [320](#)
321. [321](#)
322. [322](#)
323. [323](#)
324. [324](#)
325. [325](#)
326. [326](#)
327. [327](#)
328. [328](#)
329. [329](#)
330. [330](#)
331. [331](#)
332. [332](#)
333. [333](#)
334. [334](#)
335. [335](#)
336. [336](#)
337. [337](#)
338. [338](#)
339. [339](#)
340. [340](#)
341. [341](#)

342. [342](#)
343. [343](#)
344. [344](#)
345. [345](#)
346. [346](#)
347. [347](#)
348. [348](#)
349. [349](#)
350. [350](#)
351. [351](#)
352. [352](#)
353. [353](#)
354. [354](#)
355. [355](#)
356. [356](#)
357. [357](#)
358. [358](#)
359. [359](#)
360. [360](#)
361. [361](#)
362. [362](#)
363. [363](#)
364. [364](#)
365. [365](#)
366. [366](#)
367. [367](#)
368. [368](#)
369. [369](#)
370. [370](#)
371. [371](#)
372. [372](#)
373. [373](#)
374. [374](#)
375. [375](#)
376. [376](#)
377. [377](#)
378. [378](#)
379. [379](#)
380. [380](#)
381. [381](#)
382. [382](#)
383. [383](#)
384. [384](#)
385. [385](#)

386. [386](#)
387. [387](#)
388. [388](#)
389. [389](#)
390. [390](#)
391. [391](#)
392. [392](#)
393. [393](#)
394. [394](#)
395. [395](#)
396. [396](#)
397. [397](#)
398. [398](#)
399. [399](#)
400. [400](#)
401. [401](#)
402. [402](#)
403. [403](#)
404. [404](#)
405. [405](#)
406. [406](#)
407. [407](#)
408. [408](#)
409. [409](#)
410. [410](#)
411. [411](#)
412. [412](#)
413. [413](#)
414. [414](#)
415. [415](#)
416. [416](#)
417. [417](#)
418. [418](#)
419. [419](#)
420. [420](#)
421. [421](#)
422. [422](#)
423. [423](#)
424. [424](#)
425. [425](#)
426. [426](#)
427. [427](#)
428. [428](#)
429. [429](#)

430. [430](#)
431. [431](#)
432. [432](#)
433. [433](#)
434. [434](#)
435. [435](#)
436. [436](#)
437. [437](#)
438. [438](#)
439. [439](#)
440. [440](#)
441. [441](#)
442. [442](#)
443. [443](#)
444. [444](#)
445. [445](#)
446. [446](#)
447. [447](#)
448. [448](#)
449. [449](#)
450. [450](#)
451. [451](#)
452. [452](#)
453. [453](#)
454. [454](#)
455. [455](#)
456. [456](#)
457. [457](#)
458. [458](#)
459. [459](#)
460. [460](#)
461. [461](#)
462. [462](#)
463. [463](#)
464. [464](#)
465. [465](#)
466. [466](#)
467. [467](#)
468. [468](#)
469. [469](#)
470. [470](#)
471. [471](#)
472. [472](#)
473. [473](#)

474. [474](#)
475. [475](#)
476. [476](#)
477. [477](#)
478. [478](#)
479. [479](#)
480. [480](#)
481. [481](#)
482. [482](#)
483. [483](#)
484. [484](#)
485. [485](#)
486. [486](#)
487. [487](#)
488. [488](#)
489. [489](#)
490. [490](#)
491. [491](#)
492. [492](#)
493. [493](#)
494. [494](#)
495. [495](#)
496. [496](#)
497. [497](#)
498. [498](#)
499. [499](#)
500. [500](#)
501. [501](#)
502. [502](#)
503. [503](#)
504. [504](#)
505. [505](#)
506. [506](#)
507. [507](#)
508. [508](#)
509. [509](#)
510. [510](#)
511. [511](#)
512. [512](#)
513. [513](#)
514. [514](#)
515. [515](#)
516. [516](#)
517. [517](#)

518. [518](#)
519. [519](#)
520. [520](#)
521. [521](#)
522. [522](#)
523. [523](#)
524. [524](#)
525. [525](#)
526. [526](#)
527. [527](#)
528. [528](#)
529. [529](#)
530. [530](#)
531. [531](#)
532. [532](#)
533. [533](#)
534. [534](#)
535. [535](#)
536. [536](#)
537. [537](#)
538. [538](#)
539. [539](#)
540. [540](#)
541. [541](#)
542. [542](#)
543. [543](#)
544. [544](#)
545. [545](#)
546. [546](#)
547. [547](#)
548. [548](#)
549. [549](#)
550. [550](#)
551. [551](#)
552. [552](#)
553. [553](#)
554. [554](#)
555. [555](#)
556. [556](#)
557. [557](#)
558. [558](#)
559. [559](#)
560. [560](#)
561. [561](#)

562. [562](#)
563. [563](#)
564. [564](#)
565. [565](#)
566. [566](#)
567. [567](#)
568. [568](#)
569. [569](#)
570. [570](#)
571. [571](#)
572. [572](#)
573. [573](#)
574. [574](#)
575. [575](#)
576. [576](#)
577. [577](#)
578. [578](#)
579. [579](#)
580. [580](#)
581. [581](#)
582. [582](#)
583. [583](#)
584. [584](#)
585. [585](#)
586. [586](#)
587. [587](#)
588. [588](#)
589. [589](#)
590. [590](#)
591. [591](#)
592. [592](#)
593. [593](#)
594. [594](#)
595. [595](#)
596. [596](#)
597. [597](#)
598. [598](#)
599. [599](#)
600. [600](#)
601. [601](#)
602. [602](#)
603. [603](#)
604. [604](#)
605. [605](#)

606. [606](#)
607. [607](#)
608. [608](#)
609. [609](#)
610. [610](#)
611. [611](#)
612. [612](#)
613. [613](#)
614. [614](#)
615. [615](#)
616. [616](#)
617. [617](#)
618. [618](#)
619. [619](#)
620. [620](#)
621. [621](#)
622. [622](#)
623. [623](#)
624. [624](#)
625. [625](#)
626. [626](#)
627. [627](#)
628. [628](#)
629. [629](#)
630. [630](#)
631. [631](#)
632. [632](#)
633. [633](#)
634. [634](#)
635. [635](#)
636. [636](#)
637. [637](#)
638. [638](#)
639. [639](#)
640. [640](#)
641. [641](#)
642. [642](#)
643. [643](#)
644. [644](#)
645. [645](#)
646. [646](#)
647. [647](#)
648. [648](#)
649. [649](#)

650. [650](#)
651. [651](#)
652. [652](#)
653. [653](#)
654. [654](#)
655. [655](#)
656. [656](#)
657. [657](#)
658. [658](#)
659. [659](#)
660. [660](#)
661. [661](#)
662. [662](#)
663. [663](#)
664. [664](#)
665. [665](#)
666. [666](#)
667. [667](#)
668. [668](#)
669. [669](#)
670. [670](#)
671. [671](#)
672. [672](#)
673. [673](#)
674. [674](#)
675. [675](#)
676. [676](#)
677. [677](#)
678. [678](#)
679. [679](#)
680. [680](#)
681. [681](#)
682. [682](#)
683. [683](#)
684. [684](#)
685. [685](#)
686. [686](#)
687. [687](#)
688. [688](#)
689. [689](#)
690. [690](#)
691. [691](#)
692. [692](#)
693. [693](#)

694. [694](#)
695. [695](#)
696. [696](#)
697. [697](#)
698. [698](#)
699. [699](#)
700. [700](#)
701. [701](#)
702. [702](#)
703. [703](#)
704. [704](#)
705. [705](#)
706. [706](#)
707. [707](#)
708. [708](#)
709. [709](#)
710. [710](#)
711. [711](#)
712. [712](#)
713. [713](#)
714. [714](#)
715. [715](#)
716. [716](#)
717. [717](#)
718. [718](#)
719. [719](#)
720. [720](#)
721. [721](#)
722. [722](#)
723. [723](#)
724. [724](#)
725. [725](#)
726. [726](#)
727. [727](#)
728. [728](#)
729. [729](#)
730. [730](#)
731. [731](#)
732. [732](#)
733. [733](#)
734. [734](#)
735. [735](#)
736. [736](#)
737. [737](#)

738. [738](#)
739. [739](#)
740. [740](#)
741. [741](#)
742. [742](#)
743. [743](#)
744. [744](#)
745. [745](#)
746. [746](#)
747. [747](#)
748. [748](#)
749. [749](#)
750. [750](#)
751. [751](#)
752. [752](#)
753. [753](#)
754. [754](#)
755. [755](#)
756. [756](#)
757. [757](#)
758. [758](#)
759. [759](#)
760. [760](#)
761. [761](#)
762. [762](#)
763. [763](#)
764. [764](#)
765. [765](#)
766. [766](#)
767. [767](#)
768. [768](#)
769. [769](#)
770. [770](#)
771. [771](#)
772. [772](#)
773. [773](#)
774. [774](#)
775. [775](#)
776. [776](#)
777. [777](#)
778. [778](#)
779. [779](#)
780. [780](#)
781. [781](#)

782. [782](#)
783. [783](#)
784. [784](#)
785. [785](#)
786. [786](#)
787. [787](#)
788. [788](#)
789. [789](#)
790. [790](#)
791. [791](#)
792. [792](#)
793. [793](#)
794. [794](#)
795. [795](#)
796. [796](#)
797. [797](#)
798. [798](#)
799. [799](#)
800. [800](#)
801. [801](#)
802. [802](#)
803. [803](#)
804. [804](#)
805. [805](#)
806. [806](#)
807. [807](#)
808. [808](#)
809. [809](#)
810. [810](#)
811. [811](#)
812. [812](#)
813. [813](#)
814. [814](#)
815. [815](#)
816. [816](#)
817. [817](#)
818. [818](#)
819. [819](#)
820. [820](#)
821. [821](#)
822. [822](#)
823. [823](#)
824. [824](#)
825. [825](#)

826. [826](#)
827. [827](#)
828. [828](#)
829. [829](#)
830. [830](#)
831. [831](#)
832. [832](#)
833. [833](#)
834. [834](#)
835. [835](#)
836. [836](#)
837. [837](#)
838. [838](#)
839. [839](#)
840. [840](#)
841. [841](#)
842. [842](#)
843. [843](#)
844. [844](#)
845. [845](#)
846. [846](#)
847. [847](#)
848. [848](#)
849. [849](#)
850. [850](#)
851. [851](#)
852. [852](#)
853. [853](#)
854. [854](#)
855. [855](#)
856. [856](#)
857. [857](#)
858. [858](#)
859. [859](#)
860. [860](#)
861. [861](#)
862. [862](#)
863. [863](#)
864. [864](#)
865. [865](#)
866. [866](#)
867. [867](#)
868. [868](#)
869. [869](#)

870. [870](#)
871. [871](#)
872. [872](#)
873. [873](#)
874. [874](#)
875. [875](#)
876. [876](#)
877. [877](#)
878. [878](#)
879. [879](#)
880. [880](#)
881. [881](#)
882. [882](#)
883. [883](#)
884. [884](#)
885. [885](#)
886. [886](#)
887. [887](#)
888. [888](#)
889. [889](#)
890. [890](#)
891. [891](#)
892. [892](#)
893. [893](#)
894. [894](#)
895. [895](#)
896. [896](#)
897. [897](#)
898. [898](#)
899. [899](#)
900. [900](#)
901. [901](#)
902. [902](#)
903. [903](#)
904. [904](#)
905. [905](#)
906. [906](#)
907. [907](#)
908. [908](#)
909. [909](#)
910. [910](#)
911. [911](#)
912. [912](#)
913. [913](#)

914. [914](#)
915. [915](#)
916. [916](#)
917. [917](#)
918. [918](#)
919. [919](#)
920. [920](#)
921. [921](#)
922. [922](#)
923. [923](#)
924. [924](#)
925. [925](#)
926. [926](#)
927. [927](#)
928. [928](#)
929. [929](#)
930. [930](#)
931. [931](#)
932. [932](#)
933. [933](#)
934. [934](#)
935. [935](#)
936. [936](#)
937. [937](#)
938. [938](#)
939. [939](#)
940. [940](#)
941. [941](#)
942. [942](#)
943. [943](#)
944. [944](#)
945. [945](#)
946. [946](#)
947. [947](#)
948. [948](#)
949. [949](#)
950. [950](#)
951. [951](#)
952. [952](#)
953. [953](#)
954. [954](#)
955. [955](#)
956. [956](#)
957. [957](#)

958. [958](#)
959. [959](#)
960. [960](#)
961. [961](#)
962. [962](#)
963. [963](#)
964. [964](#)
965. [965](#)
966. [966](#)
967. [967](#)
968. [968](#)
969. [969](#)
970. [970](#)
971. [971](#)
972. [972](#)
973. [973](#)
974. [974](#)
975. [975](#)
976. [976](#)
977. [977](#)
978. [978](#)
979. [979](#)
980. [980](#)
981. [981](#)
982. [982](#)
983. [983](#)
984. [984](#)
985. [985](#)
986. [986](#)
987. [987](#)
988. [988](#)
989. [989](#)
990. [990](#)
991. [991](#)
992. [992](#)
993. [993](#)
994. [994](#)
995. [995](#)
996. [996](#)
997. [997](#)
998. [998](#)
999. [999](#)
1000. [1000](#)
1001. [1001](#)

1002. [1002](#)
1003. [1003](#)
1004. [1004](#)
1005. [1005](#)
1006. [1006](#)
1007. [1007](#)
1008. [1008](#)
1009. [1009](#)
1010. [1010](#)
1011. [1011](#)
1012. [1012](#)
1013. [1013](#)
1014. [1014](#)
1015. [1015](#)
1016. [1016](#)
1017. [1017](#)
1018. [1018](#)
1019. [1019](#)
1020. [1020](#)
1021. [1021](#)
1022. [1022](#)
1023. [1023](#)
1024. [1024](#)
1025. [1025](#)
1026. [1026](#)
1027. [1027](#)
1028. [1028](#)
1029. [1029](#)
1030. [1030](#)
1031. [1031](#)
1032. [1032](#)
1033. [1033](#)
1034. [1034](#)
1035. [1035](#)
1036. [1036](#)
1037. [1037](#)
1038. [1038](#)
1039. [1039](#)
1040. [1040](#)
1041. [1041](#)
1042. [1042](#)
1043. [1043](#)
1044. [1044](#)
1045. [1045](#)

1046. [1046](#)
1047. [1047](#)
1048. [1048](#)
1049. [1049](#)
1050. [1050](#)
1051. [1051](#)
1052. [1052](#)
1053. [1053](#)
1054. [1054](#)
1055. [1055](#)
1056. [1056](#)
1057. [1057](#)
1058. [1058](#)
1059. [1059](#)
1060. [1060](#)
1061. [1061](#)
1062. [1062](#)
1063. [1063](#)
1064. [1064](#)
1065. [1065](#)
1066. [1066](#)
1067. [1067](#)
1068. [1068](#)
1069. [1069](#)
1070. [1070](#)
1071. [1071](#)
1072. [1072](#)
1073. [1073](#)
1074. [1074](#)
1075. [1075](#)
1076. [1076](#)
1077. [1077](#)
1078. [1078](#)
1079. [1079](#)
1080. [1080](#)
1081. [1081](#)
1082. [1082](#)
1083. [1083](#)
1084. [1084](#)
1085. [1085](#)
1086. [1086](#)
1087. [1087](#)
1088. [1088](#)
1089. [1089](#)

1090. [1090](#)
1091. [1091](#)
1092. [1092](#)
1093. [1093](#)
1094. [1094](#)
1095. [1095](#)
1096. [1096](#)
1097. [1097](#)
1098. [1098](#)
1099. [1099](#)
1100. [1100](#)
1101. [1101](#)
1102. [1102](#)
1103. [1103](#)
1104. [1104](#)
1105. [1105](#)
1106. [1106](#)
1107. [1107](#)
1108. [1108](#)
1109. [1109](#)
1110. [1110](#)
1111. [1111](#)
1112. [1112](#)
1113. [1113](#)
1114. [1114](#)
1115. [1115](#)
1116. [1116](#)
1117. [1117](#)
1118. [1118](#)
1119. [1119](#)
1120. [1120](#)
1121. [1121](#)
1122. [1122](#)
1123. [1123](#)
1124. [1124](#)
1125. [1125](#)
1126. [1126](#)
1127. [1127](#)
1128. [1128](#)
1129. [1129](#)
1130. [1130](#)
1131. [1131](#)
1132. [1132](#)
1133. [1133](#)

1134. [1134](#)
1135. [1135](#)
1136. [1136](#)
1137. [1137](#)
1138. [1138](#)
1139. [1139](#)
1140. [1140](#)
1141. [1141](#)
1142. [1142](#)
1143. [1143](#)
1144. [1144](#)
1145. [1145](#)
1146. [1146](#)
1147. [1147](#)
1148. [1148](#)
1149. [1149](#)
1150. [1150](#)
1151. [1151](#)
1152. [1152](#)
1153. [1153](#)
1154. [1154](#)
1155. [1155](#)
1156. [1156](#)
1157. [1157](#)
1158. [1158](#)
1159. [1159](#)
1160. [1160](#)
1161. [1161](#)
1162. [1162](#)
1163. [1163](#)
1164. [1164](#)
1165. [1165](#)
1166. [1166](#)
1167. [1167](#)
1168. [1168](#)
1169. [1169](#)
1170. [1170](#)
1171. [1171](#)
1172. [1172](#)
1173. [1173](#)
1174. [1174](#)
1175. [1175](#)
1176. [1176](#)
1177. [1177](#)

1178. [1178](#)
1179. [1179](#)
1180. [1180](#)
1181. [1181](#)
1182. [1182](#)
1183. [1183](#)
1184. [1184](#)
1185. [1185](#)
1186. [1186](#)
1187. [1187](#)
1188. [1188](#)
1189. [1189](#)
1190. [1190](#)
1191. [1191](#)
1192. [1192](#)
1193. [1193](#)
1194. [1194](#)
1195. [1195](#)
1196. [1196](#)
1197. [1197](#)
1198. [1198](#)
1199. [1199](#)
1200. [1200](#)
1201. [1201](#)
1202. [1202](#)
1203. [1203](#)
1204. [1204](#)
1205. [1205](#)
1206. [1206](#)
1207. [1207](#)
1208. [1208](#)
1209. [1209](#)
1210. [1210](#)
1211. [1211](#)
1212. [1212](#)
1213. [1213](#)
1214. [1214](#)
1215. [1215](#)
1216. [1216](#)
1217. [1217](#)
1218. [1218](#)
1219. [1219](#)
1220. [1220](#)
1221. [1221](#)

1222. [1222](#)
1223. [1223](#)
1224. [1224](#)
1225. [1225](#)
1226. [1226](#)
1227. [1227](#)
1228. [1228](#)
1229. [1229](#)
1230. [1230](#)
1231. [1231](#)
1232. [1232](#)
1233. [1233](#)
1234. [1234](#)
1235. [1235](#)
1236. [1236](#)
1237. [1237](#)
1238. [1238](#)
1239. [1239](#)
1240. [1240](#)
1241. [1241](#)
1242. [1242](#)
1243. [1243](#)
1244. [1244](#)
1245. [1245](#)
1246. [1246](#)
1247. [1247](#)
1248. [1248](#)
1249. [1249](#)
1250. [1250](#)
1251. [1251](#)
1252. [1252](#)
1253. [1253](#)
1254. [1254](#)
1255. [1255](#)
1256. [1256](#)
1257. [1257](#)
1258. [1258](#)
1259. [1259](#)
1260. [1260](#)
1261. [1261](#)
1262. [1262](#)
1263. [1263](#)
1264. [1264](#)
1265. [1265](#)

1266. [1266](#)
1267. [1267](#)
1268. [1268](#)
1269. [1269](#)
1270. [1270](#)
1271. [1271](#)
1272. [1272](#)
1273. [1273](#)
1274. [1274](#)
1275. [1275](#)
1276. [1276](#)
1277. [1277](#)
1278. [1278](#)
1279. [1279](#)
1280. [1280](#)
1281. [1281](#)
1282. [1282](#)
1283. [1283](#)
1284. [1284](#)
1285. [1285](#)
1286. [1286](#)
1287. [1287](#)
1288. [1288](#)
1289. [1289](#)
1290. [1290](#)
1291. [1291](#)
1292. [1292](#)
1293. [1293](#)
1294. [1294](#)
1295. [1295](#)
1296. [1296](#)
1297. [1297](#)
1298. [1298](#)
1299. [1299](#)
1300. [1300](#)
1301. [1301](#)
1302. [1302](#)
1303. [1303](#)
1304. [1304](#)
1305. [1305](#)
1306. [1306](#)
1307. [1307](#)
1308. [1308](#)
1309. [1309](#)

1310. [1310](#)
1311. [1311](#)
1312. [1312](#)
1313. [1313](#)
1314. [1314](#)
1315. [1315](#)
1316. [1316](#)
1317. [1317](#)
1318. [1318](#)
1319. [1319](#)
1320. [1320](#)
1321. [1321](#)
1322. [1322](#)
1323. [1323](#)
1324. [1324](#)
1325. [1325](#)
1326. [1326](#)
1327. [1327](#)
1328. [1328](#)
1329. [1329](#)
1330. [1330](#)
1331. [1331](#)
1332. [1332](#)
1333. [1333](#)
1334. [1334](#)
1335. [1335](#)
1336. [1336](#)
1337. [1337](#)
1338. [1338](#)
1339. [1339](#)
1340. [1340](#)
1341. [1341](#)
1342. [1342](#)
1343. [1343](#)
1344. [1344](#)
1345. [1345](#)
1346. [1346](#)
1347. [1347](#)
1348. [1348](#)
1349. [1349](#)
1350. [1350](#)
1351. [1351](#)
1352. [1352](#)
1353. [1353](#)

1354. [1354](#)
1355. [1355](#)
1356. [1356](#)
1357. [1357](#)
1358. [1358](#)
1359. [1359](#)
1360. [1360](#)
1361. [1361](#)
1362. [1362](#)
1363. [1363](#)
1364. [1364](#)
1365. [1365](#)
1366. [1366](#)
1367. [1367](#)
1368. [1368](#)
1369. [1369](#)
1370. [1370](#)
1371. [1371](#)
1372. [1372](#)
1373. [1373](#)
1374. [1374](#)
1375. [1375](#)
1376. [1376](#)
1377. [1377](#)
1378. [1378](#)
1379. [1379](#)
1380. [1380](#)
1381. [1381](#)
1382. [1382](#)
1383. [1383](#)
1384. [1384](#)
1385. [1385](#)
1386. [1386](#)
1387. [1387](#)
1388. [1388](#)
1389. [1389](#)
1390. [1390](#)
1391. [1391](#)
1392. [1392](#)
1393. [1393](#)
1394. [1394](#)
1395. [1395](#)
1396. [1396](#)
1397. [1397](#)

1398. [1398](#)
1399. [1399](#)
1400. [1400](#)
1401. [1401](#)
1402. [1402](#)
1403. [1403](#)
1404. [1404](#)
1405. [1405](#)
1406. [1406](#)
1407. [1407](#)
1408. [1408](#)
1409. [1409](#)
1410. [1410](#)
1411. [1411](#)
1412. [1412](#)
1413. [1413](#)
1414. [1414](#)
1415. [1415](#)
1416. [1416](#)
1417. [1417](#)
1418. [1418](#)
1419. [1419](#)
1420. [1420](#)
1421. [1421](#)
1422. [1422](#)
1423. [1423](#)
1424. [1424](#)
1425. [1425](#)
1426. [1426](#)
1427. [1427](#)
1428. [1428](#)
1429. [1429](#)
1430. [1430](#)
1431. [1431](#)
1432. [1432](#)
1433. [1433](#)
1434. [1434](#)
1435. [1435](#)
1436. [1436](#)
1437. [1437](#)
1438. [1438](#)
1439. [1439](#)
1440. [1440](#)
1441. [1441](#)

1442. [1442](#)
1443. [1443](#)
1444. [1444](#)
1445. [1445](#)
1446. [1446](#)
1447. [1447](#)
1448. [1448](#)
1449. [1449](#)
1450. [1450](#)
1451. [1451](#)
1452. [1452](#)
1453. [1453](#)
1454. [1454](#)
1455. [1455](#)
1456. [1456](#)
1457. [1457](#)
1458. [1458](#)
1459. [1459](#)
1460. [1460](#)
1461. [1461](#)
1462. [1462](#)
1463. [1463](#)
1464. [1464](#)
1465. [1465](#)
1466. [1466](#)
1467. [1467](#)
1468. [1468](#)
1469. [1469](#)
1470. [1470](#)
1471. [1471](#)
1472. [1472](#)
1473. [1473](#)
1474. [1474](#)
1475. [1475](#)
1476. [1476](#)
1477. [1477](#)
1478. [1478](#)
1479. [1479](#)
1480. [1480](#)
1481. [1481](#)
1482. [1482](#)
1483. [1483](#)
1484. [1484](#)
1485. [1485](#)

1486. [1486](#)
1487. [1487](#)
1488. [1488](#)
1489. [1489](#)
1490. [1490](#)
1491. [1491](#)
1492. [1492](#)
1493. [1493](#)
1494. [1494](#)
1495. [1495](#)
1496. [1496](#)
1497. [1497](#)
1498. [1498](#)
1499. [1499](#)
1500. [1500](#)
1501. [1501](#)
1502. [1502](#)
1503. [1503](#)
1504. [1504](#)
1505. [1505](#)
1506. [1506](#)
1507. [1507](#)
1508. [1508](#)
1509. [1509](#)
1510. [1510](#)
1511. [1511](#)
1512. [1512](#)
1513. [1513](#)
1514. [1514](#)
1515. [1515](#)
1516. [1516](#)
1517. [1517](#)
1518. [1518](#)
1519. [1519](#)
1520. [1520](#)
1521. [1521](#)
1522. [1522](#)
1523. [1523](#)
1524. [1524](#)
1525. [1525](#)
1526. [1526](#)
1527. [1527](#)
1528. [1528](#)
1529. [1529](#)

1530. [1530](#)
1531. [1531](#)
1532. [1532](#)
1533. [1533](#)
1534. [1534](#)
1535. [1535](#)
1536. [1536](#)
1537. [1537](#)
1538. [1538](#)
1539. [1539](#)
1540. [1540](#)
1541. [1541](#)
1542. [1542](#)
1543. [1543](#)
1544. [1544](#)
1545. [1545](#)
1546. [1546](#)
1547. [1547](#)
1548. [1548](#)
1549. [1549](#)
1550. [1550](#)
1551. [1551](#)
1552. [1552](#)
1553. [1553](#)
1554. [1554](#)
1555. [1555](#)
1556. [1556](#)
1557. [1557](#)
1558. [1558](#)
1559. [1559](#)
1560. [1560](#)
1561. [1561](#)
1562. [1562](#)
1563. [1563](#)
1564. [1564](#)
1565. [1565](#)
1566. [1566](#)
1567. [1567](#)
1568. [1568](#)
1569. [1569](#)
1570. [1570](#)
1571. [1571](#)
1572. [1572](#)
1573. [1573](#)

1574. [1574](#)
1575. [1575](#)
1576. [1576](#)
1577. [1577](#)
1578. [1578](#)
1579. [1579](#)
1580. [1580](#)
1581. [1581](#)
1582. [1582](#)
1583. [1583](#)
1584. [1584](#)
1585. [1585](#)
1586. [1586](#)
1587. [1587](#)
1588. [1588](#)
1589. [1589](#)
1590. [1590](#)
1591. [1591](#)
1592. [1592](#)
1593. [1593](#)
1594. [1594](#)
1595. [1595](#)
1596. [1596](#)
1597. [1597](#)
1598. [1598](#)
1599. [1599](#)
1600. [1600](#)
1601. [1601](#)
1602. [1602](#)
1603. [1603](#)
1604. [1604](#)
1605. [1605](#)
1606. [1606](#)
1607. [1607](#)
1608. [1608](#)
1609. [1609](#)
1610. [1610](#)
1611. [1611](#)
1612. [1612](#)
1613. [1613](#)
1614. [1614](#)
1615. [1615](#)
1616. [1616](#)
1617. [1617](#)

1618. [1618](#)
1619. [1619](#)
1620. [1620](#)
1621. [1621](#)
1622. [1622](#)
1623. [1623](#)
1624. [1624](#)
1625. [1625](#)
1626. [1626](#)
1627. [1627](#)
1628. [1628](#)
1629. [1629](#)
1630. [1630](#)
1631. [1631](#)
1632. [1632](#)
1633. [1633](#)
1634. [1634](#)
1635. [1635](#)
1636. [1636](#)
1637. [1637](#)
1638. [1638](#)
1639. [1639](#)
1640. [1640](#)
1641. [1641](#)
1642. [1642](#)
1643. [1643](#)
1644. [1644](#)
1645. [1645](#)
1646. [1646](#)
1647. [1647](#)
1648. [1648](#)
1649. [1649](#)
1650. [1650](#)
1651. [1651](#)
1652. [1652](#)
1653. [1653](#)
1654. [1654](#)
1655. [1655](#)
1656. [1656](#)
1657. [1657](#)
1658. [1658](#)
1659. [1659](#)
1660. [1660](#)
1661. [1661](#)

1662. [1662](#)
1663. [1663](#)
1664. [1664](#)
1665. [1665](#)
1666. [1666](#)
1667. [1667](#)
1668. [1668](#)
1669. [1669](#)
1670. [1670](#)
1671. [1671](#)
1672. [1672](#)
1673. [1673](#)
1674. [1674](#)
1675. [1675](#)
1676. [1676](#)
1677. [1677](#)
1678. [1678](#)
1679. [1679](#)
1680. [1680](#)
1681. [1681](#)
1682. [1682](#)
1683. [1683](#)
1684. [1684](#)
1685. [1685](#)
1686. [1686](#)
1687. [1687](#)
1688. [1688](#)
1689. [1689](#)
1690. [1690](#)
1691. [1691](#)
1692. [1692](#)
1693. [1693](#)
1694. [1694](#)
1695. [1695](#)
1696. [1696](#)
1697. [1697](#)
1698. [1698](#)
1699. [1699](#)
1700. [1700](#)
1701. [1701](#)
1702. [1702](#)
1703. [1703](#)
1704. [1704](#)
1705. [1705](#)

1706. [1706](#)
1707. [1707](#)
1708. [1708](#)
1709. [1709](#)
1710. [1710](#)
1711. [1711](#)
1712. [1712](#)
1713. [1713](#)
1714. [1714](#)
1715. [1715](#)
1716. [1716](#)
1717. [1717](#)
1718. [1718](#)
1719. [1719](#)
1720. [1720](#)
1721. [1721](#)
1722. [1722](#)
1723. [1723](#)
1724. [1724](#)
1725. [1725](#)
1726. [1726](#)
1727. [1727](#)
1728. [1728](#)
1729. [1729](#)
1730. [1730](#)
1731. [1731](#)
1732. [1732](#)
1733. [1733](#)
1734. [1734](#)
1735. [1735](#)
1736. [1736](#)
1737. [1737](#)
1738. [1738](#)
1739. [1739](#)
1740. [1740](#)
1741. [1741](#)
1742. [1742](#)
1743. [1743](#)
1744. [1744](#)
1745. [1745](#)
1746. [1746](#)
1747. [1747](#)
1748. [1748](#)
1749. [1749](#)

1750. [1750](#)
1751. [1751](#)
1752. [1752](#)
1753. [1753](#)
1754. [1754](#)
1755. [1755](#)
1756. [1756](#)
1757. [1757](#)
1758. [1758](#)
1759. [1759](#)
1760. [1760](#)
1761. [1761](#)
1762. [1762](#)
1763. [1763](#)
1764. [1764](#)
1765. [1765](#)
1766. [1766](#)
1767. [1767](#)
1768. [1768](#)
1769. [1769](#)
1770. [1770](#)
1771. [1771](#)
1772. [1772](#)
1773. [1773](#)
1774. [1774](#)
1775. [1775](#)
1776. [1776](#)
1777. [1777](#)
1778. [1778](#)
1779. [1779](#)
1780. [1780](#)
1781. [1781](#)
1782. [1782](#)
1783. [1783](#)
1784. [1784](#)
1785. [1785](#)
1786. [1786](#)
1787. [1787](#)
1788. [1788](#)
1789. [1789](#)
1790. [1790](#)
1791. [1791](#)
1792. [1792](#)
1793. [1793](#)

1794. [1794](#)
1795. [1795](#)
1796. [1796](#)
1797. [1797](#)
1798. [1798](#)
1799. [1799](#)
1800. [1800](#)
1801. [1801](#)
1802. [1802](#)
1803. [1803](#)
1804. [1804](#)
1805. [1805](#)
1806. [1806](#)
1807. [1807](#)
1808. [1808](#)
1809. [1809](#)
1810. [1810](#)
1811. [1811](#)
1812. [1812](#)
1813. [1813](#)
1814. [1814](#)
1815. [1815](#)
1816. [1816](#)
1817. [1817](#)
1818. [1818](#)
1819. [1819](#)
1820. [1820](#)
1821. [1821](#)
1822. [1822](#)
1823. [1823](#)
1824. [1824](#)
1825. [1825](#)
1826. [1826](#)
1827. [1827](#)
1828. [1828](#)
1829. [1829](#)
1830. [1830](#)
1831. [1831](#)
1832. [1832](#)
1833. [1833](#)
1834. [1834](#)
1835. [1835](#)
1836. [1836](#)
1837. [1837](#)

1838. [1838](#)
1839. [1839](#)
1840. [1840](#)
1841. [1841](#)
1842. [1842](#)
1843. [1843](#)
1844. [1844](#)
1845. [1845](#)
1846. [1846](#)
1847. [1847](#)
1848. [1848](#)
1849. [1849](#)
1850. [1850](#)
1851. [1851](#)
1852. [1852](#)
1853. [1853](#)
1854. [1854](#)
1855. [1855](#)
1856. [1856](#)
1857. [1857](#)
1858. [1858](#)
1859. [1859](#)
1860. [1860](#)
1861. [1861](#)
1862. [1862](#)
1863. [1863](#)
1864. [1864](#)
1865. [1865](#)
1866. [1866](#)
1867. [1867](#)
1868. [1868](#)
1869. [1869](#)
1870. [1870](#)
1871. [1871](#)
1872. [1872](#)
1873. [1873](#)
1874. [1874](#)
1875. [1875](#)
1876. [1876](#)
1877. [1877](#)
1878. [1878](#)
1879. [1879](#)
1880. [1880](#)
1881. [1881](#)

1882. [1882](#)
1883. [1883](#)
1884. [1884](#)
1885. [1885](#)
1886. [1886](#)
1887. [1887](#)
1888. [1888](#)
1889. [1889](#)
1890. [1890](#)
1891. [1891](#)
1892. [1892](#)
1893. [1893](#)
1894. [1894](#)
1895. [1895](#)
1896. [1896](#)
1897. [1897](#)
1898. [1898](#)
1899. [1899](#)
1900. [1900](#)
1901. [1901](#)
1902. [1902](#)
1903. [1903](#)
1904. [1904](#)
1905. [1905](#)
1906. [1906](#)
1907. [1907](#)
1908. [1908](#)
1909. [1909](#)
1910. [1910](#)
1911. [1911](#)
1912. [1912](#)
1913. [1913](#)
1914. [1914](#)
1915. [1915](#)
1916. [1916](#)
1917. [1917](#)
1918. [1918](#)
1919. [1919](#)
1920. [1920](#)
1921. [1921](#)
1922. [1922](#)
1923. [1923](#)
1924. [1924](#)
1925. [1925](#)

1926. [1926](#)
1927. [1927](#)
1928. [1928](#)
1929. [1929](#)
1930. [1930](#)
1931. [1931](#)
1932. [1932](#)
1933. [1933](#)
1934. [1934](#)
1935. [1935](#)
1936. [1936](#)
1937. [1937](#)
1938. [1938](#)
1939. [1939](#)
1940. [1940](#)
1941. [1941](#)
1942. [1942](#)
1943. [1943](#)
1944. [1944](#)
1945. [1945](#)
1946. [1946](#)
1947. [1947](#)
1948. [1948](#)
1949. [1949](#)
1950. [1950](#)
1951. [1951](#)
1952. [1952](#)
1953. [1953](#)
1954. [1954](#)
1955. [1955](#)
1956. [1956](#)
1957. [1957](#)
1958. [1958](#)
1959. [1959](#)
1960. [1960](#)
1961. [1961](#)
1962. [1962](#)
1963. [1963](#)
1964. [1964](#)
1965. [1965](#)
1966. [1966](#)
1967. [1967](#)
1968. [1968](#)
1969. [1969](#)

1970. [1970](#)
1971. [1971](#)
1972. [1972](#)
1973. [1973](#)
1974. [1974](#)
1975. [1975](#)
1976. [1976](#)
1977. [1977](#)
1978. [1978](#)
1979. [1979](#)
1980. [1980](#)
1981. [1981](#)
1982. [1982](#)
1983. [1983](#)
1984. [1984](#)
1985. [1985](#)
1986. [1986](#)
1987. [1987](#)
1988. [1988](#)
1989. [1989](#)
1990. [1990](#)
1991. [1991](#)
1992. [1992](#)
1993. [1993](#)
1994. [1994](#)
1995. [1995](#)
1996. [1996](#)
1997. [1997](#)
1998. [1998](#)
1999. [1999](#)
2000. [2000](#)
2001. [2001](#)
2002. [2002](#)
2003. [2003](#)
2004. [2004](#)
2005. [2005](#)
2006. [2006](#)
2007. [2007](#)
2008. [2008](#)
2009. [2009](#)
2010. [2010](#)
2011. [2011](#)
2012. [2012](#)
2013. [2013](#)

2014. [2014](#)
2015. [2015](#)
2016. [2016](#)
2017. [2017](#)
2018. [2018](#)
2019. [2019](#)
2020. [2020](#)
2021. [2021](#)
2022. [2022](#)
2023. [2023](#)
2024. [2024](#)
2025. [2025](#)
2026. [2026](#)
2027. [2027](#)
2028. [2028](#)
2029. [2029](#)
2030. [2030](#)
2031. [2031](#)
2032. [2032](#)
2033. [2033](#)
2034. [2034](#)
2035. [2035](#)
2036. [2036](#)
2037. [2037](#)
2038. [2038](#)
2039. [2039](#)
2040. [2040](#)
2041. [2041](#)
2042. [2042](#)
2043. [2043](#)
2044. [2044](#)
2045. [2045](#)
2046. [2046](#)
2047. [2047](#)
2048. [2048](#)
2049. [2049](#)
2050. [2050](#)
2051. [2051](#)
2052. [2052](#)
2053. [2053](#)
2054. [2054](#)
2055. [2055](#)
2056. [2056](#)
2057. [2057](#)

2058. [2058](#)
2059. [2059](#)
2060. [2060](#)
2061. [2061](#)
2062. [2062](#)
2063. [2063](#)
2064. [2064](#)
2065. [2065](#)
2066. [2066](#)
2067. [2067](#)
2068. [2068](#)
2069. [2069](#)
2070. [2070](#)
2071. [2071](#)
2072. [2072](#)
2073. [2073](#)
2074. [2074](#)
2075. [2075](#)
2076. [2076](#)
2077. [2077](#)
2078. [2078](#)
2079. [2079](#)
2080. [2080](#)
2081. [2081](#)
2082. [2082](#)
2083. [2083](#)
2084. [2084](#)
2085. [2085](#)
2086. [2086](#)
2087. [2087](#)
2088. [2088](#)
2089. [2089](#)
2090. [2090](#)
2091. [2091](#)
2092. [2092](#)
2093. [2093](#)
2094. [2094](#)
2095. [2095](#)
2096. [2096](#)
2097. [2097](#)
2098. [2098](#)
2099. [2099](#)
2100. [2100](#)
2101. [2101](#)

2102. [2102](#)
2103. [2103](#)
2104. [2104](#)
2105. [2105](#)
2106. [2106](#)
2107. [2107](#)
2108. [2108](#)
2109. [2109](#)
2110. [2110](#)
2111. [2111](#)
2112. [2112](#)
2113. [2113](#)
2114. [2114](#)
2115. [2115](#)
2116. [2116](#)
2117. [2117](#)
2118. [2118](#)
2119. [2119](#)
2120. [2120](#)
2121. [2121](#)
2122. [2122](#)
2123. [2123](#)
2124. [2124](#)
2125. [2125](#)
2126. [2126](#)
2127. [2127](#)
2128. [2128](#)
2129. [2129](#)
2130. [2130](#)
2131. [2131](#)
2132. [2132](#)
2133. [2133](#)
2134. [2134](#)
2135. [2135](#)
2136. [2136](#)
2137. [2137](#)
2138. [2138](#)
2139. [2139](#)
2140. [2140](#)
2141. [2141](#)
2142. [2142](#)
2143. [2143](#)
2144. [2144](#)
2145. [2145](#)

2146. [2146](#)
2147. [2147](#)
2148. [2148](#)
2149. [2149](#)
2150. [2150](#)
2151. [2151](#)
2152. [2152](#)
2153. [2153](#)
2154. [2154](#)
2155. [2155](#)
2156. [2156](#)
2157. [2157](#)
2158. [2158](#)
2159. [2159](#)
2160. [2160](#)
2161. [2161](#)
2162. [2162](#)
2163. [2163](#)
2164. [2164](#)
2165. [2165](#)
2166. [2166](#)
2167. [2167](#)
2168. [2168](#)
2169. [2169](#)
2170. [2170](#)
2171. [2171](#)
2172. [2172](#)
2173. [2173](#)
2174. [2174](#)
2175. [2175](#)
2176. [2176](#)
2177. [2177](#)
2178. [2178](#)
2179. [2179](#)
2180. [2180](#)
2181. [2181](#)
2182. [2182](#)
2183. [2183](#)
2184. [2184](#)
2185. [2185](#)
2186. [2186](#)
2187. [2187](#)
2188. [2188](#)
2189. [2189](#)

2190. [2190](#)
2191. [2191](#)
2192. [2192](#)
2193. [2193](#)
2194. [2194](#)
2195. [2195](#)
2196. [2196](#)
2197. [2197](#)
2198. [2198](#)
2199. [2199](#)
2200. [2200](#)
2201. [2201](#)
2202. [2202](#)
2203. [2203](#)
2204. [2204](#)
2205. [2205](#)
2206. [2206](#)
2207. [2207](#)
2208. [2208](#)
2209. [2209](#)
2210. [2210](#)
2211. [2211](#)
2212. [2212](#)
2213. [2213](#)
2214. [2214](#)
2215. [2215](#)
2216. [2216](#)
2217. [2217](#)
2218. [2218](#)
2219. [2219](#)
2220. [2220](#)
2221. [2221](#)
2222. [2222](#)
2223. [2223](#)
2224. [2224](#)
2225. [2225](#)
2226. [2226](#)
2227. [2227](#)
2228. [2228](#)
2229. [2229](#)
2230. [2230](#)
2231. [2231](#)
2232. [2232](#)
2233. [2233](#)

2234. [2234](#)
2235. [2235](#)
2236. [2236](#)
2237. [2237](#)
2238. [2238](#)
2239. [2239](#)
2240. [2240](#)
2241. [2241](#)
2242. [2242](#)
2243. [2243](#)
2244. [2244](#)
2245. [2245](#)
2246. [2246](#)
2247. [2247](#)
2248. [2248](#)
2249. [2249](#)
2250. [2250](#)
2251. [2251](#)
2252. [2252](#)
2253. [2253](#)
2254. [2254](#)
2255. [2255](#)
2256. [2256](#)
2257. [2257](#)
2258. [2258](#)
2259. [2259](#)
2260. [2260](#)
2261. [2261](#)
2262. [2262](#)
2263. [2263](#)
2264. [2264](#)
2265. [2265](#)
2266. [2266](#)
2267. [2267](#)
2268. [2268](#)
2269. [2269](#)
2270. [2270](#)
2271. [2271](#)
2272. [2272](#)
2273. [2273](#)
2274. [2274](#)
2275. [2275](#)
2276. [2276](#)
2277. [2277](#)

2278. [2278](#)
2279. [2279](#)
2280. [2280](#)
2281. [2281](#)
2282. [2282](#)
2283. [2283](#)
2284. [2284](#)
2285. [2285](#)
2286. [2286](#)
2287. [2287](#)
2288. [2288](#)
2289. [2289](#)
2290. [2290](#)
2291. [2291](#)
2292. [2292](#)
2293. [2293](#)
2294. [2294](#)
2295. [2295](#)
2296. [2296](#)
2297. [2297](#)
2298. [2298](#)
2299. [2299](#)
2300. [2300](#)
2301. [2301](#)
2302. [2302](#)
2303. [2303](#)
2304. [2304](#)
2305. [2305](#)
2306. [2306](#)
2307. [2307](#)
2308. [2308](#)
2309. [2309](#)
2310. [2310](#)
2311. [2311](#)
2312. [2312](#)
2313. [2313](#)
2314. [2314](#)
2315. [2315](#)
2316. [2316](#)
2317. [2317](#)
2318. [2318](#)
2319. [2319](#)
2320. [2320](#)
2321. [2321](#)

2322. [2322](#)
2323. [2323](#)
2324. [2324](#)
2325. [2325](#)
2326. [2326](#)
2327. [2327](#)
2328. [2328](#)
2329. [2329](#)
2330. [2330](#)
2331. [2331](#)
2332. [2332](#)
2333. [2333](#)
2334. [2334](#)
2335. [2335](#)
2336. [2336](#)
2337. [2337](#)
2338. [2338](#)
2339. [2339](#)
2340. [2340](#)
2341. [2341](#)
2342. [2342](#)
2343. [2343](#)
2344. [2344](#)
2345. [2345](#)
2346. [2346](#)
2347. [2347](#)
2348. [2348](#)
2349. [2349](#)
2350. [2350](#)
2351. [2351](#)
2352. [2352](#)
2353. [2353](#)
2354. [2354](#)
2355. [2355](#)
2356. [2356](#)
2357. [2357](#)
2358. [2358](#)
2359. [2359](#)
2360. [2360](#)
2361. [2361](#)
2362. [2362](#)
2363. [2363](#)
2364. [2364](#)
2365. [2365](#)

2366. [2366](#)
2367. [2367](#)
2368. [2368](#)
2369. [2369](#)
2370. [2370](#)
2371. [2371](#)
2372. [2372](#)
2373. [2373](#)
2374. [2374](#)
2375. [2375](#)
2376. [2376](#)
2377. [2377](#)
2378. [2378](#)
2379. [2379](#)
2380. [2380](#)
2381. [2381](#)
2382. [2382](#)
2383. [2383](#)
2384. [2384](#)
2385. [2385](#)
2386. [2386](#)
2387. [2387](#)
2388. [2388](#)
2389. [2389](#)
2390. [2390](#)
2391. [2391](#)
2392. [2392](#)
2393. [2393](#)
2394. [2394](#)
2395. [2395](#)
2396. [2396](#)
2397. [2397](#)
2398. [2398](#)
2399. [2399](#)
2400. [2400](#)
2401. [2401](#)
2402. [2402](#)
2403. [2403](#)
2404. [2404](#)
2405. [2405](#)
2406. [2406](#)
2407. [2407](#)
2408. [2408](#)
2409. [2409](#)

2410. [2410](#)
2411. [2411](#)
2412. [2412](#)
2413. [2413](#)
2414. [2414](#)
2415. [2415](#)
2416. [2416](#)
2417. [2417](#)
2418. [2418](#)
2419. [2419](#)
2420. [2420](#)
2421. [2421](#)
2422. [2422](#)
2423. [2423](#)
2424. [2424](#)
2425. [2425](#)
2426. [2426](#)
2427. [2427](#)
2428. [2428](#)
2429. [2429](#)
2430. [2430](#)
2431. [2431](#)
2432. [2432](#)
2433. [2433](#)
2434. [2434](#)
2435. [2435](#)
2436. [2436](#)
2437. [2437](#)
2438. [2438](#)
2439. [2439](#)
2440. [2440](#)
2441. [2441](#)
2442. [2442](#)
2443. [2443](#)
2444. [2444](#)
2445. [2445](#)
2446. [2446](#)
2447. [2447](#)
2448. [2448](#)
2449. [2449](#)
2450. [2450](#)
2451. [2451](#)
2452. [2452](#)
2453. [2453](#)

2454. [2454](#)
2455. [2455](#)
2456. [2456](#)
2457. [2457](#)
2458. [2458](#)
2459. [2459](#)
2460. [2460](#)
2461. [2461](#)
2462. [2462](#)
2463. [2463](#)
2464. [2464](#)
2465. [2465](#)
2466. [2466](#)
2467. [2467](#)
2468. [2468](#)
2469. [2469](#)
2470. [2470](#)
2471. [2471](#)
2472. [2472](#)
2473. [2473](#)
2474. [2474](#)
2475. [2475](#)
2476. [2476](#)
2477. [2477](#)
2478. [2478](#)
2479. [2479](#)
2480. [2480](#)
2481. [2481](#)
2482. [2482](#)
2483. [2483](#)
2484. [2484](#)
2485. [2485](#)
2486. [2486](#)
2487. [2487](#)
2488. [2488](#)
2489. [2489](#)
2490. [2490](#)
2491. [2491](#)
2492. [2492](#)
2493. [2493](#)
2494. [2494](#)
2495. [2495](#)
2496. [2496](#)
2497. [2497](#)

2498. [2498](#)
2499. [2499](#)
2500. [2500](#)
2501. [2501](#)
2502. [2502](#)
2503. [2503](#)
2504. [2504](#)
2505. [2505](#)
2506. [2506](#)
2507. [2507](#)
2508. [2508](#)
2509. [2509](#)
2510. [2510](#)
2511. [2511](#)
2512. [2512](#)
2513. [2513](#)
2514. [2514](#)
2515. [2515](#)
2516. [2516](#)
2517. [2517](#)
2518. [2518](#)
2519. [2519](#)
2520. [2520](#)
2521. [2521](#)
2522. [2522](#)
2523. [2523](#)
2524. [2524](#)
2525. [2525](#)
2526. [2526](#)
2527. [2527](#)
2528. [2528](#)
2529. [2529](#)
2530. [2530](#)
2531. [2531](#)
2532. [2532](#)
2533. [2533](#)
2534. [2534](#)
2535. [2535](#)
2536. [2536](#)
2537. [2537](#)
2538. [2538](#)
2539. [2539](#)
2540. [2540](#)
2541. [2541](#)

2542. [2542](#)
2543. [2543](#)
2544. [2544](#)
2545. [2545](#)
2546. [2546](#)
2547. [2547](#)
2548. [2548](#)
2549. [2549](#)
2550. [2550](#)
2551. [2551](#)
2552. [2552](#)
2553. [2553](#)
2554. [2554](#)
2555. [2555](#)
2556. [2556](#)
2557. [2557](#)
2558. [2558](#)
2559. [2559](#)
2560. [2560](#)
2561. [2561](#)
2562. [2562](#)
2563. [2563](#)
2564. [2564](#)
2565. [2565](#)
2566. [2566](#)
2567. [2567](#)
2568. [2568](#)
2569. [2569](#)
2570. [2570](#)
2571. [2571](#)
2572. [2572](#)
2573. [2573](#)
2574. [2574](#)
2575. [2575](#)
2576. [2576](#)
2577. [2577](#)
2578. [2578](#)
2579. [2579](#)
2580. [2580](#)
2581. [2581](#)
2582. [2582](#)
2583. [2583](#)
2584. [2584](#)
2585. [2585](#)

2586. [2586](#)
2587. [2587](#)
2588. [2588](#)
2589. [2589](#)
2590. [2590](#)
2591. [2591](#)
2592. [2592](#)
2593. [2593](#)
2594. [2594](#)
2595. [2595](#)
2596. [2596](#)
2597. [2597](#)
2598. [2598](#)
2599. [2599](#)
2600. [2600](#)
2601. [2601](#)
2602. [2602](#)
2603. [2603](#)
2604. [2604](#)
2605. [2605](#)
2606. [2606](#)
2607. [2607](#)
2608. [2608](#)
2609. [2609](#)
2610. [2610](#)
2611. [2611](#)
2612. [2612](#)
2613. [2613](#)
2614. [2614](#)
2615. [2615](#)
2616. [2616](#)
2617. [2617](#)
2618. [2618](#)
2619. [2619](#)
2620. [2620](#)
2621. [2621](#)
2622. [2622](#)
2623. [2623](#)
2624. [2624](#)
2625. [2625](#)
2626. [2626](#)
2627. [2627](#)
2628. [2628](#)
2629. [2629](#)

2630. [2630](#)
2631. [2631](#)
2632. [2632](#)
2633. [2633](#)
2634. [2634](#)
2635. [2635](#)
2636. [2636](#)
2637. [2637](#)
2638. [2638](#)
2639. [2639](#)
2640. [2640](#)
2641. [2641](#)
2642. [2642](#)
2643. [2643](#)
2644. [2644](#)
2645. [2645](#)
2646. [2646](#)
2647. [2647](#)
2648. [2648](#)
2649. [2649](#)
2650. [2650](#)
2651. [2651](#)
2652. [2652](#)
2653. [2653](#)
2654. [2654](#)
2655. [2655](#)
2656. [2656](#)
2657. [2657](#)
2658. [2658](#)
2659. [2659](#)
2660. [2660](#)
2661. [2661](#)
2662. [2662](#)
2663. [2663](#)
2664. [2664](#)
2665. [2665](#)
2666. [2666](#)
2667. [2667](#)
2668. [2668](#)
2669. [2669](#)
2670. [2670](#)
2671. [2671](#)
2672. [2672](#)
2673. [2673](#)

2674. [2674](#)
2675. [2675](#)
2676. [2676](#)
2677. [2677](#)
2678. [2678](#)
2679. [2679](#)
2680. [2680](#)
2681. [2681](#)
2682. [2682](#)
2683. [2683](#)
2684. [2684](#)
2685. [2685](#)
2686. [2686](#)
2687. [2687](#)
2688. [2688](#)
2689. [2689](#)
2690. [2690](#)
2691. [2691](#)
2692. [2692](#)
2693. [2693](#)
2694. [2694](#)
2695. [2695](#)
2696. [2696](#)
2697. [2697](#)
2698. [2698](#)
2699. [2699](#)
2700. [2700](#)
2701. [2701](#)
2702. [2702](#)
2703. [2703](#)
2704. [2704](#)
2705. [2705](#)
2706. [2706](#)
2707. [2707](#)
2708. [2708](#)
2709. [2709](#)
2710. [2710](#)
2711. [2711](#)
2712. [2712](#)
2713. [2713](#)
2714. [2714](#)
2715. [2715](#)
2716. [2716](#)
2717. [2717](#)

2718. [2718](#)
2719. [2719](#)
2720. [2720](#)
2721. [2721](#)
2722. [2722](#)
2723. [2723](#)
2724. [2724](#)
2725. [2725](#)
2726. [2726](#)
2727. [2727](#)
2728. [2728](#)
2729. [2729](#)
2730. [2730](#)
2731. [2731](#)
2732. [2732](#)
2733. [2733](#)
2734. [2734](#)
2735. [2735](#)
2736. [2736](#)
2737. [2737](#)
2738. [2738](#)
2739. [2739](#)
2740. [2740](#)
2741. [2741](#)
2742. [2742](#)
2743. [2743](#)
2744. [2744](#)
2745. [2745](#)
2746. [2746](#)
2747. [2747](#)
2748. [2748](#)
2749. [2749](#)
2750. [2750](#)
2751. [2751](#)
2752. [2752](#)
2753. [2753](#)
2754. [2754](#)
2755. [2755](#)
2756. [2756](#)
2757. [2757](#)
2758. [2758](#)
2759. [2759](#)
2760. [2760](#)
2761. [2761](#)

2762. [2762](#)
2763. [2763](#)
2764. [2764](#)
2765. [2765](#)
2766. [2766](#)
2767. [2767](#)
2768. [2768](#)
2769. [2769](#)
2770. [2770](#)
2771. [2771](#)
2772. [2772](#)
2773. [2773](#)
2774. [2774](#)
2775. [2775](#)
2776. [2776](#)
2777. [2777](#)
2778. [2778](#)
2779. [2779](#)
2780. [2780](#)
2781. [2781](#)
2782. [2782](#)
2783. [2783](#)
2784. [2784](#)
2785. [2785](#)
2786. [2786](#)
2787. [2787](#)
2788. [2788](#)
2789. [2789](#)
2790. [2790](#)
2791. [2791](#)
2792. [2792](#)
2793. [2793](#)
2794. [2794](#)
2795. [2795](#)
2796. [2796](#)
2797. [2797](#)
2798. [2798](#)
2799. [2799](#)
2800. [2800](#)
2801. [2801](#)
2802. [2802](#)
2803. [2803](#)
2804. [2804](#)
2805. [2805](#)

2806. [2806](#)
2807. [2807](#)
2808. [2808](#)
2809. [2809](#)
2810. [2810](#)
2811. [2811](#)
2812. [2812](#)
2813. [2813](#)
2814. [2814](#)
2815. [2815](#)
2816. [2816](#)
2817. [2817](#)
2818. [2818](#)
2819. [2819](#)
2820. [2820](#)
2821. [2821](#)
2822. [2822](#)
2823. [2823](#)
2824. [2824](#)
2825. [2825](#)
2826. [2826](#)
2827. [2827](#)
2828. [2828](#)
2829. [2829](#)
2830. [2830](#)
2831. [2831](#)
2832. [2832](#)
2833. [2833](#)
2834. [2834](#)
2835. [2835](#)
2836. [2836](#)
2837. [2837](#)
2838. [2838](#)
2839. [2839](#)
2840. [2840](#)
2841. [2841](#)
2842. [2842](#)
2843. [2843](#)
2844. [2844](#)
2845. [2845](#)
2846. [2846](#)
2847. [2847](#)
2848. [2848](#)
2849. [2849](#)

2850. [2850](#)
2851. [2851](#)
2852. [2852](#)
2853. [2853](#)
2854. [2854](#)
2855. [2855](#)
2856. [2856](#)
2857. [2857](#)
2858. [2858](#)
2859. [2859](#)
2860. [2860](#)
2861. [2861](#)
2862. [2862](#)
2863. [2863](#)
2864. [2864](#)
2865. [2865](#)
2866. [2866](#)
2867. [2867](#)
2868. [2868](#)
2869. [2869](#)
2870. [2870](#)
2871. [2871](#)
2872. [2872](#)
2873. [2873](#)
2874. [2874](#)
2875. [2875](#)
2876. [2876](#)
2877. [2877](#)
2878. [2878](#)
2879. [2879](#)
2880. [2880](#)
2881. [2881](#)
2882. [2882](#)
2883. [2883](#)
2884. [2884](#)
2885. [2885](#)
2886. [2886](#)
2887. [2887](#)
2888. [2888](#)
2889. [2889](#)
2890. [2890](#)
2891. [2891](#)
2892. [2892](#)
2893. [2893](#)

2894. [2894](#)
2895. [2895](#)
2896. [2896](#)
2897. [2897](#)
2898. [2898](#)
2899. [2899](#)
2900. [2900](#)
2901. [2901](#)
2902. [2902](#)
2903. [2903](#)
2904. [2904](#)
2905. [2905](#)
2906. [2906](#)
2907. [2907](#)
2908. [2908](#)
2909. [2909](#)
2910. [2910](#)
2911. [2911](#)
2912. [2912](#)
2913. [2913](#)
2914. [2914](#)
2915. [2915](#)
2916. [2916](#)
2917. [2917](#)
2918. [2918](#)
2919. [2919](#)
2920. [2920](#)
2921. [2921](#)
2922. [2922](#)
2923. [2923](#)
2924. [2924](#)
2925. [2925](#)
2926. [2926](#)
2927. [2927](#)
2928. [2928](#)
2929. [2929](#)
2930. [2930](#)
2931. [2931](#)
2932. [2932](#)
2933. [2933](#)
2934. [2934](#)
2935. [2935](#)